ISAAC ASIMOV

Sumário

A MAIS IMPORTANTE SAGA DA FICÇÃO CIENTÍFICA DE TODOS OS TEMPOS ✶ 004 ✶ O BOM DOUTOR

EDITORA ALEPH

ISAAC ASIMOV

LIMITES DA FUNDAÇÃO

ISAAC ASIMOV

LIMITES DA FUNDAÇÃO

Tradução
Henrique B. Szolnoky

ALEPH

Dedicado a Betty Prasker, que insistiu,
e a Lester del Rey, que importunou.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Iniciada em 1942 e concluída em 1953, a trilogia da *Fundação* é um dos maiores clássicos de aventura, fantasia e ficção do século 20. Os três livros que compõem a história original – *Fundação*, *Fundação e Império* e *Segunda Fundação* – receberam, em 1966, o prêmio Hugo especial como a melhor série de ficção científica e fantasia de todos os tempos, superando concorrentes de peso como *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e a série Barsoom, de Edgar Rice Burroughs. Acredite, isso não é pouco. Mas também não é tudo.

A saga é um exemplo do que se convencionou chamar *Space Opera* – uma novela que se ambienta no espaço. Todos os elementos estão presentes em *Fundação*: cenários grandiosos, ação envolvente, diversos personagens atuando num amplo espectro de tempo. Seu desenvolvimento é derivado das histórias *pulp* de faroeste e aventuras marítimas (notadamente de piratas).

Isaac Asimov, como grande divulgador científico e especulador imaginativo, começou a conceber em *Fundação* uma história grandiosa. Elaborou, dezenas de séculos no futuro, um cenário em que toda a Via Láctea havia sido colonizada pela raça humana, a ponto de as origens da espécie terem se perdido no tempo. Outros escritores, como Robert Heinlein e Olaf Stapledon, já haviam se aventurado na especulação sobre o futuro da raça humana. O que, então, *Fundação* possui de tão especial?

Um dos pontos notáveis é o fato de ter sido inspirada pelo clássico *Declínio e Queda do Império Romano*, do historiador inglês Edward Gibbon. Não é, portanto, uma história de glória e exaltação. Mas, sim, a epopeia de uma civilização que havia posto tudo a perder. E também a história de um visionário que havia previsto não apenas a inevitável decadência de um magnífico Império Galáctico, mas também o caminho menos traumático para que, após apenas um milênio, este pudesse renascer em todo o seu esplendor.

O autor fez questão de utilizar doutrinas polêmicas para basear seu futuro militarista, como o Destino Manifesto americano (a crença de que o expansionismo dos Estados Unidos é divino, já que os norte-americanos seriam o povo escolhido por Deus) e o nazismo alemão (que professava ser a democracia uma força desestabilizadora da sociedade por distribuir o poder entre minorias étnicas, em prejuízo de um governo centralizador exercido por pessoas intelectualmente mais capacitadas). *Fundação* se revela, pois, um texto que ultrapassa, e muito, aquela camada superficial de leitura. De fato, a cada página transcorrida, o leitor notará os paralelos entre as aventuras dos personagens da trilogia e diversas passagens históricas. E mais: a percepção dos arquétipos psicológicos de cada personagem nos leva a apreciar, em todas as suas nuances, a maravilhosa diversidade intelectual de nossa espécie.

Além da trilogia da *Fundação*, Asimov acabou atendendo a pedidos de fãs e de seus editores para retomar a história de Terminus; quase trinta anos depois do lançamento de *Segunda Fundação*, escreveu as continuações *Limites da Fundação* e *Fundação e Terra*. Em seguida, publicou *Prelúdio à Fundação* e *Origens da Fundação*, que narram os eventos que antecedem o livro *Fundação*.

Na mesma época em que começava a expandir sua trilogia original, Isaac Asimov também decidiu integrar seus diversos livros e universos futuristas, para que todas as histórias transcorressem em uma continuidade temporal. Ou seja, clássicos como *O Homem Bicentenário* e *Eu, Robô* se passam no mesmo passado da saga de *Fundação*. Para isso, ele modificou diversos detalhes em suas histórias, corrigindo datas, atitudes de personagens, rearranjando fatos. Este processo, conhecido tradicionalmente como *retcon*, foi aplicado a quase todos os seus livros. A trilogia da *Fundação* era peça-chave neste quebra-cabeça, e foi modificada em pontos fundamentais, como, por exemplo, ajustes na cronologia. E é esta a versão editada pela Aleph desde 2009. A editora também publicou, pela primeira vez no Brasil, a trilogia em três volumes separados, de modo que o leitor pudesse apreciar a obra como concebida por seu criador.

Nas próximas páginas, as aventuras iniciadas em Trantor continuam, rumo à glória que a humanidade acredita que, um dia, lhe será destinada.

Tenha uma boa jornada.

Os editores

PRÓLOGO

O Primeiro Império Galáctico desmoronava. Estava em decadência e perdendo a integridade havia séculos, e apenas um homem contemplava esse fato.

Era Hari Seldon, o último grande cientista do Primeiro Império, o homem que havia cunhado a psico-história – a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

O ser humano, como indivíduo, é imprevisível, mas as reações de massas humanas, descobriu Seldon, poderiam ser tratadas estatisticamente. Quanto maior a massa, maior precisão poderia ser alcançada. E o escopo das massas humanas com as quais Seldon trabalhava era nada menos do que a população de todos os milhões de planetas habitados da Galáxia.

As equações de Seldon lhe diziam que, sem uma intervenção, o Império cairia, e que trinta mil anos de miséria e agonia humanas passariam antes de um Segundo Império ascender das ruínas. Porém, se alguém pudesse ajustar parte das condições que existiam, o Interregno poderia ser resumido a um milênio – apenas mil anos.

Foi para garantir esse futuro que Seldon estabeleceu duas colônias de cientistas que chamou de "Fundações". Com intenções calculadas, ele as instaurou "nos confins opostos da Galáxia". A Primeira Fundação, que se centrava em ciência física, foi criada abertamente, com toda a publicidade. A existência da outra, a Segunda Fundação, uma profusão de cientistas psico-historiadores e "mentálicos", foi submersa em silêncio.

Na *Trilogia da Fundação*, conta-se a história dos quatro primeiros séculos do Interregno. A Primeira Fundação (amplamente conhecida como apenas "a Fundação", pois a existência de outra era ignorada por quase todos) iniciou-se como uma pequena comunidade perdida no vazio da periferia externa da Galáxia. Periodicamente enfrentava uma crise, na qual as variáveis do intercurso humano – e das correntes

sociais e econômicas da época – a limitavam. Sua liberdade de exploração apoiava-se apenas sobre uma determinada linha, e, quando se movia nessa direção, um novo horizonte de desenvolvimento se abria diante dela. Tudo havia sido planejado por Hari Seldon, a essa altura falecido havia muito tempo.

A Primeira Fundação, com sua ciência superior, apoderou-se dos planetas barbarizados a seu redor. Enfrentou os déspotas anárquicos que abandonaram um império moribundo e os derrotou. Enfrentou os vestígios do próprio Império, sob seu último imperador efetivo e seu último general efetivo – e os derrotou.

Aparentemente, o "Plano Seldon" seguia como o planejado, e parecia não haver nada para impedir o Segundo Império de ser estabelecido no prazo – e com o mínimo de devastação intermediária.

Mas psico-história é uma ciência de estatísticas. Há sempre uma pequena chance de que algo de errado ocorra, o que de fato aconteceu – algo que Hari Seldon não poderia ter previsto. Um homem, chamado Mulo, surgiu de lugar nenhum. Ele tinha poderes mentais em uma Galáxia que não os possuía. Ele era capaz de moldar as emoções dos homens e ajustar mentes. Até mesmo seus oponentes mais rancorosos eram transformados em servos devotos. Nenhum exército tinha condições práticas ou mentais para enfrentá-lo. A Primeira Fundação desabou e o Plano Seldon parecia fadado à ruína.

Ainda havia a misteriosa Segunda Fundação, que foi surpreendida pelo aparecimento repentino do Mulo, mas que lentamente delineou um contra-ataque. A maior defesa dela era o fato de ter uma localização desconhecida. O Mulo a buscou para completar sua conquista da Galáxia. Os obstinados do que havia restado da Primeira Fundação buscaram-na para conseguir ajuda.

Ninguém a encontrou. O Mulo foi detido primeiro pelas ações de uma mulher, Bayta Darell, o que garantiu tempo suficiente para que a Segunda Fundação organizasse a reação necessária e, assim, derrotasse o Mulo de maneira definitiva. Lentamente, prepararam-se para restabelecer o Plano Seldon.

Porém, de certa maneira, a Segunda Fundação saíra do anonimato. A Primeira Fundação sabia da existência da Segunda, e não queria um futuro em que seria fiscalizada pelos mentálicos. A Primeira Fundação era superior em força física; a Segunda era ameaçada não somente por esse fato, mas também por estar diante de uma missão dupla: não

precisava apenas vencer a Primeira Fundação, precisava também recuperar seu anonimato. Essa missão, a Segunda Fundação, sob o regime de seu maior “Primeiro Orador”, Preem Palver, conseguiu cumprir. Permitiu que a Primeira Fundação aparentasse vitória, que parecesse tê-la derrotado e seguisse obtendo mais e mais força na Galáxia, totalmente alheia ao fato de que a Segunda Fundação ainda existia.

Passaram-se 498 anos desde o surgimento da Primeira Fundação. Ela está no auge de sua potência, mas um homem não acredita em aparências…

1.

Conselheiro

1

– Não acredito, evidentemente – disse Golan Trevize nos amplos degraus da Galeria Seldon, enquanto admirava a cidade que reluzia sob a luz do sol.

Terminus era um planeta ameno, com uma boa proporção água/terra. A introdução de controle climático o deixara ainda mais confortável e consideravelmente menos interessante, pensava Trevize com frequência.

– Não acredito em nada disso – repetiu, e sorriu. Seus dentes brancos e alinhados brilharam em seu rosto jovial.

Seu acompanhante e colega de Conselho, Munn Li Compor, que havia adotado um nome do meio à revelia da tradição de Terminus, sacudiu a cabeça, inquieto.

– Em que você não acredita? Que salvamos a cidade?

– Oh, nisso eu acredito – respondeu Trevize. – Salvamos, não salvamos? E Seldon disse que *assim seria*, e disse que estaríamos *certos* de fazê-lo, e que ele sabia sobre tudo isso quinhentos anos atrás.

O tom da voz de Compor diminuiu e ele disse, quase em um sussurro:

– Escute, não me importo que você fale dessa maneira comigo, pois isso é apenas uma conversa, mas se levantar a voz em multidões, outros ouvirão e, francamente, não quero estar por perto quando o relâmpago descer. Não tenho certeza do quão precisa será a mira.

O sorriso de Trevize não hesitou.

– É prejudicial dizer que a cidade está salva? E que a salvamos sem uma guerra?

– Não havia ninguém para combater – afirmou Compor. Ele tinha cabelos amarelo-manteiga e olhos azul-celeste, e sempre resistia ao impulso de alterar aquelas colorações antiquadas.

– Nunca ouviu falar de guerra civil, Compor? – perguntou Trevize. Ele era alto, os cabelos pretos com uma suave ondulação, e tinha o hábito de caminhar com os polegares enganchados à cinta de fibra macia que sempre usava.

– Uma guerra civil por causa da localização da capital?

– A questão foi suficiente para desencadear uma crise Seldon. Destruiu a carreira política de Hannis. Colocou você e eu no Conselho na última eleição, e o problema continuou pendente... – Trevize girou uma mão lentamente, para frente e para trás, como um balanço que termina seu movimento em nível.

Ele parou sobre os degraus, ignorando os outros membros do governo e da imprensa, e também os tipos elegantes da sociedade que trapacearam por um ingresso para testemunhar o retorno de Seldon (ou, pelo menos, o retorno de sua imagem).

Todos desciam as escadas, conversando, rindo, regozijando-se na plenitude de tudo e desfrutando da aprovação de Seldon.

Trevize permaneceu imóvel e deixou a multidão desviar-se dele. Compor, dois passos à frente, parou – uma corda invisível estendeu-se entre os dois.

– Você não vem?

– Não há pressa. Não iniciarão a assembleia do Conselho até que a prefeita Branno tenha revisto a situação à sua maneira tradicionalmente inflexível, uma-sílaba-de-cada-vez. Não estou com pressa para aturar outro discurso enfadonho... Olhe para esta cidade!

– Estou vendo. Vi ontem, também.

– Sim, mas você a viu há quinhentos anos, quando foi fundada?

– Quatrocentos e noventa e oito – corrigiu Compor automaticamente. – Daqui a dois anos farão a celebração de meio milênio, e a prefeita Branno ainda estará em mandato na ocasião, reprimindo eventos de, esperamos, pouca probabilidade.

– Assim esperamos – rebateu Trevize, secamente. – Mas como ela era quinhentos anos atrás, quando foi fundada? Uma cidadezinha! Um pequeno povoado, ocupado por um grupo de homens preparando uma enciclopédia que nunca foi terminada!

– É claro que foi terminada.

– Está se referindo à *Enciclopédia Galáctica* que temos agora? O que temos não é o projeto em que eles estavam trabalhando. O que temos está em um computador e é revisada diariamente. Você já viu o

original incompleto?

– Refere-se ao que está no Museu Hardin?

– Museu das Origens Salvor Hardin. Usemos o nome completo, por favor, já que você é tão cuidadoso com datas exatas. Já viu?

– Não – respondeu Compor. – Deveria?

– Não, não vale a pena. De qualquer forma, ali estavam eles, um grupo de enciclopedistas formando o núcleo de uma cidadezinha em um mundo virtualmente sem metais, orbitando um sol isolado do restante da Galáxia, no limite, no ponto mais extremo. E agora, quinhentos anos depois, somos um mundo suburbano. O lugar é um imenso parque, com todo o metal que queremos. Estamos no centro de tudo, agora!

– Na verdade, não – disse Compor. – Ainda estamos orbitando um sol isolado do restante da Galáxia. Ainda no ponto mais extremo da Galáxia.

– Ah não, você diz isso sem pensar. Essa foi a essência de toda essa pequena crise Seldon. Somos mais do que apenas o mundo isolado Terminus. Somos a Fundação, que estende seus tentáculos por toda a Galáxia e governa essa Galáxia de sua posição no ponto mais extremo. Podemos fazê-lo justamente porque *não* estamos isolados, com exceção da localização, que é irrelevante.

– Certo. Aceitarei isso – Compor estava claramente desinteressado e deu mais um passo adiante. O cordão invisível entre os dois esticou-se mais.

Trevize estendeu uma mão como se para puxar seu companheiro degraus acima.

– Não vê o significado, Compor? Existe essa enorme mudança, mas não a aceitamos. Em nossos corações, queremos a pequena Fundação, a pequena operação em um único planeta que tínhamos nos dias do passado... os dias de heróis do ferro e de nobres santos que se foram para sempre.

– Você não pode estar falando sério!

– Pois estou. Veja a Galeria Seldon. No início, na primeira crise dos dias de Salvor Hardin, era apenas o Cofre do Tempo, um pequeno auditório no qual a imagem holográfica de Seldon aparecia. E só. Agora é um mausoléu colossal. Mas há uma rampa de campo de força? Uma esteira? Um elevador gravitacional? Não, apenas estes degraus, e descemos e subimos por eles assim como Hardin precisaria ter feito.

Em tempos estranhos e imprevisíveis, nos agarramos, apavorados, ao passado.

– Existe algum componente estrutural visível que seja de metal? – continuou Trevize abrindo um braço, enfatizando o que dizia. – Nenhum. Não faria sentido ter algum, pois, na época de Salvor Hardin, não havia nenhum metal nativo e quase nenhum importado. Chegamos a instalar plástico antigo, rosado por causa da idade, quando construímos essa pilha imensa, para que visitantes de outros mundos pudessem parar e dizer: "Galáxia! Que adorável plástico antigo!". Eu lhe digo, Compor, é uma farsa.

– É nisso que você não acredita, então? Na Galeria Seldon?

– E em todo o seu conteúdo – disse Trevize, em um sussurro afiado. – Não creio haver sentido em nos esconder na extremidade do universo simplesmente porque nossos ancestrais o fizeram. Deveríamos estar por aí, no meio de tudo.

– Mas Seldon diz que você está errado. O Plano Seldon está funcionando como deveria.

– Eu sei, eu sei. E cada criança em Terminus é criada para acreditar que Hari Seldon formulou um Plano, que ele previu tudo cinco séculos atrás, que estabeleceu a Fundação de maneira que pudesse enxergar certas crises e que sua imagem apareceria holograficamente nessas crises e nos diria o mínimo que precisaríamos saber para chegar à próxima crise e, assim, nos guiar através de mil anos de história, até que pudéssemos construir com segurança um Segundo e Maior Império Galáctico sobre a velha e decrépita estrutura que estava em ruínas cinco séculos atrás, e que se desintegrou completamente há dois séculos.

– Por que você está me dizendo tudo isso, Golan?

– Porque estou lhe dizendo que é tudo uma farsa. *Tudo* uma farsa, ou, se no início era verdade, *agora* é uma farsa! Não somos nossos próprios mestres. Não somos *nós* que estamos seguindo o Plano.

– Você já disse coisas como essa antes, Golan – Compor olhou para o outro, intrigado –, mas sempre achei que estava falando coisas ridículas para me provocar. Pela Galáxia, estou começando a achar que você fala sério.

– Claro que estou falando sério!

– Não pode ser. Isso é algum tipo de piada complicada à minha custa ou você enlouqueceu.

– Nenhum dos dois – respondeu Trevize, discretamente desta vez, enfiando seus polegares na cinta como se não precisasse mais de gestos manuais para acentuar seu discurso inflamado. – Especulei sobre o assunto no passado, admito, era apenas intuição. Mas a farsa que se desenrolou aqui nesta manhã deixou tudo repentinamente bastante claro para mim, e pretendo, consequentemente, deixar bastante claro para o Conselho.

– Você enlouqueceu *de fato*! – disse Compor.

– Que seja. Venha comigo e escute.

Os dois desceram os degraus. Eram os únicos restantes – os últimos a terminar a descida. E, conforme Trevize seguia ligeiramente na dianteira, os lábios de Compor se moveram silenciosamente, emitindo uma palavra sem voz na direção das costas do outro:

– Tolo!

2

A prefeita Harla Branno formalizou o início da assembleia do Conselho Executivo. Seus olhos haviam perscrutado o grupo sem nenhum sinal visível de interesse; ainda assim, ninguém duvidava de que ela havia tomado nota de todos os presentes e de todos que ainda não tinham chegado.

Seus cabelos cinzentos haviam sido cuidadosamente penteados em um estilo que não era acentuadamente feminino nem imitação do masculino. Era simplesmente a *maneira* como ela os deixava, nada mais. Seu rosto prosaico não era conhecido pela beleza, mas, de alguma forma, não era por beleza que alguém o observava.

Ela era a mais capacitada administradora no planeta. Ninguém poderia atribuir (nem tinha atribuído) a ela o brilhantismo dos Salvor Hardins e dos Hober Mallows, cujas histórias haviam dado vida aos dois primeiros séculos de existência da Fundação, mas também nunca a associaram aos disparates dos Indburs hereditários que tinham governado a Fundação pouco antes da época do Mulo.

Seus discursos não incitavam as mentes dos homens e ela não era dada a gestos dramáticos, mas tinha uma capacidade de tomar decisões discretas e apoiar-se nelas enquanto estivesse convencida de que estava certa. Sem nenhum carisma óbvio, tinha a capacidade de

persuadir os votantes de que essas decisões discretas se *tornariam* certas.

Considerando que, pela doutrina Seldon, mudanças históricas são muito difíceis de desalinhar (sempre com a exceção do imprevisível, algo que a maioria dos seldonistas esquece, apesar do angustiante incidente com o Mulo), a Fundação provavelmente teria mantido sua capital em Terminus sob qualquer condição. Mas trata-se de um "provavelmente". Seldon, em sua recém-concluída aparição como um simulacro com cinco séculos de existência, estabeleceu placidamente em 87,2% a probabilidade de ela permanecer em Terminus.

De qualquer maneira, até mesmo para os seldonistas, isso significava que houve 12,8% de chance de que a mudança para algum ponto mais próximo do centro da Federação da Fundação podia ter acontecido, com todas as imensas consequências que Seldon havia esboçado. O fato de essa única chance, em oito, não ter ocorrido devia-se, certamente, à prefeita Branno.

Era certo que ela nunca permitiria. Através de períodos de considerável impopularidade, ela se manteve fiel à sua decisão de que Terminus era o tradicional berço da Fundação, e que ali permaneceria. Os inimigos políticos da prefeita fizeram inúmeras caricaturas de seu robusto maxilar (com certa precisão, é de se admitir) como um bloco de granito pênsil.

E agora Seldon havia apoiado seu ponto de vista e, pelo menos por enquanto, isso daria a ela uma esmagadora vantagem política. Ela teria dito, um ano antes, que, se na próxima aparição Seldon *de fato* a apoiasse, ela consideraria sua missão bem-sucedida. Ela então se aposentaria e assumiria o papel de estadista anciã em vez de se arriscar nos dúbios resultados de mais guerras políticas.

Ninguém tinha acreditado. Ela ficava mais confortável em meio às guerras políticas do que muitos de seus antecessores, e agora que a imagem de Seldon aparecera e desaparecera, não havia nenhum sinal de aposentadoria em sua postura.

Ela falava em voz perfeitamente clara, com um desembaraçado sotaque da Fundação (no passado, havia servido como embaixadora de Mandrels, mas não adotou o antigo estilo Imperial de discurso que estava tão em moda no momento, e tinha feito parte de uma jornada semi-Imperial às Províncias Internas).

– A crise Seldon está acabada – ela disse –, e é tradição, uma sábia

tradição, que nenhuma represália de nenhum tipo, tanto em atos como em discurso, seja dirigida àqueles que apoiaram o lado equivocado. Muitas pessoas honestas acreditavam ter boas razões para desejar aquilo que Seldon não desejava. Não há sentido em humilhá-las a ponto de a única maneira de resgatarem o respeito próprio ser acusando o próprio Plano Seldon. Por outro lado, é um forte e desejável costume aqueles que apoiaram o lado perdedor aceitarem que perderam elegantemente e sem mais discussões. A questão faz parte do passado, para ambos os lados, para sempre.

Ela fez uma pausa; momentaneamente, sem mover a cabeça, encarou os rostos reunidos, e então continuou:

– Metade do período se passou, membros do Conselho. Metade da distância de mil anos entre Impérios. Foi um período de dificuldades, mas evoluímos bastante. Já somos, na realidade, quase um Império Galáctico, e não há nenhum inimigo externo de importância. Se não fosse pelo Plano Seldon, o Interregno teria se estendido por trinta mil anos. Depois de tanto tempo de ruína, talvez não houvesse nenhuma força restante para formar um novo Império. Talvez sobrassem apenas mundos isolados e provavelmente moribundos. O que temos hoje – continuou – devemos a Hari Seldon, e é à sua mente há tempos falecida que devemos nos ater até o fim. O perigo adiante, membros do Conselho, está em nós mesmos. De agora em diante, não poderá haver nenhuma dúvida oficial em relação ao valor do Plano. Concordemos neste exato momento, de maneira pacífica e decisiva, que não haverá nenhuma dúvida, crítica ou condenação oficial do Plano. Devemos apoiá-lo integralmente. Ele provou seu valor ao longo de cinco séculos. Trata-se da segurança da humanidade, que não deve ser colocada em risco. Estamos de acordo?

Houve um discreto murmúrio. A prefeita mal olhou para cima para buscar prova visual de concordância. Ela conhecia cada membro do Conselho e como cada um reagiria. Depois da vitória, não haveria nenhuma objeção. Talvez no próximo ano. Não agora. Ela lidaria com os problemas do próximo ano no próximo ano.

Sempre com a exceção de...

– Controle de pensamento, prefeita Branno? – perguntou Golan Trevize, descendo a passos largos pelo corredor e falando alto, como se para compensar o silêncio dos outros. Ele não fez questão de se sentar em sua cadeira que, por ser um novo membro, ficava na última

fileira.

Ainda assim, Branno não levantou a cabeça.

– Sua opinião, conselheiro Trevize?

– É a de que o governo não pode impor um banimento do livre discurso; de que todos os indivíduos, inclusive, certamente, conselheiros e conselheiras, eleitos para esse propósito, têm o direito de discutir questões políticas atuais; e a de que nenhuma questão política pode ser desassociada do Plano Seldon.

Branno enlaçou as mãos e ergueu a cabeça. Seu rosto não esboçava reação.

– Conselheiro Trevize – disse –, o senhor entrou neste debate irregularmente, o que é incabível. Todavia, pedi que o senhor expressasse suas opiniões e agora irei respondê-las. Não há limite para a livre expressão dentro do contexto do Plano Seldon. É somente o Plano, propriamente dito, que nos limita, por causa de sua natureza. Podem haver muitas maneiras de se interpretar os eventos antes que a imagem tome a decisão final, mas, uma vez que ele tenha tomado essa decisão, nenhuma contestação subsequente pode ser feita em assembleia do Conselho. Também não há de ser questionado precocemente por meio de afirmações como "Se Hari Seldon dissesse isso-e-aquilo, estaria enganado".

– E caso um indivíduo honestamente acredite na questão, senhora prefeita?

– Então o indivíduo poderia se manifestar, se fosse um indivíduo particular, discutindo questões delicadas em um contexto particular.

– A senhora afirma, então, que as limitações do livre discurso que a senhora propõe se aplicariam integral e especificamente aos oficiais do governo?

– Precisamente. Não se trata de um novo princípio nas leis da Fundação. Já foi aplicado por prefeitos de todos os partidos. Um ponto de vista particular não significa nada; uma manifestação oficial de opinião carrega peso e pode ser perigosa. Não chegamos tão longe para nos arriscar agora.

– Eu gostaria de apontar, senhora prefeita, que esse princípio que citou foi aplicado, esparsa e ocasionalmente, a atos específicos do Conselho. Nunca foi aplicado a algo tão vasto e indefinível quanto o Plano Seldon.

– O Plano Seldon é o que mais necessita de proteção, pois é

precisamente nesse ponto que questionamentos podem ser fatais.

– A senhora não consideraria, prefeita Branno... – Trevize virou-se, discursando agora para as fileiras de membros do Conselho, onde todos aparentavam prender a respiração, como em antecipação ao resultado de um duelo. – Os *senhores* não considerariam, membros do Conselho, que há todos os motivos para crer que não existe um Plano Seldon?

– Hoje todos nós testemunhamos sua operação – respondeu a prefeita Branno, cada vez mais calmamente enquanto Trevize se tornava mais ruidoso e eloquente.

– É justamente porque vimos sua operação hoje, senhoras e senhores do Conselho, que podemos enxergar que o Plano Seldon, na forma como fomos ensinados a acreditar que funciona, não pode existir.

– Conselheiro Trevize, o senhor não tem permissão para prosseguir dessa maneira.

– Tenho o privilégio do mandato, prefeita.

– Esse privilégio acaba de ser revogado, conselheiro.

– A senhora não pode revogar o privilégio. Sua declaração limitadora do livre discurso não pode, por si só, ter a força da lei. Não houve votação formal no Conselho, prefeita, e mesmo que fosse o caso, eu teria o direito de questionar sua legalidade.

– A revogação, conselheiro, não está relacionada com a minha determinação de proteger o Plano Seldon.

– No que, então, está baseada?

– O senhor está sendo acusado de traição, conselheiro. Desejo oferecer ao Conselho a cortesia de não prendê-lo dentro da Câmara do Conselho, mas membros da Segurança o aguardam à porta e o colocarão sob custódia quando o senhor sair. Peço-lhe que nos deixe sem tumulto. Se o senhor tomar alguma atitude imprópria, então, obviamente, será considerado perigo imediato e a Segurança entrará na Câmara. Tenho fé de que o senhor fará com que isso não seja necessário.

Trevize franziu as sobrancelhas. O silêncio na galeria era absoluto. (Será que todos esperavam por isso – todos menos ele próprio e Compor?) Ele olhou para a saída. Não viu nada, mas não tinha dúvidas de que a prefeita Branno não estava blefando.

– Eu repre-represento um importante eleitorado, prefeita Branno –

gaguejou Trevize, furioso.

– Eles certamente ficarão decepcionados com o senhor.

– Baseada em que evidências a senhora anuncia essa esdrúxula acusação?

– Elas aparecerão no devido tempo, mas tenha certeza de que temos tudo de que precisamos. O senhor é um jovem deveras indiscreto e deveria compreender que uma pessoa pode ser sua amiga e, ainda assim, não estar disposta a ser cúmplice de traição.

Trevize virou-se para encontrar os olhos azuis de Compor, que o encararam, frios.

– Peço a todos que testemunhem que, quando fiz minha última declaração, o conselheiro Trevize virou-se para olhar para o conselheiro Compor – disse a prefeita Branno, calmamente. – O senhor irá embora agora, conselheiro, ou nos forçará a iniciar a indignidade de uma prisão dentro da Câmara?

Golan Trevize virou-se, subiu pelos degraus novamente e, na porta, dois homens de uniforme, armados, o abordaram por ambos os lados.

E Harla Branno, encarando-o impassivelmente, sussurrou com lábios semicerrados:

– Tolo!

3

Liono Kodell havia sido Diretor de Segurança durante todo o mandato da prefeita Branno. Não era um trabalho exaustivo, como gostava de afirmar, mas se estava falando a verdade ou não, ninguém podia dizer. Ele não parecia ser mentiroso, mas esse fato não necessariamente tinha importância.

Ele parecia à vontade e amigável, e isso talvez fosse apropriado para o seu cargo. Era mais baixo do que a média, acima do peso médio e tinha um denso bigode (algo bastante incomum para um cidadão de Terminus), agora mais branco do que cinza; olhos marrom-claros e uma característica faixa de cores primárias no bolso peitoral externo de seu macacão pardo.

– Sente-se, Trevize. Vamos manter essa situação em clima amigável, se possível.

– Amigável? Com um traidor? – Trevize enganchou os polegares em

sua faixa e permaneceu em pé.

– Um *suposto* traidor. Ainda não chegamos ao ponto em que uma acusação, mesmo da própria prefeita, é o equivalente a uma condenação. Tenho fé de que nunca chegaremos. Minha função é inocentá-lo, se puder. Prefiro fazê-lo de forma que ninguém saia prejudicado, com a exceção, talvez, do seu orgulho, em vez de ser forçado a transformar a questão em um julgamento público. Espero que o senhor esteja de acordo.

Trevize não facilitou.

– Não nos importemos com complacência – disse. – Sua função é me fustigar como se eu *fosse* um traidor. Não sou, e ofendo-me com a necessidade de precisar demonstrar esse fato para o seu contentamento. Por que o senhor não precisa provar *sua* lealdade para o *meu* contentamento?

– A princípio, por nenhum motivo específico. Porém, o triste fato é que tenho o poder ao meu lado, e o senhor, não. Por causa disso, é meu privilégio interrogar, não o do senhor. Aliás, se quaisquer suspeitas de deslealdade ou traição caíssem sobre mim, imagino que seria substituído e então seria interrogado por outra pessoa que, espero sinceramente, não me trataria pior do que pretendo tratar o senhor.

– E como o senhor pretende me tratar?

– Como, tenho confiança, um amigo e um igual, se o senhor assim o fizer para comigo.

– Posso pagar-lhe uma bebida? – perguntou Trevize, amargamente.

– Mais tarde, talvez. Por enquanto, por favor, sente-se. Peço como amigo.

Trevize hesitou e, enfim, sentou-se. Subitamente, qualquer rebeldia lhe pareceu inútil.

– E agora? – perguntou.

– Agora, posso pedir que o senhor responda às minhas perguntas verdadeira e completamente, sem se evadir?

– E se não? Qual é a ameaça por trás disso? Uma Sonda Psíquica?

– Creio que não.

– Também creio que não – disse Trevize. – Não em um conselheiro. Não revelaria nenhuma traição, e, quando eu fosse inocentado, cortaria sua cabeça política, e possivelmente a da prefeita também. Talvez quase valha a pena fazê-lo tentar uma Sonda Psíquica.

Kodell franziu as sobrancelhas e negou com a cabeça.

– Oh, não. Riscos demais de danos ao cérebro. A cura, às vezes, é lenta, e não valeria o esforço. Definitivamente. O senhor sabe, de vez em quando, quando a Sonda é usada com exaltação...

– Isso é uma ameaça, Kodell?

– Estou apontando um fato, Trevize. Não se engane, conselheiro. Se eu precisar usar a Sonda, usarei, e mesmo se o senhor for inocente, não terá como recorrer.

– O que o senhor quer fazer agora?

Kodell acionou um interruptor na mesa à sua frente.

– O que eu perguntar e o que o senhor responder será gravado, tanto a imagem como o som – afirmou Kodell. – Não desejo nenhuma declaração voluntária do senhor, nem algo que não seja cooperativo. Não agora. O senhor entende o que digo, tenho certeza.

– Entendo que o senhor gravará apenas o que lhe convém – respondeu Trevize, desdenhosamente.

– Correto, mas, mais uma vez, não se engane. Não irei distorcer nada do que o senhor disser. Usarei ou não usarei, nada além. O senhor saberá o que não vou usar e não irá desperdiçar o meu tempo, nem eu o seu.

– Veremos.

– Temos razões para crer, conselheiro Trevize – de alguma forma, o toque extra de formalidade em sua voz era prova de que ele estava gravando –, que o senhor declarou abertamente, e em diversas ocasiões, não crer na existência do Plano Seldon.

– Se declarei tão abertamente, e em diversas ocasiões – disse Trevize lentamente –, do que mais o senhor precisa?

– Não desperdicemos tempo com protestos triviais, conselheiro. O senhor sabe que o que quero é uma confissão aberta, em sua própria voz, caracterizada por seus próprios padrões vocais, sob condições nas quais o senhor está claramente em total comando de si mesmo.

– Porque, suponho, o uso de qualquer hipnoinfluenciador, químico ou de outro tipo, alteraria os padrões vocais?

– De maneira bastante perceptível.

– E o senhor está ansioso para deixar claro que não fez nenhum uso de métodos ilegais ao interrogar um conselheiro? Não é de se estranhar...

– Fico contente que o senhor não estranhe, conselheiro. Vamos

prosseguir. O senhor declarou abertamente, e em diversas ocasiões, que não acredita na existência do Plano Seldon. O senhor admite esse fato?

Trevize respondeu devagar, escolhendo suas palavras:

– Não creio que o que chamamos de Plano de Seldon tem a importância que geralmente atribuímos a ele.

– Uma afirmação vaga. O senhor poderia elaborá-la?

– Do meu ponto de vista, o conceito de que Hari Seldon, quinhentos anos atrás, usando a ciência matemática da psico-história, desvendou o futuro dos acontecimentos humanos nos mínimos detalhes e que estamos seguindo um trajeto criado para nos levar do Primeiro Império Galáctico ao Segundo Império Galáctico pela linha da maior probabilidade é ingênuo. Não pode ser assim.

– O senhor quer dizer que, em sua opinião, Hari Seldon nunca existiu?

– De jeito nenhum. É claro que ele existiu.

– Que ele nunca desenvolveu a ciência da psico-história?

– Não, obviamente não estou dizendo nada disso. Entenda, Diretor, que eu teria explicado tudo isso ao Conselho se tivessem permitido, e explicarei ao senhor. A verdade do que vou dizer é tão simples...

O Diretor de Segurança havia, calmamente e de maneira bastante óbvia, desligado o gravador.

Trevize parou e franziu o cenho.

– Por que o senhor fez isso?

– O senhor está desperdiçando o meu tempo, conselheiro. Não estou pedindo um discurso.

– O senhor está pedindo que eu explique minhas opiniões, não está?

– Não, não estou. Estou pedindo que o senhor responda às perguntas, de maneira simples, direta e sem rodeios. Responda *apenas* às perguntas e não ofereça nada que eu não tenha requisitado. Faça isso e não vamos demorar.

– O senhor quer dizer que irá extrair declarações que reforçarão a versão oficial do que supostamente fiz – afirmou Trevize.

– Pedimos apenas que o senhor dê declarações verdadeiras, e garanto que não vamos distorcê-las. Por favor, deixe-me tentar novamente. Estávamos falando sobre Hari Seldon. – O gravador estava em ação mais uma vez e Kodell repetiu calmamente. – Que ele nunca

elaborou a ciência da psico-história?

– Evidente que ele desenvolveu a ciência que chamamos de psico-história – afirmou Trevize, incapaz de esconder sua impaciência e gesticulando com paixão exagerada.

– Que o senhor definiria... como?

– Galáxia! É geralmente definida como uma área da matemática que lida com as reações generalizadas de grandes grupos de seres humanos a determinados estímulos, sob determinadas condições. Em outras palavras, supostamente prevê mudanças históricas e sociais.

– O senhor disse "supostamente". O senhor a questiona do ponto de vista do conhecimento matemático?

– Não – disse Trevize. – Não sou psico-historiador. E os membros do governo da Fundação também não são, nem os cidadãos de Terminus, nem...

A mão de Kodell foi levantada.

– Conselheiro, por gentileza! – disse, suavemente, e Trevize se calou. – O senhor tem algum motivo para supor que Hari Seldon não fez a análise necessária que combinaria, da maneira mais eficiente possível, os fatores da probabilidade máxima e da duração mínima no trajeto entre o Primeiro e o Segundo Impérios através da Fundação?

– Eu não estava lá – disse Trevize, sardonicamente. – Como posso saber?

– O senhor tem como saber que ele não a fez?

– Não.

– O senhor nega, talvez, que a imagem holográfica de Hari Seldon que apareceu durante cada uma das várias crises históricas dos últimos quinhentos anos é, na realidade, uma reprodução do próprio Hari Seldon, feita no último ano de sua vida, pouco antes da instauração da Fundação?

– Acredito que seja impossível negar esse fato.

– O senhor "acredita". O senhor afirmaria tratar-se de uma fraude, um embuste concebido por alguém no passado, por algum motivo?

Trevize suspirou.

– Não. Não estou afirmando isso.

– O senhor está preparado para afirmar que as mensagens que Hari Seldon transmite são, de alguma maneira, manipuladas por alguém?

– Não. Não tenho motivos para acreditar que tal manipulação seria possível ou útil.

– Entendo. O senhor testemunhou a aparição mais recente da imagem de Seldon. O senhor considerou que sua análise, feita há quinhentos anos, não se encaixa com as condições atuais com bastante precisão?

– Pelo contrário – disse Trevize, com súbito entusiasmo. – Encaixou-se com imensa precisão.

Kodell parecia indiferente às emoções do outro.

– E ainda assim, conselheiro, depois da aparição de Seldon, o senhor defende que o Plano Seldon não existe?

– Pois é claro. Defendo que não existe justamente *porque* a análise encaixou-se com perfeição...

Kodell havia desligado o gravador.

– Conselheiro – disse, sacudindo a cabeça negativamente –, o senhor me impõe o transtorno de apagar. Pergunto se o senhor ainda defende essa sua bizarra crença e o senhor começa a se justificar. Deixe-me repetir a pergunta. E ainda assim, conselheiro, depois da aparição de Seldon, o senhor defende que o Plano Seldon não existe?

– Como o senhor sabe disso? Ninguém teve a oportunidade de conversar com meu amigo informante, Compor, depois da aparição.

– Digamos que deduzimos, conselheiro. E digamos que o senhor já respondeu, "claro que defendo". Se o senhor disser isso mais uma vez, sem oferecer voluntariamente nenhuma informação adicional, podemos prosseguir.

– Claro que defendo – disse Trevize, ironicamente.

– Bem – disse Kodell –, escolherei o "claro que defendo" que soar mais natural. Obrigado, conselheiro – e o gravador foi desligado mais uma vez.

– É isso? – perguntou Trevize.

– Para o que preciso, sim.

– O que o senhor precisa, obviamente, é uma série de perguntas e respostas que possa apresentar a Terminus e a toda a Federação da Fundação que Terminus governa para demonstrar que aceito totalmente a lenda do Plano Seldon. Isso fará qualquer negação que eu venha a fazer soar extravagante ou completamente insana.

– Ou até mesmo traidora, aos olhos de uma exaltada multidão que vê o Plano como algo essencial à segurança da Fundação. Talvez não seja necessário tornar isso público, conselheiro Trevize, se pudermos chegar a algum tipo de entendimento, mas se a necessidade surgir,

iremos garantir que a Federação escute.

– O senhor é tão tolo – disse Trevize, franzindo as sobrancelhas – a ponto de estar completamente desinteressado no que eu realmente tenho a dizer?

– Como ser humano, estou bastante interessado, e, se houver um momento apropriado, escutarei com atenção e certo ceticismo. Porém, como Diretor de Segurança, tenho, neste exato momento, tudo o que desejo.

– Espero que saiba que isso não fará ao senhor, *nem* à prefeita, nenhum bem.

– Estranhamente, não compartilho dessa opinião. O senhor agora irá embora. Sob guarda, claro.

– Para onde serei levado?

Kodell apenas sorriu.

– Adeus, conselheiro. O senhor não foi totalmente cooperativo, mas teria sido fantasioso esperar que fosse.

Ele estendeu a mão.

Trevize, levantando-se, ignorou-a. Ele alisou as dobras de sua faixa e disse:

– Os senhores apenas adiam o inevitável. Outros devem pensar como penso agora, ou pensarão em breve. Prender-me ou me executar servirá para instigar questionamentos e, por fim, acelerar tal raciocínio. No final, a verdade, e eu, venceremos.

Kodell abaixou a mão e sacudiu a cabeça devagar.

– Honestamente, Trevize – disse –, você é um tolo.

4

Somente à meia-noite dois guardas vieram remover Trevize do que era, ele precisava admitir, um quarto luxuoso no Quartel da Segurança. Luxuoso, mas trancado. Uma cela, como quer que fosse chamada.

Trevize teve mais de quatro horas para se autocensurar amargamente, caminhando a passos largos e sem descanso de um lado para o outro durante a maior parte do tempo.

Por que havia confiado em Compor?

Por que não? Ele parecia tão claramente de acordo... Não, não foi

por isso. Ele parecia tão pronto para ser persuadido a concordar... Não, também não foi por isso. Ele parecia tão estúpido, tão facilmente dominável, tão certamente desprovido de mentalidade e opiniões próprias que Trevize apreciou a oportunidade de usá-lo como um ensaio conveniente. Compor ajudou Trevize a aperfeiçoar e afiar suas opiniões. Tinha sido útil, e Trevize confiara nele por nenhum outro motivo além de conveniência.

Mas *a essa altura* era inútil tentar decidir se ele deveria ter enxergado as verdadeiras intenções de Compor. Deveria ter seguido a simples generalização: não confie em ninguém.

Contudo, é possível viver sem confiar em ninguém?

Evidentemente, era algo necessário.

E quem poderia imaginar que Branno teria a audácia de arrancar um conselheiro do Conselho – e que nenhum dos outros conselheiros se disporia a proteger um dos seus? Mesmo que tivessem discordado veementemente de Trevize; mesmo que pudessem apostar o próprio sangue, gota por gota, pela certeza de Branno; ainda assim eles deveriam, por princípio, ter intervido contra essa violação de suas prerrogativas. Branno era chamada esporadicamente de “a Bronze”, e certamente agia com rigor metálico...

A não ser que ela mesma estivesse sob...

Não! Esse era o caminho da paranoia!

E ainda assim...

Sua mente vagava apreensivamente em círculos, e ainda não havia se libertado de pensamentos inutilmente repetitivos quando os guardas chegaram.

– O senhor deve vir conosco, conselheiro – disse o mais velho dos dois, com gravidade e sem emoção. Sua insígnia mostrava tratar-se de um tenente. Tinha uma pequena cicatriz na bochecha esquerda e parecia cansado, como se estivesse nesse emprego há tempo demais e feito coisas de menos – como era de se esperar de um soldado cuja nação seguia em paz por mais de um século.

Trevize não se mexeu.

– Seu nome, tenente.

– Sou o tenente Evander Sopellor, conselheiro.

– Entende que está infringindo a lei, tenente Sopellor? Não pode prender um membro do Conselho.

– Temos ordens diretas, senhor – disse o tenente.

– Isso não importa. Você não pode receber a ordem de prender um conselheiro. Precisa entender que estará sujeito à corte marcial por causa disso.

– O senhor não está sendo preso, conselheiro – afirmou o tenente.

– Então não sou obrigado a acompanhá-los, correto?

– Fomos instruídos a acompanhá-lo até sua casa.

– Conheço o caminho.

– E a protegê-lo no trajeto.

– Do quê? Ou de quem?

– De qualquer multidão que possa se formar.

– À meia-noite?

– Por esse motivo esperamos até a meia-noite, senhor. E agora, senhor, para sua proteção, devemos pedir que venha conosco. Devo dizer, não como ameaça, mas a título de informação, que estamos autorizados a usar força, se necessário.

Trevize sabia dos chicotes neurônicos com os quais eles estavam equipados. Levantou-se com o que esperava ser dignidade.

– À minha casa, então? Ou agora vou descobrir que os senhores me encaminharão à prisão?

– Não fomos instruídos a mentir para o senhor – disse o tenente, com certo orgulho. Trevize percebeu que estava na presença de um homem profissional que precisaria de uma ordem direta para mentir, e que, mesmo nesse caso, sua expressão e o tom de voz o entregariam.

– Peço perdão, tenente – afirmou Trevize. – Não quis sugerir que duvidei de sua palavra.

Um carro terrestre os aguardava do lado de fora. A rua estava vazia e não havia nenhum sinal de qualquer humano, muito menos uma multidão – mas o tenente havia sido honesto. Não tinha dito que havia uma multidão do lado de fora, ou que uma se formaria. Havia se referido a "qualquer multidão que possa se formar". Havia dito apenas "possa".

O tenente cautelosamente manteve Trevize entre ele e o veículo. Trevize não poderia ter se soltado e tentado fugir. O tenente entrou imediatamente depois dele e sentou-se ao seu lado no banco traseiro.

O carro partiu.

– Uma vez em casa – disse Trevize –, presumo que poderei cuidar dos meus assuntos livremente. Que poderei sair, por exemplo, se assim o desejar.

– Não fomos orientados a interferir em suas atividades, conselheiro, de nenhuma forma, com a exceção do que possa influenciar nossa ordem de protegê-lo.

– Influenciar? O que isso significa, neste caso?

– Fui instruído a informá-lo que, uma vez que esteja em casa, não poderá sair. As ruas não são seguras para o senhor e sou responsável por sua segurança.

– Quer dizer que estou sob prisão domiciliar.

– Não sou advogado, conselheiro. Não sei o que isso significa.

Ele olhou diretamente para a frente, mas fez contato com a lateral do tronco de Trevize usando o cotovelo. Trevize não poderia se mexer, nem minimamente, sem que o tenente percebesse.

O carro parou diante da pequena casa de Trevize, no subúrbio de Flexner. No momento, ele não a divida com ninguém – depois que Flavella se cansou da errática vida que a cadeira no Conselho impôs a ele –, portanto não esperava que alguém o recebesse.

– Saio agora? – perguntou Trevize.

– Sairei primeiro, conselheiro. Escoltaremos o senhor até lá dentro.

– Para minha própria segurança?

– Sim, senhor.

Havia dois guardas esperando em sua porta. Uma lamparina noturna estava acesa, mas as janelas haviam sido obscurecidas e o interior não era visível pelo lado de fora.

Por alguns instantes, ele ficou indignado com a invasão, então deixou a emoção de lado com um discreto movimento de encolher os ombros. Se o Conselho não podia protegê-lo na própria Câmara do Conselho, então sua casa certamente não seria uma fortaleza.

– Quantos de vocês terei aí dentro? Um regimento? – perguntou Trevize.

– Não, conselheiro – veio uma voz, severa e firme. – Apenas uma pessoa além destas que você vê, e estive esperando por você por tempo demais.

Harla Branno, prefeita de Terminus, surgiu na porta que levava à sala de estar.

– Tempo suficiente, não acha, para conversarmos?

Trevize a encarou.

– Todo esse tumulto para...

– Quieto, conselheiro – disse Branno com voz grave e vigorosa –, e

vocês quatro, para fora. Fora! Não haverá incidentes aqui dentro.

Os quatro guardas prestaram continência e giraram nos calcanhares. Trevize e Branno estavam sozinhos.

2.

Prefeita

1

Branno tinha esperado por uma hora, refletindo exaustivamente. Tecnicamente, ela era culpada de invasão de domicílio. Além disso, infringira, inconstitucionalmente, os direitos de um conselheiro. Pelas rígidas leis que vigoravam sobre os Prefeitos desde os tempos de Indbur III e do Mulo, quase dois séculos atrás, ela era passível de *impeachment*.

Porém, neste dia, nessas vinte e quatro horas, ela era intocável.

Mas o indulto passaria. Ela se mexeu, inquieta.

Os dois primeiros séculos haviam sido a Era de Ouro da Fundação, a Era Heroica – pelo menos em retrospecto, se não para os infelizes que tinham vivido naquela época de insegurança. Salvor Hardin e Hober Mallow foram os dois formidáveis heróis, semiendeusados a ponto de rivalizar com o incomparável Hari Seldon. Os três eram um tripé sobre o qual toda a lenda da Fundação (e até mesmo a história da Fundação) estava apoiada.

Contudo, naquela época, a Fundação era apenas um mundo insignificante com um tênue controle sobre os Quatro Reinos, e apenas vaga consciência da extensão do escudo que o Plano Seldon colocara sobre si, defendendo-o até mesmo contra os vestígios do poderoso Império Galáctico.

E quanto mais poderosa a Fundação se tornava como entidade política e comercial, menos relevantes seus administradores e guerreiros pareciam. Lathan Devers fora quase esquecido. Se chegou a ser lembrado, foi graças à sua trágica morte nas minas de escravos e não por sua desnecessária, mas bem-sucedida, batalha contra Bel Riose.

Quanto ao próprio Bel Riose, o mais nobre dos adversários da Fundação, ele também quase fora esquecido, eclipsado pelo Mulo,

que, sozinho entre todos os inimigos, rompeu o Plano Seldon, derrotou e conquistou a Fundação. Ele tinha sido o Grande Adversário – de fato, o último dos Grandes.

Mal se lembrava de que o Mulo fora derrotado, essencialmente, por uma única pessoa – uma mulher, Bayta Darell –, e que ela o vencera sem a ajuda de ninguém, *nem mesmo o apoio do Plano Seldon*. Também foi praticamente esquecido que seu filho e sua neta, Toran e Arkady Darell, haviam vencido a Segunda Fundação, garantindo supremacia à Fundação, à *Primeira* Fundação.

Esses vitoriosos do passado mais próximo não eram considerados figuras heroicas. Os tempos se tornaram expansivos demais para qualquer possibilidade, além de reduzir os heróis a meros mortais. Até mesmo a biografia de Arkady sobre sua avó a havia reduzido de heroína a personagem de romance.

E, desde então, não houvera nenhum herói – nem mesmo personagens de romance. A guerra kalganiana fora o último momento de violência envolvendo a Fundação, e tratou-se de um conflito de pequena escala. Quase dois séculos de paz! Cento e vinte anos sem nenhum arranhão em nenhuma espaçonave.

Era uma boa paz – Branno não negaria esse fato –, uma paz lucrativa. A Fundação não tinha estabelecido um Segundo Império Galáctico – estava apenas na metade do caminho, de acordo com o Plano Seldon –, mas, como a Federação da Fundação, tinha um forte controle econômico sobre um terço das dispersas unidades políticas da Galáxia e influenciava o que não controlava. Havia poucos lugares onde "sou da Fundação" não era recebido com respeito. Em todos os milhões de planetas habitados, não havia ninguém com graduação superior à da prefeita de Terminus.

Esse ainda era o título. Fora herdado do líder de uma única, diminuta e quase desprezada cidade em um planeta solitário no extremo da civilização havia cinco séculos, mas ninguém sonharia em mudá-lo ou acrescentar uma única sílaba de palavreado mais pomposo. Do jeito que era, apenas o praticamente esquecido título de Majestade Imperial poderia rivalizar com ela em respeito.

Exceto em Terminus, onde os poderes da prefeita eram cautelosamente limitados. A lembrança dos Indburs persistia. Não era a tirania que o povo não conseguia esquecer, mas o fato de terem sido derrotados pelo Mulo.

E ali estava ela, Harla Branno, a mais forte na administração desde a morte do Mulo (ela tinha consciência disso) e apenas a quinta mulher a fazê-lo. Nesse dia, apenas, ela pôde usar seu poder abertamente.

Havia batalhado pela própria interpretação do que era correto e do que deveria ser – contra a obstinada oposição daqueles que almejavam o prestigioso Centro da Galáxia e a aura do poder Imperial – e vencido.

Ainda não, afirmou. Ainda não! Mude para o Centro precocemente e você perderá, por este ou aquele motivo. E Seldon aparecera e a apoiara em um discurso quase idêntico ao dela.

Isso a fez, por algum tempo, diante dos olhares da nata da Fundação, tão sábia quanto o próprio Seldon. Mas ela sabia que eles podiam se esquecer disso a qualquer instante.

E esse jovem ousara questioná-la neste dia, de todos os dias.

E ousara estar certo!

Era esse o perigo. Ele estava certo! E, por estar certo, poderia destruir a Fundação!

E agora ela estava diante dele, e eles estavam sozinhos.

– Por que não requisitar uma audiência comigo? – perguntou ela, com tristeza. – Você precisava ter vociferado na Câmara do Conselho em seu estúpido desejo de me fazer passar por idiota? O que foi que você fez, seu fedelho descerebrado?

2

Trevize sentiu o rosto ficar vermelho e lutou para controlar sua raiva. A prefeita era uma mulher envelhecida, que faria sessenta e três anos no próximo aniversário. Ele temia entrar em uma disputa de voz com alguém com quase o dobro de sua idade.

Além disso, ela tinha bastante prática nas disputas políticas e sabia que, se conseguisse deixar seu oponente desconcertado logo no início, o confronto estaria praticamente vencido. Mas era necessário um público para que tal estratégia fosse efetiva, e não havia nenhuma audiência diante da qual alguém pudesse ser humilhado. Eram apenas os dois.

Portanto, ele ignorou suas palavras e fez o melhor que pôde para

sondá-la sem emoção. Ela era uma senhora que usava o tipo de moda unissex predominante havia duas gerações. As roupas não a valorizavam. A prefeita, a líder da Galáxia – se houvesse um líder – era nada além de uma velhota insossa que poderia ser facilmente confundida com um velhote, exceto por seu cabelo cinza-ferro preso vigorosamente para trás em vez de solto, como o tradicional estilo masculino.

Trevize sorriu de maneira simpática. Por mais que um oponente idoso se esforçasse para fazer o termo “fedelho” soar como um insulto, este “fedelho” em especial tinha as vantagens da juventude e da beleza – e consciência plena de ambos.

– É verdade – disse. – Tenho trinta e dois anos; logo, de certa maneira, sou um fedelho. E sou um conselheiro; logo, *ex officio*, descerebrado. A primeira condição é inevitável. Pela segunda, posso apenas dizer que lamento.

– Você tem consciência do que fez? Não fique aí buscando uma resposta espirituosa. Sente-se. Coloque sua mente no lugar, se puder, e responda-me racionalmente.

– Sei o que fiz. Contei a verdade da mesma forma que a enxerguei.

– E neste dia tenta me desafiar com ela? Neste único dia em que meu prestígio é tanto que eu poderia arrancá-lo da Câmara do Conselho e prendê-lo sem que ninguém ousasse protestar?

– O Conselho irá recuperar o fôlego e protestará. Talvez estejam protestando agora. E me escutarão com mais atenção por causa da perseguição a que me submete.

– Ninguém ouvirá o que tem a dizer, pois se eu acreditasse que você continuaria a fazer o que tem feito, continuaria a tratá-lo como um traidor, sob toda a amplitude da lei.

– Eu então precisaria ser julgado. Teria o meu dia no tribunal.

– Não conte com isso. Os poderes de um prefeito em uma emergência são colossais, mesmo que sejam usados raramente.

– Sob quais alegações a senhora declararia emergência?

– Inventarei as alegações. Ainda tenho essa engenhosidade, e não temo assumir o risco político. Não me provoque, rapaz. Vamos chegar a um acordo agora, ou você nunca mais será livre. Ficará preso para o resto da vida. Eu garanto.

Encararam um ao outro: Branno em cinza, Trevize em vários tons de marrom.

– Que tipo de acordo? – perguntou Trevize.

– Ah. Está curioso. Melhor assim. Podemos começar uma conversa em vez de um confronto. Qual é o seu ponto de vista?

– A senhora está bem familiarizada com ele. Tem recebido informações do conselheiro Compor, não?

– Quero ouvir de *você*, sob a óptica da recente crise Seldon.

– Muito bem, se é isso que a senhora deseja, prefeita – ele esteve à beira de dizer "velhota". – A representação de Seldon estava correta demais, impossivelmente correta após quinhentos anos. Foi a oitava vez que ele apareceu, se não me engano. Em algumas ocasiões, não havia ninguém para ouvi-lo. Em pelo menos uma ocasião, na época de Indbur III, o que ele tinha a dizer estava absolutamente fora de sincronia com a realidade, mas era a época do Mulo, não era? Quando, em qualquer uma dessas ocasiões, ele esteve tão certo quanto agora?

Trevize permitiu-se um pequeno sorriso.

– Nunca, senhora prefeita, no que diz respeito às nossas gravações do passado, Seldon conseguiu descrever a situação com tanta perfeição, em todos os mínimos detalhes.

– Sua sugestão – disse Branno – é que a aparição de Seldon, a imagem holográfica, é forjada; que as gravações de Seldon foram preparadas, talvez, por um contemporâneo como eu; que um ator fazia o papel de Seldon?

– Não seria impossível, senhora prefeita, mas não é isso que estou dizendo. A verdade é muito pior. Creio que seja a imagem de Seldon a que vemos, e que sua descrição do momento presente da história é a descrição à qual chegou quinhentos anos atrás. Foi o que eu disse a seu subordinado, Kodell, que cuidadosamente me guiou por uma farsa na qual eu aparentemente apoio as superstições dos ignorantes beneficiários da Fundação.

– Sim. A gravação será usada, se necessário, para permitir que a Fundação veja que você nunca esteve verdadeiramente na oposição.

Trevize abriu os braços.

– Mas eu estou. Não existe um Plano Seldon no sentido que acreditamos existir, e tem sido assim por, talvez, dois séculos. Suspeito disso há anos, e o que testemunhamos no Cofre do Tempo é a prova do que afirmo.

– Por que Seldon foi preciso demais?

– Exatamente. Não sorria. É a prova final.

– Não estou sorrindo, como pode ver. Prossiga.

– Como ele poderia ser tão preciso? Dois séculos atrás, a análise de Seldon do que era, na época, o presente, estava completamente equivocada. Trezentos anos haviam se passado desde o estabelecimento da Fundação, e ele estava errado. Totalmente!

– Esse fato, conselheiro, você mesmo explicou há alguns instantes. Foi por causa do Mulo. O Mulo foi um mutante com intensos poderes mentais, e não havia nenhum modo de abarcá-lo no Plano.

– Mas ele estava ali, de qualquer maneira. Abarcado ou não. O Plano Seldon foi desviado. O Mulo não governou durante muito tempo, e não tinha sucessores. A Fundação reconquistou sua independência e seu domínio, mas como poderia o Plano Seldon voltar aos trilhos depois de um rasgo tão enorme em sua trama?

Branno parecia taciturna e suas mãos envelhecidas se apertaram uma na outra.

– Você sabe a resposta – respondeu. – Éramos uma de duas Fundações. Você leu os livros de história.

– Li a biografia de Arkady sobre a avó. Leitura obrigatória na escola, afinal de contas. Li seus romances também. Li a versão oficial da história sobre o Mulo e sobre outros fatos. Tenho permissão para duvidar deles?

– Em que sentido?

– Oficialmente, nós, a Primeira Fundação, estaríamos incumbidos de reter o conhecimento sobre as ciências físicas e aperfeiçoá-lo. Deveríamos operar abertamente, com nosso desenvolvimento histórico seguindo o Plano Seldon, independentemente de termos consciência disso. Porém, havia também a Segunda Fundação, que preservaria e desenvolveria as ciências psicológicas, inclusive a psico-história, e sua existência era para ser segredo, até mesmo para nós. A Segunda Fundação era a agência de manutenção do Plano, agindo para ajustar as correntes da história galáctica quando elas desviavam dos caminhos desenhados pelo Plano.

– Então, você responde à sua própria pergunta – disse a prefeita. – Bayta Darell derrotou o Mulo, talvez sob a inspiração da Segunda Fundação, apesar de sua neta insistir que não foi o caso. Contudo, foi a Segunda Fundação, sem dúvida, que se dedicou a trazer a história galáctica de volta ao Plano depois que o Mulo faleceu e, obviamente,

eles foram bem-sucedidos. Então, por Terminus, do que você está falando, conselheiro?

– Senhora prefeita, se acreditarmos no relato de Arkady Darell, é evidente que a Segunda Fundação, ao tentar consertar a história galáctica, comprometeu todo o projeto de Seldon, pois, na tentativa de corrigir, destruiu o próprio sigilo. Nós, a Primeira Fundação, percebemos que nossa imagem espelhada, a Segunda Fundação, existia, e não poderíamos viver com a consciência de que estávamos sendo manipulados. Assim, nos dedicamos a encontrar a Segunda Fundação e destruí-la.

– E conseguimos – Branno concordou com a cabeça –, de acordo com o relato de Arkady Darell, mas, obviamente, não até que a Segunda Fundação tivesse firmemente restaurado o trajeto da história galáctica depois da ruptura causada pelo Mulo. A história ainda segue seu rumo.

– A senhora consegue acreditar nisso? A Segunda Fundação, de acordo com o relato, foi localizada, e seus vários membros, eliminados. Isso se passou em 378 E.F., há cento e vinte anos. Por cinco gerações, estamos supostamente operando sem a Segunda Fundação, mas, ainda assim, seguimos com uma proximidade tão grande do objetivo, no que diz respeito ao Plano, que a senhora e a imagem de Seldon fizeram discursos quase idênticos.

– Isso pode ser interpretado como um *insight* perspicaz da minha parte sobre os significados do desenrolar da história.

– Perdoe-me. Não tenho intenção de duvidar de seu *insight* perspicaz, mas, a meu ver, parece que a explicação mais óbvia é que a Segunda Fundação nunca foi destruída. Ainda nos domina. Ainda nos manipula. E é *por isso* que voltamos aos trilhos do Plano Seldon.

3

Se a prefeita ficou chocada com a declaração, não demonstrou nenhum sinal.

Passava da uma hora da manhã e ela desejava desesperadamente pôr um fim àquilo, mas não podia se apressar. O jovem precisava ser manipulado e ela não queria que ele saísse ganhando. Não queria ter de descartá-lo quando ele poderia, antes disso, ter alguma utilidade.

– De fato? Você diz, então – questionou Branno –, que a narração de Arkady sobre a guerra kalganiana e a destruição da Segunda Fundação é falsa? Inventada? Um jogo? Uma mentira?

– Não necessariamente – Trevize deu de ombros. – Isso não importa. Vamos supor que o relato de Arkady seja completamente verdadeiro, até onde ela soubesse. Vamos supor que tudo aconteceu exatamente como ela disse que aconteceu; que o ninho dos membros da Segunda Fundação foi descoberto e que eles foram eliminados. Mas como podemos afirmar com certeza que pegamos todos eles? A Segunda Fundação estava lidando com a Galáxia inteira. Não estavam manipulando apenas a história de Terminus, nem mesmo apenas a da Fundação. Suas responsabilidades envolviam muito mais do que a capital de toda a nossa Federação. Provavelmente havia membros que estavam a alguns milhares de parsecs de distância, se não mais. É possível que não tenhamos atingido todos? E, se não os pegamos, poderíamos dizer que vencemos? Poderia o Mulo ter proclamado vitória em sua época? Ele conquistou Terminus, e, assim, todos os planetas controlados diretamente por Terminus, mas os mundos comerciais independentes permaneceram em pé. Então ele conquistou os mundos comerciais, mas três pessoas fugiram: Ebling Mis, Bayta Darell e seu marido. Ele manteve os dois homens sob controle e deixou Bayta, e apenas Bayta, livre. Fez por sentimento, se acreditarmos no romance de Arkady. E foi o suficiente. De acordo com o relato de Arkady, uma pessoa, apenas Bayta, ficou livre para fazer o que bem entendesse, e, por causa de suas ações, o Mulo não pôde localizar a Segunda Fundação, e, por isso, foi derrotado. Uma única pessoa foi deixada intocada, e tudo foi perdido! Tal é a importância de uma pessoa, apesar de todas as lendas que cercam o Plano Seldon sobre a insignificância do indivíduo e a supremacia da massa. E se tivermos deixado vivo não apenas um membro da Segunda Fundação, mas várias dúzias, como é perfeitamente possível, e então? Eles não se juntariam, reconstruiriam suas fortunas, reassumiriam suas carreiras, multiplicariam seus números por meio de recrutamento e treinamento, e mais uma vez nos transformariam em marionetes?

– Você acredita nisso? – perguntou Branno, gravemente.

– Tenho certeza.

– Mas diga-me, conselheiro, por que eles deveriam se importar? Por que os patéticos remanescentes continuariam desesperadamente fiéis a

um dever que ninguém aprecia? O que os motiva a manter a Galáxia neste caminho para o Segundo Império? E, se o pequeno grupo insiste em cumprir sua missão, por que deveríamos nos importar? Por que não aceitar a rota do Plano e agradecê-los por garantir que não desviemos nem percamos o caminho?

Trevize esfregou os olhos. Apesar de sua juventude, ele parecia o mais cansado dos dois.

– Não posso acreditar na senhora – afirmou, encarando a prefeita. – A senhora tem motivos para acreditar que a Segunda Fundação esteja fazendo isso por *nós*? Que são algum tipo de idealistas? Não fica claro para a senhora, considerando seu conhecimento sobre política e sobre as questões práticas do poder e da manipulação, que eles estão fazendo isso somente por eles mesmos? Nós somos a linha de frente. Somos o motor, a força. Trabalhamos, suamos, sangramos e derramamos lágrimas. Eles apenas controlam, ajustando um amplificador aqui, fechando um contato ali, e fazendo tudo isso com facilidade e sem nenhum risco para eles. Aí, quando tudo estiver feito, quando, depois de mil anos de dedicação e sofrimento nós tivermos estabelecido o Segundo Império Galáctico, as pessoas da Segunda Fundação assumirão como a elite governante.

– Logo, você quer eliminar a Segunda Fundação? – perguntou Branno. – Na metade do caminho para o Segundo Império você quer assumir o risco de terminar a tarefa por nossa conta e ser nossa própria elite? É isso?

– Certamente! Certamente! Não deveria ser esse o seu desejo também? Eu e a senhora não estaremos vivos para testemunhar, mas a senhora tem netos e, algum dia, eu talvez tenha, e eles terão netos, e assim por diante. Quero que vejam o fruto de nossos esforços e que nos considerem a fonte, que nos aplaudam pelo que conquistamos. Não quero que tudo se resuma a uma conspiração obscura maquinada por Seldon, que, a meu ver, não tem nada de herói. Eu o considero uma ameaça maior do que o Mulo, se permitirmos que seu Plano se concretize. Pela Galáxia, quem dera o Mulo *tivesse* interrompido o Plano. E para sempre. Teríamos sobrevivido a ele. Ele era um ser único e deveras mortal. A Segunda Fundação parece imortal.

– Mas você adoraria destruir a Segunda Fundação, não é mesmo?

– Se soubesse como destruí-la!

– Como você não sabe, não acha bem provável que eles o

destruam?

– Cheguei a pensar que até a senhora poderia estar sob o controle deles – afirmou Trevize, desdenhoso. – Seu palpite acertado sobre o que a imagem de Seldon diria e a forma como me tratou depois poderiam vir da Segunda Fundação. A senhora poderia ser apenas um recipiente oco, repleto de conteúdo da Segunda Fundação.

– Então por que conversa comigo dessa maneira?

– Se a senhora estiver sob o controle da Segunda Fundação, estou perdido de qualquer forma, e assim pelo menos expurgo parte da raiva em mim; e porque, na realidade, aposto que a senhora *não* está sob controle, apenas não tem consciência do que está fazendo.

– Você ganha a aposta, de todo jeito. – respondeu Branno. – Não estou sob controle de ninguém além do meu próprio. Ainda assim, como pode ter certeza de que estou dizendo a verdade? Se estivesse sob o controle da Segunda Fundação, eu admitiria? Eu *saberia* que estou sob alguma influência? Mas nada temos a lucrar com essas perguntas. Acredito não estar sob controle, e você não tem escolha além de acreditar também. Mas considere isto: se a Segunda Fundação existir, é certo que sua maior necessidade é garantir que ninguém da Galáxia saiba de sua existência. O Plano Seldon funciona somente se as marionetes, nós, não souberem como o Plano funciona e como somos manipulados. O Mulo chamou a atenção da Fundação para a Segunda Fundação, e por isso ela foi destruída na época de Arkady. Ou devo dizer *quase* destruída, conselheiro? A partir desse ponto, podemos chegar a dois corolários. Primeiro, podemos razoavelmente supor que eles interferem, basicamente, tão pouco quanto podem. Podemos supor que seria impossível dominar a todos nós. Até mesmo a Segunda Fundação, se existe, deve ter limites de poder. Dominar alguns e permitir que outros percebam o fato causaria distorções no Plano. Consequentemente, chegamos à conclusão de que sua interferência é tão delicada, indireta e esparsa quanto possível. Logo, *não* estou sob controle. Nem você.

– Esse é um corolário que tendo a aceitar – afirmou Trevize. – Por causa do meu próprio otimismo, talvez. Qual é o outro?

– Algo mais simples e mais inevitável. Se a Segunda Fundação existe e deseja esconder o segredo dessa existência, uma coisa é certa. Qualquer pessoa que acreditar que ela ainda existe e falar sobre isso, e proclamar, e gritar para toda a Galáxia ouvir, deve, de alguma forma

sutil, ser removida o mais rápido possível, descartada, eliminada. Não seria essa a sua conclusão também?

– Foi por isso que me colocou sob custódia, senhora prefeita? – perguntou Trevize. – Para proteger-me da Segunda Fundação?

– De certa forma. Até certo ponto. A cuidadosa gravação que Liono Kodell fez de seus argumentos será tornada pública não apenas para evitar que as pessoas de Terminus e da Fundação sejam perturbadas desnecessariamente por seu tolo discurso, mas para evitar que a Segunda Fundação seja perturbada também. Se ela existir, não quero que a atenção dela se volte para você.

– Quem diria! – ironizou Trevize. – Para o meu próprio bem? Por meus adoráveis olhos castanhos?

Branno mexeu-se e, inesperadamente, riu em silêncio.

– Não sou tão velha, conselheiro – disse –, a ponto de não ter percebido seus adoráveis olhos castanhos. Há trinta anos, isso talvez tivesse sido motivo suficiente. Hoje, não moveria um milímetro para salvá-los, nem o resto do seu corpo, se fosse apenas isso que estivesse em jogo. Porém, se a Segunda Fundação existe e a atenção dela voltar-se em sua direção, é possível que não parem em você. Tenho minha vida a considerar e a vida de vários outros, mais inteligentes e valiosos do que você, e todos os planos que fizemos.

– Oh! Então acredita que a Segunda Fundação existe a ponto de reagir com tanto cuidado à possibilidade de uma retaliação?

– Claro que sim, seu tolo! – Branno desceu o punho na mesa à sua frente. – Se não soubesse que a Segunda Fundação existe, se não estivesse lutando contra eles com tanta força e eficiência quanto posso, daria alguma importância ao que você diz sobre tal assunto? Se a Segunda Fundação não existisse, você anunciar o contrário faria alguma diferença? Eu queria silenciá-lo meses antes que você fosse a público, mas não tinha o poder político para lidar agressivamente com um conselheiro. A aparição de Seldon foi positiva para mim e me garantiu o poder, mesmo que temporário; naquele mesmo momento, você *de fato* foi a público. Agi imediatamente, e darei a ordem para matá-lo sem nenhuma pontada de arrependimento ou microssegundo de hesitação, se você não fizer exatamente o que lhe for ordenado. Toda esta conversa, em uma hora em que eu preferia estar na cama, dormindo, foi planejada para levá-lo a acreditar em mim. Quero que saiba que o problema da Segunda Fundação, que tomei o cuidado de

você expor, me dá motivos e inclinação suficientes para condená-lo a um supressor cerebral, sem necessidade de processo judicial.

Trevize levantou-se parcialmente de seu assento.

– Oh, não tente fazer nada. Sou apenas uma velhota, como você certamente está dizendo a si mesmo, mas, antes que pudesse encostar um dedo em mim, estaria morto. Estamos sendo observados pelos meus homens, jovem tolo.

Trevize sentou-se.

– Não faz sentido – disse ele, levemente trêmulo. – Se a senhora acreditasse que a Segunda Fundação existe, não estaria falando sobre ela tão abertamente. Não se exporia aos perigos aos quais diz que estou me expondo.

– Reconhece, então, que tenho um pouco mais de bom-senso do que você, conselheiro. Em outras palavras, acredita que a Segunda Fundação existe, mas fala abertamente sobre isso, pois é insensato. Eu creio que ela existe, e também falo abertamente, mas apenas porque tomei precauções. Você parece ter lido a história de Arkady com atenção e deve lembrar-se de que ela fala sobre seu pai ter inventado o que ela chama de aparelho de Estática Mental. Funciona como um escudo contra o tipo de poder mental que a Segunda Fundação exerce. Ainda existe e foi aperfeiçoado, sob condições altamente confidenciais. Neste momento, esta casa está razoavelmente protegida contra intromissões. Com isso claro, deixe-me informá-lo sobre o que você irá fazer.

– E o que é?

– Você deverá descobrir se o que acreditamos ser verdade é mesmo verdade. Você deverá descobrir se a Segunda Fundação ainda existe e, se for o caso, onde está. Isso quer dizer que você deverá deixar Terminus e seguir para um destino que desconheço; mesmo que, no final das contas, como nos dias de Arkady, você descubra que a Segunda Fundação existe entre nós. Significa que não retornará até que tenha algo a nos dizer; e, se não tiver nada a dizer, nunca voltará, e a população de Terminus ficará com um tolo a menos.

– Como, por Terminus, é possível procurar por eles sem entregar a busca? – Trevize se viu gaguejando. – Eles simplesmente providenciarão uma morte para mim, e a senhora não estará mais bem informada do que antes.

– Então *não* procure por eles, criança ingênua. Procure por outra

coisa. Procure por outra coisa com toda a sua vontade, e se você encontrá-los no processo porque eles não prestaram nenhuma atenção à sua busca, que bom! Nesse caso, você nos enviará a informação por hiperondas protegidas e codificadas e poderá retornar, como recompensa.

– Suponho que a senhora tenha em mente algo que eu deva procurar.

– Tenho, evidentemente. Conhece Janov Pelorat?

– Nunca ouvi falar.

– Você o conhecerá amanhã. Ele lhe dirá o que você deve procurar e o acompanhará em uma de nossas naves mais avançadas. Serão somente vocês dois, pois dois já são risco suficiente. E se tentar voltar sem garantir que tem o conhecimento que queremos, será aniquilado no espaço antes de chegar a um parsec de distância de Terminus. Isso é tudo. Esta conversa está terminada.

Ela se levantou, observou suas mãos nuas e então lentamente vestiu suas luvas. Virou-se na direção da porta, por onde vieram dois guardas, de armas em punho. Eles deram passos para os lados para que ela passasse.

Na entrada, Branno se virou.

– Há outros guardas lá fora. Não faça nada que os incomode ou nos poupará do transtorno de sua existência.

– Assim ficará sem os benefícios que posso lhe trazer – disse Trevize, com esforço para manter a leveza.

– Estamos dispostos a arriscar – respondeu Branno, com um sorriso nada amigável.

4

Do lado de fora, Liono Kodell esperava por ela.

– Escutei a conversa toda, prefeita – disse Kodell. – A senhora foi extraordinariamente paciente.

– E estou extraordinariamente cansada. Parece que o dia teve setenta e duas horas. Você assume, daqui para frente.

– Assim o farei, mas, diga-me, havia mesmo um aparelho de Estática Mental na casa?

– Oh, Kodell – afirmou Branno, cansada –, você é mais inteligente

do que isso. Quais eram as chances de alguém estar vigiando? Você imagina que a Segunda Fundação esteja observando tudo, em todos os lugares, o tempo todo? Não sou jovem e romântica como Trevize; *ele* talvez acredite nisso tudo, mas eu não. E, mesmo se fosse o caso, se os olhos e os ouvidos da Segunda Fundação estão por toda parte, a presença de um AEM não teria nos entregado instantaneamente? Seu uso não teria mostrado à Segunda Fundação a existência de um escudo contra seus poderes, uma vez que detectassem uma região mentalmente opaca? O segredo da existência de tal escudo, até que estejamos prontos para usá-lo com aproveitamento máximo, vale mais do que não só Trevize, mas do que eu e você também. E, ainda assim...

Eles estavam no carro terrestre, com Kodell ao volante.

– E ainda assim? – perguntou Kodell.

– Ainda assim o quê? – disse Branno. – Oh, claro. Ainda assim, aquele jovem é inteligente. Eu o chamei de tolo de várias maneiras diferentes, meia dúzia de vezes, para mantê-lo em seu lugar, mas ele não é tolo. É jovem e leu romances de Arkady Darell demais, o que o fez acreditar que a Galáxia é daquele jeito, mas ele tem um discernimento veloz e será uma pena perdê-lo.

– A senhora tem certeza de que o perderemos?

– Sim, bastante – respondeu Branno, com tristeza. – De todo jeito, é melhor assim. Não precisamos de jovens românticos fazendo acusações cegas e destruindo em um instante, talvez, o que levamos anos para construir. Além disso, ele terá seu propósito. Certamente chamará a atenção dos membros da Segunda Fundação, sempre supondo que eles existem e que estão, de fato, preocupados com o que fazemos. E, enquanto eles estiverem ocupados com ele, talvez nos ignorem. Talvez possamos até ganhar algo além da vantagem de sermos ignorados. Eles podem inadvertidamente se revelar quando forem lidar com Trevize, e nos dar a oportunidade e o tempo para planejar medidas defensivas.

– Trevize, portanto, atrairá os raios.

– Ah, a metáfora que eu estava procurando – os lábios de Branno se contraíram. – Ele é nosso para-raios, absorvendo o impacto e nos protegendo dos danos.

– E esse Pelorat, que também estará na área atingida pelo relâmpago?

– Ele talvez também sofra. É inevitável.

– Bom, a senhora sabe o que Salvor Hardin costumava dizer – assentiu Kodell com a cabeça. – “Nunca deixe seu senso de moral impedi-lo de fazer o que é certo.”

– No momento, não tenho senso de moral – murmurou Branno. – Tenho senso de exaustão. Ainda assim, poderia listar várias pessoas que preferiria perder em vez de Golan Trevize. É um jovem atraente, e sabe disso, claro – suas últimas palavras foram engolidas enquanto ela fechava os olhos e caía em um sono leve.

3.

Historiador

1

Janov Pelorat tinha cabelos brancos e seu rosto, em repouso, parecia vazio. Raramente estava em algum estado além de repouso. Tinha estatura e peso médios e tendia a mover-se sem pressa e a falar com ponderação. Parecia consideravelmente mais velho do que seus cinquenta e dois anos.

Nunca tinha saído de Terminus, algo bastante incomum, especialmente para alguém de sua profissão. Ele mesmo não saberia dizer se seus hábitos sedentários eram por causa de, ou apesar de, sua obsessão por história.

A obsessão surgiu de maneira inesperada aos quinze anos, quando, durante uma indisposição, ganhou um livro de lendas antigas. Nele, encontrou o tema repetido de um mundo solitário e isolado, um mundo que não tinha nem consciência de seu isolamento, pois não conhecia nada além daquilo.

Sua indisposição começou a sumir imediatamente. Dentro de dois dias, tinha lido o livro três vezes e saíra da cama. No dia seguinte, estava em seu terminal de computador, pesquisando por arquivos que a Biblioteca da Universidade de Terminus pudesse ter sobre lendas similares.

Essas mesmas lendas o haviam mantido ocupado desde então. A Biblioteca da Universidade de Terminus não era, de maneira nenhuma, uma grande fonte sobre o tema, mas conforme envelhecia, provava o prazer dos empréstimos interbibliotecas. Tinha cópias impressas extraídas de sinais hiper-radiantes de locais tão remotos quanto Ifnia.

Tornou-se professor de história antiga e agora começava seu primeiro ano sabático – o qual havia requerido com a intenção de fazer uma viagem pelo espaço (sua primeira) até Trantor – trinta e

sete anos depois.

Pelorat tinha perfeita noção de que era deveras incomum uma pessoa de Terminus nunca ter estado no espaço. Nunca foi sua intenção ser conhecido por isso. O problema era que toda vez que havia a possibilidade de ir para o espaço, algum novo livro, algum novo estudo, alguma nova análise o encontrava. Ele adiava sua viagem até que tivesse esgotado o novo material e acrescentado, se possível, um item, fato, especulação ou imaginação à montanha de dados já coletados. No final, seu único arrependimento era que a viagem a Trantor, em especial, nunca tivesse sido feita.

Trantor tinha sido a capital do Primeiro Império Galáctico. Tinha sido o alicerce de imperadores por doze mil anos e, antes disso, a capital de um dos reinos pré-Império mais importantes, que tinha, pouco a pouco, conquistado ou então absorvido os outros reinados para estabelecer o Império.

Trantor tinha sido uma cidade que cobria um planeta, uma cidade revestida de metal. Pelorat havia lido sobre ela na obra de Gaal Dornick, que a visitara na época do próprio Hari Seldon. A publicação de Dornick não estava mais em circulação, e a que Pelorat possuía poderia ter sido vendida por um preço equivalente à metade do salário anual do historiador. Qualquer sugestão de que ele se separasse do livro o teria horrorizado.

No que dizia respeito a Trantor, o que mais atraía Pelorat era, obviamente, a Biblioteca Galáctica, que, em tempos imperiais (quando era a Biblioteca Imperial), era a maior na Galáxia. Trantor era a capital do maior e mais populoso Império que a humanidade havia testemunhado. Tinha sido uma única cidade global, com uma população que passava consideravelmente de quarenta bilhões de cidadãos, e sua biblioteca era a história reunida de todo o trabalho criativo (e não tão criativo) da humanidade; o resumo completo de seu conhecimento. E o conteúdo era computadorizado de forma tão complexa que eram necessários especialistas para lidar com os equipamentos.

O mais importante era que a biblioteca sobrevivera. Para Pelorat, era esse o grande assombro. Quando Trantor caiu e foi saqueada, quase dois séculos e meio atrás, sofreu uma terrível destruição; as histórias sobre miséria e morte humanas, ninguém ousaria repetir. Ainda assim, sobrevivera, protegida (dizia-se) pelos estudantes da

universidade, que utilizaram engenhosos armamentos. (Alguns acreditavam que a defesa dos estudantes acabou totalmente romantizada com o passar do tempo.)

De qualquer forma, a biblioteca resistira ao período de devastação. Ebling Mis fez sua pesquisa em uma biblioteca intacta em um mundo destruído quando quase localizou a Segunda Fundação (de acordo com a história na qual as pessoas da Fundação ainda acreditavam, mas que os historiadores sempre encararam com reservas). As três gerações de Darells – Bayta, Toran e Arkady – haviam estado, em um momento ou outro, em Trantor. Porém, Arkady não a visitara, e desde sua época a biblioteca não participou de nenhum momento da história galáctica.

Nenhum membro da Fundação esteve em Trantor em cento e vinte anos, mas não havia nenhum motivo para acreditar que a biblioteca não estivesse mais lá. O fato de não ter influenciado nenhum acontecimento histórico recente era prova suficiente de sua existência. Sua destruição certamente teria causado alvoroço.

A biblioteca era ultrapassada e arcaica – já era assim até mesmo nos tempos de Ebling Mis –, mas isso a tornava ainda melhor. Pelorat sempre esfregava as mãos, empolgado, quando pensava em uma biblioteca *antiga* e *ultrapassada*. Quanto mais velha e ultrapassada, mais era provável que contivesse o que ele buscava. Em seus sonhos, ele entrava e perguntava, alarmado e sem fôlego:

– A biblioteca foi modernizada? Vocês jogaram fora as fitas e as computadorizações antigas?

E imaginava sempre uma resposta de bibliotecários idosos e empoeirados:

– Assim como era, Professor, ainda é.

E agora seu sonho se tornaria realidade. A própria prefeita lhe havia garantido. Como ela soubera de seu trabalho, ele não tinha muita certeza. Não tinha conseguido publicar muitos ensaios. Pouco do que fazia era sólido o suficiente para uma publicação aceitável, e o que de fato saiu não deixou marcas. Ainda assim, diziam que Branno, a Bronze, sabia de tudo o que acontecia em Terminus e tinha olhos nas pontas de todos os dedos. Pelorat podia quase acreditar, mas, se ela conhecia o trabalho dele, por que não enxergou a relevância que tinha e ofereceu um pouco de apoio financeiro antes?

De alguma maneira, pensou com tanto rancor quanto podia sentir, a Fundação tem os olhos fixos inexoravelmente no futuro. O Segundo

Império e o destino da humanidade os arrebataram. Não tinham tempo, nem desejo, de examinar o passado – e ficavam irritados com os que o faziam.

Eram todos uns tolos, claro, mas Pelorat não conseguiria, sozinho, acabar com a insensatez. E talvez assim fosse melhor. Ele podia abraçar a grande causa com toda a sua alma e viria o dia em que seria reconhecido como o grande Pioneiro dos Importantes.

Isso significava, claro (e ele era intelectualmente honesto demais para recusar-se a reconhecer), que ele também estava obcecado pelo futuro – um futuro em que seria reconhecido; em que seria um herói comparável a Hari Seldon. Ele seria, na verdade, até maior; como a delineação de um futuro claramente visível com um milênio de idade poderia se comparar à delineação de um passado perdido com pelo menos vinte e cinco milênios de idade?

E este era o dia. *Este* era o dia.

A prefeita dissera que seria o dia depois da aparição da imagem de Seldon. Esse foi o único motivo pelo qual Pelorat ficou interessado pela crise Seldon, que, durante meses, ocupou todas as mentes em Terminus e quase todas as da Federação.

Para ele, não parecia fazer a mais ínfima diferença se a capital da Fundação permaneceria ali em Terminus ou se mudaria para outro lugar. E agora que a crise tinha sido resolvida, ele não sabia ao certo qual lado da questão Hari Seldon havia defendido ou se o problema em discussão havia até mesmo sido mencionado.

A única coisa que importava era que Seldon tinha aparecido e que, agora, *este* era o dia.

Havia passado das duas horas da tarde quando um carro terrestre estacionou na entrada da garagem de sua casa relativamente isolada, nos arredores do território de Terminus.

Uma das portas traseiras de correr foi aberta. Um guarda com o uniforme da Unidade de Segurança da prefeita desceu do veículo. Em seguida, um jovem e mais dois guardas.

Pelorat não conseguiu evitar a surpresa. A prefeita não apenas conhecia seu trabalho, mas claramente o considerava da mais alta importância. A pessoa que seria sua companheira tinha recebido uma guarda de honra, e prometeram a ele uma nave de primeira ordem que seu companheiro pudesse pilotar. Bastante lisonjeiro! Bastante...

A governanta de Pelorat abriu a porta. O jovem entrou e os dois

guardas se posicionaram nas laterais da entrada. Pela janela, Pelorat viu que o terceiro guarda permaneceu do lado de fora, e que um segundo carro terrestre tinha acabado de estacionar. Mais guardas!

Confuso!

Ele se virou e deparou com o jovem em sua sala, e ficou admirado ao reconhecer quem era. Ele o tinha visto em holotransmissões.

– Você é aquele membro do Conselho. Você é Trevize! – disse.

– Golan Trevize. Isso mesmo. Você é o professor Janov Pelorat?

– Sim, sim. Você é quem...

– Seremos companheiros de viagem – afirmou Trevize, inexpressivo. – Ou assim me disseram.

– Mas você não é um historiador.

– Não, não sou. Como você disse, sou um conselheiro, um político.

– Sim, sim. No que eu estava pensando? *Eu* sou um historiador, então qual a necessidade de outro? *Você* pode pilotar uma espaçonave.

– Sim, sou bom nisso.

– Bom, é *disso* que precisamos. Excelente. Receio não ser um pensador prático, meu jovem. Caso você o seja, formaremos um bom time.

– No momento – disse Trevize –, não estou encantado com a excelência de meu próprio raciocínio, mas parece que não temos escolha além de tentar formar um bom time.

– Vamos torcer, então, para que eu consiga superar minhas incertezas sobre o espaço. Sabe, conselheiro, nunca estive no espaço. Sou uma marmota, se este é o melhor termo. Aliás, gostaria de um copo de chá? Pedirei a Kloda que nos prepare algo. Afinal, pelo que me foi informado, ainda faltam algumas horas para partirmos. Mas já estou preparado. Tenho o necessário para nós dois. A prefeita tem sido *bastante* prestativa. Impressionante o interesse dela no projeto.

– Você sabia sobre tudo isso, então? Desde quando?

– A prefeita me abordou – Perolat franziu levemente o cenho e parecia estar fazendo alguns cálculos – duas, talvez três semanas atrás. Fiquei *extasiado*. E agora que tenho claro na cabeça que preciso de um piloto, e não de um segundo historiador, estou extasiado também que minha companhia seja você, caro colega.

– Duas, talvez três semanas atrás – repetiu Trevize, soando um pouco atordoado. – Então ela esteve preparada esse tempo todo. E eu... – sua voz sumiu.

– Desculpe, o que dizia?

– Nada, Professor. Tenho o mau hábito de murmurar para mim mesmo. É algo com que você deverá se acostumar, caso nossa viagem se estenda.

– E se estenderá. E se estenderá – afirmou Pelorat, apressando o outro até a mesa de jantar, onde um elaborado chá estava sendo preparado por sua governanta. – Sem prazo determinado. A prefeita disse para levarmos tanto tempo quanto quisermos e que a Galáxia está aberta diante de nós; seja qual for nosso destino, os recursos da Fundação estarão à disposição. Ela disse, claro, que devemos ser sensatos. E assim prometi.

Pelorat riu de leve, esfregou as mãos e continuou:

– Sente-se, meu caro colega, sente-se. Essa talvez seja nossa última refeição em Terminus por um bom tempo.

Trevize sentou-se.

– Você tem família, Professor? – perguntou.

– Tenho um filho. Está no corpo docente da Universidade de Santanni. Químico, acredito, ou algo do tipo. Ele puxou a mãe. Ela não está mais comigo há muito tempo, então, entende, não tenho responsabilidades, nada que me deixe refém do destino. Suponho que você também não tenha. Fique à vontade para pegar sanduíches, meu rapaz.

– Ninguém para me fazer refém no momento. Algumas mulheres. Elas vêm e vão.

– Sim, sim. É agradável quando isso funciona. Ainda mais agradável quando você descobre que não precisa levar a sério. Nenhum filho, presumo.

– Nenhum.

– Ótimo! Sabe, estou com um bom humor notável. Fiquei surpreso quando você entrou. Admito. Mas agora o considero muito empolgante. O que preciso é juventude e entusiasmo e alguém que saiba encontrar o próprio caminho na Galáxia. Estamos em uma busca, sabe? Uma busca extraordinária – o rosto plácido e a voz serena de Pelorat alcançaram uma animação incomum, sem nenhuma mudança específica em expressão ou entonação. – Eu me pergunto se lhe informaram sobre isso.

– Uma busca extraordinária? – os olhos de Trevize se estreitaram.

– Sim, de fato. Uma joia de valor inestimável está escondida entre

as dezenas de milhões de mundos habitados na Galáxia e não temos nada além das pistas mais tênues para nos guiar. Mas será um prêmio incrível se conseguirmos encontrá-la. Se você e eu conseguirmos esse feito, meu jovem, ou melhor, Trevize, pois não é minha intenção ser condescendente, nossos nomes ressoarão pelas eras até o final dos tempos.

– O prêmio ao qual se refere, essa joia de valor inestimável...

– Estou parecendo Arkady Darell... a escritora, sabe, falando sobre a Segunda Fundação, não estou? Não é à toa que você parece chocado – Pelorat inclinou a cabeça para trás, como se fosse cair na gargalhada, mas apenas sorriu. – Nada tão tolo e sem importância, eu garanto.

– Se você não se refere à Segunda Fundação, Professor – respondeu Trevize –, do que está falando?

– Ah, então a prefeita não lhe contou? – Pelorat pareceu repentinamente solene, até mesmo apologético. – Isso é curioso, sabe? Passei décadas ressentido com o governo e sua incapacidade de entender o que estou fazendo, e agora a prefeita Branno está sendo incrivelmente generosa.

– Sim – afirmou Trevize, sem tentar esconder qualquer entonação de ironia. – Ela é uma mulher de singular filantropia oculta, mas não me falou sobre nada disso.

– Então você não sabe sobre minha pesquisa?

– Não. Lamento.

– Não há necessidade de se desculpar. Sem problema algum. Meu trabalho não chegou a causar alvoroço. Então deixe-me explicá-lo. Nós vamos procurar (e encontrar, pois tenho em mente grandes possibilidades) a Terra.

2

Trevize não dormiu bem naquela noite.

Tentou encontrar repetidamente pontos fracos na prisão que a velhota construíra em torno dele. Não encontrou saída em lugar nenhum.

Estava sendo forçado ao exílio e não podia fazer nada para se defender. Ela havia sido calmamente inexorável e não se dera ao

trabalho nem de mascarar a inconstitucionalidade de tudo aquilo. Ele havia se apoiado em seus direitos como conselheiro e como cidadão da Federação, e ela não se dignara nem a reconhecê-los.

E agora esse tal de Pelorat, esse excêntrico acadêmico que parecia instalado no mundo sem fazer parte dele, contou que a temível velhota vinha tomando providências havia semanas.

Ele se sentia o “fedelho” de que ela o chamara.

Seria exilado com um historiador que ficava “caro colegando-o” e que parecia em êxtase de felicidade para dar início a uma busca galáctica pela... Terra?

O que, pelo amor da vovó do Mulo, era “Terra”?

Ele tinha perguntado. Pois claro! Perguntou no momento em que foi mencionada.

– Perdoe-me, professor – dissera Trevize –, sou ignorante em sua especialidade e tenho fé de que não ficará incomodado se eu pedir uma explicação em termos leigos. O que é Terra?

Pelorat o encarara com gravidade enquanto vinte segundos passaram lentamente.

– É um planeta – respondera. – O planeta original. Aquele em que os humanos surgiram, meu caro colega.

– Surgiram? – indagara Trevize. – De onde?

– De lugar nenhum. É o planeta onde a humanidade se desenvolveu por meio de processos evolutivos a partir de animais menores.

Trevize pensara no assunto e negara com a cabeça.

– Não sei do que está falando – dissera.

Uma expressão aborrecida passara rapidamente pelo rosto de Pelorat. Ele limpara a garganta.

– Houve uma época em que não havia humanos em Terminus – afirmara. – Foi colonizado por seres humanos de outros mundos. Suponho que saiba disso?

– Sim, claro – dissera Trevize, impaciente. Estava irritado com a repentina presunção pedagógica do outro.

– Pois bem. É válido para todos os outros mundos. Anacreon, Santanni, Kalgan, todos eles. Foram todos, em algum momento do passado, *fundados*. Pessoas chegaram ali vindas de outros mundos. É verdade até mesmo para Trantor. Tem sido uma imensa metrópole por vinte mil anos, mas, antes disso, não era.

– Por quê? O que era antes?

– Vazia! Pelo menos, de seres humanos.
– Difícil de acreditar.
– É fato. Os registros antigos provam.
– De onde vieram as pessoas que colonizaram Trantor?
– Ninguém sabe ao certo. Há centenas de planetas que afirmam terem sido povoados nas turvas neblinas da antiguidade e cujos povos narram extravagantes contos sobre a natureza da chegada dos primeiros seres humanos. Historiadores tendem a desconsiderar coisas do tipo e a meditar sobre a "Questão da Origem".
– O que é? Nunca ouvi falar.
– Isso não me surpreende. Atualmente, não é um problema histórico popular, admito, mas houve uma época, durante a decadência do Império, em que despertou certo interesse entre intelectuais. Salvor Hardin o menciona brevemente em suas memórias. É a questão da identidade e da localização do planeta em que tudo começou. Se olharmos o passado regressivamente, a humanidade flui de maneira centrífuga dos mundos estabelecidos mais recentemente para mundos mais antigos, e para outros mais antigos ainda, até que tudo se concentra em apenas um: o original.
Trevize pensara imediatamente na falha óbvia do argumento.
– Não seria possível existir um número maior de originais? – perguntara.
– Claro que não. Todos os seres humanos em toda a Galáxia são uma única espécie. Uma única espécie *não pode* se originar em mais de um planeta. Impossível.
– Como você sabe?
– Em primeiro lugar... – Pelorat tocara o indicador de sua mão esquerda com o de sua mão direta para iniciar uma contagem, mas então pareceu desistir do que certamente seria uma longa e intrincada exposição. Relaxara os braços e dissera, com grande seriedade:
– Meu caro colega, tem minha palavra de honra.
– Não sonharia em duvidar dela, professor Pelorat – Trevize curvara-se para a frente de maneira formal. – Digamos, então, que exista um planeta de origem. Mas não existiriam centenas que reivindicariam tal honra?
– Não apenas existiriam; *existem*. Porém, nenhuma das reivindicações tem mérito. Nenhuma daquelas centenas que aspiram ao crédito de prioridade mostra algum sinal de sociedade pré-

hiperespaço, muito menos traços de evolução humana a partir de organismos pré-humanos.

– Então você diz que *existe* um planeta de origem, mas que, por algum motivo, ele não reivindica tal *status*?

– Acertou em cheio.

– E você buscará por ele?

– Nós buscaremos. É nossa missão. A prefeita Branno planejou tudo. Você pilotará nossa nave até Trantor.

– Trantor? Não é o planeta de origem. Você mesmo disse, agora há pouco.

– Claro que não é Trantor. É a Terra.

– Então por que não me diz para pilotar a nave até a Terra?

– Não estou sendo claro. Terra é um nome lendário. É venerado em mitos antigos. Não tem um significado do qual possamos ter certeza, mas é conveniente usar a palavra como um sinônimo de duas sílabas para "o planeta de origem da espécie humana". O planeta no espaço real que estamos definindo como "Terra" não é conhecido.

– Saberão em Trantor?

– Certamente espero encontrar informações por lá. Trantor possui a Biblioteca Galáctica, a maior em todo o sistema.

– Aquela biblioteca decerto foi vasculhada pelas pessoas que você disse terem manifestado interesse pela "Questão da Origem" na época do Primeiro Império.

– Sim – concordara Pelorat, pensativamente –, mas talvez não com profundidade suficiente. Aprendi bastante sobre a "Questão da Origem" que os imperiais de cinco séculos atrás talvez não soubessem. Eu talvez consiga vasculhar os arquivos antigos com mais compreensão, entende? Tenho pensado no assunto há muito tempo, e tenho excelentes possibilidades em mente.

– Suponho que tenha contado tudo isso à prefeita Branno, e que ela aprovou?

– Aprovou? Meu caro colega, ela ficou maravilhada. Disse-me que Trantor era, com certeza, o lugar para descobrir tudo o que preciso saber.

– Sem dúvida – murmurara Trevize.

A conversa foi parte do que o manteve acordado naquela noite. A prefeita Branno o estava enviando para descobrir o que pudesse sobre a Segunda Fundação. Estava mandando-o com Pelorat para que o

historiador talvez mascarasse o objetivo verdadeiro com a falsa busca pela Terra, uma busca que poderia levá-lo a qualquer ponto da Galáxia. Na verdade, era uma cobertura perfeita, e ele admirou a engenhosidade da prefeita.

Mas Trantor? Qual o sentido? Uma vez que estivessem em Trantor, Pelorat conseguiria entrar na Biblioteca Galáctica e nunca mais sairia. Com infinitas pilhas de livros, filmes e gravações, com inúmeras computadorizações e representações simbólicas, ele certamente nunca mais iria querer sair de lá.

Além disso...

Certa vez, Ebling Mis foi a Trantor, na época do Mulo. A história dizia que ele descobrira a localização da Segunda Fundação ali e que tinha morrido antes de revelá-la. Arkady Darell também esteve ali e também conseguiu localizar a Segunda Fundação. Mas a localização que descobriu era em Terminus, e, ali, o ninho de membros da Segunda Fundação fora destruído. Onde quer que a Segunda Fundação estivesse *agora*, seria em qualquer outro lugar, então o que mais Trantor teria a dizer? Se procuravam pela Segunda Fundação, era melhor ir a qualquer lugar *menos* Trantor.

Além disso...

Ele não sabia quais eram os outros planos de Branno, mas não estava inclinado a bater continência. Quer dizer que Branno ficara maravilhada com uma viagem a Trantor? Bom, se Branno queria Trantor, eles não iriam para Trantor! Qualquer lugar. Mas não Trantor!

Exausto, com a noite à beira do amanhecer, Trevize finalmente caiu em um sono vacilante.

3

O dia seguinte à prisão de Trevize foi um bom dia para a prefeita Branno. Ela foi aclamada muito além do que era merecedora, e o incidente não foi mencionado.

Ainda assim, Branno tinha plena consciência de que o Conselho logo emergiria de sua apatia e que questões seriam levantadas. Precisava agir rapidamente. Assim, colocando incontáveis assuntos importantes de lado, investiu na questão Trevize.

No momento em que Trevize e Pelorat discutiam sobre a Terra, Branno estava diante do conselheiro Munn Li Compor no gabinete da prefeita. Quando ele se sentou do outro lado da mesa, perfeitamente à vontade, ela o analisou mais uma vez.

Ele era menor e mais esguio do que Trevize, e apenas dois anos mais velho. Ambos eram conselheiros novatos, jovens e impetuosos, o que talvez tenha sido a única coisa que os aproximara, pois eram distintos em todos os outros aspectos.

Enquanto Trevize parecia irradiar uma intensidade furiosa, Compor brilhava com uma autoconfiança quase serena. Talvez fossem seus cabelos loiros e os olhos azuis, bastante incomuns entre os cidadãos da Fundação. Essas características davam a ele uma delicadeza quase feminina, que (assim julgou Branno) o faziam menos atraente às mulheres do que Trevize. Mas ele era evidentemente vaidoso e as aproveitava ao máximo, usando seu cabelo comprido e garantindo que estivesse ondulado com esmero. Usava uma leve sombra azul sob as sobrancelhas para acentuar a cor dos olhos (sombras de vários tons tinham se tornado comuns entre homens, nos últimos dez anos).

Não se tratava de um mulherengo. Vivia tranquilamente com sua esposa, mas ainda não tinha demonstrado interesse em paternidade e não havia evidências de uma segunda companheira secreta. Isso também era diferente de Trevize, que mudava de companheira com tanta frequência quanto trocava as extravagantes faixas de tecido pelas quais era notório.

Havia pouco sobre os dois jovens conselheiros que o departamento de Kodell não havia descoberto, e o próprio Kodell estava sentado em um dos cantos da sala, quieto, exalando um confortável bom humor, como de costume.

– Conselheiro Compor – disse Branno –, você prestou um bom serviço à Fundação, mas, infelizmente, não é o tipo de serviço que possa ser elogiado em público nem recompensado de maneiras tradicionais.

Compor sorriu. Tinha dentes retos e brancos, e Branno se perguntou, distraída por um breve instante, se todos os habitantes do Setor Sirius seriam daquele jeito. A história de Compor, sobre descender daquela região específica, deveras suburbana, voltava até sua avó materna, que também tinha sido loira de olhos azuis e que defendia que *sua* mãe fora do Setor Sirius. Porém, de acordo com

Kodell, não havia nenhuma prova concreta desse fato.

Do jeito que as mulheres eram, dissera Kodell na ocasião, ela teria falado sobre ancestrais distantes e exóticos para se tornar mais fascinante e acentuar sua formidável atratividade.

"É assim que são as mulheres?", perguntara Branno secamente, e Kodell sorriu e murmurou que estava se referindo a mulheres comuns, evidentemente.

Compor disse:

– Não é necessário que as pessoas da Fundação reconheçam meu serviço. Apenas que *a senhora* reconheça.

– Reconheço e não esquecerei. O que também não farei é deixá-lo presumir que suas obrigações estão terminadas. Você seguiu por um caminho complicado e deve continuar nele. Queremos mais sobre Trevize.

– Contei-lhe tudo o que sei sobre ele.

– Isso talvez seja o que você gostaria que eu acreditasse. Talvez seja até o que acredita com honestidade. De qualquer maneira, responda às minhas perguntas. Conhece um cavalheiro chamado Janov Pelorat?

Por um momento, a testa de Compor enrugou-se, e quase instantaneamente suavizou-se.

– Talvez o reconhecesse, se o visse – respondeu cautelosamente –, mas o nome não desperta nenhuma associação em minha mente.

– Trata-se de um erudito.

A boca de Compor arredondou-se em um desdenhoso, mas mudo "Oh?", como se estivesse surpreso que a prefeita esperasse que ele conhecesse eruditos.

– Pelorat é uma pessoa interessante que, por motivos próprios, tem a ambição de visitar Trantor – disse Branno. – O conselheiro Trevize irá acompanhá-lo. Agora, considerando que você foi um bom amigo de Trevize e talvez conheça sua estrutura de raciocínio, diga-me. Você acha que Trevize consentirá com a viagem à Trantor?

– Se a senhora garantir que Trevize entre na nave – respondeu Compor –, e que a nave seja pilotada a Trantor, o que poderia fazer além de ir para lá? A senhora certamente não está sugerindo que ele armaria um motim e dominaria a nave.

– Você não entende. Ele e Pelorat estarão sozinhos na nave, e será Trevize nos controles.

– A senhora está perguntando se ele iria voluntariamente a

Trantor?

– Sim, é o que estou perguntando.

– Senhora prefeita, como é possível que eu saiba o que ele fará?

– Conselheiro Compor, você esteve próximo de Trevize. Sabe sobre sua crença na existência da Segunda Fundação. Ele nunca conversou com você sobre teorias de onde ela poderia existir, de onde poderia ser encontrada?

– Nunca, senhora prefeita.

– Você acredita que ele a encontrará?

Compor riu cinicamente.

– Acredito que a Segunda Fundação, onde quer que tenha existido e independente de sua importância – disse –, foi dizimada na época de Arkady Darell. Acredito nessa história.

– De fato? Se for esse o caso, por que traiu seu amigo? Se ele estava procurando por algo que não existe, que mal poderia ter feito ao manifestar suas excêntricas teorias?

– Não é apenas a verdade que pode causar danos – respondeu Compor. – Suas teorias talvez fossem apenas excêntricas, mas poderiam ter perturbado o povo de Terminus e, ao introduzir dúvidas e medos em relação ao papel da Fundação no grande drama da história galáctica, teriam enfraquecido sua liderança da Federação e seus sonhos de um Segundo Império Galáctico. A senhora claramente também pensou nisso, ou não teria declarado sua prisão na tribuna do Conselho e não estaria forçando-o ao exílio sem julgamento. Se a senhora me permite perguntar, prefeita, por que fez isso?

– Digamos que fui cautelosa o suficiente para me questionar se havia a mais ínfima chance de ele estar certo, e que a expressão de suas opiniões poderia ser ativa e diretamente perigosa.

Compor ficou em silêncio.

– Concordo com você – afirmou Branno –, mas sou forçada, pelas responsabilidades de meu cargo, a considerar a possibilidade. Deixe-me perguntar novamente. Você tem alguma indicação de onde ele poderia supor que a Segunda Fundação estaria, e para onde iria?

– Nenhuma.

– Ele nunca fez sugestões nesse sentido?

– Não, evidentemente.

– Nunca? Não descarte a possibilidade de imediato. Pense! Nunca?

– Nunca – respondeu Compor, com firmeza.

– Nenhuma alusão? Nenhum comentário casual? Nenhum indício? Nenhuma abstração reflexiva sobre determinado assunto que ganhe significado se você pensar melhor?

– Nada. Estou dizendo, senhora prefeita, os sonhos de Trevize sobre a Segunda Fundação são grandes nebulosas. A senhora sabe disso, e não faz nada além de desperdiçar tempo e energia ao conjecturar sobre o assunto.

– Por acaso você está repentinamente mudando de lado mais uma vez e protegendo o amigo que entregou às minhas mãos?

– Não – respondeu Compor. – Entreguei Trevize à senhora pelo que me pareceram razões boas e patrióticas. Não tenho motivos para me arrepender do que fiz, nem para mudar de atitude.

– Então não pode me dar nenhuma pista de onde ele poderia ir, uma vez que tenha uma espaçonave à disposição?

– Como já disse...

– E ainda assim, conselheiro – neste momento, as linhas do rosto da prefeita se acentuaram para fazê-la parecer melancólica –, eu gostaria de saber para onde ele irá.

– Nesse caso, acredito que a senhora deveria colocar um hipertransmissor na espaçonave.

– Pensei nessa possibilidade, conselheiro. Porém, ele é um homem desconfiado e suspeito que vai encontrá-lo, por mais engenhosa que seja a instalação. Evidentemente, poderia ser colocado de forma que Trevize não possa removê-lo sem incapacitar a nave e seja forçado a deixá-lo no lugar...

– Uma excelente ideia.

– Exceto que – respondeu Branno – ele ficaria inibido. Talvez não fosse para onde iria, se acreditasse estar livre e desimpedido. As informações que eu receberia seriam inúteis.

– Nesse caso, a senhora aparentemente não poderá descobrir para onde ele irá.

– Pretendo descobrir, pois vou agir de modo bastante primitivo. Uma pessoa que espera pelo totalmente sofisticado e que se protege disso está deveras inclinada a ignorar o primitivo. Penso em mandar alguém seguir Trevize.

– Seguir?

– Exato. Outro piloto em outra espaçonave. Vê como ficou chocado com o raciocínio? Ele ficaria igualmente chocado. Talvez não lhe

ocorra escanear o espaço em busca de uma massa que o esteja seguindo, e, de qualquer forma, vamos garantir que sua nave não esteja equipada com nossos equipamentos mais modernos de detecção de massas.

– Senhora prefeita – disse Compor –, falo com todo o respeito possível, mas devo apontar que a senhora não tem experiência com voos espaciais. Mandar uma nave seguir outra nunca é feito porque não funciona. Trevize escapará no primeiro Salto pelo hiperespaço. Mesmo que não saiba que está sendo seguido, o primeiro Salto será o caminho para a liberdade. Se não tiver um hipertransmissor na nave, não poderá ser rastreado.

– Reconheço minha falta de experiência. Diferentemente de você e Trevize, não tive treinamento naval. Contudo, fui informada por meus consultores (que *tiveram* tal treinamento) que, se uma nave for observada imediatamente antes de um Salto, sua direção, velocidade e aceleração permitem que se deduza a direção do Salto, de maneira geral. Com um bom computador e uma excelente capacidade de discernimento, um perseguidor pode duplicar o Salto de maneira próxima o suficiente para recuperar o rastro do outro lado, especialmente se o perseguidor tiver um bom detector de massas.

– Isso talvez aconteça uma vez – afirmou Compor, energicamente –, até duas, se o perseguidor for muito sortudo, e só. Não se pode depender de coisas assim.

– Talvez possamos. Conselheiro Compor, você fez corridas hiperespaciais em sua época. Entenda, sei muitas coisas sobre você. Você é um excelente piloto e fez coisas incríveis quando se tratava de seguir um adversário em um Salto.

Os olhos de Compor se esbugalharam. Ele quase se contorceu na cadeira.

– Eu estava na faculdade na época. Sou mais velho agora.

– Mas não é velho demais. Não tem nem trinta e cinco ainda. Consequentemente, você *vai* seguir Trevize, conselheiro. Aonde quer que ele vá, você o seguirá, e me manterá informada. Partirá logo após Trevize, e ele deixará o planeta em poucas horas. Se recusar a missão, conselheiro, será preso por traição. Se entrar na nave que providenciaremos e não segui-lo, não precisa se dar ao trabalho de voltar. Será aniquilado em pleno espaço, se tentar.

Compor levantou-se abruptamente.

– Tenho uma vida a manter. Tenho trabalho a fazer. Tenho uma esposa. Não posso abandonar tudo.

– Mas precisará. Nós, que escolhemos servir à Fundação, devemos estar preparados a todo momento para servi-la em situações demoradas e desconfortáveis, caso seja necessário.

– Minha esposa deve ir comigo, evidentemente.

– Acha que eu sou idiota? Ela fica aqui, *evidentemente*.

– Como refém?

– Se a palavra lhe apetecer. Prefiro dizer que você estará em perigo e meu bondoso coração quer que ela fique aqui, onde não há perigo. Não há espaço para discussão. Você está sob ordem de prisão, assim como Trevize, e tenho certeza de que entende que devo agir rapidamente, antes que a euforia que encobre Terminus se dissipe. Receio que, em breve, minha estrela estará cadente.

4

– A senhora foi bastante rígida com ele, senhora prefeita – disse Kodell.

– Por que deveria ser diferente? – respondeu a prefeita, aspirando pelo nariz. – Ele traiu um amigo.

– O que foi útil para nós.

– Sim, do jeito que aconteceu. Mas sua próxima traição talvez não seja.

– Por que haveria outra?

– Vamos lá, Liono – disse Branno, impaciente –, não faça esse jogo comigo. Qualquer pessoa que mostre inclinação à deslealdade deve ser, para sempre, suspeita de recorrência.

– Ele pode ser desleal e se unir a Trevize mais uma vez. Juntos, eles talvez...

– Você não acredita nisso. Com todas as suas tolices e ingenuidades, Trevize segue desmedidamente para atingir seu objetivo. Ele não compreende traição e nunca, sob nenhuma circunstância, confiará novamente em Compor.

– Perdoe-me, prefeita – respondeu Kodell –, mas deixe-me ter certeza de que acompanho seu raciocínio. Até que ponto, então, *a senhora* pode confiar em Compor? Como sabe que ele seguirá Trevize e

nos informará com honestidade? A senhora conta com o medo pelo bem-estar da esposa como garantia? Seu desejo de retornar a ela?

– Ambos são fatores importantes, mas não me baseio totalmente neles. Haverá um hipertransmissor na nave de Compor. Trevize suspeitaria de perseguição e procuraria por ele. Mas presumo que Compor, no papel do perseguidor, não suspeitaria e não procuraria. Se ele o fizer e se encontrar o aparelho, então precisaremos usar o trunfo da esposa, claro.

– E pensar que já precisei ensinar-lhe alguma coisa – riu-se Kodell. – E o propósito da perseguição?

– Uma camada dupla de proteção. Se Trevize for pego, talvez seja Compor que continue a busca e nos dê as informações que Trevize não puder nos dar.

– Mais uma pergunta. E se, por alguma sorte, Trevize encontrar a Segunda Fundação e soubermos disso por meio dele ou de Compor, ou se obtivermos motivos para suspeitar de sua existência... mesmo que com a morte dos dois?

– Espero que a Segunda Fundação *de fato* exista, Liono – ela respondeu. – De qualquer forma, o Plano Seldon não nos será útil por muito mais tempo. O grande Hari Seldon o idealizou nos últimos dias do Império, quando os avanços tecnológicos estavam praticamente parados. Seldon era um produto de seu tempo e, por mais brilhante que sua quase mítica ciência da psico-história tenha sido, não poderia se desenvolver muito além. Certamente não permitiria avanços tecnológicos *velozes*. A Fundação tem feito justamente isso, em especial no último século. Temos equipamentos de detecção de massas de um tipo inimaginável no passado, computadores que podem reagir a pensamentos e, acima de tudo, blindagem mental. A Segunda Fundação não poderá nos controlar por muito mais tempo, se é que consegue atualmente. Desejo, em meus últimos anos no poder, ser aquela que dará início a um novo rumo para Terminus.

– E se não houver uma Segunda Fundação?

– Iniciaremos um novo rumo imediatamente.

5

O inquieto sono que enfim envolveu Trevize não durou muito

tempo. Um toque em seu ombro repetiu-se uma segunda vez.

Trevize levantou-se subitamente, com a vista turva e totalmente incapaz de entender o que fazia em uma cama estranha.

– Que... o quê?

– Lamento, conselheiro Trevize – disse Pelorat, desculpando-se. – Você é meu convidado e devo oferecer-lhe descanso, mas a prefeita está aqui.

Pelorat estava de pé ao lado da cama, com um pijama de flanela e tremendo levemente por causa do frio. Os sentidos de Trevize saltaram para um estado de exausta vigilância e ele se lembrou.

A prefeita estava na sala de Pelorat, parecendo tão tranquila quanto sempre. Kodell estava com ela, cofiando suavemente seu bigode branco.

Trevize ajustou sua faixa à posição mais confortável e se perguntou quanto tempo aqueles dois, Branno e Kodell, passavam longe um do outro.

– O Conselho já se recuperou? – perguntou Trevize, irônico. – Os membros estão preocupados com a ausência de um dos seus?

– Há sinais de atividade, sim, mas nada suficiente para ajudá-lo – respondeu a prefeita. – Não há nada além do fato de eu ainda ter o poder de forçá-lo a ir embora. Vocês serão levados ao Espaçoporto Remoto...

– Não ao Espaçoporto de Terminus, senhora prefeita? Serei privado de uma despedida apropriada diante de uma multidão chorosa?

– Vejo que recuperou sua predileção por asneiras adolescentes, conselheiro, e fico feliz. Apazigua o que poderia ser uma crescente pontada de dor na consciência. No Espaçoporto Remoto, você e o professor Pelorat partirão silenciosamente.

– E nunca mais voltaremos?

– E talvez nunca mais voltem. Evidentemente – nesse momento, ela sorriu por um instante –, se descobrirem algo de importância e utilidade tão grandes que até eu ficaria feliz de recebê-los de volta com as informações, vocês voltarão. Talvez sejam até considerados dignos de honra.

– Pode acontecer – Trevize concordou com a cabeça, de maneira casual.

– Praticamente qualquer coisa *pode* acontecer. De todo modo vocês ficarão confortáveis. Terão acesso a um cruzador compacto, o *Estrela*

Distante, nomeado em homenagem ao cruzador de Hober Mallow. Basta uma pessoa para comandá-lo, mas acomoda até três com razoável conforto.

Trevize foi arrancado de seu humor leve e cuidadosamente simulado.

– Totalmente armado?

– Desarmado, mas totalmente equipado. Para onde quer que sigam, serão cidadãos da Fundação e haverá sempre um cônsul a quem recorrer. Portanto, não haverá necessidade de armas. Terão acesso a fundos conforme for preciso... mas não fundos ilimitados, devo acrescentar.

– A senhora é generosa.

– Sei disso, conselheiro. Mas, entenda o que digo. O senhor está ajudando o professor Pelorat a buscar pela Terra. O que quer que *pense* estar procurando, está procurando a *Terra*. Todos que vocês encontrarem devem entender esse fato. E lembre-se sempre de que o *Estrela Distante não* tem armamentos.

– Estou procurando a Terra – respondeu Trevize. – Entendo perfeitamente.

– Devem partir agora.

– Perdoe-me, mas certamente há mais nessa questão do que o que conversamos. Pilotei naves no passado, mas nunca tive experiência com um cruzador compacto de última linha. E se não conseguir pilotá-lo?

– Fui informada de que o *Estrela Distante* é totalmente computadorizado. Antes que pergunte, você não precisa saber como comandar o computador de uma nave de última linha. Ele mesmo informará tudo o que você precisa saber. Algo mais de que necessite?

Trevize olhou para si mesmo pesarosamente.

– Uma muda de roupas – disse.

– Encontrará a bordo da nave. Inclusive essas cintas que usa, ou faixas, ou qualquer que seja o nome. O professor também está abastecido com o que precisa. Tudo o que é aceitável já está a bordo, mas apresso-me a acrescentar que isso *não* inclui companhia feminina.

– Pena – afirmou Trevize. – Seria agradável, mas também não tenho nenhuma boa candidata no momento. Ainda assim, presumo que a Galáxia seja populosa e que, uma vez longe daqui, poderei fazer o que bem entender.

– No que diz respeito à companhia? Fique à vontade.

Ela se levantou solenemente.

– Não vou acompanhá-los ao espaçoporto – afirmou –, mas alguém o fará. Não faça nada que não tenha sido ordenado a fazer. Acredito que eles o matarão se fizer esforços para fugir. O fato de eu não estar com eles eliminará qualquer inibição.

– Não tomarei nenhuma atitude não autorizada, senhora prefeita, mas, uma coisa...

– Pois não?

Trevize vasculhou sua mente com rapidez e disse, enfim, com um sorriso que torcia para não parecer forçado:

– Chegará o dia, senhora prefeita, em que a senhora irá pedir-me para tomar uma atitude. Farei o que achar melhor, mas me lembrarei dos últimos dois dias.

– Poupe-me do melodrama – suspirou a prefeita Branno. – Se o dia vier, virá, mas, por enquanto, não estou *pedindo* nada.

4.

Espaço

1

A ESPAÇONAVE TINHA UM ASPECTO muito mais impressionante do que esperava Trevize, que se lembrava da época em que a nova classe de cruzadores fora divulgada de maneira gritante.

Não era o tamanho que impressionava, pois era consideravelmente pequena. Fora projetada para maneabilidade e velocidade, para motores totalmente gravitacionais e, acima de tudo, para computadorização avançada. Não precisava ter tamanho – tamanho anularia seu propósito.

Era um equipamento para um homem só que poderia substituir, com vantagem, as naves mais antigas, que requeriam tripulações de uma dúzia ou mais. Com uma segunda ou até terceira pessoa para estabelecer turnos de pilotagem, tal nave poderia rechaçar uma flotilha não-Fundação, mesmo se composta por espaçonaves muito maiores. Além disso, poderia superar a velocidade e escapar de qualquer outra nave que existisse.

Havia um refinamento que a distinguia – nenhuma linha desperdiçada, nenhuma curva supérflua, dentro ou fora. Cada metro cúbico de espaço era aproveitado ao máximo, o que criava uma aura paradoxal de amplidão interna. Nada do que a prefeita pudesse ter dito sobre a importância de sua missão teria impressionado Trevize mais do que a nave com a qual ele fora ordenado a cumpri-la.

Branno, a Bronze, o manipulara a se envolver em uma perigosa missão da mais alta importância, pensou Trevize, martirizando-se. Ele não teria aceitado com tanta determinação se ela não tivesse arranjado a sequência de eventos para fazê-lo *querer* provar a ela do que era capaz.

Já Pelorat foi tomado por admiração e espanto.

– Você acreditaria – afirmou, tocando a fuselagem gentilmente com

o dedo, ainda do lado de fora – se eu dissesse que nunca estive perto de uma espaçonave?

– Se assim o disser, claro que acreditaria, professor. Mas como conseguiu?

– Não saberia explicar, para ser sincero com você, caro col..., quero dizer, meu caro Trevize. Presumo que estive concentrado demais em minha pesquisa. Quando sua casa tem um computador extraordinário, capaz de alcançar outros computadores em qualquer ponto da Galáxia, você raramente precisa se deslocar, sabe? Mas, de algum jeito, eu esperava que espaçonaves fossem maiores do que isso.

– Este é um modelo pequeno, mas, ainda assim, é muito maior no interior do que qualquer outra nave desse tamanho.

– Como é possível? Você está satirizando minha ignorância.

– Não, não. Falo sério. Esta é uma das primeiras naves completamente gravitacionadas.

– O que isso quer dizer? Mas, por favor, não explique se forem necessários extensos conceitos de física. Acreditarei na sua palavra, assim como acreditou na minha ontem, em relação à raça única da humanidade e ao único planeta de origem.

– Vamos tentar, professor Pelorat. Ao longo de todos os milhares de anos de viagens espaciais, tivemos motores químicos, motores iônicos e motores hiperatômicos, e todos eles eram volumosos. A antiga Frota Imperial tinha naves de quinhentos metros de extensão, com menos espaço interno do que um apartamento pequeno. Felizmente, a Fundação especializou-se em miniaturização ao longo de todos os séculos de sua existência graças à sua carência de recursos materiais. Esta nave é o auge. Utiliza a antigravidade, e o aparelho que torna isso possível ocupa virtualmente nenhum espaço e está, na realidade, embutido na fuselagem. Se não fosse assim, ainda precisaríamos do motor hiperatômico...

Um guarda aproximou-se e disse:

– Os senhores precisam embarcar, cavalheiros!

A luz surgia no céu, apesar de ainda faltar meia hora para a alvorada.

Trevize olhou à sua volta.

– Minha bagagem foi embarcada?

– Sim, conselheiro, o senhor encontrará a nave totalmente equipada.

– Com roupas que não são do meu tamanho e tampouco do meu gosto, presumo.

O guarda sorriu repentinamente e de maneira quase infantil.

– Acredito que são – disse. – A prefeita nos fez trabalhar horas extras nas últimas trinta ou quarenta horas e fizemos escolhas bastante próximas do que o senhor possui. Com dinheiro, tudo é possível. Escutem – ele observou as imediações como se para garantir que ninguém estivesse reparando em sua súbita cordialidade –, vocês dois têm sorte. É a melhor nave do mundo. Totalmente equipada, com exceção de armamento. É a nata da tecnologia.

– Nata azedada, provavelmente – respondeu Trevize. – E então, professor, está pronto?

– Com isto, estou – afirmou Pelorat, e ergueu uma placa eletrônica quadrada, com cerca de vinte centímetros de lado, encapada com um invólucro de plástico prateado. Trevize repentinamente tomou consciência de que Pelorat segurava o objeto desde que saíram de sua casa, passando-o de uma mão para a outra sem pousá-lo em lugar nenhum, nem mesmo quando pararam para um rápido café da manhã.

– O que é isso, professor?

– Minha biblioteca. Está indexada por tema e origem, e consegui colocar tudo em apenas *uma* placa eletrônica. Se você acha que essa nave é uma maravilha, o que me diz desta placa? Uma biblioteca inteira! Tudo o que já coletei! Incrível! Incrível!

– Bom – disse Trevize –, estamos *de fato* com a nata da tecnologia.

2

Trevize maravilhou-se com o interior da nave. O uso do espaço era engenhoso. Havia um depósito com suprimentos de comida, roupas, filmes e jogos. Havia uma academia de ginástica, uma sala de estar e dois quartos praticamente idênticos.

– Este deve ser o seu, professor – disse Trevize. – Pelo menos tem um Leitor FX.

– Que bom – respondeu o professor, satisfeito. – Que asno fui ao evitar voos espaciais, como vinha fazendo. Eu poderia morar aqui, meu caro Trevize, com plena satisfação.

– Mais espaçoso do que eu esperava – afirmou Trevize, com gosto.

– E os motores estão mesmo na fuselagem, como você disse?

– Os equipamentos controladores estão, de todo modo. Não precisamos armazenar combustível nem usá-lo de imediato. Estamos utilizando o estoque de energia fundamental do universo, portanto o combustível e os motores estão todos... lá fora – fez gestos vagos de indicação.

– Bom, agora que penso no assunto... e se algo sair errado?

– Fui treinado em navegação espacial, mas não *nessas* naves – Trevize deu de ombros. – Se algo der errado com o gravitacional, receio não poder fazer nada para resolver.

– Mas você consegue comandar esta nave? Pilotá-la?

– Eu me pergunto a mesma coisa.

– Você acredita tratar-se de uma nave automatizada? – perguntou Pelorat. – Seríamos meros passageiros? Talvez esperem que não façamos nada.

– Eles têm coisas do tipo quando se trata de veículos entre planetas e estações espaciais dentro de um sistema estelar, mas nunca ouvi falar em viagens automatizadas pelo hiperespaço. Pelo menos, não por enquanto...

Ele olhou à volta mais uma vez e sentiu uma pontada de apreensão. Será que aquela megera da prefeita tinha maquinado tão adiante dele? Será que a Fundação havia automatizado viagens interestelares também, e ele seria depositado em Trantor contra a sua vontade, sem mais chances de protesto do que qualquer mobiliário a bordo da nave?

– Sente-se, professor – disse, com uma animação que não sentia de verdade. – A prefeita disse que esta nave é totalmente computadorizada. Se seu quarto tem o Leitor FX, deve haver um computador no meu. Instale-se e deixe-me explorá-la por conta própria.

– Trevize, meu caro rapaz... – Pelorat pareceu instantaneamente ansioso. – Você não vai abandonar a nave, vai?

– Não está nos meus planos, professor. E, se tentasse, pode ter certeza de que seria impedido. Não é intenção da prefeita permitir que eu fique livre. Tudo o que pretendo fazer é aprender o que comanda a *Estrela Distante* – ele sorriu. – Não vou desertá-lo, professor.

Trevize ainda sorria quando entrou no que sentiu ser seu próprio quarto, mas seu rosto ficou ainda mais soturno conforme fechou a porta suavemente atrás de si. Certamente deveria haver alguma

maneira de se comunicar com um planeta nas imediações da nave. Era impossível imaginar uma espaçonave deliberadamente isolada de seu entorno; portanto, em algum lugar – talvez um recesso na parede – haveria um transmissor. Ele poderia usá-lo para se comunicar com o gabinete da prefeita e perguntar sobre os controles.

Cuidadosamente, inspecionou as paredes, a cabeceira da cama e a elegante e harmoniosa mobília. Se não encontrasse nada por aí, buscaria pelo restante da nave.

Estava prestes a desistir quando viu, de relance, um sinal luminoso na superfície lisa e marrom-clara da escrivaninha. Era um anel de luz com letras elegantes que diziam: INSTRUÇÕES DO COMPUTADOR.

Ah!

Ainda assim, seu coração estava acelerado. Havia tipos e tipos de computador, e programas que consumiam bastante tempo para serem dominados. Trevize nunca tinha cometido o erro de subestimar sua própria inteligência, mas, por outro lado, não era um grande mestre. Existiam aqueles com inclinação para usar computadores e aqueles que não a tinham – e Trevize sabia muito bem em que categoria se encaixava.

Durante seu serviço militar na marinha da Fundação, alcançara o posto de tenente e tinha, ocasionalmente, sido o comandante em exercício, o que lhe dera oportunidades de usar o computador da nave. Mas nunca tinha sido o único responsável, e nunca lhe fora exigido que soubesse qualquer coisa além das manobras rotineiras que o comandante em exercício deve conhecer.

Lembrou-se, com um sentimento pesaroso, dos volumes abarrotados com uma descrição impressa completa de um programa, e podia recordar o comportamento do sargento técnico Krasnet no console do computador da espaçonave. Tocava-o como se fosse o instrumento musical mais complexo da Galáxia, e o fazia com ar de indiferença, como se estivesse entediado com sua simplicidade – mas, ainda assim, até mesmo ele precisava consultar os livros de vez em quando, caluniando-se por puro constrangimento.

Hesitando, Trevize colocou um dedo no círculo de luz e, instantaneamente, a luz espalhou-se para cobrir a escrivaninha. Nela, surgiram os contornos de duas mãos; uma direita e uma esquerda. Com um movimento repentino e suave, o tampo inclinou-se a quarenta e cinco graus.

Trevize sentou-se diante da escrivaninha. Palavras não eram necessárias – era bastante claro o que ele deveria fazer.

Pousou suas mãos nos contornos na escrivaninha, posicionados para que ele precisasse fazer apenas o mínimo esforço. Quando o tocou, o tampo pareceu suave, quase aveludado – e suas mãos afundaram.

Ele encarou suas mãos, atônito, pois elas não tinham, na realidade, afundado em nada. Estavam na superfície, diziam seus olhos. Ainda assim, para seu tato, era como se a escrivaninha tivesse cedido e algo segurasse suas mãos com suavidade e gentileza.

Era isso?

E agora?

Olhou à volta e fechou os olhos, reagindo a uma sugestão.

Não tinha ouvido nada. Não tinha ouvido *nada*! Mas, em seu cérebro, como um pensamento errante dele mesmo, havia uma frase: “Por favor, feche os olhos. Relaxe. Faremos conexão”.

Pelas mãos?

Por alguma razão, Trevize presumiu a vida toda que, se alguém fosse se comunicar através do pensamento com um computador, seria por meio de um capacete com eletrodos nos olhos e no crânio.

As mãos?

Por que não as mãos? Trevize viu-se flutuando para longe, quase sonolento, mas sem perder a capacidade mental. Por que não as mãos?

Os olhos não eram nada além de órgãos dos sentidos. O cérebro não era nada além de um painel de comando central, envolvido por ossos e separado da superfície de ação do corpo. Eram as mãos as ferramentas de ação, as mãos que sentiam e manipulavam o universo.

Seres humanos pensavam com as mãos. Suas mãos eram a resposta para a curiosidade: sentiam, beliscavam, manipulavam, erguiam e sentiam o peso. Havia animais com cérebros de tamanhos respeitáveis, mas não tinham mãos, e isso fazia toda a diferença.

E, conforme ele e o computador deram as mãos, seus pensamentos se fundiram e não importava se seus olhos estavam abertos ou fechados. Abri-los não melhorava sua visão; fechá-los não a fazia mais obscura.

De todo jeito, ele via a sala com perfeita clareza – não apenas na direção em que estava olhando, mas a toda a volta, e acima e abaixo.

Viu todos os aposentos da nave e o lado de fora também. O sol

tinha nascido e seu brilho era suavizado pela camada de neblina matinal, mas ele poderia olhar diretamente para sua luz sem ficar ofuscado, pois o computador automaticamente filtrou os raios solares.

Ele sentiu o vento suave e a temperatura, e os sons no mundo à sua volta. Detectou o campo magnético do planeta e as pequenas descargas elétricas na fuselagem da nave.

Ficou consciente dos controles da nave sem nem saber detalhadamente o que eram. Sabia apenas que, se quisesse decolar, ou girá-la, ou acelerá-la, ou usar qualquer uma de suas capacidades, o processo era o mesmo de todos os processos análogos de seu corpo. Bastava usar a sua vontade.

Todavia, sua vontade não era absoluta. O computador poderia sobrescrevê-la. No momento, havia uma frase formada em sua cabeça, e ele sabia exatamente como e quando a nave decolaria. Não havia flexibilidade no que dizia respeito *àquilo*. Dali para frente, sabia com igual certeza, poderia decidir por conta própria.

Descobriu – conforme expandiu a rede de sua consciência amplificada pelo computador – que podia sentir as condições da atmosfera superior; que podia ver os padrões de clima; que podia detectar as outras naves que flutuavam acima, e as que prosseguiam para baixo. Todas essas informações precisavam ser computadas, e o sistema estava *justamente* levando-as em consideração. Se o computador não estivesse fazendo isso, percebeu Trevize, bastava desejar que o fizesse – e seria feito.

Aqueles códigos-fonte quilométricos haviam sido superados; nenhum deles se fazia necessário. Trevize pensou no sargento técnico Krasnet e sorriu. Tinha lido com frequência sobre a imensa revolução que o uso das gravidades causaria no universo, mas a fusão entre computador e mente ainda era segredo de Estado. Certamente iniciaria uma revolução ainda mais grandiosa.

Tinha consciência da passagem do tempo. Sabia exatamente a hora, tanto no fuso horário de Terminus como no Padrão Galáctico.

Como ele se desconectaria?

Assim que o pensamento entrou em sua mente, as mãos foram soltas e o tampo voltou à sua posição original – e Trevize foi deixado com seus próprios sentidos inalterados.

Sentiu-se cego e indefeso, como se, durante algum tempo, tivesse sido acolhido e protegido por um ser superior e, então, fora

abandonado. Se não soubesse que poderia fazer contato novamente sempre que quisesse, o sentimento talvez o tivesse levado às lágrimas.

Como não era o caso, ele apenas lutou para se reorientar, para se adaptar aos limites, então se levantou, hesitante, e saiu da sala.

Pelorat olhou para ele. Tinha ajustado seu Leitor, evidentemente.

– Funciona muito bem – disse Pelorat. – Tem um excelente programa de busca. Encontrou os comandos, meu rapaz?

– Sim, professor. Tudo corre bem.

– Nesse caso, não deveríamos fazer algo em relação à decolagem? Quero dizer, nos proteger? Não deveríamos usar o cinto ou alguma coisa do tipo? Procurei instruções, mas não achei nada, e isso me deixou apreensivo. Precisei apelar para a minha biblioteca. De algum jeito, quando estou envolvido no meu trabalho...

Trevize estava aproximando as mãos do professor como para formar uma barragem contra a inundação de palavras. Precisou falar alto para superar o fluxo.

– Nada disso é necessário, professor. Antigravidade é o equivalente a não inércia. Não há sensação de aceleração quando a velocidade muda, pois tudo na nave passa pela mesma alteração simultaneamente.

– Quer dizer que não saberemos quando sairmos do planeta e adentrarmos o espaço?

– É exatamente o que estou dizendo, pois enquanto converso com você, já decolamos. Atravessaremos a atmosfera superior em poucos minutos e, dentro de meia hora, estaremos no espaço sideral.

3

Pelorat pareceu encolher um pouco enquanto encarava Trevize. Seu longo rosto retangular ficou tão vazio que, sem mostrar emoção alguma, irradiava um imenso desconforto.

Seus olhos movimentaram-se rapidamente para a esquerda e para a direita.

Trevize lembrou-se de como se sentira em sua primeira viagem além da atmosfera.

– Janov – disse, da maneira mais racional que pôde (era a primeira vez que se dirigia ao professor de maneira tão íntima, mas, nesse caso,

a experiência estava lidando com a inexperiência e era necessário parecer o mais velho dos dois) –, estamos perfeitamente seguros aqui dentro. Estamos no ventre de metal de uma nave de guerra da marinha da Fundação. Não temos poder bélico, mas não há nenhum lugar na Galáxia em que o nome da Fundação não nos protegerá. Até mesmo se alguma nave enlouquecesse e nos atacasse, poderíamos manobrar para fora de seu alcance em um instante. E garanto a você que descobri que posso comandar a nave perfeitamente.

– É o pensamento, Go... Golan – respondeu Pelorat –, de vazio absoluto...

– Pois há vazio absoluto em toda a volta de Terminus. Existe apenas uma fina camada de ar rarefeito entre nós, na superfície, e o vazio absoluto logo acima. Tudo o que estamos fazendo é atravessar essa camada insignificante.

– Pode ser insignificante, mas é o que respiramos.

– Respiramos aqui, também. O ar nesta nave é mais limpo e mais puro, e permanecerá mais limpo e mais puro do que a atmosfera natural de Terminus por tempo indeterminado.

– E os meteoritos?

– O que tem os meteoritos?

– A atmosfera nos protege dos meteoritos. Da radiação também, aliás.

– A humanidade – respondeu Trevize – tem viajado pelo espaço por vinte milênios, creio que...

– Vinte e dois. Se seguirmos a cronologia hallblockiana, fica bastante claro que, contando o...

– Chega! Você já ouviu falar em acidentes com meteoritos ou mortes por radiação? Digo, recentemente? No caso de naves da Fundação?

– Na realidade, não acompanhei as notícias sobre esses assuntos, mas sou historiador, meu rapaz, e...

– Historicamente, sim, houve esse tipo de coisa, mas a tecnologia evolui. Não existe meteorito grande o suficiente para nos danificar que possa se aproximar sem que tomemos as medidas de evasão apropriadas. Quatro meteoritos, aproximando-se pelas quatro direções extraídas dos vértices do tetraedro, poderiam teoricamente nos encurralar, mas calcule as chances disso acontecer e descobrirá que morrerá de velhice um trilhão de trilhões de vezes antes de ter uma

chance em duas de testemunhar fenômeno tão inusitado.

– Quer dizer, se você estivesse no computador?

– Não – respondeu Trevize, com desdém. – Se eu estivesse controlando o computador baseado em meus próprios sentidos e reações, seríamos atingidos antes de eu ter a mínima noção do que estava acontecendo. É o próprio computador que está trabalhando, reagindo milhões de vezes mais rápido do que eu ou você poderíamos reagir.

Trevize estendeu a mão abruptamente.

– Janov, venha comigo, deixe-me mostrar a você do que o computador é capaz. Deixe-me mostrar como é o espaço.

Pelorat o encarou, olhos levemente arregalados. Então, riu por um instante.

– Não tenho certeza se quero saber, Golan.

– Claro que não tem certeza, Janov, pois não sabe o que está por lá, esperando para ser descoberto. Arrisque-se! Venha! Para o meu quarto.

Trevize segurou a mão do professor, meio conduzindo-o, meio puxando-o.

– Você já viu a Galáxia, Janov? – perguntou, conforme se sentou ao computador. – Já olhou para ela?

– Refere-se ao céu? – perguntou Pelorat.

– Sim, certamente. O que mais poderia ser?

– Vi. Todo mundo vê. Se alguém olhar para cima, verá.

– Já observou o céu em uma noite escura e límpida, quando os Diamantes estão abaixo do horizonte?

Os “Diamantes” eram as poucas estrelas próximas e radiantes o suficiente para iluminarem moderadamente o céu noturno de Terminus. Eram um pequeno aglomerado espalhado por não mais do que vinte graus, e, durante grandes períodos na noite, estavam todas abaixo do horizonte. Além do grupo, outras estrelas opacas ocupavam o céu, mal visíveis a olho nu. Não havia nada além da tênue latescência da Galáxia – a visão esperada ao se explorar um mundo como Terminus, no extremo limiar da espiral mais afastada da Galáxia.

– Creio que sim, mas para que observar? É uma vista banal.

– Claro que é uma vista banal – replicou Trevize. – Por isso ninguém a vê. Para que vê-la se você pode vê-la sempre? Mas agora

você a *verá*, e não a partir de Terminus, onde a neblina e as nuvens interferem infinitamente. Você a verá como nunca veria de Terminus, independentemente de como a observasse e de quão límpida e escura estivesse a noite. Quem *me* dera nunca ter visto o espaço, pois assim, como você, eu poderia ver a Galáxia em sua beleza mais pura pela primeira vez.

Ele empurrou uma cadeira na direção de Pelorat.

– Sente-se aí, Janov. Isso talvez demore um pouco. Preciso continuar a me habituar com o computador. Do que já percebi, sei que a visão é holográfica, portanto não vamos precisar de nenhum tipo de tela. Ele faz contato direto com meu cérebro, mas acho que posso fazê-lo produzir uma imagem objetiva que você também possa ver. Pode apagar a luz?... Não, que bobagem a minha. Farei o computador apagá-la. Fique onde está.

Trevize fez contato com o computador, dando-lhe as mãos com gentileza e intimidade.

A luz diminuiu e então se apagou por completo. Na escuridão, Pelorat ficou inquieto.

– Não fique nervoso, Janov – disse Trevize. – Eu talvez tenha certa dificuldade para comandar o computador, mas vou começar devagar e você precisará ter paciência comigo. Está vendo? O crescente?

Flutuava na escuridão diante dos dois. Um pouco turvo e hesitante no começo, mas ganhando forma e brilho.

– É Terminus? – a voz de Pelorat soava maravilhada. – Já estamos tão longe de lá?

– Sim, a nave está se movendo com rapidez.

A nave fazia uma curva na direção da sombra noturna de Terminus, que aparecia como um espesso crescente de luz. Trevize teve um ímpeto momentâneo de comandar a espaçonave em um arco mais amplo que os levaria para o lado do planeta banhado por luz, para poder mostrar toda a sua beleza, mas conteve-se.

Pelorat talvez encontrasse novidades nessa visão, mas a beleza seria diluída. Havia fotos demais, mapas demais, globos demais. Todas as crianças conheciam o aspecto de Terminus. Um planeta com maior cobertura aquática do que a maioria – rico em água, mas carente de minerais; bom em agricultura, mas pobre em indústria pesada. De todo modo, o melhor da Galáxia em alta tecnologia e miniaturização.

Se Trevize pudesse fazer o computador usar micro-ondas e traduzir

o planeta em um modelo visível, os dois veriam cada uma das dez mil ilhas habitadas de Terminus, aglomeradas em torno da única ilha grande o suficiente para ser considerada um continente, a que continha a Cidade de Terminus e...

Virar!

Foi apenas um pensamento, um exercício da vontade, mas a imagem mudou instantaneamente. O crescente luminoso moveu-se na direção do limiar do campo de visão e sumiu. A escuridão do espaço sem estrelas preencheu seus olhos.

Pelorat pigarreou.

– Gostaria que você trouxesse Terminus de volta, meu rapaz. Sinto como se tivesse ficado cego – havia certa tensão em sua voz.

– Não está cego. Veja!

No campo de visão surgiu uma neblina de translucidez pálida. Espalhou-se e ficou mais clara, até que a sala toda parecia brilhar.

Encolher!

Outro exercício de vontade e a Galáxia foi tragada para longe, como se vista através de um telescópio de redução que ficava cada vez mais potente em sua capacidade de diminuir. A Galáxia contraiu-se e se tornou uma estrutura de luminosidade variável.

Clarear!

Tornou-se mais luminosa sem mudar de tamanho, e, considerando que o sistema estelar ao qual Terminus pertencia ficava acima do plano galáctico, a Galáxia não foi exatamente mostrada do melhor ângulo possível. Era uma espiral dupla extremamente comprimida, com brechas curvadas de nebulosas escuras riscando os limites luminosos da lateral de Terminus. A nebulosidade leitosa do núcleo, distante e encolhido pela perspectiva, não parecia nada importante.

– Você está certo – disse Pelorat, em um sussurro pasmado. – Nunca a vi assim. Nunca sonhei que teria tantos detalhes.

– Como poderia? Não pode ver a metade externa quando a atmosfera de Terminus está entre você e ela. Mal consegue ver o núcleo a partir da superfície de Terminus.

– Que pena estarmos vendo isso de um ângulo tão direto.

– Não precisamos. O computador pode exibir em qualquer orientação. Basta que eu expresse o desejo... e nem precisa ser em voz alta.

Mudar coordenadas!

Esse exercício da vontade não foi, de maneira nenhuma, um comando preciso. Ainda assim, conforme a imagem da Galáxia começou a passar por uma lenta mudança, sua mente guiou o computador e fez com que realizasse seu desejo.

Vagarosamente, a Galáxia girou para que pudesse ser vista em ângulos retos em relação ao plano galáctico. Espalhou-se como um redemoinho colossal, com curvas de escuridão e nós de luminosidade, além de um intenso brilho central, repleto de elementos complexos.

– Como o computador pode vê-la de uma posição no espaço que deve estar a mais de cinquenta mil parsecs de distância daqui? – perguntou Pelorat, e então acrescentou, em um sussurro reprimido: – Perdoe-me por perguntar. Não sei nada sobre tudo isso.

– Sei quase tão pouco sobre este computador quanto você. Mas até mesmo um computador simples pode ajustar coordenadas e mostrar a Galáxia de qualquer posição; começando por detectar sua posição natural, ou seja, aquela que seria a posição real do computador no espaço. Obviamente, usa apenas as informações que pode detectar, então, quando muda a visão mais ampla, encontraríamos furos e borrões evidentes. Mas, neste caso...

– Sim?

– Temos uma visão excelente. Suspeito que o computador seja dotado de um mapa completo da Galáxia e, portanto, pode exibi-la de qualquer ângulo com a mesma facilidade.

– O que quer dizer com um mapa completo?

– As coordenadas espaciais de todas as estrelas contidas em nossa Galáxia devem estar nos bancos de memória do computador.

– *Todas* as estrelas? – Pelorat parecia espantado.

– Bom, talvez não os trezentos bilhões. Incluiria as estrelas visíveis de planetas habitados, certamente, e provavelmente todas as estrelas de classe espectral K ou mais brilhantes. Isso quer dizer, pelo menos, setenta e cinco bilhões.

– *Todas* as estrelas de um sistema habitado?

– Eu não gostaria de me comprometer; talvez não todas. Havia, afinal de contas, vinte e cinco milhões de sistemas habitados na época de Hari Seldon. Parece muito, mas é apenas uma estrela entre cada doze mil. Nos cinco séculos desde Seldon, o colapso generalizado do Império não impediu o progresso da colonização. Talvez tenha até encorajado. Ainda existem diversos planetas habitáveis para expansão,

portanto é capaz de existirem trinta milhões, a esta altura. É possível que nem todos os mais novos estejam nos registros da Fundação.

– Mas e os antigos? Certamente estão lá, sem exceção.

– Imagino que sim. Não posso garantir, evidentemente, mas ficaria surpreso se algum sistema estabelecido há muito tempo não estivesse nos registros. Deixe-me mostrar uma coisa, se minha capacidade de controlar o computador puder chegar tão longe.

As mãos de Trevize enrijeceram-se de leve por causa do esforço e pareceram afundar ainda mais no abraço do computador. Aquilo talvez nem fosse necessário; ele talvez pudesse apenas pensar com calma e despreocupadamente: Terminus!

Foi isso que pensou. Em resposta, surgiu um cintilante diamante vermelho no limite do redemoinho.

– Ali está nosso sol – disse, empolgado. – É a estrela em torno da qual Terminus orbita.

– Ah – respondeu Pelorat, com um suspiro trêmulo.

Um ponto amarelo brilhante nasceu em meio a um rico aglomerado de estrelas no coração da Galáxia, em um dos lados desse brilho central. Era muito mais perto do extremo de Terminus na Galáxia do que do outro lado.

– E aquilo – afirmou Trevize – é o sol de Trantor.

Outro suspiro de Pelorat, que, então, disse:

– Tem certeza? Sempre se referem à localização de Trantor como sendo no centro da Galáxia.

– E é, de certa forma. É tão próxima do centro quanto um planeta pode ser e continuar habitável. É mais perto do que qualquer outro sistema habitado. O centro factual da Galáxia é um buraco negro com massa de quase um milhão de estrelas. Logo, o centro é um lugar violento. Até onde sabemos, não existe vida no centro factual e talvez simplesmente não possa haver vida ali. Trantor está no subanel mais interno dos braços da espiral e, acredite em mim, se você pudesse ver seu céu noturno, acharia que fica no centro da Galáxia. É cercado por um aglomerado extremamente rico de estrelas.

– Já esteve em Trantor, Golan? – perguntou Pelorat, com clara inveja.

– Na realidade, não, mas vi representações holográficas de seu céu.

Trevize observou a Galáxia sombriamente. Pensou na grande busca pela Segunda Fundação, durante a época do Mulo, em que todos

brincavam com mapas galácticos, e em quantos volumes foram escritos e registrados em filme sobre o assunto.

E tudo porque Hari Seldon disse, no início, que a Segunda Fundação seria estabelecida na outra extremidade da Galáxia, batizando o local de Fim da Estrela.

Na outra extremidade da Galáxia! Enquanto o pensamento se formava na cabeça de Trevize, uma tênue linha azul surgiu no campo de visão, estendendo-se de Terminus, passando pelo buraco negro central, até o outro extremo. Surpreso, Trevize quase se levantou. Não tinha dado uma ordem direta para a formação da linha, mas pensou nela claramente, e aquilo foi o suficiente para o computador.

Mas, obviamente, a rota em linha reta até o lado oposto da Galáxia não era necessariamente uma indicação da "outra extremidade" da qual Seldon falava. Foi Arkady Darell (caso acredite-se em sua autobiografia) que usou a frase "um círculo não tem extremos" para indicar o que, agora, todos aceitavam como verdade.

E, apesar de Trevize repentinamente ter tentado suprimir o pensamento, o computador era rápido demais. A linha azul desapareceu e foi substituída por um círculo azul que cercou a Galáxia com precisão e que passou pelo ponto vermelho intenso que representava o sol de Terminus.

Um círculo não tem extremidades, e se o círculo começou em Terminus, se procurássemos o outro extremo, simplesmente retornaríamos a Terminus. Ali, a Segunda Fundação foi, de fato, encontrada, habitando o mesmo mundo que a Primeira.

Mas e se, na realidade, ela não tivesse sido encontrada? Se a chamada descoberta da Segunda Fundação foi uma ilusão? E aí? O que, além de uma linha reta e um círculo, faria sentido nessa conexão?

– Você está criando ilusões? – perguntou Pelorat. – Por que há um círculo azul?

– Eu estava apenas testando os controles. Você gostaria de localizar a Terra?

Houve silêncio durante um ou dois instantes. Então, Pelorat disse:

– É uma piada?

– Não. Vou tentar.

Tentou. Nada aconteceu.

– Lamento – disse Trevize.

– Não está aí? Nada de Terra?

– Pode ser que eu tenha formulado o raciocínio errado para o comando, mas não parece provável. Suponho que seja mais provável que a Terra não esteja listada no computador.

– Pode estar registrada sob outro nome – respondeu Pelorat.

– Que outro nome, Janov? – Trevize abraçou a ideia rapidamente.

Pelorat não falou nada e, na escuridão, Trevize sorriu. Ocorreu-lhe que as coisas talvez estivessem se encaixando. Deixe estar por algum tempo. Deixe amadurecer. Ele mudou de assunto deliberadamente e disse:

– Será que podemos manipular o tempo?

– Tempo! Como faríamos isso?

– A Galáxia está em rotação. Leva quase meio bilhão de anos para Terminus fazer a grande circunferência da Galáxia uma única vez. Estrelas mais próximas do centro completam a jornada com muito mais rapidez, claro. O deslocamento de cada estrela, relativo ao buraco negro central, poderia ser registrado pelo computador e, se for o caso, talvez seja possível fazer o computador multiplicar cada deslocamento por milhões de vezes e tornar o efeito de rotação visível. Posso tentar fazer isso.

E tentou. Não conseguiu evitar a contração dos músculos com o esforço da vontade que estava manifestando, como se estivesse agarrando a Galáxia e acelerando-a, torcendo-a, forçando-a a girar contra extrema resistência.

A Galáxia estava se movendo. Lentamente, de maneira titânica, estava girando na direção que favorecia os braços da espiral.

O tempo passava incrivelmente rápido conforme eles observavam – um tempo falso, artificial – e, assim, as estrelas tornaram-se coisas evanescentes.

Algumas das maiores, aqui e ali, ficaram vermelhas e mais luminosas conforme se expandiram e se tornaram gigantes enrubescidos. E então uma estrela nos aglomerados centrais explodiu, sem emitir som, em uma chama ofuscante que, por uma pequena fração de segundo, escureceu a Galáxia, e então desapareceu. Em seguida, mais uma em um dos braços da espiral, então mais outra, não muito longe desta.

– Supernovas – disse Trevize, levemente trêmulo.

Era possível que o computador previsse exatamente que estrelas

explodiriam, e quando? Ou estava apenas usando um modelo simplificado que servia para mostrar o futuro das estrelas em termos gerais, e não com precisão?

– A Galáxia parece uma coisa viva, rastejando pelo espaço – disse Pelorat, em um sussurro áspero.

– Concordo – respondeu Trevize –, mas estou ficando exausto. A não ser que aprenda a fazer isso de maneira menos tensa, não vou poder jogar esse tipo de jogo por muito tempo.

Soltou-se. A Galáxia ficou mais lenta, parou e então se inclinou até que fosse a perspectiva lateral que tinham visto no início.

Trevize fechou seus olhos e respirou fundo. Tinha consciência de Terminus encolhendo-se atrás deles, com os últimos trechos perceptíveis de atmosfera desaparecendo de seu entorno. Tinha consciência de todas as naves preenchendo a órbita de Terminus.

Não lhe ocorreu checar se havia algo de especial em alguma delas. Haveria outra nave gravitacional, assim como a dele, e cuja trajetória seguia a sua com mais precisão do que o acaso permitiria?

5.

Orador

1

TRANTOR!

Por oito mil anos, foi a capital de uma imensa e poderosa entidade política que abrangia uma união de sistemas planetários em constante crescimento. Durante doze mil anos depois disso, foi a capital de uma entidade política que compreendia a Galáxia inteira. Era o centro, o coração, o *epítome* do Império Galáctico.

Era impossível pensar no Império sem pensar em Trantor.

Trantor não alcançou seu auge físico até que o Império já estivesse em franca decadência. Na realidade, ninguém percebeu que o Império tinha perdido sua potência, sua vanguarda, porque Trantor reluzia em metal polido.

Seu crescimento chegou ao pico no momento em que se tornou uma cidade que englobava o planeta todo. Sua população foi estabilizada (por lei) em quarenta e cinco bilhões, e a única vegetação na superfície ficava no palácio imperial e no complexo Universidade Galáctica/Biblioteca.

A superfície terrestre de Trantor era coberta por metal. Tanto seus desertos como suas áreas férteis foram engolidos e transformados em coelheiras de humanos, selvas administrativas, complexos computadorizados, vastos armazéns de comida e de peças sobressalentes. Suas cadeias montanhosas foram niveladas; seus precipícios, preenchidos. Os infinitos corredores da cidade penetraram cada reentrância continental e os oceanos foram transformados em imensas cisternas subterrâneas de aquacultura – a única (e insuficiente) fonte nativa de comida e minerais.

O contato com os Mundos Exteriores, dos quais Trantor obtinha os recursos necessários, dependia de seus milhares de portos espaciais, dezenas de milhares de naves militares, centenas de milhares de naves

comerciais e milhões de cargueiros espaciais.

Nenhuma cidade tão vasta reciclava com tanta eficiência. Nenhum planeta na Galáxia jamais fez tanto uso de energia solar ou chegou a tantos extremos para se livrar do desperdício de energia térmica. Radiadores resplandecentes estendiam-se até a camada superior da atmosfera nas áreas em sombra do planeta, e eram retraídos nas partes da cidade de metal cobertas pelo sol. À medida que o planeta rotacionava, os radiadores eram erguidos conforme a noite surgia progressivamente ao redor do globo e recolhidos conforme o dia progressivamente nascia. Assim, Trantor tinha sempre uma assimetria artificial que era praticamente seu símbolo.

Em seu auge, Trantor comandara o Império!

Comandara mal, mas nada poderia ter comandado o Império com eficiência. O Império era grande demais para ser governado a partir de um único planeta, mesmo com o imperador mais dinâmico. Como Trantor poderia ter evitado comandar mal se, na era da decadência, a coroa Imperial era passada de mão em mão por políticos ardilosos e tolos incompetentes, e a burocracia havia se tornado uma subcultura de corruptíveis?

Porém, até mesmo em seus piores momentos, havia um valor autopropulsor na capacidade que tinha de funcionamento. O Império Galáctico não podia ser administrado sem Trantor.

O Império desmoronava em ritmo constante, mas, desde que Trantor continuasse sendo Trantor, sua essência era mantida e preservava um ar de orgulho, de prosperidade, de tradição, poder e exaltação.

Somente quando o impensável aconteceu – quando Trantor finalmente caiu e foi saqueada; quando seus cidadãos foram mortos aos milhões e largados à fome aos bilhões; quando sua robusta superfície metálica foi dilacerada, perfurada e detonada pelo ataque da frota de “bárbaros” – somente então foi *cogitado* que o Império havia caído. Os remanescentes do outrora grandioso mundo se encarregaram de destruir o que havia sobrado e, em uma geração, Trantor foi transformado do maior planeta que a raça humana tinha visto em um inconcebível emaranhado de ruínas.

Isso fora há quase dois séculos e meio. No restante da Galáxia, Trantor-como-havia-sido não foi esquecido. Viveria para sempre como o cenário favorito de romances históricos, o mais querido símbolo e

memorial do passado, a palavra preferida para ditados como "Todas as espaçonaves pousam em Trantor", "Como procurar por uma pessoa em Trantor" e o irônico "Isso é 'igualzinho' a Trantor".

Em todo o restante da Galáxia...

Mas isso não era verdade em Trantor propriamente dito! Ali, Trantor do passado fora esquecido. O metal da superfície se fora, quase totalmente. Trantor era, agora, um mundo esparsamente povoado por fazendeiros autossuficientes, lugar raramente visitado por naves comerciais – que não eram especialmente bem recebidas quando o faziam. A própria palavra "Trantor", embora ainda estivesse em uso oficial, havia sido eliminada da língua popular. Entre os trantorianos atuais, era chamada "Lor", o que era, em seu dialeto, o equivalente a "Lar" no Padrão Galáctico.

Quindor Shandess pensou em tudo isso e muito mais, sentado serenamente em um bem-vindo estado de semissonolência, no qual permitia que sua mente divagasse em uma corrente independente e desorganizada de pensamentos.

Ele era o Primeiro Orador da Segunda Fundação havia dezoito anos e poderia continuar por mais dez ou doze se sua mente permanecesse razoavelmente vigorosa e se pudesse continuar batalhando nas guerras políticas.

Era o análogo, a contraparte, do prefeito de Terminus, que governava a Primeira Fundação – mas eram bastante diferentes em todos os quesitos. O prefeito de Terminus era conhecido por toda a Galáxia, e a Primeira Fundação era, assim, apenas a "Fundação" para todos os mundos. O Primeiro Orador da Segunda Fundação era conhecido apenas por seus colegas.

Ainda assim, era a Segunda Fundação, sob ele e seus predecessores, que detinha o verdadeiro poder. A Primeira Fundação era suprema no domínio do poder físico, da tecnologia, das armas de guerra. A Segunda Fundação era suprema no domínio dos poderes mentais, na capacidade de controlar. Em qualquer conflito entre as duas, que diferença faria a quantidade de naves e armamentos à disposição da Primeira Fundação se a Segunda Fundação poderia controlar as mentes daqueles que controlavam tais naves e armas?

Mas por quanto tempo ele poderia se deleitar na constatação desse poder secreto?

Era o Vigésimo Quinto Primeiro Orador, e a duração de sua

incumbência já havia superado ligeiramente a média. Talvez devesse insistir menos na posição e permitir que os aspirantes mais jovens se aproximassem? Havia o Orador Gendibal, o mais sagaz e mais jovem da Mesa. Nesta noite, eles passariam algum tempo juntos, e Shandess tinha boas expectativas. Será que deveria ter expectativas também em relação à possibilidade de ascensão de Gendibal algum dia?

A resposta para a pergunta era que Shandess não tinha intenções genuínas de abandonar seu posto. Apreciava muito o cargo.

Ali estava ele, em sua velhice, ainda perfeitamente capaz de cumprir seus deveres. Seu cabelo agora era cinza, mas sempre tivera cores claras e ele o usava com um corte rente que fazia a cor ter pouca importância. Seus olhos eram de um azul-pálido, e sua vestimenta condizia com o estilo insosso dos fazendeiros trantorianos.

O Primeiro Orador poderia, se assim o desejasse, misturar-se com o povo loriano e passar-se por um deles – mas, de qualquer maneira, seu poder oculto era real. Poderia optar por focar os olhos e a mente em qualquer momento, e os outros agiriam de acordo com sua vontade e depois não se lembrariam de nada.

Raramente isso acontecia. Quase nunca. A Regra de Ouro da Segunda Fundação era “Não aja se não for necessário e, quando a ação for requerida, hesite”.

O Primeiro Orador suspirou de leve. Viver na velha universidade, com a melancólica grandeza das ruínas do palácio imperial não tão longe dali, podia fazer alguém se perguntar quão dourada era a Regra de Ouro.

Nos dias do Grande Saque, a Regra de Ouro fora forçada até o limite. Não havia nenhuma maneira de salvar Trantor sem sacrificar o Plano Seldon de estabelecer um Segundo Império. Teria sido humanitário poupar os quarenta e cinco bilhões, mas eles não poderiam ter sido poupados sem que os alicerces do Primeiro Império fossem mantidos, e isso apenas adiaria a tragédia. Teria levado a uma destruição ainda maior alguns séculos depois, e talvez à impossibilidade de um Segundo Império...

Os antigos Primeiros Oradores dissecaram o claramente previsto Saque durante décadas, mas não encontraram uma solução – nenhuma maneira de garantir tanto a salvação de Trantor como a futura criação do Segundo Império. O menor dos males precisou ser escolhido, e Trantor foi a vítima!

Os membros da Segunda Fundação na época conseguiram – com a margem mais ínfima – salvar o complexo Universidade/Biblioteca, e houve culpa eterna por causa disso. Mesmo que ninguém tivesse demonstrado que poupar o complexo havia levado à meteórica ascensão do Mulo, houve a constante suspeita de que havia uma conexão.

E como esse fato quase destruiu tudo!

Ainda assim, nas décadas seguintes ao Saque e ao Mulo, veio a Era de Ouro da Segunda Fundação.

Antes disso, por mais de dois séculos e meio depois da morte de Seldon, os membros da Segunda Fundação entocavam-se como toupeiras na biblioteca, preocupados apenas em ficar fora do caminho dos Imperiais. Serviram como bibliotecários em uma sociedade decadente que se importava cada vez menos com a Biblioteca Galáctica, cujo nome perdia progressivamente o significado e caía em um desuso que servia melhor aos propósitos da Segunda Fundação.

Era uma vida ignóbil. Eles apenas conservavam o Plano enquanto, na extremidade da Galáxia, a Primeira Fundação batalhava pela própria existência contra inimigos cada vez mais formidáveis, sem a ajuda da Segunda Fundação – e nem mesmo o conhecimento de sua existência.

Foi o Grande Saque que libertou a Segunda Fundação – mais um dos motivos (o jovem Gendibal, que tinha coragem, havia dito recentemente que era o principal motivo) pelos quais o Saque não fora interrompido.

Depois do Grande Saque, o Império se fora e, desde então, os sobreviventes trantorianos nunca adentravam o território da Segunda Fundação sem serem convidados. Os membros da Segunda Fundação garantiram que o complexo Universidade/Biblioteca, que tinha sobrevivido ao Saque, sobrevivesse também à Grande Renovação. As ruínas do palácio também foram preservadas. O metal sumiu em quase todo o restante do planeta. Os vastos e infinitos corredores foram cobertos, preenchidos, remodelados, destruídos ou ignorados, tudo sob rocha e solo – tudo menos aqui, onde o metal ainda cercava os antigos espaços abertos.

Poderiam ser vistos como grandes memoriais de grandeza, o sepulcro do Império, mas, para os trantorianos – o povo loriano–, estes eram lugares assombrados, repletos de fantasmas que não deveriam

ser provocados. Apenas os membros da Segunda Fundação pisavam nos corredores antigos ou tocavam os resquícios metálicos.

Ainda assim, tudo isso quase acabara por causa do Mulo.

O Mulo havia estado em Trantor. E se tivesse descoberto a natureza do planeta no qual estava? Suas armas físicas eram muito mais poderosas do que aquelas à disposição da Segunda Fundação; suas armas mentais, quase tão poderosas quanto. A Segunda Fundação teria sido prejudicada continuamente pela necessidade de não fazer nada além do estritamente necessário e pela consciência de que qualquer esperança de vitória na batalha iminente poderia ser o presságio de uma futura derrota ainda maior.

Se não fosse por Bayta Darell e sua ação impetuosa... – e isso, também, sem a ajuda da Segunda Fundação!

E então veio a Era de Ouro, quando, de alguma maneira, os Primeiros Oradores da época encontraram formas de se tornarem ativos, impedindo o Mulo em sua carreira de conquistas, enfim controlando sua mente; em seguida, impedindo a própria Primeira Fundação quando *ela* tomou consciência e começou a questionar a natureza e a identidade da Segunda Fundação. Foi Preem Palver, Décimo Nono Primeiro Orador e o maior de todos, quem deu fim a todos os perigos – não sem sacrifícios terríveis – e que resgatou o Plano Seldon.

Agora, por cento e vinte anos, a Segunda Fundação estava mais uma vez onde estivera antes, encoberta em uma parte assombrada de Trantor. Desta vez, eles não se escondiam dos imperiais, mas ainda da Primeira Fundação – uma Primeira Fundação quase tão vasta quanto o Império Galáctico havia sido e ainda maior em capacidade tecnológica.

Os olhos do Primeiro Orador se fecharam no agradável calor e ele entrou naquele estado etéreo de experiências alucinatórias relaxantes que não eram exatamente sonhos nem pensamentos conscientes.

Chega de melancolia. Tudo ficaria bem. Trantor *ainda* era a capital da Galáxia, pois a Segunda Fundação estava ali, era mais poderosa e tinha mais controle do que o imperador jamais tivera.

A Primeira Fundação seria contida e guiada e seguiria o caminho correto. Por mais colossais que fossem suas naves e armas, eles não podiam fazer nada enquanto seus líderes mais importantes pudessem ser mentalmente controlados conforme a necessidade.

E o Segundo Império viria, mas não seria como o Primeiro. Seria um Império Federativo, cujas partes teriam considerável autonomia de governo para que não houvesse nada da aparente força e factual fraqueza de um governo unitário e centralizado. O novo Império seria mais ameno, mais flexível, mais capaz de suportar tensões, e seria guiado sempre – sempre – pelos homens e as mulheres da Segunda Fundação. E Trantor continuaria sendo a capital, mais poderosa com seus quarenta mil psico-historiadores do que jamais havia sido com seus quarenta e cinco bilhões...

O Primeiro Orador acordou de súbito. O sol estava mais baixo no céu. Ele murmurou enquanto dormia? Será que havia dito alguma coisa em voz alta?

Se a Segunda Fundação devia saber muito e falar pouco, os Oradores em exercício deveriam saber mais e falar menos, e o Primeiro Orador deveria saber muito mais e falar o mínimo.

Sorriu com ironia. Era sempre tão tentador tornar-se um patriota trantoriano e considerar que o único propósito do Segundo Império era estabelecer a hegemonia trantoriana. Seldon os alertara; havia previsto até mesmo isso, cinco séculos antes que acontecesse.

Mas o Primeiro Orador não havia dormido tempo demais. Ainda não era hora da audiência com Gendibal.

Shandess tinha grandes expectativas em relação àquela reunião privada. Gendibal era jovem o suficiente para enxergar o Plano com novos olhos e perspicaz o bastante para ver o que outros talvez não fossem capazes de perceber. Não era uma possibilidade absurda que Shandess aprendesse com o que o rapaz tivesse a dizer.

Ninguém podia ter certeza de quanto Preem Palver – o grande Palver – havia lucrado naquele dia em que o jovem Kol Benjoam, que ainda não tinha feito nem trinta anos, conversara com ele sobre maneiras possíveis de lidar com a Primeira Fundação. Benjoam, que futuramente foi reconhecido como o maior teorista desde Seldon, nunca mencionou a audiência nos anos seguintes, mas acabou se tornando o Vigésimo Primeiro Primeiro Orador. Alguns creditaram a Benjoam, e não Palver, os grandes feitos da administração de Palver.

Shandess divertiu-se imaginando o que Gendibal iria dizer. Era tradição que um jovem aspirante, ao confrontar o Primeiro Orador pela primeira vez, resumisse toda a sua teoria na primeira frase. E esses jovens certamente não requisitariam a preciosa primeira

audiência para dizer algo trivial – algo que destruiria qualquer carreira subsequente se convencesse o Primeiro Orador de que eles eram dispensáveis.

Quatro horas depois, Gendibal estava diante dele. O jovem não exibia nenhum sinal de nervosismo. Esperou calmamente que Shandess falasse primeiro.

– O senhor requisitou uma audiência particular, Orador, sobre um assunto de importância – disse Shandess. – O senhor poderia resumir a questão para mim, por favor?

E Gendibal, falando baixo, quase como se descrevesse o que tinha acabado de jantar, respondeu:

– Primeiro Orador, o Plano Seldon é irrelevante!

2

Stor Gendibal não necessitava da validação dos outros para ter noção de propósito. Não conseguia se lembrar de uma época em que se reconhecia como alguém comum. Havia sido recrutado pela Segunda Fundação quando era um garoto de apenas dez anos, por um agente que reconheceu as potencialidades de sua mente.

A partir de então, saiu-se excepcionalmente bem nos estudos e ficou tão atraído por psico-história quanto uma espaçonave reage a um campo gravitacional. A psico-história o seduziu e ele seguiu em sua direção, lendo o texto de Seldon sobre seus fundamentos quando outros da sua idade estavam ainda tentando compreender equações diferenciais.

Quando tinha quinze anos, entrou na Universidade Galáctica de Trantor (como a Universidade de Trantor havia sido oficialmente renomeada), depois de uma entrevista durante a qual, ao ser perguntando sobre suas ambições, ele respondera com firmeza: “Ser o Primeiro Orador antes de fazer quarenta anos”.

Não se importou em almejar a cadeira do Primeiro Orador sem a qualificação necessária. Obtê-la, de uma forma ou de outra, parecia-lhe uma certeza. Fazê-lo enquanto era jovem era seu verdadeiro objetivo. Até mesmo Preem Palver tinha quarenta e dois anos quando ascendeu ao cargo.

A expressão do entrevistador revelou hesitação quando Gendibal

respondeu à pergunta, mas o jovem já tinha habilidade em psicolinguagem e interpretou o vacilo. Sabia, com tanta certeza quanto se o entrevistador o tivesse declarado, que uma pequena observação seria incluída em sua ficha dizendo que ele era difícil de lidar.

Mas é claro!

Gendibal pretendia ser difícil de lidar.

Agora, tinha trinta anos. Faria trinta e um em questão de dois meses e já era membro do Conselho de Oradores. Tinha nove anos, no máximo, para se tornar Primeiro Orador, e sabia que iria conseguir. Sua audiência com o atual Primeiro Orador era crucial para seus planos e, dedicando-se a causar, com precisão, a primeira impressão adequada, não poupou esforços para aperfeiçoar seu domínio de psicolinguagem.

Quando dois Oradores da Segunda Fundação comunicam-se entre si, a linguagem é diferente de qualquer uma da Galáxia. É uma linguagem tanto de gestos sutis como de palavras, tanto de detecção de mudanças de padrões mentais como de qualquer outra coisa.

Um forasteiro ouviria muito pouco ou nada, mas, em um curto período, muitos pensamentos teriam sido trocados, e a comunicação seria impossível de se reproduzir literalmente para qualquer pessoa que não fosse outro Orador.

A linguagem dos Oradores tinha a vantagem de ser expressa em velocidade e sutileza infinitas, mas tinha a desvantagem de tornar quase impossível o mascaramento de opiniões verdadeiras.

Gendibal sabia de sua própria opinião sobre o Primeiro Orador. Sentia que ele já tinha ultrapassado seu auge mental. O Primeiro Orador, na opinião de Gendibal, não esperava nenhuma crise, não tinha treinamento para lidar com uma e carecia de perspicácia para enfrentá-la, caso aparecesse. Com toda sua benevolência e amabilidade, Shandess era matéria-prima para um desastre.

Gendibal precisava impedir que isso transparecesse não apenas em suas palavras, gestos e expressões faciais, mas até mesmo em seus pensamentos – e não sabia como fazê-lo com eficiência suficiente para impedir que o Primeiro Orador captasse um lampejo do que sentia.

Era impossível, também, que Gendibal não enxergasse um pouco dos sentimentos do Primeiro Orador em relação a si. Além da compaixão e da boa vontade – bastante aparentes e razoavelmente

sinceras –, Gendibal podia sentir o limiar distante da condescendência e do desdém, e fechou ainda mais o próprio cerco mental para evitar revelar qualquer tipo de ressentimento em relação a isso – ou mostrar o mínimo possível.

O Primeiro Orador sorriu e recostou-se em sua cadeira. Não chegou a apoiar os pés na mesa, mas transmitiu a mistura exata de conforto autoconfiante e amizade informal – a medida exata de ambos para que Gendibal ficasse incerto do efeito de sua declaração.

Como Gendibal não havia sido convidado a se sentar, os leques de ações e atitudes que poderiam ser usadas para minimizar a falta de certeza era limitado. Era impossível que o Primeiro Orador não reconhecesse esse fato.

– O Plano Seldon é irrelevante? – perguntou Shandess. – Que declaração notável! Tem lido o Primeiro Radiante ultimamente, Orador Gendibal?

– Eu o estudo com frequência, Primeiro Orador. É meu dever fazê-lo, e também um prazer.

– O senhor por acaso estuda apenas as porções que se encaixam em sua jurisdição, de vez em quando? O senhor as observa de maneira microanalítica? Um sistema de equações aqui, uma cadeia de ajustes ali? De grande importância, evidentemente, mas sempre considerei um excelente exercício ocasional observar o todo. Estudar o Primeiro Radiante acre por acre tem suas utilidades, mas observá-lo como um continente é inspirador. Para dizer-lhe a verdade, Orador, não o faço há muito tempo. Gostaria de se juntar a mim?

Gendibal não ousaria alongar-se para responder. Precisaria ser feito, e era melhor que fosse sem resistência e de maneira agradável, ou então não valeria a pena fazê-lo.

– Seria uma honra e um prazer, Primeiro Orador – respondeu Gendibal.

O Primeiro Orador abaixou uma alavanca na lateral de sua mesa. Os escritórios de todos os Oradores eram equipados com uma alavanca do tipo, e a que estava no de Gendibal não era, de maneira nenhuma, inferior à do Primeiro Orador. A Segunda Fundação era uma sociedade igualitária em todas as suas manifestações superficiais – as que não eram importantes. Na realidade, a única prerrogativa *oficial* do Primeiro Orador era a que estava explícita em seu título: ele sempre falava primeiro.

O aposento escureceu com o acionamento da alavanca, mas, quase no mesmo instante, a escuridão deu lugar a uma meia-luz perolada. As duas longas paredes assumiram uma coloração leitosa e então ficaram cada vez mais claras e brancas, até que, enfim, surgiram equações representadas com nitidez e organização – tão pequenas que não podiam ser lidas facilmente.

– Se não tem objeções – afirmou o Primeiro Orador, deixando claro que não permitiria nenhuma –, vamos reduzir a ampliação para ver o máximo possível do conjunto.

As equações diminuíram à espessura de fios de cabelo, tênues meandros pretos sobre o fundo perolado.

O Primeiro Orador tocou os comandos no pequeno console instalado no braço de sua cadeira.

– Voltaremos ao início – disse –, à época de Hari Seldon, e vamos aplicar um pequeno movimento progressivo. Vamos ocultá-lo de maneira que vejamos apenas uma década de desenvolvimento por vez. Isso garante uma sensação esplêndida de fluxo da história, sem nos distrair com detalhes. Pergunto-me se o senhor já fez isso.

– Nunca exatamente desta maneira, Primeiro Orador.

– Deveria. É uma sensação maravilhosa. Observe a escassez de tracejado preto no começo. Não havia muitas chances de alternativas nas primeiras décadas. Mas os pontos de ramificação aumentam exponencialmente com o tempo. Se não fosse pelo fato de que, assim que uma vertente é seguida, há uma extinção de um vasto leque de outras em seu futuro, tudo logo se tornaria impossível de administrar. Evidentemente, quando se trata do futuro, devemos ter cuidado com quais extinções optamos por fazer.

– Eu sei, Primeiro Orador. – Havia um toque de aspereza na resposta de Gendibal que ele não conseguiu eliminar.

O Primeiro Orador não esboçou reação e continuou:

– Repare nas linhas sinuosas dos símbolos em vermelho. Há um padrão no que diz respeito a eles. Ao que tudo indica, deveriam existir apenas aleatoriamente, pois todos os Oradores conquistam suas posições acrescentando refinamentos ao Plano original de Seldon. Pelo visto, não existe nenhuma maneira, afinal de contas, de prever onde um refinamento poderá ser facilmente acrescentado ou para que ponto o interesse ou a habilidade de um Orador penderá. Ainda assim, suspeito há muito tempo de que a combinação do preto de Seldon e do

vermelho dos Oradores segue uma lei rigorosa que depende principalmente do tempo e de quase nada além dele.

Gendibal observou que conforme os anos passavam, os fios pretos e vermelhos criavam um padrão entrelaçado quase hipnótico. O padrão não tinha significado por si só, evidentemente. O importante eram os símbolos que o compunham.

Aqui e ali, trajetos azuis brilhantes surgiam e se expandiam; ramificavam-se e tornavam-se proeminentes, então cediam sobre si mesmos e desapareciam no preto ou no vermelho.

– Azul Desviante – disse o Primeiro Orador, e a sensação de desgosto, proveniente dos dois homens, preencheu o espaço entre eles. – Teremos cada vez mais disso, e em breve chegaremos ao Século dos Desvios.

E foi o que aconteceu. Era possível dizer exatamente onde o destrutivo fenômeno do Mulo ocupara momentaneamente a Galáxia, e o Primeiro Radiante subitamente avolumou-se com ramificações azuis – mais vertentes se iniciando do que se fechando – até que a própria sala pareceu se tornar azul à medida que as linhas ficavam mais grossas e preenchiam as paredes com uma poluição (a única palavra para definir aquilo) cada vez mais brilhante.

Alcançou um clímax e então parou, esvaziou-se e retraiu-se por um século antes de, enfim, desaparecer. Quando sumiu, quando o Plano retornou ao preto e vermelho, ficou evidente que a mão de Preem Palver estivera ali.

Adiante, adiante...

– Este é o presente – disse o Primeiro Orador, tranquilamente.

Adiante, adiante...

E então, um estreitamento levou a um verdadeiro nó de fios pretos com toques de vermelho.

– Esta é a instituição do Segundo Império – afirmou o Primeiro Orador.

Ele desligou o Primeiro Radiante e o aposento foi banhado pela luz comum.

– Foi uma experiência emocionante – disse Gendibal.

– Sim – sorriu o Primeiro Orador –, e o senhor está tomando o cuidado de não identificar a emoção, pelo menos tanto quanto consegue evitar. Não importa. Deixe-me fazer os apontamentos que desejo fazer. O senhor notará, em primeiro lugar, a ausência quase

completa de Azul Desviante depois da época de Preem Palver. Em outras palavras, nas últimas doze décadas. O senhor notará que não há probabilidades consideráveis de Desvios de classe superior à quinta pelos próximos cinco séculos. O senhor notará, também, que começamos a estender os refinamentos da psico-história mais além do início do Segundo Império. Ainda que Hari Seldon tenha sido um gênio transcendental, ele não era, nem poderia ser, onisciente como o senhor certamente sabe. Aperfeiçoamos o seu trabalho. Sabemos mais sobre psico-história do que ele jamais poderia saber. Seldon finalizou seus cálculos com o Segundo Império, e continuamos além dele – prosseguiu Shandess. – Se posso dizer sem parecer arrogante, o novo Hiperplano que ultrapassa a instauração do Segundo Império é, na maior parte, de minha autoria, e foi o que garantiu meu posto atual. Digo-lhe tudo isso para que o senhor possa poupar-me de conversas desnecessárias. Com tudo isso, como o senhor chegou à conclusão de que o Plano Seldon é irrelevante? O Plano é impecável. O simples fato de ele ter resistido ao Século dos Desvios, com todo o respeito à genialidade de Palver, é a melhor prova que temos de que é impecável. Onde está a fraqueza, jovem, que o faria rotular o Plano como irrelevante?

Gendibal enrijeceu a postura.

– O senhor está certo, Primeiro Orador – disse. – O Plano Seldon é impecável.

– Então o senhor reconsidera sua afirmação?

– Não, Primeiro Orador. A ausência de fraquezas é sua falha. Sua impecabilidade é fatal!

3

O Primeiro Orador pensava sobre Gendibal com imparcialidade. Ele havia aprendido a controlar suas expressões e considerava divertido observar a inaptidão de Gendibal nesse aspecto. Em cada frase, o jovem fazia o melhor que podia para esconder seus sentimentos, mas, a cada vez, os expunha completamente.

Shandess o analisou sem emoção. Era um jovem magro, não muito acima da altura média, com lábios finos e mãos ossudas e inquietas. Tinha olhos escuros e solenes, que tendiam a parecer sombrios.

O Primeiro Orador sabia que ele seria uma pessoa difícil, de convicções praticamente imutáveis.

– O senhor fala paradoxalmente, Orador – disse Shandess.

– *Parece* um paradoxo, Primeiro Orador, pois existe muito do Plano Seldon que assumimos como verdade e aceitamos de maneira deveras cega.

– O que o senhor questiona, então?

– A própria essência do Plano. Todos nós sabemos que ele não funcionará se sua natureza, ou até mesmo sua existência, for conhecida por muitos daqueles cujo comportamento o Plano foi criado para prever.

– Creio que Hari Seldon tinha consciência disso. Acredito até que ele fez disso um dos dois axiomas fundamentais da psico-história.

– Ele não previu o Mulo, Primeiro Orador; logo, não poderia ter antecipado a obsessão que a Segunda Fundação se tornaria para os membros da Primeira Fundação, depois que viram sua importância por meio do Mulo.

– Hari Seldon...

Por um momento, o Primeiro Orador arrepiou-se e ficou em silêncio.

A aparência física de Hari Seldon era conhecida por todos os membros da Segunda Fundação. Reproduções de sua imagem em duas ou três dimensões, fotográficas ou holográficas, em baixo ou alto-relevo, sentado ou em pé, eram universais. Todas o representavam nos últimos anos de sua vida. Todas eram de um homem idoso e benevolente, com o rosto enrugado pela sabedoria dos mais velhos, simbolizando a quintessência da genialidade amadurecida.

Mas o Primeiro Orador agora se lembrava de ter visto uma fotografia supostamente do jovem Seldon. A foto foi negligenciada, pois o conceito de um jovem Seldon era quase uma contradição de termos. Ainda assim, Shandess a tinha visto, e, repentinamente, lhe ocorria que Stor Gendibal era bastante parecido com o jovem Seldon.

Ridículo! Era o tipo de superstição que, de vez em quando, afligia a todos, por mais racionais que fossem. Ele fora enganado por uma similaridade fugidia. Se tivesse a fotografia diante de si, veria imediatamente que a semelhança era uma ilusão. Ainda assim, por que aquele tolo pensamento lhe ocorria *agora*?

Ele se recuperou. Foi uma perplexidade momentânea, um

descarrilhamento transitório de pensamento, breve demais para ser captado por qualquer pessoa que não fosse um Orador. Gendibal podia interpretá-lo como bem entendesse.

– Hari Seldon – disse, com bastante firmeza, pela segunda vez – tinha plena consciência de que havia um número infinito de possibilidades que não poderia prever, e foi por esse motivo que estabeleceu a Segunda Fundação. Também não previmos o Mulo, mas o reconhecemos quando nos atacou e o impedimos. Não previmos a subsequente obsessão da Primeira Fundação por nós, mas a reconhecemos quando surgiu e a impedimos. Onde, nisso tudo, você consegue encontrar uma falha?

– Para começar – respondeu Gendibal, – a obsessão da Primeira Fundação por nós ainda não acabou.

Houve uma distinta redução na deferência com a qual Gendibal falava até então. Ele havia notado a hesitação na voz do Primeiro Orador (concluiu Shandess) e a interpretou como incerteza. Isso precisava ser combatido.

– Deixe-me antecedê-lo – afirmou o Primeiro Orador rapidamente. – Haverá pessoas na Primeira Fundação que, ao comparar as caóticas dificuldades dos cerca de quatro primeiros séculos de sua existência com a placidez das últimas doze décadas, chegarão à conclusão de que isso é impossível sem que a Segunda Fundação esteja tomando conta do Plano. Obviamente, é a conclusão certa. Decidirão que a Segunda Fundação talvez não tenha sido destruída. Obviamente, é a decisão certa. De fato recebemos relatórios sobre um jovem no mundo capital da Primeira Fundação, Terminus; um oficial de seu governo que está convencido disso. Esqueço seu nome...

– Golan Trevize – disse Gendibal suavemente. – Eu fui o primeiro a reparar nessa questão nos relatórios e fui eu quem a direcionou ao seu escritório.

– É mesmo – respondeu o Primeiro Orador, com educação exagerada. – E como sua atenção se voltou a ele?

– Um de nossos agentes em Terminus enviou um tedioso relatório sobre os membros recém-eleitos do Conselho, uma questão de absoluta rotina geralmente encaminhada a todos os Oradores e ignorada por eles. Esse chamou a minha atenção por causa da natureza da descrição de um dos novos conselheiros, Golan Trevize. De acordo com o relato, ele parecia surpreendentemente autoconfiante e combativo.

– Reconheceu um espírito semelhante, foi isso?

– De jeito nenhum – retrucou Gendibal, tenso. – Pareceu-me uma pessoa descuidada que gosta de fazer coisas ridículas, descrição que não se aplica a mim. De qualquer maneira, conduzi um estudo aprofundado. Não demorei a concluir que ele teria sido um bom acréscimo à Segunda Fundação, se tivesse sido recrutado ainda jovem.

– Talvez – disse o Primeiro Orador, – mas o senhor sabe que não recrutamos em Terminus.

– Sim, é de meu conhecimento. Seja como for, mesmo sem nosso treinamento, ele é dotado de uma intuição incomum. Evidentemente, não tem disciplina nenhuma. Assim, não fiquei particularmente surpreso por ele ter concluído que a Segunda Fundação ainda existe. Mas considerei importante o suficiente para direcionar um memorando sobre o assunto ao seu escritório.

– Imagino que haja alguma nova mudança, considerando seu comportamento.

– Depois de concluir que ainda existimos, graças a suas habilidades de intuição altamente desenvolvidas, ele usou a informação de maneira caracteristicamente indisciplinada e, por isso, acabou exilado de Terminus.

O Primeiro Orador ergueu as sobrancelhas.

– O senhor parou subitamente. Quer que eu interprete o significado. Sem usar meu computador, deixe-me aplicar um esboço aproximado das equações de Seldon e adivinhar que uma perceptiva prefeita, capaz de suspeitar da contínua existência da Segunda Fundação, prefere evitar que um indivíduo indisciplinado exponha esse fato à Galáxia e, assim, alerte a própria Segunda Fundação do perigo. Eu diria que Branno, a Bronze decidiu que Terminus é mais seguro com Trevize fora do planeta.

– Ela poderia ter aprisionado Trevize ou encomendado um assassinato silencioso.

– As equações não são confiáveis quando aplicadas a indivíduos, como bem sabe. Lidam apenas com a humanidade em massa. Logo, o comportamento individual é imprevisível, e é possível supor que a prefeita seja um ser humano que considera prisão, e ainda mais assassinato, algo inclemente.

Gendibal ficou em silêncio por alguns instantes. Foi um silêncio eloquente, e ele o manteve por tempo suficiente para que o Primeiro

Orador ficasse incerto de suas opiniões, mas não a ponto de causar impaciência.

Ele calculou cada segundo e, então, disse:

– Essa não é a minha interpretação. Acredito que Trevize, neste momento, representa a linha de frente da maior ameaça à Segunda Fundação em toda a história. Um perigo ainda mais formidável do que o Mulo!

4

Gendibal ficou satisfeito. A força da declaração havia surtido efeito. O Primeiro Orador não esperava por aquilo e foi pego desprevenido. A partir desse momento, a vantagem era de Gendibal. Se tivesse alguma dúvida sobre esse fato, ela desapareceu com a próxima pergunta de Shandess:

– Isso tem alguma coisa a ver com sua teoria sobre a irrelevância do Plano Seldon?

Gendibal apostou na certeza completa, prosseguindo com um didatismo que não permitiria que o Primeiro Orador se recuperasse.

– Primeiro Orador – disse –, apenas fé atribui a Preem Palver a restauração do Plano Seldon depois da aberração incontrolável do Século dos Desvios. Estude o Primeiro Radiante e verá que os Desvio não desapareceram até duas décadas depois da morte de Palver, e que nenhum Desvio surgiu desde então. O crédito talvez fosse dos Primeiros Oradores que vieram depois de Palver, mas é improvável.

– Improvável? Admito que nenhum de nós foi como Palver, mas por que improvável?

– O senhor me permite demonstrar, Primeiro Orador? Usando a matemática da psico-história, posso mostrar com clareza que as chances do total desaparecimento dos Desvios são microscópicas demais para terem sido resultado de qualquer coisa que a Segunda Fundação possa fazer. Não há necessidade de ouvir-me, caso não tenha tempo ou desejo de assistir à demonstração, que tomará meia hora de sua exclusiva atenção. Posso, em vez disso, requisitar uma reunião da Mesa de Oradores e demonstrar a eles a minha teoria. Mas isso significaria perda de tempo para mim e uma controvérsia desnecessária.

– Sim, e possivelmente perda de prestígio para mim. Demonstre a questão agora. Mas um aviso – o Primeiro Orador esforçava-se para se recuperar. – Se o que me apresentar não tiver valor, não hei de esquecer.

– Se não tiver valor – respondeu Gendibal com um orgulho natural que superou o do outro –, o senhor receberá meu pedido de demissão imediatamente.

Na realidade, foi necessário mais do que meia hora, pois o Primeiro Orador questionou os cálculos com intensidade quase selvagem.

Gendibal compensou o atraso usando seu Microrradiante com habilidade. O aparelho, que podia localizar holograficamente qualquer trecho do vasto Plano e que não requeria parede ou console para funcionar, entrara em uso havia apenas uma década, e o Primeiro Orador nunca aprendera como manipulá-lo. Gendibal tinha consciência disso. O Primeiro Orador sabia que ele tinha essa consciência.

Gendibal o acoplou a seu polegar direito e o manipulou com os quatro dedos, usando a mão deliberadamente como se tocasse um instrumento musical (ele tinha, inclusive, escrito um breve ensaio sobre essas analogias).

As equações que Gendibal resgatou (e encontrou com naturalidade convicta) moviam-se de trás para frente para acompanhar suas elucidações. Ele podia obter definições, se fosse necessário; estabelecer axiomas; e produzir gráficos, tanto em duas como em três dimensões (sem contar as projeções de navegação multidimensional).

As explicações de Gendibal eram claras e incisivas, e o Primeiro Orador entregou os pontos. Foi conquistado.

– Não me lembro de ter visto uma análise dessa natureza. Quem é o autor?

– Primeiro Orador, é meu próprio trabalho. Publiquei a matemática básica envolvida.

– Muito inteligente, Orador Gendibal. Algo como isso o colocará na lista para ocupar a cadeira de Primeiro Orador, caso eu venha a morrer ou me aposentar.

– Não pensei nesse assunto, Primeiro Orador. Mas, como não há chances de que o senhor acredite nisso, retiro o comentário. *Pensei* no assunto e *espero* me tornar o Primeiro Orador, pois quem ascender ao cargo *deve* seguir uma conduta que somente eu vejo com clareza.

– Sim – disse o Primeiro Orador –, modéstia inapropriada pode ser bastante perigosa. Que conduta? Talvez o atual Primeiro Orador também a siga. Posso estar velho demais para dar o passo intelectual que o senhor deu, mas não estou tão velho a ponto de não acompanhá-lo.

Foi uma rendição graciosa e Gendibal afeiçoou-se de maneira inesperada ao velho, mesmo depois de perceber que era justamente essa a intenção do Primeiro Orador.

– Agradeço, Primeiro Orador, pois precisarei muito de sua ajuda. Não tenho chances de convencer a Mesa sem sua iluminada liderança. – (Honraria por honraria.) – Suponho, portanto, que o senhor já tenha notado, com base no que demonstrei, ser impossível que o Século dos Desvios tenha sido corrigido sob nossa política, ou que todos os Desvios tenham cessado desde então.

– Para mim, é evidente – respondeu o Primeiro Orador. – Se seus cálculos estão corretos, para que o Plano tivesse se recuperado como o fez e funcionasse perfeitamente como parecer ter feito, seria necessário que pudéssemos prever as reações de pequenos grupos de pessoas, até mesmo de indivíduos, com algum grau de certeza.

– Precisamente. Como a matemática da psico-história não permite que isso seja feito, os Desvios não deveriam ter retraído e, muito menos, ter permanecido ausentes. Compreende, então, o que quis dizer quando afirmei que a fraqueza do Plano Seldon era sua ausência de fraquezas?

– Então existem duas possibilidades: o Plano Seldon possui de fato outros Desvios ou há algo de errado em seus cálculos. Devo considerar que o Plano Seldon *não* mostrou Desvios em mais de um século, portanto a conclusão lógica é que *existe* algo errado em sua matemática. O problema é que não detecto nenhuma falácia nem deslize.

– O senhor se engana – respondeu Gendibal – ao excluir uma terceira possibilidade. É possível que o Plano Seldon não tenha nenhum outro Desvio e, ainda assim, não haja nada de errado com meus cálculos ao prever que isso é impossível.

– Não consigo enxergar a terceira possibilidade.

– Suponha que o Plano Seldon esteja sob controle de um método psico-histórico tão avançado que as reações de pequenos grupos de pessoas, talvez até de indivíduos, *possam* ser previstas; um método que

nós, da Segunda Fundação, não conhecemos. Assim, e *somente* assim, minha matemática preveria que o Plano Seldon não sofreria mais nenhum Desvio.

Por alguns instantes (pelos padrões da Segunda Fundação), o Primeiro Orador não respondeu. Então disse:

– Não existe tal método avançado que seja do meu conhecimento ou, como posso dizer a partir de seu comportamento, do seu. Se nem eu nem você o conhecemos, as chances de qualquer outro Orador, ou qualquer grupo de Oradores, desenvolver tal micropsico-história, se posso chamá-la assim, e mantê-la em segredo do restante da Mesa é infinitesimalmente pequena. Concorda?

– Concordo.

– Então, sua análise está errada ou a micropsico-história está nas mãos de algum grupo fora da Segunda Fundação.

– Exatamente, Primeiro Orador. A segunda alternativa deve estar correta.

– Pode provar a veracidade de tal afirmação?

– Não posso, não formalmente. Mas considere isto: já não houve uma pessoa capaz de afetar o Plano Seldon ao lidar com indivíduos?

– Presumo que esteja se referindo ao Mulo.

– Sim, certamente.

– O Mulo podia apenas prejudicá-lo. O problema aqui é que o Plano Seldon está funcionando bem demais, consideravelmente mais perto da perfeição do que seus cálculos permitiriam. Você precisaria de um anti-Mulo, alguém capaz de sobrepujar o Plano, como fazia o Mulo, mas que aja por motivações opostas, sobrepujando não para prejudicar, mas para torná-lo perfeito.

– Precisamente, Primeiro Orador. Quem me dera ter pensado em expressão tão clara. O que era o Mulo? Um mutante. Mas de onde veio? Como surgiu? Ninguém sabe ao certo. Será que não existem outros?

– Aparentemente, não. O fato mais conhecido sobre o Mulo era sua esterilidade. Por isso era chamado assim. Ou o senhor acredita ser um mito?

– Não me refiro aos descendentes do Mulo. Não seria possível que o Mulo fosse um membro anômalo do que é, ou agora se tornou, um considerável grupo de pessoas com poderes mulianos que, por algum motivo próprio, não estão rompendo o Plano Seldon, mas apoiando-o?

– Por que, pela Galáxia, eles o apoiariam?

– Por que *nós* o apoiamos? Planejamos um Segundo Império em que nós, ou melhor, nossos descendentes intelectuais, serão aqueles que tomarão as decisões. Se algum outro grupo apoia o Plano com mais eficiência do que nós, eles não devem estar planejando deixar o poder em nossas mãos. *Eles* tomarão as decisões. Mas com que finalidade? Não deveríamos tentar descobrir a que tipo de Segundo Império eles estão nos encaminhando?

– E como o senhor pretende descobrir?

– Bom, por que a prefeita de Terminus exilou Golan Trevize? Ao tomar essa decisão, ela permite que uma pessoa possivelmente perigosa viaje livremente pela Galáxia. Não consigo acreditar que ela o fez por humanitarismo. Historicamente, os dirigentes da Primeira Fundação agiram sempre de maneira realista, o que, no geral, significa sem se preocupar com "moralidade". Na verdade, um de seus heróis, Salvor Hardin, chegava a pregar contra a moralidade. Não, eu acredito que a prefeita agiu sob influência de agentes dos anti-Mulos, usando sua expressão. Acho que Trevize foi recrutado por eles e acho que ele é a ponta da lança apontada para nós. Uma lança mortal.

E o Primeiro Orador disse:

– Por Seldon, o senhor talvez esteja certo. Mas como vamos convencer a Mesa disso tudo?

– Primeiro Orador, o senhor subestima sua eminência.

6.

Terra

1

Trevize estava com calor e irritado. Ele e Pelorat encontravam-se sentados no pequeno refeitório; tinham acabado de almoçar.

– Estamos no espaço há apenas dois dias e já me sinto bastante confortável, apesar de sentir falta do ar fresco, da natureza e de tudo o mais – disse Pelorat. – Inusitado! Parece que nunca reparei nesse tipo de coisas quando estavam à minha volta. Ainda assim, com a minha placa eletrônica e aquele seu extraordinário computador, tenho toda a minha biblioteca aqui; ou, pelo menos, tudo o que é importante. E não sinto nenhum receio de estar no espaço sideral. Impressionante!

Pensativo, Trevize emitiu uma interjeição inexpressiva. Seus olhos estavam distantes. Gentilmente, Pelorat disse:

– Não quero me intrometer, Golan, mas creio que você não está me escutando. Não que eu seja uma pessoa particularmente interessante. Sempre fui um pouco tedioso, sabe? Mas você parece preocupado com outra coisa. Estamos encrencados? Não tenha medo de me contar. Eu talvez não possa ajudar, caro colega, mas não vou entrar em pânico.

– Encrencados? – Trevize pareceu sair de seu devaneio, franzindo o cenho.

– Eu me refiro à nave. É um novo modelo, portanto suponho que possa haver alguma coisa errada – Pelorat permitiu-se um pequeno e incerto sorriso.

– É estúpido de minha parte deixá-lo com tal incerteza, Janov – Trevize negou vigorosamente com a cabeça. – Não há absolutamente nada de errado com a nave. Funciona com perfeição. Na verdade, estou procurando por um hipertransmissor.

– Ah, entendo. Quero dizer, não entendo. O que é um hipertransmissor?

– Bom, deixe-me explicar, Janov. Estou em comunicação com

Terminus. Ou melhor, posso me comunicar quando quiser, e Terminus pode, reversamente, se comunicar conosco. Eles sabem a localização da nave, pois observaram sua trajetória. Mesmo se não tivessem observado, poderiam nos localizar ao escanear o espaço próximo à procura de massas, o que os alertaria sobre a presença de uma nave ou, talvez, de um meteoroide. Eles poderiam, ainda, detectar padrões de energia que não apenas distinguiriam uma nave de um meteoroide como também identificariam uma nave em especial, pois não existem espaçonaves que usem energia da mesma maneira. De alguma forma, nosso padrão é único e independente dos dispositivos ou instrumentos que liguemos ou desliguemos. A nave pode ser desconhecida, claro, mas se é uma nave cujo padrão energético está registrado em Terminus, como a nossa, pode ser identificada assim que for detectada.

– Me parece, Golan – afirmou Pelorat –, que o avanço da civilização não é nada além de um exercício na limitação da privacidade.

– Talvez esteja certo. De qualquer forma, mais cedo ou mais tarde vamos precisar nos locomover pelo hiperespaço ou estaremos condenados a ficar a um ou dois parsecs de Terminus para o resto de nossas vidas. Assim, só poderíamos realizar viagens interestelares com os menores graus possíveis. Por outro lado, ao atravessarmos o hiperespaço, sofremos uma descontinuação do espaço comum. Passamos daqui para lá (e, às vezes, isso se aplica a intervalos de centenas de parsecs) em um instante, em nossa percepção de tempo. Repentinamente, estamos a uma imensa distância em uma direção muito difícil de prever. Na prática, impossíveis de detectar.

– Sim. Entendo.

– A não ser, claro, que eles tenham plantado um hipertransmissor a bordo. Um hipertransmissor envia um sinal através do hiperespaço, um sinal característico desta nave, e as autoridades de Terminus saberiam onde estamos o tempo todo. Essa é a resposta para a sua pergunta. Não haveria nenhum lugar na Galáxia onde poderíamos nos esconder e nenhuma combinação de Saltos pelo hiperespaço possibilitaria nossa evasão dos instrumentos à disposição deles.

– Mas Golan – disse Pelorat suavemente –, nós *queremos* a proteção da Fundação, não?

– Sim, Janov, mas apenas quando a requisitarmos. Você disse que o avanço da civilização significava a contínua restrição de nossa

privacidade. Bom, não quero algo tão avançado assim. Quero ter a liberdade de me locomover como bem entender, sem ser detectado, a não ser que eu deseje proteção ou precise dela. Portanto, eu me sentiria melhor, muito melhor, se *não* houvesse um hipertransmissor a bordo.

– Encontrou algum, Golan?

– Não, não encontrei. Se encontrar, talvez consiga, de alguma maneira, desligá-lo.

– Você o reconheceria se o visse?

– É uma das dificuldades. Eu talvez não consiga reconhecê-lo. Sei como é um hipertransmissor em termos gerais e conheço maneiras de testar um objeto suspeito, mas essa é uma nave de último modelo, criada para missões especiais. Um hipertransmissor talvez tenha sido incorporado ao seu design de forma a não demonstrar sinais de sua existência.

– Por outro lado, talvez não exista nenhum hipertransmissor e é por isso que ainda não o encontrou.

– Não ouso fazer tal suposição e não gosto da ideia de realizar um Salto até que eu tenha certeza.

Pelorat parecia compreender.

– Então é por isso que estamos à deriva no espaço – disse. – Estava me perguntando o motivo de ainda não termos Saltado. Já ouvi falar nos Saltos, sabe? Tenho estado um pouco ansioso por causa deles, na verdade. Imaginava o momento em que você me mandaria apertar o cinto, tomar uma pílula ou algo do tipo.

– Não há motivos para ficar apreensivo – Trevize conseguiu sorrir. – Não estamos na antiguidade. Em uma espaçonave como essa, basta deixar tudo a cargo do computador. Você fornece suas instruções e ele faz o resto. Você nem percebe que algo aconteceu, exceto que a vista do espaço mudará subitamente. Se já viu uma apresentação de slides, sabe o que acontece quando um slide é repentinamente projetado no lugar de outro. O Salto é parecido com isso.

– Puxa vida. Não se sente nada? Bizarro! Acho até um pouco decepcionante.

– *Eu* nunca senti nada, e as naves em que estive não eram tão avançadas quanto esta nossa belezinha. Mas não é por causa do hipertransmissor que ainda não saltamos. Precisamos nos distanciar um pouco mais de Terminus, e do sol também. Quanto mais longe

estivermos de qualquer corpo de grande massa, mais fácil será controlar o Salto e realizar a reemersão no espaço exatamente nas coordenadas desejadas. Em caso de emergência, você pode arriscar um Salto quando está a apenas duzentos quilômetros da superfície de um planeta e confiar na sorte para chegar ao outro lado com segurança. Ainda assim, existe sempre a possibilidade de fatores aleatórios fazerem com que você reapareça dentro de alguns milhões de quilômetros de distância de uma estrela ou no centro galáctico... e você estará frito antes mesmo de piscar. Quanto mais longe estiver de qualquer massa, menores são esses fatores e menores as chances de qualquer infortúnio.

– Nesse caso, louvada seja sua cautela. Não estamos com tanta pressa.

– Exato. Especialmente considerando que eu adoraria encontrar o hipertransmissor antes de qualquer passo, ou encontrar alguma maneira de me convencer de que não há nenhum hipertransmissor.

Trevize pareceu divagar novamente em sua concentração particular, e Pelorat, levantando a voz de leve para transpor a barreira de preocupação, disse:

– Quanto tempo temos?

– O quê?

– Digo, quando você realizaria o Salto se não estivesse preocupado com o hipertransmissor, meu caro amigo?

– Em nossa velocidade e trajetória atual, diria que seria em nosso quarto dia no espaço. Vou calcular o tempo certo no computador.

– Bom, então você ainda tem dois dias para sua busca. Posso dar uma sugestão?

– Vá em frente.

– Vejo sempre em meu trabalho (bastante diferente do seu, é claro, mas vamos generalizar) que investir rigidamente em um problema específico é contraproducente. Por que não relaxar e falar sobre outra coisa? Sua mente inconsciente, sem afligir-se com o peso do pensamento concentrado, talvez resolva o problema para você.

Trevize ficou momentaneamente irritado, e então riu.

– Bom, por que não? Diga-me, professor, por que se interessou pela Terra? Como surgiu essa curiosa noção de um único planeta no qual todos nós começamos?

– Ah! – Pelorat concordou com a cabeça, reminiscente. – Isso me

leva de volta ao passado. Mais de trinta anos atrás. Eu planejava ser biólogo quando me preparava para a faculdade. Estava especialmente interessado na variação de espécies de mundos diferentes. A variedade, como sabe... bom, talvez não saiba, então não deve se importar que eu lhe diga... é muito pequena. Todas as formas de vida na Galáxia, ou pelo menos as que já encontramos, compartilham uma química formada a partir de proteína, ácido nucleico e água.

– Fiz faculdade militar – respondeu Trevize –, que enfatizava física nuclear e gravitacional, mas não sou um especialista limitado. Sei um pouco sobre a base química da vida. Fomos ensinados que água, proteínas e ácidos nucleicos são a única base possível para a vida.

– Acredito que isso seja uma conclusão precipitada. É mais seguro dizer que nenhuma outra forma de vida foi encontrada, ou, pelo menos, reconhecida, e parar por aí. O mais surpreendente é que espécies nativas, ou seja, espécies encontradas em um único planeta e em nenhum outro, são poucas. A maioria das espécies que existem, inclusive a *Homo sapiens*, está distribuída por todos ou pela maioria dos mundos habitados da Galáxia e têm relações próximas em termos bioquímicos, fisiológicos e morfológicos. Por outro lado, as espécies nativas são amplamente distanciadas em suas características, tanto das formas propagadas como entre si.

– Bom, e daí?

– A conclusão é que um mundo da Galáxia, *um* mundo, é diferente do resto. Dezenas de milhões de mundos na Galáxia – ninguém sabe ao certo quantos – desenvolveram vida. Vida simples, esparsa, insignificante. Sem muita variedade, difícil de ser mantida e de se espalhar. Um mundo, *um* único mundo, desenvolveu vida em milhões de espécies (certamente milhões), algumas delas altamente especializadas, bastante propensas a se multiplicarem e a se espalharem, inclusive *nós*. Fomos inteligentes o suficiente para formar uma civilização, para desenvolver o voo hiperespacial e para colonizar a Galáxia e, ao nos espalhar pela Galáxia, levamos junto muitas outras formas de vida relacionadas entre si e conosco.

– Se você parar para pensar – disse Trevize, deveras indiferente –, acho que faz sentido. Quero dizer, cá estamos, em uma Galáxia humana. Se presumirmos que tudo começou em um mundo, tal mundo precisaria ser diferente. Mas por que não? As chances de a vida se desenvolver dessa maneira caótica devem ser, de fato, muito

pequenas (talvez uma em cem milhões), portanto é provável que tenha acontecido em um único planeta apto para a vida, dentre cem milhões. Precisaria ser apenas um.

– Mas o que fez esse planeta em especial ser tão diferente dos outros? – perguntou Pelorat, empolgado. – Quais condições o tornavam único?

– Apenas coincidência, talvez. Afinal, os seres humanos e as formas de vida que trouxeram consigo agora povoam dezenas de milhões de planetas, todos aptos para a vida. Portanto, todos eram possíveis.

– Não! Uma vez que a espécie humana evoluiu, uma vez que desenvolveu tecnologia, uma vez que amadureceu na árdua batalha pela sobrevivência, pôde se adaptar à vida em qualquer planeta que seja minimamente habitável... em Terminus, por exemplo. Mas você consegue imaginar vida inteligente *originando-se* em Terminus? Quando Terminus foi ocupado por seres humanos nos dias dos enciclopedistas, a forma mais sofisticada de vida vegetal que o planeta produzia era uma planta semelhante a musgo nas rochas; a forma mais sofisticada de vida animal eram pequenos organismos semelhantes a corais no oceano; e criaturas voadoras insetoides em terra. Nós praticamente os extinguimos e entulhamos o mar e a terra com peixes, coelhos, cabras, grama, grãos, árvores e assim por diante. Nada restou da vida nativa, exceto o que existe em zoológicos e aquários.

– Hmmm – disse Trevize.

Pelorat o encarou por um minuto inteiro, então suspirou e disse:

– Você não se importa, não é? Incrível! Parece que nunca encontro alguém que se importe. Culpa minha, creio. Não consigo fazer o assunto ser interessante, mesmo que interesse tanto a *mim*.

– É interessante – respondeu Trevize. – É mesmo. Mas... mas... e daí?

– Não lhe ocorre que poderia ser cientificamente interessante estudar um mundo que deu origem ao único equilíbrio ecológico nativo genuinamente próspero que a Galáxia já viu?

– Talvez, se você for um biólogo. Mas eu não sou. Por favor, me perdoe.

– Certamente, caro colega. É que nunca encontrei nem biólogos que tivessem interesse. Contei-lhe que me matriculei em Biologia. Levei a questão ao meu professor e *nem ele* ficou interessado. Falou que eu deveria me voltar a algum problema prático. Fiquei tão aborrecido

que preferi cursar História (que era um hobby meu da adolescência, de qualquer maneira) e abordar a "Questão da Origem" a partir desse ponto de vista.

– Pelo menos lhe deu motivação para o trabalho de sua vida. Você deve estar satisfeito com a ignorância de seu professor.

– Sim, suponho que é possível encarar dessa forma. E o trabalho é muito interessante, nunca me cansei dele. Mas gostaria que interessasse a *você*. Detesto essa sensação de falar sozinho eternamente.

Trevize inclinou a cabeça para trás e riu cordialmente.

O sereno rosto de Pelorat assumiu uma leve expressão de ofensa.

– Por que está rindo de mim? – perguntou.

– Não de você, Janov – respondeu Trevize. – Estou rindo de minha própria estupidez. No que diz respeito a você, sou completamente agradecido. Você estava totalmente certo, sabe?

– Ao assumir a importância da origem humana?

– Não, não. Quero dizer, isso também. Mas digo que estava certo quando me falou para não pensar conscientemente no meu problema e guiar minha mente em outra direção. Funcionou. Quando você estava falando sobre a forma como a vida evoluiu, finalmente me ocorreu que sei como encontrar o hipertransmissor, se ele existir.

– Oh, isso.

– Sim, isso! Essa é a *minha* ideia fixa no momento. Estive procurando pelo hipertransmissor como se estivesse na lata velha que era minha nave de treinamento, estudando cada parte com os olhos, procurando por algo que se destacasse do resto. Tinha esquecido que essa espaçonave é o produto finalizado de milhares de anos de evolução tecnológica. Entende?

– Não, Golan.

– Temos um computador a bordo. Como pude esquecer?

Ele acenou e entrou em seu próprio quarto, insistindo que Pelorat viesse com ele.

– Basta que eu tente me comunicar – afirmou, pousando as mãos no contato do computador.

Era questão de tentar falar com Terminus, que agora estava a alguns milhares de quilômetros para trás.

Alcançar! Comunicar! Era como se terminações nervosas brotassem e se estendessem, espalhando-se com velocidade inacreditável – a

velocidade da luz, claro – para fazer contato.

Trevize sentiu-se tocando... Quer dizer, não exatamente tocando, mas sentindo... Quer dizer, não exatamente sentindo, mas... Não importava; não havia uma palavra para aquilo.

Ele tinha *consciência* de Terminus dentro de seu alcance e, apesar de a distância entre os dois aumentar aproximadamente vinte quilômetros por segundo, o contato persistia, como se o planeta e a espaçonave estivessem imóveis e separados por apenas alguns metros.

Ele não disse nada. Fechou-se. Estava apenas testando o *princípio* da comunicação, não se comunicando ativamente.

Lá fora, a oito parsecs de distância, estava Anacreon, o planeta gigante mais próximo – estavam em seu quintal, pelos padrões galácticos. Enviar uma mensagem pelo mesmo sistema de velocidade da luz que havia acabado de funcionar com Terminus – e receber uma resposta – levaria cinquenta e dois anos.

Buscar Anacreon! Pensar Anacreon! Pense com a maior clareza que puder. Você sabe sua posição em relação a Terminus e ao centro galáctico; estudou sua planetografia e sua história; solucionou problemas militares nos quais era necessário reconquistar Anacreon (no caso impossível – atualmente – de o planeta ser dominado por um inimigo).

Pelo espaço! Você *esteve* em Anacreon!

Imagine! Imagine! Você sentirá como se *estivesse lá* por meio do hipertransmissor.

Nada! Suas terminações nervosas estremeceram e acabaram em lugar nenhum.

Trevize soltou-se.

– Não existe nenhum hipertransmissor a bordo da *Estrela Distante*, Janov. Tenho certeza. E se não tivesse seguido sua sugestão, imagino quanto tempo teria levado para chegar a essa conclusão.

Pelorat, sem mover um músculo do rosto, ficou extasiado.

– Fico muito feliz por ter ajudado. Isso quer dizer que Saltaremos?

– Não, ainda precisamos esperar dois dias, por segurança. Temos de nos distanciar das massas, lembra-se? Normalmente, considerando que estou no comando de uma nave recém-fabricada e não testada com a qual não tenho nenhuma familiaridade, eu provavelmente levaria dois dias para calcular o procedimento exato – especialmente a hiperpropulsão adequada para o primeiro Salto. Mas tenho a sensação

de que o computador fará tudo.

– Puxa vida! Isso nos deixa com um tedioso período de espera, aparentemente.

– Tedioso? – Trevize abriu um grande sorriso. – De jeito nenhum! Eu e você, Janov, vamos conversar sobre a Terra.

– É mesmo? – respondeu Pelorat. – Está tentando agradar um velhote? Gentil da sua parte. De verdade.

– Absurdo! Estou tentando agradar a mim mesmo. Janov, você me converteu. Graças ao que me disse, entendi que a Terra é o objeto mais importante e mais avassaladoramente instigante do universo.

2

A questão certamente conquistou Trevize no momento em que Pelorat apresentou suas teorias sobre a Terra, mas sua mente estava reverberando com o problema do hipertransmissor e, por isso, ele não reagiu de imediato. No momento em que o problema foi resolvido, ele *de fato* reagiu.

A citação de Hari Seldon que talvez fosse a mais repetida era sua observação sobre a Segunda Fundação estar “na outra extremidade da Galáxia” em relação a Terminus. Seldon chegou até a dar um nome à localização: era o “Fim da Estrela”.

Isso foi incluído no relato de Gaal Dornick sobre o dia do julgamento diante do tribunal Imperial. “A outra extremidade da Galáxia” – foram essas as palavras que Seldon disse a Dornick e, desde então, seu significado era motivo de polêmica.

O que poderia conectar uma extremidade da Galáxia com “a outra extremidade”? Era uma linha reta, uma espiral, um círculo ou o quê?

E agora, em um momento luminoso, ficou repentinamente claro para Trevize que não era uma linha nem uma curva que deveria – ou poderia – ser desenhada no mapa da Galáxia. Era algo mais sutil do que isso.

Era fato conhecido que uma das extremidades da Galáxia era Terminus. Sim, Terminus estava no limite da Galáxia – *nosso* limite da Fundação –, o que dava à palavra “extremidade” um sentido literal. Mas era, também, o *mais novo* mundo da Galáxia na época em que Seldon estava falando; um mundo prestes a ser fundado, que até então

não tinha existido nem por um segundo.

Sob esse ponto de vista, qual seria a outra extremidade da Galáxia? O *outro* limite da Fundação? Talvez o mundo *mais antigo* da Galáxia? E, de acordo com os argumentos que Pelorat apresentou – sem saber o que estava dizendo –, só poderia ser a Terra. A Segunda Fundação poderia estar na Terra.

Mas Seldon tinha dito que a outra extremidade da Galáxia era no “Fim da Estrela”. Quem poderia dizer que ele não estava falando metaforicamente? Trace a história da humanidade, como fez Pelorat, e a linha se estenderia através de cada sistema planetário e de cada estrela que brilhou sobre um planeta habitado, até algum outro sistema planetário e alguma outra estrela da qual os primeiros migrantes vieram, então até uma estrela antes dessa – até que, enfim, todas as linhas alcançassem o planeta do qual a humanidade se originou. “Fim da Estrela” era a estrela que brilhou sobre a Terra.

Trevize sorriu e disse, quase com carinho:

– Conte-me mais sobre a Terra, Janov.

Pelorat negou com a cabeça.

– Contei-lhe tudo o que há para saber – disse. – Mesmo. Vamos descobrir mais em Trantor.

– Não, Janov, não vamos – respondeu Trevize. – Não descobriremos nada lá. Por quê? Porque não vamos a Trantor. Sou o comandante desta nave e garanto que não vamos.

Pelorat ficou boquiaberto. Teve dificuldades para respirar por um momento e então disse, desolado:

– Oh, meu caro colega!

– Vamos lá, Janov. Não olhe para mim desse jeito. Vamos encontrar a *Terra*.

– Mas é somente em Trantor que...

– Não, não é. Trantor é apenas um lugar em que você pode estudar filmes quebradiços e documentos empoeirados e virar você mesmo quebradiço e empoeirado.

– Durante décadas, sonhei...

– Sonhou em encontrar a Terra.

– Mas é apenas...

Trevize levantou-se, inclinou-se, agarrou a parte solta da túnica de Pelorat e disse:

– Não repita isso, professor. Não repita. Quando você me falou que

iríamos procurar pela Terra, antes mesmo de entrarmos nessa nave, disse que a encontraríamos, pois, usando suas próprias palavras: "tenho em mente uma grande possibilidade". Ouça, não quero ouvir você dizer "Trantor" novamente. Quero ouvir apenas sobre essa grande possibilidade.

– Mas ela precisa ser *confirmada*. Até agora, não passa de um pensamento, uma esperança, uma vaga possibilidade.

– Ótimo! Conte-me.

– Você não entende. Simplesmente não entende. É um campo que somente eu, e mais ninguém, pesquisou. Não há nada histórico, nada sólido, nada verdadeiro. As pessoas falam da Terra como se fosse fato e também como se fosse mito. Existem milhões de histórias contraditórias...

– Pois então no que consistiu a *sua* pesquisa?

– Fui obrigado a reunir todos os contos, todos os fragmentos de suposta história, todas as lendas, todos os mitos obscuros. Até mesmo *ficção*. Qualquer coisa que incluísse o nome "Terra" ou a ideia de um planeta original. Se ao menos eu conseguisse algo mais confiável do que tudo isso na Biblioteca Galáctica em... Mas você não quer que eu diga a palavra.

– Isso mesmo. Não diga. Em vez disso, conte-me por que um desses tópicos chamou sua atenção e por que acredita que esse, entre todos os outros, deve ser legítimo.

Pelorat negou com a cabeça.

– Golan, me perdoe, mas você está falando como um militar ou um político. Não é assim que a história funciona.

Trevize respirou fundo e manteve a calma.

– Diga-me como funciona – respondeu. – Temos dois dias. Elucide-me.

– Você não pode se basear em um único mito, nem mesmo em um único grupo de mitos. Tive de reunir todos, analisá-los, organizá-los, estabelecer símbolos para representar diferentes aspectos de seus conteúdos. Narrativas de efeitos climáticos impossíveis, detalhes astronômicos sobre sistemas planetários que diferem da realidade, local de origem de heróis culturais declaradamente não nativos; literalmente centenas de outros tópicos. Não será útil falar sobre a lista toda; nem mesmo dois dias seriam suficientes. Dediquei trinta anos a isso, estou lhe dizendo. Então criei um programa que analisou

todos esses mitos à procura de elementos em comum e que buscou uma transformação que eliminasse as impossibilidades verdadeiras. Gradualmente, elaborei um modelo de como a Terra deve ter sido. Afinal, se os seres humanos se originaram em um único planeta, esse único planeta deve representar o único fato que todos os mitos de origem, todas as narrativas de heróis culturais, têm em comum. Você gostaria que eu entrasse nos detalhes matemáticos?

– Não no momento, obrigado – disse Trevize –, mas como pode ter certeza de que não será enganado pelos seus cálculos? Sabemos que Terminus foi fundada há apenas cinco séculos e que os primeiros seres humanos chegaram como colonizadores vindos de Trantor, mas foram reunidos de dúzias, senão centenas, de outros mundos. Ainda assim, alguém que não soubesse desse fato poderia supor que Hari Seldon e Salvor Hardin, nenhum dos dois nascido em Terminus, teriam vindo da Terra, e que Trantor seria, na verdade, um nome que significava Terra. Se Trantor, como descrito na época de Seldon, fosse procurado em nossa época, um planeta cuja superfície é toda coberta de metal, certamente não seria encontrado e poderia ser considerado um mito impossível.

– Retiro minha afirmação sobre militares e políticos, meu caro amigo – Pelorat parecia satisfeito. – Você tem um senso intuitivo extraordinário. Evidentemente, precisei estabelecer um controle. Inventei uma centena de falsidades baseado em distorções da nossa história e imitando mitos do tipo que coletei. Então, tentei incorporar minhas invenções ao modelo. Uma das minhas invenções era até baseada na história inicial de Terminus. O computador rejeitou todas. Cada uma delas. Isso poderia ser indicativo de que eu simplesmente não tenho talento para criar uma ficção razoável, mas fiz o melhor que pude.

– Tenho certeza de que fez, Janov. E o que o seu modelo lhe contou sobre a Terra?

– Diversas coisas, com graus variados de probabilidade. Uma espécie de perfil. Por exemplo, aproximadamente 90% dos planetas habitados da Galáxia têm períodos de rotação entre vinte e duas e vinte e seis horas do Padrão Galáctico. Bom...

– Espero que não tenha perdido tempo com isso, Janov – interrompeu Trevize. – Não há mistério algum nessa questão. Para um planeta ser habitável, sua rotação não pode ser rápida demais a ponto

de causar padrões de circulação de ar que resultem em condições tempestuosas impossíveis, nem lenta demais a ponto de criar padrões extremos de variação de temperatura. É uma propriedade autosseletiva. Seres humanos preferem viver em planetas com características adequadas; logo, todos os planetas habitáveis são parecidos uns com os outros no que diz respeito a essas características. Algumas pessoas dizem: "Que coincidência incrível!", mas não é nada incrível, muito menos uma coincidência.

– Na verdade – respondeu Pelorat –, esse é um fenômeno conhecido nas ciências sociais. Na física também, creio, mas não sou físico e não tenho certeza. De qualquer forma, é chamado de "princípio antrópico": o observador influencia os eventos que observa pelo simples fato de observá-los ou de estar lá para tanto. Mas a questão é: onde está o planeta que serviu como modelo? Que planeta tem rotação de exatamente um dia, ou vinte e quatro horas, do Padrão Galáctico?

Trevize ficou pensativo e contraiu os lábios.

– Você acha que pode ser a Terra? – perguntou. – O Padrão Galáctico poderia ter sido baseado nas características locais de *qualquer* planeta, não?

– Pouco provável. Não é o jeito humano. Trantor foi o mundo capital por doze mil anos, o mundo mais populoso por doze mil anos. Ainda assim, não impôs seu período de rotação de 1,08 dia do Padrão Galáctico por toda a Galáxia. E o período de rotação de Terminus é 0,91 dia PG, e não o impusemos aos planetas que dominamos. Cada planeta usa seus próprios cálculos, com seu próprio sistema de dia Local Planetário, e, para questões de relevância interplanetária, converte, com o auxílio de computadores, para frente e para trás entre dia LP e dia PG. O dia do Padrão Galáctico *deve* vir da Terra!

– Por que *deve*?

– Para começar, em determinado momento a Terra foi o *único* planeta habitado. Portanto, seu dia e ano seriam padrões naturais e, à medida que outros mundos iam sendo colonizados, provavelmente permaneciam como padrões graças à inércia social. Além disso, o modelo que criei foi o de uma Terra que girava no próprio eixo em apenas vinte e quatro horas do Padrão Galáctico, e que orbitava em torno de seu sol em apenas um ano do Padrão Galáctico.

– Não pode ser uma coincidência?

– Agora é você que está falando em coincidência – riu Pelorat. – Vamos fazer uma aposta para ver se tal coisa é resultado de coincidência?

– Bom... – murmurou Trevize.

– Na verdade, tem mais. Existe uma medida arcaica de tempo chamada mês...

– Já ouvi falar.

– Aparentemente, quase coincide com a órbita completa do satélite da Terra em torno dela própria. Porém...

– Sim?

– Um elemento surpreendente do modelo é que o satélite que acabei de mencionar é imenso, mais de um quarto do diâmetro da Terra.

– Nunca ouvi algo do tipo, Janov. Não existe nenhum planeta povoado na Galáxia com um satélite como esse.

– Mas isso é *bom* – replicou Pelorat, animado. – Se a Terra é um planeta único em sua produção de variadas espécies e evolução da inteligência, queremos que exista alguma característica física única.

– Mas como um satélite gigante poderia estar relacionado com espécies variadas, inteligência e tudo o mais?

– Bom, é aí que você encontra a dificuldade. Eu não sei. Mas é digno de análise, não acha?

Trevize levantou-se, cruzou os braços sobre o peito e disse:

– Mas, então, qual é o problema? Acesse as estatísticas dos planetas habitados e procure um que tenha um período de rotação e de translação que sejam respectivamente um dia e um ano precisos no Padrão Galáctico. Se o planeta tiver um satélite gigantesco, você encontrará o que deseja. Presumo, considerando sua declaração de que tinha "em mente uma grande possibilidade", que fez justamente isso, e que já tem seu mundo.

Pelorat pareceu desconcertado.

– Não foi exatamente isso que aconteceu – disse. – De fato acessei as estatísticas, ou, pelo menos, pedi que o departamento de astronomia o fizesse e... bom, para falar sem rodeios, esse mundo não existe.

Trevize sentou-se mais uma vez, bruscamente.

– Mas isso significa que toda a sua teoria é inválida – disse.

– Não exatamente, eu diria.

– O que quer dizer “não exatamente”? Você criou um modelo com todo tipo de descrição detalhada e não consegue encontrar nada que se encaixe. Portanto, seu modelo é inútil. Deve voltar para o princípio.

– Não – respondeu Pelorat. – Significa apenas que as estatísticas dos mundos habitados são incompletas. Existem dezenas de milhões deles, afinal, e alguns são bastante misteriosos. Não existem informações relevantes sobre nem metade. No que diz respeito a seiscentos e quarenta mil mundos povoados, não há quase informação nenhuma além dos nomes e, às vezes, da localização. Alguns galactógrafos estimam que até dez mil planetas habitados não foram nem registrados. Esses mundos talvez prefiram assim. Durante a Era Imperial, talvez tenha ajudado a evitar impostos.

– E nos séculos que se seguiram – disse Trevize, cinicamente –, talvez tenha ajudado a se tornarem bases para piratas, o que pode, quem sabe, ter sido mais enriquecedor do que o comércio regular.

– Eu não diria isso – respondeu Pelorat, em dúvida.

– Da mesma maneira – continuou Trevize –, me parece que a Terra deveria estar na lista de planetas habitados, seja lá o que for conveniente para eles. Seria, por definição, o mais antigo de todos, e não poderia ter sido ignorado nos primeiros séculos da civilização galáctica. E, uma vez na lista, permaneceria lá. Podemos seguramente contar com a inércia social nesse caso.

Pelorat hesitou e parecia angustiado.

– Na verdade – disse –, existe... existe *de fato* um planeta chamado Terra na lista de planetas habitados.

Trevize o encarou.

– Fiquei com a impressão de que você disse há pouco que a Terra não estava na lista.

– Como Terra, não está. Mas há um planeta chamado Gaia.

– Gahyah? E o que tem a ver?

– Soletra-se G-A-I-A. Significa “Terra”.

– Por que significaria Terra, Janov, e não alguma outra coisa? O nome não quer dizer nada para mim.

O rosto geralmente inexpressivo de Pelorat se aproximou de uma careta. Ele disse:

– Não sei ao certo se acreditará nisso. Se levar em consideração minha análise dos mitos, havia várias línguas diferentes e mutuamente incompreensíveis na Terra.

– O quê?

– Sim. Temos, afinal, milhares de maneiras diferentes de falar por toda a Galáxia...

– Existem variações de dialeto em toda a Galáxia, certamente, mas não são mutuamente incompreensíveis. E, mesmo que entender algumas delas seja difícil, todos compartilhamos o Padrão Galáctico.

– Decerto, mas há constantes viagens interestelares. E se algum mundo ficou isolado por um prolongado período de tempo?

– Mas você está falando da Terra. Um único planeta. Onde está o isolamento?

– Não se esqueça, a Terra é o planeta de origem, onde a humanidade, em algum momento, foi primitiva além da imaginação. Sem viagens interestelares, sem computadores, sem nenhuma tecnologia, batalhando pela evolução a partir de ancestrais não humanos.

– Isso é tão ridículo!

Pelorat pendeu a cabeça, constrangido pelo comentário.

– Discutir isso talvez não tenha utilidade, velho amigo – disse. – Nunca consegui fazer o assunto ser convincente. Culpa minha, tenho certeza.

Trevize arrependeu-se de imediato.

– Janov, peço desculpas. Falei sem pensar. Afinal, são pontos de vista com os quais não estou acostumado. Você tem desenvolvido suas teorias por mais de trinta anos, e fui apresentado a todas elas de uma só vez. Você precisa ter paciência. Vamos fazer o seguinte. Vou imaginar que existiam povos primitivos na Terra que falavam duas línguas completamente diferentes e mutuamente incompreensíveis...

– Meia dúzia, talvez – disse Pelorat, timidamente. – É possível que a Terra fosse dividida em várias grandes massas de superfície terrestre e talvez não houvesse, a princípio, nenhuma comunicação entre elas. Os grupos de habitantes de cada massa de superfície podem ter desenvolvido línguas individuais.

– E em cada uma dessas massas de superfície terrestre – afirmou Trevize, com seriedade cautelosa –, uma vez que os povos se tornaram conhecedores uns dos outros, podem ter discutido sobre uma “Questão da Origem” e se perguntado quais deles evoluíram primeiro de outros animais.

– É bem possível, Golan. Seria uma atitude bastante natural.

– E, em uma dessas línguas, Gaia significa Terra. E a palavra “Terra”, por si só, é derivada de outra dessas línguas.

– Sim, sim.

– E enquanto o Padrão Galáctico é a língua descendente da língua específica em que “Terra” significa “Terra”, os habitantes da Terra, por alguma razão, chamam seu planeta de “Gaia” por causa de alguma outra de suas línguas.

– Exato! Você é perspicaz, Golan.

– Mas me parece que não haveria motivos para fazer do planeta um mistério. Se Gaia é mesmo a Terra, apesar da diferença de nome, então Gaia, considerando suas teorias, deve ter um período de rotação de apenas um dia do Padrão Galáctico, um período de translação de apenas um ano do Padrão Galáctico e um satélite gigante que gira ao seu redor em apenas um mês.

– Sim, deveria ser assim mesmo.

– Mas então o planeta cumpre ou não cumpre essas condições?

– Na realidade, não tenho como dizer. A informação não está nos registros.

– É mesmo? Então, Janov, vamos para Gaia cronometrar seus períodos e observar seu satélite?

– Eu gostaria, Golan – hesitou Pelorat. – O problema é que o registro da localização também não é exato.

– Quer dizer que tudo o que tem é o nome, e nada mais, e *essa* é sua grande possibilidade?

– Justamente por isso quero visitar a Biblioteca Galáctica!

– Espere um instante. Você disse que os registros não incluem a localização exata. Mas incluem alguma outra informação?

– Lista o planeta no Setor Sayshell, e com um ponto de interrogação.

– Muito bem. Janov, não fique desanimado. Vamos para o Setor Sayshell e, de alguma maneira, vamos encontrar Gaia!

7.

Fazendeiro

1

Stor Gendibal praticava corrida na estrada adjacente à universidade. Não era costume dos membros da Segunda Fundação se aventurarem pelo mundo agrícola de Trantor. Era permitido, claro, mas, quando o faziam, não saíam para muito longe nem por muito tempo.

Gendibal era uma exceção e tinha, no passado, tentado imaginar o motivo. Imaginar significava explorar sua própria mente, algo que os Oradores eram especialmente encorajados a fazer. Suas mentes eram, ao mesmo tempo, suas armas e seus pontos fracos, e precisavam manter tanto a ofensiva quanto a defensiva na melhor forma possível.

Gendibal decidiu, para sua própria satisfação, que a razão de ser diferente era o fato de ter vindo de um planeta mais frio e maior do que era comum para os planetas habitados. Quando fora trazido a Trantor ainda menino (por meio da rede discretamente lançada sobre toda a Galáxia por agentes da Segunda Fundação em busca de talentos), descobriu-se em um campo gravitacional mais leve e num clima encantadoramente mais ameno. Era natural que apreciasse ficar mais tempo ao ar livre do que os outros.

Em seus primeiros anos em Trantor, sentiu-se inibido por seu fraco e baixo porte físico, e temia que se acomodar no conforto de um mundo agradável o transformaria em um frouxo. Assim, adotou uma série de exercícios de autodesenvolvimento que o deixaram ainda franzino em aparência, mas o mantiveram resistente e com bom fôlego. Parte de sua rotina eram essas longas caminhadas e corridas – sobre as quais alguns membros da Mesa dos Oradores resmungavam. Gendibal ignorava os comentários.

Ele manteve seu próprio jeito, apesar de ser de primeira geração. Todos os outros da Mesa eram de segunda ou terceira geração, com pais e avós membros da Segunda Fundação. Além disso, eram todos

mais velhos do que ele. Logo, o que seria de se esperar além de reprovação?

Era um antigo costume que todas as mentes na Mesa de Oradores ficassem abertas (supostamente ao mesmo tempo, apesar de ser raro um Orador que não mantivesse um canto de privacidade em algum lugar – mesmo que fosse ineficaz no longo prazo), e Gendibal sabia que o que eles sentiam era inveja. E eles também sabiam. Da mesma maneira, Gendibal tinha consciência de que sua atitude era de ambição defensiva e excessivamente compensatória. E eles também sabiam disso.

Além do mais (a mente de Gendibal retornou aos motivos de suas incursões pelas áreas rurais), ele passara toda a infância em um único mundo – um mundo vasto e expansivo, com paisagens grandiosas e variadas – e em um fértil vale daquele mundo, cercado pelo que acreditava ser a cadeia de montanhas mais bela da Galáxia. Eram inacreditavelmente espetaculares no rigoroso inverno daquele planeta. Lembrou-se de seu antigo mundo e das glórias de uma infância agora distante. Sonhava com ela frequentemente. Como poderia aceitar ser confinado a algumas dúzias de quilômetros quadrados de arquitetura antiga?

Desencantado, olhou em volta enquanto corria. Trantor era um planeta ameno e agradável, mas não era vistoso nem belo. Apesar de ser um planeta agrícola, não era fértil. Nunca o fora. Talvez tenha sido esse um dos motivos que o fizeram se tornar um centro administrativo, primeiro de uma extensa união de planetas e depois de um Império Galáctico. Não havia nenhuma campanha para que se tornasse outra coisa. Não era extraordinariamente bom para nenhuma outra coisa.

Depois do Grande Saque, um fator que manteve Trantor foi seu enorme estoque de metal. Era uma grande mina, fornecendo a meia centena de mundos uma liga barata de aço, alumínio, titânio, cobre e magnésio – de certa forma, devolvendo o que coletara por milhares de anos, esgotando seu suprimento em uma velocidade centenas de vezes maior do que o ritmo original de acumulação.

Ainda havia imensos estoques de metal disponíveis, mas eram subterrâneos e difíceis de acessar. Os fazendeiros lorianos (que nunca se referiam a si mesmos como “trantorianos”, termo que consideravam agourento, e que, portanto, foi adotado pelos membros da Segunda

Fundação) relutaram em lidar com o metal. Superstição, sem dúvida.

Tolice da parte deles. O metal que permanecia subterrâneo poderia estar contaminando o solo e diminuindo ainda mais a fertilidade deles. Ainda assim, por outro lado, a população era esparsa e a terra os sustentava. E havia sempre *alguma* venda de metal.

Os olhos de Gendibal divagaram para o horizonte achatado. Trantor estava geologicamente vivo, como era o caso de quase todos os planetas habitados, mas já havia se passado pelo menos uma centena de milhões de anos desde a ocorrência do último grande período de formação geológica. Os terrenos elevados que existiam tinham sofrido erosão até se tornarem suaves colinas, e muitos deles haviam sido nivelados durante o grande período de metal da história de Trantor.

Para o sul, além do campo de visão, estava a praia da Enseada da Capital e, além dela, o Oceano Oriental, ambos recuperados depois do rompimento das cisternas subterrâneas.

Ao norte estavam as torres da Universidade Galáctica, ocultando a comparativamente baixa, mas extensa, biblioteca (cuja maior parte ficava abaixo da terra) e o remanescente do palácio imperial, mais adiante.

Nas imediações de cada lado estavam fazendas, nas quais havia uma ou outra construção. Ele passou por grupos de vacas, cabras, galinhas – a ampla variedade de animais domesticados encontrada em qualquer fazenda trantoriana. Nenhum deles se importou com sua presença.

Gendibal pensou casualmente que em qualquer ponto da Galáxia, em qualquer um do vasto número de mundos habitados, ele veria esses animais, e que eles nunca seriam exatamente iguais em nenhum desses mundos. Lembrou-se das cabras de seu planeta natal e de sua própria e dócil cabrita, que certa vez ordenhara. Eram muito maiores e confiantes do que as espécies pequenas e submissas trazidas a Trantor e ali criadas desde o Grande Saque. Pelos mundos habitados da Galáxia havia variedades de cada um desses animais, em quantidades quase além do calculável, e não havia nenhum apreciador, em nenhum mundo, que não defendesse veementemente sua variedade favorita, fosse pela carne, o leite, os ovos, a lã ou qualquer outra coisa que esses animais produzissem.

Como sempre, não havia nenhum loriano à vista. Gendibal tinha a

sensação de que os fazendeiros evitavam ser vistos por aqueles aos quais eles se referiam como “estuodiosos” (uma pronúncia errônea, talvez proposital, da palavra “estudiosos” em seu dialeto). Mais uma vez, superstição.

Gendibal observou rapidamente o sol de Trantor. Estava bem alto no céu, mas seu calor não era opressivo. Nessa localização, nessa altitude, o calor permanecia ameno e o frio nunca chegava (de vez em quando, Gendibal sentia falta de frio intenso, ou, pelo menos, imaginava sentir. Nunca voltou ao seu mundo nativo. Talvez, admitiu a si mesmo, porque não queria se desiludir).

Estava com a agradável sensação de músculos treinados e aguçados, e decidiu que tinha corrido por tempo suficiente. Diminuiu o ritmo para uma caminhada, respirando fundo.

Ele estaria pronto para a assembleia da Mesa que aconteceria em breve e para uma última cartada para uma mudança na política, uma nova atitude que reconheceria o perigo crescente da Primeira Fundação e de outras fontes e colocaria um fim à confiança fatal no funcionamento “perfeito” do Plano. Quando perceberiam que essa mesma perfeição era o sinal mais claro de perigo?

Tinha certeza de que, se qualquer outra pessoa tivesse levantado a questão, teria passado sem resistência. Da maneira como as coisas estavam agora, haveria resistência, mas a teoria seria aceita da mesma forma, pois o velho Shandess o apoiava e certamente continuaria a apoiar. Ele não iria querer entrar para os livros de história como o Primeiro Orador sob o qual a Segunda Fundação definhou.

Loriano!

Gendibal assustou-se. Tomou consciência da distante corrente da mente muito antes de ver a pessoa. Era um raciocínio loriano – um fazendeiro –, rústico e sem sutileza. Cuidadosamente, Gendibal retraiu-se da mente do fazendeiro, deixando apenas um toque leve, suficiente para ser ignorado. A política da Segunda Fundação era muito rígida nesse aspecto. Os fazendeiros eram os escudos involuntários da Segunda Fundação. Eles deviam ser influenciados o menos possível.

As pessoas que visitavam Trantor pelo comércio ou pelo turismo nunca viam nada além dos fazendeiros e talvez alguns poucos estudiosos sem importância que ainda viviam no passado. Remova os fazendeiros ou mexa com sua inocência e os estudiosos se tornariam

mais evidentes – com resultados catastróficos (era uma das clássicas demonstrações que os novatos da universidade precisavam resolver por conta própria. Os tremendos Desvios que surgiam no Primeiro Radiante quando as mentes dos fazendeiros eram alteradas até mesmo de leve eram impressionantes).

Gendibal o viu. Era um fazendeiro, com certeza, loriano até o âmago. Era quase uma caricatura do que deveria ser um fazendeiro trantoriano, alto e largo, pele negra, vestimentas grosseiras, braços expostos, cabelos e olhos escuros, passos largos e desajeitados. Gendibal tinha a impressão de que podia sentir o cheiro de celeiro vindo dele (sem muito desprezo, pensou. Preem Palver não se importou em assumir o papel de fazendeiro quando foi necessário para seus planos. E ele não tinha nada de fazendeiro – baixo, rechonchudo e flácido. Foi sua mente que enganou a adolescente Arkady, nunca seu corpo).

O fazendeiro estava se aproximando dele, andando ruidosamente pela estrada, encarando-o explicitamente – algo que fez Gendibal franzir as sobrancelhas. Nunca nenhum homem ou mulher loriano o tinha encarado dessa maneira. Até mesmo as crianças fugiam e espiavam de longe.

Gendibal não diminuiu o passo. Haveria espaço suficiente para passar pelo fazendeiro sem nenhum comentário ou olhar desafiador, e assim seria melhor. Decidiu ficar fora da mente do homem.

Gendibal desviou para um lado, mas o fazendeiro não deu passagem. Ele parou, afastou as pernas e abriu os braços imensos, como se para bloquear a estrada.

– Ho! Sê estuodioso?

Por mais que tentasse, Gendibal não conseguiu evitar sentir um teor combativo na mente que se aproximava. Ele parou. Seria impossível tentar ultrapassá-lo sem conversar, e isso seria, por si só, uma tarefa difícil. Para uma pessoa acostumada com a rápida e sutil interação de som, expressão, pensamento e mentalidade que se combinavam para formar a comunicação entre membros da Segunda Fundação, era cansativo apoiar-se unicamente em combinações de palavras. Era como mover uma grande rocha usando o braço e o ombro, com um pé-de-cabra logo ao lado.

– Sou um estudioso, sim – disse Gendibal, calmamente e com uma cuidadosa ausência de emoção.

– Ho! Você *sê* estuodioso. Estamo falando bestera agora. Porque dá preu ver que você sê um – abaixou a cabeça em uma cínica reverência. – Sendo como você sê, pequeno e miúdo e branquelo e de nariz pra cima.

– O que você quer de mim, loriano? – perguntou Gendibal, sem se alterar.

– Eu sê chamado Rufirant. E Karoll sê o que vem antes – seu sotaque tornou-se mais acentuadamente loriano. Seus "erres" vinham da garganta.

– O que você quer comigo, Karoll Rufirant?

– E você sê chamado como, estuodioso?

– Importa? Pode continuar se referindo a mim como "estudioso".

– Se pergunto, devo sê respondido, pequeno estuodioso de nariz pra cima.

– Muito bem, me chamo Stor Gendibal e vou me retirar para cuidar de meus afazeres.

– Que sê seus afazeres?

Gendibal sentiu um arrepio no cabelo da nuca. Havia outras mentes presentes. Ele não precisou se virar para saber que havia mais três lorianos atrás dele. A distância, havia outros. O cheiro de fazendeiro era forte.

– Meus afazeres, Karoll Rufirant, certamente não lhe dizem respeito.

– Você diz? – o tom de voz de Rufirant ficou mais alto. – Companheiros, ele diz que não nos diz respeito.

Uma risada ecoou atrás dele e uma voz disse:

– Certo sê ele, porque os afazeres sê chafurdar em livro e bolinar computador, e isso não sê pra homem de verdade.

– Quaisquer que sejam meus afazeres – respondeu Gendibal, com firmeza –, cuidarei deles agora.

– E como você vai fazê isso, minúsculo estuodioso? – perguntou Rufirant.

– Ultrapassando você.

– Quer tentar? Não tem medo de sê bluoqueado?

– Por você e todos os seus companheiros? Ou só por você? – Gendibal repentinamente adotou um acentuado dialeto loriano. – Não tê coragem sozino?

Estritamente falando, não era apropriado que ele o provocasse

dessa maneira, mas isso impediria um ataque em massa e *isso* precisava ser impedido, pois forçaria uma indiscrição ainda maior de sua parte.

Funcionou. A expressão de Rufirant se fechou.

– Se um precisa tê coragem, livrêro, esse alguém sê você. Companheiros, dê espaço. Fiquem longe e deixem ele passá pra vê se teno coragem sozino.

Rufirant ergueu os braços e começou a movimentá-los. Gendibal não temia as habilidades pugilistas do fazendeiro, mas havia sempre a chance de um golpe considerável atingir o alvo.

Gendibal aproximou-se com cuidado, trabalhando com velocidade delicada na mente de Rufirant. Nada muito intenso – apenas um toque, imperceptível –, mas o suficiente para uma diminuição crucial de seus reflexos. E, então, expandiu-se para as outras mentes, que agora se aglomeravam em número maior. A mente de Orador de Gendibal voava de um lado para o outro com virtuosismo, sem nunca parar por tempo demais a ponto de deixar marcas, mas por instantes suficientes para detectar algo que poderia ser útil.

Ele se aproximou como um felino, vigilante, atento e aliviado pelo fato de ninguém estar se prontificando a interferir.

Rufirant atacou subitamente, mas Gendibal viu o golpe em sua mente antes mesmo de qualquer músculo começar a se contrair e desviou. O golpe assoviou ao seu lado, com pouco espaço de folga. Ainda assim, Gendibal não se abalou. Houve um suspiro coletivo de lamento.

Gendibal não tentou aparar nem contra-atacar nenhum dos golpes. Seria difícil aparar sem paralisar seu próprio braço, e devolver um golpe seria inútil, pois o fazendeiro resistiria sem dificuldades.

A única coisa que ele podia fazer era manobrar seu oponente como um touro, forçando-o a errar. Assim, Rufirant perderia o moral – oposição direta não teria o mesmo efeito.

Bufando animalescamente, Rufirant atacou. Gendibal estava pronto e esquivou-se para o lado o suficiente para que o fazendeiro não conseguisse agarrá-lo. Mais uma vez, o ataque. Mais uma vez, a esquiva.

Gendibal sentiu o próprio fôlego silvando pelo nariz. O esforço físico era pequeno, mas o esforço mental de tentar controlar sem controlar era imensamente difícil. Ele não poderia continuar por

muito tempo.

Enquanto tamborilava de leve no mecanismo depressor de medo de Rufirant na tentativa de acentuar minimamente o que com certeza era um asco supersticioso que o fazendeiro tinha por estudiosos, disse, da maneira mais calma que podia:

– Agora, vou cuidar dos meus afazeres.

O rosto de Rufirant distorceu-se de fúria, mas, por um instante, ele não se mexeu. Gendibal podia sentir que o outro pensava. O pequeno estudioso tinha desaparecido, como mágica. Gendibal podia sentir o medo do oponente aumentar, e, por um momento...

Então a fúria loriana superou e afogou o medo.

– Companheiros! – Rufirant elevou a voz. – Estuodioso sê dançarino. Ele desvia com passinhos legeiros e humilha as regras honestas do olho no olho loriano. Agarrem-no. Segurem-no. Vamos fazê olho no olho. Ele pode atacar premeiro, um presente meu, e eu... eu vou atacar por últemo.

Gendibal encontrou as falhas na formação daqueles que agora o cercavam. Sua única chance era manter uma falha aberta por tempo suficiente para passar e então correr, confiando em seu próprio fôlego e em sua habilidade de amortecer o ímpeto dos fazendeiros.

Desviou para frente e para trás, sua mente esgotando-se com o esforço.

Não ia funcionar. Havia muitos deles, e a necessidade de seguir as regras do comportamento trantoriano era opressora demais.

Ele sentiu mãos em seus braços. Foi agarrado.

Ele precisaria interferir em pelo menos algumas daquelas mentes. Seria inaceitável, e sua carreira seria destruída. Mas sua vida – sua própria vida – estava em risco.

Como isso pôde acontecer?

2

A assembleia da Mesa não estava completa.

Caso algum Orador se atrasasse, não era costume aguardar. E, de toda maneira, pensou Shandess, a Mesa não estava disposta a esperar. Stor Gendibal era o mais jovem, e longe de reconhecer a relevância dessa regra. Agia como se a juventude fosse, por si só, uma virtude, e

a idade, uma questão de negligência da parte daqueles que deveriam tê-la evitado. Gendibal não era prezado pelos outros Oradores. Não era, na verdade, totalmente benquisto pelo próprio Shandess. Mas nesse momento, popularidade não era a questão.

Delora Delarmi interrompeu seu devaneio. Ela olhava para ele com grandes olhos azuis, seu rosto arredondado – com o usual ar de inocência e amabilidade – escondendo uma mente perspicaz (de todos, menos de outros membros da Segunda Fundação de mesma graduação) e ferocidade de concentração.

– Primeiro Orador – disse, sorrindo –, havemos de esperar por mais tempo? – (A assembleia ainda não havia se iniciado formalmente, portanto, em tese, ela poderia começar a conversa, mesmo que outro talvez tivesse esperado que Shandess falasse primeiro, graças à eminência de seu cargo).

Shandess olhou para ela de modo apaziguador, apesar da leve quebra de cortesia.

– Normalmente, não esperaríamos, Oradora Delarmi, mas, considerando que o objetivo desta assembleia da Mesa é ouvir o que o Orador Gendibal tem a dizer, é apropriado abdicar das regras.

– Onde está ele, Primeiro Orador?

– Esse fato, Oradora Delarmi, eu desconheço.

Delarmi observou os outros rostos à Mesa. Havia o Primeiro Orador e o que deveriam ser onze outros Oradores; eram apenas doze. Ao longo de cinco séculos, a Segunda Fundação expandira seus poderes e seus deveres, mas todas as tentativas de ampliar a Mesa além dos doze haviam falhado.

Eram doze após a morte de Seldon, quando o segundo Primeiro Orador (o próprio Seldon era considerado o primeiro da linhagem) estabeleceu o número, e doze ainda eram.

Por que doze? Esse número dividia-se facilmente em grupos de tamanhos idênticos. Era pequeno o suficiente para ser consultado como um todo e grande o bastante para trabalhar em subgrupos. Mais teria sido de difícil gerenciamento; menos, inflexível demais.

Era o que diziam as explicações. Na realidade, ninguém sabia por que esse número havia sido escolhido – ou por que deveria ser imutável. Mas até mesmo a Segunda Fundação podia ser escrava da tradição.

A mente de Delarmi levou um breve instante para pensar na

questão conforme olhava de rosto em rosto e de mente em mente até que, sardonicamente, encarou o assento vazio, o assento do novato.

Ela estava satisfeita com a falta de simpatia em relação a Gendibal. O jovem, ela sentia, tinha todo o charme de um inseto e merecia ser tratado como tal. Até agora, somente sua inquestionável capacidade e talento haviam impedido que alguém propusesse abertamente um julgamento por expulsão (apenas dois Oradores haviam sido demovidos – mas não condenados – na história de meio milênio da Segunda Fundação).

Entretanto, o óbvio descaso de perder uma assembleia da Mesa era pior do que qualquer ofensa, e Delarmi estava contente de sentir que o interesse por um julgamento avançava consideravelmente.

– Primeiro Orador – disse Delarmi –, se o senhor não conhece o paradeiro do Orador Gendibal, eu teria prazer em informá-lo.

– Sim, Oradora?

– Quem entre nós não sabe que esse jovem – ela não usou honorífico ao se referir a ele, e foi algo que todos perceberam – se envolve constantemente com os lorianos? Que tipo de envolvimento, não ouso perguntar, mas ele está entre eles neste momento, e está claro que sua preocupação para com eles é importante o suficiente para ter precedência sobre esta Mesa.

– Creio – disse outro Orador – que ele apenas aprecia caminhar ou correr como prática de exercício físico.

Delarmi sorriu mais uma vez. Ela gostava de sorrir. Não lhe custava nada. Respondeu:

– A universidade, a biblioteca, o palácio e toda a região em torno deles é nossa. É pequena se comparada ao planeta, mas possui espaço suficiente, creio, para exercício físico. Primeiro Orador, comecemos?

O Primeiro Orador inspirou melancolicamente. Ele tinha o poder para manter a Mesa em espera ou, de fato, para suspender a assembleia até uma ocasião em que Gendibal estivesse presente.

Porém, nenhum Primeiro Orador poderia continuar no cargo com tranquilidade sem pelo menos o apoio tácito dos outros Oradores, e não era sábio irritá-los. Até mesmo Preem Palver foi ocasionalmente forçado à bajulação para conseguir o que queria. Além disso, a ausência de Gendibal era irritante até mesmo para o Primeiro Orador. Estava na hora de o jovem Orador aprender que não podia criar as próprias leis.

Agora, como Primeiro Orador, Shandess falou primeiro:

– Comecemos. O Orador Gendibal apresentou deduções surpreendentes com base em dados do Primeiro Radiante. Ele acredita na existência de algum tipo de organização que trabalha para garantir a eficiência do Plano Seldon com mais eficácia do que nós, e o faz com suas próprias motivações. Em seu ponto de vista, devemos aprender mais sobre ela em autodefesa. Os senhores foram todos informados sobre esse fato, e esta assembleia é para garantir que tenham a chance de questionar o Orador Gendibal, para que possamos chegar a conclusões em relação a procedimentos futuros.

Na realidade, era desnecessário expor tanto sobre o assunto. Shandess mantinha sua mente aberta; portanto, todos sabiam. Declarar era questão de cortesia.

Delarmi olhou para os outros rapidamente. Os outros dez pareciam satisfeitos em deixá-la assumir o papel de porta-voz anti-Gendibal.

– Ainda assim, Gendibal – disse, mais uma vez sem honorífico – desconhece e não pode dizer o que ou quem seria essa outra organização.

Ela falou como uma inconfundível declaração, que esbarrava no limite da aspereza. Era quase o mesmo que dizer: posso analisar sua mente; não há necessidade de explicar.

O Primeiro Orador reconheceu a grosseria e decidiu rapidamente ignorá-la.

– O fato de o Orador Gendibal – ele meticulosamente evitou a omissão do honorífico e não apontou o fato enfatizando-o – não saber e não poder dizer o que é a outra organização não significa que ela não exista. As pessoas da Primeira Fundação, ao longo da maior parte de sua história, não sabiam praticamente nada sobre nós, e, na realidade, não sabem quase nada sobre nós neste momento. A senhora questiona nossa existência?

– O fato de sermos desconhecidos, mas existirmos – disse Delarmi –, não é premissa para afirmarmos que qualquer coisa exista simplesmente por ser desconhecida – e riu com leveza.

– De fato. Por isso a asserção do Orador Gendibal precisa ser examinada com o máximo de cuidado. É baseada em rigorosa dedução matemática, que eu mesmo revisei e a qual recomendo veementemente que analisem. Não se trata – ele buscou em sua mente uma expressão que melhor definisse sua opinião – de algo

inverossímil.

– E esse membro da Primeira Fundação, Golan Trevize, que flutua em sua mente, mas que o senhor não menciona? – outra grosseria por parte de Delarmi, e, desta vez, o Primeiro Orador se incomodou. – E quanto a ele?

– O Orador Gendibal considera que esse homem, Trevize, é a ferramenta, talvez involuntária, dessa organização, e que não devemos ignorá-lo.

– Se – afirmou Delarmi, recostando-se em sua cadeira e tirando o cabelo cinzento da frente dos olhos – essa organização, qualquer que seja, existe e é perigosamente poderosa em suas capacidades mentais a ponto de estar tão oculta, estaria então manobrando de forma tão aberta por meio de alguém tão notável quanto um conselheiro exilado da Primeira Fundação?

– Seria de se pensar que não – respondeu o Primeiro Orador, solenemente. – Ainda assim, notei algo um tanto inquietante. Não compreendo. – Quase involuntariamente, ele enterrou o pensamento em sua mente, envergonhado que outros o vissem.

Cada um dos Oradores percebeu a reação e, como era rigorosamente exigido, respeitou o constrangimento. Delarmi também, mas de maneira impaciente. Ela disse, de acordo com o protocolo requerido:

– Podemos requisitar que o senhor compartilhe seus pensamentos, já que compreendemos e perdoamos qualquer constrangimento que o senhor sinta?

– Assim como a senhora – retorquiu o Primeiro Orador –, não vejo as evidências sobre as quais alguém deveria se apoiar para supor que o conselheiro Trevize seja uma ferramenta da outra organização, ou a que propósito serviria se o fosse. Ainda assim, o Orador Gendibal parece ter certeza do fato, e ninguém pode ignorar o valor da intuição de qualquer um qualificado para Orador. Logo, tentei aplicar o Plano em Trevize.

– Em uma única pessoa? – perguntou um dos Oradores com voz baixa e surpresa, e então imediatamente indicou seu arrependimento por ter acompanhado a pergunta com um pensamento que era, sem dúvida alguma, o equivalente a: “Que tolo!”

– Em uma única pessoa – respondeu o Primeiro Orador – e o senhor tem razão. Como sou tolo! Tenho plena consciência de que o Plano

não pode ser aplicado em indivíduos, nem mesmo em pequenos grupos de indivíduos. Ainda assim, estava curioso. Extrapolei as Intersecções Interpessoais muito além dos limites razoáveis, mas o fiz de dezesseis maneiras diferentes e escolhi uma região, em vez de um ponto específico. Então utilizei todos os dados que temos sobre Trevize, afinal um conselheiro da Primeira Fundação não passa despercebido, e sobre a prefeita da Fundação. Em seguida, reuni tudo, receio que de maneira bastante desengonçada. – Ele parou de falar.

– E então? – perguntou Delarmi. – Imagino que o senhor... Os resultados foram surpreendentes?

– Não houve nenhum resultado, como todos os senhores devem imaginar – disse o Primeiro Orador. – Nada pode ser feito com um único indivíduo, e, ainda assim...

– Ainda assim?

– Passei quarenta anos analisando resultados, e estou acostumado a ter uma sensação clara do que serão *antes* de eles serem analisados. Raramente me equivoquei. Neste caso, mesmo que não tenha obtido resultados, fiquei com uma forte intuição de que Gendibal estava certo e de que Trevize não deve ser deixado sem vigilância.

– Por qual motivo, Primeiro Orador? – perguntou Delarmi, claramente surpresa com a forte intuição na mente do Primeiro Orador.

– Sinto vergonha de ter me permitido cair na tentação de usar o Plano com uma finalidade para a qual não foi feito. Sinto ainda mais vergonha agora que me permito ser influenciado por algo puramente intuitivo. Ainda assim, é o que devo fazer, pois sinto com bastante intensidade. Se o Orador Gendibal está certo, se estamos sob um perigo sem rosto, creio que, quando vier o momento de crise, será Trevize quem terá a carta decisiva na mão, e será ele quem a usará.

– Baseado em quê o senhor sente isso? – disse Delarmi, chocada.

O Primeiro Orador observou as pessoas à Mesa melancolicamente.

– Não me baseio em nada. A matemática psico-histórica não trouxe resultados, mas, conforme observei na interação de relações, Trevize é, aparentemente, a chave de tudo. Devemos prestar atenção nesse jovem.

Gendibal sabia que não conseguiria voltar a tempo para a assembleia da Mesa. Talvez não voltasse nunca.

Seguravam-no com firmeza e ele raciocinava desesperadamente para descobrir uma maneira de forçá-los a soltá-lo.

Rufirant estava à sua frente, exultante.

– Você está pronto agora, estuodioso? Olho por olho, soco por soco, jeito loriano. Vem então, por sê o menor, ataque premeiro então.

– Alguém vai segurá-lo, como fazem com eu?

– Soltem ele – disse Rufirant. – Não, não, só braços. Deixem braços solto, mas segura perna. Nada de dança.

Gendibal sentiu-se preso ao chão. Seus braços estavam livres.

– Ataque, estuodioso. – disse Rufirant. – Dê soco em mim.

E então a mente acelerada de Gendibal sentiu uma reação – indignação, sensação de injustiça e pena. Ele não tinha escolha; precisava arriscar-se e fortalecer esse sentimento, e então improvisar, baseado em...

Não houve necessidade! Ele não tocou a nova mente que surgiu, mas ela reagia da forma que ele queria. Exatamente.

Subitamente tomou consciência de uma pequena figura, parruda, com longos cabelos pretos e enroscados e braços estendidos, adentrando afobada em seu campo de visão e empurrando loucamente o fazendeiro.

A figura era uma mulher. Gendibal pensou, amargamente, no tamanho de sua tensão e preocupação para não tê-la notado até que seus olhos a viram.

– Karoll Rufirant! – ela gritou com o fazendeiro. – Sê covarde e brigão. Soco por soco, jeito loriano? Você sê dois vezes o tamanho do estuodioso. Você tê perigo mais forte atacando eu. Tê honra em surrar aquele pobre fulano? Tê vergonha, isso sim. Vai tê um monte de dedo apontado, tê gente dizendo “você sê Rufirant, famoso esmaga-bebê”. Vai tê risada, isso sim, e nenhum loriano que se prêze vai beber com você. E nenhuma loriana que sê prêze vai querer tê com você.

Rufirant tentava se defender da torrente, repelindo os golpes que ela lançava em sua direção.

– Calma, Sura – Rufirant respondia debilmente. – Calma, Sura.

Gendibal percebeu que não havia mais mãos a segurá-lo, que Rufirant não mais o encarava, que as mentes de todos não estavam mais preocupadas com ele.

Sura também não se preocupava com ele; sua fúria estava concentrada unicamente em Rufirant. Gendibal, recuperando-se, buscou medidas para manter aquela fúria viva e para fortalecer a vergonha desconcertante que invadia a mente de Rufirant, fazendo isso com a leveza e a habilidade necessárias para não deixar marcas. E mais uma vez, não houve necessidade.

– Vocês todos, pra trás – disse a mulher. – Vê só. Não sê suficiente que esse monte de Karoll sê gigante pra esse esqueletinho, tê cinco ou seis mais companheros pra dividir vergounha e voltá pra fazenda com história herôica de brincar de esmaga-bebê. "Segurei os braço do fulano" você dize, "e o gigante Rufirant-parede soca rosto quando ele não contra-ataca". E você dize: "Mas eu segurê os pé, tem glória pra mim tâmbem. E o resto-de-Rufirant dize: "Eu não consegui vencê do jeito dele, então meus companhero feiosos segurou êle e com os seis, eu fiz honra".

– Mas, Sura – disse Rufirant, quase choramingando –, falei pro estuodioso que podia tê primeiro soco.

– E apavorado você têve dos socos desses braço fininho, não sê, Rufirant cabeça-dura? Vem. Deixe ele ir onde vai, e o resto de vocês volte pra casa de joêlhos, se é que sê bem-vindo em casa ainda. Vocês torce pra os grandes fêito deste dia sê esquecido. E eles *não* sê esquecido, porque eu vô espalhar aos quatro vento, se vocês me deixar ainda mais furiosa que tô agora.

Todos foram embora em silêncio, cabisbaixos, sem olhar para trás.

Gendibal os observou enquanto se distanciavam, e depois olhou para a mulher. Ela estava vestida com uma blusa, uma calça e sapatos grosseiros no pé. Seu rosto estava molhado de suor e ela respirava pesadamente. Seu nariz era largo, seus seios eram pesados (pelo menos era o que parecia a Gendibal através da blusa folgada) e seus braços desnudos eram musculosos – as mulheres lorianas trabalhavam no campo ao lado de seus homens.

Ela olhava para ele com severidade, mãos na cintura.

– E então, estuodioso? Por quê lerdeia? Vá logo pro Lugar dos Estuodiosos. Tê medo? Devo ir junto?

Gendibal podia sentir o cheiro de transpiração das roupas que evidentemente não eram lavadas havia algum tempo, mas, sob as circunstâncias, seria bastante rude mostrar qualquer repulsa.

– Sou-lhe grato, senhorita Sura...

– Sê Novi – disse, com aspereza. – Sura Novi. Você diz Novi. Não sê preciso dizer nada mais.

– Sou-lhe grato, Novi. A senhorita ajudou-me bastante. É bem-vinda para acompanhar-me, não por causa de meus receios, mas pelo prazer de sua companhia – e ele fez uma graciosa reverência, como faria com uma das jovens moças da universidade.

Novi acanhou-se, ficou na dúvida e então tentou imitar o gesto.

– Prazer sê meu – disse, como se buscasse as palavras que expressassem adequadamente sua satisfação e lhe dessem um ar de cultura.

Caminharam juntos. Gendibal tinha plena consciência de que cada passo lento que dava o fazia ainda mais imperdoavelmente atrasado para a assembleia da Mesa, mas, a essa altura, já tinha conseguido refletir sobre a importância do acontecido e estava até friamente satisfeito de permitir que o atraso se estendesse.

Os prédios da universidade impunham-se diante dos dois quando Sura Novi parou.

– Mestre estuodioso? – disse, hesitante.

Aparentemente, pensou Gendibal, conforme se aproximaram do que Sura se referiu como o "Lugar dos Estuodiosos", ela se mostrava mais educada. Ele teve um impulso momentâneo de dizer "Não quer dizê 'pobre esqueletinho'?", mas isso a teria embaraçado imensamente.

– Sim, Novi?

– Sê bonituo e rico no Lugar dos Estuodiosos?

– É bonito – respondeu Gendibal.

– Vez atrás sonhei que estô no Lugar. E... eu sê estuodiosa.

– Algum dia – disse Gendibal, educadamente – hei de mostrá-lo.

A maneira como Novi olhou para ele mostrava com clareza que ela não considerou apenas mero protocolo de etiqueta.

– Sei escrevê. Fui aprendida por mestre-escola. Se escrevê carta pra você – ela tentou manter o tom casual –, como escrevo pra chegar até você?

– Diga apenas "Câmara dos Oradores, apartamento 27", e virá até mim. Mas devo ir, Novi.

Ele fez mais uma reverência, e mais uma vez ela tentou imitá-lo. Seguiram em direções opostas e Gendibal rapidamente a tirou de seus pensamentos. A assembleia da Mesa ocupou sua mente; a Oradora

Delora Delarmi em especial. Os pensamentos de Gendibal não eram gentis.

8.

Fazendeira

1

OS ORADORES ESTAVAM IMÓVEIS à volta da mesa, congelados em suas blindagens mentais. Era como se todos, em uníssono, tivessem eclipsado suas mentes para evitar insultar o Primeiro Orador irrevogavelmente depois da declaração que fizera sobre Trevize. Olharam de soslaio para Delarmi, e esse gesto acentuou a obviedade do que sentiam. De todos, Delarmi era a mais conhecida por seu desdém pela hierarquia; até mesmo Gendibal submetia-se mais frequentemente a protocolos.

Delarmi notou os olhares e sabia que não tinha escolha além de enfrentar essa situação impossível – e, na verdade, não queria evitá-la. Em toda a história da Segunda Fundação, nenhum Primeiro Orador havia sofrido *impeachment* por análises equivocadas (por trás do termo que ela inventou como disfarce, estava a não reconhecida *incompetência*). Tal *impeachment* era, agora, possível. Ela não deixaria a oportunidade passar.

– Primeiro Orador! – disse com suavidade, seus lábios finos e sem cor mais invisíveis do que nunca na palidez geral de seu rosto. – O senhor mesmo diz não ter base para formar tal opinião; que a matemática psico-histórica não mostra nada. O senhor pede que baseemos uma decisão crucial em uma sensação mística?

O Primeiro Orador ergueu o olhar, sua testa enrugada. Tinha consciência da blindagem universal que dominava a Mesa. Sabia o que significava.

– Não escondo a carência de provas – respondeu friamente. – Não apresento nada falsamente. O que ofereço é a forte intuição de um Primeiro Orador, alguém com décadas de experiência, que passou quase uma vida analisando o Plano Seldon de perto.

Ele olhou à volta, vigilante, com uma orgulhosa rigidez que

raramente demonstrava, e, de um em um, os escudos mentais suavizaram-se e sumiram. O de Delarmi (quando ele se voltou em sua direção) foi o último.

– Naturalmente, aceito sua declaração, Primeiro Orador – disse Delarmi, com uma franqueza apaziguadora que preencheu sua mente como se nada tivesse estado ali antes. – Contudo, acredito que o senhor talvez devesse reconsiderar. Ao pensar na questão neste momento, depois de expressar constrangimento por apoiar-se em intuição, o senhor gostaria que suas declarações fossem excluídas dos registros, se, em sua opinião, elas sejam...

A voz de Gendibal a interrompeu:

– Quais são as declarações que deveriam ser excluídas dos registros?

Todos os pares de olhos se viraram ao mesmo tempo. Se seus escudos não estivessem erguidos nos momentos cruciais que antecederam a sua chegada, eles teriam percebido a aproximação dele muito antes que alcançasse a porta.

– Todos os escudos a postos há um instante? Todos surpresos com a minha entrada? – disse Gendibal, sardonicamente. – Mas que assembleia banal temos aqui. Ninguém esperava minha chegada? Ou todos tinham certeza absoluta de que eu não chegaria?

Esse protesto era uma declarada violação de todos os protocolos. O atraso de Gendibal era ruim. Entrar sem ser anunciado, ainda pior. Falar antes de o Primeiro Orador reconhecer sua presença era a maior ofensa de todas.

O Primeiro Orador voltou sua atenção para ele. Todo o restante deveria ser colocado de lado; a questão da disciplina viria primeiro.

– Orador Gendibal – disse –, o senhor está atrasado. O senhor entra sem ser anunciado. O senhor se pronuncia. Existe algum motivo para o senhor não ser suspenso de seu cargo pelos próximos trinta dias?

– Mas é claro. O pedido de suspensão não deve ser considerado até que, antes disso, cogitemos quem arquitetou para que eu *de fato* me atrasasse e por quê – as palavras de Gendibal eram frias e calculadas, mas sua mente estava repleta de fúria e ele não se importava com quem percebesse.

Delarmi certamente percebeu.

– Este homem é louco – disse, com vigor.

– Louco? Esta mulher é insana de fazer tal declaração – respondeu

Gendibal. – Ou consciente da culpa. Primeiro Orador, dirijo-me ao senhor e requisito uma questão de prerrogativa pessoal.

– Prerrogativa pessoal de que natureza, Orador?

– Primeiro Orador, acuso um membro desta Mesa de tentativa de assassinato.

A sala explodiu conforme cada Orador se levantava em uma confusão de palavras, expressões e mentalidades.

O Primeiro Orador ergueu os braços e clamou:

– O Orador tem o direito de expressar sua questão de prerrogativa pessoal – ele se viu obrigado a reforçar sua autoridade, mentalmente, de uma maneira totalmente inapropriada para aquele aposento, mas não havia escolha.

O tumulto se aquietou.

Gendibal aguardou, imóvel, até que o silêncio fosse física e mentalmente profundo.

– Em meu trajeto até aqui, seguindo por uma estrada loriana a distância e em uma velocidade que garantiria folgadamente minha chegada em tempo para a assembleia, fui parado por vários fazendeiros e escapei por pouco de ser espancado e possivelmente morto. Assim, fui retardado e cheguei apenas neste momento. Devo apontar, em primeiro lugar, que não conheço nenhum exemplo desde o Grande Saque em que um membro da Segunda Fundação foi abordado de maneira desrespeitosa, muito menos agredido, por alguém do povo loriano.

– Eu, tampouco – afirmou o Primeiro Orador.

– Membros da Segunda Fundação não costumam andar sozinhos em território loriano! – bradou Delarmi. – Você *pede* por isso ao fazê-lo!

– É verdade – retrucou Gendibal – que costumo caminhar sozinho em território loriano. Caminhei por ali centenas de vezes, em todas as direções. Ainda assim, nunca fui abordado antes. Outros não se deslocam com a liberdade que assumo, mas ninguém se exila do mundo nem se aprisiona na universidade, e ninguém nunca foi abordado. Lembro-me de ocasiões em que Delarmi... – e então, como se tivesse se lembrado do título tarde demais, ele deliberadamente o converteu em um insulto mortal – Digo, lembro-me de ocasiões em que a *Oradora* Delarmi esteve em território loriano, vez ou outra, e ainda assim *ela* não foi abordada.

– Talvez – disse Delarmi, com olhos arregalados e ferozes – porque

não iniciei conversas e porque mantive minha distância. Por ter me comportado como se merecesse respeito, respeito foi-me concedido.

– Curioso. – afirmou Gendibal. – Eu estava prestes a dizer que era porque você apresentou uma aparência mais formidável do que eu. Afinal de contas, poucos ousam aproximar-se de você até mesmo aqui. Diga-me: por qual motivo, entre todas as possibilidades de interferência, os lorianos escolheriam este dia para me afrontar, justamente quando eu participaria de uma importante assembleia da Mesa?

– Se não foi graças a sua postura, então deve ser o acaso – disse Delarmi. – Nem mesmo a matemática de Seldon, em sua plenitude, pôde eliminar o papel do acaso na Galáxia. Certamente não no caso de eventos individuais. Ou você também fala baseado em uma inspiração intuitiva? – Houve um breve suspiro mental de um ou dois Oradores em reação a esse ataque indireto ao Primeiro Orador.

– Não foi minha postura. Não foi o acaso. Foi interferência premeditada – respondeu Gendibal.

– Como podemos ter certeza disso? – perguntou o Primeiro Orador, gentilmente. Ele não pôde evitar simpatizar com Gendibal depois da última observação de Delarmi.

– Minha mente está aberta para o senhor, Primeiro Orador. Ofereço ao senhor, e a todos da Mesa, minhas memórias do evento.

A transferência levou apenas alguns momentos.

– Surpreendente! – afirmou o Primeiro Orador. – O senhor portou-se muito bem, Orador, sob circunstâncias de pressão considerável. Concordo que o comportamento loriano foi anômalo e requer investigação. Enquanto isso, por favor, junte-se à nossa assembleia...

– Um momento! – interrompeu Delarmi. – Que garantias temos de que o relato do Orador é inalterado?

As narinas de Gendibal abriram-se por causa do insulto, mas ele manteve sua compostura equilibrada.

– Minha mente está aberta – respondeu.

– Conheci mentes abertas que não estavam abertas.

– Não tenho dúvidas quanto a isso, Oradora – disse Gendibal –, pois você, assim como o restante de nós, precisa manter a própria mente sob inspeção o tempo todo. Mas a minha mente, quando aberta, está genuinamente aberta.

O Primeiro Orador disse:

– Não continuemos a...

– Uma questão de prerrogativa pessoal, Primeiro Orador, com um pedido de desculpas pela interrupção – disse Delarmi.

– Prerrogativa pessoal de que natureza, Oradora?

– O Orador Gendibal acusou um de nós de tentativa de assassinato, presumivelmente ao instigar o fazendeiro a atacá-lo. Enquanto a acusação não for retirada, devo ser considerada possível assassina, assim como cada pessoa neste aposento. Inclusive o senhor, Primeiro Orador.

– O senhor retira a acusação, Orador Gendibal? – perguntou o Primeiro Orador.

Gendibal sentou-se em sua cadeira e pousou os braços nela, agarrando-a com firmeza, como se para assumir sua posse. Disse:

– Assim o farei, logo que alguém me explique por que um fazendeiro loriano, incitando diversos outros, tentaria deliberadamente atrasar minha chegada a esta mesma assembleia.

– Milhares de motivos, talvez – afirmou o Primeiro Orador. – Reitero que esse evento será investigado. O senhor, Orador Gendibal, por ora e no interesse de dar continuidade à discussão atual, retira sua acusação?

– Impossível, Primeiro Orador. Passei longos minutos tentando, da maneira mais delicada possível, sondar a mente do fazendeiro buscando formas de alterar seu comportamento sem danos, e falhei. Sua mente não tinha a vulnerabilidade que deveria ter. Suas emoções eram fixas, como se moldadas por outra consciência.

– E você acha que um de nós foi essa consciência externa? – disse Delarmi, com um súbito pequeno sorriso. – Será que não foi a misteriosa organização que compete conosco, que é mais poderosa do que nós?

– Pode ser – respondeu Gendibal.

– Nesse caso, nós, que não somos dessa organização que apenas você conhece, não somos culpados, e você deveria retirar sua acusação. Ou será que está acusando algum dos presentes de estar sob o controle dessa bizarra organização? Talvez um de nós não seja exatamente o que parece?

– Talvez – disse Gendibal em um tom vazio, consciente de que Delarmi estava dando corda para que ele se enforcasse.

– Pode parecer – retrucou Delarmi, pronta para apertar-lhe o laço –

que seu sonho de uma organização secreta, desconhecida, oculta e misteriosa seja um pesadelo paranoico. Poderia se encaixar com perfeição em sua fantasia desvairada de fazendeiros lorianos manipulados, de Oradores sob controle dissimulado. Todavia, estou disposta a seguir um pouco mais nessa sua peculiar linha de raciocínio. Qual dos presentes, Orador, você acredita estar sob controle? Poderia ser eu?

– Creio que não, Oradora – respondeu Gendibal. – Se você estivesse tentando se livrar de mim de maneira tão indireta, não manifestaria seu desgosto por minha pessoa tão explicitamente.

– Uma traição dupla, talvez? – perguntou Delarmi. Estava quase ronronando. – Seria uma conclusão lógica em uma fantasia paranoica.

– Então que seja. Você tem mais experiência em questões desse tipo do que eu.

O Orador Lestim Gianni interrompeu, exaltado.

– Veja bem, Orador Gendibal, se o senhor exonera a Oradora Delarmi, direciona suas acusações com mais intensidade ao restante de nós. Quais motivações *qualquer* um de nós teria para atrasar sua presença nesta assembleia, e ainda mais desejar sua morte?

Gendibal respondeu rapidamente, como se estivesse esperando pela pergunta.

– Quando entrei, a questão em pauta era a remoção de certas declarações dos registros, declarações feitas pelo Primeiro Orador. Fui o único Orador que não teve a chance de ouvir tais declarações. Digam-me quais eram e acredito que poderei dizer a motivação por trás do meu atraso.

– Afirmei – disse o Primeiro Orador –, e isso foi algo que gerou protestos veementes por parte da Oradora Delarmi e de outros, que, baseado em intuição e em uso inapropriado de matemática psico-histórica, o futuro de todo o Plano pode estar no exílio do membro da Primeira Fundação Golan Trevize.

– O que os outros Oradores pensam depende apenas deles – respondeu Gendibal. – Da minha parte, concordo com a hipótese. Trevize é a chave. Acredito que sua súbita expulsão seja bizarra demais para ser gratuita.

– Você diria, Orador Gendibal – disse Delarmi –, que Trevize está sob as garras dessa misteriosa organização, ou que as pessoas que o exilaram estão? Que talvez tudo e todos estejam sob tal domínio,

exceto você mesmo e o Primeiro Orador... e eu, que você já declarou estar livre?

– Esses disparates não requerem resposta. Em vez disso, deixe-me perguntar se há aqui algum Orador que gostaria de expressar concordância comigo e com o Primeiro Orador nessa questão. Os senhores leram, presumo, o raciocínio matemático que, com a aprovação do Primeiro Orador, distribuí entre os senhores.

Silêncio.

– Repito minha pergunta – disse Gendibal. – Alguém?

Silêncio.

– Primeiro Orador – continuou Gendibal –, o senhor agora tem o motivo para desejarem meu atraso.

– Declare explicitamente – respondeu o Primeiro Orador.

– O senhor expressou a necessidade de lidar com Trevize, membro da Primeira Fundação. Isso representa uma relevante iniciativa na política e, se os Oradores leram meus ensaios, saberiam, em termos gerais, o que estava por vir. Porém, se todos, de forma unânime, discordassem do senhor, repito, de forma unânime, então, pela tradição da autolimitação, o senhor não poderia prosseguir. Bastava que um único Orador o apoiasse para que o senhor pudesse implantar a nova política. Eu era esse *único* Orador que o apoiaria, como qualquer pessoa que leu meus ensaios saberia, e era necessário que eu fosse mantido longe da assembleia a qualquer custo. Tal estratégia quase foi bem-sucedida, mas agora estou aqui e apoio o Primeiro Orador. Concordo com ele e ele pode, de acordo com a tradição, desconsiderar a discordância dos outros dez Oradores.

Delarmi bateu o punho na mesa.

– A implicação é que alguém sabia com antecedência o que o Primeiro Orador iria aconselhar, sabia com antecedência que o Orador Gendibal o apoiaria e que nenhum dos outros o faria... que alguém sabia o que ele mesmo não poderia saber. Há ainda a implicação de que esta iniciativa não é do gosto da organização paranoide do Orador Gendibal, que eles lutam para impedi-la e que, logo, um ou mais de nós está sob o domínio de tal organização!

– A implicação existe – concordou Gendibal. – Sua análise é perfeita.

– Quem você acusa? – bradou Delarmi.

– Ninguém. Rogo ao Primeiro Orador que assuma a questão. É

evidente que há alguém em nossa organização que trabalha contra nós. Sugiro que todos os membros da Segunda Fundação passem por uma análise mental completa. Todos, inclusive os próprios Oradores. Até mesmo eu... e o Primeiro Orador.

A assembleia da Mesa explodiu em ainda mais confusão e exaltação do que qualquer registro anterior.

E, quando o Primeiro Orador finalmente proferiu a frase de suspensão da assembleia, Gendibal, sem falar com ninguém, voltou aos seus aposentos. Tinha plena consciência de que não possuía nenhum amigo entre os Oradores, que até mesmo qualquer apoio que o Primeiro Orador lhe oferecesse seria, no máximo, parcial.

Ele não sabia dizer se temia pelo próprio futuro ou pelo futuro de toda a Segunda Fundação. O gosto da ruína amargou em sua boca.

2

Gendibal não dormiu bem. Tanto seus pensamentos insones como seus sonhos esporádicos envolviam brigas com Delora Delarmi. Em um momento de sonho houve até uma mistura dela com Rufirant, o fazendeiro loriano, e Gendibal viu-se diante de uma Delarmi desproporcional avançando em sua direção, com punhos enormes e sorriso doce que revelava dentes afiados.

Enfim despertou, mais tarde do que de costume, sem nenhuma sensação de descanso e com o intercomunicador de seu criado-mudo piscando sem emitir som. Ele se virou para pousar a mão sobre o botão de contato.

– Sim? O que foi?

– Orador! – era a voz do zelador daquele andar, que parecia inadequadamente desrespeitosa. – Uma visita deseja falar com o senhor.

– Uma visita? – Gendibal consultou sua agenda de compromissos e a tela não mostrava nada antes do meio-dia. Apertou o botão da hora certa; eram 8h31 – Quem é, por todo o espaço e tempo?

– Não quer dar um nome, Orador – então, disse com evidente reprovação: – Um desses lorianos, Orador. Veio a seu convite. – A última sentença foi dita com ainda mais reprovação.

– Deixe-o esperando na recepção até que eu desça. Vou demorar.

Gendibal não se apressou. Ao longo dos rituais de higiene matutinos, esteve perdido em pensamentos. Alguém usar os lorianos para prejudicar seus avanços fazia sentido, mas ele gostaria de saber quem faria isso. E o que era aquela nova intrusão loriana em sua própria residência? Algum tipo de armadilha complexa? Como, em nome de Seldon, um loriano entraria na universidade? Que explicação ele daria? Qual seria a verdadeira razão?

Por um breve instante, Gendibal se perguntou se deveria ir armado. Decidiu contra a ideia quase instantaneamente, pois se sentiu convicto de que conseguiria controlar qualquer fazendeiro no território da universidade sem nenhum perigo, e sem causar influências inaceitáveis na mente loriana.

Gendibal concluiu que tinha sido profundamente afetado pelo incidente com Karoll Rufirant no dia anterior. Aliás, será que era o fazendeiro em pessoa? Livre de influências externas (de quem ou do que fosse), ele talvez tenha vindo para se desculpar pelo que fez, e com receio de punição. Mas como Rufirant saberia para onde ir, ou quem abordar?

Gendibal desceu pelo corredor de maneira resoluta e entrou na sala de espera. Parou, surpreso, e então voltou-se nervoso para o zelador, que fingia estar ocupado em seu cubículo de vidro.

– Zelador, o senhor não disse que o visitante era uma mulher.

– Orador – respondeu o zelador, calmamente –, eu disse “loriano”. O senhor não perguntou mais nada.

– O mínimo de informação, zelador? Vou lembrar-me disso como uma de suas características – (e ele precisaria checar se o zelador era um dos nomeados por Delarmi. E devia lembrar-se, dali em diante, de todos os funcionários que o cercavam, “humildes” que eram fáceis de ignorar da altura de seu recém-apontado cargo como Orador). – Há alguma sala de conferência disponível?

– A número quatro é a única disponível, Orador – respondeu o zelador. – Ficará livre por três horas – olhou rapidamente para a mulher loriana e então para Gendibal, com inocência vazia.

– Vamos usar a número quatro, zelador, e recomendo que o senhor policie seus pensamentos. – Gendibal avançou de maneira nada gentil pela mente do zelador, cujo escudo subiu devagar demais para impedi-lo. Gendibal sabia que afetar uma mente menos desenvolvida estava abaixo de sua dignidade, mas uma pessoa incapaz de ocultar um

pensamento inapropriado a respeito de um superior deveria aprender a não ousar fazê-lo. O zelador teria uma leve dor cabeça por algumas horas. Era merecida.

3

O nome dela não lhe veio imediatamente à cabeça, e Gendibal não estava disposto a procurá-lo. De todo modo, ela não poderia esperar que ele se lembrasse.

– Você é... – perguntou Gendibal indelicadamente.

– Eu sê Novi, Mestre Estuodioso – ela respondeu com um suspiro de espanto. – Sura sê o que vem antes, mas sê chamada Novi.

– Sim. Novi. Conhecemo-nos ontem; agora me lembro – ele não usaria o sotaque loriano na área da universidade. – Não esqueci que você veio em minha defesa. Como chegou até aqui?

– Mestre, o senhor disse que eu pôde escrever carta. O senhor disse que devia dizê "Câmara dos Oradores, apartamento 27". Trouxe mim mesma e mim mesma mostra a escrita, minha própria escrita, Mestre – disse, com uma espécie de orgulho modesto. – Eles pergunta: "Para quem sê essa escrita?". Eu escutê quando o senhor diz praquele bestalhão de cabeça sêca, Rufirant. Eu diz que sê pra Stor Gendibal, Mestre estuodioso.

– E deixaram que passasse, Novi? Não pediram para ver a carta?

– Eu tê muito medo. Acho que eles tê um poco de pena. Eu diz: "Estuodioso Gendibal prometeu me mostrar Lugar dos Estuodiosos" e eles sorri. Um deles na entrada-portão diz pro outro: "E não sê só isso que ele mostra". E eles mostra onde vô, e diz pra não ir pra outro lugar ou sê jogada pra fora na hora.

Gendibal ruborizou-se levemente. Por Seldon, se ele sentisse necessidade de entretenimento loriano, não seria de forma tão aberta e sua escolha teria sido mais seletiva. Olhou para a mulher trantoriana sacudindo a cabeça para si mesmo.

Ela parecia jovem, talvez mais jovem do que o trabalho árduo a fazia parecer. Não deveria ter mais de vinte e cinco anos, idade na qual as mulheres lorianas geralmente já estavam casadas. Ela usava o cabelo com as tranças que indicavam ser solteira – virgem, na verdade – e ele não ficou surpreso. Sua atitude no dia anterior tinha mostrado

que ela possuía grande talento para briga e ele duvidou que fosse fácil encontrar um pretendente loriano que ousasse se unir a sua língua afiada e seu punho ligeiro. E sua aparência também não era tão atraente. Apesar de ter se esforçado para ser apresentável, seu rosto era angular e simples, suas mãos eram avermelhadas e cheias de nódulos. O que ele podia ver dela parecia construído para a resistência, e não para a graciosidade.

O lábio inferior de Novi começou a tremer sob o olhar de Gendibal. Ele podia sentir integralmente seu embaraço e seu medo, e sentiu pena. Ela de fato o havia ajudado no dia anterior, e era isso que importava.

– Então você veio para ver o, hã, Lugar dos Estudiosos? – perguntou, em uma tentativa de ser cordial e tranquilizador.

Ela abriu os olhos escuros (que eram bem bonitos) e disse:

– Mestre, não tê raiva de mim, mas vim sê estuodiosa mim mesma.

– Você quer ser uma *estudiosa*? – Gendibal ficou atônito. – Mas, minha cara...

Ele parou. Como em Trantor alguém poderia explicar para uma fazendeira sem nenhuma sofisticação o nível de inteligência, treino e perseverança mental requerido para ser o que os trantorianos chamavam de "estuodioso"?

Mas Sura Novi insistiu com bravura.

– Eu sê escritora *e* leitora. Eu tê lido livros todos até final e desdo começo. E tê *desejo* de sê estuodiosa. Não tê desejo de sê mulher de fazendeiro. Eu não sê pessoa pra fazenda. Eu não vô casá com fazendeiro ou tê moleques fazendeiro. – Ela ergueu a cabeça e disse, com orgulho: – Eu sê pedida. Muitas vez. Digo sempre "Não!". Com educação, mas "não".

Gendibal via claramente que ela estava mentindo. Nunca fora pedida em casamento. Mas ele manteve a compostura, e disse:

– O que você fará com sua vida se não se casar?

Novi bateu na mesa, palma da mão estendida.

– Eu sê estuodiosa. Eu *não sê* fazendeira.

– E se eu não puder fazê-la uma estudiosa?

– Então eu sê nada e eu espera pra morrer. Eu sê nada na vida se não sê estuodiosa.

Por um instante, Gendibal teve o impulso de vasculhar sua mente e descobrir a extensão de sua convicção. Mas seria errado fazê-lo. Um

Orador não buscava satisfazer desejos próprios inspecionando as indefesas mentes alheias. Havia um código na ciência e na técnica de controle mental – o mentalicismo – que era diferente do de outras profissões. Ou, pelo menos, deveria haver. (Subitamente, ele se arrependeu de ter atacado o zelador.)

– Por que *não* ser uma fazendeira, Novi? – Com pouca manipulação, ele poderia deixá-la satisfeita com aquilo e poderia manobrar um loriano qualquer para ficar feliz com a possibilidade de casar-se com ela, e também ela com ele. Não faria mal nenhum. Seria uma gentileza. Mas era contra a lei; logo, era inconcebível.

– Eu *não* sê uma. Fazendeiro sê cabeça-dura. Trabalha com lama e vira lama. Se eu sê fazendeira, eu sê cabeça-dura também. Não tê tempo de ler e escrever e vou esquecer. Minha cuca – ela colocou a mão na testa – fica velha e estragada. Não! Estuodioso sê diferente. Sê considerador! – (Gendibal notou que ela queria dizer "inteligente".) – Um estuodioso vive com livros e com... com... esqueço como sê chamado! – ela fez gestos como se manipulasse vagamente um objeto, sinais que não diriam nada a Gendibal se ele não tivesse suas radiações mentais para guiá-lo.

– Microfilmes – ele disse. – Como você sabe sobre os microfilmes?

– Nos livros, li sobre muito – ela respondeu, com orgulho.

Gendibal não conseguia evitar o desejo de saber mais. Era uma loriana incomum; ele nunca tinha ouvido falar em alguém assim. Os lorianos nunca eram recrutados, mas se Novi fosse mais jovem, quem sabe se tivesse dez anos...

Que desperdício! Ele não a manipularia; não a manipularia nem o mínimo, mas de que adianta ser um Orador se você não pode observar mentes inusitadas e aprender com elas?

– Novi, quero que se sente aqui por um instante – disse. – Fique bem quieta. Não diga nada. Não pense em dizer nada. Pense apenas em dormir. Entende o que peço?

O receio de Novi voltou instantaneamente.

– Por que tê de fazê isso, Mestre?

– Porque quero pensar em como você poderia se tornar uma estudiosa.

Afinal de contas, apesar do que ela já havia lido, não existia maneira possível de ela saber o que significava, de verdade, ser um "estudioso". Portanto, era necessário descobrir o que ela *achava* ser

um estudioso.

Com cuidado extremo e delicadeza infinita, ele vasculhou sua mente; sentindo sem tocar – como pousar a mão em uma superfície de metal polido e não deixar impressões digitais. Para ela, um estudioso era alguém que lia sempre. Ela não tinha a menor ideia de por que alguém lê livros. Para ela, tornar-se uma estudiosa... A imagem em sua mente era a de ela mesma realizando as tarefas que conhecia (buscar, carregar, cozinhar, limpar, obedecer a ordens), mas na área da universidade, onde havia livros disponíveis e onde ela teria tempo de ler, e, de maneira bastante vaga, "tornar-se aprendida". A conclusão que podia ser tirada é que ela queria ser uma servente – *sua* servente.

Gendibal franziu o cenho. Uma servente loriana – e que era simplória, desajeitada, ignorante, que mal sabia ler. Impensável.

Ele precisaria simplesmente desviá-la. Deveria existir alguma maneira de ajustar seus desejos para que ela se contentasse em ser uma fazendeira, alguma forma que não deixasse marcas, algum jeito contra o qual nem mesmo Delarmi poderia reclamar.

Ou será que ela era enviada de Delarmi? Será que tudo não passava de um complexo plano para provocá-lo a manipular uma mente loriana, para que ele fosse flagrado e sofresse *impeachment*?

Ridículo. Ele estava *de fato* correndo o risco de se tornar paranoico. Em algum lugar nas simplórias correntes da mente descomplicada de Novi, uma corrente de atividade mental precisava ser desviada. Bastava um pequeno toque.

Era contra a lei no papel, mas não causaria nenhum mal e ninguém repararia.

Ele parou.

Volte, volte, volte.

Espaço! Ele quase deixou passar!

Tinha sido vítima de uma ilusão?

Não! Agora que sua atenção tinha sido capturada pela anomalia, ele podia distingui-la com clareza. Havia a menor das correntes desalinhada – um desalinhamento anômalo. Ainda assim, era incrivelmente delicado e livre de ramificações.

Gendibal emergiu de sua mente.

– Novi – ele disse, gentilmente.

Os olhos de Novi recuperaram o foco.

– Sim, Mestre?

– Pode trabalhar comigo – ele disse. – Eu farei de você uma estudiosa.

Alegre e com os olhos brilhando, Novi disse:

– Mestre!...

Ele detectou instantaneamente: ela ia se jogar a seus pés. Ele colocou as mãos em seus ombros e a segurou com firmeza.

– Não se mova, Novi. Fique como está. Fique!

Era como se ele estivesse falando com um animal parcialmente treinado. Quando percebeu que a ordem tinha surtido efeito, largou-a. Ele notou os fortes músculos em seus antebraços.

– Se você quer se tornar uma estudiosa – disse –, precisa se comportar como uma. Ou seja, precisa estar sempre quieta, falar com suavidade, obedecer ao que eu lhe ordenar. E precisa tentar aprender a falar como eu falo. Deverá também conhecer outros estudiosos. Terá medo?

– Não tê medo... terei medo, Mestre, se esteja comigo.

– Estarei com você. Mas agora, antes de qualquer coisa, preciso encontrar um aposento para você, conseguir um banheiro, um lugar no refeitório e também roupas. Você deverá usar roupas mais adequadas para um estudioso, Novi.

– Essas sê todas... – ela começou, miseravelmente.

– Forneceremos outras.

Era evidente que ele precisaria de uma mulher para conseguir um novo suprimento de roupas para Novi. Necessitaria também de alguém que ensinasse à loriana os rudimentos da higiene pessoal. Afinal, apesar de as roupas que ela usava provavelmente serem seus melhores trajes, e apesar de ela ter evidentemente se arrumado, tinha ainda um perceptível odor ligeiramente desagradável.

E ele precisaria garantir que o relacionamento entre os dois fosse compreendido. Era um segredo aberto que homens (e mulheres também) da Segunda Fundação aventuravam-se ocasionalmente entre os lorianos para buscar prazer. Se não houvesse interferência nas mentes lorianas no processo, ninguém ousaria fazer um escândalo a respeito. Gendibal nunca se envolvera em aventuras desse tipo e gostava de pensar que era por não sentir necessidade de sexo possivelmente mais exótico do que o disponível na universidade. As mulheres da Segunda Fundação eram mais pálidas em comparação às lorianas.

Mas, mesmo que a questão fosse mal compreendida e houvesse escárnio por um Orador que não apenas apelou para os lorianos, mas também trouxe um deles para seus aposentos, ele precisaria resistir ao embaraço. Pois essa fazendeira, Sura Novi, era a chave para a vitória no iminente e inevitável duelo com a Oradora Delarmi e o restante da Mesa.

4

Gendibal não reencontrou Novi até depois do jantar, momento em que ela foi levada até ele pela mulher à qual tinha explicado incansavelmente a situação, ou, pelo menos, o fator não sexual da situação. Ela compreendera, ou, pelo menos, não ousara sinalizar não haver compreendido, o que talvez fosse o mesmo.

Agora, Novi estava à sua frente, acanhada, orgulhosa, constrangida, triunfante – tudo ao mesmo tempo, em uma mescla incongruente.

– Você está muito bonita, Novi – disse.

As roupas que haviam lhe fornecido vestiam-na surpreendentemente bem; não havia dúvida alguma de que ela não estava nada mal. Tinham afinado sua cintura? Elevado seus seios? Ou essas características não eram especialmente notáveis sob as vestimentas rurais?

Suas nádegas eram proeminentes, mas não de um jeito desagradável. Seu rosto continuava o mesmo, evidentemente, mas o bronzeado da vida ao ar livre se atenuaria com o tempo.

Pelo Antigo Império! Aquela mulher acreditou *de fato* que Novi era sua amante. Tentou fazê-la atraente para ele.

E então pensou: bom, por que não?

Novi precisaria enfrentar a Mesa de Oradores, e quanto mais atraente parecesse, mais fácil seria para ele provar o que queria.

Foi com esse pensamento que a mensagem do Primeiro Orador o alcançou. Trazia o tipo de conveniência comum em uma sociedade mentálica. Era chamado, de maneira razoavelmente informal, de "Efeito Coincidência". Se você pensar vagamente em alguém quando esse alguém pensa vagamente em você, há um estímulo mútuo e crescente de que, em questão de segundos, faz os dois pensamentos se tornarem velozes, resolutos e, aparentemente, simultâneos.

Pode ser espantoso até mesmo para aqueles que os entendem intelectualmente, em especial quando os pensamentos preliminares são tão opacos – em um lado ou no outro (ou ambos) – a ponto de passarem despercebidos pela consciência.

– Não posso ficar com você esta noite, Novi – disse Gendibal. – Tenho deveres de estudioso a cumprir. Vou levá-la a seu quarto. Lá você encontrará livros e poderá treinar sua leitura. Vou mostrar-lhe como usar o sinal se precisar de alguma ajuda, e nos vemos amanhã.

5

– Primeiro Orador? – disse Gendibal, educadamente.

Shandess apenas acenou com a cabeça. Parecia pesaroso e envelhecido; como um homem que não bebia, mas que precisava de uma bela dose. Enfim, disse:

– Chamei você...

– Sem mensageiro. Presumo, pelo chamado direto, que seja importante.

– De fato. Seu alvo, o membro da Primeira Fundação, Trevize...

– Sim?

– Ele *não* vem para Trantor.

Gendibal não parecia surpreso.

– Por que deveria? – perguntou. – A informação que recebemos é que ele estava partindo com um professor de história antiga que procura pela Terra.

– Sim, o lendário Planeta Primordial. E é por isso que ele deveria vir para Trantor. Afinal, o professor sabe onde está a Terra? Você sabe? Ou eu? Temos alguma certeza de que ela existe, ou de que já existiu? Eles precisariam visitar nossa biblioteca para obter as informações necessárias, caso elas possam ser obtidas. Até este momento, eu não sentia que a situação tinha alcançado um nível crítico. Achava que esse membro da Primeira Fundação viria até aqui e, por meio dele, descobriríamos o que precisamos descobrir.

– O que é, certamente, o motivo de não permitirem que ele venha para cá.

– Mas *para onde* ele irá, então?

– Vejo que ainda não temos essa informação.

– Você parece calmo diante do problema – disse o Primeiro Orador, de maneira áspera.

– Imagino que talvez seja melhor assim – respondeu Gendibal. – O senhor quer que ele venha para Trantor para mantê-lo a salvo e usá-lo como fonte de informações. Porém, não seria ele uma fonte mais rica de informações, envolvendo outros ainda mais importantes do que ele, se puder viajar para onde quiser e fazer o que quiser, desde que não o percamos de vista?

– Não o suficiente! – disse o Primeiro Orador. – Você me persuadiu da existência desse novo antagonista e agora estou inquieto. Ainda pior, me convenci de que devemos proteger Trevize ou perderemos tudo. Não consigo me livrar da sensação de que ele, e nada mais, é a chave.

– Primeiro Orador, seja o que for que aconteça – retrucou Gendibal com intensidade –, não perderemos. Só seria uma possibilidade se esses anti-Mulos, para usar o seu termo mais uma vez, continuassem a escavar sob nós, despercebidos. Agora sabemos que eles estão ali. Não agimos mais às cegas. Na próxima assembleia da Mesa, se pudermos agir juntos, seremos capazes de começar o contra-ataque.

– Trevize não foi o motivo pelo qual enviei o chamado – disse o Primeiro Orador. – O assunto surgiu apenas por me parecer uma derrota pessoal. Analisei erroneamente os aspectos dessa situação. Equivoquei-me ao colocar ressentimento pessoal diante de questões gerais e peço perdão. Há outro problema.

– Mais grave, Primeiro Orador?

– Mais grave, Orador Gendibal.

O Primeiro Orador suspirou e tamborilou os dedos na mesa, enquanto Gendibal, diante dele, esperava pacientemente. Enfim, de maneira branda como se para suavizar o impacto, disse:

– Em uma assembleia emergencial da Mesa, requisitada pela Oradora Delarmi...

– Sem o vosso consentimento, Primeiro Orador?

– Para o que ela queria, bastavam os consentimentos de três outros Oradores. Na assembleia de emergência que foi então realizada, seu *impeachment* foi requisitado, Orador Gendibal. Você foi acusado de ser indigno do posto de Orador e deve ser julgado. É a primeira vez em mais de três séculos que se pede o *impeachment* de um Orador...

– O senhor certamente não votou a favor do meu *impeachment* –

disse Gendibal, lutando para ocultar qualquer sinal de raiva.

– Não votei, mas fui o único. O restante da Mesa foi unânime e a votação foi dez a favor, um contra. O requerimento para a realização de *impeachment*, como sabe, é de oito votos incluindo o do Primeiro Orador, ou dez, sem ele.

– Mas eu não estava presente.

– Você não poderia votar.

– Eu poderia ter falado em minha defesa.

– Não àquela altura. Os precedentes são poucos, mas claros. Sua defesa será no julgamento, a ser realizado o mais rápido possível, naturalmente.

Gendibal abaixou a cabeça, pensativo.

– Isso não me preocupa demasiadamente, Primeiro Orador. Seu impulso inicial, creio, estava certo. A questão Trevize é prioritária. Posso sugerir que o senhor adie o julgamento sob essa alegação?

O Primeiro Orador ergueu a mão.

– Não o culpo por não compreender a situação, Orador – disse. – *Impeachment* é um evento tão raro que eu mesmo fui forçado a pesquisar os procedimentos legais envolvidos. Nada é mais prioritário. Somos forçados a realizar o julgamento assim que possível e a adiar o restante.

Gendibal apoiou-se na mesa com os punhos e inclinou-se na direção do Primeiro Orador.

– O senhor não pode estar falando sério.

– É a lei.

– Não podemos permitir que a lei tenha prioridade diante de um perigo evidente e imediato.

– Para a Mesa, Orador Gendibal, *você* é o perigo evidente e imediato. Escute-me! A lei em questão baseia-se na convicção de que nada pode ser mais importante do que a possibilidade de corrupção ou de mau uso do poder por parte de um Orador.

– Mas não sou culpado dessas acusações, Primeiro Orador, e o senhor sabe disso. Trata-se de uma questão de vingança pessoal por parte da Oradora Delarmi. Se há mau uso de poder, é por parte dela. O meu crime foi nunca ter me esforçado para ser benquisto, admito, e dediquei pouca atenção a tolos velhos o suficiente para a senilidade, mas jovens o bastante para terem poder.

– Como eu, Orador?

– O senhor vê? Fiz de novo – suspirou Gendibal. – Não me refiro ao senhor, Primeiro Orador. Muito bem, então vamos fazer um julgamento *imediato*. Vamos fazê-lo amanhã. Melhor ainda, hoje à noite. Vamos eliminar a questão e passar para o problema com Trevize. Não ousemos esperar.

– Orador Gendibal – respondeu o Primeiro Orador. – Suspeito que não entenda a situação. Tivemos pedidos de *impeachment* no passado. Não muitos; apenas dois. Nenhum deles resultou em condenação. Mas você será condenado! Não será mais membro da Mesa e não terá mais voz nas questões de política pública. Na verdade, não terá nem direito a voto na reunião anual da Câmara.

– E o senhor não tomará providências contrárias?

– Não posso. Serei vencido pela votação unânime. Então serei forçado a renunciar ao cargo, o que creio ser o que os Oradores querem.

– E Delarmi se tornará Primeira Oradora?

– É certamente uma forte possibilidade.

– Não podemos deixar que isso aconteça!

– Exato! Justamente por isso, devo votar a favor de sua condenação.

Gendibal suspirou profundamente.

– Ainda exijo um julgamento imediato – disse.

– Você precisa de tempo para preparar sua defesa.

– Que defesa? Eles não escutarão nenhuma defesa. Julgamento imediato!

– A Mesa precisa de tempo para preparar a acusação.

– Eles não têm bases de acusação e não vão querer encontrar uma. Condenaram-me em suas mentes, e não precisam de mais nada. Na verdade, prefeririam até condenar-me amanhã, e não depois; hoje à noite, e não amanhã. Proponha a eles.

O Primeiro Orador se levantou. Ficaram cara a cara por cima da mesa.

– Por que está com tanta pressa? – perguntou o Primeiro Orador.

– A questão Trevize não tardará.

– Uma vez que você tenha sido condenado e eu reduzido à insignificância diante de uma Mesa unida contra mim, o que terá sido realizado?

– Não tema! – respondeu Gendibal em um intenso sussurro. –

Apesar de tudo, não serei condenado.

Hiperespaço

1

– Está pronto, Janov? – perguntou Trevize.

Pelorat tirou os olhos do livro que lia.

– Quer dizer pronto para o Salto, velho amigo? – perguntou.

– Sim, para o Salto hiperespacial.

– Diga-me – afirmou Pelorat –, você tem certeza de que não haverá nenhum desconforto? Sei que é algo estúpido a se temer, mas a ideia de ser reduzido a táquions incorpóreos que ninguém nunca viu nem detectou...

– Não pense assim, Janov, é uma tecnologia impecável. Juro por minha honra! O Salto tem sido usado por vinte e dois mil anos, como você explicou, e nunca ouvi falar de nenhuma fatalidade no hiperespaço. Existe a possibilidade de reaparecermos em um lugar complicado, mas então o acidente aconteceria no espaço, não quando estivermos na forma de táquions.

– Pouco reconfortante, me parece.

– E não ressurgiremos no lugar errado. Para dizer a verdade, considerei realizar o Salto sem informá-lo, e você nunca saberia que aconteceu. Mas, no geral, concluí que seria melhor se você passasse conscientemente pela experiência e constatasse que não há nenhum problema, para que possa esquecer a questão no futuro.

– Bom – respondeu Pelorat com ar de dúvida –, você talvez esteja certo. Mas, sinceramente, não tenho a mínima pressa.

– Eu garanto...

– Não, não, velho amigo, aceito suas garantias sem ressalvas. É apenas... Você já leu *Santerestil Matt*?

– Mas é claro. Não sou iletrado.

– Evidentemente. Evidentemente. Eu não deveria ter perguntado. Você se lembra do livro?

– E também não tenho amnésia.

– Parece que tenho talento para ofender. O que quero dizer é que recordo as cenas em que Santerestil e seu amigo, Ban, escapam do Planeta Dezessete e estão perdidos no espaço. Penso naquelas cenas perfeitamente hipnóticas nas estrelas, movendo-se preguiçosamente no silêncio absoluto, na invariabilidade, em... Nunca acreditei nelas, sabe? Adorava e ficava comovido, mas nunca acreditei. Mas agora, depois que me acostumei com a ideia de estar no espaço, estou *vivendo* isso e – é bobo, eu sei – não quero abrir mão. É como se eu fosse Santerestil...

– E eu fosse Ban – respondeu Trevize, com leve impaciência.

– De certa maneira. As poucas estrelas pálidas estão imóveis, exceto o nosso sol, claro, que deve estar encolhendo, apesar de não o enxergarmos. A Galáxia retém sua majestade sutil, constante. O espaço é silencioso e não tenho distrações...

– Com a exceção de mim.

– Com a exceção de você. Mas, Golan, caro amigo, conversar contigo sobre a Terra e tentar ensinar-lhe um pouco de pré-história também é agradável. Tampouco quero que isso termine.

– Não terminará. Não imediatamente, pelo menos. Você acha que realizaremos o Salto e ressurgiremos na superfície de um planeta? Ainda estaremos no espaço, e o Salto consumirá um tempo ínfimo, a ponto de não ser quantificável. É possível que levemos até uma semana antes de pousarmos em qualquer superfície. Portanto, relaxe.

– Por superfície, você certamente não se refere a Gaia. Talvez estejamos muito longe de Gaia quando emergirmos do Salto.

– Sei disso, Janov, mas estaremos no setor certo, se sua informação é correta. Se não for, bem...

Pelorat sacudiu a cabeça negativamente, taciturno.

– Estar no setor certo não fará a menor diferença se não soubermos as coordenadas de Gaia – disse.

– Janov, imagine que você está em Terminus, seguindo para a cidade de Argyropol. Não sabe a localização, mas sabe que está em algum lugar dos istmos. Uma vez que chegasse aos istmos, o que faria?

Pelorat ponderou com cautela, como se sentisse que deveria dar uma resposta incrivelmente sofisticada. Enfim desistiu e disse:

– Suponho que perguntaria a alguém.

– *Exato*! O que *mais* pode ser feito? Então, está pronto?

– Quer dizer *agora*? – Pelorat caminhou de um lado para o outro, seu rosto agradavelmente inexpressivo chegando perto de demonstrar preocupação. – O que devo fazer? Sentar-me? Ficar de pé? O quê?

– Pelo Tempo e Espaço, Pelorat, você não faz nada. Apenas venha comigo para o meu quarto para que eu possa usar o computador, sente-se ou fique de pé ou dê cambalhotas – faça o que lhe deixar mais confortável. Minha sugestão é que você se sente diante da tela de visualização e observe. Certamente será interessante. Venha!

Seguiram pelo pequeno corredor até o quarto de Trevize e ele se sentou ao computador.

– Você gostaria de fazer isso, Janov? – perguntou Trevize, subitamente. – Forneço os números e tudo o que você precisa fazer é pensar neles. O computador fará o resto.

– Não, obrigado – respondeu Pelorat. – De alguma maneira, o computador não funciona bem comigo. Sei que você diz que só preciso de treino, mas não acredito nisso. Tem alguma coisa em sua mente, Golan...

– Não seja tolo.

– Não, não. O computador parece feito para você. Você e ele parecem um único organismo quando estão conectados. Quando eu me conecto, há dois objetos envolvidos, Janov Pelorat e um computador. Não é a mesma coisa.

– Absurdo – disse Trevize. Mas ele estava vagamente feliz com o pensamento e afagou os apoios de mão do computador com dedos carinhosos.

– Portanto, prefiro observar – afirmou Pelorat. – Quer dizer, preferia que o Salto não acontecesse, mas como isso é impossível, prefiro observar – ansiosamente, Pelorat fixou seus olhos na tela de visualização e na enevoada Galáxia com as pálidas estrelas pulverizadas em primeiro plano. – Avise-me quando for acontecer. – Lentamente, espremeu-se contra a parede e se preparou.

Trevize sorriu. Colocou suas mãos no apoio e sentiu a conexão. Dia após dia, ela acontecia cada vez mais rapidamente e com maior intimidade. Por mais que ridicularizasse o que Pelorat tinha dito, ele *sentia*. Era como se mal precisasse pensar nas coordenadas de maneira consciente. Quase como se o computador soubesse o que ele queria, sem o processo consciente de “dizer”. Extraía a informação de seu cérebro por conta própria.

Ainda assim, Trevize "disse" e pediu um intervalo de dois minutos antes do Salto.

– Certo, Janov. Temos dois minutos. 120... 115... 110... Observe a tela de visualização.

E assim fez Pelorat, com uma leve contração nos cantos da boca e segurando a respiração. Trevize continuou, suavemente:

– 15... 10... 5... 4... 3... 2... 1... 0.

Sem nenhuma movimentação perceptível, nenhuma sensação identificável, a visualização da tela mudou. Houve uma evidente intensificação do campo de estrelas e a Galáxia desapareceu.

Pelorat teve um sobressalto.

– Foi isso? – perguntou.

– *Isso* o quê? Você se alarmou, mas foi culpa sua. Não sentiu nada. Admita.

– Admito.

– Então é isso. No passado, quando as viagens hiperespaciais eram relativamente novas (pelo menos, de acordo com os livros), havia uma esquisita sensação interna e algumas pessoas sentiam tontura ou náuseas. Talvez fosse psicossomático, talvez não. De qualquer forma, com mais e mais experimentos no hiperespaço e com melhores equipamentos, a sensação diminuiu. Com um computador como este a bordo, qualquer efeito estará abaixo da percepção biológica. Pelo menos, é o que acredito.

– E eu também, devo admitir. Onde estamos, Golan?

– Apenas um passo à frente. Na região kalganiana. Ainda há uma grande distância a ser percorrida e, antes de fazermos alguma movimentação, precisamos verificar a precisão do Salto.

– O que me incomoda é... onde está a Galáxia?

– A toda a nossa volta, Janov. Estamos mais ao centro agora. Se ajustarmos a tela de visualização, poderemos ver as partes mais distantes como uma faixa luminosa no céu.

– A Via Láctea! – exaltou-se Pelorat, satisfeito. – Quase todos os planetas a descrevem em seus céus, mas é algo que não vemos de Terminus. Mostre-me, velho amigo!

A tela de visualização inclinou-se, o que criou uma sensação aquosa no campo estrelado que a preenchia, e então surgiu uma acentuada luminosidade perolada que quase preencheu o campo de visão. A tela a seguiu conforme ela ficou mais rala e, depois, mais densa.

– É mais intensa na direção do centro da Galáxia – explicou Trevize. – Mas não tão densa ou brilhante quanto poderia ser por causa das nuvens escuras dos braços da espiral. Você vê algo assim a partir da maioria dos mundos habitados.

– E da Terra também.

– Mas não se trata de uma distinção. Não seria uma característica que a tornaria destacável.

– Evidentemente. Mas, sabe, você não estudou a história da ciência, estudou?

– Na verdade, não, mas absorvi um pouco do assunto naturalmente. Ainda assim, se tiver perguntas a fazer, não espere um *expert*.

– É que realizar o Salto trouxe à tona algo que sempre me intrigou. É possível definir uma descrição do universo na qual a viagem hiperespacial é impossível e a velocidade da luz propagando-se pelo vácuo é o máximo absoluto de velocidade.

– Pois sim.

– Sob essas condições, a geometria do universo é tal que seria impossível fazer a viagem que acabamos de fazer em menos tempo do que um raio de luz a teria feito. E se a realizássemos na velocidade da luz, nossa percepção da duração não equivaleria àquela do universo como um todo. Se essa localização é, digamos, a quarenta parsecs de Terminus, se tivéssemos chegado até aqui na velocidade da luz, não sentiríamos nenhuma passagem de tempo, mas em Terminus e no restante da Galáxia teriam se passado aproximadamente cento e trinta anos. Agora fizemos a jornada, não na velocidade da luz, mas sim a mil vezes a velocidade da luz, e não houve nenhum avanço de tempo, em lugar nenhum. Ou, pelo menos, espero que não.

– Não espere que eu lhe forneça os cálculos da Teoria Hiperespacial de Olanjen – respondeu Trevize. – Tudo o que posso dizer é que, se você tivesse viajado na velocidade da luz e no espaço comum, o tempo teria de fato avançado 3,26 anos por parsec, como você mesmo descreveu. O chamado universo relativo, conceito analisado pela humanidade desde o ponto mais longínquo que conseguimos estudar da pré-história (apesar de ser mais seu departamento, creio) permanece, e suas leis não foram refutadas. Porém, em nossos Saltos hiperespaciais, fazemos algo fora das condições sob as quais a relatividade opera, portanto as regras são diferentes. Em termos hiperespaciais, a Galáxia é um pequeno objeto (idealisticamente, um

ponto não dimensional) e não há nenhum efeito relativo. Na verdade – continuou –, nas fórmulas matemáticas da cosmologia, há dois símbolos para Galáxia: G^r para a "Galáxia relativa", na qual a velocidade da luz é uma máxima; e G^h para a "Galáxia hiperespacial", na qual a velocidade não tem significado real. Hiperespacialmente, o valor de todas as velocidades é zero e não nos movemos em relação ao próprio espaço; a velocidade é infinita. Não tenho como explicar muito mais do que isso. Oh, com a exceção de que uma das mais interessantes pegadinhas em teoria da física é transformar um símbolo ou valor que tem peso em G^r em uma equação sobre G^h, ou vice-versa, e deixar ali para que um estudante tente resolvê-la. São grandes as chances de o estudante cair na pegadinha e, geralmente, não conseguir sair. Fica suando frio e ofegando enquanto nada parece funcionar, até que algum sábio benevolente o ajuda. Caí direitinho em uma dessas, certa vez.

Pelorat considerou seriamente as informações por alguns instantes e então, perplexo, perguntou:

– Mas qual é a Galáxia verdadeira?

– Qualquer uma das duas, dependendo do que estiver fazendo. Se estiver em Terminus, pode usar um carro para cobrir uma distância por terra ou um barco para seguir por mar. As condições são diferentes em todos os sentidos; portanto, qual é o Terminus *de verdade*, aquele por terra ou aquele pelo mar?

– Analogias são sempre arriscadas – concordou Pelorat com a cabeça –, mas prefiro aceitá-las em vez de arriscar minha sanidade analisando demais o hiperespaço. Vou me concentrar no que estamos fazendo agora.

– Considere o que acabamos de fazer – respondeu Trevize – como a primeira parada a caminho da Terra.

E, pensou consigo mesmo, a caminho do que mais?

2

– Bem, desperdicei um dia – disse Trevize.

– Quê? – Pelorat levantou os olhos da cuidadosa indexação que fazia. – Como assim?

– Não confiei no computador – Trevize abriu os braços. – Não ousei

confiar, então comparei nossa posição atual com a posição que estabelecemos como alvo do Salto. A diferença é insignificante. Não houve erro detectável.

– Isso é bom, não é?

– É mais do que bom. É inacreditável. Nunca ouvi falar em nada parecido. Participei de Saltos e já os direcionei; Saltos de todos os tipos e com vários equipamentos diferentes. No treinamento, precisei calcular um Salto com um computador portátil e então enviei um hipertransmissor para verificar os resultados. Naturalmente, eu não poderia enviar uma espaçonave, pois, além da despesa, eu poderia facilmente tê-la mandado para o centro de uma estrela. Nunca fiz nada tão desastroso, claro – continuou Trevize –, mas havia sempre uma diferença considerável. Há sempre uma diferença, até mesmo com *experts*. É preciso que haja alguma, já que existem tantas variáveis. Considere o seguinte: a geometria do espaço é complicada demais para ser explorada, e o hiperespaço engloba todas essas complicações em uma complexidade própria que não podemos nem pressupor entender. Por isso, precisamos ir passo a passo em vez de fazer um grande Salto daqui até Sayshell. Os erros ficam maiores conforme a distância aumenta.

– Mas você disse que o computador não errou – respondeu Pelorat.

– *Ele* disse que não errou. Eu pedi que comparasse nossa posição real com a posição pré-calculada: "o que é" *versus* "o que foi pedido". *Ele* disse que as duas são idênticas dentro de seus limites de medição, e pensei: e se ele estiver mentindo?

Até aquele momento, Pelorat estava segurando sua impressora. Ele a pousou sobre um móvel, parecendo abalado.

– Está brincando? – perguntou. – Um computador não pode mentir. A não ser que você esteja dizendo que ele apresenta algum defeito.

– Não, não foi isso que pensei. Pelo Espaço! Pensei que ele estava *mentindo*. Esse computador é tão avançado que não consigo pensar nele como qualquer coisa além de humano... super-humano, talvez. Humano o suficiente para ter orgulho e, possivelmente, para mentir. Dei as ordens – calcular um curso através do hiperespaço até uma posição próxima ao planeta Sayshell, capital da Aliança Sayshell. Ele o fez e mapeou um trajeto em vinte e nove passos, o que é arrogância do pior tipo.

– Por que arrogância?

– A diferença no primeiro Salto faz o segundo ser incerto, e a soma da próxima diferença faz o terceiro Salto ser mais incerto e pouco confiável, e assim por diante. Como é possível calcular vinte e nove passos de uma só vez? O vigésimo nono poderia sair em qualquer ponto da Galáxia, qualquer ponto mesmo. Portanto, ordenei que realizasse apenas o primeiro passo. Assim, poderíamos verificar antes de continuar.

– A abordagem cautelosa – disse Pelorat, entusiasmado. – Eu aprovo!

– Sim, mas, depois de realizar o primeiro passo, será que o computador ficaria ofendido por eu ter desconfiado dele? Seria ele forçado a resgatar seu orgulho dizendo que não houve nenhum erro quando eu perguntasse? Seria impossível para ele admitir um erro, sustentar uma imperfeição? Se for o caso, seria melhor não ter um computador.

– O que podemos fazer neste caso, Golan? – o longo e gentil rosto de Pelorat entristeceu-se.

– Podemos fazer o que fiz, desperdiçar um dia. Verifiquei a posição de várias estrelas nas proximidades usando os métodos mais primitivos possíveis: observação telescópica, fotografia e medidas manuais. Comparei cada posição factual com a posição esperada se não houvesse erro. A tarefa levou o dia todo e deixou-me totalmente esgotado.

– Sim, mas o que aconteceu?

– Encontrei dois erros colossais e os verifiquei. Estavam nos meus cálculos. Eu mesmo cometi aqueles erros. Corrigi os cálculos e então passei tudo para o computador, desde o início, apenas para ver se ele chegaria às mesmas respostas de maneira independente. Tirando o fato de ele ter calculado muitas casas decimais extras, no final os meus números estavam corretos, e *eles* mostravam que o computador não tinha cometido nenhum erro. O computador pode ser um arrogante filho do Mulo, mas tem motivos para tanto.

– Bem, isso é ótimo – Pelorat expirou profundamente.

– Sim, de fato! Portanto, vou permitir que ele dê os outros vinte e oito passos.

– Todos de uma vez? Mas...

– Não todos de uma vez. Não se preocupe, ainda não fiquei tão atrevido. Será um atrás do outro, mas, depois de cada passo, ele

verificará as cercanias e, se o que encontrar estiver onde deve estar, dentro de limites toleráveis, poderá dar o próximo. Em qualquer momento que encontrar uma diferença grande demais (e, acredite, estabeleci limites nada generosos) deverá parar e recalcular os passos restantes.

– Quando fará isso?

– Quando? Agora mesmo. Escute, você está trabalhando na indexação da sua biblioteca...

– Oh, mas este é o momento para fazer isso, Golan. Faz anos que tenho intenções de indexá-la, mas alguma coisa sempre atrapalhava.

– Não tenho objeções. Vá em frente e não se preocupe. Concentre-se na indexação. Cuidarei de todo o resto.

– Não seja tolo – Pelorat negou com a cabeça. – Não conseguirei relaxar enquanto não terminarmos. Estou petrificado.

– Então não deveria ter lhe contado. Mas eu precisava contar para *alguém*, e você é o único por aqui. Deixe-me explicar com franqueza. Existe sempre a chance de ressurgirmos em uma posição perfeita no espaço interestelar e, coincidentemente, ser a posição exata de um meteorito em curso ou de um microburaco negro, e a nave será estraçalhada e a gente já era. Teoricamente, alguma coisa do tipo poderia acontecer, mas as chances são muito pequenas. Afinal, você poderia estar em casa, Janov, em seu escritório, trabalhando em seus microfilmes, ou na cama, dormindo, e um meteorito poderia estar caindo em sua direção através da atmosfera de Terminus para acertá-lo bem na cabeça, e você já era. Mas as chances são pequenas. Durante um Salto hiperespacial, a chance de cruzar o caminho de algo fatal, mas pequeno demais para que o computador detecte é, na realidade, muito, muito menor do que a chance de ser atingido por um meteoro em sua própria casa. Nunca ouvi falar de uma nave perdida dessa maneira em toda a história da viagem hiperespacial. Qualquer outro tipo de risco, como acabar no meio de uma estrela, é ainda menor.

– Então por que está me contando tudo isso, Golan?

Trevize parou. Inclinou a cabeça, pensativo, e, enfim, disse:

– Não sei... Sim, eu sei. Acho que, por menor que seja a chance de uma catástrofe, se as pessoas continuam se arriscando, a catástrofe há de acontecer em algum momento. Independentemente da minha certeza de que nada dará errado, há uma insistente voz dentro de mim

que diz “talvez aconteça *desta* vez”. E isso faz com que me sinta culpado. Acho que é isso. Janov, se algo der errado, perdoe-me!

– Mas Golan, *prezado* amigo, se algo der errado, ambos morreremos instantaneamente. Não terei como perdoá-lo, e você não terá como receber perdão.

– Entendo. Perdoe-me *agora*, então.

– Não sei por que – sorriu Pelorat –, mas isso me anima. Tem algo divertidamente irônico nisso. É claro que o perdoo, Golan. Há diversos mitos sobre algum tipo de vida além-túmulo na literatura universal, e se calhar de existir tal lugar (suponho serem as mesmas chances de ressurgir em um microburaco negro, ou talvez menos), e se nós dois acabarmos lá, darei meu testemunho de que você fez o seu melhor e de que minha morte não deve ser atribuída às suas ações.

– Obrigado! Estou aliviado. Estou disposto a correr o risco, mas não gosto da ideia de você correr o meu risco também.

Pelorat apertou a mão de Trevize.

– Sabe, Golan, eu o conheço há apenas uma semana e talvez não devesse chegar a conclusões precipitadas nessas questões, mas acho que você é um excelente sujeito. Agora vamos realizar os Saltos e acabar logo com isso.

– Certamente! Tudo o que preciso fazer é tocar aquele pequeno contato. O computador tem suas ordens e apenas espera que eu diga: “Inicie!”. *Você* gostaria de...

– Nunca! É todo seu. É seu computador.

– Pois bem. E é minha responsabilidade. Ainda tento esquivar-me, percebe? Mantenha seus olhos na tela!

Com mãos surpreendentemente firmes e um sorriso totalmente genuíno, Trevize fez contato.

Houve uma pausa momentânea e então o campo de estrelas mudou... e de novo... e de novo. As estrelas espalhavam-se com intensidade e luminosidade progressivamente mais intensas na tela de visualização.

Pelorat contava enquanto segurava o fôlego. Em quinze, houve uma parada, como se alguma peça do equipamento tivesse travado.

Com evidente receio de que qualquer som pudesse comprometer fatalmente o mecanismo, Pelorat sussurrou:

– O que há de errado? O que aconteceu?

Trevize deu de ombros.

– Imagino que esteja recalculando. Algum objeto no espaço acrescentou um obstáculo perceptível à forma geral do campo gravitacional. Algum objeto que não foi considerado, alguma estrela anã ou planeta não mapeado...

– Perigoso?

– Considerando que ainda estamos vivos, é quase certo que não seja perigoso. Um planeta poderia estar a uma centena de milhões de quilômetros de distância e, ainda assim, apresentar uma modificação gravitacional grande o suficiente para exigir novos cálculos. Uma estrela anã poderia estar a dez bilhões de quilômetros de distância e...

A tela mudou novamente e Trevize ficou em silêncio. Mudou mais uma vez, então outra. Até que Pelorat disse:

– Vinte e oito.

E, enfim, não havia mais movimentação. Trevize consultou o computador.

– Chegamos – disse.

– Contei o primeiro Salto como número um – afirmou Pelorat –, e, nessa série, comecei com dois. São vinte e oito Saltos no total. Você tinha dito vinte e nove.

– O recálculo no Salto quinze provavelmente nos poupou de um Salto. Posso verificar no computador, caso queira, mas não há necessidade. Estamos nos arredores do planeta Sayshell. É o que o computador diz, e não duvido. Se eu ajustasse a tela, veríamos um belo sol brilhante, mas não há necessidade de forçar a capacidade de visualização do computador. O planeta Sayshell é o quarto a partir do sol e está a aproximadamente 3,2 milhões de quilômetros da nossa localização atual, tão perto quanto o desejável, ao final de um Salto. Podemos chegar em três dias – dois, se nos apressarmos.

Trevize respirou fundo e tentou dispersar a tensão.

– Percebe o que isso significa, Janov? – perguntou. – Todas as naves em que já estive, e todas das quais já ouvi falar, teriam realizado esses Saltos com pelo menos um dia entre eles, para cálculos minuciosos e verificações extras, mesmo *com* um computador. A viagem teria levado quase um mês. Talvez duas ou três semanas, se estivessem dispostos a ser displicentes. *Nós* fizemos em meia hora. Quando todas as naves estiverem equipadas com um computador como este...

– Eu me pergunto por que a prefeita nos daria uma nave tão

avançada – disse Pelorat. – Deve ser incrivelmente valiosa.

– É experimental – respondeu Trevize, seco. – Talvez aquela mulher estivesse disposta a nos usar como cobaias e ver que tipos de deficiência surgiriam.

– Está falando sério?

– Não fique nervoso. Afinal de contas, não há nada para se preocupar. Não encontramos nenhuma deficiência. Mas não excluiria a possibilidade. Algo do tipo não seria um grande conflito no senso humanitário da prefeita. Além disso, ela não nos confiou armas, o que diminui consideravelmente o investimento.

– É no computador que estou pensando – disse Pelorat, pensativo. – Parece tão bem ajustado para você, e é impossível que se ajuste tão bem com qualquer outro. Mal funciona *comigo*.

– Melhor para nós, o fato de funcionar bem com pelo menos um.

– Sim, mas será coincidência?

– O que mais poderia ser, Janov?

– A prefeita certamente o conhece muito bem.

– Acho que sim, aquela velha nave de guerra.

– Ela não poderia ter encomendado um computador feito especialmente para você?

– Por quê?

– Eu me pergunto se não estamos indo para onde o computador quer que a gente vá.

Trevize o encarou.

– Está insinuando que, enquanto estou conectado ao computador, é o computador, e não eu, que está no comando? – perguntou.

– É apenas uma suposição.

– Isso é ridículo. Paranoico. Esqueça, Janov.

Trevize voltou ao computador para focar o planeta Sayshell na tela e planejar um trajeto pelo espaço comum até ele.

Ridículo!

Por que Pelorat plantara a dúvida em sua cabeça?

10.

Mesa

1

Dois dias se passaram e Gendibal não estava triste, mas sim enfurecido. Não havia motivos para a não realização de uma audiência imediata. Tinha certeza de que, se estivesse despreparado, se precisasse de tempo, eles teriam forçado uma audiência imediata.

Mas, como não havia nenhum perigo diante da Segunda Fundação além da maior crise desde o Mulo, eles desperdiçavam tempo – e sem nenhum propósito além de irritá-lo.

Eles *de fato* o irritavam e, por Seldon, isso faria seu contra-ataque ser ainda mais pesado. Estava determinado a tanto.

Olhou à volta. A antessala estava vazia. Havia dois dias que a situação era aquela. Era um homem marcado, todos sabiam; um Orador que, por meio de uma ação sem precedentes na história de cinco séculos da Segunda Fundação, logo perderia seu cargo. Seria rebaixado de categoria, reduzido à posição de simples membro da Segunda Fundação.

Porém, havia uma diferença. Ser um membro da Segunda Fundação era algo muito honroso, especialmente com um título respeitável, como talvez fosse o caso de Gendibal mesmo após o *impeachment*. Porém, era algo diferente ter sido um Orador e perder seu cargo.

Mas isso não acontecerá, pensou Gendibal impetuosamente, mesmo depois de terem-no evitado por dois dias. Apenas Sura Novi o tratava como antes, mas era ingênua demais para compreender a situação. Para ela, Gendibal ainda era o "Mestre".

Era frustrante para Gendibal o fato de encontrar certo conforto nisso. Sentiu vergonha ao notar melhorias em seu ânimo quando reparava que ela o via com adoração. Estaria ele contente com ganhos *tão* ínfimos?

Um funcionário surgiu da Câmara para informá-lo de que a Mesa

estava pronta, e Gendibal o seguiu. Ele conhecia bem aquele funcionário; era um que sabia, até a fração mínima, a gradação exata de civilidade que cada Orador merecia. No momento, a cortesia oferecida a Gendibal era espantosamente mínima. Até mesmo o funcionário já o considerava culpado.

Estavam todos à Mesa, solenemente, usando as becas pretas de julgamento. O Primeiro Orador Shandess parecia um tanto desconfortável, mas não permitiu que seu rosto demonstrasse a menor indicação de cordialidade. Delarmi – uma das três mulheres da Mesa – nem olhou para ele.

– Orador Stor Gendibal – disse o Primeiro Orador –, o senhor foi impedido de exercer seu cargo por se comportar de maneira inapropriada para um Orador. Diante de todos nós, o senhor acusou a Mesa, vagamente e sem provas, de traição e tentativa de assassinato. Sugeriu que todos os membros da Segunda Fundação, inclusive os Oradores e o Primeiro Orador, deveriam passar por análise mental completa para determinar quais, entre eles, não seriam mais confiáveis. Tal comportamento rompe os elos de comunidade, sem os quais a Segunda Fundação não pode controlar uma Galáxia intrincada e potencialmente hostil, e sem os quais não pode construir, com segurança, um Segundo Império viável. Considerando que todos nós testemunhamos as ofensas, excluiremos a necessidade de uma apresentação formal do caso por parte da acusação. Logo, seguiremos diretamente para o próximo estágio. Orador Stor Gendibal, o senhor tem uma defesa?

Neste momento, Delarmi, ainda sem olhar para Gendibal, permitiu-se um pequeno sorriso felino.

– Se a verdade for considerada defesa – respondeu Gendibal –, sim, possuo uma. *Existe* fundamentação para suspeitarmos de uma falha na segurança. Tal falha pode envolver o controle mental de um ou mais membros da Segunda Fundação, sem a exclusão dos membros aqui presentes. Esse fato resulta em uma crise fatal para a Segunda Fundação. Se os senhores apressam este julgamento por não poderem perder tempo, talvez reconheçam, vagamente, a seriedade da crise. Mas, nesse caso, por que desperdiçaram dois dias após minha requisição formal de um julgamento imediato? Alego que foi essa mesma crise fatal que me forçou a dizer o que disse. Eu teria me portado de maneira inapropriada para um Orador se *não* o tivesse

feito.

– Ele apenas repete seu crime, Primeiro Orador – disse Delarmi, suavemente.

A cadeira de Gendibal estava mais afastada da Mesa do que as dos outros – já um evidente rebaixamento. Ele a empurrou para ainda mais longe, como se não se importasse com aquilo, e levantou-se.

– Os senhores me condenarão agora, imponderadamente, em oposição à lei, ou posso apresentar minha defesa detalhadamente?

– Não se trata de uma conferência sem lei, Orador. Sem precedentes para nos guiar, havemos de seguir sua linha de raciocínio, reconhecendo que, caso nossa condição demasiadamente humana nos desvie da justiça absoluta, é melhor permitir que um culpado saia livre do que condenar um inocente. Logo, apesar de o caso diante da Mesa ser tão grave a ponto de não podermos permitir que um culpado saia livre, vamos permitir que o senhor apresente sua defesa da maneira que quiser e por quanto tempo precisar, até que seja decidido por voto unânime, *inclusive o meu* – elevou o tom de voz nessa frase –, de que o suficiente foi ouvido.

– Deixe-me começar, então – respondeu Gendibal –, dizendo que Golan Trevize, o membro da Primeira Fundação exilado de Terminus e que eu e o Primeiro Orador consideramos ser o elemento decisivo da crise que se avoluma, seguiu para uma localização não prevista.

– A título de informação – disse Delarmi, suavemente –, como o orador sabe disso? – a entonação indicava claramente que não havia letra maiúscula no início de "Orador".

– Fui informado sobre a questão pelo Primeiro Orador – respondeu Gendibal –, mas confirmei por conta própria. Porém, sob as circunstâncias, considerando minha suspeita em relação ao nível de segurança da Câmara, gostaria de ter a permissão de manter minhas fontes de informação em segredo.

– Descarto a relevância de tal dado – disse o Primeiro Orador. – Daremos continuidade sem ele, mas, caso a Mesa considere necessária, a informação deverá ser obtida. O Orador Gendibal será obrigado a cedê-la.

– Se o orador não conceder a informação neste momento, minha conclusão lógica é que ele tem um agente a seu serviço, um agente contratado em particular, que não responde à Mesa como um todo. Não podemos ter certeza de que tal agente obedece às regras de

comportamento que governam os membros da Segunda Fundação.

– Reconheço todas as implicações, Oradora Delarmi – afirmou o Primeiro Orador, com desgosto. – Não há necessidade de soletrá-las para mim.

– Menciono apenas para o registro, Primeiro Orador, pois é um agravante do crime e não foi um item mencionado na petição de *impeachment*, que, gostaria de acrescentar, não foi lida na íntegra e à qual rogo que tal item seja anexado.

– O responsável é instruído a acrescentar o item – disse o Primeiro Orador –, e a escolha das palavras adequadas será ajustada em um momento mais apropriado. Orador Gendibal – ele ao menos falava a palavra em maiúscula –, sua defesa está, de fato, um passo atrás. Continue.

– Esse Trevize não apenas seguiu em uma direção inesperada – prosseguiu Gendibal –, mas também em velocidade sem precedentes. Tenho a informação, ainda não conhecida pelo Primeiro Orador, de que ele viajou quase dez mil parsecs em bem menos do que uma hora.

– Em um único Salto? – perguntou um dos Oradores, incrédulo.

– Em duas dúzias de Saltos, um seguido do outro, sem virtualmente nenhum intervalo entre eles – explicou Gendibal –, algo ainda mais difícil de imaginar do que um único Salto. Mesmo que ele seja localizado agora, será necessário tempo para segui-lo, e, caso ele nos detecte e decida fugir, não poderemos alcançá-lo. E os senhores dedicam vosso tempo a jogos de *impeachment* e permitem que dois dias se passem para apreciá-los ainda mais.

O Primeiro Orador conseguiu disfarçar sua angústia.

– Por favor, diga-nos, Orador Gendibal – disse –, qual o senhor acredita ser a importância disso.

– É um indício, Primeiro Orador, dos avanços tecnológicos sendo realizados pela Primeira Fundação, que agora é muito mais poderosa do que era na época de Preem Palver. Não poderíamos enfrentá-los se eles nos encontrassem e estivessem livres para agir.

A Oradora Delarmi levantou-se.

– Primeiro Orador – disse –, nosso tempo é desperdiçado com irrelevâncias. Não somos crianças para nos assustar com historietas da Vovó Espacileia. Não importa quão impressionante seja o maquinário da Primeira Fundação quando, em qualquer crise, as mentes dela podem estar sob nosso controle.

– Como o senhor responde, Orador Gendibal? – perguntou o Primeiro Orador.

– Digo apenas que chegaremos à questão das mentes no devido momento. Agora, desejo apenas enfatizar o poderio tecnológico superior e crescente da Primeira Fundação.

– Siga para o próximo tópico, Orador Gendibal – requisitou o Primeiro Orador. – Seu primeiro argumento, devo dizer, não me parece muito pertinente com o conteúdo da petição de *impeachment*.

Houve um claro movimento de concordância da Mesa.

– Darei continuidade – disse Gendibal. – Trevize tem um companheiro em sua jornada atual – fez uma pausa momentânea para considerar a pronúncia –, um tal de Janov Pelorat, estudioso deveras irrelevante que dedicou sua vida a coletar mitos e lendas sobre a Terra.

– Sabe tudo isso sobre ele? Por meio de sua fonte oculta, presumo? – disse Delarmi, que parecia ter se acomodado no papel da acusação com evidente conforto.

– Sim, sei tudo isso sobre ele – respondeu Gendibal, com frieza. – Alguns meses atrás, a prefeita de Terminus, uma mulher enérgica e capacitada, manifestou interesse por esse estudioso sem nenhum motivo aparente; portanto, interessei-me também, por uma questão de lógica. E não mantive esse fato em segredo. Todas as informações que obtive foram disponibilizadas para o Primeiro Orador.

– Sou testemunha deste fato – afirmou o Primeiro Orador, em tom grave.

– O que é essa "Terra"? – perguntou um Orador idoso. – É o planeta de origem que esporadicamente surge em fábulas? Aquele que provocou comoção nos tempos Imperiais?

Gendibal concordou com a cabeça e disse:

– E nas historietas da Vovó Espacileia, como diria a Oradora Delarmi. Suspeito que Pelorat tinha o sonho de vir a Trantor para consultar a Biblioteca Galáctica e descobrir informações relacionadas à Terra que ele não poderia obter pelo serviço de biblioteca interestelar disponível em Terminus. Quando deixou Terminus com Trevize, deve ter tido a impressão de que esse sonho estava prestes a ser realizado. Nós certamente esperávamos pelos dois e contávamos com a oportunidade de examiná-los em nosso próprio benefício. Porém, como todos sabem agora, eles não estão a caminho daqui.

Seguiram para algum destino que ainda não está claro e que por algum motivo ainda não é conhecido.

O rosto arredondado de Delarmi parecia angelical quando ela disse:

– E por que isso é perturbador? Certamente não fomos prejudicados pelo não comparecimento dos dois. Na realidade, considerando que eles nos descartaram com tamanha facilidade, podemos deduzir que a Primeira Fundação não conhece a natureza verdadeira de Trantor, e podemos aplaudir o trabalho de Preem Palver.

– Se não aprofundarmos o raciocínio – retrucou Gendibal –, podemos, de fato, chegar a uma solução reconfortante como essa. Todavia, não é possível que a desistência não esteja relacionada à incapacidade de enxergar a importância de Trantor? Não é possível que a desistência seja resultado do receio de que Trantor, ao examinar esses dois homens, reconhecesse a importância da Terra?

A Mesa agitou-se.

– Qualquer um – afirmou Delarmi, friamente – pode inventar hipóteses formidáveis e discorrer sobre elas com frases de impacto. Mas há sentido em inventá-las? Por que alguém deveria se importar com o que nós, da Segunda Fundação, achamos sobre a Terra? Seja ela o verdadeiro planeta de origem ou um mito, ou até se existe mesmo um único lugar de origem, trata-se apenas de algo que interessaria somente a historiadores, antropologistas e colecionadores de folclore, como esse seu Pelorat. Por que nós?

– De fato. Por quê? – respondeu Gendibal. – Como pode ser, então, que não existam referências à Terra na biblioteca?

Pela primeira vez, sentiu-se na Mesa uma sensação diferente de hostilidade.

– Não existem? – perguntou Delarmi.

– Quando descobri que Trevize e Pelorat poderiam estar a caminho daqui em busca de informações relacionadas à Terra – disse Gendibal, com calma –, logicamente ordenei que o computador de nossa biblioteca listasse os documentos com tais informações. Fiquei ligeiramente intrigado quando o resultado foi inexistente. Não pequenas quantidades, não muito pouco. Nada! Mas então os senhores insistiram que eu esperasse por dois dias antes que essa audiência fosse realizada, e, ao mesmo tempo, minha curiosidade foi aguçada pela notícia de que os membros da Primeira Fundação não viriam para cá, afinal de contas. Eu precisava matar o tempo, de alguma maneira.

Enquanto o restante dos senhores estava, como diz o ditado, bebericando vinho enquanto a casa ruía, investiguei alguns livros de história que possuo. Encontrei passagens que se referem especificamente a algumas das investigações sobre a "Questão da Origem" no final da época Imperial. Havia referências e citações de documentos específicos, tanto impressos como em filme. Retornei à biblioteca e busquei pessoalmente esses documentos. Garanto que não havia nada.

– Mesmo que seja verdade – disse Delarmi –, não é necessariamente uma surpresa. Se a Terra é, de fato, um mito...

– Então eu a encontraria em referências mitológicas. Se fosse uma historieta da Vovó Espacileia, encontraria em coletâneas de contos da Vovó Espacileia. Se fosse fruto de uma mente doente, encontraria em psicopatologia. O fato é que existe alguma coisa sobre a Terra, senão os senhores nunca teriam ouvido falar dela e, de fato, não a teriam reconhecido imediatamente como o nome do suposto planeta de origem da espécie humana. Por que, então, não existe nenhuma referência a ela na biblioteca, em *nenhum* arquivo?

Delarmi ficou em silêncio por alguns instantes e outro Orador interpôs. Era Leonis Cheng, um homem pequeno com um conhecimento enciclopédico sobre as minúcias do Plano Seldon, e uma atitude bem míope em relação à Galáxia propriamente dita. Seus olhos tendiam a piscar rapidamente conforme ele falava:

– É fato conhecido que o Império, em seus últimos dias, tentou criar uma mística imperial atenuando o interesse por épocas pré-Imperiais.

Gendibal concordou com a cabeça.

– Atenuar é o termo certo, Orador Cheng. Não é o equivalente a destruir evidências. Como o senhor deve saber melhor do que todos, outra característica da decadência imperial foi um interesse súbito por épocas anteriores, presumivelmente melhores. Estou me referindo apenas ao interesse pela "Questão da Origem" na época de Hari Seldon.

Cheng interrompeu com um intenso pigarro.

– Sei muito bem sobre isso, jovem – disse –, e sei muito mais sobre os problemas sociais da decadência Imperial do que o senhor parece acreditar que sei. O processo de "imperialização" tomou conta de todas essas discussões amadoras sobre a Terra. Sob Cleon II, durante a

última ascensão do Império, dois séculos *depois* de Seldon, a Imperialização chegou ao auge e todas as especulações sobre a questão da Terra chegaram ao fim. Houve até mesmo uma diretriz sobre isso, na época de Cleon, referindo-se ao interesse por coisas do tipo, como (e creio citar com fidelidade) "especulações antiquadas e contraproducentes que tendem a minar o amor do povo pelo trono Imperial".

Gendibal sorriu.

– Então seria à época de Cleon II, Orador Cheng – respondeu Gendibal –, que o senhor atribuiria a destruição de todas as referências à Terra?

– Não tiro conclusões. Apenas afirmo o que afirmei.

– É sábio da sua parte não tirar conclusões. O Império estava em ascensão na época de Cleon, mas a universidade e a biblioteca, pelo menos, estavam em nossas mãos ou, de qualquer maneira, nas mãos de nossos predecessores. Teria sido impossível remover qualquer material de lá sem que os Oradores da Segunda Fundação soubessem. Na verdade, teria cabido aos Oradores realizar tal tarefa, apesar de o Império moribundo não ter tido acesso a essa informação.

Gendibal fez uma pausa e Cheng, sem dizer nada, analisou seu rosto.

– Pela lógica – continuou Gendibal –, o material sobre a Terra não poderia ter sido retirado durante a época de Seldon, pois a "Questão da Origem" estava em pauta naquele momento. Não poderia ter sido retirado depois, pois a Segunda Fundação estava no comando. Ainda assim, atualmente não há nada sobre ela na biblioteca. Como é possível?

– Não há necessidade de continuar elaborando a trama, Gendibal – interrompeu Delarmi, impaciente. – Enxergamos o problema. O que sugere ser a resposta? Você mesmo removeu os documentos?

– Como sempre, Delarmi, a senhora vai ao âmago da questão – e Gendibal inclinou a cabeça em uma sardônica reverência (à qual, em resposta, ela permitiu um sutil sorriso). – Uma possibilidade é que a limpeza tenha sido feita por um Orador da Segunda Fundação, alguém que saberia como usar os bibliotecários sem deixar traços na memória e os computadores sem deixar registros.

O Primeiro Orador Shandess ruborizou-se, nervoso.

– Absurdo, Orador Gendibal – disse. – Não consigo imaginar um

Orador fazendo algo do tipo. Qual seria a motivação? Mesmo que, por alguma razão, o material sobre a Terra tenha desaparecido, por que escondê-lo do restante da Mesa? Por que arriscar a destruição completa de uma carreira ao adulterar a biblioteca, quando as chances de ser descoberto são tão grandes? Além disso, acredito que nem mesmo o Orador mais habilidoso poderia realizar tal feito sem deixar rastros.

– Então o senhor, Primeiro Orador – respondeu Gendibal –, deve discordar da Oradora Delarmi em sua sugestão de que o culpado sou eu.

– Decerto – disse o Primeiro Orador. – Às vezes questiono seu discernimento, mas ainda não o considero totalmente insano.

– Portanto, não deve ter acontecido, Primeiro Orador. O material sobre a Terra deve ainda estar na biblioteca, pois, aparentemente, eliminamos todas as maneiras possíveis de removê-lo. Porém, o conteúdo não está lá.

– Pois então – disse a Oradora Delarmi, com um tom de cansaço teatral –, vamos à conclusão. Repito, o que você sugere ser a resposta? Estou certa de que tem uma.

– Se a senhora está certa, Oradora, podemos todos ter certeza também. Minha resposta é que a biblioteca foi adulterada por alguém da Segunda Fundação que estava sob controle de um sutil poder externo à Segunda Fundação. A alteração passou despercebida porque a mesma força garantiu que passasse despercebida.

– Até que você descobriu – riu-se Delarmi. – Você, o livre e indomável. Se essa misteriosa força existe, como *você* descobriu sobre a ausência de material? Por que você não esteve sob controle?

– Isso não é motivo para risos, Oradora – respondeu Gendibal, seriamente. – Eles talvez acreditem, assim como nós, que as alterações devam ser as mínimas possíveis. Quando minha vida estava em perigo alguns dias atrás, fiquei mais preocupado com o ato de manipular uma mente loriana do que com a minha própria proteção. Pode ser assim com esses outros: no instante em que consideram a situação controlada, não fazem mais alterações. É esse o perigo, o perigo fatal. O fato de que pude descobrir talvez signifique que eles não se importem mais com a descoberta. O fato de não se importarem mais pode significar que eles já venceram. E continuamos aqui com nossas intrigas!

– Mas que objetivo teriam com tudo isso? Qual poderia ser o objetivo? – exigiu Delarmi, inquieta e mordendo os lábios. Ela sentia o poder que tinha se esvaindo conforme o interesse e a preocupação da Mesa aumentavam.

– Pense por um instante – retrucou Gendibal. – A Primeira Fundação, com seu enorme arsenal de poderio físico, procura pela Terra. Fingem enviar dois exilados, na esperança de acreditarmos que os dois são apenas isso. Mas eles os equipariam com espaçonaves de tecnologia inacreditável, capazes de viajar uma dezena de parsecs em menos de uma hora, se eles fossem apenas isso? Quanto à Segunda Fundação, não estamos buscando a Terra e, como agora é evidente, atitudes foram tomadas *sem nosso conhecimento* para manter toda informação sobre a Terra fora de nosso alcance. Agora, a Primeira Fundação está mais próxima de encontrar a Terra e estamos muito longe de realizar tal feito, o que...

Gendibal parou.

– O quê? – perguntou Delarmi. – Termine sua historieta infantil. Você sabe alguma coisa ou não sabe?

– Não sei *de tudo*, Oradora. Não desvendei a totalidade das intrigas que nos cercam, mas sei que elas existem. Não sei qual poderia ser a importância de encontrar a Terra, mas estou certo de que a Segunda Fundação corre enorme risco e, portanto, o Plano Seldon e o futuro de toda a humanidade também estão em perigo.

Delarmi levantou-se. Sem sorrir, falou com voz tensa, mas cuidadosamente controlada:

– Lixo! Primeiro Orador, dê um fim a isso! O que está em discussão é o comportamento do acusado. O que ele nos conta não é apenas infantil, é também irrelevante. Ele não pode atenuar seu comportamento construindo uma trama de teorias que fazem sentido apenas em sua cabeça. Rogo por uma votação neste exato momento... uma votação unânime por condenação.

– Esperem – disse Gendibal, rispidamente. – Foi-me dito que eu teria a oportunidade de me defender, e há ainda mais um tópico. Apenas mais um. Permitam-me apresentá-lo e poderão prosseguir com a votação sem mais protestos de minha parte.

– Tem a permissão para continuar, Orador Gendibal – afirmou o Primeiro Orador, esfregando os olhos cansados. – Devo apontar à Mesa que a condenação de um Orador a *impeachment* é uma ação tão

grave e sem precedentes que não ousaríamos arriscar a impressão de não ter permitido uma defesa completa. Lembrem-se, também, de que, mesmo que o veredito nos satisfaça, pode não satisfazer aqueles que vierem depois de nós; além disso, não acredito que um membro da Segunda Fundação, de qualquer nível e principalmente os membros da Mesa, subestimaria a importância da perspectiva histórica. Ajamos de maneira a garantir a aprovação dos Oradores que nos sucederão nos séculos vindouros.

– Corremos o risco, Primeiro Orador – retrucou Delarmi, amargamente –, de ter a posteridade rindo de nós por chafurdar no óbvio. A continuidade da defesa é decisão *sua*.

Gendibal inspirou profundamente e disse:

– Então, de acordo com *sua* decisão, Primeiro Orador, desejo chamar uma testemunha, uma jovem que conheci três dias atrás, sem a qual eu não teria comparecido à assembleia da Mesa, em vez de ter apenas me atrasado.

– A mulher de quem fala é conhecida pela Mesa? – perguntou o Primeiro Orador.

– Não, Primeiro Orador. É uma nativa deste planeta.

Os olhos de Delarmi arregalaram-se.

– Uma *loriana*? – perguntou.

– Sim! De fato!

– O que temos a ganhar com um tipo desses? Nada que digam pode ser de alguma relevância. Eles não existem!

Os lábios de Gendibal se contraíram sobre seus dentes em algo que nunca poderia ser confundido com um sorriso.

– Fisicamente, todos os lorianos existem – disse, em tom seco. – São seres humanos e têm seu papel no Plano Seldon. Com a proteção indireta que dedicam à Segunda Fundação, têm um papel crucial. Gostaria de me desassociar da falta de humanidade da Oradora Delarmi. Espero que sua observação seja incluída nos registros e considerada, daqui em diante, prova da possível inadequação *dela* ao cargo de Oradora. O restante da Mesa está de acordo com a inacreditável observação da Oradora e deseja privar-me de minha testemunha?

– Chame sua testemunha, Orador – disse o Primeiro Orador.

Os lábios de Gendibal relaxaram-se e formaram a corriqueira ausência de expressão facial de um Orador sob pressão. Sua mente

estava na defensiva e acuada, mas, por trás da barreira de proteção, ele sentiu que o perigo havia passado e que ele tinha vencido.

2

Sura Novi parecia exausta. Seus olhos estavam arregalados e seu lábio inferior tremia de leve. Apertava suas mãos lentamente uma contra a outra e seu peito arfava discretamente. Seu cabelo havia sido puxado para trás e preso em um coque; seu rosto bronzeado tinha pequenos tiques esporádicos. Suas mãos manuseavam as dobras da longa saia que usava. Ela olhava inquieta para os membros da Mesa, de Orador em Orador, seus olhos repletos de assombro.

Eles olhavam de relance para ela, com graus variados de desprezo e desconforto. Delarmi manteve os olhos muito acima da cabeça de Novi, ignorando sua presença.

Cuidadosamente, Gendibal tocou a película de sua mente, suavizando-a e relaxando-a. Ele poderia ter feito o mesmo segurando sua mão ou acariciando seu rosto, mas ali, sob aquelas circunstâncias, isso era evidentemente impossível.

– Primeiro Orador – disse ele –, estou atenuando a percepção consciente desta mulher para que seu testemunho não seja distorcido pelo medo. O senhor poderia acompanhar-me... o restante dos senhores, se desejarem, poderiam acompanhar-me e observar que não modificarei, de forma alguma, seu intelecto?

Novi ficou horrorizada com a voz de Gendibal, fato que não o surpreendeu. Tinha consciência de que ela nunca ouvira membros do alto escalão da Segunda Fundação conversarem entre si. Nunca havia experimentado aquela acelerada e singular mistura de som, tonalidade, expressão e pensamento. Mas o terror desapareceu tão rapidamente quanto surgiu, à medida que ele abrandava sua mente.

Um semblante plácido tomou conta de seu rosto.

– Há uma cadeira atrás de você, Novi – disse Gendibal. – Por favor, sente-se.

Novi fez uma pequena e desengonçada reverência e se sentou, segurando os próprios braços de maneira tensa.

Ela falou com clareza, mas Gendibal a fez repetir quando seu sotaque loriano ficava acentuado demais. Ele manteve seu discurso

formal em respeito à Mesa e, por isso, precisou ocasionalmente repetir as perguntas que fez a ela.

A história da briga entre o Orador e Rufirant foi descrita com calma e precisão.

– Você mesma viu tudo isso, Novi? – perguntou Gendibal.

– Não, Mestre, ou tê parado mais logo. Rufirant sê bom homem, mas sê lento da cuca.

– Mas você descreveu tudo. Como isso é possível, se não viu?

– Rufirant me historiou tudo, eu fêz perguntas. Ele tê avergonhado.

– Envergonhado? Você sabe se ele já se comportou dessa maneira no passado?

– Rufirant? Não, Mestre. Ele sê doce, mesmo grandoso. Ele não sê brigão e tê medo de estuodiosos. Fala sempre de eles sê fortes e tendedores de poder.

– Por que ele não se sentiu assim quando me encontrou?

– Sê esquisito. Ele desentende – ela negou com a cabeça. – Ele não sê ele mesmo. Falei pr'ele, "Sê cabeça-oca. Não é seu bater em estuodioso". E ele diz: "Não sei como passou. Sê como eu de um lado, olhando um não-eu".

– Primeiro Orador – interrompeu o Orador Cheng –, de que valor é o relato dessa mulher sobre o que um homem lhe disse? O próprio não está disponível para interrogatório?

– Sim, está – respondeu Gendibal. – Caso a Mesa queira ouvir outras evidências ao término do testemunho dessa mulher, estou preparado para chamar Karoll Rufirant, meu recente antagonista, à tribuna. Do contrário, a Mesa pode seguir imediatamente à votação quando eu terminar com essa testemunha.

– Muito bem – disse o Primeiro Orador. – Prossiga com sua testemunha.

– E você, Novi? – continuou Gendibal. – Era um comportamento corriqueiro da sua parte interferir daquela maneira em uma briga?

Novi não disse nada por alguns instantes. Uma pequena marca de expressão surgiu entre suas espessas sobrancelhas e depois sumiu.

– Não sei. Não tê vontades ruins por estuodiosos. Eu sê *guiada*, e sem pensar eu tê no meio de tudo – ela pausou e então disse: – Eu fazê de novo se fazê fosse preciso.

– Novi, você cairá no sono agora – disse Gendibal. – Não pensará em nada. Descansará e não chegará nem a sonhar.

Novi murmurou por um momento. Seus olhos se fecharam e sua cabeça pendeu para trás, apoiando-se no encosto da cadeira.

Gendibal aguardou um instante e disse:

– Primeiro Orador, peço respeitosamente que o senhor siga-me para dentro da mente desta mulher. Descobrirá um intelecto notavelmente simples e simétrico, o que nos é vantajoso, pois, se fosse diferente, o que o senhor verá poderia não estar visível. Aqui! Aqui! Vê? Se o restante dos senhores quiser entrar... Será mais fácil um de cada vez.

Houve uma agitação progressiva na Mesa.

– Existe alguma dúvida entre os senhores? – perguntou Gendibal.

– *Eu* tenho dúvidas – disse Delarmi –, pois...

Ela parou, prestes a dizer o que, até mesmo para ela, era inconcebível. Gendibal disse por ela:

– A senhora acha que eu deliberadamente modifiquei essa mente para apresentar provas falsas? Logo, a senhora acredita que eu poderia criar um ajuste tão delicado, uma única fibra mental claramente fora de esquadro, sem que nada nela mesma ou nos arredores seja afetado? Se eu pudesse fazer isso, não precisaria enfrentar nenhum dos senhores por causa desta questão. Por que me sujeitar à indignidade de um julgamento? Por que me esforçar para convencê-los? Se eu pudesse fazer o que está evidente na cabeça desta mulher, todos estariam indefesos diante de mim, a não ser que estivessem bem preparados. A verdade crua é que nenhum dos senhores poderia manipular uma consciência da forma que a mente dessa mulher foi manipulada. E eu também não. Ainda assim, foi feito.

Ele parou e analisou cada um dos Oradores, para então fixar seu olhar em Delarmi. Disse, lentamente:

– Pois bem, se algo mais é necessário, chamarei o fazendeiro loriano, Karoll Rufirant, a quem examinei e cuja mente também foi manipulada.

– Não será necessário – disse o Primeiro Orador, com uma expressão facial chocada. – O que vimos é perturbador.

– Nesse caso – respondeu Gendibal –, posso despertar a loriana e dispensá-la? Tomei providências para que haja alguém que cuide de sua recuperação.

Depois que Novi foi embora, guiada pelo gentil toque de Gendibal em seu cotovelo, ele disse:

– Permitam-me que eu resuma. Mentes podem ser, e foram,

alteradas de maneiras além da nossa capacidade. Logo, os próprios bibliotecários poderiam ter sido manipulados para remover o conteúdo sobre a Terra da biblioteca, sem o conhecimento deles ou o nosso. Podemos ver como o meu atraso para a assembleia da Mesa foi orquestrado. Fui ameaçado, depois resgatado. A consequência foi meu *impeachment*. O resultado desse encadeamento aparentemente natural de eventos foi a minha remoção de um cargo de poder, o que faz com que a linha de raciocínio que defendo, que ameaça essas pessoas, quem quer que sejam, seja negada.

Delarmi inclinou-se para a frente. Estava claramente chocada.

– Se essa organização secreta é tão inteligente – disse –, como você pôde descobrir tudo isso?

– Não é mérito meu – Gendibal permitiu-se sorrir. – Não possuo sabedoria superior à de nenhum outro Orador; certamente não à do Primeiro Orador. E esses anti-Mulos, como o Primeiro Orador definiu de maneira bastante habilidosa, também não são infinitamente inteligentes nem infinitamente imunes às circunstâncias. Eles talvez tenham escolhido essa loriana específica para ser seu instrumento justamente porque ela exigia poucos ajustes. Ela é, por personalidade própria, solidária aos que chama de "estudiosos" e os admira profundamente. Mas, uma vez que a história estava terminada, o contato momentâneo que teve comigo fortaleceu sua fantasia de se tornar, ela mesma, uma "estudiosa". Veio até mim no dia seguinte com esse propósito em mente. Curioso em relação a essa peculiar ambição, estudei sua mente, algo que decerto não teria feito sob outras circunstâncias, e, mais por acidente do que qualquer outra coisa, esbarrei no ajuste e percebi sua relevância. Se outra mulher tivesse sido escolhida, alguém com uma tendência menos favorável a estudiosos, os anti-Mulos talvez precisassem aperfeiçoar mais o ajuste, mas as consequências não teriam sido as mesmas e eu teria continuado a ignorar tudo isso. Os anti-Mulos equivocaram-se nos cálculos ou não garantiram espaço suficiente para o imprevisto. O fato de eles poderem errar de tal maneira é reconfortante.

– Você e o Primeiro Orador – disse Delarmi – chamam essa tal organização de "anti-Mulos" presumivelmente porque eles parecem se dedicar a manter a Galáxia na rota do Plano Seldon e não a interrompê-lo, como o próprio Mulo o fez. Se os anti-Mulos agem assim, por que seriam perigosos?

– Por que se dedicariam a fazê-lo senão por motivações próprias? Não sabemos qual o motivo. Um cínico poderia dizer que eles pretendem, em algum ponto do futuro, assumir a liderança e desviar a corrente em outra direção, uma direção que seja mais do agrado deles do que do nosso. É minha própria intuição, apesar de eu não ser versado no cinismo. A Oradora Delarmi estaria preparada para defender, com base em seu amor e confiança que todos sabemos compor grande parte de sua personalidade, que se tratam de altruístas cósmicos, dedicando-se a realizar nosso trabalho sem sonharem com recompensas?

Houve um sutil sussurro de risadas pela Mesa e, nesse momento, Gendibal sabia que tinha vencido. E Delarmi sabia que tinha perdido; uma onda de fúria ficou evidente em seu rígido controle mentálico, como um facho de luz solar avermelhada que atravessa uma grossa camada de folhagem.

– Quando passei pelo incidente com o fazendeiro loriano – disse Gendibal –, precipitei-me à conclusão de que outro Orador seria responsável. Quando notei o ajuste na mente da loriana, sabia que estava certo em relação à conspiração, mas não ao conspirador. Peço desculpas pela interpretação errônea e alego que as circunstâncias foram agravantes.

– Vejo que se trata de um pedido formal de desculpas – respondeu o Primeiro Orador.

Delarmi interrompeu. Estava plácida novamente; seu rosto, amigável, a voz totalmente melosa:

– Com pleno respeito, Primeiro Orador, se o senhor me permite interromper. Ignoremos a questão do *impeachment*. Neste momento, eu não votaria a favor da condenação e creio que ninguém votaria. Recomendo, inclusive, que o *impeachment* seja apagado do imaculado histórico do Orador Gendibal, que se exonerou de maneira admirável. Parabenizo-o por tal feito, e por ter revelado uma crise que o restante de nós poderia ter permitido seguir indefinidamente, com consequências incalculáveis. Ofereço ao Orador *minhas* desculpas mais sinceras por minha hostilidade anterior.

Delarmi praticamente irradiou-se na direção de Gendibal, que sentiu uma relutante admiração pela maneira como ela mudou instantaneamente de rumo para minimizar os danos. Sentiu, também, que se tratava da preliminar de um ataque por outra vertente.

Tinha certeza de que o que estava por vir não seria nada agradável.

3

Quando se dedicava a ser agradável, a Oradora Delora Delarmi conseguia dominar a Mesa de Oradores. Sua voz tornava-se suave; seu sorriso, complacente; seus olhos faiscavam; ela se tornava um doce. Ninguém ousava interrompê-la e todos esperavam até que ela desferisse o golpe.

– Graças ao Orador Gendibal – disse Delarmi –, tenho fé de que agora todos nós compreendemos o que deve ser feito. Não vemos os anti-Mulos; não sabemos nada sobre eles, exceto os fugidios toques nas mentes de pessoas aqui mesmo, na fortaleza da própria Segunda Fundação. Não sabemos o que o poder central da Primeira Fundação está planejando. Talvez estejamos diante de uma aliança entre os anti-Mulos e a Primeira Fundação; não sabemos. Mas sabemos, de fato, que esse Golan Trevize e seu companheiro, cujo nome me foge no momento, estão em uma jornada para um destino que desconhecemos, e que o Primeiro Orador e Gendibal acreditam ser Trevize a chave para o desenlace desta crise colossal. O que podemos fazer, então? Evidentemente, precisamos descobrir tudo o que for possível sobre Trevize; para onde ele está indo, o que está pensando, quais podem ser suas motivações; se possui um destino, uma linha de raciocínio, um propósito; ou se é, de fato, mero joguete de uma força maior do que ele mesmo.

– Ele está sendo observado – respondeu Gendibal.

Delarmi abriu um sorriso complacente.

– Por quem? – perguntou. – Por um de nossos agentes estrangeiros? Devemos esperar que esses agentes lidem com aqueles cujos poderes testemunhamos aqui mesmo? É evidente que não. Na época do Mulo, e também depois dela, a Segunda Fundação não hesitou em enviar e até sacrificar voluntários dentre seus mais importantes membros, já que nada abaixo disso serviria a tal propósito. Quando foi necessário restaurar o Plano Seldon, o próprio Preem Palver peregrinou pela Galáxia como um comerciante trantoriano para trazer de volta aquela garota, Arkady. Neste momento em que a crise talvez seja mais extraordinária do que as anteriores, não podemos ficar sentados

esperando. Não podemos depender de funcionários menores, de vigias e mensageiros.

– A senhora decerto não está sugerindo que o Primeiro Orador abandone Trantor neste momento, está? – perguntou Gendibal.

– Certamente que não. Necessitamos muitíssimo de sua presença aqui. Por outro lado, há o senhor, Orador Gendibal. Foi o senhor que teve a percepção e o discernimento corretos sobre a crise. Foi o senhor que detectou a sutil interferência externa na biblioteca e nas mentes lorianas, que manteve seu ponto de vista mesmo diante da oposição maciça da Mesa e venceu. Ninguém aqui enxerga com tanta clareza quanto o senhor, e não podemos contar com mais ninguém, a não ser o senhor, para continuar assim. É *o senhor* que deve, em minha opinião, partir para enfrentar o inimigo. Tenho o consenso da Mesa?

Não foi necessária uma votação formal para revelar o consenso. Cada Orador sentia as mentes dos outros e ficou claro para um Gendibal subitamente chocado que, no exato momento de sua vitória e da consequente derrota de Delarmi, essa formidável mulher o estava enviando inexoravelmente ao exílio, em uma tarefa que talvez o ocupasse por um período indeterminado, enquanto ela permaneceria ali para controlar a Mesa e, assim, a Segunda Fundação e, assim, a Galáxia – possivelmente levando todas à ruína.

E se Gendibal conseguisse, de alguma maneira, obter as informações necessárias para que a Segunda Fundação evitasse a crescente crise, seria Delarmi quem receberia os louros por ter feito o planejamento; o sucesso *dele* serviria apenas para confirmar o poder *dela*. Quanto mais rápido ele agisse, quanto mais eficiente fosse, mais força daria a ela.

Era uma manobra brilhante, uma recuperação inacreditável.

E até mesmo naquele momento seu domínio sobre a Mesa era tão evidente que ela estava praticamente usurpando o cargo do Primeiro Orador. As considerações de Gendibal sobre aquilo foram dominadas pela fúria que sentiu emanando de Shandess.

Ele se virou. O Primeiro Orador não fazia nenhum esforço para esconder sua ira, e logo ficou claro que outra crise interna preparava-se para substituir a que tinha sido recentemente dissolvida.

Quindor Shandess, o vigésimo quinto Primeiro Orador, não tinha grandes ilusões sobre si mesmo.

Sabia que não era um daqueles poucos e dinâmicos Primeiros Oradores que iluminavam a história de cinco séculos da Segunda Fundação, nem precisava ser. Controlava a Mesa em um período de serena prosperidade galáctica e não era o momento para dinamismos. Era uma época de jogar na defensiva e ele era o homem para tanto. Seu predecessor o escolhera justamente por isso.

– Você não é um aventureiro, é um estudioso – afirmara o vigésimo quarto Primeiro Orador. – Você preservará o Plano, e um aventureiro, em seu lugar, talvez o arruinasse. Preservação! Permita que essa seja a palavra-chave de sua Mesa.

E ele havia tentado, mas isso significava um Primeiro Orador passivo, o que, ocasionalmente, era interpretado como fraqueza. Houve boatos recorrentes de que ele pretendia renunciar e também intrigas explícitas para garantir um sucessor que seguisse esta ou aquela política.

Não existia nenhuma dúvida na mente de Shandess de que Delarmi era proeminente nessa disputa. Era a personalidade mais forte da Mesa e até mesmo Gendibal, com toda a sua ousadia e tolice da juventude, recuava diante dela, como fazia neste exato momento.

Mas, por Seldon, por mais passivo que fosse, ou talvez até fraco, havia uma prerrogativa do Primeiro Orador da qual ninguém daquela linhagem tinha abdicado, e ele também não abdicaria.

Levantou-se para falar, e a Mesa imediatamente ficou em silêncio. Quando o Primeiro Orador se levantava, não haveria interrupções. Nem mesmo Delarmi ou Gendibal ousariam interromper.

– Oradores! – disse. – Concordo que estamos diante de uma perigosa crise e que devemos tomar atitudes drásticas. Sou eu quem deveria partir para enfrentar o inimigo. A Oradora Delarmi, com a gentileza que a caracteriza, isentou-me da tarefa ao afirmar que minha presença aqui é necessária. Entretanto, a verdade é que não sou necessário nem aqui nem lá. Estou envelhecendo, estou me exaurindo. Há muito tempo correm grandes expectativas sobre a minha eventual renúncia, e eu talvez devesse renunciar. Quando essa crise for superada, hei de deixar o cargo. Mas é privilégio do Primeiro Orador escolher seu sucessor, e assim o farei neste exato momento. Existe um Orador que há tempos domina a conduta da Mesa; um Orador que,

por força de sua personalidade, muitas vezes demonstrou a liderança que eu não demonstrei. Todos sabem que me refiro à Oradora Delarmi.

Ele fez uma pausa, e então disse:

– Somente o senhor, Orador Gendibal, manifesta reprovação. Posso saber o motivo? – ele se sentou para que Gendibal tivesse a oportunidade de responder.

– Não tenho objeções, Primeiro Orador – respondeu Gendibal, em tom grave. – Escolher seu sucessor é prerrogativa do senhor.

– E assim o farei. Quando o senhor retornar, depois de conseguir iniciar o processo que dará um fim a esta crise, será o momento da minha renúncia. Meu sucessor então será diretamente responsável por conduzir todas as políticas necessárias para continuar e terminar tal processo. Tem algo a dizer, Orador Gendibal?

– Quando o senhor nomear a Oradora Delarmi como sua sucessora, Primeiro Orador – disse Gendibal, calmamente –, espero que considere adequado aconselhá-la a...

O Primeiro Orador o interrompeu secamente:

– Mencionei a Oradora Delarmi, mas não a nomeei minha sucessora. O que o senhor tem a dizer?

– Peço perdão, Primeiro Orador. Eu deveria ter dito, *supondo* que o senhor nomeie a Oradora Delarmi sua sucessora na ocasião do meu retorno desta missão, o senhor consideraria adequado aconselhá-la...

– Tampouco hei de nomeá-la minha sucessora no futuro, sob nenhuma condição. *Agora* o que o senhor tem a dizer? – O Primeiro Orador não conseguiu fazer tal anúncio sem uma pontada de satisfação pelo golpe que desferiu em Delarmi. Não poderia tê-lo feito de maneira mais humilhante. – E então, Orador Gendibal, o que o senhor tem a dizer?

– Apenas que estou confuso.

O Primeiro Orador levantou-se mais uma vez e disse:

– A Oradora Delarmi dominou e conduziu, mas tais características não são as únicas necessárias para o cargo de Primeiro Orador. O Orador Gendibal enxergou o que não enxergamos. Enfrentou a hostilidade conjunta da Mesa e a forçou a repensar seus valores; persuadiu-a a concordar com ele. Tenho minhas suspeitas em relação às motivações da Oradora Delarmi ao pousar a responsabilidade da perseguição a Golan Trevize nos ombros do Orador Gendibal, mas é a

ele que tal fardo pertence. Tenho certeza de que ele será bem-sucedido, confio em minha intuição, e, quando retornar, o Orador Gendibal será nomeado o vigésimo sexto Primeiro Orador.

Sentou-se abruptamente e cada Orador começou a explicitar sua opinião em uma confusão de sons, tonalidades, pensamentos e expressões. O Primeiro Orador não deu atenção à cacofonia e olhou para frente, demonstrando indiferença. Agora que estava feito, percebeu, com certa surpresa, o grande conforto de passar o manto da responsabilidade. Deveria ter feito isso antes – mas antes era impossível.

Somente agora ele encontrara seu óbvio sucessor.

E então, de alguma maneira, sua mente emparelhou-se com a de Delarmi e ele olhou para ela.

Por Seldon! Ela estava calma e sorrindo. Sua desesperadora frustração não estava visível – ela não havia desistido. Ele se perguntou se acabara de fazer justamente o que ela queria. O que mais ela poderia fazer?

5

Delora Delarmi teria demonstrado abertamente sua angústia e decepção, se houvesse alguma utilidade em fazê-lo.

Teria lhe garantido muita satisfação vociferar contra aquele tolo senil que controlava a Mesa ou contra aquele idiota imaturo com quem o destino conspirava – mas não era satisfação que ela queria. Ela queria algo maior.

Almejava ser a Primeira Oradora.

E, enquanto tivesse uma carta na manga, não abandonaria o jogo.

Sorriu gentilmente e levantou a mão como se estivesse prestes a falar. Manteve a pose por tempo suficiente para garantir que, quando falasse, a Mesa não estivesse apenas calma, mas sim em um silêncio de expectativa.

– Primeiro Orador – disse –, conforme o Orador Gendibal disse há pouco, não tenho objeções. Escolher seu sucessor é prerrogativa do senhor. Se me manifesto agora, é com o objetivo de contribuir, espero, com o sucesso do que agora se tornou a missão do Orador Gendibal. Posso expor meus pensamentos, Primeiro Orador?

– Sim – respondeu monossilabicamente o Primeiro Orador. Para ele, Delarmi estava agindo com gentileza demais, docilidade demais.

Delarmi inclinou a cabeça com seriedade. Não estava mais sorrindo. Disse:

– Temos espaçonaves. Não são tão magnificamente avançadas quanto as da Primeira Fundação, mas servirão ao propósito do Orador Gendibal. Creio que ele saiba pilotar uma delas, assim como todos sabemos. Temos nossos representantes em todos os grandes planetas da Galáxia, e ele será bem-vindo onde quer que vá. Além disso, ele pode se defender até mesmo desses anti-Mulos, agora que tem plena consciência do perigo. Mesmo quando não sabíamos, suspeito que tivessem preferido agir por meio das classes mais baixas e dos fazendeiros lorianos. Vamos, é claro, inspecionar cuidadosamente as mentes de todos os membros da Segunda Fundação, inclusive as dos Oradores, mas tenho certeza de que continuam invioladas. Os anti-Mulos não ousariam interferir em nossos assuntos. De toda maneira, não há motivos para que o Orador Gendibal arrisque mais do que o necessário. Ele decerto não pretende se envolver em bravuras e será melhor que sua missão seja, até certo ponto, secreta, que ele os aborde sem ser detectado. Portanto, seria útil que assumisse o disfarce de um comerciante loriano. Preem Palver, como sabemos, partiu para a Galáxia como um suposto comerciante.

– Preem Palver tinha um propósito específico ao adotar essa estratégia – disse o Primeiro Orador. – O Orador Gendibal não tem. Se algum tipo de disfarce se tornar necessário, tenho certeza de que ele será engenhoso o suficiente para adotar um.

– Com respeito, Primeiro Orador – respondeu Delarmi –, eu gostaria de apontar um disfarce sutil. Preem Palver, o senhor recorda, levou consigo sua esposa e companheira de muitos anos. Nada estabeleceu com tanta veemência a natureza rústica de seu disfarce quanto o fato de ele viajar com a esposa. Isso atenuou todas as suspeitas.

– Não tenho uma esposa – afirmou Gendibal. – Tive companheiras, mas ninguém que se ofereceria para assumir o papel matrimonial neste momento.

– Tal dado é amplamente conhecido, Orador Gendibal – disse Delarmi –, mas as pessoas acreditarão na história se *qualquer* mulher estiver com o senhor. Certamente conseguiremos encontrar uma

voluntária. E se o senhor achar necessário poder apresentar provas documentais, isso pode ser arranjado. Acho que uma mulher deveria acompanhá-lo.

Por um momento, Gendibal ficou sem fôlego. Decerto ela não se referia a...

Poderia ser uma estratégia para apropriar-se de parte do sucesso? Estaria ela arquitetando uma ocupação conjunta, ou alternada, do cargo de Primeiro Orador? Taciturnamente, Gendibal disse:

– Estou lisonjeado que a Oradora Delarmi sinta...

Delarmi disparou uma risada explícita e olhou para Gendibal com o que quase poderia ser afeto genuíno. Ele tinha caído na armadilha e parecia um tolo por isso. A Mesa não esqueceria tal fato.

– Orador Gendibal – falou Delarmi –, eu não teria a impertinência de tentar fazer parte desta missão. É sua e somente sua, assim como o cargo de Primeiro Orador será seu e somente seu. Eu não imaginaria que o senhor gostaria que eu estivesse ao seu lado. Honestamente, Orador, na minha idade, não me considero assim tão sedutora...

Sorrisos espalharam-se pela Mesa e até mesmo o Primeiro Orador tentou esconder um.

Gendibal sentiu o golpe e esforçou-se para não agravar a perda ao contradizer o tom de leveza. Mas não teve muito sucesso.

– Então o que é que a senhora sugere? – disse, da maneira menos agressiva que conseguiu. – Garanto não ter passado pela minha cabeça que a senhora desejaria me acompanhar. A senhora exerce sua melhor capacidade na Mesa, e não nos tumultos pela Galáxia, sei bem.

– Concordo, Orador Gendibal, concordo – respondeu Delarmi. – Entretanto, minha sugestão refere-se ao seu disfarce como comerciante loriano. Para fazê-lo indiscutivelmente autêntico, que melhor companhia o senhor iria querer além de uma loriana?

– Uma loriana? – pela segunda vez em rápida sucessão, Gendibal foi pego de surpresa e a Mesa apreciou tal fato.

– *A* loriana – continuou Delarmi. – Aquela que o salvou de uma surra. Aquela que o olha com veneração. Aquela cuja mente o senhor sondou e quem, deveras involuntariamente, o salvou uma segunda vez, de algo muito maior do que uma surra. Recomendo que o senhor a leve consigo.

O impulso de Gendibal foi recusar, mas ele sabia que era o que ela esperava. Seria ainda mais entretenimento para a Mesa. Ficou

evidente naquele momento que o Primeiro Orador, ansioso para agredir Delarmi, cometera um erro ao nomear Gendibal seu sucessor – ou que, pelo menos, Delarmi rapidamente transformou esse gesto em um equívoco.

Gendibal era o mais jovem dos Oradores. Havia enfurecido a Mesa e depois evitado a condenação por parte deles. Tinha, indiscutivelmente, humilhado a todos. Ninguém conseguia enxergá-lo como sucessor sem uma pontada de ressentimento.

Tal fato já seria suficientemente difícil de superar, mas agora eles lembrariam como Delarmi o havia facilmente ridicularizado e quanto tinham apreciado a situação. Ela usaria este momento para convencê-los, sem grandes esforços, de que ele não tinha a maturidade e a experiência para o cargo de Primeiro Orador. A pressão combinada de todos forçaria o Primeiro Orador a mudar sua decisão enquanto Gendibal estivesse fora, em missão. Ou, se o Primeiro Orador insistisse em seu parecer, Gendibal acabaria diante da oposição absoluta da Mesa, o que resultaria em um mandato eternamente impotente.

Compreendeu tudo aquilo em um instante e teve a capacidade de responder sem hesitação.

– Oradora Delarmi – disse –, admiro o seu *insight*. Eu pretendia surpreender a todos. Levar a loriana era, de fato, minha intenção, mesmo que não fosse pela razão bastante válida que a senhora sugeriu. Eu desejava levá-la por sua mente, que foi examinada por todos. Viram-na como é: surpreendentemente inteligente, mas, além disso, clara, simples, absolutamente sem engodos. Nenhuma manipulação externa passaria despercebida, como tenho certeza que todos notaram. Pergunto-me se ocorreu à senhora, Oradora Delarmi, que ela pode servir como um excelente sistema de alarme antecipado. Eu detectaria o primeiro sintoma de atividade mentálica através da mente da loriana mais rapidamente do que através da minha própria mente.

Houve uma espécie de silêncio atônito, e ele disse, com leveza:

– Ah, ninguém tinha enxergado isso. Pois bem, não tem importância! Agora vou me retirar. Não há tempo a perder.

– Espere – disse Delarmi, depois de perder a autoridade uma terceira vez. – O que pretende fazer?

– Por que entrar em detalhes? – Gendibal deu de ombros. – Quanto menos a Mesa souber, menor a probabilidade de os Anti-Mulos

tentarem manipulá-la.

Falou como se a segurança da Mesa fosse sua maior preocupação. Preencheu sua mente com esse sentimento e permitiu que os outros o sentissem.

Seria lisonjeiro para eles. Mais do que isso – a satisfação que traria talvez os impedisse de questionar se Gendibal sabia, de fato, o que pretendia fazer.

6

O Primeiro Orador conversou a sós com Gendibal naquela noite.

– Você estava certo – disse. – Não pude evitar um vislumbre sob a superfície de sua mente. Vi que você considerou o anúncio um erro, e, de fato, foi um erro. Era minha vontade ardente arrancar aquele sorriso perpétuo do rosto de Delarmi e defender-me da maneira trivial como ela frequentemente usurpa o meu papel.

Gentilmente, Gendibal respondeu:

– Uma alternativa melhor poderia ter sido o senhor informar-me em particular e esperar pelo meu retorno para seguir em frente.

– Dessa maneira, eu não teria tido a oportunidade de atacá-la. Motivação duvidosa para um Primeiro Orador, eu sei.

– Isso não vai detê-la, Primeiro Orador. Ela há de conspirar pelo cargo, e talvez com razão. Estou certo de haver quem defenda que eu deveria ter recusado sua nomeação. Não seria difícil argumentar que a Oradora Delarmi tem a melhor mente da Mesa e seria a melhor Primeira Oradora.

– A melhor mente *da* Mesa, não fora dela – resmungou Shandess. – Ela não enxerga inimigos reais, exceto os outros Oradores. Ela não deveria ter sido nomeada nem ao cargo de Oradora. Diga-me, devo proibir que você leve a loriana? Delarmi o manipulou a tanto, sei bem.

– Não, a explicação que ofereci para levá-la é verdadeira. Ela *será* um sistema de alarme antecipado e sou grato à Oradora Delarmi por direcionar-me a enxergar isso. Estou convencido de que a mulher será bastante útil.

– Pois bem. Aliás, eu também não estava mentindo. Tenho certeza genuína de que você cumprirá o que for necessário para terminar essa crise… se puder confiar em minha intuição.

– Acredito que posso confiar, pois concordo com o senhor. Prometo que, não importa o que aconteça, retribuirei mais do que o que recebo no momento. Voltarei para me tornar o Primeiro Orador, apesar de tudo que os anti-Mulos e a Oradora Delarmi possam fazer.

Gendibal analisou sua satisfação ao mesmo tempo em que falava. Por que estava tão contente e insistia tanto nessa empreitada em uma única nave pelo espaço? Ambição, evidentemente. Outrora, Preem Palver fizera justamente esse tipo de coisa, e ele provaria que Stor Gendibal também podia fazer. Ninguém ousaria privá-lo do cargo de Primeiro Orador depois disso. Mas haveria algo além de ambição? A sedução do confronto? O desejo generalizado por emoção em alguém que esteve confinado em um canto de um planeta secundário durante toda sua vida adulta? Ele não saberia dizer, mas sabia que estava desesperadamente decidido a partir.

Sayshell

1

Janov Pelorat observou, pela primeira vez na vida, a estrela luminosa se transformar gradualmente em uma esfera depois do que Trevize chamou de "Microssalto". Em seguida, o quarto planeta – o que era habitável e destino imediato dos dois, Sayshell – cresceu vagarosamente em tamanho e majestade ao longo de um período de dias.

Um mapa do planeta fora criado pelo computador e era exibido em um equipamento portátil de visualização que Pelorat mantinha no colo.

Trevize, com a autoconfiança de alguém que já tinha aterrissado em várias dúzias de planetas no passado, disse:

– Não fique vidrado nisso cedo demais, Janov. Precisamos primeiro passar pela estação de acesso, o que pode ser tedioso.

Pelorat tirou os olhos da tela.

– É certamente apenas uma formalidade – disse.

– E é mesmo. Ainda assim, pode ser tedioso.

– Mas estamos em época de paz.

– Claro. Isso significa que teremos permissão para passar. Mas, antes de qualquer coisa, há a questão do equilíbrio ecológico. Cada planeta tem o seu próprio, e eles não querem que seja perturbado. Assim, verificar a nave em busca de organismos indesejáveis ou infecções é um procedimento corriqueiro. É uma preocupação lógica.

– Me parece que não temos esse tipo de coisa.

– Não, não temos, e é o que eles vão constatar. Lembre-se, também, que Sayshell não é membro da Federação da Fundação, portanto eles devem fazer questão de demonstrar sua independência.

Uma pequena nave foi enviada para inspecioná-los e um oficial da alfândega de Sayshell embarcou. Sem esquecer seus dias no serviço

militar, Trevize foi rápido.

– *Estrela Distante*, vinda de Terminus – disse. – Os documentos da nave. Sem armamentos. Nave particular. Meu passaporte. Há um passageiro; esse é o passaporte dele. Somos turistas.

O oficial da alfândega usava um uniforme pomposo, cuja cor predominante era vermelha. As bochechas e o bigode eram raspados, mas ele usava uma barba curta dividida de maneira que dois tufos seguiam pelas laterais de seu queixo.

– Nave da Fundação? – perguntou.

Ele pronunciou "nav da Fondaceaum", mas Trevize tomou o cuidado de não corrigi-lo e de não sorrir. Existiam tantas variedades de dialetos dentro do Padrão Galáctico quanto existiam planetas; você simplesmente falava o seu. Desde que houvesse compreensão mútua, não era importante.

– Sim, senhor – respondeu Trevize. – Nave da Fundação. Uso doméstico.

– Muito bem. Sua equipagem, por gentileza.

– Minha o quê?

– Sua equipagem. O que traz com você?

– Ah, minha bagagem. Aqui está a lista de itens. Apenas objetos pessoais. Não estamos aqui para comercializar. Como disse, somos apenas turistas.

O oficial da alfândega olhou à volta, curioso.

– É uma nave deveras sofisticada para turistas – comentou.

– Não para os padrões da Fundação – respondeu Trevize, demonstrando bom humor. – E estou bem de vida, posso pagar por tudo isso.

– O senhor está sugerindo que posso aceitar abrilhantamento? – O oficial olhou para ele por um instante e então desviou o olhar.

Trevize hesitou um momento para interpretar o significado da palavra, e então outro momento para decidir que atitude tomaria.

– Não tenho intenções de suborná-lo – disse. – Não tenho motivos para tanto, e o senhor não parece o tipo de pessoa que se venderia, caso fosse essa minha intenção. Pode vasculhar a nave, se desejar.

– Não há necessidade – respondeu o oficial, guardando seu gravador de bolso. – Os senhores já foram vasculhados por contrabando específico de infecções e passaram. A nave recebeu uma frequência de ondas de rádio que servirá como feixe direcional para

aproximação.

Foi embora. O procedimento todo levou quinze minutos.

– Poderíamos ter causado confusão? – perguntou Pelorat, com voz grave. – Ele esperava mesmo um suborno?

Trevize deu de ombros.

– Subornar o homem da alfândega é algo tão antigo quanto a Galáxia, e eu o teria feito prontamente se ele sugerisse uma segunda vez. Do jeito que foi, imagino que ele tenha preferido não se arriscar com uma nave da Fundação, e ainda mais de alto padrão. A velha prefeita, bendita seja sua teimosia, disse que o nome da Fundação nos protegeria aonde quer que fôssemos, e não estava errada. Podia ter levado muito mais tempo.

– Por quê? Ele parece ter descoberto o que queria saber.

– Sim, mas teve a cortesia de nos verificar com escaneamento remoto por rádio. Se desejasse, poderia ter vasculhado a nave toda com um equipamento portátil e levado horas. Poderia ter nos deixado em isolamento hospitalar por dias.

– O quê? Meu *caro* colega!

– Não fique nervoso. Ele não fez nada disso. Achei que poderia fazer, mas não o fez. Ou seja, estamos livres para pousar. Eu gostaria de descer gravitacionalmente, o que consumiria quinze minutos, mas não sei onde estão as áreas autorizadas de aterrissagem e não quero causar confusão. Isso significa que seguiremos o feixe direcional, o que levará horas, conforme passarmos em espiral pela atmosfera.

Pelorat pareceu animado.

– Mas isso é excelente, Golan. Vamos descer devagar o suficiente para observar o terreno? – mostrou sua tela de visualização portátil com o mapa pouco ampliado.

– De certo modo. Precisaríamos ficar abaixo da formação de nuvens, e estaremos a alguns quilômetros por segundo. Não vamos seguir como um balão pela atmosfera, mas você verá a planetografia.

– Excelente! Excelente!

Pensativo, Trevize disse:

– Mas me pergunto se ficaremos no planeta Sayshell por tempo suficiente para nos preocuparmos em ajustar o relógio da nave ao horário local.

– Suponho que depende do que pretendemos fazer. O que acha que faremos, Golan?

– Nossa missão é encontrar Gaia e não sei quanto tempo isso levará.

– Podemos ajustar nossas faixas de pulso e deixar o relógio da nave como está – respondeu Pelorat.

– Pois bem – disse Trevize. Olhou para o planeta que se alastrava sob eles. – Não adianta esperar mais tempo. Ajustarei o computador de acordo com as trações de rádio que nos foram atribuídas e ele usará as gravidades para simular um voo convencional. Então, Janov, vamos descer e ver o que conseguimos encontrar?

Pensativo, observou o planeta conforme a nave começou a se locomover em sua curva potencial gravitacional, cuidadosamente ajustada.

Trevize nunca estivera na Aliança Sayshell, mas sabia que, ao longo do último século, eles tinham se comportado de maneira invariavelmente pouco amigável com a Fundação. Ficou surpreso – e um pouco temeroso – por terem passado pela alfândega tão rápido.

Não parecia fazer sentido.

2

O nome do oficial da alfândega era Jogoroth Sobhaddartha. Ele trabalhara intermitentemente naquela estação durante metade de sua existência, e não se incomodava com aquela vida, pois lhe garantia um mês, a cada três, para ler seus livros, ouvir suas músicas e ficar longe de sua esposa e de seu filho em fase de crescimento.

Porém, há dois anos o comandante da alfândega era um Devaneador, o que era irritante. Não existe pessoa mais detestável do que alguém que não oferece nenhuma justificativa para ordens peculiares além de dizer que assim lhe foi instruído em um sonho.

Sobhaddartha decidiu consigo mesmo que não acreditava em nada daquilo, mesmo que fosse cuidadoso em não declarar tal raciocínio, já que a maioria das pessoas em Sayshell reprovava questionamentos antipsíquicos. Tornar-se conhecido como materialista poderia colocar sua iminente pensão em risco.

Acariciou os dois tufos de barba em seu queixo, um com a mão direita e o outro com a esquerda, pigarreou chamativamente e então, com um inapropriado tom casual, disse:

– Era essa a nave, comandante?

O comandante cujo nome, igualmente sayshelliano, era Namarath Godhisavatta, estava ocupado com um problema envolvendo dados gerados pelo computador e não tirou os olhos de sua tela.

– Que nave? – perguntou.

– A *Estrela Distante*. A nave da Fundação. Essa que acabei de deixar passar. Essa que foi holofotografada de todos os ângulos. Foi com ela que o senhor sonhou?

Godhisavatta ergueu o olhar. Era um homem pequeno, com olhos quase pretos, cercados por tênues rugas que certamente não eram resultado de muitos sorrisos.

– Por que deseja saber? – disse.

Sobhaddartha endireitou a coluna e permitiu que suas sobrancelhas escuras e viçosas se aproximassem uma da outra.

– Eles afirmaram ser turistas, mas nunca vi uma nave como aquela. Em minha opinião, são agentes da Fundação.

Godhisavatta reclinou-se na cadeira.

– Meu caro, por mais que eu me esforce, não consigo me lembrar de ter pedido a sua opinião.

– Mas comandante, considero meu dever patriótico apontar que...

Godhisavatta cruzou os braços diante do peito e encarou severamente seu subalterno, que (mesmo sendo muito mais intimidante em altura e porte físico) se permitiu definhar e assumir uma aparência derrotada sob o olhar de seu superior.

– Meu caro – disse Godhisavatta –, *se* não quer correr riscos desnecessários, fará seu trabalho *sem* dar opiniões, ou garanto que não terá pensão quando se aposentar, o que acontecerá em breve se eu ouvir algo sobre um assunto que não seja da sua conta.

– Sim, senhor – respondeu Sobhaddartha, em tom grave. Então, com um grau suspeito de subserviência na voz, acrescentou: – Está dentro dos limites de meu dever, senhor, informá-lo que uma segunda nave está ao alcance de nossas telas?

– Considere-me informado – respondeu Godhisavatta, irritadiço, voltando a concentrar-se em seu trabalho.

Sobhaddartha continuou, com ainda mais humildade:

– Com características muito similares à que acabei de autorizar passagem.

Godhisavatta colocou as mãos na escrivaninha e levantou-se.

– Uma *segunda* nave?

Sobhaddartha sorriu internamente. Aquela figura sanguinária nascida de uma união irregular (referia-se ao comandante) claramente não tinha sonhado com *duas* naves.

– Ao que tudo indica, sim, senhor! Agora voltarei a meu posto e aguardarei ordens. E espero, senhor...

– Sim?

Sobhaddartha não pôde resistir, apesar do risco pensionário.

– E espero, senhor, que não tenhamos deixado a nave errada passar.

3

A *Estrela Distante* movia-se rapidamente pela face do planeta Sayshell e Pelorat observava, fascinado. A camada de nuvens era mais fina e esparsa do que a de Terminus e, assim como mostrava o mapa, as superfícies terrestres eram mais maciças e extensas e incluíam amplas áreas desérticas, a julgar pela cor desbotada de grande parte da vastidão continental.

Não havia nenhum sinal de vida. Parecia um mundo de desertos estéreis, planícies cinzentas, infinitas falhas geológicas que poderiam ter sido áreas montanhosas e, claro, oceanos.

– Parece morto – murmurou Pelorat.

– Não espere enxergar sinais de vida desta altura – respondeu Trevize. – Conforme descermos, notará áreas verdes em alguns pontos. Na verdade, antes disso, você verá a paisagem reluzente do lado noturno. Seres humanos tendem a iluminar seus mundos quando a escuridão se aproxima; nunca ouvi falar em um mundo que fosse exceção a essa regra. Em outras palavras, o primeiro sinal de vida que você verá não será humano, e sim tecnológico.

– Seres humanos são diurnos por natureza, afinal – disse Pelorat, pensativo. – Parece-me que, entre os primeiros objetivos de uma civilização tecnológica em desenvolvimento, estaria converter a noite em dia. Na realidade, se um mundo não tivesse tecnologia e passasse a desenvolvê-la, você poderia acompanhar o progresso da evolução tecnológica pelo aumento de luz sobre a superfície escura. Quanto tempo levaria, em sua opinião, para ir de escuridão uniforme a luz

uniforme?

– Você tem pensamentos excêntricos – riu-se Trevize –, mas suponho que faça parte do ofício de mitólogo. Não creio que um mundo poderia alcançar luz uniforme. Luzes noturnas seguiriam o padrão de densidade populacional; portanto, os continentes brilhariam em aglomerações e faixas. Até mesmo Trantor, em seu auge, quando era uma única estrutura gigantesca, deixava a luz emanar apenas em pontos dispersos.

A terra ficou verde, como tinha previsto Trevize, e, na última volta pelo globo, ele apontou padrões que afirmou serem cidades.

– Não é um mundo muito urbanizado – disse. – Nunca estive na Aliança Sayshell, mas, de acordo com as informações que o computador forneceu, eles tendem a se ater ao passado. Tecnologia, sob o olhar de toda a Galáxia, é sempre associada à Fundação, e onde a Fundação não é popular há uma tendência a se ater ao passado... com exceção, claro, ao que diz respeito a armas de guerra. Garanto que Sayshell é bastante avançado nesse quesito.

– Puxa vida, Golan, isso não será desagradável, será? Afinal, somos membros da Fundação, e, em território inimigo...

– Não é território inimigo, Janov. Eles serão perfeitamente educados, não tenha medo. A Fundação não é bem-vista, só isso. Sayshell não faz parte da Federação da Fundação. Logo, por terem orgulho de sua independência e por não gostarem de lembrar que são muito mais fracos do que a Fundação e continuam independentes apenas porque estamos dispostos a permiti-lo, eles se dão ao luxo de não gostarem de nós.

– Receio que será desagradável, então – disse Pelorat, desanimado.

– De jeito nenhum – respondeu Trevize. – Deixe disso, Janov. Estou falando da atitude oficial do governo sayshelliano. Os indivíduos do planeta são apenas pessoas e, se formos educados e não agirmos como os grandes lordes da Galáxia, eles também serão. Não viemos a Sayshell estabelecer o domínio da Fundação. Somos apenas turistas, fazendo o tipo de pergunta sobre Sayshell que qualquer turista faria. E podemos até nos divertir um pouco, também, caso a situação permita. Não há nada de errado em ficar por aqui alguns dias e experimentar o que eles têm a oferecer. Talvez tenham uma cultura interessante, paisagens interessantes, comida interessante e, se nada mais servir, mulheres interessantes. Temos dinheiro para gastar.

– Oh, meu *estimado* colega – Pelorat franziu as sobrancelhas.

– Deixe disso. Você não é assim *tão* velho. Não estaria interessado?

– Não digo que não houve uma época em que assumi com gosto esse papel, mas este certamente não é o momento para isso. Temos uma missão. Queremos chegar a Gaia. Não tenho nada contra diversão, não mesmo, mas se começarmos a nos envolver, talvez seja difícil sair dessa. – Ele sacudiu a cabeça e disse, suavemente: – Você temia que eu me divertisse demais na Biblioteca Galáctica em Trantor e não conseguisse sair de lá. O que a biblioteca representa para mim é, decerto, equivalente ao que uma donzela atraente de olhos castanhos... ou cinco ou seis... representam para você.

– Não sou um libertino, Janov – disse Trevize –, mas também não tenho intenções de ser casto. Muito bem, prometo a você que vamos dar continuidade à questão de Gaia, mas se algo prazeroso cruzar o meu trajeto, não há nenhum motivo na Galáxia para que eu não reaja normalmente.

– Se você colocar Gaia acima...

– E assim o farei. Mas lembre-se, não conte a ninguém que somos da Fundação. Saberão que somos, pois temos créditos da Fundação e falamos com o acentuado sotaque de Terminus, mas, se não comentarmos nada sobre o assunto, eles podem fingir que somos estranhos sem origem e ser amigáveis. Se fizermos *questão* de nos exibir como membros da Fundação, eles serão adequadamente educados, mas não nos contarão nada, não nos mostrarão nada, não nos levarão a lugar nenhum e nos deixarão totalmente largados.

Pelorat suspirou.

– Nunca vou entender as pessoas – respondeu Pelorat.

– Não há nenhum segredo. Tudo o que precisa fazer é observar a si mesmo, e entenderá os outros. Não somos diferentes, de maneira nenhuma. Como Seldon poderia ter elaborado seu Plano, não interessa quão sutil era sua matemática, se não entendesse as pessoas? E como poderia tê-las compreendido se elas não fossem fáceis de compreender? Mostre-me alguém que não entende as pessoas e eu lhe mostrarei alguém que criou uma imagem falsa de si mesmo... sem intenções de ofendê-lo.

– Não me sinto ofendido. Estou disposto a admitir que sou inexperiente e que vivi uma vida egocêntrica e retraída. Eu talvez nunca tenha olhado direito para mim mesmo. Portanto, deixarei que

seja meu guia e conselheiro no que diz respeito às pessoas.

– Ótimo. Então ouça meu conselho agora e apenas observe os arredores. Pousaremos em breve e garanto que não sentirá nada. O computador e eu cuidaremos de tudo.

– Golan, não fique irritado. Se uma jovem viesse...

– Esqueça! Deixe-me preparar a aterrissagem.

Pelorat virou-se para observar o planeta no final da espiral descendente da nave. Seria o primeiro planeta estrangeiro sobre o qual ele pousaria. O pensamento, de alguma maneira, o enchia de angústia, independentemente do fato de todos os milhões de planetas habitados da Galáxia terem sido colonizados por pessoas que não haviam nascido neles.

Todos, menos um, pensou, com um arrepio de inquietação e êxtase.

4

O espaçoporto não era grande se comparado ao padrão da Fundação, mas era bem cuidado. Trevize observou enquanto a *Estrela Distante* foi movida para um ancoradouro e imobilizada. Eles receberam um elaborado recibo criptografado.

– Vamos simplesmente largá-la aqui? – perguntou Pelorat, em um sussurro.

Trevize concordou com a cabeça e colocou sua mão no ombro de Pelorat para reconfortá-lo.

– Não se preocupe – respondeu, também sussurrando.

Entraram no carro terrestre que alugaram e Trevize plugou-se ao mapa da cidade, cujas torres eram visíveis no horizonte.

– Cidade de Sayshell – disse –, a capital do planeta. Cidade, planeta, estrela... todos chamados Sayshell.

– Estou preocupado com a nave – insistiu Pelorat.

– Nenhum motivo para se preocupar – respondeu Trevize. – Estaremos de volta à noite, pois será nosso alojamento se precisarmos ficar por aqui além de algumas horas. Entenda também que existe um código de ética interestelar espaçoportuária que, até onde sei, nunca foi quebrado, nem mesmo em tempos de guerra. Espaçonaves que chegam em paz são intocáveis. Se não fosse assim, ninguém estaria seguro, e o comércio seria impossível. Qualquer mundo em que tal

código fosse quebrado seria boicotado pelos pilotos espaciais da Galáxia. Eu garanto: ninguém correria esse risco. Além disso...

– Além disso?

– Bom, além disso, programei o computador para que qualquer pessoa que não se pareça nem fale como um de nós seja morta se ele, ou ela, tentar entrar na nave. Tomei a liberdade de explicar esse fato ao Comandante do espaçoporto. Contei-lhe, educadamente, que adoraria desligar esse sistema, em respeito à reputação de integridade e segurança absolutas do Espaçoporto da Cidade de Sayshell (fama que percorre a Galáxia, disse a ele), mas a nave é um modelo novo e eu não sabia *como* desligá-lo.

– Ele decerto não acreditou *nisso*.

– Claro que não! Mas precisou fingir que acreditava, pois, senão, não teria escolha além de ficar ofendido. E, como não haveria nada que pudesse fazer nesse caso, ficar ofendido levaria apenas à humilhação. Como não gostaria *disso*, o caminho mais simples foi acreditar em mim.

– E isso é mais um exemplo de como são as pessoas?

– Sim. Você se acostumará.

– Como você sabe que este carro não está grampeado?

– Achei que poderia estar. Por isso, quando me ofereceram um, escolhi outro aleatoriamente. Se todos estiverem grampeados, bom... O que falamos de tão terrível?

– Não sei como dizer isso – disse Pelorat, pouco contente. – Parece-me bastante grosseiro reclamar, mas não gosto do cheiro. Há um... odor.

– No carro?

– Bem, no espaçoporto, para começar. Imaginei que fosse o cheiro dos espaçoportos, mas o carro está com o mesmo odor. Podemos abrir as janelas?

Trevize riu.

– Acho que consigo descobrir qual parte do painel realizará essa façanha – disse –, mas não deve ajudar. Este planeta é fedido. Está muito ruim?

– Não é muito forte, mas é perceptível, e um tanto repulsivo. O planeta inteiro tem esse cheiro?

– Continuo esquecendo que você nunca esteve em outro planeta. Cada mundo habitado tem seu próprio cheiro. Na maior parte, é

graças à vegetação, mas acredito que os animais e até mesmo os seres humanos contribuam. E, até onde sei, *ninguém* gosta do cheiro de qualquer mundo na primeira vez que pousa nele. Mas você se acostuma, Janov. Em algumas horas, prometo que não sentirá mais.

– Você não está dizendo que todos os mundos têm esse cheiro, está?

– Não. Como disse, cada um tem o seu. Se prestássemos mais atenção, ou se nosso olfato fosse um pouco melhor, como o faro dos cães anacreonianos, provavelmente saberíamos de que mundo se trata com apenas uma fungada. Quando me juntei à marinha, era impossível comer no primeiro dia em um novo planeta; então aprendi o velho truque espaçonauta de cheirar um lenço com o odor daquele mundo durante a aterrissagem. No momento em que se sai para o espaço aberto, não se sente mais nada. E, depois de um tempo, você acaba imune a tudo isso, aprende a desconsiderar. O pior de tudo é voltar para casa, na verdade.

– Por que?

– Você acha que Terminus não fede?

– Está me dizendo que fede?

– Claro que fede. Uma vez que você se acostume com o cheiro de outro planeta, como Sayshell, ficará surpreso com a fedentina de Terminus. Antigamente, quando as comportas se abriam em Terminus depois de uma grande viagem em missão, toda a tripulação dizia: "De volta ao lar, podre lar".

Pelorat parecia inconformado.

As torres da cidade estavam perceptivelmente mais próximas, mas Pelorat manteve seus olhos fixos nas imediações. Havia outros carros seguindo em ambas as direções e, ocasionalmente, um carro aéreo passava acima, mas Pelorat estudava as árvores.

– A vida vegetal parece incomum – comentou. – Você diria que parte dela é nativa?

– Duvido – respondeu Trevize, distraído. Estudava o mapa e tentava ajustar as configurações do computador do veículo. – Não existe muita vida nativa em nenhum planeta humano. Colonizadores sempre importaram seus próprios animais e plantas, na época da colonização ou pouco depois.

– Mas me parece estranha.

– Janov, você não pode esperar pelas mesmas variedades em todos

os mundos. Certa vez ouvi dizer que as pessoas da *Enciclopédia Galáctica* montaram um atlas de variedades de espécies que ocupava oitenta e sete imensas unidades de memória, mesmo incompleto... e, de qualquer maneira, estava desatualizado assim que foi terminado.

O carro prosseguiu; a fronteira da cidade alargou-se e os engoliu.

– Não gosto muito da arquitetura urbana de Sayshell – arrepiou-se Pelorat.

– Gosto não se discute – respondeu Trevize com a indiferença de um viajante espacial frequente.

– Aliás, para onde estamos indo?

– Bem – disse Trevize, com certo incômodo –, estou tentando fazer com que o computador guie esta coisa até o centro turístico. Espero que ele conheça as ruas de mão única e as leis de trânsito, porque eu não conheço.

– O que faremos lá, Golan?

– Para começar, somos turistas, portanto é o lugar para onde iríamos naturalmente, e queremos ser o menos suspeitos e o mais naturais possível. Em segundo lugar, aonde você iria para conseguir informações sobre Gaia?

– A uma universidade – respondeu Pelorat – um instituto antropológico ou museu... Certamente não a um centro turístico.

– Bem, você está errado. No centro turístico, seremos tipos intelectuais que estão ansiosos para ver uma lista das universidades da cidade, e dos museus, e assim por diante. Vamos decidir para onde iremos primeiro e *lá* talvez encontremos as pessoas adequadas para consultar sobre história antiga, galaxiografia, mitologia, antropologia ou qualquer coisa que possa querer. Mas tudo começa no centro turístico.

Pelorat calou-se e o carro seguiu com dificuldade quando se juntou ao fluxo de trânsito e se tornou parte dele. Desviaram para uma rua adjacente e passaram por sinais que talvez representassem direções e instruções de trânsito, mas que estavam escritos com um estilo de letra que os tornava praticamente ilegíveis.

Felizmente, o carro se comportou como se soubesse o caminho e, quando parou e posicionou-se em uma vaga de estacionamento, havia uma placa que dizia: CENTRO DE CONVÍVIO ESTRANGEIRO DE SAYSHELL na mesma letra de leitura difícil e, logo abaixo, CENTRO TURÍSTICO DE SAYSHELL nas letras diretas e acessíveis do Padrão Galáctico.

Adentraram o prédio, que não era tão grande quanto a fachada sugeria e certamente não era palco de muita atividade.

Havia uma série de cabines de espera; uma delas estava ocupada por um homem que lia tiras de notícias saídas de um pequeno ejetor; outra continha duas mulheres que pareciam entretidas com algum tipo de intrincado jogo com cartas e pedras. Atrás de um balcão grande demais para ele, com controles computadorizados luminosos que lhe pareciam complexos demais, estava um entediado funcionário sayshelliano com uma roupa que parecia um tabuleiro de xadrez multicolorido.

– É certamente um mundo de vestimentas extrovertidas – sussurrou Pelorat enquanto o encarava.

– Sim – respondeu Trevize –, também reparei. De qualquer forma, a moda varia de mundo para mundo e, às vezes, até mesmo de região para região no mesmo planeta. E muda com o tempo. Cinquenta anos atrás, talvez todos em Sayshell usassem preto. Aceite do jeito que é, Janov.

– Suponho que deva fazer isso – disse Pelorat –, mas prefiro nossas próprias vestimentas. Elas, pelo menos, não são uma agressão ao nervo óptico.

– Por que a maioria de nós usa cinza com cinza? Isso é ofensivo para algumas pessoas. Já ouvi se referirem a isso como "vestir-se de sujeira". Além disso, é a falta de cores da Fundação que provavelmente os mantém nesse arco-íris, apenas para enfatizarem sua independência. De qualquer maneira, tudo depende daquilo a que você está acostumado. Venha, Janov.

Os dois seguiram até o balcão e, conforme se aproximaram, o homem da cabine ignorou as notícias, levantou-se e foi até eles, sorrindo. *Suas* roupas tinham tons de cinza.

Trevize, a princípio, não olhou para ele, mas, quando o fez, ficou petrificado.

Inspirou profundamente e disse:

– Pela Galáxia! Meu amigo, o traidor!

12.

Agente

1

Munn Li Compor, conselheiro de Terminus, parecia incerto ao estender sua mão direita a Trevize.

Trevize olhou para a mão com frieza e não o cumprimentou. Aparentemente para todos ouvirem, disse:

– Não tenho intenções de criar uma situação em que acabe detido por perturbar a paz em um planeta estrangeiro, mas assim o farei se este indivíduo der mais um passo em minha direção.

Compor parou abruptamente, hesitou e, depois de olhar com perplexidade para Pelorat, disse, em um tom grave:

– Terei uma chance de conversar? De explicar? Você me escutaria?

Pelorat analisou um e depois o outro com as sobrancelhas levemente franzidas.

– Do que se trata tudo isso, Golan? – perguntou. – Viemos a este mundo distante e imediatamente encontramos alguém que você conhece?

Os olhos de Trevize estavam fixos em Compor, mas ele girou o corpo de leve para deixar claro que estava falando com Pelorat.

– Este... ser humano... é como o classificaríamos, considerando sua forma... foi meu amigo em Terminus, no passado. Como é hábito com amigos, eu confiava nele. Contei-lhe minhas opiniões, as quais talvez não devessem ser divulgadas a todos. Ele aparentemente as relatou às autoridades sem omitir nenhum detalhe e não se deu ao trabalho de me informar que o tinha feito. Por esse motivo, fui vítima de uma armadilha perfeita e agora estou exilado. E, agora, este... ser humano... deseja ser reconhecido como amigo.

Virou-se para Compor e passou os dedos pelos cabelos, o que fez com que seus cachos ficassem ainda mais desalinhados.

– Escute aqui, você. Quero fazer uma pergunta. O que está fazendo

aqui? De todos os mundos da Galáxia onde você poderia estar, por que *este*? E por que *agora*?

A mão de Compor, que permaneceu estendida durante o discurso de Trevize, pendeu na lateral de seu corpo, e o sorriso abandonou seu rosto. O ar de autoconfiança, que normalmente compunha grande parte de sua presença, desapareceu. Sem ele, Compor parecia mais novo do que seus trinta e quatro anos e um tanto quanto desolado.

– Deixe-me explicar – respondeu –, mas do começo.

– Aqui? – Trevize olhou rapidamente à volta. – Quer mesmo falar sobre isso aqui? Em um lugar público? Quer que eu o esmurre *aqui* depois de ouvir ainda mais mentiras suas?

Compor levantou as duas mãos, uma palma diante da outra.

– É o lugar mais seguro, acredite em mim. – Então, contendo-se e percebendo o que o outro estava prestes a dizer, acrescentou rapidamente: – Ou não acredite, não importa. Estou falando a verdade. Estou no planeta há algumas horas a mais do que você e dei uma explorada. Hoje é alguma data especial que eles têm aqui em Sayshell. Por algum motivo, é dia de meditação. Quase todo mundo está em casa, ou deveria estar. Veja como o lugar está vazio. Acha que é assim todos os dias?

Pelorat concordou com a cabeça.

– Agora que você mencionou – disse –, eu estava me perguntando o motivo para estar tão vazio.

Ele se inclinou ao ouvido de Trevize e sussurrou:

– Por que não deixá-lo falar, Golan? Ele parece miserável, o infeliz, e talvez esteja tentando pedir desculpas. Parece injusto não lhe dar a chance.

– O doutor Pelorat parece interessado em ouvi-lo – disse Trevize. – Estou disposto a fazer a vontade dele, e você fará a *minha* vontade sendo breve na explicação. Quem sabe seja um bom dia para eu perder a paciência. Se todos estão meditando, qualquer distúrbio que eu cause talvez não provoque a vinda dos agentes da lei. Posso não ter a mesma sorte amanhã. Por que desperdiçar a oportunidade?

– *Escute* – disse Compor, com a voz tensa –, se quiser me socar, vá em frente. Não vou me defender. Vamos, me dê um soco, mas *escute*!

– Pois então fale. Escutarei por algum tempo.

– Em primeiro lugar, Golan...

– Dirija-se a mim como Trevize, por favor. Não estou em termos tão

íntimos com você.

– Em primeiro lugar, *Trevize*, você fez um bom trabalho convencendo-me de seu ponto de vista...

– Você escondeu bem esse fato. Poderia jurar que não me levava a sério.

– Tentei não levar a sério para esconder de mim mesmo o fato de que você estava sendo extremamente inquietante. Escute, vamos sentar ali perto da parede. Mesmo que o lugar esteja vazio, alguns poucos *talvez* venham e acho que não devemos agir de maneira desnecessariamente suspeita.

Os três cruzaram devagar a maior parte do comprimento do grande aposento. Compor experimentou sorrir mais uma vez, mas permaneceu cauteloso, a uma distância segura de Trevize.

Sentaram-se, cada um em um assento que, ao acomodar o peso, cedeu e moldou-se no formato de seus quadris e nádegas. Pelorat ficou surpreso e ameaçou levantar-se.

– Relaxe, professor – disse Compor. – Já passei por isso. Eles estão à nossa frente em alguns aspectos. É um mundo que acredita em pequenos confortos.

Virou-se para Trevize, colocando um braço por sobre o encosto de sua cadeira, agora falando com mais segurança.

– Você me perturbou. Fez com que eu acreditasse que a Segunda Fundação *de fato* existe, e isso foi bastante inquietante. Considere as consequências, caso seja verdade. Não seria provável que eles talvez se livrassem de você? Que o eliminariam de alguma forma, por ser uma ameaça? E, se me portasse como se acreditasse em você, eu talvez também fosse eliminado. Vê o meu ponto de vista?

– Vejo um covarde.

– De que adiantaria agir como um herói de contos de fadas? – perguntou Compor enfaticamente, seus olhos azuis arregalando-se de indignação. – Eu ou você teríamos como enfrentar uma organização capaz de moldar nossas mentes e emoções? A única maneira de batalhar efetivamente seria esconder o que sabemos, para começar.

– Então você escondeu e ficou em segurança? Mas não escondeu da prefeita Branno, escondeu? Um tremendo risco.

– Sim! Mas achei que era válido. Conversar só nós dois poderia não levar a nada além de controle mental ou à eliminação completa de nossas memórias. Por outro lado, se eu relatasse à prefeita... ela era

próxima de meu pai, como você sabe. Eu e meu pai éramos imigrantes de Smyrno, e a prefeita teve uma avó que...

– Sim, sim – disse Trevize, impaciente –, e várias gerações passadas cuja ancestralidade você pode traçar até o Setor Sirius. Você contou para todas as pessoas que conhece. Prossiga, Compor!

– Bem, consegui a atenção da prefeita. Se pudesse convencê-la de que havia perigo usando os seus argumentos, a Federação talvez tomasse alguma providência. Não somos tão indefesos quanto éramos na época do Mulo e, na pior das hipóteses, esse conhecimento perigoso ficaria mais difundido e nós dois não estaríamos tão *especificamente* em perigo.

– Colocar a Fundação em perigo, mas manter nós dois a salvo – disse Trevize, sardonicamente. – Que belo patriotismo.

– Essa seria a pior das hipóteses. Eu estava contando com a melhor. – Sua testa começou a ficar úmida. Ele parecia exausto diante do desprezo inflexível de Trevize.

– E você não me falou deste seu plano genial, falou?

– Não, Trevize, e lamento por isso. A prefeita ordenou que eu não falasse. Disse que queria saber tudo o que você sabia, mas que você era o tipo de pessoa que se fecharia caso soubesse que suas falas estavam sendo reportadas.

– E ela estava bem certa!

– Eu não sabia... Eu não tinha como adivinhar... eu não podia *conceber* que ela planejava prendê-lo e enxotá-lo do planeta.

– Ela esperava pelo momento político propício, quando meu *status* de conselheiro não me protegeria. Você não previu isso?

– Como poderia? Você mesmo não previu.

– Se soubesse que ela estava familiarizada com as minhas opiniões, teria previsto.

Compor respondeu com um súbito traço de insolência:

– É fácil dizer, em retrocesso.

– E o que você quer de mim neste momento? Agora que você também enxerga em retrocesso.

– Quero me redimir de tudo isso, dos danos que involuntariamente – *involuntariamente* – causei a você.

– Puxa vida! – respondeu Trevize, secamente. – Que gentileza da sua parte. Mas não respondeu à minha pergunta. Como é possível você estar *aqui*? Como calhou de estar no exato mesmo planeta que eu?

– Não há necessidade de uma resposta complexa para essa pergunta – disse Compor. – Eu o segui!

– Pelo hiperespaço? Com minha nave realizando Saltos em sequência?

Compor sacudiu a cabeça negativamente e respondeu:

– Nenhum mistério. Tenho o mesmo tipo de nave que você, com o mesmo tipo de computador. Você sabe da minha habilidade em adivinhar a direção do hiperespaço em que uma nave seguirá. Geralmente não é um bom palpite e erro duas a cada três vezes, mas, com o computador, fico muito melhor. Você hesitou bastante no início e me deu a chance de analisar a direção e a velocidade com as quais seguiria antes de entrar no hiperespaço. Junto com meus próprios excessos intuitivos, forneci os dados ao computador e ele fez o restante.

– E você chegou à cidade antes de mim?

– Sim. Você não usou a gravidade, mas eu usei. Imaginei que você viria à capital, então segui diretamente até o solo, enquanto você... – Compor fez um pequeno movimento em espiral com o dedo, como uma nave seguindo um feixe direcional.

– Você arriscou um encontro com as autoridades sayshellianas.

– Bom... – o rosto de Compor abriu-se em um sorriso que lhe garantia um inegável charme, e Trevize sentiu-se quase amistoso em relação a ele. – Não sou um covarde quanto a tudo.

Trevize fechou-se.

– Como conseguiu uma nave igual à minha?

– Exatamente da mesma maneira que *você* conseguiu uma nave igual à sua. A velha senhora, a prefeita Branno, a forneceu para mim.

– Por quê?

– Estou sendo totalmente honesto com você. Minha missão era segui-lo. A prefeita queria saber para onde você iria e o que faria.

– E suponho que você tem se reportado fielmente a ela. Ou talvez a esteja traindo também?

– Enviei relatórios a ela. Na verdade, eu não tinha escolha. Ela colocou um hipertransmissor na nave, que eu não deveria ter encontrado, mas encontrei.

– E o que fez?

– Infelizmente, está conectado de maneira que não posso removê-lo sem imobilizar a nave. Pelo menos *eu* não tenho como remover.

Consequentemente, ela sabe onde estou... e sabe onde você está.

– Digamos que você não pôde me seguir. Ela não saberia onde estou. Pensou nisso?

– Claro que sim. Pensei em informar a ela de que o perdi, mas ela não teria acreditado, teria? E eu não poderia voltar a Terminus por sabe-se lá quanto tempo. E não sou como você, Trevize. Não sou uma pessoa despreocupada e sem bagagem. Tenho uma esposa em Terminus, uma esposa grávida, e quero voltar para ela. Você está livre para pensar apenas em si mesmo. Eu, não. Além disso, vim avisá-lo. Por Seldon, é o que estou tentando fazer, e você não escuta. Insiste em falar de outras coisas.

– Não estou impressionado com sua súbita preocupação por mim – respondeu Trevize. – Você me alertaria sobre o quê? Parece que *você* é a única coisa com a qual preciso ser cauteloso. Você me traiu, e agora me segue para me trair novamente. Ninguém mais está me causando mal algum.

– Esqueça o drama, homem. Trevize, você é um para-raios! Foi enviado para provocar uma reação da Segunda Fundação, se é que essa entidade existe. Tenho um senso intuitivo para coisas além de perseguição hiperespacial e estou certo de que é isso que ela planeja. Se tentar encontrar a Segunda Fundação, eles saberão e agirão contra você. Se o fizerem, é provável que se revelem. Nesse momento, a prefeita Branno os atacará.

– Pena que sua famosa intuição não estava funcionando quando Branno planejou minha prisão.

Compor ruborizou-se e murmurou:

– Você sabe que nem sempre funciona.

– E agora sua intuição lhe diz que ela planeja atacar a Segunda Fundação. Ela não ousaria.

– Acredito que ousaria, sim. Mas não é essa a questão. A questão no momento é que ela o está usando como isca.

– E daí?

– E daí que, por todos os buracos negros do espaço, não procure a Segunda Fundação. Ela não se importa que você seja morto na busca, mas *eu* me importo. Sinto-me responsável por isso e me importo.

– Estou tocado – disse Trevize, friamente –, mas acontece que tenho outra missão no momento.

– Tem?

– Pelorat e eu estamos em busca da Terra, o planeta que alguns acreditam ter sido o ponto de origem da raça humana. Não é mesmo, Janov?

Pelorat concordou com a cabeça.

– Sim – disse –, é uma questão puramente científica e um antigo interesse meu.

Compor pareceu estupefato por um momento. Então:

– Procurando pela *Terra*? Mas por quê?

– Para estudá-la – respondeu Pelorat. – Como o mundo no qual os seres humanos se desenvolveram... presumivelmente a partir de formas inferiores de vida, em vez de terem chegado "prontos", como em todos os outros planetas. Deve ser um estudo fascinante sobre a singularidade.

– E – completou Trevize – um mundo em que, talvez, eu possa descobrir mais sobre a Segunda Fundação. Apenas talvez.

– Mas não existe uma Terra. Não sabiam disso? – perguntou Compor.

– A Terra não existe? – Pelorat parecia completamente embasbacado, como fazia sempre que se preparava para ser insistente. – Está dizendo que não existiu um planeta em que a espécie humana surgiu?

– Oh, não. Decerto houve uma Terra. Não há dúvidas quanto a isso! Mas *agora* não existe Terra alguma. Nada de Terra habitada. Não existe.

Pelorat, impassível, disse:

– Existem histórias...

– Espere um instante, Janov – interrompeu Trevize. – Diga-me, Compor, como sabe disso?

– "Como"? O que quer dizer? É minha linhagem. Traço meus ancestrais até o Setor Sirius, se puder repetir o fato sem entediá-lo. Sabemos tudo sobre a Terra por lá. Ela está naquele setor, o que significa que não faz parte da Federação da Fundação e, portanto, ninguém em Terminus se importa. Mas, de qualquer forma, é onde a Terra está.

– Sim, é *uma* das alternativas – respondeu Pelorat. – Houve entusiasmo considerável pela "possibilidade Sirius", como era chamada, nos dias do Império.

– Não é uma possibilidade – disse Compor, veementemente. – É um

fato.

– O que você diria se eu lhe informasse que sei de vários lugares diferentes da Galáxia que são, ou eram, chamados de Terra pelas pessoas que viviam nas estrelas próximas?

– Mas esse é o verdadeiro – afirmou Compor. – O Setor Sirius é o lugar da Galáxia com população mais antiga. Todos sabem disso.

– É o que os sirianenses afirmam, certamente – retrucou Pelorat, inabalável.

Compor parecia frustrado.

– Estou lhe dizendo...

– Conte-nos o que aconteceu com a Terra – disse Trevize. – Você afirma que não é mais habitada. Por que não?

– Radioatividade. Toda a superfície planetária é radioativa por causa de reações nucleares que saíram do controle ou devido a explosões nucleares, não tenho certeza. Agora nenhuma vida pode existir ali.

Os três encararam uns aos outros por um momento, até que Compor sentiu a necessidade de repetir.

– Estou lhes dizendo, a Terra não existe. Procurar por ela não é de nenhuma utilidade.

2

O rosto de Janov Pelorat, surpreendentemente, demonstrou alguma expressão. Não que houvesse fúria, ou alguma das emoções mais instáveis. Seus olhos ficaram semicerrados e uma espécie de intensidade cortante preencheu cada milímetro de sua face.

– Como foi mesmo que você descobriu tudo isso? – perguntou, sua voz sem nenhum traço da usual falta de convicção.

– Já disse – respondeu Compor. – É minha linhagem.

– Não seja tolo, jovem. Você é um conselheiro. Isso significa que deve ter nascido em um dos mundos da Federação. Smyrno; foi o que disse antes, não foi?

– Isso mesmo.

– Pois bem, de que linhagem está falando? Está me dizendo que tem genes que o preenchem de conhecimento congênito sobre os mitos sirianenses envolvendo a Terra?

– Não, claro que não – Compor parecia surpreso.

– Então do que está falando?

Compor parou, aparentemente construindo um raciocínio.

– Minha família tem livros antigos sobre a história sirianense – respondeu calmamente. – É uma linhagem externa, não interna. Não é algo sobre o que conversamos abertamente, muito menos com alguém que busque avanços políticos. Trevize parece acreditar ser o meu caso, mas, acredite em mim, falo sobre isso apenas com bons amigos. – Havia um traço de rancor em sua voz. – Teoricamente, todos os cidadãos da Fundação têm o mesmo *status*, mas aqueles dos mundos antigos da Federação são mais respeitados do que os dos novos – e aqueles cuja linhagem vem de mundos fora da Federação são os menos respeitados de todos. Mas esqueça isso. Além dos livros, visitei, certa vez, os mundos antigos. Trevize... ei, o que...

Trevize perambulara até uma das extremidades do aposento e observava através de uma janela triangular. O formato servia para garantir a vista do céu e para diminuir a da cidade – mais luz *e* também mais privacidade. Trevize esticou-se para olhar para baixo.

Voltou caminhando pela sala vazia.

– Design interessante de janela – comentou. – Chamou, conselheiro?

– Sim. Lembra-se da viagem pós-colegial que fiz?

– Depois da formatura? Lembro-me bem. Éramos camaradas. Companheiros para sempre. Fundação de confiança. Dois contra o mundo. Você partiu para sua viagem. Eu me juntei à marinha, cheio de patriotismo. Por algum motivo, não quis viajar com você, algum instinto me falou para não ir. Quem me dera o instinto tivesse permanecido comigo.

Compor não mordeu a isca.

– Visitei Comporellon – disse. – A tradição da minha família dizia que meus ancestrais haviam vindo dali, pelo menos do lado do meu pai. Éramos da família governante em épocas antigas, antes de o Império nos absorver, e meu nome é derivado daquele mundo... é o que diz a tradição familiar, pelo menos. Temos um antigo e poético nome para a estrela ao redor da qual Comporellon orbitava: Épsilon Eridani.

– O que esse nome significa? – perguntou Pelorat.

– Não sei se tem algum significado – Compor sacudiu a cabeça

negativamente. – É apenas tradição. Eles vivem com várias tradições. É um mundo antigo. Têm longos e detalhados arquivos sobre a história da Terra, mas ninguém fala muito no assunto. São supersticiosos em relação a isso. Toda vez que mencionam a palavra, levantam as duas mãos, com o primeiro e o segundo dedo cruzados para repelir infortúnios.

– Falou sobre isso para alguém depois que voltou?

– Claro que não. Quem estaria interessado? E eu não iria obrigar ninguém a ouvir. Não, obrigado! Eu tinha uma carreira política para construir e a última coisa que queria era enfatizar minha origem estrangeira.

– E quanto ao satélite? – questionou Pelorat, em tom ríspido. – Descreva o satélite da Terra.

Compor ficou abismado.

– Não sei nada sobre ele – respondeu.

– Ela tinha um satélite?

– Não me lembro de ter lido ou ouvido sobre o assunto. Mas estou certo de que, se você consultar os arquivos comporellanos, pode descobrir.

– Mas você não sabe de nada?

– Não sobre o satélite. Não que eu lembre.

– Hm... Como a Terra se tornou radioativa?

Compor sacudiu a cabeça e ficou em silêncio.

– Pense! – exigiu Pelorat. – Deve ter ouvido alguma coisa.

– Isso foi há sete anos, professor. Na época, não sabia que você me interrogaria sobre o assunto agora. Existia algum tipo de lenda, eles consideram história...

– O que dizia essa lenda?

– Que a Terra, destratada e condenada ao ostracismo pelo Império, com a sua população encolhendo, era radioativa e que iria, de alguma maneira, destruir o Império.

– Um único planeta moribundo destruiria todo o Império? – interveio Trevize.

– Eu falei que era uma lenda – defendeu-se Compor. – Não sei os detalhes. Bel Arvardan estava envolvido com essa lenda, disso eu sei.

– Quem é ele? – perguntou Trevize.

– Um personagem histórico. Pesquisei sobre ele. Era um arqueólogo absolutamente idôneo dos tempos antigos do Império, e defendia que

a Terra ficava no Setor Sirius.

– Já ouvi esse nome – afirmou Pelorat.

– É um herói folclórico em Comporellon. Escutem, se vocês querem saber sobre essas coisas, sigam para Comporellon. Não há utilidade em ficar por aqui.

– De acordo com a lenda – disse Pelorat –, como a Terra planejava destruir o Império?

– Não sei – certa má vontade surgia na voz de Compor.

– A radiação estava, de alguma maneira, relacionada?

– Não sei. Houve histórias de um tipo de dilatador mental desenvolvido na Terra. Um Sinapsificador ou algo assim.

– Ele criava supermentes? – questionou Pelorat com profundos tons de incredulidade.

– Creio que não. O que me lembro, mais do que qualquer coisa, é que não funcionou. As pessoas tornavam-se gênios e morriam jovens.

– É provavelmente um mito moralista. Se você for ambicioso demais, perderá até o que já tem.

Pelorat virou-se para Trevize, irritado.

– O que *você* sabe sobre mitos moralistas? – perguntou.

– Sua área pode não ser a minha área, Janov – Trevize ergueu as sobrancelhas –, mas isso não significa que eu seja totalmente ignorante.

– O que mais você se lembra do que chamou de Sinapsificador, conselheiro Compor? – perguntou Pelorat.

– Nada, e não vou me submeter a mais interrogatórios. Escutem, segui vocês sob ordens da prefeita. Minhas ordens *não* incluíam contato. Fiz isso apenas para avisá-los da perseguição e dizer que foram enviados para servir aos propósitos dela, quaisquer que eles sejam. Não havia nada mais para ser discutido, mas me surpreenderam ao levantar repentinamente a questão da Terra. Bom, permitam-me repetir: o que quer que tenha existido lá no passado, Bel Arvardan, o Sinapsificador, o que seja, não tem nenhuma relação com o que há agora. Repito: a Terra é um planeta morto. Recomendo energicamente que sigam para Comporellon, onde devem encontrar tudo o que querem saber. Apenas saiam daqui.

– E, lógico – disse Trevize –, você reportará obedientemente à prefeita que vamos para Comporellon, e nos seguirá para ter certeza. Ou talvez ela mesma já saiba. Imagino que tenha lhe instruído e

ensaiado cuidadosamente para que nos dissesse cada palavra que nos falou aqui porque, para servir aos propósitos dela, é em Comporellon que devemos estar. Certo?

O rosto de Compor empalideceu. Ele se levantou e quase gaguejou em seu esforço para controlar a voz.

– Tentei explicar – disse. – Tentei ser de alguma ajuda. Não devia ter tentado. Vá se jogar em um buraco negro, Trevize.

Ele girou nos calcanhares e foi embora rapidamente, sem olhar para trás.

Pelorat ficou um tanto chocado.

– Isso foi deveras grosseiro da sua parte, Golan, velho amigo. Eu poderia ter conseguido mais informações.

– Não, não poderia – respondeu Trevize, em tom grave. – Você não conseguiria extrair nada que ele não estivesse disposto a ceder. Janov, você não sabe o que ele é... até hoje, *eu* não sabia o que ele era.

3

Pelorat hesitou em incomodar Trevize, que estava sentado em uma das cadeiras moldáveis, imóvel, imerso em pensamentos.

– Vamos ficar sentados aqui a noite toda, Golan? – enfim perguntou Pelorat.

Trevize surpreendeu-se.

– Não, você tem razão – respondeu. – Será melhor se tivermos pessoas à nossa volta. Venha!

Pelorat se levantou.

– Não haverá pessoas à nossa volta. Compor disse que hoje é uma espécie de dia para meditação.

– Ele falou isso, foi? Não havia trânsito quando viemos pela estrada no carro terrestre?

– Sim, um pouco.

– Um trânsito considerável, em minha opinião. E quando entramos na cidade, ela estava vazia?

– Eu diria que não. Ainda assim, você precisa admitir que este lugar está vazio.

– Sim, também reparei. Venha, Janov. Estou com fome. Deve haver algum lugar para comer e temos dinheiro para algo bom. De todo

modo, acharemos um lugar em que poderemos experimentar alguma novidade sayshelliana ou, se perdermos a paciência, algum bom prato do Padrão Galáctico. Venha. Quando estivermos seguramente cercados de gente, contarei o que realmente acho que aconteceu aqui.

4

Trevize reclinou-se com uma agradável sensação de renovação. O restaurante não era caro, se comparado aos padrões de Terminus, mas era, certamente, exótico. Era aquecido, em parte, por uma fogueira aberta, sobre a qual a comida era preparada. A carne era servida em pedaços pequenos, com uma variedade de molhos pungentes, e deveria ser comida com a mão; os dedos ficavam protegidos da gordura e do calor por folhas verdes e macias que eram frias, úmidas e tinham um gosto vagamente mentolado.

Era uma folha para cada pedacinho de carne e o conjunto todo era colocado na boca. O garçom explicara cuidadosamente o procedimento. Aparentemente acostumado com convidados de outros planetas, sorriu de modo paternal quando Trevize e Pelorat inspecionaram os pedacinhos fumegantes de carne, e ficou contente com o alívio dos estrangeiros ao descobrirem que as folhas mantinham os dedos frios e esfriavam também a carne conforme eram mastigadas.

– Delicioso! – disse Trevize, que acabou repetindo o pedido. Pelorat também repetiu.

Eles relaxaram com uma sobremesa esponjosa e vagamente doce e um café com sabor caramelado que gerou opiniões ambíguas. Acrescentaram melado, o que fez o garçom ter suas *próprias* opiniões ambíguas.

– Então, o que aconteceu lá no centro turístico? – perguntou Pelorat.

– Está falando de Compor?

– Aconteceu alguma outra coisa por lá que deveríamos discutir?

Trevize olhou em volta. Eles estavam em uma alcova funda e tinham privacidade limitada, mas o restaurante estava lotado e o ruído natural da multidão era a cobertura perfeita.

– Não é estranho que ele tenha nos seguido a Sayshell? – perguntou, em tom baixo.

– Ele disse que tem essa capacidade intuitiva.

– Sim, ele foi campeão interuniversitário de hiper-rastreamento. Eu nunca tinha questionado isso até hoje. Entendo que, se você tem alguma habilidade treinada nisso, algum tipo de reflexo, talvez seja possível deduzir em que direção alguém saltará pela maneira como essa pessoa se prepara, mas *não* vejo como um rastreador poderia deduzir uma *série* de Saltos. Você se prepara apenas para o primeiro; o computador calcula todos os outros. O rastreador poderia deduzir esse primeiro, mas que feitiço ele teria de usar para adivinhar o que está dentro do computador?

– Mas ele o fez, Golan.

– Decerto que sim – respondeu –, e a única maneira possível que imagino para tanto é se ele soubesse o nosso destino com antecedência. *Saber*, não deduzir.

Pelorat considerou a ideia.

– Deveras impossível, meu rapaz. Como ele saberia? Só decidimos nosso destino depois de embarcar na *Estrela Distante*.

– Sei disso. E quanto a este dia de meditação?

– Compor não mentiu para nós. O garçom disse que era um dia de meditação quando lhe perguntamos.

– Sim, ele disse, mas falou também que o restaurante não estava fechado. Na verdade, o que ele disse foi: "A Cidade de Sayshell não é no meio do mato. Ela não fecha". Em outras palavras, as pessoas meditam, mas não na cidade *grande*, onde todos são sofisticados e não há espaço para devoção de cidadezinha do interior. Portanto, há trânsito e há atividade. Talvez não tanta quanto em um dia normal, mas há atividade.

– Mas, Golan, ninguém entrou no centro turístico enquanto estávamos lá. Prestei atenção. Nenhuma pessoa entrou.

– Também percebi. Em determinado momento, fui até a janela e olhei para fora; vi claramente que as ruas em torno do centro estavam repletas de pessoas a pé e em veículos... e mesmo assim, ninguém entrou. O dia de meditação foi uma boa cobertura. Não questionaríamos a conveniente privacidade que tivemos se eu não tivesse tomado a decisão de não confiar naquele filho de dois estranhos.

– O que tudo isso significa, então? – questionou Pelorat.

– Acredito que é bem simples, Janov. Estamos falando de alguém

que sabe para onde vamos assim que nós decidimos, mesmo estando em naves diferentes; estamos falando de alguém que consegue manter um edifício público vazio, mesmo um edifício cercado de pessoas, para que possamos conversar em conveniente privacidade.

– Você quer que eu acredite que ele pode fazer milagres?

– Isso mesmo. Acontece que Compor é um agente da Segunda Fundação e pode controlar mentes. Ele pode ler a minha e a sua mente em uma espaçonave distante; pode influenciar a passagem por um posto alfandegário; pode pousar usando a gravidade sem que a patrulha da fronteira fique indignada com sua rebeldia contra o feixe direcional; e pode influenciar mentes para que as pessoas não entrem em um edifício no qual ele não quer que elas entrem. Por todas as estrelas da Galáxia – continuou Trevize –, consigo retroceder até o ensino médio. Eu *não quis* viajar com ele. Lembro-me de não querer. Não teria sido sua influência? Ele precisava estar sozinho. Para onde estava indo, de verdade?

Pelorat empurrou os pratos que estavam a sua frente como se quisesse um espaço para poder pensar. O gesto aparentemente alertou o robô-ajudante, uma mesa com movimentação autônoma que parou ao lado deles e esperou enquanto colocavam a louça e os talheres sobre ela.

Quando estavam sozinhos, Pelorat disse:

– Mas isso é loucura. Não aconteceu nada que não pudesse acontecer naturalmente. Uma vez que você coloque na cabeça a ideia de que alguém está controlando os acontecimentos, pode interpretar tudo dessa maneira e não encontrar certeza razoável em nada. Ouça, velho amigo, foi tudo circunstancial e questão de interpretação. Não ceda à paranoia.

– Tampouco vou ceder à complacência.

– Bem, pensemos na lógica. Suponha que ele *seja* um agente da Segunda Fundação. Por que correria o risco de despertar nossas suspeitas mantendo o centro turístico vazio? O que ele disse de tão importante que algumas pessoas a distância (que, de qualquer maneira, estariam envolvidas com as próprias preocupações) teriam feito diferença?

– Há uma resposta fácil para essa pergunta, Janov. Ele precisava manter nossas mentes sob minuciosa observação, e não queria interferência de outras consciências. Nenhuma estática. Nenhuma

chance de confusão.

– Novamente, essa é apenas a sua interpretação. O que era tão importante nessa conversa conosco? Faria sentido supor que ele nos contatou, como insistiu em dizer, apenas para explicar o que fez, para pedir desculpas e para nos avisar dos problemas que talvez nos aguardem. Por que precisaríamos enxergar algo além disso?

O pequeno leitor de cartões na borda na mesa iluminou-se discretamente e os números representando o valor da refeição piscaram por um breve instante. Trevize apalpou sob sua faixa em busca do cartão de crédito que, com o selo da Fundação, era válido em qualquer lugar da Galáxia; ou, pelo menos, em qualquer lugar que um cidadão da Fundação pudesse querer visitar. Ele o inseriu no espaço apropriado. Um instante depois, a transação estava completa e Trevize (com cautela natural) verificou o restante dos créditos antes de recolocar o cartão no bolso.

Ele olhou à volta casualmente para garantir que não haveria nenhum interesse indesejável por ele nos rostos das poucas pessoas que ainda estavam no restaurante e então disse:

– Por que enxergar algo além disso? Por que enxergar mais? Não foi apenas isso que ele falou. Ele falou sobre a Terra. Falou que ela está morta e insistiu energicamente que fôssemos a Comporellon. Devemos ir?

– É algo que estou considerando, Golan – admitiu Pelorat.

– Simplesmente sair daqui?

– Podemos voltar depois de verificar o Setor Sirius.

– Não lhe ocorre que o único propósito de Compor ao falar conosco era nos desviar de Sayshell, nos tirar daqui? Mandar-nos para qualquer lugar que não fosse aqui?

– Por quê?

– Não sei. Preste atenção. Eles esperavam que fôssemos a Trantor. Era o que *você* queria, e eles talvez estivessem contando que esse seria o nosso plano. Eu estraguei tudo ao insistir que viéssemos para Sayshell, que é a última coisa que queriam. Portanto, agora eles precisam nos tirar daqui.

– Mas Golan – Pelorat estava claramente infeliz –, você está apenas fazendo suposições. *Por que* eles não iriam nos querer em Sayshell?

– Não sei, Janov. Mas, para mim, é suficiente saber que eles querem que a gente vá embora. Vou ficar. Não vou embora.

– Mas... Mas... Escute, Golan, se a Segunda Fundação não nos quer aqui, eles não iriam simplesmente influenciar nossas mentes para que a gente quisesse ir embora? Para que tentar nos convencer?

– Agora que mencionou a questão, não foi o que fizeram com você, professor? – Os olhos de Trevize ficaram estreitos, com súbita desconfiança. – Você não quer ir embora?

Pelorat olhou para Trevize, surpreso.

– Só acho que faz sentido – respondeu.

– Claro que acha, se estiver sob influência.

– Mas eu não fui...

– É claro que você juraria que não, se estivesse sendo manipulado.

– Se você me encurralar dessa maneira – retrucou Pelorat –, não há nenhum jeito de refutar sua declaração infundada. O que vai fazer?

– Permanecerei em Sayshell. E você também ficará. Não pode controlar a nave sem mim. Se Compor o influenciou, manipulou o homem errado.

– Muito bem, Golan. Ficaremos em Sayshell até que tenhamos motivos concretos para ir embora. A pior coisa que podemos fazer, pior do que ir ou ficar, é nos desentendermos. Pense bem, velho amigo, se eu estivesse sob influência, poderia mudar de ideia e acompanhá-lo com prazer, como farei agora?

Trevize pensou por um momento e então, como se concordasse internamente, sorriu e estendeu a mão.

– De acordo, Janov. Agora, vamos voltar para a nave e começar de novo amanhã, se conseguirmos pensar em um recomeço.

5

Munn Li Compor não se lembrava de quando havia sido recrutado. Em primeiro lugar, era uma criança na ocasião; em segundo, os agentes da Segunda Fundação eram meticulosos ao remover o máximo de rastros possível.

Compor era um "Sentinela" e, para um membro da Segunda Fundação, era instantaneamente reconhecível como tal.

Significava que Compor estava familiarizado com o mentalicismo e podia comunicar-se com outros membros da Segunda Fundação usando, até certo grau, a mesma técnica de linguagem, mas estava no

posto mais baixo da hierarquia. Podia ter vislumbres de consciências, mas não podia ajustá-las. A educação que recebera nunca tinha ido tão longe. Ele era um Sentinela, não um Efetivador.

O cargo fazia dele um cidadão de segunda classe, mas não se importava... muito. Sabia de sua relevância no grande esquema.

Durante seus primeiros séculos, a Segunda Fundação subestimara a importância dessa tarefa. Imaginava que seu punhado de membros podia monitorar a Galáxia inteira e que o Plano Seldon, para ser mantido, requeria apenas o mais leve e ocasional toque, aqui e ali.

O Mulo os despiu de tais ilusões. Surgindo do nada, pegou a Segunda Fundação (e também a Primeira, mas isso não importava) na mais completa surpresa e os deixou totalmente indefesos. Foram necessários cinco anos até que um contra-ataque pudesse ser organizado, e somente ao custo de diversas vidas.

Com Palver, foi possível a recuperação completa, mais uma vez por um preço esmagador, e ele, enfim, tomou as providências necessárias. Decidiu que as operações da Segunda Fundação deveriam ser radicalmente expandidas, mas sem que o risco de detecção indevida aumentasse. Por isso, instituiu a unidade dos Sentinelas.

Compor não sabia quantos Sentinelas existiam na Galáxia, nem mesmo quantos havia em Terminus. Não cabia a ele saber. Teoricamente, não deveria existir nenhuma conexão detectável entre os Sentinelas; assim, a perda de um não implicaria a perda de outros. Todas as conexões eram feitas com os escalões mais altos, em Trantor.

Ir a Trantor algum dia era uma ambição de Compor. Mesmo que considerasse altamente improvável, sabia que, de vez em quando, um Sentinela era levado para lá e promovido, mas era raro. As qualidades que caracterizavam um bom Sentinela não eram as mesmas que levavam à Mesa de Oradores.

Havia Gendibal, por exemplo, quatro anos mais jovem do que Compor. Provavelmente tinha sido recrutado também quando menino, assim como Compor, mas *ele* fora levado diretamente a Trantor, e agora era Orador. Compor não se questionava sobre tal fato. Estivera em contato direto com Gendibal ultimamente e experimentara o poder da mente daquele jovem. Não teria como enfrentar aquela mente por um segundo sequer.

Compor não costumava se incomodar com seu *status* inferior. Quase não havia oportunidade para tanto. Afinal de contas (como imaginava

ser também o caso de outros Sentinelas), era inferior apenas pelos padrões de Trantor. Em seus próprios mundos não trantorianos, em suas próprias sociedades não mentálicas, era fácil para um Sentinela obter um *status* superior.

Compor, por exemplo, nunca teve problemas para entrar em boas escolas nem encontrar boa companhia. Fora capaz de usar seus poderes mentálicos de maneira simples para aumentar sua intuição natural (tinha certeza de que aquela intuição fora o motivo pelo qual o recrutaram) e, assim, provar-se um prodígio em rastreamento hiperespacial. Tornou-se um herói na faculdade, o que garantiu o primeiro passo em uma carreira política. Uma vez que a atual crise estivesse terminada, os avanços que poderia fazer eram quase inimagináveis.

Se a crise fosse resolvida com sucesso, como certamente o seria, o fato de que tinha sido Compor quem reparara em Trevize – não como ser humano (qualquer pessoa poderia fazer isso), mas como mente – seria lembrado, não seria?

Conhecera Trevize na faculdade e o vira, a princípio, como um companheiro jovial e perspicaz. Porém, certa manhã, ele despertou lentamente de seu sono e, no fluxo de consciência que acompanhava aquele estado soporífico de semidevaneio, sentiu que era lamentável o fato de Trevize nunca ter sido recrutado.

Trevize não poderia ter sido recrutado, evidentemente, pois havia nascido em Terminus; não era nativo de outro planeta, como Compor. E, mesmo ignorando esse fato, era tarde demais. Apenas os muito jovens são moldáveis o suficiente para receber uma educação sobre mentalicismo; a dolorosa introdução dessa arte (era algo maior do que uma ciência) em cérebros adultos, acomodados e enferrujados em seus moldes, havia sido vista apenas nas duas primeiras gerações depois de Seldon.

Mas se Trevize era inelegível ao recrutamento por causa de seu nascimento e, depois, também por causa de sua idade, por que Compor ficara tão preocupado com a questão?

Na segunda vez em que se encontraram, Compor examinou profundamente a consciência de Trevize e descobriu o que provavelmente o incomodara tanto na primeira vez. A mente do colega tinha características que não se encaixavam nas regras que tinha aprendido. Esquivava-se dele, vez após vez. Conforme explorava

seus meandros, Compor encontrou lacunas... não, não eram lacunas propriamente ditas; não eram buracos de não existência. Eram lugares em que a atividade mental de Trevize era profunda demais para ser explorada.

Compor não tinha como determinar o que isso queria dizer, mas observou o comportamento de Trevize com base no que tinha descoberto e passou a suspeitar que ele possuía uma misteriosa habilidade de chegar a conclusões corretas a partir de dados que eram, aparentemente, insuficientes.

Teria alguma relação com as lacunas? Era, certamente, uma questão para um mentalicismo além de seus próprios poderes – para a própria Mesa, talvez. Tinha a angustiante sensação de que os poderes de decisão de Trevize eram desconhecidos, em sua totalidade, até mesmo pelo próprio Trevize, e que ele poderia...

Poderia o quê? O conhecimento de Compor não era suficiente. Ele podia quase enxergar o significado do que Trevize possuía, mas não via o bastante. Havia apenas a conclusão intuitiva – ou, talvez, apenas um palpite – de que Trevize poderia ser, potencialmente, alguém de importância absoluta.

Compor precisava arriscar que tal fato pudesse ser verdade, arriscar parecer desqualificado para o seu cargo. Afinal de contas, se estivesse certo...

Não sabia, pensando em retrocesso, como encontrara a coragem de continuar o que estava fazendo. Não pôde atravessar as barreiras burocráticas que cercavam a Mesa. Ele havia praticamente destruído sua reputação. Exauriu-se para alcançar o membro mais novo da Mesa até que, finalmente, Stor Gendibal respondeu ao seu chamado.

Gendibal ouviu pacientemente e, a partir daquele momento, surgiu uma relação especial entre os dois. Foi pelo interesse de Gendibal que Compor manteve sua amizade com Trevize, e sob o direcionamento de Gendibal ele armou cuidadosamente a situação que resultou no exílio do amigo. E seria através de Gendibal que Compor talvez (ele começava a ter esperanças) alcançasse seu sonho de ser promovido para Trantor.

Contudo, todos os preparativos foram concebidos para que Trevize fosse a Trantor. A recusa de Trevize em fazê-lo surpreendeu Compor e (imaginava Compor) também não fora prevista por Gendibal.

De todo modo, Gendibal estava indo para Sayshell e, para Compor,

isso acentuava a sensação de crise.

Compor enviou seu hipersinal.

6

Gendibal despertou por causa do toque em sua mente. Era eficaz e nada incômodo. Afetava diretamente seu mecanismo de despertar; portanto, ele simplesmente acordou.

Sentou-se na cama, o lençol escorregando pelo torso em boa forma e discretamente musculoso. Reconhecera o toque; as características distintas eram tão perceptíveis aos mentálicos quanto diferenças nas vozes daqueles que se comunicavam primariamente por meio do som.

Gendibal enviou o sinal-padrão, perguntando se um pequeno atraso era possível, e a resposta "não emergencial" foi enviada de volta.

Assim, sem pressa desnecessária, Gendibal seguiu a rotina matinal. Ainda estava no chuveiro da nave – com a água utilizada escorrendo pelo mecanismo de reciclagem – quando fez contato novamente.

– Compor?

– Pois não, Orador.

– Entrou em contato com Trevize e o outro?

– Pelorat. Janov Pelorat. Sim, Orador.

– Ótimo. Aguarde mais cinco minutos e providenciarei visualização.

Ele passou por Sura Novi a caminho dos controles. Ela olhou para ele, intrigada, e parecia prestes a dizer algo, mas ele pousou um dedo em seus lábios e ela se calou imediatamente. Gendibal ainda se sentia um pouco desconfortável com a intensidade da adoração e do respeito na mente de Novi, mas, de alguma maneira, isso estava se tornando uma parte reconfortante de sua existência.

Ele havia conectado uma pequena corrente que ia da sua mente até a dela, e seria impossível afetar sua mente sem que a dela não fosse afetada também. A simplicidade da mente de Novi (e Gendibal não podia evitar a sensação de enorme prazer estético em contemplar sua simetria pura) tornava impossível que qualquer campo mental alheio existisse na área sem ser detectado. Gendibal sentiu uma onda de gratidão pelo impulso de cortesia que tomou conta dele naquele momento em que estavam juntos diante da universidade e que a levou

até ele exatamente quando ela seria imprescindível.

– Compor? – disse Gendibal.

– Pois não, Orador.

– Relaxe, por favor. Devo analisar sua mente. Sem intenções de ofensa.

– Como quiser, Orador. Posso perguntar o motivo?

– Para ter certeza de que você não foi influenciado.

– Sei que o senhor tem adversários políticos na Mesa, Orador, mas decerto nenhum deles...

– Sem especulações, Compor. Relaxe... Sim, você permanece intocado. Agora, se puder cooperar comigo, estabeleceremos contato visual.

O que aconteceu em seguida foi, no significado comum da palavra, uma ilusão. Ninguém, além daqueles dotados dos poderes mentálicos de um bem treinado membro da Segunda Fundação poderia ter detectado alguma coisa, tanto pelos sentidos como por meio de equipamentos físicos de detecção.

Era a construção de um rosto e de sua aparência a partir dos contornos de uma mente. Mesmo o melhor mentálico conseguia criar apenas uma figura turva e um tanto incerta. O rosto de Compor estava ali, flutuante, como se visto através de uma tênue cortina de névoa inconstante, e Gendibal sabia que sua própria face aparecia de maneira idêntica diante de Compor.

Por meio de hiperondas físicas, a comunicação poderia ser estabelecida com imagens tão claras que Oradores a milhares de parsecs de distância poderiam acreditar estar diante um do outro. A nave de Gendibal estava equipada para tanto. Mas havia vantagens na visualização mentálica. A principal era que nenhum equipamento conhecido pela Primeira Fundação poderia grampeá-la. Também era impossível que algum membro da Segunda Fundação interceptasse a visualização mentálica de outro. A interação entre mentes podia ser detectada, mas não a troca de sutis expressões faciais que dava a tal comunicação sua profundidade.

Quanto aos anti-Mulos... Bem, a pureza da mente de Novi era suficiente para garantir a Gendibal que não havia nenhum deles por perto.

– Descreva, Compor, em detalhes – disse Gendibal –, a conversa que teve com Trevize e com esse Pelorat. Com exatidão, nível mental.

– Mas é claro, Orador – respondeu Compor.

Não demorou muito tempo. A combinação de som, expressão e mentalicismo comprimiu consideravelmente o relato, apesar de haver muito mais para contar em nível mental do que se fosse apenas a reprodução de um discurso.

Gendibal observou, concentrado. Havia pouca ou nenhuma redundância em visualizações mentálicas. Em visualizações comuns, ou até mesmo em hipervisualizações físicas através de vários parsecs, viam-se muito mais blocos de informação do que o absolutamente necessário para a compreensão, e era possível ignorar grandes trechos sem perder nada de significativo.

Porém, através da neblina da visualização mentálica, obtinha-se segurança absoluta à custa de não poder dar-se ao luxo de ignorar certos blocos. Cada bloco era importante.

Havia sempre histórias horríveis que passavam de instrutor a instruído em Trantor; contos para enfatizar, nos jovens, a importância da concentração. O mais repetido era, certamente, o menos confiável. Falava do primeiro relato sobre o progresso do Mulo antes de ele dominar Kalgan; sobre o oficial de baixo escalão que recebeu o relato e que não enxergou nada além da sugestão de um animal semelhante a um cavalo, pois não viu ou não compreendeu o pequeno trejeito que indicava "nome próprio". O oficial então teria decidido que aquilo era irrelevante para transmitir a Trantor. Quando a mensagem seguinte chegou, era tarde demais para qualquer ação imediata, e cinco amargos anos se passariam.

Tal evento provavelmente nunca acontecera, mas isso não importava. Era uma história melodramática que servia para estimular em todos os alunos o hábito da concentração absoluta. Gendibal se lembrava de sua época de estudante, quando cometeu um erro de interpretação que parecia, para ele, insignificante e compreensível. Seu professor – o velho Kendast, tirano até as raízes do cerebelo – simplesmente olhou com desprezo e disse: "Um animal semelhante a um cavalo, aprendiz Gendibal?", o que foi suficiente para que ele desmoronasse de constrangimento.

Compor terminou seu relato.

– Sua estimativa, por favor, sobre a reação de Trevize – requisitou Gendibal. – Você o conhece melhor do que eu, melhor do que ninguém.

– Foi bastante clara – respondeu Compor. – As indicações mentálicas eram inconfundíveis. Ele acredita que minhas palavras e ações representam minha ansiedade extrema de fazê-lo ir a Trantor ou ao Setor Sirius ou a qualquer lugar que não seja sua intenção visitar. Significou, em minha opinião, que ele permanecerá inexoravelmente onde está. Resumindo, o fato de eu ter atribuído grande importância à sua mudança de localização o forçou a enxergar a mesma importância, e, como ele considera seus próprios interesses diretamente opostos aos meus, agirá deliberadamente contra o que interpreta ser meu desejo.

– Está certo disso?

– Sim, estou certo.

Gendibal pensou por um momento e decidiu que Compor tinha razão.

– Estou satisfeito – disse. – Saiu-se muito bem. Sua história sobre a destruição radioativa da Terra foi bem escolhida para ajudar a causar a reação apropriada, sem a necessidade de manipulação direta da mente. Louvável!

Compor pareceu inquieto por um instante.

– Orador – disse. – Não posso aceitar vosso elogio. Não inventei essa história. É verdadeira. Existe mesmo um planeta chamado Terra no Setor Sirius e é de fato considerado o berço original da humanidade. Era radioativo, desde o princípio ou acabou ficando assim, o que piorou até que o planeta morreu. Além disso, houve, de fato, uma invenção intensificadora da mente que não gerou resultados. Tudo isso é considerado história no planeta natal de meus ancestrais.

– É mesmo? Que interessante! – respondeu Gendibal, sem nenhuma convicção óbvia. – E ainda melhor. Saber quando a verdade é suficiente é admirável, pois nenhuma mentira pode ser apresentada com a mesma sinceridade. Certa vez, Palver disse: “A mentira mais próxima da verdade é a melhor mentira; e a própria verdade, quando pode ser usada, é a melhor mentira”.

– Há mais uma coisa que devo dizer – disse Compor. – Ao seguir as ordens de manter Trevize a qualquer custo no Setor Sayshell até vossa chegada, precisei me esforçar a ponto de ter ficado claro que ele suspeita que eu esteja sob a influência da Segunda Fundação.

Gendibal concordou com a cabeça.

– Suponho que fosse algo inevitável, dadas as circunstâncias – respondeu. – A obsessão de Trevize pelo assunto é suficiente para que

ele veja a Segunda Fundação até mesmo onde ela não está. Devemos simplesmente levar tal fato em consideração.

– Orador, se é absolutamente necessário que Trevize fique aqui até que o senhor possa alcançá-lo, seria mais simples se eu fosse encontrá-lo, o senhor embarcasse em minha nave e eu o trouxesse para cá. Levaria menos de um dia...

– Não, Sentinela – interrompeu Gendibal, secamente. – Você não fará isso. As pessoas de Terminus sabem onde você está. Você tem um hipertransmissor em sua nave que não pode ser removido, não é mesmo?

– Sim, Orador.

– E, se Terminus sabe que você pousou em Sayshell, o respectivo embaixador também está informado desse fato, e sabe ainda que Trevize está aí. Seu hipertransmissor informará Terminus de que você partiu para um ponto específico a centenas de parsecs de distância e voltou; e o embaixador informará que Trevize permaneceu em Sayshell. A partir desse fato, o que as pessoas de Terminus poderiam deduzir? A prefeita de Terminus é, pelo que dizem, uma mulher inteligente, e a última coisa que queremos é provocá-la ao criar uma intriga obscura. Não queremos que ela envie parte de sua marinha. As chances de isso acontecer já são desconfortavelmente altas.

– Respeitosamente, Orador – disse Compor –, que motivos temos para temer uma marinha se podemos controlar seus comandantes?

– Por menos motivos que possam existir, há ainda menos a temer se a marinha não estiver em nosso encalço. Fique onde está, Sentinela. Quando alcançá-lo, embarcarei em sua nave, e então...

– E então, Orador?

– E então cuidarei de tudo.

7

Gendibal permaneceu sentado depois de desfazer a visualização mentálica e continuou ali por vários minutos, ponderando.

Durante sua longa viagem até Sayshell, inevitavelmente longa em sua espaçonave que nunca poderia se equiparar ao avanço tecnológico dos produtos da Primeira Fundação, ele reviu cada relatório existente sobre Trevize. Relatórios que abrangiam quase uma década.

Visto como um todo e sob a óptica dos eventos recentes, não havia mais nenhuma dúvida de que Trevize teria sido um excelente recruta para a Segunda Fundação, se a política de não alistar nascidos em Terminus não estivesse em vigor desde a época de Palver.

Era impossível dizer quantos recrutas da melhor qualidade haviam sido perdidos pela Segunda Fundação ao longo dos séculos. Não tinha como avaliar cada um dos quatrilhões de seres humanos que povoavam a Galáxia. Ainda assim, era provável que nenhum deles fosse mais promissor do que Trevize, e *decerto* nenhum poderia estar em uma posição mais delicada.

Gendibal sacudiu a cabeça negativamente. Nascido em Terminus ou não, Trevize não deveria ter sido subestimado. Créditos ao Sentinela Compor por tê-lo detectado, mesmo depois que os anos haviam distorcido aquela mente promissora.

Evidentemente, Trevize não seria mais de utilidade para eles. Era velho demais para ser moldado. Mas ainda tinha sua intuição inata, aquela habilidade de conceber uma solução baseado em informações totalmente insuficientes, e alguma outra coisa... alguma outra coisa...

O velho Shandess que, apesar de não estar mais em seu auge, era o Primeiro Orador (no geral, um bom Primeiro Orador), visualizara alguma coisa em Trevize, mesmo sem os dados correlacionados e as deduções que Gendibal havia elaborado ao longo dessa viagem. Trevize, pensava Shandess, era a chave de toda a crise.

Por que Trevize estava em Sayshell? O que planejava? O que estava fazendo?

E não podia ser manipulado! Disso, Gendibal tinha certeza. Até que se soubesse exatamente qual era o papel de Trevize, seria totalmente errado tentar modificá-lo de alguma forma. Com o envolvimento dos anti-Mulos – quem quer que fossem, o que quer que fossem –, qualquer atitude equivocada em relação a Trevize (Trevize, acima de tudo) poderia causar consequências gigantescas e totalmente inesperadas.

Gendibal sentiu uma mente pairando sobre a sua e, distraidamente, enxotou-a como se fosse um dos mais irritantes insetos trantorianos – mas usando sua mente, em vez da mão. Sentiu uma onda de sofrimento alheio e saiu do estado de distração.

Sura Novi estava com a palma da mão em sua testa franzida.

– Perdão, Mestre, eu sê pegada de repente por angústia da cabeça.

Gendibal arrependeu-se imediatamente.

– Sinto muito, Novi. Não estava pensando. Ou estava pensando demais.

Instantaneamente e com gentileza, apaziguou suas correntes mentais perturbadas.

Novi sorriu, com repentina vivacidade.

– Passou com sumiço de repente. O soado doce das suas palavras, Mestre, é bom pra mim.

– Ótimo! Há algo errado? Por que veio até mim?

Ele se absteve de entrar em sua mente com mais profundidade para descobrir por si mesmo. Cada vez mais sentia relutância em invadir a privacidade de Novi.

Novi hesitou. Inclinou-se de leve em sua direção.

– Eu tê preocupação. Você olhou para nada e fez soados e seu rosto espremeu. Fiquei aqui, congelada, amedoada de que você tê doente e sem saber o que faço.

– Não foi nada, Novi. Não precisa ter medo – ele tocou a mão dela que estava mais próxima. – Não há nada a temer. Entende?

Medo, ou qualquer emoção forte, causava pequenas torções e perturbações na simetria da mente de Novi. Ele preferia quando ela estava calma, pacífica e feliz, mas hesitava diante da ideia de ajustá-la externamente para ficar assim. Ela imaginara que o ajuste anterior havia sido efeito de suas palavras, e ele parecia preferir que tivesse tal impressão.

– Novi, por que não a chamo de Sura?

Ela olhou para ele, com aflição súbita.

– Oh, Mestre, não faça isso não.

– Mas Rufirant a chamou assim naquele dia em que nos conhecemos. Conheço-a bem o suficiente para...

– Sei bem que ele tê feito assim, Mestre. Sê como um homem fala com moça que não tê homem, não tê esposo, não sê... completa. Você diz o que vem antes. É mais honra pra mim se você dize “Novi”, que vem depois, e eu tê orgulho de sê chamada por você assim. E se não tê homem agora, tê Mestre e sê contente. Tomara que não sê ofensa pra você dize “Novi”.

– De jeito nenhum, Novi.

E a mente de Novi ficou incrivelmente suave com isso. Gendibal ficou contente. Contente demais. Será que deveria ficar tão contente

assim?

Um pouco constrangido, lembrou-se de que o Mulo tinha sido afetado dessa mesma maneira por aquela mulher da Primeira Fundação, Bayta Darell, o que tinha resultado em sua perdição.

Mas era, evidentemente, outra situação. A loriana era sua defesa contra mentes desconhecidas e ele queria que ela servisse a tal propósito da maneira mais eficiente possível.

Não, não era verdade. Sua função como Orador ficaria comprometida se ele deixasse de compreender a própria mente ou, pior ainda, se deliberadamente a desconstruísse para evitar a verdade. A verdade é que ele ficava feliz quando ela estava calma, pacífica e contente de forma natural, sem sua interferência, e isso o deixava feliz simplesmente porque *ela* o deixava feliz. Não havia nada de errado com isso, pensou, desafiadoramente.

– Sente-se, Novi – disse.

Assim ela o fez, equilibrando-se de forma precária na beirada da cadeira e sentando-se tão longe quanto os limites do aposento permitiam. Sua mente estava inundada de respeito.

– Quando me viu fazendo sons, Novi – explicou Gendibal –, eu estava falando com alguém muito longe, à maneira dos estudiosos.

Novi, com o olhar baixo e tristemente, disse:

– Mestre, tê muito da maneira dos estuodiosos que não vejo e não penso. Sê arte difícil, montanha gigante. Tê vergonha de ter falado com você pra sê estuodiosa. Como, Mestre, você não tê rido de mim?

– Não é vergonha nenhuma aspirar ser algo, mesmo que esteja fora do seu alcance – respondeu Gendibal. – Você passou da idade de ser uma estudiosa à minha maneira, mas nunca se é velho demais para aprender mais do que já se sabe e para se tornar capaz de fazer mais do que já pode. Vou ensinar-lhe algumas coisas sobre esta nave. Quando chegarmos ao nosso destino, saberá bastante sobre ela.

Ele se deleitou. Por que não? Estava deliberadamente dando as costas ao estereótipo do povo loriano. Que direito o heterogêneo grupo da Segunda Fundação tinha, afinal, de estabelecer um estereótipo como aquele? Seus próprios filhos eram só ocasionalmente adequados para se tornarem membros importantes da Segunda Fundação. Os filhos dos Oradores quase nunca se qualificavam para serem Oradores. Três séculos atrás, três gerações da família Linguester haviam ocupado o cargo de Orador. Entretanto, corria sempre a

suspeita de que o segundo não era adequado para a função. E, se fosse verdade, quem eram as pessoas da universidade para se colocarem em pedestal tão alto?

Ele viu os olhos de Novi resplandecerem e ficou contente.

– Farei tudo pra aprender o que ensinar, Mestre.

– Tenho certeza de que fará – respondeu.

Então hesitou. Ocorreu-lhe que, durante sua conversa com Compor, não indicara de nenhuma maneira que não estava sozinho. Não houve nenhuma sugestão de companhia.

Uma mulher talvez fosse um pressuposto, uma conclusão lógica – ou, pelo menos, Compor não ficaria surpreso. Mas uma loriana?

Por um momento, apesar de todos os esforços de Gendibal, o estereótipo reinou supremo e ele ficou satisfeito com o fato de que Compor nunca estivera em Trantor e não reconheceria Novi como uma loriana.

Livrou-se do pensamento. Não importava se Compor sabia ou não sabia, ou se alguma pessoa soubesse. Gendibal era um Orador da Segunda Fundação e poderia fazer o que bem entendesse dentro das limitações do Plano Seldon, e ninguém poderia interferir.

– Mestre – disse Novi –, quando tê chegado no nosso destino, nós sê separados?

Ele olhou para ela e respondeu, com talvez mais energia do que pretendia:

– Não vamos nos separar, Novi.

E a loriana sorriu, com timidez. Naquele momento, parecia – pela Galáxia! – uma mulher como as outras.

13.

Universidade

1

PELORAT TORCEU O NARIZ QUANDO reembarcou na *Estrela Distante* com Trevize.

– O corpo humano é um poderoso emissor de odores – Trevize deu de ombros. – Reciclagem nunca funciona instantaneamente e fragrâncias artificiais apenas sobrepõem, não substituem.

– E suponho que duas espaçonaves nunca tenham o mesmo cheiro, uma vez que tenham sido ocupadas por pessoas diferentes durante algum tempo.

– Exato. Mas você continuou sentindo o cheiro do planeta Sayshell depois da primeira hora?

– Não – admitiu Pelorat.

– Então em breve também não sentirá este cheiro. Na verdade, se morar nesta nave por tempo suficiente, apreciará o odor que o espera em seu retorno como uma representação de "lar". Aliás, se você se tornar um explorador galáctico depois disso, Janov, precisa aprender que é grosseiro fazer comentários sobre os odores de qualquer nave ou de qualquer planeta àqueles que vivem naquela nave ou naquele planeta. Entre nós, evidentemente, não há problema.

– O engraçado é que considero *de fato* a *Estrela Distante* um lar. É, pelo menos, feita pela Fundação – sorriu Pelorat. – Sabe, nunca me considerei um patriota. Gosto de pensar que reconheço a humanidade como minha nação, mas devo dizer que estar longe da Fundação preenche meu coração de amor por ela.

Trevize estava fazendo a cama.

– Você não está tão longe da Fundação, sabe? A Aliança Sayshell é praticamente cercada por território da Fundação. Temos um embaixador e grande presença por aqui, de cônsules e afins. Os sayshellianos gostam de se opor a nós verbalmente, mas, no geral, são

bastante cuidadosos para não fazer nada que nos desagrade. Janov, por favor, vá dormir. Não chegamos a lugar nenhum hoje e precisamos nos sair melhor amanhã.

Não havia grande isolamento acústico entre os dois quartos e, quando a nave estava às escuras, Pelorat, agitado e insone, disse, enfim, em um tom não muito alto:

– Golan?

– Pois não.

– Não está dormindo?

– Não enquanto você estiver falando.

– Nós *chegamos* a algum lugar hoje. Seu amigo, Compor...

– Ex-amigo.

– Independentemente de seu *status*, ele falou sobre a Terra e nos contou algo que eu nunca tinha encontrado em minhas pesquisas. Radioatividade!

– Escute, Golan – Trevize apoiou-se em um cotovelo –, mesmo que a Terra seja um planeta morto, não significa que vamos voltar para casa. Ainda quero encontrar Gaia.

Pelorat bufou como se estivesse assoprando penas.

– Mas é claro, meu caro colega. Eu também. E tampouco acredito que a Terra esteja morta. Compor talvez estivesse dizendo o que acredita ser verdade, mas não há praticamente nenhum setor da Galáxia que não tenha algum tipo de história que atribuiria a origem da humanidade a um de seus próprios planetas. E eles quase invariavelmente o chamam de Terra ou outro nome bastante próximo. Chamamos isso de “globocentrismo”, na antropologia. As pessoas tendem a pressupor que são melhores do que os vizinhos; que suas culturas são mais antigas e superiores àquelas de outros mundos; que o que há de bom em outros planetas foi copiado deles e o que é ruim foi distorcido ou estragado no ato da cópia, ou inventado em outro lugar. E a tendência é associar qualidade superior com longevidade. Se não conseguem manter com consistência a ideia de que seu próprio planeta é a Terra (e o início da espécie humana), quase sempre tentam chegar o mais próximo possível, incluindo a Terra em seu setor, mesmo que não tenham como localizá-la com precisão.

– E você está me dizendo – respondeu Trevize –, que Compor estava apenas seguindo esse hábito comum quando disse que a Terra está no Setor Sirius. Ainda assim, o Setor Sirius tem *de fato* um longo

histórico, portanto todos os planetas ali devem ser conhecidos e deve ser fácil verificar a questão, mesmo sem ir até lá.

– Ainda que você conseguisse mostrar que nenhum planeta do Setor Sirius pudesse ser a Terra, isso não seria de grande ajuda – riu Pelorat. – Você subestima o quão profundamente o misticismo pode enterrar a racionalidade, Golan. Há pelo menos meia dúzia de setores na Galáxia nos quais estudiosos respeitáveis repetem, com toda a solenidade e sem brincadeiras, histórias diversas de que a Terra, ou qualquer que seja o nome que optam por usar, está localizada no hiperespaço e não pode ser encontrada, a não ser por acidente.

– E eles afirmam se alguém a alcançou por acidente?

– Há sempre histórias, e há sempre uma recusa patriótica de se duvidar delas, mesmo que os mitos sejam pouco críveis e nunca convincentes para qualquer pessoa que não seja do mundo no qual tal história surgiu.

– Então, Janov, duvidemos delas também. Entremos em nosso próprio hiperespaço particular do sono.

– Mas Golan, foi a questão da radioatividade da Terra que me intrigou. Para mim, parece ser verdadeira ou, pelo menos, trazer algum tipo de verdade.

– O que quer dizer com *algum tipo* de verdade?

– Bem, um mundo radioativo seria um mundo em que a radiação ionizante estaria presente em concentrações maiores do que o normal. A taxa de mutações seria mais alta em um mundo assim, e a evolução progrediria mais rapidamente e com maior diversidade. Contei-lhe, lembra-se, que entre os pontos em que quase todos os mitos concordam está o de que a vida na Terra era incrivelmente diversificada: milhões de espécies de todos os tipos. Foi essa diversidade de vida, esse desenvolvimento *explosivo*, que talvez tenha gerado inteligência na Terra e sua consequente expansão pela Galáxia. Se a Terra fosse, por algum motivo, radioativa... quer dizer, mais radioativa... quer dizer, mais radioativa do que outros planetas, isso talvez explicasse tudo sobre por que a Terra é (ou era) única.

Trevize ficou em silêncio por um instante. Então disse:

– Primeiro, não temos nenhuma razão para acreditar que Compor estava falando a verdade. Ele pode ter mentido do início ao fim para nos induzir a deixar este lugar e sair em disparada até Sirius. Creio que era exatamente o que ele estava fazendo. E, mesmo que tenha

falado a verdade, o que afirmou foi que havia tanta radioatividade na Terra que qualquer vida se tornou impossível.

Pelorat bufou mais uma vez.

– Não havia tanta radioatividade a ponto de permitir que a vida surgisse na Terra, e seria mais fácil a vida se manter (uma vez que tivesse sido introduzida) do que ela surgir do nada. Admitamos, então, que a vida foi introduzida e se manteve na Terra. Logo, o nível de radioatividade não poderia ser incompatível com a vida, e só poderia ter diminuído com o tempo. Não há nada que possa *elevar* o nível.

– Explosões nucleares? – sugeriu Trevize.

– O que isso teria a ver?

– Suponha que houve explosões nucleares na Terra.

– Na superfície da Terra? Impossível. Não há nenhum registro na história da Galáxia de qualquer sociedade que tenha sido tola o suficiente para usar explosões nucleares como armas de guerra. Nunca teríamos sobrevivido. Durante as insurreições trigellianas, nas quais ambos os lados foram reduzidos à fome e ao desespero, quando Jendippurus Khoratt aventou a ideia de uma fusão nuclear em...

– Ele foi enforcado pelos membros de sua própria frota. Conheço história galáctica. Estava pensando em acidentes.

– Não há registros de acidentes do tipo capazes de aumentar significativamente a intensidade da radioatividade total de um planeta – ele suspirou. – Creio que, quando pudermos, precisaremos visitar o Setor Sirius e conduzir algumas investigações por lá.

– Algum dia, talvez, o façamos. Mas, agora...

– Sim, sim, vou me calar.

Assim o fez, e Trevize ficou deitado no escuro por quase uma hora, refletindo se já tinha atraído atenção demais e se talvez fosse mais sábio ir ao Setor Sirius e então voltar a Gaia quando as atenções – de todos – estivessem voltadas para outro lugar.

Não tinha chegado a nenhuma decisão concreta quando caiu no sono. Seus sonhos foram inquietos.

2

Não voltaram à cidade até a metade da manhã seguinte. Dessa vez, o centro turístico estava lotado, mas eles conseguiram obter as

orientações necessárias para chegar a uma biblioteca de referência, onde, por sua vez, receberam instruções sobre o uso dos modelos locais de compiladores de dados.

Investigaram cuidadosamente museus e universidades, começando com aqueles mais próximos, e verificaram toda informação disponível sobre antropólogos, arqueólogos e historiadores.

– Ah! – exclamou Pelorat.

– Ah? – disse Trevize, com certa aspereza. – Ah, o quê?

– Este nome, Quintesetz. Parece familiar.

– Você o conhece?

– Não, claro que não, mas talvez tenha lido ensaios escritos por ele. Na *Estrela Distante*, onde tenho minha compilação de referências...

– Não vamos voltar, Janov. Se o nome é familiar, é um ponto de partida. Se ele não puder nos ajudar, certamente nos dará algum direcionamento – ele se levantou. – Busquemos alguma maneira de chegar à Universidade de Sayshell. E, como não haverá ninguém por lá na hora do almoço, vamos comer primeiro.

Eles seguiram até a universidade, desvendaram seu labirinto de corredores e apenas no final da tarde alcançaram uma antessala, onde agora esperavam por uma jovem que havia partido em busca de informações e talvez os levasse – ou não – até Quintesetz.

– Eu me pergunto – disse Pelorat, desconfortável – quanto tempo mais teremos de esperar. O dia letivo deve estar prestes a terminar.

E, como se fosse uma deixa, a jovem moça que tinham visto havia meia hora caminhou rapidamente até eles, seus sapatos cintilando em vermelho e violeta e batendo no chão com uma aguda nota musical conforme ela andava. O tom variava com a velocidade e a força de seus passos.

Pelorat se contraiu. Concluiu que cada mundo tinha suas próprias maneiras de massacrar os sentidos, assim como o próprio cheiro. Cogitou se, agora que não percebia mais o odor, poderia ignorar também a cacofonia de jovens modistas conforme elas andavam.

Ela foi até Pelorat e parou.

– O senhor pode me informar seu nome completo, professor?

– Janov Pelorat, senhorita.

– Planeta natal?

Trevize começou a erguer uma mão como se para ordenar silêncio, mas Pelorat, sem ter visto ou optando por ignorar, respondeu:

– Terminus.

A jovem abriu um largo sorriso e pareceu satisfeita.

– Quando contei ao professor Quintesetz que havia um professor Pelorat perguntando por ele, disse que o veria se o senhor fosse Janov Pelorat, de Terminus, e mais ninguém.

– Vo-você quer dizer que ele já ouviu falar sobre mim?

– Certamente é o que parece.

E Pelorat sorriu, um sorriso quase enferrujado por pouco uso, conforme se virou para Trevize.

– Ele ouviu falar sobre mim. Sinceramente, não achei que... Quer dizer, escrevi alguns ensaios, e não achava que alguém... – ele sacudiu a cabeça. – Eles não eram importantes.

– Pois então – respondeu Trevize, também sorrindo –, pare de chafurdar em autodepreciação e vamos! – Ele se voltou para a moça. – Suponho, senhorita, que exista algum tipo de transporte para nos levar até ele?

– É apenas uma caminhada. Não precisaremos nem deixar o complexo e terei prazer em levá-los até lá. Vocês dois são de Terminus? – e ela começou a caminhar.

Os dois homens a seguiram e Trevize disse, com um traço de irritação:

– Sim, somos. Isso faz alguma diferença?

– Oh não, claro que não. Há pessoas em Sayshell que não gostam de membros da Fundação, sabe? Mas, aqui na universidade, somos mais cosmopolitas do que isso. Viva e deixe viver, é o que sempre digo. Afinal, membros da Fundação também são gente. Entende o que quero dizer?

– Sim, entendo o que quer dizer. Muitos de nós consideram os sayshellianos gente também.

– É apenas como deveria ser. Nunca vi Terminus. Deve ser uma grande cidade.

– Na verdade, não é – respondeu Trevize, sem rodeios. – Desconfio que seja menor do que a cidade de Sayshell.

– Você está brincando comigo? – disse a moça. – É a capital da Federação da Fundação, não é? Quer dizer, não existe outra Terminus, existe?

– Não, há apenas uma Terminus, até onde sei, e é de lá que viemos: a capital da Federação da Fundação.

– Pois bem, deve ser uma cidade enorme. E vocês percorreram esse caminho todo para visitar o professor. Temos muito orgulho dele, sabe? É considerado a maior autoridade em toda a Galáxia.

– É mesmo? – perguntou Trevize. – Em quê?

Os olhos da moça se arregalaram.

– Você é mesmo um provocador. Ele sabe mais sobre história antiga do que... do que sei sobre a minha própria família – e ela continuou caminhando com seus passos musicais.

Era difícil ser acusado de "brincar" e "provocar" sem desenvolver o impulso de agir justamente dessa maneira. Trevize sorriu e disse:

– O professor sabe tudo sobre a Terra, suponho?

– Terra? – ela parou diante de uma porta de escritório e olhou para os dois inexpressivamente.

– Sabe, o mundo em que a humanidade teve início.

– Ah, você quer dizer o "planeta-anterior-aos-outros". Creio que sim. Acho que ele *deveria* saber tudo sobre isso. Afinal, era localizada no Setor Sayshell. Todo mundo sabe *disso*! Este é o escritório dele. Deixe-me avisá-lo.

– Não, não avise – disse Trevize. – Espere um instante. Conte-me sobre a Terra.

– Na verdade, nunca ouvi ninguém chamá-la de Terra. Deve ser alguma palavra da Fundação. Aqui, chamamos de Gaia.

Trevize lançou um olhar para Pelorat.

– É mesmo? E onde está localizada? – perguntou.

– Em lugar nenhum. Está no hiperespaço e é impossível que alguém chegue até ela. Quando eu era menina, minha avó dizia que Gaia, antigamente, ficava no espaço de verdade, mas ficou tão enojada com...

– Os crimes e a estupidez dos seres humanos – murmurou Pelorat – que, por constrangimento, abandonou o espaço e se recusou a ter qualquer relação com os seres humanos que distribuiu pela Galáxia.

– Então você conhece história. Viu só? Uma amiga minha diz que é superstição. Agora vou dizer a *ela*. Se é bom o suficiente para professores vindos da Fundação...

Um painel luminoso no vidro opaco da porta dizia SOTAYN QUINTESETZ ABT, na caligrafia sayshelliana de difícil leitura. Sob ela, com a mesma fonte, lia-se DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA ANTIGA.

A moça colocou o dedo em um reluzente círculo de metal. Não

houve som, mas a cor opaca do vidro tornou-se um branco leitoso por um momento e uma voz suave disse, de maneira um tanto abstrata:

– Identifique-se, por favor.

– Janov Pelorat, de Terminus – disse Pelorat –, com Golan Trevize, do mesmo mundo.

A porta se abriu imediatamente.

3

O homem que se levantou, contornou a escrivaninha e se aproximou para cumprimentá-los era alto e de meia-idade. Ele era negro de pele clara e seus cabelos, de cachos crespos, eram cinza-escuros. Estendeu a mão; sua voz era suave e grave.

– Sou S.Q. Entusiasmado por conhecê-los, professores.

– Não tenho um título acadêmico – respondeu Trevize. – Apenas acompanho o professor Pelorat. Pode chamar-me simplesmente de Trevize. É um prazer conhecê-lo, professor pré-doutor.

– Não, não – Quintesetz ergueu uma mão, claramente constrangido. – Pré-doutor é somente uma terminologia boba que não tem nenhum significado fora de Sayshell. Ignore-a, por favor, e pode me chamar de S.Q. Tendemos a usar iniciais em interações sociais comuns em Sayshell. Estou encantado por conhecer os senhores, quando esperava apenas um.

Ele pareceu hesitar um instante, então estendeu a mão direita depois de limpá-la discretamente em suas calças.

Trevize a aceitou, perguntando-se quais seriam os modos corretos de cumprimento em Sayshell.

– Por favor, sentem-se – disse Quintesetz. – Receio que essas cadeiras sejam deveras inanimadas, mas eu, particularmente, não quero que minhas cadeiras me abracem. Está na moda cadeiras que abraçam hoje em dia. Mas prefiro que um abraço tenha significado, não?

– Quem não preferiria? – sorriu Trevize. – Seu nome, S.Q., parece vir dos Mundos Periféricos, e não de Sayshell. Peço desculpas se estiver sendo impertinente.

– Não me importo. Minha família vem, em parte, de Askone. Cinco gerações atrás, meus tataravós deixaram Askone quando o domínio da

Fundação ficou pesado demais.

– E somos membros da Fundação – respondeu Pelorat. – Pedimos perdão.

Quintesetz acenou amigavelmente com a mão.

– Não tenho rancores por algo que aconteceu há cinco gerações – disse. – Apesar de isso já ter ocorrido antes, o que é uma grande pena. Gostariam de algo para comer? Algo para beber? Gostariam de música ao fundo?

– Caso não se importe – disse Pelorat –, estou disposto a ir direto ao assunto, se os modos sayshellianos permitirem.

– Os modos sayshellianos não são impedimento, eu garanto. O senhor não tem ideia do quão extraordinário é este momento, doutor Pelorat. Duas semanas atrás, descobri seu artigo sobre mitos de origem na *Revista de Arqueologia*, e o texto me surpreendeu como uma síntese notável, sobre a qual gostaria de ler mais.

Pelorat enrubesceu de satisfação.

– Estou muito contente que o senhor o tenha o lido. Foi necessário resumi-lo, claro, pois a *Revista* não publicaria um estudo na íntegra. Estou planejando fazer um tratado sobre o assunto.

– Espero que faça. De todo modo, assim que o li tive desejo de conhecê-lo. Cheguei a cogitar uma visita a Terminus, apesar de isso ser bastante difícil de conseguir...

– Por quê? – perguntou Trevize.

Quintesetz pareceu constrangido.

– Lamento dizer que Sayshell não anseia por se juntar à Federação da Fundação e desencoraja toda comunicação social com a Fundação. Veja bem, temos uma tradição de neutralidade. Por esse motivo, no geral, qualquer pedido de permissão para visitar território da Fundação, especialmente Terminus, é visto com desconfiança, apesar de que um estudioso como eu, com intenções de expansão acadêmica, provavelmente conseguiria o passaporte no final das contas. Mas nada disso foi necessário; vocês vieram até mim. Mal posso acreditar. Pergunto-me: por quê? Ouviu falar de mim, assim como ouvi sobre o senhor?

– Conheço seu trabalho, S.Q., e tenho resumos de seus ensaios em meu catálogo. É por esse motivo que viemos até o senhor. Estou pesquisando sobre a questão da Terra, que seria, teoricamente, o planeta de origem da espécie humana, e também sobre o período

inicial de exploração e colonização da Galáxia. Venho, especialmente, investigar sobre a fundação de Sayshell.

– A julgar pelo seu artigo – respondeu Quintesetz –, imagino que esteja interessado em mitos e lendas.

– E ainda mais em história. Fatos, se existirem. Mitos e lendas, se não for o caso.

Quintesetz levantou-se, caminhou rapidamente de um lado para o outro pela área do escritório, parou para encarar Pelorat e continuou caminhando.

– E então, senhor? – disse Trevize, impaciente.

– Bizarro! Muito bizarro! – afirmou Quintesetz. – Ontem mesmo, eu...

– O que ocorreu “ontem mesmo”? – perguntou Pelorat.

– Como eu disse, doutor Pelorat... aliás, posso chamá-lo de J.P.? – perguntou Quintesetz. – Para mim é pouco natural usar nomes inteiros.

– Certamente.

– Eu disse, J.P., que fiquei admirado com seu artigo e que gostaria de conhecê-lo. O motivo pelo qual gostaria de vê-lo é que o senhor tinha, evidentemente, uma extensa coletânea de lendas que envolvem os primórdios dos mundos e, ainda assim, não tinha os nossos. Em outras palavras, desejava vê-lo para contar justamente o que o senhor veio descobrir.

– O que isso tem a ver com ontem, S.Q.? – perguntou Trevize.

– Temos lendas. Uma lenda. Uma que é importante para a nossa sociedade, pois se tornou nosso mistério central...

– Mistério? – questionou Trevize.

– Não estou falando de uma charada nem nada do tipo. Este, creio, seria o significado tradicional da palavra no Padrão Galáctico. Há um significado distinto para ela por aqui. Quer dizer “algo secreto”, algo sobre o qual apenas poucos peritos têm conhecimento pleno; algo que não deve ser compartilhado com forasteiros. E ontem foi o dia.

– O dia do quê, S.Q.? – perguntou Trevize, exagerando de leve o tom condescendente.

– Ontem foi o Dia do Enlevo.

– Ah – disse Trevize –, um dia de meditação e quietude, em que todos devem permanecer em casa.

– Algo assim, em tese, apesar de que, nas grandes cidades, nas

regiões mais sofisticadas, há pouca contemplação no sentido tradicional. Mas vejo que os senhores sabem sobre ele.

Pelorat, que estava inquieto com o tom aborrecido de Trevize, acrescentou rapidamente:

– Ouvimos um pouco a respeito, pois chegamos ontem.

– De todos os dias, logo esse – afirmou Trevize, sarcasticamente. – Escute, S.Q. Como disse, não sou acadêmico, mas tenho uma pergunta. O senhor mencionou estar falando sobre um mistério essencial, algo que não deveria ser compartilhado com forasteiros. Por que, então, está falando no assunto conosco? Somos forasteiros.

– De fato. Todavia, não observo essa data e o grau de minha superstição na questão é mínimo. Mas o artigo de J.P. reforçou uma sensação que tenho há muito tempo. Um mito ou lenda não é simplesmente tirado do vácuo. Nada é, nem pode ser. De alguma forma há uma essência de verdade ao fundo, por mais distorcida que seja, e eu gostaria de saber a verdade por trás da lenda do Dia do Enlevo.

– É seguro falar sobre o assunto? – questionou Trevize.

– Não totalmente, imagino – Quintesetz deu de ombros. – Os membros conservadores da nossa sociedade ficariam horrorizados, mas eles não controlam o governo há um século. Os secularistas são fortes, e seriam ainda mais se os conservadores não se aproveitassem de nossa... que os senhores me perdoem... tendência anti-Fundação. De todo modo, considerando que analiso a questão do ponto de vista do meu interesse acadêmico em história antiga, a Liga dos Acadêmicos me apoiará totalmente, se for necessário.

– Nesse caso – disse Pelorat –, poderia nos contar sobre o seu mistério central, S.Q.?

– Sim, mas deixe-me garantir que não sejamos interrompidos ou, pior, ouvidos. Mesmo que devamos encarar o touro de frente, não é sábio estapear seu focinho, como diz o ditado.

Ele dedilhou um código na interface de um instrumento em sua mesa.

– Agora estamos incomunicáveis – disse.

– Tem certeza de que não foi grampeado? – perguntou Trevize.

– Grampeado?

– Marcado! Espiado! Sujeito a um equipamento que o mantém sob vigilância... visual, auditiva ou ambas.

– Não aqui em Sayshell! – Quintesetz parecia chocado.

– Se é o que acredita...

– Por favor, continue, S.Q. – interrompeu Pelorat.

Quintesetz contraiu os lábios, reclinou-se em sua cadeira (que cedeu um pouco sob seu peso) e uniu as pontas dos dedos. Parecia estar tentando descobrir uma maneira de começar.

– Os senhores sabem o que é um robô? – perguntou.

– Um robô? – respondeu Pelorat. – Não.

Quintesetz olhou para Trevize, que negou lentamente com a cabeça.

– Mas sabem o que é um computador?

– É claro – retrucou Trevize, impaciente.

– Pois bem. Uma ferramenta computadorizada móvel...

– É uma ferramenta computadorizada móvel – interrompeu Trevize, ainda sem paciência. – Existem incontáveis variedades e não sei de nenhum termo genérico para elas além de ferramentas computadorizadas móveis.

– ...que se parece exatamente com um ser humano é um robô – S.Q. concluiu seu raciocínio com tranquilidade. – O que distingue um robô é ele ser humanoide.

– Por que humanoide? – perguntou Pelorat, honestamente chocado.

– Não sei ao certo. É uma forma deveras ineficiente para uma ferramenta, garanto, mas estou apenas repetindo a lenda. "Robô" é uma palavra antiga, de nenhuma língua reconhecível, apesar de nossos estudiosos indicarem que tem uma conotação de "serviço".

– Não consigo pensar em nenhuma palavra – disse Trevize, cético – que soe vagamente parecida com "robô" e tenha alguma conexão com "serviço".

– Nada em galáctico, certamente – respondeu Quintesetz –, mas é isso que dizem.

– Talvez tenha sido etimologia reversa. Esses objetos eram usados para serviços, portanto a palavra significaria "serviço". Mas, afinal, por que nos conta tudo isso?

– Porque se trata de uma convenção estabelecida aqui em Sayshell que, quando a Terra era o único planeta e a Galáxia toda se estendia inabitada diante dela, os robôs foram concebidos e inventados. Assim, logo havia dois tipos de seres humanos: os naturais e os inventados, carne e metal, biológicos e mecânicos, complexos e simples...

Quintesetz parou e disse, com uma risada de arrependimento:

– Lamento. É impossível falar sobre robôs sem citar o *Livro do Enlevo*. As pessoas da Terra conceberam os robôs, e não preciso dizer mais nada. É informação suficiente.

– E por que elas criaram os robôs? – perguntou Trevize.

– Quem poderia dizer, com tanto tempo de distância? – Quintesetz deu de ombros. – Talvez fossem poucos em número e precisassem de ajuda, especialmente na grande missão de explorar e povoar a Galáxia.

– É uma suposição razoável – disse Trevize. – Depois que a Galáxia estivesse colonizada, os robôs não seriam mais necessários. É fato que não existem ferramentas computadorizadas móveis na Galáxia de hoje.

– De todo modo – continuou Quintesetz –, a história é a seguinte, se me permitem ser vastamente simplista e omitir diversos ornamentos poéticos os quais, sinceramente, não aceito, mesmo que a população em geral os aceite ou finja que aceita. Em torno da Terra surgiram mundos-colônias que orbitavam estrelas vizinhas, e esses mundos tinham muito mais robôs do que a Terra propriamente dita. Havia mais utilidade para robôs em planetas novos e inexplorados. A Terra, na verdade, acabou por retroceder, não queria mais robôs, e se rebelou contra eles.

– O que aconteceu? – perguntou Pelorat.

– Os Mundos Exteriores eram mais fortes. Com a ajuda de seus robôs, os filhos derrotaram e conquistaram a Terra, a mãe. Perdoem-me, não consigo evitar cair em citações. Mas houve aqueles da Terra que abandonaram seu mundo, com naves melhores e técnicas mais avançadas de viagem hiperespacial. Fugiram para mundos e estrelas distantes, muito além dos primeiros mundos colonizados. Novas colônias foram fundadas, sem robôs, nas quais humanos poderiam viver livremente. Aquela foi a chamada Era do Enlevo, e o dia em que os primeiros terráqueos alcançaram o Setor Sayshell (este mesmo planeta, na verdade) é *o* Dia do Enlevo, celebrado anualmente há muitos milhares de anos.

– Meu caro – disse Pelorat –, o que nos diz, então, é que o Setor Sayshell foi fundado diretamente pela Terra.

Quintesetz pensou e hesitou por um instante. Então, disse:

– Essa é a crença oficial.

– Obviamente – afirmou Trevize –, você não a aceita.

– Para mim, parece que... – começou Quintesetz, mas então explodiu: – Oh, grandes estrelas e pequenos planetas, não aceito! É totalmente improvável, mas é um dogma oficial e, por mais secularizado que o governo tenha se tornado, discursos em sua defesa são, no mínimo, necessários. Ainda assim, vamos à questão. Em seu artigo, J.P., não há indicação de que você tenha conhecimento dessa história sobre robôs e sobre duas investidas colonizadoras, uma menor, com robôs, e uma maior, sem eles.

– Certamente não conhecia – respondeu Pelorat. – Ouço-a agora pela primeira vez e, meu caro S.Q., sou eternamente grato por informar-me sobre o assunto. Estou chocado que nenhuma indicação sobre isso tenha aparecido nos ensaios...

– O que demonstra – disse Quintesetz – quão eficaz é nosso sistema social. É nosso segredo sayshelliano, nosso mistério central.

– Talvez – retrucou Trevize, secamente. – Ainda assim, a segunda investida de colonização, a investida sem robôs, deve ter seguido em todas as direções. Por que apenas em Sayshell existe esse grande segredo?

– Pode existir em outros lugares e ser tão secreto quanto – respondeu Quintesetz. – Nossos habitantes mais conservadores acreditam que *apenas* Sayshell foi colonizada pela Terra e que todo o restante da Galáxia foi povoado por Sayshell. Isso, evidentemente, deve ser bobagem.

– Esses questionamentos secundários podem ser decifrados com o tempo – disse Pelorat. – Agora que tenho o ponto de partida, posso buscar informações semelhantes em outros mundos. O que conta é que descobri qual pergunta fazer, e uma boa pergunta é, claro, a chave por meio da qual infinitas respostas podem ser extraídas. Que boa fortuna eu ter...

– Sim, Janov – interrompeu Trevize –, mas o caro S.Q. certamente não nos contou a história toda. O que aconteceu com as colônias antigas e seus robôs? Suas tradições falam sobre isso?

– Não detalhadamente, mas em essência. Aparentemente, humanos e humanoides não podem viver juntos. Os mundos com robôs morreram. Não eram viáveis.

– E a Terra?

– Os humanos a abandonaram e se assentaram por aqui, e presumivelmente (apesar de os conservadores discordarem) também

em outros planetas.

– Mas é impossível que todos os seres humanos tenham deixado a Terra. O planeta não deve ter ficado deserto.

– É presumível que não. Eu não sei dizer.

– Ela ficou radioativa? – perguntou Trevize, abruptamente.

– Radioativa? – Quintesetz pareceu atordoado.

– É o que estou perguntando.

– Não que eu saiba. Nunca ouvi algo assim.

Trevize encostou o punho nos lábios, pensativo. Enfim, disse:

– S.Q., está ficando tarde e talvez tenhamos abusado o suficiente de sua disponibilidade. – Pelorat fez um movimento como se estivesse prestes a protestar, mas a mão de Trevize estava em seu joelho e o apertou; assim, Pelorat, incomodado, desistiu.

– Foi um prazer ser de alguma utilidade.

– Você assim o foi, e se houver algo que possamos fazer em troca, diga.

Quintesetz riu suavemente.

– Se o cordial J.P. puder ser gentil e evitar a menção de meu nome em qualquer ensaio que escreva sobre nosso mistério, será recompensa suficiente.

Pelorat respondeu, ávido:

– Você poderia receber o crédito que merece, e talvez ser mais valorizado, se pudesse visitar Terminus e até, possivelmente, hospedar-se em nossa universidade como estudioso convidado por um período extenso. Talvez possamos arranjar isso. Sayshell pode não gostar da Fundação, mas eles não ousariam recusar um pedido direto para que você tenha autorização de ir a Terminus participar de, digamos, um colóquio sobre algum aspecto da história antiga.

O sayshelliano ergueu-se parcialmente.

– Está me dizendo que podem mexer uns pauzinhos para arranjar *isso*?

– Puxa, eu não tinha pensado nisso, mas J.P. tem perfeita razão. Seria possível, se tentássemos. E, claro, quanto mais agradecidos você nos deixar, tentaremos com mais afinco.

Quintesetz franziu as sobrancelhas.

– Senhor, o que quer dizer?

– Tudo o que precisa fazer é nos falar sobre Gaia, S.Q. – respondeu Trevize.

E toda a luminosidade do rosto de Quintesetz se foi.

4

Quintesetz baixou os olhos. Sua mão mexeu distraidamente no próprio cabelo curto e encaracolado. Então, olhou para Trevize e contraiu os lábios. Era como se estivesse determinado a não dizer nada.

Trevize ergueu as sobrancelhas e esperou, até que, finalmente, Quintestez manifestou-se, de um jeito um tanto estrangulado:

– Está ficando tarde. Lusco-fusco.

Até então, ele vinha falando em claro Padrão Galáctico, mas agora suas palavras assumiram um sotaque esquisito, como se os trejeitos sayshellianos de linguagem estivessem afogando sua educação clássica.

– Lusco-fusco, S.Q.?

– Já é quase de noite.

Trevize concordou com a cabeça.

– Não consigo mais pensar. Além disso, estou com fome. Gostaria de se juntar a nós em um jantar, S.Q., como nosso convidado? Poderíamos, talvez, continuar nossa discussão sobre Gaia.

Quintesetz levantou-se rigidamente. Era mais alto do que os visitantes de Terminus, mas era mais velho e mais gordo, e sua altura não aparentava força. Parecia mais cansado do que quando eles tinham chegado.

– Esqueço minha hospitalidade – Quintesetz encarou os dois. – Vocês são Estrangeiros e não é apropriado que me ciceroneiem. Venham até minha casa. É no *campus* e não é longe e, se desejam continuar a conversa, ficarei mais à vontade para fazê-lo lá do que aqui. Meu único receio – ele pareceu desconfortável – é que posso oferecer apenas uma refeição parcial. Minha esposa e eu somos vegetarianos, e se vocês comem carne, a única coisa que posso fazer é pedir desculpas.

– J.P. e eu ficaremos contentes de ignorar nossa natureza carnívora em uma refeição – disse Trevize. – Sua conversa será mais do que recompensadora, espero.

– Prometo uma refeição interessante, seja como for nossa conversa

– respondeu Quintesetz –, caso seu paladar aprecie nossos temperos sayshellianos. Minha esposa e eu realizamos um raro estudo sobre o assunto.

– Aguardo ansioso por qualquer extravagância que escolha nos servir, S.Q. – afirmou Trevize, friamente, apesar de Pelorat aparentar um pouco de ansiedade em relação às possibilidades.

Quintesetz os conduziu. Os três deixaram a sala e caminharam por um corredor aparentemente infinito, com o sayshelliano cumprimentado estudantes e colegas esporadicamente, mas sem fazer nenhuma menção de apresentar seus companheiros. Trevize ficou inquieto ao notar que outros observavam sua faixa, que calhou de ser de cor cinza, com curiosidade. Uma cor discreta não era algo costumeiro nas vestimentas do *campus*, aparentemente.

Enfim passaram por uma porta que levava ao ar livre. Estava de fato escuro e um tanto frio, com árvores se aglomerando a distância e gramados metodicamente aparados nas laterais do caminho pavimentado.

Pelorat parou, de costas para o brilho das luzes que vinham do prédio do qual haviam acabado de sair e para a iluminação que ladeava as calçadas do *campus*. Olhou diretamente para cima.

– Admirável! – disse. – Há um verso famoso de um dos nossos melhores poetas, que fala sobre "a resplandecência salpicada do sublime céu de Sayshell".

Trevize observou, apreciativo, e disse, em um tom baixo:

– Somos de Terminus, S.Q., e meu amigo, pelo menos, nunca viu outros céus. Em Terminus, vemos apenas a homogênea neblina opaca da Galáxia e algumas poucas estrelas aparentes. Vocês valorizariam o seu céu ainda mais, se tivessem convivido com o nosso.

– Valorizamos ao máximo, garanto – respondeu Quintesetz, solenemente. – Não é tanto por estarmos em uma área pouco povoada da Galáxia, mas sim pela distribuição de estrelas, extraordinariamente homogênea. Não acho que você possa encontrar, em qualquer lugar da Galáxia, estrelas de primeira magnitude distribuídas de maneira tão ampla e em quantidade não exagerada. Vi céus de mundos em extremos de aglomerados globulares e, neles, você vê estrelas de maior brilho em quantidades excessivas. Interfere na escuridão do céu noturno e reduz o esplendor consideravelmente.

– Concordo plenamente – disse Trevize.

– Agora, me pergunto – prosseguiu Quintesetz – se vocês enxergam aquele pentágono quase regular de estrelas de brilho muito semelhante. Cinco Irmãs, é como as chamamos. É naquela direção, logo acima da linha das árvores. Conseguem ver?

– Estou vendo – afirmou Trevize. – Admirável.

– Sim – continuou Quintesetz. – Dizem que simboliza sucesso no amor, e não existe nenhuma carta romântica que não termine com um pentagrama de pontos, que indica o desejo de fazer amor. Cada uma das cinco estrelas representa um estágio diferente do processo e há poemas famosos que competem entre si para fazer cada estágio ser o mais explicitamente erótico possível. Em meus dias de juventude, eu mesmo tentei versificar sobre o assunto, e nunca poderia imaginar que acabaria me tornando tão indiferente às Cinco Irmãs, apesar de ser o destino comum, imagino. Vocês enxergam a estrela pálida quase no centro das Cinco Irmãs?

– Sim.

– Aquela – concluiu Quintesetz – seria a representação do amor não correspondido. Diz a lenda que ela era tão brilhante quanto as outras, mas empalideceu de tristeza – e seguiu caminhando rapidamente.

5

O jantar, Trevize foi forçado a admitir a si mesmo, estava delicioso. Havia uma variedade infinita e os temperos e molhos eram sutis, mas saborosos.

– Todos esses vegetais que, aliás, foram um prazer degustar, são parte da dieta galáctica, não são, S.Q.? – disse Trevize.

– Sim, claro.

– Mas imagino que também incluam vegetação nativa.

– Decerto. O planeta Sayshell era um mundo com oxigênio quando os primeiros colonizadores chegaram, portanto deveria haver vida. E preservamos algumas das espécies nativas, pode ter certeza. Temos extensos parques naturais, nos quais tanto a flora como a fauna primitivas do passado de Sayshell sobrevivem.

– Portanto estão mais avançados do que nós, S.Q. – comentou Pelorat, triste. – Havia pouca vida terrestre em Terminus quando os humanos chegaram e receio que, durante muito tempo, nenhum

esforço conjunto foi realizado para preservar a vida marinha, que produzia o oxigênio que fazia Terminus ser habitável. Atualmente, Terminus tem uma ecologia puramente galáctica.

– Sayshell – respondeu Quintesetz, com um sorriso de orgulho modesto – tem uma longa e sólida tradição de valorização da vida.

E Trevize escolheu aquele momento para dizer:

– Quando deixamos seu escritório, S.Q., creio que era sua intenção nos oferecer um jantar e nos contar sobre Gaia.

A esposa de Quintesetz – uma mulher agradável, rechonchuda e de pele negra, que tinha falado pouco durante a refeição – surpreendeu-se. Atônita, levantou-se e abandonou o aposento sem dizer palavra.

– Receio que minha esposa – disse Quintesetz, desconfortável – seja bastante conservadora. Ela fica um tanto incomodada com a menção de... desse mundo. Por favor, perdoem-na. Mas por que querem saber?

– Receio ser algo importante para o trabalho de J.P.

– Mas por que pergunta a *mim*? Estávamos falando sobre a Terra, robôs, a colonização de Sayshell. O que tudo isso tem a ver com... o que me pergunta?

– Talvez nada, mas existem muitas singularidades sobre esse assunto. Por que sua esposa fica incomodada com a menção de Gaia? Por que *você* fica incomodado? Algumas pessoas falam no assunto sem nenhum problema. Hoje mesmo nos disseram que Gaia é a própria Terra, que abandonou o espaço real e fugiu para o hiperespaço graças ao mal causado pelos seres humanos.

Um olhar de angústia passou pelo rosto de Quintesetz.

– Quem falou essa bobagem? – perguntou.

– Alguém que conheci aqui na universidade.

– É apenas superstição.

– Então não faz parte do dogma central de suas lendas sobre o Enlevo?

– Não, evidentemente. É apenas uma lenda que surgiu entre pessoas comuns e sem educação.

– Está certo disso? – questionou Trevize, friamente.

Quintesetz reclinou-se em sua cadeira e encarou o resto da refeição diante de si.

– Venham para a sala de estar – disse. – Minha esposa não permitirá que este aposento seja limpo e arrumado enquanto estivermos aqui discutindo... isso.

– Tem certeza de que é apenas uma lenda? – repetiu Trevize, uma vez que eles tinham se sentado na outra sala, diante de uma janela côncava que ia até metade do teto, garantindo ampla visão do extraordinário céu noturno de Sayshell. As luzes do aposento diminuíram para não competir com a paisagem e os tons escuros das feições de Quintesetz fundiram-se com as sombras.

– *Você* não tem certeza? – perguntou Quintesetz. – Você acha que algum mundo poderia dissolver-se e ir para o hiperespaço? Precisa entender que o povo médio tem apenas a noção mais vaga do que é o hiperespaço.

– Na verdade – respondeu Trevize –, mesmo eu tenho apenas a noção mais vaga do que é o hiperespaço, e já passei por ele centenas de vezes.

– Deixe-me falar sobre a realidade, então. Garanto que a Terra, onde quer que esteja, não está dentro das fronteiras da Aliança Sayshell, e que o mundo que mencionou não é a Terra.

– Mas mesmo que não conheça a localização da Terra, S.Q., deve saber onde está o mundo que mencionei. *Ele* certamente está dentro das fronteiras da Aliança Sayshell. Sabemos disso, não é mesmo, Pelorat?

Pelorat, que ouvia a conversa um pouco alheio, surpreendeu-se ao ser incluído.

– Se for isso mesmo, Golan – disse –, eu sei onde está.

Trevize virou o rosto para encará-lo.

– Desde quando, Janov?

– Desde poucas horas atrás, meu caro Golan. S.Q., você nos mostrou as Cinco Irmãs no caminho entre o seu escritório e sua casa. Apontou para uma estrela pálida no centro do pentágono. Tenho certeza de que é Gaia.

Quintesetz hesitou. Seu rosto, escondido na meia-luz, estava além de qualquer chance de interpretação. Finalmente, disse:

– Bom, é o que nossos astrônomos nos dizem... em segredo. É um planeta que orbita em torno daquela estrela.

Trevize contemplou Pelorat, mas a expressão no rosto do professor era ilegível. Trevize voltou-se para Quintesetz.

– Então nos conte sobre aquela estrela. Você tem as coordenadas dela?

– Eu? Não. – Quintesetz foi quase violento em sua recusa. – Não

tenho nenhuma coordenada estelar comigo. Pode consegui-las em nosso departamento de astronomia, mas imagino que isso será difícil. Nenhuma viagem àquela estrela é permitida.

– Por que não? Está dentro do seu território, não está?

– Espacialmente, sim. Politicamente, não.

Trevize esperou que algo mais fosse dito. Quando nada surgiu, levantou-se.

– Professor Quintesetz – disse, formalmente –, não sou policial, soldado, diplomata ou brutamontes. Não estou aqui para forçá-lo a dar informações. Em vez disso, devo, contra a minha vontade, entrar em contato com nosso embaixador. Você certamente entende que não sou eu, por interesse pessoal, quem requisita tais informações. Trata-se de um assunto da Fundação e não quero criar um incidente interestelar por causa disso. Creio que a Aliança Sayshell também prefira evitá-lo.

– O que é esse assunto da Fundação?

– Não é algo que eu possa discutir com você. Se Gaia não é algo que possa discutir comigo, vamos transferir os procedimentos para nível governamental e, dadas as circunstâncias, pode ser pior para Sayshell. Este planeta manteve sua independência da Federação e não tenho objeções quanto a isso. Não tenho razão para desejar algo ruim a Sayshell e não quero falar com nosso embaixador. Eu, inclusive, prejudicaria minha própria carreira se o fizesse, pois estou sob rígidas ordens de conseguir essa informação sem criar uma questão governamental. Portanto, peço que me conte se houver algum motivo concreto para que não possa falar sobre Gaia. Será preso ou punido de alguma maneira se o fizer? Dirá abertamente que não tenho escolha além de buscar apoio do embaixador?

– Não, não – respondeu Quintesetz, soando totalmente confuso. – Não sei nada sobre assuntos do governo. Simplesmente não falamos sobre aquele mundo.

– Superstição?

– Bem, sim! Superstição! Pelos céus de Sayshell, de que forma sou superior à tola pessoa que disse que Gaia está no hiperespaço, ou à minha esposa, que não consegue nem ficar no mesmo aposento em que Gaia é mencionada e que talvez tenha até saído de casa com medo de ser destruída por...

– Relâmpagos?

– Por *alguma* punição externa. E eu, até mesmo eu, hesito em

pronunciar tal nome. Gaia! Gaia! Esta palavra não fere! Estou ileso! Ainda assim, hesito. Mas, por favor, acredite em mim quando digo honestamente que não sei as coordenadas para alcançar a estrela de Gaia. Posso tentar ajudá-lo a consegui-las, se forem de alguma utilidade, mas permita-me dizer que não falamos sobre aquele mundo aqui na Aliança. Mantemos nossas mãos e nossa mente longe dele. Posso dizer que pouco é conhecido... conhecido, e não suposto, e duvido que possam descobrir algo a mais nos planetas-membros da Aliança. Sabemos que Gaia é um mundo antigo e há algumas pessoas que acreditam ser o mundo mais velho deste setor da Galáxia, mas não temos certeza. O patriotismo diz que o planeta Sayshell é o mais antigo; o medo nos diz que é o planeta Gaia. O único jeito de combinar os dois é supor que Gaia é a Terra, pois se sabe que Sayshell foi colonizado por terráqueos. A maioria dos historiadores acredita, sem se manifestar – continuou Quintesetz –, que o planeta Gaia foi fundado independentemente. Acreditam que não seja uma colônia de nenhum dos planetas de nossa Aliança, e que a Aliança não foi colonizada por Gaia. Não existe consenso sobre uma época comparativa no que diz respeito a Gaia ter sido colonizada antes ou depois de Sayshell.

– Até agora – disse Trevize –, o que você sabe é o mesmo que nada, pois cada alternativa é a crença de alguma outra pessoa.

Quintesetz concordou com a cabeça, pesarosamente.

– É o que parece – disse. – Tornamo-nos conscientes da existência de Gaia relativamente tarde em nossa história. Antes, estávamos preocupados em formar a Aliança, depois em enfrentar o Império Galáctico, e então em tentar encontrar nosso papel como província imperial e limitar o poder dos vice-reis. Somente na época em que a fraqueza do Império estava bastante avançada é que um dos últimos vice-reis, que estava sob um controle central bastante debilitado na época, percebeu a existência de Gaia e pareceu manter sua independência da província de Sayshell e até mesmo do Império. O planeta ficou por conta própria em seu isolamento e segredo; por isso, praticamente nada além do que se sabe hoje foi descoberto sobre ele. O vice-rei decidiu conquistá-lo. Não temos detalhes sobre o que aconteceu, mas sua expedição foi dizimada e poucas espaçonaves voltaram. Naqueles dias, evidentemente, as naves não eram muito boas nem muito bem comandadas.

Quintesetz continuou:

– Sayshell ficou satisfeita com a ruína do vice-rei, que era considerado um opressor imperialista, e a situação levou quase diretamente ao restabelecimento de nossa independência. A Aliança Sayshell rompeu relações com o Império e até hoje celebramos o aniversário dessa ocasião, no chamado Dia da Aliança. Deixamos Gaia em paz por quase um século praticamente por gratidão, mas então chegou o momento em que tínhamos poder suficiente para pensar em nossa própria expansão imperialista. Por que não conquistar Gaia? Por que não estabelecer uma Aliança Alfandegária, ao menos? Enviamos uma frota e ela também foi dizimada. Desde então, nos limitamos a tentativas esporádicas de comércio, invariavelmente malsucedidas. Gaia permaneceu em sólido isolamento e nunca, até onde saibamos, fez a menor tentativa de comercializar ou de se comunicar com qualquer outro mundo. E certamente nunca fez o menor movimento hostil contra ninguém, em nenhuma direção. E então...

Quintesetz aumentou a intensidade da iluminação ao tocar um painel de controle no braço de sua poltrona. Sob a luz, seu rosto assumiu uma expressão claramente sardônica.

– Por serem cidadãos da Fundação – continuou –, talvez se lembrem do Mulo.

Trevize enrubesceu. Em cinco séculos de existência, a Fundação fora derrotada apenas uma vez. A dominação fora apenas temporária e não interferiu seriamente no trajeto rumo ao Segundo Império, mas é certo que alguém que desejasse antagonizar a Fundação e cutucar seu orgulho mencionaria o Mulo, seu único dominador. E era provável (pensou Trevize) que Quintesetz tivesse aumentado a iluminação para *ver* o orgulho ferido de um membro da Fundação.

– Sim, nós da Fundação nos lembramos do Mulo – respondeu Trevize.

– O Mulo – prosseguiu Quintesetz – comandou durante algum tempo um Império tão grande quanto a atual Federação sob o controle da Fundação. Mas ele não comandou a *nós*. Deixou-nos em paz. Entretanto, passou por Sayshell certa vez. Assinamos uma declaração de neutralidade e um manifesto de cordialidade. Ele não pediu nada além disso. Éramos os únicos de quem ele não exigiu mais nada nos dias anteriores à sua doença, que freou sua expansão e o forçou a esperar pela morte. Saibam que ele não era um homem irracional. Não

usava força irracional, não era sangrento, governava humanamente.

– O problema é que era um conquistador – disse Trevize, sarcasticamente.

– Como a Fundação – respondeu Quintesetz.

Trevize, sem uma resposta pronta, disse, irritado:

– Tem mais a dizer sobre Gaia?

– Apenas uma afirmação do Mulo. De acordo com o relato do encontro histórico entre o Mulo e o presidente Kallo, da Aliança, o Mulo teria assinado o documento com um floreio e dito: "Por este documento, os senhores são neutros até mesmo em relação a Gaia, o que é afortunado. Nem mesmo eu me aproximo de Gaia".

– Por que ele faria algo assim? – Trevize negou com a cabeça. – Sayshell estava ansioso para declarar neutralidade e não havia nenhum registro de Gaia incomodando ninguém. Na época, o Mulo planejava a conquista de toda a Galáxia, então por que demorar-se com insignificâncias? Haveria tempo suficiente para se virar contra Sayshell *e* também contra Gaia, uma vez que a conquista fosse completa.

– Talvez, talvez – respondeu Quintesetz. – Mas, de acordo com uma testemunha na época, alguém em quem tendemos a acreditar, o Mulo pousou a caneta quando disse "nem mesmo eu me aproximo de Gaia". Então, sua voz diminuiu e, em um sussurro que ninguém deveria ter ouvido, disse "novamente".

– Que ninguém deveria ter ouvido, você diz. Então como ele foi ouvido?

– Por que sua caneta rolou da mesa quando ele a pousou e o sayshelliano automaticamente se inclinou para pegá-la. Seu ouvido estava próximo da boca do Mulo quando a palavra "novamente" foi dita e ele a ouviu. Não mencionou nada até depois da morte do Mulo.

– Como pode provar que não foi uma invenção?

– A vida daquele homem não é do tipo que tornaria provável ele ter inventado algo assim. Seu relato é aceito.

– E se foi inventado?

– O Mulo nunca esteve na Aliança Sayshell, nem mesmo próximo dela, exceto naquele momento; pelo menos, não depois de ter aparecido no cenário galáctico. Se esteve em Gaia, precisaria tê-lo feito antes de surgir no cenário galáctico.

– E então?

– E então, onde o Mulo nasceu?

– Creio que ninguém saiba – respondeu Trevize.

– Na Aliança Sayshell, há uma forte crença de que ele nasceu em Gaia.

– Por causa dessa única palavra?

– Em parte. O Mulo não podia ser derrotado porque tinha estranhos poderes mentais. Gaia também não pode ser derrotada.

– Gaia *ainda* não foi derrotada. Isso não prova necessariamente que seja impossível.

– Nem mesmo o Mulo se aproximaria. Busque os registros de sua nave-mãe. Veja se algum setor além da Aliança Sayshell foi tratado com tanta cautela. E você sabia que ninguém que tenha ido até Gaia com intenções de comércio pacífico retornou? Por que acha que sabemos tão pouco sobre aquele planeta?

– Sua atitude parece bastante com superstição – respondeu Trevize.

– Chame do que quiser. Desde a época do Mulo, eliminamos Gaia de nossos pensamentos. Não queremos que Gaia pense em nós. Só nos sentimos seguros se fingirmos que não está lá. Pode ser até que o próprio governo tenha secretamente iniciado e encorajado a lenda de que Gaia desapareceu e foi para o hiperespaço, na esperança de que as pessoas esqueçam que existe uma estrela real com esse nome.

– Então você acredita que Gaia é um mundo de Mulos?

– Talvez seja. Aconselho, para o *seu* bem, que não vá até lá. Se o fizer, nunca mais voltará. Se a Fundação interferir em Gaia, demonstrará menos inteligência do que o Mulo demonstrou. Pode dizer *isso* ao seu embaixador.

– Consiga-me as coordenadas – retrucou Trevize –, e sairei de seu planeta imediatamente. Visitarei Gaia e voltarei.

– Conseguirei as coordenadas – disse Quintesetz. – Evidentemente, o departamento de astronomia funciona de madrugada, e as conseguirei *agora*, se puder. Mas permita-me recomendar mais uma vez que não façam nenhuma tentativa de chegar a Gaia.

– Pretendemos tentar – respondeu Trevize.

– Então tentarão o suicídio – disse Quintesetz, severamente.

Adiante!

1

Janov Pelorat olhou para fora da *Estrela Distante* e observou a paisagem pálida do amanhecer cinzento com uma estranha mistura de arrependimento e incerteza.

– Não permanecemos tempo suficiente, Golan. Parece ser um mundo agradável e interessante. Eu gostaria de aprender mais sobre ele.

Trevize ergueu os olhos do computador com um sorriso torto.

– Pensa que eu não gostaria? Tivemos apenas três refeições apropriadas no planeta, totalmente diferentes entre si, cada uma excelente. Queria experimentar mais. E as únicas mulheres que vimos, vimos rapidamente... e algumas delas pareciam bastante estimulantes para... bom, para o que tenho em mente.

– Oh, meu caro colega – o nariz de Pelorat contorceu-se. – Aquelas campainhas que elas chamam de sapatos, e todas embrulhadas em cores conflitantes, e o que é aquilo que elas fazem com os cílios? Reparou em seus cílios?

– Reparei em tudo, Janov, pode acreditar. Suas objeções são superficiais. Elas podem ser facilmente persuadidas a lavar o rosto e, no momento adequado, a tirar os sapatos e as cores.

– Acreditarei em sua palavra nesse assunto, Golan – respondeu Pelorat. – Mas estava pensando, na realidade, em investigar mais profundamente a questão da Terra. O que nos informaram sobre a Terra até agora foi tão insatisfatório, tão incoerente... radiação de acordo com um, robôs de acordo com outro.

– Morte em ambos os casos.

– Fato – disse Pelorat, com relutância –, mas pode ser que um seja fato, e o outro não, ou ambos sejam fatos até certo ponto, ou que nenhum dos dois seja fato. Decerto, Janov, quando você ouve histórias

que apenas anuviam de forma cada vez mais densa as dúvidas, *decerto* sente o impulso de explorar, de descobrir.

– E sinto – respondeu Golan –, por cada estrela anã da Galáxia, eu sinto. Mas o problema em questão é Gaia. Uma vez que isso tenha sido esclarecido, poderemos ir à Terra, ou voltar aqui a Sayshell para uma estadia mais extensa. Mas, primeiro, Gaia.

– O problema em questão! – concordou Pelorat com a cabeça. – Se aceitarmos o que Quintesetz nos disse, a morte nos aguarda em Gaia. Deveríamos mesmo ir?

– Eu me faço a mesma pergunta – respondeu Trevize. – Tem medo?

Pelorat hesitou como se estivesse sondando os próprios sentimentos. Então, disse, de maneira simples e direta:

– Sim. Um medo terrível!

Trevize reclinou-se na cadeira e girou-a no eixo para encarar o outro.

– Janov – disse, com tanta calma e tão diretamente quanto Pelorat demonstrou –, não há nenhum motivo para você se arriscar. Basta me dizer e o deixarei em Sayshell com todos os seus pertences e metade de nossos créditos. Eu o buscarei quando voltar e seguiremos para o Setor Sirius, se desejar, ou para a Terra, se for o caso. Se eu não retornar, os membros da Fundação em Sayshell providenciarão sua volta para Terminus. Nenhum ressentimento se desejar ficar para trás, velho amigo.

Os olhos de Pelorat piscaram rapidamente e seus lábios se contraíram por uns instantes.

– Velho amigo – disse, com voz rouca. – Nós nos conhecemos a, o que, uma semana, mais ou menos? É estranho que eu opte por me recusar a deixar a nave? Tenho medo, é um fato, mas quero permanecer com você.

Trevize moveu as mãos em um gesto de incerteza.

– Mas por quê? – perguntou. – Sinceramente, não exijo isso de você.

– Não sei bem por que, mas exijo de mim mesmo. É que... é que... Golan, tenho fé em você. Parece-me que você sempre sabe o que está fazendo. Eu queria ir a Trantor, onde, agora vejo, provavelmente nada teria acontecido. *Você* insistiu em Gaia e Gaia deve ser, de alguma maneira, um nervo exposto na Galáxia. As coisas parecem *estar relacionados* a ela. E se isso não fosse suficiente, Golan, testemunhei

você forçar Quintesetz a dar as informações sobre Gaia. Foi um blefe *bastante* habilidoso. Fiquei perdido de admiração.

– Então você tem fé em mim.

– Sim, tenho – respondeu Pelorat.

Trevize pousou a mão no antebraço de Pelorat e pareceu, por um momento, buscar as palavras.

– Janov – disse –, você me perdoará antecipadamente se meu discernimento estiver errado, e você, de um jeito ou de outro, ficar face a face com o que pode haver de ruim à nossa espera?

– Oh, meu caro colega, por que pergunta? – respondeu Pelorat. – Tomo a decisão livremente, pelas *minhas* razões, não pelas suas. E, por favor, vamos partir rapidamente. Não confio que minha covardia não venha me agarrar pela garganta e me envergonhe pelo resto da minha vida.

– Como quiser, Janov – disse Trevize. – Partiremos tão cedo quanto o computador permitir. Desta vez, prosseguiremos gravitacionalmente, direto para cima, assim que pudermos garantir que a atmosfera acima esteja livre de naves. E, conforme a atmosfera em volta ficar menos densa, ganharemos mais velocidade. Dentro de uma hora, estaremos no espaço sideral.

– Ótimo – disse Pelorat, e arrancou a ponta da tampa de um copo plástico de café. O orifício resultante começou a exalar vapor imediatamente. Pelorat colocou o bocal nos lábios e bebericou, permitindo que ar entrasse em sua boca para esfriar o café até uma temperatura agradável.

– Você aprendeu a usar essas coisas maravilhosamente – comentou Trevize. – Você é um veterano do espaço, Janov.

Pelorat encarou o copo plástico por um instante e disse:

– Agora que temos uma nave que pode ajustar um campo gravitacional como bem entendermos, voltaremos a usar copos comuns, não?

– Pois claro. Mas você não conseguirá que as pessoas do espaço desistam de seus aparatos espaciais. Como pode um explorador espacial se diferenciar do humano rastejante que era no passado se continuar a usar somente copos abertos? Vê aquelas argolas nas paredes e no teto? Elas foram tradicionais em espaçonaves por mais de vinte mil anos, mas são totalmente inúteis em uma nave gravitacional. Ainda assim, lá estão elas, e aposto a nave inteira em troca de uma

xícara de café que seu explorador espacial fingiria estar sendo esmagado até ficar sem ar na decolagem e então iria de um lado para o outro usando as argolas, como se estivesse em gravidade zero, quando, na verdade, está em G-1 (ou seja, gravidade normal) em ambos os momentos.

– Está brincando.

– Bom, talvez um pouco, mas há sempre inércia social em tudo, até mesmo em avanços tecnológicos. Aquelas argolas inúteis estão aqui e os copos que nos dão têm bicos.

Pelorat concordou com a cabeça, pensativo, e continuou bebendo seu café.

– E quando decolaremos? – perguntou, enfim.

– Te peguei – riu Trevize, cordialmente. – Comecei a falar sobre as argolas nas paredes e você nem percebeu que estávamos decolando naquele exato momento. Estamos a mil e seiscentos metros de altura agora mesmo.

– Não pode estar falando sério.

– Olhe para fora.

Assim Pelorat o fez.

– Mas não senti nada – disse.

– E não deveria sentir.

– Não estamos quebrando protocolos? Certamente deveríamos ter seguido um sinal de rádio em uma espiral ascendente, como fizemos com a espiral descendente da aterrissagem.

– Não há motivo para tanto, Janov. Ninguém nos impedirá. Ninguém.

– Mas, ao descermos, você disse...

– Era diferente. Estavam ansiosos com a nossa chegada, mas estão felizes de nos ver partir.

– Por que diz isso, Golan? A única pessoa que conversou conosco sobre Gaia foi Quintesetz, e ele implorou que não fôssemos para lá.

– Não acredite nisso, Janov. Foi apenas formalidade. Ele fez de tudo para garantir que fôssemos a Gaia. Janov, você admirou a maneira como blefei para conseguir a informação de Quintesetz. Lamento, mas não mereço tal admiração. Se eu não tivesse feito nada, ele teria nos oferecido a informação. Se eu tivesse tapado os ouvidos, ele teria gritado.

– Por que diz isso, Golan? É insano.

– Paranoico? Sim, eu sei – Trevize voltou-se para o computador e focou sua atenção na tela. – Não estamos sendo impedidos. Nenhuma nave a distância que permita interferência, nenhuma mensagem de aviso de nenhum tipo.

Mais uma vez, Trevize girou na direção de Pelorat.

– Conte-me, Janov – disse –, como descobriu sobre Gaia? Você sabia sobre Gaia quando ainda estávamos em Terminus. Sabia que era no Setor Sayshell. Sabia que o nome era alguma versão de "Terra". Onde ouviu tudo isso?

Pelorat pareceu ficar tenso.

– Se eu estivesse em meu escritório em Terminus – respondeu –, poderia consultar meus arquivos. Não trouxe *tudo* comigo, certamente não as datas nas quais encontrei esse ou aquele dado.

– Bem, pense nisso – disse Trevize, com severidade. – Considere que os próprios sayshellianos não abrem a boca sobre o assunto. São tão relutantes para falar factualmente sobre Gaia que encorajam uma superstição para levar os habitantes comuns do setor a crer que tal planeta não existe no espaço comum. Na verdade, posso ir além. Veja isto.

Trevize virou-se para o computador; seus dedos correram pelos apoios de mão com a facilidade e a graça de muito treino. Quando posicionou suas mãos nos receptores, sentiu o toque quente e acolhedor dos circuitos. Sentiu-se, mais uma vez, como se sua consciência fosse projetada para fora.

– Este é o mapa galáctico do computador – disse –, como existia na memória antes de pousarmos em Sayshell. Mostrarei o trecho do mapa que representa o céu noturno de Sayshell como o vimos na noite passada.

A sala escureceu e uma representação do céu noturno surgiu na tela.

– Tão bonito quanto o que vimos da superfície de Sayshell – comentou Pelorat, em tom baixo.

– *Mais* bonito – disse Trevize, impaciente. – Não existe interferência atmosférica de nenhum tipo, nenhuma nuvem, nenhuma distorção no horizonte. Mas espere, vou fazer um ajuste.

A imagem movimentou-se uniformemente, dando aos dois a desconfortável sensação de que eram eles que se deslocavam. Pelorat instintivamente segurou os braços de sua cadeira para se manter

firme.

– Ali! – disse Trevize. – Reconhece aquilo?

– Evidentemente. São as Cinco Irmãs, o pentágono de estrelas que Quintesetz nos mostrou. É inconfundível.

– Sim, de fato. Mas onde está Gaia?

Pelorat piscou. Não havia nenhuma estrela pálida ao centro.

– Não está ali – disse.

– Exato. Não está ali. Isso porque sua localização não está incluída nos bancos de dados do computador. Como é pouco provável que esses bancos de dados tenham sido deliberadamente mantidos incompletos no que diz respeito a esse assunto para que possamos descobrir por conta própria, concluo que, para os galactógrafos da Fundação que criaram tais bancos (e que têm quantidades colossais de informação ao seu dispor), Gaia é desconhecida.

– Será que – começou Pelorat –, se tivéssemos ido a Trantor...

– Suspeito que lá também não encontraríamos dados sobre Gaia. Sua existência é mantida em segredo pelos sayshellianos... e ainda mais, imagino, pelos próprios gaianos. Você mesmo disse, alguns dias atrás, que não é totalmente incomum que alguns planetas fiquem deliberadamente fora de vista para evitar taxações ou interferências externas.

– No geral – respondeu Pelorat –, quando cartógrafos e estatísticos encontram um mundo desse tipo, é localizado em seções da Galáxia em que a população é rarefeita. Seu isolamento torna possível a discrição. Gaia não é isolada.

– De fato. É outra coisa que a faz ser incomum. Portanto, vamos deixar esse mapa na tela para que continuemos a questionar a ignorância de nossos galactógrafos. E deixe-me perguntar de novo. Considerando esse desconhecimento por parte de pessoas das mais cultas, como *você* ouviu falar sobre Gaia?

– Venho coletando dados a respeito de mitos, lendas e histórias sobre a Terra há trinta anos, meu caro Golan. Sem meus registros completos, como eu poderia...

– Podemos começar de algum lugar, Janov. Descobriu sobre isso, digamos, nos primeiros quinze anos de suas pesquisas, ou nos últimos?

– Oh! Bem, se formos tão abrangentes, foi na segunda metade.

– Você pode ir mais longe do que isso. E se eu sugerir que você ficou sabendo sobre Gaia nos anos mais recentes?

Trevize olhou na direção de Pelorat, sentiu sua incapacidade de ler expressões faciais na escuridão, e aumentou um pouco o nível de iluminação da sala. A gloriosa representação do céu noturno na tela escureceu-se proporcionalmente. A expressão de Pelorat era fria e não revelava nada.

– E então? – perguntou Trevize.

– Estou pensando – respondeu Pelorat, suavemente. – Você talvez esteja certo, mas eu não colocaria minhas mãos no fogo. Quando escrevi a Jimbor, da Universidade Ledbet, não mencionei Gaia, apesar de que, nesse caso, teria sido apropriado fazê-lo, e isso foi em, deixe-me ver... Em '95, três anos atrás. Acho que está certo, Golan.

– E como encontrou a informação? – questionou Trevize. – Uma troca de informações? Um livro? Um artigo científico? Alguma canção antiga? Como? Pense!

Pelorat recostou-se e cruzou os braços. Aprofundou-se em seus pensamentos e não se moveu. Trevize ficou em silêncio e esperou.

– Em uma comunicação particular – respondeu, enfim. – Mas não adianta me perguntar com quem, meu caro colega. Não me lembro.

Trevize passou as mãos pela faixa de sua vestimenta. Elas ficavam frias e suadas conforme ele se esforçava para extrair informações sem coagir explicitamente o raciocínio do outro.

– Um historiador? – perguntou. – Um especialista em mitologia? Um galactógrafo?

– Não adianta. Não consigo associar um nome à comunicação.

– Porque talvez não haja nenhum.

– Oh, não. Isso parece algo de probabilidade escassa.

– Por quê? Você teria rejeitado uma comunicação anônima?

– Creio que não.

– Já recebeu alguma?

– Uma vez, há muito tempo. Em anos recentes, tornei-me conhecido em certos círculos acadêmicos como um colecionador de tipos específicos de mitos e lendas e, ocasionalmente, alguns de meus correspondentes, com muita gentileza, me encaminhavam material que tiravam de fontes não acadêmicas. Às vezes, esses materiais não tinham conexões com ninguém em especial.

– Pois bem. Mas você já recebeu informações anônimas diretamente, e não por meio de um contato acadêmico?

– De vez em quando, mas era raro.

– Tem certeza de que não foi assim com os dados sobre Gaia?

– Tais comunicações anônimas aconteciam tão esporadicamente que eu decerto lembraria se este fosse um dos casos. Não posso afirmar com certeza que a informação não teve uma origem anônima. Mas isso não quer dizer que eu tenha a recebido de uma fonte não identificada.

– Tenho consciência disso. Mas continua uma possibilidade, não continua?

– Creio que sim – disse Pelorat, relutante. – Mas aonde quer chegar?

– Ainda não terminei – retrucou Trevize, com firmeza. – Mesmo que tenha sido anônima, ou não, de onde veio a informação? De que mundo?

– Deixe disso – Pelorat deu de ombros. – Não faço a menor ideia.

– Seria possível ter vindo de Sayshell?

– Eu já disse. Não sei.

– Estou sugerindo que *de fato* veio de Sayshell.

– Pode sugerir o que quiser, isso não significa necessariamente que seja verdade.

– Não? Quando Quintesetz apontou a estrela pálida ao centro das Cinco Irmãs, você soube imediatamente que era Gaia. Falou mais tarde para Quintesetz, identificando-a antes que ele o fizesse. Lembra-se?

– Sim, claro.

– Como foi possível? Como você reconheceu imediatamente que a estrela pálida era Gaia?

– Porque, no material que tenho sobre Gaia, o planeta era raramente chamado por esse nome. Eufemismos de diferentes tipos são comuns. Um dos eufemismos, usado diversas vezes, é "o Irmão mais novo das Cinco Irmãs". Outro é "o Centro do Pentágono", e, às vezes, era chamado de "0 Pentágono". Quando Quintesetz indicou as Cinco Irmãs e a estrela central, as alusões inevitavelmente me vieram à cabeça.

– Não mencionou essas alusões antes.

– Não sabia o que elas significavam e não achei que seria importante discutir a questão com você, que é um... – Pelorat hesitou.

– Um leigo?

– Sim.

– Espero que você tenha consciência de que o pentágono das Cinco Irmãs é uma forma totalmente relativa.

– O que quer dizer?

Trevize riu afetuosamente.

– Seu humano rastejante – disse. – Acha que o céu tem um formato concreto? Que as estrelas estão pregadas em seus lugares? O pentágono tem a forma que tem somente do ponto de vista dos planetas do sistema planetário ao qual o planeta Sayshell pertence, e *só* dali. Considerando um mundo que orbite em torno de qualquer outra estrela, a aparência das Cinco Irmãs é diferente. São vistas de outro ângulo, para começar. Além disso, as cinco estrelas do pentágono estão a distâncias diferentes de Sayshell e, vistas de outros ângulos, não haveria nenhuma relação visível entre elas. Uma ou duas estrelas poderiam estar em uma metade do céu; as outras, na outra metade. Veja só...

Trevize escureceu o aposento mais uma vez e inclinou-se sobre o computador.

– Existem oitenta e seis sistemas planetários povoados que compõem a Aliança Sayshell. Vamos manter Gaia, ou o lugar em que deve estar localizado, fixo. – Conforme Trevize disse isso, um pequeno círculo vermelho apareceu no centro do pentágono das Cinco Irmãs. – E vamos passar para os céus como seriam vistos a partir de qualquer outro dos oitenta e seis planetas, um escolhido aleatoriamente.

O céu foi alterado e Pelorat piscou. O pequeno círculo vermelho permaneceu no centro da tela, mas as Cinco Irmãs desapareceram. Havia estrelas brilhantes nas imediações, mas nenhum pentágono evidente. O céu mudou mais uma vez, e mais outra, e mais outra. Continuou mudando. O círculo vermelho permaneceu no lugar, mas em nenhum momento surgiu um pentágono de estrelas igualmente brilhantes. De vez em quando, o que poderia ser um pentágono distorcido de estrelas, com brilhos desiguais, surgia, mas nada como o magnífico asterismo que Quintesetz lhes mostrara.

– Viu o suficiente? – perguntou Trevize. – Eu garanto, é impossível ver as Cinco Irmãs exatamente como as vimos se você estiver na superfície de qualquer planeta povoado que não seja um dos mundos do sistema planetário de Sayshell.

– O ponto de vista sayshelliano pode ter sido exportado para outros planetas. Havia muitos provérbios nos tempos imperiais (alguns que

permanecem até nossa época, na verdade) trantorcentristas.

– Com Sayshell tão resguardado em relação a Gaia quanto sabemos que eles são? E por que os mundos fora da Aliança Sayshell se interessariam por isso? Por que se importariam com o "Irmão mais novo das Cinco Irmãs" se não há nada em seus céus para onde possam apontar?

– Talvez esteja certo.

– Então você percebe que sua informação original deve ter vindo de Sayshell? E não apenas de algum lugar da Aliança, mas precisamente do sistema planetário em que está o mundo capital da Aliança?

– Você faz parecer verdade, mas não é algo de que consigo me lembrar. Simplesmente não lembro.

– Ainda assim, reconhece a força do meu raciocínio, não?

– Sim, reconheço.

– Próxima questão. Quando você acredita ter sido a origem da lenda?

– Qualquer época. Eu diria que foi criada muito tempo atrás, na Era Imperial. Tem características de...

– Você está equivocado, Janov. As Cinco Irmãs estão razoavelmente próximas do planeta Sayshell, o que justifica o brilho intenso. Quatro delas têm grande movimento próprio e nenhuma delas faz parte de uma família; portanto, elas se movem em direções diferentes. Observe o que acontece quando eu retrocedo o mapa temporalmente.

Mais uma vez, o círculo vermelho que indicava a localização de Gaia permaneceu no lugar, mas o pentágono lentamente se desfez, enquanto quatro estrelas se moviam em direções diferentes e a quinta girava de leve.

– Veja isso, Janov – disse Trevize. – Você diria que se trata de um pentágono regular?

– Claramente deformado – respondeu Pelorat.

– E Gaia está no centro?

– Não, está bem para a lateral.

– Pois bem. Era essa a aparência do asterismo cento e cinquenta anos atrás. Um século e meio, só isso. O material que você recebeu sobre o "Centro do Pentágono" e tudo o mais não fazia nenhum sentido em *lugar nenhum*, nem mesmo em Sayshell, até esse século. O conteúdo que recebeu deve ter se originado em Sayshell e em algum momento deste século, talvez na última década. E você o recebeu,

mesmo que Sayshell seja tão reservado em relação a Gaia.

Trevize acendeu as luzes, desativou o mapa estelar e permaneceu sentado, encarando Pelorat com severidade.

– Estou confuso – disse Pelorat. – O que está dizendo?

– Diga-me você! Pense! De alguma maneira, coloquei na minha cabeça que a Segunda Fundação ainda existe. Estava fazendo uma palestra durante minha campanha eleitoral. Comecei uma estratégia emotiva concebida para conquistar votos dos indecisos com um dramático "se a Segunda Fundação ainda existisse..." e, mais tarde naquele mesmo dia, me perguntei: e se ela ainda existir *mesmo*? Comecei a ler livros de história e, dentro de uma semana, estava convencido. Não havia nenhuma prova concreta, mas a vida toda senti que tenho talento para chegar a conclusões corretas a partir de um monte de especulações. Mas dessa vez...

Trevize meditou por uns instantes e continuou:

– E veja o que aconteceu desde então. De todas as pessoas, escolhi Compor como meu confidente, e ele me traiu. Então a prefeita Branno me prendeu e me exilou. Por que me exilar, em vez de apenas me manter preso ou tentar coagir-me a me calar? E por que em uma espaçonave com tecnologia de ponta, que me garante o poder extraordinário de saltar pela Galáxia? E por que, acima de tudo, ela insistiu para que eu o levasse e sugeriu que eu o ajudasse em sua busca pela Terra? E por que – continuou – eu tinha tanta certeza de que não devíamos ir a Trantor? Eu estava convencido de que você tinha um alvo melhor para a nossa investigação, e você mencionou, no mesmo instante, o misterioso mundo de Gaia, sobre o qual, como agora é evidente, obteve informações sob circunstâncias bastante misteriosas. Seguimos para Sayshell, a primeira parada lógica, e imediatamente encontramos Compor, que nos oferece uma história circunstancial sobre a Terra e sua morte. Ele então garante que sua localização é no Setor Sirius e nos incita a seguir para lá.

– Aí está – disse Pelorat. – Você parece estar sugerindo que todas as circunstâncias nos forçam a ir para Gaia, mas, como diz, Compor tentou nos persuadir a seguir para outro lugar.

– E, ao reagir a isso, fiquei determinado a continuar nossa linha original de investigação graças à minha pura desconfiança em relação àquele homem. Você não julgaria possível que ele estivesse contando justamente com isso? Ele pode deliberadamente ter dito para irmos a

outro lugar apenas para evitar que o fizéssemos.

– Mero exagero – murmurou Pelorat.

– Será? Continuemos. Entramos em contato com Quintesetz simplesmente por ele estar próximo...

– Não é verdade – respondeu Pelorat. – Reconheci o nome.

– Pareceu-lhe familiar. Você nunca tinha lido nada de autoria dele – ou, pelo menos, não se lembrava. Por que era familiar? De qualquer forma, ele coincidentemente tinha lido um artigo seu e ficou impressionado pelo texto... qual a probabilidade *disso*? Você mesmo admite que sua obra não é amplamente conhecida. Além disso, a moça que nos levou até ele mencionou Gaia voluntariamente e nos disse que está no hiperespaço, como se para garantir que tivéssemos isso em mente. Quando indagamos Quintesetz sobre tal fato, ele se comportou como se não quisesse falar no assunto, mas não nos expulsou, mesmo que eu tenha sido bastante rude com ele. Em vez disso, nos levou à própria casa e, no caminho, se deu ao trabalho de apontar as Cinco Irmãs. Fez questão, inclusive, de que reparássemos na estrela pálida ao centro. Por quê? Não é tudo isso uma extraordinária concatenação de coincidências?

– Se você listar dessa maneira... – disse Pelorat.

– Liste como bem entender – respondeu Trevize. – Não acredito em extraordinárias concatenações de coincidências.

– Mas, então, o que tudo isso quer dizer? Estamos sendo manipulados para ir a Gaia?

– Sim.

– Por quem?

– Não há dúvidas quanto a isso. O que é capaz de ajustar mentes, de conduzir sutilmente essa ou aquela pessoa ou de desviar progressos para essa ou aquela direção?

– Você dirá que é a Segunda Fundação.

– O que nos disseram sobre Gaia? É intocável. Frotas que agem contra ela são destruídas. Pessoas que vão até lá nunca voltam. Até mesmo o Mulo evitou manifestar-se contra ela... e, na realidade, o Mulo provavelmente nasceu lá. Parece certo que Gaia *é* a Segunda Fundação, e encontrá-la é, afinal de contas, meu objetivo.

Pelorat negou com a cabeça.

– De acordo com alguns historiadores – disse –, a Segunda Fundação derrotou o Mulo. Como ele poderia ter sido um deles?

– Um renegado, suponho.

– Mas por que seríamos tão incansavelmente manipulados pela própria Segunda Fundação para encontrá-la?

Os olhos de Trevize estavam fora de foco; sua testa enrugou.

– Vamos raciocinar – disse. – Aparentemente, sempre foi importante para a Segunda Fundação que somente o mínimo de informação possível sobre ela estivesse disponível para a Galáxia. O ideal seria que sua própria existência permanecesse desconhecida. Sabemos isso sobre eles. Por cento e vinte anos, acreditou-se que a Segunda Fundação estivesse extinta, e isso deve ter-lhes sido conveniente até o cerne da Galáxia. Ainda assim, quando comecei a suspeitar de que eles ainda existem, não fizeram nada. Compor sabia. Eles poderiam tê-lo usado para calar-me de alguma maneira... talvez até me assassinar. Porém, não fizeram nada.

– Eles fizeram com que você fosse preso – disse Pelorat –, se quiser culpar a Segunda Fundação por tal fato. De acordo com o que me contou, isso fez com que as pessoas de Terminus não ficassem sabendo de seu ponto de vista. Os membros da Segunda Fundação conseguiram isso sem violência e talvez sejam adeptos da frase de Salvor Hardin, "a violência é o último refúgio do incompetente".

– Mas esconder minhas opiniões do povo de Terminus não resulta em nada. A prefeita Branno conhece minhas teorias e, no mínimo, deve se perguntar se estou certo. Portanto, agora é tarde demais para eles nos prejudicarem, entende? Se tivessem se livrado de mim logo no início, estariam livres. Se tivessem me deixado quieto, talvez também tivessem ficado livres, pois poderiam ter manipulado Terminus a acreditar que eu sou um excêntrico, talvez até um louco. A possibilidade de ruína da minha carreira política poderia até ter me forçado a ficar quieto assim que vi as consequências da manifestação de minhas crenças. E agora – continuou – é tarde demais para que façam alguma coisa. A prefeita Branno ficou desconfiada o suficiente para mandar Compor atrás de mim, e, como também não tem nenhuma fé nele, pois é mais sábia do que eu, instalou um hipertransmissor em sua nave. Consequentemente, ela sabe que estamos em Sayshell. Na noite passada, enquanto você estava dormindo, mandei o computador enviar uma mensagem diretamente para o computador do embaixador da Fundação aqui em Sayshell explicando que estamos a caminho de Gaia. Fiz questão de enviar as

coordenadas. Se a Segunda Fundação fizer alguma coisa contra nós agora, estou certo de que Branno abrirá uma investigação, e a atenção concentrada da Fundação é certamente algo que eles não querem.

– Eles se importariam com a atenção da Fundação, se são tão poderosos?

– Sim – respondeu Trevize, bruscamente. – Eles permanecem escondidos porque, de alguma maneira, devem ter fraquezas e porque a Fundação é tecnologicamente avançada, talvez mais do que o próprio Seldon pudesse prever. A maneira discreta, quase furtiva, com a qual têm nos manipulado para ir ao seu mundo poderia ser demonstrativa de seu intenso desejo de não fazer nada que chame a atenção. E se for o caso, já perderam, pelo menos parcialmente, pois atraíram atenção e duvido que possam fazer alguma coisa para reverter a situação.

– Mas por que se dar tanto trabalho? – perguntou Pelorat. – Se sua análise estiver correta, por que condenariam a si mesmos para nos manobrar por toda a Galáxia? O que eles querem de nós?

Trevize encarou Pelorat e enrubesceu.

– Janov – disse –, tenho uma intuição sobre isso. Tenho essa capacidade de chegar a uma conclusão correta com base em quase nada. Existe uma espécie de *certeza* em mim que me diz quando estou certo... e estou certo agora. Há algo que possuo e eles querem; e querem o suficiente para arriscar sua própria existência para conseguir. Não sei o que poderia ser, mas preciso descobrir o que é, porque se realmente o tenho e se é poderoso, quero usá-lo para o que sinto ser o certo. – Trevize deu de ombros discretamente. – Ainda quer ir comigo, velho amigo, agora que vê quão louco eu sou?

– Eu disse que tinha fé em você – respondeu Pelorat. – Ainda tenho.

Trevize riu com grande alívio.

– Ótimo! Porque outra intuição que tenho é que você, por algum motivo, também é essencial nessa coisa toda. Nesse caso, Janov, vamos a Gaia, velocidade máxima. Adiante!

2

A prefeita Harla Branno parecia nitidamente mais velha do que seus sessenta e dois anos. Nem sempre parecia mais velha, mas era o

caso no momento. Estava suficientemente envolvida nos próprios pensamentos para se esquecer de evitar o espelho, e viu seu reflexo no caminho para a sala do mapa. Por isso, tinha consciência da exaustão que aparentava.

Suspirou. Aquilo podia drenar a vida de alguém. Cinco anos como prefeita e, durante doze anos antes disso, a verdadeira mente por trás de duas figuras importantes. Tudo havia sido discreto, tudo bem-sucedido, tudo... extenuante. Como teria sido, ela imaginava, se tivesse enfrentado maiores tensões, fracassos, desastres?

Não teria sido nada mal, decidiu subitamente. Os acontecimentos teriam sido revigorantes. A terrível noção de que não ocorreria nada além de deriva foi a verdadeira responsável pelo esgotamento de suas energias.

O Plano Seldon era o triunfo genuíno e era a Segunda Fundação que garantia sua continuidade. Ela, a mão dominadora no controle da Fundação (na realidade, da *Primeira* Fundação, mas ninguém em Terminus cogitava acrescentar o adjetivo), apenas seguia com a maré.

A história diria pouco ou nada sobre ela. Ela estava apenas sentada na cadeira do capitão, enquanto a nave era pilotada em outro lugar.

Até mesmo Indbur III, que presidiu a catastrófica queda da Fundação para o Mulo, havia feito *alguma coisa*. Ele, pelo menos, havia falhado.

Para a prefeita Branno, não haveria nenhuma menção!

A não ser que esse Golan Trevize, esse conselheiro descerebrado, esse para-raios, possibilitasse que...

Ela observou o mapa, pensativa. Não era o tipo de estrutura criada por um computador moderno. Em vez disso, era um conjunto tridimensional de luzes que mostrava a Galáxia holograficamente, em pleno ar. Apesar de não poder ser movido, girado, expandido ou diminuído, era possível caminhar à sua volta e observar todos os ângulos.

Um grande trecho da Galáxia, talvez um terço do todo (exceto o centro, que era uma "terra sem vida"), ficou vermelho quando ela tocou um contato. Aquela era a Federação da Fundação, os mais de sete milhões de planetas habitados governados pelo Conselho e por ela mesma. Os sete milhões de mundos habitados que votavam e eram representados pela Câmara dos Mundos, que debatia questões de pequena importância e então fazia votações – e que nunca, em

hipótese alguma, lidava com nada de grande importância.

Ela tocou outro contato e um leve rosa projetou-se a partir das bordas da Federação, aqui e ali. Esferas de influência! Não se tratava de território da Fundação, mas de regiões que, embora oficialmente independentes, nunca sonhariam em resistir a qualquer ação da Fundação.

Não havia dúvidas em sua mente de que nenhuma potência na Galáxia poderia se opor à Fundação (nem mesmo a Segunda Fundação, se alguém soubesse onde ela estava), tanto que a Fundação poderia, quando bem entendesse, distribuir sua frota de naves modernas e simplesmente estabelecer o Segundo Império.

Mas apenas cinco séculos haviam se passado desde o início do Plano. O Plano exigia dez séculos antes que o Segundo Império pudesse ser estabelecido, e a Segunda Fundação garantiria que o Plano Seldon continuasse. A prefeita sacudiu sua cabeça cinzenta e deprimida. Se a Fundação agisse agora, de alguma maneira falharia. Mesmo que suas naves fossem invencíveis, qualquer ação no momento seria um fracasso.

A não ser que Trevize, o para-raios, atraísse o relâmpago da Segunda Fundação, e o relâmpago pudesse ser rastreado até sua origem.

Ela olhou à sua volta. Onde estava Kodell? Não era um bom momento para ele se atrasar.

Foi como se seu pensamento o tivesse invocado, pois ele adentrou o recinto a passos largos, sorrindo alegremente, parecendo mais paternal do que nunca com seu bigode cinza-claro e sua pele negra. Paternal, mas não velho. Ele era oito anos mais novo do que ela.

Como era possível que ele não mostrasse marcas de cansaço? Quinze anos como Diretor de Segurança não o haviam deixado nenhuma cicatriz?

3

Kodell acenou com a cabeça no cumprimento formal requerido ao iniciar-se uma conversa com a prefeita. Era uma tradição que existia desde os dias trágicos dos Indburs. Quase tudo havia mudado, mas a etiqueta continuava praticamente a mesma.

– Perdoe-me pelo atraso, prefeita – disse Kodell –, mas sua ordem de prisão para o conselheiro Trevize finalmente começou a vencer a anestesia do Conselho.

– Ah, é? – respondeu a prefeita, indiferente. – Estaremos diante de uma revolução palaciana?

– Não há a menor chance. Estamos com o controle. Mas haverá ruído.

– Deixe-os fazer barulho. Assim se sentirão melhor, e eu... eu ficarei fora do caminho. Posso contar com a opinião pública geral?

– Acredito que sim. Especialmente fora de Terminus. Ninguém de fora de Terminus se importa com o que acontece com um conselheiro desgarrado.

– Eu me importo.

– Ah? Mais notícias?

– Liono – disse a prefeita –, quero saber sobre Sayshell.

– Não sou um livro de história ambulante – respondeu Kodell, sorrindo.

– Não quero história. Quero a verdade. Por que a Aliança Sayshell é independente? Veja isso – ela apontou para o vermelho da Fundação no mapa holográfico e, nas profundezas das espirais interiores, havia um bolsão branco. – Quase a encapsulamos, quase a tragamos, mas ainda está branco. Nosso mapa não a mostra nem como uma aliada-fiel-em-rosa.

– Não é uma aliada fiel oficialmente – afirmou Kodell –, mas nunca nos incomodou. É neutra.

– Muito bem. Observe isso, então – outro toque nos controles. O vermelho espalhou-se ainda mais. Cobriu quase metade da Galáxia. – Isso – disse a prefeita – foi o reinado do Mulo na época de sua morte. Se você vasculhar o vermelho, encontrará a Aliança Sayshell totalmente cercada dessa vez, mas ainda branca. É o único enclave deixado intacto pelo Mulo.

– Na época, também era neutra.

– O Mulo não tinha grande respeito por neutralidade.

– Ele parece ter tido, neste caso.

– *Parece* ter tido. O que há em Sayshell?

– Nada! – respondeu Kodell. – Acredite em mim, prefeita, a Aliança é nossa quando quisermos.

– É mesmo? Ainda assim, de alguma maneira, não é.

– Não é necessário querer que seja.

Branno reclinou-se em sua cadeira e, com um movimento de seu braço sobre os controles, escureceu o mapa galáctico.

– Creio que agora queremos – disse.

– Perdão, prefeita?

– Liono, enviei aquele tolo conselheiro ao espaço como um para-raios. Acreditei que a Segunda Fundação o encararia como um perigo maior do que o real e visse a própria Fundação como um problema menor. O relâmpago o atingiria e nos revelaria sua origem.

– Sim, prefeita!

– Minha intenção era que ele fosse às decadentes ruínas de Trantor para fuçar o que sobrou da biblioteca, se é que sobrou alguma coisa, em busca da Terra. É esse o mundo, lembra-se, que aqueles enfadonhos místicos dizem ser o lugar de origem da humanidade, como se isso tivesse alguma importância, mesmo no improvável caso de ser verdade. Não era possível que a Segunda Fundação acreditasse que seria esse o objetivo de Trevize, e teriam se mobilizado para descobrir o que ele realmente estaria procurando.

– Mas ele não foi a Trantor.

– Não. De maneira bastante inesperada, ele foi a Sayshell. Por quê?

– Não sei. Mas perdoe um velho investigador cuja função é suspeitar de tudo e diga-me, como sabe que ele e o tal Pelorat foram a Sayshell? Sei que Compor relatou o fato, mas até que ponto podemos confiar em Compor?

– O hipertransmissor nos diz que a nave de Compor aterrissou no planeta Sayshell.

– Indubitavelmente, mas como sabe que Trevize e Pelorat também aterrissaram? Compor pode ter ido a Sayshell por seus próprios motivos e talvez não saiba onde estão os outros, e talvez nem se importe.

– O fato é que nosso embaixador em Sayshell nos informou sobre a chegada da nave na qual embarcamos Trevize e Pelorat. Não estou pronta para aceitar que a nave aterrissou em Sayshell sem eles. Além disso, Compor relata ter conversado com eles e, se não pudermos confiar em sua palavra, temos outros relatórios indicando que eles estiveram na Universidade de Sayshell, onde consultaram um historiador sem nenhum destaque.

– Nada disso chegou até mim – disse Kodell, brandamente.

– Não se sinta boicotado – desdenhou Branno. – Estou lidando pessoalmente com isso e a informação chegou até você agora, e sem atraso. A notícia mais recente, que acaba de surgir, é do embaixador. Nosso para-raios está partindo. Permaneceu no planeta Sayshell por dois dias e depois decolou. Segue para outro sistema planetário, diz ele, a aproximadamente dez parsecs de distância. Trevize forneceu o nome e as coordenadas galácticas de seu destino ao embaixador, que encaminhou as informações para nós.

– Existe alguma corroboração por parte de Compor?

– A mensagem de Compor sobre Trevize e Pelorat partindo de Sayshell chegou antes da mensagem do embaixador. Compor ainda não conseguiu determinar o destino de Trevize. Irá segui-lo, presumivelmente.

– Estamos ignorando as motivações da situação – disse Kodell. Ele jogou uma pastilha na boca e começou a sugá-la, pensativo. – Por que Trevize foi a Sayshell? Por que ele partiu de lá?

– A pergunta que mais me intriga é: para onde? Para onde Trevize está indo?

– A senhora disse, prefeita, que ele forneceu o nome e as coordenadas de seu destino ao embaixador, não disse? Está sugerindo que ele mentiu ao embaixador? Ou que o embaixador esteja mentido para nós?

– Mesmo supondo que todos tenham dito a verdade e que ninguém cometeu nenhum erro, há um nome que me intriga. Trevize comunicou ao embaixador que está indo a Gaia. G-A-I-A. Trevize tomou o cuidado de soletrar.

– Gaia? – questionou Kodell. – Nunca ouvi falar.

– Mesmo? Não é de surpreender – Branno apontou para a área em que o mapa esteve. – No mapa desta sala, posso indicar, supostamente e em uma ação quase instantânea, qualquer estrela em torno da qual orbite um planeta habitado, e muitas estrelas proeminentes com sistemas inabitados. Mais de trinta milhões de estrelas podem ser destacadas, caso eu manipule os controles corretamente, em unidades separadas, em pares, em grupos. Posso acentuá-las com cinco cores diferentes, uma de cada vez, ou todas juntas. O que não posso fazer é localizar Gaia no mapa. No que diz respeito ao mapa, Gaia não existe.

– Para cada estrela que o mapa exibe – respondeu Kodell –, há dez mil que não exibe.

– De fato, mas as estrelas que não aparecem não têm planetas habitados, e por que Trevize iria para um planeta inabitado?

– A senhora tentou o Computador Central? Todos os trezentos bilhões de estrelas galácticas estão listados.

– Assim me disseram, mas será verdade? Sabemos muito bem, você e eu, que existem milhares de planetas povoados que evitaram ser listados em qualquer um de nossos mapas, não apenas no desta sala, mas até mesmo no Computador Central. Gaia, aparentemente, é um deles.

– Prefeita – a voz de Kodell continuava calma, até mesmo lisonjeira –, é provável que não haja nada para se preocupar. Trevize pode ter partido em uma busca despropositada ou talvez tenha mentido para nós e não exista uma estrela chamada Gaia, ou nem mesmo uma estrela nas coordenadas que nos passou. Está tentando nos despistar, agora que encontrou Compor e possivelmente tenha percebido que está sendo seguido.

– Como isso nos despistaria? Compor o seguirá de toda maneira. Não, Liono, tenho outra possibilidade em mente, algo com potencial muito maior de problemas. Escute...

Ela fez uma pausa e disse:

– A sala está isolada, Liono. Tenha isso em mente. Não podemos ser ouvidos por ninguém. Portanto, sinta-se livre para falar. Eu também falarei abertamente. Essa Gaia está localizada, se acreditarmos na informação, a dez parsecs do planeta Sayshell. Faz parte, portanto, da Aliança Sayshell. A Aliança Sayshell é um setor bem explorado da Galáxia. Todos os seus sistemas estelares, habitados ou inabitados, foram registrados, e os habitados são amplamente conhecidos. Gaia é a única exceção. Habitado ou não, ninguém ouviu falar nele; não está presente em nenhum mapa. Acrescente a isso o fato de a Aliança Sayshell manter um peculiar estado de independência no que diz respeito à Federação da Fundação, e foi assim até mesmo sob o reinado do Mulo. É independente desde a Queda do Império Galáctico.

– O que significa isso tudo? – perguntou Kodell, cautelosamente.

– Decerto as duas questões que mencionei estão interligadas. Sayshell inclui um sistema planetário totalmente desconhecido, e Sayshell é intocável. Os dois fatos não podem ser independentes. Gaia, o que quer que seja, se autopreserva. Garante que não haja nenhum conhecimento sobre sua existência além de suas imediações e protege

essas imediações para que nenhum forasteiro possa conquistá-lo.

– Está me dizendo, prefeita, que Gaia é a sede da Segunda Fundação?

– Estou dizendo que Gaia merece inspeção.

– Tenho permissão para mencionar algo que talvez seja difícil explicar com base nessa teoria?

– Por favor.

– Se Gaia é a Segunda Fundação e se, por séculos, se autopreservou fisicamente contra invasores, protegendo toda a Aliança Sayshell como um amplo e espesso escudo, e se conseguiu prevenir, inclusive, que o conhecimento sobre sua existência fosse difundido pela Galáxia, então por que toda essa proteção subitamente desapareceu? Trevize e Pelorat deixam Terminus e, apesar de a senhora tê-los aconselhado a ir a Trantor, eles seguem imediatamente, e sem hesitação, para Sayshell, e agora, Gaia. Além disso, a senhora pode pensar em Gaia e especular sobre o assunto. Por que a senhora não está sendo impedida?

A prefeita Branno não respondeu durante algum tempo. Sua cabeça estava inclinada e seu cabelo cinza brilhava sob a luz. Então, disse:

– Porque acredito que o conselheiro Trevize, de alguma maneira, perturbou a ordem. Ele fez ou está fazendo algo que, de alguma maneira, coloca o Plano Seldon em perigo.

– Prefeita, isso certamente é impossível.

– Creio que tudo e todos têm falhas. Decerto nem mesmo Hari Seldon era perfeito. Em algum ponto do Plano há uma falha e Trevize esbarrou nela, talvez sem nem saber que o fez. Precisamos descobrir o que está acontecendo e precisamos estar preparados.

– Não tome decisões por conta própria, prefeita – Kodell soou agourento. – Não queremos agir sem a ponderação adequada.

– Não me trate como uma idiota, Liono. Não vou começar uma guerra. Não vou aterrissar uma força expedicionária em Gaia. Quero apenas estar no cerne da questão... ou perto dela, se preferir. Liono, descubra para mim (detesto conversar com um representante do exército que deve estar ridiculamente sedento de sangue depois de cento e vinte anos de paz, mas você não parece se importar) quantas espaçonaves de guerra estão posicionadas perto de Sayshell. Podemos fazer com que suas manobras pareçam rotineiras, e não uma mobilização?

– Nesses promissores dias de paz, tenho certeza de que não há muitas naves de guerra nas proximidades. Mas vou descobrir.

– Até mesmo duas ou três serão suficientes, especialmente se uma delas for da classe Supernova.

– O que a senhora deseja fazer com elas?

– Quero que se aproximem de Sayshell o máximo possível sem criar um incidente, e quero que estejam perto o suficiente umas das outras para oferecer apoio mútuo.

– Qual é o objetivo de tudo isso?

– Flexibilidade. Quero poder atacar, se for necessário.

– Contra a Segunda Fundação? Se Gaia consegue manter-se isolada e intocada contra o Mulo, certamente pode resistir a algumas naves agora.

– Meu amigo – disse Branno, com o brilho da guerra nos olhos –, eu disse que nada nem ninguém é perfeito, nem mesmo Hari Seldon. Ao estabelecer seu Plano, ele não podia evitar ser uma pessoa de sua época. Era um matemático dos dias do Império moribundo, quando a tecnologia era moribunda. Acontece que ele não garantiu espaço suficiente em seu Plano para avanços tecnológicos. Gravitacionalidade, por exemplo, é uma linha completamente nova de avanços que ele não tinha como prever. E há outras inovações.

– Gaia também pode ter avançado.

– Isoladamente? Pense bem. Existem dez quatrilhões de seres humanos na Federação da Fundação, dentre os quais podem surgir contribuidores para avanços tecnológicos. Comparativamente, um único mundo, isolado, não pode fazer nada. Nossas naves avançarão e eu estarei com elas.

– Perdoe-me, prefeita. O que disse?

– Eu mesma estarei com as naves em manobra nas fronteiras de Sayshell. Desejo acompanhar a situação pessoalmente.

A boca de Kodell permaneceu aberta por alguns instantes. Ele engoliu em seco, fazendo um evidente ruído.

– Prefeita, isso... não é sábio – se houve um homem que quis enfatizar solenemente uma observação, esse homem era Kodell.

– Sábio ou não – respondeu Branno, agressivamente –, eu assim o farei. Estou cansada de Terminus e de suas perpétuas batalhas políticas, suas intrigas, suas alianças e oposições, suas traições e reconciliações. Estive por dezessete anos no centro disso e quero fazer

algo diferente… *qualquer coisa*. Lá fora – ela gesticulou em uma direção aleatória – toda a história galáctica pode estar mudando, e quero fazer parte desse processo.

– A senhora não sabe se está mesmo mudando, prefeita.

– E quem sabe, Liono? – ela se levantou vigorosamente. – Assim que você me trouxer a informação de que preciso sobre as espaçonaves, e assim que eu puder fazer os arranjos necessários para que as tolices locais possam ter continuidade, partirei. E Liono, não tente me manipular para quebrar minha determinação ou destruirei nossa longa amizade em um único golpe e acabarei com você. Ainda posso fazer *isso*.

– Sei que pode, prefeita, mas, antes que decida, rogo para que reconsidere o poder do Plano Seldon. O que a senhora pretende fazer talvez seja suicídio.

– Não temo nada do tipo, Liono. O Plano estava errado em relação ao Mulo, que não pôde antecipar; e um erro de antecipação em um momento implica a possibilidade de outros erros em outros momentos.

– Muito bem – suspirou Kodell –, se a senhora está realmente determinada, eu a apoiarei com o máximo de minha capacidade e com lealdade completa.

– Ótimo. Aviso mais uma vez que é melhor que esteja falando com sinceridade. E, com isso em mente, Liono, sigamos para Gaia. Adiante!

15.

Gaia-S

1

SURA NOVI ENTROU NA SALA DE CONTROLE da pequena e antiquada espaçonave que levava Stor Gendibal e ela própria em Saltos calculados através de parsecs.

Era evidente que estivera na compacta sala de higiene, na qual óleos, ar quente e um mínimo de água haviam renovado seu corpo. Usava um roupão e o segurava de maneira tensa em torno de si, em um pudor angustiado. Seu cabelo estava seco, mas embaraçado.

– Mestre? – disse, em tom baixo.

Gendibal levantou os olhos dos mapas e da tela do computador.

– Sim, Novi?

– Eu sê desculpo – ela parou e então disse, lentamente: – Eu peço desculpas por incomodar, Mestre – (e escorregou mais uma vez) –, mas eu não tê achado minhas roupa.

– Suas roupas? – Gendibal a observou inexpressivamente por um instante e então levantou-se em um acesso de arrependimento. – Novi, me esqueci. Elas precisavam ser higienizadas e estão no cesto. Estão limpas, secas e dobradas. Prontas. Eu deveria tê-las deixado em um lugar à vista. Esqueci-me.

– Eu não queria… não queria… – ela olhou para si mesma – ofender.

– Não ofende – disse Gendibal, tentando animá-la. – Escute, prometo que, quando tudo isso terminar, providenciarei muitas roupas, novas e na última moda. Partimos com pressa e nunca me ocorreu levar um suprimento, mas, Novi, somos apenas nós dois, e estaremos juntos por um bom tempo, em aposentos muito pequenos, e é desnecessário ser tão… tão… preocupada com… – ele gesticulou vagamente, reparou no olhar horrorizado de Novi e pensou: ela, afinal de contas, é apenas uma garota do interior e tem seus limites;

provavelmente não se oporia a impropriedades de todos os tipos... mas vestida.

Ele se sentiu envergonhado e ficou feliz por ela não ser uma “estudiosa” que pudesse ler os *seus* pensamentos.

– Devo buscar as roupas para você? – perguntou.

– Oh, não, Mestre. Não sê pra o senhor. Eu sei onde estão.

Quando a viu novamente, ela estava vestida apropriadamente e com os cabelos penteados. Havia uma distinta timidez em sua pessoa.

– Eu tê embaraço, Mestre, por ter me comportado tão desvergonhada... *mente*. Deveria tê encontrado as roupas sozinha.

– Sem problemas – respondeu Gendibal. – Está se saindo muito bem com seu galáctico, Novi. Está absorvendo a linguagem dos estudiosos rapidamente.

Novi sorriu subitamente. Seus dentes eram ligeiramente desiguais, mas isso não diminuía a maneira como seu rosto se iluminava e ficava quase doce quando ela era elogiada, pensou Gendibal. Disse a si mesmo que era esse o motivo pelo qual gostava de enaltecê-la.

– Os lorianos falarão mal de mim quando eu tê de volta – ela comentou. – Dirão que eu sê... *sou* uma mastigadora de palavras. É assim que eles chamam alguém que fala... esquisito. Não gostam deles.

– Duvido que você volte para os lorianos, Novi – respondeu Gendibal. – Tenho certeza de que haverá lugar para você no complexo, com os estudiosos, quando isto acabar.

– Eu gostaria disso, Mestre.

– Será que você poderia me chamar de Orador Gendibal, ou apenas... Não, vejo que não – completou, ao perceber o olhar de objeção escandalizado de Novi. – Muito bem.

– Não seria certo, Mestre. Posso perguntar quando isto acabará?

– Não sei dizer – Gendibal negou com a cabeça. – Neste momento, devo apenas ir a um lugar específico o mais rápido possível. Esta nave, ótima para a sua categoria, é lenta, e “o mais rápido possível” não é muito veloz. Preciso determinar trajetos para cruzar extensos trechos de universo – ele indicou o computador e os mapas –, mas o computador é limitado em suas capacidades e eu não sou muito habilidoso.

– Precisa estar lá rápido porque há perigo, Mestre?

– O que a faz pensar que existe perigo, Novi?

– Porque às vezes olho o senhor quando acho que não me vê e seu

rosto tê... não sei a palavra. Não amedoado, digo, com medo, e nem mal-achando.

– Apreensivo – murmurou Gendibal.

– O senhor parece... preocupado. Sê essa a palavra?

– Depende. O que quer dizer com preocupado, Novi?

– Quero dizê que o senhor parece falar pro senhor mesmo: "O que faço agora, nessa grande encrenca?".

Gendibal pareceu surpreso.

– Isso é de fato "preocupado", mas você vê *isso* em meu rosto, Novi? Lá, no Lugar dos Estudiosos, sou extremamente cuidadoso para que ninguém veja nada em meu rosto, mas cheguei a pensar que, sozinho no espaço, com você, eu poderia relaxar e me deixar exposto, por assim dizer. Desculpe-me. Isso foi constrangedor para você. O que estou dizendo é que, se você é tão perceptiva, precisarei ser mais cuidadoso. De vez em quando, preciso reaprender a lição de que até mesmo não mentálicos podem ter intuições perspicazes.

Novi estava inexpressiva.

– Não entendo, Mestre.

– Estou falando comigo mesmo, Novi. Não se preocupe... viu só? Aí está a palavra de novo.

– Mas tê perigo?

– Há um problema, Novi. Não sei o que encontrarei quando chegar a Sayshell... é o lugar para onde estamos indo. Talvez me encontre em uma situação de grande dificuldade.

– Isso não quer dizer perigo?

– Não, pois eu sei lidar.

– Como pode saber?

– Porque sou um... estudioso. E sou o melhor deles. Não há nada na Galáxia com que eu não possa lidar.

– Mestre – e algo muito próximo da agonia distorceu o rosto de Novi –, não quero ofensificar, digo, ofender, e fazer o senhor bravo. Vi o senhor com aquele imbecil do Rufirant e o senhor estava em perigo... e ele sê só fazendeiro loriano. Agora não sei o que aguarda o senhor... e nem o senhor sabe.

Gendibal sentiu-se envergonhado.

– Você tem medo, Novi?

– Não por mim, Mestre. Eu temo... tenho medo... pelo senhor.

– Você pode dizer "temo" – murmurou Gendibal. – Também é bom

galáctico.

Por um momento, ele ficou absorto nos próprios pensamentos. Então levantou os olhos, segurou as mãos ásperas de Sura Novi, e disse:

– Novi, não quero que tema nada. Deixe-me explicar. Sabe como você enxergou que existe, ou melhor, que talvez exista perigo observando meu rosto, quase como se pudesse ler minha mente?

– Sim?

– Posso ler pensamentos melhor do que você. É isso que os estudiosos aprendem a fazer, e sou um bom estudioso.

Os olhos de Novi se arregalaram e ela soltou as mãos dele. Parecia segurar o fôlego.

– O senhor pode ler meus pensamentos?

Gendibal levantou um dedo apressadamente.

– Não leio, Novi. Eu *não* leio seus pensamentos, a não ser quando é preciso. Eu *não* leio *seus* pensamentos.

(Ele sabia que, na prática, estava mentindo. Era impossível estar com Sura Novi e não captar o teor geral de alguns de seus pensamentos. Não era necessário nem ser um membro da Segunda Fundação para tanto. Gendibal sentiu-se à beira de ficar vermelho. Mas até mesmo vinda de uma loriana, tal atitude era lisonjeira. Ainda assim, ela precisava ser reconfortada... era uma questão de humanidade.)

– Posso também mudar a maneira como as pessoas pensam – continuou. – Posso fazer as pessoas sentirem dor. Posso...

Mas Novi estava negando com a cabeça.

– Como pode fazer tudo isso, Mestre? Rufirant...

– Esqueça Rufirant – disse Gendibal, irritado. – Eu poderia tê-lo parado em um instante. Poderia tê-lo feito cair. Poderia ter feito *todos* os lorianos... – ele parou repentinamente e se sentiu desconfortável por se gabar, por tentar impressionar essa mulher provinciana. E ela continuava a negar com a cabeça.

– Mestre – disse – está tentando fazer com que eu não tê temor, mas não tenho, com exceção de pelo senhor, então não sê necessário me convencer. Sei que é um grande estudioso e pode fazer essa nave voar pelo espaço, quando parece que ninguém poderia fazê qualquer coisa a não ser ficar perdido no espaço. E o senhor usa máquinas que não entendo, que nenhum loriano poderia entender. Mas não precisa

me dizê sobre esses poderes de cabeça, que com certeza não podem existir porque todas as coisas que diz que poderia tê feito contra Rufirant, *não* fez, mesmo que estivesse em perigo.

Gendibal contraiu os lábios. Deixe estar, pensou. Se a mulher insiste que não teme por si mesma, deixe estar. Ainda assim, não queria que ela pensasse que ele era um fraco ou um exibido. Simplesmente *não queria*.

– Se não fiz nada contra Rufirant – disse – foi porque não quis. Nós, estudiosos, não podemos fazer nada contra os lorianos. Somos convidados em seu mundo. Compreende?

– Os senhores são nossos mestres. É isso que *nós* sempre dizemos.

Por um momento, Gendibal se distraiu.

– Então como é possível Rufirant ter me atacado?

– Eu não sei – ela respondeu, simplesmente. – Não sei se ele sabia. Ele deveria estar mente-vazia... uh, fora de si.

Gendibal grunhiu.

– De qualquer forma – disse –, não agimos contra os lorianos. Se eu tivesse sido forçado a agir... contra ele, teria sido julgado pelos outros estudiosos e talvez perdesse meu cargo. Mas para evitar que eu fosse gravemente ferido, era possível que eu precisasse influenciá-lo um pouquinho, o mínimo possível.

– Então eu não precisava tê chegado como uma grande imbecil – murchou Novi.

– Você fez exatamente o que precisava ser feito – respondeu Gendibal. – Digo apenas que teria sido muito ruim tê-lo afetado. Você fez com que isso fosse desnecessário. Você o impediu e isso foi de grande ajuda. Tem minha gratidão.

– Então – ela sorriu mais uma vez, contente – entendo por que me trata tão bem.

– Tem minha gratidão, claro – disse Gendibal, um tanto exaltado –, mas o importante é que entenda que não há perigo. Posso lidar com um exército de pessoas comuns. Qualquer estudioso pode, especialmente os mais importantes, e, como falei, sou o melhor de todos eles. Não há ninguém na Galáxia que possa me enfrentar.

– Se assim o diz, Mestre, sê certo para mim.

– E assim o digo. E agora, teme a mim?

– Não, Mestre, mas... Mestre, sê apenas nossos estudiosos que leem mentes, ou... existem *outros* estudiosos, outros lugares que podem se

opor ao senhor?

Gendibal ficou momentaneamente chocado. A mulher tinha uma intuição bastante afiada.

Era necessário mentir.

– Não há ninguém – disse.

– Mas tem tantas estrelas no céu. Uma vez tentei contar, e não pude. Se tê tantos mundos de pessoas quanto tê estrelas, algumas delas sê estudiosos, não? Além dos estudiosos do nosso próprio mundo, quero dizer.

– Não.

– Mas e se houver?

– Eles não seriam tão fortes quanto eu.

– E se atacarem de repente, antes de você saber?

– Não podem fazer isso. Se qualquer estudioso desconhecido se aproximar, eu saberei imediatamente. Saberei muito antes de ele poder me machucar.

– O senhor poderia fugir?

– Eu não precisaria fugir. Mas – antecipando a objeção de Novi –, se fosse necessário, eu rapidamente estaria em uma nova espaçonave, melhor do que qualquer outra na Galáxia. Eles não me alcançariam.

– Eles não mudariam sua cabeça e fariam o senhor ficar?

– Não.

– Talvez tê muitos deles. O senhor sê apenas um.

– Assim que eles surgissem, muito antes de eles imaginarem que seria possível, eu saberia que eles estão ali e iria embora. Todo o nosso mundo de estudiosos se voltaria contra eles e eles não suportariam. E saberiam disso, então não ousariam fazer nada contra mim. Na realidade, eles não iriam querer que eu soubesse da presença deles... mas, ainda assim, eu saberia.

– Porque o senhor é tão melhor do que eles, não é? – disse Novi, seu rosto com um sorriso de orgulho hesitante.

Gendibal não pôde resistir. A inteligência nativa de Novi, sua compreensão rápida, eram tão grandes que sua presença era uma alegria singela. A Oradora Delora Delarmi, aquele monstro de voz macia, fizera um grande favor a Gendibal ao forçar a fazendeira loriana a acompanhá-lo.

– Não, Novi – respondeu –, não porque sou melhor do que eles, apesar de isso ser um fato. É porque tenho *você* comigo.

– Eu?

– Exato, Novi. Tinha percebido isso?

– Não, Mestre – respondeu, pensativa. – O que eu poderia fazer?

– É sua mente – ele ergueu a mão imediatamente. – Não estou lendo seus pensamentos. Vejo apenas o contorno de sua mente e é um contorno suave, um contorno extraordinariamente suave.

Ela pôs a mão na testa.

– Porque sou deseducada, Mestre? – perguntou. – Porque sou uma tonta?

– Não, querida – ele não reparou no que disse. – É porque você é honesta e não tem maldade; porque é verdadeira e fala com sinceridade; porque tem coração bondoso e... e outras coisas. Se outros estudiosos enviarem qualquer coisa para tocar nossas mentes, a sua e a minha, o toque será instantaneamente visível na suavidade de sua mente. Terei consciência dessa investida antes de perceber o toque em minha própria mente, e assim terei tempo para uma estratégia de contra-ataque, ou seja, para enfrentá-los.

Houve um extenso silêncio depois dessa explicação. Gendibal percebeu que não era apenas felicidade nos olhos de Novi, mas também exultação e orgulho.

– E me trouxe por essa razão?

– Essa foi uma razão importante – Gendibal concordou com a cabeça. – Sim.

A voz de Novi reduziu-se a um sussurro.

– Como posso ajudar o máximo possível, Mestre? – perguntou.

– Fique calma – respondeu Gendibal. – Não tenha medo. E apenas... seja você mesma.

– Serei eu mesma. E ficarei entre o senhor e o perigo, como fiz no caso de Rufirant.

Ela deixou o aposento e Gendibal olhou em sua direção.

Era estranho o quanto havia nela. Como uma criatura tão simples poderia conter tanta complexidade? A suavidade de sua estrutura mental tinha, sob ela, inteligência, compreensão e coragem imensas. O que mais ele poderia pedir... de qualquer pessoa?

De alguma maneira, ele captou a imagem de Sura Novi – que não era uma Oradora, nem mesmo um membro da Segunda Fundação, nem mesmo escolarizada – firme ao seu lado, em um papel auxiliar vital no drama que estava por vir.

Mas ele não conseguia ver detalhes claros. Não conseguia ver com precisão o que esperava por eles.

2

– Um único Salto – murmurou Trevize – e ali está.

– Gaia? – perguntou Pelorat, olhando para a tela por cima do ombro de Trevize.

– O sol de Gaia – respondeu Trevize. – Chame de Gaia-S, se quiser, para evitar confusão. Galactógrafos fazem isso de vez em quando.

– Então onde está Gaia propriamente dito? Ou devemos chamar de Gaia-P, de planeta?

– Somente "Gaia" é suficiente para o planeta. Mas ainda não conseguimos vê-lo. Planetas não são tão fáceis de visualizar quanto estrelas, e ainda estamos a uma centena de microparsecs de Gaia-S. Repare que ainda é apenas uma estrela, mesmo que seja muito brilhante. Não estamos perto o suficiente para que pareça um disco. E não a encare diretamente, Janov. É brilhante o bastante para danificar a retina. Aplicarei um filtro assim que terminar minhas observações. Aí você poderá observá-la.

– Quanto é uma centena de microparsecs em unidades que um mitólogo possa entender, Golan?

– Três bilhões de quilômetros; aproximadamente vinte vezes a distância entre Terminus e o nosso próprio sol. Assim fica melhor?

– Imensamente. Mas não deveríamos chegar mais perto?

– Não! – Trevize ergueu os olhos, surpreso. – Não imediatamente. Depois de tudo que ouvimos sobre Gaia, por que nos apressar? Uma coisa é ter coragem, outra coisa é ser louco. Vamos dar uma olhada primeiro.

– Em quê, Golan? Você disse que ainda não podemos ver Gaia!

– Não a olho nu. Mas temos visualizadores telescópicos e um computador excelente para análises rápidas. Podemos certamente estudar Gaia-S, para começar, e talvez fazer algumas outras observações. Relaxe, Janov – Trevize estendeu a mão e deu um tapinha afetuoso no ombro do outro. Depois de uma pausa, disse: – Gaia-S é uma estrela solitária, ou, se tiver uma secundária, a secundária estará muito mais longe dela do que estamos no momento

e é, na melhor das hipóteses, uma anã vermelha, o que quer dizer que não precisamos nos preocupar com ela. Gaia-S é uma estrela G4, o que torna perfeitamente possível a existência de um planeta habitado em sua órbita, o que é bom. Se fosse uma A ou uma M, precisaríamos dar meia-volta e ir embora agora mesmo.

– Sou apenas um mitólogo, mas não podíamos ter determinado a classe espectral de Gaia-S lá de Sayshell?

– Podíamos e assim o fizemos, Janov, mas não custa verificar mais de perto. Gaia-S tem um sistema planetário, o que não é surpresa. Há dois gigantes de gás à vista e um dos dois é bem grande, se a estimativa de escala do computador for precisa. Poderia facilmente haver mais um no outro lado da estrela e, por isso, é dificilmente detectável, pois calhamos de estar relativamente perto do plano planetário. Não posso identificar nada das regiões internas, o que também não é surpresa.

– Isso é ruim?

– Na verdade, não. É esperado. Os planetas habitáveis são de rocha e metal (e, portanto, muito menores do que os gigantes de gás), e muito mais próximos da estrela, onde a temperatura é adequada; por esses dois motivos, seria muito difícil avistá-los daqui. Quer dizer que precisaremos chegar consideravelmente mais perto para sondar a área dentro de quatro microparsecs de Gaia-S.

– Estou pronto.

– Eu não estou. Realizaremos o Salto amanhã.

– Por que amanhã?

– Por que não? Vamos dar a eles um dia para que venham atrás de nós... e para que possamos escapar, talvez, caso os vejamos se aproximando e não gostemos do que surgir.

3

Foi um longo e árduo processo. Durante o dia que passou, Trevize conduziu austeramente os cálculos de várias aproximações diferentes e tentou escolher a mais apropriada entre elas. Sem dados concretos, dependia apenas de sua intuição – que, infelizmente, não lhe dizia nada. Sentia falta daquela “certeza” que o invadia de vez em quando.

Acabou conseguindo uma combinação para um Salto que os levava

para longe do plano planetário.

– Isso nos dará uma visão melhor da região como um todo – explicou –, pois veremos os planetas em todas as partes de suas órbitas que têm a maior distância aparente do sol. E *eles*, quem quer que sejam, talvez não mantenham vigilância tão acirrada no que diz respeito às regiões fora do plano. Espero.

Estavam, agora, tão perto de Gaia-S quanto o maior e mais próximo dos gigantes de gás, a quase meio bilhão de quilômetros de distância. Trevize posicionou a estrela com zoom máximo na tela para que Pelorat a observasse. Era uma visão impressionante, mesmo que os três esparsos e estreitos anéis de detritos ficassem de fora.

– Tem a cadeia comum de satélites – explicou Trevize –, mas, a essa distância de Gaia-S, sabemos que nenhum deles é habitável. E nenhum deles foi colonizado por seres humanos que vivem, digamos, sob um domo de vidro ou outras condições estritamente artificiais.

– Como pode saber?

– Não existe ruído de estática com características que indiquem ser de origem inteligente. Mas, claro – acrescentou, esclarecendo sua declaração instantaneamente –, é concebível que um posto científico se dedicasse bastante para bloquear os ruídos de estática, e esses gigantes de gás produzem ruídos que poderiam mascarar o que eu estava procurando. Ainda assim, nossa recepção de rádio é sensível e nosso computador é extraordinário. Eu diria que a chance de ocupação humana naqueles satélites é pequena.

– Isso quer dizer que Gaia não existe?

– Não. Mas significa que, se *houver* um planeta Gaia, eles não se incomodaram em colonizar os satélites. Talvez não tenham a capacidade para tanto, ou o interesse.

– Mas *existe* um planeta Gaia?

– Paciência, Janov. Paciência.

Trevize investigou o espaço com um suprimento aparentemente infinito de paciência. Em certo momento, parou e disse:

– Sinceramente, o fato de eles não terem aparecido para nos atacar é, de certa maneira, decepcionante. Decerto, se tivessem as capacidades que teoricamente possuem, a essa altura teriam reagido à nossa presença.

– Creio ser concebível – respondeu Pelorat, taciturno – que a coisa toda seja uma fantasia.

– Chame de mito, Janov – disse Trevize, com um sorriso malicioso –, e estará dentro da sua área de interesse. De qualquer forma, há um planeta se movendo pela zona habitável, o que significa que pode haver algo ali. Quero observá-lo pelo menos por um dia.

– Por quê?

– Para ter certeza de que é habitável, em primeiro lugar.

– Acabou de dizer que fica na zona habitável, Golan.

– Sim, no momento está. Mas sua órbita pode ser bastante excêntrica e talvez o leve a apenas um microparsec da estrela, ou a quinze microparsecs, ou ambos. Precisaremos determinar e comparar a distância entre o planeta e Gaia-S com sua velocidade orbital... e também ajudaria observar a direção de seu movimento.

4

Mais um dia.

– A órbita é quase circular – disse Trevize, enfim –, o que significa que a habitabilidade é uma aposta muito mais certeira. Ainda assim, ninguém apareceu para nos pegar até agora. Precisaremos olhar mais de perto.

– Por que é tão demorado preparar um Salto? – perguntou Pelorat. – Você está realizando apenas Saltos curtos.

– Ouça o especialista. Os Saltos pequenos são mais difíceis de controlar do que os grandes. É mais fácil pegar uma rocha ou um minúsculo grão de areia? Além disso, Gaia-S está próximo e o espaço tem uma curva acentuada. Isso complica os cálculos até para o computador. Até mesmo um mitólogo deveria enxergar isso.

Pelorat grunhiu.

– Agora você pode ver o planeta a olho nu – disse Trevize. – Bem ali. Está vendo? O período de rotação é de aproximadamente vinte e duas horas galácticas e a inclinação do eixo é de doze graus. É praticamente um exemplo perfeito de planeta habitável, e, de fato, tem vida.

– Como pode dizer?

– Existem quantidades substanciais de oxigênio livre na atmosfera. Você não consegue isso sem vegetação bem estabelecida.

– E vida inteligente?

– Depende da análise da irradiação de ondas de rádio. Evidentemente, creio que poderia haver vida inteligente que abandonou a tecnologia, mas me parece bastante improvável.

– Houve casos assim – comentou Pelorat.

– Acredito em sua palavra. É seu departamento. Porém, é pouco provável que haja somente sobreviventes pastoris em um planeta que assustou o Mulo e evitou sua invasão.

– Tem um satélite? – perguntou Pelorat.

– Tem sim – respondeu Trevize, casualmente.

– Que tamanho? – a voz de Pelorat, repentinamente, ficou embargada.

– Não posso dizer ao certo. Talvez algumas centenas de quilômetros.

– Puxa vida – disse Pelorat, ansioso. – Eu queria ter um conjunto mais digno de expletivos à mão, meu caro colega, mas havia uma pequena chance de...

– Você quer dizer que, se tivesse um satélite gigante, poderia ser a própria Terra?

– Sim, mas claramente não é.

– Bom, de qualquer maneira, se Compor estiver certo, a Terra não estaria nessa região galáctica. Estaria na via Sirius. Sinto muito, Janov.

– Bom, paciência.

– Escute. Vamos esperar e arriscar mais um pequeno Salto. Se não encontrarmos sinais de vida inteligente, aterrissar deve ser seguro, mas, nesse caso, não teremos motivos para aterrissar, não é mesmo?

5

– É isso, Janov – disse Trevize, depois do Salto seguinte, com uma voz chocada. – É mesmo Gaia. Pelo menos, possui uma civilização tecnológica.

– Diz isso a partir das ondas de rádio?

– Melhor. Há uma estação espacial orbitando o planeta. Vê aquilo?

Havia um objeto em exibição na tela. Para os olhos destreinados de Pelorat, não parecia muito fora do comum.

– Artificial, metálica e uma fonte de sinal de rádio.

– O que fazemos agora?

– Nada, por algum tempo. Nesse estágio de avanço tecnológico, é impossível que não tenham nos detectado. Se, depois de um tempo, eles não tiverem feito nada, transmitirei uma mensagem de rádio. Se continuarem indiferentes, vou me aproximar cuidadosamente.

– E se eles *não* ficarem indiferentes?

– Depende do que fizerem. Se for algo de que eu não goste, precisarei tirar vantagem do fato de ser bastante improvável que tenham qualquer coisa que seja equivalente à capacidade desta nave de realizar Saltos.

– Quer dizer que iremos embora?

– Como um míssil hiperespacial.

– Mas iremos embora sem nada além do que tínhamos quando chegamos.

– Não é verdade. No mínimo, saberemos que Gaia existe, que tem tecnologia funcional e que fez algo para nos espantar.

– Mas Golan, não nos assustemos facilmente.

– Veja bem, Janov, sei que não há nada que você queira mais na Galáxia do que descobrir sobre a Terra a qualquer custo, mas por favor, lembre-se de que não compartilho de sua monomania. Estamos em uma espaçonave desarmada e aquelas pessoas ali estão isoladas há séculos. Imagine se nunca ouviram falar da Fundação e não sabem o suficiente para demonstrar respeito. Ou suponha que *seja* a Segunda Fundação e, uma vez que estivermos sob suas garras, e os incomodarmos, talvez nunca mais sejamos os mesmos. Quer que eles limpem sua mente e você descubra que não é mais um mitólogo e que não sabe mais nada sobre nenhuma lenda?

– Quando coloca dessa maneira... – Pelorat parecia amargo. – Mas o que faremos depois de ir embora?

– Simples. Voltamos a Terminus com a notícia, ou, pelo menos, tão perto de Terminus quanto a velha permitir. Depois, talvez voltemos a Gaia, mais rapidamente e sem todo esse cuidado, e o façamos com uma nave armada ou uma frota. As coisas devem estar diferentes a essa altura.

Aguardaram. Tornou-se uma rotina. Passaram muito mais tempo esperando durante a aproximação a Gaia do que em todo o voo de Terminus a Sayshell.

Trevize ajustou o computador para emitir um alarme automático e estava tão desestimulado que chegou a cair no sono em sua cadeira acolchoada.

Por isso, acordou assustado quando o alarme disparou. Pelorat entrou no quarto de Trevize tão surpreso quanto ele. Fora interrompido enquanto se barbeava.

– Recebemos uma mensagem? – perguntou Pelorat.

– Não – respondeu Trevize, energicamente –, estamos em movimento.

– Em movimento? Para onde?

– Para a estação espacial.

– Por que isso está acontecendo?

– Eu não sei. Os motores estão ligados e o computador não responde aos meus comandos, mas estamos nos movendo. Janov, fomos capturados. Chegamos perto demais de Gaia.

16.

Convergência

1

Quando Stor Gendibal finalmente localizou a nave de Compor em sua tela de visualização, parecia o final de uma jornada incrivelmente longa. Mas evidentemente não era o fim, e sim apenas o começo. A jornada de Trantor a Sayshell não fora nada além de um prólogo.

– É mais uma nave do espaço, Mestre? – Novi parecia impressionada.

– Espaçonave, Novi. Sim. É a que estávamos buscando. É uma nave maior do que esta, e melhor. Pode se mover pelo espaço tão rapidamente que, se fugisse de nós, nossa nave não teria a menor chance de alcançá-la, nem mesmo de segui-la.

– Mais rápida do que uma nave dos mestres? – Sura Novi parecia abalada pela ideia.

– Eu posso ser, como você diz, um mestre – Gendibal deu de ombros –, mas não sou mestre de tudo. Nós, estudiosos, não temos naves como essas, nem muitos dos equipamentos físicos que os donos dessas naves têm.

– Mas como podem os estudiosos não ter coisas assim, Mestre?

– Porque somos mestres no que é importante. Os avanços materiais que eles possuem são insignificâncias.

As sobrancelhas de Novi se uniram conforme ela pensava.

– Ir rápido a ponto de um mestre não pode seguir não me parece uma insignificância. Quem são essas pessoas tendedoras... que têm coisas assim?

Gendibal divertiu-se com a pergunta.

– Eles se chamam de Fundação. Já ouviu falar na Fundação?

(Ele se pegou imaginando o que os lorianos sabiam e não sabiam sobre a Galáxia, e por que essa questão nunca tinha ocorrido aos Oradores antes. Ou será que ele era o único que nunca tinha pensado

nisso, o único que pressupunha que os lorianos não se importavam com nada além de lavrar o solo?)

Novi negou com a cabeça, pensativa.

– Nunca ouvi falar, Mestre. Quando o mestre-escola me ensinou entende-letra, quero dizer, a ler, me contou que existem muitos outros mundos e me contou os nomes de alguns. Ele disse que nosso mundo loriano tinha o nome de verdade de "Trantor" e que, uma vez, governou todos os mundos. Disse que Trantor era coberto de metal brilhante e que tinha um imperador todo-mestre. Mas inacreditei a maior parte – seus olhos se levantaram para encarar Gendibal, com um mérito tímido. – Existem muitas histórias que os tecelões de palavras contam nas salas de reunião na época de noites mais longas. Quando eu era uma menininha, acreditava em todas, mas fui ficando mais velha e descobri que muitas não eram verdade. Acredito em poucas agora, talvez nenhuma. Até os mestres-escola contam inacréditos.

– Novi, essa história do mestre-escola é verdade, mas foi há muito tempo. Trantor era, de fato, coberto por metal e tinha, de fato, um imperador que dominava toda a Galáxia. Mas agora são as pessoas da Fundação que dominarão, algum dia, todos os mundos. Eles ganham força o tempo todo.

– Vão dominar *tudo*, Mestre?

– Não imediatamente. Em quinhentos anos.

– E eles serão mestres dos mestres também?

– Não, não. Dominarão os mundos. Nós *os* dominaremos, pela segurança deles e pela segurança de todos os mundos.

Mais uma vez, Novi franzia a testa.

– Mestre – disse –, essas pessoas da Fundação têm muitas dessas naves especiais?

– Imagino que sim, Novi.

– E outras coisas que são muito... maravilhosas?

– Eles têm armas poderosas de todos os tipos.

– Então, Mestre, eles poderiam dominar todos os mundos agora?

– Não, não poderiam. Ainda não é o momento.

– Mas por que não? Os mestres os impediriam?

– Não precisaríamos, Novi. Mesmo que não fizéssemos nada, eles não poderiam dominar todos os mundos.

– Mas o que os impediria?

– Existe um Plano – começou Gendibal – criado por um sábio para...

Ele parou, sorriu gentilmente e negou com a cabeça.

– É difícil explicar, Novi. Outra hora, talvez. Na realidade, se você testemunhar o que acontecerá antes de vermos Trantor novamente, talvez até entenda sem a minha explicação.

– O que acontecerá, Mestre?

– Não sei ao certo, Novi. Mas tudo correrá bem.

Ele se virou e se preparou para contatar Compor. Conforme o fez, não conseguiu evitar um pensamento, que disse: pelo menos, é o que espero.

Ficou imediatamente bravo consigo mesmo, pois sabia a fonte daquele devaneio tolo e debilitador. Era a imagem do elaborado e colossal poder da Fundação materializado na nave de Compor; era seu constrangimento em reação à admiração aberta de Novi por ela.

Estúpido! Como pôde se permitir comparar a posse de força e poder quando se tem a habilidade de conduzir eventos? Era o que gerações de Oradores chamavam de “a falácia da mão na garganta”.

E pensar que ele ainda não estava imune a seus tentáculos...

2

Munn Li Compor não tinha a menor ideia de como deveria se portar. Durante a maior parte de sua vida, teve a visão de poderosos Oradores existindo logo além do limite de seu círculo de experiências – Oradores com quem teve esporádicos contatos e que seguravam, em suas misteriosas mãos, toda a humanidade.

De todos eles, fora Stor Gendibal a quem, em anos recentes, Compor recorrera em busca de orientação. Na maioria das vezes, não era nem com uma voz que ele se encontrava, e sim com uma presença em sua mente: hipercomunicação sem um hipertransmissor.

Nesse aspecto, a Segunda Fundação havia ido muito mais longe do que a Fundação. Sem equipamentos físicos, mas com apenas o treinado e desenvolvido poder da mente, eles tinham a capacidade de estender seu alcance por parsecs e parsecs de uma maneira que não podia ser grampeada nem violada. Era uma rede invisível e indetectável que encobria todos os mundos por meio da meditação de

relativamente poucos e dedicados indivíduos.

Compor tinha, mais de uma vez, sentido uma espécie de contentamento ao pensar em seu papel. O grupo, do qual era membro, era pequeno, mas como era grande sua influência – e como tudo aquilo era secreto! Nem mesmo sua esposa sabia sobre sua vida oculta.

E eram os Oradores que manipulavam tudo ao fundo. E era esse Orador, esse Gendibal, que poderia (imaginava Compor) ser o próximo Primeiro Orador, o mais-do-que-imperador de um mais-do-que-Império.

Agora Gendibal estava ali, em uma nave de Trantor, e Compor esforçou-se para conter sua decepção por esse encontro não ocorrer no planeta dos Oradores.

E *aquilo* era uma nave de Trantor? Qualquer comerciante do passado que tivesse carregado mercadorias da Fundação através de uma Galáxia hostil fora dono uma nave melhor do que aquela. Não era surpresa que o Orador tivesse levado tanto tempo para cruzar a distância entre Trantor e Sayshell.

Não era nem equipada com um mecanismo de unidoca, que teria unido as duas naves quando a transferência mútua de tripulantes fosse necessária. Até mesmo a desprezível frota sayshelliana era equipada com aquilo. Em vez disso, o Orador precisou manter velocidade equivalente, para então estender um cabo pelo espaço e embarcar apoiando-se nele, como na época do Império.

Era isso, pensou Compor com pesar, incapaz de reprimir o sentimento. A nave não era nada além de uma embarcação Imperial antiquada – e pequena, ainda por cima.

Duas figuras se moviam pelo espaço, uma delas tão desajeitada que ficou evidente o fato de nunca ter se locomovido em gravidade zero antes.

Finalmente, embarcaram e retiraram seus trajes espaciais. O Orador Stor Gendibal era de altura média e de aparência nada marcante; não era grande nem poderoso, tampouco exalava um ar de sabedoria. Seus olhos escuros e penetrantes eram a única indicação de sua inteligência. Agora, o Orador o analisava com indicações claras de que *ele mesmo* estava impressionado.

A outra pessoa era uma mulher da mesma altura de Gendibal, de aparência simplória. Sua boca abriu-se de assombro conforme ela olhava à sua volta.

3

Cruzar o espaço apoiando-se no cabo não foi uma experiência totalmente desagradável para Gendibal. Não era um astronauta – nenhum membro da Segunda Fundação era –, mas também não era um rato de superfície, pois os membros da Segunda Fundação não podiam ser. Afinal, a possível necessidade de voos espaciais estava sempre à espreita, mesmo que cada indivíduo da Segunda Fundação preferisse que tal necessidade surgisse o mínimo possível. (Preem Palver – cujo histórico de viagens era lendário – certa vez disse, lamentando-se, que quanto menos vezes um Orador sentiu-se compelido a viajar pelo espaço para garantir o sucesso do Plano, mais bem-sucedida foi sua carreira.)

Gendibal havia precisado usar o cabo apenas três vezes antes. Aquela era sua quarta vez e, mesmo que tivesse ficado tenso com a situação, seu medo desapareceu sob a preocupação que sentia por Sura Novi. Ele não precisava de habilidades mentálicas para ver que pisar no nada a perturbava imensamente.

– Eu tê amedoada, Mestre – ela disse quando ele explicou o que precisava ser feito. – Sê no nada que eu tê que fazer passo – seu súbito retrocesso ao acentuado sotaque loriano mostrava o tamanho de sua angústia.

– Não posso largá-la a bordo desta nave – disse Gendibal, carinhosamente –, pois seguirei para a outra e preciso de você comigo. Não há problema, pois seu traje espacial a protegerá de todo perigo, e não há para onde cair. Mesmo que se solte do cabo, ficará praticamente onde está e eu estarei a um braço de distância para puxá-la. Venha, Novi, mostre-me que é corajosa e inteligente o suficiente para se tornar uma estudiosa.

Ela não fez mais nenhuma objeção e Gendibal, mesmo que resistindo a fazer alguma coisa que pudesse perturbar a suavidade de sua mente, injetou um leve toque calmante em sua superfície.

– Ainda pode falar comigo – disse Gendibal, depois que ambos estavam lacrados em seus trajes espaciais. – Posso ouvi-la se você se concentrar para pensar. Pense nas palavras com clareza e concentração, uma a uma. Você pode me ouvir agora, não pode?

– Sim, Mestre – ela respondeu.

Ele podia ver seus lábios se movendo através do visor transparente.

– Diga sem mover os lábios, Novi. Não há nenhum rádio nos trajes que os estudiosos usam. Tudo é feito pela mente.

Os lábios de Novi não se mexeram e ela pareceu mais ansiosa: "Pode me ouvir, Mestre?"

"Perfeitamente", pensou Gendibal também sem mexer os lábios. "Você me ouve?"

"Sim, Mestre".

"Então venha comigo e faça como eu."

Eles atravessaram. Gendibal conhecia a teoria, mesmo que, na prática, fosse apenas moderadamente habilidoso. O truque era manter as pernas estendidas e unidas, e movê-las apenas a partir do quadril. Assim, o centro de gravidade movia-se em linha reta conforme os braços alcançavam o cabo à frente de maneira alternada e constante. Ele havia explicado isso a Sura Novi e, sem se virar para observá-la, estudou a posição do corpo dela a partir do centro de controle motor em seu cérebro.

Para alguém que nunca tinha feito aquilo, ela se saiu muito bem, quase tão bem quando Gendibal. Ela reprimiu seus temores e seguiu as instruções. Gendibal mais uma vez viu-se contente com ela.

Ainda assim, Novi ficou claramente feliz por estar a bordo de uma nave novamente, e Gendibal também. Ele olhou à sua volta conforme removia o traje espacial e ficou impressionado com a sofisticação e o estilo da embarcação. Não reconheceu quase nenhum equipamento, e seu coração afundou com o pensamento de que teria pouco tempo para aprender a lidar com tudo aquilo. Talvez precisasse transferir habilidades diretamente do homem já a bordo, algo que nunca era tão satisfatório quanto o aprendizado verdadeiro.

Então se concentrou em Compor. Compor era alto e magro; alguns anos mais velho do que ele; muito bonito, em uma constituição ligeiramente franzina; tinha um cabelo cuidadosamente ondulado, de um amarelo surpreendente.

E era óbvio para Gendibal que essa pessoa estava desapontada com, e talvez até desprezasse, o Orador que acabava de conhecer. Para completar, ele simplesmente não conseguia esconder o fato.

Gendibal não se importava com esse tipo de coisa. Compor não era um trantoriano, nem mesmo um membro pleno da Segunda Fundação, e claramente tinha suas ilusões. Até mesmo a análise mais superficial de sua mente mostrava isso. Entre elas, estava a ilusão de que o poder

genuíno estava necessariamente relacionado com a aparência de poder. Ele poderia, claro, continuar com essas ilusões, desde que não interferissem no que Gendibal precisava – e, neste momento, aquela ilusão *era* uma interferência.

O que Gendibal fez foi o equivalente mentálico de um estalar de dedos. Compor hesitou de leve sob a sensação de uma dor aguda, mas passageira. Houve uma impressão de concentração reforçada que enrugou a membrana de seu pensamento e deixou o homem com a consciência de um poder incrível e rotineiro que poderia ser utilizado a qualquer momento, caso o Orador desejasse.

Compor encheu-se de um vasto respeito por Gendibal.

– Estou apenas chamando sua atenção, Compor, meu amigo – disse Gendibal, cordial. – Por favor, me informe o paradeiro de seu amigo, Golan Trevize, e do colega dele, Janov Pelorat.

– Devo falar na presença da mulher, Orador? – perguntou Compor, hesitante.

– A mulher, Compor, é uma extensão de mim. Logo, não há motivos para não falar abertamente.

– Como quiser, Orador. Trevize e Pelorat agora se aproximam de um planeta chamado Gaia.

– Assim me disse no seu último informe, dias atrás. Eles certamente já aterrissaram em Gaia e talvez já tenham saído de lá. Afinal, não ficaram muito tempo no planeta Sayshell.

– Eles ainda não tinham pousado durante o período em que os segui, Orador. Aproximaram-se do planeta com extrema cautela, parando por períodos consideráveis entre Microssaltos. É evidente, para mim, que eles não têm informações sobre o planeta que investigam, e, portanto, hesitam.

– *Você* tem informações, Compor?

– Nada, Orador – respondeu Compor –, ou, pelo menos, o computador da minha nave não oferece nada.

– Este computador? – os olhos de Gendibal pousaram no painel de controle e ele perguntou, com esperança repentina: – Pode ajudar no controle da nave?

– Pode comandar a nave totalmente, Orador. Basta pensar na ordem.

Gendibal sentiu-se subitamente inquieto.

– A Fundação chegou tão longe? – perguntou.

– Sim, mas de maneira desajeitada. O computador não funciona muito bem. Preciso repetir meus pensamentos diversas vezes e, ainda assim, obtenho apenas o mínimo de informações.

– Talvez eu me saia melhor – disse Gendibal.

– Estou certo disso, Orador – respondeu Compor, respeitosamente.

– Mas isso não importa, no momento. Por que o computador não tem informações sobre Gaia?

– Não sei, Orador. Afirma, tanto quanto um computador poderia ser capaz de *afirmar*, ter registros sobre todos os planetas habitados por humanos na Galáxia.

– Não pode ter mais informações do que as que foram registradas em sua memória, e se aqueles que o alimentaram acreditavam ter registros de todos os tais planetas, quando, na verdade, não tinham, então o computador funcionaria sob a mesma pressuposição. Correto?

– Certamente, Orador.

– Investigou sobre ele em Sayshell?

– Orador – disse Compor, desconfortável –, há pessoas que falam sobre Gaia em Sayshell, mas o que dizem não tem valor. Superstições óbvias. A história que contam é que Gaia é um planeta poderoso, que manteve até o Mulo a distância.

– É mesmo isso que dizem? – respondeu Gendibal, ocultando seu entusiasmo. – Você estava tão certo de que era superstição que não pediu detalhes?

– Pelo contrário, Orador. Inquiri bastante, mas o que acabei de lhe contar é tudo o que qualquer um pode dizer. Podem falar bastante sobre o assunto, mas, quando o fazem, tudo se resume ao que lhe disse.

– Aparentemente – disse Gendibal –, foi isso o que Trevize ouviu, e está seguindo até Gaia por alguma razão conectada a isso. Para explorar esse grande poder, talvez. E o faz cautelosamente, pois é possível que também tema esse grande poder.

– É certamente uma possibilidade, Orador.

– E mesmo assim não o seguiu?

– Segui, Orador, por tempo suficiente para determinar que ele estava, de fato, seguindo para Gaia. Então, retornei para cá, para os arredores do sistema gaiano.

– Por quê?

– Três motivos, Orador. Primeiro, o senhor estava prestes a chegar

e eu queria encontrá-lo em algum ponto do caminho e trazê-lo a bordo o mais cedo possível, como o senhor ordenou. Como minha nave tem um hipertransmissor, eu não poderia me afastar demais de Trevize e Pelorat sem despertar suspeitas em Terminus, mas concluí que poderia arriscar essa distância. Em segundo lugar, quando ficou claro que Trevize se aproximava do planeta Gaia lentamente, julguei que haveria tempo suficiente para que eu me locomovesse até o senhor e acelerasse nosso encontro sem ser arrebatado pelos acontecimentos, especialmente considerando que o senhor seria mais competente do que eu para segui-lo até o planeta e lidar com qualquer emergência que possa surgir.

– De fato. E o terceiro motivo?

– Desde o nosso último contato, Orador, aconteceu algo que eu não esperava e que não entendo. Senti que, também por esse motivo, eu deveria apressar nosso encontro o máximo que eu pudesse ousar.

– E qual é esse evento inesperado e incompreensível?

– Naves da frota da Fundação se aproximam da fronteira sayshelliana. Meu computador captou essa informação das transmissões de noticiários sayshellianos. Pelo menos cinco naves avançadas estão na flotilha e têm poder suficiente para esmagar Sayshell.

Gendibal não respondeu de imediato, pois não seria vantajoso demonstrar que ele não esperava tal manobra – e que também não a entendia. Por isso, depois de um instante, perguntou, negligentemente:

– Você acredita que tem alguma coisa a ver com Trevize se aproximando de Gaia?

– Aconteceu imediatamente depois, e se B segue A, então existe pelo menos uma possibilidade de que A tenha causado B.

– Pois bem. Aparentemente todos nós convergiremos em Gaia: Trevize, eu e a Primeira Fundação. Você fez bem, Compor – disse Gendibal –, e agora faremos o seguinte. Primeiro, você me mostrará como funciona esse computador, e, assim, aprenderei a controlar a nave. Tenho certeza de que não demoraremos. Em seguida, você irá para a minha nave, pois, a essa altura, terei transferido a você os conhecimentos necessários para pilotá-la. Não terá problemas para manobrá-la, apesar de que, devo avisá-lo, como certamente deduziu a partir de sua aparência, é bastante primitiva. Uma vez que estiver nos

controles, a manterá aqui e esperará por mim.

– Por quanto tempo, Orador?

– Até que eu venha a você. Não espero ficar longe tempo suficiente para que você corra o risco de ficar sem suprimentos, mas, se demorar indevidamente, siga para algum planeta habitado da Aliança Sayshell e espere por lá. Onde quer que esteja, eu o encontrarei.

– Como quiser, Orador.

– E não fique alarmado. Posso lidar com esse misterioso planeta Gaia e, se necessário, com as cinco naves da Fundação.

4

Littarel Thoobing era o embaixador da Fundação em Sayshell havia sete anos. Gostava muito do cargo.

Alto e um tanto robusto, usava um espesso bigode marrom em uma época em que a moda predominante, tanto na Fundação como em Sayshell, era barba rente. Tinha uma fisionomia severa apesar de ter apenas 54 anos de idade, e era bastante inclinado a adotar um ar de educada indiferença. Sua atitude em relação ao trabalho não ficava evidente.

Ainda assim, gostava muito do cargo. A função o mantinha longe dos tumultos políticos de Terminus – algo que o deixava muito agradecido – e garantia a chance de levar a vida de um sibarita sayshelliano e de sustentar sua esposa e sua filha em um padrão social no qual haviam se tornado viciados. Ele não queria que sua vida fosse perturbada.

Por outro lado, não gostava nada de Liono Kodell, talvez porque ele também usava bigode, ainda que menor, mais curto e cinzento. No passado, os dois eram as únicas pessoas com vidas públicas proeminentes que usavam bigode, e houve certa competição entre eles por isso. Agora, pensava Thoobing, não havia; Kodell era desprezível.

Kodell já era Diretor de Segurança quando Thoobing ainda estava em Terminus, sonhando em se opor a Harla Branno na corrida pela Prefeitura, até que foi comprado pela oferta da embaixada. Branno o fez em vantagem própria, claro, mas ele acabou devendo favores a ela por isso.

Mas não a Kodell. Talvez fosse por causa da animação inabalável

dele, da maneira como ele era sempre uma pessoa tão *amigável*, até mesmo depois de decidir exatamente de que forma sua garganta seria cortada.

Agora Kodell estava ali, em imagem hiperespacial, animado como sempre, esbanjando bonomia. Sua pessoa propriamente dita estava, claro, em Terminus, o que poupava Thoobing da necessidade de qualquer demonstração concreta de hospitalidade.

– Kodell – disse Thoobing –, quero que aquelas naves sejam retiradas.

– Ora, eu também – Kodell abriu um sorriso –, mas a velha está decidida.

– Você já a persuadiu a desistir de algumas coisas.

– Uma vez ou outra. Talvez. Quando ela quer ser persuadida. Dessa vez, ela não quer. Faça seu trabalho, Thoobing. Mantenha a calma em Sayshell.

– Não estou pensando em Sayshell, Kodell. Estou pensando na Fundação.

– Assim como todos nós.

– Não fique defensivo, Kodell. Quero que me escute.

– Com prazer, mas este é um momento caótico em Terminus e não vou ouvi-lo para sempre.

– Serei tão breve quanto possível ao se discutir a possibilidade de destruição da Fundação. Se essa linha hiperespacial não estiver grampeada, falarei abertamente.

– Não está grampeada.

– Então me permita continuar. Alguns dias atrás, recebi uma mensagem de um tal de Golan Trevize. Lembro-me de um Trevize em meus dias na política, um comissário do Transporte.

– O tio desse jovem – respondeu Kodell.

– Ah, então você conhece o Trevize que me enviou a mensagem. De acordo com as informações que coletei desde então, ele era um conselheiro que, depois do recente sucesso na resolução de uma crise Seldon, foi preso e exilado.

– Exato.

– Eu não acredito nessa história.

– No que você não acredita?

– Que ele foi mandado para o exílio.

– Por que não?

– Quando, na história, um cidadão da Fundação foi enviado para o exílio? – questionou Thoobing. – Ou ele é preso, ou não é preso. Se for preso, é julgado ou não é julgado. Se for julgado, é condenado ou não é condenado. Se for condenado, é multado, rebaixado, humilhado, preso ou executado. Ninguém é mandado para o exílio.

– Há sempre uma primeira vez.

– Não faz sentido! Em uma nave de ponta? Que tipo de imbecil não enxergaria que ele está numa missão para a velha? Quem ela espera enganar?

– O que seria essa missão?

– Supostamente, encontrar o planeta Gaia.

Um pouco da animação abandonou o rosto de Kodell. Uma dureza incomum surgiu em seus olhos.

– Sei que não sente um impulso avassalador de acreditar em minhas afirmações, senhor embaixador, mas rogo para que acredite, neste caso em especial. Nem a prefeita nem eu sabíamos sobre Gaia no momento em que Trevize foi enviado ao espaço. Ouvimos falar de Gaia pela primeira vez há pouco tempo. Se acreditar nisso, a conversa poderá continuar.

– Suspenderei minha tendência ao ceticismo por tempo suficiente para aceitar isso, diretor, apesar de representar grande dificuldade.

– É a verdade, senhor embaixador, e, se repentinamente adotei um tom formal em minhas declarações, é porque, quando tudo isso acabar, descobrirá que terá perguntas a responder e não serão momentos agradáveis. Você fala como se Gaia fosse um mundo com o qual é familiarizado. Como é possível que você saiba de algo que não sabemos? Não é sua obrigação garantir que estejamos informados de tudo o que você sabe sobre a unidade política à qual foi designado?

– Gaia não faz parte da Aliança Sayshell – respondeu Thoobing, mansamente. – Na realidade, talvez nem exista. Devo transmitir a Terminus todos os contos de fadas que as classes mais baixas de Sayshell contam sobre Gaia? Alguns dizem que Gaia está localizada no hiperespaço. De acordo com outros, é um mundo sobrenatural que protege Sayshell. De acordo com outros, ainda, enviou o Mulo para assolar a Galáxia. Se planeja dizer ao governo sayshelliano que Trevize foi enviado para encontrar Gaia e que as cinco naves avançadas da marinha da Fundação foram mandadas para oferecer apoio em sua busca, eles não acreditarão. As pessoas podem acreditar

em contos de fadas sobre Gaia, mas o governo não acredita, e não ficarão convencidos de que a Fundação acredita. Suspeitarão que vocês pretendem forçar a entrada da Aliança Sayshell na Federação da Fundação.

– E se estivermos planejando fazer isso?

– Seria fatal. Pense bem, Kodell, nos cinco séculos de história da Fundação, quando batalhamos para conquistar? Batalhamos para prevenir nossa própria derrota, e falhamos uma vez, mas nenhuma guerra terminou com a extensão de nosso território. Adesões à Fundação foram feitas por meio de acordos pacíficos. Uniram-se a nós aqueles que viram vantagens na união.

– Não seria possível que Sayshell visse benefícios em se unir a nós?

– Nunca será uma possibilidade enquanto nossas naves continuarem em suas fronteiras. Ordene a retirada.

– Impossível.

– Kodell, Sayshell é uma ótima propaganda sobre a benevolência da Federação da Fundação. É quase cercada por nosso território, está em uma posição completamente vulnerável e, ainda assim, até agora está segura, seguiu o próprio caminho, pôde até manter uma política externa anti-Fundação livremente. Qual é a melhor maneira de mostrar à Galáxia que não forçamos ninguém, que oferecemos amizade a todos? Se dominarmos Sayshell, tomaremos o que, em essência, já temos. Afinal, nós os dominamos economicamente, em silêncio. Mas se dominarmos por força militar, passaremos a mensagem a toda a Galáxia de que nos tornamos expansionistas.

– E se eu disser que estamos interessados somente em Gaia?

– Não hei de acreditar, tampouco a Aliança Sayshell. Esse homem, Trevize, me envia uma mensagem dizendo que está a caminho de Gaia e me pede para encaminhá-la a Terminus. Assim o fiz, contra o meu bom senso, porque é minha obrigação e, antes de a linha hiperespacial esfriar, a marinha da Fundação entra em movimento. Como chegarão a Gaia sem invadir o espaço sayshelliano?

– Meu *caro* Thoobing, certamente não está escutando o que você mesmo diz. Não acabou de me contar que Gaia, se existir, não faz parte da Aliança Sayshell? E presumo que saiba que o hiperespaço é livre para todos e não faz parte do território de nenhum mundo. Portanto, como Sayshell pode protestar se nos movermos a partir do território da Fundação, onde nossas naves estão nesse momento, pelo

hiperespaço, até o território gaiano, e nunca, nesse processo, ocuparmos um único centímetro cúbico do território sayshelliano?

– Sayshell não enxergará os eventos dessa maneira, Kodell. Gaia, se existir, é totalmente cercada pela Aliança Sayshell, mesmo que não faça parte dela politicamente, e há precedentes que fazem tais enclaves serem, virtualmente, partes do território que os cercam, no que diz respeito a espaçonaves inimigas.

– Nossas naves não são espaçonaves inimigas. Estamos em paz com Sayshell.

– Estou dizendo, Sayshell talvez declare guerra. Eles não esperam vencer o conflito por meio de superioridade militar, mas o fato é que a guerra iniciaria uma onda de atividades anti-Fundação pela Galáxia. As novas políticas expansionistas da Fundação encorajariam o crescimento de alianças contra nós. Alguns membros da Federação começarão a repensar seus acordos conosco. Talvez sejamos derrotados nessa guerra por desentendimentos internos, e certamente reverteríamos o processo de crescimento que serviu tão bem à Fundação por quinhentos anos.

– Vamos lá, Thoobing – disse Kodell, indiferente. – Você fala como se quinhentos anos não fossem nada, apesar de ainda sermos a Fundação da época de Salvor Hardin, lutando contra o reino de Anacreon. Somos muito mais poderosos agora do que o Império Galáctico jamais foi, mesmo em seu auge. Um esquadrão de nossas naves poderia derrotar toda a Frota Imperial, ocupar qualquer setor galáctico e nem perceber que esteve em uma batalha.

– Não estamos enfrentando o Império Galáctico. Batalhamos contra planetas e setores do nosso próprio tempo.

– Que não avançaram tanto quanto nós. Poderíamos unir toda a Galáxia agora mesmo.

– De acordo com o Plano Seldon, não podemos uni-la pelos próximos quinhentos anos.

– O Plano Seldon subestima a velocidade dos avanços tecnológicos. Podemos fazer isso agora! Entenda, não estou dizendo que *vamos* fazer ou que *deveríamos* fazer. Digo apenas que *podemos* fazer isso agora.

– Kodell, você viveu sua vida toda em Terminus. Não conhece a Galáxia. Nossa frota e nossa tecnologia podem vencer as forças armadas dos outros mundos, mas ainda não podemos dominar uma Galáxia rebelde e tomada pelo ódio... e é assim que estará a Galáxia se

tentarmos dominá-la à força. Ordene a retirada das naves!

– Isso não pode ser feito, Thoobing. Pense. E se Gaia não for um mito?

Thoobing parou, analisando o rosto do outro como se estivesse ansioso para ler sua mente.

– Um mundo no hiperespaço não ser um mito? – perguntou.

– Um mundo no hiperespaço é superstição, mas mesmo superstições podem surgir de essências verdadeiras. Esse homem, Trevize, que foi exilado, fala sobre o planeta como se fosse um mundo real no espaço real. E se ele estiver certo?

– Bobagem. Não acredito.

– Não? Acredite por um instante. Um mundo real que manteve Sayshell protegida do Mulo e da Fundação!

– Mas você se contradiz. Como Gaia estaria mantendo os sayshellianos protegidos contra a Fundação, se estamos enviando naves contra eles?

– Não contra eles, mas contra Gaia, que é tão misteriosamente desconhecido, que é tão cuidadoso para evitar ser identificado, que mesmo estando no espaço real, convence os mundos vizinhos de que está no hiperespaço e que consegue, até, ficar de fora dos bancos de dados computadorizados dos melhores e mais completos mapas galácticos.

– Então deve ser um mundo um tanto incomum, pois talvez possa manipular mentes.

– E você não acabou de dizer que um dos contos sayshellianos é sobre Gaia ter enviado o Mulo para assolar a Galáxia? O Mulo podia manipular mentes, não podia?

– Então Gaia é um mundo de Mulos?

– Está certo de que não é?

– Nesse caso, por que não seria o mundo da Segunda Fundação renascida?

– De fato. Por que não? Não deveríamos investigar?

Thoobing ficou mais sério. Sorrira com escárnio nas últimas provocações, mas agora abaixou a cabeça e olhou por sob as sobrancelhas.

– Se está falando sério, essa investigação não seria perigosa?

– É perigosa?

– Você responde às minhas perguntas com outras perguntas porque

não tem respostas razoáveis. De que utilidade serão naves contra Mulos ou contra membros da Segunda Fundação? Não seria provável, inclusive, que eles estivessem nos atraindo para a destruição, caso existam? Escute, você me diz que a Fundação poderia estabelecer seu Império agora, mesmo que o Plano Seldon tenha chegado apenas à metade, e avisei que você estaria se adiantando demais e que as complexidades do Plano o impediriam à força. Talvez, se Gaia existir e for o que você diz, tudo não passe de um plano para reduzir a velocidade desse avanço. Faça voluntariamente agora o que você talvez seja obrigado a fazer em breve. Faça pacificamente, sem banhos de sangue, o que você talvez seja obrigado a fazer com uma terrível tragédia. Ordene a retirada das naves.

– Não é possível. Na verdade, Thoobing, a própria prefeita Branno pretende se juntar às naves, e escoltas já cruzaram o hiperespaço até o que é, teoricamente, território gaiano.

Os olhos de Thoobing se arregalaram.

– Certamente haverá guerra, estou dizendo.

– Você é nosso embaixador. Previna isso. Garanta aos sayshellianos toda a tranquilidade de que precisem. Negue qualquer má intenção de nossa parte. Diga-lhes, se precisar, que será recompensador permanecerem calados e esperar que Gaia nos destrua. Diga o que quiser, mas mantenha-os quietos.

Ele fez uma pausa, analisando a expressão chocada de Thoobing, e disse:

– É isso. Até onde sei, nenhuma nave da Fundação pousará em nenhum mundo da Aliança Sayshell nem invadirá nenhum ponto do espaço real que seja parte dessa Aliança. Todavia, qualquer nave sayshelliana que tente nos desafiar fora do território da Aliança (ou seja, dentro de território da Fundação) será imediatamente reduzida a pó. Deixe isso perfeitamente claro e mantenha os sayshellianos em silêncio. Se falhar, enfrentará consequências muito graves. Teve um trabalho fácil até agora, Thoobing, mas tempos difíceis estão diante de você e as próximas semanas decidirão tudo. Decepcione-nos e não haverá lugar na Galáxia que seja seguro para você.

Não havia alegria nem afabilidade no rosto de Kodell quando o contato foi interrompido e sua imagem desapareceu.

Boquiaberto, Thoobing observou o lugar onde ele tinha estado.

5

Golan Trevize mexeu em seus cabelos como se estivesse tentando, pelo toque, entender as condições de seus pensamentos.

– Qual é seu estado de espírito? – perguntou bruscamente a Pelorat.

– Estado de espírito?

– Sim. Cá estamos, presos, com nossa nave sob controle externo e sendo tragados inexoravelmente para um mundo sobre o qual não sabemos nada. Você está em pânico?

O rosto de Pelorat demonstrava certa melancolia.

– Não – ele respondeu. – Mas não estou contente. Sinto um pouco de apreensão, mas não estou em pânico.

– Nem eu. Não é estranho? Por que não estamos mais nervosos?

– É algo pelo que nós esperávamos, Golan. *Alguma coisa* desse tipo.

Trevize se virou para a tela. Continuava focada na estação espacial. Parecia maior, o que significava que estavam mais perto.

Sua impressão foi de que era uma estação espacial sem nenhum design impressionante. Não havia nada nela que representasse superciência. Pelo contrário, parecia um pouco primitiva. Ainda assim, dominava completamente sua nave.

– Estou sendo muito analítico, Janov – disse Trevize. – Frio! Acredito que não sou um covarde e que me comporto bem sob pressão, mas tendo a me superestimar. Todos se superestimam. Neste momento, eu deveria estar pulando de um lado para o outro e suando frio. Podíamos estar esperando por *alguma coisa*, mas isso não muda o fato de estarmos totalmente vulneráveis e de que podemos ser mortos.

– Creio que não, Golan – respondeu Pelorat. – Se os gaianos podem dominar a nave a distância, não poderiam ter nos matado a distância também? Se ainda estamos vivos...

– Mas não estamos totalmente livres de influências. Estamos calmos demais, estou dizendo. Acho que nos tranquilizaram.

– Por quê?

– Acho que para nos manter em um bom estado mental. É possível que desejem nos interrogar. Depois disso, talvez nos matem.

– Se são racionais o suficiente para quererem nos questionar, podem ser racionais o bastante para não nos matarem sem bons motivos.

Trevize reclinou-se em sua cadeira (ela se inclinava para trás; pelo

menos, eles não haviam privado a cadeira de suas funções) e colocou os pés onde, normalmente, suas mãos fariam contato com o computador.

– Devem ser engenhosos o suficiente para pensar em um motivo que considerem adequado – disse. – Ainda assim, se tocaram nossas mentes, não foi algo intenso. Se fosse o Mulo, por exemplo, teria nos deixado *ansiosos* para ir... exaltados, excitados, cada fibra de nosso ser implorando para chegar lá. – Ele apontou para a estação espacial. – Você se sente assim, Janov?

– Certamente que não.

– Percebe que ainda estou em condições de raciocinar fria e analiticamente? Muito estranho! Ou não tenho ideia? Estou em pânico, incoerente, insano, apenas sob a ilusão de que estou raciocinando fria e analiticamente?

– Você parece são para mim – Pelorat deu de ombros. – Eu talvez esteja tão insano quanto você e sob a mesma ilusão, mas esse tipo de discussão não nos leva a lugar nenhum. Toda a humanidade pode compartilhar a mesma insanidade e estar imersa em uma ilusão comum enquanto vive em um caos comum. Não é algo que possa ser refutado, mas não temos escolha a não ser seguir nossos sentidos – e então, abruptamente, disse: – Eu também estou seguindo um raciocínio.

– Qual?

– Bom, conversamos sobre Gaia ser, possivelmente, um mundo de Mulos, ou uma Segunda Fundação renascida. Já lhe ocorreu uma terceira alternativa, que seja mais plausível do que as outras duas?

– Que terceira alternativa?

Os olhos de Pelorat demonstravam sua entrega a um pensamento. Ele não encarou Trevize e sua voz soou grave e ponderada.

– Lá está um mundo, Gaia, que fez o máximo possível, durante um período indefinido de tempo, para manter isolamento absoluto. Não tentou, de forma nenhuma, contatar qualquer outro mundo, nem mesmo os planetas vizinhos da Aliança Sayshell. Se as histórias de destruição das frotas forem verdadeiras, têm uma ciência avançada em certas áreas, e sua capacidade de nos controlar agora mesmo é prova irrefutável de seu poder. Ainda assim, não fizeram nenhuma tentativa de expansão. Pedem apenas para serem deixados em paz.

– E daí? – os olhos de Trevize se estreitaram.

– É tudo muito inumano. Os mais de vinte mil anos da história humana no espaço foram uma ininterrupta saga de expansão e tentativas de expansão. Praticamente todos os mundos que podem ser habitados *são* habitados. Em quase todos os mundos houve guerra no processo de colonização e quase todos os mundos se acotovelaram com seus vizinhos, vez ou outra. Se Gaia é tão inumana a ponto de ser diferente disso, talvez seja porque é, de fato, inumana.

– Impossível – Trevize negou com a cabeça.

– Por que impossível? – perguntou Pelorat, cordialmente. – Falei sobre o mistério de a humanidade ser a única inteligência evoluída da Galáxia. E se não for? Não poderia haver outra, em um planeta, que não seja guiada pelo impulso expansionista humano? Aliás – Pelorat ficou mais empolgado –, e se houver milhões de inteligências na Galáxia, mas apenas *uma* é expansionista: nós? Todas as outras permaneceriam em casa, reservadas, escondidas...

– Ridículo! – disse Trevize. – Teríamos cruzado com eles. Teríamos aterrissado em seus mundos. Apareceriam em todos os tipos e estágios de tecnologia e a maioria seria incapaz de nos impedir. Mas nunca encontramos nenhum. Pelo espaço! Não encontramos nem ruínas nem relíquias de uma civilização não humana, encontramos? Você é o historiador, então me diga. Encontramos?

– Não encontramos – Pelorat negou com a cabeça. – Mas Golan, poderia haver uma! Esta!

– Eu não acredito. Você diz que o nome é Gaia, que é alguma versão em dialeto antigo do nome "Terra". Como poderia ser não humano?

– O nome "Gaia" foi dado ao planeta por seres humanos... e quem saberia por quê? A semelhança com um mundo antigo poderia ser coincidência. Pensando bem, o próprio fato de termos sido levados a Gaia, como você explicou detalhadamente algum tempo atrás, e de agora estarmos sendo tragados contra a nossa vontade, é um argumento a favor da não humanidade dos gaianos.

– Por quê? O que isso tem a ver com não humanidade?

– Eles estão *curiosos* em relação a nós. Em relação aos humanos.

– Janov, você está louco – disse Trevize. – Eles vivem em uma Galáxia dominada por humanos por milhares de anos. Por que ficariam curiosos agora? Por que não muito antes? E, se for agora, por que *nós*? Se querem estudar os seres humanos e a cultura humana, por

que não os mundos de Sayshell? Por que iriam nos buscar lá em Terminus?

– Podem estar interessados na Fundação.

– Besteira! – respondeu Trevize, bruscamente. – Janov, você *quer* uma inteligência não humana e *encontrará* uma. Neste momento, acho que, se acreditar que encontrará não humanos, não se preocupará com ter sido capturado, estar indefeso, talvez até ser morto, se eles oferecerem algum tempo para saciar sua curiosidade.

Pelorat começou a gaguejar uma negação indignada, então parou, respirou fundo e disse:

– Bom, você talvez esteja certo, Golan, mas acreditarei nessa teoria mesmo assim. Não acho que precisaremos esperar muito tempo para ver quem está certo. Veja!

Ele apontou para a tela. Trevize (que, em seu discurso inflamado, esquecera-se de observá-la), voltou-se para o computador.

– O que foi? – perguntou.

– Aquilo não é uma nave decolando da estação?

– É *alguma coisa* – admitiu Trevize, relutantemente. – Ainda não consigo identificar detalhes, e não consigo ampliar mais a visualização. Está no máximo – depois de uma pausa, completou: – Parece estar vindo em nossa direção e suponho que seja uma nave. Vamos apostar?

– Que tipo de aposta?

– Se algum dia voltarmos a Terminus – disse Trevize, sardonicamente –, vamos fazer um grande jantar para nós e quem quisermos convidar, até, digamos, quatro pessoas. Será por minha conta se aquela nave que se aproxima for tripulada por não humanos, e por sua conta se forem humanos.

– Estou dentro – respondeu Pelorat.

– Então, feito – e Trevize olhou para a tela, tentando identificar detalhes e se perguntando se alguma coisa poderia revelar, acima de toda dúvida, a não humanidade (ou humanidade) dos seres a bordo.

6

Os cabelos cinza-escuros de Branno estavam imaculadamente penteados e, considerando sua serenidade, ela poderia estar no palácio

da Prefeitura. Não demonstrava nenhum sinal de que estava no espaço sideral apenas pela segunda vez na vida (e a primeira vez, quando acompanhara seus pais em um *tour* de férias em Kalgan, mal poderia ser considerada. Tinha três anos na época).

– É o trabalho de Thoobing, afinal de contas – disse Branno a Kodell, com certo cansaço –, expressar sua opinião e me alertar. Muito bem, ele me alertou. Não o culpo.

Kodell, que embarcara na espaçonave da prefeita para conversar com ela sem a dificuldade psicológica da visualização a distância, disse:

– Ele está naquele cargo há tempo demais. Está começando a pensar como um sayshelliano.

– É o risco ocupacional de um embaixador, Liono. Esperemos até que tudo isso termine, vamos oferecer-lhe umas férias e depois o enviamos a outro lugar. É um homem capacitado. Afinal, teve a coragem de nos encaminhar a mensagem de Trevize sem demora.

– Sim – Kodell sorriu por um instante. – Ele me disse que a encaminhou contra seu próprio bom senso. “Assim o fiz porque é minha obrigação”, disse. Mas senhora prefeita, ele era obrigado a fazê-lo, mesmo contra o próprio “bom senso”, porque, assim que Trevize entrou no espaço da Aliança Sayshell, informei o embaixador Thoobing para nos encaminhar, imediatamente, toda e qualquer informação relacionada a ele.

– Ah, é? – a prefeita Branno virou-se na cadeira para ver o rosto dele mais claramente. – E o que o levou a fazer isso?

– Considerações elementares, na verdade. Trevize estava usando uma nave de última geração da Fundação, e os sayshellianos iriam reparar. Ele é um imbecil nada diplomático, e eles iriam reparar. Portanto, era provável que ele arranjasse problemas, e se tem uma coisa que um membro da Fundação sabe é que, se arrumar confusão em qualquer lugar da Galáxia, pode choramingar para o representante da Fundação mais próximo. Particularmente, eu não me incomodaria em ver Trevize com problemas (isso o ajudaria a deixar de ser moleque, o que seria ótimo para ele), mas a senhora o enviou como um para-raios, e eu gostaria de poder determinar o tipo de relâmpago que talvez o atingisse, portanto providenciei para que o representante da Fundação mais próximo ficasse de olho nele, só isso.

– Entendo. Bom, agora compreendo por que Thoobing reagiu com

tanta intensidade. Enviei-lhe um aviso parecido há pouco tempo. Por ter recebido alertas independentes de nós dois, não é de se surpreender que tenha encarado a aproximação de algumas embarcações da Fundação como algo muito maior do que a realidade. Por que, Liono, não me consultou sobre a questão antes de enviar o aviso?

– Se eu envolvesse a senhora em tudo o que faço – respondeu Kodell, friamente –, a senhora não teria tempo para ser prefeita. Por que a senhora não me informou de suas intenções?

– Se eu o informasse de todas as minhas intenções, Liono – disse Branno, rancorosamente –, você saberia demais. Mas é uma questão de pouca importância, assim como o aviso de Thoobing, e também como qualquer chilique dos sayshellianos. Estou mais interessada em Trevize.

– Nossos batedores localizaram Compor. Ele está seguindo Trevize e ambos se dirigem cautelosamente até Gaia.

– Tenho os relatórios completos desses batedores, Liono. Aparentemente, tanto Trevize como Compor estão levando Gaia a sério.

– Todos desdenham das superstições envolvendo Gaia, senhora prefeita, mas todos pensam: “E se...”. Até mesmo o embaixador Thoobing parece um pouco inquieto em relação a esse assunto. Poderia ser uma estratégia bastante perspicaz por parte dos sayshellianos. Uma espécie de camada de proteção. Se alguém espalha histórias sobre um mundo misterioso e invencível, as pessoas mantêm distância não apenas daquele mundo, mas também dos mundos próximos... como a Aliança Sayshell.

– Acredita que foi por isso que o Mulo ficou longe de Sayshell?

– Possivelmente.

– Certamente não acha que a Fundação poupou Sayshell por causa de Gaia, quando não há nenhum registro desse mundo que tenhamos ouvido falar?

– Admito que não existam menções a Gaia em nossos arquivos, mas também não há nenhuma explicação razoável para nossa moderação no que diz respeito à Aliança Sayshell.

– Vamos torcer, então, para que o governo sayshelliano, apesar da opinião contrária de Thoobing, tenha se convencido, mesmo que apenas um pouco, do poder de Gaia e de sua natureza mortífera.

– Por quê?

– Porque assim a Aliança Sayshell não teria objeções contra nossa aproximação de Gaia. Quanto mais se ressentirem desse avanço, mais se convencerão de que deveriam permitir, para que Gaia acabe conosco. Eles talvez imaginem que a lição seria saudável e que nunca seria esquecida por futuros invasores.

– Mas e se eles estiverem certos, prefeita? E se Gaia *for* mortífera?

– Você mesmo está apelando para o "e se", Liono? – sorriu Branno.

– Devo cogitar todas as possibilidades, prefeita. É meu trabalho.

– Se Gaia for mortífera, Trevize será pego por eles. Essa é *sua* função como para-raios. E Compor também, espero.

– Espera? Por quê?

– Porque os deixará confiantes demais, o que nos será útil. Subestimarão nossas capacidades e serão mais fáceis de lidar.

– Mas e se *nós* estivermos confiantes demais?

– Não estamos – respondeu Branno, inexpressivamente.

– Esses gaianos talvez sejam algo que não podemos conceber e cuja ameaça não podemos quantificar com propriedade. Apenas sugiro isso, prefeita, porque até mesmo essa possibilidade deveria ser levada em conta.

– Acha mesmo? Por que pensa assim, Liono?

– Porque acredito que a senhora sente que, na pior das hipóteses, Gaia é a Segunda Fundação. Suspeito que a senhora esteja convencida de que eles são a Segunda Fundação. Porém, Sayshell tem um histórico interessante, mesmo sob o Império. Somente Sayshell tinha, até certo ponto, governo próprio. Somente Sayshell foi poupada de alguns dos piores impostos dos chamados "maus imperadores". Em resumo, Sayshell parecia contar com a proteção de Gaia mesmo na época do Império.

– E então?

– A Segunda Fundação foi estabelecida por Hari Seldon no mesmo momento em que nossa Fundação passou a existir. A Segunda Fundação não existia nos tempos imperiais, e Gaia existia. Logo, Gaia *não é* a Segunda Fundação. É outra coisa... e, possivelmente, algo pior.

– Não pretendo ficar apavorada com o desconhecido, Liono. Existem duas fontes possíveis de perigo, armas físicas e armas mentais, e estamos totalmente preparados para lidar com ambas. Volte para sua nave e mantenha as unidades nos arredores sayshellianos. Minha nave

seguirá até Gaia sozinha, mas eu manterei contato com você o tempo todo e quero que esteja pronto para vir até nós em apenas um Salto, se for necessário. Vá, Liono, e tire esse olhar perturbado da cara.

– Posso fazer uma última pergunta? A senhora tem *certeza* do que está fazendo?

– Tenho – ela respondeu, inflexível. – Eu também estudei a história de Sayshell e concluí que Gaia não pode ser a Segunda Fundação, mas, como falei, tenho o relatório completo dos batedores e, com base neles...

– Sim?

– Bom, sei onde está localizada a Segunda Fundação e acabaremos com os dois, Liono. Acabaremos com Gaia primeiro e, depois, com Trantor.

17.

Gaia

1

A NAVE QUE SAIU DA ESTAÇÃO ESPACIAL levou horas para se aproximar da *Estrela Distante* – longas horas que Trevize precisou suportar.

Se a situação fosse rotineira, ele teria enviado um sinal e esperaria por uma resposta. Se não houvesse resposta, teria realizado manobras evasivas.

Mas como estava desarmado e não houve nenhuma resposta, a única opção era esperar. O computador não obedecia a nenhuma ordem que envolvesse qualquer coisa no exterior da nave.

Pelo menos tudo funcionava bem no interior dela. Os sistemas de suporte à vida estavam em perfeita ordem, portanto ele e Pelorat tinham conforto físico. Mas de alguma maneira, aquilo não ajudava. O tempo se arrastava e a incerteza em relação ao que estava por vir o estava exaurindo. Percebeu, irritado, que Pelorat aparentava calma. Como se para piorar, enquanto Trevize não tinha a menor sensação de fome, Pelorat abriu um pequeno recipiente com pedaços de frango, que, no ato da abertura, se aqueceu rápida e automaticamente. Agora, se alimentava de modo metódico.

– Pelo espaço, Janov! Isso fede! – disse Trevize, irritado.

Pelorat surpreendeu-se e cheirou o recipiente.

– O cheiro está bom para mim, Golan.

– Não se incomode comigo – Trevize negou com a cabeça. – Estou apenas nervoso. Mas use um garfo! Seus dedos ficarão com cheiro de frango o resto do dia.

Pelorat olhou para os próprios dedos, surpreso.

– Desculpe! Não percebi. Estava pensando em outra coisa.

– Quer tentar adivinhar que tipos de não humanos são as criaturas na nave que se aproxima? – perguntou Trevize, sarcasticamente. Ele tinha vergonha de estar menos calmo do que Pelorat. Era um veterano

da marinha (apesar de nunca ter visto batalhas, claro), e Pelorat era um historiador. Ainda assim, seu companheiro continuava sereno.

– Seria impossível imaginar – disse Pelorat – em que vertente a evolução teria seguido sob condições diferentes daquelas na Terra. As possibilidades talvez não sejam infinitas, mas são tão vastas que é quase como se não houvesse fim. Entretanto, posso prever que eles não são irracionalmente violentos e que nos tratarão de maneira civilizada. Se isso não fosse verdade, já estaríamos mortos.

– Pelo menos ainda consegue raciocinar, Janov, meu amigo. Ainda consegue ficar tranquilo. Meus nervos parecem estar vencendo qualquer tranquilizante que eles tenham aplicado em nós. Tenho uma vontade extraordinária de me levantar e andar de um lado para o outro. Por que aquela maldita nave não chega de uma vez por todas?

– Sou um homem pacato, Golan – disse Pelorat. – Passei minha vida debruçado sobre arquivos enquanto esperava a chegada de mais arquivos. Não faço nada além de esperar. Você é um homem de ação e fica profundamente angustiado quando a ação é impossível.

Trevize sentiu parte de sua tensão desaparecer.

– Subestimo seu bom senso, Janov – murmurou.

– Não, não subestima – respondeu Pelorat, placidamente –, mas até mesmo um acadêmico pode, de vez em quando, entender o mundo.

– E até mesmo o mais inteligente dos políticos pode não entender nada.

– Não foi o que eu disse, Golan...

– Mas é o que eu estou dizendo. Então serei ativo. Ainda posso observar. A nave que se aproxima está próxima o suficiente para parecer distintamente primitiva.

– Parecer?

– Se é um produto de mentes e mãos não humanas – disse Trevize –, o que talvez pareça primitivo pode ser, na verdade, apenas não humano.

– Acha que pode ser um artefato não humano? – perguntou Pelorat, seu rosto avermelhando-se.

– Não sei dizer. Suspeito que artefatos, por mais que variem de cultura para cultura, nunca são tão variáveis quanto os produtos resultantes de diferenças genéticas.

– É apenas especulação da sua parte. Tudo o que conhecemos são culturas diferentes. Não conhecemos outras espécies inteligentes, e,

portanto, não temos como julgar o quão distintos seriam seus artefatos.

– Peixes, golfinhos, pinguins, lulas, até mesmo ambiflexes, que não são de origem terráquea (supondo que os outros são) resolveram o problema de locomoção em um ambiente viscoso por meio da aerodinâmica; assim, suas aparências não são tão diferentes quanto suas configurações genéticas dariam a entender. Talvez seja o caso dos artefatos.

– Os tentáculos da lula e as espirais vibratórias dos ambiflexes – respondeu Pelorat – são imensamente diferentes uns dos outros e de barbatanas, nadadeiras e membros de vertebrados. Poderia ser assim com artefatos.

– De qualquer forma – disse Trevize –, me sinto melhor. Falar besteiras com você, Janov, me acalma. E suspeito que logo descobriremos o que está por vir. A nave não poderá emparelhar com a nossa e o que quer que venha precisará usar um bom e velho cabo (ou, de alguma maneira, farão com que usemos), pois a unidoca será inútil. A não ser que algum não humano use outro sistema completamente diferente.

– Qual é o tamanho da nave?

– Sem usar o computador para calcular a distância da nave por radar, não há como saber o tamanho.

Um cabo foi lançado na direção da *Estrela Distante*.

– Há um humano a bordo – disse Trevize – ou não humanos usam o mesmo equipamento. Talvez nada além de um cabo possa ser usado.

– Pode ser que usem um tubo – respondeu Pelorat. – Ou uma escada horizontal.

– Esses são objetos rígidos. Seria complicado demais estabelecer contato com eles. Você precisa de algo que combine força e flexibilidade.

O cabo fez um ruído na *Estrela Distante* quando a fuselagem (e, consequentemente, o ar lá dentro) vibrou sob o choque. Houve o serpentear de sempre conforme a outra nave fazia os ajustes de velocidade requeridos para as duas seguirem paralelamente. O cabo ficou imóvel em relação às duas.

Um ponto preto surgiu na fuselagem da outra nave e se expandiu, como a pupila de um olho.

– Um diafragma – grunhiu Trevize – em vez de um painel de correr.

– Não humano?

– Não necessariamente, creio. Mas é interessante.

Surgiu uma figura.

Os lábios de Pelorat se contraíram por um instante e então ele disse, com uma voz decepcionada:

– Uma pena. Humano.

– Não necessariamente – respondeu Trevize com calma. – Tudo o que podemos dizer é que parece haver cinco membros. Aquilo poderia ser uma cabeça, dois braços e duas pernas, mas talvez não seja. Espere!

– O que foi?

– Move-se mais rapidamente e com mais habilidade do que eu esperava... Ah!

– O que foi?

– Há algum tipo de propulsão. Até onde posso dizer, não é nada muito potente, mas também não é pé ante pé. Mesmo assim, não necessariamente humano.

A espera pareceu incrivelmente longa, mesmo com a rápida aproximação da figura pelo cabo. Ouviu-se, enfim, o ruído de contato.

– Está embarcando – disse Trevize –, o que quer que seja. Meu impulso é atacar assim que aparecer – ele cerrou os punhos.

– Acho melhor relaxarmos – respondeu Pelorat. – Talvez seja mais forte do que nós. Pode controlar nossas mentes. Decerto há outros na nave. Melhor esperar até sabermos mais sobre o que está diante de nós.

– Você fica cada vez mais sábio, Janov – disse Trevize –, e eu, cada vez menos.

Eles ouviram o acionamento da câmara de despressurização e, finalmente, a figura estava dentro da nave.

– Tamanho normal – murmurou Pelorat. – O traje espacial poderia abrigar um humano.

– Nunca ouvi falar nem vi um design como esse, mas aparentemente não está fora dos limites da manufatura humana. Não diz nada.

A figura com traje espacial posicionou-se diante deles e um membro superior alcançou o capacete redondo, cujo vidro – se aquilo era vidro – era externamente fosco. Nada podia ser visto de seu interior.

O membro tocou algo com um rápido movimento que Trevize não conseguiu ver direito e o capacete imediatamente se separou do resto do traje e foi removido.

O que se expôs foi o rosto de uma jovem e inegavelmente bela mulher.

2

O rosto inexpressivo de Pelorat fez o que pôde para parecer estupefato.

– Você é humana? – perguntou, hesitante.

As sobrancelhas da mulher subiram e seus lábios fizeram um beiço. Não havia como saber, a partir daquilo, se ela encontrara uma língua estranha que não conhecia ou se havia entendido e pensava no que responder.

Sua mão se moveu rapidamente para o lado esquerdo do traje, que se abriu em uma peça só, como se tivesse dobradiças. Ela saiu e o traje continuou de pé, sem ninguém, por alguns momentos. Então, com um leve suspiro que parecia quase humano, ele desfaleceu.

Ela parecia ainda mais nova fora do traje. Suas roupas eram folgadas e translúcidas, com silhuetas visíveis de suas partes íntimas. O manto externo chegava a seus joelhos.

Tinha seios pequenos e cintura fina, com quadris redondos e abundantes. Suas coxas, cujas silhuetas ficavam aparentes, eram generosas, mas suas pernas se estreitavam até tornozelos graciosos. Seus cabelos eram escuros e na altura dos ombros; seus olhos, castanhos e grandes; seus lábios, carnudos e ligeiramente assimétricos.

Ela olhou para si mesma e então solucionou o mistério da compreensão que tinha da língua:

– Eu não *pareço* humana?

Ela falava em Padrão Galáctico com um mínimo de hesitação, como se estivesse se esforçando de leve para demonstrar uma pronúncia impecável.

Pelorat concordou com a cabeça.

– Não posso negar – disse, com um pequeno sorriso. – Bem humana. Encantadoramente humana.

A jovem abriu os braços como se os convidasse para um exame

mais próximo.

– Assim espero, cavalheiros – disse. – Homens morreram por este corpo.

– Eu prefiro viver por ele – respondeu Pelorat, encontrando uma veia de galanteria que o surpreendeu de leve.

– Boa escolha – afirmou a mulher, solenemente. – Uma vez que este corpo é conquistado, todos os suspiros tornam-se suspiros de êxtase.

Ela riu, e Pelorat riu junto.

Trevize, cuja testa estava franzida ao longo da conversa, vociferou:

– Quantos anos você tem?

A mulher pareceu encolher um pouco.

– Vinte e três, cavalheiro.

– Por que veio? Qual é o seu propósito aqui?

– Estou aqui para acompanhá-los até Gaia – seu domínio sobre o Padrão Galáctico hesitou de leve, e suas vogais tenderam a soar diferentes. Ela fazia "estou" soar como "estaou" e "Gaia", como "Gaiea".

– Uma *garota* para nos acompanhar.

A mulher mudou de postura e, repentinamente, tinha o porte de alguém no comando.

– Eu sou Gaia – disse –, assim como qualquer outro. A estação é minha função temporária.

– *Sua* função? É a única a bordo?

– Eu sou tudo o que é necessário – respondeu, orgulhosamente.

– E agora está vazia?

– Não estou mais lá, cavalheiro, mas a estação não está vazia. Pelo contrário.

– O que há na estação? A que se refere? – insistiu Trevize.

– Gaia – respondeu a mulher. – Gaia não precisa de mim. Gaia comanda sua nave.

– Então o que você está fazendo na estação?

– É minha função temporária.

Pelorat segurou Trevize pela manga, mas Trevize se desvencilhou. Pelorat tentou mais uma vez.

– Golan – disse, em um semissussurro urgente. – Não levante a voz para ela. É apenas uma garota. Deixe-me lidar com isso.

Trevize negou furiosamente com a cabeça, mas Pelorat disse:

– Minha jovem, qual é o seu nome?

A mulher sorriu com repentina alegria, como uma reação ao tom mais brando.

– Júbilo – respondeu.

– Júbilo? – perguntou Pelorat. – Lindo nome. Mas certamente não é seu nome inteiro.

– Claro que não. Seria ótimo ter apenas três sílabas. Seria duplicado em todos os lugares e não conseguiríamos distinguir um do outro, e os homens morreriam pelo corpo errado. Jubinobiarella é meu nome completo.

– *Esse* é grande...

– O que, sete sílabas? Não é muito. Tenho amigos com nomes de quinze sílabas e eles não conseguem encontrar combinações para seus apelidos. Sou chamada de Júbilo desde que fiz quinze anos. Minha mãe me chamava de "Nobby", se conseguirem acreditar em um nome assim.

– No Padrão Galáctico, "Júbilo" significa "felicidade arrebatadora" ou "grande contentamento"– disse Pelorat.

– Na língua gaiana também. Não é muito diferente do galáctico, e "felicidade arrebatadora" é a impressão que pretendo transmitir.

– Meu nome é Janov Pelorat.

– Eu sei. E este outro cavalheiro, o da voz alta, é Golan Trevize. Fomos avisados por Sayshell.

– Como você foi avisada? – perguntou Trevize imediatamente, seus olhos estreitando-se.

Júbilo virou-se para ele e respondeu calmamente.

– Não fui eu. Foi Gaia.

– Senhorita Júbilo – disse Pelorat –, nos dá licença para que eu e me parceiro conversemos em particular um momento?

– Sim, claro, mas temos que ir.

– Não vamos demorar.

Ele puxou Trevize com força pelo cotovelo e foi relutantemente seguido até a outra sala.

– O que significa isso? – perguntou Trevize em um sussurro. – Tenho certeza de que ela pode nos ouvir. Ela provavelmente pode ler nossas mentes, maldita criatura.

– Mesmo que ela possa, precisamos de um pouco de isolamento psicológico por um instante. Escute, velho amigo, deixe-a em paz. Não há nada que possamos fazer, e não há nenhum motivo para descontar

sua irritação nela. Provavelmente não há nada que ela possa fazer tampouco. É apenas uma jovem mensageira. Na verdade, enquanto ela estiver a bordo, decerto estamos seguros; eles não a teriam embarcado se pretendessem destruir a nave. Continue agindo como um brutamontes e eles talvez a destruam, conosco dentro, assim que Júbilo sair.

– Não gosto de ficar indefeso – disse Trevize, rabugento.

– E quem gosta? Mas agir como um brutamontes não o fará menos indefeso. Assim, você será apenas um brutamontes indefeso. Oh, meu caro amigo, não quero ser um brutamontes para cima de *você* como estou fazendo agora e peço que me perdoe se estiver sendo excessivamente crítico, mas a garota não é culpada.

– Janov, ela é nova o suficiente para ser sua filha.

Pelorat endireitou a coluna.

– Mais um motivo para tratá-la com gentileza – respondeu. – E não sei o que pretende sugerir com tal afirmação.

Trevize pensou por um momento, então seu rosto relaxou.

– Pois bem. Você está certo. Mas é irritante eles terem enviado uma garota. Poderiam ter mandado um oficial militar, por exemplo, e nos dado algum senso de importância. Só uma menina? E ela fica atribuindo a responsabilidade a Gaia?

– Ela provavelmente se refere a um governante que usa o nome do planeta como um honorífico, ou pode se referir ao Conselho Planetário. Descobriremos. Mas provavelmente não por meio de interrogatório.

– Homens morreram pelo seu corpo! – exclamou Trevize. – Huh! Ela tem quadris imensos!

– Ninguém está pedindo para que você morra pelo corpo dela, Golan – disse Pelorat, gentilmente. – Vamos lá! Permita que ela tenha algum senso de autodeboche. Eu considero divertido e de boa índole.

Encontraram Júbilo no computador, inclinada e analisando seus componentes com as mãos para trás, como se temesse tocá-lo.

Ela olhou para eles quando entraram no recinto inclinando as cabeças sob a viga baixa.

– Esta nave é admirável – disse. – Não compreendo metade do que vejo, mas se vocês pretendem me dar um presente, quero este. É linda. Faz minha nave parecer terrível.

O rosto de Júbilo assumiu uma expressão de curiosidade ardente.

– Vocês são mesmo da Fundação? – perguntou.

– Como sabe sobre a Fundação? – disse Pelorat.

– Aprendemos sobre ela na escola. Principalmente por causa do Mulo.

– Por que por causa do Mulo, Júbilo?

– Ele é um de nós, cavalhe... Que sílabas de seu nome devo usar, cavalheiro?

– Pode ser Jan ou Pel – disse Pelorat. – Qual prefere?

– Ele é um de nós, Pel – respondeu Júbilo, com um sorriso de camaradagem. – Nasceu em Gaia, mas parece que ninguém sabe exatamente onde.

– Imagino – disse Trevize – que ele seja um herói gaiano, hein, Júbilo? – Ele havia se tornado intencionalmente, quase agressivamente, amigável, e lançou um olhar conciliador na direção de Pelorat. – Pode me chamar de Trev – acrescentou.

– Ah, não – ela respondeu de pronto. – É um criminoso. Deixou Gaia sem permissão, e ninguém pode fazer isso. Ninguém sabe *como* ele fez. Mas foi embora, e creio que talvez seja por isso que teve um fim trágico. A Fundação o venceu.

– A *Segunda* Fundação? – perguntou Trevize.

– Há mais de uma? Acho que, se pensasse no assunto, eu saberia, mas, para falar a verdade, não me interesso por história. Do jeito que vejo as coisas, estou interessada apenas no que Gaia acha melhor. Se não retenho história, é porque existem historiadores suficientes ou não estou bem adaptada à área. Provavelmente estou sendo treinada como técnica espacial. Continuo recebendo missões como esta e parece que gosto, e não faria sentido se eu não gostasse e...

Ela falava rapidamente, quase sem fôlego, e Trevize precisou se esforçar para encontrar uma abertura.

– Quem é Gaia? – perguntou.

Júbilo pareceu intrigada pela pergunta.

– Apenas Gaia... Pel e Trev, vamos logo, por favor. Precisamos ir até a superfície.

– Vamos para lá, não vamos?

– Sim, mas lentamente. Gaia sente que vocês podem ir muito mais rapidamente se usarem o potencial de sua nave. Podem fazer isso?

– Poderíamos – respondeu Trevize, com severidade. – Mas se eu retomar os controles da nave, não seria mais provável que

disparássemos na direção oposta?

Júbilo riu.

– Você é engraçado – disse. – É claro que vocês não podem seguir em nenhuma direção que Gaia não queira que sigam. Mas podem ir mais rápido na direção que Gaia *quer* que vocês sigam. Entende?

– Entendemos – respondeu Trevize –, e vou tentar controlar meu senso de humor. *Onde* aterrisso na superfície?

– Não importa. Apenas siga para a superfície e pousará no lugar certo. Gaia fará com que aconteça.

Pelorat disse:

– E você ficará conosco, Júbilo, e fará com que sejamos bem tratados?

– Suponho que seja possível. Vejamos, a taxa para meus serviços... quero dizer, para esse tipo de serviço, pode ser depositada no meu cartão-saldo.

– E os outros tipos de serviço?

Júbilo deu uma risadinha.

– Você é um velho simpático.

Pelorat contraiu-se.

3

Júbilo reagiu à veloz rasante a Gaia com uma empolgação ingênua.

– Não há sensação de aceleração – disse.

– É uma propulsão gravitacional – explicou Pelorat. – Tudo acelera ao mesmo tempo, inclusive nós. Portanto, não sentimos nada.

– Mas como funciona, Pel?

Pelorat deu de ombros.

– Acho que Trev sabe – disse –, mas não creio que ele esteja com disposição para falar no assunto.

Trevize desceu pelo poço gravitacional de Gaia quase com descuido. A nave respondia a seus comandos apenas parcialmente, como Júbilo o avisara. Uma tentativa de cruzar as linhas da força gravitacional obliquamente foi aceita, mas com hesitação. Uma tentativa de ascensão foi ignorada por completo.

A nave ainda não era sua.

– Não estamos descendo rápido demais, Golan? – perguntou

Pelorat, suavemente.

Trevize, com uma espécie de frieza na voz, tentando evitar a raiva (mais por respeito a Pelorat do que por qualquer outra coisa), respondeu:

– A moça diz que Gaia tomará conta de nós.

– Realmente, Pel – disse Júbilo. – Gaia não deixaria essa nave fazer nada que não fosse seguro. Há alguma coisa para comer a bordo?

– Sim, claro – respondeu Pelorat. – O que gostaria de comer?

– Nada de carnes, Pel – afirmou Júbilo, com um tom de negociação –, mas aceito peixe ou ovos com qualquer tipo de vegetais que tiverem.

– Parte da comida que temos é sayshelliana, Júbilo – disse Pelorat. – Não tenho certeza do que é, mas você talvez goste.

– Bom, vou experimentar – disse Júbilo, incerta.

– As pessoas em Gaia são vegetarianas? – perguntou Pelorat.

– Muitas são – Júbilo concordou vigorosamente com a cabeça. – Depende de quais nutrientes o corpo precisa em cada caso. Ultimamente, não tenho sentido fome de carne, então creio que não precise comê-la. E não tenho tido vontade de comer nada doce... Queijo é gostoso, e camarão. Eu talvez precise perder peso – ela deu um tapa em sua nádega direita, o que fez um som alto. – Preciso perder dois ou três quilos bem aqui.

– Não vejo por quê – disse Pelorat. – É confortável para se sentar.

Júbilo girou o tronco o máximo que pôde para olhar as próprias nádegas.

– Que seja, não é importante. Peso aumenta ou diminui como bem entende. Não devia ficar me preocupando com isso.

Trevize estava em silêncio, pois se esforçava para controlar a *Estrela Distante*. Ele hesitara demais para orbitar e os limites inferiores da exosfera do planeta agora rugiam na fuselagem da nave. Pouco a pouco, o controle saía de suas mãos. Era como se alguma outra coisa tivesse aprendido a controlar os motores gravitacionais. A *Estrela Distante*, agindo aparentemente por conta própria, fez uma curva ascendente até o ar rarefeito e diminuiu a velocidade rapidamente. Então, assumiu um trajeto próprio que a levou na direção da superfície em uma gentil curva descendente.

Júbilo ignorou o acentuado ruído da resistência do ar e aspirou delicadamente o vapor que saía do recipiente de comida.

– Deve ser gostoso, Pel, porque se não fosse, o cheiro seria ruim e eu não iria querer comer – ela colocou um esbelto dedo no recipiente e depois o lambeu. – Acertou na adivinhação, Pel. É camarão, ou alguma coisa parecida. Ótimo!

Com um gesto de insatisfação, Trevize saiu do computador.

– Moça – disse, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

– Meu nome é Júbilo – respondeu Júbilo, com firmeza.

– Júbilo, então. Você sabia nossos nomes.

– Sim, Trev.

– Como sabia?

– Era importante que eu os soubesse para fazer meu trabalho. Portanto, eu sabia.

– Você sabe quem é Munn Li Compor?

– Se fosse importante saber quem é, eu saberia. Como não sei, o senhor Compor não virá até aqui. Aliás – ela parou por um momento –, ninguém mais virá além de vocês dois.

– Veremos.

Ele olhava para baixo. Era um planeta nublado. Não havia uma camada sólida de nuvens, mas sim uma camada esburacada de maneira um tanto uniforme, que não oferecia uma vista clara de nenhuma parte da superfície planetária.

Ele acionou as micro-ondas e o radar brilhou. A superfície era quase uma imagem do céu. Parecia ser um mundo de ilhas – como Terminus, mas com mais ilhas. Nenhuma delas era muito grande e nenhuma era isolada demais. Era como se aproximar de um arquipélago planetário. A órbita da nave estava bastante inclinada em relação ao plano equatorial, mas ele não viu nenhum sinal de geleiras.

Também não havia os inconfundíveis sinais de distribuição populacional irregular, como seria esperado, por exemplo, na iluminação do lado noturno.

– Pousarei perto da capital, Júbilo? – perguntou Trevize.

– Gaia o pousará em algum lugar conveniente – respondeu Júbilo, com indiferença.

– Eu preferiria uma cidade grande.

– Quer dizer um grande aglomerado de pessoas?

– Sim.

– Depende de Gaia.

A nave continuou seu trajeto descendente e Trevize tentou

encontrar consolo na tentativa de adivinhar em que ilha pousaria.

Onde quer que fosse, aparentemente aterrissariam dentro de uma hora.

4

A nave pousou de maneira suave, quase como uma pluma, sem nenhum momento incômodo, sem nenhum efeito gravitacional anômalo. Eles desembarcaram, um a um: primeiro Júbilo, depois Pelorat e, enfim, Trevize.

O clima era comparável ao início do verão na Cidade de Terminus. Havia uma leve brisa e o que parecia ser um sol de fim da manhã brilhando intensamente em um céu mosqueado. O chão era coberto de vegetação rasteira e, em uma direção, havia fileiras de árvores próximas umas das outras que pareciam formar um pomar; na outra, a vista distante de uma praia.

Havia um leve zumbido do que poderiam ser insetos, um vislumbre de pássaros – ou *algum* tipo de pequena criatura voadora – e, de um lado, o clac-clac do que poderia ser alguma ferramenta rural.

Pelorat foi o primeiro a falar e mencionou algo que não viu nem ouviu. Em vez disso, inspirou profundamente e disse:

– Ah, o cheiro é *ótimo*, como purê de maçãs recém-cozido.

– Aquilo é provavelmente um pomar de macieiras – disse Trevize – e, pelo que podemos dizer, eles devem estar fazendo purê de maçã.

– A sua nave, por outro lado – comentou Júbilo –, cheirava a... Bem, o cheiro era terrível.

– Você não reclamou quando estava a bordo – rosnou Trevize.

– Eu precisava ser educada. Era uma convidada em sua nave.

– O que há de errado em continuar sendo educada?

– Agora estou no meu próprio mundo. *Você* é um convidado. *Você* seja educado.

– Ela provavelmente está certa sobre o cheiro, Golan – disse Pelorat. – Existe alguma maneira de arejar a nave?

– Sim – respondeu Trevize, com um estalo. – Pode ser feito... desde que essa pequena criatura possa garantir que a nave não será perturbada. Ela já nos mostrou que pode exercer poderes incomuns sobre esse equipamento.

Júbilo ajeitou a coluna para ficar em sua altura máxima.

– Não sou exatamente pequena, e se não perturbar sua nave é o necessário para que ela seja limpa, garanto que deixá-la em paz será um prazer.

– E então seremos levados a quem quer que seja que você se refere como Gaia? – perguntou Trevize.

Júbilo pareceu divertir-se.

– Não sei se acreditará nisso, Trev – respondeu. – *Eu* sou Gaia.

Trevize a encarou. Ouvira muitas vezes o termo "recomponha-se" usado metaforicamente. Pela primeira vez em sua vida, sentiu como se estivesse literalmente vivendo esse processo. Enfim, disse:

– *Você*?

– Sim. E o solo. E aquelas árvores. E aquele coelho, ali na grama. E o homem que vocês podem ver entre as árvores. O planeta todo, e tudo nele, é Gaia. Somos todos indivíduos, todos organismos separados, mas compartilhamos uma consciência onipresente. O planeta propriamente dito tem a menor participação; as várias formas de vida têm participações de graus variados; e os seres humanos são os que mais participam. Mas todos compartilhamos.

– Creio, Trevize – disse Pelorat –, que ela quer dizer que Gaia é algum tipo de consciência coletiva.

– Entendi – Trevize concordou com a cabeça. – Nesse caso, Júbilo, quem governa o mundo?

– Ele governa a si mesmo – respondeu Júbilo. – Aquelas árvores crescem de acordo com suas funções. Multiplicam-se apenas o necessário para repor aquelas que, por algum motivo, morreram. Seres humanos colhem somente as maçãs necessárias; outros animais, inclusive insetos, comem o que precisam, e apenas isso.

– Os insetos sabem o quanto podem comer? – perguntou Trevize.

– Sabem sim, de certa forma. Chove quando é necessário e, ocasionalmente, temos tempestades intensas quando *elas* são necessárias… e de vez em quando há uma época de tempo seco quando *isso* é necessário.

– E a chuva sabe o que fazer?

– Sabe, sim – disse Júbilo, com seriedade. – Em seu corpo, todas as células diferentes sabem o que devem fazer, não? Quando crescer e quando parar de crescer? Quando produzir determinadas substâncias e quando não produzir? E, quando produzem, são geradas na

quantidade exata, nada mais e nada menos. Cada célula é, até certo ponto, uma fábrica química independente, mas todas se utilizam de uma reserva comum de suprimentos trazidos por um sistema comum de transporte; todas se livram de dejetos pelos mesmos canais e todas contribuem com uma consciência geral de grupo.

– Mas isso é extraordinário! – disse Pelorat, com certo entusiasmo. – Está dizendo que o planeta é um superorganismo e que você é uma célula deste superorganismo.

– Estou fazendo uma analogia, não definindo uma identidade. Somos análogos às células, mas não somos idênticos às células. Entende?

– De que maneira – questionou Trevize – vocês não são células?

– Nós mesmos somos compostos por células e temos uma consciência coletiva no que diz respeito a essas células. Essa consciência coletiva, essa consciência de um organismo individual; um ser humano, no meu caso...

– Com um corpo pelo qual homens morrem.

– Exato. Minha consciência é muito mais avançada do que a de uma célula individual, incrivelmente mais avançada. O fato de sermos, por nossa vez, parte de uma consciência coletiva ainda maior, em um grau mais elevado, não nos reduz ao nível de células. Continuo sendo um ser humano, mas sobre nós há uma consciência coletiva que vai muito além do meu alcance, assim como minha consciência vai muito além do alcance das células musculares do meu bíceps.

– Mas alguém ordenou que nossa nave fosse dominada – disse Trevize.

– Não, não foi alguém! Gaia ordenou. Todos nós ordenamos.

– As árvores e o solo também, Júbilo?

– Eles contribuíram muito pouco, mas contribuíram. Escutem, se um músico escreve uma sinfonia, você pergunta qual célula de seu corpo ordenou que a sinfonia fosse escrita e supervisionou a composição?

– E, pelo que entendi – disse Pelorat –, a mente coletiva, por assim dizer, essa consciência coletiva é muito mais forte do que uma mente individual, assim como um músculo é muito mais forte do que uma única célula muscular. Consequentemente, Gaia pode capturar nossa nave a distância controlando nosso computador, mesmo que nenhuma mente individual do planeta pudesse.

– Compreendeu perfeitamente, Pel – respondeu Júbilo.

– Também compreendi – disse Trevize. – Não é tão difícil de entender. Mas o que querem de nós? Não viemos atacá-los. Viemos em busca de informações. Por que nos dominaram?

– Para falar com vocês.

– Poderiam ter falado conosco na nave.

Júbilo negou com a cabeça, solenemente.

– Não sou eu quem deve falar com vocês.

– Você não é parte da mente coletiva?

– Sim, mas não posso voar como um pássaro, zunir como um inseto nem crescer vários metros, como as árvores. Faço o que é melhor para eu fazer e não é bom que eu ofereça informação, mesmo que o conhecimento pudesse facilmente ser atribuído a mim.

– Quem decidiu *não* atribuí-lo a você?

– Todos nós.

– Quem nos dará a informação?

– Dom.

– E quem é Dom?

– Bom – disse Júbilo –, seu nome completo é Endomandiovizamarondeyaso... e assim por diante. Pessoas diferentes o chamam por sílabas diferentes em momentos diferentes, mas eu o conheço como Dom e acho que vocês também usarão essa sílaba. Ele provavelmente tem uma parte maior de Gaia do que qualquer pessoa no planeta e vive nesta ilha. Pediu para vê-los e foi permitido.

– Quem permitiu? – perguntou Trevize, e respondeu a si mesmo em seguida: – Sim, eu sei, todos vocês permitiram.

Júbilo concordou com a cabeça.

– Quando veremos Dom, Júbilo? – perguntou Pelorat.

– Agora mesmo. Siga-me e o levarei até ele, Pel. E você também, Trev, claro.

– E depois irá embora? – disse Pelorat.

– Não quer que eu vá, Pel?

– Na verdade, não.

– Aí está – disse Júbilo conforme eles a seguiram por uma estrada uniformemente pavimentada que cortava o pomar. – Homens se viciam em mim rapidamente. Até mesmo homens idosos e honrados são tomados por ardor juvenil.

Pelorat riu.

– Eu não contaria com muito ardor juvenil, Júbilo, mas, se eu ainda dispusesse dele, acredito que você poderia despertá-lo.

– Oh, não subestime seu ardor juvenil. Eu faço maravilhas.

Impaciente, Trevize disse:

– Quando chegarmos ao nosso destino, quanto tempo precisaremos esperar por esse Dom?

– *Ele* estará esperando por *vocês*. Afinal de contas, Dom-através-de-Gaia trabalhou durante anos para trazê-los até aqui.

Trevize parou em pleno passo e olhou rapidamente para Pelorat, que fraseou com os lábios, em silêncio: Você estava certo.

Júbilo, que olhava para frente, disse, com calma:

– Sei, Trev, que você suspeita que eu/nós/Gaia estava interessada em você.

– Eu/nós/Gaia? – perguntou Pelorat, mansamente.

Ela se virou e sorriu para ele.

– Temos toda uma rede complexa de pronomes diferentes para expressar os tons de individualidade que existem em Gaia. Poderia explicá-los para vocês, mas, até lá, "eu/nós/Gaia" transmitirá minhas intenções, mesmo que de maneira um tanto desengonçada. Por favor, vamos, Trev. Dom está esperando e não quero forçar suas pernas a se moverem contra a sua vontade. É uma sensação desconfortável, se você não estiver acostumado.

Trevize continuou. Ele encarou Júbilo com um olhar marcado pela mais profunda suspeita.

5

Dom era um homem idoso. Ele recitou as duzentas e cinquenta e três sílabas de seu nome em um fluxo musical de tons e ênfases.

– De certa maneira – disse –, é uma breve biografia de mim mesmo. Conta ao ouvinte (ou leitor, ou sensitivo) quem sou eu, que papel assumi no todo, o que realizei. Ainda assim, por mais de cinquenta anos, tenho estado satisfeito de ser chamado de Dom. Quando há outros Doms envolvidos, posso ser chamado de Domandio e, em meus vários contatos profissionais, outras variações são usadas. Uma vez a cada ano gaiano, no meu aniversário, meu nome completo é recitado-em-mente, assim como acabo de recitá-lo a vocês, em voz. É bastante

forte, mas, pessoalmente, constrangedor.

Ele era alto e magro, quase ao ponto do definhamento. Seus olhos profundos brilhavam com juventude paranormal, apesar de se mover com lentidão. Seu nariz arqueado era fino e comprido; suas narinas, abertas. Suas mãos, por mais venosas que fossem, não mostravam nenhum sinal de incapacitação artrítica. Ele usava um longo manto, tão cinza quanto seus cabelos, que descia até os calcanhares. Suas sandálias deixavam os dedos dos pés expostos.

– Qual é a sua idade, senhor? – perguntou Trevize.

– Por favor, dirija-se a mim como Dom, Trev. Usar outros modos de tratamento induz a formalidades e inibe a livre troca de ideias entre nós. Em anos do Padrão Galáctico, tenho noventa e três, mas a celebração verdadeira será daqui a alguns meses, quando eu alcançar o nonagésimo aniversário do meu nascimento em anos gaianos.

– Não diria que tem mais do que setenta e cinco, senh... Dom – disse Trevize.

– Para os padrões gaianos, Trev, não sou extraordinário em anos nem em aparência de anos. Venham. Já comeram?

Pelorat olhou para o seu prato, no qual havia restos de uma refeição nada marcante e preparada com indiferença, e perguntou, acanhadamente:

– Dom, posso arriscar uma pergunta constrangedora? Evidentemente, se for ofensiva, por favor me avise, que a retiro.

– Vá em frente – respondeu Dom, sorrindo. – Estou ansioso para explicar qualquer coisa sobre Gaia que tenha despertado sua curiosidade.

– Por quê? – questionou Trevize imediatamente.

– Porque são convidados de honra. Pode fazer sua pergunta, Pel.

– Considerando que todas as coisas de Gaia compartilham a consciência coletiva, como é possível que você, um elemento do grupo, coma isso, que é claramente outro elemento?

– Verdade. Todavia, tudo se recicla. Precisamos comer, e tudo o que podemos comer, tanto plantas como animais, até mesmo os temperos inanimados, são parte de Gaia. Mas, veja bem, quando nada é morto por esporte ou prazer, nada morre com dores desnecessárias. E receio que não fazemos nenhuma tentativa de glorificar a preparação de nossas refeições, pois nenhum gaiano comeria algo além do estritamente necessário. Não apreciou a refeição, Pel? Trev?

Bom, refeições não são para se apreciar. Além disso, o que é digerido continua, afinal, parte da consciência planetária. Quando eu morrer, também serei comido, mesmo que por bactérias decompositoras, e então participarei de uma parte muito menor do total. Algum dia, partes de mim serão partes de outros seres humanos; partes de muitos.

– Uma espécie de reencarnação – comentou Pelorat.

– De quê, Pel?

– Estou falando de um mito antigo que ainda prevalece em alguns mundos.

– Ah, não conheço. Você precisa me contar em outra ocasião.

– Mas sua consciência individual – disse Trevize –, o que em você o faz ser Dom nunca será totalmente reconstruído.

– Não, claro que não. Mas isso importa? Ainda serei parte de Gaia, e é isso que conta. Há místicos entre nós que acreditam que talvez devêssemos tomar providências para desenvolver grupos de memórias de existências passadas, mas o senso-de-Gaia diz que isso não poderia ser feito de maneira prática e não teria nenhum propósito útil. Apenas turvaria a consciência atual. Claro, conforme as condições mudam, o senso-de-Gaia talvez também mude, mas acho impossível que isso aconteça no futuro próximo.

– Por que você precisa morrer, Dom? – perguntou Trevize. – Olhe para si mesmo aos noventa anos. A consciência coletiva não poderia...

Pela primeira vez, Dom demonstrou desagrado.

– Jamais – disse. – Há um limite no que posso contribuir. Cada novo indivíduo é uma reorganização de moléculas e genes para formar algo novo. Novos talentos, novas habilidades, novas contribuições para Gaia. Precisamos delas, e a única forma de obtê-las é abrindo caminho. Fiz mais do que a maioria, mas até eu tenho o meu limite, e ele se aproxima. Não desejo mais intensamente viver além do meu tempo do que morrer antes que ele acabe.

E então, como se tivesse percebido o repentino tom sombrio que tomou conta do encontro, levantou-se e estendeu os braços para os dois.

– Venham, Trev, Pel – disse –, vamos ao meu estúdio para que eu mostre alguns objetos de arte pessoais. Espero que não culpem um velho por suas vaidades.

Ele os conduziu a outro aposento, onde, em uma pequena mesa circular, havia um conjunto de lentes esfumaçadas conectadas em

pares.

– Estas – disse Dom – são Participações que criei. Não sou um dos mestres, mas me especializei em inanimados, com os quais poucos mestres se envolvem.

– Posso segurar uma? – perguntou Pelorat. – São frágeis?

– Não, não. Pode quicá-las no chão, se quiser... melhor não. Concussão pode interferir na precisão da visão.

– Como são usadas, Dom?

– Você as coloca sobre seus olhos. Elas grudarão. Não recebem luz. Muito pelo contrário. Obscurecem a luz que poderia distraí-lo, mesmo que as sensações o invadam através do nervo óptico. Essencialmente, sua consciência é aguçada e pode testemunhar outras facetas de Gaia. Em outras palavras, se você olhar para uma parede, terá a experiência daquela parede como ela é para ela mesma.

– Fascinante – murmurou Pelorat. – Posso tentar?

– Certamente, Pel. Escolha uma aleatoriamente. Cada uma é uma construção diferente que mostra a parede, ou qualquer objeto inanimado para o qual olhar, em um aspecto diferente da consciência desse objeto.

Pelorat colocou um par em seus olhos e elas se grudaram instantaneamente. Ele se assustou com o toque e permaneceu imóvel por um bom tempo.

– Quando quiser parar, coloque suas mãos nas laterais da Participação e pressione-as uma na direção da outra. Sairá de imediato.

Assim Pelorat o fez. Piscou os olhos rapidamente e os esfregou.

– Como foi sua experiência? – perguntou Dom.

– É difícil descrever – respondeu Pelorat. – A parede parecia cintilar e reluzir e, em alguns momentos, parecia ser fluida. Parecia ter nervuras e simetrias inconstantes. Eu... eu lamento, Dom, mas não achei bonito.

Dom suspirou.

– Você não participa de Gaia, portanto não vê o que vemos. Eu temia que isso acontecesse. Uma pena! Garanto que, mesmo que essas Participações sejam apreciadas principalmente por seus valores estéticos, têm também usos práticos. Uma parede feliz é uma parede com vida longa, uma parede prática, uma parede útil.

– Uma parede *feliz*? – questionou Trevize, sorrindo de leve.

– Existe uma vaga sensação que uma parede experimenta que é análoga ao que “feliz” significa para nós – explicou Dom. – Uma parede é feliz quando foi bem construída, quando está firme em suas fundações, quando sua simetria equilibra suas partes e não produz nenhum estresse desagradável. Boas construções podem ser criadas pelos princípios matemáticos da mecânica, mas o uso de uma Participação adequada pode aperfeiçoá-las até dimensões praticamente atômicas. Nenhum escultor poderia criar trabalhos de primeira classe aqui em Gaia sem uma Participação bem-feita, e as que produzo são consideradas excelentes, se me permitem dizer. Participações de seres animados, que não são da minha área – e Dom falava com a empolgação de alguém que descrevia um *hobby* – nos dão, por analogia, uma experiência direta do equilíbrio ecológico. O equilíbrio ecológico de Gaia é relativamente simples, assim como em todos os mundos, mas aqui, pelo menos, temos a chance de fazê-lo mais complexo, e, assim, enriquecer imensamente a consciência total.

Trevize ergueu a mão para antecipar-se a Pelorat e gesticulou para que ele ficasse em silêncio.

– Como sabe – perguntou – que um planeta pode suportar um equilíbrio ecológico mais complexo, se todos têm equilíbrios simples?

– Ah – exclamou Dom, seus olhos brilhando com perspicácia –, você está testando o velho. Sabe tão bem quanto eu que o lar original da humanidade, a Terra, tinha um equilíbrio ecológico imensamente complexo. São apenas os mundos secundários, os mundos derivados, que são simples.

Pelorat não ficaria em silêncio.

– Mas é essa a questão da minha vida – disse. – Por que apenas a Terra tinha uma ecologia complexa? O que a distinguiu dos outros mundos? Por que milhões e milhões de outros mundos na Galáxia, mundos capazes de dar suporte à vida, desenvolveram apenas vegetação indistinta e formas de vida pequenas e não inteligentes?

– Temos uma história sobre isso – respondeu Dom –, uma lenda, talvez. Não posso garantir sua autenticidade. Na verdade, na superfície, soa como ficção.

Neste momento, Júbilo, que não tinha participado da refeição, entrou no aposento, sorrindo para Pelorat. Usava uma blusa prateada bastante transparente.

Pelorat levantou-se imediatamente.

– Achei que tinha nos deixado – disse.

– De jeito nenhum – ela respondeu. – Eu tinha relatórios a preencher, trabalho a fazer. Posso me juntar a vocês agora, Dom?

Dom também se levantara (apesar de Trevize ter permanecido sentado).

– É totalmente bem-vinda e encanta estes olhos idosos.

– Foi para seu encantamento que vesti esta blusa. Pel está acima dessas coisas e Trev não gosta delas.

– Se acha que estou acima dessas coisas, Júbilo – disse Pelorat –, eu talvez a surpreenda algum dia.

– Que surpresa agradável será – respondeu Júbilo, e se sentou. Os dois homens fizeram o mesmo. – Por favor, não deixe que eu os interrompa – completou.

– Eu estava prestes a contar aos nossos convidados a história da Eternidade – disse Dom. – Para compreendê-la, vocês precisam primeiro entender que há muitos universos diferentes que podem existir; um número praticamente infinito. Cada evento que acontece pode ou não acontecer, ou pode acontecer desta ou daquela maneira, e cada alternativa, dentro de uma imensa quantidade, resultará em uma cadeia de eventos futuros distinta das outras. Júbilo poderia não ter vindo exatamente agora; ou poderia ter estado conosco um pouco antes, ou muito antes; ou poderia ter chegado agora, com outra blusa; ou até mesmo com essa blusa, mas não teria sorrido maliciosamente para homens velhos como é de seu gentil costume. Em cada uma dessas alternativas (ou em cada alternativa de um imenso número de alternativas para este único evento) o universo teria seguido um trajeto diferente, e assim por diante, em cada variação de cada evento, por menores que sejam.

Trevize parecia inquieto.

– Creio – disse – que esta é uma especulação comum em mecânica quântica. Bem antiga, aliás.

– Ah, então já conhece. Continuemos. Imagine que seja possível, para os seres humanos, congelar todos os infinitos números de universos, caminhar entre eles à vontade e escolher qual deles deveria ser o “real”, o que quer que essa palavra signifique nessa conexão.

– Ouço o que diz – respondeu Trevize – e posso até imaginar o conceito que descreve, mas não consigo acreditar que alguma coisa desse tipo pudesse ser um fato.

– Nem eu, no todo – disse Dom –, e foi por isso que disse que pareceria uma lenda. Ainda assim, a lenda diz que *havia* aqueles que podiam caminhar fora do tempo e examinar as infinitas correntes de realidades potenciais. Essas pessoas eram chamadas de Eternos e, quando estavam fora do tempo, diz-se que estavam na Eternidade. Era sua função escolher uma Realidade que fosse a mais adequada para a humanidade. Modificaram infinitamente, e a lenda entra em muitos detalhes, pois foi escrita na forma de um épico de duração excessiva. Enfim encontraram, dizem, um universo no qual a Terra era o único planeta em toda a Galáxia em que um sistema ecológico complexo podia ser encontrado e, combinado com o desenvolvimento de uma espécie inteligente, seria capaz de criar alta tecnologia. Eles decidiram que aquela era a situação na qual a humanidade estaria mais segura. Congelaram aquela corrente de eventos como Realidade e encerraram suas operações. Agora vivemos em uma Galáxia que foi colonizada apenas por seres humanos e, em boa parte, por plantas, animais e formas de vida microscópicas que eles carregam consigo, voluntária ou inadvertidamente, de planeta em planeta, e que, geralmente, subjugam a vida nativa.

Dom continuou:

– Em algum lugar, na opaca neblina da probabilidade, existem outras Realidades nas quais a Galáxia abriga muitas inteligências, mas elas são inalcançáveis. Em nossa Realidade, estamos sozinhos. Em cada ação e em cada evento de nossa Realidade surgem novas ramificações, e apenas uma delas, em cada caso separado, é uma continuação da Realidade; portanto, há vastas quantidades de universos em potencial, talvez um número infinito, que surgem do nosso. Mas todos são, presumivelmente, semelhantes no conter uma Galáxia com apenas uma inteligência, tal qual a que vivemos... ou talvez eu devesse dizer todos, menos um ínfimo mínimo, pois é perigoso eliminar qualquer coisa quando as possibilidades se aproximam do infinito.

Ele parou, deu levemente de ombros e acrescentou:

– Pelo menos, é o que diz a lenda. É datada de muito antes da fundação de Gaia. Não garanto sua veracidade.

Os outros três ouviam atentamente. Júbilo concordava com a cabeça, como se fosse algo que já tivesse ouvido e estivesse verificando a precisão do relato de Dom.

Pelorat reagiu com uma solenidade silenciosa por quase um minuto, e então cerrou um punho e esmurrou o braço de sua cadeira.

– Não – disse, com voz estrangulada –, isso não muda nada. Não existe nenhuma maneira de demonstrar a veracidade da história por meio de observação ou raciocínio lógico, então não pode ser nada além de especulação. E, tirando isso... Suponha que seja verdade! O universo em que vivemos ainda é aquele no qual apenas a Terra desenvolveu vida sofisticada e uma espécie inteligente, portanto, *nesse* universo (seja ele tudo o que há ou apenas uma de um número infinito de possibilidades) deve haver alguma coisa única na natureza do planeta Terra. Ainda deveríamos nos questionar qual seria sua particularidade.

No silêncio que se seguiu, foi Trevize quem finalmente se agitou e negou com a cabeça.

– Não, Janov – disse –, não é assim que funciona. Digamos que as chances são uma em um bilhão de trilhões, uma em 10^{21}, de que, do bilhão de planetas habitáveis na Galáxia, apenas a Terra, por meio das engrenagens do puro acaso, seria o mundo que desenvolveria uma ecologia rica e, finalmente, inteligência. Se for assim, então uma em 10^{21} das várias correntes de Realidades potenciais representaria tal Galáxia, e os Eternos a escolheram. Vivemos, portanto, em um universo no qual a Terra é o único planeta que desenvolveu uma ecologia complexa, uma espécie inteligente e de alta tecnologia não porque exista algo de especial na Terra, mas porque, simplesmente pelo acaso, isso se desenvolveu na Terra e não em outro lugar. Suponho, inclusive – continuou Trevize, pensativo – que existam vertentes da Realidade em que apenas Gaia desenvolveu uma espécie inteligente, ou apenas Sayshell, ou apenas Terminus, ou apenas algum outro plano em que essa Realidade calhou de não ter nenhuma vida. E todos esses casos muito especiais são uma porcentagem inacreditavelmente pequena do número total de Realidades em que existe mais de uma espécie inteligente na Galáxia. Suponho que, se os Eternos tivessem procurado o suficiente, teriam encontrado uma corrente potencial de Realidade em que cada um dos planetas habitáveis poderia ter desenvolvido uma espécie inteligente.

– Você não poderia dizer, também – respondeu Pelorat –, que foi encontrada uma Realidade em que a Terra era, por algum motivo, diferente do que era nas outras correntes, especialmente capacitada de

alguma maneira para o desenvolvimento de inteligência? Você poderia até ir mais longe, na verdade, e dizer que foi encontrada uma Realidade em que toda a Galáxia era diferente do que nas outras correntes; de alguma forma, em um estado de desenvolvimento em que apenas a Terra poderia criar inteligência.

– É possível, mas acredito que a minha versão faça mais sentido – disse Trevize.

– É uma decisão totalmente subjetiva, evidentemente... – começou Pelorat, nervoso, mas Dom interrompeu.

– Trata-se de uma discussão infinita – disse. – Não estraguemos o que tem sido, pelo menos para mim, uma noite agradável e prazerosa.

Pelorat esforçou-se para relaxar e para deixar os ânimos esfriarem. Enfim, sorriu.

– Como quiser, Dom – disse.

Trevize, que lançava olhares de reprovação para Júbilo, sentada com puritanismo irônico, mãos no colo, disse:

– E como *este* mundo surgiu, Dom? Gaia, com sua consciência coletiva?

A velha cabeça de Dom inclinou-se para trás e ele riu alto.

– Lendas de novo! – seu rosto enrugou-se quando ele falou. – Penso nisso às vezes, quando leio os registros que temos da história humana. Apesar de todo o cuidado com que os arquivos são mantidos, organizados e digitalizados, ficam vagos com o tempo. As histórias crescem. Histórias se acumulam como poeira. Quanto mais tempo passa, mais empoeirada é a história, até que se resume a lendas.

– Nós, historiadores – disse Pelorat –, estamos acostumados com esse processo, Dom. Há certa preferência por lendas. “O falsamente dramático repele o genuinamente monótono”, disse Liebel Gennerat há aproximadamente quinze séculos. Hoje, isso é chamado de Lei de Gennerat.

– É mesmo? – respondeu Dom. – E eu achei que era uma invenção cínica da minha parte. Bom, a Lei de Gennerat preenche nossa história com glamour e incerteza. Vocês sabem o que é um robô?

– Descobrimos em Sayshell – disse Trevize, secamente.

– Viram um?

– Não. Fizeram-nos essa mesma pergunta e, quando respondemos negativamente, nos foi explicado.

– Entendi. A humanidade já viveu com robôs, sabem? Mas não deu

certo.

– Foi o que nos disseram.

– Os robôs eram profundamente doutrinados com as chamadas Três Leis da Robótica, datadas da pré-história. Existem várias versões do que poderiam ter sido essas Três Leis. A visão ortodoxa era a seguinte: "1) Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha ser ferido; 2) Um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei; 3) Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou com a Segunda Lei". Conforme os robôs ficaram mais inteligentes e versáteis, interpretaram essas Leis, especialmente a dominante Primeira, de maneira cada vez mais generosa, e assumiram, em graus cada vez maiores, o papel de protetores da humanidade. A proteção sufocou as pessoas e se tornou insuportável. Os robôs eram totalmente bondosos. Seus esforços eram claramente humanos e foram concebidos para benefício de todos; o que, de alguma forma, os fazia ainda mais insuportáveis. Cada avanço na robótica fazia a situação ficar pior. Foram desenvolvidos robôs com capacidades telepáticas; assim, até mesmo o pensamento humano podia ser monitorado, e comportamentos humanos dependiam cada vez mais de omissões robóticas. E os robôs ficaram cada vez mais parecidos com humanos em termos de aparência, mas eram inconfundivelmente robôs em comportamento, e o fato de serem humanoides os deixava ainda mais repugnantes. Portanto, evidentemente, isso precisava ter um fim.

– Por que "evidentemente"? – perguntou Pelorat, que ouvia com atenção.

– É uma questão de seguir a lógica até seu trágico fim – respondeu Dom. – Os robôs se tornaram tão desenvolvidos a ponto de serem suficientemente humanos para entender por que os seres humanos se ressentiam de serem privados de tudo que lhes era humano em prol do seu próprio bem. Depois de algum tempo, os robôs foram forçados a decidir que a humanidade estaria melhor cuidando de si mesma, por mais desleixados e ineficientes que fossem. Assim, diz a lenda, foram os robôs que, de alguma maneira, criaram a Eternidade e se tornaram os Eternos. Encontraram uma Realidade que acreditaram ser a mais segura possível para os seres humanos, em que eles eram os únicos na

Galáxia. Então, depois de fazerem o que podiam para nos proteger e com o objetivo de cumprir a Primeira Lei da maneira mais verdadeira possível, os robôs, por conta própria, cessaram suas atividades e, desde então, somos seres humanos avançando sozinhos, da maneira que conseguimos.

Dom fez uma pausa. Olhou para Trevize e Pelorat.

– E então, acreditam em tudo isso?

– Não – Trevize negou com a cabeça lentamente. – Não há nada parecido com isso em nenhum registro histórico de que já ouvi falar. E você, Janov?

– Existem mitos que são similares de algumas maneiras – disse Pelorat.

– Mas, Janov, existem mitos que seriam similares a qualquer coisa que qualquer um de nós pudesse criar, desde que haja uma interpretação engenhosa o suficiente. Estou falando de história, registros confiáveis.

– Puxa vida. Então, nada até onde sei.

– Não me surpreende – comentou Dom. – Antes de os robôs se retirarem, muitos grupos de humanos tomaram suas próprias atitudes pela liberdade e partiram para colonizar mundos no espaço distante sem robôs. Saíram especialmente da superpovoada Terra, que tinha uma longa história de resistência a robôs. Os novos mundos começavam do zero e os colonizadores não queriam nem se lembrar de sua amarga humilhação como crianças criadas por babás robôs. Não mantiveram registros da época e esqueceram.

– Isso é improvável – disse Trevize.

– Não, Golan – Pelorat virou-se em sua direção. – Não é nada improvável. As sociedades criam suas próprias histórias e tendem a limpar inícios complicados, seja esquecendo-os ou inventando resgates heroicos totalmente fictícios. O governo Imperial fez tentativas de suprimir conhecimentos sobre o passado pré-Imperial para fortalecer sua aura mística de governo perpétuo. E também praticamente não há registros dos dias que precederam as viagens hiperespaciais. E você sabe que a existência da própria Terra é desconhecida pela maioria das pessoas, hoje em dia.

– Você não pode ter os dois, Janov – disse Trevize. – Se a Galáxia esqueceu os robôs, por que Gaia se lembra deles?

Júbilo interveio com uma súbita e enérgica risada de soprano.

– Somos diferentes – disse.

– Mesmo? – respondeu Trevize. – De que forma?

– Júbilo, deixe isso comigo – disse Dom. – Nós *somos* diferentes, visitantes de Terminus. De todos os grupos de refugiados que fugiram do domínio robótico, nós, que acabamos por alcançar Gaia (seguindo o rastro de outros, que foram a Sayshell), fomos os únicos que aprenderam com os robôs a capacidade de telepatia. E *é* uma capacidade, sabe? É inerente à mente humana, mas precisa ser desenvolvida de uma maneira muito sutil e difícil. São necessárias várias gerações para alcançar seu potencial máximo, mas, uma vez que tenha se iniciado, cresce por conta própria. Estudamos há mais de vinte mil anos e o senso-de-Gaia diz que o potencial máximo até hoje não foi alcançado. Foi há muito tempo que nosso desenvolvimento de telepatia nos fez cientes da consciência coletiva: primeiro, apenas seres humanos; depois, animais; então, plantas e, enfim, poucos séculos atrás, a estrutura inanimada do próprio planeta. Por termos herdado isso dos robôs, não os esquecemos. Não os consideramos babás, mas professores. Sentimos que eles abriram nossas mentes para algo a que, em nenhum instante, gostaríamos de estar fechados. Lembramos deles com gratidão.

– Mas, assim como antes eram filhos dos robôs – disse Trevize –, agora são filhos da consciência coletiva. Não perderam sua humanidade agora, tal como ocorreu antes?

– É diferente, Trev. O que fazemos agora é nossa própria escolha... nossa própria escolha. É isso que conta. Não é algo forçado externamente, mas sim desenvolvido internamente. É algo que nunca esqueceremos. E somos diferentes, também, de outra forma. Somos únicos na Galáxia. Não há nenhum mundo como Gaia.

– Como pode ter certeza?

– Saberíamos, Trev. Detectaríamos uma consciência planetária como a nossa, mesmo do outro lado da Galáxia. Podemos detectar o princípio de uma consciência desse tipo em sua Segunda Fundação, por exemplo, mesmo que tenhamos detectado somente há dois séculos.

– Na época do Mulo?

– Sim. Um de nós – Dom pareceu austero. – Era uma aberração e nos deixou. Fomos ingênuos o suficiente para achar que isso não era possível, e por isso não agimos em tempo para impedi-lo. Então,

quando voltamos nossa atenção para os Outros Mundos, tomamos consciência do que você chama de Segunda Fundação e deixamos tudo a cargo deles.

Trevize encarou o vazio por vários instantes.

– Lá se vão nossos livros de história – murmurou. Negou com a cabeça e disse, em um tom de voz mais alto: – Fazer isso foi um tanto covarde da parte de Gaia, não foi? Ele era sua responsabilidade.

– Você está certo. Mas, uma vez que finalmente abrimos nossos olhos para a Galáxia, vimos o que até então ignorávamos. A tragédia do Mulo foi uma salvação para nós. Foi então que reconhecemos que, em algum momento, uma perigosa crise nos atingiria. E nos atingiu, mas não antes de termos tomado providências, graças ao incidente do Mulo.

– Que tipo de crise?

– Uma que ameaça nos destruir.

– Não posso acreditar nisso. Vocês mantiveram o Império, o Mulo e Sayshell a distância. Têm uma consciência coletiva que pode arrancar uma nave do espaço a uma distância de milhões de quilômetros. O que poderia existir para vocês temerem? Veja Júbilo. Ela não parece nada perturbada. *Ela* não acredita que há uma crise.

Júbilo tinha passado uma de suas formosas pernas por cima do apoio de braço da cadeira e mexia os dedos do pé na direção de Trevize.

– Claro que não estou preocupada, Trev – disse. – Você tomará conta de tudo.

– *Eu*? – retrucou Trev, agressivamente.

– Gaia o trouxe até aqui – disse Dom – por meio de centenas de gentis manipulações. É você quem deve enfrentar nossa crise.

Trev o encarava e, lentamente, seu rosto passou de estupefato para uma fúria progressiva.

– *Eu*? – esbravejou. – Por que, em todo o espaço, *eu*? Não tenho nada a ver com isso.

– Não obstante, Trev – respondeu Dom, com uma calma quase hipnótica –, *você*. Somente você. Em todo o espaço, somente você.

18.

Colisão

1

STOR GENDIBAL SE APROXIMAVA DE GAIA com quase tanto cuidado quanto Trevize – e, agora que a estrela de Gaia era um disco perceptível e só podia ser observada através de densos filtros, ele parou para pensar.

Sura Novi estava sentada por perto e olhava para ele de vez em quando, amedrontada.

– Mestre? – disse Novi, suavemente.

– O que foi, Novi? – ele perguntou, distraído.

– Está triste?

Ele olhou para ela de imediato.

– Não. Preocupado. Lembra-se dessa palavra? Estou tentando decidir se devo me mover rapidamente ou esperar mais algum tempo. Devo ser muito corajoso, Novi?

– Acho que o senhor é muito corajoso sempre, Mestre.

– Ser muito corajoso, às vezes, é ser tolo.

– Como pode um mestre estudioso ser tolo? – sorriu Novi. – Aquilo é um sol, não é, Mestre? – ela apontou para a tela.

Gendibal concordou com a cabeça. Depois de uma resoluta pausa, Novi disse:

– É o sol que brilha em Trantor? É o sol loriano?

– Não, Novi – respondeu Gendibal. – É um sol muito diferente. Existem muitos sóis, bilhões deles.

– Ah! Eu sabia disso com a minha cabeça. Mas não consegui fazer eu mesma acreditar. Como pode, Mestre, se saber com a cabeça e não acreditar?

Gendibal sorriu de leve.

– Em sua cabeça, Novi... – disse e, automaticamente, conforme verbalizou a frase, estava em sua mente. Acariciou-a de leve, como sempre fazia quando estava ali. Apenas um toque calmante nas

correntes mentais para mantê-la serena e imperturbada... e teria saído em seguida, como sempre fazia, se algo não o tivesse puxado de volta.

O que ele sentiu era indescritível em termos não mentálicos, mas, metaforicamente, o cérebro de Novi reluzia. Era a resplandecência mais sutil possível.

Aquele brilho não estaria ali se não fosse pela presença de um campo mentálico imposto de fora – um campo mentálico de uma intensidade tão pequena que até mesmo o receptor mais sensível da própria mente bem treinada de Gendibal teria dificuldades para detectar, mesmo contra a completa suavidade da estrutura mentálica de Novi.

– Novi, como se sente? – ele perguntou, asperamente.

Ela arregalou os olhos.

– Sinto-me bem, Mestre.

– Sente tontura, está confusa? Feche os olhos e fique absolutamente imóvel até que eu diga "agora".

Obedientemente, ela fechou os olhos. Com cuidado, Gendibal limpou todas as sensações irrelevantes de sua mente, aplacou seus pensamentos, acalmou suas emoções, acariciou... acariciou... Não sentiu nada além do brilho, e era tão brando que ele quase poderia convencer-se de que não estava lá.

– Agora – disse, e Novi abriu os olhos. – Como se sente, Novi?

– Muito calma, Mestre. Descansada.

Era evidentemente tênue demais para ter algum efeito perceptível sobre ela.

Ele se virou para o computador e lutou contra a máquina. Tinha de admitir para si mesmo que ele e o computador não combinavam. Talvez porque ele estivesse acostumado demais a usar sua mente diretamente e não conseguia trabalhar com um intermediário. Mas estava procurando uma espaçonave, não uma mente, e a busca inicial poderia ser feita com muito mais eficiência com a ajuda do computador.

E achou o tipo de nave que suspeitava estar por perto. Encontrava-se a meio milhão de quilômetros de distância e tinha um design muito parecido com a dele, mas era muito maior e mais elaborada.

Agora que tinha sido localizada com a ajuda do computador, Gendibal podia permitir que sua mente assumisse diretamente. Ele a projetou para fora, bastante focada, e, com ela, sentiu (ou o

equivalente mentálico de “sentiu”) a nave, por dentro e por fora.

Então, projetou sua mente na direção do planeta Gaia, aproximando-se alguns milhões de quilômetros de espaço – e retraiu- -se. Nenhuma das investigações foi suficiente para dizer-lhe, sem sombra de dúvida, qual dos dois – ou se nenhum deles – era a origem do campo.

– Novi – disse –, gostaria que você se sentasse perto de mim para o que está por vir.

– Mestre, tem perigo?

– Você não precisa se preocupar de forma nenhuma, Novi. Providenciarei que você esteja a salvo e em segurança.

– Mestre, não me preocupo que eu fique a salvo e em segurança. Se tem perigo, quero poder ajudá-lo.

Gendibal abrandou-se.

– Novi, você já ajudou – disse. – Graças a você, percebi uma coisa muito pequena que era importante que eu percebesse. Sem você, eu talvez tivesse mergulhado profundamente em um pântano e só conseguiria sair depois de muito sofrimento.

– Fiz isso com minha cabeça, Mestre, como me explicou antes? – perguntou Novi, atônita.

– Sim, Novi. Nenhum instrumento poderia ter sido mais sensível. Nem minha própria mente; ela é cheia demais de complexidades.

O rosto de Novi ficou repleto de prazer.

– Fico muito agradecida de poder ajudar.

Gendibal sorriu e concordou com a cabeça, e então afundou na sombria consciência de que ele precisaria de mais ajuda. Um lado infantil dentro de si protestou. A missão era dele, somente dele.

Ainda assim, não poderia ser só dele. O risco estava aumentando...

2

Em Trantor, Quindor Shandess sentia a responsabilidade da cadeira de Primeiro Orador sobre si como um peso sufocante. Desde que a nave de Gendibal desaparecera na escuridão além da atmosfera, ele não havia convocado nenhuma assembleia da Mesa. Havia se perdido nos próprios pensamentos.

Tinha sido sábio permitir que Gendibal partisse por conta própria?

Gendibal era brilhante, mas não tão brilhante a ponto de garantir plena confiança. O principal defeito de Gendibal era a arrogância, e o principal defeito de Shandess (pensou amargamente) era a fadiga causada pela idade.

Pensou vez após vez que o precedente de Preem Palver, viajando pela Galáxia para acertar as coisas, era perigoso. Será que outra pessoa poderia ser um Preem Palver? Até Gendibal? E Palver contara com a ajuda de sua esposa.

Gendibal contava com aquela loriana, mas ela era irrelevante. A esposa de Palver tinha sido uma Oradora.

Shandess sentia-se envelhecendo dia após dia enquanto esperava alguma mensagem de Gendibal – e a cada dia que a mensagem não chegava, sentia aumentar a tensão.

Deveria ter enviado uma frota de naves, uma flotilha...

Não. A Mesa não teria permitido.

Ainda assim...

Quando o chamado finalmente veio, ele estava dormindo – um sono exausto, que não trazia nenhum alívio. A noite fora cheia de ventanias e ele tinha tido dificuldade para dormir. Como uma criança, imaginou vozes ao vento.

Seu último pensamento antes de cair em um sono exaurido foi uma ávida elaboração da fantasia de renúncia, desejo que sentia com o conhecimento de que não poderia realizá-la, pois, no instante que o fizesse, Delarmi o sucederia.

E então veio o chamado e ele se sentou na cama, instantaneamente acordado.

– Está bem? – perguntou.

– Perfeitamente bem, Primeiro Orador – respondeu Gendibal. – Usemos conexão visual para comunicação mais condensada?

– Mais tarde, talvez – disse Shandess. – Antes, qual é a situação?

Gendibal falou cuidadosamente, pois sentiu o despertar recente de seu interlocutor e captou um profundo cansaço.

– Estou nos arredores de um planeta habitado chamado Gaia – disse – cuja existência não é mencionada em nenhum dos registros galácticos, até onde sei.

– Seria o mundo daqueles que trabalham para garantir a perfeição do Plano? Os anti-Mulos?

– Possivelmente, Primeiro Orador. Existem motivos para se

acreditar na possibilidade. Primeiro, a nave com Trevize e Pelorat se aproximou bastante de Gaia e provavelmente pousou lá. Em segundo lugar, há uma nave de guerra da Primeira Fundação a aproximadamente meio milhão de quilômetros de mim.

– Não existiria um interesse tão maciço se não houvesse motivos.

– Primeiro Orador, talvez não se trate de interesses independentes. Estou aqui apenas porque sigo Trevize, e a nave de guerra pode estar aqui pela mesma razão. A questão que permanece é o que motiva Trevize.

– Pretende segui-lo até o planeta, Orador?

– Considerei essa possibilidade, mas algo aconteceu. Agora estou a cem milhões de quilômetros de Gaia e sinto no espaço à minha volta um campo mentálico, um campo homogêneo excessivamente tênue. Nem o teria percebido se não fosse o efeito focado na mente da loriana. É uma mente incomum; concordei em trazê-la justamente para esse propósito.

– Estava certo, então, ao supor sua utilidade. Acredita que a Oradora Delarmi sabia disso?

– Quando me incitou a trazer a mulher? Dificilmente, mas me aproveitei de tal vantagem com satisfação, Primeiro Orador.

– Estou contente que o tenha feito. Sua opinião, Orador Gendibal, é que o planeta é o foco do campo?

– Para averiguar esse fato, eu precisaria tomar medidas em pontos amplamente espaçados para conferir a existência de uma simetria esférica geral no campo. Minha sonda mental unidirecional demonstrou ser provável, mas não certeiro. Ainda assim, não seria inteligente investigar mais a fundo com a presença da nave de guerra da Primeira Fundação.

– Certamente não se trata de uma ameaça.

– Pode ser que seja. Ainda não posso ter certeza de que ela própria não é o foco do campo mentálico, Primeiro Orador.

– Mas eles...

– Primeiro Orador, respeitosamente, permita-me interrompê-lo. Não sabemos quais avanços tecnológicos a Primeira Fundação conquistou. Estão agindo com uma bizarra autoconfiança e talvez tenham surpresas desagradáveis para nós. É preciso determinar se eles aprenderam a lidar com o mentalicismo por meio de algum de seus equipamentos. Em resumo, Primeiro Orador, estou diante de uma

nave de guerra de mentálicos ou de um planeta deles. Se for a nave de guerra, a mentálica dela talvez seja fraca demais para me imobilizar, mas talvez seja suficiente para me tornar lento, e então os armamentos puramente físicos a bordo podem ser o bastante para me destruir. Por outro lado, se o planeta for o foco, o fato de o campo ser detectável a uma distância tão grande poderia significar uma gigantesca intensidade na superfície, muito além do que eu jamais poderia enfrentar. Em ambos os casos, é necessário estabelecer uma rede, uma rede plena, por meio da qual, conforme a necessidade, todos os recursos de Trantor possam estar à minha disposição.

O Primeiro Orador hesitou.

– Uma rede *plena* – disse. – Esse artifício nunca foi usado, nunca foi nem sugerido... A não ser na época do Mulo.

– Esta crise pode ser ainda maior do que a do Mulo, Primeiro Orador.

– Não sei se a Mesa concordaria.

– Não creio que o senhor devesse pedir que concordassem, Primeiro Orador. O senhor deveria invocar estado de emergência.

– Sob qual desculpa?

– Conte a eles o que lhe contei, Primeiro Orador.

– A Oradora Delarmi dirá que você é um covarde incompetente, levado à loucura por seus próprios medos.

Gendibal fez uma pausa antes de responder.

– Imagino que ela dirá algo do tipo, Primeiro Orador, mas deixe que fale o que bem entender; eu sobreviverei. O que está em jogo agora não é meu orgulho nem meu amor-próprio, mas sim a existência da própria Segunda Fundação.

3

Harla Branno abriu um sorriso sombrio, as marcas de expressão de seu rosto se aprofundando ainda mais.

– Acho que podemos dar continuidade – disse. – Estou pronta para eles.

– Ainda tem certeza de que sabe o que está fazendo? – perguntou Kodell.

– Se eu fosse tão insana quanto você finge acreditar que sou, Liono,

teria insistido em ficar nesta nave comigo?

– Provavelmente – Kodell deu de ombros. – Eu estaria aqui, prefeita, pela mínima chance de impedi-la, desviá-la, pelo menos atrasá-la, antes que a senhora fosse longe demais. E, claro, se a senhora não estiver louca...

– Sim?

– Bom, eu não iria querer que as histórias do futuro lhe dessem todo o crédito. Deixemos que eles relatem que eu estava com a senhora e se perguntem, talvez, a quem o crédito pertence mesmo, não é, prefeita?

– Muito esperto, Liono, muito esperto... Mas um tanto inútil. Fui o poder por trás do trono ao longo de muitos mandatos alheios e ninguém acreditaria que eu permitiria o mesmo fenômeno em meu próprio governo.

– Veremos.

– Não, não veremos, pois esses julgamentos históricos acontecerão depois que estivermos mortos. Mas não temo. Não temo pelo meu lugar na história e nem por *aquilo* – e ela apontou para a tela.

– A nave de Compor – disse Kodell.

– A nave de Compor, sim – respondeu Branno –, mas sem Compor a bordo. Um de nossos batedores observou a troca. A nave de Compor foi abordada por outra. Duas pessoas da outra nave entraram na de Compor, e depois ele saiu da sua e embarcou na outra – Branno esfregou as mãos. – Trevize cumpriu seu papel com perfeição. Eu o enviei para o espaço para que ele servisse como para-raios e assim ele o fez. Atraiu o relâmpago. A nave que abordou Compor é da Segunda Fundação.

– Eu me pergunto como a senhora pode ter certeza disso – disse Kodell, ao pegar seu cachimbo e lentamente começar a enchê-lo de tabaco.

– Porque sempre me questionei se Compor estaria sob o controle da Segunda Fundação. Sua vida era fácil demais. As coisas sempre davam certo para ele, e ele era um respeitável perito em rastreamento hiperespacial. Sua traição contra Trevize poderia facilmente ter sido simples politicagem de um homem ambicioso, mas ele o fez com imensa eficácia, como se houvesse algo além de ambição pessoal na questão.

– Tudo especulação, prefeita.

– A especulação acabou quando ele seguiu Trevize em múltiplos Saltos com a mesma facilidade que teria se fosse apenas um.

– Ele tinha o computador para ajudá-lo, prefeita.

Branno inclinou a cabeça para trás e riu.

– Meu caro Liono – disse –, está tão ocupado concebendo tramas intrincadas que esquece a eficácia de procedimentos simples. Enviei Compor para seguir Trevize não porque eu precisava que Trevize fosse seguido. Qual seria a necessidade disso? Trevize, por mais que quisesse manter seus movimentos em segredo, não conseguiria evitar chamar atenção em qualquer mundo não Fundação que visitasse. Sua embarcação avançada, seu forte sotaque de Terminus, seus créditos da Fundação, tudo automaticamente o cercava com uma aura de notoriedade. E, no caso de alguma emergência, ele automaticamente correria até um oficial da Fundação em busca de ajuda, como fez em Sayshell. Soubemos tudo o que ele fez ali assim que ele o tinha feito, independentemente de Compor. Não, não – ela continuou, pensativa. – Compor foi enviado para testar *Compor*. E foi um sucesso, pois demos a ele um computador deliberadamente defeituoso; não defeituoso a ponto de a nave ser impossível de manobrar, mas certamente danificado o suficiente para que não pudesse ajudá-lo a seguir um Salto múltiplo. Ainda assim, Compor conseguiu rastrear a outra nave sem problemas.

– Vejo que há muita coisa que a senhora não me informa, prefeita, até decidir que o quer.

– Omito apenas as questões que não lhe farão mal se você não souber, Liono. Admiro você e usufruo de sua capacidade, mas há limites severos para a minha confiança, assim como há na sua confiança por mim. E, por favor, não se dê ao trabalho de negar.

– Não negarei – respondeu Kodell, secamente –, e algum dia, prefeita, tomarei a liberdade de lembrá-la disso. Nesse ínterim, há mais alguma coisa que eu deveria saber agora? Qual é a natureza da nave que os abordou? Se Compor é da Segunda Fundação, aquela nave certamente também é.

– É sempre um prazer conversar com você, Liono. Percebe as coisas rapidamente. A Segunda Fundação não se preocupa em ocultar o próprio rastro. Tem defesas das quais depende para fazer seus rastros ficarem invisíveis, mesmo quando não o são. Nunca ocorreria a um membro da Segunda Fundação usar uma espaçonave de produção

externa, mesmo que soubessem de nossa facilidade de identificar a origem de uma nave com base no padrão de seu uso energético. Poderiam remover esse conhecimento de qualquer mente que o tivesse obtido, então para que se dar ao trabalho de se esconder? Bom, nossa nave de reconhecimento pôde determinar a origem da nave que abordou Compor em minutos.

– E agora suponho que a Segunda Fundação extrairá esse conhecimento de nossas mentes.

– Se puderem – respondeu Branno –, mas pode ser que descubram que as coisas mudaram.

– Algum tempo atrás – disse Kodell – a senhora disse que sabe onde fica a Segunda Fundação. Que acabará primeiro com Gaia, depois com Trantor. Deduzo, então, que a outra nave era de origem trantoriana.

– Deduziu corretamente. Está surpreso?

– Não, pensando bem – Kodell negou lentamente com a cabeça. – Ebling Mis, Toran Darell e Bayta Darell estavam todos em Trantor durante o período em que o Mulo foi vencido. Arkady Darell, neta de Bayta, nasceu em Trantor e estava lá quando a Segunda Fundação foi supostamente dizimada. Em seu relato sobre aqueles eventos, há um Preem Palver, que teve um papel essencial, surgindo em momentos convenientes, e era um comerciante trantoriano. Eu deveria achar até óbvio que a Segunda Fundação estivesse em Trantor, onde, coincidentemente, o próprio Hari Seldon vivia na época em que estabeleceu as duas Fundações.

– Deveras óbvio, mas ninguém jamais sugeriu essa possibilidade. A Segunda Fundação tomou providências para tanto. Foi o que quis dizer quando expliquei que eles não precisam esconder seus rastros quando podem facilmente manipular para que ninguém olhe na direção deles, ou esvaziar as memórias desses rastros, uma vez que tenham sido vistos.

– Nesse caso – respondeu Kodell –, não sejamos rápidos demais para virar na direção em que eles talvez queiram que viremos. Como a senhora supõe ser possível que Trevize tenha deduzido sobre a existência da Segunda Fundação? Por que a Segunda Fundação não o impediu?

Branno levantou seus dedos nodosos e começou a contá-los conforme falava.

– Primeiro, Trevize é um homem incomum que, não obstante sua

estrondosa incapacidade de ser cauteloso, tem *alguma coisa* que ainda não consegui entender. Ele pode ser um caso especial. Segundo, a Segunda Fundação não estava totalmente alheia. Compor seguia o rastro de Trevize e imediatamente enviava relatórios sobre ele para mim. A Segunda Fundação me usou para impedir Trevize sem que eles precisassem arriscar um envolvimento explícito. Terceiro, quando reagi de forma diferente da que eles esperavam, sem execução, sem prisão, sem extinção de memória, sem Sonda Psíquica, quando simplesmente o enviei para o espaço, a Segunda Fundação foi mais longe. Fizeram uma jogada direta e enviaram uma de suas próprias naves atrás dele – e, com lábios contraídos de prazer, ela acrescentou: – Oh, que belo para-raios.

– E nossa próxima ação? – perguntou Kodell.

– Vamos desafiar o membro da Segunda Fundação diante de nós. Estamos lentamente nos movendo em sua direção agora mesmo.

4

Gendibal e Novi estavam sentados lado a lado observando a tela.

Novi estava amedrontada. Para Gendibal, isso era bastante aparente, assim como o fato de ela estar tentando desesperadamente vencer o medo. E ele não podia fazer nada para ajudá-la em sua batalha interna, pois não achava sábio tocar sua mente nesse momento e correr o risco de obscurecer a reação que ela demonstrava ao tênue campo mentálico que os cercava.

A nave de guerra da Fundação se aproximava lentamente, mas com convicção. Era uma embarcação grande, com uma tripulação presumível de seis pessoas, considerando experiências passadas com naves da Fundação. Suas armas, Gendibal tinha certeza, seriam suficientes para manter a distância – ou dizimar, se necessário – uma frota composta por todas as naves da Segunda Fundação, se elas dependessem apenas de força física.

O avanço da nave de guerra, até mesmo contra uma única nave pilotada por um membro da Segunda Fundação, permitia que certas conclusões fossem tiradas. Mesmo que a nave possuísse capacidades mentálicas, seria pouco provável que avançasse tão abertamente contra as garras da Segunda Fundação. Uma possibilidade mais

plausível era que avançava por ignorância, que poderia ser de vários níveis.

Podia ser que o capitão da nave de guerra não soubesse da substituição de Compor ou, se soubesse, não tivesse consciência de que o substituto era um membro da Segunda Fundação, ou talvez não tivesse ideia do que era um membro da Segunda Fundação.

Ou (e Gendibal pretendia considerar tudo), e se a nave tivesse capacidade mentálica e, ainda assim, avançasse dessa maneira autoconfiante? Isso só poderia significar que ela estava sob o comando de um megalomaníaco ou que era dotada de poderes muito além daquilo que Gendibal imaginava ser possível.

Mas o que ele considerava possível não era o julgamento final...

Cuidadosamente, sondou a mente de Novi. Ela não podia sentir os campos mentálicos conscientemente, enquanto Gendibal, é claro, podia. Porém, a mente de Gendibal não sentia com tanta delicadeza nem detectava um campo mentálico tão tênue quanto a de Novi. Era um paradoxo que precisaria ser estudado no futuro, e que poderia trazer frutos de importância muito maior, no longo prazo, do que o problema imediato de uma espaçonave em aproximação.

Gendibal havia contemplado essa possibilidade intuitivamente, quando percebeu a incomum suavidade e simetria da mente de Novi – e sentia um melancólico orgulho de sua capacidade intuitiva. Oradores tinham muito orgulho de seus poderes intuitivos, mas quanto disso seria produto de sua incapacidade de avaliar campos por métodos físicos diretos e, logo, de seus fracassos em compreender o que exatamente haviam feito? Era fácil encobrir ignorância com a palavra mística “intuição”. E quanto dessa ignorância poderia ser fruto de sua subestimação da importância do físico em comparação ao mentalicismo?

E quanto *disso* era orgulho cego? Quando se tornasse Primeiro Orador, pensou Gendibal, isso mudaria. Haveria algum tipo de aproximação do vazio físico entre as Fundações. A Segunda Fundação não poderia enfrentar a possibilidade de destruição toda vez que o monopólio mentálico escorregasse um pouco.

E, de fato, o monopólio estava escorregando exatamente nesse instante. Talvez a Primeira Fundação tivesse avançado ou houvesse uma aliança entre a Primeira Fundação e os anti-Mulos (esse pensamento lhe ocorreu pela primeira vez, e ele subitamente sentiu

arrepios).

Os pensamentos sobre o assunto correram por sua mente com uma rapidez comum a um Orador, e, conforme pensava, continuava sensorialmente consciente do brilho na mente de Novi, sua reação ao gentil campo mentálico invasor que os envolvia. Ele *não* estava ficando mais forte conforme a nave de guerra da Fundação se aproximava.

Por si só, não era uma indicação absoluta de que a nave de guerra estava desprovida de equipamentos mentálicos. Era fato conhecido que um campo mentálico não obedecia à lei do inverso do quadrado. Não ficava progressivamente mais forte de acordo com o quadrado da diminuição da distância entre o emissor e o receptor. Nesse aspecto, era diferente dos campos eletromagnético e gravitacional. Ainda assim, apesar de campos mentálicos variarem menos com a distância do que os vários campos físicos, não era totalmente insensível à distância. A resposta da mente de Novi deveria mostrar um aumento detectável na medida em que a nave se aproximava – *algum* aumento.

(Como, em cinco séculos, nenhum membro da Fundação, de Hari Seldon em diante, pensou em determinar uma relação matemática entre intensidade mentálica e distância? Esse desdém pelo físico precisava e iria acabar, jurou Gendibal em silêncio.)

Se a nave de guerra tivesse capacidades mentálicas e também certeza de que se aproximava de um membro da Segunda Fundação, não aumentaria a intensidade de seu campo até o máximo antes de avançar? E, nesse caso, a mente de Novi *certamente* registraria algum tipo de resposta mais acentuada, não registraria?

Mas não era o caso!

Confiante, Gendibal eliminou a possibilidade de que a nave de guerra pudesse contar com mentalicismo. Avançava por ignorância e, como uma ameaça, poderia ser abrandada.

O campo mentálico, claro, ainda existia, mas deveria se originar em Gaia. Era algo perturbador, mas o problema imediato era a nave. Depois de eliminá-la, ele poderia voltar sua atenção ao mundo de anti-Mulos.

Ele esperou. A nave faria alguma manobra ou chegaria perto o suficiente para que ele tivesse confiança para adotar uma ofensiva eficiente.

Agora a nave se aproximava rapidamente e, ainda assim, não fazia

nada. Gendibal, enfim, calculou que a força de seu golpe seria suficiente. Não haveria dor, quase nenhum desconforto; todos a bordo descobririam simplesmente que os grandes músculos de suas costas e membros responderiam lentamente aos seus comandos.

Gendibal estreitou o campo mentálico controlado por sua mente. Intensificou-o e saltou através do intervalo entre as naves, na velocidade da luz (as duas embarcações estavam próximas o suficiente para tornar desnecessário o contato hiperespacial e sua inevitável perda de precisão).

E Gendibal, então, recuou, em atordoada surpresa.

A nave de guerra da Fundação era equipada com um eficiente escudo mentálico que ganhava densidade na mesma proporção em que seu próprio campo ganhava intensidade. A nave não estava se aproximando em ignorância, afinal de contas, e tinha uma arma inesperada que agia passivamente.

5

– Ah – exclamou Branno –, ele tentou nos atacar, Liono! Veja!

A agulha do medidor psiônico moveu-se e tremeu em ascensão irregular.

O desenvolvimento do escudo mentálico ocupara cientistas da Fundação por cento e vinte anos no mais secreto de todos os projetos científicos, com a possível exceção do desenvolvimento solitário da análise psico-histórica por Hari Seldon. Cinco gerações de seres humanos dedicaram-se à melhoria gradual de um equipamento que não era baseado em nenhuma teoria concreta.

Mas nenhum avanço teria sido possível sem a invenção do medidor psiônico, que podia agir como um guia, indicando a direção e a quantidade de avanço em cada estágio. Ninguém podia explicar como funcionava, mas todas as indicações eram de que ele media o imensurável e atribuía números ao indescritível. Branno tinha a sensação (compartilhada com alguns cientistas) de que, se a Fundação conseguisse explicar o funcionamento do medidor psiônico, se equipararia à Segunda Fundação no controle da mente.

Mas isso era para o futuro. No momento, o escudo precisava ser suficiente, apoiado, como era o caso, por uma hegemonia de

armamentos físicos.

Branno enviou uma mensagem, transmitida em uma voz masculina, cujos tons de emoção tinham sido todos removidos e que soava inexpressiva e mortal.

– Chamando a *Estrela Radiante* e seus ocupantes. São acusados de tomar uma nave da marinha da Federação da Fundação em um ato de pirataria. Ordenamos que entreguem a nave e rendam-se imediatamente, ou atacaremos.

A resposta veio em voz natural:

– Prefeita Branno, de Terminus, sei que a senhora está na nave. A *Estrela Radiante* não foi tomada por ações piratas. Fui livremente convidado a embarcar por seu capitão legítimo, Munn Li Compor, de Terminus. Peço um momento de trégua para que possamos discutir questões de importância para ambos.

– Prefeita – sussurrou Kodell a Branno –, deixe o diálogo comigo.

Ela ergueu o braço desdenhosamente.

– A responsabilidade é minha, Liono – respondeu.

Ajustando o transmissor, ela falou em um tom não menos agressivo e sem emoção do que a voz artificial que falara antes:

– Homem da Segunda Fundação, entenda sua situação. Se não se render imediatamente, podemos aniquilar sua nave tão rápido quanto a luz demora para ir de nossa nave até a sua, e estamos prontos para tanto. E não perderemos nada com tal ação, pois não possui nenhum conhecimento de que necessitamos e que nos estimule a mantê-lo vivo. Sabemos que é de Trantor e, uma vez que tenhamos nos livrado de você, estaremos prontos para lidar com Trantor. Estamos dispostos a garantir um período em que terá a palavra. Todavia, como não tem nada de valor para nos dizer, não escutaremos por muito tempo.

– Nesse caso – disse Gendibal –, permita-me falar rapidamente e ir direto ao ponto. Seu escudo não é perfeito, e não pode ser. Superestimou esse artifício e subestimou a mim. Posso manipular sua mente e controlá-la. Talvez não com tanta facilidade quanto se não houvesse escudo, mas facilmente mesmo assim. No momento em que tentar usar alguma arma, atacarei. Uma informação que precisa entender: sem um escudo, posso lidar com sua mente com suavidade e não causar nenhum mal. Porém, com o escudo, preciso forçar a entrada, o que certamente posso fazer, e assim serei incapaz de manipulá-la com cuidado ou precisão. Sua mente ficará tão demolida

quanto o escudo, e o efeito será irreversível. Em outras palavras, não pode me deter e eu, por outro lado, *posso* impedi-la e serei forçado a fazer algo pior do que matá-la. Transformarei a senhora em uma massa descerebrada. Deseja arriscar?

– Sabe que não pode fazer o que afirma – respondeu Branno.

– Então deseja arriscar as consequências que descrevi? – perguntou Gendibal, com um ar de calma indiferença.

Kodell inclinou-se e sussurrou:

– Por Seldon, prefeita...

Gendibal interrompeu (não exatamente de imediato, pois a luz – e qualquer coisa na velocidade da luz – demorava um pouco mais de um segundo para viajar entre uma nave e outra):

– Acompanho seus pensamentos, Kodell. Não é necessário sussurrar. Acompanho também os pensamentos da prefeita. Ela está indecisa, portanto ainda não há motivos para pânico. E o simples fato de eu saber disso é ampla evidência de que seu escudo tem buracos.

– Ele pode ser intensificado – disse a prefeita, desafiadoramente.

– Meu poder mentálico também – respondeu Gendibal.

– Mas estou aqui sentada à vontade, consumindo apenas energia física para manter o escudo, e tenho energia suficiente para mantê-lo por extensos períodos de tempo. Você precisa usar energia mentálica para superar o escudo, e ficará cansado.

– Não estou cansado – disse Gendibal. – Neste momento, nenhum de vocês dois é capaz de comandar qualquer membro da tripulação de sua nave nem tripulantes de alguma outra nave. Posso fazer isso sem machucá-los, mas não façam nada inusitado para escapar deste controle, pois serei forçado a reagir aumentando minha própria força e vocês sofrerão consequências, como expliquei.

– Eu esperarei – respondeu Branno, pousando suas mãos no colo com todos os sinais de uma sólida paciência. – Você ficará exausto e, então, as ordens proferidas não serão para destruí-lo, pois será inofensivo. As ordens serão o envio da frota principal da Fundação contra Trantor. Se deseja salvar seu mundo, renda-se. Uma segunda onda de destruição não deixará sua organização intacta, como foi com a primeira, na época do Grande Saque.

– Não percebe que, caso eu sinta cansaço, prefeita, o que não acontecerá, posso salvar meu mundo simplesmente destruindo você antes que minhas forças para tanto se esvaiam?

– Você não fará isso. Sua principal missão é manter o Plano Seldon. Destruir a prefeita de Terminus e, assim, golpear o prestígio e a confiança da Primeira Fundação, causando um retrocesso colossal em seu poder e encorajando seus inimigos ao redor da Galáxia, será uma fratura tão grande no Plano que será quase tão ruim para você quanto a destruição de Trantor. É melhor se render.

– Está disposta a arriscar-se apostando em minha relutância em destruí-la?

O peito de Branno ergueu-se conforme ela inspirou profundamente e expirou o ar lentamente. Então, respondeu com firmeza:

– Sim!

Kodell, sentado ao seu lado, empalideceu.

6

Gendibal encarou a imagem de Branno sobreposta à área do aposento em frente a uma parede. Tremeluzia de leve e estava um tanto embaçada por causa da interferência do escudo. O homem ao seu lado quase não tinha traços, de tão embaçado, pois Gendibal não tinha energia para desperdiçar com ele. Precisava se concentrar na prefeita.

Ela não recebia uma imagem dele em retorno. Não tinha como saber que ele também estava acompanhado, por exemplo. Não podia julgar suas expressões nem sua linguagem corporal. Nesse aspecto, ela estava em desvantagem.

Tudo o que ele tinha dito era verdade. Ele *poderia* esmagá-la à custa de um imenso gasto de força mentálica, e, ao fazê-lo, talvez não conseguisse evitar fender sua mente de modo irreparável.

Entretanto, tudo o que ela havia dito também era verdade. Destruí-la perturbaria o Plano tanto quanto o próprio Mulo havia perturbado. Na verdade, a nova perturbação poderia ser ainda mais séria, pois o processo agora estava mais avançado e haveria menos tempo para se recuperar do erro.

Para agravar a situação, ainda havia Gaia, que continuava um fator desconhecido, com seu campo mentálico ainda no limite tênue e provocador da detecção.

Por um instante, ele tocou a mente de Novi para ter certeza de que

aquele fluxo ainda estava lá. E estava, inalterado.

Ela não poderia ter sentido aquele toque de nenhuma maneira, mas virou-se para ele em um sussurro amedrontado e disse:

– Mestre, tem uma neblina desbotada ali. É com aquilo que conversa?

Ela deveria ter percebido a neblina através da pequena conexão entre suas mentes. Gendibal pousou um dedo em seus lábios.

– Não tenha medo, Novi – disse. – Feche os olhos e descanse.

Gendibal elevou o tom de voz:

– Prefeita Branno, sua aposta é válida. Não desejo destruí-la imediatamente, pois acredito que, se eu tiver a oportunidade de explicar algo à senhora, cederá à razão e então não haverá necessidade de destruição em nenhum lado. Suponha, prefeita, que a senhora vença e eu me renda. O que viria a seguir? Em uma orgia de autoconfiança e dependência indevida em seu escudo mentálico, a senhora e seus sucessores tentarão espalhar seu poder pela Galáxia com rapidez descabida. Ao fazê-lo, na verdade, adiará o início do Segundo Império, pois também acabaria com o Plano Seldon.

– Não estou surpresa – respondeu Branno – que você não tenha o ímpeto de me destruir imediatamente e acredito que, conforme pensar no assunto, será forçado a admitir que não ousaria me destruir jamais.

– Não se engane com tolices de autocongratulação – disse Gendibal. – *Escute-me*. A maioria da Galáxia ainda não faz parte da Fundação e, em grande parte, é anti-Fundação. Existem, inclusive, aglomerados da Federação da Fundação que ainda não esqueceram seus dias de independência. Se a Fundação agir precipitadamente após minha rendição, livrará a Galáxia de sua maior fraqueza: sua desunião e indecisão. Forçará todos a se unirem no medo e alimentará uma tendência interna à rebelião.

– Suas ameaças são débeis – retrucou Branno. – Teríamos poder para vencer todos os inimigos facilmente, mesmo que todos os mundos na Galáxia não Fundação se unissem contra nós; mesmo que fossem auxiliados por uma rebelião em metade dos planetas da própria Fundação. Não haveria problema.

– Nenhum problema *imediato*, prefeita. Não cometa o erro de enxergar apenas os resultados instantâneos. A senhora pode estabelecer o Segundo Império apenas proclamando tal feito, mas não conseguirá mantê-lo. Precisará reconquistá-lo a cada dez anos.

– Então assim o faremos até que os mundos cansem, da mesma maneira que você está cansando.

– Eles não se cansarão, e eu tampouco. E esse processo não duraria muito tempo, pois há um segundo, e maior, perigo ao pseudo-Império que a senhora proclamaria. Como só poderia ser mantido, e por pouco tempo, por uma força militar cada vez mais forte, usada constantemente, os generais da Fundação se tornarão, pela primeira vez, mais importantes e poderosos do que as autoridades civis. O pseudo-Império se dividirá em regiões militares, dentro das quais cada comandante reinará supremo. Haverá anarquia, e um retrocesso a uma barbárie que há de durar mais do que os trinta mil anos previstos por Seldon antes da implementação do Plano.

– Ameaças infantis. Mesmo que os cálculos do Plano Seldon tivessem previsto tudo isso, preveem apenas probabilidades, não inevitabilidades.

– Prefeita Branno – disse Gendibal, com sinceridade –, esqueça o Plano Seldon. A senhora não compreende a matemática e nem visualiza os padrões dele. Mas talvez não precise. A senhora é uma política experiente; é bem-sucedida, a julgar pelo cargo que mantém; e, acima de tudo, é corajosa, a julgar pelo risco que corre neste exato momento. Portanto, use seu discernimento político. Considere a história política e militar da humanidade, e a considere sob a óptica do que sabe sobre a natureza humana, sobre a forma como as pessoas, os políticos e os oficiais militares agem, reagem e interagem, e veja se não estou certo.

– Mesmo que estivesse certo, membro da Segunda Fundação – respondeu Branno –, é um risco que precisamos correr. Com liderança apropriada e com a continuidade de avanços tecnológicos, tanto em mentalicismo como em força física, podemos superar qualquer coisa. Hari Seldon nunca calculou tais avanços adequadamente. Não poderia ter calculado. Em que lugar do Plano há espaço para o desenvolvimento de um escudo mentálico pela Primeira Fundação? E por que deveríamos querer seguir o Plano? Arriscaremos estabelecer um novo Império sem ele. Um fracasso sem o Plano seria, afinal, melhor do que um sucesso com ele. Não queremos um Império em que seremos marionetes dos manipuladores ocultos da Segunda Fundação.

– Diz isso apenas porque não compreende o que significaria o fracasso para as pessoas da Galáxia.

– Talvez! – disse Branno, friamente. – Está começando a se exaurir, membro da Segunda Fundação?

– De forma alguma. Permita-me propor uma manobra alternativa que a senhora não cogitou, algo que não requer minha rendição à senhora, nem a sua a mim. Estamos nos arredores de um planeta chamado Gaia.

– Sei disso.

– Sabe que é, provavelmente, o planeta natal do Mulo?

– Eu necessitaria de provas além de sua mera afirmação para acreditar em tal fato.

– O planeta está cercado por um campo mentálico. É o lar de muitos Mulos. Se a senhora realizar seu sonho de destruir a Segunda Fundação, fará com que todos vocês se tornem escravos desse planeta de Mulos. Que mal os membros da Segunda Fundação já fizeram contra a senhora; mal específico, e não imaginado nem teorizado? Agora pergunte a si mesma que mal um único Mulo fez.

– Ainda não tenho nada além da sua afirmação.

– Enquanto permanecermos nesta situação, não posso oferecer nada além disso. Logo, proponho uma trégua. Mantenha seu escudo em funcionamento, se não confia em mim, mas esteja preparada para cooperar comigo. Vamos, juntos, nos aproximar desse planeta, e, quando a senhora estiver convencida de que é perigoso, anularei o campo mentálico e a senhora ordenará que suas naves o dominem.

– E então?

– E então será a Primeira Fundação contra a Segunda Fundação, pelo menos, sem nenhuma força externa a ser considerada. O conflito será claro. Neste momento, veja bem, não seria sábio guerrearmos, pois ambas as Fundações estão encurraladas.

– Por que não disse isso antes?

– Achei que poderia convencê-la de que não somos inimigos, de que poderíamos cooperar um com o outro. Como aparentemente falhei, sugiro cooperação de qualquer maneira.

Branno fez uma pausa pensativa, sua cabeça inclinada.

– Está tentando me acalentar com canções de ninar – disse. – Como você, sozinho, poderia anular o campo mentálico de um planeta inteiro de Mulos? A ideia é tão absurda que não posso confiar na veracidade de sua proposta.

– Não estou sozinho – respondeu Gendibal. – Conto com a força

total da Segunda Fundação, e essa força, canalizada através de mim, lidará com Gaia. Além disso, ela pode, a qualquer momento, dissipar seu escudo como se fosse fumaça.

– Se for esse o caso, por que precisa de minha ajuda?

– Primeiro, porque anular o campo não é suficiente. A Segunda Fundação não poderia se dedicar, agora e para sempre, à eterna tarefa de anulação, do mesmo jeito que não posso passar o resto da minha vida dançando este minueto de conversa com a senhora. Precisamos da ação física que suas naves podem oferecer. E além disso, se não posso convencê-la por meio da lógica que as duas Fundações deveriam enxergar-se mutuamente como aliadas, talvez uma missão cooperativa de suma importância seja mais convincente. Ações podem funcionar onde as palavras falharam.

Um segundo silêncio. Então, Branno disse:

– Estou disposta a me aproximar de Gaia, se pudermos fazê-lo cooperativamente. Não faço nenhuma promessa além dessa.

– É o suficiente – respondeu Gendibal, acessando o computador.

– Não, Mestre – disse Novi –, até agora não era importante, mas, por favor, não faça mais nada. Precisamos esperar pelo conselheiro Trevize, de Terminus.

19.

Decisão

1

COM UM LEVE TRAÇO DE PETULÂNCIA na voz, Janov Pelorat disse:

– Francamente, Golan, ninguém parece se importar com o fato de ser a primeira vez em uma vida moderadamente longa (mas não *tão* longa, Júbilo, eu garanto) que viajo pela Galáxia. Toda vez que aterrisso em um mundo, logo vou embora para o espaço antes de ter a chance de estudá-lo de verdade. É a segunda vez que isso acontece.

– Sim – disse Júbilo –, mas se não tivesse deixado o outro tão rapidamente, não teria me conhecido até sabe-se quando. Isso certamente justifica a primeira partida.

– Sim. Sinceramente, minha... minha querida, justifica sim.

– E desta vez, Pel, você pode estar fora do planeta, mas tem a mim, e eu sou Gaia tanto quanto qualquer partícula de lá, tanto quanto tudo o que há lá.

– De fato. E eu não quero nenhuma outra partícula que não seja você.

– Isso é ofensivo – disse Trevize, que escutava a conversa com o cenho franzido. – Por que Dom não veio conosco? Pelo espaço! Nunca vou me acostumar com essa história de monossílabos. Duzentas e cinquenta sílabas em um nome e usamos apenas uma. Por que *ele* não veio, com todas as suas duzentas e cinquenta sílabas? Se tudo isso é tão importante, se a própria existência de Gaia depende disso, por que ele não veio conosco para nos guiar?

– *Eu* estou aqui, Trev – respondeu Júbilo –, e sou tão Gaia quanto ele – e então, com uma rápida olhadela para a lateral e depois para cima com seus olhos escuros, perguntou: – É irritante para você que eu o chame de “Trev”?

– Sim, muito. Tenho tanto direito aos meus costumes quanto você aos seus. Meu nome é Trevize. Três sílabas. Trevize.

– Muito bem. Não quero irritá-lo, Trevize.

– Não estou bravo. Estou aborrecido – ele se levantou subitamente, andou de um lado para o outro do aposento, passando por cima das pernas esticadas de Pelorat (que as tirou do caminho rapidamente) mais de uma vez. Então, parou e se virou para encarar Júbilo.

– Escute! – ele apontou um dedo para ela. – Não sou dono de mim mesmo! Fui manipulado desde Terminus até Gaia e, inclusive quando comecei a suspeitar disso, não parecia haver uma maneira para me livrar das amarras. E então, quando chego a Gaia, me dizem que o verdadeiro propósito da minha chegada era a sua salvação. Por quê? Como? O que Gaia representa para mim, ou o que represento para Gaia, para que eu devesse salvá-la? Não há nenhuma outra pessoa entre o quintilhão de seres humanos na Galáxia que poderia salvá-la?

– Por favor, Trevize – disse Júbilo, e havia um súbito ar de abatimento nela; toda a sua afetação provocante havia desaparecido. – Não fique bravo. Usei seu nome propriamente e falarei a sério. Dom pediu para que fosse paciente.

– Por todos os planetas na Galáxia, habitáveis ou não, não quero ser paciente! Se sou tão importante, por que não mereço uma explicação? Para começo de conversa, pergunto mais uma vez, por que Dom não veio conosco? Isso não é importante o suficiente para que ele estivesse aqui na *Estrela Distante* com a gente?

– Ele *está* aqui, Trevize – disse Júbilo. – Enquanto eu estiver aqui, ele está aqui, e todos em Gaia estão aqui, cada ser vivo, cada partícula do planeta.

– Você fica satisfeita com isso, mas não é o jeito como eu encaro as coisas. Não sou gaiano. Não podemos espremer o planeta todo para dentro da minha nave, podemos espremer apenas mais uma pessoa. Temos você, e Dom é parte de você. Muito bem. Por que não poderíamos ter trazido Dom e deixado você ser parte *dele*?

– Para começar – respondeu Júbilo –, Pel, quero dizer, Pel-o-rat, pediu que eu ficasse na nave com vocês. Eu, não Dom.

– Ele estava sendo galanteador. Quem levaria isso a sério?

– Oh, espere um momento, meu caro colega –, disse Pelorat, levantando-se enquanto seu rosto ficava cada vez mais vermelho –, eu estava falando bastante a sério. Não quero ser descartado dessa maneira. Aceito o fato de que não importa qual componente do todo gaiano esteja a bordo, e é mais agradável para mim ter Júbilo aqui do

que Dom, e deveria ser assim para você também. Vamos lá, Golan, você está se comportando como uma criança.

– Estou? Estou? – retrucou Trevize, carrancudo. – Muito bem. Então estou. De todo jeito – e mais uma vez apontou para Júbilo –, o que quer que seja que esperam que eu faça, garanto que não o farei se não for tratado como um ser humano. Duas perguntas, para começar. O que devo fazer? E por que eu?

Júbilo estava de olhos arregalados e se afastava.

– Por favor – disse a moça –, não posso contar agora. Nada nem ninguém de Gaia pode contar. Você *precisa* ir até o lugar sem saber de nada. *Precisa* entender tudo lá. Deverá, então, fazer o que deve fazer, mas deve fazê-lo com calma e sem emoção. Se continuar como está, nada funcionará e, de um jeito ou de outro, será o fim de Gaia. Você precisa mudar seu estado emocional e não sei como mudá-lo.

– Se Dom estivesse aqui, *ele* saberia? – perguntou Trevize, implacavelmente.

– Dom *está* aqui – respondeu Júbilo. – Ele/eu/nós não sabemos como mudá-lo nem como acalmá-lo. Não entendemos um ser humano que não consegue sentir seu lugar no plano geral, que não se sente parte de um grande todo.

– Não é verdade – disse Trevize. – Vocês conseguiram dominar minha nave a mais de um milhão de quilômetros, e nos mantiveram calmos enquanto estávamos indefesos. Bom, me acalmem agora. Não finja que não são capazes de fazê-lo.

– Mas não *devemos*. Não agora. Se o mudássemos ou o ajustássemos de alguma maneira agora, você não teria mais valor para nós do que qualquer outra pessoa na Galáxia, e não poderíamos usá-lo. Só podemos usá-lo porque você é *você*, e precisa continuar sendo você. Se o influenciássemos de alguma forma neste momento, estaríamos perdidos. Por favor. Você precisa se acalmar por conta própria.

– Sem chances, senhorita, a não ser que diga algo que eu queira saber.

– Júbilo – interrompeu Pelorat –, deixe-me tentar. Por favor, vá para outro aposento.

Júbilo saiu, caminhando lentamente de costas. Pelorat fechou a porta em seguida.

– Ela pode ouvir e ver... sentir tudo – disse Trevize. – Que diferença isso faz?

– Faz diferença para mim – respondeu Pelorat. – Quero ficar a sós com você, mesmo que o isolamento seja uma ilusão. Golan, você está com medo.

– Não seja tolo.

– Claro que está. Não sabe para onde está indo, o que enfrentará, o que esperam que faça. Você tem o direito de estar com medo.

– Mas não estou.

– Sim, está. Talvez não com medo de perigos físicos, como eu. Eu tinha receio de me aventurar pelo espaço, receio de cada mundo novo que via, receio de todas as novidades que encontrei. Afinal, vivi meio século de uma vida constrita, introvertida e limitada, enquanto você estava na marinha e na política, na ação e no tumulto, em casa e no espaço. Ainda assim, tentei não ser receoso, e você me ajudou. Nesses tempos que passamos juntos, você foi paciente comigo, foi gentil e compreensivo comigo, e, graças a você, consegui dominar meus temores e me comportar bem. Então permita-me retribuir o favor e ajudá-lo.

– Não estou com medo, estou lhe dizendo.

– Claro que está. No mínimo, teme a responsabilidade que encontrará. Aparentemente, há todo um mundo dependendo de você, portanto será obrigado a viver com a destruição de um mundo, caso falhe. Por que deveria enfrentar essa possibilidade por um mundo que não significa nada para você? Que direito eles têm de atribuir-lhe esse fardo? Você não está com medo apenas do fracasso, como qualquer pessoa estaria em seu lugar, mas está furioso porque eles o colocaram numa posição em que você precisa ficar com medo.

– Vocês estão todos errados.

– Creio que não. Consequentemente, deixe-me assumir o seu lugar. Eu assumo. O que quer que seja que esperam de você, ofereço-me como substituto. Presumo que não seja nada que exija grande força física nem vitalidade, pois, nesse caso, um simples equipamento mecânico poderia se sair melhor do que você. Presumo que não seja nada que exija mentalicismo, pois eles têm o suficiente disso por conta própria. É algo que... bom, eu não sei, mas se não requer músculos nem cérebro, então tenho tudo o que você tem, e estou pronto para assumir a responsabilidade.

– Por que você está tão disposto a assumir o fardo? – perguntou Trevize, secamente.

Pelorat olhou para o chão, como se temesse encontrar os olhos do outro.

– Eu tive uma esposa, Golan – disse. – Conheci mulheres. Ainda assim, nunca foram muito importantes na minha vida. Nem interessantes. Nem agradáveis. Nunca muito importantes. Ainda assim, essa...

– Quem? Júbilo?

– De algum jeito, ela é diferente... para mim.

– Por Terminus, Janov, ela sabe de cada palavra que está dizendo.

– Não faz diferença. Ela sabe, de qualquer jeito. Quero agradá-la. Assumirei essa missão, qualquer que seja; correrei qualquer risco; aceitarei qualquer responsabilidade pela menor chance de que a faça... gostar de mim.

– Janov, ela é uma criança.

– Ela não é uma criança, e o que você acha dela não faz diferença para mim.

– Não entende como ela deve enxergá-lo?

– Um velho? Que diferença isso faz? Ela é parte de um todo e eu não sou, e isso já é suficiente para formar uma barreira intransponível entre nós. Acha que eu não sei? Mas eu não peço nada dela além de que ela...

– Goste de você?

– Sim. Ou o que ela possa sentir por mim.

– E por isso você faria o meu trabalho? Janov, não ouviu? Eles não querem você. Eles querem *a mim*, por alguma misteriosa razão que não entendo.

– Se eles não podem tê-lo e se precisam de alguém, eu certamente serei melhor do que nada.

Trevize negou com a cabeça.

– Não acredito que isso esteja acontecendo – disse. – A idade está acabando com você e só agora descobriu a juventude. Janov, está tentando ser um herói para que possa morrer por aquele corpo.

– Não diga isso, Golan. Não é um assunto adequado para piadas.

Trevize tentou rir, mas seus olhos encontraram o rosto sério de Pelorat e ele pigarreou em vez disso.

– Está certo – disse. – Peço desculpas. Chame-a, Janov. Chame-a.

Júbilo entrou, retraindo-se de leve.

– Sinto muito, Pel – disse, com voz fraca. – Você não pode

substituí-lo. Precisa ser Trevize ou ninguém.

– Muito bem – disse Trevize. – Eu me acalmarei. O que quer que seja, tentarei fazer. Qualquer coisa para impedir Janov de tentar ser um herói romântico nessa idade.

– Sei a idade que tenho – murmurou Pelorat.

Júbilo se aproximou de Pelorat lentamente e pousou uma mão em seu ombro.

– Pel, eu... eu gosto de você.

Pelorat desviou o olhar.

– Não se preocupe, Júbilo. Não precisa ser educada.

– Não estou sendo educada, Pel. Eu gosto... muito de você.

2

Vagamente, e então com mais força, Sura Novi sabia que se chamava Suranoviremblastiran e que, quando era pequena, fora conhecida como Su pelos seus pais e como Vi pelos amigos.

Ela nunca tinha realmente esquecido, claro, mas os fatos eram, de vez em quando, enterrados nas profundezas mais obscuras de sua existência. E nunca tinham estado tão profunda e duradouramente enterrados quanto neste último mês, pois ela nunca esteve tão perto de uma mente tão poderosa por tanto tempo.

Mas agora era o momento. Não foi por vontade própria. Não precisava ser. A vasta parte reprimida de si mesma agora forçava para chegar à superfície, pelo bem global.

Acompanhando esse momento havia um vago incômodo, um tipo de coceira que foi rapidamente vencida pelo conforto de ser si mesma sem máscaras. Fazia anos que ela não ficava tão próxima do globo de Gaia.

Lembrou-se de uma das formas de vida que amara em Gaia, quando era criança. No passado, percebera os sentimentos daquela forma de vida como uma tênue parte de si mesma. Agora, ela reconhecia seus sentimentos mais aguçados. Era uma borboleta emergindo de um casulo.

3

Stor Gendibal olhou repentina e profundamente para Novi – e ficou tão surpreso que por pouco não perdeu o controle que exercia sobre a prefeita Branno. O fato de ele não tê-lo perdido era devido, talvez, a um súbito apoio externo que recebia e que, no momento, ignorava.

– O que sabe sobre o conselheiro Trevize, Novi? – e então, em fria perplexidade diante da inesperada e crescente complexidade da mente da mulher, elevou o tom de voz. – O que é você?

Ele tentou dominar a mente de Novi e descobriu que era impenetrável. Naquele momento, reconheceu que sua influência sobre Branno era apoiada por uma força maior do que a dele.

– O que é você? – repetiu.

Havia um traço de tristeza no rosto de Novi.

– Mestre – ela disse. – Orador Gendibal. Meu nome verdadeiro é Suranoviremblastiran e eu sou Gaia.

Foi tudo o que ela disse em palavras. Gendibal, com fúria repentina, intensificou sua própria aura mentálica e, com grande habilidade, agora que suas emoções cresciam, evitou a barreira crescente e dominou Branno por conta própria e com mais potência do que antes, enquanto segurava a mente de Novi em uma batalha tensa e silenciosa.

Ela o manteve a distância com habilidade equivalente, mas não conseguia manter a própria mente fechada para ele, ou talvez não quisesse.

Ele se comunicou com ela como se comunicaria com outro Orador.

– Você assumiu um papel, me enganou, atraiu-me para cá. Você é da espécie da qual o Mulo surgiu.

– O Mulo era uma aberração, Orador. Eu/nós não somos Mulos. Eu/nós somos Gaia.

Toda a essência de Gaia estava descrita naquilo que ela comunicava de maneira complexa, muito além do que era possível por meio de qualquer quantidade de palavras.

– Um planeta inteiro, vivo – disse Gendibal.

– E com um campo mentálico mais grandioso como um todo do que o seu, individualmente. Por favor, não resista com tanta intensidade. Receio a possibilidade de machucá-lo, algo que não quero fazer.

– Mesmo como um planeta vivo, não é mais forte do que a soma de meus colegas em Trantor. Nós também somos, de certa maneira, um planeta vivo.

– São apenas poucos milhares de pessoas em cooperação mentálica, Orador, e você não pode usufruir desse apoio, pois eu o bloqueei. Experimente e verá.

– O que planeja fazer, Gaia?

– Eu gostaria, Orador, que se referisse a mim como Novi. Minhas ações, no momento, são ações de Gaia, mas também sou Novi. E, para você, sou apenas Novi.

– O que planeja fazer, Gaia?

Houve um trêmulo equivalente mentálico de um suspiro, e Novi respondeu:

– Permaneceremos em um impasse triplo. Você dominará a prefeita Branno através do escudo e eu o ajudarei, e não nos cansaremos. Você, suponho, manterá sua influência sobre mim e eu manterei a minha sobre você, e nenhum de nós dois se cansará. E assim ficaremos.

– Até qual conclusão?

– Como disse, estamos esperando pelo conselheiro Trevize, de Terminus. Será ele quem resolverá o impasse, da maneira que quiser.

4

O computador a bordo da *Estrela Distante* localizou as duas naves e Golan Trevize as exibiu juntas na tela dividida.

Eram, ambas, naves da Fundação. Uma era exatamente como a *Estrela Distante* e era, sem dúvida, a nave de Compor. A outra era maior e mais potente.

Ele se virou para Júbilo.

– E então – disse –, você sabe o que está acontecendo? Há alguma coisa que possa me dizer?

– Sim! Não fique alarmado. Eles não o machucarão.

– Por que todos estão convencidos de que estou sentadinho aqui, morrendo de medo? – questionou Trevize, com petulância.

– Deixe-a falar, Golan – disse Pelorat rapidamente. – Tenha paciência.

Trevize levantou os braços em um gesto de inquieta rendição e respondeu:

– Terei paciência. Fale, senhorita.

– Na nave maior – continuou Júbilo – está a soberana de sua Fundação. Com ela...

– A soberana? – perguntou Trevize, atordoado. – Está falando da velha Branno?

– Esse certamente não é seu título – disse Júbilo, seus lábios demonstrando leve humor. – Mas, sim, é uma mulher – ela parou um pouco, como se ouvisse atentamente o resto do grande organismo do qual fazia parte. – Seu nome é Harlabranno. Parece estranho ter apenas quatro sílabas quando se é tão importante em seu mundo, mas suponho que os não gaianos também tenham seus costumes.

– Suponho que sim – disse Trevize, secamente. – Creio que você a chamaria de Brann. Mas o que ela está fazendo aqui? Por que ela não está em... Entendo. Gaia também providenciou para que ela estivesse aqui. Por quê?

Júbilo não respondeu à pergunta e continuou:

– Com ela, está Lionokodell, cinco sílabas, apesar de ser seu subalterno. Parece falta de respeito. Ele é um oficial importante de seu mundo. Com os dois, há quatro outros, que controlam as armas da nave. Quer os nomes?

– Não. Imagino que na outra nave haja apenas um homem, Munn Li Compor, e que ele represente a Segunda Fundação. Vocês trouxeram as duas Fundações até aqui, evidentemente. Por quê?

– Não exatamente, Trev... Quero dizer, Trevize.

– Oh, vá em frente, diga Trev. Não dou o menor sopro de gás espacial por isso.

– Não exatamente, Trev. Compor deixou aquela nave e foi substituído por duas pessoas. Uma delas é Storgendibal, um oficial importante da Segunda Fundação. Ele é chamado de Orador.

– Um oficial importante? Imagino que tenha poderes mentálicos.

– Ah, sim. Bastante.

– Você conseguirá lidar com isso?

– Certamente. A segunda pessoa a bordo, com ele, é Gaia.

– Um de *vocês*?

– Sim. Seu nome é Suranoviremblastiran. Deveria ser muito mais longo, mas ela ficou longe de mim/nós/todos por muito tempo.

– Ela é capaz de dominar um alto oficial da Segunda Fundação?

– Não é ela, mas Gaia, quem o domina. Ela/eu/nós somos capazes de esmagá-lo.

– É isso que ela vai fazer? Ela o esmagará, e depois Branno? Do que se trata isso? Gaia destruirá as Fundações e estabelecerá seu próprio Império Galáctico? A volta do Mulo? Um Mulo ainda mais...

– Não, não, Trev. Não fique alterado. Não deve. Todos os três estão em um impasse. Estão esperando.

– Pelo quê?

– Por sua decisão.

– Lá vamos nós de novo. *Que* decisão? Por que *eu*?

– Por favor, Trev – respondeu Júbilo. – Em breve será explicado. Eu/nós/ela explicamos tanto quanto eu/nós/ela podemos, por enquanto.

5

– É evidente que cometi um erro, Liono – disse Branno, exausta –, talvez um erro fatal.

– Seria apropriado admitir em voz alta? – murmurou Kodell através de lábios imóveis.

– Eles sabem o que penso. Não será mais danoso falar sobre isso. E eles não saberão menos sobre seus pensamentos se você não mexer os lábios. Eu deveria ter esperado até que o escudo estivesse mais fortalecido.

– Como poderia saber, prefeita? – respondeu Kodell. – Se tivéssemos esperado até que as certezas duplicassem, triplicassem, quadruplicassem e se multiplicassem ao infinito, teríamos esperado para sempre. Mas afirmo que teria sido melhor não sermos nós. Teria sido bom experimentá-lo em outro, quem sabe em seu para-raios, Trevize.

– Eu queria ter o elemento-surpresa, Liono – suspirou Branno. – Mesmo assim, você chegou ao cerne do meu erro. Eu deveria ter esperado até que o escudo fosse razoavelmente impenetrável. Não totalmente impenetrável, apenas razoavelmente. Eu sabia que havia buracos perceptíveis, mas não podia esperar. Eliminar os buracos significaria esperar até além do meu mandato e eu queria resolver a questão na *minha* época. *Eu* queria estar em destaque. Por isso, como uma tola, me forcei a acreditar que o escudo era adequado. Não ouvi nenhuma palavra de cautela. Não ouvi seus questionamentos, por

exemplo.

– Talvez ainda possamos vencer, se formos pacientes.

– Pode ordenar que atirem na outra nave?

– Não, prefeita, não posso. Tal ideia é, de alguma maneira, algo que não consigo suportar.

– Nem eu. E mesmo que eu ou você consigamos dar a ordem, tenho certeza de que os homens a bordo não a seguiriam, pois não seriam capazes.

– Não nas atuais circunstâncias, prefeita. Mas as circunstâncias podem mudar. Aliás, um novo ator aparece na cena.

Ele apontou para a tela. O computador da nave automaticamente dividiu a tela conforme a nova embarcação entrou em seu alcance visual. A segunda nave aparecia no lado direito da tela.

– Pode ampliar a imagem, Liono?

– Sem problemas. O membro da Segunda Fundação é habilidoso. Estamos livres para fazer qualquer coisa que não o afete.

– Pois bem – disse Branno, estudando a tela –, aquela é a *Estrela Distante*, tenho certeza. E imagino que Trevize e Pelorat estão a bordo – e completou, amargamente –, a não ser que tenham sido substituídos por membros da Segunda Fundação. Meu para-raios foi, de fato, muito eficiente. Se ao menos meu escudo tivesse sido mais forte...

– Tenha paciência! – respondeu Kodell.

Uma voz ecoou pelos cantos da sala de controle da nave e, de alguma maneira, Branno sabia que não se tratava de ondas sonoras. Ouviu diretamente em sua mente, e uma olhadela na direção de Kodell foi suficiente para perceber que ele também ouvira.

– Pode me ouvir, prefeita Branno? – disse a voz. – Se puder, não se incomode de responder oralmente. Basta pensar na resposta.

– O que é você? – perguntou Branno, calmamente.

– Eu sou Gaia.

6

As três espaçonaves estavam, essencialmente, imóveis em relação umas às outras. Todas elas giravam lentamente ao redor de Gaia, como um distante satélite tríplice do planeta. Todas acompanhavam Gaia em sua infinita jornada ao redor de seu sol.

Trevize observava a tela sentado, cansado de tentar entender qual seria o seu papel... o que ele teria de fazer após ter sido arrastado por mil parsecs?

O som em sua mente não o surpreendeu. Era como se tivesse esperado por ele.

– Pode me ouvir, Golan Trevize? – disse a voz. – Se puder, não se incomode de responder oralmente. Basta pensar na resposta.

Trevize olhou à volta. Pelorat, evidentemente surpreso, olhava em todas as direções, como se tentasse encontrar a fonte. Júbilo estava sentada, quieta, suas mãos relaxadas em seu colo. Trevize não duvidou por nenhum segundo de que ela estava consciente daquele som.

Ele ignorou a ordem de usar pensamentos e falou com proposital clareza de pronúncia:

– Se eu não descobrir do que se trata isso, não farei nada que me peçam para fazer.

E a voz disse:

– Você está prestes a descobrir.

7

– Todos vocês me ouvirão em suas mentes – disse Novi. – Estão todos livres para responder em pensamento. Providenciarei para que todos possam ouvir uns aos outros. E, como todos sabem, estamos todos próximos o suficiente para que, na velocidade da luz do campo mentálico espacial, não haja nenhum atraso inconveniente. Antes de qualquer coisa, nosso encontro aqui foi predeterminado.

– De que maneira? – veio a voz de Branno.

– Não por meio de manipulações mentais – respondeu Novi. – Gaia não interferiu na mente de ninguém. Não é de nossa índole. Simplesmente nos aproveitamos das ambições. A prefeita Branno queria estabelecer um Segundo Império imediatamente; o Orador Gendibal desejava ser Primeiro Orador. Encorajamos essas aspirações e seguimos com a maré, seletivamente e com bom senso.

– Sei como fui trazido até aqui – disse Gendibal, tenso. E, de fato, sabia. Sabia porque estivera tão ansioso para ir ao espaço, tão ansioso para perseguir Trevize, tão certo de que conseguiria lidar com tudo aquilo. – Foi tudo graças a Novi. Ah, Novi!

– Você foi um caso singular, Orador Gendibal. Sua ambição era poderosa, mas havia vulnerabilidades em sua personalidade que ofereceram um atalho. É uma pessoa que seria gentil com alguém que você foi induzido a acreditar ser inferior a você em todos os aspectos. Aproveitei-me dessa sua característica e a usei contra você. Eu/nós sinto/sentimos profunda vergonha. A justificativa é que o futuro da Galáxia está ameaçado.

Novi parou e sua voz (apesar de não estar falando através de suas cordas vocais) ficou mais melancólica; seu rosto, mais cansado.

– Era este o momento. Gaia não poderia esperar mais. Por mais de um século, os habitantes de Terminus desenvolveram um escudo mentálico. Se não fossem impedidos, em mais uma geração o escudo se tornaria impenetrável até mesmo para Gaia, e eles estariam livres para usar seus armamentos físicos à vontade. A Galáxia não poderia resistir, e um Segundo Império Galáctico, seguindo os preceitos de Terminus, teria sido estabelecido imediatamente, apesar do Plano Seldon, apesar das pessoas de Trantor e apesar de Gaia. A prefeita Branno precisava, de alguma maneira, ser manipulada para agir enquanto seu escudo ainda fosse imperfeito. E então, Trantor. O Plano Seldon funcionava perfeitamente, pois Gaia se dedicava a mantê-lo nos trilhos com precisão. E, por mais de um século, houve Primeiros Oradores quietistas, e Trantor vegetou. Agora, entretanto, Stor Gendibal ascendeu rapidamente. Ele decerto se tornaria Primeiro Orador e, com ele, Trantor assumiria um papel ativista. Certamente se concentraria em poderes físicos, reconheceria o perigo de Terminus e agiria contra eles. Se ele pudesse agir contra Terminus antes que o escudo estivesse impenetrável, o Plano Seldon poderia culminar em um Segundo Império Galáctico, seguidor dos preceitos de Trantor, apesar das pessoas de Terminus e apesar de Gaia. Consequentemente, Gendibal precisava, de alguma maneira, ser manipulado para agir antes de se tornar Primeiro Orador. Felizmente, como Gaia trabalhou cuidadosamente por décadas, trouxemos ambas as Fundações ao lugar certo, no momento certo. Repito isso especialmente para que o conselheiro Golan Trevize, de Terminus, possa compreender.

Trevize interrompeu de imediato e, mais uma vez, ignorou a orientação para conversar através de pensamentos. Disse, com firmeza:

– Mas eu *não* compreendo. O que há de errado com essas versões

do Segundo Império Galáctico?

– O Segundo Império Galáctico – respondeu Novi –, seguindo os preceitos de Terminus, será um império militar estabelecido por conflito, mantido por conflito e, eventualmente, destruído por conflito. Não será nada além do Primeiro Império Galáctico renascido. Essa é a visão de Gaia. O Segundo Império Galáctico, seguindo os preceitos de Trantor, será um império paternalista, estabelecido por cálculos, mantido por cálculos e em perpétua semivida por cálculos. Será um beco sem saída. Essa é a visão de Gaia.

– E o que Gaia tem a oferecer como alternativa? – perguntou Trevize.

– Grande Gaia! Galaksia! Cada planeta habitado, tão vivo quanto Gaia. Cada planeta habitado conectado para formar uma vida hiperespacial ainda mais grandiosa. Cada planeta desabitado fazendo parte. Uma Galáxia viva, uma Galáxia que pode ser favorável para todas as vidas, com benefícios que ainda não podemos prever. Uma forma de vida fundamentalmente diferente de tudo o que veio antes, sem repetir nenhum dos erros do passado.

– E originando novos erros – murmurou Gendibal, sarcasticamente.

– Tivemos milhares de anos de Gaia para eliminá-los.

– Mas não em escala galáctica.

Trevize, ignorando a pequena discussão e indo direto ao ponto, disse:

– E qual é o meu papel em tudo isso?

A voz de Gaia, canalizada pela mente de Novi, trovejou:

– *Escolha*! Qual alternativa deve se tornar realidade?

Houve um longo silêncio e, finalmente, naquele vasto silêncio, a voz de Trevize – enfim mentalizada, pois ele estava chocado demais para falar – soou pequena, mas ainda contestadora.

– Por que eu?

– Apesar de termos reconhecido a iminência do momento em que tanto Terminus como Trantor seriam poderosos demais para serem impedidos (ou, ainda pior, quando ambos se tornariam tão poderosos que um impasse mortal se instalaria e destruiria toda a Galáxia), mesmo assim não podíamos agir. Para nossos objetivos, precisávamos de alguém, alguém especial, com o talento da equidade. Encontramos você, conselheiro... não, não podemos assumir o crédito. As pessoas de Trantor o encontraram por meio do homem chamado Compor, mesmo

que nem eles soubessem o que tinham em mãos. Quando foi encontrado, nossa atenção voltou-se em sua direção. Golan Trevize, você tem o dom de enxergar a coisa certa a ser feita.

– Eu nego tal dom – disse Trevize.

– Você, de vez em quando, *tem certeza*. E queremos que tenha certeza desta vez, pelo bem da Galáxia. Talvez não queira a responsabilidade. Pode dar o máximo de si para não ter que escolher. Todavia, perceberá que é certo fazê-lo. Terá *certeza*! E, então, escolherá. Depois que o encontramos, sabíamos que a busca havia terminado e, por anos, nos esforçamos para encorajar uma sequência de ações que iria, sem interferência mentálica direta, influenciar os eventos para que vocês três, prefeita Branno, Orador Gendibal e conselheiro Trevize, estivessem nas cercanias de Gaia ao mesmo tempo. E conseguimos.

– Nesta localização espacial – disse Trevize –, sob as atuais circunstâncias, não é fato, Gaia (se é assim que deseja que eu me refira a você), que você pode subjugar tanto a prefeita como o Orador? Não é fato que poderia estabelecer essa Galáxia viva à que se refere sem que eu fizesse nada? Por que, então, não o faz?

– Não sei se posso explicar de maneira que lhe seja satisfatória – respondeu Novi. – Gaia foi formada milhares de anos atrás, com a ajuda de robôs que, durante um determinado período de tempo, serviram à espécie humana e que agora não a servem mais. Deixaram claro que só poderíamos sobreviver pela aplicação rígida das Três Leis da Robótica na vida como um todo. Nesses termos, a Primeira Lei é: "Gaia não pode ferir a vida ou, por omissão, permitir que a vida seja ferida". Seguimos essa regra ao longo de toda a nossa história, e não poderia ter sido de outro jeito. O resultado é que agora estamos impotentes. Não podemos impor nossa visão de uma Galáxia viva ao quintilhão de seres humanos e a incontáveis outras formas de vida, e possivelmente causar mal a vastos números delas. Tampouco podemos ficar alheios e assistir enquanto a maior parte da Galáxia se destrói em um conflito que poderíamos ter evitado. Não sabemos se ação ou inação seria menos custoso para a Galáxia; se escolhêssemos ação, tampouco sabemos se apoiar Terminus ou Trantor seria menos custoso para a Galáxia. Portanto, deixemos que o conselheiro Trevize decida e, qualquer que seja sua decisão, Gaia a seguirá.

– Como espera que eu tome uma decisão? – perguntou Trevize. – O

que faço?

– Por meio do seu computador – disse Novi. – As pessoas de Terminus não sabiam que, quando o fizeram, o projetaram melhor do que imaginavam. O computador a bordo de sua nave incorpora parte de Gaia. Coloque suas mãos nos terminais e pense. Pode pensar que o escudo da prefeita Branno seja impenetrável, por exemplo. Se assim o fizer, é possível que ela use suas armas imediatamente para incapacitar ou destruir as outras duas naves e estabelecer supremacia física sobre Gaia e, depois, sobre Trantor.

– E não farão nada para impedir? – questionou Trevize, atônito.

– Absolutamente nada. Se tem certeza de que o domínio por Terminus seria menos prejudicial para a Galáxia do que qualquer outra alternativa, auxiliaremos tal domínio com prazer, mesmo ao custo de nossa própria destruição. Por outro lado, você pode detectar o campo mentálico do Orador Gendibal e juntar a força amplificada do computador à dele. Assim, ele certamente se livraria de mim e me repeliria. Então poderia ajustar a mente da prefeita e, utilizando as naves de sua frota, estabelecer domínio físico sobre Gaia, garantindo a supremacia contínua do Plano Seldon. Gaia não se mobilizará para impedir. Ou pode detectar o *meu* campo mentálico e se juntar a ele... e então a Galáxia viva começará a crescer e chegará ao seu auge não nesta geração nem na próxima, mas depois de séculos de esforços, durante os quais o Plano Seldon continuará. A escolha é sua.

– Espere! – disse a prefeita Branno. – Não tome uma decisão imediatamente. Posso ter a palavra por um momento?

– Pode falar abertamente – respondeu Novi. – Assim como o Orador Gendibal.

– Conselheiro Trevize – disse Branno. – Na última vez em que nos vimos em Terminus, você disse: “Chegará o dia, senhora prefeita, em que a senhora irá pedir-me para tomar uma atitude. Farei o que achar melhor, mas me lembrarei dos últimos dois dias”. Não sei se previu este momento, ou se sentiu intuitivamente que aconteceria, ou se simplesmente tem o que essa mulher que fala de uma Galáxia viva chama de talento para a equidade. De toda maneira, estava certo. Estou pedindo uma decisão em favor da Federação. Suponho que você talvez sinta vontade de se vingar por eu ter ordenado sua prisão e seu exílio. Peço que se lembre de que o fiz pelo que considerei o melhor para a Federação da Fundação. Mesmo que eu estivesse errada ou

mesmo que eu tenha agido por insensível interesse próprio, lembre-se de que fui eu, e não a Federação. Não destrua a Federação inteira por causa de um desejo de compensar o que apenas eu fiz contra você. Lembre-se de que você faz parte da Fundação e que é um ser humano; que não quer ser uma cifra nos planos dos matemáticos calculistas de Trantor, ou menos do que uma cifra em uma mixórdia galáctica de vida e não vida. Você quer que você, seus descendentes e seus companheiros de espécie continuem organismos independentes, donos de livre-arbítrio. Nada mais importa. Estes outros – continuou a prefeita – dizem que nosso Império levaria a derramamento de sangue e miséria, mas não necessariamente. Se deveria ser assim ou não, é uma escolha de nosso livre-arbítrio. Podemos escolher. E, de todo modo, é melhor aceitar a derrota por livre e espontânea vontade do que viver em segurança sem significado, como uma engrenagem em uma máquina. Veja que agora pedem que tome uma decisão como um ser humano dotado de livre-arbítrio. Essas criaturas de Gaia não podem tomar uma decisão porque seus mecanismos não permitem que o façam, e assim elas dependem de você. E destruirão a si mesmas, se assim você quiser. É isso que deseja para toda a Galáxia?

– Não sei se tenho livre-arbítrio, prefeita – respondeu Trevize. – Minha mente pode ter sido sutilmente manipulada para que eu dê a resposta desejada.

– Sua mente – disse Novi – está totalmente intacta. Se pudéssemos ajustá-lo para que se adequasse aos nossos objetivos, esta reunião seria desnecessária. Se fôssemos tão sem princípios, poderíamos ter colocado em prática o que fosse melhor para nós, sem a menor preocupação pela necessidade de todos e pelo bem da humanidade em geral.

– Creio ser a minha vez de ter a palavra – disse Gendibal. – conselheiro Trevize, não se deixe guiar por um provincianismo limitado. O fato de ter nascido em Terminus não deveria levá-lo a crer que Terminus deve ficar acima da Galáxia. Por cinco séculos, a Galáxia tem operado de acordo com o Plano Seldon. Essa operação tem sido contínua dentro e fora da Federação da Fundação. Você é, e tem sido, parte do Plano Seldon, acima e além de seu papel menor como membro da Fundação. Não faça nada para interromper o Plano, seja em benefício de um limitado conceito de patriotismo ou de um desejo romântico pelo novo e não experimentado. Os membros da

Segunda Fundação não obstruirão o livre-arbítrio da humanidade, de maneira nenhuma. Somos guias, não déspotas. E oferecemos um Segundo Império Galáctico fundamentalmente diferente do Primeiro. Ao longo da história humana, nenhuma década, em todas as dezenas de milhares de anos durante os quais existe a viagem hiperespacial, foi totalmente livre de derramamento de sangue e de mortes violentas por toda a Galáxia, mesmo nos períodos em que a própria Fundação estava em paz. Escolha a prefeita Branno e isso continuará infinitamente. O mesmo ciclo repulsivo e mortífero. O Plano Seldon oferece a libertação disso, e *não* ao custo de se tornar mais um átomo em uma Galáxia de átomos, de ser reduzido à igualdade com a grama, as bactérias e a poeira.

Novi disse:

– Em relação ao que o Orador Gendibal afirma sobre o Segundo Império da Primeira Fundação, eu concordo. Em relação ao que diz sobre si mesmo, discordo. Os Oradores de Trantor são, afinal de contas, seres humanos independentes e com livre-arbítrio, e são os mesmos que sempre foram. Estarão livres de competição destrutiva, de política, de ascensões a todo custo? Não existem rixas na Mesa dos Oradores, e até ódio? E a humanidade estará sempre disposta a seguir suas orientações? Exija a palavra de honra do Orador Gendibal e faça essa pergunta.

– Não há necessidade de exigir minha palavra de honra – respondeu Gendibal. – Admito abertamente que temos nossas desavenças, competições e traições na Mesa. Mas uma vez que uma decisão tenha sido tomada, todos obedecem. Nunca houve exceção.

– E se eu me recusar a tomar uma decisão? – perguntou Trevize.

– Você deve decidir – disse Novi. – Você saberá que é certo decidir e, portanto, fará uma escolha.

– E se eu tentar fazer uma escolha e não conseguir?

– Você deve fazer.

– Quanto tempo eu tenho? – perguntou Trevize.

– Quanto tempo for necessário para que tenha *certeza*.

Trevize permaneceu em silêncio.

Apesar de os outros também estarem em silêncio, Trevize parecia conseguir ouvir a pulsação de sua própria corrente sanguínea.

Ouviu a voz de Branno dizer, firmemente:

– Livre-arbítrio!

A voz do Orador Gendibal disse, categórica:

– Orientação e paz!

A voz de Novi disse, melancolicamente:

– Vida!

Trevize virou-se e viu Pelorat observando-o atentamente.

– Janov – disse Trevize. – Ouviu tudo isso?

– Sim, ouvi, Golan.

– O que acha?

– A decisão não é minha.

– Sei disso. Mas o que acha?

– Eu não sei. As três alternativas me assustam. Ainda assim, um pensamento peculiar me vem à mente...

– Sim?

– Quando fomos ao espaço pela primeira vez, você me mostrou a Galáxia. Lembra-se?

– Claro.

– Você acelerou o tempo e a Galáxia girou visivelmente. E eu disse, como se antecipasse este exato momento: "A Galáxia parece uma coisa viva, rastejando pelo espaço". Você acha que, de certa forma, ela já está viva?

E, lembrando-se desse momento, Trevize repentinamente *teve certeza*. Lembrou-se, de súbito, da intuição de que Pelorat também teria um papel essencial nos acontecimentos. Virou-se, com pressa, ansioso para não ter tempo de pensar, de duvidar, de ficar incerto.

Ele colocou suas mãos nos terminais e pensou com uma intensidade que nunca tinha sentido antes.

Havia tomado sua decisão – a decisão da qual dependia o destino da Galáxia.

20.

Resolução

1

A PREFEITA HARLA BRANNO TINHA todos os motivos para estar satisfeita. A visita diplomática não havia durado muito tempo, mas fora totalmente produtiva.

– Não podemos, claro – disse, como em uma tentativa deliberada de evitar presunção –, confiar totalmente neles.

Ela observava a tela. As naves da marinha estavam, uma a uma, entrando no hiperespaço e voltando a seus postos rotineiros.

Não havia nenhuma dúvida de que Sayshell ficara impressionado com sua presença, mas não podiam, também, deixar de perceber outras duas coisas: primeiro, que as naves permaneceram no espaço da Fundação o tempo todo e, segundo, que uma vez que Branno disse que iriam embora, elas, de fato, partiram rapidamente.

Por outro lado, Sayshell também não esqueceria que aquelas embarcações podiam ser reenviadas até a fronteira em apenas um dia, ou até menos. Era uma estratégia que havia combinado demonstração tanto de potência como de boa vontade.

– Concordo – disse Kodell –, não podemos confiar neles totalmente, mas ninguém na Galáxia é totalmente confiável e é de interesse de Sayshell cumprir os termos do acordo. Fomos generosos.

– Muito dependerá de acertarmos os detalhes – respondeu Branno –, e prevejo que isso levará meses. As pinceladas gerais podem ser aceitas sem demora, mas então entram as sutilezas: como será a quarentena de importados e exportados, como determinaremos o valor de seus grãos e gado comparados com os nossos, e assim por diante.

– Eu sei, mas isso será feito e o crédito será seu, prefeita. Foi uma jogada ousada e cuja sabedoria, devo admitir, questionei.

– Entenda, Liono. Era apenas uma questão de a Fundação reconhecer o orgulho sayshelliano. Eles mantiveram certa

independência desde os primórdios dos tempos Imperiais. É algo a ser admirado, na verdade.

– Sim, agora que não será mais uma inconveniência para nós.

– Exato, e por isso bastou dobrar nosso próprio orgulho o suficiente para fazer algum tipo de gesto em respeito ao deles. Admito não ter sido fácil que eu, como prefeita de uma Federação que abarca toda uma Galáxia, condescendesse com uma visita a um aglomerado provinciano de estrelas. Mas, uma vez que a decisão tinha sido tomada, não foi tão ofensivo. E agradou a eles. Tivemos de arriscar que eles concordariam com a visita uma vez que movêssemos nossas naves até a fronteira, mas bastou sermos humildes e sorrirmos bastante.

Kodell concordou com a cabeça.

– Abandonamos a aparência de poder para preservar a essência dele.

– Exato. Quem foi o primeiro a dizer isso, mesmo?

– Creio que estava em uma das peças de Eriden, mas não tenho certeza. Podemos perguntar a um de nossos especialistas em literatura quando voltarmos.

– Se eu lembrar. Precisamos acelerar a visita dos sayshellianos a Terminus e garantir que eles recebam tratamento como iguais. E receio, Liono, que você deverá preparar um esquema denso de segurança para eles. É possível que haja indignação entre nossos reacionários e não seria sábio sujeitar os visitantes à humilhação, nem a mais leve e transitória, na forma de demonstrações de protesto.

– Definitivamente – respondeu Kodell. – Aliás, foi uma estratégia brilhante enviar Trevize.

– Meu para-raios? Funcionou melhor do que eu esperava, para ser sincera. Ele cambaleou até Sayshell e, com seus protestos, atraiu o relâmpago com uma velocidade que eu não poderia imaginar. Espaço! Que bela desculpa para a minha visita. Preocupação de evitar que um membro da Fundação os perturbasse e gratidão por sua clemência.

– Muito inteligente! Mas não acha que teria sido melhor se tivéssemos levado Trevize embora conosco?

– Não. No geral, prefiro-o em qualquer lugar, menos em casa. Seria um incômodo em Terminus. Suas bobagens sobre a Segunda Fundação serviram como a desculpa perfeita para enviá-lo para longe e, claro, contamos com Pelorat para conduzi-lo até Sayshell; mas não o quero

de volta, espalhando tais bobagens. Não temos como saber para onde isso levaria.

– Duvido – riu-se Kodell – que pudéssemos encontrar alguém mais ingênuo do que um acadêmico intelectual. Pergunto-me quanto Pelorat teria engolido se o tivéssemos encorajado.

– A crença na existência literal da mítica Gaia sayshelliana já era suficiente, mas esqueça. Enfrentaremos o Conselho quando retornarmos e precisaremos de seus votos para o tratado sayshelliano. Felizmente, temos a declaração de Trevize, com padrão vocal e tudo o mais, para provar que ele deixou Terminus voluntariamente. Demonstrarei pesar oficial pela breve prisão de Trevize e isso deixará o Conselho satisfeito.

– Posso deixar a lisonja persuasiva em suas mãos, prefeita – disse Kodell, secamente. – Mas a senhora já considerou que Trevize talvez continue a buscar a Segunda Fundação?

– Que procure – Branno deu de ombros –, desde que não o faça em Terminus. Isso o manterá ocupado e não o levará a lugar nenhum. A sobrevivência da Segunda Fundação é nossa lenda do século, assim como Gaia é a lenda de Sayshell.

Ela se reclinou e parecia genuinamente alegre.

– E agora temos Sayshell em nossas mãos – disse –, e, quando perceberem isso, será tarde demais para quebrarem o acordo. Assim, o crescimento da Fundação continua e continuará, com tranquilidade e determinação.

– E o crédito será todo seu, prefeita.

– Tal fato não me passou despercebido – respondeu a prefeita, e sua nave adentrou o hiperespaço e reapareceu no espaço próximo a Terminus.

2

O Orador Stor Gendibal, de volta à sua própria nave, tinha todos os motivos para estar satisfeito. O encontro com a Primeira Fundação não havia durado muito tempo, mas fora totalmente produtivo.

Ele enviou a mensagem sobre seu cuidadosamente silenciado triunfo. Naquele momento, era necessário apenas informar o Primeiro Orador de que tudo tinha corrido bem (como o Primeiro Orador

poderia certamente deduzir pelo fato de que a força total da Segunda Fundação não fora necessária). Os detalhes poderiam vir depois.

Ele descreveria a maneira como um minucioso – e mínimo – ajuste na mente da prefeita Branno havia desviado seus pensamentos de grandiosidade imperialista para a praticidade de acordos comerciais; como um minucioso – e feito a uma distância incrível – ajuste no líder da Aliança Sayshell levara a um convite à prefeita para uma negociação e como, assim, uma reconciliação fora alcançada sem nenhum outro ajuste, com Compor retornando a Terminus em sua própria nave para garantir que o acordo fosse mantido. Gendibal pensou, satisfeito consigo mesmo, que havia sido um exemplo quase perfeito de grandes resultados alcançados por um mentalicismo minuciosamente empregado.

Estava certo de que, logo após a explicação dos detalhes em uma assembleia formal da Mesa, aquilo esmagaria a Oradora Delarmi e resultaria em sua própria promoção ao cargo de Primeiro Orador.

E não negou a si mesmo a importância da presença de Sura Novi, mesmo que tal fato não devesse ser enfatizado diante dos outros Oradores. Ela havia sido essencial para sua vitória e era, também, a desculpa que precisava para se render à sua necessidade infantil (e deveras humana, pois até mesmo os Oradores são humanos) de se deleitar diante do que ele sabia ser a admiração garantida.

Gendibal tinha consciência de que ela não entendera nada do que tinha acontecido, mas ela sabia que ele tinha lidado com a situação da forma que queria e esbanjava orgulho por ele. Ele acariciou a suavidade de sua mente e sentiu a ternura daquele orgulho.

– Eu não conseguiria ter feito isso sem você, Novi – disse. – Foi graças a você que eu soube que a Primeira Fundação, as pessoas na nave grande...

– Sim, Mestre, sei de quem está falando.

– Eu soube, graças a você, que eles tinham um escudo e também poderes mentálicos inferiores. A partir do efeito na *sua* mente pude perceber, com exatidão, as características dos dois. Pude perceber como romper o primeiro e repelir o segundo com a máxima eficiência.

– Não entendo exatamente o que diz, Mestre – respondeu Novi, hesitante –, mas teria feito muito mais para ajudar, se pudesse.

– Sei disso, Novi. Mas o que fez foi suficiente. É incrível o quão perigosos eles poderiam ter se tornado. Mas abordados agora, antes de

seu escudo ou de seu campo mentálico terem sido mais desenvolvidos, eles puderam ser impedidos. Agora a prefeita retorna, escudo e campo esquecidos, satisfeita com a obtenção de um acordo comercial com Sayshell que o transformará em uma parte efetiva da Federação. Não nego que haja muito a ser feito para acabar com os avanços que eles alcançaram no escudo e no campo mentálico; é algo preocupante, e fomos negligentes, mas será resolvido.

Ele meditou sobre o assunto e continuou em um tom de voz mais grave:

– Subestimamos a Primeira Fundação. Precisamos colocá-la sob vigilância mais severa. Precisamos ampliar nossa rede pela Galáxia, de alguma maneira. Precisamos usar o mentalicismo para construir uma cooperação de consciências mais próxima. Seria adequado para o Plano. Estou convencido disso e farei com que aconteça.

– Mestre? – disse Novi, ansiosa.

– Sinto muito – sorriu Gendibal. – Estou falando sozinho. Novi, lembra-se de Rufirant?

– Aquele cabeça oca que o atacou? Claro que lembro.

– Estou convencido de que agentes da Primeira Fundação, equipados com escudos pessoais, foram responsáveis por aquilo, assim como por outras anomalias que nos prejudicaram. Imagine só, estar cego para algo assim. Mas fui induzido a negligenciar a Primeira Fundação por essa lenda de um mundo misterioso, essa superstição sayshelliana envolvendo Gaia. Nesse ponto, sua mente também foi útil. Ajudou-me a determinar que a fonte daquele campo mentálico era a nave de guerra, e nenhuma outra.

Ele esfregou as mãos.

– Mestre? – perguntou Novi, tímida.

– Sim, Novi?

– O senhor será recompensado pelo que fez?

– Sim, de fato. Shandess se aposentará e eu serei o Primeiro Orador. Assim virá minha oportunidade de transformar a Segunda Fundação em um fator ativo para revolucionar a Galáxia.

– Primeiro Orador?

– Sim, Novi. Serei o estudioso mais importante e mais poderoso de todos.

– O mais importante? – ela parecia triste.

– Por que essa cara, Novi? Não quer que eu seja recompensado?

– Sim, Mestre, quero, mas se o senhor for o estudioso mais importante de todos, não há de querer uma loriana por perto. Não seria adequado.

– Não? Quem me impedirá? – Ele sentiu uma onda de afeto por ela. – Novi, você ficará comigo onde quer que eu vá e o que quer que eu seja. Acha que eu arriscaria lidar com alguns dos lobos que ocasionalmente temos na Mesa sem sua mente ali para me dizer, antes mesmo que eles saibam, quais são suas emoções? Sua mente, inocente e absolutamente plácida. Além disso... – ele pareceu surpreso por uma revelação súbita – Além desse fator, gosto de tê-la comigo e pretendo tê-la comigo. Isto é, se estiver disposta.

– Oh, Mestre – sussurrou Novi, e conforme o braço de Gendibal envolveu sua cintura, sua cabeça apoiou-se no ombro dele.

Nas profundezas, em uma parte que a mente predominante de Novi mal percebia, a essência de Gaia permanecia e continuava a guiar os acontecimentos, mas era aquela máscara impenetrável que garantia a continuidade da grande missão.

E aquela máscara – aquela que pertencia a uma loriana – estava completamente feliz. Tão feliz que Novi quase se conformou com a distância a que estava de si mesma/eles/tudo, e estava satisfeita de ser, pelo futuro indefinido, o que aparentava ser.

3

Pelorat esfregou as mãos.

– Como estou feliz de ter voltado a Gaia – disse, com entusiasmo cuidadosamente controlado.

– Hmmm – respondeu Trevize, distraído.

– Sabe o que Júbilo me contou? A prefeita está voltando a Terminus com um acordo comercial com Sayshell. O Orador da Segunda Fundação está voltando a Trantor convencido de que foi ele quem arranjou a situação, e aquela mulher, Novi, está com ele para garantir que as mudanças que resultarão em Galaksia tenham início. E nenhuma das Fundações tem a menor ideia sobre a existência de Gaia. É absolutamente incrível.

– Eu sei – respondeu Trevize. – Também me contaram tudo isso. Mas *nós* sabemos da existência de Gaia e podemos falar.

– Júbilo acha que não. Ela diz que ninguém acreditará em nós, e saberíamos disso. Além de tudo, eu, pelo menos, não tenho intenção de deixar Gaia nunca mais.

Trevize foi tirado de sua reflexão. Olhou para Pelorat e disse:

– Quê?

– Vou ficara aqui. Sabe, não consigo acreditar. Semanas atrás eu vivia uma vida solitária em Terminus, a mesma que levava há décadas, imerso em meus arquivos e pensamentos, sem nunca sonhar com nada além de que eu morreria algum dia, ainda mergulhado em meus arquivos e pensamentos, e ainda vivendo minha vida solitária, acomodado em meu estado vegetativo. Então, de súbito e inesperadamente, tornei-me um viajante galáctico; envolvi-me em uma crise galáctica e... não ria, Golan, encontrei Júbilo.

– Não estou rindo, Janov – disse Trevize –, mas tem certeza de que sabe o que está fazendo?

– Oh, sim. Essa questão da Terra não me importa mais. O fato de ser o único mundo com uma ecologia diversificada e vida inteligente foi explicado adequadamente. Os Eternos, você sabe.

– Sim, eu sei. E você vai ficar em Gaia?

– Definitivamente. A Terra é passado, e estou cansado do passado. Gaia é o futuro.

– Você não é parte de Gaia, Janov. Ou acha que pode se tornar parte dele?

– Júbilo disse que posso, de certo modo, fazer parte... intelectualmente, se não biologicamente. Ela me ajudará, claro.

– Mas, considerando que ela *é* parte de Gaia, como vocês dois poderão encontrar uma vida em comum, um ponto de vista em comum, interesses em comum...

Eles estavam a céu aberto e Trevize observou, com gravidade, a pacífica e exuberante ilha, e, além dela, o mar, e, no horizonte, roxa por causa da distância, outra ilha – tudo tranquilo, civilizado, vivo. Uma unidade.

– Janov – disse –, ela é um mundo; você é um ínfimo indivíduo. E se ela se cansar de você? Ela é jovem...

– Golan, eu pensei nisso. Não penso em mais nada além disso há dias. Sei que ela se cansará de mim; não sou um idiota romântico. Mas o que quer que ela me ofereça até se cansar será suficiente. Ela já me ofereceu o bastante. Recebi mais dela do que sonhei existir na vida. Se

eu não a visse mais a partir de agora, terminaria feliz.

– Não acredito em você – respondeu Trevize, gentilmente. – Acho que você é, sim, um idiota romântico e, para a sua informação, eu não iria querer que fosse de outro jeito. Janov, não nos conhecemos há muito tempo, mas estivemos juntos o tempo todo por semanas e, perdoe-me se parecer tolice, gosto bastante de você.

– E eu de você, Golan – disse Pelorat.

– E não quero você magoado. Preciso conversar com Júbilo.

– Não, não. Por favor, não. Você a repreenderá.

– Não vou repreendê-la. Não é somente sobre você, e quero conversar com ela em particular. Por favor, Janov, não quero fazer isso pelas suas costas, então me dê seu consentimento para conversar com ela e esclarecer algumas coisas. Se eu ficar satisfeito, oferecerei minhas congratulações e boa vontade mais sinceras, e estarei em paz para sempre, o que quer que aconteça.

Pelorat negou com a cabeça.

– Você estragará tudo.

– Prometo que não. Estou *implorando*.

– Bem... Mas tenha cuidado, meu caro colega, sim?

– Tem minha palavra de honra.

4

– Pel disse que você queria falar comigo – disse Júbilo.

– Sim – respondeu Trevize.

Estavam no pequeno apartamento reservado para ele.

Ela se sentou, graciosa; cruzou as pernas e olhou para ele com profundidade, com seus belos olhos castanhos luminosos e seus longos cabelos escuros e brilhantes.

– Você não gosta de mim, não é? Não me aceitou desde o início.

Trevize continuou em pé.

– Você pode ler mentes. Sabe o que penso de você e por quê.

Júbilo negou lentamente com a cabeça.

– Sua mente é fora dos limites de Gaia. Você sabe disso. Sua decisão era necessária, e precisava ser a decisão de uma mente limpa e intacta. Quando sua nave foi dominada, coloquei você e Pel sob um campo tranquilizante, mas aquilo foi indispensável. Você teria sido

prejudicado por pânico ou fúria, e, talvez, inutilizado por um período crucial. E isso foi tudo. Eu nunca poderia ir além disso, e não fui. Portanto, não sei o que está pensando.

– A decisão que eu precisava tomar foi tomada – respondeu Trevize. – Decidi a favor de Gaia e de Galaksia. Por que, então, toda essa conversa de mente limpa e intacta? Conseguiu o que queria e pode fazer o que bem entender comigo.

– De jeito nenhum, Trev. Existem outras decisões que podem ser necessárias no futuro. Você continua o que é e, enquanto estiver vivo, é um recurso natural raro na Galáxia. Decerto existem outros como você na Galáxia, e outros como você surgirão no futuro, mas, por enquanto, sabemos de você, e apenas de você. Ainda não podemos tocá-lo.

Trevize ficou pensativo.

– Você é Gaia – disse – e não quero falar com Gaia. Quero falar com você como indivíduo, se isso tiver algum significado.

– Tem significado. Estamos longe de existirmos em uma massa comum. Posso bloquear Gaia por um determinado período.

– Sim – respondeu Trevize. – Aposto que pode. E assim o fez, neste momento?

– Assim o fiz, neste momento.

– Então, primeiro, deixe-me dizer que você manipulou a situação. Não entrou em minha mente para influenciar minha decisão, mas certamente entrou na mente de Janov com esse objetivo, não foi?

– Você acha que entrei?

– Acho que entrou. No momento crucial, Pelorat lembrou-me de sua própria visão da Galáxia como algo vivo, e esse pensamento me levou a tomar a decisão naquele instante. O pensamento podia ser dele, mas foi a sua mente que o provocou, não foi?

– O pensamento estava na mente dele – disse Júbilo –, mas havia muitos outros pensamentos ali. Eu abri o caminho para aquela reminiscência que ele tinha sobre a Galáxia como algo vivo, e não para nenhum outro pensamento. Portanto, aquele pensamento em especial surgiu facilmente em sua consciência e se transformou em palavras. Mas saiba que não criei o pensamento. Já estava ali.

– De qualquer jeito, isso equivale a uma manipulação indireta da perfeita independência de minha decisão, não?

– Gaia sentiu que era necessário.

– Sentiu, foi? Bom, se te faz sentir melhor, ou mais nobre, apesar de o comentário de Janov ter me persuadido a decidir naquele momento, creio que era a decisão que eu tomaria mesmo que ele não tivesse dito nada nem que tivesse tentado me convencer a fazer outro tipo de escolha. Quero que saiba.

– Fico aliviada – respondeu Júbilo, calmamente. – Era isso que queria dizer quando pediu para falar comigo?

– Não.

– O que mais?

Nesse momento, Trevize sentou-se em uma cadeira que posicionou diante dela; seus joelhos quase se tocavam. Ele se inclinou na direção da moça.

– Quando nos aproximamos de Gaia, era você na estação espacial. Foi você quem nos dominou; você quem veio nos buscar; você quem permaneceu conosco desde então... exceto na refeição com Dom, que não compartilhou conosco. E, especialmente, era você na *Estrela Distante* conosco quando a decisão foi tomada. Sempre você.

– Eu sou Gaia.

– Isso não justifica. Um coelho é Gaia. Uma rocha é Gaia. Tudo no planeta é Gaia, mas não são todos igualmente Gaia. Alguns são mais iguais do que outros. Por que você?

– Por que você acha?

Trevize abriu o jogo.

– Por que não acho que você seja Gaia – disse. – Acho que você é mais do que Gaia.

Júbilo fez um som irônico com a boca. Trevize manteve a compostura.

– No momento em que eu estava tomando a decisão, a mulher com o Orador...

– Ele a chamou de Novi.

– Essa tal de Novi disse que Gaia foi estabelecida pelos robôs que não existem mais e que Gaia aprendeu a seguir uma versão das Três Leis da Robótica.

– Isso é a verdade.

– E os robôs não existem mais?

– Foi o que Novi disse.

– *Não* foi o que Novi disse. Lembro-me das palavras exatas. Ela disse: “Gaia foi formada milhares de anos atrás, com a ajuda de robôs

que, durante um determinado período de tempo, serviram à espécie humana, e que agora não a servem mais".

– Bom, Trevize, isso quer dizer que eles não existem mais, não?

– Não, isso quer dizer que eles não a servem mais. Será que não a governam, em vez disso?

– Isso é ridículo!

– Ou a supervisionam? Por que você estava lá, no momento da decisão? Você não parecia ser essencial. Foi Novi quem conduziu a situação e ela era Gaia. Por que você seria necessária? A não ser que...

– A não ser que?

– A não ser que você seja a supervisora, cujo papel é garantir que Gaia não esqueça as Três Leis. A não ser que você seja um robô, feito com tanta engenhosidade que não pode ser distinguido de um ser humano.

– Se não posso ser distinguida de um ser humano, como você acha que pode distinguir? – perguntou Júbilo, com um traço de sarcasmo.

Trevize reclinou-se na cadeira.

– Vocês todos me garantem que eu tenho a capacidade de *ter certeza*; de tomar decisões, ver soluções, chegar a conclusões corretas. Não sou eu quem diz isso; são *vocês* que dizem isso de mim. Bom, desde o momento em que a vi, fiquei incomodado. Tinha alguma coisa errada com você. Sou certamente tão suscetível aos atrativos femininos quanto Pelorat (até mais, eu diria) e você é uma mulher atraente. Ainda assim, em nenhum momento senti a menor atração.

– Você me magoa profundamente.

Trevize ignorou o comentário e continuou:

– Quando você apareceu em nossa nave, Janov e eu discutíamos a possibilidade de uma civilização não humana em Gaia, e, quando Janov a viu, ele perguntou, em toda a sua inocência: "Você é humana?". Um robô talvez seja obrigado a dizer a verdade, mas suponho que possa ser evasivo. Você disse, apenas: "Eu não *pareço* humana?". Sim, você parece humana, Júbilo, mas permita-me perguntar de novo: você é humana?

Júbilo ficou em silêncio.

– Acho que – continuou Trevize –, mesmo naquele primeiro instante, senti que você não era uma mulher. Você é um robô e, de alguma maneira, eu percebi. E, por causa da minha suspeita, todos os eventos que vieram em seguida tiveram significado, especialmente sua

ausência no jantar.

– Acha que não posso comer, Trev? – perguntou Júbilo. – Esqueceu-se de que mordisquei um prato de camarão em sua nave? Garanto que sou capaz de comer e de executar qualquer outra função biológica; inclusive, antes que pergunte, sexo. E essa informação, devo dizer, não prova que não sou um robô. Os robôs atingiram o auge da perfeição milhares de anos atrás, quando eram distinguíveis dos seres humanos apenas pelo cérebro, e, portanto, apenas por aqueles capazes de lidar com campos mentálicos. O Orador Gendibal poderia ter descoberto se sou robô ou humana se tivesse se dado ao trabalho de reconhecer minha presença. Evidentemente, ele não o fez.

– Ainda assim, mesmo que eu não seja mentálico, estou convencido de que você é um robô.

– E se eu for? – perguntou Júbilo. – Não estou admitindo nada, mas estou curiosa. E se eu for?

– Você não precisa admitir nada. Sei que é um robô. Se precisasse de uma última prova, foi a sua tranquila garantia de que poderia bloquear Gaia e falar comigo como um indivíduo. Não acho que você conseguiria fazer isso se fosse parte de Gaia. Você não é. Você é um robô supervisor e, portanto, está fora de Gaia. Pensando bem, me pergunto quantos robôs supervisores Gaia requer e possui.

– Repito: não estou admitindo nada, mas estou curiosa. E se eu for um robô?

– Nesse caso, o que quero saber é o seguinte: o que quer de Janov Pelorat? Ele é meu amigo e é, em certos aspectos, uma criança. Ele acha que ama você; acha que quer apenas o que você estiver disposta a oferecer e que já lhe ofereceu o bastante. Ele não conhece e não pode conceber a dor de um amor perdido ou, então, a angústia peculiar de saber que você não é humana.

– *Você* conhece a dor de um amor perdido?

– Tive meus momentos. Não levei a vida protegida de Janov. Minha vida não foi consumida nem anestesiada por uma busca intelectual que engoliu todo o resto, até mesmo uma esposa e um filho. A dele foi. Agora, subitamente, ele desiste de tudo por você. Não quero que ele se magoe. Não admitirei que ele se magoe. Se eu servi a Gaia, mereço uma recompensa, e minha recompensa é sua garantia de que o bem-estar de Janov Pelorat será preservado.

– Devo fingir que sou um robô e responder?

– Sim – disse Trevize. – E agora.

– Pois bem. Vamos supor que eu seja um robô, Trev, e que esteja em uma posição de supervisora. Vamos supor que existam poucos, muito poucos, com papel similar ao meu, e que raramente nos encontremos. Vamos supor que a força motora de nossa existência seja a necessidade de cuidar dos seres humanos, e que não existam seres humanos genuínos em Gaia, pois todos são parte de um ser planetário. Vamos supor que nos satisfaça cuidar de Gaia, mas não totalmente. Vamos supor que exista algo primitivo em nós que anseia por um ser humano como aqueles que existiam quando os robôs foram criados e concebidos. Não me entenda mal; não digo que sou antiquíssima, presumindo que eu seja um robô. Sou tão velha quanto disse que sou ou, pelo menos, presumindo que eu seja um robô, foi esse o tempo de minha existência. Ainda assim, presumindo que eu seja um robô, minha concepção fundamental seria a que sempre foi, e eu teria anseio por cuidar de um ser humano genuíno. Pel é um ser humano. Não faz parte de Gaia. É velho demais para se tornar verdadeiramente parte de Gaia. Ele quer ficar em Gaia comigo porque não sente por mim o que você sente. Ele não acha que eu sou um robô. Pois eu também o quero. Se você presumir que eu seja um robô, entenda que isso pode ser verdade. Sou capaz de todas as reações humanas e eu o amaria. Se você insistisse que sou um robô, poderia até achar que não sou capaz de amar em algum sentido humano místico, mas não poderia distinguir minhas reações daquelas que você chamaria de amor... então, que diferença faria?

Ela parou de falar e olhou para ele com um orgulho intransigente.

– Está me dizendo que não o abandonaria? – perguntou Trevize.

– Se você acredita que sou um robô, pode entender que, de acordo com a Primeira Lei, eu nunca poderia abandoná-lo, a não ser que ele me ordenasse e eu ficasse convencida de que ele estivesse falando sério, e que eu o estivesse magoando mais ao ficar do que ao partir.

– Um homem mais novo não...

– Qual homem mais novo? Você é um homem mais novo, mas não consigo imaginá-lo precisando de mim da mesma maneira que Pel precisa e, na verdade, você não me quer, então a Primeira Lei me impediria de apegar-me a você.

– Não eu. Outro homem mais novo...

– Não há nenhum outro. Quem, em Gaia, se classificaria como ser

humano, no sentido não gaiano, além de você e Pel?

– E se você *não* for um robô? – perguntou Trevize, mais suavemente.

– Decida-se – respondeu Júbilo.

– Eu disse, *se* você não for um robô?

– Então digo que, nesse caso, você não tem o direito de falar nada. Cabe a mim e a Pel decidir.

– Pois então volto para a minha primeira questão – disse Trev. – Quero minha recompensa e a recompensa é que você o tratará bem. Não vou insistir na questão da sua identidade. Apenas me garanta, de uma inteligência para a outra, que você cuidará bem dele.

– Eu cuidarei bem dele – respondeu Júbilo, suavemente –, não como uma recompensa para você, mas porque eu quero. É meu desejo mais intenso. Vou cuidar bem dele – e ela chamou: – Pel! – E mais uma vez: – Pel!

Pelorat entrou no apartamento.

– Sim, Júbilo? – perguntou.

Júbilo estendeu a mão para ele e disse:

– Acho que Trev quer dizer algo.

Pelorat segurou a mão de Júbilo e, então, Trevize segurou as mãos de ambos com as próprias.

– Janov – disse Trevize –, estou feliz por vocês.

– Ah, meu caro colega – respondeu Pelorat.

– Eu provavelmente deixarei Gaia em breve – continuou Trevize. – Vou falar agora com Dom sobre isso. Janov, não sei quando ou se nos encontraremos novamente, mas, de todo modo, juntos nos saímos bem.

– Nós nos saímos bem – sorriu Pelorat.

– Adeus, Júbilo, e, antecipadamente, obrigado.

– Adeus, Trev.

E Trevize, com um aceno de mão, deixou a casa.

5

– Você se saiu bem, Trev – disse Dom. – Como achei que se sairia.

Estavam, mais uma vez, diante de uma refeição, tão insatisfatória quanto a primeira, mas Trevize não se importava. Talvez não comesse

em Gaia novamente.

– Fiz como achei que você faria – respondeu Trevize –, mas talvez não pelos motivos que você achou que eu faria.

– Você certamente não duvidava da justeza de sua decisão.

– Não, não duvidava, mas não porque tinha alguma compreensão mística sobre o que era certo. Escolhi Galaksia simplesmente pela lógica, o tipo de lógica que qualquer outra pessoa poderia usar para chegar a uma decisão. Gostaria que eu explicasse?

– Certamente, Trev.

– Havia três coisas que eu poderia ter feito. Eu poderia ter me juntado à Primeira Fundação, à Segunda Fundação ou a Gaia. Se tivesse me aliado à Primeira Fundação, a prefeita Branno teria agido imediatamente para estabelecer domínio sobre a Segunda Fundação e sobre Gaia. Se tivesse me aliado à Segunda Fundação, o Orador Gendibal teria agido imediatamente para estabelecer domínio sobre a Primeira Fundação e sobre Gaia. Em ambos os casos, as consequências seriam irreversíveis, e, se fosse a solução errada, teriam sido irreversivelmente catastróficas. Por outro lado, se eu me juntasse a Gaia, então a Primeira e a Segunda Fundação sairiam com a convicção de terem conquistado uma pequena vitória. Assim, considerando que a construção de Galaksia, como me disseram, levará gerações, até séculos, tudo continuaria como antes. Juntar-me a Gaia foi, então, uma maneira de adiar e de garantir que haverá tempo para alterar a decisão, ou até revertê-la, se minha escolha tiver sido equivocada.

Dom levantou as sobrancelhas, mas seu rosto velho e quase cadavérico continuou inexpressivo.

– E você acha – disse Dom, com sua voz melodiosa – que sua decisão talvez tenha sido equivocada?

– Acho que não – Trevize deu de ombros –, mas há, sem dúvida, uma coisa que eu preciso averiguar para ter certeza. É minha intenção visitar a Terra, se puder encontrá-la.

– Decerto não tentaremos impedi-lo se quiser partir, Trev...

– Não me encaixo em seu mundo.

– Não mais do que Pel, mas é tão bem-vindo para ficar quanto ele. Ainda assim, não o impediremos. Mas diga-me, por que deseja visitar a Terra?

– Creio que você sabe – respondeu Trevize.

– Não, não sei.

– Existe uma informação que você omitiu de mim, Dom. Talvez tivesse seus motivos, mas eu preferia que você não o tivesse feito.

– Não compreendo – disse Dom.

– Escute, Dom, para eu tomar minha decisão, usei meu computador e, por um breve instante, estive em contato com as mentes de todos ao meu redor: a prefeita Branno, o Orador Gendibal, Novi. Vislumbrei diversas questões que, isoladamente, não significaram nada para mim, como os vários efeitos que Gaia, por meio de Novi, teve em Trantor, efeitos cujas intenções eram manipular o Orador para ir a Gaia.

– Sim?

– E uma dessas coisas foi a eliminação de todas as referências à Terra da Biblioteca de Trantor.

– Eliminação de referências à Terra?

– Exato. Portanto, a Terra deve ser importante... e, aparentemente, não é só a Segunda Fundação que não deve descobrir nada sobre ela; eu também não devo. E, se hei de assumir a responsabilidade pelo futuro desenvolvimento galáctico, não aceito ignorância. Você se importaria de me contar por que era tão importante ocultar informações sobre a Terra?

– Trev – respondeu Dom, solenemente –, Gaia não sabe nada sobre a eliminação dos arquivos. Nada!

– Está me dizendo que Gaia não é responsável?

– Não é responsável.

Trevize ficou pensativo por algum tempo, a ponta de sua língua passando lenta e meditativamente sobre os próprios lábios.

– Então, quem foi responsável? – perguntou.

– Não sei. Não vejo propósito nisso.

Os dois homens encararam um ao outro.

– Você tem razão – disse Dom. – Aparentemente, alcançamos uma conclusão bastante satisfatória, mas enquanto essa questão não for esclarecida, não ousemos descansar. Fique mais algum tempo conosco e permita-nos tentar descobrir alguma coisa. Pode partir em seguida, com nosso apoio total.

– Obrigado – respondeu Trevize.

FIM

(por enquanto)

POSFÁCIO DO AUTOR

Este livro, embora seja um romance independente, é uma continuação da *Trilogia da Fundação,* formada pelos seguintes títulos: *Fundação, Fundação e Império e Segunda Fundação.*

Além disso, há outros livros escritos por mim que, apesar de não abordar diretamente as Fundações, pertencem ao que poderíamos chamar de "universo da Fundação".

Dessa maneira, os eventos de *Poeira de Estrelas* e *As Correntes do Espaço* acontecem na época em que Trantor se expandia para se transformar no Império; já os eventos de *Pedra no Céu* se dão quando o Primeiro Império Galáctico se encontra no auge de seu poder, a Terra é o tema central e parte do material nele contido é tangencialmente abordado neste novo livro.

Em nenhum dos livros da Trilogia da Fundação fez-se menção a robôs. Neste novo livro, porém, há referências a eles. Para realizar esta conexão, você pode se interessar por ler minhas histórias de robôs. Os contos podem ser encontrados em *Nós, Robôs*, enquanto os dois romances, *As Cavernas de Aço* e *O Sol Desvelado*, descrevem o período robótico da colonização da Galáxia.

Se você deseja ler um relato sobre os Eternos e a maneira pela qual eles ajustam a história humana, poderá encontrá-lo (não totalmente compatível com as referências deste novo livro) em *O Fim da Eternidade.*

LIMITES DA FUNDAÇÃO

TÍTULO ORIGINAL:
Foundation's Edge

COPIDESQUE:
Hebe Ester Lucas

REVISÃO:
Renato Ritto

ILUSTRAÇÃO DE CAPA:
Michael Whelan

CAPA:
Giovanna Cianelli

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Desenho Editorial

DIAGRAMAÇÃO DE E-BOOK E REVISÃO DA VERSÃO ELETRÔNICA:
Calil Mello Serviços Editoriais

DIREÇÃO EXECUTIVA:
Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:
Adriano Fromer Piazzi

DIREÇÃO DE CONTEÚDO:
Luciana Fracchetta

EDITORIAL:
Daniel Lameira
Andréa Bergamaschi
Débora Dutra Vieira
Luiza Araujo

COMUNICAÇÃO:
Fernando Barone
Nathália Bergocce
Júlia Forbes

COMERCIAL:
Giovani das Graças
Lidiana Pessoa
Roberta Saraiva
Gustavo Mendonça

FINANCEIRO:
Roberta Martins
Sandro Hannes

EDITORA ALEPH
Rua Tabapuã, 81, cj. 134
04533-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992.
Limites da Fundação [livro eletrônico] / Isaac Asimov ; tradução Henrique B. Szolnoky. São Paulo : Aleph, 2015
837 Kb; ePUB.

Título original: Foundation's edge
ISBN: 978-85-7657-180-3

1. Ficção científica norte-americana I.Título.

15-05845 CDD-813.0876

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

A MAIS IMPORTANTE SAGA DA FICÇÃO CIENTÍFICA DE TODOS OS TEMPOS ✶ 005 ✶ O BOM DOUTOR

EDITORA ALEPH

ISAAC ASIMOV

Fundação

E TERRA

ISAAC ASIMOV

Fundação e Terra

Tradução
Henrique B. Szolnoky

ALEPH

À memória de Judy-Lynn del Rey (1943-1986), uma gigante de mente e espírito.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Iniciada em 1942 e concluída em 1953, a Trilogia da Fundação é um dos maiores clássicos de aventura, fantasia e ficção do século 20. Os três livros que compõem a história original – *Fundação*, *Fundação e Império* e *Segunda Fundação* – receberam, em 1966, o Prêmio Hugo Especial como a melhor série de ficção científica e fantasia de todos os tempos, superando concorrentes de peso como *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e a série *Barsoom*, de Edgar Rice Burroughs. Acredite, isso não é pouco. Mas também não é tudo.

A saga é um exemplo do que se convencionou chamar *Space Opera* – uma história que se ambienta no espaço. Todos os elementos estão presentes em *Fundação*: cenários grandiosos, ação envolvente, diversos personagens atuando num amplo espectro de tempo. Seu desenvolvimento é derivado das histórias *pulp* de faroeste e aventuras marítimas (notadamente de piratas).

Isaac Asimov, como grande divulgador científico e especulador imaginativo, começou a conceber em *Fundação* uma história grandiosa. Elaborou, dezenas de séculos no futuro, um cenário em que toda a Via Láctea havia sido colonizada pela raça humana, a ponto de as origens da espécie terem se perdido no tempo. Outros escritores, como Robert Heinlein e Olaf Stapledon, já haviam se aventurado na especulação sobre o futuro da raça humana. O que, então, *Fundação* possui de tão especial?

Um dos pontos notáveis é o fato de ter sido inspirada pelo clássico *Declínio e Queda do Império Romano*, do historiador inglês Edward Gibbon. Não é, portanto, uma história de glória e exaltação. Mas, sim, a epopeia de uma civilização que havia posto tudo a perder. E também a história de um visionário que havia previsto não apenas a inevitável decadência de um magnífico Império Galáctico, mas também o caminho menos traumático para que, após apenas um milênio, este pudesse renascer em todo o seu esplendor.

O autor fez questão de utilizar doutrinas polêmicas para basear seu

futuro militarista, como o Destino Manifesto americano (a crença de que o expansionismo dos Estados Unidos é divino, já que os norte-americanos seriam o povo escolhido por Deus) e o nazismo alemão (que professava ser a democracia uma força desestabilizadora da sociedade por distribuir o poder entre minorias étnicas, em prejuízo de um governo centralizador exercido por pessoas intelectualmente mais capacitadas). *Fundação* se revela, pois, um texto que ultrapassa, e muito, aquela camada superficial de leitura. De fato, a cada página percorrida, o leitor notará os paralelos entre as aventuras dos personagens da trilogia e diversas passagens históricas. E mais: a percepção dos arquétipos psicológicos de cada personagem nos leva a apreciar, em todas as suas nuances, a maravilhosa diversidade intelectual de nossa espécie.

Além da trilogia da *Fundação*, Asimov acabou atendendo a pedidos de fãs e de seus editores para retomar a história de Terminus: quase trinta anos depois do lançamento de *Segunda Fundação*, escreveu as continuações *Limites da Fundação* e *Fundação e Terra*. Em seguida, publicou *Prelúdio à Fundação* e *Origens da Fundação*, que narram os eventos que antecedem o livro *Fundação*.

Na mesma época em que começava a expandir sua trilogia original, Isaac Asimov também decidiu integrar seus diversos livros e universos futuristas, para que todas as histórias transcorressem em uma continuidade temporal. Ou seja, clássicos como *O Homem Bicentenário* e *Eu, Robô* se passam no mesmo passado da saga de *Fundação*. Para isso, ele modificou diversos detalhes em suas histórias, corrigindo datas e atitudes de personagens e rearranjando fatos. Esse processo, conhecido tradicionalmente como *retcon*, foi aplicado a quase todos os seus livros. A trilogia da *Fundação* era peça-chave nesse quebra-cabeça, e foi modificada em pontos fundamentais, como, por exemplo, ajustes na cronologia. E é essa a versão editada pela Aleph desde 2009. A editora também publicou, pela primeira vez no Brasil, a trilogia em três volumes separados, de modo que o leitor pudesse apreciar a obra como concebida por seu criador.

Nas próximas páginas, as aventuras iniciadas em Trantor continuam, rumo à glória que a humanidade acredita que, um dia, lhe será destinada.

Tenha uma boa jornada.

Os editores

A história por trás da Fundação

Era 1º de agosto de 1941. Eu, um jovem de vinte e um anos, era aluno de pós-graduação em Química na Universidade Columbia e já escrevia ficção cientifica profissionalmente há três anos. Estava apressado para me encontrar com John Campbell, editor da revista *Astounding*, a quem havia vendido cinco histórias até então. Ansioso, queria contar-lhe sobre a minha mais nova ideia para uma história de ficção cientifica.

Eu escreveria um romance sobre o futuro; contaria a história da Queda do Império Galáctico. Meu entusiasmo deve ter sido contagiante, pois Campbell ficou tão empolgado quanto eu. Ele não quis que eu contasse apenas uma sequência de eventos; eu deveria delinear uma série de narrativas que detalhariam os mil anos de desordem entre a Queda do Primeiro Império Galáctico e a ascensão do Segundo Império Galáctico. Todos os eventos aconteceriam à luz da ciência "psico-histórica", que Campbell e eu discutimos exaustivamente.

A primeira história foi publicada no fascículo de maio de 1942 da *Astounding*, e a segunda em junho de 1942. Elas logo alcançaram popularidade e Campbell fez questão que eu escrevesse outros seis textos até 1950. E, além do mais, elas ficavam cada vez maiores. A primeira tinha apenas doze mil palavras, enquanto duas das três últimas chegavam a ter cinquenta mil vocábulos cada.

Quando a década de 1940 terminou, eu ficara cansado da série, e acabei por abandoná-la, focando em outras coisas. Entretanto, foi justamente naquela época que muitas editoras começaram a publicar livros de ficção científica em capa dura. Uma dessas editoras, pequena e semiprofissional, chamava-se Gnome Press. Eles publicaram a série da Fundação em três volumes: *Fundação* (1951), *Fundação e Império* (1952), e *Segunda Fundação* (1953). Os três livros juntos vieram a ser conhecidos como a Trilogia da Fundação.

Os livros não venderam muito bem, já que a Gnome Press não tinha

capital o suficiente para promovê-los ou mesmo anunciá-los. Não cheguei a receber nem demonstrativos nem *royalties* da parte deles.

No começo de 1961, meu editor na Doubleday era Timothy Seldes. Ele me informou que havia recebido um pedido de um editor estrangeiro para reimprimir os livros da série Fundação. Como não eram títulos da Doubleday, Seldes passou a informação para mim. Dando de ombros, eu lhe disse: “Não tenho interesse, Tim. Não recebo *royalties* desse livro”.

Seldes ficou horrorizado e prontificou-se a lutar pelos direitos que estavam com a Gnome Press, que, naquela época, estava à beira de um colapso. Em agosto do mesmo ano, os três livros (juntamente com *Eu, Robô*) se tornaram propriedade da Doubleday.

A partir daquele momento, a série da Fundação começou a crescer e a gerar uma receita cada vez maior. A Doubleday publicou a Trilogia em um único volume e a distribuiu no Clube do Livro de Ficção Científica, o que acabou por consagrá-la.

Em 1966, na Convenção Mundial de Ficção Científica realizada em Cleveland, pediu-se aos fãs que votassem na categoria “melhor série de todos os tempos”. Pela primeira vez – e até agora, a última – a categoria foi inclusa no Prêmio Hugo. Vencedora do prêmio, a Trilogia da Fundação se tornou ainda mais popular.

Cada vez mais os fãs me pediam para continuar a escrever a série. Educadamente, eu continuava a recusar. Ainda assim, me fascinava o fato de algumas pessoas interessadas pela Trilogia sequer serem nascidas quando ela fora originalmente publicada.

A Doubleday, no entanto, levou a solicitação dos fãs mais a sério do que eu. A editora respeitou minha posição por vinte anos; porém, as demandas continuavam crescendo em intensidade e em quantidade, até que finalmente eles perderam a paciência. Em 1981, me disseram que eu simplesmente *tinha* de escrever outro romance da Fundação, e, dourando a pílula, me ofereceram um adiantamento dez vezes maior do que eu estava acostumado a receber.

Ansioso, concordei. Trinta e dois anos haviam se passado desde que escrevera as últimas linhas da Trilogia da Fundação. Agora, precisava escrever um romance com cento e quarenta mil palavras; o dobro dos textos anteriores e três vezes maior do que qualquer outra história individual. Reli a Trilogia da Fundação e, respirando fundo, mergulhei de cabeça na tarefa. O quarto volume da série, *Limites da Fundação*, foi

publicado em outubro de 1982; e então algo estranho ocorreu. O livro logo apareceu na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Na verdade, o que mais me deixou admirado foi o fato de ele ter ficado nessa lista por vinte e cinco semanas. Isso nunca havia acontecido comigo.

De pronto, a Doubleday fez com que eu me comprometesse a escrever novos romances, e então trabalhei em duas histórias que faziam parte da série dos robôs. Em seguida, retomei a Fundação.

Assim, escrevi *Fundação e Terra*, que começa no momento em que *Limites da Fundação* termina; e é este livro que você agora tem em mãos. Não é completamente necessário, mas ajudaria se você folheasse novamente *Limites da Fundação*, só para refrescar a memória, embora a leitura de *Fundação e Terra* independa dos outros livros. Espero que você o aprecie.

Isaac Asimov
Nova York, 1986

PARTE 1

GAIA

GAIA

O início da busca

1

– POR QUE OPTEI POR ISSO? – perguntou Golan Trevize.

Não era uma pergunta inédita. Desde que chegara a Gaia, perguntava-se a mesma coisa com frequência. Era capaz de acordar de um sono profundo no agradável frescor da madrugada e encontrar tal questionamento ecoando em sua mente, como um leve pulsar: Por que optei por isso? Por que optei por isso?

Agora, pela primeira vez, ele conseguira fazer a pergunta a Dom, o Ancião de Gaia.

Dom tinha plena consciência da tensão de Trevize, pois podia sentir a textura da mente do conselheiro. Não reagiu a ela. Gaia não deveria, *de maneira nenhuma*, tocar a mente de Trevize, e a melhor maneira de evitar a tentação era ignorar essa sensibilidade – o que era angustiante.

– Isso o quê, Trev? – perguntou. Não conseguia usar mais de uma sílaba ao se dirigir a uma pessoa, o que não importava. Trevize, de alguma maneira, estava se acostumando com aquilo.

– A escolha que fiz – respondeu Trevize. – Escolher Gaia como o futuro.

– Sua escolha foi a correta – disse Dom, sentado, os olhos profundos e envelhecidos observando com seriedade o homem da Fundação, que estava em pé.

– Assim o senhor *diz* – retrucou Trevize, impaciente.

– Eu/nós/Gaia sabemos que foi. É seu grande valor para nós. Tem a capacidade de decidir corretamente com base em informações incompletas, e optou pelo que achava certo. Escolheu Gaia! Rejeitou a anarquia de um Império Galáctico cujos alicerces seriam a tecnologia da Primeira Fundação, e também a anarquia de um Império Galáctico cujos alicerces seriam o mentalicismo da Segunda Fundação. Decidiu que nenhuma das duas se sustentaria a longo prazo. Portanto,

escolheu Gaia.

– Sim! – disse Trevize. – Exatamente! Optei por Gaia, um superorganismo, um planeta com uma comunhão de mente e personalidade que leva as pessoas a precisarem dizer o pronome inventado “eu/nós/Gaia” para expressar o inexprimível – ele andava de um lado para o outro, inquieto. – E que acabará por se tornar Galaksia, um super superorganismo que se estenderá por todo o enxame da Via Láctea.

Ele parou e se voltou quase agressivamente na direção de Dom.

– Sinto que tomei a decisão certa – disse –, assim como você, mas você *anseia* pela vinda de Galaksia, portanto está satisfeito com a minha escolha. Mas há algo em mim que *não* compartilha esse desejo, e, por isso, não fico contente de aceitar a decisão com tanta facilidade. Quero saber *por que* optei pelo que optei; quero analisar e julgar minha opção e ficar satisfeito com ela. Apenas intuir que foi certo não é suficiente. Como posso *saber* que estou certo? Que tipo de mecanismo faz com que eu esteja certo?

– Eu/nós/Gaia não sabemos como você fez a escolha certa. Qual a relevância de saber, se temos o resultado?

– Está falando em nome de todo o planeta? Pela consciência coletiva de todas as gotas de orvalho, de todas as rochas, até mesmo do núcleo líquido central do planeta?

– De fato. Qualquer parte do planeta em que a intensidade da consciência coletiva fosse forte o suficiente diria o mesmo.

– E toda essa consciência coletiva está satisfeita de me usar como uma caixa-preta? Desde que a caixa-preta funcione, não é importante saber o que está lá dentro? Isso não é suficiente para mim. Não gosto de ser uma caixa-preta. Quero saber o que há lá dentro. Quero saber como e por que escolhi Gaia e Galaksia como o futuro, para que possa relaxar e encontrar paz.

– Mas por que não gosta ou não confia em sua decisão?

Trevize respirou fundo e respondeu em um tom grave e vigoroso.

– Porque não quero fazer parte de um superorganismo – disse. – Não quero ser uma parte dispensável a ser eliminada assim que o superorganismo julgar ser o melhor para o todo.

Dom encarou Trevize, pensativo.

– Então deseja mudar sua escolha, Trev? – perguntou. – Você sabe que é possível.

– Tenho o ímpeto de mudá-la, mas não posso fazer isso simplesmente porque não gosto dela. Para agir, eu precisaria *saber* se a decisão foi correta ou equivocada. Não é suficiente apenas *sentir* que foi certa.

– Se acredita estar certo, então está certo – respondeu Dom, sempre com aquela voz lenta e gentil que fazia Trevize sentir-se ainda mais tempestuoso pelo simples contraste com sua agitação interna.

Então Trevize, libertando-se da insolúvel oscilação entre sentir e saber e em um quase sussurro, disse:

– Eu preciso encontrar a Terra.

– Por que ela está relacionada com sua intensa necessidade de saber?

– Porque é outra questão que me atormenta de maneira insuportável, e porque *sinto* que há uma conexão entre as duas. Não sou a caixa-preta? *Sinto* que há uma relação. Não é suficiente para que aceite isso como um fato?

– Talvez – respondeu Dom, serenamente.

– Considerando que se passaram milhares de anos – vinte mil anos, talvez – desde que as pessoas da Galáxia se preocuparam com a Terra, como é possível que todos nós tenhamos esquecido nosso planeta de origem?

– Vinte mil anos é mais tempo do que imagina. Existem muitos aspectos dos primórdios do Império sobre os quais sabemos muito pouco; muitos mitos que são quase certamente fictícios, mas que continuamos repetindo, e até acreditando, por causa da ausência de substitutos. E a Terra é mais antiga do que o Império.

– Mas certamente existem registros. Meu bom amigo Pelorat coleta mitos e lendas sobre a Terra antiga; qualquer coisa que consiga extrair de qualquer fonte. É sua profissão e, acima disso, seu hobby. Esses mitos e lendas são tudo o que existe sobre o assunto. Não há nenhum registro factual, nenhum documento.

– Documentos de vinte mil anos atrás? As coisas se deterioram, apodrecem, são destruídas por incompetência ou por guerras.

– Mas deveria haver registros desses documentos; cópias, cópias das cópias e cópias das cópias das cópias; material útil e muito mais recente do que vinte milênios. Eles foram eliminados. A Biblioteca Galáctica em Trantor deveria ter documentos a respeito da Terra. Esses documentos são mencionados em conhecidos registros

históricos, mas não estão mais no catálogo da Biblioteca Galáctica. Referências a eles podem existir, mas citações extraídas deles não existem.

– Lembre-se de que Trantor foi saqueado há alguns séculos.

– A biblioteca foi mantida intacta. Foi protegida por membros da Segunda Fundação. E foram essas mesmas pessoas que recentemente descobriram a ausência de qualquer material relacionado à Terra. O material foi deliberadamente removido em algum momento recente. Por quê? – Trevize parou de andar e olhou atentamente para Dom. – Se eu encontrar a Terra, poderei descobrir o que está oculto...

– Oculto?

– Oculto ou mantido em segredo. Quando descobrir, tenho a sensação de que *saberei* por que optei por Gaia e Galaksia e não por nossa individualidade. Então, presumo, saberei, além da simples intuição, que tomei a decisão certa e se for, de fato, a decisão certa – ele deu de ombros, sem esperanças –, então que seja.

– Se sente que assim será – disse Dom – e se sente que deve partir em busca da Terra, então, evidentemente, ajudaremos o máximo possível. Porém, tal ajuda é limitada. Eu/nós/Gaia não sabemos, por exemplo, qual poderia ser a localização da Terra na imensa vastidão de mundos que compõem a Galáxia.

– Ainda assim – respondeu Trevize –, preciso procurá-la. Mesmo que o infinito mapa de estrelas da Galáxia faça a jornada parecer fadada ao fracasso e mesmo que eu tenha de embarcar nela sozinho.

2

Trevize estava cercado pela placidez de Gaia. A temperatura, como sempre, era amena, e uma brisa agradável passava por ele, refrescante sem ser fria demais. Nuvens vagavam pelo céu, interrompendo a luz do sol de vez em quando – e era certo que, se o nível de umidade por metro de superfície caísse aqui ou ali, haveria chuva para restaurá-lo.

As árvores cresciam com espaçamento regular, como um pomar, e era assim, sem dúvida, ao redor do mundo todo. A terra e o mar eram habitados por vegetais e animais em quantidade e variedade ideais para um equilíbrio ecológico apropriado, e a população de todos aumentava e diminuía de acordo com uma lenta oscilação do que era

reconhecido como certo. Isso também se aplicava à quantidade de humanos.

De todos os objetos no campo de visão de Trevize, o único contrastante era sua espaçonave, a *Estrela Distante*.

A nave havia sido limpa e restaurada de maneira eficiente por um grupo de componentes humanos de Gaia. O estoque de comidas e bebidas fora reposto, a mobília fora reformada ou substituída, os equipamentos, verificados. O próprio Trevize checara o computador de bordo cuidadosamente.

A *Estrela Distante* não requeria abastecimento, pois era uma das poucas espaçonaves gravitacionais da Fundação, funcionando com a energia do campo gravitacional geral da Galáxia, suficiente para suprir todas as possíveis frotas humanas de todas as prováveis eras de existência da humanidade sem nenhuma diminuição mensurável de sua intensidade.

Três meses atrás, Trevize era um conselheiro de Terminus – em outras palavras, era um membro da Legislatura da Fundação e, portanto, uma figura proeminente na Galáxia. Tudo isso havia apenas três meses? Parecia ter passado metade de seus trinta e dois anos de vida desde que ocupara aquela posição; desde aquele momento em que sua única preocupação era relacionada à validade do Plano Seldon e a questionamentos sobre a precisão do mapeamento pré-datado da ascensão certeira da Fundação, de vilarejo planetário à grandiosidade galáctica.

Mesmo assim, de certa forma, não havia nenhuma mudança propriamente dita. Ele *ainda* era um conselheiro. Ainda conservava seu status e seus privilégios, apesar de não ter expectativas de retornar a Terminus para usufruir de nenhum deles. Ele não seria mais adequado para o tremendo caos da Fundação do que para a sistematização pacata de Gaia. Não estava em casa em lugar nenhum. Era um órfão onde quer que fosse.

Sua mandíbula se tensionou e ele passou os dedos pelos cabelos pretos, nervoso. Antes de desperdiçar seu tempo lamentando-se sobre o destino, precisava encontrar a Terra. Se sobrevivesse à busca, aí sim teria tempo suficiente para sentar e choramingar – e, depois da jornada, talvez tivesse até mais motivos para tanto.

Assim, com deliberada apatia, pensou no passado.

Três meses atrás, ele e Janov Pelorat, seu amigo acadêmico ingênuo

e capacitado, deixaram Terminus. Pelorat era impulsionado por seu duradouro entusiasmo para descobrir a localização da esquecida Terra, e Trevize o acompanhou, usando o objetivo de Pelorat como disfarce para o que acreditava ser seu alvo verdadeiro. Eles não localizaram a Terra, mas encontraram Gaia, e então Trevize viu-se forçado a tomar sua decisão fatídica. Agora era ele, Trevize, quem havia revisto suas prioridades e buscava pela Terra.

E Pelorat também encontrara algo que não esperava. Encontrara Júbilo, a jovem de cabelos e olhos escuros que era Gaia (assim como Dom; assim como qualquer grão de areia ou folha de grama). Pelorat, com o peculiar ardor da meia-idade, apaixonou-se por uma mulher com menos da metade de sua idade, e a moça surpreendentemente parecia contente com aquilo.

Era estranho, mas Pelorat decerto estava feliz, e Trevize acreditava, resignadamente, que cada pessoa deveria encontrar a felicidade à sua própria maneira. Era essa a essência da individualidade – individualidade da qual Trevize, com sua decisão, estava privando (com o tempo) toda a Galáxia.

A angústia retornou. Aquela decisão que havia tomado, e que não tivera escolha a não ser tomar, continuava a oprimi-lo a todo instante e...

– Golan!

A voz invadiu os pensamentos de Trevize conforme ele olhou na direção do sol, piscando os olhos.

– Ah, Janov – disse carinhosamente, talvez até carinhosamente demais, pois não queria que Pelorat percebesse a amargura de seus pensamentos. – Finalmente conseguiu separar-se de Júbilo, como posso ver – completou de maneira até jovial.

Pelorat negou com a cabeça. A brisa gentil agitou seus sedosos cabelos brancos, e seu alongado e solene rosto manteve-se alongado e solene.

– Na verdade, velho amigo, foi ela quem sugeriu que eu falasse com você sobre... sobre o que quero falar. Não que eu preferisse evitá-lo, evidentemente, mas ela parece pensar mais rápido do que eu.

– Sem problemas, Janov – sorriu Trevize. – Imagino que esteja aqui para dizer adeus.

– Bom... Não, não exatamente. Na realidade, quase o inverso. Golan, quando você e eu deixamos Terminus, era minha intenção

encontrar a Terra. Passei praticamente toda a minha vida adulta perseguindo esse objetivo.

– E eu continuarei, Janov. O objetivo agora é meu.

– Sim, mas também é meu. Ainda é meu.

– Mas... – Trevize ergueu um braço em um vago gesto que indicava o mundo ao redor deles.

– Quero ir com você – disse Pelorat, com súbita urgência.

Trevize ficou pasmo.

– Você não pode estar falando sério, Janov. Agora tem Gaia.

– Voltarei a Gaia algum dia, mas não posso deixá-lo ir sozinho.

– Claro que pode. Posso cuidar de mim mesmo.

– Não quero ofendê-lo, Golan, mas você não sabe o suficiente. Sou eu quem sabe sobre os mitos e as lendas. Posso direcioná-lo.

– E abandonar Júbilo? Não seja tolo.

Um leve rosado surgiu no rosto de Pelorat.

– Não é algo que eu gostaria de fazer, velho amigo, mas ela disse...

– Janov, será que ela está tentando se livrar de *você*? Ela me prometeu...

– Não, você não entendeu. Por favor, Golan, me escute. Você tem, de fato, essa maneira desconfortavelmente explosiva de extrair conclusões antes de escutar tudo. É sua especialidade, sei disso, e acredito que tenho certa dificuldade de me expressar de maneira concisa, mas...

– Pois bem – respondeu Trevize, gentilmente –, diga-me, da maneira que quiser, exatamente o que Júbilo tem em mente, e prometo que serei muito paciente.

– Obrigado. E, como você prometeu ser paciente, acho que posso dizer sem rodeios. Veja bem, Júbilo quer vir conosco.

– *Júbilo* quer vir? – respondeu Trevize. – Não, estou me exacerbando novamente. Não me exaltarei. Diga-me, Janov, por que Júbilo iria querer vir conosco? Pergunto pacificamente.

– Ela não me disse. Falou que gostaria de conversar com você.

– Mas então por que ela não está aqui?

– Eu suspeito, e apenas *suspeito* – disse Pelorat –, que ela acredita não ser bem-vista por você, Golan, e tem muito receio de abordá-lo. Fiz o melhor que pude, meu amigo, para garantir que você não tenha nada contra ela. Não posso acreditar que alguém poderia pensar qualquer coisa negativa sobre ela. Ainda assim, ela queria que eu

introduzisse o assunto, por assim dizer. Posso avisá-la de que você está disposto a falar com ela, Golan?

– É claro, falarei com ela agora mesmo.

– E será sensato? Entenda, velho amigo, que ela leva isso muito a sério. Disse que a questão é vital e que ela *precisa* acompanhá-lo.

– Ela não explicou por que, explicou?

– Não, mas se ela acredita que deve ir, Gaia também acredita.

– O que significa que não devo negar. É isso, Janov?

– Sim. Acho que não deve negar, Golan.

3

Pela primeira vez durante sua breve estadia em Gaia, Trevize entrou na casa de Júbilo – que agora também abrigava Pelorat.

Ele olhou à volta. Em Gaia, as casas tendiam a ser simples. Com a quase total ausência de qualquer tipo de clima violento, com a temperatura constantemente amena nessa altitude, com até mesmo as placas tectônicas ajustando-se suavemente quando precisavam ajustar-se, não era necessário construir casas voltadas para proteção severa ou para manter um ambiente confortável dentro de um ambiente não confortável. Era como se todo o planeta fosse uma casa criada para abrigar seus habitantes.

A casa de Júbilo naquela residência planetária era pequena; as janelas tinham telas, não vidros; a mobília era esparsa e graciosamente utilitária. Havia imagens holográficas nas paredes; em uma delas estava Pelorat, visivelmente surpreso e constrangido. Os lábios de Trevize esboçaram uma risada, mas ele tentou impedir que o escárnio ficasse evidente e concentrou-se em ajustar meticulosamente a faixa de tecido que levava em volta da cintura.

Júbilo o observava. Não sorria, como era de costume. Em vez disso, tinha um aspecto sério, com seus belos olhos escuros e atentos e seus cabelos descendo até os ombros em uma suave onda preta. Apenas seus lábios generosos, pintados de vermelho, forneciam alguma cor a seu rosto.

– Obrigada por se dispor a me ver, Trev.

– Janov foi bastante enfático em seu pedido, Jubinobiarella.

Júbilo sorriu por um instante.

– Boa resposta. Se puder chamar-me Júbilo, tentarei dizer seu nome inteiro, Trevize – ela hesitou, quase imperceptivelmente, ao pronunciá-lo.

– É um bom acordo – Trevize ergueu a mão direita. – Reconheço a preferência gaiana de usar partes monossilábicas de nomes na troca rotineira de pensamentos, portanto, se acontecer de me chamar de Trev ocasionalmente, não ficarei ofendido. Ainda assim, fico mais confortável se tentar pronunciar Trevize sempre que puder. E eu a chamarei Júbilo.

Trevize estudou-a, como sempre fazia quando a encontrava. Como indivíduo, era uma mulher na casa dos vinte anos. Mas como parte de Gaia, tinha milhares de anos de idade. Tal fato não influenciava sua aparência, mas tinha, de vez em quando, efeito na maneira como ela falava e na aura que inevitavelmente a cercava. Será que ele gostaria que fosse assim com *todas* as pessoas? Não! Decerto que não, e, ainda assim...

– Serei direta – disse Júbilo. – Você expôs seu desejo de encontrar a Terra...

– Conversei com Dom – respondeu Trevize, determinado a não ceder à vontade de Gaia sem uma insistência constante em seu próprio ponto de vista.

– Sim, mas, ao conversar com Dom, conversou com Gaia e com todas as suas partes; portanto, também conversou comigo, por exemplo.

– Ouviu-me conforme eu falei?

– Não, pois não estava me dedicando a tanto, mas, se eu vasculhar minha memória, poderia me lembrar do que disse. Por favor, aceite esse fato e permita-nos continuar. Você expôs seu desejo de encontrar a Terra e insistiu na importância dessa missão. Não consigo enxergar tal importância, mas você tem a habilidade de estar certo e, por isso, eu/nós/Gaia precisamos aceitar o que diz. Se a busca é crucial para sua decisão que envolveu Gaia, é de importância crucial para Gaia, e, portanto, Gaia deve ir com você, ao menos para tentar protegê-lo.

– Quando diz que Gaia deve ir comigo, quer dizer que *você* deve ir comigo. Estou certo?

– Eu sou Gaia – foi a simples resposta de Júbilo.

– Assim como tudo o que há neste planeta. Por que, então, você? Por que não outra parte de Gaia?

– Porque Pel deseja ir com você e, se ele assim o fizer, não ficaria contente com nenhuma outra parte de Gaia além de mim.

Pelorat, sentado reservadamente em uma cadeira em um dos cantos (de costas para a própria imagem na parede, reparou Trevize), disse gentilmente:

– É verdade, Golan. Júbilo é a *minha* parte de Gaia.

Júbilo abriu um súbito sorriso.

– É bastante emocionante ser vista dessa maneira. É bem diferente, claro.

– Então, vejamos – Trevize colocou as mãos atrás da cabeça e começou a reclinar-se na cadeira; os finos pés da cadeira rangeram conforme ele o fez e, por isso, ele decidiu rapidamente que o móvel não era robusto o suficiente para aguentar o movimento e voltou a apoiá-la nos quatro pés. – Você ainda será parte de Gaia se for embora conosco?

– Não preciso ser. Posso, por exemplo, me isolar se estiver em grave perigo, para que esse perigo não chegue até Gaia, ou se houver outra razão maior para tanto. Mas trata-se apenas de emergências. No geral, continuarei sendo parte de Gaia.

– Mesmo se Saltarmos pelo hiperespaço?

– Mesmo assim, apesar de complicar um pouco a questão.

– Por algum motivo, isso não me acalma.

– Por que não?

Trevize contraiu o nariz na tradicional reação metafórica a um mau cheiro.

– Porque isso significa que qualquer coisa mencionada ou feita em minha nave que você ouça e veja será ouvida e vista por todo o planeta Gaia.

– Eu sou Gaia, portanto o que vejo, ouço e percebo é visto, ouvido e percebido por Gaia.

– Exato. Até mesmo aquela parede verá, ouvirá e perceberá.

Júbilo olhou para a parede que ele apontou e deu de ombros.

– Sim – respondeu –, aquela parede também. Ela tem uma consciência apenas infinitesimal e, portanto, só percebe e compreende infinitesimalmente, mas presumo que haja reações subatômicas a, por exemplo, o que estamos dizendo neste exato momento; reações que permitem que ela se encaixe em Gaia com um propósito que possa beneficiar o todo.

– Mas e se eu quiser privacidade? Posso não querer que a parede tenha consciência do que eu disser ou fizer.

Júbilo pareceu aborrecida e Pelorat interveio repentinamente.

– Sabe, Golan, eu não quero interferir, pois obviamente não sei muito sobre Gaia. Ainda assim, tenho passado bastante tempo com Júbilo e adquiri algumas noções do que se trata tudo isso. Se você caminhar por uma multidão em Terminus, verá e escutará muita coisa, e talvez se lembre de algumas partes. Talvez possa até, sob estímulo cerebral apropriado, lembrar-se de tudo, mas não se importará com grande parte do que viu e escutou. Deixará de lado. Mesmo que veja alguma cena emotiva entre estranhos e fique interessado; mesmo assim, se não for de grande relevância para você, deixará de lado. Esquecerá. Deve ser assim também com Gaia. Mesmo que todo o planeta saiba detalhes do que você fizer, não significa, necessariamente, que eles se importem. Não é mesmo, Júbilo querida?

– Nunca pensei no assunto dessa maneira, Pel, mas há algum sentido no que diz. Ainda assim, essa privacidade à qual Trev se refere – quero dizer, Trevize –, não é algo que valorizamos. Na realidade, eu/nós/Gaia a consideramos incompreensível. Desejar *não* fazer parte, *não* ser ouvido; desejar que suas ações *não* sejam testemunhadas e que seus pensamentos *não* sejam percebidos... – Júbilo negou vigorosamente com a cabeça. – Eu disse que podemos nos isolar em caso de emergência, mas quem iria querer viver dessa maneira, mesmo que por apenas uma hora?

– Eu iria – respondeu Trevize. – É por isso que devo encontrar a Terra. Para descobrir a razão primordial, se houver alguma, que me levou a escolher esse terrível destino para a humanidade.

– Não se trata de um destino terrível, mas não vamos discutir. Estarei com você não como espiã, mas como amiga e ajudante. Gaia estará com você não como espião, mas como amiga e ajudante.

– A melhor ajuda que Gaia poderia me oferecer – disse Trevize, taciturno – seria indicar o caminho para a Terra.

Júbilo negou lentamente com a cabeça.

– Gaia não sabe a localização da Terra. Dom já lhe disse isso.

– Não consigo acreditar. Vocês devem, afinal, ter arquivos. Por que nunca pude ver esses arquivos durante minha estadia? Mesmo que Gaia não saiba a localização da Terra, eu poderia obter mais informações em seus registros. Conheço a Galáxia com considerável

profundidade, certamente muito mais do que Gaia. Eu poderia entender e seguir pistas nesses arquivos que talvez Gaia não enxergue.

– Mas de que arquivos está falando, Trevize?

– Qualquer arquivo. Livros, filmes, gravações, hologramas, artefatos, o que quer que tenham. Durante o tempo que passei aqui, não vi nenhum item que poderia considerar um arquivo. Você viu algum, Janov?

– Não – respondeu Pelorat, hesitante –, mas, na verdade, não estava procurando.

– Mas eu estava, discretamente – disse Trevize –, e não vi nada. Nada! A única conclusão a que posso chegar é que estão escondendo. Não consigo entender por quê. Pode me dizer?

A testa jovem e suave de Júbilo franziu-se.

– Por que não perguntou antes? Eu/nós/Gaia não temos nada a esconder e não contamos mentiras. Um Isolado (um indivíduo em isolamento) pode contar mentiras. Ele é limitado, e tem medo *porque* é limitado. Gaia é um organismo planetário de grande capacidade mental, e não tem receios. Para Gaia, dizer mentiras, criar descrições que não estão de acordo com a realidade, é totalmente desnecessário.

Trevize bufou.

– Mas, então – disse –, por que fui impedido de ver os arquivos? Dê-me uma razão que faça sentido.

– Claro – ela estendeu as duas mãos, palmas voltadas para cima. – Não temos arquivo nenhum.

4

Pelorat, aparentemente o menos chocado dos dois, recuperou-se primeiro.

– Minha querida – disse gentilmente –, isso é deveras impossível. Uma civilização estruturada sem algum tipo de registro histórico é algo inconcebível.

Júbilo ergueu as sobrancelhas.

– Sei disso. O que quero dizer é que não temos arquivos do tipo que Trev – Trevize – diz ter buscado. Eu/nós/Gaia não temos ensaios, papéis, filmes, bancos de dados, nada disso. Não temos nem rochas entalhadas. É isso que estou dizendo. Naturalmente, como não temos

nada do tipo, Trevize não encontrou nada.

– O que têm, então – disse Trevize –, se não são registros que eu poderia reconhecer como registros?

Com pronúncia cuidadosa, como se falasse com uma criança, Júbilo respondeu:

– Eu/nós/Gaia temos memória. Eu *lembro*.

– Lembra-se do quê? – perguntou Trevize.

– De tudo.

– Lembra-se de todos os dados de referência histórica?

– Certamente.

– De quanto tempo? Quantos anos para trás?

– Um espaço indefinido de tempo.

– Você pode me fornecer dados históricos, biográficos, geográficos e científicos? Até mesmo boatos?

– Tudo.

– Tudo nessa cabecinha – Trevize apontou sardonicamente para a têmpora direita de Júbilo.

– Não – ela disse. – As memórias de Gaia não estão limitadas ao conteúdo de meu crânio em particular. Veja bem – naquele instante, ela adotou uma postura formal e até austera, conforme deixou de ser apenas Júbilo e assumiu um amálgama de outras entidades –, deve ter havido uma época, antes do início da História, em que os seres humanos, mesmo que pudessem se lembrar de acontecimentos, eram primitivos a ponto de não poderem oralizá-los. O discurso foi inventado e serviu para expressar lembranças e para transmiti-las de pessoa a pessoa. A escrita acabou por ser criada para registrar lembranças e transmiti-las de geração a geração. Todos os avanços tecnológicos desde então serviram para garantir ainda mais transferência e acúmulo de memórias e para facilitar o resgate de pontos específicos do passado. Todavia, uma vez que os indivíduos se juntaram para formar Gaia, tudo isso se tornou obsoleto. Podemos voltar para a memória, o sistema básico de registro a partir do qual todos os outros foram construídos. Compreende?

– Está dizendo – respondeu Trevize – que a soma de todos os cérebros de Gaia pode registrar muito mais dados do que um único cérebro poderia?

– Evidentemente.

– Mas se Gaia tem todos os arquivos espalhados pela memória

planetária, qual o benefício que isso garante a uma parte individual de Gaia?

– Todos os benefícios que desejar. O que eu quiser saber está em uma mente individual em algum lugar, talvez em muitas delas. Se for algo básico, como o significado da palavra "cadeira", está em todas as mentes. Mas mesmo que seja algo esotérico que esteja em apenas uma pequena parte da mente de Gaia, posso invocá-lo se precisar, apesar de tal processo demorar um pouco mais do que uma lembrança mais difundida. Escute, Trevize, se você quiser saber algo que não está em sua mente, pesquisa em algum livro-filme ou acessa o banco de dados de um computador. Eu vasculho a totalidade da mente de Gaia.

– Como você consegue impedir que toda essa informação invada sua mente e exploda seu crânio? – perguntou Trevize.

– Está usando a oportunidade para ser sarcástico, Trevize?

– Por favor, Golan – disse Pelorat –, não seja desagradável.

Trevize olhou para os dois e, com visível esforço, permitiu que a tensão em seu rosto diminuísse.

– Lamento. Estou sob o peso de uma responsabilidade que não quero e da qual não sei como me livrar. Isso pode fazer com que eu soe desagradável, quando não tenho intenção. Júbilo, eu realmente quero saber. Como pode extrair o conteúdo do cérebro de outros e armazenar no seu sem rapidamente sobrecarregar sua capacidade?

– Eu não sei, Trevize – respondeu Júbilo –, não mais do que você sabe sobre o intricado funcionamento de seu próprio cérebro individual. Suponho que saiba a distância de seu sol até uma estrela vizinha, mas não está sempre consciente de tal dado. Você o armazena em algum lugar e pode buscar tal número a qualquer momento, se for necessário. Se não o fizer, pode, com o tempo, esquecê-lo, mas então poderá recuperá-lo em algum banco de dados. Se você considerar o cérebro de Gaia um vasto banco de dados, é um banco que posso consultar a qualquer momento. Não é necessário que eu lembre conscientemente de qualquer item que tenha usado antes. Uma vez que tenha utilizado um fato ou uma lembrança, posso permitir que saia do primeiro plano da memória. Na verdade, posso deliberadamente colocá-lo de volta no lugar de onde o tirei, vamos dizer.

– Júbilo, quantas pessoas há em Gaia? Quantos seres humanos?

– Aproximadamente um bilhão. Quer o número exato?

Trevize sorriu, pesaroso.

– Vejo que pode buscar o número exato, se assim o desejar, mas aceito a quantidade aproximada.

– Na verdade – continuou Júbilo –, a população é estável e oscila em torno de um número específico que fica logo acima de um bilhão. Posso determinar a oscilação para mais ou para menos ao estender minha consciência e, bom, sentir as fronteiras. Não posso explicar mais claramente do que isso para alguém que nunca compartilhou tal experiência.

– Parece-me, porém, que um bilhão de mentes humanas, das quais uma quantidade considerável é de crianças, decerto não é o suficiente para armazenar na memória todos os dados necessários sobre uma sociedade complexa.

– Mas os humanos não são os únicos seres vivos de Gaia, Trev.

– Quer dizer que animais também se lembram?

– Cérebros diferentes dos humanos não podem acumular lembranças com a mesma densidade que os cérebros humanos, e muito do espaço em todos os cérebros, tanto de humanos como de não humanos, precisa ser usado para guardar recordações pessoais, úteis apenas para aquele componente em particular da consciência planetária. Entretanto, quantidades significativas de dados avançados podem ser, e são, guardados em cérebros animais e também em tecido vegetal e na estrutura mineral do planeta.

– Na estrutura mineral? Refere-se a rochas e cadeias montanhosas?

– E, para alguns tipos de dados, o oceano e a atmosfera. Tudo isso também é Gaia.

– Mas o que sistemas inanimados poderiam memorizar?

– Muita coisa. A intensidade é baixa, mas o volume é tão grande que a maior parte da memória total de Gaia está em suas rochas. É necessário um pouco mais de tempo para resgatar e substituir lembranças contidas nas rochas, portanto é o lugar preferido para o armazenamento dos chamados dados mortos – itens que, no dia a dia, raramente seriam usados.

– O que acontece quando morre alguém cujo cérebro guardava dados de valor considerável?

– Os registros não são perdidos. São lentamente distribuídos pela multidão conforme o cérebro é decomposto após a morte, e há tempo suficiente para espalhar as lembranças para outras partes de Gaia. E,

conforme cérebros novos surgem em bebês e se tornam mais capacitados com o crescimento, não desenvolvem apenas seus pensamentos e recordações pessoais, mas são também alimentados com conhecimento apropriado de outras fontes. O que vocês chamariam de educação é algo totalmente automático para mim/nós/Gaia.

– Sinceramente, Golan – disse Pelorat –, me parece que essa noção de um planeta vivo tem muita coisa a seu favor.

Trevize lançou a seu colega habitante da Fundação um breve olhar de soslaio.

– Tenho certeza de que sim, Janov – respondeu Trevize –, mas isso não me impressiona. O planeta, por maior e mais diverso que seja, representa um cérebro. Apenas um! Todo cérebro novo que surge é fundido com o todo. Onde está a abertura para oposição, para divergências de pontos de vista? Quando você pensa na história humana, pensa no ser humano ocasional cujo ponto de vista minoritário pode ser condenado pela sociedade, mas que acaba vencendo e muda o mundo. Que chances teriam os grandes rebeldes da história em Gaia?

– Existe conflito interno – disse Júbilo. – Nem todos os elementos de Gaia aceitam necessariamente a visão comum.

– Deve ser algo limitado – respondeu Trevize. – É impossível encontrar muita discrepância dentro de um único organismo, ou ele não funcionaria apropriadamente. Se o progresso e o desenvolvimento não puderem ser impedidos, devem, certamente, ser enfraquecidos. Será que podemos arriscar impor isso sobre toda a Galáxia? Sobre toda a humanidade?

– Você agora questiona sua decisão? – perguntou Júbilo, sem demonstrar emoção. – Está mudando de ideia e agora diz que Gaia é um futuro indesejável para a humanidade?

Trevize tensionou os lábios e hesitou.

– Eu gostaria de mudar de ideia, mas... ainda não. Tomei minha decisão com base em alguma coisa, algo inconsciente. Até que eu descubra no que me baseei, não posso decidir verdadeiramente se mantenho ou altero minha escolha. Portanto, voltemos à questão da Terra.

– Lugar onde você acredita que entenderá a natureza do que o levou a tomar sua decisão. É isso, Trevize?

– É o que acho. Pois bem, Dom diz que Gaia não sabe a localização da Terra. E você concorda com ele, creio.

– Claro que concordo com ele. Não sou menos Gaia do que ele.

– E você está omitindo informações de mim? Quero dizer, conscientemente?

– Claro que não. Mesmo que Gaia pudesse mentir, não mentiria para *você*. Dependemos, acima de tudo, de suas conclusões, e precisamos que elas sejam corretas, e isso requer que sejam baseadas na realidade.

– Nesse caso – disse Trevize –, utilizemos sua memória planetária. Sonde o passado e me diga até onde pode se lembrar.

Houve uma pequena hesitação. Júbilo olhou impassivelmente para Trevize – como se, por um instante, estivesse em um transe. Então, disse:

– Quinze mil anos.

– Por que hesitou?

– Levou algum tempo. Lembranças antigas, antigas mesmo, estão quase todas nas raízes das montanhas, e é necessário tempo para extraí-las.

– Quinze mil anos? Foi quando Gaia foi colonizado?

– Não. Até onde sabemos, a colonização aconteceu aproximadamente três mil anos antes disso.

– Por que está na dúvida? Você – ou Gaia – não se lembra?

– Isso foi antes de Gaia se desenvolver e a memória se tornar um fenômeno global – respondeu Júbilo.

– Ainda assim, Júbilo, antes que pudessem contar com a memória coletiva, Gaia deve ter mantido registros. Registros no sentido tradicional: gravados, escritos, filmados, assim por diante.

– Imagino que sim, mas eles não teriam como resistir a todo esse tempo.

– Eles poderiam ter sido copiados ou, melhor ainda, transferidos para a memória global, uma vez que ela estivesse estabelecida.

Júbilo franziu o cenho. Houve outra hesitação, mais demorada dessa vez.

– Não encontro nenhum sinal desses registros aos quais se refere.

– Por quê?

– Eu não sei, Trevize. Suponho que não tenham se provado importantes. Imagino que, no momento em que perceberam que os

primeiros arquivos não memória estavam se degradando, foi decidido que eram arcaicos e não necessários.

– Você não tem como saber isso. Pode supor e imaginar, mas não tem como saber. Gaia não tem como saber isso.

Os olhos de Júbilo murcharam.

– Mas deve ser isso.

– Deve ser? Não sou parte de Gaia e, portanto, não preciso supor o mesmo que Gaia, o que serve como um exemplo da importância do isolamento. Eu, como um Isolado, suponho algo diferente.

– Supõe o quê?

– Primeiro, há algo de que tenho certeza. É pouco provável que uma civilização em existência destrua seus primeiros registros. Longe de considerá-los arcaicos e desnecessários, ela provavelmente os trataria com reverência exagerada e se esforçaria para preservá-los. Se os arquivos pré-globais de Gaia foram destruídos, Júbilo, a destruição não deve ter sido voluntária.

– Então, como explicaria?

– Todas as referências à Terra foram eliminadas da Biblioteca de Trantor por alguém ou alguma força externa aos membros trantorianos da Segunda Fundação. Assim, não seria possível que, também em Gaia, todas as referências à Terra tenham sido removidas por algo externo a Gaia?

– Como sabe que os primeiros registros estão relacionados à Terra?

– De acordo com o que você disse, Gaia foi fundada há pelo menos dezoito mil anos. Isso nos leva ao período anterior à instituição do Império Galáctico, ao período em que a Galáxia estava sendo colonizada e em que a principal fonte de Colonizadores era a Terra. Pelorat pode confirmar tal fato.

Pelorat, pego desprevenido pela súbita referência a si, pigarreou.

– Assim dizem os mitos, minha querida – respondeu. – Levo tais mitos a sério e creio, assim como Golan Trevize, que a espécie humana, originalmente, era limitada a um único planeta, e esse planeta era a Terra. Os primeiros Colonizadores vieram da Terra.

– Portanto – continuou Trevize –, se Gaia foi fundada nos primórdios da viagem hiperespacial, é muito provável que tenha sido colonizada por terráqueos, ou possivelmente por nativos de um planeta não muito antigo que havia sido recentemente colonizado por terráqueos. Por isso, os registros da colonização de Gaia e de seus

primeiros milênios certamente envolveriam a Terra e os terráqueos, e tais registros desapareceram. *Alguma coisa* parece estar fazendo questão de que a Terra não seja mencionada em nenhum registro da Galáxia. Se for este o caso, deve haver alguma razão.

– São apenas conjecturas, Trevize – disse Júbilo, indignada. – Não tem nenhuma prova.

– Mas é Gaia que insiste que meu talento especial é chegar a conclusões certas com base em provas insuficientes. Se eu chegar a uma conclusão sólida, não me diga que não tenho provas.

Júbilo permaneceu em silêncio.

– Mais motivos para encontrar a Terra. Pretendo partir assim que a *Estrela Distante* estiver pronta. Vocês dois ainda querem vir?

– Sim – disse Júbilo imediatamente.

– Sim – disse também Pelorat.

2.

Rumo a Comporellon

5

CHOVIA DE LEVE. TREVIZE OLHOU para o céu, um branco cinzento sólido.

Usava um gorro de chuva que repelia as gotas e as mandava para longe de seu corpo, em todas as direções. Pelorat, fora do alcance das gotas que voavam de Trevize, não usava nenhum acessório para evitar a água.

– Não vejo razão para você se deixar molhar, Janov – disse Trevize.

– A água não me incomoda, meu caro colega – respondeu Pelorat, solene como de costume. – É uma chuva leve e agradável. Não há nenhum vento. Além disso, para citar o ditado, "uma vez em Anacreon, faça como os anacreonianos" – ele indicou os poucos gaianos que estavam próximos da *Estrela Distante*, observando silenciosamente. Estavam espalhados como se fossem árvores em um bosque gaiano, e nenhum deles usava proteção contra a chuva.

– Suponho que nenhum deles se importe com a chuva – disse Trevize –, pois todo o restante de Gaia está se molhando. As árvores, a grama, o solo... Tudo molhado, e tudo parte de Gaia, assim como os gaianos.

– Acho que faz sentido – comentou Pelorat. – Logo, o sol sairá e tudo secará rapidamente. As roupas não ficarão amassadas nem encolherão. Não há sensação de frio e, considerando que não existem microrganismos patogênicos desnecessários, ninguém ficará resfriado, gripado ou com pneumonia. Para que, então, se importar com um pouco de umidade?

Trevize não tinha dificuldade nenhuma em enxergar a lógica daquilo, mas odiava a ideia de abandonar seu ressentimento.

– Ainda assim, não há necessidade de chover em nossa partida. Afinal, a chuva é voluntária. Gaia não choveria se não quisesse. É quase como se demonstrasse seu desprezo por nós.

– Talvez – e os lábios de Pelorat contraíram-se por um instante –

Gaia esteja em prantos por nossa partida.

– Pode ser, mas eu não estou – respondeu Trevize.

– Na verdade – continuou Pelorat –, suponho que o solo nesta região precise ser umedecido, e essa necessidade é mais importante do que seu desejo de que o sol brilhe.

– Desconfio que você gosta mesmo deste mundo – sorriu Trevize. – Digo, independentemente de Júbilo.

– Sim, eu gosto – disse Pelorat, levemente defensivo. – Sempre vivi uma vida calma e ordeira, e pense em como aqui seria bom para mim, todo um planeta se dedicando a manter a calma e a ordem. Afinal, Golan, quando construímos uma casa – ou aquela nave –, tentamos criar o abrigo perfeito. Equipamos com tudo de que precisamos; arranjamos de maneira que a temperatura, a qualidade do ar, a iluminação e tudo o que tenha importância esteja sob nosso controle e que seja manipulado para que nos acomode com perfeição. Gaia é apenas uma amplificação do desejo por conforto e segurança, estendido por todo um planeta. O que há de errado com isso?

– O que há de errado com isso – respondeu Trevize – é que a minha casa ou a minha nave foi feita para se adequar *a mim*. Não fui feito para me adequar *a ela*. Se eu fosse parte de Gaia, por mais adequado que para mim seja o planeta, ficaria imensamente perturbado pelo fato de também ter sido criado para ser adequado para ele.

Pelorat contraiu os lábios e disse:

– Pode-se dizer que toda sociedade molda sua população para que se encaixe em seus ideais. São desenvolvidos costumes que fazem sentido dentro daquela sociedade, e isso acorrenta todos os indivíduos às necessidades dela.

– Nas sociedades que eu conheço, um indivíduo pode se revoltar. Existem excêntricos e até mesmo criminosos.

– Você *quer* excêntricos e criminosos?

– Por que não? Eu e você somos excêntricos. Certamente não somos os habitantes típicos de Terminus. Quanto a criminosos, é uma questão de definição. E se criminosos são o preço que devemos pagar pelos rebeldes, hereges e gênios, estou disposto a pagar. *Exijo* que o preço seja pago.

– Os criminosos são o único pagamento possível? Não podemos ter gênios sem criminosos?

– Você não pode ter gênios e santos sem pessoas que estejam longe

da norma, e não vejo como seria possível ter tais coisas em apenas um dos lados da norma. É de se esperar alguma simetria. De toda maneira, quero um motivo melhor para justificar minha decisão de transformar Gaia no modelo para o futuro da humanidade do que o fato de ser uma versão planetária de uma casa confortável.

– Oh, meu caro amigo. Não estou tentando convencê-lo a ficar satisfeito com sua decisão. Estava apenas fazendo uma observa...

Pelorat interrompeu o raciocínio. Júbilo dava passos largos na direção dos dois, seus cabelos escuros molhados e a vestimenta colando-se a seu corpo, enfatizando a generosa largura de seu quadril. Ela acenava com a cabeça conforme se aproximava.

– Peço desculpas por tê-los atrasado – disse, levemente ofegante. – Levei mais tempo conversando com Dom do que imaginei.

– Decerto – respondeu Trevize – já sabia tudo o que ele sabe.

– Às vezes, é uma questão de diferença de interpretação. Afinal de contas, não somos idênticos e trocamos informações. Escute-me – disse, com um toque de aspereza –, você tem duas mãos. Ambas são parte de você e parecem idênticas, exceto pelo fato de serem a imagem em espelho uma da outra. Mas você não as usa da mesma maneira, usa? Há algumas coisas que faz com sua mão direita e outras que faz com a esquerda. Diferentes interpretações, por assim dizer.

– Ela te pegou – afirmou Pelorat, com óbvia satisfação.

– É uma analogia que funcionaria – Trevize concordou com a cabeça – se tivesse alguma relevância, e não tenho certeza de que tenha. De qualquer maneira, isso quer dizer que agora podemos entrar na nave? Está *chovendo*.

– Sim, sim – respondeu Júbilo. – Não há mais nenhum gaiano a bordo e a nave está em perfeitas condições – e então, com um súbito olhar curioso para Trevize: – Você está seco. As gotas de chuva estão passando longe.

– Sim, de fato – disse Trevize. – Estou evitando a água.

– Mas não é uma sensação boa, molhar-se de vez em quando?

– Definitivamente. Mas por minha própria vontade, não pela da chuva.

– Bom, como queira – Júbilo deu de ombros. – Toda nossa bagagem já foi levada para dentro. Portanto, entremos.

Os três caminharam na direção da *Estrela Distante*. A chuva ficava cada vez mais leve, mas a grama estava encharcada. Trevize viu-se

caminhando com cuidado, mas Júbilo havia tirado suas sandálias, que carregava em uma das mãos, e andava chafurdando os pés descalços na grama.

– É uma sensação maravilhosa – ela disse, em resposta ao olhar de Trevize.

– Que bom – ele respondeu, distraído. Então, com um toque de irritação: – O que aqueles outros gaianos estão fazendo, afinal?

– Estão gravando este evento, que Gaia considera importante. Você é importante para nós, Trevize. Considere que, se mudar de ideia por causa desta viagem e decidir algo que não seja a nosso favor, nunca nos tornaremos Galaksia, e talvez nem continuemos Gaia.

– Então represento vida ou morte para Gaia. Para o mundo todo.

– Acreditamos que sim.

Trevize parou repentinamente e tirou seu chapéu de chuva. Trechos azuis do céu apareciam entre as nuvens.

– Vocês têm meu voto a favor *no momento* – disse. – Se me matarem, eu não poderia mudá-lo.

– Golan – murmurou Pelorat, chocado –, isso é algo terrível de se dizer.

– Típico de um Isolado – disse Júbilo, calmamente. – Trevize, você precisa entender que não estamos interessados em você como pessoa, e nem mesmo em seu voto, mas na verdade, nos fatos. Você é importante apenas como um condutor para a verdade, e seu voto, apenas como uma indicação da verdade. É isso que queremos de você, e se o matarmos para evitar uma mudança em seu voto, estaríamos apenas escondendo a verdade de nós mesmos.

– Se eu disser que a verdade é contra Gaia, então todos vocês concordariam alegremente com a morte?

– Talvez não alegremente, mas seria isso que aconteceria.

Trevize negou com a cabeça.

– Se alguma coisa poderia me convencer de que Gaia é um horror e que *deveria* morrer, talvez tenha sido essa declaração que acabou de fazer – e então seus olhos se voltaram para os gaianos que observavam (e presumivelmente, ouviam) pacientemente. – Por que estão espalhados dessa maneira? E por que precisa de tantos? Se um deles observar este evento e guardar em sua memória, não estaria disponível para todo o resto do planeta? Não poderia ser armazenado em um milhão de receptáculos diferentes, se quisessem?

– Cada um deles observa de um ângulo diferente – respondeu Júbilo –, e cada um armazena em um cérebro ligeiramente diferente. Quando todas as observações forem estudadas, o que está acontecendo agora será compreendido com muito mais profundidade a partir de todos os pontos de vista combinados do que a partir de apenas um deles.

– Em outras palavras, o todo é maior do que a soma de suas partes.

– Exatamente. Você compreendeu a justificativa básica da existência de Gaia. Você, como indivíduo humano, é composto, talvez, por cinquenta trilhões de células, mas você, como indivíduo multicelular, é muito mais importante do que esses cinquenta trilhões e a soma de suas importâncias individuais. Certamente concorda com isso.

– Sim – respondeu Trevize –, concordo.

Ele pisou dentro da nave e se virou por um instante, para ver Gaia uma última vez. A breve chuva havia oferecido um novo frescor ao ar. Viu um mundo verdejante, vistoso, calmo e pacífico; um jardim de serenidade dentro da turbulência de uma Galáxia saturada.

E Trevize desejou, com toda a sinceridade, nunca mais ver aquilo.

6

Quando a câmara de descompressão se fechou atrás deles, Trevize sentiu como se tivesse fechado as portas não exatamente de um pesadelo, mas de uma anormalidade tão intensa que o havia impedido de respirar livremente.

Tinha plena consciência de que um elemento daquela anormalidade continuava com ele, personificado em Júbilo. Enquanto ela estivesse ali, Gaia também estaria. Ainda assim, Trevize estava convencido de que sua presença era essencial – era a caixa-preta em funcionamento mais uma vez. Ele desejou intensamente nunca confiar demais naquela caixa-preta.

Olhou à volta e a embarcação continuava incrível. Era sua desde que a prefeita Harla Branno, da Fundação, o forçara para dentro da nave e o mandara para as estrelas – um para-raios de carne e osso feito para atrair a hostilidade daqueles que ela considerava inimigos da Fundação. Seu dever fora cumprido, mas a nave ainda era dele, e

ele não tinha nenhuma intenção de devolvê-la.

Era sua havia apenas alguns meses, mas era como sua casa, e mal conseguia se lembrar do que fora sua casa em Terminus.

Terminus! O eixo principal da Fundação que, de acordo com o Plano Seldon, era destinado a formar um segundo Império Galáctico, ainda maior do que o Primeiro, nos próximos cinco séculos – exceto que ele, Trevize, havia desviado o Plano. Com sua decisão, estava convertendo a Fundação a nada e, em vez disso, dava abertura a uma nova sociedade, a um novo esquema de vida, uma revolução assustadora, maior do que todas as ocorridas desde o desenvolvimento de vida pluricelular.

Agora se envolvia em uma viagem concebida para provar a si mesmo que sua decisão fora acertada – ou para refutá-la.

Viu-se imóvel e perdido em pensamentos e, por isso, sacudiu-se, irritado. Apressou-se à sala de comando. O computador ainda estava ali, e estava lustroso. Tudo estava lustroso. A nave havia passado por uma limpeza muito cuidadosa. Os interruptores que acionou quase aleatoriamente funcionaram com perfeição, aparentemente com mais competência do que nunca. O sistema de ventilação estava tão silencioso que ele precisou colocar as mãos sobre as ventoinhas para ter certeza de que sentia correntes de vento.

O círculo luminoso no painel do computador brilhava sedutoramente. Trevize o tocou. A luz se espalhou até cobrir a área de trabalho, e os contornos de duas mãos surgiram. Ele respirou fundo, e percebeu que não respirava havia algum tempo. Os gaianos não sabiam nada sobre a tecnologia da Fundação e poderiam facilmente ter danificado o computador, mesmo sem nenhuma intenção. Até agora, nada parecia estar errado – as mãos ainda estavam ali.

Mas o teste crucial viria quando ele colocasse as mãos nos contatos – por um momento, hesitou. Saberia, quase de imediato, se houvesse alguma coisa errada. Mas, se houvesse, o que poderia fazer? Se necessitasse de reparos, precisaria voltar a Terminus e, se o fizesse, tinha quase certeza de que a prefeita Branno não o deixaria ir embora. E, se não fosse embora...

Podia sentir seu coração pulsando. Era evidente que não havia nenhuma razão para aumentar o suspense.

Estendeu as mãos e colocou-as nos contornos sobre a área de trabalho. Instantaneamente teve a ilusão de que outro par de mãos

segurava as suas. Seus sentidos se expandiram e ele pôde ver Gaia em todas as direções, verde e úmida, os gaianos ainda os observando. Quando instruiu o computador a olhar para cima, viu um céu encoberto de nuvens. Mais uma vez sob seu comando, atravessou as nuvens e estava diante de um céu completamente azul, o sol de Gaia exibido através de filtros.

Mais um comando, o azul se desfez e ele viu as estrelas. Apagou-as e guiou a máquina para ver a Galáxia, que parecia um redemoinho em perspectiva. Ele testou a imagem computadorizada, ajustando a orientação, alterando o progresso aparente do tempo, fazendo-a girar primeiro em uma direção, depois na outra. Localizou o sol de Sayshell, a estrela de grande importância mais próxima de Gaia; então buscou o sol de Terminus e, em seguida, o de Trantor, um após o outro. Viajou de estrela em estrela pelo mapa galáctico que habitava as entranhas do computador.

Retirou as mãos dos contatos e deixou que o mundo real o cercasse novamente – e percebeu que estivera em pé o tempo todo, inclinado sobre o computador para fazer o contato manual. Sentiu-se dolorido e precisou alongar os músculos das costas antes de se sentar.

Olhou para o computador, sentindo um caloroso alívio. Funcionara perfeitamente. Se havia alguma diferença, era positiva; respondia com mais rapidez, e Trevize sentiu o que poderia descrever apenas como amor. Afinal, quando segurava aquelas mãos (recusava-se terminantemente a admitir para si mesmo que as considerava mãos femininas), ele e a máquina faziam parte um do outro, e sua vontade direcionava, controlava, vivia a experiência; fazia parte de um "eu" maior. Ele e o computador talvez sentissem, de certa maneira (pensou subitamente e com grande inquietação), o que Gaia fazia em proporção muito maior.

Sacudiu a cabeça. Não! Naquela situação entre ele e o computador, era Trevize quem controlava tudo. O computador era algo totalmente submisso.

Ele se levantou e foi até a pequena cozinha e refeitório. Havia bastante comida de todos os tipos, com refrigeração apropriada e equipamentos para aquecimento rápido. Já tinha reparado que os livro-filmes em seu quarto estavam na ordem certa, e tinha considerável certeza – ou melhor, certeza absoluta – de que Pelorat guardara sua biblioteca pessoal, armazenada em uma placa eletrônica,

em um lugar seguro. Já teria ouvido reclamações, se não fosse o caso.

Pelorat! Um pensamento veio à mente de Trevize, e ele foi até o quarto de Pelorat.

– Há espaço para Júbilo, Janov?

– Oh, sim, bastante.

– Posso converter a sala comum em um quarto para ela.

Júbilo olhou para Trevize, olhos arregalados.

– Não desejo um quarto separado. Estou muito contente de ficar aqui com Pel. Mas suponho que poderei usar outros aposentos, quando necessário. A sala de ginástica, por exemplo.

– Certamente. Qualquer um, exceto o meu.

– Ótimo. É isso que eu teria sugerido como acordo, se tivesse poder de decisão. Naturalmente, você também ficará fora do nosso.

– Naturalmente – respondeu Trevize, olhando para baixo e reparando que seus pés estavam parcialmente dentro do quarto. Ele deu um passo para trás e disse, com dureza: – Isso não é um quarto de núpcias, Júbilo.

– Considerando seu tamanho reduzido – respondeu Júbilo –, eu diria que é exatamente isso, mesmo que Gaia tenha aumentado o espaço em quase metade.

Trevize tentou não sorrir.

– Vocês precisarão ser muito amigáveis um com o outro.

– E somos – disse Pelorat, claramente desconfortável com o tema da conversa –, mas, velho amigo, pode deixar que descobriremos uma maneira de lidar com essa situação.

– Na verdade, não posso deixar – respondeu Trevize, lentamente. – Ainda quero esclarecer que não se trata de uma acomodação para uma lua de mel. Não tenho objeções contra nada do que façam em consenso mútuo, mas precisam entender que não terão privacidade. Espero que entenda isso, Júbilo.

– Há uma porta – disse Júbilo –, e imagino que você não nos incomodará quando ela estiver trancada, a não ser que haja uma emergência real.

– Claro que não incomodarei. Entretanto, não há isolamento acústico.

– Então o que está dizendo, Trevize – respondeu Júbilo –, é que ouvirá, com bastante clareza, qualquer conversa que mantivermos e qualquer som que façamos durante o intercurso sexual.

– Sim, é isso que estou dizendo. Com isso em mente, espero que concordem que precisarão limitar as atividades enquanto estiverem aqui. Isso talvez os incomode, e lamento, mas é essa a situação.

Pelorat pigarreou e disse, gentilmente:

– Na verdade, Golan, esse é um problema que já tive de enfrentar. Você sabe que qualquer experiência sensorial que Júbilo tenha comigo é compartilhada com todo o planeta Gaia.

– Já pensei nisso, Janov – respondeu Trevize, com uma expressão de alguém que reprime um arrepio de desgosto. – Tomei cuidado para não falar no assunto, caso o pensamento ainda não tivesse lhe ocorrido.

– Mas receio dizer que me ocorreu.

– Não crie caso com isso, Trevize – disse Júbilo. – Há milhares de seres humanos em Gaia praticando sexo, e milhões comendo, bebendo ou envolvidos com outras atividades prazerosas, o tempo todo. Isso resulta em uma aura geral de exultação que Gaia sente, cada parte dela. Os animais inferiores, as plantas e os minerais têm seus prazeres progressivamente mais brandos que também contribuem para uma alegria de consciência que Gaia sente em todas as partes, o tempo todo, e que não é sentida por nenhum outro mundo.

– Temos nossas próprias alegrias particulares – respondeu Trevize –, que podemos compartilhar de alguma forma ou manter pessoais, se desejarmos.

– Se pudesse sentir a nossa, saberia o quão paupérrimos são os Isolados nesse aspecto.

– Como pode saber o que sentimos?

– Mesmo sem saber como se sentem, é razoável supor que um mundo comum de prazeres deve ser mais intenso do que aqueles disponíveis para um único indivíduo isolado.

– Talvez. Mas, mesmo que meus prazeres sejam paupérrimos, eu manteria minhas próprias alegrias e dissabores, por mais rarefeitos que sejam, e ficaria satisfeito com eles. Eu seria *eu mesmo*, e não irmão de sangue da rocha mais próxima.

– Não desdenhe – disse Júbilo. – Você dá valor para cada partícula mineral em seus ossos e dentes e não gostaria de danificá-las, ainda que elas não tenham mais consciência do que uma partícula mineral comum do mesmo tamanho.

– Até que é verdade – respondeu Trevize, relutante –, mas estamos

fugindo do assunto. Não me importo se Gaia inteira compartilhe de sua alegria, Júbilo, mas *eu* não quero compartilhar. Aqui vivemos muito próximos um do outro e não desejo ser forçado a participar de suas atividades, nem mesmo indiretamente.

– É uma discussão sem fundamento, meu caro amigo – interveio Pelorat. – Não tenho a menor intenção de violar sua privacidade. E nem a minha, aliás. Júbilo e eu seremos decorosos, não é mesmo, Júbilo?

– Será como quiser, Pel.

– Afinal – completou Pelorat –, é bastante provável que passemos mais tempo em superfície planetária do que no espaço e, nos planetas, as oportunidades para privacidade genuína...

– Não me importo com o que façam nos planetas – interrompeu Trevize –, mas, nesta nave, estou no comando.

– Exato – respondeu Pelorat.

– Com isso esclarecido, é hora de decolarmos.

– Espere um pouco – Pelorat estendeu o braço para puxar a manga de Trevize. – Decolar para onde? Você não sabe onde está a Terra, nem eu sei, nem Júbilo. E nem o seu computador, pois você me contou, algum tempo atrás, que ele não tem nenhuma informação sobre a Terra. Então, o que pretende fazer? Não pode simplesmente ficar à deriva no espaço aleatoriamente, meu caro amigo.

Ao ouvir aquilo, Trevize sorriu com o que era quase alegria. Pela primeira vez desde que caíra nas garras de Gaia, sentiu-se dono do próprio destino.

– Eu garanto, Janov – disse –, que ficar à deriva não é minha intenção. Sei exatamente para onde estou indo.

7

Pelorat entrou silenciosamente na sala do piloto depois de esperar por algum tempo por uma resposta à sua discreta batida na porta. Encontrou Trevize analisando, absorto, o mapa estelar.

– Golan... – disse Pelorat, e esperou.

Trevize tirou os olhos da tela.

– Janov! Sente-se. Onde está Júbilo?

– Dormindo. Vejo que estamos no espaço.

– Sim, correto – Trevize não se surpreendeu com a leve surpresa do outro. Com as novas espaçonaves gravitacionais, era simplesmente impossível detectar a decolagem. Não havia nenhum efeito de inércia, nenhum empuxo de aceleração, nenhum ruído, nenhuma vibração.

Com a capacidade de se isolar de campos grativacionais exteriores, com níveis variáveis de isolamento que progridem até o isolamento total, a *Estrela Distante* deixava uma superfície planetária como se flutuasse em algum tipo de oceano cósmico. Enquanto fazia isso, o efeito gravitacional *interno* da nave continuava, ironicamente, inalterado.

Enquanto a espaçonave estivesse dentro de uma atmosfera, não havia necessidade de aceleração e, por isso, os gemidos e as vibrações causados pelo ar, que passava rapidamente, não existiam. Entretanto, quando a atmosfera era deixada para trás, a aceleração era, às vezes, necessária, e podia chegar a graus elevados sem afetar os passageiros.

Era a última palavra em conforto e Trevize não saberia dizer como aperfeiçoá-la, pelo menos não até que os seres humanos descobrissem uma maneira de cortar o hiperespaço sem usar naves e sem preocupações em relação a campos gravitacionais próximos serem intensos demais. Naquele momento, a *Estrela Distante* precisava distanciar-se do sol de Gaia por vários dias antes de a intensidade gravitacional ser fraca o suficiente para a realização do Salto hiperespacial.

– Golan, meu caro colega – disse Pelorat. – Posso conversar com você um instante? Está muito ocupado?

– Não estou nada ocupado. O computador faz tudo, uma vez que eu tenha dado as instruções apropriadas. E ele parece, às vezes, adivinhar o que vou ordenar, e cumpre as ordens antes mesmo que eu possa articulá-las. – Trevize acariciou o topo da mesa com carinho.

– Nós nos tornamos bons amigos, Golan – prosseguiu Pelorat –, nesse breve período de tempo desde que nos conhecemos, mesmo que eu deva admitir que esse período não pareça nada breve para mim. Tanta coisa aconteceu. É algo muito peculiar, quando paro para pensar em minha vida razoavelmente longa, que metade dos eventos dos quais fiz parte se espremeu nos últimos meses. Pelo menos é o que parece. Posso quase imaginar que...

– Janov – Trevize ergueu uma mão –, estou certo de que você está saindo pela tangente do assunto sobre o qual quer falar. Começou

dizendo que ficamos muito próximos em um curto período de tempo. Sim, ficamos, e ainda somos. Aliás, você conhece Júbilo há menos tempo ainda, e ficou ainda mais próximo dela.

– Isso é diferente, claro – respondeu Pelorat, pigarreando com certo embaraço.

– Claro – disse Trevize –, mas o que gostaria de dizer sobre nossa breve, mas contínua amizade?

– Se, meu caro, ainda somos amigos, como acaba de dizer, falarei sobre isso com Júbilo, que, como também acaba de dizer, é especialmente prezada por mim.

– Entendo. E o que deseja?

– Eu sei, Golan, que você não gosta de Júbilo, mas, pela consideração que tem por mim, eu gostaria...

Trevize ergueu uma mão.

– Espere, Janov – disse. – Não me derreto por Júbilo, mas tampouco sinto ódio por ela. Na verdade, não tenho nenhuma animosidade contra ela. É uma moça com atrativos e, mesmo se não fosse, em consideração a você, eu estaria disposto a achar que sim. O meu desgosto é por *Gaia*.

– Mas Júbilo *é* Gaia.

– Eu sei, Janov. É isso que complica tanto a questão. Desde que eu pense em Júbilo como pessoa, não há problema. Se eu pensar nela como Gaia, é um problema.

– Mas, Golan, você não deu nenhuma chance a Gaia. Escute, velho amigo, permita-me fazer uma confissão. Quando eu e Júbilo nos envolvemos intimamente, ela, de vez em quando, permite que eu compartilhe sua mente por um ou dois minutos. Nunca além disso, porque ela diz que sou velho demais para me adaptar àquilo – oh, não me venha com esse sorriso, Golan. Você também seria velho demais. Se um Isolado, como eu ou você, permanecesse parte de Gaia por mais do que um ou dois minutos, poderia haver danos cerebrais e, se chegasse a cinco ou dez minutos, seria algo irreversível. Mas se ao menos você pudesse experimentar, Golan.

– O quê? Danos cerebrais irreversíveis? Não, obrigado.

– Golan, você está deliberadamente entendendo errado. Estou falando desse pequeno momento de união. Você não tem ideia do que está perdendo. É indescritível. Júbilo diz que é uma sensação de alegria. É como dizer que há uma sensação de alegria quando você

finalmente bebe um pouco de água quando está à beira da morte por desidratação. Eu não poderia nem começar a explicar. Você compartilha todos os prazeres que um bilhão de pessoas estão sentindo separadamente. Não é uma alegria uniforme; se fosse, você logo deixaria de percebê-la. É uma vibração... Um lampejo... Um estranho pulsar que nunca o abandona. É mais alegria... não, não mais. É uma alegria *melhor* do que é possível sentir isoladamente. Dá vontade de chorar quando ela quebra a conexão...

– Você é incrivelmente eloquente, meu bom amigo – respondeu Trevize –, mas soa como se estivesse descrevendo um vício em pseudoendorfina, ou em alguma outra droga que garante alegria a curto prazo, à custa de deixá-lo permanentemente horrorizado no longo prazo. Não comigo! Eu me recuso a vender minha individualidade por uma sensação passageira de uma alegria qualquer.

– Ainda tenho minha individualidade, Golan.

– Mas por quanto tempo terá, Janov, se continuar com isso? Você há de implorar por cada vez mais até que, enfim, seu cérebro fique danificado. Você não pode deixar que Júbilo faça isso com você, Janov. Talvez eu devesse falar com ela.

– Não! Não fale! Você não é a personificação do tato, sabe, e não quero que ela fique magoada. Garanto que ela tem mais cuidado com essa questão do que você imagina. Ela está mais preocupada com a possibilidade de dano cerebral do que eu. Pode ter certeza.

– Pois bem, então falarei com você. Janov, não faça mais isso. Você viveu por cinquenta e dois anos com seus próprios prazeres e alegrias, e seu cérebro está adaptado a lidar com eles. Não seja arrebatado por um vício novo e estranho. Existe um preço a ser pago; se não imediatamente, no longo prazo.

– Sim, Golan – disse Pelorat com tom grave, olhando para as pontas de seus sapatos. – Mas pense neste ponto de vista. Suponha que você fosse uma criatura unicelular...

– Sei o que vai dizer, Janov. Esqueça. Eu e Júbilo já discutimos essa analogia.

– Sim, mas pense por um instante. Conceba organismos unicelulares com um nível humano de consciência e com a capacidade do pensamento, e imagine que eles se veem diante da possibilidade de se tornar um organismo pluricelular. Os organismos unicelulares lamentariam a perda de suas individualidades e se ressentiriam

amargamente do agrupamento forçado com a personalidade de um organismo maior, não é? E eles estariam errados? Pode uma única célula conceber o poder do cérebro humano?

– Não, Janov – Trevize negou agressivamente com a cabeça –, é uma analogia falsa. Organismos unicelulares *não têm* consciência nem capacidade de pensamento, ou, se tiverem, são tão infinitesimais que podem ser consideradas zero. Para algo assim, agrupar-se e perder individualidade é perder algo que nunca tiveram de verdade. Entretanto, um ser humano *é* consciente e *tem* a capacidade do pensamento. Tem consciência e inteligência genuínas para perder. Portanto, a analogia não é válida.

Por alguns instantes, houve um silêncio entre os dois, um silêncio quase opressivo, e então Pelorat, tentando levar a conversa a uma nova direção, disse:

– Por que está tão concentrado na tela?

– Força do hábito – respondeu Trevize, com um sorriso torto. – O computador me diz que não há nenhuma nave gaiana nos seguindo e que não há nenhuma frota sayshelliana vindo em minha direção. Ainda assim, observo, ansioso, conformado com minha própria incapacidade de ver essas naves, considerando que os sensores do computador são centenas de vezes mais precisos e com alcance muito maior do que meus olhos. Além disso, o computador é capaz de captar algumas propriedades do espaço com muita sutileza, propriedades que meus sentidos não podem captar de maneira nenhuma. Mesmo sabendo tudo isso, observo a tela.

– Golan – disse Pelorat –, se de fato somos amigos...

– Prometo-lhe que não farei nada que possa afligir Júbilo; pelo menos, nada que eu possa evitar.

– Agora, outra questão. Você não me informou sobre nosso destino, como se não confiasse em mim em relação a essa informação. Para onde estamos indo? Você acredita saber onde está a Terra?

Trevize levantou os olhos da tela, sobrancelhas erguidas.

– Eu lamento. Tenho agido como se fosse um segredo, não é?

– Sim, mas por quê?

– Boa pergunta – respondeu Trevize. – Eu me pergunto, meu amigo, se não é um problema com Júbilo.

– Júbilo? Você não quer que *ela* saiba. Garanto, velho amigo, que ela é *totalmente* de confiança.

– Não é isso. Qual seria a utilidade de não confiar nela? Desconfio que ela pode arrancar qualquer segredo da minha mente, se assim desejar. Acho que tenho uma motivação mais infantil do que essa. Tenho a sensação de que você tem prestado atenção apenas nela, e que eu não existo mais.

– Mas isso não é verdade – respondeu Pelorat, horrorizado.

– Eu sei, mas estou tentando entender meus próprios sentimentos. Você acabou de se abrir sobre seus receios em relação à nossa amizade e, pensando nisso, sinto que tive os mesmos medos. Não admiti para mim mesmo, mas acho que me senti excluído por Júbilo. Talvez eu esteja tentando "me vingar" ao ser petulante e esconder informações de você. Imaturo, creio.

– Golan!

– Eu falei que era infantil, não falei? Onde está a pessoa que não é infantil de vez em quando? Mas somos amigos. Concordamos com isso e, portanto, não farei mais joguinhos. Estamos a caminho de Comporellon.

– Comporellon? – perguntou Pelorat, momentaneamente esquecido.

– Certamente lembra-se de meu amigo, Munn Li Compor, o traidor. Nós o encontramos em Sayshell.

O rosto de Pelorat demonstrou uma visível expressão de esclarecimento.

– Claro que lembro. Comporellon era o mundo de seus ancestrais.

– *Se* for verdade. Não acredito necessariamente no que Compor nos disse. Mas Comporellon é um mundo conhecido, e Compor afirmou que seus habitantes sabem sobre a Terra. Pois bem, vamos até lá descobrir. Talvez não dê em nada, mas é o único ponto de partida que temos.

Pelorat pigarreou e pareceu estar em dúvida.

– Oh, meu caro colega, tem certeza?

– Não há nada que possa garantir certeza ou incerteza. Temos um ponto de partida e, por mais frágil que seja, não temos escolha senão usá-lo.

– Sim, mas se formos nos basear em Compor, então talvez devamos levar em consideração tudo o que ele disse. Lembro-me de que ele nos contou, enfaticamente, que a Terra não existe como um planeta vivo; que sua superfície é radioativa e que é totalmente sem vida. Se for o caso, vamos para Comporellon sem nenhum propósito.

8

Os três almoçavam no refeitório, o que praticamente lotava a sala.

– Isso é muito gostoso – disse Pelorat, com considerável satisfação. – Faz parte dos suprimentos que trouxemos de Terminus?

– Não – respondeu Trevize. – Aquilo acabou faz tempo. Isso faz parte dos suprimentos que trouxemos de Sayshell, antes de seguirmos para Gaia. Diferente, não é? Algum tipo de fruto do mar bem crocante. E isso aqui, tive a impressão de que era repolho quando trouxe a bordo, mas o gosto não é nada parecido.

Júbilo ouvia a conversa, mas não fazia nenhum comentário. Cutucava a comida em seu prato, com cautela.

– Você precisa comer, querida – disse Pelorat, gentilmente.

– Eu sei, Pel, e estou comendo.

Trevize, com um toque de impaciência que não conseguiu suprimir, disse:

– Júbilo, temos comida gaiana.

– Eu sei – respondeu Júbilo –, mas prefiro economizá-la. Não sabemos quanto tempo ficaremos no espaço e tenho de aprender a comer alimentos de Isolados.

– É assim tão ruim? Ou gaianos só devem comer coisas de Gaia?

– Na verdade – suspirou Júbilo –, temos um ditado que diz: "Quando Gaia se alimenta de Gaia, não há perda ou ganho". Não é nada além de uma transferência de consciência para cima ou para baixo da escala. O que quer que eu coma em Gaia *é* Gaia e, quando boa parte disso é metabolizado e transforma-se em mim *ainda* é Gaia. Na verdade, ao me alimentar, parte do que degusto tem chance de participar de uma intensidade maior de consciência, enquanto outras porções são transformadas em dejetos de tipos diferentes e, portanto, descem na escala de consciência.

Ela deu uma grande mordida em sua comida, mastigou vigorosamente por um instante, engoliu e continuou:

– Representa um vasto ciclo. As plantas crescem e são comidas por animais. Os animais comem e são comidos. Qualquer organismo que morra é incorporado pelas células de mofo e de bactérias decompositoras, e assim por diante. Ainda é Gaia. Nesse vasto ciclo de consciência, até mesmo matéria inorgânica participa, e tudo nesse ciclo tem sua chance de participar periodicamente de uma intensidade

maior de consciência.

– Tudo isso – respondeu Trevize – pode ser dito de qualquer mundo. Todos os átomos em mim têm uma longa história, durante a qual eles podem ter feito parte de muitos seres vivos, inclusive humanos, e durante a qual podem também ter feito parte do mar, ou de um pedaço de carvão, ou de uma rocha, ou parte do vento que sopra em nós.

– Entretanto, em Gaia – disse Júbilo –, todos os átomos são também parte contínua de uma consciência planetária maior sobre a qual você não sabe nada.

– Pois bem, o que acontece, então – continuou Trevize –, com esses vegetais de Sayshell que está comendo? Eles se tornam parte de Gaia?

– Sim, bem lentamente. E os dejetos que excreto também deixam lentamente de ser parte de Gaia. Afinal, o que deixa meu corpo não tem nenhum contato com Gaia. Fica até mesmo sem o contato hiperespacial, menos direto, que posso manter graças ao meu alto nível de intensidade de consciência. É esse contato hiperespacial que faz a comida não gaiana tornar-se lentamente parte de Gaia, depois de eu ingeri-la.

– E a comida gaiana em nosso estoque? Ela lentamente deixará de ser gaiana? Se for o caso, é melhor comer o mais rápido possível.

– Não há razão para se preocupar com isso – respondeu Júbilo. – Nossos estoques gaianos foram tratados para permanecer parte de Gaia por um longo período de tempo.

– Mas o que acontecerá – disse Pelorat, subitamente – quando *nós* comermos a comida gaiana? Aliás, o que aconteceu conosco quando comemos alimentos gaianos em Gaia? Estaríamos lentamente nos tornando Gaia?

Júbilo negou com a cabeça e uma peculiar expressão de perturbação surgiu em seu rosto.

– Não, o que vocês comeram perdeu-se para nós. Ou, pelo menos, as porções que foram metabolizadas por seus tecidos perderam-se. O que excretaram ficou em Gaia ou lentamente tornou-se Gaia e, assim, o equilíbrio foi mantido, mas numerosos átomos de Gaia se tornaram não Gaia como resultado de sua visita.

– Por que isso aconteceu? – perguntou Trevize, curioso.

– Porque vocês não teriam conseguido suportar a conversão, nem mesmo uma conversão parcial. Eram nossos convidados, trazidos ao

nosso planeta, de certa maneira, por necessidade, e precisávamos protegê-los do perigo, mesmo à custa de pequenos fragmentos de Gaia. Foi um preço que estávamos dispostos a pagar, mas não foi barato.

– Lamentamos por isso – disse Trevize –, mas tem certeza de que a comida não gaiana, ou alguns tipos de comida não gaiana, não poderiam, por sua vez, prejudicar *você*?

– Não – respondeu Júbilo. – O que é comestível para vocês é comestível para mim. Tenho apenas o problema adicional de metabolizar essa comida para além de meus próprios tecidos. Metabolizo para dentro de Gaia também. Isso representa uma barreira psicológica que estraga o prazer que eu sentiria com a comida e faz com que eu coma devagar, mas hei de superar com o tempo.

– E doenças? – interveio Pelorat, em um tom alarmado. – Como não pensei nisso antes? Júbilo! Qualquer mundo que visitar deve ter microrganismos contra os quais você não tem defesa e morrerá de alguma doença infecciosa qualquer. Trevize, precisamos voltar.

– Não entre em pânico, Pel, querido – respondeu Júbilo, sorrindo. – Microrganismos também são assimilados por Gaia quando fazem parte da comida ou quando entram em meu corpo de alguma outra forma. Se parecer que eles estão em processo de me fazer mal, serão assimilados mais rapidamente e, uma vez que se tornem parte de Gaia, não me prejudicarão.

A refeição terminou e Pelorat bebericou sua mistura quente e picante de sucos de frutas.

– Puxa – disse –, acho que chegou o momento de mudar de assunto mais uma vez. Parece-me que minha única função nessa nave é mudar o assunto. Por que será?

– Porque Júbilo e eu – respondeu Trevize, solenemente – insistimos até a morte em qualquer assunto que discutimos. Dependemos de você, Janov, para salvar nossa sanidade. Que assunto deseja abordar, velho amigo?

– Analisei meu material de referência em busca de informações sobre Comporellon, e o setor inteiro do qual ele faz parte é rico em lendas antigas. Eles determinaram que a colonização aconteceu em um passado muito distante, no primeiro milênio de viagens hiperespaciais. Comporellon menciona até um lendário fundador, chamado Benbally, apesar de não dizerem de onde ele veio. Afirmam que o nome original

do planeta era Mundo Benbally.

– E quão verdadeiro é tudo isso, Janov, em sua opinião?

– A essência, talvez, mas é difícil imaginar que essência é essa.

– Nunca ouvi falar de ninguém chamado Benbally. Você já ouviu?

– Não ouvi, mas você sabe que, no final da era Imperial, houve uma deliberada supressão de história pré-Império. Os imperadores, nos turbulentos séculos finais do Império, estavam ansiosos para reduzir o patriotismo local, pois o consideravam, com amplas razões, uma influência fragmentadora. Por isso, a história propriamente dita, com registros completos e cronologia precisa, começa apenas nos dias em que a influência de Trantor espalhou-se e quando o setor em questão aliou-se ao Império ou foi conquistado por ele. Isso em quase todos os setores da Galáxia.

– Eu nunca poderia imaginar que a história seria assim tão fácil de erradicar – comentou Trevize.

– De muitas maneiras, não é – respondeu Pelorat –, mas um governo poderoso e determinado pode enfraquecê-la bastante. E, se for enfraquecida o suficiente, a história antiga passa a depender de material raro e tende a se degenerar até se tornar lenda popular. Invariavelmente, essas lendas acabam repletas de exageros e ilustram aquele setor como sendo mais antigo ou mais poderoso do que, muito provavelmente, foi ou é de fato. E, apesar de quão tola ou obviamente inverossímil uma lenda específica é, acreditar nela torna-se uma questão de patriotismo entre os nativos. Posso mostrar lendas de cada canto da Galáxia que falam sobre a colonização original ter sido feita diretamente pela Terra, apesar de esse nem sempre ser o nome atribuído ao planeta-pai.

– Do que mais o chamam?

– De vários nomes. Às vezes, chamam-no de O Único; às vezes, de O Antiquíssimo. Ou chamam de Mundo Minguante, o que, de acordo com algumas autoridades no assunto, é uma referência ao seu satélite gigante. Outros afirmam que significa “Mundo Perdido”, e que “Minguante” é algum tipo de palavra pré-Padrão Galáctico que significa “decadente” ou “declinante”.

– Janov, pare! – interveio Trevize, gentilmente. – Você continuará eternamente com seus argumentos e contra-argumentos. Essas lendas, você diz, estão por toda parte?

– Ah, sim, meu caro amigo. Por toda parte. Basta analisá-las para se

ter uma ideia do costume humano de começar com uma semente de verdade e sobrepor a ela camadas e camadas de mentiras atraentes, do mesmo jeito que fazem as ostras de Rhampora, formando pérolas a partir de um grão de areia. Esbarrei justamente nessa metáfora certa vez, quando...

– Janov! Mais uma vez, pare! Diga-me, existe alguma coisa nas lendas de Comporellon que seja diferente das outras?

– Hm – inexpressivo, Pelorat encarou Trevize por um momento. – Diferente? Bom, eles dizem que a Terra fica relativamente próxima, e isso é incomum. Na maioria dos planetas em que se fala sobre a Terra, sob qualquer nome que se opte por usar, há uma tendência à imprecisão em relação à localização, colocando-a a uma distância grande e indefinida ou em algum lugar impossível.

– Sim – concordou Trevize –, como aqueles em Sayshell que nos disseram que Gaia estava no hiperespaço.

Júbilo riu.

Trevize olhou para ela de relance.

– É verdade – disse. – Foi o que nos disseram.

– Não duvido. É divertido, só isso. Trata-se, claro, do que queremos que acreditem. A única coisa que queremos é ser deixados em paz, e onde é mais seguro e protegido do que o hiperespaço? Não estamos lá, mas se as pessoas acreditarem nisso, é como se estivéssemos.

– Sim – disse Trevize, secamente –, e, da mesma maneira, existe alguma coisa que faz as pessoas acreditarem que a Terra não existe, ou que está muito longe, ou que é uma casca radioativa.

– Mas – completou Pelorat – os comporellanos acreditam que ela está relativamente perto deles.

– Ainda assim, atribuem a ela uma casca radioativa. De alguma maneira, qualquer grupo que tenha uma lenda sobre a Terra considera aquele planeta inalcançável.

– É mais ou menos isso – concordou Pelorat.

– Muitas pessoas em Sayshell – disse Trevize – acreditavam que Gaia estava próxima; alguns até identificaram seu sol corretamente; mas ainda assim todos a consideravam inalcançável. Pode haver alguns comporellanos que insistam que a Terra é radioativa e sem vida, mas que possam identificar sua estrela. E então nos aproximaremos, por mais inalcançável que acreditem ser. Fizemos exatamente isso com Gaia.

– Gaia estava disposta a recebê-los, Trevize – interveio Júbilo. – Vocês estavam indefesos sob nosso poder, mas nunca tivemos intenção de feri-los. E se a Terra também for poderosa, mas não benevolente? O que acontecerá?

– Preciso ir até lá, de qualquer maneira, e aceitar as consequências. Entretanto, essa missão é *minha*. Quando eu localizar a Terra e começar minha jornada, não será tarde demais para vocês irem embora. Eu os deixarei no planeta da Fundação mais próximo, ou os levarei de volta a Gaia, se insistirem, e então vou para a Terra sozinho.

– Meu caro amigo – respondeu Pelorat, claramente angustiado –, não diga coisas assim. Eu não sonharia em abandoná-lo.

– E eu nunca abandonaria Pel – disse Júbilo, estendendo uma mão e tocando o rosto de Pelorat.

– Então, tudo certo. Logo poderemos realizar o Salto para Comporellon e depois, quem sabe... para a Terra.

PARTE 2

COMPORELLON

3.

Na estação de acesso

9

– Trevize o avisou de que vamos realizar o Salto e atravessar o hiperespaço a qualquer momento? – perguntou Júbilo ao entrar no quarto dos dois.

Pelorat, que estava debruçado sobre seu disco de visualização, ergueu os olhos.

– Na verdade, ele apenas olhou aqui para dentro e me disse “na próxima meia hora”.

– Não gosto da ideia, Pel. Nunca apreciei o Salto. Fico com uma sensação esquisita de ser virada do avesso.

– Júbilo – Pelorat parecia um pouco surpreso –, querida, eu não imaginava que você fosse uma viajante espacial.

– Não sou, particularmente, e não digo isso apenas como um componente do todo. Gaia propriamente dita não tem oportunidades para viagens regulares pelo espaço. Pela natureza que caracteriza a mim/nós/Gaia, eu/nós/Gaia não exploramos, comercializamos nem realizamos viagens diplomáticas. Ainda assim, é necessário ter alguém na estação de acesso...

– Como quando tivemos a felicidade de conhecê-la.

– Sim, Pel – Júbilo sorriu afetuosamente. – E também para visitar Sayshell e outras regiões estelares, por diversos motivos, geralmente clandestinos. Mas, clandestinos ou não, isso sempre implica em Saltos, e quando qualquer parte de Gaia salta, Gaia inteira sente, claro.

– Isso é ruim – respondeu Pel.

– Podia ser pior. A grande massa de Gaia *não* está no Salto, portanto o efeito é bastante diluído. Entretanto, eu pareço sentir muito mais do que a maior parte de Gaia. Como tento dizer a Trevize, apesar de tudo e todos em Gaia serem Gaia, os componentes individuais não são Gaia. Temos nossas diferenças, e minha constituição, por algum motivo, é especialmente sensível aos Saltos.

– Espere um pouco! – disse Pelorat repentinamente, lembrando-se. – Trevize explicou-me sobre isso certa vez. Você sente o pior dessa sensação nas naves comuns. Nelas, os tripulantes deixam o campo gravitacional galáctico ao entrarem no hiperespaço, e voltam para ele ao retornar ao espaço comum. É a saída e a reentrada que causam a sensação. Mas a *Estrela Distante* é uma nave gravitacional. É independente do campo gravitacional, e tecnicamente não o deixa nem retorna a ele. Por isso, não vamos sentir nada. Posso garantir, querida, por experiência própria.

– Mas isso é incrível! Quem me dera ter falado no assunto antes. Eu teria me poupado de considerável apreensão.

– Isso é vantajoso também de outra forma – continuou Pelorat, sentindo grandeza de espírito ao assumir o papel de esclarecedor de questões astronáuticas, o que não era normal para ele. – As naves regulares precisam abrir uma considerável distância entre elas e grandes massas, como estrelas, para realizarem os Saltos. Parte disso deve-se ao fato de que, quanto mais próximo de uma estrela, mais intenso é o campo gravitacional, e mais acentuadas as sensações de um Salto. Para piorar, quanto mais intenso for o campo gravitacional, mais complexas são as equações necessárias para conduzir o Salto com segurança e atingir o destino desejado no espaço. Em uma nave gravitacional, não há nenhuma sensação de Salto. Além disso, esta nave tem um computador muito mais avançado do que o comum e pode lidar com equações complexas com competência e velocidade extraordinárias. Por isso, em vez de precisarmos nos afastar de uma estrela por duas semanas para chegar a uma distância segura e confortável para o Salto, a *Estrela Distante* requer apenas dois ou três dias. Tal fato deve-se, especialmente, a não estarmos sob nenhum campo gravitacional e, portanto, não estarmos sujeitos aos efeitos da inércia. Admito que não entendo essa parte, mas é o que Trevize diz. E podemos acelerar muito mais rapidamente do que uma espaçonave comum.

– Impressionante – disse Júbilo –, e Trev merece reconhecimento por saber lidar com essa nave extraordinária.

– Por favor, Júbilo – o cenho de Pelorat franziu-se de leve. – Diga “Trevize”.

– Eu falo. Eu falo! Mas na ausência dele, relaxo um pouco.

– Não relaxe. Não encorajemos esse hábito nem um pouco, querida.

Ele é muito sensível quanto a isso.

– Não quanto a isso. Ele é sensível em relação a mim. Ele não gosta de mim.

– Não é verdade – respondeu Pelorat, com sinceridade. – Conversei com ele. Vamos, querida, não feche a cara. Fui extremamente cuidadoso, minha cara. Ele me garantiu que não tem nada contra você. Desconfia de *Gaia*, e está infeliz com o fato de ter tido que transformar Gaia no futuro da humanidade. Precisamos fazer concessões por causa disso. Ele há de superar gradualmente, conforme entender as vantagens de Gaia.

– Espero que sim, mas não é apenas Gaia. Apesar do que ele lhe disse, Pel (e lembre-se de que ele sente grande afeto por você e não quer magoá-lo), ele não gosta de mim como indivíduo.

– Não, Júbilo. Isso não é possível.

– As pessoas não são obrigadas a gostar de mim simplesmente porque você gosta, Pel. Deixe-me explicar. Trev... está bem, Trevize acredita que eu sou um robô.

Uma expressão de choque tingiu as feições normalmente impassíveis de Pelorat.

– Impossível ele achar que você é um ser humano artificial.

– Por que isso seria tão absurdo? Gaia foi colonizada com a ajuda de robôs. É um fato conhecido.

– Robôs podem ajudar, assim como máquinas, mas foram *pessoas* que colonizaram Gaia; pessoas da Terra. É o que Trevize acha. Sei que é.

– Não há nada sobre a Terra na memória de Gaia, como eu disse a você e a Trevize. Mas, mesmo depois de três mil anos, em nossas memórias mais antigas ainda há alguns robôs que trabalharam na função de transformar Gaia em um mundo habitável. Naquela época, estávamos também formando Gaia como uma consciência planetária. Isso, Pel, querido, levou muito tempo e é outro motivo pelo qual nossas memórias mais antigas são tão vagas. Talvez não seja resultado de nenhuma queima de arquivo provocada pela Terra, como Trevize acha...

– Sim, Júbilo – respondeu Pelorat, ansioso –, mas e os robôs?

– Bom, conforme Gaia se formou, os robôs foram embora. Não queríamos um planeta Gaia que incluísse robôs, pois éramos, e ainda somos, convencidos de que um componente robótico seria, no longo

prazo, prejudicial para uma sociedade humana, seja de natureza Isolada ou Planetária. Não sei como chegamos a essa conclusão, mas é possível que seja baseada em eventos que remetam a uma época muito antiga da história galáctica, que a extensão da memória de Gaia não alcança.

– Se os robôs foram embora...

– Sim, mas e se alguns ficaram para trás? E se eu sou um deles, com quinze mil anos de idade, talvez? É disso que Trevize suspeita.

– Mas você não é – negou Pelorat com a cabeça.

– Tem certeza de que acredita nisso?

– Claro que sim. Você *não é* um robô.

– Como sabe?

– Júbilo, eu *sei*. Não há nada artificial em você. Ninguém melhor do que eu para dizer *isso*.

– Não acha possível que eu seja tão engenhosamente artificial que seja indistinguível do natural, em todos os aspectos, desde o maior até o menor? Se fosse assim, como você saberia a diferença entre mim e um ser humano de verdade?

– Eu não acho possível você ser assim tão engenhosamente artificial – respondeu Pelorat.

– E se *fosse* possível, independentemente do que você acha?

– Eu simplesmente não acredito que possa ser.

– Então vamos considerar hipoteticamente. Se eu fosse um robô indistinguível, como você se sentiria?

– Bom, eu, eu...

– Para ser específica. Como você se sente em relação a fazer amor com um robô?

Repentinamente, Pelorat estalou o polegar e o dedo do meio de sua mão direita.

– Sabe, existem lendas de mulheres se apaixonando por homens artificiais, e vice-versa. Sempre imaginei que houvesse um significado alegórico nelas, nunca imaginei que essas histórias pudessem representar verdades literais. Eu e Golan nunca tínhamos ouvido a palavra “robô” antes de pousarmos em Sayshell, mas, agora que penso no assunto, aqueles homens e mulheres artificiais deveriam ser robôs. Esse tipo de robô existiu em períodos históricos antigos, aparentemente. Isso quer dizer que as lendas devem ser repensadas...

Ele mergulhou em um pensamento silencioso e, depois de aguardar

um momento, Júbilo bateu palmas repentinamente e com força. Pelorat se assustou.

– Pel, querido – disse Júbilo –, você está usando sua mitografia para fugir da pergunta. A pergunta é: como você se sente em relação a fazer amor com um robô?

Ele a encarou, desconfortável.

– Um que fosse totalmente indistinguível? – perguntou. – Um que não pudesse ser diferenciado de um ser humano?

– Sim.

– Me parece que um robô que não pode ser distinguido de um ser humano de maneira nenhuma *é* um ser humano. Se você fosse um desses robôs, não seria nada além de um ser humano para mim.

– Era isso que eu queria ouvi-lo dizer, Pel.

Pelorat esperou um instante e disse:

– Pois então, agora que ouviu o que queria, minha cara, não me contará que é um ser humano natural e que não tenho que me debater com situações hipotéticas?

– Não. Não farei nada disso. Você definiu como ser humano natural um objeto que tenha todas as propriedades de um ser humano natural. Se estiver convencido de que tenho todas essas propriedades, é o fim da discussão. Temos a definição prática, e não precisamos de mais nenhuma. Afinal, como posso saber que *você* não é um robô indistinguível de um ser humano?

– Porque lhe digo que não sou.

– Ah, mas se você fosse um robô indistinguível de um ser humano, poderia ter sido programado para me dizer que é um ser humano natural, e talvez até para acreditar nisso de verdade. A definição prática é tudo o que temos, e tudo o que podemos ter.

Ela colocou os braços em torno do pescoço de Pelorat e o beijou. O beijo intensificou-se e prolongou-se, até que Pelorat conseguiu dizer, um tanto abafado:

– Mas prometemos a Trevize que não o constrangeríamos convertendo essa nave em um refúgio de núpcias.

– Vamos nos entregar – disse Júbilo, insinuante – e não nos permitir nenhum momento para pensar em promessas.

– Mas não posso fazer isso, querida – respondeu Pelorat, incomodado. – Sei que deve irritá-la, Júbilo, mas estou constantemente raciocinando e sou naturalmente avesso a me entregar

a emoções. É um hábito que me acompanhou a vida toda, algo provavelmente muito irritante para os outros. Nunca vivi com uma mulher que não se manifestasse contra isso, mais cedo ou mais tarde. Minha primeira esposa – creio que não seria apropriado falar sobre isso...

– Bastante inapropriado, sim, mas nada fatal. Você também não é meu primeiro amante.

– Oh! – exclamou Pelorat, decepcionado; então, consciente do pequeno sorriso de Júbilo –, quero dizer, claro que não. Não esperaria que fosse. De qualquer jeito, minha primeira esposa não gostava dessa característica.

– Mas eu gosto. Acho seus incessantes mergulhos em pensamentos muito atraentes.

– *Nisso* eu não consigo acreditar, mas me ocorreu outra coisa. Robô ou humano, não importa. Concordamos nesse ponto. Porém, sou um Isolado e você sabe disso. Não faço parte de Gaia e, quando ficamos íntimos, você compartilha emoções fora de Gaia até mesmo quando me deixa participar de Gaia por um curto período, e pode não ser a mesma intensidade de emoção que você sentiria se fosse Gaia amando Gaia.

– Amar você, Pel – disse Júbilo –, tem seus próprios encantos. Não busco nada além.

– Mas não é apenas questão de você me amar. Você não é apenas você. E se Gaia considerar isso uma perversão?

– Se considerasse, eu saberia, pois eu sou Gaia. E, como tenho alegrias com você, Gaia também tem. Quando fazemos amor, o planeta inteiro compartilha essa sensação, em um grau ou outro. Quando digo que te amo, significa que Gaia te ama, apesar de apenas a parte que represento assumir o papel imediato. Você parece confuso.

– Como um Isolado, Júbilo, não consigo entender.

– É sempre possível fazer uma analogia com o corpo de um Isolado. Quando você assobia uma melodia, seu corpo inteiro (você, como organismo) deseja assobiar essa melodia, mas a tarefa imediata de fazê-lo é atribuída aos seus lábios, língua e pulmões. Seu dedão do pé direito não faz nada.

– Pode batucar o ritmo.

– Mas isso não é necessário para o ato de assobiar. Batucar o ritmo com o dedão do pé não é a ação em si, mas uma resposta à ação.

Decerto todas as partes de Gaia poderiam reagir, de uma pequena maneira ou de outra, à minha emoção, da mesma forma que eu reajo à emoção das partes dela.

– Suponho que ficar constrangido por isso não seja de nenhuma utilidade – disse Pelorat.

– Nenhuma.

– Isso me passa uma estranha sensação de responsabilidade. Quando tento fazê-la feliz, parece que estou tentando fazer todos os organismos de Gaia felizes.

– Cada átomo... mas você consegue. Você acrescenta algo à sensação de alegria comum que permito que você compartilhe por curtos períodos. Suponho que sua contribuição seja pequena demais para ser quantificada facilmente, mas está ali, e saber disso deve aumentar sua satisfação.

– Quem me dera ter certeza de que Trevize está suficientemente ocupado com suas manobras pelo hiperespaço para ficar na sala de pilotagem por um bom tempo.

– Deseja consumar núpcias, meu caro?

– Sim.

– Então pegue uma folha de papel, escreva “refúgio de núpcias”, prenda na parte externa da porta e, se ele quiser entrar, é problema dele.

Assim fez Pelorat. Durante os prazerosos momentos que se seguiram, a *Estrela Distante* realizou o Salto. Pelorat e Júbilo nem perceberam a manobra – e nem teriam percebido, se estivessem prestando atenção.

10

Fazia apenas alguns meses que Pelorat conhecera Trevize e deixara Terminus. Até então, durante a maior parte de sua vida de mais de meio século (em Padrão Galáctico), fora totalmente pacato e caseiro.

Para si mesmo, naqueles poucos meses, ele se tornara um veterano do espaço. Tinha conhecido três planetas: Terminus, Sayshell e Gaia. E agora, na tela de visualização, via um quarto, não a olho nu, mas através do aparelho telescópico controlado pelo computador. O quarto planeta era Comporellon.

E novamente, pela quarta vez, ficou ligeiramente decepcionado. Por algum motivo, continuava a achar que veria os contornos dos continentes cortando os oceanos; ou, se fosse um planeta seco, os desenhos dos lagos contrastando com a terra à volta.

Nunca era assim.

Se um mundo era habitável, tinha atmosfera e hidrosfera. Se tinha ar e água, tinha nuvens; e se tinha nuvens, a vista era bloqueada. Assim, Pelorat viu-se mais uma vez observando redemoinhos brancos, com um ocasional vislumbre de azul-pálido ou marrom-ferrugem.

Ele se perguntou, pesarosamente, se alguém poderia identificar um planeta caso uma imagem dele a, digamos, trezentos mil quilômetros de distância fosse exibida em uma tela. Como alguém poderia distinguir um redemoinho de nuvens do outro?

Júbilo olhou para Pelorat com ar de preocupação.

– O que foi, Pel? – perguntou. – Você parece descontente.

– Todos os planetas parecem iguais, observando-os do espaço.

– E daí, Janov? – interveio Trevize. – É a mesma coisa com a linha litorânea de Terminus quando vista a distância, a não ser que você saiba o que está procurando: uma montanha específica ou uma ilhota com algum formato característico, em alto-mar.

– Pode ser – respondeu Pelorat, claramente insatisfeito –, mas o que você procuraria em uma massa de nuvens volúveis? E, mesmo que tente, provavelmente entrará na face noturna do planeta antes de conseguir decidir.

– Olhe com mais atenção, Janov. Se acompanhar o formato das nuvens, verá que tendem a cair em um padrão que circula o planeta e acompanha um centro. Esse centro está, mais ou menos, em um dos polos.

– Em qual deles? – perguntou Júbilo, interessada.

– Considerando que o planeta está em rotação em sentido horário, usando-nos como ponto de referência, estamos vendo, por definição, o polo sul. Além disso, o centro parece estar a aproximadamente quinze graus da linha de separação entre a parte iluminada e a sombra, e o eixo planetário está inclinado a vinte e um graus perpendicularmente ao seu plano de órbita. Ou seja, estamos em meados da primavera ou em meados do verão; o que determina isso é o polo estar se aproximando ou se afastando da linha de separação entre luz e sombra. O computador pode calcular sua órbita e responder a essa

pergunta rapidamente, caso eu queira. A capital está ao norte do equador, portanto está em meados do outono ou do inverno.

– Você tem como saber tudo isso? – Pelorat franziu o cenho. Olhou para a camada de nuvens como se achasse que ela iria, ou deveria, falar com ele naquele exato momento. Obviamente não foi o caso.

– Não só isso – continuou Trevize. – Se você observar as regiões polares, verá que não há buracos na camada de nuvens, como em pontos distantes dos polos. Na verdade, há buracos, mas através deles você vê gelo; portanto é branco no branco.

– Ah – disse Pelorat –, suponho que isso seja algo que se espera, nos polos.

– Em planetas habitáveis, certamente. Planetas sem vida podem não ter atmosfera nem água, ou podem exibir certos estigmas que mostram que as nuvens e o gelo não são de água. Esse planeta não tem esses estigmas, portanto sabemos que estamos vendo nuvens e gelo feitos de água. O que também podemos ver é o tamanho da área de branco maciço no lado iluminado, que, para um olho treinado, é imediatamente identificável como maior do que a média. Além disso, pode-se detectar certo brilho alaranjado, bem tênue, na luz refletida, o que significa que o sol de Comporellon é significativamente mais frio do que o de Terminus. Apesar de Comporellon estar mais perto de seu sol do que Terminus está do seu, não é próximo o suficiente para compensar a temperatura mais baixa. Logo, Comporellon é um mundo frio, dentro do limite habitável.

– Você observa como se lesse um relatório, velho amigo – disse Pelorat, admirado.

– Não fique tão impressionado – respondeu Trevize, sorrindo afetuosamente. – O computador me forneceu as estatísticas práticas desse mundo, inclusive sua temperatura média ligeiramente baixa. É fácil deduzir algo que você já sabe. Na verdade, Comporellon está à beira de uma era do gelo, e estaria no meio de uma, se a configuração de seus continentes fosse mais favorável a essa condição.

Júbilo mordeu o lábio inferior.

– Não gosto de mundos frios – comentou.

– Temos roupas quentes – disse Trevize.

– Não importa. Seres humanos não são adaptados de verdade a climas frios. Não temos camadas grossas de pelos ou penas ou gordura subcutânea. Um mundo que tem clima frio parece demonstrar certa

indiferença ao bem-estar de seus próprios habitantes.

– Gaia é um planeta uniformemente ameno? – perguntou Trevize.

– A maior parte, sim. Há algumas áreas frias para plantas e animais de frio e algumas áreas quentes para plantas e animais de calor, mas a maior parte é uniformemente amena, nunca desconfortavelmente quente ou fria, para aqueles que vivem no meio-termo, inclusive seres humanos, claro.

– Seres humanos, claro. Todas as partes de Gaia são vivas e iguais, mas algumas delas, como os seres humanos, são obviamente mais iguais do que outras.

– Não seja insensatamente sarcástico – respondeu Júbilo, com um traço de irritação. – O nível e a intensidade de consciência e de percepção são importantes. Um ser humano é uma parte mais útil para Gaia do que uma rocha com o mesmo peso, e as propriedades e as funções de Gaia como um todo são necessariamente inclinadas na direção dos seres humanos, mas não tanto quanto em seus mundos de Isolados. Além disso, há épocas em que a inclinação segue para outras direções, quando é necessário para Gaia como um todo. Pode até, raramente, se inclinar na direção do interior rochoso. Ele também requer atenção, pois, em caso de negligência, todas as partes de Gaia poderiam sofrer. Não gostaríamos de uma erupção vulcânica desnecessária, gostaríamos?

– Não – respondeu Trevize. – Não de uma desnecessária.

– Você não está convencido, está?

– Escute – disse Trevize. – Temos mundos que são mais frios do que a média e mundos que são mais quentes; mundos que são, na maior parte, florestas tropicais, e mundos que são vastas savanas. Não há nenhum mundo igual ao outro, e cada um deles é o lar daqueles que estão acostumados a viver ali. Estou acostumado com a relativa amenidade de Terminus (nós o submetemos a uma moderação quase gaiana, para falar a verdade), mas gosto de fugir, pelo menos temporariamente, para algo diferente. O que temos, Júbilo, e o que Gaia não tem, é variedade. Se Gaia se expandir e tornar-se Galaksia, todos os mundos da Galáxia serão forçados à amenidade? A mesmice seria insuportável.

– Se isso é verdade – respondeu Júbilo –, se a variedade parecer desejável, a variedade será mantida.

– Como um presente do comitê central, por assim dizer? – rebateu

Trevize, secamente. – É o mínimo que eles poderiam suportar ceder? Prefiro deixar a cargo da natureza.

– Mas vocês *não* deixaram a cargo da natureza. Todos os mundos habitáveis da Galáxia foram modificados. Cada um deles foi encontrado em um estado natural que era desconfortável para a humanidade, e cada um deles foi modificado até ser tão ameno quanto possível. Se este mundo aqui é frio, tenho certeza de que seus habitantes não puderam aquecê-lo, ainda mais sem custos inaceitáveis. E mesmo assim podemos ter certeza de que as porções que eles de fato habitam são aquecidas artificialmente até serem amenas. Portanto, não seja tão arrogantemente virtuoso sobre deixar a cargo da natureza.

– Você fala em nome de Gaia, suponho.

– Sempre falo em nome de Gaia. Eu *sou* Gaia.

– Então, se Gaia está tão certo de sua própria superioridade, por que precisa da *minha* decisão? Por que não foi adiante sem mim?

Júbilo ficou em silêncio, como se tentasse reagrupar os pensamentos.

– Porque não é sábio confiar demais em si mesmo – respondeu. – Naturalmente, vemos nossas virtudes com mais clareza do que nossos defeitos. Estamos ansiosos para fazer o que é certo; não necessariamente o que *pareça* certo para nós, mas sim o que é *objetivamente* certo, se é que existe algo assim. Você parece ser o caminho mais próximo para o objetivamente certo que pudemos encontrar, portanto seguimos sua orientação.

– Tão objetivamente certo – disse Trevize, pesaroso – que não consigo entender minha própria decisão, e busco uma explicação.

– Você a encontrará – respondeu Júbilo.

– Espero que sim – disse Trevize.

– Velho amigo – comentou Pelorat –, me parece que esta discussão foi vencida habilmente por Júbilo. Por que não reconhece o fato de que os argumentos que ela ofereceu justificam sua decisão de que Gaia é o melhor para o futuro da humanidade?

– Porque – respondeu Trevize, secamente – eu não sabia desses argumentos no momento em que tomei minha decisão. Não sabia de nenhum desses detalhes sobre Gaia. Alguma outra coisa me influenciou, pelo menos inconscientemente, algo que não depende de detalhes gaianos, algo que deve ser mais fundamental. É isso que

preciso descobrir.

Pelorat ergueu uma mão apaziguadora.

– Não fique irritado, Golan – disse.

– Não estou irritado. Estou apenas sob uma tensão insuportável. Não quero ser o ponto de convergência de toda a Galáxia.

– Não o culpo por isso, Trevize – disse Júbilo –, e lamento, sinceramente, que suas características o tenham, de alguma maneira, forçado a assumir esse posto. Quando aterrissaremos em Comporellon?

– Em três dias – respondeu Trevize – e apenas depois de pararmos em uma das estações de acesso que orbitam o planeta.

– Não deve haver nenhum problema nisso, não é? – perguntou Pelorat.

– Depende da quantidade de naves que se aproximam do mundo – Trevize deu de ombros –, do número de estações de acesso e, acima de tudo, das regras específicas que permitem ou negam o acesso. Essas regras mudam o tempo todo.

– O que quer dizer com *negar* acesso? – perguntou Pelorat, indignado. – Como eles poderiam negar acesso a cidadãos da Fundação? Comporellon faz parte do domínio da Fundação, não faz?

– Bom, sim e não. Há uma delicada questão legalista sobre o assunto, e não tenho certeza de qual é a interpretação de Comporellon. Suponho que haja alguma chance de sermos barrados, mas não acredito que seja uma chance grande.

– E, se formos barrados, o que faremos?

– Não sei dizer – respondeu Trevize. – Esperemos para ver o que acontece antes de nos dedicar a planos de contingência.

11

Estavam próximos o suficiente de Comporellon para vê-lo como um globo de tamanho considerável, mesmo sem ampliação telescópica. Quando a ampliação foi usada, as estações de acesso podiam ser vistas. Estavam mais longe do planeta do que outras estruturas em órbita, e eram bem iluminadas.

A *Estrela Distante* aproximava-se na direção do polo sul do planeta. Assim, metade do globo estava constantemente banhado pela luz de

seu sol. As estações de acesso no lado noturno eram naturalmente mais visíveis, pois se destacavam com focos de luzes artificiais. Estavam distribuídas igualmente em um arco em torno do planeta. Seis eram visíveis (e havia mais seis do outro lado, sem dúvida), e todas circulavam o planeta em velocidade homogênea e idêntica.

– Há outras luzes mais perto do planeta – disse Pelorat, ligeiramente espantado com o que via. – O que são?

– Não conheço o planeta detalhadamente – respondeu Trevize –, portanto, não posso dizer. Talvez sejam fábricas, laboratórios ou observatórios em órbita, ou talvez até aglomerados residenciais. Alguns mundos preferem manter todos os objetos em órbita no escuro, com exceção das estações de acesso. É o caso de Terminus, por exemplo. Comporellon adota um princípio mais liberal, como é evidente.

– Para qual estação de acesso vamos, Golan?

– Depende deles. Enviei o requerimento para aterrissarmos em Comporellon e logo receberemos instruções sobre a estação de acesso a que devemos ir, e quando. Depende muito de quantas naves estão tentando entrar no momento. Se houver uma dúzia de naves em cada estação, não teremos escolha senão esperar.

– Somente duas vezes – disse Júbilo – estive a uma distância hiperespacial de Gaia e, em ambas, fui para Sayshell ou suas imediações. Nunca estive a uma distância tão grande como *esta*.

– E isso importa? – Trevize olhou para ela rispidamente. – Você ainda é Gaia, não é?

Por um momento, Júbilo pareceu irritada, mas sua expressão se dissolveu para o que pareceu um sorriso de embaraço.

– Devo admitir que você me pegou desta vez, Trevize – disse. – Existe um significado duplo para a palavra "Gaia". Pode ser usada para se referir ao planeta físico, um objeto globular sólido no espaço, e, também, à entidade viva que inclui aquele globo. Falando tecnicamente, deveríamos usar palavras diferentes para esses dois conceitos diferentes, mas os gaianos sempre sabem, a partir do contexto, a qual deles a palavra Gaia se refere. Reconheço que um Isolado deve ficar confuso, de vez em quando.

– Pois bem – respondeu Trevize –, considerando que você está a muitos milhares de parsecs de Gaia, o globo, ainda faz parte de Gaia, o organismo?

– Em relação ao organismo, ainda sou Gaia.

– Sem nenhum enfraquecimento?

– Essencialmente, não. Estou certa de que já lhe falei das complicações em continuar Gaia a distâncias hiperespaciais, mas continuo Gaia.

– Já lhe ocorreu – disse Trevize – que Gaia pode ser considerada o monstro tentaculado da mitologia, um kraken galáctico, seus tentáculos alcançando tudo? Bastaria colocar alguns gaianos em cada mundo povoado e você, na prática, já teria Galaksia. Aliás, vocês provavelmente já fizeram isso. Onde estão os gaianos? Presumo que haja pelo menos um em Terminus, e pelo menos um em Trantor. Qual é a extensão disso?

– Eu disse que não mentiria a você, Trevize – Júbilo parecia evidentemente desconfortável –, mas isso não significa que me sinto inclinada a oferecer-lhe toda a verdade. Há coisas que você não precisa saber, e a posição e a identidade de partes específicas de Gaia são uma delas.

– Eu deveria saber o motivo da existência desses tentáculos, Júbilo, mesmo que não saiba onde estão?

– Não. É a opinião de Gaia.

– Mas suponho que eu possa adivinhar. Vocês acreditam que são guardiões da Galáxia.

– Ansiamos por uma Galáxia estável e segura, pacífica e próspera. O Plano Seldon, pelo menos na concepção original, de Hari Seldon, foi criado para desenvolver um Segundo Império Galáctico, um Império mais estável e mais funcional do que foi o Primeiro. O Plano, que foi continuamente modificado e aperfeiçoado pela Segunda Fundação, parece estar funcionando bem até agora.

– Mas Gaia não quer um Segundo Império Galáctico no sentido clássico, não é mesmo? Vocês querem Galaksia, uma galáxia viva.

– Como você optou por isso, esperamos, com o tempo, formar Galaksia. Se não tivesse feito essa escolha, teríamos nos dedicado ao Segundo Império de Seldon, para garantir que fosse tão seguro quanto possível.

– Mas o que há de errado com...

O ouvido de Trevize captou o suave sinal do computador.

– O computador está me chamando. Acho que estamos recebendo instruções sobre a estação de acesso. Já volto.

Ele foi até a sala do piloto, colocou as mãos nos contornos da área de trabalho e viu que havia recebido orientações para a estação específica que deveria usar – as coordenadas com referências à linha do centro de Comporellon até o polo norte, a rota indicada de aproximação.

Trevize enviou a aceitação dos termos e então se reclinou por um instante. O Plano Seldon! Não pensava nele havia bastante tempo. O Primeiro Império Galáctico havia caído e, por quinhentos anos, a Fundação crescera, primeiro competindo com aquele Império, depois prevalecendo sobre suas ruínas – tudo de acordo com o Plano.

Houve a interrupção causada pelo Mulo, que, durante algum tempo, ameaçou estilhaçar o Plano, mas a Fundação acabou vencendo-o, provavelmente com a ajuda da sempre oculta Segunda Fundação, e, provavelmente, com a ajuda ainda mais oculta de Gaia.

Agora, o Plano estava sob a ameaça de algo mais sério do que o Mulo jamais fora. Ele seria desviado de um restabelecimento do Império para algo completamente diferente de tudo que fazia parte da história – Galaksia. *E o próprio Trevize havia concordado com isso*.

Mas por quê? Haveria uma falha no Plano? Alguma falha essencial?

Por um instante, parecia que essa falha existia e que Trevize sabia qual era; que ele sabia qual era quando tomou sua decisão – mas essa consciência, se é que era uma consciência, desapareceu tão rápido quanto havia surgido, e ele acabou sem nada.

Talvez tivesse sido apenas uma ilusão, tanto no momento em que ele havia tomado a decisão como agora. Afinal, ele não sabia nada sobre o Plano além das pressuposições básicas que validavam a psico-história. Tirando isso, não sabia detalhes, e certamente nem uma migalha da matemática envolvida. Fechou os olhos e se concentrou...

Não havia nada.

Poderia ter sido o poder extra que tinha através do computador? Colocou as mãos na área de trabalho e sentiu o calor das mãos da máquina segurando as suas. Fechou os olhos e mais uma vez se concentrou...

Ainda não havia nada.

O comporellano que embarcou na *Estrela Distante* usava um cartão de identificação holográfico. A imagem mostrava seu rosto rechonchudo, de barba rala, com uma fidelidade impressionante, e sob ela estava seu nome, A. Kendray.

Era baixinho, com um corpo tão arredondado quanto o rosto. Tinha aspecto e atitude leves e amigáveis, e olhou à volta, claramente maravilhado.

– Como chegaram tão rápido? – perguntou. – Não os esperávamos pelas próximas duas horas.

– A nave é um modelo novo – respondeu Trevize, com educação indiferente.

Mas Kendray não era o jovem ingênuo que aparentava ser.

– Gravitacional? – perguntou, imediatamente após entrar na sala de comando.

Trevize achou que não fazia sentido negar algo que, aparentemente, era tão óbvio.

– Sim – respondeu, inexpressivamente.

– Muito interessante. Você ouve falar nelas, mas parece que nunca encontra uma. Os motores ficam na fuselagem?

– De fato.

– Circuitos do computador também? – Kendray examinou o computador.

– De fato. Pelo menos, foi o que me disseram. Nunca conferi.

– Que pena. Preciso da documentação, o número de série do motor, o local de fabricação, o código de identificação, a história toda. Tenho certeza de que está tudo no computador e que ele pode imprimir o relatório formal de que preciso em meio segundo.

O tempo necessário foi praticamente esse. Kendray olhou à volta mais uma vez.

– Vocês três são os únicos a bordo?

– Isso mesmo – respondeu Trevize.

– Algum animal? Plantas? Estado de saúde?

– Não. Não. E saudáveis – disse Trevize, secamente.

– Hum! – exclamou Kendray, fazendo anotações. – Pode colocar sua mão neste aparelho? Apenas rotina. Mão direita, por favor.

Trevize olhou para o micro-detector, desconfiado. Era cada vez mais usado, e sua tecnologia avançava com rapidez. Era quase possível determinar o atraso de um mundo pelo atraso de seu micro-

detector. Havia poucos planetas, por mais provincianos que fossem, que não tinham um desses. Tudo começou no último suspiro do Império, à medida que seus fragmentos se tornaram progressivamente mais apreensivos para se proteger das doenças e de microrganismos alienígenas dos outros.

– O que é isso? – perguntou Júbilo, com voz grave e interessada, inclinando a cabeça para um lado, depois para o outro, para ver melhor o equipamento.

– Creio que se chama micro-detector – disse Pelorat.

– Não é nada de especial – acrescentou Trevize. – É um aparelho que verifica automaticamente uma parte de seu corpo, interna e externamente, em busca de qualquer microrganismo capaz de transmitir doenças.

– E classifica os microrganismos também – interveio Kendray, com orgulho pouco discreto. – Foi projetado bem aqui em Comporellon. E, se não se importa, ainda preciso de sua mão direita.

Trevize inseriu a mão e viu uma série de pequenas marcações vermelhas dançando sobre um conjunto de linhas horizontais. Kendray tocou um contato e uma cópia colorida do gráfico surgiu em seguida.

– Assine aqui, senhor, por favor.

Assim fez Trevize.

– Quão mal estou? – perguntou. – Não estou correndo nenhum perigo, estou?

– Não sou médico – respondeu Kendray –, portanto não posso oferecer detalhes, mas o aparelho não mostrou nenhuma das indicações que fariam sua entrada ser recusada ou que o colocariam em quarentena. É só isso que me interessa.

– Mas que sorte a minha – disse Trevize, seco, sacudindo a mão para se livrar da sensação de formigamento que sentia.

– Agora o senhor – pediu Kendray.

Pelorat inseriu sua mão com certa hesitação e depois assinou o relatório impresso.

– E a senhorita?

Alguns instantes depois, Kendray observava o resultado.

– Nunca vi nada assim antes – Kendray encarou Júbilo com uma expressão de espanto. – Deu negativo. Negativo absoluto.

– Que bom – sorriu Júbilo, sedutoramente.

– Sim, senhorita. Eu a invejo.

Ele voltou para o primeiro relatório e disse:

– Sua identificação, sr. Trevize.

Trevize forneceu sua documentação. Kendray passou os olhos pelos papéis e, mais uma vez, demonstrou surpresa.

– Conselheiro da Legislatura de Terminus? – perguntou.

– Isso mesmo.

– Alto oficial da Fundação?

– Exato – disse Trevize, friamente. – Portanto, sejamos rápidos neste procedimento, está bem?

– O senhor é o capitão da nave?

– Sim, sou.

– Propósito da visita?

– A segurança da Fundação, e essa é a única resposta que estou disposto a oferecer. Compreende o que digo?

– Sim, senhor. Quanto tempo pretendem ficar?

– Eu não sei. Talvez uma semana.

– Pois bem, senhor. E esse outro cavalheiro?

– É o dr. Janov Pelorat – respondeu Trevize. – Você tem a assinatura do dr. Pelorat e eu assumo toda a responsabilidade. É um estudioso de Terminus e meu assistente na questão que motivou minha visita.

– Entendo, senhor, mas preciso ver a identificação. Lamento, mas regras são regras. Espero que compreenda, senhor.

Pelorat forneceu os papéis de identificação. Kendray concordou com a cabeça e disse:

– E a senhorita?

– Não é necessário incomodar a moça – interveio Trevize. – Assumo responsabilidade por ela também.

– Sim, senhor. Mas preciso de uma identificação.

– Receio não ter nenhuma identificação, senhor – disse Júbilo.

– Desculpe, o que disse? – Kendray franziu o cenho.

– A moça não trouxe nenhuma identificação consigo – disse Trevize. – Um descuido. Não há problema nenhum. Assumo responsabilidade total.

– Eu gostaria de permitir que assumisse – respondeu Kendray –, mas não posso. A responsabilidade é minha. Sob as circunstâncias, não é nenhum problema. Não deve ser difícil conseguir segundas vias. Suponho que a moça seja de Terminus?

– Não, ela não é.

– Então de algum lugar em território da Fundação?

– Na verdade, também não.

Kendray observou Júbilo atentamente, e depois, Trevize.

– Isso é uma complicação, conselheiro. Pode ser que levemos mais tempo para conseguir segundas vias de um mundo não Fundação. Senhorita Júbilo, como você não é uma cidadã da Fundação, preciso do nome de seu planeta natal e do planeta do qual é cidadã. Em seguida, você deverá esperar pela chegada das segundas vias.

– Entenda, sr. Kendray – interveio Trevize. – Não vejo nenhum motivo para mais demoras. Sou um alto oficial do governo da Fundação e estou aqui em uma missão de grande importância. Não posso ser atrasado por uma questão de burocracia trivial.

– A escolha não é minha, conselheiro. Se dependesse de mim, eu permitiria que descessem até Comporellon agora mesmo, mas tenho um imenso livro de regras que guia todas as minhas ações. Preciso seguir o livro, ou ele será jogado na minha cara. Mas suponho que exista alguma figura do governo comporellano que espera por sua chegada. Se me disser quem é, posso entrar em contato e, se ele der a ordem para garantirmos a entrada, assim será.

Trevize hesitou um momento.

– Isso não seria politicamente estratégico, sr. Kendray. Posso falar com seu superior?

– Certamente, mas não pode vê-lo sem agendar...

– Tenho certeza de que ele virá de imediato quando souber que o requerimento vem de um oficial da Fundação...

– Na verdade – disse Kendray –, cá entre nós, isso só iria piorar a situação. Não fazemos parte do território metropolitano da Fundação, como o senhor sabe. Estamos sob o título "Potência Associada", e o levamos muito a sério. As pessoas estão ansiosas para não parecerem marionetes da Fundação... entenda, estou usando o termo popular... e fazem questão de demonstrar independência. Meu superior esperaria reconhecimento se recusasse um favor especial para um oficial da Fundação.

– E você também? – a expressão de Trevize se fechou.

– Estou abaixo da política, senhor – Kendray negou com a cabeça. – Ninguém me dá reconhecimento por nada. Tenho sorte se eles pagarem meu salário. E, apesar de não ter reconhecimentos, *posso*

receber deméritos, e facilmente. Gostaria que não fosse assim.

– Considerando meu cargo, posso providenciar certos arranjos.

– Não, senhor. Lamento se soar impertinente, mas não acho que possa. E, senhor, é constrangedor dizer isso, mas, por favor, não me ofereça nada valioso. Eles gostam de usar oficiais que aceitam coisas do tipo como exemplo e, hoje em dia, andam muito habilidosos para descobrir quem faz isso.

– Não era a minha intenção suborná-lo. Estou pensando apenas no que a prefeita de Terminus poderia lhe fazer, caso você interferisse na minha missão.

– Conselheiro, desde que eu possa me esconder atrás das regras, estarei perfeitamente protegido. Se os membros do governo comporellano sofrerem algum tipo de punição por parte da Fundação, é problema deles, não meu. Mas se ajudar, posso permitir que o senhor e o dr. Pelorat passem com a nave. Se deixarem a srta. Júbilo na estação de acesso, nós a manteremos por aqui e a enviaremos para a superfície assim que as segundas vias chegarem. Se, por alguma razão, os papéis não puderem ser obtidos, nós a mandaremos de volta ao seu mundo em um transporte civil. Mas receio que, neste caso, alguém deverá arcar com as despesas.

Trevize viu a reação no rosto de Pelorat e disse:

– Sr. Kendray, podemos conversar em particular, na sala do piloto?

– Pois bem, mas não posso permanecer a bordo por muito mais tempo, ou serei interrogado.

– Não vamos demorar – respondeu Trevize.

Na sala de pilotagem, Trevize fez questão de deixar claro que fechou a porta cuidadosamente, e então, em um tom baixo, disse:

– Já estive em muitos lugares, sr. Kendray, mas nunca vi uma ênfase tão rígida nas minúcias das regras de imigração, especialmente para pessoas e *oficiais* da Fundação.

– Mas a moça não é da Fundação.

– Mesmo assim.

– Esse tipo de coisa vai e vem – disse Kendray. – Tivemos alguns escândalos, e agora as coisas estão difíceis. Se voltarem no ano que vem, talvez não tenham nenhum problema, mas, neste exato momento, não há nada que eu possa fazer.

– Tente, sr. Kendray – respondeu Trevize, sua voz suavizando-se. – Vou abrir o jogo com você e fazer um apelo, de homem para homem.

Eu e Pelorat estamos nessa missão há algum tempo. Eu e ele, apenas eu e ele. Somos bons amigos, mas há algo de solitário nisso, se é que me entende. Algum tempo atrás, Pelorat encontrou essa mocinha. Não preciso contar o que aconteceu, mas decidimos trazê-la conosco. É saudável para nós usufruir dela de vez em quando. O problema é que Pelorat tem um relacionamento em Terminus. Eu estou desimpedido, entende, mas Pelorat é um homem mais velho e chegou à idade em que homens ficam um pouco... desesperados. Precisam recuperar a juventude, ou algo assim. Ele não consegue abrir mão dela. Ao mesmo tempo, se ela for mencionada oficialmente, Pelorat encontrará amargura e infelicidade quando voltar a Terminus. Ninguém está sendo prejudicado nessa história, compreenda. A senhorita Júbilo, como ela se autoproclama – um ótimo nome, considerando sua profissão – não é exatamente uma moça brilhante; não é por isso que a queremos. Você precisa mesmo mencioná-la? Não poderia listar apenas eu e Pelorat como passageiros? Somente nós dois estávamos listados quando deixamos Terminus. Não há nenhuma necessidade de um reconhecimento oficial da presença dessa mulher. Afinal, ela está totalmente livre de doenças. Você mesmo fez essa observação.

A expressão de Kendray mostrou desagrado.

– Eu não quero atrapalhá-los. Entendo a situação e, acredite, sou solidário. Se o senhor acha que trabalhar por períodos de meses nessa estação é divertido, pense de novo. Há separação por sexo aqui nas estações de Comporellon – ele negou com a cabeça. – E também tenho uma esposa, então compreendo a situação. Mas escute, mesmo que eu os deixe passar, assim que descobrirem que a... uh... senhorita não tem documentos, ela será presa, e o senhor e o dr. Pelorat estarão no tipo de confusão que alcançará Terminus. E eu certamente perderei o emprego.

– Sr. Kendray – disse Trevize –, confie em mim. Uma vez que eu tenha aterrissado em Comporellon, estarei a salvo. Posso falar sobre minha missão com as pessoas certas e, depois disso, não haverá mais problemas. Assumirei a responsabilidade total pelo que aconteceu aqui, se a questão for levantada, o que duvido. Além disso, recomendarei sua promoção, e você será promovido, porque farei com que Terminus seja duro contra qualquer um que hesite. E podemos garantir um alívio a Pelorat.

Kendray hesitou.

– Certo – enfim, disse. – Deixarei que passem, mas um aviso. A partir deste instante estarei pensando em algum jeito de salvar meu traseiro, se isso for descoberto. Não pretendo fazer nada para salvar o seu. Sei como esse tipo de coisa funciona em Comporellon, e o senhor não sabe. Comporellon não é um mundo fácil para aqueles que ultrapassam limites.

– Obrigado, sr. Kendray – respondeu Trevize. – Não haverá nenhum problema. Eu garanto.

Em Comporellon

13

Passaram. A estação de acesso havia encolhido até parecer uma estrela que se apagava na distância, atrás deles. Cruzariam a camada de nuvens em duas horas.

Uma nave gravitacional não precisava fazer a entrada na atmosfera com uma longa rota em lenta espiral descendente, mas também não podia dar uma rasante rapidamente na vertical. Estar livre da gravidade não significava estar livre da resistência do ar. A nave poderia descer em linha reta, mas ainda era necessário cuidado; a velocidade não podia ser muito alta.

– Para onde estamos indo? – perguntou Pelorat, confuso. – Não consigo distinguir nada sob essas nuvens, velho amigo.

– Nem eu – respondeu Trevize –, mas temos o mapa holográfico oficial de Comporellon, que fornece os contornos das massas terrestres e uma representação do relevo, tanto dos pontos altos como das profundezas dos oceanos, além das subdivisões políticas. O mapa está no computador, e ele fará todo o trabalho. Sincronizará a estrutura oceânica e de terra firme do planeta com o mapa, orientando a nave e nos levando até a capital por meio de um trajeto cicloidal.

– Se formos para a capital – disse Pelorat –, mergulharemos diretamente no turbilhão político. Se o mundo é anti-Fundação, como o camarada da estação de acesso sugeriu, estaremos procurando confusão.

– Por outro lado, é provável que seja o centro intelectual do planeta e, se quisermos informações, é ali que encontraremos, se é que elas podem ser encontradas. Quanto a ser anti-Fundação, duvido que possam demonstrar isso abertamente. A prefeita pode não ter grande apreço por mim, mas também não pode se negar a receber um conselheiro. Ela não iria querer tal precedente registrado.

Júbilo saiu do banheiro, mãos ainda úmidas depois da

higienização, e ajustou suas roupas íntimas sem nenhum sinal de constrangimento.

– Espero que os excrementos sejam totalmente reaproveitados – disse.

– Não temos escolha – respondeu Trevize. – Quanto tempo acha que duraria nosso estoque de água sem a reciclagem de excrementos? Como acha que aqueles deliciosos bolos que comemos para dar algum sabor a nossas rações congeladas crescem? Espero que isso não estrague seu apetite, minha eficiente Júbilo.

– E por que deveria? De onde você acha que sai a comida e a água em Gaia, ou neste planeta, ou em Terminus?

– Em Gaia – respondeu Trevize –, os excrementos são tão vivos quanto você, claro.

– Vivos, não. Conscientes. Existe uma diferença. O nível de consciência é, obviamente, muito baixo.

Trevize aspirou de maneira displicente, mas não respondeu.

– Vou para a sala do piloto fazer companhia ao computador – disse. – Não que ele precise de mim.

– Podemos ir também e ajudá-lo a fazer companhia? Não consigo me acostumar com o fato de ele nos levar por conta própria até a superfície, de que ele pode captar outras naves, ou tempestades ou... o que for.

– Acostume-se, por obséquio – Trevize abriu um amplo sorriso. – A nave está muito mais segura sob o controle do computador do que jamais estaria sob o meu. Mas venham, claro. Será bom que vejam o que acontece.

Naquele momento, estavam sobre o lado iluminado do planeta, pois, como explicou Trevize, o mapa do computador podia ser alinhado com a realidade mais facilmente na luz do que na sombra.

– Isso é óbvio – disse Pelorat.

– Não tão óbvio assim. O computador pode processar rapidamente usando a luz infravermelha irradiada pela superfície, mesmo no escuro. Porém, as ondas mais longas de infravermelho não garantem a mesma resolução que a luz visível. Ou seja, o computador não enxerga com tanta precisão e minúcia através do infravermelho e, quando não há necessidades urgentes, prefiro facilitar o máximo possível as coisas para o computador.

– E se a capital estiver no lado noturno?

– A chance é de 50% – respondeu Trevize –, mas, se estiver, uma vez que o mapa tenha sido sincronizado na luz, podemos descer para a capital sem nenhum problema, mesmo no escuro. E muito antes de chegarmos perto dela, interceptaremos feixes de micro-ondas e receberemos instruções sobre o espaçoporto mais conveniente. Não há nada com o que nos preocupar.

– Tem certeza? – perguntou Júbilo. – Está me levando para a superfície sem papéis e sem um mundo de origem que essas pessoas conheçam, e estou absolutamente determinada a não mencionar Gaia, de jeito nenhum. Portanto, o que faremos se me pedirem identificação quando estivermos na superfície?

– É pouco provável que isso aconteça – respondeu Trevize. – Todos devem supor que a questão foi resolvida na estação de acesso.

– Mas e se pedirem?

– Quando chegar esse momento, lidaremos com o problema. Enquanto isso, não criemos preocupações sem justificativa.

– Quando encararmos os problemas que podem surgir, talvez seja tarde demais para resolvê-los.

– Confiarei na minha engenhosidade para garantir que não seja tarde demais.

– Por falar em engenhosidade, como conseguiu que fôssemos liberados pela estação de acesso?

Trevize olhou para Júbilo e seus lábios lentamente se abriram em um sorriso que o fazia parecer quase um adolescente diabólico.

– Usei meu cérebro.

– O que foi que fez? – perguntou Pelorat.

– Era questão de recorrer à estratégia certa. Tentei ameaças e subornos discretos. Recorri à lógica e à lealdade pela Fundação. Nada funcionou, portanto usei o último recurso. Disse que você estava traindo sua esposa, Pelorat.

– Minha *esposa*? Ah, meu caro amigo, não tenho esposa no momento.

– Eu sei disso, mas *ele* não sabia.

– Ao dizer “esposa” – interveio Júbilo –, presumo que estejam falando de uma mulher que seja uma companhia regular e específica de um homem.

– Um pouco mais do que isso, Júbilo – respondeu Trevize. – Uma companheira reconhecida *por lei*, que tem certos direitos por causa

dessa união.

– Júbilo – disse Pelorat, nervoso –, eu *não tenho* uma esposa. Tive uma ou outra no passado, mas não tenho uma faz algum tempo. Se você desejar que passemos pelo ritual de legalização...

– Oh, Pel – respondeu Júbilo, fazendo um movimento de desdém com a mão direita –, por que eu me importaria com isso? Tenho inúmeros companheiros, tão próximos de mim quanto seu braço direito é do esquerdo. Somente os Isolados se sentem tão alienados a ponto de usarem convenções artificiais para reforçar um substituto frágil para o verdadeiro companheirismo.

– Mas eu *sou* um Isolado, Júbilo, querida.

– Será menos Isolado com o tempo, Pel. Nunca verdadeiramente Gaia, talvez, mas menos Isolado, e terá uma multidão de companheiros.

– Eu só quero você, Júbilo.

– É porque não sabe nada sobre isso. Aprenderá.

Trevize esteve concentrado na tela de visualização durante aquela conversa, com uma expressão de tolerância cansada em seu rosto. A camada de nuvens estava próxima e, por um instante, tudo era neblina cinzenta.

Visualização em micro-ondas, pensou, e o computador mudou imediatamente para a detecção de ecos dos radares. As nuvens desapareceram e a superfície de Comporellon surgiu com uma cor falsa, as fronteiras entre os setores de constituição diferente apareceram um tanto borradas e trêmulas.

– É assim que vamos ver daqui em diante? – perguntou Júbilo, um pouco surpresa.

– Apenas até passarmos a camada de nuvens. Voltemos à luz do dia – conforme ele falou, a luz solar e a visibilidade normal retornaram.

– Entendo – disse Júbilo. Então, virando-se na direção de Trevize: – O que não entendo é por que deveria importar para aquele oficial da estação de acesso se Pel estaria ou não traindo a esposa.

– Se aquele homem, Kendray, a tivesse mantido sob custódia, eu disse que a notícia chegaria a Terminus e, portanto, à esposa de Pelorat, que teria problemas. Não especifiquei o tipo de problema, mas tentei soar como se fosse algo muito ruim. Existe uma espécie de irmandade entre homens – Trevize agora sorria – e um homem não trai a confiança do outro. Ele até nos ajudaria, se eu tivesse pedido. A

lógica, suponho, é que, da próxima vez, aquele que ajudou talvez seja aquele que precise ser ajudado. E presumo – seu tom ficou um pouco mais sério – que exista uma irmandade semelhante entre as mulheres, mas, como não sou uma delas, nunca tive a oportunidade de observar com atenção.

O rosto de Júbilo parecia uma bela tempestade de relâmpagos.

– Isso é uma piada? – vociferou.

– Não, estou falando sério – respondeu Trevize. – Não digo que Kendray nos deixou passar apenas para ajudar Janov a não enfurecer sua esposa. A irmandade masculina deve ter sido apenas o último empurrão para validar meus outros argumentos.

– Mas isso é terrível. São as regras que mantêm a sociedade íntegra e a transformam em um todo. Ignorar as regras por razões triviais é algo assim tão inconsequente?

– Bom – disse Trevize, instantaneamente defensivo –, algumas regras são, elas próprias, triviais. Poucos mundos são exageradamente minuciosos em relação à entrada e à saída de seu espaço em épocas de paz e prosperidade comercial como a que temos agora, e graças à Fundação. Comporellon, por algum motivo, está fora do compasso, provavelmente por causa de alguma questão obscura de política interna. Por que deveríamos ser prejudicados por isso?

– Isso não faz diferença. Se obedecermos apenas às regras que consideramos justas e razoáveis, nenhuma regra funcionará, pois não existe regra que *alguém* não considere injusta e sem sentido. E, se nos dedicarmos apenas a ter vantagens individuais, do nosso ponto de vista, sempre haverá motivos para acreditar que qualquer regra de impedimento é injusta e sem sentido. Assim, o que começa como um truque de esperteza acaba em anarquia e desastre, até mesmo para aquele que foi esperto, pois ele também não conseguirá sobreviver ao colapso da sociedade.

– A sociedade não entra em colapso tão facilmente – respondeu Trevize. – Você fala como Gaia, e Gaia não pode entender a associação de indivíduos livres. Regras, estabelecidas por lógica e justiça, podem facilmente durar mais do que suas próprias utilidades conforme as circunstâncias mudam e, ainda assim, continuarem em voga por causa da inércia. Portanto, não é apenas certo, é também útil, quebrar essas regras para demonstrar o fato de que elas se tornaram inúteis, ou até mesmo danosas.

– Então todos os ladrões e assassinos podem dizer que estão fazendo bem para a humanidade.

– Você está indo a extremos. No superorganismo de Gaia, existe um consenso automático nas regras da sociedade, e não ocorre a ninguém quebrá-las. Alguém poderia até dizer que Gaia está vegetando, fossilizando-se. Existe, de fato, um elemento de desordem na associação livre, mas é o preço a se pagar pela possibilidade de introduzir inovações e mudanças. No geral, é um preço justo.

– Você está bastante equivocado – o tom de voz de Júbilo elevou-se – se acredita que Gaia vegeta e se fossiliza. Nossos feitos, nossos costumes, nossas opiniões estão sob constante autorreflexão. Não permanecem em voga por causa de uma inércia que se sobreponha à razão. Gaia aprende pela experiência e por reflexão e, portanto, muda quando é necessário.

– Mesmo que você diga isso, a autorreflexão e o aprendizado devem ser lentos porque nada que não seja Gaia existe em Gaia. Aqui, em liberdade, mesmo quando praticamente todos concordam, existe a possibilidade de uma minoria que discorda e, em alguns casos, eles podem estar certos. Se forem espertos, apaixonados e *convictos* o suficiente, vencerão no final, e serão os heróis de gerações futuras... como Hari Seldon, que levou a psico-história à perfeição, usou as próprias ideias para digladiar com todo o Império Galáctico e venceu.

– Venceu até agora, Trevize. O Segundo Império planejado por ele não entrará em vigor. Galaksia entrará em seu lugar.

– Será mesmo? – respondeu Trevize, ríspido.

– Foi *sua* decisão e, por mais que discuta comigo em favor dos Isolados e da liberdade de serem tolos e criminosos, há algo nos recessos ocultos de sua mente que o forçou a concordar comigo/conosco/com Gaia quando fez sua escolha.

– O que está presente nos recessos ocultos da minha mente – disse Trevize, ainda mais ríspido – é justamente o que estou procurando. Ali, por exemplo – acrescentou, apontando para a tela de visualização que mostrava uma grande cidade ocupando o horizonte, um aglomerado de pequenas estruturas que, às vezes, atingiam alturas maiores, cercado por campos marrons sob uma leve friagem.

– Que pena – Pelorat sacudiu a cabeça. – Eu queria ter visto a aproximação, mas acabei prestando atenção no debate.

– Não se preocupe, Janov – disse Trevize. – Você poderá ver

quando formos embora. Prometo manter minha boca fechada nessa ocasião, se você persuadir Júbilo a controlar a dela.

E a *Estrela Distante* desceu por um feixe de micro-ondas para aterrissar no espaçoporto.

14

Kendray parecia pesaroso quando voltou à estação de acesso e observou a *Estrela Distante* passar. Continuava claramente deprimido ao final de seu turno.

Estava sentado diante de sua última refeição do dia quando um de seus amigos, um sujeito desajeitado com olhos separados, cabelos ralos e claros e sobrancelhas tão loiras que pareciam ausentes, sentou-se ao seu lado.

– Qual o problema, Ken? – perguntou o amigo.

Os lábios de Kendray se torceram.

– Aquela nave que acabou de passar – respondeu – era uma nave gravitacional, Gatis.

– Aquela esquisita, com zero radioatividade?

– Por isso não tem radioatividade. Não usa combustível. É gravitacional.

Gatis concordou com a cabeça.

– Aquela sobre a qual nos avisaram, não é?

– Isso.

– E você a recebeu. Você é sempre o sortudo.

– Não tão sortudo assim. Uma mulher sem identificação estava a bordo, e eu não a reportei.

– *O quê*? Quer saber? Não diga nada. *Eu* não quero saber. Nem mais uma palavra. Você pode ser meu amigo, mas não vou virar seu cúmplice nessa história.

– Não estou preocupado com isso. Não muito, pelo menos. Eu *tinha* que enviar a nave à superfície. Eles querem aquela gravitacional... ou *qualquer* gravitacional. Você sabe disso.

– Certo, mas você poderia, pelo menos, ter reportado a mulher.

– Eu não quis. Ela não é casada. Está lá apenas para... para uso.

– Quantos homens a bordo?

– Dois

– E eles a levaram para a nave somente para... para aquilo. Devem ser de Terminus.

– De fato.

– Eles não se importam com o que fazem, lá em Terminus.

– De fato.

– Repulsivo. E eles conseguem se safar.

– Um deles é casado, e não queria que a esposa soubesse. Se eu reportasse a moça, a esposa descobriria.

– Mas ela não está em Terminus?

– Claro, mas ela descobriria mesmo assim.

– Seria bem-feito para esse homem, se ela descobrisse.

– Concordo. Mas *eu* não posso ser o responsável por isso.

– Eles vão massacrá-lo por não reportar. Querer evitar confusão para um fulano não é justificativa.

– *Você* teria reportado?

– Acho que eu teria a obrigação, sim.

– Não, não teria. O governo quer aquela nave. Se eu tivesse insistido em registrar a mulher, os tripulantes teriam mudado de ideia sobre aterrissar e teriam ido para algum outro planeta. O governo não iria querer isso.

– Mas será que eles acreditarão em você?

– Acho que sim. E era uma mulher linda. Imagine só, uma mulher como aquela disposta a viajar com dois homens, homens casados, com a intenção de se aproveitarem dela. Para falar a verdade, é tentador.

– Você não iria querer que sua esposa soubesse que disse isso, ou até mesmo que pensou nisso.

– Quem vai contar a ela? – respondeu Kendray, desafiador. – Você?

– Sem essa. Você sabe muito bem que não – o olhar de indignação de Gatis desapareceu rapidamente. – Não vai ser nada bom para aqueles caras, sabe, você tê-los deixado passar.

– Eu sei.

– O pessoal da superfície descobrirá logo e, mesmo que *você* saia ileso, *eles* não sairão.

– Eu sei – respondeu Kendray –, mas sinto pena deles. Qualquer problema que a mulher cause não será nada comparado ao que a nave causará. O capitão fez algumas observações...

Kendray parou de falar.

– Como o quê? – perguntou Gatis, ansioso.

– Esqueça – disse Kendray. – Se isso se espalhar, será o meu traseiro na linha.

– Não vou contar a ninguém.

– Nem eu. Mas sinto pena daqueles dois homens de Terminus.

15

Para qualquer pessoa que tenha viajado pelo espaço e experimentado sua inexorável constância, a verdadeira empolgação dos voos espaciais surge no momento em que se aterrissa em um novo planeta. O chão passa rapidamente sob a espaçonave e você tem vislumbres de terra e do mar, de áreas e linhas geométricas que representam campos e estradas. Você percebe o verde da natureza, o cinza do concreto, o marrom do solo infértil, o branco da neve. Acima de tudo, há a empolgação dos conglomerados habitados; cidades que, em cada mundo, têm suas próprias variedades geométricas e arquitetônicas.

Em uma espaçonave comum, haveria a emoção de tocar o solo e deslizar por uma pista. Para a *Estrela Distante*, era diferente. Ela flutuava; sua velocidade era diminuída por meio de cuidadosos ajustes no equilíbrio entre a resistência do ar e a gravidade, para, enfim, pousar sobre o espaçoporto. O vento estava forte, o que acrescentou complicações. A *Estrela Distante*, quando ajustada para baixa resposta à tração da gravidade, tinha não apenas pouco peso, mas também pouca massa. Se sua massa estivesse perto demais de zero, o vento a sobrepujaria facilmente. Portanto, a resposta à gravidade precisava ser aumentada, e propulsores deviam ser cuidadosamente usados não apenas contra a tração do planeta, mas também contra a força do vento – e da forma mais próxima possível das variações de intensidade do vento. Sem um computador apropriado, isso era impossível.

A nave desceu e desceu, com pequenas e inevitáveis mudanças de direção aqui e ali, flutuando até finalmente aterrissar na marcação que destacava a área do porto reservada para ela.

Quando a *Estrela Distante* pousou, o céu era de um azul-pálido misturado com um branco chapado. O vento continuava agressivo no solo e, mesmo que não fosse mais um perigo para a navegação, causava um arrepio que fazia Trevize se contorcer. Ele percebeu,

imediatamente, que o suprimento de roupas dos três era totalmente inapropriado para o clima comporellano.

Pelorat, por outro lado, olhou à volta com admiração e respirou fundo pelo nariz, satisfeito, apreciando o abraço do frio, pelo menos naquele momento. Ele até abriu deliberadamente seu casaco para sentir o frio contra o peito. Sabia que, em breve, fecharia o casaco novamente e ajustaria seu cachecol, mas, por enquanto, queria sentir a existência de uma atmosfera. Isso era impossível dentro da nave.

Júbilo fechou-se o máximo que pôde em seu casaco e, com mãos cobertas por luvas, puxou o chapéu que vestia para baixo a fim de cobrir as orelhas. Seu rosto estava contorcido pelo sofrimento e ela parecia à beira das lágrimas.

– Este mundo é maligno – murmurou. – Ele nos odeia e nos trata mal.

– De jeito nenhum, Júbilo, querida – respondeu Pelorat, com seriedade. – Estou certo de que os habitantes gostam deste mundo, e que ele... uh... gosta de seus habitantes, se quiser usar esses termos. Logo estaremos em um lugar fechado, e será quente.

Quase completando o raciocínio, ele abriu um dos lados de seu casaco e a envolveu; ela se aconchegou a ele. Trevize fez o melhor que pôde para ignorar a temperatura. Obteve um cartão-mapa com a autoridade portuária, verificando em seu computador de bolso que o cartão continha todos os detalhes necessários – o número da galeria e do lote, o nome da nave e o número de série do motor, e assim por diante. Checou a nave mais uma vez para garantir que ela estava segura e então comprou o seguro máximo contra eventualidades (inútil, na verdade, pois a *Estrela Distante* era provavelmente invulnerável a qualquer nível de tecnologia comporellana, e totalmente insubstituível, mesmo com dinheiro, caso não fosse).

Trevize encontrou o ponto de táxi onde era esperado (várias instalações em espaçoportos eram padronizadas em localização, aparência e modo de usar. Precisavam ser, considerando a natureza interplanetária da clientela).

Ele usou o terminal para chamar um táxi, marcando apenas "cidade" como destino. Um táxi planou na direção deles sobre esquis diamagnéticos, deslizando um pouco para os lados por causa do vento e tremendo sob a vibração de seu motor não muito silencioso. Era cinza-escuro e trazia os emblemas brancos de táxi nas portas traseiras.

O taxista usava um casaco escuro e um chapéu de penugem branca.

– A decoração planetária parece ser preta e branca – comentou Pelorat discretamente, ao reparar no motorista.

– Talvez seja mais animada na cidade.

O taxista falou por um pequeno microfone, talvez para evitar abrir a janela.

– Estão indo para a cidade, companheiros? – perguntou.

Havia uma gentil melodia em seu dialeto galáctico que era bastante acolhedora, e ele não era difícil de entender – sempre um alívio em um novo planeta.

– Isso mesmo – respondeu Trevize, e a porta traseira abriu-se, deslizando.

Júbilo entrou, seguida por Pelorat e então por Trevize. A porta foi fechada e ar quente soprou de baixo para cima.

Júbilo esfregou as mãos e soltou um longo suspiro de alívio.

O táxi começou a andar lentamente.

– Aquela nave em que chegaram é gravitacional, não é? – perguntou o motorista.

– Considerando a maneira como pousamos – disse Trevize, secamente –, você tem dúvidas?

– Então ela é de Terminus? – perguntou o taxista.

– Você conhece algum outro mundo que poderia construir uma dessas? – respondeu Trevize.

O motorista pareceu digerir a resposta conforme o táxi ganhava velocidade. Então, disse:

– Você sempre responde uma pergunta com outra pergunta?

Trevize não pôde resistir.

– Por que não? – respondeu.

– Nesse caso, o que você responderia caso eu perguntasse se o seu nome é Golan Trevize?

– Eu responderia: por que pergunta?

O táxi encostou nos arredores do espaçoporto e o motorista disse:

– Curiosidade! Repito a pergunta: você é Golan Trevize?

A voz de Trevize ficou tensa e hostil.

– Como isso pode ser da sua conta? – respondeu.

– Meu amigo – disse o taxista –, não andaremos até que você me responda. E, se não responder com “sim” ou “não” em dois segundos, desligarei o ar quente do compartimento de passageiros e ficaremos

aqui. Você é Golan Trevize, conselheiro de Terminus? Se responder negativamente, deverá mostrar documentos de identificação.

– Sim – respondeu Trevize –, sou Golan Trevize e, como conselheiro da Fundação, espero ser tratado com toda a cortesia condizente ao meu cargo. Sua recusa a fazê-lo lhe trará problemas, camarada. E agora?

– Agora podemos continuar com um pouco mais de tranquilidade – o táxi começou a andar novamente. – Escolho meus passageiros com cuidado, e esperava pegar apenas dois homens. A mulher não era esperada e eu talvez tivesse cometido um erro. Como não me enganei, deixarei a seu cargo explicar a presença da moça quando chegar ao seu destino.

– Você não sabe qual é o meu destino.

– Acontece que eu sei. Você irá para o Departamento de Transporte.

– Não é para onde quero ir.

– Isso não tem a mínima importância, conselheiro. Se eu fosse um taxista, eu o levaria para onde quisesse ir. Como não sou, eu o levarei para onde *eu* quero que você vá.

– Desculpe-me – interveio Pelorat, inclinando-se para a frente –, mas você parece um taxista. Está dirigindo um táxi.

– Qualquer um pode dirigir um táxi. Nem todos têm a licença para tanto. E nem todos os carros que parecem táxis são táxis.

– Chega de brincadeiras. Quem é você e o que está fazendo? Lembre-se de que terá de responder por isso à Fundação.

– Não eu – respondeu o motorista. – Meus superiores, talvez. Sou um agente da Força de Segurança Comporellana. Tenho ordens de tratá-lo com todo o respeito exigido por seu cargo, mas você deve ir para onde eu levá-lo. E tome muito cuidado com sua reação, pois este veículo é armado e estou sob ordens de me defender contra qualquer ataque.

16

Depois de alcançar a velocidade de passeio, o veículo movia-se com quietude e suavidade absolutas, e Trevize, naquele silêncio, parecia congelado. Percebia, sem precisar ver, que Pelorat lançava olhares de

incerteza para ele, com uma expressão de “O que faremos agora? Por favor, diga-me”.

Com uma olhadela na direção de Júbilo, Trevize viu que ela estava calma, aparentemente despreocupada. Claro – ela era todo um planeta. Gaia inteira, por mais que estivesse a distâncias galácticas, estava contida sob sua pele. Ela possuía recursos que poderiam ser invocados, no caso de uma emergência verdadeira.

Mas, então, o que tinha acontecido?

Era evidente que o oficial da estação de acesso, seguindo procedimentos de rotina, enviara seu relatório – omitindo Júbilo – e atraíra o interesse do pessoal da segurança, além, surpreendentemente, do Departamento de Transportes.

Por quê?

Era uma época de paz e ele não sabia de nenhuma tensão específica entre Comporellon e a Fundação. Ele próprio era um importante oficial da Fundação...

Espere um momento. Ele havia dito ao oficial da estação de acesso – Kendray, era seu nome – que estava em uma missão importante envolvendo o governo comporellano. Enfatizara tal fato ao tentar convencê-lo a liberar a passagem. Kendray talvez tivesse incluído aquilo no relatório, e *aquilo* levantara todo tipo de interesse.

Trevize não antecipara isso, e certamente deveria ter antecipado.

O que era, então, seu suposto dom da certeza? Estaria ele começando a acreditar que era a caixa-preta que Gaia acreditava que ele fosse – ou dizia acreditar que ele fosse? Estaria ele se envolvendo em uma situação complicada por causa do aumento de uma confiança exagerada, baseada em superstição?

Como ele poderia ter, por um momento sequer, acreditado naquela tolice? Nunca estivera errado, em toda a sua vida? Sabia dizer qual seria o clima de amanhã? Ganhara grandes somas em jogos de azar? As respostas eram não, não e não.

Pois então era apenas nas questões grandes e amorfas que ele estava sempre certo? Como poderia ter certeza?

Esqueça isso! Afinal, o simples fato de ter declarado estar ali por causa de assuntos importantes de Estado... não, ele dissera “segurança da Fundação”...

Pois bem. O simples fato de ele estar ali por questões de segurança da Fundação, vindo em segredo e sem ser anunciado, como fizera,

certamente atrairia a atenção comporellana. Sim, mas até que eles soubessem do que tudo aquilo se tratava, decerto agiriam com prudência absoluta. Seriam cerimoniosos e o tratariam como a um alto dignitário. Eles *não* o sequestrariam nem coagiriam com ameaças.

Entretanto, tinham feito exatamente aquilo. Por quê?

O que os fizera se sentirem fortes e poderosos o suficiente para tratarem um conselheiro de Terminus daquela maneira?

Poderia ser a Terra? Seria a mesma força que escondera o planeta de origem com tanta eficiência, até mesmo dos grandes mentálicos da Segunda Fundação, que agora agia para frustrar sua busca pela Terra, logo no primeiro passo? Seria a Terra onisciente? Onipotente?

Trevize sacudiu a cabeça. Aquele caminho levaria à paranoia. Ele iria culpar a Terra por tudo? Todos os comportamentos esquisitos, todas as curvas na estrada, todas as mudanças de circunstância seriam resultado das maquinações secretas da Terra? No momento em que começasse a pensar dessa maneira, estaria derrotado.

Àquela altura, sentiu o veículo diminuir a velocidade e foi trazido imediatamente de volta à realidade.

Ocorreu-lhe que não tinha, nem por um segundo, olhado para a cidade pela qual passavam. Naquele momento, observou o entorno apressadamente. Os prédios eram baixos, mas era um planeta frio – a maioria das estruturas era, provavelmente, subterrânea.

Não viu nenhum traço de cor, o que pareceu contra a natureza humana.

De vez em quando via uma pessoa com casacos pesados passar. Mas as pessoas, como os próprios prédios, deveriam estar, a maioria, sob a superfície.

O táxi parou diante de um prédio largo e baixo, construído em uma depressão cujo fundo Trevize não conseguia ver. Alguns momentos se passaram e o veículo continuou ali, o motorista imóvel. Seu chapéu alto e branco quase tocava o teto.

Trevize se perguntou, vagamente, como o motorista conseguia entrar e sair do veículo sem derrubar o chapéu. Então, com a raiva controlada que era de se esperar de um oficial orgulhoso e contrariado, disse:

– E então, motorista, o que acontece agora?

A versão comporellana do campo de força que separava o motorista dos passageiros não era nada primitiva. Ondas sonoras podiam passar,

apesar de Trevize ter certeza de que objetos materiais, em níveis adequados de força, não passariam.

– Alguém virá buscá-los – respondeu o motorista. – Fique sentado e acalme-se.

Conforme ele disse isso, três cabeças surgiram de dentro da depressão onde estava o prédio, em uma lenta e suave ascensão. Em seguida, apareceram os corpos. Era evidente que os recém-chegados subiam em algo semelhante a uma escada rolante, mas, de onde estava sentado, Trevize não conseguia ver detalhes do equipamento.

Conforme os três se aproximaram, a porta de passageiros do táxi se abriu e uma corrente de ar gelado invadiu o compartimento.

Trevize saiu, ajustando seu casaco em torno do pescoço. Os outros dois vieram em seguida – Júbilo, com considerável relutância.

Os três comporellanos não tinham formas muito definidas, pois usavam vestimentas estufadas, provavelmente aquecidas eletricamente. Trevize sentiu desprezo. Havia pouco uso para coisas daquele tipo em Terminus, e na única vez em que usara um casaco elétrico, durante o inverno de um planeta próximo a Anacreon, descobriu que eles aqueciam lentamente; quando percebeu que estava quente demais, já transpirava desconfortavelmente.

Conforme os comporellanos se aproximaram, Trevize reparou, com um distinto senso de indignação, que estavam armados. E nem tentavam esconder tal fato; muito pelo contrário. Cada um carregava um desintegrador em um coldre preso à parte externa da roupa.

Um dos comporellanos se aproximou e ficou diante de Trevize.

– Com sua licença, conselheiro – disse o comporellano grosseiramente, e então abriu o casaco de Trevize com um movimento rude. Usou as mãos em movimentos rápidos que passaram para cima e para baixo pelas laterais, costas, peito e coxas de Trevize. O casaco foi sacudido e apalpado. Trevize estava chocado e confuso demais para entender imediatamente que acabara de ser revistado de maneira rápida e eficiente.

Pelorat, com o queixo para baixo e uma careta torcida, passava por humilhação parecida nas mãos de um segundo comporellano. O terceiro se aproximou de Júbilo, que não esperou ser tocada. De alguma maneira, ela sabia o que esperar, pois se despiu do casaco e, por um momento, ficou ali com suas roupas de baixo, exposta ao sopro do vento. Com uma frieza equiparável à temperatura externa,

disse:

– Vocês podem ver que não estou armada.

E, de fato, todos podiam ver. O comporellano sacudiu o casaco de Júbilo, como se pudesse saber se havia uma arma ali apenas pelo peso – e talvez pudesse – e se afastou.

Júbilo vestiu seu casaco novamente, aconchegando-se dentro dele; e, por um instante, Trevize admirou seu gesto. Ele sabia como ela se sentia em relação ao frio, mas ela não permitiu que nenhum tremor ou arrepio percorresse o próprio corpo enquanto ficou ali usando apenas uma blusa e uma calça finas (então ele se perguntou se, na emergência, ela não teria buscado calor no restante de Gaia).

Um dos comporellanos gesticulou e os três Estrangeiros o seguiram. Os outros dois comporellanos vieram logo atrás. Um ou dois pedestres que estavam na rua não se importaram o suficiente para observar o que estava acontecendo. Talvez estivessem acostumados com aquilo ou, mais provavelmente, concentrados demais em entrar em algum lugar quente o mais rápido possível.

Trevize viu que os comporellanos tinham subido por uma rampa móvel. Agora, os seis desciam por ela e passavam por uma comporta quase tão sofisticada quanto a de uma espaçonave – para conter o calor, sem dúvida.

E então eles estavam dentro de um prédio imenso.

5.

Disputa pela nave

17

A PRIMEIRA IMPRESSÃO DE TREVIZE foi que ele estava no cenário de um hiperdrama; especificamente, de um romance histórico ambientado nos dias imperiais. Era uma montagem típica, com poucas variações (na opinião dele, talvez existisse apenas uma, usada por todos os produtores de hiperdramas), que representava a grande cidade planetária Trantor em seu auge.

Havia os grandes espaços, a pressa atarefada dos pedestres, os pequenos veículos trafegando pelas faixas reservadas a eles.

Trevize olhou para cima, quase esperando táxis-aéreos entrando em recessos escuros, mas isso, pelo menos, não existia. Na verdade, conforme sua surpresa inicial diminuiu, ficou evidente que o prédio era muito menor do que seria de se esperar em Trantor. Era *apenas* um prédio, e não parte de um complexo que se espalhava, ininterrupto, por milhares de quilômetros em todas as direções.

As cores também eram diferentes. Nos hiperdramas, Trantor era sempre retratado com uma extravagância impossível de cores, e as roupas, caso fossem representadas literalmente, não eram nada práticas e funcionais. Porém, todas aquelas cores e ornamentos serviam a um propósito simbólico, pois indicavam a decadência (opinião que era obrigatória, naqueles dias) do Império, especialmente em Trantor.

Mas se a representação era válida, Comporellon era o oposto completo da decadência, pois a paleta de cores que Pelorat comentara no espaçoporto era, aqui, corroborada.

As paredes tinham tons de cinza; o teto era branco; a roupa da população era preta, cinza e branca. De vez em quando, uma roupa totalmente preta; raramente, uma totalmente cinza. Trevize não viu nenhuma totalmente branca. Mas a textura era sempre diferente, como se as pessoas, destituídas de cores, conseguissem encontrar

maneiras irrefreáveis de afirmar individualidade.

Os rostos tendiam a ser inexpressivos – os que não eram mostravam austeridade. As mulheres tinham cabelos curtos; os dos homens eram mais longos, puxados para trás em tranças curtas. Ninguém olhava para ninguém conforme passavam uns pelos outros. Todos pareciam transpirar objetividade, como se tivessem assuntos importantes em mente, sem espaço para mais nada. Homens e mulheres vestiam-se da mesma maneira, com apenas o comprimento do cabelo e o discreto volume de seios e largura de quadris como diferenciadores.

Os três foram guiados até um elevador, que desceu cinco andares. Saíram e foram conduzidos até uma porta, na qual aparecia, em letras pequenas e discretas, branco sobre cinza, “Mitza Lizalor, MinTrans”.

O comporellano na liderança tocou as letras, que, depois de um momento, brilharam em resposta. A porta se abriu e eles entraram. Era um grande aposento, quase vazio; a nudez de elementos servindo, talvez, como um notável consumo de espaço criado para destacar o poder de seu ocupante.

Dois guardas estavam postados na parede ao fundo, com rostos inexpressivos e olhos fixos naqueles que entravam. Uma grande escrivaninha ocupava o centro do aposento, posicionada, talvez, um pouco para trás do centro. Atrás da escrivaninha estava, presumivelmente, Mitza Lizalor, corpulenta, rosto suave, olhos escuros. Duas mãos fortes e ágeis, com longos dedos de pontas quadradas, estavam pousadas sobre o móvel.

A MinTrans (ministra do Transporte, supôs Trevize) tinha amplas lapelas de um branco ofuscante que contrastavam com o cinza-escuro do restante de suas vestimentas. O branco das lapelas continuava em linhas diagonais, que se cruzavam no centro do peito. Trevize observou que, mesmo que a roupa tivesse sido desenhada para disfarçar o volume dos seios de uma mulher, o X branco chamava a atenção para eles.

A ministra era, sem dúvida, uma mulher. Mesmo ignorando seus seios, seus cabelos curtos eram evidentes e, apesar de seu rosto estar sem maquiagem, seus traços eram distintamente femininos.

Sua voz, um rico contralto, também era indiscutivelmente feminina.

– Boa tarde – ela disse. – Não é sempre que somos honrados com a visita de homens de Terminus. E de uma mulher não reportada,

também – seus olhos passaram de um para o outro e então pousaram em Trevize, que estava tenso e com postura contrariada. – E ainda a de um homem que é membro do Conselho.

– Um conselheiro da Fundação – respondeu Trevize, tentando fazer a voz ressoar. – Conselheiro Golan Trevize, em uma missão em nome da Fundação.

– Em uma missão? – as sobrancelhas da ministra se ergueram.

– Em uma missão – repetiu Trevize. – Por que, então, somos tratados como criminosos? Por que fomos colocados sob custódia por guardas armados e trazidos para cá como prisioneiros? Espero que entenda que o Conselho da Fundação não ficará nada contente quando ouvir sobre isso.

– E de qualquer forma – disse Júbilo, sua voz parecendo um tanto estridente em comparação à da senhora diante deles –, ficaremos de pé indefinidamente?

A ministra encarou Júbilo friamente por algum tempo, então ergueu um braço.

– Três cadeiras! Agora! – ordenou.

Uma porta se abriu e três homens, vestidos da maneira comporellana tradicionalmente sóbria, trouxeram três cadeiras em um semitrote. As três pessoas diante da escrivaninha se sentaram.

– Pronto – disse a ministra, com um sorriso gelado –, estamos confortáveis?

Trevize não se sentia nada confortável. As cadeiras não tinham estofamento, eram frias ao toque e tinham assentos e encostos retos, que não acomodavam de maneira nenhuma a forma do corpo. Ele perguntou:

– Por que estamos aqui?

A ministra consultou papéis em sua escrivaninha.

– Explicarei assim que tiver certeza de alguns dados. Sua nave é a *Estrela Distante*, vinda de Terminus. Está correto, conselheiro?

– Sim.

A ministra ergueu os olhos.

– Usei seu título, conselheiro. Use o meu, por favor, como cortesia.

– Madame Ministra seria suficiente? Ou existe algum honorífico?

– Nenhum honorífico, senhor, e não precisa usar termos duplos. “ministra” é suficiente, ou “madame”, caso se canse da repetição.

– Então minha resposta para sua pergunta é: sim, ministra.

– O capitão da nave é Golan Trevize, cidadão da Fundação e membro do Conselho de Terminus; um conselheiro novato, na realidade. O senhor é Trevize. Estou certa, conselheiro?

– Sim, ministra. E, como sou cidadão da Fundação...

– Ainda não acabei, conselheiro. Guarde suas objeções até que eu tenha terminado. Acompanhando-o está Janov Pelorat, estudioso, historiador e cidadão da Fundação. É o senhor, não é mesmo, dr. Pelorat?

Pelorat não conseguiu disfarçar uma leve surpresa quando a ministra virou seu aguçado olhar em sua direção.

– Sim, sou eu, minha c... – ele parou e recomeçou: – Sim, sou eu, ministra.

A ministra juntou as mãos rapidamente.

– Não há nenhuma menção sobre uma mulher no relatório que me foi passado. Essa mulher é um dos membros da tripulação da nave?

– Sim, ministra – respondeu Trevize.

– Então me dirijo à mulher. Seu nome?

– Sou conhecida como Júbilo – disse Júbilo, sentada ereta e falando com clareza tranquila –, mas meu nome completo é mais longo do que isso, madame. Gostaria de meu nome completo?

– Estou satisfeita com Júbilo, por enquanto. É uma cidadã da Fundação, Júbilo?

– Não sou, madame.

– De que mundo é cidadã, Júbilo?

– Não tenho documentos que atestem cidadania em nenhum mundo, madame.

– Nenhum documento, Júbilo? – ela fez uma pequena anotação nos papéis à sua frente. – Tal fato foi registrado. O que faz a bordo da nave?

– Sou uma passageira, madame.

– O conselheiro Trevize ou o dr. Pelorat pediram seus documentos antes que embarcasse, Júbilo?

– Não, madame.

– Informou-lhes de que estava sem documentação, Júbilo?

– Não, madame.

– Qual é sua função a bordo da nave, Júbilo? Seu nome diz respeito à sua função?

– Sou uma passageira e não tenho nenhuma outra função –

respondeu Júbilo, orgulhosa.

Trevize interrompeu.

– Por que a senhora importuna essa mulher, ministra? Qual lei ela desobedeceu?

Os olhos da ministra Lizalor passaram de Júbilo para Trevize.

– O senhor é um Estrangeiro, conselheiro – respondeu a ministra –, e não conhece nossas leis. Ainda assim, está sujeito a elas ao optar por visitar nosso mundo. O senhor não traz suas leis consigo; creio que é a regra geral das leis galácticas.

– De fato, ministra, mas isso não me diz quais leis ela desobedeceu.

– É uma regra geral na Galáxia, conselheiro, que um visitante de fora dos domínios do mundo que está sendo visitado traga documentação consigo. Muitos planetas são negligentes nesse aspecto, priorizando o turismo ou agindo de maneira indiferente à regra de ordem. Nós, em Comporellon, não somos assim. Somos um mundo de leis, rígidos em suas aplicações. Ela é uma pessoa sem mundo e, portanto, desobedece às nossas leis.

– Ela não teve escolha nessa questão – disse Trevize. – Eu era o piloto da nave e aterrissei em Comporellon. Ela precisava nos acompanhar, ministra, ou a senhora está sugerindo que ela devesse ter pedido para ser lançada ao espaço?

– Isso significa apenas que você também desobedeceu às nossas leis, conselheiro.

– Não, não é verdade, ministra. Eu não sou um Estrangeiro. Sou um cidadão da Fundação, e Comporellon e seus mundos dependentes são Potências Associadas à Fundação. Como cidadão da Fundação, posso visitar Comporellon livremente.

– Certamente, conselheiro, desde que tenha a documentação que prove que é um cidadão da Fundação.

– Eu tenho, ministra.

– Ainda assim, mesmo como cidadão da Fundação, não tem o direito de infringir nossa lei ao trazer consigo uma pessoa sem mundo.

Trevize hesitou. Era óbvio que o agente de imigração, Kendray, não tinha cumprido sua parte do acordo, portanto não fazia sentido protegê-lo.

– Não fomos barrados na estação de imigração, ministra, e considerei tal fato uma permissão implícita para trazer essa mulher comigo.

– É verdade que não foram barrados, conselheiro. É verdade que a mulher não foi reportada pelas autoridades de imigração e teve a passagem permitida. Mas suspeito que os oficiais na estação de acesso decidiram, e corretamente, que era mais importante que sua nave chegasse à superfície do que se preocupar com uma pessoa sem mundo. O que fizeram foi, falando estritamente, uma infração das regras, e a questão será resolvida com os procedimentos adequados, mas tenho certeza de que o veredicto dirá que a infração foi justificada. Somos um mundo de leis rígidas, conselheiro, mas não somos rígidos além do que dita o bom senso.

– Então – respondeu Trevize, imediatamente –, apelo para o bom senso da senhora para flexibilizar o rigor neste momento, ministra. Se a senhora não recebeu da estação de acesso nenhuma informação sobre uma pessoa sem mundo a bordo da nave, não sabia que estávamos infringindo a lei quando aterrissamos. Ainda assim, é evidente que estavam preparados para nos colocar sob custódia no momento em que pousamos, e assim o fizeram. Por que, se não tinham nenhum motivo para acreditar que alguma lei estava sendo infringida?

– Entendo sua confusão, conselheiro – sorriu a ministra. – Por favor, permita-me garantir que qualquer informação que obtivemos ou não sobre a condição sem mundo de sua passageira não está relacionada a vocês terem sido colocados sob custódia. Estamos agindo em nome da Fundação, da qual, como você mesmo aponta, somos uma Potência Associada.

– Mas isso é impossível, ministra – Trevize olhou-a nos olhos. – Pior. É ridículo.

A risadinha da ministra foi como a suave textura do mel. Ela respondeu:

– Estou interessada em saber por que o senhor considera ser ridículo pior do que ser impossível, conselheiro. Concordo com isso. Porém, infelizmente, não é nenhum dos dois casos. Por que seria?

– Porque sou um oficial do governo da Fundação, em uma missão em nome deles, e é absolutamente inconcebível que eles queiram me prender, ou até mesmo que tivessem o poder para tanto, considerando que tenho imunidade legislativa.

– Ah, o senhor omite meu título, mas está profundamente emotivo, o que faz isso ser perdoável. Ainda assim, não tenho ordens de prendê-

lo diretamente. Eu o fiz apenas para poder cumprir o que me *foi* pedido, conselheiro.

– O que lhe foi pedido, ministra? – perguntou Trevize, tentando manter as emoções sob controle diante dessa formidável mulher.

– Que eu tome posse de sua nave, conselheiro, e a devolva para a Fundação.

– O quê?

– Mais uma vez omitiu meu título, conselheiro. É um descuido da sua parte e não colabora em nada com a sua situação. Presumo que a nave não seja sua. Ela foi criada para você, construída para você ou paga por você?

– Evidente que não, ministra. Foi concedida a mim pelo governo da Fundação.

– Então é de se presumir que o governo da Fundação tenha o direito de cancelar tal concessão, conselheiro. Imagino que seja uma nave valiosa.

Trevize não respondeu.

– É uma espaçonave gravitacional, conselheiro – continuou a ministra. – Não devem existir muitas delas e até mesmo a Fundação deve ter poucas disponíveis. Provavelmente lamentam terem concedido uma dessas a você. Talvez consiga persuadi-los a conceder-lhe outra nave, menos valiosa, mas amplamente satisfatória para a realização de sua missão. Mas precisamos ficar com a nave em que você chegou.

– Não, ministra, não posso abrir mão da nave. Não consigo acreditar que a Fundação tenha lhe feito esse pedido.

– Não foi um pedido formal a mim, conselheiro – sorriu a ministra. – Não foi específico para Comporellon. Temos motivos para acreditar que o pedido tinha sido enviado a todos os muitos planetas e a todas as regiões sob jurisdição ou em acordo com a Fundação. Com base nisso, deduzo que a Fundação não saiba o seu itinerário e esteja lhe procurando com certo vigor raivoso. Deduzo, ainda, que o senhor não tem nenhuma missão a cumprir aqui em Comporellon em nome da Fundação, pois, nesse caso, eles saberiam onde o senhor está e lidariam diretamente conosco. Em resumo, conselheiro, o senhor está mentindo para mim.

– Eu gostaria – disse Trevize, com certa dificuldade – de ver uma cópia do pedido que recebeu do governo da Fundação, ministra.

Acredito ter prerrogativa para tanto.

– Certamente, se isso tudo se tornar uma ação legal. Levamos nossos relatórios legais muito a sério, conselheiro, e seus direitos serão plenamente protegidos, eu garanto. Mas seria melhor e mais fácil se chegássemos a um acordo aqui e agora sem a publicidade e os atrasos de uma ação judicial. Preferiríamos assim, e tenho certeza de que a Fundação também preferiria, pois não deve querer que a Galáxia toda saiba sobre um legislador fugitivo. Isso a deixaria sob os holofotes do ridículo e, tanto em sua opinião como na minha, isso seria pior do que impossível.

Trevize mais uma vez permaneceu em silêncio.

A ministra esperou um instante e então prosseguiu, tão inabalável quanto antes.

– Veja bem, conselheiro, de qualquer forma, seja por meio de um acordo informal ou por ação judicial, nós ficaremos com a nave. A penalidade por trazer uma passageira sem mundo dependerá de qual desses caminhos seguiremos. Exija o cumprimento da lei e ela será mais um ponto contra o senhor, e todos estarão sujeitos à punição mais severa pelo crime, que não será branda, eu garanto. Cheguemos a um acordo e sua passageira poderá ser mandada embora em um voo comercial para qualquer destino que ela quiser, e vocês poderão acompanhá-la, se assim desejarem. Ou, se a Fundação estiver disposta a tanto, forneceremos uma de nossas próprias naves, uma que seja perfeitamente adequada, desde que, evidentemente, a Fundação a substitua com uma nave equivalente de sua própria frota. Ou se, por algum motivo, o senhor não quiser retornar a um território controlado pela Fundação, talvez estejamos dispostos a oferecer refúgio aqui mesmo e no futuro, possivelmente, a cidadania comporellana. O senhor tem muitas possibilidades de ganho se chegar a um acordo amigável, e nenhuma se insistir em seus direitos legais. Compreende?

– Ministra – disse Trevize –, a senhora está se precipitando. Promete o que não pode cumprir. Não pode me oferecer asilo diante de um requerimento da Fundação para que eu seja entregue a eles.

– Conselheiro – a ministra respondeu –, eu nunca prometo o que não posso cumprir. O requerimento da Fundação foi apenas pela nave. Não fizeram nenhum requerimento que diga respeito ao senhor como indivíduo, ou a qualquer outro que estivesse na nave. O único pedido foi pela espaçonave.

Trevize olhou rapidamente para Júbilo e disse:

– Com sua permissão, ministra, posso deliberar com o dr. Pelorat e com a srta. Júbilo por um instante?

– Certamente, conselheiro. Terão quinze minutos.

– Em particular, ministra.

– Vocês serão levados a um aposento e, depois de quinze minutos, serão trazidos de volta, conselheiro. Não serão incomodados enquanto estiverem ali, e não tentaremos monitorar sua conversa. Tem minha palavra, e eu mantenho minha palavra. Mas serão adequadamente escoltados, portanto não sejam tolos a ponto de pensarem em fugir.

– Entendido, ministra.

– E, quando voltarem, esperamos que concorde espontaneamente e ceda a nave. Caso contrário, a lei seguirá seu rumo, e será muito pior para todos vocês, conselheiro. Ficou claro?

– Ficou claro, ministra – disse Trevize, mantendo a fúria sob rígido controle, pois expressá-la não seria nem um pouco benéfico.

18

Era uma sala pequena, mas bem iluminada. Tinha um sofá e duas cadeiras e era possível ouvir o discreto som de ventilação. No geral, era evidentemente mais confortável do que o escritório grande e estéril da ministra.

Um guarda alto e solene, com mão a postos sobre a coronha do seu desintegrador, os levou até lá. Ele ficou do lado de fora conforme os três entraram e, com um pesado tom de voz, disse:

– Vocês têm quinze minutos.

Imediatamente, a porta deslizou e fechou com um som grave.

– Espero que não estejamos grampeados – disse Trevize.

– Ela nos deu a própria palavra, Golan – respondeu Pelorat.

– Você julga os outros como bem entende, Janov. A tal “palavra” dela não é suficiente. Ela deixará de cumpri-la sem hesitação, se quiser.

– Não importa – interveio Júbilo. – Posso bloquear este lugar.

– Você tem um equipamento de bloqueio? – perguntou Pelorat.

Júbilo sorriu com dentes muito brancos.

– A mente de Gaia é um equipamento de bloqueio, Pel. É uma

mente gigantesca.

– Estamos aqui – disse Trevize –, por causa das limitações dessa mente gigantesca.

– O que quer dizer? – perguntou Júbilo.

– Quando aconteceu o confronto triplo para decidir o futuro da Galáxia, você me tirou tanto da mente da prefeita como da mente daquele membro da Segunda Fundação, Gendibal. Nenhum deles pensaria em mim de novo, a não ser vagamente e com indiferença. Eu seria deixado em paz.

– Tivemos que fazer aquilo – disse Júbilo. – Você é nosso recurso mais importante.

– Sim. Golan Trevize, o eternamente certo. Mas você não tirou minha nave da mente deles, tirou? A prefeita Branno não quer a mim, ela não tem nenhum interesse por mim. Mas quer *a nave*. Ela não esqueceu a nave.

Júbilo franziu o cenho.

– Pense nisso – continuou Trevize. – Gaia presumiu despreocupadamente que eu incluía minha nave; que éramos uma unidade. Se Branno não pensasse em mim, não pensaria na nave. O problema é que Gaia não entende individualidade. Considerou que eu e a nave éramos um único organismo, e estava errada.

– É possível – disse Júbilo, suavemente.

– Pois bem – prosseguiu Trevize, categoricamente –, agora cabe a você retificar esse erro. Preciso de minha nave gravitacional e do meu computador. Nada poderá substituí-los. Portanto, Júbilo, faça com que eu permaneça com a nave. Você pode controlar mentes.

– Sim, Trevize, mas não exercemos esse controle de modo inconsequente. Fizemos isso em conjuntura com o confronto triplo, mas você tem ideia de quanto tempo aquele confronto levou para ser planejado? Calculado? Ponderado? Levou, literalmente, muitos anos. Não posso simplesmente ajustar a mente dessa mulher para a conveniência de alguém.

– É um momento de...

– Se eu começar com esse tipo de atitude – continuou Júbilo, com vigor –, onde vamos parar? Eu poderia ter influenciado a mente do agente da estação de acesso, e teríamos passado sem nenhum problema. Eu poderia ter influenciado a mente do agente no táxi, e ele teria nos deixado fugir.

– Bom, já que você mencionou, por que não o fez?

– Porque não sabemos onde isso iria dar. Não conhecemos os efeitos colaterais, que podem, no final das contas, piorar a situação. Se eu ajustar a mente da ministra agora, isso afetará a maneira como ela lidará com outros com quem terá contato e, como é uma alta oficial de seu governo, pode afetar relações interestelares. Até essa questão ser resolvida, não ousaremos tocar em sua mente.

– Então por que está conosco?

– Porque pode chegar um momento em que sua vida esteja ameaçada. Devo proteger sua vida a qualquer custo, mesmo ao custo de meu Pel ou de mim mesma. Sua vida não foi ameaçada na estação de acesso. Não está sob ameaça agora. Você precisa resolver essa situação por conta própria, pelo menos até que Gaia possa estimar as consequências de qualquer ação e decidir tomá-la.

Trevize fechou-se em pensamento e, enfim, disse:

– Neste caso, preciso tentar alguma coisa. Pode ser que não funcione.

A porta se abriu, encaixando-se em seu mecanismo tão ruidosamente quanto no momento em que se fechou.

– Saiam – disse o guarda.

Conforme saíram, Pelorat sussurrou:

– O que pretende fazer, Golan?

– Não tenho muita certeza – Trevize negou com a cabeça, sussurrando. – Precisarei improvisar.

19

A ministra Lizalor ainda estava sentada à mesa quando eles voltaram ao escritório dela. Seu rosto abriu-se em um sorriso austero quando eles entraram.

– Imagino, conselheiro Trevize – disse ela –, que o senhor retorna para me dizer que abrirá mão dessa nave da Fundação que está em sua posse.

– Vim, ministra – respondeu Trevize, calmamente –, para negociar termos.

– Não há termos a serem negociados, conselheiro. Um julgamento, se insistir nele, pode ser providenciado rapidamente e realizado com

ainda mais rapidez. Garanto sua condenação mesmo em um julgamento perfeitamente justo, pois sua culpa por trazer consigo uma pessoa sem mundo é óbvia e indiscutível. Depois disso, estaremos legalmente amparados para tomar posse da nave, e os três sofrerão punições severas. Não se force a suportar tais punições para nos atrasar por apenas um dia.

– Ainda assim, existem termos a serem discutidos, ministra, pois, independentemente de quão rápido possa nos condenar, não pode tomar posse da nave sem meu consentimento. Qualquer tentativa para forçar uma entrada na nave irá destruí-la, e também o espaçoporto e todos os seres humanos que lá estiverem. Isso certamente enfureceria a Fundação, algo que a senhora não ousaria fazer. Ameaçar-nos ou maltratar-nos para forçar-me a abrir a nave é certamente contra suas leis e, se infringir a própria lei por desespero e nos submeter à tortura ou até mesmo a um período cruel e incomum de aprisionamento, a Fundação saberá disso e ficará ainda mais furiosa. Por mais que queiram a nave, não podem admitir um precedente que permitiria maus-tratos a cidadãos da Fundação. Falemos de condições?

– Isso é tolice – disse a ministra, com olhar zangado. – Se for necessário, chamaremos a Fundação. Eles saberão como abrir a própria nave, ou *eles* o forçarão a abri-la.

– A senhora não usou meu título, ministra – respondeu Trevize –, mas está emocionalmente agitada, portanto talvez seja perdoável. A senhora sabe muito bem que a última coisa que fará é chamar a Fundação, pois não tem intenção nenhuma de entregar-lhes a nave.

O sorriso desapareceu do rosto da ministra.

– Que absurdo é esse, conselheiro? – perguntou.

– O tipo de absurdo, ministra, sobre o qual outros talvez não devessem ouvir. Permita que meu amigo e a jovem sigam para algum confortável quarto de hotel e consigam o descanso de que tanto precisam, e peça que seus guardas saiam. Eles podem ficar do lado de fora e a senhora pode pedir que deixem um desintegrador. A senhora não aparenta fraqueza e, com uma pistola, não tem nada a temer de mim. Estou desarmado.

A ministra inclinou-se na direção de Trevize por cima da escrivaninha.

– Eu não tenho nada a temer de você em nenhum momento.

Sem olhar para trás, fez um sinal para um dos guardas, que se

aproximou imediatamente e posicionou-se ao seu lado em posição de continência.

– Guarda, leve aqueles dois para a suíte cinco. Garanta que fiquem lá e que estejam confortáveis, e sob vigilância. Você será responsabilizado por quaisquer maus-tratos que recebam e também por qualquer falha de segurança.

Ela se levantou e nem mesmo a firme determinação de Trevize para manter a compostura foi suficiente para impedi-lo de hesitar um pouco. Ela era alta; pelo menos tão alta quanto o 1,85 metro de Trevize, talvez um centímetro além. Tinha uma cintura fina, e as duas faixas que cruzavam seu peito continuavam até circundar a cintura, o que fazia com que parecesse ainda mais delgada. Emanava uma graciosidade absoluta, e Trevize pensou, pesaroso, que a afirmação de que ela não teria nada a temer dele podia ser verdadeira. Em uma briga, pensou, ela não teria problemas para imobilizá-lo no chão.

– Venha comigo, conselheiro – disse a ministra. – Se insiste em falar absurdos, então, para o seu próprio bem, quanto menos pessoas o ouvirem, melhor.

Ela caminhava a passos largos e velozes, e Trevize a seguiu, sentindo-se diminuído pela imensa sombra da ministra, sentimento que nunca tivera em relação a uma mulher.

Entraram em um elevador e, assim que a porta se fechou, ela disse:

– Agora estamos sozinhos. Se tiver a ilusão de que pode usar força comigo, conselheiro, para conseguir algum propósito imaginário, por favor, esqueça – o monótono em sua voz ficou mais acentuado conforme ela continuou, claramente divertindo-se: – O senhor parece um espécime razoavelmente forte, mas garanto que não terei nenhuma dificuldade para quebrar seu braço, ou até mesmo sua coluna, se for preciso. Estou armada, mas não precisarei usar nenhuma arma.

Trevize coçou o rosto e seus olhos a analisaram de cima a baixo.

– Ministra, posso vencer qualquer homem com peso igual ao meu em uma briga, mas já decidi que não ousarei brigar com a senhora. Sei quando estou diante de um oponente mais formidável do que eu.

– Ótimo – disse a ministra, satisfeita.

– Para onde estamos indo, ministra? – perguntou Trevize.

– Para baixo! Vários metros para baixo. Mas não fique nervoso. Suponho que, nos hiperdramas, este seria o momento em que eu o levaria até o calabouço, mas não temos calabouços em Comporellon,

apenas prisões aceitáveis. Estamos indo ao meu apartamento; não tão romanesco, mas bem mais confortável.

Trevize estimou que eles estavam a pelo menos cinquenta metros abaixo da superfície do planeta quando a porta do elevador se abriu e eles saíram.

20

Trevize olhou em volta com evidente surpresa.

– O senhor reprova minha habitação, conselheiro? – perguntou a ministra, sombriamente.

– Não tenho motivos para tanto, ministra. Estou apenas surpreso. Não esperava por isso. A impressão que tive do seu mundo, do pouco que vi e ouvi desde que cheguei, era de um mundo... moderado, que se abstém de luxo desnecessário.

– E de fato o é, conselheiro. Nossos recursos são limitados, e nossas vidas precisam ser tão austeras quanto nosso clima.

– Mas isto, ministra – e Trevize abriu os braços como se fosse abraçar o aposento, onde, pela primeira vez naquele planeta, viu cores; onde os sofás eram bem acolchoados, as luzes das paredes iluminadas eram suaves e o chão era acarpetado, fazendo os passos serem macios e silenciosos. – Isto é certamente luxuoso.

– Conselheiro, como o senhor mesmo diz, nós nos abstemos do luxo desnecessário, do luxo ostentoso, do luxo excessivo e do desperdício. Mas este é luxo privativo, que tem sua utilidade. Eu trabalho muito e lido com muitas responsabilidades. Preciso de um lugar onde possa esquecer as dificuldades do meu cargo por algum tempo.

– E todos os comporellanos vivem assim quando os olhos alheios estão desviados, ministra? – perguntou Trevize.

– Depende do nível do trabalho e da responsabilidade. Poucos têm o poder aquisitivo para tanto, ou merecem, ou, graças ao nosso código de ética, desejam algo assim.

– Mas a senhora, ministra, tem o poder aquisitivo, merece e deseja tudo isso?

– Cargos elevados têm suas vantagens, além de obrigações – respondeu a ministra. – Agora sente-se, conselheiro, e conte-me sobre essa sua loucura – ela se sentou no sofá, que cedeu levemente sob seu

peso sólido, e apontou para uma poltrona igualmente macia, na qual Trevize ficaria diante dela a uma distância não muito grande.

– Loucura, ministra? – disse Trevize, depois de se sentar.

A ministra relaxou visivelmente, apoiando o cotovelo direito em uma almofada.

– Em uma conversa particular, não precisamos seguir meticulosamente as regras do discurso formal. Pode me chamar de Lizalor. Eu o chamarei de Trevize. Diga o que está em sua mente, Trevize, e vamos examinar a questão.

Trevize cruzou as pernas e reclinou-se na poltrona.

– Veja bem, Lizalor, você me ofereceu a possibilidade de ceder a nave voluntariamente ou estar sujeito a um julgamento formal. Em ambos os casos, você ficaria com a nave. Ainda assim, se esforça bastante para me persuadir a aceitar a primeira possibilidade. Está disposta a oferecer outra nave para substituir a minha, para que eu e meus amigos possamos ir para onde quisermos. Poderíamos até ficar aqui em Comporellon e fazer requerimentos para cidadania, se assim o desejarmos. Em um exemplo menor, permitiu que eu tivesse quinze minutos para consultá-los. Estava disposta até mesmo a me trazer a seu apartamento, enquanto meus amigos, eu presumo, estão acomodados em um lugar confortável. Em resumo, Lizalor, você está me subornando, de maneira excessiva, para conseguir a nave sem a necessidade de um julgamento.

– Ora, Trevize, não tem disposição para me dar créditos por impulsos humanísticos?

– Nenhuma.

– Ou cogitar a ideia de que ceder voluntariamente seria mais rápido e conveniente do que um julgamento?

– Não! Eu daria uma sugestão diferente.

– Qual?

– Um julgamento tem uma grande desvantagem: é uma questão pública. Você se referiu diversas vezes ao rigoroso sistema legal deste mundo, e suspeito que seria muito difícil realizar um julgamento sem que fosse totalmente registrado. Se fosse assim, a Fundação saberia dele e você teria que lhes entregar a nave assim que o julgamento terminasse.

– Pois claro – respondeu Lizalor, inexpressiva. – A nave pertence à Fundação.

– Mas – continuou Trevize – um acordo particular comigo não precisaria ser formalmente registrado. Você poderia ficar com a nave e, como a Fundação não teria conhecimento disso (eles nem sabem que estamos neste mundo), Comporellon poderia mantê-la. Tenho certeza de que é isso que pretende fazer.

– Por que faríamos isso? – ela continuava sem demonstrar expressão. – Não somos parte da Federação da Fundação?

– Não exatamente. Seu status é de Potência Associada. Em qualquer mapa em que os mundos-membros da Federação são mostrados em vermelho, Comporellon e seus mundos dependentes aparecem como um trecho rosa-pálido.

– Ainda assim, mesmo como uma Potência Associada, certamente cooperaríamos com a Fundação.

– Cooperariam? Será que Comporellon não está sonhando com independência total, ou até mesmo liderança? Vocês são um mundo antigo. Quase todos os mundos afirmam ser mais velhos do que realmente são, mas Comporellon é, de fato, muito antigo.

A ministra Lizalor permitiu que um sorriso frio surgisse em seu rosto.

– O mais antigo – comentou –, se alguns de nossos entusiastas forem dignos de crédito.

– Será que não houve uma época em que Comporellon foi, de fato, o mundo-líder de um grupo planetário relativamente pequeno? Será que ainda não sonham em recuperar essa posição de poder que perderam?

– Você acha que sonhamos com um objetivo tão impossível quanto esse? Chamei de loucura antes de saber o que você pensava, e é certamente loucura, agora que sei.

– Sonhos talvez sejam impossíveis, mas, ainda assim, são sonhados. Terminus, localizado no extremo da Galáxia e com uma história de cinco séculos que é mais breve do que a de qualquer outro mundo, virtualmente governa a Galáxia. E Comporellon não poderia governar? Hein? – Trevize estava sorrindo.

Lizalor permaneceu séria.

– Pelo que nos é ensinado – disse a ministra –, Terminus alcançou tal posição graças ao funcionamento do Plano de Hari Seldon.

– Esse é o alicerce psicológico de sua superioridade, que talvez só fique de pé enquanto as pessoas acreditarem nele. Pode ser que o

governo de Comporellon não acredite. Ainda assim, Terminus goza, também, de um alicerce tecnológico. A hegemonia de Terminus sobre a Galáxia é resultado, sem dúvida, de sua tecnologia avançada, e a espaçonave gravitacional que você tanto deseja é um exemplo dessa tecnologia. Nenhum outro mundo além de Terminus tem naves gravitacionais à disposição. Se Comporellon pudesse ter uma e aprender seus mecanismos detalhadamente, poderia dar um colossal passo à frente. Não acho que seria suficiente para ajudá-los a superar a liderança de Terminus, mas seu governo talvez acredite que sim.

– Não pode estar falando sério – respondeu Lizalor. – Qualquer governo que retivesse a nave da Fundação contra sua vontade certamente sofreria a fúria da Fundação, e a história nos mostra como ela pode ser desconfortavelmente furiosa.

– A fúria da Fundação – disse Trevize – só poderia ser exercida se a Fundação soubesse que existe um motivo para se enfurecer.

– Nesse caso, Trevize, se admitirmos hipoteticamente que sua análise da situação não é uma loucura, não seria melhor para você abrir mão da nave e fazer uma negociação que lhe seja extremamente vantajosa? Pagaríamos bem pela chance de adquiri-la discretamente, seguindo a sua linha de raciocínio.

– Vocês poderiam confiar que eu não relataria tudo para a Fundação?

– Decerto, pois você teria de relatar sua própria participação.

– Eu poderia dizer que agi sob coerção.

– Sim. A não ser que o seu bom senso lhe dissesse que a prefeita nunca acreditaria nisso. Vamos, aceite um acordo.

Trevize negou com a cabeça.

– Não aceitarei, madame Lizalor – disse. – A nave é minha e deve continuar sendo minha. Como falei, ela há de explodir com potência extraordinária se tentarem forçar a entrada. Garanto que estou dizendo a verdade. Não suponha que estou blefando.

– *Você* poderia abri-la e reprogramar o computador.

– Sem dúvida, mas não farei isso.

Lizalor suspirou profundamente.

– Você sabe que podemos fazê-lo mudar de ideia; se não por meio do que poderíamos fazer com você, então pelo que poderíamos fazer com seu amigo, o dr. Pelorat, ou com a moça.

– Tortura, ministra? Essa é a sua lei?

– Não, conselheiro. Mas talvez não precisemos apelar para algo tão cru. Existe sempre a possibilidade de usarmos uma Sonda Psíquica.

Pela primeira vez desde que entrara no apartamento da ministra, Trevize sentiu um arrepio.

– Tampouco poderia fazer isso – disse Trevize. – O uso da Sonda Psíquica para qualquer propósito além de medicinal é proibido em toda a Galáxia.

– Mas se formos levados a medidas extremas...

– Estou disposto a arriscar – respondeu Trevize, calmamente –, pois isso não lhe traria nenhuma vantagem. Minha determinação para ficar com a nave é tão profunda que a Sonda Psíquica destruiria minha mente antes de desfigurá-la a ponto de eu concordar em ceder. (*Isso* era um blefe, pensou, e o arrepio em seu âmago ficou mais intenso.) E, mesmo que fossem habilidosos e conseguissem persuadir-me sem destruir minha mente, e se eu abrisse a nave e desarmasse a segurança e a entregasse a você, ainda não lhe seria vantajoso. O computador da nave é ainda mais avançado do que a própria nave, e foi, de alguma maneira, criado (não sei como) para funcionar em potencial máximo apenas comigo. É o que eu chamaria de um computador uniusuário.

– Vamos supor, então, que você fique com sua nave e continue a pilotá-la. Consideraria fazer isso por nós, como um cidadão honorário comporellano? Um salário alto. Luxo considerável. E seus amigos também.

– Não.

– O que está sugerindo? Que simplesmente deixemos você e seus amigos decolarem com a nave e partirem pela Galáxia? Aviso que, antes de permitirmos isso, poderíamos simplesmente informar a Fundação de que você está aqui com sua nave e deixar tudo a cargo deles.

– E acabar você mesma sem a nave?

– Se é inevitável perdê-la, talvez achemos melhor perdê-la para a Fundação do que para um Estrangeiro petulante.

– Então me permita oferecer uma concessão da minha parte.

– Uma concessão? Pois bem, estou ouvindo. Prossiga.

– Estou em uma missão importante – disse Trevize. – Ela começou com o apoio da Fundação. O apoio parece ter sido suspenso, mas a missão continua importante. Se eu puder contar com o apoio comporellano e completar a missão com sucesso, Comporellon se

beneficiará.

Lizalor assumiu uma expressão dúbia.

– E você não devolverá a nave para a Fundação? – perguntou.

– Isso nunca esteve nos meus planos. A Fundação não buscaria a nave com tanto afinco se *ela* achasse que eu tenho intenção de devolvê-la.

– O que não é exatamente a mesma coisa de dizer que você dará a nave a nós.

– Uma vez que eu tenha completado a missão, a nave talvez não tenha mais utilidade para mim. Nesse caso, eu não teria objeções contra Comporellon ficar com ela.

Durante alguns instantes, os dois olharam um para o outro em silêncio.

– Você usou a condicional – disse Lizalor. – "A nave talvez não tenha mais utilidade." Isso não tem nenhum valor para nós.

– Eu poderia fazer grandes promessas, mas qual seria o valor delas para você? O fato de minhas promessas serem cautelosas e limitadas deveria mostrar que são, ao menos, sinceras.

– Muito perspicaz – concordou Lizalor com a cabeça. – Gosto disso. E então, qual é sua missão e como ela poderia beneficiar Comporellon?

– Não, não – respondeu Trevize –, é a sua vez. Você me dará apoio se eu convencê-la de que a missão é importante para Comporellon?

A ministra Lizalor levantou-se do sofá, uma presença esguia e intimidante.

– Estou faminta, conselheiro Trevize, e não prosseguirei de estômago vazio. Ofereço-lhe algo para comer e beber... moderadamente. Depois disso, chegaremos a uma conclusão.

Para Trevize, naquele momento a ministra parecia ter um ar de excitação um tanto carnívoro, e ele contraiu os lábios com certo desconforto.

21

A refeição foi nutritiva, mas não algo que satisfizesse o paladar. O prato principal consistia em carne cozida com um molho à base de mostarda, servido sobre vegetais folhosos que Trevize não reconheceu

– e não apreciou, tampouco, pois tinham um gosto amargo e salgado que não lhe agradava. Depois, descobriu que era um tipo de alga marinha.

Em seguida, comeram uma fruta que tinha sabor de maçã impregnada com pêssego (nada mau, na verdade) e uma bebida quente e escura, amarga o suficiente para Trevize deixar o copo pela metade e pedir água fresca. Todas as porções eram diminutas, mas, naquelas circunstâncias, Trevize não se importou.

A refeição foi particular, sem a presença de nenhum empregado. A própria ministra aqueceu e serviu a comida, e ela mesma retirou a louça e os talheres.

– Espero que tenha considerado a refeição agradável – disse Lizalor enquanto eles deixavam a sala de jantar.

– Muito agradável – respondeu Trevize, sem entusiasmo.

A ministra mais uma vez sentou-se no sofá.

– Retornemos, então, à nossa conversa – ela disse. – Você afirmou que Comporellon talvez tenha ressentimentos pela liderança da Fundação em avanços tecnológicos e por sua soberania sobre a Galáxia. De certa maneira, é verdade, mas esses aspectos da situação interessariam apenas aos entusiastas da política interestelar, que são relativamente poucos. Muito mais próximo do cerne do problema está o fato de que o comporellano médio sente-se indignado pela imoralidade da Fundação. Existe imoralidade na maioria dos mundos, mas parece mais acentuada em Terminus. Eu diria que qualquer hostilidade anti-Fundação existente neste mundo está enraizada nisso, e não em questões mais abstratas.

– Imoralidade? – perguntou Trevize, intrigado. – Apesar das falhas da Fundação, você precisa admitir que ela cumpre seu papel na Galáxia com razoável eficiência e honestidade fiscal. Os direitos civis são amplamente respeitados e...

– Conselheiro Trevize, falo de moralidade *sexual*.

– Nesse caso, não entendo o que está dizendo. Somos uma sociedade completamente moral em termos sexuais. As mulheres são bem representadas em cada faceta da vida social. Nossa prefeita é uma mulher e quase metade do Conselho consiste em...

A ministra permitiu que uma expressão irritada cruzasse seu rosto.

– Conselheiro, está zombando de mim? Você decerto sabe o que significa moralidade sexual. O casamento é ou não é um sacramento

em Terminus?

– O que quer dizer com sacramento?

– Existe uma cerimônia formal de casamento que une duas pessoas?

– Certamente, se as pessoas assim desejarem. Uma cerimônia desse tipo simplifica problemas de impostos e herança.

– Mas o divórcio é possível.

– Claro. Seria imoral manter pessoas presas umas às outras quando...

– Não existem restrições religiosas?

– Religiosas? Há pessoas que usam cultos antigos como base para suas filosofias, mas o que isso tem a ver com casamento?

– Conselheiro, aqui em Comporellon, todos os aspectos do sexo são estritamente controlados. Não pode acontecer fora do casamento. Sua prática é limitada até mesmo dentro do casamento. Ficamos estarrecidos com esses planetas, especialmente com Terminus, em que sexo parece ser considerado um mero prazer social sem grande importância, a ser desfrutado quando, como e com quem se bem entender, sem consideração pelos valores religiosos.

– Lamento – Trevize deu de ombros –, mas não posso ser incumbido de reformar a Galáxia, e nem Terminus. E como isso está relacionado à questão da minha nave?

– Estou falando da opinião pública relacionada à questão da sua nave, e como isso limita minha capacidade de fazer concessões. As pessoas de Comporellon ficarão indignadas se descobrirem que você levou uma mulher jovem e atraente para a nave a fim de satisfazer os seus impulsos libidinosos e os de seu companheiro. É por consideração à segurança dos três que tenho insistido para que aceite uma rendição pacífica em vez de um julgamento público.

– Vejo – respondeu Trevize – que usou a refeição para pensar em um novo tipo de persuasão, desta vez por ameaça. Agora devo temer um linchamento?

– Apenas aponto os perigos. Você nega que a mulher que trouxeram a bordo é algo além de conveniência sexual?

– Claro que nego. Júbilo é a companheira do meu amigo, o dr. Pelorat. Ele não tem outras companheiras. Você talvez não possa afirmar que eles são casados, mas creio que, na mente de Pelorat, e também na da mulher, existe um casamento entre eles.

– Está me dizendo que você não está envolvido?

– É claro que não – respondeu Trevize. – O que acha que sou?

– Não sei dizer. Não conheço suas noções de moralidade.

– Então deixe-me explicar que minhas noções de moralidade me impedem de brincar com as posses do meu amigo, ou com suas companheiras.

– Não fica nem tentado?

– Não posso controlar a tentação, mas não há nenhuma chance de eu ceder a ela.

– Nenhuma chance? Então você talvez não se interesse por mulheres.

– Não é o caso. Tenho, sim, interesse.

– Há quanto tempo não faz sexo com uma mulher?

– Meses. Desde que deixei Terminus.

– Isso com certeza o incomoda.

– Certamente – disse Trevize, com intensidade –, mas, na atual situação, não tenho escolha.

– Decerto seu amigo Pelorat, ao perceber seu sofrimento, estaria disposto a compartilhar a mulher.

– Não demonstrei nenhum sofrimento, mas, se eu o fizesse, ele não estaria disposto a compartilhar Júbilo. Tampouco ela consentiria, creio. Ela não sente atração por mim.

– Diz isso porque já fez testes?

– Não, não fiz testes. Sou dessa opinião sem sentir necessidade de testá-la. De qualquer maneira, não sou particularmente afeiçoado a ela.

– Surpreendente! Ela é o que um homem consideraria atraente.

– Fisicamente, ela *é* sedutora. Ainda assim, ela não me apetece. Primeiro, é jovem demais, infantil demais em alguns quesitos.

– Então prefere mulheres mais maduras?

Trevize parou de falar. Seria uma armadilha? Ele respondeu com cautela:

– Tenho idade suficiente para valorizar algumas mulheres mais maduras. E o que isso tem a ver com a minha nave?

– Esqueça sua nave, por um momento – disse Lizalor. – Tenho quarenta e seis anos e não sou casada. De alguma maneira, estive ocupada demais para casar.

– Sendo assim, pelas regras da sua sociedade, você deve ter se mantido casta a vida toda. Foi por isso que me perguntou sobre a

última vez em que fiz sexo? Está pedindo conselhos sobre o assunto? Se for o caso, digo que não é como comida ou bebida. É desconfortável ficar sem sexo, mas não impossível.

A ministra sorriu e, mais uma vez, o olhar carnívoro surgiu em seu rosto.

– Não me subestime, Trevize. Um cargo alto tem seus privilégios, e a discrição é possível. Não sou totalmente abstêmia. Porém, os homens comporellanos deixam a desejar. Aceito que a moralidade é um bem absoluto, mas tende a impor culpa sobre os homens deste planeta, e eles se tornam acanhados, frouxos, lentos para começar, rápidos para concluir e, no geral, inexperientes.

– Não há nada que eu possa fazer quanto a isso, tampouco – respondeu Trevize, com muita cautela.

– Está sugerindo que a culpa talvez seja minha? Que sou pouco inspiradora?

– Não é o que estou dizendo – Trevize ergueu uma mão –, de jeito nenhum.

– Nesse caso, como *você* reagiria se tivesse a oportunidade? Você, um homem de um mundo imoral, que deve ter tido uma grande variedade de experiências sexuais de todos os tipos, que está sob a pressão de vários meses de abstinência forçada, e na presença de uma moça jovem e graciosa. Como *você* reagiria à presença de uma mulher como eu, do tipo maduro que você declara apreciar?

– Eu me comportaria com o respeito e a decência apropriados para o seu cargo e a sua importância – respondeu Trevize.

– Não seja tolo! – disse a ministra. Sua mão foi para a lateral direita de sua cintura. A faixa branca que a circundava soltou-se e retrocedeu por seu peito e pescoço. O corpete de seu vestido preto ficou visivelmente mais frouxo.

Trevize estava congelado na poltrona. Estaria isso na mente da ministra desde... desde quando? Ou seria um suborno para conseguir o que as ameaças não conseguiram?

O corpete soltou-se e caiu, assim como o sólido reforço dos seios. A ministra permaneceu ali, com um olhar de desdém orgulhoso no rosto, nua da cintura para cima. Seus seios eram uma versão mais compacta da própria mulher – maciços, firmes e impressionantes.

– E então?

– Magníficos! – exclamou Trevize, com toda a sinceridade.

– E o que você fará em relação a isso?

– O que dita a moralidade em Comporellon, madame Lizalor?

– De que importa isso para um homem de Terminus? O que a *sua* moralidade dita? Comece logo. Meu peito está com frio e deseja calor.

Trevize levantou-se e começou a se despir.

A natureza da Terra

22

Trevize sentia-se quase entorpecido, e se perguntou quanto tempo teria passado. Ao seu lado estava Mitza Lizalor, ministra do Transporte. Ela estava deitada de barriga para baixo, cabeça virada para um lado, boca aberta, roncando inconfundivelmente. Trevize estava aliviado por ela ter caído no sono. Quando acordasse, ele esperava que ela tivesse consciência de que tinha dormido.

O próprio Trevize queria dormir, mas considerou importante não fazê-lo. Ela não podia acordar e flagrá-lo dormindo. Ela precisava entender que, enquanto se exaurira até a inconsciência, ele perseverara. Ela esperaria tal resistência de um imoral apoiado pela Fundação e, àquela altura, era melhor que não se decepcionasse.

De certa maneira, ele tinha se saído bem. Deduzira corretamente que Lizalor, considerando seu tamanho e força física, seu poder político, seu desprezo pelos homens comporellanos com quem esteve e sua indignação e fascinação pelos mitos sexuais dos decadentes de Terminus (o que ela teria ouvido?, perguntou-se Trevize), gostaria de ser dominada. Talvez até esperasse ser, mesmo que não conseguisse expressar seus desejos e expectativas.

Ele agiu de acordo com aquela intuição e, para sua sorte, descobriu que estava certo (Trevize, o eternamente certo, caçoou de si mesmo). Isso satisfez a mulher e permitiu que Trevize conduzisse o ato de modo que ela ficasse exausta, mas ele saiu relativamente intocado.

Não tinha sido fácil. Ela tinha um corpo maravilhoso (quarenta e seis, havia dito, mas não ficava nada a dever se comparada a uma atleta de vinte e cinco anos) e muita energia – energia superada apenas pelo prazer descuidado com o qual ela a consumiu.

Se ela pudesse ser domada e aprender moderação; se treino (mas será que ele sobreviveria a esse treino?) lhe desse maior domínio sobre suas próprias capacidades, e, mais importante, sobre as

capacidades *dele*, teria sido prazeroso...

O ronco cessou repentinamente, e ela se mexeu. Trevize colocou a mão no ombro dela e a acariciou de leve – e os olhos de Lizalor se abriram. Trevize estava apoiado sobre um cotovelo e fez o máximo que pôde para parecer descansado e cheio de vida.

– Estou contente que tenha dormido, querida – ele disse. – Você precisava descansar.

Ela sorriu para ele, sonolenta, e, por um desconfortável instante, Trevize achou que Lizalor estaria disposta a mais atividades, mas ela se ergueu apenas para se virar e deitar-se de costas.

– Minha opinião sobre você estava certa desde o início – disse Lizalor, com voz suave e satisfeita. – Você é um rei do sexo.

– Preciso ser mais comedido – Trevize tentou parecer modesto.

– Bobagem. Você foi ótimo. Eu temia que você tivesse se esgotado com aquela moça, mas me garantiu que não é o caso. É verdade, não é?

– Eu me comportei como alguém que começou já quase satisfeito?

– Não, não se comportou – e a risada de Lizalor ressoou.

– Ainda está pensando em Sondas Psíquicas?

– Está louco? – ela riu. – Por que eu iria querer perdê-lo justo *agora*?

– Mas seria melhor que você me perdesse temporariamente...

– O quê? – Lizalor franziu o cenho.

– Se eu ficasse aqui permanentemente, minha... minha querida, quanto tempo até que olhares se voltassem em nossa direção e bocas começassem a sussurrar? Entretanto, se eu partir em minha missão, será natural que eu volte periodicamente para me reportar, e será esperado que fiquemos juntos durante algum tempo... e minha missão é, *de fato*, importante.

Ela pensou no assunto, coçando distraidamente o próprio quadril.

– Acho que você está certo – respondeu. – Detesto a ideia, mas acho que você está certo.

– E não pense que eu não voltarei – disse Trevize. – Não sou estúpido a ponto de esquecer o que estará aqui esperando por mim.

Ela sorriu para ele, tocou seu rosto gentilmente e, olhando em seus olhos, disse:

– Achou prazeroso, querido?

– Muito mais do que prazeroso, minha cara.

– Mas você é um habitante da Fundação. Um homem no auge da juventude, vindo de Terminus. Deve estar acostumado com todos os tipos de mulheres, dotadas de todos os tipos de habilidades...

– Não encontrei ninguém, *ninguém*, que se equipare a você – respondeu Trevize, com a impetuosidade natural de alguém que, afinal, estava falando a mais pura verdade.

– Bom, se assim você diz – disse Lizalor, complacente. – Porém, hábitos antigos são difíceis de perder, e não acho que poderia confiar na palavra de um homem sem algum tipo de garantia. É concebível que você e seu amigo, Pelorat, partam nessa sua missão uma vez que eu ouça sobre ela e a tenha aprovado, mas manterei a moça aqui. Não tema; ela será bem tratada, mas imagino que seu dr. Pelorat a queira, e fará com que vocês retornem com frequência a Comporellon, mesmo que seu entusiasmo por essa missão o incentive a ficar longe por muito tempo.

– Mas, Lizalor, isso é impossível.

– É mesmo? – Seus olhos imediatamente demonstraram suspeita. – Por que impossível? Por qual motivo você precisaria da moça?

– Não é para sexo. Eu já disse isso, e fui sincero. Ela é de Pelorat e eu não tenho interesse por ela. Além disso, tenho certeza de que ela partiria em dois se tentasse fazer o que você fez de maneira triunfante.

Lizalor quase sorriu, mas suprimiu o sorriso e disse, severamente:

– Que diferença faz para você, então, se ela ficar em Comporellon?

– Porque ela é de suma importância para a nossa missão. É por isso que precisamos dela.

– Pois então que missão é essa? Chegou o momento de me contar.

Trevize hesitou brevemente. Precisava ser a verdade. Ele não conseguiu pensar em nenhuma mentira que fosse tão efetiva quanto a própria verdade.

– Escute-me – disse. – Comporellon pode ser um mundo antigo, até mesmo entre os mais antigos, mas não pode ser *o* mais antigo de todos. A vida humana não se originou aqui. Os primeiros seres humanos vieram para cá de algum outro mundo, e a vida humana talvez não tenha se originado nesse outro mundo, mas sim em algum outro, ainda mais antigo. Mas esse retrocesso deve ter um fim e alcançaremos o primeiro mundo, o mundo da origem humana. Estou procurando pela Terra.

A mudança que subitamente tomou conta de Mitza Lizalor o

chocou.

Os olhos da ministra se arregalaram, sua respiração assumiu um ritmo de urgência e todos os seus músculos se contraíram sobre a cama. Ela esticou os braços para cima, com rigidez, e os dois primeiros dedos de cada mão se cruzaram.

– Você falou o nome – ela sussurrou, rouca.

23

Ela não disse nada depois daquilo; nem olhou para ele. Seus braços lentamente se abaixaram, ela girou as pernas para a lateral da cama e sentou-se de costas para ele. Trevize ficou imóvel, na posição em que estava.

Podia ouvir, em sua memória, as palavras de Munn Li Compor no momento em que estavam no centro turístico vazio de Sayshell. Podia ouvi-lo falar sobre seu próprio planeta ancestral – no qual Trevize estava naquele mesmo instante –, onde "são supersticiosos em relação a isso. Toda vez que mencionam a palavra, levantam as duas mãos, com o primeiro e o segundo dedo cruzados, para repelir infortúnios".

Não era nada útil lembrar-se disso depois do que tinha feito.

– Que palavra eu deveria ter usado, Mitza? – ele murmurou.

Ela negou discretamente com a cabeça, levantou-se, caminhou a passos largos e passou por uma porta. A porta se fechou e, depois de um momento, Trevize escutou o som de água corrente.

Ele não tinha alternativa senão esperar, nu, indigno, perguntando-se se deveria se juntar a ela no chuveiro e em seguida tendo a certeza de que era melhor não fazê-lo. De certa forma, sentiu que o chuveiro lhe tinha sido negado – e imediatamente passou a sentir a necessidade crescente de um banho.

Ela enfim ressurgiu e, em silêncio, começou a escolher uma roupa.

– Você se importa se eu... – disse Trevize.

Lizalor não respondeu, e ele considerou o silêncio um consentimento. Tentou ir ao banheiro de maneira resoluta e masculina, mas sentiu-se como na época em que sua mãe, ofendida por algum mau comportamento, não o castigava com nada além de silêncio, fazendo-o contrair-se de desconforto.

Ele olhou à volta do cubículo de paredes lisas, que era vazio –

totalmente vazio. Olhou com mais cuidado; não havia nada.

Abriu a porta novamente, colocou a cabeça para fora e perguntou:

– Como se liga o chuveiro?

Ela guardou o desodorante (pelo menos, era o que Trevize supunha ser aquilo), caminhou até o cubículo e, ainda sem olhar para ele, apontou. Trevize acompanhou o dedo e reparou em um ponto na parede, redondo e levemente rosado, quase sem cor, como se o arquiteto lamentasse interromper a rigidez do branco por algum motivo além de uma sugestão de funcionamento.

Trevize deu de ombros, inclinou-se na direção da parede e tocou o botão. Aquilo era provavelmente o que ele deveria ter feito, pois, em um instante, um dilúvio de jatos de água o cobriu por todas as direções. Engasgado, ele tocou o botão mais uma vez, e a água parou.

Abriu a porta, sabendo que parecia ainda mais indigno conforme tremia de frio a ponto de ter dificuldade de articular palavras.

– Como se ativa a água *quente*? – perguntou, com voz baixa e áspera.

Nesse momento ela olhou para ele e, aparentemente, sua aparência patética venceu a raiva que sentia (ou medo, ou qualquer que fosse a emoção que a afligia), pois ela abriu um sorriso de escárnio e, sem aviso, riu expansivamente de sua situação.

– Água quente? – perguntou. – Você acha que vamos desperdiçar energia para aquecer água de banho? É água boa, a que tem aí, água não gelada. O que mais quer? Seus terminianos débeis e frouxos... Volte para dentro e lave-se!

Trevize hesitou, mas não por muito tempo, pois era evidente que não tinha escolha.

Com bastante relutância, tocou o ponto rosa novamente e, dessa vez, contraiu o corpo para se proteger dos jatos gelados. Água *boa*? Ele viu espuma se formando em seu corpo e se esfregou apressadamente aqui, ali, em todas as partes, imaginando que aquele era o ciclo de lavagem, que não deveria durar muito tempo.

Depois veio o ciclo de enxágue. Ah, quente – talvez não quente, mas não tão frio, e parecia definitivamente quente em seu corpo gelado da cabeça aos pés. Em seguida, quando considerava tocar o ponto rosa novamente para interromper a água – e se perguntava como Lizalor ressurgira seca, se não havia nenhuma toalha ou substituto de toalha naquele lugar –, os jatos pararam. Então veio uma

rajada de ar, que teria sido forte o suficiente para derrubá-lo se não viesse de todas as direções igualmente.

Era quente; talvez quente demais. Trevize sabia que era necessário muito menos energia para aquecer ar do que água. O ar quente secou a água em seu corpo e, em poucos minutos, ele saiu tão seco quanto se nunca tivesse visto água na vida.

Lizalor parecia totalmente recuperada.

– Sente-se bem? – ela perguntou.

– Muito bem – respondeu Trevize. Na verdade, ele se sentia surpreendentemente confortável. – Tudo o que precisei fazer foi me preparar para a temperatura. Você não me falou que...

– Débil e frouxo – disse Lizalor, com leve desprezo.

Ele pegou seu desodorante emprestado e começou a se vestir, consciente do fato de que ela tinha roupas íntimas limpas e ele não.

– Como eu deveria ter me referido a... àquele mundo?

– Nós o chamamos de o Antiquíssimo – disse.

– Como eu poderia saber que o nome que usei é proibido? Você me falou?

– Você perguntou?

– Como eu poderia saber que devia perguntar?

– Agora sabe.

– Posso esquecer.

– É melhor que não esqueça.

– Qual é a diferença? – Trevize sentiu seu humor alterando-se. – É apenas uma palavra, um som.

– Existem palavras que não devem ser ditas – respondeu Lizalor, sombriamente. – Você diz todas as palavras que conhece em qualquer circunstância?

– Algumas palavras são vulgares, algumas são inapropriadas; algumas, em determinadas circunstâncias, podem ser danosas. Qual dessas é... a palavra que usei?

– É uma palavra triste, uma palavra sacra – disse Lizalor. – Representa um mundo que foi ancestral de todos nós e que agora não existe. É trágico, e nos sentimos assim porque era próximo de nós. Preferimos não falar sobre ele ou, se o assunto for inevitável, não usar seu nome.

– E cruzar os dedos? Como isso alivia a dor e a tristeza?

O rosto de Lizalor enrubesceu.

– Aquilo foi uma reação automática, e não fico agradecida por você ter me forçado a tê-la. Existem pessoas que acreditam que a palavra, até mesmo o pensamento, traz infortúnios, e é assim que eles os repelem.

– Você também acredita que cruzar os dedos repele infortúnios?

– Não. Bom, sim, de certa maneira. Fico desconfortável se não cruzo – ela não olhou para ele. Então, como se para mudar de assunto, continuou rapidamente: – E como aquela mulher de cabelos escuros que vocês trouxeram pode ser essencial na sua missão para encontrar... aquele mundo que você mencionou?

– Diga "o Antiquíssimo". Ou prefere não dizer nem isso?

– Eu preferiria não falar sobre o assunto, mas fiz uma pergunta.

– Acredito que o povo de Júbilo chegou ao mundo que habitam agora como emigrantes do Antiquíssimo.

– Assim como nós – disse Lizalor, orgulhosa.

– Eles, entretanto, têm alguns tipos de tradições que ela diz serem a chave para entender o Antiquíssimo, mas apenas se conseguirmos encontrá-lo e estudar seu histórico.

– Ela está mentindo.

– Talvez. Mas precisamos verificar.

– Se você tem essa mulher com conhecimento precário e quer chegar ao Antiquíssimo com ela, por que veio a Comporellon?

– Para descobrir a localização do Antiquíssimo. Tive um amigo que, como eu, era habitante da Fundação. Mas ele tinha ancestrais comporellanos e me garantiu que muito da história do Antiquíssimo era conhecida em Comporellon.

– Ele disse isso? E *ele* lhe contou alguma coisa sobre essa história?

– Sim – respondeu Trevize, buscando a verdade mais uma vez. – Ele disse que o Antiquíssimo era um planeta morto, totalmente radioativo. Não sabia o motivo, mas acreditava que poderia ser o resultado de explosões nucleares. Em uma guerra, talvez.

– Não! – disse Lizalor, explosivamente.

– Não, não houve guerra? Ou não, o Antiquíssimo não é radioativo?

– É radioativo, mas não houve guerra.

– Então como ele se tornou radioativo? Não pode ter sido radioativo desde o início, pois a vida humana surgiu ali. Nunca teria havido vida no Antiquíssimo, se fosse esse o caso.

Lizalor pareceu hesitar. Ela estava em pé, tensa, respirando

pesadamente, quase sem fôlego.

– Foi uma punição – disse. – Era um mundo que usava robôs. Você sabe o que são robôs?

– Sim.

– Eles tinham robôs e por isso foram punidos. Todos os mundos que tinham robôs foram punidos e não existem mais.

– Quem os puniu, Lizalor?

– Aquele Que Castiga. As forças da história. Eu não sei – ela desviou os olhos, desconfortável, e então, em um tom mais baixo, disse: – Pergunte para outras pessoas.

– Eu gostaria, mas para quem devo perguntar? Existem aqueles que estudam história primitiva em Comporellon?

– Existem. Não são bem-vistos por nós, pelo comporellano médio, mas a Fundação, a *sua* Fundação, insiste em liberdade intelectual, como a chamam.

– Uma boa insistência, em minha opinião – disse Trevize.

– Tudo o que é imposto de fora é ruim – respondeu Lizalor.

Trevize deu de ombros. Não fazia sentido continuar a discussão.

– Meu amigo – ele disse –, o dr. Pelorat, é, de certa maneira, um especialista em história primitiva. Ele certamente gostaria de conhecer seus colegas comporellanos. Poderia providenciar isso, Lizalor?

Ela concordou com a cabeça.

– Há um historiador chamado Vasil Deniador que tem um escritório na universidade da cidade. Ele não dá aulas, mas talvez possa dizer o que vocês querem saber.

– Por que ele não dá aulas?

– Não que ele seja proibido; os alunos simplesmente não se matriculam em sua matéria.

– Imagino – disse Trevize, tentando não ser sarcástico – que os estudantes não são encorajados a se matricularem.

– Por que iriam querer? Ele é um Cético. Temos gente assim, sabe? Tem sempre algum indivíduo que decide ir contra os modos gerais e que é arrogante a ponto de achar que está certo, e que todo o resto está errado.

– Será que não é verdade, em alguns casos?

– Nunca! – alterou-se Lizalor, com uma convicção que deixou claro que qualquer discussão sobre o assunto seria inútil. – E, apesar de todo o seu ceticismo, ele será forçado a lhe dizer exatamente o que

qualquer outro comporellano diria.

– O quê?

– Se você procurar pelo Antiquíssimo, não o encontrará.

24

Nos aposentos privativos reservados para eles, Pelorat ouviu tudo o que Trevize tinha a dizer, pensativo, e então respondeu:

– Vasil Deniador? Não me recordo de ter ouvido falar dele, mas talvez consiga encontrar alguns ensaios de sua autoria na minha biblioteca, que está na nave.

– Tem certeza de que nunca ouviu falar dele? Pense! – insistiu Trevize.

– Não me recordo, no momento, de ter ouvido falar sobre ele – disse Pelorat, com cautela –, mas, meu caro amigo, devem existir centenas de estudiosos importantes sobre os quais não ouvi falar; ou já ouvi, mas não consigo me lembrar.

– Mesmo assim, ele não deve ser de primeira ordem, ou você teria ouvido algo sobre ele.

– Os estudos sobre a Terra...

– Treine dizer "o Antiquíssimo", Janov. Senão podemos complicar as coisas.

– Os estudos sobre o Antiquíssimo – continuou Pelorat – não são um nicho bem recompensado no labirinto do aprendizado, portanto até mesmo estudiosos de primeira ordem, mesmo no campo da história antiga, não se inclinam nessa direção. Ou, se invertermos a questão, aqueles que já estão nessa área não conseguem um nome de destaque para si mesmos em um universo que não demonstra interesse pelo assunto, portanto não são considerados de primeira ordem, mesmo que o sejam. Estou certo de que *eu* não sou de primeira ordem na estima de ninguém.

– Na minha estima, sim, Pel – disse Júbilo, com doçura.

– Sim, decerto na sua, minha querida – respondeu Pelorat, sorrindo de leve –, mas você não está me julgando pela minha capacidade acadêmica.

De acordo com o relógio, já era quase noite, e Trevize ficou um tanto impaciente, como sempre ficava quando Júbilo e Pelorat

trocavam carícias.

– Tentarei providenciar para visitarmos esse Deniador amanhã, mas se ele souber tão pouco sobre a questão quanto a ministra, não estaremos muito melhor do que estamos agora.

– Ele talvez possa nos direcionar a alguém com mais informações – disse Pelorat.

– Eu duvido – respondeu Trevize. – A atitude deste mundo em relação à Terra... É melhor que eu pratique falar sobre ela indiretamente, também. A atitude deste mundo em relação ao Antiquíssimo é tola e supersticiosa – ele se virou na direção oposta aos dois –, mas foi um dia longo e acho que precisamos de um jantar, se conseguirmos enfrentar a insípida culinária local, e de cama. Vocês aprenderam a usar o chuveiro?

– Meu caro colega – disse Pelorat –, fomos tratados com muita gentileza. Deram-nos todos os tipos de orientações, a maioria das quais não precisávamos.

– Escute, Trevize – interveio Júbilo –, e quanto à nave?

– O que quer saber?

– O governo comporellano a confiscará?

– Não. Acho que não confiscarão.

– Ah. Que boa notícia. Mas por quê?

– Porque persuadi a ministra a mudar de ideia.

– Incrível – disse Pelorat. – Ela não me pareceu alguém particularmente fácil de persuadir.

– Não sei – comentou Júbilo. – Pela textura de sua mente, era claro que ela se sentia atraída por Trevize.

Trevize olhou para Júbilo com súbita irritação.

– Você fez aquilo, Júbilo? – perguntou.

– O que quer dizer, Trevize?

– Estou falando sobre você tê-la influenciado...

– Não influenciei. Entretanto, quando percebi que ela se sentia atraída por você, não pude resistir e rompi uma ou outra inibição. Foi uma coisa muito pequena. Aquelas inibições talvez tivessem se rompido por conta própria, e parecia importante garantir que ela fosse tomada por boa vontade em relação a você.

– Boa vontade? Foi mais do que isso! Ela se suavizou, sim, mas pós-coito.

– Velho amigo, você certamente não está dizendo que... –

surpreendeu-se Pelorat.

– Por que não? – respondeu Trevize, irritado. – Ela pode ter passado de sua juventude, mas era conhecedora da arte. Não era nada iniciante, eu garanto. E também não vou fazer o papel de cavalheiro e mentir para protegê-la. Foi ideia dela, graças às intromissões de Júbilo em suas inibições, e eu não estava em posição de negar, mesmo que tal pensamento tivesse me ocorrido, o que não foi o caso. Deixe disso, Janov, não fique aí com esse ar puritano. Fazia meses desde a última vez que tive oportunidade. Você... – e ele fez um gesto vago na direção de Júbilo.

– Acredite em mim, Golan – disse Pelorat, constrangido –, se você interpreta minha expressão como puritana, está enganado. Não tenho nenhuma objeção.

– Mas *ela* é puritana – interveio Júbilo. – Eu quis deixá-la mais amigável em relação a você; *não* contava com nenhum paroxismo sexual.

– Mas foi exatamente isso que você causou, minha pequena enxerida. Talvez seja necessário para a ministra assumir o papel de puritana em público, mas, se for assim, isso apenas atiçou o fogo.

– E, portanto, se você for direto ao ponto fraco, ela trairá a Fundação...

– Ela teria feito isso de qualquer maneira – respondeu Trevize. – Ela queria a nave... – e subitamente parou de falar, sussurrando: – Estamos sendo escutados?

– Não! – disse Júbilo.

– Tem certeza?

– Absoluta. É impossível invadir a mente de Gaia clandestinamente através de qualquer estratégia sem que Gaia perceba o que está acontecendo.

– Nesse caso, Comporellon quer a nave para si; um acréscimo valioso para a própria frota.

– A Fundação decerto não permitiria.

– Comporellon não pretende informar a Fundação.

– Esses são os Isolados – suspirou Júbilo. – A ministra pretende trair a Fundação em benefício de Comporellon e, em troca de sexo, logo se dispõe a trair Comporellon também. E quanto a Trevize, ele vende os serviços do próprio corpo com prazer para induzir a traição. Que anarquia existe nessa sua Galáxia. Que *caos*.

Trevize respondeu friamente:

– Você está errada, mocinha...

– No que acabei de dizer – afirmou Júbilo –, não sou uma mocinha, sou Gaia. Sou todo o planeta Gaia.

– Então você está errada, *Gaia*. Eu não vendi os serviços do meu corpo. Eu os ofereci com satisfação. Tive prazer e não causei mal nenhum. Quanto às consequências, do meu ponto de vista, elas foram boas, e eu aceito isso. E se Comporellon quer a nave para seus próprios objetivos, quem pode dizer o que está certo e o que está errado nessa história? É uma nave da Fundação, mas ela foi cedida a mim para que eu procurasse pela Terra. Portanto, é minha até que eu termine a busca, e sinto que a Fundação não tem direito de romper a sua parte do acordo. Quanto a Comporellon, o planeta não gosta do domínio da Fundação e sonha com independência. Para eles, isso é o certo a se fazer e é certo enganar a Fundação, pois não se trata de uma traição, e sim de patriotismo. Quem pode saber?

– Exato. Quem pode saber? Em uma Galáxia de anarquia, como é possível distinguir as ações aceitáveis das inaceitáveis? Como decidir entre certo e errado, bem e mal, justiça e crime, útil e inútil? E como explicar a traição da ministra em relação a seu próprio governo ao permitir que você fique com a nave? Ela deseja independência pessoal de um planeta opressivo? Ela é uma traidora ou é uma autopatriota dela mesma, e só dela?

– Para ser sincero – respondeu Trevize –, não creio que ela tenha permitido que eu fique com a nave simplesmente graças à gratidão que sente pelo prazer que a proporcionei. Creio que ela tomou essa decisão no momento em que lhe disse que estou em busca do Antiquíssimo. Para ela, é um mundo de mau agouro e, ao procurar pelo planeta, nós também nos tornamos sinal de mau presságio, assim como a nave que nos carrega. Acredito que ela sente ter contaminado a si e ao planeta com esse prenúncio negativo ao tentar confiscar a nave; que talvez encare a nave, neste momento, com repulsa. Talvez sinta que, ao permitir que deixemos o planeta com nossa nave e continuemos nossa missão, posso evitar que Comporellon sofra infortúnios e, assim, esteja fazendo um gesto patriótico.

– Se for assim, Trevize, o que duvido, a superstição é o propulsor da ação. Você admira isso?

– Não admiro e nem condeno. Superstição sempre direciona

atitudes na ausência de conhecimento. A Fundação acredita no Plano Seldon, apesar de ninguém conseguir entendê-lo, interpretar seus detalhes ou usá-lo para fazer previsões. Nós o seguimos cegamente, por ignorância e fé. Não seria isso superstição?

– Sim, pode ser.

– E Gaia também. Vocês acreditam que eu tomei a decisão correta ao julgar que Gaia deveria absorver a Galáxia e transformá-la em um organismo gigante, mas não sabem por que eu estaria certo, ou quão seguro seria apoiar minha decisão. Vocês estão dispostos a seguir a partir de ignorância e fé, e estão até incomodados com a minha tentativa de descobrir provas para eliminar a ignorância e tornar a fé algo desnecessário. Isso não é superstição?

– Júbilo, acho que ele te pegou – disse Pelorat.

– Não é verdade. Ou ele não encontrará nada em sua busca, ou encontrará algo que confirme sua decisão.

– E para apoiar essa sua crença – respondeu Trevize –, você tem apenas ignorância e fé. Em outras palavras, superstição!

25

Vasil Deniador era um homem pequeno, com poucos traços distintos, que tinha um jeito específico de olhar para frente apenas com os olhos, sem levantar a cabeça. Tal fato, combinado aos breves sorrisos que periodicamente iluminavam seu rosto, passava a impressão de que ele ria silenciosamente do mundo.

Seu escritório era longo e estreito, repleto de arquivos que pareciam totalmente fora de ordem, não por causa de alguma evidência concreta, mas porque não estavam distribuídos igualmente pelas prateleiras, o que dava às estantes a aparência de bocas desdentadas. As três cadeiras que ele indicou aos visitantes não formavam um conjunto e mostravam sinais de terem sido limpas recentemente, mas sem muito cuidado. Ele disse:

– Janov Pelorat, Golan Trevize e Júbilo. Não tenho seu sobrenome, senhorita.

– Apenas Júbilo – ela respondeu. – É geralmente como as pessoas me chamam – e se sentou.

– Bom, é o suficiente – disse Deniador, observando-a atentamente.

– Você é atraente o suficiente para ser perdoada até se não tivesse nome algum.

Todos estavam sentados.

– Ouvi falar no senhor, dr. Pelorat – continuou Deniador –, apesar de nunca termos nos correspondido. O senhor é habitante da Fundação, não é? De Terminus?

– Sim, dr. Deniador.

– E o senhor, conselheiro Trevize. Acredito ter ouvido que o senhor foi recentemente expulso do Conselho e exilado. Não creio ter entendido os motivos.

– Não fui expulso, senhor. Ainda sou membro do Conselho, apesar de não saber quando reassumirei meu cargo. Tampouco fui exilado. Recebi uma missão, que diz respeito ao motivo pelo qual desejamos consultá-lo.

– Fico satisfeito por tentar ajudá-los – disse Deniador. – E a jubilosa moça? Também é de Terminus?

Trevize interveio rapidamente.

– Ela é de outro lugar, doutor.

– Ah, um mundo estranho, esse "outro lugar". Uma coleção bastante inusitada de seres humanos é nativa de lá. Mas, considerando que dois dos senhores são da capital da Fundação, Terminus, e que a terceira é uma jovem atraente, e que Mitza Lizalor não é conhecida por seu afeto por essas duas categorias, como é possível que ela os tenha encaminhado com tanta gentileza aos meus cuidados?

– Creio – respondeu Trevize – que foi para se livrar de nós. Quanto mais rápido o senhor nos ajudar, mais rápido deixaremos Comporellon, entende?

Deniador encarou Trevize com interesse (mais uma vez, com o sorriso faiscante) e disse:

– Mas é claro que um homem jovem e vigoroso como o senhor poderia atraí-la, independentemente das origens. Ela assume com competência o papel de virgem fria, mas não com perfeição.

– Eu não sei nada disso – disse Trevize, tenso.

– E é melhor não saber. Pelo menos, não em público. Mas sou um Cético, profissionalmente treinado a não acreditar em superficialidades. Então me diga, conselheiro, qual é sua missão? Deixe-me ver se posso ajudá-lo.

– Sobre esse assunto, o dr. Pelorat é nosso porta-voz – respondeu

Trevize.

– Não tenho nenhuma objeção – disse Deniador. – Dr. Pelorat?

– Para dizer da maneira mais simples, caro doutor – afirmou Pelorat –, tentei, durante toda a minha vida adulta, chegar à essência do conhecimento relacionado ao mundo no qual a espécie humana se originou, e fui enviado com meu bom amigo, Golan Trevize, embora não o conhecesse na época, para encontrarmos, se possível, a... uh, o Antiquíssimo, creio ser o nome que usam.

– O Antiquíssimo? – perguntou Deniador. – Suponho que esteja falando sobre a Terra.

Pelorat abriu a boca, surpreso. Então, com um leve gaguejar, disse:

– Eu tive a impressão... Quer dizer, me levaram a entender que... que ninguém podia...

Ele olhou para Trevize, desolado.

– A ministra Lizalor me disse – interveio Trevize – que essa palavra não era usada em Comporellon.

– Quer dizer que ela fez isso? – a boca de Deniador voltou-se para baixo, seu nariz torceu-se para cima e ele estendeu os braços vigorosamente para a frente, cruzando os dois primeiros dedos de cada mão.

– Sim – respondeu Trevize. – É isso que quis dizer.

Deniador relaxou e riu-se.

– Bobagem, cavalheiros. Fazemos isso por hábito, e no interior talvez levem a sério, mas, no geral, não importa. Não conheço nenhum comporellano que não diga “Terra” quando está irritado ou toma um susto. É a vulgaridade mais comum que temos.

– Vulgaridade? – perguntou Pelorat, em tom baixo.

– Ou palavrão, se preferir.

– De qualquer maneira – continuou Trevize –, a ministra pareceu bastante incomodada quando usei a palavra.

– Bom, ela é uma mulher das montanhas.

– Senhor, o que isso quer dizer?

– Exatamente o que diz o termo. Mitza Lizalor é da Cordilheira Central. As crianças de lá são criadas pelo que chamam de “bons modos de antigamente”, o que significa que, não importa o quanto estudem, você nunca consegue livrá-las desses dedos cruzados.

– Então quer dizer – disse Júbilo – que a palavra “Terra” não o incomoda, não é mesmo, doutor?

– De jeito nenhum, bela moça. Eu sou um Cético.

– Sei o que significa a palavra “cético” no Padrão Galáctico – disse Trevize –, mas como o senhor usa essa palavra?

– Da mesma maneira que o senhor, conselheiro. Aceito apenas o que sou forçado a aceitar por causa de provas lógicas e confiáveis, e mantenho essa aceitação pendente até a chegada de mais provas. Isso não nos torna muito populares.

– Por que não? – perguntou Trevize.

– Não seríamos populares em lugar nenhum. Em qual mundo as pessoas não preferem uma crença confortável, acalentadora e conhecida, por mais ilógica que seja, do que os ventos gelados da incerteza? Pense em como vocês acreditam no Plano Seldon sem provas.

– Sim – disse Trevize, estudando as pontas de seus dedos. – Também usei isso como exemplo ontem.

– Posso voltar à questão, velho amigo? – interveio Pelorat. – O que se sabe sobre a Terra que um Cético aceitaria?

– Muito pouco – respondeu Deniador. – Podemos supor que existe apenas um planeta no qual a espécie humana se desenvolveu. É extremamente improvável que seres da mesma espécie (com tamanha semelhança a ponto de serem capazes de procriar) tivessem se desenvolvido de maneira independente em outros planetas, ou até mesmo em apenas dois. Podemos optar por chamar esse planeta de origem de Terra. A crença geral por aqui é que a Terra existe neste canto da Galáxia, pois os mundos desta região são excepcionalmente antigos, e é mais provável que os primeiros mundos colonizados fossem perto da Terra, e não longe dela.

– E a Terra tem alguma outra característica única além de ser o planeta de origem? – perguntou Pelorat, ansioso.

– Você tem algo em mente? – respondeu Deniador, com o sorriso rápido.

– Estou pensando no satélite, que algumas pessoas chamam de Lua. Isso seria incomum, não seria?

– É uma pergunta tendenciosa, dr. Pelorat. Pode colocar pensamentos em minha cabeça.

– Eu não disse o que faz a Lua ser incomum.

– Seu tamanho, claro. Estou certo? Sim, vejo que estou. Todas as lendas sobre a Terra falam sobre sua vasta coleção de espécies vivas e

sobre seu imenso satélite, que teria entre três mil e três mil e quinhentos quilômetros de diâmetro. A vasta coleção de vida é fácil de aceitar, pois viria naturalmente por meio da evolução biológica, se o que sabemos sobre esse processo é verdadeiro. Um satélite gigante é difícil de aceitar. Nenhum outro planeta habitado na Galáxia tem um satélite assim. Grandes satélites são inevitavelmente associados a planetas gasosos gigantes inabitados e inabitáveis. Portanto, como um Cético, prefiro não aceitar a existência da Lua.

– Se os milhões de espécies fazem da Terra um planeta único – disse Pelorat –, a presença de um satélite não poderia ser, também, uma característica única? Uma singularidade poderia implicar outra.

Deniador sorriu.

– Não vejo como a presença de milhões de espécies na Terra pudesse criar um satélite gigante do nada – respondeu.

– Mas e o inverso? Talvez um satélite gigante pudesse ajudar na criação das milhões de espécies.

– Tampouco vejo como isso poderia ter sido possível.

– E quanto à história da radioatividade da Terra? – perguntou Trevize.

– Isso é contado universalmente e aceito universalmente.

– Mas – continuou Trevize – a Terra não poderia ter sido tão radioativa a ponto de impedir o surgimento de vida durante bilhões de anos, quando sabemos que ela tinha vida. Como se tornou radioativa? Uma guerra nuclear?

– É a opinião mais comum, conselheiro Trevize.

– Da maneira como o senhor fala, suponho que não compartilha dessa opinião.

– Não existe nenhuma prova de que tal guerra tenha ocorrido. Conhecimento comum, nem mesmo conhecimento universal, não são, por si próprios, evidências.

– O que mais poderia ter acontecido?

– Não há nenhuma evidência de que algo tenha acontecido. A radioatividade pode ser totalmente inventada, assim como a lenda do satélite gigante.

– Qual é a versão mais aceita da história da Terra? – perguntou Pelorat. – Durante minha carreira, coletei uma grande quantidade de mitos de origem, muitos dos quais envolvem um mundo chamado Terra ou algum outro nome muito parecido. Não tenho nenhum vindo

de Comporellon, nada além da vaga menção a um Benbally, que poderia ter saído do nada, pelo que dizem as lendas comporellanas.

– Não é de se surpreender. Geralmente não exportamos nossos mitos, e estou chocado que tenha encontrado referências sobre Benbally. Mais uma vez, superstição.

– Mas o senhor não é supersticioso e não hesitaria em falar no assunto, hesitaria?

– Correto – disse o pequeno historiador, levantando os olhos para observar Pelorat. – Isso aumentaria consideravelmente minha impopularidade, talvez até a um nível perigoso, mas vocês deixarão Comporellon em breve e imagino que nunca mencionarão meu nome como fonte.

– Tem nossa palavra de honra – respondeu Pelorat, rapidamente.

– Então aqui vai um resumo do que supostamente aconteceu, livre de qualquer influência sobrenatural ou moralismo. A Terra existiu como o único mundo dos seres humanos por um período imensurável de tempo e então, há aproximadamente vinte ou vinte e cinco mil anos, a espécie humana desenvolveu tecnologia para viagens interestelares por meio de Saltos pelo hiperespaço. Assim, colonizou um grupo de planetas. Os Colonizadores desses planetas fizeram uso de robôs, que foram criados na Terra antes dos dias das viagens hiperespaciais, e... Aliás, vocês sabem o que são robôs?

– Sim – respondeu Trevize. – Já nos fizeram essa pergunta antes. Sabemos o que são robôs.

– Os Colonizadores, com uma sociedade totalmente robotizada, desenvolveram alta tecnologia e longevidade incomum, e desprezaram seu mundo ancestral. De acordo com versões mais dramáticas dessa história, eles dominaram e oprimiram o mundo ancestral. Assim – continuou Deniador –, a Terra acabou enviando um novo grupo de Colonizadores, dentre os quais robôs eram proibidos. Dos novos mundos, Comporellon estava entre os primeiros. Nossos patriotas insistem que foi *o* primeiro de todos, mas não existe nenhuma prova aceitável disso para um Cético. O grupo anterior de Colonizadores acabou morrendo...

– Por que o grupo anterior acabou morrendo, dr. Deniador? – perguntou Trevize.

– Por quê? Geralmente, nossos sentimentalistas imaginam que eles foram punidos por Aquele Que Castiga, apesar de ninguém explicar

por que Ele demorou tanto. Mas não é necessário recorrer a contos de fadas. É fácil concluir que uma sociedade que depende totalmente de robôs se torne frouxa e decadente, atrofiando-se e morrendo de puro tédio ou, mais sutilmente, por perder a vontade de viver. A segunda leva de Colonizadores, sem robôs, prosperou e conquistou toda a Galáxia, mas a Terra se tornou radioativa e lentamente saiu de vista. O motivo geralmente atribuído é que havia robôs também na Terra, pois a primeira leva de Colonizadores encorajou isso.

Júbilo, que ouviu o relato com certa impaciência, disse:

– Bom, dr. Deniador, com ou sem radioatividade, e independentemente de quantas levas de Colonizadores existiram, a questão crucial é simples. Onde exatamente *está* a Terra? Quais são as coordenadas?

– A resposta para essa pergunta – respondeu Deniador – é: eu não sei. Venham, é hora do almoço. Posso pedir que nos tragam comida e discutiremos sobre a Terra enquanto comermos, por quanto tempo quiserem.

– Você não *sabe*? – perguntou Trevize, o tom de sua voz tornando-se um pouco mais alto.

– Na verdade, até onde eu sei, ninguém sabe.

– Mas isso é impossível.

– Conselheiro – disse Deniador, com um suave suspiro –, se deseja chamar a verdade de impossível, é sua prerrogativa, mas isso não o levará a lugar nenhum.

7.

Deixando Comporellon

26

O ALMOÇO CONSISTIA EM UMA porção de bolotas macias e crocantes, com cores diferentes, que traziam uma variedade de recheios. Deniador pegou um pequeno objeto que se abriu e virou um par de luvas transparentes e as vestiu. Seus convidados fizeram o mesmo.

– Por favor, o que há dentro desses alimentos? – perguntou Júbilo.

– Os rosados – respondeu Deniador – são recheados com peixe picante, uma grande iguaria comporellana. Esses amarelos têm um recheio de queijo muito suave. Os verdes trazem uma mistura de vegetais. Coma-os enquanto estiverem bem quentes. Depois, teremos torta quente de amêndoas e as bebidas de sempre. Eu recomendaria a cidra quente. Em um clima frio, temos a tendência de aquecer nossa comida, até mesmo as sobremesas.

– Fazem muito bem – comentou Pelorat.

– Na verdade – disse Deniador –, estou sendo hospitaleiro com meus convidados. Quando é para mim, costumo me virar com muito pouco. Não tenho tanta massa corporal para sustentar, como provavelmente perceberam.

Trevize mordeu um dos bolinhos rosados e descobriu, de fato, um acentuado gosto de peixe, com diversas camadas de temperos que eram agradáveis ao paladar, mas que, pensou, ficariam com ele pelo resto do dia, e talvez noite adentro – e o peixe também.

Quando tirou o alimento mordido da boca, percebeu que a casca crocante havia fechado sobre o recheio. Não houve nenhum esguicho, nenhum vazamento e, por um momento, ele se perguntou qual seria a verdadeira função das luvas. Não parecia haver nenhuma possibilidade de ele engordurar as mãos, mesmo que não usasse as luvas, então concluiu que deveria ser uma questão de higiene. Elas evitavam que as mãos tivessem de ser lavadas quando isso fosse inconveniente, e agora o costume talvez determinasse que elas

deveriam ser usadas mesmo que as mãos fossem lavadas depois. (Lizalor não usara luvas quando eles comeram juntos no dia anterior – talvez por ela ser uma mulher da montanha.)

– Seria descortês falar diretamente sobre nossos interesses durante o almoço? – perguntou Trevize.

– Pelos padrões comporellanos, conselheiro, seria, mas os senhores são meus convidados e seguiremos os padrões de vocês. Se deseja falar seriamente e não acredita, ou não se importa, que isso diminua sua apreciação pela comida, por favor o faça, e eu acompanharei.

– Obrigado – respondeu Trevize. – A ministra Lizalor sugeriu, ou melhor, falou de maneira bastante direta, que os Céticos são bastante impopulares neste mundo. É verdade?

– Certamente! – O bom humor de Deniador pareceu aumentar. – Ficaríamos muito magoados se não fôssemos. Comporellon, veja bem, é um mundo frustrado. Sem o conhecimento sobre os detalhes, existe a crença mítica geral de que, há muitos milênios, quando a Galáxia habitada era pequena, Comporellon era o planeta-líder. Nunca nos esquecemos disso, e o fato de *não* termos sido listados como líderes na história oficial nos incomoda, nos provoca... quero dizer, provoca na população geral uma sensação de injustiça. Mas o que podemos fazer? No passado, o governo foi forçado a ser vassalo do imperador, e agora é um Associado leal da Fundação. E quanto mais consciência temos de nossa posição submissa, mais forte é a crença nos admiráveis e misteriosos dias do passado. O que Comporellon poderia fazer? – continuou Deniador. – Eles nunca poderiam ter afrontado o Império no passado, e hoje não podem afrontar abertamente a Fundação. Assim, eles se refugiam em ataques e ódio contra nós, pois não acreditamos nas lendas e zombamos das superstições. De qualquer maneira, estamos protegidos contra os efeitos mais radicais dessa perseguição. Controlamos a tecnologia e preenchemos os corpos docentes das universidades. Alguns de nós, particularmente francos, têm dificuldade de dar aulas abertamente. Eu, por exemplo, enfrento esse problema, mas tenho meus estudantes e faço reuniões discretas fora do campus. De qualquer forma, se fôssemos realmente excluídos da vida pública, a tecnologia decairia e as universidades perderiam o reconhecimento geral da Galáxia. Suponho que a tolice dos seres humanos seja tão grande que a perspectiva de suicídio intelectual talvez não os impedisse de ceder ao ódio, mas a Fundação nos apoia.

Assim, somos constantemente repreendidos, desprezados e censurados, mas nunca prejudicados.

– É a oposição popular que o impede de nos dizer a localização da Terra? – perguntou Trevize. – Apesar de tudo, teme que a reação anti-Ceticismo possa tornar-se séria se você for longe demais?

– Não – Deniador negou com a cabeça. – A localização da Terra é desconhecida. Não estou escondendo nada de vocês, seja por medo ou por qualquer outro motivo.

– Mas, escute – continuou Trevize –, existe um número limitado de planetas neste setor da Galáxia com as características físicas associadas à habitabilidade, e quase todos eles devem ser não apenas habitáveis, mas habitados e, portanto, conhecidos por você. Seria tão difícil explorar o setor em busca de um planeta que seria habitável se não fosse radioativo? Além disso, procuraríamos por um planeta com um grande satélite. Graças à radioatividade e ao satélite, a Terra seria absolutamente inconfundível e poderia ser encontrada até mesmo com uma busca superficial. Talvez levasse algum tempo, mas essa seria a única dificuldade.

– A visão Cética, claro – respondeu Deniador –, é que a radioatividade e o satélite da Terra são, ambos, meras lendas. Se procurarmos por eles, estaremos procurando por leite de pardal e penas de coelho.

– Pode ser, mas isso não deveria impedir Comporellon de, pelo menos, arriscar a busca. Se encontrarem um mundo radioativo do tamanho certo para habitabilidade, com um grande satélite, isso daria uma bela aparência de credibilidade aos mitos comporellanos em geral.

Deniador riu-se.

– Talvez seja justamente por isso que Comporellon não faz essa busca – disse. – Se falharmos, ou se encontrarmos uma Terra obviamente diferente das lendas, aconteceria o inverso. Os mitos comporellanos seriam demolidos e transformados em motivo de risadas. Comporellon não arriscaria que isso acontecesse.

Trevize ficou em silêncio por um momento e então prosseguiu, com seriedade:

– Além disso, mesmo que ignoremos essas duas uniquezas (se é que existe essa palavra no Padrão Galáctico), a da radioatividade e a do grande satélite, existe uma terceira que, por definição, *deve* existir,

sem nenhuma referência a mitos. A Terra deve ter vida efervescente, de diversidade incrível; ou os resquícios disso, ou, pelo menos, registros fósseis disso.

– Conselheiro – respondeu Deniador –, embora Comporellon não tenha enviado uma equipe organizada de busca para encontrar a Terra, *temos* oportunidades para viajar pelo espaço, e ocasionalmente recebemos relatórios de espaçonaves que saíram de suas rotas planejadas por esse ou aquele motivo. Como o senhor talvez saiba, os Saltos nem sempre são perfeitos. De qualquer forma, não houve nenhum relatório sobre qualquer planeta com propriedades que lembrem aquelas da lendária Terra, ou de qualquer planeta que esteja repleto de vida exuberante. É também pouco provável que uma nave aterrisse no que parece ser um mundo inabitado para que a tripulação possa caçar fósseis. Portanto, se nada do tipo foi reportado em milhares de anos, estou perfeitamente disposto a acreditar que localizar a Terra é impossível porque ela não está em nenhum lugar para ser localizada.

– Mas a Terra tem de estar em *algum lugar* – disse Trevize, frustrado. – Existe, em algum lugar, um planeta no qual a humanidade e todas as formas de vida familiares associadas à humanidade se desenvolveram. Se a Terra não está neste setor da Galáxia, deve estar em outro.

– É possível – respondeu Deniador, friamente –, mas depois de todo esse tempo, não apareceu em nenhum lugar.

– As pessoas não estavam procurando especificamente por ela.

– Bom, aparentemente, você está. Desejo-lhe sorte, mas eu nunca apostaria no seu sucesso.

– Já houve tentativas de determinar a posição da Terra por meios indiretos, por outras maneiras além de buscas diretas?

– Sim – responderam duas vozes ao mesmo tempo. Deniador, que era o dono de uma das vozes, disse a Pelorat: – Está pensando no projeto Yariffs?

– Estou – respondeu Pelorat.

– Então poderia explicá-lo ao conselheiro? Creio que ele acreditaria mais facilmente se viesse de você, e não de mim.

– Nos últimos dias do Império, Golan – disse Pelorat –, houve um período em que a Busca pela Origem, como era chamada, foi um passatempo popular, talvez como uma fuga dos aborrecimentos da

realidade existente. Como você sabe, o Império estava em processo de desintegração. Ocorreu a um historiador liviano, Humbal Yariff, que, fosse qual fosse o planeta de origem, ele teria colonizado planetas próximos de si antes de colonizar os mais distantes. Ou seja, quanto maior a distância entre um planeta e o ponto de origem, mais tarde esse planeta teria sido colonizado. Suponha, então, que alguém registrasse a data de colonização de todos os planetas habitáveis da Galáxia, e fizesse redes de todos aqueles com determinada quantidade de milênios de idade. Haveria uma rede englobando todos os planetas com dez mil anos de idade; outra entre aqueles com doze mil; mais uma entre aqueles com quinze mil anos. Cada rede, em teoria, desenharia um formato razoavelmente esférico, e elas todas deveriam ser razoavelmente concêntricas. As redes mais antigas formariam esferas com raios menores do que as mais novas, e se alguém determinasse todos os centros, eles deveriam estar em um volume relativamente pequeno de espaço, que incluiria o planeta de origem: a Terra.

O rosto de Pelorat estava muito sério conforme ele fazia formas esféricas com suas mãos em concha.

– Entende o que estou dizendo, Golan? – perguntou.

– Sim – Trevize concordou com a cabeça. – Mas imagino que não tenha dado certo.

– Teoricamente, velho amigo, deveria ter dado. Um dos problemas foi que as datas de origem eram totalmente imprecisas. Cada planeta exagerava a própria idade, em grau maior ou menor, e não havia nenhuma maneira fácil de determinar a idade, além dos mitos.

– Deterioração do carbono-14 em madeira antiga – disse Júbilo.

– Decerto, querida – respondeu Pelorat –, mas você precisaria da cooperação dos mundos em questão, e ela nunca era fornecida. Nenhum mundo queria que sua própria alegação exagerada de idade fosse desacreditada e, naquela época, o Império não tinha capacidade de anular objeções locais em uma questão de importância tão pequena; eles tinham outras coisas em mente. Tudo o que Yariff conseguiu fazer foi usar mundos de, no máximo, dois mil anos de idade, e cuja descoberta havia sido documentada meticulosamente, sob circunstâncias confiáveis. Havia poucos desses e, embora estivessem distribuídos com simetria razoavelmente esférica, o centro era relativamente próximo de Trantor, a capital Imperial, pois foi dali

que as expedições colonizadoras se originaram para aqueles poucos mundos. Esse, claro, era outro problema. A Terra não era o único ponto de origem de colonização de outros mundos. Conforme o tempo passou, os mundos mais velhos mandaram expedições colonizadoras por conta própria. Na época do auge do Império, Trantor era uma fonte abundante delas. Injustamente, Yariff foi ridicularizado e virou motivo de piada, e sua reputação profissional foi destruída.

– Entendi a história, Janov – disse Trevize. – Dr. Deniador, então não existe nada que o senhor possa me dar que represente a mais ínfima possibilidade de esperança? Existe algum outro mundo em que talvez haja alguma informação sobre a Terra?

Durante algum tempo, Deniador mergulhou em um pensamento cheio de dúvidas.

– Bo-o-m – disse finalmente, verbalizando a palavra com hesitação –, como Cético, devo dizer que não tenho certeza sobre a atual existência da Terra, ou até mesmo se ela já existiu. Entretanto... – ele ficou em silêncio novamente.

Júbilo, enfim, interveio:

– Acho que o senhor pensou em algo que pode ser importante, doutor.

– Importante? Duvido – disse Deniador, em tom baixo. – Talvez... divertido. A Terra não é o único planeta cuja localização é um mistério. Há os mundos do primeiro grupo de Colonizadores; os Siderais, como são chamados em nossas lendas. Algumas pessoas chamam os planetas que eles habitaram de "Mundos Siderais"; outros chamam de "Mundos Proibidos". Esse segundo nome é o usado hoje em dia. Em seu orgulho e apogeu, diz a lenda, os Siderais tinham vidas que se estendiam por séculos, e não permitiam que nossos ancestrais de vida curta pousassem em seus mundos. Depois que os derrotamos, a situação se reverteu. Desdenhávamos do contato com eles e os deixamos por conta própria, proibindo nossas próprias naves e comerciantes de entrarem em contato com eles. Por isso, aqueles planetas se tornaram os Mundos Proibidos. Estávamos certos, de acordo com a lenda, de que Aquele Que Castiga os destruiria sem nossa intervenção, e, aparentemente, Ele assim o fez. Pelo menos até onde sabemos, nenhum Sideral apareceu na Galáxia em muitos milênios.

– O senhor acha que os Siderais saberiam sobre a Terra? –

perguntou Trevize.

– É possível, pois seus mundos eram mais velhos do que qualquer um dos nossos. Isto é, se os Siderais existirem, o que é extremamente improvável.

– Mesmo que eles não existam, os mundos deles existem e podem ter registros.

– Se você conseguir encontrar esses mundos.

– O senhor quer dizer que a chave para a Terra, cuja localização é desconhecida – exasperou-se Trevize –, pode ser encontrada nos Mundos Siderais, cujas localizações também são desconhecidas?

Deniador deu de ombros.

– Não tivemos contato com eles por vinte mil anos – disse. – Nenhum pensamento sobre eles. Assim como a Terra, eles também se perderam na neblina.

– Em quantos mundos viviam os Siderais?

– A lenda fala de cinquenta mundos, um número suspeitamente redondo. É provável que fossem muito menos.

– E o senhor não sabe a localização de nenhum desses cinquenta?

– Bom, eu me pergunto...

– O que o senhor se pergunta?

– Como história primitiva é o meu passatempo favorito, assim como é o do dr. Pelorat – disse Deniador –, por vezes explorei documentos antigos em busca de qualquer coisa que se referisse aos primórdios; algo além de mitos. No ano passado, encontrei os registros de uma nave antiga, registros quase indecifráveis. Eram datados de um passado muito longínquo, quando nosso mundo ainda nem era conhecido como Comporellon. O nome usado era "Baleyworld", que me parece uma forma ainda mais antiga do "mundo Benbally" de nossas lendas.

– O senhor publicou esse material? – perguntou Pelorat, empolgado.

– Não – respondeu Deniador. – Eu não gosto de mergulhar até ter certeza de que há água na piscina, como diz o velho ditado. Veja bem, o registro dizia que o capitão da nave havia visitado um Mundo Sideral, e que uma mulher Sideral partira com ele, quando ele foi embora.

Júbilo interveio:

– Mas o senhor disse que os Siderais não permitiam visitantes.

– Exato, e é por isso que não publico o material. Soa inverossímil. Existem histórias vagas que poderiam ser interpretadas como referências aos Siderais e a seus conflitos com os Colonizadores – nossos próprios ancestrais. Tais histórias existem não apenas em Comporellon, mas em muitos planetas e com muitas variações. Entretanto, todas têm um ponto em comum. Os dois grupos, os Siderais e os Colonizadores, não se misturavam. Não havia contato social, e muito menos contato sexual. Ainda assim, aparentemente o capitão Colonizador e a mulher Sideral tinham laços amorosos. É tão inverossímil que não vejo nenhuma chance de essa história ser aceita como algo além de ficção histórica romântica, no máximo.

– Isso é tudo? – Trevize parecia decepcionado.

– Não, conselheiro. Existe mais uma questão. Encontrei alguns números no que sobrou do registro de voo da nave, que podem, ou não, representar coordenadas espaciais. Se forem, e minha honra de Cético me força a repetir que podem não ser, então evidências internas me obrigam a concluir que são coordenadas de três dos Mundos Siderais. Um deles pode ser o Mundo Sideral em que o capitão pousou e de onde levou sua amante Sideral.

– Mesmo que a história seja fictícia, é possível que as coordenadas sejam reais? – perguntou Trevize.

– Pode ser que sim – respondeu Deniador. – Fornecerei os números e você está livre para usá-los, mas talvez não chegue a lugar nenhum. E ainda assim, uma ideia divertida me vem à cabeça – e seu rápido sorriso surgiu mais uma vez.

– Qual? – disse Trevize.

– E se uma dessas coordenadas for a localização da Terra?

27

O sol comporellano, distintamente alaranjado, aparentava ser maior do que o sol de Terminus, mas ficava baixo no céu e emitia pouco calor. O vento, felizmente leve, tocou o rosto de Trevize com seus dedos gelados. Ele se arrepiou sob o casaco elétrico que recebera de Mitza Lizalor, que agora estava em pé ao seu lado.

– Deve ficar quente em algum momento, Mitza – disse Trevize.

No vazio do espaçoporto, ela olhou para o sol momentaneamente

sem demonstrar nenhum sinal de desconforto – alta, grandiosa, usando um casaco mais leve do que o de Trevize; se não era imune ao vento, no mínimo o desdenhava.

– Temos um lindo verão – ela respondeu. – Não é um verão longo, mas nossas plantações estão adaptadas a ele. As variedades de levedura são escolhidas com cuidado para crescerem rapidamente sob o sol e não sofrerem com o frio. Nossos animais domésticos têm pelagem boa, e a lã comporellana é reconhecida por todos como a melhor da Galáxia. Além disso, temos colônias fazendeiras em órbita ao redor de Comporellon, nas quais crescem frutas tropicais. Somos exportadores de um abacaxi enlatado de sabor inigualável. A maioria das pessoas que nos vê como um mundo frio não sabe disso.

– Fico agradecido por ter nos acompanhado até o embarque, Mitza – disse Trevize –, e por estar disposta a cooperar conosco em nossa missão. Porém, para minha própria tranquilidade, preciso perguntar se você terá problemas sérios por causa disso.

– Não! – ela negou com a cabeça, orgulhosa. – Nenhum problema. Em primeiro lugar, não serei questionada. Estou no controle do transporte, o que quer dizer que eu, e somente eu, estabeleço as regras para esse espaçoporto e para os outros, para as estações de acesso, para as naves que vêm e vão. O primeiro-ministro depende de mim para tudo isso e fica bastante feliz de permanecer na ignorância dos detalhes. E, mesmo se eu fosse questionada, tudo o que preciso fazer é dizer a verdade. O governo me louvaria por não entregar a nave à Fundação. As pessoas também, se fosse seguro que soubessem. E a própria Fundação não saberia de nada.

– O governo pode estar disposto a não devolver a nave à Fundação – disse Trevize –, mas estaria disposto a aprovar a sua permissão para partirmos com ela?

– Você é um ser humano respeitável, Trevize – sorriu Lizalor. – Batalhou com tenacidade para manter sua nave e, agora que a tem, dá-se ao trabalho de se preocupar com meu bem-estar – ela estendeu o braço em sua direção, como se tentada a demonstrar algum sinal de afeto e então, com óbvia dificuldade, controlou o impulso. Com aspereza renovada, continuou. – Mesmo que eles questionem minha decisão, tudo o que preciso fazer é dizer que você estava, e ainda está, à procura do Antiquíssimo, e eles dirão que fiz bem ao me livrar de você tão rápido quanto o fiz, com nave e tudo. E farão todo o ritual de

reconhecimento de que você nunca deveria ter recebido permissão para aterrissar, mesmo que não houvesse nenhuma maneira de sabermos o que pretendia.

– Você realmente teme infortúnios para você e para o mundo por causa da minha presença?

– Sim – respondeu Lizalor, estoica. Então, mais suavemente: – Você já me trouxe infortúnio, pois agora que o conheço, os homens comporellanos parecerão ainda mais murchos. Ficarei com uma ânsia insaciável. Aquele Que Castiga já me garantiu esse infortúnio.

Trevize hesitou.

– Não quero que você mude de ideia sobre isso – disse ele –, mas também não quero que sofra com uma preocupação desnecessária. Você precisa entender que isso de eu trazer infortúnios para você é mera superstição.

– Suponho que o Cético tenha lhe dito isso.

– Eu sei disso sem que ele precise me contar.

Lizalor passou a mão no rosto, pois resquícios de gelo se formavam em suas proeminentes sobrancelhas.

– Sei que alguns acreditam ser apenas superstição – disse. – Mas o Antiquíssimo trazer infortúnios é um fato. Foi demonstrado diversas vezes, e nenhum argumento inteligente dos Céticos pode tirar a verdade da existência.

Ela subitamente estendeu a mão em um cumprimento.

– Adeus, Golan. Embarque e junte-se a seus companheiros antes que seu frouxo corpo terminiano congele em nosso vento frio, mas bondoso.

– Adeus, Mitza. Espero vê-la quando voltar.

– Sim, você prometeu voltar e tentei acreditar que voltará. Cheguei a planejar que usaria uma nave para encontrá-lo no espaço, para que os infortúnios afetem apenas a mim, e não ao meu mundo. Mas você não voltará.

– Não é verdade! Eu voltarei! Eu não desistiria de você assim, tão fácil, depois do prazer de sua companhia – naquele momento, Trevize estava convencido de que dizia a mais pura verdade.

– Não duvido de seus impulsos românticos, meu doce habitante da Fundação, mas aqueles que se aventuram em busca do Antiquíssimo nunca voltam, para lugar nenhum. Meu coração não tem dúvidas quanto a isso.

Trevize tentou impedir que seus dentes batessem – era por causa do frio, e ele não queria que ela achasse que era por medo.

– Isso também é superstição – disse Trevize.

– E ainda assim – ela respondeu –, também é verdade.

28

Era bom estar de volta à sala de pilotagem da *Estrela Distante*. Podia ser um aposento apertado; podia ser uma bolha de constrição no espaço infinito. Ainda assim, era familiar, amigável e quente.

– Estou contente que você tenha finalmente embarcado – disse Júbilo. – Eu estava me perguntando quanto tempo passaria com a ministra.

– Não muito – respondeu Trevize. – Estava frio.

– Me pareceu que você cogitava a possibilidade de ficar com ela e adiar a busca pela Terra – continuou Júbilo. – Não gosto de sondar a sua mente nem mesmo de leve, mas fiquei preocupada, e a tentação que você enfrentou pareceu gritante para mim.

– Está certa – disse Trevize. – Pelo menos momentaneamente, senti essa tentação. A ministra é uma mulher extraordinária e nunca encontrei ninguém como ela. Você fortaleceu minha resistência, Júbilo?

– Já lhe disse muitas vezes – ela respondeu – que não devo e não quero modificar sua mente de forma nenhuma, Trevize. Você venceu a tentação graças ao seu inabalável senso de dever, imagino.

– Não, prefiro achar que não – disse Trevize. – Nada tão dramático ou nobre. Minha resistência foi fortalecida primeiro por causa do frio, e depois pela triste constatação de que não seriam necessários muitos encontros com ela para me matar. Eu nunca conseguiria manter o ritmo.

– Bom – interveio Pelorat –, de qualquer maneira você está a salvo e a bordo. O que faremos a seguir?

– No futuro imediato, seguiremos rapidamente pelo sistema planetário até que estejamos longe o suficiente do sol de Comporellon para realizar um Salto.

– Acha que seremos impedidos ou seguidos?

– Não. Tenho fé de que a ministra está ansiosa para que nos

distanciemos o mais rápido possível e fiquemos longe, para que a vingança d'Aquele Que Castiga não desgrace o planeta. Na verdade...

– Sim?

– Ela acredita que essa vingança decerto cairá sobre nós. Tem convicção absoluta de que nunca voltaremos. Isso, devo acrescentar rapidamente, não é uma estimativa do meu provável nível de infidelidade, que ela não teve oportunidade de mensurar. Ela quis dizer que a Terra é portadora de infortúnios tão terríveis que qualquer pessoa que a procura deve morrer no processo.

– Quantas pessoas deixaram Comporellon em busca da Terra para ela afirmar isso? – perguntou Júbilo.

– Duvido que algum comporellano tenha partido com essa missão. Eu disse a ela que esses medos eram apenas superstição.

– Tem certeza de que *você* acredita nisso? Ou permitiu que ela o abalasse?

– Sei que os medos da ministra são a superstição mais pura na forma como ela os expressa, mas talvez sejam fundamentados mesmo assim.

– Quer dizer que a radioatividade nos matará se aterrissarmos na Terra?

– Não creio que a Terra seja radioativa. Mas acredito que a Terra se proteja. Lembrem-se de que todas as referências a ela foram removidas da Biblioteca de Trantor. Lembrem-se de que a maravilhosa memória de Gaia, da qual todo o planeta faz parte, até os estratos rochosos da superfície e o metal derretido do núcleo, termina logo antes de penetrar o suficiente no passado para nos dizer qualquer coisa sobre a Terra. É evidente que, se a Terra é poderosa o bastante para fazer isso, pode ser capaz também de ajustar mentes para impor crenças sobre sua radioatividade, assim prevenindo toda busca. Talvez, por Comporellon estar tão perto e representar um perigo especial para a Terra, haja ainda ajustes que resultem em uma curiosa apatia. Deniador, um Cético e cientista, está completamente convencido de que não há nenhuma utilidade em procurar a Terra. Ele diz que ela não pode ser encontrada. E é por isso que a superstição da ministra talvez seja bem fundamentada. Se a Terra faz tanta questão de se esconder, será que não nos mataria, ou distorceria nossas mentes, antes de permitir que a encontrássemos?

Júbilo franziu o cenho e disse:

– Gaia...

– Não diga que Gaia nos protegerá – reagiu Trevize rapidamente. – Se a Terra foi capaz de remover as memórias mais antigas de Gaia, é óbvio que, em um conflito entre os dois planetas, a Terra venceria.

– Como sabe que as memórias foram removidas? – disse Júbilo, friamente. – Pode ser que Gaia simplesmente tenha levado um tempo para desenvolver uma memória planetária, e que agora podemos sondar o passado apenas até o término desse desenvolvimento. E, se a memória *foi* removida, como pode ter certeza de que foi a Terra?

– Eu não sei – respondeu Trevize. – Estou apenas desenvolvendo minhas especulações.

– Se a Terra é tão poderosa – interveio Pelorat, timidamente – e tão determinada a, vamos dizer, preservar sua privacidade, qual a utilidade de nossa busca? Você parece acreditar que a Terra não permitirá nosso sucesso e nos matará, se isso for necessário para impedir que tenhamos sucesso. Nesse caso, faz algum sentido não abandonar tudo isso?

– Admito que parece melhor desistirmos, mas tenho uma forte convicção de que a Terra existe, de que devo e vou encontrá-la. E Gaia me diz que quando tenho convicções fortes desse tipo, estou sempre certo.

– Mas como sobreviveremos à descoberta, velho amigo?

– Talvez – respondeu Trevize, esforçando-se para ser leve – a Terra também reconheça o valor da minha extraordinária certeza e me deixe em paz. *Mas*, e é nisso que eu queria chegar, não posso ter certeza de que vocês dois sobreviverão, e isso me preocupa. Sempre preocupou, mas agora está mais acentuado e me parece que devo levá-los de volta a Gaia e prosseguir sozinho. Fui eu, e não vocês, quem decidiu procurar pela Terra; sou eu, e não vocês, quem enxerga valor nessa missão; sou eu, e não vocês, quem está compelido a encontrá-la. Permitam, então, que seja eu a correr riscos, e não vocês. Permitam que eu vá sozinho. Janov?

A expressão melancólica de Pelorat parecia acentuada, pois ele havia enterrado o queixo no pescoço.

– Não nego que estou apreensivo, Golan – respondeu –, mas eu teria vergonha de abandoná-lo. Eu me desonraria se o fizesse.

– Júbilo?

– Gaia não o abandonará, Trevize, seja lá o que faça. Se a Terra for

mesmo perigosa, Gaia o protegerá o máximo que puder. E, de toda maneira, em meu papel como Júbilo, não abandonarei Pel, e se ele permanecer com você, eu ficarei com ele.

– Pois bem, então – disse Trevize, inflexível. – Ofereci a chance. Prosseguiremos juntos.

– Juntos – respondeu Júbilo.

– Juntos – Pelorat sorriu de leve e pousou a mão no ombro de Trevize. – Sempre.

29

– Olhe só para aquilo, Pel – disse Júbilo.

Ela manipulava o telescópio da nave quase aleatoriamente porque queria fazer algo além de explorar a biblioteca de mitos sobre a Terra compilados por Pelorat.

Pelorat se aproximou, colocou um braço em torno dos ombros de Júbilo e observou a tela. Um dos gigantes de gás do sistema solar comporellano estava em vista, ampliado até parecer o grande corpo celeste que era na vida real.

Sua cor era laranja suave e ele era coberto por faixas mais pálidas. Visto a partir do plano planetário e mais longe do sol do que a nave estava, era quase um círculo completo de luz.

– Lindo – comentou Pelorat.

– A faixa central se estende para além do planeta, Pel.

– Sabe, Júbilo – Pelorat enrugou a testa –, acho que você está certa.

– Você diria que é uma ilusão de óptica?

– Não tenho certeza, Júbilo – respondeu Pelorat. – Sou tão novato no espaço quanto você... Golan!

– O que foi? – respondeu Trevize a distância, com voz fraca. Ele então adentrou a sala do piloto parecendo um pouco amarrotado, como se tivesse acabado de acordar de uma soneca, que era exatamente o que ele estivera fazendo.

– Por favor! – ele disse, rabugento. – Não mexam nos instrumentos.

– É apenas o telescópio – respondeu Pelorat. – Veja isso.

– É um planeta gigante de gás – disse Trevize –, aquele que eles chamam de Gallia, de acordo com as informações que recebi.

– Como pode dizer que é esse apenas olhando?

– Para começar – respondeu Trevize –, pela nossa distância do sol, e por causa dos tamanhos planetários e das posições de órbita que estudei ao planejar nosso trajeto, Gallia é o único que vocês poderiam ampliar a esse tamanho nesse momento. Além disso, há o anel.

– Anel? – perguntou Júbilo, intrigada.

– Tudo o que vocês podem ver é uma marca pálida e estreita, pois estamos vendo-o quase de frente. Podemos sair do plano planetário e ter uma vista melhor. Gostariam que eu fizesse isso?

– Não quero obrigá-lo a recalcular posições e trajetos, Golan – respondeu Pelorat.

– Não se preocupe, o computador fará tudo por mim sem nenhum problema – ele se sentou ao computador conforme falava e colocou as mãos nas marcas apropriadas. O computador, em sintonia extraordinária com sua mente, fez todo o resto.

A *Estrela Distante*, livre de dificuldades de combustível ou sensação de inércia, acelerou rapidamente e, mais uma vez, Trevize sentiu uma onda de afeto por um computador – e uma nave – que reagiam de tal maneira a ele, como se fosse seu pensamento que os alimentasse e direcionasse, como se fossem uma poderosa e obediente extensão de sua vontade.

Não era de se admirar que a Fundação a quisesse de volta; não era de se admirar que Comporellon também quisesse ficar com ela. A única surpresa era que a força da superstição tinha sido grande o suficiente para fazer com que Comporellon desistisse de obtê-la.

Propriamente armada, poderia superar a velocidade ou o poder de fogo de qualquer espaçonave na Galáxia, ou qualquer combinação de espaçonaves – desde que não encontrasse outra como ela mesma.

Mas era evidente que ela não estava propriamente armada. A prefeita Branno, ao atribuir a nave a Trevize, fora cuidadosa o suficiente para deixá-la sem armamentos.

Pelorat e Júbilo observaram com atenção conforme o planeta Gallia lentamente inclinou-se na direção deles. O polo de cima (qualquer que fosse) ficou visível, com turbulência em uma grande região circular em seu entorno, enquanto o polo de baixo desaparecia sob o volume da esfera.

Na parte de cima, o lado escuro do planeta invadiu a esfera de luz alaranjada, e o belo círculo tornou-se progressivamente assimétrico.

O mais empolgante era a faixa central, que não era mais reta; havia

se tornado curva, assim como as outras faixas ao norte e ao sul, só que mais acentuadamente.

Agora a faixa central estendia-se distintamente para além dos limites do planeta, e fazia uma curva mais acentuada nas extremidades. Não havia mais dúvidas sobre ser uma ilusão; sua natureza era aparente. Tratava-se de um anel de matéria que contornava o planeta; o restante estava escondido atrás da massa planetária.

– Acho que é o suficiente para terem uma ideia – disse Trevize. – Se fôssemos passar por sobre o planeta, veriam o anel em sua forma circular, concêntrico em torno do globo, sem tocá-lo em nenhum ponto. E vocês provavelmente veriam que não se trata de apenas um anel, mas vários anéis concêntricos.

– Eu não achava que isso era possível – comentou Pelorat, estupefato. – O que os mantém no espaço?

– A mesma coisa que mantém um satélite em seu lugar – respondeu Trevize. – Os anéis consistem em pequenas partículas, e cada uma delas está em órbita ao redor do planeta. Os anéis ficam tão próximos da superfície que efeitos de maré evitam que se aglutinem e formem um único corpo.

– É aterrador pensar nisso, velho amigo – Pelorat sacudiu a cabeça. – Como é possível que eu tenha dedicado toda a minha vida aos estudos e, ainda assim, saiba tão pouco sobre astronomia?

– E eu não sei nada sobre os mitos da humanidade. Ninguém pode abarcar todo o conhecimento. A questão é que esses anéis planetários não são incomuns. Quase todos os planetas gigantes de gás os têm, mesmo que seja apenas uma pequena circunferência de poeira. Acontece que o sol de Terminus não tem nenhum gigante de gás verdadeiro em sua família planetária; portanto, a não ser que os terminianos sejam viajantes espaciais ou estudem astronomia na universidade, é provável que não saibam nada sobre anéis planetários. O que é incomum é um anel suficientemente largo para ser brilhante e visível, como aquele. É magnífico. Deve ter pelo menos duas centenas de quilômetros de largura.

– É *isso* que significava! – Pelorat subitamente estalou os dedos.

– O que foi, Pel? – Júbilo parecia alarmada.

– Certa vez – disse Pelorat – encontrei o fragmento de um poema muito antigo e em uma versão arcaica do Padrão Galáctico que era

muito difícil de compreender, mas isso era prova de sua idade avançada. Apesar de que não devo reclamar do arcaísmo, velho amigo. Meu trabalho me transformou em um especialista em diversas variedades do galáctico antigo, o que é muito gratificante, mesmo que não tenha nenhuma utilidade para mim fora das minhas pesquisas. Sobre o que eu estava falando?

– Um fragmento de um poema antigo, Pel querido – disse Júbilo.

– Obrigado, Júbilo – ele respondeu; então, para Trevize: – Ela presta muita atenção no que digo para me puxar de volta caso eu divague para longe demais, o que acontece na maioria das vezes.

– Faz parte do seu charme, Pel – disse Júbilo, sorrindo.

– De qualquer forma, esse fragmento de poesia pretendia descrever o sistema planetário do qual a Terra fazia parte. Por que esse era o tema, eu não sei dizer, pois o poema integral não sobreviveu; ou, pelo menos, nunca consegui localizá-lo. Somente essa pequena parte resistiu, graças talvez a seu conteúdo astronômico. Em todo caso, falava sobre os três cintilantes anéis do sexto planeta, "vahstos e colossaes, e o mundi abrandeava em comparato". Viu só, ainda consigo citá-lo. Eu não entendi o que poderia ser o anel de um planeta. Lembro-me de ter pensado em três círculos em um dos lados do planeta, enfileirados. Parecia tão sem sentido que não achei importante incluir em minha biblioteca. Agora, lamento não ter perguntado a alguém sobre isso – ele fez "não" com a cabeça. – Ser mitólogo na Galáxia de hoje em dia é tão solitário que você acaba se esquecendo dos benefícios de perguntar aos outros.

– Você provavelmente estava certo ao ignorá-lo, Janov – disse Trevize, consolando-o. – Interpretar poemas de forma literal é um erro.

– Mas era esse o significado – respondeu Pelorat, apontando para a tela. – Era disso que o poema estava falando. Três amplos anéis, concêntricos, mais largos do que o próprio planeta.

– Nunca ouvi falar de algo assim – disse Trevize. – Não creio que anéis possam ser tão largos. Se comparados com o planeta que circundam, são sempre muito estreitos.

– Tampouco ouvimos falar sobre um planeta habitável com um satélite gigante. Ou um com superfície radioativa. Essa é a singularidade número três. Se encontrarmos um planeta radioativo que, se não fosse pela radioatividade, seria habitável; que tenha um

satélite gigante e com um planeta vizinho com um anel imenso, não haverá mais nenhuma dúvida de que teremos encontrado a Terra.

– Eu concordo, Janov – sorriu Trevize. – Se acharmos todas as três, certamente teremos encontrado a Terra.

– Se! – exclamou Júbilo, com um suspiro.

30

Tinham passado pelos principais mundos do sistema solar, lançando-se para fora dele por entre as posições dos dois planetas mais distantes. Assim, não havia nenhuma massa significativa dentro de um bilhão e meio de quilômetros. Adiante, havia apenas uma vasta nuvem cometária que, gravitacionalmente, era irrelevante.

A *Estrela Distante* tinha acelerado até uma velocidade de 0,1 *c*, um décimo da velocidade da luz. Trevize sabia que, em teoria, a nave poderia ser acelerada até quase a velocidade da luz, mas sabia também que, na prática, 0,1 *c* era o limite aceitável.

Naquela velocidade, qualquer objeto com massa mensurável podia ser evitado, mas não havia como desviar das inúmeras partículas de poeira do espaço e, muito menos, de átomos e moléculas individuais. Em velocidades muito altas, até mesmo objetos pequenos como esses poderiam causar danos, arranhando a fuselagem ao colidir com a nave. Em velocidades próximas à da luz, cada átomo que se chocasse contra a fuselagem teria as propriedades de uma partícula de raio cósmico. Sob essa radiação cósmica penetrante, nenhuma pessoa a bordo da nave sobreviveria por muito tempo.

As estrelas mais afastadas não mostravam nenhuma movimentação perceptível na tela de visualização e, mesmo que a nave estivesse se movendo a trinta mil quilômetros por segundo, tudo parecia indicar que ela estava, na verdade, imóvel.

O computador sondava grandes distâncias espaciais em busca de qualquer objeto pequeno, mas significativo, que estivesse em rota de colisão, e a nave manobraria gentilmente para evitá-lo, no caso extremamente improvável de que isso fosse necessário. Considerando o tamanho diminuto dos objetos em possível rota de colisão, a velocidade com que eles eram ultrapassados e a ausência de efeitos de inércia resultantes da mudança de curso, era impossível dizer se, em

algum momento, houvera algo do tipo “essa foi por pouco”.

Portanto, Trevize não se preocupava com coisas assim; não pensava nem casualmente no assunto. Mantinha sua atenção nos três conjuntos de coordenadas que recebera de Deniador e, especialmente, no conjunto que indicava o objeto mais próximo deles.

– Há algo errado com os números? – perguntou Pelorat, ansioso.

– Ainda não sei dizer – respondeu Trevize. – Coordenadas, por si só, não são úteis, a não ser que você saiba o ponto zero e as convenções usadas para estabelecê-las: a direção usada para traçar a distância, por assim dizer; qual seria o equivalente ao meridiano, essas coisas.

– Como se descobre isso? – disse Pelorat, confuso.

– Peguei as coordenadas de Terminus e de alguns outros pontos conhecidos relativos a Comporellon. Se eu colocá-las no computador, ele calculará quais devem ser as convenções para essas coordenadas, se Terminus e os outros pontos forem localizados corretamente. Estou apenas tentando organizar as coisas em minha cabeça para que possa programar o computador adequadamente para fazer isso. Uma vez que as convenções tenham sido determinadas, os números que temos para os Mundos Proibidos podem, talvez, fazer algum sentido.

– Apenas talvez? – perguntou Júbilo.

– Receio que apenas talvez – disse Trevize. – Esses números são antigos, afinal; presume-se que sejam comporellanos, mas não se sabe ao certo. E se forem baseados em outras convenções?

– Nesse caso?

– Nesse caso, temos apenas números sem sentido. Precisamos descobrir.

Seus dedos tocaram as teclas com brilho suave do computador, alimentando-o com as informações necessárias. Em seguida, ele colocou as mãos nas marcas sobre a área de trabalho. Esperou enquanto o computador processava as convenções das coordenadas conhecidas, parou um instante e então interpretou as coordenadas do Mundo Proibido mais próximo usando as mesmas convenções, até que finalmente localizou essas coordenadas no mapa galáctico existente na memória do computador.

Um campo de estrelas apareceu na tela e se moveu rapidamente conforme era ajustado. Quando ficou estático, se expandiu, com estrelas saindo pelas bordas por todas as direções, até que quase todas

se foram. Em nenhum momento o olho nu poderia acompanhar a mudança; era apenas um borrão salpicado de pontos brilhantes. Até que, enfim, um espaço de um décimo de parsec para cada lado (de acordo com a escala mostrada na parte de baixo da tela) era tudo o que restava. Não houve mais nenhuma mudança, e apenas meia dúzia de pontos com brilho pálido flutuavam na escuridão da tela.

– Qual deles é o Mundo Proibido? – perguntou Pelorat, em tom brando.

– Nenhum deles – respondeu Trevize. – Quatro são anãs vermelhas, uma é quase uma anã vermelha, e a última é uma anã branca. É impossível que alguma dessas estrelas tenha um planeta habitável orbitando ao seu redor.

– Você sabe que são anãs vermelhas só de olhar para elas?

– Não estamos olhando para estrelas de verdade; estamos observando um trecho do mapa galáctico gravado na memória do computador. Cada uma delas está rotulada. Você não pode ver as indicações e, normalmente, eu também não poderia, mas, desde que minhas mãos estejam fazendo contato, como agora, descubro uma quantidade considerável de informações sobre qualquer estrela em que meus olhos se concentrem.

– Então as coordenadas são inúteis – disse Pelorat, em um tom desolado.

– Não, Janov – Trevize olhou para ele. – Ainda não terminei. Há, ainda, a questão do tempo. As coordenadas do Mundo Proibido são de vinte mil anos atrás. Naquela época, tanto esse planeta como Comporellon orbitavam em torno do núcleo galáctico, e talvez o fizessem em diferentes velocidades, e em órbitas de inclinações e excentricidades diferentes. Portanto, com o tempo, os dois planetas podem ter se aproximado ou se distanciado e, em vinte mil anos, o Mundo Proibido pode ter se deslocado entre meio e cinco parsecs da posição marcada. Ele certamente não estaria nesse quadrado de um décimo de parsec.

– O que faremos, então?

– Faremos o computador retroceder a Galáxia vinte mil anos em relação a Comporellon.

– Ele pode fazer isso? – perguntou Júbilo, soando bastante admirada.

– Bom, ele não pode fazer a Galáxia propriamente dita voltar no

tempo, mas pode retroceder o tempo do mapa usando seus bancos de memória.

– Vamos ver alguma coisa na tela? – disse Júbilo.

– Observe – respondeu Trevize.

Lentamente, a meia dúzia de estrelas deslocou-se pela tela. Uma nova estrela, que até então não estava na tela, adentrou pelo canto esquerdo, e Pelorat apontou para ela, empolgado.

– Ali! Ali! – disse.

– Sinto muito – respondeu Trevize. – Outra anã vermelha. São muito comuns. Pelo menos 3/4 de todas as estrelas da Galáxia são anãs vermelhas.

A tela parou de se mover.

– E então? – perguntou Júbilo.

– É isso – respondeu Trevize. – Essa é a visão daquele setor da Galáxia, como deveria ter sido vinte mil anos atrás. No centro da tela está o ponto onde o Mundo Proibido deveria estar, caso estivesse se deslocando em uma velocidade constante.

– Deveria estar, mas não está – disse Júbilo, ríspida.

– Não está – concordou Trevize, com notável inexpressão.

– Ah, que pena, Golan – Pelorat soltou um longo suspiro.

– Esperem, não percam as esperanças. Eu não esperava ver a estrela aqui.

– Não esperava? – indagou Pelorat, surpreso.

– Não. Eu disse que essa não é a Galáxia propriamente dita, mas sim o mapa que o computador tem da Galáxia. Se uma estrela real não estiver incluída no mapa, não a veremos. Se o planeta tem por nome “Proibido” e foi assim chamado por vinte mil anos, é provável que ele não tenha sido incluído no mapa. E não foi, pois não o estamos vendo.

– Talvez não estejamos vendo porque ele não existe – disse Júbilo. – Os mitos comporellanos podem ser falsos, ou as coordenadas estão erradas.

– De fato. Entretanto, agora o computador pode fazer uma estimativa de quais seriam as coordenadas atuais, agora que localizou o ponto onde talvez estivesse vinte mil anos atrás. Usando as coordenadas corrigidas temporalmente, correção que eu só poderia ter feito usando o mapa estelar, agora podemos partir para a localização real, na própria Galáxia.

– Mas você apenas supôs uma velocidade constante para o Mundo

Proibido – disse Júbilo. – E se sua velocidade *não* fosse constante? Você não teria as coordenadas corretas.

– Sim, é verdade, mas uma correção supondo uma velocidade constante deve chegar muito mais perto de sua posição real do que se não fizéssemos nenhuma correção temporal.

– É o que você espera! – disse Júbilo, duvidosa.

– É exatamente isso – respondeu Trevize. – Eu tenho esperança. E agora vamos ver a Galáxia real.

Os dois observadores encaravam a tela tensos quando Trevize (talvez para reduzir sua própria tensão até a chegada do momento crucial) falou suavemente, quase como se estivesse dando uma aula:

– É mais difícil analisar a Galáxia real. O mapa do computador é uma construção artificial capaz de eliminar irrelevâncias. Se o ângulo de visão é inconveniente para o que quero fazer, posso alterá-lo, e assim por diante. Porém, na Galáxia real, preciso lidar com o que encontro, e se eu quiser uma mudança, preciso me deslocar fisicamente pelo espaço, o que leva muito mais tempo do que apenas ajustar um mapa.

Conforme ele falava, a tela mostrou um campo estrelado tão repleto de estrelas que parecia um amontoado irregular de pó.

– Essa é uma visão ampla de um setor da Via Láctea – explicou Trevize –, e eu quero o primeiro plano, claro. Se eu expandir o primeiro plano, o segundo tende a sumir em comparação. O ponto indicado pelas coordenadas é perto o suficiente de Comporellon para que eu provavelmente possa expandi-lo para mais ou menos o que tínhamos na visualização do mapa. Deixem-me apenas fornecer as instruções necessárias, se conseguir manter minha sanidade por tempo suficiente. *Agora!*

O campo de estrelas expandiu-se rapidamente e milhares de estrelas saíram por todos os cantos, dando aos observadores uma sensação real de movimento na direção da tela que fez os três automaticamente se inclinarem para trás, como uma reação a uma aceleração para frente.

A visão de antes estava de volta, não exatamente tão escura quanto no mapa, mas com a meia dúzia de estrelas mostradas como na visualização anterior. E ali, próximo do centro, estava outra estrela, muito mais brilhante do que as outras.

– Ali está – disse Pelorat, em um sussurro admirado.

– Pode ser que sim. Farei o computador captar seu espectro e analisá-lo.

Houve uma pausa moderadamente longa.

– Classificação espectral, G-4 – disse Trevize –, o que a faz ser menor e um pouco menos luminosa do que o sol de Terminus, mas muito mais luminosa do que o de Comporellon. E nenhuma estrela de classificação G deveria ser omitida do mapa galáctico do computador. Como essa foi, é um forte indício de que pode ser o sol em torno do qual o Mundo Proibido orbita.

– Existe alguma chance – perguntou Júbilo – de que não exista nenhum planeta habitável em órbita ao redor dessa estrela, no final das contas?

– Creio que é possível. Se for esse o caso, tentaremos achar os outros dois Mundos Proibidos.

– E se os outros dois também forem alarmes falsos? – insistiu Júbilo.

– Tentaremos alguma outra coisa.

– Como o quê?

– Quem me dera saber – respondeu Trevize, seco.

PARTE 3

AURORA

AURORA

8.

Mundo Proibido

31

– Golan – disse Pelorat. – Se incomoda se eu assistir?

– De jeito nenhum, Janov – respondeu Trevize.

– Posso fazer perguntas?

– Vá em frente.

– O que você está fazendo? – perguntou Pelorat.

Trevize tirou os olhos da tela.

– Preciso medir a distância de cada estrela que pareça próxima do Mundo Proibido na tela para poder determinar a distância real delas. Precisamos saber seus campos gravitacionais e, para isso, preciso da massa e da distância. Sem essas informações, não é possível garantir um Salto perfeito.

– Como você faz isso?

– Bom, cada estrela que vemos tem coordenadas na memória do computador, e elas podem ser convertidas em coordenadas no sistema comporellano. Os números obtidos podem, por sua vez, passar por pequenas correções em relação à posição da *Estrela Distante* no espaço relativa ao sol de Comporellon, e isso me dá a distância de cada uma. Aquelas anãs vermelhas parecem bem próximas do Mundo Proibido na tela, mas algumas podem estar mais perto e outras, mais longe. Precisamos de suas posições tridimensionais, entende?

Pelorat concordou com a cabeça e disse:

– E você já tem as coordenadas para o Mundo Proibido...

– Sim, mas não é o suficiente. Preciso que as distâncias das outras estrelas estejam dentro de uma margem de erro de mais ou menos 1%. A intensidade gravitacional que elas impõem nos arredores do Mundo Proibido é tão pequena que um pequeno erro não faz diferença perceptível. Já o sol em torno do qual o Mundo Proibido orbita, ou talvez orbite, tem um campo gravitacional de intensidade enorme no entorno do Mundo Proibido, e preciso saber sua distância com talvez

mil vezes mais precisão do que o necessário para as outras estrelas. Somente as coordenadas não bastam.

– O que você fará, então?

– Medirei a distância aparente entre o Mundo Proibido... ou melhor, entre sua estrela e três estrelas próximas, cujas luminosidades são tão baixas que é necessária uma ampliação considerável para enxergá-las. É de se presumir que essas três estrelas estejam *bem* longe. Então, manteremos uma delas centrada na tela e Saltaremos um décimo de parsec em uma direção com ângulos retos, até termos um ângulo de visão do Mundo Proibido. Poderemos fazer isso com segurança, mesmo sem saber as distâncias de estrelas comparativamente mais longínquas. A estrela usada como referência continuará no centro da tela depois do Salto – prosseguiu Trevize. – As outras duas estrelas de luminosidade baixa, se as três forem mesmo muito distantes, não sofreriam uma mudança mensurável de posição. Mas o Mundo Proibido estará perto o bastante para mudar a própria posição aparente em paralaxe. A partir do tamanho da paralaxe, poderemos determinar a distância dele. Se eu quiser ter certeza mesmo, escolherei três outras estrelas e farei os cálculos novamente.

– Quanto tempo levará tudo isso? – perguntou Pelorat.

– Não muito tempo. O computador fará o trabalho pesado. Eu só dou as ordens. O que demora mesmo é estudar os resultados e ter certeza de que estão corretos, e também garantir que minhas instruções não estão, de alguma maneira, equivocadas. Se eu fosse um daqueles pilotos destemidos que têm fé inabalável em si mesmos e no computador, tudo isso levaria apenas alguns minutos.

– É realmente incrível – comentou Pelorat. – Pense em quanto o computador faz por nós.

– Penso nisso o tempo todo.

– O que você faria sem ele?

– O que eu faria sem uma nave gravitacional? O que faria sem meu treinamento astronáutico? O que faria sem vinte mil anos de tecnologia hiperespacial me apoiando? O fato é que eu sou eu mesmo, aqui e agora. E se nos imaginarmos vinte mil anos no futuro, por qual tipo de maravilha tecnológica ficaríamos agradecidos? Ou será que daqui a vinte mil anos a humanidade não existirá mais?

– Pouco provável – disse Pelorat. – É pouco provável que não exista. Mesmo se não nos tornarmos parte de Galaksia, ainda teremos

a psico-história para nos guiar.

Trevize virou a cadeira na direção de Pelorat, desconectando-se do computador.

– Ele calculará distâncias – explicou Trevize – e verificará os dados algumas vezes. Não há pressa – olhou para Pelorat, intrigado. – Psico-história! Sabe, Janov, esse assunto surgiu duas vezes em Comporellon, e nas duas vezes foi descrito como superstição. Eu falei uma vez e Deniador também falou. Afinal, como definir a psico-história a não ser como uma superstição da Fundação? Será que não se trata de uma crença sem nenhuma prova concreta? O que acha, Janov? É mais da sua área do que da minha.

– Por que diz que não há provas concretas, Golan? – perguntou Pelorat. – O simulacro de Hari Seldon apareceu diversas vezes no Cofre do Tempo e discutiu eventos conforme eles aconteciam. Se não fosse por previsões psico-históricas, ele não teria como saber quais seriam esses eventos na época em que viveu.

– Isso soa, de fato, incrível – Trevize concordou com a cabeça. – Ele esteve errado sobre o Mulo, mas mesmo deixando essa questão de lado, é incrível. Ainda assim, parece desconfortavelmente sobrenatural. Qualquer mágico pode fazer truques.

– Nenhum mágico pode prever séculos do futuro.

– Nenhum mágico pode fazer de verdade o que ele faz você achar que ele faz.

– Deixe disso, Golan. Não consigo pensar em nenhum truque que permite prever o que acontecerá daqui a cinco séculos.

– E também não consegue pensar em um truque que permita que um mágico leia o conteúdo de uma mensagem escondida em um pseudo-hipercubo de quatro dimensões em um satélite autônomo em órbita. Mesmo assim, vi um mágico fazer isso. Já lhe ocorreu que o Cofre do Tempo, e também o simulacro de Hari Seldon, podem ser manipulações do governo?

Pelorat parecia revoltado com a sugestão.

– Eles não fariam isso – respondeu.

Trevize fez um som de escárnio.

– E seriam pegos se o fizessem – continuou Pelorat.

– Não tenho tanta certeza quanto a isso. Mas a questão é que não sabemos nada sobre o funcionamento da psico-história.

– Eu não sei como os computadores funcionam, mas sei que

funcionam.

– Isso porque outras pessoas sabem como eles funcionam. Como seria se *ninguém* soubesse? Se parassem de funcionar, por qualquer motivo, seríamos incapazes de fazer alguma coisa para remediar a situação. E se a psico-história repentinamente parasse de funcionar...

– Os membros da Segunda Fundação sabem sobre o funcionamento da psico-história.

– Como pode saber isso, Janov?

– É o que dizem.

– Qualquer coisa pode ser dita. Ah, temos a distância da estrela do Mundo Proibido e, espero, com bastante precisão. Vamos considerar os números.

Ele os encarou por bastante tempo, seus lábios movendo-se ocasionalmente, como se estivesse fazendo cálculos de cabeça. Enfim, sem levantar os olhos, disse:

– O que Júbilo está fazendo?

– Dormindo, velho amigo – respondeu Pelorat. Então, defensivamente: – Ela *precisa* dormir, Golan. Manter-se parte de Gaia através do hiperespaço requer muita energia.

– Suponho que sim – disse Trevize, voltando-se novamente para o computador. Colocou as mãos na área de trabalho e murmurou: – Vou deixar que se aproxime com vários Saltos e fazê-lo verificar tudo novamente depois de cada um deles – tirou as mãos novamente e disse: – Estou falando sério, Janov. O que *você* sabe sobre psico-história?

– Nada – Pelorat pareceu surpreso. – Um historiador, o que sou, de certa maneira, é infinitamente diferente de um psico-historiador. Sei sobre os dois fundamentos da psico-história, claro, mas todo mundo sabe.

– Até *eu* sei. O primeiro fundamento é que a quantidade de seres humanos envolvidos seja grande o suficiente para que o tratamento estatístico seja válido. Mas quão grande é "grande o suficiente"?

– A mais recente estimativa da população galáctica – respondeu Pelorat – é algo em torno de dez quatrilhões, o que provavelmente é uma estimativa baixa. Decerto é uma quantidade grande o suficiente.

– Como você sabe?

– Porque a psico-história *funciona*, Golan. Apesar de quanto você argumente, ela *funciona*.

– E o segundo fundamento – continuou Trevize –, é que os seres humanos não saibam sobre a psico-história, para que o conhecimento sobre ela não influencie as reações deles. Mas *sabemos* sobre a psico-história.

– Apenas sobre sua mera existência, velho amigo. Isso não conta. O segundo fundamento é o de que os seres humanos não podem saber sobre as *previsões* da psico-história. Sobre elas, ninguém sabe, exceto os membros da Segunda Fundação, que precisam saber, mas eles são um caso especial.

– E, com base nesses dois únicos fundamentos, a ciência da psico-história foi desenvolvida. É difícil de acreditar.

– Não a partir desses dois fundamentos *apenas* – disse Pelorat. – Há matemática avançada e elaborados métodos de estatística. Diz a história, se você faz questão da tradição, que Hari Seldon delineou a psico-história a partir da teoria cinética dos gases. Cada átomo ou molécula em um gás se move aleatoriamente, portanto é impossível saber a posição ou a velocidade de qualquer um deles. Ainda assim, usando estatística, podemos determinar com grande precisão as regras que governam seu comportamento geral. Da mesma forma, a intenção de Seldon era determinar o comportamento geral das sociedades humanas, mesmo que os cálculos não possam ser aplicados ao comportamento de indivíduos.

– Talvez, mas seres humanos não são átomos.

– Fato – respondeu Pelorat. – Um ser humano tem consciência, e seu comportamento é suficientemente complexo para aparentar livre-arbítrio. Não tenho ideia de como Seldon lidou com isso, e tenho certeza de que não conseguiria entender mesmo que alguém tentasse me explicar. Mas ele o fez.

– E a coisa toda – disse Trevize – depende de lidar com uma imensa quantidade de pessoas que não sabe de nada. Não lhe parece um alicerce movediço para sustentar uma estrutura matemática colossal? Se esses fundamentos não forem cumpridos, tudo entra em colapso.

– Mas considerando que o Plano não entrou em colapso...

– Ou que os fundamentos não foram exatamente descumpridos ou inadequados, mas simplesmente mais frágeis do que deveriam ser, a psico-história poderia funcionar propriamente por séculos e então, ao alcançar alguma crise específica, entraria em colapso, como aconteceu temporariamente na época do Mulo. Ou então... e se houver um

terceiro fundamento?

– Qual terceiro fundamento? – perguntou Pelorat, franzindo o cenho de leve.

– Eu não sei – disse Pelorat. – Uma argumentação pode parecer totalmente lógica e elegante e, ainda assim, ter pressuposições não expressas. Talvez o terceiro fundamento seja uma pressuposição tão básica que nunca ninguém pensou em levá-la em consideração.

– Uma pressuposição assim tão certa é geralmente válida, ou não seria assim, tão certa.

Trevize bufou.

– Se você conhecesse a história científica tão bem quanto conhece a história tradicional, Janov, saberia quão errada é essa afirmação. Vejo que agora estamos nos arredores do sol do Mundo Proibido.

E, de fato, centralizada na tela estava uma estrela luminosa – tão luminosa que a tela automaticamente filtrou sua luz, o que fez as outras estrelas ficarem apagadas.

32

As instalações para banho e higiene pessoal a bordo da *Estrela Distante* eram compactas, e o uso da água era sempre mantido no mínimo possível para evitar a sobrecarga dos mecanismos de reciclagem. Trevize era severo ao relembrar Pelorat e Júbilo constantemente de tal fato.

Mesmo assim, Júbilo tinha um ar de frescor o tempo todo; era sempre certo que seus longos cabelos escuros estariam brilhantes, que suas unhas reluziriam.

– Aqui estão vocês! – disse Júbilo, ao entrar na sala do piloto.

– Não há motivo para surpresa – Trevize ergueu os olhos do computador. – Era impossível que tivéssemos abandonado a nave, e uma busca de trinta segundos provavelmente teria nos revelado aqui dentro mesmo que você não pudesse detectar nossa presença mentalmente.

– Como você bem sabe, a expressão foi apenas uma forma de saudação que não deveria ser tomada de forma literal – respondeu Júbilo. – Onde estamos? E não diga “na sala do piloto”.

– Júbilo, querida – disse Pelorat, estendendo um braço –, estamos

na região periférica do sistema planetário do Mundo Proibido mais próximo.

Ela foi até o lado de Pelorat e colocou a mão gentilmente em seu ombro, conforme ele envolveu sua cintura com o braço.

– Não deve ser assim tão Proibido – ela disse. – Nada tentou nos impedir.

– É chamado de Proibido – respondeu Trevize – porque Comporellon e os outros mundos estabelecidos pela segunda onda de colonização consideraram, voluntariamente, os mundos do primeiro grupo, os dos Siderais, fora dos limites. Se não nos sentirmos obrigados a seguir esse acordo voluntário, o que haveria de nos impedir?

– Os Siderais, se ainda houver algum, talvez tenham feito o mesmo, e voluntariamente considerado os mundos do segundo grupo fora dos limites. O fato de não nos incomodarmos de ignorar esse limite não significa que eles não se incomodem.

– É verdade – disse Trevize –, *se* eles existirem. Porém, até agora não sabemos nem se existe algum planeta no qual eles poderiam viver. Até agora, tudo o que vemos são os planetas gigantes de gás de sempre. Apenas dois deles, e que não são nem especialmente grandes.

– Mas isso não significa que o Mundo Sideral não existe – interveio Pelorat apressadamente. – Qualquer mundo habitável ficaria muito mais perto do sol e seria muito menor e difícil de detectar da distância em que estamos por causa do ofuscamento pelo brilho solar. Precisaremos fazer Microssaltos para nos aproximar e conseguir detectar um planeta com essas características – ele parecia bastante orgulhoso de falar como um experiente viajante espacial.

– Nesse caso – disse Júbilo –, por que não estamos nos aproximando?

– Ainda não – respondeu Trevize. – Estou fazendo o computador buscar qualquer sinal de estruturas artificiais até o máximo de sua capacidade. Vamos nos aproximar em etapas, uma dúzia delas se for necessário, fazendo a busca a cada etapa. Não quero cair em uma armadilha, como aconteceu quando nos aproximamos de Gaia. Lembra-se, Janov?

– Podíamos cair todos os dias em armadilhas como aquela. A de Gaia me trouxe Júbilo – Pelorat olhou demoradamente para Júbilo.

Trevize sorriu maliciosamente.

– Espera uma nova Júbilo todos os dias? – perguntou.

Pelorat pareceu magoar-se e Júbilo, com um toque de irritação, disse:

– Meu bom amigo (ou como quer que Pel insista em chamá-lo), você poderia se aproximar mais rapidamente. Enquanto eu estiver com você, não cairá em nenhuma armadilha.

– O poder de Gaia?

– Para detectar a presença de outras mentes? Pode ter certeza.

– Júbilo, está certa de que tem forças suficientes? Pelo que entendi, você precisa dormir bastante para recuperar a energia gasta para manter o contato com o corpo principal de Gaia. Até que ponto posso confiar nos talvez restritos limites de suas habilidades a essa distância da fonte?

Júbilo ficou vermelha de raiva.

– A força da conexão é vasta – respondeu.

– Não se ofenda – disse Trevize. – Estou apenas perguntando. Não enxerga isso como uma desvantagem de ser Gaia? Eu não sou Gaia. Sou um indivíduo completo e independente. Isso quer dizer que posso viajar para tão longe do meu povo e do meu mundo quanto quiser, e continuar sendo Golan Trevize. Minhas capacidades, quaisquer que sejam elas, permanecem e continuam comigo para onde quer que eu vá. Se eu estivesse sozinho no espaço, a parsecs de distância de qualquer ser humano e, por algum motivo, incapaz de me comunicar com alguém, ou até mesmo de ver o brilho de uma única estrela no céu, eu seria e permaneceria Golan Trevize. Posso não conseguir sobreviver, posso morrer, mas morreria Golan Trevize.

– Sozinho no espaço e longe de todos os outros – respondeu Júbilo – você seria incapaz de invocar a ajuda de seus semelhantes, de seus talentos e conhecimentos diferentes. Sozinho, como um indivíduo isolado, você ficaria diminuído em comparação com você como parte de uma sociedade integrada. Você sabe disso.

– Ainda assim, não seria uma diminuição como no seu caso – disse Trevize. – Existe uma ligação entre você e Gaia que é muito mais forte do que entre eu e minha sociedade, e essa ligação se estende pelo hiperespaço e requer energia para ser mantida. Você deve ofegar mentalmente por causa desse esforço e se sentir uma entidade muito mais incapacitada do que eu.

O rosto jovem de Júbilo enrijeceu-se e, por um momento, ela não

parecia tão jovem – parecia, na verdade, não ter idade. Era mais Gaia do que Júbilo, como se para refutar o ponto de vista de Trevize.

– Mesmo que tudo o que disse seja verdade, Golan Trevize: que é, foi e será; que talvez não possa ser menos, mas que certamente não pode ser mais... mesmo que tudo o que disse seja verdade, espera que não haja nenhum preço a ser pago pelo benefício? Não é melhor ser uma criatura de sangue quente, como você, em vez de uma criatura de sangue frio, como um peixe ou outra coisa?

– Tartarugas têm sangue frio – disse Pelorat. – Não há nenhuma em Terminus, mas há em alguns outros mundos. São criaturas com carapaças que se movem muito devagar, mas que vivem por bastante tempo.

– Pois bem, não é melhor ser um humano do que uma tartaruga? Mover-se com rapidez, seja qual for a temperatura, e não com lentidão? Não é melhor poder realizar atividades de alto consumo energético, como a contração rápida de músculos, a resposta rápida de nervos, a sustentação de pensamentos duradouros, do que movimentar-se lentamente, sentir gradualmente e ter uma consciência limitada dos arredores? Não?

– Sim – respondeu Trevize. – É verdade. E daí?

– Então! Você sabe o preço que paga para ter sangue quente, não sabe? Para manter sua temperatura acima da que está à volta de seu corpo, você precisa usar energia de maneira muito menos produtiva do que a tartaruga. Precisa comer quase constantemente para abastecer seu corpo de energia com tanta rapidez quanto ela é desperdiçada. Você ficaria faminto muito mais rápido do que uma tartaruga, e morreria mais rápido também. Preferiria ser uma tartaruga, e viver com mais lentidão e por mais tempo? Ou prefere pagar o preço e ser um organismo de movimentos, respostas sensoriais e pensamentos rápidos?

– É mesmo uma analogia válida, Júbilo?

– Não, Trevize, pois a situação de Gaia é mais favorável. Não consumimos quantidades extraordinárias de energia quando estamos próximos. O gasto de energia aumenta somente quando uma parte de Gaia está a distâncias hiperespaciais do resto do planeta. E lembre-se de que a sua escolha não foi apenas por um planeta Gaia maior, não por um mundo individual maior. Você optou por Galaksia, por um vasto complexo de mundos. Em qualquer lugar da Galáxia, você será

parte de Galaksia e estará cercado por partes de algo que se estende desde cada átomo interestelar até o buraco negro central. Assim, seria necessária uma quantidade pequena de energia para permanecer como um todo. Nenhuma parte estaria a grandes distâncias de nenhuma outra. Foi por tudo isso que você optou, Trevize. Como pode duvidar que fez a escolha certa?

Trevize estava com a cabeça inclinada, pensativo. Enfim, olhou para Júbilo e disse:

– Eu posso ter feito a escolha certa, mas preciso estar *convencido* disso. A decisão que tomei é a mais importante na história da humanidade e não basta que seja uma boa escolha. Eu preciso reconhecê-la como a *melhor* escolha.

– Do que mais precisa além do que eu lhe disse?

– Eu não sei, mas encontrarei na Terra – afirmou Trevize, com convicção absoluta.

– Golan, a estrela tem um disco galáctico – disse Pelorat.

Era um fato. O computador, ocupado com suas próprias tarefas e sem o mínimo de interesse por nenhuma discussão que se incendiasse ao seu redor, se aproximara da estrela em etapas, e alcançara a distância que Trevize tinha estabelecido.

Eles continuavam longe do plano planetário e o computador dividiu a tela para mostrar cada um dos três pequenos planetas mais próximos do sol.

O mais próximo de todos era o que tinha uma temperatura na superfície que permitia água em estado líquido, e também uma atmosfera de oxigênio. Trevize esperou até que sua órbita fosse calculada, e a primeira estimativa bruta parecia aceitável. Mas manteve a medição, pois quanto mais observações do movimento planetário fossem computadas, mais precisas seriam as determinações de seus elementos orbitais.

– Temos um planeta habitável à vista – disse Trevize, bastante calmo. – Muito provavelmente habitável.

– Ah! – exclamou Pelorat, tão alegre quanto sua expressão solene permitia.

– Porém – disse Trevize –, receio que não haja nenhum satélite gigante. Na verdade, nenhum tipo de satélite foi detectado até agora. Portanto, não é a Terra. Pelo menos, não se seguirmos o modelo tradicional.

– Não se preocupe quanto a isso, Golan – respondeu Pelorat. – Suspeitei que não encontraríamos a Terra aqui quando notei que nenhum dos gigantes de gás tem um sistema incomum de anéis.

– Certo. O próximo passo – continuou Trevize – é descobrir o tipo de vida que o habita. Considerando que tem uma atmosfera com oxigênio, podemos ter certeza de que existem plantas, mas...

– Vida animal também – interveio Júbilo, abruptamente. – E em grande quantidade.

– O quê? – Trevize virou-se em sua direção.

– Posso sentir. É tênue a essa distância, mas, indiscutivelmente, o planeta não é apenas habitável, é habitado.

33

A *Estrela Distante* estava em órbita polar ao redor do Mundo Proibido a uma distância que fazia o período orbital durar pouco mais do que seis dias. Trevize não parecia estar com pressa de sair da órbita. Ele explicou:

– Considerando que o planeta é habitado e considerando também que, de acordo com Deniador, já foi habitado por seres humanos tecnologicamente avançados e que representavam a primeira missão de Colonizadores, os tais Siderais, eles talvez ainda sejam tecnologicamente avançados. E também podem não cair de amores por nós, da segunda missão, que os substituiu. Eu preferiria que eles se fizessem conhecidos para que possamos saber um pouco mais antes de arriscar uma aterrissagem.

– Talvez não saibam que estamos aqui – disse Pelorat.

– *Nós* saberíamos, se a situação fosse reversa. Devo presumir, então, que, se eles existirem, é provável que tentem nos contatar. Talvez queiram, inclusive, vir até nós para nos pegar.

– Mas se vierem atrás de nós e forem tecnologicamente avançados, talvez estejamos indefesos...

– Não acredito nessa possibilidade – respondeu Trevize. – Avanço tecnológico não é necessariamente todo de uma vez. Pode ser que estejam muito além de nós em algumas áreas, mas já é evidente que não investiram em viagens interestelares. Fomos nós, e não eles, que colonizamos a Galáxia e, em toda a história do Império, não sei de

nada que poderia indicar que eles saíram de seus mundos e se mostraram para nós. Se não viajaram pelo espaço, como é possível que tenham feito avanços consideráveis em astronáutica? E, se não fizeram, não podem ter nada parecido com uma nave gravitacional. Podemos estar essencialmente desarmados, mas, mesmo que venham para cima de nós com uma nave de guerra, não poderiam nos pegar. Não, não estaríamos indefesos.

– Seus avanços podem ser mentálicos. Pode ser que o Mulo fosse um Sideral...

– O Mulo não pode ser tudo – Trevize deu de ombros, claramente irritado. – Os gaianos o descreveram como um gaiano anômalo. Também já foi considerado um mutante aleatório.

– É verdade – respondeu Pelorat. – Já houve especulações, que não devem ser levadas muito a sério, claro, de que ele era um artefato mecânico. Um robô, em outras palavras, mesmo que o termo não tenha sido usado.

– *Se* houver algo que pareça mentalicamente perigoso, dependeremos de Júbilo para neutralizá-lo. Ela pode... Aliás, ela está dormindo no momento?

– Tem tentado dormir – disse Pelorat –, mas estava agitada quando vim para cá.

– Estava agitada? Bom, ela precisará acordar rapidamente se alguma coisa acontecer. Você deve fazer isso, Janov.

– Sim, Golan – respondeu Pelorat, em tom baixo.

Trevize voltou sua atenção ao computador.

– Uma coisa que me incomoda são as estações de acesso – disse Trevize. – Normalmente, elas são um sinal claro de que um planeta é habitado por seres humanos com alta tecnologia. Mas essas...

– Há alguma coisa errada com elas?

– Várias coisas. Primeiro, são muito arcaicas. Talvez tenham milhares de anos. Depois, não há nenhum tipo de radiação além da térmica.

– O que é radiação térmica?

– Radiação térmica é emitida por qualquer objeto mais quente do que seu entorno. É uma assinatura familiar que tudo emite e que consiste em uma faixa ampla de radiação que segue um padrão fixo, dependendo da temperatura. É isso que as estações de acesso estão emitindo. Se houver equipamentos humanos em funcionamento a

bordo das estações, há uma tendência a vazamento de radiação não térmica e não natural. Considerando que apenas radiações termais estão presentes, podemos concluir que as estações estão vazias, talvez por milhares de anos; ou, se estiverem ocupadas, é por pessoas com uma tecnologia tão avançada nessa área que não emitem radiação nenhuma.

– Talvez o planeta tenha uma civilização avançada – supôs Pelorat –, mas as estações de acesso estão vazias porque o planeta foi ignorado de tal maneira durante tanto tempo pelo nosso tipo de Colonizador que eles não se preocupam mais com nenhuma visita.

– Pode ser. Ou talvez seja algum tipo de isca.

Júbilo entrou e Trevize, percebendo sua chegada pelo canto do olho, disse, rabugento:

– Sim, aqui estamos nós.

– Estou vendo – respondeu Júbilo –, e ainda em uma órbita inalterada. Posso ver isso por conta própria.

– Golan está sendo cuidadoso, querida – Pelorat adiantou-se para explicar. – As estações de acesso parecem estar desocupadas, e não temos certeza do que isso significa.

– Não há necessidade de se preocuparem – disse Júbilo, indiferente. – Não há nenhum sinal detectável de vida inteligente no planeta que estamos orbitando.

Trevize lançou-lhe um olhar surpreso e repreendedor.

– Do que está falando? – perguntou. – Você disse que...

– Eu disse que existia vida animal no planeta, e existe mesmo, mas em que lugar da Galáxia lhe ensinaram que vida animal necessariamente implica vida humana?

– Por que não disse isso quando detectou a vida animal pela primeira vez?

– Porque eu não saberia dizer, a distância. Pude detectar a inconfundível vibração de atividade neural animal, mas, naquela intensidade, eu não tinha como distinguir borboletas de seres humanos.

– E agora?

– Agora estamos muito mais perto, e você pode achar que eu estava dormindo, mas não estava... ou, pelo menos, dormi por pouco tempo. Eu estava, na falta de uma palavra melhor, escutando o máximo que posso, em busca de qualquer sinal de atividades mentais complexas o

suficiente para indicar a presença de inteligência.

– E não há nenhuma?

– Eu diria que, se não detectei nada a essa distância – respondeu Júbilo, com súbita cautela –, é impossível que haja mais do que alguns milhares de seres humanos no planeta. Se nos aproximarmos mais, poderei averiguar com mais precisão.

– Bom, isso muda as coisas – disse Trevize, um tanto confuso.

– Creio que sim – retrucou Júbilo, que parecia bastante sonolenta e, portanto, irritadiça. – Agora você pode esquecer tudo isso de analisar radiação e inferir e deduzir e sabe-se lá mais o que você estava fazendo. Meus sentidos gaianos cumprem a função com muito mais eficiência e certeza. Talvez você entenda o que quero dizer quando afirmo que é melhor ser um gaiano do que um Isolado.

Trevize esperou antes de responder, claramente se esforçando para manter a compostura. Quando falou, foi em um tom educado, quase formal.

– Agradeço-lhe pela informação. Ainda assim, você precisa entender que, usando uma analogia, a ideia de melhorar meu sentido do olfato não seria motivo suficiente para que eu decidisse abandonar minha humanidade e me tornar um cão farejador.

34

Conforme voavam abaixo da camada de nuvens e cruzavam a atmosfera, já conseguiam ver a superfície do Mundo Proibido. O planeta parecia surpreendentemente degradado.

As regiões polares eram geladas, como era de se esperar, mas não tinham grande extensão. As regiões montanhosas eram áridas, com geleiras esporádicas, mas também não eram muito extensas. Havia pequenas áreas desérticas espalhadas.

Com exceção de tudo isso, o mundo era, pelo menos potencialmente, lindo. Suas áreas continentais eram vastas, mas sinuosas, o que resultava em longas linhas costeiras e ricas planícies litorâneas de tamanhos consideráveis. Havia suntuosas extensões de florestas, tanto tropicais como temperadas, rodeadas por relva – e, ainda assim, a degradação de toda a paisagem era evidente. Espalhadas pelas florestas estavam áreas semiestéreis, e partes da

relva eram ralas e frágeis.

– Algum tipo de doença vegetal? – perguntou Pelorat, intrigado.

– Não – respondeu Júbilo, lentamente. – Algo pior do que isso, e mais permanente.

– Já vi muitos planetas – disse Trevize –, mas nada parecido com isso.

– Eu vi poucos planetas – comentou Júbilo –, mas penso os pensamentos de Gaia e isso é o que se pode esperar de um mundo do qual a humanidade desapareceu.

– Por quê? – perguntou Trevize.

– Pense – respondeu Júbilo, áspera. – Nenhum mundo habitado tem equilíbrio ecológico verdadeiro. A Terra, a princípio, deve ter tido, pois, se foi o mundo no qual a humanidade evoluiu, devem ter existido longas eras sem humanidade, nem nenhuma outra espécie capaz de desenvolver tecnologia avançada e modificar o ambiente. Nesse caso, um equilíbrio natural (em constante mudança, claro) deve ter existido. Porém, em todos os outros mundos habitados, os seres humanos cuidadosamente terraformaram seus novos hábitats e estabeleceram vida vegetal e animal, mas o ecossistema que criaram tende a ser desequilibrado; têm apenas uma quantidade limitada de espécies e somente aquelas que os seres humanos gostariam de ter ou não poderiam evitar...

– Sabe o que isso me lembra? – disse Pelorat. – Perdoe-me, Júbilo, por interrompê-la, mas faz tanto sentido que preciso contar-lhes agora mesmo, antes que eu me esqueça. Há uma antiga lenda de criação que encontrei, um mito no qual a vida foi formada em um planeta e consistia em apenas uma variedade limitada de espécies; somente as que eram úteis ou agradáveis para a humanidade. Então, os primeiros seres humanos fizeram algo tolo (não importa o quê, velho amigo, pois esses mitos antigos geralmente são simbólicos e apenas confundem se forem interpretados literalmente) e o solo do planeta foi amaldiçoado. “Ele te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo” é a forma como a maldição foi citada, apesar de a passagem soar muito melhor no galáctico arcaico no qual foi escrita. Mas a questão é: foi mesmo uma maldição? Coisas que seres humanos não gostam e não querem, como espinhos e abrolhos, podem ser necessárias para equilibrar a ecologia.

– É incrível, Pel – sorriu Júbilo – como tudo o faz lembrar de uma

lenda, e como elas são, muitas vezes, esclarecedoras. Seres humanos, ao terraformar um mundo, deixam de lado os espinhos e os abrolhos, quaisquer que sejam, e então precisam se esforçar para manter o mundo vivo. Não é um organismo autossuficiente, como Gaia. Em vez disso, é uma coleção deveras variada de Isolados, e a variedade não é suficiente para garantir que o equilíbrio ecológico persista indefinidamente. Se a humanidade desaparece, e se suas mãos controladoras deixam de ter influência, o esquema de vida inevitavelmente começa a ruir. O planeta desfaz a terraformação.

– Se é isso que está acontecendo – disse Trevize, cético –, não acontece rapidamente. Este mundo pode estar sem humanos há vinte mil anos e, mesmo assim, parece que o problema ainda existe.

– Isso certamente depende de como o equilíbrio ecológico foi estabelecido no passado – respondeu Júbilo. – Se for um bom equilíbrio desde o começo, pode durar bastante tempo sem seres humanos. Afinal de contas, vinte mil anos é muito tempo em termos de referencial humano, mas é apenas uma noite se comparado com a vida de um planeta.

– Imagino que – disse Pelorat, observando a paisagem planetária –, se o mundo está se degenerando, seja certo que os seres humanos se foram.

– Ainda não detectei nenhuma atividade mental de nível humano – respondeu Júbilo –, e estou disposta a supor que o planeta está seguramente livre de humanos. Mas há a constante vibração e agitação de níveis mais baixos de consciência, suficientes para representar pássaros e mamíferos. De qualquer forma, eu não diria que o fracasso da terraformação seja suficiente para demonstrar que os seres humanos se foram. Um planeta pode se deteriorar mesmo que haja seres humanos nele, se a sociedade for defeituosa e não compreender a importância de preservar o ambiente.

– Uma sociedade assim decerto se destruiria rapidamente – disse Pelorat. – Não acho possível que seres humanos não reconhecessem a importância de preservar justamente os fatores que os mantêm vivos.

– Não compartilho de sua amável fé na razão humana, Pel – respondeu Júbilo. – Parece-me bastante concebível que, quando uma sociedade planetária consiste apenas de Isolados, preocupações locais e até individuais facilmente sobreponham preocupações planetárias.

– Assim como Pelorat – interveio Trevize –, não creio que isso seja

possível. Na verdade, Júbilo, considerando que existem milhões de mundos ocupados por humanos e que nenhum se deteriorou a ponto de desfazer a terraformação, seu medo do Isolamento talvez seja exagerado.

Naquele momento, a nave saiu do hemisfério iluminado e entrou na face noturna do planeta. O efeito foi o de um crepúsculo veloz e então veio a plena escuridão, com exceção das luzes das estrelas em áreas com céu aberto.

A *Estrela Distante* manteve sua altura, monitorando precisamente a pressão atmosférica e a intensidade gravitacional. Eles estavam com altitude suficiente para evitar qualquer maciço montanhoso mais alto, pois o planeta estava em um estágio distante da formação de montanhas e não tinha picos. Ainda assim, o computador tateava o caminho à frente com seus dedos de micro-ondas, para garantir a segurança.

Trevize observou a escuridão atentamente.

– De alguma maneira – disse, pensativo –, o que considero a prova mais convincente de que um planeta é deserto é a ausência de iluminação visível no lado noturno. Nenhuma sociedade tecnológica pode prosperar na escuridão... Assim que voltarmos para o lado iluminado, começaremos a descida.

– Qual a utilidade de fazer isso? – perguntou Pelorat. – Não há nada aqui.

– Quem disse que não há nada aqui?

– Júbilo disse. E você disse.

– Não, Janov. Eu disse que não há radiação de origem artificial e Júbilo disse que não há sinal de atividade mental humana, mas isso não quer dizer que não haja nada aqui. Mesmo se não houver nenhum ser humano no planeta, certamente há relíquias de algum tipo. Estou em busca de informação, Janov, e resquícios de tecnologia podem ser úteis para isso.

– Depois de vinte mil anos? – a voz de Pelorat subiu um tom. – O que você acha que poderia durar vinte mil anos? Não haverá nenhum filme, nenhum papel, nada impresso; o metal terá enferrujado; a madeira terá se decomposto; o plástico estará reduzido a pó. Até mesmo as rochas estarão desintegradas e corroídas.

– Podem não ser vinte mil anos – respondeu Trevize, pacientemente. – Mencionei esse número como o maior período

possível em que o planeta pode ter estado sem seres humanos, pois a lenda comporellana diz que esse mundo prosperava naquela época. E se o último ser humano morreu, sumiu ou abandonou a superfície há apenas mil anos?

Eles chegaram ao outro extremo do hemisfério noturno; o amanhecer acelerado deu lugar à luz solar quase instantaneamente.

A *Estrela Distante* começou a descer e diminuir a velocidade até os detalhes da superfície ficarem claramente visíveis. As pequenas ilhas espalhadas pelas linhas costeiras continentais podiam ser vistas sem obstrução. A maioria era verdejante graças à vegetação.

– Minha intenção é que exploremos, especialmente, as áreas mais degradadas – disse Trevize. – Parece-me que os locais em que os seres humanos estiveram mais concentrados seriam os pontos em que o equilíbrio ecológico estaria mais afetado. Essas áreas podem ser os núcleos da decadência da terraformação. O que acha, Júbilo?

– É possível. De todo modo, na ausência de dados definitivos, deveríamos procurar onde é mais fácil. A relva e as florestas teriam afogado a maioria dos sinais de habitação humana, portanto fazer buscas por ali talvez seja uma perda de tempo.

– Estou pensando – disse Pelorat – que um mundo deve acabar estabelecendo um novo equilíbrio com o que tem; que novas espécies devem se desenvolver e que áreas degradadas podem ser recolonizadas com uma nova estratégia.

– Possivelmente, Pel – respondeu Júbilo. – Depende do nível de desequilíbrio em que o mundo estava. Mas para um planeta se curar e alcançar um novo equilíbrio através da evolução, seriam necessários muito mais do que vinte mil anos. Estamos falando de milhões de anos.

A *Estrela Distante* não estava mais circulando o planeta. Flutuava lentamente por uma extensão de quinhentos quilômetros, que tinha mato baixo, arbustos e alguns poucos aglomerados de árvores.

– O que acham daquilo? – perguntou Trevize subitamente, apontando. A nave parou e ficou flutuando em pleno ar. Houve um baixo, mas persistente zunido conforme os motores gravitacionais acionavam uma potência mais alta, anulando quase totalmente o campo gravitacional do planeta.

Não havia muito para ver na direção em que Trevize apontava. Montículos inclinados, com solo exposto e grama esparsa, eram tudo o

que estava visível.

– Não me parece nada de importância – comentou Pelorat.

– Há uma organização em linha reta naqueles montes. São linhas paralelas, e você pode ver alguns ângulos retos também. Estão vendo? Isso é impossível em qualquer formação natural. Aquilo é arquitetura humana, são estruturas e paredes, tão claras quanto se ainda estivessem ali para serem vistas.

– Suponha que sejam mesmo – respondeu Pelorat. – São apenas ruínas. Se fizermos uma busca arqueológica, precisaremos cavar e cavar. Até mesmo profissionais levariam anos para fazer um trabalho apropriado...

– Sim, mas não temos tempo para fazer o que é apropriado. Aquilo pode ser a tênue silhueta de uma antiga cidade, e alguma parte dela talvez ainda esteja inteira. Vamos acompanhar essas linhas e ver aonde elas nos levam.

Foi perto do final daquela área, em um lugar onde as árvores estavam um pouco mais próximas umas das outras, que eles encontraram paredes ainda eretas – ou, pelo menos, parcialmente eretas.

– Bom caminho para começarmos – disse Trevize. – Vamos aterrissar.

9.

Planeta deserto

35

A *Estrela Distante* pousou na base de um pequeno aclive, uma colina na região campestre que era, em sua maioria, plana. Quase sem pensar, Trevize achou melhor a nave estar fora de vista por quilômetros, em qualquer direção.

– A temperatura externa é de vinte e quatro graus – disse –, ventos a aproximadamente onze quilômetros por hora, vindos do oeste, e céu parcialmente nublado. O computador não tem dados suficientes sobre a circulação geral de ar para poder prever o tempo. Mas considerando que a umidade está em 40%, parece pouco provável que chova tão cedo. No geral, parece que escolhemos uma boa latitude ou uma estação do ano agradável. Depois de Comporellon, isso é um alívio.

– Conforme o planeta continuar a desfazer a terraformação – comentou Pelorat –, imagino que o clima ficará mais extremo.

– Tenho certeza disso – respondeu Júbilo.

– Pode ter tanta certeza quanto quiser – disse Trevize, prendendo um largo cinto em sua cintura conforme falava. – Temos milhares de anos para aproveitar até que isso aconteça. No momento, é um planeta agradável, e continuará sendo ao longo de nossas vidas e além delas.

– Trevize, o que é isso? – perguntou Júbilo, rispidamente.

– Meu velho treinamento militar – disse Trevize. – Não vou explorar um planeta desconhecido desarmado.

– Está seriamente pretendendo levar armas?

– Sem dúvida. Aqui, na minha direita – ele deu um tapinha em um coldre com uma grande arma de cano longo –, está meu desintegrador, e aqui, na minha esquerda – uma arma menor, com um cano fino, sem nenhuma abertura –, está meu chicote neurônico.

– Duas opções para cometer assassinato – disse Júbilo, com desgosto.

– Apenas uma. O desintegrador é letal. O chicote neurônico não é.

Ele apenas estimula os nervos que registram a dor, e ouvi dizer que dói tanto que você é capaz de desejar a morte. Felizmente, nunca estive do lado errado de um desses.

– Por que os está levando?

– Eu já disse. É um mundo inimigo.

– Trevize, é um mundo *deserto*.

– Será mesmo? Aparentemente, não há sociedade tecnológica. Mas e se houver aborígines pós-tecnologia? Eles podem não ter nada pior do que porretes e pedras, mas essas coisas também podem matar.

Júbilo parecia exasperada, mas abaixou o tom de voz em um esforço para ser racional.

– Trevize, não detectei nenhuma atividade neurônica humana. Isso elimina qualquer tipo de aborígine, pós-tecnológico ou não.

– Então não precisarei usar minhas armas – respondeu Trevize. – Ainda assim, que mal há em levá-las? Elas apenas me deixarão um pouco mais pesado, mas, como a ação da gravidade na superfície é aproximadamente 91% da de Terminus, posso me dar a esse luxo. Escute, a nave pode não dispor de nenhuma arma própria, mas tem um suprimento considerável de armas de mão. Sugiro que vocês também...

– Não – disse Júbilo, imediatamente. – Eu me recuso a fazer qualquer coisa relacionada a matar ou a provocar dor.

– Não é uma questão de matar, mas de evitar ser morto, se entende o que quero dizer.

– Posso me proteger da minha própria maneira.

– Janov?

Pelorat hesitou.

– Não carregamos armas em Comporellon – disse.

– Ora, Janov, Comporellon era conhecido, um mundo associado à Fundação. Além disso, fomos imediatamente abordados. Se tivéssemos levado armas, elas teriam sido tomadas. Você quer uma pistola?

– Nunca estive na marinha, velho amigo – Pelorat negou com a cabeça. – Não saberia usar essa coisa e, em uma emergência, nunca pensaria nela a tempo. Eu sairia correndo e acabaria morto.

– Você não será morto, Pel – disse Júbilo, energicamente. – Eu/nós/Gaia o protegeremos, e protegeremos esse herói militar cheio de pose também.

– Ótimo – respondeu Trevize. – Não tenho nada contra ser

protegido, mas não estou fazendo pose. Estou simplesmente garantindo proteção dupla e, se nunca precisar apelar para essas coisas, ficarei totalmente satisfeito, prometo. Ainda assim, *preciso* levá-las.

Ele deu tapinhas afetuosos nas armas.

– Agora – disse –, vamos pisar nesse mundo que não sentiu o peso de seres humanos na superfície por milhares de anos.

36

– Tenho a sensação – disse Pelorat – de que estamos no fim da tarde, mas o sol está alto o suficiente para ser, talvez, quase meio-dia.

– Imagino – respondeu Trevize, observando a pacata paisagem à volta – que essa sensação venha da cor alaranjada do sol, que o faz parecer crepuscular. Se ainda estivermos aqui quando o crepúsculo propriamente dito chegar e a formação das nuvens permitir, provavelmente veremos um vermelho mais escuro do que estamos acostumados. Não sei se, para vocês, será lindo ou deprimente. Aliás, deve ter sido ainda mais extremo em Comporellon, mas ficamos abrigados praticamente o tempo todo.

Ele se virou devagar, analisando os arredores em todas as direções. Além da peculiaridade quase subliminar da luz, naquele planeta – ou, pelo menos, naquela área – havia um odor distinto. Parecia um tanto mofado, mas nada que chegasse a ser desagradável.

As árvores próximas eram de altura mediana e pareciam antigas, com cascas torcidas e nodosas e troncos que não eram totalmente verticais. Trevize não saberia dizer se era por causa de alguma corrente de vento constante ou um elemento incomum no solo. Seriam as árvores a causa do aspecto misteriosamente ameaçador daquele mundo? Ou seria alguma outra coisa, algo menos... concreto?

– O que pretende fazer, Trevize? – perguntou Júbilo. – Certamente não cruzamos toda essa distância para vir aqui admirar a paisagem.

– Na verdade – ele respondeu –, essa talvez seja minha função neste momento. Sugiro que Janov explore o lugar. Há ruínas naquela direção e é ele quem pode determinar a importância de todo registro que encontrar. Imagino que ele possa entender textos ou filmes em galáctico arcaico, e bem sei que sou incapaz disso. E suponho, Júbilo,

que você queira ir com ele, para protegê-lo. Quanto a mim, ficarei aqui, de guarda.

– De guarda contra o quê? Primatas com pedras e clavas?

– Talvez. – Quando o sorriso que pairava nos lábios de Trevize desapareceu, ele disse: – Por alguma razão, Júbilo, estou desconfortável com este lugar. Não sei dizer o motivo.

– Venha, Júbilo – interveio Pelorat. – Fui um colecionador de lendas anciãs e um teórico a minha vida toda, e nunca coloquei minhas mãos em documentos antigos de fato. Imagine se conseguirmos encontrar...

Trevize observou os dois se afastarem, a voz de Pelorat sumindo conforme ele caminhava, ansioso, na direção das ruínas, com Júbilo a seu lado.

Trevize escutou sem prestar atenção e então voltou a estudar os arredores. O que poderia haver ali para causar a apreensão que sentia?

Ele nunca havia, de fato, caminhado por um mundo sem população humana, mas viu muitos do espaço. Geralmente, eram mundos pequenos, sem tamanho suficiente para ter água ou ar, mas úteis como ponto de encontro durante manobras militares (não houvera nenhuma guerra durante o tempo de vida de Trevize, nem mesmo um século antes de seu nascimento, mas as manobras continuavam) ou em um simulado de reparos de emergência. As naves em que ele esteve ficavam em órbita ao redor desses mundos ou chegavam até a aterrissar, mas ele nunca tivera a oportunidade de descer à superfície naquelas ocasiões.

E agora ali estava ele, com os pés no solo de um mundo inabitado. Será que teria sentido a mesma apreensão se tivesse descido em um dos muitos planetas pequenos e sem atmosfera que encontrou em seus dias de estudante – ou até mesmo depois disso? Ele sacudiu a cabeça. Não teria ficado incomodado. Estava certo disso. Estaria usando um traje espacial, como fizera inúmeras vezes quando estivera fora de sua nave, no espaço. Era uma situação familiar, e pisar em uma rocha do tamanho de um planeta não teria mudado a familiaridade. Certamente que não!

Mas ele não estava usando um traje espacial naquele momento, claro.

Estava em um mundo habitável, tão confortável aos sentidos quanto Terminus era – e muito mais confortável do que Comporellon.

Sentiu o vento contra seu rosto, o calor do sol banhando suas costas, o farfalhar da vegetação em seus ouvidos. Tudo era familiar, com exceção de que não havia nenhum humano – pelo menos, não mais.

Qual era o problema? O que fazia aquele mundo parecer tão sinistro? Será que era o fato de ser não apenas um mundo inabitado, mas um mundo *deserto*?

Trevize nunca estivera em um mundo deserto; nunca ouvira falar em um mundo deserto; nunca tinha imaginado que um mundo *poderia* ser deserto. Todos os planetas dos quais tinha conhecimento até aquele momento, uma vez povoados por seres humanos, permaneciam povoados para sempre.

Ele olhou para o céu. Nada mais havia abandonado aquele mundo. De vez em quando, um pássaro voava por seu campo de visão, parecendo, de alguma maneira, mais natural do que o céu azul-acinzentado que surgia entre as nuvens alaranjadas daquele clima agradável. (Trevize estava certo de que, se passasse alguns dias no planeta, se acostumaria com as cores estranhas, e o céu e as nuvens acabariam parecendo normais.)

Ouvia o canto de pássaros nas árvores e os sons mais baixos dos insetos. Júbilo havia mencionado borboletas quando estavam a bordo da *Estrela Distante* e ali estavam elas – em quantidades surpreendentes, e em muitas variedades coloridas.

Havia também agitações ocasionais nas moitas de grama que cercavam as árvores, mas ele não conseguiria dizer que tipo de criatura provocava aquilo.

A presença óbvia de formas de vida nos arredores não causava medo em Trevize. Como Júbilo havia dito, mundos que passaram por terraformação, desde o primeiro deles, não tinham animais perigosos. Os contos de fadas da infância e as fantasias heroicas da adolescência eram invariavelmente ambientados em um mundo mitológico que deveria ter sido derivado de lendas vagas sobre a Terra. Os hiperdramas exibidos em seu holopainel eram repletos de monstros-leões, unicórnios, dragões, baleias, brontossauros, ursos. Havia dúzias cujos nomes ele não lembrava; alguns eram, decerto, míticos; talvez todos eles. Havia pequenos animais que mordiam e picavam, e até mesmo plantas que não podiam ser tocadas – mas apenas na ficção. Ele ouvira, certa vez, que abelhas primitivas podiam ferroar, mas nenhuma abelha de verdade poderia ser nociva, de jeito nenhum.

Lentamente, ele caminhou para a direita, seguindo pela base da colina. A grama era alta e viçosa, mas esparsa, crescendo em pontos concentrados. Ele andou por entre as árvores, que também formavam grupos.

Então, bocejou. Era fato que não havia nada de empolgante acontecendo e ele se perguntou se deveria voltar para a nave e tirar uma soneca. Não, de jeito nenhum. Não tinha dúvidas de que precisava ficar de guarda.

Talvez devesse fazer rondas – marchar com um, dois, um, dois, dar uma volta batendo os pés no chão e fazer malabarismos complicados com um eletrobastão (era uma arma que nenhum guerreiro usava havia três séculos, mas ainda era absolutamente necessária nos treinamentos, por motivos que ninguém conseguia explicar).

Sorriu a esse pensamento e então se perguntou se deveria juntar-se a Pelorat e a Júbilo nas ruínas. Mas por quê? No que poderia ajudar?

E se visse algo que Pelorat deixara passar? Bom, haveria tempo o suficiente para tentar algo nesse sentido depois que Pelorat voltasse. Se havia alguma coisa que poderia ser achada facilmente, era melhor deixar que Pelorat fizesse a descoberta.

Será que os dois estariam em perigo? Tolice! Que tipo de perigo?

Além disso, *se* houvesse problemas, eles o chamariam.

Parou para escutar. Não ouviu nada.

A irresistível ideia de marchar como uma sentinela voltou e ele se viu marchando, os pés subindo e descendo com força, um eletrobastão imaginário saindo de um ombro, girando e sendo apontado para frente, em exata vertical – e girando de novo, as extremidades mudando de posição, e voltando para o outro ombro. Então, com uma volta de cento e oitenta graus, ele estava mais uma vez olhando na direção da nave, que agora estava a uma distância considerável.

E, quando o fez, ficou paralisado, e não como uma sentinela imaginária que obedece ao comando “sentido!”.

Ele não estava sozinho.

Até então, não tinha visto nenhuma criatura viva além de plantas, insetos e um pássaro ocasional. Não vira nem escutara nada se aproximar – mas, naquele momento, havia um animal entre ele e a nave.

A surpresa absoluta causada pelo evento inesperado o privou, momentaneamente, da capacidade de interpretar o que viu. Somente

depois de um intervalo de percepção ele entendeu o que seus olhos captavam.

Era apenas um cachorro.

Trevize nunca fora um entusiasta de cães. Nunca tivera um cachorro e não sentia nenhum impulso amistoso quando encontrava um. Tampouco sentiu naquele momento. Pensou, com impaciência, que não havia nenhum mundo no qual essas criaturas não acompanhavam os homens. Existiam em incontáveis variedades e Trevize tinha, havia muito tempo, a aborrecida impressão de que cada mundo tinha pelo menos uma variedade própria e característica de cães. De qualquer maneira, todas as espécies tinham um elemento em comum: seja por diversão, por exibicionismo ou para algum tipo de finalidade útil, eram criados para amar e confiar nos seres humanos.

Era um amor e uma confiança que Trevize não apreciava. Certa vez, tinha morado com uma mulher que era dona de um cachorro. Aquele cão, que Trevize tolerava pelo bem da mulher, desenvolveu uma imensa adoração por ele; seguia-o para onde fosse, apoiava-se nele quando relaxava (todos os seus vinte e dois quilos), cobria-o de saliva e pelos em momentos inesperados e, toda vez que ele e a mulher estavam tentando fazer sexo, deitava-se ao pé da porta e gania.

Graças àquela experiência, Trevize acabou com a firme convicção de que, por algum motivo conhecido apenas pela mente e a capacidade olfativa desses animais, ele era um objeto fixo de devoção canina.

Por isso, assim que a surpresa inicial se dissipou, ele, sem preocupação, observou o cachorro. Era um animal grande, esguio e de pernas longas. Encarava Trevize sem nenhum sinal evidente de adoração. Sua boca estava aberta no que poderia ser considerado um sorriso de boas-vindas, mas os dentes à mostra eram, de alguma maneira, grandes e ameaçadores. Trevize decidiu que ficaria mais confortável sem o cachorro em seu campo de visão.

Ocorreu-lhe, então, que o cão nunca tinha visto um ser humano, assim como incontáveis gerações caninas anteriores. O cachorro talvez estivesse tão surpreso e indeciso com o aparecimento repentino de um ser humano quanto Trevize estava com o surgimento do animal. Mas ele, pelo menos, reconheceu rapidamente que aquela criatura era um cão – o cão não tinha essa vantagem. Ainda estava intrigado e, talvez,

em alerta.

Evidentemente, não era seguro deixar um animal daquele tamanho, e com aqueles dentes, em estado de alerta. Trevize percebeu que seria necessário estabelecer um vínculo amigável o mais rápido possível.

Muito lentamente, aproximou-se do cachorro (sem movimentos súbitos, claro). Estendeu a mão, pronto para permitir que fosse farejada, e fez sons suaves, tranquilizadores, na maior parte algo como "bom garoto" – o que considerou profundamente constrangedor.

O cão, olhos fixos em Trevize, deu um ou dois passos para trás, como se estivesse desconfiado, e então seu lábio superior contraiu-se para cima, o que destacou os dentes, e sua boca emitiu um áspero rosnado. Apesar de Trevize nunca ter visto um cachorro se comportar daquela maneira, não havia como interpretar o gesto como algo que não fosse ameaçador.

Por isso, Trevize parou de se aproximar e ficou imóvel. Seus olhos perceberam movimentação em um dos lados e ele virou lentamente a cabeça. Havia outros dois cães se aproximando vindos daquela direção. Pareciam tão mortíferos quanto o primeiro.

Mortíferos? Somente naquele momento o adjetivo veio à mente de Trevize, e sua terrível verdade era indiscutível.

Subitamente, seu coração estava acelerado. O caminho para a nave estava bloqueado. Ele não poderia correr sem direção, pois aquelas longas patas caninas o alcançariam em uma questão de metros. Se ele se defendesse e usasse seu desintegrador, enquanto matasse um, os outros dois estariam sobre ele. Ao longe, podia ver outros cães se aproximando. Haveria algum tipo de comunicação entre eles? Será que caçavam em grupo?

Vagarosamente, Trevize se deslocou para a esquerda, direção em que não havia nenhum cachorro – por enquanto. Devagar, muito devagar.

Os cachorros se movimentaram com ele. Ele tinha certeza de que tudo o que impedia um ataque instantâneo era o fato de os cães nunca terem visto nem farejado algo como ele. Não tinham um padrão de comportamento que poderiam seguir, no caso de Trevize.

Se ele corresse, claro, seria uma reação familiar para os cachorros. Saberiam o que fazer se algo do tamanho de Trevize demonstrasse medo e corresse. Eles correriam também – e mais rápido.

Trevize continuou se deslocando na direção de uma árvore. Tinha

um desejo quase incontrolável de subir para onde os cachorros não pudessem alcançar. Eles se moviam com Trevize, rosnando suavemente, se aproximando. Os três estavam com os olhares fixos nele, sem piscar. Outros dois se juntavam à matilha e, a uma distância maior, Trevize podia ver outros chegando cada vez mais perto. Em algum momento, quando estivessem próximos o suficiente, precisaria correr. Não podia esperar tempo demais nem correr cedo demais. Nos dois casos, poderia ser fatal.

Agora!

Ele deve ter estabelecido um recorde pessoal de aceleração e, ainda assim, foi por muito pouco. Sentiu mandíbulas se fechando em um de seus tornozelos e, por um momento, ficou preso, até que os dentes escorregaram pelo rígido ceramoide.

Não era habilidoso para escalar árvores. Não subia em uma desde que tinha dez anos, e lembrava-se de que, naquela ocasião, tinha sido muito desengonçado. Porém, neste caso, o tronco não era totalmente vertical e a casca tinha nódulos que serviam de apoio. Além disso, era guiado pela necessidade – e é extraordinário o que uma pessoa pode fazer quando a necessidade é intensa.

Trevize acabou sentado em uma forquilha, talvez dez metros acima do solo. Naquele momento, não tinha ideia de que arranhara a mão e que sangrava muito. Na base da árvore, cinco cachorros, agora sentados, olhavam para cima, línguas de fora, todos demonstrando paciente expectativa.

E agora?

37

Trevize não estava em condições de pensar na situação de maneira lógica e detalhada. Em vez disso, experienciou lampejos de pensamentos distorcidos e sem sentido que, se colocados em ordem, pareceriam o seguinte:

Júbilo havia defendido que, ao terraformar um planeta, seres humanos estabeleciam uma ecologia desequilibrada, que só conseguiam manter intacta por meio de esforço perpétuo. Por exemplo, nenhum Colonizador levara predadores de maior porte. Os pequenos não podiam ser evitados. Insetos, parasitas, até mesmo

pequenos falcões, musaranhos, assim por diante. E aqueles dramáticos animais das lendas e de vagos relatos literários, como tigres, ursos-pardos, orcas, crocodilos? Quem os carregaria de planeta em planeta, mesmo que houvesse sentido em fazê-lo? E qual seria o sentido?

Isso significava que os seres humanos eram os únicos grandes predadores, e dependia deles controlar aquelas plantas e aqueles animais que, se deixados por conta própria, se afogariam na própria superpopulação.

E se os seres humanos, de alguma maneira, desaparecessem, outros predadores assumiriam seu lugar. Mas que predadores? Os maiores predadores tolerados pelos humanos eram os cães e os gatos, domesticados e dependentes da generosidade humana. E se não sobrasse nenhum ser humano para alimentá-los? Eles precisariam encontrar comida – para a própria sobrevivência e para a sobrevivência de suas presas, cujos números precisavam ser controlados, pois, na verdade, uma superpopulação poderia fazer cem vezes mais danos do que predadores.

Assim, as espécies diferentes de cachorros se multiplicariam; os grandes atacariam os herbívoros maiores e sozinhos, e os pequenos caçariam pássaros e roedores. Gatos agiriam à noite, solitários; os cães, de dia e em grupo.

E a evolução talvez criasse mais espécimes para preencher outros nichos ambientais. Será que os cachorros acabariam por desenvolver características marítimas para permitir que vivessem à base de peixes? Será que os gatos desenvolveriam membranas que garantiriam a habilidade de planar, para pegar os pássaros mais desengonçados, tanto no ar como no solo?

Em *flashes*, todos esses pensamentos passaram pela mente de Trevize conforme ele se esforçava para formar um raciocínio sistemático que lhe dissesse o que fazer.

O número de cães continuava crescendo. Ele contou vinte e três que agora cercavam a árvore, e havia outros se aproximando. Quão grande seria a matilha? Que diferença fazia? Já era grande o suficiente.

Ele sacou o desintegrador do coldre, mas a sensação sólida do cabo em sua mão não lhe transmitiu a segurança que ele gostaria. Quando foi a última vez que inseriu uma carga de energia na arma? Quantos disparos tinha? Decerto, não vinte e três.

E quanto a Pelorat e Júbilo? Se aparecessem, os cães os atacariam? Estariam em segurança, mesmo sem aparecer? Se os cachorros percebessem a presença de dois humanos nas ruínas, o que os impediria de atacá-los lá dentro? Certamente não haveria nenhuma porta ou barreira para impedi-los.

Será que Júbilo poderia detê-los e talvez até espantá-los? Será que ela conseguiria concentrar seus poderes pelo hiperespaço e alcançar o nível necessário de intensidade? Por quanto tempo poderia mantê-los?

Então seria o caso de pedir ajuda? Eles viriam correndo, caso Trevize gritasse, e os cachorros fugiriam sob o olhar penetrante de Júbilo? Seria necessário um olhar ou bastaria apenas uma ação mental indetectável para os observadores sem tal habilidade? Ou, se aparecessem, seriam estraçalhados diante de Trevize, que testemunharia tudo, impotente, da relativa segurança de seu posto na árvore?

Não, ele precisava usar o desintegrador. Se pudesse matar um dos cachorros e assustar os outros por apenas um instante, poderia descer da árvore, alertar Pelorat e Júbilo, matar um segundo cachorro caso os demais demonstrassem sinais de que iriam retornar, e os três poderiam correr para a nave.

Ele ajustou a intensidade do feixe para a marca de três quartos. Deveria ser o suficiente para matar um cão com um estampido considerável. O estampido serviria para espantar os outros cachorros, e ele conservaria energia.

Mirou cuidadosamente em um animal no centro da matilha, um que parecia (pelo menos na imaginação de Trevize) exalar malevolência maior do que os outros – talvez simplesmente porque estava sentado com mais calma e, portanto, parecia ter sangue-frio. Naquele momento, o cachorro olhava diretamente para a arma, como se desdenhasse o pior que Trevize pudesse fazer.

Ocorreu a Trevize que ele nunca tinha disparado um desintegrador contra um ser humano, tampouco vira outra pessoa fazê-lo. Durante os treinamentos, houve disparos contra bonecos de couro cheios de água – e a água instantaneamente atingia ponto de ebulição e destruía o revestimento conforme explodia.

Mas quem, na ausência de guerras, atiraria contra um ser humano? E que ser humano, perante um desintegrador, forçaria seu uso? Somente ali, em um mundo que ficou patológico por causa do

desaparecimento de seres humanos...

Com aquela estranha capacidade do cérebro de reparar em coisas de pouca relevância, Trevize percebeu que uma nuvem tinha escondido o sol – e atirou.

Houve um leve tremeluzir do ar em uma linha reta a partir do cano da pistola até o cão; uma vaga faísca que poderia ter passado despercebida se o sol ainda brilhasse sem impedimento.

O cachorro deve ter sentido o impacto inicial do calor e fez um pequeno movimento, como se estivesse prestes a pular. E então, quando parte de seu sangue e tecidos se vaporizou, ele explodiu.

A explosão fez um som decepcionantemente baixo, pois a constituição física do cachorro era mais frágil do que a dos bonecos que os soldados usavam para treinar. Ainda assim, carne, pele, sangue e ossos se espalharam por todos os lados, e o estômago de Trevize revirou-se.

Os cães se distanciaram, alguns deles bombardeados por fragmentos desagradavelmente quentes. Mas foi apenas uma hesitação momentânea. Repentinamente, os animais se amontoaram para comer o que lhes foi servido. Trevize sentiu seu enjoo piorar. Ele não os estava espantando; estava alimentando-os. Daquele jeito, eles nunca iriam embora. Justamente o contrário: o cheiro de sangue fresco e carne quente atrairia ainda mais cachorros e, possivelmente, também outros predadores menores.

– Trevize! O que... – disse uma voz.

Trevize olhou a distância. Pelorat e Júbilo vinham das ruínas. Júbilo parou imediatamente, seus braços estendidos para manter Pelorat para trás. Ela encarou os cachorros. A situação era óbvia e evidente. Ela não precisou fazer nenhuma pergunta.

– Eu tentei espantá-los sem envolver você e Janov – disse Trevize, em tom alto. – Você pode mantê-los longe?

– Provavelmente não por tempo suficiente – respondeu Júbilo, sem levantar a voz, o que fez Trevize ter dificuldade de ouvi-la, mesmo que os rosnados dos cachorros tivessem sumido, como se uma manta antirruído tivesse sido jogada sobre eles. – São muitos, e não estou familiarizada com o padrão de atividade neural deles. Não temos esse tipo de coisa selvagem em Gaia.

– Nem em Terminus. Nem em nenhum mundo civilizado – disse Trevize, em voz mais alta. – Vou atirar no máximo deles que puder e

você tenta lidar com o restante. Uma quantidade menor será mais fácil para você.

– Não, Trevize. Atirar neles apenas atrairá outros. Fique atrás de mim, Pel. Não há nada que você possa fazer para me proteger. Trevize, sua outra arma.

– O chicote neurônico?

– Sim. Ele causa dor. Potência baixa. Potência baixa!

– Está com medo de machucá-los? – alterou-se Trevize, furioso. – Esse não é o momento para considerar a sacralidade da vida!

– Estou pensando na de Pel. E também na minha. Faça o que eu digo. Potência baixa, e acerte um dos cachorros. Não posso segurá-los por muito mais tempo.

Os cães tinham se afastado da árvore e cercavam Júbilo e Pelorat, que estavam de costas para uma parede em ruínas. Os animais mais próximos dos dois faziam tentativas hesitantes de chegar mais perto, ganindo de leve, como se tentassem entender o que os impedia de avançar, quando suas percepções não acusavam nada que pudesse ter esse efeito. Alguns tentaram, sem sucesso, subir na parede para atacá-los por trás.

A mão de Trevize tremia conforme ele ajustava o chicote neurônico para potência baixa. O chicote usava muito menos energia do que a pistola, e um único cartucho garantia centenas de descargas, que agiam como chicotadas – mas, pensando bem, ele também não se lembrava da última vez que tinha carregado o chicote.

Com o chicote psiônico, não era tão importante ter mira precisa. Conservar energia não era algo crítico e Trevize podia fazer movimentos gerais na direção da matilha. Era o método tradicional de controlar multidões que mostravam sinais de que podiam se tornar perigosas.

Ainda assim, ele seguiu a orientação de Júbilo. Mirou em um cachorro e atirou. O cão foi derrubado, suas pernas sofrendo espasmos. Ele emitiu ganidos agudos e estridentes.

Os outros cães se afastaram do animal ferido, as orelhas achatando-se para trás, contra seus crânios. Então, também ganindo, se viraram e começaram a se retirar, primeiro vagarosamente, depois ganhando velocidade até estarem correndo o máximo que podiam. O cachorro que foi ferido tentou dolorosamente se apoiar em suas pernas e mancou para longe, ganindo, assim como os outros.

Os ruídos sumiram conforme eles se distanciaram.

– É melhor entrarmos na nave – disse Júbilo. – Eles voltarão. Ou outros virão.

Trevize pensou que nunca tinha manipulado o mecanismo de entrada da nave tão rapidamente. E era possível que nunca mais o fizesse com tanta rapidez quanto naquele momento.

38

Já era noite quando Trevize começou a sentir alguma coisa perto da normalidade. O pequeno curativo de syntho-epiderme no ferimento em sua mão havia acalmado a dor física, mas havia um ferimento em sua psique que não seria tão facilmente aplacado.

Não foi apenas a exposição ao perigo; ele podia reagir a isso como qualquer pessoa de coragem média. Foi a forma completamente inesperada daquele perigo. Era a sensação de ridículo. O que as pessoas diriam se descobrissem que ele fugira para o topo de uma árvore por causa de *cachorros*? Correr de canários bravos dando voos rasantes teria sido a mesma coisa.

Durante horas, tentou ouvir um novo ataque dos cães, o som de uivos, o arranhar de patas contra a fuselagem externa da nave.

Em comparação, Pelorat parecia bastante calmo.

– Para mim, velho amigo – disse –, não havia nenhuma dúvida de que Júbilo lidaria com a situação, mas devo dizer que você disparou bem.

Trevize deu de ombros. Não estava com disposição para falar sobre o assunto.

Pelorat segurava sua biblioteca – o pequeno disco no qual a pesquisa sobre mitos e lendas que ele conduziu durante toda a vida estava armazenada – e, com ela, entrou em seu quarto, onde mantinha o equipamento de leitura.

Ele parecia bastante satisfeito consigo mesmo. Trevize reparou em tal fato, mas não chegou a fazer perguntas. Haveria tempo para isso depois, quando sua mente não estivesse tomada por cachorros.

Quando Trevize e Júbilo estavam sozinhos, ela disse, hesitante:

– Imagino que você tenha ficado surpreso.

– Bastante – respondeu Trevize, lúgubre. – Quem diria que eu

fugiria desesperado ao ver um cachorro? Um *cachorro*!

– Depois de vinte mil anos sem humanos, não era exatamente um cachorro. Atualmente, aqueles animais devem ser os grandes predadores dominantes.

Trevize concordou com a cabeça.

– Cheguei a essa conclusão quando estava sentado no tronco da árvore, sendo a presa dominada. Você estava certa sobre a ecologia desequilibrada.

– Desequilibrada do ponto de vista humano, certamente. Mas, considerando como esses cães parecem dar continuidade à própria existência de maneira eficiente, eu me pergunto se Pelorat estava certo quando sugeriu que a ecologia acharia um equilíbrio próprio, com vários nichos ambientais preenchidos por variações resultantes da evolução das relativas poucas espécies que foram trazidas ao planeta.

– Por incrível que pareça – respondeu Trevize –, o mesmo pensamento me ocorreu.

– Desde que o desequilíbrio não seja acentuado a ponto de o processo de reequilíbrio demorar tempo demais, claro. O planeta pode se tornar totalmente inviável antes disso.

Trevize grunhiu.

Júbilo olhou para ele, pensativa.

– Por que você achou melhor sair armado?

– Não foi muito útil – respondeu Trevize. – Foi a sua capacidade...

– Não totalmente. Eu precisei da sua arma. Naquele curto intervalo de tempo, com contato somente hiperespacial com o restante de Gaia, com tantas mentes individuais de natureza tão desconhecida, eu não poderia ter feito nada sem o seu chicote neurônico.

– Meu desintegrador foi inútil. Tentei usá-lo.

– Com um desintegrador, Trevize, um cão simplesmente desaparece. Os outros podem ficar surpresos, mas não assustados.

– Pior do que isso – disse Trevize. – Eles comeram os restos. Eu os estava subornando para ficar.

– Sim, entendo que o resultado possa ter sido esse. O chicote neurônico é diferente. Inflige dor, e um cachorro sentindo dor emite um ganido específico compreendido pelos outros cães, que começam a sentir medo, no mínimo como um reflexo condicionado. Com os animais já predispostos ao temor, dei apenas um último empurrão mental, e lá se foram eles.

– Sim, mas você percebeu que, nesse caso, o chicote era a mais eficaz das duas armas. Eu não percebi.

– Estou acostumada a lidar com mentes. Você não está. Foi por isso que insisti em potência baixa e no ataque contra apenas um cachorro. Eu não queria dor demais, que mataria um cachorro e o deixaria em silêncio. Não queria que a dor fosse dispersa e causasse apenas um leve receio. Eu queria dor forte, concentrada em um único ponto.

– E você estava certa, Júbilo – respondeu Trevize. – Funcionou perfeitamente. Devo-lhe considerável gratidão.

– Você reconhece esse fato de má vontade – disse Júbilo, pensativa – porque acha que fez papel de ridículo. Ainda assim, repito, eu não poderia ter feito nada sem suas armas. O que me intriga agora é a sua explicação sobre tê-las levado consigo, mesmo depois de eu ter garantido que não havia seres humanos nesse mundo, algo sobre o qual ainda tenho certeza absoluta. Você previu os cachorros?

– Não – respondeu Trevize. – Certamente que não. Pelo menos, não conscientemente. E, em geral, não saio armado. Nunca me ocorreu carregar armas em Comporellon. Mas também não posso cair na armadilha de achar que foi um sentimento mágico. Não pode ter sido. Suspeito que, quando começamos a falar sobre ecologias desequilibradas, tive um vislumbre inconsciente de animais que teriam se tornado perigosos na ausência de seres humanos. Isso talvez seja um tanto óbvio se lembrarmos da conversa, mas eu *talvez* tenha tido um sopro de previsão. Nada mais.

– Não descarte isso tão casualmente – disse Júbilo. – Eu participei da mesma conversa sobre as ecologias desequilibradas e não fiz a mesma previsão. É esse o seu dom especial que Gaia valoriza. Posso ver, também, que deve ser frustrante para você ter uma capacidade oculta de previsão cuja natureza desconhece; agir de maneira resoluta, mas sem motivos claros.

– A expressão corriqueira em Terminus é “agir por palpite”.

– Em Gaia, dizemos “saber sem pensar”. Você não gosta de saber sem pensar, não é mesmo?

– Sim, isso me incomoda. Não gosto de ser guiado por palpites. Suponho que palpites tenham motivações, mas não saber quais são essas motivações faz com que eu não me sinta no controle da minha própria mente, como um tipo de loucura moderada.

– E quando você decidiu a favor de Gaia e Galaksia, agiu por causa

de um palpite, e agora busca as motivações.

– Foi o que eu disse pelo menos uma dúzia de vezes.

– E eu me recusei a aceitar sua afirmação como verdade literal. Peço desculpas por isso. Não contra-argumentarei mais sobre a questão. Mas espero que eu possa continuar a defender os pontos favoráveis de Gaia.

– Sempre – respondeu Trevize –, desde que você, por sua vez, reconheça que eu posso não aceitá-los.

– Certo. Você já considerou que este Mundo Desconhecido está se revertendo a uma espécie de selvageria, e talvez a uma eventual desolação e inabitabilidade, por causa da remoção de uma única espécie capaz de agir como inteligência-guia? Se esse mundo fosse Gaia ou, melhor ainda, parte de Galaksia, isso não aconteceria. A inteligência-guia ainda existiria na forma da Galáxia como um todo, e a ecologia, sempre que estivesse fora de equilíbrio, por qualquer motivo, voltaria a se equilibrar.

– Quer dizer que os cachorros não comeriam mais?

– É claro que comeriam, assim com os seres humanos comem. Mas comeriam com propósito, para equilibrar a ecologia em uma direção proposital, e não como resultado de uma circunstância aleatória.

– A perda de liberdade individual talvez não seja importante para cachorros – disse Trevize –, mas precisa ser importante para seres humanos. E se *todos* os seres humanos fossem removidos da existência, de todos os lugares, e não apenas de um mundo ou de vários? E se Galaksia acabasse sem nenhum ser humano? Ainda haveria uma inteligência-guia? As outras formas de vida e matéria inanimada conseguiriam formar uma inteligência comum adequada para essa função?

Júbilo hesitou.

– Tal situação – disse – nunca ocorreu. E não parece haver probabilidade de que ela ocorra no futuro.

– Mas não lhe parece óbvio que a mente humana é, qualitativamente, diferenciada de todo o resto, e que, se ela se ausentasse, a soma total de todas as outras consciências não poderia substituí-la? Assim, não seria verdade que os seres humanos são um caso especial, que deve ser tratado como especial? Eles não deveriam ser amalgamados uns com os outros, muito menos com entidades não humanas.

– Ainda assim, você decidiu a favor de Galaksia.

– Por alguma razão maior que não consigo enxergar.

– Talvez a razão maior seja um vislumbre do efeito dessas ecologias desequilibradas. Não é possível que o seu raciocínio tenha sido o de que todos os mundos na Galáxia estão no fio da navalha, com instabilidade nos dois lados, e que apenas Galaksia poderia prevenir desastres como o que acontece neste mundo? Isso sem falar nos constantes desastres humanos da guerra e dos fracassos administrativos?

– Não. O desequilíbrio ecológico não estava em minha mente no momento em que tomei minha decisão.

– Como pode ter certeza?

– Posso não saber o que estou prevendo, mas se alguma possibilidade é sugerida depois, eu a reconheceria se fosse, de fato, o que previ. E me parece que posso ter previsto animais perigosos neste mundo.

– Bom, poderíamos estar mortos por causa desses animais perigosos – disse Júbilo –, se não fosse por uma combinação de nossos poderes, da sua presciência e do meu mentalicismo. Então deixe disso e sejamos amigos.

Trevize concordou com a cabeça.

– Se é o que você quer.

Havia uma frieza na voz dele que fez Júbilo erguer as sobrancelhas, mas, naquele momento, Pelorat entrou repentinamente, acenando de forma positiva com a cabeça com tanta veemência que parecia querer soltá-la do pescoço.

– Acho que conseguimos – disse.

39

Geralmente, Trevize não acreditava em vitórias fáceis, mas era agir como humano crer em algo contrário ao próprio bom senso. Ele sentiu os músculos do peito e da garganta se contraírem.

– A localização da Terra? – conseguiu perguntar. – Você a descobriu, Janov?

Pelorat olhou para Trevize por um instante e murchou.

– Bom, não – disse, visivelmente desconcertado. – Não exatamente.

Na verdade, Golan, não é nada disso. Eu tinha esquecido essa questão. Foi outra coisa que descobri nas ruínas. Imagino que não seja importante.

Trevize respirou fundo.

– Não faz mal, Janov. Todas as descobertas são importantes. O que você veio nos dizer?

– Bom – disse Pelorat –, é que não sobrou quase nada, entende? Vinte mil anos de tempestades e ventos não deixam muita coisa. Além disso, a flora é gradativamente destrutiva, e a fauna... Mas esqueçam tudo isso. A questão é que "quase nada" é diferente de "nada". As ruínas deviam abrigar um prédio público, pois havia alguma rocha ou concreto com letras entalhadas. Não havia quase nada visível, velho amigo, entenda, mas tirei fotografias com uma daquelas câmeras que temos a bordo, o tipo que vem com realce computadorizado embutido... não tive oportunidade de pedir autorização para pegar uma delas, Golan, mas era importante, e eu...

Trevize fez um gesto impaciente para demonstrar que não era importante.

– Continue – disse.

– Pude ler alguns daqueles escritos, que eram muito arcaicos. Mesmo com realce do computador e com minha própria habilidade para ler Arcaico, era impossível enxergar muita coisa, exceto uma frase curta. As letras eram maiores e um pouco mais claras do que as demais. Devem ter sido talhadas com maior profundidade porque identificavam o planeta. A frase diz "Planeta Aurora", então imagino que este mundo em que estamos chama-se Aurora, ou *chamava-se* Aurora.

– Tinha que ter algum nome – comentou Trevize.

– Sim, mas nomes raramente são escolhidos de maneira aleatória. Agora mesmo fiz uma cuidadosa busca em minha biblioteca e há duas lendas antigas, de dois planetas muito distantes um do outro, aliás, o que torna possível que elas tenham origens independentes, se alguém se lembrar disso. Mas esqueça. Nos dois mitos, Aurora é usado como um nome para o amanhecer. Podemos supor que "Aurora" pode ter significado "amanhecer" em alguma língua pré-galáctica. Acontece que algum termo para amanhecer ou romper do dia é comumente usado como nome para estações espaciais ou outras estruturas que são a primeira de seu tipo. Se este mundo é chamado Amanhecer, em

qualquer que seja a língua, pode ser o primeiro de seu tipo.

– Você está se preparando para sugerir – disse Trevize – que este planeta é a Terra e que Aurora é um nome alternativo para ele, pois representa o surgimento da vida e do homem?

– Eu não poderia ir tão longe, Golan – respondeu Pelorat.

– Não há, afinal – disse Trevize, com um traço de rancor na voz –, nenhuma superfície radioativa, nenhum satélite gigante, nenhum gigante de gás com anéis colossais.

– Exato. Mas Deniador, lá em Comporellon, parecia acreditar que esse era um dos mundos que foram habitados pela primeira leva de Colonizadores, os Siderais. Se for verdade, então o nome, Aurora, pode indicar que este foi o primeiro dos Mundos Siderais. Talvez, neste exato momento, estejamos no mundo humano mais antigo da Galáxia depois da própria Terra. Não é empolgante?

– Interessante, pelo menos, Janov. Mas não são deduções demais a partir do nome Aurora?

– Tem mais – continuou Pelorat, animado. – Até onde pude verificar em meus registros, não há nenhum mundo na Galáxia atual com o nome de “Aurora”, e estou certo de que seu computador pode comprovar tal fato. Como disse, há todo tipo de planetas e outros objetos chamados “Amanhecer” e suas variações, mas nenhum usa a palavra “Aurora”.

– E por que deveriam? É pouco provável que uma palavra pré-galáctica fosse popular.

– Mas nomes *permanecem*, mesmo sem significado. Se este foi o primeiro mundo colonizado, seria famoso; pode até ter sido, durante algum tempo, o planeta dominante da Galáxia. Certamente haveria outros planetas autointitulados “Nova Aurora”, “Aurora Menor” ou algo assim. E então outros...

– Talvez não tenha sido o primeiro mundo colonizado – interrompeu Trevize. – Talvez nunca tenha tido importância.

– Há uma razão melhor para isso, meu caro amigo.

– E qual seria, Janov?

– Se a primeira missão de colonização foi sobrepujada por uma segunda missão, à qual todos os mundos da Galáxia agora pertencem, como disse Deniador, então é muito provável que tenha se passado um período de hostilidade entre as duas missões. A segunda missão, estabelecendo os mundos que agora existem, não usaria os nomes

dados a nenhum dos mundos da primeira missão. Assim, considerando que o nome “Aurora” não foi reusado, podemos deduzir que houve *de fato* duas missões de Colonizadores, e que este é um mundo da primeira missão.

– Estou começando a entender como vocês, mitólogos, trabalham – sorriu Trevize. – Vocês constroem uma belíssima superestrutura, mas que pode estar sem alicerces. As lendas nos dizem que os Colonizadores da primeira missão foram acompanhados por inúmeros robôs, e que eles teoricamente foram sua ruína. Se pudéssemos encontrar um robô neste mundo, eu estaria disposto a aceitar todas as suposições sobre a primeira missão, mas não podemos esperar algo assim depois de vinte mil...

Pelorat, cuja boca tentava articular um raciocínio, conseguiu encontrar sua voz.

– Mas, Golan, eu não lhe disse? Não, claro que não. Estou tão empolgado que não consigo colocar as coisas na ordem mais apropriada. *Havia* um robô.

40

Trevize esfregou a própria testa, quase como se estivesse sentindo dor.

– Um robô? Havia um robô? – perguntou.

– Sim – disse Pelorat, sacudindo a cabeça afirmativamente.

– Como você sabe?

– Ora! Era um robô. Como eu deixaria de reconhecer um se o visse?

– Você já viu um robô antes?

– Não, mas era um objeto de metal que parecia um ser humano. Cabeça, braços, pernas, tronco. Evidentemente, quando falo metal, quero dizer que era, na maior parte, ferrugem, e, quando caminhei em sua direção, imagino que a vibração dos meus passos o danificou ainda mais, pois, quando estendi a mão para tocá-lo...

– Por que tocar nele?

– Bom, acho que não podia acreditar nos meus próprios olhos. Foi uma reação automática. Assim que encostei, ele se desintegrou. Mas...

– O quê?

– Antes de se desintegrar totalmente, seus olhos pareceram emitir

um leve brilho e ele produziu um som, como se estivesse tentando dizer algo.

– Você está dizendo que ele ainda estava *ativo*?

– Muito pouco, Golan. Em seguida, se desintegrou.

Trevize virou-se para Júbilo.

– Você corrobora tudo isso, Júbilo? – perguntou.

– Era um robô e nós o vimos – respondeu Júbilo.

– E ainda estava funcionando?

– Conforme ele se desintegrou – disse Júbilo, inexpressivamente –, captei uma leve atividade neurônica.

– Como poderia haver atividade neurônica? Um robô não tem um cérebro orgânico, feito de células.

– Imagino que tenha sido o equivalente computadorizado – disse ela –, e isso eu detectaria.

– Você captou uma mentalidade robótica, diferente da humana?

Júbilo contraiu os lábios e respondeu:

– Era tênue demais para averiguar qualquer coisa além do fato de que ela existia.

Trevize olhou para Júbilo, depois olhou para Pelorat e, em um tom exasperado, disse:

– Isso muda tudo.

PARTE 4

10.

Robôs

41

Trevize parecia perdido em pensamentos durante o jantar. Júbilo se concentrou na comida.

Pelorat, o único que parecia ansioso para conversar, comentou que, se o mundo em que estavam era Aurora e se fosse mesmo o primeiro planeta colonizado, talvez fosse próximo da Terra.

– Vasculhar os arredores estelares imediatos pode ser recompensador – disse. – Isso significaria apenas inspecionar algumas centenas de estrelas, no máximo.

Trevize murmurou que tentativa e erro eram o último recurso e que gostaria de ter o máximo possível de informações sobre a Terra antes de tentar se aproximar dela, mesmo depois de encontrá-la. Não disse mais nada e Pelorat, claramente reprimido, também se recolheu ao silêncio.

Depois da refeição, Trevize continuou sem dizer nada, e Pelorat, hesitante, perguntou:

– Vamos continuar neste planeta, Golan?

– Por esta noite, pelo menos – disse Trevize. – Preciso pensar um pouco mais.

– É seguro?

– Estamos seguros aqui na nave – respondeu Trevize –, a não ser que haja alguma coisa à espreita pior do que os cachorros.

– Quanto tempo levaríamos para decolar, caso haja alguma coisa à espreita pior do que os cachorros?

– O computador está em modo de alerta de decolagem. Acho que conseguiríamos partir em dois ou três minutos. E ele nos avisará de maneira eficaz se alguma coisa inesperada acontecer, portanto sugiro que durmamos um pouco. Tomarei uma decisão sobre nosso próximo passo amanhã de manhã.

Fácil dizer, pensou Trevize, enquanto olhava para a escuridão.

Estava encolhido no chão da sala do computador parcialmente vestido. Era bastante desconfortável, mas ele estava certo de que, naquele momento, sua cama seria tampouco capaz de levá-lo ao sono, e ali ele poderia, pelo menos, agir imediatamente, caso o computador disparasse um alarme.

Ele ouviu passos e automaticamente ergueu o tronco, batendo a cabeça contra a beirada da mesa do computador – não o suficiente para machucar, mas o bastante para provocar uma careta e fazê-lo esfregar a área batida.

– Janov? – perguntou, com voz abafada e olhos lacrimejando.

– Não. É Júbilo.

Trevize estendeu a mão por sobre a beirada da mesa para fazer um pequeno contato com o computador, e uma luz suave banhou Júbilo, vestida com um roupão rosa.

– O que foi? – perguntou Trevize.

– Fui até o seu quarto e você não estava lá. Mas não havia como confundir sua atividade neural, e eu a segui. Era evidente que estava acordado, então entrei.

– Sim, mas o que você quer?

Ela se sentou contra a parede, pernas flexionadas contra o tronco, e apoiou o queixo sobre os joelhos.

– Não se preocupe – ela disse. – Não planejo fazer nada com o que sobrou da sua virgindade.

– Não imaginei que planejasse – respondeu Trevize, sardônico. – Por que não está dormindo? Você precisa dormir mais do que nós.

– Acredite – ela disse, em um tom baixo e sincero –, a situação com os cachorros foi extenuante.

– Acredito.

– Mas eu precisava falar com você enquanto Pel estivesse dormindo.

– Sobre o quê?

– Quando ele lhe contou sobre o robô – disse Júbilo –, você disse que aquilo mudava tudo. O que quis dizer?

– Não vê por conta própria? – respondeu Trevize. – Temos três conjuntos de coordenadas; três Mundos Proibidos. Quero visitar todos os três para saber o que for possível sobre a Terra antes de tentar encontrá-la.

Ele se aproximou um pouco, para que pudesse falar mais baixo,

então se afastou abruptamente.

– Escute – disse –, não quero que Janov venha à nossa procura. Não sei o que *ele* pensaria.

– É pouco provável. Ele está dormindo, e estimulei de leve seu sono. Se ele começar a despertar, eu saberei. Continue. Você quer visitar todos os três. O que mudou?

– Ficar mais tempo do que o necessário em qualquer mundo não fazia parte dos meus planos. Se este planeta, Aurora, esteve sem ocupação humana por vinte mil anos, duvido que alguma informação de valor tenha restado. Não quero passar semanas ou meses arranhando a superfície planetária, enfrentando cachorros, gatos e touros ou o que quer que tenha se tornado selvagem e perigoso, na esperança de encontrar um resquício de material de referência em meio à poeira, ferrugem e decomposição. Pode ser que haja seres humanos e bibliotecas intactas em um dos outros Mundos Proibidos, ou talvez nos dois. Portanto, é minha intenção deixar este planeta o quanto antes. Por mim, já estaríamos no espaço, dormindo em perfeita segurança.

– Mas?

– Mas se há robôs ainda ativos neste mundo, eles podem ter informações importantes que poderiam nos ser úteis. E deve ser mais seguro do que lidar com seres humanos, pois, pelo que ouvi, precisam seguir ordens e não podem ferir humanos.

– Portanto, você mudou seu plano e agora ficará neste planeta, à procura de robôs.

– Não é o que eu gostaria, Júbilo. Eu diria que robôs não duram vinte mil anos sem manutenção. Porém, como você mesma viu um que ainda tinha uma fração de funcionamento, é evidente que não posso confiar em adivinhações baseadas no senso comum. Não devo ir adiante baseado na ignorância. Os robôs podem ser mais duráveis do que imagino, ou talvez tenham alguma capacidade de automanutenção.

– Escute-me, Trevize – disse Júbilo –, e, por favor, mantenha isso confidencial.

– Confidencial? – Trevize ergueu a voz, surpreso. – Para quem?

– Shhh! Para Pel, claro. Escute, você não precisa mudar seus planos. Estava certo antes. Não há robôs em atividade neste planeta. Não detecto nada.

– Você detectou aquele, e um é o suficiente para...

– Eu não detectei aquele. Ele não estava em atividade; não estava em atividade havia *muito tempo*.

– Você disse...

– Eu sei o que disse. Pel acreditou ter visto movimento e ouvido um som. Pel é um romântico. Passou a maior parte da vida recolhendo dados, mas esse é um jeito difícil de entrar para a história do mundo acadêmico. Ele adoraria fazer uma descoberta importante por conta própria. A descoberta da palavra "Aurora" foi genuína e o deixou mais feliz do que você poderia imaginar. Ele queria desesperadamente descobrir mais.

– E você está me dizendo – respondeu Trevize – que ele desejava tanto fazer uma descoberta que se convenceu de que encontrou um robô em funcionamento quando, na verdade, não encontrou?

– O que ele encontrou foi um amontoado de ferrugem que não tinha uma consciência maior do que a rocha sobre a qual estava apoiado.

– Mas você corroborou a história.

– Não consegui roubar-lhe a descoberta. Ele é muito importante para mim.

Trevize a encarou durante um minuto inteiro, então disse:

– Você pode me explicar *por que* ele é tão importante para você? Eu quero saber. Quero mesmo. Para você, ele deve ser um velhote sem nenhum romantismo. Ele é um Isolado, e você detesta Isolados. Você é jovem e linda, e deve haver outras partes de Gaia que têm corpos de rapazes vigorosos e atraentes. Com eles, você teria relações físicas que poderiam reverberar por Gaia e trazer auges de êxtase. O que vê em Janov?

Júbilo encarou Trevize solenemente.

– Você não o ama? – ela perguntou.

– Tenho afeto por ele – Trevize deu de ombros. – Creio que poderia dizer que o amo, de um jeito não sexual.

– Você não o conhece há tanto tempo, Trevize. Por que o ama, desse seu jeito não sexual?

Trevize pegou-se sorrindo sem perceber.

– É uma figura tão *excêntrica*. Acredito piamente que nunca, em toda a sua vida, tenha dedicado um único pensamento a si mesmo. Ele recebeu ordens de me acompanhar, e veio. Sem objeções. Queria que

eu fosse a Trantor, mas quando eu disse que preferia ir a Gaia, nunca discutiu. E agora veio comigo nessa busca pela Terra, apesar de provavelmente saber dos perigos. Tenho plena confiança de que, se ele precisasse sacrificar a própria vida por mim ou por qualquer outra pessoa, sacrificaria, e sem se lamentar.

– Você sacrificaria sua vida por ele, Trevize?

– Talvez, se eu não tivesse tempo para pensar. Se eu tivesse tempo, hesitaria, e poderia me acovardar. Não sou tão *bondoso* quanto ele. E, por causa disso, tenho essa necessidade de protegê-lo e de mantê-lo bondoso. Não quero que a Galáxia o ensine a *não* ser bondoso. Entende? E tenho que protegê-lo de *você*, em especial. Não posso suportar a ideia de você dispensá-lo quando o que quer que você aprecie nele se esgotar.

– Sim, imaginei que você pensaria assim. Você não acha que o que vejo em Pelorat é o mesmo que você vê? E até mais do que isso, já que posso entrar em contato direto com a mente dele? Estou agindo como se quisesse magoá-lo? Eu teria apoiado sua fantasia de ter visto um robô em funcionamento, se não fosse a ideia insuportável de magoá-lo? Trevize, estou acostumada com o que você chamaria de bondade, pois todas as partes de Gaia estão prontas para serem sacrificadas pelo todo. Não conhecemos nem entendemos outras formas de viver. Mas não desistimos de nada ao fazê-lo, pois cada parte é o todo, apesar de eu não esperar que você entenda isso. Pel é diferente.

Júbilo não estava mais olhando para Trevize. Era como se estivesse falando consigo mesma.

– Ele é um Isolado – continuou. – Ele não é altruísta por fazer parte de um grande todo. Ele é altruísta porque é altruísta. Entende o que estou dizendo? Ele tem tudo a perder e nada a ganhar e, ainda assim, é o que é. Ele me deixa envergonhada por ser quem sou sem medo de perda, quando ele é a pessoa que é sem esperança de ganho.

Ela olhou mais uma vez para Trevize com seriedade.

– Você entende o quanto eu enxergo nele, que é muito mais do que você poderia enxergar? E você acha que eu seria capaz de magoá-lo?

– Júbilo – respondeu Trevize –, hoje, mais cedo, você disse “deixe disso e sejamos amigos”, e tudo o que eu respondi foi “se é o que você quer”. Aquilo foi rancoroso de minha parte, pois eu pensava em como você poderia magoar Janov. Agora é a minha vez. Sejamos amigos. Você pode continuar a apontar as vantagens de Gaia e eu posso

continuar a recusar seus argumentos, mas, mesmo assim, e apesar disso, sejamos amigos – e ele estendeu a mão.

– Claro que sim, Trevize – ela disse, e suas mãos seguraram uma à outra com força.

42

Trevize sorriu para si mesmo, em silêncio – foi um sorriso interno; a linha de sua boca não se moveu.

Enquanto ele trabalhara com o computador para encontrar a (possível) estrela no primeiro conjunto de coordenadas, Pelorat e Júbilo tinham observado atentamente e feito perguntas. Dessa vez, preferiram ficar no quarto e dormir ou, pelo menos, relaxar, deixando todo o trabalho a cargo de Trevize.

De certa maneira, era algo lisonjeiro, pois, na opinião de Trevize, parecia que eles tinham simplesmente aceitado o fato de que ele sabia o que estava fazendo e não precisava de supervisão nem encorajamento. E ele mesmo havia ganhado experiência o suficiente com a busca do primeiro planeta para confiar mais plenamente no computador e entender que ele precisava de pouca supervisão, se é que requeria alguma.

Outra estrela, luminosa e não registrada no mapa galáctico, surgiu. Essa segunda estrela era mais luminosa do que aquela em torno da qual orbitava Aurora, o que tornou ainda mais significativo o fato de ela não estar registrada no computador.

Trevize admirou-se com as peculiaridades das tradições antigas. Séculos podiam ser engavetados ou completamente excluídos da consciência. Civilizações inteiras podiam ser banidas ao esquecimento. Ainda assim, das entranhas desses séculos, roubados dessas civilizações, poderiam surgir um ou dois itens factuais que seriam lembrados sem distorções – como aquelas coordenadas.

Ele tinha comentado sobre isso com Pelorat algum tempo antes, e Pelorat imediatamente respondeu que era aquilo que fazia o estudo sobre mitos e lendas ser tão recompensador.

– O segredo é – disse Pelorat, na ocasião – determinar ou decidir quais componentes específicos de uma lenda representam um fato que está oculto. Isso não é fácil, e mitólogos diferentes provavelmente

escolhem componentes diferentes, dependendo, no geral, daquilo que é conveniente para as suas interpretações pessoais.

De qualquer maneira, a estrela estava no exato ponto em que as coordenadas de Deniador, corrigidas temporalmente, disseram que estaria. Naquele momento, Trevize estava disposto a apostar uma quantia considerável em que a terceira estrela também estaria no lugar indicado. E, se estivesse, Trevize estava disposto a cogitar que a lenda estava correta também ao dizer que havia, ao todo, cinquenta Mundos Proibidos (mesmo com o número suspeitamente redondo) e a se perguntar sobre a localização dos outros quarenta e sete.

Um mundo habitável, um Mundo Proibido, estava em órbita ao redor da estrela – e, dessa vez, sua presença não causou nem uma mínima vibração de surpresa no estômago de Trevize. Ele tinha certeza absoluta de que estaria ali. Ordenou que a *Estrela Distante* ficasse em lenta órbita ao redor dele.

A camada de nuvens era esparsa o suficiente para garantir uma vista razoável da superfície do planeta. Era um mundo com grande presença de água, como eram quase todos os mundos habitáveis. Havia um oceano tropical sem ilhas e dois oceanos polares, também sem ilhas. No conjunto de latitudes médias de um dos hemisférios, havia um continente mais ou menos sinuoso que circundava o mundo com baías de ambos os lados, com um ocasional istmo estreito. No conjunto de latitudes médias do outro hemisfério, a superfície terrestre era dividida em três grandes partes, e cada uma delas era mais espessa do norte ao sul do que o continente oposto.

Trevize desejou saber mais sobre climatologia para, com base no que viu, prever como deveriam ser as temperaturas e as estações. Por um instante, cogitou a possibilidade de o computador averiguar tais dados. Mas o clima não era o problema em questão. Muito mais importante era o fato de que, mais uma vez, o computador não detectara nenhuma radiação que pudesse ser de origem tecnológica. O telescópio lhe disse que o planeta não estava em decadência, e que não havia sinais de deserto. A superfície passava por baixo da nave em vários tons de verde, mas não havia sinais de áreas urbanas no lado iluminado pelo sol, nem luzes no lado da sombra.

Seria outro planeta repleto de todos os tipos de vida, menos a humana?

Ele bateu à porta do outro quarto.

– Júbilo? – chamou Trevize, em um sussurro alto, e bateu mais uma vez.

Houve som de movimento, e a voz de Júbilo disse:

– Sim?

– Pode vir aqui? Preciso de sua ajuda.

– Se puder esperar um instante, vou me deixar mais apresentável.

Quando ela enfim apareceu, estava tão apresentável quanto Trevize sempre a via. Ele sentiu uma pontada de irritação por ter sido obrigado a esperar, pois não se importava com a aparência de Júbilo. Mas agora eles eram amigos, e ele suprimiu a irritação.

– O que posso fazer por você, Trevize? – ela perguntou, com um sorriso e um tom de voz agradável.

Trevize indicou a tela.

– Como pode ver – disse –, estamos passando pela superfície do que parece ser um mundo perfeitamente saudável, com uma cobertura de vegetação bastante sólida na parte terrestre. Porém, não há luzes na parte noturna, e nenhuma radiação de tecnologia. Por favor, use sua percepção e me diga se existe alguma vida animal. Houve um momento em que achei ter visto rebanhos de animais pastando, mas não pude ter certeza. Pode ter sido um caso de enxergar o que se deseja desesperadamente.

Júbilo usou sua percepção. Ou, pelo menos, um curioso olhar de concentração surgiu em seu rosto.

– Oh, sim, é muito rico em vida animal – disse.

– Mamífera?

– Deve ser.

– Humana?

Ela pareceu se concentrar ainda mais. Um minuto se passou, e então outro, até que, enfim, ela relaxou.

– Não posso dizer com certeza. Em determinados momentos, acreditei ter detectado um traço de inteligência grande o suficiente para ser considerado humano. Mas era tão tênue e tão ocasional que eu talvez tenha percebido apenas o que queria desesperadamente, assim como você. O problema...

Ela parou de falar, pensativa.

– E então? – cutucou Trevize.

– O problema é que acredito estar detectando outra coisa. Não é algo com que esteja familiarizada, mas não vejo como poderia ser

outra coisa além de...

Seu rosto se endureceu mais uma vez conforme ela se concentrou com ainda mais intensidade.

– E então? – perguntou Trevize novamente.

Ela relaxou.

– Não vejo como poderia ser outra coisa além de robôs.

– Robôs?

– Sim e, se eu pude detectá-los, certamente poderia detectar também seres humanos. Mas não sinto a presença de nenhum.

– Robôs? – disse Trevize, franzindo as sobrancelhas.

– Sim – respondeu Júbilo. – E, pelo que pude constatar, em grande número.

43

– Robôs! – exclamou Pelorat, quase no mesmo tom de Trevize quando ele reagira à notícia. Então, sorriu de leve. – Você estava certo, Golan, e eu estava errado ao duvidar de você.

– Não me lembro de você ter duvidado de mim, Janov.

– Acontece que achei melhor não *expressar* a minha dúvida. Pensei, de verdade, que era um erro deixar Aurora enquanto havia uma chance de contatar algum robô sobrevivente. Mas agora é evidente que você sabia que haveria um suprimento mais rico de robôs aqui.

– Não foi isso, Janov. Eu não *sabia*. Apenas arrisquei. Júbilo me disse que os campos mentais parecem indicar que eles estão em pleno funcionamento, e me parece que eles não poderiam estar em pleno funcionamento sem seres humanos por perto para cuidar de sua manutenção. Porém, ela ainda não localizou nenhum sinal humano e, por isso, ainda estamos buscando.

Pelorat analisou a tela de visualização, pensativo.

– Parece ser tudo uma grande floresta, não parece?

– Floresta, em sua maioria. Mas há trechos abertos, que podem ser gramados. O problema é que não vejo cidades, nem luzes à noite, nem algo além de radiação termal.

– Então, afinal, não há seres humanos?

– É a grande dúvida. Júbilo está na sala do computador, tentando se concentrar. Estabeleci um meridiano arbitrário para o planeta, o

que significa que, no computador, ele está dividido em latitude e longitude. Júbilo tem um pequeno aparelho que aciona sempre que encontra o que parece ser uma concentração incomum de atividade mental robótica (creio que não seja correto dizer "atividade neural" quando se trata de robôs) ou algum traço de pensamento humano. O aparelho está conectado ao computador, que, por sua vez, marca todas as referências de latitude e longitude, e deixaremos que ele escolha entre esses pontos e decida um bom lugar para pousarmos.

– Mas será que é sábio – Pelorat parecia inquieto – deixar a escolha para o computador?

– Por que não, Janov? É um computador muito avançado. Além disso, quando você não tem nenhuma base para tomar uma decisão, qual é o problema de pelo menos considerar a escolha do computador?

O rosto de Pelorat animou-se.

– Isso faz sentido, Golan. Algumas das lendas mais antigas incluem histórias sobre pessoas que jogam cubos no chão para fazer escolhas.

– É mesmo? E para quê?

– Cada face do cubo tinha algum tipo de decisão impressa (sim, não, talvez, adiar, assim por diante). A face que estivesse voltada para cima quando o cubo parava no chão seria considerada portadora do conselho a ser seguido. Ou eles lançavam uma bola sobre um disco com decisões diferentes espalhadas entre cada reentrância do disco. A decisão escrita na reentrância na qual a bola parasse era para ser seguida. Alguns mitólogos acreditam que essas atividades representavam jogos de azar, e não loterias, mas as duas coisas são basicamente a mesma, eu diria.

– De certa maneira – respondeu Trevize –, estamos apostando em um jogo de azar ao escolher nosso ponto de aterrissagem.

Júbilo veio da sala do computador em tempo de ouvir o último comentário.

– Nada de jogo de azar – ela disse. – Pressionei "talvez" diversas vezes, e então um "sim", sem sombra de dúvida, e é na direção deste "sim" que seguiremos.

– O que fez dele um "sim"? – perguntou Trevize.

– Detectei um traço de pensamento humano. Genuíno. Inconfundível.

A grama estava molhada, sinal de que havia chovido recentemente. No céu, as nuvens deslocavam-se rapidamente com o vento e mostravam sinais de que iam se dissipar.

A *Estrela Distante* pousara gentilmente perto de um pequeno bosque (com árvores, em caso de cães selvagens, pensou Trevize, apenas parcialmente de brincadeira). Os arredores pareciam formados por pastos e, ao descer de um ponto mais alto, a partir do qual tiveram uma visão melhor e mais ampla, Trevize viu o que pareciam ser pomares e plantações de cereais – e a desta vez inconfundível presença de animais pastando.

Porém, não havia nenhuma estrutura. Nada artificial, tirando o fato de que a regularidade das árvores no pomar e os limites precisos que separavam os campos eram tão artificiais quanto teria sido uma estação de recepção de micro-ondas.

Será que aquele nível de artificialidade teria sido produzido por robôs? Sem seres humanos?

Em silêncio, Trevize vestiu seus coldres. Desta vez, sabia que ambas as armas estavam em condições de funcionamento e totalmente carregadas. Em um momento, seus olhos se encontraram com os de Júbilo e ele parou.

– Vá em frente – disse Júbilo. – Acho que você não encontrará utilidade para elas, mas pensei a mesma coisa antes, não pensei?

– Você gostaria de levar uma arma, Janov? – perguntou Trevize.

– Não, obrigado – Pelorat deu de ombros. – Entre você e sua defesa física e Júbilo e sua defesa mental, não me sinto absolutamente em perigo. Imagino que seja covarde da minha parte me esconder sob a sombra da proteção que me oferecem, mas não posso ficar propriamente envergonhado quando estou ocupado demais me sentindo agradecido por não precisar cogitar a possibilidade de usar a força.

– Entendo – respondeu Trevize. – Apenas não vá a lugar nenhum desacompanhado. Se eu e Júbilo nos separarmos, fique com um de nós e não parta para longe cedendo ao impulso de uma curiosidade particular.

– Não precisa se preocupar, Trevize – disse Júbilo. – Tomarei conta disso.

Trevize foi o primeiro a descer da nave. O vento era fresco e levemente frio por causa da chuva, o que Trevize considerou bem-vindo. Talvez tivesse estado desconfortavelmente quente e úmido antes da chuva.

Ele respirou fundo, surpreso. O cheiro do planeta era delicioso. Cada mundo tinha o seu, ele sabia; um odor sempre desconhecido e geralmente desagradável – talvez justamente por ser desconhecido. Mas será que desconhecido podia também ser agradável? Ou era apenas a coincidência de aterrissar no planeta logo após uma chuva em uma estação específica do ano? Independentemente da resposta...

– Venham – disse Trevize. – Está muito agradável aqui fora.

Pelorat saiu.

– Agradável é, definitivamente, a palavra certa – comentou. – Você acha que sempre tem este aroma?

– Não importa. Em uma hora estaremos acostumados com o cheiro, e nossos receptores nasais estarão tão saturados que não sentiremos mais nada.

– Uma pena – respondeu Pelorat.

– A grama está molhada – disse Júbilo, com um traço de reprovação.

– E por que não? Afinal, também chove em Gaia – respondeu Trevize, e, conforme ele disse isso, um facho de luz solar amarela os alcançou momentaneamente por um espaço entre as nuvens. Logo, haveria mais luz.

– Sim – disse Júbilo –, mas sabemos quando, e estamos preparados para ela.

– Lamentável – respondeu Trevize. – Você perde a emoção do inesperado.

– Você está certo – concordou Júbilo. – Tentarei não ser tão provinciana.

Pelorat olhou à volta.

– Não parece haver nada – comentou, em um tom de desapontamento.

– Apenas aparentemente – respondeu Júbilo. – Eles estão se aproximando por trás daquele monte. – Ela olhou para Trevize. – Acha que devemos ir ao encontro deles?

– Não – Trevize negou com a cabeça. – Viajamos muitos parsecs para fazer contato. Que caminhem o restante da jornada. Vamos

esperar aqui.

Apenas Júbilo podia sentir a aproximação, até que, na direção para a qual ela havia apontado, uma figura surgiu no topo da elevação. E uma segunda, e uma terceira.

– Acho que são todos, por enquanto – disse Júbilo.

Trevize observou com curiosidade. Apesar de nunca ter visto robôs, não havia nenhuma sombra de dúvida em sua mente de que era aquilo que eles eram. Tinham a forma esquemática e impressionista de seres humanos e não tinham aparência evidentemente metálica. A superfície robótica era opaca e dava a impressão de maciez, como se estivesse coberta por *plush*. Mas como ele sabia que a maciez era uma ilusão? Trevize sentiu, repentinamente, vontade de tocar aquelas figuras que se aproximavam de maneira tão fria. Se aquele era um Mundo Proibido e espaçonaves nunca se aproximavam – o que era muito provável, pois seu sol não estava incluído no mapa galáctico –, a *Estrela Distante* e as pessoas a bordo deveriam representar uma experiência nova para os robôs. Ainda assim, eles estavam reagindo com convicção inabalável, como se estivessem participando de alguma tarefa rotineira.

– Aqui – disse Trevize, em tom baixo – podemos conseguir informações que não conseguiríamos em nenhum outro lugar da Galáxia. Podemos perguntar sobre a localização da Terra em relação a este mundo e, se souberem, nos dirão. Quem sabe há quanto tempo essas coisas estão em funcionamento? Podem nos responder a partir de memória pessoal. Imaginem só.

– Por outro lado – respondeu Júbilo –, podem ter sido fabricados recentemente e não saberem de nada.

– Ou – completou Pelorat – podem saber, mas se recusarem a nos contar.

– Acho que não podem se recusar – disse Trevize –, a não ser que tenham ordens de não nos contar, e quem poderia ter dado tal ordem se, decerto, ninguém neste planeta contava com nossa chegada?

Os robôs pararam a uma distância de três metros. Não disseram nada e não fizeram mais nenhum movimento.

Trevize, com a mão em seu desintegrador e sem tirar os olhos dos robôs, se dirigiu a Júbilo:

– Pode detectar se são hostis?

– Você precisa levar em consideração – ela respondeu – que não

tenho nenhuma experiência com esse funcionamento mental, Trevize, mas não detecto nada que pareça hostil.

Trevize afastou a mão direita do cabo da arma, mas a manteve por perto. Ergueu a mão esquerda, com a palma virada para os robôs, no que esperava ser reconhecido como um gesto de paz.

– Saudações – disse, bem devagar. – Viemos a este mundo amigavelmente.

O robô ao centro abaixou a cabeça em uma espécie de mesura desengonçada que poderia, aos olhos de um otimista, ser considerada um gesto de paz, e respondeu.

O queixo de Trevize caiu, tamanha sua surpresa. Em uma Galáxia interligada, falhas deste nível tão fundamental pareciam improváveis: o robô não falava em galáctico, tampouco outro idioma que se aproximasse dele. O fato era que Trevize não entendera uma única palavra.

45

A surpresa de Pelorat foi tão grande quanto a de Trevize, mas havia, também, um evidente elemento de satisfação.

– Inusitado, não é? – perguntou.

Trevize virou-se em sua direção.

– Não é inusitado – disse, com mais do que um toque de aspereza na voz. – É um ruído ininteligível.

– Não é um ruído ininteligível. É galáctico, mas muito arcaico. Compreendi algumas palavras. Se fosse escrito, eu provavelmente entenderia com facilidade. O verdadeiro mistério é a pronúncia.

– E então, o que ele disse?

– Creio ter dito que não entendeu o que você disse.

– Não entendo o que ele diz – comentou Júbilo –, mas o que estou captando é perplexidade, o que faz sentido. Quer dizer, isso se eu puder confiar em minha percepção sobre emoções robóticas, se é que existe algo como emoção robótica.

Falando muito devagar e com dificuldade, Pelorat disse algo e os três robôs concordaram com a cabeça em uníssono.

– O que foi isso? – perguntou Trevize.

– Eu disse que não tenho domínio do dialeto deles – respondeu

Pelorat –, mas que tentaria conversar. Pedi por um instante. Puxa vida, velho amigo, isso é assustadoramente interessante.

– Assustadoramente decepcionante – murmurou Trevize.

– O fato – disse Pelorat – é que todos os planetas habitáveis na Galáxia acabam criando suas próprias variedades do galáctico, portanto existem milhões de dialetos que, às vezes, são praticamente incompreensíveis, mas todos têm uma raiz comum a partir do desenvolvimento do Padrão Galáctico. Supondo que este mundo tenha estado em isolamento por vinte mil anos, a língua, em circunstâncias normais, se distanciaria tanto do restante da Galáxia que se tornaria uma língua inteiramente nova. O fato de isso não ter acontecido pode estar relacionado ao sistema social deste mundo, dependente de robôs, que só entendem a língua usada no código com que foram programados. Em vez de se reprogramar constantemente, a língua permaneceu estática, e agora estamos diante do que é, para nós, uma forma bastante arcaica de galáctico.

– Aí está um exemplo – respondeu Trevize – de como uma sociedade robotizada pode ficar estagnada e acabar se tornando degenerada.

– Mas, meu caro amigo – protestou Pelorat –, manter uma língua relativamente inalterada não é necessariamente um sinal de degeneração. Há vantagens. Documentos preservados por séculos ou milênios retêm seus significados e dão mais longevidade e autoridade a registros históricos. No restante da Galáxia, a linguagem dos éditos Imperiais da Época de Hari Seldon já começa a soar esquisita.

– E você está familiarizado com esse galáctico arcaico?

– Eu não diria *familiarizado*, Golan. Mas, ao estudar mitos e lendas antigos, entendi o raciocínio por trás dele. O vocabulário não é totalmente diferente, mas tem inflexões distintas, há expressões idiomáticas que já não usamos e, como eu disse, a pronúncia mudou completamente. Posso ser o intérprete, mas não um bom intérprete.

Trevize expirou um trêmulo suspiro.

– Um pequeno golpe de sorte é melhor do que nenhum – disse. – Continue, Janov.

Pelorat virou-se para os robôs, esperou um instante e virou-se mais uma vez para Trevize.

– O que devo dizer?

– Vamos direto ao ponto. Pergunte sobre a localização da Terra.

Pelorat disse as palavras, uma por vez, com gestos exagerados com as mãos.

Os robôs entreolharam-se e emitiram alguns sons. Em seguida, o do meio falou com Pelorat, que respondeu enquanto distanciava uma mão da outra, como se estivesse esticando um pedaço de borracha. O robô respondeu com palavras espaçadas, com tanto cuidado quanto Pelorat.

Pelorat disse a Trevize:

– Não tenho certeza se estou conseguindo deixar claro o que quero dizer com "Terra". Suspeito que eles tenham entendido que me refiro a alguma região no planeta deles, pois dizem que não conhecem nenhuma região com esse nome.

– Eles disseram o nome deste planeta, Janov?

– O mais próximo que posso chegar do que acho que eles estão usando como nome é "Solaria".

– Já viu alguma referência a esse nome em seus mitos?

– Não. Tampouco li sobre Aurora.

– Bom, pergunte a eles se há algum lugar chamado Terra no céu, entre as estrelas. Aponte para cima.

Mais uma vez, um diálogo. Depois, Pelorat se virou e disse:

– A única resposta que consigo deles, Golan, é que não há lugares no céu.

Júbilo interveio:

– Pergunte a idade deles – sugeriu. – Ou melhor, há quanto tempo eles estão em funcionamento.

– Eu não sei como dizer "funcionamento" – disse Pelorat, negando com a cabeça. – Na verdade, não sei nem se consigo dizer "idade". *Não sou* um bom intérprete.

– Faça o melhor que puder, Pel, querido – respondeu Júbilo.

Depois de um extenso diálogo, Pelorat disse:

– Eles estão em funcionamento há vinte e seis anos.

– Vinte e seis anos – murmurou Trevize, com desgosto. – São apenas um pouco mais velhos do que você, Júbilo.

Com súbito orgulho, Júbilo respondeu:

– Acontece que...

– Eu sei. Você é Gaia, que tem milhares de anos de existência. De qualquer maneira, esses robôs não podem falar sobre a Terra a partir de experiências próprias, e seus bancos de memória claramente não

incluem nada que não seja necessário para seu funcionamento. Portanto, não sabem nada sobre astronomia.

– Talvez haja outros robôs no planeta que sejam mais antigos – disse Pelorat.

– Duvido – respondeu Trevize. – Mas pergunte a eles, Janov, se puder encontrar as palavras.

Dessa vez, a conversa foi longa, e Pelorat a interrompeu com o rosto enrubescido e um evidente ar de frustração.

– Golan – ele disse –, não entendo parte do que eles estão tentando me dizer, mas suponho que os robôs mais antigos são usados para trabalhos manuais e não sabem de nada. Se esse robô fosse humano, eu diria que ele falou sobre os mais velhos com desprezo. Eles dizem que eles três são robôs domésticos, que são substituídos antes de ficarem velhos. São os que realmente sabem das coisas. Palavras deles, não minhas.

– Eles não sabem muita coisa – rosnou Trevize. – Pelo menos, não sobre coisas que precisamos saber.

– Agora lamento termos deixado Aurora com tanta pressa – disse Pelorat. – Se tivéssemos encontrado um robô sobrevivente por lá, e certamente teríamos, pois logo o primeiro que encontrei ainda tinha uma centelha de vida, eles saberiam sobre a Terra a partir de memória pessoal.

– Desde que as memórias estivessem intactas, Janov – respondeu Trevize. – Podemos sempre voltar e, se precisarmos, assim o faremos, com ou sem cachorros. Mas, se esses robôs têm apenas poucas décadas de existência, deve haver aqueles que os fabricaram, e eu diria que os fabricantes devem ser humanos – ele se virou na direção de Júbilo. – Você *tem certeza* de que captou...

Ela ergueu uma mão para interrompê-lo e seu rosto foi tomado por um aspecto tenso e pensativo.

– Está se aproximando neste exato momento – ela disse, em tom baixo.

Trevize olhou para a elevação de onde vieram os robôs e ali, primeiro surgindo atrás dela e depois caminhando na direção deles, estava a inconfundível figura de um ser humano. O tom de pele era pálido e seus cabelos, claros e longos, ondulados nas laterais da cabeça. Seu rosto era solene, mas aparentemente bastante jovem. Seus braços e pernas expostos não pareciam especialmente fortes.

Os robôs abriram espaço para ele, e ele caminhou até posicionar-se entre as máquinas.

Então, com uma voz clara e agradável e com palavras em Padrão Galáctico, facilmente compreensíveis mesmo que usadas de forma arcaica, disse:

– Saudações, viajantes do espaço. O que querem com meus robôs?

46

Trevize não se cobriu de apresentações gloriosas.

– Você fala galáctico? – perguntou, ingenuamente.

– E por que não falaria – questionou o solariano com um sorriso austero – se tenho voz?

– Mas e eles? – Trevize indicou os robôs com um gesto.

– Eles são robôs. Falam nossa língua, assim como eu. Mas sou de Solaria e escuto as comunicações hiperespaciais dos mundos afora e, portanto, aprendi sua forma de falar, assim como meus ancestrais. Eles deixaram descrições sobre a língua, mas ouvi constantemente novas palavras e expressões que mudam com os anos, como se vocês, Colonizadores, pudessem estabelecer colônias, mas não palavras. Por que está surpreso pelo fato de eu entender sua língua?

– Eu não deveria ter reagido dessa maneira – disse Trevize. – Peço desculpas. É que, ao falar com os robôs, não imaginei que ouviria galáctico neste mundo.

Ele estudou o solariano. Usava uma leve túnica branca, apoiada de maneira frouxa nos ombros, com grandes aberturas para os braços. Era aberta na frente, expondo um peito liso e um tecido que cobria a região pélvica. Exceto um frágil par de sandálias, não vestia mais nada.

Trevize percebeu que não saberia dizer se o solariano era um homem ou uma mulher. O peito era certamente masculino, mas não tinha pelos, e o tecido que cobria a pelve não escondia volume algum.

Ele se virou para Júbilo e, em tom baixo, disse:

– Ele pode ser um robô também, mas com a aparência de um...

– A mente é a de um ser humano – respondeu Júbilo, seus lábios quase sem se mover –, não a de um robô.

– Ainda assim – disse o solariano –, você não respondeu à minha

pergunta. Vou perdoar essa falha e atribuí-la à sua surpresa. Agora, pergunto novamente, e você não deve falhar uma segunda vez. O que querem com meus robôs?

– Somos viajantes em busca de informações para chegar ao nosso destino – respondeu Trevize. – Pedimos a seus robôs informações que pudessem nos ajudar, mas eles não têm o conhecimento necessário.

– Estão em busca de qual informação? Talvez eu possa ajudá-los.

– Procuramos pela localização da Terra. Pode nos dizer?

As sobrancelhas do solariano se ergueram.

– Eu imaginava – disse – que o primeiro objeto de sua curiosidade seria a minha pessoa. Fornecerei tal informação, mesmo que não tenham pedido por ela. Sou Sarton Bander e vocês estão na propriedade de Bander, que se estende até onde seus olhos podem ver, em todas as direções, e além. Não posso dizer que são bem-vindos, pois, ao virem até aqui, violaram um acordo. São os primeiros Colonizadores a aterrissarem na superfície de Solaria em milhares de anos e, como agora ficou evidente, vieram apenas para fazer perguntas sobre a melhor maneira de alcançar outro mundo. Antigamente, Colonizadores, vocês e sua nave teriam sido destruídos no primeiro contato visual.

– O que seria um jeito brutal de tratar pessoas que não têm nenhuma intenção duvidosa e que não representam nenhum mal – disse Trevize, cautelosamente.

– Concordo, mas quando membros de uma sociedade expansionista entram em contato com uma que é inofensiva e estática, o mero contato já está repleto de danos em potencial. Enquanto temíamos tais danos, estávamos prontos para destruir aqueles que viessem, assim que chegassem. Como não temos mais motivos para receio, estamos, como veem, dispostos ao diálogo.

– Agradeço pela informação que nos forneceu tão abertamente – respondeu Trevize –, porém, você deixou de responder à pergunta que fiz. Agora, pergunto novamente. Pode nos dizer a localização do planeta Terra?

– Por “Terra”, imagino que esteja se referindo ao planeta no qual a espécie humana e as várias espécies de plantas e animais – sua mão gesticulou graciosamente, como se para indicar tudo que os cercava – se originaram.

– Sim, senhor, é a ele que me refiro.

Uma estranha expressão de repugnância passou rapidamente pelo rosto do solariano.

– Por favor, dirija-se a mim apenas como Bander, se faz questão de usar algum termo de referência. Não se refira a mim usando palavras que incluam determinação de gênero. Não sou homem nem mulher. Sou *integral*.

Trevize concordou com a cabeça (ele estava certo).

– Como quiser, Bander – respondeu. – Qual é, então, a localização da Terra, o mundo de origem de todos nós?

– Eu não sei – disse Bander. – Tampouco desejo saber. Se eu soubesse ou pudesse descobrir, não lhe seria de nenhuma utilidade, pois a Terra, como mundo, não existe mais. Ah! – continuou, estendendo os braços –, o sol está uma delícia. Não costumo subir à superfície, e nunca o faço quando o sol não se faz aparente. Meus robôs foram enviados para recebê-los enquanto o sol ainda se escondia atrás das nuvens. Vim apenas quando as nuvens se dissiparam.

– Por que a Terra, como mundo, não existe mais? – perguntou Trevize, insistentemente, preparando-se mais uma vez para ouvir histórias sobre superfícies radioativas.

Porém, Bander ignorou a pergunta, ou então a desconsiderou negligentemente.

– A história é longa demais – disse. – Você me disse que veio sem nenhuma intenção duvidosa.

– Correto.

– Por que, então, veio armado?

– É apenas uma precaução. Eu não sabia o que poderia encontrar.

– Não importa. Suas arminhas não representam nenhum perigo para mim. Ainda assim, estou curioso. Já ouvi muitas coisas sobre seus arsenais, claro, e sobre seu histórico curiosamente selvagem, que parece depender exclusivamente de armamentos. Ainda assim, nunca cheguei a ver uma arma. Posso ver as suas?

Trevize deu um passo para trás.

– Receio que não, Bander.

– Pedi apenas por cortesia – Bander pareceu se divertir. – Eu não precisava ter pedido.

Bander estendeu a mão e o desintegrador ergueu-se do coldre direito de Trevize, enquanto o chicote neurônico saiu do coldre esquerdo. Trevize tentou pegar as armas no ar, mas sentiu seus braços

impedidos, como se estivessem presos por rígidas cordas elásticas. Pelorat e Júbilo tentaram se mover, mas era evidente que algo também os segurava no lugar.

– Não adianta tentar interferir – disse Bander. – Não há nada que possam fazer.

As armas voaram até as mãos de Bander, que as analisou com cuidado.

– Essa aqui – disse, indicando a pistola – parece ser uma emissora de feixes de micro-ondas que produzem calor, o que explode qualquer corpo que contenha fluidos. A outra é mais sutil e, confesso, não enxergo seu propósito à primeira vista. De toda maneira, como vocês não têm intenções duvidosas e não representam nenhum mal, não precisam de armas. Posso drenar o conteúdo de energia de cada uma, e assim o farei. Isso as deixará inofensivas, a não ser que você tente usar uma ou outra como porrete, e elas devem ser bem desajeitadas se usadas com tal propósito.

O solariano largou as armas, que, mais uma vez, flutuaram pelo ar, dessa vez na direção de Trevize. Cada uma pousou graciosamente em seu respectivo coldre.

Trevize, sentindo-se livre das amarras invisíveis, sacou a pistola, mas não havia propósito. O gatilho estava solto, e a carga de energia havia sido claramente drenada por completo. A mesma coisa acontecera com o chicote neurônico.

Ele olhou para Bander, que, sorrindo, disse:

– Você está indefeso, Estrangeiro. Eu poderia destruir sua nave com a mesma facilidade, se assim desejasse. E a você também, claro.

Subterrâneo

47

Trevize se sentiu paralisado. Tentando respirar normalmente, virou-se para olhar na direção de Júbilo. Ela estava com o braço em torno da cintura de Pelorat, em um gesto de proteção, e, aparentemente, estava calma. Ela sorriu de leve e, com ainda mais sutileza, fez um movimento afirmativo com a cabeça.

Trevize voltou-se mais uma vez para Bander, interpretando os gestos de Júbilo como sinais de confiança e torcendo, com temível ardor, que estivesse certo em sua interpretação. Perguntou, em tom severo:

– Como fez isso, Bander?

– Digam-me, pequenos Estrangeiros – sorriu Bander, com óbvio bom humor –, vocês acreditam em feitiçaria? Em mágica?

– Não, pequeno solariano, não acreditamos – retrucou Trevize.

Júbilo deu um leve puxão na manga de Trevize.

– Não o irrite – sussurrou. – Ele é perigoso.

– Posso ver que é – respondeu Trevize, com dificuldade para manter um tom baixo. – Faça você alguma coisa, então.

– Ainda não – disse Júbilo, com voz praticamente inaudível. – Ele representará menos risco quando se sentir seguro.

Bander não prestou atenção na breve troca de sussurros entre os Estrangeiros. Afastou-se deles despreocupadamente; os robôs se separaram para abrir passagem.

Então, olhou para trás e ergueu um dedo lânguido, chamando-os.

– Venham. Sigam-me. Todos os três. Contarei uma história que talvez não lhes interesse, mas interessa a mim – e continuou a caminhar, sem pressa.

Trevize permaneceu no lugar durante um instante, sem saber qual seria a melhor atitude a ser tomada. Mas Júbilo caminhou na direção de Bander, e a pressão de seu braço conduziu Pelorat. Trevize acabou

se colocando em movimento – a alternativa era ser deixado a sós com os robôs.

– Se Bander puder fazer a gentileza – disse Júbilo, com leveza – de nos contar a história que talvez não nos interesse...

Bander virou-se e olhou atentamente para Júbilo, como se tivesse reparado nela pela primeira vez.

– Você é a semi-humana feminina, não é? – perguntou. – A metade inferior?

– A metade menor, Bander. Sim.

– Então esses outros dois são semi-humanos masculinos?

– De fato.

– Já pariu sua criança, feminina?

– Meu nome, Bander, é Júbilo. Ainda não tive uma criança. Este é Trevize. Este é Pel.

– E qual desses dois masculinos irá auxiliá-la quando for o momento? Ou serão os dois? Ou nenhum dos dois?

– Pel me ajudará, Bander.

Bander voltou sua atenção a Pelorat.

– Vejo que tem cabelos brancos – disse.

– Tenho – respondeu Pelorat.

– Sempre foram dessa cor?

– Não, Bander, ficaram assim com a idade.

– E quantos anos você tem?

– Estou com cinquenta e dois anos, Bander – disse Pelorat, e então acrescentou, apressado: – Isso em anos do Padrão Galáctico.

Bander continuou a caminhar (na direção da mansão a distância, presumiu Trevize) ainda mais lentamente.

– Não sei quanto tempo dura um ano do Padrão Galáctico – comentou –, mas não deve ser muito diferente do nosso ano. E quantos anos terá quando morrer, Pel?

– Não sei dizer. Talvez viva mais trinta.

– Oitenta e dois anos, então. Vida curta, e dividida pela metade. Inacreditável, mas meus ancestrais distantes eram como vocês, e viviam na Terra. Alguns deles abandonaram a Terra para estabelecer novos mundos ao redor de outras estrelas, mundos maravilhosos, bem organizados... muitos deles.

– Não muitos – disse Trevize, em tom alto. – Cinquenta.

Bander lançou um olhar arrogante na direção de Trevize. Agora

parecia haver menos bom humor.

– Trevize. Esse é seu nome.

– O nome completo é Golan Trevize. Estou dizendo que havia cinquenta Mundos Siderais. *Nossos* mundos somam milhões.

– Então você conhece a história que desejo contar? – perguntou Bander, com suavidade.

– Se a história é sobre a existência de cinquenta Mundos Siderais no passado, eu conheço.

– Não contamos apenas números, pequeno semi-humano – disse Bander. – Consideramos também qualidade. Havia cinquenta mas eram tão grandiosos que nem todos os seus milhões poderiam equivaler a um deles. Solaria foi o quinquagésimo e, portanto, o melhor. Solaria era tão mais avançada do que os outros Mundos Siderais quanto eles eram em relação à Terra. Somente nós, de Solaria, descobrimos como a vida deve ser vivida. Não nos arrebanhamos como animais e não adotamos os mesmos comportamentos, assim como faziam na Terra, assim como faziam até mesmo nos outros Mundos Siderais. Vivíamos cada um por si, com robôs para nos ajudar, vendo uns aos outros eletronicamente quantas vezes desejássemos, mas raramente entrando no campo de visão natural um do outro. Faz muitos anos desde que vi seres humanos como vejo vocês neste momento, mas devo considerar que vocês são apenas semi-humanos e que suas presenças, portanto, não limitam minha liberdade mais do que uma vaca ou um robô a limitariam. Ainda assim – continuou –, também já fomos semi-humanos. Independentemente de quão perfeita tenhamos feito nossa liberdade, de quanto prosperamos como mestres eremitas de incontáveis robôs, a liberdade nunca era absoluta. Para produzir jovens, eram necessários dois indivíduos em cooperação. Era possível, claro, contribuir com espermatozoides e óvulos para que a execução do processo de fertilização e o consequente desenvolvimento embrionário acontecessem artificialmente, de maneira automatizada. Era possível que a criança vivesse adequadamente sob o cuidado de robôs. Tudo isso podia ser feito, mas os semi-humanos não estavam dispostos a abrir mão do prazer que acompanhava a fecundação biológica. Consequentemente, perversos elos emocionais se desenvolviam, e a liberdade desaparecia. Entendem como isso precisava ser mudado?

– Não, Bander – respondeu Trevize –, pois não medimos liberdade

com os mesmos parâmetros que você.

– Isso porque vocês não sabem o que é liberdade. Vocês nunca viveram fora de aglomerados e não conhecem outra forma de vida além daquela que os força constantemente, mesmo nas menores coisas, a curvar as vontades de vocês às dos outros ou passar seus dias lutando para forçar os outros a curvarem as respectivas vontades às suas, o que é igualmente vil. É possível alguma liberdade nesse contexto? Liberdade não é nada se não for viver da maneira que você bem entende! Exatamente como você quer! Então veio a época em que os terráqueos recomeçaram a expansão do enxame, quando suas multidões compactas mais uma vez vagaram pelo espaço. Os outros Siderais, que não seguiram em rebanhos, como fizeram os terráqueos, mas que se aglomeravam mesmo assim, em grau menor, tentaram competir. Nós, solarianos, não fizemos o mesmo. Previmos o inevitável fracasso em aglomerações. Fomos para o subterrâneo e eliminamos todo contato com o restante da Galáxia. Estávamos determinados a permanecer nós, a qualquer custo. Desenvolvemos robôs e armamentos adequados para proteger nossa superfície aparentemente abandonada, e eles cumpriram suas funções admiravelmente. Naves chegaram e foram destruídas, e então não vieram mais. O planeta foi considerado deserto e depois esquecido, como esperávamos que fosse. Enquanto isso – continuou Bander –, nos subterrâneos, nos dedicamos a solucionar nossos problemas. Ajustamos nossa genética minuciosamente, delicadamente. Tivemos fracassos, mas também alguns sucessos, e investimos nos sucessos. Foram necessários muitos séculos, mas finalmente nos tornamos seres humanos integrais, incorporando os princípios masculinos e femininos em um único corpo, suprindo nosso próprio e completo prazer da maneira que quiséssemos e produzindo, quando desejássemos, óvulos fertilizados para desenvolvimento sob o cuidado de robôs.

– Hermafroditas – disse Pelorat.

– É assim que se diz em sua língua? – perguntou Bander, indiferente. – Nunca ouvi tal palavra.

– Hermafroditismo congela toda chance de evolução – interveio Trevize. – Cada criança é uma cópia genética de seu progenitor hermafrodita.

– Ora – retrucou Bander –, você trata evolução como uma questão de tentativa e erro. Podemos ajustar nossas crianças, se assim

desejarmos. Podemos mudar e manipular os genes e, ocasionalmente, é o que fazemos. Mas já estamos quase em minha residência. Vamos entrar. Está ficando tarde. O sol já não nos oferece calor adequado, e ficaremos mais confortáveis abrigados.

Eles passaram por uma porta que não tinha nenhum tipo de fechadura, mas que se abriu conforme se aproximaram e se fechou atrás deles. Não havia janelas, mas, conforme entraram em um cavernoso aposento, as paredes ganharam vida luminosa. O chão parecia frio, mas era macio e elástico ao toque. Em cada um dos quatro cantos da sala, havia um robô, imóvel.

– Aquela parede – disse Bander, apontando para uma parede oposta à porta que não parecia, de maneira nenhuma, diferente das outras três – é minha tela de visão. O mundo se abre diante de mim através daquela tela, mas minha liberdade não é limitada de maneira nenhuma, pois não tenho obrigação de usá-la.

– Tampouco você pode obrigar outro a usá-la – respondeu Trevize –, caso deseje ver um indivíduo que não queira ser visto.

– Obrigar? – perguntou Bander, com arrogância. – Que façam como bem quiserem, desde que eu possa fazer como eu bem quiser. Favor levar em consideração que não usamos pronomes de gênero ao nos referirmos a nós, habitantes de Solaria.

Havia uma única cadeira no aposento, diante da tela de visão, e Bander sentou-se nela.

Trevize olhou à volta, como se esperasse que outras cadeiras saíssem do chão.

– Podemos nos sentar também? – perguntou.

– Se assim desejarem – respondeu Bander.

Júbilo, sorrindo, sentou-se no chão. Pelorat sentou-se ao seu lado. Trevize, teimoso, permaneceu de pé.

– Conte-me, Bander – disse Júbilo –, quantos seres humanos vivem neste planeta?

– Diga “solarianos”, semi-humana Júbilo. O termo “ser humano” foi contaminado pelo fato de semi-humanos se referirem a si mesmos dessa forma. Poderíamos nos chamar de “humanos plenos”, mas é desajeitado. “Solariano” é o termo apropriado.

– Então, quantos solarianos vivem neste planeta?

– Não estou certo. Não contamos. Talvez doze mil.

– Apenas doze mil, no mundo todo?

– No total, doze mil. Vocês mais uma vez contam quantidade, e nós contamos qualidade. Tampouco entendem liberdade. Se houver outro solariano para disputar meu domínio sobre qualquer parte de minha propriedade, sobre qualquer robô, ser vivo ou objeto, minha liberdade é limitada. Como existem outros solarianos, a limitação da liberdade deve ser a mais distante possível, por meio da separação de todos a ponto de o contato ser praticamente inexistente. Solaria suporta doze mil solarianos em condições que se aproximam do ideal. Acrescente outros e a liberdade será palpavelmente afetada, e o resultado, insuportável.

– Isso significa – interveio Pelorat, subitamente – que todas as crianças devem ser contadas e é necessário equilibrar as mortes.

– Certamente. Isso deve ser verdade para qualquer mundo com população estável... talvez até para o seu.

– E, como provavelmente há poucas mortes, deve haver poucas crianças.

– De fato.

Pelorat concordou com a cabeça e ficou em silêncio.

– O que quero saber – interveio Trevize – é como você fez minhas armas voarem pelo ar. Ainda não explicou isso.

– Ofereci feitiçaria e magia como explicação. Recusa-se a aceitá-las?

– É claro que me recuso. O que acha que sou?

– Nesse caso, você acreditará na conservação de energia, e no aumento necessário da entropia?

– Nisso eu acredito. Mas não posso acreditar que, mesmo em vinte mil anos, vocês tenham alterado essas leis, ou as modificado nem um micrômetro que seja.

– E não fizemos nada disso, semi-indivíduo. Mas, pense. Lá fora, há luz solar – Bander fez um gesto estranhamente gracioso, como se para indicar luz solar em toda a volta. – E há sombra. É mais quente sob a luz do que na sombra, e o calor flui espontaneamente da área iluminada para a área sombreada.

– Está me dizendo o que já sei – retrucou Trevize.

– Mas você talvez saiba há tanto tempo que não pensa mais no assunto. À noite, a superfície de Solaria é mais quente do que os objetos que estão além de sua atmosfera; assim, o calor flui espontaneamente da superfície planetária para o espaço sideral.

– Sei disso também.

– E, de dia ou de noite, o interior do planeta é mais quente do que a superfície. Logo, o calor flui espontaneamente do interior para a superfície. Imagino que também saiba disso.

– O que quer dizer com tudo isso, Bander?

– A transmissão de calor do mais quente para o mais frio, que deve acontecer como diz a segunda lei da termodinâmica, pode ser usada em algo funcional.

– Teoricamente sim, mas a luz do sol é fraca, o calor da superfície planetária é mais fraco ainda, e a velocidade de emanação do calor interior o faz ser o mais fraco de todos. A quantidade de transferência de calor que pode ser aproveitada provavelmente não seria suficiente para levitar nem um pedregulho.

– Depende do equipamento que você usa para tal propósito – disse Bander. – A ferramenta que usamos foi desenvolvida ao longo de milhares de anos e não é nada menos do que uma parte de nosso cérebro.

Bander levantou os cabelos nas laterais de sua cabeça, expondo as partes traseiras de suas orelhas. Girou a cabeça de um lado para o outro e, atrás de cada orelha, havia um inchaço do tamanho e do formato da parte mais larga de um ovo de galinha.

– Essa parte do meu cérebro, e a ausência dela no de vocês, é o que define a diferença entre um solariano e vocês.

48

De vez em quando, Trevize olhava de relance para o rosto de Júbilo, que parecia totalmente concentrada em Bander. Trevize estava cada vez mais certo de que sabia o que estava acontecendo.

Para Bander, apesar de sua adoração quase sagrada pela liberdade, aquela oportunidade única era irresistível. Não havia nenhuma maneira de conversar com robôs com igualdade intelectual, e muito menos, evidentemente, com animais. Comunicar-se com outros solarianos seria desagradável e tal contato seria forçado, nunca espontâneo.

Trevize, Júbilo e Pelorat podiam ser semi-humanos para Bander; podiam não representar, aos seus olhos, nenhuma infração maior a sua

liberdade do que aquela de um robô ou de uma cabra – mas eles eram, intelectualmente, seus iguais (ou quase iguais), e a chance de conversar com eles era um luxo nunca experimentado antes.

Não era de se surpreender, pensou Trevize, que Bander estivesse gabando-se de tal maneira. E Júbilo (Trevize estava ainda mais certo disso) estava encorajando tal atitude, conduzindo gentilmente a mente de Bander para que fizesse o que, de qualquer forma, adoraria fazer.

Júbilo, presumivelmente, acreditava na suposição de que, se Bander falasse bastante, talvez dissesse algo relevante sobre a Terra. Fazia sentido para Trevize, que, mesmo que não estivesse genuinamente curioso sobre o assunto em discussão, se esforçaria para dar continuidade ao diálogo.

– O que fazem esses lóbulos cerebrais? – perguntou Trevize.

– São transdutores – respondeu Bander. – São ativados pela transmissão de calor e convertem a irradiação de calor em energia mecânica.

– Não posso acreditar nisso. A transmissão de calor é insuficiente.

– Pequeno semi-humano, você não raciocina. Se houvesse muitos solarianos juntos, cada um tentando utilizar a transmissão de calor, neste caso, sim, o suprimento de calor seria insuficiente. Entretanto, tenho mais de quarenta mil quilômetros quadrados para mim, e somente para mim. Posso atrair qualquer quantidade de transmissão de calor nessa área sem dividi-la com ninguém. Portanto, a quantidade é suficiente. Compreende?

– É tão fácil assim atrair transmissão de calor em uma área tão vasta? O simples ato de concentração requer uma grande quantidade de energia.

– Talvez, mas não percebo tal consumo. Meus lóbulos transdutores estão constantemente atraindo transmissão de calor para que, quando o uso for requerido, já esteja disponível. Quando conduzi suas armas pelo ar, um volume específico da atmosfera iluminada pelo sol perdeu parte de seus excessos para um volume da área em sombra, para que eu usasse a energia solar para aquele propósito. Porém, em vez de usar equipamentos mecânicos ou eletrônicos para tanto, usei um equipamento neurônico – Bander tocou gentilmente um dos lóbulos transdutores. – É feito com rapidez e eficiência, constantemente e sem esforço.

– Inacreditável – murmurou Pelorat.

– De forma alguma inacreditável – respondeu Bander. – Considere a complexidade dos olhos e das orelhas, e como eles podem transformar pequenas quantidades de fótons e vibrações do ar em informação. Pareceria inacreditável se você nunca tivesse visto nada assim antes. Os lóbulos transdutores não são mais inacreditáveis do que isso, e não pareceriam tão insólitos para você se lhe fossem familiares.

– O que vocês fazem com esses lóbulos transdutores em constante funcionamento? – perguntou Trevize.

– Administramos nosso mundo – disse Bander. – Cada robô nesta vasta propriedade obtém sua energia de mim; ou melhor, da transmissão natural de calor. Esteja o robô ajustando um contato ou derrubando uma árvore, a energia é derivada de transdução mental. Da *minha* transdução mental.

– E quando você dorme?

– O processo de transdução continua, pequeno semi-humano, quer eu esteja dormindo ou não – respondeu Bander. – Você cessa sua respiração quando dorme? Seu coração para de bater? À noite, meus robôs continuam trabalhando, à custa de resfriar um pouco o interior de Solaria. Em escala global, a mudança é imensuravelmente ínfima, e há apenas doze mil de nós; portanto, a energia que usamos não diminui perceptivelmente a vida de nosso sol nem drena o calor interno do mundo.

– Já lhe ocorreu que pode usar isso como uma arma?

Bander encarou Trevize como se ele fosse algo peculiarmente incompreensível.

– Imagino – respondeu – que você esteja dizendo que, baseando-se em transdução, Solaria poderia enfrentar outros mundos que usam armas de energia. Por que deveríamos? Mesmo se pudéssemos vencer armas de energia baseadas em outros princípios, o que está longe de ser algo garantido, qual seria a vantagem? Controle sobre outros mundos? O que iríamos querer com outros mundos, quando temos nosso próprio mundo ideal? Estabelecer nosso domínio sobre semi-humanos e usá-los em trabalhos forçados? Temos nossos robôs, que são muito melhores do que semi-humanos para esses propósitos. Temos tudo. Não queremos nada além de ser deixados em paz. Escutem, vou contar-lhes outra história.

– Vá em frente – disse Trevize.

– Há vinte mil anos, quando as semicriaturas da Terra começaram a

migrar para o espaço e nós nos retiramos para os subterrâneos, os outros Mundos Siderais estavam determinados a se oporem aos novos Colonizadores terráqueos. Por isso, atacaram a Terra.

– A Terra – disse Trevize, tentando esconder a satisfação pelo fato de que, finalmente, o assunto havia surgido.

– Sim, no âmago. Uma estratégia sensata, de certa maneira. Se desejar matar uma pessoa, não golpeie um dedo ou calcanhar, mas o coração. E nossos colegas Siderais, eles próprios não muito distantes da voracidade humana, conseguiram cobrir a superfície da Terra com chamas radioativas, e o mundo tornou-se, em sua maior parte, inabitável.

– Ah, foi isso o que aconteceu – comentou Pelorat, fechando o punho e movendo-o rapidamente, como se martelasse o último prego de uma teoria. – Eu sabia que não poderia ter sido um fenômeno natural. Como isso foi feito?

– Não sei como foi feito – respondeu Bander, indiferente – e, de qualquer maneira, não foi vantajoso para os Siderais. É essa a mensagem importante da história. Os Colonizadores continuaram a se expandir, e os Siderais... definharam e sumiram. Tentaram competir e desapareceram. Nós, solarianos, nos recusamos a competir e nos retiramos. Por isso ainda estamos aqui.

– E os Colonizadores também – disse Trevize, sombrio.

– Sim, mas não para sempre. Esses enxames devem guerrear, devem competir, e vão acabar morrendo. Pode levar dezenas de milhares de anos, mas podemos esperar. E, quando isso acontecer, nós, solarianos, completos, eremitas, livres, teremos a Galáxia toda para nós. Poderemos, então, usar ou não qualquer mundo que desejarmos além do nosso.

– Mas essa questão da Terra – disse Pelorat, estalando os dedos, impaciente. – O que você nos contou é lenda ou fato histórico?

– Como alguém pode distinguir a diferença, semi-Pelorat? – respondeu Bander. – Todo fato histórico é lenda, mais ou menos.

– Mas o que dizem seus registros? Posso ver os registros sobre esse assunto, Bander? Por favor, entenda que a temática de mitos, lendas e história primeva são meu campo de atuação. Sou um acadêmico que lida com essas questões, especialmente aquelas relacionadas à Terra.

– Apenas repito o que ouvi – disse Bander. – Não há registros sobre o assunto. Nossos arquivos lidam exclusivamente com questões

solarianas, e outros mundos são mencionados somente quando nos violam.

– A Terra decerto violou vocês – retrucou Pelorat.

– Talvez. Mas, se for o caso, foi há muito tempo, e a Terra, para nós, era o mais repulsivo de todos os mundos. Se tivéssemos algum registro sobre a Terra, estou certo de que teriam sido destruídos por pura repulsa.

Trevize rangeu os dentes.

– Por vocês mesmos? – perguntou, mortificado.

Bander voltou sua atenção na direção de Trevize.

– Não há mais ninguém para destruí-los – disse.

Pelorat não queria desistir do assunto.

– O que mais você ouviu sobre a Terra?

Bander pensou por um instante.

– Quando eu era jovem – disse –, um robô me contou uma história sobre um terráqueo que, certa vez, visitou Solaria; sobre uma mulher solariana que foi embora com ele e que se tornou uma figura importante na Galáxia. Mas, em minha opinião, creio que era uma história inventada.

– Tem certeza? – Pelorat mordeu o lábio.

– Como posso ter certeza de qualquer coisa sobre esses assuntos? – disse Bander. – Ainda assim, um terráqueo ousar vir a Solaria e Solaria permitir a intrusão é algo que vai além dos limites do verossímil. E é ainda menos provável que uma mulher solariana... éramos semi-humanos naquela época, mas mesmo assim... deixasse este mundo voluntariamente. Mas venham, deixem-me mostrar minha casa.

– Sua casa? – perguntou Júbilo, olhando à volta. – Não estamos na sua casa?

– De jeito nenhum – respondeu Bander. – Esta é uma antessala. Uma sala de visualização. Nela, vejo meus colegas solarianos, quando é preciso. Suas imagens aparecem naquela parede ou no espaço diante da parede, tridimensionalmente. Portanto, este aposento é para assembleias públicas e não faz parte da minha casa. Venham comigo.

Bander foi à frente sem se virar para checar se os outros obedeciam a seu chamado, mas os quatro robôs deixaram seus cantos, e Trevize sabia que, caso ele e seus companheiros não seguissem Bander voluntariamente, os robôs os coagiriam com gentileza.

Os outros dois se levantaram e Trevize sussurrou para Júbilo:

– Está estimulando Bander a conversar?

Júbilo pressionou a mão dele e concordou com a cabeça.

– Ainda assim – ela acrescentou, com um toque de apreensão em sua voz –, não consigo descobrir quais são suas intenções.

49

Eles acompanharam Bander. Os robôs permaneceram a uma distância educada, mas suas presenças eram uma ameaça constante.

Seguiam por um corredor, e Trevize murmurou, desanimado:

– Não há nada útil sobre a Terra neste planeta. Tenho certeza disso. Só mais uma variação da história da radioatividade – deu de ombros. – Precisaremos visitar o terceiro conjunto de coordenadas.

Uma porta se abriu diante deles revelando um pequeno aposento.

– Venham, semi-humanos – disse Bander. – Quero mostrar-lhes como vivemos.

Trevize sussurrou:

– Bander sente um prazer infantil em se exibir. Eu adoraria nocautear essa criatura.

– Não tente competir na infantilidade – disse Júbilo.

Bander conduziu os três para dentro da sala. Um dos robôs os seguiu. Bander gesticulou para que os outros robôs fossem embora e também entrou. A porta se fechou.

– É um elevador – comentou Pelorat, com um ar satisfeito de descoberta.

– De fato – respondeu Bander. – Quando nos mudamos para o subterrâneo, nunca mais emergimos. E nem queremos, mesmo que eu considere agradável sentir a luz do sol, ocasionalmente. Mas não gosto de nuvens ou noites a céu aberto. Passam a sensação de subterrâneo, mesmo sem ser genuinamente subterrâneo, se entendem o que quero dizer. É uma dissonância cognitiva, de certa maneira, e considero isso muito desagradável.

– A Terra construiu no subterrâneo – disse Pelorat. – "Cavernas de Aço", era como chamavam as cidades. E Trantor também teve construções subterrâneas ainda mais extensas nos antigos dias do Império. Comporellon constrói embaixo da terra hoje em dia. É uma tendência comum, se você pensar no assunto.

– Semi-humanos em enxames subterrâneos e nós, vivendo sob a terra em esplendor isolado, são duas coisas radicalmente diferentes – disse Bander.

– Em Terminus – interveio Trevize –, as residências são na superfície.

– E expostas ao clima – respondeu Bander. – Muito primitivo.

O elevador, após a impressão inicial de perda de gravidade – o que revelou a Pelorat sua real função –, não passava nenhuma sensação de movimento. Trevize se perguntou sobre a profundidade a que o equipamento desceria, então houve uma breve sensação de maior gravidade e a porta se abriu.

Diante deles estava um aposento amplo e mobiliado com sofisticação. A iluminação era suave, mas a fonte da luz não era aparente. Era quase como se o próprio ar estivesse sutilmente luminoso.

Para onde quer que Bander apontasse, a luz se intensificava em tal ponto. Apontou para outro lugar, e o mesmo aconteceu. Colocou a mão esquerda em um espesso cetro em um dos lados da porta e, com a mão direita, fez um expansivo gesto circular, o que fez a sala toda iluminar-se, como se estivesse sob luz solar, mas sem a sensação de calor.

– O homem é um charlatão – disse Trevize com uma careta, em um tom razoavelmente alto.

– Não sou "o homem" – retrucou Bander, secamente –, mas "solariano". Não tenho certeza do que significa a palavra "charlatão", mas, se levar em consideração seu tom de voz, é algo ofensivo.

– Significa "aquele que não é genuíno" – disse Trevize –, "aquele que prepara truques para que seus atos pareçam mais impressionantes do que são na realidade".

– Admito que amo o dramático – respondeu Bander –, mas o que lhes mostrei não é um truque. É real – Bander deu toques gentis no cetro sobre o qual estava sua mão esquerda. – Este cetro condutor de calor se estende por vários quilômetros para baixo, e há cetros parecidos em muitos locais convenientes por toda a minha propriedade. Sei que existem cetros similares em outras propriedades. Esses cetros aumentam a velocidade com a qual o calor deixa as regiões mais profundas de Solaria para chegar à superfície e facilita a conversão em energia funcional. Não preciso dos gestos de mão para

fazer luz, mas isso dá um clima teatral ou, talvez, como você apontou, um leve toque do não genuíno. Aprecio esse tipo de coisa.

– Você costuma ter oportunidades para viver o prazer desses pequenos toques dramáticos? – perguntou Júbilo.

– Não – negou Bander com a cabeça. – Meus robôs não se impressionam com coisas do tipo. Os solarianos com quem converso tampouco se interessariam. Essa incomum oportunidade de encontrar semi-humanos e exibir meus dotes é muito prazerosa.

– Havia pouca iluminação nessa sala quando entramos – disse Pelorat. – Ela tem sempre pouca luz?

– Sim, um pequeno uso de energia; é o mesmo para manter os robôs em funcionamento. Minha propriedade inteira está sempre ativada, e as partes que não estão envolvidas em funções ficam em estado de prontidão.

– E você fornece constantemente a energia para essa vasta propriedade?

– O sol e o núcleo do planeta fornecem a energia. Eu sou apenas o conduíte. E nem todas as áreas da propriedade são produtivas. Mantenho a maior parte intocada, selvagem e abastecida com diversas espécies animais; primeiro porque isso protege minhas fronteiras e, segundo, porque aprecio o valor estético de coisas assim. Na verdade, meus pastos e minhas fábricas são pequenos. Precisam suprir apenas minhas necessidades e algumas especialidades para servir como moeda de troca pelas especialidades dos outros. Tenho robôs, por exemplo, que podem fabricar e instalar os cetros condutores de calor conforme a necessidade. Muitos solarianos dependem de mim para isso.

– E sua casa? – perguntou Trevize. – Qual é o tamanho dela?

Deve ter sido a pergunta certeira, pois Bander abriu um sorriso radiante.

– Muito grande. Creio que seja uma das maiores do planeta. Espalha-se por quilômetros em todas as direções. Tenho tantos robôs cuidando de minha residência subterrânea quanto em todos os milhares de quilômetros quadrados da superfície.

– Certamente não vive em toda a sua extensão – questionou Pelorat.

– É possível que haja câmaras nas quais nunca entrei, mas e daí? – disse Bander. – Os robôs mantêm todos os aposentos limpos, bem

ventilados e em ordem. Mas venham, sigam-me.

Eles passaram por uma porta que não era a que tinham usado para entrar e chegaram a outro corredor. Diante deles estava um pequeno carro aberto, que corria por um trilho.

Bander indicou que entrassem e eles, um a um, amontoaram-se a bordo. Não havia espaço suficiente para os quatro e o robô, mas Pelorat e Júbilo se apertaram juntos para garantir espaço para Trevize. Bander sentou-se à frente com um ar de conforto corriqueiro, o robô ao seu lado, e o carro moveu-se sem nenhum sinal de manipulação de comandos, exceto por alguns suaves movimentos esporádicos da mão de Bander.

– Trata-se de um robô em formato de carro, na verdade – explicou Bander, com um ar de indiferença negligente.

Progrediram em um ritmo majestoso, passando suavemente por portas que se abriam conforme se aproximavam e se fechavam quando se afastavam. A decoração de cada aposento era variada, como se os robôs tivessem recebido ordens para criar combinações aleatórias.

Diante deles, o corredor era escuro, assim como para trás. Mas em qualquer ponto em que estivessem havia uma iluminação equivalente à luz solar, sem calor. Os aposentos também se iluminavam conforme as portas se abriam. E, a cada vez, Bander mexia sua mão lenta e graciosamente.

Parecia não haver fim para aquela viagem. Em um momento ou outro, faziam uma curva que deixava claro que a extensão da mansão subterrânea era apenas em duas dimensões. (Não, eram três, pensou Trevize em determinado instante, quando desceram calmamente por um suave declive.)

Havia robôs em toda direção que seguissem, em grandes quantidades – dúzias, centenas –, envolvidos sem pressa em funções cuja natureza Trevize não conseguiu adivinhar com facilidade. Passaram pela porta aberta de uma ampla sala, na qual fileiras de robôs estavam debruçados sobre escrivaninhas, em silêncio.

– O que eles estão fazendo, Bander? – perguntou Pelorat.

– Contabilidade – disse Bander. – Mantendo registros estatísticos, relatórios financeiros, todo tipo de coisas com as quais, fico contente de dizer, não preciso me preocupar. Essa não é uma propriedade ociosa. Aproximadamente um quarto de sua área produtiva é dos pomares; um décimo adicional é de plantações de grãos, mas é dos

pomares que tenho bastante orgulho. Cultivamos as melhores frutas do mundo, e na maior variedade possível. Em Solaria, um pêssego Bander é *o* pêssego. Quase ninguém mais se dá ao trabalho de cultivar pêssegos. Temos vinte e sete variedades de maçãs e... E assim por diante. Os robôs podem dar-lhes todas as informações.

– O que faz com todas essas frutas? – perguntou Trevize. – É impossível comer todas você mesmo.

– Nem sonharia em fazê-lo. Minha apreciação por frutas é apenas moderada. Elas são usadas em negociações com outras propriedades.

– Em troca de quê?

– Material mineral, na maioria. Não tenho nenhuma mina que valha a pena ser mencionada em minhas propriedades. E também troco por qualquer coisa necessária para manter um equilíbrio ecológico saudável. Tenho uma variedade imensa de vida animal e vegetal.

– Imagino que os robôs cuidem de tudo isso – disse Trevize.

– Cuidam. E muito bem, devo dizer.

– Tudo só para você.

– Tudo para a propriedade e seus padrões ecológicos. Acontece que somente eu visito as várias regiões da propriedade, quando quero; e isso faz parte da minha liberdade absoluta.

– Suponho que os outros... os outros solarianos também mantenham um equilíbrio ecológico local – disse Pelorat –, e que tenham pântanos, talvez, ou propriedades em áreas montanhosas ou litorâneas.

– Suponho que sim – respondeu Bander. – Esses assuntos nos ocupam nas conferências que as questões planetárias às vezes tornam necessárias.

– Com que frequência precisam se reunir? – perguntou Trevize. (Eles estavam seguindo por uma passagem bastante longa e estreita, sem salas em nenhum dos lados. Trevize imaginou que aquele corredor talvez passasse por uma área que não permitia nenhuma construção mais larga e servia como ligação entre duas alas que poderiam se estender por áreas maiores.)

– Com frequência demais. É raro um mês em que eu não precise passar algum tempo em conferência com um dos comitês dos quais faço parte. Ainda assim, por mais que eu não tenha montanhas ou pântanos em minha propriedade, meus pomares, viveiros de peixes e

jardins botânicos são os melhores do mundo.

– Mas, meu caro amigo... digo, Bander – interveio Pelorat –, imagino que você nunca tenha deixado sua propriedade e visitado as dos outros...

– Certamente que *não* – respondeu Bander, com um ar de indignação.

– Eu disse que imaginava – disse Pelorat, suavemente. – Nesse caso, como pode ter certeza de que são os melhores se não investigou ou nem mesmo viu os outros?

– Posso chegar a essa conclusão a partir da demanda pelos meus produtos no comércio interpropriedades – retrucou Bander.

– E quanto à fabricação? – perguntou Trevize.

– Há propriedades em que se fabricam ferramentas e maquinário. Como disse, em minha propriedade fazemos os cetros condutores de calor, mas eles são bastante simples.

– E os robôs?

– Os robôs são fabricados aqui e ali. Ao longo da história, Solaria liderou a Galáxia na inteligência e na sofisticação do design de robôs.

– Hoje em dia também, suponho – respondeu Trevize, tomando cuidado para que a entonação transformasse seu comentário em uma afirmação, e não em uma pergunta.

– Hoje em dia? – disse Bander. – Com quem competiríamos hoje em dia? Apenas Solaria fabrica robôs atualmente. Seus mundos não fabricam, se interpreto corretamente o que ouvi nas hiperondas.

– Mas e os outros Mundos Siderais?

– Eu lhe disse. Não existem mais.

– Nenhum?

– Não creio que exista algum Sideral vivo em outro lugar além de Solaria.

– Então não há ninguém que saiba a localização da Terra?

– Por que alguém iria querer saber a localização da Terra?

– Eu quero saber – interveio Pelorat. – É minha área de estudo.

– Então – respondeu Bander –, você precisará estudar em outro lugar. Não sei nada sobre a localização da Terra, tampouco ouvi falar sobre alguém que saiba ou soubesse, e não dou nem o menor pedaço de sucata robótica para saber mais sobre a questão.

O carro parou e, por um momento, Trevize pensou que Bander havia considerado aquilo uma ofensa. Mas o veículo estacionou com

suavidade e Bander, depois de descer, parecia estar com a mesma atitude autoindulgente de antes, liderando os demais pelo caminho.

A iluminação do aposento em que entraram era suave, mesmo depois de Bander tê-la intensificado com um gesto. Era um corredor que seguia para a esquerda e para a direita e, em suas paredes, havia pequenas salas. Em cada uma das pequenas salas estavam um ou dois vasos ornamentados, às vezes cercados por objetos que poderiam ser projetores.

– O que é tudo isso, Bander? – perguntou Trevize.

– São câmaras funerárias ancestrais, Trevize – respondeu Bander.

50

Pelorat olhou à volta com interesse.

– Imagino que as cinzas de seus ancestrais estejam enterradas aqui – disse.

– Se você diz "enterradas" no sentido de "depositadas no solo" – respondeu Bander –, está errado. Podemos estar sob a terra, mas esta é a minha mansão, e as cinzas estão aqui, assim como nós. Em nosso próprio dialeto, dizemos que as cinzas estão "endomiciliadas". – Depois de uma hesitação, completou – "Domicílio" é uma palavra arcaica para "mansão".

Trevize observou os arredores, desinteressado.

– E esses todos são seus ancestrais? – perguntou. – Quantos são?

– Quase cem – disse Bander, sem fazer esforço algum para esconder o orgulho na voz. – Noventa e quatro, se desejar exatidão. É claro que os mais antigos não eram solarianos verdadeiros. Não no sentido atual do termo. Eram semipessoas, masculinos e femininos. Esses semiancestrais foram colocados em urnas vizinhas por seus descendentes imediatos. Não entro nessas câmaras, evidentemente. É deveras vergonhífero. Pelo menos, é essa a palavra solariana; não conheço o equivalente galáctico. Talvez não tenham um.

– E os filmes? – perguntou Júbilo. – Me parece que aquelas coisas são projetores.

– Diários – disse Bander. – As histórias de suas vidas. Cenas em que estão em suas áreas favoritas da propriedade. Assim, não morrem completamente. Partes ancestrais permanecem, e é prerrogativa da

minha liberdade me juntar a essas memórias sempre que quiser; posso assistir a este ou aquele trecho de filme a meu bel-prazer.

– Mas não aos… vergonhíferos.

Os olhos de Bander desviaram-se.

– Não – admitiu –, mas todos nós temos isso em nossa ancestralidade. É uma repulsão comum.

– Comum? Então outros solarianos também têm essas câmaras funerárias? – perguntou Trevize.

– Oh, sim, todos temos, mas a minha é a melhor, a mais sofisticada, a mais perfeitamente preservada.

– Você já preparou sua própria câmara funerária?

– Certamente. Está totalmente construída e designada. Isso foi minha primeira tarefa, quando herdei a propriedade. E, quando eu me imortalizar em cinzas, para falar de maneira poética, o solariano que me suceder providenciará a construção da própria câmara como sua primeira tarefa.

– E você tem alguém para a sucessão?

– Terei, quando chegar o momento. Ainda há muito escopo para a minha vida. Quando eu precisar ir embora, haverá um sucessor adulto, maduro o suficiente para apreciar a propriedade e propriamente lobulado para transdução de energia.

– Será gerado por você, imagino.

– Ah, sim.

– Mas, e se algo inesperado acontecer? – perguntou Trevize. – Suponho que acidentes e infortúnios aconteçam até mesmo em Solaria. O que acontece se um solariano for imortalizado em cinzas prematuramente e não tiver um sucessor para assumir seu lugar, ou, pelo menos, não um que esteja maduro o suficiente para cuidar da propriedade?

– Isso raramente acontece. Em minha linhagem de ancestrais, aconteceu apenas uma vez. Mas, quando é o caso, basta lembrar-se de que existem outros sucessores esperando por outras propriedades. Alguns deles têm idade suficiente para herdar, mas ainda têm progenitores jovens o suficiente para produzirem um segundo descendente e viverem até que este segundo descendente esteja maduro o suficiente para a sucessão. A sucessão de minha propriedade seria atribuída a um desses velhos/jovens sucessores, como são chamados.

– Quem faz essa atribuição?

– Temos um conselho administrativo, e essa é uma de suas poucas funções: a atribuição de um sucessor no caso de cinzamento prematuro. É tudo feito por holovisualização, claro.

– Mas veja bem – interveio Pelorat –, se os solarianos nunca veem uns aos outros, como alguém poderia saber que algum solariano, em algum lugar, foi imortalizado em cinzas inesperadamente... ou até de maneira esperada?

– Quando um de nós é imortalizado em cinzas – respondeu Bander –, toda a energia da propriedade se extingue. Se nenhum sucessor assumir imediatamente, a situação anormal é eventualmente percebida, e medidas de correção são tomadas. Garanto que nosso sistema social funciona perfeitamente.

– Seria possível – disse Trevize – assistir a alguns desses filmes que você tem aqui?

Bander enrijeceu-se.

– Sua ignorância é a única coisa que lhe garante perdão. O que disse é rude e obsceno.

– Peço desculpas por isso – respondeu Trevize. – Não tenho nenhuma intenção de ofender você, mas já explicamos que estamos bastante interessados em obter informações sobre a Terra. Ocorre-me que os filmes mais antigos que possui são datados de uma época antes de a Terra ser radioativa. Logo, esse mundo talvez seja mencionado. Pode haver detalhes sobre a Terra. Certamente não queremos invadir sua privacidade, mas existe alguma possibilidade de você, Bander, investigar esses filmes, ou, talvez, ordenar que um robô faça e então permitir que alguma informação relevante seja fornecida a nós? Mas, claro, se puder respeitar nossas motivações e entender que, em compensação, faremos o máximo possível para respeitar os seus sentimentos, talvez permita que façamos nós mesmos a análise.

– Imagino que você não tenha como saber que está se tornando cada vez mais ofensivo – respondeu Bander, friamente. – Mas podemos acabar com isso de uma vez por todas, pois posso informá-lo de que não há nenhum filme nas câmaras de meus primeiros ancestrais semi-humanos.

– Nenhum? – a decepção de Trevize foi sincera.

– Existiram, no passado. Mas até você pode imaginar o que deveria ser o conteúdo daqueles filmes. Dois semi-humanos demonstrando

interesse um pelo outro, ou até... – Bander pigarreou e esforçou-se para continuar – ...interagindo. Naturalmente, todos os filmes semi-humanos foram destruídos muitas gerações atrás.

– E quanto aos registros de outros solarianos?

– Todos destruídos.

– Você tem certeza?

– Seria loucura não destruí-los.

– Pode ser que alguns solarianos *tenham sido* loucos, ou sentimentais, ou esquecidos. Supomos que você não se recusará a nos dizer como chegar às propriedades vizinhas.

Bander encarou Trevize, surpreso.

– Você acredita que os outros serão tão tolerantes com vocês quanto eu fui?

– Por que não, Bander?

– Vocês descobrirão que não será o caso.

– É um risco que teremos de correr.

– Não, Trevize. Não, nenhum de vocês. Escutem-me.

Havia robôs ao fundo, e Bander franzia o cenho.

– O que foi, Bander? – perguntou Trevize, subitamente apreensivo.

– Apreciei a conversa com vocês três – disse Bander – e a oportunidade de observá-los em todas as suas... esquisitices. Foi uma experiência única, com a qual tive muito prazer, mas que não posso registrar em meu diário, tampouco armazenar em filme.

– Por que não?

– Conversar com vocês, escutar vocês, trazê-los para a minha mansão, trazê-los às câmaras funerárias ancestrais foram todos atos vergonhíferos.

– Não somos solarianos. Somos tão importantes para você quanto esses robôs, não somos?

– A desculpa que uso para mim mesmo é justamente essa. Talvez não sirva ao mesmo propósito para os outros.

– E por que se importa com isso? Tem liberdade absoluta para fazer como quiser, não tem?

– Mesmo do jeito que somos, a liberdade nunca é genuinamente absoluta. Se eu fosse o *único* solariano no planeta, poderia fazer até mesmo coisas vergonhíferas em liberdade total. Mas há outros solarianos e, por conta disso, a liberdade ideal, mesmo que almejada, não é propriamente alcançada. Há doze mil solarianos no planeta que

me repudiariam se soubessem o que fiz.

– Não há nenhum motivo para que eles saibam.

– Isso é verdade. Tive isso em mente desde o momento em que chegaram. Tive isso em mente durante todo o tempo em que me entretive com vocês. Os outros não podem descobrir.

– Se está dizendo – disse Pelorat – que teme complicações resultantes de nossa visita a outras propriedades em busca de informações sobre a Terra, é claro que, naturalmente, não mencionaremos nada sobre tê-lo visitado primeiro. Isso ficou bastante claro.

– Já me arrisquei demais – Bander negou com a cabeça. – Nunca falarei sobre isso, evidentemente. Meus robôs não mencionarão nada e receberão, inclusive, instruções para que não se lembrem de nada. Sua nave será levada ao subterrâneo e analisada em busca de qualquer informação que possa ser útil...

– Espere – interrompeu Trevize. – Quanto tempo acha que podemos esperar aqui enquanto você inspeciona nossa nave? Isso é impossível.

– De jeito nenhum, impossível, pois vocês não poderão protestar. Eu lamento. Gostaria de conversar mais com vocês e discutir muitos outros assuntos, mas, entendam, a questão está ficando cada vez mais perigosa.

– Não, não está – disse Trevize, enfaticamente.

– Sim, está, pequeno semi-humano. Receio que chegou o momento de fazer o que meus ancestrais teriam feito imediatamente. Devo matá-los, todos os três.

12.

Para a superfície

51

TREVIZE VIROU A CABEÇA IMEDIATAMENTE para ver Júbilo. Ela não demonstrava expressão, mas seu rosto estava tenso, e os olhos, fixos em Bander com uma intensidade que a fazia parecer cega para todo o resto.

Os olhos de Pelorat estavam arregalados, recusando-se a acreditar.

Trevize, sem saber o que Júbilo faria – ou o que poderia fazer –, esforçou-se para vencer uma sensação avassaladora de perda (não tanto por causa da ideia de morrer, mas por morrer sem saber a localização da Terra, sem saber por que tinha escolhido Gaia como o futuro da humanidade). Ele precisava ganhar tempo. Lutando para manter a voz estável e a pronúncia clara, disse:

– Você se provou um solariano cortês e amável, Bander. Não se irritou com nossa intrusão em seu mundo. Foi gentil e nos mostrou sua propriedade e sua mansão; respondeu a nossas perguntas. Seria mais condizente com sua personalidade permitir que deixemos o planeta. Ninguém precisa saber que estivemos neste mundo e não teríamos nenhuma razão para voltar. Chegamos aqui na mais pura inocência buscando apenas informações.

– O que você diz é verdade – respondeu Bander, suavemente – e, até este momento, garanti-lhes a vida. Mas suas vidas deixaram de ser suas no instante em que entraram em nossa atmosfera. O que eu poderia, e deveria, ter feito no contato imediato com vocês era tê-los matado prontamente. Eu deveria, então, ter dado ordens para que o robô apropriado dissecasse seus corpos para obter qualquer informação sobre Estrangeiros que pudesse ser conveniente. Não fiz nada disso. Mimei minha própria curiosidade e cedi à minha própria índole despreocupada. Mas já basta. Não posso continuar com isso. Na verdade – continuou –, já comprometi a segurança de Solaria, pois se eu me entregar, seja pela fraqueza que for, à persuasão de permitir

que deixem o planeta, outros de sua espécie certamente viriam em seguida, por mais que prometam que não seria assim. Mas há, pelo menos, uma garantia. Suas mortes serão indolores. Aquecerei o cérebro de vocês levemente, levando-os à inação. Vocês não sentirão dor nenhuma. A vida simplesmente deixará de existir. Eventualmente, quando as autópsias e os estudos estiverem terminados, vou convertê-los em cinzas com um intenso pico de calor e tudo estará terminado.

– Se precisarmos morrer – disse Trevize –, não posso protestar contra uma morte rápida e indolor, mas por que precisaríamos morrer, se não fizemos nada de ofensivo?

– Sua chegada foi uma ofensa.

– Não sob nenhum ponto de vista racional, pois não tínhamos como saber que era uma ofensa.

– É a sociedade que define o que constitui uma ofensa. Para vocês, pode parecer irracional e arbitrário, mas para nós não é, e este é nosso mundo, no qual temos todo o direito de decidir a questão e determinar que vocês fizeram algo errado e que merecem morrer.

Bander sorriu, como se estivesse tendo apenas uma conversa agradável sobre amenidades.

– Tampouco vocês têm direito de argumentar baseados em sua própria virtude superior. Você carrega um desintegrador que usa um feixe de micro-ondas para induzir calor mortífero. Esse feixe faz o que pretendo fazer, mas estou certo de que o faz com muito mais crueza e dor. Você não hesitaria em usá-lo contra mim agora mesmo, se eu não tivesse drenado a energia e cometesse a burrice de permitir que o tirasse do coldre.

Com medo até mesmo de se virar na direção de Júbilo e desviar a atenção de Bander para ela, Trevize, desesperadamente, disse:

– Peço a você que não faça isso, como um ato de clemência.

– Devo, primeiro, demonstrar clemência por mim e pelo meu mundo – respondeu Bander, tornando-se subitamente sombrio. – Para tanto, vocês devem morrer.

Bander ergueu a mão e, instantaneamente, Trevize foi tomado por escuridão.

Por um momento, Trevize sentiu a escuridão sufocando-o e pensou, insanamente: “Isso é a morte?”.

Como se seus pensamentos tivessem gerado um eco, ele ouviu um sussurro:

– Isso é a morte? – era a voz de Pelorat.

Trevize tentou sussurrar, e descobriu que conseguia:

– Por que perguntar? – disse, com uma imensa sensação de alívio. – O simples fato de você poder perguntar demonstra que isso não é a morte.

– Existem lendas antigas sobre haver vida após a morte.

– Bobagem – murmurou Trevize. – Júbilo? Você está aí, Júbilo?

Não houve resposta.

Pelorat ecoou Trevize mais uma vez:

– Júbilo? Júbilo? O que aconteceu, Golan?

– Bander deve estar morto – respondeu Trevize. – Nesse caso, ele não poderia fornecer energia para a propriedade. As luzes se apagariam.

– Mas como? Quer dizer que Júbilo fez isso?

– Suponho que sim. Espero que ela não tenha sofrido nada no processo – ele estava engatinhando na escuridão do subterrâneo (exceto pelos praticamente invisíveis *flashes* de átomos radioativos se chocando contra as paredes).

Então sua mão tocou algo quente e macio. Ele apalpou o objeto e reconheceu uma perna, que segurou. Era claramente pequena demais para ser de Bander.

– Júbilo? – perguntou.

A perna se debateu, forçando Trevize a largá-la.

– Júbilo? – perguntou novamente. – Diga alguma coisa!

– Estou viva – veio a voz de Júbilo, estranhamente distorcida.

– Mas você está bem? – questionou Trevize.

– Não.

Com a resposta, a luz voltou aos arredores, bem fraca. As paredes reluziam de leve, acendendo-se e apagando-se erraticamente.

Bander estava no chão, encolhido em um amontoado nas sombras. A seu lado, apoiando a cabeça sem vida nas mãos, estava Júbilo.

Ela olhou para Trevize e Pelorat.

– Bander morreu – ela disse, e suas bochechas brilhavam na luz tênue por causa das lágrimas.

– Por que está chorando? – Trevize estava chocado.

– E eu não deveria chorar, depois de assassinar uma criatura viva, de pensamentos e inteligência? Não era essa a minha intenção.

Trevize inclinou-se para ajudá-la a se levantar, mas ela o rejeitou.

Pelorat, então, ajoelhou-se ao lado dela.

– Por favor, Júbilo – disse –, nem mesmo você pode trazê-lo de volta à vida. Conte-nos o que aconteceu.

Ela se deixou ser erguida e disse, atordoada:

– Gaia pode fazer o que Bander podia fazer. Gaia pode, através do poder mental, usar energia distribuída desigualmente pelo universo e aplicá-la em funções.

– Eu sabia disso – respondeu Trevize, tentando acalmá-la, mas sem saber como. – Lembro-me de nosso encontro no espaço, quando você, ou melhor, quando Gaia capturou nossa espaçonave. Pensei nisso quando Bander me prendeu depois de pegar minhas armas. Isso aconteceu com você também, mas eu tinha certeza de que poderia ter se libertado, se desejasse.

– Não. Eu falharia, se tivesse tentado. Quando sua nave foi controlada por mim/nós/Gaia – ela disse, com tristeza –, eu e Gaia éramos, verdadeiramente, uma coisa só. Agora, há uma separação hiperespacial que limita as ações que eu/nós/Gaia podemos executar. Além disso, Gaia faz o que faz através do poder absoluto de cérebros combinados. Mesmo assim, todos aqueles cérebros juntos não têm os lóbulos transdutores que este único solariano tinha. Não podemos utilizar a energia com tantas nuances, com tanta eficiência e sem cansar, como ele fazia. Podem ver que não consigo fazer as luzes brilharem mais do que isso, e não sei por quanto tempo posso fazê-las brilhar como agora sem me esgotar. Bander podia fornecer a energia para uma propriedade imensa mesmo quando estava dormindo.

– Mas você venceu – respondeu Trevize.

– Porque Bander não suspeitava de meus poderes – disse Júbilo –, e porque não fiz nada que pudesse denunciar a existência deles. Assim, não suspeitou de mim e não direcionou nenhuma parte de sua atenção a mim. Concentrou-se totalmente em você, Trevize, porque era você quem estava armado (e, mais uma vez, como nos serviu bem o fato de você ter se armado) e eu precisei esperar pela minha oportunidade de cuidar da situação com um golpe rápido e inesperado. Quando Bander estava a ponto de nos matar, quando sua mente estava concentrada

somente nisso e em você, eu pude atacar.

– E funcionou maravilhosamente.

– Como pode dizer algo tão cruel, Trevize? Minha intenção era apenas impedi-lo. Eu queria apenas bloquear o uso que fazia dos lóbulos. No momento de surpresa, quando tentasse nos matar e descobrisse que não conseguiria, ele perceberia, em vez disso, que até a iluminação à nossa volta estaria se apagando, e eu reforçaria meu domínio e o mandaria para um estado dormente prolongado, para então libertar os lóbulos. Assim, a energia continuaria e poderíamos sair dessa mansão, entrar na nave e deixar o planeta. Eu esperava preparar a situação para que, quando Bander enfim acordasse, tivesse se esquecido de tudo o que aconteceu desde o instante em que nos viu. Gaia não tem nenhum desejo de matar para conseguir o que pode ser conseguido sem mortes.

– O que deu errado, Júbilo? – perguntou Pelorat, suavemente.

– Eu nunca vi nada como aqueles lóbulos transdutores, e não tive tempo para manipulá-los e aprender sobre eles. Apenas ataquei vigorosamente com minha manobra de bloqueio e, pelo que parece, não deu certo. Não foi a entrada de energia nos lóbulos que foi bloqueada, mas a saída dela. A energia está sempre entrando naqueles lóbulos em taxas variadas, mas, no geral, o cérebro se protege liberando energia com velocidade proporcional. Porém, uma vez que bloqueei a saída, a energia imediatamente se acumulou nos lóbulos e, em uma mínima fração de segundo, a temperatura subiu a ponto de a proteína cerebral desativar-se explosivamente, e Bander morreu. As luzes se apagaram e eu removi meu bloqueio de imediato, mas, claro, já era tarde demais.

– Não vejo como você poderia ter feito qualquer outra coisa além do que fez, querida – disse Pelorat.

– Como isso pode ser reconfortante, considerando que eu matei?

– Bander estava prestes a nos matar – interveio Trevize.

– Isso era motivo para impedi-lo, não para matá-lo.

Trevize hesitou. Ele não queria mostrar a impaciência que sentia, pois não queria ofender nem deixar Júbilo ainda mais nervosa – ela era, afinal de contas, a única defesa que tinham contra um mundo totalmente hostil.

– Júbilo – disse ele –, chegou o momento de olharmos para além da morte de Bander. Por causa de sua morte, toda a energia da

propriedade está apagada. Isso será percebido por outros solarianos, mais cedo ou mais tarde; provavelmente mais cedo. Eles serão forçados a investigar. Não acho que você poderá evitar o possível ataque combinado de vários deles. E, como você mesma admitiu, não poderá fornecer a limitada energia que consegue fornecer agora por muito mais tempo. Portanto, é importante que voltemos à superfície, e à nossa nave, sem demora.

– Mas, Golan – respondeu Pelorat –, como faremos isso? Seguimos por muitos quilômetros em um caminho cheio de bifurcações. Imagino que aqui embaixo seja um labirinto, e não tenho a mais ínfima ideia de onde ir para alcançar a superfície. Meu senso de direção sempre foi péssimo.

Trevize, olhando em volta, percebeu que Pelorat estava certo.

– Imagino que devam haver várias saídas para a superfície – disse –, não precisamos ir atrás da que usamos para entrar.

– Mas não sabemos onde está nenhuma dessas aberturas. Como as encontraremos?

Trevize se virou mais uma vez para Júbilo.

– Consegue detectar qualquer coisa, mentalmente, que possa nos ajudar a achar a saída?

– Os robôs nessa propriedade estão todos inativos – respondeu Júbilo. – Posso detectar um leve traço de vida subinteligente diretamente acima de nós, mas tudo o que isso indica é que a superfície está acima, o que já sabemos.

– Certo – disse Trevize. – Então vamos procurar por alguma saída.

– Tentativa e erro – comentou Pelorat, horrorizado. – Nunca sairemos daqui.

– Talvez dê certo, Janov – disse Trevize. – Se procurarmos, há uma chance, por menor que seja. A alternativa é simplesmente ficar aqui, e se fizermos *isso*, nunca sairemos. Deixe disso, uma chance pequena é melhor do que chance nenhuma.

– Esperem – interveio Júbilo. – Estou captando alguma coisa.

– O quê? – perguntou Trevize.

– Uma mente.

– Inteligência?

– Sim, mas creio que limitada. O que capto com bastante clareza é outra coisa.

– O quê? – perguntou Trevize, mais uma vez lutando contra a

impaciência.

– Pavor! Pavor insuportável! – sussurrou Júbilo.

53

Trevize observou os arredores, pesaroso. Sabia por onde tinham entrado, mas não tinha nenhuma ilusão de que seria capaz de reproduzir o caminho que seguiram para chegar ali. Ele tinha, afinal, prestado pouca atenção às curvas e sinuosidades. Quem imaginaria que estariam nessa situação, em que precisariam refazer a rota sozinhos, sem ajuda e com apenas uma luz fraca e incerta para guiá-los?

– Você acha que pode ativar o carro, Júbilo? – perguntou.

– Tenho certeza de que poderia, Trevize – respondeu Júbilo –, mas isso não quer dizer que conseguiria pilotá-lo.

– Acredito que Bander o dirigia mentalmente – disse Pelorat. – Não vi o solariano tocar em nada enquanto o equipamento se movia.

– Sim, controlava mentalmente, Pel – respondeu Júbilo, gentilmente –, mas *como* mentalmente? É o mesmo que dizer que controlava pelos comandos. Se eu não souber os detalhes sobre o uso dos comandos, isso não ajuda, ajuda?

– Você pode tentar – disse Trevize.

– Se eu tentar, precisarei dedicar toda a minha mente a isso e, se assim o fizer, duvido que consiga manter as luzes acesas. O carro não nos ajudará em nada no escuro, mesmo que eu aprenda a comandá-lo.

– Portanto, imagino que seja melhor seguirmos a pé.

– Receio que sim.

Trevize examinou a escuridão maciça e sombria que se estendia diante da área mais próxima deles. Não viu nada, não ouviu nada.

– Júbilo, você ainda capta essa mente assustada? – perguntou.

– Sim.

– Sabe dizer onde ela está? Pode nos guiar até ela?

– A percepção mental é uma linha reta. Não é refratada perceptivelmente por matéria comum, então só posso dizer que vem daquela direção – ela apontou para determinado trecho da parede obscura. – Mas não podemos atravessar a parede para chegar até ela. O máximo que podemos fazer é seguir pelos corredores e tentar

encontrar o caminho que faça a sensação ficar cada vez mais forte. Em resumo, seremos obrigados a jogar “quente e frio”.

– Então comecemos agora mesmo.

Pelorat ficou para trás.

– Espere, Golan – disse. – Será que queremos mesmo encontrar essa coisa, o que quer que seja? Se ela está assustada, pode ser que também tenhamos motivos para ficar.

– Não temos escolha, Janov – Trevize negou impacientemente com a cabeça. – Assustada ou não, é uma mente, e pode estar disposta, ou pode ser forçada, a nos direcionar à superfície.

– E vamos simplesmente deixar Bander aqui? – perguntou Pelorat, incomodado.

Trevize o segurou pelo cotovelo.

– Vamos, Janov. Também não temos escolha nisso. Eventualmente, algum solariano reativará o lugar e um robô encontrará Bander e tomará conta de tudo; espero que depois de estarmos longe e em segurança.

Ele permitiu que Júbilo guiasse o caminho. A luz era sempre mais forte perto dela, e ela parava em cada porta e em cada bifurcação no corredor, tentando perceber a direção de onde vinha o pavor. De vez em quando, entrava por uma porta ou fazia uma curva e então voltava para tentar um caminho alternativo, enquanto Trevize apenas observava, sem poder fazer nada.

Toda vez que Júbilo tomava uma decisão e seguia firmemente em alguma direção específica, a luz se acendia diante dela. Trevize percebeu que a luz parecia, agora, um pouco mais forte – ou seus olhos estavam se adaptando ao escuro, ou Júbilo estava aprendendo a lidar com a transdução de maneira mais eficiente. Em certo momento, quando ela passou por um dos cetros metálicos fincados no chão, colocou a mão sobre ele e as luzes ficaram perceptivelmente mais fortes. Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, como se estivesse satisfeita consigo mesma.

Nada parecia familiar; era certo que estavam vagando por partes da infinita mansão subterrânea pelas quais não tinham passado ao entrarem ali.

Trevize procurou por corredores que levassem para cima e tentou complementar essa estratégia analisando os tetos, em busca de algum alçapão. Não surgiu nada do tipo, e a mente apavorada continuava

sendo a única chance de encontrar uma saída.

Caminharam através do silêncio, com exceção dos próprios passos; através da escuridão, com exceção da luz que os acompanhava; através da morte, com exceção das próprias vidas. De vez em quando, enxergavam os volumes sombrios de um robô, sentado ou em pé na escuridão, sem nenhum movimento. A certa altura, viram um robô caído de lado, com braços e pernas em uma posição estranha. Havia sido pego sem equilíbrio, pensou Trevize, no momento em que a energia fora desligada, e caiu. Bander, vivo ou morto, não podia afetar a força da gravidade. Por toda a extensão da vasta propriedade, deveriam haver robôs, de pé ou no chão, inativos, e seria isso o que rapidamente se veria nas fronteiras.

Ou talvez não, pensou, de súbito. Os solarianos saberiam quando um deles estivesse morrendo por causa da idade e da decadência física. O mundo seria alertado e estaria pronto. Mas Bander havia morrido subitamente, sem a possibilidade de previsão, no auge de sua existência. Quem poderia saber? Quem poderia esperar? Quem estaria vigiando, em busca de inatividade?

Mas não (e Trevize rejeitou o otimismo e a consolação como iscas perigosas da confiança excessiva). Os solarianos perceberiam a interrupção de todas as atividades da propriedade de Bander e agiriam imediatamente. Todos tinham interesse demais na sucessão de propriedades para deixar a morte de lado.

– A ventilação parou – murmurou Pelorat, triste. – Um lugar destes, subterrâneo, precisa de ventilação, e Bander fornecia a energia. Agora, parou.

– Não importa, Janov – respondeu Trevize. – Temos ar suficiente neste complexo subterrâneo vazio para durar anos.

– Não faz diferença. É psicologicamente ruim.

– Por favor, Janov, não fique claustrofóbico. Júbilo, estamos chegando perto?

– Bem perto, Trevize – ela respondeu. – A sensação está mais forte e identifico a direção com mais clareza.

Ela caminhava com mais convicção, hesitando menos nos pontos em que precisava escolher uma direção.

– Ali! Ali! – disse Júbilo. – Posso sentir com intensidade.

– Até eu posso ouvir, agora – respondeu Trevize, secamente.

Os três pararam e, automaticamente, seguraram o fôlego. Podiam

ouvir um tênue lamento, intercalado por soluços ofegantes.

Entraram em um amplo aposento e, conforme as luzes se acenderam, viram que, diferentemente das salas que tinham visto até então, aquela era colorida e cheia de móveis.

No centro da sala estava um robô, levemente inclinado, os braços esticados no que parecia um gesto quase afetuoso e, claro, absolutamente imóvel.

Atrás do robô havia um amontoado de roupas que se mexia. Um olho redondo e assustado surgiu em um dos lados, e o som de triste lamento continuava.

Trevize adiantou-se e desviou do robô; do outro lado, uma pequena figura saiu correndo com um grito agudo. Tropeçou, caiu no chão e ficou ali, cobrindo os olhos, chutando com as pernas em todas as direções, como se quisesse afastar ameaças que se aproximassem por qualquer direção, e gritando, gritando...

– É uma criança! – disse Júbilo, sem necessidade.

54

Trevize retraiu-se, intrigado. O que fazia uma criança naquele lugar? Bander tinha demonstrado tanto orgulho de sua solidão absoluta, era tão insistente em defendê-la.

Pelorat, menos inclinado a recorrer a um raciocínio resoluto diante de um evento misterioso, chegou à solução prontamente.

– Imagino que seja um sucessor – disse.

– Descendente de Bander – concordou Júbilo –, mas jovem demais, creio, para ser um sucessor. Os solarianos precisarão procurá-lo em outro lugar.

Ela fitava a criança sem encará-la, mas de uma maneira gentil e encantadora. Lentamente, os sons que a criança fazia foram diminuindo. Ela abriu os olhos e devolveu o olhar a Júbilo. Seus gritos se reduziram a uma ocasional lamúria suave.

Júbilo também começou a fazer sons, sons reconfortantes, palavras soltas que não faziam muito sentido por si próprias, mas que reforçavam os efeitos calmantes de seus pensamentos. Era como se ela estivesse acariciando a desconhecida mente da criança e procurasse apaziguar suas emoções conturbadas.

Lentamente, sem nunca tirar os olhos de Júbilo, a criança se levantou. Ficou parada por um momento, hesitante, e então disparou na direção do robô congelado e silencioso. Jogou os braços ao redor da sólida perna robótica, como se estivesse ávido pela segurança daquele toque.

– Suponho que o robô seja sua babá ou governanta – disse Trevize. – É provável que um solariano não possa cuidar de outro, nem mesmo pais de seus filhos.

– E eu suponho que a criança seja hermafrodita – completou Pelorat.

– Deve ser – respondeu Trevize.

Júbilo, ainda totalmente concentrada na criança, aproximava-se dela lentamente, mãos semierguidas, palmas voltadas para si, como para enfatizar que não havia nenhuma intenção de agarrar a pequena criatura. Agora a criança estava em silêncio, observando a aproximação e segurando o robô com ainda mais força.

– Pronto, criança... acolhedor, criança... – dizia Júbilo. – Gentil, criança... acolhedor, confortável, seguro, criança... Seguro... seguro...

Júbilo parou e, sem olhar para trás e em um tom baixo, disse:

– Pel, converse com ela na língua dela. Diga que somos robôs e que viemos cuidar dela, pois a energia falhou.

– Robôs! – retrucou Pelorat, surpreso.

– Temos que ser apresentados como robôs. A criança não teme robôs. Nunca viu um ser humano, talvez não possa nem conceber o que são.

– Não sei se consigo pensar na expressão certa – disse Pelorat. – Não sei a palavra arcaica para "robô".

– Então diga "robô", Pel. Se não funcionar, diga "coisa de ferro". Diga o que souber dizer.

Devagar, palavra por palavra, Pelorat falou o idioma arcaico. A criança olhou para ele, franzindo intensamente as sobrancelhas, tentando compreender.

– Pode perguntar também sobre como sair daqui – disse Trevize –, já que está falando com ela.

– Não – interveio Júbilo. – Ainda não. Confiança primeiro, depois informação.

A criança, agora observando Pelorat, afrouxou vagarosamente os braços que seguravam o robô e começou a falar, com uma voz musical

e aguda.

– Está falando rápido demais para eu entender – disse Pelorat, ansioso.

– Peça para que repita mais devagar – respondeu Júbilo. – Estou fazendo o máximo que posso para acalmá-la e eliminar seus medos.

Pelorat, ouvindo a criança mais uma vez, disse:

– Acho que está perguntando sobre o que fez Jemby parar. Jemby deve ser o robô.

– Pergunte, para termos certeza, Pel.

Pelorat falou, então ouviu.

– Sim, Jemby é o robô – confirmou Pelorat. – A criança chama-se Fallom.

– Que bom! – Júbilo sorriu para a criança, um sorriso luminoso e feliz, direcionado a ela. – Fallom. Fallom, amável. Fallom, corajosa. – Ela colocou uma mão no próprio peito e completou: – Júbilo.

A criança sorriu. Era muito bonita quando sorria.

– Júbilo – disse a criança, sibilando o "j".

– Júbilo – interrompeu Trevize –, se você puder ativar o robô, Jemby, ele pode nos dizer o que queremos saber. Pelorat pode falar com ele da mesma forma que falou com a criança.

– Não! – respondeu Júbilo. – Isso seria errado. O primeiro dever do robô é proteger a criança. Se for ativado e perceber de imediato a nossa presença, perceber seres humanos desconhecidos, pode nos atacar instantaneamente. Nenhum ser humano desconhecido deveria estar aqui. Se eu, então, for forçada a desativá-lo, ele não poderá nos dar informação nenhuma, e a criança, ao testemunhar um segundo desligamento do único pai que conhece... Eu simplesmente não vou fazer isso.

– Mas nos foi dito – disse Pelorat, com suavidade – que robôs não podem ferir seres humanos.

– Assim nos foi dito – respondeu Júbilo –, mas não nos foi dito que tipos de robô esses solarianos criaram. E, mesmo que esse robô não tenha sido projetado para atacar, ele teria que fazer uma escolha entre a criança, ou a coisa mais próxima de uma criança que puder ter, e três objetos que talvez nem reconheça como seres humanos, apenas como intrusos. Naturalmente, escolheria a criança e nos atacaria – ela se voltou para a criança mais uma vez. – Fallom. Júbilo. – Ela apontou: – Pel. Trev.

– Pel, Trev – repetiu a criança, obediente.

Júbilo chegou ainda mais perto; suas mãos lentamente esticando-se na direção de Fallom. A criança a observou e, então, deu um passo para trás.

– Calma, Fallom – disse Júbilo. – Fallom, amável. Fallom, tocar. Fallom, bondosa.

Fallom deu um passo em sua direção. Júbilo expirou.

– Fallom, amável – disse.

Ela tocou o braço exposto de Fallom. Assim como Bander, a criança usava uma túnica aberta na frente e um tecido que cobria a pelve. O toque foi gentil. Ela tirou a mão, esperou e fez contato novamente, acariciando de leve.

Os olhos da criança semicerraram-se sob o forte e apaziguador efeito da mente de Júbilo.

As mãos de Júbilo subiram devagar, com delicadeza, quase sem tocar, até os ombros da criança, seu pescoço, suas orelhas e, então, sob os longos cabelos marrons, em um ponto logo acima e atrás das orelhas.

Então, ela relaxou os braços e disse:

– Os lóbulos transdutores ainda são pequenos. O osso craniano ainda não se desenvolveu. Há apenas uma camada mais grossa de pele, que eventualmente se expandirá e será cercada de osso, depois que os lóbulos crescerem. Isso significa que, no momento, a criança não pode controlar a propriedade, nem ativar seu robô pessoal. Pergunte quantos anos tem, Pel.

Depois de um diálogo, Pelorat respondeu:

– Tem quatorze anos, se entendi direito.

– Parece ter onze.

– A duração dos anos neste mundo – disse Júbilo – pode não ser muito próxima à dos anos no Padrão Galáctico. Além disso, dizem que os Siderais têm ciclos de vida mais extenso e, se os solarianos forem iguais aos outros Siderais nesse quesito, talvez tenham também períodos de desenvolvimento mais longos. Por isso, não podemos usar anos como referência.

– Chega de antropologia – respondeu Trevize, com um impaciente estalo de língua. – Precisamos ir até a superfície e, como estamos lidando com uma criança, talvez estejamos perdendo tempo. Ela talvez não saiba a rota para a superfície. Talvez nunca tenha estado na

superfície.

– Pel! – disse Júbilo.

Pelorat sabia o que ela queria e, em seguida, teve a conversa mais longa com Fallom até então.

– A criança sabe o que é o sol – afirmou Pelorat, finalmente. – Diz que já viu. *Acho* que já viu árvores. Não agiu como se tivesse certeza sobre o significado da palavra, ou, pelo menos, o significado da palavra que *eu* usei...

– Sim, Janov – interrompeu Trevize –, mas vá ao que interessa.

– Disse a Fallom que, se puder nos levar até a superfície, talvez seja possível que ativemos o robô. Na verdade, eu falei que a gente *ativaria* o robô. Será que podemos fazer isso?

– Vamos nos preocupar com isso depois – respondeu Trevize. – A criança falou que nos guiará?

– Sim. Achei que ela se esforçaria mais para nos ajudar, sabe, se eu fizesse essa promessa. Imagino que corremos o risco de desapontá-la...

– Vamos – disse Trevize –, vamos começar o trajeto. Tudo isso será teoria se formos pegos aqui embaixo.

Pelorat falou alguma coisa para a criança, que começou a andar, e então parou e olhou para Júbilo.

Júbilo estendeu a mão e os dois caminharam de mãos dadas.

– Sou o novo robô – comentou Júbilo, sorrindo de leve.

– A criança parece consideravelmente feliz com isso – respondeu Trevize.

Fallom saltitava e, por um momento, Trevize se perguntou se a criança estaria feliz simplesmente porque Júbilo a condicionara para tanto ou se, além disso, havia empolgação pela visita à superfície e por ter três novos robôs, ou se era entusiasmo pela ideia de recuperar seu pai adotivo, Jemby. Não que aquilo fosse importante, desde que a criança os guiasse.

Parecia não haver hesitação no progresso de Fallom. Sempre que estava diante de uma escolha de caminhos, virava em uma direção sem hesitar. Será que a criança sabia mesmo para onde estava indo ou era apenas uma questão de indiferença infantil? Estaria simplesmente participando de uma brincadeira, sem fim à vista?

Mas Trevize percebia, pelo pequeno esforço exigido pelo trajeto, que estavam seguindo para cima, e Fallom, saltitando adiante com autoconfiança, apontou para a frente e falou algo.

Trevize olhou para Pelorat, que pigarreou e disse:

– *Acho* que está dizendo “porta”.

– Espero que você esteja certo – respondeu Trevize.

A criança se separou de Júbilo e correu. Apontou para uma parte do chão que parecia mais escura do que a área imediatamente à sua volta. A criança pisou naquela parte, pulando algumas vezes, então se virou com uma clara expressão de desalento e disse algo em tom agudo e variável.

– Preciso fornecer a energia – disse Júbilo, com uma careta. – Isso está me esgotando.

Seu rosto enrubesceu suavemente e as luzes diminuíram, mas a porta se abriu logo à frente de Fallom, que riu com encanto de soprano.

A criança atravessou a porta correndo, e os dois homens a seguiram. Júbilo saiu por último, e olhou para trás no momento em que as luzes de dentro diminuíram e a porta se fechou. Então, ela parou para recuperar o fôlego, parecendo exausta.

– Bom – disse Pelorat. – Saímos. Onde está a nave?

Os quatro eram banhados pelo ainda luminoso crepúsculo.

– Me parece que era naquela direção – murmurou Trevize.

– Tenho a mesma impressão – disse Júbilo. – Vamos caminhar – e ela estendeu a mão para Fallom.

Não havia nenhum som além dos produzidos pelo vento e pela movimentação e as vozes dos animais. Em certo momento, passaram por um robô imóvel na base de uma árvore, segurando um objeto cuja função era um mistério.

Pelorat deu um passo na direção do robô, aparentemente curioso.

– Não é problema nosso, Janov – disse Trevize. – Siga em frente.

Passaram por outro robô, a uma distância maior, que estava caído.

– Deve haver robôs espalhados por muitos quilômetros, em todas as direções – comentou Trevize. Então, triunfante: – Ah! Ali está a nave.

Eles apressaram o passo, mas então pararam subitamente. Fallom, com entusiasmo, emitiu um guincho agudo.

No chão, perto da nave, havia o que parecia ser uma pequena embarcação aérea de design primitivo, com um motor e uma hélice que pareciam dispendiosos em termos de combustível, e fuselagem frágil. De pé, ao lado da embarcação e entre o pequeno grupo de Estrangeiros e sua nave, estavam quatro figuras humanas.

– Tarde demais – disse Trevize. – Desperdiçamos tempo demais. E agora?

– Quatro solarianos? – questionou Pelorat, intrigado. – Não pode ser. Eles certamente não aceitariam proximidade física como aquela. Será que são holoimagens?

– Eles são completamente materiais – disse Júbilo. – Tenho certeza disso. E não são solarianos. Suas mentes são inconfundíveis. São robôs.

55

– Pois bem – disse Trevize, cansado –, avancemos.

Com um ritmo tranquilo, continuou a caminhar na direção da nave, e os outros o seguiram.

– O que pretende fazer? – perguntou Pelorat, sem fôlego.

– Se são robôs, precisam obedecer a ordens.

Os robôs esperavam por eles, e Trevize os analisou com cuidado conforme se aproximaram.

Sim, certamente eram robôs. Seus rostos, que pareciam ser feitos de pele sobre carne, eram curiosamente inexpressivos. Estavam vestidos com uniformes que não expunham nenhum centímetro quadrado de pele além do rosto. Até as mãos estavam cobertas por luvas finas e opacas.

Trevize gesticulou casualmente de uma maneira que indicava, sem dúvida, um brusco pedido para que saíssem da frente.

Os robôs não se mexeram.

Em tom baixo, Trevize disse a Pelorat:

– Verbalize, Janov. Seja firme.

Pelorat pigarreou e, com um tom de barítono com o qual não estava acostumado, falou lentamente, indicando com gestos da mesma maneira que Trevize havia feito. Em resposta, um dos robôs, talvez um pouco mais alto do que os outros, disse algo em uma voz fria e incisiva.

– Acho que disse que somos Estrangeiros – Pelorat informou Trevize.

– Diga-lhe que somos seres humanos e que devem nos obedecer.

Então o robô falou, em um galáctico peculiar, mas compreensível:

– Eu entendo o que diz, Estrangeiro. Falo galáctico. Somos robôs-

guardiões.

– Então me ouviu quando eu disse que somos seres humanos e, portanto, vocês devem nos obedecer.

– Somos programados para obedecer apenas regentes, Estrangeiro. Vocês não são regentes e não são solarianos. O regente Bander não respondeu ao contato rotineiro e viemos investigar presencialmente. É nossa função. Encontramos uma espaçonave de fabricação não solariana, a presença de diversos Estrangeiros e todos os robôs de Bander desativados. Onde está o regente Bander?

Trevize negou com a cabeça e pronunciou as palavras lenta e cuidadosamente:

– Não sabemos nada sobre o que estão dizendo. Nosso computador de bordo não está em bom funcionamento. Nos aproximamos deste planeta desconhecido contra nossa vontade. Aterrissamos para descobrir nossa localização. Encontramos todos os robôs inativos. Não sabemos nada sobre o que pode ter acontecido.

– Tal relato não é crível. Se todos os robôs da propriedade estão inativados e toda a energia está desligada, o regente Bander deve estar morto. Não é lógico supor que ele tenha morrido coincidentemente no momento em que aterrissaram. Deve haver algum tipo de conexão causal.

– Mas a energia não está desligada. Você e os outros estão ativos – respondeu Trevize, sem nenhum propósito além de complicar a questão e indicar sua própria ignorância de forasteiro e, portanto, sua inocência.

– Somos robôs-guardiões. Não pertencemos a nenhum regente. Pertencemos ao mundo todo. Não estamos sob controle regencial e somos abastecidos por energia nuclear. Repito a pergunta. Onde está o regente Bander?

Trevize olhou ao seu redor. Pelorat parecia ansioso; Júbilo estava com os lábios cerrados, mas calma. Fallom tremia, mas a mão de Júbilo tocou o ombro da criança e ela se enrijeceu de leve; seu rosto tornou-se inexpressivo. (Estaria Júbilo sedando-a?)

– Novamente, e pela última vez, onde está o regente Bander? – exigiu o robô.

– Eu não sei – respondeu Trevize, inflexível.

O robô fez um gesto com a cabeça e dois de seus companheiros foram embora rapidamente.

– Meus colegas guardiões farão uma busca pela mansão – disse o robô. – Enquanto isso, vocês serão detidos para interrogatório. Entregue-me esses objetos que carrega na cintura.

Trevize deu um passo para trás.

– Eles são inofensivos – afirmou.

– Não se mova novamente. Não estou perguntando sobre a natureza dos objetos, sejam nocivos ou inócuos. Ordeno que os entregue.

– Não.

O robô deu um veloz passo à frente e seu braço ergueu-se rápido demais para Trevize perceber o que estava acontecendo. A mão do robô agarrou seu ombro e apertou, forçando-o para baixo. Trevize ficou de joelhos.

– Os objetos – disse o robô, estendendo a outra mão.

– Não – arfou Trevize.

Júbilo adiantou-se, puxou a pistola do coldre de Trevize – que, imobilizado pela força do robô, não pôde impedi-la – e estendeu a arma para o robô.

– Aqui está, guardião – ela disse –, e se me der um segundo... Aqui está o outro. Agora, solte meu companheiro.

O robô, com as duas armas na mão, deu um passo para trás. Trevize levantou-se devagar, esfregando vigorosamente seu ombro esquerdo, o rosto contorcido de dor.

(Fallom choramingou de leve e Pelorat a pegou no colo, distraído, e a segurou com firmeza.)

Em um furioso sussurro, Júbilo disse a Trevize:

– Por que o está enfrentando? Ele pode matá-lo com dois dedos.

Trevize gemeu e, entre dentes cerrados, respondeu:

– Por que *você* não lida com ele?

– Estou tentando. Leva tempo. A mente dele é fechada, com programação rigorosa, e não há espaço para manipular. Preciso estudá-la. Tente ganhar tempo.

– Não estude aquela mente, apenas a destrua! – disse Trevize, quase sem som.

Júbilo olhou rapidamente na direção do robô. Ele estudava as armas com atenção, enquanto o outro robô vigiava os Estrangeiros. Nenhum dos dois parecia interessado nos sussurros entre Trevize e Júbilo.

– Não. Sem destruição – respondeu Júbilo. – Matamos um cachorro

e ferimos outro no primeiro mundo. Você sabe o que aconteceu neste mundo. – (Outra olhadela rápida na direção dos robôs-guardiões.) – Gaia não massacra vidas ou inteligências sem necessidade. Preciso de tempo para resolver isso pacificamente.

Ela deu um passo para trás e encarou o robô fixamente.

– Essas coisas são armas – disse o robô.

– Não – respondeu Trevize.

– Sim – disse Júbilo –, mas não são mais úteis. A energia de ambas foi drenada.

– É mesmo? Por que carregariam armas sem energia? Talvez elas não tenham sido drenadas. – O robô segurou uma das armas em punho e colocou seu dedo no gatilho. – É essa a forma de ativá-la?

– Sim – respondeu Júbilo. – Se você apertasse o gatilho, ela seria ativada, se tivesse energia. Mas não tem.

– Isso é verdade? – O robô apontou a arma para Trevize. – Ainda afirma que, se eu ativá-la agora, ela não funcionará?

– Ela não funcionará – disse Júbilo.

Trevize estava petrificado, incapaz de articular qualquer frase. Ele testara a pistola depois de Bander a drenar e ela estava totalmente vazia, mas o robô estava segurando o chicote neurônico. Trevize não tinha testado o chicote.

Se o chicote neurônico tivesse até mesmo um pequeno resíduo de energia, haveria o suficiente para estimular os nervos da dor, e o que Trevize sentiria faria com que a mão do robô agarrando seu ombro parecesse um tapinha de afeição.

No treinamento militar, Trevize tinha sido forçado a sofrer uma leve chicotada neurônica, como acontece com todos os cadetes. Era para que conhecesse a sensação. Trevize não tinha a menor curiosidade em saber mais.

O robô ativou a arma e, por um momento, Trevize enrijeceu todo o corpo – e então, lentamente, relaxou. O chicote também estava vazio.

O robô encarou Trevize e jogou as duas armas para o lado.

– Como se drena a energia dessas armas? – questionou. – Se não têm nenhuma utilidade, por que as carrega?

– Estou acostumado com o peso e as carrego mesmo quando estão vazias.

– Isso não faz sentido – retrucou o robô. – Estão todos presos. Serão mantidos sob custódia para interrogatórios mais completos e, se assim

decidirem os regentes, serão desativados. Como se abre essa espaçonave? Precisamos revistá-la.

– Não lhe será útil – disse Trevize. – Não irá compreendê-la.

– Se eu não compreender, os regentes compreenderão.

– Eles tampouco compreenderão.

– Então você há de explicar para que eles entendam.

– Não explicarei.

– Então será desativado.

– Minha desativação não garantirá nenhuma explicação, e acredito que serei desativado mesmo que explique.

– Continue – murmurou Júbilo. – Estou começando a desvendar o funcionamento de sua mente.

O robô ignorou Júbilo. (Era ela quem estava fazendo isso?, pensou Trevize, torcendo com todas as forças para que a resposta fosse afirmativa.)

– Se você criar dificuldades – disse o robô, com a atenção inexoravelmente voltada para Trevize –, desativaremos apenas parte de você. Danificaremos você e então nos dirá o que queremos saber.

– Espere! – gritou Pelorat, subitamente, com a voz parcialmente estrangulada. – Você não pode fazer isso. Guardião, você não pode fazer isso.

– Sigo instruções detalhadas – respondeu o robô, calmamente. – Posso, sim. Farei, é claro, o mínimo de dano que seja consistente com a obtenção da informação.

– Mas você não pode. De jeito nenhum. Sou um Estrangeiro, assim como estas minhas duas companhias. Mas esta criança – e Pelorat olhou para Fallom, que ainda carregava no colo – é solariana. A criança lhe dirá o que fazer e você deve obedecê-la.

Fallom olhou para Pelorat com olhos arregalados, mas que pareciam vazios. Júbilo negou veementemente com a cabeça, mas Pelorat não demonstrou nenhum sinal de entender o gesto.

Os olhos do robô se voltaram brevemente na direção de Fallom.

– A criança não é de nenhuma importância – disse. – Não tem lóbulos transdutores.

– Ainda não tem lóbulos transdutores totalmente desenvolvidos – respondeu Pelorat, ofegante –, mas terá, com o tempo. É uma criança solariana.

– É uma criança, mas sem lóbulos transdutores plenamente

desenvolvidos, não é um solariano. Não sou compelido a seguir suas ordens nem protegê-la.

– Mas é descendente do regente Bander.

– É mesmo? Como sabe disso?

Pelorat gaguejou, como fazia às vezes, quando tentava falar muito sério.

– Que-que outra criança estaria nesta propriedade?

– Como sabe que não há uma dúzia delas?

– Você viu alguma outra?

– Sou eu que faço as perguntas.

Nesse momento, a atenção do robô foi desviada quando o segundo robô tocou seu braço. Os dois robôs que haviam sido enviados para a mansão estavam voltando em uma corrida rápida, mas um tanto irregular.

Houve silêncio até eles chegarem e, então, um deles falou no dialeto solariano – em um instante, os quatro robôs pareceram perder elasticidade. Era como se estivessem definhando, quase desinflando.

– Eles encontraram Bander – disse Pelorat, antes que Trevize pudesse gesticular para que ele ficasse quieto.

O robô virou-se lentamente e, engolindo as sílabas, disse:

– O regente Bander está morto. Pela afirmação que você acaba de fazer, comprova que sabia desse fato. Como isso se deu?

– Como posso saber? – retrucou Trevize, desafiadoramente.

– Você sabia da morte do regente. Sabia que o corpo estava lá para ser encontrado. Como poderia saber, se não tivessem presenciado? Se não tivessem sido vocês que acabaram com a vida do regente? – A pronúncia do robô estava melhorando. Ele estava resistindo e anulando o ataque.

– Como poderíamos ter matado Bander? – perguntou Trevize. – Com os lóbulos transdutores, Bander poderia ter nos destruído em um instante.

– Como sabe o que os lóbulos transdutores podem ou não podem fazer?

– Você acabou de mencionar os lóbulos transdutores.

– Não fiz nada além de mencioná-los. Não descrevi suas propriedades ou capacidades.

– O conhecimento veio até nós em um sonho.

– Isso não é uma resposta crível.

– Supor que causamos a morte de Bander também não é crível – disse Trevize.

– E, de qualquer maneira – acrescentou Pelorat –, se o regente Bander está morto, agora o regente Fallom controla essa propriedade. Cá está o regente e é a ele que devem obedecer.

– Eu já expliquei – disse o robô – que uma cria com lóbulos transdutores subdesenvolvidos não é um solariano. Portanto, não pode ser um sucessor. Outro sucessor, com idade apropriada, será trazido assim que reportarmos a triste notícia.

– E quanto ao regente Fallom?

– Não existe um regente Fallom. Existe apenas uma criança, e temos crianças em excesso. Essa criança será destruída.

– Não ouse! – disse Júbilo, vigorosamente. – É uma criança!

– Não serei necessariamente eu quem cuidará disso – disse o robô – e certamente não sou eu quem decidirá. É uma questão a ser discutida pelos regentes. Porém, em tempos de excesso de crianças, sei qual será a decisão.

– Não. Eu digo não.

– Será indolor. Outra nave se aproxima. É importante que entremos no que era a mansão de Bander e estabeleçamos uma holovisualização, que fornecerá um sucessor e decidirá o que fazer com vocês. Me dê a criança.

Júbilo tomou a criança semiconsciente dos braços de Pelorat. Segurando-a com firmeza e tentando distribuir seu peso nos ombros, disse:

– Não toque nesta criança.

Mais uma vez, o braço do robô ergueu-se rapidamente e ele deu um passo à frente, para alcançar Fallom. Júbilo deslocou-se rapidamente para o lado, começando seu movimento muito antes de o robô se mexer. Mas o robô continuou a ir para a frente, como se Júbilo ainda estivesse adiante. Curvando-se rigidamente para a frente, com as pontas dianteiras dos pés servindo de pivô, ele caiu de cara no chão. Os outros três ficaram imóveis, olhos desfocados.

Júbilo estava chorando, em parte por causa da raiva.

– Eu quase decifrei a maneira apropriada para controlá-los, e ele não me deu tempo. Não tive escolha além de atacar, e agora os quatro estão desativados. Vamos entrar na nave antes que a outra aterrisse. Agora estou cansada demais para enfrentar qualquer outro robô.

PARTE 5

MELPOMENIA

13.

Longe de Solaria

56

A FUGA FOI UM BORRÃO. Trevize pegou suas armas inutilizadas, abriu a câmara de despressurização e eles se jogaram para dentro da *Estrela Distante*. Trevize só percebeu que Fallom também fora trazida a bordo depois que a nave já estava no ar.

Eles provavelmente não teriam escapado a tempo se o uso solariano de aeronaves não fosse, em comparação, tão rudimentar. A embarcação que se aproximava levou um tempo excessivo para descer e pousar. Por outro lado, o computador da *Estrela Distante* não demorou quase nada para impulsionar a nave gravitacional verticalmente.

E, apesar de o isolamento dos efeitos da gravidade e, portanto, da inércia, eliminar os efeitos massacrantes da aceleração que teriam sido consequência de uma decolagem tão rápida, ele não eliminava os efeitos da resistência do ar. A temperatura da fuselagem exterior elevou-se em uma proporção muito mais alta do que os padrões de navegação (e também as especificações da nave) teriam considerado adequada.

Conforme subiam, podiam ver a segunda nave solariana aterrissar, e várias outras se aproximando. Trevize se perguntou com quantos outros robôs Júbilo poderia ter lidado, e decidiu que eles teriam sido subjugados se tivessem permanecido na superfície por mais quinze minutos.

Uma vez no espaço sideral (ou próximo dele, com apenas tênues fragmentos da exosfera planetária no entorno), Trevize seguiu para o lado noturno do planeta. Estava a uma curta distância, pois eles decolaram conforme o crepúsculo se aproximava. No escuro, a *Estrela Distante* poderia esfriar mais rapidamente e a nave poderia continuar a se afastar da superfície em uma lenta espiral.

Pelorat saiu do quarto que dividia com Júbilo.

– Agora, a criança está dormindo normalmente – disse. – Mostramos como usar o banheiro e ela não teve dificuldade nenhuma de entender.

– Não me surpreende. Devem haver instalações parecidas na mansão.

– Não vi nada do tipo por lá, e eu estava procurando – respondeu Pelorat, emotivo. – Já era mais do que hora de voltarmos para a nave.

– Concordo. Mas por que trouxemos aquela criança?

– Júbilo não a deixaria para trás – Pelorat deu de ombros como se pedisse desculpas. – Era como salvar uma vida para compensar a vida que ela tirou. Ela não pode suportar...

– Eu sei – disse Trevize.

– É uma criança de anatomia bastante inusitada – comentou Pelorat.

– Por ser hermafrodita, é de se imaginar – respondeu Trevize.

– Tem testículos, sabe?

– Não faria muito sentido se não tivesse.

– E o que só posso descrever como uma vagina muito pequena.

– Nojento – Trevize fez uma careta.

– Não diga isso, Golan – protestou Pelorat. – A criança é adaptada às próprias necessidades. Gera apenas um óvulo fertilizado, ou um minúsculo embrião, que depois é desenvolvido em laboratório, sob os cuidados, me arrisco a dizer, de robôs.

– E o que acontece se o sistema de robótica entrar em pane? Se isso acontecer, eles perderiam a capacidade de produzir jovens viáveis.

– Qualquer mundo estaria com sérios problemas se sua estrutura social entrasse em pane.

– Não que eu fosse chorar descontroladamente pelo fim dos solarianos.

– Bom – disse Pelorat –, admito que não parece um mundo muito atraente, pelo menos não para nós. Mas, caro amigo, são apenas as pessoas e a estrutura social que não nos apetecem. Desconsidere as pessoas e os robôs, e você tem um mundo que...

– Pode ruir assim como Aurora está começando a ruir – respondeu Trevize. – Janov, como está Júbilo?

– Esgotada, receio. Está dormindo agora. Ela passou por poucas e boas, Golan.

– Eu também não me diverti.

Trevize fechou os olhos e decidiu que ele também precisava dormir, e se entregaria a tal alívio assim que estivesse razoavelmente certo de que os solarianos não eram dotados de capacidades espaciais – e, até aquele momento, o computador não tinha indicado nada de origem artificial no espaço.

Pensou, rancorosamente, nos dois planetas Siderais que tinham visitado – cachorros hostis em um, hermafroditas eremitas hostis no outro, e nem uma ínfima dica sobre a localização da Terra em ambos. Tudo o que tinham para mostrar das duas visitas era Fallom.

Ele abriu os olhos. Pelorat ainda estava sentado no mesmo lugar, do outro lado do computador, observando Trevize solenemente.

– Devíamos ter deixado a criança solariana para trás – disse Trevize, com repentina convicção.

– Pobre criança – respondeu Pelorat. – Eles a teriam matado.

– Mesmo assim – insistiu Trevize –, ela pertencia àquilo. Era parte daquela sociedade. Ser morto por ser dispensável é o contexto no qual ela nasceu.

– Oh, meu estimado amigo, que jeito desumano de enxergar a questão.

– É um jeito *racional*. Não sabemos como cuidar dessa criança; ela pode sofrer por muito mais tempo conosco e ainda assim morrer. O que ela come?

– O mesmo que a gente, suponho. Na verdade, a pergunta é: o que *nós* comeremos? Quanto ainda nos resta no que diz respeito a suprimentos?

– Bastante, bastante. Mesmo considerando uma pessoa a mais.

Pelorat não pareceu feliz com esse fato.

– Tornou-se uma dieta deveras monótona. Deveríamos ter trazido alguns itens a bordo em Comporellon... Não que a culinária local fosse excelente.

– Não tínhamos como. Fomos embora com bastante pressa, lembra-se? Assim como deixamos Aurora e como deixamos, especialmente, Solaria. Mas o que é um pouco de monotonia? Pode até estragar os prazeres de um sujeito, mas o mantém vivo.

– É possível adquirir novos suprimentos, caso seja necessário?

– Sempre, Janov. Com uma nave gravitacional e motores hiperespaciais, a Galáxia é pequena. Podemos estar em qualquer lugar em uma questão de dias. O problema é que metade dos mundos da

Galáxia foi alertada para procurar por nossa nave, e prefiro ficar fora de vista por algum tempo.

– Suponho que faça sentido. Mas Bander não parecia ter interesse na nave.

– É provável que Bander nem soubesse, conscientemente, sobre ela. Suspeito que os solarianos tenham abandonado voos espaciais há muito tempo. O que desejam é serem deixados totalmente em paz, e não poderiam usufruir da segurança do isolamento se estivessem sempre em movimento pelo espaço, divulgando a própria presença.

– O que faremos agora, Golan?

– Temos um terceiro planeta para visitar – respondeu Trevize.

– A julgar pelos dois primeiros – Pelorat negou com a cabeça –, não tenho grandes expectativas quanto a *esse*.

– Nem eu, no momento. Mas depois que dormir um pouco, pedirei ao computador que calcule nosso trajeto para o terceiro planeta.

57

Trevize dormiu por mais tempo do que esperava, mas isso era de escassa importância. Não havia dia ou noite – não naturalmente – a bordo de uma nave, e o ritmo circadiano nunca funcionava com perfeição. As horas eram o que foram feitas para ser, e não era incomum que Trevize e Pelorat (e especialmente Júbilo) ficassem um pouco fora de sincronia no que dizia respeito aos ritmos naturais de comer e dormir.

Trevize até cogitava, enquanto fazia a raspagem (a importância de economizar água fazia com que fosse mais recomendável raspar a espuma do sabão do que de enxaguá-la), dormir por mais uma ou duas horas, quando se virou e ficou frente a frente com Fallom, tão sem roupas quanto ele.

Ele não pôde evitar sobressaltar-se por causa do susto – o que, na área reduzida do Privativo, fazia ser muito provável que seu corpo se chocasse contra algo rígido. Ele grunhiu.

Fallom encarava Trevize com curiosidade e apontou para o seu pênis. O que disse foi incompreensível, mas a expressão da criança parecia demonstrar total incredulidade. Para evitar o próprio constrangimento, Trevize não teve escolha além de cobrir o próprio

pênis com as mãos.

Então, com uma voz aguda, Fallom disse:

– Saudações.

Trevize ficou ligeiramente surpreso com o uso inesperado do galáctico, mas a palavra tinha a sonoridade de algo decorado.

Fallom continuou, pronunciando uma palavra de cada vez, com muito cuidado:

– Júbilo... diz... você... lavar... eu.

– É mesmo? – perguntou Trevize. Ele colocou as mãos nos ombros de Fallom. – Você... ficar... aqui.

Ele apontou para o chão e Fallom, evidentemente, olhou de imediato para o lugar para o qual o dedo apontava. Não parecia ter compreendido nada.

– Não se mexa – disse Trevize, segurando a criança com firmeza pelos braços, pressionando-os contra o corpo para simbolizar imobilidade. Secou-se rapidamente; vestiu a cueca e, em seguida, a calça.

Saiu do cômodo e rugiu:

– Júbilo!

Era difícil que alguém estivesse a mais de quatro metros de distância de qualquer outra pessoa dentro da nave, e Júbilo foi até a porta de seu quarto no mesmo instante.

– Está me chamando, Trevize? – perguntou, sorrindo. – Ou foi a suave brisa suspirando pela grama verdejante?

– Não seja engraçadinha, Júbilo. O que é aquilo? – ele indicou com o polegar, por cima do ombro.

– Bom – disse Júbilo, olhando por cima do ombro de Trevize –, me parece ser a criança solariana que ontem trouxemos a bordo.

– *Você* trouxe a bordo. Por que quer que eu dê banho nela?

– Imaginei que você gostaria de fazer isso. É uma criatura brilhante. Está aprendendo palavras em galáctico muito rápido. Nunca esquece nada, uma vez que eu tenha explicado. Estou ajudando nisso, claro.

– Naturalmente.

– Sim. Eu a mantenho calma. Eu a mantive em um torpor durante a maior parte dos eventos perturbadores no planeta. Garanti que dormisse a bordo da nave e estou tentando desviar um pouco seus pensamentos sobre o robô perdido, Jemby, que, aparentemente,

amava muito.

– Para que acabe gostando daqui, imagino.

– Espero que sim. Tem capacidade de adaptação porque é jovem, e estou encorajando isso ao máximo dentro do que ouso influenciar sua mente. Vou ensinar-lhe a falar galáctico.

– *Você* dá banho. Entendido?

– Darei, se você insiste – Júbilo deu de ombros –, mas eu gostaria que ela se sentisse amigável com cada um de nós. Seria útil se cada um de nós cumprisse algumas funções. Você certamente pode cooperar com isso, não?

– Não a esse ponto. E, quando acabar de dar banho na criança, livre-se dela. Quero falar com você.

Com um súbito toque de hostilidade, Júbilo respondeu:

– O que quer dizer com “livre-se dela”?

– Não estou falando para ejetá-la pela câmara de despressurização. Quero dizer, deixe-a em seu quarto. Faça-a se sentar em um canto. Quero falar com você.

– Estarei à disposição – disse Júbilo, friamente.

Ele a encarou, nutrindo a fúria do momento, e então foi para a sala do piloto e ativou a tela de visualização.

Solaria era um círculo preto com um crescente de luz à esquerda. Trevize pousou as mãos sobre o tampo da escrivaninha para fazer contato com o computador, e sua raiva diminuiu em seguida. Era preciso permanecer calmo para conectar-se ao computador de maneira eficiente. Com o tempo, o condicionamento associava, por reflexo, aquele toque à serenidade mental.

Não havia nenhum objeto artificioso nos arredores da nave, em nenhuma direção, até a distância do planeta. Os solarianos (ou, provavelmente, seus robôs) não podiam – ou não estavam dispostos a – segui-los.

Era o suficiente. Ele podia sair da sombra noturna. Se continuassem se distanciando do planeta, Solaria desapareceria de qualquer maneira, conforme ficasse aparentemente menor do que o sol em torno do qual orbitava – que era mais distante, mas também muito maior.

Ordenou que o computador se afastasse também do plano planetário, pois dessa forma seria mais fácil acelerar com segurança. Assim, alcançariam rapidamente uma região em que a curvatura

espacial era pequena o suficiente para garantir um Salto seguro.

E, como era costumeiro em situações como essa, ele começou a analisar as estrelas. Eram quase hipnóticas em suas pacatas constâncias. Toda a turbulência e instabilidade de suas superfícies desapareciam na distância que as transformava em meros pontos luminosos.

Um daqueles pontos podia ser o sol em torno do qual a Terra orbitava – o sol original, cuja irradiação brilhou sobre o início da vida, cuja benevolência testemunhou a evolução da humanidade.

Se os Mundos Siderais orbitavam estrelas que eram membros luminosos e proeminentes da família estelar – e que, mesmo assim, não estavam listadas no mapa galáctico do computador –, o mesmo era, certamente, válido para o sol original.

Ou será que apenas os sóis dos Mundos Siderais tinham sido omitidos, por causa de algum acordo antigo que lhes garantia privacidade? Estaria o sol da Terra incluído no mapa galáctico, mas não destacado dentre a miríade de estrelas que eram análogas solares, sem possuir, entretanto, qualquer planeta habitável em suas órbitas?

Havia, afinal de contas, aproximadamente trinta bilhões de estrelas análogas a sóis na Galáxia, e apenas cerca de uma a cada mil tinha planetas habitáveis em órbita ao seu redor. Talvez houvesse mil desses tais planetas habitáveis dentro de algumas centenas de parsecs de sua atual posição. Será que ele deveria peneirar essas estrelas análogas a sóis uma a uma em busca desses planetas?

Ou será que o sol original não estava nem naquela região da Galáxia? Quantas outras regiões estavam convencidas de que o sol era um de *seus* vizinhos, que *eles* eram os Colonizadores originais?

Ele precisava de informações e, até agora, não tinha nada.

Duvidava seriamente que até mesmo as análises mais minuciosas das ruínas milenares de Aurora pudessem fornecer informações sobre a localização da Terra. Duvidava ainda mais que os solarianos pudessem ser obrigados a entregar informações.

Mas também, se todas as informações sobre a Terra haviam desaparecido da grande Biblioteca de Trantor, se nenhum dado sobre a Terra permanecia na grande Memória Coletiva de Gaia, parecia haver poucas chances de que qualquer informação que talvez existisse nos mundos perdidos dos Siderais tivesse passado despercebida.

E se, graças à mais pura sorte, ele encontrasse o sol da Terra e,

então, a própria Terra, será que alguma coisa o forçaria a ignorar tal fato? Será que a defesa da Terra era absoluta? Será que sua determinação para permanecer incógnita era impenetrável?

E, afinal de contas, o que ele estava procurando?

Seria a Terra? Ou ele achava (sem nenhum motivo evidente) que encontraria a falha no Plano Seldon na Terra?

Já fazia cinco séculos que o Plano Seldon estava em funcionamento para, diziam, levar a espécie humana ao porto seguro no ventre de um Segundo Império Galáctico, mais grandioso, mais nobre e mais livre do que o primeiro – e, ainda assim, Trevize dicidira contra ele e a favor de Galaksia.

Galaksia seria um grande organismo, enquanto o Segundo Império Galáctico seria, por maior e mais variado que fosse, a mera união de organismos individuais de tamanho microscópico se comparados ao próprio Império. O Segundo Império Galáctico seria outro exemplo do tipo de união de indivíduos que a humanidade estabeleceu desde que se tornou humanidade. O Segundo Império Galáctico poderia ser o maior e melhor da espécie, mas ainda seria nada além de mais uma associação daquela espécie.

Para que Galaksia, uma associação com um tipo completamente diferente de organização, fosse melhor do que o Segundo Império Galáctico, deveria haver alguma falha no Plano, algo que o próprio e grande Hari Seldon não tivesse enxergado.

Mas se havia alguma coisa que Seldon não tinha visto, como poderia Trevize corrigir o problema? Ele não era matemático; não sabia nada, absolutamente nada, sobre os detalhes do Plano e, mesmo que o explicassem para ele, não entenderia nada.

Tudo o que ele sabia eram as pressuposições – a de que um grande número de seres humanos precisava estar envolvido e a de que esses seres humanos não podiam saber sobre as conclusões alcançadas. A primeira pressuposição era automaticamente verdadeira, considerando a vasta população da Galáxia, e a segunda deveria ser verdade, pois apenas os membros da Segunda Fundação sabiam os detalhes do Plano, e mantinham tais informações confidenciais.

Sobrava uma pressuposição adicional, desconhecida; uma pressuposição tomada por certa; uma que todos consideravam tão certa que nunca era mencionada nem questionada – e que poderia ser falsa. Uma pressuposição que, se *fosse* falsa, alteraria a grandiosa

conclusão do Plano e faria Galaksia ser preferível no lugar do Império.

Mas, se a pressuposição era tão óbvia e tão tida como certa que não chegava nem a ser mencionada, como poderia ser falsa? E se ninguém a mencionava nem pensava nela, como poderia Trevize saber que estava ali, ou ter alguma ideia de sua natureza, mesmo se estivesse certo sobre sua existência?

Seria ele, Trevize, de fato o homem com a intuição infalível, como insistia Gaia? Ele podia mesmo saber qual era a coisa certa a fazer, mesmo que não soubesse por que estava fazendo aquilo?

Agora, ele visitava todos os Mundos Siderais sobre os quais tinha conhecimento. Era a coisa certa a fazer? Os Mundos Siderais tinham a resposta? Ou, pelo menos, o começo da resposta?

O que haveria em Aurora além de ruínas e cachorros selvagens? (E, presumivelmente, outras criaturas ferozes – touros furiosos? Ratos gigantes? Gatos caçadores com olhos verdes?) Solaria estava vivo, mas o que havia ali além de robôs e seres humanos dotados de transdutores de energia? Qual a relação desses dois mundos com o Plano Seldon, caso não escondessem o segredo da localização da Terra?

E, se a informação pudesse ser encontrada em um deles, qual a relação da *Terra* com o Plano Seldon? Seria tudo uma loucura? Será que ele tinha escutado e levado a sério demais as fantasias de sua própria infalibilidade?

O avassalador peso da culpa tomou conta de Trevize e pareceu pressioná-lo a ponto de ele mal conseguir respirar. Ele olhou para as estrelas – longínquas, alheias – e pensou: devo ser o maior tolo da Galáxia.

58

A voz de Júbilo interrompeu seus pensamentos.

– E então, Trevize, por que quer conversar... há alguma coisa errada? – sua voz distorceu-se em repentina preocupação.

Trevize tirou os olhos do computador e, momentaneamente, foi difícil deixar o mal-estar de lado. Ele olhou para ela e disse:

– Não, não. Não há nada de errado. Eu... eu estava apenas perdido em meus pensamentos. De vez em quando penso nas coisas, afinal de

contas.

Ficou desconfortavelmente consciente de que Júbilo podia ler suas emoções. Contava apenas com a promessa de que ela estava voluntariamente se abstendo de ter algum vislumbre de sua mente.

Mas ela, aparentemente, aceitou a explicação que ele lhe tinha oferecido.

– Pelorat está com Fallom, ensinando-lhe termos em galáctico – disse Júbilo. – A criança parece comer o que comemos, sem nenhuma objeção. Mas sobre o que queria falar comigo?

– Não aqui – respondeu Trevize. – O computador não precisa de mim no momento. Vamos até meu quarto; a cama está feita e você pode sentar-se nela enquanto me sento na cadeira. Ou vice-versa, se preferir.

– Não importa – os dois cruzaram a curta distância até o quarto de Trevize. Júbilo o observou com olhos semicerrados. – Você não parece furioso.

– Está analisando minha mente?

– De jeito nenhum. Estou analisando seu rosto.

– Não estou furioso. Posso perder a paciência momentaneamente, de vez em quando, mas não é o mesmo que estar furioso. Se não se importa, tenho perguntas a fazer.

Júbilo sentou-se sobre a cama de Trevize mantendo-se ereta e com uma expressão solene em seu rosto de bochechas largas e olhos castanho-escuros. Os cabelos pretos, na altura do ombro, estavam cuidadosamente penteados, e as mãos esguias, entrelaçadas uma na outra e pousadas de maneira relaxada no colo. Havia um discreto odor de perfume.

– Você está toda arrumada – sorriu Trevize. – Acha que não gritarei tão alto com uma moça jovem e bonita?

– Você pode erguer a voz e gritar o quanto quiser, se isso o fizer se sentir melhor. Só não quero que erga a voz e grite com Fallom.

– Não pretendo. Na verdade, tampouco pretendo erguer a voz e gritar com você. Não tínhamos decidido ser amigos?

– Gaia nunca teve nada além de sentimentos de afeto por você, Trevize.

– Não estou falando de Gaia. Sei que você é parte de Gaia e que você *é* Gaia. Ainda assim, há uma parte de você, em algum lugar, que é um indivíduo. Estou falando com esse indivíduo. Estou falando com

alguém cujo nome é Júbilo; sem nenhuma consideração ou com o mínimo de consideração possível por Gaia. Não tínhamos decidido ser amigos, Júbilo?

– Sim, Trevize.

– Então por que você não quis lidar imediatamente com os robôs em Solaria, depois que deixamos a mansão e chegamos à nave? Fui humilhado e ferido, e você não fez nada. Mesmo que cada segundo a mais pudesse permitir a chegada de outros robôs à cena e sabendo que um grande número deles nos sobrepujaria, você não fez nada.

Júbilo olhou para ele com seriedade e respondeu como se fizesse questão de explicar suas ações, e não defendê-las:

– Eu não estava inerte, Trevize. Estava analisando as mentes dos robôs-guardiões e tentando aprender a melhor maneira de lidar com eles.

– Eu sei que era isso que estava fazendo. Pelo menos foi o que disse naquele momento. Só não vejo sentido no que fez. Por que manipular as mentes, se você era perfeitamente capaz de destruí-las, como acabou fazendo?

– Você acha que destruir um ser inteligente é assim tão fácil?

Os lábios de Trevize se distorceram em uma expressão de desgosto.

– Deixe disso, Júbilo. Um *ser* inteligente? Era apenas um robô.

– Apenas um robô? – a voz de Júbilo alterou-se levemente. – O argumento é sempre esse. Apenas. Apenas! Por que o solariano, Bander, hesitou em nos matar? Éramos apenas seres humanos sem transdutores. Por que deveria haver alguma hesitação em deixar Fallom para trás, à mercê da própria sorte? Era apenas um solariano, um espécime imaturo, ainda por cima. Se você começar a descartar qualquer um ou qualquer coisa que o incomoda porque é "apenas" isso ou "apenas" aquilo, pode destruir o que quiser. Há sempre categorias a serem encontradas para todos eles.

– Não leve uma afirmação perfeitamente legítima a extremos, apenas para ridicularizá-la – retrucou Trevize. – O robô era apenas um robô. Você não pode negar esse fato. Não era humano. Não era inteligente da mesma maneira que somos. Era uma máquina imitando uma aparência de inteligência.

– Como é fácil falar quando você não sabe nada sobre o assunto – disse Júbilo. – Eu sou Gaia. Sim, sou Júbilo também, mas eu sou Gaia. Sou um mundo que considera cada um de seus átomos algo precioso e

significativo, e cada organização de átomos ainda mais preciosa e significativa. Eu/nós/Gaia não esmigalharíamos uma organização dessas levianamente; na verdade, usaríamos com prazer para construir algo ainda mais complexo, desde que isso não prejudicasse o todo. As mais extraordinárias formas de organização que conhecemos resultam em inteligência, e somente a necessidade mais extrema pode justificar a destruição de inteligências. Não importa se é inteligência mecânica ou bioquímica. Aliás, os robôs-guardiões representavam um tipo de inteligência que eu/nós/Gaia nunca encontramos. Estudá-la foi maravilhoso. Destruí-la seria impensável – a não ser em um momento culminante de emergência.

– Havia três inteligências superiores em risco – respondeu Trevize, secamente. – A sua própria; a de Pelorat, o ser humano que você ama e, se não se importa que eu diga, a minha.

– Quatro! Você continua se esquecendo de Fallom. Elas ainda não estavam em risco. Assim julguei a situação. Escute. Imagine que você está diante de uma pintura, uma grandiosa obra-prima artística cuja existência implica na sua morte. Tudo o que você precisa fazer é dar uma ampla pincelada, violenta e aleatória, na face dessa pintura; ela ficará destruída para sempre e você estará salvo. Mas imagine que, em vez disso, se você estudasse a pintura cuidadosamente e acrescentasse apenas um toque de tinta aqui, um respingo ali, raspasse um pouco de tinta em um terceiro ponto e assim por diante, alteraria a pintura o suficiente para evitar a morte e, ainda assim, manteria a obra-prima. Naturalmente, a alteração precisaria ser feita com o mais minucioso cuidado. Levaria tempo, mas você certamente tentaria salvar também a pintura, não só sua própria vida, caso tivesse esse tempo.

– Talvez – disse Trevize. – Mas, no final, você destruiu a pintura além de qualquer conserto. A grande pincelada surgiu e aniquilou todos os incríveis toques de cor e sutilezas de técnica e forma. E o fez instantaneamente quando um hermafrodita sem importância estava correndo risco, enquanto que o perigo em que nós estávamos, inclusive você, não a levou à ação.

– Nós, Estrangeiros, ainda não estávamos sob perigo *imediato*, enquanto Fallom, me pareceu, subitamente estava. Precisei escolher entre os robôs-guardiões e Fallom e, sem tempo a perder, tive de escolher Fallom.

– Foi isso que aconteceu, Júbilo? Um cálculo veloz colocando uma

mente contra a outra, um julgamento rápido sobre a maior complexidade e o maior valor?

– Sim.

– E se eu te disser – continuou Trevize – que era apenas uma criança à sua frente, uma criança ameaçada de morte? Um instinto maternal tomou conta de você naquele instante e você a salvou, enquanto antes, quando apenas as vidas de três adultos estavam em jogo, você foi toda calculista.

– Talvez tenha havido algo do tipo naquele momento – Júbilo enrubesceu de leve –, mas não foi da maneira irônica como você fala. Houve um pensamento racional por trás do que fiz.

– Duvido. Se houve pensamento racional por trás do que fez, você talvez tivesse considerado que a criança teria o destino inevitável em sua própria sociedade. Quem poderia dizer quantos milhares de crianças foram eliminados para manter o pequeno número que esses solarianos acham ser adequado para o mundo em que vivem?

– Não é só isso, Trevize. A criança teria sido morta porque era jovem demais para suceder um solariano, porque seu progenitor morreu prematuramente, porque eu matei esse progenitor.

– Em um momento em que era matar ou ser morto.

– Não importa. Eu matei o progenitor. Não poderia me abster e permitir que a criança fosse morta por causa dos meus atos. Além disso, ela oferece para estudo um cérebro de um tipo que nunca foi visto por em Gaia.

– O cérebro de uma criança.

– Não será um cérebro de criança para sempre. Os dois lóbulos transdutores em cada lado do cérebro se desenvolverão. Esses lóbulos garantem a um único solariano habilidades que nem Gaia inteira poderia equiparar. Foi exaustivo simplesmente manter algumas luzes acesas e ativar um mecanismo para abrir uma porta. Bander podia manter toda a energia correndo por uma propriedade tão complexa quanto aquela cidade que vimos em Comporellon, e ainda maior do que ela, e fazê-lo até mesmo enquanto dormia.

– Então você vê a criança como uma importante fonte de pesquisas sobre o cérebro.

– De certa maneira, sim.

– Não é assim que me sinto. Para mim, parece que trouxemos perigo a bordo. Um perigo sério.

– Que tipo de perigo? Fallom se adaptará perfeitamente, com a minha ajuda. É uma criança dotada de altíssima inteligência e já mostra sinais de afeto por nós. Comerá o que comermos, irá para onde formos, e eu/nós/Gaia vamos obter um conhecimento inestimável sobre seu cérebro.

– E se gerar prole? Não precisa de parceiros. É seu próprio parceiro.

– A criança não será capaz de gerar filhos por muitos anos. Os Siderais viveram séculos, e os solarianos não desejavam aumentar seu número. A população deve ter sido, provavelmente, dotada de reprodução tardia. Fallom não terá filhos por muito tempo.

– Como sabe?

– Eu não *sei*. Estou apenas sendo lógica.

– E eu lhe digo que Fallom acabará sendo um perigo.

– Você não tem como saber disso. E tampouco está sendo lógico.

– Tenho essa intuição, Júbilo, sem fundamento. Pelo menos é o que sinto agora. E é você, e não eu, que insiste que minha intuição é infalível.

Júbilo franziu as sobrancelhas, apreensiva.

59

Pelorat parou na entrada da sala do piloto e olhou para dentro bastante desconfortável. Era como se estivesse tentando decidir se Trevize estava muito ocupado ou não.

Trevize estava com as mãos sobre o tampo da escrivaninha, como sempre fazia quando se conectava ao computador, e seus olhos observavam a tela de visualização. Pelorat concluiu, portanto, que ele estava trabalhando, e esperou pacientemente, tentando não se mexer nem atrapalhar o outro.

Enfim, Trevize olhou para Pelorat. Não com plena consciência do que via – os olhos de Trevize pareciam sempre um tanto distantes e desfocados quando ele estava em comunhão com o computador, como se olhasse, pensasse e vivesse em alguma dimensão diferente da das pessoas em geral.

Mas ele fez um lento gesto afirmativo com a cabeça, como se a presença de Pelorat, captada com dificuldade, finalmente projetasse sua impressão nos lóbulos oculares. Depois de um instante, ergueu as

mãos e sorriu. Era Trevize de novo.

– Receio estar atrapalhando, Golan – desculpou-se Pelorat.

– Nada demais, Janov. Eu estava apenas fazendo testes para ver se estamos prontos para o Salto. Estamos quase, mas acho que vou esperar mais algumas horas para favorecer a sorte.

– A sorte, ou algum outro fator aleatório, tem alguma coisa a ver com o Salto?

– É apenas uma expressão – sorriu Trevize –, mas, em tese, fatores aleatórios têm, sim, alguma coisa a ver. Sobre o que quer conversar?

– Posso me sentar?

– Certamente, mas vamos para o meu quarto. Como está Júbilo?

– Muito bem – ele pigarreou. – Está dormindo mais uma vez. Ela precisa dormir, você sabe.

– Entendo perfeitamente. É a separação hiperespacial.

– Exato, velho amigo.

– E Fallom? – Trevize reclinou-se sobre a cama, deixando a cadeira para Pelorat.

– Sabe aqueles livros da minha biblioteca que você imprimiu usando seu computador? Os de contos folclóricos? Ele está lendo. Entende pouco galáctico, claro, mas parece gostar de pronunciar as palavras. Ele... Fico querendo usar o pronome masculino para me referir a Fallom. Por que será, velho camarada?

– Talvez porque você seja do sexo masculino – Trevize deu de ombros.

– Talvez. Ele é extraordinariamente inteligente, sabia?

– Eu acredito.

– Desconfio que você não goste muito de Fallom – hesitou Pelorat.

– Pessoalmente, nada contra, Janov. Nunca tive filhos e nunca fui muito próximo de crianças em geral. Você teve filhos, pelo que me lembro.

– Um rapaz. Lembro-me de que foi um prazer ter meu filho por perto quando ele era menino. Talvez seja por *isso* que eu queira usar o pronome masculino para Fallom. Isso me leva um quarto de século para o passado.

– Não tenho nada contra você gostar de Fallom, Janov.

– Você também se afeiçoaria a ele, se desse uma chance.

– Tenho certeza de que sim, Janov, e talvez eu me permita a chance de fazer isso, algum dia.

– Sei, também – hesitou Pelorat novamente –, que você deve se cansar de discutir com Júbilo.

– Na verdade, não acho que estejamos discutindo tanto assim, Janov. Eu e ela estamos nos dando muito bem um com o outro. Tivemos até uma discussão equilibrada um dia desses, sem gritarias nem recriminações, sobre a demora dela em desativar os robôs-guardiões. Ela continua salvando nossas vidas, afinal de contas, então devo oferecer-lhe, no mínimo, minha amizade, não acha?

– Sim, entendo, mas não estou falando de discussões no sentido de brigas. Refiro-me ao constante debate sobre Galaksia ser oposta à individualidade.

– Ah, é disso que está falando! Imagino que o debate continuará, educadamente.

– Você se importaria, Golan, se eu me juntasse ao debate a favor dela?

– Perfeitamente aceitável. Você concorda com a ideia de Galaksia por conta própria ou apenas se sente mais feliz quando concorda com Júbilo?

– Com sinceridade, concordo por minha própria conta. Acho que Galaksia deveria ser o futuro. Você mesmo escolheu tal destino e estou ficando progressivamente mais convencido de que é o certo.

– Só porque foi minha escolha? Isso não é um argumento válido. Seja o que for que Gaia diga, eu talvez esteja errado. Não deixe que Júbilo o convença sobre Galaksia usando essa justificativa.

– Não acho que você esteja errado. E foi Solaria que me mostrou isso, não Júbilo.

– Como?

– Bom, para começar, somos Isolados, eu e você.

– Termo que *ela* usa, Janov. Prefiro pensar que somos indivíduos.

– Questão de semântica, velho amigo. Chame do que quiser. Somos fechados em nossas próprias peles, que cercam nossos pensamentos particulares, e pensamos, antes de qualquer coisa, em nós mesmos. Autodefesa é nossa primeira lei natural, mesmo que isso signifique ferir todas as outras pessoas que existem.

– Pessoas já abriram mão das próprias vidas pelas vidas de outros.

– Um fenômeno raro. Muito mais pessoas sacrificaram as necessidades mais essenciais de outros por algum frívolo capricho próprio.

– E o que isso tem a ver com Solaria?

– Ora, em Solaria, vemos o que Isolados – ou indivíduos, se preferir – podem se tornar. Os solarianos mal podem suportar dividir o mundo inteiro entre si. Eles consideram sua vida de isolamento completo a liberdade absoluta. Não têm sentimentos nem pelos próprios filhos e os matam se houver crianças demais. Cercam-se de robôs escravos para os quais garantem energia. Assim, se eles morrem, suas imensas propriedades morrem também, simbolicamente. Acha isso admirável, Golan? É possível comparar isso, em termos de decência, gentileza e preocupação mútua, com Gaia? Júbilo não falou sobre nada disso comigo. É meu próprio sentimento.

– E condiz com você, Janov – respondeu Trevize. – Compartilho desse sentimento. Acho que a sociedade solariana é horrível, mas não foi sempre assim. Eles são descendentes dos terráqueos e, mais diretamente, dos Siderais, que viviam uma vida muito mais normal. Os solarianos escolheram um caminho, por qualquer que seja o motivo, que levou a um extremo, mas você não pode julgar por extremos. Em toda a Galáxia, com milhões de mundos habitados, existe algum que você conheça que, atualmente ou no passado, tenha tido uma sociedade como a de Solaria, ou até mesmo *remotamente* parecida com Solaria? E será que Solaria teria uma sociedade como aquela, se não estivesse cheia de robôs? É concebível que uma sociedade de indivíduos chegue ao cúmulo do horror solariano sem robôs?

O rosto de Pelorat contraiu-se de leve.

– Você abre buracos em tudo, Golan – ou digo, pelo menos, que você parece impenetrável ao defender o tipo de Galáxia contra o qual votou.

– Não derrubarei tudo. Existe um raciocínio para defender Galaksia e, quando eu o encontrar, saberei, e aí vou ceder. Ou *se* eu o encontrar, para ser mais preciso.

– Você acha que talvez não consiga?

– Como posso saber? – Trevize deu de ombros. – Sabe por que estou esperando mais algumas horas para realizar o Salto e por que estou correndo o risco de me convencer a esperar mais alguns dias?

– Você disse que seria mais seguro se esperássemos.

– Sim, foi o que disse, mas já estamos em segurança suficiente. O que temo de verdade é que aqueles Mundos Siderais para os quais

temos coordenadas não sirvam para absolutamente nada. Temos apenas três, e já esgotamos dois, escapando por pouco da morte em cada um. E, mesmo assim, ainda não temos nenhuma pista sobre a localização da Terra, ou, na realidade, nem pistas sobre a existência dela. Agora estou diante da terceira e última chance. E se ela também falhar?

Pelorat suspirou e disse:

– Sabe, existem antigos contos folclóricos... um deles, aliás, está entre os que dei a Fallom para estudar... nos quais alguém tem direito a três desejos, mas apenas três. Três parece ser um número significativo nesse tipo de coisa, talvez por ser o primeiro número ímpar que pode garantir o mínimo de decisão. Sabe, o melhor de três. O ponto principal é que, nessas histórias, os desejos acabam não tendo utilidade. Ninguém manifesta os desejos corretos, o que, sempre imaginei, é sabedoria antiga que diz respeito à busca pela satisfação que você quer, e não...

Repentinamente, ele ficou em silêncio e constrangido.

– Desculpe-me, velho colega, estou desperdiçando seu tempo. Eu tendo a tagarelar quando falo sobre o meu passatempo.

– Sempre o considero interessante, Janov. Estou disposto a enxergar a analogia. Recebemos três desejos e já gastamos dois, que não nos ajudaram em nada. Agora, só nos resta mais um. De alguma maneira, estou certo de mais um fracasso e, portanto, quero adiá-lo. É por isso que estou protelando o Salto o máximo possível.

– O que fará se for mais um fracasso? Voltará para Gaia? Para Terminus?

– Oh, não – sussurrou Trevize, negando com a cabeça. – A busca precisa continuar. Se ao menos eu soubesse como...

14.

Planeta morto

60

TREVIZE SENTIA-SE DEPRIMIDO. As poucas vitórias desde o começo da busca não haviam sido definitivas, mas apenas esquivas temporárias da derrota.

Ele adiara o Salto ao terceiro Mundo Sideral até que sua inquietação tivesse contaminado os outros. Quando finalmente decidiu que deveria ordenar que o computador movesse a nave pelo hiperespaço, Pelorat estava na porta da sala de pilotagem, solene, e Júbilo estava logo atrás dele, ligeiramente para o lado. Até mesmo Fallom estava ali, observando Trevize com olhos de coruja enquanto segurava a mão de Júbilo com firmeza.

– Uma família bem esquisita! – disse Trevize, grosseiramente, tirando os olhos do computador. Mas era apenas seu próprio desconforto falando.

Ele instruiu o computador a fazer o Salto de maneira que eles reentrassem no espaço a uma distância considerável da estrela que seguiam, maior do que a necessária em absoluto. Disse a si mesmo que estava adotando mais cuidado por causa dos eventos nos dois primeiros Mundos Siderais, mas, na verdade, não acreditava naquilo. Ele sabia que, no fundo, torcia para chegar a uma distância suficiente para que não pudesse ter certeza sobre a presença de um planeta habitável em torno da estrela. Isso resultaria em alguns dias extras de viagem pelo espaço antes que pudesse descobrir e (talvez) encarar a amarga derrota frente a frente.

Então, naquele momento, sob os olhares da "família", ele inspirou profundamente, segurou o fôlego e então expirou com um assobio de lábios contraídos, conforme deu ao computador seu último comando.

O padrão de estrelas mudou em descontinuidade silenciosa, e a tela de visualização ficou mais vazia, pois a nave fora levada a uma região em que as estrelas eram mais escassas. E ali, próxima do centro, estava

uma estrela de luminosidade impressionante.

Trevize abriu um largo sorriso, pois se tratava de uma vitória parcial. Afinal, o terceiro conjunto de coordenadas poderia estar errado e talvez não houvesse nenhuma estrela de classe G em vista.

– Lá está – disse Trevize, olhando para os outros três. – A estrela de número três.

– Tem certeza? – perguntou Júbilo, com suavidade.

– Observe! – respondeu Trevize. – Mudarei para a visualização do mapa galáctico no banco de dados do computador considerando o mesmo ponto central e, se a estrela luminosa desaparecer, não está gravada no mapa, e é a que buscamos.

O computador respondeu ao seu comando e a estrela apagou-se repentinamente. Era como se nunca tivesse estado ali – mas o restante do campo de estrelas continuava o mesmo, em sua sublime indiferença.

– Conseguimos – disse Trevize.

Ainda assim, ele deu início ao trajeto da *Estrela Distante* com pouco mais de metade da velocidade que poderia facilmente conseguir. Havia, ainda, a questão da presença ou ausência de um planeta habitável, e ele não tinha pressa para descobrir. Mesmo depois de três dias de aproximação, não havia nada que pudesse levar a qualquer conclusão, tanto positiva como negativa.

Ou, talvez, não exatamente "nada". Em órbita ao redor da estrela, estava um planeta gigante de gás. Ficava a uma grande distância da estrela e brilhava com um amarelo bastante pálido em seu lado ensolarado, que eles podiam ver a partir da posição em que estavam como um espesso crescente.

Trevize não gostou do que viu, mas tentou não demonstrar e explicou de um jeito tão sem emoção quanto um manual.

– Há um planeta gigante de gás por aqui – disse. – É espetacular. Tem um par de anéis estreitos e dois satélites de tamanhos consideráveis, pelo que pode ser determinado no momento.

– A maioria dos sistemas tem gigantes de gás, não tem? – perguntou Júbilo.

– Sim, mas esse é bem grande. Ao julgar pela distância de seus satélites e o período de rotação, esse gigante de gás é quase 2 mil vezes maior do que seria um planeta habitável.

– Qual é a diferença? – continuou Júbilo. – Planetas gigantes de gás

são planetas gigantes de gás, e o tamanho que têm não importa, não é? Estão sempre a grandes distâncias da estrela em torno da qual orbitam, e nenhum deles é habitável, graças ao tamanho e à distância. Precisaremos procurar pelo planeta habitável mais perto da estrela.

Trevize hesitou e então decidiu expor todos os fatos.

– O problema é que gigantes de gás tendem a esvaziar grandes áreas do espaço planetário – disse. – Todas as matérias que eles não absorvem em suas próprias estruturas se aglutinam em corpos razoavelmente grandes, que passam a compor seus sistemas de satélites. Isso impede outros aglutinamentos, mesmo a distâncias consideráveis de si próprios. Portanto, quanto maior o gigante de gás, mais provável é que ele seja o único planeta de tamanho considerável em órbita ao redor de uma estrela específica.

– Quer dizer que não há um planeta habitável por aqui?

– Quanto maior o gigante de gás, menor a chance de um planeta habitável. E aquele gigante de gás é tão imenso que é praticamente uma estrela-anã.

– Podemos vê-lo? – perguntou Pelorat.

Os três olharam a tela (Fallom estava no quarto de Júbilo, com os livros).

A visualização foi ampliada até o crescente preencher a tela. Uma fina linha escura cruzava o crescente em um ponto logo acima do centro – era a sombra do sistema de anéis, que podia ser visto até um pouco além da superfície planetária, uma curva brilhante que se estendia por sobre o lado noturno antes de entrar na escuridão.

– O eixo de rotação do planeta – explicou Trevize – está inclinado a aproximadamente trinta e cinco graus de seu plano de translação, e seu anel está no plano equatorial do planeta. Portanto, nesse ponto de órbita, a luz da estrela chega por baixo e projeta a sombra do anel para muito acima do equador.

Pelorat observou, deslumbrado, e comentou.

– São anéis bem estreitos.

– Na verdade, estão bem acima do tamanho médio – disse Trevize.

– De acordo com uma lenda, os anéis que circundam um gigante de gás no sistema planetário da Terra são muito mais largos, luminosos e elaborados do que esse. Diz-se que, em comparação, os anéis faziam o gigante de gás parecer pequeno.

– Não me surpreende – respondeu Trevize. – Quando uma história

passa de pessoa para pessoa durante milhares de anos, você acha que, ao ser recontada, ela encolheria ou aumentaria?

– É lindo – interveio Júbilo. – Se você observar o crescente, parece que ele estremece e serpenteia diante dos seus olhos.

– Tempestades atmosféricas – explicou Trevize. – Geralmente, você consegue vê-las com mais clareza se escolher um comprimento de onda de luz apropriado. Um momento, deixe-me tentar – ele colocou as mãos na interface e ordenou que o computador percorresse o espectro de comprimentos de ondas e parasse no que fosse apropriado.

O crescente de luz suave tornou-se uma quantidade atordoante de cores, que se modificavam tão rapidamente a ponto de ser quase ofuscante para os olhos que tentassem acompanhar. Enfim, estabilizou-se em um tom vermelho-alaranjado e, dentro do crescente, vagavam espirais, expandindo-se e retraindo-se conforme se moviam.

– Incrível – murmurou Pelorat.

– Encantador – disse Júbilo.

Bastante crível e nada encantador, pensou Trevize, amargamente. Pelorat e Júbilo, perdidos na beleza, não chegaram a pensar que o planeta que admiravam diminuía as chances de desvendar o mistério que Trevize tentava solucionar. Mas por que deveriam? Ambos estavam satisfeitos com a decisão de Trevize e o acompanhavam em sua busca pela certeza sem estarem emocionalmente ligados à questão. Era inútil culpá-los por isso.

– O lado noturno parece bem escuro – continuou Trevize –, mas se nossos olhos fossem um pouco mais sensíveis do que a faixa comum de ondas de luz, veríamos um vermelho sombrio, profundo, furioso. O planeta emite radiação infravermelha para o espaço em imensas quantidades porque é grande o suficiente para ser quase incandescente. É mais do que um gigante de gás; é um objeto subestelar.

Ele esperou um instante e então disse:

– E agora vamos esquecer esse corpo celeste e procurar pelo planeta habitável que *talvez* exista.

– Talvez exista mesmo – sorriu Pelorat. – Não desista, velho amigo.

– Não desisti – respondeu Trevize, sem convicção verdadeira. – A formação dos planetas é um assunto complicado demais para que regras sejam levadas a ferro e fogo. Falamos apenas em probabilidades. Com esse monstro no espaço, as probabilidades são

menores, mas não zero.

– Se os dois primeiros conjuntos de coordenadas nos levaram a um planeta habitável dos Siderais – disse Júbilo –, então o terceiro conjunto, que já mostrou ter uma estrela que se encaixa no esperado, deveria oferecer, também, um planeta habitável. Por que não encarar dessa maneira? Por que falar em probabilidades?

– Espero que você esteja certa – respondeu Trevize, que não se sentia nada consolado. – Agora vamos sair do plano planetário e seguir na direção da estrela.

O computador realizou a tarefa quase ao mesmo tempo em que ele falou de suas intenções. Trevize reclinou-se na cadeira do piloto e concluiu, mais uma vez, que o único problema de pilotar uma nave gravitacional com um computador tão avançado era que ele nunca mais – *nunca mais* – conseguiria pilotar qualquer outro tipo de nave.

Será que voltar a fazer os cálculos ele mesmo seria algo suportável? Será que aguentaria ter de levar em conta a aceleração e limitá-la a um nível razoável? Era muito provável que ele simplesmente se esquecesse e acelerasse até que ele e todos os passageiros fossem esmagados contra uma das paredes.

Pois bem, então ele continuaria a pilotar aquela nave – ou uma exatamente como aquela, se conseguisse fazer uma mudança tão radical – para sempre.

E, como ele queria manter a cabeça longe da questão sobre a existência do planeta habitável, distraiu-se com o fato de ter guiado a nave para passar por cima do planeta, e não por baixo. Com exceção de motivos definitivos para seguir por baixo de um planeta, os pilotos quase sempre escolhiam ir por cima. Por quê?

Aliás, por que fazer tanta questão de considerar uma das direções a "de cima" e outra, a "de baixo"? Na simetria do espaço, aquilo não passava de uma convenção. Da mesma maneira, ele sempre levava em consideração a direção à qual o planeta sob observação rotacionava em torno do próprio eixo e transladava em torno de sua estrela. Se ambas fossem anti-horárias, a direção para a qual os braços erguidos de uma pessoa apontavam seria o norte, e a direção dos pés seria o sul. E, em toda a Galáxia, o norte era sempre acima, e o sul, abaixo.

Era pura convenção, que voltava até os turvos primórdios, seguida com veemência. Se alguém observasse um mapa conhecido com o sul voltado para cima, não reconheceria o mapa; ele precisaria ser virado

para fazer sentido. E, se houvesse alguma simetria, essa pessoa se voltaria para o norte – para "cima".

Trevize lembrou-se de uma batalha na qual lutou Bel Riose, o general Imperial de três séculos atrás, que direcionou seu esquadrão por baixo do plano planetário em um momento crucial e emboscou um esquadrão de espaçonaves desprevenidas. Houve reclamações de que tinha sido uma manobra injusta – vindas dos perdedores, claro.

Uma pressuposição tão poderosa e tão primordialmente antiga como essa devia ter começado na Terra – e isso levou Trevize rapidamente de volta à questão do planeta habitável.

Pelorat e Júbilo continuavam a observar o gigante de gás conforme ele lentamente girava na tela de visualização em um retrocesso bastante vagaroso. A porção iluminada pelo sol se espalhava e, como Trevize mantinha a leitura de ondas fixa no comprimento do vermelho-alaranjado, as espirais tempestuosas de sua superfície ficavam mais intensas e hipnóticas.

Então Fallom entrou na sala de pilotagem e Júbilo decidiu que a criança deveria dormir um pouco, e ela também.

– Preciso tirar o foco do gigante de gás, Janov – disse Trevize a Pelorat, que permaneceu na sala. – Quero que o computador se concentre na busca por um ponto gravitacional que tenha o tamanho certo.

– Mas é claro, velho amigo – respondeu Pelorat.

Porém, era mais complicado do que aquilo. O computador não precisava procurar apenas por um ponto gravitacional com tamanho certo, precisava ser do tamanho certo e estar à distância certa. Ainda seriam necessários vários dias para que Trevize pudesse ter certeza.

61

Trevize entrou em seu quarto taciturno, solene – com um aspecto até sombrio – e assustou-se perceptivelmente.

Júbilo estava esperando por ele e, ao lado dela, estava Fallom, com a túnica e o pano pélvico com o inconfundível cheiro de higienização por vapor. A criança tinha um aspecto melhor quando usava aquilo do que quando estava com uma das diminutas camisolas de Júbilo.

– Não quis incomodá-lo no computador – explicou Júbilo –, mas,

agora, escute. Vá em frente, Fallom.

Com sua voz musical e aguda, Fallom disse:

– Eu o saúdo, protetor Trevize. É com grande prazer que eu o ed-ef-estou acompanhando nesta nave pelo espaço. Estou contente, também, com a gentileza de meus amigos, Júbilo e Pel.

Fallom parou e abriu um belo sorriso, e, mais uma vez, Trevize pensou consigo mesmo: "Considero esta pessoa um menino ou uma menina? Como os dois ou como nenhum dos dois?"

– Muito bem memorizado – Trevize concordou com a cabeça. – Pronunciado quase com perfeição.

– Não foi memorizado – disse Júbilo, cordialmente. – Fallom escreveu isso por conta própria e perguntou se seria possível recitar para você. Eu nem sabia o que Fallom diria até ouvir.

– Nesse caso – Trevize forçou um sorriso –, muito bom, mesmo. – Ele percebeu que Júbilo evitava pronomes, quando podia.

Júbilo virou-se para Fallom e disse:

– Eu disse que ele iria gostar, não disse? Agora fique com Pel e, se quiser, pode ler mais um pouco.

Fallom correu para fora do quarto.

– É realmente espantoso – disse Júbilo – o quão rápido Fallom está aprendendo galáctico. Os solarianos devem ter uma aptidão especial para línguas. Pense em como Bander falava galáctico apenas de ouvir as comunicações hiperespaciais. Aqueles cérebros devem ser extraordinários em outros aspectos além da transdução de energia.

Trevize grunhiu.

– Não me diga que ainda não gosta de Fallom – disse Júbilo.

– Não gosto nem desgosto. A criatura simplesmente me deixa desconfortável. Para começar, é uma sensação terrível lidar com um hermafrodita.

– Ora, Trevize, isso é ridículo – respondeu Júbilo. – Fallom é um ser vivo perfeitamente aceitável. Para uma sociedade de hermafroditas, pense em quão nojentos devemos ser eu e você, homens e mulheres, no geral. Cada um é metade de um todo e, para se reproduzirem, é preciso uma união temporária e desengonçada.

– Você é contra isso, Júbilo?

– Não finja ter entendido errado. Estou tentando enxergar a nós mesmos pelo ponto de vista hermafrodita. Para hermafroditas, deve ser extremamente repulsivo; para nós, é natural. Portanto, Fallom

causa repulsa em você, mas é apenas uma reação tacanha e limitada.

– Sinceramente – disse Trevize –, é irritante não saber que pronome usar em relação à criatura. Hesitar eternamente por causa de pronomes é impedimento ao pensamento e à conversação.

– Mas isso é culpa da nossa língua – respondeu Júbilo – e não de Fallom. Nenhuma língua humana foi concebida com o hermafroditismo em mente. E fico feliz de você ter mencionado o assunto, porque eu mesma estive pensando nele. Dizer termos genéricos, como fazia o próprio Bander, não é uma solução, e não existe pronome nenhum que se refira a objetos que sejam sexualmente ativos em ambos os gêneros. Então, por que não escolher um dos pronomes arbitrariamente? Eu penso em Fallom como uma menina. Para começar, ela tem a voz aguda de uma menina, e tem a capacidade de produzir filhos, o que é a definição vital da feminilidade. Pelorat concordou; por que não faz o mesmo? Consideremos que Fallom é "ela".

– Pois bem – Trevize deu de ombros. – Será estranho dizer que *ela* tem testículos, mas tudo bem.

– Você tem esse irritante hábito de tentar transformar tudo em piada – suspirou Júbilo –, mas está tenso e serei tolerante. Basta usar o pronome feminino para se referir a Fallom, por favor.

– Usarei.

Trevize hesitou e, sem conseguir resistir, disse:

– Fallom parece cada vez mais sua filha postiça toda vez que as vejo juntas. Será por que você quer ter filhos e não acha que Janov poderá lhe dar?

Os olhos de Júbilo se arregalaram.

– Não estou com ele por causa disso! – disse. – Você acha que o estou usando como uma ferramenta para me ajudar a ter filhos? De todo jeito, não é o momento para eu ter filhos. E, quando for, precisará ser uma criança gaiana, algo para o qual Pel não se qualifica.

– Está dizendo que Janov será descartado?

– De jeito nenhum. É apenas um desvio temporário. Talvez seja até feito através de inseminação artificial.

– Imagino que você só possa ter filhos quando Gaia decidir que é necessário, quando houver um buraco resultante da morte de um fragmento gaiano humano que já existe.

– Esse é um jeito insensível de definir, mas é verdade. Gaia deve ser

bem proporcionada em todas as suas partes e relações.

– Como é com os solarianos.

Os lábios de Júbilo se contraíram e ela empalideceu.

– De jeito nenhum. Os solarianos produzem mais do que precisam e destroem o excesso. Nós produzimos apenas o que precisamos e nunca há necessidade de destruição, assim como você substitui as camadas de pele que morreu por renovação proporcional sem nenhuma célula a mais.

– Entendo o que quer dizer – respondeu Trevize. – Espero, aliás, que você esteja levando os sentimentos de Janov em consideração.

– Em relação a um possível filho comigo? O assunto nunca surgiu, nem surgirá.

– Não, não é disso que estou falando. Me ocorre que você está se tornando cada vez mais interessada em Fallom. Janov talvez se sinta negligenciado.

– Ele não está sendo negligenciado, e está tão interessado em Fallom quanto eu. Ela é outro ponto de envolvimento mútuo, que nos aproxima ainda mais um do outro. Será que é *você* quem se sente negligenciado?

– *Eu*? – ele ficou genuinamente surpreso.

– Sim, você. Não entendo Isolados, da mesma maneira que você não entende Gaia, mas tenho a sensação de que você gosta de ser o ponto central de atenção nesta nave, e que se sente excluído por Fallom.

– Que tolice.

– Não é mais tolice do que sua sugestão de que estou negligenciando Pel.

– Então vamos declarar trégua e parar. Tentarei enxergar Fallom como uma menina e não me preocuparei excessivamente sobre você desconsiderar os sentimentos de Janov.

– Obrigada – sorriu Júbilo. – Então, tudo está bem.

Trevize virou-se para ir embora.

– Espere! – disse Júbilo.

Trevize voltou-se para ela.

– Sim? – perguntou, em um tom um pouco impaciente.

– Está bem claro para mim, Trevize, que você está triste e deprimido. Não vou sondar sua mente, mas talvez queira me dizer o que há de errado. Ontem, você disse que havia um planeta nesse

sistema que se encaixava no que precisamos, e parecia bastante satisfeito. O planeta ainda está lá, espero. A descoberta se revelou um erro?

– Há um planeta que se encaixa, e ainda está lá – respondeu Trevize.

– Tem o tamanho certo?

– Como se encaixa nas condições, tem o tamanho certo – Trevize concordou com a cabeça. – E também está na distância certa do sol.

– Mas, então, o que há de errado?

– Agora estamos perto o suficiente para analisar a atmosfera. Acontece que não há atmosfera.

– Nenhuma atmosfera?

– Nenhuma considerável. É um planeta inabitável, e não há nenhum outro em órbita ao redor do sol que tenha a capacidade mais remota de habitabilidade. Esta terceira tentativa foi um fracasso.

62

Pelorat, com expressão sisuda, estava claramente hesitante em incomodar o silêncio insatisfeito de Trevize. Observou da porta da sala de pilotagem, aparentemente na esperança de que Trevize iniciasse uma conversa.

Trevize não iniciou. Se fosse possível um silêncio que parecesse teimoso, era esse o caso.

Enfim, Pelorat não pôde mais aguentar e, de maneira tímida, disse:

– O que estamos fazendo?

Trevize tirou os olhos do computador, encarou Pelorat por um momento, deu-lhe as costas e respondeu:

– Estamos nos aproximando do planeta.

– Mas se não há atmosfera...

– O *computador* diz que não há atmosfera. Até hoje, ele sempre me disse o que eu queria ouvir, e eu aceitei. Agora, me informou sobre algo que eu *não* queria ouvir, e preciso verificar. Se o computador puder estar errado, este é o momento em que quero que ele esteja errado.

– Você acha que ele está errado?

– Não, não acho.

– Consegue pensar em algo que pudesse fazer com que ele errasse?

– Não, não posso.

– Então, para que fazer isso, Golan?

Trevize finalmente girou a cadeira para ficar face a face com Pelorat, seu rosto distorcido à beira do desespero.

– Não vê, Janov – disse –, que não consigo pensar em mais nada para fazer? Saímos de mãos abanando nos dois primeiros planetas, pelo menos no que diz respeito à localização da Terra, e agora este mundo também não deu em nada. O que faço agora? Viajo de planeta em planeta, vasculhando todos os cantos e perguntando "Com licença, onde fica a Terra?"? A Terra encobriu seus traços com muita habilidade. Não deixou nenhuma pista, em lugar algum. Estou começando a achar que ela talvez nos faça incapazes de identificar uma pista, mesmo que encontremos alguma.

– Eu também tenho seguido um raciocínio semelhante – respondeu Pelorat, concordando com a cabeça. – Discutir sobre o assunto o incomodaria? Sei que você não está feliz, velho amigo, e não quer conversar. Portanto, se quiser que eu o deixe sozinho, assim o farei.

– Vá em frente, fale sobre o assunto – disse Trevize, com algo que parecia bastante um suspiro. – O que tenho de melhor para fazer além de escutar?

– Não me parece que você quer que eu fale – respondeu Pelorat –, mas talvez nos ajude. Por favor, interrompa-me a qualquer momento, se decidir que não aguenta mais. Me parece, Golan, que talvez a Terra não tenha adotado somente medidas passivas e negativas para se esconder. Não tomou apenas a simples atitude de eliminar referências de si própria. Será que ela não plantaria pistas falsas e agiria ativamente para permanecer incógnita?

– Como ela estaria fazendo isso, em sua opinião?

– Bom, ouvimos sobre a radioatividade da Terra em vários lugares, e esse tipo de coisa pode ter sido criada para fazer qualquer pessoa interromper seus planos de localizá-la. Se fosse radioativa de fato, seria impossível nos aproximarmos. É muito provável que não pudéssemos nem aterrissar nela. Nem mesmo robôs exploradores, se dispuséssemos de algum, poderiam sobreviver à radiação. Portanto, para que procurar? Assim, se não for radioativa, permanece inviolada, com exceção de aproximações acidentais e, mesmo nesse caso, ela pode ter outras formas de se mascarar.

– Curiosamente – Trevize conseguiu sorrir –, esse pensamento passou pela minha cabeça. Cheguei a cogitar que aquele improvável satélite foi inventado e plantado nos mitos sobre o mundo. O gigante de gás com o monstruoso sistema de anéis é tão improvável quanto o satélite e pode, também, ter sido plantado. Foi tudo concebido, talvez, para que busquemos algo que não existe, para que passemos reto pelo sistema planetário certo, para que encaremos a Terra e a descartemos porque, na realidade, ela não tem um satélite grande, nem um primo com anéis triplos, nem uma superfície radioativa. Logo, não a reconheceríamos nem sonharíamos estar diante da própria. E imagino coisas piores, também.

– Como pode haver algo pior? – Pelorat parecia abatido.

– É fácil quando sua mente se aflige durante a noite e começa a buscar, no vasto reino da fantasia, por alguma coisa capaz de aumentar o desespero. E se a habilidade da Terra de se esconder for suprema? E se nossas mentes puderem ser cobertas de neblina? E se passarmos diretamente pela Terra, *com* seu satélite gigante e *com* seu gigante de gás com anéis, e nunca enxergarmos nada disso? E se já o fizemos?

– Mas, se você acredita nisso, o que estamos...

– Eu não disse que acredito nisso. Estou falando sobre divagações insanas. Vamos continuar procurando.

Pelorat hesitou e, então, disse:

– Por quanto tempo, Trevize? Decerto precisaremos desistir, em algum momento.

– Nunca! – respondeu Trevize, com ferocidade. – Se eu tiver de passar o resto da minha vida indo de planeta em planeta, vasculhando tudo e perguntando "Por favor, senhor, onde está a Terra?", então é isso que farei. A qualquer momento, posso levar você e Júbilo, e até Fallom, se quiserem, de volta a Gaia, e então partir por conta própria.

– Oh, não. Você sabe que não o abandonarei, Golan, e Júbilo também não. Pularemos de planeta em planeta com você, se for preciso. Mas por quê?

– Porque eu *preciso* encontrar a Terra, e porque vou encontrar. Não sei como, mas vou. Agora, escute, estou tentando chegar a uma posição em que possa estudar o lado do planeta iluminado pelo sol sem que o sol esteja perto demais, então deixe que eu me concentre por alguns momentos.

Pelorat ficou em silêncio, mas não foi embora. Continuou a observar conforme Trevize estudava, na tela, a imagem planetária com mais da metade banhada pela luz do sol. Para Pelorat, não parecia haver nada de especial, mas ele sabia que Trevize, conectado ao computador, via a imagem através de recursos mais sofisticados.

– Há uma neblina – sussurrou Trevize.

– Então deve haver uma atmosfera – Pelorat deixou escapar.

– Não necessariamente uma atmosfera que seja expressiva. Não o suficiente para dar suporte à vida, mas o suficiente para um tênue vento que carrega poeira. É uma característica conhecida de planetas com atmosferas rarefeitas. Talvez haja, até, pequenas calotas polares. Um pouco de água congelada nos polos, sabe? Esse mundo é quente demais para dióxido de carbono solidificado. Terei de mudar para mapeamento por radar. E, se fizer isso, posso trabalhar com muito mais facilidade no lado noturno.

– É mesmo?

– Sim. Eu devia ter tentado isso primeiro, mas com um planeta praticamente sem ar e, portanto, sem nuvens, a tentativa com luz visível parecia natural.

Trevize ficou em silêncio por bastante tempo, enquanto a tela de visualização perdeu nitidez com leituras de radar que produziam quase uma abstração de um planeta, algo que um artista do período cleoniano poderia ter criado. Então, enfaticamente, disse:

– Bom… – e segurou o som por um instante antes de ficar em silêncio mais uma vez.

– "Bom" o quê? – perguntou Pelorat.

Trevize olhou para ele de soslaio.

– Não vejo nenhuma cratera – respondeu.

– Nenhuma cratera? Isso é bom sinal?

– Totalmente inesperado – disse Trevize. Seu rosto se abriu num sorriso. – E *muito* bom. Talvez até excelente.

63

Fallom mantinha o nariz pressionado contra a portinhola da nave, através da qual um pequeno segmento do universo podia ser visto na forma exata em que os olhos o viam, sem ampliação ou realce

computadorizado.

Júbilo, que vinha tentando explicar tudo, suspirou e, em um tom baixo, disse a Pelorat:

– Pel, querido, não sei o quanto ela entende. Para ela, a mansão de seu pai e uma pequena área da propriedade em que a mansão ficava eram todo o universo. Acho que ela nunca tinha saído à noite, nunca tinha visto as estrelas.

– Acha mesmo?

– Acho. Não ousei mostrar nada até que ela tivesse vocabulário o suficiente para me entender um pouco; e que bom que você pode conversar com ela em sua própria língua.

– O problema é que não sou muito bom nisso – desculpou-se Pelorat. – E o universo é muito difícil de compreender, se você entrar em contato com ele subitamente. Ela me disse que, se aquelas pequenas luzes são mundos, cada um deles como Solaria (eles são muito maiores do que Solaria, claro), eles não podiam ficar pendurados no vazio. Ela disse que eles cairiam.

– E ela está certa, considerando o que sabe. Ela faz perguntas pertinentes e, pouco a pouco, entenderá. Pelo menos, está curiosa e não tem medo.

– A questão é que eu também estou curioso, Júbilo. Veja como Golan mudou de expressão assim que descobriu que não havia crateras no mundo para o qual seguimos. Não tenho a menor ideia da diferença que tal fato faz. Você tem?

– Nenhuma. Mas ele entende muito mais sobre planetologia do que nós. Tudo que podemos fazer é confiar que ele sabe o que está fazendo.

– *Eu* queria saber.

– Pois, então, pergunte a ele.

– Sempre fico com medo de irritá-lo – Pelorat fez uma careta. – Estou certo de que ele acha que eu deveria saber esse tipo de coisa sem que me expliquem.

– Que bobagem, Pel – disse Júbilo. – Ele nunca hesita em perguntar-lhe sobre qualquer aspecto das lendas e mitos da Galáxia que ache que pode ser útil. Você está sempre disposto a responder e a explicar, então por que ele não deveria fazer o mesmo? Vá perguntar. Se isso irritá-lo, ele terá uma chance de treinar sociabilidade, e isso será bom para ele.

– Você viria comigo?

– Não, claro que não. Quero ficar com Fallom e continuar a tentar introduzir o conceito do universo em sua cabeça. Você pode explicar para mim depois, uma vez que ele tenha lhe explicado.

64

Tímido, Pelorat entrou na sala do piloto. Alegrou-se ao perceber que Trevize estava assobiando, claramente bem-humorado.

– Golan – disse, com a maior leveza possível.

– Janov! – Trevize tirou os olhos do computador. – Você chega sempre nas pontas dos pés, como se achasse que fosse contra a lei me importunar. Feche a porta e sente-se. Sente-se! Olhe para aquilo – ele apontou para o planeta na tela. – Não achei mais do que duas ou três crateras, todas bem pequenas.

– Isso faz diferença, Golan? De verdade?

– Se faz diferença? Com certeza. Como pode ter dúvidas?

– É tudo um mistério para mim – Pelorat fez um gesto de desamparo. – Sou diplomado em história. Estudei também sociologia e psicologia, além de letras e literatura, na maioria antiga, e sou doutor em mitologia. Nunca investi em planetologia ou em outra ciência física.

– Isso não é crime, Janov. Prefiro o conhecimento que você tem. Suas habilidades com línguas antigas e mitologia nos foram de grande utilidade. Você sabe disso. E, quando o assunto for planetologia, pode deixar comigo. A questão, Janov, é que planetas se formam pelo choque de objetos menores. Os últimos objetos a colidirem deixam crateras, quer dizer, podem deixar crateras. Se o planeta é grande o suficiente para ser um gigante de gás, ele é, basicamente, líquido sob uma atmosfera gasosa, e as últimas colisões são objetos atingindo esse líquido, o que não deixa nenhuma marca. Planetas menores e sólidos, sejam de gelo ou rocha, *exibem* marcas de crateras, que permanecem indefinidamente, a não ser que exista algum agente de remoção. Existem três tipos de remoção – continuou Trevize. – Primeiro, um mundo pode ter uma camada de gelo sobre um oceano líquido. Nesse caso, qualquer objeto que colida quebra o gelo e espirra água. Depois, o gelo se forma novamente e a ferida é curada, vamos dizer assim. Tal

planeta, ou satélite, precisaria ser gelado, e não seria o que consideraríamos um mundo habitável. Segundo, se o planeta for intensamente ativo em termos vulcânicos, um fluxo perpétuo de lava ou uma queda constante de cinzas preenche e esconde qualquer cratera que se forme. Um planeta ou satélite desse tipo tampouco pode ser habitável. Isso nos leva a planetas habitáveis como uma terceira possibilidade. Tais mundos podem ter calotas polares, mas a maioria do oceano deve ser líquida. Podem ter vulcões ativos, mas eles devem ser distribuídos esparsamente. Esses mundos não podem "curar" crateras, tampouco preenchê-las. Mas há efeitos de erosão. Ventos e água corrente desgastam crateras e, se houver vida, as ações dos seres vivos também são bastante desgastantes. Entende?

Pelorat ficou pensativo por um momento e então disse:

– Mas Golan, não entendo o que está fazendo. Esse planeta para onde nos dirigimos...

– Aterrissaremos amanhã – interveio Trevize, animado.

– Este planeta para onde nos dirigimos não tem oceano.

– Somente pequenas calotas polares.

– E nem uma atmosfera considerável.

– Apenas um centésimo da densidade da atmosfera em Terminus.

– Tampouco vida.

– Nada que eu consiga detectar.

– Então, o que poderia ter desgastado as crateras?

– Um oceano, uma atmosfera, vida – disse Trevize. – Escute, se esse planeta não tivesse ar nem água desde o início, qualquer cratera formada ainda existiria, e a superfície toda estaria coberta de crateras. A ausência de crateras prova que ele não foi sempre desprovido de ar e água, e talvez houvesse até uma atmosfera e um oceano consideráveis em um passado próximo. Além disso, há imensas depressões geológicas visíveis, que podem ter sido mares e oceanos, sem falar em leitos de rios que agora estão secos. Portanto, veja só, *houve* erosão, e essa erosão acabou há pouco tempo, pois ainda não houve tempo suficiente para a formação de novas crateras.

Pelorat parecia desconfiado.

– Posso não ser um planetólogo – disse –, mas me parece que, se um planeta é grande o suficiente para ter uma atmosfera densa por, talvez, bilhões de anos, ele não a perderia repentinamente, não é?

– Eu diria que não – respondeu Trevize. – Mas esse planeta, sem

dúvida, teve vida antes do desaparecimento de sua atmosfera; provavelmente vida humana. Suponho que tenha sido um mundo terraformado, como são quase todos os planetas habitados por humanos da Galáxia. O problema é que não sabemos como eram suas condições antes da chegada da vida humana, ou o que foi feito para que sua superfície fosse confortável para ela; tampouco sob quais condições a vida desapareceu. Pode ter acontecido uma catástrofe que tragou a atmosfera e que resultou no fim da vida humana. Ou talvez houvesse algum desequilíbrio incomum nesse planeta, que era controlado pelos seres humanos enquanto estavam aqui, e que entrou em um círculo vicioso de redução atmosférica assim que eles se foram. Talvez encontremos a resposta quando aterrissarmos, talvez não. Não importa.

– Mas também não importa se houve vida no passado se não houver vida agora. Qual a diferença entre um planeta que sempre foi inabitável e um que só é inabitável agora?

– Se é inabitável somente agora, haverá ruínas dos habitantes do passado.

– Havia ruínas em Aurora...

– Sim, mas em Aurora passaram-se vinte mil anos de chuva e neve, congelamento e degelo, ventos e mudanças de temperatura. E também havia vida; não se esqueça da vida. Não havia seres humanos por lá, mas havia bastante vida. Ruínas podem ser desgastadas tanto quanto crateras. Mais rapidamente, até. E, em vinte mil anos, não sobrou o suficiente para nos ser útil. Porém, aqui neste planeta, houve uma passagem de tempo, talvez de vinte mil anos, talvez menos, sem ventos, sem tempestades, sem vida. Houve mudanças de temperatura, reconheço, mas isso foi tudo. As ruínas estarão bem conservadas.

– A não ser – murmurou Pelorat, incrédulo – que não haja ruínas. Seria possível nunca ter havido vida no planeta, ou, pelo menos, nunca ter havido vida humana, e que a perda da atmosfera tenha sido causada por algum evento com o qual os seres humanos não tenham tido envolvimento?

– Não, não – respondeu Trevize. – Você não pode virar pessimista para cima de mim porque não vai funcionar. Até mesmo a essa distância, vi os resquícios do que tenho certeza de que era uma cidade. Portanto, aterrissamos amanhã.

– Fallom está convencida de que vamos levá-la de volta a Jemby, o robô – disse Júbilo, em tom preocupado.

– Humm – respondeu Trevize, estudando a superfície do planeta conforme ela passava rapidamente sob a nave em descida. Então, olhou para Júbilo como se tivesse ouvido a afirmação com atraso. – Bom, era a única figura paterna que ela conhecia, não era?

– Sim, claro, mas ela acha que voltamos a Solaria.

– Esse planeta não se parece nada com Solaria...

– Como ela pode saber?

– Diga que não é Solaria. Escute, darei a você um ou dois livro-filmes com ilustrações de referência. Mostre a ela imagens de vários planetas habitados e explique que existem milhões deles. Você terá tempo. Não sei quanto tempo eu e Janov teremos para explorar, uma vez que tenhamos escolhido um alvo provável e aterrissado.

– Você e Janov?

– Sim. Fallom não poderá vir conosco, mesmo se eu quisesse, o que só aconteceria se eu fosse clinicamente insano. Esse mundo requer trajes espaciais, Júbilo. Não há ar respirável. E não temos um traje espacial que sirva em Fallom. Portanto, ela precisa ficar na nave, com você.

– Por que eu?

– Admito que me sentiria mais seguro se você viesse conosco – Trevize abriu um sorriso sem humor –, mas não podemos deixar Fallom sozinha. Ela pode danificar alguma coisa, mesmo sem querer. Preciso de Janov comigo porque ele talvez possa decifrar qualquer tipo de escrito arcaico que exista por lá. Isso significa que você precisa ficar com Fallom. Eu achei, inclusive, que você iria gostar de fazer isso.

Júbilo parecia em dúvida.

– Escute – disse Trevize. – Você queria Fallom a bordo e eu não. Estou convencido de que ela não trará nada além de problemas. A presença dela impõe restrições, e você precisará adaptar-se a isso. Ela está aqui, portanto você deverá ficar aqui também. É assim que funciona.

– Imagino que seja – suspirou Júbilo.

– Ótimo. Onde está Janov?

– Ele está com Fallom.

– Pois bem. Vá substituí-lo. Quero falar com ele.

Trevize ainda estudava a superfície planetária quando Pelorat entrou, pigarreando para anunciar sua presença.

– Algo errado, Golan? – perguntou Pelorat.

– Não exatamente errado, Janov. Estou apenas inseguro. Este é um mundo peculiar e não sei o que aconteceu com ele. Os mares devem ter sido imensos, a julgar pelas depressões geológicas deixadas para trás, mas eram rasos. O máximo que posso dizer com base nesses traços é que este era um mundo de canais e dessalinização, ou talvez os mares não fossem muito salgados. Se não eram salgados, isso explicaria a ausência de grandes depósitos de sal nas depressões. Ou então, quando o oceano foi perdido, o conteúdo de sal desapareceu junto, o que certamente faz parecer um feito humano.

– Perdoe minha ignorância sobre esse tipo de coisa, Golan – disse Pelorat, hesitando –, mas esses dados fazem alguma diferença no que diz respeito ao que estamos procurando?

– Acho que não, mas não consigo evitar a curiosidade. Se eu soubesse como este planeta foi terraformado para garantir habitabilidade humana e como era antes da terraformação, talvez conseguisse entender o que aconteceu com ele depois que foi abandonado; ou logo antes de ser abandonado, talvez. E, se soubéssemos o que aconteceu, talvez pudéssemos nos prevenir contra surpresas desagradáveis.

– Que tipos de surpresa? É um mundo morto, não é?

– Bem morto. Pouquíssima água; atmosfera rarefeita e irrespirável; Júbilo não detecta nenhum traço de atividade mental.

– Conclusivo, eu diria.

– Ausência de atividade mental não implica necessariamente ausência de vida.

– Certamente implica ausência de vida que represente perigo.

– Eu não sei. Mas não era sobre isso que eu queria falar com você. Há duas cidades que podem servir para nossa primeira inspeção. Parecem estar em excelente condição; todas elas parecem. Aparentemente, o que quer que tenha destruído o ar e os oceanos não tocou as cidades. De todo jeito, essas duas cidades são especialmente grandes. Porém, a maior delas parece ter poucos espaços vazios. Há espaçoportos longínquos, nos arredores, mas nada na própria cidade.

A que não é tão grande tem espaços vazios, portanto será mais fácil aterrissar, mesmo que não em espaçoportos formais. Mas quem se importaria?

Pelorat fez uma careta.

– Quer que *eu* decida, Golan?

– Não, eu decidirei. Quero apenas saber o que acha.

– Uma cidade grande e extensa é, provavelmente, um centro comercial, ou industrial. Uma cidade menor, com espaços mais abertos, talvez seja um centro administrativo. O centro administrativo é o que queremos. Tem algum prédio monumental?

– O que quer dizer com prédio monumental?

– Não sei bem – Pelorat abriu um pequeno sorriso com seus lábios finos. – Costumes mudam de mundo para mundo e de época para época. Mas suspeito que eles sempre parecem imensos, inúteis e dispendiosos. Como o lugar em que estivemos em Comporellon.

Trevize também sorriu.

– É difícil dizer, olhando de cima – respondeu Trevize –, e quando tenho um vislumbre lateral, conforme nos aproximamos ou nos distanciamos, é confuso demais. Por que você prefere o centro administrativo?

– É ali que temos mais chances de encontrar o museu, a biblioteca, os arquivos, a universidade etc.

– Ótimo. Então seguiremos para lá, para a cidade menor. E talvez encontremos algo. Fracassamos duas vezes, mas talvez encontremos algo desta vez.

– Talvez seja a trinca da sorte.

Trevize ergueu as sobrancelhas.

– De onde tirou esse termo? – perguntou.

– É antigo – disse Pelorat. – Encontrei em uma lenda arcaica. Acredito que signifique sucesso na terceira tentativa.

– Gosto disso – respondeu Trevize. – Ótimo. Trinca da sorte, Janov.

15.

Musgo

66

Trevize ficava com um aspecto esquisito em seu traje espacial. A única coisa que permanecia do lado de fora da roupa eram seus coldres, de um tipo diferente do que ele geralmente usava em torno da cintura; eram maiores e faziam parte do traje. Cuidadosamente, ele inseriu a pistola no coldre direito e o chicote neurônico no esquerdo. Tal como antes, tinham sido recarregados e, dessa vez – pensou Trevize, carrancudo – *ninguém* as tomaria de suas mãos.

Júbilo sorriu e disse:

– Você levará armas mesmo em um mundo sem ar ou... Esqueça. Não questionarei suas decisões.

– Ótimo – respondeu Trevize, e virou-se para ajudar Pelorat a ajustar seu capacete antes de vestir o próprio.

– Eu conseguirei mesmo respirar nesta coisa, Golan? – perguntou Pelorat, que nunca tinha usado um traje espacial antes, em tom melancólico.

– Eu prometo – disse Trevize.

Júbilo observou conforme as últimas juntas foram seladas, seu braço sobre o ombro de Fallom. A jovem solariana, evidentemente amedrontada, encarava as duas figuras com roupas espaciais. Ela tremia, e o braço de Júbilo a apertou gentilmente para transmitir segurança.

A câmara de despressurização se abriu e os dois entraram, seus braços volumosos acenando em despedida. Ela se fechou. A comporta para o exterior se abriu e eles desceram desengonçadamente para o solo de um mundo morto.

Era amanhecer. O céu estava aberto, evidentemente, e era de cor arroxeada, mas o sol ainda não tinha surgido. No horizonte mais claro, de onde viria o sol, havia uma tênue neblina.

– Está frio – disse Pelorat.

– Você está com frio? – perguntou Trevize, surpreso. Os trajes eram bem isolantes e, se houvesse algum problema, o que era raro, era justamente o de eliminar o calor corpóreo.

– Não, mas veja aquilo – respondeu Pelorat, sua voz por rádio cristalina nos ouvidos de Trevize, e ele apontou o dedo.

Na luz roxa do amanhecer, a frente da laje corroída do prédio ao qual se dirigiam estava revestida de geada esbranquiçada.

– Com uma atmosfera rarefeita – disse Trevize –, fica mais frio à noite do que você imaginaria, e mais quente durante o dia. Agora é a parte mais fria do dia, e deve levar várias horas antes de ficar quente demais para permanecermos sob a luz do sol.

Como se a palavra tivesse sido um encantamento cabalístico, a borda do sol surgiu no horizonte.

– Não olhe diretamente para ele – aconselhou Trevize. – Seu visor é reflexivo e filtra ondas ultravioleta, mas ainda assim seria perigoso.

Ele deu as costas para o sol nascente e deixou sua longa sombra chegar ao edifício. A luz solar estava fazendo com que a geada desaparecesse diante de seus olhos. Por alguns instantes, a parede ficou escura por causa da umidade, e então a umidade também sumiu.

– Os prédios não parecem em condições tão boas daqui de baixo quanto pareciam vistos do céu – disse Trevise. – Estão rachados e danificados. Imagino que seja o resultado das mudanças de temperatura e de traços de água se congelando e degelando todas as noites e dias durante cerca de vinte mil anos.

– Há letras entalhadas na pedra acima da entrada – comentou Pelorat –, mas a corrosão as tornou difíceis de ler.

– Você consegue decifrá-las, Janov?

– Algum tipo de instituição financeira. Quer dizer, identifico uma palavra que talvez seja “banco”.

– O que é isso?

– Se for o que estou pensando, um local onde recursos eram armazenados, extraídos, trocados, investidos, emprestados...

– Um prédio inteiro dedicado a isso? Sem ser por computadores?

– Sem nenhum domínio de computadores.

Trevize deu de ombros. Não considerava os detalhes da história antiga algo inspirador.

Eles continuaram a exploração, acelerando o passo, dedicando menos tempo a cada prédio. O silêncio, a *lugubridade* eram

completamente deprimentes. O lento colapso milenar que os dois violavam fazia o lugar parecer o esqueleto de uma cidade; nada além de ossos.

Eles estavam em plena zona temperada, mas Trevize imaginou que podia sentir o calor do sol em suas costas.

Pelorat, uma centena de metros à direita de Trevize, disse, em tom alto:

– Olhe para aquilo!

Os ouvidos de Trevize doeram.

– Não grite, Janov – disse. – Posso ouvir seus sussurros com clareza, mesmo que você esteja longe. O que foi?

Pelorat, com a voz controlada, respondeu:

– Esse prédio é o "Hall dos Mundos". Pelo menos, é o que acho que diz a inscrição.

Trevize se juntou a ele. Havia uma estrutura com três andares diante dos dois; a linha do telhado era irregular e coberta por grandes fragmentos de rocha, como se alguma imensa escultura que ornara o prédio tivesse sido despedaçada.

– Tem certeza? – perguntou Trevize.

– Se entrarmos, poderemos descobrir.

Eles subiram cinco degraus baixos e largos e cruzaram uma praça que era um grande desperdício de espaço. No ar rarefeito, seus passos, revestidos de metal, produziam uma vibração sussurrada, em vez de som.

– Agora entendo o que você quis dizer com "imensos, inúteis e dispendiosos" – murmurou Trevize.

Eles entraram em uma ampla galeria. Luz solar passava por janelas altas e iluminava com intensidade as partes que banhava, deixando várias outras partes ocultas nas sombras. A atmosfera escassa contribuía muito pouco para a distribuição de luz.

No centro, havia uma estátua humana de tamanho maior do que o real, feita do que parecia ser uma rocha sintética. Um braço havia caído. O outro braço estava rachado no ombro, e Trevize imaginou que, se desse uma pancada naquele braço, ele também cairia. Ele deu um passo para trás, como se chegar perto demais fosse provocá-lo a realizar tal ato de vandalismo.

– Quem será essa pessoa? – ponderou Trevize. – Nenhuma marcação em lugar algum. Imagino que aqueles que prestaram essa

homenagem achavam que sua fama era tão óbvia que não seria necessário incluir identificação, mas agora... – Ele se sentiu perigosamente próximo de filosofar e desviou a atenção.

Pelorat estava com a cabeça inclinada para cima, observando algo, e Trevize acompanhou o ângulo de visão. Havia marcações – entalhes – na parede, os quais Trevize não conseguia ler.

– Incrível – disse Pelorat. – Têm, talvez, vinte mil anos de idade e aqui, razoavelmente protegidos do sol e da umidade, ainda são legíveis.

– Não para mim – respondeu Trevize.

– Estão em escrita antiga e ainda têm muitos ornamentos, mesmo depois de tanto tempo. Vamos ver... sete... um... dois... – sua voz desapareceu em um murmúrio, e então ele falou alto mais uma vez. – Há cinquenta nomes listados, e teoricamente existiram cinquenta Mundos Siderais. E este é o “Hall dos Mundos”. Suponho que esses sejam os nomes dos cinquenta Mundos Siderais, provavelmente em uma ordem de fundação. Aurora é o primeiro e Solaria é o último. Veja só, há sete colunas; sete nomes nas primeiras seis colunas e, então, oito nomes na última. É como se tivessem planejado uma proporção de sete por sete e só depois adicionaram Solaria. Eu diria, velho amigo, que essa lista data de antes da terraformação e da colonização de Solaria.

– E qual é este planeta em que estamos? Você consegue dizer?

– Repare que o quinto, de cima para baixo, na terceira coluna, décimo nono na contagem, está inscrito com letras um pouco maiores do que as outras. As pessoas que fizeram a listagem devem ter sido egocêntricas o suficiente para darem uma posição de maior destaque a si mesmas. Além disso...

– Qual é o nome?

– O que consigo identificar é Melpomenia. É um nome com o qual não tenho familiaridade nenhuma.

– Poderia representar “Terra”?

Pelorat negou veementemente com a cabeça, mas não era possível ver o gesto sob o capacete.

– Há dezenas de palavras usadas para Terra nas lendas antigas. Gaia é uma delas, como você já sabe. Assim como Jorth e Erda, e assim por diante. São todas curtas. Não sei de nenhum nome longo para ela, ou de alguma coisa que lembre uma versão mais curta de

Melpomenia.

– Portanto, estamos em Melpomenia, que não é a Terra.

– Sim. Além disso, como comecei a falar antes, uma indicação melhor do que as letras maiores são as coordenadas ao lado do nome Melpomenia, 0, 0, 0, coordenadas que você só encontraria como referências para o próprio planeta em que se está.

– Coordenadas? – Trevize soou aturdido. – Essa lista dá, também, as coordenadas?

– Eles fornecem três números para cada, e presumo que sejam coordenadas. O que mais poderiam ser?

Trevize não respondeu. Abriu um pequeno compartimento na parte do traje espacial que cobria sua coxa direita e retirou um equipamento compacto, com fios que o conectavam ao compartimento. Ele colocou o aparelho diante dos olhos e focou cuidadosamente na inscrição da parede, seus dedos cobertos dificultando uma tarefa que, geralmente, teria sido questão de segundos.

– Câmera? – perguntou Pelorat, desnecessariamente.

– Ela enviará as imagens diretamente para o computador da nave – disse Trevize.

Ele tirou diversas fotografias de ângulos diferentes.

– Espere! – disse. – Preciso ir para um ponto mais alto. Ajude-me, Janov.

Pelorat uniu as mãos para formar um estribo, mas Trevize recusou.

– Isso não aguentará meu peso. Apoie-se nas mãos e nos joelhos.

Assim fez Pelorat, com esforço. Então, depois de guardar a câmera novamente no compartimento e também com esforço, Trevize subiu nos ombros de Pelorat e, em seguida, para o pedestal da estátua. Ele tentou sacudir a estátua com cuidado para determinar a solidez, colocou um dos pés sobre o joelho dobrado da escultura e o usou como base para se erguer e segurar o ombro sem braço. Apoiando as pontas dos pés em espaços desiguais do torso, ele continuou a subir e, enfim, depois de muitos grunhidos, conseguiu se sentar no ombro. Para os antigos que reverenciavam aquela estátua e o que ela representava, o que Trevize fez pareceria uma blasfêmia, e Trevize estava suficientemente influenciado por esse pensamento para tentar se sentar com cuidado.

– Você vai cair e se machucar – berrou Pelorat, ansioso.

– Não vou cair e nem me machucar – respondeu Trevize –, mas

você talvez me deixe surdo.

Trevize sacou a câmera e focou mais uma vez. Várias outras fotografias foram tiradas, e então ele guardou a câmera novamente e desceu com cuidado, até que seus pés tocaram o pedestal. Ele saltou para o chão e a vibração de seu contato foi, aparentemente, o golpe final, pois o braço ainda intacto se despedaçou e formou um pequeno monte de entulho ao pé da estátua. Não fez quase ruído nenhum ao cair.

Trevize ficou imóvel; seu primeiro impulso foi o de encontrar algum lugar para se esconder antes que o vigia viesse pegá-lo em flagrante. Incrível – pensou, em seguida – como alguém pode voltar rapidamente para os dias da infância em uma situação como aquela, em que você acidentalmente quebra alguma coisa que parecia importante. Durou apenas um instante, mas foi arrebatador.

A voz de Pelorat estava vazia, adequada para alguém que havia testemunhado e até ajudado em um ato de vandalismo, mas ele conseguiu encontrar palavras de conforto:

– Está... está tudo bem, Golan. Já estava prestes a ruir por conta própria, de qualquer maneira.

Ele foi até os pedaços espalhados pelo pedestal e pelo chão, como se fosse demonstrar o que acabara de dizer, e pegou um dos fragmentos maiores.

– Golan, venha aqui – disse.

Trevize se aproximou e Pelorat, apontando para um pedaço de pedra que havia sido, claramente, a parte do braço que se ligava ao ombro, perguntou:

– O que é isso?

Trevize olhou de perto. Havia uma área aveludada, de cor verde-clara. Com seu dedo coberto pelo traje, ele esfregou gentilmente. O material soltou-se com facilidade.

– Parece muito com musgo – disse.

– A vida sem atividade mental que você mencionou?

– Não estou totalmente convicto de quão sem atividade mental. Júbilo, imagino, insistiria que isso também tem consciência, mas afirmaria que essa pedra também tem.

– Você acha que esse musgo esquisito é o que está deteriorando a pedra?

– Eu não ficaria surpreso se ajudasse na corrosão – respondeu

Trevize. – Este mundo tem bastante luz do sol e um pouco de água. Metade da pouca atmosfera presente é vapor de água. O resto é nitrogênio e gases inertes. Apenas um traço de dióxido de carbono, o que poderia levar alguém a crer que não existiria nenhuma vida vegetal, mas pode ser que o dióxido de carbono esteja baixo porque está praticamente todo incorporado na superfície rochosa. Se esta rocha tiver algum carbonato, este musgo talvez o decomponha com a secreção de ácido e então aproveite o dióxido de carbono gerado pela reação. Pode ser a forma de vida dominante das que restaram neste planeta.

– Fascinante – comentou Pelorat.

– Sem dúvida – respondeu Trevize –, mas apenas razoavelmente. As coordenadas dos Mundos Siderais são muito mais interessantes, embora o que queremos mesmo sejam as coordenadas para a *Terra*. Se não estão aqui, talvez estejam em outro lugar do prédio, ou em outro prédio. Venha, Janov.

– Mas sabe... – começou Pelorat.

– Não, não – interrompeu Trevize, impacientemente. – Conversaremos depois. Precisamos ver o que mais esse prédio pode nos oferecer, se é que há mais alguma coisa. Está ficando mais quente – ele olhou para o pequeno indicador de temperatura na parte de trás da sua luva esquerda. – Vamos, Janov.

Eles caminharam pelos aposentos, tentando pisar com o maior cuidado possível – não por estarem fazendo barulho no sentido tradicional ou porque poderia haver alguém para escutá-los, mas porque não queriam causar mais danos com a vibração.

Conforme andavam, eles levantavam poeira, que subia pelo ar e descia rapidamente, e deixavam poeira para trás. De vez em quando, um ou o outro apontava em silêncio para mais áreas cobertas de musgo em algum canto escuro. Parecia haver um pouco de conforto na presença de vida, por menor que fosse; algo que tirava a sufocante e angustiante sensação de caminhar por um mundo morto, especialmente um repleto de artefatos que mostravam o passado longínquo de uma vida complexa.

– Acho que isso deve ser uma biblioteca – disse Pelorat, depois de algum tempo.

Trevize olhou à volta, curioso. Havia prateleiras e, conforme ele inspecionou mais de perto o que seus olhos tinham descartado como

meros ornamentos, viu o que pareciam ser livro-filmes. Com cuidado, pegou um deles. Os livro-filmes eram espessos e desengonçados, e Trevize percebeu que eram apenas caixas. Com as luvas, teve dificuldades para abrir uma delas e, dentro, encontrou vários discos. Os discos também eram espessos e pareciam quebradiços, mas ele não testou para comprovar.

– Inacreditavelmente primitivo – comentou.

– Tem milhares de anos de idade – respondeu Pelorat, como se defendesse os antigos melpomenianos contra a acusação de tecnologia atrasada.

Trevize apontou para a lombada do filme, na qual havia os contornos pálidos da ornamentada letra que os antigos usavam.

– Esse é o título? – perguntou. – O que diz?

– Não tenho certeza, velho amigo – disse Pelorat, conforme analisava a lombada. – Acho que uma das palavras se refere à vida microscópica. Talvez seja uma palavra para "microrganismo". Suspeito que sejam termos técnicos da microbiologia, os quais eu não entenderia mesmo no Padrão Galáctico.

– Provavelmente – respondeu Trevize, mal-humorado. – E, tão provavelmente quanto, não nos seria nada útil, mesmo se conseguíssemos ler. Não estamos interessados em germes. Faça-me um favor, Janov. Dê uma olhada em alguns desses livros e veja se há alguma coisa aqui com um título interessante. Enquanto faz isso, vou investigar aqueles visualizadores de livros.

– É isso que eles são? – perguntou Pelorat, pensativo.

Eram estruturas baixas e cúbicas, encostadas à parede, que serviam de suporte para telas anguladas e para uma extensão curvada sobre essas telas que talvez fosse um apoio para braços ou para uma um eletro-bloco – se é que Melpomenia tinha tal tecnologia.

– Se essa é a biblioteca – disse Trevize –, eles devem ter visualizadores de livros de algum tipo, e isso aqui parece que poderia ser um.

Ele espanou a poeira da tela com muito cuidado e ficou aliviado pelo fato de a tela não ter se despedaçado ao toque, qualquer que fosse o material. Manipulou os comandos com leveza, um depois do outro. Não aconteceu nada. Então testou outro visualizador, e depois mais um, com os mesmos resultados negativos.

Não ficou surpreso. Mesmo que os equipamentos continuassem em

condições de funcionamento depois de vinte milênios em uma atmosfera rarefeita e fossem resistentes ao vapor d’água, havia, ainda, a questão da fonte de energia. Energia guardada sempre encontrava alguma maneira de se esvair, independentemente do que fosse feito para impedir esse processo. Era outro aspecto da onipresente e irresistível segunda lei da termodinâmica.

Pelorat estava atrás dele.

– Golan?

– Sim?

– Tenho um livro-filme aqui...

– De que tipo?

– Acho que é sobre a história dos voos espaciais.

– Perfeito. Mas não será de nenhuma utilidade se eu não conseguir fazer este visualizador funcionar – Trevize cerrou as mãos, frustrado.

– Podíamos levar o filme para a nave.

– Eu não saberia como adaptá-lo aos nossos visualizadores. Não se encaixaria, e nosso sistema de escaneamento certamente será incompatível.

– Mas isso tudo é mesmo necessário, Golan? Se nós...

– É mesmo necessário, Janov. Agora, não me interrompa. Estou tentando decidir o que fazer. Posso tentar fornecer energia para o visualizador. Talvez seja a única coisa de que ele precisa.

– Onde você conseguiria energia?

– Bom... – Trevize sacou suas armas, observou-as brevemente e então devolveu o desintegrador ao coldre. Abriu o chicote neurônico e estudou o nível de abastecimento de energia. Estava no máximo.

Trevize inclinou-se na direção do chão e tateou atrás do visualizador (ele continuava supondo que aquilo era um visualizador), tentando empurrá-lo para a frente. O aparelho se deslocou um pouco, e Trevize estudou o que descobriu com esse movimento.

Um daqueles cabos deveria ser responsável pela carga de energia e certamente era aquele que saía da parede. Não havia nenhuma tomada ou conexão óbvia. (Como alguém conseguia lidar com uma cultura antiga e alienígena na qual as questões mais simples e convencionais eram irreconhecíveis?)

Ele puxou o cabo gentilmente, então com mais força. Virou para um lado, depois para o outro. Apalpou a parede ao redor do cabo, e o trecho do cabo próximo à parede. Voltou sua atenção o máximo que

pôde para a traseira semioculta do visualizador, e nada do que estava fazendo ali surtia algum efeito.

Ele apoiou uma mão no chão para se levantar e, conforme ficou em pé, o cabo veio com ele. Não tinha a menor ideia do que fizera para soltá-lo.

Não parecia quebrado nem rasgado. A extremidade parecia estar com o encaixe intacto, e deixou um acesso intacto na parede.

Gentilmente, Pelorat disse:

– Golan, eu...

– Agora não, Janov – Trevize ergueu um braço peremptório para o outro. – Por favor!

Repentinamente, ele percebeu a substância verde se solidificando nas reentrâncias de sua luva esquerda. Ele provavelmente esmagara parte do musgo atrás do visualizador. Sua luva estava coberta por uma leve umidade, que secou conforme ele observava, e a mancha esverdeada se tornou marrom.

Ele voltou sua atenção para o cabo, examinando cuidadosamente a extremidade solta. Havia dois pequenos buracos nela, onde fios podiam ser inseridos.

Ele se sentou no chão e abriu a unidade de energia de seu chicote neurônico. Com cautela, despolarizou um dos fios e soltou-o da unidade. Então, lenta e delicadamente, inseriu-o no buraco do cabo, forçando a entrada até onde foi possível. Quando tentou retirar o fio gentilmente, o fio continuou no lugar, como se tivesse se encaixado. Ele suprimiu o impulso de arrancá-lo à força. Despolarizou o outro fio e colocou-o na outra abertura. Era possível que aquilo fechasse o circuito e fornecesse energia ao visualizador.

– Janov – disse Trevize –, você já mexeu com todos os tipos de livro-filmes. Veja se consegue descobrir uma maneira de inserir esse livro no visualizador.

– É mesmo necessá...

– Por favor, Janov, você continua tentando fazer perguntas que não levam a nada. Não temos muito tempo. Não quero ter de esperar até altas horas da madrugada para que o prédio esfrie o suficiente e possamos retornar.

– Deve ser encaixado dessa maneira – disse Janov –, mas...

– Ótimo – respondeu Trevize. – Se é a história do voo espacial, deve começar com a Terra, pois foi na Terra que o voo espacial foi

inventado. Vamos ver se, agora, esta coisa funciona.

Pelorat, de maneira um pouco mal-humorada, colocou o livro-filme no óbvio receptáculo e começou a estudar as marcações dos vários comandos, em busca de alguma pista sobre seu funcionamento.

– Imagino que devam existir robôs também neste mundo – comentou Trevize, em tom baixo, em parte para atenuar a própria tensão enquanto esperava –, robôs em condições razoavelmente boas, reluzentes no quase vácuo. O problema é que seu abastecimento de energia estaria drenado há muito tempo; e mesmo se fossem recarregados, como estaria o cérebro deles? Alavancas e engrenagens talvez resistam aos milênios, mas e quanto aos microinterruptores ou dispositivos subatômicos que têm no cérebro? Eles provavelmente teriam se deteriorado e, mesmo que não fosse o caso, o que saberiam sobre a Terra? O que eles...

– O visualizador está funcionando, velho amigo – disse Pelorat. – Dê uma olhada.

Sob a luz fraca, a tela do visualizador de livro-filmes começou a tremeluzir. Era apenas tênue, mas Trevize aumentou ligeiramente a potência do seu chicote neurônico e a tela ficou mais clara. O ar rarefeito ao redor deles fazia com que as partes fora dos focos de luz do sol fossem comparativamente escuras, e a sala era desbotada e cheia de sombras. A tela parecia ainda mais clara por causa do contraste.

A imagem continuou a oscilar, com sombras esporádicas passando pela tela.

– Precisa de foco – disse Trevize.

– Eu sei – respondeu Pelorat –, mas isso parece ser o melhor que posso fazer. O próprio filme deve estar deteriorado.

Agora, as sombras iam e vinham com maior velocidade e, às vezes, parecia haver alguma coisa semelhante a uma pálida caricatura de letras. Então, por um instante, houve nitidez, que sumiu tão rapidamente quanto tinha aparecido.

– Volte para aquela imagem e a estabilize – disse Trevize.

Pelorat já estava tentando. Passou por ela ao voltar, e mais uma vez ao ir adiante, e então a achou e a segurou na tela.

Ansiosamente, Trevize tentou ler.

– *Você* consegue entender, Janov? – perguntou, frustrado.

– Não totalmente – disse Pelorat, semicerrando os olhos para

observar a tela. – É sobre Aurora. Essa parte eu consigo entender. Acho que fala sobre a primeira expedição hiperespacial, a “expansão primordial”, é o termo que está aqui.

Ele adiantou as imagens, que ficaram borradas e fora de foco mais uma vez.

– Todos os trechos que consigo ler, Golan – continuou Pelorat, depois de algum tempo –, parecem falar sobre os Mundos Siderais. Não há nada que eu possa encontrar sobre a Terra.

– Não, não haveria – respondeu Trevize, amargamente. – Foi tudo apagado neste mundo, assim como em Trantor. Desligue essa coisa.

– Mas não tem problema... – começou Pelorat, conforme desligava o equipamento.

– Porque podemos olhar em outras bibliotecas? Estará tudo apagado nelas também. Em todos os lugares. – Ele olhou para Pelorat conforme falava. – Você saberia...

Trevize agora encarava Pelorat com uma mistura de horror e repulsa.

– O que há de errado com o seu visor? – perguntou.

67

Por reflexo, Pelorat colocou a mão coberta pela luva em seu visor, depois a desencostou e olhou para ela.

– O que foi? – perguntou, intrigado. Então, olhou para Trevize e continuou, com voz nervosa. – Há algo de peculiar em *seu* visor, Golan.

Trevize olhou à volta automaticamente, em busca de um espelho. Não havia nenhum – e, mesmo se houvesse, ele precisaria de luz.

– Venha até a luz, por favor – murmurou.

Ele guiou e puxou Pelorat ao mesmo tempo até o feixe de luz solar da janela mais próxima. Podia sentir o calor em suas costas, apesar do efeito isolante do traje espacial.

– Olhe na direção do sol, Janov, e feche os olhos – disse.

O que estava errado com o visor ficou imediatamente evidente. Havia musgo crescendo abundantemente no ponto em que o vidro do visor encaixava-se no tecido metalizado do traje. As bordas do visor estavam cobertas de verde aveludado, e Trevize sabia que seu próprio

visor também estava.

Ele esfregou um dedo de sua luva sobre o musgo no visor de Pelorat. Parte dele saiu e o verde esmagado manchou a luva. Conforme ele observava o musgo em sua mão brilhar ao sol, a textura pareceu ficar seca e quebradiça. Tentou de novo e, dessa vez, o musgo esmigalhou-se. Ele esfregou os cantos do visor de Pelorat mais uma vez, com força.

– Limpe o meu, Janov – disse. Depois: – Eu pareço livre do musgo? Ótimo, você também. Vamos embora. Acho que não há mais nada a fazer aqui.

O sol estava desconfortavelmente quente na cidade deserta e sem ar. Os prédios de pedra brilhavam com intensidade, quase dolorosamente. Trevize semicerrou os olhos conforme observava as construções, e caminhou o máximo que podia pelos trechos das ruas que estavam na sombra. Parou diante de uma rachadura em uma das fachadas, ampla o suficiente para que ele pudesse colocar o dedo, mesmo com a luva. Foi o que fez.

– Musgo – murmurou. Caminhou para o limite da sombra e esticou o dedo para ser banhado pela luz solar. – Dióxido de carbono é o fator determinante. Onde quer que possa encontrar dióxido de carbono, seja em rochas deterioradas ou em qualquer outro lugar, o musgo cresce. Somos uma excelente fonte de dióxido de carbono, sabe? Provavelmente mais rica do que qualquer coisa neste planeta moribundo, e imagino que traços do gás vazam pela junção do visor.

– Portanto, o musgo cresce ali.

– Sim.

A caminhada de volta à nave pareceu longa, muito mais longa e, claro, mais quente do que a que haviam feito ao amanhecer. Mas a nave ainda estava à sombra quando chegaram; pelo menos aquilo Trevize havia calculado corretamente.

– Veja! – disse Pelorat.

Trevize olhou. As extremidades da câmara de despressurização estavam contornadas por musgo verde.

– Mais vazamento? – perguntou Pelorat.

– Claro. Tenho certeza de que são quantidades insignificantes, mas esse musgo parece ser melhor indicador de traços de dióxido de carbono do que qualquer coisa de que eu já tenha ouvido falar. Seus esporos devem estar por toda parte e, onde quer que haja algumas

moléculas de dióxido de carbono, eles brotam. – Ele ajustou seu rádio para a frequência da nave. – Júbilo, pode me ouvir?

– Sim – a voz de Júbilo soou nas orelhas dos dois. – Estão prontos para entrar? Tiveram alguma sorte?

– Estamos do lado de fora da nave – disse Trevize –, mas *não* abra a comporta. Vamos abrir daqui de fora. Eu repito, *não* abra a comporta.

– Por que não?

– Júbilo, apenas faça o que lhe peço, por favor. Poderemos ter uma longa conversa depois.

Trevize sacou seu desintegrador, cuidadosamente diminuiu a intensidade até o mínimo e então a observou, inseguro. Nunca a tinha usado no mínimo. Olhou à volta. Não havia nada adequadamente frágil para testar.

Em puro desespero, apontou a arma na direção do barranco rochoso em cuja sombra estava a *Estrela Distante*. Seu alvo não ficou incandescente. Automaticamente, ele apalpou o local que tinha atingido. Será que estava quente? Através do tecido isolante de seu traje, não sabia dizer com nenhum grau de certeza.

Hesitou mais uma vez e então pensou que a fuselagem da nave seria tão resistente, pelo menos em ordem de magnitude, quanto o barranco. Ele apontou a pistola para a beirada da comporta e deu um leve toque no gatilho, segurando o fôlego.

Vários centímetros da vegetação musgosa ficaram marrons de imediato. Ele agitou a mão perto da área marrom e a suave brisa produzida dessa maneira espalhou os leves resquícios que formavam aquela matéria.

– Funciona? – perguntou Pelorat, ansiosamente.

– Sim, funciona – disse Trevize. – Transformei a pistola em um raio de calor moderado.

Ele pulverizou o calor por toda a beirada da comporta e o verde desapareceu ao toque. Tudo. Ele deu uma pancada no metal para criar uma vibração que derrubaria o que restasse, e uma poeira marrom caiu – uma poeira tão leve que até flutuou na atmosfera rarefeita, formando redemoinhos por causa de traços de gases.

– Acho que, agora, podemos abrir – afirmou Trevize.

Usando os controles que tinha no pulso, digitou a combinação de ondas de rádio que ativava o mecanismo de abertura por dentro. A comporta começou a abrir.

– Não enrole, Janov, entre de uma vez – disse Trevize, quando a comporta ainda não estava aberta nem pela metade. – Não espere pelos degraus. Entre.

Trevize foi em seguida e pulverizou as bordas da comporta com sua pistola com potência mínima. Aqueceu, também, os degraus, uma vez que tinham abaixado. Então sinalizou para que a comporta se fechasse, e continuou pulverizando calor até que estivessem completamente abrigados.

– Estamos na câmara de despressurização, Júbilo – disse Trevize. – Ficaremos aqui por alguns minutos. Continue sem fazer nada!

– Me dê alguma informação – soou a voz de Júbilo. – Você está bem? Como está Pel?

– Estou aqui, Júbilo – disse Pelorat –, e perfeitamente bem. Não há nada com que se preocupar.

– Se é o que você diz, Pel, mas quero ouvir explicações depois. Espero que saibam disso.

– Eu prometo – respondeu Trevize, e ativou a luz de dentro da câmara.

As duas figuras nos trajes espaciais estavam uma diante da outra.

– Estamos ejetando o máximo possível de ar planetário – explicou Trevize –, portanto vamos esperar até que o procedimento termine.

– E quanto ao ar da nave? Vamos deixar que entre?

– Não por um tempo. Estou tão ansioso para sair do traje espacial quanto você, Janov. Quero apenas ter certeza de que nos livramos de qualquer esporo que tenha entrado conosco, pelo ar ou nos trajes.

Sob a iluminação não muito satisfatória da câmara de despressurização, Trevize apontou a pistola para a junção interna da comporta e da fuselagem, espalhando calor metodicamente ao longo do chão, pelo teto e pelas laterais, e de volta ao chão.

– Agora você, Janov.

Pelorat ficou inquieto.

– Você talvez sinta calor – explicou Trevize. – Não deve acontecer nada além disso. Se ficar desconfortável, basta dizer.

Ele pulverizou o raio invisível pelo visor, especialmente nas bordas. Então, pouco a pouco, pelo resto do traje espacial.

– Levante os braços, Janov – ele murmurou. Então: – Apoie seus braços em meus ombros e levante um dos pés. Preciso limpar as solas. Agora, o outro. Está ficando quente demais?

– Não me sinto exatamente banhado por brisas frescas, Golan.

– Pois bem, então me dê uma amostra do meu próprio veneno. Pulverize-a em mim.

– Nunca empunhei uma pistola.

– Você *precisa* empunhá-la. Segure desse jeito e, com o polegar, aperte este pequeno botão. E segure o cabo com força. Isso. Agora passe pelo meu visor. Mova-o uniformemente, Janov, não deixe que fique tempo demais em um ponto só. Pelo resto do capacete, então pelas bochechas e pelo pescoço.

Trevize continuou passando orientações e, quando já havia recebido calor pelo corpo todo e, como resultado, transpirava desconfortavelmente, pegou a pistola de volta e observou o nível de energia.

– Mais da metade se foi – disse, e então pulverizou o interior da câmara de despressurização metodicamente, para frente e para trás pelas paredes, até que a carga da pistola se esgotou e ela estava bastante quente por causa da descarga contínua. Ele a recolocou no coldre.

Somente então sinalizou para entrar na nave. Conforme a comporta interna se abriu, apreciou o sibilar e a sensação de ar entrando na câmara. O frescor e a capacidade de convecção eliminavam o calor dos trajes com muito mais rapidez do que a simples radiação. Podia ser apenas imaginação, mas ele sentiu o efeito refrigerador instantaneamente. Imaginário ou não, foi muito bem-vindo.

– Pode tirar o traje, Janov, e deixe-o aqui fora, na câmara – disse Trevize.

– Se não se importa – respondeu Pelorat –, um banho é o que eu gostaria agora, antes de qualquer coisa.

– Não antes de qualquer coisa. Na verdade, acho que, antes disso, e antes que possa até esvaziar sua bexiga, imagino que você terá de falar com Júbilo.

Júbilo, é claro, estava esperando por eles com uma expressão preocupada no rosto. Atrás dela estava Fallom, espiando, com as mãos agarradas firmemente ao braço esquerdo de Júbilo.

– O que aconteceu? – perguntou Júbilo, severa. – O que foi tudo isso?

– Prevenção contra infecções – respondeu Trevize, secamente –, portanto vou ativar a radiação ultravioleta. Pegue os óculos escuros.

Por favor, não demore.

Com o ultravioleta somado à iluminação das paredes, Trevize tirou suas roupas úmidas, uma a uma, e as sacudiu, examinando-as com todo o cuidado.

– Apenas uma precaução – explicou. – Você também precisa fazer isso, Janov. E, Júbilo, precisarei me despir completamente. Se isso a deixar desconfortável, vá para outro aposento.

– Não me deixará desconfortável nem embaraçada – disse Júbilo. – Tenho uma boa noção da sua aparência, e isso certamente não me trará nada novo. Que infecção?

– Apenas uma coisinha que, se seguisse seu curso natural – respondeu Trevize, com um ar proposital de indiferença –, acredito que poderia causar grandes danos à humanidade.

68

Estava feito. A luz ultravioleta havia cumprido seu papel. Oficialmente, de acordo com os complexos filmes de informação e instrução que tinham vindo com a *Estrela Distante* quando Trevize embarcou pela primeira vez em Terminus, a luz estava incluída justamente para desinfecção. Mas Trevize suspeitava que, para pessoas que vinham de mundos em que bronzeados eram moda, a tentação de usá-la para conseguir um tom de pele atraente estava sempre presente – e, às vezes, alguém provavelmente cedera a ela.

Eles levaram a nave para o espaço e Trevize a manobrou o mais próximo possível do sol de Melpomenia sem que eles ficassem desconfortáveis demais, virando e rotacionando a embarcação para garantir que toda a sua superfície fosse banhada por raios ultravioleta.

Por último, resgataram os dois trajes espaciais que haviam sido deixados na câmara e os examinaram até que todos, inclusive Trevize, estivessem satisfeitos.

– Tudo isso – comentou Júbilo, ao final da tarefa – por causa de musgo. Não foi isso que você disse que era, Trevize? Musgo?

– Eu chamo de musgo – disse Trevize – porque foi isso que me pareceu. Mas não sou botânico. Tudo o que posso dizer é que é de um verde intenso e que provavelmente pode se propagar com pouquíssima luz.

– Por que pouquíssima?

– O musgo é sensível à ultravioleta e não cresce, nem mesmo sobrevive, sob iluminação direta. Seus esporos estão por toda parte e ele se desenvolve em cantos escondidos, em rachaduras nas estátuas, nas superfícies debaixo de estruturas, se alimentado da energia de fótons de luz espalhados onde quer que haja uma fonte de dióxido de carbono.

– Imagino que você o considere perigoso – disse Júbilo.

– Pode ser que seja. Se alguns esporos estivessem em nossos trajes quando entramos, ou flutuassem para dentro conosco, encontrariam bastante iluminação sem os danosos raios ultravioleta. Encontrariam água abundante e um suprimento infinito de dióxido de carbono.

– Apenas 0,03% da nossa atmosfera – respondeu Júbilo.

– Uma grande quantidade, para o musgo... e 4% em nossa expiração. E se crescessem esporos em nossas narinas e em nossa pele? E se ele se decompusesse e destruísse nossa comida? E se produzisse toxinas mortíferas? Se, mesmo depois de tanto trabalho para matar os esporos, sobrassem alguns vivos, seria o suficiente para infestar outro mundo, caso os carregássemos até lá. Dali, o musgo se espalharia para mais mundos. Quem sabe o tipo de dano que ele poderia causar?

Júbilo negou com a cabeça.

– Uma forma de vida não é necessariamente perigosa por ser diferente – disse. – Você está sempre tão pronto para matar.

– Isso é Gaia falando – respondeu Trevize.

– Claro que é, mas espero, ainda assim, fazer sentido. O musgo está adaptado às condições deste mundo. Assim como faz uso de pequenas quantidades de luz, mas é morto se houver grandes quantidades, pode fazer uso de pequenas quantidades de dióxido de carbono, mas ser morto se houver muito. Talvez não seja capaz de sobreviver em nenhum outro planeta além de Melpomenia.

– Você gostaria que eu arriscasse? – exigiu Trevize.

– Certo – Júbilo deu de ombros. – Não fique na defensiva. Entendo o que diz. Como um Isolado, provavelmente não teve escolha além de fazer o que fez.

Trevize teria respondido, mas a voz aguda e cristalina de Fallom os interrompeu. Ela falou em sua própria língua.

– O que ela está dizendo? – perguntou Trevize a Pelorat.

Pelorat começou:

– O que Fallom está dizendo...

Mas Fallom, como se lembrasse tarde demais de que sua própria língua não era facilmente compreendida, tentou de novo:

– Havia Jemby lá onde vocês estavam? – pronunciou as palavras meticulosamente, e Júbilo ficou radiante.

– Ela fala galáctico tão bem, não fala? – comentou. – E aprendeu com uma rapidez impressionante.

– Estragarei tudo se eu tentar – disse Trevize, em tom baixo –, mas explique a ela, Júbilo, que não encontramos nenhum robô no planeta.

– Eu explico – interveio Pelorat. – Venha, Fallom – ele colocou um braço gentil sobre os ombros da criança. – Vamos para o nosso quarto e eu pegarei outro livro para você ler.

– Um livro? Sobre Jemby?

– Não exatamente... – e a porta se fechou atrás deles.

– Sabe – disse Trevize, observando impacientemente a porta se fechar –, estamos desperdiçando tempo ao brincarmos de babá com aquela criança.

– Desperdiçando? – perguntou Júbilo. – Trevize, de que maneira isso interfere em sua busca pela Terra? Em nada. Brincar de babá estabelece comunicação, alivia medo, traz amor. Essas conquistas não são nada?

– Isso é Gaia falando novamente.

– Sim – disse Júbilo. – Então, sejamos práticos. Visitamos três dos Mundos Siderais e não conseguimos nada.

– Não tenho como discordar.

– E, na verdade, cada um deles era perigoso, não era? Em Aurora, havia cães raivosos; em Solaria, seres humanos estranhos e perigosos; em Melpomenia, um musgo ameaçador. Então, aparentemente, quando um mundo é deixado por conta própria, com ou sem seres humanos, ele se torna temerário para a comunidade interestelar.

– Você não pode considerar isso uma regra.

– Três de três certamente parece um número impressionante.

– E qual a impressão que isso lhe causa, Júbilo?

– Vou dizer. Por favor, me escute com a mente aberta. Se você tem, na Galáxia, milhões de mundos que interagem, como é a realidade, e se cada um deles é composto inteiramente por Isolados, como de fato o são, então em cada mundo os seres humanos são dominantes e podem forçar suas vontades sobre formas de vida não humanas, sobre

o plano geológico inanimado e até mesmo uns sobre os outros. A Galáxia, portanto, é uma forma muito primitiva, hesitante e disfuncional de Galaksia. O princípio de uma unidade. Entende o que quero dizer?

– Entendo o que está tentando dizer, mas isso não significa que concordarei quando você terminar.

– Apenas escute. Concorde ou não, como quiser, mas escute. A única forma para a Galáxia funcionar é como uma proto-Galaksia, e quanto menos proto e mais Galaksia, melhor. O Império Galáctico foi uma tentativa de uma proto-Galaksia forte e, quando ruiu, a realidade se tornou rapidamente pior, e havia o constante esforço para fortalecer o conceito de proto-Galaksia. A Confederação da Fundação é uma tentativa desse tipo. Assim como o Império do Mulo. Assim como o Império que a Segunda Fundação planeja. Mas mesmo se não houvesse esses impérios ou confederações; mesmo se a Galáxia estivesse caótica, seria um caos conectado com cada mundo interagindo com todos os outros, ainda que fosse apenas de maneira hostil. Isso seria uma espécie de união, e, ainda assim, não seria a pior situação possível.

– O que seria a pior situação possível?

– Você sabe a resposta para essa pergunta, Trevize. Você testemunhou. Se um mundo habitado por humanos se separar por completo, será verdadeiramente um Isolado e, se perder todas as interações com os outros mundos humanos, ele acabará se tornando... maligno.

– Como um câncer.

– *Sim*. Solaria não é justamente isso? Sua índole é contra todos os mundos. E, em sua própria superfície, a índole de cada indivíduo é contra a índole de todos os outros. Você viu. E, se os seres humanos desaparecessem, o último traço de disciplina desapareceria também. O “cada um por si e contra todos os outros” se torna irracional, como os cachorros, ou é simplesmente uma força elementar, como o musgo. Espero que você enxergue que, quanto mais perto estivermos de Galaksia, melhor será a sociedade. Por que, então, parar antes de chegarmos a Galaksia?

Por um momento, Trevize encarou Júbilo em silêncio.

– Estou pensando no assunto – disse. – Mas por que essa presunção de que dosagem é algo de mão única; de que, se um pouco é bom,

muito é melhor, e que tudo é melhor ainda? Não foi você mesma quem apontou que o musgo talvez seja adaptado a pouquíssimo dióxido de carbono e que um suprimento generoso pudesse matá-lo? Um ser humano com dois metros de altura se sai melhor do que um de apenas um metro; mas também se sai melhor do que um que tenha três metros. Um rato não tem uma vida melhor se for expandido para o tamanho de um elefante. Ele não sobreviveria. Tampouco o elefante se sairia melhor se fosse reduzido ao tamanho de um rato. Existe um tamanho natural, uma complexidade natural, alguma qualidade otimizada para tudo, seja estrela ou átomo, e isso é certamente válido para seres vivos e sociedades vivas. Não digo que o antigo Império Galáctico fosse ideal, e posso ver, com certeza, falhas na Confederação da Fundação, mas não estou preparado para dizer que, se Isolamento total é ruim, Unificação total é boa. Os extremos podem ser, ambos, igualmente horríveis, e um antiquado Império Galáctico, por mais imperfeito que seja, talvez seja o melhor que possamos fazer.

Júbilo negou com a cabeça.

– Eu me pergunto se você acredita no que diz, Trevize. Você diria que um vírus e um ser humano são igualmente insatisfatórios e que deseja se contentar com algo no meio-termo, como um fungo viscoso?

– Não. Mas eu talvez dissesse que um vírus e um super-humano são igualmente insatisfatórios, e que desejo me contentar com algo no meio-termo, como uma pessoa comum. Mas não há sentido em discutir a questão. Terei minha solução quando encontrar a Terra. Em Melpomenia, encontramos as coordenadas para os outros quarenta e sete Mundos Siderais.

– E você visitará todos?

– Cada um deles, se for preciso.

– Expondo-se aos perigos de cada um.

– Sim, se isso for o que é preciso para encontrar a Terra.

Pelorat tinha saído do quarto no qual deixara Fallom, e parecia prestes a dizer algo quando foi envolvido pela discussão acelerada entre Júbilo e Trevize. Encarou um e depois o outro, conforme eles falavam um de cada vez.

– Quanto tempo levará? – perguntou Júbilo.

– Quanto tempo for preciso – respondeu Trevize –, e talvez encontremos o que procuramos no próximo que visitarmos.

– Ou em nenhum deles.

– Não podemos saber até procurar.

Agora, enfim, Pelorat conseguiu inserir uma palavra na discussão.

– Mas para que procurar, Golan? Temos a resposta.

Trevize fez um gesto de mão impaciente na direção de Pelorat, parou o movimento, virou a cabeça e perguntou, confuso:

– Como é que é?

– Eu disse que temos a resposta. Tentei dizer-lhe pelo menos cinco vezes em Melpomenia, mas você estava tão envolvido com o que fazia...

– Temos qual resposta? Do que você está falando?

– Sobre a *Terra*. Acho que sabemos onde está a Terra.

PARTE 6

16.

O centro dos mundos

69

Trevize encarou Pelorat durante um longo momento, com uma evidente expressão de desagrado.

– Há alguma coisa que você tenha visto que eu não vi e sobre a qual não me falou? – perguntou.

– Não – respondeu Pelorat, calmamente. – Você viu e, como acabei de dizer, tentei explicar, mas você não estava disposto a me ouvir.

– Pois tente novamente.

– Não seja agressivo com ele, Trevize – interveio Júbilo.

– Não estou sendo agressivo. Estou pedindo uma informação. E não o trate como se ele fosse um bebê.

– Por favor – disse Pelorat –, escutem a mim, e não um ao outro, pode ser? Você se lembra, Golan, que discutimos tentativas antigas de descobrir a origem da espécie humana? O projeto de Yariff? Aquela tentativa de estabelecer as épocas de colonização seguindo a hipótese de que os planetas teriam sido colonizados de maneira uniforme e progressivamente mais longe do mundo de origem, em todas as direções? Assim, passando dos planetas de colonização mais recente para os mais antigos, seria possível se aproximar do mundo de origem por todas as direções.

– O que me lembro – Trevize concordou impacientemente com a cabeça – é que não funcionou, pois as datas de colonização não eram confiáveis.

– Exato, velho amigo. Mas os mundos com os quais Yariff lidou faziam parte da segunda expansão da raça humana. Naquele momento, a viagem hiperespacial já estava bastante avançada, e a colonização deve ter sido deveras assimétrica. Era muito fácil realizar Saltos imensos por grandes distâncias, e a colonização não foi necessariamente progressiva e radial. Tal fato certamente contribuiu com o problema da inconfiabilidade das datas. Mas pense, Golan, nos

Mundos Siderais. Eles estavam na primeira onda colonizadora. Viagens hiperespaciais eram pouco sofisticadas, e era provavelmente impossível realizar grandes saltos. Enquanto milhões de mundos foram colonizados, talvez de forma caótica, durante a segunda expansão, apenas cinquenta foram colonizados, possivelmente de maneira mais organizada do que na primeira. Enquanto os milhões de mundos da segunda expansão foram colonizados em um período de vinte mil anos, os cinquenta da primeira expansão foram colonizados em um período de poucos séculos, quase instantaneamente, em comparação. Estes cinquenta, se considerados um conjunto, devem existir dentro de uma simetria razoavelmente esférica em relação ao mundo de origem. Temos as coordenadas desses cinquenta mundos. Você as fotografou, lembra-se, de cima da estátua? Quem ou o que estiver destruindo as informações relacionadas à Terra deve ter negligenciado essas coordenadas ou não parou para pensar que elas poderiam nos fornecer a informação de que precisamos. Tudo o que você precisa fazer, Golan, é ajustar as coordenadas para levar em consideração os últimos vinte mil anos de deriva estelar e então encontrar o centro da esfera. Você acabará bem perto do sol da Terra, ou, pelo menos, de onde ele estava há vinte mil anos.

O queixo de Trevize havia caído durante o discurso, e ele demorou um pouco para fechar a boca depois que Pelorat terminara.

– Por que não pensei nisso? – comentou.

– Eu tentei lhe dizer enquanto ainda estávamos em Melpomenia.

– Tenho certeza de que tentou. Peço desculpas, Janov, por me recusar a ouvir. Acontece que eu não imaginei que... – ele parou de falar, constrangido.

– Que eu poderia ter alguma coisa importante para falar – Pelorat riu-se em silêncio. – Acho que, normalmente, eu não teria mesmo, mas isso era algo em meu campo de estudo, sabe? Tenho certeza de que, via de regra, você tem justificativas perfeitas para não me ouvir.

– Nunca – respondeu Trevize. – Não é verdade, Janov. Sinto-me um tolo, e mereço me sentir assim. Mais uma vez, peço desculpas. E agora preciso usar o computador.

Ele e Pelorat entraram na sala de pilotagem e Pelorat, como sempre, observou, com uma combinação de admiração e incredulidade, conforme as mãos de Trevize tocaram a escrivaninha e ele se tornou o que era quase um único organismo homem/

computador.

– Terei de fazer algumas suposições, Janov – disse Trevize, bastante inexpressivo por estar conectado ao computador. – Vou supor que o primeiro número é uma distância em parsecs e que os outros dois números são ângulos em radianos, o primeiro sendo acima e abaixo, por se dizer, e o outro, direita e esquerda. Vou supor que o uso de positivo e negativo, no caso dos ângulos, está no Padrão Galáctico, e que a marca 0-0-0 é o sol de Melpomenia.

– Me parece correto – respondeu Pelorat.

– Será? Existem seis maneiras possíveis de dispor os números, quatro maneiras possíveis de dispor os sinais; as distâncias podem estar em anos-luz, em vez de parsecs; os ângulos podem estar em graus, e não em radianos. Já são noventa e seis variações diferentes só nessas informações. Além disso, se as distâncias adotadas forem em anos-luz, não posso ter certeza da duração dos anos usados. Além disso, não sei quais convenções foram usadas para medir os ângulos; imagino que seja a partir do equador melpomeniano em um caso, mas qual seria o meridiano?

– Agora você fez parecer que não tem jeito – Pelorat franziu o cenho.

– Tem sim. Aurora e Solaria estão incluídas na lista, e sei onde elas estão no espaço. Usarei as coordenadas para ver se consigo localizá-las. Se eu acabar no lugar errado, ajustarei as coordenadas até que elas me deem a localização certa, e isso me dirá quais suposições errôneas estou fazendo no que diz respeito às convenções que governam as coordenadas da lista. Uma vez que tenha corrigido minhas suposições, posso procurar pelo centro da esfera.

– Com todas as possibilidades de variação, não será difícil decidir o que fazer?

– O quê? – perguntou Trevize. Ele estava cada vez mais concentrado. Então, depois que Pelorat repetiu a pergunta, ele respondeu: – Bom, é provável que as coordenadas sigam o Padrão Galáctico, e ajustá-las para um meridiano desconhecido não é difícil. Esses sistemas para localizar pontos específicos do espaço foram elaborados há muito tempo, e a maioria dos astrônomos acredita que precedem as viagens interestelares. Os seres humanos são muito conservadores com algumas coisas e quase nunca mudam convenções numéricas, uma vez que tenham se acostumado com elas. Acho,

inclusive, que chegam a confundi-las com leis da natureza. Isso não é ruim, pois, se cada mundo tivesse suas próprias convenções de medida mudando a cada século, acredito, sinceramente, que os avanços científicos congelariam permanentemente.

Era evidente que ele trabalhava enquanto falava, pois suas palavras vinham pausadamente. Então, murmurou:

– Agora, silêncio.

Em seguida, seu rosto se contraiu, concentrado, até que, depois de vários minutos, ele se reclinou e respirou fundo.

– As convenções se aplicam – disse, em tom baixo. – Localizei Aurora. Não há dúvidas. Veja.

Pelorat olhou para o campo estrelado e para a estrela mais brilhante, perto do centro.

– Tem certeza? – perguntou.

– Minha opinião não importa – disse Trevize. – O *computador* tem certeza. Afinal, visitamos Aurora. Temos suas características: o diâmetro, a massa, a luminosidade, a temperatura, detalhes sobre o espectro; isso sem considerar o padrão das estrelas vizinhas. O computador diz que é Aurora.

– Então temos de aceitar a palavra do computador.

– Sim, acredite. Deixe-me ajustar a tela de visualização e o computador pode começar os cálculos. Ele tem os 50 conjuntos de coordenadas e os usará um por vez.

Trevize interagia com a tela conforme falava. O computador trabalhava rotineiramente nas quatro dimensões de espaço-tempo, mas, para um observador humano, era raro que a tela fosse necessária em mais do que duas dimensões. Agora, a tela parecia ser preenchida por uma escuridão tão profunda quanto ampla. Trevize diminuiu a luz da sala quase totalmente para que a observação do brilho das estrelas fosse mais fácil.

– Começará agora – sussurrou.

Um instante depois, surgiu uma estrela – depois outra, depois outra. A visualização da tela mudava com cada acréscimo, para que todas ficassem visíveis. Era como se o espaço se distanciasse do olho para que a visão ficasse cada vez mais panorâmica. Havia, também, alguns deslocamentos para cima ou para baixo, à direita ou à esquerda...

Enfim, cinquenta pontos coloridos haviam aparecido, flutuando no

espaço tridimensional.

– Eu teria preferido um arranjo esférico mais bonito – disse Trevize –, isso parece o esqueleto de uma bola de neve moldada às pressas, feita com neve dura e granulada.

– Isso estraga tudo?

– Traz algumas dificuldades, mas acho que são inevitáveis. As próprias estrelas não são distribuídas uniformemente, e os planetas habitáveis certamente não são, portanto é esperado que haja desigualdades na colonização de novos mundos. O computador ajustará cada um desses pontos para suas posições atuais, incluindo a possível deriva ocorrida nos últimos vinte mil anos, mesmo que esse período não represente muita coisa, e então os encaixará em uma esfera otimizada. Em outras palavras, encontrará uma superfície esférica da qual os pontos estão a uma distância mínima possível. Assim, encontraremos o centro da esfera, e a Terra deve estar razoavelmente próxima desse centro. Ou assim esperamos. Não vai demorar.

70

Não demorou. Trevize, acostumado a aceitar os milagres do computador, descobriu-se surpreso com o pouco tempo que foi necessário.

Ele havia instruído o computador a emitir uma nota suave e reverberante ao determinar as coordenadas do centro otimizado. Não havia nenhum motivo para tanto, exceto a satisfação de ouvi-la e saber que a busca possivelmente terminara.

O som veio em questão de minutos, e foi como o gentil soar de um gongo. Cresceu até que eles pudessem sentir a vibração fisicamente e, então, desapareceu de maneira gradual.

Júbilo apareceu à porta quase imediatamente.

– O que foi isso? – ela perguntou, olhos arregalados. – Uma emergência?

– De jeito nenhum – disse Trevize.

– Talvez tenhamos localizado a Terra, Júbilo – acrescentou Pelorat, ansiosamente. – O som foi a maneira do computador de nos avisar.

– Eu poderia ter sido comunicada – Júbilo entrou na sala.

– Lamento, Júbilo – disse Trevize. – Não era minha intenção que tivesse soado tão alto.

Fallom seguira Júbilo para dentro da sala.

– Júbilo, por que houve a existência daquele som? – perguntou.

– Vejo que ela também está curiosa – disse Trevize.

Ele se recostou na cadeira, sentindo-se exausto. O próximo passo era tentar aplicar a descoberta na Galáxia verdadeira; focar nas coordenadas do centro dos Mundos Siderais e verificar se havia, de fato, uma estrela de classe G ali. Mais uma vez, ele relutava em dar o passo óbvio, incapaz de colocar a possível solução à prova.

– Sim – respondeu Júbilo. – Por que não deveria ficar? Ela é tão humana quanto nós.

– Seu criador não concordaria – disse Trevize, distraído. – Preocupo-me com a criança. Ela é mau agouro.

– O que ela fez para comprovar sua teoria? – exigiu Júbilo.

– É apenas uma intuição – Trevize abriu os braços.

Júbilo olhou para ele com desdém e virou-se na direção de Fallom.

– Estamos tentando encontrar a Terra, Fallom – disse.

– O que é Terra?

– É outro mundo, mas muito especial. É o mundo de onde vieram nossos ancestrais. Você sabe o que quer dizer a palavra "ancestral" a partir das suas leituras, Fallom?

– Quer dizer ****? – a última palavra não era do Padrão Galáctico.

– Essa, Júbilo – explicou Pelorat –, é uma palavra arcaica para "ancestrais". Em nosso vocabulário, a palavra "precursor" é a mais próxima dela.

– Excelente – disse Júbilo, com um súbito sorriso luminoso. – A Terra, Fallom, é o mundo de onde vieram nossos precursores. Os seus, os meus, os de Pel e os de Trevize.

– Os seus, Júbilo... E os meus também – Fallom soava intrigada. – Os dois?

– Existe apenas um grupo de precursores – respondeu Júbilo. – Temos os mesmos precursores, todos nós.

– Me parece que a criança sabe muito bem que é diferente de nós – disse Trevize.

– Não diga isso – respondeu Júbilo, em tom baixo. – Ela precisa enxergar que não é. Não na essência.

– Hermafroditismo é essencial, eu diria.

– Estou falando da mente.

– Lóbulos transdutores também são essenciais.

– Trevize, não seja difícil. Ela é inteligente e humana, apesar dos detalhes.

Ela se voltou na direção de Fallom, sua voz voltando ao tom normal.

– Pense com calma sobre isso, Fallom, e descubra o que significa para você. Seus precursores e os meus foram os mesmos. Todas as pessoas, em todos os mundos... muitos, muitos mundos... tiveram os mesmos precursores, e esses precursores viveram, originalmente, no mundo chamado Terra. Isso significa que somos todos parentes, não acha? Agora, volte para o nosso quarto e pense nisso.

Depois de lançar um olhar pensativo para Trevize, Fallom se virou e correu para fora da sala, acelerada pelo afetuoso tapinha que Júbilo deu em suas costas.

Júbilo encarou Trevize e disse:

– Por favor, Trevize, prometa-me que não fará mais comentários na presença de Fallom que a levarão a achar que é diferente de nós.

– Eu prometo – respondeu Trevize. – Não tenho nenhum desejo de impedir ou subverter o processo educacional, mas, sabe, ela *é* diferente de nós.

– De algumas maneiras. Assim como sou diferente de você e assim como Pel também é.

– Não seja ingênua, Júbilo. No caso de Fallom, as diferenças são muito maiores.

– Um *pouco* maiores. As similaridades têm importância muito mais vasta. Algum dia, ela e seu povo farão parte de Galaksia, e estou certa de que serão uma parte muito útil.

– Certo. Não vamos discutir. – Ele se reclinou sobre o computador com evidente relutância. – Nesse meio-tempo, receio que terei de verificar a suposta posição da Terra no espaço real.

– Receia?

– Bom – Trevize ergueu os ombros de um jeito que ele esperou ter sido semicômico –, e se não houver nenhuma estrela adequada perto da localização?

– Então, não haverá nenhuma estrela – disse Júbilo.

– Eu me pergunto se é mesmo necessário verificar isso agora. Não poderemos executar o Salto nos próximos dias.

– E você passará todos esses dias angustiado por causa das possibilidades. Descubra agora. Esperar não mudará nada.

Por um momento, Trevize ficou em silêncio, com os lábios contraídos. Então disse:

– Você tem razão. Pois bem, aqui vamos nós.

Ele se voltou para o computador, colocou as mãos nas marcações sobre o tampo e a tela ficou escura.

– Vou deixá-los a sós – disse Júbilo. – Farei apenas com que fique nervoso, caso eu permaneça.

Ela foi embora com um gesto de despedida.

– A questão – murmurou Trevize – é que primeiro vamos verificar o mapa galáctico do computador e, mesmo que o sol da Terra esteja na posição calculada, o mapa não deve incluí-lo. O que faremos em seguida...

Sua voz sumiu em perplexidade conforme a tela brilhou com um fundo de estrelas; bem espalhadas pela tela, eram pálidas e em número considerável. De quando em quando, uma estrela brilhava mais que as outras, cintilando aqui e ali.

– Encontramos – disse Pelorat, alegremente. – Encontramos, velho amigo. Veja só como brilha.

– Qualquer estrela com coordenadas centralizadas pareceria brilhante – respondeu Trevize, evidentemente tentando abafar qualquer alegria que pudesse se provar infundada. – A visualização, afinal, é apresentada a partir da distância de um parsec das coordenadas usadas como centro. Ainda assim, aquela estrela centralizada certamente não é uma anã vermelha, tampouco uma gigante vermelha e muito menos uma azul-branca de alta temperatura. Espere pelas informações, o computador está verificando seu banco de dados.

Houve silêncio por alguns segundos, e então Trevize continuou:

– Classe espectral G-2 – outra pausa. – Diâmetro, um milhão e quatrocentos mil quilômetros; massa, 1,02 vez a do sol de Terminus; temperatura na superfície, seis mil absolutos; rotação lenta, logo, abaixo de trinta dias. Nenhuma atividade incomum ou irregularidade.

– Tudo isso é típico da categoria de estrelas em torno das quais podem ser encontrados planetas habitáveis, não é?

– Típico – Trevize concordou com a cabeça na penumbra – e, portanto, o que esperaríamos do sol da Terra. Se tiver sido ali que a

vida se desenvolveu, o sol da Terra teria estabelecido o padrão original.

– Portanto, há uma boa chance de que exista um planeta habitável em sua órbita.

– Não precisamos especular – disse Trevize, que parecia bastante intrigado com a questão. – O mapa galáctico diz que ele tem um planeta com vida humana. Mas com um ponto de interrogação.

– É exatamente o que deveríamos esperar, Golan – o entusiasmo de Pelorat aumentou. – O planeta que pode sustentar vida está lá, mas a tentativa de esconder esse fato ocultou dados sobre ele e deixou os criadores deste mapa incertos.

– É justamente isso que me incomoda – disse Trevize. – Isso *não é* o que deveríamos esperar. Deveríamos esperar muito mais do que isso. Considerando a eficiência com que os dados sobre a Terra foram apagados, os criadores do mapa não deveriam ter conhecimento sobre a vida que existe neste sistema, muito menos sobre a vida humana. Eles não deveriam saber nem que o sol da Terra existe. Os Mundos Siderais não estão no mapa. Por que o sol da Terra estaria?

– Bom, ainda assim, ele está ali. Qual a utilidade de discutir esse fato? Que outras informações sobre a estrela são fornecidas?

– Um nome.

– Ah! Qual é o nome?

– Alfa.

Houve uma pausa, e então Pelorat disse, ansioso:

– É isso, meu caro. É a prova derradeira. Considere o significado.

– Ele tem um significado? – perguntou Trevize. – É apenas um nome para mim, e um nome muito estranho. Não parece nem estar no Padrão Galáctico.

– *Não está* no Padrão Galáctico. Está em uma língua pré-histórica da Terra, a mesma que nos deu Gaia como o nome do planeta de Júbilo.

– Então o que significa Alfa?

– Alfa é a primeira letra do alfabeto dessa língua antiga. É um dos fragmentos de informação mais autênticos que temos sobre ela. Antigamente, “alfa” era usado para nomear o primeiro de qualquer coisa. Chamar um sol de “alfa” implica que é o primeiro sol. E o primeiro sol seria aquele em torno do qual orbitaria o primeiro planeta a ter vida humana: a Terra. Não seria?

– Tem certeza disso?

– Absoluta – respondeu Pelorat.

– Existe alguma coisa nas lendas primitivas (você é o mitólogo, afinal de contas) que dê ao sol da Terra algum atributo bastante incomum?

– Não. Como poderia haver? Precisa ser padrão por definição, e imagino que as características que o computador nos deu são tão padrão quanto possível, não são?

– Imagino que o sol da Terra seja uma única estrela, correto?

– Mas é claro! – respondeu Pelorat. – Que eu saiba, todos os mundos habitados orbitam estrelas individuais.

– Penso da mesma maneira – disse Trevize. – O problema é que aquela estrela no centro da tela de visualização não é uma estrela individual. É uma binária. A mais brilhante das duas estrelas que compõem a binária é, de fato, padrão, e os dados que o computador nos forneceu são dela. Porém, orbitando essa estrela em um período de mais ou menos oito anos, está outra estrela, com uma massa de quatro quintos da massa da mais brilhante. A olho nu, não podemos vê-las como estrelas separadas, mas se eu ampliar a visualização, tenho certeza de que veremos.

– Está certo disso, Golan? – perguntou Pelorat, surpreso.

– É o que o computador está me dizendo. E se estamos olhando para uma estrela binária, não é o sol da Terra. Não pode ser.

71

Trevize interrompeu o contato com o computador e as luzes voltaram ao normal. Aparentemente, foi o sinal para o retorno de Júbilo, com Fallom logo atrás.

– E então, quais são os resultados? – ela perguntou.

– Um tanto decepcionantes – disse Trevize, inexpressivamente. – Encontrei uma estrela binária no lugar em que esperava achar o sol da Terra. O sol da Terra é uma estrela individual, portanto a estrela localizada nessas coordenadas não é ele.

– E agora, Golan? – perguntou Pelorat.

Trevize deu de ombros.

– Eu não esperava ver o sol da Terra nessas coordenadas – disse. –

Nem mesmo os Siderais colonizariam mundos em um padrão que formaria uma esfera perfeita. Aurora, o mais antigo dos Mundos Siderais, pode ter enviado seus próprios colonizadores, o que talvez tenha distorcido ainda mais a esfera. Além disso, o sol da Terra talvez não tenha se deslocado com a exata velocidade média dos Mundos Siderais.

– Portanto, a Terra pode estar em qualquer lugar – respondeu Pelorat. – É isso que está dizendo?

– Não. Não em "qualquer lugar". Todas essas possibilidades de erro não devem se acumular muito. O sol da Terra deve estar nas *proximidades* das coordenadas. A estrela que localizamos quase exatamente nas coordenadas deve ser vizinha do sol da Terra. É surpreendente que exista uma vizinha tão semelhante à da Terra, com exceção de ser binária, mas deve ser esse o caso.

– Mas então veríamos o sol da Terra no mapa, não veríamos? Quero dizer, perto de Alfa?

– Não, pois tenho certeza de que o sol da Terra não está no mapa. Foi isso que abalou minha convicção quando vimos Alfa pela primeira vez. Por mais que seja parecida com o sol terrestre, o simples fato de estar no mapa me fez suspeitar de que não era o próprio.

– Pois bem – disse Júbilo. – Por que não centralizar as mesmas coordenadas no espaço real? Assim, se houver alguma estrela brilhante próxima ao centro, uma estrela que não exista no mapa do computador e que seja muito parecida com Alfa em suas propriedades, mas que seja solitária, não seria o sol da Terra?

– Se for assim – suspirou Trevize –, eu estaria disposto a apostar metade da minha fortuna que, em órbita ao redor da estrela que você descreve, estaria o planeta Terra. Mais uma vez, hesito em tentar.

– Porque talvez falhe?

Trevize concordou com a cabeça e disse:

– Mas me dê algum tempo para recuperar o fôlego e eu me forçarei a fazê-lo.

Enquanto os três adultos olhavam uns para os outros, Fallom se aproximou da mesa do computador e observou com curiosidade as indicações de contato manual sobre ela. A criança estendeu a própria mão, hesitante, na direção dos sinais luminosos, e Trevize bloqueou o movimento com uma veloz intervenção com o braço.

– Não toque nisso, Fallom – disse, severamente.

A jovem solariana se assustou e foi até o reconfortante abraço de Júbilo.

– Precisamos encarar a possibilidade, Golan – disse Pelorat. – E se você não encontrar nada no espaço real?

– Então seremos forçados a voltar para o plano anterior – respondeu Trevize – e visitar cada um dos quarenta e sete Mundos Siderais.

– E se isso não resultar em nada, Golan?

Trevize negou com a cabeça, irritado, como se quisesse evitar que tal pensamento criasse raízes profundas.

– Pensarei em outro plano – disse, abruptamente cabisbaixo, olhando para as próprias pernas.

– Mas e se o mundo dos precursores não existir?

Trevize ergueu os olhos rapidamente ao ouvir a voz aguda.

– Quem disse isso? – perguntou.

Era uma pergunta inútil. O momento de surpresa passou e ele sabia muito bem quem tinha feito a indagação.

– Eu disse – respondeu Fallom.

Trevize olhou para ela com as sobrancelhas levemente franzidas.

– Você entendeu a conversa?

– Você procura pelo mundo dos precursores – disse Fallom –, mas ainda não encontrou. Esse mundo talvez não existe.

– Talvez não *exista* – corrigiu Júbilo, gentilmente.

– Não, Fallom – disse Trevize, com seriedade. – Há um esforço contínuo e muito grande para escondê-lo. Se alguém faz tanta questão de esconder, significa que existe algo a ser escondido. Você entende o que estou dizendo?

– Sim – respondeu Fallom. – Você não permite que eu toque a mesa com as mãos. Se não permite que eu a toque, significa que seria interessante tocá-la.

– Ah, mas não para você, Fallom. Júbilo, você está criando um monstro que nos destruirá. Nunca a deixe entrar aqui, a não ser que eu esteja no computador. E mesmo nesse caso, pense duas vezes, está bem?

Mas a pequena distração aparentemente acabou com a indecisão de Trevize:

– Obviamente, é melhor que eu volte ao trabalho. Se eu ficar aqui parado, essa pequena aberração tomará conta da nave.

As luzes diminuíram.

– Você prometeu, Trevize – disse Júbilo, em tom baixo. – Não a chame de monstro ou aberração quando ela estiver ouvindo.

– Então fique de olho nela e ensine um pouco de boas maneiras. Diga que crianças nunca devem ser ouvidas e que devem ser raramente vistas.

– Sua atitude para com crianças é simplesmente abominável, Trevize – Júbilo franziu o cenho.

– Talvez, mas não é o momento para discutir isso. – Então, em um tom de satisfação e alívio em dosagens iguais, disse: – Ali está Alfa no espaço real. E, à sua esquerda e ligeiramente para cima, há uma estrela quase tão brilhante quanto e que não está no mapa galáctico do computador. *Esse* é o sol da Terra. Apostarei *toda* a minha fortuna nisso.

72

– Bom, não aceitaremos nenhuma parte de sua fortuna, se você perder – disse Júbilo. – Então, por que não resolver a questão de forma direta? Vamos visitar a estrela assim que você puder executar o Salto.

– Não – Trevize negou com a cabeça. – Desta vez, não é uma questão de indecisão ou receio. É uma questão de ser cuidadoso. Visitamos três mundos desconhecidos e três vezes acabamos diante de algo inesperadamente perigoso. Três vezes tivemos de abandonar o planeta às pressas. Agora, a situação é crucial, e não entrarei no jogo mais uma vez sem saber de nada; ou, pelo menos, sem ter o máximo de conhecimento que puder adquirir. Até agora, tudo o que temos são histórias vagas sobre radioatividade, e isso não é suficiente. Graças a um bizarro acaso que ninguém poderia ter antecipado, há um planeta com vida humana a um parsec de distância da Terra...

– Temos certeza de que há um planeta com vida humana na órbita de Alfa? – interrompeu Pelorat. – Você disse que o computador colocou um ponto de interrogação sobre ele.

– Ainda assim – disse Trevize –, uma investigação é válida. Por que não dar uma olhada? Se houver, de fato, seres humanos naquele planeta, vamos tentar descobrir o que eles sabem sobre a Terra.

Afinal, para eles, a Terra não é uma lenda distante; é um mundo vizinho, brilhante e proeminente em seu céu.

– Não é má ideia – interveio Júbilo, pensativa. – Me ocorre que, se Alfa é um sistema habitado, e se os habitantes não forem Isolados completamente típicos, eles talvez sejam amigáveis e talvez consigamos comida decente, para variar.

– E encontremos pessoas agradáveis – completou Trevize. – Não se esqueça disso. Está de acordo, Janov?

– Você é quem decide, velho amigo – respondeu Pelorat. – Para onde quer que você vá, eu irei junto.

– Encontraremos Jemby? – perguntou Fallom, repentinamente.

– Vamos procurar por ele – respondeu Júbilo rapidamente, antes que Trevize pudesse fazê-lo.

– Então está decidido – disse Trevize. – Para Alfa.

73

– Duas estrelas GRANDES – disse Fallom, apontando para a tela.

– Isso mesmo – respondeu Trevize. – Duas. Júbilo, fique de olho nela, sim? Não quero que ela se intrometa em nada.

– Ela é fascinada por maquinário – disse Júbilo.

– Sim, eu sei que ela é – disse Trevize –, mas eu não sou fascinado por esse fascínio. Apesar de que, para dizer a verdade, estou tão fascinado quanto ela com a visão de duas estrelas tão brilhantes na tela ao mesmo tempo.

As duas estrelas eram tão brilhantes que pareciam estar a ponto de exibir um halo – cada uma delas. A tela havia automaticamente aumentado a densidade do filtro para eliminar a radiação direta e enfraquecer a luz das estrelas a fim de evitar danos às retinas. Por isso, poucas outras estrelas emitiam brilho suficiente para serem perceptíveis, e as duas principais reinavam em um orgulhoso semi-isolamento.

– Acontece – continuou Trevize – que nunca estive tão perto de uma binária antes.

– Nunca? – perguntou Pelorat, com surpresa genuína na voz. – Como isso é possível?

– Já viajei para muitos lugares, Janov – riu-se Trevize –, mas não

sou o peregrino que você acha que sou.

– Eu nunca tinha nem visitado o espaço até conhecê-lo, Golan – disse Pelorat –, mas sempre acreditei que qualquer pessoa que conseguisse ir para o espaço...

– Iria para todos os cantos. Eu sei. É um raciocínio natural. O problema com pessoas que vivem confinadas em seus mundos é que não importa o quanto suas mentes evoluam, a imaginação simplesmente não consegue conceber a verdadeira extensão da Galáxia. Poderíamos viajar durante toda a vida e deixar a maior parte da Galáxia incólume e intocada. Além disso, ninguém visita as binárias.

– Por que não? – perguntou Júbilo, franzindo as sobrancelhas. – Nós, em Gaia, sabemos pouco sobre astronomia em comparação aos Isolados viajantes da Galáxia, mas, de acordo com o que estudamos, as binárias não são raras.

– Não mesmo – disse Trevize. – Existe uma quantidade substancialmente maior de binárias do que de estrelas individuais. Porém, a formação de duas estrelas com associação próxima afeta os processos comuns de formação planetária. As binárias têm menos material planetário do que as estrelas individuais. Os planetas que chegam a se formar em torno delas muitas vezes têm órbitas relativamente instáveis e raramente são de um tipo habitável. Imagino que os primeiros exploradores tenham estudado de perto muitas binárias, mas, depois de algum tempo e por causa da colonização, passaram a buscar apenas as individuais. E uma vez que você tenha uma Galáxia densamente povoada, praticamente todas as viagens envolvem comércio e comunicações e são realizadas entre mundos habitados que orbitam estrelas individuais. Em períodos de atividade militar, suponho que bases fossem instaladas em pequenos planetas normalmente desabitados que orbitam uma das estrelas de uma binária que calhou de estar estrategicamente posicionada, mas, uma vez que a viagem hiperespacial foi aperfeiçoada, tais bases não eram mais necessárias.

– É inacreditável o quanto eu não sei – comentou Pelorat.

– Não deixe que isso o impressione, Janov – Trevize apenas sorriu. – Quando eu estava na marinha, tivemos um número extraordinário de aulas sobre táticas militares ultrapassadas que ninguém planejava ou pretendia usar, e falávamos sobre elas somente por inércia. Eu

estava apenas matraqueando um trecho de uma delas. Pense em tudo o que você sabe sobre mitologia, folclore e línguas arcaicas que eu não sei, e que apenas você e poucos outros sabem.

– Sim – disse Júbilo –, mas essas duas estrelas formam um sistema binário, e uma delas tem um planeta habitável em órbita ao seu redor.

– Esperamos que tenha, Júbilo – respondeu Trevize. – Tudo tem sua exceção. E há um ponto de interrogação oficial neste caso, o que o faz ser ainda mais intrigante. Não, Fallom, esses botões não são brinquedo. Júbilo, ou você a algema ou a leva embora daqui.

– Ela não danificará nada – disse Júbilo, defensiva, mas puxou a jovem solariana em sua direção, mesmo assim. – Se você está tão interessado nesse planeta habitável, por que ainda não estamos lá?

– Para começar – respondeu Trevize –, sou meramente humano e quero observar esse sistema binário de perto. E sou, também, humano o suficiente para ser cuidadoso. Como já expliquei, nada do que aconteceu desde que deixamos Gaia me encorajou a deixar de ser, no mínimo, cuidadoso.

– Qual dessas duas estrelas é Alfa, Golan? – perguntou Pelorat.

– Não vamos nos perder, Janov. O computador sabe exatamente qual delas é Alfa e, na verdade, nós também. É a de temperatura mais alta e a mais amarelada das duas, pois é a maior. A que está à direita tem uma tonalidade distintamente laranja, semelhante ao sol de Aurora, se sua memória não falhar. Percebe?

– Sim, agora que você chamou minha atenção.

– Pois bem. Essa é a menor. Qual é a segunda letra daquela língua antiga que você mencionou?

Pelorat pensou por um instante e, então, disse:

– Beta.

– Então vamos chamar a laranja de Beta e a amarelo-branca de Alfa. E é para Alfa que estamos seguindo agora.

17.

Terra Nova

74

– Quatro planetas – murmurou Trevize. – Todos pequenos. Há também um rastro de asteroides. Nenhum gigante de gás.

– Considera isso uma decepção? – perguntou Pelorat.

– Na verdade, não. É esperado. Binárias que circulam a uma curta distância entre si não podem ter planetas orbitando uma delas. Os planetas podem orbitar o centro gravitacional de ambas, mas é muito improvável que esses planetas sejam habitáveis, pois ficariam longe demais. Por outro lado, se as binárias forem razoavelmente separadas, poderiam haver planetas em órbitas estáveis ao redor de uma delas, se fossem próximos o suficiente de uma das duas estrelas. De acordo com o banco de dados do computador, essas duas estrelas têm uma separação média de três bilhões e meio de quilômetros, e durante o periastro, quando estão mais próximas, ficam a aproximadamente um bilhão e setecentos milhões de quilômetros de distância uma da outra. Um planeta em órbita a menos de duzentos milhões de quilômetros de qualquer uma delas estaria situado de forma estável, mas não pode haver planetas com órbitas maiores do que isso. Ou seja, não haveria nenhum gigante de gás, pois eles precisariam estar mais longe das estrelas. Mas que diferença faz? Gigantes de gás não são habitáveis.

– Mas um destes quatro planetas talvez seja habitável.

– Na verdade, o segundo planeta é a única possibilidade real. Para começar, é o único com tamanho suficiente para ter atmosfera.

Eles se aproximaram rapidamente do segundo planeta e, ao longo de dois dias, sua imagem expandiu-se. De início, foi um crescente majestoso e calculado e, como não houve nenhum sinal de naves para interceptá-los, a velocidade aumentou e se tornou quase assustadora.

A *Estrela Distante* movia-se rapidamente ao longo de uma órbita temporária mil quilômetros acima da camada de nuvens quando Trevize disse, aborrecido:

– Agora entendo por que o banco de dados do computador colocou um ponto de interrogação na informação de que é habitado. Não há nenhum sinal evidente de radiação; nenhuma luz no hemisfério à sombra, nem rádio.

– A camada de nuvens parece bastante densa – comentou Pelorat.

– Isso não bloqueia a radiação de rádio.

Eles observaram o planeta passar sob eles, uma sinfonia de turbilhões de nuvens brancas com buracos esporádicos através dos quais uma superfície azulada indicava um oceano.

– A presença de nuvens é consideravelmente grande, para um mundo habitado – disse Trevize. – Talvez seja bem escuro. O que mais me incomoda – continuou, enquanto eles entravam mais uma vez no lado noturno – é que nenhuma estação espacial nos recebeu.

– Quer dizer, como fizeram em Comporellon? – perguntou Pelorat.

– Como fariam em qualquer mundo habitado. Precisaríamos parar para a rotineira verificação de documentos, carga, duração da estadia e assim por diante.

– Talvez tenhamos passado sem sermos percebidos, de alguma maneira – disse Júbilo.

– Nosso computador teria captado qualquer comprimento de ondas que eles pudessem ter usado. E estamos enviando nossos próprios sinais, mas não instigamos a resposta de nada nem de ninguém. Descer abaixo da camada de nuvens sem comunicar os oficiais das estações é uma violação da cortesia espacial, mas não creio que tenhamos escolha.

A velocidade da *Estrela Distante* diminuiu e a nave ajustou sua antigravidade para manter a altura. Entrou na parte iluminada mais uma vez, e reduziu ainda mais a velocidade. Em coordenação com o computador, Trevize encontrou uma considerável abertura nas nuvens. A nave mergulhou e passou por ela. Abaixo deles, o oceano se agitava com o que devia ser uma brisa fresca. Expandia-se por diversos quilômetros, ondulado, levemente riscado por linhas de espuma.

Eles voaram para fora do foco de luz e ficaram sob a camada de nuvens. A vastidão de água imediatamente abaixo deles mudou para um cinza homogêneo, e a temperatura caiu perceptivelmente.

Fallom, com olhos fixos na tela, falou em sua própria língua rica em consoantes durante um momento. Então, mudou para galáctico.

Sua voz estava trêmula:

– O que é isto que vejo abaixo?

– É um oceano – disse Júbilo, apaziguadoramente. – É uma massa de água muito grande.

– Por que ela não seca?

Júbilo olhou para Trevize, que respondeu:

– Há água demais para secar.

– Eu não quero toda essa água – disse Fallom, com voz estrangulada. – Vamos embora – e então ela gritou fracamente quando a *Estrela Distante* passou por um aglomerado de nuvens de tempestade, o que fez com que a tela ficasse turva e coberta de gotas de chuva.

As luzes na sala de pilotagem diminuíram e a movimentação da nave tornou-se ligeiramente espasmódica.

Trevize tirou os olhos do computador, surpreso, e ergueu a voz:

– Júbilo! Essa sua Fallom tem idade suficiente para fazer transdução. Ela está usando energia elétrica para tentar manipular os controles. Faça-a parar!

Júbilo envolveu Fallom com os braços e deu-lhe um abraço apertado.

– Está tudo bem, Fallom, está tudo bem. Não há nenhum motivo para ter medo. É apenas outro mundo, só isso. Existem muitos como esse.

Fallom relaxou um pouco, mas continuou a tremer.

– A criança nunca viu um oceano – disse Júbilo a Trevize – e, até onde sei, talvez nunca tenha visto neblina ou chuva. Você não pode tentar ser solidário?

– Não se ela tentar interferir na nave. Nesse caso, ela representa perigo para todos nós. Leve-a para o seu quarto e acalme-a.

Júbilo concordou com um rude movimento de cabeça.

– Vou com você, Júbilo – disse Pelorat.

– Não, não faça isso, Pel – ela respondeu. – Fique aqui. Eu acalmarei Fallom e você acalma Trevize – e foi embora.

– Eu não preciso ser acalmado – rosnou Trevize para Pelorat. – Lamento se exagerei, mas não podemos permitir que uma criança mexa nos controles, podemos?

– Claro que não – disse Pelorat –, mas Júbilo foi pega de surpresa. Ela pode controlar Fallom, que é extraordinariamente bem-comportada para uma criança tirada de sua casa e de seu... seu robô, e

jogada, por bem ou por mal, em uma vida que não compreende.

– Eu sei. Lembre-se de que não foi minha ideia trazê-la conosco. Foi ideia de Júbilo.

– Sim, mas a criança teria sido morta se não a tivéssemos trazido.

– Pois bem, em breve pedirei desculpas a Júbilo. E à criança também.

Mas ele ainda estava com uma expressão preocupada.

– Golan, velho amigo – disse Pelorat, gentilmente –, há mais alguma coisa que o incomode?

– O oceano – respondeu Trevize. Fazia algum tempo que eles tinham saído da tempestade, mas as nuvens continuavam.

– O que há de errado com ele? – perguntou Pelorat.

– Há oceano demais, só isso.

Pelorat não demonstrou reação, e Trevize disse, acelerado:

– Nenhuma terra firme. Não vimos nenhuma terra firme. A atmosfera é perfeitamente normal, oxigênio e nitrogênio em proporções aceitáveis, portanto o planeta deve ter sido terraformado, e deve haver vida vegetal para manter o nível de oxigênio. Em estado natural, tais atmosferas são impossíveis exceto talvez na Terra, onde, sabe-se lá como, se desenvolveu. Porém, em planetas terraformados, existem sempre quantidades consideráveis de terra firme; até um terço do total da superfície, e nunca menos do que um quinto. Como esse planeta pode ter sido terraformado e não ter terra firme?

– Considerando que esse planeta faz parte de um sistema binário – respondeu Pelorat –, talvez seja completamente atípico. Talvez não tenha sido terraformado, mas desenvolveu uma atmosfera distinta daquela de planetas que orbitam estrelas individuais. Talvez aqui a vida tenha se desenvolvido de forma independente, assim como aconteceu na Terra, mas apenas vida marítima.

– Mesmo que aceitemos essa possibilidade – disse Trevize –, ela não nos seria útil. Não há como vida marítima desenvolver tecnologia. Tecnologia é sempre baseada em fogo, e fogo é impossível no oceano. Um planeta com vida, mas sem tecnologia, não é o que procuramos.

– Tenho consciência disso, mas estou apenas considerando ideias. Afinal, até onde sabemos, a tecnologia se desenvolveu apenas uma vez, na Terra. Em todos os outros lugares, os Colonizadores trouxeram tecnologia consigo. Você não pode dizer que tecnologia é “sempre” alguma coisa, se tem apenas um estudo de caso.

– Locomoção marítima requer aerodinâmica. A vida marítima não pode ter silhuetas e membros irregulares, como mãos.

– Lulas têm tentáculos.

– Reconheço que podemos especular – disse Trevize –, mas, se você estiver pensando em criaturas inteligentes semelhantes a lulas que tenham se desenvolvido de maneira independente em algum lugar da Galáxia e criado uma tecnologia não baseada em fogo, tem em mente algo de absoluta improbabilidade, em minha opinião.

– Em sua *opinião* – respondeu Pelorat, gentilmente.

– Muito bem, Janov – Trevize riu, subitamente. – Vejo que você está insistindo no contra-argumento como um castigo por eu ter sido duro com Júbilo, e está fazendo um ótimo trabalho. Prometo que, se não encontrarmos terra firme, examinaremos o mar com o máximo de atenção para ver se encontramos lulas civilizadas.

Conforme ele falava, a nave mergulhou mais uma vez na sombra noturna e a tela de visualização ficou preta.

– Eu fico me perguntando. É seguro? – estremeceu Pelorat.

– O que, Janov?

– Correr no escuro desse jeito. Talvez mergulhemos e nos choquemos contra o oceano. Seremos destruídos instantaneamente.

– Impossível, Janov. Impossível! O computador nos mantém em uma linha gravitacional de força. Em outras palavras, ele permanece sempre em uma intensidade constante da força gravitacional planetária, o que quer dizer que estamos sempre a uma distância praticamente constante acima do nível do mar.

– Mas a que altura?

– Quase cinco quilômetros.

– Isso não me tranquiliza, Golan. E se nos aproximarmos de terra firme e batermos em uma montanha que não enxergamos?

– *Nós* não enxergamos, mas o radar da nave enxergará, e o computador guiará a nave em torno da montanha ou sobre ela.

– E se houver terra firme no mesmo nível do mar? Deixaremos passar, no escuro.

– Não, Janov, não deixaremos. Ondas de radar refletidas pela água não são nada parecidas com as ondas refletidas pela terra. A água é, essencialmente, plana; a terra é irregular. Por esse motivo, ondas refletidas pela terra são muito mais caóticas do que as refletidas pela água. O computador saberá a diferença e me avisará se houver terra

firme à vista. Mesmo se fosse de dia e o planeta estivesse iluminado pelo sol, o computador provavelmente detectaria antes de nós.

Eles ficaram em silêncio e, dentro de duas horas, estavam de volta ao lado iluminado, com um oceano indistinto passando monotonamente sob a nave, ocasionalmente invisível conforme eles adentravam uma das numerosas tempestades. Em uma delas, o vento forçou a *Estrela Distante* para fora de sua rota. O computador cedeu, explicou Trevize, para evitar um gasto desnecessário de energia, e também para minimizar as chances de danos físicos. Então, depois que a turbulência passou, o computador corrigiu gentilmente a rota da nave.

– Provavelmente o limiar de um furacão – disse Trevize.

– Mas, velho amigo, estamos apenas viajando oeste-leste, ou vice-versa. Estamos vasculhando apenas o equador.

– Isso seria uma tolice, não seria? – respondeu Trevize. – Estamos em uma rota circular nordeste-sudoeste. Isso faz com que cruzemos os trópicos e ambas as zonas temperadas. Cada vez que repetimos o círculo, o trajeto se desloca para oeste, conforme o planeta gira em seu próprio eixo. Estamos vasculhando o mundo metodicamente. De acordo com o computador, como não encontramos terra firme até agora, as chances de existir um continente de tamanho considerável são menores do que uma em dez, e de uma ilha de tamanho considerável, são de uma em quatro. As chances diminuem a cada volta que completamos.

– Você sabe o que eu teria feito? – indagou Pelorat, lentamente, quando o hemisfério noturno os envolveu mais uma vez. – Eu teria ficado a uma boa distância do planeta e usado o radar para fazer uma varredura no hemisfério inteiro diante da nave. As nuvens não teriam feito diferença, teriam?

– E então seguiria para o outro lado do planeta e repetiria o procedimento. Ou deixaria que o planeta girasse para examinar o outro hemisfério. Isso pode parecer óbvio agora, Janov. Mas quem imaginaria que nos aproximaríamos de um planeta habitado sem termos de parar em uma estação e receber uma rota, ou sem sermos rejeitados? E se alguém atravessasse a camada de nuvens depois de não ter sido parado em nenhuma estação, esse alguém esperaria encontrar terra firme imediatamente, não? Planetas habitáveis são... terra firme!

– Decerto não são todos de terra firme – disse Pelorat.

– Não é disso que estou falando – respondeu Trevize, repentinamente empolgado. – Estou falando que encontramos terra firme! Fique quieto!

Então, com uma contenção que não era suficiente para esconder sua empolgação, Trevize colocou as mãos na mesa e se uniu ao computador.

– É uma ilha com aproximadamente duzentos e cinquenta quilômetros de comprimento e sessenta e cinco quilômetros de largura. Possivelmente quinze mil quilômetros quadrados de área. Não é grande, mas é respeitável. Mais do que um ponto no mapa. Espere...

As luzes na sala do piloto diminuíram e apagaram.

– O que estamos fazendo? – perguntou Pelorat, automaticamente sussurrando, como se a escuridão fosse frágil e não pudesse ser estilhaçada.

– Esperando que nossos olhos se adaptem ao escuro. A nave está pairando sobre a ilha. Observe. Está vendo alguma coisa?

– Não... Pequenos pontos de luz, talvez. Não tenho certeza.

– Também os vejo. Ativarei as lentes telescópicas.

E havia luz! Claramente visível. Fragmentos irregulares de luz.

– É habitada – disse Trevize. – Talvez seja a única parte habitada do planeta.

– O que faremos?

– Esperaremos pelo dia. Isso nos dá algumas horas de descanso.

– Será que eles nos atacarão?

– Com o quê? Não detecto quase nenhuma radiação, com exceção de luz visível e infravermelha. É habitada, e os habitantes são claramente dotados de inteligência. Eles têm tecnologia, mas, evidentemente, tecnologia pré-eletricidade. Portanto, não creio que haja motivos para nos preocuparmos aqui em cima. Se eu estiver errado, o computador me avisará com tempo de sobra.

– E quando vier o dia?

– Aterrissaremos, é claro.

75

Quando os primeiros raios do sol matutino atravessaram uma

abertura nas nuvens para revelar parte da ilha – verdejante, com o interior marcado por uma cadeia de colinas baixas que se estendiam até o horizonte arroxeado –, eles desceram.

Conforme se aproximaram do solo, puderam ver aglomerados densos de árvores e pomares ocasionais, mas a maior parte era de fazendas bem conservadas. Imediatamente sob eles, no litoral sudeste da ilha, havia uma praia de brancura prateada, cercada por uma barreira intervalada de rochedos. Além da barreira, havia um campo de relva. Tiveram vislumbres de casas esporádicas, mas elas não se acumulavam para formar cidades.

Mais próximos da aterrissagem, puderam identificar uma discreta rede de estradas rodeadas esparsamente por moradias. Então, no frescor do ar matutino, viram um carro aéreo a distância. Só puderam determinar que era um carro aéreo, e não um pássaro, pela maneira como manobrava. Era o primeiro sinal incontestável de vida inteligente que tinham visto no planeta até então.

– Pode ser um veículo automático – comentou Trevize –, se é que eles conseguem fazer algo assim sem eletrônica.

– Talvez – respondeu Júbilo. – Acredito que, se houvesse um ser humano no controle, ele estaria vindo em nossa direção. Com um veículo aterrissando lentamente sem o uso de jatos ou foguetes de propulsão, devemos ser bastante chamativos.

– Algo chamativo em qualquer planeta – disse Trevize, pensativo. – Não deve haver muitos mundos que testemunharam a descida de uma embarcação espacial gravitacional... A praia seria um ótimo campo de pouso, mas, se o vento se acentuar, não quero que a nave seja inundada. Seguirei na direção da campina do outro lado das rochas.

– Pelo menos – interveio Pelorat – uma nave gravitacional não queimará propriedade privada ao pousar.

A nave se acomodou gentilmente sobre os quatro trens de pouso que surgiram lentamente durante o último estágio da descida. Eles afundaram no solo, sob o peso da nave.

– Mas receio que deixaremos marcas – continuou Pelorat.

– Pelo menos – disse Júbilo, e havia um tom que não era de aprovação em sua voz – o clima é, evidentemente, muito agradável. Eu diria, inclusive, que é quente.

Um ser humano estava no gramado, observando a descida da nave sem demonstrar nenhum sinal de medo ou surpresa. A expressão no

rosto da mulher indicava apenas um interesse arrebatador.

Ela usava poucas roupas – foi o que Júbilo concluiu a respeito do clima. Suas sandálias pareciam ser feitas de lona e, em torno de seus quadris, estava uma saia florida com uma abertura lateral. Não havia nada cobrindo suas pernas ou a parte de cima de seu corpo.

Seus cabelos eram pretos, longos e muito brilhosos, chegando quase à cintura. Era negra de pele clara e seus olhos eram estreitos.

Trevize vasculhou os arredores e não havia nenhum outro ser humano à vista.

– Bom – ele deu de ombros –, é muito cedo, e a maioria dos habitantes deve estar em casa, talvez dormindo. Ainda assim, eu não diria que essa área é muito povoada – ele se voltou para os outros e continuou: – Sairei da nave e falarei com a mulher, se ela usar uma língua compreensível. O resto de vocês...

– Eu acho – interrompeu Júbilo, com firmeza – que seria melhor se todos nós saíssemos. Aquela mulher parece ser totalmente inofensiva e, de qualquer maneira, quero esticar as pernas, respirar ar planetário e talvez arranjar comida planetária. Quero também que Fallom experimente outro mundo, e creio que Pel gostaria de examinar a mulher mais de perto.

– Quem, eu? – perguntou Pelorat, levemente ruborizado. – De jeito nenhum, Júbilo. Mas eu *sou* o linguista do nosso pequeno grupo.

– Venha um, venham todos – Trevize deu de ombros. – Ela pode parecer inofensiva, mas, ainda assim, levarei minhas armas.

– Duvido que você fique tentado a usá-las naquela moça – disse Júbilo.

– Ela é mesmo atraente, não é? – Trevize sorriu maliciosamente.

Trevize foi o primeiro a sair da nave; então vieram Júbilo, com uma mão para trás para segurar a de Fallom, que caminhava cuidadosamente pela rampa. Pelorat foi o último.

A jovem mulher de cabelos pretos continuou a observar com interesse. Ela não recuou nem um centímetro.

– Bom, vamos tentar – murmurou Trevize. Ele afastou os braços das armas e dirigiu-se a ela: – Saudações.

A mulher ficou pensativa por um instante e respondeu:

– Eu saúdo a vós e a vossos companheiros.

– Incrível! – exclamou Pelorat, entusiasmado. – Ela fala o galáctico clássico, e com o sotaque correto.

– Eu também entendo o que ela diz – disse Trevize, oscilando a mão para indicar que sua compreensão não era impecável. – Espero que ela me entenda. – Então, com um sorriso e uma expressão amigável, ele continuou: – Viemos do espaço. Viemos de outro mundo.

– Perfeitamente – respondeu a jovem, com sua cristalina voz de soprano. – Vossa espaçonave provém do Império?

– A espaçonave veio de uma estrela distante, e se chama *Estrela Distante*.

A moça observou as letras na fuselagem da nave.

– É tal nome, ali enunciado? Se este for o caso, e se a primeira letra for um E, então, constatai, a impressão está inversa.

Trevize estava prestes a contradizê-la quando Pelorat, em êxtase, disse:

– Ela está certa. A letra E foi invertida há aproximadamente dois mil anos. Que chance maravilhosa de estudar o galáctico clássico em detalhes, e como uma língua viva!

Trevize estudou a moça cuidadosamente. Ela não teria mais do que um metro e meio de altura e seus seios, embora fossem formosos, eram pequenos. Ainda assim, parecia adulta. Os mamilos eram grandes, e as auréolas, escuras, mas talvez fosse resultado do tom de sua pele.

– Meu nome é Golan Trevize – ele disse. – Meu amigo é Janov Pelorat; a mulher é Júbilo, e a criança é Fallom.

– É, portanto, costumeiro que os homens recebam nomes duplos, na estrela distante de onde provêm? Eu sou Hiroko, filha de Hiroko.

– E seu pai? – perguntou Pelorat, repentinamente.

– O nome dele, tal como diz minha mãe, é Smool – respondeu Hiroko, dando de ombros de maneira indiferente –, mas esse fato não é de importância. Eu não o conheço.

– E onde estão os outros? – perguntou Trevize. – A senhorita parece ser a única a nos receber.

– Muitos homens estão a bordo das embarcações pesqueiras – disse Hiroko. – Muitas mulheres estão nos campos. Estive em retiro nos últimos dois dias e, portanto, tive a afortunada oportunidade de testemunhar este grandioso acontecimento. Todavia, as pessoas são curiosas, e a espaçonave há de ter sido vista na descida, mesmo a distância. Outros estarão aqui em breve.

– Existem muitos outros nesta ilha?

– Há mais de cinco mil e vinte – respondeu Hiroko, com orgulho evidente.

– E existem outras ilhas no oceano?

– Outras ilhas, prezado cavalheiro? – ela parecia intrigada.

Trevize considerou a resposta bastante clara. Aquele era o único ponto do planeta habitado por seres humanos.

– Do que chama seu mundo? – perguntou.

– Alfa, prezado cavalheiro. Nossos ensinamentos dizem que o nome completo é Alfa Centauri, se oferecer-lhe significado mais relevante, mas o chamamos apenas de Alfa e, contemplem, é um mundo deleitoso.

– Um mundo *o quê*? – disse Trevize, virando-se para Pelorat.

– Ela quer dizer um mundo bonito – explicou Pelorat.

– De fato – comentou Trevize –, pelo menos aqui, e neste momento. – Ele observou o suave azul do céu da manhã, com ocasionais nuvens à deriva. – É um belo dia ensolarado, Hiroko, mas imagino que não haja muitos deles em Alfa.

– Há tantos quanto desejarmos, cavalheiro – Hiroko pareceu defensiva. – As nuvens podem vir quando necessitamos de chuva, mas, na maior parte dos dias, nos calha muito bem o céu límpido acima de nós. Um céu benevolente e um vento pacífico são certamente desejáveis nos dias em que os pesqueiros estão no mar.

– Então o seu povo controla o clima, Hiroko?

– Do contrário, cavalheiro Golan Trevize, ficaríamos encharcados pela chuva.

– Mas como fazem isso?

– Por não ser uma engenheira experiente, cavalheiro, não posso lhe dizer.

– E qual seria o nome desta ilha que a senhorita e seu povo chamam de lar? – perguntou Trevize, descobrindo-se envolvido pela entonação ornamentada do galáctico clássico (e perguntando-se, ansioso, se tinha acertado a gramática).

– Chamamos nossa ilha celestial em plena vastidão do oceano de Terra Nova.

Trevize e Pelorat olharam um para o outro, surpresos e extasiados.

Não houve tempo para fazer mais perguntas. Outros se aproximavam. Dezenas. Deveriam ser aqueles, pensou Trevize, que não estavam nos barcos ou nos campos, nem a longas distâncias. A grande maioria se aproximava a pé, apesar de dois carros terrestres terem surgido, velhos e desajeitados.

Tratava-se, evidentemente, de uma sociedade de tecnologia primitiva – e, ainda assim, eles controlavam o clima.

Era conhecimento comum o fato de a tecnologia não ser necessariamente homogênea; de que a ausência de avanços em algumas áreas não excluía necessariamente avanços consideráveis em outras, mas esse exemplo de desenvolvimento assimétrico era extraordinário.

Entre todos os que agora observavam a nave, pelo menos metade eram homens e mulheres idosos; havia também três ou quatro crianças. Do restante, eram mais mulheres do que homens. Nenhum demonstrava medo ou insegurança.

– Você os está manipulando? – perguntou Trevize a Júbilo, em tom baixo. – Eles parecem... serenos.

– Não estou intervindo de maneira nenhuma – ela respondeu. – Nunca influencio mentes se não for necessário. Estou preocupada é com Fallom.

Por mais que os recém-chegados fossem poucos para uma pessoa que tivesse estado entre as multidões de curiosos em qualquer mundo comum da Galáxia, eles eram um grande grupo para Fallom, para quem os três adultos na *Estrela Distante* foram algo com o que ela precisou se acostumar. Fallom estava respirando de maneira curta e rápida, e seus olhos estavam semicerrados. Era quase como se estivesse em choque.

Júbilo a acariciava, gentil e ritmicamente, e fazia sons calmantes. Trevize tinha certeza de que ela acompanhava tais gestos com toques infinitamente delicados em suas fibrilas mentais.

Subitamente, Fallom respirou fundo, quase como um último suspiro, e se sacudiu com o que talvez tivesse sido um arrepio involuntário. Ela levantou a cabeça e observou as pessoas presentes com uma expressão que se aproximava do normal, e então escondeu o rosto no espaço entre o braço e o corpo de Júbilo.

Júbilo deixou que ela permanecesse naquela posição, com seu braço em torno do ombro de Fallom, que apertava periodicamente,

como se para reforçar sua presença protetora vez após vez.

Pelorat parecia bastante intimidado conforme seus olhos passavam de um alfaense para o outro.

– Golan – disse –, eles são tão diferentes entre si.

Trevize também tinha reparado nisso. Havia diversas tonalidades de pele e de cores de cabelo, inclusive um ruivo de olhos azuis e pele sardenta. Pelo menos três aparentes adultos eram tão baixos quando Hiroko, e um ou dois eram mais altos do que Trevize. Várias pessoas de ambos os sexos tinham olhos parecidos com os de Hiroko, e Trevize lembrou-se de que aqueles olhos eram característicos da população dos abundantes planetas comerciais do setor Fili – mas ele nunca visitara aquele setor.

Todos os alfaenses estavam nus da cintura para cima e, entre as mulheres, todos os seios pareciam ser pequenos. Dentre todas as características corporais que ele podia ver, aquela era a mais próxima de ser uniforme.

– Senhorita Hiroko – disse Júbilo, repentinamente –, minha criança não está acostumada com viagens espaciais e está testemunhando novidades além do que consegue lidar. Será que ela poderia se sentar e, talvez, comer e beber alguma coisa?

Hiroko pareceu intrigada, e Pelorat repetiu o que Júbilo havia dito usando o dialeto mais ornamentado do galáctico da época Imperial.

A mão de Hiroko cobriu sua boca e ela se ajoelhou graciosamente.

– Rogo por seu perdão, respeitosa madame – disse. – Não me ocorreu pensar nas necessidades dessa criança, tampouco em vossas necessidades. A singularidade deste evento também me arrebatou. Por obséquio, senh... por favor, vocês poderiam, como visitantes e convidados, me acompanhar até o refeitório para o desjejum? Seria possível nos juntarmos a vocês e sermos vossos anfitriões?

– É muito gentil de sua parte – disse Júbilo. Ela falou lentamente e pronunciou as palavras com cuidado, tentando fazê-las mais fáceis de serem compreendidas. – Entretanto, seria melhor se apenas a senhorita fosse nossa anfitriã, pelo conforto da criança, desacostumada com a presença de tantas pessoas ao mesmo tempo.

Hiroko levantou-se.

– Assim como a senhora deseja, será.

Ela os conduziu lentamente pela campina. Outros alfaenses se aproximaram. Eles pareciam especialmente interessados nas

vestimentas dos visitantes. Trevize tirou sua leve jaqueta e a entregou a um homem que havia se aproximado silenciosamente e encostado um curioso dedo nela.

– Tome – ele disse –, pode examiná-la, mas devolva-a. – Então, dirigindo-se a Hiroko: – Faça com que eu a receba de volta, senhorita Hiroko.

– Ela lhe será retornada; é uma promessa, respeitável cavalheiro – ela fez um solene gesto afirmativo com a cabeça.

Trevize sorriu e continuou andando. Na brisa suave e agradável, estava mais confortável sem a jaqueta.

Ele não havia detectado nenhuma arma visível em meio às pessoas do grupo que o cercava, e achou interessante o fato de ninguém parecer demonstrar receio ou desconforto em relação às que ele mesmo carregava. Não pareciam nem ter curiosidade sobre elas. Eles talvez nem reconhecessem aqueles objetos como armas. Pelo que Trevize tinha observado até aquele momento, Alfa podia ser um mundo totalmente pacífico.

Uma mulher, que havia caminhado rapidamente para se posicionar um pouco à frente de Júbilo, virou-se para examinar minuciosamente sua blusa.

– Tens seios, respeitável madame?

E, como se não pudesse esperar por uma resposta, ela colocou a mão gentilmente sobre o peito de Júbilo.

– Como descobriste – sorriu Júbilo – sim, eu os tenho. Quiçá não tão formosos quanto os vossos, mas não é este o motivo pelo qual os mantenho ocultos. Em meu mundo, não é adequado que expostos estejam. – Em um sussurro lateral para Pelorat, ela disse: – Que tal o jeito como estou aprendendo a usar o galáctico clássico?

– Você o usou muito bem, Júbilo – respondeu Pelorat.

A sala de jantar era ampla, com mesas compridas alinhadas a longos bancos laterais. Era evidente que os alfaenses faziam refeições comunitárias.

Trevize sentiu uma pontada de culpa. O pedido de Júbilo por privacidade havia reservado aquele lugar para cinco pessoas e forçado os alfaenses em geral a permanecerem do lado de fora, exilados. Mas alguns deles haviam se posicionado a uma considerável distância das janelas (que não passavam de aberturas nas paredes, sem nenhum tipo de revestimento), possivelmente para poderem observar os estranhos

se alimentando.

Involuntariamente, Trevize se perguntou o que aconteceria caso chovesse. A chuva certamente só vinha quando era desejada, fina e tênue, pelo tempo necessário, sem nenhum vento significativo. Além disso, imaginou Trevize, ela viria sempre em momentos determinados pelos alfaenses, que estariam preparados para tanto.

A janela à sua frente garantia vista para o mar, e a distância, no horizonte, Trevize podia ver o que parecia ser um aglomerado de nuvens semelhante àqueles espalhados por todo o céu, menos sobre aquele pequeno pedaço do jardim do Éden.

Havia vantagens no controle do clima.

Foram, enfim, servidos por uma moça, que se aproximou nas pontas dos pés. Ninguém perguntou sobre as preferências dos visitantes; apenas serviram. Havia um pequeno copo de leite; um maior, com suco de uva; e um ainda maior com água. Cada convidado recebeu dois ovos *poché* acompanhados de lascas de queijo branco. Recebeu também uma grande travessa com peixe grelhado e pequenas batatas assadas, tudo servido sobre folhas frescas de alface. Júbilo olhou, desolada, para a quantidade de comida diante de si, claramente sem saber por onde começar. Fallom não teve o mesmo problema. Bebeu o suco de uva avidamente e com óbvia aprovação, e então se deliciou com o peixe e as batatas. Estava prestes a usar seus dedos para tanto, mas Júbilo mostrou-lhe uma colher com borda dentada, que também podia ser usada como garfo, e Fallom aceitou o utensílio.

Pelorat sorriu e imediatamente cortou os ovos em pedaços.

– Hora de relembrar o gosto de ovos de verdade – disse Trevize, fazendo o mesmo que Pelorat.

Hiroko, esquecendo-se do próprio desjejum graças à satisfação de ver o prazer com que os outros comiam (pois até mesmo Júbilo havia começado, com evidente apetite), disse, enfim:

– Está agradável?

– Está ótimo – respondeu Trevize, sua voz um tanto abafada. – Aparentemente, esta ilha não carece de alimento. Ou estão nos servindo mais do que deveriam, por educação?

Hiroko ouviu, com olhar atento, e pareceu entender, pois disse:

– Não, não, respeitável cavalheiro. Nossa terra é abundante; nosso mar, ainda mais. Nossos patos fornecem ovos; nossas cabras, queijo e leite. E temos nossos grãos. Acima de tudo, nosso mar é repleto de

incontáveis variedades de peixes, em quantidade imensurável. O Império inteiro poderia saciar-se em nossas mesas sem extinguir os peixes de nosso mar.

Trevize sorriu discretamente. Era óbvio que a jovem alfaense não tinha a menor noção do verdadeiro escopo da Galáxia.

– Você chama esta ilha de Terra Nova, Hiroko – ele perguntou. – Então, onde estaria a Terra Antiga?

Ela o encarou, confusa.

– Terra *Antiga*, indaga-me? Rogo por perdão, respeitável cavalheiro. Não compreendo o que diz.

– Antes de existir uma Terra Nova – explicou Trevize –, seu povo deve ter vivido em outro lugar. Onde fica esse outro lugar de onde vieram?

– Não sou dotada de conhecimento sobre isso, respeitável cavalheiro – ela respondeu, com angustiada seriedade. – Esta terra foi minha durante toda a minha vida, e de minha mãe e de minha avó antes de mim e, não tenho dúvida, de suas avós e das bisavós que as precederam. Sobre qualquer outra terra, sou ignorante.

– Mas – disse Trevize, argumentando gentilmente – a senhorita se refere a esta ilha como Terra *Nova*. Por que a chama assim?

– Porque, respeitável cavalheiro – ela respondeu, com igual gentileza –, é esse o nome pelo qual todos a chamam, pois a mente da mulher não diz o contrário.

– Mas trata-se de Terra *Nova* e, portanto, uma Terra posterior. Deve existir uma Terra *Antiga*, uma Terra do passado, que justifique o nome. Em cada manhã começa um novo dia, o que implica que antes existiu um dia antigo. Compreende que é necessário ser assim?

– Não, respeitável senhor. Sei apenas o nome desta terra. Sou ignorante sobre outras e tampouco acompanho vosso raciocínio, que é muito semelhante ao que aqui chamamos de sofisma... sem nenhuma intenção de insultá-lo.

E Trevize negou com a cabeça, sentindo-se derrotado.

77

Trevize inclinou-se na direção de Pelorat e sussurrou:

– Não importa para onde a gente vá ou o que a gente faça, não

conseguimos informação nenhuma.

– Sabemos onde está a Terra. Então, de que importa? – respondeu Pelorat, quase sem mover os lábios.

– Quero saber alguma coisa *sobre* ela.

– A moça é muito jovem. Não deve ser exatamente um repositório de informações.

Trevize pensou por um momento.

– Certo, Janov – concordou com a cabeça. Voltou-se para Hiroko e continuou: – Senhorita Hiroko, a senhorita não nos perguntou o motivo de nossa visita à sua terra.

– Fazer tal indagação seria deveras descortês de minha parte – Hiroko abaixou o olhar – até que vossas senhorias estivessem devidamente alimentadas e descansadas, respeitável senhor.

– Mas já estamos alimentados, ou quase, e descansamos recentemente. Portanto, hei de contar-lhe o motivo de nossa visita. Meu amigo, o dr. Pelorat, é um erudito em nosso mundo, um homem dedicado aos estudos. Ele é um mitólogo. Sabe o que isso significa?

– Não, respeitável senhor, eu não sei.

– Ele estuda histórias antigas e a maneira como são contadas em mundos diferentes. Histórias antigas são chamadas de mitos ou lendas e são de interesse do dr. Pelorat. Existem homens dedicados ao estudo em Terra Nova que conheçam as histórias antigas deste mundo?

A testa de Hiroko franziu-se de leve em uma expressão pensativa.

– Não se trata de um assunto sobre o qual sou conhecedora – respondeu. – Temos um Ancião nesta área que ama discorrer sobre épocas antigas. Como ele aprendeu tais coisas, eu não sei. Creio que ele possa ter elaborado tais noções a partir do ar, ou as aprendeu com outros que assim o fizeram. Quiçá seja o material que vosso companheiro letrado alegrar-se-ia de ouvir. Entretanto, eu não vos iludiria. É de minha opinião – ela olhou para a direita e para a esquerda, como se não quisesse ser entreouvida – que o Ancião não passa de um falastrão; entretanto, muitos estão dispostos a ouvi-lo.

– Tal falatório é o que desejamos. Seria possível a senhorita levar meu amigo até esse Ancião...

– Monolee, ele diz ser chamado.

– ...a Monolee, e a senhorita acredita que ele teria disposição para conversar com meu amigo?

– Ele? Disposição para falar? – disse Hiroko, desdenhosamente. –

Em vez disso, vossa pergunta há de ser se ele terá, algum dia, disposição para cessar o falatório. Ele é apenas um homem e, se lhe for garantida a autorização, falará durante uma quinzena de dias, sem parar. Sem intenção alguma de insultá-lo, respeitável senhor.

– Não me sinto insultado. A senhorita poderia levar meu amigo até Monolee agora?

– Isso pode ser feito a qualquer momento, por qualquer um. O Ancião se encontra perpetuamente em casa e está perpetuamente disposto a acolher um par de orelhas.

– E talvez uma senhora de mais idade esteja disposta a ficar com madame Júbilo? Ela precisa cuidar da criança, e não pode se deslocar muito. Ser-lhe-ia muito agradável ter companhia, pois as mulheres, como a senhorita sabe, têm apreço por...

– Falatório? – perguntou Hiroko, divertindo-se. – Por que assim dizem os homens, se eu observo que eles são sempre os grandes tagarelas? Permita que eles se reúnam após a pescaria e um rivalizará com o outro na narração de absurdos progressivamente maiores sobre suas pescas. Nenhum deles desmascarará os outros, tampouco acreditará neles, e isso não os impede de fazerem o mesmo. Mas chega de meu próprio falatório. Hei de pedir a uma amiga de minha mãe, que posso ver através da janela, que faça companhia a madame Júbilo e à criança e, antes disso, que ela conduza seu amigo, o respeitável doutor, até o Ancião Monolee. Se vosso amigo escutar com tanta voracidade quanto Monolee discorre, terás dificuldade de separá-los em vida. Rogo que perdoe minha ausência por um instante.

Depois que ela havia saído, Trevize se dirigiu a Pelorat:

– Escute, consiga o que for possível do velho e, Júbilo, descubra o que puder com a pessoa que ficar com você. Estamos atrás de qualquer coisa sobre a Terra.

– E quanto a você? – perguntou Júbilo. – O que vai fazer?

– Ficarei com Hiroko e tentarei conseguir uma terceira fonte.

– Ah, sim – Júbilo sorriu. – Pel ficará com o velhote, eu ficarei com uma velhota. Você fará o esforço de ficar com essa moça encantadoramente seminua. Parece uma divisão justa de trabalho.

– Acontece, Júbilo, que *é* justo, sim.

– Mas imagino que você não se incomode nem um pouco que a divisão justa de trabalho tenha se configurado dessa maneira.

– Não, não me incomodo. Por que deveria?

– De fato. Por que deveria?

Hiroko estava de volta, e sentou-se.

– Tudo está acertado. O respeitável dr. Pelorat há de ser levado a Monolee e a respeitável madame Júbilo, juntamente com a criança, há de ter companhia. Portanto, respeitável senhor Trevize, será que hei de ter o privilégio de conversações subsequentes convosco, quiçá sobre essa Terra Antiga sobre a qual...

– Matraqueio? – perguntou Trevize.

– Não – disse Hiroko, rindo-se. – Mas calha-te zombar de mim. Mostrei-lhe nada além de descortesia ao responder vossa indagação sobre o assunto. Estou ávida por retratar-me.

Trevize virou-se para Pelorat.

– Ávida? – perguntou.

– Ansiosa – explicou Pelorat, em tom baixo.

– Senhorita Hiroko – disse Trevize –, não reconheço nenhuma descortesia de sua parte, mas, se isso fará a senhorita se sentir melhor, falarei convosco com prazer.

– Palavras gentis. Agradeço-lhe – respondeu Hiroko, levantando-se.

Trevize também se levantou.

– Júbilo – disse –, cuide da segurança de Janov.

– Deixe comigo. Quanto a você, tem suas... – ela indicou seus coldres com um gesto da cabeça.

– Não acho que serão necessárias – disse Trevize, desconfortável.

Ele seguiu Hiroko para fora do refeitório. O sol estava mais alto no céu, e a temperatura havia subido. Como sempre, havia um odor alienígena. Trevize lembrou-se de que o cheiro havia sido tênue em Comporellon, um pouco embolorado em Aurora e muito agradável em Solaria. (Em Melpomenia, haviam usado trajes espaciais nos quais é possível sentir apenas o odor do próprio corpo.) Em todos os casos, o cheiro desaparecia em questão de horas, pois os receptores olfativos do nariz acabavam ficando saturados.

Ali, em Alfa, o cheiro era uma agradável fragrância gramínea sob o calor do sol, e Trevize ficou irritado, sabendo que também desapareceria em breve.

Eles se aproximaram de uma pequena estrutura que parecia feita de gesso levemente rosado.

– Este é meu lar – disse Hiroko. – Pertenceu à irmã mais nova de minha mãe.

Ela entrou e fez um gesto para que Trevize a seguisse. A porta estava aberta ou, como ele percebeu ao passar, era mais correto dizer que não havia porta.

– O que vocês fazem quando chove? – perguntou Trevize.

– Estamos preparados. Há de chover em dois dias, durante as três horas que precedem a alvorada, quando é mais frio e o solo é umidificado mais eficientemente. Basta que eu estique esta cortina, pesada e impermeável – conforme falava, ela assim o fez. A cortina parecia feita de um material resistente, semelhante a lona. – Hei de deixá-la fechada agora. Assim, todos hão de saber que estou em casa, porém indisponível; adormecida ou ocupada com assuntos de importância.

– Não parece preservar efetivamente a privacidade.

– Por que não haveria de preservar? Veja, a entrada está coberta.

– Mas qualquer pessoa poderia abri-la.

– Sem consideração pelas vontades do ocupante? – Hiroko parecia chocada. – São tais coisas feitas em vosso mundo? Seria uma barbaridade.

– Foi apenas uma pergunta – Trevize sorriu maliciosamente.

Ela o conduziu ao segundo de dois aposentos e, depois de ser convidado a se sentar, Trevize acomodou-se em uma cadeira acolchoada. Havia algo de claustrofóbico no tamanho diminuto e no vazio dos aposentos quadrados, mas a casa parecia ter sido criada para pouco além de reclusão e descanso. As janelas eram pequenas e próximas do teto, mas havia pedaços desiguais de espelho arranjados em cuidadosos padrões pelas paredes que refletiam a luz difusamente. Havia fendas no chão pelas quais subia uma brisa suave e fresca. Trevize não viu nenhum sinal de luzes artificiais e se perguntou se os alfaenses precisavam acordar ao amanhecer e dormir ao pôr do sol. Ele estava prestes a perguntar, mas Hiroko falou primeiro:

– A madame Júbilo é vossa mulher de companhia?

– Você está perguntando – respondeu Trevize, cauteloso –, se ela é minha parceira sexual?

Hiroko enrubesceu.

– Rogo-lhe que tenha consideração pelo decoro da conversa cortês, mas, sim, me refiro a deleites privados.

– Não, ela é a mulher de companhia de meu amigo dedicado aos estudos.

– Mas tu és o mais novo e o mais estimável.

– Bom, obrigado por sua opinião, mas não é a mesma opinião de Júbilo. Ela gosta do dr. Pelorat muito mais do que de mim.

– Tal fato me surpreende. Ele não a empresta?

– Não perguntei a ele se a emprestaria, mas estou certo de que ele não faria isso. E eu nem iria querer que fizesse.

– Eu sei – Hiroko concordou amplamente com a cabeça. – São os fundamentos dela.

– Fundamentos?

– Sabes a que me refiro. A isto – e ela deu um tapa em uma de suas graciosas nádegas.

– Ah, isso! Entendo o que diz. Sim, Júbilo tem proporções generosas em sua anatomia pélvica – ele fez gestos curvilíneos com suas mãos e piscou (e Hiroko riu-se). – De qualquer maneira, muitos homens apreciam esse tipo de generosidade de formas.

– Não posso acreditar. Almejar o excesso daquilo que é agradável em moderação certamente deve consistir em algum tipo de gulodice. Estimar-me-ias mais se meus seios fossem grandes e oscilantes, com mamilos apontados para os pés? Assim já os vi, digo honestamente; entretanto, não vi homens a disputá-los. A desafortunada mulher afligida dessa maneira há de ocultar tais monstruosidades, assim como faz madame Júbilo.

– Tamanho exagerado desse tipo também não me atrai, mas tenho certeza de que Júbilo não oculta seus seios por causa de imperfeição.

– Então não reprovas minha aparência ou formas?

– Eu seria um louco se reprovasse. A senhorita é linda.

– E o que fazes por deleites em vossa nave ao adejar de um mundo ao outro, sendo Júbilo proibida?

– Nada, Hiroko. Não há nada a fazer. Ocasionalmente, penso em deleites, o que traz desconforto. Mas nós, viajantes do espaço, bem sabemos que há períodos em que devemos ficar sem eles. Compensamos tal fato em outras ocasiões.

– Tratando-se de um desconforto, como há de eliminá-lo?

– Sinto um desconforto consideravelmente mais acentuado desde que a senhorita mencionou o assunto. Não creio que seria cortês da minha parte sugerir uma maneira de ser reconfortado.

– Seria descortês uma sugestão vinda de mim?

– Dependeria completamente da natureza de tal sugestão.

– Eu sugiro que sejamos deleitosos um com o outro.

– A senhorita me trouxe até aqui, Hiroko, para que pudesse ser assim?

– Sim – respondeu Hiroko, com um sorriso satisfeito. – Trata-se tanto da cortesia esperada de uma anfitriã quanto, também, de meu próprio desejo.

– Nesse caso, admito que também é o que desejo. Na verdade, eu gostaria muito de ser recíproco em tal cordialidade. Eu estou... hm, *ávido* para lhe dar prazer.

18.

O festival de música

78

O ALMOÇO FOI SERVIDO NO MESMO REFEITÓRIO em que eles tinham tomado o café da manhã. Estava repleto de alfaenses. Trevize e Pelorat estavam entre eles; suas presenças eram totalmente bem-vindas. Júbilo e Fallom comiam separadamente, com relativa privacidade, em um pequeno anexo.

Havia muitas variedades de peixes, servidas com uma sopa na qual havia pedaços do que deveria ser cabra cozida. Pães estavam disponíveis para serem fatiados e cobertos com manteiga e geleia. Uma salada, grande e variada, veio em seguida, e a ausência de sobremesas foi notável, apesar de sucos de frutas terem passado de um lado para o outro em jarros aparentemente inesgotáveis. Depois do generoso café da manhã, ambos os habitantes da Fundação sentiram-se forçados a comer de maneira mais moderada, mas todos os outros pareciam se alimentar livremente.

– Como evitam engordar? – divagou Pelorat, em tom baixo.

– Muito trabalho braçal, talvez – Trevize deu de ombros.

Era, evidentemente, uma sociedade em que comedimento nas refeições não era muito valorizado. Havia uma confusão de gritaria, risadas e batidas na mesa com canecas espessas, obviamente inquebráveis. As mulheres eram tão espalhafatosas e barulhentas quanto os homens, mas em tom mais agudo.

Pelorat encolheu-se, mas Trevize, que agora (pelo menos temporariamente) não sentia nenhum traço do desconforto sobre o qual falara com Hiroko, estava relaxado e bem-humorado.

– Na verdade – ele disse, gritando para ser ouvido –, isso tem seu lado agradável. Essas são pessoas que parecem apreciar a vida e que têm poucas preocupações, se é que têm alguma. O clima é o que eles determinam que seja e a comida é inimaginavelmente abundante. Para eles, é uma era de ouro que simplesmente continua e continua.

– Mas é tão barulhento! – gritou Pelorat, em resposta.

– Eles estão acostumados.

– Não consigo imaginar como eles entendem uns aos outros, nesse tumulto.

As conversas eram um caso perdido para os habitantes da Fundação. A pronúncia exótica e a gramática e a estrutura arcaicas da língua alfaense faziam com que fosse impossível entendê-la naquele volume. Para os dois, era como ouvir os sons de um zoológico em pânico.

Somente depois do almoço eles se juntaram a Júbilo em uma pequena estrutura que Trevize considerou praticamente idêntica aos aposentos de Hiroko, e que fora reservada para seu uso como hóspedes. Fallom estava no segundo aposento, imensamente aliviada por estar sozinha – de acordo com Júbilo – e tentando tirar uma soneca.

Pelorat examinou a abertura-porta na parede e disse, inseguro:

– Há pouquíssima privacidade aqui. Como poderemos conversar abertamente?

– Uma vez que tenhamos fechado a cortina de lona – respondeu Trevize –, eu garanto que não seremos perturbados. A lona é uma barreira impenetrável, fortalecida pelo costume social.

Pelorat olhou para as janelas altas e abertas.

– Poderão nos ouvir – comentou.

– Não precisamos falar muito alto. Os alfaenses não nos escutarão às escondidas. Mesmo quando ficaram nas janelas do refeitório, durante o café da manhã, permaneceram a uma distância respeitável.

Júbilo sorriu e comentou:

– Você aprendeu tanta coisa sobre os costumes alfaenses no tempo que passou sozinho com a pequena e gentil Hiroko, e adquiriu tanta confiança no respeito que eles têm pela privacidade. O que aconteceu?

– Se você tem consciência de que as correntes da minha mente melhoraram e pode adivinhar o motivo – respondeu Trevize –, tudo o que posso fazer é pedir que deixe minha mente em paz.

– Você sabe muito bem que Gaia não tocará sua mente sob nenhuma circunstância que não envolva uma crise fatal, e sabe por quê. Ainda assim, não sou mentalmente cega. Pude perceber o que aconteceu a um quilômetro de distância. É um costume invariável em suas viagens espaciais, meu amigo erotomaníaco?

– Erotomaníaco? Deixe disso, Júbilo. Duas vezes, em toda a viagem. Duas vezes!

– Estivemos em apenas dois mundos com humanas funcionais. Dois de dois, e ficamos apenas algumas horas em cada um deles.

– Você sabe muito bem que não tive escolha em Comporellon.

– Faz sentido. Lembro-me de como ela era – e, durante alguns instantes, Júbilo rendeu-se à risada. Então, continuou: – Mas não creio que Hiroko o tenha deixado indefeso sob seu aperto implacável ou forçado aquele irresistível ímpeto para cima de seu corpo relutante.

– Claro que não. Eu estava totalmente interessado. Mas, de qualquer maneira, a sugestão veio dela.

Com um toque de inveja em sua voz, Pelorat perguntou:

– Isso acontece sempre com você, Golan?

– É óbvio que deve acontecer, Pel – disse Júbilo. – As mulheres se sentem incorrigivelmente atraídas por ele.

– Quem me dera fosse assim – respondeu Trevize –, mas não é. E fico feliz que não seja. Há outras coisas que quero fazer com minha vida. Porém, neste caso, eu *fui* irresistível. Afinal, somos as primeiras pessoas de outro mundo que Hiroko viu; e, aparentemente, que qualquer ser vivo em Alfa tenha visto. Deduzi, com base em coisas que ela deixou escapar, em observações casuais, que ela estava interessada na possibilidade de eu ser diferente dos alfaenses, anatomicamente ou em técnica. Pobrezinha. Receio que ela tenha ficado desapontada.

– É mesmo? – perguntou Júbilo. – E você, ficou?

– Não – respondeu Trevize. – Eu já estive em muitos mundos e vivi minhas experiências. E o que descobri é que as pessoas são pessoas e que sexo é sexo, onde quer que se vá. Se há diferenças notáveis, são geralmente triviais e desagradáveis. Cada coisa que já encontrei por aí! Lembro-me de uma moça que simplesmente não conseguia fazer se não houvesse música aos berros, e a música consistia em sons de guinchos desesperados. Então ela colocou a música para tocar, e aí *eu* não consegui. Eu garanto: se for a boa e velha coisa de sempre, fico satisfeito.

– E por falar em música – disse Júbilo –, fomos convidados para um sarau depois do jantar. Aparentemente, é um evento muito formal que está sendo realizado em nossa honra. Parece que os alfaenses têm muito orgulho de sua música.

Trevize fez uma careta.

– Esse orgulho não fará com que a música soe melhor aos nossos ouvidos – disse.

– Preste atenção – respondeu Júbilo. – Parece que esse orgulho está relacionado à destreza com que tocam instrumentos antigos. *Muito* antigos. Talvez consigamos alguma informação sobre a Terra nesse evento.

– Um raciocínio interessante – Trevize levantou as sobrancelhas. – O que me lembra que talvez vocês já tenham informações adicionais. Janov, você visitou esse tal de Monolee sobre quem Hiroko nos falou?

– Sim, de fato – disse Pelorat. – Fiquei com ele durante três horas, e Hiroko não exagerou. Foi praticamente um monólogo por parte dele e, quando o deixei para vir almoçar, ele me segurou e não me largou até que eu prometesse voltar quando pudesse para escutá-lo por mais tempo.

– E ele falou alguma coisa interessante?

– Bom, assim como todo mundo, ele insistiu que a Terra é totalmente coberta por radioatividade fatal; que os ancestrais dos alfaenses foram os últimos a deixá-la e que, se não o tivessem feito, teriam morrido. E, Golan, ele foi tão enfático que não tive como duvidar. Estou convencido de que a Terra está morta e que toda a nossa busca é, afinal de contas, inútil.

79

Trevize reclinou-se na cadeira, encarando Pelorat, que estava sentado em uma estreita cama de lona. Júbilo, que estivera sentada ao lado de Pelorat e agora havia levantado, olhava de um para o outro.

– Pode deixar que eu decido se nossa busca é inútil ou não, Janov – disse, enfim, Trevize. – Conte-me o que o velho tagarela tinha para dizer. Resumidamente, claro.

– Fiz anotações conforme Monolee falou – respondeu Pelorat. – Ajudaram a reforçar minha posição de acadêmico, mas não preciso consultá-las. Ele se manteve bastante no “fluxo de consciência”. Cada coisa que me dizia o lembrava de outra coisa, mas, evidentemente, passei minha vida toda tentando organizar informações em busca do relevante e do significativo, portanto é quase automático para mim condensar um longo e incoerente discurso...

– Em algo tão longo e incoerente quanto? – perguntou Trevize, gentilmente. – Vá direto ao ponto, caro Janov.

– Sim, certamente, velho amigo – Pelorat pigarreou, constrangido. – Tentarei fazer um relato coerente e cronológico de tudo. A Terra era o lar original da humanidade e de milhões de espécies de plantas e animais. Continuou assim por incontáveis anos, até que a viagem hiperespacial foi inventada. Assim, os Mundos Siderais foram fundados. Eles se tornaram independentes da Terra, desenvolveram suas próprias culturas e passaram a desprezar e oprimir seu planeta natal. Depois de alguns séculos assim, a Terra conseguiu reconquistar sua liberdade, apesar de Monolee não ter explicado exatamente como isso aconteceu e eu não ter ousado fazer perguntas, mesmo que ele tivesse me dado chances de interrompê-lo, o que não fiz, pois talvez isso apenas o levasse a novos desvios. Ele chegou a mencionar um herói popular chamado Elijah Baley, mas as referências eram tão características do hábito de atribuir conquistas de gerações a apenas uma figura que havia pouca utilidade em tentar...

– Sim, Pel, querido – interrompeu Júbilo –, entendemos essa parte.

– É claro – Pelorat interrompeu seu raciocínio mais uma vez e reconsiderou o que dizia. – Peço perdão. A Terra deu início a uma segunda onda de colonização, estabelecendo diversos mundos, usando uma estratégia diferente da anterior. O novo grupo de Colonizadores provou-se mais vigoroso do que os Siderais; foram mais rápidos do que eles, derrotaram-nos, viveram por mais tempo e, por fim, estabeleceram o Império Galáctico. Durante as guerras entre os Colonizadores e os Siderais... não; guerras, não; ele usou o termo "conflito" e tomou muito cuidado com isso... a Terra se tornou radioativa.

– Isso é ridículo, Janov – disse Trevize, claramente irritado. – Como um mundo pode se *tornar* radioativo? Desde a formação, todos os mundos têm um pouco de radioatividade, em grau maior ou menor, e essa radioatividade decai lentamente. Eles não ficam *mais* radioativos.

– Estou apenas contando o que ele me disse – Pelorat deu de ombros. – E ele apenas me contou o que ouviu de alguém que contou para ele, que ouviu de *outra* pessoa, e assim por diante. É história folclórica contada e recontada por gerações, com sabe-se lá quais distorções se intrometendo a cada vez que é recontada.

– Entendo, mas não existem livros, documentos ou histórias antigas

que tenham congelado os fatos de uma época ancestral e que poderiam nos dar algo de maior precisão do que isso que você nos relata?

– Na verdade, consegui fazer essa pergunta, e a resposta foi “não”. Ele disse, vagamente, que havia livros sobre isso no passado e que foram perdidos há muito tempo, e que o que ele me contava era o que estava naqueles livros.

– Sim, com muitas distorções. É sempre a mesma coisa. Em todos os mundos aos quais vamos, os registros sobre a Terra, de uma maneira ou de outra, desapareceram... E como ele explicou o aumento da radioatividade da Terra?

– Ele não explicou. O mais perto que chegou sobre isso foi ao afirmar que os Siderais foram os responsáveis. Mas, pelo que pude constatar, os Siderais eram considerados os demônios aos quais a população da Terra atribuía todo e qualquer infortúnio. A radioatividade...

– Júbilo – uma voz aguda interrompeu Pelorat –, eu sou uma Sideral?

Fallom estava na estreita abertura entre os dois aposentos, com cabelos emaranhados. A camisola que ela usava (feita para vestir as proporções mais generosas de Júbilo) havia caído de um de seus ombros e revelava um seio pouco desenvolvido.

– Ficamos preocupados com bisbilhoteiros externos – disse Júbilo – e nos esquecemos da que está aqui dentro. Fallom, querida, por que diz isso? – ela se levantou e caminhou na direção da criança.

– Eu não tenho o que eles têm – Fallom apontou para os dois homens – e nem o que você tem, Júbilo. Sou diferente. É porque sou uma Sideral?

– Sim, você é, Fallom – disse Júbilo, em tom tranquilizador –, mas pequenas diferenças não têm importância nenhuma. Volte para a cama.

Fallom tornou-se submissa, como sempre ficava quando Júbilo a influenciava para agir assim. Fallom virou-se e disse:

– Eu sou um demônio? O que é um demônio?

– Esperem por mim um instante – disse Júbilo, por cima do ombro, para Trevize e Pelorat. – Já volto.

E ela voltou dentro de cinco minutos. Estava fazendo uma negação com a cabeça.

– Agora ela dormirá até que eu a acorde – disse. – Eu deveria ter feito isso antes, creio, mas qualquer influência mental deve ser resultado de necessidade – acrescentou, defensivamente. – Não quero que ela se preocupe com as diferenças entre seus órgãos genitais e os nossos.

– Algum dia – comentou Pelorat – ela precisará saber que é hermafrodita.

– Algum dia – respondeu Júbilo –, mas não agora. Prossiga com a história, Pel.

– Sim – disse Trevize –, antes que outra coisa nos interrompa.

– Bom, a Terra se tornou radioativa, ou, pelo menos, sua superfície se tornou radioativa. Naquela época, a Terra tinha uma população imensa, centrada em cidades colossais, a maioria subterrânea...

– Isso é certamente mentira – interrompeu Trevize. – Deve ser o patriotismo local glorificando a era dourada de um planeta, e os detalhes eram simplesmente uma distorção de Trantor em *sua* era dourada, quando era a capital Imperial de um sistema de mundos que abrangia toda a Galáxia.

Pelorat parou e disse:

– Por favor, Golan, não tente ensinar-me minha profissão. Nós, mitólogos, sabemos muito bem que mitos e lendas contêm empréstimos, lições de moral, ciclos naturais e uma centena de outras influências que causam distorções, e nos dedicamos a eliminá-las para chegar ao que pode ser uma essência verdadeira. Na realidade, essas mesmas técnicas deveriam ser aplicadas à maioria das histórias não fictícias, pois ninguém escreve apenas a verdade cristalina e aparente, se é que tal coisa existe. Neste momento, estou contando mais ou menos o que Monolee me contou, apesar de que, imagino, deva estar acrescentando minhas próprias distorções, por mais que tente evitá-las.

– Fique calmo – respondeu Trevize. – Não quis ofendê-lo. Continue, Janov.

– Não estou ofendido. As cidades gigantes, supondo que elas tenham existido, ruíram e encolheram conforme a radioatividade ficou lentamente mais intensa, até que a população tornou-se apenas um vestígio do que tinha sido, dependendo precariamente de regiões relativamente livres da radioatividade. A população era mantida em pequeno número por meio de um rígido controle de natalidade e por

eutanásia de pessoas acima de sessenta anos.

– Horrível – disse Júbilo, indignada.

– Sem dúvida – respondeu Pelorat –, mas foi isso que fizeram, de acordo com Monolee, e deve ser verdade, pois certamente não é elogioso para os terráqueos, e é pouco provável que uma mentira não elogiosa fosse inventada. Os terráqueos, que tinham sido desprezados e oprimidos pelos Siderais, eram agora desprezados e oprimidos pelo Império, apesar de talvez existir algum exagero de autopiedade, uma emoção muito sedutora. Há aquele caso do...

– Sim, sim, Pelorat, alguma outra hora – disse Trevize. – Por favor, continue a falar sobre a Terra.

– Peço desculpas. O Império, em um acesso de benevolência, concordou em retirar solo contaminado do planeta e substituí-lo por solo importado, livre de radiação. É desnecessário dizer que foi uma incumbência enorme, da qual o Império logo se cansou, especialmente considerando que esse período (se meu palpite estiver certo) coincidiu com a queda de Kandar V, depois da qual o Império tinha muitas outras coisas para se preocupar além da Terra. A radiação continuou a crescer, a população continuou a decair e, enfim, o Império, em outro acesso de benevolência, ofereceu-se para transferir o restante da população para um novo mundo... para *este* mundo, em resumo. Parece-me que uma expedição anterior supriu o oceano para que, quando os planos para a transferência dos terráqueos estivessem sendo executados, houvesse uma atmosfera completa de oxigênio e um amplo estoque de comida em Alfa. Nenhum mundo do Império Galáctico cobiçaria este mundo, pois há certa antipatia natural contra planetas que orbitam estrelas de sistemas binários. Imagino que existam tão poucos planetas ajustados a esse tipo de sistema que até mesmo os adequados são rejeitados, graças à pressuposição de que existe algo de errado com eles. É como um senso comum. Existe, por exemplo, o famoso caso de...

– Deixe o caso famoso para depois, Janov – disse Trevize. – Fale sobre a transferência.

– O que faltava – continuou Pelorat, acelerando um pouco as palavras – era preparar uma base terrestre. A parte mais rasa do oceano foi encontrada. Sedimentos foram retirados de partes mais profundas para serem acrescentados à área rasa para, enfim, criar a ilha de Terra Nova. Grandes rochas e recifes foram escavados e

acrescentados à ilha. Plantas terrestres foram semeadas para que seus sistemas de raízes ajudassem a solidificar a nova sedimentação. Mais uma vez, o Império havia se proposto a realizar uma tarefa enorme. Talvez, a princípio, continentes tivessem sido planejados, mas, quando esta única ilha foi terminada, o momento de benevolência do Império havia passado. Assim, o que restou da população da Terra foi trazido para cá. A frota do Império foi embora com sua tripulação e seu maquinário, e nunca voltou. Os terráqueos, vivendo em Terra Nova, acabaram em isolamento completo.

– Completo? – perguntou Trevize. – Monolee disse que ninguém, de nenhum lugar da Galáxia, veio para cá até a nossa chegada?

– Quase completo – respondeu Pelorat. – Suponho que não haja nenhum motivo para vir para cá, mesmo que deixemos de lado a aversão supersticiosa por sistemas binários. De vez em quando, em intervalos longos, vinha uma nave, como a nossa, mas ela acabava por ir embora sem consequências. E é isso.

– Você perguntou a Monolee sobre a localização da Terra? – disse Trevize.

– Claro que perguntei. Ele não sabia.

– Como ele pode saber tanto sobre a história da Terra sem saber sua localização?

– Perguntei-lhe especificamente, Golan, se a estrela que está a apenas um parsec de distância de Alfa poderia ser o sol em torno do qual a Terra orbita. Ele não sabia o que era um parsec, e eu expliquei que é uma distância curta, astronomicamente falando. Ele disse que, curta ou longa, ele não sabia a localização da Terra, e que não sabia de ninguém que poderia saber e que, em sua opinião, era um erro tentar encontrá-la. Ela deveria, afirmou, poder vagar infinitamente pelo espaço sem ser perturbada.

– Você concorda com ele? – perguntou Trevize.

– Na verdade, não – Pelorat negou com a cabeça, melancolicamente. – Mas ele disse que, na velocidade com que a radiação aumentava, o planeta deve ter se tornado completamente inabitável não muito depois da transferência e que, a essa altura, deve estar queimando com tanta intensidade que ninguém pode se aproximar.

– Bobagem – disse Trevize, com firmeza. – Um planeta não pode se tornar radioativo e, se o fizesse, não teria uma radioatividade

progressivamente maior. A radiação só diminui.

– Mas Monolee tem certeza absoluta. São inúmeras as pessoas com quem conversamos, em vários mundos, que concordam nessa questão, de que a Terra é radioativa. Certamente é inútil continuarmos.

80

Trevize respirou fundo.

– Bobagem, Janov – disse, num tom cuidadosamente controlado. – Isso não é verdade.

– Ora, velho amigo, você não deve acreditar em uma coisa só porque quer acreditar nela.

– O que eu quero não tem nada a ver com isso. Mundo após mundo, descobrimos que os registros da Terra foram eliminados. Se não há nada a ser escondido, se a Terra for um planeta morto e radioativo que não pode ser visitado, por que seriam eliminados?

– Eu não sei, Golan.

– Sim, você sabe. Quando estávamos nos aproximando de Melpomenia, você disse que a radioatividade poderia ser o outro lado da moeda. Destrua registros para eliminar informações verídicas; implante a história da radioatividade para acrescentar informações enganosas. Ambos os casos desencorajariam toda tentativa de encontrar a Terra, e não devemos ser iludidos e nos desencorajar.

– Bom – interveio Júbilo –, você parece acreditar que a estrela vizinha é o sol da Terra. Por que, então, continuar discutindo a questão da radioatividade? Que diferença faz? Por que não ir à estrela vizinha e verificar se é a Terra, e, se for, checar como ela é?

– Porque os habitantes da Terra devem ser, à sua própria maneira, extremamente poderosos – respondeu Trevize –, e prefiro me aproximar com algum conhecimento sobre eles e sobre aquele mundo. Do jeito que estamos, considerando que continuo ignorante sobre a Terra, é perigoso nos aproximarmos dela. Creio que deva deixar todos vocês aqui em Alfa e ir sozinho até a Terra. Uma vida já é risco suficiente.

– Não, Golan – disse Pelorat, com sinceridade. – Júbilo e a criança podem esperar aqui, mas eu preciso ir com você. Tenho pesquisado a Terra desde antes de você nascer e não posso ficar para trás quando o

objetivo está tão perto, sejam quais forem os perigos que nos ameacem.

– Júbilo e a criança *não* esperarão aqui – interrompeu Júbilo. – Eu sou Gaia, e Gaia pode nos proteger até mesmo da Terra.

– Espero que esteja certa – disse Trevize, sombrio –, mas Gaia não conseguiu evitar a eliminação de todas as memórias primordiais sobre o papel da Terra em sua fundação.

– Isso foi feito na história antiga de Gaia, quando ainda não estava bem organizada, quando não estava avançada. Agora as coisas são diferentes.

– Espero que sejam mesmo. Ou você obteve informações sobre a Terra hoje de manhã, coisas que ainda não sabemos? Eu lhe pedi que conversasse com algumas das mulheres mais velhas que poderiam estar por aqui.

– E assim o fiz.

– E o que descobriu? – perguntou Trevize.

– Nada sobre a Terra. Há um vazio total sobre esse assunto.

– Hm.

– Mas eles são biotecnólogos avançados.

– É mesmo?

– Nesta pequena ilha, eles desenvolveram e testaram inúmeras variedades de plantas e animais, e criaram um equilíbrio ecológico apropriado, estável e autossuficiente, apesar de terem começado com pouquíssimas espécies. Fizeram melhorias na vida marítima que encontraram quando chegaram aqui, há alguns milhares de anos, aumentando seus valores nutritivos e melhorando os sabores. Foi essa biotecnologia que fez deste planeta uma cornucópia de abundância. E também têm planos para eles mesmos.

– Que tipos de planos?

– Eles têm plena consciência de que não podem expandir sua civilização nas atuais circunstâncias, confinados como estão no único pedaço de terra firme existente em seu mundo, mas sonham em se tornar anfíbios.

– Em se tornar *o quê*?

– Anfíbios. Planejam desenvolver guelras para complementar os pulmões. Sonham poder passar períodos consideráveis submersos; sonham encontrar regiões rasas e construir estruturas no fundo do oceano. Minha informante ficou bastante entusiasmada com o assunto,

mas admitiu que é um objetivo antigo dos alfaenses e que pouco progresso foi feito, se é que foi feito algum.

– Então são duas áreas nas quais eles talvez estejam mais avançados do que nós – disse Trevize. – Controle de clima e biotecnologia. Quais serão suas técnicas?

– Precisaríamos encontrar especialistas – respondeu Júbilo –, e eles talvez não estejam dispostos a falar no assunto.

– Não é *nossa* preocupação principal – disse Trevize –, mas seria claramente recompensador para a Fundação tentar aprender alguma coisa com este pequeno mundo.

– Nós já temos um bom controle do clima em Terminus, atualmente – comentou Pelorat.

– O controle é bom em muitos mundos – respondeu Trevize –, mas é sempre uma questão do mundo como um todo. Aqui, os alfaenses controlam o clima de uma pequena área do mundo, e devem ter técnicas que não temos. Júbilo, mais alguma coisa?

– Interações sociais. Eles são, aparentemente, inclinados ao lazer e ao descanso, em qualquer período em que possam ficar longe da lavoura e da pesca. Hoje, depois do jantar, haverá um festival de música. Já lhes contei sobre isso. Amanhã, durante o dia, haverá uma festividade na praia. Aparentemente, haverá uma reunião em toda a costa da ilha, com todos que puderem deixar de trabalhar nos campos, para que possam apreciar a água e celebrar o sol, pois choverá no dia seguinte. Na manhã do dia chuvoso, a tripulação dos pesqueiros voltará antes da chuva, e, à tarde, haverá um festival gastronômico, com degustação do que tiver sido pescado.

– As refeições já são bem exageradas – grunhiu Pelorat. – É difícil imaginar como será um festival gastronômico.

– Pelo que entendi, não será uma oferta de quantidade, e sim de variedade. De todo modo, nós quatro fomos convidados para participar de todas as festividades, especialmente o sarau de hoje à noite.

– Aquele com instrumentos antigos? – perguntou Trevize.

– Isso mesmo.

– Aliás, o que os fazem ser antigos? Computadores primitivos?

– Não, não. Aí é que está. Não se trata de música eletrônica, e sim mecânica. Elas descreveram para mim. Eles arranham cordas, assopram em tubos e batem em superfícies.

– Espero que você esteja inventando – disse Trevize, assombrado.

– Não, não estou. E parece que a sua Hiroko assoprará em um dos tubos (esqueci o nome) e você deveria se esforçar para ouvir.

– Quanto a mim – comentou Pelorat –, eu adoraria ir. Conheço muito pouco sobre música primitiva e gostaria de ouvi-la.

– Ela não é a "minha Hiroko" – disse Trevize, friamente. – Você imagina que sejam instrumentos como os que eram usados antigamente, na Terra?

– Imagino que sim – respondeu Júbilo. – Pelo menos as mulheres alfaenses disseram que eles foram criados muito antes de seus ancestrais terem vindo para cá.

– Nesse caso – disse Trevize –, pode ser interessante ouvir toda essa arranhação, sopração e batucada para descobrir quaisquer informações que eles talvez possam nos fornecer sobre a Terra.

81

Surpreendentemente, Fallom era quem estava mais empolgada com a perspectiva de uma noite musical. Ela e Júbilo se banharam no pequeno anexo atrás de seus aposentos. Havia uma banheira com água corrente, quente e fria (ou melhor, morna e fresca), uma pia e uma cômoda. Era totalmente limpo e usável e, ao sol do fim da tarde, era bem iluminado e alegre.

Como sempre, Fallom demonstrou fascinação pelos seios de Júbilo, e ela foi obrigada a explicar (agora que Fallom entendia galáctico) que era assim a anatomia das pessoas em seu mundo. Inevitavelmente, Fallom perguntou o motivo, e Júbilo, depois de pensar por um momento, concluiu que não havia nenhuma maneira sensata de explicar e devolveu a resposta universal: "porque sim!".

Quando terminaram, Júbilo ajudou Fallom a vestir a roupa íntima oferecida pelos alfaenses e ajustou a vestimenta para que a saia ficasse por cima dela. Deixar Fallom de torso nu parecia razoável, mas Júbilo, ainda que estivesse usando os trajes alfaenses abaixo da cintura (que ficaram deveras apertados em torno dos quadris), vestiu uma de suas blusas. Parecia tolice ficar constrangida com a exposição de seus seios em uma sociedade na qual todas as mulheres o faziam, especialmente considerando que eles não eram grandes demais e eram tão formosos

quanto qualquer um dos que tinha visto, mas preferiu ir vestida mesmo assim.

Em seguida, os dois homens usaram o anexo; Trevize murmurou a corriqueira reclamação masculina sobre o tempo que elas tinham demorado.

Júbilo fez Fallom dar uma volta para ter certeza de que a saia não escorregaria pelo quadril masculinizado da criança.

– É uma saia muito bonita, Fallom. Você gosta dela?

Fallom olhou para a saia pelo espelho e disse:

– Sim, eu gosto. Todavia, não ficarei com frio sem nada por cima? – e ela passou as mãos por seu peito desnudo.

– Acredito que não, Fallom. Este mundo é caloroso.

– *Você* está com mais roupas.

– Sim, estou. É assim em meu mundo. Escute, Fallom, estaremos na companhia de muitos alfaenses durante o jantar e depois dele. Você acha que conseguirá aguentar?

Fallom pareceu ficar aflita, e Júbilo continuou:

– Estarei sentada à sua direita, segurando você. Pel sentará à sua esquerda e Trevize estará sentado à sua frente, do outro lado da mesa. Não permitiremos que ninguém fale com você e você não precisará conversar com ninguém.

– Eu me esforçarei, Júbilo – esganiçou Fallom em seus tons mais agudos.

– Então, depois – disse Júbilo –, alguns alfaenses tocarão música para nós do jeito especial deles. Você sabe o que é música? – ela cantarolou de boca fechada a melhor imitação de harmonia eletrônica que podia.

O rosto de Fallom iluminou-se.

– Você se refere a ****? – a última palavra era em sua própria língua, e ela começou a cantar.

Júbilo arregalou os olhos. Era uma linda melodia, mesmo que fosse acelerada e repleta de trinados.

– Isso mesmo. Música. – disse Júbilo.

– Jemby fazia... – começou Fallom, empolgada. Então ela hesitou e decidiu usar a palavra em galáctico – música o tempo todo. Fazia música em uma **** – outra palavra em sua língua.

– Em uma “faful”? – Júbilo repetiu a palavra com hesitação.

Fallom riu-se.

– Não “faful”, ****.

Com as duas palavras justapostas dessa maneira, Júbilo conseguiu perceber a diferença, mas desistiu de pronunciar a segunda.

– Com o que se parece? – ela perguntou.

O ainda limitado vocabulário em galáctico de Fallom não era suficiente para uma descrição precisa, e seus gestos não criaram nenhuma imagem clara na mente de Júbilo.

– Ele me mostrou como usar a **** – disse Fallom, orgulhosa. – Eu usava meus dedos da mesma forma que Jemby usava, mas ele disse que logo eu não precisaria mais usar.

– Isso é ótimo, querida – respondeu Júbilo. – Depois do jantar, veremos se os alfaenses são tão bons quanto era o seu Jemby.

Os olhos de Fallom cintilaram, e pensamentos agradáveis sobre o que viria em seguida ajudaram-na a suportar um jantar extravagante, apesar do grande número de pessoas, risadas e barulhos ao seu redor. Em apenas um momento, quando um prato foi acidentalmente derrubado, causando guinchos de empolgação, Fallom pareceu assustada, e Júbilo prontamente a envolveu com um abraço afetuoso e protetor.

– Eu me pergunto se a gente conseguiria algum jeito de comer sozinhos – Júbilo murmurou para Pelorat. – Caso contrário, precisaremos ir embora deste mundo. Já é ruim o suficiente eu ter de comer toda essa proteína animal isolada; eu *deveria* poder fazê-lo em paz.

– É apenas alegria e entusiasmo – disse Pelorat, que toleraria qualquer coisa relacionada a comportamentos e crenças primitivos desde que dentro do aceitável.

E então o jantar terminou e veio o anúncio de que o festival de música começaria em breve.

82

O salão em que o festival de música seria realizado era quase do mesmo tamanho que o refeitório, e havia cadeiras dobráveis (deveras desconfortáveis, Trevize descobriu) para cento e cinquenta pessoas, mais ou menos. Como convidados de honra, os visitantes foram levados à primeira fila, e diversos alfaenses comentaram educada e

positivamente sobre suas roupas.

Os dois homens estavam nus da cintura para cima, e Trevize contraía seus músculos abdominais sempre que pensava neles e olhava para baixo, ocasionalmente, com autoadmiração complacente por seu peito cabeludo. Pelorat, em sua fervorosa admiração por tudo à sua volta, era indiferente em relação à própria aparência. A blusa de Júbilo atraía discretos olhares de perplexidade, mas nada foi dito.

Trevize reparou que o salão estava com apenas metade de sua capacidade preenchida, e que a grande maioria do público era feminina, já que, presumivelmente, muitos homens deveriam estar no mar.

– Eles têm eletricidade – Pelorat sussurrou para Trevize, depois de cutucá-lo.

Trevize olhou para os tubos verticais nas paredes, e também para os que estavam no teto. Eles eram suavemente luminosos.

– Fluorescência – disse. – Bastante primitivo.

– Sim, mas cumprem sua função, e há mais dessas coisas em nossos aposentos e no anexo. Pensei que era apenas decoração. Se pudermos descobrir como eles funcionam, não precisaremos ficar no escuro.

– Eles podiam ter nos contado – disse Júbilo, irritada.

– Devem ter pensado que saberíamos – respondeu Pelorat –, que qualquer pessoa saberia.

Quatro mulheres surgiram de trás de telas e se sentaram juntas no espaço à frente da plateia. Cada uma carregava um instrumento de madeira polida e de formato parecido, que não poderia ser facilmente descrito. Os instrumentos eram bastante distintos em tamanho. Um era bem pequeno, dois eram um pouco maiores e o quarto, consideravelmente maior. Cada mulher tinha uma longa vareta na outra mão.

O público assobiou suavemente conforme elas entraram e, em resposta, as quatro mulheres fizeram reverências. Cada uma tinha uma faixa de tecido firmemente enrolada em torno dos seios, como se para impedir que eles interferissem nos instrumentos.

Trevize, interpretando os assobios como sinais de aprovação ou de grande expectativa, sentiu que seria educado assobiar também. Nesse momento, Fallom começou um trinado que ia muito além de um assobio, o que começou a chamar a atenção, quando um aperto da mão de Júbilo a calou.

Três das mulheres, sem preparação, colocaram seus instrumentos sob os queixos, enquanto o maior dos instrumentos permaneceu entre as pernas da quarta mulher, apoiado no chão. A longa vareta na mão direita de cada uma delas foi friccionada nas cordas que se esticavam por quase todo o comprimento de cada instrumento, enquanto os dedos da mão esquerda dedilhavam rapidamente as extremidades superiores dessas cordas.

Aquilo era, pensou Trevize, a "arranhação" que ele estava esperando, mas não soava de maneira nenhuma como algo arranhando. Houve uma suave e melodiosa sucessão de notas; cada instrumento fazia algo por conta própria e o todo se fundia de maneira agradável.

Não tinha a complexidade da música criada eletronicamente ("música de verdade", como Trevize não conseguia deixar de pensar) e havia nela uma distinta uniformidade. Ainda assim, conforme o tempo passava e seus ouvidos se acostumaram com esse excêntrico sistema de som, ele começou a distinguir sutilezas. Era cansativo fazê-lo e ele se lembrou da precisão matemática, do clamor e da pureza da música de verdade, mas lhe ocorreu que, se escutasse a música desses simples equipamentos de madeira por tempo suficiente, poderia vir a gostar daquilo.

Somente quando o concerto já havia durado quarenta e cinco minutos, Hiroko surgiu. Ela imediatamente viu Trevize na primeira fileira e sorriu para ele. Ele se juntou com sinceridade ao suave assobio de aprovação do público. Ela estava linda, com uma longa e sofisticada saia, uma grande flor no cabelo e nada cobrindo seus seios – aparentemente, não havia nenhum perigo de eles interferirem no instrumento.

Era um cilindro escuro de madeira, com cerca de sessenta e cinco centímetros de comprimento e quase dois de espessura. Ela levou o instrumento aos lábios e assoprou em uma abertura próxima de uma das extremidades, produzindo uma fina e doce nota, que variou em intensidade conforme seus dedos manipularam objetos de metal distribuídos no comprimento do cilindro.

Com a primeira nota, Fallom agarrou o braço de Júbilo e disse:

– Júbilo, aquilo é uma **** – e a palavra soou como "faful" para Júbilo.

Júbilo negou firmemente com a cabeça e Fallom continuou, em um

tom mais baixo:

– Mas é!

Outros olhavam na direção de Fallom. Júbilo colocou a mão sobre a boca de Fallom, com firmeza, e reclinou-se sobre ela para murmurar um “Silêncio!” quase agressivo em seu ouvido.

Depois disso, Fallom ouviu a música de Hiroko em silêncio, mas seus dedos se moviam espasmodicamente, como se estivessem operando os objetos ao longo do comprimento do instrumento.

O último músico do concerto foi um senhor que tinha um instrumento com laterais sulcadas, pendurado nos ombros. Ele o expandia e comprimia conforme uma de suas mãos dedilhava uma sucessão de pequenos objetos pretos e brancos em uma das extremidades, pressionando-os em grupos.

Trevize considerou aquele som cansativo, deveras rústico, desagradavelmente parecido com a lembrança dos latidos dos cães em Aurora – não que o som fosse como latidos, mas as emoções que ele despertava eram semelhantes. Júbilo parecia querer cobrir as orelhas com as mãos e Pelorat estava com o cenho franzido. Apenas Fallom parecia gostar, pois batia o pé de leve. Trevize, ao perceber tal fato, reparou, para sua surpresa, que havia um ritmo na música que sincronizava com os movimentos do pé de Fallom.

A apresentação, enfim, terminou, e houve um furor de assobios, com o trinado de Fallom soando claramente mais alto.

Em seguida, o público dividiu-se em pequenos grupos de conversa e tornou-se tão barulhento e desordeiro quanto os alfaenses pareciam ser em todos os eventos públicos. As várias pessoas que haviam tocado no concerto ficaram à frente do salão e conversavam com aqueles que se aproximavam para parabenizá-los.

Fallom soltou-se de Júbilo e correu até Hiroko.

– Hiroko – ela gritou, ofegante. – Deixe-me ver a ****.

– A o quê, estimada Fallom? – perguntou Hiroko.

– A coisa com que você fez música.

– Oh – riu-se Hiroko. – É uma flauta, minha pequena.

– Posso vê-la?

– Perfeitamente. – Hiroko abriu um estojo e retirou o instrumento. Estava dividido em três partes, mas ela o montou rapidamente. Segurou o objeto diante de Fallom, com o bocal perto dos lábios da criança, e disse: – Aqui, sopre o ar de vossos pulmões neste buraco.

– Eu sei, eu sei – disse Fallom, ansiosa, e tentou pegar a flauta.

Automaticamente, Hiroko a tirou do alcance de Fallom e a segurou no alto.

– Sopre, criança, mas não encoste.

Fallom parecia decepcionada.

– Posso apenas olhar para ela, então? Não vou encostar.

– Certamente, estimada Fallom.

Hiroko estendeu a flauta mais uma vez e Fallom olhou para o instrumento, concentrada.

A iluminação fluorescente do aposento diminuiu um pouco e o som de uma nota de flauta, incerto e oscilante, pôde ser ouvido.

Hiroko, surpresa, quase derrubou a flauta, e Fallom gritou:

– Eu consegui! Eu consegui! Jemby disse que eu conseguiria, algum dia.

– Fizeste este som? – perguntou Hiroko.

– Sim, eu fiz. Eu fiz.

– Mas como o fizeste, criança?

Júbilo, ruborizada de constrangimento, interveio:

– Lamento, Hiroko. Eu a levarei embora.

– Não – disse Hiroko. – Rogo para que ela faça novamente.

Alguns dos alfaenses nas proximidades haviam chegado mais perto para observar. Fallom franziu as sobrancelhas, se esforçando ao extremo. As fluorescências diminuíram mais do que antes e, mais uma vez, surgiu uma nota da flauta, dessa vez pura e estável. Então se tornou errática, conforme os objetos metálicos ao longo do corpo da flauta começaram a mexer sozinhos.

– É um pouco diferente da **** – comentou Fallom, um tanto sem fôlego, como se o ar que estava ativando a flauta fosse o dela, em vez de vindo de outra fonte de energia.

– Ela deve estar extraindo energia da corrente elétrica que abastece as fluorescências – disse Pelorat a Trevize.

– Faça novamente – pediu Hiroko, com voz estrangulada.

Fallom fechou os olhos. Agora, a nota era mais suave e estava sob um controle mais firme. A flauta tocava sozinha e era manipulada por dedos invisíveis. Estava sendo movida por energia distante, que surgia através da transdução dos lóbulos ainda imaturos do cérebro de Fallom. As notas, que haviam começado de maneira quase aleatória, encaixaram-se em uma sucessão musical, e agora todas as pessoas do

salão haviam se juntado em torno de Hiroko e Fallom, conforme Hiroko segurava a flauta gentilmente pelas extremidades com o polegar e o dedo indicador e Fallom, de olhos fechados, direcionava a corrente de vento e o movimento das chaves.

– É a canção que eu toquei – sussurrou Hiroko.

– Lembro-me dela – disse Fallom, concordando de leve com a cabeça, tentando não quebrar sua concentração.

– Não perdeste nenhuma nota – comentou Hiroko, depois que havia acabado.

– Mas não está certo, Hiroko. Você não tocou direito.

– Fallom! – interveio Júbilo. – Que falta de educação. Você não deve...

– Por favor – disse Hiroko, com firmeza –, não interfira. Por que não está certo, criança?

– Porque eu tocaria de um jeito diferente.

– Mostre-me.

Mais uma vez, a flauta tocou, mas de maneira mais sofisticada, pois as forças que acionavam as chaves o faziam com mais rapidez, com uma sucessão mais veloz e com combinações mais elaboradas do que antes. A música era mais complexa, infinitamente mais emocionante e comovente. Hiroko ouvia, imóvel, e o salão ficou em silêncio absoluto.

Não houve nenhum som mesmo depois que Fallom terminou de tocar, até que Hiroko respirou fundo e disse:

– Pequena, tocaste isso antes?

– Não – respondeu Fallom –, antes disso eu só usava meus dedos, e não consigo usar meus dedos para tocar dessa maneira. – Então, com simplicidade e nenhum traço de arrogância, completou: – Ninguém consegue.

– Podes tocar algo de outro tipo?

– Posso inventar alguma coisa.

– Diz, improvisar?

Fallom franziu as sobrancelhas por causa daquela palavra e olhou para Júbilo, que fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Sim – respondeu Fallom.

– Rogo que o faça – disse Hiroko.

Fallom pensou por um ou dois minutos e então começou lentamente, com uma sucessão muito simples de notas que passavam uma sensação etérea. As luzes fluorescentes diminuíam e aumentavam

conforme a quantidade de energia usada era intensificada e enfraquecida. Ninguém demonstrou perceber tal fato, pois parecia ser o efeito da música, e não sua causa, como se um espectro elétrico estivesse obedecendo a ordens das ondas sonoras.

A combinação de notas, então, repetiu-se um pouco mais alto, e mais uma vez, com um pouco mais de complexidade; então, em variações daquela melodia, sem nunca perder a evidente combinação básica. Ela foi ficando mais inspiradora e mais emocionante até que, para os presentes, tornou-se quase impossível respirar. Por fim, uma curva descendente muito mais acentuada do que a ascendente teve o efeito de um arrebatador mergulho que levou os ouvintes à terra firme, mesmo que eles ainda tivessem a sensação de estar flutuando pelo ar.

Depois da música, o salão explodiu em um pandemônio sonoro, e até mesmo Trevize, acostumado a um tipo totalmente diferente de música, pensou, melancolicamente: “E agora eu nunca mais escutarei essa música novamente”.

Quando um silêncio quase relutante voltou, Hiroko estendeu sua flauta.

– Aqui, Fallom, é tua.

Fallom estendeu os braços ansiosamente para pegá-la, mas Júbilo a segurou e disse:

– Não podemos aceitar, Hiroko. É um instrumento valioso.

– Tenho outra, Júbilo. Não tão apurada, mas assim há de ser. Este instrumento pertence àquele que melhor o tocar. Nunca ouvi música de tal elevação e seria errado de minha parte possuir um instrumento cujo potencial não posso alcançar. Quem me dera saber tocá-lo sem as mãos.

Fallom pegou a flauta e, com uma expressão de profunda satisfação, segurou-a contra seu peito.

83

Cada um dos dois aposentos reservados para os visitantes estava iluminado por uma luz fluorescente. O anexo tinha uma terceira. As luzes eram fracas, e era desconfortável ler sob elas, mas pelo menos os aposentos não estavam mais no escuro. Ainda assim, eles estavam do

lado de fora. O céu estava repleto de estrelas, algo fascinante para um nativo de Terminus, em que a paisagem noturna estava sempre sem estrelas e com apenas uma vaga imagem da Galáxia visível.

Hiroko os havia acompanhado de volta aos seus aposentos, temendo que se perdessem no escuro ou que tropeçassem. Ao longo de todo o caminho, ela segurou a mão de Fallom e então, depois de acender as luzes fluorescentes, ficou fazendo companhia para os visitantes do lado de fora, ainda de mãos dadas com a criança.

Era evidente que Hiroko estava em um difícil conflito de emoções. Por isso, Júbilo tentou mais uma vez:

– Eu repito, Hiroko, não podemos levar sua flauta.

– Não. Fallom deve ficar com ela – respondeu Hiroko, parecendo indecisa mesmo assim.

Trevize continuou olhando para o céu. A noite era genuinamente escura, uma escuridão quase não influenciada pelo tremeluzir da luz que vinha de seus aposentos, e muito menos pelas insignificantes luminosidades vindas de outras casas a distância.

– Hiroko – disse ele –, você vê aquela estrela ali, bem luminosa? Qual é o nome dela?

Hiroko olhou casualmente para cima.

– Aquela é a Companheira – respondeu, sem aparentar grande interesse.

– Por que é chamada assim?

– Pois circunda nosso sol a cada oitenta anos do Padrão Galáctico. É uma estrela vespertina nesta época do ano. Podeis vê-la também à luz do dia, quando ela se posiciona acima do horizonte.

Ótimo, pensou Trevize. Ela não é totalmente ignorante sobre astronomia.

– Você sabia que Alfa tem outra companheira? – perguntou. – É uma estrela muito pequena e de fraca luminosidade, que está a uma distância muito maior do que aquela brilhante. Você não pode vê-la sem um telescópio.

(Ele mesmo não a tinha visto e não se deu ao trabalho de procurá-la, mas o computador tinha essa informação em seu banco de dados).

– Assim nos dizem na escola – disse ela, indiferente.

– E quanto àquela ali? Está vendo aquelas seis estrelas em zigue-zague?

– Aquela é Cassiopeia – respondeu Hiroko.

– É mesmo? – surpreendeu-se Trevize. – Qual estrela?

– Todas. O zigue-zague completo. Trata-se de Cassiopeia.

– Por que é chamada assim?

– Careço de tal conhecimento. Não sei nada sobre astronomia, respeitável Trevize.

– Está vendo a estrela mais baixa do zigue-zague? A que é mais luminosa do que as outras? O que é aquilo?

– É uma estrela. Eu não sei a nomenclatura.

– Mas, com exceção das duas estrelas companheiras, é a estrela mais próxima de Alfa. Está a apenas um parsec de distância.

– Assim afirmas? – disse Hiroko. – Tal conhecimento me escapa.

– Será que não poderia ser a estrela em torno da qual a Terra orbita?

Hiroko observou a estrela com um tênue lampejo de interesse.

– Não sei. Nunca ouvi ninguém assim dizer.

– Não acha que poderia ser?

– Como hei de saber? Ninguém sabe onde poderia estar a Terra. Eu... eu hei de deixar-vos sozinhos, agora. Assumirei meu turno nos campos amanhã, na alvorada, antes do festival na praia. Hei de vê-los todos amanhã, no festival, logo depois do almoço. Sim? Sim?

– Certamente, Hiroko.

Ela foi embora subitamente, quase correndo no escuro. Trevize a acompanhou com o olhar e, então, seguiu os outros para seus aposentos.

– Você saberia dizer, Júbilo, se ela estava mentindo sobre a Terra? – perguntou Trevize.

– Não acho que estava – Júbilo negou com a cabeça. – Ela está sob enorme tensão, algo que eu não tinha notado até depois do concerto. Já existia antes de você lhe perguntar sobre as estrelas.

– Seria porque ela ficou sem a flauta, então?

– Talvez. Não sei dizer. – Ela se virou para Fallom. – Agora, Fallom, quero que você vá para seu quarto. Quando estiver pronta para dormir, vá para o anexo, faça suas necessidades e então lave suas mãos, seu rosto e seus dentes.

– Eu gostaria de tocar a flauta, Júbilo.

– Apenas por pouco tempo, e *bem* baixinho. Entendeu, Fallom? E precisa parar quando eu lhe pedir.

– Sim, Júbilo.

Agora, os três estavam sozinhos; Júbilo sentada na única cadeira e os dois homens, cada um em sua cama de lona.

– Existe alguma razão para ainda estarmos neste planeta? – perguntou Júbilo.

Trevize deu de ombros.

– Não chegamos a conversar com ninguém sobre a conexão da Terra com os instrumentos antigos – disse – e talvez possamos descobrir alguma coisa assim. Pode ser recompensador, também, esperar pela volta da frota de pesqueiros. Os pescadores podem saber algo que aqueles que ficam em terra firme não sabem.

– *Muito* improvável, creio – respondeu Júbilo. – Tem certeza de que não são os olhos escuros de Hiroko que o prendem aqui?

– Eu não entendo, Júbilo – disse Trevize, impaciente. – De que lhe importa o que escolho fazer? Por que se atribui o direito de fazer julgamentos morais em relação a mim?

– Não estou preocupada com sua moral. A questão afeta nossa jornada. Você deseja encontrar a Terra para decidir, finalmente, se esteve certo ao escolher Galaksia em vez de mundos Isolados. Quero que chegue a essa decisão. Você diz que precisa visitar a Terra para tomar essa decisão, e parece estar convencido de que a Terra orbita em torno daquela estrela luminosa no céu. Vamos para lá, então. Admito que seria útil termos alguma informação antes de ir, mas é evidente, para mim, que tais informações não serão encontradas aqui. Não quero permanecer aqui simplesmente porque você aprecia Hiroko.

– A gente talvez vá embora – respondeu Trevize. – Deixe-me pensar no assunto, e garanto que Hiroko não terá influência nenhuma no que eu decidir.

– Sinto que deveríamos seguir para a Terra – interveio Pelorat –, mesmo que seja apenas para verificar se é radioativa. Não vejo nenhum motivo para esperarmos por mais tempo.

– Tem certeza de que não são os olhos escuros de Júbilo que o guiam? – disse Trevize, um tanto rancoroso. Então, quase imediatamente: – Não... Eu retiro o que disse, Janov. Estava apenas sendo infantil. De toda maneira, este é um mundo encantador, além de Hiroko, e devo dizer que, em outras circunstâncias, eu ficaria tentado a permanecer aqui indefinidamente. Você não acha, Júbilo, que Alfa destrói sua teoria sobre os Isolados?

– De que maneira? – perguntou Júbilo.

– Você tem defendido que todo mundo genuinamente Isolado acaba se tornando perigoso e hostil.

– Até mesmo Comporellon – disse Júbilo, inexpressiva –, que está consideravelmente fora da corrente principal da atividade galáctica, pois se trata, em tese, de uma Potência Associada da Federação da Fundação.

– Mas *não* Alfa. Este mundo é completamente Isolado, mas é impossível reclamar de sua amabilidade e hospitalidade. Eles nos deram comida, roupas, abrigo; organizaram festivais em nossa honra, insistem para que fiquemos. Do que poderíamos acusá-los?

– De nada, aparentemente. Hiroko cedeu-lhe, inclusive, o próprio corpo.

– Por que isso a incomoda tanto, Júbilo? – perguntou Trevize, raivoso. – Ela não me cedeu o próprio corpo. Cedemos nossos corpos um ao outro. Foi totalmente mútuo, totalmente prazeroso. Tampouco você poderia dizer que hesita em ceder o próprio corpo quando lhe convém.

– Por favor, Júbilo – disse Pelorat. – Golan tem completa razão. Não há nenhum motivo para repudiar seus prazeres privados.

– Desde que eles não nos afetem – respondeu Júbilo, obstinadamente.

– Eles não nos afetam – disse Trevize. – Iremos embora, eu garanto. Um atraso para buscar mais informações não há de ser muito longo.

– Ainda assim, eu não confio em Isolados – comentou Júbilo –, mesmo que eles nos deem presentes.

– Você chega a uma conclusão – Trevize jogou os braços para o alto – e então distorce provas para se adequarem a ela. Típico de uma...

– Não diga isso – interrompeu Júbilo, ameaçadoramente. – Eu não sou uma mulher. Eu sou Gaia. É Gaia, e não eu, que está inquieta.

– Não há nenhum motivo para...

Nesse momento, alguém ou alguma coisa arranhou a porta. Trevize congelou.

– O que foi isso? – perguntou, sussurrando.

Júbilo deu de ombros levemente.

– Abra a porta e veja. Você é quem diz que este é um mundo gentil, que não representa nenhum perigo.

Ainda assim, Trevize hesitou, até que uma tênue voz veio do outro

lado da porta:

– Por favor. Sou eu.

Era a voz de Hiroko. Trevize abriu a porta.

Hiroko entrou rapidamente. Suas bochechas estavam molhadas por lágrimas.

– Feche a porta – ela ofegou.

– O que foi? – perguntou Júbilo.

Hiroko agarrou Trevize.

– Eu não pude manter distância. Tentei, mas não pude tolerar. Partam agora, todos vocês. Levem a criança convosco, rápido. Levem a espaçonave para longe, para longe de Alfa, enquanto a escuridão ainda nos cerca.

– Mas por quê? – indagou Trevize.

– Porque, do contrário, morrerás; vós todos haveis de morrer.

84

Os três Estrangeiros, imóveis, encararam Hiroko durante um bom tempo.

– Você está dizendo que seu povo nos matará? – perguntou, enfim, Trevize.

– Tu já estás na estrada para a morte, respeitável Trevize. E os outros convosco – respondeu Hiroko. – Em tempos de outrora, aqueles dedicados aos estudos conceberam um vírus, inofensivo para nós, porém mortífero para Estrangeiros. Nós fomos imunizados – ela sacudiu os braços de Trevize, distraída. – Vós estais infectados.

– Como?

– Quando fomos deleitosos um com o outro. É uma das maneiras.

– Mas sinto-me perfeitamente bem – respondeu Trevize.

– Por ora, o vírus encontra-se inativo. Há de ser ativado no retorno da frota de pesqueiros. De acordo com nossas leis, haverá uma decisão conjunta, que incluirá os pescadores. Todos certamente hão de decretar a ativação, e vos manteremos aqui até tal momento, duas manhãs adiante. Partam agora, enquanto o escuro vos envolve e ninguém suspeita.

– Por que os alfaenses fazem isso?

– Por nossa segurança. Somos poucos, dotados de muito. Não

desejamos intromissões Estrangeiras. Se assim suceder e formos revelados, outros hão de se intrometer e, portanto, quando uma espaçonave aterrissa, em vastos intervalos de tempo, precisamos garantir que tal espaçonave não parta.

– Mas, então – disse Trevize –, por que nos avisa e permite que fujamos?

– Não questioneis os motivos. Não... hei de contar-lhes, pois o escuto novamente. Escutai...

Do outro aposento, eles podiam ouvir Fallom tocando suavemente e com infinita ternura.

– Não posso suportar a destruição de tal música – disse Hiroko –, já que a criança também há de morrer.

– Foi por isso que deu a flauta a Fallom? – perguntou Trevize, de modo ríspido. – Porque sabia que a teria de volta a partir do momento em que ela estivesse morta?

– Não, tal pensamento não povoou minha mente – Hiroko pareceu horrorizada. – E quando tal ideia adentrou meu raciocínio, eu sabia que era errado. Fujais com a criança e, com ela, levais a flauta que eu nunca hei de ver novamente. Estareis a salvo no espaço e, abandonado em inatividade, o vírus agora em vossos corpos há de morrer com o tempo. Em retribuição, rogo que nenhum de vós mencione este mundo, para que ninguém saiba sobre ele.

– Não falaremos sobre ele – disse Trevize.

Hiroko olhou para ele e disse em voz baixa:

– Hei de beijar-te antes que parta?

– Não. Já fui infectado uma vez, o que certamente é suficiente – respondeu Trevize. E então, com uma voz menos dura, continuou: – Não chore. As pessoas perguntarão por que chora e você não conseguirá responder. Considerando seu esforço para nos salvar, perdoarei o que fez comigo.

Hiroko endireitou a coluna, enxugou cuidadosamente suas bochechas com as costas das mãos e respirou fundo.

– Por isso, sou grata a ti – disse, e foi embora rapidamente.

– Apagaremos as luzes – disse Trevize a Pelorat e Júbilo – e esperaremos durante algum tempo. Então, partiremos. Júbilo, peça que Fallom pare de tocar. Lembre-se de levar a flauta, claro. Então iremos para a nave, se pudermos encontrá-la no escuro.

– Eu a encontrarei – disse Júbilo. – Tenho vestimentas a bordo e,

por mais tênue que seja a ligação, elas também são Gaia. Gaia não tem dificuldade de encontrar Gaia – e ela foi para o outro quarto buscar Fallom.

– Você supõe que eles tenham danificado a nave para nos manter no planeta? – perguntou Pelorat.

– Eles não têm tecnologia para tanto – disse Trevize, sombriamente.

Quando Júbilo voltou, segurando Fallom pela mão, Trevize apagou as luzes.

Eles ficaram em silêncio, no escuro, pelo que pareceu metade da noite, mas que deve ter sido apenas meia hora. Então Trevize abriu a porta, lenta e silenciosamente. O céu parecia ter um pouco mais de nuvens, mas as estrelas ainda brilhavam. Agora, Cassiopeia estava em um ponto alto, com o que poderia ser o sol da Terra brilhando com intensidade na ponta mais baixa. O ar estava estático, e não havia nenhum som.

Trevize saiu cuidadosamente, gesticulando para que os outros o seguissem. Uma de suas mãos tocou o chicote neurônico em um movimento quase automático. Ele tinha certeza de que não seria necessário usá-lo, mas...

Júbilo assumiu a dianteira, segurando a mão de Pelorat, que segurava a de Trevize. A outra mão de Júbilo segurava a de Fallom, que, com a outra mão, carregava a flauta. Tateando gentilmente com os pés na escuridão quase total, Júbilo guiou os outros na direção em que ela detectava o tênue contato de Gaia que suas roupas emanavam a bordo da *Estrela Distante*.

PARTE 7

TERRA

19.

Radioativa?

85

A *Estrela Distante* decolou em silêncio, subindo lentamente pela atmosfera, afastando-se da ilha envolta pela escuridão. Os poucos e tênues pontos de luz abaixo deles diminuíram e desapareceram. Conforme a atmosfera se tornou mais rarefeita, a velocidade da nave aumentou, e os pontos de luz no céu acima ficaram mais numerosos e brilhantes.

Depois de algum tempo, eles viam o planeta Alfa como nada além de um crescente iluminado; um crescente cercado, em sua maioria, por nuvens.

– Suponho que eles não tenham tecnologia espacial ativa – disse Pelorat. – Não podem nos seguir.

– Não tenho certeza se isso me anima – respondeu Trevize, com rosto fechado e voz desolada. – Estou infectado.

– Mas com uma variedade inativa – disse Júbilo.

– Ela pode ser ativada. Eles têm um gatilho. Qual é o gatilho?

Júbilo deu de ombros e respondeu:

– Hiroko disse que o vírus, se deixado inativo, acabaria por morrer em um corpo não adaptado a ele como o seu.

– É mesmo? – perguntou Trevize, irritado. – Como ela sabe? Aliás, como posso saber se essa afirmação de Hiroko não passou de uma mentira para seu próprio consolo? E será que o método de ativação poderia ser duplicado naturalmente? Algum químico específico, algum tipo de radiação, algum... algum... sabe-se lá o quê? Posso ficar subitamente doente, e então vocês três morreriam também. Ou, se acontecer depois de chegarmos a um planeta povoado, pode haver uma terrível pandemia, que refugiados acabariam por levar para outros mundos. – Trevize olhou para Júbilo. – Há alguma coisa que você possa fazer?

Lentamente, Júbilo negou com a cabeça.

– Não com facilidade – disse. – Existem parasitas que fazem parte de Gaia. Microrganismos, vermes. São uma parte benigna do equilíbrio ecológico. Vivem e contribuem com a consciência do nosso mundo, mas nunca se alastram. Vivem sem causar danos perceptíveis. O problema, Trevize, é que o vírus que o afeta não faz parte de Gaia.

– Você diz "não com facilidade" – respondeu Trevize, franzindo as sobrancelhas. – Nessas circunstâncias, você poderia se esforçar para tanto, mesmo que seja difícil? Pode localizar o vírus em mim e destruí-lo? Caso isso não dê certo, você poderia, pelo menos, fortalecer minhas defesas?

– Você entende o que está pedindo, Trevize? Não estou familiarizada com a flora microscópica de seu corpo. Eu talvez não consiga distinguir com facilidade um vírus dos genes normais que habitam as células de seu corpo. Seria ainda mais difícil distinguir o vírus com o qual Hiroko o contaminou daqueles aos quais seu corpo está acostumado. Tentarei fazê-lo, Trevize, mas levará tempo, e eu talvez não consiga.

– Leve o tempo que for – disse Trevize. – Tente.

– Certamente – respondeu Júbilo.

– Júbilo – interveio Pelorat –, se Hiroko falou a verdade, você talvez possa encontrar um vírus cuja vitalidade pareça estar diminuindo, e poderia acelerar esse declínio.

– Eu poderia fazer isso – disse Júbilo. – É um bom raciocínio.

– Você não se enfraquecerá? – perguntou Trevize. – Você sabe que precisará destruir preciosas formas de vida ao matar esses vírus.

– Trevize, você está apenas sendo sardônico – respondeu Júbilo, friamente –, mas, sardônico ou não, fala de uma dificuldade genuína. Ainda assim, não posso deixar de colocá-lo à frente do vírus. Eu os matarei se tiver a chance, não tenha medo. Afinal, mesmo com a possibilidade de eu não ter consideração por você – e sua boca se contraiu, como se estivesse reprimindo um sorriso –, Pelorat e Fallom também estão em risco, e você talvez confie mais na consideração que tenho por eles do que na estima que tenho por você. Pode se lembrar também de que eu mesma estou em risco.

– Não tenho fé nenhuma em seu amor por si mesma – murmurou Trevize. – Você está totalmente disposta a abrir mão da própria vida por algum motivo maior. Mas aceitarei sua preocupação por Pelorat. – Então, disse: – Não ouço a flauta de Fallom. Há alguma coisa errada

com ela?

– Não – respondeu Júbilo. – Ela está dormindo. Um sono perfeitamente natural, sobre o qual não tive influência. E sugiro, depois que você determinar o Salto para a estrela que acreditamos ser o sol da Terra, que todos nós façamos o mesmo. Preciso muito de sono e suspeito, Trevize, que você também.

– Sim, se eu conseguir. Você estava certa, sabe, Júbilo?

– Sobre o quê, Trevize?

– Sobre os Isolados. Terra Nova não era um paraíso, por mais que parecesse. Aquela hospitalidade, toda aquela amabilidade expansiva do início, era para abaixar nossas defesas, para que um de nós pudesse ser facilmente infectado. E toda a hospitalidade que veio depois, os festivais disso e daquilo, foi concebida para que ficássemos lá até que a frota de pesqueiros voltasse e a ativação pudesse ser executada. E teria dado certo, se não fosse por Fallom e sua música. Pode ser que você tenha razão sobre isso, também.

– Sobre Fallom?

– Sim. Eu não queria trazê-la, e nunca fiquei contente com a presença dela na nave. Foi por causa de suas ações, Júbilo, que a temos aqui e foi ela quem, involuntariamente, nos salvou. Ainda assim...

– Ainda assim o quê?

– Apesar disso, a presença de Fallom *ainda* me deixa inquieto. Não sei por quê.

– Se fizer com que se sinta melhor, Trevize, eu não diria que podemos atribuir todos os créditos a Fallom. Hiroko mencionou a música de Fallom como sua justificativa para cometer o que os outros alfaenses certamente considerariam um ato de traição. Ela fez, inclusive, com que nós também acreditássemos nisso, mas havia algo mais em sua mente, algo que detectei vagamente, mas que não pude identificar; algo que ela talvez tivesse vergonha de deixar emergir para sua mente consciente. Tenho a impressão de que ela sentia afeição por você e não estava disposta a vê-lo morrer, apesar de Fallom e sua música.

– Você acha mesmo? – perguntou Trevize, sorrindo de leve pela primeira vez desde que eles haviam deixado Alfa.

– Acho. Você deve ter alguma habilidade para lidar com mulheres. Persuadiu a ministra Lizalor a permitir que levássemos nossa nave de

Comporellon, e ajudou a influenciar Hiroko a salvar nossas vidas. Créditos merecidos.

– Bom, se você acha – Trevize abriu um sorriso maior. – Pois bem. Para a Terra – e desapareceu para dentro da sala de pilotagem com passos quase orgulhosos.

Pelorat, que ficou para trás, comentou:

– Você interveio na mente dele, não interveio, Júbilo?

– Não, Pelorat, nunca influenciei a mente de Trevize.

– Você certamente interveio quando mimou a vaidade masculina dele de um jeito tão extravagante.

– De maneira totalmente indireta – respondeu Júbilo, sorrindo.

– Ainda assim, obrigado, Júbilo.

86

Depois do Salto, a estrela que tinha chances de ser o sol da Terra ainda estava a um décimo de parsec de distância. Era o objeto mais luminoso no céu, mas não passava de uma estrela.

Trevize manteve filtros sobre a luminosidade para facilitar a visualização e a estudou seriamente.

– Parece não haver dúvidas de que é, efetivamente, a gêmea de Alfa, a estrela em torno da qual orbita Terra Nova – disse. – Porém, Alfa está no mapa do computador, e essa estrela não está. Não temos um nome para ela, não temos nenhuma estatística, e carecemos de qualquer informação sobre seu sistema planetário, se tiver algum.

– Não é isso que esperaríamos se a Terra orbitasse em torno desse sol? – perguntou Pelorat. – Essa ausência completa de informações se encaixaria com o fato de todos os dados sobre a Terra terem sido, aparentemente, eliminados.

– Sim, mas poderia significar também que é um Mundo Sideral que calhou de não estar na lista daquela parede do prédio em Melpomenia. Não podemos ter certeza de que aquela listagem estava completa. Ou então essa estrela pode não ter planetas e, portanto, não justifica sua inclusão em um mapa virtual usado primariamente para propósitos comerciais e militares. Janov, existe alguma lenda que fale sobre o sol da Terra estar a aproximadamente um parsec de distância de um sol gêmeo?

– Lamento, Golan – Pelorat negou com a cabeça –, mas nenhuma lenda do tipo me ocorre. Talvez exista. Minha memória não é indefectível. Vou pesquisar.

– Não é importante. Há algum nome atribuído ao sol da Terra?

– Alguns nomes diferentes são usados. Imagino que deva existir um nome em cada uma das diferentes línguas.

– Eu sempre esqueço que a Terra tinha muitas línguas.

– Deve ter tido. É a única forma de explicar e entender boa parte das lendas.

– Pois bem – disse Trevize, de maneira insolente. – O que faremos? A essa distância, não podemos determinar nada sobre o sistema planetário, e teremos que nos aproximar. Eu gostaria de ser cuidadoso, mas existe cautela excessiva e descabida, e não vejo nenhuma indicação de possíveis perigos. Presumivelmente, qualquer coisa poderosa o bastante para eliminar informações sobre a Terra na Galáxia inteira seria poderosa o suficiente para acabar conosco, mesmo a essa distância, se não quisesse mesmo ser localizada. Mas nada aconteceu. Não faz sentido permanecer aqui para sempre por causa da possibilidade de algo acontecer caso nos aproximemos, não é verdade?

– Imagino que o computador não tenha detectado nada que possa ser interpretado como perigo – respondeu Júbilo.

– Quando eu digo que não vejo nenhuma indicação de possíveis perigos, me baseio no computador. Eu certamente não posso ver nada a olho nu. Nem esperaria ver.

– Portanto, você está apenas buscando apoio para tomar uma decisão que considera arriscada. Pois bem. Estou do seu lado. Não viemos tão longe para voltar sem motivo nenhum, viemos?

– Não – disse Trevize. – O que você acha, Pelorat?

– Estou disposto a prosseguir – respondeu Pelorat –, mesmo que seja só por curiosidade. Seria insuportável voltar sem saber se encontramos a Terra.

– Certo – disse Trevize. – Então estamos todos de acordo.

– Não todos – afirmou Pelorat. – Há Fallom.

Trevize ficou pasmo.

– Está sugerindo que consultemos a criança? – perguntou. – De que valor seria sua opinião, se ela tivesse alguma? Além disso, tudo o que ela quer é voltar para seu próprio mundo.

– E podemos culpá-la por isso? – questionou Júbilo, amorosamente.

E, graças ao surgimento de Fallom na conversa, Trevize percebeu que ela estava tocando flauta; uma marcha inspiradora.

– Ouçam isso – ele disse. – Onde ela pode ter ouvido alguma coisa com compasso de marcha?

– Talvez Jemby tocasse marchas para ela.

– Duvido – Trevize negou com a cabeça. – Ritmos dançantes, talvez. Canções de ninar. A questão é que Fallom me deixa desconfortável. Ela aprende rápido demais.

– Eu a *ajudo* – disse Júbilo. – Lembre-se disso. Ela é extremamente inteligente, e foi extraordinariamente estimulada mentalmente nesse tempo que passou conosco. Novas sensações invadiram sua mente. Ela viu o espaço, mundos diferentes, muitas pessoas. Tudo pela primeira vez.

A música cadenciada de Fallom ficou mais grandiosa e com nuances mais estimulantes.

– Bom, ela está aqui – Trevize suspirou – e produz música que parece exalar otimismo e gosto pela aventura. Considerarei isso seu voto a favor de nos aproximarmos. Sejamos cautelosos e verifiquemos o sistema planetário desse sol.

– Se houver algum – disse Júbilo.

– Existe um sistema planetário – Trevize sorriu de leve. – É uma aposta. Escolha a quantia.

87

– Você perdeu – disse Trevize, distraidamente. – Quanto tinha decidido apostar?

– Nada. Nunca aceitei a aposta – respondeu Júbilo.

– Sorte sua. Mas, de qualquer forma, eu não teria aceitado o dinheiro.

Eles estavam a aproximadamente dez bilhões de quilômetros do sol. Ainda parecia uma estrela, mas tinha quase 1/4.000 da luminosidade que um sol teria quando visto da superfície de um planeta habitável.

– Com a ampliação, já podemos ver dois planetas – disse Trevize. – Considerando seus diâmetros e os espectros de luz refletida, eles são,

claramente, gigantes de gás.

A nave estava consideravelmente longe do plano planetário, e Júbilo e Pelorat, observando a tela por cima do ombro de Trevize, viram dois pequenos crescentes de luz esverdeada. O crescente menor estava em uma fase ligeiramente mais avançada.

– Janov! Está certo, não está? – perguntou Trevize. – O sol da Terra, em tese, tem quatro gigantes de gás.

– De acordo com as lendas, sim – respondeu Pelorat.

– Dos quatro, o que está mais próximo do sol é o maior, e o segundo mais próximo tem anéis. Correto?

– Anéis grandes e proeminentes, Golan. Sim. Mas, velho amigo, você precisa levar em conta possíveis exageros no contar e recontar de uma lenda. Se não encontrarmos um planeta com um sistema de anéis fora do comum, não acho que devamos levar isso muito a sério como evidência contra a possibilidade de esse ser o sol da Terra.

– De todo modo, os dois que podemos ver são os mais distantes do sol, e os outros dois, que ficam mais próximos dele, devem estar do outro lado, longe demais para serem facilmente localizados em meio à paisagem de estrelas. Precisaremos nos aproximar ainda mais e contornar o sol para ver o outro lado.

– Isso pode ser feito com a massa da estrela nessa proximidade?

– Estou certo de que, com cuidado, o computador pode fazê-lo. Se ele considerar o perigo grande demais, se recusará a nos mover. Se for o caso, nos deslocaremos com mais cautela, e por trechos menores.

Sua mente instruiu o computador e o campo de estrelas na tela mudou. A estrela brilhou intensamente e então saiu da tela conforme o computador, seguindo instruções, vasculhava o espaço em busca de outro gigante de gás. E foi bem-sucedido.

Os três observadores enrijeceram e ficaram boquiabertos conforme a mente de Trevize, quase desorientada por causa do assombro, tentava ordenar que o computador aumentasse a amplificação.

– Inacreditável – comentou Júbilo, ofegante.

88

Um gigante de gás estava na tela, visto a partir de um ângulo em que a maior parte de sua superfície estava coberta por luz. Em torno

dele havia um anel de detritos largo e luminoso, inclinado de maneira que o lado aparente refletia a luz solar. Era mais brilhante do que o próprio planeta, e ao longo desse anel havia uma fina linha divisória na direção da superfície do planeta.

Trevize ordenou ampliação máxima e o anel se tornou vários anéis menores, mais estreitos e concêntricos, resplandecendo sob a luz solar. Apenas uma parte do sistema de anéis era visível na tela, e o próprio planeta havia saído do campo de visão. Trevize deu mais uma ordem e um canto da tela se separou do todo e mostrou uma versão em miniatura do planeta e dos anéis, com ampliação muito menor.

– Esse tipo de coisa é comum? – perguntou Júbilo, chocada.

– Não – disse Trevize. – Quase todos os planetas gigantes de gás têm anéis de detritos, mas eles tendem a ser tênues e estreitos. Certa vez, vi um em que os anéis eram estreitos, mas muito brilhantes. Mas nunca vi nada assim. Nem ouvi falar.

– É evidente que se trata do gigante anelado sobre o qual falam as lendas – interveio Pelorat. – É realmente algo único...

– Realmente algo único, considerando o que sei e o que o computador tem de informações – disse Trevize.

– Então *deve* se tratar do sistema planetário que inclui a Terra. Decerto ninguém inventaria esse planeta. Ele precisaria ter sido visto para ter sido descrito.

– Neste momento, estou disposto a acreditar em qualquer coisa que suas lendas digam. Esse é o sexto planeta, e a Terra seria o terceiro?

– Sim, Golan.

– Então, eu diria que estamos a menos de um bilhão e meio de quilômetros da Terra e ainda não fomos impedidos. Gaia nos deteve quando nos aproximamos.

– Vocês estavam mais próximos de Gaia quando foram detidos – comentou Júbilo.

– Ah – respondeu Trevize –, mas creio que a Terra é mais poderosa do que Gaia, e considero isso um bom sinal. Se ainda não fomos parados, pode ser que a Terra não tenha objeções contra nossa aproximação.

– Ou que não haja uma Terra – disse Júbilo.

– Quer apostar, desta vez? – perguntou Trevize, com firmeza.

– Acho que Júbilo está dizendo que a Terra talvez seja radioativa, como todos parecem acreditar – interveio Pelorat –, e que ninguém

nos parou porque não há vida na Terra.

– Não! – disse Trevize, agressivamente. – Acredito em tudo que é dito sobre a Terra, *menos* nisso. Vamos nos aproximar da Terra e vermos por nós mesmos. E creio que não seremos impedidos.

89

Os gigantes de gás já estavam a uma grande distância para trás. Havia um cinturão de asteroides no interior do gigante de gás mais próximo do sol. (Aquele gigante de gás era o maior e com mais massa, como diziam as lendas.)

Dentro do cinturão de asteroides, havia quatro planetas.

Trevize os estudou cuidadosamente.

– O terceiro é o maior. O tamanho é o apropriado, e a distância do sol é a apropriada. Pode ser habitável.

Pelorat captou o que poderia ter sido um traço de incerteza nas palavras de Trevize.

– Ele tem atmosfera? – perguntou.

– Ah, sim – disse Trevize. – O segundo, o terceiro e o quarto planetas têm atmosfera. E, assim como no conto infantil, a do segundo é densa demais e a do quarto não é densa o suficiente, mas a do terceiro é ideal.

– Então você acredita que pode ser a Terra?

– Acreditar? – respondeu Trevize, quase explosivamente. – Eu não preciso acreditar. *É* a Terra. Tem o satélite gigante sobre o qual você me contou.

– Tem? – e Pelorat abriu um sorriso maior do que qualquer um que Trevize já tinha visto em seu rosto.

– Com certeza! Veja por aqui. Observe com ampliação máxima.

Pelorat viu dois crescentes, um distintamente maior e mais brilhante do que o outro.

– O menor é o satélite? – ele perguntou.

– Sim. Está um tanto mais longe do planeta do que seria esperado, mas está, definitivamente, orbitando ao seu redor. Tem o tamanho de um pequeno planeta; mas é menor do que qualquer um desses quatro planetas mais próximos do sol. Ainda assim, é grande para um satélite. Tem pelo menos dois mil quilômetros de diâmetro, o que o coloca na

classe de grandes satélites que orbitam gigantes de gás.

– Não maior do que eles? – Pelorat parecia decepcionado. – Então não é um satélite gigante?

– Sim, é gigante. Um satélite com um diâmetro de dois ou três mil quilômetros que orbita um gigante de gás é uma coisa. Esse mesmo satélite orbitando um pequeno e rochoso planeta habitável é outra muito diferente. O satélite em questão tem um diâmetro com mais de um quarto do diâmetro da própria Terra. Você já ouviu falar sobre uma paridade tão próxima envolvendo um planeta habitável?

– Sei muito pouco sobre essas coisas – respondeu Pelorat, timidamente.

– Então escute o que estou dizendo, Janov – disse Trevize. – É algo único. Estamos olhando para o que é, praticamente, um planeta duplo, e há poucos planetas habitáveis com algo maior do que pedregulhos em suas órbitas. Janov, se você considerar aquele gigante de gás com o imenso sistema de anéis o sexto; e esse planeta, com seu gigantesco satélite, o terceiro (sobre os quais as lendas lhe contaram, contra toda a credibilidade, antes mesmo que você os visse), então o mundo para o qual você está olhando deve ser a Terra. É impossível que seja outra coisa. Encontramos a Terra, Janov. Encontramos a Terra!

90

Eles estavam no segundo dia do processo de aproximação da Terra, e Júbilo bocejou diante de seu jantar.

– Me parece que passamos mais tempo nos aproximando e nos afastando de planetas do que em qualquer outra coisa. Foram semanas disso, literalmente.

– Em parte porque Saltos para perto *demais* de uma estrela são perigosos – explicou Trevize. – E, *neste* caso, estamos nos deslocando lentamente porque não quero me aproximar assim tão rápido de possíveis perigos.

– Mas você disse que tinha a sensação de que não seríamos impedidos.

– E repito, mas não quero apostar tudo em uma sensação – Trevize observou o conteúdo da colher antes de colocá-la na boca. – Sabe, sinto falta dos peixes que comemos em Alfa. Fizemos apenas três

refeições lá.

– Uma pena – concordou Pelorat.

– Bom – disse Júbilo –, visitamos cinco planetas e fomos obrigados a abandoná-los com tanta pressa que não tivemos tempo de aumentar nossos suprimentos alimentícios e incluir variedades. Mesmo quando o mundo tinha comida a oferecer, como Comporellon e Alfa, e presumivelmente...

Ela não terminou a frase, pois Fallom, virando o rosto rapidamente para olhar para ela, completou o raciocínio:

– Solaria? Não conseguiram nenhuma comida quando estiveram lá? Há bastante comida em Solaria. Tanto quanto em Alfa. E até mais gostosa.

– Eu sei disso, Fallom – respondeu Júbilo. – Simplesmente não tivemos tempo.

Fallom encarou Júbilo solenemente.

– Júbilo, eu verei Jemby novamente? – perguntou. – Diga-me a verdade.

– Talvez, se voltarmos a Solaria – respondeu Júbilo.

– Nós voltaremos a Solaria?

Júbilo hesitou.

– Eu não saberia dizer.

– Agora estamos a caminho da Terra, não é mesmo? Você disse que foi nesse planeta que nos originamos.

– Em que nossos *precursores* se originaram – disse Júbilo.

– Eu posso dizer “ancestrais” – respondeu Fallom.

– Sim, estamos a caminho da Terra.

– Por quê?

– Qualquer pessoa gostaria de conhecer o mundo de seus ancestrais, não gostaria? – disse Júbilo, gentilmente.

– Acho que não é só isso. Vocês todos parecem muito preocupados.

– Nunca estivemos lá antes. Não sabemos o que esperar.

– Acho que é mais do que isso.

– Você já terminou de comer, Fallom, querida – sorriu Júbilo. – Então por que não vai para o quarto e toca uma serenata para nós, em sua flauta? Você tem tocado cada vez mais lindamente. Vamos, vamos – ela deu um tapinha de incentivo no bumbum de Fallom, que foi para o quarto, virando-se uma vez para observar Trevize, pensativa.

Trevize a acompanhou com o olhar, com clara aversão.

– Essa coisa pode ler mentes?

– Não a chame de “coisa”, Trevize – repreendeu Júbilo, secamente.

– Ela pode ler mentes? Você deve conseguir perceber.

– Não, ela não lê. E nem Gaia. Tampouco leem os membros da Segunda Fundação. Leitura de mentes, no sentido de escutar uma conversa ou captar ideias precisas, não é algo possível no momento, nem será em um futuro próximo. Podemos detectar, interpretar e, até certo ponto, manipular emoções, mas não é a mesma coisa, de forma alguma.

– Como você sabe que ela não consegue fazer essa coisa que supostamente não pode ser feita?

– Porque, como você acabou de dizer, eu seria capaz de perceber.

– Talvez ela esteja manipulando você para que continue ignorando o fato de que ela consegue.

– Seja sensato, Trevize – Júbilo girou os olhos. – Mesmo se ela tivesse habilidades incomuns, não poderia fazer nada comigo, pois não sou Júbilo, sou Gaia. Você se esquece disso o tempo todo. Pode imaginar a inércia mental representada por um planeta inteiro? Você acha que uma única Isolada, por mais talentosa que seja, pode sobrepujar essa inércia?

– Você não sabe de tudo, Júbilo. Portanto, não seja confiante demais – disse Trevize, sombrio. – Aquela co... *Ela* está conosco há pouco tempo. Nesse período, não consegui aprender nada além dos fundamentos de uma língua, mas ela já fala galáctico com perfeição e com um vocabulário praticamente completo. Sim, eu sei que você a tem ajudado, mas eu gostaria que parasse.

– Eu falei que a estava ajudando, mas também falei que ela é assustadoramente inteligente. Tão inteligente que eu gostaria de tê-la como parte de Gaia. Se pudermos incluí-la, se ela for jovem o suficiente, poderíamos aprender o bastante sobre os solarianos para absorver seu planeta inteiro, no futuro. Poderia ser-nos muito útil.

– Já lhe ocorreu que os solarianos são Isolados patológicos até mesmo para os *meus* padrões?

– Eles não continuariam assim se fossem parte de Gaia.

– Você está errada, Júbilo. Acredito que aquela criança solariana seja perigosa e que deveríamos nos livrar dela.

– Como? Ejetá-la pela câmara de despressurização? Matá-la, fatiá-la e acrescentá-la ao nosso suprimento de comida?

– Oh, Júbilo – exclamou Pelorat.

– Isso é nojento – disse Trevize – e completamente desnecessário. – Ele escutou por um instante. A flauta soava impecável e sem hesitações, e eles estavam conversando quase em sussurros. – Quando tudo isso terminar, precisamos levá-la de volta a Solaria e garantir que Solaria fique isolada do restante da Galáxia para sempre. Eu, particularmente, acho que aquele planeta deveria ser destruído. Ele me deixa desconfiado e apreensivo.

Júbilo pensou por um momento.

– Trevize – ela disse –, eu sei que você tem talento para chegar à decisão correta, mas sei também que você demonstrou antipatia por Fallom desde o princípio. Suspeito que seja porque foi humilhado em Solaria e, por isso, criou um ódio violento pelo planeta e seus habitantes. Como não posso interferir em sua mente, não tenho como ter certeza. Por favor, lembre-se de que, se não tivéssemos trazido Fallom conosco, ainda estaríamos em Alfa. Mortos e provavelmente enterrados.

– Eu sei disso, Júbilo, mas, ainda assim...

– E a inteligência de Fallom deve ser admirada, não invejada.

– Eu não a invejo. Eu tenho medo dela.

– De sua inteligência?

– Não – Trevize lambeu os lábios, pensativo. – Não exatamente.

– Do quê, então?

– Eu não sei, Júbilo. Se soubesse do que tenho medo, talvez não precisasse ficar com medo. É algo que não consigo compreender. – Sua voz ficou mais baixa, como se estivesse falando consigo mesmo. – A Galáxia parece repleta de coisas que não compreendo. Por que escolhi Gaia? Por que devo encontrar a Terra? Existe uma pressuposição equivocada na psico-história? Se existe, qual é essa pressuposição? E, além de tudo isso, por que Fallom me deixa receoso?

– Infelizmente – disse Júbilo –, eu não posso responder a essas perguntas. – Ela se levantou e saiu do aposento.

Pelorat a acompanhou com o olhar e, então, disse:

– As coisas certamente não são tão sombrias, Golan. Estamos chegando cada vez mais perto da Terra e, uma vez que a alcancemos, os mistérios talvez sejam todos solucionados. E, até agora, não há sinal de resistência contra a nossa aproximação.

Trevize olhou de relance para Pelorat.

– Eu gostaria que houvesse – disse, em tom baixo.

– Gostaria? – surpreendeu-se Pelorat. – Por que iria querer algo assim?

– Sinceramente, eu daria boas-vindas a um sinal de vida.

Os olhos de Pelorat se arregalaram.

– Você descobriu que a Terra é, afinal de contas, radioativa?

– Não exatamente. Mas as temperaturas são altas; um pouco mais altas do que eu esperava.

– Isso é ruim?

– Não necessariamente. As temperaturas podem ser altas, mas isso não faria com que fosse obrigatoriamente inabitável. A camada de nuvens é espessa e feita, definitivamente, de vapor de água. Portanto, essas nuvens, somadas a um vasto oceano, poderiam manter o ambiente habitável, seja qual for a temperatura que calculamos pelas emissões de micro-ondas. Ainda não posso ter certeza. Mas é que...

– Sim, Golan?

– Bom, se a Terra *for* radioativa, isso explicaria o fato de ser mais quente do que o esperado.

– Mas o inverso não é válido, não é? Ser mais quente do que o esperado não significa ser radioativa.

– Não, não significa – Trevize conseguiu forçar um sorriso. – Não há nenhum sentido em ficarmos remoendo isso, Janov. Em um ou dois dias terei mais informações sobre ela, e então saberemos com certeza.

91

Fallom estava sentada na cama, absorta em pensamentos, quando Júbilo entrou no quarto. Fallom olhou para ela rapidamente e baixou os olhos.

– Qual é o problema, Fallom? – perguntou Júbilo, calmamente.

– Por que Trevize me detesta tanto, Júbilo? – disse Fallom.

– Por que você acha que ele a detesta?

– Ele olha para mim com impaciência. É essa a palavra?

– Pode ser que seja.

– Ele olha para mim com impaciência quando estou perto dele. Seu rosto sempre se contrai um pouco.

– Trevize está em um momento difícil, Fallom.

– Por causa da procura pela Terra?

– Sim.

Fallom pensou por um momento.

– Ele fica especialmente impaciente quando eu movo alguma coisa com meu pensamento – continuou.

– Escute, Fallom – os lábios de Júbilo se contraíram –, eu já lhe disse para não fazer isso, especialmente quando Trevize estiver presente, não disse?

– Bom, foi ontem, aqui neste quarto, ele estava na porta e eu não percebi. Eu não sabia que ele estava observando. De todo modo, era só um dos livro-filmes de Pel, e eu estava tentando fazê-lo ficar em pé em uma das pontas. Não estava causando nenhum mal.

– Isso o deixa nervoso, Fallom, e quero que você pare mesmo que ele não esteja observando.

– Isso o deixa nervoso porque ele não consegue fazer igual?

– Talvez.

– Você consegue?

– Não, eu não consigo – Júbilo negou lentamente com a cabeça.

– *Você* não fica nervosa quando eu faço. Pel também não.

– As pessoas são diferentes.

– Eu sei – respondeu Fallom, com súbita aspereza, o que surpreendeu Júbilo e a fez franzir o cenho.

– O que você sabe, Fallom?

– *Eu* sou diferente.

– Claro que é, foi o que acabei de dizer. As pessoas são diferentes.

– Minha forma é diferente. Eu posso mover as coisas.

– É verdade.

– Eu *preciso* mover as coisas – disse Fallom, com uma sombra de rebeldia. – Trevize não devia ficar bravo comigo por causa disso, e você não devia me impedir.

– Mas por que você precisa mover as coisas?

– É treinamento. Exerçácio. É essa a palavra certa?

– Quase. Exercício.

– Sim. Jemby falava sempre que eu preciso treinar meus... meus...

– Lóbulos transdutores?

– Sim. E deixá-los fortes. Então, quando eu estivesse grande, eu poderia fornecer energia para todos os robôs. Até para Jemby.

– Fallom, quem fornecia energia para todos os robôs, se não era

você?

– Bander – respondeu Fallom, categórica.

– Você conheceu Bander?

– Claro. Eu o vi muitas vezes. Eu seria líder da propriedade depois dele. A propriedade de Bander se tornaria a propriedade de Fallom. Jemby me disse.

– Você quer dizer que Bander a visitava...

A boca de Fallom formou um perfeito “O” de surpresa.

– Bander nunca viria me... – disse Fallom, com voz estrangulada. Ela perdeu o fôlego e ofegou por um instante. Então, continuou: – Eu *vi* a imagem de Bander.

– Como Bander a tratava? – perguntou Júbilo, hesitante.

Fallom olhou para Júbilo com uma expressão levemente intrigada e respondeu:

– Bander me perguntava se eu precisava de alguma coisa; se eu estava confortável. Mas Jemby estava sempre perto de mim, portanto eu nunca precisava de nada e estava sempre confortável. – Fallom abaixou a cabeça e olhou para o chão. Então, colocou as mãos sobre os olhos e disse: – Mas Jemby parou. Acho que foi porque Bander... parou também.

– Por que diz isso? – perguntou Júbilo.

– Tenho pensado nisso. Bander fornecia energia para todos os robôs, e se Jemby parou, e se todos os outros robôs pararam também, Bander deve ter parado. Não é?

Júbilo ficou em silêncio.

– Mas quando vocês me levarem de volta a Solaria, eu fornecerei energia para Jemby e para o resto dos robôs e serei feliz de novo.

Ela estava soluçando entre lágrimas.

– Você não está feliz conosco, Fallom? – perguntou Júbilo. – Nem um pouquinho? De vez em quando?

Fallom ergueu seu rosto lacrimoso para Júbilo e sua voz tremeu quando ela negou com a cabeça e disse:

– Eu quero Jemby.

Em agonia de compaixão, Júbilo envolveu a criança em seus braços.

– Oh, Fallom, como eu queria reunir você e Jemby novamente – e Júbilo percebeu, subitamente, que também estava chorando.

Pelorat entrou e encontrou as duas. Ele parou de andar imediatamente.

– Qual é o problema? – perguntou.

Júbilo se separou e buscou um pequeno lenço para enxugar os olhos. Ela negou com a cabeça e Pelorat, ainda mais preocupado, repetiu:

– Mas qual é o *problema*?

– Fallom, descanse um pouco – disse Júbilo. – Pensarei em alguma maneira de fazer as coisas melhorarem para você. Lembre-se de que eu te amo do mesmo jeito que Jemby amava.

Ela segurou o cotovelo de Pelorat e o levou rapidamente para fora do quarto, para a sala de estar.

– Não é nada, Pel – ela disse. – Nada.

– É Fallom, não é? Ela ainda sente falta de Jemby.

– Terrivelmente. E não há nada que possamos fazer a respeito. Posso dizer a ela que a amo... e eu a amo, de verdade. Como não amar uma criança tão gentil e inteligente? Assustadoramente inteligente. Inteligente *demais*, para Trevize. Sabe, ela esteve com Bander, no passado. Ou melhor, viu Bander como uma imagem holográfica. Mas ela não se comove com essa lembrança; ela fala no assunto de maneira fria e categórica, e posso entender o motivo. O único laço que havia entre os dois era apenas o fato de Bander possuir a propriedade e Fallom ser a próxima dona. Não havia nenhum outro tipo de relação.

– Fallom entende que Bander era seu pai?

– Sua *mãe*. Concordamos em usar o feminino para Fallom e deve ser o mesmo para Bander.

– Tanto faz, Júbilo, querida. Fallom tem consciência da relação de ascendência?

– Não sei se ela entenderia o que é isso. Talvez entenda, claro, mas não deu nenhuma indicação. Mas Pel, ela concluiu que Bander morreu, pois lhe ocorreu que a inativação de Jemby foi resultado de perda de energia e, considerando que Bander fornecia a energia... Isso me assusta.

– Por que deveria assustá-la, Júbilo? – disse Pelorat, atenciosamente. – É apenas uma conclusão lógica.

– Pode surgir outra conclusão lógica a partir dessa morte. Mortes

devem ser raras e distantes em Solaria, com seus Siderais longevos e isolados. A experiência de morte natural deve ser limitada para todos eles, e provavelmente impensável para uma criança solariana da idade de Fallom. Se Fallom continuar a pensar sobre a morte de Bander, começará a se perguntar sobre *como* Bander morreu, e o fato de ter acontecido quando nós, Estrangeiros, estávamos no planeta certamente a conduzirá à óbvia relação de causa e efeito.

– À conclusão de que matamos Bander?

– "Nós" não matamos Bander, Pel. *Eu* matei.

– Ela não teria como chegar a isso.

– Mas eu teria de contar a ela. Ela já está incomodada com Trevize, e ele é, claramente, o líder da expedição. Ela estaria certa de que teria sido ele quem causou a morte de Bander, e como posso permitir que Trevize leve a culpa injustamente?

– De que importaria, Júbilo? A criança não sente nada por seu... por sua mãe. Apenas pelo robô, Jemby.

– Mas a morte da mãe significou também a morte do robô. Eu quase assumi a responsabilidade. Fiquei bastante tentada a fazê-lo.

– Por quê?

– Para que pudesse explicar do meu jeito. Para que pudesse acalmá-la, antecipar sua própria descoberta do fato por meio de um raciocínio que se desenrolaria de maneira que dispensasse justificativas.

– Mas *houve* justificativa. Foi legítima defesa. Se você não tivesse agido, todos nós teríamos morrido em um instante.

– É o que eu teria dito, mas não consegui. Temi que ela não acreditasse em mim.

Pelorat negou com a cabeça.

– Você acha que teria sido melhor se não a tivéssemos trazido conosco? – ele suspirou. – Essa situação a deixa tão infeliz, Júbilo.

– Não! – respondeu Júbilo, brava. – Não diga isso. Eu teria ficado bem mais infeliz de estar sentada aqui neste momento, lembrando que deixamos uma criança inocente ser assassinada cruelmente por causa do que *nós* fizemos.

– É assim que funciona o mundo de Fallom.

– Ora, Pel, não caia na linha de raciocínio de Trevize. Isolados acreditam ser possível aceitar coisas assim e não pensar mais no assunto. Mas a índole de Gaia é preservar a vida, não destruí-la; tampouco se omitir enquanto ela é destruída. Sabemos que todos os

tipos de vida precisam constantemente terminar para que outras vidas possam continuar, mas nunca de maneira desnecessária, nunca sem propósito. A morte de Bander, embora inevitável, foi muito difícil de suportar. A de Fallom seria além de qualquer limite suportável.

– Pois bem – disse Pelorat. – Acho que você está certa. E, de todo jeito, o problema envolvendo Fallom não foi o motivo pelo qual vim vê-la. É Trevize.

– O que tem Trevize?

– Júbilo, estou preocupado com ele. Ele está esperando para averiguar os fatos sobre a Terra e não tenho confiança de que possa suportar a tensão.

– Não temo por ele. Suspeito que ele tenha uma mente sólida e estável.

– Todos nós temos os nossos limites. Escute, o planeta Terra é mais quente do que se esperava; ele mesmo me disse. Suspeito que Trevize o considere quente demais para permitir a existência de vida, mas ele está claramente tentando se convencer de que não é o caso.

– Talvez ele esteja certo. Talvez *não seja* quente demais para ter vida.

– Além disso, ele admite ser possível que o calor seja resultado de uma superfície radioativa, mas também se recusa a acreditar em tal fato. Em um ou dois dias, estaremos próximos o suficiente para que a verdade seja inconfundível. E se a Terra *for* radioativa?

– Nesse caso, ele deverá aceitar o fato.

– Mas... Não sei como dizer isso, nem em termos mentais. E se a mente dele...

Júbilo esperou, e então, com voz distorcida, completou:

– Queimar um fusível?

– Sim. Queimar um fusível. Será que você não deveria fazer alguma coisa agora para fortalecê-lo? Para mantê-lo equilibrado e sob controle, digamos assim?

– Não, Pel. Não posso acreditar que ele seja tão frágil, e há uma inabalável decisão gaiana para não haver interferências em sua mente.

– Mas a questão é justamente essa. Ele tem essa “certeza” incomum, ou como quiser chamá-la. O choque de toda a sua diligência ser reduzida ao nada absoluto no exato momento em que parece ter sido bem-sucedida talvez não acabe com seu cérebro, mas destrua sua “certeza”. Ele tem uma habilidade extraordinária. Será que ela

também não é extraordinariamente frágil?

Júbilo ficou pensativa por um momento. Então, deu de ombros e disse:

– Bom, talvez eu fique de olho nele.

93

Ao longo das trinta e seis horas seguintes, Trevize ficou vagamente consciente de que Júbilo e, em menor grau, Pelorat tenderam a acompanhar seus passos. Mas aquilo não era algo totalmente inesperado em uma espaçonave tão compacta quanto a deles, e ele tinha outras coisas em mente.

Agora, sentado diante do computador, percebeu os dois na entrada da sala de pilotagem. Olhou para eles inexpressivo.

– Pois não? – disse, baixinho.

– Como você está, Golan? – perguntou Pelorat, todo desajeitado.

– Pergunte a Júbilo – respondeu Trevize. – Ela esteve concentrada em mim por horas. Deve estar cutucando a minha mente. Não está, Júbilo?

– Não, não estou – ela disse, calmamente –, mas, se você sentir que precisa de minha ajuda, posso tentar. Quer a minha ajuda?

– Não, por que iria querer? Deixem-me em paz. Vocês dois.

– Por favor – insistiu Pelorat. – Diga-nos o que está acontecendo.

– Adivinhe!

– A Terra é...

– Sim. Isso mesmo. O que todos têm insistido em nos dizer é totalmente verdade.

Trevize gesticulou na direção da tela em que aparecia o lado noturno da Terra, que eclipsava o sol. Era um círculo sólido de preto contra o espaço estrelado, sua circunferência contornada por uma instável curva laranja.

– Essa cor laranja é a radioatividade? – perguntou Pelorat.

– Não. Apenas luz solar refletida pela atmosfera. Seria um círculo laranja sólido se a atmosfera não fosse tão encoberta por nuvens. Não podemos ver a radioatividade. As diversas radiações, até mesmo os raios gama, são absorvidos pela atmosfera. Mas elas emitem radiações secundárias, comparativamente tênues, mas que o computador pode

detectar. Também são invisíveis para os olhos, mas o computador pode criar um fóton de luz visível para cada partícula ou onda de radiação que recebe e atribuir uma coloração falsa à Terra. Vejam.

E o círculo preto brilhou com uma cor azul manchada.

– Quanta radiação existe? – perguntou Júbilo, em tom grave. – O suficiente para que nenhuma vida humana possa existir no planeta?

– Nenhuma vida, de nenhum tipo – respondeu Trevize. – O planeta é inabitável. A última bactéria e o último vírus se foram há muito tempo.

– Podemos explorá-lo? – indagou Pelorat. – Digo, com trajes espaciais?

– Por algumas horas, antes de sermos irreversivelmente envenenados por radiação.

– Então o que faremos, Golan?

– O que faremos? – Trevize encarou Pelorat com o mesmo rosto inexpressivo. – Você sabe o que eu gostaria de fazer? Eu gostaria de levar você e Júbilo, e também a criança, de volta a Gaia e deixá-los lá para sempre. Então, eu gostaria de voltar para Terminus e devolver a nave. Depois, eu gostaria de me demitir do Conselho, o que faria a prefeita Branno muito contente. Depois, eu gostaria de viver da minha aposentadoria e deixar a Galáxia seguir da maneira que bem entender. Não darei a mínima para o Plano Seldon, ou para a Fundação, ou para a Segunda Fundação, ou para Gaia. A Galáxia pode escolher o próprio caminho. Ela existirá enquanto eu viver, e por que eu deveria me importar com o que acontecerá depois?

– Você decerto não está falando sério, Golan – disse Pelorat, ansioso.

Trevize olhou para ele durante um tempo e então respirou profundamente.

– Não, não estou – disse –, mas, oh, como seria bom fazer exatamente o que acabei de descrever a você.

– Esqueça isso. O que você *fará*?

– Vou manter a nave em órbita ao redor da Terra, descansar, superar o choque de tudo isso e pensar no que fazer a seguir. O problema é que...

– Sim?

– O que *posso* fazer a seguir? – desabafou Trevize. – O que mais posso buscar? O que mais há para ser encontrado?

20.

O planeta nas proximidades

94

Por quatro refeições consecutivas, Pelorat e Júbilo viram Trevize apenas *durante* as refeições. No restante do tempo, ele estava na sala de pilotagem ou em seu quarto. Durante as refeições, permaneceu em silêncio. Seus lábios se mantinham contraídos e ele comeu pouco.

Mas na quarta refeição, Pelorat suspeitou que um pouco da incomum austeridade havia sumido da fisionomia de Trevize. Pelorat pigarreou duas vezes, como em preparação para dizer algo, mas então se retraiu.

Enfim, Trevize olhou para ele e disse:

– Sim?

– Você... você já considerou o assunto, Golan?

– Por que pergunta?

– Você parece menos melancólico.

– Eu não estou menos melancólico, mas andei pensando. *Muito*.

– Podemos saber o que andou pensando? – perguntou Pelorat.

Trevize olhou para Júbilo de soslaio. Ela mantinha o olhar fixo em seu prato e guardava um cuidadoso silêncio, como se tivesse certeza de que Pelorat chegaria mais longe do que ela em um momento tão delicado.

– Você também está curiosa, Júbilo? – questionou Trevize.

Ela ergueu os olhos por um instante.

– Sim – respondeu. – Certamente.

Fallom chutou uma das pernas da mesa, mal-humorada.

– Já encontramos a Terra? – perguntou.

Júbilo apertou um dos ombros da criança. Trevize não prestou atenção.

– Precisamos começar a partir de um fato básico – disse ele. – Todas as informações relacionadas à Terra foram eliminadas, em inúmeros mundos. Isso nos leva a uma conclusão inevitável. Algo na

Terra está sendo escondido. Ainda assim, por observação, vemos que a Terra é mortalmente radioativa; portanto, qualquer coisa ali está automaticamente oculta. Ninguém pode aterrissar nela e, a essa distância, em que estamos bem próximos do limite exterior da magnetosfera e não ousaríamos nos aproximar mais, não há nada a ser encontrado.

– Você tem certeza disso? – perguntou Júbilo, gentilmente.

– Dediquei meu tempo ao computador, analisando a Terra de todas as maneiras possíveis. Não há nada. Além disso, tenho *certeza* de que não há nada. Por que, então, os dados relacionados à Terra foram eliminados? Decerto, o que quer que esteja escondido está mais efetivamente oculto agora do que seria de se imaginar, e não é necessária nenhuma manutenção humana para que continue assim.

– Pode ser que houvesse, de fato, alguma coisa oculta na Terra – disse Pelorat – em uma época em que o planeta não tinha se tornado tão radioativo a ponto de impedir a aproximação de visitantes. As pessoas da Terra talvez tenham receado que alguém chegasse e encontrasse o que quer que seja. Foi nesse momento que a Terra se dedicou a eliminar as informações sobre si. O que temos agora é um remanescente vestigial dessa época de insegurança.

– Não, creio que não – respondeu Trevize. – A remoção dos dados da Biblioteca Imperial em Trantor parece ter acontecido recentemente – ele se virou subitamente para Júbilo. – Estou certo?

– Assim eu/nós/Gaia pudemos averiguar – disse Júbilo, calmamente –, a partir da inquieta mente de Gendibal, o membro da Segunda Fundação, quando ele, você e eu tivemos o encontro com a prefeita de Terminus.

– Portanto – continuou Trevize –, o que foi preciso esconder por causa de qualquer chance de ser encontrado *ainda* deve estar escondido, e *ainda* deve haver o perigo de ser encontrado, independentemente do fato de a Terra ser radioativa.

– Como isso é possível? – perguntou Pelorat, ansioso.

– Pense – disse Trevize. – E se o que estava na Terra não estiver mais na Terra? E se foi removido quando o perigo da radioatividade aumentou? Ainda assim, mesmo que o segredo não esteja mais na Terra, pode ser que, ao encontrarmos a Terra, possamos deduzir o lugar para onde o segredo foi levado. Se for o caso, o paradeiro da Terra ainda precisaria ser ocultado.

A voz aguda de Fallom soou mais uma vez:

– Porque se não pudermos encontrar a Terra, Júbilo disse que você me levará de volta a Jemby.

Trevize se virou para Fallom e a encarou severamente.

– Eu disse *talvez*, Fallom – interveio Júbilo. – Conversaremos sobre isso mais tarde. Agora, vá para o seu quarto e leia, ou toque flauta, ou faça o que quiser fazer. Vá. Vá!

Fallom, frustrada e de cara fechada, saiu da mesa.

– Mas como pode dizer isso, Golan? – perguntou Pelorat. – Cá estamos nós. Localizamos a Terra. É possível deduzir a localização do que quer que seja, se não estiver mais na Terra?

Trevize levou algum tempo para superar o mau humor causado por Fallom.

– Por que não? – disse, finalmente. – Imagine a radioatividade da superfície da Terra ficando progressivamente pior. A população estaria diminuindo constantemente em decorrência da morte e da emigração, e o segredo, o que quer que seja, estaria em perigo cada vez maior. Quem permaneceria no planeta para protegê-lo? Seria necessário, por fim, transferi-lo para outro mundo, ou seu uso, qualquer que seja, estaria perdido para os terráqueos. Imagino que tenha havido relutância em movê-lo, e é provável que tenha acontecido mais ou menos de última hora. Então, Janov, escute. Lembra-se do velho em Terra Nova, que entupiu seus ouvidos com a versão que ele tinha da história da Terra?

– Monolee?

– Sim. Esse mesmo. Ao falar sobre o surgimento de Terra Nova, ele disse que o restante da população da Terra fora levado para lá, não disse?

– Você está dizendo, velho amigo – respondeu Pelorat –, que o objeto de nossa busca está, neste momento, em Terra Nova? Foi levado para lá pelos últimos terráqueos a abandonarem a Terra?

– Pode ser, não pode? – disse Trevize. – Terra Nova não é mais conhecida pela Galáxia em geral do que a Terra, e os habitantes são suspeitamente desejosos de manter Estrangeiros a distância.

– Estivemos lá – interveio Júbilo. – Não encontramos nada.

– Não estávamos buscando nada além do paradeiro da Terra.

Intrigado, Pelorat disse:

– Mas estamos procurando algo de tecnologia de ponta, algo que

possa eliminar informações debaixo do nariz da própria Segunda Fundação e até mesmo debaixo do nariz de... perdoe-me, Júbilo... Gaia. Aquelas pessoas em Terra Nova podem ser capazes de controlar microclimas e ter algumas técnicas de biotecnologia à disposição, mas você há de admitir que o nível de tecnologia daquele planeta é, no geral, bastante baixo.

– Eu concordo com Pel – Júbilo fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Estamos julgando com base em muito pouco – respondeu Trevize. – Não chegamos a ver os homens das frotas pesqueiras. Nunca vimos nenhuma parte da ilha além da pequena área em que aterrissamos. Se tivéssemos explorado com mais afinco, o que poderíamos ter descoberto? Afinal, não reconhecemos as luzes fluorescentes até que as vimos em ação, e se a tecnologia aparentava ser precária, e repito, *aparentava*...

– Sim? – perguntou Júbilo, claramente cética.

– Isso poderia fazer parte do véu criado para ocultar a verdade.

– Impossível – disse Júbilo.

– Impossível? Foi você quem me disse, em Gaia, que, em Trantor, a civilização era deliberadamente mantida em um nível obsoleto de tecnologia para esconder o pequeno núcleo de membros da Segunda Fundação. Por que a mesma estratégia não seria usada em Terra Nova?

– Então você sugere que voltemos para Terra Nova e enfrentemos a infecção mais uma vez; desta vez, para que ela seja ativada? Intercurso sexual é, sem dúvida, um jeito muito prazeroso de infecção, mas pode não ser o único.

Trevize deu de ombros.

– Não gosto da perspectiva de voltarmos a Terra Nova, mas talvez seja necessário.

– *Talvez?*

– Talvez! Afinal, existe outra possibilidade.

– Qual?

– Terra Nova orbita a estrela que as pessoas chamam de Alfa. Mas Alfa faz parte de um sistema binário. Será que não existe um planeta habitável na órbita da companheira de Alfa?

– Pouco provável, eu diria – respondeu Júbilo, negando com a cabeça. – A companheira tem apenas um quarto da luminosidade de

Alfa.

– Pouco provável, mas não impossível. Se houver um planeta razoavelmente próximo da estrela, há uma chance.

Pelorat perguntou:

– O computador diz alguma coisa sobre os planetas em órbita ao redor da companheira?

– Verifiquei tal fato – Trevize abriu um sorriso malicioso. – Há cinco planetas de tamanhos moderados. Nenhum gigante de gás.

– Algum desses cinco planetas é habitável?

– O computador não fornece nenhuma informação sobre os planetas além de uma numeração e do fato de eles não serem grandes.

– Oh – disse Pelorat, desanimado.

– Não é motivo para ficar decepcionado – respondeu Trevize. – Nenhum dos Mundos Siderais pode ser encontrado no computador. As informações incluídas sobre Alfa são mínimas. Essas coisas estão escondidas propositalmente e, se quase nada é conhecido sobre a companheira de Alfa, é, provavelmente, um bom sinal.

– Então – interveio Júbilo, como se estivesse em uma negociação –, o que você planeja fazer é o seguinte: visitar a companheira e, se não conseguirmos nenhum resultado, voltar a Alfa.

– Sim. E, desta vez, quando chegarmos à ilha de Terra Nova, estaremos preparados. Examinaremos a ilha meticulosamente antes de aterrissarmos e, Júbilo, peço que use suas habilidades mentais para proteger...

Neste momento, a *Estrela Distante* guinou de leve, como um soluço que abarcou a nave inteira, e Trevize, dividido entre fúria e perplexidade, gritou:

– Quem está nos controles?

E, ao perguntar, já sabia muito bem a resposta.

95

Fallom, no computador, estava completamente concentrada. Suas pequenas mãos com dedos compridos estavam esticadas para preencher as tênues indicações luminosas de contato manual sobre o tampo da escrivaninha. Suas mãos pareciam afundar no material do móvel, ainda que a rigidez da superfície escorregadia fosse evidente.

Ela tinha visto Trevize fazer o mesmo inúmeras vezes, e nunca o vira fazer nada além de pousar as mãos naquelas marcações, então era bastante óbvio que, ao fazê-lo, ele controlava a nave.

De vez em quando, Fallom observara Trevize fechar os olhos, e, naquele momento, ela fechou os seus. Depois de um ou dois instantes, era quase como se ela ouvisse uma voz fraca e distante – distante, mas dentro de sua própria cabeça, através (ela percebeu vagamente) de seus lóbulos transdutores. Eles eram ainda mais importantes do que suas mãos. Fallom se esforçou para entender as palavras.

Instruções, dizia a voz, quase implorando. *Quais são as suas instruções?*

Fallom não disse nada. Nunca tinha visto Trevize conversar com o computador, mas ela sabia o que queria, do fundo do coração. Queria voltar para Solaria, para a confortável infinitude da mansão, para Jemby... Jemby... Jemby...

Ela queria ir para lá e, conforme pensou no mundo que amava, o imaginou visível na tela, como havia visto diversos outros mundos que não queria. Abriu os olhos e encarou a tela de visualização, desejando algum outro mundo ali, e não aquela detestável Terra, e então observou a tela, imaginando que seria Solaria. Ela odiava a Galáxia vazia à qual fora apresentada contra a própria vontade. Lágrimas correram de seus olhos e a nave tremeu.

Ela podia sentir a nave estremecendo, e retomou o controle em resposta. Então, ouviu passos ecoando pelo corredor, lá fora, e quando abriu os olhos, o rosto de Trevize, distorcido, preencheu seu campo de visão, bloqueando a tela que mostrava tudo o que ela queria. Ele estava gritando alguma coisa, mas ela não prestou atenção. Tinha sido ele quem a havia levado de Solaria e assassinado Bander, e era ele quem a impedia de voltar, pois pensava apenas na Terra. Ela se recusou a escutá-lo.

Ela ia levar a nave até Solaria e, com a intensidade de sua determinação, a nave estremeceu novamente.

96

Júbilo agarrou Trevize agressivamente pelo braço.

– Não! Não!

Ela o segurava com força, impedindo-o de se aproximar, enquanto Pelorat, confuso e paralisado, observava, ao fundo.

– Tire suas mãos do computador! – gritava Trevize. – Júbilo, saia do meu caminho. Não quero machucar você.

– Não cometa violência contra a criança – disse Júbilo, num tom que parecia quase exausto. – Serei obrigada a machucá-*lo*, contra todas as recomendações.

Os olhos de Trevize dardejaram furiosamente de Fallom para Júbilo.

– Então *você* tire-a de lá, Júbilo – disse. – Agora!

Júbilo o empurrou para fora do caminho com força surpreendente (talvez extraindo-a de Gaia, pensou Trevize, mais tarde).

– Fallom – ela disse –, levante suas mãos.

– Não! – esganiçou Fallom. – Eu quero que a nave vá para Solaria. Quero que ela vá para lá. Para lá! – ela indicou a tela com um gesto de cabeça, pois não queria tirar as mãos da escrivaninha.

Júbilo estendeu os braços para tocar os ombros da criança e, conforme suas mãos encostaram nela, Fallom começou a tremer.

– Agora, Fallom – a voz de Júbilo suavizou-se –, diga ao computador para ficar como estava antes, e venha comigo. Venha comigo – suas mãos acariciaram a criança, que desabou em um choro agoniado.

As mãos de Fallom soltaram-se da mesa e Júbilo, segurando-a pelas axilas, ajudou-a a ficar em pé. Ela a virou e a abraçou firmemente contra o peito, permitindo que a criança abafasse os angustiados soluços em seus braços.

– Saia do caminho – disse Júbilo a Trevize, que agora estava em silêncio no vão da porta –, e não encoste em nenhuma de nós ao passarmos.

Trevize deu um passo rápido para o lado.

Júbilo parou por um instante e, em tom baixo, disse:

– Precisei invadir a mente de Fallom por um momento. Se eu tiver causado algum dano, não perdoarei você facilmente.

Trevize teve o impulso de responder que não dava o menor milímetro cúbico de vácuo pela mente de Fallom; que era a integridade do computador que o preocupava. Porém, diante do avassalador olhar de Gaia (decerto aquela expressão facial, que lhe inspirou um momento de gélido horror, não poderia ser apenas de

Júbilo), permaneceu em silêncio.

Ele continuou quieto e imóvel por um longo período depois que Júbilo e Fallom desapareceram no quarto. Ficou assim até que Pelorat perguntou, com suavidade:

– Golan, você está bem? Ela não o machucou, não é?

Trevize negou vigorosamente com a cabeça, como para se livrar do toque de paralisia que o dominara.

– Estou bem – disse. – A verdadeira pergunta é se *isso* está bem – ele se sentou diante da escrivaninha e pousou as mãos nas duas marcações de contato com o computador, que tão recentemente haviam recebido as mãos de Fallom.

– E então? – perguntou Pelorat, ansioso.

– Parece estar respondendo normalmente – Trevize deu de ombros. – É possível que eu encontre algum problema mais para a frente, mas agora não há nada que pareça ter sido prejudicado. – Então, com raiva: – O computador não deveria se conectar com eficiência a nenhum outro par de mãos além do meu, mas, no caso daquela hermafrodita, não foram apenas as mãos. Foram os lóbulos transdutores, tenho certeza...

– Mas o que fez a nave sacudir? Ela não deveria fazer isso, deveria?

– Não. É uma nave gravitacional, não deveríamos ter qualquer efeito de inércia. Mas aquela monstrinha... – ele parou, parecendo furioso mais uma vez.

– Sim?

– Suspeito que ela tenha exigido do computador duas demandas contraditórias entre si, cada uma com tanta força que o computador não teve escolha senão tentar realizar ambas ao mesmo tempo. Em uma tentativa de fazer o impossível, o computador deve ter anulado momentaneamente o mecanismo que livra a nave da inércia. Pelo menos, é o que eu acho que aconteceu – então, de alguma maneira, sua expressão se suavizou. – E pode ter sido uma coisa boa, pois agora me ocorre que tudo o que falei sobre Alfa Centauri e sua companheira foi bobagem. Eu sei para onde a Terra deve ter transferido seu segredo.

Pelorat encarou Trevize. Ele decidiu ignorar a última afirmação e voltou para um mistério anterior.

– De que maneira Fallom poderia pedir duas coisas contraditórias entre si?

– Bom, ela afirmou que gostaria que a nave fosse para Solaria.

– Sim. É claro que gostaria.

– Mas o que ela quis dizer com Solaria? Ela não consegue identificar Solaria no espaço. Nunca viu o planeta do espaço. Estava dormindo quando fomos embora com urgência. E, apesar das leituras que ela fez do material em sua biblioteca, juntamente com qualquer coisa que Júbilo tenha dito, imagino que ela não consiga conceber a realidade de uma Galáxia de centenas de bilhões de estrelas e milhões de planetas habitados. Criada no subterrâneo e sozinha, como foi o caso dela, o mais próximo que ela consegue chegar desse conceito é reconhecer que existem mundos diferentes. Mas quantos? Dois? Três? Quatro? Para ela, qualquer mundo que vê pode ser Solaria, e, considerando a força de seu anseio para que *seja* Solaria, acaba por *ser* Solaria. Suponho que Júbilo tenha tentado acalmá-la sugerindo que, se não encontrarmos a Terra, nós a levaremos de volta a Solaria, e, assim, ela talvez tenha chegado à conclusão de que Solaria fica perto da Terra.

– Mas como pode afirmar isso, Golan? O que o faz pensar que foi isso?

– Foi ela quem nos disse, Janov, quando a flagramos no computador. Ela gritou que queria ir para Solaria e acrescentou “para lá, para lá”, indicando a tela com a cabeça. E o que estava na tela? O satélite da Terra. A tela não estava focada no satélite quando eu me desconectei do computador para jantar; era a Terra que estava. Mas Fallom deve ter pensado no satélite quando pediu para ir para Solaria, e o computador, ao responder, deve ter se voltado para o satélite. Acredite em mim, Janov, eu sei como esse computador funciona. Quem poderia saber melhor do que eu?

Pelorat observou o espesso crescente de luz na tela.

– Era chamado de “Lua” em pelo menos uma das línguas da Terra – disse, pensativo. – “Luna”, em outra língua. Provavelmente havia muitos outros nomes. Imagine a confusão, velho amigo, em um mundo com diversas línguas. Os desentendimentos, as complicações, os...

– Lua? – perguntou Trevize. – Tão adequadamente simples...

Pensando bem, pode ser também que a criança tenha tentado, por instinto, mover a nave por meio de seus lóbulos transdutores usando a fonte de energia da própria nave, o que pode ter colaborado para a confusão momentânea com a inércia. Mas nada disso importa, Janov. O que importa é que tudo isso trouxe essa Lua... sim, gosto desse nome... para a tela e ampliou a imagem, que ainda está lá. Estou olhando para ela agora, e fazendo perguntas a mim mesmo.

– Sobre o quê, Golan?

– Sobre seu tamanho. Tendemos a ignorar os satélites, Janov. São coisinhas insignificantes, isso quando existem. Mas esse é diferente. É um *mundo*. Tem um diâmetro de aproximadamente três mil quilômetros e meio.

– Um mundo? Decerto não deve chamá-lo de mundo. É impossível que seja habitável. Mesmo um diâmetro de três mil quilômetros e meio é pequeno. Não tem atmosfera. Posso chegar a tal conclusão apenas olhando para ele. Não há nenhuma nuvem. A curvatura é muito bem definida, assim como o limite interno que separa o hemisfério iluminado do noturno.

– Você está se tornando um viajante espacial experiente, Janov – Trevize concordou com a cabeça. – Está certo. Não há ar. Não há água. Mas isso significa apenas que a Lua não é habitável em sua superfície desprotegida. E quanto ao subterrâneo?

– Subterrâneo? – perguntou Pelorat, em dúvida.

– Sim. O subterrâneo. Por que não? Você mesmo diz que as cidades da Terra eram subterrâneas. Sabemos que Trantor era subterrâneo. A maior parte da capital de Comporellon é subterrânea. As mansões solarianas eram quase totalmente subterrâneas. É uma solução bastante comum.

– Mas, Golan, em cada um desses exemplos, as pessoas viviam em um planeta habitável. A superfície também era habitável, com uma atmosfera e um oceano. É possível viver sob a terra quando a superfície é inabitável?

– Deixe disso, Janov, e pense! Onde vivemos neste exato momento? A *Estrela Distante* é um mundo minúsculo com uma superfície inabitável. Não há ar ou água no exterior. Ainda assim, vivemos aqui dentro, perfeitamente confortáveis. A Galáxia está repleta de estações e colônias espaciais de variedades infinitas, sem contar as espaçonaves, e todas são inabitáveis, com exceção do interior.

Considere a Lua uma espaçonave colossal.

– Com uma tripulação?

– Sim. Poderiam ser milhões de pessoas, talvez, e plantas, e animais, e tecnologia avançada. Escute o que estou dizendo, Janov. Não faz sentido? Se a Terra, em seus últimos dias, pôde enviar um grupo de Colonizadores para um planeta em órbita ao redor de Alfa Centauri, e se, possivelmente com ajuda Imperial, pôde terraformá-lo, semear seus oceanos e construir terra firme onde não havia nenhuma, ela também poderia ter enviado um grupo para seu satélite e terraformado seu interior, não poderia?

– Pode ser que sim – respondeu Pelorat, relutante.

– Eles *teriam* feito isso. Se a Terra tem algo a esconder, por que mandar tal segredo percorrer um parsec quando ele poderia ser escondido em um mundo a menos de um milionésimo da distância de Alfa? E a Lua seria um esconderijo mais eficiente, do ponto de vista psicológico. Ninguém pensaria em fazer a associação entre um satélite e vida. Aliás, eu não associei. Com a Lua debaixo do meu nariz, meus pensamentos galoparam até Alfa. Se não tivesse sido por Fallom... – seus lábios se contraíram e ele fez um gesto negativo com a cabeça. – Imagino que eu deva dar-lhe crédito por isso. Júbilo certamente dará, se eu não o fizer.

– Mas, caro colega – disse Pelorat –, pense bem. Se há algo escondido sob a superfície da Lua, como o encontraremos? Deve haver milhões de quilômetros quadrados de superfície...

– Aproximadamente quarenta milhões.

– E precisaríamos inspecionar todos eles em busca do quê? Uma abertura? Algum tipo de câmara de despressurização?

– Encarando dessa maneira – respondeu Trevize –, seria uma tarefa e tanto, mas não estamos procurando simples objetos, estamos à procura de vida; e de vida inteligente. E temos Júbilo, e detectar manifestações de inteligência é seu talento, não é?

98

Júbilo lançou um olhar acusador na direção de Trevize.

– Finalmente consegui fazer com que ela dormisse. Foi extremamente difícil. Ela estava *agitada*. Por sorte, acho que não

danifiquei sua mente.

– Você talvez devesse eliminar a fixação que ela tem por Jemby, sabe – respondeu Trevize friamente –, pois não tenho intenção nenhuma de voltar para Solaria. Jamais.

– Simplesmente remover a fixação, é isso? O que sabe sobre essas coisas, Trevize? Você nunca sentiu uma mente. Não tem a mais ínfima ideia da complexidade. Se soubesse o mínimo, não falaria sobre remover uma fixação como se fosse geleia a ser tirada do fundo de um pote.

– Bom, enfraqueça-a, pelo menos.

– Eu talvez possa enfraquecê-la um pouco, depois de um mês de cuidadoso desentranhamento.

– O que quer dizer com desentranhamento?

– Para alguém que não sabe, é algo que não pode ser explicado.

– Então o que vai fazer com a criança?

– Ainda não sei; será necessária muita deliberação.

– Nesse caso – disse Trevize –, deixe-me dizer o que faremos com a nave.

– Eu sei o que você fará. De volta à Terra Nova e mais um pouco da adorável Hiroko, se ela prometer não infectá-lo dessa vez.

Trevize manteve seu rosto inexpressivo.

– Na verdade, não – disse. – Mudei de ideia. Vamos para a Lua, que é o nome do satélite, de acordo com Janov.

– O satélite? Por ser o mundo mais próximo? Eu não tinha pensado nisso.

– Nem eu. Ninguém mais teria pensado. Não existe, em nenhum lugar da Galáxia, um satélite que mereça consideração, mas esse satélite, por ser grande, é único. Além disso, o anonimato da Terra serve para camuflá-lo. Quem não puder encontrar a Terra também não conseguirá encontrar a Lua.

– É habitável?

– Não na superfície, mas não é nem um pouco radioativa; portanto, não é absolutamente inabitável. Pode haver vida; aliás, pode estar repleta de vida sob a superfície. E, claro, você poderá nos dizer se é esse o caso, quando estivermos próximos o suficiente.

– Tentarei – Júbilo deu de ombros. – Mas o que o fez pensar repentinamente no satélite?

– Algo que Fallom fez quando estava no comando – respondeu

Trevize, calmamente.

Júbilo ficou em silêncio por um momento, como se esperasse por mais, e então deu de ombros mais uma vez.

– O que quer que tenha sido, imagino que você não teria tido essa inspiração se tivesse seguido o seu impulso de matá-la.

– Eu não tinha nenhuma intenção de matá-la, Júbilo.

– Certo – Júbilo fez um aceno com a mão –, basta desse assunto. Estamos seguindo na direção da Lua neste momento?

– Sim. Por uma questão de cautela, não estou indo rápido, mas, se tudo correr bem, estaremos em suas imediações dentro de trinta horas.

99

A superfície da Lua era morta. Trevize observou a luminosa porção banhada pelo sol passar abaixo deles. Era um monótono panorama de anéis de crateras, áreas montanhosas e sombras totalmente escuras contrastadas com a luz do sol. Havia sutis mudanças de coloração no solo e ocasionais trechos planos de tamanho considerável, interrompidos por pequenas crateras.

Conforme se aproximaram do lado noturno, as sombras se alongaram e, enfim, se fundiram umas às outras. Durante algum tempo, atrás deles, picos montanhosos tremeluziram contra o sol, como estrelas imensas, brilhando muito mais do que suas irmãs no espaço. Então desapareceram, e havia somente a luz tênue da Terra no céu, uma grande esfera azul-esbranquiçada com um crescente pela metade. A nave acabou por se distanciar também da Terra, que mergulhou sob o horizonte. Assim, restou sob eles apenas a escuridão ininterrupta e, acima, pálidas estrelas salpicadas, que, para Trevize, criado no mundo sem estrelas de Terminus, pareciam sempre um milagre.

Novas estrelas luminosas apareceram adiante; primeiro uma ou duas, depois outras, expandindo-se e aumentando e, enfim, coalescendo. Logo em seguida, eles passaram o limiar para o lado iluminado. O sol se ergueu em seu infernal esplendor enquanto a tela desviou seu foco imediatamente e filtrou o brilho ofuscante do solo abaixo.

Trevize constatou com facilidade que era inútil buscar uma entrada

para o interior habitado desse mundo perfeitamente imenso (se tal entrada existisse) a olho nu.

Ele se virou para observar Júbilo, sentada ao seu lado. Ela não olhava para a tela; na verdade, estava de olhos fechados. Parecia ter desabado na cadeira em vez de ter sentado nela.

– Consegue detectar alguma coisa? – perguntou Trevize, suavemente, na dúvida se ela estava dormindo.

– Não – sussurrou Júbilo, negando discretamente com a cabeça. – Houve apenas aquele pequeno traço. Acho melhor que me leve de volta para lá. Sabe qual região era?

– O computador sabe.

Foi como se aproximar de um alvo, desviando para este e para aquele lado até encontrá-lo. A área em questão ainda estava nas profundezas do lado noturno e, com exceção da luminosidade consideravelmente baixa da Terra, que estava próxima do horizonte e dava à superfície lunar um fantasmagórico brilho cinzento entre as sombras escuras, não havia nada à vista, mesmo com a luz da sala de pilotagem apagada para facilitar a visualização.

Pelorat havia se aproximado e esperava no vão da porta, ansioso.

– Encontramos alguma coisa? – perguntou, em um rouco sussurro.

Trevize ergueu a mão, pedindo silêncio. Estava observando Júbilo. Sabia que seriam dias até a luz solar voltar para aquela área da Lua, mas sabia também que qualquer tipo de luz era irrelevante para o que Júbilo tentava captar.

– Há alguma coisa aqui.

– Tem certeza?

– Sim.

– E este é o único lugar?

– O único lugar que detectei. Você sobrevoou toda a superfície da Lua?

– Sobrevoamos uma respeitável fração dela.

– Bom, então, dentro dessa respeitável fração o que detectei aqui foi tudo o que pude detectar. Agora o sinal está mais intenso, como se tivesse detectado *a nós*, e não parece ser perigoso. A sensação que consigo captar é de boas-vindas.

– Tem certeza?

– É a sensação que consigo captar.

– Pode ser uma sensação simulada?

– Eu detectaria uma simulação – respondeu Júbilo, com um traço de arrogância. – Eu garanto.

Trevize murmurou alguma coisa sobre excesso de autoconfiança e, em seguida, disse:

– O que você detecta é inteligência, espero.

– Detecto inteligência proeminente. Porém… – e um tom de incerteza tomou conta de sua voz.

– Porém o quê?

– Ssh. Não me perturbem. Preciso me concentrar – a última palavra foi um mero movimento de seus lábios. Então, com discreta surpresa positiva, continuou: – Não é inteligência humana.

– Não é humana? – perguntou Trevize, ainda mais surpreso do que Júbilo. – Estamos lidando com robôs novamente? Como em Solaria?

– Não – Júbilo sorria. – Não é inteligência robótica, tampouco.

– Precisa ser uma ou outra.

– Não é nenhuma das duas – Júbilo chegou a rir. – Não é humana e não é semelhante a nenhum robô que eu tenha detectado antes.

– Eu gostaria de ver isso – disse Pelorat. Ele fez um vigoroso gesto afirmativo com a cabeça, seus olhos arregalados de satisfação. – Seria empolgante. Algo novo.

– Algo novo – murmurou Trevize, com uma súbita melhoria de seu próprio ânimo. E uma inesperada faísca de revelação pareceu iluminar o interior de seu crânio.

100

Mergulharam na direção da superfície lunar sentindo quase êxtase. Até mesmo Fallom se juntara a eles e, com o desprendimento de uma criança, agora abraçava a si mesma em alegria transbordante, como se estivesse mesmo voltando para Solaria.

Já Trevize sentia em seu âmago um toque de sanidade que apontava para o estranho fato de que a Terra – ou o que houvesse da Terra na Lua –, que havia tomado tantas medidas para manter todos a distância, agora tomava medidas para recebê-los. Seria o objetivo final dessas duas estratégias o mesmo? Seria um caso de “se não puder evitá-los, atraia-os e destrua-os”? Das duas maneiras, o segredo da Terra permaneceria intocado, não é?

Porém, tais pensamentos enfraqueceram e se afogaram na onda de alegria que aumentava progressivamente conforme eles se aproximavam da superfície da Lua. E, acima de tudo isso, Trevize conseguiu ater-se ao momento de iluminação que o havia arrebatado pouco antes de eles terem começado o mergulho angulado para a superfície do satélite da Terra.

Ele parecia não ter dúvidas sobre o destino da nave. Agora, estavam próximos dos picos das colinas e Trevize, no computador, não sentiu necessidade de fazer nada. Era como se tanto ele quanto o computador estivessem sendo guiados, e tudo o que sentiu foi uma enorme euforia pela remoção do peso da responsabilidade de suas costas.

Eles flutuavam paralelamente ao solo, na direção de um penhasco que impunha sua ameaçadora altura como uma barreira diante da nave; uma barreira que cintilava tenuemente sob a luminosidade da Terra e sob os feixes de holofotes da *Estrela Distante*. A iminência de uma colisão fatal não parecia significar nada para Trevize, e foi sem nenhuma surpresa que ele percebeu que a área do penhasco diretamente à frente se abriu e que um corredor, iluminado por luzes artificiais, estendeu-se diante deles.

Aparentemente por conta própria, a nave desacelerou até quase parar e passou com precisão pela abertura, flutuando para dentro do penhasco. A abertura se fechou atrás deles, e outra se abriu à frente. A *Estrela Distante* passou pela segunda passagem e entrou em uma gigantesca galeria, que parecia ser o interior oco de uma montanha.

A nave aterrissou e todos os passageiros se apressaram para a câmara de despressurização. Não ocorreu a nenhum deles, nem mesmo a Trevize, verificar se havia uma atmosfera respirável – ou alguma atmosfera.

Mas *havia* ar. Era respirável e confortável. Eles olharam uns para os outros com o humor satisfeito de pessoas que, de alguma maneira, haviam chegado em casa, e somente depois de algum tempo perceberam um homem que estava educadamente à espera da aproximação do grupo.

Era um homem alto, com uma expressão séria. Seus cabelos eram cor de bronze e curtos. As maçãs de seu rosto eram acentuadas, seus olhos eram vivazes e suas roupas seguiam uma moda que só podia ser vista em livros antigos de História. Apesar de parecer robusto e

vigoroso, havia nele também um ar de cansaço – nada visível, mas perceptível por sentidos além dos sensoriais.

Fallom foi a primeira a reagir. Com um grito alto e estridente, ela correu na direção do homem, agitando os braços.

– Jemby! Jemby! – dizia Fallom, sem fôlego.

Ela não diminuiu a velocidade e, quando estava próxima o suficiente, o homem inclinou-se para frente e a ergueu para o alto. Ela envolveu seu pescoço com os braços.

– Jemby! – ofegou Fallom, chorando.

Os outros se aproximaram com mais calma. Trevize, lentamente e com pronúncia clara (será que esse homem entendia galáctico?), disse:

– Pedimos desculpas, senhor. Essa criança perdeu seu protetor e busca por ele desesperadamente. Por que ela se apegaria ao senhor é um mistério para nós, já que ela procura por um robô; uma máquina...

O homem falou pela primeira vez. Sua voz era utilitária em vez de musical, permeada por um tênue ar arcaico. Mas ele falava galáctico com perfeita facilidade:

– Saudações e boas-vindas a todos vocês – disse, e parecia inconfundivelmente amigável, mesmo que seu rosto continuasse fixo em uma expressão grave. – Quanto a esta criança – continuou –, ela talvez demonstre maior percepção do que imaginam, pois sou um robô. Meu nome é Daneel Olivaw.

21.

A busca chega ao fim

101

TREVIZE VIU-SE EM UM ESTADO de completa descrença. Havia se recuperado da estranha euforia que sentira antes e depois da alunissagem – uma euforia, agora suspeitava, imposta por esse autointitulado robô diante dele.

Trevize continuou encarando Daneel e agora, com a mente perfeitamente sã e intacta, ainda estava perdido de espanto. Conversou espantado, fez perguntas espantado; mal entendeu o que disse e escutou conforme buscava nesse aparente humano alguma coisa em seu aspecto, em seu comportamento, na maneira como falava, que revelasse o robô.

Não era de surpreender, pensou Trevize, que Júbilo houvesse detectado algo que não era humano nem robô, e sim, nas palavras de Pelorat, "algo novo". Não se tratava de perda total, claro, pois aquele termo direcionara seus pensamentos por outra vertente, mais esclarecedora – mas até mesmo isso, naquele momento, havia sido empurrado para os confins de sua mente.

Por uma sugestão de Júbilo, ela e Fallom tinham ido explorar os arredores; para Trevize, a sugestão veio depois de uma troca-relâmpago de olhares entre ela e Daneel. Quando Fallom recusou a ideia e pediu para ficar com aquele ser que insistia em chamar de Jemby, uma firme palavra de Daneel e uma indicação com o dedo foram suficientes para que ela deixasse as imediações na mesma hora. Trevize e Pelorat ficaram.

– Elas não são membros da Fundação, senhores – disse o robô, como se aquilo explicasse tudo. – Uma é Gaia e a outra é Sideral.

Trevize permaneceu em silêncio enquanto foram conduzidos a cadeiras de aparência simples que estavam sob uma árvore. Eles se sentaram depois de um gesto do robô. Daneel sentou-se em seguida, em um movimento perfeitamente humano.

– Você é mesmo um robô? – perguntou Trevize.

– De fato, senhor – respondeu Daneel.

O rosto de Pelorat parecia iluminado de alegria.

– Existem referências a um robô chamado Daneel nas lendas antigas – disse. – Você foi nomeado em homenagem a ele?

– Eu sou esse robô – respondeu Daneel. – Não se trata de uma lenda.

– Oh, não – disse Pelorat. – Se você fosse aquele robô, teria milhares de anos de idade.

– Vinte mil – respondeu Daneel, calmamente.

Pelorat pareceu constrangido pelo comentário e olhou para Trevize.

– Se você é um robô – interveio Trevize, com um traço de raiva –, ordeno que diga a verdade.

– Não é preciso que me ordene a dizer a verdade, senhor. Eu *preciso* dizer a verdade. Portanto, o senhor está diante de três alternativas. Posso ser um homem que mente para o senhor; posso ser um robô que foi programado para acreditar que tem vinte mil anos de idade, mas que, na realidade, não tem; ou sou um robô que tem, *de fato*, vinte mil anos de idade. O senhor precisa decidir qual alternativa aceitará.

– A questão pode se decidir por conta própria pela continuidade desta conversa – disse Trevize, secamente. – Aliás, é difícil acreditar que este é o interior da Lua. A luz e a gravidade não parecem nada críveis – ele olhou para cima ao falar, pois a luz era exatamente idêntica à luz solar suave e difusa, apesar de não haver nenhum sol, nem mesmo céu, claramente visíveis. – Este mundo deveria ter uma gravidade de menos de dois décimos de 0,2 g na superfície.

– Na verdade, a gravidade normal da superfície é de 0,16 g, senhor. Mas utilizamos as mesmas forças que dão ao senhor, em sua nave, a sensação de gravidade normal, mesmo que esteja em queda livre ou em aceleração. Outras necessidades energéticas, inclusive a luz, também são supridas gravitacionalmente, apesar de usarmos energia solar no que for conveniente. Nossas necessidades materiais são todas supridas pelo solo lunar, com exceção dos elementos leves (hidrogênio, carbono e nitrogênio), que a Lua não possui. Obtemos esses elementos pela captura de cometas ocasionais. Uma captura por século é mais do que suficiente para suprir nossas necessidades.

– Imagino que a Terra seja inútil como fonte de suprimentos.

– Infelizmente, é isso mesmo, senhor. Nossos cérebros positrônicos

são tão sensíveis à radiação quanto as proteínas humanas.

– Você usa o plural, e esta mansão à nossa frente parece imensa, bela e elaborada... pelo menos, vista de fora. Portanto, existem outros seres na Lua. Humanos? Robôs?

– Sim, senhor. Temos uma ecologia completa na Lua e uma vasta e complexa extensão subterrânea dentro da qual existe essa ecologia. Porém, todos os seres inteligentes são robôs, mais ou menos como eu. Os senhores não verão nenhum deles. Quanto a esta mansão, ela é usada apenas por mim e é uma propriedade modelada exatamente de acordo com uma em que morei há vinte mil anos.

– Da qual você se lembra nos mínimos detalhes?

– Perfeitamente, senhor. Fui fabricado e existi durante um período (me parece um período tão breve, agora) no Mundo Sideral de Aurora.

– Aquele com os... – Trevize interrompeu a frase.

– Sim, senhor. Aquele com os cachorros.

– Você sabe sobre isso?

– Sim, senhor.

– Então o que aconteceu para você parar aqui, se viveu em Aurora?

– Senhor, foi para prevenir a criação de uma Terra radioativa que vim para cá, nos primórdios da colonização da Galáxia. Havia outro robô comigo, chamado Giskard, que podia perceber e ajustar mentes.

– Assim como Júbilo?

– Sim, senhor. Falhamos, de certa maneira, e Giskard deixou de funcionar. Entretanto, antes de seu funcionamento ser comprometido, ele fez com que fosse possível que eu tivesse seu talento, e deixou os cuidados da Galáxia em minhas mãos; e da Terra, especificamente.

– Por que da Terra, especificamente?

– Em parte, por causa de um homem chamado Elijah Baley, um terráqueo.

Pelorat interveio, empolgado:

– É o herói popular que mencionei há algum tempo, Golan.

– Herói popular, senhor?

– O que o dr. Pelorat quer dizer – explicou Trevize – é que se trata de uma pessoa a quem muito foi atribuído e que talvez tenha sido um amálgama de muitos homens da história real, ou talvez um personagem completamente inventado.

Daneel ficou pensativo por um momento.

– Isso não é verdade, senhores – disse, calmamente. – Elijah Baley

foi um homem real, e um único homem. Eu não sei o que as suas lendas dizem sobre ele, mas, na história factual, se não fosse por ele, a Galáxia talvez nunca tivesse sido colonizada. Em sua honra, fiz o melhor que pude para resgatar o possível da Terra, depois que ela começou a ficar radioativa. Meus colegas robôs foram distribuídos pela Galáxia em um esforço para influenciar uma pessoa aqui, outra ali. Em determinado momento, fiz as manipulações necessárias para o início da reciclagem do solo da Terra. Em outro, muito depois, fiz as manipulações necessárias para o início da terraformação de um mundo em órbita ao redor da estrela vizinha, agora chamada Alfa. Em ambos os casos, fui bem-sucedido. Nunca pude ajustar totalmente as mentes humanas da maneira como queria, pois havia sempre a chance de causar dano aos diversos humanos que eram manipulados. Eu estava restrito, e ainda estou, até hoje, pelas Leis da Robótica.

– Sim?

Não era necessário um ser com os poderes mentais de Daneel para detectar incerteza naquele monossílabo.

– A Primeira Lei, senhor – explicou –, é a seguinte: “Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido”. A Segunda Lei: “Um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei”. A Terceira Lei: “Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou com a Segunda Lei”. Naturalmente, ofereço-lhes essas leis em aproximação linguística. Na realidade, elas representam sofisticadas configurações matemáticas de nossos circuitos positrônicos cerebrais.

– Você considera difícil seguir essas Leis?

– Eu devo segui-las, senhor. A Primeira Lei é um absoluto que praticamente proíbe o uso de meus talentos mentais. Ao lidar com a Galáxia, é pouco provável que uma decisão, seja qual for, não inclua algum tipo de dano. Há sempre algumas pessoas, ou talvez muitas pessoas, que sofrerão; portanto, um robô deve escolher o mínimo de dano possível. Porém, a complexidade de possibilidades é tanta que é necessário tempo para fazer tais escolhas, e essa escolha, mesmo assim, é sempre incerta.

– Entendo – disse Trevize.

– Ao longo de toda a história galáctica – continuou Daneel –, tentei

amenizar os piores aspectos da discórdia e dos desastres que perpetuamente marcam presença na Galáxia. Posso ter obtido sucesso ocasionalmente e até certo ponto, mas, se você conhece sua história galáctica, sabe que não fui bem-sucedido com frequência, nem substancialmente.

– Disso eu sei – comentou Trevize, com um sorriso torto.

– Antes do fim de Giskard, ele concebeu uma lei da robótica que suplantava até mesmo a Primeira. Nós a chamamos de Lei Zero, graças a uma incapacidade de criar outro nome que fizesse sentido. A Lei Zero é: "Um robô não pode ferir a humanidade ou, por inação, permitir que a humanidade seja ferida". Isso automaticamente significa que a Primeira Lei deve ser alterada para: "Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido, exceto quando isso entrar em conflito com a Lei Zero". Modificações semelhantes devem ser feitas à Segunda e à Terceira Leis.

Trevize franziu o cenho.

– Como você decide o que é e o que não é danoso para a humanidade como um todo? – perguntou.

– Exatamente, senhor – respondeu Daneel. – Em tese, a Lei Zero era a resposta para os nossos problemas. Na prática, era impossível decidir. Um ser humano é um objeto concreto. Danos contra uma pessoa podem ser estimados e quantificados. Humanidade é uma abstração. Como poderíamos lidar com isso?

– Eu não sei – disse Trevize.

– Espere um momento – interveio Pelorat. – Você poderia converter a humanidade em um único organismo. Gaia.

– Foi o que tentei fazer, senhor. Arquitetei o surgimento de Gaia. Se a humanidade pudesse ser transformada em um único organismo, seria um objeto concreto e, portanto, seria administrável. Porém, não é tão fácil criar um superorganismo quanto eu esperava. Em primeiro lugar, seria algo impraticável se os seres humanos não valorizassem o superorganismo mais do que a própria individualidade, e precisei encontrar uma configuração mental que permitisse isso. Passou-se muito tempo até que eu chegasse às Leis da Robótica.

– Ah, então os gaianos *são* robôs. Eu suspeitei desde o início.

– Nesse caso, o senhor suspeitou equivocadamente, senhor. Eles são seres humanos, mas têm cérebros profundamente impregnados pelo

equivalente das Leis da Robótica. Eles precisam valorizar a vida, valorizá-la *verdadeiramente*. E, mesmo depois que isso foi feito, existia, ainda, uma falha séria. Um superorganismo composto apenas de seres humanos é instável. Não pode ser estabelecido. Outros animais precisam ser acrescentados, e depois plantas, e depois, o mundo inorgânico. O menor superorganismo genuinamente estável é um mundo, e um mundo grande e complexo o suficiente para ter uma ecologia estável. Foi necessário muito tempo para que isso fosse compreendido, e foi somente neste último século que Gaia estabeleceu-se *integralmente* e ficou pronta para progredir até Galaksia... e, mesmo assim, isso também levará muito tempo. Mas talvez não tanto quanto a estrada já percorrida, pois agora sabemos as regras.

– Mas você precisou de mim para tomar a decisão em seu lugar. Foi isso, Daneel?

– Sim, senhor. As Leis da Robótica não permitiriam que eu, nem Gaia, fizéssemos tal escolha e arriscássemos prejudicar a humanidade. No meio-tempo, cinco séculos atrás, quando parecia que eu seria incapaz de alinhavar métodos para superar todas as dificuldades existentes na concepção de Gaia, dediquei-me à segunda melhor alternativa e colaborei com o desenvolvimento da ciência da psico-história.

– Eu poderia ter enxergado isso – murmurou Trevize. – Sabe, Daneel, estou começando a acreditar que você tem *mesmo* vinte mil anos de idade.

– Obrigado, senhor.

– Esperem um momento – disse Pelorat. – Acho que entendi. Você faz parte de Gaia, Daneel? É por esse motivo que você sabia sobre os cães em Aurora? Por meio de Júbilo?

– De certa maneira – respondeu Daneel –, o senhor está correto. Tenho uma conexão com Gaia, apesar de não fazer parte dela.

– Soa muito semelhante a Comporellon – Trevize ergueu as sobrancelhas –, o mundo que visitamos imediatamente depois de Gaia. Eles insistem que não fazem parte da Confederação da Fundação, mas que são apenas associados a ela.

Daneel concordou lentamente com a cabeça.

– Creio que sua analogia seja adequada, senhor. Como associado de Gaia, posso ter consciência do que Gaia tem consciência, através, por

exemplo, da pessoa que é a mulher, Júbilo. Porém, Gaia não pode ter consciência do que eu tenho consciência, para que eu mantenha minha liberdade de ação. Tal liberdade de ação é necessária até que Galaksia esteja estabelecida.

Trevize observou o robô com firmeza por um instante e então perguntou:

– E você usou sua consciência por meio de Júbilo para interferir nos eventos de nossa jornada e moldá-los para melhor acomodar seus objetivos?

– Não pude fazer muita coisa, senhor – Daneel suspirou de maneira curiosamente humana. – As Leis da Robótica sempre me impedem. De toda maneira, aliviei o fardo na mente de Júbilo, somando uma pequena porção de responsabilidade às inúmeras que já tenho, para que ela pudesse lidar prontamente com os lobos de Aurora e com o Sideral em Solaria, com menor dano para si mesma. Além disso, por meio de Júbilo, tive influência sobre a mulher em Comporellon e também sobre a outra, em Terra Nova, para que elas favorecessem o senhor e o senhor pudesse prosseguir com sua jornada.

– Eu deveria ter imaginado que não fui eu – Trevize abriu um sorriso quase tristonho.

– Muito pelo contrário, senhor – Daneel respondeu, ignorando a lamentável autodepreciação da frase de Trevize –, foi o senhor em considerável proporção. Cada uma das mulheres o encarou de maneira favorável desde o início. Eu meramente fortaleci o impulso que já estava presente; é praticamente a única possibilidade segura de ação sob as restrições das Leis da Robótica. Por causa dessas restrições, e também por outros motivos, foi com imensa dificuldade que trouxe os senhores para cá, e apenas de maneiras indiretas. Em diversos momentos, estive em grande perigo de perdê-los.

– E agora eu *estou* aqui – disse Trevize. – O que você quer de mim? Que eu confirme minha decisão a favor de Galaksia?

O inexpressivo rosto de Daneel demonstrou, de alguma maneira, o que parecia ser angústia.

– Não, senhor. A mera decisão já não é mais suficiente. Eu o trouxe aqui, da melhor maneira que pude em minhas atuais condições, por um motivo muito mais desesperador. Eu estou morrendo.

102

Talvez tenha sido a maneira trivial com que Daneel disse; ou talvez porque uma vida de vinte mil anos fazia a morte não parecer uma grande tragédia para alguém condenado a viver menos de meio por cento daquele período. De todo jeito, Trevize não sentiu nenhum impulso de compaixão.

– Morrendo? Uma máquina pode morrer?

– Pode deixar de existir, senhor. Use a palavra que o senhor desejar. Eu sou velho. Nenhum ser da Galáxia que estava vivo quando ganhei consciência pela primeira vez está vivo ainda hoje; nenhum orgânico, nenhum robótico. Nem eu mesmo tenho essa continuidade.

– Como assim?

– Não há nenhuma parte física de meu corpo, senhor, que escapou da substituição, e não apenas uma vez, mas muitas. Até meu cérebro positrônico foi substituído, em cinco ocasiões diferentes. Em cada vez, o conteúdo do cérebro anterior foi registrado no mais recente, até o último pósitron. Em cada vez, o novo cérebro tinha mais capacidade e complexidade do que o anterior, para que houvesse espaço para mais memórias, e para decisões e ações mais ágeis. Porém...

– Porém?

– Quanto mais avançado e complexo é o cérebro, maior é sua instabilidade e mais rápida é sua deterioração. Meu cérebro atual é cem mil vezes mais sofisticado e tem dez milhões de vezes a capacidade do primeiro; mas, enquanto meu primeiro cérebro perdurou por mais de dez mil anos, o atual tem apenas seiscentos anos e está em incontestável processo de envelhecimento. Com cada memória desses vinte mil anos perfeitamente registrada e com um infalível mecanismo de busca dessas memórias, o cérebro está no limite de sua capacidade. Minha habilidade de tomar decisões está em franca decadência, assim como a habilidade de sondar e influenciar mentes a distâncias hiperespaciais. Tampouco posso criar um sexto cérebro. Qualquer miniaturização adicional iria contra o princípio da incerteza, e maior complexidade garantiria apenas decadência quase imediata.

– Mas, Daneel – Pelorat parecia desesperadamente angustiado –, decerto Gaia pode continuar sem você. Agora que Trevize ponderou e optou por Galaksia...

– O processo simplesmente demorou tempo demais, senhor – respondeu Daneel, como sempre sem demonstrar nenhuma emoção. – Precisei esperar pela concretização total de Gaia, apesar das dificuldades imprevistas que surgiram. Quando um ser humano capaz de tomar a decisão essencial (o senhor Trevize) foi localizado, era tarde demais. Mas não pense que não tomei providências para alongar minha expectativa de vida. Aos poucos, reduzi minhas atividades, para conservar o que pudesse para emergências. Quando não podia mais depender de medidas ativas para preservar o isolamento do sistema Terra/Lua, adotei medidas passivas. Ao longo de um período de anos, os robôs humanoides que trabalhavam comigo foram, um a um, convocados a voltar para casa. A última missão que lhes foi atribuída foi remover todas as referências à Terra dos arquivos planetários. E, sem mim e meus colegas robôs em atividade, Gaia carecerá das ferramentas essenciais para dar continuidade ao desenvolvimento de Galaksia em um período que não seja caótico.

– E você sabia de tudo isso quando tomei minha decisão? – perguntou Trevize.

– Desde um considerável tempo antes, senhor – disse Daneel. – Gaia, evidentemente, não sabia.

– Mas então – respondeu Trevize, furioso – qual era a utilidade de perpetuar a farsa? De que adiantou? Desde minha decisão, varri a Galáxia em busca da Terra e do que eu imaginava ser o “segredo”, sem saber que o segredo era *você*, para validar minha decisão. Pois bem, eu a *validei*. Agora sei que Galaksia é absolutamente essencial… e parece que foi tudo em vão. Por que você não deixou a Galáxia em paz? Por que não *me* deixou em paz?

– Porque, senhor – disse Daneel –, tenho procurado uma solução, e agi continuamente na esperança de encontrar uma. Acredito que encontrei. Em vez de substituir meu cérebro por outro cérebro positrônico, o que seria impraticável, eu poderia mesclá-lo com um cérebro humano; um cérebro humano não afetado pelas Três Leis. Tal cérebro não acrescentaria apenas capacidade cerebral; garantiria, também, um novo nível de habilidades. Foi esse o motivo de sua vinda até aqui.

Trevize parecia chocado.

– Você está dizendo que pretende fundir um cérebro humano ao seu? Fazer com que o cérebro humano perca sua individualidade para

que você tenha uma Gaia de dois cérebros?

– Sim, senhor. Isso não me faria imortal, mas talvez permita que eu viva o suficiente para estabelecer Galaksia.

– E você *me* trouxe até aqui para isso? Quer que minha independência das Três Leis e minha capacidade de julgamento façam parte de você, à custa da minha individualidade? De jeito nenhum!

– Mas o senhor disse há pouco que Galaksia é essencial para a prosperidade da espécie...

– Mesmo que seja, seria necessário um longo período para se consolidar, e eu permaneceria como um indivíduo pelo resto da minha existência. Por outro lado, se Galaksia fosse estabelecida rapidamente, haveria perda de individualidade em nível galáctico, e a minha própria perda faria parte de um todo inimaginavelmente maior. Entretanto, eu nunca consentiria em perder minha individualidade enquanto todos os outros seres da Galáxia permanecessem com as deles.

– É, portanto, como imaginei – disse Daneel. – Seu cérebro não se fundiria com facilidade e, de todo modo, se você mantiver a capacidade de julgamento independente, será de mais serventia.

– Em que momento você mudou de ideia? Você disse que era justamente esse o motivo de minha vinda para cá.

– Sim, e foi através do uso pleno de meus poderes severamente comprometidos. Entretanto, eu disse “Foi esse o motivo de sua vinda até aqui”; por favor, lembre-se de que, no Padrão Galáctico, a palavra “sua” representa também o plural, e não apenas o singular. Estava me referindo a todos vocês.

Pelorat enrijeceu-se em sua cadeira.

– É mesmo? – exclamou. – Então, diga-me, Daneel, um cérebro humano que se fundisse ao seu cérebro compartilharia todas as suas memórias? Todos os vinte mil anos de memória, até os tempos mitológicos?

– Certamente, senhor.

Pelorat respirou fundo.

– Isso concluiria minha busca vitalícia, e é algo pelo qual eu cederia minha individualidade com prazer. Por favor, permita-me o privilégio de compartilhar seu cérebro.

– E Júbilo? – perguntou Trevize, gentilmente. – E quanto a ela?

Pelorat hesitou por apenas um instante.

– Júbilo entenderá – respondeu. – Afinal, ela estará melhor sem mim... Depois de um tempo.

Daneel negou com a cabeça.

– Sua oferta, dr. Pelorat – disse –, é generosa, mas não posso aceitá-la. Seu cérebro é um cérebro velho, que não pode sobreviver por mais de duas ou três décadas, no máximo, mesmo em uma fusão com o meu. Eu preciso de outra coisa. Vejam! – Ele apontou. – Eu pedi que ela retornasse.

Júbilo se aproximava, caminhando alegremente, quase saltitando.

– Júbilo! – Pelorat levantou-se bruscamente. – Oh, não!

– Não fique alarmado, dr. Pelorat – disse Daneel. – Não posso usar Júbilo. Isso me fundiria com Gaia, e devo permanecer independente de Gaia, como já expliquei.

– Mas, nesse caso – respondeu Pelorat –, quem...

– O robô queria Fallom esse tempo todo, Janov – disse Trevize, observando a esbelta figura que corria atrás de Júbilo.

103

Júbilo estava de volta, sorrindo, em estado de grande satisfação.

– Não pudemos passar das fronteiras da propriedade – disse –, mas o entorno me lembrou muito Solaria. Fallom, claro, está convencida de que é Solaria. Perguntei se ela acha que Daneel tem uma aparência diferente da de Jemby (afinal, Jemby era metálico), e Fallom disse: "Não, na verdade não". Não sei o que ela quis dizer com "na verdade".

Ela olhou para Fallom, que agora, a distância, tocava sua flauta para um solene Daneel, cuja cabeça meneava conforme o ritmo. A melodia os alcançou, graciosa, cristalina e adorável.

– Vocês sabiam que ela tinha trazido a flauta quando deixamos a nave? – perguntou Júbilo. – Acho que não conseguiremos separá-la de Daneel por um bom tempo.

A observação foi recebida por um pesaroso silêncio, e Júbilo olhou para os dois homens, subitamente alarmada.

– Qual é o problema? – ela perguntou.

Trevize indicou Pelorat gentilmente – a explicação estava a cargo dele, o gesto parecia dizer. Pelorat pigarreou.

– Na verdade, Júbilo – disse Pelorat –, creio que Fallom ficará com

Daneel permanentemente.

– Como é? – perguntou Júbilo, com uma expressão de reprovação, voltando-se na direção de Daneel para ir até lá. Pelorat a segurou pelo braço.

– Júbilo, querida, não faça isso. Ele é mais poderoso do que Gaia até mesmo em sua atual situação, e Fallom precisa ficar com ele para que Galaksia possa existir. Permita-me explicar e, Golan, por favor, corrija-me se eu me equivocar em algum momento.

Júbilo escutou o relato, sua expressão afundando-se em algo próximo ao desespero.

– Você pode compreender o raciocínio, Júbilo – disse Trevize, em uma tentativa de racionalizar sem emoção. – A criança é uma Sideral, e Daneel foi concebido e fabricado por Siderais. A criança foi criada por um robô e não tinha nenhum outro referencial, em uma propriedade tão vazia quanto esta. A criança tem poderes de transdução, dos quais Daneel precisará, e ela viverá por três ou quatro séculos, o que pode ser o período requerido para a construção de Galaksia.

Com as bochechas avermelhadas e olhos lacrimosos, Júbilo respondeu:

– Suponho que o robô tenha manipulado nossa jornada para a Terra de maneira que passássemos por Solaria para pegar uma criança que ele pudesse usar.

– Ele talvez tenha apenas se aproveitado da oportunidade – Trevize deu de ombros. – Não creio que seus poderes estejam fortes o suficiente no momento para que ele nos transformasse em fantoches a distâncias hiperespaciais.

– Não. Foi de propósito. Ele fez com que eu tivesse fortes sentimentos pela criança para levá-la comigo, em vez de deixá-la morrer; e fez com que eu a protegesse até mesmo de você, quando não demonstrou nada além de rancor e insatisfação pela presença dela entre nós.

– Isso pode facilmente ter sido, também, sua ética gaiana – respondeu Trevize –, que, imagino, Daneel pode ter fortalecido. Deixe disso, Júbilo, não há nenhuma vantagem em pensar assim. Suponha que você *pudesse* levar Fallom embora. Para onde poderia levá-la que a fizesse tão feliz quanto ela está aqui? Você a levaria de volta para Solaria, onde ela seria morta sem nenhuma piedade? Para um mundo

superpopuloso, em que ela ficaria doente e morreria? Para Gaia, onde ela desgastaria o próprio coração com saudades de Jemby? Para uma infinita viagem pela Galáxia, em que ela veria Solaria em cada mundo que encontrássemos? E você conseguiria encontrar um substituto que Daneel pudesse usar para que Galaksia fosse construída?

Júbilo caiu num triste silêncio.

Pelorat estendeu-lhe a mão de maneira um tanto tímida.

– Júbilo – disse –, eu ofereci meu cérebro para ser fundido ao de Daneel. Ele não aceitou minha oferta, pois disse que sou velho demais. Eu gostaria que ele tivesse aceitado, se isso poupasse Fallom para que ela ficasse com você.

Júbilo pegou a mão de Pelorat e a beijou.

– Obrigada, Pel, mas o preço seria alto demais, até mesmo para Fallom. – Ela respirou profundamente e tentou sorrir. – Quem sabe, quando voltarmos para Gaia, haverá espaço em um organismo global para um filho meu, e eu colocarei Fallom nas sílabas de seu nome.

E agora, Daneel, como se tivesse percebido que a questão havia sido resolvida, caminhava na direção do grupo, com Fallom saltitando ao seu lado.

A criança começou a correr e os alcançou antes.

– Obrigada, Júbilo – ela disse –, por ter me trazido para casa e para Jemby, e por ter cuidado de mim enquanto estávamos na nave. Terei você para sempre em minhas memórias. – Então, ela se jogou sobre Júbilo, e as duas se abraçaram com intensidade.

– Espero que você seja sempre feliz – respondeu Júbilo. – Você também estará em minhas memórias, Fallom, querida. – E ela se soltou de Fallom, com relutância.

Fallom voltou-se para Pelorat e disse:

– Obrigada a você também, Pel, por permitir que eu lesse seus livro-filmes.

Então, sem mais nenhuma palavra e depois de um traço de hesitação, a mão graciosa e feminina de Fallom foi estendida a Trevize. Ele a segurou por um momento, e depois soltou.

– Boa sorte, Fallom – ele murmurou.

Daneel disse:

– Sou muito agradecido aos senhores e à senhora por tudo o que fizeram, cada um ao seu próprio jeito. Agora estão livres para partir, pois sua busca chegou ao fim. Quanto à minha própria missão, ela

também terminará em breve e, agora, com sucesso.

– Espere – interveio Júbilo. – Ainda não terminamos. Ainda não sabemos se Trevize continua a acreditar que o melhor futuro para a humanidade é Galaksia, em vez de um vasto conglomerado de Isolados.

– Ele já deixou isso claro há pouco, senhora – respondeu Daneel. – Ele decidiu a favor de Galaksia.

Os lábios de Júbilo se contraíram.

– Prefiro ouvir dele – disse. – Trevize, o que decidiu?

– O que gostaria que fosse, Júbilo? – perguntou Trevize, calmamente. – Se eu decidir contra Galaksia, você talvez possa ter Fallom de volta.

– Eu sou Gaia – ela respondeu. – Preciso saber qual foi sua decisão e os motivos pelos quais decidiu assim. Pelo bem da verdade, e nada mais.

– Conte a ela, senhor – interveio Daneel. – Gaia tem consciência de que sua mente permanece intocada.

– Minha decisão é a favor de Galaksia – disse Trevize. – Não há mais nenhuma dúvida em minha mente sobre esse assunto.

104

Júbilo permaneceu imóvel pelo tempo que alguém levaria para contar até cinquenta em ritmo moderado, como se ela estivesse permitindo que a informação alcançasse todas as partes de Gaia.

– Por quê? – ela perguntou, finalmente.

– Escutem-me – disse Trevize. – Eu sabia, desde o princípio, que havia dois futuros possíveis para a humanidade: Galaksia ou o Segundo Império, fruto do Plano Seldon. E me parecia que esses dois futuros possíveis eram mutuamente excludentes. Não poderíamos ter Galaksia a não ser que, por algum motivo, o Plano Seldon tivesse alguma falha fundamental. Infelizmente, eu não sabia nada sobre o Plano Seldon além dos dois axiomas nos quais ele é baseado: um, que deve envolver um número de seres humanos grande o suficiente para que a humanidade, mesmo sendo um grupo de indivíduos interagindo de maneira aleatória, pudesse ser tratada estatisticamente; e dois, que a humanidade não poderia saber os resultados das conclusões psico-

históricas antes que fossem alcançados. Como eu já tinha decidido a favor de Galaksia, senti que já possuía uma percepção subliminar de falhas no Plano Seldon, e essas falhas só poderiam estar nos axiomas, que eram tudo o que eu sabia sobre o Plano. Ainda assim, não pude ver nada de errado nos axiomas. Por isso, me esforcei para encontrar a Terra, acreditando que não estaria tão completamente escondida se não houvesse um motivo. Eu precisava descobrir qual era esse motivo. Não havia nenhuma razão verdadeira para esperar uma solução uma vez que eu encontrasse a Terra, mas estava desesperado, e não pude pensar em nada mais a ser feito... e talvez o desejo de Daneel de conseguir uma criança solariana tenha ajudado a me impelir nessa direção. Seja como for, enfim encontramos a Terra e, depois, a Lua. Júbilo detectou a mente de Daneel; ele, claro, estava deliberadamente chamando a atenção para si. Ela descreveu tal mente como não sendo humana nem robótica. Em retrocesso, isso faz sentido, pois o cérebro de Daneel é muito mais avançado do que qualquer robô que tenha existido, e não seria detectado como simplesmente robótico. Tampouco seria detectado como humano. Pelorat se referiu a ele como "algo novo", e isso serviu de gatilho para um "algo novo" em mim mesmo: um novo raciocínio. Assim como, há muito tempo, Daneel e seu colega elaboraram uma quarta lei da robótica que era mais fundamental do que as outras três, pude enxergar um terceiro axioma básico para a psico-história, mais fundamental do que os outros dois; um terceiro axioma tão fundamental que ninguém nunca considerou importante mencioná-lo. É o seguinte: os dois axiomas conhecidos envolvem seres humanos, e são baseados no axioma nunca mencionado de que os seres humanos são a *única* espécie inteligente da Galáxia e, portanto, os únicos organismos cujas ações são significativas no desenvolvimento da sociedade e da história. Este é o axioma não declarado: o de existir apenas uma espécie dotada de inteligência na Galáxia, a do *Homo sapiens*. Se houvesse "algo novo", se houvesse outras espécies de natureza imensamente diferente da nossa e dotadas de inteligência, seu comportamento não poderia ser calculado corretamente pela matemática da psico-história, e o Plano Seldon não faria nenhum sentido. Entendem o que estou dizendo?

Trevize quase tremia por causa do sincero desejo de ser compreendido.

– Entendem o que estou dizendo? – repetiu.

– Sim, eu entendo – respondeu Pelorat –, mas, no papel de advogado do diabo, velho amigo...

– Sim? Vá em frente.

– Os seres humanos *são* a única inteligência na Galáxia.

– E os robôs? – perguntou Júbilo. – E Gaia?

Pelorat ficou pensativo por um momento, e então, hesitante, respondeu:

– Os robôs não tiveram nenhum papel significativo na história humana desde o desaparecimento dos Siderais. Gaia não teve nenhum papel significativo até muito recentemente. Os robôs são criação dos seres humanos, e Gaia é criação dos robôs; e, considerando que estão restritos pelas Três Leis, tanto os robôs como Gaia não têm escolha além de ceder às determinações humanas. Apesar dos vinte mil anos de trabalho de Daneel e do longo desenvolvimento de Gaia, uma única palavra de Golan Trevize, um ser humano, daria um fim a todos esses trabalhos e a esse desenvolvimento. Portanto, a humanidade é a única espécie dotada de inteligência significativa na Galáxia, e a psico-história continua válida.

– A única forma de inteligência na Galáxia – repetiu Trevize, lentamente. – Eu concordo. Ainda assim, falamos tanto e com tanta frequência sobre a Galáxia que é impossível enxergar que isso não é suficiente. A Galáxia não é o universo. Existem outras galáxias.

Pelorat e Júbilo pareciam inquietos. Daneel escutou com solenidade benevolente, sua mão gentilmente acariciando os cabelos de Fallom.

– Escutem-me mais uma vez – continuou Trevize. – Na fronteira da Galáxia estão as Nuvens de Magalhães, nas quais, até hoje, nenhuma espaçonave humana entrou. Depois delas existem bilhões e bilhões de galáxias. A nossa Galáxia desenvolveu apenas *uma* espécie com inteligência suficiente para desenvolver uma sociedade tecnológica, mas o que sabemos sobre as outras galáxias? A nossa talvez seja atípica. Em algumas das outras, talvez em *todas* as outras, podem existir diversas espécies inteligentes que competem entre si, que guerreiam; cada uma delas incompreensível para nós. Os conflitos mútuos talvez sejam suas únicas preocupações. Mas e se, em alguma galáxia, uma espécie dominar as restantes e então tiver tempo de considerar a possibilidade de invadir outras galáxias? Em termos hiperespaciais, a Galáxia é um ponto, assim como todo o universo.

Não visitamos nenhuma outra galáxia e, até onde sabemos, nenhuma espécie inteligente de outra galáxia veio nos visitar; mas essa situação pode mudar. E, se os invasores vierem, provavelmente encontrarão maneiras de colocar seres humanos em conflito contra outros seres humanos. Lutamos apenas contra nós mesmos há tanto tempo que nos acostumamos com essas rixas mutuamente destrutivas. Um invasor que encontre a espécie humana dividida em lutas contra si mesma dominará a todos, ou nos destruirá. A única defesa verdadeira é a criação de Galaksia, que não pode ser voltada contra si mesma e que pode confrontar invasores com poder máximo.

– O futuro que você descreve é muito assustador – disse Júbilo. – Teremos tempo de formar Galaksia?

Trevize olhou para cima, como se pudesse ver através da espessa camada de rocha lunar que o separava da superfície e do espaço; como se estivesse se forçando a enxergar aquelas galáxias longínquas, movendo-se lentamente em paisagens inimagináveis do espaço.

– Em toda a história humana – disse –, até onde sabemos, nenhuma outra inteligência se impôs sobre nós. Se isso continuar assim por mais alguns séculos, talvez por menos de um décimo do tempo de existência da civilização, estaremos a salvo. Afinal – e, nesse momento, Trevize sentiu uma repentina pontada de angústia, que se forçou a ignorar –, não é como se o inimigo já estivesse aqui, entre nós.

E ele não baixou o olhar para encontrar os taciturnos olhos de Fallom – hermafrodita, transdutora, diferente – enquanto ela o observava, indecifrável.

FINANCEIRO:
Roberta Martins
Sandro Hannes

EDITORA ALEPH
Rua Tabapuã, 81, cj. 134
04533-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992.
Fundação e terra [livro eletrônico] / Isaac Asimov ; tradução Henrique B. Szolnoky. São Paulo : Aleph, 2015
1,4 Mb; ePUB.

Título original: Foundation and earth
ISBN: 978-85-7657-181-0

1. Ficção científica norte-americana I.Título.

15-05853 CDD-813.0876

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

A MAIS IMPORTANTE SAGA DA FICÇÃO CIENTÍFICA DE TODOS OS TEMPOS ✶ 006 ✶ O BOM DOUTOR

EDITORA ALEPH

ISAAC ASIMOV

PRELÚDIO À FUNDAÇÃO

ISAAC ASIMOV

PRELÚDIO À FUNDAÇÃO

TRADUÇÃO
HENRIQUE B. SZOLNOKY

ALEPH

Para Jennifer Brehl, a “Jennifer do lápis verde”, a melhor e mais dedicada editora no mundo.

WYE

GOLPE

DORS

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Iniciada em 1942 e concluída em 1953, a *Trilogia da Fundação* é um dos maiores clássicos de aventura, fantasia e ficção do século 20. Os três livros que compõem a história original – *Fundação*, *Fundação e Império* e *Segunda Fundação* – receberam, em 1966, o Prêmio Hugo Especial de melhor série de ficção científica e fantasia de todos os tempos, superando concorrentes de peso como *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e a série Barsoom, de Edgar Rice Burroughs. Acredite, isso não é pouco. Mas também não é tudo.

A saga é um exemplo do que se convencionou chamar *Space Opera* – uma história que se ambienta no espaço. Todos os elementos estão presentes em *Fundação*: cenários grandiosos, ação envolvente, diversos personagens atuando num amplo espectro de tempo. Seu desenvolvimento é derivado das histórias *pulp* de faroeste e aventuras marítimas (notadamente de piratas).

Isaac Asimov, como grande divulgador científico e especulador imaginativo, começou a conceber em *Fundação* uma história grandiosa. Elaborou, dezenas de séculos no futuro, um cenário em que toda a Via Láctea havia sido colonizada pela raça humana, a ponto de as origens da espécie terem se perdido no tempo. Outros escritores, como Robert Heinlein e Olaf Stapledon, já haviam se aventurado na especulação sobre o futuro da raça humana. O que, então, *Fundação* possui de tão especial?

Um dos pontos notáveis é o fato de ter sido inspirada pelo clássico *Declínio e Queda do Império Romano*, do historiador inglês Edward Gibbon. Não é, portanto, uma história de glória e exaltação. Mas, sim, a epopeia de uma civilização que havia posto tudo a perder. E também a história de um visionário que havia previsto não apenas a inevitável decadência de um magnífico Império Galáctico, mas também o caminho menos traumático para que, após apenas um milênio, este pudesse renascer em todo o seu esplendor.

O autor fez questão de utilizar doutrinas polêmicas para basear seu

futuro militarista, como o Destino Manifesto americano (a crença de que o expansionismo dos Estados Unidos é divino, já que os norte-americanos seriam o povo escolhido por Deus) e o nazismo alemão (que professava ser a democracia uma força desestabilizadora da sociedade por distribuir o poder entre minorias étnicas, em prejuízo de um governo centralizador exercido por pessoas intelectualmente mais capacitadas). *Fundação* se revela, pois, um texto que ultrapassa, e muito, aquela camada superficial de leitura. De fato, a cada página percorrida, o leitor notará os paralelos entre as aventuras dos personagens da trilogia e diversas passagens históricas. E mais: a percepção dos arquétipos psicológicos de cada personagem nos leva a apreciar, em todas as suas nuances, a maravilhosa diversidade intelectual de nossa espécie.

Além da *Trilogia da Fundação*, Asimov acabou atendendo a pedidos de fãs e de seus editores para retomar a história de Terminus: quase trinta anos depois do lançamento de *Segunda Fundação*, escreveu as continuações *Limites da Fundação* e *Fundação e Terra*. Em seguida, publicou *Prelúdio à Fundação* e *Origens da Fundação*, que narram os eventos que antecedem o livro *Fundação*.

Na mesma época em que começava a expandir sua trilogia original, Isaac Asimov também decidiu integrar seus diversos livros e universos futuristas, para que todas as histórias transcorressem em uma continuidade temporal. Ou seja, clássicos como *O Homem Bicentenário* e *Eu, Robô* se passam no mesmo passado da saga de *Fundação*. Para isso, ele modificou diversos detalhes em suas histórias, corrigindo datas e atitudes de personagens, e reordenando fatos. Esse processo, conhecido tradicionalmente como *retcon*, foi aplicado a quase todos os seus livros. A *Trilogia da Fundação* era peça-chave nesse quebra-cabeça, e foi modificada em pontos fundamentais como, por exemplo, ajustes na cronologia. E é essa a versão editada pela Aleph desde 2009. A editora também publicou, pela primeira vez no Brasil, a trilogia em três volumes separados, de modo que o leitor pudesse apreciar a obra como concebida por seu criador.

Nas próximas páginas, o início de todas as aventuras se descortina, revelando como uma pessoa seria capaz de alterar o curso da história de toda uma galáxia.

Tenha uma boa jornada.

Os editores

NOTA DO AUTOR

Quando escrevi *Fundação*, publicado pela primeira vez na edição de maio de 1942 da revista *Astounding Science Fiction*, não imaginava que havia dado início a uma série de histórias que se estenderia por seis livros e um total de seiscentas e cinquenta mil palavras (até agora). Tampouco imaginava que ela seria unificada com meus vários contos e romances envolvendo robôs e também com meus romances sobre o Império Galáctico, o que resultou em catorze livros e um total de, aproximadamente, 1.450.000 palavras (até agora).

Se você analisar as datas de publicação desses livros, perceberá que houve um hiato de vinte e cinco anos, entre 1957 e 1982, no qual não acrescentei nada à série. Não que eu tenha parado de escrever – pelo contrário. Escrevi continuamente ao longo desse quarto de século, mas escrevi outras coisas. A retomada da série, em 1982, não foi ideia minha, e sim o resultado de uma soma de pressões de leitores e de editores que acabou por se tornar grande demais.

De qualquer maneira, a complexidade cresceu o suficiente para que eu acreditasse que os leitores apreciariam algo como um guia para a série, já que ela não foi escrita na sequência em que (porventura) deve ser lida.

Os catorze livros trazem uma espécie de história do futuro que talvez não seja totalmente consistente, já que, inicialmente, não havia planejado consistência. A ordem cronológica dos livros, em termos de história do futuro (não em termos de data de publicação), é a seguinte:

1. *Nós, Robôs* (1982). Trata-se de uma coletânea com 31 contos de robôs publicados entre 1940 e 1976, inclusive todas as histórias da minha primeira coletânea, *Eu, Robô* (1950). Escrevi apenas um conto sobre robôs desde o lançamento dessa coletânea. Chama-se “Robot Dreams” e não foi incluído em nenhuma publicação da Doubleday até agora.
2. *As Cavernas de Aço* (1954). Meu primeiro livro sobre robôs.

3. *O Sol Desvelado* (1957). Segundo livro sobre robôs.
4. *Os Robôs da Alvorada* (1983). Terceiro livro sobre robôs.
5. *Robôs e Império* (1985). Quarto livro sobre robôs.
6. *As Correntes do Espaço* (1952). Primeiro livro da série sobre o Império.
7. *Poeira de Estrelas* (1951). Segundo livro sobre o Império.
8. *Pedra no Céu (*1950). Terceiro livro sobre o Império.
9. *Prelúdio à Fundação* (1988). Primeiro livro sobre a Fundação.
10. *Fundação* (1951). Segundo livro sobre a Fundação. Na verdade, trata-se de uma coletânea de quatro histórias originalmente publicadas entre 1942 e 1944, além de um trecho introdutório para o livro de 1949.
11. *Fundação e Império* (1952). Terceiro livro sobre a Fundação, composto por duas histórias, originalmente publicadas em 1945.
12. *Segunda Fundação* (1953). Quarto livro sobre a Fundação, composto por duas histórias, originalmente publicadas em 1948 e 1949.
13. *Limites da Fundação* (1982). Quinto livro sobre a Fundação.
14. *Fundação e Terra* (1983). Sexto livro sobre a Fundação.

Pretendo acrescentar outros livros à série? Talvez. Há espaço para um livro entre *Robôs e Império* (5) e *As Correntes do Espaço* (6), e entre *Prelúdio à Fundação* (9) e *Fundação* (10). E entre outros também, claro. Além disso, posso dar continuidade a *Fundação e Terra* (14) com mais livros – quantos eu quiser.

Naturalmente, haverá um fim, pois não espero viver para sempre, mas tenho intenção de ficar por aqui pelo máximo de tempo possível.[1]

MATEMÁTICO

——— Cleon I...

Último Imperador Galáctico da dinastia Entun. Nasceu no ano 11988 da Era Galáctica, o mesmo ano em que Hari Seldon nasceu. (Acredita-se que a data de nascimento de Hari Seldon, considerada duvidosa por alguns, possa ter sido ajustada para equivaler à de Cleon, que Seldon supostamente teria conhecido logo após sua chegada a Trantor.)

Cleon herdou o trono imperial em 12010, aos vinte e dois anos de idade, e seu governo representou um curioso intervalo de quietude naquela época de turbulências. Tal fato pode ser atribuído, certamente, à competência de seu chefe de gabinete, Eto Demerzel, cuja habilidade em esconder-se do olhar público tornou difícil a descoberta de fatos sobre ele.

O próprio Cleon...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA*

* Todas as citações da *Enciclopédia Galáctica* aqui reproduzidas foram retiradas da 116ª edição, publicada em 1020 e.f. pela Companhia Editora Enciclopédia Galáctica Ltda., Terminus, com permissão dos editores.

1

– DEMERZEL – DISSE CLEON, suprimindo um discreto bocejo –, por acaso você já ouviu falar em um homem chamado Hari Seldon?

Cleon era o Imperador havia pouco mais de dez anos e houve momentos, quando ele usava as vestimentas e as insígnias reais em eventos oficiais, em que conseguia parecer majestoso. Era o caso, por exemplo, do holograma de sua imagem, em um nicho na parede atrás dele. Havia sido posicionado para que fosse claramente mais imponente do que os hologramas de diversos antecessores nos outros nichos.

O holograma não era totalmente honesto, pois, apesar de os cabelos de Cleon serem castanho-claros tanto no holograma como na vida real, eram um pouco mais densos no holograma. Havia certa assimetria em seu rosto real, pois o lado esquerdo de seu lábio superior era um pouco mais elevado do que o direito, e tal detalhe, por algum motivo, não era visível no holograma. Além disso, se ele ficasse em pé e se posicionasse ao lado do holograma, ficaria evidente que era dois centímetros mais baixo do que o 1,83 metro mostrado pela imagem, e talvez um pouco mais corpulento.

Evidentemente, o holograma era o retrato oficial da coroação, e ele era mais jovem naquela época. Ainda parecia jovem, era muito bonito e, quando não estava sob a opressão implacável das cerimônias oficiais, pairava em seu rosto uma sutil benevolência.

– Hari Seldon? – respondeu Demerzel, com o tom de refinado respeito que adotava. – Não é um nome familiar para mim, Majestade. Eu deveria saber quem é?

– O ministro da Ciência o mencionou para mim, ontem à noite. Achei que você saberia.

– Majestade – Demerzel franziu o cenho levemente, mas em uma expressão muito sutil, pois era inadmissível franzir o cenho na presença do Imperador –, o ministro da Ciência deveria ter mencionado esse homem para *mim*, pois sou o chefe de gabinete. Se

Vossa Majestade for assolado por todos que...

Cleon ergueu a mão e Demerzel parou de falar imediatamente.

– Por favor, Demerzel, ninguém consegue manter a formalidade o tempo todo. Quando cruzei com o ministro na solenidade de ontem à noite e trocamos algumas palavras, ele se entusiasmou. Não pude deixar de escutá-lo, e estou contente por tê-lo feito, pois foi interessante.

– De que maneira foi interessante, Majestade?

– Não estamos mais nos dias do passado, quando a ciência e a matemática estavam em alta. De alguma forma, esse tipo de coisa parece ter perdido a força, talvez porque todas as descobertas já foram feitas. Você não acha? Entretanto, coisas interessantes ainda podem acontecer, aparentemente. Pelo menos foi o que me disseram.

– O ministro da Ciência disse isso, Majestade?

– Sim. Ele disse que esse tal de Hari Seldon apresentou-se em uma convenção de matemáticos realizada aqui em Trantor (eles fazem isso a cada dez anos, por algum motivo), e afirmou ter encontrado a prova de que é possível prever o futuro matematicamente.

– Algum deles está equivocado – Demerzel permitiu-se um pequeno sorriso. – Ou é o ministro da Ciência, um homem de pouca perspicácia, ou é o matemático. A questão de prever o futuro é, certamente, um sonho infantil de magia.

– Será mesmo, Demerzel? As pessoas tendem a acreditar nesse tipo de coisa.

– As pessoas acreditam em muitas coisas, Majestade.

– Mas elas acreditam *nesse* tipo de coisa. Logo, não importa se a previsão do futuro é verdadeira ou não. Se um matemático previsse um longo e afortunado reinado para mim, uma época de paz e prosperidade para o Império... isso não seria bom?

– Seria um deleite para os ouvidos, com certeza, mas, Vossa Majestade, a que isso levaria?

– Se as pessoas acreditassem nisso, elas certamente agiriam com base nessa crença. Muitas profecias são transformadas em fatos simplesmente pela força da crença que existe por trás delas. São as profecias autorrealizáveis. Aliás, agora que penso no assunto, foi você quem, certa vez, me explicou esse conceito.

– Creio que sim, Majestade – respondeu Demerzel, observando o Imperador cautelosamente, como que para ver até onde ele iria por

conta própria. – Ainda assim, se for mesmo o caso, qualquer pessoa poderia ser levada a fazer uma profecia.

– Nem todas as pessoas teriam a mesma credibilidade, Demerzel. Entretanto, um matemático, que pudesse sustentar sua profecia com fórmulas e terminologia da sua área, não seria compreendido por ninguém, mas todos acreditariam nele.

– Como de costume, Majestade – disse Demerzel –, Vossa Majestade demonstra bom senso. Vivemos em uma época atribulada, e seria recompensador acalmá-los de uma maneira que não requer dinheiro nem força militar... que, na história recente, acrescentou pouco e causou muito mal.

– Exatamente, Demerzel – respondeu o Imperador, entusiasmado. – Traga esse tal de Hari Seldon. Você diz que tem conexões em todos os cantos deste mundo turbulento, até mesmo onde minhas forças não ousam interferir. Acesse uma dessas conexões e traga esse matemático. Deixe-me ver quem é.

– Assim o farei, Majestade – aquiesceu Demerzel, que já tinha localizado Seldon e que fez uma anotação mental para parabenizar o Ministro da Ciência por um trabalho bem-feito.

2

Hari Seldon não passava uma impressão de imponência naquela época. Assim como o Imperador Cleon I, tinha trinta e dois anos, mas media apenas 1,73 metro. Seu rosto era suave e alegre; seus cabelos eram castanho-escuros, quase pretos, e suas roupas tinham um inconfundível toque provinciano.

Para qualquer pessoa de tempos futuros, que conheceria Hari Seldon unicamente como um semideus lendário, pareceria quase um sacrilégio o fato de ele não ter cabelos brancos, de não ter um rosto idoso e marcado por rugas, com um sorriso plácido que irradiava sabedoria; de não estar sentado em uma cadeira de rodas. Entretanto, até mesmo em idade avançada seus olhos continuariam alegres. Esse detalhe, pelo menos, permaneceria.

E seus olhos estavam particularmente alegres naquele momento, pois ele tinha apresentado seu seminário na Convenção Decenal. Havia, inclusive, despertado algum interesse, mesmo que vago, e o

velho Osterfith lhe oferecera um aceno positivo com a cabeça, dizendo: “Engenhoso, meu jovem, deveras engenhoso” – o que, vindo de Osterfith, era estimulante. Deveras estimulante.

Porém, agora surgira uma nova – e um tanto inesperada – situação, e Seldon não tinha certeza se aquilo deveria acentuar seu bom humor e intensificar sua satisfação ou justamente o contrário.

Ele observou o jovem de estatura avantajada e uniforme com o emblema Espaçonave-e-Sol posicionado cuidadosamente no lado esquerdo de sua túnica.

– Tenente Alban Wellis – apresentou-se o oficial da Guarda Imperial, antes de guardar sua identificação. – O senhor pode me acompanhar agora?

Wellis estava armado, evidentemente. Havia outros dois guardas à espera do lado de fora do quarto. Por causa da cuidadosa formalidade de todos, Seldon sabia que não tinha escolha, mas não havia motivo para não tentar obter mais informações.

– Para ver o Imperador? – perguntou.

– Para ser levado ao palácio, senhor. É a única informação que me foi dada.

– Mas por quê?

– Não me explicaram o motivo, senhor. Tenho ordens estritas para que o senhor me acompanhe, de um jeito ou de outro.

– Mas parece que estou sendo levado sob custódia. Não fiz nada para provocar isso.

– Digamos, então, que o senhor recebeu uma escolta de honra, desde que não desperdice mais o meu tempo.

Seldon não desperdiçou mais tempo. Contraiu os lábios, como se quisesse bloquear outras perguntas, concordou com a cabeça e acompanhou-os. Mesmo que fosse apresentado ao Imperador e recebesse um endosso imperial, não gostava da ideia. Era a favor do Império – ou melhor, a favor da união e da paz entre os mundos da humanidade –, mas não era a favor do Imperador.

O tenente caminhou à frente, os outros dois vieram atrás. Seldon sorriu àqueles por quem passou, e conseguiu manter um ar despreocupado. Fora do hotel, entraram em um carro terrestre oficial. (Seldon acariciou o estofado; nunca tinha estado em um veículo tão luxuoso.)

Estavam em uma das áreas mais ricas de Trantor. Ali, o domo era

alto o suficiente para garantir uma sensação de espaço aberto, e era de se jurar – até mesmo para alguém como Seldon, que nascera e fora criado em um mundo aberto – que estavam sob a luz do sol. Não se via nenhum sol e nenhuma sombra, mas o ar era leve e tinha um aroma agradável.

E então passou, e o domo curvou-se para baixo e as paredes se estreitaram. Em pouco tempo, estavam seguindo por um túnel fechado, decorado a intervalos pelo emblema Espaçonave-e-Sol e, portanto (imaginou Seldon), claramente reservado para veículos oficiais.

Uma porta se abriu e o carro terrestre continuou. Quando a porta se fechou atrás deles, estavam ao ar livre – ar genuinamente livre. O único trecho de superfície ao ar livre em Trantor tinha duzentos e cinquenta quilômetros quadrados, e nele ficava o Palácio Imperial. Seldon teria apreciado a oportunidade de explorar aquele espaço aberto, não por causa do palácio, mas sim porque ali também ficava a Universidade Galáctica e, o que era mais intrigante, a Biblioteca Galáctica.

Mas, ao sair do mundo coberto de Trantor e entrar em espaço aberto, com florestas e campos, adentrara um mundo em que nuvens encobriam o céu e um vento gelado sacudia sua camisa. Pressionou o botão para fechar a janela do carro terrestre.

Do lado de fora, o dia era desolador.

3

Seldon não tinha a menor convicção de que seria levado até o Imperador. No máximo, conheceria algum oficial do quarto ou quinto escalão, que diria ser seu representante.

Quantas pessoas chegavam a ver o Imperador? Em pessoa, e não por holovisualização? Quantas pessoas viam-no de verdade, tangível, permanecendo sempre nos limites do palácio que ele, Seldon, adentrava naquele instante?

O número era microscopicamente pequeno. Eram vinte e cinco milhões de planetas habitados, cada qual com uma população de mais de um bilhão de seres humanos, ou mais. Dentre esses quatrilhões de seres humanos, quantos haviam contemplado, ou iriam contemplar, o

Imperador vigente? Mil?

E alguém se importava? Era um símbolo do Império, como o emblema Espaçonave-e-Sol, mas muito menos abrangente, muito menos palpável. Eram seus soldados e seus oficiais, espalhados por todos os cantos, que agora representavam um Império que se tornara um peso morto na vida de seus súditos. Não Cleon I.

Quando Seldon foi conduzido até uma sala de tamanho médio e decoração exuberante e encontrou um homem de aspecto jovem sentado na beirada de uma mesa, em uma alcova com janela, com um pé no chão e outro balançando no ar, descobriu-se questionando se um oficial deveria observá-lo com aquele suave ar de benevolência. Ele já havia testemunhado inúmeras vezes que oficiais do governo – especialmente os do Serviço Imperial – eram taciturnos o tempo inteiro, como se carregassem o peso de toda a Galáxia nos ombros. E parecia que, quanto menor fosse a importância do oficial, mais taciturna e ameaçadora era sua expressão.

Este, portanto, deveria ser um oficial de escalão tão alto, com o sol do poder brilhando com tanta intensidade sobre ele, que não sentia a necessidade de combatê-lo com nuvens de mau humor.

Seldon não sabia o quão impressionado deveria estar, mas acreditou que seria melhor permanecer em silêncio e deixar que o outro falasse primeiro.

– Você deve ser Hari Seldon – observou o oficial. – O matemático.

– Sim, senhor – respondeu Seldon concisamente, e esperou.

O jovem acenou com um movimento de braço.

– Deveria ser “Majestade”, mas detesto cerimônia – respondeu. – É o que ouço o dia inteiro e estou cansado disso. Estamos sozinhos, portanto cederei ao luxo de ignorar as solenidades. Sente-se, professor.

Enquanto ele falava, Seldon percebeu que estava diante do Imperador Cleon, Primeiro desse Nome, e perdeu completamente o ar. Havia uma discreta semelhança (agora que prestou atenção) com o holograma oficial que aparecia constantemente no noticiário, mas, em tal imagem, Cleon estava sempre vestido de maneira imponente e parecia mais alto, mais nobre e impassível.

E ali estava ele, a versão original do holograma – e, de alguma maneira, não parecia tão especial. Seldon ficou imóvel.

O Imperador franziu as sobrancelhas sutilmente.

– Eu disse “sente-se”, homem – ordenou, com a autoridade que lhe

parecia habitual, mesmo na tentativa, pelo menos temporária, de aboli-la. – Naquela cadeira. Agora.

Seldon sentou-se, incapaz de dizer qualquer coisa, nem mesmo “Sim, Majestade”.

– Ótimo – prosseguiu Cleon, sorrindo. – Agora, podemos conversar como membros da mesma espécie, o que, afinal de contas, é o que somos quando a cerimônia é deixada de lado. Não acha, meu caro?

– Se Vossa Majestade assim o diz – respondeu Seldon, cautelosamente –, assim é.

– Ora, por que está tão defensivo? Quero conversar de igual para igual. Será um prazer para mim. Faça o mesmo.

– Sim, Majestade.

– Basta um “sim”, homem. Não há como nos aproximarmos?

Cleon observou Seldon atentamente, e Seldon viu em seus olhos um interesse genuíno e vívido.

– Você não *parece* um matemático – acusou, enfim, o Imperador.

Seldon pôde, finalmente, permitir-se um sorriso.

– Não sei qual aparência deveria ter um matemático, Vossa Majes...

Cleon ergueu uma mão e Seldon suprimiu o honorífico com um engasgo.

– Cabelos brancos, imagino – respondeu Cleon. – Talvez uma barba. Idoso, certamente.

– Até mesmo os matemáticos precisam começar jovens.

– Mas, a esta altura, não têm reputação. Quando conseguem se intrometer no foco de atenção da Galáxia, são como descrevi.

– De fato, não tenho nenhuma reputação.

– Ainda assim, apresentou-se na convenção realizada aqui, em Trantor.

– Muitos de nós se apresentaram. Alguns eram mais jovens do que eu. Poucos receberam um mínimo de atenção.

– Aparentemente, sua apresentação atraiu o interesse de alguns dos meus oficiais. Fui levado a crer que você acredita na possibilidade de se prever o futuro.

Seldon sentiu um súbito cansaço. Ao que tudo indicava, tal interpretação equivocada de sua teoria aconteceria o tempo todo. Talvez não devesse ter apresentado seu seminário.

– Não exatamente – argumentou. – O que fiz é muito mais limitado do que isso. Em muitos sistemas, a situação configura-se de uma

maneira que, sob determinadas condições, eventos caóticos acontecem. Isso quer dizer que, dependendo do ponto de partida, é impossível prever consequências. É algo verdadeiro até mesmo em sistemas bastante simples, e, quanto maior a complexidade de um sistema, maiores são as chances de que ele se torne caótico. Partimos sempre do pressuposto de que qualquer coisa tão complicada quanto a sociedade humana rapidamente se tornaria caótica e, desse modo, imprevisível. O que fiz foi demonstrar que, ao estudarmos a sociedade humana, é possível escolher um ponto de partida e fazer pressuposições apropriadas para suprimir o caos. Isso fará com que seja possível prever o futuro. Não de maneira detalhada, claro, mas sim em grandes pinceladas; sem precisão, mas com probabilidades calculáveis.

– Mas isso não significa que você demonstrou como prever o futuro? – perguntou o Imperador, que ouvia com atenção.

– Mais uma vez, não exatamente. Demonstrei que é teoricamente possível, nada além disso. Para ir além, precisaríamos determinar um ponto de partida correto, fazer pressuposições corretas e então encontrar maneiras de realizar os cálculos dentro de um tempo limitado. Em meus argumentos matemáticos, nada nos diz como fazer essas coisas. E, mesmo se conseguíssemos, chegaríamos, no máximo, a estimar probabilidades. Não é o mesmo que prever o futuro; é apenas um palpite sobre o que provavelmente acontecerá. Todos os políticos, todos os homens de negócio ou cada ser humano de qualquer profissão que obtiveram algum sucesso precisaram fazer esse tipo de estimativa para o futuro, e tiveram de fazê-lo com alguma margem de precisão, ou então não teriam sucesso.

– Eles o fazem sem matemática.

– É verdade. Eles o fazem por intuição.

– Com os cálculos adequados, qualquer pessoa poderia estimar probabilidades. Não seria necessário o raro ser humano que possui um extraordinário senso de intuição.

– Mais uma vez, é verdade, mas o que fiz foi simplesmente demonstrar que a análise matemática é possível; não demonstrei que é praticável.

– Como algo pode ser possível e, ainda assim, impraticável?

– Teoricamente, eu poderia visitar cada mundo da Galáxia e cumprimentar cada pessoa em cada um desses mundos. Porém, seriam

necessários muito mais anos do que eu terei em vida e, mesmo que eu fosse imortal, a velocidade com que novos seres humanos nascem é maior do que a velocidade com que eu poderia conversar com os que já existem e, mais importante, humanos idosos morreriam em grande número antes que eu pudesse chegar até eles.

– E esse tipo de coisa aplica-se à sua matemática do futuro?

Seldon hesitou e, então, continuou:

– Os cálculos talvez levassem tempo demais para ser conclusivos, mesmo com um computador do tamanho do universo trabalhando em velocidade hiperespacial. Quando surgisse uma resposta, teriam se passado anos o suficiente para alterar o contexto de maneira radical, a ponto de tornar essa resposta irrelevante.

– Por que esse processo não pode ser simplificado? – perguntou Cleon, secamente.

– Vossa Majestade – Seldon percebeu que o Imperador estava ficando mais formal conforme as respostas o satisfaziam menos, e respondeu também com formalidade –, considere a maneira como cientistas lidaram com as partículas subatômicas. Existe um número enorme de partículas, cada qual se movimentando ou vibrando em padrões aleatórios e imprevisíveis. Mas esse caos tem uma ordem subjacente, e assim podemos estabelecer uma mecânica quântica que responde a todas as perguntas que sabemos formular. Ao estudarmos a sociedade, colocamos os seres humanos no lugar das partículas subatômicas, mas agora há o fator extra da mente humana. Partículas movem-se automaticamente, mas os seres humanos não. Levar em consideração as várias atitudes e impulsos da mente acrescenta imensa complexidade, a ponto de não haver tempo suficiente para calcular tudo.

– A mente pode ter uma ordem subjacente, assim como as reações automáticas.

– Talvez. Minha análise matemática implica uma ordem subjacente a tudo, por mais desordeiro que o sistema possa parecer, mas não oferece sugestões de como encontrar essa ordem subjacente. Considere vinte e cinco milhões de mundos, cada um com suas próprias características e cultura, cada um significativamente diferente de todos os outros, cada um com um bilhão de seres humanos ou mais, cada ser humano com uma mente individual, e todos os mundos interagindo de incontáveis maneiras e combinações! Por mais viável

que seja a análise psico-histórica em tese, é pouco provável que seja realizável na prática.

– O que quer dizer com “psico-histórica”?

– “Psico-história” é o termo que uso para me referir à estimativa teórica das probabilidades que dizem respeito ao futuro.

O Imperador levantou-se subitamente, andou com passos largos até a outra extremidade da sala, virou-se, andou de volta e parou diante de Seldon, que estava sentado, imóvel.

– De pé! – ordenou.

Seldon levantou-se e olhou para o Imperador, que era ligeiramente mais alto. Esforçou-se para manter o olhar firme.

– Essa sua psico-história... – retomou Cleon, depois de um instante. – Se pudesse ser aplicada na prática, seria de grande utilidade, não seria?

– De uma utilidade enorme, obviamente. Saber o que o futuro reserva, mesmo de uma maneira generalizada e dependente de probabilidades, seria um novo e maravilhoso guia para nossas ações, algo que a humanidade nunca viu antes. Mas, evidentemente... – Seldon parou de falar.

– O quê? – perguntou Cleon, impacientemente.

– Eu diria que, com exceção de alguns tomadores de decisão, os resultados da análise psico-histórica precisariam ser ocultados do público.

– Ocultados? – surpreendeu-se Cleon.

– Claro. Permita-me explicar. Se uma análise psico-histórica for conduzida e os resultados forem divulgados para o público, as várias emoções e reações da humanidade seriam imediatamente alteradas. Essa análise psico-histórica, baseada em emoções e reações que ignoram o futuro, perderia seu significado. Compreende?

Os olhos do Imperador brilharam e ele riu ruidosamente.

– Magnífico! – exclamou.

Ele fechou rapidamente a mão sobre um dos ombros de Seldon, que cambaleou discretamente com o gesto.

– Não vê, homem? – perguntou Cleon. – Não entende? Aí está a sua utilidade. Você não precisa prever o futuro. Basta escolher um futuro... um futuro bom, um futuro útil... e fazer o tipo de previsão que influenciará as emoções e as reações humanas de forma intensa o suficiente para que o futuro previsto vire realidade. Melhor criar um

bom futuro do que prever um futuro ruim.

– Entendo o que Vossa Majestade quer dizer – Seldon franziu o cenho –, mas isso também é impossível.

– Impossível?

– Pelo menos, impraticável. Não percebe? Se não podemos usar as emoções e as reações humanas como ponto de partida e prever o futuro que isso trará, tampouco podemos fazer o inverso. Não podemos começar com um futuro e prever as emoções e as reações humanas que o acompanhariam.

Cleon ficou frustrado. Seus lábios se contraíram.

– E o seu seminário? – perguntou. – É assim que você se refere a ele? Seminário? Qual é a utilidade dele?

– Era apenas uma demonstração matemática. Evidenciava um ponto de interesse para matemáticos. Não imaginei, em nenhum momento, que poderia ser útil de alguma maneira.

– Considero isso repulsivo – disse Cleon, irritado.

Seldon deu de ombros sutilmente. Mais do que nunca, sabia que não deveria ter apresentado seu seminário. O que aconteceria se Cleon decidisse que tinha sido intencionalmente iludido?

Cleon não parecia estar muito longe dessa conclusão.

– De qualquer maneira – prosseguiu o Imperador –, e se você fizesse algumas previsões do futuro? Justificadas matematicamente ou não. E se você fizesse certas previsões que oficiais do governo, cuja especialidade é saber o que o público provavelmente fará, considerem o tipo de previsão que trará reações úteis?

– Por que Vossa Majestade precisaria que eu fizesse isso? Os oficiais do governo poderiam fazer essas previsões por conta própria e poupar o intermediário.

– Os oficiais do governo não poderiam fazê-las com tanta eficácia. Na verdade, oficiais do governo fazem esse tipo de previsão ocasionalmente. Isso não significa que as pessoas acreditam nelas.

– E por que acreditariam em mim?

– Você é um matemático. Teria calculado o futuro, e não... não intuído o futuro, se é que existe essa palavra.

– Mas não seria verdade.

– E quem saberia disso? – Cleon observou Seldon com olhos semicerrados.

Houve um momento de silêncio. Seldon sentia-se em uma

armadilha. Era seguro recusar uma ordem direta do Imperador? Se ele recusasse, talvez fosse preso ou executado. Não sem um julgamento, claro, mas é uma grande dificuldade fazer um juri ir contra os desejos de uma estrutura governamental opressiva, especialmente uma estrutura sob o comando do Imperador do vasto Império Galáctico.

– Não daria certo – respondeu Seldon, finalmente.

– Por que não?

– Se minhas ordens fossem fazer previsões vagas e genéricas, que aconteceriam somente muito tempo depois que essa geração estivesse morta, e talvez depois da próxima também, poderia dar certo, mas, por outro lado, o público não prestaria atenção. Não se importariam com uma eventualidade positiva que aconteceria dali a um ou dois séculos. Para obter resultados, eu precisaria prever questões de consequências mais pronunciadas, eventualidades mais imediatas. Somente elas provocariam uma reação pública. Porém, mais cedo ou mais tarde, e provavelmente mais cedo, uma dessas eventualidades não se concretizaria, e minha utilidade se encerraria de imediato. Com isso, sua popularidade também poderia desaparecer e, pior ainda, não haveria mais nenhum apoio para o desenvolvimento da psico-história. Não haveria nenhuma chance de que ela viesse a oferecer benefícios, caso avanços em estudos matemáticos ajudem-na a se aproximar do campo da prática.

Cleon desabou em uma cadeira e franziu as sobrancelhas para Seldon.

– É só isso que vocês, matemáticos, sabem fazer? – perguntou. – Insistir em impossibilidades?

– É o senhor, Vossa Majestade – arriscou Seldon, com desesperada brandura –, que insiste em impossibilidades.

– Permita-me testá-lo, homem. Suponha que eu lhe peça para usar sua matemática para me dizer se serei, algum dia, assassinado. O que me diria?

– Meu sistema de cálculos não ofereceria uma resposta para uma pergunta tão específica, mesmo que a psico-história fosse trabalhada da melhor forma possível. Mesmo com toda a mecânica quântica do universo, é impossível prever o comportamento de um único elétron. Apenas o comportamento médio de muitos deles pode ser previsto.

– Você conhece seu sistema de cálculos melhor do que eu. Dê seu palpite acadêmico. Eu serei assassinado?

– Vossa Majestade me coloca em uma situação difícil – murmurou Seldon, gentilmente. – Diga-me a resposta que deseja ou garanta-me o direito de oferecer a resposta que eu quiser, sem punição.

– Responda como bem entender.

– Palavra de honra?

– Você quer por escrito? – perguntou Cleon, em tom sarcástico.

– Sua palavra de honra será suficiente – respondeu Seldon, com pesar, pois não tinha certeza do que acabara de dizer.

– Você tem minha palavra de honra.

– Então posso lhe dizer que, nos últimos quatro séculos, quase metade dos imperadores foi assassinada, o que me leva à conclusão de que as chances de o senhor ser assassinado são de aproximadamente 50%.

– Qualquer tolo pode me dar essa resposta – disse Cleon, com desprezo. – Não é preciso ser um matemático.

– Pois eu expliquei várias vezes que os meus cálculos são inúteis para problemas práticos.

– Você não pode nem supor que eu tenha aprendido as lições oferecidas pelos meus infelizes predecessores?

Seldon respirou fundo e falou sem censura.

– Não, Majestade. A história mostra que não aprendemos com as lições do passado. Por exemplo, o senhor permitiu que eu viesse até aqui, em uma audiência privada. E se meu objetivo fosse assassiná-lo? O que não é o caso, Majestade – acrescentou Seldon, rapidamente.

– Meu caro – Cleon sorriu, sem humor –, você não leva em consideração o nosso cuidado, tampouco nossos avanços tecnológicos. Estudamos o seu histórico, todo o seu passado. Quando você chegou, foi escaneado. Suas expressões e seus padrões vocais foram analisados. Conhecíamos detalhadamente seu estado emocional; sabíamos praticamente o que estava pensando. Se tivesse surgido a menor dúvida sobre sua inocuidade, você não teria tido permissão para chegar perto de mim. Na verdade, não estaria nem vivo.

Uma onda de enjoo dominou Seldon, mas ele continuou:

– Pessoas de fora sempre encontraram dificuldade para se aproximar do Imperador, mesmo quando a tecnologia era menos avançada. Entretanto, quase todos os assassinatos foram um golpe interno. São aqueles mais próximos que representam o maior perigo. Contra esse perigo, a análise cuidadosa de visitantes é irrelevante. E,

no que diz respeito a seus próprios oficiais, sua própria Guarda, o seu círculo íntimo, o senhor não pode tratá-los da mesma maneira que trata a mim.

– Também tenho consciência disso – concordou Cleon –, pelo menos tanto quanto você. A resposta é que trato aqueles próximos a mim com justiça e não ofereço nenhum motivo para ressentimento.

– Uma tolice... – começou Seldon, mas parou imediatamente, confuso.

– Continue – respondeu Cleon, irritado. – Dei-lhe permissão para falar abertamente. Qual é a tolice?

– A palavra escapou, Majestade. Eu ia dizer "irrelevância". A maneira como o senhor trata seu círculo mais íntimo é irrelevante. O senhor precisa desconfiar; seria desumano não fazê-lo. Uma palavra impensada, como a que falei, um gesto descuidado, uma expressão duvidosa, e o senhor precisa distanciar-se um pouco, com olhos atentos. E qualquer toque de suspeita inicia um círculo vicioso. A pessoa perceberá e se ressentirá da suspeita, e mudará seu padrão de comportamento, por mais que tente evitar. O senhor perceberá esse fato e terá ainda mais suspeita e, no final, essa pessoa é executada ou o senhor é assassinado. É um processo que se provou inevitável para os imperadores dos últimos quatro séculos, e apenas um dos sintomas da crescente dificuldade de conduzir as questões do Império.

– Portanto, nada que eu faça evitará um assassinato.

– Não, Majestade – concordou Seldon. – Mas, por outro lado, o senhor pode ser afortunado.

Os dedos de Cleon batiam no braço de sua cadeira.

– Você, homem, é inútil – acusou, secamente –, assim como essa sua psico-história. Vá embora.

E, com essas palavras, o Imperador olhou em outra direção, subitamente parecendo muito mais velho do que os seus trinta e dois anos.

– Eu avisei que minha matemática seria inútil para o senhor, Majestade. Minhas sinceras desculpas.

Seldon tentou curvar-se respeitosamente, mas, depois de um sinal que ele não viu, dois guardas entraram e o levaram embora. A voz de Cleon soou atrás dele, vinda da câmara real:

– Levem este homem de volta ao lugar de onde foi tirado.

4

Eto Demerzel aproximou-se do Imperador com leve – e esperada – deferência.

– Majestade, o senhor quase perdeu a paciência.

Cleon olhou para ele e, com visível esforço, conseguiu sorrir.

– Como poderia ter sido diferente? O homem foi uma grande decepção.

– Mas ele não prometeu nada além do que ofereceu.

– Ele não ofereceu nada.

– E não prometeu nada, Majestade.

– Foi uma decepção.

– Mais do que uma decepção, talvez – ponderou Demerzel. – Aquele homem é um canhão solto no convés, Majestade.

– Um o *quê*, Demerzel? Você está sempre cheio de expressões bizarras. O que é um canhão?

– É apenas uma expressão que ouvi em minha juventude, Majestade – respondeu Demerzel, com seriedade. – O Império está cheio de expressões inusitadas. Algumas são desconhecidas em Trantor, assim como as de Trantor são, às vezes, desconhecidas em outros lugares.

– Veio instruir-me sobre a vastidão do Império? O que quis dizer ao afirmar que aquele homem é um canhão solto no convés?

– Apenas que ele pode causar muitos danos, não necessariamente com a intenção de fazê-lo. Ele não conhece a própria força. Ou a própria importância.

– Você concluiu isso, foi, Demerzel?

– Sim, Majestade. Ele é um provinciano. Não conhece Trantor e seus meandros. Nunca tinha estado em nosso planeta e não tem a capacidade de se comportar como um homem bem-nascido, como um membro da corte. Ainda assim, enfrentou Vossa Majestade.

– E por que não o faria? Dei-lhe permissão para falar. Ignorei a cerimônia. Tratei-o com igualdade.

– Não totalmente, Majestade. Tratar os outros com igualdade não é uma característica intrínseca de Vossa Majestade. O senhor tem o hábito da autoridade. E, mesmo que tente deixar uma pessoa à vontade, poucos conseguiriam fazê-lo. A maioria ficaria sem fala ou, pior, seria subserviente e bajuladora. Aquele homem enfrentou o senhor.

– Pois você talvez admire isso, Demerzel, mas eu não gostei dele – Cleon estava descontente e pensativo. – Reparou como ele não fez nenhum esforço para explicar seu sistema de cálculos? Era como se ele achasse que eu não entenderia uma palavra.

– E o senhor não entenderia mesmo... Vossa Majestade não é um matemático, nem um cientista, nem um artista. Existem muitas áreas do conhecimento sobre as quais outros conhecem mais do que o senhor. É obrigação dessas pessoas usar tais conhecimentos para servi-lo. Vossa Majestade é o Imperador, o que vale por todas essas especializações juntas.

– Será mesmo? Eu não me importaria em ser levado a me sentir ignorante por um velhote que acumulou conhecimentos durante muitos anos. Mas esse homem, esse Seldon, tem apenas a minha idade. Como pode saber tanto?

– Ele não precisou aprender o costume de comandar, a arte de tomar uma decisão que afeta a vida dos outros.

– Às vezes, Demerzel, tenho a sensação de que você está caçoando de mim.

– Majestade? – perguntou Demerzel, melindrado.

– Esqueça. Voltemos a esse seu canhão solto. Por que você o considera perigoso? Em minha opinião, ele parece um provinciano ingênuo.

– E é. Mas tem aquela teoria matemática.

– Ele diz que é inútil.

– Vossa Majestade acreditou que poderia ser útil. Depois que o senhor explicou para mim, também acreditei. Outros talvez pensem o mesmo. O próprio matemático pode chegar a essa conclusão, agora que sua mente se concentrou nisso. E, quem sabe, ele talvez descubra alguma maneira de torná-la útil. Ter a capacidade de prever o futuro, por mais vaga que seja a previsão, é algo que garante uma posição de imenso poder. Mesmo que ele não deseje esse poder para si mesmo, um tipo de autonegação que sempre me pareceu improvável, talvez seja usado por outros.

– Eu tentei usá-lo. Ele não aceitou.

– Ele não pensou direito. Talvez agora pense. E, se ele não teve interesse em ser usado por Vossa Majestade, será que não poderia ser persuadido por alguém como, digamos, o prefeito de Wye?

– Por que ele se disporia a ajudar Wye e não a nós?

– Como ele mesmo explicou, é difícil prever as emoções e os comportamentos de indivíduos.

Cleon ficou carrancudo, imerso em seus pensamentos.

– Você acredita mesmo que ele possa desenvolver aquela tal de psico-história a ponto de ela se tornar genuinamente útil? – perguntou. – Ele parece tão certo de que é impossível...

– Com o tempo, ele talvez decida que estava errado ao negar essa possibilidade.

– Então suponho que eu deveria tê-lo mantido aqui.

– Não, Majestade – disse Demerzel. – Sua reação de mandá-lo embora foi correta. Aprisionamento, por mais disfarçado que seja, causaria ressentimento e desespero, o que não ajudaria Seldon a aprofundar suas teorias ou, tampouco, o deixaria mais disposto a nos ajudar. Melhor deixá-lo ir, como o senhor fez, mas mantê-lo para sempre em uma coleira invisível. Dessa forma, podemos garantir que ele não seja usado por um inimigo de Vossa Majestade e podemos garantir que, quando chegar o momento certo e ele tiver desenvolvido plenamente sua ciência, puxaremos a coleira e o traremos até nós. E, então, poderemos ser mais... convincentes.

– Mas e se ele for *de fato* assimilado por um de meus inimigos, ou melhor, por um inimigo do Império, já que, afinal, eu *sou* o Império? E se ele decidir servir um inimigo por livre e espontânea vontade? Não considero essas coisas fora de questão.

– E não deveria, senhor. Farei de tudo para que essas coisas não aconteçam. Entretanto, caso meu esforço não seja suficiente, é melhor que ninguém possa tê-lo do que ele cair em mãos erradas.

Cleon ficou desconfortável.

– Deixarei essa questão em suas mãos, Demerzel, mas espero que não façamos nada precipitado. Afinal, ele pode não ser nada além de um defensor de uma ciência teórica que não funciona e que nunca funcionará.

– É bem possível, Majestade, mas seria mais seguro supor que aquele homem é, ou será, importante. Perderemos apenas um pouco de tempo, e nada mais, se descobrirmos que se trata de uma pessoa sem importância. Corremos o risco de perder toda uma Galáxia se acabarmos por ignorar alguém de grande importância.

– Pois bem – respondeu Cleon –, mas espero não precisar saber dos detalhes, se eles acabarem sendo desagradáveis.

– Vamos torcer para que não seja o caso – murmurou Demerzel.

5

Seldon teve uma tarde, uma noite e parte de uma manhã para se recuperar da audiência com o Imperador – ou, pelo menos, a iluminação nas passarelas, e nos corredores móveis, praças e parques do Setor Imperial de Trantor fez parecer que uma tarde, uma noite e parte de uma manhã tinham passado.

Agora ele estava em um pequeno parque, acomodado em um pequeno assento plástico que se moldava perfeitamente aos contornos do seu corpo, deixando-o confortável. A julgar pela luz, parecia ser o meio da manhã, e o ar estava frio o suficiente para parecer fresco, mas sem provocar o menor arrepio.

Será que era daquele jeito o tempo todo? Ele pensou no dia cinzento da área aberta quando tinha chegado para ver o Imperador. E pensou em todos os dias cinzentos, e frios, e quentes, e chuvosos e com neve em Helicon, seu planeta natal, e se perguntou se era possível sentir falta deles. Será que era possível sentar-se em um parque de Trantor, com clima ideal dia após dia – a ponto de parecer que você não estava cercado por nada – e acabar sentindo falta de ventanias assombrosas, frio intenso ou umidade sufocante?

Talvez. Mas não no primeiro dia, nem no segundo e nem no sétimo. Ele teria apenas mais aquele dia; iria embora no dia seguinte. Queria aproveitar enquanto podia. Afinal, talvez nunca voltasse a Trantor.

Ainda assim, continuava a se sentir desconfortável por ter falado de forma tão aberta com um homem que podia, quando bem entendesse, dar voz de prisão ou execução – ou, pelo menos, causar sua morte social e econômica, por meio de rebaixamento de posição e *status*.

Na noite anterior, Seldon pesquisara sobre Cleon I na enciclopédia do computador do seu quarto de hotel. O Imperador era descrito com louvores, como certamente tinha ocorrido com os imperadores anteriores na época de seus governos, independentemente de seus feitos. Seldon desprezou a descrição, mas interessou-se pelo fato de Cleon ter nascido no palácio e nunca ter saído dele. Nunca estivera em outros lugares, nem mesmo em qualquer parte dos múltiplos domos de Trantor. Talvez fosse uma questão de segurança, mas isso significava

que Cleon I era um prisioneiro, estivesse disposto a admitir tal fato ou não. Podia ser a prisão mais luxuosa da Galáxia, mas, ainda assim, era uma prisão.

E, mesmo que o Imperador tivesse se mostrado aprazível, sem nenhum sinal de inclinações como as de muitos predecessores – autocratas sedentos de sangue –, não era vantajoso ter chamado sua atenção. Seldon gostava da noção de que ia embora para Helicon no dia seguinte, mesmo com o inverno (e um inverno deveras rigoroso) que o aguardava em casa.

Ele olhou para cima, para a luz difusa. Ali nunca chovia, mas a atmosfera estava longe de ser seca. Uma fonte esguichava água a certa distância; as plantas eram verdes e provavelmente nunca tinham experimentado estiagem. De vez em quando, os arbustos sacudiam, como se pequenos animais estivessem escondidos sob a folhagem. Ele ouvia o zumbido de abelhas.

Mesmo que Trantor fosse considerado, pela Galáxia, um mundo artificial de metal e cerâmica, o planeta parecia, naquela pequena área, genuinamente campestre.

Havia outras pessoas apreciando o parque, todas usando chapéus leves, alguns deles bem pequenos. Uma jovem e bela moça estava por perto, mas Seldon não conseguia ver seu rosto claramente, pois ela se debruçava sobre um visualizador. Um homem passou, olhou para ele por um instante, sem curiosidade, e então se sentou à sua frente. Em seguida, mergulhou em uma pilha de teleimpressões cruzando as pernas, em uma calça rosa apertada.

Estranhamente, as vestimentas masculinas seguiam uma tendência de tons pastel, enquanto as mulheres usavam mais branco. Em um ambiente tão limpo, fazia sentido usar cores claras. Seldon, achando graça, observou as próprias roupas heliconianas, de um onipresente e monótono marrom. Se fosse ficar em Trantor – o que não aconteceria –, precisaria comprar roupas mais adequadas, ou acabaria se tornando um alvo de curiosidade, escárnio ou repulsa. O homem com as teleimpressões, por exemplo, olhou para ele de novo, dessa vez com mais atenção, certamente intrigado com suas roupas alienígenas.

O homem não riu, o que deixou Seldon aliviado. Ele podia admitir ser objeto de sátira com serenidade, mas isso não significava que deveria gostar daquilo.

Discretamente, Seldon observou o homem, que parecia enfrentar

um dilema. Em um instante, ele parecia disposto a iniciar uma conversa, mas mudava de ideia, e então mudava de novo. Seldon imaginou o que aconteceria em seguida.

Estudou o homem. Era alto, com ombros largos e nenhum sinal de barriga, cabelos escuros, mas com tons de loiro, barba feita, ar solene, uma aparência de força, mesmo sem músculos acentuados. Um rosto com um toque de aspereza – agradável, mas nada que pudesse ser considerado “bonito”.

Quando o homem perdeu a discussão consigo mesmo (ou ganhou, talvez) e se inclinou em sua direção, Seldon tinha decidido que gostava dele.

– Com licença – disse o homem –, você estava na Convenção Decenal? De matemáticos?

– Sim, eu estava – respondeu Seldon, simpático.

– Ah, achei ter visto você por lá. Desculpe-me, foi esse momento de reconhecimento que me fez sentar aqui. Se eu estiver incomodando sua privacidade...

– De jeito nenhum. Estou apenas desfrutando de um momento ocioso.

– Vejamos o quão perto consigo chegar. Você é o professor *Seudon*?

– Seldon. Hari Seldon. Chegou bem perto. E você?

– Chetter Hummin – o homem parecia levemente constrangido. – Um nome nada sofisticado, infelizmente.

– Nunca conheci nenhum Chetter – disse Seldon – e nenhum Hummin. Eu diria que isso faz você ser um tanto único. Poderíamos dizer que é melhor do que ser confundido com os inúmeros Haris que existem por aí. E Seldons também.

Seldon moveu sua cadeira para se aproximar de Hummin, arrastando-a pelas lajotas ceramoides levemente emborrachadas.

– Por falar em falta de sofisticação – continuou –, e essas roupas estrangeiras que estou usando? Não me ocorreu que eu deveria ter arranjado roupas trantorianas.

– Você pode comprar algumas – sugeriu Hummin, observando Seldon com reprovação velada.

– Vou embora amanhã e, além disso, não teria dinheiro para tanto. Os matemáticos às vezes lidam com grandes números, mas não no que diz respeito a salário. Imagino que você também seja um matemático, Hummin.

– Não. Talento zero nessa área.

– Oh – decepcionou-se Seldon. – Mas você disse que me viu na Convenção.

– Fui como observador. Sou jornalista – ele mostrou suas teleimpressões, pareceu subitamente consciente de que as estava segurando e então as enfiou em um grande bolso em seu casaco. – Escrevo as pautas para holotransmissões jornalísticas. Na verdade – acrescentou, pensativo –, estou bem cansado disso.

– Deste trabalho?

Hummin concordou com a cabeça.

– Estou cansado de compilar todas as besteiras de todos os planetas – disse. – Detesto a espiral de decadência. Mas, às vezes – olhou especulativamente para Seldon –, surge alguma coisa interessante. Ouvi dizer que você foi visto na companhia de um Guarda Imperial, seguindo para o portão do palácio. Você, por acaso, teve uma audiência com o Imperador?

O sorriso sumiu do rosto de Seldon.

– Se tive – respondeu, cuidadosamente –, não seria um assunto sobre o qual eu poderia ceder uma entrevista para publicação.

– Não, não, Seldon, nada de publicação. Se você ainda não sabe, permita-me ser o primeiro a dizer-lhe. A regra número um do jornalismo é que *nada* é dito sobre o Imperador ou sobre sua comitiva, com exceção do que é divulgado oficialmente. É um equívoco, claro, pois boatos muito piores do que a verdade se multiplicam, mas é assim que funciona.

– Mas, se você não pode escrever sobre isso, por que pergunta?

– Curiosidade pessoal. Acredite em mim, na minha profissão, sei muito mais do que o que vai para o ar. Deixe-me adivinhar. Não acompanhei o seu seminário, mas me informei e sei que você falou sobre a possibilidade de prever o futuro.

– Foi um erro – murmurou Seldon, fazendo um gesto negativo com a cabeça.

– O que disse?

– Esqueça.

– Previsões (previsões confiáveis) despertariam o interesse do Imperador, ou de qualquer homem do governo, então suponho que Cleon, Primeiro desse Nome, quis saber sobre isso e pediu encarecidamente que você fizesse algumas previsões.

– Não pretendo discutir isso – respondeu Seldon, rígido.

Hummin deu de ombros discretamente.

– Imagino que Eto Demerzel estava com vocês – arriscou.

– Quem?

– Você nunca ouviu falar de Eto Demerzel?

– Nunca.

– O *alter ego* de Cleon, o cérebro de Cleon, o espírito maligno de Cleon. Ele já foi chamado de tudo isso… se ficarmos nos termos não vulgares. Ele deveria estar presente.

Seldon pareceu confuso.

– Você talvez não o tenha visto – explicou Hummin –, mas ele estava lá. E, se ele acha que você pode prever o futuro…

– Eu não posso prever o futuro – respondeu Seldon, negando vigorosamente com a cabeça. – Se você tivesse visto meu seminário, saberia que falei apenas de uma possibilidade teórica.

– Não faz diferença. Se ele *acha* que você pode prever o futuro, não o deixará livre.

– Pois deve ter deixado. Aqui estou eu.

– Isso não significa nada. Ele sabe onde você está, e sempre saberá. E, quando quiser você, irá buscá-lo, onde quer que seja. E se decidir que você é útil, arrancará a utilidade de você. E se decidir que você é perigoso, arrancará sua vida de você.

Seldon encarou Hummin.

– O que está tentando fazer? – perguntou. – Me assustar?

– Estou tentando avisá-lo.

– Não acredito no que você está dizendo.

– Não mesmo? Há pouco, você disse que alguma coisa foi um erro. Estava pensando que apresentar o seminário foi um erro e que isso o estava envolvendo no tipo de confusão que quer evitar?

Seldon mordeu seu lábio inferior, inquieto. Aquilo era uma dedução que se aproximava demais da verdade – e, naquele instante, Seldon percebeu a presença de intrusos.

Eles não projetavam sombras, pois a luz era suave e difusa. Foi apenas um movimento que passou pelo canto do olho de Seldon – e parou.

FUGA

——— Trantor...

A capital do Primeiro Império Galáctico... Sob o reinado de Cleon I, teve seu “brilho crepuscular”. Aparentava estar em seu auge, na época. Sua superfície terrestre de duzentos milhões de quilômetros quadrados era totalmente coberta por domos (com exceção das imediações do Palácio Imperial) e havia uma infinita cidade subterrânea que se estendia sob as plataformas continentais. A população era de quarenta bilhões e, mesmo que os sinais de que problemas se acumulavam fossem abundantes (e claramente visíveis, em retrospecto), aqueles que viviam em Trantor ainda o consideravam o Mundo Eterno das lendas, e jamais esperariam o que iria...

Enciclopédia Galáctica

6

SELDON ERGUEU A CABEÇA. Um homem jovem estava à sua frente, observando-o com uma expressão de desprezo insolente. Perto dele estava outro, talvez um pouco mais jovem do que o primeiro. Ambos eram corpulentos e pareciam ser fortes.

Seldon concluiu que eles deveriam estar vestidos com o extremo da moda trantoriana – cores fortes e destoantes, cintos largos e com franjas, chapéus redondos com abas largas e decorados com fitas rosadas que desciam pela nuca.

Para os olhos de Seldon, aquelas roupas eram divertidas, e ele sorriu.

– Do que você está rindo, esquisitão? – vociferou o homem à sua frente.

Seldon ignorou a forma grosseira como ele falava e respondeu:

– Peço que perdoe meu sorriso. Eu estava apenas apreciando suas roupas.

– Minhas roupas? Mesmo? E o que *você* está usando? O que são esses trapos medonhos que você chama de roupas?

O homem estendeu a mão e usou um dedo para bater na lapela do casaco de Seldon – um casaco vergonhosamente pesado e insípido em comparação às cores leves dos outros, pensou o próprio Seldon.

– Receio que essas sejam minhas roupas de Estrangeiro – disse. – São tudo o que tenho.

Ele não pôde deixar de notar que as poucas pessoas sentadas pelo parque estavam se levantando e indo embora. Era como se esperassem algum tipo de confusão e não quisessem permanecer por perto. Seldon não sabia dizer se seu novo amigo, Hummin, também estava indo embora, mas achou imprudente tirar os olhos do rapaz que o confrontava. Ele se reclinou de leve na cadeira.

– Você veio de outro planeta? – perguntou o homem.

– Sim. Consequentemente, essas são minhas roupas.

– Consequentemente? Que tipo de palavra é essa? Palavra de outro

planeta?

– O que quis dizer foi que esse é o motivo de minhas roupas parecerem peculiares para você. Sou um visitante aqui.

– De qual planeta?

– Helicon.

– Nunca ouvi falar – o homem franziu as sobrancelhas.

– Não é um planeta grande.

– Por que você não volta para lá?

– Pretendo voltar. Vou embora amanhã.

– Antes. Agora!

O homem olhou para seu parceiro. Seldon acompanhou o olhar e vislumbrou Hummin. *Ele* não tinha ido embora, mas agora, exceto por Seldon, Hummin e os dois homens, o parque estava vazio.

– Pensei em aproveitar o dia para fazer turismo – disse Seldon.

– Não. Você não vai fazer isso. Você vai para casa agora.

– Lamento – sorriu Seldon. – Não vou.

– Marbie – o homem disse para seu parceiro –, você gosta das roupas dele?

– Não – Marbie abriu a boca pela primeira vez. – São nojentas. Dão náuseas.

– Não podemos deixá-lo por aí dando náuseas, Marbie. Não é bom para a saúde das pessoas.

– Não, não mesmo, Alem – concordou Marbie.

– Puxa vida – sorriu Alem. – Você ouviu o que Marbie disse.

– Escutem, vocês dois – foi a vez de Hummin falar. – Alem, Marbie, quaisquer que sejam seus nomes. Vocês já se divertiram. Por que não vão embora?

Alem, que estivera ligeiramente inclinado sobre Seldon, ajeitou a postura e se virou.

– Quem é você? – perguntou.

– Não é da sua conta – retrucou Hummin.

– Você é trantoriano? – perguntou Alem.

– Também não é da sua conta.

– Você está com roupas trantorianas – Alem franziu o cenho. – Não damos a mínima para você. Então, não venha procurar problemas.

– Eu ficarei aqui. Isso significa que somos dois. Dois contra dois não parece ser o tipo de briga de que vocês gostam. Por que não vão buscar alguns amigos para que possam nos enfrentar?

– Hummin – murmurou Seldon –, acredito que seria melhor você ir embora enquanto pode. É gentil de sua parte tentar me proteger, mas não quero que saia machucado.

– Eles não são pessoas perigosas, Seldon. São apenas uns lacaios que não valem nada.

– Lacaios! – a palavra enfureceu Alem, e Seldon pensou que ela deveria ser mais ofensiva em Trantor do que era em Helicon. – É o seguinte, Marbie – rugiu o homem. – Você acaba com aquele filho de um lacaio e eu vou retalhar as roupas desse Seldon. É ele que queremos. Agora!

As mãos de Alem lançaram-se rapidamente sobre Seldon para segurar suas lapelas e levantá-lo. Ainda sentado, Seldon instintivamente se jogou para trás e sua cadeira se inclinou. Ele segurou as mãos esticadas de Alem, seus pés se ergueram e a cadeira caiu para trás.

De alguma maneira, Alem voou em um arco, virando-se no ar e caindo, com força, sobre seu pescoço e as costas, atrás de Seldon.

Seldon girou assim que sua cadeira caiu e ficou rapidamente em pé. Olhou para Alem e virou-se para procurar por Marbie.

Alem permaneceu imóvel no chão, seu rosto contorcido em agonia. Estava com os dois polegares machucados, uma dor lancinante na virilha e com a coluna severamente fragilizada.

O braço esquerdo de Hummin segurava a nuca de Marbie, e seu braço direito puxava o braço direito do outro para trás, em um ângulo cruel. O rosto de Marbie ficava cada vez mais vermelho conforme ele se esforçava para respirar, sem muito sucesso. Havia uma faca, com sua pequena lâmina de laser, caída no chão perto deles.

Hummin diminuiu um pouco a força de seu golpe e disse, com um ar de preocupação honesta:

– Você machucou seriamente aquele ali.

– Receio que sim – respondeu Seldon. – Se ele tivesse caído de um jeito ligeiramente diferente, poderia ter quebrado o pescoço.

– Que tipo de matemático é você? – perguntou Hummin.

– Um matemático heliconiano. – Ele se curvou para pegar a faca e, depois de examiná-la, observou: – Repulsiva e mortífera.

– Uma lâmina comum teria cumprido a função sem precisar de uma fonte de energia – comentou Hummin. – Mas vamos deixar esses dois irem. Duvido que queiram continuar.

Ele soltou Marbie, que esfregou o ombro e, em seguida, o pescoço. Ofegante, olhou para os dois homens com ódio.

– Melhor vocês dois saírem daqui – sugeriu Hummin, secamente. – Senão, prestaremos queixa por agressão e tentativa de homicídio. Essa faca pode certamente ser usada para rastreá-los.

Seldon e Hummin observaram Marbie ajudando Alem a se levantar e deixou que ele se apoiasse em seu ombro para que fossem embora, Alem ainda reclinado por causa da dor. Os dois olharam para trás uma ou duas vezes, mas Seldon e Hummin não esboçaram nenhuma reação.

Seldon estendeu a mão para cumprimentar Hummin.

– Como posso agradecê-lo por ajudar um estranho em uma briga contra dois agressores? – perguntou. – Duvido que eu teria conseguido lidar com eles por conta própria.

Hummin ergueu as mãos, em reprovação.

– Eu não tive medo daqueles dois – disse. – São apenas uns delinquentes de rua. Tudo o que precisei fazer foi colocar as mãos neles... e as suas também, claro.

– Seu golpe imobilizador é bem efetivo – comentou Seldon.

– O seu também – Hummin deu de ombros. – Vamos, melhor irmos embora daqui – continuou, sem mudar o tom da voz. – Estamos perdendo tempo.

– Por que precisamos sair daqui? – perguntou Seldon. – Você receia que aqueles dois voltem?

– Eles não voltarão, de jeito nenhum. Mas algumas daquelas corajosas pessoas que rapidamente deixaram o parque, ansiosas para se pouparem de testemunhar uma situação desagradável, talvez tenham chamado a polícia.

– Sem problemas. Temos os nomes dos marginais. E podemos descrevê-los com bastante precisão.

– Descrevê-los? Por que a polícia se interessaria por eles?

– Eles cometeram agressão...

– Não seja tolo. Não temos nenhum arranhão. Eles saíram daqui praticamente precisando de internação, especialmente Alem. *Nós* seremos os acusados.

– Mas isso é impossível. Aquelas pessoas foram testemunhas de que...

– Ninguém será chamado para dar depoimento. Seldon, entenda

uma coisa. Aqueles dois vieram atrás de você. Especificamente de *você*. Foram informados de que você estaria usando roupas heliconianas, e a descrição de sua aparência deve ter sido detalhada. Talvez tenham até visto um holograma. Tenho suspeitas de que eles foram enviados pelas pessoas que comandam a polícia. Então, não vamos perder mais tempo.

Hummin caminhou rapidamente, sua mão segurando o antebraço de Seldon. Seldon não conseguiu se desvencilhar e, sentindo-se como uma criança nas mãos de uma enfermeira decidida, acompanhou-o.

Eles entraram em uma galeria e, antes que os olhos de Seldon se acostumassem com a tênue iluminação, ouviram o som estridente de freios de carros terrestres.

– Eles já chegaram – murmurou Hummin. – Mais rápido, Seldon!

Eles saltaram para as vias locais e se misturaram à multidão.

7

Seldon tentara persuadir Hummin a levá-lo até o hotel onde estava hospedado, mas Hummin não cogitava tal possibilidade.

– Está louco? – perguntou, em voz baixa. – Eles estarão lá, esperando por você.

– Mas todos os meus pertences estão lá, também esperando por mim.

– E terão de esperar mais.

Estavam em um pequeno aposento num agradável condomínio que poderia ser em qualquer lugar, pelo que Seldon podia constatar. Observou o apartamento com um único cômodo. A maior parte do espaço era dominada por uma escrivaninha, uma cadeira e conexões para ligar um computador. Não havia nenhuma instalação para refeições ou para higiene pessoal – Hummin indicara um Privativo no final do corredor. Alguém entrou no banheiro antes de Seldon sair, lançou um breve e curioso olhar para suas roupas, e não para o próprio Seldon, e então desviou o olhar.

– Precisamos nos livrar das suas roupas – declarou Hummin, fazendo um gesto negativo com a cabeça, quando Seldon lhe contou o que tinha acontecido. – Pena que Helicon esteja tão fora de moda...

– Quanto disso tudo pode ser apenas a sua imaginação, Hummin? –

interrompeu Seldon, sem paciência. – Você me convenceu parcialmente, mas isso pode ser apenas um tipo de... de...

– A palavra que você está procurando seria "paranoia"?

– Sim, sim, isso mesmo. Isso pode ser algum tipo de ideia paranoica sua.

– Pense por um momento, está bem? – respondeu Hummin. – Não posso dar uma explicação matemática, mas você esteve com o Imperador. Não tente negar. Ele queria algo de você e você não cedeu. Não tente negar isso também. Imagino que ele queira detalhes sobre o futuro, e você recusou. Talvez Demerzel acredite que você esteja apenas fingindo não saber os detalhes, que você espera por uma oferta mais alta ou que existam ofertas vindas de outras fontes. Quem poderia saber? Eu lhe disse que, se Demerzel quiser você, ele o encontrará, onde quer que você esteja. Eu lhe disse isso antes de aqueles dois estúpidos aparecerem. Sou jornalista *e* trantoriano. Sei como essas coisas funcionam. Em determinado momento, Alem disse "É ele que queremos". Lembra-se?

– Por acaso, lembro sim – disse Seldon.

– Para ele, eu era apenas o "filho de um lacaio" que deveria ser mantido a distância enquanto ele se ocupava com o objetivo verdadeiro: atacar você.

Hummin sentou-se na cadeira e apontou para a cama.

– Estique-se, Seldon – continuou. – Fique à vontade. Quem mandou aqueles dois (e deve ter sido Demerzel, em minha opinião) pode mandar outros. Portanto, precisamos nos livrar dessas suas roupas. Qualquer outro heliconiano neste setor que seja flagrado em trajes de sua terra natal terá problemas até conseguir provar que não é você.

– Oh, deixe disso.

– Estou falando sério. Você deve tirar essas roupas e devemos desintegrá-las, se conseguirmos nos aproximar de uma unidade desintegradora sem sermos vistos. E, antes de podermos fazer isso, precisarei buscar roupas trantorianas para você. Você é menor do que eu e levarei isso em consideração. Não fará muita diferença se o tamanho não for o...

– Não tenho créditos para pagar por elas – Seldon negou com a cabeça. – Não aqui. Os créditos que tenho, e não são muitos, estão no meu cofre no hotel.

– Pensaremos nessa questão em outro momento. Você precisará

ficar aqui por uma ou duas horas, enquanto saio para procurar as roupas necessárias.

Seldon abriu as mãos em um gesto de resignação e suspirou.

– Certo – anuiu. – Se é assim tão importante, eu fico.

– Não tentará voltar para o hotel? Palavra de honra?

– Minha palavra de matemático. Mas estou realmente constrangido por todos os problemas que estou lhe causando. Sem falar nas despesas. Afinal, independentemente do que acha sobre Demerzel, aqueles dois não pareciam dispostos a me machucar ou a me levar embora. Tudo o que ameaçaram fazer foi acabar com as minhas roupas.

– Não foi apenas isso. Eles iam levá-lo até o espaçoporto e colocá-lo em uma hipernave para Helicon.

– Foi uma ameaça sem cabimento, não precisava ser levada a sério.

– Por que não?

– Eu vou para Helicon. Foi o que disse a eles. Vou amanhã.

– Ainda planeja ir amanhã? – perguntou Hummin.

– Certamente. Por que não?

– Existem razões gigantescas para não ir.

– Deixe disso, Hummin – Seldon sentiu uma raiva repentina. – Não posso mais participar desse jogo. Não tenho mais o que fazer aqui e quero ir para casa. Minhas passagens estão no quarto do hotel. Senão, eu tentaria trocá-las por uma viagem para hoje mesmo. Estou falando sério.

– Você não pode voltar para Helicon.

– Por que não? – Seldon enrubesceu, furioso. – Eles estão me esperando lá, também?

Hummin concordou com a cabeça.

– Não se exalte, Seldon – respondeu. – Eles estão esperando lá, *também*. Escute-me. Se você for para Helicon, é o mesmo que se entregar a Demerzel. Helicon é um território imperial sólido e seguro. Já houve rebelião em Helicon? Seu planeta alguma vez se posicionou atrás de um estandarte Anti-Imperador?

– Não, nunca, e por bons motivos. É cercado por planetas maiores. Depende da paz imperial para ficar em segurança.

– Exatamente! Assim sendo, as forças imperiais em Helicon podem contar com a cooperação irrestrita do governo local. Você estaria sob vigilância constante. Em qualquer momento que Demerzel quisesse,

ele poderia capturá-lo. E se eu não estivesse avisando você neste momento, você não saberia disso e trabalharia abertamente, com uma sensação falsa de segurança.

– Isso é ridículo. Se ele me quisesse em Helicon, por que simplesmente não me deixou em paz? Eu iria para lá amanhã. Por que ele mandaria aqueles dois delinquentes para adiantar minha ida em apenas algumas horas e arriscar deixar-me na defensiva?

– Por que ele acharia que você ficaria na defensiva? Ele não sabia que eu estaria com você, envolvendo-o no que você chama de paranoia.

– Mesmo sem a questão da defensiva, por que toda a confusão para adiantar minha ida em algumas horas?

– Talvez porque ele receasse que você mudasse de ideia.

– E ir para onde, senão para casa? Se ele pode me capturar em Helicon, pode me capturar em qualquer lugar. Pode me capturar até em... em Anacreon, a uma boa dezena de parsecs de distância, se a ideia de ir para lá entrar na minha cabeça. Distância não significa nada para naves hiperespaciais. Mesmo que eu encontre um mundo que não seja tão subserviente às forças do Império quanto Helicon, qual mundo está em plena rebelião? O Império está em paz. Mesmo partindo do pressuposto de que ainda existam planetas ressentidos com injustiças do passado, nenhum deles desafiará as Forças Armadas do Império para me proteger. Além disso, em qualquer lugar que não seja Helicon, não serei cidadão local e não haverá nem a questão de princípio para me ajudar a manter o Império a distância.

Hummin ouviu pacientemente, concordando discretamente com a cabeça, mas com a expressão séria e imperturbável de sempre.

– Você está certo em seu raciocínio – disse –, mas existe um mundo que não está verdadeiramente sob o controle de Cleon I. Talvez seja isso que esteja perturbando Demerzel.

Seldon pensou por um momento, repassando a história recente. Descobriu-se incapaz de apontar um mundo em que as forças imperiais fossem impotentes.

– De qual mundo está falando? – perguntou, finalmente.

– Você está nele – respondeu Hummin –, e imagino que seja por isso que a questão é tão perigosa, do ponto de vista de Demerzel. Ele não está ansioso para que você volte para Helicon, e sim ansioso para que você saia de Trantor antes que lhe ocorra ficar por qualquer

motivo, mesmo que seja turístico.

Os dois ficaram em silêncio por um momento.

– Trantor! – exclamou Seldon, sardonicamente. – A capital do Império, com o quartel-general da frota em uma estação espacial na sua órbita, com as melhores unidades do exército instaladas em quartéis na superfície. Se você acredita que *Trantor* é o planeta seguro, está indo da paranoia para o delírio completo.

– Não! Você é um Estrangeiro, Seldon. Não sabe como Trantor funciona. São quarenta bilhões de pessoas. Existem poucos mundos com até mesmo um décimo dessa população. Tem uma complexidade cultural e tecnológica inimaginável. Estamos agora no Setor Imperial, com o mais alto padrão de vida da Galáxia e habitado somente por funcionários do Império. Entretanto, existem mais de oitocentos setores no restante do planeta, alguns deles com subculturas totalmente diferentes da que temos aqui e quase todos intocáveis pelas forças imperiais.

– Por que intocáveis?

– O Império não pode exercer força contra Trantor. Caso exercesse, provavelmente abalaria uma ou outra faceta tecnológica da qual o planeta inteiro depende. A tecnologia é tão interconectada que arrebentar uma das ligações incapacitaria o todo. Acredite em mim, Seldon. Nós, em Trantor, observamos o que acontece quando um terremoto não é devidamente amortecido, uma erupção vulcânica que não é extravasada a tempo, uma tempestade que não é desarmada ou até um erro humano que passa despercebido. O planeta oscila, e nenhum esforço é poupado para se recuperar o equilíbrio imediatamente.

– Nunca ouvi falar nisso.

– Claro que não. – Um pequeno sorriso lampejou no rosto de Hummin. – Você quer que o Império divulgue a fraqueza que existe em seu núcleo? Mas sou um jornalista e sei o que se passa, mesmo quando os Outros Mundos não sabem, mesmo quando a maior parte de Trantor não sabe, mesmo quando a pressão imperial tem interesse em encobrir acontecimentos. Acredite em mim! Mesmo que você não saiba, o Imperador sabe (e Eto Demerzel também sabe) que perturbar Trantor pode destruir o Império.

– Então você sugere que eu fique em Trantor por esse motivo?

– Sim. Posso levá-lo a um lugar em Trantor em que você ficará

totalmente protegido de Demerzel. Não precisará mudar de nome, poderá trabalhar de maneira totalmente aberta, e ele não poderá tocá-lo. Foi por isso que ele queria forçá-lo a sair de Trantor imediatamente e, se não fosse pelo golpe do destino que nos aproximou e pela sua surpreendente capacidade de se defender, ele teria conseguido.

– Mas por quanto tempo precisarei ficar em Trantor?

– Pelo tempo que for necessário para sua segurança, Seldon. Talvez pelo resto de sua vida.

8

Hari Seldon olhou para a própria imagem holográfica exibida pelo projetor de Hummin, que era mais útil e mais dramático do que um espelho. Parecia haver dois Hari Seldons no cômodo.

Seldon analisou a manga de sua nova túnica. Seu perfil heliconiano preferiria cores menos vibrantes, mas ele estava grato pelo fato de Hummin ter escolhido cores relativamente mais suaves do que as costumeiras naquele mundo. (Seldon lembrou-se das roupas usadas pelos dois agressores e estremeceu.)

– E imagino que precisarei usar este chapéu – disse.

– No Setor Imperial, sim. Aqui, não usar nada na cabeça é sinal de baixa classe social. Em outras áreas, as regras são diferentes.

Seldon suspirou. O chapéu redondo era feito de um material macio e se moldou à sua cabeça quando ele o colocou. A aba tinha a mesma largura à volta toda e era mais estreita do que as usadas pelos agressores. Seldon se conformou com o chapéu ao perceber que, conforme o vestiu, a aba curvou-se com elegância.

– Não tem uma tira para passar por baixo do queixo?

– Claro que não. Tiras são alta moda para jovens escanifres.

– Para jovens o quê?

– Um escanifre é alguém que usa roupas e acessórios para chocar. Certamente existem pessoas assim em Helicon.

Seldon bufou.

– Existem alguns que usam os cabelos na altura dos ombros de um lado e raspam do outro – disse, rindo dessa lembrança.

– Imagino que deva ser extraordinariamente feio – Hummin torceu a boca de leve.

– Pior do que isso. Acontece que existem os destros e os canhotos, e cada um acha a outra versão altamente ofensiva. Os dois grupos costumam se enfrentar em brigas de rua.

– Então acho que você consegue aguentar o chapéu, especialmente sem a tira.

– Vou me acostumar – respondeu Seldon.

– Essas roupas chamarão alguma atenção – disse Hummin. – Para começar, são muito contidas, e parecerá que você está de luto. E o tamanho não é *exato*. Além disso, você as usará com desconforto evidente. Mas não ficaremos no Setor Imperial por muito mais tempo. Viu o suficiente? – perguntou, e o holograma tremeluziu e desapareceu.

– Quanto lhe custaram? – perguntou Seldon.

– Que diferença faz?

– Me incomoda ficar lhe devendo.

– Não se preocupe. A escolha foi minha. Vamos, já ficamos aqui tempo bastante. Estou certo de que minha descrição está sendo passada. Haverá uma busca por mim e eles virão para cá.

– Nesse caso – disse Seldon –, os créditos que gastou são uma questão irrisória. Você está se colocando em risco por minha causa. Em grande risco!

– Eu sei disso. Mas é minha livre escolha e posso cuidar de mim mesmo.

– Mas por que...

– Discutiremos os motivos mais tarde. Aliás, desintegrei suas roupas, e não creio ter sido visto. Houve um pico de energia, claro, e isso fica registrado. Alguém poderia deduzir o que aconteceu a partir disso. É difícil esconder *qualquer* ato quando os olhos e os cérebros inquisitivos são inteligentes o suficiente. Mas vamos torcer para estarmos a uma distância segura quando eles juntarem todas as peças.

9

Caminharam por passarelas com luzes suaves e amareladas. Hummin olhava de um lado para o outro, vigilante, e manteve os dois andando na mesma velocidade que a multidão, sem ultrapassar ninguém e sem serem ultrapassados.

Ele sustentava uma conversa amena, mas constante, sobre assuntos neutros. Seldon, nervoso e incapaz de adotar a mesma atitude, comentou:

– As pessoas parecem caminhar bastante por aqui. Há filas intermináveis nas duas direções e nos cruzamentos.

– Por que não haveria? – perguntou Hummin. – Caminhar ainda é a melhor maneira de transporte em curta distância. É mais conveniente, mais barato e mais saudável. Incontáveis anos de avanço tecnológico não mudaram esse fato. Você é acrofóbico, Seldon?

Seldon olhou por sobre o parapeito à sua direita, para um imenso vão que separava as duas alamedas, cada uma em direção oposta à outra nas passarelas espaçadas igualmente.

– Se está falando sobre ter medo de altura – Seldon deu de ombros –, não costumo. Ainda assim, olhar para baixo não é agradável. Qual é a profundidade?

– Acho que quarenta ou cinquenta níveis, neste ponto. Esse tipo de coisa é comum no Setor Imperial e em outras poucas regiões altamente desenvolvidas. Na maioria dos lugares, caminha-se no que pode ser considerado nível térreo.

– Imagino que isso deva encorajar tentativas de suicídio.

– Não com frequência. Existem métodos muito mais fáceis. Suicídio não é uma questão de vergonha social em Trantor. Qualquer pessoa pode pôr fim à própria vida com vários métodos reconhecidos, em centros que existem para esse propósito, desde que essa pessoa esteja disposta a fazer terapia antes. Existem eventuais acidentes, claro, mas não foi por isso que perguntei sobre acrofobia. Estamos indo para um terminal de táxis em que eles sabem que sou jornalista. Já fiz alguns favores para eles, ocasionalmente, e, de vez em quando, eles fazem alguns favores para mim. Vão se esquecer de registrar minha visita e vão ignorar o fato de eu ter alguém comigo. Hei de oferecer uma recompensa, evidentemente, e, também evidentemente, se o pessoal de Demerzel pressioná-los o suficiente, eles precisarão contar a verdade e justificar como administração descuidada, mas isso pode levar um tempo considerável.

– E o que a acrofobia tem a ver com isso?

– Podemos chegar lá muito mais rapidamente se usarmos um elevador gravitacional. Poucas pessoas usam e devo dizer que eu mesmo não amo a ideia, mas, se você achar que consegue, será melhor

para nós.

– O que é um elevador gravitacional?

– É experimental. Pode ser que, no futuro, essa tecnologia se espalhe por Trantor, se for psicologicamente aceitável, pelo menos para uma quantidade suficiente de pessoas. E talvez vá para outros mundos também. É como um poço de elevador sem um elevador, vamos dizer. As pessoas entram em um tubo vazio e descem (ou sobem) vagarosamente, sob a influência da antigravidade. Por enquanto, é a única aplicação possível para antigravidade, principalmente porque é a aplicação mais simples possível.

– O que acontece se a energia falhar enquanto estivermos em trânsito?

– Exatamente o que você está pensando. Cairíamos... e, a não ser que estivéssemos perto do chão, morreríamos. Não ouvi falar de nenhum acidente do tipo e, acredite, eu saberia. Talvez não possamos divulgar a notícia por razões de segurança (essa é a desculpa sempre usada para a censura de notícias ruins), mas eu saberia. É logo ali. Se você não conseguir, não usaremos o elevador, mas os corredores são lentos e tediosos, e algumas pessoas os consideram enjoativos depois de algum tempo.

Hummin mudou de direção em um cruzamento e eles chegaram a uma grande plataforma, em que uma fila de homens e mulheres estava à espera, alguns com crianças.

– Não ouvi nada sobre isso no meu planeta – disse Seldon, com voz baixa. – Nossa imprensa é terrivelmente local, claro, mas é de se imaginar que haveria algum tipo de menção à existência de uma coisa desse tipo.

– É puramente experimental – respondeu Hummin – e restrito ao Setor Imperial. Usa mais energia do que oferece benefícios, portanto o governo não está ansioso para difundir essa tecnologia por meio de notícias. O antigo Imperador, Stanel VI, que precedeu Cleon e surpreendeu a todos ao morrer em seu leito, insistiu que os elevadores gravitacionais fossem instalados em alguns lugares. Dizem que ele queria o próprio nome associado com a antigravidade porque estava preocupado com sua posição na história, como é frequente com velhotes que não realizaram grandes feitos. Como eu disse, a tecnologia pode se espalhar, mas, por outro lado, é possível que nada além do elevador gravitacional surja dessa tecnologia.

– O que eles querem que surja dessa tecnologia? – perguntou Seldon.

– O voo interespacial por antigravidade. Porém, isso requer muitos saltos tecnológicos e, até onde sei, os físicos estão convencidos de que está fora de questão. Por outro lado, a maioria acreditava que até mesmo os elevadores gravitacionais estavam fora de questão.

A fila diminuía rapidamente e Seldon se viu na beirada da plataforma, ao lado de Hummin, com um imenso vazio à sua frente. Ali, o ar tinha um leve brilho. Por reflexo, Seldon estendeu a mão e sentiu um leve choque. Não chegou a machucá-lo, mas ele retraiu a mão rapidamente. Hummin grunhiu.

– Uma precaução elementar para prevenir as pessoas de entrar no tubo antes de ativar os controles – explicou.

Hummin digitou alguns números no painel de controle e o brilho sumiu. Seldon olhou para o grande vazio abaixo deles.

– Você talvez ache melhor, ou mais fácil – continuou Hummin – se dermos os braços e você fechar os olhos. Não vai demorar mais do que alguns segundos.

Ele não deu escolha a Seldon. Segurou seu braço e, mais uma vez, era impossível desvencilhar-se. Hummin deu um passo no vazio e Seldon (que, para seu próprio constrangimento, ouviu-se emitir um guincho) foi puxado de maneira desajeitada.

Ele fechou os olhos com força e não experimentou nenhuma sensação de queda, nenhuma indicação de movimento de ar. Alguns segundos se passaram e ele foi puxado para a frente. Tropeçou discretamente, recuperou o equilíbrio e viu-se em chão sólido. Abriu os olhos.

– Conseguimos? – perguntou.

– Não estamos mortos – observou Hummin, secamente, e caminhou pela plataforma, forçando Seldon a acompanhá-lo.

– O que quis dizer foi... chegamos ao nível certo?

– Claro que sim.

– O que aconteceria se estivéssemos descendo e alguém estivesse subindo?

– Existem duas pistas separadas. Em uma delas, todos descem na mesma velocidade; na outra, todos sobem na mesma velocidade. O tubo só permite entrada quando não há ninguém a uma distância de dez metros. Não existe chance de colisão, se tudo funcionar bem.

– Eu não senti nada.

– Por que sentiria? Não houve aceleração. Depois do primeiro décimo de segundo, você estava em velocidade constante, e o ar à sua volta descia com você, na mesma velocidade.

– Incrível.

– De fato. Mas nada econômico. E não parece haver muito interesse em melhorar a eficiência desse procedimento e fazer com que ele valha a pena. Só se ouve a mesma coisa: "Não podemos fazer isso. Isso não pode ser feito". Isso se aplica a tudo – Hummin deu de ombros, evidenciando irritação, e continuou: – Já estamos no terminal de táxis. Vamos logo com isso.

10

Seldon tentou parecer insuspeito no terminal de táxis-aéreos, o que considerou difícil. Parecer ostensivamente insuspeito – esquivar-se, virar o rosto para todos que passavam, examinar um dos veículos com atenção exagerada – era certamente a melhor forma de chamar a atenção. O jeito adequado de se comportar era simplesmente assumir uma inocente normalidade.

Mas o que era normalidade? Ele se sentia desconfortável com aquelas roupas. Não havia bolsos e ele não tinha onde colocar as mãos. As duas bolsas de tecido penduradas nas laterais do seu cinto o distraíam ao roçá-lo conforme ele caminhava, o que o fazia achar constantemente que alguém o havia cutucado.

Tentou observar as mulheres que passavam. Elas não carregavam bolsas de pano (ou, pelo menos, nenhuma visível), mas levavam consigo objetos parecidos com caixinhas, que ocasionalmente prendiam em um dos lados do quadril usando um sistema que ele não conseguiu identificar. Provavelmente pseudomagnético, decidiu Seldon. As roupas não eram nada reveladoras, percebeu, lamentando, e não havia nenhum sinal de decote, mesmo que alguns vestidos parecessem criados para acentuar as nádegas.

Enquanto isso, Hummin agia de maneira bastante objetiva. Forneceu os créditos necessários e voltou com o cartão de cerâmica supercondutora que ativaria um táxi-aéreo específico.

– Entre, Seldon – disse Hummin, indicando um pequeno veículo de

dois lugares.

– Você precisou assinar alguma coisa, Hummin? – perguntou Seldon.

– É claro que não. Aqui eles me conhecem e não adotam formalidades.

– O que eles acham que você está fazendo?

– Eles não perguntaram, e não contei nada voluntariamente – ele inseriu o cartão e Seldon sentiu uma leve vibração conforme o táxi-aéreo ganhou vida. – Seguiremos para D-7 – continuou Hummin.

Seldon não sabia o que era D-7, mas supôs que deveria ser alguma rota.

O táxi-aéreo ultrapassou e desviou de outros carros terrestres até que subiu por uma inclinação ascendente e ganhou velocidade. Em seguida, ergueu-se no ar com um leve solavanco.

Seldon, que havia sido automaticamente preso por um cinto em formato de rede, sentiu-se pressionado contra o assento e, depois, jogado contra o cinto.

– Isso não pareceu ser antigravidade – comentou.

– Não foi – disse Hummin. – O que você sentiu foi uma pequena reação à propulsão a jato, usada apenas para que alcancemos os túneis.

O que surgiu diante dos dois naquele momento parecia uma grande parede rochosa coberta por aberturas cavernosas distribuídas igualmente, como um tabuleiro de damas. Hummin manobrou na direção da entrada D-7, desviando de táxis-aéreos que seguiam para outros túneis.

– Deve ser fácil causar um acidente – observou Seldon, pigarreando.

– E eu provavelmente causaria, se dependesse apenas dos meus sentidos e reações, mas o táxi é computadorizado e o computador pode invalidar meus comandos sem nenhuma dificuldade. O mesmo vale para os outros táxis. Aqui vamos nós.

Eles adentraram o túnel D-7 como se tivessem sido sugados e a luz forte da ampla galeria de onde vieram suavizou-se, ganhando um tom mais acolhedor de amarelo.

Hummin soltou os controles e reclinou-se no assento. Respirou fundo e disse:

– Pelo menos essa etapa foi cumprida com sucesso. Poderíamos ter

sido impedidos na estação. Aqui, estamos relativamente seguros.

O percurso era calmo e as paredes do túnel passavam por eles rapidamente. Não havia quase nenhum som conforme o táxi seguia viagem, apenas um constante zumbido aveludado.

– A que velocidade estamos? – perguntou Seldon.

Hummin passou os olhos pelos controles.

– Trezentos e cinquenta quilômetros por hora – respondeu.

– Propulsão magnética?

– Sim. Imagino que tenham essa tecnologia em Helicon.

– Sim. Apenas em uma rota. Nunca a usei, mas sempre quis experimentá-la. Não creio que seja nada como esta.

– Estou certo de que não é. Trantor tem muitos milhares de quilômetros desses túneis formando uma teia na subsuperfície terrestre e alguns milhares serpenteando sob as partes mais rasas do oceano. É o principal método de viagem a longas distâncias.

– Quanto tempo levaremos?

– Para chegar ao nosso destino atual? Um pouco mais de cinco horas.

– Cinco horas! – Seldon ficou consternado.

– Não fique ansioso. Passaremos por áreas de descanso a cada vinte minutos, mais ou menos, e poderemos parar, sair do túnel, esticar as pernas, comer e fazer necessidades. Mas gostaria de fazer isso o menor número de vezes possível, claro.

Continuaram em silêncio por algum tempo e então Seldon se assustou quando uma luz intensa brilhou à direita deles por alguns segundos. No clarão, ele pensou ter visto dois táxis-aéreos.

– Aquilo era uma área de descanso – informou Hummin, respondendo à dúvida não verbalizada.

– Estarei de fato seguro nesse lugar para onde você está me levando? – perguntou Seldon.

– Bastante seguro contra qualquer ação aberta por parte das forças imperiais – respondeu Hummin. – Porém, no que diz respeito aos agentes individuais (um espião, um agente, um assassino de aluguel), é preciso cuidado constante. Naturalmente, conseguirei um guarda-costas para você.

– Assassino de aluguel? – inquietou-se Seldon. – Está falando sério? Eles iriam mesmo querer me matar?

– Tenho certeza de que Demerzel não quer – disse Hummin. –

Imagino que ele prefira usá-lo a matá-lo. Ainda assim, podem surgir outros inimigos, ou talvez aconteçam lamentáveis concatenações de eventos. Afinal, você não pode passar o resto da vida como um sonâmbulo.

Seldon fez um gesto negativo com a cabeça e desviou o olhar. E pensar que, apenas quarenta e oito horas atrás, ele não passava de um insignificante matemático de outro planeta, sem nenhuma fama, satisfeito com a ideia de passar o restante de seu tempo em Trantor como turista, apreciando a enormidade daquele colossal planeta com seus olhos provincianos. Agora, a verdade finalmente começava a tomar forma: ele era um homem procurado, caçado pelas forças imperiais. O escopo daquela situação apoderou-se dele, e Seldon ficou abalado.

– E quanto a *você* e a isso que está fazendo agora?

– Ora, creio que não terão muita simpatia por mim – respondeu Hummin, pensativo, sem nenhum tremor em sua voz ou mudança em sua aparência calma. – Pode ser que um assassino misterioso, que nunca poderá ser encontrado, arrebente minha cabeça ou exploda meu peito.

Seldon estremeceu.

– Imaginei que era isso que pensaria sobre o que acontecerá com você – disse Seldon. – Você não parece... perturbado.

– Sou um trantoriano experiente. Sei tanto sobre o planeta quanto qualquer pessoa pode saber. Conheço muita gente, e muitas dessas pessoas me devem favores. Gosto de pensar que sou perspicaz e que não é fácil me enganar. Em resumo, Seldon, tenho bastante confiança de que posso cuidar de mim mesmo.

– Fico contente que você se sinta assim e espero que seu raciocínio seja justificado, mas, Hummin, não consigo entender por que está assumindo esse risco. O que sou para você? Por que assumiria até mesmo o menor risco por alguém que lhe é um estranho?

Hummin verificou os controles com preocupação e então encarou Seldon com olhos firmes e sérios.

– Quero salvá-lo pelo mesmo motivo que o Imperador quer usá-lo. Por causa de seus poderes de previsão.

Uma profunda pontada de decepção atravessou Seldon. Aquilo não se tratava, afinal de contas, de um salvamento. Ele era apenas a desprotegida presa disputada por predadores concorrentes.

– Nunca vou conseguir superar o erro que foi a apresentação na Convenção Decenal – lamentou, com raiva. – Eu destruí minha vida.

– Não. Não tire conclusões precipitadas, matemático. Cleon I e seus oficiais o querem apenas por um motivo: garantir a própria vida. Têm interesse em suas habilidades apenas nos usos que elas possam ter para salvar o regime imperial, preservar esse regime para o filho mais novo dele e para manter os cargos, o *status* e o poder de seus oficiais. Eu, por outro lado, quero seus poderes para o bem da Galáxia.

– Há alguma diferença? – retrucou Seldon, ácido.

– Se você não vê a diferença – respondeu Hummin, com um austero indício de reprovação –, deveria ter vergonha. Os humanos que ocupam a Galáxia existiam antes deste Imperador que está no trono, antes da dinastia que ele representa, antes do próprio Império. A humanidade é muito mais antiga do que o Império. Talvez seja, inclusive, muito mais antiga do que os vinte e cinco milhões de planetas da Galáxia. Existem lendas sobre uma época em que a humanidade habitava apenas um planeta.

– Lendas! – resmungou Seldon, dando de ombros.

– Sim, lendas, mas não vejo nenhuma razão para que não tenha sido um fato há vinte mil anos ou mais. Imagino que a humanidade não tenha surgido já dotada de conhecimento sobre viagens hiperespaciais. Certamente houve uma época em que as pessoas *não* podiam viajar a velocidades superlumínicas e estavam confinadas a um único sistema planetário. E, se pensarmos no futuro, os seres humanos dos mundos da Galáxia certamente continuarão a existir depois que você e Cleon I estiverem mortos, depois que toda essa linhagem termine, depois que as instituições do Império acabem em ruínas. Nesse caso, não é importante preocupar-se em demasia com indivíduos, com o Imperador e com o jovem príncipe imperial. Nem mesmo as mecânicas do Império são importantes. E os quatrilhões de pessoas que existem na Galáxia? E eles?

– Suponho que os mundos e as pessoas continuariam – respondeu Seldon.

– Você não sente nenhum ímpeto de investigar as possíveis condições em que essas pessoas continuariam a existir?

– É de se supor que elas existiriam do mesmo jeito que existem hoje.

– É de se *supor*. Será que poderíamos *saber*, usando essa arte de

previsão sobre a qual você fala?

– Chamo-a de psico-história. Em tese, poderíamos.

– E você não sente nenhuma necessidade de pôr a teoria em prática.

– Eu adoraria, Hummin, mas o desejo de fazê-lo não cria automaticamente a capacidade de fazê-lo. Eu disse ao Imperador que a psico-história não poderia ser transformada em uma técnica praticável, e sou forçado a dizer a mesma coisa para você.

– E você não tem intenção nem mesmo de *tentar* encontrar a técnica?

– Não, não tenho, não mais do que eu teria intenção de pegar um monte de pedregulhos do tamanho de Trantor, contá-los um a um e arranjá-los em ordem decrescente de massa. Eu *saberia* que não é algo que poderia ser feito em uma vida e não seria tolo o suficiente para ter a pretensão de tentar.

– Você tentaria, se soubesse a verdade sobre a situação da raça humana?

– Essa é uma pergunta impossível. *Qual* é a verdade sobre a situação da raça humana? Você diria que sabe?

– Sim, eu sei, e em cinco palavras.

Os olhos de Hummin se voltaram mais uma vez para o túnel. A imutabilidade vazia da passagem forçava-se sobre eles, expandindo-se até passar e diminuindo conforme se afastava. Então, com um tom sombrio, ele enunciou as cinco palavras:

– O Império Galáctico está morrendo.

UNIVERSIDADE

——— Universidade de Streeling...

Uma instituição de ensino e erudição no Setor Streeling, na parte antiga de Trantor... Apesar de todos os créditos nas áreas tanto das humanidades como das ciências, não é graças a eles que a universidade permanece na lembrança dos dias de hoje. Seria provavelmente um tremendo choque para as gerações de estudiosos dessa instituição o fato de que, em tempos futuros, a Universidade de Streeling seria especialmente lembrada porque um certo Hari Seldon residiu ali por um breve intervalo de tempo, durante o período de Fuga.

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

11

Depois da afirmação de Hummin, Hari Seldon permaneceu em desconfortável silêncio. Sentiu-se encolher diante da súbita percepção de suas próprias deficiências.

Ele tinha inventado uma nova ciência: a psico-história. Ampliara as leis da probabilidade de forma bastante sutil para incluir novas complexidades e incertezas e acabou com elegantes equações com incontáveis incógnitas – talvez infinitas. Ele não saberia dizer.

Mas era um sistema matemático, e nada além.

Ele tinha a psico-história – ou, pelo menos, a base da psico-história –, mas apenas como uma curiosidade matemática. Onde estava o conhecimento histórico que talvez atribuísse algum significado às equações vazias?

Ele não tinha nenhum. Nunca se interessara por história. Conhecia um pouco sobre a história heliconiana. Matérias sobre esse pequeno fragmento da história humana eram, evidentemente, obrigatórias nas escolas heliconianas. Mas o que mais sabia? Decerto, o restante que absorveu era apenas o básico que as pessoas absorviam: metade eram lendas; a outra metade certamente havia sido distorcida.

Ainda assim, como alguém poderia dizer que o Império Galáctico estava morrendo? Era aceito como um Império há dez mil anos e, mesmo antes disso, Trantor, como capital do reinado dominante, servia de base para o que foi um Império não oficial durante dois mil anos. O Império sobrevivera aos séculos antigos em que setores inteiros da Galáxia eventualmente recusavam-se a aceitar o fim de sua independência local. Sobrevivera às vicissitudes inerentes às rebeliões ocasionais, às guerras dinásticas, a períodos intensos de colapso. A maioria dos mundos nunca passava por coisas desse tipo e Trantor crescera consistentemente até se tornar a colmeia humana global que agora se autointitulava Mundo Eterno.

Era certo que, nos últimos quatro séculos, os distúrbios haviam aumentado, inclusive com uma erupção de assassinatos de

imperadores e tomadas de poder, mas até mesmo isso estava se acalmando e, naquele momento, a Galáxia estava mais pacífica do que nunca. Sob o regime de Cleon I e sob o de seu pai, Stanel VI, os mundos prosperavam – e Cleon não era considerado um tirano. Até mesmo aqueles que desgostavam do Império como instituição raramente tinham coisas ruins a dizer sobre Cleon, por mais que pudessem fazer acusações contra Eto Demerzel.

Mas por que, então, Hummin dissera que o Império Galáctico estava morrendo – e com tanta convicção?

Hummin era jornalista. Provavelmente sabia bastante sobre a história galáctica e precisava compreender plenamente a situação atual. Será que era isso que lhe garantia o conhecimento insinuado em sua afirmação? Nesse caso, qual era esse conhecimento?

Em vários momentos, Seldon esteve a ponto de perguntar, de exigir uma explicação, mas havia algo no rosto solene de Hummin que o impediu. E havia algo em sua própria crença enraizada de que o Império Galáctico era uma certeza – um axioma, a pedra fundamental sobre a qual se apoiava toda a razão –, que colaborava para o seu bloqueio. Afinal, se *aquilo* estava errado, ele não gostaria de saber.

Não. Ele não conseguia acreditar que estava errado. O Império Galáctico, assim como o universo, não poderia chegar a um fim. Se o universo de fato acabasse – e somente nesse caso –, o Império chegaria ao fim.

Seldon fechou os olhos para dormir, mas era impossível. Será que precisaria estudar a história do universo para aperfeiçoar sua teoria sobre a psico-história?

E como poderia fazer isso? Existiam vinte e cinco milhões de mundos, cada um com sua história infinitamente complexa. Como estudar tudo isso? Ele sabia da existência de muitos volumes de livros-filme sobre a história galáctica. Tinha, inclusive, passado os olhos por um deles, por algum motivo agora esquecido, e considerara tão monótono que nem conseguira chegar à metade.

Os livros-filme falavam sobre mundos importantes. Em alguns, a história completa ou quase completa era abordada; em outros, os mundos surgiam apenas quando ganhavam importância momentânea e então desapareciam. Lembrou-se de ter procurado por Helicon no catálogo e encontrado apenas uma citação. Digitou o código que buscaria a ocorrência e encontrou Helicon em uma listagem de

mundos que, em determinado momento, aliaram-se a um candidato ao trono imperial que não cumpriu o que prometera. Naquela ocasião, Helicon escapara da punição, provavelmente porque não era importante o suficiente nem para ser castigado.

De que adiantava uma história como aquela? Decerto, a psico-história precisaria levar em consideração as ações e as reações de cada mundo, de *cada um* de *todos* os mundos. Como alguém poderia estudar a história de vinte e cinco milhões de mundos e considerar todas as possíveis interações entre eles? Seria certamente uma tarefa impossível, o que apenas reforçava a conclusão de que a psico-história era de interesse teórico, mas nunca poderia ser colocada em prática.

Seldon sentiu uma leve força empurrando-o para a frente e concluiu que o táxi-aéreo deveria estar desacelerando.

– O que foi? – perguntou.

– Acho que viajamos o suficiente. Faremos uma breve pausa para uma refeição rápida, um copo de alguma coisa e uma visita ao banheiro – respondeu Hummin.

Ao longo dos quinze minutos seguintes, durante os quais o táxi-aéreo desacelerou progressivamente, eles se aproximaram de um recesso iluminado. O táxi manobrou para dentro e encontrou uma vaga ao lado de cinco ou seis outros veículos.

12

Os olhos experientes de Hummin pareceram analisar o recesso, os outros táxis, a lanchonete, as passarelas, os homens e as mulheres, tudo ao mesmo tempo. Seldon, tentando parecer insuspeito e mais uma vez sem saber como, o observou, esforçando-se para não parecer exagerado.

– Está tudo bem? – perguntou Seldon simulando indiferença quando os dois se sentaram a uma pequena mesa e digitaram seus pedidos.

– Aparentemente, sim – murmurou Hummin.

– Como sabe?

– Instinto – os olhos escuros de Hummin fixaram-se em Seldon por um instante. – Anos de buscas por notícias. Você olha e sabe: “aqui não tem notícia”.

Seldon concordou com a cabeça e sentiu alívio. Hummin lhe respondera sardonicamente, mas devia haver alguma verdade no que disse.

Sua satisfação não passou da primeira mordida em seu sanduíche. Ele olhou para Hummin com a boca cheia e uma expressão de desagradável surpresa no rosto.

– É uma lanchonete de beira de estrada, meu amigo – disse Hummin. – Rápida, barata e não muito saborosa. A comida é feita com ingredientes locais e tem um fermento azedo. O paladar trantoriano está acostumado com isso.

Seldon engoliu com dificuldade.

– Mas lá no hotel...

– Você estava no Setor Imperial, Seldon. Lá, a comida é importada. Os microalimentos, quando usados, são de alta qualidade. E muito caros.

Seldon ficou na dúvida se daria outra mordida e começou:

– Você quer dizer que, enquanto eu estiver em Trantor...

Hummin fez um gesto de "silêncio" com os lábios.

– Não dê a ninguém a impressão de que você está acostumado com coisas melhores – disse. – Há lugares em Trantor nos quais ser identificado como aristocrata é pior do que ser identificado como um Estrangeiro. A comida não será tão ruim em todos os lugares, eu garanto. Essas lanchonetes de beira de estrada têm fama de oferecer má qualidade. Se conseguir aguentar esse sanduíche, poderá comer em qualquer lugar de Trantor. E o sanduíche não lhe fará mal. Não está vencido, estragado nem nada do tipo. Ele tem apenas um gosto forte e, para ser sincero, pode ser que você se acostume com isso. Conheci trantorianos que cuspiram comida decente e disseram que faltava "aquele" toque local.

– Muitos alimentos são cultivados em Trantor? – perguntou Seldon, que deu uma olhadela para confirmar que não havia ninguém sentado nas proximidades, e continuou: – Ouvi dizer que são necessários vinte planetas vizinhos para suprir as centenas de cargueiros que trazem comida a Trantor todos os dias.

– Eu sei. E centenas para levar embora a imensa quantidade de lixo. E, se você quiser fazer a história ficar boa *mesmo*, pode dizer que os mesmos cargueiros trazem a comida e levam o lixo. É verdade que importamos quantidades consideráveis de comida, mas a maioria são

itens de luxo. E exportamos uma quantidade considerável de resíduos, cuidadosamente tratados para serem inofensivos, na forma de fertilizantes orgânicos; tão importantes para os outros mundos quanto a comida é para nós. Mas isso é apenas uma fração do todo.

– É mesmo?

– Sim. Além dos peixes no oceano, há jardins e hortas em todos os cantos. E também árvores frutíferas, criações de aves e coelhos e vastas fazendas de micro-organismos, geralmente chamadas fazendas de fermento, apesar de o fermento ser uma minoria do cultivo. E nossos resíduos são, na maior parte, usados aqui mesmo, para manter todo esse sistema. Na verdade, em muitos aspectos Trantor é muito semelhante a uma imensa colônia espacial. Você já visitou uma dessas?

– Sim, visitei.

– Colônias espaciais são, basicamente, cidades autossuficientes, com tudo mantido em ciclos artificiais, com ventilação artificial, dias e noites artificiais, e assim por diante. A diferença é que até mesmo as maiores colônias espaciais têm população de apenas dez milhões, enquanto Trantor tem quatro mil vezes essa quantidade. Obviamente, temos gravidade real. E *nenhuma* colônia espacial pode rivalizar com nossos microingredientes. Temos tanques de levedura, campos de fungos e fazendas marinhas de algas em escalas além da imaginação. E somos adeptos de temperos artificiais, usados com abundância. É o que dá sabor ao que você está comendo.

Seldon comera a maior parte do sanduíche e percebeu que não era tão ofensivo quanto sugerira a primeira mordida.

– E não me fará mal?

– Pode agir na flora intestinal e, de vez em quando, causa diarreia em um pobre estrangeiro, mas é raro e você também se acostumará com isso rapidamente. Ainda assim, beba o seu milk-shake, do qual você provavelmente não vai gostar. Ele contém um antidiarreico que deve mantê-lo protegido, mesmo que você tenha sensibilidade a esse tipo de coisa.

– Nem fale sobre isso, Hummin – disse Seldon, queixosamente. – Uma pessoa pode se deixar influenciar por esse tipo de sugestão.

– Termine seu milk-shake e esqueça o que eu disse.

Eles comeram o restante da refeição em silêncio e voltaram ao túnel.

13

Mais uma vez, seguiam velozmente pelo túnel. Seldon decidiu verbalizar a pergunta que o incomodara durante a última hora.

– Por que você afirma que o Império Galáctico está morrendo?

– No meu ofício como jornalista – Hummin voltou-se para Seldon –, sou alimentado com estatísticas de todos os lados, até elas saírem pelas minhas orelhas. E só posso publicar pouquíssimas delas. A população de Trantor está diminuindo. Há vinte e cinco anos, era de quase quarenta e cinco bilhões. Em parte, o decréscimo é resultado de um declínio na taxa de natalidade. É fato que Trantor nunca teve uma alta taxa de nascimentos. Se você observar os lugares que viajar por Trantor, não encontrará muitas crianças, considerando sua imensa população. Mas, ainda assim, está em declínio. Há, também, a emigração. As pessoas estão indo embora de Trantor em números maiores do que vêm para cá.

– Considerando a grande população – observou Seldon –, isso não é uma surpresa.

– Mas, ainda assim, é incomum, pois nunca aconteceu antes. Além disso, o comércio está ficando estagnado por toda a Galáxia. Por causa da inexistência de rebeliões e pela calma das coisas, as pessoas acham que tudo está bem e que as dificuldades dos últimos séculos se foram. Entretanto, rivalidades políticas, rebeliões e inquietação são, também, sinais de um tipo de vitalidade. No momento, há uma fadiga generalizada. Está calmo, mas não porque as pessoas estão satisfeitas e prosperando, e sim porque estão cansadas e desistiram.

– Tenho minhas dúvidas... – murmurou Seldon, incerto.

– Mas eu não tenho. E o fenômeno da antigravidade sobre o qual conversamos é outro exemplo. Temos alguns elevadores gravitacionais em operação, mas não há novos em construção. É um empreendimento que causa prejuízo e não parece haver interesse em torná-lo lucrativo. A velocidade dos avanços científicos tem diminuído há séculos e agora está quase parando. Em alguns casos, parou totalmente. Você não percebeu? Afinal, é um matemático.

– Nunca cheguei a pensar no assunto.

– Ninguém pensa. Isso não é questionado. Hoje em dia, os cientistas tornaram-se especialistas em dizer que as coisas são impossíveis, impraticáveis, inúteis. Condenam qualquer especulação

instantaneamente. Você, por exemplo: o que acha da psico-história? Considera-a uma teoria interessante, mas inútil em qualquer sentido prático. Estou certo?

– Sim e não – respondeu Seldon, irritado. – Ela é *de fato* inútil, mas não porque minha sede por descobertas tenha decaído, eu garanto. A psico-história não tem, *realmente*, nenhuma utilidade prática.

– Essa é, pelo menos, sua impressão sob a atmosfera de decadência em que todo o Império vive – retrucou Hummin, com um traço de sarcasmo.

– Essa atmosfera de decadência – contrapôs Seldon, com raiva – é impressão *sua*. É possível que você esteja errado, não?

Hummin ficou calado por um instante, pensativo.

– Sim, eu posso estar errado – concedeu, finalmente. – Falo a partir da intuição, de conjecturas. O que preciso é de uma técnica funcional de psico-história.

Seldon deu de ombros e não mordeu a isca.

– Não tenho tal técnica para oferecer – respondeu. – Mas vamos supor que você esteja certo. Vamos supor que o Império *esteja* perdendo potência e que acabará se desfazendo. A raça humana ainda existirá.

– Sob quais condições, homem? Durante quase doze mil anos, Trantor, com seus fortes soberanos, manteve uma paz quase completa. Houve interrupções (rebeliões, guerras civis localizadas, muitas tragédias) mas, no geral e em grandes áreas, a paz predominou. Por que Helicon é tão a favor do Império? Estou falando sobre o seu mundo. É a favor porque é pequeno, e seria devorado pelos vizinhos se não existisse o Império para mantê-lo seguro.

– Você prevê guerra e anarquia universais se o Império falhar?

– Claro que sim. Não tenho apreço pelo Imperador nem pelas instituições do Império em geral, mas não tenho nenhum substituto para eles. Não sei o que poderia manter a paz no lugar deles e não estou pronto para desistir até encontrar alguma alternativa.

– Você fala como se estivesse no controle da Galáxia – comentou Seldon. – *Você* não está pronto para desistir? *Você* precisa encontrar alguma alternativa? Quem é você para falar essas coisas?

– Estou falando em termos gerais, figurativamente – respondeu Hummin. – Não estou preocupado especificamente com Chetter Hummin. Suponho que o Império dure mais tempo do que eu; poderá,

inclusive, mostrar sinais de melhoria enquanto eu estiver vivo. Declínios não seguem um caminho linear. Pode ser que demore mil anos para chegar ao fim e você pode ter certeza de que, nesse caso, eu terei morrido há muito tempo, e certamente não deixarei descendentes. No que diz respeito a mulheres, não tenho nada além de afeições casuais e não tenho filhos, nem pretendo ter. Não assumi nenhum risco que pudesse representar problemas no futuro. E pesquisei sobre você depois do seu seminário, Seldon. Também não tem filhos.

– Tenho meus pais e dois irmãos, mas nenhum filho – ele sorriu sem vontade. – Fui muito apegado a uma mulher em determinada época, mas ela achava que eu era mais apegado à minha matemática do que a ela.

– E você era?

– Eu diria que não, mas ela diria que sim. Por isso, foi embora.

– E você não teve ninguém desde então?

– Não. Ainda tenho uma lembrança muito presente da mágoa.

– Pois bem. Parece que nós dois poderíamos esquecer a questão e deixar que outras pessoas, que virão muito depois de nós, sofram. Eu talvez pudesse aceitar isso no passado, mas não mais. Pois agora eu *tenho* uma ferramenta. Eu *estou* no comando.

– E qual é a sua ferramenta? – perguntou Seldon, já consciente da resposta.

– Você! – exclamou Hummin.

Como Seldon já sabia o que Hummin responderia, não perdeu tempo em mostrar surpresa ou perplexidade. Simplesmente negou com a cabeça e disse:

– Você está redondamente enganado. Não sou uma ferramenta apropriada para uso.

– Por que não?

– Quantas vezes serei obrigado a repetir? – suspirou Seldon. – A psico-história não é um estudo praticável. A dificuldade está em seus fundamentos. Nem mesmo todo o espaço e tempo do universo seriam suficientes para que os problemas fossem resolvidos.

– Está certo disso?

– Infelizmente, sim.

– Sabe, a questão não é determinar o futuro completo do Império Galáctico. Você não precisa traçar detalhadamente as complexidades

de cada ser humano nem de cada planeta. Existem apenas certas questões a serem respondidas: o Império Galáctico cairá? Se sim, quando? Quais serão as condições da humanidade depois disso? Alguma coisa pode ser feita para evitar a queda ou melhorar as condições que virão depois dela? Parece-me que essas questões são comparativamente simples.

Seldon fez um gesto negativo com a cabeça e sorriu com tristeza ao responder:

– A história da matemática está repleta de questões simples que só puderam ser respondidas por grandes complicações ou continuam sem resposta.

– Não há nada que possa ser feito? Eu posso ver que o Império está ruindo, mas não posso provar. Todas as minhas conclusões são subjetivas e não posso comprovar que estou certo. Essa perspectiva é bastante incômoda e, por isso, as pessoas prefeririam não acreditar em minha conclusão subjetiva e nada será feito para evitar a Queda ou, ao menos, amortecê-la. Você poderia *provar* a iminência da Queda ou, quem sabe, refutá-la.

– Mas é justamente isso que eu não consigo fazer. Não posso encontrar provas onde não há nenhuma. Não posso fazer um sistema de cálculos ter utilidade prática quando ele não tem. Não posso mostrar-lhe dois números pares que, somados, resultem em um número ímpar, por mais vital que esse número ímpar seja para você... ou para toda a Galáxia.

– Pois bem – disse Hummin. – Então você é parte da decadência. Está pronto para aceitar o fracasso.

– Que escolha eu tenho?

– Você não pode *tentar*? Por mais infrutífero que seu esforço possa lhe parecer, você tem alguma coisa melhor para fazer com sua vida? Algum objetivo mais nobre? Algum propósito maior que justifique sua existência para você mesmo?

Seldon piscou os olhos rapidamente.

– Milhões de mundos – disse. – Bilhões de culturas. Quatrilhões de pessoas. Decilhões de inter-relações. E você quer que eu reduza tudo a uma ordem.

– Não, eu quero que você *tente*. Pelo bem desses milhões de mundos, bilhões de culturas e quatrilhões de pessoas. Não por Cleon I. Não por Demerzel. Pela humanidade.

– Eu falharei – disse Seldon.

– Nesse caso, não estaremos pior do que estamos agora. Você tentará?

E, mais uma vez contra a sua vontade e sem saber por quê, Seldon ouviu a si mesmo responder:

– Eu tentarei.

E o rumo de sua vida estava definido.

14

A viagem chegou ao fim e o táxi-aéreo deslocou-se para uma área muito maior do que aquela da lanchonete. (Seldon ainda se lembrava do gosto do sanduíche e fez uma careta.)

Hummin entregou o táxi ao terminal e voltou, guardando seu chip de créditos em um pequeno bolso na parte interna de sua camisa.

– Aqui você está completamente a salvo de qualquer coisa direta e explícita – disse. – Este é o Setor Streeling.

– Streeling?

– Imagino que tenha sido nomeado em homenagem à primeira pessoa que preparou a área para colonização. A maioria dos setores tem nomes que homenageiam essa ou aquela pessoa, o que significa que muitos nomes são feios e alguns deles difíceis de pronunciar. Mesmo assim, se você tentar fazer os habitantes mudarem de Streeling para Campos Perfumados ou alguma coisa do tipo, estará comprando uma briga.

– Eu diria que aqui não é exatamente um campo perfumado – comentou Seldon, sentindo o cheiro.

– Quase nenhuma área de Trantor é, mas você vai se acostumar.

– Estou contente por estarmos aqui – disse Seldon. – Não que eu goste do lugar, mas estava me cansando de ficar sentado no táxi. Deslocar-se em Trantor deve ser um terror. Lá em Helicon, podemos ir de um lugar ao outro pelo ar, em muito menos tempo do que levamos para atravessar os menos de dois mil quilômetros para chegar aqui.

– Também temos aerojatos.

– Mas, então...

– Eu podia conseguir uma viagem de táxi-aéreo de maneira mais ou menos anônima. Teria sido muito mais difícil com um aerojato. E,

apesar de toda a segurança deste lugar, acho melhor que Demerzel não saiba onde exatamente você está. Além disso, na verdade ainda não terminamos nossa viagem. Vamos pegar a via expressa para a última parte.

Seldon conhecia aquele termo.

– Um daqueles monotrilhos que correm sobre um campo eletromagnético, não é mesmo? – perguntou.

– Sim.

– Não temos nenhum em Helicon. Acontece que não precisamos deles por lá. Andei em uma via expressa no primeiro dia que estive em Trantor. Levou-me do espaçoporto para o hotel. Foi uma novidade para mim, mas imagino que, se usasse o tempo todo, os ruídos e a multidão se tornariam opressores.

– Você se perdeu? – divertiu-se Hummin.

– Não, a sinalização foi muito útil. Tive certa dificuldade para embarcar e desembarcar, mas recebi ajuda. Agora percebo que todos sabiam que eu era um Estrangeiro por causa das minhas roupas. Mas pareciam ávidos em ajudar, talvez porque fosse divertido me ver hesitante e tropeçando.

– A essa altura, você já é especialista em viagens pela via expressa, portanto não hesitará nem tropeçará – disse Hummin, de maneira agradável, apesar da leve contração das laterais de seus lábios. – Venha.

Passearam calmamente pela passarela, banhada pela mesma iluminação que alguém poderia esperar de um dia ensolarado, com focos de luz ocasionais, como se o sol passasse pelas nuvens em alguns momentos. Automaticamente, Seldon olhou para cima para ver se era mesmo o caso, mas o “céu” era luminoso de forma inexpressiva.

– Essa mudança na luz parece fazer bem à mente humana – comentou Hummin, ao reparar que Seldon olhava para cima. – Em certos dias, as ruas parecem banhadas por uma luminosidade solar direta e, em outros, fica mais escuro do que agora.

– Mas não há chuva ou neve?

– Nem granizo ou geadas. Tampouco alta umidade ou frio cortante. Nada. Trantor mantém suas particularidades, Seldon, até mesmo agora.

Pessoas caminhavam em ambas as direções e havia uma considerável quantidade de jovens e também de crianças

acompanhadas por adultos, apesar do que Hummin dissera sobre a taxa de natalidade. Tudo parecia consideravelmente próspero e respeitável. Ambos os sexos eram representados em quantidades iguais e as roupas eram distintamente mais discretas do que as do Setor Imperial. Suas próprias vestes, escolhidas por Hummin, encaixavam-se perfeitamente na moda local. Poucas pessoas usavam chapéus. Seldon, com alívio, tirou o seu e levou-o na mão.

Não havia um grande abismo separando os dois lados da passarela e, como Hummin previra no Setor Imperial, eles caminhavam no que parecia ser o nível térreo. Nenhum veículo passava, e Seldon apontou tal fato para Hummin.

– Existem muitos deles no Setor Imperial porque são usados pelos oficiais – ele respondeu. – Nos outros lugares, veículos particulares são raros e aqueles que chegam a ser usados têm túneis reservados apenas para eles. Seu uso não é realmente necessário, pois temos as vias expressas e, para distâncias mais curtas, as vias locais. Para distâncias ainda menores, temos as passarelas e podemos caminhar.

De vez em quando, Seldon ouvia zumbidos e rangidos e viu, a certa distância, a infinita passagem de vagões na via expressa.

– Ali está ela – apontou Seldon.

– Eu sei, mas vamos para uma estação de embarque. Há mais vagões e é mais fácil embarcarmos.

Quando estavam seguros em um vagão da via expressa, Seldon virou-se para Hummin e disse:

– O que me impressiona é o silêncio das vias expressas. Sei que a propulsão das massas dos vagões é feita por um campo eletromagnético, mas me parece silencioso até mesmo para essa tecnologia.

Seldon escutou os ocasionais gemidos metálicos conforme o vagão em que estavam ultrapassava e era ultrapassado pelos vizinhos.

– Sim, é um sistema extraordinário – disse Hummin –, mas você não o vê em seu auge. Quando eu era mais jovem, era mais silencioso do que agora, e algumas pessoas dizem que não fazia nem um sussurro há cinquenta anos, mas imagino que a idealização causada pela nostalgia deva ser levada em conta.

– Por que não é assim agora?

– Porque a manutenção não é adequada. Eu lhe falei sobre a decadência.

Seldon franziu as sobrancelhas.

– Decerto as pessoas não ficam sentadas dizendo “estamos em decadência. Vamos deixar que as vias expressas virem ruínas” – comentou.

– Não, não ficam. Não é uma coisa proposital. Áreas defeituosas são consertadas, vagões decrépitos são renovados, ímãs são substituídos. Entretanto, os serviços são feitos de maneira mais apressada, menos cuidadosa e a intervalos cada vez maiores. Simplesmente não há créditos suficientes.

– Para onde foram os créditos?

– Para outras coisas. Tivemos séculos de inquietações. A Marinha é muito maior e muito mais cara do que jamais foi. As forças militares recebem salários muito bons para ficarem quietas. Tumultos, revoltas e pequenos estouros de guerra civil têm seu preço.

– Mas tudo está calmo sob o regime de Cleon. E estamos em paz há cinquenta anos.

– Sim, mas soldados bem pagos ficariam ressentidos caso seus salários fossem reduzidos apenas porque há paz. Almirantes resistem a tirar espaçonaves de serviço e a diminuírem os próprios cargos pelo simples motivo de, assim, haver menos coisas para fazerem. Portanto, os créditos ainda vão para as forças militares, o que não é nada produtivo, e áreas vitais do bem-estar social acabam abandonadas e se deterioram. É isso que chamo de decadência. Você não chamaria? Você não acha que acabaria incluindo esse tipo de perspectiva em seus conceitos de psico-história?

Seldon mexeu-se em seu assento, inquieto. Então, perguntou:

– Aliás, para onde estamos indo?

– Para a Universidade de Streeling.

– Ah, é por isso que o nome deste setor me é familiar. Já ouvi falar na universidade.

– Não me surpreende. Trantor tem quase cem mil instituições de ensino superior, e a Universidade de Streeling é uma das que estão entre as mil melhores.

– Ficarei hospedado por lá?

– Durante algum tempo. *Campus* são santuários praticamente impenetráveis. Você estará seguro.

– Mas serei bem-vindo?

– Por que não seria? É difícil encontrar um bom matemático hoje

em dia. Talvez possam usá-lo. E você talvez possa usá-los também... e não apenas como um mero esconderijo.

– Um lugar em que eu possa desenvolver minhas teorias, você quer dizer.

– Você prometeu – lembrou Hummin, sério.

– Eu prometi *tentar* – respondeu Seldon, pensando consigo mesmo que aquilo era como prometer uma corda feita de areia.

15

Depois disso, a conversa se esgotou e Seldon passou a observar as estruturas do Setor Streeling conforme passavam. Algumas eram baixas, enquanto outras pareciam tocar o "céu". Amplas passagens quebravam a progressão e becos podiam ser vistos com frequência.

Em determinado momento, ocorreu a ele que, apesar de os prédios terem sido erguidos na direção do "céu", eles também seguiam para o subterrâneo, e talvez fossem mais para as profundezas do que para cima. Assim que o pensamento lhe ocorreu, estava convencido de que era verdade.

De vez em quando, via diminutas áreas com gramados a uma considerável distância da via expressa, e até mesmo pequenas árvores.

Observou durante um bom tempo, até perceber que a luz estava diminuindo. Semicerrou os olhos e virou-se para Hummin, que adivinhou qual seria a pergunta.

– A tarde está acabando – ele informou – e a noite chegará em breve.

– Impressionante – as sobrancelhas de Seldon se ergueram enquanto seus lábios se contraíram para baixo. – Consigo imaginar o mundo inteiro escurecendo e então, daqui a algumas horas, acendendo-se mais uma vez.

– Não exatamente, Seldon – Hummin abriu seu pequeno e cauteloso sorriso. – O planeta nunca fica todo escuro ao mesmo tempo, tampouco se ilumina. A sombra do crepúsculo varre o planeta gradualmente e é seguida, depois de meio-dia, pela lenta luminosidade do alvorecer. Na verdade, o efeito segue fielmente o ciclo de dia e noite que acontece fora dos domos. Assim, a duração dos dias e das noites em altitudes mais elevadas muda com as estações.

Seldon fez um gesto negativo com a cabeça.

– Qual é o sentido de cobrir um planeta e depois imitar o que aconteceria a céu aberto? – perguntou.

– Imagino que seja porque as pessoas prefiram assim. Os trantorianos gostam das vantagens de estarem sob os domos, mas, apesar disso, não gostam de ser lembrados desse fato. Você sabe muito pouco sobre a psicologia trantoriana, Seldon.

Seldon ficou ligeiramente envergonhado. Era apenas um habitante de Helicon e sabia muito pouco sobre os outros milhões de planetas – sua ignorância não se limitava a Trator. Então, como poderia cogitar a criação de aplicações práticas para a sua teoria da psico-história?

Como qualquer quantidade de pessoas – todas juntas – poderia saber o suficiente?

Seldon lembrou-se de um desafio que lhe fora apresentado quando era jovem: é possível que exista uma peça relativamente pequena de platina... com alças instaladas, que não possa ser levantada pela força pura de qualquer quantidade de pessoas sem nenhum auxílio externo?

A resposta era sim. Um metro cúbico de platina pesa 22.420 quilos em gravidade-padrão. Presumindo-se que cada pessoa pudesse levantar cento e vinte quilos do chão, cento e oitenta e oito pessoas seriam suficientes para erguer a platina... mas é impossível espremer cento e oitenta e oito pessoas em torno do metro cúbico para que cada uma delas pudesse segurá-lo. Talvez fosse impossível colocar até mesmo mais de nove pessoas à volta dele. E alavancas ou outros tipos de equipamentos não eram permitidos. Precisava ser com “força pura”, “sem nenhum auxílio externo”.

Da mesma maneira, talvez fosse impossível agrupar pessoas em número suficiente para lidar com a quantidade total de conhecimento requerida pela psico-história, mesmo que os dados fossem armazenados em computadores, e não em cérebros humanos individuais. Apenas uma quantidade limitada de pessoas poderia, por assim dizer, compilar o conhecimento e comunicá-lo.

– Você parece pensativo, Seldon – disse Hummin.

– Estou refletindo sobre minha própria ignorância.

– Uma atividade útil. Quatrilhões de pessoas poderiam se juntar a você e seria muito produtivo. Mas chegou o momento de desembarcarmos.

– Como sabe? – Seldon ergueu os olhos.

– Da mesma maneira que você soube que estava na via expressa no seu primeiro dia em Trantor. Estou seguindo a sinalização.

Seldon vislumbrou uma assim que ela passou: UNIVERSIDADE DE STREELING – 3 MINUTOS.

– Desceremos na próxima estação de embarque. Olhe por onde anda.

Seldon acompanhou Hummin para fora do vagão, percebendo que, agora, o “céu” estava roxo-escuro, e as passarelas, corredores e prédios estavam se acendendo com uma luminosidade amarela.

Poderia ter sido o início de uma noite heliconiana. Se Seldon tivesse sido largado ali com uma venda nos olhos, e então removessem a venda, ele poderia se convencer de que estava em alguma região bem estruturada e central de uma das maiores cidades de Helicon.

– Quanto tempo você acha que ficarei na Universidade de Streeling, Hummin? – perguntou.

– É difícil dizer, Seldon – respondeu Hummin, com o jeito calmo de sempre. – Talvez a vida toda.

– Como é?

– Talvez não. Mas sua vida deixou de ser sua quando você apresentou aquele seminário sobre psico-história. O Imperador e Demerzel reconheceram sua importância imediatamente. Assim como eu. Assim como muitos outros, até onde eu sei. Entende? Isso quer dizer que você não pertence mais a si mesmo.

——— Venabili, Dors...

Historiadora, nascida no planeta Cinna... Sua vida poderia ter continuado em seu rumo sem incidentes se, depois de dois anos no corpo docente da Universidade de Streeling, ela não tivesse se envolvido com o jovem Hari Seldon durante o período de Fuga...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

16

O APOSENTO EM QUE HARI SELDON ESTAVA era maior do que o de Hummin no Setor Imperial. Era um quarto com um espaço que servia de banheiro e nenhum sinal de instalações para cozinhar ou comer. Não tinha janela, mas havia um exaustor no teto, protegido por uma grade, que fazia um constante murmúrio.

Seldon olhou à volta com um pouco de pesar.

– É apenas por esta noite, Seldon – disse Hummin, com a costumeira atitude segura, ao ver a expressão do matemático. – Amanhã cedo alguém virá para acomodá-lo na universidade, e você ficará mais confortável.

– Desculpe-me, Hummin, mas como você sabe?

– Tomarei providências. Conheço uma ou duas pessoas por aqui – ele sorriu brevemente, sem humor – e há um ou dois favores que posso cobrar. Agora, vamos discutir alguns detalhes. – Ele encarou Seldon com firmeza e continuou: – Qualquer coisa que você tenha deixado no seu quarto de hotel está perdida. Isso inclui alguma coisa insubstituível?

– Nada realmente insubstituível. Eu trouxe alguns itens pessoais que valorizo por associações com o meu passado, mas, se eles estão perdidos, estão perdidos. Há, é claro, algumas anotações sobre o meu seminário. Alguns cálculos. A própria apresentação.

– Que agora é de conhecimento público até que seja retirada de circulação por ser considerada perigosa, o que provavelmente acontecerá. Ainda assim, tenho certeza de que consigo uma cópia. De qualquer forma, você pode reconstruí-la, não pode?

– Posso. Por isso eu disse que não há nada realmente insubstituível. Deixei também quase mil créditos, alguns livros, roupas, minha passagem de volta a Helicon, coisas do tipo.

– Tudo substituível. Tomarei providências para que você tenha uma tarjeta de crédito em meu nome, com a cobrança encaminhada a mim. Isso deve cobrir despesas rotineiras.

– Isso é surpreendentemente generoso da sua parte. Não posso aceitar.

– Não é generosidade alguma, pois espero salvar o Império agindo dessa forma. Você *precisa* aceitar.

– Mas quanto você pode disponibilizar, Hummin? Usarei a tarjeta com peso na consciência, no mínimo.

– Posso pagar pelo que você precisar para sua sobrevivência e um conforto razoável, Seldon. Naturalmente, não gostaria que você comprasse o ginásio da universidade nem doasse um milhão de créditos.

– Não precisa se preocupar com isso, mas com meu nome registrado...

– Que seja registrado. É absolutamente proibido para o governo imperial exercer qualquer controle de segurança na universidade ou sobre seus membros. Aqui, tudo pode ser discutido, tudo pode ser dito. Há liberdade completa.

– E quanto a crimes violentos?

– As autoridades da própria universidade lidam com eles, com lógica e cuidado, e não há praticamente nenhum crime violento. Os estudantes e o corpo docente apreciam a liberdade e entendem seus termos. Se houvesse muita brutalidade, um início de tumulto e violência, o governo iria reconsiderar seu direito, quebrar o acordo não oficial e enviar suas tropas. Ninguém quer algo assim, nem mesmo o governo. Dessa forma, mantém-se um delicado equilíbrio. Em outras palavras, nem mesmo o próprio Demerzel pode arrancá-lo da universidade sem justificativas, tanto quanto qualquer pessoa daqui que tenha dado motivos ao governo em, pelo menos, um século e meio. Por outro lado, se você for atraído para fora do *campus* por um estudante-agente...

– Existem estudantes-agentes?

– Como posso saber? Pode ser que sim. Qualquer indivíduo comum pode ser ameaçado, manipulado ou simplesmente subornado, e passar, dali em diante, a servir Demerzel ou qualquer outra pessoa. Por isso, preciso enfatizar: você está seguro em todos os sentidos racionais, mas *ninguém* está absolutamente seguro. Você precisará ser cuidadoso. Entretanto, apesar de meu aviso, não quero que siga sua vida se escondendo. No geral, você estará muito mais seguro aqui do que estaria se tivesse voltado para Helicon ou partido para algum outro

mundo da Galáxia.

– Espero que sim – murmurou Seldon, pesaroso.

– Eu sei que sim – respondeu Hummin. – Ou não consideraria sábio deixá-lo.

– Deixar-me? – Seldon ergueu os olhos rapidamente. – Você não pode fazer isso. Você conhece este mundo. Eu não.

– Você estará com outros que conhecem este mundo; que, aliás, conhecem essa parte dele ainda melhor do que eu. Quanto a mim, preciso ir. Estive com você ao longo do dia inteiro e não ousaria deixar minha vida de lado por mais tempo. Não posso atrair muita atenção para mim mesmo. Lembre-se de que tenho minhas próprias inseguranças, assim como você tem as suas.

– Você está certo – Seldon sentiu-se constrangido. – Não posso pedir que assuma riscos por mim indefinidamente. Espero que não esteja arruinado.

– Quem pode dizer? – disse Hummin, friamente. – Vivemos em uma época perigosa. Lembre-se de que, se há alguém que pode fazer essa época ser segura (se não por nós, por aqueles que virão depois de nós), é você. Faça disso sua força motriz, Seldon.

17

O sono fugiu de Seldon. Ele se agitou e se revirou no escuro, pensativo. Nunca se sentira tão sozinho ou tão desamparado quanto no momento em que Hummin acenara com a cabeça, cumprimentara-o brevemente com a mão e o deixara para trás. Agora estava em um mundo estranho – e em uma parte estranha daquele mundo. Estava longe da única pessoa que podia considerar um amigo (e baseado no convívio de menos de um dia) e não tinha ideia de para onde ia ou o que faria, tanto no dia seguinte como em qualquer momento do futuro.

Nada disso conduziria ao sono. Como era de se esperar, no momento em que ele decidiu, sem esperanças, que não dormiria naquela noite – ou, talvez, nunca mais –, a exaustão o venceu.

Quando acordou, ainda estava escuro, mas não totalmente. Ele viu, do outro lado do quarto, uma luz vermelha piscando com rapidez e intensidade, acompanhada por um zunido áspero e intermitente.

Tinha sido aquilo que o despertara, sem dúvida.

Quando tentou se lembrar de onde estava e identificar com alguma clareza as mensagens limitadas que seus sentidos estavam recebendo, a luz e o zunido pararam e ele ouviu uma resoluta sequência de batidas.

As batidas presumivelmente vinham da porta, mas ele não se lembrava de onde estava a porta. Havia, também presumivelmente, um interruptor que inundaria o quarto com luz, mas ele tampouco se lembrava de onde estava o interruptor.

Ele se ergueu e sentou na cama.

– Um momento, por favor – disse, tateando desesperadamente a parede à esquerda.

Encontrou o botão e o quarto foi preenchido por uma luz suave.

Levantou-se da cama com dificuldade, piscando, ainda em busca da porta. Encontrou-a e estendeu a mão para abri-la. Lembrou-se da cautela no último momento.

– Quem está aí? – perguntou, com uma voz repentinamente dura e sem rodeios.

– Meu nome é Dors Venabili – respondeu uma gentil voz feminina – e vim ver o dr. Hari Seldon.

Conforme veio a resposta, uma mulher surgiu diante da porta, sem que ela fosse aberta.

Por um instante, Hari Seldon a encarou, surpreso, e então se deu conta de que estava usando apenas uma peça de roupa íntima. Ele perdeu o fôlego e correu para a cama... e somente então percebeu que se tratava de um holograma. A imagem não tinha a definição da realidade e ficou evidente que a mulher não olhava para ele. Ela estava apenas se mostrando para ser identificada.

Ele parou, ofegante.

– Se você puder esperar – falou, erguendo a voz para ser ouvido através da porta –, eu a receberei em um instante. Preciso de... meia hora, talvez.

– Estarei à espera – disse a mulher, ou talvez o holograma, e desapareceu.

Não havia chuveiro e Seldon usou uma esponja para se limpar, fazendo uma grande bagunça no canto com azulejos que servia de banheiro. Havia pasta de dentes, mas não uma escova, então ele usou um dedo. E não tinha escolha senão vestir as mesmas roupas que

usara no dia anterior. Finalmente abriu a porta.

Conforme o fez, Seldon percebeu que a moça não tinha realmente se identificado. Tinha apenas dado um nome, e Hummin não dissera por quem ele deveria esperar – se seria essa Dors Não-sei-o-quê ou qualquer outra pessoa. Considerou seguro porque o holograma era o de uma jovem atraente, mas poderia haver meia dúzia de jovens hostis acompanhando-a.

Ele esticou a cabeça para fora do quarto, cautelosamente. Viu apenas a moça e abriu a porta o suficiente para que ela entrasse. Imediatamente fechou a porta e a trancou.

– Desculpe-me – disse Seldon. – Que horas são?

– Nove – ela respondeu. – O dia já começou há algum tempo.

No que dizia respeito à hora oficial, Trantor seguia o Padrão Galáctico, pois somente assim o comércio interestelar e as questões governamentais podiam fazer algum sentido. Porém, cada mundo tinha também um sistema local de tempo e Seldon ainda não chegara a ponto de se sentir confortável com as referências trantorianas de hora.

– É a metade da manhã? – perguntou.

– Sim.

– Não há janelas neste quarto – apontou Seldon, defensivamente.

Dors foi até a cama, estendeu a mão e tocou em uma pequena marca escura na parede. Números vermelhos surgiram no teto, acima do travesseiro, e diziam: 9h03.

– Peço desculpas – sorriu a moça, sem nenhum ar de superioridade. – Achei que Chetter Hummin teria avisado que eu viria buscá-lo às nove. O problema dele é que está tão acostumado a *saber* que, às vezes, se esquece de que os outros ocasionalmente *não sabem*. E eu não devia ter usado identificação radiológráfica. Imagino que vocês não tenham essa tecnologia em Helicon, e devo tê-lo alarmado.

Seldon sentiu-se relaxando. Ela parecia sincera e amigável, e a referência casual a Hummin o tranquilizou.

– Você está muito enganada sobre Helicon, senhorita...

– Por favor, me chame de Dors.

– Você está enganada sobre Helicon, Dors. Temos, sim, radiologrâfia, mas eu nunca pude pagar pelo equipamento. Tampouco podiam as pessoas do meu convívio, portanto eu nunca tinha passado pela experiência. Mas entendi o que estava acontecendo rapidamente.

Ele a observou. Ela não era muito alta – tinha uma estatura média para mulheres, pensou Seldon. Seus cabelos eram de um dourado avermelhado, não muito claro, e estava arrumado em cachos curtos por toda a cabeça. (Ele tinha visto várias mulheres em Trantor com os cabelos daquela maneira. Aparentemente, era uma moda local – que teria sido motivo de risos em Helicon.) Ela não era incrivelmente bonita, mas bastante atraente, e tal fato era acentuado por lábios generosos que pareciam ter uma leve expressão de bom humor. Era magra, em forma, e parecia bastante jovem. (Talvez jovem demais para ter utilidade, pensou ele, hesitante.)

– Fui aprovada na inspeção? – perguntou Dors. (Ela parecia dominar o truque de Hummin de ler pensamentos, pensou Seldon... ou talvez ele não dominasse a habilidade de escondê-los.)

– Me desculpe – disse Seldon. – Acho que fui indiscreto. Estou apenas tentando avaliá-la. Aqui é um lugar estranho para mim. Não conheço ninguém e não tenho amigos.

– Por favor, dr. Seldon, considere-me uma amiga. O sr. Hummin pediu que eu cuidasse de você.

– Você talvez seja jovem demais para a função – sorriu Seldon, com tristeza.

– Você vai descobrir que não sou.

– Tentarei dar o mínimo de trabalho possível. Você pode, por favor, repetir seu nome?

– Dors Venabili – ela soletrou o sobrenome e enfatizou a tonicidade da segunda sílaba. – Como eu disse, me chame de Dors, por favor, e, se você não tiver fortes objeções, eu o chamarei de Hari. Somos bastante informais aqui na universidade e há um esforço consciente para não se demonstrar *status*, seja herdado ou profissional.

– Por favor, *faço questão* de que me chame de Hari.

– Ótimo. Adotaremos o tratamento informal, então. Por exemplo: o instinto de formalidade, se é que existe tal coisa, faria com que eu pedisse permissão para me sentar. Entretanto, informalmente, vou apenas me sentar – e ela se sentou na única cadeira do aposento.

– É evidente – Seldon pigarreou – que não estou com o meu raciocínio em pleno funcionamento. Eu deveria tê-la convidado a se sentar. – Ele se sentou na beirada de sua cama desfeita e desejou que lhe tivesse ocorrido estender as cobertas, mas, afinal, ele tinha sido pego de surpresa.

– Faremos o seguinte, Hari – disse Dors, simpática. – Primeiro, vamos tomar café da manhã em um dos cafés da universidade. Então conseguirei um quarto para você em um dos dormitórios, um que seja melhor do que este. Você terá uma janela. Hummin instruiu-me a conseguir uma tarjeta de crédito para você usar o nome dele, mas, com a burocracia daqui, levarei um ou dois dias para arranjar uma dessas. Até que isso seja feito, serei responsável por suas despesas, e você pode me ressarcir depois. E podemos usar você. Chetter Hummin me contou que você é matemático e, por algum motivo, há uma carência séria de bons matemáticos na universidade.

– Hummin lhe disse que sou um *bom* matemático?

– Sim, de fato. Disse que você é um homem extraordinário.

– Ora – Seldon olhou para as próprias mãos –, eu adoraria ser estimado dessa forma, mas Hummin conviveu comigo por menos de um dia e, antes disso, viu apenas o meu seminário, cuja qualidade não tinha como avaliar. Acho que ele estava apenas sendo educado.

– Eu não acho – disse Dors. – Ele também é um homem extraordinário e tem muita experiência com pessoas. Acredito na opinião dele. De qualquer forma, imagino que você terá a chance de provar o seu valor. Suponho que você saiba programar computadores.

– Claro.

– Entenda que estou me referindo a computadores de ensino, e pergunto se você pode criar programas para ensinar os vários aspectos da matemática contemporânea.

– Sim, faz parte da minha profissão. Sou professor-assistente de matemática na Universidade de Helicon.

– Sim, eu sei – ela respondeu. – Hummin me contou. Isso significa, claro, que todos saberão que você não é trantoriano, mas isso não trará problemas sérios. Aqui, na universidade, a maioria de nós é trantoriana, mas há uma minoria substancial de Estrangeiros, vinda de vários mundos diferentes, e isso é algo aceito. Não posso dizer que você nunca ouvirá um termo planetário desconhecido, mas é mais provável que os Estrangeiros os usem do que os trantorianos. Eu mesma sou Estrangeira, aliás.

– É mesmo? – ele hesitou e decidiu que seria educado perguntar. – De que mundo você é?

– Vim de Cinna. Já ouviu falar?

Seldon decidiu que seria óbvio se mentisse por educação e

respondeu:

– Não.

– Não me surpreende. Provavelmente tem menos relevância até mesmo do que Helicon. De qualquer maneira, voltemos à programação de computadores para ensino de matemática. Imagino que isso possa ser feito com proficiência ou com incompetência.

– Sem dúvida.

– E você o faz com proficiência.

– Gosto de pensar que sim.

– Aí está, então. A universidade irá remunerá-lo por isso, então vamos tomar nosso café da manhã. Aliás, dormiu bem?

– Surpreendentemente, sim.

– E está com fome?

– Sim, mas... – ele hesitou.

– Mas você está preocupado com a qualidade da comida, não é? – perguntou, alegre. – Pois bem, não se preocupe. Como também sou Estrangeira, entendo o que sente em relação ao uso intenso de microingredientes em tudo. Mas os cardápios da universidade não são ruins, pelo menos não no refeitório do corpo docente. Os alunos sofrem um pouco, mas isso ajuda a torná-los mais fortes.

Ela se levantou e seguiu para a porta, mas parou quando Seldon não pôde evitar a pergunta:

– Você faz parte do corpo docente?

Ela se virou e sorriu espirituosamente para ele.

– Eu não pareço ter idade suficiente? Fiz meu doutorado há dois anos, em Cinna, e estou aqui desde então. Em duas semanas, farei trinta.

– Me desculpe – disse Seldon, sorrindo de volta –, mas você não pode esperar manter uma aparência de vinte e quatro e não levantar dúvidas sobre o seu *status* acadêmico.

– Como você é gentil! – exclamou Dors, e Seldon sentiu um contentamento dominá-lo. Afinal, pensou, é impossível trocar gentilezas com uma mulher atraente e continuar se sentindo um completo estranho.

Dors estava certa. O café da manhã não foi nada mal. Tinha algo indiscutivelmente preparado com ovos e a carne estava defumada de maneira agradável. A bebida achocolatada (Trantor era adepto de chocolates, e Seldon não tinha nada contra isso) era provavelmente sintética, mas saborosa, e os pãezinhos matinais eram gostosos.

– Este foi um café da manhã muito agradável – Seldon achou que expressar sua opinião era o mínimo que podia fazer. – A comida. O lugar. Tudo.

– Fico contente que você tenha gostado – disse Dors.

Seldon olhou à volta. Havia uma série de janelas em uma parede e, apesar de não entrar luz solar de verdade (ele imaginou se, depois de algum tempo, aprenderia a ficar satisfeito com a luz difusa e pararia de procurar por fachos de luz do sol), o lugar tinha iluminação adequada. Aliás, estava bastante claro, pois o computador de administração do clima local aparentemente decidira que aquele seria um dia limpo e claro.

As mesas estavam arranjadas com quatro lugares em cada e a maioria estava com a ocupação máxima, mas Dors e Seldon ficaram sozinhos em sua mesa. Dors chamou alguns homens e mulheres e os apresentou a Seldon. Todos foram educados, mas nenhum deles se sentou. Era certamente isso o que Dors queria, mas Seldon não conseguiu ver como ela fizera aquilo acontecer.

– Você não me apresentou a nenhum matemático, Dors – disse Seldon.

– Não vi nenhum que eu conheça. A maioria dos matemáticos começa bem cedo e tem aula às oito. Em minha opinião, qualquer aluno desmiolado o suficiente para fazer matemática quer acabar essa parte do curso o mais rápido possível.

– Imagino que você não seja matemática.

– Qualquer coisa, menos isso – respondeu Dors, com uma curta risada. – *Qualquer* coisa. Meu campo é história. Já publiquei alguns estudos sobre a ascensão de Trantor... quero dizer, do reinado primitivo, não do mundo. Acho que Trantor Monárquico acabará se tornando minha especialização.

– Perfeito – exclamou Seldon.

– Perfeito? – Dors olhou para ele, intrigada. – Também tem interesse em Trantor Monárquico?

– De certa maneira, sim. Nisso e em coisas desse tipo. Nunca

estudei história, e devia ter estudado.

– Será? Se você tivesse estudado história, teria tido pouco tempo para estudar matemática, e matemáticos são escassos, especialmente aqui, nesta universidade. Estamos por aqui de historiadores – ela fez um gesto para marcar a altura das sobrancelhas –, de economistas e de cientistas políticos, mas estamos defasados em ciência e matemática. Chetter Hummin chamou minha atenção para esse fato, certa vez. Ele disse que era o declínio da ciência e parecia acreditar que se tratava de um fenômeno generalizado.

– É claro que, quando digo que deveria ter estudado história – elucidou Seldon –, não quero dizer que deveria ter dedicado a isso minha vida inteira, mas sim estudado o suficiente para me ajudar na matemática. Meu campo de especialização é análise matemática de estruturas sociais.

– Soa horrível.

– E é, de certa maneira. É muito complicado e, sem que eu saiba muito mais sobre como as sociedades estão envolvidas, é impossível. Meus cenários são muito estáticos, entende?

– Não entendo, pois não sei nada sobre isso. Chetter me contou que você está desenvolvendo uma coisa chamada psico-história e que isso é importante. Acertei? Psico-história?

– Sim, está certa. Eu devia ter chamado "psicossociologia", mas me pareceu uma palavra feia. Ou talvez eu soubesse, instintivamente, que era necessário conhecimento em história, e não prestei atenção suficiente a meus próprios pensamentos.

– Psico-história de fato soa melhor, mas não sei o que é.

– Eu mesmo sei muito pouco.

Seldon refletiu por alguns minutos, olhando para a mulher do outro lado da mesa e sentindo que ela poderia fazer aquele exílio parecer menos um exílio. Pensou na outra mulher, que conhecera alguns anos atrás, mas bloqueou a lembrança com um esforço determinado. Se encontrasse outra companheira, precisaria ser alguém que entendesse o universo acadêmico e soubesse o que esse universo exige de uma pessoa.

Para levar sua mente a outro assunto, ele disse:

– Chetter Hummin me contou que a universidade não é de maneira nenhuma afetada pelo governo.

– Ele está certo.

– Me parece uma indulgência um tanto improvável por parte do governo imperial – sugeriu Seldon, fazendo um gesto negativo com a cabeça. – As instituições educacionais em Helicon não são, de jeito nenhum, livres de pressões governamentais.

– Tampouco em Cinna. Tampouco em qualquer outro mundo, com exceção de um ou dois dos maiores, talvez. Trantor é diferente.

– Sim, mas por quê?

– Porque é o centro do Império. As universidades daqui têm imenso prestígio. Profissionais são criados por qualquer universidade em qualquer lugar, mas os administradores do Império (os oficiais do alto escalão, os incontáveis milhões de pessoas que representam os tentáculos do Império em cada canto da Galáxia) são instruídos bem aqui, em Trantor.

– Nunca vi as estatísticas...

– Acredite em mim. É importante que os oficiais do Império tenham uma base de conhecimento em comum, um sentimento especial pelo Império. E não podem ser todos trantorianos nativos, senão os outros mundos ficariam progressivamente incomodados. Por isso, Trantor precisa atrair milhões de Estrangeiros para estudar aqui. Não importa de onde venham, quais são os sotaques ou culturas, desde que adotem o verniz de Trantor e se identifiquem com um histórico escolar trantoriano. É isso que mantém o Império unido. Além disso, os outros mundos são menos obstinados quando uma porção notável dos administradores que representam o governo imperial são pessoas de seu próprio povo, por nascimento e criação.

Seldon ficou constrangido mais uma vez. Aquilo era algo em que nunca tinha pensado. Questionou a si mesmo se alguém poderia ser um matemático verdadeiramente excepcional se a matemática fosse tudo o que essa pessoa soubesse.

– Isso é de conhecimento comum? – perguntou.

– Imagino que não – respondeu Dors, depois de pensar por um instante. – Existe *tanto* conhecimento a ser obtido que os especialistas se atêm a suas especialidades como um escudo contra ter que saber tudo sobre todo o resto. Evitam o afogamento.

– Ainda assim, *você* sabe.

– Mas essa é minha especialidade. Sou uma historiadora que lida com a ascensão de Trantor Monárquico, e essa técnica administrativa foi uma das muitas maneiras com as quais Trantor expandiu sua

influência e conseguiu fazer a transição de Trantor Monárquico para Trantor Imperial.

– A superespecialização pode ser danosa – observou Seldon, quase como um murmúrio para si mesmo. – Corta o conhecimento em um milhão de pedaços e o deixa sangrando.

– O que fazer? – Dors deu de ombros. – A questão é, se Trantor pretende atrair Estrangeiros para universidades trantorianas, precisa oferecer a eles algo em troca para que se desenraízem e venham a um planeta estranho, com uma estrutura incrivelmente artificial e aspectos esquisitos. Estou aqui há dois anos e ainda não me acostumei. Talvez nunca me acostume. Mas, também, não pretendo ser uma administradora, então não me forço a agir como uma trantoriana. De qualquer forma, o que Trantor oferece em troca não é apenas a promessa de grande *status*, poder considerável e dinheiro. Oferece também liberdade. Enquanto os alunos estudam, estão livres para condenar o governo, rebelar-se contra ele de forma pacífica, chegar a suas próprias teorias e pontos de vista. Eles apreciam esse fato e muitos vêm para cá para experimentar essa sensação de liberdade.

– Imagino que isso também ajude a aliviar pressões – disse Seldon. – Eles extravasam todos os ressentimentos, desfrutam de toda a presunçosa autossatisfação que teria um jovem revolucionário e, no momento em que assumem seus postos na hierarquia imperial, estão prontos para se entregar ao conformismo e à obediência.

– Você talvez esteja certo – Dors concordou com a cabeça. – De qualquer maneira, o governo, por todos esses motivos, preserva cuidadosamente a liberdade das universidades. Não é uma questão de indulgência, de jeito nenhum. É estratégia.

– Se você não quer ser uma administradora, Dors, *o que* quer ser?

– Historiadora. Darei aulas, acrescentarei meus próprios livros-filmes à programação.

– Nada de muito *status*, talvez.

– Nada de muito dinheiro, Hari, o que é mais importante. Quanto ao *status*, é o tipo de problema que prefiro evitar. Já vi muitas pessoas com *status*, mas ainda procuro por uma que esteja feliz. *Status* não é algo sólido; você precisa batalhar constantemente para evitar que ele afunde. Até mesmo imperadores têm um final ruim, na maioria das vezes. Algum dia eu talvez volte a Cinna para ser professora.

– E a educação trantoriana lhe dará *status*.

Dors riu.

– Suponho que sim – respondeu –, mas, em Cinna, quem se importaria? É um mundo inerte, cheio de fazendas e com muito gado, tanto com quatro patas como com duas pernas.

– Não será tedioso, depois de Trantor?

– Sim, é com isso que estou contando. E, se ficar tedioso demais, posso conseguir uma bolsa para ir a outro lugar e fazer um pouco de pesquisa histórica. É a vantagem da minha área.

– De um matemático, por outro lado – disse Seldon, com um traço de amargura em relação a algo que nunca o havia incomodado antes –, espera-se apenas que ele fique no computador e pense. Falando em computadores... – ele hesitou. Tinham terminado o café da manhã e lhe parecia muito provável que ela tivesse outras coisas a fazer.

Mas ela não parecia com pressa para ir embora.

– Sim? – ela perguntou. – Falando em computadores?

– Será que consigo uma permissão para usar a biblioteca de história?

– Acho – então foi Dors quem hesitou – que isso pode ser providenciado. Se você trabalhar na programação de matemática, será provavelmente considerado um membro parcial do corpo docente, e posso pedir que lhe garantam a permissão. Porém...

– Porém?

– Não quero magoá-lo, mas você é um matemático e diz que não sabe nada sobre história. Você saberia usar uma biblioteca de história?

Seldon sorriu.

– Imagino que vocês usam os computadores da mesma forma que em uma biblioteca de matemática – arriscou.

– Sim, mas o sistema de cada especialização tem suas próprias peculiaridades. Você não conhece os livros-filmes de referência básica nem métodos rápidos de filtrar e avançar. Talvez consiga encontrar um intervalo hiperbólico de olhos fechados...

– Você quer dizer integral hiperbólica – interrompeu Seldon com suavidade, mas Dors o ignorou.

– ... mas provavelmente não sabe como encontrar os termos do Tratado de Poldark em menos de um dia e meio.

– Imagino que eu possa aprender.

– Se... se... – ela parecia um pouco inquieta. – Se você quiser, tenho uma sugestão. Dou um curso semanal, de uma hora por dia, sem valer

nota, sobre o uso da biblioteca. É para alunos. Você consideraria abaixo da sua dignidade participar de um curso desses… com alunos, quero dizer? Começa em três semanas.

– Você podia me dar aulas particulares – Seldon ficou ligeiramente surpreso com o tom sugestivo que surgiu em sua voz.

E ela percebeu.

– Eu provavelmente poderia – respondeu –, mas acho que seria mais vantajoso se você tivesse uma instrução mais formal. Usaremos a biblioteca e no final da semana será solicitado que você localize informações sobre assuntos específicos de interesse histórico. Você competirá com os outros alunos ao longo do curso, e isso o ajudará a aprender. Aulas particulares seriam bem menos eficientes, eu garanto. Ainda assim, entendo a dificuldade de competir com alunos. Caso você não se saia tão bem quanto eles, pode se sentir humilhado. Precisa se lembrar de que eles já estudaram história elementar, e você talvez não.

– Não estudei. Nada de "talvez". Mas não tenho medo de competir e não hei de me incomodar com alguma humilhação que possa surgir… – desde que eu aprenda os segredos da busca por referências históricas.

Era evidente para Seldon que ele estava começando a gostar da moça e que ele aproveitaria de bom grado a chance de ser aluno dela. Tinha consciência, também, de que chegara a um ponto de virada em sua mente.

Ele prometera a Hummin que tentaria elaborar uma psico-história praticável, mas aquela tinha sido uma promessa da mente, não do coração. Agora, estava determinado a agarrar a psico-história pelo pescoço – se precisasse – para transformá-la em algo praticável. Talvez fosse a influência de Dors Venabili.

Ou será que Hummin contava com aquilo? Hummin, decidiu Seldon, devia ser uma pessoa formidável.

19

Cleon I terminou o jantar, que, infelizmente, se tratava de um compromisso formal de Estado. Isso significava que ele precisava passar seu tempo conversando com oficiais – nenhum dos quais

conhecia ou se lembrava de ter visto – com frases preestabelecidas para que cada um recebesse seu afago e, portanto, tivesse sua lealdade pela Coroa reforçada. Significava, também, que a comida chegava morna até ele, e ficava ainda mais fria até que ele pudesse comer.

Devia existir alguma maneira de evitar aquilo. Comer antes, talvez, por conta própria ou com uma ou duas pessoas mais próximas, com quem pudesse relaxar; então seguir para o jantar formal, no qual poderia degustar apenas uma pera importada. Ele adorava peras. Mas será que isso ofenderia os convidados, que considerariam a recusa do Imperador em comer com eles um insulto calculado?

Sua esposa era inútil nessa questão, claro, pois sua presença apenas acentuaria o incômodo. Ele se casara porque ela era membro de uma poderosa família dissidente, e a expectativa era de que, como resultado da união, eles silenciassem a dissidência – mesmo que Cleon esperasse piamente que ela, pelo menos, não o fizesse. Ele aceitava tranquilamente que ela vivesse a própria vida em seus próprios aposentos, com exceção dos esforços necessários para a produção de um herdeiro, já que, para dizer a verdade, ele não gostava dela. E, agora que o herdeiro viera, ele podia ignorá-la completamente.

– Demerzel! – exclamou Cleon, mastigando uma castanha do punhado que embolsou ao deixar a mesa.

– Majestade?

Demerzel sempre aparecia imediatamente quando Cleon o chamava. Talvez ele pairasse constantemente à porta ou nas proximidades graças a um aviso do instinto de subserviência que ele seria chamado dali a alguns minutos – mas ele *sempre* aparecia e isso, divagou Cleon, era o que importava. Havia, claro, períodos em que Demerzel precisava ausentar-se por causa de missões imperiais. Cleon detestava essas ausências. Elas o deixavam desconfortável.

– O que aconteceu com o matemático? – questionou Cleon. – Esqueci o nome.

– Qual matemático tem em mente, Majestade? – perguntou Demerzel, que decerto sabia sobre de quem Cleon falava, mas talvez quisesse estudar quanto o Imperador se lembrava.

– O vidente – Cleon fez um gesto impaciente com a mão. – Aquele que veio me ver.

– Aquele que fomos buscar?

– Fomos buscar, que seja. Ele veio me ver. Que eu me lembre, você

ia resolver o problema. E então?

– Majestade – Demerzel pigarreou –, eu tentei resolver.

– Ah! Isso significa que você falhou, não é mesmo?

De certa maneira, Cleon ficou satisfeito. Demerzel era o único de seus ministros que não hesitava ao assumir falhas. Os outros nunca admitiam o fracasso e, considerando que, mesmo assim, fracassos eram comuns, era difícil corrigi-los. Talvez Demerzel se permitisse ser mais honesto porque raramente falhava. Se não fosse por Demerzel, pensou Cleon, com tristeza, ele nunca ouviria o som da honestidade. Talvez nenhum Imperador tenha ouvido e talvez fosse esse um dos motivos pelos quais o Império...

Ele afastou os pensamentos e, repentinamente irritado com o silêncio de Demerzel, já que acabara de admirar sua honestidade em pensamento, insistiu secamente:

– E então? Você fracassou, não fracassou?

– Fracassei em parte, Majestade – Demerzel não hesitou. – Considerei que tê-lo aqui em Trantor, onde as coisas são... difíceis, talvez representasse um problema para nós. Foi fácil chegar à conclusão de que ele ficaria em uma posição mais conveniente em seu planeta natal. Ele planejava voltar para seu planeta no dia seguinte, mas havia sempre a chance de complicações, de ele decidir ficar em Trantor. Por isso, tomei providências para que dois arruaceiros o colocassem em seu voo naquele mesmo dia.

– Você conhece arruaceiros, Demerzel? – divertiu-se Cleon.

– É importante, Majestade, ter contato com diferentes tipos de pessoas, pois cada um tem sua própria variedade de usos, e isso inclui arruaceiros. Acontece que eles não foram bem-sucedidos.

– E por que não?

– Surpreendentemente, Seldon conseguiu afugentá-los.

– O matemático sabia lutar?

– Pelo que parece, matemática e artes marciais não necessariamente excluem uma à outra. Descobri tarde demais que seu mundo, Helicon, é notável por isso... artes marciais, não matemática. O fato de eu não ter descoberto antes foi uma falha, Majestade, e rogo por vosso perdão.

– Mas, então, suponho que o matemático tenha partido para seu planeta natal no dia seguinte, como tinha planejado.

– Infelizmente, o episódio saiu pela culatra. Surpreendido pelo

evento, ele decidiu não retornar a Helicon e permaneceu em Trantor. Talvez tenha sido aconselhado a tanto por um transeunte, que calhou de estar presente no momento da briga. Foi outra complicação inesperada.

– Então, o nosso matemático... – Cleon franziu as sobrancelhas. – *Qual é* o nome dele?

– Seldon, Majestade. Hari Seldon.

– Então esse Seldon está fora de alcance.

– De certa maneira, Majestade. Rastreamos seus movimentos e agora ele está na Universidade de Streeling. Enquanto estiver lá, ele é intocável.

Cleon fechou o rosto e ficou levemente vermelho.

– Fico irritado com essa palavra, "intocável". Não deveria haver nenhum lugar do Império que minha mão não pudesse alcançar. Mas aqui, no meu próprio mundo, você me diz que alguém pode ser intocável. Vergonhoso!

– Sua mão pode tocar a universidade. Vossa Majestade pode enviar seu exército e arrancar esse Seldon de lá em qualquer momento que quiser. Porém, fazê-lo é algo... indesejável.

– Por que não diz "insensato", Demerzel? Você parece o matemático falando de vidência. É possível, mas insensato. Sou um Imperador para quem tudo é possível, mas pouco é sensato. Lembre-se, Demerzel. Se atingir Seldon é insensato, atingir você é totalmente sensato.

Eto Demerzel ignorou o último comentário. O "homem por trás do trono" sabia de sua importância para Cleon I, e ouvira tais ameaças antes. Esperou em silêncio enquanto o Imperador o encarava, furioso.

– E então – prosseguiu Cleon, batucando os dedos no braço da cadeira –, de que utilidade é esse matemático, se ele está na universidade?

– Talvez seja possível, Majestade, tirar proveito da adversidade. Enquanto estiver lá, ele talvez decida se dedicar à psico-história.

– Mesmo que ele insista que é impraticável?

– Ele talvez esteja equivocado, e talvez descubra que está equivocado. E, se descobrir que esteve equivocado, encontraríamos alguma maneira de tirá-lo da universidade. É possível que ele se junte a nós voluntariamente, nessas circunstâncias.

O Imperador perdeu-se em pensamentos por um instante.

– E se outra pessoa arrancá-lo de lá antes que a gente o faça? – perguntou.

– Quem desejaria fazer isso, Majestade? – indagou Demerzel, com suavidade.

– O prefeito de Wye, para começar – retrucou Cleon, subitamente gritando. – Seu maior sonho ainda é assumir o Império.

– A idade avançada amoleceu as garras do prefeito de Wye, Majestade.

– Não ouse acreditar nisso, Demerzel.

– E não temos nenhum motivo para supor que ele tenha qualquer interesse em Seldon ou até mesmo que saiba de sua existência, Majestade.

– Ora, Demerzel. Se nós o ouvimos falar no seminário, Wye também ouviu. Se nós enxergamos a possível importância de Seldon, Wye também pode enxergar.

– Caso isso aconteça – sugeriu Demerzel –, ou se houver uma possibilidade considerável de acontecer, teríamos justificativas para tomar atitudes severas.

– Quão severas?

– Talvez seja prudente cogitar – respondeu Demerzel, com cautela – que, em vez de arriscar que Seldon caia nas mãos de Wye, talvez preferíssemos que ele não caia nas mãos de ninguém. Fazê-lo deixar de existir, Majestade.

– Matá-lo, você quer dizer – disse Cleon.

– Se são essas as palavras que o senhor deseja usar, Majestade – respondeu Demerzel.

20

Hari Seldon reclinou-se na cadeira da antessala que lhe fora destinada graças à intervenção de Dors Venabili. Ele estava insatisfeito.

Na verdade, apesar de ter sido essa a expressão que usou em sua cabeça, sabia que era subestimar seus sentimentos de maneira grosseira. Não estava simplesmente insatisfeito, estava furioso, especialmente porque não tinha certeza de qual era o motivo de sua fúria. Seriam as diferentes histórias? Os escritores e os compiladores

dessas histórias? Os mundos e as pessoas que faziam as histórias?

Fosse qual fosse o alvo de sua fúria, aquilo não era importante. O que importava é que suas anotações eram inúteis, seu novo conhecimento era inútil, tudo era inútil.

Ele estava na universidade havia seis semanas. Conseguira encontrar rapidamente um terminal de acesso e, com ele, começara a trabalhar, sem instruções, mas usando a intuição que desenvolvera ao longo de inúmeros anos de dedicação à matemática. O processo mostrara-se lento e hesitante, mas havia certo prazer em determinar gradualmente as rotas pelas quais poderia responder às próprias perguntas.

Então veio a semana de aulas com Dors, que lhe ensinou várias dezenas de atalhos e que trouxe dois conjuntos de constrangimentos. O primeiro incluiu os olhares de soslaio que recebeu dos alunos, que pareciam desdenhosamente conscientes de sua idade mais avançada e estavam sempre dispostos a demonstrar insatisfação pelo constante uso do honorífico “doutor” por parte de Dors, ao se referir a ele.

– Não quero que eles pensem que você é um repetente contumaz que vive fazendo aulas de recuperação de história – ela explicou.

– Mas você certamente já deixou isso claro. Agora, um simples “Seldon” deve ser suficiente.

– Não – respondeu Dors, sorrindo subitamente. – Além disso, gosto de chamá-lo de “dr. Seldon”. Gosto do jeito como você fica desconfortável toda vez.

– Você tem um humor sádico peculiar.

– Você me privaria disso?

Por algum motivo, aquilo o fez rir. Certamente, a reação natural teria sido negar o sadismo. Mas, de alguma maneira, ele apreciou o fato de ela ter aceitado a jogada e devolvido de maneira informal. Aquele pensamento naturalmente levou a uma pergunta:

– Vocês jogam tênis aqui?

– Temos quadras, mas eu não jogo.

– Ótimo. Vou ensinar-lhe. E, quando o fizer, insistirei em chamá-la de Professora Venabili.

– Mas é assim que você me chama na sala de aula.

– Você ficará surpresa com quão ridículo isso soará na quadra de tênis.

– Eu talvez goste.

– Nesse caso, tentarei encontrar outras coisas de que você talvez não goste.

– Vejo que você tem um humor lascivo peculiar.

Ela jogara aquela bola propositadamente, e ele respondeu:

– Você me privaria disso?

Ela sorriu e, mais tarde, saiu-se surpreendentemente bem na quadra de tênis.

– Tem certeza de que nunca jogou tênis? – perguntou Seldon, ofegante, após uma partida.

– Absoluta – ela respondeu.

O outro conjunto de constrangimentos foi mais privativo. Ele aprendeu as técnicas necessárias para pesquisa histórica e então sofreu – em particular – com suas primeiras tentativas de usar a memória do computador. Era um raciocínio completamente distinto do usado em matemática. Era igualmente lógico, supôs Seldon, pois era possível usá-lo para avançar em qualquer direção que ele desejasse, com consistência e sem erros. Mas era um tipo de lógica substancialmente diferente daquele ao qual estava acostumado.

De qualquer forma, com ou sem instruções, tropeçando ou progredindo com velocidade, ele simplesmente não conseguia resultados.

Sua irritação ficou aparente na quadra de tênis. Dors chegou rapidamente a um nível em que não era necessário mandar bolas fáceis para que ela tivesse tempo de avaliar direção e distância. Assim, foi fácil esquecer que ela era apenas iniciante, e ele expressou sua raiva nas raquetadas, devolvendo a bola como se fosse o disparo de um laser solidificado.

Ela saltitou até a rede e disse:

– Entendo que você queira me matar, já que deve ser irritante me ver errar com tanta frequência. Mas como foi que você conseguiu *não* acertar minha cabeça desta vez? Quer dizer, não pegou nem de raspão. Você não consegue se esforçar mais?

Seldon, horrorizado, tentou se explicar, mas só conseguiu ser incoerente.

– Escute – ela disse –, não vou receber mais nenhum de seus voleios por hoje, então que tal tomarmos banho e nos encontrarmos para um chá ou coisa assim? Aí você pode me contar o que *exatamente* está tentando matar. Se a cabeça não fosse minha e se você não desabafar

sobre o alvo verdadeiro, será perigoso demais tê-lo do outro lado da rede para que eu queira servir de alvo.

– Dors – comentou Seldon quando estavam tomando chá –, pesquisei história depois de história; apenas levantei os dados, investiguei. Ainda não tive tempo para estudar profundamente. Ainda assim, já é óbvio. Todos os livros-filmes focam os mesmos acontecimentos.

– Cruciais. Definidores da história.

– Isso é apenas uma desculpa. Eles copiam uns aos outros. São vinte e cinco milhões de mundos aí fora e há menções significativas a apenas vinte e cinco, talvez.

– Você está lendo apenas história geral da Galáxia. Procure pela história específica de alguns dos mundos menores. Em todos os mundos, por menores que sejam, as crianças aprendem sobre a história local antes mesmo de descobrir que existe uma Galáxia gigantesca lá fora. Você mesmo deve saber mais sobre Helicon neste exato momento do que sobre a ascensão de Trantor ou sobre a Grande Guerra Interestelar, não é?

– Esse tipo de conhecimento também é limitado – argumentou Seldon, com tristeza. – Conheço a geografia heliconiana, as histórias de sua colonização e as malfeitorias e infrações do planeta Jennisek... é o nosso inimigo tradicional, apesar de nossos professores terem cautelosamente nos ensinado que deveríamos dizer “adversário tradicional”. Mas nunca aprendi nada sobre as contribuições de Helicon à história galáctica geral.

– Talvez não exista nenhuma.

– Bobagem. Claro que existe. Podem não ter sido batalhas espaciais grandiosas e abrangentes, rebeliões cruciais ou tratados de paz envolvendo Helicon. Pode não ter sido um competidor imperial que se estabeleceu em Helicon. Mas *deve* haver pequenas influências. Uma coisa não pode acontecer em um lugar sem que isso afete todo o resto. Ainda assim, não consigo encontrar nada que me ajude. Entenda, Dors. Na matemática, tudo pode ser encontrado no computador; tudo o que sabemos ou descobrimos em vinte mil anos. Não é a mesma coisa com a história. Os historiadores escolhem e priorizam, e todos eles escolhem sempre a mesma coisa.

– Mas, Hari – respondeu Dors –, a matemática é uma invenção humana ordenada. Uma coisa é resultado de outra coisa. Existem

definições e axiomas, todos os quais são conhecidos. Tudo faz parte... faz parte... de uma mesma coisa. A história é diferente. É uma organização inconsciente das ações e dos pensamentos de quatrilhões de seres humanos. Os historiadores *precisam* escolher e priorizar.

– Exatamente – disse Seldon –, mas eu preciso conhecer a história completa se pretendo estabelecer as leis da psico-história.

– Se for assim, você *nunca* formulará as leis da psico-história.

Isso acontecera no dia anterior. Agora, Seldon estava sentado em sua divisória, depois de mais um dia de fracasso absoluto, e podia ouvir a voz de Dors dizendo: “Se for assim, você *nunca* formatará as leis da psico-história”.

Era o que ele achava no início e, se não fosse pela convicção contrária de Hummin e sua curiosa habilidade de acender uma chama de convicção contrária também em Seldon, ele teria continuado a achar isso.

E, ainda assim, ele tampouco conseguiria desistir. Será que havia alguma solução?

Ele não conseguia pensar em nenhuma.

SUPERFÍCIE EXTERIOR

——— Trantor...

Quase nunca é mostrado como um mundo visto do espaço. Faz muito tempo que se instalou na imaginação da humanidade como um mundo interiorizado e a imagem predominante é a da colmeia humana que existia sob seus domos. Ainda assim, havia também um exterior, e existem hologramas intactos cujas capturas foram feitas a partir do espaço e mostram níveis variados de detalhes (ver figuras 14 e 15). Observe que a superfície dos domos – a interface entre a vasta cidade e a atmosfera que a encobria, conhecida, na época, como “Superfície Exterior” – é...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

21

Ainda assim, Seldon estava de volta à biblioteca no dia seguinte. Para início de conversa, havia a promessa que fizera a Hummin. Ele prometera tentar, e tal promessa exigia dedicação total. Além disso, ele devia algo também a si mesmo. Doía ter de admitir o fracasso – não por enquanto, pelo menos. Não enquanto pudesse dizer honestamente a si mesmo que havia indícios que podia averiguar.

Por isso, analisou a lista de livros-filmes referenciais que ainda não tinha verificado e tentou decidir qual daqueles números nada atraentes tinha a mínima chance de oferecer alguma utilidade. Ele tinha praticamente decidido "nenhum dos anteriores" e chegado à conclusão de que não havia outra maneira além de checar trechos de cada um quando foi surpreendido por uma gentil batida na parede da divisória.

Seldon ergueu a cabeça e encontrou o constrangido rosto de Lisung Randa olhando para ele pela beirada da divisória. Seldon conhecia Randa; tinha sido apresentado por Dors e haviam jantado juntos (e com outros) em várias ocasiões.

Randa, um professor de psicologia, era um homem pequeno, baixinho e rechonchudo, com um rosto alegre e redondo e um sorriso quase constante. Tinha a pele amarelada e os olhos estreitos, característicos dos povos de milhões de mundos. Seldon conhecia bem aquela aparência, pois muitos dos grandes matemáticos tinham tais feições e ele vira frequentemente seus hologramas. Ainda assim, nunca tinha visto um desses orientais em Helicon (eles eram tradicionalmente chamados "orientais", apesar de ninguém saber por quê; e dizia-se que os próprios orientais de certa maneira se ressentiam do termo, apesar de, mais uma vez, ninguém saber por quê).

– Há milhões de nós aqui em Trantor – disse Randa, sorrindo sem nenhum sinal de constrangimento quando Seldon, ao conhecê-lo, não conseguiu reprimir os sinais de uma espantada admiração. – Você

também encontrará vários meridionais, com pele escura e cabelos densos encaracolados. Já viu algum?

– Não em Helicon – murmurou Seldon.

– São todos ocidentais em Helicon, então? Que tedioso! Mas não importa. Há de haver de tudo no universo. (Ele deixou Seldon na dúvida se havia orientais, meridionais e ocidentais, mas nenhum setentrional. Seldon tentou encontrar uma explicação para isso em sua busca por referências, sem sucesso.)

E agora o rosto bondoso de Randa olhava para ele com uma expressão quase teatral de preocupação.

– Você está bem, Seldon? – perguntou.

– Sim, claro – Seldon o encarou. – Por que não estaria?

– Estou julgando a partir dos sons, meu amigo. Você estava gritando.

– Gritando? – Seldon olhou para Randa com indignada descrença.

– Nada muito alto. Algo assim. – Randa rangeu os dentes e emitiu um som agudo e estrangulado, que saiu do fundo de sua garganta. – Se eu estiver enganado, peço desculpas por invadir sua privacidade sem motivos. Por favor, me perdoe.

– Está perdoado, Lisung – Seldon deixou a cabeça pender. – Já me disseram que eu faço esse som, de vez em quando. Garanto que é inconsciente. Nunca percebo quando o faço.

– Tem consciência de *por que* faz?

– Sim. Frustração. *Frustração*.

Randa fez um gesto para que Seldon se aproximasse.

– Estamos incomodando as pessoas – disse, em um tom mais baixo. – Vamos para o saguão antes que sejamos expulsos.

No saguão, enquanto os dois tomavam bebidas suaves, Randa continuou:

– Por interesse profissional, posso perguntar o *motivo* de tanta frustração?

– Por qual motivo alguém geralmente se sente frustrado? – Seldon deu de ombros. – Estou envolvido com algo em que não consigo progredir.

– Mas você é um matemático, Hari. Por que um assunto da biblioteca de história o frustraria?

– O que *você* está fazendo aqui?

– Apenas passando, um atalho para o meu destino, até que ouvi

você... se lamentando. Agora deixou de ser um atalho – ele sorriu – e se transformou em um grande atraso, mas ao qual dou boas-vindas.

– Quisera eu estar apenas passando pela biblioteca de história... Estou tentando resolver um problema matemático que requer certo conhecimento sobre história, e receio não estar me saindo muito bem.

Randa observou Seldon com uma incomum expressão solene no rosto.

– Desculpe-me – disse –, mas agora vou correr o risco de ofendê-lo. Tenho monitorado você.

– Me monitorado? – Os olhos de Seldon se arregalaram. Ele se sentiu particularmente furioso.

– Eu *de fato* o ofendi. Mas, sabe o que é, tenho um tio que era matemático. Você talvez tenha ouvido falar nele: Kiangtow Randa.

– Você é parente *daquele* Randa? – Seldon se surpreendeu.

– Sim. Ele é o irmão mais velho de meu pai e ficou bastante decepcionado por eu não ter seguido seus passos; ele não tem filhos. Achei que o agradaria de alguma forma saber que conheci um matemático e eu queria me gabar sobre você (se pudesse), então verifiquei as informações que estavam disponíveis na biblioteca de matemática.

– Entendi. Então é por isso que está aqui. Bom, eu lamento. Acho que não há muitos motivos para você se gabar.

– Pois você está enganado. O que vi me impressionou. Não consegui entender nada sobre os temas de seus seminários, mas, de alguma maneira, as informações pareciam ser bastante favoráveis. E, quando verifiquei o arquivo de notícias, descobri que você esteve na Convenção Decenal que aconteceu este ano. Então... de que se trata essa "psico-história"? Obviamente, as duas primeiras sílabas atiçaram minha curiosidade.

– Vejo que *esse* termo você entendeu.

– A não ser que eu esteja totalmente equivocado, me parece que você pode discernir o curso futuro da história.

– É mais ou menos isso – Seldon concordou com a cabeça, sem ânimo – o que define a psico-história. Ou melhor, o que deveria definir.

– Mas trata-se de um estudo sério? – Randa sorria. – Não é apenas lançar gravetos?

– Lançar gravetos?

– É uma referência a um jogo para crianças do meu planeta natal, Hopara. Teoricamente, o jogo prevê o futuro e, se você for uma criança esperta, pode tirar proveito dele. Diga a uma mãe que sua filha crescerá linda e se casará com um homem rico e você recebe, ali mesmo, um pedaço de bolo ou meio crédito. Essa mãe não vai esperar para ver se aquilo se tornará realidade; você recebe a recompensa apenas por dizer.

– Entendi. Não, não fico apenas lançando gravetos. A psico-história é somente um estudo abstrato. Estritamente abstrato. Não tem nenhuma aplicação prática. Exceto que...

– Agora estamos chegando a algum lugar. As exceções são a parte interessante.

– Exceto que eu gostaria de desenvolver uma aplicação prática. Talvez, se eu soubesse mais sobre história...

– Ah, então é por isso que você está lendo história?

– Sim, mas não está me adiantando em nada – respondeu Seldon, pesaroso. – Existe história demais e só uma pequena parte dela é contada propriamente.

– E isso é frustrante para você?

Seldon concordou com a cabeça.

– Mas, Hari – argumentou Randa –, você está aqui há apenas algumas semanas.

– É verdade, mas já posso ver que...

– Você não pode ver nada em apenas algumas semanas. Talvez precise passar toda a sua vida para fazer um único avanço. Podem ser necessárias gerações de dedicação de muitos matemáticos para chegar a um progresso genuíno quanto a esse problema.

– Eu sei disso, Lisung, o que não faz com que eu me sinta melhor. Quero fazer um progresso visível, e por conta própria.

– Bem, ficar se distraindo também não ajudará em nada. Se isso fizer você se sentir melhor, posso dar um exemplo de um assunto bem menos complexo do que a história humana sobre o qual as pessoas têm de estudar por sabe-se lá quanto tempo, sem muito progresso. Sei disso porque há uma equipe trabalhando nele aqui mesmo, na universidade, e um de meus melhores amigos está envolvido. Você não sabe o que é frustração. Aquilo é frustração!

– Qual é o assunto? – Seldon percebeu uma pequena curiosidade agitando-se em sua mente.

– Meteorologia.

– Meteorologia? – Seldon sentiu-se revoltado com a resposta anticlimática.

– Não faça essa cara. Escute. Cada mundo habitado tem uma atmosfera. Cada mundo tem sua própria composição atmosférica, sua própria escala de temperatura, sua própria rotação e translação, sua própria inclinação de eixo, sua própria distribuição de água/terra. Temos vinte e cinco milhões de problemas diferentes e ninguém conseguiu encontrar uma generalização.

– É porque o comportamento atmosférico entra facilmente em uma fase caótica. Todo mundo sabe disso.

– É o que diz o meu amigo, Jenarr Leggen. Você o conheceu.

– Sujeito alto? – perguntou Seldon, pensativo. – Nariz comprido? Não é de falar muito?

– Ele mesmo. E Trantor é um quebra-cabeça maior do que qualquer outro mundo. De acordo com os registros, o planeta tinha um padrão climático razoavelmente comum quando os primeiros colonizadores chegaram. Então, conforme a população cresceu e a urbanização se espalhou, mais energia foi usada e mais calor foi lançado à atmosfera. As calotas polares diminuíram, a camada de nuvens ficou mais espessa e o clima piorou. Isso encorajou o crescimento subterrâneo e deu início a um círculo vicioso. Conforme o clima piorava, mais profundas eram as escavações e mais domos eram construídos, e o clima piorava ainda mais. Agora o planeta se tornou um mundo quase constantemente nublado e com chuvas frequentes (ou neve, quando está frio o suficiente). O problema é que ninguém consegue determinar com clareza. Ninguém conseguiu desenvolver uma análise que possa explicar por que o clima se deteriorou dessa maneira ou como seria possível prever com precisão as mudanças que acontecem no dia a dia.

Seldon deu de ombros.

– Esse tipo de coisa tem importância? – perguntou.

– Para um meteorologista, sim. Por que eles não poderiam ficar tão frustrados com os próprios problemas quanto você fica com os seus? Não seja um chauvinista de projeto.

Seldon se lembrou do céu nublado e do frio úmido no trajeto para o palácio do Imperador.

– E o que está sendo feito em relação a isso? – perguntou.

– Há um grande projeto com esse tema aqui na universidade, e Jenarr Leggen faz parte dele. Eles acreditam que, se conseguirem entender as mudanças climáticas em Trantor, aprenderão bastante sobre as leis básicas da meteorologia geral. Leggen quer isso tanto quanto você quer suas leis para a psico-história. Por isso, ele instalou um conjunto incrível de instrumentos dos mais variados tipos na Superfície Exterior... você sabe, acima dos domos. Até agora, não os ajudou em nada. E, se tantas gerações se dedicaram e ainda se dedicam às questões da atmosfera, sem resultados, como você pode reclamar que não conseguiu nada sobre a história humana em apenas algumas semanas?

Randa estava certo, pensou Seldon, enquanto ele próprio agia de maneira irracional e equivocada. Ainda assim... ainda assim... Hummin diria que esse tipo de fracasso na abordagem científica de um problema era mais um sinal da decadência dos tempos. Ele talvez estivesse certo *também*, com a diferença de que falava sobre uma decadência generalizada e de efeito *médio*. Seldon não sentia nenhuma decadência de capacidade e mentalidade em si mesmo.

– Você quer dizer que pessoas sobem para as partes externas dos domos e ficam a céu aberto? – perguntou, com genuíno interesse.

– Sim. Superfície Exterior. Mas é uma coisa engraçada. A maior parte dos trantorianos não quer subir. Eles não gostam de ir para lá. A ideia lhes dá vertigem, alguma coisa assim. A maioria dessas pessoas que trabalham no projeto de meteorologia veio de outros mundos.

Seldon olhou pela janela, para os gramados e pequenos jardins do *campus*, totalmente iluminados, mas sem sombras ou um calor opressivo.

– Não sei se posso julgar os trantorianos por gostarem do conforto sob os domos – murmurou, pensativo –, mas imaginei que a curiosidade levaria pelo menos *alguns* à Superfície Exterior. Certamente levaria a mim.

– Você quer dizer que gostaria de ver a meteorologia em ação?

– Creio que sim. Como se faz para chegar à Superfície Exterior?

– É fácil. Um elevador o leva até lá em cima, uma porta se abre, e pronto. Já estive lá. É... único.

– Isso tiraria minha mente da psico-história por algum tempo – suspirou Seldon. – Seria algo bem-vindo.

– Por outro lado – respondeu Randa –, meu avô sempre dizia que

“todo conhecimento é apenas um”, e talvez estivesse certo. Você talvez aprenda alguma coisa sobre meteorologia que o ajude em sua psico-história. Não acha possível?

Seldon abriu um sorriso sem convicção.

– Muitas coisas são possíveis – disse, e então pensou consigo mesmo: *mas não praticáveis.*

22

Dors achou graça.

– Meteorologia? – perguntou.

– Sim – respondeu Seldon. – Há uma coleta de dados agendada para amanhã e vou subir com eles.

– Está cansado de história?

– Sim, estou – ele concordou com a cabeça, taciturno. – A mudança será bem-vinda. Além disso, Randa me disse que se trata de outro problema grandioso demais para a matemática resolver e me fará bem ver que minha situação não é única.

– Espero que você não seja agorafóbico.

– Não, não sou – Seldon abriu um sorriso –, mas entendo a pergunta. Randa disse que os trantorianos são frequentemente agorafóbicos e não sobem até a Superfície Exterior. Imagino que se sintam desconfortáveis sem uma camada protetora.

– Em alguns lugares, isso é natural e compreensível – Dors concordou com a cabeça –, mas há também muitos trantorianos em outros planetas da Galáxia; turistas, administradores e soldados trantorianos em mundos sem cobertura. Além disso, agorafobia não é exatamente rara no universo.

– Talvez não seja, Dors, mas eu não sou agorafóbico. Estou curioso e a mudança me agrada, portanto vou me juntar a eles amanhã.

– Eu deveria subir com você – hesitou Dors –, mas tenho uma agenda lotada para amanhã. De qualquer jeito, se você não é agorafóbico, não terá dificuldade alguma e provavelmente aproveitará muito. Oh, e fique perto dos meteorologistas. Já ouvi falar sobre pessoas que se perderam lá em cima.

– Serei cuidadoso. Faz muito tempo desde que me perdi de verdade em algum lugar.

23

Jenarr Leggen tinha um aspecto sombrio. Não era por causa da pele, que tinha um tom claro; tampouco por causa das sobrancelhas, grossas e escuras. Em vez disso, a questão era que aquelas sobrancelhas estavam curvadas sobre olhos profundos e um nariz longo e deveras proeminente. Por causa disso, ele parecia tremendamente sisudo. Seus olhos não sorriam e, quando ele falava – o que não acontecia com muita frequência –, tinha uma voz grave, forte e surpreendentemente ressonante, considerando seu corpo magro.

– Você precisará de roupas mais quentes do que essas, Seldon – comentou Leggen.

– É mesmo? – Seldon olhou à volta.

Havia dois homens e duas mulheres se preparando para subir com Leggen e Seldon. Suas roupas trantorianas acetinadas estavam cobertas por espessos casacos que, como era de se esperar, tinham cores gritantes e design ousado, assim como as de Leggen. Nenhum deles tinha a menor semelhança com os outros.

– Me desculpe – continuou Seldon, olhando para si mesmo –, eu não sabia. Não tenho nenhum casaco apropriado.

– Posso lhe emprestar um. Acho que há um sobressalente em algum lugar por aqui... Sim, aqui está. Um pouco surrado, mas é melhor do que nada.

– Casacos como este podem fazer com que a gente fique com muito calor – comentou Seldon.

– Aqui, seria mesmo o caso – respondeu Leggen. – Mas as condições são diferentes na Superfície Exterior. Muito frio e muito vento. É uma pena que eu não tenha calças e botas sobressalentes para emprestar. Você vai querer.

O grupo levava um carrinho cheio de instrumentos, que testavam um a um com o que Seldon considerou ser uma lentidão desnecessária.

– Seu planeta natal é gelado? – perguntou Leggen.

– Partes de Helicon são, claro – disse Seldon. – A região de onde venho é amena e chove com frequência.

– Pena. Você não vai gostar do clima na Superfície Exterior.

– Creio que posso aguentar pelo tempo que estivermos lá em cima.

Quando estava pronto, o grupo entrou em um elevador com a placa: USO RESTRITO A PESSOAS AUTORIZADAS.

– É porque esse elevador vai para a Superfície Exterior – explicou uma das moças –, e as pessoas não podem ir para lá sem bons motivos.

Seldon não tinha sido apresentado à moça, mas ouviu os outros chamarem-na de Clowzia. Ele não sabia se era um nome, um sobrenome ou um apelido.

O elevador não parecia ser diferente dos outros em que Seldon estivera, tanto ali em Trantor como em Helicon (exceto, claro, o elevador gravitacional que usara com Hummin), mas saber que aquele equipamento o levaria para fora do confinamento, para o vazio externo do planeta, fazia com que parecesse uma espaçonave.

Seldon sorriu internamente. Um tolo devaneio.

O elevador estremeceu de leve, o que fez com que Seldon se lembrasse do presságio de Hummin sobre a decadência galáctica. Leggen, os outros homens e uma das mulheres pareciam congelados à espera, como se tivessem interrompido seus movimentos e atividade mental até que pudessem sair, mas Clowzia olhava Seldon constantemente pelo canto do olho, como se o considerasse algo muito impressionante.

Seldon inclinou-se em sua direção e sussurrou (pois não queria incomodar os outros):

– Vamos até uma altura muito grande?

– Grande? – ela repetiu. Falava em um tom normal, aparentemente discordando de que os outros precisassem de silêncio. Ela parecia bastante jovem e ocorreu a Seldon que havia fortes chances de ela ser uma aluna. Uma novata, talvez.

– Estamos demorando bastante. A Superfície Exterior deve ficar a muitos níveis de altura.

Por um instante ela ficou intrigada.

– Oh, não – respondeu, enfim. – Não chegaremos tão alto assim. Começamos de uma profundidade muito grande. A universidade fica em um nível baixo. Precisamos de uma grande quantidade de energia e, se estivermos mais próximos da superfície do planeta, os custos são menores.

– Certo – interrompeu Leggen. – Aqui estamos. Vamos instalar o equipamento.

O elevador parou com um pequeno tremor e a porta larga deslizou

para o lado rapidamente. A temperatura caiu de imediato e Seldon colocou as mãos nos bolsos, contente por estar usando um casaco. Um vento gelado sacudiu seus cabelos e lhe ocorreu que um chapéu teria sido útil. Quando o pensamento surgiu em sua cabeça, Leggen puxou algo de dentro de seu casaco, estufou-o com um estalo e colocou na cabeça. Os outros fizeram o mesmo.

Apenas Clowzia hesitou. Parou pouco antes de vestir o chapéu e então o ofereceu a Seldon.

– Não posso pegar o seu chapéu, Clowzia – Seldon negou com a cabeça.

– Vá em frente. Meu cabelo é comprido e espesso. O seu é curto e um pouco... fino.

Seldon teria preferido negar com mais firmeza – e, em outra situação, teria feito justamente isso. Porém, naquele momento, aceitou o chapéu.

– Muito obrigado – murmurou. – Se você ficar com frio na cabeça, eu o devolvo.

Talvez ela não fosse tão jovem assim. Era uma impressão causada por seu rosto redondo, quase de bebê. E, agora que ela chamara a atenção para seus cabelos, ele reparara no charmoso tom vermelho dos fios. Seldon nunca vira cabelos como aqueles em Helicon.

A parte exterior estava coberta por nuvens, como quando ele fora levado pelo campo aberto até o palácio. Estava consideravelmente mais frio do que naquele dia, mas Seldon supôs que era por causa das seis semanas de inverno que tinham se passado desde então. As nuvens eram mais densas e o dia estava perceptivelmente mais escuro e ameaçador – ou será que era apenas mais tarde, mais perto da noite? Eles certamente não subiriam para uma importante coleta de dados sem uma ampla parte do dia pela frente. Ou será que não esperavam levar tanto tempo?

Seldon gostaria de ter perguntado, mas lhe ocorreu que o grupo talvez não apreciasse perguntas naquele momento. Todos pareciam em estágios variados que iam de empolgação a raiva.

Ele olhou à sua volta.

Estava sobre algo que, considerando o som produzido quando bateu o pé no chão sem pedir licença, parecia metal. Mas o metal não estava exposto: conforme caminhava, deixava pegadas. A superfície estava evidentemente coberta por algum tipo de poeira, areia fina ou lama.

E por que não estaria? Não devia haver ninguém para fazer limpeza. Por curiosidade, ele se agachou para tocar o material com os dedos.

Clowzia aproximou-se de Seldon e percebeu o que ele fazia.

– Nós limpamos apenas por aqui, por causa dos instrumentos – disse, como uma dona de casa flagrada em uma embaraçosa negligência. – É muito pior na maioria da Superfície Exterior, mas isso realmente não importa. Serve como material de isolamento, sabe?

Seldon grunhiu e continuou a observar à sua volta. Não havia a menor possibilidade de entender os instrumentos, que pareciam crescer naquele solo (se é que tal termo poderia ser usado). Ele não tinha a mínima ideia do que eram ou o que mediam.

Leggen caminhou em sua direção. Ele erguia os pés e os colocava no chão com cautela, e Seldon imaginou que era para evitar interferências no equipamento. Fez uma anotação mental para também caminhar daquela maneira.

– Você! Seldon!

Seldon não gostou do tom de voz.

– Sim, dr. Leggen?

– Pois bem. Dr. Seldon, então – ele respondeu, impaciente. – Aquele camarada baixinho, Randa, disse que você é um matemático.

– Isso mesmo.

– Um bom matemático?

– Eu prefiro acreditar que sim, mas é algo difícil de garantir.

– E está interessado em problemas insolúveis?

– Estou empacado em um.

– E eu estou empacado em outro. Sinta-se livre para olhar por aí. Se tiver alguma dúvida, nossa estagiária, Clowzia, o ajudará. Você talvez possa nos ser útil.

– Seria um prazer, mas não sei nada sobre meteorologia.

– Não tem problema, Seldon. Quero apenas suas impressões gerais sobre a coisa e depois gostaria de discutir o que for possível sobre a *minha* matemática.

– Estou à disposição.

Leggen deu meia-volta, seu longo rosto carrancudo ainda inflexível. Então, voltou-se para Seldon novamente.

– Se você ficar com frio, com frio *demais*, a porta do elevador está aberta. Basta entrar e apertar o botão marcado como BASE UNIVERSIDADE.

Ele o levará para baixo e depois voltará automaticamente. Clowzia pode lhe mostrar, caso esqueça.

– Não esquecerei.

Dessa vez, Leggen foi embora e Seldon o observou enquanto isso, sentindo o frio gelado esfaqueando seu casaco. Clowzia foi mais uma vez até ele, seu rosto já levemente avermelhado por causa do vento.

– O dr. Leggen parece irritado – disse Seldon. – Ou aquela é sua expressão normal o tempo todo?

Ela riu.

– Ele realmente parece irritado a maior parte do tempo – disse –, mas, desta vez, está irritado de verdade.

– Por quê? – perguntou Seldon, naturalmente.

Clowzia olhou por cima do ombro, seus longos cabelos voando.

– Eu não deveria saber – disse –, mas sei mesmo assim. O dr. Leggen tinha calculado que hoje, neste exato momento, haveria uma abertura nas nuvens, e ele planejava fazer coletas de dados específicos sob a luz do sol. Porém... bom, olhe como está o tempo.

Seldon concordou com a cabeça.

– Temos receptores de holovisualização aqui em cima, portanto ele sabia que estava nublado (mais do que o normal) e acho que contava com algum erro dos instrumentos, para que fosse culpa deles, e não de seus cálculos. Porém, até agora não encontramos nada fora do lugar.

– E é por isso que ele parece tão infeliz.

– Ora, ele *nunca* parece feliz.

Seldon olhou à sua volta com os olhos semicerrados. Apesar das nuvens, a luz era intensa. Ele percebeu que a superfície sob seus pés não era exatamente horizontal. Estava em um domo raso e, conforme olhou a distância, viu outros domos em todas as direções, com diferentes extensões e alturas.

– A Superfície Exterior parece ser irregular – comentou.

– A maior parte, se não me engano. Foi assim que foi desenvolvida.

– Algum motivo específico?

– Na verdade, não. A explicação que ouvi (quando olhei à volta e perguntei, assim como você) foi a de que, originalmente, os habitantes de Trantor construíram domos sobre alguns lugares, shopping centers, estádios, coisas do tipo, e então sobre cidades inteiras, e por isso havia muitos domos aqui e ali, com alturas e larguras diferentes. Quando os domos foram se aproximando, eram todos desiguais, mas as pessoas

decidiram que era daquele jeito que tinha de ser.

– Você quer dizer que algo praticamente acidental viria a ser considerado uma tradição?

– Imagino que sim, se você quiser usar essas palavras.

(Se algo praticamente acidental pode se transformar em algo considerado uma tradição, inquebrável ou quase inquebrável, pensou Seldon, seria essa uma lei da psico-história? Parecia trivial, mas quantas outras leis igualmente triviais existiam? Um milhão? Um bilhão? Será que havia relativamente poucas leis gerais, das quais essas leis triviais seriam corolários? E como ele poderia dizer? Por um momento, perdido em pensamentos, ele quase esqueceu o frio cortante.)

Mas Clowzia continuava afetada pelo frio, pois se arrepiou e disse:

– É horrível. Muito melhor sob os domos.

– Você é trantoriana? – perguntou Seldon.

– Sim, eu sou.

– Você se sente incomodada de estar aqui em cima? – questionou Seldon, lembrando-se da afirmação de Randa, de que os trantorianos eram agorafóbicos.

– Eu detesto – respondeu Clowzia –, mas quero meu diploma, minha especialização e meu *status*, e o dr. Leggen diz que não conseguirei nada disso sem algum trabalho de campo. Por isso, cá estou eu, detestando, especialmente quando está tão frio. Aliás, quando está frio assim você nem sonharia que existe vegetação crescendo sobre os domos, não é?

– *Existe*? – Seldon olhou secamente para Clowzia, suspeitando de algum tipo de piada para fazê-lo parecer um bobo. Ela parecia totalmente inocente, mas será que a impressão era verdadeira, ou era apenas seu rosto de bebê?

– Oh, sim, claro. Até mesmo aqui, quando está mais quente. Reparou no solo? Como eu disse, mantemos essa parte limpa por causa das coletas, mas em outros lugares ele se acumula pelos cantos e é especialmente fundo nos pontos em que os domos se encontram. Crescem plantas neste solo.

– Mas de onde vem o solo?

– Quando os domos cobriam apenas parte do planeta, o vento foi depositando solo sobre eles, pouco a pouco. Então, quando Trantor estava todo coberto e os níveis habitados eram cada vez mais fundos,

parte do material escavado, se fosse adequado, era distribuído por cima.

– Isso decerto romperia os domos.

– Não, de jeito nenhum. Os domos são muito fortes e têm pontos de apoio em todos os lugares. De acordo com um livro-filme que vi, a ideia era fazer plantações na Superfície Exterior, mas calhou de ser muito mais prático fazê-lo sob os domos. Além disso, levedura e algas também podiam ser cultivados dentro dos domos, o que diminuiu a demanda pelas plantações tradicionais. Portanto, decidiu-se deixar a Superfície Exterior seguir o seu curso natural. Há até animais por aqui: borboletas, abelhas, ratos, coelhos. Um monte deles.

– Mas as raízes das plantas não vão danificar os domos?

– Em mil anos, não danificaram nada. Os domos têm um tratamento na superfície para repelir as raízes. A maior parte da vegetação é grama, mas há algumas árvores também. Você poderia ver com seus próprios olhos, se fosse uma estação quente ou se estivéssemos mais para o sul, ou se você observasse de uma espaçonave. – Ela olhou para ele fazendo uma indicação lateral com os olhos. – Você viu Trantor quando estava descendo para aterrissar?

– Não, Clowzia, devo confessar que não vi. A hipernave não ficou em uma posição boa para que eu pudesse ver. *Você* já viu Trantor do espaço?

– Nunca estive no espaço – ela abriu um sorriso sem convicção.

Seldon olhou à sua volta. Cinza por todos os lados.

– Não consigo acreditar – ele disse. – Em vegetação na Superfície Exterior, quero dizer.

– Mas é verdade. Eu ouvi falar (de estrangeiros, pessoas como você, mas que *conseguiram* ver Trantor do espaço) que o planeta é verde, como um gramado, porque a maior parte é de grama e arbustos. Mas há árvores também. Há um pequeno bosque não muito longe daqui. Eu já vi. São perenifólias e têm até seis metros de altura.

– Onde?

– Não dá para ver daqui. Fica do outro lado de um domo. É...

– Clowzia! – O chamado soou distante. (Seldon se deu conta de que eles caminhavam conforme conversavam e tinham se afastado do grupo.) – Volte aqui. Precisamos de você.

– Oh. *Estou indo*! – gritou Clowzia. – Sinto muito, dr. Seldon, preciso ir.

Ela correu na direção do grupo com passadas leves, apesar das botas espessas.

Será que ela estava tirando sarro dele? Será que ela estava enchendo a cabeça do ingênuo estrangeiro com uma confusão de mentiras apenas para se divertir? Tais coisas aconteciam em todos os mundos, o tempo todo. Um ar de honestidade e transparência não servia como referência; na verdade, bons mentirosos cultivariam deliberadamente essa atitude.

Poderiam realmente existir árvores de seis metros na Superfície Exterior? Sem pensar demais no assunto, Seldon caminhou na direção do domo mais alto no horizonte. Agitou os braços, em uma tentativa de se aquecer. E seus pés estavam ficando gelados *mesmo*.

Clowzia não apontara em nenhuma direção. Poderia ter apontado, para dar-lhe alguma pista sobre a direção das árvores, mas não apontou. Por que não? Ele era obrigado a admitir que ela havia sido interrompida pelo chamado.

Os domos eram mais largos do que altos, o que era bom, ou o trajeto teria sido consideravelmente mais difícil. Por outro lado, a curvatura suave significava uma longa caminhada até que ele chegasse ao topo de um domo e pudesse enxergar o outro lado.

Enfim, Seldon conseguiu ver o outro lado do domo que escalara. Olhou para trás para ter certeza de que ainda podia enxergar os meteorologistas e seus instrumentos. O grupo estava longe, em um vale a distância, mas ele conseguia vê-los com razoável clareza. Ótimo.

Não viu nenhum bosque, nenhuma árvore, mas havia uma depressão que serpenteava entre dois domos. Ao longo das laterais do trajeto, o solo era mais denso e havia manchas esverdeadas ocasionais, que deveriam ser musgo. Se ele seguisse naquela direção, o caminho se inclinasse o suficiente e o solo fosse fundo o bastante, poderia haver árvores.

Seldon olhou para trás, tentando estabelecer pontos de referência em sua mente, mas havia apenas as subidas e as descidas dos domos. Isso fez com que ele hesitasse, e o aviso de Dors sobre se perder – que parecera um tanto desnecessário quando ela o alertou – agora fazia mais sentido. Ainda assim, parecia evidente que aquele vale entre os dois domos era uma espécie de trilha. Se ele a seguisse por certa distância, bastava dar meia-volta e seguir o trajeto contrário para

reencontrar o grupo.

Caminhou com determinação e passos largos, acompanhando o declive arredondado do caminho. Ouviu um tênue ruído grave acima, mas não deu atenção. Havia decidido que queria ver as árvores e aquilo era tudo que ocupava sua cabeça naquele momento.

O musgo ficou mais espesso e se espalhava como um carpete. Pequenos tufos de grama começavam a aparecer aqui e ali. Apesar da desolação da Superfície Exterior, o musgo era verde-claro e Seldon pensou que um planeta nublado e encoberto devia ter muitas chuvas.

A depressão continuou seu trajeto curvado e ali, logo acima de outro domo, havia uma mancha escura em contraste com o céu cinzento, e ele sabia que tinha encontrado as árvores.

Então, como se sua mente, ao ser libertada pela visão das árvores, pudesse se concentrar em outras coisas, Seldon escutou mais uma vez o ruído que ouvira antes e desprezara, classificando-o como ruído de maquinário. Agora ele pensava nessa possibilidade: seria mesmo o ruído de máquinas?

E por que não seria? Ele estava sobre um dos incontáveis domos que cobriam centenas de milhões de quilômetros quadrados da cidade-mundo. Deveria haver todos os tipos de maquinário escondidos sob os domos – um sistema de ventilação, por exemplo. Tal ruído talvez pudesse ser ouvido quando e onde todos os outros sons da cidade-mundo estivessem ausentes.

Exceto que aquilo não parecia vir do chão. Ele olhou para o triste céu homogêneo. Nada.

Continuou a observar o céu, enquanto marcas de expressão iam aparecendo entre os seus olhos, até que, a distância...

Era uma pequena silhueta preta destacada contra o cinza – e, o que quer que fosse, parecia se deslocar em uma tentativa de determinar a própria localização, antes de ser mais uma vez encoberto pelas nuvens.

Sem saber muito bem o motivo, Seldon pensou: “Eles estão atrás de mim”.

Pouco antes de conseguir esboçar a reação apropriada e elaborar um plano, ele já reagia. Correu desesperadamente na direção do bosque, seguindo pela depressão. Para alcançar as árvores mais rapidamente, virou à esquerda e subiu em um domo baixo, pisando em um mato ressecado e marrom que lembrava samambaias, com

galhos cobertos por espinhos e frutinhas vermelhas.

24

Seldon ofegava, com o rosto próximo de uma árvore, abraçado a ela. Ele procurou pelo objeto voador, esperando a próxima aparição para que pudesse contornar a árvore e se esconder sempre do lado oposto, como um esquilo.

A árvore estava gelada, a casca de seu tronco era áspera e não oferecia nenhum conforto, mas oferecia cobertura. Aquilo talvez não fosse suficiente, claro, se ele estivesse sendo procurado por um sistema infravermelho, mas, por outro lado, o tronco gelado de uma árvore poderia ocultar até mesmo isso.

Sob seus pés havia um solo compacto. Mesmo naquele momento em que precisava ver seus perseguidores sem que fosse visto, Seldon não conseguiu deixar de se perguntar sobre a espessura do solo, quanto tempo tinha levado para se acumular, quantos domos nas áreas mais quentes de Trantor carregavam florestas em suas costas e se as árvores dali estariam confinadas às depressões entre os domos, deixando as regiões mais altas para musgo, grama e arbustos.

Então, ele viu o objeto mais uma vez. Não se tratava de uma hipernave, nem mesmo de um aerojato comum. Era um gravitoplano. Seldon conseguia ver o tênue brilho dos rastros iônicos que saíam dos vértices de um hexágono, neutralizando a força gravitacional e permitindo que as asas mantivessem o gravitoplano no ar, como um imenso pássaro que pairava. Era um veículo concebido para a exploração de superfícies planetárias.

Foram as nuvens que o salvaram. Mesmo que estivessem usando detecção termal, teriam apenas a indicação de que havia pessoas lá embaixo. O gravitoplano precisaria arriscar um perigoso mergulho sob a camada de nuvens, na direção da superfície, para averiguar a quantidade de humanos e se algum deles era o indivíduo específico que os tripulantes procuravam.

Agora o gravitoplano estava mais próximo, mas ele também não conseguia se esconder de Seldon. O som grave dos motores denunciava sua posição e eles não tinham como desligar o ruído, não enquanto quisessem dar continuidade às buscas. Seldon conhecia os

gravitoplanos, pois eram comuns em Helicon e em qualquer mundo sem domos, em que os céus se abriam com frequência e permitiam voos. Eram, inclusive, muito usados pelo setor privado.

Qual seria a utilidade de gravitoplanos em Trantor, com toda a vida humana do planeta sob domos, com camadas de nuvens baixas e perpétuas, senão justamente aquela: veículos governamentais cujo propósito fosse capturar uma pessoa procurada que teria sido levada para a Superfície Exterior?

E por que não? As forças governamentais não podiam entrar no território da universidade, mas talvez Seldon não estivesse mais naquele território. Estava sobre os domos, o que talvez fosse fora de qualquer jurisdição de governos locais. Um veículo imperial talvez tivesse todos os direitos de aterrissar em qualquer ponto dos domos e interrogar ou prender qualquer pessoa que encontrasse. Hummin não avisara Seldon sobre isso, mas talvez simplesmente não tivesse imaginado que seria necessário.

O gravitoplano aproximou-se ainda mais, vasculhando os arredores como uma criatura cega que fareja sua presa. Será que ocorreria a eles procurar naquele aglomerado de árvores? Será que aterrissariam e enviariam um ou dois soldados armados para investigar o bosque?

E se enviassem, o que Seldon poderia fazer? Estava desarmado, e suas habilidades de autodefesa seriam inúteis contra a agonizante dor de um chicote neurônico.

O gravitoplano não estava tentando pousar. Talvez tivessem ignorado a importância das árvores, ou...

Ou...

Repentinamente, um novo pensamento ocorreu a Seldon. E se não fosse uma nave de busca? E se fosse parte dos testes meteorológicos? Os meteorologistas com certeza adorariam testar as camadas mais altas da atmosfera.

Será que ele estava sendo um tolo por fugir?

O céu escurecia. As nuvens pareciam cada vez mais espessas ou, o que era muito mais provável, a noite estava se aproximando.

E estava esfriando, e ficaria progressivamente mais frio. Ele ficaria ali fora congelando porque um gravitoplano perfeitamente inofensivo surgira e despertara uma sensação de paranoia que Seldon nunca experimentara antes? Ele teve um forte impulso de sair do bosque e voltar para a estação meteorológica.

Afinal, como aquele homem que Hummin temia tanto – Demerzel – poderia saber que Seldon estaria na Superfície Exterior naquele exato momento, pronto para ser capturado?

Por um momento, aquele raciocínio pareceu conclusivo e, arrepiando-se com o frio, ele saiu de trás da árvore.

E então correu de volta quando a nave reapareceu, ainda mais perto do que antes. Ele não tinha visto o gravitoplano fazer nada que parecesse meteorológico. Nada que parecesse uma coleta de amostras, medidas ou testes. Será que ele *veria* esse tipo de coisa, caso acontecesse? Ele não conhecia o nível de precisão dos instrumentos do gravitoplano nem como funcionavam. Se estivessem *de fato* realizando pesquisas meteorológicas, Seldon não teria como saber. Ainda assim, será que poderia arriscar se revelar?

E se Demerzel *realmente* soubesse de sua presença na Superfície Exterior pelo simples motivo de que um de seus agentes, trabalhando na universidade, sabia disso e se reportara aos superiores? Lisung Randa, aquele oriental sorridente e amigável, sugerira que Seldon visitasse a Superfície Exterior. Sugeriu de maneira deveras enfática e o assunto não surgiu naturalmente na conversa; pelo menos, não com naturalidade *convincente*. Seria possível que ele fosse um agente do governo e tivesse alertado Demerzel de alguma maneira?

E havia também Leggen, que lhe emprestara o casaco. O casaco tinha sido útil, mas por que Leggen não avisara antes, para que ele pudesse providenciar um para si mesmo? Havia algo especial naquele que estava usando? Era de um roxo uniforme, enquanto todos os outros favoreciam a moda trantoriana de texturas gritantes. Qualquer pessoa que olhasse de certa altura veria uma mancha monocromática em meio aos outros com roupas chamativas, e saberia imediatamente quem era seu alvo.

E Clowzia? Ela supostamente estava na Superfície Exterior para aprender sobre meteorologia e ajudar os meteorologistas. Seria possível que tivesse se aproximado dele, conversado à vontade e o levado discretamente para longe dos outros, isolando-o para que fosse capturado com facilidade?

E quanto a Dors Venabili? Ela sabia que ele visitaria a Superfície Exterior. Não o impedira. Podia ter ido com ele, mas estava convenientemente ocupada.

Era uma conspiração. Com certeza, era uma conspiração.

Ele se convencera de tal fato e agora não havia nenhuma possibilidade de sair do abrigo das árvores. (Seus pés pareciam blocos de gelo e batê-los com força no chão não parecia ajudar em nada.) Será que o gravitoplano nunca iria embora?

Conforme esse pensamento lhe ocorreu, o ruído do motor aumentou e o gravitoplano subiu pelas nuvens e desapareceu.

Seldon escutou com atenção, alerta a qualquer som, para se certificar de que a nave tinha, enfim, ido embora. E então, mesmo depois de ter certeza de que o gravitoplano se fora, imaginou que poderia ser apenas uma estratégia para tirá-lo do esconderijo. Permaneceu onde estava enquanto os minutos se arrastavam e a noite continuava a se aproximar lentamente.

Por fim, quando percebeu que a única alternativa verdadeira a arriscar-se a sair do bosque era congelar, afastou-se da árvore e saiu cautelosamente do abrigo da vegetação.

Estava, de fato, anoitecendo. Eles não conseguiriam detectá-lo a não ser que usassem um escaneamento termal, mas, mesmo assim, Seldon ouviria o retorno do gravitoplano. Esperou mais à frente das árvores, contando mentalmente, pronto para se esconder mais uma vez no bosque se ouvisse o menor ruído – apesar de não saber de que lhe adiantaria, caso fosse visto.

Seldon olhou o entorno. Se pudesse localizar os meteorologistas, eles certamente teriam luz artificial, mas, tirando isso, não haveria nada para ajudá-lo.

Ele ainda conseguia vislumbrar a área à sua volta, mas dali a quinze minutos – meia hora, no máximo – não conseguiria. Sem luzes e com o céu nublado, ficaria escuro. *Totalmente* escuro.

Desesperado com a possibilidade de ser envolvido por uma escuridão completa, Seldon percebeu que precisaria encontrar o caminho de volta à depressão que o levara até ali o mais rápido possível, e então refazer seus passos. Cruzando os braços sobre o peito para tentar conservar o calor, seguiu na direção que imaginava ser a da depressão entre os domos.

Evidentemente, talvez existisse mais de uma junção de domos que partia do bosque, mas ele reconheceu vagamente alguns dos galhos com frutinhas que viu quando chegou, que agora pareciam quase pretas, não vermelhas. Ele não podia demorar. Precisava supor que estava certo. Subiu pelo caminho o mais rápido que conseguiu, guiado

pela visibilidade cada vez menor e pela vegetação rasteira.

Mas não poderia seguir pela depressão para sempre. Ele passou por cima do que lhe pareceu ser o mais alto domo à vista e encontrou uma encruzilhada que fazia um ângulo reto com o caminho que seguia. Pelo que imaginava, precisava virar para a direita e então seguir por uma curva fechada para a esquerda, e assim estaria no caminho que levava ao domo com os meteorologistas.

Seldon fez a curva à esquerda e, ao erguer a cabeça, conseguiu ver o contorno da curvatura de um domo contra o céu levemente mais claro. Devia ser aquele!

Ou será que ele apenas queria que fosse?

Ele não tinha escolha senão supor que era de fato aquele domo que procurava. Mantendo os olhos no topo do domo para que pudesse caminhar razoavelmente em linha reta, andou tão rápido quanto podia. Conforme se aproximava, ficava cada vez mais difícil distinguir o contorno do domo contra o céu, que se avolumava à sua frente. Dali a pouco, se estivesse certo, Seldon subiria uma leve inclinação e, quando aquela subida passasse a ser plana, ele poderia enxergar o outro lado e ver as luzes dos meteorologistas.

No escuro pastoso, ele não conseguia ver o que estava em seu caminho. Desejando que houvesse pelo menos algumas estrelas para prover luz, imaginou se era aquilo que sentia um cego. Agitou os braços diante de si como se fossem antenas.

O frio se intensificava a cada minuto e ele parava de vez em quando para assoprar as mãos e colocá-las sob as axilas. Desejou intensamente que pudesse fazer o mesmo com os pés. Àquela altura, pensou, se começasse a chover, seria neve ou, ainda pior, granizo.

Seguir adiante... seguir adiante... Não havia mais nada a fazer.

Enfim, o chão pareceu reclinar-se. Era o que ele gostaria de acreditar, ou tinha de fato chegado ao topo do domo.

Parou. Se tivesse chegado ao topo do domo, poderia ver as luzes artificiais da estação meteorológica. Veria as luzes carregadas pelos próprios meteorologistas, cintilantes, agitando-se como vaga-lumes.

Seldon fechou os olhos para acostumá-los à escuridão e tentar de novo, mas o esforço de nada adiantou. A escuridão não aumentava com seus olhos fechados e, quando os abriu, não havia mais luz do que quando os mantinha cerrados.

Era possível que Leggen e os outros tivessem ido embora, levado

suas luzes consigo e desligado toda a iluminação dos equipamentos. Ou talvez Seldon tivesse subido no domo errado. Ou acompanhara um caminho curvo ao longo do domo e agora estava olhando na direção errada. Ou seguira a depressão errada e se distanciara do bosque em uma direção totalmente equivocada.

O que fazer?

Se estivesse olhando na direção errada, poderia haver luz visível à esquerda ou à direita, mas não havia. Se tivesse acompanhado a depressão errada, não havia a mínima possibilidade de voltar até o bosque e procurar por outra depressão entre os domos.

Sua única chance estava na suposição de que ele seguira na direção certa e que a estação meteorológica estava mais ou menos à sua frente; os meteorologistas teriam ido embora e a deixado no escuro.

Seguir adiante, então. A chance de sucesso era pequena, mas era a única que tinha.

Ele estimou ter levado meia hora para ir da estação meteorológica até o topo do domo, metade do tempo acompanhado por Clowzia. Eles tinham caminhado calmamente, com passos curtos. Agora ele se movia com passos maiores, na escuridão ameaçadora.

Seldon continuou o esforço para ir adiante. Seria bom poder saber a hora e ele tinha um bracelete temporal, mas, no escuro...

Ele parou. Estava usando um bracelete temporal trantoriano, que fornecia a hora do Padrão Galáctico (assim como todos os braceletes temporais) e também a hora local trantoriana. Esses dispositivos eram geralmente visíveis na escuridão, fosforescendo para que o usuário pudesse ver as horas no escuro silencioso de um quarto. Ou melhor, um bracelete temporal heliconiano fosforesceria; por que o trantoriano não faria o mesmo?

Ele olhou para seu bracelete temporal com relutante apreensão e tocou o contato que ativaria a luz. O bracelete reluziu de leve e lhe informou que eram 18h47. Considerando que já era noite, Seldon concluiu que deveriam estar no inverno. Quanto tempo tinha passado desde o solstício? Qual seria o grau de inclinação do eixo planetário? Quanto tempo durava o ano? A que distância do equador ele estava naquele momento? Não havia nenhuma indicação de resposta para essas perguntas, mas o que importava era aquela luz visível em seu pulso.

Ele não estava cego! De alguma maneira, a fraca iluminação de seu

bracelete temporal renovou suas esperanças.

Seu ânimo aumentou. Ele seguiria na direção em que estava. Caminharia por meia hora. Se não encontrasse nada, continuaria por mais cinco minutos – nem um segundo a mais. Se ainda assim não encontrasse nada, pararia para pensar. Mas isso seria apenas dali a trinta e cinco minutos. Até então, ele se concentraria apenas em caminhar e se esforçar para ficar aquecido. (Ele agitou vigorosamente os dedos dos pés. Ainda podia senti-los.)

Seldon marchou adiante, e a meia hora passou. Ele parou e, hesitantemente, prosseguiu por mais cinco minutos.

Agora precisava decidir. Não havia nada. Talvez estivesse em lugar nenhum, longe de qualquer entrada para o domo. Mas podia, também, estar a três metros à direita – ou à esquerda, ou atrás – da estação meteorológica. Podia estar a uma distância de dois braços da entrada do domo, que não estaria aberta.

E agora?

Será que gritar teria alguma utilidade? Estava completamente mergulhado em um silêncio absoluto, com exceção dos uivos da ventania. Se houvesse pássaros, insetos ou outros animais na vegetação sobre os domos, não estavam ali durante aquela estação ou naquela hora do dia ou naquele lugar específico. O vento continuava a arrepiá-lo.

Talvez ele devesse ter gritado ao longo de todo o caminho. O som poderia ter se propagado a uma boa distância com o ar gelado. Mas será que alguém teria ouvido?

Será que o ouviriam de dentro do domo? Será que havia instrumentos para detectar som ou movimento na parte exterior? Será que não havia sentinelas de prontidão na parte interior?

Aquilo parecia ridículo. Eles teriam ouvido seus passos, não teriam?

Ainda assim...

– Socorro! – gritou Seldon. – Socorro! Alguém pode me ouvir?

Seu grito foi contido, quase embaraçado. Parecia uma tolice gritar em um imenso escuro vazio.

Mas então Seldon considerou tolice ainda maior hesitar em uma situação como aquela. O pânico se acumulava dentro dele. Inspirou profundamente e gritou pelo máximo de tempo que conseguiu. Outra inspiração profunda e outro grito, em um tom diferente. E mais outro.

Seldon parou, sem fôlego, olhando para todos os lados, mesmo que

não houvesse nada para ver. Ele não conseguiu detectar nem mesmo um eco. Não havia mais nada a fazer além de esperar pelo amanhecer. Mas quanto tempo duraria a noite naquela época do ano? E quão frio ficaria?

Sentiu uma pequena pontada de frio atingir seu rosto. Depois de um instante, mais uma.

Começou uma chuva de granizo que lhe era invisível no escuro total. E não havia nenhuma maneira de conseguir um abrigo.

Seldon pensou: teria sido melhor se aquele gravitoplano tivesse me visto e me capturado. Eu seria um prisioneiro neste momento, mas estaria, pelo menos, aquecido e confortável.

Ou, se Hummin nunca tivesse interferido, eu talvez estivesse em Helicon há muito tempo. Sob vigilância, mas aquecido e confortável.

Naquele momento, era tudo o que ele queria: estar aquecido e confortável.

Mas a única coisa que podia fazer era esperar. Agachou-se, consciente de que, não importava quão longa fosse a noite, ele não ousaria dormir. Tirou os sapatos e esfregou os pés gelados. Rapidamente calçou os sapatos de novo.

Sabia que precisaria repetir aquilo, e também esfregar suas mãos e orelhas durante a noite toda, para manter a circulação. Mas o mais importante era que ele *não podia* se permitir dormir. Isso seria morte certa.

E, depois de pensar cuidadosamente em tudo isso, seus olhos se fecharam e ele não resistiu ao sono enquanto o granizo continuava a cair.

RESGATE

——— Leggen, Jenarr...

Porém, suas contribuições à meteorologia, apesar de consideráveis, perdem importância diante do que viria a ser conhecido como Controvérsia de Leggen. É inegável que suas ações contribuíram para que Hari Seldon ficasse em perigo, mas há – e sempre houve – infindáveis discussões sobre a natureza de tais ações, se teriam sido resultado de circunstâncias não intencionais ou parte de uma conspiração calculada. Ambos os lados exaltam-se em seus argumentos e nem mesmo os mais elaborados estudos conseguiram chegar a conclusões definitivas. De qualquer maneira, a desconfiança gerada pela questão ajudou a envenenar a carreira e a vida pessoal de Leggen nos anos seguintes...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

25

O DIA NÃO ESTAVA EXATAMENTE NO FIM quando Dors Venabili procurou por Jenarr Leggen. Ele respondeu ao seu deveras ansioso cumprimento com um grunhido e um leve aceno com a cabeça.

– E então, como ele se saiu? – perguntou Dors, um pouco impaciente.

– Como *quem* se saiu? – disse Leggen, digitando dados em seu computador.

– Meu estudante da biblioteca, Hari. Dr. Hari Seldon. Ele subiu com vocês. Foi de alguma ajuda?

Leggen tirou as mãos de seu computador e virou-se para Dors.

– Aquele sujeito heliconiano? Não foi de utilidade nenhuma. Não demonstrou nenhum interesse. Ficou olhando para a paisagem onde não havia paisagem a ser vista. Um verdadeiro excêntrico. Por que você quis mandá-lo lá para cima?

– A ideia não foi minha. *Ele* quis. Não consigo entender. Estava muito interessado. Onde ele está agora?

– Como eu vou saber? – Leggen deu de ombros. – Em algum lugar por aqui.

– Para onde ele ia depois de descer com vocês? Ele disse?

– Ele não desceu conosco. Eu lhe disse que ele não estava interessado.

– Mas, então, quando ele desceu?

– Eu não sei. Não estava prestando atenção. Tinha uma quantidade imensa de trabalho a fazer. Deve ter ocorrido um vendaval e algum tipo de tempestade há aproximadamente dois dias, e nenhum dos dois era esperado. Nada do que nossos instrumentos captaram ofereceu uma explicação para isso, tampouco para o fato de o sol que esperávamos hoje *não* ter aparecido. Estou tentando entender o que aconteceu e você está me *atrapalhando*.

– Você quer dizer que não o viu descer?

– Escute. Não cheguei a pensar nele. Aquele idiota não estava com

as roupas adequadas e eu pude ver que dentro de meia hora ele não aguentaria o frio. Dei a ele um casaco, mas isso não seria de muita ajuda para suas pernas e pés. Por isso, deixei o elevador aberto, expliquei a ele como usá-lo e disse que o elevador o levaria para baixo e depois retornaria automaticamente para nós. Foi tudo bem fácil de entender e tenho certeza de que ele ficou com frio, desceu, o elevador voltou e, enfim, todos nós descemos.

– Mas você não sabe *exatamente* quando ele desceu?

– Não, já disse que não sei. Eu estava ocupado. Mas ele certamente não estava lá em cima quando fomos embora, e àquela altura o sol estava se pondo e parecia que ia chover granizo. Então ele deve ter descido.

– Algum dos outros o viu descer?

– Não sei. Clowzia talvez tenha visto. Ela esteve com ele por algum tempo. Por que não pergunta a ela?

Dors encontrou Clowzia em seu alojamento. Ela acabara de tomar um banho quente.

– Estava frio lá em cima – disse Clowzia.

– Você esteve com Hari Seldon na Superfície Exterior? – perguntou Dors.

– Sim, por um tempo – Clowzia ergueu as sobrancelhas. – Ele queria explorar um pouco e perguntou sobre a vegetação lá em cima. É um sujeito muito inteligente, Dors. Tudo parecia interessá-lo, e respondi o que pude até que Leggen me chamou. Ele estava em um de seus dias de mau humor estilo "vou-arrancar-sua-cabeça". O clima não estava favorável e ele...

– Então você não viu Hari Seldon descer pelo elevador? – interrompeu Dors.

– A partir do momento que Leggen me chamou, não o vi mais... Ele *deve* estar por aqui. Não estava lá em cima quando fomos embora.

– Mas não consigo encontrá-lo em lugar nenhum.

– É mesmo? – Clowzia pareceu inquieta. – Mas ele tem de estar em *algum lugar* aqui embaixo.

– Não, ele não *tem de* estar em algum lugar aqui embaixo – retrucou Dors, com crescente ansiedade. – E se ainda estiver lá em cima?

– Impossível. Ele não estava. Obviamente, procuramos por ele antes de irmos embora. Leggen mostrou a ele como descer pelo elevador.

Ele não estava com as roupas apropriadas e o clima estava horrível. Leggen disse que, se ele ficasse com frio, não precisava esperar por nós. E ele *estava* ficando com frio. Sei que estava! Então, o que mais ele poderia fazer *senão* descer?

– Mas ninguém o *viu* descer. Aconteceu alguma coisa com ele lá em cima?

– *Nada*. Não enquanto eu estava com ele. Estava perfeitamente bem, exceto que devia estar com frio, claro.

– Considerando que ninguém o viu descer – continuou Dors, agora bastante perturbada –, ele talvez ainda esteja por lá. Devíamos subir para procurar, não acha?

– Eu lhe falei, procuramos por ele antes de descer – disse Clowzia, nervosa. – Ainda havia bastante luz e ele não estava à vista.

– Vamos procurar mesmo assim.

– Mas eu não posso levá-la para cima. Sou apenas uma estagiária e não tenho o código da saída para a Superfície Exterior. Você precisa pedir ao dr. Leggen.

26

Dors Venabili sabia que Leggen não iria espontaneamente à Superfície Exterior naquele momento. Precisaria ser forçado.

Primeiro, ela procurou mais uma vez na biblioteca e nos refeitórios. Então, fez uma chamada ao quarto de Seldon. Por último, subiu até o dormitório e ativou o sinalizador de visitantes na porta. Seldon não respondeu e ela chamou o administrador daquele andar para abrir a porta. Hari não estava lá. Ela perguntou sobre ele para algumas pessoas que o tinham conhecido nas últimas semanas. Ninguém o vira.

Pois bem. Então ela *obrigaria* Leggen a levá-la até a Superfície Exterior. Mas, àquela altura, já era noite. Ele se recusaria veementemente. E quanto tempo ela poderia passar discutindo enquanto Hari Seldon estivesse preso lá em cima, em uma noite congelante com granizo virando neve?

Um pensamento lhe ocorreu e ela foi rapidamente até um pequeno computador da universidade que mantinha um registro dos afazeres dos estudantes, do corpo docente e dos funcionários.

Seus dedos voaram pelas teclas e ela logo descobriu o que queria.

Havia três deles em outra parte do *campus*. Ela chamou um pequeno deslizador para levá-la e encontrou o lugar que estava procurando. Certamente *um* deles estaria disponível... ou localizável.

Estava com sorte. A primeira porta em que sinalizou como visitante respondeu com uma luz de identificação. Ela digitou seu número de registro, que incluía informações sobre a afiliação a seu departamento. A porta se abriu e um homem gordo de meia-idade encarou Dors. Ele estivera obviamente tomando banho para jantar. Seu cabelo loiro-escuro estava despenteado e ele não usava a parte de cima de sua roupa.

– Lamento – ele disse. – Você me pegou em um mau momento. O que posso fazer por você, dra. Venabili?

– O senhor é Rogen Benastra, chefe da Sismologia, não é? – perguntou Dors, um tanto sem fôlego.

– Sim.

– Isto é uma emergência. Preciso ver os registros sismológicos da Superfície Exterior nas últimas horas.

– Por quê? – Benastra a encarou. – Nada aconteceu. Se tivesse acontecido, eu saberia. O sismógrafo teria nos informado.

– Não estou falando sobre o impacto de um meteoro.

– Nem eu. Não precisamos de um sismógrafo para isso. Estou falando sobre pedregulhos, sobre fissuras. Nada disso, hoje.

– Também não é sobre isso. Por favor. Leve-me ao sismógrafo e leia os dados para mim. É uma questão de vida ou morte.

– Tenho um compromisso para o jantar...

– Eu disse que se trata de uma questão de vida ou morte e estou falando sério.

– Eu não entendo... – começou Benastra, mas, sob o olhar intenso de Dors, desistiu.

Ele enxugou o rosto, deixou um recado rápido em seu receptor de mensagens e debateu-se para vestir uma camisa.

Eles caminharam quase correndo (sob a implacável insistência de Dors) até o pequeno prédio da Sismologia.

– Para baixo? Nós vamos para baixo? – perguntou Dors, que não sabia nada sobre sismologia.

– Sim, até estarmos sob os níveis habitados, claro. O sismógrafo precisa estar instalado no leito de rocha e longe da constante agitação e da vibração dos níveis urbanos.

– Mas como vocês podem determinar o que acontece na Superfície Exterior daqui de baixo?

– O sismógrafo está conectado a uma série de transdutores que reagem a peso e estão localizados em uma camada dos domos. O impacto de uma partícula de pedregulho fará com que o medidor pule na tela. Podemos detectar o efeito de achatamento do domo sob um vento muito forte. Podemos...

– Sim, sim – interrompeu Dors, impacientemente; ela não estava ali para uma aula sobre as virtudes e os refinamentos dos instrumentos. – O senhor consegue detectar passos humanos?

– Passos humanos? – Benastra parecia confuso. – É pouco provável, na Superfície Exterior.

– É claro que é provável. Havia um grupo de meteorologistas na Superfície Exterior esta tarde.

– Oh. Bom, passos seriam difíceis de perceber.

– Seriam perceptíveis se o senhor olhasse com afinco e é isso que quero que o senhor faça.

Benastra talvez tivesse se ofendido com o incontestável tom de ordem na voz de Dors, mas, se foi o caso, não disse nada. Tocou um botão e a tela do computador se acendeu.

No centro da extremidade direita da tela havia uma grande mancha de luz, da qual saía uma linha horizontal que se estendia até a extremidade esquerda da tela. A linha se agitava de leve, como uma série aleatória de pequenos soluços que se moviam progressivamente para a esquerda. Seu efeito era quase hipnótico para Dors.

– Isso é o mais quieto possível – disse Benastra. – Qualquer coisa captada é mudança de pressão atmosférica, talvez gotas de chuva ou a vibração distante de maquinário. Não há nada lá em cima.

– Certo, mas e algumas horas atrás? Verifique os registros de hoje às três horas da tarde, por exemplo. Você deve ter registros, certamente.

Benastra forneceu ao computador as instruções necessárias e, por um ou dois segundos, a tela mostrou caos. Então se estabilizou novamente e a linha horizontal reapareceu.

– Aumentarei a sensibilidade ao máximo – murmurou Benastra.

Agora havia soluços pronunciados e, conforme seguiam para a esquerda, pulavam em um evidente padrão.

– O que é isso? – perguntou Dors. – Me diga.

– Considerando que você afirma ter havido pessoas lá em cima, Venabili, eu imagino que sejam passos... a transferência de peso, o impacto dos sapatos. Não sei se teria chegado a essa conclusão se não soubesse das pessoas lá em cima. É o que chamamos de vibração benigna, não associada com nada que saibamos ser perigoso.

– Você consegue determinar quantas pessoas estão presentes?

– Não apenas olhando, certamente. Estamos vendo o resultado de todos os impactos, entende?

– Você diz "não apenas olhando". O resultado pode ser dividido em componentes pelo próprio computador?

– Eu duvido. São efeitos mínimos e você precisa levar em consideração o inevitável ruído. Os resultados não seriam confiáveis.

– Certo. Siga adiante com o tempo até que as indicações de passos tenham parado. Você pode, digamos, acelerar?

– Se eu fizer o tipo de aceleração que você me pede, a medição ficará completamente borrada em uma linha reta, com uma tênue luz em cima e embaixo. O que posso fazer é dar saltos em blocos de quinze minutos e estudá-los rapidamente antes de passar para o próximo.

– Ótimo. Faça isso.

Os dois olharam para a tela.

– Não há nada agora, está vendo? – disse Benastra, enfim.

Mais uma vez, a tela mostrava apenas uma linha com nada além de pequenos soluços desiguais.

– Em que momento os passos terminaram?

– Duas horas atrás. Talvez um pouco mais.

– E quando pararam, havia menos passos do que antes?

– Eu não saberia dizer – respondeu Benastra, levemente indignado. – Creio que nem mesmo o mais habilidoso analista conseguiria fazer uma determinação dessas.

Dors contraiu os lábios. Então, disse:

– Vocês estão testando um transdutor (foi disso que o senhor o chamou?)perto da estação meteorológica, não estão?

– Sim, é lá que ficam os instrumentos e onde os meteorologistas teriam estado. Você quer que eu tente os outros transdutores? Um de cada vez? – perguntou Benastra, incrédulo.

– Não. Fique neste. Mas continue em intervalos de quinze minutos. Uma pessoa talvez tenha ficado para trás e pode ter caminhado de

volta para os instrumentos.

Benastra fez um gesto negativo com a cabeça e murmurou algo enquanto respirava fundo. A tela mudou mais uma vez.

– O que é isso? – perguntou Dors, apontando.

– Eu não sei. Ruído.

– Não. É intermitente. Poderiam ser os passos de uma única pessoa?

– Claro, mas poderia ser também uma dúzia de outras coisas.

– O ritmo é muito semelhante ao de passos, não é? – Então, depois de um momento, ela sugeriu: – Siga um pouco mais para a frente.

Ele o fez e, quando a tela se acalmou, ela continuou:

– Esses picos estão ficando maiores, não estão?

– Possivelmente. Podemos medir.

– Não é necessário. Podemos ver que estão ficando maiores. Os passos estão se aproximando do transdutor. Siga para a frente mais uma vez. Vamos ver o momento em que param.

– Eles pararam a vinte ou vinte e cinco minutos atrás – disse Benastra um instante depois. – O que quer que sejam – acrescentou, cauteloso.

– São passos – retrucou Dors, com convicção capaz de mover montanhas. – Há um homem lá em cima e, enquanto eu e você estávamos aqui sem fazer nada, ele desmaiou, e vai congelar e morrer. Não diga "o que quer que sejam"! Ligue para a Meteorologia e chame Jenarr Leggen. Questão de vida ou morte, estou dizendo. E você diga a eles!

Benastra, com lábios trêmulos, ultrapassara o estágio em que poderia resistir a qualquer coisa que essa estranha e impetuosa mulher exigisse.

Foram necessários três minutos para que o holograma de Leggen surgisse na plataforma de mensagens. Ele tinha sido interrompido durante o jantar. Segurava um guardanapo e havia um brilho gorduroso sob seu lábio inferior.

– Vida ou morte? – Seu rosto estava torcido em uma expressão de apreensivo mau humor. – De que se trata? Quem é você? – Então seus olhos viram Dors, que se aproximara de Benastra para que sua imagem fosse vista na tela de Jenarr. – *Você* de novo – continuou ele. – Isso é perseguição.

– Não, não é – respondeu Dors. – Consultei Rogen Benastra, chefe da sismologia na universidade. Depois que você e seu grupo deixaram

a Superfície Exterior, o sismógrafo mostra indiscutíveis passos de uma pessoa que ficou para trás. É meu aluno, Hari Seldon, que subiu sob os seus cuidados e que agora está certamente em um estupor de congelamento e talvez não viva por muito tempo. Portanto, você me levará até lá agora e com qualquer equipamento que venha a ser necessário. Se não o fizer *imediatamente*, entrarei em contato com a segurança da universidade e até com o próprio presidente, se for necessário. Subirei até lá de qualquer maneira e, se alguma coisa tiver acontecido com Hari porque você demorou nem que seja um minuto, farei questão de que você seja preso por negligência ou incompetência (ou qualquer coisa que eu consiga transformar em acusação) e perderá seu *status* e será expulso da vida acadêmica. E, se ele estiver morto, é homicídio culposo, claro. Ou algo pior, considerando que acabei de avisá-lo de que ele está morrendo.

Furioso, Jenarr virou-se para Benastra e perguntou:

– Você detectou...

– Ele me disse o que detectou e estou dizendo a você agora – interrompeu Dors. – Não tenho intenção de permitir que você o arraste para dentro dessa confusão. Você vem? Agora?

– Já lhe ocorreu que você talvez esteja enganada? – perguntou Jenarr, com lábios contraídos. – Você sabe o que posso fazer com você se isso for um alarme falso pernicioso? Perda de *status* pode funcionar dos dois lados.

– Mas não assassinato – disse Dors. – Estou pronta para arriscar um julgamento por injúria perniciosa. Você está pronto para arriscar um julgamento por homicídio?

Jenarr ficou com o rosto vermelho, talvez mais por causa da necessidade de ceder do que pela ameaça.

– Estou indo, mas não terei piedade de você, jovenzinha, se calhar de seu aluno ter estado a salvo dentro do domo pelas últimas três horas.

27

Os três subiram pelo elevador em um silêncio hostil. Leggen comera apenas parte de seu jantar e deixara sua esposa na área do refeitório sem uma explicação adequada. Benastra não comera nada e

provavelmente decepcionara a mulher com quem se encontraria, também sem dar uma explicação adequada. Dors Venabili tampouco tinha comido e parecia a mais tensa e insatisfeita dos três. Ela carregava um cobertor térmico e duas lanternas de fótons.

Quando chegaram à entrada para a Superfície Exterior, Leggen, com a musculatura do maxilar contraída, digitou seu número de identificação e a porta se abriu. Um vento gelado os atingiu e Benastra grunhiu. Nenhum dos três usava roupas adequadas, mas os dois homens não tinham nenhuma intenção de ficar muito tempo por ali.

– Está nevando – disse Dors, preocupada.

– É neve úmida – respondeu Leggen. – A temperatura está próxima do ponto de congelamento. Não é um frio mortífero.

– Depende do tempo de exposição, não é mesmo? – retrucou Dors. – E estar encharcado de neve derretendo não ajuda em nada.

– E então – grunhiu Leggen –, onde ele está? – Ele olhou ressentidamente para a completa escuridão, que parecia ainda mais intensa por causa da luz que saía da entrada.

– Dr. Benastra, segure este cobertor para mim – pediu Dors. – E você, dr. Leggen, feche a porta sem trancá-la.

– Não há trava automática. Acha que somos idiotas?

– Talvez não, mas você pode trancá-la pelo lado de dentro e impedir que qualquer pessoa do lado de fora entre no domo.

– Se há alguém aqui fora, diga-me onde ele está. Mostre-o para mim – desafiou Leggen.

– Ele pode estar em qualquer lugar – Dors ergueu os braços com uma lanterna de fótons em volta de cada pulso.

– Não podemos procurar em *todos* os lugares – murmurou Benastra, pesaroso.

As lanternas de fótons acenderam-se com intensidade, iluminando todas as direções. Os flocos de neve refletiram a luz e brilharam como um imenso enxame de vaga-lumes, dificultando ainda mais a visão.

– Os passos estavam ficando progressivamente mais altos – disse Dors. – Ele estava provavelmente se aproximando do transdutor. Onde estaria o equipamento?

– Não tenho a menor ideia – retrucou Leggen. – Isso está fora do meu campo e da minha responsabilidade.

– Dr. Benastra?

– Na verdade, eu não sei – Benastra hesitou ao responder. – Para

ser honesto, nunca estive aqui em cima. O transdutor foi instalado antes de eu ter nascido. O computador sabe, mas não nos ocorreu buscar essa informação. Estou com frio e não vejo qual é a minha utilidade aqui.

– O senhor precisará ficar conosco por algum tempo – disse Dors, com firmeza. – Siga-me. Vou andar em torno da entrada em uma espiral expansiva.

– Não podemos ver muita coisa através da neve – interveio Leggen.

– Eu sei. Se não estivesse nevando, a essa altura já o teríamos visto, tenho certeza. Do jeito que está, talvez demore alguns minutos. Podemos aguentar alguns minutos. – Dors não se sentia tão confiante quanto suas palavras faziam parecer.

Ela começou a caminhar, movendo os braços, conduzindo a luz para atingir o maior campo de visão possível, forçando os olhos a enxergar qualquer mancha escura na neve.

Foi Benastra que apontou e disse:

– O que é aquilo?

Dors sobrepôs a luz das duas lanternas, criando um cone iluminado na direção em que Benastra apontava. Ela correu, e os dois homens também.

Eles haviam encontrado Seldon, encolhido e encharcado, a cerca de dez metros da porta e a cinco do equipamento meteorológico mais próximo. Dors colocou os dedos em sua jugular em busca de batimentos cardíacos, mas não foi necessário, pois Seldon reagiu a seu toque, mexendo-se e gemendo.

– Dr. Benastra, me dê o cobertor – ordenou Dors, com um discreto alívio na voz. Ela desdobrou o cobertor térmico e o estendeu na neve. – Coloquem-no com cuidado sobre o cobertor e vou cobri-lo. Então, o carregaremos para baixo.

No elevador, vapores subiram do cobertor que envolvia Seldon conforme o tecido esquentava até a temperatura do sangue.

– Dr. Leggen, quando ele estiver no quarto – continuou Dors –, você buscará um médico, um *bom* médico, e fará com que venha o mais rápido possível. Se o dr. Seldon superar isso sem sequelas, não direi nada, mas somente *neste* caso, lembre-se...

– Um sermão não é necessário – respondeu Leggen, friamente. – Lamento essa situação e farei o que puder, mas minha única culpa foi ter permitido desde o princípio que este homem tivesse acesso à

Superfície Exterior.

O cobertor se mexeu e uma voz baixa e fraca pôde ser ouvida.

Benastra assustou-se, pois a cabeça de Seldon estava apoiada no osso de seu cotovelo.

– Ele está tentando dizer alguma coisa – afirmou Benastra.

– Eu sei – respondeu Dors. – Ele disse: "O que está acontecendo?".

Ela não pôde evitar uma discreta risada. Parecia algo perfeitamente natural a se perguntar.

28

O médico ficou extasiado.

– Nunca tinha visto um caso de hipotermia – explicou. – Esse tipo de coisa não acontece em Trantor.

– Talvez não – disse Dors, friamente –, e estou contente que o senhor possa experimentar essa novidade, mas isso significa que o senhor não sabe como tratar o dr. Seldon?

O médico, um senhor careca com um pequeno bigode cinza, pareceu indignado.

– Claro que sei. Casos de hipotermia são comuns nos Mundos Exteriores, uma questão rotineira, e li muita coisa sobre eles.

O tratamento consistiu em um soro antiviral e o uso de um invólucro de micro-ondas.

– Isso deve resolver – disse o médico. – Nos Mundos Exteriores, eles utilizam equipamentos mais sofisticados em hospitais, mas não temos esse tipo de coisa em Trantor, claro. Este é um tratamento para casos amenos, e tenho certeza de que será suficiente.

Mais tarde, conforme Seldon se recuperava sem nenhuma sequela, Dors pensou que talvez tivesse sido o fato de ele ser um Estrangeiro que garantiu sua sobrevivência. Escuridão, frio e até mesmo neve não eram elementos totalmente incomuns para ele. Um trantoriano teria morrido em uma situação parecida, não tanto por causa de traumatismos, mas sim por causa do choque psicológico.

Ela não tinha certeza, claro, pois ela mesma não era trantoriana.

Desviando sua mente de tais pensamentos, puxou uma cadeira para perto da cama de Hari e instalou-se para esperar.

29

Na segunda manhã de tratamento, Seldon acordou de um sono agitado e viu Dors, sentada ao lado da cama, analisando um livro-filme e fazendo anotações.

– Ainda por aqui, Dors? – perguntou Seldon, com uma voz quase normal.

– Não posso deixá-lo sozinho, posso? – ela respondeu, abaixando o livro-filme. – E não confio em mais ninguém.

– Me parece que, toda vez que acordo, vejo você. Ficou aqui esse tempo todo?

– Dormindo ou acordada, sim.

– Mas e as aulas?

– Tenho um assistente que assumiu por um tempo.

Dors inclinou-se e segurou a mão de Seldon. Ao perceber seu constrangimento (afinal de contas, ele estava na cama), ela a soltou.

– Hari, o que aconteceu? Fiquei tão assustada...

– Tenho uma confissão a fazer – disse Seldon.

– O que foi, Hari?

– Eu desconfiei que você fizesse parte de uma conspiração...

– Uma *conspiração*? – perguntou, veementemente.

– Uma conspiração para me manipular a subir à Superfície Exterior, onde eu estaria fora da jurisdição da universidade e, portanto, sujeito a ser capturado pelas forças imperiais.

– Mas a Superfície Exterior não é fora da jurisdição da universidade. As jurisdições dos setores de Trantor vão desde o núcleo planetário até o céu.

– Ah. Eu não sabia disso. Mas você não veio comigo porque disse que estava com a agenda cheia e, quando eu estava ficando paranoico, achei que tinha me abandonado deliberadamente. Por favor, me perdoe. Obviamente, foi você que me resgatou lá de cima. Mais alguém se importou comigo?

– Eram homens ocupados – respondeu Dors, cautelosamente. – Eles acharam que você tinha descido antes. Creio que foi um raciocínio legítimo.

– Clowzia também achou?

– A jovem estagiária? Sim, também.

– Ainda pode ter sido uma conspiração. Sem você, quero dizer.

– Não, Hari, a culpa é *minha*. Eu não tinha absolutamente nenhum direito de permitir que você subisse à Superfície Exterior sozinho. Era minha função protegê-lo. Não consigo parar de me culpar pelo que aconteceu, por você ter se perdido.

– Ora, espere um pouco – disse Seldon, repentinamente irritado. – Eu não me perdi. O que acha que sou?

– Então do que você chamaria? Você não estava por perto quando os outros foram embora e não voltou para a entrada, nem mesmo para as proximidades da entrada, até que estivesse totalmente escuro.

– Mas não foi isso que aconteceu. Não me perdi simplesmente porque saí para passear e não consegui achar o caminho de volta. Eu disse que tenho suspeitas de que há uma conspiração e tenho razões para tanto. Não sou totalmente paranoico.

– Pois, então, o que aconteceu *de fato*?

Seldon contou a Dors. Não teve nenhuma dificuldade para se lembrar dos detalhes; revivera tudo na forma de pesadelos pela maior parte do dia anterior.

– Mas isso é impossível – comentou Dors, com as sobrancelhas franzidas. – Um gravitoplano? Tem certeza?

– Claro que tenho. Acha que era uma alucinação?

– Mas as forças imperiais não poderiam estar à sua procura. Eles não poderiam prendê-lo na Superfície Exterior sem causar o mesmo tipo de revolta que causariam se tivessem mandado uma força policial prendê-lo no *campus*.

– Então, qual é a sua explicação?

– Não sei – disse Dors –, mas as consequências por eu não ter ido com você à Superfície Exterior poderiam ter sido muito piores. Hummin ficará seriamente irritado comigo.

– Não vamos contar a ele, então – respondeu Seldon. – Tudo acabou bem.

– Precisamos contar a ele – disse Dors, sombriamente. – Talvez não tenha acabado.

30

Naquela noite, depois do jantar, Jenarr Leggen visitou Seldon. Seus olhos passaram de Dors para Seldon diversas vezes, como se ele

estivesse pensando no que dizer. Nenhum dos dois ofereceu ajuda para poupá-lo do desconforto, mas esperaram pacientemente. Ele não passava a impressão de ser mestre na arte das conversas amenas.

– Vim ver como você está – Leggen disse, enfim, a Seldon.

– Perfeitamente bem – respondeu Seldon –, exceto que estou com um pouco de sono. A dra. Venabili me informou que o tratamento me deixará cansado por alguns dias, presumivelmente para que eu descanse quanto for necessário. – Ele sorriu. – Sinceramente, eu não me importo.

Leggen inspirou fundo e soltou o ar sem presa. Hesitou e, quase como se forçasse as palavras para fora da boca, recomeçou:

– Não vou demorar. Entendo perfeitamente sua necessidade de descansar. Mas quero deixar claro que lamento tudo o que aconteceu. Eu não deveria ter suposto (pelo menos, não tão casualmente) que você tinha descido por conta própria. Considerando que você era um novato, eu deveria ter me responsabilizado por sua segurança. Afinal, concordei que subisse. Espero que possa encontrar a disposição para... me perdoar. É tudo o que eu gostaria de dizer.

Seldon bocejou, cobrindo a boca com uma mão.

– Desculpe-me – disse. – Parece que tudo acabou bem, portanto não há nenhum motivo para rancor. De certa maneira, não foi culpa sua. Eu não deveria ter me afastado e, de qualquer forma, o que aconteceu foi...

– Hari, chega de conversa, por favor – interrompeu Dors. – Apenas descanse. Mas quero conversar com o dr. Leggen por um instante, antes que ele vá embora. Em primeiro lugar, dr. Leggen, entendo que o senhor esteja preocupado com as repercussões que este caso possa ter para o senhor. Eu lhe disse que não haveria retaliação se o dr. Seldon se recuperasse sem sequelas. É o que parece estar acontecendo, portanto o senhor pode relaxar... por enquanto. Eu gostaria de lhe perguntar sobre outra coisa e espero que, desta vez, possa contar com sua cooperação espontânea.

– Hei de tentar, dra. Venabili – respondeu Leggen, seco.

– Aconteceu alguma coisa incomum durante a visita à Superfície Exterior?

– Você bem sabe que sim. Eu perdi o dr. Seldon, algo pelo qual acabei de pedir desculpas.

– Não estou me referindo a isso, obviamente. Aconteceu alguma

outra coisa inesperada?

– Não, não aconteceu nada.

Dors olhou para Seldon e ele franziu as sobrancelhas, pois teve a impressão de que Dors estava tentando corroborar sua história e conseguir um relato de outra pessoa. Será que ela achava que ele tinha imaginado a nave de busca? Ele gostaria de ter protestado com firmeza, mas ela ergueu uma mão silenciadora, como se estivesse prevenindo justamente aquilo. Ele se resignou, em parte por causa do gesto e em parte porque realmente queria dormir. Esperava que Leggen não ficasse por muito tempo.

– Está certo disso? – perguntou Dors. – Não houve nenhuma intrusão externa?

– Não, é claro que não. Exceto que...

– Sim, dr. Leggen?

– Havia um gravitoplano.

– O senhor considera isso algo peculiar?

– Não, claro que não.

– Por que não?

– Isso me parece o interrogatório de um suspeito, dra. Venabili. Não gosto disso.

– Entendo, dr. Leggen, mas essas perguntas estão relacionadas ao infortúnio do dr. Seldon. Esse problema talvez seja mais complicado do que eu imaginava.

– De que maneira? – Um tom mais impaciente surgiu na voz de Leggen. – Você pretende levantar outras questões para exigir novos pedidos de desculpas? Nesse caso, eu talvez considere necessário ir embora.

– Não antes de explicar por que o senhor não considera peculiar um gravitoplano fazendo reconhecimento.

– Porque, minha cara colega, diversas estações meteorológicas de Trantor possuem gravitoplanos para o estudo das nuvens e das camadas superiores da atmosfera. A nossa estação meteorológica não tem esse equipamento.

– Por que não? Seria útil.

– É claro que seria. Mas não estamos competindo e não guardamos segredos. Fazemos relatórios sobre nossas descobertas; eles fazem sobre as deles. Portanto, faz sentido distribuirmos as diferenças e as especializações. Seria uma tolice duplicar todos os esforços. O

dinheiro e a força de trabalho que usaríamos em gravitoplanos podem ser dedicados a refratômetros mesônicos, enquanto outras estações podem investir o dinheiro nos gravitoplanos sem se preocupar com os refratômetros. Afinal, pode haver muita competitividade e indisposição entre os setores, mas a ciência nos une; é a única coisa que nos une. Você sabe disso, imagino – ele acrescentou, com ironia.

– Sim, eu sei, mas não é uma coincidência admirável que alguém tenha enviado um gravitoplano justamente para a *sua* estação no dia exato em que vocês a usariam?

– De jeito nenhum. Anunciamos que iríamos coletar dados e efetuar medições naquele dia e, consequentemente, alguma outra estação pensou, de maneira muito apropriada, que poderiam fazer medições nefelométricas... nuvens, para sua informação. Os resultados, quando somados, fazem mais sentido e são mais úteis do que quando considerados separadamente.

– Eles estavam apenas coletando medições, então? – perguntou Seldon, com uma voz deveras embargada, e bocejou novamente.

– Sim – disse Leggen. – O que mais vocês acham que eles poderiam estar fazendo?

Dors piscou os olhos, como às vezes fazia quando tentava raciocinar rapidamente.

– Faz sentido – disse ela. – A qual estação pertencia esse gravitoplano, especificamente?

– Dra. Venabili – Leggen negou com a cabeça –, como pode esperar que eu saiba?

– Eu achei que cada gravitoplano meteorológico teria um símbolo de sua estação na fuselagem.

– Certamente, mas eu não ficaria olhando para cima para estudá-lo. Tinha meu próprio trabalho a fazer e permiti que eles fizessem o deles. Quando divulgarem o relatório, saberei de quem era aquele gravitoplano.

– E se eles não divulgarem o relatório?

– Eu imaginaria que os instrumentos do gravitoplano falharam. Às vezes, acontece. – O punho direito de Leggen estava cerrado com força. – Isso é tudo?

– Espere um instante. De *onde* você diria que veio o gravitoplano?

– De qualquer estação com gravitoplanos. Com um aviso um dia antes (e eles tiveram mais do que isso), uma dessas naves poderia ter

saído de qualquer parte do planeta e nos alcançado facilmente.

– Mas de onde seria mais provável?

– Difícil dizer. Hestelônia, Wye, Ziggoreth, Damiano do Norte. Eu diria que um desses quatro seria mais provável, mas poderia ser *qualquer um* dentre pelo menos quarenta outros setores.

– Apenas mais uma pergunta, então. Apenas uma. Dr. Leggen, quando o senhor anunciou que seu grupo iria à Superfície Exterior, o senhor mencionou que um matemático, o dr. Hari Seldon, estaria com vocês?

Uma expressão de profunda e sincera surpresa passou pelo rosto de Leggen, sentimento que rapidamente se transformou em desprezo.

– Por que eu listaria nomes? – perguntou. – Como isso interessaria a qualquer pessoa?

– Pois bem – disse Dors. – O fato é que o dr. Seldon viu o gravitoplano e isso o assustou. Não estou certa da razão e, aparentemente, a memória do doutor não está muito clara no que diz respeito a isso. Ele tentou fugir do gravitoplano, acabou se perdendo, não cogitou voltar (ou não ousou voltar) até que o sol estivesse se pondo e não conseguiu chegar à estação antes de ter escurecido. O senhor não pode ser culpado disso, portanto vamos esquecer o incidente, todos nós.

– De acordo – retrucou Leggen. – Adeus! – Ele girou nos calcanhares e foi embora.

Quando estavam apenas os dois, Dors se levantou, tirou gentilmente os chinelos de Seldon, ajeitou-o na cama e o cobriu. Ele estava dormindo, claro.

Ela se sentou e ficou pensativa. Quanto do que Leggen dissera era verdade e o que poderia existir sob sua cortina de palavras? Ela não sabia dizer.

MYCOGEN

——— Mycogen...

Um setor da parte antiga de Trantor... Enterrado no passado de suas próprias lendas, Mycogen teve pouco impacto no planeta. Autossuficiente e, até certo ponto, independente...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

31

QUANDO SELDON ACORDOU, descobriu um novo rosto olhando solenemente para ele. Por um instante, franziu o cenho como uma coruja, tentando identificar o visitante.

– Hummin? – perguntou, enfim.

Hummin sorriu de leve.

– Então você se lembra de mim? – perguntou.

– Foi por apenas um dia, quase dois meses atrás, mas lembro. Então quer dizer que você não foi preso, ou de alguma maneira...

– Como pode ver, estou aqui, inteiro e em segurança... – e ele olhou de relance para Dors, de pé a um canto –, mas não foi fácil vir até aqui.

– Estou contente por vê-lo – confessou Seldon. – Importa-se? – e indicou o banheiro usando o polegar.

– Fique à vontade. Tome seu café da manhã – respondeu Hummin.

Hummin não se juntou a Seldon durante a refeição; Dors tampouco. E eles não disseram nada. Hummin analisou um livro-filme com uma atitude concentrada. Dors olhou para as próprias unhas, reprovando-as, e então pegou um minicomputador e começou a fazer anotações com uma pena de silício.

Seldon observou os dois, pensativo, e não tentou iniciar uma conversa: o silêncio poderia ser algum tipo de regra da etiqueta trantoriana para comportamento diante dos enfermos. Ele já se sentia perfeitamente normal, mas os visitantes talvez não soubessem disso.

Hummin só falou depois que Seldon comeu a última migalha e bebeu a última gota de leite (ao qual ele estava obviamente se acostumando, pois o gosto não lhe era mais tão estranho).

– Como você está, Seldon? – perguntou.

– Perfeitamente bem, Hummin. Com certeza, bem o suficiente para sair daqui.

– Fico contente por ouvir isso – disse Hummin, em tom seco. – Foi uma grande irresponsabilidade por parte de Dors Venabili permitir

que isso acontecesse.

– Não – Seldon franziu as sobrancelhas. – *Eu* insisti em ir à Superfície Exterior.

– Tenho certeza de que sim, mas ela deveria ter ido com você, a qualquer custo.

– Eu disse a ela que não gostaria que ela fosse.

– Isso não é verdade, Hari – interviu Dors. – Não me defenda com mentiras nobres.

– Não se esqueça de que Dors também foi responsável por subir à Superfície Exterior em busca de mim, contra forte resistência – argumentou Seldon, irritado –, e que ela certamente salvou minha vida. Isso não é nenhuma mentira. Você levou isso em consideração, Hummin?

– Por favor, Hari – interrompeu Dors mais uma vez, evidentemente constrangida. – Chetter Hummin está totalmente certo ao acreditar que eu deveria tê-lo impedido de ir à Superfície Exterior ou acompanhado você até lá. Quanto às minhas ações subsequentes, ele já as parabenizou.

– De qualquer forma – disse Hummin –, isso é passado e podemos deixar de lado. Vamos conversar sobre o que aconteceu na Superfície Exterior, Seldon.

Seldon olhou à sua volta.

– É seguro? – perguntou, em tom defensivo.

Hummin sorriu discretamente e disse:

– Dors ativou um Campo de Distorção. Posso garantir que é pouco provável que um agente imperial na universidade (se é que há algum) tenha a perícia necessária para penetrá-lo. Você é uma pessoa desconfiada, Seldon.

– Não por natureza – respondeu Seldon. – Ao ouvir você no parque e depois... Você é uma pessoa persuasiva, Hummin. Quando terminou sua explicação, eu estava pronto para acreditar que Eto Demerzel está à espreita em todos os cantos.

– Às vezes, eu acho que ele está – comentou Hummin, sombriamente.

– Se estivesse – disse Seldon –, eu não saberia que se tratava dele. Que aparência ele tem?

– Não importa. Você o veria apenas se ele quisesse e, se chegar a esse ponto, imagino que tudo esteja terminado... – e é isso que

precisamos evitar. Vamos conversar sobre o gravitoplano que você viu.

– Como eu lhe disse, Hummin – começou Seldon –, você me fez temer a perseguição de Demerzel. Assim que vi o gravitoplano, supus que ele estava atrás de mim, que eu tinha inadvertidamente saído da proteção da Universidade de Streeling ao subir até a Superfície Exterior, que eu tinha sido conduzido até lá com o objetivo específico de ser capturado sem dificuldade.

– Por outro lado – interveio Dors –, Leggen...

– Ele esteve aqui ontem à noite? – acrescentou Seldon rapidamente.

– Sim, você não se lembra?

– Vagamente. Eu estava morto de cansaço. É um borrão em minha memória.

– Bom, quando Leggen esteve aqui ontem à noite, disse que o gravitoplano era apenas uma nave meteorológica de outra estação. Perfeitamente corriqueira. Perfeitamente inofensiva.

– O quê? – surpreendeu-se Seldon. – Eu não acredito nisso.

– A pergunta é: *por que* você não acredita? – disse Hummin. – Havia alguma coisa no gravitoplano que o fez acreditar ser perigoso? Eu me refiro a algo específico, não apenas uma suspeita impregnada por mim em sua mente.

Seldon pensou no ocorrido, mordendo seu lábio inferior.

– O *comportamento*. Ele parecia baixar a parte dianteira para fora da camada de nuvens, como se estivesse procurando por alguma coisa. Então surgia em outro ponto fazendo a mesma coisa, e depois em outro e assim por diante. Parecia estar metodicamente vasculhando a Superfície Exterior, trecho por trecho, e se aproximando de mim.

– Você talvez estivesse projetando seus medos, Seldon – sugeriu Hummin. – Você talvez tenha visto o gravitoplano como um estranho animal à sua procura. E não era, claro. Era apenas um gravitoplano e, se foi uma nave meteorológica, seu comportamento foi perfeitamente normal... e inofensivo.

– Não foi o que pareceu para mim – respondeu Seldon.

– Tenho certeza de que não, mas não temos nenhuma informação factual. A convicção de que você estava em perigo foi apenas uma suposição. A conclusão de Leggen sobre se tratar de uma nave meteorológica também foi apenas uma suposição.

– Eu não posso acreditar que foi um acontecimento totalmente

inocente – insistiu Seldon.

– Pois bem – disse Hummin –, vamos supor o pior. Vamos supor que o gravitoplano estava *mesmo* procurando por você. Como a pessoa que enviou aquela nave, quem quer que seja, poderia saber que você estaria ali para ser achado?

– Eu perguntei ao dr. Leggen – interveio Dors – se ele tinha incluído na notificação sobre o trabalho meteorológico que seria conduzido a informação de que Hari estaria no grupo. Em uma situação normal, não havia nenhum motivo para que ele tivesse feito isso, e ele negou tê-lo feito com considerável surpresa diante da pergunta. Eu acreditei nele.

– Não esteja tão disposta a acreditar nele – disse Hummin. – Ele negaria de qualquer jeito, não negaria? Pergunte a si mesma por que ele permitiu que Seldon se juntasse a eles. Sabemos que ele inicialmente rejeitou a ideia, mas acabou cedendo, e sem muita briga. E isso, para mim, parece bastante incongruente com a personalidade de Leggen.

– Sim – Dors franziu as sobrancelhas –, isso faz parecer um pouco mais provável que ele tenha armado toda a situação. É possível que ele tenha permitido a companhia de Hari apenas para deixá-lo exposto para captura. Talvez tenha recebido ordens. Poderíamos, inclusive, dizer que ele encorajou sua jovem estagiária, Clowzia, a chamar a atenção de Hari e afastá-lo do grupo, isolando-o. Isso explicaria a estranha displicência de Leggen em relação ao sumiço de Hari quando chegou o momento de descer. Ele insistiu que Hari descera antes, algo que ele tinha deixado preparado, pois mostrou cuidadosamente a ele como descer por conta própria. Também explicaria sua relutância em voltar lá para cima em busca de Hari, pois não gostaria de desperdiçar tempo em busca de uma pessoa que ele supunha ser impossível de encontrar.

– Você tem uma boa teoria para incriminá-lo – disse Hummin, que ouvia com atenção –, mas tampouco devemos nos precipitar com essa versão. Afinal, ele acabou subindo com você para a Superfície Exterior.

– Por causa dos passos detectados. O chefe da Sismologia é testemunha desse fato.

– Diga-me, Leggen demonstrou choque ou surpresa quando Seldon foi encontrado? Quero dizer, além da descoberta de alguém que se

envolveu em perigo extremo graças à negligência do próprio Leggen? Ele agiu como se Seldon não devesse estar ali? Ele se comportou como se estivesse se perguntando: por que não o capturaram?

Dors pensou por um instante.

– Ele ficou obviamente chocado pela visão de Hari deitado ali no chão – respondeu –, mas eu não tive como saber se havia mais alguma coisa em seus sentimentos, além do horror inerente à situação.

– Não, imagino que não havia como saber.

Naquele momento, Seldon, que olhava de um para o outro atentamente conforme eles falavam, disse:

– Não acho que tenha sido Leggen.

– Por que diz isso? – Hummin transferiu sua atenção a Seldon.

– Primeiro, como vocês perceberam, ele deixou claro que não gostaria que eu fosse junto. Foi necessário um dia inteiro de argumentação e acho que ele concordou apenas porque teve a impressão de que eu era um matemático inteligente que poderia ajudá-lo em sua teoria meteorológica. Eu estava ansioso para subir e, se ele estivesse sob ordens para garantir que eu fosse levado à Superfície Exterior, não precisaria ter sido *tão* relutante sobre o assunto.

– É razoável supor que ele o quisesse apenas por sua habilidade com matemática? Ele conversou sobre cálculos com você? Fez alguma tentativa de lhe explicar sua teoria?

– Não – respondeu Seldon –, não fez nada disso. Mas falou algo sobre abordarmos a questão depois. O problema era que ele estava totalmente dedicado aos instrumentos. Pelo que entendi, contava com a luz solar que não surgiu e torcia para que a culpa tivesse sido dos instrumentos, mas eles aparentemente estavam em perfeito funcionamento, o que o frustrou. Acho que isso foi um fator inesperado que destruiu seu humor e desviou sua atenção de mim. Quanto a Clowzia, a moça que esteve comigo por alguns minutos, eu não tenho a sensação de que ela estivesse deliberadamente me afastando daquele local. A iniciativa foi minha. Eu estava curioso sobre a vegetação na Superfície Exterior e fui eu que a afastei do grupo, e não o contrário. E Leggen não encorajou o distanciamento, muito pelo contrário: ele a chamou de volta enquanto eu ainda estava no campo de visão da estação meteorológica e eu me afastei e saí de vista totalmente por conta própria.

– E ainda assim – disse Hummin, que parecia disposto a contradizer todas as hipóteses levantadas –, se aquela nave estava à sua procura, os tripulantes deveriam saber que você estava ali. Como saberiam, senão por meio de Leggen?

– O homem de quem suspeito – respondeu Seldon – é um jovem psicólogo chamado Lisung Randa.

– Randa? – disse Dors. – Não posso acreditar nisso. Eu o *conheço*. Ele simplesmente não trabalharia para o Imperador. É anti-imperialista até os ossos.

– Talvez finja ser – retrucou Seldon. – Na verdade, ele precisaria ser explícita, agressiva e extremamente anti-imperialista se estivesse tentando mascarar o fato de que é um agente imperial.

– Mas ele é justamente o oposto disso – argumentou Dors. – *Não* é violento nem extremo em nada. É calmo e afável, e suas opiniões são sempre expressas com serenidade, quase timidez. Estou convencida de que são genuínas.

– E ainda assim, Dors – continuou Seldon, com seriedade –, ele foi o primeiro a me falar sobre o projeto meteorológico, foi ele quem insistiu que eu fosse à Superfície Exterior e foi ele quem persuadiu Leggen a permitir que eu me juntasse ao grupo, exagerando consideravelmente minhas capacidades matemáticas. É de se perguntar por que ele estava tão ansioso para que eu subisse; por que se esforçou tanto.

– Para o seu bem, talvez. Ele estava interessado em seu problema, Hari, e deve ter pensado que meteorologia talvez fosse útil para a psico-história. Não acha isso possível?

– Vamos considerar outra questão – disse Hummin, calmamente. – Houve um extenso intervalo de tempo entre o momento em que Randa lhe contou sobre o projeto de meteorologia e o momento em que você foi até a Superfície Exterior. Se Randa não for culpado de nenhuma desonestidade, ele não teria nenhuma razão para esconder a ida de Seldon até lá. Se for uma pessoa amigável e sociável...

– Ele é – interrompeu Dors.

– ... então é muito provável que tenha falado sobre isso a vários amigos. Nesse caso, não teríamos como saber quem teria sido o informante. Além disso, apenas para levantar outra possibilidade, vamos supor que Randa seja *de fato* anti-imperialista. Isso não significaria necessariamente que ele não é um agente. Precisaríamos

nos perguntar: agente de quem? Atua em benefício de quem?

Seldon ficou chocado.

– Para quem mais seria possível, além do Império? – questionou. – Para quem mais, senão Demerzel?

Hummin ergueu a mão.

– Você está longe de entender a complexidade da política trantoriana, Seldon – disse, então se voltou para Dors. – Diga-me mais uma vez: quais são os quatro setores que o dr. Leggen citou como prováveis pontos de origem de uma nave meteorológica?

– Hestelônia, Wye, Ziggoreth e Damiano do Norte.

– E você não fez a pergunta de um jeito que pudesse ser tendencioso? Não perguntou se algum setor específico poderia ser o ponto de origem?

– Não, definitivamente não. Perguntei apenas se ele poderia especular sobre o ponto de origem do gravitoplano.

– E você – Hummin olhou para Seldon – por acaso viu algum tipo de marca, alguma insígnia, no gravitoplano?

Seldon quis responder agressivamente que o gravitoplano mal podia ser visto entre as nuvens, que a nave aparecia por pouco tempo, que ele não estava procurando por marcas, queria apenas fugir, mas se conteve. Hummin decerto sabia de tudo aquilo. Em vez disso, simplesmente respondeu:

– Receio que não.

– Porém – interveio Dors –, se o gravitoplano estivesse em uma missão de captura, a insígnia estaria disfarçada.

– É a suposição racional – respondeu Hummin –, e talvez estivesse mesmo, mas, nesta Galáxia, a racionalidade nem sempre triunfa. Porém, considerando que Seldon aparentemente não registrou nenhum detalhe relevante da nave, a única coisa que podemos fazer é especular. Eu estou pensando em Wye.

– Pensando no *porquê*?[2] – perguntou Seldon. – Presumo que quem quer que estivesse naquele gravitoplano estaria atrás de meus conhecimentos sobre a psico-história.

– Não, não. *W-y-e* – soletrou Hummin, erguendo seu indicador direito, como se ensinasse a um jovem aluno. – É o nome de um setor em Trantor. Um setor muito especial. É governado por uma linhagem de prefeitos há aproximadamente três mil anos. Uma linhagem contínua, uma única dinastia. Houve uma época, uns quinhentos anos

atrás, em que dois imperadores e uma imperatriz da família Wye sentaram-se no trono imperial. Foi um período comparativamente curto, e nenhum dos Wye que governaram foi especialmente notável ou bem-sucedido, mas os prefeitos de Wye nunca se esqueceram desse passado imperial. Nunca foram ativamente desleais às famílias que os sucederam no governo, mas tampouco são conhecidos por se prontificarem a fazer algo em benefício de outras linhagens. Durante os ocasionais períodos de guerra civil, mantinham uma espécie de neutralidade, fazendo manobras que pareciam calculadas para prolongar o estado de guerra e fazer com que fosse necessária uma intervenção de Wye para que se chegasse a uma solução conciliatória. Isso nunca funcionou, mas eles nunca pararam de tentar. O atual prefeito de Wye – continuou Hummin – é particularmente competente. Agora já está velho, mas sua ambição não diminuiu. Se alguma coisa acontecer a Cleon, até mesmo uma morte natural, ele terá preferência na sucessão, pois o filho do próprio Cleon é jovem demais. O público galáctico será sempre mais parcial no que diz respeito a um pretendente com um passado imperial. Portanto, se o prefeito de Wye ouviu falar sobre você, você poderia servir como um profeta científico muito útil para beneficiar aquela linhagem. Haveria uma motivação tradicional para que Wye providenciasse algum fim conveniente para Cleon e usasse você para prever a inevitável sucessão de Wye ao trono e a vinda de paz e prosperidade por mil anos. É claro que, uma vez que o prefeito de Wye esteja no trono e não tenha mais utilidade para você, seu destino será acompanhar Cleon até o túmulo.

Seldon interrompeu o sombrio silêncio que se seguiu dizendo:

– Mas não sabemos se é o prefeito de Wye que está atrás de mim.

– Não, não sabemos. Ou se *realmente* há alguém atrás de você, no momento. Afinal, o gravitoplano poderia ser apenas uma nave meteorológica comum, como sugeriu Leggen. Ainda assim, conforme a notícia sobre a psico-história e todo o seu potencial se espalhar (e certamente se espalhará), mais e mais poderosos e semipoderosos de Trantor ou de qualquer outro lugar vão querer usufruir de seus serviços.

– Mas, então – disse Dors –, o que faremos?

– É a pergunta que não quer calar. – Hummin pensou durante algum tempo e, então, continuou: – Talvez tenha sido um erro vir até aqui. Para um professor, é previsível demais que o esconderijo fosse

uma universidade. Streeling é apenas uma de muitas, mas está entre as maiores e as que mais garantem liberdade, então não demoraria até que tentáculos daqui e dali começassem a tatear nesta direção. Creio que Seldon deva ser levado para outro esconderijo, mais adequado, e o mais rápido possível. Ainda hoje, talvez. Porém...

– Porém? – perguntou Seldon.

– Não sei para onde.

– Acesse um atlas pelo computador – arriscou Seldon – e escolha um lugar aleatório.

– É claro que não – respondeu Hummin. – Se fizermos isso, é tão provável que encontremos um lugar *menos* seguro quanto um *mais* seguro. Não. Precisamos chegar a uma conclusão lógica. De algum jeito.

32

Os três ficaram amontoados no quarto de Seldon até depois do almoço. Durante esse período, Hari e Dors conversaram discreta e ocasionalmente sobre assuntos amenos, mas Hummin manteve um silêncio quase total. Ficou sentado, tenso. Comeu pouco e, em sua postura, manteve-se quieto e distante – o que fazia com que ele parecesse mais velho, pensou Seldon.

Ele imaginou que Hummin devia estar repassando a imensa geografia de Trantor em sua mente, buscando por um canto que fosse ideal. Certamente não era algo fácil.

O planeta natal de Seldon, Helicon, era ligeiramente maior do que Trantor – 1% ou 2% – e seu oceano era menos extenso. A superfície terrestre de Helicon era talvez 10% maior do que a trantoriana. Mas Helicon tinha população esparsa; sua superfície era polvilhada por cidades espaçadas. Trantor era uma única e *imensa* cidade. Enquanto Helicon era dividido em vinte setores administrativos, Trantor tinha mais de oitocentos, cada um desses oitocentos contendo, por si só, complexas subdivisões.

– Hummin – disse Seldon, enfim, com certa aflição –, talvez seja melhor escolher qual dos interessados em minhas habilidades é o mais próximo de ser benigno, me entregar a ele e torcer para que ele me defenda dos outros.

Hummin ergueu a cabeça para encarar Seldon e, com seriedade absoluta, respondeu:

– Isso não é necessário. Conheço o candidato mais próximo de ser benigno e ele já tem você.

– Você se coloca no mesmo nível do prefeito de Wye e do Imperador de toda a Galáxia? – sorriu Seldon.

– Do ponto de vista hierárquico, não. Mas, no que diz respeito ao desejo de controlá-lo, eu rivalizo com eles. A diferença é que eles (e qualquer outra pessoa que me vem à mente) querem você para fortalecer a própria riqueza e poder, enquanto eu não tenho nenhuma ambição além de prosperidade para a Galáxia.

– Eu imagino – disse Seldon, secamente – que cada um de seus concorrentes insistiria que também estão apenas pensando na prosperidade da Galáxia, se perguntassem a eles.

– Estou certo que sim – respondeu Hummin. – Mas, até agora, o único dos meus (para usar o seu termo) concorrentes que você conheceu foi o Imperador, e ele ficou interessado em usufruir das suas previsões fictícias do futuro que poderiam estabilizar a dinastia dele. Eu não lhe peço nada desse tipo. Peço apenas que você aperfeiçoe sua técnica de psico-história para que previsões matematicamente válidas possam ser feitas, mesmo que sejam apenas de natureza estatística.

– É verdade. Pelo menos, até agora – comentou Seldon, com um sorriso parcial.

– Portanto, creio que posso perguntar: como está se saindo nessa questão? Algum progresso?

Seldon não sabia se deveria rir ou se enfurecer. Depois de uma pausa, não fez nenhum dos dois e conseguiu responder com calma:

– Progresso? Em menos de dois meses? Hummin, isso é algo que pode facilmente consumir toda a minha vida e a vida das próximas doze pessoas que vierem depois de mim... e, ainda assim, acabar em fracasso.

– Não estou falando de uma solução final, nem mesmo de expectativas mais otimistas, como o início de uma solução. Você disse sem rodeios e diversas vezes que uma psico-história útil é possível, mas impraticável. Tudo o que pergunto é se surgiu alguma esperança de que ela possa se tornar praticável.

– Honestamente, não.

– Por favor, me desculpem – interveio Dors. – Não sou matemática

e espero que não seja uma pergunta tola. Mas como uma coisa pode ser ao mesmo tempo possível e impraticável? Eu ouvi você dizer que, em tese, você pode conhecer e cumprimentar pessoalmente todas as pessoas no Império, mas que não se trata de uma façanha praticável, pois você não viveria tempo suficiente para realizá-la. Como é possível saber que a psico-história é algo desse tipo?

Seldon olhou para Dors com certa incredulidade.

– Você quer que eu explique *isso*? – perguntou.

– Sim – ela concordou vigorosamente com a cabeça, o que fez seus cabelos cacheados chacoalharem.

– Na verdade – disse Hummin –, eu também gostaria.

– Sem matemática? – perguntou Seldon, com um traço de sorriso.

– Por favor – respondeu Hummin.

– Bom... – Seldon ficou pensativo para escolher um método de explicação. Então, continuou: – Se você deseja entender algum aspecto do universo, é de grande ajuda simplificá-lo o máximo possível e incluir apenas as propriedades e as características que são essenciais para a compreensão. Se você quer analisar a queda de um objeto, não se preocupa se tal objeto é novo ou velho, vermelho ou verde, se tem ou não cheiro. Você elimina essas coisas e, assim, evita complicar desnecessariamente a questão. Você pode chamar essa simplificação de modelo ou simulação e pode demonstrá-la tanto como uma representação em uma tela de computador quanto em uma relação matemática. Se você considerar a primitiva teoria da gravidade não relativista...

– Você prometeu que não haveria matemática – interrompeu Dors, de imediato. – Não tente introduzi-la discretamente chamando-a de "primitiva".

– Não, não. Eu digo "primitiva" apenas porque é uma teoria conhecida desde nossos registros mais longínquos, porque sua descoberta é cercada pela névoa do passado, assim como a do fogo e a da roda. De qualquer forma, as equações dessa teoria gravitacional contêm em si uma descrição dos movimentos de um sistema planetário, de uma estrela dupla, de marés e de muitas outras coisas. Usando essas equações, podemos elaborar uma simulação imagética em uma tela 2-D e fazer com que um planeta orbite em torno de uma estrela ou duas estrelas que orbitam entre si, ou elaborar sistemas mais complicados em um holograma tridimensional. Esse tipo de

simulação simplificada faz com que seja muito mais fácil compreender um fenômeno do que estudar o próprio fenômeno. Aliás, sem as equações gravitacionais, nosso conhecimento geral sobre movimentação planetária e funcionamento de corpos celestes seria bastante escasso. Agora, se você quiser saber mais e mais sobre qualquer fenômeno, ou conforme um fenômeno fica mais complexo, precisará de equações cada vez mais sofisticadas e uma programação cada vez mais detalhada, e acabará com uma simulação computadorizada que é cada vez mais difícil de ser executada.

– Você não pode fazer uma simulação da simulação? – perguntou Hummin. – Você simplificaria mais um nível.

– Nesse caso, você precisaria eliminar algumas características do fenômeno que quer incluir, e sua simulação se torna inútil. A MSP, "menor simulação possível", ganha complexidade mais rapidamente do que o objeto simulado, e a simulação acaba se equiparando ao fenômeno. Portanto, foi estabelecido há milhares de anos que o universo como um todo, em sua complexidade total, não pode ser representado por nenhuma simulação menor do que ele próprio. Em outras palavras, você não pode criar nenhuma imagem do universo como um todo, exceto ao estudar *todo* o universo. Também já foi comprovado que, se alguém tentar criar simulações de uma pequena parte do universo, então de outra parte e mais outra parte, com a intenção de combinar todas as partes para formar uma imagem total do universo, essa pessoa vai descobrir que há um número infinito dessas partes de simulação. Logo, seria necessário um tempo infinito para entender totalmente o universo, o que é apenas um jeito diferente de dizer que é impossível adquirir todo o conhecimento que existe.

– Até agora, entendi – disse Dors, soando um pouco surpresa.

– Pois bem. Sabemos que algumas coisas comparativamente simples são fáceis de simular e que, conforme ficam mais complexas, ficam mais difíceis de simular, até que se tornam impossíveis de simular. Mas em qual nível de complexidade a simulação deixa de ser possível? O que eu demonstrei, usando uma técnica matemática inventada no século passado e pouco aplicável mesmo com um computador grande e veloz, é que a sociedade galáctica está um passo atrás desse limite. Ela *pode* ser representada por uma simulação mais simples do que ela mesma. E determinei que isso resultaria na habilidade de prever

eventos futuros de uma forma estatística, ou seja, calcular as probabilidades de um conjunto diferente de eventos, em vez de prever simplesmente que apenas *um* deles existirá.

– Nesse caso – disse Hummin –, se você *pode* simular com sucesso a sociedade galáctica, é apenas uma questão de fazê-lo. Por que é impraticável?

– Tudo o que provei foi que não será necessário um tempo infinito para entender a sociedade galáctica, mas, se for necessário um bilhão de anos, ainda assim é impraticável. É, basicamente, o mesmo que tempo infinito para nós.

– É isso que demoraria? Um bilhão de anos?

– Ainda não consegui determinar quanto tempo levaria, mas tenho grandes suspeitas de que seria necessário pelo menos um bilhão de anos, e foi por isso que sugeri esse número.

– Mas você não sabe ao certo.

– Estou tentando calculá-lo.

– Sem sucesso?

– Sem sucesso.

– A biblioteca da universidade não está ajudando? – Hummin olhou para Dors conforme fez a pergunta.

– Não, não está – Seldon negou com a cabeça lentamente.

– Dors não pode ajudá-lo?

– Não sei nada sobre o assunto, Chetter – suspirou Dors. – Posso apenas sugerir métodos de pesquisa. Se Hari pesquisa e não consegue encontrar, não há nada que eu possa fazer.

Hummin se levantou e disse:

– Nesse caso, não há muita utilidade em ficar aqui, e *preciso* pensar em algum outro lugar para escondê-lo.

Seldon estendeu a mão e tocou a manga de Hummin.

– Entretanto, eu tenho uma ideia – disse Seldon.

Hummin estreitou discretamente os olhos ao encarar Seldon, no que poderia ser surpresa ou suspeita.

– Quando teve essa ideia? – perguntou. – Agora?

– Não. Está ressonando na minha cabeça há alguns dias, desde antes de eu ir à Superfície Exterior. Aquele pequeno contratempo ocultou a ideia momentaneamente, mas a pergunta sobre a biblioteca fez com que eu me lembrasse.

– Conte-me sua ideia – disse Hummin, sentando-se novamente. –

Desde que não seja totalmente mergulhada em matemática.

– Nada de matemática. Quando eu estava lendo sobre história na biblioteca, me lembrei de que a sociedade galáctica era menos complicada no passado. Doze mil anos atrás, quando o Império estava para ser estabelecido, a Galáxia tinha apenas cerca de dez milhões de mundos habitados. Vinte mil anos atrás, os reinos pré-imperiais incluíam aproximadamente dez mil planetas no total. Quem poderia saber quão menor era a sociedade em passados ainda mais distantes? Talvez fosse limitada a apenas um único planeta, como na lenda que você mesmo mencionou certa vez, Hummin.

– E você acha que poderia solucionar a psico-história se pudesse lidar com uma sociedade galáctica muito mais simples? – perguntou Hummin.

– Sim, me parece que isso seria possível.

– Além disso – interveio Dors, com súbito entusiasmo –, vamos supor que você consiga decifrar a psico-história para uma sociedade menor do passado e vamos supor que você possa fazer previsões a partir de um estudo das condições pré-imperiais para saber o que aconteceria mil anos depois da formação do Império. Você poderia, então, verificar o que de fato aconteceu na época para ver quão próximo do objetivo chegou.

– Considerando conhecimentos prévios sobre a situação do ano 1000 da Era Galáctica – disse Hummin, friamente –, não seria um teste válido. Você seria inconscientemente influenciado por esse conhecimento e teria tendência a escolher valores para suas equações que o levassem ao que você sabe ser a resposta.

– Eu não acho – respondeu Dors. – Nós não sabemos muito sobre a situação em 1000 E.G. e precisaríamos pesquisar. Afinal, isso foi há onze milênios.

O rosto de Seldon transformou-se em um retrato de desânimo.

– O que você quer dizer com “não sabemos muito sobre a situação em 1000 E.G.”? – perguntou. – Havia computadores naquela época, não havia, Dors?

– Claro.

– E unidades de memória e gravações de imagens e sons? Deveríamos ter todos os registros de 1000 E.G., assim como temos do ano atual, 12020 E.G.

– Em tese, sim, mas, na prática... Bom, você sabe, Hari, é o que vive

dizendo. É possível ter registros completos de 1000 E.G., mas não é praticável esperar que eles existam.

– Sim, mas o que eu vivo dizendo, Dors, é sobre demonstrações matemáticas. Não vejo sua aplicação em registros históricos.

– Hari, registros não são eternos – respondeu Dors, defensiva. – Bancos de dados podem ser destruídos ou alterados por causa de conflitos ou simplesmente deteriorar com o tempo. Qualquer segmento de memória, qualquer registro que não seja acessado durante muito tempo, acaba perdido no desgaste acumulado. Dizem que um terço dos registros da Biblioteca Imperial é simplesmente lixo, mas, é claro, a tradição não permite que esses registros sejam removidos. Outras bibliotecas não seguem uma tradição tão rígida. Na biblioteca da Universidade de Streeling, descartamos itens desnecessários a cada dez anos. Naturalmente, registros consultados e copiados com frequência em vários mundos e em várias bibliotecas (governamentais ou privadas) continuam disponíveis por milhares de anos, para que muitos dos pontos essenciais da história galáctica permaneçam acessíveis, mesmo que tenham ocorrido em épocas pré-imperiais. Porém, quanto mais longínquo é o passado, menos registros foram preservados.

– Não posso acreditar nisso – exclamou Seldon. – Eu imaginava que eram feitas novas cópias de qualquer registro em risco de desaparecer. Como vocês podem permitir que o conhecimento desapareça?

– Conhecimento indesejado é conhecimento inútil – respondeu Dors. – Você consegue imaginar o volume de tempo, esforços e energia dedicados a uma contínua renovação de dados não utilizados? E, com o tempo, esse desperdício ficaria cada vez maior.

– Vocês decerto deveriam levar em consideração que alguém, em algum momento, talvez precisasse dos dados que estão sendo liquidados.

– Um item específico pode ser requerido apenas uma vez em mil anos. Conservar tudo em nome de uma necessidade como essa não é considerado um bom custo-benefício. Até mesmo na ciência. Você falou sobre as equações primitivas da gravidade e disse que são primitivas porque sua descoberta está perdida nas névoas da antiguidade. Por que isso aconteceu? Vocês, matemáticos e cientistas, não guardam todos os dados, todas as informações, remetendo até a enevoada época primitiva em que essas equações foram descobertas?

Seldon grunhiu e não tentou responder.

– Então, Hummin, lá se vai a minha ideia – disse, enfim. – Conforme investigamos o passado e a sociedade fica menor, uma psico-história praticável torna-se mais provável. Porém, o conhecimento diminui ainda mais rapidamente do que o escopo social. Portanto, a psico-história se torna menos provável... e a improbabilidade é muito maior do que a probabilidade.

– Claro, há o Setor Mycogen – interveio Dors, pensativa.

Hummin ergueu os olhos rapidamente.

– Sim, é verdade! E seria o lugar perfeito para colocar Seldon. Eu mesmo devia ter pensado nisso.

– Setor Mycogen – repetiu Seldon, olhando de um para o outro. – O que significa Setor Mycogen e onde fica?

– Hari, por favor, eu lhe conto depois. Agora, preciso preparar sua viagem. Você partirá hoje à noite.

33

Dors insistiu que Seldon devia dormir um pouco. Eles iriam embora sob a cobertura da "noite", entre o apagar e o acender das luzes da universidade, enquanto o restante da instituição dormia. Ela teimou que ele precisava descansar.

– E fazer você dormir no chão mais uma vez? – perguntou Seldon.

Ela deu de ombros.

– A cama tem espaço para apenas uma pessoa – ela respondeu –, e, se nós tentarmos dividi-la, nenhum dos dois conseguirá dormir.

Por um momento, Seldon olhou para ela avidamente.

– Então eu durmo no chão, dessa vez – disse.

– Não, não dorme. Não fui eu que estive em coma sob uma chuva de granizo.

No final das contas, nenhum dos dois dormiu. Apesar de terem apagado as luzes do quarto e de o constante barulho de Trantor ser apenas um murmúrio distante nos confins relativamente silenciosos da universidade, Seldon percebeu que precisava conversar.

– Eu tenho lhe causado tantos problemas aqui, Dors... Estou até a impedindo de trabalhar. Ainda assim, lamento deixá-la.

– Você não me deixará – ela respondeu. – Eu vou com você.

Hummin está providenciando uma licença para mim.

– Não posso lhe pedir isso – disse Seldon, desolado.

– Você não está pedindo. Hummin está. É minha obrigação protegê-lo. Afinal, falhei na situação da Superfície Externa e devo me redimir.

– Eu já disse. Por favor, não se sinta culpada por isso. Ainda assim, devo admitir que ficaria mais confortável com você ao meu lado. Se ao menos eu pudesse garantir que não estou interferindo na sua vida...

– Você não está, Hari – disse Dors, gentilmente. – Agora, durma.

Seldon ficou deitado em silêncio por um momento. Então, sussurrou:

– Dors, você tem certeza de que Hummin pode providenciar tudo?

– Ele é um homem extraordinário – respondeu Dors. – Tem muita influência aqui na universidade e acho que em todos os outros lugares também. Se ele diz que pode providenciar uma licença para mim, estou certa de que pode. É um homem *muito* persuasivo.

– Eu sei – murmurou Seldon. – Às vezes, me pergunto o que ele *realmente* quer de mim.

– O que ele diz querer – assegurou Dors. – É um homem de sonhos e princípios fortes e idealistas.

– Parece que você o conhece bem, Dors.

– Oh, sim, eu o conheço bem.

– Intimamente?

Dors fez um som estranho com a garganta.

– Não sei o que você está sugerindo, Hari – ela respondeu –, mas, se eu considerar a interpretação mais atrevida, não, eu não o conheço intimamente. E por que isso seria da sua conta?

– Me desculpe – disse Seldon. – Eu só não quero inadvertidamente invadir a...

– Propriedade alheia? Isso é ainda mais ofensivo. Acho melhor você dormir.

– Peço desculpas mais uma vez, Dors, mas não *consigo* dormir. Deixe-me pelo menos mudar de assunto. Vocês não me explicaram o que é o Setor Mycogen. Ir para lá será bom para mim? Como é esse setor?

– É um pequeno lugar com uma população de apenas dois milhões, se bem me lembro. A questão é que os mycogenianos seguem fielmente um conjunto de tradições relacionadas à história arcaica e teoricamente possuem registros muito antigos, que não estão

disponíveis em nenhum outro lugar. É possível que eles sejam mais úteis para a sua tentativa de investigar os tempos pré-imperiais do que historiadores ortodoxos. Nossa conversa sobre história antiga fez com que o setor viesse à cabeça.

– Você já viu os registros mycogenianos?

– Não. Não conheço ninguém que tenha visto.

– Então como você pode ter certeza de que esses registros existem?

– Na verdade, não tenho. Os não mycogenianos acham que eles são todos uns doidos, mas isso talvez seja uma definição injusta. Eles certamente *afirmam* ter os registros, então talvez tenham mesmo. De qualquer forma, lá estaremos fora de vista. Os mycogenianos são absolutamente reservados. Agora, por favor, durma.

E, de alguma maneira, Seldon finalmente dormiu.

34

Hari Seldon e Dors Venabili deixaram os limites da universidade às três horas da manhã. Seldon concluiu que Dors deveria liderar. Ela conhecia Trantor melhor do que ele – já estava lá havia dois anos. Ela era, obviamente, uma amiga muito próxima de Hummin (quão próxima? A questão continuava a incomodá-lo) e entendia as instruções que ele fornecera.

Tanto ela como Seldon estavam vestidos com capas semirrefratoras de luz com gorros justos. O estilo tinha sido uma moda passageira na instituição (e entre jovens intelectuais em geral) alguns anos atrás e, apesar de agora ser possivelmente motivo de risadas, tinha a vantagem de cobri-los generosamente e torná-los irreconhecíveis – pelo menos de relance.

Antes de partirem, Hummin dissera:

– Há uma possibilidade de que os acontecimentos da Superfície Exterior tenham sido totalmente inocentes e de não existir nenhum agente atrás de você, Seldon, mas é melhor nos prepararmos para o pior.

– Você não vem conosco? – perguntara Seldon, ansiosamente.

– Eu gostaria de ir – respondera Hummin –, mas devo limitar minha ausência do trabalho para não correr o risco de eu mesmo me tornar um alvo. Entende?

Seldon suspirou. Ele entendia.

Dors e Seldon entraram em um vagão da via expressa e procuraram por assentos o mais longe possível das outras pessoas que também embarcaram. (Seldon questionou por que *qualquer pessoa* estaria nas vias expressas às três da manhã – e então pensou que, na verdade, aquilo era vantajoso, pois, caso contrário, ele e Dors chamariam muita atenção).

Seldon entregou-se a observar o infinito panorama que passava pelas janelas conforme a igualmente infinita linha de vagões seguia pelo infinito monotrilho em um infinito campo eletromagnético.

A via expressa passou por filas e mais filas de unidades residenciais, algumas muito altas e outras, ele imaginou, muito profundas. Ainda assim, se dezenas de milhões de quilômetros quadrados formavam uma totalidade urbanizada, nem mesmo quarenta bilhões de pessoas precisariam de estruturas muito altas ou muito próximas umas das outras. Eles passaram por áreas abertas. A maior parte parecia coberta por plantações, enquanto outras eram parques. E havia diversas estruturas cujo propósito ele não conseguiu adivinhar. Fábricas? Prédios de escritório? Quem poderia dizer? Um grande cilindro sem adornos lhe pareceu uma caixa-d'água. Afinal, Trantor devia ter um suprimento de água potável. Será que eles colhiam chuva da Superfície Exterior, filtravam e tratavam a água e então a estocavam? Parecia inevitável que fizessem isso.

Mas Seldon não teve muito tempo para estudar a paisagem.

– É aqui que devemos descer – murmurou Dors. Ela se levantou e seus dedos fortes seguraram o braço de Seldon.

Agora estavam fora da via expressa, sobre chão sólido, enquanto Dors estudava a sinalização.

Os sinais eram simples e havia muitos deles. Seldon ficou decepcionado. A maioria era de pictografias e iniciais, certamente compreensíveis aos trantorianos, mas alienígenas para ele.

– Por aqui – disse Dors.

– Por onde? Como você sabe?

– Está vendo aquilo? Duas asas e uma flecha.

– Duas asas? Oh! – ele achava que era um "W" invertido e esticado horizontalmente, mas agora via que poderiam ser as asas estilizadas de um pássaro. – Por que eles não usam palavras? – perguntou, mal-humorado.

– Porque palavras variam de mundo para mundo. O que é um “aerojato” aqui pode ser um “pairador” em Cinna ou um “rasante” em outros mundos. As duas asas e a flecha são o símbolo galáctico para uma aeronave, e é compreendido em todos os lugares. Vocês não os usam em Helicon?

– Não muito. Helicon é um mundo razoavelmente homogêneo em termos culturais, e tendemos a cultivar nossas particularidades porque somos ofuscados pelos planetas vizinhos.

– Viu só? – disse Dors. – Aí está um ponto em que sua psico-história poderia agir. Você pode demonstrar que, mesmo com dialetos diferentes, o uso de símbolos padronizados em toda a Galáxia é uma força unificadora.

– Isso não ajuda. – Ele a seguia por becos vazios e escuros, e uma parte de sua mente se perguntou sobre a taxa de criminalidade em Trantor e se aquela seria uma área perigosa. – Você pode ter um bilhão de regras, cada uma relacionada ao mesmo fenômeno, e mesmo assim não conseguir uma generalização a partir disso. É isso que significa um sistema que só pode ser interpretado por um modelo tão complexo quanto o próprio sistema. Dors, por acaso estamos a caminho de um aerojato?

Ela parou e se virou para olhar para Seldon com uma expressão cômica no rosto.

– Se estamos seguindo os símbolos que indicam aerojatos, para onde você acha que estamos indo, um campo de golfe? – perguntou. – Você tem medo de aerojatos, como é o caso de muitos trantorianos?

– Não, não. Voamos livremente em Helicon e uso aerojatos com frequência. O problema é que, quando Hummin me levou à universidade, ele evitou voos comerciais porque isso deixaria um rastro muito claro.

– Isso porque eles sabiam a sua localização antes de partir, Hari, e já estavam em seu encalço. Agora eles talvez não saibam onde você está e vamos usar um aeroporto secreto e um aerojato privado.

– E quem será o piloto?

– Um amigo de Hummin, imagino.

– Você acha que podemos confiar nele?

– Se é um amigo de Hummin, com certeza é seguro.

– Você certamente tem um grande apreço por Hummin – resmungou Seldon, com uma pontada de descontentamento.

– E com motivos – respondeu Dors, sem nenhuma timidez. – Ele é o melhor.

O descontentamento de Seldon não diminuiu.

– Ali está o aerojato – ela apontou.

Era pequeno, com asas de formato esquisito. Ao lado do aerojato estava um homem baixinho, vestido com cores trantorianas, tradicionalmente berrantes.

– Somos psico – disse Dors.

– E eu sou história – o piloto retrucou.

Eles o seguiram para dentro do aerojato.

– De quem foi a ideia da senha? – perguntou Seldon.

– De Hummin – respondeu Dors.

Seldon bufou.

– Por algum motivo – comentou –, não achei que Hummin era capaz de ter senso de humor. Ele é tão... solene.

Dors sorriu.

MESTRE SOLAR

——— Mestre Solar Quatorze...

Um líder do Setor Mycogen em Trantor antigo... Assim como todos os líderes desse setor encravado no planeta, pouco se sabe sobre ele. O fato de o Mestre Solar Quatorze ter um papel na História se deve unicamente à sua inter-relação com Hari Seldon durante o período de Fuga...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

35

Eram apenas dois assentos atrás do reduzido compartimento do piloto e, quando Seldon se sentou no estofamento que afundou vagarosamente sob seu peso, uma tela de tecido surgiu para envolver suas pernas, cintura e torso, enquanto um capuz cobria sua testa e ouvidos. Ele se sentiu preso e, ao virar para a esquerda – com grande dificuldade e apenas alguns centímetros –, viu que Dors estava envolvida de maneira parecida.

O piloto se sentou no próprio assento e verificou os controles.

– Sou Endor Levanian, à sua disposição – disse ele. – Vocês estão envoltos por redes porque haverá uma considerável aceleração na decolagem. Uma vez que estejamos a céu aberto e em cruzeiro, vocês serão libertados. Não há necessidade de me dizerem seus nomes. Não é da minha conta. – Ele se virou para Seldon e Dors e sorriu, com um rosto de gnomo que se enrugou conforme seus lábios se expandiram. – Alguma dificuldade psicológica, meus jovens? – perguntou.

– Sou uma Estrangeira e estou acostumada a voar – disse Dors, com leveza.

– O mesmo vale para mim – completou Seldon, com um pouco de arrogância.

– Excelente, meus jovens. É claro que este não é um aerojato comum e vocês talvez não tenham feito voos noturnos, mas espero que vocês aguentem firme.

Ele também estava envolto por redes, mas Seldon viu que seus braços estavam totalmente livres.

Um zunido grave preencheu o jato, crescendo em intensidade e ganhando tons mais agudos. O som não chegava a ser desagradável, mas parecia estar seguindo rumo a essa direção, e Seldon tentou sacudir a cabeça, como se para expulsar o ruído de seus ouvidos, mas a tentativa serviu apenas para fazer com que a rede que segurava sua cabeça enrijecesse ainda mais.

E, então, o jato foi catapultado (o único verbo que Seldon poderia

usar para descrever o evento) e Seldon foi pressionado intensamente contra o apoio do assento.

Através do vidro diante do piloto, Seldon viu, com uma pontada de pânico, uma parede maciça se aproximando e então uma abertura circular surgiu na parede. Era parecida com o buraco em que o táxi-aéreo mergulhara no dia em que ele e Hummin tinham deixado o Setor Imperial, mas, apesar de este ser largo o suficiente para o corpo do jato, certamente não garantia espaço para as asas.

Seldon girou a cabeça para a direita o máximo que podia e o fez em tempo de ver a asa ao seu lado dobrar e se retrair.

O jato mergulhou na abertura. Foi envolvido pelo campo eletromagnético e arremessado por um túnel iluminado. A aceleração era constante e havia ocasionais sons de clique, que Seldon imaginou serem causados pela passagem de blocos individuais de ímãs.

E então, em menos de dez minutos, o jato foi cuspido para a atmosfera, onde foi abruptamente envolvido pela repentina e completa escuridão da noite.

O jato desacelerou conforme saiu do campo eletromagnético e Seldon se sentiu jogado contra a rede que o envolvia, permanecendo grudado nela por alguns instantes, sem fôlego.

A inércia acabou e a rede desapareceu por completo.

– Como estão, meus jovens? – veio a voz alegre do piloto.

– Não sei dizer – respondeu Seldon. Ele se virou para Dors e perguntou: – Você está bem?

– Claro – ela disse. – Creio que o sr. Levanian estava nos testando para ver se somos mesmo Estrangeiros. Não é mesmo, sr. Levanian?

– Algumas pessoas gostam de emoção – respondeu Levanian. – Você gosta?

– Dentro dos limites – disse Dors.

– Como qualquer pessoa racional – completou Seldon, com aprovação. – Mas teria sido menos divertido para o senhor se tivesse perdido as asas do jato.

– Impossível, senhor. Como eu disse, não se trata de um aerojato comum. As asas são totalmente computadorizadas. Mudam o comprimento, a largura, a curvatura e o formato geral para se adaptarem à velocidade do jato, à velocidade e à direção do vento, à temperatura e à meia dúzia de outras variáveis. As asas seriam arrancadas somente se o próprio jato fosse submetido a uma força que

pudesse destruí-lo.

Alguma coisa respingou na janela de Seldon.

– Está chovendo – ele disse.

– Isso é comum – respondeu o piloto.

Seldon olhou pela janela. Em Helicon ou em qualquer outro mundo, haveria luzes – criações luminosas do homem. Apenas Trantor era totalmente escuro, ou melhor, não totalmente. Em certo momento, ele viu o lampejo de um farol. Os pontos mais altos da Superfície Exterior talvez tivessem luzes de sinalização.

Como sempre, Dors reparou no desconforto de Seldon.

– Tenho certeza de que o piloto sabe o que está fazendo, Hari – ela murmurou, dando um tapinha gentil em sua mão.

– Tentarei imaginar que sim, Dors, mas preferiria que nós também soubéssemos de alguma coisa – respondeu Seldon, em tom alto o suficiente para ser entreouvido.

– Não me importo de compartilhar – disse o piloto. – Primeiro, vamos seguir para cima e estaremos além da camada de nuvens em alguns minutos. A essa altura, não haverá chuva e poderemos até ver as estrelas.

Ele escolhera o momento ideal para dizer aquilo: algumas estrelas começavam a surgir através das tênues nuvens restantes e então todo o céu reluziu quando o piloto desligou as luzes de dentro da cabine. Restou apenas a suave iluminação de seu painel de controle e, do lado de fora das janelas, o céu resplandeceu.

– É a primeira vez em mais de dois anos que vejo as estrelas – comentou Dors. – São maravilhosas, não são? Tão brilhantes… e há tantas delas!

– Trantor está mais perto do centro da Galáxia do que a maioria dos planetas – explicou o piloto.

Helicon ficava em um canto distante da Galáxia e seu campo estelar era obscurecido e nada impressionante, e Seldon descobriu-se sem palavras.

– Este voo ficou bastante silencioso – disse Dors.

– É verdade – respondeu Seldon. – O que abastece o jato, sr. Levanian?

– Um motor de microfusão e uma pequena corrente de gás aquecido.

– Eu não sabia que existiam aerojatos à microfusão em

funcionamento. Ouve-se falar disso, mas...

– Existem poucos e são pequenos, como este. Até agora, estão limitados a Trantor e são usados unicamente por altos oficiais do governo.

– As tarifas por este tipo de transporte devem ser caras.

– Exorbitantes, senhor.

– Quanto será cobrado do sr. Hummin?

– Este voo não será cobrado. O sr. Hummin é um bom amigo da companhia que possui estes jatos.

Seldon grunhiu, e então perguntou:

– Por que não existem mais destes aerojatos à microfusão?

– Entre outras coisas, porque são caros demais, senhor. Os que existem suprem toda a demanda.

– Vocês poderiam aumentar a demanda com jatos maiores.

– Talvez, mas a empresa ainda não conseguiu criar motores à microfusão robustos o suficiente para aerojatos maiores.

Seldon pensou na reclamação de Hummin sobre inovações tecnológicas terem declinado a um nível muito baixo.

– Decadente – murmurou.

– O quê? – perguntou Dors, sem entender o que ele dissera.

– Nada – respondeu Seldon. – Eu estava apenas pensando em uma coisa que Hummin me disse. – Ele olhou para as estrelas e continuou: – Estamos seguindo para oeste, sr. Levanian?

– Sim, estamos. Como sabe?

– Porque acho que, a esta altura, veríamos o nascer do sol se estivéssemos seguindo na direção dele, para o leste.

Mas a alvorada que perseguia o planeta finalmente os alcançou, e a luz do sol – luz do sol *genuína* – banhou as paredes da cabine. Porém, não durou muito, pois o jato curvou-se para baixo e entrou nas nuvens. O azul e o dourado desapareceram e foram substituídos por um cinza desbotado. Seldon e Dors se lamentaram por terem sido privados de até mesmo alguns segundos a mais de luz solar verdadeira.

Quando mergulharam abaixo das nuvens, a Superfície Exterior estava imediatamente sob o jato, e os domos – pelo menos naquele trecho – passaram rapidamente por grupos de árvores intercalados por gramados abertos. Era o tipo de coisa que Clowzia dissera a Seldon que existia na Superfície Exterior.

Mais uma vez houve pouco tempo para observar a paisagem. Uma abertura surgiu abaixo deles, ladeada por letras que indicavam MYCOGEN.

Eles entraram.

36

Aterrissaram em um jatoporto que parecia deserto aos olhos investigativos de Seldon. O piloto, depois de cumprir sua função, cumprimentou Hari e Dors com a mão e decolou com uma rajada ascendente de vento, mergulhando em seguida em uma abertura que surgiu para ele.

Além de esperar, não parecia haver nada que os dois pudessem fazer. Havia bancos que poderiam servir para talvez uma centena de pessoas, mas Seldon e Dors Venabili eram as duas únicas pessoas por ali. O porto era retangular, cercado por paredes que deveriam ter diversas aberturas de entrada e saída de jatos, mas não havia nenhum jato presente depois que o deles se fora, e nenhum chegou enquanto esperaram.

Não havia ninguém circulando e nenhum indício de habitação; a própria vida de Trantor parecia estar silenciosa.

Para Seldon, era uma solidão opressiva.

– O que se espera que façamos aqui? – perguntou para Dors. – Você tem alguma ideia?

Dors negou com a cabeça.

– Hummin me disse que seríamos recebidos por Mestre Solar Quatorze – respondeu. – Não sei de mais nada.

– Mestre Solar Quatorze? O que é isso?

– Um ser humano, imagino. Pelo nome, não posso ter certeza se é um homem ou uma mulher.

– Nome estranho.

– A estranheza está na mente do receptor. Às vezes, pessoas que nunca me viram acham que sou um homem.

– Devem ser umas tolas – disse Seldon, sorrindo.

– De jeito nenhum. Considerando o meu nome, elas *têm* motivos. Pelo que ouvi, é um nome masculino popular em vários mundos.

– Nunca o ouvi antes.

– Pois você não é um viajante galáctico costumaz. O nome “Hari” é bastante comum por toda parte, apesar de eu já ter conhecido uma mulher chamada “Hare”, pronunciado como o seu nome, mas soletrado com um “e”. Pelo que eu me lembre, em Mycogen os nomes são exclusivos de cada família, e numerados.

– Mas Mestre Solar me parece um nome tão exuberante.

– Que mal faz um pouco de arrogância? Em Cinna, “Dors” vem de uma antiga expressão local que significa “regalo da primavera”.

– Por você ter nascido na primavera?

– Não. Vi a luz do dia pela primeira vez no auge do verão de Cinna, mas o nome pareceu agradável à minha família, apesar de seu significado tradicional e praticamente esquecido.

– Nesse caso, talvez Mestre Solar...

– Esse é meu nome, tribalista – interrompeu uma voz grave e severa.

Seldon se assustou e olhou para a esquerda. Um carro terrestre aberto tinha se aproximado de alguma maneira. Era quadrado e arcaico, quase como um contêiner. Dentro dele, no comando, estava um senhor alto que aparentava vigor, apesar da idade. Com imponência, ele saiu do carro.

Usava um longo manto branco com mangas volumosas que se estreitavam nos pulsos. Embaixo do manto estavam sandálias macias que deixavam os dedões expostos, enquanto sua cabeça, bem formada, era completamente desprovida de cabelos e outros tipos de pelo. Ele observou os dois calmamente, com seus olhos de um azul profundo.

– Eu o saúdo, tribalista – disse.

– Saudações, senhor – respondeu Seldon, com educação automática. Então, honestamente intrigado, perguntou: – Como o senhor entrou?

– Pela entrada, que se fechou atrás de mim. Você não prestou atenção.

– Suponho que não. Mas não sabíamos o que esperar. Tampouco sabemos agora.

– O tribalista Chetter Hummin informou a Irmandade sobre a chegada de membros de duas das tribos. Ele pediu para que cuidássemos de você.

– Então o senhor conhece Hummin.

– Sim. Ele já nos prestou ajuda. E, graças ao fato de ele, um

tribalista digno, ter nos prestado ajuda, da mesma maneira devemos recompensá-lo. Poucos vêm a Mycogen e poucos deixam Mycogen. É minha função cuidar de sua segurança, oferecer acomodações e garantir que não seja perturbado.

Dors fez uma saudação com a cabeça.

– Somos gratos, Mestre Solar Quatorze – disse.

Mestre Solar se virou para observá-la com um sereno ar de desprezo.

– Conheço os costumes das tribos – respondeu. – Tenho consciência de que, entre tribalistas, uma mulher tem permissão de falar antes que a palavra lhe seja dirigida. Portanto, não estou ofendido. Eu lhe rogo que tome cuidado diante de outros membros da Irmandade, que talvez sejam menos instruídos.

– Puxa, é mesmo? – exclamou Dors, evidentemente ofendida, mesmo que Mestre Solar não estivesse.

– De fato – concordou Mestre Solar. – Tampouco se faz necessário o uso de meu identificador numérico quando apenas eu for o único membro presente de minha coorte. "Mestre Solar" é suficiente. Agora, peço que me acompanhem para que possamos deixar este lugar de natureza excessivamente tribalista para meu conforto.

– O conforto é para todos nós – retrucou Seldon, com um tom de voz talvez ligeiramente mais elevado do que o necessário –, e não sairemos deste lugar até que o senhor nos assegure de que não seremos forçados a obedecer a preferências que sejam contra nossos princípios. De acordo com o nosso costume, uma mulher pode falar sempre que tiver algo a dizer. Se o senhor concordou em cuidar de nossa segurança, essa segurança deve ser tanto física como psicológica.

Mestre Solar encarou Seldon sem alterar sua expressão.

– Você é audacioso, jovem tribalista – disse. – Seu nome?

– Eu sou Hari Seldon, de Helicon. Minha companheira é Dors Venabili, de Cinna.

Mestre Solar fez uma discreta reverência quando Seldon pronunciou o próprio nome, mas não se mexeu ao ouvir no nome de Dors.

– Prometi ao tribalista Hummin que os manteríamos a salvo, portanto farei o que puder para proteger sua companheira. Se ela desejar exercer tais imoralidades, farei o máximo que puder para

garantir que ela não seja responsabilizada. Entretanto, em um quesito vocês precisam ceder.

Ele apontou, com infinito desprezo, primeiro para a cabeça de Seldon e depois para a de Dors.

– O que quer dizer? – perguntou Seldon.

– Seus pelos cefálicos.

– O que têm eles?

– Não devem ser vistos.

– O senhor quer dizer que devemos raspar nossa cabeça, como o senhor? Certamente que não.

– Minha cabeça não é raspada, tribalista Seldon. Fui depilado quanto entrei na puberdade, assim como todos os irmãos e suas mulheres.

– Se estamos falando sobre depilação, então, mais do que nunca, a resposta é não. Nunca.

– Não exigimos raspagem, tribalista, tampouco depilação. Pedimos apenas que os pelos sejam cobertos enquanto estiverem conosco.

– Mas, como?

– Eu trouxe toucas que se moldarão aos seus crânios e faixas que esconderão seus tufos supraoculares... suas sobrancelhas. Vocês devem usá-los enquanto estiverem aqui. Além disso, tribalista Seldon, você há de se barbear diariamente, claro. Mais de uma vez por dia, caso necessário.

– Mas por que devemos fazer isso?

– Porque, para nós, pelos na cabeça são repulsivos e obscenos.

– Decerto o senhor e seu povo sabem que é costume para as outras pessoas, em todos os mundos da Galáxia, manter os pelos cefálicos.

– Sabemos. E aqueles entre nós que lidam ocasionalmente com tribalistas, como eu, precisam tolerar tais pelos. E toleramos. Mas é injusto pedir que os outros irmãos passem por esse sofrimento.

– Pois bem, Mestre Solar, que assim seja – concedeu Seldon. – Mas, diga-me. Se vocês nascem com pelos cefálicos, assim como todos nós, e os mantêm à vista até a puberdade, por que é tão estritamente necessário removê-los? Trata-se apenas de um costume ou há algum fundamento prático?

– Por meio da depilação – respondeu o senhor mycogeniano, orgulhoso –, demonstramos ao jovem que ele ou ela se tornou um adulto e, graças à depilação, os adultos lembrarão sempre de quem

são e nunca se esquecerão de que todos os outros não passam de tribalistas.

Ele não esperou por uma resposta (e, na verdade, Seldon não conseguiu pensar em nenhuma) e tirou de algum bolso escondido em seu manto um punhado de faixas de plástico de tons variados. Analisou cuidadosamente os dois rostos diante de si, erguendo primeiro uma das faixas, depois outra, para comparar à pele deles.

– As cores precisam ser próximas – disse Mestre Solar. – Ninguém chegará a acreditar que vocês não estão usando toucas, mas não pode ser algo repulsivamente óbvio.

Enfim, Mestre Solar ofereceu uma faixa específica para Seldon e mostrou como esticá-la para virar uma touca.

– Por favor, tribalista Seldon, vista – pediu. – Você descobrirá que é algo um tanto desajeitado a princípio, mas há de se acostumar.

Seldon vestiu a touca, mas, nas duas primeiras vezes, ela escorregou quando ele tentou cobrir os cabelos.

– Comece logo acima das sobrancelhas – instruiu Mestre Solar. Seus dedos pareceram contrair, como se estivessem ansiosos para ajudar.

– O senhor pode colocar para mim? – perguntou Seldon, suprimindo um sorriso.

Mestre Solar retraiu-se, quase em choque.

– Não posso – disse. – Eu tocaria em seu cabelo.

Seldon conseguiu vestir a touca e seguiu indicações de Mestre Solar, ajustando aqui e ali, até que todos os seus cabelos estivessem cobertos. As faixas para cobrir as sobrancelhas se encaixaram facilmente. Dors, que observara tudo com atenção, vestiu a dela sem nenhuma dificuldade.

– Como se tira isso? – perguntou Seldon.

– Basta puxar uma extremidade e elas se soltam sem problemas. É mais fácil vesti-las e tirá-las se vocês deixarem os cabelos mais curtos.

– Prefiro me esforçar para cobri-los – respondeu Seldon. Então, virando-se para Dors e em tom baixo, disse: – Você continua bonita, Dors, mas isso chega a tirar um pouco da personalidade do seu rosto.

– A personalidade embaixo dele continua a mesma – ela respondeu. – E ouso dizer que você se acostumará com a minha versão careca.

– Eu não quero ficar aqui por tempo suficiente para me acostumar com isso – respondeu Seldon, em um sussurro ainda mais baixo.

– Se puderem entrar em meu carro terrestre – disse Mestre Solar,

que ignorou com visível arrogância os murmúrios entre os meros tribalistas –, eu os levarei para dentro de Mycogen.

37

– Sinceramente – sussurrou Dors –, mal posso acreditar que estou em Trantor.

– Imagino, então – disse Seldon –, que você nunca tenha visto nada assim.

– Estou no planeta há apenas dois anos e passei a maior parte desse tempo na universidade, portanto não sou exatamente uma viajante global. Ainda assim, já estive em alguns lugares e já ouvi falar sobre algumas coisas, mas nunca vi nem ouvi falar em nada assim, tão... *uniforme*.

Mestre Solar pilotava metodicamente e sem pressa. Havia outros veículos parecidos com contêineres na rua, todos com homens carecas e sem pelos no comando, e suas cabeças reluziam sob as luzes.

Em ambos os lados havia estruturas de três andares, sem ornamentos, todas formadas apenas por ângulos retos, tudo de cor cinza.

– Monótono – disseram os lábios de Dors, sem voz. – Tão monótono.

– Igualitário – sussurrou Seldon. – Suponho que nenhum mycogeniano possa exibir algum tipo de distinção dos outros.

Muitos pedestres caminhavam pelas calçadas conforme o carro terrestre passava. Não havia sinais de vias locais e nenhuma indicação sonora da presença de vias expressas.

– Acho que os de cinza são mulheres – disse Dors.

– Difícil dizer – respondeu Seldon. – Os mantos escondem tudo e as cabeças carecas são muito parecidas umas com as outras.

– Os de cinza estão sempre em duplas ou com um de branco. Os brancos podem caminhar sozinhos, e Mestre Solar está de branco.

– Você talvez esteja certa – disse Seldon. Então, ergueu a voz: – Mestre Solar, estou curioso...

– Se assim está, pergunte o que desejar. Todavia, não é compulsório que eu responda.

– Parece que estamos passando por uma área residencial. Não há

sinais de estabelecimentos comerciais ou áreas industriais...

– Somos uma comunidade exclusivamente agrícola. De onde você veio, não se sabe disso?

– O senhor sabe que sou um Estrangeiro – respondeu Seldon, secamente. – Estou em Trantor há apenas dois meses.

– Mesmo assim.

– Mas se Mycogen é uma comunidade agrícola, Mestre Solar, como é possível que não tenhamos passado por nenhuma fazenda?

– Níveis mais baixos – resumiu Mestre Solar.

– Então este nível do setor é inteiramente residencial?

– E alguns outros. Somos o que você vê. Todos os irmãos e suas famílias vivem em acomodações equivalentes; todas as coortes, em suas comunidades equivalentes; todos têm o mesmo tipo de carro terrestre e todos os mycogenianos pilotam seus próprios veículos. Não há serviçais e ninguém se aproveita do esforço alheio. Ninguém pode se glorificar à custa do outro.

Seldon ergueu suas sobrancelhas cobertas para Dors e observou:

– Mas algumas pessoas usam branco, enquanto outras usam cinza.

– Pois algumas pessoas são irmãos e outras são irmãs.

– E nós?

– Você é um tribalista e um convidado. Você e sua... – ele fez uma pausa, então continuou – ... companheira não serão obrigados a seguir todos os aspectos da vida mycogeniana. Ainda assim, você usará um manto branco e sua companheira usará um cinza, e vocês viverão em acomodações para convidados equivalentes às nossas.

– Igualdade para todos parece um bom ideal – disse Seldon –, mas o que acontece quando seus números aumentam? A torta é dividida em pedaços menores?

– Não há aumento de números. Isso geraria a necessidade de um aumento de área, algo que os tribalistas que nos cercam não permitiriam, ou uma mudança em nosso estilo de vida, para pior.

– Mas se...

– Basta, tribalista Seldon – interrompeu Mestre Solar. – Conforme avisei, não tenho obrigação de responder. Nossa obrigação, segundo o que prometemos a nosso amigo, o tribalista Hummin, é mantê-lo seguro, desde que você não viole nosso estilo de vida. Assim o faremos, e neste ponto termina nossa obrigação. Curiosidade é permitida, mas esgota rapidamente nossa paciência, caso seja

persistente.

Algo em seu tom de voz não permitia que mais nada fosse dito, o que irritou Seldon. Era evidente que Hummin, apesar de toda a ajuda que oferecera, não havia enxergado a magnitude da questão.

Não era segurança o que Seldon procurava. Pelo menos, não *apenas* segurança. Ele precisava também de informação e, sem isso, ele não poderia – nem gostaria – de ficar ali.

38

Seldon observou as acomodações, um tanto alarmado. Havia uma pequena cozinha e um pequeno banheiro. Havia também duas camas estreitas, dois armários para roupas, uma mesa e duas cadeiras. Em resumo, era apenas o estritamente necessário para duas pessoas dispostas a conviver em um espaço restrito.

– Tínhamos uma cozinha e um banheiro particulares em Cinna – suspirou Dors, com um ar de resignação.

– Eu não – respondeu Seldon. – Helicon pode ser um mundo pequeno, mas eu vivia em uma cidade moderna. Cozinhas e banheiros comunitários. Que desperdício é isto aqui. Você até esperaria algo assim em um hotel, onde a tendência é uma estadia temporária, mas, se o setor inteiro for assim, imagine o imenso número de redundâncias de cozinhas e banheiros.

– Faz parte da igualdade, imagino – comentou Dors. – Sem brigas por cabines melhores ou por serviços mais rápidos. O mesmo, para todos.

– E não há nenhuma privacidade. Não que eu me importe terrivelmente com isso, Dors, mas você talvez se importe e não quero que pareça que estou me aproveitando da situação. Acho que devemos esclarecer para eles que precisamos de quartos separados. Vizinhos, mas separados.

– Tenho certeza de que não adiantará nada – respondeu Dors. – Espaço é raro e acho que eles devem estar maravilhados com a própria generosidade de nos oferecer tanto. Vamos ter que dar um jeito, Hari. Ambos temos idade suficiente para fazer isso funcionar. Não sou uma donzela acanhada e você nunca me convencerá de que é um jovem inexperiente.

– Você não estaria aqui se não fosse por mim.

– E daí? É uma aventura.

– Então está bem. Qual cama você prefere? Por que não fica com a mais próxima do banheiro? – ele se sentou na outra. – Há outra coisa que me incomoda. Enquanto estivermos aqui, seremos tribalistas, você e eu. Até Hummin. Somos das *outras* tribos, não fazemos parte do mesmo grupo que eles. A maioria das coisas não é da nossa conta. Mas a maioria das coisas é da minha conta. Foi por isso que vim para cá. Quero saber algumas das coisas que eles sabem.

– Ou acham que sabem – respondeu Dors, com o ceticismo de uma historiadora. – Entendo que eles têm lendas supostamente de tempos primevos, mas não consigo acreditar que devam ser levadas a sério.

– Não podemos ter certeza até que descubramos quais são essas lendas. Não existe nenhum registro externo sobre elas?

– Que eu saiba, não. Essas pessoas são terrivelmente fechadas. São quase obsessivas em sua insistência de permanecer isoladas. O fato de Hummin ter derrubado parcialmente essas barreiras e ter conseguido inclusive que eles nos aceitem é surpreendente. *Muito* surpreendente.

– Deve haver alguma abertura – disse Seldon, pensativo. – Mestre Solar ficou surpreso (irritado, na verdade) com o fato de eu não saber que Mycogen é uma comunidade agrícola. Parece ser algo que eles não querem manter em segredo.

– A questão é que não se trata de um segredo. Aparentemente, o nome "Mycogen" é baseado em palavras arcaicas que significam "produtor de levedura". Pelo menos, foi o que me disseram. Linguística histórica não faz parte dos meus estudos. De qualquer maneira, eles cultivam todas as variedades de microingredientes. Levedura, claro, e também algas, bactérias, fungos pluricelulares e assim por diante.

– Isso não é incomum – disse Seldon. – A maioria dos mundos tem esse tipo de microcultura. Temos algumas até mesmo em Helicon.

– Não como as de Mycogen. É a especialidade deste setor. Eles usam métodos tão arcaicos quanto a palavra que adotam como nome. Fórmulas secretas de fertilizantes, manipulações secretas do clima. Quem sabe o que mais? É tudo secreto.

– Hermético.

– Totalmente. O resultado é que eles produzem proteínas e especiarias muito delicadas, o que faz os microingredientes

mycogenianos ser diferentes de todos os outros do mundo. Eles mantêm o volume de produção comparativamente pequeno e o preço é altíssimo. Nunca experimentei nenhum e estou certa de que você também não, mas eles vendem em grande quantidade para os burocratas imperiais e para as classes altas de outros mundos. A saúde econômica de Mycogen depende dessas vendas, então eles querem que todos saibam que são uma fonte dessa valiosa gastronomia. *Isso*, pelo menos, não é segredo.

– Então, Mycogen deve ser um setor rico.

– Eles não são pobres, mas acho que não é de riqueza que estão atrás. É de proteção. O governo imperial os protege porque, sem eles, não haveria esses microingredientes que acrescentam os sabores mais sutis e os temperos mais marcantes a cada prato. Isso significa que Mycogen pode manter seu inusitado estilo de vida e ser arrogante com os vizinhos, que provavelmente os consideram insuportáveis.

Dors olhou à volta.

– Eles levam uma vida austera – comentou. – Pelo que vi, não há holovisualização nem livros-filmes.

– Reparei que tem um ali, na prateleira – disse Seldon, que se levantou para pegar o livro, leu a etiqueta e continuou, claramente repugnado: – Um livro de receitas.

Dors estendeu a mão para pedir o livro-filme e manipulou os contatos do objeto. Demorou um instante, pois o sistema era pouco ortodoxo, mas ela enfim conseguiu ativar a tela e inspecionar as páginas.

– Há algumas receitas, mas a maior parte parece ser de ensaios filosóficos sobre gastronomia. – Ela o desligou e o manipulou, observando seus detalhes. – Parece ser uma unidade fixa. Não vejo como ejetar o minicartão e inserir outro. Um leitor para apenas um livro. Isso *sim* é desperdício.

– Talvez eles achem que esse livro-filme seja o único necessário. – Seldon estendeu o braço até a mesa encostada na parede entre as duas camas e pegou outro objeto. – Isso deve ser para comunicação, mas não há nenhuma tela.

– Talvez eles achem que apenas voz é suficiente.

– Como será que funciona? – Seldon aproximou o objeto do rosto e o analisou por ângulos diferentes. – Você já viu alguma coisa desse tipo?

– Uma vez, em um museu... isso se for o mesmo objeto. Mycogen parece se manter propositalmente arcaico. É possível que eles considerem isso outra maneira de se distinguirem dos tais tribalistas que os cercam em números tão superiores. O arcaísmo e os costumes excêntricos fazem com que sejam indigestos, por assim dizer. Existe um tipo de lógica perversa em tudo isso.

– Ops! – disse Seldon, ainda manipulando o aparelho. – Eu o ativei. Ou alguma coisa foi ativada. Mas não ouço nada.

Dors franziu as sobrancelhas e pegou um pequeno cilindro coberto por feltro que ficou sobre a mesa. Ela o aproximou da orelha.

– Tem uma voz saindo por aqui – disse. – Experimente – e ela entregou o objeto a Seldon.

– Ai! Ele se acopla à orelha – surpreendeu-se Seldon. Ele escutou por um instante e respondeu: – Sim, machucou minha orelha. Parece, então, que você pode me ouvir... Sim, este é nosso quarto... Não, não sei o número. Dors, você tem ideia do número?

– Há um número no comunicador – ela respondeu. – Talvez seja esse.

– Talvez – disse Seldon, em dúvida. Então, continuou a falar com o comunicador: – O número no aparelho é 6LT-3648A. É desse que você precisa?... Pois então, como posso aprender a usar este aparelho adequadamente e também a cozinha, já que estamos falando no assunto?... O que quer dizer com “funciona do jeito de sempre”? Isso não me ajuda em nada... Veja bem, eu sou um... um tribalista, um convidado de honra. Não conheço o jeito de sempre... Sim, peço desculpas pelo meu sotaque e fico feliz que você consiga reconhecer um tribalista apenas pela voz... Meu nome é Hari Seldon.

Houve uma pausa e Seldon olhou para Dors com uma expressão de sofrimento e paciência forçada.

– Ele precisa fazer uma busca sobre meu nome – explicou. – E imagino que ele vá dizer que não consegue me encontrar... Oh, você me encontrou? Ótimo! Nesse caso, pode me passar essas informações?... Sim... Sim... Sim... E como posso ligar para alguém de fora de Mycogen?... Oh. E para contatar Mestre Solar Quatorze, por exemplo?... Ora, então seu assistente, ou quem quer que seja?... Hm-hum... Obrigado.

Seldon colocou o comunicador na mesa, removeu o aparelho da orelha com certa dificuldade, desligou tudo e continuou:

– Eles providenciarão alguém para nos mostrar qualquer coisa que precisemos saber, mas ele não pôde me dizer quando. É impossível ligar para fora de Mycogen (não neste treco, pelo menos), então não conseguiríamos falar com Hummin, caso precisássemos. E, se eu quiser falar com o Mestre Solar Quatorze, preciso passar por um processo tremendamente complicado. Essa pode ser uma sociedade igualitária, mas parece haver exceções que provavelmente ninguém admitiria abertamente. – Seldon olhou para seu bracelete temporal. – De qualquer maneira, Dors, não vou ler um livro-filme de receitas, tampouco ensaios eruditos. Meu bracelete temporal ainda está ajustado para o fuso horário da universidade, então não sei se já é oficialmente hora de dormir, mas, no momento, não me importo. Ficamos acordados pela maior parte da noite e eu gostaria de dormir.

– Por mim, está ótimo – respondeu Dors. – Também estou cansada.

– Obrigado. E quando começar um novo dia, depois de ajustarmos nosso sono, pedirei para fazer uma visita às plantações de microingredientes.

– Isso lhe *interessa*? – surpreendeu-se Dors.

– Na verdade, não, mas se essa é a única coisa da qual eles têm orgulho, devem estar dispostos a falar no assunto e, uma vez que eu os deixe mais à vontade com todo o meu charme, talvez consiga que falem também sobre as lendas. Particularmente, acho que é uma ótima estratégia.

– Espero que seja – disse Dors, incerta –, mas creio que os mycogenianos não possam ser manipulados assim, tão facilmente.

– Veremos – respondeu Seldon, inflexível. – Eu quero essas lendas.

39

Na manhã seguinte, Hari precisou usar o comunicador mais uma vez. Estava furioso, pois, para começar, tinha muita fome.

Sua tentativa de entrar em contato com Mestre Solar Quatorze foi frustrada por alguém que insistiu que ele não podia ser incomodado.

– Por que não? – perguntou Seldon, irascível.

– Obviamente, não é necessário responder a esta pergunta – retrucou a voz fria.

– Não fomos trazidos até aqui para sermos tratados como

prisioneiros – disse Seldon, com igual frieza. – Tampouco para passar fome.

– Estou certo de que você tem uma cozinha e um grande suprimento de comida.

– Sim, nós temos – respondeu Seldon. – Mas eu não sei como usar os aparelhos da cozinha nem como preparar a comida. Você a come crua, frita, fervida, assada?

– Não posso acreditar em sua ignorância sobre tais coisas.

Dors, que andava de um lado para o outro durante a conversa, tentou pegar o comunicador, mas Seldon a afastou.

– Ele desligará se uma mulher tentar conversar com ele – sussurrou. Então, no aparelho e com mais firmeza do que nunca, disse: – O que você acredita ou deixa de acreditar não é da menor importância para mim. Mande alguém para cá, alguém que possa fazer alguma coisa para resolver essa situação, ou, quando eu conseguir falar com Mestre Solar Quatorze, e isso acabará acontecendo, você pagará caro.

Mesmo assim, passaram-se duas horas até que viesse alguém (a essa altura, Seldon atingira um estado de ferocidade e Dors desesperava-se na tentativa de acalmá-lo).

O visitante era um jovem cuja careca tinha sardas – se não tivesse depilado, provavelmente seria ruivo.

Ele carregava diversas tigelas e parecia estar prestes a explicar o que trouxera quando repentinamente ficou desconfortável e deu as costas para Seldon, agitado.

– Tribalista – disse, evidentemente incomodado –, sua touca não está bem ajustada.

– Isso não me incomoda – respondeu Seldon, cuja paciência chegara ao limite.

– Deixe-me ajustá-la, Hari – interveio Dors. – Ela apenas subiu um pouquinho aqui, do lado esquerdo.

– Pode virar agora, jovem – rosnou Seldon, depois do ajuste. – Qual é o seu nome?

– Eu sou Nuvem Cinzenta Cinco – disse o mycogeniano com hesitação, conforme se virou e olhou com cautela para Seldon. – Sou um noviço. Trouxe uma refeição para vocês. – Ele titubeou. – Da minha própria cozinha, tribalista, e preparada pela minha mulher.

Ele colocou as tigelas na mesa. Seldon ergueu uma das tampas e cheirou o conteúdo, desconfiado. Olhou para Dors, surpreso.

– O cheiro não é ruim.

– Você está certo – Dors concordou com a cabeça. – Também posso sentir.

– Não está tão quente quanto deveria – disse Nuvem Cinzenta. – Esfriou durante o transporte. Você deve ter louça e talheres em sua cozinha.

Dors pegou o que era necessário e, depois de comerem, ávida e generosamente, Seldon voltou a se sentir civilizado.

Dors imaginou que o jovem ficaria incomodado por estar sozinho com uma mulher e ainda mais perturbado se ela falasse com ele, e percebeu que a função de levar as tigelas e louças para a cozinha e lavá-las seria inevitavelmente dela – uma vez que decifrasse os controles do dispositivo de lavagem.

Enquanto isso, Seldon perguntou a hora local.

– Você quer dizer que são altas horas da madrugada? – perguntou, chocado, ao ouvir a resposta.

– De fato, tribalista – respondeu Nuvem Cinzenta. – Por isso demorou algum tempo até que sua necessidade fosse sanada.

Repentinamente, Seldon entendeu por que Mestre Solar não podia ser incomodado e pensou na mulher de Nuvem Cinzenta, obrigada a acordar para preparar uma refeição, e sentiu a corrosão da culpa.

– Lamento – ele disse. – Somos meros tribalistas e não sabíamos como usar a cozinha nem como preparar a comida. Você pode enviar alguém pela manhã para nos instruir propriamente?

– O máximo que posso fazer, tribalistas – respondeu Nuvem Cinzenta, apaziguadoramente –, é providenciar que duas irmãs sejam enviadas. Peço desculpas pela inconveniência de presenças femininas, mas são elas que sabem esse tipo de coisa.

Dors, que saíra da cozinha, disse (antes de se lembrar de seu lugar na sociedade machista mycogeniana):

– Ótimo, Nuvem Cinzenta. Adoraríamos conhecer as irmãs.

Nuvem Cinzenta olhou para ela com um relance desconfortável, mas não disse nada.

Seldon, convencido de que o jovem mycogeniano se recusaria, por princípio, a ouvir o que uma mulher lhe dissera, repetiu a observação.

– Ótimo, Nuvem Cinzenta. Adoraríamos conhecer as irmãs.

A expressão de Nuvem Cinzenta se abriu imediatamente.

– Farei com que elas venham assim que amanhecer.

Depois que Nuvem Cinzenta foi embora, Seldon comentou, com certa satisfação:

– As Irmãs podem ser exatamente o que a gente precisa.

– É mesmo? E como, Hari? – perguntou Dors.

– Bom, se as tratarmos como seres humanos, elas certamente ficarão gratas o suficiente para falar sobre suas lendas.

– Se souberem delas – retrucou Dors, cética. – Por algum motivo, não tenho muita fé de que os mycogenianos se dão ao trabalho de educar apropriadamente suas mulheres.

40

As irmãs chegaram cerca de seis horas depois. Nesse meio-tempo, Seldon e Dors dormiram mais um pouco, na esperança de ajustar seus relógios biológicos.

Elas entraram timidamente no apartamento, quase na ponta dos pés. Seus mantos (chamados "túnicas" no dialeto mycogeniano) eram de um suave veludo cinza, cada um decorado com padrões únicos de sutis linhas escuras. As túnicas não eram totalmente desagradáveis ao olhar, mas certamente encobriam qualquer característica física.

Suas cabeças, claro, eram carecas e seus rostos não tinham nenhum tipo de ornamento. Elas lançaram olhares especulativos às discretas sombras azuis nos cantos dos olhos de Dors e à sutil coloração avermelhada em seus lábios.

Por um instante, Seldon perguntou-se como poderia ter certeza de que as irmãs eram realmente *irmãs*.

A resposta veio em seguida, com os cumprimentos educados e formais que elas ofereceram. Com vozes agudas, ambas pareciam trinar e gorjear. Seldon, lembrando-se dos tons graves de Mestre Solar e do ansioso tom barítono de Nuvem Cinzenta, suspeitou que as mulheres, carentes de identificadores óbvios de gênero, eram forçadas a cultivar vozes e maneirismos sociais acentuados.

– Sou Orvalho Quarenta e Três – gorjeou uma delas – e esta é minha irmã mais nova.

– Orvalho Quarenta e Cinco – trinou a outra. – Nossa coorte é abundante em "Orvalhos" – e deu uma risadinha.

– É um prazer conhecê-las – disse Dors, solenemente –, mas agora

preciso saber como me dirijo a vocês. Não posso dizer apenas “Orvalho”, posso?

– Não – respondeu Orvalho Quarenta e Três. – Se nós duas estivermos presentes, você deve usar o nome completo.

– Senhoras – disse Seldon –, que tal apenas Quarenta e Três e Quarenta e Cinco?

As duas olharam para Seldon rapidamente, mas não disseram nada.

– Pode deixar que eu converso com elas, Hari – interveio Dors, gentil.

Seldon desistiu. Era de se supor que as moças fossem jovens solteiras, muito provavelmente proibidas de falar com homens. A mais velha parecia ser a mais séria das duas, talvez a mais puritana. Era difícil perceber com apenas algumas palavras e um olhar de relance, mas ele teve essa impressão.

– O problema, irmãs – continuou Dors –, é que nós, tribalistas, não sabemos usar a cozinha.

– Quer dizer que você não sabe cozinhar? – Orvalho Quarenta e Três ficou chocada e seu comentário pareceu uma censura. Orvalho Quarenta e Cinco suprimiu uma risada (Seldon concluiu que sua impressão inicial sobre as duas estava certa).

– Eu já tive minha própria cozinha – respondeu Dors –, mas não era como esta. Não sei o que é cada ingrediente nem como prepará-los.

– É muito simples – disse Orvalho Quarenta e Cinco. – Podemos mostrar.

– Faremos um almoço saboroso e nutritivo – disse Orvalho Quarenta e Três. – Faremos para... vocês dois – ela hesitou antes de acrescentar as últimas palavras. Reconhecer a existência de um homem era um esforço, evidentemente.

– Se não se importarem – respondeu Dors –, eu gostaria de ficar na cozinha com vocês e adoraria que me explicassem tudo com exatidão. Afinal, não posso esperar que venham aqui três vezes ao dia para cozinhar para nós.

– Mostraremos tudo – disse Orvalho Quarenta e Três, concordando rigidamente com a cabeça. – Porém, para uma tribalista, talvez seja difícil aprender. Você não tem o... jeito para a coisa.

– Eu tentarei – respondeu Dors, com um sorriso agradável.

Elas entraram na cozinha. Seldon as observou enquanto sumiam e tentou pensar em qual estratégia usaria.

MICROFAZENDA

——— Mycogen...

As microfazendas de Mycogen são célebres, apesar de sobreviverem hoje apenas por meio de populares figuras de linguagem, por exemplo, "rico como as microfazendas de Mycogen" ou "tão saboroso quanto o tempero mycogeniano". Esse tipo de elogio certamente tende a se intensificar com o tempo, mas Hari Seldon visitou as microfazendas no período de Fuga e há referências em sua autobiografia que corroboram a opinião pública...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

41

– ESTAVA *DELICIOSO*! – comentou Seldon, exaltado. – Consideravelmente melhor do que a comida que Nuvem Cinzenta trouxe...

– Você precisa se lembrar de que a mulher de Nuvem Cinzenta foi obrigada a preparar a refeição sem aviso prévio e no meio da madrugada – ponderou Dors. Depois de uma pausa, continuou: – Eu preferiria que eles dissessem “esposa”. Eles fazem “mulher” parecer uma posse, como “casa” ou “roupão”. É absolutamente degradante.

– Concordo. É de enfurecer. Mas eles provavelmente conseguiriam fazer com que até “esposa” soasse como uma propriedade. É o jeito como vivem, e as mycogenianas não parecem se incomodar. Não mudaremos nada disso com repreensões. Por sinal, você viu como as irmãs fizeram a comida?

– Vi, sim. Elas fizeram tudo parecer muito simples. Eu achei que não conseguiria me lembrar de tudo, mas elas insistiram que não seria necessário, pois bastaria que eu aprendesse a esquentar comida pronta. Pelo que observei, o pão tinha algum tipo de microderivado que fez a massa crescer e garantiu aquela consistência crocante e aquele sabor marcante. Tinha um leve toque de pimenta, não tinha?

– Eu não saberia dizer, mas queria ter comido mais. E a sopa! Você reconheceu algum dos vegetais?

– Não.

– E de que tipo era a carne desfiada? Você conseguiu perceber?

– Acho que não era carne, mas me lembrou um prato de cordeiro que tínhamos em Cinna.

– Com certeza não era cordeiro.

– Disse que achava não ser carne; *nenhum* tipo de carne. Duvido que qualquer pessoa coma assim, tão bem, fora de Mycogen. Nem mesmo o Imperador, tenho certeza. Eu chegaria a apostar que os mycogenianos guardam o melhor de seus produtos para si, e vendem o restante. Melhor não ficarmos aqui por muito tempo, Hari. Se nos acostumarmos com essa comida, *nunca mais* nos adaptaremos às coisas

grotescas que existem nos outros lugares – ela riu.

Seldon riu também. Tomou mais um gole do suco de frutas, cujo sabor era muito mais estimulante do que qualquer suco que provara antes, e disse:

– Quando Hummin me levou à universidade, paramos em uma lanchonete de beira de estrada e comemos pratos carregados de tempero. O gosto era parecido com... Esqueça, deixe aquele gosto para lá. Mas, naquele dia, eu não teria achado concebível que comida feita com microingredientes poderia ter esse sabor. Eu queria que as irmãs ainda estivessem aqui. Teria sido educado agradecer-lhes.

– Acredito que elas soubessem como nos sentiríamos. Enquanto tudo estava sendo preparado, fiz um elogio ao cheiro maravilhoso e elas responderam, sem o menor pudor, que o gosto seria ainda melhor.

– Imagino que a mais velha tenha dito isso.

– Sim. A mais nova riu... E elas voltarão. Vão me trazer uma túnica para que eu possa sair e ver as lojas com elas. E deixaram claro que eu preciso lavar meu rosto se for para ser vista em público. Elas vão me mostrar onde conseguir túnicas de boa qualidade e onde comprar refeições prontas de todos os tipos. Tudo o que preciso fazer é aquecer. Elas explicaram que irmãs dignas não fariam isso, e sim começariam do zero. Na verdade, algumas das refeições que prepararam para nós *foram* simplesmente aquecidas, e elas se desculparam por isso. Mas deixaram nas entrelinhas que tribalistas nunca poderiam contemplar um verdadeiro trabalho artístico na cozinha, portanto apenas aquecer refeições pré-preparadas seria suficiente para nós. Aliás, elas parecem ter certeza de que serei eu que fará as compras e a comida.

– Como dizemos em Helicon, "em Trantor, faça como os trantorianos".

– Sim, imaginei que essa seria a sua postura, nesse caso.

– Sou apenas humano – disse Seldon.

– A desculpa de sempre – respondeu Dors, com um sorriso parcial.

Seldon reclinou-se com uma agradável sensação de saciedade.

– Você está em Trantor há dois anos, Dors – disse Seldon –, portanto talvez entenda algumas coisas que me escapam. Você diria que o inusitado sistema social dos mycogenianos é resultado de uma visão sobrenatural em relação à existência?

– Sobrenatural?

– Sim. Você ouviu alguma coisa que corroborasse essa opinião?

– O que você quer dizer com "sobrenatural"?

– O óbvio. Uma crença em entidades que independem das leis da natureza; que não são limitadas, por exemplo, pela lei de conservação de energia ou pela existência de uma constante de ação.

– Entendi. Você está perguntando se Mycogen é uma comunidade religiosa.

– Religiosa? – foi a vez de Seldon questionar.

– Sim. É um termo arcaico, mas nós, historiadores, costumamos usá-lo. Nossa área está repleta de termos arcaicos. "Religioso" não é exatamente equivalente a "sobrenatural", apesar de conter elementos amplamente sobrenaturais. Mas não posso responder à sua pergunta, pois nunca fiz nenhuma pesquisa sobre Mycogen. Ainda assim, considerando o pouco que vi deste lugar e meu conhecimento sobre religiões na história, eu não ficaria surpresa se a sociedade mycogeniana fosse de caráter religioso.

– Nesse caso, você ficaria surpresa se as lendas mycogenianas também fossem de caráter religioso?

– Não, não ficaria.

– E, portanto, não baseadas em fatos históricos?

– Uma coisa não leva necessariamente à outra. A essência das lendas pode continuar historicamente autêntica, mesmo com distorções e acréscimos de elementos sobrenaturais.

– Ah – exclamou Seldon, e se recolheu em seus pensamentos.

Dors quebrou o silêncio que se seguiu, dizendo:

– Não é algo incomum, sabe? Existe um fator religioso considerável em muitos mundos. Tem ganhado força nos últimos séculos, conforme o Império ficou mais turbulento. Em meu mundo, Cinna, pelo menos um quarto da população é triteísta.

Mais uma vez, Seldon se sentiu dolorosa e lamentavelmente consciente de sua própria ignorância em história.

– Houve épocas no passado em que a religião era mais proeminente do que é hoje? – perguntou.

– Evidentemente. Além disso, novas variações surgem o tempo todo. A religião mycogeniana, seja qual for, pode ser relativamente nova, e restrita a Mycogen. Sem um considerável estudo, não posso afirmar.

– Agora chegamos à questão, Dors. Em sua opinião, mulheres são

mais aptas a seguir uma religião do que homens?

Dors Venabili ergueu as sobrancelhas.

– Não sei se podemos chegar a uma conclusão tão simplista assim – disse, e pensou por um momento. – Imagino que os elementos de uma população que têm menor influência no mundo material natural têm mais inclinação para encontrar conforto no que você chama de sobrenaturalidade: os pobres, os rejeitados, os oprimidos. À medida que a sobrenaturalidade se sobrepõe à religião, eles talvez se tornem mais religiosos. Obviamente, existem muitas exceções, em ambas as direções. Muitos oprimidos podem ignorar a religião; muitos dos ricos, poderosos e satisfeitos podem abraçá-la.

– Mas, em Mycogen – argumentou Seldon –, onde as mulheres parecem ser tratadas como sub-humanas... É correto supor que elas seriam mais religiosas do que os homens, mais envolvidas com as lendas que a sociedade preservou?

– Eu não apostaria minha vida nisso, Hari, mas talvez arriscasse uma semana de salário.

– Interessante – respondeu Seldon, pensativo.

– Aí está um pouco da sua psico-história, Hari – sorriu Dors. – Regra número 47.854: os oprimidos são mais religiosos do que os abastados.

– Não faça piadas sobre psico-história, Dors – Seldon fez um gesto negativo com a cabeça. – Você sabe que não estou procurando por pequenas regras, e sim por vastas generalizações e por meios de manipulação. Não quero religiosidade comparativa como resultado de uma centena de regras específicas. Quero algo a partir do qual eu possa, depois de manipular algum sistema de lógica transformada em matemática, dizer "Ahá! Se tais critérios forem preenchidos, este grupo de pessoas tenderá a ser mais religioso do que aquele e, portanto, quando a humanidade deparar com esses estímulos, responderá reagindo de tal maneira".

– Isso é terrível – comentou Dors. – Você está reduzindo os seres humanos a simples objetos mecânicos. Pressione o botão X para ativar o movimento Y.

– Não é verdade. Haverá incontáveis botões sendo ativados simultaneamente e com graus diferentes, resultando em tantas respostas distintas que, no geral, as previsões do futuro serão de natureza estatística e, assim, o ser humano individual continuará um

agente livre.

– Como pode saber?

– Não posso – respondeu Seldon. – Ou melhor, não *sei* se é isso. Eu *sinto* que é isso. É como acho que *deveriam* ser as coisas. Se eu puder encontrar os axiomas, chamemos de as "Leis Fundamentais da Humanologia", e o tratamento matemático necessário, terei minha psico-história. Eu provei que, em tese, isso é possível...

– Mas impraticável.

– É o que fico dizendo.

– É isso que você está fazendo, Hari? – perguntou Dors, com um pequeno sorriso curvando seus lábios. – Procurando algum tipo de solução para esse problema?

– Eu não sei. Juro que não sei. Mas Chetter Hummin está muito ansioso para encontrar uma solução e, por algum motivo, estou ansioso para agradá-lo. Ele é um homem muito persuasivo.

– Sim, eu sei.

Seldon ignorou o comentário, mas um leve franzir de sobrancelhas cruzou seu rosto.

– Hummin insiste que o Império está em decadência – continuou –, que entrará em colapso, que a psico-história é a única esperança para salvá-lo (ou amortecer a queda ou abrandar as consequências) e que, sem ela, a humanidade estará perdida ou, no mínimo, passará por uma miséria prolongada. Ele parece colocar a responsabilidade de evitar tudo isso em *mim*. O Império certamente vai durar mais do que eu, mas, se eu quiser viver em paz, preciso tirar essa responsabilidade das minhas costas. Preciso me convencer (e convencer Hummin também) de que a psico-história não é uma solução praticável ou que, apesar da teoria, ela não pode ser desenvolvida. Portanto, preciso esgotar o máximo de possibilidades que puder para mostrar que cada uma delas é falha.

– Possibilidades? Como voltar ao passado, para uma época em que a sociedade humana era menor do que é hoje?

– Muito menor. E muito menos complexa.

– E demonstrar que, ainda assim, uma solução é impraticável?

– Sim.

– Mas quem descreverá o mundo antigo para você? Se os mycogenianos tiverem alguma imagem coerente da Galáxia primordial, Mestre Solar decerto não a mostrará a um tribalista.

Nenhum mycogeniano mostrará. É uma sociedade fechada. Quantas vezes já dissemos isso? E seus membros suspeitam de tribalistas até beirar a paranoia. Eles não nos dirão nada.

– Precisarei encontrar uma maneira de persuadir alguns mycogenianos a falar. Aquelas irmãs, por exemplo.

– Elas nem o *escutam*, pois você é um homem, assim como Mestre Solar não ouve a mim. E, mesmo que falem com você, o que mais saberiam além de algumas frases de efeito?

– Eu preciso começar de algum lugar...

– Certo, deixe-me pensar – disse Dors. – Hummin diz que devo protegê-lo e considero que isso significa ajudá-lo quando eu puder. O que sei sobre religião? Isso não está nem perto de ser minha especialidade. Lido sempre com forças econômicas, e não filosóficas, mas é impossível dividir a história em fatias isoladas que nunca se sobrepõem. Por exemplo: quando bem-sucedidas, as religiões tendem a acumular riqueza, e isso acaba por levar a uma distorção do desenvolvimento econômico de uma sociedade. Aliás, aí está uma das numerosas regras da história humana das quais você deverá extrair suas Leis da Humanologia, ou seja lá como você as chamou. Mas...

A voz de Dors sumiu lentamente conforme ela se aprofundou em pensamentos. Seldon a observou com atenção e os olhos de Dors se perderam, como se ela olhasse para os confins de sua mente.

– Não se trata de uma regra imutável – ela disse, enfim –, mas me parece que, em muitos casos, uma religião tem um livro (ou livros) de grande importância; livros que trazem os rituais, a visão histórica, a poesia sagrada e sabe-se lá mais o quê. Geralmente, esses livros estão disponíveis para todos e são uma forma de catequização. Às vezes, são secretos.

– Você acha que Mycogen tem um livro desse tipo?

– Para ser sincera – respondeu Dors, pensativa –, nunca soube que tivesse. Se existisse abertamente, eu provavelmente teria ouvido alguma coisa. Ou seja, talvez não haja, ou é mantido em segredo. Em ambos os casos, creio que você não encontrará nada.

– Pelo menos, é um ponto de partida – disse Seldon, com seriedade.

As irmãs voltaram cerca de duas horas depois que Hari e Dors terminaram de almoçar. Ambas sorriam, e Orvalho Quarenta e Três, a mais séria, estendeu uma túnica cinza para Dors.

– É muito bonita – comentou Dors, com um amplo sorriso e um sincero gesto positivo com a cabeça. – Gosto do bordado sofisticado dessa parte.

– Não é nada – trinou Orvalho Quarenta e Cinco. – É uma das minhas roupas velhas e não servirá muito bem em você, pois você é mais alta do que eu. Mas, por enquanto, será o suficiente. Nós a levaremos à melhor tunicaria daqui para comprar peças que sejam perfeitas para você e para o seu gosto. Você vai ver.

Orvalho Quarenta e Três, sorrindo com certo nervosismo, sem dizer nada e com os olhos fixos no chão, entregou uma túnica branca a Dors. Estava cuidadosamente dobrada. Dors não fez menção de desdobrá-la e a estendeu para Seldon.

– A julgar pela cor, eu diria que é sua, Hari.

– Provavelmente – respondeu Seldon –, mas devolva. Ela não a ofereceu para mim.

– Oh, Hari – formularam os lábios de Dors, sem voz, enquanto ela fez uma discreta negação com a cabeça.

– Não – insistiu Seldon, com firmeza. – Ela não ofereceu a túnica para mim. Devolva e eu vou esperar que ela me ofereça.

Dors hesitou e, então, fez uma tentativa pouco convicta de devolver a túnica para Orvalho Quarenta e Três.

A irmã colocou as mãos atrás das costas e se afastou enquanto uma palidez ansiosa tomava conta de seu rosto. Orvalho Quarenta e Cinco lançou um olhar rápido para Seldon, deu dois passos velozes na direção de Orvalho Quarenta e Três e a abraçou.

– Deixe disso, Hari – disse Dors. – Tenho certeza de que as irmãs não podem conversar com homens com quem não têm vínculos. De que adianta fazê-la sofrer? Ela não tem escolha.

– Eu não acredito nisso – retrucou Seldon, secamente. – Se existe tal regra, deve se aplicar apenas aos mycogenianos. Duvido que ela já tenha conhecido algum tribalista.

Com uma voz gentil, Dors perguntou a Orvalho Quarenta e Três:

– Você já conheceu algum tribalista, irmã, homem ou mulher?

Uma longa hesitação e uma lenta negação com a cabeça.

– Ora, aí está – Seldon abriu os braços. – Se existe uma regra de

silêncio, ela se aplica apenas aos irmãos. Eles não teriam enviado essas jovens para lidar conosco se houvesse alguma regra contra conversar com tribalistas, teriam?

– Hari, pode ser que elas tenham permissão para falar apenas comigo, e eu falo com você.

– Bobagem. Não acredito nisso e não quero acreditar. Não sou um mero tribalista. Sou, de acordo com um pedido de Chetter Hummin, um convidado de honra em Mycogen e fui trazido para cá pelo próprio Mestre Solar Quatorze. Não serei tratado como se eu não existisse. Entrarei em contato com Mestre Solar Quatorze e hei de reclamar fervorosamente.

Orvalho Quarenta e Cinco começou a chorar e Orvalho Quarenta e Três manteve sua relativa impassibilidade, mas seu rosto ficou levemente avermelhado.

Dors fez menção de tentar convencer Seldon mais uma vez, mas ele a impediu com um gesto rápido e raivoso com a mão direita. Ele encarou Orvalho Quarenta e Três com uma postura intimista.

Então ela finalmente respondeu, sem trinar. Em vez disso, sua voz estava trêmula e áspera, como se tivesse de forçá-la a se dirigir a um homem e o fizesse contra todos os seus instintos e vontades.

– Você não deveria reclamar de nós, tribalista. Seria uma injustiça. Você me força a romper os costumes do nosso povo. O que quer de mim?

Imediatamente, Seldon abriu um sorriso acolhedor e estendeu a mão.

– A vestimenta que você me trouxe. A túnica.

Em silêncio, ela esticou os braços e colocou a túnica na mão de Seldon.

Ele fez uma pequena reverência.

– Obrigado, irmã – disse, com uma voz calorosa e suave. Então, olhou brevemente para Dors, como se dissesse “Viu só?”, mas Dors desviou os olhos, irritada.

A túnica não tinha ornamentos, como percebeu Seldon conforme a desdobrou (aparentemente, ornamentos e bordados eram para as mulheres), mas veio com um cinto com borlas que devia ter um jeito específico de ser usado. Ele com certeza descobriria sozinho.

– Vou ao banheiro para vestir isto daqui – ele disse. – Devo levar apenas um minuto, imagino.

Ele entrou na pequena câmara, mas a porta não se fechou atrás dele, pois Dors estava forçando-a para entrar também. A porta se fechou apenas quando os dois estavam juntos no banheiro.

– O que foi aquilo? – sibilou Dors, furiosa. – Você foi absolutamente truculento, Hari. Por que tratou a pobrezinha daquela maneira?

– Eu precisava fazer com que ela falasse comigo – respondeu Seldon, impaciente. – Estou contando com ela para conseguir informações. Você sabe disso. Lamento ter precisado ser cruel, mas de que outra forma eu poderia ter relaxado as inibições da moça? – e ele fez um gesto para que ela saísse.

Quando saiu do banheiro, Seldon encontrou Dors também de túnica.

Apesar da careca que a touca lhe dava e do desalinho inerente à túnica, Dors conseguia parecer atraente. De alguma maneira, os bordados no tecido sugeriam uma forma, mesmo sem revelar o menor contorno do corpo. O cinto que ela usava era mais largo que o dele e tinha um tom acinzentado ligeiramente diferente do cinza da túnica. Além disso, era fechado na frente por duas reluzentes pedras azuis que formavam um encaixe. (As mulheres conseguiam se embelezar mesmo sob as maiores restrições, pensou Seldon.)

– Agora você parece bastante mycogeniano – comentou Dors, olhando para as roupas de Hari. – Estamos prontos para conhecer as lojas com as irmãs.

– Sim – disse Seldon –, mas depois quero que Orvalho Quarenta e Três me leve para conhecer as microfazendas.

Os olhos de Orvalho Quarenta e Três se arregalaram e ela deu um passo para trás.

– Eu gostaria de vê-las – completou Seldon, calmamente.

Orvalho Quarenta e Três olhou imediatamente para Dors e disse:

– Tribalista...

– Talvez eu esteja enganado e você não saiba nada sobre as fazendas, irmã – interrompeu Seldon.

O comentário pareceu atingir um nervo. Ela elevou o queixo com arrogância e continuou a se dirigir a Dors:

– Eu trabalhei nas microfazendas. Todos os mycogenianos o fazem em algum momento da vida.

– Pois bem, então me leve para conhecê-las – insistiu Seldon –, e

não vamos repetir a mesma discussão de antes. Não sou um irmão com quem você está proibida de falar e com quem não pode interagir. Sou um tribalista e um convidado de honra. Uso esta touca e esta túnica para não atrair atenção indesejada, mas sou um estudioso e, enquanto estiver aqui, preciso aprender. Não posso ficar sentado neste quarto olhando para as paredes. Quero ver a única coisa que vocês têm que o restante da Galáxia não tem. Suas microfazendas. Imagino que vocês teriam *orgulho* de mostrá-las.

– Nós *temos* orgulho – respondeu Orvalho Quarenta e Três, finalmente olhando para Seldon conforme falava – e eu as mostrarei para você, mas não pense que descobrirá algum de nossos segredos, se é disso que está atrás. Eu o levarei às microfazendas amanhã cedo. Será necessário algum tempo para providenciar uma visita.

– Então espero até amanhã cedo – disse Seldon. – Mas você promete? Tenho sua palavra de honra?

– Sou uma irmã e faço o que digo – retrucou Orvalho Quarenta e Três, com evidente desprezo. – Eu mantenho minha palavra, mesmo que seja para um tribalista.

Sua voz ficou mais fria nas últimas palavras, enquanto seus olhos se arregalaram e pareceram reluzir. Seldon imaginou o que se passava em sua mente e sentiu-se desconfortável.

43

Seldon passou uma noite inquieta. Primeiro, porque Dors anunciara que deveria acompanhá-lo na visita à microfazenda, e ele objetara enfaticamente.

– A intenção – ele explicara – é garantir espaço para que ela converse abertamente, apresentá-la a uma situação incomum, sozinha com um homem, mesmo que um tribalista. Já consegui vencer parte da inibição associada a costumes sociais, e assim será mais fácil continuar esse processo. Se você estiver conosco, ela conversará apenas com você e eu ficarei com as sobras.

– E se acontecer alguma coisa com você em minha ausência, como aconteceu na Superfície Exterior?

– Não acontecerá nada. Por favor! Se você quer me ajudar, fique longe. Senão, eu cortarei relações com você. Estou falando sério, Dors.

Isso é importante para mim. Por mais que eu tenha me apegado a você, não tente tirar vantagem disso.

Com imensa relutância, Dors concordara.

– Prometa-me que será gentil com ela, pelo menos – dissera.

– Quem você precisa proteger: eu ou ela? – perguntara Seldon. – Garanto que não foi por prazer que fui rude, e não o serei novamente.

A lembrança dessa discussão com Dors – a primeira entre eles – colaborou para sua insônia por boa parte da noite; isso e o incômodo pensamento de que, apesar da promessa de Orvalho Quarenta e Três, as duas irmãs talvez não aparecessem pela manhã.

Mas elas vieram, não muito depois de Seldon terminar seu enxuto café da manhã (ele estava determinado a não engordar por causa de exageros) e vestir uma túnica que lhe servia com exatidão. Ele ajeitara o cinto com cuidado para que o ajuste ficasse perfeito.

– Se você estiver pronto, tribalista Seldon – disse Orvalho Quarenta e Três, ainda com um toque de frieza no olhar –, minha irmã ficará com a tribalista Venabili. – Sua voz não era um trinado, tampouco rouca. Era como se ela tivesse se preparado durante a noite; ensaiado, em sua mente, como conversar com alguém que era um homem, mas não um irmão.

– Estou pronto – respondeu Seldon, imaginando se *ela* sofrera de insônia.

Meia hora depois, Orvalho Quarenta e Três e Hari Seldon desciam juntos, nível após nível. Apesar de o relógio indicar dia, a luz parecia mais crepuscular e indireta do que no restante de Trantor.

Não havia nenhum motivo perceptível para tanto. Decerto, o ciclo de luz artificial que progredia lentamente pela esfera trantoriana incluía o Setor Mycogen. Os mycogenianos deviam preferir assim, como se seguissem algum hábito primitivo, pensou Seldon. Lentamente, os olhos de Seldon se acostumaram com os ambientes à meia-luz.

Seldon tentou observar calmamente os transeuntes, fossem irmãos ou irmãs. Imaginou que ele e Orvalho Quarenta e Três passariam por um irmão e sua mulher e que, desde que ele não fizesse nada que atraísse a atenção, não seriam notados.

Orvalho Quarenta e Três conversava com ele em poucas palavras e com tons baixos, que saíam de uma mandíbula tensionada. Era evidente que a companhia não autorizada de um homem, mesmo que

somente ela soubesse de tal fato, demolia sua autoconfiança. Seldon tinha certeza de que, se pedisse a ela para relaxar, apenas a deixaria ainda mais incomodada. (Seldon imaginou o que ela faria se encontrasse algum conhecido. Ele se sentiu mais tranquilo quando alcançaram os níveis mais subterrâneos, onde havia menos pessoas.)

A descida não foi por meio de elevadores, mas sim por rampas móveis com degraus, que existiam sempre em duplas: uma ascendente e outra, descendente. Orvalho Quarenta e Três as chamou de "escadas rolantes". Seldon não teve certeza se entendera a segunda palavra, pois nunca a ouvira antes.

Conforme chegavam a níveis mais e mais baixos, a apreensão de Seldon se acentuava. A maioria dos mundos tinha microfazendas e produzia suas próprias variedades de microprodutos. Em Helicon, Seldon ocasionalmente comprava temperos nas microfazendas e percebia sempre um fedor enjoativo.

As pessoas que trabalhavam nas fazendas não pareciam se importar. Visitantes esporádicos faziam caretas por causa do cheiro, mas se acostumavam rapidamente. Porém, Seldon sempre fora particularmente suscetível a odores. Sofria por causa disso e esperava sofrer durante aquela visita. Tentou se acalmar com o pensamento de que estava heroicamente sacrificando seu conforto em nome da necessidade de informação, mas isso não impedia que seu estômago se embrulhasse de apreensão.

Depois de perder a conta dos níveis que tinham descido e com o ar ainda razoavelmente fresco, Seldon perguntou:

– Quando chegaremos aos níveis das microfazendas?

– Já chegamos.

– Pelo cheiro, não parece – comentou Seldon, respirando fundo.

– Cheiro? – Orvalho Quarenta e Três ofendeu-se o suficiente para elevar o tom de voz. – O que quer dizer?

– De acordo com a minha experiência, há sempre um cheiro pútrido associado a microfazendas. Você sabe, do fertilizante que bactérias, levedura, fungos e saprófitos geralmente precisam.

– De acordo com a sua experiência? – ela voltou a falar em tom normal. – Onde foi isso?

– Em meu planeta natal.

– Vocês chafurdam em *gabela*? – o rosto da irmã se retorceu em absoluta repugnância.

Seldon nunca escutara aquela palavra antes, mas, pela expressão e entonação de voz, sabia o significado.

– Mas, uma vez que os produtos estejam prontos para serem consumidos, não têm esse cheiro – explicou.

– Os nossos não têm esse cheiro em nenhum momento. Nossos biotécnicos criaram variedades perfeitas. As algas crescem sob luz pura e em soluções eletrolíticas balanceadas com o máximo de cuidado. Os saprófitos são alimentados por orgânicos meticulosamente combinados. As fórmulas e as receitas são algo que nenhum tribalista jamais saberá. Venha, já chegamos. Inspire quanto quiser. Não sentirá nada ofensivo. Esse é um dos motivos pelos quais há demanda por nossa comida em toda a Galáxia e por que Cleon I, conforme nos disseram, não come nada que não seja daqui, apesar de ser bom demais para um tribalista, se você quer saber a minha opinião. Mesmo que ele se autointitule Imperador.

Ela fez o comentário com uma raiva que parecia direcionada a Seldon. Então, como se receasse que ele não tivesse entendido a indireta, acrescentou:

– Mesmo que ele se autointitule convidado de honra.

Os dois entraram em um corredor estreito, ladeado por espessos e imensos tanques de vidro que continham água turva e esverdeada. A água estava repleta de algas que se agitavam em uma correnteza provocada pela força das bolhas de gás que passavam pelos tanques. Seldon imaginou que a água devia ser rica em dióxido de carbono.

Luzes intensas e rosadas iluminavam os tanques; eram luzes muito mais fortes do que as dos corredores. Seldon fez uma observação a respeito.

– É claro – ela respondeu. – Essas algas se desenvolvem melhor sob os vermelhos do espectro de luz.

– Imagino que seja tudo automatizado – disse Seldon.

Ela deu de ombros, mas não respondeu.

– Não vejo muitos mycogenianos por aqui – ele insistiu.

– Ainda assim, há trabalho a ser feito e eles o fazem, mesmo que você não veja. Os detalhes não lhe dizem respeito. Não perca seu tempo perguntando sobre eles.

– Espere. Não fique irritada comigo. Não espero descobrir segredos de Estado. Deixe disso, minha cara. – (O termo escapou.)

Ele a segurou pelo braço e ela pareceu prestes a correr. Acabou por

permanecer no lugar, mas ele sentiu que ela tremeu de leve e a soltou, constrangido.

– É que parece tudo automatizado – ele disse.

– Entenda o que quiser a partir das aparências. De qualquer forma, existe espaço aqui para cérebros e decisões humanas. Todos os irmãos e irmãs têm oportunidade de trabalhar aqui, em algum momento. Alguns fazem disso sua profissão.

Ela estava falando mais abertamente, mas, para acentuar o constrangimento de Seldon, ele percebeu o momento em que ela levou a mão esquerda para o braço direito e esfregou gentilmente o local em que ele encostara, como se ele a tivesse ferido.

– Os corredores têm quilômetros e mais quilômetros – ela continuou –, mas, se virarmos aqui, você poderá ver uma parte da cultura de fungos.

Eles continuaram caminhando e Seldon percebeu que tudo era muito limpo. O vidro reluzia. O chão de lajotas parecia molhado, mas, quando ele teve uma oportunidade de se abaixar e tocá-lo, percebeu que não era o caso. Tampouco era escorregadio – a não ser que suas sandálias (com os dedões protuberantes, no alto da moda mycogeniana) tivessem solas antiderrapantes.

Orvalho Quarenta e Três estava certa sobre uma coisa. Aqui e ali, um irmão ou uma irmã trabalhava silenciosamente, estudando medidores, ajustando controles, às vezes fazendo trabalhos menos delicados, como polir equipamento, mas sempre concentrados no que estavam fazendo.

Seldon tomou o cuidado de não perguntar sobre suas funções, pois não queria fazer com que a irmã passasse pela humilhação de admitir que não sabia ou pela raiva de precisar lembrá-lo de que havia coisas que ele não poderia perguntar.

Eles passaram por uma porta vaivém e Seldon repentinamente notou uma discreta presença do odor de que se lembrava. Olhou para Orvalho Quarenta e Três, mas ela parecia ignorar o cheiro, e em pouco tempo ele também tinha se acostumado.

O tipo de iluminação mudou subitamente. Os tons rosados se foram, e também a claridade. Tudo parecia estar em um pôr do sol, exceto por focos de luz onde havia equipamentos. Em cada um desses pontos parecia haver um mycogeniano. Alguns usavam faixas na cabeça que brilhavam com um branco perolado. Até certa distância,

Seldon via pequenas faixas de luz que se deslocavam erraticamente.

Conforme caminharam, ele olhou de relance para o perfil de Orvalho Quarenta e Três. Somente assim ele conseguia enxergá-la de verdade – em todas as outras situações, não conseguia ignorar a careca protuberante, os olhos nus, o rosto sem cor. Eles sufocavam sua individualidade e pareciam fazê-la invisível. Mas ali, de perfil, ele viu algo. Nariz, queixo, lábios generosos, normalidade, beleza. A luz tênue, de alguma maneira, suavizava o grande deserto no topo de sua cabeça.

Surpreso, pensou: ela poderia ser muito bonita se deixasse os cabelos crescerem e cuidasse bem deles.

Então pensou que ela não *podia* ter cabelos. Seria careca a vida toda.

Por quê? Por que eles faziam aquilo com ela? Mestre Solar dissera que, dessa forma, um mycogeniano (ou mycogeniana) se reconheceria como mycogeniano (ou mycogeniana) por toda a vida. Por que era tão importante que o castigo da ausência de cabelos fosse aceito como um distintivo ou marca de identidade?

E então, acostumado a defender os dois lados em sua mente, pensou: costume é algo praticamente instintivo. Se uma pessoa for acostumada com cabeças carecas – acostumada o bastante –, cabelos lhe pareceriam monstruosos, provocariam náuseas. Ele mesmo barbeava o rosto todas as manhãs, removendo todos os pelos faciais, desconfortável com a menor falha, mas não pensava em seu rosto como careca ou, de alguma forma, não natural. Evidentemente, ele podia deixar seus pelos faciais crescerem quando bem entendesse, mas não queria.

Ele sabia de mundos em que os homens não se barbeavam; em alguns deles, os habitantes não chegavam nem a aparar ou moldar os pelos faciais, e os deixavam crescer sem intervenção. O que essas pessoas diriam se pudessem ver seu rosto nu, seu queixo, suas bochechas e sua boca sem pelos?

Enquanto isso, Seldon caminhava com Orvalho Quarenta e Três pelo que parecia ser o infinito. De vez em quando, ela o guiava pelo cotovelo. Aparentemente, ela havia se acostumado com aquilo, pois não retraía a mão com pressa. De vez em quando, a mantinha ali por quase um minuto.

– Para cá! Venha para cá! – ela disse.

– O que é aquilo? – perguntou Seldon.

Eles estavam diante de uma bandeja repleta de pequenas esferas, cada uma com aproximadamente dois centímetros de diâmetro. Um irmão que cuidava da área e que acabara de deixar a bandeja ali olhou para os dois com certo interesse.

– Peça algumas – disse Orvalho Quarenta e Três a Seldon, em um tom discreto.

Seldon concluiu que ela não podia conversar com um irmão sem que ele antes lhe dirigisse a palavra.

– P-podemos pegar algumas, irmão? – perguntou Seldon, hesitante.

– Pegue quantas quiser, irmão – respondeu o outro, cordialmente.

Seldon pegou uma das esferas e estava a ponto de entregá-la para Orvalho Quarenta e Três quando percebeu que ela também tinha aceitado o convite e enchia as mãos na bandeja.

A esfera tinha uma textura lisa e suave.

– Elas são comestíveis? – perguntou Seldon a Orvalho Quarenta e Três, conforme eles se afastaram do tanque e do Irmão que cuidava dele. Ele ergueu a esfera cuidadosamente para perto do nariz.

– Elas não têm cheiro – disse ela, secamente.

– O que são?

– Iguarias. Iguarias ao natural. Para o mercado externo, são temperadas de diversas maneiras, mas aqui, em Mycogen, comemos sem aditivos. É o melhor jeito – ela colocou uma na boca e completou: – Eu poderia comê-las para *sempre*.

Seldon colocou a esfera na boca e sentiu quando ela se dissolveu e desapareceu rapidamente. Por um instante, sua boca ficou cheia de um líquido que escorregou, quase por conta própria, por sua garganta.

Ele ficou quieto por um instante, maravilhado. Tinha um sabor levemente adocicado e um sutil toque agridoce, mas ele não conseguiu definir a sensação predominante.

– Posso comer outra? – perguntou.

– Coma meia dúzia – disse Orvalho Quarenta e Três, estendendo as mãos. – Elas nunca têm o mesmo gosto e praticamente não têm calorias. Apenas sabor.

Ela estava certa. Ele tentou fazer a iguaria ficar mais tempo em sua boca; tentou lambê-la com cuidado; tentou mordiscar um pedaço. Porém, a mais cuidadosa lambida a destruía. Quando um pedacinho era arrancado por uma mordida, o restante desaparecia

imediatamente. E cada sabor era indefinível e ligeiramente diferente do anterior.

– O único problema – comentou Orvalho Quarenta e Três, alegremente – é que, de vez em quando, você encontra alguma iguaria realmente extraordinária e nunca mais a esquece, mas também nunca poderá senti-la novamente. Eu comi uma quando tinha nove anos... – sua expressão subitamente perdeu o ânimo, e ela continuou: – É uma coisa boa. Isso faz com que a gente se lembre de que as coisas deste mundo se esvaem.

Era um sinal, pensou Seldon. Eles tinham caminhado juntos por tempo suficiente. Ela se acostumara com ele e estava se abrindo. Naquele instante, a conversa havia chegado no ponto em que ele queria. Naquele instante!

44

– Eu venho de um mundo a céu aberto, irmã, assim como são todos os mundos, exceto Trantor. Pode chover ou não, os rios secam ou inundam, a temperatura sobe ou desce. Isso significa que as colheitas podem ser boas ou ruins. Mas, aqui, o clima e o ambiente são totalmente controlados. As colheitas não têm escolha senão serem boas. Mycogen tem muita sorte.

Ele esperou. Havia algumas respostas possíveis e sua estratégia dependia de qual viesse.

Ela já falava abertamente e parecia não ter mais inibições relacionadas ao fato de ele ser um homem. Portanto, aquela longa visita tinha servido ao seu propósito.

– O ambiente não é assim tão fácil de controlar – argumentou Orvalho Quarenta e Três. – Eventualmente surgem infecções virais e, de vez em quando, mutações inesperadas e indesejáveis. Às vezes, grandes lotes definham por inteiro ou perdem todo o valor.

– Isso me surpreende. Então o que acontece?

– Geralmente não há solução exceto destruir os lotes prejudicados, inclusive aqueles dos quais há apenas uma suspeita de terem se estragado. Bandejas e tanques precisam ser totalmente esterilizados. Às vezes, é necessário inclusive descartá-los.

– Torna-se uma questão cirúrgica, então – observou Seldon. – Vocês

removem o tecido doente.

– Sim.

– E o que fazem para prevenir que coisas desse tipo aconteçam?

– O que podemos fazer? Realizamos testes constantes para identificar qualquer mutação que possa surgir, qualquer vírus novo, qualquer contaminação ou alteração acidental do ambiente. É raro detectar alguma coisa errada, mas, caso detectemos, tomamos medidas drásticas. Por isso, os anos de produção ruim são poucos, e mesmo os anos ruins afetam apenas pequenas frações, aqui e ali. O pior ano que tivemos ficou apenas 12% abaixo da média de produção... apesar de ter sido o suficiente para causar dificuldades. O problema é que até mesmo a previsão mais cuidadosa e os programas de computador mais inteligentes nem sempre conseguem antecipar o que é, em essência, imprevisível.

(Seldon sentiu um arrepio involuntário percorrer seu corpo. Era como se ela estivesse falando sobre psico-história – e ela se referia apenas à microprodução de uma pequena fração da humanidade, enquanto ele considerava a totalidade do colossal Império Galáctico e todas as suas atividades.)

– Decerto, nem tudo é imprevisível – ele respondeu, inevitavelmente desolado. – Existem forças que nos guiam e que cuidam de todos nós.

A irmã se enrijeceu. Ela virou na direção de Seldon e pareceu estudá-lo com seu olhar penetrante.

– O quê? – foi tudo o que ela disse.

Seldon ficou apreensivo.

– Me parece que, ao falarmos sobre vírus e mutações – continuou ele –, estamos nos referindo ao que é natural, a fenômenos sujeitos a leis naturais. Isso exclui o sobrenatural, não exclui? Deixa de lado aquilo que não está sujeito às leis naturais e que, portanto, pode controlar essas leis.

Ela continuou a observá-lo, como se Seldon tivesse repentinamente começado a falar em um dialeto distante e desconhecido do Padrão Galáctico.

– O *quê*? – ela repetiu, dessa vez quase sussurrando.

Ele continuou, tropeçando em palavras que não lhe eram familiares e que quase o constrangiam:

– Vocês devem acreditar em alguma força superior, algum espírito

elevado, algum... Não sei do que chamar.

– Foi o que imaginei – respondeu Orvalho Quarenta e Três, com uma voz que subiu a registros mais agudos, mas ainda falando baixo. – Imaginei que era sobre *isso* que você estava falando, mas não pude acreditar. Você está nos acusando de ter uma *religião*. Por que não disse de uma vez? Por que não usou a palavra?

Ela esperou por uma resposta. Seldon, um pouco confuso com o ataque, disse:

– Por que não é uma palavra que eu uso. Eu digo “sobrenatural”.

– Diga o que quiser. É religião, e não seguimos nenhuma. Religião é para tribalistas, para a predominante esc...

A irmã parou para engolir, como se estivesse prestes a engasgar. Seldon tinha certeza de que a palavra na qual ela engasgou era “escória”.

Ela recuperou o controle.

– Não somos um povo religioso – disse, lentamente, um tom abaixo de sua voz de soprano. – Nosso reino é desta Galáxia e sempre foi. Se você tem uma religião...

Seldon se sentia encurralado. Ele não esperava por aquilo. Ergueu uma mão, defensivamente.

– Não tenho. Sou um matemático e meu reino também é desta Galáxia. Apenas pensei que, considerando a rigidez dos seus costumes, que o *seu* reino...

– Não pense, tribalista. Se nossos costumes são rígidos, é porque somos meros milhões, cercados por bilhões. Precisamos nos isolar para que nossos poucos irmãos e irmãs não se percam entre suas multidões e hordas. Precisamos nos distinguir por meio de nossa ausência de cabelos e pelos, de nossas roupas, de nosso comportamento, de nosso estilo de vida. Precisamos saber quem somos e fazer com que vocês, tribalistas, também saibam. Nos exaurimos em nossas fazendas para que possamos ter algum valor diante de seus olhos e, assim, garantir que vocês nos deixem em paz. É tudo o que pedimos de vocês... Que nos deixem em paz.

– Não tenho intenção de prejudicar você, nem ninguém de seu povo. Aqui, busco apenas conhecimento, assim como em todos os outros lugares.

– E você nos ofende ao perguntar sobre nossa religião, como se dependêssemos de um espírito misterioso e etéreo que faça por nós o

que não conseguimos fazer por nós mesmos.

– Existem muitos povos, muitos mundos que acreditam no sobrenatural de diferentes maneiras... religião, se você preferir essa palavra. Podemos discordar deles nisso ou naquilo, mas é tão provável que estejamos errados em nosso ceticismo quanto eles em suas crenças. De qualquer forma, não há nenhum demérito nessas crenças e minhas perguntas não tinham intenção de ofender.

Mas ela não se acalmara.

– Religião! – exclamou, furiosa. – Não precisamos de nada disso.

O otimismo de Seldon, que sumiu progressivamente ao longo da discussão, desaparecera por completo. Tudo aquilo, toda aquela expedição com Orvalho Quarenta e Três, não levara a nada.

– Temos algo muito melhor – ela continuou. – Temos *história*.

O ânimo de Seldon voltou imediatamente e ele sorriu.

LIVRO

——— **O caso da mão na coxa...**

Ocasião mencionada por Hari Seldon como o primeiro ponto de virada em sua busca por um método de desenvolvimento para a psico-história. Infelizmente, seus textos conhecidos não oferecem indicativos do que seria o "caso", e especulações sobre o seu conteúdo (houve inúmeras) não levaram a nada. Permanece como um dos diversos mistérios associados à carreira de Seldon.

Enciclopédia Galáctica

45

ORVALHO QUARENTA E TRÊS ENCAROU Seldon com olhos arregalados e respiração pesada.

– Não posso ficar aqui – disse.

Seldon olhou à volta.

– Não há ninguém nos incomodando. Nem mesmo o irmão a quem pedimos as iguarias fez comentários sobre nós. Ele aparentemente nos considerou uma dupla qualquer.

– Isso porque não há nada de incomum em nós quando a luz está fraca, quando você mantém sua voz baixa e o sotaque tribalista é menos perceptível e quando eu pareço estar calma. Mas, agora... – a voz de Orvalho Quarenta e Três estava ficando rouca.

– Agora, o quê?

– Estou nervosa e tensa. Estou... suando frio.

– E quem perceberá? Relaxe. Acalme-se.

– Não posso relaxar aqui. Não posso me acalmar enquanto houver o risco de alguém me ver.

– Para onde vamos, então?

– Há pequenos alojamentos para descanso. Eu trabalhei aqui. Sei onde ficam.

Ela caminhou rapidamente e Seldon a seguiu. Depois de uma pequena subida, que ele não teria notado sob a luz tênue se não fosse por Orvalho Quarenta e Três, havia uma fileira de portas, com uma distância razoável entre cada uma.

– A última – ela murmurou. – Se estiver vaga.

Estava desocupada. Um pequeno retângulo brilhante dizia LIVRE e a porta estava encostada.

Orvalho Quarenta e Três olhou o entorno rapidamente, fez um gesto para que Seldon entrasse e entrou também. Fechou a porta e, conforme o fez, uma pequena luz no teto iluminou o interior.

– Existe algum jeito de fazer a placa na porta indicar que este alojamento está em uso? – perguntou Seldon.

– Isso aconteceu automaticamente quando a porta fechou e a luz se acendeu – disse a irmã.

Seldon percebeu que o ar circulava suavemente com um discreto som de ventilação. Será que havia algum lugar em Trantor em que aquele som e a ventilação perpétuos não fossem perceptíveis?

O aposento não era grande, mas tinha uma cama estreita, com um colchão firme e eficiente, coberto com o que eram lençóis claramente limpos. Havia uma cadeira e uma mesa, um pequeno refrigerador e algo que parecia uma assadeira coberta, provavelmente para aquecer comida.

Orvalho Quarenta e Três se sentou na cadeira, com as costas tensas, visivelmente tentando se forçar a relaxar.

Seldon, incerto do que deveria fazer, continuou em pé até que ela gesticulou, com certa impaciência, para que ele se sentasse na cama. Ele o fez.

– Se ficarem sabendo que estive aqui com um homem – murmurou Orvalho Quarenta e Três brandamente, como se falasse consigo mesma –, mesmo que um mero tribalista, eu me tornarei uma pária.

– Então vamos embora – alarmou-se Seldon, levantando rapidamente.

– Sente-se. Não posso sair enquanto estiver tão alterada. Você estava perguntando sobre religião. Qual é o seu objetivo, afinal?

Para Seldon, ela havia mudado completamente. A passividade e a subserviência tinham desaparecido. Não havia nada da timidez, da relutância na presença de um homem. Com olhos desconfiados, ela o encarava com intensidade.

– Eu lhe disse – respondeu Seldon. – Conhecimento. Sou um estudioso. *Saber* é minha profissão e meu desejo. Quero entender especialmente as pessoas, portanto quero aprender história. Em muitos mundos, os registros antigos de história (os registros *genuinamente* antigos de história) resumiram-se a mitos e lendas, que muitas vezes se tornam parte de um conjunto de crenças religiosas ou sobrenaturais. Mas, se Mycogen não tem uma religião, então...

– Eu disse que temos *história*.

– Sim, você foi bastante enfática – disse Seldon. – Quão antiga?

– Até vinte mil anos atrás.

– É mesmo? Sejamos francos. Trata-se da história real ou é algo que se perdeu em lendas?

– É a história real, evidentemente.

Seldon sentiu-se tentado a perguntar como ela poderia saber, mas mudou de ideia. Será que existia alguma chance real de a história se estender por vinte mil anos do passado e continuar a ser autêntica? Ele não era um historiador; precisaria tirar a dúvida com Dors.

Mas, para ele, parecia muito provável que em todos os mundos as histórias mais antigas fossem miscelâneas de heroísmos egoístas e minidramas feitos para ser encenações de moralismos que não deveriam ser considerados de forma literal. Era certamente o caso de Helicon, mas, ainda assim, era difícil encontrar um heliconiano que não atestasse a veracidade dessas lendas e não insistisse que eram fatos históricos. Defenderiam, inclusive, um relato totalmente ridículo sobre as primeiras explorações em Helicon e sobre encontros com perigosos répteis gigantes voadores, mesmo que nada parecido com répteis voadores tivesse sido encontrado como fauna nativa de nenhum mundo explorado e colonizado pela raça humana.

– Como começa essa história? – questionou Seldon, enfim.

Havia um olhar distante no rosto de Orvalho Quarenta e Três, um olhar que não se concentrava em Seldon nem em qualquer coisa do aposento.

– Começa com um mundo – ela disse. – O *nosso* mundo. Um único mundo.

– Um único mundo? – (Seldon lembrou-se de que Hummin mencionara lendas sobre um único mundo original da raça humana.)

– Um único mundo. Houve outros depois, mas o nosso foi o primeiro. Um único mundo, com espaço, céu aberto, lugar para todos, campos férteis, casas amigáveis, pessoas acolhedoras. Vivemos ali por milhares de anos e tivemos de ir embora e nos esconder nesse ou naquele lugar até que alguns de nós encontraram um canto de Trantor onde aprendemos a cultivar comida que nos garantia um pouco de liberdade. E agora vivemos da nossa própria maneira em Mycogen. Temos os nossos próprios sonhos.

– E sua história oferece os detalhes sobre o mundo original? O mundo único?

– Sim, sim, está tudo em um livro, e todos nós o temos. Cada um de nós. Carregamos conosco o tempo todo para que não haja nenhum instante em que estejamos impedidos de abri-lo e lê-lo e nos lembrar de quem somos, de quem fomos e de que, algum dia, vamos recuperar

o nosso mundo.

– Vocês conhecem a localização desse mundo e quem vive nele agora?

Orvalho Quarenta e Três hesitou.

– Não sabemos – negou intensamente com a cabeça –, mas algum dia saberemos.

– E você está com esse livro agora?

– Mas é claro.

– Posso vê-lo?

Naquele instante, um pequeno sorriso cruzou o rosto da irmã.

– Então é *isso* que você quer. Eu sabia que você queria alguma coisa quando pediu para ser guiado pelas microfazendas com apenas a minha companhia. – Ela parecia um pouco constrangida. – Eu não achei que fosse por causa do *Livro*.

– É tudo o que quero – disse Seldon, com sinceridade. – Eu realmente não tinha nenhum outro objetivo em mente. Se você me trouxe aqui porque achou que...

Ela não permitiu que ele terminasse:

– Mas aqui estamos. Você quer ou não quer o Livro?

– Você está propondo que eu o veja?

– Com uma condição.

Seldon parou de falar, cogitando a possibilidade de grandes problemas caso tivesse vencido as inibições da irmã com mais intensidade do que o intencionado.

– Qual condição? – perguntou.

A língua de Orvalho Quarenta e Três surgiu discretamente e ela lambeu rapidamente os lábios.

– A de que você tire a sua touca – ela respondeu, com um distinto tremor na voz.

46

Hari Seldon olhou inexpressivamente para Orvalho Quarenta e Três. Houve um momento perceptível em que ele não entendeu sobre o que ela estava falando – tinha esquecido de que usava uma touca.

Então ele colocou uma mão na cabeça e, pela primeira vez, sentiu conscientemente a textura da touca que estava usando. Era lisa, mas

ele sentia a discreta resiliência dos cabelos embaixo dela. Não era muita coisa – seus cabelos eram finos e não tinham muito volume.

– Por quê? – perguntou, ainda sentindo os cabelos sob a touca.

– Porque eu quero – ela respondeu. – Porque essa é a condição, se você quiser ver o Livro.

– Certo. Se você quer mesmo que eu tire... – ele disse. Sua mão procurou pela borda da touca para que ele pudesse tirá-la.

– Não – interrompeu Orvalho Quarenta e Três. – Deixe-me fazer isso. Eu faço. – Ela olhava para ele com uma expressão ávida.

– Vá em frente – disse Seldon, colocando as mãos no colo.

Orvalho Quarenta e Três se levantou rapidamente e se sentou na cama, ao lado dele. Lenta e cuidadosamente, ela soltou a touca na parte acima da orelha de Seldon. Passou a língua pelos lábios mais uma vez e estava ofegante quando soltou a touca da testa de Seldon e a puxou para cima. O restante da touca saiu da cabeça e os cabelos de Seldon, soltos, pareceram se mexer com a satisfação da liberdade.

– Minha cabeça deve ter suado por eu ter mantido meus cabelos sob a touca – explicou Seldon, desconfortável. – Se foi o caso, eles devem estar úmidos.

Ele levantou a mão, como se fosse verificar a umidade, mas ela a pegou no ar e a segurou.

– Eu quero fazer isso – ela disse. – Faz parte da condição.

Os dedos de Orvalho Quarenta e Três, lentos e hesitantes, tocaram os cabelos de Seldon e se retraíram. Ela tocou mais uma vez e, gentilmente, os acariciou.

– Estão secos – ela continuou. – É uma sensação... gostosa.

– Você já tinha tocado em pelos cefálicos antes?

– Apenas nos das crianças, de vez em quando. Isso... é diferente – ela o acariciou mais uma vez.

– De que maneira? – Mesmo profundamente constrangido Seldon conseguiu descobrir curiosidade.

– Não sei dizer. É apenas... diferente.

Depois de algum tempo, ele perguntou:

– Foi o suficiente?

– Não. Não me apresse. Você pode moldá-lo do jeito que quiser?

– Na verdade, não. Eles têm um caimento natural, mas preciso de um pente e não tenho um comigo.

– Um pente?

– Um objeto dentado... hm, parecido com um garfo... mas com dentes mais numerosos e mais macios.

– Você pode usar os dedos? – ela passou os dedos pelos cabelos de Seldon.

– Até certo ponto. Não funciona muito bem.

– É eriçado aqui atrás.

– O cabelo é mais curto nessa parte.

Orvalho Quarenta e Três pareceu se lembrar de alguma coisa.

– As sobrancelhas – ela disse. – Não é assim que elas são chamadas? – ela despiu as faixas e passou os dedos pelos suaves arcos de pelos, e depois em sentido contrário. – Que gostoso – comentou, e depois riu de um jeito agudo que era quase igual às risadas de sua irmã mais nova. – Elas são bonitinhas.

– Há mais alguma coisa que faça parte da condição? – perguntou Seldon, um tanto impaciente.

Sob a luz fraca, Orvalho Quarenta e Três parecia estar cogitando uma resposta, mas não disse nada. Em vez disso, recolheu subitamente as mãos e as aproximou de seu próprio nariz. Seldon imaginou o que ela estaria cheirando.

– Que esquisito... – ela disse. – Será... será que eu posso fazer isso de novo em algum outro momento?

– Se você permitir que eu fique com o Livro tempo suficiente para estudá-lo, talvez – respondeu Seldon, desconfortável.

Orvalho Quarenta e Três colocou a mão em uma abertura da túnica que Seldon não tinha visto antes e, de algum bolso interno secreto, tirou um livro encadernado com um material resistente e flexível. Ele pegou o livro, tentando controlar o entusiasmo.

Enquanto Seldon reajustava a touca para cobrir os cabelos, Orvalho Quarenta e Três levou as mãos ao nariz mais uma vez e então, rápida e gentilmente, lambeu um dos dedos.

47

– Acariciou seus cabelos? – perguntou Dors Venabili. Ela olhou para os cabelos de Seldon como se quisesse acariciá-los ela mesma.

Seldon se afastou um pouco.

– Não, por favor. A mulher fez parecer uma perversão.

– Suponho que, do ponto de vista dela, era mesmo. E você? Não sentiu nenhum prazer nessa situação?

– Prazer? Deu-me arrepios. Só quando ela parou pude respirar de novo. Eu ficava pensando: que outras condições serão impostas?

– Você estava com medo de que ela o forçasse a fazer sexo? – riu Dors. – Ou torcendo por isso?

– Eu garanto que não ousei pensar em nada disso. Queria apenas o Livro.

Eles estavam no quarto e Dors acionou o distorcedor de campo para assegurar que eles não seriam entreouvidos.

A noite mycogeniana estava prestes a começar. Seldon removera a touca e a túnica e tomara um banho, dedicando atenção especial aos cabelos, que ensaboou e enxaguou duas vezes. Agora estava sentado em sua cama, usando um leve pijama que encontrara no armário.

– Ela sabia que você tem pelos no peito? – perguntou Dors, observando o corpo de Seldon.

– Desejei intensamente que ela não pensasse nisso.

– Pobre Hari. Mas foi tudo perfeitamente natural, sabe? Eu provavelmente teria passado por uma situação parecida se ficasse sozinha com um irmão. Teria sido até pior, tenho certeza, pois ele acreditaria (a sociedade mycogeniana sendo do jeito que é) que uma mulher seria obrigada a seguir suas ordens sem demora ou objeção.

– Não, Dors. Você pode achar que foi perfeitamente natural, mas não esteve lá. A pobre mulher atingiu um alto grau de excitação sexual. Ela ativou todos os sentidos... Cheirou os dedos, chegou a lambê-los. Se ela pudesse ouvir pelos crescendo, teria escutado avidamente.

– Mas é disso que estou querendo dizer com "natural". Qualquer coisa que você proíba ganha magnetismo erótico. Você ficaria especialmente interessado por seios se vivesse em uma sociedade em que eles são exibidos o tempo todo?

– Acho que sim.

– Você não ficaria *mais* interessado se eles estivessem sempre escondidos, como na maioria das sociedades? Escute. Vou contar uma coisa que aconteceu comigo. Eu estava em uma estância em um lago de Cinna... Imagino que vocês tenham estâncias de lazer em Helicon, com praias, coisas do tipo, não têm?

– Claro que sim – disse Seldon, ligeiramente irritado. – O que você

acha que é Helicon, um mundo de rochedos e montanhas, com apenas água do poço para beber?

– Não quis ofender, Hari. Quero apenas ter certeza de que você entenderá o significado da história. Em nossas praias de Cinna, somos bastante frívolos em relação ao que vestimos... Ou ao que *não* vestimos.

– Praias de nudismo?

– Na verdade, não. Mas creio que, se alguém tirasse a roupa, não seria tão rejeitado assim. O costume diz que se deve usar um mínimo de decoro, mas devo admitir que a nossa referência de “decoro” deixa pouco para a imaginação.

– Temos padrões de decoro um tanto mais altos do que isso em Helicon – respondeu Seldon.

– Sim, pude perceber pela sua atenciosa consideração por mim, mas cada um é de um jeito. De qualquer maneira, eu estava em uma cadeira na pequena praia do lago e um jovem com quem eu tinha conversado mais cedo se aproximou. Era um sujeito decente, que não me passou nenhuma impressão negativa. Ele se sentou no braço da minha cadeira e colocou a mão direita na minha coxa esquerda (que estava exposta, claro) para que pudesse manter o equilíbrio. Depois que tínhamos conversado por pouco mais de um minuto, ele disse, maliciosamente: “Aqui estou eu. Você mal me conhece, mas ainda assim me parece perfeitamente natural que eu coloque a mão na sua coxa. Mais do que isso, soa perfeitamente natural para você também, considerando que não parece se incomodar com o fato de minha mão ainda estar na sua coxa”. Somente naquele momento eu me dei conta de que a mão dele estava em minha coxa. De certa maneira, pele exposta em público perde suas características eróticas. Como eu disse, a ocultação é crucial. E o jovem também percebeu isso, pois disse: “Mas, se eu a encontrasse em condições mais formais e você estivesse de vestido, jamais permitiria que eu levantasse a sua saia e colocasse minha mão na sua coxa, no exato lugar em que ela está agora”. Eu ri e continuamos a conversar sobre assuntos amenos. E agora que ele tinha chamado a minha atenção para a posição de sua mão, o jovem, claro, não considerou apropriado mantê-la ali e a retirou. Naquela noite, me arrumei para o jantar com mais dedicação do que o normal e usei roupas consideravelmente mais formais do que o necessário e do que as outras mulheres do restaurante usavam. Encontrei o tal jovem. Ele

estava a uma das mesas. Eu me aproximei, cumprimentei-o e disse: “Aqui estou eu, de vestido. Sob o tecido, minha coxa está nua. Eu lhe dou permissão. Levante a saia e coloque sua mão em minha coxa esquerda, no mesmo lugar em que ela estava antes”. Ele bem que tentou. Reconheço sua coragem por tentar, mas todo mundo estava olhando. Eu não teria impedido e tenho certeza de que ninguém do aposento teria tentado impedi-lo, mas ele não conseguiu. Não era um lugar mais público do que a praia e as mesmas pessoas estavam presentes em ambos os casos. Era evidente que eu tinha tomado a iniciativa e que não tinha objeções, mas ele não conseguiu violar o decoro. As condições, que foram “mão na coxa” naquela tarde, não eram “mão na coxa” à noite, e isso teve mais significado do que qualquer coisa que pudesse ser explicada pela lógica.

– Eu teria colocado minha mão na sua coxa – disse Seldon.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Mesmo que os seus padrões de decoro na praia sejam mais altos do que os nossos?

– Sim.

Dors se sentou na cama. Em seguida, se deitou e colocou as mãos atrás da cabeça.

– Então você não está particularmente inquieto com o fato de eu estar usando uma camisola com muito pouco por baixo.

– Não estou particularmente *chocado*. Quanto a estar inquieto, depende da definição da palavra. Certamente percebi a maneira como você está vestida.

– Ora, se vamos ficar encurralados aqui por algum tempo, precisaremos aprender a ignorar esse tipo de coisa.

– Ou nos aproveitarmos dele – sugeriu Seldon, sorrindo. – Gosto de seus cabelos. Depois de vê-la careca o dia inteiro, gosto de seus cabelos.

– Está bem, mas não toque neles. Ainda não os lavei – ela respondeu e semicerrou os olhos. – É interessante. Você desvinculou o nível de decoro formal do informal. O que está dizendo é que Helicon é mais respeitável do que Cinna no nível informal, mas menos respeitável no nível formal. É isso?

– Na verdade, estou falando apenas sobre o jovem que colocou a mão na sua coxa e sobre mim mesmo. Quão representativos somos dos

cinnianos e heliconianos, não sei dizer. Posso imaginar indivíduos perfeitamente adequados em ambos os mundos, e alguns doidos também.

– Estamos falando sobre pressões sociais. Não sou exatamente uma viajante galáctica, mas precisei me envolver com bastante coisa de história social. No planeta de Derowd, houve uma época em que o sexo pré-marital era absolutamente livre. Relações sexuais múltiplas eram permitidas para os solteiros e sexo em público era reprimido apenas se atrapalhasse o trânsito. Ainda assim, depois do casamento, a monogamia era soberana e absoluta. A teoria era de que uma pessoa só poderia se dedicar aos aspectos sérios da vida depois de liberar todas as suas fantasias.

– Funcionava?

– Isso acabou há mais ou menos trezentos anos, mas alguns de meus colegas dizem que terminou por causa de pressões de outros planetas, que perdiam muitos turistas para Derowd. Afinal, existe também pressão social galáctica.

– Talvez pressão econômica, no caso.

– Talvez. Na universidade, tenho oportunidade de estudar pressões sociais, mesmo sem ser uma viajante galáctica. Conheço pessoas de inúmeros lugares dentro e fora de Trantor, e um dos passatempos dos setores de ciências sociais é a comparação de pressões sociais. Aqui em Mycogen, por exemplo, tenho a impressão de que o sexo é estritamente controlado, permitido apenas sob as regras mais severas, o que é reforçado pelo fato de nunca ser mencionado. No Setor Streeling também não se fala sobre sexo, mas ele não é visto como algo condenável. No Setor Jennat, onde passei uma semana fazendo pesquisas, o sexo é discutido constantemente, mas apenas para condená-lo. Não creio que existam dois setores em Trantor (ou quaisquer dois mundos fora de Trantor) em que o comportamento no que diz respeito ao sexo seja idêntico.

– Pelo que está dizendo – interveio Seldon –, você faz parecer que...

– Vou lhe dizer com o que parece – ela interrompeu. – Toda esta conversa sobre sexo fez com que uma coisa ficasse clara para mim. Eu nunca mais deixarei que você saia do meu campo de visão. Simples assim.

– O quê?

– Eu o deixei por conta própria duas vezes; a primeira vez foi

graças à minha insensatez e a segunda, porque você me forçou a tanto. Em ambas as vezes, foi obviamente um erro. Você sabe o que aconteceu na primeira vez.

– Sim – respondeu Seldon, indignado. – Mas nada aconteceu comigo na segunda vez.

– Você quase se envolveu em uma grande encrenca. E se tivesse sido flagrado em uma aventura sexual com uma irmã?

– Não foi uma aventura sexu...

– Você mesmo disse que ela parecia em um estado de intensa excitação sexual.

– Mas...

– Foi um erro. Bote isso em sua cabeça, Hari. A partir de agora, você não vai a lugar nenhum sem mim.

– Escute – disse Seldon, friamente –, meu objetivo era descobrir coisas sobre a história mycogeniana e, graças à suposta aventura sexual com uma irmã, eu consegui um livro. *O* Livro.

– O Livro! É verdade, o Livro. Vamos vê-lo.

Seldon entregou o livro a Dors e ela avaliou o peso do volume.

– Talvez não nos adiante em nada, Hari – ela disse. – Não parece que se encaixará em nenhum dos projetores que encontrei. Isso quer dizer que você precisará de um projetor mycogeniano e eles vão querer saber por que você quer um. Assim, descobrirão que você tem o Livro e o tomarão de você.

Seldon sorriu.

– Se suas suposições estivessem corretas, Dors, suas conclusões teriam sido impecáveis. Mas acontece que esse não é o tipo de livro que você acha que é. Não foi feito para ser projetado. O material está impresso em diversas páginas e você as vira conforme lê. Foi o que Orvalho Quarenta e Três me explicou.

– Um livro *impresso*! – era difícil saber se Dors estava chocada ou entusiasmada. – Isso é coisa da Idade da Pedra.

– É pré-imperial, com certeza – admitiu Seldon –, mas não tanto assim. Você já tinha visto um livro impresso?

– Considerando que sou historiadora? Claro que sim, Hari.

– Ah, mas como este?

Ele entregou o Livro e Dors, sorrindo, o abriu. Em seguida, passou para outra página e depois usou o polegar para ver várias páginas pela lateral do livro.

– Está em branco – ela disse.

– *Parece* estar em branco. Os mycogenianos são teimosos em seu primitivismo, mas não totalmente. Eles seguem a essência do primitivo, mas não têm nada contra usar tecnologia moderna para modificá-lo e deixá-lo mais conveniente. Faz sentido?

– Talvez, Hari, mas não entendo o que você está dizendo.

– As páginas não estão em branco. Há microimpressores acoplados a elas. Permita-me – ele pegou o livro de volta. – Se eu apertar este pequeno botão na borda interna da capa... Veja!

Subitamente apareceram linhas de texto que subiam lentamente pela página.

– Você pode ajustar a velocidade do texto de acordo com sua habilidade de leitura girando o botão para um lado ou para o outro. Quando as linhas chegam ao topo da página (ou seja, quando você chega à última linha daquela parte do texto), elas voltam rapidamente para baixo e se desligam. Você vira para a próxima página e continua.

– De onde vem energia para tudo isso?

– Tem uma bateria à microfusão que dura tanto quanto a vida útil do livro.

– Então, quando a bateria acaba...

– Você descarta o livro (o que talvez seja necessário mesmo antes de acabar a energia, graças ao desgaste por uso) e adquire outra cópia. Nunca se substitui a bateria.

Dors pegou o Livro mais uma vez e o observou por todos os ângulos.

– Devo admitir que nunca ouvi falar em um livro assim – disse.

– Nem eu. No geral, a Galáxia evoluiu tão rapidamente para a tecnologia visual que acabou pulando essa possibilidade.

– Mas isto é visual.

– Sim, mas não com os efeitos tradicionais. Esse tipo de livro tem suas vantagens. Pode incluir muito mais conteúdo do que um livro visual comum.

– Onde fica o botão para ligar? – perguntou Dors. – Ah, deixe-me ver se consigo mexer nele. – Ela abriu em uma página aleatória e acionou o rolamento das linhas de texto. – Receio que isso não terá utilidade nenhuma, Hari. É pré-galáctico. Não estou falando do livro. Estou falando do texto... da língua.

– Você consegue ler, Dors? É uma historiadora...

– Sou uma historiadora e estou acostumada a lidar com línguas arcaicas, mas dentro de limites. Isso é antigo demais para mim. Eu talvez consiga entender uma ou outra palavra, mas não o suficiente para ser útil.

– Ótimo – disse Seldon. – Se é tão antigo assim, será muito útil.

– Não, se você não conseguir ler.

– Eu consigo ler – respondeu Seldon. – É bilíngue. Você não acha que Orvalho Quarenta e Três consegue ler escritos antigos, acha?

– Se ela tiver sido educada para tanto, por que não?

– Porque eu imagino que as mulheres em Mycogen não sejam educadas em nada além de serviços domésticos. Alguns dos homens mais cultos devem conseguir, mas todos os outros precisariam de uma tradução para o Galáctico. – Seldon apertou outro pequeno botão. – E o Livro oferece essa alternativa.

As linhas mudaram para o Padrão Galáctico.

– Incrível! – admirou-se Dors.

– Nós podíamos aprender com esses mycogenianos, mas não aprendemos.

– Não sabíamos do Livro.

– Não posso acreditar. Agora, eu sei disso. E você sabe disso. Estrangeiros devem visitar Mycogen de vez em quando, por motivos comerciais ou políticos, ou não haveria toucas prontas para uso. Portanto, alguém deve ter tido um vislumbre ocasional desse tipo de livro e visto como ele funciona, mas provavelmente o ignorou, considerando-o apenas um objeto curioso que não mereceria estudos mais aprofundados, simplesmente por ser mycogeniano.

– Mas ele merece estudos mais aprofundados?

– Claro que sim. Tudo merece. Ou deveria merecer. Hummin provavelmente apontaria a falta de interesse por esses livros como um sinal da degeneração do Império. – Ele ergueu o Livro e, com súbito entusiasmo, continuou: – Mas *eu* estou curioso e *eu* me dedicarei à leitura. Isso talvez me aproxime da psico-história.

– Espero que sim – disse Dors –, mas, se quiser o meu conselho, é melhor dormir primeiro e começar amanhã de manhã, descansado. Você não aprenderá nada se dormir em cima do Livro.

Seldon hesitou.

– Como você é maternal! – ele acusou.

– Estou cuidando de você.

– Mas eu tenho uma mãe em Helicon. Eu preferiria que você fosse minha amiga.

– Eu sou sua amiga desde que nos conhecemos.

Ela sorriu e Seldon hesitou, na dúvida do que seria uma resposta apropriada.

– Então seguirei seu conselho de amiga – disse, enfim –, e vou dormir antes de ler.

Ele fez menção de deixar o Livro na pequena mesa entre as duas camas, hesitou, virou e o colocou sob o travesseiro.

Dors Venabili riu calorosamente.

– Acho que você está com medo de que eu acorde durante a noite e leia partes do Livro antes de você – disse. – É isso?

– Bom... – respondeu Seldon, tentando não parecer constrangido –, talvez sim. Até amizade tem limites e o Livro é *meu* e a psico-história é *minha*.

– Concordo – disse Dors – e prometo que não brigaremos por causa disso. Aliás, você ia dizer algo agora há pouco, e eu o interrompi. Lembra-se?

Seldon pensou por um instante.

– Não – respondeu.

No escuro, ele só conseguia pensar no Livro. Não chegou a lembrar da história da mão na coxa. Na verdade, já tinha se esquecido dela – pelo menos conscientemente.

48

Venabili acordou e, pelo bracelete temporal, viu que o período noturno estava na metade. Ela percebeu que a cama de Hari estava vazia, pois não escutou os roncos. Se ele não tivesse saído do apartamento, só podia estar no banheiro.

– Hari? – ela disse baixinho, batendo de leve na porta.

– Entre – ele respondeu, com voz distante, e ela entrou.

A tampa da privada estava abaixada e Seldon, sentado sobre ela, tinha o Livro aberto no colo.

– Estou lendo – explicou, sem necessidade.

– Sim, vejo que está. Mas por quê?

– Não consegui dormir. Me desculpe.

– Mas por que ler aqui?

– Se eu tivesse acendido a luz do quarto, teria acordado você.

– Tem certeza de que o Livro não se autoilumina?

– Sim. Quando Orvalho Quarenta e Três explicou sobre o funcionamento, em nenhum momento mencionou iluminação. Além disso, imagino que isso gastaria muita energia e a bateria não seria suficiente para durar a vida útil do Livro. – Seldon parecia insatisfeito.

– Então saia, por favor – disse Dors. – Quero usar o banheiro, já que estou aqui.

Quando ela voltou para o quarto, agora bem iluminado, encontrou Seldon sentado na cama, com as pernas cruzadas, ainda lendo.

– Você não parece contente – ela comentou. – O Livro é uma decepção?

– Sim – respondeu Seldon, olhando para ela. – Li alguns trechos, aqui e ali. Foi o que deu tempo de fazer. Esta coisa é uma enciclopédia virtual e o sumário é praticamente uma lista de pessoas e lugares que não têm muita utilidade para os meus propósitos. Não tem nada a ver com o Império Galáctico nem com os reinos pré-imperiais. Fala basicamente sobre um único mundo e, pelo que pude perceber com base no que li, é um ensaio infinito sobre políticas internas.

– Talvez você esteja subestimando a época. Talvez seja sobre um período em que esse mundo era mesmo o único... Um único planeta habitado.

– Sim, eu sei – disse Seldon, um tanto impaciente. – Na verdade, é isso que eu quero, desde que possa ter certeza de que é fato histórico, e não lenda. Mas tenho minhas dúvidas. Não quero acreditar nisso simplesmente por ter vontade.

– Essa questão da origem a partir de um mundo está em voga hoje em dia – respondeu Dors. – Os seres humanos são a única espécie que se espalhou por toda a Galáxia, portanto devem ter se originado em *algum* lugar. Pelo menos, é a visão popular atual. É impossível que origens independentes resultem na mesma espécie ocupando diversos mundos.

– Mas eu nunca enxerguei a razão de esse argumento ser absoluto – disse Seldon. – Caso os seres humanos tenham surgido em vários mundos como espécies diferentes, por que não poderiam ter procriado e gerado algum tipo de espécie intermediária única?

– Porque espécies não podem cruzar entre si. É o que as caracteriza

como espécies.

Seldon pensou no assunto por um momento e, então, deu de ombros.

– Deixarei essa para os biólogos – disse.

– Os mais favoráveis à hipótese da Terra são exatamente eles.

– Terra? É assim que se referem ao suposto mundo de origem?

– É um nome popular, apesar de ser impossível comprovar se o nome era esse, supondo que houvesse um nome. E ninguém tem a menor ideia de onde esse planeta estaria localizado.

– Terra! – disse Seldon, torcendo a boca. – Para mim, parece um som de escarro. De qualquer maneira, se o Livro fala sobre o mundo original, ainda não encontrei nenhuma referência. Como se soletra a palavra?

Dors soletrou e ele verificou o Livro rapidamente.

– Com essas letras, o nome não está listado no sumário, nem se for soletrado de jeitos parecidos.

– É mesmo?

– Além disso, eles chegam a mencionar outros mundos, de passagem. Não oferecem nomes e parece não haver interesse por esses outros mundos, a não ser quando eles têm influência direta sobre esse mundo local de que falam... Pelo menos é o que constatei no que pude ler. Em um trecho, eles falam sobre “Os Cinquenta”. Não sei o que querem dizer. Cinquenta líderes? Cinquenta setores? Me parece que se refere a cinquenta planetas.

– Eles deram algum nome para esse planeta que parece dominar suas mentes? – perguntou Dors. – Se eles não o chamam de Terra, do que chamam?

– Como é de se esperar, chamam de “o mundo” ou “o planeta”. Às vezes, chamam de “o Antiquíssimo” ou “o Mundo da Alvorada”, o que deve ter algum significado poético que não é claro para mim. Imagino que seja necessário ler o Livro do início ao fim para que algumas questões façam mais sentido. – Ele olhou para o Livro em sua mão, com desgosto. – Porém, isso levará um bom tempo, e não tenho certeza de que saberei mais ao terminá-lo.

– Sinto muito, Hari – suspirou Dors. – Você parece tão decepcionado.

– É porque *estou* decepcionado mesmo. Mas a culpa é minha. Eu não deveria ter criado tantas expectativas... – Seldon fez uma pausa e

continuou: – Pensando melhor, em um trecho eles se referem a esse mundo como “Aurora”.

– Aurora? – perguntou Dors, erguendo as sobrancelhas.

– Me parece um nome apropriado. Não consigo ver nenhum sentido para o termo além desse. Significa alguma coisa para você, Dors?

– Aurora – repetiu Dors, pensativa, com as sobrancelhas franzidas. – Não posso dizer que já ouvi falar em um planeta com esse nome ao longo da história do Império Galáctico nem tampouco no período de sua ascensão, mas não tenho a pretensão de saber o nome de cada um dos vinte e cinco milhões de mundos. Podemos pesquisar na biblioteca da universidade, se algum dia voltarmos a Streeling. Não adianta tentarmos encontrar uma biblioteca aqui em Mycogen. Tenho a sensação de que todo o conhecimento dos mycogenianos está no Livro. Se não estiver no Livro, eles não têm interesse.

– Acho que você está certa – disse Seldon, bocejando. – De qualquer jeito, não adianta continuar a leitura e eu duvido que consiga manter meus olhos abertos por mais tempo. Tudo bem se eu apagar a luz?

– Ótima ideia, Hari. E é melhor dormirmos até um pouco mais tarde.

Então, no escuro, Seldon disse:

– É claro que algumas coisas que eles falam são ridículas. Por exemplo, eles se referem a uma expectativa de vida entre três e quatro séculos, nesse tal mundo.

– Séculos?

– Sim, eles contam a idade por décadas, e não por anos. Dá uma sensação estranha... Eles narram tudo de forma tão prosaica que, quando mencionam algo tão inusitado, você quase cai na armadilha de acreditar.

– Se você sentir que está quase acreditando, saiba que muitas lendas de origens primitivas falam sobre vidas mais longas para líderes do passado. Se eles são retratados como heróis impossíveis, é natural que tenham uma longevidade condizente, entende?

– É mesmo? – disse Seldon, bocejando mais uma vez.

– Sim. E a cura para ingenuidade excessiva é dormir e então reconsiderar as questões no dia seguinte.

E, depois de conseguir pensar apenas que uma expectativa de vida mais longa era provavelmente uma necessidade para qualquer pessoa

que tentasse compreender uma Galáxia de pessoas, Seldon dormiu.

49

Na manhã seguinte, relaxado, renovado e com disposição para recomeçar o estudo do Livro, Hari perguntou a Dors:

– Quantos anos você acha que as irmãs Orvalho têm?

– Eu não sei... Vinte? Vinte e dois?

– Vamos supor que elas *de fato* vivam por três ou quatro séculos...

– *Hari*. Isso é ridículo.

– Estou dizendo "vamos supor". Em matemática, dizemos "vamos supor" o tempo todo e verificamos se isso leva a algo evidentemente falso ou autocontraditório. Uma vida mais longa provavelmente significaria um período mais longo de desenvolvimento. Elas podem aparentar vinte e poucos anos e ter, na verdade, sessenta e poucos.

– Você pode perguntar a elas.

– É possível que elas mintam.

– Procure as certidões de nascimento.

Seldon sorriu com um dos cantos da boca e respondeu:

– Eu aposto o que você quiser (até mesmo algumas horas na cama, se estiver disposta) que elas vão dizer que não têm registros ou, se tiverem, insistirão que esses registros são proibidos para tribalistas.

– Sem apostas – respondeu Dors. – E, se isso for verdade, é inútil tentarmos chegar a alguma conclusão sobre a idade delas.

– Não é, não. Pense por um instante. Se os mycogenianos têm vidas quatro ou cinco vezes mais longas do que a dos seres humanos comuns, eles não podem gerar muitas crianças sem expandir consideravelmente a população. Você se lembra de que Mestre Solar falou algo sobre *não* aumentar a população, e que foi um tanto agressivo ao afirmar isso, não lembra?

– Aonde quer chegar? – perguntou Dors.

– Quando eu estava com Orvalho Quarenta e Três, não vi nenhuma criança.

– Nas microfazendas?

– Sim.

– Você esperava ver crianças por lá? Eu estive com Orvalho Quarenta e Cinco nas lojas e nos níveis residenciais e garanto que vi

diversas crianças de todas as idades, inclusive bebês. Havia uma quantidade considerável.

– Ah – Seldon pareceu desapontado. – Isso significa que eles não podem ter expectativas de vida mais longas do que o normal.

– Pela sua linha de raciocínio, eu diria que não – respondeu Dors. – Você achou mesmo que tinham?

– Não, na verdade não. Mas você também não pode fechar a mente e fazer suposições sem testá-las de alguma forma.

– Mas, se parar para investigar coisas que são claramente absurdas, pode acabar perdendo muito tempo.

– Algumas coisas que *parecem* absurdas podem não ser. É isso que quero dizer. Aliás, você é a historiadora. Em sua área, já encontrou alguma coisa sobre objetos ou fenômenos chamados "robôs"?

– Ah! Você está se referindo a outra lenda, uma lenda muito popular. Existe uma grande quantidade de mundos que acredita na existência de máquinas com formas humanas em períodos pré-históricos. Essas máquinas são chamadas "robôs". As histórias com robôs são provavelmente derivadas de uma lenda primária, pois a temática geral é a mesma. Os robôs foram criados e cresceram tanto em número como em habilidades, a ponto de se tornarem quase super-humanos. Eles ameaçaram a humanidade e, por isso, foram destruídos. Em todos os relatos, a destruição aconteceu antes da existência dos registros históricos confiáveis que estão disponíveis hoje. O senso comum é de que essas lendas são figuras simbólicas dos riscos e perigos da exploração galáctica, quando os seres humanos saíram do mundo, ou mundos, que eram originalmente seu lar. Decerto, o medo de encontrar outras inteligências, inteligências *superiores*, era constante.

– Talvez tenham encontrado pelo menos uma, e isso deu origem à lenda.

– Exceto que não existe nenhum registro ou traço de inteligências pré-humanas ou não humanas em nenhum dos mundos colonizados.

– Mas por que "robô"? A palavra tem algum significado?

– Que eu saiba, não, mas é equivalente ao nosso "autômato".

– Autômatos! Ora, por que não usam essa palavra?

– As pessoas gostam de usar termos arcaicos para incrementar os relatos sobre lendas antigas. Aliás, por que tantas perguntas sobre isso?

– Porque eles mencionam robôs no Livro mycogeniano. E são muito favoráveis a eles, por sinal... Escute, Dors, você vai sair de novo com Orvalho Quarenta e Cinco esta tarde, não vai?

– Teoricamente sim, se ela vier.

– Você pode perguntar algumas coisas e tentar conseguir as respostas?

– Posso tentar. Quais são as perguntas?

– Eu gostaria de saber, da maneira mais diplomática possível, se existe algum tipo de estrutura em Mycogen que seja especialmente importante, que esteja conectada ao passado, que tenha uma espécie de valor mítico, que possa...

– Você está tentando perguntar – interrompeu Dors, tentando não sorrir – se Mycogen tem um templo.

Inevitavelmente, Seldon não entendeu.

– O que é um templo? – perguntou.

– Outro termo arcaico de origem desconhecida. Significa todas essas coisas que você disse: importância, passado, mito. Pois bem, vou perguntar. Mas é o tipo de coisa sobre a qual eles talvez tenham dificuldade para conversar. Especialmente com tribalistas.

– Ainda assim, por favor, tente.

SACRATÓRIO

SACRATÓRIO

——— Aurora…

Um mundo mítico, supostamente habitado em tempos primevos, durante o alvorecer das viagens interestelares. É considerado, por alguns, o talvez igualmente mítico “mundo original” da humanidade, e seu nome alternativo seria “Terra”. De acordo com boatos, os moradores do Setor Mycogen (q.v.) da parte antiga de Trantor consideravam-se descendentes dos habitantes de Aurora, e tal doutrina era o alicerce de seu sistema de crenças, sobre o qual quase nada se sabe…

Enciclopédia Galáctica

50

As irmãs Orvalho chegaram na metade da manhã. Orvalho Quarenta e Cinco parecia alegre como sempre, mas Orvalho Quarenta e Três parou logo depois de passar pela porta, em uma postura retraída e circunspecta. Ela manteve os olhos abaixados e não olhou para Seldon nem de relance.

Seldon não soube como reagir e fez um gesto para Dors.

– Um momento, irmãs – disse Dors, com um tom animado e prático. – Preciso dar instruções ao meu homem, ou ele não saberá o que fazer hoje.

Eles foram ao banheiro.

– Há alguma coisa errada? – sussurrou Dors.

– Sim. Orvalho Quarenta e Três está obviamente abalada. Por favor, diga a ela que devolverei o Livro assim que possível.

Dors olhou para Seldon por um momento, com uma expressão de surpresa.

– Hari – ela disse –, você é uma pessoa amável e carinhosa, mas tem o bom senso de uma ameba. Se eu mencionar o Livro à pobrezinha, ela saberá que você me contou tudo sobre o que aconteceu ontem e aí ficará abalada *mesmo*. O único jeito é tratá-la da mesma maneira que eu trataria normalmente.

– Você está certa – Seldon concordou com a cabeça, sem ânimo.

Dors voltou na hora do jantar e encontrou Seldon em sua cama, ainda folheando o Livro, mas com mais impaciência.

Ele olhou para ela, zangado.

– Se vamos ficar aqui por mais tempo – disse –, precisaremos de algum tipo de aparelho de comunicação entre nós. Eu não tinha ideia de quando você voltaria e fiquei um tanto preocupado.

– Ora, aqui estou – ela respondeu, tirando a touca com cuidado e olhando para o acessório com desgosto. – Fico contente com sua preocupação. Achei que você estaria tão perdido no Livro que nem perceberia minha ausência.

Seldon bufou.

– Quanto a aparelhos de comunicação – continuou Dors –, duvido que seja fácil adquiri-los em Mycogen. Isso facilitaria a comunicação com os tribalistas vizinhos e imagino que os líderes de Mycogen estejam determinados a impedir toda interação possível com a grande vastidão além das fronteiras.

– Sim – disse Seldon, jogando o Livro para o lado –, era o que eu imaginava a partir do que vi no Livro. Você conseguiu descobrir algo sobre o... Qual foi o termo que usou? Templo?

– Sim – ela respondeu, tirando as faixas que lhe cobriam as sobrancelhas. – Ele existe. São vários espalhados pelo setor, mas há um prédio central que parece ser o mais importante. Você acredita que uma mulher reparou em meus cílios e disse que eu não deveria aparecer em público? Tive a sensação de que ela me acusaria de atentado ao pudor.

– Deixe isto para lá – disse Seldon, impaciente. – Você sabe qual é a localização do templo central?

– Peguei as indicações do caminho, mas Orvalho Quarenta e Cinco me alertou que mulheres não têm permissão para entrar, exceto em ocasiões especiais, e nenhuma acontecerá em breve. Chama-se Sacratório.

– O quê?

– Sacratório.

– Que palavra feia. O que quer dizer?

Dors fez um gesto negativo com a cabeça.

– É um termo novo para mim. E nenhuma das irmãs sabia o significado. Para elas, Sacratório não é o nome do prédio, e sim o que ele é. Perguntar por que elas o chamam assim provavelmente foi como perguntar por que chamam a parede de “parede”.

– Mas elas sabem *alguma coisa* sobre ele?

– Claro que sim, Hari. Sabem para que serve. É um lugar dedicado a algo além da vida aqui em Mycogen. É dedicado a outro mundo, um mundo do passado, um mundo melhor.

– Você quer dizer o mundo em que eles viviam?

– Exato. Faltou apenas que Orvalho Quarenta e Cinco se referisse diretamente a ele, mas ela não conseguiu dizer a palavra.

– Aurora?

– Essa é a palavra, mas imagino que, se você a pronunciasse em voz

alta para um grupo de mycogenianos, eles ficariam surpresos e horrorizados. Orvalho Quarenta e Cinco, quando disse "o Sacratório é dedicado a..." parou e usou um dedo para escrever cuidadosamente as letras na palma da mão, uma a uma. E ficou ruborizada, como se estivesse fazendo algo obsceno.

– Estranho – comentou Seldon. – Se o Livro for uma referência confiável, Aurora é a memória mais preciosa dos mycogenianos, seu principal ponto de unificação, o centro em torno do qual o setor inteiro gira. Por que a menção seria considerada obscena? Você tem certeza de que não entendeu errado o que a irmã dizia?

– Absoluta. E talvez não seja algo tão incompreensível. Discussões excessivas sobre o assunto acabariam chegando aos tribalistas. A melhor maneira de manter o segredo entre eles é fazer a simples menção de o termo ser tabu.

– Tabu?

– Um termo específico da antropologia. Refere-se a uma pressão social séria e efetiva que proíbe algum tipo de ação. É provável que o fato de as mulheres não poderem entrar no Sacratório tenha a força de um tabu. Tenho certeza de que uma irmã ficaria horrorizada se fosse sugerido que ela invadisse o templo.

– As indicações do caminho são suficientes para que eu consiga chegar lá sozinho?

– Em primeiro lugar, Hari, você não vai sozinho. Eu vou com você. Achei que já tínhamos discutido a questão e deixei claro que não posso protegê-lo a distância... não de chuvas de granizo ou de mulheres selvagens. Em segundo lugar, ir a pé até lá é impossível. Mycogen pode ser um setor pequeno no que diz respeito a setores, mas não é *tão* pequeno assim.

– Então, por uma via expressa.

– Não há vias expressas no território mycogeniano. Isso faria com que o contato entre mycogenianos e tribalistas fosse fácil demais. Ainda assim, existem transportes públicos do tipo que pode ser encontrado em planetas menos desenvolvidos. Aliás, Mycogen é isso: um pedaço de um planeta subdesenvolvido fincado como uma farpa no corpo de Trantor, que é uma rede de sociedades desenvolvidas... E, Hari, termine o Livro o mais rápido possível. Orvalho Quarenta e Três está correndo risco enquanto você estiver com ele, e nós também correremos, se descobrirem.

– Você quer dizer que um tribalista ler o Livro é tabu?

– Tenho certeza que sim.

– Não seria uma grande perda devolvê-lo. Eu diria que 95% dele é inacreditavelmente tedioso. Disputas infinitas entre partidos políticos internos, justificativas infinitas para políticas cuja sabedoria eu não tenho como julgar, sermões infinitos sobre assuntos éticos que, mesmo quando são construtivos (e geralmente não são), vêm em um discurso de virtuosidade tão hipócrita que quase imploram para ser violados.

– Parece que eu estaria fazendo um grande favor ao tirar o Livro de suas mãos.

– O problema é que há os 5% que abordam "o mundo que não pode ser mencionado", Aurora. Fico com a sensação de que talvez haja alguma coisa que possa me ser útil. Foi por isso que eu quis mais informações sobre o Sacratório.

– Você espera encontrar algo que fortaleça o conceito de Aurora no Sacratório?

– De certa maneira. E também estou intrigado com o que o Livro diz sobre os autômatos; robôs, para usar o termo deles. Estou muito interessado no conceito.

– Mas você não o leva a sério, leva?

– Quase. Se você interpretar de forma literal algumas passagens do Livro, há sugestões de que alguns robôs tinham aparência humana.

– Naturalmente. Se você faz um simulacro de um ser humano, fará com que se *pareça* com um ser humano.

– Sim, simulacro quer dizer "imitação", mas uma imitação pode ser bastante crua. Um artista pode desenhar um boneco com traços e você talvez reconheça que ele está representando um ser humano. Um círculo para a cabeça, uma haste para o tronco, quatro linhas para braços e pernas, e pronto. Mas estou falando de robôs que parecem seres humanos *de verdade*, em todos os detalhes.

– Ridículo, Hari. Imagine o tempo que seria necessário para esculpir um corpo de metal em proporções perfeitas, com a curvatura suave dos músculos que existem sob a pele.

– Quem falou em metal, Dors? A impressão que tenho é de que os tais robôs eram orgânicos ou pseudo-orgânicos, cobertos de pele, e que não era fácil perceber quaisquer distinções entre eles e seres humanos.

– O Livro diz *isso*?

– Não em tantas palavras. Mas a conclusão é...

– A conclusão é *sua*, Hari. Você não pode levar tão a sério.

– Deixe-me tentar. Baseado no que o Livro diz sobre robôs, cheguei a quatro deduções possíveis, e analisei todas as referências do sumário. Em primeiro lugar, como eu já disse, eles (ou alguns deles) têm a aparência exata de seres humanos. Segundo, tinham expectativa de vida bastante longa, se você quiser usar esse termo.

– Melhor dizer "funcionamento" – respondeu Dors –, ou em breve você começará a pensar neles como seres humanos completos.

– Terceiro – continuou Seldon, ignorando o comentário –, alguns, ou pelo menos um deles, continua vivo até hoje.

– Hari, essa é uma das lendas mais difundidas que temos. O herói da antiguidade não morre. Ele fica em animação suspensa, pronto para retornar e salvar seu povo em um momento de grande necessidade. *Francamente*, Hari.

Seldon, ainda sem comprar briga, prosseguiu:

– Quarto, há alguns trechos que parecem indicar que no templo central (o Sacratório, se for isso mesmo, pois não encontrei essa palavra no Livro) há um robô.

Ele fez uma pausa.

– Você entende? – perguntou, enfim.

– Não. O que eu deveria entender?

– Se combinarmos as quatro deduções, talvez haja um robô idêntico a um ser humano, ainda vivo e que possivelmente esteve vivo pelos últimos vinte mil anos, no Sacratório.

– Deixe disso, Hari. Você não pode acreditar no que está dizendo.

– Eu não acredito inteiramente, mas também não posso ignorar. E se for verdade? Eu admito que é uma chance em um milhão, mas e se for verdade? Você entende quão útil ele seria para mim? Ele poderia *se lembrar* de como era a Galáxia muito antes de qualquer registro histórico confiável. Ele pode ajudar a tornar a psico-história possível.

– Mesmo que seja verdade, você acha que os mycogenianos permitiriam que você visse e entrevistasse o robô?

– Não pretendo pedir permissão. Acho que o primeiro passo é ir até lá e ver se há alguma coisa para entrevistar.

– Não agora. Esperemos pelo menos até amanhã. E, se você não tiver mudado de ideia até lá, *nós* vamos.

– Você mesma disse que eles não permitem mulheres...

– Tenho certeza de que eles permitem que as mulheres observem do lado de fora, e imagino que isso é tudo o que conseguiremos fazer.

Ela foi inflexível.

51

Seldon estava totalmente disposto a permitir que Dors liderasse a expedição. Ela estivera nas ruas principais de Mycogen e estava mais familiarizada com o setor do que ele.

Mas Dors Venabili, com as sobrancelhas franzidas, não ficou muito contente com a ideia.

– Você sabe que podemos nos perder facilmente, não sabe? – perguntou.

– Não com este folheto – disse Seldon.

– Estamos falando de Mycogen, Hari – ela olhou para ele, impaciente. – O que eu deveria ter é um compumapa, algo ao qual pudesse fazer perguntas. Essa versão mycogeniana é apenas um pedaço de plástico dobrável. Não posso dizer a esse treco onde estou; não por reconhecimento vocal nem por digitação. E ele não pode me dizer nada. É uma coisa *impressa*.

– Então leia o que está escrito.

– É o que estou tentando fazer, mas ele foi escrito para pessoas já familiarizadas com o sistema. Vamos precisar perguntar a alguém.

– Não, Dors. Somente em último caso. Não quero chamar a atenção. Prefiro que a gente se arrisque e tente encontrar nosso próprio caminho, mesmo que isso signifique seguir por um ou outro caminho errado.

Dors leu o folheto com atenção.

– Pelo menos isso aqui fala bastante sobre o Sacratório – disse, rancorosa. – É de se esperar. Todo mundo em Mycogen deve querer visitá-lo, mais cedo ou mais tarde. – Depois de ler mais um pouco, continuou: – Veja isso. Não existe transporte público direto para lá.

– Como é?

– Não fique nervoso. Parece que há um jeito de irmos daqui para outro ponto, e dali podemos pegar um transporte que nos leve até o Sacratório. Precisaremos trocar no meio do caminho.

– Ora, é claro – Seldon relaxou. – Em Trantor, é impossível chegar

à metade dos destinos sem que você precise trocar de transporte no caminho.

– Sim, eu sei disso – Dors encarou Seldon com impaciência. – É que estou acostumada que essas coisas sejam *ditas* pelos mapas. Quando se espera que você descubra por conta própria, as coisas mais simples podem demorar para ficar claras.

– Tudo bem, querida. Não se exalte. Se agora você sabe o caminho, vamos partir. Eu a seguirei com humildade.

E assim ele o fez, até que os dois chegaram a um cruzamento, onde pararam.

Três homens de túnicas brancas e duas mulheres de túnicas cinza estavam no cruzamento. Seldon arriscou um sorriso universal e neutro. Eles responderam com olhares vazios e não deram atenção.

Então chegou o transporte. Era uma versão antiquada do que, em Helicon, se chamava de graviônibus. Dentro dele havia cerca de vinte bancos estofados, um atrás do outro, cada um com espaço para quatro pessoas. Cada banco tinha suas próprias portas, em ambos os lados. Quando o veículo parava, entravam e saíam passageiros pelos dois lados. (Por um momento, Seldon ficou preocupado com as pessoas que desciam pelo lado que se abria para o tráfego, mas então percebeu que todos os outros veículos que se aproximavam por qualquer direção paravam ao chegar perto do graviônibus. Nenhum tentava ultrapassar enquanto o graviônibus estivesse parado.)

Impaciente, Dors empurrou Seldon e ele foi até um banco em que havia dois assentos disponíveis. Dors foi em seguida. (Ele percebeu que os homens subiam e desciam do graviônibus antes das mulheres.)

– Pare de analisar a humanidade – ela murmurou para ele. – Preste atenção no entorno.

– Vou tentar.

– Por exemplo – ela disse, e apontou para uma tela emoldurada na parte de trás do banco imediatamente à frente; havia uma tela atrás de cada banco. Assim que o veículo começou a se mover, surgiram palavras na tela, informando o nome da próxima parada e estruturas ou passarelas importantes que estavam por perto. – Isso provavelmente nos avisará quando chegarmos perto do ponto que queremos. Pelo menos, o setor não é *totalmente* incivilizado.

– Ótimo – respondeu Seldon. Depois de um momento, ele se inclinou na direção de Dors e sussurrou: – Ninguém está olhando para

nós. Parece que existem limites artificiais para preservar a privacidade individual em qualquer lugar público. Você reparou?

– Eu achei que sempre fosse assim. Se isso virar uma regra para a sua psico-história, ninguém ficará impressionado.

Como Dors adivinhara, a tela à frente deles anunciou a aproximação do ponto em que eles trocariam de veículo para pegar a linha direta até o destino.

Eles saíram e, mais uma vez, esperaram. Alguns graviônibus já tinham se distanciado daquele cruzamento, mas outro se aproximava. Estavam em uma rota movimentada, o que não era uma surpresa: o Sacratório era, provavelmente, o coração do setor.

Eles entraram no graviônibus.

– Não pagamos nossa passagem – sussurrou Seldon.

– De acordo com o mapa, o transporte público é um serviço gratuito.

– Que civilizado – Seldon contraiu o lábio inferior, impressionado. – Acho que nada é absoluto. Primitivismo, arcaísmo... Nada.

Dors o cutucou com o cotovelo.

– Sua regra foi quebrada – sussurrou. – Estamos sendo vigiados. O homem à sua direita.

52

Seldon olhou para o lado o suficiente para vislumbrar, pela visão periférica, o homem à sua direita. Era um homem magro e parecia bastante velho. Tinha olhos castanho-escuros e pele negra, e Seldon tinha certeza de que ele teria cabelos pretos, se não tivessem sido depilados.

Ele olhou para a frente mais uma vez, pensativo. Era um irmão deveras atípico. Os poucos mycogenianos nos quais ele prestara alguma atenção eram altos, com pele clara e olhos azuis ou cinza. Mas ele não tinha visto tantos assim para fazer generalizações, claro.

Seldon percebeu um discreto toque na manga direita de sua túnica. Ele se virou, hesitante, e seus olhos encontraram um cartão em que estava escrito “CUIDADO, TRIBALISTA!”.

Ele se assustou e automaticamente colocou a mão na touca.

– Cabelos – formularam os lábios do homem ao seu lado, sem

emitir som.

A mão de Seldon encontrou a falha: alguns cabelos espetados em sua têmpora. Em algum momento, ele deslocara a touca. Ajustou a touca o mais rápida e discretamente possível e, fingindo que acariciava a cabeça, deixou-a mais confortável.

Ele se virou na direção de seu vizinho e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Obrigado – formaram seus lábios, silenciosamente.

Seu vizinho sorriu.

– Indo para o Sacratório? – perguntou o homem, com voz normal.

– Sim, estou – respondeu Seldon, concordando com a cabeça.

– Foi fácil adivinhar. Eu também estou. Vamos descer juntos? – seu sorriso era amigável.

– Estou com a minha... a minha...

– Com a sua mulher. É claro. Nós três, então?

Seldon não sabia como reagir. Uma olhadela na outra direção fez com que ele percebesse que Dors olhava rigidamente para a frente. Ela não demonstrava nenhum interesse pela conversa entre os homens; uma atitude adequada para uma irmã. Ainda assim, Seldon sentiu um leve toque em seu joelho esquerdo, que considerou (talvez com poucos motivos para tanto) como um "está tudo bem", e era o que sua cortesia natural também lhe dizia.

– Sim, certamente – respondeu.

Não houve mais conversa até que a tela de orientação indicou que estavam chegando ao Sacratório, e o amigo mycogeniano de Seldon se levantou para descer.

O graviônibus fez uma curva aberta em torno de uma área ampla e houve um êxodo geral quando o veículo parou, com os homens andando na frente das mulheres para saírem primeiro. As mulheres saíram em seguida.

A voz do mycogeniano tinha certa rouquidão causada pela idade, mas era alegre.

– Está um pouco cedo para o almoço, meu... *meus* amigos, mas acreditem em mim quando digo que isso aqui ficará lotado muito em breve. O que acham de comprar alguma refeição simples e comer aqui fora? Estou bem familiarizado com esta área e conheço um lugar gostoso.

Seldon pensou que aquilo poderia ser uma estratégia para levar

tribalistas inocentes a algum lugar duvidoso ou de preço muito alto, mas decidiu arriscar.

– O senhor é muito gentil – disse. – Como não conhecemos este lugar, ficamos contentes por seguir a sua indicação.

Eles compraram o almoço – sanduíches e uma bebida parecida com leite – em um quiosque. Estava um dia lindo e eles eram visitantes, disse o senhor mycogeniano, e, portanto, iriam para a área do Sacratório e comer a céu aberto, para ficarem mais familiarizados com a região.

Durante a caminhada, carregando seus lanches, Seldon percebeu que o Sacratório era parecido com o Palácio Imperial em uma escala bastante diminuta, e que a área ao redor era semelhante à área do palácio, mas em uma escala minúscula. Ele mal podia acreditar que o povo mycogeniano admirasse a instituição imperial ou que a considerasse com qualquer outro sentimento além de ódio e desprezo, mas, aparentemente, o monumento diante dele era para ser enxergado da maneira oposta ao que ele esperava.

– É magnífico – disse o mycogeniano, com orgulho óbvio.

– Sim – concordou Seldon. – E como brilha na luz do dia!

– A área em seu entorno – continuou o mycogeniano – foi construída como uma imitação da área do governo em nosso Mundo da Alvorada... Em miniatura, claro.

– Você já viu a região em torno do Palácio Imperial? – perguntou Seldon, com cuidado.

O mycogeniano percebeu a implicação e não pareceu se abalar.

– Eles *também* copiaram o Mundo da Alvorada da melhor forma que puderam – respondeu.

Seldon tinha imensas dúvidas sobre aquilo, mas não disse nada.

Eles chegaram a um banco semicircular de geolita branca que reluzia sob a luz do sol, assim como o Sacratório.

– Ótimo – exclamou o mycogeniano, com os olhos brilhando de satisfação. – Ninguém pegou o meu lugar. Chamo de meu apenas porque é o meu banco favorito. Ele garante uma vista maravilhosa da parede lateral do Sacratório, depois daquelas árvores. Por favor, sente-se. Não está frio, eu garanto. E sua companheira, ela é bem-vinda a se juntar a nós. Eu sei que ela é uma tribalista e tem costumes diferentes. Ela... ela pode falar, se quiser.

Dors o encarou duramente e se sentou.

Seldon, reconhecendo o fato de que talvez ficassem por algum tempo com o senhor mycogeniano, estendeu a mão para cumprimentá-lo.

– Meu nome é Hari e minha companheira é Dors. Lamento, mas nós não usamos números.

– Pessoas diferentes, costumes diferentes – disse o outro, expansivo. – Eu sou Micélio Setenta e Dois. Somos uma coorte grande.

– Micélio? – perguntou Seldon, um tanto hesitante.

– Você parece surpreso – observou Micélio. – Então imagino que tenha conhecido apenas membros de nossas famílias Anciãs. Nomes como Nuvem, Luz do Sol e Luz Estelar. Todos astronômicos.

– Devo admitir que...

– Pois bem, você acaba de conhecer uma das classes mais baixas. Nossos nomes vêm do solo e dos micro-organismos que cultivamos. Perfeitamente respeitáveis.

– Tenho certeza que sim – respondeu Seldon – e, mais uma vez, obrigado por me ajudar com o meu... problema no graviônibus.

– Escute – disse Micélio Setenta e Dois –, eu o salvei de um grande problema. Se uma irmã tivesse visto antes de mim, ela teria gritado e os irmãos mais próximos o teriam jogado para fora do graviônibus, talvez sem nem esperar que ele parasse.

Dors inclinou-se para que pudesse ver Micélio ao lado de Seldon.

– E por que o *senhor* não agiu dessa maneira?

– Eu? Não tenho nenhuma animosidade contra tribalistas. Sou um estudioso.

– Um estudioso?

– O primeiro da minha coorte. Estudei na Escola do Sacratório e fui um ótimo aluno. Sou versado em todas as artes antigas e tenho licença para entrar na biblioteca tribalista, em que os livros-filmes e os livros impressos de autores tribalistas são mantidos. Posso visualizar qualquer livro-filme e ler qualquer livro que quiser. Temos, inclusive, uma biblioteca de referências computadorizadas e posso usá-la também. Esse tipo de coisa abre a sua mente. Não me importo com um pouco de cabelo exposto. Já vi diversas fotos de homens com cabelos. E de mulheres também – ele lançou um olhar rápido na direção de Dors.

Os três comeram em silêncio durante algum tempo.

– Não pude deixar de notar – disse Seldon, enfim –, que todos os

irmãos que entram e saem do templo usam uma faixa vermelha.

– Oh, sim – respondeu Micélio Setenta e Dois. – Por cima do ombro esquerdo até o lado direito da cintura. Geralmente, têm bordados muito sofisticados.

– Por quê?

– Chama-se “obiá”. Simboliza a alegria de se entrar no Sacratório e o sangue a ser derramado para protegê-lo.

– Sangue? – perguntou Dors, franzindo as sobrancelhas.

– Apenas simbólico. Nunca ouvi falar de sangue derramado no Sacratório. Aliás, também não há muita alegria. Na maior parte do tempo, é apenas lamentação, luto e súplica pelo Mundo da Alvorada. – O tom de sua voz diminuiu. – Umas tolices.

– Você não... acredita nessas coisas? – disse Dors.

– Sou um estudioso – respondeu Micélio, com orgulho evidente. Seu rosto se enrugou conforme ele sorriu e ficou com a aparência de uma idade ainda mais avançada. Seldon imaginou quantos anos ele teria. Vários séculos? Não, eles tinham descartado essa hipótese. Mas, ainda assim...

– Quantos anos o senhor tem? – perguntou Seldon, repentina e involuntariamente.

Micélio Setenta e Dois não demonstrou nenhum sinal de ter ficado ofendido pela pergunta, e tampouco hesitou ao responder:

– Sessenta e sete.

Seldon precisava tirar a dúvida.

– Ouvi dizer que vocês acreditam que, antigamente, as pessoas viviam por vários séculos.

Micélio Setenta e Dois olhou para Seldon, intrigado.

– Como foi que você descobriu isso? Alguém deve ter falado coisas que não devia... Mas é verdade. Existe essa crença. Apenas os ingênuos acreditam nisso, mas os Anciãos estimulam, pois isso ilustra nossa superioridade. Na verdade, nossa expectativa de vida é maior do que nos outros lugares porque nossa nutrição é melhor, mas viver até mesmo um século inteiro é raro.

– Imagino que o senhor não considere os mycogenianos superiores – disse Seldon.

– Não há nada de errado com eles – respondeu Micélio Setenta e Dois. – Com certeza não são *inferiores*. Eu acredito que todos os homens são iguais. Até mesmo as mulheres – ele acrescentou, olhando

para Dors.

– Eu duvido – comentou Seldon – que muitas pessoas do seu povo concordem com isso.

– Ou muitas pessoas do *seu* povo – rebateu Micélio Setenta e Dois, com um sutil ressentimento. – Mas eu acredito. Um estudioso precisa acreditar. Eu já vi e até li todas as grandes obras literárias dos tribalistas. Entendo sua cultura. Escrevi artigos sobre ela. Posso ficar aqui à vontade conversando com vocês como se vocês fossem... *nós*.

Dors interveio, um tanto secamente:

– Você parece se orgulhar de sua compreensão sobre os tribalistas. Já viajou para fora de Mycogen?

– Não – Micélio Setenta e Dois pareceu se afastar um pouco.

– Por que não? Você nos conheceria melhor.

– Eu não me sentiria bem. Precisaria usar uma peruca. Ficaria com vergonha.

– Por que uma peruca? – perguntou Dors. – Você poderia continuar careca.

– Não – disse Micélio Setenta e Dois –, eu não faria esse papel de idiota. Eu seria maltratado por todos os cabeludos.

– Maltratado? Por quê? – questionou Dors. – Existem muitas pessoas naturalmente carecas em todas as partes de Trantor e também nos outros mundos.

– Meu pai é bem careca – falou Seldon, com um suspiro –, e imagino que, nas próximas décadas, eu também vá ficar. Mesmo agora, meu cabelo já não é tão espesso.

– Isso não é careca – respondeu Micélio Setenta e Dois. – Vocês mantêm cabelos em volta dos olhos e sobre eles. Estou falando de ausência *total* de pelos.

– Em todas as partes do corpo? – perguntou Dors, interessada.

Dessa vez Micélio Setenta e Dois pareceu ofendido e não respondeu.

– Diga-me, Micélio Setenta e Dois – falou Seldon, ansioso para que a conversa voltasse aos eixos –, tribalistas podem entrar no Sacratório, como espectadores?

– Nunca – Micélio Setenta e Dois negou vigorosamente com a cabeça. – É apenas para os Filhos da Alvorada.

– Apenas os Filhos? – perguntou Dors.

Micélio Setenta e Dois ficou chocado por um instante.

– Ora, vocês são tribalistas – disse, como se perdoasse uma indiscrição. – *Filhas* da Alvorada podem entrar apenas em determinados dias e horas. É assim que funciona. Não estou dizendo que *eu* aprovo. Se dependesse de mim, eu diria: “Entrem. Apreciem a visita, se forem capazes”. Prefiro que outras pessoas entrem a mim, para falar a verdade.

– O senhor nunca entra?

– Quando eu era pequeno, meus pais me levavam, mas – ele fez “não” com a cabeça – era só um monte de gente encarando o Livro e lendo trechos dele e suspirando e chorando pelos dias do passado. Muito deprimente. Você não pode falar com ninguém. Não pode rir. Não pode nem olhar para os outros. Sua mente precisa estar dedicada por completo ao Mundo Perdido. Por completo. – Ele fez um gesto de rejeição com as mãos. – Não me convém. Sou um estudioso e quero o mundo aberto para mim.

– Ótimo – respondeu Seldon, percebendo uma abertura. – É como nos sentimos. Também somos estudiosos, Dors e eu.

– Eu sei – disse Micélio Setenta e Dois.

– O senhor sabe? Como?

– Vocês *tinham* de ser. Os únicos tribalistas permitidos em Mycogen são oficiais e diplomatas imperiais, grandes comerciantes e estudiosos. Para mim, vocês parecem estudiosos. Foi por isso que me interessei por vocês. Estudiosos, juntos! – ele sorriu prazerosamente.

– Juntos, de fato. Eu sou matemático. Dors é historiadora. E você?

– Minha especialidade é... cultura. Li todas as grandes obras literárias dos tribalistas: Lissauer, Mentone, Novigor...

– E nós lemos as grandes obras do seu povo. Eu estudei o Livro, por exemplo. Sobre o Mundo Perdido.

Os olhos de Micélio Setenta e Dois arregalaram-se. Sua pele escura pareceu perder um pouco da cor.

– É mesmo? Como? Onde?

– Temos cópias em nossa universidade, que podemos ler se tivermos autorização.

– *Cópias* do Livro?

– Sim.

– Será que os Anciãos sabem disso?

– E também já li sobre robôs – continuou Seldon.

– Robôs?

– Sim. É por isso que gostaria de entrar no Sacratório. Eu queria ver o robô. – (Dors chutou de leve o calcanhar de Seldon, mas ele a ignorou.)

– Eu não acredito nessas coisas – disse Micélio Setenta e Dois, desconfortável. – Nenhum estudioso acredita – ele parecia ter medo de que o ouvissem.

– Li que ainda existe um robô no Sacratório – disse Seldon.

– Não quero falar sobre esse tipo de bobagem – retrucou Micélio Setenta e Dois.

– *Se* houvesse um robô lá, onde ele estaria? – insistiu Seldon.

– Mesmo se houvesse, eu não poderia dizer. Não entro lá desde quando era pequeno.

– O senhor saberia se existe algum lugar especial, escondido?

– Há o refúgio dos Anciãos. Apenas os Anciãos entram, mas não há nada ali.

– O senhor já esteve lá?

– Não, claro que não.

– Então, como sabe?

– Pode ser que não haja nenhuma romãzeira ali. Pode ser que não haja nenhum órgão a laser ali. Pode ser que não haja um milhão de coisas diferentes ali. A minha falta de conhecimento sobre a ausência dessas coisas faz com que todas elas estejam presentes?

Seldon não soube como responder.

A sombra de um sorriso cruzou a expressão preocupada de Micélio Setenta e Dois.

– Esse é o raciocínio de um estudioso – continuou. – Veja bem, não sou fácil de subjugar. Ainda assim, eu não o aconselharia a subir até o refúgio dos Anciãos. Não acho que você iria gostar do que aconteceria se eles encontrassem um tribalista lá dentro. Pois bem. Desejo o melhor da Alvorada para vocês – ele se levantou subitamente, sem aviso, e afastou-se com rapidez.

– O que o fez ir embora assim? – perguntou Seldon, observando conforme ele se afastava.

– Acho que foi porque tem uma pessoa se aproximando – respondeu Dors.

E havia. Um homem alto, com uma túnica branca sofisticada, cruzada por uma faixa vermelha ainda mais elaborada, marchava solenemente na direção dos dois. Ele tinha a expressão inconfundível

de um homem com autoridade e a expressão ainda mais inconfundível de alguém que não estava nada satisfeito.

53

Hari Seldon se levantou conforme o outro mycogeniano se aproximava. Ele não tinha a menor ideia se aquele era o comportamento que a etiqueta exigia, mas achou que não faria mal. Dors Venabili se levantou com ele e manteve os olhos cautelosamente voltados para baixo.

O homem parou diante dos dois. Era também um senhor, mas que envelhecera com mais sutileza do que Micélio Setenta e Dois. A idade parecia ter dado eminência a seu rosto, que ainda era muito bonito. Sua cabeça careca tinha um formato harmonioso e seus olhos eram de um azul vivo que contrastava intensamente com o vermelho quase reluzente de sua faixa.

– Vejo que são tribalistas – disse o homem. Sua voz era mais aguda do que Seldon esperava, mas ele falava lentamente, como se tivesse consciência do peso da autoridade em cada palavra que enunciava.

– De fato – respondeu Seldon, com educação e também com firmeza. Não viu nenhum motivo para desrespeitar a posição do mycogeniano, mas não pretendia abandonar a própria.

– Seus nomes?

– Eu sou Hari Seldon, de Helicon. Minha companheira é Dors Venabili, de Cinna. E o do senhor, mycogeniano?

Os olhos do homem se estreitaram em desgosto, mas ele também era capaz de reconhecer um ar de autoridade.

– Eu sou Horizonte Celestial Dois – respondeu, erguendo o queixo –, um Ancião do Sacratório. E qual é a sua posição, tribalista?

– *Nós* – disse Seldon, enfatizando o pronome – somos estudiosos da Universidade de Streeling. Sou matemático e minha companheira é historiadora. Estamos aqui para estudar a sociedade de Mycogen.

– Com o consentimento de quem?

– Com o consentimento de Mestre Solar Quatorze, que nos recebeu quando chegamos.

Horizonte Celestial Dois permaneceu em silêncio por um momento. Um pequeno sorriso apareceu em seu rosto e ele adotou uma

expressão que beirava a benevolência.

– O Sumo Ancião – disse. – Eu o conheço bem.

– Como era de se esperar – respondeu Seldon, sem demonstrar emoção. – Mais alguma coisa, Ancião?

– Sim. – O Ancião mudou de atitude para reassumir a posição superior. – Quem era o homem que estava com vocês e que foi embora rapidamente quando me aproximei?

– Nunca o vimos antes, Ancião – Seldon negou com a cabeça –, e não sabemos nada sobre ele. Nós o conhecemos por acaso e perguntamos sobre o Sacratório.

– O que perguntaram a ele?

– Foram duas perguntas, Ancião. Perguntamos se aquele prédio era o que procuramos e se tribalistas tinham permissão para entrar. Ele respondeu sim à primeira pergunta e disse não para a segunda.

– Respostas corretas. E o que vocês querem aqui?

– Senhor, estamos aqui para estudar a sociedade de Mycogen, e o Sacratório é o coração e o cérebro de Mycogen, não é?

– É algo exclusivamente nosso. Reservado apenas para o nosso povo.

– Mesmo que um Ancião, o *Sumo* Ancião, garantisse uma licença, considerando nosso objetivo acadêmico?

– Você tem a licença do Sumo Ancião?

Seldon hesitou uma fração de segundo enquanto os olhos de Dors o vislumbraram lateralmente. Ele decidiu que não conseguiria sustentar uma mentira dessa magnitude.

– Não – respondeu –, ainda não.

– E nunca terá – disse o Ancião. – Vocês têm consentimento para estar em Mycogen, mas nem mesmo a autoridade mais elevada pode exercer controle total sobre o público. Temos grande estima pelo nosso Sacratório e a massa popular pode se exaltar com facilidade diante de um tribalista em qualquer lugar de Mycogen, especialmente nas proximidades do templo. Bastaria uma única pessoa impressionada gritar "invasão!" e uma multidão pacífica como essa se transformaria em uma força disposta a aniquilar vocês. Aniquilar *literalmente*. Para o seu próprio bem, mesmo que o Sumo Ancião lhes tenha demonstrado boa vontade, saiam daqui. Agora!

Mesmo com Dors puxando gentilmente sua túnica, Seldon insistiu:

– Mas o Sacratório...

– O que poderia interessá-lo tanto no Sacratório? – perguntou o Ancião. – Pode vê-lo de onde está. Não há nada para ser visto lá dentro.

– Há o robô – comentou Seldon.

O Ancião encarou Seldon, chocado. Então, inclinando-se para aproximar a boca da orelha de Seldon, sussurrou secamente:

– Saia daqui imediatamente ou serei *eu* a gritar “invasão!”. Se não fosse pelo Sumo Ancião, eu não daria a vocês nem mesmo essa chance de ir embora.

Com força surpreendente, Dors quase derrubou Seldon conforme se afastou, puxando-o pela túnica, até que ele recuperou o equilíbrio e a seguiu a passos largos.

54

Foi no café da manhã do dia seguinte, e não antes disso, que Dors tocou no assunto, e de um jeito que Seldon considerou bastante ofensivo.

– Mas que belo fiasco o de ontem – ela disse.

– Por que fiasco? – perguntou Seldon, taciturno. Até aquele momento, ele acreditava sinceramente que tinha escapado de comentários.

– Nós fomos expulsos, foi isso que aconteceu. E em nome do quê? O que ganhamos com tudo aquilo?

– O conhecimento de que existe um robô lá dentro. Só isso.

– Micélio Setenta e Dois disse que não existe.

– Claro que disse. Ele é um estudioso, ou acha que é, mas o que não sabe sobre o Sacratório poderia encher a tal biblioteca que ele visita. Você viu como o Ancião reagiu.

– Vi, obviamente.

– Ele não teria reagido daquela maneira se não houvesse um robô lá dentro. Ficou horrorizado por sabermos disso.

– Isso é apenas o seu palpite, Hari. E, mesmo se houvesse, não poderíamos entrar.

– Mas podemos tentar. Depois do café da manhã, vamos sair para comprar uma faixa, uma dessas obiás. Vou vesti-la, manter meus olhos constantemente no chão e entrar sem alarde.

– De touca e tudo? Você será flagrado em um microssegundo.

– Não, não serei. Vamos à biblioteca, onde ficam as informações sobre os tribalistas. Eu queria vê-la, de todo modo. Na biblioteca, que salvo engano é um anexo do Sacratório, deve haver uma entrada para ele...

– E lá você será preso imediatamente.

– Não. Você ouviu Micélio Setenta e Dois. Todos mantêm os olhos baixos e meditam sobre o grande Mundo Perdido de Aurora. Ninguém olha para as outras pessoas. Fazer isso seria provavelmente uma afronta grave à disciplina. Então, vou descobrir onde fica o refúgio dos Anciãos...

– Simples assim?

– Em determinado momento, Micélio Setenta e Dois disse que não me aconselharia a subir até o refúgio dos Anciãos. *Subir*. Deve ser em algum lugar naquela torre do Sacratório. A torre central.

Dors fez um gesto negativo com a cabeça.

– Eu não me lembro das palavras exatas daquele homem – disse –, e acho que você também não se lembra. Isso é um argumento bastante frágil para... Espere um pouco – ela parou de falar repentinamente e franziu as sobrancelhas.

– O que foi? – perguntou Seldon.

– Existem referências arcaicas a "refúgios" em lugares altos, de difícil acesso, para garantir a segurança.

– Ah! Viu só? Aprendemos algumas coisas vitais graças ao que você chamou de fiasco. E se eu puder encontrar um robô vivo que tem vinte mil anos, e se ele puder me dizer...

– Vamos supor que ele exista, o que é difícil de acreditar, e que você o encontre, o que é pouco provável. Por quanto tempo acha que conseguiria conversar com ele antes de sua presença ser descoberta?

– Eu não sei, mas, se puder provar que ele existe e que posso encontrá-lo, pensarei em alguma forma de me comunicar com ele. É tarde demais para bater em retirada, independentemente das circunstâncias. Hummin devia ter me deixado quieto enquanto eu ainda pensava que era impossível consolidar a psico-história. Agora que parece possível, não permitirei que nada me impeça, a não ser a morte.

– Os mycogenianos talvez lhe causem justamente isso, Hari, e você não pode correr esse risco.

– Sim, eu posso. Vou tentar.

– Não, Hari. Eu devo protegê-lo e não posso permitir que faça isso.

– Você *precisa* permitir. Descobrir uma maneira de estabelecer a psico-história é mais importante do que a minha segurança. Minha segurança só importa porque depende de mim decifrar a psico-história. Se você me impedir de fazê-lo, sua obrigação perde o significado. Pense nisso.

Hari sentia-se arrebatado por um senso de propósito renovado. A psico-história – *sua* nebulosa teoria que, havia pouco tempo, não tinha nenhuma esperança de comprovar – avolumava-se, ganhava solidez. Agora ele *tinha* de acreditar que era possível; sentia em seu âmago. As peças pareciam se encaixar e, apesar de ainda não conseguir enxergar a figura completa, estava certo de que o Sacratório esclareceria mais uma parte do quebra-cabeça.

– Então vou com você, seu idiota – respondeu Dors –, para arrancá-lo de lá quando for necessário.

– Mulheres não podem entrar.

– O que me caracteriza como mulher? Apenas esta túnica cinza. Você não consegue ver meus seios por baixo dela. Eu não tenho um penteado feminino, usando esta touca. Tenho o mesmo rosto lavado e genérico de um homem. Os homens daqui não têm barba. Tudo o que preciso é de uma túnica branca e uma faixa, e posso entrar. Qualquer mycogeniana poderia, se não fosse impedida pelo tabu. Eu não tenho esse impedimento.

– Mas é impedida por mim. Não posso permitir. É perigoso demais.

– Não é mais perigoso para mim do que para você.

– Mas eu *preciso* correr esse risco.

– Então eu também preciso. Por que a sua determinação deveria ser maior do que a minha?

– Porque... – Seldon parou de falar, pensativo.

– Convença-se do seguinte – disse Dors, a voz dura como pedra –, eu não deixarei que vá ao Sacratório sem mim. Se tentar, vou deixá-lo inconsciente com uma pancada e vou amarrá-lo. Se não gosta da ideia, desista de qualquer plano de ir sozinho.

Seldon hesitou e resmungou para si mesmo, mal-humorado. Desistiu da discussão, pelo menos naquele momento.

O céu estava quase sem nuvens, mas o azul era pálido, como se estivesse coberto por uma tênue neblina. Era um toque interessante, pensou Seldon, mas ele repentinamente sentiu falta do sol. Em Trantor, ninguém via o sol, a não ser que fosse até a Superfície Exterior – e, mesmo assim, apenas quando a camada de nuvens tivesse uma abertura.

Será que os trantorianos nativos sentiam falta do sol? Será que pensavam no assunto? Quando algum deles visitava outro planeta em que um sol natural era visível, será que observavam a estrela, maravilhados, cegos pela luz?

Por que, pensou Seldon, tantas pessoas passavam a vida sem tentar descobrir respostas, ou nem mesmo pensavam em perguntas? Existia alguma coisa mais estimulante na vida do que buscar respostas?

Ele passou a olhar os arredores. A ampla avenida era ladeada por prédios baixos, a maioria lojas. Inúmeros carros terrestres seguiam em ambas as direções, cada um deles alinhado ao lado direito da pista. Pareciam uma coleção de antiguidades, mas eram abastecidos por eletricidade e quase não produziam ruído. Seldon questionou se a palavra “antiguidade” deveria mesmo ser considerada pejorativa. Será que o silêncio não compensava a baixa velocidade? Afinal, existia alguma pressa inerente à vida?

Havia diversas crianças nas passarelas e Seldon contraiu os lábios, incomodado. Era evidente que um ciclo de vida mais longo para os mycogenianos era impossível, a não ser que eles estivessem dispostos a cometer infanticídio. As crianças de ambos os sexos (era difícil distinguir meninos e meninas) usavam túnicas que se estendiam a apenas alguns centímetros abaixo dos joelhos, para facilitar a agitação típica da infância.

As crianças tinham cabelos, que chegavam a 2,5 centímetros, no máximo. Ainda assim, as mais velhas tinham capuzes em suas túnicas e os usavam para cobrir completamente a parte de cima da cabeça. Era como se tivessem chegado a uma idade que fazia os cabelos começarem a ficar indecentes ou em que queriam escondê-los, ansiosas pelo dia do rito de passagem no qual seriam depiladas.

Um pensamento ocorreu a Seldon.

– Dors – ele disse –, quando você saiu para fazer compras, quem

pagou a conta, você ou as irmãs Orvalho?

– Eu paguei, é claro. Elas não chegaram nem a mostrar tarjetas de crédito. Por que deveriam? As compras eram para nós, não para elas.

– Mas você tem uma tarjeta trantoriana... Uma tarjeta de tribalista.

– Sim, Hari, mas não houve nenhum problema. Os habitantes de Mycogen podem manter a cultura, as linhas de pensamento e os hábitos diários que quiserem. Podem destruir os pelos cefálicos e usar túnicas. Ainda assim, precisam usar os créditos do restante do mundo. Se não o fizessem, sufocariam o comércio, e nenhuma pessoa sensata gostaria que isso acontecesse. É o ponto fraco financeiro, Hari – ela ergueu uma mão como se segurasse uma tarjeta de crédito invisível.

– E eles aceitaram a sua tarjeta?

– Sem nem um pio. E nenhum comentário sobre a minha touca. Créditos fazem tudo ser perdoável.

– Que bom. Então eu posso comprar...

– Não, eu farei as compras. Créditos podem fazer tudo ser perdoável, mas eles perdoam uma mulher tribalista mais facilmente do que um homem. Têm o costume tão frequente de prestar pouca ou nenhuma atenção a uma mulher que automaticamente me tratam da mesma maneira... Aqui está a loja de roupas que tenho frequentado.

– Vou esperar aqui fora – disse Seldon. – Compre uma faixa vermelha que seja bonita, que imponha respeito.

– Não venha fingir que esqueceu a nossa decisão. Vou comprar duas. E outra túnica branca... com as *minhas* medidas.

– Eles não vão achar estranho uma mulher comprando uma túnica branca?

– Claro que não. Vão achar que estou comprando para um irmão que calhou de ser do meu tamanho. Na verdade, eles provavelmente não vão achar nada, desde que minha tarjeta de crédito seja válida.

Seldon esperou, com a sensação de que alguém puxaria assunto por ele ser um tribalista – ou, mais provavelmente, o denunciaria –, mas ninguém o fez. Aqueles que passaram sequer olharam para ele, e os que chegaram a olhar em sua direção seguiram viagem, aparentemente imperturbados. Ele tinha receio especial das pessoas de túnica cinza – as mulheres –, que caminhavam em duplas ou, pior, com um homem. Elas eram tiranizadas, ignoradas, desprezadas. Que melhor maneira de ganhar notoriedade momentânea do que fazer um escândalo por ter visto um tribalista? Mas nem mesmo as mulheres lhe

deram atenção.

Ninguém esperava ver um tribalista, pensou Seldon, e, portanto, ninguém via.

Ele decidiu que isso era um bom sinal para a invasão ao Sacratório que fariam em breve. Lá dentro, as pessoas esperariam ainda menos encontrar um tribalista – portanto, prestariam ainda menos atenção à presença deles.

Quando Dors voltou, ele estava mais otimista.

– Comprou tudo?

– Claro.

– Então vamos voltar para o quarto, para que você possa se trocar.

A túnica branca não servia tão bem em Dors quanto a cinza. Obviamente, ela não podia ter experimentado a roupa na loja, pois até mesmo o vendedor mais estúpido ficaria alarmado.

– Como estou, Hari? – ela perguntou.

– Igual a um menino – respondeu Seldon. – Agora, vamos tentar a faixa... a obiá. Preciso me acostumar a chamá-la assim.

Dors, sem a touca, sacudia os cabelos, satisfeita por deixá-los soltos.

– Não coloque agora – ela disse, categórica. – Não vamos desfilar por Mycogen com as faixas. A última coisa que queremos é chamar a atenção.

– Não, não. Eu só quero ver como fica.

– Mas não essa. A outra é de melhor qualidade e é mais elaborada.

– Você está certa, Dors. Preciso atrair toda e qualquer atenção para mim. Não quero que percebam que você é uma mulher.

– Não estou pensando nisso, Hari. Quero apenas que você fique bonito.

– Agradeço imensamente, mas acho isso impossível. Agora, vejamos, como é que isso funciona?

Juntos, Hari e Dors treinaram como vestir e tirar as obiás várias vezes, até conseguirem fazê-lo em um único e fluido movimento. Dors ensinou a Hari como vesti-la, pois tinha visto um homem fazendo o gesto no dia anterior, no Sacratório.

Quando Hari a elogiou por suas observações detalhadas, ela se ruborizou.

– Não foi nada, Hari – ela respondeu. – Só uma coisa que eu vi.

– Então você é genial por ter visto – ele disse.

Quando finalmente estavam satisfeitos, eles se afastaram e um

analisou o outro. A obiá de Hari reluzia, com uma imagem semelhante a um dragão em vermelho-vivo contra um fundo da mesma cor, um pouco mais claro. A de Dors era menos chamativa, com uma linha ao longo do comprimento e um vermelho bem claro.

– Viu? – ela comentou. – Apenas o suficiente para demonstrar bom gosto. – E tirou a obiá.

– Agora vamos dobrá-las e guardá-las em um dos bolsos internos – disse Seldon. – A minha tarjeta de crédito (de Hummin, na verdade) e a chave daqui estão neste bolso e, no outro, está o Livro.

– *O* Livro? Será que você devia mesmo carregá-lo por aí?

– Eu preciso. Suponho que qualquer pessoa que vá ao Sacratório deva ter uma cópia do Livro consigo. Eles devem recitar passagens ou fazer leituras. Se for necessário, podemos dividir o Livro e talvez ninguém perceba que só temos um. Está pronta?

– Eu nunca estarei pronta, mas vou com você.

– Será uma visita tediosa. Você pode verificar minha touca para que não haja nenhum cabelo aparecendo desta vez? E não coce a cabeça.

– Não vou coçar. Você parece estar em ordem.

– Você também.

– E nervoso, também.

– Por que será? – perguntou Seldon, sardônico.

Impulsivamente, Dors estendeu a mão e segurou a de Hari. Em seguida, retraiu o gesto, como se surpresa consigo mesma. Olhando para baixo, ajeitou a túnica branca. Hari, ele próprio um tanto surpreso e com satisfação inesperada, pigarreou.

– Certo. Vamos embora – ele disse.

REFÚGIO

——— Robô...

Termo usado nas lendas antigas de diversos mundos para os "autômatos", como são geralmente conhecidos. Na maioria das vezes, os robôs são descritos como humanoides feitos de metal, apesar de existirem referências a supostos robôs de composição pseudo-orgânica. Segundo um rumor popular, Hari Seldon teria visto um robô durante o período da Fuga, mas tal boato tem origem duvidosa. Não existem menções a robôs em nenhum dos volumosos escritos de Seldon, apesar de...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

56

ELES NÃO CHAMARAM A ATENÇÃO DE NINGUÉM.

Hari Seldon e Dors Venabili repetiram o trajeto do dia anterior e, dessa vez, ninguém olhou para eles duas vezes – talvez nem *uma* vez. Em vários momentos, tiveram de colocar as pernas para o lado para permitir que alguém sentado nos bancos centrais pudesse sair do graviônibus, e perceberam rapidamente que, quando entrava alguém, eles deviam passar para os bancos centrais, caso estivessem livres.

Dessa vez, cansaram-se do cheiro de túnicas não lavadas recentemente, pois não estavam tão distraídos com o que acontecia ao redor.

Depois de algum tempo, chegaram.

– Aquela é a biblioteca – disse Seldon, baixinho.

– Imagino que seja – respondeu Dors. – Pelo menos é o prédio que Micélio Setenta e Dois apontou ontem.

Os dois seguiram casualmente na direção do prédio.

– Respire fundo – disse Seldon. – Esse é o primeiro obstáculo.

A porta estava aberta; a luz de dentro era tênue. Havia cinco amplos degraus de pedra levando à entrada. Eles pisaram no mais baixo e esperaram vários instantes antes de perceber que o peso não fazia com que os degraus subissem. Dors fez uma careta sutil e gesticulou para que os dois subissem.

Juntos, caminharam pelos degraus, constrangidos pelos aspectos obsoletos de Mycogen. Passaram pela porta e encontraram, logo na entrada, um homem usando um dos computadores mais simplórios e desengonçados que Seldon já vira.

O homem não olhou para eles. Não era necessário, pensou Seldon. Túnicas brancas, carecas – os mycogenianos eram tão parecidos entre si que nenhum deles prendia o olhar. Naquele momento, aquilo era vantajoso para os tribalistas.

– Estudiosos? – perguntou o homem, ainda sem tirar os olhos da mesa.

– Estudiosos – respondeu Seldon.

O homem indicou uma porta com a cabeça.

– Entrem – ele disse. – aproveitem.

Eles entraram e, pelo que puderam constatar, eram os únicos naquela parte da biblioteca. Ou a biblioteca não era um destino muito popular ou havia poucos estudiosos em Mycogen – provavelmente, ambas as coisas.

Seldon sussurrou:

– Eu tinha certeza de que precisaríamos apresentar algum tipo de licença ou documento de permissão e então teria de dizer que esqueci o meu.

– Ele provavelmente gosta de visitas, sejam quais forem as circunstâncias. Você já viu algum lugar assim? Se um lugar pudesse estar morto, como uma pessoa, nós estaríamos dentro de um cadáver.

A maioria dos livros naquela seção era impressa, como *o* Livro no bolso interno de Seldon. Dors passeou entre as prateleiras, estudando os títulos.

– Livros antigos, na maioria – ela comentou. – Alguns clássicos; outros, imprestáveis.

– De fora? Digo, não mycogenianos?

– Sim. Se eles tiverem livros próprios, devem ser mantidos em outra seção. Essa é para pesquisas sobre o exterior, para aqueles que se dizem estudiosos e que não têm muito a oferecer, como o de ontem. Este é o departamento de obras de referência e há uma cópia da Enciclopédia Imperial... Deve ter uns cinquenta anos... E um computador.

Ela colocou as mãos sobre as teclas, mas Seldon a impediu.

– Espere. Alguma coisa pode dar errado e perderemos tempo.

Ele apontou para uma discreta placa pendurada sobre uma estante, em que as palavras PARA O SACRATÓRIO brilhavam. O segundo “a” em Sacratório estava apagado, talvez recentemente ou porque ninguém se importava. (O Império estava *mesmo* em decadência, pensou Seldon. Todas as partes dele. Mycogen, inclusive.)

Ele olhou à sua volta. A triste biblioteca, tão necessária para o orgulho mycogeniano – talvez tão importante para os Anciãos, que podiam usá-la para colher migalhas que reforçassem suas próprias crenças e apresentá-las como vindas de tribalistas sofisticados –, parecia completamente deserta. Ninguém entrou depois deles.

– Vamos até ali – disse Seldon –, longe do campo de visão do homem da entrada, para colocar nossas faixas.

Na porta para o Sacratório, repentinamente consciente de que não haveria caminho de volta depois de passarem por aquele segundo obstáculo, Seldon disse:

– Dors, não entre comigo.

– Por que não? – questionou Dors, franzindo as sobrancelhas.

– Não é seguro e não quero você em perigo.

– Estou aqui para protegê-lo – ela disse, gentil, mas com firmeza.

– Que tipo de proteção você pode me oferecer? Posso cuidar de mim mesmo, apesar de você achar que não. E estarei em desvantagem por precisar proteger *você*. Não vê isso?

– Você não devia se preocupar comigo, Hari. Preocupação é a *minha* função – ela colocou a mão na faixa, sobre o peito.

– Porque Hummin pediu?

– Porque são ordens. – Ela segurou o braço de Seldon logo acima do cotovelo e, como sempre, ele se surpreendeu com sua mão firme. – Sou contra o que está fazendo, Hari, mas, se você acha que precisa entrar, eu também preciso.

– Então, tudo bem. Mas, se acontecer alguma coisa e você tiver a chance de escapar, fuja. Não se preocupe comigo.

– Não desperdice sua energia tentando me convencer. Você está me insultando.

Seldon tocou o painel de entrada e a porta se abriu. Juntos, quase sincronizados, eles entraram.

57

Era uma sala ampla, que parecia ainda maior por causa da ausência de qualquer coisa que se parecesse com móveis. Nenhuma cadeira, nenhum banco, nenhum tipo de assento. Nenhum tablado, nenhuma tapeçaria, nenhuma decoração.

Nenhuma luz; apenas uma iluminação de brilho mediano, uniforme e difusa. As paredes não eram totalmente nuas. Intervalados e dispostos longe um do outro, em alturas diferentes e sem nenhuma ordem aparente, estavam pequenos televisores, primitivos e bidimensionais, todos em funcionamento. De onde estavam Dors e

Seldon, não havia nem a sugestão de imagens em terceira dimensão, nem mesmo um indicativo de holovisualização.

Havia pessoas no recinto. Não eram muitas, e não estavam em grupos. Estavam paradas e isoladas e, assim como os televisores, não apresentavam nenhuma ordem aparente. Todas usavam túnicas brancas, todas tinham faixas vermelhas.

O silêncio era predominante. Ninguém conversava; não da maneira tradicional. Alguns mexiam os lábios, murmurando baixinho. Aqueles que caminhavam o faziam sem produzir ruído, com os olhos voltados para o chão.

O clima era absolutamente fúnebre.

Seldon inclinou-se para Dors, que colocou de imediato um dedo nos lábios e então apontou para um dos televisores. A tela mostrava um jardim idílico, repleto de flores, a câmera explorando o panorama.

Eles caminharam na direção do monitor imitando os outros – passos lentos, pés tocando o chão delicadamente.

Quando estavam a meio metro da tela, uma voz gentil e insinuante se fez presente:

– O jardim de Antennin, recriado a partir de guias e fotografias antigos, localizado nos arredores de Eos. Observe a...

– O áudio é ativado quando alguém se aproxima e desligará se nos distanciarmos – sussurrou Dors, tão baixo que Seldon teve dificuldade de ouvir por causa do som do televisor. – Se estivermos perto o suficiente, podemos conversar sem sermos percebidos, mas não olhe para mim e pare, caso alguém se aproxime.

– Parece que alguém começará a chorar a qualquer momento – sugeriu Seldon, de cabeça baixa e com as mãos juntas diante do torso (ele percebeu que aquela era a postura preferida ali dentro).

– E talvez aconteça mesmo. Estão em luto pelo Mundo Perdido – respondeu Dors.

– Espero que troquem os filmes de vez em quando. Seria funesto assistir aos mesmos para sempre.

– Eles são diferentes – disse Dors, e seus olhos passeavam pelas telas. – Talvez mudem periodicamente. Não sei.

– Espere! – exclamou Seldon, ligeiramente mais alto do que deveria. Ele abaixou o tom e disse: – Siga-me.

Dors franziu o cenho, pois não entendeu a palavra, mas Seldon gesticulou discretamente com a cabeça. Mais uma vez, caminharam no

máximo de silêncio possível. Os passos de Seldon se alargaram conforme ele sentiu a necessidade de ir mais rápido e Dors, depois de alcançá-lo, deu um puxão rápido em sua túnica. Ele diminuiu a velocidade.

– Tem robôs neste daqui – ele observou, sob o disfarce do som que tinha sido ativado com a aproximação dos dois.

A imagem mostrava a parte externa de uma residência com um imenso gramado e uma linha de arbustos no primeiro plano, além de três do que só poderiam ser robôs. Tinham aparência metálica e formas vagamente humanas.

– Esta – disse a gravação – é uma reprodução recém-finalizada do momento de fundação da famosa casa Wendome, do século 3. De acordo com as lendas, o robô ao centro era chamado Bendar. Segundo registros antigos, Bendar prestou serviços durante vinte e dois anos, até ser substituído.

– “Recém-finalizada” – disse Dors. – Portanto, eles devem mudá-las.

– A não ser que estejam falando “recém-finalizada” há mil anos.

Outro mycogeniano entrou no alcance sonoro daquele monitor.

– Saudações, irmãos – disse o homem, em tom baixo, mas não tão baixo quanto os sussurros de Dors e Seldon.

Ele não olhou para Seldon nem para Dors quando falou e, depois de um vislumbre provocado pela surpresa, Seldon também manteve a cabeça abaixada. Dors não esboçou nenhuma reação.

Seldon hesitou. Micélio Setenta e Dois dissera que não havia conversas no Sacratório. Talvez tivesse exagerado. Além disso, não havia mais entrado lá desde que era criança.

Desesperado, Seldon decidiu que precisava responder.

– Saudações a você também, irmão – sussurrou.

Ele não tinha a menor ideia se aquela era a maneira correta de responder ou se *havia* uma maneira correta, mas o mycogeniano não pareceu ver nada de errado com o gesto.

– A você em Aurora – ele disse.

– E a você – respondeu Seldon. Ao perceber que o outro parecia esperar por mais, completou: – em Aurora. – E houve um impalpável alívio na tensão. Seldon sentiu que brotava suor em sua testa.

– Magnífico! – exclamou o mycogeniano. – Eu não tinha visto esse antes.

– Feito com maestria – disse Seldon. Então, em um acesso de

ousadia, continuou: – Uma perda que jamais deve ser esquecida.

O outro pareceu surpreso.

– De fato, de fato – respondeu e se afastou.

– Não se arrisque – sibilou Dors. – Não diga nada além do necessário.

– Me pareceu natural. De qualquer forma, *esse* é recente. Mas esses robôs são uma decepção. São o que eu esperaria de um autômato. Quero ver os orgânicos... Os humanoides.

– Se eles existiam – disse Dors, com certa hesitação –, não creio que eram usados para jardinagem.

– É verdade. Precisamos encontrar o refúgio dos Anciãos.

– Se *isso* existir. Não me parece haver nada nesta caverna vazia além de uma caverna vazia.

– Vamos procurar.

Eles caminharam ao longo da parede, passando de tela em tela, tentando fazer pausas irregulares em cada uma, até que Dors segurou o braço de Seldon. Entre dois televisores, havia linhas que formavam um sutil retângulo.

– Uma porta – disse Dors, que, então, duvidou de si mesma e acrescentou: – Você acha que pode ser uma porta?

Seldon olhou discretamente à volta. Era muito conveniente o fato de que, para condizer com o clima fúnebre, todos os rostos ficavam voltados para baixo, em triste concentração, quando não estavam diante de um televisor.

– Como será que abre? – ele perguntou.

– Um painel de contato.

– Não consigo ver nenhum.

– Não está destacado, mas há uma pequena descoloração neste ponto. Está vendo? Quantas palmas já o tocaram? Quantas vezes?

– Vou tentar. Fique de olho e me avise se alguém olhar nesta direção.

Ele segurou o fôlego e tocou a área descolorida, sem resultado. Então, encostou a mão inteira no contato e empurrou.

A porta se abriu silenciosamente – nenhum rangido ou atrito. Seldon entrou o mais rápido possível e Dors o seguiu. A porta se fechou atrás dos dois.

– A pergunta é: será que alguém nos viu? – questionou Dors.

– Anciãos devem passar por esta porta com frequência – respondeu

Seldon.

– Sim, mas será que alguém vai achar que somos Anciãos?

Seldon esperou um momento antes de responder.

– Se fomos vistos e alguém achasse que há alguma coisa errada, a porta teria sido aberta mais uma vez quinze segundos depois de termos entrado.

– Talvez – disse Dors, em um tom seco –, ou talvez não haja nada a ser visto ou feito deste lado da porta e ninguém se importa com a nossa entrada.

– Veremos – murmurou Seldon.

O aposento um tanto estreito em que entraram era razoavelmente escuro, mas, conforme os dois avançaram, a luz se intensificou.

Havia cadeiras amplas e confortáveis, pequenas mesas, diversos sofás-camas, armários, um refrigerador largo e alto.

– Se este é o refúgio dos Anciãos – comentou Seldon –, parece que os Anciãos gostam de conforto, apesar da austeridade do Sacratório propriamente dito.

– Como é de se esperar – respondeu Dors –, ascetismo entre membros de uma classe dominante é muito raro, exceto diante do público. Anote isso no seu caderno de aforismos psico-históricos. – Ela olhou em volta. – E não há nenhum robô.

– Lembre-se de que o refúgio deve ser um lugar alto – disse Seldon –, o que não é o caso deste aposento. Deve haver andares superiores, e aquele deve ser o caminho – ele apontou para uma escada coberta por um belo carpete.

Mas não seguiu naquela direção. Em vez disso, olhou vagamente à sua volta.

– Você não vai encontrar elevadores – disse Dors, adivinhando o que ele procurava. – Há um culto ao primitivo em Mycogen. Você não se esqueceu, esqueceu? Não haveria elevadores. Além disso, se pisarmos no primeiro degrau da escada, tenho certeza de que ele não subirá sozinho. Precisaremos subir os degraus nós mesmos. Vários andares, talvez.

– Com as *pernas*?

– Considerando a estrutura do prédio, a escada deve levar ao refúgio, se é que leva a algum lugar. Você quer ver o refúgio ou não quer?

Juntos, eles seguiram para a escada e começaram a subir.

Subiram três andares e, conforme o fizeram, a iluminação diminuía perceptível e progressivamente.

– Eu me considero em boa forma – sussurrou Seldon, respirando fundo –, mas detesto isso.

– Você não está acostumado com esse tipo específico de esforço – respondeu Dors, que não demonstrava nenhum sinal de fadiga.

Os degraus acabaram no topo do terceiro lance de escadas, onde eles encontraram outra porta.

– E se estiver trancada? – perguntou Seldon, mais para si mesmo do que para Dors. – Tentamos arrombá-la?

– Por que estaria trancada, se a porta pela qual passamos não estava? – disse Dors. – Se este é o refúgio dos Anciãos, imagino que a entrada de qualquer pessoa que não seja um Ancião seja tabu, e um tabu é muito mais forte do que qualquer tranca.

– Pelo menos no que diz respeito àqueles que aceitam o tabu – respondeu Seldon, mas sem avançar para a porta.

– Ainda temos tempo de desistir, se você tiver dúvidas – disse Dors. – Aliás, eu *aconselho* você a dar meia-volta.

– Hesito apenas porque não sei o que encontraremos lá dentro. Se estiver vazio... – e então, em voz mais alta, Seldon acrescentou: – Se estiver vazio, está vazio. – Ele marchou para a frente e colocou a mão no painel de contato.

A porta se abriu com rapidez e silêncio e Seldon deu um passo para trás por causa da surpreendente intensidade da luz que vinha de dentro.

E ali, diante de Seldon, com olhos iluminados, braços semierguidos, um pé ligeiramente à frente do outro, reluzindo com um brilho metálico de tons amarelados, estava uma figura humana. Por um instante, aparentou usar uma toga, mas uma análise mais minuciosa revelou que a toga fazia parte da estrutura do objeto.

– É o robô – disse Seldon, espantado –, mas é de metal.

– Pior do que isso – respondeu Dors, que deu um passo rápido para um lado e depois para o outro. – Os olhos não me acompanham. Os braços não se movem. Ele não está vivo... Se é que podemos usar esse termo com um robô.

E um homem – a figura inconfundível de um homem – saiu de trás do robô.

– Talvez não. Mas *eu* estou vivo.

Em um movimento quase automático, Dors foi para a frente e se posicionou entre Seldon e o homem que aparecera subitamente.

58

Seldon empurrou Dors para o lado, talvez com um pouco mais de força do que pretendia.

– Não preciso de proteção – disse. – É nosso velho conhecido, Mestre Solar Quatorze.

– E você é o tribalista Seldon – respondeu o homem diante deles, que usava uma faixa dupla, provavelmente seu direito como Sumo Ancião.

– Sim – disse Seldon.

– E essa, apesar das vestes masculinas, é a tribalista Venabili.

Dors ficou em silêncio.

– Evidentemente, você está certo, tribalista – continuou Mestre Solar Quatorze. – Não corre nenhum risco de que eu o machuque. Por favor, sentem-se. Vocês dois. Como você não é uma irmã, tribalista, não precisa se retirar. Há um assento para você. Será a primeira mulher a usá-lo, se der importância a essa distinção.

– Eu não dou nenhuma importância a essa distinção – disse Dors, espaçando as palavras para ser mais enfática.

– Como quiser – respondeu Mestre Solar Quatorze, concordando com a cabeça. – Também vou me sentar, pois farei perguntas a vocês e não quero fazê-las em pé.

Sentaram-se em um dos cantos da sala. Os olhos de Seldon encontraram o robô de metal.

– É, de fato, um robô – confirmou Mestre Solar Quatorze.

– Eu sei – respondeu Seldon, secamente.

– Eu sei que você sabe – disse Mestre Solar Quatorze, com tom semelhante. – Agora que constatamos esse fato, por que está aqui?

Seldon encarou Mestre Quatorze com firmeza.

– Para ver o robô – respondeu.

– Você sabe que ninguém pode entrar no refúgio, exceto os Anciãos?

– Não sabia, mas tinha minhas suspeitas.

– Você sabe que nenhum tribalista pode entrar no Sacratório?

– Sim, me disseram.

– E você optou por ignorar a norma?

– Como eu disse, queríamos ver o robô.

– Você sabe que nenhuma mulher, nem mesmo uma irmã, pode entrar no Sacratório, exceto em ocasiões raras e predeterminadas?

– Sim, me disseram.

– E você sabe que nenhuma mulher, em hipótese alguma ou por qualquer motivo, pode usar vestimentas masculinas? Dentro das fronteiras de Mycogen, isso é válido tanto para as tribalistas como para as irmãs.

– Não fui informado desse fato, mas não me surpreende.

– Ótimo. Quero que entenda tudo isso. Diga-me, por que queria ver o robô?

– Curiosidade – respondeu Seldon, dando de ombros. – Eu nunca tinha visto um robô. Nem sabia que eles existiam.

– E como você descobriu sobre a existência dos robôs e sobre a existência de um robô especificamente aqui?

Seldon ficou em silêncio por um instante.

– Eu me recuso a responder a essa pergunta – disse, enfim.

– Foi por isso que o tribalista Hummin o trouxe até Mycogen? Para pesquisar sobre robôs?

– Não. O tribalista Hummin nos trouxe até aqui para que ficássemos em segurança. Entretanto, eu e a dra. Venabili somos estudiosos. Conhecimento é nosso maior interesse e adquiri-lo é nosso maior propósito. Mycogen é mal compreendido fora de suas fronteiras e queremos saber mais sobre sua sociedade e suas linhas de pensamento. É um desejo genuíno e, em nossa opinião, inofensivo. Talvez até louvável.

– Ah, mas não queremos que as tribos de fora e os outros mundos saibam sobre nós. É o *nosso* desejo genuíno, e somos *nós* que determinamos o que nos é inofensivo ou prejudicial. Portanto, eu repito a pergunta, tribalista: como você sabia da existência de um robô em Mycogen e que ele estava nesta sala?

– Boatos – respondeu Seldon, depois de algum tempo.

– Essa é a sua resposta?

– Boatos. Essa é a minha resposta.

Os olhos de Mestre Solar Quatorze pareceram aguçar-se.

– Tribalista Seldon – ele disse, sem levantar a voz –, faz bastante

tempo que cooperamos com o tribalista Hummin. Para um tribalista, ele parece ser um indivíduo decente e confiável. *Para um tribalista*. Quando ele trouxe vocês dois e os entregou à nossa proteção, acolhemos vocês. Mas o tribalista Hummin, independentemente de suas virtudes, ainda é um tribalista, e tivemos nossos receios. Não temos certeza de qual pode ser o seu verdadeiro objetivo e nem o *dele*.

– Nosso objetivo é buscar conhecimento – respondeu Seldon. – Conhecimento acadêmico. A tribalista Venabili é historiadora e eu também tenho interesse em história. Por que não deveríamos ter interesse pela história mycogeniana?

– Entre outros motivos, porque não queremos que tenham. De qualquer forma, duas de nossas irmãs mais fidedignas foram enviadas a você. Elas tinham ordens para cooperar com você, tentar descobrir seus objetivos e... qual é a expressão que vocês usam? Entrar no jogo. Mas de tal forma que você não percebesse o que estava acontecendo.

Mestre Solar Quatorze sorriu, mas de um jeito sombrio.

– Orvalho Quarenta e Cinco – continuou – levou a tribalista Venabili para fazer compras, mas nada de estranho parece ter acontecido naquelas ocasiões. Temos um relatório completo, naturalmente. Orvalho Quarenta Três o levou, tribalista Seldon, às nossas microfazendas. Você podia ter suspeitado da disposição que ela demonstrou para acompanhá-lo sozinha, algo completamente fora de cogitação para nós, mas argumentou que isso se aplicaria apenas a tribalistas e se louvou ao acreditar que esse raciocínio frágil a havia conquistado. Mesmo profundamente incomodada, ela satisfez seu desejo. E você, enfim, pediu para ver o Livro. Entregá-lo de imediato teria levantado suspeitas. Por isso, ela fingiu ter um desejo perverso que apenas você poderia satisfazer. O sacrifício que ela fez pelo bem maior não será esquecido. Imagino, tribalista, que você ainda tenha o Livro, e imagino que esteja com ele agora. Posso pegá-lo de volta?

Seldon continuou imóvel, em amargo silêncio.

A mão enrugada de Mestre Solar Quatorze continuava estendida.

– Seria muito mais fácil do que ter de tomá-lo à força.

E Seldon entregou o Livro. Mestre Solar Quatorze folheou as páginas rapidamente, como se quisesse ter certeza de que não havia nenhum dano.

– Precisará ser destruído da maneira apropriada – comentou Mestre Solar, com um suspiro. – Uma pena. De qualquer modo, uma vez que

você tinha o Livro, não ficamos surpresos quando veio até o Sacratório. Foi vigiado o tempo todo. Seria tolice demais acreditar, em plena consciência, que qualquer mycogeniano deixaria de identificá-lo imediatamente como tribalista. Sabemos reconhecer uma touca, e há menos de setenta delas em Mycogen. Quase todas pertencem a tribalistas em missões oficiais, que ficam o tempo todo confinados em prédios do governo durante as estadias. Portanto, você não foi apenas visto, foi identificado inúmeras vezes. O irmão mais velho, que se apresentou a você fez questão de lhe contar sobre a biblioteca e sobre o Sacratório, tomou o cuidado de falar também que a entrada era proibida, pois não queríamos induzi-lo. Horizonte Celestial Dois também avisou... e de um jeito mais contundente. Ainda assim, você não desistiu. A loja em que você comprou a túnica branca e as duas faixas nos alertou e, a partir dessa informação, sabíamos de seu plano. A biblioteca foi mantida vazia, o bibliotecário foi avisado para não levantar os olhos, deixamos menos pessoas no local. Aquele irmão que inadvertidamente conversou com você quase nos comprometeu, mas se afastou rapidamente quando percebeu com quem lidava. E então você veio até aqui. Portanto, a conclusão lógica é que era sua intenção vir até aqui. Nós não o conduzimos de maneira nenhuma. Sua presença nesta sala é resultado de suas próprias atitudes, de seu próprio desejo. O que quero perguntar, mais uma vez, é: por quê?

Foi Dors quem respondeu, com a voz firme e o olhar duro:

– E vamos responder mais uma vez, Sumo Ancião. Somos estudiosos. Para nós, o conhecimento é algo sagrado, e buscamos apenas conhecimento. Vocês não nos guiaram até aqui, mas tampouco nos impediram de vir, como poderiam ter feito antes mesmo de termos nos aproximado deste prédio. Vocês removeram obstáculos e facilitaram nossa vinda, e isso pode ser considerado indução. E que mal causamos? Não prejudicamos o prédio de maneira nenhuma, nem esta sala, nem o senhor, nem *aquilo* – ela apontou para o robô. – Aquilo é um pedaço inútil de metal que vocês escondem aqui e agora sabemos que é inútil, e era esse o conhecimento que buscávamos. Acreditávamos que seria algo mais significativo e estamos desapontados, mas, agora que sabemos da irrelevância do que se trata, vamos embora. Vamos embora de Mycogen, se o senhor quiser.

Mestre Solar Quatorze ouviu sem nenhuma expressão no rosto. Quando ela terminou, ele se dirigiu a Seldon:

– Este robô que você está vendo é um símbolo, um símbolo de tudo o que perdemos, de tudo o que não mais nos pertence, de tudo o que não esquecemos por milhares de anos e de tudo o que pretendemos retomar algum dia. Por ser a única coisa material e autêntica que nos resta, é algo importante para nós. Ainda assim, para essa mulher é apenas "um pedaço inútil de metal". Você concorda com tal opinião, tribalista Seldon?

– Nós somos membros de sociedades que não se vinculam a um passado com milhares de anos – respondeu Seldon –, e não fazemos nenhuma ligação entre o que aconteceu nesse passado distante e nós mesmos. Vivemos no presente, que reconhecemos como o resultado de *todo* o passado, e não de um momento específico e longínquo ao qual nos agarramos obsessivamente. Entendemos racionalmente o significado que o robô tem para vocês e estamos dispostos a aceitar que ele continue com esse significado. Mas nós só podemos enxergá-lo com nossos *próprios* olhos, da mesma maneira que vocês só podem enxergá-lo com os seus. Para *nós*, é um pedaço inútil de metal.

– E agora – disse Dors –, nós vamos embora.

– Não, não vão – respondeu Mestre Solar. – Ao virem até aqui, vocês cometeram um crime. É um crime apenas para os *nossos* olhos, como vocês certamente defenderão – seus lábios se curvaram em um sorriso gélido –, mas este é *nosso* território e, dentro dele, são os nossos valores que contam. Esse crime, de acordo com os *nossos* valores, é punível com a morte.

– E o senhor vai nos matar? – perguntou Dors, com arrogância.

A expressão de Mestre Solar Quatorze era de desprezo quando ele continuou a se dirigir apenas a Seldon.

– O que pensa que somos, tribalista Seldon? – ele disse. – Nossa cultura é tão antiga quanto a sua. Tão complexa, tão civilizada, tão humana quanto. Não estou armado. Vocês serão julgados e, por serem criminosos confessos, serão executados de acordo com a lei, de maneira rápida e indolor. Se forem embora agora, eu não os impediria, mas há muitos irmãos nos andares inferiores, muito mais do que parecia quando vocês entraram e, na fúria causada por suas atitudes, eles podem capturá-los com métodos enérgicos e brutais. Já tivemos, em nossa história, tribalistas que chegaram a morrer dessa maneira. Não é uma morte agradável. Certamente não é indolor.

– Horizonte Celestial nos falou sobre isso – respondeu Dors. –

Talvez sua cultura não seja assim tão complexa, civilizada e humana.

– As pessoas podem apelar para a violência em momentos de grande emoção, tribalista Seldon – disse Mestre Solar Quatorze, com tranquilidade –, independentemente de sua benevolência em momentos calmos. Isso acontece em todas as culturas, conforme essa mulher, que você diz ser historiadora, deve saber.

– Continuemos racionais, Mestre Solar Quatorze – respondeu Seldon. – O senhor pode representar a lei em Mycogen no que diz respeito a questões locais, mas não tem autoridade legal sobre nós e sabe disso. Nós somos cidadãos de fora de Mycogen e somos parte do Império, e é o Imperador e os oficiais indicados por ele que devem lidar com qualquer infração grave.

– É o que dizem os estatutos, os papéis e as telas de holovisualização – disse Mestre Solar Quatorze –, mas agora não estamos falando de teoria. Faz muito tempo que o Sumo Ancião tem o poder de punir os crimes de sacrilégio sem interferência da autoridade imperial.

– Se os criminosos forem do *seu* povo – retrucou Seldon. – É muito diferente se eles forem forasteiros.

– No caso de vocês, eu duvido. O tribalista Hummin trouxe vocês até aqui como fugitivos, e nossas cabeças mycogenianas não são tão cheias de levedura a ponto de não suspeitarmos de que vocês são procurados pela lei imperial. Estaríamos fazendo o trabalho dele. Por que ele se oporia?

– Porque sim – disse Seldon. – Mesmo que sejamos fugitivos das autoridades imperiais e que elas nos queiram apenas para nos punir, ainda assim iriam querer assumir a questão. Permitir que o senhor nos executasse com qualquer método e por qualquer motivo sem o devido processo *imperial* seria contradizer sua autoridade, e nenhum Imperador poderia abrir tal precedente. Por mais que ele não deseje ver uma interrupção no abastecimento dos microingredientes, sentiria a necessidade de fortalecer a prerrogativa imperial. O senhor gostaria, em sua ansiedade para nos matar, que uma divisão do Exército Imperial saqueasse suas fazendas e casas, profanasse seu Sacratório e tomasse liberdades com as irmãs? Pense nisso.

Mestre Solar Quatorze sorriu mais uma vez, sem nenhum sinal de consentimento.

– Na verdade, eu *pensei* nisso e *há* uma alternativa. Depois de

condenar vocês, poderíamos adiar a execução para permitir que vocês fizessem um apelo para que o Imperador interviesse. Cleon I ficaria grato por nossa demonstração de submissão imediata à sua autoridade e também por colocar as mãos em vocês dois, por qualquer que seja o motivo. Mycogen sairia ganhando. É isso que você quer? Fazer um apelo ao Imperador e acabar entregue a ele?

Seldon e Dors se entreolharam por um momento e permaneceram em silêncio.

– Tenho a sensação – continuou Mestre Solar Quatorze – de que vocês prefeririam cair nas mãos do Imperador a morrer, mas por uma margem bastante pequena.

– Na verdade – disse uma nova voz –, creio que nenhuma das alternativas é aceitável. Precisamos encontrar uma terceira.

59

Dors foi a primeira a identificar o visitante, talvez porque era a única que esperava por sua chegada.

– Hummin – ela disse –, ainda bem que você nos encontrou. Entrei em contato quando percebi que não conseguiria convencer Hari a desistir – ela ergueu as mãos em um gesto amplo – *disso*.

O sorriso de Hummin foi pequeno e não mudou a seriedade característica de seu rosto. Havia um sutil ar de cansaço em sua expressão.

– Minha cara – ele respondeu –, eu estava envolvido com outras coisas. Nem sempre poderei largar tudo imediatamente. Depois da minha chegada, precisei, assim como vocês, providenciar uma túnica e uma faixa, sem falar na touca, para poder vir até aqui. Se tivesse vindo antes, talvez pudesse ter evitado esta situação, mas acho que não é tarde demais.

Mestre Solar Quatorze se recuperou do que pareceu ser um choque doloroso.

– Como chegou aqui, tribalista Hummin? – perguntou, com uma voz sem o costumeiro tom autoritário.

– Não foi fácil, Sumo Ancião, mas, como a tribalista Venabili gosta de dizer, sou uma pessoa bastante persuasiva. Alguns dos cidadãos se lembraram de mim e do que fiz por Mycogen no passado, se

lembraram até de que sou um irmão honorário. O senhor se esqueceu, Mestre Solar Quatorze?

– Eu não esqueci – respondeu o Ancião. – Porém, nem mesmo a memória mais favorável pode se sobrepor a certas ações. Tribalistas, aqui. Um homem e uma mulher. Não há crime mais grave. Tudo o que você fez até hoje não é o suficiente para anular isso. Meu povo não é negligente; compensaremos você de alguma outra maneira. Mas esses dois precisam morrer ou ser entregues ao Imperador.

– *Eu* também estou aqui – disse Hummin, calmamente. – Também é um crime, não é?

– Por você – respondeu Mestre Solar Quatorze –, por *você* ser quem é, por ser uma espécie de irmão honorário, posso... deixar passar... uma vez. Mas não estes dois.

– Você espera uma recompensa de Cleon I? Algum tipo de privilégio? Alguma concessão? Você já entrou em contato com ele ou, mais provavelmente, com o chefe de gabinete, Eto Demerzel?

– Não é um assunto que estou disposto a discutir.

– O que é praticamente uma confissão. Deixe disso. Não estou perguntando o que o Imperador prometeu, mas não deve ser muita coisa. Ele não tem muito a oferecer nestes dias decadentes. Permita que *eu* faça uma oferta. Esses dois contaram que são estudiosos?

– Sim.

– E são mesmo. Não mentiram. A tribalista Venabili é historiadora e o tribalista Seldon é matemático. Juntos, estão tentando combinar seus talentos para criar uma matemática da história, que chamam de psico-história.

– Não sei nada sobre essa tal psico-história – disse Mestre Solar Quatorze –, e tampouco quero saber. Isso não me interessa, nem qualquer outra faceta de seus estudos tribais.

– Ainda assim – retrucou Hummin –, recomendo que o senhor ouça o que tenho a dizer.

Foram necessários aproximadamente quinze minutos para Hummin descrever, em uma explicação bastante concisa, a possibilidade de organizar as leis naturais da sociedade (algo que, todas as vezes, ele mencionou com aspas audíveis no tom de voz) de maneira que fosse possível antecipar o futuro com um grau considerável de precisão.

– Uma teoria especulativa altamente improvável, eu diria – comentou Mestre Solar Quatorze, que ouvira com atenção, depois de

Hummin terminar.

Com uma expressão pesarosa, Seldon parecia prestes a falar alguma coisa – certamente para concordar com Mestre Solar Quatorze –, mas a mão de Hummin, pousada de leve no joelho esquerdo de Seldon, deu-lhe um inconfundível apertão.

– Talvez, Sumo Ancião – disse Hummin –, mas o Imperador acredita que não. E ao dizer Imperador (que é uma pessoa consideravelmente afável) estou na verdade me referindo a Demerzel, cujas ambições não preciso explicar ao senhor. Eles estão bastante ansiosos para colocar as mãos nestes dois estudiosos, e foi por isso que os trouxe até aqui, para ficarem sob a sua guarda. Eu não achei que o senhor faria o serviço de Demerzel entregando os estudiosos a ele.

– Eles cometeram um crime que...

– Sim, sabemos disso, Sumo Ancião, mas é um crime apenas porque o senhor opta por considerá-lo um crime. Nenhum dano foi causado.

– Danos foram causados a nossas crenças, a nossos mais profundos...

– Mas imagine os danos que podem ser causados se a psico-história cair nas mãos de Demerzel. Sim, eu reconheço que a psico-história talvez não seja nada, mas vamos supor que exista a possibilidade de ela ser *alguma coisa* e que o governo imperial seja o dono dessa ferramenta, ou seja, que ele poderá prever o futuro; poderá tomar medidas em função de um conhecimento que somente ele terá; poderá adotar estratégias para criar um futuro alternativo que seja mais vantajoso para o próprio Império.

– Sim, e daí?

– O senhor tem alguma dúvida, Sumo Ancião, de que um futuro alternativo mais vantajoso para o próprio Império seria o de poder mais centralizado? Como o senhor sabe, faz séculos que o Império sofre uma descentralização progressiva. Diversos mundos declaram estar a serviço do Império, mas são praticamente independentes e governam a si mesmos. Existe descentralização até mesmo aqui em Trantor. Mycogen, para mencionarmos apenas um exemplo, está praticamente livre da interferência imperial. Como Sumo Ancião, o senhor é soberano e não há nenhum representante imperial ao seu lado, fiscalizando suas ações e decisões. Com homens como Demerzel ajustando o futuro como bem entendessem, por quanto tempo o senhor acha que essa liberdade continuaria?

– Isso ainda é uma especulação bastante frágil – concedeu Mestre Solar Quatorze –, mas perturbadora, devo admitir.

– Por outro lado, se esses estudiosos puderem concluir seus estudos (um “se” improvável, o senhor poderia dizer, mas ainda assim um “se”), eles certamente se lembrarão de que o senhor os poupou quando poderia ter optado pelo contrário. E é concebível que eles aprendam a orquestrar um futuro em que Mycogen pudesse, por exemplo, ter seu próprio mundo, um mundo formado para ser uma réplica muito próxima do Mundo Perdido. E, mesmo que esses dois se esqueçam da sua bondade, eu estarei lá para lembrá-los.

– Não sei... – disse Mestre Solar Quatorze.

– Deixe disso – respondeu Hummin. – Não é difícil deduzir o que está passando por sua cabeça. De todos os tribalistas, Demerzel deve ser em quem o senhor menos confia. E, apesar de haver apenas uma pequena chance de a psico-história dar certo (se eu não estivesse falando a verdade para o senhor, eu não admitiria isso), ela não é nula. E se ela puder trazer a restauração do Mundo Perdido, o que mais o senhor poderia querer? O que o senhor não arriscaria por uma chance de isso acontecer, por menor que seja? Escute, eu prometo ao senhor, e minhas promessas não são levianas. Deixe esses dois irem e opte pela pequena chance de conseguir o que o senhor mais quer, em vez de chance nenhuma.

Houve um momento de silêncio. Então, Mestre Solar Quatorze suspirou e disse:

– Não sei como consegue, tribalista Hummin, mas em todas as ocasiões em que nos encontramos, você me convence a fazer algo que eu não quero fazer.

– Alguma vez eu enganei o senhor, Sumo Ancião?

– Você nunca me ofereceu uma chance tão pequena.

– E nem uma recompensa tão grande. Uma coisa equilibra a outra.

Mestre Solar Quatorze fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Você está certo. Pegue esses dois e leve-os para longe de Mycogen. Não quero vê-los nunca mais, a não ser que aconteça de... Mas certamente não será durante a minha existência.

– Talvez não, Sumo Ancião. Mas seu povo espera pacientemente há quase vinte mil anos. O senhor seria contra esperar mais outros duzentos, talvez?

– Eu não esperaria voluntariamente nem por mais um instante, mas

o meu povo há de esperar pelo tempo que for necessário. – Mestre Solar Quatorze se levantou. – Deixarei o caminho livre. Pegue-os e vá embora!

60

Eles estavam, enfim, de volta a um túnel. Hummin e Seldon tinham viajado por um túnel quando iam do Setor Imperial à Universidade de Streeling. Agora, estavam em outro, saindo de Mycogen para... Seldon não sabia onde. Hesitou em perguntar. O rosto de Hummin parecia esculpido em granito, nem um pouco disposto a conversar.

Hummin estava sentado na frente do veículo de quatro lugares, com o assento à sua direita vazio. Seldon e Dors estavam no de trás.

Seldon arriscou sorrir para Dors, que estava aborrecida.

– É bom voltar a usar roupas de verdade, não é? – ele perguntou.

– Eu nunca mais vou usar ou olhar para qualquer coisa que se pareça com uma túnica – respondeu Dors, com sinceridade. – E nunca, sob nenhuma circunstância, vou usar uma touca. Aliás, eu talvez nunca mais me acostume com homens naturalmente carecas.

E foi Dors quem, enfim, fez a pergunta que Seldon relutava em fazer.

– Chetter – ela disse, um tanto petulante –, por que não diz para onde está nos levando?

Hummin girou o tronco para ficar de lado e olhar para Dors e Seldon, com seriedade.

– Para algum lugar em que vocês não arrumem encrenca – respondeu –, apesar de eu não saber se existe um lugar assim.

Dors murchou imediatamente.

– Na verdade, Chetter, a culpa foi minha – ela disse. – Em Streeling, eu permiti que Seldon fosse à Superfície Exterior sem acompanhá-lo. Em Mycogen, eu ao menos fui com ele, mas acho que não devia ter deixado que ele entrasse no Sacratório.

– Eu estava determinado a fazer isso – interveio Seldon, com gentileza. – Não foi culpa de Dors, de jeito nenhum.

Hummin não estava interessado em determinar culpados. Em vez disso, disse:

– Pelo que entendi, você queria ver o robô. Havia motivo para

tanto? Pode me dizer?

– Eu estava enganado, Hummin – Seldon pôde sentir o rosto ficar vermelho. – Não vi o que esperava ou *queria* ver. Se soubesse o que havia no refúgio, nunca teria me dado ao trabalho de ir até lá. Foi um completo fiasco.

– Mas, Seldon, o que você queria ver? Por favor, explique. Leve o tempo que for necessário. A viagem é longa e estou disposto a ouvir.

– A questão, Hummin, é que eu cogitei a possibilidade de haver robôs humanoides, de que eles vivem vidas longas, de que pelo menos um deles ainda está vivo e de que ele talvez estivesse no refúgio. *Havia* um robô ali, mas era de metal, estava morto e servia apenas como símbolo. Se eu soubesse que...

– Sim. Se algum de nós soubesse tudo, não haveria a necessidade de nenhum tipo de pergunta ou pesquisa. Onde você conseguiu a informação sobre os robôs humanoides? Nenhum mycogeniano teria discutido essa questão com você, portanto só consigo pensar em um jeito. O Livro mycogeniano: um livro-filme com bateria autônoma, na língua antiga de Aurora e no Padrão Galáctico atual. Estou certo?

– Sim.

– E como você conseguiu uma cópia?

Seldon ficou em silêncio por um momento. Então, murmurou:

– É um tanto constrangedor.

– Não é fácil me constranger, Seldon.

Seldon contou a Hummin, que deixou um rápido sorriso passar por seu rosto.

– Não lhe ocorreu – sugeriu ele – que aquilo tudo pudesse ser uma farsa? Nenhuma irmã faria algo desse tipo, a não ser que estivesse seguindo ordens e, mesmo assim, somente depois de muita persuasão.

– Não era nada óbvio – respondeu Seldon, secamente, franzindo as sobrancelhas. – Algumas pessoas *têm* perversões. Para você, sorrir é fácil. Eu não sabia o que você sabe, nem Dors. Se você não queria que eu caísse em armadilhas, podia ter me avisado sobre a existência delas.

– Concordo. Retiro o que disse. De qualquer jeito, você não está mais com o Livro, está?

– Não. Mestre Solar Quatorze o pegou de volta.

– Quanto você conseguiu ler?

– Apenas uma pequena parte. Não tive tempo. É um livro imenso e

devo dizer, Hummin, é terrivelmente chato.

– Sim, eu sei. Devo ter lido muito mais do que você. É muito tedioso e, pior do que isso, não é nada confiável. É uma visão tendenciosa e oficial da história mycogeniana, mais preocupada em catequizar do que em trazer objetividade e lógica. Em certos trechos, chega a ser deliberadamente confuso para que pessoas de fora, caso cheguem a ler o Livro, nunca entendam por completo o que leram. O que você acha que leu sobre robôs que chamou sua atenção?

– Eu já disse. Eles falam de robôs humanoides, robôs cuja aparência não pode ser distinguida da humana.

– Segundo o Livro, quantos deles existem? – perguntou Hummin.

– Eles não dizem. Ou, pelo menos, não encontrei nenhuma passagem que oferecesse números. Talvez fosse apenas um punhado, mas *um* deles, especificamente, o Livro chama de "Renegado". Parece ter alguma importância negativa, mas não consegui entender qual.

– Você não me contou nada a esse respeito – interveio Dors. – Se tivesse contado, eu teria explicado que não se trata de um nome próprio. É outra palavra arcaica que tem significado mais ou menos equivalente ao de "traidor" no Padrão Galáctico. A versão mais antiga tem uma aura maior de ameaça. De certa forma, um traidor esconde sua traição, mas um renegado a exibe com orgulho.

– Deixarei as nuances das línguas antigas com você, Dors – disse Hummin. – De qualquer maneira, se o Renegado existisse e se fosse um robô humanoide, é evidente que, como traidor e inimigo, não seria preservado e venerado no refúgio dos Anciãos.

– Eu não sabia o significado de "Renegado" – comentou Seldon –, mas, como falei, tive a impressão de que era um inimigo. Pensei que ele tinha sido derrotado e preservado como memória do triunfo mycogeniano.

– Havia alguma indicação no Livro de que o Renegado teria sido vencido?

– Não, mas eu talvez não tenha visto essa parte...

– Improvável. Qualquer vitória mycogeniana seria inconfundivelmente alardeada e mencionada inúmeras vezes.

– Há outra questão que o Livro levanta sobre o Renegado – disse Seldon, hesitante –, mas não tenho certeza se entendi.

– Como eu disse – respondeu Hummin –, eles são propositalmente confusos em certos trechos.

– Eles parecem acreditar – continuou Seldon – que o Renegado podia, de alguma maneira, acessar as emoções humanas... Influenciá-las...

– Qualquer político pode fazer isso – interrompeu Hummin, dando de ombros. – Chama-se "carisma"... quando funciona.

– Bom, eu quis acreditar – suspirou Seldon. – Foi isso. Eu não pouparia esforços para encontrar um robô humanoide antigo que ainda estivesse vivo e que eu pudesse interrogar.

– Com qual objetivo? – perguntou Hummin.

– Para saber detalhes sobre a sociedade primária da Galáxia, quando era composta por apenas alguns planetas. Seria mais fácil deduzir a psico-história a partir de uma Galáxia pequena.

– Você tem certeza de que poderia confiar nas respostas do robô? – disse Hummin. – Depois de muitos milhares de anos, você estaria disposto a confiar nas memórias mais antigas dele? Quão distorcidas elas poderiam estar?

– É verdade – interveio Dors, subitamente. – Seria como os registros computadorizados de que falamos, Hari. Aos poucos, as memórias desse robô seriam descartadas, perdidas, apagadas, distorcidas. Você só poderia acessar até certo ponto e, quanto mais antigo fosse esse ponto, menos confiável seria a informação, não importa o que você faça.

Hummin concordou com a cabeça.

– Ouvi falar nisso – ele disse. – É uma espécie de princípio da incerteza na informação.

– Mas não seria possível que *algumas* informações – argumentou Seldon, pensativo –, por motivos específicos, ficassem preservadas? Pode ser que partes do Livro mycogeniano se refiram a eventos de vinte mil anos atrás e, ainda assim, serem quase como eram originalmente. Quanto mais valorizada e mais cuidadosamente preservada for determinada informação, mais duradoura e exata ela será.

– A palavra-chave é *determinada* informação. O que o Livro faz questão de preservar talvez não seja o que *você* gostaria de ter preservado, e as coisas de que o robô se lembra com mais detalhes talvez sejam coisas às quais você não daria a menor importância.

– Em qualquer direção que eu siga para encontrar uma maneira de estabelecer a psico-história – disse Seldon, desolado –, os

desdobramentos fazem com que seja impossível encontrar uma solução. Por que, então, eu deveria tentar?

– Pode parecer impossível agora – respondeu Hummin, sem emoção –, mas, com o gênio certo, pode ser que surja um caminho para a psico-história que nenhum de nós esperaria. Dê tempo a si mesmo. Estamos chegando a uma área de descanso. Vamos parar para jantar.

Diante de carne moída de carneiro servida com pães sem gosto (ainda mais impalatável depois do banquete em Mycogen), Seldon disse:

– Hummin, você parece acreditar que eu sou esse "gênio certo". Eu talvez não seja.

– É verdade, talvez você não seja – respondeu Hummin. – Porém, não conheço nenhum outro candidato, então preciso acreditar em você.

– Bom, vou tentar – disse Seldon, com um suspiro –, mas estou sem nenhuma esperança. Possível, mas impraticável, foi o que falei logo no início, e estou mais convencido disso do que nunca.

POÇOS TERMAIS

——— Amaryl, Yugo...

Matemático que, ao lado do próprio Hari Seldon, pode ser considerado o principal responsável por desvendar os detalhes da psico-história. Foi ele que...

... Mas suas condições de vida são quase tão dramáticas quanto seus feitos matemáticos. Nascido na absoluta pobreza das classes mais baixas de Dahl, setor do antigo Trantor, ele poderia ter vivido em completo anonimato se não fosse pelo fato de Seldon tê-lo encontrado quase por acidente durante o período de...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

61

O Imperador de toda a Galáxia estava esgotado, fisicamente esgotado. Sua boca doía por causa do sorriso gracioso que precisava colocar no rosto a intervalos calculados. Seu pescoço estava distendido pela necessidade de inclinar a cabeça para este ou aquele lado em uma demonstração ensaiada de interesse. Seus ouvidos estavam doloridos de tanto precisar ouvir. Seu corpo inteiro latejava por se levantar e se sentar e virar e estender a mão e assentir com a cabeça.

Era uma cerimônia protocolar na qual ele precisava receber os prefeitos, vice-reis e ministros e suas esposas ou maridos, vindos de todos os cantos de Trantor ou, pior, de todos os cantos da Galáxia. Havia cerca de mil convidados, todos em roupas que iam de ornamentadas a indiscutivelmente bizarras, e ele era obrigado a ouvir uma ladainha de sotaques variados, acentuados por uma tentativa de imitar o Galáctico do Imperador, que era o da Universidade Galáctica. O pior de tudo era que o Imperador precisava se lembrar de não assumir compromissos de importância, ao mesmo tempo que aplicava o bálsamo de palavras sem conteúdo.

Tudo tinha sido discretamente gravado, tanto sons como imagens – e Eto Demerzel analisaria as gravações para ter certeza de que Cleon I, se comportara. Ou, pelo menos, era a maneira como o Imperador enxergava as gravações. Demerzel certamente diria que estava apenas coletando dados, em busca de gestos ou atitudes involuntariamente reveladores por parte dos convidados. E talvez estivesse mesmo.

Demerzel tinha muita sorte!

O Imperador não podia sair do palácio e arredores, enquanto Demerzel podia dar a volta na Galáxia, se quisesse. Cleon estava sempre exposto, sempre acessível; era constantemente obrigado a lidar com visitantes, desde os mais importantes até os meramente invasivos. Demerzel permanecia anônimo e nunca se fazia visto no palácio. Era apenas um nome ameaçador e uma presença invisível (e, portanto, ainda mais assustadora).

O Imperador era o homem ao centro, com todos os atavios e riquezas associadas ao poder. Demerzel era o homem do lado de fora, com nada em evidência, nem mesmo um título formal, mas com seus dedos e cérebro estendendo-se por todas as partes, sem pedir nada em troca de seus esforços incansáveis – nada além de poder real e efetivo.

De um jeito um tanto macabro, era prazeroso para Cleon saber que ele poderia, a qualquer momento e sem aviso, com uma desculpa fabricada ou sem justificativa nenhuma, mandar prender, condenar, exilar, torturar ou executar Demerzel. Afinal, naqueles séculos irritantes de inquietação eterna, o Imperador talvez tivesse dificuldade de se impor nos vários planetas do Império e até mesmo nos vários setores de Trantor – com sua turba de poderes executivos e legislaturas locais com os quais ele era forçado a lidar em um labirinto de decretos, protocolos, compromissos, tratados e legalidades interestelares que se cruzavam –, mas seu poder continuava absoluto pelo menos no palácio e arredores.

Entretanto, Cleon sabia que seus sonhos de poder eram inúteis. Demerzel servira a seu pai e Cleon não conseguia pensar em um momento em que não recorrera à ajuda de Demerzel, fosse qual fosse o motivo. Era Demerzel que sabia de tudo, planejava tudo, executava tudo. Mais do que isso. Demerzel era quem poderia ser culpado, caso alguma coisa desse errado. O Imperador permanecia acima de toda crítica e não tinha nada a temer – exceto, é claro, golpes de Estado e assassinato pelas mãos das pessoas mais próximas e mais benquistas por ele. Era para prevenir essas coisas, acima de tudo, que ele dependia de Demerzel.

Cleon sentiu um pequeno arrepio ao pensar em como seria sua vida sem Demerzel. Houve imperadores que governaram por conta própria, com uma série de Chefes de Gabinete sem talento, uma sequência de incompetentes ocupando a posição, e eles os mantiveram no cargo mesmo assim – e, de alguma maneira, tinham conseguido conviver lado a lado, pelo menos durante algum tempo.

Mas Cleon não era um desses casos. Ele precisava de Demerzel. Aliás, agora que a ideia de ser assassinado lhe ocorrera – e, considerando a história recente do Império, era inevitável que lhe ocorresse –, ele via que era impossível se livrar de Demerzel. Simplesmente não podia ser feito. Independentemente da astúcia do plano que Cleon elaborasse, de alguma maneira Demerzel anteciparia

a estratégia, saberia quando iria acontecer e, com inteligência muito superior, orquestraria um golpe de Estado. Cleon estaria morto antes que Demerzel fosse acorrentado e seria substituído por outro Imperador, ao qual Demerzel serviria – e a quem dominaria.

Ou será que Demerzel se cansaria do jogo e ele mesmo assumiria como Imperador?

Nunca! Ele estava acostumado com o anonimato. Se Demerzel se expusesse ao mundo, seus poderes, sua sabedoria, sua sorte (fosse qual fosse) iriam certamente abandoná-lo. Cleon estava convencido disso. Para ele, era algo indiscutível.

Portanto, enquanto se comportasse, Cleon estaria a salvo. Sem nenhuma ambição para si mesmo, Demerzel o serviria fielmente.

E ali estava Demerzel, vestido com tanta austeridade e simplicidade que deixava Cleon desconfortavelmente consciente da ornamentação inútil de seus trajes oficiais, que, para seu alívio, foram removidos com a ajuda de dois valetes. Naturalmente, Demerzel surgiu no campo de visão de Cleon apenas quando ele já estava sozinho e com roupas informais.

– Demerzel – exclamou o Imperador de toda a Galáxia –, estou cansado!

– Formalidades de Estado são cansativas, Majestade – murmurou Demerzel.

– É mesmo necessário que aconteçam todas as tardes?

– Não *todas* as tardes, mas elas são essenciais. Ver Vossa Majestade e receber sua atenção é gratificante para os outros. Ajuda a manter o Império.

– O Império costumava ser mantido pelo poder – respondeu Cleon, taciturno. – Agora, precisa ser mantido com um sorriso, um aceno de mão, uma palavra sussurrada e uma medalha ou placa.

– Se essas coisas ajudam a manter a paz, Majestade, são coisas de grande importância. E o seu reino continua próspero.

– Você sabe o motivo. É porque tenho você ao meu lado. Meu único talento verdadeiro é o de saber da sua importância. – Ele olhou para Demerzel de soslaio. – Meu filho não precisa ser meu sucessor. Ele não é um rapaz talentoso. E se eu indicar *você* como meu sucessor?

– Majestade – respondeu Demerzel, em um tom gélido –, isso é impensável. Eu não usurparia o trono. Não o roubaria do herdeiro legítimo. Se eu desagradei Vossa Majestade, castigue-me com justiça.

Nada do que eu tenha feito ou possa fazer merece o castigo de ser nomeado Imperador.

Cleon riu e sentenciou:

– Por essa opinião sincera sobre o valor do trono imperial, Demerzel, eu esquecerei qualquer pensamento de castigá-lo. Agora, vamos conversar sobre alguma coisa. Eu dormiria, mas ainda não estou pronto para toda a cerimônia com a qual eles me colocam na cama. Vamos conversar.

– Sobre o quê, Majestade?

– Sobre qualquer coisa... Sobre aquele matemático e sua psico-história. Penso nele de vez em quando, sabe? Ele me veio à cabeça no jantar de hoje. Pensei: e se uma análise psico-histórica pudesse prever uma maneira de ser Imperador sem formalidades infinitas?

– Creio que nem mesmo o mais inteligente psico-historiador possa fazer isso, Majestade.

– Conte-me as últimas informações. Ele ainda está escondido entre aqueles peculiares carecas de Mycogen? Você prometeu que o arrancaria de lá.

– Sim, prometi, Majestade, e tomei providências para tanto, mas lamento informar que falhei.

– Falhou? – Cleon I franziu as sobrancelhas. – Não gosto disso.

– Nem eu, Majestade. Planejei que o matemático fosse encorajado a cometer algum tipo de blasfêmia... em Mycogen, é algo fácil a se fazer, especialmente para um forasteiro; algum gesto que resultasse em punição severa. Assim, o matemático seria forçado a apelar para o Imperador, e o resultado disso é que poderíamos capturá-lo. Minha estratégia incluía concessões insignificantes da nossa parte (muito importantes para Mycogen, totalmente sem importância para nós) e minha intenção era não ter nenhum envolvimento direto com a questão. Era algo a ser executado com sutileza.

– Era de se esperar que sim – disse Cleon –, mas falhou. Foi o prefeito de Mycogen...

– Ele é chamado de Sumo Ancião, Majestade.

– Não seja detalhista com títulos. Esse Sumo Ancião se recusou a ajudar?

– Pelo contrário, Majestade, ele concordou. E o matemático, Seldon, caiu direitinho na armadilha.

– O que foi, então?

– Ele pôde ir embora, incólume.

– Por quê? – perguntou Cleon, indignado.

– Não tenho certeza da resposta, Majestade, mas suspeito que alguém o tenha alcançado antes de nós.

– Quem? O prefeito de Wye?

– Talvez, Majestade, mas eu duvido. Coloquei Wye sob vigilância constante. A esta altura, eu saberia se eles tivessem conseguido o matemático.

Cleon não estava mais apenas franzindo as sobrancelhas. Estava obviamente enfurecido.

– Demerzel, isso é muito ruim. Estou imensamente insatisfeito. Um fracasso dessa magnitude faz com que eu pense que você não é mais o homem que costumava ser. Que medidas devemos tomar contra Mycogen como castigo por essa violação descarada dos meus desejos?

Demerzel fez uma reverência em resposta ao ataque de fúria, mas respondeu em tons gelados:

– Agir contra Mycogen neste momento seria um erro, Majestade. A ruptura resultante seria benéfica para Wye.

– Mas precisamos fazer *alguma coisa*.

– Talvez não, Majestade. A situação não é tão grave quanto parece.

– Como ela pode não ser tão grave quanto parece?

– Vossa Majestade se lembra de que esse matemático estava convencido de que a psico-história é impraticável?

– Claro que lembro, mas isso não faz diferença para nossos propósitos, faz?

– Talvez não. Mas, se ela acabasse por ser praticável, serviria extensa e infinitamente aos nossos propósitos, Majestade. E, pelo que pude descobrir, o matemático está, no momento, tentando fazer com que ela seja praticável. Segundo minhas conclusões, a blasfêmia cometida em Mycogen foi parte de uma tentativa de desvendar a psico-história. Nesse caso, talvez seja benéfico para nós, Majestade, deixá-lo por conta própria. Será mais útil capturá-lo quando ele estiver mais próximo de atingir seu objetivo ou já o tenha alcançado.

– Não se Wye pegá-lo antes de nós.

– Farei de tudo para garantir que isso não aconteça.

– Do mesmo jeito que você conseguiu arrancar o matemático de Mycogen?

– Não cometerei nenhum erro na próxima vez, Majestade – disse

Demerzel, frio.

– É melhor que não cometa, Demerzel – respondeu o Imperador. – Não vou tolerar outro equívoco. – E acrescentou, mal-humorado: – Acho que não vou dormir hoje, afinal de contas.

62

Jirad Tissalver, do Setor Dahl, era baixinho. O topo de sua cabeça ficava à altura do nariz de Hari Seldon. Mas ele não parecia se incomodar. Tinha traços belos e simétricos, gostava de sorrir e exibia um denso bigode preto e cabelos pretos encaracolados.

Ele vivia com sua esposa e a filha pequena em um apartamento com sete aposentos diminutos, mantidos meticulosamente limpos, mas quase sem móveis.

– Peço desculpas, amo Seldon e ama Venabili, por não ser capaz de oferecer o luxo com o qual devem estar acostumados, mas Dahl é um setor pobre e eu não estou entre os mais abastados de meu povo.

– Mais motivos para pedirmos desculpas pelo fardo de nossa presença – respondeu Seldon.

– Não é fardo nenhum, amo Seldon. O amo Hummin providenciou um generoso pagamento para que vocês pudessem usufruir de nossos humildes aposentos, e os créditos seriam bem-vindos mesmo que vocês não fossem... e vocês *são*.

Seldon lembrou-se do que Hummin dissera ao se despedir deles, depois de chegarem a Dahl.

– Seldon – ele dissera –, este é o terceiro lugar que consegui para ser seu esconderijo. Os dois primeiros ficavam notoriamente longe do alcance da autoridade imperial, o que inadvertidamente pode ter servido para atrair a atenção deles; afinal, eram lugares lógicos para esconder você. Este é diferente. É pobre, sem nenhum destaque, e até inseguro, de certa maneira. Não é um esconderijo óbvio, então pode ser que não ocorra ao Imperador nem ao chefe de gabinete olhar nesta direção. Você pode, por favor, evitar problemas desta vez?

– Vou tentar, Hummin – respondera Seldon, um tanto ofendido. – Por favor, tenha em mente que não procuro problemas. Para ter uma mínima chance de efetivar a psico-história, estou tentando aprender o que talvez precise de cinquenta vezes meu tempo de vida para ser

aprendido.

– Eu entendo – dissera Hummin. – Sua dedicação a aprender foi o que o levou à Superfície Exterior, em Streeling, e ao refúgio dos Anciãos, em Mycogen, e sabe-se lá para onde aqui, em Dahl. Quanto a você, dra. Venabili, sei que está tentando tomar conta de Seldon, mas precisa aumentar os seus esforços. Jamais se esqueça de que ele é a pessoa mais importante em Trantor e talvez em toda a Galáxia, e precisa ser mantido em segurança, a qualquer custo.

– Continuarei a fazer o melhor que puder – retrucara Dors, em tom duro.

– No que diz respeito à família que vai recebê-los, eles têm suas esquisitices, mas são, essencialmente, boas pessoas, com quem já tive contato antes. Tentem não envolvê-los em confusão.

Mas Tissalver, pelo menos, não parecia temer nenhum tipo de confusão por parte de seus novos hóspedes, e sua declarada satisfação pela companhia dos dois – independentemente dos créditos de aluguel que receberia – parecia ser bastante sincera.

Ele nunca tinha estado fora de Dahl e seu apetite por histórias de lugares distantes era imenso, assim como o de sua esposa, que, fazendo reverências e sorrindo, escutava o que os visitantes tinham a dizer. Até mesmo a filha dos dois, com o polegar na boca, espiava pelas frestas das portas.

Era geralmente depois do jantar, quando toda a família estava reunida, que Seldon e Dors falavam sobre o universo fora de Dahl. A comida era generosa, mas sem graça e, muitas vezes, dura. Depois da saborosa gastronomia de Mycogen, era praticamente intragável. A “mesa” era uma longa prateleira na parede e eles comiam em pé.

Perguntas sutis por parte de Seldon revelaram que aquele era o costume entre todos os dahlitas, e não resultado de pobreza. Conforme explicou a ama Tissalver, havia em Dahl aqueles com empregos importantes no governo, que tinham inclinação a adotar “frescuras”, como cadeiras – ela as chamou de “prateleiras para o corpo” –, mas isso era malvisto pela classe média, que era a maioria.

Porém, por mais que reprovassem luxos desnecessários, os Tissalver adoravam saber sobre eles, e ouviam – com incontáveis expressões negativas – sobre colchões que se apoiavam em quatro pés, baús e guarda-roupas ornamentados e utensílios de mesa supérfluos.

Eles ouviram também uma descrição sobre os costumes

mycogenianos, enquanto Jirad Tissalver acariciava com orgulho o próprio cabelo e deixava óbvio que era capaz de preferir castração a depilação. A ama Tissalver ficava furiosa com toda menção à subserviência feminina e recusou-se terminantemente a acreditar que as irmãs aceitavam aquilo com tranquilidade.

Mas o que mais os surpreendeu foi a referência casual que Seldon fez ao Palácio Imperial. Quando, depois de algumas perguntas, Seldon contou que tinha visto e conversado com o Imperador, uma onda de admiração tomou conta da família. Foi necessário algum tempo até que eles ousassem fazer perguntas sobre aquilo, e Seldon descobriu que eles nunca ficariam satisfeitos com suas respostas. Afinal, ele não tinha visto muita coisa do terreno do palácio, muito menos de seu interior.

Isso desapontou os Tissalver, que não se cansavam de querer saber mais. Depois de ouvir sobre a aventura imperial de Seldon, eles tiveram dificuldade em acreditar que Dors nunca tinha estado em nenhuma parte do palácio. E rejeitaram, acima de tudo, o comentário casual de Seldon de que o Imperador conversava e se portava como qualquer ser humano comum faria. Isso parecia simplesmente impossível para os Tissalver.

Depois de três noites, Seldon começou a se cansar daquilo. A princípio, gostou de não precisar fazer nada durante algum tempo (pelo menos, não durante o dia), a não ser estudar os livros-filmes que Dors recomendara. Os Tissalver emprestaram de bom grado o livrovisualizador da família, apesar de a filha ter ficado incomodada e ter sido mandada ao apartamento de um vizinho para usar o de lá e fazer a lição de casa.

– Esses livros-filmes não ajudam em nada – disse Seldon, inquieto, na segurança do quarto e depois de ligar uma música para desencorajar algum ouvinte sorrateiro. – Entendo a sua fascinação por história, mas são detalhes infinitos. É um amontoado colossal... não, não, um amontoado galáctico de informações, e não consigo visualizar sua organização básica.

– Aposto que houve um momento em que os seres humanos não enxergavam nenhuma organização nas estrelas do céu – respondeu Dors –, mas acabaram descobrindo a estrutura galáctica.

– E tenho certeza de que isso demorou gerações, e não semanas. Deve ter havido uma época em que a física como ciência representasse

um acúmulo de observações desconexas, antes que as leis naturais centrais fossem descobertas, e *isso* levou gerações... E essa família Tissalver?

– Qual é o problema? Acho que eles estão sendo ótimos.

– Eles estão curiosos.

– Claro que estão. No lugar deles, você não estaria?

– Mas será que é apenas curiosidade? Eles parecem obcecados pelo meu encontro com o Imperador.

– Repito – disse Dors, impaciente –, é uma reação natural. Você não estaria curioso se a situação fosse inversa?

– Isso me deixa nervoso.

– Hummin nos trouxe para cá.

– Sim, mas ele não é perfeito. Ele me levou à universidade e fui manipulado a subir à Superfície Exterior. Ele nos levou ao Mestre Solar Quatorze, que nos armou uma cilada. Você sabe que foi isso. Duas vezes fomos atacados e pelo menos uma vez escapamos por muito pouco. Estou cansado de ouvir tantos questionamentos.

– Então vire o jogo, Hari. Você não está interessado em Dahl?

– Claro. O que *você* sabe sobre este setor?

– Nada. É apenas um dos mais de oitocentos setores de Trantor, e estou aqui há pouco mais de dois anos.

– Exatamente. E há vinte e cinco milhões de outros mundos, e estou lidando com esse problema há pouco mais de dois meses. O que eu quero fazer de verdade é voltar para Helicon, começar um estudo sobre a matemática da turbulência, que era a minha tese de ph.D., e esquecer que vi, ou achei ter visto, que o fluxo turbulento na mecânica dos fluidos podia ser usado para analisar a sociedade humana.

Ainda assim, naquela noite, Seldon fez perguntas a Tissalver.

– Sabe, amo Tissalver, o senhor nunca me contou sobre o que faz, sobre a natureza do seu trabalho.

– Eu? – Tissalver colocou os dedos no peito, coberto por uma simples camiseta branca que parecia ser o uniforme masculino padronizado em Dahl. – Nada de mais. Trabalho na estação local de holovisualização, na parte de programação. É muito tedioso, mas é um sustento.

– E é respeitável – acrescentou a ama Tissalver. – Significa que ele não precisa trabalhar nos poços termais.

– Poços termais? – perguntou Dors, erguendo as sobrancelhas finas

em uma expressão de fascínio.

– É o que temos de mais famoso, sabe? – disse Tissalver. – Não é muita coisa, mas quarenta bilhões de pessoas em Trantor precisam de energia, e fornecemos boa parte dela. Não somos valorizados, mas eu gostaria de ver alguns dos setores mais luxuosos se virarem sem nós.

– Mas Trantor não usa a energia fornecida pelas usinas solares em órbita? – perguntou Seldon, confuso.

– Em parte – explicou Tissalver –, e também as usinas de fusão nuclear nas ilhas, alguns motores de microfusão e as usinas eólicas na Superfície Exterior, mas metade – ele ergueu um dedo para enfatizar e seu rosto ficou absolutamente sério –, metade vem dos poços termais. Existem poços termais em muitos lugares, mas nenhum, nenhum tão ricos quanto os de Dahl. Vocês realmente não sabem nada dos poços termais? Estão com cara de dúvida.

– Somos de outros planetas, sabe? – respondeu Dors, de imediato (ela quase disse “tribalistas”, mas conseguiu se segurar). – Especialmente o dr. Seldon. Ele está em Trantor há apenas dois meses.

– É mesmo? – disse a ama Tissalver. Ela era um pouquinho mais baixa do que o marido; rechonchuda, sem ser gorda, tinha os cabelos escuros presos em um coque e belos olhos castanhos. Assim como o marido, parecia ter por volta de trinta anos.

(Depois de um período em Mycogen, não de longa duração, mas de bastante intensidade, Dors estranhou uma mulher entrando na conversa quando queria. Comportamento e etiqueta eram rapidamente estabelecidos pelo cérebro, ela pensou, e fez uma nota mental para conversar sobre o assunto com Seldon – mais um item para a psico-história.)

– Oh, sim – ela respondeu. – O dr. Seldon é de Helicon.

A ama Tissalver demonstrou educada ignorância.

– E onde fica esse mundo? – perguntou.

– Ora, fica em... – disse Dors, virando-se na direção de Seldon. – Onde fica, Hari?

– Para dizer a verdade – Seldon parecia envergonhado –, acho que eu não conseguiria localizá-lo em um modelo galáctico sem ter as coordenadas. Tudo o que posso dizer é que, partindo de Trantor, Helicon fica no outro lado do buraco negro central, e chegar até lá com uma hipernave é muito trabalhoso.

– Acho que eu e Jirad nunca entraremos em uma hipernave –

comentou a ama Tissalver.

– Talvez entremos, Cassília – disse o amo Tissalver, alegremente –, algum dia. Mas conte-nos sobre Helicon, amo Seldon.

– Isso seria tedioso – Seldon fez um gesto negativo com a cabeça. – É apenas um mundo, como qualquer outro. Somente Trantor é diferente do resto. Não há poços termais em Helicon... ou provavelmente em nenhum outro lugar, exceto Trantor. Conte-me mais sobre eles.

(“Somente Trantor é diferente do resto.” A frase se repetiu na mente de Seldon e, por um momento, ele se deteve em seu significado. Por algum motivo, a história de Dors sobre a mão na coxa ressurgiu em seus pensamentos, mas Tissalver estava falando e ela desapareceu tão rapidamente quanto tinha surgido.)

– Se quer mesmo saber sobre os poços termais, posso mostrá-los a você – disse Tissalver. Ele se dirigiu à esposa: – Cassília, você se importaria se eu levasse o amo Seldon aos poços termais amanhã à tarde?

– E eu também – interveio Dors, imediatamente.

– E também a ama Venabili? – completou Tissalver.

– Não acho que seria uma boa ideia – respondeu a ama Tissalver, secamente, com as sobrancelhas franzidas. – Nossos hóspedes achariam tedioso.

– Creio que não, ama Tissalver – disse Seldon, gentilmente. – Gostaríamos muito de ver os poços termais. E ficaríamos muito contentes se a senhora viesse conosco também... e sua filha, se ela quiser.

– Aos poços termais? – ela respondeu, tensa. – Não é lugar para nenhuma mulher que se preze.

Seldon ficou constrangido pela gafe.

– Não foi minha intenção ofendê-la, ama Tissalver.

– Não foi ofensa nenhuma – disse o amo Tissalver. – Cassília acha que os poços são inferiores, e são mesmo. Mas, desde que eu não trabalhe neles, não é nenhum problema mostrá-los a visitantes. Porém, é uma visita desconfortável, e eu nunca conseguiria que Cassília vestisse as roupas apropriadas.

Eles se levantaram das posições agachadas. As “cadeiras” dahlitas eram meros assentos plásticos sobre pequenos discos. Eles forçavam bastante os joelhos de Seldon e pareciam instáveis ao menor

movimento corporal. Mas os Tissalver tinham dominado a arte de usá-los com firmeza e se levantaram sem nenhuma dificuldade e sem precisar da ajuda dos braços, como precisou Seldon. Dors também se levantou sem problemas e Seldon, mais uma vez, ficou admirado com sua graciosidade natural.

Naquela noite, antes de irem cada um para seu quarto, Seldon disse a Dors:

– Tem certeza de que não sabe nada sobre os poços termais? A ama Tissalver faz com que pareçam desagradáveis.

– Não devem ser *tão* desagradáveis assim, senão Tissalver não teria sugerido nos levar para conhecê-los. Pode ser uma boa surpresa.

63

– Vocês vão precisar de roupas apropriadas – informou Tissalver. Ao fundo, a ama Tissalver fez um evidente som de reprovação.

– O que você quer dizer com "roupas apropriadas"? – perguntou Seldon, cauteloso. Com um pouco de angústia, pensou em túnicas.

– Alguma coisa leve, como o que estou usando. Uma camiseta de mangas bem curtas, calças e roupas íntimas largas, meias para os pés, sandálias. Tenho tudo para emprestar.

– Ótimo. Não parecem ser desconfortáveis.

– Tenho a mesma coisa para a ama Venabili. Espero que sirvam.

As roupas que Tissalver providenciou para os dois (que eram dele) ficaram boas; talvez um pouco apertadas. Quando estavam prontos, despediram-se da ama Tissalver e ela, com um ar resignado e de reprovação, ficou à porta, observando conforme eles se afastavam.

Era fim de tarde e havia um agradável brilho crepuscular no céu artificial. Percebia-se que as luzes de Dahl logo seriam acesas. A temperatura era amena e não havia praticamente nenhum veículo à vista; todos caminhavam. A distância, ouvia-se o zunido constante de uma via expressa e o brilho ocasional de seus faróis podia ser visto.

Seldon reparou que os dahlitas não pareciam caminhar para destinos específicos. Em vez disso, passeavam, andavam pelo simples prazer de andar. Se Dahl era um setor pobre, como Tissalver tinha dado a entender, entretenimento barato talvez fosse raro, e o que poderia ser mais prazeroso – e mais barato – do que uma caminhada

no fim da tarde?

O próprio Seldon se sentiu entrando em um ritmo automático de passeio e acolheu a atmosfera amigável à sua volta. As pessoas se cumprimentavam e trocavam palavras conforme passavam. Bigodes pretos de diferentes formatos e densidades estavam por toda parte e pareciam ser um pré-requisito para os homens dahlitas; tão onipresentes quanto as cabeças carecas dos irmãos mycogenianos.

Era um ritual vespertino, uma maneira de confirmar que o dia passara tranquilamente e que seus amigos ainda estavam bem e felizes. Logo ficou evidente que Dors atraía todos os olhares. À luminosidade crepuscular, o tom avermelhado de seus cabelos ficava mais escuro, mas se destacava contra o oceano de cabeças com cabelos pretos (exceto os ocasionais grisalhos), como uma moeda de ouro que cintilasse em uma pilha de carvão.

– Isso é muito agradável – comentou Seldon.

– É mesmo – disse Tissalver. – Em um dia comum, eu caminharia com minha esposa e ela estaria em seu território. Não há ninguém em um raio de um quilômetro que ela não conheça por nome, profissão e círculo de amizades. Eu não consigo fazer isso. Agora mesmo, metade das pessoas que me cumprimentam... eu não saberia dizer seus nomes. Mas, de qualquer jeito, não podemos ir devagar demais. Precisamos chegar ao elevador. É um mundo agitado nos níveis mais baixos.

Eles desciam de elevador quando Dors disse:

– Amo Tissalver, imagino que os poços termais sejam lugares em que o calor interno de Trantor seja usado para produzir vapor que ativa turbinas e gera eletricidade.

– Não, não. Pilhas termelétricas em larga escala e de alta eficiência produzem eletricidade diretamente. Por favor, não me pergunte sobre os detalhes. Sou apenas um programador de holovisualização. Aliás, não pergunte a ninguém lá embaixo. A coisa toda é uma imensa caixa-preta. Funciona, mas ninguém sabe como.

– E se alguma coisa sair errado?

– Geralmente não acontece, mas, quando acontece, vem algum especialista de algum lugar. Alguém que entenda de computadores. A coisa toda é altamente computadorizada, claro.

O elevador parou e eles saíram. Uma onda de calor os atingiu.

– Está quente – comentou Seldon, sem necessidade.

– Sim, está mesmo – respondeu Tissalver. – É isso que faz Dahl ser

tão valioso como fonte de energia. Aqui, a camada de magma fica mais próxima da superfície do que em qualquer outra parte do mundo. Por isso, precisamos trabalhar neste calor.

– E condicionamento de ar? – perguntou Dors.

– Existe, mas é uma questão de despesas. Nós ventilamos, desumidificamos e resfriamos, mas, se formos longe demais, acabamos usando energia excessiva e o processo todo fica muito caro.

Tissalver parou diante de uma porta e ativou o sinalizador de visitas. A porta se abriu e um golpe de ar frio saiu por ela.

– É melhor encontrarmos alguém que possa nos mostrar o lugar – murmurou Tissalver –, e que possa restringir os comentários que a ama Venabili talvez ouça... Pelo menos dos homens.

– Não ficarei constrangida com os comentários – respondeu Dors.

– *Eu* ficarei constrangido com os comentários – disse Tissalver.

Um jovem saiu do escritório e se apresentou como Hano Lindor. Ele era bastante parecido com Tissalver, mas Seldon achou que, enquanto não se acostumasse com as estaturas baixas, cores escuras, cabelos pretos e bigodes generosos – que pareciam ser universais naquele setor –, não conseguiria identificar diferenças com tanta facilidade.

– Será um prazer mostrar o que há para ser visto por aqui – disse Lindor. – Mas não é muita coisa, sabe? – Ele se dirigia a todo o grupo, mas seus olhos estavam fixos em Dors. – Não é muito confortável. Sugiro que tiremos a camiseta.

– Está refrescante aqui dentro – respondeu Seldon.

– Claro, mas é porque somos administradores. Cargos altos têm seus privilégios. Lá fora, não podemos manter um condicionamento de ar tão intenso. É por isso que eles têm salários maiores do que o meu. Aliás, esses são os empregos mais bem pagos de Dahl. É só por isso que conseguimos pessoas para trabalhar aqui embaixo. Mesmo assim, está ficando cada vez mais difícil conseguir termopoceiros. – Ele respirou fundo. – Certo, hora de mergulhar na sopa.

Ele tirou a própria camiseta e a prendeu no cinto. Tissalver fez o mesmo, e Seldon os imitou.

Lindor olhou para Dors de relance.

– Seria para o seu próprio conforto, madame, mas não é obrigatório – ele disse.

– Sem problemas – respondeu Dors, e tirou a camiseta.

Seu sutiã era branco, sem nenhum tipo de reforço, e mostrava um

decote considerável.

– Madame – disse Lindor –, esse não é... – ele pensou por um instante e deu de ombros. – Tudo bem. Podemos seguir.

Inicialmente, Seldon viu apenas computadores, maquinário, tubos imensos, luzes instáveis e telas piscando.

A luz era baixa, apesar de partes separadas de maquinário contarem com focos de iluminação individual. Seldon observou a semiescuridão.

– Por que não há mais luz? – perguntou Seldon.

– A luz é suficiente... É do jeito que deve ser – respondeu Lindor. Sua voz era bem modulada e ele tinha a fala rápida e um tanto seca. – A iluminação geral é mantida baixa por razões psicológicas. A mente traduz muita claridade como calor. As reclamações aumentam quando acentuamos a luz, mesmo quando baixamos a temperatura.

– Parece ser um sistema bastante automatizado – comentou Dors. – Imagino que todas as operações possam ser atribuídas aos computadores. Inteligências artificiais são ótimas para esse tipo de ambiente.

– Sim, de fato – disse Lindor –, mas não podemos nos arriscar a nenhuma falha. Precisamos de pessoas aqui, caso algo saia errado. Um computador com defeito pode causar problemas que alcançam até dois mil quilômetros de distância.

– Um erro humano também pode, não? – perguntou Seldon.

– Sim, mas com pessoas e computadores nas funções, os erros dos computadores podem ser rastreados e corrigidos mais rapidamente pelas pessoas e, inversamente, os erros humanos podem ser corrigidos mais rápido pelos computadores. O resultado disso é segurança contra qualquer erro sério, exceto no caso de o erro humano e o erro do computador serem simultâneos. E isso não acontece quase nunca.

– “Quase nunca” não é “nunca” – observou Seldon.

– Quase nunca não é nunca. Os computadores não são o que costumavam ser, nem as pessoas.

– Parece ser sempre assim – disse Seldon, rindo de leve.

– Não, não estou falando de nostalgia. Não estou falando sobre os bons tempos de antigamente. Estou falando de estatísticas.

Seldon lembrou-se de Hummin comentando sobre a decadência da atualidade.

– Estão vendo o que quero dizer? – disse Lindor, baixando o tom de

voz. – Ali está um bando de gente do nível C-3, considerando a aparência deles, todos bebendo. Nenhum deles está no próprio posto.

– O que estão bebendo? – perguntou Dors.

– Fluidos especiais para reposição de eletrólitos. Suco de frutas.

– Não podemos recriminá-los, não acha? – disse Dors, indignada. – Neste calor seco, você precisa beber.

– Você tem ideia de quanto um C-3 habilidoso pode enrolar para beber? E não há nada que possamos fazer. Se déssemos intervalos de cinco minutos e os organizássemos de maneira que eles não ficassem em grupo, acabaríamos provocando uma rebelião.

Eles seguiram na direção do grupo. Havia homens e mulheres (Dahl parecia ser uma sociedade mais ou menos igualitária no que dizia respeito a gênero) e ambos os sexos estavam sem camiseta. As mulheres usavam acessórios que poderiam ser chamados sutiãs, mas que eram estritamente funcionais. Serviam para sustentar os seios e, assim, aumentar a ventilação e limitar a transpiração, mas não cobriam nada.

– Faz sentido, Hari – Dors comentou discretamente com Seldon. – Estou encharcada de suor.

– Então tire o sutiã – ele respondeu. – Não vou me mexer um centímetro para impedi-la.

– Eu sabia que você não teria nada contra – ela disse, e deixou o sutiã do mesmo jeito.

Estavam se aproximando do grupo de pessoas. Era cerca de uma dúzia delas.

– Se alguém fizer comentários grosseiros, eu sobreviverei – disse Dors.

– Obrigado – respondeu Lindor. – Não posso prometer que eles não falarão nada. Mas preciso apresentá-los. Se eles acharem que vocês dois são inspetores em minha companhia, ficarão insubordinados. Os inspetores devem fazer análises por conta própria, sem que ninguém da administração os fiscalize. – Ele ergueu os braços para o grupo de pessoas. – Termopoceiros, tenho duas apresentações a fazer. Temos visitantes de fora. Dois Estrangeiros, dois estudiosos. Seus mundos estão com falta de energia e eles vieram até Dahl para ver como fazemos. Acham que talvez aprendam alguma coisa.

– Vão aprender a suar – gritou um termopoceiro, e todos riram grosseiramente.

– Os peitos dela já estão bem suados, cobertos desse jeito – gritou uma mulher.

– Eu os deixaria de fora – respondeu Dors, também em tom elevado –, mas eles não podem competir com os seus! – A risada geral ficou mais amigável.

Mas um jovem deu um passo à frente, encarando Seldon com olhos escuros e intensos, e o rosto congelado em uma expressão séria.

– Eu conheço você – ele disse. – Você é aquele matemático.

Ele se adiantou na direção de Seldon, inspecionando seu rosto com ansiosa seriedade. Automaticamente, Dors entrou na frente de Seldon e Lindor entrou na frente de Dors.

– Para trás, termopoceiro – gritou Lindor. – Mostre respeito.

– Esperem! – interveio Seldon. – Deixem que ele fale comigo. Por que todo mundo entrou na minha frente?

– Se algum deles se aproximar – disse Lindor, baixinho –, você verá que eles não cheiram como flores do campo.

– Eu aguento – respondeu Seldon, bruscamente. – Jovem, o que você quer?

– Meu nome é Amaryl. Yugo Amaryl. Eu já o vi em holovisualização.

– Talvez sim, e daí?

– Não me lembro do seu nome.

– Não precisa se lembrar.

– Você falou de uma coisa chamada psico-história.

– Você não tem ideia de como me arrependo disso.

– Quê?

– Esqueça. O que você quer?

– Quero falar com você. Apenas por um instante. Agora.

Seldon olhou para Lindor.

– Não enquanto ele estiver trabalhando – disse Lindor, que negou com a cabeça.

– A que horas começa o seu turno, sr. Amaryl? – perguntou Seldon.

– Dezesseis duplo zero.

– Pode me encontrar amanhã, quatorze duplo zero?

– Claro. Onde?

Seldon se dirigiu a Tissalver.

– Você permite que eu receba este jovem em sua casa? – perguntou.

Tissalver pareceu bastante insatisfeito.

– Não é necessário – ele respondeu. – É um mero termopoceiro.

– Ele reconheceu meu rosto – disse Seldon. – Sabe alguma coisa sobre mim. Não pode ser *apenas* um nada. Vou recebê-lo em particular. – Então, como Tissalver não suavizou a expressão em seu rosto, Seldon acrescentou: – Eu estarei em *meu* quarto, cujo aluguel está pago. E você estará no trabalho, fora do apartamento.

– O problema não sou eu, amo Seldon – respondeu Tissalver, em tom baixo. – É minha esposa, Cassília. Ela não vai aceitar.

– Conversarei com ela – disse Seldon, com seriedade. – Ela terá que aceitar.

64

– Um termopoceiro? – Os olhos de Cassília Tissalver se arregalaram. – Não no *meu* apartamento.

– Por que não? Ele ficará no *meu* quarto – disse Seldon. – Virá às quatorze duplo zero.

– Eu não aceito – respondeu a ama Tissalver. – É nisso que dá descer aos poços termais. Jirad foi um tolo.

– De jeito nenhum, ama Tissalver. Descemos porque eu pedi, e fiquei fascinado. Preciso falar com esse jovem, pois é algo necessário para o meu trabalho acadêmico.

– Peço desculpas, mas não aceito.

– Hari – Dors Venabili ergueu a mão –, deixe comigo. Ama Tissalver, se o dr. Seldon precisa receber alguém em seu quarto esta tarde, essa pessoa adicional significa aluguel adicional, claro. Sabemos disso. Então, por hoje, o aluguel do quarto do dr. Seldon será dobrado.

A ama Tissalver pensou no assunto.

– É justo de sua parte – ela respondeu –, mas o problema não são apenas os créditos. O que vão pensar os vizinhos? Um termopoceiro suado e fedido...

– Duvido que ele esteja suado e fedido às quatorze duplo zero, ama Tissalver – interrompeu Dors –, mas permita-me continuar. O dr. Seldon *precisa* vê-lo e, se não puder fazer isso aqui, precisará ser em outro lugar. Mas não podemos ficar indo de lá para cá. Seria inconveniente demais. Portanto, será necessário conseguir hospedagem em outro lugar. Não será fácil e não queremos que isso

aconteça, mas será necessário. Nesse caso, pagaremos o aluguel até hoje e iremos embora. É nossa obrigação, claro, explicar ao amo Hummin os motivos pelos quais tivemos de mudar o acordo que ele gentilmente providenciou em nosso nome.

– Espere – o rosto da ama Tissalver se transformou em um estudo calculista. – Não queremos romper nosso acordo com o amo Hummin... ou com vocês dois. Por quanto tempo essa criatura ficaria aqui?

– Ele virá às quatorze duplo zero e precisa estar no trabalho às dezesseis duplo zero. Ficará aqui por menos de duas horas, talvez muito menos do que isso. Vamos recebê-lo do lado de fora, nós dois, e o levaremos para o quarto do dr. Seldon. Qualquer vizinho que nos veja achará que ele é um de nossos amigos Estrangeiros.

Ama Tissalver concordou com a cabeça e disse:

– Então será como você diz. Aluguel dobrado por essa diária do quarto do dr. Seldon e o termopoceiro nos visitará apenas esta vez.

– Apenas esta vez – concordou Dors.

Mais tarde, quando Seldon e Dors estavam no quarto reservado para ela, Dors perguntou:

– Afinal, *por que* você precisa vê-lo, Hari? Interrogar um termopoceiro é outra coisa importante para a psico-história?

Seldon pensou ter detectado um pequeno toque de sarcasmo na pergunta.

– Não preciso usar meu projeto gigante para justificar tudo o que faço – ele respondeu, um tanto rude. – Projeto no qual, aliás, tenho pouca fé. Sou também um ser humano e tenho minha curiosidade. Ficamos lá nos poços termais durante horas e você viu como são aqueles trabalhadores. São claramente ignorantes. Indivíduos de baixo nível, com o perdão do trocadilho. Mas, ainda assim, um deles me reconheceu. Deve ter me visto em uma holovisualização do seminário na Convenção Decenal e se lembrou do termo *psico-história*. Ele me parece diferente... deslocado, de alguma maneira... e eu gostaria de conversar com ele.

– Talvez porque faça bem ao seu ego ter se tornado conhecido até mesmo entre os termopoceiros de Dahl?

– Bom... Talvez. Mas isso também despertou minha curiosidade.

– E como você sabe que ele não está seguindo ordens e pretende nos causar problemas, como aconteceu antes?

Seldon estremeceu.

– Não vou deixar que ele passe os dedos no meu cabelo. De qualquer forma, agora estamos mais bem preparados, não? E tenho certeza de que você ficará ao meu lado. Quer dizer, você me deixou ir sozinho à Superfície Exterior e às microfazendas com Orvalho Quarenta e Três, mas não vai fazer isso de novo, vai?

– Pode ter certeza absoluta de que não vou – disse Dors.

– Certo. Vou conversar com o jovem, e você fica de olho em armadilhas. Confio totalmente em você.

65

Amaryl chegou alguns minutos antes de quatorze duplo zero, olhando os arredores com cautela. Seus cabelos estavam limpos e seu denso bigode tinha sido penteado; as pontas estavam inclinadas para cima. Sua camiseta era de um branco gritante. Ele tinha *de fato* um cheiro forte, mas era um odor adocicado, certamente resultado de uso excessivamente entusiasmado de perfume. Trazia uma sacola consigo.

Seldon, que esperava do lado de fora, segurou gentilmente um dos cotovelos de Amaryl, enquanto Dors segurou o outro. Seguiram rapidamente para o elevador. Depois de chegar ao nível certo, atravessaram o apartamento para irem direto ao quarto de Seldon.

– Ninguém em casa, é? – perguntou Amaryl, em um tom baixo e constrangido.

– Estão todos ocupados – respondeu Seldon, neutro. Ele indicou a única cadeira no aposento, uma almofada no chão.

– Não, não preciso disso – disse Amaryl. – Um de vocês pode usar. – Ele se agachou e se sentou com um movimento gracioso.

Dors imitou o movimento e se sentou na beirada do colchão de Seldon, que ficava diretamente no assoalho. Seldon agachou-se de maneira desengonçada, precisou usar as mãos e não conseguiu encontrar uma posição confortável para as pernas.

– E então, rapaz – disse Seldon –, por que quer falar comigo?

– Porque você é um matemático. É o primeiro matemático que vejo de perto, ao vivo... De verdade.

– Matemáticos são como qualquer pessoa.

– Não para mim, dr.... dr.... Seldon?

– É o meu nome.

– Finalmente me lembrei – Amaryl pareceu satisfeito. – Sabe o que é? Eu também quero ser matemático.

– Ótimo! O que o impede?

Amaryl subitamente fechou o rosto.

– Está falando sério? – perguntou.

– Imagino que *alguma coisa* o esteja impedindo. Sim, estou falando sério.

– O que está me impedindo é que sou um dahlita, um *termopoceiro* em Dahl. Não tenho dinheiro e não consigo os créditos para estudar. Estudar *de verdade*, quero dizer. Tudo o que me ensinaram foi ler e fazer cálculos e usar um computador e pronto, eu já sabia o suficiente para ser um termopoceiro. Mas eu queria mais. Então, estudei por conta própria.

– De certa maneira, é o melhor jeito de aprender. Como fez isso?

– Eu conhecia uma bibliotecária. Ela estava disposta a me ajudar. Era uma mulher muito bondosa e me mostrou como usar computadores para aprender matemática. E ela providenciou um programa de computador que me conectava com outras bibliotecas. Eu a visitava nas minhas folgas e pelas manhãs, depois do meu expediente. Às vezes, ela me deixava em sua sala particular para que eu não fosse incomodado pelos visitantes, ou permitia que eu entrasse quando a biblioteca estava fechada. Ela não sabia nada de matemática, mas me ajudou o máximo que pôde. Era mais velha, uma viúva. Talvez me considerasse uma espécie de filho, ou algo assim. Ela não tinha filhos.

(Talvez houvesse outro tipo de sentimento envolvido, pensou Seldon por um instante, mas deixou o raciocínio de lado. Não era problema dele.)

– Eu gosto da teoria dos números – continuou Amaryl. – Fiz alguns cálculos a partir do que aprendi no computador e nos livros-filmes que me ensinaram matemática. Descobri algumas coisas novas, que não estavam nos livros-filmes.

Seldon ergueu as sobrancelhas.

– Interessante. Por exemplo?

– Trouxe algumas para você ver. Nunca mostrei a ninguém. As pessoas com quem convivo... – Ele deu de ombros. – Elas ririam ou ficariam irritadas. Uma vez, tentei explicar a uma moça que conhecia,

mas a única coisa que ela disse foi que eu era esquisito e que não sairia mais comigo. Posso mostrá-las?

– Sem nenhum problema. Acredite em mim.

Seldon estendeu a mão e, depois de uma breve hesitação, Amaryl lhe entregou a sacola que carregava.

Seldon analisou os papéis de Amaryl por bastante tempo. Eram raciocínios extremamente ingênuos, mas ele não permitiu que nenhum escárnio aparecesse em seu rosto. Acompanhou as demonstrações matemáticas. Nenhuma delas tinha valor ou era inédita – nem mesmo se aproximavam de inéditas.

Mas isso não importava.

Seldon levantou a cabeça.

– Você fez tudo isso sozinho? – perguntou.

Amaryl, com uma expressão assustada, concordou com a cabeça.

Seldon separou várias folhas.

– O que o fez chegar a isso? – ele perguntou, passando o dedo em uma linha de cálculos.

Amaryl conferiu a indicação, franziu as sobrancelhas e pensou no assunto. Em seguida, explicou o raciocínio que desenvolvera. Depois de ouvi-lo, Seldon perguntou:

– Você já leu o livro de Anat Bigell?

– Sobre teoria dos números?

– O título é *Dedução matemática*. Não é especificamente sobre teoria dos números.

– Nunca ouvi falar – Amaryl negou com a cabeça. – Desculpe.

– Ele chegou a esse seu teorema trezentos anos atrás.

– Eu não sabia – Amaryl parecia chocado.

– Tenho certeza de que não. Mas você resolveu de um jeito mais inteligente. Não é minucioso, mas...

– O que quer dizer com “minucioso”?

– Não importa. – Seldon organizou os papéis em uma pilha e os guardou na sacola. – Tire várias cópias desse material. Pegue uma delas, faça com que seja datada por um computador oficial e arquive-a sob um selo eletrônico. Minha amiga, a ama Venabili – Seldon indicou Dors –, pode garantir sua admissão na Universidade de Streeling sem mensalidade, com algum tipo de bolsa. Você precisará começar do início e cursar matérias sobre outros assuntos além de matemática, mas...

– Na Universidade de Streeling? – perguntou Amaryl, depois de recuperar o fôlego. – Eles não vão me aceitar.

– Por que não? Dors, você consegue isso, não?

– Claro que sim.

– Não, não consegue – disse Amaryl, exaltado. – Eles não vão me aceitar. Eu sou de Dahl.

– E daí?

– Eles não aceitam pessoas de Dahl.

– Do que ele está falando? – perguntou Seldon a Dors.

– Não tenho ideia – respondeu Dors, negando com a cabeça.

– Você é de outro planeta, madame – disse Amaryl. – Há quanto tempo está em Streeling?

– Há pouco mais de dois anos, sr. Amaryl.

– Já viu algum dahlita por lá? Baixos, cabelos pretos encaracolados, bigodes grandes?

– Há estudantes de todos os tipos.

– Mas nenhum dahlita. Na próxima vez que estiver lá, procure de novo.

– Por que não? – perguntou Seldon.

– Eles não gostam de nós. Somos diferentes. Eles não gostam de nossos bigodes.

– Você pode raspar o... – mas a voz de Seldon morreu sob o olhar furioso de Amaryl.

– Nunca! – ele disse. – Por que deveria? Meu bigode é minha masculinidade.

– Você fez a barba. Também é sua masculinidade.

– Para o meu povo é o bigode.

Seldon olhou para Dors e murmurou:

– Carecas, bigodes... insano!

– Quê? – perguntou Amaryl, irritado.

– Nada. Diga-me, do que mais eles não gostam nos dahlitas?

– Eles inventam coisas para não gostar. Dizem que somos fedidos, que somos sujos, que roubamos, que somos violentos, que somos *burros*.

– Por que eles dizem todas essas coisas?

– Porque é fácil falar e faz com que *eles* se sintam bem. É óbvio: como trabalhamos nos poços termais, ficamos sujos e fedidos. Por sermos pobres e reprimidos, alguns roubam e ficam violentos. Mas não

é assim com todos nós. E aqueles cabelos-loiros do Setor Imperial que acham que são donos da Galáxia... ou melhor, que *são* donos da Galáxia? *Eles* nunca ficam violentos? *Eles* nunca roubam? Se eles fizessem o que eu faço, ficariam tão fedidos quanto eu. Se tivessem de viver do jeito que *eu* tenho de viver, ficariam sujos também.

– Quem nega que existem pessoas de todos os tipos em todos os lugares? – perguntou Seldon.

– Ninguém pensa no assunto! Acham que é assim, e pronto. Amo Seldon, eu preciso sair de Trantor. Aqui, não tenho nenhuma chance, nenhum jeito de conseguir créditos, de ter uma educação, de me tornar um matemático, de ser qualquer coisa além do que eles dizem que eu sou... um nada.

A última palavra foi dita com frustração e desespero.

Seldon tentou ser racional.

– A pessoa que me alugou este quarto é um dahlita – ele disse. – Tem um trabalho limpo. É estudado.

– Oh, claro – respondeu Amaryl, transtornado. – Existem alguns. Eles deixam que alguns sejam bem-sucedidos para dizer que é possível. E esses que conseguem podem ter uma boa vida, desde que fiquem em Dahl. Peça para eles saírem daqui para ver como serão tratados. E, enquanto estão aqui, eles gostam de se sentir bem tratando o restante de nós como lixo. Isso faz com que eles achem que são cabelos-loiros. O que essa pessoa boa de quem você aluga o quarto disse quando você contou que receberia um termopoceiro? O que ela disse sobre mim? Eles não estão aqui... não ficariam no mesmo lugar que eu.

Seldon engoliu em seco.

– Não vou me esquecer de você – ele disse. – Vou fazer com que saia de Trantor e vá estudar na minha universidade, em Helicon, uma vez que eu tenha voltado para lá.

– Você promete? Tenho sua palavra de honra? Mesmo que eu seja um dahlita?

– O fato de você ser um dahlita não faz a menor diferença para mim. O que importa é que você já é um matemático! Mas ainda não consigo conceber isso que está me dizendo. Para mim, é impossível acreditar que possa existir esse tipo de sentimento ilógico em relação a pessoas inofensivas.

– Isso porque você nunca se interessou por esse tipo de coisa –

respondeu Amaryl, amargamente. – Acontece tudo bem embaixo do seu nariz e você não percebe nada, porque não o afeta.

– Sr. Amaryl – interveio Dors –, o dr. Seldon é um matemático, como você, e a cabeça dele às vezes pode estar nas nuvens. Você precisa entender isso. Mas eu sou uma historiadora. Sei que não é incomum que um grupo de pessoas menospreze outro grupo. Existem ódios estranhos e quase ritualísticos que não têm justificativa racional e que podem ter uma profunda influência histórica. É terrível.

– Dizer que algo é "terrível" é fácil – respondeu Amaryl. – Você diz que reprova, isso a faz ser uma boa pessoa e então você pode seguir a própria vida e não se interessar mais pelo assunto. É muito pior do que "terrível". É algo contra tudo o que é humano e natural. Somos todos iguais, cabelos-loiros e cabelos-pretos, altos e baixos, orientais, ocidentais, meridionais e estrangeiros. Todos nós, você e eu e até mesmo o Imperador, somos descendentes do povo da Terra, não somos?

– Descendentes *do quê*? – perguntou Seldon. Ele se virou para Dors com os olhos arregalados.

– Do povo da Terra! – exaltou-se Amaryl. – O planeta onde os seres humanos se originaram.

– O planeta? Um único planeta?

– Sim, claro. O único planeta. A Terra.

– Quando você diz "Terra", está falando de Aurora, não está?

– Aurora? O que é isso? Não, estou falando da Terra. Você nunca ouviu falar na Terra?

– Não – respondeu Seldon. – Na verdade, não.

– É um mundo mítico – começou Dors –, que...

– Não é mítico. Foi um planeta real.

– Já ouvi tudo isso antes – suspirou Seldon. – Vamos lá, repassar mais uma vez. Existe algum livro dahlita que fale sobre a Terra?

– O quê?

– Ou então algum programa de computador?

– Não sei do que você está falando.

– Onde foi que você ouviu falar sobre a Terra, rapaz?

– Meu pai me contou. Todo mundo sabe sobre ela.

– Há alguém que saiba *mais* sobre isso? Ensinaram a você na escola?

– Nunca disseram nada sobre isso por lá.

– Então, como vocês sabem?

Amaryl deu de ombros, com uma expressão de quem está sendo inutilmente atormentado por nenhum motivo.

– Todo mundo sabe, simples assim. Se você quer ouvir histórias, tem a mãe Rittah. Acho que ela ainda está viva.

– Sua mãe? Você não saberia se ela...

– Ela não é a *minha* mãe. É assim que a chamam. Mãe Rittah. É uma senhora. Vive em Billibotton. Ou costumava viver.

– Onde fica isso?

– Naquela direção – indicou Amaryl, fazendo um gesto vago.

– Como posso chegar lá?

– Chegar lá? Você não vai querer ir para lá. Nunca voltaria.

– Por que não?

– Acredite em mim. Você não vai querer ir para lá.

– Mas eu gostaria de conversar com a mãe Rittah.

Amaryl negou com a cabeça.

– Você sabe usar uma faca? – perguntou.

– Para quê? Que tipo de faca?

– Uma faca com fio. Como esta – Amaryl colocou a mão no cinto em torno de sua cintura. Uma parte do cinto se abriu e ele desembainhou a lâmina de uma faca, estreita, polida e mortífera.

A mão de Dors imediatamente agarrou com força o punho direito de Amaryl.

– Não tenho planos de usá-la – ele riu. – Estava apenas mostrando. – Ele colocou a faca de volta no cinto. – Você precisa de uma dessas para autodefesa. Se não tiver ou se tiver, mas não souber usá-la, nunca sairá de Billibotton com vida. De qualquer jeito – ele subitamente adquiriu um ar grave –, você está mesmo falando sério sobre me ajudar a ir para Helicon, amo Seldon?

– Absolutamente sério. É uma promessa. Escreva seu nome e como localizá-lo por hipercomputador. Você tem um código, imagino.

– Meu turno nos poços termais tem um código. Serve?

– Sim.

– Então – disse Amaryl, olhando para Seldon com intensidade –, isso quer dizer que todo o meu futuro depende de você, amo Seldon. Por isso, *por favor*, não vá a Billibotton. Não posso perdê-lo agora. – Ele se virou na direção de Dors e, com olhos suplicantes e tom gentil, continuou: – Ama Venabili, se ele a escuta, não deixe que ele vá. *Por*

favor.

BILLIBOTTON

——— Dahl...

Surpreendentemente, o aspecto mais conhecido desse setor é Billibotton, um lugar quase lendário sobre o qual surgiram inúmeras histórias. Existe, inclusive, todo um gênero literário no qual heróis e aventureiros (e vítimas) precisam enfrentar o desafio de atravessar a região. Tais histórias se tornaram tão extravagantes que a famosa e presumivelmente verdadeira travessia de Hari Seldon e Dors Venabili por Billibotton passou a ser considerada fantasiosa por associação...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

66

– Você está mesmo planejando visitar essa tal "mãe"? – perguntou Dors, pensativa, quando ela e Seldon estavam sozinhos.

– Estou pensando no assunto, Dors.

– Você é estranho, Hari. Parece ir progressivamente de mal a pior. Quando esteve em Streeling, você foi para a Superfície Exterior, o que parecia ser algo inconsequente e com um propósito racional. Depois, em Mycogen, você invadiu o refúgio dos Anciãos, algo muito mais perigoso, e por uma motivação muito mais tola. E agora, em Dahl, você quer ir a esse lugar que aquele rapaz parece acreditar ser morte certa, por algo totalmente absurdo.

– Estou curioso sobre essa referência à Terra, e preciso saber se há alguma coisa por trás disso.

– É uma lenda – disse Dors –, e não é nem uma lenda muito interessante. É banal. Os nomes diferem de mundo para mundo, mas o conteúdo é o mesmo. A história de um mundo original e de uma era dourada é comum. Existe um desejo nostálgico por um passado supostamente mais simples e virtuoso que é quase universal entre pessoas de uma sociedade complexa e implacável. De um jeito ou de outro, isso é válido para todas as sociedades, pois todo mundo imagina que a sociedade em que vivem é demasiadamente complexa e implacável, por mais simples que ela seja. Pode anotar *isso* para a sua psico-história.

– Ainda assim, preciso considerar a possibilidade da existência desse único mundo – respondeu Seldon. – Aurora, Terra, o nome não importa. Aliás...

Ele parou de falar.

– O quê? – disse Dors, depois de um momento.

– Você se lembra da história da mão na coxa que me contou em Mycogen? Foi logo depois que peguei o Livro com Orvalho Quarenta e Três... Bom, ela ressurgiu em minha cabeça recentemente, em uma noite em que estávamos conversando com os Tissalver. Eu disse

alguma coisa que, por um instante, me fez pensar que...

– Pensar o quê?

– Não me lembro. Foi algo que me veio à cabeça e sumiu em seguida. De alguma maneira, toda vez que penso na noção de um único planeta, parece que tenho alguma coisa na ponta dos dedos, mas que me escapa.

Dors olhou para Seldon com surpresa.

– Não consigo imaginar o que poderia ser – ela disse. – A história da mão na coxa não tem nada a ver com a Terra ou com Aurora.

– Eu sei, mas essa... coisa... que flutua nos limites da minha mente parece estar conectada a esse mundo único e tenho a sensação de que *preciso* saber mais, a qualquer custo. Sobre isso e sobre... robôs.

– Robôs, também? Achei que o refúgio dos Anciãos tinha acabado com isso.

– De jeito nenhum. Ando pensando no assunto. – Ele encarou Dors durante um longo momento, com uma expressão angustiada no rosto. – Mas não tenho certeza.

– Certeza de quê, Hari?

Seldon simplesmente negou com a cabeça e não disse mais nada.

Dors franziu o cenho.

– Hari, escute. Na história racional não existe nenhuma menção a um único mundo de origem. Acredite, eu sei do que estou falando. É uma crença bastante popular, admito. E não digo apenas entre fiéis do folclore, ignorantes como os mycogenianos e os termopoceiros dahlitas. Certos biólogos insistem que deve ter existido um mundo de origem, por razões que vão muito além da minha área de conhecimento. Há historiadores mais místicos que tendem a especular sobre isso. E, entre os intelectuais da classe alta, parece que essas especulações estão se tornando moda. Ainda assim, no estudo acadêmico de história, não consta nenhuma informação sobre o assunto.

– Mais motivos para ir além do estudo acadêmico de história, talvez – respondeu Seldon. – Tudo o que procuro é um modelo que simplifique a psico-história e não me importo com qual seja; pode ser um truque matemático ou um truque de história ou algo totalmente imaginário. Se o rapaz com quem acabamos de conversar tivesse tido um pouco mais de estudo formal, eu pediria que ele investigasse o problema. Seu raciocínio tem considerável engenhosidade e

originalidade...

– Você vai mesmo ajudá-lo, então? – perguntou Dors.

– Sem dúvida nenhuma. Assim que eu estiver em posição para tanto.

– Você deveria mesmo fazer promessas que não sabe se poderá cumprir?

– Eu *quero* cumprir. Se você é tão irredutível em relação a promessas impossíveis, pense que Hummin disse ao Mestre Solar Quatorze que eu usaria a psico-história para que os mycogenianos recuperassem o planeta deles. A chance de isso acontecer é praticamente zero. Mesmo que eu consiga decifrar a psico-história, é impossível saber se ela serviria para um propósito tão estreito e específico. Aí está um exemplo *verdadeiro* de uma promessa que não pode ser cumprida.

– Chetter Hummin estava tentando salvar nossa vida – respondeu Dors, um tanto alterada –, tentando nos manter longe das mãos de Demerzel e do Imperador. Não se esqueça disso. E acho que ele queria *mesmo* ajudar os mycogenianos.

– E eu quero *mesmo* ajudar Yugo Amaryl, e há muito mais probabilidade de eu conseguir fazer isso do que de ajudar os mycogenianos. Se você defende o segundo caso, não critique o primeiro. Além disso, Dors – os olhos de Seldon se acenderam de raiva –, eu quero *mesmo* falar com mãe Rittah e estou disposto a ir sozinho.

– Nunca! – retrucou Dors. – Se você for, eu vou junto.

67

Uma hora depois que Amaryl saiu para trabalhar, a ama Tissalver voltou para casa, trazendo a filha. Ela não disse nada a Seldon ou a Dors; fez um aceno brusco com a cabeça quando eles a cumprimentaram e passou os olhos pela sala, como se para verificar que não havia traços do termopoceiro. Em seguida, cheirou o ar rispidamente e lançou um olhar acusatório para Seldon antes de atravessar a sala comunal e entrar no quarto da família.

O próprio Tissalver chegou em casa mais tarde. Quando Seldon e Dors vieram à mesa de jantar, ele aproveitou que a esposa ainda cuidava dos últimos detalhes para a refeição e, em tom baixo,

perguntou:

– Aquela pessoa esteve aqui?

– Sim, e foi embora logo – respondeu Seldon, com seriedade. – Sua esposa estava fora durante a visita.

Tissalver fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Você precisa fazer isso de novo? – perguntou.

– Creio que não – disse Seldon.

– Ótimo.

O jantar transcorreu praticamente em silêncio. Mais tarde, quando a filha tinha voltado ao quarto para se dedicar aos dúbios prazeres de estudos no computador, Seldon se reclinou e disse:

– Contem-me sobre Billibotton.

Tissalver pareceu surpreso e sua boca se moveu sem produzir nenhum som, mas era mais difícil fazer com que Cassília ficasse sem palavras.

– É lá que mora seu novo amigo? – ela perguntou. – Vai retribuir a gentileza e visitá-lo?

– Tudo o que fiz até agora foi perguntar sobre Billibotton – disse Seldon, calmamente.

– É uma favela – respondeu Cassília, seca. – É onde mora a escória. Ninguém vai até lá, exceto a imundície que chama aquilo de casa.

– Fui informado sobre uma tal mãe Rittah, que mora por lá.

– Nunca ouvi falar nela – disse Cassília, sua boca se fechando com convicção. Era bastante óbvio que ela não tinha nenhuma intenção de conhecer alguém que vivesse em Billibotton.

– Eu já ouvi falar – interveio Tissalver, lançando um olhar inquieto na direção da esposa. – É uma velha louca que dizem ser vidente.

– E ela vive em Billibotton?

– Não sei, amo Seldon. Nunca a vi. Às vezes, ela é mencionada nas holotransmissões do noticiário, quando faz previsões.

– As previsões se tornam realidade?

– *Alguma* previsão se torna realidade? – bufou Tissalver. – As dela nem fazem sentido.

– Ela fala sobre a Terra?

– Eu não sei. Mas não ficaria surpreso.

– A menção à Terra não é estranha para você. Sabe algo sobre esse planeta?

– Claro que sim, amo Seldon – surpreendeu-se Tissalver. – É o

mundo de onde todas as pessoas vieram... supostamente.

– Supostamente? Você não acredita nisso?

– Eu? Eu tenho estudo. Mas muitas pessoas ignorantes acreditam.

– Existem livros-filmes sobre a Terra?

– Algumas histórias infantis mencionam a Terra. Lembro que, quando eu era pequeno, minha história favorita começava assim: "Certa vez, há muito tempo atrás, na Terra, quando a Terra era o único planeta...". Você se lembra, Cassília? Também gostava dessa.

Cassília deu de ombros, insistindo no mau humor.

– Algum dia eu gostaria de ver esse livro – disse Seldon –, mas me refiro a livros-filmes *de verdade*... digo... para estudo. Ou filmes, ou impressos.

– Não conheço nenhum, mas a biblioteca...

– Vou pesquisar por lá. Existe algum tabu relacionado a falar sobre a Terra?

– O que é um tabu?

– Quero dizer, é importante para vocês que as pessoas não falem sobre a Terra ou que forasteiros não falem sobre ela?

Tissalver aparentava estar honestamente confuso que não parecia haver motivos para esperar que houvesse uma resposta. Dors interveio:

– Existe alguma regra proibindo que forasteiros visitem Billibotton?

– *Regra* não existe – respondeu Tissalver, adotando uma expressão séria –, mas ir para lá não é recomendável para *ninguém*. Eu não iria.

– Por que não? – perguntou Dors.

– É perigoso. Violento! Todo mundo anda armado. Ou melhor, o Setor Dahl inteiro é armado, mas em Billibotton eles *usam* as armas. Fiquem aqui, neste bairro. É seguro.

– Seguro *por enquanto* – interveio Cassília, em tom sombrio. – Seria melhor se fôssemos embora daqui. Hoje em dia, os termopoceiros estão por toda parte – e ela lançou mais um olhar depreciativo para Seldon.

– O que quer dizer com Dahl inteiro é armado? – disse Seldon. – Existem regulamentações imperiais rígidas contra armas.

– Eu sei disso – respondeu Tissalver –, e por aqui não há armas de atordoar, nem de concussão, nem sondas psíquicas, nem nada do tipo. Mas temos facas – ele pareceu constrangido.

– Você carrega uma faca, Tissalver? – perguntou Dors.

– Eu? – ele ficou genuinamente horrorizado. – Sou um homem pacífico e este é um bairro seguro.

– Temos duas aqui em casa – disse Cassília, bufando com escárnio. – Não temos *tanta* certeza de que este bairro é seguro.

– Todo mundo porta facas? – perguntou Dors.

– Quase todo mundo, ama Venabili – disse Tissalver. – É um costume. Mas isso não significa que todo mundo as use.

– Mas usam em Billibotton, imagino – respondeu Dors.

– Às vezes. Quando estão exaltados, eles entram em brigas.

– E o governo permite? O governo imperial, quero dizer.

– De vez em quando eles tentam limpar a região de Billibotton, mas facas são fáceis de esconder e a tradição é muito forte. Além disso, quase sempre são os dahlitas que acabam sendo vítimas. Não acho que o governo imperial se incomode muito com isso.

– E se alguém de fora for morto?

– Se o crime for denunciado, os Imperiais podem ficar agitados. Mas o que acaba acontecendo é que ninguém viu nada e ninguém sabe de nada. Os imperiais apontam suspeitos com base em circunstâncias, mas nunca conseguem provar nada. Imagino que eles acabem determinando que foi culpa da vítima, por estar ali. Portanto, não vá para Billibotton, mesmo que tenha uma faca.

– Eu não levaria uma faca – Seldon fez um gesto negativo com a cabeça, mal-humorado. – Não sei como usar. Não com habilidade.

– Então é simples, amo Seldon. Fique longe – Tissalver negou com a cabeça, solenemente. – Basta ficar longe.

– Eu talvez não consiga – disse Seldon.

Dors encarou Seldon, obviamente irritada.

– Onde podemos comprar uma faca? Ou vocês permitiriam que usássemos uma das suas?

– Ninguém pega a faca de outra pessoa – disse Cassília, de imediato. – Você precisa comprar a sua.

– Existem lojas de facas por todos os lados – interveio Tissalver. – Não deveriam existir. Teoricamente, são proibidas, sabe? Mas qualquer loja de utensílios vende. Se você encontrar uma máquina de lavar em uma vitrine, é sinal de que aquele lugar vende facas.

– E como fazemos para chegar a Billibotton? – perguntou Seldon.

– Por via expressa – o rosto de Tissalver era dúbio quando ele olhou para a expressão incomodada de Dors.

– E uma vez que eu esteja na via expressa? – continuou Seldon.

– Siga na direção leste e fique de olho na sinalização. Mas, se você precisa ir, amo Seldon... – Tissalver hesitou por um instante e então continuou: – Não leve a ama Venabili. Às vezes, as mulheres são tratadas... pior.

– Ela não vai – respondeu Seldon.

– Lamento, mas “ela” vai, sim – disse Dors, com tranquila determinação.

68

O bigode do vendedor da loja de eletrodomésticos parecia ter conservado a abundância da juventude, mas agora era grisalho, apesar de os cabelos em sua cabeça ainda serem pretos. Ele tocou o bigode por puro hábito e acariciou as pontas conforme observava Dors.

– Você não é dahlita – ele disse.

– Não, mas quero uma faca mesmo assim.

– Vender facas é ilegal – ele respondeu.

– Não sou policial nem agente do governo. Estou indo para Billibotton.

– Sozinha? – ele a encarou, pensativo.

– Com meu amigo – ela apontou para Seldon usando o polegar. Ele esperava do lado de fora, mal-humorado.

– Você está comprando para ele? – o vendedor observou Seldon e não foi necessário muito tempo para que percebesse: – Ele também não é daqui. Fale para ele entrar e comprar sozinho.

– Ele também não é agente do governo. E estou comprando para mim.

– Forasteiros são loucos – ele fez um gesto negativo com a cabeça. – *Mas*... se você quiser gastar alguns créditos, fico feliz em recebê-los. – Ele colocou as mãos embaixo do balcão e tirou de lá um cilindro polido de madeira. Com um movimento discreto e rápido, torceu o cilindro e uma lâmina surgiu de dentro dele.

– Essa é a maior que o senhor tem?

– É a melhor faca para mulheres.

– Mostre-me uma faca para homens.

– Você não vai querer uma faca pesada demais. Sabe como usar

essas coisas?

– Vou aprender e não estou preocupada com o peso. Mostre-me uma faca para homens.

O vendedor sorriu.

– Ora, se você quer mesmo... – Ele pegou outro cilindro de madeira, mais largo, em uma parte mais baixa do balcão. Torceu o cilindro e fez surgir o que parecia ser a lâmina de um açougueiro.

Ainda sorrindo, ele entregou a faca para Dors, com o cabo voltado para ela.

– Mostre esse gesto que você faz – ela disse.

Ele mostrou com uma segunda faca, torcendo lentamente para um lado para que a lâmina surgisse, então para o outro lado para que ela retraísse.

– Torça e aperte – ele disse.

– Faça de novo, senhor.

O vendedor repetiu o movimento.

– Certo. Feche-a e jogue o cabo para mim.

Ele o fez, jogando de baixo para cima, com um lento arco ascendente.

Ela pegou a faca e a devolveu.

– Mais rápido.

Ele levantou as sobrancelhas e, sem aviso, lançou o cabo, de cima para baixo, na direção do lado esquerdo de Dors. Ela não tentou erguer a mão direita; em vez disso, pegou o objeto com a esquerda e fez a lâmina surgir e retrair rapidamente. O vendedor ficou boquiaberto.

– E esta é a maior que o senhor tem? – perguntou.

– Sim. Se você tentar usá-la, vai se cansar.

– Tenho um bom fôlego. E vou levar mais uma desta.

– Para o seu amigo?

– Não. Para mim.

– Você pretende usar *duas* facas?

– Tenho duas mãos.

– Senhorita – suspirou o vendedor –, *por favor*, fique longe de Billibotton. Você não sabe o que fazem com mulheres por lá.

– Posso imaginar. Como encaixo estas facas no meu cinto?

– No que está usando é impossível, senhorita. Não é um cinto para facas. Mas posso vender um.

– Ele serve para duas facas?

– Devo ter um cinto duplo em algum lugar por aqui. Ninguém se interessa por eles.

– Eu me interesso.

– Eu talvez não tenha do seu tamanho.

– A gente pode cortá-lo ou algo assim.

– Vai ser bem caro.

– Tenho créditos suficientes.

Quando ela finalmente saiu da loja, Seldon comentou, em tom amargo:

– Você está ridícula com esse cinto enorme.

– É mesmo, Hari? Ridícula demais para ir a Billibotton? Então vamos voltar para o apartamento.

– Não. Eu vou sozinho. Ficarei mais seguro sozinho.

– Não adianta insistir, Hari – Dors respondeu. – Ou *nós dois* voltamos ou *nós dois* vamos em frente. Não nos separamos em hipótese nenhuma.

De alguma maneira, a expressão firme em seus olhos azuis, a curvatura dos lábios e o jeito como suas mãos estavam pousadas nos cabos presos ao cinto convenceram Seldon de que ela estava falando sério.

– Muito bem – ele cedeu. – Mas, se você sobreviver e se eu encontrar Hummin outra vez, minha condição para continuar me dedicando à psico-história será continuar sozinho, por mais que eu tenha me apegado a você. Entendeu?

– Esqueça – Dors sorriu subitamente. – Não venha dar uma de cavalheiro comigo. Não o deixarei continuar sem mim por *nada*. *Você* entendeu?

69

Eles saíram da via expressa no ponto em que a placa flutuante luminosa dizia BILLIBOTTON. Talvez como uma indicação do que poderia se esperar daquela região, o segundo “I” estava coberto de sujeira e era um simples traço de luz pálida.

Os dois desceram do transporte e seguiram para a passarela abaixo. Era o início da tarde e, à primeira vista, Billibotton era bastante

parecido com a parte de Dahl de onde eles tinham vindo.

Porém, o ar tinha um cheiro acre e a passarela estava coberta de lixo. Era óbvio que os autovarredores não transitavam por aquele bairro.

E, mesmo que a passarela parecesse bastante comum, o clima era desconfortável, tenso como uma mola comprimida.

Talvez fossem as pessoas. Parecia haver a quantidade normal de pedestres, pensou Seldon, mas eles não eram como os pedestres de outros lugares. Em geral, a urgência da rotina fazia com que os pedestres ficassem centrados em si e, nas infinitas massas dos infinitos bairros de Trantor, as pessoas só conseguiam sobreviver – psicologicamente – se ignorassem umas às outras. Olhares eram desviados. Cérebros ficavam em isolamento. Havia uma privacidade artificial em cada pessoa coberta pela densa névoa criada por ela mesma. Ou havia a amizade ritualística de uma caminhada no fim do dia, nos bairros que se permitiam esse tipo de atitude.

Mas ali, em Billibotton, não havia amizade, tampouco uma neutralidade – pelo menos, não no que dizia respeito a pessoas vindas de fora. Cada um que passava, em qualquer direção, se virava para encarar Seldon e Dors. Cada par de olhos os seguia com má vontade, como se estivesse preso aos forasteiros por fios.

As roupas dos habitantes de Billibotton eram, na maioria, manchadas, velhas e, às vezes, rasgadas. Todas pareciam representar uma pobreza suja, e Seldon ficou pouco à vontade com a limpeza de suas roupas novas.

– Em que parte de Billibotton você acha que encontraremos mãe Rittah? – perguntou Seldon.

– Eu não sei – respondeu Dors. – Você nos trouxe até aqui, então encontre a resposta. Vou me limitar à função de protegê-lo, e acho que será algo bastante necessário.

– Imagino que seja o caso de perguntar o caminho a alguns transeuntes, mas, por algum motivo, não me sinto encorajado a fazê-lo.

– Não é de estranhar. Duvido que você encontre alguém disposto a ajudar.

– Por outro lado, podemos recorrer às crianças.

Com um discreto movimento de mão, ele indicou uma criança. Um menino que parecia ter cerca de doze anos – ou, pelo menos, jovem o

suficiente para não ter o universal bigode – tinha parado para observar os dois.

– Você imagina – disse Dors – que um menino daquela idade ainda não tenha desenvolvido o desgosto universal que os habitantes de Billibotton têm por forasteiros?

– No mínimo, estou supondo que ele não tenha tamanho suficiente para ter desenvolvido a inclinação por violência que parece existir por aqui – respondeu Seldon. – Imagino que ele talvez fuja e nos insulte a distância, caso nos aproximemos, mas duvido que nos ataque. – Ele ergueu a voz para chamar: – Ei, rapaz!

O menino recuou um passo e continuou a encará-los.

– Venha cá! – pediu Seldon, com um gesto.

– Pra quê, cara? – disse o menino.

– Para que eu possa pedir uma orientação. Venha mais perto para que eu não precise gritar.

O garoto deu dois passos à frente. Seu rosto estava manchado de sujeira, mas seus olhos eram luminosos e inteligentes. As sandálias que usava eram diferentes uma da outra e havia um grande remendo em uma das pernas de sua calça.

– Que tipo de orientação? – ele perguntou.

– Estamos procurando por mãe Rittah.

Os olhos do menino tremeluziram.

– Pra quê, cara? – ele perguntou.

– Sou um estudioso. Você sabe o que é um estudioso?

– Cê estudou?

– Sim. Você não?

O garoto cuspiu para o lado, com uma expressão de desprezo.

– Nah – ele respondeu.

– Quero pedir conselhos para mãe Rittah, se você puder me levar até ela.

– Cê quer que ela leia sua sorte? Cê vem pra Billibotton, cara, com suas roupas ricas, então *eu* leio sua sorte. Muito ruim.

– Qual é o seu nome, rapaz?

– Pra quê cê quer saber?

– Para que a gente converse de um jeito mais amigável. E para que você possa me levar até a casa de mãe Rittah. Sabe onde ela mora?

– Talvez sim, talvez não. Meu nome é Raych. Que que eu ganho se levar cêis?

– O que você quer, Raych?

Os olhos do menino pousaram no cinto de Dors.

– A mulher tem duas facas. Me dá uma e levo cêis pra mãe Rittah.

– Estas são facas de gente grande, Raych. Você é novo demais.

– Então devo ser novo demais pra saber onde mora mãe Rittah – ele lançou um olhar malicioso por baixo da franja desgrenhada que cobria seus olhos.

Seldon começou a ficar inquieto. Aquela situação talvez atraísse mais gente. Vários homens já tinham parado, mas seguiram adiante quando perceberam que nada interessante acontecia. Porém, se o menino ficasse nervoso e os atacasse com palavras ou de algum outro jeito, as pessoas certamente se juntariam à sua volta.

Seldon sorriu e disse:

– Você sabe ler, Raych?

Raych cuspiu mais uma vez.

– Nah! Quem quer ler? – ele respondeu.

– Você sabe usar um computador?

– Um computador por voz? Claro. Qualquer um sabe.

– Então vamos fazer o seguinte. Você nos leva à loja de computadores mais próxima e eu compro um computadorzinho para você, e programas que o ensinem a ler. Depois de algumas semanas, você saberá ler.

Seldon achou ter visto os olhos do menino brilharem com aquela possibilidade, mas, mesmo que tivesse sido o caso, ele endureceu a expressão em seguida.

– Nah – respondeu. – A faca, ou esquece.

– Aí é que está, Raych. Você aprende a ler e não conta para ninguém, e pode surpreender as pessoas. Depois de um tempo, pode até apostar que sabe ler. Apostar cinco créditos. Assim, você ganhará alguns créditos extras e poderá comprar a sua própria faca.

O menino hesitou.

– Nah! Ninguém vai apostar. Ninguém tem crédito.

– Se você souber ler, pode conseguir um emprego em uma loja de facas e economizar o salário para comprar uma faca com desconto. Que tal?

– Quando cê vai comprar o computador?

– Agora mesmo. Entrego quando encontrarmos mãe Rittah.

– Cê tem créditos?

– Tenho uma tarjeta de crédito.

– Quero ver cê comprar o computador.

A compra foi feita, mas, quando o garoto estendeu as mãos para pegar o computador, Seldon fez um gesto negativo com a cabeça e guardou o objeto no bolso.

– Você tem de me levar até mãe Rittah primeiro, Raych – ele disse. – Tem certeza de que sabe como encontrá-la?

– Claro que sei – Raych permitiu que uma expressão de desprezo passasse por seu rosto. – Levo cêis até lá, mas é melhor que cê me dê o computador quando estivermos lá, senão vou chamar uns caras que conheço pra ir atrás de cêis dois, então tomem cuidado.

– Você não precisa fazer ameaças – respondeu Seldon. – Nós vamos cumprir a nossa parte do acordo.

Raych os conduziu rapidamente pela passarela, sob vários olhares curiosos.

Seldon ficou em silêncio durante a caminhada, e Dors também. Mas ela estava menos envolvida nos próprios pensamentos; era evidente que prestava atenção nas pessoas à sua volta, o tempo todo. Ela devolvia os olhares dos transeuntes que passavam por eles. Às vezes surgiam passos atrás deles e ela se virava para mostrar sua expressão ameaçadora.

Depois de algum tempo, Raych parou.

– Ali – ele disse. – Ela não mora na rua, viu?

Eles seguiram o menino para dentro de um complexo de apartamentos e Seldon, que tentara acompanhar o caminho para saber como voltar, perdeu a noção de localização rapidamente.

– Como sabe o caminho no meio destes becos, Raych? – ele perguntou.

– Fico zanzando por aqui desde que era pequeno – ele deu de ombros. – E, quando não está tudo quebrado, os apartamentos têm números e setas e coisas assim. Não dá pra se perder com esses truques.

Aparentemente, Raych sabia todos os truques e eles se embrenharam cada vez mais no complexo de apartamentos. Havia uma atmosfera de decadência completa: entulho por toda parte, moradores que passavam furtivamente, claro que incomodados com aquela invasão. Jovens baderneiros passavam correndo, enquanto praticavam algum esporte.

– Ei, sai fora do caminho! – gritaram alguns deles quando a bola flutuante que jogavam quase acertou Dors.

E então, finalmente, Raych parou diante de uma porta escura e danificada, na qual o número 2782 brilhava fracamente.

– É aqui – ele disse, e estendeu a mão.

– Primeiro, vamos ver quem está em casa – respondeu Seldon, gentilmente. Ele apertou o botão de sinalização e nada aconteceu.

– Num funciona – disse Raych. – Cê precisa bater. Bater forte. Ela não ouve muito bem.

Seldon bateu o punho na porta e foi correspondido pelo som de alguém se mexendo.

– Quem deseja ver mãe Rittah? – perguntou uma voz aguda e arranhada.

– Dois estudiosos! – respondeu Seldon, falando alto.

Ele jogou o pequeno computador com o pacote de programas para Raych, que o pegou no ar, sorriu e foi embora correndo. Então, Seldon se virou na direção da porta e de mãe Rittah.

70

Mãe Rittah talvez já tivesse passado dos setenta anos, mas tinha o tipo de rosto que, à primeira vista, parecia desmentir tal fato. Bochechas rechonchudas, boca pequena, um pequeno queixo redondo e um papo. Era bem baixa – não chegava a um metro e meio – e gorda.

Mas havia delicadas rugas em torno de seus olhos e, quando ela sorria – como fez quando viu Seldon e Dors –, outras rugas surgiam. Além disso, ela se movimentava com dificuldade.

– Entrem, entrem – ela disse, com voz aguda e gentil, conforme os observava com olhos semicerrados, como se sua vista estivesse começando a falhar. – Vocês não são daqui... Nem mesmo deste planeta. Estou certa? Não parecem ter o cheiro de Trantor.

Seldon teria preferido que ela não tivesse mencionado cheiros. O apartamento, abarrotado e repleto de pequenas coisas que pareciam velhas e empoeiradas, cheirava a comida estragada. O ar era tão denso e pegajoso que ele tinha certeza de que suas roupas estariam com aquele odor forte quando fossem embora.

– A senhora está certa, mãe Rittah. Eu sou Hari Seldon, de Helicon. Minha amiga é Dors Venabili, de Cinna.

– Por favor – ela disse, procurando um espaço livre no chão que pudesse oferecer para que os visitantes se sentassem, mas não encontrou nenhum.

– Podemos ficar em pé, mãe Rittah – disse Dors.

– O quê? – ela olhou para Dors. – Você precisa falar mais alto, criança. Minha audição não é o que costumava ser quando eu tinha a sua idade.

– Por que a senhora não usa um aparelho auditivo? – perguntou Seldon, falando alto.

– Não ajudaria em nada, amo Seldon. Parece haver alguma coisa errada com os nervos, e não tenho dinheiro para reconstrução neural. Vocês vieram saber o que mãe Rittah tem a ensinar sobre o futuro?

– Não exatamente – disse Seldon. – Vim aprender sobre o passado.

– Excelente. Descobrir o que as pessoas querem ouvir é exaustivo.

– Deve ser uma arte – disse Dors, sorrindo.

– Parece fácil, mas é preciso ser convincente. Esforço-me para receber meus pagamentos.

– Se a senhora tiver como receber pagamentos por tarjeta de crédito – disse Seldon –, pagaremos qualquer quantia razoável por informações sobre a Terra, mas sem que a senhora adapte o que nos disser de acordo com o que queremos ouvir. Estamos em busca da verdade.

Mãe Rittah, que estivera andando pelo aposento para arrumar coisas aqui e ali como se para deixá-lo mais bonito e adequado para visitantes importantes, parou repentinamente.

– O que querem saber sobre a Terra?

– Para começar, o que é a Terra?

A velha senhora se virou e pareceu olhar para um espaço muito distante. Quando respondeu, sua voz era baixa e firme.

– É um mundo, um mundo muito antigo. Abandonado e perdido.

– Não faz parte da história – interveio Dors. – Disso nós sabemos.

– Ele veio antes da história, criança – respondeu mãe Rittah, solenemente. – Existiu na alvorada da Galáxia e até mesmo antes da alvorada. Era o único mundo com seres humanos – ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– A Terra tinha outro nome? Aurora? – perguntou Seldon.

O rosto de mãe Rittah se torceu em reprovação.

– Onde ouviu isso? – ela perguntou.

– Em minhas viagens. Ouvi falar de um mundo antigo e esquecido chamado Aurora, no qual a humanidade vivia em uma paz primordial.

– É *mentira* – ela limpou a boca como se quisesse se livrar do gosto do que acabara de ouvir. – O nome que você disse não deve ser dito *jamais*, exceto como a morada do Mal. Foi o berço do Mal. A Terra estava sozinha até que veio o Mal, junto com seus mundos irmãos. O Mal quase destruiu a Terra, mas a Terra se recuperou e destruiu o Mal com a ajuda de heróis.

– A Terra existia *antes* desse Mal. A senhora tem certeza?

– Muito antes. A Terra ficou sozinha na Galáxia durante milhares de anos. *Milhões* de anos.

– Milhões de anos? A humanidade existiu na Terra por milhões de anos, sem que houvesse seres humanos em nenhum outro planeta?

– Isso mesmo. Isso mesmo. *Isso mesmo*.

– Mas como a senhora sabe de tudo isso? Está arquivado em um programa de computador? Em um impresso? A senhora tem alguma coisa que eu possa ler?

Mãe Rittah negou com a cabeça.

– Ouvi as histórias do passado contadas pela minha mãe – ela disse –, que ouviu da mãe dela, e assim sucessivamente. Não tenho filhos, então conto as histórias para outras pessoas, mas isso pode acabar. Vivemos em uma época de descrença.

– Na verdade não, mãe Rittah – disse Dors. – Existem pessoas que especulam sobre os tempos pré-históricos e que estudam alguns relatos sobre mundos perdidos.

– Eles olham com olhares frios – mãe Rittah fez um gesto com o braço como se quisesse tirar aquilo da frente. – Eles tentam encaixar no que acreditam. Eu poderia contar histórias sobre o grande herói Ba-Lee por mais de um ano, mas vocês não teriam tempo para ouvir e eu não tenho mais forças para contar.

– A senhora já ouviu falar em robôs? – perguntou Seldon.

A velhota estremeceu.

– *Por que pergunta essas coisas?* – ela disse, quase gritando. – Eles eram seres humanos artificiais, corporificações do Mal criadas pelos mundos do Mal. Foram destruídos e não deveriam ser mencionados jamais.

– Havia um robô em especial, não havia, que os mundos do Mal detestavam?

Mãe Rittah cambaleou na direção de Seldon e o encarou bem de perto. Ele podia sentir o hálito quente da velhota em seu rosto.

– Você veio até aqui para caçoar de mim? Sabe dessas coisas, mas faz perguntas? Por que faz perguntas?

– Porque quero saber.

– Houve um ser humano artificial que ajudou a Terra. Era Da-Nee, amigo de Ba-Lee. Ele nunca morreu e vive em algum lugar, esperando pelo momento do seu retorno. Ninguém sabe quando esse momento virá, mas algum dia ele voltará para restaurar os grandes dias do passado e acabar com toda a crueldade, injustiça e miséria. Essa é a promessa. – Depois de dizer isso, ela fechou os olhos e sorriu, como se estivesse perdida em reminiscências.

Seldon esperou em silêncio por algum tempo, até que suspirou e disse:

– Obrigado, mãe Rittah. A senhora foi de grande ajuda. Quanto devemos à senhora?

– É sempre muito agradável conhecer pessoas de outros mundos – respondeu a velhota. – Dez créditos. Vocês gostariam de alguma coisa para beber?

– Não, obrigado – disse Seldon, em um tom gentil. – Por favor, aceite vinte. A senhora pode nos dizer como fazemos para voltar à via expressa daqui? E, mãe Rittah, se a senhora puder gravar algumas de suas histórias sobre a Terra em um disco de computador, estou disposto a pagar generosamente.

– Eu precisaria fazer tanto esforço… Quão generosamente?

– Dependeria da duração das histórias e da qualidade das narrativas. Posso pagar mil créditos.

– Mil créditos? – mãe Rittah pareceu interessada. – Mas como faço para encontrar vocês quando já estiver com as histórias gravadas?

– Dou à senhora o código de computador através do qual posso ser encontrado.

Depois que Seldon deu o código numérico a mãe Rittah, ele e Dors foram embora, agradecidos pelo ar comparativamente limpo do corredor do lado de fora. Caminharam com pressa na direção indicada pela velhota.

– Foi uma entrevista bem curta, Hari – disse Dors.

– Eu sei. Aquele lugar era terrivelmente desagradável e acho que ouvi o suficiente. É incrível como essas histórias tradicionais tendem a ampliar as coisas.

– O que quer dizer com “ampliar”?

– Ora, os mycogenianos povoaram Aurora com seres humanos que viviam por séculos e os dahlitas povoaram a Terra com uma humanidade que viveu por milhões de anos. E ambos falam de um robô que vive para sempre... Ainda assim, é intrigante.

– No que diz respeito aos milhões de anos, existe espaço para... Aonde estamos indo?

– Mãe Rittah disse para seguirmos nesta direção até chegar a uma área de descanso. Aí, devemos procurar pela sinalização da PASSARELA CENTRAL à esquerda e continuar acompanhando a sinalização. Passamos por uma área de descanso na vinda?

– A gente talvez esteja indo por um caminho diferente do que usamos para chegar aqui. Não me lembro de uma área de descanso, mas não estava prestando atenção no caminho. Estava de olho nas pessoas pelas quais passávamos e...

A voz de Dors morreu. À frente, o beco se abria para um espaço aberto. Seldon se lembrou. Eles *tinham* passado por ali. Ele notara algumas almofadas imundas no chão da passagem, e lá estavam elas.

Mas não era necessário que Dors observasse os transeuntes, como quando eles chegaram – agora não havia ninguém. Porém, mais adiante, na área de descanso, eles viram um grupo de homens, grandes para os padrões dahlitas, com bigodes generosos e antebraços musculosos expostos, brilhando sob a luz amarelada da passarela.

Era evidente que eles esperavam pelos dois e, quase automaticamente, Seldon e Dors pararam de andar. Por um ou dois instantes, a cena foi paralisada. Então, Seldon olhou para trás rapidamente. Dois ou três homens tinham entrado em seu campo de visão.

– Estamos encurralados – murmurou Seldon, com os dentes cerrados. – Eu não devia ter deixado você vir, Dors.

– Pelo contrário. Foi por isso que eu vim. Mas conversar com mãe Rittah justifica isso?

– Se sairmos desta, justifica.

Então, erguendo a voz e em tom firme, Seldon disse:

– Podemos passar?

Um dos homens na área de descanso deu um passo à frente. Ele tinha a mesma altura que Seldon, 1,73 metro, mas era mais largo nos ombros e muito mais musculoso – e um tanto flácido na barriga, reparou Seldon.

– Meu nome é Marran – ele disse, com ar de arrogância, como se o nome tivesse algum significado – e estou aqui para dizer a vocês que não gostamos de Estrangeiros em nosso distrito. Se vocês quiserem entrar, sem problemas. Mas, se quiserem sair, vão ter de pagar.

– Pois bem. Quanto?

– Tudo o que tiverem. Vocês, Estrangeiros ricos, têm tarjetas de créditos, não? Passe-as para cá.

– Não.

– Não adianta dizer "não". A gente vai pegá-las de qualquer jeito.

– Não podem pegá-las sem me matar ou me machucar, e elas não funcionam sem o meu padrão vocal. Meu padrão vocal *inalterado*.

– Não é bem assim, amo... viu só? Estou sendo educado. Podemos pegá-las sem machucá-lo *tanto*.

– Quantos de vocês machões serão necessários? Nove? Não... – Seldon contou rapidamente. – Dez.

– Só um. Eu.

– Sem nenhuma ajuda?

– Apenas eu.

– É melhor o restante de vocês se distanciar e nos dar espaço. Quero ver você tentar, Marran.

– Você não tem uma faca, amo. Quer uma?

– Não. Use a sua para fazer a briga ser justa. Vou lutar sem nenhuma.

– Ei, esse fracote é dos nossos – Marran disse, olhando para os outros. – Nem parece assustado. Legal. Seria uma pena ter que machucar ele. – Ele se voltou para Seldon. – Vamos fazer o seguinte, amo. Fico com a moça. Se você quiser me impedir, nos dê sua tarjeta de crédito e a tarjeta dela e usem suas vozes para ativá-las. Se disser "não", aí, depois que eu tiver terminado com a moça... e isso vai levar algum tempo – ele riu –, eu vou ter que machucar você.

– Não – respondeu Seldon. – Deixe a mulher em paz. Eu desafiei

você para uma briga um contra um, você com uma faca e eu sem nenhuma. Se quiser ter mais vantagem, enfrentarei dois de vocês. Mas deixe a mulher em paz.

– Pare com isso, Hari! – exaltou-se Dors. – Se ele me quer, ele que venha me pegar. Fique onde está, Hari, e não se mexa.

– Ouviram isso? – perguntou Marran, com um grande sorriso. – Fique onde está, Hari, e não se mexa. Acho que a mocinha me quer. Vocês dois, segurem ele.

Os braços de Seldon foram pegos com força por mãos grandes e ele sentiu a ponta afiada de uma faca em suas costas.

– Não se mexa – alguém sussurrou em sua orelha – e você pode assistir. A moça provavelmente vai gostar. Marran é bom nisso.

– Não se mexa, Hari! – gritou Dors mais uma vez. Ela se virou para encarar Marran, vigilante, suas mãos tensas, próximas do cinto.

Ele avançou na direção de Dors e ela esperou até que ele estivesse à distância de um braço. Subitamente, ela fez um gesto relâmpago e Marran se viu diante de duas grandes facas.

Por um momento, ele se inclinou para trás e, então, riu.

– A mocinha tem duas facas, daquelas que os garotões usam. E eu tenho só uma. Mas é justo. – Com um movimento rápido, ele desembainhou uma faca. – Eu detestaria ter que cortar você, mocinha. Será mais divertido para nós dois se eu não fizer isso. Mas acho que é só arrancá-las das suas mãos, não é?

– Eu não quero matá-lo – disse Dors. – Farei tudo o que puder para evitar isso. Ainda assim, peço que todos testemunhem que, se eu o matar, terá sido para proteger meu amigo, algo que jurei fazer por minha honra.

– Oh, não me mate, mocinha, por favor – respondeu Marran, fingindo estar assustado. Ele riu subitamente e foi acompanhado pelos outros dahlitas.

Marran avançou e fez um gesto amplo com a faca. Repetiu o movimento e depois fez mais uma vez, mas Dors não se mexeu – ela não tentou se esquivar de nenhum gesto que não fosse um ataque genuíno.

O rosto de Marran ficou mais sombrio. Ele estava tentando fazê-la reagir com pânico, mas a única coisa que conseguiu foi dar a impressão de que não era habilidoso. O próximo ataque foi direto. A faca na mão esquerda de Dors foi erguida como um raio e repeliu a

dele com tal força que o braço de Marran foi empurrado para o lado. A mão direita dela voou por dentro e fez um corte diagonal na camiseta do oponente. Uma linha de sangue marcou sua pele coberta de pelos.

Marran olhou para o próprio torso, chocado, e os espectadores reagiram com surpresa. Seldon percebeu que as mãos que o seguravam afrouxaram de leve conforme os dois homens se distraíram com a imprevisibilidade do duelo. Ele tensionou os músculos.

Marran avançou de novo e, desta vez, sua mão esquerda se adiantou para agarrar o punho direito de Dors. Novamente, a faca na mão esquerda de Dors foi ao encontro da faca dele e a travou no lugar, enquanto sua mão direita girou com habilidade e foi para baixo no momento em que a mão esquerda de Marran se fechava. Ele acabou fechando os dedos sobre a lâmina e, quando abriu a mão, havia uma linha sangrenta em sua palma.

Dors saltou para trás e Marran, observando o sangue em seu torso e em sua mão, soltou um rugido engasgado:

– Alguém me dê outra faca!

Houve um momento de hesitação e um dos dahlitas jogou a própria faca, em um arco ascendente. Marran estendeu o braço para pegá-la, mas Dors foi mais rápida. Com a faca que segurava na mão direita, ela acertou a outra em pleno ar, lançando-a para longe.

Seldon percebeu que o domínio sobre seus braços ficou ainda mais fraco. Ele os ergueu subitamente, fazendo força para cima e para a frente, e conseguiu se libertar. Os dois captores se viraram em sua direção com gritos ameaçadores, mas ele foi rápido e acertou uma joelhada na virilha de um e uma cotovelada no plexo solar do outro, o que os fez cair no chão.

Ele se abaixou para pegar as facas dos dois e se levantou com as lâminas em mãos, assim como Dors. Seldon não sabia usá-las com a mesma habilidade de Dors, mas ele considerou que os dahlitas não tinham como saber disso.

– Mantenha os outros a distância, Hari – disse Dors. – Não ataque ainda. Marran, meu próximo golpe não será para arranhar.

Marran, tomado pela fúria, soltou um rugido incompreensível e avançou cegamente, em uma tentativa de vencer seu inimigo com pura energia cinética. Dors, abaixando-se e dando um passo para o lado, passou por baixo do braço direito de Marran e chutou seu

calcanhar com força, e ele foi ao chão. Sua faca voou para longe.

Então, ela se ajoelhou, colocou uma das facas na nuca de Marran e a outra contra sua garganta e disse:

– Renda-se!

Com outro grito, Marran tentou atacá-la com um braço, empurrou-a para o lado e cambaleou para se levantar.

Ele ainda não estava de pé quando Dors o atacou, fazendo um movimento descendente com uma das lâminas e decepando parte de seu bigode. Ele uivou como um animal em agonia, colocando a mão no rosto. Quando a tirou, pingava sangue.

– Não vai crescer de novo, Marran – gritou Dors. – Parte do lábio foi cortada com o bigode. Avance mais uma vez e você já era.

Ela esperou, mas Marran tinha desistido. Ele mancou para longe, gemendo, deixando uma trilha de sangue atrás de si.

Dors se virou na direção dos outros. Os dois que Seldon derrubara ainda estavam no chão, desarmados e sem nenhuma disposição para levantar. Ela se abaixou e usou uma das facas para cortar seus cintos. Em seguida, fez cortes nas laterais das calças.

– Assim vocês vão precisar segurar as calças para andar – ela disse. Em seguida, encarou os sete homens ainda de pé, que a observavam com fascínio aterrorizado. – Qual de vocês jogou a faca?

Silêncio.

– Não importa – ela continuou. – Venham um de cada vez ou todos juntos, mas saibam que, cada vez que eu usar minhas lâminas, alguém morre.

Os sete se viraram ao mesmo tempo e correram para longe.

Dors ergueu as sobrancelhas e se virou para Seldon.

– Desta vez, pelo menos, Hummin não pode reclamar que não o protegi – ela disse.

– Ainda não consigo acreditar no que vi – respondeu Seldon. – Eu não tinha ideia de que você sabe fazer coisas desse tipo... E nem falar desse jeito.

Dors apenas sorriu.

– Você também tem seus talentos – ela disse. – Somos uma boa dupla. Vamos, guarde suas facas no bolso. Acho que a notícia vai se espalhar rapidamente e poderemos ir embora de Billibotton sem medo de sermos abordados.

Ela estava certa.

ENCOBERTOS

——— Davan...

Nos tempos instáveis que marcaram os últimos séculos do Primeiro Império Galáctico, as fontes típicas de turbulência surgiam das manipulações e artimanhas que líderes políticos e militares faziam em busca do poder “supremo” (uma supremacia que se tornou mais e mais irrelevante a cada década). Antes do advento da psico-história, raramente houve algo que pudesse ser chamado de levante popular. Mas um exemplo intrigante envolve Davan, sobre quem há poucas informações, mas que talvez tenha conhecido Hari Seldon em determinado momento, quando...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

72

Hari Seldon e Dors Venabili tinham tomado banhos demorados, aproveitando as instalações um tanto primitivas da residência dos Tissalver. Tinham trocado de roupa e estavam no quarto de Seldon quanto Jirad Tissalver voltou do trabalho, no fim do dia. O toque que ele deu no identificador foi tímido – ou pareceu ser, já que não durou muito tempo.

– Boa noite, amo Tissalver – disse Seldon, gentilmente, conforme abriu a porta. – E a ama Tissalver também.

Ela estava logo atrás do marido, com a testa franzida em uma expressão de desconfiança.

– Você e ama Venabili estão bem? – perguntou Tissalver, hesitante, sem saber como agir. Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça, como se pudesse, assim, obter uma resposta positiva.

– Perfeitamente bem. Entramos e saímos de Billibotton sem nenhum problema e já tomamos banho e nos trocamos. Não sobrou nenhum cheiro – Seldon levantou o queixo e sorriu conforme disse a última frase, jogando o comentário por cima do ombro de Tissalver, na direção da esposa dele.

Ela fungou audivelmente, como se para comprovar o fato.

Ainda hesitante, Tissalver continuou:

– Ouvi dizer que houve uma briga com facas.

– É isso que dizem? – Seldon ergueu as sobrancelhas.

– Você e ama Venabili contra uma centena de brutamontes, foi o que nos disseram, e você matou todos eles. Foi isso mesmo? – sua voz trazia um tom relutante de profundo respeito.

– De jeito nenhum – interveio Dors, com súbita irritação. – Isso é ridículo. O que acha que somos? Assassinos em massa? E você acha que uma centena de brutamontes ficaria parada, esperando pelo considerável tempo necessário para que eu... nós matássemos todos eles? Pense *um pouco*.

– É o que estão dizendo – disse Cassília Tissalver, com firmeza. –

Não podemos aceitar esse tipo de coisa nesta casa.

– Em primeiro lugar – respondeu Seldon –, não foi nesta casa. Segundo, não foi uma centena de homens, foram dez. Terceiro, ninguém foi morto. Houve alguns ataques. Depois disso, eles foram embora e abriram caminho para nós.

– Eles simplesmente abriram caminho? Esperam que eu acredite nisso, Estrangeiros? – retrucou ama Tissalver, agressiva.

Seldon suspirou. Sob o menor estresse, os seres humanos pareciam se dividir em grupos antagonistas.

– Na verdade, um deles se cortou um pouco – ele disse. – Mas não foi nada sério.

– E vocês não se machucaram nem um pouco? – perguntou Tissalver. A admiração em sua voz ficou ainda mais evidente.

– Nem um arranhão – disse Seldon. – Ama Venabili sabe como usar duas facas com muita destreza.

– Não duvido – respondeu ama Tissalver, seus olhos pousando no cinto de Dors –, e é isso que eu não quero aqui.

– Desde que ninguém nos ataque – disse Dors –, não haverá *nada* disso por aqui.

– Mas, por causa de vocês, temos lixo da rua na nossa porta de entrada.

– Meu amor – interveio Tissalver, para acalmá-la –, não vamos ficar nervosos...

– Por quê? – retrucou ama Tissalver, com desprezo. – Você tem medo daquelas facas? *Quero ver* se ela as usará aqui.

– Não tenho nenhuma intenção de usá-las aqui – disse Dors, bufando tão alto quanto ama Tissalver bufaria. – O que é esse lixo da rua de que você fala?

– O que minha esposa quer dizer – respondeu Tissalver – é que um menino de Billibotton (ou, pelo menos, parece ser de Billibotton, a julgar pelas roupas) quer vê-los, e não estamos acostumados com esse tipo de coisa neste bairro. Isso pode arruinar nossa reputação. – Ele parece querer pedir desculpas.

– Ora, amo Tissalver – disse Seldon –, vamos lá fora ver do que se trata e dispensá-lo o mais rápido...

– Não. Espere – interveio Dors, irritada. – Estes são os *nossos* quartos. Estamos pagando por eles. *Nós* decidimos quem pode e quem não pode nos visitar. Se lá fora há um jovem que veio de Billibotton,

ele também é um dahlita. Mais do que isso, é um trantoriano. Ainda mais importante, é um cidadão do Império e um ser humano. Mas o mais importante de tudo é que, ao pedir para nos ver, ele se tornou nosso convidado. Portanto, damos boas-vindas a ele.

Ama Tissalver não se moveu. O próprio Tissalver parecia em dúvida.

– Vocês mesmos dizem que eu matei uma centena de brutamontes em Billibotton – continuou Dors. – Decerto não acham que eu tenho medo de um garotinho. Ou de vocês dois. – Ela colocou casualmente uma mão no cinto.

– Ama Venabili – disse Tissalver, com súbita energia –, não temos intenção de ofendê-la. É claro que esses quartos são seus e vocês podem receber quem quiserem. – Ele deu um passo para trás, puxando a esposa furiosa em uma atitude resoluta, pela qual ele provavelmente teria de pagar mais tarde.

Com expressão severa, Dors observou os dois irem embora.

– Que pouco característico da sua parte, Dors – Seldon abriu um sorriso sarcástico. – Achei que era *eu* quem arrumava confusões quixotescas e que você era a pessoa calma e prática, cujo único objetivo era *evitar* confusões.

Dors negou com a cabeça e disse:

– Não consigo aceitar um ser humano sendo desprezado apenas pela identificação de seu grupo... e por outros seres humanos. São essas pessoas "respeitáveis" que criam os vândalos lá fora.

– E são outras pessoas "respeitáveis" que criam essas pessoas "respeitáveis" – completou Seldon. – Essas animosidades mútuas fazem parte da humanidade, tanto quanto...

– Então você precisará lidar com isso na sua psico-história, não?

– Se houver uma psico-história com a qual poderei trabalhar, certamente. Ah, aí vem o menino em questão. E é Raych, o que, de alguma maneira, não me surpreende.

73

Raych entrou, claramente intimidado, analisando o entorno. O dedo indicador de sua mão direita foi até seu lábio superior, como se ele estivesse imaginando quando começaria a sentir os primeiros pelos

de seu bigode.

Ele se virou para ama Tissalver, que não tentava disfarçar a indignação, e fez uma reverência desengonçada.

– 'Brigado, madame. Cê tem uma casa bem bonita.

Então, conforme a porta foi batida atrás dele, Raych se dirigiu a Seldon e Dors com um ar de familiaridade.

– Lugar legal cêis arranjaram.

– Que bom que você gostou – respondeu Seldon, com atitude solene. – Como sabia que estávamos aqui?

– Segui ocêis. Como cê acha? Ei, moça – ele se voltou para Dors –, cê não briga que nem donzela.

– Você já viu muitas donzelas brigarem? – perguntou Dors, com bom humor.

– Não, nunca vi, não – disse Raych, coçando o nariz. – Elas não têm facas, só umas faquinhas para assustar crianças. Nunca me assustaram.

– Tenho certeza de que não. O que você faz para as donzelas sacarem as facas?

– Nada. Você só brinca um pouco, tira um sarro. Você grita: "Ei, moça, deixa eu..." – ele parou para pensar por um momento. – Nada, não.

– Só não tente comigo – respondeu Dors.

– Tá brincando? Depois do que cê fez com Marran? Ei, moça, onde é que cê aprendeu a brigar daquele jeito?

– No meu mundo.

– Cê me ensina?

– Foi por isso que você veio me ver?

– Na verdade, não. Vim trazer um recado pro cêis.

– De alguém que quer brigar comigo?

– Ninguém quer brigar com cê, moça. Agora cê tem uma reputação. Todo mundo sabe quem cê é. Cê pode ir pra qualquer lugar do velho Billibotton e todos os caras vão abrir caminho e deixar cê passar e sorrir e tomar cuidado pra não te olhar nos olhos. É, moça, cê tá feita. É por isso que *ele* quer te ver.

– Raych – interveio Seldon –, exatamente *quem* quer nos ver?

– Um cara chamado Davan.

– E quem é ele?

– É só um cara. Ele mora em Billibotton e não tem faca nenhuma.

– E como ele consegue sobreviver, Raych?

– Ele lê muito e ajuda os caras quando eles se metem em problemas c'o governo. Eles meio que deixam Davan em paz. Ele não precisa de faca.

– Então por que não veio ele mesmo? – perguntou Dors. – Por que mandou você?

– Ele não gosta nem um pouco deste lugar. Fala que dá nojo. Fala que todas as pessoas daqui gostam do governo e de ficar lambendo... – ele parou, olhou para os dois estrangeiros em dúvida, e continuou: – De qualquer jeito, ele não vem pra cá. Disse que iam me deixar entrar porque sou só um moleque. – Ele abriu um sorriso. – E quase não deixaram, né? Aquela moça que tem cara de quem tá sentindo cheiro ruim?

Ele parou subitamente e olhou para si mesmo, envergonhado.

– Não tem muito jeito de tomar banho lá de onde eu venho – ele disse.

– Não tem problema – respondeu Dors, sorrindo. – Mas onde vamos encontrar esse Davan, se ele não vem para cá? Afinal, se você não se importar, não temos vontade nenhuma de voltar a Billibotton.

– Eu te disse – indignou-se Raych. – Cê tem passe livre em Billibotton, eu juro. Além disso, onde ele mora ninguém vai incomodar cêis.

– Onde fica? – perguntou Seldon.

– Posso levar ocêis lá. Não é longe.

– E por que ele quer nos ver? – perguntou Dors.

– Sei lá. Mas ele disse assim... – Raych semicerrou os olhos, esforçando-se para lembrar. – "Diz a eles que quero ver o homem que falou com um termopoceiro dahlita como se ele fosse um ser humano e a mulher que derrotou Marran com facas e não matou ele quando podia ter matado." Acho que lembrei direitinho.

– Acho que sim – sorriu Seldon. – Ele já está pronto para nos receber?

– Tá esperando.

– Então vamos com você. – Ele olhou para Dors com um traço de dúvida nos olhos.

– Certo. Eu concordo – ela cedeu. – Acho que não deve ser uma armadilha. Ter esperança não faz mal a ninguém...

Quando eles saíram, a luz vespertina tinha um brilho agradável, com um leve toque arroxeado e contornos rosados nas nuvens que se deslocavam diante do pôr do sol simulado. Dahl podia ter reclamações quanto à maneira como eram tratados pelos governantes imperiais de Trantor, mas com certeza não havia nada de errado com o clima que os computadores produziam para eles.

– Parece que somos celebridades – disse Dors, em tom baixo. – Não tenho dúvidas disso.

Seldon parou de observar o céu artificial e percebeu imediatamente uma multidão de tamanho considerável que se acumulara perto da casa dos Tissalver.

Todas as pessoas na multidão os encaravam. Quando ficou claro que os estrangeiros tinham percebido a atenção, um murmúrio baixo percorreu o grupo, que parecia prestes a aplaudir.

– Agora entendo por que ama Tissalver achou isso incômodo – comentou Dors. – Eu deveria ter sido um pouco mais solidária.

A maior parte da multidão estava malvestida e não era difícil perceber que muitas daquelas pessoas eram de Billibotton.

Por impulso, Seldon sorriu e ergueu uma das mãos em um discreto aceno, que foi recebido por aplausos. Uma voz, perdida na segurança do anonimato da multidão, gritou:

– Moça, mostre alguns truques de faca!

– Não, as facas são apenas para momentos de mau humor – respondeu Dors, e todos riram.

Um homem deu um passo à frente. Era óbvio que ele não vivia em Billibotton e não trazia nenhuma característica dahlita evidente. Para começar, tinha um bigode pequeno, que era marrom, e não preto.

– Marlo Tano, do jornal trantoriano *HV* – ele disse. – Podemos conversar um pouco, para a nossa holotransmissão noturna?

– Não – respondeu Dors, sucintamente. – Nada de entrevistas.

O jornalista não desistiu e continuou:

– Segundo relatos, a senhora esteve em uma briga contra uma grande quantidade de homens em Billibotton... E venceu. – Ele sorriu. – Isso é notícia. Com certeza.

– Não – respondeu Dors. – Encontramos alguns homens em Billibotton, conversamos com eles e seguimos em frente. Foi só isso

que aconteceu e é só isso que você vai conseguir.

– Qual é o seu nome? Não parece ser trantoriana.

– Eu não tenho nome.

– E o nome de seu amigo?

– Ele não tem nome.

– Escute, moça – o jornalista pareceu ficar irritado. – Você é notícia e estou apenas tentando fazer o meu trabalho.

Raych puxou a manga de Dors, que se abaixou para ouvir o que ele tinha para sussurrar.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e se levantou outra vez.

– Eu acho que você não é jornalista, sr. Tano. Acho que você é um agente imperial tentando trazer problemas para Dahl. Não houve nenhuma briga e você está tentando forjar notícias para usar como justificativa para uma intervenção imperial em Billibotton. Se eu fosse você, iria embora daqui. Creio que você não seja muito popular entre estas pessoas.

A multidão tinha começado a murmurar assim que Dors dissera as primeiras palavras. Eles começaram a elevar o tom de voz e a se aproximar de Tano, lenta e ameaçadoramente. Ele olhou à volta, nervoso, e tentou se afastar.

– Deixem-no ir embora – disse Dors para a multidão. – Ninguém toque nele. Não vamos dar nenhum motivo para ele denunciar violência.

E a multidão abriu espaço para ele passar.

– Ah, moça – lamentou Raych –, cê devia ter deixado eles acabarem com aquele cara.

– Rapazinho sanguinário – respondeu Dors –, leve-nos a esse seu amigo.

75

Eles encontraram o homem que atendia pelo nome Davan em um quarto atrás de uma lanchonete decadente, no final de um longo beco.

Raych liderou a expedição, mais uma vez se mostrando tão à vontade nos becos de Billibotton quanto um tatu nos túneis subterrâneos de Helicon.

Dors Venabili foi a primeira a manifestar cautela. Ela parou e disse:

– Volte aqui, Raych. Para onde exatamente estamos indo?

– Até Davan – respondeu Raych, com expressão irritada. – Já falei.

– Mas esta área é deserta. Ninguém mora aqui. – Dors olhou em volta com repugnância explícita. Aquele lugar era totalmente sem vida e a pouca sinalização luminosa que havia por ali estava apagada, ou emitia apenas um brilho tênue.

– É assim que Davan gosta – disse Raych. – Ele tá sempre mudando por aí, ficando aqui, ficando lá. Sabe como é... mudando o tempo todo.

– Por quê? – perguntou Dors.

– É mais seguro, moça.

– De quem ele precisa se proteger?

– Do governo.

– Por que o governo iria querer Davan?

– Sei lá, moça. Vamo fazer o seguinte. Eu digo onde ele tá e como chegar e cêis continuam sozinhos, se cê não quer que eu leve.

– Não, Raych – interveio Seldon. – Tenho certeza de que vamos nos perder sem você. Aliás, é melhor que você espere enquanto conversamos com ele, para nos levar de volta.

– E quê que eu ganho com isso? – respondeu Raych, de imediato. – Cêis esperam que eu fique enrolando aqui? E quando eu ficar com fome?

– Você enrola e fica com fome, Raych, e eu compro um jantar imenso para você. Qualquer coisa que você queira.

– Fácil dizer isso *agora*, moço. Como é que eu vou ter certeza?

A mão de Dors relampejou e ela subitamente empunhava uma faca com a lâmina exposta.

– Você não está nos chamando de mentirosos, está, Raych? – ela perguntou.

Os olhos de Raych se arregalaram, mas ele não parecia nada intimidado.

– Nossa, eu nem vi essa – ele disse. – Faz de novo?

– Faço depois, se você ainda estiver aqui. Senão... – Dors semicerrou os olhos para encará-lo – nós vamos atrás de você.

– Ah, moça, deixa disso – respondeu Raych. – Cêis não vão atrás de mim. Cêis não são desse tipo. Mas vou ficar por aqui. – Ele estufou o peito e continuou: – Cêis têm minha palavra de honra.

Ele continuou a conduzi-los em silêncio. O som dos passos do

pequeno grupo ecoava nos becos vazios.

Davan levantou a cabeça quando eles entraram, um olhar feroz que se suavizou quando ele viu Raych, que indicou os outros dois com um gesto inquisitivo.

– São eles – respondeu Raych, sorrindo, e saiu.

– Eu sou Hari Seldon – disse Seldon. – Ela é Dors Venabili.

Seldon observou Davan com curiosidade. Davan tinha pele escura e o denso bigode preto típico do homem dahlita, mas, além disso, tinha a barba por fazer. Era o primeiro dahlita que Seldon via mal barbeado. Até mesmo os brutamontes de Billibotton tinham o queixo e as bochechas livres de pelos.

– Senhor, qual é o seu nome? – perguntou Seldon.

– Davan. Raych deve ter dito.

– Seu sobrenome.

– Apenas Davan. Vocês foram seguidos até aqui, amo Seldon?

– Não, tenho certeza de que não. Se tivesse sido o caso, creio que Raych teria visto ou ouvido alguma coisa. E, se ele não tivesse percebido nada, ama Venabili teria.

– Você realmente confia em mim, Hari – sorriu Dors, discretamente.

– Cada vez mais – ele respondeu, em tom gentil.

– Mesmo assim, vocês já foram encontrados – disse Davan, inquieto.

– Encontrados?

– Sim, eu ouvi falar sobre o suposto jornalista.

– Já? – Seldon ficou ligeiramente surpreso. – Mas eu acho que ele era mesmo um jornalista... e inofensivo. Nós o chamamos de agente imperial por sugestão de Raych, o que foi uma boa ideia. A multidão ali em volta se tornou uma ameaça para ele e, assim, ficamos livres.

– Não. Ele era o que vocês o acusaram de ser – disse Davan. – Meus contatos conhecem aquele homem e ele *de fato* trabalha para o Império. Não é de surpreender, pois vocês não fazem como eu. Não usam nomes falsos e não mudam de lugar com frequência. Seguem com seus próprios nomes e não fazem nenhum esforço para permanecerem escondidos. Você é Hari Seldon, o matemático.

– Sim, sou eu. Por que eu deveria inventar um nome falso?

– O Império está atrás de você, não está?

Seldon deu de ombros.

– Eu fico em lugares nos quais o Império não pode me alcançar – disse ele.

– Não abertamente, mas o Império não precisa agir abertamente. Insisto que você devia sumir... Desaparecer de verdade.

– Assim como você faz... – respondeu Seldon, olhando à volta, com um toque de desgosto. O aposento estava tão morto quanto os corredores pelos quais eles tinham passado. Estava completamente mofado e era deprimente ao extremo.

– Sim – disse Davan. – Você poderia ser muito útil para nós.

– De que maneira?

– Você conversou com um rapaz chamado Yugo Amaryl.

– Sim, conversei.

– Amaryl me disse que você pode prever o futuro.

Seldon suspirou pesadamente. Estava cansado de ficar naquele lugar vazio. Davan estava sentado em uma almofada e havia outras almofadas disponíveis, mas elas não pareciam nada limpas. E ele também não queria se apoiar nas paredes repletas de fungos.

– Talvez você não tenha entendido Amaryl – disse Seldon –, ou talvez Amaryl não tenha me entendido. O que fiz foi provar que é possível escolher condições iniciais a partir das quais previsões históricas não se percam no caos e possam ser feitas dentro de determinados limites. Porém, eu não sei quais poderiam ser essas condições iniciais, nem se essas condições podem ser encontradas por uma pessoa, ou várias pessoas, dentro de um período finito de tempo. Entende o que quero dizer?

– Não.

– Então me permita tentar de novo – suspirou Seldon outra vez. – É possível prever o futuro, mas talvez seja impossível descobrir maneiras de tirar vantagem dessa possibilidade. Entendeu?

Davan observou Seldon com uma expressão sombria, depois observou Dors.

– Então você *não pode* prever o futuro – ele disse.

– Agora você me entendeu, amo Davan.

– Apenas Davan é suficiente. Mas você talvez consiga aprender a prever o futuro, algum dia.

– Pode ser factível.

– Então é por isso que o Império quer capturá-lo.

– Não. – Seldon ergueu um dedo, em um gesto professoral. –

Acredito que seja justamente por isso que o Império *não* está fazendo grandes esforços para me pegar. Eles talvez me prendessem se eu pudesse ser encontrado com facilidade, mas sabem que, neste momento, eu não sei nada e que, portanto, não vale a pena perturbar a delicada estabilidade de Trantor e interferir nos direitos locais deste ou daquele setor. É por isso que posso andar por aí com meu próprio nome, em razoável segurança.

Por um momento, Davan enterrou a cabeça nas próprias mãos e murmurou:

– Isso é loucura. – Ele levantou a cabeça com ar cansado e se dirigiu a Dors: – Você é esposa do amo Seldon?

– Sou sua amiga e protetora – ela disse, calmamente.

– Quão bem o conhece?

– Estamos juntos há alguns meses.

– Só isso?

– Só isso.

– Em sua opinião, ele está falando a verdade?

– Sei que está, mas que motivos você teria para confiar em mim, se não confia nele? Se, por algum motivo, Hari estiver mentindo para você, eu também não estaria, para apoiá-lo?

Davan olhou de um para o outro, desolado.

– De qualquer jeito – ele disse –, vocês nos ajudariam?

– A quem estaríamos ajudando e por que precisam de nós? – perguntou Seldon.

– Vocês viram a situação aqui em Dahl – ele respondeu. – Somos oprimidos. Vocês devem ter percebido isso e, considerando a maneira como trataram Yugo Amaryl, não consigo acreditar que não se solidarizem conosco.

– Somos totalmente solidários.

– E devem saber qual é a fonte da opressão.

– Imagino que você vá nos dizer que é o governo imperial, e eu diria que ele cumpre seu papel. Por outro lado, percebi que existe uma classe média em Dahl que despreza os termopoceiros e uma classe criminosa que aterroriza o restante do setor.

Davan contraiu a boca, mas não demonstrou outras reações.

– De fato. De fato – ele disse. – Mas o Império encoraja tudo isso por uma questão de princípio. Dahl tem o potencial de criar problemas sérios. Se os termopoceiros entrassem em greve, Trantor

passaria por uma falta severa e quase imediata de energia, com tudo o que isso implica. Porém, as classes mais altas do próprio setor gastam dinheiro para contratar os brutamontes de Billibotton e de outros lugares para enfrentar os termopoceiros e acabar com a greve. Já aconteceu antes. O Império permite que alguns dahlitas prosperem, relativamente, para convertê-los em servos imperialistas, enquanto se recusa a reforçar as leis de controle de armas que poderiam enfraquecer os elementos criminosos. O governo imperial faz isso por toda parte, e não só em Dahl. Eles não podem impor suas vontades através da força, como no passado, quando governavam com tirania desumana. Hoje em dia, Trantor ficou tão complexo e tão facilmente perturbável que as forças imperiais não podem tocar...

– Uma forma de degeneração – interrompeu Seldon, lembrando-se das reclamações de Hummin.

– O quê? – perguntou Davan.

– Esqueça – respondeu Seldon. – Prossiga.

– As forças imperiais não podem tocar em nada, mas eles descobriram que podem fazer muitas outras coisas. Cada setor é encorajado a suspeitar de seus vizinhos. Dentro de cada setor, classes sociais e econômicas são estimuladas a participar de uma espécie de guerra entre elas. O resultado é que em toda a superfície de Trantor é impossível que as pessoas ajam de maneira unida. Por toda parte, elas preferem brigar entre si a fazer uma resistência unificada contra a tirania central. Assim, o Império domina a todos sem precisar apelar para a força.

– E o que você acha que pode ser feito? – perguntou Dors.

– Há anos tento construir um ambiente de solidariedade entre os povos de Trantor.

– Posso imaginar que você se viu envolvido com uma tarefa impossível e imensamente ingrata – comentou Seldon, seco.

– Imaginou corretamente – disse Davan –, mas nosso partido está ficando mais forte. Muitos de nossos portadores de facas estão percebendo que as facas são melhores quando não são usadas entre nós. Aqueles que atacaram vocês nos becos de Billibotton são exemplos dos que ainda não foram convertidos. Mas aqueles que os apoiam agora, que estão dispostos a defendê-lo, Seldon, do agente que você acreditou ser um jornalista, fazem parte do meu movimento. Eu vivo aqui, entre eles. Não é uma vida atraente, mas estou seguro.

Temos adeptos em setores vizinhos e nos expandimos diariamente.

– Mas onde *nós* entramos? – perguntou Dors.

– Para começar, vocês dois são Estrangeiros e acadêmicos – disse Davan. – Precisamos de pessoas como vocês entre os líderes. Nossa maior força vem das massas pobres e ignorantes porque são os que mais sofrem, mas eles não sabem liderar. Uma pessoa como vocês vale por uma centena deles.

– Uma declaração questionável para alguém que deseja salvar os oprimidos – comentou Seldon.

– Não quero dizer como pessoas – Davan se apressou a explicar. – Refiro-me à liderança. O partido precisa ter homens e mulheres com poder intelectual entre seus líderes.

– Você quer dizer que pessoas como nós são necessárias para dar a seu partido um ar de respeitabilidade.

– É sempre possível enxergar algo nobre com um olhar depreciativo, se você quiser – disse Davan. – Mas você, amo Seldon, é mais do que respeitável, é mais do que intelectual. Mesmo não admitindo que pode penetrar na neblina do futuro...

– Por favor, Davan – interrompeu Seldon –, não seja poético e não use a condicional. Não é uma questão de admitir ou não. Eu *não posso* prever o futuro. Não é neblina que impede a visão, mas sim barreiras de aço inoxidável.

– Deixe-me terminar. Mesmo que você não possa prever com... do que você chama?... precisão psico-histórica, você estudou história e talvez tenha certa percepção intuitiva das consequências. Não é verdade?

Seldon negou com a cabeça.

– Eu talvez tenha certa compreensão intuitiva no equivalente matemático – ele concedeu –, mas quanto eu consigo traduzir isso para qualquer coisa de relevância histórica é um mistério. Na verdade, eu *não* estudei história. Queria ter estudado. Foi uma perda lamentável.

– Eu sou a historiadora, Davan – interveio Dors, calmamente. – Posso fazer alguns comentários, se você quiser.

– Por favor, faça – respondeu Davan, em tom meio cortês, meio desafiador.

– Para começar, na história galáctica houve inúmeras revoluções que derrubaram tiranias, às vezes em planetas individuais, às vezes em

grupos de planetas, raramente no próprio Império ou nos governos regionais pré-imperiais. Com muita frequência, isso significou apenas uma mudança de tirania. Em outras palavras, uma classe dominante é substituída por outra (às vezes, por uma mais eficiente e, portanto, mais capacitada para se manter no poder), enquanto os pobres e os oprimidos continuam pobres e oprimidos, ou acabam em situação ainda pior.

– Tenho consciência disso – disse Davan, que ouvia com atenção. – Todos nós sabemos disso. Talvez possamos aprender com o passado e saber o que evitar. Além disso, a tirania que existe agora é um *fato*. A que talvez exista no futuro é apenas algo em potencial. Se nos abstermos sempre da mudança por causa da ideia de que essa mudança pode ser para pior, então não existe nenhuma esperança de vencer a injustiça.

– Uma segunda questão que você precisa levar em consideração – continuou Dors – é que, mesmo que o correto esteja do seu lado, mesmo que a justiça clame por condenação, a tirania, em geral, vence usando o contrapeso da força. Não há nada que seus portadores de faca possam fazer, em termos de rebeliões e motins, que tenha qualquer efeito permanente enquanto no outro extremo houver um exército equipado com armas cinéticas, químicas e neurológicas, disposto a usá-las contra seus partidários. Você pode até conseguir que todos os oprimidos e até mesmo os respeitáveis se juntem à sua causa, mas precisa de alguma maneira conquistar as forças responsáveis pela ordem e o Exército Imperial, ou, pelo menos, enfraquecer expressivamente a lealdade que eles têm aos governantes.

– Trantor é um mundo multigovernamental – disse Davan. – Cada setor tem seu próprio governante, e alguns deles são anti-imperiais. Se pudéssemos ter um setor forte do nosso lado, isso mudaria a situação, não mudaria? Nesse caso, não seríamos apenas uns esfarrapados lutando com facas e pedras.

– Isso quer dizer que você *tem* um setor forte do seu lado ou é apenas sua ambição conseguir um?

Davan ficou em silêncio.

– Devo supor que você está pensando no prefeito de Wye – disse Dors. – Se o prefeito estiver inclinado a se aproveitar do descontentamento popular para aumentar suas chances de derrubar o Imperador, não lhe ocorre que, no final das contas, o que o prefeito

teria em mente seria assumir o trono imperial como sucessor da linhagem? Por que ele arriscaria sua posição atual, que não é de pouco destaque, por algo menor do que o trono? Pelos meros louros da justiça e pelo tratamento decente das pessoas, pelas quais ele talvez tenha pouca consideração?

– Você quer dizer que qualquer líder no poder que concorde em nos ajudar pode nos trair no futuro – respondeu Davan.

– É uma situação bastante comum na história galáctica.

– Se estivermos preparados para isso, *nós mesmos* poderíamos traí-lo.

– Você quer dizer se aproveitar dele e então, em algum momento crucial, destituir o líder de suas forças (ou um dos líderes, pelo menos) e assassiná-lo?

– Não exatamente isso, talvez, mas pode ser que exista alguma forma de nos livrarmos dele e que isso acabe se tornando necessário.

– Então temos um movimento revolucionário em que os principais líderes precisam estar prontos para trair uns aos outros, cada um simplesmente esperando pela melhor oportunidade. Parece uma receita para o caos.

– Então vocês não vão nos ajudar? – perguntou Davan.

Seldon, que ouviu a discussão entre Davan e Dors com uma expressão intrigada, respondeu:

– A resposta não é tão simples. Gostaríamos de ajudar. Estamos do seu lado. Eu acho que nenhum homem de mente sã apoiaria um sistema imperial que se sustenta nutrindo ódio e desconfiança. Mesmo quando parece funcionar, a única definição possível para ele é metaestável, ou seja, à beira de se tornar instável, de um jeito ou de outro. Mas a questão é: *como* podemos ajudar? Se eu tivesse a psico-história, se eu pudesse dizer o que é mais provável que aconteça ou se pudesse apontar a ação com mais chances de consequências aparentemente felizes dentre um determinado leque de alternativas, então poderia colocar minhas habilidades à sua disposição. Mas eu não tenho. A melhor maneira de ajudá-lo é tentando desenvolver a psico-história.

– E quanto tempo isso levará?

Seldon deu de ombros.

– Não sei dizer – respondeu.

– Como pode nos pedir para esperar indefinidamente?

– E qual alternativa eu tenho, considerando que, neste momento, sou inútil para a sua causa? O que posso dizer é o seguinte: até pouco tempo atrás, eu estava bastante convencido de que o desenvolvimento da psico-história era absolutamente impossível. Agora, não tenho tanta certeza.

– Quer dizer que tem uma solução em mente?

– Não. Apenas um sentimento intuitivo de que uma solução talvez seja possível. Ainda não consegui entender o que me fez ter essa sensação. Talvez seja ilusório, mas estou tentando. Deixe-me continuar. Talvez nos encontremos novamente.

– Ou, talvez – disse Davan –, se você voltar para o lugar onde está hospedado, acabará caindo em uma armadilha imperial. Você pode achar que o Império o deixará em paz enquanto você tenta desvendar a psico-história, mas tenho certeza de que o Imperador e seu bajulador, Demerzel, não estão dispostos a esperar para sempre. Não mais do que eu.

– Ter pressa não será nada proveitoso para eles – respondeu Seldon, com calma –, porque não estou do lado deles, e sim do seu. Venha, Dors.

Eles deram meia-volta e deixaram Davan sozinho, em seu quarto esquálido. Encontraram Raych esperando do lado de fora.

76

Quando o encontraram, Raych estava comendo, lambendo os dedos e amassando o saco de papel onde estivera a comida, o que quer que fosse. Um cheiro forte de cebola tomou conta do ar – um cheiro ligeiramente diferente do esperado, talvez à base de fermento.

– Onde você conseguiu comida, Raych? – perguntou Dors, afastando-se discretamente do odor.

– Amigos do Davan. Eles trouxeram pra mim. Davan é um cara legal.

– Então não precisamos levá-lo para jantar, é isso? – disse Seldon, consciente de seu próprio estômago vazio.

– Cêis me devem *alguma coisa* – respondeu Raych, olhando com ganância na direção de Dors. – Que tal uma das facas da moça?

– Nada de facas – disse Dors. – Leve-nos de volta em segurança e eu

lhe darei cinco créditos.

– Não dá pra comprar nenhuma faca com cinco créditos – resmungou Raych.

– Você não vai ganhar nada além de cinco créditos – disse Dors.

– Cê é uma donzela bem ruim, moça – ele respondeu.

– Sou uma donzela bem ruim e rápida com as facas, Raych, então vamos embora.

– Tá bom. Não precisa ficar toda nervosa. – Raych fez um gesto com a mão e disse: – Por aqui.

Eles voltaram pelos corredores vazios, mas, desta vez, Dors parou, olhando à volta.

– Espere, Raych – ela disse. – Estamos sendo seguidos.

Raych pareceu exasperado.

– Não era pra cê escutar – ele disse.

– Não estou ouvindo nada – comentou Seldon, esticando uma das orelhas para tentar escutar.

– Eu estou – respondeu Dors. – Escute, Raych, não quero saber de brincadeiras. Diga-me *agora* o que está acontecendo ou vou acertar sua cabeça de tal forma que você não conseguirá nem andar em linha reta por uma semana. Estou falando sério.

– Vem tentar, donzela ruim. Vem tentar – Raych levantou um dos braços defensivamente. – São os caras do Davan. Eles tão só cuidando da gente, caso apareça alguém.

– São caras do Davan?

– Isso. Tão indo pelos corredores de serviço.

Dors estendeu a mão direita e agarrou Raych pela gola da camiseta. Ela o ergueu no ar.

– Ei, moça! Qual é? – ele se exaltou, pendurado.

– Dors! – disse Seldon. – Não seja tão dura com ele.

– Serei ainda mais dura se desconfiar que ele está mentindo. *Você* é minha responsabilidade, Hari, não ele.

– Não tô mentindo! – exclamou Raych, debatendo-se. – Não tô!

– Tenho certeza de que ele não está – disse Seldon.

– Veremos. Raych, fale para eles aparecerem para que possamos vê-los – ela o soltou e limpou as mãos uma na outra.

– Cê é meio louca, moça – disse Raych, ofendido. Em seguida, ergueu a voz: – Ei! Apareçam, caras. Mostrem quem são.

Houve um momento de espera e então, de uma passagem

escurecida no corredor, surgiram dois homens de bigodes pretos, um deles com uma cicatriz que marcava a bochecha. Eles seguravam facas com lâminas retraídas.

– Quantos outros, além de vocês? – perguntou Dors, em tom seco.

– Alguns – respondeu um dos homens. – São ordens. Estamos protegendo vocês. Davan quer que vocês fiquem em segurança.

– Obrigado. Tentem ser mais silenciosos. Raych, vamos em frente.

– Cê veio pra cima de mim quando eu tava falando a verdade – disse Raych, emburrado.

– Você está certo – respondeu Dors. – Pelo menos, acho que está... E peço desculpas.

– Não sei se devia desculpar – disse Raych, tentando manter uma postura valente. – Mas tudo bem, desta vez. – Ele continuou.

Quando alcançaram a passarela, a guarda invisível apontada por Davan desapareceu, ou, pelo menos, a aguçada audição de Dors não os ouviu mais. Àquela altura, eles já tinham chegado à parte mais respeitável do setor.

– Acho que não temos roupas que sirvam em você, Raych – disse Dors, pensativa.

– Por que cê quer roupas que sirvam em mim, madame? – aparentemente, Raych tinha um acesso de boa educação quando saía dos becos. – Eu tenho roupa.

– Achei que você quisesse ir para nossa casa tomar um banho.

– Pra quê? – perguntou Raych. – Tomo banho outro dia. E vou vestir minha própria roupa. – Ele olhou para Dors com uma expressão astuta. – Cê tá arrependida de ter vindo pra cima de mim, não é? Tá tentando compensar?

– Sim, mais ou menos isso – sorriu Dors.

– Não tem problema – Raych fez um gesto com a mão, imitando um lorde. – Cê não me machucou. Mas cê é bem forte, pra uma moça. Me levantou como se eu fosse feito de ar.

– Eu estava nervosa, Raych. Preciso me preocupar com o amo Seldon.

– Cê é tipo uma guarda-costas? – Raych lançou um olhar inquisitivo na direção de Seldon. – Cê tem uma moça de guarda-costas?

– Não consegui evitar – respondeu Seldon, com um sorriso torto. – Ela é bem insistente. E certamente sabe o que está fazendo.

– Pense bem, Raych – disse Dors. – Tem certeza de que não quer

tomar um banho? Um banho quentinho?

– Sem chance – respondeu Raych. – Cêis acham que aquela mulher vai me deixar entrar de novo?

Dors olhou para a frente e viu Cassília Tissalver diante da porta de entrada do complexo de apartamentos. Ama Tissalver encarou primeiro Dors e depois o menino pobre. Era impossível dizer para qual dos dois ela dirigiu uma expressão mais furiosa.

– Bom, até outra hora, amo e ama. Não sei nem se ela vai deixar *cêis* entrarem. – Ele colocou as mãos nos bolsos e se afastou com ar de superioridade e indiferença despreocupada.

– Boa noite, ama Tissalver – disse Seldon. – Está bem tarde, não está?

– Está *muito* tarde – ela respondeu. – Quase houve um tumulto hoje, aqui na frente dos apartamentos, por causa do jornalista que vocês fizeram de alvo para aqueles vermes marginais.

– Não fizemos ninguém de alvo para ninguém – disse Dors.

– Eu estava presente – respondeu ama Tissalver, inflexível. – Eu vi tudo.

Cassília deu um passo para o lado para permitir que eles passassem, mas demorou o suficiente para deixar sua relutância bastante óbvia.

– Ela está agindo como se aquilo tivesse sido a gota d’água – comentou Dors, quando ela e Seldon subiam até seus quartos.

– E daí? O que ela poderia fazer? – perguntou Seldon.

– É o que estou me perguntando – murmurou Dors.

OFICIAIS

OFICIAIS

——— Raych...

De acordo com Hari Seldon, o primeiro encontro com Raych foi totalmente acidental. Ele era apenas um menino maltrapilho a quem Seldon pediu informações. Mas, a partir daquele momento, a vida do jovem continuou atrelada à do grande matemático até que...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

77

Na manhã seguinte, depois de tomar banho, se barbear e se vestir da cintura para baixo, Seldon bateu à porta que levava ao quarto adjacente de Dors.

– Abra a porta, Dors – disse Seldon, em voz relativamente baixa.

Ela abriu. Seus cachos curtos de cor vermelha com tons dourados ainda estavam molhados e ela também estava vestida apenas da cintura para baixo.

Seldon deu um passo para trás, surpreso e constrangido. Dors olhou para os próprios seios com um ar de indiferença e enrolou uma toalha em volta dos cabelos.

– O que foi? – ela perguntou.

– Eu ia perguntar sobre Wye – respondeu Seldon, desviando os olhos para a direita.

– Sobre o quê, exatamente? – questionou Dors, agindo com naturalidade. – E, por tudo que é mais sagrado, não me faça conversar com a sua orelha. Você com certeza não é um puritano.

– Eu estava apenas tentando ser cortês – respondeu Seldon, em tom magoado. – Se *você* não se importa, *eu* certamente não vou me importar.

– Certo. Por que você quer saber sobre Wye?

– De vez em quando o Setor Wye é trazido à tona, ou melhor, o prefeito de Wye é trazido à tona. Hummin falou sobre ele; você também, Davan também. Não sei nada sobre o setor nem sobre o prefeito.

– Eu também não sou nativa de Trantor, Hari. Sei muito pouco, mas posso contar a você, é claro. Wye é perto do Polo Sul. É imenso e muito populoso...

– Muito populoso, no Polo Sul?

– Não estamos em Helicon, Hari. E nem em Cinna. Aqui é Trantor. Tudo é subterrâneo, e o subterrâneo nos polos e o subterrâneo no equador são praticamente a mesma coisa. Imagino, é claro, que eles

mantenham as simulações de dia e noite parecidas com as dos extremos, ou seja, dias longos no verão, noites longas no inverno, quase como seria na superfície. Isso é uma frivolidade para mostrar que eles têm orgulho de ser polares.

– Mas deve ser muito frio na Superfície Exterior acima deles.

– Sim, claro. A Superfície Exterior de Wye é de neve e gelo, mas a acumulação não é tão espessa quanto você poderia imaginar. Se fosse, poderia derrubar o domo, mas não é, e esse é o elemento principal do poder de Wye.

Ela se virou para o espelho, tirou a toalha dos cabelos e os cobriu com a rede secadora, que, em questão de cinco segundos, deu-lhes um brilho atraente.

– Você não tem ideia de como estou feliz por não ter que usar touca – ela disse, enquanto vestia a parte superior da roupa.

– O que a camada de gelo tem a ver com o poder de Wye?

– Pense. Quarenta bilhões de pessoas usam uma grande quantidade de energia e cada caloria dessa energia acaba por se tornar calor, que precisa ser eliminado. O calor é conduzido para os polos, especialmente para o Polo Sul, o mais desenvolvido dos dois, e depois é lançado ao espaço. A maior parte do gelo é derretida nesse processo e tenho certeza de que isso resulta nas nuvens e na chuva de Trantor, independentemente do quanto aqueles tolos da meteorologia insistam que as coisas são mais complicadas do que isso.

– Wye usa essa energia antes de descartá-la?

– Acho bastante provável. Mas não tenho o mínimo conhecimento sobre a tecnologia envolvida na dispersão do calor. Estou falando de poder político. Se Dahl parasse de produzir energia, isso com certeza perturbaria Trantor, mas há outros setores que produzem energia e podem aumentar a produção e, é claro, existe energia estocada de maneiras variadas. Lidar com uma paralisia em Dahl acabaria por se tornar necessário, mas haveria tempo. Wye, por outro lado...

– Sim?

– Veja bem, Wye dispersa pelo menos 90% de todo o calor produzido em Trantor, e não há substituto. Se Wye desligasse a dispersão de calor, a temperatura começaria a subir no planeta inteiro.

– Em Wye também.

– Ah, mas como Wye fica no Polo Sul, eles conseguiriam providenciar entrada de ar frio. Não seria de *grande* ajuda, mas Wye

teria mais resistência do que o restante de Trantor. Isso significa que Wye é um problema delicado para o Imperador, e o prefeito de Wye é (ou, pelo menos, pode ser) muito poderoso.

– E que tipo de pessoa é o atual prefeito de Wye?

– Isso eu não sei. As raras coisas que já ouvi me dão a impressão de que ele é muito velho e praticamente um recluso, mas duro como a fuselagem de uma hipernave e ainda fazendo maquinações em busca de poder.

– Mas por quê? Se ele é tão velho assim, não poderia manter esse poder por muito tempo.

– Quem saberia explicar, Hari? Talvez seja uma obsessão vitalícia. Ou então é o jogo... As *manobras* para a obtenção de poder, e não um desejo verdadeiro pelo poder em si. Se ele tivesse poder e tomasse o lugar de Demerzel ou até mesmo o trono imperial, provavelmente acabaria decepcionado, pois o jogo teria terminado. E é claro que ele poderia, se ainda estivesse vivo, começar o outro jogo, o de *se manter* no poder, o que talvez seja tão difícil quanto obtê-lo... e tão gratificante quanto.

– Não consigo acreditar que alguém possa querer ser Imperador – Seldon fez um gesto negativo com a cabeça.

– Nenhuma pessoa com mente saudável iria querer, concordo, mas o chamado “anseio pelo Império” é como uma doença que, quando contraída, substitui progressivamente a sanidade. E quanto mais perto você chega de cargos altos, mais vulnerável está a essa doença. A cada promoção...

– A doença fica cada vez mais grave. Sim, entendo. Mas também me parece que Trantor é um mundo tão imenso, de necessidades tão entrelaçadas e de ambições tão conflitantes que justifica a maior parte da incapacidade de o Imperador de governar. Por que ele não sai de Trantor e não se estabelece em algum mundo mais simples?

– Você não perguntaria isso se soubesse mais de história – riu-se Dors. – Trantor é o Império, são milhares de anos de tradição. Um Imperador que não esteja no Palácio Imperial não é Imperador. Ele é um lugar, mais do que uma pessoa.

Seldon afundou em silêncio, com uma expressão rígida no rosto. Depois de um momento, Dors perguntou:

– Alguma coisa errada, Hari?

– Estou pensando – ele respondeu, com voz amortecida. – Desde

que você me contou aquela história da mão na coxa, tenho tido pensamentos fugidios, que... Isso que você disse sobre Imperador ser um lugar e não uma pessoa parece ter despertado alguma coisa.

– Que tipo de coisa?

– Ainda estou pensando – Seldon negou com a cabeça. – Talvez esteja tudo errado. – O olhar que ele dirigia a Dors ficou mais presente, seus olhos entraram em foco. – De qualquer forma, acho melhor descermos para o café da manhã. Estamos atrasados e não creio que ama Tissalver esteja com bom humor suficiente para nos trazer comida.

– Você é bem otimista – respondeu Dors. – Para mim, ela não está com bom humor suficiente para querer que fiquemos aqui, com ou sem café da manhã. Ela quer que a gente vá embora.

– Talvez, mas estamos pagando.

– Sim, mas suspeito que, a esta altura, ela nos odeie o suficiente para desprezar nossos créditos.

– Talvez o marido seja um pouquinho mais apegado ao nosso aluguel.

– Se ele disser alguma palavra sobre isso, Hari, a única pessoa que ficaria mais surpresa do que eu seria ama Tissalver. Certo. Estou pronta.

Eles desceram para os aposentos dos Tissalver e encontraram a senhora em questão esperando por eles, sem nenhum café da manhã, mas com algo consideravelmente mais sério do que isso.

78

Cassília Tissalver mantinha uma postura rígida, um sorriso severo no rosto redondo e um brilho nos olhos escuros. Seu marido estava encostado na parede, taciturno. No centro do aposento estavam dois homens em posição de sentido, como se tivessem visto as almofadas no chão, mas as desprezassem.

Ambos tinham cabelos castanhos crespos e o espesso bigode preto esperado nos dahlitas. Eram magros e estavam com roupas escuras, tão parecidas uma com a outra que certamente eram uniformes. Uma listra branca subia por seus braços e ombros e outra descia pelas laterais de suas calças retas. Ambos tinham, no lado direito do peito,

um opaco símbolo Espaçonave-e-Sol, a marca do Império Galáctico em todos os planetas habitados da Galáxia – nesse caso, com um D escuro no centro do sol.

Seldon percebeu imediatamente que se tratava de dois membros da força policial dahlita.

– O que significa isso? – perguntou Seldon, duramente.

Um dos homens deu um passo à frente.

– Sou o oficial de Setor Lanel Russ. Este é meu parceiro, Gebore Astinwald.

Os dois apresentaram holodistintivos brilhantes. Seldon não se deu ao trabalho de conferi-los.

– O que querem? – disse Seldon.

– Você é Hari Seldon, de Helicon? – perguntou Russ, inexpressivo.

– Sim.

– E você, senhorita, é Dors Venabili, de Cinna?

– Sim – respondeu Dors.

– Estou aqui para investigar uma denúncia de que Hari Seldon instigou um levante popular ontem.

– Não fiz nada disso – disse Seldon.

– De acordo com as informações que temos – continuou Russ, olhando para a tela de um pequeno computador portátil –, você acusou um jornalista de ser um agente imperial e, em seguida, provocou um ataque em massa contra ele.

– Fui eu que afirmou que ele era um agente imperial, oficial – interveio Dors. – Tive motivos para acreditar nisso. Com certeza não é crime manifestar um ponto de vista. O Império tem liberdade de expressão.

– Isso não inclui uma opinião exposta deliberadamente para instigar um levante popular.

– Você pode afirmar que foi isso mesmo, oficial?

– *Eu* posso afirmar que foi isso mesmo, oficial – guinchou ama Tissalver. – Ela viu que tinha uma multidão presente, uma escória ávida por confusão. Ela falou deliberadamente que ele era um agente imperial, mesmo sem ter como saber, e disse para todos ouvirem, para provocá-los. Era óbvio que ela sabia o que estava fazendo.

– Cassília... – disse amo Tissalver, em tom de súplica, mas ela lançou um único olhar em sua direção e ele ficou quieto.

– Foi a senhora que fez a denúncia? – perguntou Russ à ama

Tissalver.

– Sim. Estes dois estão morando aqui há alguns dias e não fizeram nada além de arranjar problemas. Convidaram pessoas mediocres para visitar a *minha* casa, prejudicando minha reputação no bairro.

– Oficial – questionou Seldon –, é contra a lei convidar cidadãos limpos e ordeiros de Dahl para uma visita? Os quartos no andar de cima são nossos. Alugamos aqueles aposentos e pagamos por eles. É um crime falar com dahlitas em Dahl?

– Não, não é – respondeu Russ. – Isso não faz parte da denúncia. Ama Venabili, o que lhe deu motivos para acreditar que a pessoa que você acusou era, de fato, um agente imperial?

– Ele tinha um bigode marrom pequeno – disse Dors –, a partir do qual concluí que não era um dahlita. Supus que fosse um agente imperial.

– Você supôs? Seu colega, amo Seldon, não tem bigode. Você supõe que *ele* seja um agente imperial?

– De qualquer forma – apressou-se Seldon a dizer –, não houve nenhum levante. Pedimos à multidão que não fizesse nada contra o suposto jornalista, e tenho certeza de que eles não fizeram.

– Tem certeza, amo Seldon? – respondeu Russ. – O que consta é que vocês foram embora logo depois de fazer a acusação. Como poderiam ter testemunhado o que aconteceu depois que partiram?

– Eu não poderia – disse Seldon –, mas permita-me perguntar: Aquele homem está morto? Está ferido?

– Aquele homem foi interrogado. Ele nega ser agente imperial e não temos nenhuma informação que prove o contrário. Além disso, ele afirma que foi tratado de maneira agressiva.

– É possível que ele esteja mentindo sobre as duas coisas – disse Seldon. – Eu sugiro uma Sonda Psíquica.

– Isso não pode ser feito com a vítima de um crime. O governo setorial é inflexível quanto a isso. Mas pode ser que vocês dois, como os *criminosos* deste caso, sejam sujeitos a Sondas Psíquicas. Gostariam que fizéssemos isso?

Seldon e Dors se entreolharam por um instante.

– Não, é claro que não – respondeu Seldon.

– É *claro* que não – repetiu Russ, com um toque de sarcasmo na voz –, mas você não hesita em sugerir que usemos em outra pessoa.

O outro oficial de setor, Astinwald – que não dissera uma palavra

até aquele momento –, sorriu ao ouvir o comentário.

– Temos, também – continuou Russ –, a informação de que, dois dias atrás, vocês se envolveram em uma luta de facas em Billibotton e feriram seriamente um cidadão dahlita chamado... – ele apertou um botão em seu computador e estudou as novas informações na tela – Elgin Marran.

– Essa informação inclui como a luta começou? – perguntou Dors.

– Irrelevante, no momento, senhorita. Vocês negam que a luta tenha acontecido?

– É claro que não negamos que a luta aconteceu – disse Seldon, exaltado –, mas negamos ter feito qualquer coisa para instigar o confronto. Fomos *atacados*. Ama Venabili foi acossada por esse tal Marran e era evidente que ele queria estuprá-la. O que aconteceu a seguir foi legítima defesa. Ou será que Dahl tolera estupro?

– Vocês afirmam que foram atacados? – perguntou Russ, com pouca expressão em sua voz. – Por quantos?

– Dez homens.

– E você se defendeu sozinho, com uma mulher, contra dez homens?

– *Nós* nos defendemos, ama Venabili e eu. Sim.

– Então, como é possível que nenhum dos dois tenha qualquer tipo de ferimento? Algum de vocês tem cortes ou contusões que não estão visíveis?

– Não, oficial.

– Então, como é possível que, em uma luta de um homem e uma mulher contra dez homens, vocês não tenham nenhum ferimento, mas o pleiteante, Elgin Marran, tenha sido hospitalizado com feridas e precisará de um transplante de pele no lábio superior?

– Lutamos bem – retrucou Seldon, rígido.

– Inacreditavelmente bem – disse Russ. – E se eu lhes dissesse que três homens testemunharam que você e sua amiga atacaram Marran sem terem sido provocados?

– Eu responderia que é muito difícil acreditar que faríamos algo assim – respondeu Seldon. – Tenho certeza de que Marran tem uma ficha criminal com brigas envolvendo facas. Reitero que havia dez homens. É evidente que seis deles se recusaram a testemunhar falsamente. Os outros três explicaram por que não foram ajudar o amigo, se o viram sob ataque não provocado e correndo risco de

morte? Você deve saber que eles estão mentindo.

– Você sugere que usemos Sondas Psíquicas neles?

– Sim. E, antes que pergunte, ainda me recuso a cogitar o uso em nós.

– Recebemos também a informação de que ontem, depois de abandonar a cena do levante, vocês confabularam com Davan, um conhecido subversivo que é procurado pela polícia. Isso é verdade?

– Isso você precisará provar sem a nossa ajuda – disse Seldon. – Não vamos responder a nenhuma outra pergunta.

Russ guardou o computador portátil.

– Infelizmente, preciso pedir que venham conosco ao quartel-general, para maiores esclarecimentos.

– Não acho que isso seja necessário, oficial – disse Seldon. – Somos Estrangeiros que não fizeram nada de errado. Tentamos evitar um jornalista que estava nos incomodando sem motivo, tentamos nos proteger de estupro e possível assassinato em uma parte do setor conhecida por comportamento criminoso e conversamos com diversos dahlitas. Não vemos nada que possa requerer maiores esclarecimentos. Isso seria abuso de autoridade.

– *Nós* decidimos isso, não vocês – respondeu Russ. – Farão a gentileza de nos acompanhar?

– Não, não faremos – disse Dors.

– Cuidado! – exclamou ama Tissalver. – Ela tem duas facas.

– Obrigado, madame – suspirou Russ –, estou ciente disso. – Ele se virou para Dors. – Você sabe que neste setor é crime grave portar uma faca sem licença? Você tem uma licença?

– Não, oficial, não tenho.

– Portanto, foi com uma faca ilegal que você atacou Marran. Você tem consciência de que isso é um agravante sério para a acusação?

– Não foi crime nenhum, oficial – respondeu Dors. – Entenda isso. Marran também tinha uma faca, provavelmente sem licença.

– Não temos nenhuma prova para dar suporte a essa afirmação e, enquanto Marran tem ferimentos causados por facas, vocês não têm.

– É claro que ele tinha uma faca, oficial. Se você não sabe que todos os homens de Billibotton, e a maioria em Dahl, têm facas, a maioria sem licença, você é o único homem em Dahl que não sabe. Aqui há lojas que as vendem abertamente por todos os cantos. Não sabe disso?

– Não importa o que eu sei ou não sei sobre o assunto – respondeu Russ. – Tampouco importa se outras pessoas estão desobedecendo à lei, ou quantas delas estão. No momento, tudo o que interessa é que ama Venabili está agindo contra a lei antifacas. Peço que me entregue essas facas agora mesmo, senhorita, e que vocês dois me acompanhem ao quartel-general.

– Nesse caso, venha tirá-las de mim – disse Dors.

– Senhorita – suspirou Russ –, você não deve achar que facas são as únicas armas existentes em Dahl ou que eu entraria em um duelo de facas com você. Eu e meu parceiro temos desintegradores que a destruiriam em um instante, antes mesmo que você conseguisse levar as mãos ao cinto, independentemente de quão rápida seja. É claro que não usaremos os desintegradores, pois não estamos aqui para matá-los. Entretanto, temos também chicotes neurônicos, que podemos usar livremente contra vocês. Espero que não queiram ver uma demonstração. Não é letal, não causam nenhum tipo de dano permanente nem deixam marcas, mas a dor é quase insuportável. Meu parceiro está com um chicote neurônico com a mira travada em sua direção neste exato momento, e aqui está o meu. Portanto, renda suas facas, ama Venabili.

Houve um momento tenso de silêncio.

– Não adianta, Dors – disse Seldon. – Entregue suas facas a ele.

Naquele instante, alguém começou a bater freneticamente na porta e todos puderam ouvir uma voz aguda protestando de forma veemente.

79

Raych não tinha saído do bairro depois de ter levado Hari e Dors de volta ao apartamento.

Ele comera bem enquanto esperava que a conversa com Davan acabasse e, após encontrar um banheiro que funcionasse razoavelmente, dormira um pouco. Depois de tudo isso, não tinha para onde ir, apesar de morar em uma espécie de casa e ter uma mãe – que provavelmente não ficaria incomodada se ele ficasse longe por algum tempo. Ela nunca se incomodava.

Raych não sabia quem era seu pai e, às vezes, pensava consigo

mesmo que talvez nem tivesse um. Disseram que ele tinha que ter um pai, e a justificativa para tal fato foi explicada com a crueza de sempre. De vez em quando, ele duvidava se deveria acreditar em uma coisa tão estranha quanto aquela, mas, para falar a verdade, ele achava os detalhes interessantes.

Pensou naquilo em relação à moça. Era uma moça velha, claro, mas era bonita e sabia brigar como homem – melhor do que um homem. Isso preenchia a mente de Raych com pensamentos vagos.

E ela havia oferecido um banho. Raramente, quando tinha créditos que não usaria para nenhuma outra coisa ou quando entrava escondido, ele podia nadar na piscina de Billibotton. Eram as únicas ocasiões em que ele se enxaguava por inteiro, mas era frio e depois ele precisava esperar o corpo secar.

Tomar banho era diferente. Haveria água quente, sabonete, toalha e ar climatizado. Ele não sabia qual seria a sensação, mas seria gostoso se *ela* estivesse ali.

Ele conhecia todas as passarelas bem o suficiente para saber de lugares em que podia se esconder, como um beco que fosse perto de um banheiro, e ainda assim continuar bem perto de onde ela estava, sem precisar correr o risco de ser descoberto e precisar fugir.

Passou a noite pensando em coisas estranhas. E se aprendesse a ler e a escrever? Poderia fazer alguma coisa com aquilo? Não sabia direito o quê, mas talvez *ela* pudesse dizer. Raych tinha ideias imprecisas sobre ser pago para fazer coisas que ainda não sabia fazer, mas não sabia quais poderiam ser essas coisas. Alguém precisaria dizer a ele, mas como fazer isso acontecer?

Se ele ficasse com aquele homem e aquela moça, os dois talvez pudessem ajudar. Mas por que eles iriam querer ficar com Raych?

Ele adormeceu e acordou mais tarde, não por causa do amanhecer, e sim porque sua audição aguçada captou o aumento de intensidade e gravidade dos sons da passarela conforme o dia começava.

Raych tinha aprendido a identificar quase todas as variedades de som, pois, se você quisesse sobreviver com um mínimo de conforto no labirinto subterrâneo de Billibotton, precisava perceber as coisas antes de vê-las. E havia algo no som do motor do carro terrestre que ele escutava agora que parecia um sinal de perigo. Era um som muito forte, um som hostil.

Ele se sacudiu para acordar e foi silenciosamente até a passarela.

Nem precisou ver o símbolo Espaçonave-e-Sol no carro terrestre – as formas eram suficientes para identificá-lo. Raych sabia que eles tinham vindo por causa do homem e da moça, por causa da conversa que tiveram com Davan, e não parou para duvidar de seus pensamentos ou analisá-los. Saiu em disparada, abrindo espaço entre a vida agitada que se formava com o início do dia.

Voltou à casa de ama Tissalver em menos de quinze minutos. O carro terrestre ainda estava lá, e transeuntes curiosos e receosos analisavam o veículo por todos os lados, mantendo uma distância respeitosa. Logo haveria mais carros terrestres como aquele. Ele marchou escada acima, tentando lembrar em qual porta deveria bater. Não tinha tempo para pegar o elevador.

Raych encontrou a porta – ou, pelo menos, achou ter encontrado – e bateu nela.

– Moça! Moça! – gritou desafinadamente. Ele estava ansioso demais para lembrar o nome, mas se lembrou de parte do nome do homem. – Hari! – gritou. – Me deixe entrar.

A porta se abriu e ele correu para dentro – ou melhor, *tentou* correr para dentro. A mão grosseira de um oficial segurou seu braço.

– Espere um pouco, moleque – disse Russ. – Aonde você pensa que vai?

– Me solta! Eu não fiz nada! – Raych olhou à volta. – Ei, moça, que que esses gambás estão fazendo?

– Nos prendendo – disse Dors, em tom sombrio.

– Por quê? – perguntou o menino, ofegante e se debatendo. – Ei, me solta, seu gambá! Não vai com eles, moça. Cê não tem que ir com eles.

– Vá embora – ordenou Russ, sacudindo Raych com veemência.

– Não vou nada, e cê também não, seu gambá. Minha gangue toda tá vindo. Cê não vai embora daqui, a não ser que deixe aqueles dois em paz.

– De que gangue você está falando? – perguntou Russ, franzindo as sobrancelhas.

– Eles tão lá fora agora mesmo. Devem estar acabando com seu carro terrestre. E vão acabar com *cêis* também.

Russ se dirigiu ao parceiro:

– Entre em contato com o quartel-general. Peça para enviarem alguns caminhões com Macros.

– Não! – gritou Raych, soltando-se e disparando na direção de Astinwald. – Não chame!

Russ ajustou a posição do chicote neurônico e disparou.

Raych gritou, agarrou o ombro esquerdo e caiu, contorcendo-se violentamente.

Russ ainda não tinha se virado totalmente para Seldon quando o matemático, agarrando o punho do oficial, ergueu o chicote neurônico no ar e deu a volta para puxar o braço por trás, enquanto bateu o pé com força na bota dele para mantê-lo relativamente imóvel. Hari sentiu o momento em que o ombro do homem se deslocou e Russ emitiu um urro áspero e angustiado enquanto caía no chão.

Astinwald sacou o desintegrador com um movimento veloz, mas o braço esquerdo de Dors agarrou seu ombro e a faca em sua mão direita encostou na garganta do policial.

– Não se mexa! – ela disse. – Se você ou qualquer parte de seu corpo se mexer um milímetro, vou cortar seu pescoço até chegar à espinha. Largue o desintegrador. Largue! O chicote neurônico também.

Seldon pegou Raych, que ainda gemia, e o segurou no colo. Ele se virou para amo Tissalver e disse:

– Há pessoas lá fora. Pessoas *furiosas*. Vou pedir que entrem aqui e elas vão quebrar tudo o que você tem. Vão destruir até as paredes. Se você não quer que isso aconteça, pegue essas armas e jogue-as na outra sala. Pegue as armas do policial no chão e faça o mesmo. Rápido! Peça ajuda para sua esposa. Ela vai pensar duas vezes antes de fazer denúncias contra pessoas inocentes. Dors, esse que está no chão não poderá fazer nada por algum tempo. Deixe o outro incapacitado, mas não o mate.

– Certo – respondeu Dors. Ela inverteu a faca e o acertou na nuca com força, usando o cabo. Ele caiu de joelhos e ela fez uma careta. – *Detesto* fazer isso.

– Eles atiraram em Raych – argumentou Seldon, tentando esconder a própria repugnância pelo que acabara de acontecer.

Eles deixaram o apartamento apressadamente e, quando chegaram à passarela, encontraram-na abarrotada de pessoas, quase todos homens, que gritaram em uníssono quando os viram surgir. Todos se amontoaram para chegar mais perto e o cheiro de humanidade mal lavada foi arrebatador.

– Onde estão os gambás? – alguém gritou.

– Lá dentro – respondeu Dors, em tom alto. – Não façam nada com eles. Eles não vão representar perigo por um tempo, mas vão chamar reforços, então saiam daqui, e rápido.

– E vocês? – perguntaram algumas vozes.

– Também estamos indo embora. Não voltaremos.

– Eu tomo conta deles – guinchou Raych, agitando-se para sair dos braços de Seldon e ficar de pé. Ele esfregava o ombro direito com intensidade. – Consigo andar. Abram caminho.

A multidão se abriu para ele.

– Moço, moça, venham comigo! – continuou Raych. – Rápido!

Na passarela, eles foram acompanhados por muitas dezenas de homens e então, subitamente, Raych indicou uma passagem e murmurou:

– Por aqui, pessoal. Vou levar cêis pr'um lugar que ninguém vai encontrar. Acho que nem Davan sabe sobre ele. O problema é que vamos precisar passar pelos esgotos. Ninguém vai ver a gente por lá, mas é meio fedido... Sabem o que quero dizer?

– Nós sobreviveremos – murmurou Seldon.

Eles desceram por uma rampa em espiral – e um fedor pestilento subiu para recebê-los.

80

Raych encontrou um esconderijo para eles. Foi necessário subir uma escada vertical de ferro que os levou a um amplo aposento de pé-direito alto, cujo uso Seldon não conseguia nem imaginar. Estava cheio de equipamentos volumosos e que não emitiam sons, cuja função também era um mistério. Era um lugar relativamente limpo e livre de poeira. Um fluxo constante de vento soprava e impedia a poeira de assentar e – mais importante – parecia amenizar o fedor.

– Não é legal? – perguntou Raych, que parecia satisfeito. De vez em quando, ele esfregava o ombro e se contraía de dor quando usava força demais.

– Podia ser pior – disse Seldon. – Você sabe para que serve esta sala, Raych?

Raych deu de ombros – ou, pelo menos, começou a dar de ombros,

mas a dor o impediu.

– Sei lá – ele respondeu e, com um toque de insolência, acrescentou: – Quem se importa?

Dors, que tinha se sentado no chão depois de limpá-lo com as mãos e inspecionado as palmas com uma expressão desconfiada, disse:

– Se você quer um palpite, acho que faz parte de um complexo de desintoxicação e reciclagem de resíduos, que com certeza devem acabar transformados em fertilizante.

– Então as pessoas encarregadas da manutenção devem vir aqui periodicamente e podem aparecer a qualquer momento – disse Seldon, em tom sombrio.

– Já vim aqui antes – interveio Raych. – Nunca vi ninguém.

– Trantor deve ser bastante automatizado – disse Dors – e, se tem uma coisa que pede por automação, é tratamento de esgoto. Talvez seja seguro... Por enquanto.

– Não por muito tempo, Dors – respondeu Seldon. – Vamos ficar com fome e com sede.

– Posso trazer comida e água – disse Raych. – Quando cê é um moleque das ruas, cê tem que saber como se virar.

– Obrigado, Raych – respondeu Seldon, distraído –, mas agora não estou com fome. – Ele fungou e continuou: – Talvez *nunca mais* fique com fome.

– Você vai ficar – disse Dors – e, mesmo que perca o apetite por algum tempo, vai ficar com sede. Pelo menos evacuação não será um problema. Estamos praticamente vivendo em cima de um esgoto aberto.

Houve silêncio durante algum tempo. A luz era tênue e Seldon se perguntou por que os trantorianos não mantinham aquela área em escuridão total. Então lhe ocorreu que nunca tinha encontrado escuridão total em nenhuma área pública. Aquilo era provavelmente um hábito em uma sociedade rica em recursos energéticos. Era estranho pensar que um mundo com quarenta bilhões de pessoas fosse rico em recursos energéticos, mas, com o calor interno do planeta como fonte, sem contar a energia solar e as usinas nucleares no espaço, ele era. E, agora que Seldon parava para pensar no assunto, não havia um único planeta com escassez de energia em todo o Império. Será que houve uma época em que a tecnologia era tão primitiva que a escassez energética fosse possível?

Seldon apoiou-se em um sistema de encanamento pelo qual, imaginou, deveria passar o esgoto. Ele se afastou dos canos assim que esse pensamento surgiu em sua cabeça e sentou-se ao lado de Dors.

– Existe alguma maneira de entrarmos em contato com Chetter Hummin? – ele perguntou.

– Na verdade, mandei uma mensagem para ele, por mais que tenha detestado fazer isso – respondeu Dors.

– Detestado?

– Minha função é proteger você. Cada vez que preciso entrar em contato com ele, significa que falhei.

– Você precisa ser tão compulsiva, Dors? – perguntou Seldon, analisando-a com olhos semicerrados. – Você não pode me proteger de toda a força policial de um setor inteiro.

– Suponho que não. Mas podemos derrubar alguns deles...

– Eu sei. E derrubamos. Mas eles vão mandar reforços... Carros terrestres blindados... Canhões neurônicos... Neblina sonífera... Não sei direito o que têm, mas vão usar o arsenal todo, tenho certeza.

– Você deve estar certo – disse Dors, com expressão apreensiva.

– Eles não vão te encontrar, moça – interveio Raych, subitamente, observando os dois com olhos atentos enquanto conversavam. – Eles nunca encontram Davan.

Dors sorriu sem alegria e bagunçou os cabelos do menino. Em seguida, olhou para a própria mão, desanimada.

– Não sei se você devia ficar conosco, Raych – ela disse. – Não quero que eles peguem *você*.

– Eles não vão me pegar. Se eu for embora, quem vai trazer comida e água pro cêis e quem vai encontrar novos esconderijos pro cêis, praqueles gambás nunca saberem onde procurar?

– Não, Raych, eles vão nos encontrar. Na verdade, eles não procuram por Davan com muito afinco. Davan os irrita, mas acho que eles não o levam muito a sério. Entende o que quero dizer?

– Cê quer dizer que ele é só um pé no... só uma chatice e eles acham que não vale a pena procurar por ele em tudo que é lugar.

– Sim, é isso que quero dizer. O problema é que nós machucamos dois oficiais e eles não vão nos deixar impunes. Mesmo que eles precisem de *toda* a polícia, mesmo que precisem vasculhar cada corredor escondido ou fora de uso em Dahl... Eles vão nos pegar.

– Isso faz eu me sentir um... um... *esquece* – resmungou Raych. – Se

eu não tivesse corrido lá pra dentro pra levar chicotada neurônica, cêis não teriam nocauteado esses tais oficiais e não estariam com tanto problema.

– Não. Mais cedo ou mais tarde, a gente teria precisado... uh... nocautear os dois. Quem pode saber? Talvez precisemos nocautear mais alguns.

– Cêis fizeram bonito – disse Raych. – Se eu não tivesse ficado com tanta dor, poderia ter visto mais.

– Não seria nada vantajoso para nós tentar enfrentar o sistema de segurança inteiro – interveio Seldon. – A pergunta é: o que farão conosco quando nos acharem? Uma sentença de prisão, com certeza.

– Oh, não. Se for necessário, faremos um apelo a Cleon I – disse Dors.

– O Imperador? – Raych arregalou os olhos. – Cêis conhecem o Imperador?

– Qualquer cidadão galáctico pode apelar para ele– respondeu Seldon, com um gesto de desdém. – Mas isso não me parece a coisa certa a fazer, Dors. Desde que Hummin e eu deixamos o Setor Imperial, estamos *evitando* o Imperador.

– Não a ponto de ser jogado em uma prisão dahlita. O apelo imperial seria um atraso na sentença, ou, pelo menos, uma distração. Talvez, nesse meio-tempo, a gente consiga pensar em outra solução.

– Podemos falar com Hummin.

– Sim – respondeu Dors, desconfortável –, mas não podemos considerá-lo a solução para todos os problemas. Para começar, caso minha mensagem tenha chegado até ele e caso ele tenha conseguido vir a Dahl, como nos acharia aqui? E, mesmo se nos achasse, o que ele poderia fazer contra toda a força policial dahlita?

– Então precisamos pensar em algo que possamos fazer antes que nos encontrem – disse Seldon.

– Se cêis me seguirem – interveio Raych –, consigo manter cêis na dianteira. Conheço todos os lugares por aqui.

– Você pode nos manter à frente de uma pessoa, mas serão muitas delas, seguindo por diversos corredores. Vamos escapar de um grupo e esbarrar em outro.

Os três ficaram em silêncio durante muito tempo, cada um pensando no que parecia ser uma situação perdida. Então, Dors Venabili pareceu ficar tensa.

– Eles estão aqui – ela sussurrou. – Posso ouvi-los.

Por um instante, eles se esforçaram para escutar. Raych levantou-se rapidamente.

– Estão vindo por ali – ele sibilou. – Temos que ir por aqui.

Confuso, Seldon não ouvia nada, mas tinha confiança total na audição superior dos outros dois. Porém, quando Raych começou a se afastar rápida e silenciosamente de onde vinham os passos, uma voz ecoou nas paredes do esgoto:

– Não se mexam! Não se mexam!

– É Davan – disse Raych. – Como *ele* sabia que a gente estava aqui?

– Davan? – perguntou Seldon. – Tem certeza?

– É claro que tenho certeza. Ele vai ajudar.

81

– O que aconteceu? – perguntou Davan.

Um pequeno alívio tomou conta de Seldon. O surgimento de Davan não faria muita diferença contra toda a força policial do Setor Dahl, mas ele comandava um grande número de pessoas que poderia criar tumulto suficiente.

– Você deve saber, Davan – disse Seldon. – Imagino que muitas das pessoas que estavam na frente dos Tissalver esta manhã eram seus partidários.

– Sim, muitos deles. Dizem que vocês estavam sendo presos e derrotaram um esquadrão de gambás. Mas *por que* estavam sendo presos?

– Dois – respondeu Seldon, erguendo dois dedos. – Eram dois gambás, o que já é ruim o bastante. Parte dos motivos para nos prenderem foi termos conversado com você.

– Não se justifica. Os gambás não me dão mais importância do que dão a qualquer outra coisa. – Então, ele acrescentou, em tom amargo: – Eles me subestimam.

– Talvez – disse Seldon –, mas a mulher de quem alugamos os quartos fez uma denúncia contra nós, alegando que demos início a um levante contra o jornalista que conhecemos quando íamos visitá-lo. Você sabe dessa parte. Com seus partidários na cena de ontem e mais uma vez hoje, e com dois oficiais feridos, eles talvez decidam limpar

estes corredores... E isso quer dizer que *você* será afetado. Eu lamento. Não tinha nenhuma intenção, nem esperava ser a causa de tudo isso.

– Não – Davan negou com a cabeça –, você não conhece os gambás. Isso também não se justifica. Eles não querem limpar estes bairros. Se o fizessem, o setor teria de lidar conosco, mas eles estão contentes de nos deixar apodrecer em Billibotton e nos outros bairros pobres. Eles estão atrás de vocês. *Vocês*. O que fizeram?

– Não fizemos nada – interveio Dors, impaciente – e, de qualquer jeito, que diferença faz? Se eles não estão atrás de você e *estão* atrás de nós, vão invadir esta área para nos arrancar daqui. Se você ficar no caminho, terá problemas.

– Não, não terei – respondeu Davan. – Como falei ontem à noite, tenho amigos, amigos poderosos. E eles podem ajudar tanto vocês quanto a mim. Quando vocês se negaram a nos apoiar abertamente, entrei em contato com eles. Eles sabem quem você é, dr. Seldon. Você é um homem famoso. Eles estão em posição de conversar com o prefeito de Dahl para garantir que vocês sejam deixados em paz, independentemente do que tenham feito. Mas vocês precisarão ser levados embora de Dahl.

Uma onda de alívio inundou Seldon, que sorriu.

– Você conhece uma pessoa poderosa, Davan? – ele perguntou. – Alguém que responde imediatamente, que pode convencer o governo de Dahl a não tomar atitudes drásticas e que pode nos levar para outro lugar? Ótimo. Não estou surpreso. – Seldon dirigiu-se a Dors, sorrindo. – A mesma coisa que aconteceu em Mycogen. Como Hummin consegue?

Mas Dors negou com a cabeça.

– Rápido demais. Não faz sentido.

– Acho que ele pode fazer qualquer coisa – disse Seldon.

– Eu conheço ele há mais tempo do que você, e melhor. Não consigo acreditar nisso.

– Não o subestime – sorriu Seldon. Então, como se estivesse ansioso para não continuar com aquele assunto, perguntou a Davan: – Mas como você nos encontrou? Raych disse que você não sabia deste lugar.

– Ele não sabe – guinchou Raych, indignado. – Este lugar é só meu. Fui eu que encontrei.

– Nunca estive aqui antes – disse Davan, olhando à volta. – É um lugar interessante. Raych é filho dos becos e está em casa neste

labirinto.

– Sim, Davan, nós percebemos isso. Mas como *você* achou esta sala?

– Com um detector de calor. Tenho um equipamento que detecta radiação infravermelha, o padrão térmico específico emitido pela temperatura de trinta e sete graus. Ele reage à presença de seres humanos, mas não a outras fontes de calor. Reagiu a vocês três.

– De que isso adianta em Trantor – perguntou Dors, franzindo as sobrancelhas –, um planeta com seres humanos por todos os lados? Eles usam essa tecnologia em outros mundos, mas...

– Mas não em Trantor – completou Davan. – Sei disso. Mas são equipamentos úteis nos corredores e em becos decadentes e abandonados das áreas mais pobres.

– E onde você conseguiu isso? – perguntou Seldon.

– Basta saberem que tenho um deles – disse Davan. – Precisamos levá-lo daqui, amo Seldon. Há pessoas demais atrás de você e quero que meu amigo no poder o proteja.

– Onde ele está, esse seu amigo no poder?

– Está vindo para cá. Ou, pelo menos, uma nova fonte de calor a trinta e sete graus foi detectada, e não vejo como poderia ser outra pessoa.

Alguém entrou pela porta, e as boas-vindas morreram na boca de Seldon. Não era Chetter Hummin.

WYE

——— Wye...

Um setor da cidade-mundo de Trantor... Nos últimos séculos do Império Galáctico, Wye era a região mais forte e mais estável da cidade-mundo. Seus governantes ansiavam pelo trono imperial havia gerações, sob a justificativa de serem descendentes dos primeiros imperadores. Sob Mannix IV, Wye foi militarizado e (afirmaram autoridades imperiais, no futuro) planejava um golpe de Estado em nível planetário.

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

82

O HOMEM QUE ENTROU ERA ALTO e musculoso. Tinha um longo bigode loiro que se curvava para cima nas extremidades e costeletas que desciam pelas laterais de seu rosto e acompanhavam a parte de baixo da mandíbula, deixando expostos o queixo nu e o lábio inferior e dando a eles um aparente brilho de umidade. Seu corte de cabelo era tão rente e a cor era tão clara que, por um desagradável instante, Seldon se lembrou de Mycogen.

O recém-chegado usava o que era, sem dúvida nenhuma, um uniforme. Era vermelho e branco e, em torno de sua cintura, havia um cinto largo e decorado com tachas prateadas.

Quando ele falou, Seldon reparou que sua voz era de um tom grave melodioso e seu sotaque era diferente de todos que já tinha ouvido. A maioria dos sotaques desconhecidos soava áspera e desagradável para Seldon, mas o daquele homem era quase musical, talvez por causa da riqueza dos tons graves.

– Eu sou o sargento Emmer Thalus – ele ressoou, em uma lenta sucessão de sílabas. – Vim em busca do dr. Hari Seldon.

– Sou eu – disse Seldon. Em um comentário discreto para Dors, ele continuou: – Se Hummin não pôde vir ele mesmo, certamente mandou um subalterno impressionante para representá-lo.

O sargento analisou Seldon por um momento um tanto prolongado, com expressão impassível.

– Sim – ele disse –, o senhor se encaixa na descrição. Por favor, venha comigo, dr. Seldon.

– Mostre o caminho – respondeu Seldon.

O sargento deu um passo para trás. Seldon e Dors Venabili deram um passo para a frente.

O sargento parou e ergueu uma mão, com a palma larga voltada para Dors.

– Fui instruído a levar o dr. Hari Seldon. Não fui instruído a levar mais ninguém.

Por um instante, Seldon o encarou, sem entender. Então, sua expressão de surpresa deu lugar à raiva.

– É impossível que o senhor tenha recebido essas instruções... – ele disse. – A dra. Dors Venabili é minha associada e minha parceira. Ela *precisa* ir comigo.

– Isso não está de acordo com as ordens recebidas, doutor.

– Eu não me importo nem um pouco com as suas ordens, sargento Thalus. Não vou a lugar nenhum sem ela.

– Além disso – interveio Dors, evidentemente irritada –, *eu* tenho ordens de proteger o dr. Seldon o tempo todo. Não posso fazer isso se não estiver com ele. Portanto, para onde ele for, eu vou.

O Sargento pareceu intrigado.

– Tenho ordens estritas de garantir que nada de mal aconteça ao senhor, dr. Seldon – ele disse. – Se o senhor não vier comigo voluntariamente, serei obrigado a carregá-lo até meu veículo. Tentarei fazê-lo sem machucá-lo.

Ele estendeu os dois braços, como se fosse pegar Seldon pela cintura e levá-lo à força.

Seldon jogou-se para trás e saiu do alcance dele. Conforme o fez, a lateral de sua mão desceu no braço do sargento, na parte em que havia menos músculos, e acertou o osso.

Thalus respirou fundo e pareceu se sacudir um pouco, mas se virou, sem expressão nenhuma no rosto, e avançou mais uma vez. Davan, observando, continuou parado onde estava, mas Raych foi para trás do sargento.

Seldon repetiu o golpe com a mão uma segunda vez, e então uma terceira, mas, dessa vez, Thalus antecipou o movimento e abaixou o braço para que Seldon acertasse a musculatura rígida.

Dors havia desembainhado suas facas.

– Sargento – ela disse, com vigor – vire-se para cá. Quero que o senhor entenda que eu talvez seja forçada a feri-lo seriamente se o senhor insistir em levar o dr. Seldon contra a vontade dele.

Sargento Thalus parou e pareceu observar solenemente a maneira como Dors segurava as facas.

– Não faz parte das minhas ordens evitar ferir outras pessoas além do dr. Seldon – ele respondeu.

Sua mão direita moveu-se com surpreendente rapidez para o chicote neurônico no coldre preso ao seu cinto. Dors avançou com

tanta velocidade quanto ele, e suas facas reluziram.

Nenhum dos dois terminou o movimento.

Dando um impulso para a frente, Raych empurrou as costas do sargento com a mão esquerda e, com a direita, tirou o chicote neurônico do coldre. Ele se afastou rapidamente, segurando a arma com as duas mãos e gritando:

– Mãos pra cima, sargento, ou cê vai levar!

Thalus se virou e uma expressão ansiosa passou por seu rosto, que se avermelhava. Foi o único momento em que a expressão estoica enfraqueceu.

– Largue a arma, criança – ele rosnou. – Você não sabe como isso funciona.

– Sei da trava de segurança – retrucou Raych. – Tá desligada e essa coisa tá pronta pro ataque. E vou atacar, se cê vier pra cima de mim.

O sargento ficou petrificado. Era evidente que ele sabia do perigo de uma criança de doze anos exaltada empunhando uma arma potente.

Seldon também não gostou nada daquilo.

– Cuidado, Raych – ele disse. – Não dispare. Mantenha seu dedo longe do botão.

– Não vou deixar ele vir pra cima.

– Ele não fará isso. Sargento, por favor, não se mexa. Vamos deixar uma coisa bem clara. O senhor recebeu ordens de me levar daqui, não é mesmo?

– Isso mesmo – respondeu, com olhos quase arregalados, encarando Raych com firmeza (cujos olhos também estavam fixos no sargento).

– Mas o senhor não recebeu ordens de levar outras pessoas, não é mesmo?

– Não, não recebi – disse o Sargento, irredutível. Era óbvio que nem mesmo a ameaça de um chicote neurônico o faria hesitar.

– Certo, mas me escute, Sargento. O senhor recebeu ordens de *não levar* mais ninguém?

– Acabei de dizer que...

– Não, não. Escute, sargento. Há uma diferença. Suas ordens foram simplesmente “Traga o dr. Seldon!”? Foi essa a ordem completa, sem nenhuma menção a nenhuma outra pessoa, ou foram palavras mais específicas? As instruções foram “Traga o dr. Seldon e não traga mais ninguém além dele!”?

O Sargento contemplou o pensamento por um instante e respondeu:

– Minhas ordens dizem para levar o senhor, dr. Seldon.

– Não houve menção a mais ninguém, de nenhuma maneira, houve?

Uma pausa.

– Não.

– O senhor não recebeu ordens de levar a dra. Venabili, mas também não recebeu ordens de *não* levar a dra. Venabili. Não é mesmo?

Uma pausa.

– Não, não recebi.

– Então o senhor está livre para levá-la ou não levá-la, como o senhor preferir?

Uma longa pausa.

– Pode ser que sim.

– Muito bem. Então temos Raych, o jovenzinho com um chicote neurônico apontado para você. O *seu* chicote neurônico, lembre-se. E ele está ansioso para usá-lo.

– É! – gritou Raych.

– Ainda não, Raych – disse Seldon. – E temos também a dra. Venabili, com duas facas as quais ela sabe usar com destreza excepcional. E temos eu, que posso, se tiver a oportunidade, esmigalhar seu pomo de Adão e fazer com que você nunca mais possa falar, apenas sussurrar. Pois então, o senhor quer ou não quer levar a dra. Venabili? Suas ordens permitem que o senhor escolha.

– Levarei a mulher – concedeu Thalus, enfim, com voz derrotada.

– E o garoto, Raych.

– E o garoto.

– Ótimo. Tenho sua palavra de honra, sua palavra de honra como soldado, de que cumprirá o que acabou de dizer?

– O senhor tem minha palavra de honra como soldado – disse o sargento.

– Ótimo. Raych, devolva o chicote. Agora. Não me faça esperar.

Raych, com o rosto torcido em uma careta de desgosto, olhou para Dors, que hesitou e então fez lentamente um gesto afirmativo com a cabeça. O rosto dela estava tão insatisfeito quanto o de Raych.

Raych estendeu o chicote neurônico para o sargento Thalus.

– Só porque estão me *obrigando* – resmungou ele –, seu grande... –

as últimas palavras foram ininteligíveis.

– Guarde suas facas, Dors – disse Seldon.

Dors meneou a cabeça, mas guardou as facas.

– E então, sargento? – perguntou Seldon.

Thalus olhou para o chicote neurônico e depois para Seldon.

– O senhor é um homem honrado, dr. Seldon – ele disse –, e mantenho minha palavra de honra.

Com um movimento militar, ele colocou o chicote neurônico no coldre.

Seldon dirigiu-se a Davan:

– Davan, por favor, esqueça o que testemunhou aqui. Nós três vamos acompanhar o sargento Thalus voluntariamente. Diga a Yugo Amaryl, quando o encontrar, que não me esquecerei dele e que, uma vez que tudo isso tenha terminado e eu esteja livre para agir, farei com que ele seja admitido em uma universidade. E, se em algum momento houver alguma coisa que eu possa fazer por sua causa, Davan, eu farei. Agora, sargento, vamos embora.

83

– Você já tinha voado de aerojato, Raych? – perguntou Hari Seldon.

Raych negou com a cabeça, sem palavras. Com uma mistura de medo e assombro, ele observava a Superfície Exterior passando em velocidade extrema por baixo do aerojato.

Mais uma vez, ocorreu a Seldon que Trantor era um mundo de vias expressas e túneis. A população em geral fazia até mesmo as jornadas mais longas pelo subterrâneo. Viagens pelo ar, por mais comuns que fossem nos outros mundos, eram um luxo em Trantor, e um aerojato como aquele...

Como Hummin tinha conseguido? Seldon não conseguia imaginar.

Ele olhou pela janela, observando as subidas e as descidas dos domos, o verde que cobria a maior parte daquela área do planeta, os esporádicos trechos que eram praticamente florestas, os braços de mar que o aerojato sobrevoava de vez em quando, com suas águas escuras que reluziam súbita e momentaneamente quando a luz solar atravessava a densa camada de nuvens por um instante.

Depois de uma hora de voo, Dors, que estivera visualizando um

novo romance histórico sem aparentar muita satisfação, desligou o livro-filme e disse:

– Eu preferia saber para onde estamos indo.

– Se você não sabe – respondeu Seldon –, eu certamente não vou saber. Você está em Trantor há mais tempo do que eu.

– Sim, mas apenas na parte coberta – disse Dors. – Aqui fora, com somente a Superfície Exterior à vista, estou tão perdida quanto um bebê.

– Tomara que Hummin saiba o que está fazendo.

– Tenho certeza de que sabe – respondeu Dors, com aspereza –, mas ele talvez não tenha nenhuma relação como a situação atual. Por que você continua a supor que tudo isso seja iniciativa dele?

Seldon ergueu as sobrancelhas.

– Agora que você perguntou – ele disse –, eu não sei. Simplesmente supus. Por que isso não seria iniciativa dele?

– Porque quem providenciou isso não especificou que eu deveria ser levada com você. Acho simplesmente impossível que Hummin tenha se esquecido da minha existência. E também porque ele próprio não veio, como foi em Streeling e em Mycogen.

– Você não pode esperar que ele venha sempre, Dors. Ele pode estar ocupado. O inacreditável não é que ele não tenha vindo desta vez, mas sim que ele tenha vindo das outras vezes.

– Supondo que ele não tivesse como vir em pessoa, será que mandaria um palácio flutuante tão chamativo e ostentoso quanto este? – Ela fez um gesto para mostrar o luxuoso e amplo aerojato.

– Talvez tenha sido simplesmente o que estava disponível. E ele tenha raciocinado que ninguém suspeitaria de que algo tão chamativo estivesse carregando fugitivos que estão desesperadamente tentando evitar detecção. É a famosa inversão das expectativas.

– Famosa demais, em minha opinião. E ele mandaria um imbecil como o sargento Thalus no lugar dele?

– Ele não é um imbecil. É simplesmente treinado para a obediência total. Com ordens certas, ele poderia ser totalmente confiável.

– Aí está, Hari. Voltamos à mesma questão. Por que ele não recebeu as ordens certas? Para mim, é inconcebível que Chetter Hummin ordenaria que alguém o carregasse para fora de Dahl sem dizer uma palavra sobre mim. Inconcebível.

Seldon não soube como responder e seu otimismo murchou.

Mais uma hora se passou.

– Parece que está esfriando, do lado de fora – Dors observou. – O verde da Superfície Exterior está ficando marrom e acho que os aquecedores foram ligados.

– O que isso significa?

– Dahl fica na zona dos trópicos, portanto estamos obviamente seguindo para o Norte ou para o Sul... E viajando por uma distância considerável. Se eu tivesse noção das coordenadas do sol, poderia saber em qual direção.

Em determinado momento, eles passaram por um trecho do litoral em que havia uma fina camada de gelo nas partes em que os domos encontravam a água.

E então, inesperadamente, a dianteira do aerojato mergulhou no ar.

– Vamos bater! – gritou Raych. – Vamos explodir em mil pedaços!

Os músculos abdominais de Seldon se contraíram e ele agarrou os braços da cadeira.

– Os pilotos lá na frente não parecem alarmados – disse Dors, que aparentava calma. – Acho que vamos entrar em um túnel.

Conforme ela terminou a frase, as asas do jato se jogaram para trás e para baixo e, como uma bala, o aerojato entrou em um túnel. A escuridão os envolveu imediatamente e, um segundo depois, o sistema de iluminação do túnel se acendeu. As paredes do túnel serpenteavam para trás, dos dois lados.

– Nunca vou ter certeza de como eles sabem que o túnel está livre – murmurou Seldon.

– Eles certamente confirmam se o túnel está disponível dezenas de quilômetros antes de entrar – respondeu Dors. – De qualquer jeito, imagino que esta seja a última parte da nossa jornada e logo saberemos onde estamos. – Ela fez uma pausa e, então, concluiu: – E imagino, também, que não vamos gostar nada do que estamos prestes a descobrir.

84

O aerojato lançou-se para fora do túnel e chegou a uma pista de pouso com um domo que era, em comparação a todos os outros que Seldon tinha visto desde que saíra do Setor Imperial, o que mais se

parecia com o céu aberto.

Eles pararam mais rápido do que Seldon esperava, o que resultou em uma desconfortável pressão para a frente. Raych foi esmagado contra o assento à frente e teve dificuldade para respirar até que Dors colocou a mão em seu ombro e o puxou um pouco para trás.

O Sargento Thalus, com postura impressionante e cabeça erguida, saiu do jato e foi até a traseira para abrir a porta do compartimento de passageiros e ajudar os três a sair, um de cada vez.

Seldon foi o último. Ele se virou conforme passou por Thalus e disse:

– Foi uma viagem agradável, sargento.

Um vagaroso sorriso abriu-se no rosto largo de Thalus e levantou seu bigode. Ele tocou o visor de seu quepe, em uma semicontinência.

– Obrigado mais uma vez, doutor – ele respondeu.

Em seguida, eles foram conduzidos aos assentos traseiros de um carro terrestre de aspecto luxuoso e o próprio sargento assumiu o assento do motorista. Ele conduziu o veículo com surpreendente suavidade.

Passaram por avenidas largas, cercadas por prédios altos e de aspecto atraente, todos reluzindo à luz do dia. Assim como no restante de Trantor, eles podiam ouvir o murmúrio distante de uma via expressa. As passarelas estavam amontoadas com o que pareciam ser, em sua maioria, pessoas bem-vestidas. O entorno era surpreendentemente – quase em demasia – limpo.

A sensação de segurança de Seldon minguou ainda mais. O receio de Dors em relação ao destino dos três parecia justificado, afinal de contas.

– Você acha que estamos de volta ao Setor Imperial? – ele se inclinou na direção dela para perguntar.

– Não – ela respondeu –, os prédios do Setor Imperial são mais rococó e há menos áreas verdes e parques por aqui.

– Então, onde estamos, Dors?

– Receio que vamos ter de perguntar, Hari.

Não foi um trajeto longo, e eles logo entraram em uma área de estacionamento ao lado de uma imponente estrutura de quatro andares. Um friso com imagens de animais imaginários contornava o topo e o edifício era decorado com faixas de mármore rosado. Era uma fachada extraordinária, com um aspecto muito bonito.

– *Isso* me parece bem rococó – disse Seldon.

Dors deu de ombros, em dúvida.

– Ei, olha só esse lugar metido – comentou Raych, assobiando, em uma tentativa malsucedida de parecer indiferente.

Sargento Thalus gesticulou para Seldon, indicando com clareza que ele deveria segui-lo. Seldon ficou no lugar e, também com a língua universal dos gestos, abriu os braços para incluir Dors e Raych.

Diante da majestosa entrada rosada, Thalus hesitou de um jeito vagamente envergonhado, quase como se seu bigode tivesse murchado.

– Todos os três, então – disse ele, em tom áspero. – Minha palavra de honra será mantida. Ainda assim, entendam que outros talvez não se sintam impelidos a respeitar o que me propus a respeitar.

Seldon concordou com a cabeça.

– Eu o responsabilizo apenas por seus próprios atos, sargento – ele respondeu.

Thalus ficou claramente tocado e, por um instante, seu rosto se abriu como se ele estivesse considerando a possibilidade de cumprimentar Seldon com a mão ou manifestar sua sincera aprovação de alguma outra maneira. Porém, ele decidiu não ceder ao impulso e subiu no primeiro degrau da escadaria que levava à porta. O degrau começou imediatamente um solene movimento ascendente.

Em seguida, Seldon e Dors subiram no degrau, mantendo o equilíbrio sem nenhum problema. Raych, que vacilou por um momento por causa da surpresa, saltou no degrau móvel depois de uma breve corrida e colocou as mãos nos bolsos, assobiando despreocupadamente.

A porta se abriu e saíram duas mulheres, uma de cada lado, em perfeita simetria. Eram jovens e atraentes. Seus vestidos, com cintos apertados em torno da cintura e que desciam em dobras precisas até os tornozelos, farfalhavam conforme elas caminhavam. Ambas tinham cabelos castanhos que estavam arranjados em espessas tranças nas laterais da cabeça. (Seldon achou aquilo atraente, mas se perguntou quanto tempo elas levavam para arranjar os cabelos daquela forma a cada manhã. Ele não notou mulheres com penteados tão elaborados quando estavam passando pelas ruas.)

As mulheres observaram os visitantes com desprezo evidente. Seldon não ficou surpreso. Depois dos acontecimentos daquele dia, ele

e Dors pareciam tão miseráveis quanto Raych.

Ainda assim, elas fizeram reverências decorosas, viraram-se de lado e, em sincronia impecável e sem perder a simetria, indicaram o interior do prédio. (Será que elas ensaiavam esse tipo de coisa?) Era evidente que os três deviam entrar.

Eles passaram por um aposento elaborado, repleto de mobílias e itens decorativos cujo uso Seldon não conseguiu entender de imediato. O chão era uma superfície macia de cores claras que emitiam certa luminosidade. Seldon reparou, constrangido, que os sapatos dos três deixavam marcas de sujeira conforme caminhavam.

Uma porta interna foi aberta e mais uma mulher surgiu. Ela era distintamente mais velha do que as duas primeiras (que se inclinaram com leveza conforme a outra entrou, cruzando as pernas simetricamente de um jeito que deixou Seldon impressionado por ainda conseguirem manter o equilíbrio; com certeza, aquilo era resultado de muito treino).

Seldon não sabia se era esperado que ele também fizesse algum gesto ritualístico para demonstrar respeito, mas, como não tinha a menor ideia de qual poderia ser o gesto, fez uma simples reverência com a cabeça. Dors permaneceu ereta, com certo desdém – pelo menos foi o que pareceu a Seldon. Raych olhava em todas as direções com o queixo caído e, aparentemente, não tinha nem visto a mulher que acabara de entrar.

Ela não era gorda, mas sim um pouco rechonchuda. Usava os cabelos da mesma maneira que as duas jovens e seu vestido tinha o mesmo estilo, mas era ornamentado com muito mais exuberância – talvez até demais, para as noções estéticas de Seldon.

Estava na meia-idade e havia uma sugestão de cabelos grisalhos em sua cabeça, mas as covinhas em suas bochechas davam a impressão de que ela era jovem. Seus olhos castanho-claros eram alegres e, no geral, parecia mais maternal do que velha.

– Como estão, vocês três? – ela perguntou, sem demonstrar nenhuma surpresa com a presença de Dors e Raych e os incluindo sem esforço em seu cumprimento. – Espero por vocês há algum tempo e quase os tive na Superfície Exterior, em Streeling. Você é o dr. Hari Seldon; eu estava ansiosa em conhecê-lo. Você deve ser a dra. Dors Venabili; recebi notícias de que acompanhava o doutor. Receio não saber quem é este jovem, mas é um prazer conhecê-lo. Não vamos

ficar aqui conversando. Tenho certeza de que querem descansar primeiro.

– E tomar banho, senhora – disse Dors, um tanto incisiva. – Cada um de nós precisa de um banho completo.

– Sim, é claro – a mulher respondeu –, e roupas. Especialmente o jovem. – Ela observou Raych sem o toque de desprezo e de reprovação que as duas jovens tinham demonstrado. – Qual é o seu nome, meu jovem? – ela perguntou.

– Raych – ele respondeu, de um jeito engasgado e constrangido. Então, experimentou acrescentar: – Madame.

– Que coincidência curiosa – ela disse, com olhos reluzentes. – Um presságio, talvez. Meu nome é Rashelle. Não é estranho? Venham. Tomaremos conta de todos vocês. Depois haverá bastante tempo para jantarmos e conversarmos.

– Espere, senhora – disse Dors. – Pode nos dizer onde estamos?

–Wye, querida. E, por favor, me chame de Rashelle quando se sentir mais à vontade. Sempre me sinto mais confortável abrindo mão das formalidades.

Dors se aprumou.

– Você está surpresa com a minha pergunta?[3] Não é natural que queiramos saber onde estamos?

Rashelle soltou uma risada agradável e sonora.

– Realmente, dra. Venabili, devemos fazer algo em relação ao nome deste lugar. Eu não estava fazendo uma pergunta, mas sim respondendo à sua. Você questionou onde vocês estavam, mas eu não perguntei “por que”. Eu respondi “Wye”. Vocês estão no Setor Wye.

– Em Wye? – perguntou Seldon, impetuosamente.

– Sim, no Setor Wye, dr. Seldon. Queríamos trazê-lo para cá desde o dia em que se apresentou na Convenção Decenal e estamos muito contentes por tê-lo aqui neste momento.

85

Na verdade, foi necessário um dia inteiro de descanso e relaxamento para eles tomarem banho, se limparem, obterem roupas novas (acetinadas e largas, na moda de Wye) e dormirem por um bom tempo.

O jantar prometido por madame Rashelle aconteceu na segunda noite em Wye.

A mesa era larga – larga demais, considerando que eram apenas quatro pessoas jantando: Hari Seldon, Dors Venabili, Raych e Rashelle. As paredes e o teto eram suavemente iluminados e as cores mudavam em um ritmo que chamava a atenção, mas não em velocidade que causasse incômodo à mente. Até mesmo a toalha de mesa, que não era feita de tecido (Seldon não conseguiu decidir que material era aquele) parecia faiscar.

Os serviçais eram muitos e permaneciam em silêncio. Quando a porta se abriu, Seldon achou ter visto soldados do lado de fora, armados e em prontidão. A sala era uma luva de pelica e o punho de ferro não estava longe.

Rashelle era cortês e amigável e tinha se afeiçoado especialmente a Raych, insistindo para que ele se sentasse ao seu lado.

Raych – escovado, limpo e reluzente, quase irreconhecível nas roupas novas, com cabelos cortados, lavados e penteados – dificilmente ousava falar alguma coisa. Era como se achasse que sua gramática não se adequava mais à sua aparência. Ele não estava nada confortável e observava Dors com atenção conforme ela passava de utensílio em utensílio, tentando imitá-la em todos os gestos.

A comida era saborosa, mas apimentada – a ponto de Seldon não reconhecer exatamente quais eram os pratos.

Rashelle, com o rosto rechonchudo iluminado por seu sorriso gentil e dentes brancos e brilhantes, disse:

– Vocês talvez desconfiem que usamos aditivos mycogenianos na comida, mas não usamos. Tudo é cultivado em Wye. Não há nenhum setor no planeta que seja mais autossuficiente do que o nosso. Trabalhamos muito para ser assim.

– Tudo o que você nos ofereceu é de primeira qualidade, Rashelle – Seldon fez um gesto afirmativo e solene com a cabeça. – Estamos muito agradecidos.

Mas, dentro de si, ele não achava que a comida tinha a mesma qualidade mycogeniana e, pior, tinha a sensação de que estava celebrando a própria derrota, como tinha murmurado para Dors antes do jantar. Ou, pelo menos, a derrota de Hummin – o que lhe parecia ser a mesma coisa.

Ele tinha, afinal de contas, sido capturado por Wye, possibilidade

que preocupara Hummin no incidente na Superfície Exterior.

– Talvez, no meu papel de anfitriã – disse Rashelle –, eu possa ser perdoada por fazer perguntas pessoais. Estou certa ao supor que vocês três não são uma família? Que você, Hari, e você, Dors, não são casados, e que Raych não é seu filho?

– Nós não temos nenhum laço familiar – respondeu Seldon. – Raych nasceu em Trantor, eu nasci em Helicon e Dors, em Cinna.

– E como vocês se conheceram?

Seldon ofereceu uma explicação breve, com o mínimo de detalhes possível.

– Não há nada de romântico ou significativo nos encontros – ele acrescentou.

– Ainda assim, fui informada de que você criou dificuldades para o meu assistente pessoal, Sargento Thalus, quando ele quis tirá-lo de Dahl.

– Eu me afeiçoei a Dors e Raych – disse Seldon, com seriedade – e não quis me separar deles.

– Vejo que é um homem sentimental – disse Rashelle, sorrindo.

– Sim, eu sou. Sentimental. E estou intrigado, também.

– Intrigado?

– Sim. E, considerando sua gentileza em fazer perguntas pessoais sobre nós, posso fazer uma também?

– É claro, meu querido Hari. Pergunte o que quiser.

– Quando chegamos, você disse que Wye me queria desde o dia em que fiz minha apresentação na Convenção Decenal. Por qual motivo?

– Você decerto não é tão inocente a ponto de não saber. Queremos você aqui por causa da sua psico-história.

– Isso eu entendo. Mas o que faz vocês pensarem que minha presença aqui significa ter a psico-história?

– Você decerto não foi tão descuidado a ponto de perdê-la.

– Pior, Rashelle. Eu nunca a tive.

– Mas você disse que tinha, em sua apresentação – o rosto de Rashelle registrou uma sutil pontada de preocupação. – Não que eu tenha entendido o que apresentou. Não sou matemática. Detesto números. Mas tenho matemáticos a meu serviço e eles me explicaram o que você disse.

– Nesse caso, minha querida Rashelle, você precisa ouvir com mais atenção. Posso imaginar que eles tenham contado a você que eu

provei que previsões psico-históricas são concebíveis, mas eles certamente contaram, também, que elas são impraticáveis.

– Não posso acreditar nisso, Hari. No dia seguinte à apresentação, você foi chamado para uma audiência com aquele pseudoimperador, Cleon.

– *Pseudo*imperador? – murmurou Dors, com ironia.

– Sim, isso mesmo – disse Rashelle, como se respondesse a uma pergunta genuína. – Pseudoimperador. Ele não tem nenhum direito ao trono.

– Rashelle – interveio Seldon, deixando aquilo de lado com um jeito um tanto impaciente –, eu disse a Cleon exatamente o que acabei de dizer a você, e ele me deixou ir.

Desta vez, Rashelle não sorriu. Um pouco de rispidez ecoou em sua voz quando disse:

– Sim, ele o deixou ir da mesma maneira que, em uma fábula, um gato deixa um rato ir. Ele o persegue desde então. Em Streeling, em Mycogen, em Dahl. Ele o perseguiria até mesmo aqui, se tivesse coragem. Mas deixemos disso. Nossa conversa está séria demais. Vamos aproveitar a ocasião. Vamos ouvir música.

Com essas palavras, uma melodia instrumental suave e alegre preencheu subitamente a sala.

– Minha criança – disse Rashelle, em tom gentil, inclinando-se na direção de Raych –, se você não está à vontade com o garfo, use a colher ou as mãos. Eu não me importo.

– Sim, dona – respondeu Raych, engolindo comida, mas Dors chamou sua atenção com os olhos e moveu os lábios para dizer “garfo”, sem usar a voz.

Ele continuou a usar o garfo.

– A música é belíssima, madame – disse Dors, evitando propositalmente a informalidade –, mas não podemos deixar que nos distraia. Ocorre-me que o perseguidor em todos esses lugares devia estar sob ordens do Setor Wye. A senhora certamente não estaria tão familiarizada com esses eventos se Wye não fosse o mandante.

Rashelle riu-se.

– É claro que Wye tem olhos e orelhas por toda parte, mas não éramos os perseguidores. Se tivesse sido o caso, vocês teriam vindo conosco sem falha, como quando estavam em Dahl e nós éramos, de fato, aqueles que foram buscá-los. Entretanto, quando uma missão

fracassa, quando um objetivo não é alcançado, podem ter certeza de que se trata de Demerzel.

– A senhora menospreza Demerzel tanto assim? – murmurou Dors.

– Sim. Isso a surpreende? Nós o derrotamos.

– Você? Ou o Setor Wye?

– O setor, é claro, mas, quando Wye é vitorioso, *eu* sou vitoriosa.

– Que curioso – disse Dors. – Parece existir uma opinião predominante em toda a extensão de Trantor de que os habitantes de Wye não têm nenhuma relação com vitórias, derrotas ou qualquer outra coisa. Acredita-se que existam com apenas uma vontade e um punho em Wye, e são os do prefeito. Com certeza, a senhora e qualquer outro wyano são absolutamente insignificantes em comparação.

Rashelle abriu um largo sorriso. Ela parou para observar Raych com benevolência e apertar sua bochecha com carinho. Então, respondeu:

– Se você acredita que nosso prefeito é um autocrata e que existe apenas uma vontade que move Wye, você talvez esteja certa. Mas, mesmo assim, ainda posso usar o pronome pessoal, pois minha vontade é relevante.

– Por que a sua? – perguntou Seldon.

– E por que não? – disse Rashelle, quando os serviçais começaram a limpar a mesa. – *Eu* sou a prefeita de Wye.

86

Raych foi o primeiro a reagir ao que Rashelle tinha dito.

– Ei, dona – ele disse, com uma risada rouca, esquecendo a máscara de civilidade que considerava tão desconfortável –, cê num pode ser prefeita. Só caras podem ser prefeitos.

Rashelle olhou para ele com bom humor e, em uma imitação perfeita do tom de voz de Raych, respondeu:

– Ei, moleque, alguns prefeitos são caras e outros prefeitos são mulheres. Ponha isso na sua cachola e deixe esfriar.

Os olhos de Raych se arregalaram e ele pareceu atônito.

– Ei, cê sabe falar que nem gente normal, dona – ele, enfim, conseguiu dizer.

– Tão normal quanto cê quiser – ela respondeu, ainda sorrindo.

Seldon pigarreou e disse:

– É um sotaque bastante inusitado, Rashelle.

– Não tive oportunidade de usá-lo em muitos anos – respondeu Rashelle, meneando a cabeça –, mas é impossível esquecer. Quando eu era jovem, tinha um amigo, um grande amigo, que era dahlita. – Ela suspirou. – Ele não falava desse jeito, claro, pois era muito inteligente, mas conseguia imitar, se quisesse, e me ensinou. Era bom conversar com ele assim. Criava um mundo só nosso, que excluía todo o resto. Era maravilhoso. Era, também, impossível. Meu pai deixou isso bem claro. E agora surge esse pequeno aventureiro, Raych, para me lembrar daqueles dias do passado. Ele tem o mesmo sotaque, os olhos, a expressão de descaso e, daqui a seis anos, mais ou menos, será um encanto e um terror para as jovens. Não é mesmo, Raych?

– Sei lá, moça. Quer dizer, dona – disse Raych.

– Tenho certeza de que sim, e você ficará muito parecido com meu... velho amigo e será muito mais confortável se eu não vir você quando chegar esse momento. Agora, Raych, o jantar terminou e é hora de você ir para o seu quarto. Pode assistir a um pouco de holovisualização, se quiser. Imagino que você não saiba ler.

– Mas vou ler, algum dia – respondeu Raych, com o rosto vermelho. – O amo Seldon disse que vou.

– Então tenho certeza de que é verdade.

Uma jovem se aproximou de Raych, fazendo uma respeitosa cortesia na direção de Rashelle. Seldon não viu o sinal que a chamou para o aposento.

– Não posso ficar com o amo Seldon e com a senhorita Venabili? – perguntou Raych.

– Você os verá mais tarde – respondeu Rashelle, gentil –, mas, agora, o amo, a senhorita e eu precisamos conversar. Por isso, você precisa ir.

Dors moveu os lábios e disse “vá!” a Raych, sem usar a voz. Com uma careta, ele se levantou e seguiu a serviçal.

– O menino ficará em segurança, é claro, e será bem tratado – disse Rashelle para Seldon e Dors, depois que Raych fora embora. – Por favor, não tenham dúvidas quanto a isso. E eu também estarei em segurança. Assim como minha serviçal se aproximou agora há pouco, uma dúzia de homens armados pode vir se for chamada, e mais

rapidamente. Quero que entendam isso.

– Não estamos cogitando atacá-la de maneira nenhuma, Rashelle – disse Seldon, em tom calmo. – Ou devo dizer Madame Prefeita?

– Rashelle. Fui informada de que você é uma espécie de lutador, Hari, e que você, Dors, é muito habilidosa com as facas que retiramos do seu quarto. Não quero que você use essas habilidades desnecessariamente, pois quero Hari vivo, ileso e disposto a cooperar.

– É um fato reconhecido, Madame Prefeita – disse Dors, sem comprometer sua convicção de não ser amigável –, que o governante de Wye, hoje e nos últimos quarenta anos, é Mannix, Quarto a usar Tal Nome, e que ele ainda está vivo e em posse de suas capacidades mentais. Portanto, quem é você, de verdade?

– Exatamente quem digo ser, Dors. Mannix IV é meu pai. Como você disse, ele ainda está vivo e em posse de suas faculdades mentais. Diante dos olhos do Imperador e de todo o Império, ele é o prefeito de Wye, mas está cansado do peso do poder e se dispôs, finalmente, a passá-lo para as minhas mãos, igualmente dispostas a recebê-lo. Sou sua única filha e fui criada para governar. Portanto, meu pai é o prefeito por lei e por nome, mas eu sou a prefeita efetiva. Agora é a mim que as forças armadas de Wye juram fidelidade e, em Wye, isso é tudo o que importa.

– Então é como você diz – Seldon concordou com a cabeça. – Mas, mesmo assim, seja o Mannix IV ou Rashelle I (é a primeira, imagino), não há nenhum motivo para me manter aqui. Eu já disse que não tenho uma psico-história funcional e não creio que terei no futuro, nem que qualquer outra pessoa terá. Eu disse isso ao Imperador. Não sou de utilidade nem para você nem para ele.

– Você é muito ingênuo – disse Rashelle. – Conhece a história do Império?

Seldon fez um gesto negativo com a cabeça.

– Recentemente, passei a desejar tê-la estudado melhor – ele respondeu.

– *Eu* conheço bem a história imperial, Madame Prefeita – interveio Dors, secamente –, apesar de a era pré-imperial ser minha especialidade. Mas de que importa se a conhecemos ou não?

– Se você conhece a história, sabe que a família Wye é antiga e honorável, descendente da dinastia Daciana.

– Os Dacianos governaram cinco mil anos atrás – disse Dors. – A

quantidade de descendentes nas 150 gerações que nasceram e morreram desde então pode somar metade da população da Galáxia, se todas as alegações genealógicas forem aceitas, por mais absurdas que sejam.

– Nossas alegações genealógicas, dra. Venabili – o tom de Rashelle foi, pela primeira vez, frio e hostil, e seus olhos reluziram como aço –, não são absurdas. Estão registradas na íntegra em documentos. A família Wye manteve-se em posições de poder consistente ao longo de todas essas gerações e houve momentos em que *nós* sentamos no trono imperial e governamos como imperadores.

– Os livros-filmes de história – respondeu Dors – geralmente se referem aos governantes Wye como “anti-imperadores”, nunca reconhecidos pela maioria absoluta do Império.

– Depende de quem escreve os livros-filmes. No futuro, seremos nós, pois o trono que já foi nosso o será outra vez.

– Para conseguir isso, você precisa provocar uma guerra civil.

– Não haverá risco de isso acontecer – disse Rashelle, sorrindo mais uma vez. – É o que preciso explicar a vocês, pois quero a ajuda do dr. Seldon para evitar uma catástrofe como essa. Meu pai, Mannix IV, foi um homem pacífico a vida toda. Manteve-se fiel a quem estivesse no trono do Palácio Imperial e firmou Wye como um pilar forte e próspero da economia trantoriana, para o bem de todo o Império.

– Não sei se Cleon I lhe dispensou alguma confiança, mesmo com tudo isso – comentou Dors.

– Estou certa de que não – disse Rashelle, com calma –, pois os imperadores que ocuparam o palácio durante a vida de meu pai se fizeram conhecidos como usurpadores de uma linhagem intrusa. Usurpadores não podem se dar ao luxo de confiar nos verdadeiros governantes. E, ainda assim, meu pai manteve a paz. Ele desenvolveu e treinou uma magnífica força de segurança, é claro, para manter a paz, a prosperidade e a estabilidade do setor, e as autoridades imperiais permitiram que isso acontecesse porque queriam Wye pacífico, próspero, estável... e fiel.

– Mas o setor é fiel? – perguntou Dors.

– Ao verdadeiro Imperador, evidentemente – respondeu Rashelle. – Nós alcançamos um estágio em nossa força em que podemos assumir o controle do governo imediatamente, num piscar de olhos. Antes que alguém possa dizer “guerra civil”, haverá um Imperador verdadeiro

(ou uma verdadeira Imperatriz, se você preferir), e Trantor continuará tão em paz quanto antes.

Dors fez “não” com a cabeça.

– Posso esclarecer algumas dúvidas? – perguntou. – Como historiadora?

– Estou sempre disposta a ouvir – respondeu Rashelle, inclinando a cabeça de leve na direção de Dors.

– Por maior que seja sua força militar, por mais bem treinada e equipada que seja, é impossível que ela se equipare à escala e à potência das forças imperiais, que têm o apoio de vinte e cinco milhões de mundos.

– Ah, você encontrou a fraqueza do usurpador, dra. Venabili. São vinte e cinco milhões de mundos, com forças imperiais espalhadas em todos eles. Essas forças estão dispersas em um espaço incalculável, com uma quantidade indefinida de oficiais, nenhum deles particularmente preparado para agir fora de suas próprias províncias; todos prontos para agir pelos próprios interesses, e não pelos interesses do Império. Por outro lado, nossas forças estão todas aqui, todas em Trantor. Podemos agir e concluir a ação antes que os generais e os almirantes a distância possam entender que são necessários.

– Mas a reação virá, e será devastadora.

– Tem certeza? – disse Rashelle. – Estaremos no palácio. Trantor será nosso e estará em paz. Por que as forças imperiais deveriam se mobilizar se, ao cuidar dos próprios interesses, cada líder militar insignificante terá seu próprio mundo para governar, sua própria província?

– É isso que você quer? – perguntou Seldon, intrigado. – Está nos dizendo que anseia por governar um Império que se partirá em milhares de pedaços?

– É exatamente isso – respondeu Rashelle. – Eu governaria Trantor, suas colônias espaciais remotas e os poucos sistemas planetários que fazem parte da província trantoriana. Prefiro ser Imperatriz de Trantor a ser Imperatriz da Galáxia.

– Você ficaria satisfeita com Trantor, apenas – disse Dors, em tom de descrença absoluta.

– Por que não? – respondeu Rashelle, subitamente exaltada. Ela se inclinou para a frente, ansiosa, com as palmas das mãos pressionadas

contra a mesa. – É isso que meu pai tem planejado por quarenta anos. Ele continua vivo apenas para testemunhar essa realização. Por que precisamos de milhões de mundos, mundos distantes que não significam nada para nós, que nos enfraquecem, que levam nossas forças para longe, para parsecs cúbicos de espaço sem nenhuma importância, que nos afogam em caos administrativo, que nos arruínam com suas infinitas discórdias e problemas, quando, no que diz respeito a nós, eles são um nada longínquo? Nosso populoso mundo, nossa própria cidade planetária, é Galáxia suficiente para nós. Temos tudo o que precisamos para nos sustentar. O restante da Galáxia que se parta em milhões de pedaços. Cada militarista insignificante que fique com uma parte. Não precisam guerrear. Haverá o suficiente para todos.

– Mas eles *vão* guerrear mesmo assim – disse Dors. – Cada um deles se recusará a ficar satisfeito com a própria província. Cada um deles terá receio de que o vizinho não fique satisfeito com a província *dele*. Cada um deles se sentirá inseguro e sonhará com um governo galáctico como a única garantia de segurança. Isso é uma certeza, Madame Imperatriz de Coisa Nenhuma. Haverá guerras infinitas, com as quais você e Trantor inevitavelmente se envolverão, e que destruirá a todos.

– Pode parecer uma certeza – respondeu Rashelle, com evidente desprezo – para alguém que não enxerga mais longe do que você, para alguém que se baseia nas lições banais da história.

– O que mais pode ser enxergado? – perguntou Dors. – No que mais se basear, além das lições da história?

– Você pergunta o que há além? – disse Rashelle. – Ora, há *ele*.

E ela ergueu o braço vigorosamente, seu dedo indicador apontando na direção de Seldon.

– Eu? – perguntou Seldon. – Eu já disse que a psico-história...

– Não repita o que já disse, meu bom doutor – interrompeu Rashelle. – Não ganhamos nada com isso. Você acha, dra. Venabili, que meu pai nunca teve consciência do perigo de guerras civis perpétuas? Você acha que ele não esgotou seu próprio intelecto admirável para pensar em alguma maneira de evitar isso? Durante os últimos dez anos, ele esteve preparado para assumir o controle do Império em um único dia, a qualquer momento. Faltava apenas a garantia de segurança após a vitória.

– Que é impossível – disse Dors.

– Que se tornou possível no momento em que ouvimos a apresentação do dr. Seldon na Convenção Decenal. Percebi instantaneamente que aquilo era do que precisávamos. Meu pai estava velho demais para enxergar a importância de imediato. Mas, depois que eu expliquei, ele também percebeu e foi nesse momento que transferiu formalmente o poder para mim. Portanto é a você, Hari, a quem devo meu cargo e é a você a quem devo meu cargo mais importante no futuro.

Profundamente irritado, Seldon disse:

– Eu continuo a afirmar que não posso...

– Não importa o que pode e o que não pode ser feito – interrompeu Rashelle. – O que importa é em que as pessoas acreditam ou não acreditam que pode ser feito. Elas *vão* acreditar em você, Hari, quando você disser a elas que a previsão da psico-história é de que Trantor pode governar a si mesmo e que as províncias podem se tornar reinos com capacidade para conviverem em paz.

– Não farei nenhuma previsão como essa sem que haja uma psico-história genuína – disse Seldon. – Não sou charlatão. Se quer isso, diga *você* a elas.

– As pessoas não vão acreditar em mim, Hari. Elas vão acreditar em *você*. O grande matemático. Por que *não* fazer isso por elas?

– O Imperador também pensou em me usar como fonte de profecias autorrealizáveis – disse Seldon. – Eu me recusei a fazer isso por ele. Você acha que vou concordar em fazê-lo por você?

Rashelle ficou em silêncio por um momento e, quando falou de novo, sua voz tinha perdido a emoção intensa e soava quase insistente:

– Hari, pense um pouco na diferença entre Cleon e eu. O que Cleon certamente queria de você era propaganda política para se preservar no trono. Seria inútil dar isso a ele, pois o trono não pode ser preservado. Você não percebe que o Império Galáctico está em decadência, que não pode durar por muito mais tempo? Até mesmo Trantor está lentamente ruindo por causa do peso cada vez maior de administrar vinte e cinco milhões de mundos. O que nos aguarda são a fragmentação e uma guerra civil, independentemente do que você faça por Cleon.

– Já ouvi alguma coisa assim – disse Seldon. – Pode até ser

verdade, mas e daí?

– Ora, colabore para que a fragmentação ocorra *sem* que haja guerras. Ajude-me a assumir Trantor. Ajude-me a estabelecer um governo sólido em uma região pequena o suficiente para ser governada com eficiência. Permita-me libertar o restante da Galáxia, para que cada área siga seu próprio caminho, de acordo com seus próprios costumes e culturas. A Galáxia vai se tornar um conjunto funcional novamente por meio de livres agências de comércio, turismo e comunicação, e o destino de uma fragmentação desastrosa sob um governo que mal consegue se manter será evitado. Minhas ambições são, de fato, moderadas. Um mundo, e não milhões; paz, e não guerra; liberdade, e não escravidão. Pense nisso e me ajude.

– Por que a Galáxia deveria acreditar em mim, se não acreditará em você? – perguntou Seldon. – Eles não me conhecem. Qual dos seus comandantes de frota ficará impressionado com o simples termo “psico-história”?

– Não acreditariam em você *agora*, mas não estou pedindo que você aja agora. Depois de esperar por milhares de anos, a família Wye pode esperar por mais outros milhares de dias. Colabore comigo e eu farei seu nome ser conhecido. Farei com que a promessa da psico-história brilhe em todos os mundos e na hora adequada, quando eu achar que determinado momento é o momento certo, você anunciará sua previsão e nós atacaremos. Então, em um piscar de olhos da história, a Galáxia existirá sob uma nova ordem que a tornará estável e feliz por eras. Hari, como pode recusar?

GOLPE

GOLPE

——— Thalus, Emmer...

Sargento das forças armadas do Setor Wye, em Trantor antigo...

... Além desses dados totalmente sem importância, nada se sabe sobre esse homem, exceto que, em determinado momento, ele teve o destino da Galáxia nas mãos.

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

87

O CAFÉ DA MANHÃ DO DIA SEGUINTE foi servido em uma alcova próxima aos quartos dos três detidos, e foi deveras requintado. Havia uma variedade considerável de comida e mais do que o suficiente de tudo.

Seldon estava sentado à mesa com uma pequena montanha de salsichas apimentadas diante de si, ignorando totalmente as sombrias previsões estomacais e digestivas feitas por Dors.

Raych disse:

– Aquela dona disse, quando veio me ver ontem de noite, que...

– Ela foi vê-lo? – perguntou Seldon.

– Foi. Disse que queria ter certeza que eu tava confortável. E que vai me levar no zoológico, quando tiver a chance.

– Zoológico? – Seldon olhou para Dors. – Que tipo de zoológico eles podem manter em Trantor? De gatos e cachorros?

– Há alguns animais nativos – disse Dors – e imagino que eles importem alguns animais de outros mundos. Há também os animais que todos os mundos têm; mais nos outros do que em Trantor, é claro. Na verdade, o Zoológico de Wye é muito famoso. Talvez seja o melhor do planeta, depois do Zoológico Imperial.

– Ela é uma coroa legal – comentou Raych.

– Não *tão* coroa assim – respondeu Dors –, mas ela certamente está nos alimentando bem.

– É verdade – admitiu Seldon.

Depois que o café da manhã terminou, Raych partiu para explorar o local.

Uma vez que Dors e Seldon tinham se retirado para o quarto de Dors, ele disse, com evidente descontentamento:

– Não sei por quanto tempo nos deixarão sozinhos. Ela obviamente planejou maneiras de ocupar o nosso tempo.

– Acho que temos pouco do que reclamar, no momento – respondeu Dors. – Estamos muito mais confortáveis aqui do que em Mycogen ou em Dahl.

– Dors, você não está sendo conquistada por essa mulher, está? – perguntou Seldon.

– Eu? Por Rashelle? É claro que não. Como pode achar isso?

– Ora, você está confortável. Está bem alimentada. Seria natural relaxar e aceitar o que o destino trouxer.

– Sim, muito natural. E por que não fazemos isso?

– Escute, ontem à noite você estava me contando sobre o que acontecerá se ela vencer. Posso não conhecer muito de história, mas estou disposto a aceitar a sua palavra e, na verdade, faz sentido até para quem não conhece muito do assunto. O Império se fragmentará e os pedaços que sobrarem vão guerrear entre si até... até... sabe-se lá quando. Ela precisa ser impedida.

– Concordo – disse Dors. – Ela precisa ser impedida. O que não consigo enxergar é como resolveremos esse pequeno detalhe. – Ela olhou para Seldon, semicerrando os olhos. – Hari, você não dormiu muito bem ontem à noite, dormiu?

– *Você* dormiu? – ele perguntou; no caso *dele*, era óbvio que não.

Dors o observou por um momento, com uma expressão preocupada encobrindo seu rosto.

– Você não conseguiu dormir e ficou pensando em destruição galáctica por causa do que eu falei? – ela perguntou.

– Por isso e por algumas outras coisas. – Então, ele sussurrou: – Será que podemos entrar em contato com Chetter Hummin?

– Tentei contatá-lo quando tivemos que fugir da polícia em Dahl. Ele não veio. Tenho certeza de que recebeu a mensagem, mas não veio. Pode ser que, por alguma dentre inúmeras razões, ele simplesmente não teve como vir até nós. Quando puder, ele virá.

– Você acha que aconteceu alguma coisa com ele?

– Não – respondeu Dors, calma. – Acho que não.

– Como pode saber?

– A notícia chegaria até mim, de alguma maneira. Estou certa disso. E não veio notícia nenhuma.

– Não estou tão confiante quanto você sobre tudo isso – confessou Seldon, franzindo as sobrancelhas. – Aliás, não estou nada confiante. Mesmo que Hummin viesse, o que ele poderia fazer neste caso? Ele não pode enfrentar *todo* o Setor Wye. Se eles têm o melhor exército de Trantor, como diz Rashelle, o que Hummin poderia fazer contra eles?

– Discutir isso não tem utilidade. Você acha que consegue

convencer Rashelle (martelar na cabeça dela de algum jeito) que você não tem a psico-história?

– Tenho certeza de que ela sabe que não tenho e que não terei por muitos anos, se é que isso acontecerá algum dia. Mas ela dirá a todos que eu *tenho* a psico-história e, se fizer isso com habilidade suficiente, as pessoas acreditarão nela e acabarão por agir de acordo com o que ela disser que são minhas previsões e anúncios... Mesmo que eu não diga uma palavra.

– Mas isso certamente leva tempo. Ela não pode construir sua fama da noite para o dia, nem em uma semana. Para fazer direito, ela talvez precise de um ano.

– Talvez, mas eu não sei. – Seldon caminhava de um lado ao outro pelo aposento, virando-se nos calcanhares quando alcançava uma das extremidades. – Haveria pressão para que ela agisse rápido. Ela não me parece ser o tipo de pessoa que cultiva o hábito da paciência. E o pai idoso, Mannix IV, estaria ainda mais impaciente. Ele deve sentir a aproximação da morte e, se trabalhou por isso a vida toda, preferiria que acontecesse uma semana antes da sua morte, e não uma semana depois. Além disso... – Seldon parou e olhou à volta.

– Além disso, o quê?

– Acho que não estamos sendo vigiados. Acontece que eu decifrei o problema da psico-história.

– Você conseguiu! – os olhos de Dors se arregalaram. – Você conseguiu resolver!

– Não resolver completamente. Isso talvez leve décadas... ou séculos. Mas agora sei que ela é praticável, não mais apenas teoria. Sei que ela pode ser resolvida e preciso de tempo, de paz e de instalações para trabalhar nela. O Império precisa ser mantido inteiro até que eu aprenda (ou possivelmente que meus sucessores aprendam) a melhor maneira de mantê-lo assim ou como minimizar o desastre, caso ele se fragmente apesar de nossos esforços. Foi a noção de ter um ponto de partida para o meu objetivo, e não a incapacidade de trabalhar nele, que me manteve acordado durante toda a noite.

88

Na manhã do quinto dia dos três em Wye, Dors estava ajudando

Raych a vestir uma roupa formal com a qual nenhum não estavam familiarizados.

Com sentimentos conflitantes, Raych olhou para si mesmo no holoespelho e viu uma imagem refletida que o encarava com exatidão, imitando todos os seus gestos, sem nenhuma inversão de esquerda e direita. Raych nunca tinha usado um holoespelho antes e não conseguiu resistir à tentação de tentar tocá-lo, para depois rir, quase constrangido, quando sua mão passou através da imagem, enquanto a mão da imagem tentou cutucá-lo, sem sucesso.

– Eu tô estranho – ele disse, enfim.

Ele observou a túnica que vestia, feita de um material muito flexível e com um cinto filigranado, então passou as mãos em uma gola rígida que subia como um cone até passar de suas orelhas.

– Minha cabeça parece uma bola numa tigela.

– Mas é esse tipo de coisa que as crianças ricas usam aqui em Wye. Todo mundo vai admirá-lo e invejá-lo.

– Com meu cabelo todo achatado?

– Claro. Você vai usar esse chapéu redondo.

– Vai fazer minha cabeça parecer mais ainda c'uma bola.

– Então não deixe ninguém chutá-la. Agora, lembre-se do que falei. Preste atenção no que acontecer e não se comporte como uma criança.

– Mas eu *sou* uma criança – ele disse, observando Dors com os olhos imensos de uma expressão inocente.

– Me surpreende ouvir você dizer isso – respondeu Dors. – Tenho certeza de que você se considera um adulto de doze anos.

Raych abriu um sorriso malandro.

– Certo. Vou ser um espião legal.

– Não é isso que estou pedindo. Não se arrisque. Não se esconda atrás de portas para escutar conversas. Se você for pego, não será bom para ninguém. Especialmente para você.

– Ah, deixa disso, moça, o que cê acha que eu sou? Uma criança?

– Você acabou de dizer que é, não disse, Raych? Basta ouvir tudo o que for dito sem parecer que está ouvindo. Memorize o que escutar e depois conte para nós. É bem simples.

– Bem simples pro cê pedir, senhorita Venabili, bem simples pra eu fazer – disse Raych, com o mesmo sorriso malandro.

– E tome cuidado.

– Pode apostar – Raych deu uma piscadela.

Um criado (tão friamente mal-educado como só um criado arrogante conseguia ser) veio para levar Raych até o local onde Rashelle o esperava.

– Ele provavelmente não verá o zoológico – disse Seldon, pensativo, enquanto observava os dois se afastarem –, pois estará muito concentrado em ouvir. Não sei se é correto envolver o menino em um perigo como esse.

– Perigo? Eu duvido. Raych foi criado na pobreza de Billibotton, lembra-se? Acho que ele é mais malandro para essas coisas do que eu e você juntos. Além disso, Rashelle gosta dele e verá tudo o que ele fizer como algo positivo. Mulher infeliz...

– Você se solidariza com ela, Dors?

– Você quer dizer que ela não merece solidariedade porque é a filha de um prefeito e se autointitula prefeita e porque quer destruir o Império? Talvez você esteja certo. Mas, mesmo assim, é possível sentir um pouco de compaixão por alguns aspectos da vida dela. Por exemplo, ela teve um amor que lhe trouxe infelicidade. Isso é bem óbvio. Sem dúvida, Rashelle já teve o coração partido, e ficou assim por algum tempo, pelo menos.

– Você já teve um amor que lhe trouxe infelicidade, Dors? – perguntou Seldon.

Dors pensou por um ou dois instantes.

– Na verdade, não – ela respondeu. – Estou envolvida demais com meu trabalho para ter meu coração partido.

– Foi o que pensei.

– Então por que perguntou?

– Eu poderia estar errado.

– E você?

Seldon pareceu desconfortável.

– Sim, é fato – ele respondeu. – Já tive tempo livre para ter meu coração partido. Ou, pelo menos, seriamente rachado.

– Foi o que pensei.

– Então por que *você* perguntou?

– Não por achar que eu poderia estar errada, eu garanto. Só queria ver se você mentiria. Não mentiu, e estou contente.

Houve uma pausa.

– Cinco dias se passaram e nada aconteceu – disse Seldon.

– Exceto que estamos sendo bem tratados, Hari.

– Se os animais pudessem pensar, eles achariam que estavam sendo bem tratados quando estivessem em engorda para o abatedouro.

– Devo admitir que ela está de fato engordando o Império para o abate.

– Mas quando?

– Quando ela estiver pronta, imagino.

– Rashelle se gabou de que poderia executar o golpe de Estado em apenas um dia – lembrou Seldon – e a impressão que tive foi que ela poderia fazer isso em *qualquer* dia.

– Mesmo que pudesse, iria querer garantias de que poderia incapacitar a reação imperial, e isso levaria tempo.

– Quanto tempo? Ela planeja usar *a mim* para neutralizar a reação, mas não está fazendo nenhum esforço para isso. Não há nenhum sinal de que esteja tentando aumentar minha importância. Não sou reconhecido em nenhum lugar de Wye. Não há nenhuma multidão wyana se juntando para me ovacionar. Não há nada nas holotransmissões de notícias.

– É quase como se você estivesse magoado por não estar ficando famoso – sorriu Dors. – Você é ingênuo, Hari. Ou não é um historiador, o que, no caso, dá na mesma. Acho que você deveria ficar mais contente pelo fato de o estudo da psico-história poder transformá-lo em um historiador do que por salvar o Império. Se todos os seres humanos entendessem de história, talvez parassem de repetir os mesmos erros estúpidos, um atrás do outro.

– De que forma eu sou ingênuo? – perguntou Seldon, erguendo a cabeça e encarando Dors com o nariz em pé.

– Não fique ofendido, Hari. Na verdade, acho que essa é uma de suas características mais atraentes.

– Eu sei. Isso provoca seus instintos maternais e você foi *encarregada* de cuidar de mim. Mas de que forma eu sou ingênuo?

– Ao pensar que Rashelle tentaria apresentar você como um profeta para a população geral do Império. Ela não conseguiria nada dessa maneira. É muito difícil convencer rapidamente quatrilhões de pessoas. Existe inércia social e psicológica, e não só inércia física. Ao falar sobre isso abertamente, tudo o que ela conseguiria é alertar Demerzel.

– Então o que ela está fazendo?

– Meu palpite é que essa informação sobre você, propriamente

exagerada e glorificada, está sendo revelada para poucas pessoas, em posições cruciais. Para governadores de setores, para almirantes de frotas, para pessoas de influência que ela considera aliadas ou que, pelo menos, sejam contra o Imperador. Uma centena dessas pessoas que se junte a ela poderá confundir os legalistas por tempo suficiente para que Rashelle I estabeleça sua nova ordem com a firmeza necessária para eliminar qualquer resistência que venha a surgir. Pelo menos, imagino que seja esse o raciocínio.

– E ainda não tivemos notícias de Hummin.

– Tenho certeza de que está fazendo alguma coisa sobre isso. É importante demais para ele ignorar.

– Já lhe ocorreu que Hummin pode estar morto?

– É uma possibilidade, mas eu duvido. Se ele tivesse morrido, a notícia chegaria até mim.

– Aqui?

– Até mesmo aqui.

Seldon ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

Raych voltou no final da tarde, feliz e empolgado, com descrições de macacos e demórios bacarianos. Ele dominou a conversa durante o jantar.

Somente depois do jantar, quando estavam nos aposentos reservados para eles, Dors disse:

– Agora me diga o que aconteceu com a Madame Prefeita, Raych. Conte qualquer coisa que ela tenha feito ou dito que você acha que nós devemos saber.

– Uma coisa – respondeu Raych, seu rosto iluminando-se. – Aposto que foi por isso que ela num apareceu pra jantar.

– O que foi?

– O zoológico tava fechado, mas não pra gente, sabe? Tinha muitos de nós; eu, Rashelle e um monte de caras de uniforme e moças com roupas metidas e tudo mais. Então chegou esse cara de uniforme... um cara diferente, que apareceu só naquela hora, que veio no fim e falou alguma coisa baixinho pra Rashelle, e ela virou e fez com a mão que todo mundo devia ficar parado e todo mundo ficou. Aí ela foi um pouco na frente com esse cara novo, pra conversar com ele sem que ninguém ouvisse. Mas eu continuei sem dar bola e fiquei olhando pras jaulas diferentes e meio que cheguei perto de Rashelle pra ouvir. Ela disse "como eles ousam?" e tava bem brava. E o cara de uniforme, ele

tava nervoso; eu só olhei rapidinho porque eu tava tentando fazer que olhava os animais, então fiquei mais é ouvindo. Ele disse que alguém... eu num lembro o nome, mas era um general ou coisa assim. Ele disse que esse general disse que os oficiais tinham jurado amizade pro pai da Rashelle...

– Jurado lealdade – interveio Dors.

– Alguma coisa assim, e que eles tavam nervosos de ter que fazer o que uma dona mandou. Ele disse que eles queriam o velhote ou que, se ele tivesse meio doente, que ele tinha que escolher algum cara pra ser prefeito, não uma dona.

– *Não* uma dona? Tem certeza?

– Foi o que ele disse. Ele meio que sussurrou. Ele tava tão nervoso e Rashelle tava tão brava que ele quase não conseguia falar. Ela disse: "Vou acabar com ele. Todos eles vão jurar lealdade a mim amanhã e quem se recusar terá motivo para se arrepender antes mesmo de passar a hora". Foi bem isso que ela disse. Rashelle separou o grupo e todos nós voltamos e ela não disse nem uma palavra pra mim na volta. Ficou sentada lá, com cara raivosa e malvada.

– Ótimo – disse Dors. – Não conte isso para ninguém, Raych.

– Claro que não. Era isso que cê queria?

– Sim, era o que eu queria. Você fez bem, Raych. Agora vá para seu quarto e esqueça tudo isso. Não pense mais no assunto.

Depois que ele foi embora, Dors virou-se para Seldon e disse:

– Isso é muito interessante. Filhas já sucederam pais (e mães também) e assumiram prefeituras e outros cargos altos, em diversas ocasiões. Houve até imperatrizes no trono, como você com certeza sabe, e não consigo pensar em nenhuma ocasião na história imperial em que servir uma mulher tenha sido um problema. É de se estranhar que uma coisa desse tipo tenha surgido agora, em Wye.

– E por que não? – perguntou Seldon. – Estivemos recentemente em Mycogen, onde mulheres são tratadas sem a mínima estima e não poderiam assumir nenhuma posição de poder, por menor que fosse.

– Sim, claro, mas é uma exceção. Existem outros lugares nos quais as mulheres dominam. Mas, na maior parte, o governo e o poder político têm sido mais ou menos igualitários. Se existe uma tendência de homens ocuparem cargos altos, é geralmente porque as mulheres tendem a ser mais inclinadas à maternidade, por uma questão biológica.

– Mas qual é a situação em Wye?

– Igualitária, até onde eu sei. Rashelle não hesitou ao assumir o poder da prefeitura e imagino que o velho Mannix não tenha hesitado em lhe ceder o poder. E ela ficou surpresa e furiosa ao encontrar dissidência masculina. Creio que Rashelle não esperava por isso.

– Você está obviamente feliz com tudo isso – comentou Seldon. – Por quê?

– Simples. Isso me parece tão incomum que deve ter sido algo arquitetado, e imagino que Hummin seja o arquiteto.

– Você acha? – perguntou Seldon, pensativo.

– Sim, eu acho – disse Dors.

– Sabe, eu também acho – respondeu Seldon.

89

Era o décimo dia em Wye e, de manhã, o sinalizador de visitante de Hari Seldon soou e a voz aguda de Raych gritou:

– Amo! Amo Seldon! É guerra!

Seldon precisou de um momento para acordar e saiu desajeitadamente da cama. Tremia sutilmente (os wyanos gostavam de suas casas um pouco mais frias, ele descobrira logo no começo de sua estadia) quando abriu a porta.

Raych pulou para dentro do quarto, empolgado e de olhos arregalados.

– Amo Seldon, eles pegaram Mannix, o velho prefeito! Eles vieram...

– *Quem* pegou, Raych?

– Os imperiais. Os jatos apareceram ontem de noite, por toda parte. As holotransmissões de notícias só falam nisso. Tá passando no quarto da senhorita. Ela disse pra eu deixar cê dormir, mas achei que cê ia querer saber.

– E você estava certo.

Seldon, depois de um momento para vestir um roupão, entrou abruptamente no quarto de Dors. Ela estava totalmente vestida e assistia ao holovisualizador na alcova.

Atrás da imagem nítida e diminuta de uma escrivaninha estava um homem, com o símbolo Espaçonave-e-Sol destacado na parte esquerda

de sua roupa. Havia dois soldados, um de cada lado. Eles também tinham o símbolo Espaçonave-e-Sol e estavam armados. O oficial que estava sentado dizia:

– ...está sob o controle pacífico de Sua Majestade Imperial. O prefeito Mannix está bem, em segurança e em posse completa de seus poderes políticos, sob a tutela de tropas imperiais amigáveis. Em breve, ele fará um pronunciamento para pedir calma a todos os wyanos e para pedir que qualquer soldado wyano que ainda esteja em combate entregue suas armas.

Havia outras holotransmissões de noticiário com diversos apresentadores e vozes sem emoção, todos com braçadeiras imperiais. A notícia era sempre a mesma: essa ou aquela unidade das forças de defesa wyanas havia se rendido depois de alguns tiros simbólicos ou, às vezes, sem resistência nenhuma. O centro desta ou daquela cidade tinha sido ocupado. As imagens eram de situações quase idênticas em que multidões wyanas observavam solenemente as forças imperiais que marchavam pelas ruas.

– Foi tudo executado com perfeição, Hari – disse Dors. – A surpresa foi completa. Não houve nenhuma chance de resistência e nenhuma reação teve relevância.

Em seguida, o prefeito Mannix IV apareceu, conforme prometido. Ele estava com a postura ereta e, talvez para manter as aparências, não havia nenhum imperial na cena, apesar de Seldon ter quase certeza de que muitos deles deviam estar presentes, fora do alcance da câmera.

Mannix estava velho, mas sua força, apesar de sua idade, ainda era aparente. Seus olhos não encaravam a holocâmera e as palavras eram ditas como se ele fosse forçado a dizê-las, mas, como havia sido prometido, seu discurso aconselhou os wyanos a permanecerem calmos, a não oferecerem resistência, a evitarem que Wye fosse prejudicado, a cooperarem com Cleon I que, esperava-se, teria uma vida longa no trono.

– Nenhuma menção a Rashelle – disse Seldon. – É como se a filha não existisse.

– Ninguém a mencionou – respondeu Dors – e esse lugar, que é, afinal, a casa dela (ou uma das casas, pelo menos), não foi atacado. Mesmo que ela consiga escapar e se refugiar em algum setor vizinho, duvido que estará em segurança em qualquer lugar de Trantor.

– Talvez não – alguém disse –, mas ficarei segura aqui por algum tempo.

Rashelle entrou. Estava propriamente vestida, calma. Até sorria; mas não era um sorriso positivo. Em vez disso, era uma exibição fria de dentes.

Por um momento, os três a observaram com surpresa. Seldon imaginou se ela ainda teria algum de seus servos ou se eles a haviam abandonado ao primeiro sinal de dificuldades.

– Vejo, Madame – disse Dors, com tom frio –, que seus anseios por um golpe de Estado não se sustentaram. Aparentemente, alguém se antecipou à senhora.

– Ninguém se antecipou a mim. Eu fui traída. Meus oficiais foram corrompidos e, contra toda a história e racionalidade, se recusaram a lutar por uma mulher e declararam que só obedeceriam a seu antigo mestre. E, traidores que são, permitiram que o antigo mestre fosse capturado para que ele não pudesse liderá-los em uma força de resistência. – Ela olhou à volta, à procura de uma cadeira, e se sentou. – E agora o Império continuará sua decadência e morrerá. Eu estava preparada para oferecer-lhe vida nova.

– Creio que o Império tenha evitado um período indefinido de batalhas e destruição desnecessárias – disse Dors. – Considere isso um prêmio.

Foi como se Rashelle não a tivesse escutado.

– Tantos anos de preparação – ela lamentou –, destruídos em uma única noite. – Rashelle ficou ali, vencida, derrotada, e parecia vinte anos mais velha.

– Era impossível fazer isso em apenas uma noite – respondeu Dors. – O suborno de seus oficiais, se foi isso mesmo que aconteceu, deve ter demorado algum tempo.

– No que diz respeito a isso – disse Rashelle –, Demerzel é um mestre e eu obviamente o subestimei. Mas como fez isso, eu não sei. Ameaças, subornos, discursos convincentes e ilusórios. Ele é um mestre na arte da furtividade e da traição. Eu devia ter imaginado. – Depois de uma longa pausa, ela continuou: – Se tivesse sido uma ofensiva aberta, eu não teria tido nenhuma dificuldade para destruir o que ele lançasse contra nós. Quem poderia imaginar que Wye seria traído, que um juramento de lealdade seria descartado de maneira tão leviana?

– Mas imagino que o juramento tenha sido feito para o seu pai, e não para você – disse Seldon, com racionalidade automática.

– Bobagem! – respondeu Rashelle, com vigor. – Quando meu pai me cedeu o cargo de prefeita, o que estava em seu direito fazer, transferiu automaticamente para mim todos os juramentos de lealdade que tenham sido feitos para ele. Existem inúmeros precedentes para isso. É costume realizar uma cerimônia em que o juramento é repetido para o novo governante, mas é apenas uma formalidade, e não um requerimento da lei. Meus oficiais sabem disso, apesar de terem optado por ignorar. Eles usaram meu gênero como uma desculpa porque tremem de medo da vingança imperial, que nunca viria, se eles tivessem sido firmes; ou tremem de ganância pelas recompensas prometidas, que certamente nunca vão receber, se bem conheço Demerzel. – Ela se virou bruscamente na direção de Seldon. – Ele quer você, sabia? Demerzel nos atacou porque quer você.

– Por que eu? – perguntou Seldon, surpreso.

– Não seja tolo. Pelos mesmos motivos que eu queria você... Para usá-lo como uma ferramenta, é claro. – Ela suspirou. – Pelo menos, não fui totalmente traída. Ainda posso contar com alguns soldados leais. Sargento!

O sargento Emmer Thalus entrou com passos suaves e cautelosos, que não pareciam condizer com seu porte. Seu uniforme estava impecável e seu longo bigode loiro estava penteado para formar curvas nas pontas.

– Madame Prefeita – ele saudou, tornando-se de imediato o centro das atenções.

Sua aparência dizia que ele ainda era o subalterno impressionante que Hari tinha apontado – um homem que seguia ordens cegamente, alheio por completo à nova situação e a todas as mudanças ocorridas.

Rashelle abriu um sorriso triste para Raych.

– E você, como está, pequeno Raych? – ela perguntou. – Eu tinha intenção de transformá-lo em alguém. Parece que, agora, isso será impossível.

– Olá, dona... Quer dizer, Madame – disse Raych, desconcertado.

– E tinha intenção de transformar *você* em alguém, dr. Seldon – continuou Rashelle –, e esse é outro motivo pelo qual preciso implorar por perdão. Será impossível.

– Quanto a mim, Madame, a senhora não precisa ter

arrependimentos.

– Mas eu tenho. Não posso simplesmente deixar que Demerzel o leve. Isso seria uma vitória grande demais para ele, e pelo menos isso eu posso impedir.

– Eu não trabalharia para ele, garanto. Assim como não teria trabalhado para a senhora.

– Não é uma questão de trabalho. É uma questão de ser usado como ferramenta. Adeus, dr. Seldon. Sargento, desintegre-o.

Sargento Thalus sacou o desintegrador no mesmo instante e Dors, com um grito intenso, avançou, mas Seldon esticou-se e a segurou pelo cotovelo. Tentou contê-la desesperadamente.

– Para trás, Dors – ele gritou –, ou ele a matará. Mas ele não matará a mim. Você também, Raych. Para trás. Não se mexam. – Seldon encarou o sargento. – Você hesita, Thalus, porque sabe que não deve atirar. Eu poderia tê-lo matado há dez dias, mas não o fiz. E você me deu sua palavra de honra, naquele momento, de que me protegeria.

– O que você está esperando? – vociferou Rashelle. – Eu ordenei que o mate, sargento.

Seldon não disse mais nada. Ficou imóvel enquanto o sargento, com olhos arregalados, segurava o desintegrador com firmeza, apontado para sua cabeça.

– Você recebeu a sua ordem! – gritou Rashelle.

– Você me deu sua palavra – disse Seldon, calmamente.

– Desonra, não importa o que eu faça – disse o sargento, engasgado. Sua mão pendeu e o desintegrador foi ao chão.

– Você também me traiu! – rosnou Rashelle.

Antes que Seldon pudesse se mover ou que Dors se libertasse dele, Rashelle pegou o desintegrador, apontou para Thalus e ativou o contato.

Seldon nunca tinha visto alguém ser atingido por um desintegrador. Por algum motivo, talvez por causa do nome da arma, ele esperava por um barulho alto, uma explosão de carne e sangue. Mas o desintegrador – o desintegrador wyano, pelo menos – não fez nada disso. Seldon não tinha como avaliar a destruição que a arma causou nos órgãos do Sargento, mas, sem nenhuma mudança de expressão, sem nenhum estremecimento de dor, o Sargento desfaleceu e caiu, sem dúvida alguma, morto.

E Rashelle apontou o desintegrador na direção de Seldon com uma

convicção que acabou com qualquer esperança de que ele estaria vivo dali a um segundo.

Foi Raych quem agiu no momento em que o sargento caiu. Colocando-se entre Seldon e Rashelle, ele agitou as mãos freneticamente.

– Dona, dona – ele berrou –, não atire!

Por um instante, Rashelle pareceu confusa.

– Saia do caminho, Raych – ela disse –, não quero machucar você.

Aquele momento de hesitação foi tudo de que Dors precisou. Soltando-se violentamente de Seldon, ela se jogou na direção de Rashelle com um mergulho baixo. Rashelle gritou conforme caiu e o desintegrador foi ao chão mais uma vez.

Raych o pegou.

– Raych, passe isso pra mim – disse Seldon, exasperado.

Mas Raych se afastou.

– Cê não vai matar ela, vai, amo Seldon? – ele perguntou. – Ela foi legal comigo.

– Eu não matarei ninguém, Raych – respondeu Seldon. – Ela matou o sargento e teria me matado, mas preferiu não atirar por causa do risco de machucar você. Por isso, vamos deixá-la viver.

Agora era Seldon que se sentava, segurando o desintegrador sem intenção de usá-lo, enquanto Dors tirava o chicote neurônico do outro coldre do sargento morto.

– Eu cuido dela a partir de agora, Seldon – disse uma nova voz.

– Hummin! Finalmente! – disse Seldon, com súbita alegria, ao vê-lo.

– Peço desculpas por ter demorado tanto, Seldon. Eu tinha muito que fazer. Como você está, dra. Venabili? Imagino que essa seja a filha de Mannix, Rashelle. Mas quem é o garoto?

– Raych é um jovem dahlita, nosso amigo – informou Seldon.

Soldados entraram no aposento e, depois de um pequeno gesto de Hummin, seguraram os braços de Rashelle de maneira respeitosa.

Dors, que não precisava mais continuar tão vigilante por causa da outra mulher, limpou as próprias roupas com as mãos e esticou a blusa. Seldon percebeu subitamente que ainda estava de roupão.

Rashelle, agitando-se para se livrar dos soldados com uma expressão de desprezo, apontou para Hummin.

– E, para você, quem é esse? – ela perguntou a Seldon.

– É Chetter Hummin – respondeu Seldon –, meu amigo e protetor neste planeta.

– Seu *protetor*? – Rashelle riu com selvageria. – Seu tolo! Seu idiota! Esse homem é Demerzel e, se você olhar para o rosto de Dors Venabili, verá que ela tem perfeita consciência disso. Você foi manipulado esse tempo todo, muito mais do que o período em que esteve comigo!

90

Naquele dia, Hummin e Seldon almoçaram juntos, sem ninguém por perto, com uma cortina de silêncio entre os dois durante a maior parte da refeição. Foi no final que Seldon ficou inquieto e, com um tom animado, disse:

– E então, como devo me referir a você? Ainda penso em você como “Chetter Hummin”, mas, mesmo que aceite sua outra personalidade, com certeza não conseguirei chamá-lo de “Eto Demerzel”. Seu cargo deve ter algum título e não sei qual é o termo apropriado. Instrua-me.

– Se você não se importar – respondeu o outro, com seriedade –, pode me chamar de “Hummin”. Ou “Chetter”. Sim, eu sou Eto Demerzel, mas, em respeito a você, eu sou Hummin. Na verdade, não há distinção entre os dois. Eu contei a você que o Império está ruindo, em decadência. Creio que essa é a verdade, nos dois papéis. Eu contei a você que quero a psico-história como uma forma de prevenir esse fracasso e essa decadência ou como uma forma de trazer renovação e revigoramento, caso o fracasso e a decadência sejam inevitáveis. Acredito nisso nos dois papéis também.

– Mas eu estive ao seu alcance. Imagino que você espreitava nas proximidades quando fui ao meu encontro com Sua Majestade Imperial.

– Com Cleon? Sim, é claro.

– E poderia ter conversado comigo naquela ocasião, exatamente da mesma maneira que fez mais tarde, como Hummin.

– E teria conseguido o quê? Como Demerzel, tenho deveres imensos. Preciso lidar com Cleon, um governante bem-intencionado, mas não muito competente. Dentro do possível, devo impedi-lo de cometer erros. Preciso também fazer a minha parte pelo governo de

Trantor e pelo Império. E, como pode ver, precisei dedicar muito tempo para impedir que Wye agisse de forma prejudicial.

– Sim, eu sei – murmurou Seldon.

– Não foi fácil e eu quase não consegui. Passei anos enfrentando Mannix com muita cautela, aprendendo a maneira como ele pensa e planejando contra-ataques para todas as suas estratégias. Em nenhum momento imaginei que ele cederia, em vida, seus poderes à filha. Eu não tinha estudado Rashelle e não estava preparado para a completa falta de cuidado que ela demonstrou. Diferentemente do pai, ela cresceu considerando o poder uma prerrogativa e não tinha noções claras de suas limitações. Dessa maneira, ela chegou até você e me forçou a agir antes que eu estivesse pronto.

– O resultado disso foi que você quase me perdeu. Por duas vezes estive sob a mira de um desintegrador.

– Eu sei – disse Hummin, concordando com a cabeça. – E podíamos tê-lo perdido também na Superfície Exterior. Outro acidente que não pude prever.

– Mas você não respondeu à minha pergunta. Por que me fez correr por toda a extensão de Trantor para escapar de Demerzel, se *você mesmo* é Demerzel?

– Você disse a Cleon que a psico-história era um conceito puramente teórico, uma espécie de jogo matemático que não tinha nenhum sentido prático. Talvez fosse mesmo, mas, se eu tivesse abordado você em caráter oficial, com certeza você teria apenas insistido nisso. Ainda assim, fiquei interessado pelo conceito da psico-história. Imaginei que talvez não fosse apenas um jogo de cálculos. Você precisa entender que eu não queria simplesmente usar você. Eu *quero* uma psico-história real e praticável. Por isso eu o fiz correr por toda a extensão de Trantor, como você mesmo diz, com o temível Demerzel à espreita o tempo todo. Senti que isso faria sua mente se concentrar de maneira poderosa. Faria a psico-história ser algo estimulante, muito mais do que um jogo matemático. Você tentaria desvendá-la por Hummin, o sincero idealista, o que não teria feito por Demerzel, o lacaio imperial. Além disso, você teria um vislumbre dos vários aspectos de Trantor e isso também seria útil... certamente mais útil do que viver em uma torre de marfim em um planeta distante, cercado apenas por colegas matemáticos. Eu tinha razão? Você fez algum progresso?

– Na psico-história? – perguntou Seldon. – Sim, Hummin, fiz progressos. Achei que você já soubesse.

– Como eu saberia?

– Eu contei a Dors.

– Mas não contou a mim. De qualquer maneira, conte-me agora. Isso é uma boa notícia.

– Não totalmente – disse Seldon. – Consegui apenas um vago ponto de partida. Mas é um ponto de partida.

– É o tipo de ponto de partida que pode ser explicado a alguém que não é matemático?

– Acho que sim. Acontece que, desde o começo, eu enxergava a psico-história como uma ciência que dependia da interação entre vinte e cinco milhões de mundos, cada qual com população média de quatro bilhões de pessoas. É um número impossível. Não há nenhum jeito de lidar com algo dessa complexidade. Se eu quisesse chegar a algum resultado, se houvesse algum caminho para descobrir uma psico-história útil, eu precisaria, antes de qualquer coisa, encontrar um sistema mais simples. Por isso, pensei em voltar no tempo e lidar com um único planeta, um mundo que tivesse sido o único ocupado pela humanidade na nebulosa era da pré-colonização galáctica. Em Mycogen, os habitantes falaram sobre um mundo original chamado Aurora e, em Dahl, ouvi histórias sobre um mundo original chamado Terra. Achei que poderia se tratar do mesmo mundo com nomes distintos, mas esses conceitos eram suficientemente diferentes em pelo menos um aspecto essencial que tornava o sistema impossível. E, mesmo assim, não importava. Havia tão pouca informação sobre cada um, e esse pouco era tão deturpado por mitos e lendas, que não havia nenhuma esperança de usar a psico-história com eles.

Seldon parou para beber seu suco gelado, mantendo os olhos firmes no rosto de Hummin.

– E então? O que aconteceu? – disse Hummin.

– Nesse meio-tempo, Dors tinha me contado um caso que chamo de “o caso da mão na coxa”. Por si só, era algo sem importância nenhuma, apenas uma história bem-humorada e totalmente trivial. Mas o resultado disso foi que Dors mencionou os diferentes costumes relacionados a sexo em vários mundos e em vários setores de Trantor. Ocorreu-me que ela havia se referido aos diversos setores trantorianos como se fossem mundos separados. Pensei a esmo que não eram

apenas vinte e cinco milhões de mundos diferentes para lidar, mas sim vinte e cinco milhões de mundos diferentes mais oitocentos. Parecia uma diferença banal, portanto me esqueci disso e não pensei mais no assunto. Entretanto, conforme viajei do Setor Imperial até Streeling, depois a Mycogen, a Dahl e a Wye, pude observar por conta própria como os setores são diferentes entre si. A noção de Trantor como um complexo de mundos, e não como um único mundo, ficou mais forte, mas eu ainda não enxergava a questão crucial. Somente quando escutei Rashelle... no final das contas, foi bom eu ter sido capturado por Wye e foi bom que a impulsividade de Rashelle tenha feito com que ela concebesse as maquinações grandiosas que contou a mim. Quando escutei Rashelle, ela disse que tudo o que queria era Trantor e alguns mundos nas imediações; aquilo era um Império por si só, segundo ela, descartando os Mundos Exteriores como "um nada longínquo". Foi naquele momento que, em um piscar de olhos, enxerguei o que deveria estar escondido entre meus pensamentos havia algum tempo. Por um lado, por ser um mundo de população gigantesca, composto por oitocentos pequenos mundos, Trantor tinha um sistema social extraordinariamente complexo. Era complexo o suficiente para fazer a psico-história ser significativa e, mesmo assim, era simples o bastante, em comparação ao Império como um todo, para talvez permitir que a psico-história fosse praticável. E os Mundos Exteriores, todos os vinte e cinco milhões? São o "nada longínquo". É claro que eles têm efeito em Trantor e são afetados por Trantor, mas são efeitos secundários. Se eu puder fazer a psico-história funcionar como uma primeira aproximação, apenas para Trantor, os efeitos secundários dos Mundos Exteriores poderiam ser acrescentados como modificações posteriores. Entende o que quero dizer? Eu estava em busca de um único mundo para estabelecer uma versão praticável da ciência da psico-história e o procurava no passado, quando, o tempo todo, o mundo único que eu queria estava bem debaixo dos meus pés, no presente.

– Incrível! – exclamou Hummin, com alívio e satisfação evidentes.

– Mas tudo ainda precisa ser feito, Hummin. Preciso estudar Trantor detalhadamente. Preciso elaborar os cálculos necessários para lidar com o planeta. Se eu tiver sorte e viver uma vida longa, talvez encontre as respostas antes de morrer. Se não for o caso, meus sucessores precisarão assumir o meu trabalho. É possível que o

Império tenha ruído e se fragmentado antes que a psico-história se torne uma técnica útil.

– Farei tudo o que puder para ajudá-lo.

– Eu sei – respondeu Seldon.

– Então você confia em mim, apesar de eu ser Demerzel?

– Completamente. Mas apenas porque você *não é* Demerzel.

– Mas eu sou – insistiu Hummin.

– Não, não é. Sua *persona* no papel de Demerzel é tão distante da verdade quanto sua *persona* no papel de Hummin.

– O que quer dizer? – Hummin arregalou os olhos e se distanciou sutilmente de Seldon.

– Quero dizer que você provavelmente escolheu o nome "Hummin" por causa de uma sensação deturpada do que seria adequado. "Hummin" é uma variação de "humano", não é?

Hummin não respondeu. Ele continuou a encarar Seldon.

– Por que você não é humano, não é mesmo, "Hummin/Demerzel"? – disse Seldon, finalmente. – Você é um robô.

——— Seldon, Hari...

É frequente relacionar Hari Seldon apenas com a psico-história, e tratá-lo somente como um matemático, como a personificação de mudanças sociais. Não há dúvida de que ele mesmo encorajou tal raciocínio, pois não ofereceu explicações ou sugestões de como decifrou os inúmeros problemas da psico-história em nenhum trecho de seus ensaios. Segundo o que nos diz, seus grandes saltos de raciocínio aconteceram sem motivações externas; Seldon tampouco menciona os becos sem saída com os quais deparou ou as linhas de raciocínio equivocadas que talvez tenha seguido.

... Informações sobre sua vida privada são uma página em branco. No que diz respeito a pais e irmãos, conhecemos somente alguns poucos dados. Sabe-se que seu único filho, Raych Seldon, era adotivo, mas como isso ocorreu é um mistério. No que diz respeito a sua esposa, sabemos apenas que ela existiu. É evidente que Seldon queria ser uma incógnita, exceto quando o assunto era psico-história. É como se ele acreditasse – ou quisesse que os outros acreditassem – que era apenas um psico-historiador, e nada mais.

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

91

Hummin permaneceu sentado, calmo, sem mexer um músculo, ainda encarando Hari Seldon, que, por sua vez, esperou. Era Hummin, pensou Seldon, que deveria falar a seguir.

– Um robô? Eu? – foi o que Hummin, enfim, disse. – Imagino que você se refira a "robô" como um ser artificial como aquele que você viu no Sacratório de Mycogen.

– Não exatamente como aquele – respondeu Seldon.

– Não feito de metal? Não lustroso? Não um simulacro sem vida? – perguntou Hummin, sem nenhum traço de humor.

– Não. Uma vida artificial não precisa necessariamente ser feita de metal. Estou falando de um robô cuja aparência é indistinguível de um ser humano.

– Se é indistinguível, Hari, como você pode distinguir?

– Não pela *aparência*.

– Explique.

– Como lhe contei, Hummin, durante a minha fuga de você no papel de Demerzel, ouvi falar sobre dois mundos antigos, Aurora e Terra. Cada um deles era referido como o primeiro mundo ou o único mundo. Em ambos os casos, robôs foram mencionados, mas com uma diferença.

Pensativo, Seldon encarou o homem à sua frente, imaginando se ele daria algum tipo de sinal de que era menos humano – ou mais do que humano. Ele continuou:

– Quando o assunto era Aurora, um robô era citado como um renegado, um traidor, alguém que tinha traído a causa. Quando o assunto era a Terra, um robô era citado como um herói, alguém que representava a salvação. Seria demais supor que se tratava do mesmo robô?

– E se tratava? – murmurou Hummin.

– O que pensei, Hummin, foi o seguinte. Terra e Aurora eram dois mundos distintos que coexistiram. Não sei qual precedeu qual.

Segundo a arrogância e o senso de superioridade consciente dos mycogenianos, eu poderia supor que Aurora era o mundo original e que eles desprezavam os terráqueos, seus derivados ou degenerados. Por outro lado, mãe Rittah, que me contou sobre a Terra, estava convencida de que era o lar original da humanidade. Certamente, a existência restrita e isolada dos mycogenianos em uma Galáxia de quatrilhões de pessoas que não compartilham do inusitado etos mycogeniano pode significar que a Terra era, de fato, a origem, e Aurora, a ramificação aberrante. Não posso ter certeza, mas exponho meu raciocínio para que você entenda minha conclusão.

– Estou acompanhando – Hummin concordou com a cabeça. – Por favor, continue.

– Esses mundos eram inimigos. Mãe Rittah fez questão de me dizer isso. Quando comparei os mycogenianos, que pareciam corporificar Aurora, e os dahlitas, que pareciam corporificar a Terra, imaginei que Aurora, independentemente de ter sido o primeiro ou o segundo, era o mais avançado, aquele que poderia criar robôs mais elaborados, até mesmo indistinguíveis dos seres humanos em aparência. Portanto, tal robô foi concebido e fabricado em Aurora. Mas ele era um renegado; desertou Aurora. Para os terráqueos, ele era um herói, portanto deve ter se juntado à Terra. Por que ele fez isso, quais teriam sido os motivos em sua mente, eu não sei.

– Você com certeza quer dizer "os motivos em seus circuitos" – disse Hummin.

– Talvez – respondeu Seldon –, mas, com você sentado à minha frente, tenho dificuldades de considerar o robô um objeto inanimado. Mãe Rittah estava convencida de que o robô herói (o robô herói *dela*) ainda existe e que voltaria quando fosse necessário. Parece-me que não há nada de impossível na ideia de um robô imortal, ou, pelo menos, um robô que é imortal enquanto a reposição de peças gastas não fosse interrompida.

– Até mesmo o cérebro? – perguntou Hummin.

– Até mesmo o cérebro. Na verdade, não sei nada sobre robôs, mas imagino que um novo cérebro possa usar os registros do cérebro antigo. Além disso, mãe Rittah sugeriu poderes mentais incomuns. Pensei: deve ser isso. Posso ser, em muitos aspectos, um romântico, mas não sou tão romântico a ponto de acreditar que um único robô, ao passar de um lado para o outro de um conflito, alteraria o curso da

história. Um robô não poderia garantir a vitória da Terra, tampouco fazer a derrota de Aurora ser inevitável, a não ser que houvesse alguma coisa diferente, alguma coisa peculiar nesse robô.

– Mas lhe ocorreu, Hari – disse Hummin –, que você está lidando com lendas, lendas que podem ter sido distorcidas ao longo dos séculos e dos milênios, a ponto, inclusive, de acrescentar um véu sobrenatural a eventos totalmente banais? Você consegue acreditar na ideia de um robô que não apenas pareça humano, mas que também viva para sempre e que tenha poderes mentais? Está começando a acreditar em super-humanos?

– Sei muito bem o que são lendas e não sou do tipo de pessoa que se envolve com elas e que pode vir a acreditar em contos de fadas. Ainda assim, quando essas histórias são provadas por certos acontecimentos inesperados que testemunhei... e que eu mesmo vivi...

– Por exemplo?

– Hummin, eu confiei em você desde o momento em que o conheci. Sim, você me ajudou voluntariamente a enfrentar aqueles dois marginais e, dessa forma, conseguiu uma predisposição da minha parte, já que, naquele momento, eu não sabia que eles tinham sido contratados por você e faziam o que você tinha mandado. Mas isso não importa.

– Não – disse Hummin, com, enfim, um traço de humor na voz.

– Eu confiei em você. Fui facilmente persuadido a não voltar para Helicon e a me transformar em um andarilho em Trantor. Acreditei em tudo o que você me contou, sem questionar. Coloquei-me totalmente em suas mãos. Em retrospecto, vejo que eu não estava agindo como agiria normalmente. Não sou uma pessoa facilmente manipulável, mas foi o que aconteceu. Não cheguei nem a considerar estranho o fato de eu estar me comportando de uma maneira tão diferente de mim.

– Você é quem melhor se conhece, Hari.

– Não foi apenas comigo. Como é possível que Dors Venabili, uma mulher linda com uma carreira admirável, tenha abandonado essa carreira para se juntar a mim em minha fuga? Como é possível que ela tenha arriscado a própria vida para salvar a minha, aparentemente assumindo a função de me proteger como um dever sagrado e se tornando irredutível a esse respeito? Simplesmente porque você pediu?

– Eu, de fato, pedi isso a ela, Hari.

– Mas ela não me parece ser o tipo de pessoa que faria uma mudança tão radical na própria vida apenas porque alguém pediu. Tampouco posso acreditar que foi porque ela se apaixonou loucamente por mim à primeira vista e não conseguiu se conter. De certa maneira, era o que eu gostaria que tivesse acontecido, mas ela me parece em pleno domínio de suas emoções. Mais do que eu em relação a ela. Digo isso com toda a sinceridade.

– Ela é uma mulher maravilhosa – disse Hummin. – Não posso condená-lo por isso.

– E também Mestre Solar Quatorze – continuou Seldon –, um monstro de arrogância que lidera um povo totalmente resoluto em suas próprias pretensões. Como é possível que ele tenha se disposto a aceitar tribalistas como eu e Dors e nos tratar da melhor maneira que os mycogenianos poderiam tratar alguém? E, depois de desobedecermos a todas as regras, de cometermos todos os sacrilégios, como foi possível você persuadi-lo a nos deixar ir? Como foi que conseguiu convencer os Tissalver, com todos aqueles preconceitos mesquinhos, a nos abrigarem? Como consegue estar em casa em todos os lugares do mundo, ser amigo de todos e influenciar cada uma dessas pessoas, independentemente de tantas características individuais? Aliás, como você consegue manipular Cleon? E, mesmo que ele seja visto como flexível e facilmente manipulável, como conseguiu lidar com o pai dele, que, de acordo com os registros, era um tirano brutal e arbitrário? Como conseguiu tudo isso? E, acima de tudo, como é possível que Mannix IV, de Wye, tenha passado décadas construindo um exército sem igual, treinado para ser proficiente em todos os quesitos, mas que se desfez quando sua filha tentou usá-lo? Como você conseguiu persuadir todos eles a fazer o papel de Renegados, como você fez no passado?

– Será que isso não significa apenas que sou uma pessoa de tato – disse Hummin –, acostumada a lidar com gente de tipos diferentes, em posição de fazer favores para figuras cruciais e em posição de fazer ainda mais favores no futuro? Eu diria que nada do que fiz requer uma explicação sobrenatural.

– Nada? Nem mesmo a neutralização do exército wyano?

– Eles não queriam obedecer a uma mulher.

– Eles deviam saber há anos que, no momento em que Mannix

cedesse seus poderes ou no momento em que ele morresse, Rashelle seria a nova prefeita, mas não demonstraram nenhum sinal de descontentamento até que você achou necessário que eles demonstrassem. Certa vez, Dors o descreveu como um homem muito persuasivo. E você é. Mais persuasivo do que qualquer *homem* poderia ser. Mas você não é mais persuasivo do que um robô imortal com estranhos poderes mentais poderia ser. E então, Hummin?

– O que você espera de mim, Hari? – perguntou Hummin. – Espera que eu admita ser um robô? Que apenas *pareço* um ser humano? Que sou imortal? Que sou um prodígio mental?

Seldon inclinou-se na direção de Hummin, sentado do lado oposto da mesa.

– Sim, Hummin, é o que espero – ele disse. – Espero que você me diga a verdade e suspeito que o que acabou de delinear é a verdade. Você, Hummin, é o robô que mãe Rittah chamou de Da-Nee, amigo de Ba-Lee. Você precisa admitir. Não tem escolha.

92

Era como se eles estivessem em um pequeno universo só deles. Ali, no coração de Wye, com o exército wyano sendo desmantelado pelas forças imperiais, os dois ficaram em silêncio, um diante do outro. Ali, no centro dos eventos que o planeta inteiro – e talvez a Galáxia inteira – estava observando, havia uma pequena bolha de isolamento total, dentro da qual Seldon e Hummin jogavam o jogo de ataque e defesa – Seldon tentando forçar uma nova realidade, Hummin não tomando nenhuma atitude para aceitar essa nova realidade.

Seldon não temia interrupções. Ele tinha certeza de que a bolha em que estavam era uma barreira que não poderia ser penetrada; de que os poderes de Hummin – ou melhor, os poderes do *robô* – manteriam todos a distância, até que o jogo estivesse terminado.

– Você é um sujeito engenhoso, Hari – disse Hummin, finalmente –, mas não consigo entender por que devo admitir que sou um robô e por que não tenho escolha. Tudo o que você disse pode ser verdade como fatos: seu comportamento, o comportamento de Dors, de Mestre Solar, dos Tissalver, dos generais wyanos. Tudo, tudo pode ter ocorrido conforme sua explicação, mas isso não significa que a sua

interpretação do significado desses fatos seja verdadeira. Decerto, tudo o que aconteceu pode ter uma explicação natural. Você confiou em mim porque aceitou o que eu disse; Dors considerou sua segurança importante porque ela, como historiadora, acredita que a psico-história é crucial; Mestre Solar e Tissalver me deviam favores sobre os quais você não sabe nada, e os generais wyanos ficaram ressentidos com o governo de uma mulher. Só isso. Por que devemos apelar para o sobrenatural?

– Diga-me, Hummin, você realmente acredita que o Império está ruindo e realmente considera importante não permitir que isso aconteça sem que tentemos salvá-lo ou que, pelo menos, amorteçamos a queda?

– Sim, eu realmente acredito – respondeu Hummin. Por algum motivo, Seldon sabia que a afirmação era sincera.

– E você realmente quer que eu desvende os detalhes da psico-história e acredita que não conseguiria fazer isso por conta própria?

– Não tenho capacidade para isso.

– E você acha que apenas *eu* posso lidar com a psico-história, apesar de eu mesmo duvidar disso em alguns momentos?

– Sim.

– Portanto, deve achar que, se puder me ajudar de alguma maneira, você *precisa* me ajudar.

– Sim, eu acho.

– E sentimentos pessoais, motivações egoístas, não poderiam fazer parte disso? – perguntou Seldon.

Um sorriso tênue e breve passou pelo rosto sério de Hummin e, por um momento, Seldon percebeu um deserto vasto e árido de cansaço por trás do comportamento tranquilo dele.

– Construí uma longa carreira ignorando todos os sentimentos pessoais e motivações egoístas – ele respondeu.

– Então, peço sua ajuda. Posso consolidar a psico-história baseando-me apenas em Trantor, mas encontrarei dificuldades. Eu talvez consiga superá-las, mas seria muito mais fácil fazer isso se eu tivesse algumas informações essenciais. Por exemplo, o primeiro mundo da humanidade foi a Terra ou Aurora? Ou foi algum outro completamente diferente? Qual era a relação entre a Terra e Aurora? Algum dos dois colonizou a Galáxia, ou os dois? Se tiver sido um deles, por que não o outro? Se foram os dois, como isso foi decidido?

Existem mundos descendentes de ambos ou de apenas um deles? Como os robôs foram abandonados? Por que Trantor se tornou o mundo imperial, e não outro planeta? O que aconteceu com Aurora e com a Terra nesse meio-tempo? Existem mil perguntas que eu poderia fazer neste exato momento e podem surgir centenas de milhares conforme eu continuar meus estudos. Você me deixaria na ignorância e permitiria que eu falhasse, Hummin, ou me elucidaria e me ajudaria a ser bem-sucedido?

– Se eu fosse robô – disse Hummin –, será que teria espaço em meu cérebro para todos os vinte mil anos de história envolvendo milhões de mundos diferentes?

– Eu não sei qual é a capacidade do cérebro robótico. Não sei qual é a capacidade do *seu* cérebro. Mas, se você não tiver essa capacidade, deve ter as informações que não pode armazenar registradas e em segurança num lugar que lhe permita resgatá-las quando necessário. E, se você tem tudo isso e eu *preciso* de tudo isso, como pode recusar e sonegar tal conteúdo? E, se você não puder sonegar, como pode negar que é um robô... *aquele* robô, o Renegado?

Seldon reclinou-se e respirou fundo. Então, continuou:

– Portanto, vou perguntar mais uma vez: você é aquele robô? Se você quer a psico-história, precisa admitir. Se continuar negando que é um robô e se me convencer disso, minhas chances com a psico-história ficam muito, muito menores. Então, depende de você. Você é um robô? Você é Da-Nee?

Tão sereno como sempre, Hummin respondeu:

– Sua argumentação é incontestável. Eu sou R. Daneel Olivaw. O “R.” é abreviação de “robô”.

93

R. Daneel Olivaw continuava a falar com calma, mas, para Seldon, sua voz passara por uma mudança sutil, como se falasse com mais facilidade, agora que não assumia nenhum papel.

– Em vinte mil anos – disse Daneel –, ninguém percebeu que sou um robô se não fosse intenção minha que a pessoa soubesse. Em parte, porque os seres humanos abandonaram os robôs há tanto tempo que são poucos os que se lembram de que eles existiram em determinada

época. E, em parte, porque eu de fato tenho a habilidade de detectar e influenciar as emoções humanas. A detecção não é nenhum problema, mas influenciar emoções é muito difícil para mim por causa de minha natureza robótica, por mais que eu possa fazê-lo sempre que quiser. Tenho essa capacidade, mas preciso lidar com minha determinação de *não* usá-la. Tento nunca interferir e o faço apenas quando não tenho nenhuma alternativa. E, quando interfiro, raramente faço mais do que fortalecer o mínimo possível algo que já está ali. Se eu puder atingir meus objetivos sem fazer nem mesmo isso, eu evito. Não foi necessário adulterar a mente de Mestre Solar Quatorze para que ele os aceitasse; como você pode perceber, eu chamo de "adulterar" porque não é algo agradável de se fazer. Não precisei adulterar a mente dele porque ele realmente me devia favores e trata-se de um homem honrado, apesar das peculiaridades que você enxergou nele. Interferi na segunda vez, quando você tinha cometido o que ele considera sacrilégio, mas foi muito pouco. Ele não estava ansioso para entregá-lo às autoridades imperiais, das quais ele não gosta. Eu apenas fortaleci levemente essa relutância e ele entregou você aos meus cuidados, aceitando a argumentação que ofereci, a qual, sem a adulteração, ele teria considerado suspeita. Tampouco adulterei a *sua* mente de maneira perceptível. Você também desconfia dos imperiais. Hoje em dia, a maior parte dos seres humanos desconfia, o que é um fator importante na decadência e na deterioração do Império. Além disso, você estava orgulhoso do conceito da psico-história, orgulhoso de ter pensado nele. Você não se importaria de provar que se trata de uma disciplina praticável. Isso teria alimentado ainda mais o seu orgulho.

– Desculpe-me, Mestre Robô – Seldon franziu as sobrancelhas –, mas eu não diria que sou esse monstro de orgulho.

– Você não é um monstro de orgulho, de jeito nenhum – respondeu Daneel, serenamente. – Você tem plena consciência de que ser motivado por orgulho não é admirável nem útil, então tenta reprimir essa motivação. Mas você também não concordaria que é motivado apenas pelas batidas do seu coração. Não pode negar nenhum desses dois fatos. Apesar de esconder seu orgulho de si mesmo em nome da tranquilidade emocional, não consegue escondê-lo de mim. Isso está aí, por mais cuidadosamente que você o esconda. Tudo o que precisei fazer foi dar um leve toque de fortalecimento e você estava pronto para tomar medidas a fim de se esconder de Demerzel, medidas que

teria recusado no instante anterior. E você estava ansioso para desenvolver a psico-história com uma intensidade que, no instante anterior, teria desprezado. Não vi necessidade de mexer em mais nada e, por isso, você conseguiu deduzir o fato de eu ser um robô. Se eu tivesse previsto essa possibilidade, talvez pudesse ter impedido, mas minha capacidade de prever e minhas habilidades não são infinitas. E não lamento ter falhado, pois os argumentos que você apresentou são bons e é importante que você saiba quem eu sou e que eu use o que sou para ajudá-lo. Emoções, meu caro Seldon, são um poderoso motivador para a ação humana, muito mais poderoso do que os seres humanos imaginam. Você não tem ideia do tremendo efeito que um simples ajuste pode ter, e de como eu reluto em fazer isso.

Seldon estava com a respiração pesada, tentando se enxergar como um homem motivado pelo orgulho – e detestando a imagem.

– Por que você reluta? – ele perguntou.

– Porque é muito fácil exagerar. Precisei impedir que Rashelle convertesse o Império em uma anarquia feudal. Eu poderia ter moldado mentes mais rapidamente e o resultado teria sido uma revolução sangrenta. Homens são homens, e a maioria dos generais wyanos é homem. Na verdade, não é preciso muito para gerar nos homens medo e insegurança em relação às mulheres. Talvez seja uma questão biológica que eu, como robô, não posso compreender por completo. Tudo o que precisei fazer foi fortalecer esse sentimento para causar um colapso nos planos dela. Se eu tivesse exagerado um mero milímetro, teria perdido o que queria: uma tomada de posse sem derramamento de sangue. Meu objetivo era que eles não resistissem quando meus soldados chegassem.

Daneel parou de falar, como se estivesse escolhendo as palavras.

– Não quero entrar em detalhes sobre meu cérebro positrônico, pois é algo além da minha compreensão, apesar de que talvez não seja algo além da *sua* compreensão, se você se dedicar o suficiente para entendê-lo. De qualquer forma, sou governado pelas Três Leis da Robótica, que são – ou eram, há muito tempo – explicadas tradicionalmente pelas seguintes palavras. Primeira Lei: “Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido”. Segunda Lei: “Um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei”. Terceira Lei: “Um robô deve

proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou com a Segunda Lei". Porém, vinte mil anos atrás, eu tive um… amigo. Outro robô. Diferente de mim. Ele não seria confundido com um ser humano, mas era ele que tinha os poderes mentais e foi por intermédio dele que adquiri os meus. Para ele, deveria existir uma regra ainda mais abrangente do que as Três Leis. Ele a chamou de Lei Zero, pois "zero" vem antes de "um". É a seguinte: "Um robô não pode ferir a humanidade nem deixar, por inação, que a humanidade seja ferida". Assim, a Primeira Lei deve ser retificada para "Um robô não pode ferir um ser humano nem deixar, por inação, que um ser humano seja ferido, exceto nos casos que entrem em conflito com a Lei Zero". E as outras leis devem ser modificadas da mesma maneira. Entende?

Daneel observou Seldon com atenção.

– Entendo – respondeu Seldon.

– O problema, Hari – continuou Daneel –, é que um ser humano é fácil de identificar. Posso apontar para um. É fácil reconhecer o que pode e o que não pode ferir um ser humano; ou, pelo menos, é relativamente fácil. Mas o que é *humanidade*? Apontamos para o que quando falamos de humanidade? E como podemos definir o que é prejudicial para ela? Quando é que determinada linha de ação faz o bem pela humanidade como um todo em vez de prejudicá-la, e como podemos saber? O primeiro robô a considerar a Lei Zero morreu (acabou permanentemente desativado) porque foi forçado a tomar uma atitude que, em seu raciocínio, salvaria a humanidade, mas ele não tinha como ter certeza se ela *realmente* salvaria a humanidade. Quando ele foi desativado, me deixou responsável pela Galáxia. Desde então, é o que venho tentando fazer: ser responsável. Interferi o mínimo possível e confiei nos próprios seres humanos para julgar o que era para o bem. Eles podiam arriscar; eu não. Eles podiam falhar; eu não ousaria. Eles podiam causar danos involuntários; eu seria automaticamente desativado, se o fizesse. A Lei Zero não tem margem para danos involuntários. Porém, em certos momentos fui forçado a tomar atitudes. O fato de eu ainda estar em funcionamento mostra que minhas ações foram moderadas e sutis. Entretanto, conforme o Império começou a falhar e a decair, precisei interferir com frequência cada vez maior e já faz décadas que assumi o papel de Demerzel, tentando conduzir o governo de maneira a adiar a ruína… e acontece

que continuo ativo. Quando você fez a sua apresentação na Convenção Decenal, percebi de imediato que na psico-história havia uma ferramenta que talvez possibilitasse a identificação do que seria bom e do que seria ruim para a humanidade. Com ela, as decisões que tomássemos seriam menos cegas. Eu inclusive voltaria a confiar nos seres humanos para tomar essas decisões e, mais uma vez, interferiria apenas em momentos de emergência. Portanto, agi rápido para que Cleon soubesse de seu seminário e o convoquei. Então, quando ouvi sua negação sobre o valor da psico-história, fui forçado a pensar em alguma maneira de fazê-lo tentar mesmo assim. Você entende o meu raciocínio, Hari?

– Entendo, Hummin – respondeu Seldon, pasmo.

– Continuarei no papel de Hummin nas raras ocasiões em que eu puder vê-lo. Oferecerei todas as informações de que você precisar e, como Demerzel, vou protegê-lo o máximo que puder. Mas você nunca deve falar de mim como Daneel.

– Eu não faria isso – disse Seldon, apressadamente. – Eu preciso de sua ajuda e estragaria tudo se eu atrapalhasse os seus planos.

– Sim, eu sei que você não faria. – Daneel sorriu com uma expressão de cansaço. – Afinal, você é vaidoso o suficiente para querer o crédito exclusivo pela psico-história. Você não iria querer que ninguém soubesse, jamais, que precisou da ajuda de um robô.

O rosto de Seldon ficou vermelho e ele respondeu:

– Mas eu não sou...

– Sim, você é, mesmo que esconda isso de si mesmo. E é algo importante, pois estou fortalecendo minimamente essa emoção em você para que nunca fale sobre mim para outras pessoas. Nem lhe ocorrerá que pode fazer isso.

– Eu suspeito que Dors já saiba... – disse Seldon.

– Ela sabe sobre mim. E ela também não pode falar a meu respeito para outras pessoas. Agora que vocês dois sabem da minha verdadeira natureza, podem conversar entre si livremente, mas com mais ninguém. Hari, preciso voltar às minhas funções. Em breve, você e Dors serão levados ao Setor Imperial...

– O menino, Raych, precisa vir comigo – interrompeu Seldon. – Não posso abandoná-lo. E há um jovem dahlita chamado Yugo Amaryl.

– Entendo. Raych também será levado e você pode incluir quem

quiser. Todos receberão o tratamento apropriado. E você trabalhará na psico-história. Terá uma equipe. Terá os computadores e os materiais de referência necessários. Vou interferir o mínimo possível e, se houver alguma resistência contra o seu ponto de vista que não coloque a missão em perigo, você terá que resolvê-la sozinho.

– Espere, Hummin – disse Seldon, com urgência. – E se, apesar de toda a sua ajuda e de todos os meus esforços, a psico-história não puder ser transformada em uma ferramenta prática? E se eu fracassar?

– Nesse caso – continuou Daneel –, tenho um segundo plano em andamento. Um plano no qual trabalho há muito tempo, em outro mundo, com outra linha de raciocínio. É também algo muito difícil e, em certos aspectos, mais extremo do que a psico-história. Talvez também fracasse, mas há maiores chances de sucesso se dois caminhos estiverem abertos, e não apenas um. Considere isso um conselho, Hari. Se você puder preparar um plano que possa prevenir que o pior aconteça, tente pensar em duas frentes, para que, se uma falhar, a outra continue. O Império precisa ser estabilizado ou reconstruído sobre uma nova fundação. Que sejam duas, e não apenas uma, se possível. – Ele se levantou. – Agora, preciso voltar ao trabalho e você precisa começar o seu. Tudo será providenciado para você.

Daneel fez um último cumprimento com a cabeça e foi embora.

– Primeiro, preciso falar com Dors – disse Seldon, baixinho, conforme Daneel se afastou.

94

– O palácio foi dominado – disse Dors. – Rashelle não será ferida. E você, Hari, voltará ao Setor Imperial.

– E você, Dors? – perguntou Seldon, em tom baixo e angustiado.

– Acho que voltarei para a universidade – ela respondeu. – Meu trabalho está sendo negligenciado, minhas aulas estão sem professor.

– Não, Dors, você tem uma função maior do que essa.

– Qual?

– Psico-história. Não posso realizá-la sem você.

– Claro que pode. Sou totalmente ignorante em matemática.

– E eu, em história. E precisamos dos dois.

Dors riu.

– Acho que você, como matemático, é único – ela disse. – Eu, como historiadora, sou apenas aceitável; certamente não sou extraordinária. Você encontrará vários outros historiadores mais adequados para as necessidades da psico-história do que eu.

– Nesse caso, Dors, eu digo que a psico-história precisa de algo além de um matemático e de um historiador. Precisa também da convicção para lidar com o que provavelmente será um desafio para uma vida inteira. Sem você, Dors, eu não terei essa convicção.

– Claro que terá.

– Dors, se você não estiver comigo, eu *não quero* ter.

Dors observou Seldon, pensativa.

– Esta discussão não levará a nada, Hari – ela respondeu. – Hummin com certeza tomará essa decisão. Se ele me mandar de volta à universidade...

– Ele não mandará.

– Como pode ter certeza?

– Porque vou dizer isso a ele claramente. Se ele a mandar de volta à universidade, eu voltarei a Helicon e o Império pode se destruir à vontade.

– Você não está falando sério.

– É claro que estou.

– Você não entende que Hummin pode providenciar uma mudança em seus sentimentos para que você trabalhe na psico-história mesmo sem mim?

– Hummin não faria algo tão arbitrário – Seldon negou com a cabeça. – Eu conversei com ele. Ele não ousaria afetar demais a mente humana, pois precisa obedecer ao que chama de Leis da Robótica. Adulterar a minha mente a ponto de eu não querer você ao meu lado, Dors, significaria uma mudança do tipo que ele não pode arriscar. Por outro lado, se ele me deixar em paz e se você se juntar a mim no projeto, ele conseguirá o que quer: uma possibilidade verdadeira para a psico-história. Por que ele iria querer outra coisa?

– Ele talvez não concorde por motivos dele – Dors também negou com a cabeça.

– Por que ele discordaria? Hummin pediu que você me protegesse, Dors. Ele cancelou o pedido?

– Não.

– Então ele quer que você continue a me proteger. E *eu* quero a sua

proteção.

– Contra o quê? Agora você tem a proteção de Hummin, tanto como Demerzel quanto como Daneel, e decerto isso é tudo de que você precisa.

– Mesmo que eu tivesse a proteção de todas as pessoas e de todas as forças da Galáxia, ainda assim seria a *sua* que eu iria querer.

– Então você não me quer pela psico-história. Você me quer para sua proteção.

– Não! Por que está distorcendo minhas palavras? – irritou-se Seldon. – Por que está me forçando a dizer o que você já sabe? Não é pela psico-história nem por proteção que eu quero você. São apenas desculpas, e vou usar qualquer outra que se faça necessária. Eu quero *você*, apenas você. E se você quer o motivo verdadeiro, é porque você é *você*.

– Você nem me conhece.

– Não tem problema. Eu não me importo. E eu a conheço *sim*, de certa maneira. Melhor do que você pensa.

– É mesmo?

– Claro. Você segue ordens e arrisca a própria vida sem hesitação e sem preocupação aparente com as consequências. Você aprendeu a jogar tênis com uma rapidez impressionante. Aprendeu a usar facas com rapidez ainda mais impressionante, e foi impecável na luta contra Marran. Foi *sobre-humana*, eu diria. Seus músculos são incrivelmente fortes e seu tempo de reação é incrivelmente rápido. De alguma maneira, você sabe dizer se alguém está entreouvindo uma conversa e pode entrar em contato com Hummin de algum jeito que não envolve nenhum equipamento.

– E o que você acha de tudo isso? – perguntou Dors.

– Me ocorreu que Hummin, em sua *persona* R. Daneel Olivaw, tem um encargo impossível. Como poderia um único robô guiar o Império? Ele deve ter ajudantes.

– Isso é óbvio. Milhões, eu imagino. Eu sou uma ajudante. Você é um ajudante. O pequeno Raych é um ajudante.

– Você é um tipo *diferente* de ajudante.

– De que maneira? Hari, *diga* o que você está pensando. Se você escutar a si mesmo falando, perceberá como isso é uma loucura.

Seldon olhou intensamente para Dors e, em tom baixo, respondeu:

– Eu *não* vou dizer, porque... eu *não me importo*.

– Não mesmo? Quer me aceitar do jeito que sou?

– Eu a aceitarei da maneira que for necessária. Você é Dors e, independentemente do que mais seja, não quero nada em todo o universo além de você.

– Hari – disse Dors, serenamente –, eu quero o seu bem por ser o que sou, mas acho que, mesmo se eu não fosse o que sou, ainda iria querer o seu bem. E não acho que eu seja boa para você.

– Boa ou ruim, eu não me importo. – Seldon olhou para o chão conforme deu alguns passos, pensando no que diria a seguir. – Dors, você já foi beijada?

– É claro que sim, Hari. É um elemento social da vida e eu vivo em sociedade.

– Não, não! Quero dizer, você já foi *realmente* beijada por um homem? Apaixonadamente?

– Ora, sim, Hari, já fui.

– Você gostou?

Dors hesitou.

– Quando beijei desse jeito – ela respondeu –, gostei mais do que teria gostado de decepcionar algum rapaz por quem eu me importava, alguém cuja amizade tinha algum significado para mim. – Dors ficou com o rosto vermelho e desviou os olhos. – Por favor, Hari, pare. Isso é difícil de explicar.

Mas Hari, agora mais determinado do que nunca, insistiu:

– Então você beijou pelos motivos errados. Para evitar mágoas.

– Talvez todo mundo o faça, de certa forma.

Seldon pensou no que ela disse por um momento. Então, repentinamente, perguntou:

– Você já pediu para ser beijada?

Dors ficou em silêncio, como se pensasse sobre sua vida em retrospecto.

– Não – ela respondeu.

– Ou desejou ser beijada de novo, depois da primeira vez?

– Não.

– Você já dormiu com um homem? – ele perguntou com calma e desespero.

– Claro que sim. Eu já disse. Essas coisas fazem parte da vida.

Hari agarrou os ombros de Dors como se fosse sacudi-la.

– Mas você já sentiu desejo – ele perguntou –, necessidade desse

tipo de proximidade com uma pessoa especial? Dors, você já *amou*?

Dors ergueu os olhos lentamente, quase com tristeza, e encontrou os olhos de Seldon.

– Sinto muito, Hari, mas não.

Seldon a largou, seus braços desfalecendo ao lado do corpo.

Dors colocou gentilmente uma mão no braço de Seldon.

– Entende, Hari? Eu não sou o que você quer.

A cabeça de Seldon pendeu e ele olhou para o chão. Ponderou sobre aquilo, tentou pensar racionalmente. E desistiu. Ele queria o que queria, e queria além de qualquer pensamento e além de qualquer racionalidade.

– Dors, mesmo assim – ele olhou para ela –, *eu não me importo*.

Seldon a envolveu com os braços e aproximou sua cabeça lentamente, como se esperasse que ela desviasse enquanto a puxava para mais perto.

Dors não se mexeu e Seldon a beijou – lenta, demorada, apaixonadamente – e os braços de Dors subitamente o abraçaram.

Quando ele, enfim, parou, ela olhou para ele com olhos que refletiam seu sorriso e disse:

– Me beije de novo, Hari. Por favor.

Notas

1 Poucas semanas antes de falecer, em abril de 1992, Isaac Asimov concluiu o manuscrito de *Origens da Fundação* (1993), seu último livro, que se passa após os eventos de *Prelúdio à Fundação* e antes de *Fundação*. Entre o lançamento de *Prelúdio à Fundação* e sua morte, Asimov também escreveu outros contos de robôs, publicados em diversas coletâneas. [N. de T.]

2 Trocadilho intraduzível entre o nome Wye e why [o porquê], pois ambas as palavras têm a mesma pronúncia. [N. de T.]

3 Novamente, uma sequência envolvendo o trocadilho intraduzível entre o nome Wye e why [por que]. [N. de T.]

FINANCEIRO:
Roberta Martins
Sandro Hannes

EDITORA ALEPH
Rua Tabapuã, 81, cj. 134
04533-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992.
Prelúdio à Fundação [livro eletrônico] / Isaac Asimov ; tradução Henrique B. Szolnoky. São Paulo : Aleph, 2015
1,3 Mb; ePUB.

Título original: Prelude to Foundation
ISBN: 978-85-7657-187-2

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

15-05843 CDD-813.0876

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

A MAIS IMPORTANTE SAGA DA FICÇÃO CIENTÍFICA DE TODOS OS TEMPOS ✶ 007 ✶ O BOM DOUTOR

EDITORA ALEPH

ISAAC ASIMOV

ORIGENS DA
Fundação

ISAAC ASIMOV

ORIGENS DA FUNDAÇÃO

Tradução
Maria Silvia Mourão Netto

ALEPH

Para todos os meus leitores fiéis.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Iniciada em 1942 e concluída em 1953, a *Trilogia da Fundação* é um dos maiores clássicos de aventura, fantasia e ficção do século 20. Os três livros que compõem a história original, *Fundação, Fundação e Império* e *Segunda Fundação,* receberam, em 1966, o prêmio Hugo Especial de melhor série de ficção científica e fantasia de todos os tempos, superando concorrentes de peso como *O Senhor dos Anéis,* de J. R. R. Tolkien, e *a* série Barsoom, de Edgar Rice Burroughs. Acredite, isso não é pouco. Mas também não é tudo.

A saga é um exemplo do que se convencionou chamar *Space Opera*, uma história que se ambienta no espaço. Todos os elementos estão presentes em *Fundação*: cenários grandiosos, ação envolvente, diversos personagens atuando num amplo espectro de tempo. Seu desenvolvimento é derivado das histórias *pulp* de faroeste e aventuras marítimas (notadamente de piratas).

Isaac Asimov, como grande divulgador científico e especulador imaginativo, começou a conceber em *Fundação* uma história grandiosa. Elaborou um cenário, dezenas de séculos no futuro, em que toda a Via Láctea havia sido colonizada pela raça humana, a ponto de as origens da espécie terem se perdido no tempo. Outros escritores, como Robert Heinlein e Olaf Stapledon, já haviam se aventurado na especulação sobre o futuro da raça humana. O que, então, *Fundação* possui de tão especial?

Um dos pontos notáveis é o fato de ter sido inspirada pelo clássico *Declínio e Queda do Império Romano*, do historiador inglês Edward Gibbon. Esta não é, portanto, uma história de glória e exaltação. Mas, sim, a epopeia de uma civilização que havia posto tudo a perder. E também a história de um visionário que havia previsto não apenas a inevitável decadência de um magnífico Império Galáctico, mas também o caminho menos traumático para que, após apenas um milênio, este pudesse renascer em todo o seu esplendor.

O autor fez questão de utilizar doutrinas polêmicas para basear seu

futuro militarista, como o Destino Manifesto americano (a crença de que o expansionismo dos Estados Unidos é divino, já que os norte-americanos seriam o povo escolhido por Deus) e o nazismo alemão (que professava ser a democracia uma força desestabilizadora da sociedade por distribuir o poder entre minorias étnicas, em prejuízo de um governo centralizador exercido por pessoas intelectualmente mais capacitadas). *Fundação* se revela, pois, um texto que ultrapassa, e muito, aquela camada superficial de leitura. De fato, a cada página percorrida, o leitor notará os paralelos entre as aventuras dos personagens da trilogia e diversas passagens históricas. E mais: a percepção dos arquétipos psicológicos de cada personagem nos leva a apreciar, em todas as suas nuances, a maravilhosa diversidade intelectual de nossa espécie.

Além da *Trilogia da Fundação*, Asimov acabou atendendo a pedidos de fãs e de seus editores para retomar a história de Terminus: quase trinta anos depois do lançamento de *Segunda Fundação*, escreveu as continuações *Limites da Fundação* e *Fundação e Terra*. Em seguida, publicou *Prelúdio à Fundação* e *Origens da Fundação*, que narram os eventos que antecedem o livro *Fundação*.

Na mesma época em que começava a expandir sua trilogia original, Isaac Asimov também decidiu integrar seus diversos livros e universos futuristas, para que todas as histórias transcorressem em uma continuidade temporal. Ou seja, clássicos como *O Homem Bicentenário* e *Eu, Robô* se passam no mesmo passado da saga de *Fundação*. Para isso, ele modificou diversos detalhes em suas histórias, corrigindo datas e atitudes de personagens, e reordenando fatos. Esse processo, conhecido tradicionalmente como *retcon*, foi aplicado a quase todos os seus livros. A trilogia da *Fundação* era peça-chave nesse quebra-cabeça, e foi modificada em pontos fundamentais como, por exemplo, ajustes na cronologia. E é essa a versão editada pela Aleph desde 2009. A editora também publicou, pela primeira vez no Brasil, a trilogia em três volumes separados, de modo que o leitor pudesse apreciar a obra como concebida por seu criador.

Nas próximas páginas, as aventuras iniciadas em *Prelúdio à Fundação* continuam, mostrando como Hari Seldon foi capaz de alterar o curso da história de toda uma galáxia.

Tenha uma boa jornada.

Os editores

PARTE 1

ETO DEMERZEL

——— Demerzel, Eto...

Embora não haja dúvida de que Eto Demerzel era o verdadeiro poder em ação no governo durante a maior parte do reinado do Imperador Cleon I os historiadores se dividem quanto à natureza de seu comando. A interpretação clássica é que ele foi mais um na longa linha de opressores cruéis e impiedosos no último século do Império Galáctico não dividido, mas as interpretações revisionistas que vieram à tona insistem que, mesmo tendo sido despotismo, foi benévolo. Para essa corrente, o relacionamento de Demerzel com Hari Seldon tem grande importância, embora permanecendo para sempre um fato incerto, em particular durante o incomum episódio de Laskin Joranum, cuja ascensão meteórica...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA*

* Todas as citações da *Enciclopédia Galáctica* aqui reproduzidas foram retiradas da 116ª edição, publicada em 1020 e.f. pela Companhia Editora Enciclopédia Galáctica Ltda., Terminus, com permissão dos editores.

1

– Eu lhe digo mais uma vez, Hari – afirmou Yugo Amaryl – que seu amigo Demerzel está seriamente encrencado. – Ele enfatizou levemente a palavra “amigo” com um inconfundível tom de menosprezo.

Hari Seldon detectou o azedume, mas ignorou a insinuação. Tirando os olhos do tricomputador, respondeu:

– Eu lhe digo mais uma vez, Yugo, que isso é bobagem. E então (com uma pitada de impaciência, mas só uma pitada) acrescentou: – E por que você está ocupando meu tempo insistindo nisso?

– Porque acho que é importante. – Amaryl se sentou, numa atitude de desafio. Com esse gesto, indicava que não seria fácil afastá-lo. Ali estava e ali ficaria.

Oito anos antes, tinha sido um termopoceiro no Setor Dahl – a posição mais baixa possível na escala social. Seldon o havia tirado dessa posição, elevando-o à condição de matemático e intelectual e, ainda mais do que isso, à de psico-historiador.

Nem por um instante ele se esquecia do que tinha sido, de quem era agora e a quem devia sua mudança, o que queria dizer que, se fosse preciso falar duramente com Hari Seldon – pelo bem do próprio Seldon – não se deteria por nenhuma questão de respeito e amor por aquele senhor, ou por alguma consideração acerca de sua própria carreira. Ele devia a Seldon aquela aspereza – e muito mais.

– Hari, escute – Amaryl insistiu, cortando o ar com a mão esquerda –, por algum motivo que está além do meu entendimento, você tem muita consideração por esse Demerzel. Eu, não. Ninguém cuja opinião eu respeite, exceto você, pensa bem a respeito dele. Não me importo com o que aconteça a ele pessoalmente, Hari, mas como acho que *você* se importa, não tenho alternativa senão chamar sua atenção para esse assunto.

Seldon sorriu, tanto pelo empenho de Amaryl quanto pelo que lhe parecia a inutilidade de toda essa preocupação. Ele gostava muito de

Yugo – ou mais do que isso. Yugo era uma das quatro pessoas – Eto Demerzel, Dors Venabili, Yugo Amaryl e Raych – que tinha conhecido durante o breve período de sua vida em que passara fugindo através do planeta Trantor. Quatro criaturas que considerava incomparáveis.

De maneiras especiais e específicas em cada caso, esses quatro lhe eram indispensáveis: Yugo Amaryl, por seu rápido entendimento dos princípios da psico-história e de sua criativa exploração de novas áreas. Era reconfortante saber que, se alguma coisa lhe acontecesse pessoalmente antes que a matemática do novo campo estivesse completamente elaborada – e como era lenta essa elaboração, quantas verdadeiras cadeias de obstáculos tinham de ser transpostas – pelo menos restaria uma boa cabeça para dar continuidade à pesquisa.

– Desculpe-me, Yugo – Hari disse. – Não quero perder a paciência com você, nem rejeitá-lo impensadamente, seja lá o que for que você esteja tão decidido a me fazer entender. É apenas esse meu trabalho, essa questão de ser chefe de departamento...

Amaryl achou que agora era a vez dele de sorrir, e abafou uma breve risadinha.

– Desculpe-me, Hari, e eu não deveria rir, mas você não tem aptidão natural para esse cargo.

– Também acho, mas vou ter de aprender. Tenho de dar a impressão de estar fazendo algo inócuo, e não existe nada, *nada*, mais inócuo do que ser chefe do Departamento de Matemática da Universidade de Streeling. Posso encher meu dia inteiro com tarefas sem importância para que ninguém precise saber nem indagar sobre o andamento de nossa pesquisa psico-histórica. O problema, todavia, é que *realmente* eu ocupo meu dia todo com tarefas sem importância e não tenho tempo suficiente para... – e os olhos dele vagaram em torno do gabinete, abrangendo o material armazenado nos computadores dos quais somente ele e Amaryl tinham os códigos e que, mesmo no caso de que alguém porventura conseguisse acessar, tinha sido cuidadosamente codificado em uma simbologia inventada que mais ninguém conseguiria entender.

– Assim que você se aprofundar na realização de suas tarefas vai precisar delegar algumas delas e, com isso, lhe sobrará mais tempo – ponderou Amaryl.

– Espero que sim – Seldon respondeu, com ar de dúvida. – Mas, diga-me, o que é que acontece com Eto Demerzel que é tão

importante?

– O simples fato de que Eto Demerzel, o primeiro-ministro de nosso Imperador, está ocupadíssimo, fomentando uma insurreição.

Seldon franziu a testa.

– E por que ele iria querer uma coisa dessas?

– Eu não disse que ele quer. Ele simplesmente está fazendo isso (quer saiba, quer não) e com uma considerável ajuda de alguns de seus inimigos políticos. Por mim, veja bem, não tem nenhum problema. Acho que, dadas as condições certas, até seria uma boa coisa que ele saísse do palácio e de Trantor e, inclusive, até mesmo do Império. Mas você o tem em muito alta conta, como eu já disse, então quero alertá-lo porque desconfio de que você não esteja acompanhando o desenrolar dos últimos acontecimentos políticos tão de perto quando deveria.

– Há coisas mais importantes a se fazer – Seldon explicou, placidamente.

– Como a psico-história. Concordo. Mas como é que iremos desenvolver a psico-história com alguma chance de sucesso se continuarmos ignorando a política? Quer dizer, a política atual. Agora, *agora*, é o momento em que o presente está se transformando no futuro. Não podemos somente estudar o passado. Nós sabemos o que aconteceu no passado. É contra o pano de fundo do presente e do futuro imediato que temos de checar nossos resultados.

– Tenho a impressão de que já ouvi esse argumento antes – observou Seldon.

– E vai ouvir de novo. E tenho a impressão de que não adianta nada eu insistir nesse ponto.

Seldon suspirou, tornou a se sentar na cadeira e contemplou Amaryl com um sorriso. Aquele jovem era capaz de ser irritante, mas levava a psico-história a sério, e isso compensava tudo.

Amaryl ainda possuía a marca de seus anos de juventude passados como termopoceiro. Tinha os ombros largos e a musculatura de quem fora acostumado a um trabalho físico intenso. Ele não deixara que seu corpo ficasse flácido, o que era uma boa coisa. Isso inspirava Seldon a resistir ao impulso de também passar o tempo todo sentado diante de sua escrivaninha. Embora não dispusesse da crua força física de Amaryl, continuava tendo seus próprios recursos como mestre na arte do tufão – já que acabara de completar quarenta anos e não poderia

manter aquilo indefinidamente. Por ora, contudo, ele continuaria em frente. Graças a suas sessões diárias de exercícios físicos, sua cintura continuava fina e seus braços e pernas, firmes.

– Essa preocupação com Demerzel não pode ser apenas uma questão de ele ser meu amigo – considerou Seldon. – Você deve ter outro motivo.

– Não se trata de nenhum enigma. Enquanto você for amigo de Demerzel, sua posição aqui na universidade está segura e você pode continuar trabalhando em sua pesquisa psico-histórica.

– Aí está! Portanto, eu *de fato* tenho motivos para ser amigo dele. Isso não está absolutamente além da sua compreensão.

– Você tem interesse em *mantê-lo* em seu círculo social. Isso eu compreendo. Mas, quanto a uma amizade, isso eu não compreendo. No entanto, se Demerzel perder o poder, além do efeito que isso possa ter sobre sua posição aqui, então o próprio Cleon estaria no comando do Império e a curva de seu declínio aumentaria. Com isso, a anarquia se instalaria sobre nós antes de termos examinado todas as implicações da psico-história e tornado possível à ciência salvar toda a humanidade.

– Sei. Mas, veja bem, eu honestamente não acho que iremos concluir a nossa psico-história a tempo de prevenir a Queda do Império.

– Ainda que não conseguíssemos prevenir essa Queda, poderíamos amortecer os efeitos, não é?

– Talvez.

– Então, agora, você vê. Quanto mais tempo tivermos para trabalhar em paz, maiores as chances de podermos prevenir a Queda, ou de, pelo menos, atenuar seus efeitos. Sendo esse o caso, trabalhando de trás para a frente, pode ser necessário salvar Demerzel quer queiramos ou, pelo menos *eu,* não.

– No entanto, você acabou de dizer que preferia vê-lo longe do palácio, de Trantor e até do Império.

– Sim, em circunstâncias ideais, eu disse que sim. Mas não estamos vivendo em circunstâncias ideais e precisamos do nosso primeiro-ministro, ainda que ele seja um instrumento de repressão e despotismo.

– Sei. Mas por que você acha que o Império está perto de ser dissolvido e que a perda de um primeiro-ministro será capaz de

desencadear esse processo?

– Psico-história.

– Você a está usando para fazer previsões? Nem chegamos a montar sua estrutura básica! Que previsões você consegue fazer?

– Existe a intuição, Hari.

– A intuição *sempre* existiu. Queremos alguma coisa a mais, não é? Queremos um tratamento matemático que nos ofereça probabilidades de acontecimentos futuros específicos se desenrolarem sob este ou aquele caminho. Se a intuição for suficiente para nos conduzir, não precisamos da psico-história para nada.

– Hari, não é necessariamente uma questão de uma coisa ou a outra. Estou falando das duas: de uma combinação que possa ser melhor do que cada uma separadamente, até pelo menos que a psico-história tenha sido aperfeiçoada.

– Se é que isso ocorrerá um dia – resmungou Seldon. – Mas, me diga: de onde vem esse perigo para Demerzel? O que é que tem a chance de prejudicá-lo ou de derrubá-lo? Estamos falando da queda de Demerzel?

– Sim – Amaryl confirmou, e uma expressão taciturna cobriu seu rosto.

– Pois, então, me fale disso. Tenha piedade da minha ignorância.

– Isso é falsa modéstia, Hari – disse Amaryl, enrubescendo. – Sem dúvida, você ouviu falar de Jo-Jo Joranum.

– Claro que sim. É um demagogo... espere aí! De onde ele é que vem? Nishaya, certo? Um mundo bem sem importância. Pastores de cabras, creio eu. Queijos de alta qualidade.

– É isso mesmo. Mas ele não é apenas um demagogo. Ele comanda um grupo poderoso de seguidores e está cada vez mais forte. Ele diz que almeja a justiça social e um maior envolvimento político para o povo.

– Sim – Seldon concordou. – Ouvi isso mesmo. A frase de efeito dele é “O governo pertence ao povo”.

– Não é bem isso, Hari. Ele diz “O governo *é* o povo”.

Seldon aquiesceu.

– Bom, você sabe, até que simpatizo com essa noção.

– Eu também. Sou totalmente a favor, se Joranum quisesse mesmo dizer isso. Mas ele não quer, exceto para lhe servir de trampolim. Esse bordão é uma tática, não um alvo. Ele quer se livrar de Demerzel.

Depois disso, será fácil manipular Cleon. Então, Joranum irá ocupar o trono e *ele* será o povo. Você mesmo me disse que já houve alguns episódios como esse na história imperial, e atualmente o Império está mais fraco e menos estável do que antes. Um golpe que, em séculos passados, apenas o deixaria trôpego, agora pode deixá-lo estilhaçado. O Império descambará em guerras civis e nunca mais se recuperará. E não teremos a psico-história em funcionamento para nos dizer o que deve ser feito.

– Sim, eu entendo o que você está dizendo, mas certamente não será assim tão fácil se livrar de Demerzel.

– Você não sabe como a força de Joranum está aumentando.

– Não importa quanto ele fique forte. – A sombra de um pensamento pareceu recobrir a fronte de Seldon. – Por que será que os pais dele o chamaram Jo-Jo? Esse nome parece infantil.

– Os pais dele não têm nada a ver com isso. O verdadeiro nome dele é Laskin, que é um nome muito comum em Nishaya. Ele mesmo escolheu Jo-Jo, possivelmente por causa da primeira sílaba de seu sobrenome.

– Mais tolo ainda, você não concorda?

– Não, não concordo. Os seguidores dele bradam esse nome *Jo... Jo... Jo... Jo...* sem parar. É uma coisa hipnótica.

– Bom – Seldon finalizou, fazendo um movimento para retornar ao tricomputador e ajustar a simulação multidimensional que fora criada –, veremos o que acontece.

– Você vai mesmo tratar essa questão com tanta indiferença? Estou lhe dizendo que o perigo é iminente.

– Não, não é – Seldon respondeu com olhos frios como o aço e a voz subitamente mais dura. – Você não está a par de todos os fatos.

– Quais fatos eu desconheço?

– Falaremos sobre isso em outro momento, Yugo. Por ora, continue fazendo seu trabalho e deixe que eu me preocupe com Demerzel e a situação do Império.

Amaryl contraiu os lábios, entretanto o hábito da obediência a Seldon era poderoso.

– Sim, Hari.

Mas não arrasadoramente poderoso. Ao chegar à porta, ele se virou e insistiu:

– Você está cometendo um erro, Hari.

Seldon esboçou um leve sorriso.

– Não acho, mas ouvi o seu aviso e não o esquecerei. No entanto, vai ficar tudo bem.

Porém, depois de Amaryl ter saído, o sorriso de Seldon se dissolveu. “Será que realmente tudo iria ficar bem?”

2

Embora não tivesse se esquecido da advertência de Amaryl, Seldon não se concentrou muito naquilo. Seu quadragésimo aniversário veio e passou, com seu costumeiro golpe psicológico.

Quarenta anos! Ele não era mais jovem. A vida não se estendia mais à sua frente como um vasto território desconhecido cujos horizontes se perdiam na distância. Ele havia ficado em Trantor por oito anos e o tempo tinha passado muito depressa. Mais oito anos e ele teria quase cinquenta. A velhice estava à espreita.

E ele nem tinha dado um começo decente à psico-história! Yugo Amaryl esboçara com brilhantismo algumas leis e formulara suas equações tendo feito algumas suposições audaciosas com base na intuição. Mas como seria possível testar essas suposições? A psico-história ainda não era uma ciência experimental. O estudo completo da psico-história iria exigir experimentos que terminariam por envolver vários mundos habitados, séculos e séculos – além de uma total ausência de responsabilidade ética.

Isso representava um problema irresoluto e ele se incomodava por ter de usar qualquer intervalo de tempo cumprindo tarefas departamentais. Por isso, no final do dia, voltava andando para casa se sentindo abatido.

Normalmente, Seldon sempre podia contar com a caminhada através do *campus* para melhorar seu estado de ânimo. O domo da Universidade de Streeling era bem elevado e dava a sensação de que o *campus* era ao ar livre, e não havia a necessidade de suportar o tipo de clima que ele havia provado em sua única visita ao Palácio Imperial. Havia árvores, gramados, caminhos pavimentados, quase como se estivesse no *campus* de sua antiga faculdade em Helicon, seu mundo natal.

A ilusão de um tempo nublado tinha sido criada para aquele dia

com a luz do sol (não o sol, naturalmente, apenas a luz solar) aparecendo e desaparecendo a intervalos irregulares. E também estava fresco, mas só um pouco.

Seldon teve a impressão de que os dias frescos ocorriam com uma frequência um pouco maior do que anteriormente. Será que Trantor estaria economizando energia? Seria um caso de aumento da ineficiência? Ou (e ele ficou intimamente carrancudo quando pensou nisso) estaria ficando velho e seu sangue estava afinando? Seldon enfiou as mãos nos bolsos do paletó e encurvou os ombros.

Ele não costumava se dar o trabalho de dirigir conscientemente seus passos, pois seu corpo conhecia à perfeição o caminho entre seu escritório e a sala onde estava seu computador, e de lá até seu apartamento, além de todo esse percurso de volta. Em geral, ele percorria o trajeto com seus pensamentos em outros lugares, mas hoje um som estava penetrando sua consciência. Um som que não tinha significado.

"Jo... Jo... Jo... Jo..."

Era um som muito suave e distante, mas lhe trouxe uma recordação. Ah, a advertência de Amaryl. O demagogo. Será que ele estava ali, no *campus*?

Suas pernas giraram em outro sentido sem que Seldon tivesse tomado uma decisão consciente a respeito e levaram-no ao alto da leve subida que alcançava o *campus* universitário, local usado para a prática de ginástica, esportes e oratória estudantil.

No meio do *campus* havia se reunido uma quantidade moderada de estudantes, cantando em coro com entusiasmo. Sobre uma plataforma estava uma pessoa que ele não reconheceu, alguém com voz alta de ritmo cadenciado.

Mas não era aquele sujeito, Joranum. Ele já tinha visto Joranum em holovisualização diversas vezes. Desde que Amaryl o alertara, Seldon passou a prestar mais atenção. Joranum era grande e sorria com uma espécie de camaradagem maldosa. Tinha cabelos claros, de fios grossos, e olhos azul-claros.

O orador era miúdo, se é que se podia falar assim: magro, boca larga, cabelos escuros, voz forte. Seldon não estava escutando as palavras, embora tivesse captado a expressão "poder de um para muitos", e o brado uníssono da multidão em resposta.

"Ótimo", Seldon pensou, "mas como será que ele pretende que isso

aconteça? Será que está falando sério?”

Agora, estava perto da última fila de pessoas daquele ajuntamento e buscava entre elas encontrar alguém conhecido. Identificou Finangelos, estudante de pré-matemática. Não era um mau rapaz – um jovem negro de pele clara e de cabelos encaracolados.

– Finangelos – ele chamou em voz alta.

– Professor Seldon – respondeu o rapaz após um momento a encará-lo sem conseguir reconhecê-lo sem um teclado sob os dedos. Então veio a passos saltitantes até onde Hari estava. – O senhor veio ouvir este sujeito?

– Não vim por nenhum motivo específico, só para descobrir a razão do barulho. Quem ele é?

– O nome dele é Namarti, professor. Está falando em nome de Jo-Jo.

– Isso eu *ouvi* – Seldon retrucou, escutando novamente a cantoria. Aparentemente, toda vez que ele falava de algo marcante, o público reagia com o coro. – Mas quem é esse Namarti? Não reconheço esse nome. Em qual departamento ele está?

– Ele não é membro da universidade, professor. É um dos homens de Jo-Jo.

– Se ele não é da universidade, então não tem o direito de falar em público sem autorização. Você acha que ele tem autorização?

– Eu não saberia dizer, professor.

– Pois então vamos descobrir.

Seldon começou a avançar na direção da multidão, mas Finangelos o segurou pela manga.

– Não comece nada, professor. Ele anda com capangas.

Havia seis jovens atrás do orador, um tanto distantes um do outro, em pé de pernas abertas, braços cruzados na frente do peito, fazendo cara feia.

– Capangas?

– No caso de acontecer alguma encrenca, de alguém fazer gracinha ou coisa assim.

– Então, ele sem dúvida não é um integrante desta universidade e nem mesmo uma autorização incluiria a presença desses capangas, como você diz. Finangelos, avise os seguranças. Nesta altura, eles já devem estar por aqui, mesmo sem aviso.

– Acho que eles não querem criar confusão – Finangelos retrucou

em voz baixa. – Por favor, professor, não tente nada. Se quer que eu busque os seguranças, eu vou, mas o senhor terá de esperar aqui até que eles cheguem.

– Talvez eu consiga acabar com isto antes de eles chegarem.

Seldon começou a abrir caminho pelo meio do grupo. Não foi difícil. Algumas pessoas o reconheceram e todos podiam ver o distintivo de professor no ombro dele. Ele chegou à plataforma, colocou as mãos no tablado e, com um grunhido, venceu os noventa centímetros e saltou para cima do estrado. Com pesar pensou que, dez anos antes, teria feito aquilo usando apenas uma das mãos e sem grunhir.

Seldon se aprumou. O orador tinha interrompido sua fala e estava olhando para ele com expressão duramente defensiva e gélida.

Calmamente, Seldon se dirigiu a ele:

– Sua autorização para falar aos estudantes, senhor.

– Quem é você? – indagou o orador, em voz alta, veemente.

– Sou docente desta universidade – Seldon respondeu com voz igualmente forte. – Sua autorização, senhor?

– Não reconheço seu direito de me questionar a esse respeito. – Os valentões atrás do orador tinham se aproximado.

– Se você não tem autorização, aconselho que se retire imediatamente do *campus*.

– E se eu não me retirar?

– Bem, para começar, os seguranças estão a caminho. – Hari, então, se virou para a multidão. – Alunos – ele clamou –, neste *campus* temos o direito de nos expressar livremente e de nos reunir livremente, mas podemos perder esse direito se permitirmos que intrusos, sem autorização, façam pronunciamentos não autorizados...

Uma mão pesada caiu-lhe sobre o ombro e ele recuou. Quando se virou, percebeu que tinha sido um daqueles homens que Finangelos chamara de capangas.

Então, esse homem, com um sotaque carregado cuja procedência Seldon não pôde discernir de imediato, lhe ordenou:

– Saia daqui, agora... *rápido*.

– E de que isso vai adiantar? – respondeu Seldon. – Os seguranças estarão aqui a qualquer minuto.

– Nesse caso – Namarti atalhou, com um sorriso feroz –, haverá um levante. E isso não nos assusta de jeito nenhum.

– Claro que não – Seldon retrucou. – Você até que gostaria disso, mas não haverá nenhum motim. Vocês todos irão embora sem dar um pio. – E ele se voltou novamente para os estudantes, sacudindo o ombro para se desvencilhar da mão do sujeito. – Nós vamos garantir que seja assim, não é?

– É o professor Seldon! – alguém gritou, do meio da multidão. – Ele tem razão! Não batam nele!

Seldon captou certa ambivalência naquele aglomerado de ouvintes. Ele sabia que havia alguns ali que gostariam de um arranca-rabo com os seguranças da universidade, só por uma questão de princípio. Por outro lado, devia haver outros que gostavam dele pessoalmente e outros mais que, embora não o conhecessem, não iriam querer que um membro do corpo docente da universidade fosse alvo de violência.

Uma voz de mulher de repente se destacou em meio à turba:

– Cuidado, professor!

Seldon suspirou e encarou o jovem brutamontes à sua frente. Ele não sabia se era capaz de fazer aquilo, se seus reflexos seriam rápidos o suficiente, ou seus músculos vigorosos o bastante, apesar de toda a sua perícia como mestre na arte do tufão.

Um capanga se aproximara dele, naturalmente transbordando autoconfiança. Mas não tão depressa, o que deu a Seldon aquele pouco mais de tempo de que seu corpo já envelhecendo estava precisando. E o valentão ainda estendeu seu braço de uma maneira ostensiva, o que facilitou todas as coisas.

Seldon agarrou o braço, girou-o e dobrou, primeiro para cima e depois para baixo (com um grunhido – por que é que ele precisava grunhir tanto?) e o sujeito saiu voando pelo ar, em parte impelido por sua própria inércia. Aterrissou com um baque surdo na borda mais distante da plataforma, e seu ombro direito estava visivelmente deslocado.

Irrompeu da plateia um grito selvagem diante dessa reação totalmente inesperada. No instante seguinte, o orgulho institucional veio à tona.

– Acabe com eles, professor! – gritou alguém na multidão. E outras vozes ecoaram repetindo o apelo.

Seldon ajeitou o cabelo para trás, tentando não arfar. Com o pé, empurrou o capanga que gemia para fora do palanque.

– Mais alguém? – ele indagou em tom amistoso. – Ou agora irão

embora calmamente?

Seldon encarava Namarti e seus cinco guarda-costas e, como eles tinham ficado imóveis, indecisos, prosseguiu:

– Estou avisando. Essas pessoas agora estão do meu lado. Se vocês tentarem me atacar, eles vão acabar com a raça de vocês. Muito bem. Quem é o próximo? Vamos lá. Um por vez.

Ele tinha elevado a voz ao enunciar a última sentença, enquanto fazia com os dedos pequenos movimentos convidando um deles a se aproximar. A multidão gritava empolgada.

Namarti estava parado, impassível. Com um salto, Seldon passou por ele e apanhou-o pelo pescoço usando a dobra do braço. Nesse momento, alguns estudantes escalaram a plataforma berrando “Um por vez! Um por vez!”, colocando-se entre os guarda-costas e Seldon.

Seldon aumentou a pressão sobre a traqueia de sua vítima e cochichou no ouvido de Namarti:

– Tem um jeito certo de se fazer isso, e eu sei qual é. Eu o pratico há anos. Se você fizer algum movimento para tentar se soltar, vou destroçar sua laringe de tal maneira que nunca mais na vida você conseguirá dizer uma só palavra. Se dá valor à sua voz, faça o que lhe digo. Quando eu te soltar, mande seus valentões embora. Se disser alguma outra coisa, essas serão as últimas palavras que você dirá normalmente. E se algum dia você tornar a vir a este *campus*, eu não vou ser tão bonzinho. E vou acabar o serviço que comecei agora.

Por um momento, ele afrouxou a chave de braço. Namarti disse em voz rouca:

– Todos vocês, saiam daqui. – Os capangas recuaram rapidamente e foram ajudar o colega ainda esparramado no chão.

Quando os seguranças da universidade chegaram alguns minutos depois, Seldon disse:

– Desculpem-me, cavalheiros. Alarme falso.

Hari então saiu do *campus* e retomou o caminho para casa, mais do que apenas um pouco desgostoso. Havia revelado um lado de sua personalidade que preferia não ter exposto. Ele era Hari Seldon, o matemático, e não Hari Seldon, o sádico mestre da arte do tufão.

Além disso, ele ainda pensou de péssimo humor, Dors iria ficar sabendo daquele incidente. A propósito, era melhor que ele mesmo lhe contasse o que tinha acontecido, assim ela não ouviria nenhuma versão que fizesse aquilo parecer pior do que realmente fora.

E ela não iria gostar nada, nada.

3

E realmente não gostou.

Dors esperava por ele à porta do apartamento onde moravam, numa postura tranquila, com uma das mãos na cintura, um semblante que lembrava muito o momento em que Seldon a vira pela primeira vez naquela mesma universidade, oito anos atrás: esbelta, curvilínea, com cabelos ondulados de tom acobreado, linda aos olhos dele, mas não linda demais em nenhum sentido objetivo, embora ele nunca tivesse sido capaz de avaliá-la objetivamente após os primeiros dias da amizade que brotara entre eles.

Dors Venabili! Foi isso que pensou quando viu o rosto calmo da mulher. Havia muitos mundos, e até mesmo diversos setores em Trantor, onde teria sido simples chamá-la Dors Seldon, mas isso – como ele sempre pensara – seria marcá-la com ferro em brasa e isso ele não desejava, ainda que esse fosse um costume sancionado pela existência desde as mais difusas névoas do passado pré-imperial.

Suavemente, com um triste aceno de sua cabeça que praticamente nem movimentou os cachos soltos de seu cabelo, Dors comentou:

– Já fiquei sabendo, Hari. Mas, me diga, *o que* é que eu posso fazer com você?

– Um beijo não seria nada mal.

– Bom, talvez, mas somente depois de esclarecermos toda essa história. Entre. – A porta se fechou atrás deles. – Você sabe, querido, que eu tenho meu curso e minha pesquisa. Ainda estou fazendo aquela medonha história sobre o Reino de Trantor que, segundo suas próprias palavras, é essencial ao seu trabalho. Será que tenho de largar tudo isso e começar a zanzar com você por toda parte para protegê-lo? Esse ainda é o meu serviço, você sabe. E mais do que nunca é o meu serviço, agora que você está conseguindo avançar com a psico-história.

– Conseguindo avançar? Bem que eu queria. Mas você não precisa me proteger.

– Não preciso? Mandei Raych procurar você. Afinal de contas, você estava atrasado e fiquei preocupada. Normalmente você me avisa

quando vai se atrasar. Desculpe-me se isso me faz parecer sua guardiã, Hari, mas eu *sou* sua guardiã.

– Já lhe ocorreu, Guardiã Dors, que de vez em quando eu posso querer andar sem coleira?

– E se acontece alguma coisa com você, o que é que eu digo para Demerzel?

– Estou muito atrasado para o jantar? Nós já chamamos o serviço de cozinha?

– Não, eu estava esperando por você. E, já que você está aqui, você chama. Você é muito mais exigente do que eu quando se trata de comida. E não mude de assunto.

– Raych não lhe contou que eu estava bem? Então, do que é que precisamos falar?

– Quando ele o encontrou, você tinha a situação sob controle e ele chegou aqui primeiro, mas por poucos instantes. Não fiquei sabendo de nenhum detalhe. Diga-me... o que... você... fez?

Seldon encolheu os ombros.

– Estavam fazendo uma reunião ilegal, Dors, e eu interrompi aquilo. A universidade poderia ter se encrencado bastante com algo desnecessário se não fosse a minha intervenção.

– E cabia a você impedir a tal reunião, Hari? Por favor, você não é mais um mestre tufão, e sim um...

– Um velho? – ele cortou, impulsivamente.

– Para um mestre tufão, sim. Você tem quarenta anos. Como se sente?

– Bem... um pouco travado.

– Posso imaginar. E um dia desses, quando tentar fingir que ainda é um jovem atleta heliconiano, vai acabar quebrando uma costela. Agora, me conte o que aconteceu.

– Bom, eu tinha comentado com você que Amaryl me havia alertado sobre um perigo que Demerzel estaria correndo por causa da demagogia desse tal Jo-Jo Joranum.

– Jo-Jo, sim. Até aí eu sei. O que é que eu *não* sei? O que aconteceu hoje?

– Havia um comício no *campus*. Um seguidor de Jo-Jo chamado Namarti estava discursando para um monte de gente que tinha se reunido...

– Namarti é Gambol Deen Namarti, mão direita de Joranum.

– Bem, então você sabe mais do que eu. De todo modo, ele estava falando para uma plateia numerosa sem ter autorização para isso e acho que estava esperando que houvesse algum tipo de comoção popular. Esses tipos adoram desordens de grandes proporções e, se ele conseguisse fechar a universidade mesmo que por pouco tempo, poderia acusar Demerzel de ter destruído a liberdade acadêmica. Acho que o culpam por tudo. Então, interrompi o discurso e despachei todo mundo dali sem causar confusão.

– Você parece orgulhoso.

– E por que não? Nada mau para um quarentão.

– Foi por isso que você fez o que fez? Para testar suas condições aos quarenta anos?

Pensativo, Seldon foi clicando no menu para o jantar. Então, respondeu:

– Não. Eu realmente estava preocupado com a possibilidade de a universidade ter algum problema desnecessário. E eu estava preocupado com Demerzel. Pode ser que as fantasias de perigo de Yugo tenham me impressionado mais do que eu tinha percebido. Aquilo foi uma idiotice, Dors, porque sei que Demerzel pode cuidar muito bem de si mesmo. Eu não poderia explicar isso para Yugo, nem para mais ninguém, exceto você. – Hari respirou fundo. – É incrível como me dá satisfação poder pelo menos falar com você sobre isso. Você sabe, eu sei e Demerzel sabe e mais ninguém sabe (pelo menos que eu tenha conhecimento) que Demerzel é intocável.

Dors pressionou um contato num painel recuado na parede e a divisória de jantar de seu apartamento se iluminou com uma suave claridade em tom de pêssego. Juntos, ela e Hari foram para a mesa, que já estava posta com toalha, taças e copos de cristal, e os demais utensílios. Quando se sentaram, o jantar começou a chegar. Nunca havia muita demora nessa hora do fim do dia, e Seldon aceitava aquilo tudo com naturalidade. Já há muito tempo ele se acostumara com a posição social que tornava desnecessário a eles participar dos jantares com os outros docentes.

Seldon saboreou os condimentos que tinham aprendido a apreciar durante sua estadia em Mycogen, a *única* coisa daquele setor estranho, androcêntrico, impregnado pela religião e apegado ao passado que não haviam detestado.

– O que você quer dizer com “intocável”? – perguntou Dors,

suavemente.

– Ora, meu bem, ele pode alterar as emoções. Você se esqueceu disso? Se Joranum realmente chegar a se tornar perigoso, ele poderia ser... – e Hari esboçou um gesto vago com as mãos – alterado; suas ideias poderiam mudar.

Dors pareceu incomodada e a refeição prosseguiu em meio a um silêncio que não era habitual. Foi somente depois de terem terminado e de todos os objetos – pratos, talheres etc. – terem desaparecido no turbilhão do tubo de descarga no meio da mesa (que depois se fechou por si, suave e silenciosamente) que ela disse:

– Não estou certa de que quero conversar sobre isso, Hari, mas não posso deixar que você seja enganado por sua própria inocência.

– Inocência? – e ele franziu a testa.

– Sim. Nós nunca falamos sobre isso. Nunca pensei que o assunto viria à tona, mas Demerzel tem falhas. Ele não é intocável, ele pode ser atingido e Joranum é realmente um perigo para ele.

– Você está falando a sério?

– Claro que sim. Você não entende robôs, certamente não um tão complexo como Demerzel. Mas eu sim.

4

Novamente, um breve período de silêncio se impôs entre eles, mas apenas porque pensamentos são silenciosos, pois o que se passava na mente de Seldon era puro tumulto.

Sim, era verdade. Sua esposa parecia possuir um extraordinário conhecimento de robôs. Hari tinha matutado tantas vezes a respeito disso ao longo dos anos que finalmente desistira e deixara aquela indagação deslizar para o fundo de sua mente. Se não tivesse sido por Eto Demerzel – um robô –, Hari nunca teria conhecido Dors, pois ela *trabalhava* para Demerzel. Fora ele quem "designara" Dors para o caso de Hari, oito anos antes, com o objetivo de protegê-lo durante sua fuga pelos vários setores de Trantor. Ainda que agora ela fosse sua esposa, sua colaboradora, "a tampa da sua panela", Hari ainda se perguntava de vez em quando o que seria aquela estranha ligação entre Dors e o robô Demerzel. Aquela era a única área da vida de Dors de que Hari realmente sentia que não fazia parte, e onde inclusive não

era bem-vindo. E isso lhe trouxe à lembrança a mais dolorosa de todas as dúvidas: seria por obediência a Demerzel que Dors continuava com ele, ou seria *por amor*? Hari queria muito acreditar na segunda possibilidade, mas ainda assim...

Ele levava uma vida feliz com Dors Venabili, mas isso tinha um custo: era uma existência atrelada a uma condição, ainda mais rigorosa porque havia sido imposta não por meio de uma discussão e de um acordo, e sim por um entendimento mútuo e silencioso.

Seldon entendia que em Dors encontrara tudo que poderia desejar em uma esposa. É verdade que ele não tivera filhos, mas nunca havia esperado ser pai e nem, para dizer a verdade, alimentado um forte desejo nesse sentido. Ele tinha Raych, que emocionalmente para ele representava tanto um filho quanto se o garoto tivesse herdado todo o genoma seldoniano – e talvez até mais.

O mero fato de Dors estar forçando-o a pensar a respeito daquela questão significava o mesmo que romper o acordo que havia mantido a paz e o conforto entre eles naqueles anos todos, e ele sentia um discreto mas crescente ressentimento por causa disso.

No entanto, mais uma vez afastou da mente esses pensamentos, essas dúvidas. Seldon tinha aprendido a aceitar o papel dela como sua protetora e continuaria a aceitá-lo. Afinal, era com ele que ela dividia a casa, a mesa e a cama, e não com Eto Demerzel.

A voz de Dors o trouxe de volta de seu devaneio.

– Eu perguntei se você está emburrado, Hari.

Ele começou a responder devagar, pois havia o som da repetição na voz dela, e ele se deu conta de que tinha mergulhado fundo numa autoanálise e de que desviara sua atenção para longe dela.

– Desculpe-me, querida. Não estou emburrado. Não de propósito, pelo menos. Apenas estou pensando sobre como é que deveria reagir à sua afirmação.

– Sobre os robôs? – ela parecia muito tranquila quando pronunciou essa palavra.

– Você disse que não conheço tanto a respeito deles quanto você. Como é que respondo a isso? – Ele parou e então acrescentou em voz baixa (sabendo que estava se arriscando): – Quer dizer, com todo o respeito.

– Eu não disse que você não *conhecia* robôs. Se é que vai citar o que eu disse, faça isso com exatidão. Eu disse que você não *entendia* de

robôs. Estou certa de que você sabe muito, talvez até mais do que eu; mas saber não é necessariamente entender.

– Ora, Dors, você está falando de propósito de um jeito paradoxal só para ser chata. O paradoxo só surge de uma ambiguidade que é enganadora, seja por acaso ou de propósito. Não gosto disso na ciência e também não gosto disso numa conversa informal, a menos que sua intenção seja humorística, o que não me parece ser o caso agora.

Dors riu de sua maneira particular, suavemente, quase como se a diversão fosse preciosa demais para ser compartilhada de uma maneira excessivamente liberal.

– Aparentemente, o paradoxo o aborreceu até torná-lo pomposo, e você é sempre engraçado quando fica pomposo. No entanto, vou explicar. Não tenho a intenção de chatear você. – Ela estendeu o braço e lhe deu tapinhas carinhosos na mão, e foi uma surpresa para Seldon (e um pequeno motivo de vergonha) descobrir que tinha fechado a mão em punho.

– Você fala muito sobre a psico-história – Dors recomeçou. – Pelo menos comigo. Sabia disso?

Seldon pigarreou para limpar a garganta.

– Quanto a isso, estou à sua mercê. Esse é um projeto secreto, dada a sua própria natureza. A psico-história não funcionará a menos que as pessoas afetadas por ela a ignorem por completo. Assim, só posso falar sobre esse assunto com Yugo e com você. Para Yugo, tudo é uma questão de intuição. Ele é brilhante, mas tão propenso a saltar como um alucinado no escuro que tenho de fazer o papel do cauteloso e ficar o tempo todo trazendo o rapaz de volta. Mas eu também tenho as minhas ideias malucas e me ajuda ouvi-las em voz alta de vez em quando, ainda que – e ele sorriu – eu tenha a forte impressão de que você não entende uma só palavra do que estou dizendo.

– Eu sei que sou sua confidente e não me importo. Eu *realmente* não me importo, Hari, portanto não comece a tomar decisões a respeito de mudar de atitude. Naturalmente eu não acompanho seu raciocínio matemático. Sou apenas uma historiadora, e sequer historiadora da ciência. A influência das mudanças econômicas no desenvolvimento político é o que está tomando o meu tempo agora...

– Sim, e eu sou o *seu* confidente a respeito disso, ou você ainda não reparou? Vou precisar disso para a psico-história quando chegar o momento, então desconfio que você será para mim uma ajuda

indispensável.

– Que bom! Agora que esclarecemos por que você fica comigo (eu sabia que não poderia ser por minha beleza etérea), deixe que eu continue explicando que, vez ou outra, quando sua argumentação se desvia dos aspectos estritamente matemáticos, a mim parece que eu entendo sua abordagem. Em diversas oportunidades, você explicou o que chama de a necessidade do minimalismo. Acho que isso eu entendo. Com essa expressão, você quer dizer...

– Eu sei o que quero dizer.

– Menos orgulho, Hari, por favor – Dors pareceu magoada. – Não estou tentando explicar essas palavras para você. Quero explicá-las a mim mesma. Você diz que é meu confidente, então, comporte-se de acordo. A reciprocidade é algo justo, não é?

– A reciprocidade é uma coisa boa, mas se você vai me acusar de ser orgulhoso quando eu digo só uma coisinha...

– Basta! Calado! Você me disse que o minimalismo é da mais alta importância na psico-história aplicada, na arte de tentar transformar um desenvolvimento indesejável em outro desejável ou, de todo modo, em algo menos indesejável. Você disse que a mudança a ser aplicada deve ser mínima, tão mínima quanto possível.

– Sim – Seldon concordou com intensidade –, e é assim porque...

– *Não*, Hari. *Eu* estou tentando explicar. Nós dois sabemos que *você* entende isso. Você precisa do minimalismo porque toda mudança, qualquer mudança, tem uma miríade de efeitos colaterais que nem sempre se podem permitir. Se a mudança for grande demais e os efeitos colaterais forem muito numerosos, então é uma certeza que o resultado ficará muito longe de qualquer coisa que tenha sido planejada e inclusive será inteiramente imprevisível.

– Correto – concordou Seldon. – Essa é a essência de um efeito caótico. O problema é se alguma mudança é pequena o suficiente para tornar a consequência razoavelmente previsível, ou se história humana é inevitável e inalteravelmente caótica em todos os sentidos. Foi isso que, no começo, me levou a pensar que a psico-história não era...

– Eu sei, mas você não está me deixando chegar ao ponto que quero esclarecer. A questão não é se a mudança é pequena o suficiente ou não. A questão é que qualquer mudança maior do que o mínimo *é* caótica. O mínimo exigido pode ser zero, mas, se não for zero, então

ainda é muito pequeno. E poderia ser um problema e tanto encontrar alguma mudança pequena o bastante e, não obstante, significativamente maior do que zero. Ora, se entendi direito, é isso que você quis dizer com "necessidade de minimalismo".

– Mais ou menos – disse Seldon. – Claro que, como sempre, a questão é expressa de modo mais compacto e rigoroso com a linguagem matemática. Veja bem...

– Me poupe – cortou Dors. – Se você sabe disso a respeito da psico-história, Hari, então deve sabê-lo a respeito de Demerzel também. Você tem o conhecimento, mas não o entendimento porque, aparentemente, não lhe ocorreu aplicar as regras da psico-história às Leis da Robótica.

A isso Seldon respondeu em voz débil:

– Agora *eu* não entendo aonde você está querendo chegar.

– Ele também exige o minimalismo, não é mesmo, Hari? Segundo a Primeira Lei da Robótica, um robô não pode ferir um ser humano. Essa é a regra elementar para o robô comum, só que Demerzel é muito incomum e, para ele, a Lei Zero é uma realidade que tem precedência inclusive sobre a Primeira Lei. A Lei Zero determina que um robô não pode ferir a humanidade como um todo. Mas isso deixa Demerzel na mesma saia-justa que tolhe você em seu trabalho com a psico-história, percebe?

– Estou começando a entender.

– Espero que sim. Se Demerzel tem a capacidade de mudar a mente das pessoas, ele tem de fazer isso sem provocar efeitos colaterais indesejáveis e, como ele é o primeiro-ministro do Imperador, os efeitos colaterais com os quais ele tem de se preocupar são realmente numerosos.

– E a aplicação ao caso presente?

– Pense nisso! Você não pode falar com ninguém (exceto comigo, naturalmente) que Demerzel é um robô porque ele ajustou você de modo a impedi-lo de fazer isso. Mas qual foi a extensão do ajuste que ele praticou? Você quer dizer às pessoas que ele é um robô? Você quer arruinar a eficácia dele quando depende da proteção e do apoio dele para receber subsídios, e da influência que é discretamente exercida para beneficiá-lo, Hari? Claro que não. A mudança que ele teve de introduzir, então, foi ínfima, só o suficiente para impedir que você despejasse a informação num momento de descuido ou de

empolgação. É uma mudança tão diminuta que não existem efeitos colaterais particulares. É dessa mesma maneira que Demerzel tenta comandar o Império, no geral.

– E o caso de Joranum?

– Claro que é completamente diferente do seu. Sejam quais forem os motivos, ele opõe-se a Demerzel de maneira obstinada. Sem nenhuma dúvida, Demerzel poderia mudar isso, mas essa mudança só poderia ocorrer ao custo de uma considerável interferência no pensamento de Joranum, o que acarretaria resultados que Demerzel não conseguiria prever. Em vez de correr o risco de ferir Joranum e de produzir efeitos colaterais capazes de ferir outras pessoas, possivelmente a humanidade inteira, ele deve deixar Joranum em paz até conseguir encontrar alguma pequena mudança, *pequena* mesmo, que salve a situação sem causar danos. É por isso que Yugo tem razão e Demerzel é vulnerável.

Seldon ouviu tudo, mas não deu nenhuma resposta. Parecia perdido em seus pensamentos. Passaram-se vários minutos até que ele dissesse:

– Se Demerzel não pode fazer nada a esse respeito, então eu tenho de fazer.

– Se ele não pode fazer nada, o que você pode fazer?

– Comigo o caso é diferente. Eu não sou limitado pelas Leis da Robótica. Não preciso me preocupar obsessivamente com o minimalismo. E, para início de conversa, devo conversar com Demerzel.

– Será mesmo? – Dors pareceu levemente ansiosa. – Certamente não seria a mais sensata das atitudes revelar que há uma ligação entre vocês.

– Chegamos a um ponto em que não podemos fingir mais que não existe uma ligação. Naturalmente não irei ao encontro dele precedido por uma fanfarra e um anúncio por holovisualização, mas irei falar com ele.

5

Seldon sentiu-se enfurecido com o fato de o tempo ter passado. Oito anos antes, quando era um recém-chegado a Trantor, sempre conseguia agir instantaneamente. Tinha apenas um quarto num hotel

e podia deixar para trás o que havia ali dentro para perambular à vontade pelos setores de Trantor.

Agora, via-se enfiado em reuniões de departamento, com decisões a tomar e trabalho a ser feito. Não era mais tão fácil sair andando e ir ver Demerzel, quando bem quisesse... e se Demerzel também pudesse, afinal tinha sua própria agenda atarefada. Não seria fácil achar um momento em que ambos estivessem livres para se reunir.

Assim como não era fácil ver Dors balançando a cabeça para ele:

– Não sei o que você pretende fazer, Hari.

– Eu também não sei o que pretendo fazer, Dors – ele respondeu, impaciente –, e espero descobrir quando falar com Demerzel.

– Seu primeiro dever é com a psico-história. É o que ele lhe dirá.

– Pode ser. Vou descobrir.

E então, justamente quando tinha conseguido arrumar um tempo para se encontrar com o primeiro-ministro, dali a oito dias, recebeu uma mensagem na tela de parede em seu escritório no departamento, escrita em caracteres levemente arcaicos. E, para combinar com eles, palavras mais do que levemente arcaicas: ANSEIO POR UMA AUDIÊNCIA COM O PROFESSOR HARI SELDON.

Seldon contemplou aquilo, aturdido. Nem mesmo o Imperador era abordado com uma frase antiquadamente formal.

A assinatura também não estava impressa da maneira habitualmente utilizada para assegurar sua clareza. Estava grafada com um floreio que, embora não lhe roubasse a legibilidade, dotava-a da impressão de uma obra de arte executada com descuido por um mestre do ofício. A assinatura dizia LASKIN JORANUM. Era o próprio Jo-Jo ansiando por uma audiência.

Seldon acabou dando uma risadinha. Era óbvio o motivo daquela escolha de palavras e do estilo da redação. Transformava um simples pedido num artifício para despertar curiosidade. Seldon não tinha muita vontade de se encontrar com aquele homem – normalmente, não teria nenhuma vontade. Mas a que se devia todo aquele arcaísmo e seu efeito artístico? Isso ele queria descobrir.

Fez sua secretária marcar o horário e o local para o encontro. Seria em seu escritório, seguramente não em seu apartamento. A conversa seria protocolar, não social.

E teria que ocorrer antes da reunião já agendada com Demerzel.

– A mim não surpreende, Hari – Dors comentou. – Você feriu dois

membros da equipe dele, um dos quais é o principal assistente de Joranum. Atrapalhou o comiciozinho que ele tinha organizado. E, por meio dos representantes dele, levou-o a fazer papel de bobo. Ele quer dar uma boa olhada em você e acho melhor eu estar junto.

Seldon meneou a cabeça.

– Levarei Raych. Ele sabe todos os truques que eu conheço, é forte e tem a agilidade dos seus 21 anos. Embora eu esteja seguro de que não haverá necessidade de proteção.

– E como você pode estar tão seguro?

– Joranum está vindo me ver no *campus*. Haverá diversos jovens ali perto. Não sou exatamente uma figura desconhecida para o corpo discente, e desconfio que Joranum é aquele tipo de homem que faz sua lição de casa e sabe que eu estarei a salvo em meu próprio território. Estou seguro de que ele será um perfeito cavalheiro, e completamente amistoso.

– Sei... – Dors bufou, torcendo de leve o canto da boca.

– E bastante letal – Seldon concluiu.

6

Hari Seldon manteve a fisionomia impassível e a cabeça inclinada apenas o suficiente para transmitir uma impressão de razoável cortesia. Tinha se dado ao trabalho de examinar uma variedade de holografias de Joranum, mas, como costuma acontecer, a figura real, não editada, em constantes mudanças diante de condições sempre variáveis, nunca é bem a mesma figura mostrada no holograma, por mais que ele tenha sido cuidadosamente configurado. "Talvez", Seldon pensou, "seja a resposta do espectador à 'figura real' que a torna diferente."

Joranum era um homem alto – da mesma altura de Seldon, no mínimo –, só que maior em outros sentidos. Não por causa de um físico musculoso, pois passava a impressão de estar fora de forma, embora não exatamente obeso. Seu rosto era redondo, a cabeça com fartos cabelos mais cor de areia do que louros, e olhos azul-claros. Usava um macacão discreto e seu rosto exibia um meio sorriso que dava a ilusão de um sujeito amistoso e que, ao mesmo tempo, deixava claro, de algum modo, que isso era apenas uma ilusão.

– Professor Seldon – ele saudou com a voz grave e estritamente controlada do orador profissional –, estou encantado em conhecê-lo. Muita bondade sua nos consentir esta reunião. Espero que não se sinta ofendido por eu ter vindo acompanhado por meu braço direito, embora não lhe tenha perguntado com antecedência se isso seria permitido. É Gambol Deen Namarti, três nomes, como você pode perceber. Acho que já o conheceu.

– Sim, de fato. Lembro-me muito bem do incidente. – Seldon olhou para Namarti com um toque sarcástico. No encontro anterior, Namarti estivera fazendo comício no *campus* da universidade. . Agora, em uma situação mais descontraída, Seldon espiava o assistente com cuidado. Namarti tinha altura média, rosto fino, compleição pálida, cabelos escuros e boca larga. Não ostentava o meio sorriso de Joranum, nem nenhuma expressão mais definida, exceto um ar de cautela e prudência.

– Meu amigo, o dr. Namarti, formado em literatura antiga, veio comigo de vontade própria – Joranum prosseguiu, e seu sorriso aumentou um pouco – para se desculpar.

Joranum olhou rapidamente para Namarti que, tendo contraído os lábios rapidamente a princípio, terminou dizendo com voz sem nenhuma inflexão:

– Desculpe-me, professor, pelo que aconteceu no *campus*. Não estava a par das regras rígidas que se aplicam à realização de comícios na universidade e me deixei levar um pouco por meu próprio entusiasmo.

– O que é muito compreensível – completou Joranum. – Assim como ele não estava totalmente a par de sua identidade, professor. Acho que todos nós agora podemos nos esquecer desse ocorrido.

– Posso garantir aos cavalheiros que não tenho nenhum desejo de ficar relembrando tal incidente – anuiu Seldon. – Este é meu filho, Raych Seldon, de modo que podem ver que também venho acompanhado.

Raych tinha deixado crescer um bigode preto e abundante, o sinal distintivo de masculinidade para os homens dahlitas. Oito anos antes, quando conhecera Seldon e estava longe de poder ter um bigode daqueles, ainda era um moleque de rua, maltrapilho e faminto. Era um rapaz baixo, embora fosse ágil e flexível, que adotara uma expressão altiva para acrescentar alguns centímetros invisíveis à sua

estatura física.

– Bom dia, jovem – cumprimentou Joranum.

– Bom dia, senhor – respondeu Raych.

– Por favor, cavalheiros, queiram se sentar – convidou Seldon. – Posso lhes oferecer alguma coisa para beber ou comer?

Joranum estendeu as duas mãos num gesto educado de recusa.

– Não, senhor. Esta não é uma visita social. – Sentado no lugar que lhe fora indicado, acrescentou: – Embora eu tenha a esperança de que no futuro possamos vir a ter muitas visitas dessa natureza.

– Se vamos cuidar de negócios, então comecemos.

– Recebi a notícia, professor Seldon, do pequeno incidente que você tão gentilmente concordou em esquecer, e me perguntei por que decidiu correr o risco de fazer o que fez. Foi um risco, como você deve admitir.

– Na realidade, não achei que fosse.

– Mas eu sim. Por isso tomei a liberdade de descobrir tudo que pudesse a seu respeito, professor Seldon. O senhor é um homem interessante. Vem de Helicon, como fiquei sabendo.

– Sim, foi lá que nasci. Esse registro é claro.

– E está aqui em Trantor há oito anos.

– O que também é de conhecimento público.

– E, no princípio, tornou-se muito famoso por dar uma palestra de matemática sobre... como é que a chama? Psico-história?

Seldon fez um leve movimento com a cabeça. Quantas vezes havia lamentado aquela indiscrição. Claro que, naquela ocasião, nem lhe havia ocorrido que fosse uma indiscrição. Então, comentou:

– Um arroubo de entusiasmo juvenil. Não redundou em nada.

– É mesmo? – Joranum relanceou os olhos pelo aposento, com um ar de agradável surpresa. – Contudo, aqui está você, chefe do Departamento de Matemática de uma das maiores universidades de Trantor, e com apenas quarenta anos de idade, se não me engano. Estou com quarenta e dois, a propósito, então não posso considerá-lo como se eu fosse muito mais velho. Para ocupar essa posição, você deve ser um matemático muito competente.

Seldon deu de ombros.

– Não me importo com avaliações a esse respeito.

– Ou ter amigos muito poderosos.

– Todos gostaríamos de ter amigos poderosos, senhor Joranum. Mas

acho que aqui você não encontrará nenhum. Professores universitários raramente têm amigos poderosos ou, como às vezes me parece, sequer têm amigos de algum tipo. – E então ele sorriu.

Joranum sorriu também.

– Você não consideraria o Imperador um amigo poderoso, professor Seldon?

– Claro que sim, mas o que isso tem a ver comigo?

– Tenho a impressão de que o Imperador é seu amigo.

– Estou certo de que os registros indicam, senhor Joranum, que tive uma audiência com Sua Majestade Imperial há oito anos. Durou talvez uma hora, ou menos, e, naquela ocasião, não percebi nada de amistoso da parte dele a meu respeito. Desde então, não falei mais com ele, nem o vi, exceto por holovisualização, naturalmente.

– Mas, professor, não é necessário falar com o Imperador ou vê-lo para tê-lo como um amigo poderoso. É suficiente ver Eto Demerzel ou falar com ele, que é o primeiro-ministro do Imperador. Demerzel é o seu protetor, professor, e, nesse caso, podemos muito bem dizer que o Imperador também é.

– Você localizou essa suposta proteção que o primeiro-ministro Demerzel estende a mim em alguma parte dos registros? Ou há nesses registros algum elemento a partir do qual essa proteção possa ser deduzida?

– Por que vasculhar registros quando é bem sabido que há uma ligação entre vocês dois? Você sabe disso e eu também. Vamos então considerar que isso é um dado e seguir adiante. E, por favor – ele ergueu as mãos –, não se dê ao trabalho de me apresentar a mais sincera negação desse fato. Será perda de tempo.

– Na realidade – Seldon rebateu –, eu ia lhe perguntar por que acha que ele iria querer me proteger. Com que finalidade?

– Professor! Você está tentando me ofender fingindo pensar que sou um monstro de ingenuidade? Mencionei sua psico-história, que é o que Demerzel deseja.

– E eu lhe disse que isso foi uma indiscrição juvenil que não deu em nada.

– Você pode me dizer um montão de coisas, professor, e não sou obrigado a aceitar aquilo que me disser. Ora, fale comigo francamente. Li seu artigo original e tentei entendê-lo com a ajuda de alguns matemáticos da minha equipe. Eles me disseram que é uma

alucinação e altamente impossível...

– Com o que concordo inteiramente – interrompeu Seldon.

– Mas eu tenho a sensação de que Demerzel está esperando que essa hipótese seja desenvolvida e colocada em prática. E, se ele pode esperar, eu também posso. Para você, professor Seldon, seria mais útil que eu esteja esperando.

– E por quê?

– Porque Demerzel não resistirá por muito mais tempo em sua atual posição. A opinião pública está se voltando contra ele rapidamente. Pode ser que, quando o Imperador se cansar de um primeiro-ministro que não é popular e ameaça derrubar o trono em que ele está instalado, ele procure um substituto. Pode até ser que venha a ser este pobre coitado que agrade ao Imperador como substituto de Demerzel. E você continuará precisando de um protetor, de alguém que lhe garanta as condições necessárias para que continue trabalhando sossegado e com fundos suficientes que atendam a todas as suas necessidades de equipamento e assistência.

– E você seria esse protetor?

– Naturalmente, e pelas mesmas razões que levam Demerzel a sê-lo. Eu quero um técnico bem-sucedido em psico-história para que eu possa comandar o Império com mais eficiência.

Seldon aquiesceu com um movimento deliberado de cabeça, aguardou um instante e então indagou:

– Mas, nesse caso, senhor Joranum, por que devo me envolver nisso? Sou um mero estudioso, levando uma vida pacífica, ocupado com atividades matemáticas e pedagógicas bem pouco práticas. Você diz que Demerzel é meu atual protetor e que, no futuro, você será o meu protetor. Então, posso continuar tranquilamente com as minhas pesquisas. Você e o primeiro-ministro podem brigar entre si. Seja quem for vencedor, no fim continuarei tendo um protetor... pelo menos, é o que acabei de ouvir.

O sorriso fixo de Joranum pareceu murchar um pouco. Namarti, ao lado dele, virou o rosto taciturno na direção de Joranum como se fosse dizer alguma coisa, mas a mão de Joranum se moveu discretamente e Namarti tossiu, sem falar nada.

Então, Joranum perguntou:

– Doutor Seldon, você é patriota?

– Ora, claro que sim. O Império proporcionou à humanidade

milênios de paz (praticamente a paz, quero dizer) e promoveu um progresso consistente.

– De fato, fez isso mesmo, mas a um ritmo mais lento nos últimos dois séculos, aproximadamente.

Seldon encolheu os ombros

– Não estudei essas questões.

– E nem tem de estudar. Você sabe que, politicamente, os últimos dois séculos foram tempos tumultuados. Os reinados imperiais foram curtos e às vezes inclusive abreviados por assassinatos...

– A mera menção disso é quase um ato de traição – Seldon atalhou. – Prefiro que você não...

– Ora, ora – exalou Joranum, deixando-se de repente apoiar no encosto da cadeira. – Veja como você é inseguro. O Império está em decadência. Eu estou disposto a dizer isso abertamente. Os que me seguem também agem assim porque sabem muito bem que isso está de fato acontecendo. Precisamos de alguém que seja o braço direito do Imperador e que esteja em condições de controlar o Império, de subjugar os impulsos rebeldes que parecem irromper por toda parte, de conferir às forças armadas a liderança natural que devem ter, de comandar a economia...

Impaciente, Seldon usou o braço para esboçar no ar um gesto para o outro parar.

– E você é a pessoa certa para fazer isso, não é?

– Pretendo ser. Não será uma tarefa fácil e duvido que existam muitos outros voluntários... e por bons motivos. Certamente Demerzel não pode fazer esse trabalho. Sob seu comando, o declínio do Império está indo em ritmo acelerado rumo a um colapso total.

– Mas você pode deter esse processo?

– Sim, doutor Seldon, com a sua ajuda. Com a psico-história.

– Talvez Demerzel pudesse interromper o colapso com a psico-história, se ela existisse.

– Ela existe – Joranum acrescentou calmamente. – Não tentemos fingir que ela não existe. Mas sua existência não ajuda Demerzel. A psico-história é somente uma ferramenta. Ela precisa de um cérebro que a compreenda e de um braço que a empunhe.

– E é você que tem isso, se estou entendendo direito?

– Sim. Conheço as minhas próprias virtudes. Eu quero a psico-história.

Seldon balançou a cabeça.

– Você pode querê-la tanto quanto quiser. Eu não tenho a psico-história.

– Tem *sim*. Nem vou discutir isso. – Joranum inclinou-se mais, aproximando-se, como se desejasse insinuar sua voz para dentro dos ouvidos de Seldon, em vez de permitir que as ondas sonoras apenas a transportassem até lá. – Você se diz patriota. Devo substituir Demerzel para evitar a destruição do Império. No entanto, o processo dessa substituição poderia por si mesmo enfraquecer gravemente o Império. Não é isso o que eu quero. E *você* pode me aconselhar sobre como alcançar esse fim de modo suave e sutil, sem causar danos ou estragos, pelo bem do Império.

– Não posso – respondeu Seldon. – Você me acusa de um conhecimento que eu não possuo. Gostaria de poder ajudar, mas não posso.

Joranum se pôs em pé subitamente.

– Bem, você já sabe o que penso e o que quero de você. Reflita sobre isso. E peço que pense no Império. Você pode achar que deve sua amizade a Demerzel, esse saqueador de todos os milhões de planetas da humanidade. Tome cuidado. O que você faz pode abalar os alicerces do Império. Peço que me ajude, em nome dos quatrilhões de seres humanos que enchem a Galáxia. Pense no Império.

Sua voz foi baixando até se tornar quase um sussurro, excitante e poderoso. Seldon se sentiu quase tremendo.

– Eu sempre pensarei no Império – ele respondeu.

– Então, isso é tudo que lhe peço por ora – concluiu Joranum. – Obrigado por consentir em me receber.

Seldon acompanhou com os olhos Joranum e Namarti se afastarem, e as portas deslizarem e se fecharem silenciosamente depois de saírem do escritório. Sua testa estava franzida. Alguma coisa o incomodava bastante – e ele não conseguia identificar ao certo o que era.

7

Os olhos escuros de Namarti fixaram-se em Joranum, assim que se sentaram em seu escritório cuidadosamente protegido, no Setor Streeling. O quartel-general não era muito sofisticado; eles ainda eram

fracos em Streeling, mas ganhariam forças.

Era notável como o movimento estava crescendo. Tinha começado do nada três anos antes, e agora seus tentáculos se haviam estendido através de Trantor, mais robustos em alguns lugares do que em outros, naturalmente. Em sua maioria, os Mundos Exteriores ainda não haviam sido atingidos. Demerzel havia se empenhado vigorosamente para mantê-los contentes, mas esse fora o erro *dele*. Era ali, em Trantor, que as rebeliões eram perigosas. Em qualquer outra parte poderiam ser controladas. Ali, porém, Demerzel poderia ser derrubado. Era estranho que ele não tivesse notado isso, mas Joranum sempre defendera a hipótese de que a reputação de Demerzel era inflacionada, que ele se revelaria apenas um saco vazio se alguém ousasse se opor a ele, e que o Imperador rapidamente o descartaria se sua própria segurança parecesse em risco.

Até aquele momento, pelo menos, as previsões de Joranum se haviam sustentado. Em nenhuma oportunidade sequer ele tinha perdido o comando da situação, exceto em casos de pouca importância, como aquele recente comício na Universidade de Streeling no qual o tal Seldon havia interferido.

Talvez tivesse sido esse o motivo pelo qual Joranum insistira em ter aquela entrevista com ele. Até mesmo o menor obstáculo deveria ser resolvido. Joranum apreciava se sentir infalível e Namarti tinha de admitir que um horizonte de constantes sucessos seguidos era o meio mais seguro de garantir a continuidade do processo. As pessoas costumam evitar a humilhação do fracasso tomando o partido do lado evidentemente vencedor, ainda que contrariando suas próprias opiniões.

Agora, essa entrevista com o tal Seldon tinha sido bem-sucedida ou, ao contrário, um novo contratempo a se somar ao primeiro? Namarti não tinha gostado de ter sido arrastado para aquele encontro com a obrigação de humildemente se desculpar; em sua maneira de ver, isso não tinha ajudado em nada.

E ali estava Joranum, sentado e obviamente mergulhado em seus pensamentos, mordiscando a ponta do dedo como se dela extraísse alguma espécie de alimento mental.

– Jo-Jo – chamou Namarti, educadamente. Ele era uma das pouquíssimas pessoas que podiam tratar Joranum pelo diminutivo que as multidões usavam incessantemente quando se reuniam para ouvi-

lo. Em público, Joranum despertava assim o amor da audiência, mas em particular exigia das pessoas ser tratado com respeito, exceto no caso de amigos especiais que já vinham com ele desde o início.

– Jo-Jo – ele tornou a chamar.

Joranum ergueu os olhos.

– Sim, G. D., o que é? – ele indagou, parecendo um pouco irritado.

– O que é que vamos fazer com esse tal de Seldon, Jo-Jo?

– Fazer? Nada, por enquanto. Pode ser que ele se una a nós.

– Por que esperar? Podemos pressioná-lo. Podemos mexer alguns pauzinhos na universidade e fazer a vida dele virar um inferno.

– Não, não. Até agora, Demerzel tem nos permitido agir como queremos. Aquele tolo é confiante demais. A última coisa que queremos fazer, porém, é instigá-lo a agir antes de estarmos perfeitamente preparados. Uma atitude peso-pesado contra Seldon pode justamente ser esse gatilho. Desconfio que Demerzel atribui uma enorme importância a Seldon.

– Por causa dessa psico-história de que vocês dois falaram?

– Justamente.

– O que é isso? Nunca tinha ouvido falar.

– Pouquíssimas pessoas ouviram. É uma maneira matemática de analisar a sociedade humana que culmina em fazer previsões para o futuro.

Namarti franziu a testa e sentiu-se afastando ligeiramente de Joranum. Será que Joranum estava fazendo piada com ele? Será que estava pensando em fazê-lo rir? Namarti nunca fora capaz de perceber quando ou por que as pessoas esperavam que ele risse. Ele nunca sentira vontade de rir. Mas questionou:

– Prever o futuro? Como?

– Ah! Se eu soubesse, para que precisaria de Seldon?

– Para ser sincero, Jo-Jo, não acredito nisso. Como é que alguém pode prever o futuro? É o mesmo que cartomancia.

– Eu sei, mas depois que Seldon acabou com aquele pequeno comício que você estava fazendo, mandei que pesquisassem a seu respeito. De cabo a rabo. Há oito anos, ele veio a Trantor e apresentou um artigo sobre psico-história numa convenção de matemáticos e depois disso o assunto morreu de uma vez. Nunca mais se ouviu uma referência ao artigo, da parte de ninguém. Inclusive do próprio Seldon.

– Dá a impressão de que não havia nada de substancial ali, então.

– Oh, não, justamente o contrário. Se o assunto tivesse desaparecido aos poucos, se tivesse sido ridicularizado, eu teria dito que ali não havia nada que prestasse. Mas ser abolido de uma maneira tão completa e repentina significa que a coisa toda tinha sido levada para a mais secreta das geladeiras. É por isso que Demerzel talvez não esteja fazendo nada para nos deter. Talvez ele não esteja sendo guiado por algum tolo excesso de confiança; talvez esteja sendo norteado pela psico-história, que deve estar prevendo algo de que Demerzel planeja se aproveitar no momento certo. Nesse caso, corremos o risco de fracassar a menos que nós mesmos tenhamos a psico-história do nosso lado.

– Seldon afirma que ela não existe.

– E você não diria o mesmo no lugar dele?

– Continuo achando que devemos fazer pressão nele.

– Isso seria inútil, G. D. Você nunca ouviu falar da história do Machado de Venn?

– Não.

– Se você fosse de Nishaya, saberia. É um conto popular muito conhecido por lá. Em resumo, Venn era um lenhador que tinha um machado mágico que, com um único e leve golpe, era capaz de derrubar qualquer árvore. Era um machado imensamente valioso, e Venn nunca tomou nenhum cuidado para escondê-lo ou preservá-lo, e mesmo assim nunca foi roubado porque ninguém, além do próprio Venn, conseguia levantar ou usar o machado. Bem, por ora, ninguém consegue lidar com a psico-história além do próprio Seldon. Se ele estivesse do nosso lado somente porque o forçamos a isso, jamais poderíamos estar seguros quanto à sua lealdade. Facilmente ele poderia sugerir um curso de ação que parecesse nos favorecer, mas que seria elaborado com tal sutileza que, depois de algum tempo, terminaria por nos destruir de repente. Não; ele deve vir para o nosso lado voluntariamente e trabalhar para nós porque deseja a nossa vitória.

– Mas como poderemos trazê-lo para o nosso lado?

– O filho de Seldon. O nome dele é Raych, creio eu. Você já o observou?

– Não especialmente.

– G. D., G. D., você perde aspectos importantes se não observar

tudo. Esse jovem me ouviu com toda a atenção. Ele ficou impressionado; pude perceber isso. Se tem uma coisa que eu consigo perceber é o quanto consigo impressionar os outros. Sei quando entro na cabeça de alguém e quando mexo com as ideias de uma pessoa a ponto de abrir caminho para sua conversão.

Joranum sorriu. Não aquele sorriso falsamente afetuoso e sedutor que exibia em público, mas um sorriso genuíno, dessa vez: frio e, em certa medida, também ameaçador.

– Vamos ver o que conseguimos com Raych – ele murmurou – e, se por meio dele, conseguimos atingir Seldon.

8

Raych olhou para Hari Seldon depois que os dois políticos tinham partido e cofiou as pontas de seu bigode. Acariciá-lo dava-lhe satisfação. Ali, no Setor Streeling, alguns homens usavam bigode, mas em geral não passavam de coisinhas ralas e desprezíveis de cor indefinida, ainda que de tom escuro. A maioria dos homens não tinha bigode e padecia com lábios superiores expostos. Seldon, por exemplo, não tinha bigode e para ele isso era vantajoso; com aquela cor de cabelo, um bigode teria sido uma imitação ridícula.

Raych fitou Seldon com intensidade, esperando que ele retornasse de seu mergulho nos próprios pensamentos, e então sentiu que não aguentava mais esperar.

– Pai! – ele chamou.

Seldon levantou os olhos e perguntou:

– O quê? – com um tom de voz levemente irritado por aquela interrupção em seu fio de ideias, como Raych logo percebeu.

Este então confidenciou:

– Não acho que você tenha agido certo recebendo esses dois.

– É? E por que não?

– Bom, o magrinho, sei lá o nome dele, foi o cara que causou problemas no *campus*. Ele não pode ter gostado daquilo.

– Mas ele se desculpou.

– Mas não de verdade. Quanto ao outro, Joranum, ele pode ser perigoso. E se eles tivessem vindo com armas?

– O quê? Aqui, dentro da universidade? No meu escritório? Claro

que não. Não estamos em Billibotton. Além disso, se tivessem tentado alguma coisa, eu poderia ter dado conta deles dois juntos. Facilmente.

– Não sei, pai – Raych falou com uma ponta de dúvida na voz. – Você está ficando...

– Não diga nada, seu monstrinho ingrato – Seldon cortou, erguendo um dedo em sinal de advertência. – Parece a sua mãe falando e já me cansei dessa conversa. *Não* estou ficando velho, não... pelo menos, não *tão* velho. Além do mais, você estava comigo e é um mestre tufão quase tão habilidoso quanto eu.

– A arte do tufão num é tão boa – Raych contrapôs, enrugando o nariz. (Não adiantava. Raych percebeu como estava falando e soube que, embora já estivesse há oito anos longe da escória de Dahl, ele ainda escorregava e voltava a usar o sotaque dahlita que o identificava claramente como membro da classe inferior. Além disso, ele era baixo a ponto de às vezes se sentir subdesenvolvido. Porém, tinha o seu bigode e ninguém jamais posava de superior diante dele duas vezes.) E acrescentou: – O que é que você vai fazer com Joranum?

– Nada, por enquanto.

– Bom, pai, é o seguinte. Vi Joranum umas duas vezes no TrantorVisão. Inclusive gravei algumas holofitas com os discursos dele. Todo mundo está falando dele, então achei que devia saber o que ele tem a dizer. E, sabe de uma coisa, até que ele faz sentido. Não gosto dele, não confio nele, mas o que ele diz *faz* certo sentido. Ele quer que todos os setores tenham direitos e oportunidades iguais, e não há nada de errado nisso, há?

– Certamente que não. Todos os povos civilizados afirmam isso mesmo.

– Então, por que é que nós *não* temos esse tipo de coisa? Será que o Imperador também pensa assim? E Demerzel?

– O Imperador e o primeiro-ministro têm um Império inteiro com que se preocupar. Eles não podem concentrar todos os seus esforços apenas em Trantor. É fácil para Joranum falar de igualdade: ele não tem responsabilidades. Se estivesse numa posição de comando, iria constatar que seu trabalho seria grandemente diluído através de um Império com vinte e cinco milhões de planetas. Não somente isso, como ele acabaria se percebendo interrompido a cada ponto pelos próprios setores. Cada um deles quer uma grande dose de igualdade para si mesmo, e não tanta igualdade para os demais. Diga-me, Raych,

você acha que Joranum deveria ter uma chance de governar, apenas para mostrar o que é capaz de fazer?

– Não sei – Raych deu de ombros. – Talvez... Mas, se Joranum tivesse tentado alguma coisa contra você, eu teria voado na garganta dele antes que ele conseguisse se mexer dois centímetros.

– A sua lealdade para comigo, então, excede a sua preocupação com o Império.

– Sem dúvida. Você é meu pai.

Seldon olhou afetuosamente para Raych, mas, sob aquele olhar ele sentiu um pouco de incerteza. Até que ponto a influência quase hipnótica de Joranum seria capaz de se estender?

9

Ao se sentar, Hari Seldon apoiou as costas na cadeira e o encosto vertical cedeu ao seu movimento, o que lhe permitiu chegar a uma posição semi-inclinada. Pôs as mãos atrás da cabeça e continuou com os olhos desfocados. De fato, respirava muito suavemente.

Dors Venabili estava no outro lado do aposento, com o visualizador desligado e os microfilmes de volta ao lugar. Tinha concluído um período de revisão bastante concentrada de suas opiniões sobre o Incidente em Florina, ocorrido no início da história de Trantor, e achava muito repousante interromper o trabalho por alguns instantes e especular sobre o que Seldon estaria ponderando.

Tinha de ser a psico-história. Isso provavelmente ocuparia o resto da vida dele, delineando os caminhos obscuros dessa técnica semicaótica, e ele não conseguiria concluir a tarefa, deixando que outros a completassem (Amaryl, no caso, se aquele rapaz também não se esgotasse no estudo desse assunto) e ficando de coração partido por causa dessa necessidade.

Todavia, isso dava a ele uma razão para viver. Ele viveria mais tempo, com aquele problema ocupando-o do começo ao fim, e isso a agradava. Um dia ela iria perdê-lo, sabia disso, e percebeu como esse pensamento a afligia. No começo, Dors não achava que isso a deixaria tão aflita, quando sua incumbência tinha sido apenas protegê-lo por conta de seus conhecimentos.

Quando é que aquilo tinha se tornado uma necessidade pessoal?

Como é que poderia haver uma necessidade assim tão pessoal? O que havia naquele homem que a deixava desassossegada quando ele não se encontrava ao alcance de seus olhos, mesmo que soubesse que estaria seguro e que os comandos profundamente instalados em seu ser não a obrigassem a entrar em ação? A segurança dele era tudo que lhe fora ordenado manter, sua única preocupação. Como é que o resto havia se emaranhado dentro de si?

Há muito tempo ela havia conversado com Demerzel a esse respeito, assim que esse sentimento se tornara inquestionável. Ele a havia contemplado com gravidade, antes de dizer:

– Você é complexa, Dors, e não existem respostas simples. Houve diversos indivíduos em minha vida em cuja presença eu era capaz de pensar com mais facilidade, e para os quais era mais agradável de se responder. Tentei julgar se a facilidade de minhas respostas na presença deles em oposição à dificuldade de minhas respostas com a ausência final desses indivíduos fazia com que eu fosse basicamente beneficiado ou prejudicado. Durante esse processo, uma coisa ficou clara: a satisfação advinda de sua companhia era maior do que a lástima por seu desaparecimento. No geral, então, é melhor desfrutar o que você está sentindo agora do que não sentir.

Ela pensou: "Um dia Hari deixará um vazio e a cada momento que passa, esse dia se torna mais próximo, e não devo pensar nisso".

Foi para se livrar desse pensamento que ela finalmente o interrompeu:

– No que está pensando, Hari?

– Quê? – Seldon focou os olhos, fazendo um esforço perceptível.

– Deve ser na psico-história. Imagino que você deparou com outro beco sem saída.

– Bem, até que não. Não é nada disso que tenho em mente. – E de repente ele riu. – Quer saber no que eu estava pensando? Em cabelo!

– Cabelo? De quem?

– Neste exato momento, no seu – e ele olhou para ela afetuosamente.

– Tem alguma coisa errada com ele? Devo pintar de outra cor? Talvez, depois de tantos anos, deva deixar grisalho.

– Ora! Quem é que precisa ou quer que *seu* cabelo fique grisalho? Mas essa ideia me levou a outras coisas. A Nishaya, por exemplo.

– Nishaya? O que é isso?

– Como nunca fez parte do reino pré-imperial de Trantor não me surpreende que você nunca tenha ouvido falar dele. É um mundo: pequeno, isolado, sem importância, esquecido. Só sei alguma coisa sobre Nishaya porque me dei ao trabalho de pesquisar. Pouquíssimos mundos dentre os vinte e cinco milhões habitados podem realmente chamar a atenção por muito tempo, mas duvido que haja outro tão insignificante quanto Nishaya. O que é, em si, muito significativo, entende?

Dors empurrou de lado o material de referência que estava estudando e reclamou:

– Mas que nova predileção é essa que você tem por paradoxos, que você sempre me diz que detesta? Que há de significativo nessa insignificância?

– Bom, não me importo com paradoxos quando sou *eu* quem os cria. Veja só, Joranum vem de Nishaya.

– Ah, você está preocupado com Joranum.

– Sim. Estive assistindo a alguns dos discursos dele, por insistência de Raych. Eles não fazem muito sentido, mas seu efeito final é quase hipnótico. Raych está muito impressionado com ele.

– Imagino que qualquer pessoa de origem dahlita acabe se impressionando, Hari. O constante apelo de Joranum por igualdade para os setores seria naturalmente muito atraente para termopoceiros tão desprestigiados. Você se lembra de quando estávamos em Dahl?

– Eu me lembro muito bem, e claro que não culpo o rapaz. É que me incomoda o fato de Joranum ser de Nishaya.

– Bem – Dors deu de ombros –, Joranum tem de ser de algum lugar e, por outro lado, Nishaya, como qualquer outro mundo, deve mandar nativos para outras partes às vezes, inclusive para Trantor.

– Sim, mas como eu disse, dei-me ao trabalho de investigar Nishaya. Consegui inclusive fazer um contato hiperespacial com um oficial subalterno de lá, o que me custou uma quantidade considerável de créditos que, em sã consciência, não posso cobrar do departamento.

– E você encontrou alguma coisa que tenha feito valer a pena usar esses créditos?

– Estou achando que sim. Veja, Joranum está sempre contando histórias para apresentar suas ideias, histórias que são lendas em sua terra natal, Nishaya. Para ele, isso representa uma vantagem aqui em Trantor, pois lhe permite causar a impressão de ser um homem do

povo, repleto de uma filosofia nascida da vida cotidiana. Esses contos povoam todos os seus discursos. Fazem-no parecer que vem de um mundo pequeno, que foi criado numa fazenda retirada e isolada, em meio a uma ecologia natural. As pessoas gostam disso, especialmente os trantorianos, que prefeririam morrer a ficar presos um dia num ambiente de ecologia natural, mas que mesmo assim adoram sonhar com isso.

– Mas o que você tira de tudo isso?

– O esquisito é que nenhuma dessas histórias era conhecida por aquela pessoa de Nishaya com quem eu falei.

– Isso não é significativo, Hari. Pode ser um mundo pequeno, mas é um mundo. O que é de conhecimento comum no setor em que Joranum nasceu pode não ser naquele outro lugar de onde era o tal oficial.

– Não, não. Contos folclóricos, de uma forma ou outra, são normalmente difundidos por todo um determinado planeta. Mas, afora isso, foi um trabalho considerável compreender o sujeito. Ele falava em Padrão Galáctico, com um sotaque carregado. Falei com mais algumas pessoas desse mundo, só para conferir, e todos tinham o mesmo sotaque.

– E o que isso quer dizer?

– Joranum não tem esse sotaque. Ele fala um trantoriano bastante bom. Aliás, bem melhor do que o meu, inclusive. Eu acentuo a letra “r”, como os heliconianos fazem. Ele, não. De acordo com os registros, ele chegou a Trantor aos dezenove anos. Na minha forma de ver, é basicamente impossível você passar vários anos de sua vida falando a versão bárbara nishayana do Padrão Galáctico e então chegar a Trantor e perder totalmente esse sotaque. Por mais tempo que tenha se passado, algum vestígio desse sotaque deveria ter permanecido. Veja Raych, por exemplo, e a maneira como ele retrocede de vez em quando à maneira dahlita de falar.

– E o que você deduz disso tudo?

– O que deduzo, pois fiquei sentado aqui a noite inteira deduzindo como se fosse uma máquina de deduções, é que Joranum não veio de Nishaya de jeito nenhum. Na realidade, acho que ele escolheu Nishaya como pretenso local de origem simplesmente porque é tão remoto, tão desconhecido, que ninguém iria pensar em pesquisar de onde ele vem. Ele deve ter feito uma pesquisa minuciosa de computador para

encontrar um mundo que lhe desse menos chances de ser flagrado mentindo.

– Hari, mas isso é ridículo. Por que ele iria querer fingir que é de um mundo, quando não é? Isso representaria uma enorme falsificação de registros.

– E é bem provável que ele tenha feito justamente isso. Possivelmente, ele tem um número suficiente de seguidores no serviço público que conseguem tornar isso factível. É provável que ninguém tenha se dado ao trabalho de rever os tais registros e todos os seguidores dele são fanáticos demais para falar sobre isso.

– De novo... por quê?

– Porque desconfio que Joranum não quer que as pessoas saibam de onde ele realmente é.

– E por que não? Todos os mundos do Império são iguais, tanto por lei quanto por costume.

– Isso eu não posso confirmar. Todas essas teorias idealistas de algum modo nunca se verificam na vida real.

– Então, de onde ele é? Você tem alguma ideia?

– Tenho. E com isso voltamos à questão do cabelo.

– O que é que cabelo tem a ver com isso?

– Enquanto conversava com Joranum, eu ficava olhando para a cara dele e me sentindo inquieto, sem saber por que me sentia tão incomodado. Então, finalmente percebi que era o cabelo dele que estava me deixando daquele jeito. Havia algo nele, uma vitalidade, um brilho... uma *perfeição* naquele cabelo que eu nunca tinha visto antes. Foi então que eu percebi. O cabelo dele é artificial e cuidadosamente aplicado ao escalpo que deveria demonstrar total ausência de pelos.

– *Deveria*? – Os olhos de Dors se estreitaram. Era óbvio que subitamente ela havia entendido. – Você quer dizer...

– Sim, *quero* dizer sim. Ele é daquele setor de Trantor governado pelo passado e pela mitologia: Mycogen. É *isso* que ele vem se empenhando em mascarar.

10

Dors Venabili pensou friamente a respeito dessa questão. Essa era sua única maneira de pensar: friamente. Não era seu estilo misturar

razão e emoção.

Ela fechou os olhos para se concentrar. Já haviam se passado oito anos desde que ela e Hari tinham visitado Mycogen, e não ficaram muito tempo por lá. Não havia muito o que admirar, além da comida.

As imagens começavam a surgir. A sociedade rígida, puritana, centrada nos homens; a ênfase no passado; a remoção de todos os pelos do corpo, num processo doloroso e deliberadamente autoimposto para se tornarem diferentes e assim "saberem quem eram"; suas lendas; suas lembranças (ou fantasias) acerca de uma época em que haviam dominado a Galáxia, quando tinham vidas prolongadas, quando existiam robôs.

Dors abriu os olhos e perguntou:

– Por quê, Hari?

– Por que o quê, querida?

– Por que ele iria fingir que não é de Mycogen?

Dors não achava que ele fosse se lembrar de Mycogen em mais detalhes do que ela; na realidade, ela sabia que ele não se lembraria, mas a cabeça dele era melhor do que a dela... ou diferente, sem dúvida. A mente de Dors era capaz de se lembrar e de obter inferências óbvias somente segundo as linhas de uma dedução matemática. Já Hari tinha a capacidade mental de realizar saltos inesperados. Ele gostava de fingir que a intuição era exclusividade de seu assistente, Yugo Amaryl, mas Dors não se deixava enganar. Seldon apreciava se apresentar como um matemático desapegado das coisas materiais, sempre fitando o mundo com olhos perpetuamente abstraídos, mas ela tampouco se deixava iludir com isso.

– Por que ele iria fingir que não é de Mycogen? – ela repetiu para ele, que continuava sentado à frente dela com o olhar perdido em seu mundo interno, numa expressão que Dors associava com a tentativa de Seldon de extrair mais uma gotinha que fosse de utilidade e validade dos conceitos da psico-história.

– É uma sociedade rígida, limitadora – ele finalmente respondeu. – Sempre existem aqueles que se sentem sufocados com a maneira como todas as ações e todos os pensamentos são socialmente determinados. Sempre existem aqueles que percebem que não poderão ser inteiramente domados, que anseiam por maiores liberdades como que as que estão disponíveis num mundo mais secular em outras partes. É compreensível.

– Então eles implantam cabelo artificial?

– Não; em geral, não. Os traidores (é assim que os mycogenianos chamam os desertores que, naturalmente, eles desprezam) em geral usam peruca. É muito mais simples, mas muito menos eficiente. O que ouvi falar foi que traidores convictos implantam cabelo artificial. É um processo difícil e dispendioso, mas praticamente imperceptível. Nunca vi ninguém assim, até agora, embora já tenha ouvido falar. Passei anos estudando todos os oitocentos setores de Trantor, tentando elaborar as regras básicas e matemáticas da psico-história. Infelizmente, tenho bem pouco a mostrar quanto a isso, mas pude aprender algumas coisas.

– Mas por que então os traidores têm de esconder o fato de que são de Mycogen? Que eu saiba, eles não são perseguidos.

– É, não são mesmo. Aliás, não há uma impressão geral de que os mycogenianos sejam inferiores. É pior do que isso. Eles não são levados a sério. São inteligentes (todos reconhecem isso), altamente educados, dignos, cultos, exímios na cozinha, quase assustadores em sua capacidade de manter a prosperidade de seu setor, mas ninguém os leva a sério. As pessoas que não são de Mycogen acham que as crenças dos mycogenianos são ridículas, engraçadas e inacreditavelmente tolas. E essa imagem acaba englobando, também, os traidores mycogenianos. O mycogeniano que tentasse se apossar do poder no governo seria esmagado pelas gargalhadas. Ser temido não é nada. Até mesmo ser alvo de desprezo é algo com que se pode conviver. Mas rirem de você, isso é fatal. E Joranum quer ser primeiro-ministro; portanto, precisa ter cabelo e, para ficar confortável, deve se apresentar como alguém que tenha sido criado em algum mundo obscuro e tão afastado de Mycogen quanto ele seja capaz de inventar.

– Claro que existem algumas pessoas naturalmente carecas.

– Mas nunca tão completamente depiladas quanto os mycogenianos se forçam a ser. Nos Mundos Exteriores, isso não teria tanta importância. Mas Mycogen é um murmúrio distante para os Mundos Exteriores. Os mycogenianos são tão fechados em sua própria realidade que é raro, inclusive, algum deles ter chegado a sair de Trantor. Aqui, em Trantor, porém, a coisa é diferente. As pessoas podem ser carecas, mas em geral têm algum vestígio de cabelo que as identifica como não mycogenianas; senão, deixam crescer pelos no

rosto. Os pouquíssimos que não têm absolutamente nenhum pelo, em geral por causa de alguma doença, são azarados. Imagino que tenham de andar sempre com um atestado médico no bolso provando que não são mycogenianos.

Franzindo de leve a testa, Dors indagou:

– Isso nos ajuda de algum modo?

– Não sei ao certo.

– Você não poderia revelar que ele é de Mycogen?

– Não tenho certeza de que isso poderia ser feito com facilidade. Ele deve ter apagado bem seus rastros e, ainda que isso pudesse ser feito...

– Sim?

– Não quero criar incidentes com base em intolerância – Seldon deu de ombros. – A situação social em Trantor está ruim o suficiente sem que precisemos correr o risco de atiçar paixões desenfreadas que nem eu, nem ninguém, seria capaz de controlar. Se eu tiver de recorrer a essa questão de Mycogen, será somente em último caso.

– Então, você também está praticando o minimalismo.

– Claro que sim.

– Então, o que é que você *vai* fazer?

– Marquei uma reunião com Demerzel. Ele talvez saiba o que fazer.

– Hari – disse Dors enquanto olhava para ele de maneira penetrante –, você por acaso caiu na armadilha de esperar que Demerzel resolva todos os problemas para você?

– Não, mas talvez ele resolva este.

– E se ele não resolver?

– Então, terei de pensar em alguma outra coisa, não é mesmo?

– Como o quê?

– Dors, eu não sei – Seldon confessou, com uma expressão de dor em seu semblante. – Também não espere que *eu* resolva todos os problemas.

11

Eto Demerzel não era visto com frequência, exceto pelo Imperador Cleon. Ele adotara a política de permanecer nos bastidores por uma variedade de motivos, um dos quais era o fato de sua aparência mudar

muito pouco com o passar do tempo.

Hari Seldon não o via fazia alguns anos e não havia conversado com ele em particular desde a época de seus primeiros dias em Trantor.

À luz da recente e inquietante entrevista que Seldon tivera com Laskin Joranum, tanto ele como Demerzel acharam que seria melhor não divulgar o fato de terem algum relacionamento. Uma visita de Hari Seldon ao escritório do primeiro-ministro no Palácio Imperial não passaria despercebida. Assim, por motivos de segurança, decidiram que iriam se reunir numa suíte pequena, mas luxuosa, do Hotel Dome's Edge, não muito longe do palácio.

Ver Demerzel naquele momento trazia o passado de volta de maneira dolorosa. O simples fato de sua aparência ser exatamente como antes tinha tornado a agonia de Seldon ainda mais intensa. O rosto de Demerzel ainda exibia os mesmos traços fortes e regulares. Continuava alto e com aparência robusta, os mesmos cabelos escuros com alguns fios louros. Não era belo, mas tinha um ar grave e distinto. Parecia a imagem ideal de como um primeiro-ministro imperial deveria se apresentar, muito diferente de qualquer outra figura de autoridade na história antes dele. Seldon pensou que devia ser a aparência dele que lhe dava metade de seu poder sobre o Imperador e, portanto, sobre a Corte Imperial e, por conseguinte, sobre todo o Império.

Demerzel avançou na direção de Seldon com um discreto sorriso curvando-lhe os lábios sem alterar em nada a gravidade de seu semblante.

– Hari – ele saudou –, é bom vê-lo novamente. Tive um pouco de receio de que você mudasse de ideia e cancelasse nossa reunião.

– E eu estava mais do que um pouco receoso de que o *senhor* fizesse isso, primeiro-ministro.

– Eto... se tiver receio de usar meu nome de verdade.

– Eu não poderia. Não sairia pela minha boca. Você sabe disso.

– Para mim, vai. Diga. Eu gostaria muito de ouvi-lo.

Seldon hesitou, como se não conseguisse acreditar que seus lábios pudessem formular as palavras ou que as cordas vocais de sua garganta pudessem formá-las.

– Daneel – ele disse, afinal.

– R. Daneel Olivaw – Demerzel completou. – Sim. Você jantará

comigo, Hari. Se eu jantar com você, não precisarei comer, o que será um alívio.

– Com prazer, embora só uma pessoa comendo não seja exatamente a minha ideia de um tempo compartilhado. Sem dúvida um bocado ou dois...

– Para agradá-lo...

– Ainda assim – Seldon continuou –, não posso deixar de pensar sobre se é uma atitude sensata passarmos muito tempo juntos.

– É. Ordens imperiais. Sua Majestade Imperial quer que seja assim.

– Por quê, Daneel?

– Daqui a dois anos, a Convenção Decenal estará novamente reunida... Você parece surpreso. Tinha esquecido?

– Na verdade, não. Só não tinha pensado mais nisso.

– Você não estava pensando em comparecer? Na última, você foi um tremendo sucesso.

– Sim. Com a minha psico-história. Que sucesso.

– Chamou a atenção do Imperador. Nenhum outro matemático conseguiu isso.

– Foi você quem se sentiu atraído no começo, não o Imperador. Depois, tive de fugir e permanecer fora do alcance da atenção imperial até que chegasse a hora de eu poder lhe assegurar que tinha dado início à minha pesquisa psico-histórica. Depois disso, você me deixou prosseguir sob o manto de uma segura obscuridade.

– Ser o chefe de um prestigiado Departamento de Matemática dificilmente se pode chamar de obscuridade.

– Mas é, sim, uma vez que oculta a minha psico-história.

– Ah, os pratos estão chegando. Por enquanto, falemos de outras coisas, como fazem os amigos. Como vai Dors?

– Maravilhosa. Uma verdadeira esposa. Me persegue implacavelmente com sua preocupação acerca de minha segurança.

– Essa é a função dela.

– É exatamente o que ela me recorda... e com frequência. Falando sério, Daneel, nunca poderei agradecer-lhe o suficiente por ter nos unido.

– Obrigado, Hari, mas, para ser honesto, eu não havia previsto a felicidade conjugal para nenhum de vocês dois, principalmente para Dors...

– Mesmo assim, obrigado pelo presente, apesar de as consequências

não terem correspondido exatamente às suas expectativas.

– Fico encantado, mas é um presente, como você irá perceber, que poderá ter consequências dúbias futuramente, assim como minha amizade.

A esse comentário Seldon não soube como responder. Assim, obedecendo a um gesto de Demerzel, voltou à refeição.

Depois de alguns instantes, contemplando o pedaço de peixe que estava espetado em seu garfo, ele apontou:

– Não consigo reconhecer realmente o organismo, mas sei que esse preparo é mycogeniano.

– É, mesmo. Eu sei o quanto você aprecia.

– Essa é a desculpa dos mycogenianos para sua existência. Sua única desculpa. Mas eles têm uma significação especial para você. Não devo me esquecer disso.

– Essa significação especial chegou ao fim. Os ancestrais deles, há muito, muito tempo, habitaram um planeta chamado Aurora. Viviam há mais de trezentos anos e eram os senhores dos Cinquenta Mundos da Galáxia. Foi um auroreano quem inicialmente me projetou e produziu. Eu não me esqueço disso, e me lembro com mais precisão, e menos distorções, do que seus descendentes mycogenianos. Mas depois, há muito, muito tempo, eu os deixei. Fiz minha escolha quanto ao que seria bom para a humanidade e durante todo esse tempo me mantive fiel a essa escolha, da melhor maneira que me foi possível.

Com um repentino acesso de apreensão, Seldon perguntou:

– Será que alguém pode nos ouvir?

Demerzel pareceu se divertir.

– Se você só pensou nisso agora, já seria tarde demais. Mas não tenha medo, tomei todas as precauções necessárias. Assim como você não foi visto por muita gente quando veio para cá. E nem o será quando for embora. E aqueles que o virem não ficarão surpresos. Todo mundo sabe que sou um matemático amador de grandes pretensões e escassa habilidade. Isso acaba sendo motivo de diversão para os cortesãos que não são totalmente meus amigos, e não iria surpreender a nenhum dos presentes que eu estivesse interessado em começar os preparativos para a próxima Convenção Decenal. É sobre essa convenção que quero consultá-lo.

– Não sei se posso ajudar. Só existe uma coisa sobre a qual eu poderia falar na convenção, e *não* posso falar sobre ela. Inclusive, se

eu participar dessa convenção, será apenas na condição de ouvinte. Não pretendo apresentar nenhum artigo.

– Compreendo. Mesmo assim, se quiser ouvir algo curioso, Sua Majestade Imperial se lembra de você.

– Provavelmente porque você manteve viva essa lembrança na memória dele.

– Não. Não me esforcei para isso. No entanto, Sua Majestade Imperial de vez em quando me surpreende. Ele está ciente da próxima convenção e, ao que parece, se recorda de sua apresentação na última edição. Ele continua interessado no tema da psico-história e, devo alertá-lo, talvez venham mais coisas por aí, por causa disso. Não é algo totalmente impossível que ele venha a lhe solicitar uma entrevista. A corte seguramente considerará esse convite uma grande honra, quer dizer, receber um chamado imperial duas vezes numa mesma vida.

– Você só pode estar brincando. Que utilidade poderia ter eu ser recebido por ele?

– De qualquer modo, se você for chamado para uma audiência, dificilmente poderá recusar. E como vão seus jovens pupilos, Yugo e Raych?

– Você sem dúvida sabe. Imagino que me mantenha sob atenta vigilância.

– De fato. Acompanho sua segurança, mas não todos os demais aspectos de sua vida. Meus encargos ocupam a maior parte do meu tempo e não sou onisciente.

– E Dors não apresenta relatórios?

– Numa situação de crise, sim. Fora isso, não. Ela reluta em desempenhar o papel de espiã a respeito do que não é essencial… – e novamente ele deu aquele pequeno sorriso.

– Meus meninos vão bem – Seldon resmungou. – Está ficando cada vez mais difícil lidar com Yugo. É mais psico-historiador do que eu, e me dá a impressão de que ele acha que o estou atrasando. Quanto a Raych, é um malandrinho querido... e sempre foi. Ele me conquistou desde os tempos em que era um terrível moleque de rua e ainda mais surpreendente é ele ter conquistado Dors. Honestamente, Daneel, acredito que se Dors ficasse cansada de mim e quisesse me deixar, ela ainda continuaria comigo só por causa do amor que sente por Raych.

Demerzel aquiesceu e Seldon prosseguiu, em tom mais sombrio:

– Se Rashelle de Wye não o tivesse achado adorável, eu não estaria aqui hoje. Teria sido morto a tiros... – e ele se remexeu na cadeira, inquieto. – Detesto pensar nisso, Daneel. Foi um incidente tão completamente imprevisível e acidental. Como a psico-história poderia ter ajudado, enfim?

– Você não me disse que, na melhor das hipóteses, a psico-história só consegue lidar com probabilidades e com grandes números, e não com indivíduos?

– Mas se o indivíduo calha de ser crucial...

– Desconfio de que você vai constatar que nenhum indivíduo é realmente crucial, jamais. Nem mesmo eu, ou você.

– Talvez você tenha razão. Percebo que, seja qual for a maneira como eu siga trabalhando conforme essas suposições, acabo sempre me considerando crucial, numa espécie de egotismo supranormal que transcende todo o bom senso. E você também é crucial, o que é uma questão que vim discutir com você aqui, hoje, o mais francamente possível. Eu tenho de saber.

– Saber o quê? – Os restos da refeição tinham sido removidos por um serviçal e a iluminação do aposento fora diminuída um pouco de modo a fazer as paredes parecerem mais próximas e a ensejar maior privacidade.

– Joranum – Seldon pronunciou essa palavra entredentes, como se apenas provar o gosto de mencionar esse nome já fosse o suficiente.

– Ah, sei.

– Você sabe a respeito dele?

– Claro. Como é que eu poderia *não* saber?

– Bom, eu também quero saber a respeito dele.

– E o que você quer saber?

– Ora, Daneel, não brinque comigo. Ele é perigoso?

– Claro que ele é perigoso. Você tem alguma dúvida disso?

– Quero dizer, para você? Para a sua posição como primeiro-ministro?

– É exatamente isso que quero dizer. É nesse sentido que ele é perigoso.

– E você deixa?

Demerzel inclinou-se para a frente e apoiou o cotovelo esquerdo na mesa entre eles.

– Algumas coisas não esperam pela minha autorização, Hari.

Sejamos filosóficos a respeito disso. Sua Majestade Imperial, Cleon, Primeiro desse Nome, já está no trono há dezoito anos e, durante todo esse tempo, fui seu chefe de gabinete e depois o primeiro-ministro. Durante os últimos anos do reinado de seu pai, ocupei postos apenas ligeiramente inferiores. É um tempo longo e raramente primeiros-ministros duram tanto tempo no poder.

– Você não é um primeiro-ministro qualquer, Daneel, e sabe disso. Você *tem* de permanecer no poder enquanto a psico-história está sendo desenvolvida. Não sorria para mim. É verdade. Na primeira vez em que nos vimos, há oito anos, você me disse que o Império estava em decadência, em estado de declínio. Mudou de opinião a respeito disso?

– Não, claro que não.

– Inclusive, esse declínio mostra-se mais acentuado agora, não é?

– Sim, de fato, embora eu esteja me empenhando para impedir isso.

– E, sem você, o que aconteceria? Joranum está instigando o Império contra você.

– Trantor, Hari, Trantor. Os Mundos Exteriores estão sólidos e razoavelmente bem com minhas realizações até o momento, ainda que em meio a uma economia em declínio e a uma retração na atividade comercial.

– Mas Trantor é o que conta. Trantor, o mundo imperial em que estamos vivendo, a capital do Império, o núcleo, o centro administrativo, é que pode derrubar você. Você não conseguirá manter seu cargo se Trantor disser "não".

– Concordo.

– E, se você cair, quem então irá cuidar dos Mundos Exteriores e o que impedirá o declínio de ser acelerado e o Império de se desintegrar rapidamente num estado de anarquia?

– Essa certamente é uma possibilidade.

– Então, você deve estar fazendo alguma coisa a esse respeito. Yugo está convencido de que você corre um perigo mortal e que não conseguirá sustentar seu cargo. É o que lhe diz a intuição. Dors é da mesma opinião, e explica a situação em termos das Três ou Quatro Leis da... da...

– Robótica – ajudou Demerzel.

– O jovem Raych parece atraído pelas doutrinas de Joranum, sendo como é de origem dahlita. E eu... eu estou inseguro, então vim procurá-lo em busca de conforto, imagino. Diga-me que está com essa

situação perfeitamente sob controle.

– Se pudesse, eu diria. No entanto, não tenho conforto nenhum a oferecer. *Estou* em perigo.

– E não está fazendo nada?

– Estou fazendo muitas coisas para conter os descontentes e neutralizar a mensagem de Joranum. Se não tivesse agido assim, então talvez já tivesse perdido meu cargo. Mas o que estou fazendo não é o bastante.

Seldon hesitou. E, finalmente, disse:

– Acho que Joranum, na realidade, é de Mycogen.

– É mesmo?

– Essa é a minha *opinião*. Pensei que poderíamos usar isso contra ele, mas hesito em desencadear as forças da intolerância.

– Você faz bem em hesitar. Há muitas coisas que poderiam ser feitas cujos efeitos colaterais nós não desejamos. Veja, Hari, não teria medo de deixar o meu cargo, se pudéssemos encontrar um sucessor capaz de dar continuidade aos princípios que venho usando para manter o declínio tão lento quanto possível. Por outro lado, se o próprio Joranum vier a me suceder, então, em minha opinião, isso seria fatal.

– Então, qualquer coisa que possamos fazer para detê-lo seria adequada.

– Não totalmente. O Império pode se tornar anárquico, mesmo se Joranum for destruído e eu permanecer. Portanto, não devo fazer nada que possa destruir Joranum e permitir que eu continue, se esse próprio ato causar a Queda do Império. Ainda não consegui pensar em nada que eu possa fazer e que tenha condição de destruir Joranum seguramente e que, com a mesma eficiência, evite a anarquia.

– Minimalismo – sussurrou Seldon.

– Como disse?

– Dors explicou que você ficaria preso pelo minimalismo.

– E estou mesmo.

– Então, minha reunião com você é um fracasso, Daneel.

– Você quer dizer que veio em busca de conforto e não o obteve.

– Parece que sim, infelizmente.

– Mas eu concordei com este encontro porque também estava em busca de conforto.

– De mim?

– Da psico-história, que deveria vislumbrar a rota de segurança que eu não consegui enxergar.

Seldon soltou um suspiro intenso.

– Daneel, a psico-história ainda não chegou a esse ponto.

O primeiro-ministro olhou para Seldon com estranheza.

– Você teve oito anos, Hari.

– Podem ser oito ou oitocentos e talvez não esteja desenvolvida a esse ponto. É um problema intratável.

– Não espero que a técnica tenha sido aperfeiçoada – esclareceu Demerzel –, mas você talvez tenha algum esboço, um esqueleto, alguns princípios que possa usar à guisa de orientação. De modo imperfeito, quem sabe, mas melhor do que meros palpites.

– Não mais do que eu tinha há oito anos – Seldon repetiu, lastimando-se. – Eis então o que temos: você deve continuar no poder e Joranum deve ser destruído de maneira tal que a estabilidade imperial seja mantida tanto tempo quanto possível para que eu tenha uma chance razoável de desenvolver a psico-história. Mas isso não pode ser feito a menos que, primeiro, eu desenvolva a psico-história. É isso?

– Parece que sim, Hari.

– Então, ficamos discutindo num círculo vicioso enquanto o Império é destruído.

– A menos que algo imprevisível aconteça. A menos que você faça algo imprevisível acontecer.

– Eu? Daneel, como é que posso fazer uma coisa dessas sem a psico-história?

– Eu não sei, Hari.

E Seldon se levantou e partiu, tomado pelo desespero.

12

Durante vários dias depois dessa conversa, Hari Seldon negligenciou seus deveres departamentais para usar o computador no modo de coleta de notícias.

Não existiam muitos computadores capazes de processar as notícias diárias de vinte e cinco milhões de mundos. No quartel-general imperial, onde eram absolutamente necessárias, havia algumas dessas

máquinas. Nas capitais de alguns dos Mundos Exteriores maiores também existiam máquinas com essa potência, embora a maioria deles se contentasse em ter uma hiperconexão com a Central de Postagem de Notícias em Trantor.

Um computador num Departamento de Matemática importante poderia, se fosse avançado o suficiente, ser modificado para se tornar uma fonte independente de notícias, e Seldon tinha tido o cuidado de fazer isso com o seu. Afinal, era necessário ao seu trabalho com a psico-história, embora a capacidade desse computador tivesse sido cuidadosamente justificada por outras razões, também perfeitamente plausíveis.

Em tese, o computador relataria qualquer coisa incomum em qualquer um dos mundos do Império. Um aviso luminoso codificado e discreto se acenderia e Seldon poderia rastrear facilmente sua origem. Raramente esse aviso se mostrava na tela do computador porque a definição de "incomum" era muito estrita e intensa, abrangendo catástrofes raras e em grande escala.

O que se fazia, na ausência desse aviso, era estabelecer conexão com vários mundos aleatoriamente; não todos os vinte e cinco milhões, é óbvio, mas algumas dezenas deles. Era uma tarefa deprimente e até exaustiva, pois não havia mundos que não tivessem suas pequenas catástrofes diárias, embora relativamente pequenas. Um vulcão que entrava em erupção aqui, uma enchente ali, um colapso econômico de algum tipo e, naturalmente, revoltas populares. Não havia se passado nenhum dia nos últimos mil anos sem alguma espécie de revolta popular por este ou aquele motivo, nos cento e tantos mundos monitorados.

Naturalmente, essas coisas tinham de ser descontadas. Dificilmente essas manifestações populares seriam motivo de preocupação maior do que alguma erupção vulcânica, uma vez que os dois tipos de evento eram constantes nos mundos habitados. Ao contrário, se algum dia se passasse sem notícia de alguma revolta em alguma parte, *isso* poderia ser um sinal de algo tão incomum que causaria sérias preocupações.

E preocupação era algo que Seldon não conseguia se obrigar a sentir. Os Mundos Externos, com todas as suas desordens e infortúnios, eram como um imenso oceano em dia de calmaria: ondulações suaves e marolas pequenas, e nada além disso. Ele não encontrava evidências de nenhuma situação geral que indicasse

claramente um declínio nos últimos oito anos, ou sequer nos últimos oitenta. Ainda assim, Demerzel (na ausência de Demerzel, Seldon não conseguia mais pensar nele como Daneel) dizia que o declínio continuava e insistia em checar o pulso do Império, aferindo-o dia a dia de maneiras que Seldon não era capaz de reproduzir, até que chegasse o momento em que o poder orientador da psico-história estivesse à sua disposição.

Talvez fosse o caso de o declínio ser tão pequeno que fosse imperceptível até que chegasse a um ponto crucial, como a casa que lentamente se desgasta e deteriora sem exibir sinais dessa deterioração até o dia em que o teto desaba.

E quando esse teto iria desabar? Era esse o problema e Seldon não tinha uma resposta.

De vez em quando, Seldon checava o que se passava inclusive em Trantor. Lá, as notícias sempre eram consideravelmente mais substanciais. Antes de mais nada, Trantor era o planeta mais densamente povoado de todos, com seus quarenta bilhões de pessoas. Depois, seus oitocentos setores formavam um pequeno Império em si. Em terceiro lugar, era preciso acompanhar as tediosas rodadas de funções governamentais e os acontecimentos relativos à família imperial.

No entanto, o que chamou a atenção de Seldon foi algo no Setor Dahl. As votações para o Conselho do Setor Dahl tinham resultado na eleição de cinco seguidores de Joranum. Segundo os comentários correntes, essa era a primeira vez que os joranumitas conseguiam assento no Conselho.

O que não surpreendia. Dahl era o setor mais forte em termos do movimento de Joranum, mas Seldon entendeu aquele indício como um sinal perturbador do progresso que o demagogo vinha conseguindo. Encomendou um microchip desse item e, naquela noite, foi embora para casa com ele.

Raych tirou os olhos do seu computador quando Seldon entrou e aparentemente sentiu necessidade de se explicar:

– Estou ajudando mamãe com um material de referência de que ela precisa – ele disse.

– E o seu próprio trabalho?

– Já fiz, pai. Tudo.

– Bom. Então veja isto. – Ele exibiu o chip para Raych, que o pegou

da mão de Seldon e o inseriu no microprojetor.

Raych passou os olhos pela notícia suspensa no ar diante de seus olhos e então comentou:

– Sim, eu sei.

– Sabe?

– Claro. Normalmente, eu acompanho o que acontece em Dahl. Meu setor natal, essas coisas, entende?

– E o que você acha disso?

– Não estou surpreso. Você está? O restante de Trantor trata Dahl como lixo. Por que não iriam apoiar as ideias de Joranum?

– Você também as apoia?

– Bem... – e Raych fez uma expressão pensativa. – Tenho de reconhecer que algumas coisas que ele diz fazem sentido para mim. Ele diz que quer igualdade para todos os povos. O que isso tem de errado?

– Absolutamente nada, se ele estiver sendo honesto. Se for sincero. Se não estiver simplesmente usando esse argumento como isca para obter votos.

– Muito verdade, pai, mas a maioria dos dahlitas provavelmente pensa assim: "O que temos a perder? Não temos igualdade agora, embora as leis digam que sim".

– Legislar não é fácil.

– Isso não serve de refresco de jeito nenhum quando você sua até a morte.

Seldon estava pensando rapidamente. Tinha começado a pensar desde que encontrara aquela notícia. Então perguntou:

– Raych, você ainda não voltou a Dahl desde que sua mãe e eu o tiramos desse setor, não é mesmo?

– Claro que sim, quando fui com você até lá, há cinco anos, numa visita sua a Dahl.

– Sim, sim – e Seldon fez um gesto como que descartando aquele dado –, mas essa vez não conta. Ficamos num hotel intersetorial, que não era de jeito nenhum dahlita e, se bem me lembro, Dors não deixou que você andasse sozinho pelas ruas em nenhum minuto. Afinal, você tinha somente quinze anos. O que me diz de visitar Dahl agora, sozinho, dono do próprio nariz, agora que já tem vinte anos completos?

Raych deu uma risadinha.

– Mamãe nunca iria deixar.

– Não digo que fico animado com a perspectiva de enfrentá-la por causa disso, mas não pretendo pedir licença para ela. A questão é: você estaria disposto a fazer isso por mim?

– Por pura curiosidade? Claro que sim! Gostaria de ver o que aconteceu com aquele lugar.

– Você consegue ficar algum tempo sem estudar?

– Claro! Vou perder uma semana, por aí. Além do mais, você pode gravar as aulas e eu tiro o atraso na volta. Posso receber essa licença. Afinal de contas, meu velho é do corpo docente... quer dizer, a menos que tenham despedido você, pai.

– Ainda não. Mas não estou pensando nessa viagem como algo divertido.

– Me espantaria se você pensasse. Nem acho que você saiba o que são férias para se divertir, pai. Até é uma surpresa que você conheça essa palavra.

– Não seja impertinente. Quando estiver lá, quero que veja Laskin Joranum.

Raych pareceu surpreso.

– E como faço isso? Não sei onde ele estará.

– Ele estará em Dahl. Foi convidado a discursar no Conselho do Setor Dahl com seus novos membros joranumitas. Descobriremos o dia exato desse pronunciamento e você irá com alguns dias de antecedência.

– E como conseguirei vê-lo, pai? Não imagino que ele mantenha as portas de sua casa abertas.

– Eu também não, mas isso eu deixo ao seu encargo. Aos doze anos você saberia fazer isso com um pé nas costas. Espero que sua astúcia não tenha perdido muito o gume nestes últimos oito anos.

– Espero que não – Raych sorriu. – Mas vamos imaginar que consiga vê-lo. E daí?

– Bom, descubra o que puder. O que ele está realmente planejando. O que está realmente pensando.

– E você acha mesmo que ele vai me dizer?

– Não me surpreenderia se ele dissesse, sim. Você tem o dom de inspirar confiança, seu moleque danado. Vamos falar disso.

E falaram, então. Diversas vezes.

Os pensamentos de Seldon eram dolorosos. Ele não tinha certeza do

rumo que tudo isso iria tomar, mas não se arriscava a consultar Yugo Amaryl ou Demerzel e nem (principalmente) Dors. Eles poderiam impedi-lo de agir. Talvez provassem que essa era uma péssima ideia, e ele não queria nenhuma comprovação disso. O que ele planejava lhe parecia a única saída para a salvação, e não queria que esse caminho fosse interditado.

Mas será que haveria mesmo uma saída? Raych era o único, na visão de Seldon, que teria alguma chance de se infiltrar no círculo de confiança de Joranum, mas seria Raych o instrumento adequado para esse propósito? Ele era dahlita e aceitava as ideias de Joranum. Até que ponto Seldon poderia confiar nele?

Terrível! Raych era seu filho, e Seldon nunca tivera motivo para desconfiar dele.

13

Se Seldon duvidava da eficácia de suas ideias, se temia que pudessem fazer a situação explodir antes do tempo ou encaminhá-la desesperadamente no rumo errado, se estava cheio de dúvidas agonizantes quanto a se Raych poderia ser inteiramente confiável como agente capaz de desempenhar a contento seu papel, ele não tinha absolutamente a menor dúvida quanto a qual seria a reação de Dors quando ele a informasse do fato consumado.

E, de fato, ele não se decepcionou. Se é que tal termo serve para expressar o que ele sentiu.

Todavia, em certo sentido ele *ficou* um tanto decepcionado. Dors não elevou o tom de voz, horrorizada, como ele até havia imaginado que ela faria, e como havia se preparado para ouvir e enfrentar.

Mas como ele podia saber? Ela não era como as outras mulheres e ele nunca a tinha visto realmente zangada. Talvez não fosse do feitio dela ficar realmente zangada, ou sentir o que ele pensava ser raiva *de verdade*.

Ela se limitou a olhar para ele com frieza e falar com amargura, em um tom de voz contido, externando sua desaprovação.

– Você o mandou para Dahl? Sozinho? – tudo isso dito com muita suavidade, para se informar.

Por um instante, Seldon ficou sem saber o que pensar, ouvindo

aquela voz tão modulada. Então respondeu com firmeza:

– Eu tive de fazer isso. Era necessário.

– Deixa ver se eu entendi. Você o mandou para aquele antro de ladrões, aquele covil de assassinos, aquele aglomerado de todas as espécies de criminosos?

– Dors! Você me dá raiva quando fala assim. Eu esperava que só uma criatura intolerante pudesse usar esses estereótipos.

– Você nega que Dahl seja do jeito que descrevi?

– Claro que sim. Há criminosos e favelas em Dahl. Sei disso muito bem. Nós dois sabemos. Mas Dahl não é todo assim. E há criminosos e favelas em todos os setores, inclusive no Setor Imperial e em Streeling.

– Existem graus, não existem? Um não é dez. Se todos os mundos têm altos índices de crimes, se todos os setores estão infestados de crimes, Dahl está entre os piores, não está? Você tem computador. Pesquise as estatísticas.

– Não preciso fazer isso. Dahl é o setor mais pobre de Trantor e existe uma correlação positiva entre pobreza, miséria e crime. Nisso eu concordo com você.

– Você *concorda* comigo! E o mandou para lá sozinho? Você poderia ter ido com ele, ou pedido que eu fosse com ele, ou mandado uma meia dúzia dos colegas de classe com ele. Tenho certeza de que todos teriam adorado a chance de fazer uma pausa nos estudos.

– O que preciso que ele faça exige que ele esteja sozinho.

– E para quê você precisa dele?

Quanto a isso, Seldon guardou um silêncio obstinado.

– Foi a isso que chegamos? – Dors indagou. – Você não confia em mim?

– É uma aposta arriscada. Prefiro correr esse risco sozinho. Não posso envolver você, nem ninguém mais.

– Mas não é você que está se arriscando. É o coitado do Raych.

– Ele não está correndo risco nenhum – Seldon cortou, impaciente. – Ele tem vinte anos de idade, é moço, vigoroso e resistente como uma árvore. E não estou me referindo às mudas que temos aqui, sob o domo de Trantor. Estou falando das velhas e sólidas árvores das florestas heliconianas. E ele é um mestre tufão; os dahlitas, não.

– Você e essa história do tufão – suspirou Dors com a mesma irredutível frieza. – Você acha que essa é a resposta para tudo. Os dahlitas andam com facas. Cada um deles. E com desintegradores

também, tenho certeza.

– Não sei dessa coisa de desintegradores. As leis são muito rigorosas quando se trata desse tipo de arma. Quanto a facas, tenho certeza de que Raych leva a dele. Ele até anda com uma por aqui, no *campus*, onde isso é estritamente ilegal. Você acha que em Dahl ele não estará com uma à mão?

Dors ficou calada.

Seldon também continuou calado por alguns instantes e então achou que já era hora de acalmá-la. Em seguida, continuou:

– Olhe, vou lhe contar uma coisa. Pedi que ele tentasse ver Joranum, que estará visitando Dahl na ocasião.

– Ah! E o que você espera que Raych faça? Que o encha de arrependimentos amargos sobre a malévola política que ele pretende implantar e o despache de volta para Mycogen?

– Pare, por favor. Realmente. Se vai adotar uma atitude sarcástica, não tem sentido falarmos sobre isso. – Ele desviou os olhos para longe dela, e através da janela mirou o céu cinza-azulado sob o domo. – O que espero que ele faça – e então a voz dele fraquejou por um momento – é que salve o Império.

– Com certeza. Isso seria muito mais fácil.

A voz de Seldon soou firme novamente.

– Isso é o que eu *espero*. Você não tem a solução. O próprio Demerzel não tem. Ele chegou inclusive a dizer que a solução depende de mim. É isso que estou tentando encontrar e para isso é que preciso de Raych em Dahl. Afinal de contas, você sabe a capacidade que ele tem de inspirar afeto nas pessoas. Funcionou conosco e estou convencido de que funcionará com Joranum. Se eu estiver certo, ficará tudo bem.

Os olhos de Dors abriram-se um mínimo.

– E agora você vai me dizer que está sendo orientado pela psico-história?

– Não. Não vou mentir para você. Não alcancei o ponto em que possa ser guiado de jeito nenhum pela psico-história, mas Yugo fica falando o tempo todo sobre intuição, e além disso tenho a minha.

– Intuição! E o que é isso? Defina!

– Fácil. Intuição é a arte peculiar à mente humana de elaborar a resposta certa com base em dados que, em si mesmos, são incompletos ou, às vezes, inclusive enganosos.

– E você fez isso.

A isso, Seldon respondeu com firmeza e convicção:

– Sim, eu fiz.

Em seu íntimo, no entanto, ele pensava algo que não ousava compartilhar com Dors. E se o carisma de Raych tivesse desaparecido? Ou, o que era ainda pior, e se a consciência de ser um dahlita tivesse ficado forte demais para ele?

14

Billibotton continuava Billibotton: suja, intrincada, sombria, sinuosa, transpirando decadência e, não obstante, repleta de uma vitalidade que Raych estava convencido de não conseguir encontrar em nenhuma outra parte de Trantor. Talvez não se pudesse encontrar algo parecido em nenhum outro lugar do Império, embora Raych não conhecesse por experiência própria nenhum outro mundo afora Trantor.

A última vez que vira Billibotton ele não devia ter muito mais que doze anos, mas mesmo assim aquelas pessoas pareciam ser as mesmas. Ainda a mistura de velhacos e irreverentes, cheios de um orgulho sintético e um surdo, mas poderoso ressentimento. Os homens continuavam a se distinguir por seus bastos bigodes escuros, e as mulheres, por seus vestidos em formato de sacas, que agora pareciam tremendamente desmazelados aos olhos mais velhos e mais socialmente sofisticados de Raych.

Como é que mulheres usando aqueles vestidos poderiam atrair os homens? Essa, porém, era uma questão idiota. Mesmo quando tinha somente doze anos, fazia uma ideia muito clara da facilidade e da rapidez com que poderiam ser despidos.

Então, agora ele estava ali, imerso em pensamentos e recordações, passando por uma rua de vitrines de lojas e tentando se convencer de que se lembrava deste ou daquele lugar em especial, e se perguntando se, entre todas as pessoas, haveria alguém oito anos mais velho e de quem ele de fato se recordava. Talvez alguns que haviam sido seus amigos na infância e, com alguma inquietação, ele se deu conta de que, embora recordasse os apelidos que tinham dado uns aos outros, não era capaz de se lembrar de nenhum nome verdadeiro.

Na realidade, as lacunas em sua memória eram enormes. Não que oito anos fossem um tempo muito longo, mas representavam dois quintos da existência de um rapaz de vinte anos e, desde que deixara Billibotton, sua vida tinha sido tão diferente que tudo o que acontecera antes havia desaparecido como nas névoas de um sonho.

Os cheiros, porém, estavam ali. Raych parou na frente de uma padaria, baixa e caindo aos pedaços, e inspirou o aroma da cobertura de coco que vinha flutuando pelo ar – um aroma que nunca tinha conseguido sentir exatamente igual em nenhuma outra parte. Mesmo depois de ter parado de comprar broas com cobertura de coco, mesmo quando eram anunciadas como "broas ao estilo de Dahl", não passavam de fracas imitações, e nada mais.

Ele se sentiu fortemente tentado. Bom, por que não? Tinha os créditos e Dors não estava ali para torcer o nariz e questionar em alto e bom som se aquele lugar era mesmo limpo – o que realmente não era. Quem se preocupava com *limpeza* nos velhos tempos?

A padaria estava na penumbra e levou algus minutos até que os olhos de Raych se acostumassem. Havia algumas mesas baixas espalhadas no recinto, com umas duas cadeiras precárias junto de cada uma, sem dúvida para acomodar pessoas interessadas em uma refeição rápida, algo como um café com rosquinhas ou broas. Um rapaz estava sentado a uma delas com uma xícara vazia à sua frente; ele usava uma camiseta que um dia já fora branca e que provavelmente pareceria ainda mais imunda se a iluminação ali fosse melhor.

O padeiro, ou um atendente talvez, veio de uma sala nos fundos da padaria e perguntou com pouca boa vontade:

– Que que cê vai querer?

– Um refresca-goela – Raych respondeu, com a mesma falta de cortesia (ele não seria de Billibotton se fosse mais bem-educado), usando a gíria dos velhos tempos, que ele lembrava com facilidade.

Aquela expressão continuava em uso, pois o atendente entregou-lhe exatamente o que ele tinha pedido, com as mãos e sem luvas. O menino que Raych já fora teria aceitado isso sem nem piscar, mas, agora, o homem que já era se sentiu levemente incomodado.

– Vai querer no saquinho?

– Não – respondeu Raych. – Vou comer aqui.

Ele pagou o balconista e pegou o refresca-goela da mão do sujeito.

Então, enfiou os dentes com vontade naquela iguaria, semicerrando os olhos para sentir melhor a gostosura. Essa tinha sido uma delícia que raras vezes ele provara enquanto menino; às vezes, quando havia surrupiado de algum jeito o crédito necessário para pagar o doce, às vezes quando podia dar uma mordida no de algum amigo temporariamente abastado, e no mais das vezes quando podia afanar um do balcão enquanto ninguém estava vigiando. Agora, podia comprar quantos quisesse.

– Ei – soou uma voz.

Raych abriu os olhos. Era o homem à mesa, fazendo cara feia para ele.

– Está falando comigo, camarada? – Raych perguntou, com educação.

– Tô. Que cê tá fazendo?

– Comendo um refresca-goela. E que cê tem cum isso? – Automaticamente, havia revertido ao modo de falar de Billibotton. Sem a menor dificuldade.

– Que cê tá fazendo em Billibotton?

– Nasci aqui. Cresci aqui; numa cama. Não na rua, que nem você. – O insulto brotou facilmente, como se ele nunca tivesse saído de casa.

– É mesmo? Cê se veste bem demais pra alguém de Billibotton. Muito arrumadinho. Tem fedô de perfume. – E dobrou no ar o dedo mindinho para insinuar que Raych era efeminado.

– Não vô nem falá do teu fedô. Subi na vida.

– Subiu na vida? *La-di-da.* – Outros dois homens entraram na padaria. Raych franziu de leve a testa, pois não tinha certeza de se aqueles tipos teriam sido chamados a entrar ou não. O homem sentado à mesa disse aos recém-chegados:

– Este cara subiu na vida. Diz que é de Billibotton.

Um dos dois fez um arremedo de continência e arreganhou os dentes sem nenhuma indicação de amabilidade. Os dentes dele eram descoloridos.

– Não é mesmo uma beleza? Sempre bom ver que alguém de Billibotton subiu na vida. Isso dá pro cara a chance de ajudar os pobres coitados do seu setor que continuam por lá. Com créditos, por exemplo. Cê tem um ou dois créditos pra doar pros pobres, não tem, não?

– Quantos cê tem, doutor? – rosnou o outro recém-chegado,

fechando o sorriso.

– Ei – disse o homem atrás do balcão –, cês todos aí, vai todo mundo saindo da minha loja. Não quero confusão aqui dentro.

– Não haverá confusão – Raych frisou. – Estou saindo.

Ele fez menção de sair, mas o homem sentado estendeu uma perna para fechar o caminho. – Não vá não, meu chapa. Vamos sentir sua falta.

(O homem atrás do balcão, claramente temendo o pior, sumiu nos fundos da padaria.)

Raych sorriu e contou:

– Certa vez, quando eu morava em Billibotton, estava com meu velho e com minha velha, e vieram dez caras para nos segurar. Dez. Eu contei. Tivemos de dar um jeito naquilo.

– Foi, é? – continuou o que tinha falado antes. – Teu velho deu um jeito nos dez?

– Meu velho? Não... ele não tinha tempo para perder. Foi a minha velha. E eu faço melhor do que ela. E aqui só tem três de vocês. Então, se não se importa, tira a perna da minha frente.

– Claro. É só deixar os seus créditos. E um pouco das tuas roupas, de quebra.

O homem que estivera sentado se levantou. Com uma faca na mão.

– Olha só – disse Raych. – Agora, você vai me custar tempo. – Tinha acabado de comer a broa e estava meio de costas. Então, rápido como um pensamento, firmou-se na mesa e com a perna direita estendida acertou em cheio um chute de ponta de dedo na virilha do sujeito que mostrara a faca.

Este foi ao chão berrando alto. A mesa foi ao ar e com um golpe o segundo homem estava estatelado contra a parede e preso pelo tampo, enquanto o braço direito de Raych se esticava; depois, com a lateral da mão atacando violentamente a garganta do terceiro, deixou o último engasgado e dobrado no chão.

Tudo levara dois segundos e Raych agora estava em pé na frente dos três, com uma faca em cada mão, perguntando:

– E qual de vocês vai querer mais um pouco? – Os homens olhavam para ele espantados, mas imobilizados, e Raych completou: – Bom, nesse caso, vou embora.

O atendente, porém, depois de fugir para o fundo da loja, devia ter pedido ajuda, porque nesse momento três homens entravam na

padaria, enquanto o balconista gritava:

– Encrenqueiros! Só encrenqueiros!

Esses três estavam vestidos do mesmo modo, usando o que evidentemente era um uniforme, mas de um tipo que Raych nunca tinha visto. As calças estavam dentro de botas, camisetas verdes folgadas estavam presas por um cinto, quepes esquisitos e semiesféricos, vagamente engraçados, estavam equilibrados no alto da cabeça. Na frente do ombro esquerdo da camiseta estavam impressas as letras GJ.

Tinham uma aparência de dahlitas, mas não exatamente o bigode clássico dos nativos. Todos mostravam um bigode preto e denso, mas cuidadosamente aparado na linha do lábio e mantido de modo a não crescer muito. Raych se permitiu um sorriso interior de escárnio. Faltava ao bigode deles o vigor do seu, basto e selvagem, mas tinha de reconhecer que aqueles homens tinham uma aparência limpa e bem cuidada.

– Sou o cabo Quinber – o líder do trio informou. – O que se passou aqui?

Os nativos de Billibotton que tinham sido derrotados por Raych estavam tentando se pôr novamente em pé, claramente em péssimas condições. Um ainda estava curvado para a frente, outro esfregava a garganta e o terceiro dava a impressão de que seus ombros tinham sido deslocados.

O cabo olhou atentamente para eles com expressão filosófica, enquanto seus dois companheiros bloqueavam a porta. Ele se virou para Raych, o único que parecia intacto:

– Você é de Billibotton, rapaz?

– Nascido e criado, mas vivi em outro lugar nos últimos oito anos. – Agora, tinha deixado em parte o sotaque local, mas ele continuava vibrando no fundo, pelo menos na mesma medida em que se fazia ouvir também na fala do cabo. Havia outras partes de Dahl além de Billibotton e algumas delas eram marcadas por uma considerável aspiração ao refinamento dos modos sociais.

– Vocês são guardas de segurança? – perguntou Raych. – Não estou reconhecendo os uniformes que estão...

– Não somos guardas de segurança. Você não vai encontrar muitos guardas em Billibotton. Somos da Guarda de Joranum e mantemos a paz por estas bandas. Conhecemos esses três sujeitos e eles já foram

advertidos. Cuidaremos deles. Agora, *você* é nosso problema. Nome. Número de referência.

Raych deu as informações.

– E o que aconteceu aqui?

Raych narrou o ocorrido.

– E o que você veio fazer aqui?

– Vejam bem – Raych, então, objetou. – Vocês têm o direito de me interrogar? Se não são guardas de segurança...

– Ouça – interrompeu o cabo com voz dura –, não me venha com perguntas sobre direito. Somos tudo que existe em Billibotton e temos o direito porque o tomamos. Você disse que deu uma surra nesses três e acredito em você. Mas não vai bater em nós. Não temos autorização para andar com desintegradores... – dizia o cabo ao mesmo tempo que lentamente ia mostrando o seu desintegrador. – Agora, me diga o que veio fazer aqui.

Raych suspirou. Se tivesse ido diretamente ao salão do setor, como deveria ter feito, e se não tivesse parado para se deixar levar pela nostalgia por Billibotton e seu refresca-goela... Então, explicou:

– Vim para ver o senhor Joranum a respeito de um assunto muito importante, e como vocês parecem fazer parte da organização dele...

– Ver o líder?

– Sim, cabo.

– Carregando duas facas?

– Só para me defender. Não as teria comigo quando fosse ver o senhor Joranum.

– É o que você diz. Vamos levá-lo sob custódia, senhor. Vamos investigar isto a fundo. Pode levar algum tempo, mas investigaremos.

– Mas vocês não têm esse direito. Não são policiais legalmente const...

– Certo, então procure alguém para quem se queixar. Até lá, você é nosso.

As facas foram confiscadas e Raych foi levado preso.

15

Cleon não era mais o belo e jovem monarca que seus hologramas exibiam. Talvez ainda o fosse – nos hologramas –, mas seu espelho

revelava outra história. Seu mais recente aniversário fora comemorado com a pompa habitual, e ainda assim ele completara quarenta anos.

O Imperador não conseguia achar nada de errado em ter essa idade. Sua saúde era perfeita. Tinha ganhado peso, mas bem pouco. Seu rosto talvez parecesse mais velho, não fosse pelos microajustamentos que eram feitos periodicamente para lhe conferir uma aparência levemente luminosa.

Já estava no trono havia dezoito anos – o que fazia do seu reinado um dos mais longos daquele século – e pensava que não existia nada que necessariamente pudesse impedi-lo de reinar por mais quarenta e, com isso, possivelmente registrar o mais longo reinado de toda a história imperial.

Cleon olhou-se ao espelho mais uma vez e achou que teria melhor aparência se não acionasse a terceira dimensão.

Agora, vejamos o caso de Demerzel, o fiel, confiável, necessário e *insuportável* Demerzel. Nenhuma mudança nele. Mantinha a mesma aparência e, até onde Cleon estava informado, tampouco não havia sido submetido a qualquer microajustamento. Sem dúvida, Demerzel era muito discreto a respeito de tudo. E nunca fora *jovem*. Não era jovem o seu semblante na época em que começara a servir ao pai de Cleon e ele, o Príncipe Imperial, ainda era um menininho. Também não havia nada de jovem na aparência dele agora. Era melhor ter parecido velho no começo e evitado mudar depois?

Mudar!

Isso lhe trazia à lembrança que mandara chamar Demerzel por um motivo e não somente para que ficasse ali em pé, como uma estátua, enquanto o Imperador ruminava. Demerzel interpretaria o excesso de ruminações imperiais como indício de senilidade.

– Demerzel – ele chamou.

– Majestade?

– Esse sujeito Joranum: estou cansado de ouvir falar dele.

– Não há motivo pelo qual o senhor deva ouvir falar dele, Majestade. Ele é um desses fenômenos lançados à superfície dos noticiários por algum tempo, e que depois desaparecem.

– Mas ele *não* desaparece.

– Às vezes permanecem por mais tempo, Majestade.

– Qual é sua opinião sobre ele, Demerzel?

– É perigoso, mas tem uma relativa popularidade. É sua

popularidade que aumenta o perigo.

– Se você o considera perigoso e eu o considero um aborrecimento, por que devemos esperar? Será que ele não pode ser simplesmente preso, executado ou algo assim?

– A atual situação política em Trantor é delicada, Majestade...

– Ela é sempre delicada. Quando foi que você me disse que ela não é delicada?

– Vivemos numa época de incertezas, Majestade. Seria inútil tomar uma atitude enérgica contra ele quando isso apenas serviria para exacerbar o perigo.

– Não gosto disso. Posso não ter lido muito, afinal um Imperador não tem o tempo necessário para ler muito, mas pelo menos conheço a minha história imperial. Já houve uma série de casos de populistas assim, como são chamados, que se apossaram do poder nos últimos dois séculos. De todo modo, reduziram o Imperador reinante a mera figura de proa. Eu *não* desejo ser somente um testa-de-ferro, Demerzel.

– É impensável que o senhor viesse a sê-lo, Majestade.

– Não será impensável se você não tomar uma providência.

– Estou tentando tomar algumas medidas, Majestade, mas com cautela.

– Existe um sujeito, pelo menos, que não é cauteloso. Há um mês, mais ou menos, um professor universitário... um *professor*... interrompeu sozinho um possível tumulto provocado por joranumitas. Ele entrou em ação e deu um basta ao comício.

– De fato, ele fez isso, Majestade. Como foi que o senhor ficou sabendo?

– Porque ele é um professor que me desperta interesse. Como foi que você não mencionou esse episódio para mim?

Demerzel respondeu, quase obsequiosamente:

– Seria correto de minha parte vir perturbá-lo com cada detalhe insignificante que aparece em minha escrivaninha?

– Insignificante? Esse homem que tomou uma providência era Hari Seldon.

– Sim, de fato, esse é o nome dele.

– E o nome me parece familiar. Não foi ele que apresentou um artigo, há alguns anos, na última Convenção Decenal, que nos interessou?

– Sim, Majestade.

Cleon aparentava satisfação.

– Como pode ver, eu de fato *tenho* memória. Não preciso depender da minha equipe para qualquer coisa. Entrevistei esse sujeito Seldon a respeito de seu artigo, não foi?

– Sua memória é de fato impecável, Majestade.

– E o que aconteceu com aquela ideia dele? Era um dispositivo para prever o futuro. Minha memória impecável não consegue se lembrar de como ele o chamava.

– Psico-história, Majestade. E não era exatamente um dispositivo para prever o futuro, mas uma teoria sobre maneiras de prever tendências gerais no futuro da história humana.

– E o que aconteceu com ela?

– Nada, Majestade. Como expliquei naquela oportunidade, a ideia toda terminou se revelando inteiramente impraticável. Muito engenhosa, mas inútil.

– Ainda assim, ele é capaz de tomar uma atitude para parar um possível tumulto público. Será que ele teria ousado fazer isso se não soubesse antecipadamente que seria bem-sucedido? Não seria esse gesto dele uma evidência de que essa... como é mesmo?... psico-história está dando certo?

– Esse episódio apenas comprova que Hari Seldon é um temerário, Majestade. Mesmo que a teoria psico-histórica tivesse uma aplicação prática, não teria sido capaz de apresentar resultados relativos a uma só pessoa, ou a uma única atitude.

– Você não é o matemático, Demerzel. Ele é. Acho que está na hora de eu interrogá-lo de novo. Afinal de contas, não demorará muito para a próxima Convenção Decenal.

– Seria inútil...

– Demerzel, é o meu desejo. Providencie.

– Sim, Majestade.

16

Raych ouvia com uma impaciência torturante, que se esforçava para não demonstrar. Estava sentado numa cela improvisada, num dos recessos mais profundos de Billibotton, depois de ter sido escoltado através de becos que não lembrava mais que existiam. (*Ele* que, nos

velhos tempos, teria atravessado aqueles mesmos becos sem erro e despistado qualquer perseguidor...)

O homem que estava com ele, usando os trajes verdes da Guarda de Joranum, ou era um missionário, ou um encarregado de fazer lavagem cerebral, ou alguma espécie de falso teólogo. De todo modo, tinha elucidado que seu nome era Sander Nee e seguia transmitindo uma longa mensagem, com um pesado sotaque dahlita, que evidentemente havia decorado do começo ao fim.

– Se o povo de Dahl quiser gozar de igualdade, deve se mostrar digno de tal graça. Boas regras, conduta pacífica, prazeres moderados são as exigências. A agressividade e o porte de facas são as acusações que os outros fazem contra nós para justificar sua intolerância. Devemos usar palavras limpas e...

– Concordo com o senhor, Guarda Nee – Raych interrompeu a ladainha –, palavra por palavra. Mas preciso ver o senhor Joranum.

– Você não pode – o guarda meneou a cabeça lentamente –, a menos que tenha algo agendado, ou uma autorização.

– Olhe, sou o filho de um importante professor da Universidade de Streeling, um professor de matemática.

– Não sei de nenhum professor. Pensei que você tivesse dito que era de Dahl.

– Claro que sou. Você não percebe pelo modo como eu falo?

– E você tem um pai que é professor numa grande universidade? Não me parece muito provável.

– É que ele é meu pai adotivo.

O guarda absorveu essa informação e balançou a cabeça.

– Você conhece alguém em Dahl?

– A Mãe Rittah. Ela me reconhecerá. (Mãe Rittah já era bem idosa quando o conhecera. Talvez agora já estivesse senil ou mesmo morta.)

– Nunca ouvi falar dela.

(Quem mais? Ele nunca conhecera ninguém capaz de penetrar a pouco iluminada consciência desse homem à sua frente. Seu melhor amigo tinha sido outro moleque, chamado Smoodgie; pelo menos, esse era o único nome pelo qual o conhecia. E, apesar de todo o seu desespero, Raych não se achava capaz de perguntar ao guarda se ele conhecia alguém chamado Smoodgie.)

Finalmente, ele murmurou:

– Tem Yugo Amaryl.

Uma fosca faísca pareceu acender os olhos de Nee.

– Quem?

– Yugo Amaryl – Raych repetiu, com ímpeto. – Ele trabalha para o meu pai adotivo na universidade.

– E ele também é dahlita? Todos nessa universidade são dahlitas?

– Somente ele e eu. Antes ele era termopoceiro.

– E o que ele faz na universidade?

– Meu pai o tirou dos poços termais há oito anos.

– Bom... vou chamar alguém.

Raych teve de aguardar. Ainda que conseguisse fugir, aonde iria naquela intrincada rede de labirintos de Billibotton sem ser instantaneamente capturado?

Vinte minutos se passaram antes que Nee voltasse com o cabo que tinha aprisionado Raych dentro da padaria. Raych sentiu uma ligeira esperança. Pelo menos do cabo se poderia esperar que tivesse um pouco de cérebro.

– Quem é esse dahlita que você conhece? – o cabo indagou.

– Yugo Amaryl, cabo, um termopoceiro que meu pai conheceu aqui, em Dahl, oito anos atrás, e levou com ele para a Universidade de Streeling.

– E por que ele fez isso?

– Meu pai pensou que Yugo poderia fazer coisas mais importantes do que trabalhar nos poços termais, cabo.

– Como o quê?

– Matemática. Ele...

O cabo ergueu a mão para calá-lo.

– Em que poço termal ele trabalhava?

Raych pensou por um momento.

– Naquela época eu era bem pequeno, mas acho que era no C-2.

– Quase acertou. C-3.

– Então, o senhor o conhece, cabo?

– Pessoalmente não, mas essa é uma história famosa nos poços termais e eu também trabalhei lá. E talvez tenha sido assim também que você ficou sabendo dela. Você tem alguma evidência de que realmente conhece Yugo Amaryl?

– Veja, vou lhe dizer o que eu gostaria de fazer. Vou escrever o meu nome num pedaço de papel e também o nome do meu pai. Depois, vou acrescentar mais uma única palavra. Entre em contato, da

maneira que quiser, com algum oficial do grupo do senhor Joranum. O senhor Joranum estará aqui em Dahl amanhã, e apenas leia para ele o meu nome, o nome do meu pai e essa palavra. Se não acontecer nada, então imagino que ficarei aqui até apodrecer, mas não acho que seja isso o que acontecerá. Aliás, tenho certeza de que irão me tirar daqui em três segundos e que você receberá uma promoção por ter transmitido essa informação. Se se recusar a fazer isso, quando descobrirem que estou aqui – e irão descobrir –, você estará na maior enrascada da sua vida. Afinal de contas, se você sabe que Yugo Amaryl foi embora com um matemático de prestígio, apenas acrescente na sua cabeça que esse figurão da matemática é o meu pai. O nome dele é Hari Seldon.

Em seu rosto, o soldado demonstrou nitidamente que aquele nome não lhe era desconhecido.

– Qual era a palavra que você ia anotar com os nomes? – ele perguntou.

– Psico-história.

O cabo franziu a testa.

– O que é isso?

– Não importa. Apenas transmita a informação e veja o que acontece.

O cabo lhe entregou uma folha pequena de papel que arrancou de um caderno.

– Muito bem. Escreva aí e vamos ver o que acontece.

Raych percebeu que estava tremendo. Ele queria muito saber o que aconteceria. Tudo dependia inteiramente de quem seria a pessoa com quem aquele soldado iria falar, e da magia que essa palavra pudesse operar por si só.

17

Hari Seldon acompanhava as gotas de chuva que se formavam na superfície das janelas panorâmicas do carro terrestre imperial e um intenso sentimento de saudade apunhalou-o com uma força intolerável.

Era somente a segunda vez em seus oito anos em Trantor que lhe havia sido ordenado que fosse a uma entrevista com o Imperador na

única faixa de terra a céu aberto existente no planeta, e nas duas vezes o tempo estava fechado. Na primeira vez, o mau tempo havia somente provocado irritação. Aquela espécie de clima não tinha sido nenhuma novidade para ele. Afinal, Helicon, seu mundo natal, tinha sua dose de tempestades, especialmente na região em que passara a infância.

Agora, todavia, tinha vivido oito anos num clima fabricado em que as tempestades consistiam em um céu nublado a intervalos aleatórios por um programa de computador, que providenciava também chuvas leves e regulares durante as horas em que todos dormiam. Ventanias violentas eram substituídas por zéfiros e não havia temperaturas extremas de frio ou calor, apenas pequenas mudanças que faziam as pessoas abrirem alguns botões na roupa ou usarem uma jaqueta leve. E, ainda assim, tinha até ouvido algumas pessoas reclamarem de mudanças climáticas tão discretas.

Naquele momento, porém, Hari estava vendo chuva de verdade que descia voluptuosa de um céu frio – algo que não via há anos – e estava adorando: aquilo era de verdade. Trazia-lhe Helicon de volta à mente, a terra de sua mocidade, dos dias relativamente despreocupados, e pensou se conseguiria convencer o motorista a seguir pelo caminho mais longo até o palácio.

Impossível! O Imperador desejava vê-lo e o percurso já era longo o suficiente nesse carro terrestre, ainda que seguissem em linha reta, sem a interferência do tráfego. Claro que o Imperador não iria ficar esperando.

Cleon estava diferente daquela primeira vez em que Seldon o vira, oito anos antes. Tinha engordado pelo menos cinco quilos e seu rosto estava mais carrancudo. No entanto, a pele em torno dos olhos e nas bochechas parecia ter sido repuxada e Hari identificou ali os resultados de um número excessivo de microajustamentos. De certa maneira, Seldon sentia pena de Cleon: apesar de todo o seu poder e influência imperial, o Imperador era impotente diante da passagem do tempo.

Novamente, Cleon se viu sozinho com Hari Seldon, e na mesma sala luxuosamente mobiliada em que haviam tido o primeiro encontro. Como era o costume, Seldon esperou que a palavra lhe fosse dirigida.

Depois de avaliar rapidamente a aparência de Seldon, o Imperador disse, em tom de voz normal:

– Estou contente por vê-lo, professor. Vamos dispensar as

formalidades, como fizemos na primeira ocasião em que nos vimos.

– Sim, Majestade – Seldon respondeu, rigidamente. Nem sempre era seguro ser informal apenas porque o Imperador, num momento efusivo, ordenara que você adotasse a informalidade.

Cleon gesticulou imperceptivelmente e no mesmo instante o aposento tomou vida com a automação que fez a mesa começar a ser preparada e surgir alguns pratos. Confuso, Seldon não conseguia acompanhar os detalhes.

O Imperador perguntou cordialmente:

– Você jantará comigo, Seldon?

A entonação formal era de uma pergunta, mas de alguma forma tinha a força de uma ordem.

– Ficarei honrado, Majestade – respondeu Seldon. Cautelosamente, ele olhou à sua volta. Sabia muito bem que não se fazem (ou, enfim, não se deveriam fazer) perguntas ao Imperador, mas ele não tinha outra saída. Então, em voz muito contida, tentando não parecer que fazia uma pergunta, ele indagou: – E o primeiro-ministro, não jantará conosco?

– Não, ele não virá – disse Cleon. – Neste momento, ele tem outros afazeres e, de todo modo, desejo conversar com você em particular.

Por algum tempo, comeram em silêncio. Cleon olhava para ele fixamente e Seldon tentava sorrir. Cleon não tinha fama de ser cruel, nem irresponsável, mas em tese poderia mandar prender Seldon alegando alguma vaga acusação e, se o Imperador quisesse exercer sua influência, o caso talvez nunca fosse levado a julgamento. Era sempre melhor evitar ser alvo de atenção e, naquele momento, Seldon não atingia esse objetivo.

Sem dúvida, oito anos antes tinha sido pior, pois fora então levado ao palácio sob a custódia de guardas armados. Entretanto, esse fato não permitira a Seldon sentir-se aliviado.

Então, Cleon falou:

– Seldon, o primeiro-ministro é de grande utilidade para mim, mas sinto que, às vezes, as pessoas podem achar que não sou capaz de pensar com a minha própria cabeça. Você acha isso?

– Nunca, Majestade – disse Seldon, calmamente. Não era boa política protestar com exagero.

– Não acredito em você. Entretanto, de fato tenho as minhas próprias ideias e lembro que, quando você veio a Trantor pela

primeira vez, estava brincando com aquela sua psico-história.

– Estou certo de que o senhor igualmente se recorda, Majestade – Seldon corrigiu delicadamente –, que expliquei, naquela oportunidade, que se tratava de uma teoria matemática sem aplicações práticas.

– E você disse isso mesmo. Continua dizendo a mesma coisa?

– Sim, Majestade.

– E você continuou trabalhando nela desde então?

– De vez em quando brinco com ela, mas não chego a nada. Infelizmente, o caos interfere e a previsibilidade não é...

– Existe um problema específico que quero que você aborde – interrompeu o Imperador. – Por favor, sirva-se da sobremesa, Seldon. É muito boa.

– Qual é o problema, Majestade?

– Esse homem Joranum. Demerzel me disse, com grande educação, que não posso mandar prender o sujeito nem usar forças armadas para esmagar os seguidores dele. Segundo Demerzel, isso só irá piorar a situação.

– Se é o que diz o primeiro-ministro, suponho que seja isso mesmo.

– Mas eu não quero esse Joranum... de todo modo, eu *não* vou me prestar a ser marionete dele. Demerzel não faz absolutamente nada.

– Estou seguro de que ele está fazendo o que pode, Majestade.

– Se ele está trabalhando para diminuir esse problema, certamente não está me colocando a par.

– O que pode ser, Majestade, resultado de um desejo natural da parte dele de mantê-lo distante dos atritos. O primeiro-ministro pode achar que, se Joranum quiser, caso queira...

– Assumir o cargo de primeiro-ministro – disse Cleon com um tom de repulsa infinita.

– Sim, Majestade. Não seria sensato dar a impressão de que o senhor estava pessoalmente se opondo a ele. O senhor deve permanecer intacto, pelo bem da estabilidade do Império.

– Eu preferia muito mais assegurar a estabilidade do Império sem Joranum. O que sugere, Seldon?

– Eu, Majestade?

– Você, Seldon – Cleon insistiu, impaciente. – Quero dizer que não acredito em você quando me diz que a psico-história é somente um jogo. Demerzel mantém amizade com você. Você acha que sou tão idiota que não sei disso? Ele *espera* alguma coisa de você. Ele espera a

psico-história de você e, como eu não sou idiota, espero também. Seldon, *você* é a favor de Joranum? Diga-me a verdade!

– Não, Majestade. Não sou a favor dele. Considero-o um enorme perigo para o Império.

– Muito bem, acredito em você. Você interrompeu um possível tumulto público de joranumitas no *campus* de sua universidade, e fez isso sozinho, como me informaram.

– Um puro impulso de minha parte, Majestade.

– Isso você diz para os idiotas, não para mim. Você tomou essa atitude baseado na psico-história.

– *Majestade!*

– Não proteste. O que você está fazendo a respeito de Joranum? Você tem de estar fazendo alguma coisa, se está do lado do Império.

– Majestade – Seldon prosseguiu, com cautela, inseguro a respeito de quanto o Imperador já sabia –, enviei meu próprio filho ao Setor Dahl para uma entrevista com Joranum.

– Por quê?

– Meu filho é dahlita, e astuto. Ele talvez descubra algo que nos seja útil.

– Talvez?

– Sim, apenas talvez, Majestade.

– E você me manterá informado?

– Sim, Majestade.

– E, Seldon, não insista em afirmar que a psico-história é só uma brincadeira, que ela não existe. Eu não quero mais ouvir isso. Espero que você faça alguma coisa a respeito de Joranum. Não posso saber o que isso venha a ser, mas você tem de fazer algo. *Não* vou aceitar outra coisa. Está dispensado.

Seldon regressou à Universidade de Streeling num estado de espírito muito mais sombrio do que quando partira. Cleon tinha deixado claro que não aceitaria um fracasso.

Agora, tudo dependia de Raych.

18

Raych aguardava, sentado na antessala de um edifício público em Dahl no qual nunca se havia aventurado – nunca *poderia* ter se

aventurado – quando era um pilantrinha das ruas. A bem da verdade, sentia-se um pouco inquieto com aquela situação, como se estivesse invadindo o local.

Tentava parecer calmo, confiável, adorável.

Seu pai lhe havia dito que essa era sua qualidade natural, mas ele nunca tivera consciência disso. Se era algo espontâneo em seu temperamento, provavelmente estragaria esse traço favorável tentando exageradamente *parecer* ser o que de fato *era*.

Procurou relaxar ao mesmo tempo que acompanhava os movimentos de um oficial que estava mexendo no computador em uma escrivaninha. Esse oficial não era dahlita. Aliás, era o próprio Gambol Deen Namarti, que tinha acompanhado Joranum ao encontro com seu pai, ao qual o próprio Raych estivera presente.

De tempos em tempos, Namarti erguia os olhos de sua mesa de trabalho e espiava Raych com franca hostilidade. Aquele Namarti não ia entrar na onda de ser conquistado por sua afetuosidade. Isso ele já tinha percebido.

E tampouco tentou rebater a hostilidade de Namarti com sorrisos amistosos. Teria parecido muito forçado. Raych simplesmente esperava. Tinha conseguido chegar até ali. Se Joranum chegasse, como era esperado, Raych teria uma chance de falar com ele.

De fato, Joranum chegou, com alguma pompa, sorrindo seu sorriso público que transbordava calor humano e confiança. A mão de Namarti subiu e Joranum parou. Conversaram em voz baixa, enquanto Raych observava atentamente e fingia em vão dar a impressão de que não os estava vigiando. Raych tinha a clara impressão de que Namarti se opunha a que ele falasse com Joranum, e isso o deixava agoniado.

Então, Joranum olhou na direção de Raych, sorriu e empurrou Namarti. Raych pensou que, embora Namarti pudesse ser o cérebro da equipe, era Joranum quem claramente tinha o carisma.

Joranum atravessou a sala na direção dele e estendeu-lhe uma mão rechonchuda e ligeiramente úmida.

– Ora, ora, o filho do professor Seldon! Como vai?

– Bem, obrigado, senhor.

– Parece que você teve certa dificuldade para chegar aqui.

– Nada demais, senhor.

– E veio com uma mensagem do seu pai, se entendi direito. Espero que ele tenha repensado sua decisão e resolvido se juntar a mim em

minha grande cruzada.

– Acho que não, senhor.

– Você está aqui sem conhecimento dele? – questionou Joranum, franzindo ligeiramente a testa.

– Não, senhor. Foi ele quem me enviou.

– Entendo. Está com fome, rapaz?

– No momento, não, senhor.

– Então, você se importa se eu comer? Não tenho muito tempo para as amenidades costumeiras do dia a dia – ele comentou, abrindo um largo sorriso.

– Por mim tudo bem, senhor.

Juntos, então, foram na direção de uma mesa e se sentaram em torno dela. Joranum desembrulhou um sanduíche e deu uma mordida. Com a voz levemente abafada ele perguntou:

– E por que ele o mandou aqui, filho?

– Acho que ele pensou que eu poderia descobrir algo a seu respeito que ele pudesse usar contra o senhor – Raych deu de ombros. – Ele é unha e carne com o primeiro-ministro Demerzel.

– E você não?

– Não, senhor. Sou dahlita.

– Sei que é, mas o que isso quer dizer?

– Quer dizer que sou oprimido e que estou do seu lado e quero ajudá-lo. Naturalmente, não gostaria que meu pai soubesse.

– Não há razão para que ele fique sabendo. Qual é a sua proposta para me ajudar? – Ele lançou rapidamente um olhar pra Namarti, que estava debruçado em sua escrivaninha, ouvindo a conversa, com os braços cruzados e uma expressão sombria. – Você sabe alguma coisa de psico-história?

– Não, senhor. Meu pai não fala comigo sobre isso, e, se falasse, eu não iria entender. Não acho que ele esteja conseguindo alguma coisa com aquilo.

– Tem certeza?

– Claro que tenho. Tem um sujeito lá com ele, Yugo Amaryl, outro dahlita, que às vezes fala sobre psico-história. Tenho certeza de que não está acontecendo nada.

– Ah! E você acha que eu poderia conversar com Yugo Amaryl alguma vez?

– Acho que não. Ele não é tão a favor de Demerzel, mas é

completamente leal ao meu pai. Ele não o trairia.

– E você sim?

Raych pareceu infeliz enquanto resmungava obstinadamente:

– Sou dahlita.

Joranum pigarreou.

– Então quero lhe repetir a pergunta. Qual é a sua proposta para me ajudar, meu jovem?

– Tenho algo para lhe contar que talvez o senhor não acredite.

– Será mesmo? Tente. Se eu não acreditar, vou lhe dizer que não acreditei.

– É sobre o primeiro-ministro Eto Demerzel.

– Sim?

Raych relanceou os olhos à sua volta, desassossegado.

– Será que podem me ouvir?

– Somente Namarti e eu.

– Muito bem, então ouça. Esse sujeito Demerzel não é uma pessoa. É um robô.

– O quê?! – Joranum explodiu.

– O robô é um homem mecânico, senhor – Raych se sentiu compelido a explicar. – Não é humano. É uma máquina.

Namarti interrompeu com veemência.

– Jo-Jo, não acredite nisso. É ridículo.

Mas Joranum tinha levantado uma mão, em sinal de advertência. Seus olhos faiscavam.

– Por que diz isso?

– Uma vez meu pai foi a Mycogen. Ele me falou sobre isso. Em Mycogen falam muito sobre robôs.

– Sim, eu sei. Pelo menos, foi o que me disseram.

– Os mycogenianos acreditam que no passado os robôs eram muito comuns entre seus ancestrais, mas depois foram exterminados.

Os olhos de Namarti se apertaram.

– Mas o que o leva a pensar que Demerzel é um robô? Do pouco que ouvi sobre essas fantasias, parece que os robôs eram feitos de metal, não eram?

– Justamente – Raych disse, com ênfase. – Mas o que me disseram é que houve alguns robôs, poucos, que pareciam iguais a seres humanos e viviam para sempre...

– Lendas! – Namarti exclamou, sacudindo a cabeça

impetuosamente. – Lendas ridículas! Jo-Jo, por que está dando ouvidos...

Joranum, porém, cortou-lhe prontamente a palavra.

– Não, G. D. Quero ouvir. Eu também fiquei sabendo dessa lenda.

– Mas é uma tolice, Jo-Jo.

– Não tenha tanta pressa em dizer que é tolice. E, mesmo que seja, as pessoas vivem e morrem por tolices. O que importa não é tanto o que uma coisa é, mas o que as pessoas *acham* que é. Diga-me, meu jovem, deixando de lado as lendas, o que o leva a acreditar que Demerzel seja um robô? Vamos imaginar que os robôs existem. O que existe nele, então, que revela que *ele* é um robô? Ele lhe disse isso?

– Não, senhor – Raych confirmou.

– Seu pai lhe disse que ele era? – continuou Joranum.

– Não, senhor. É somente o que eu penso, mas estou certo disso.

– E por quê? Por que tem tanta certeza?

– É só alguma coisa que ele tem. Ele não muda. Não fica mais velho. Não demonstra emoções. Tem alguma coisa nele que dá a *impressão* de que é feito de metal.

Joranum recostou-se na cadeira e ficou olhando para Raych por bastante tempo. Era quase possível ouvir o zumbido de seus pensamentos. Finalmente, ele disse:

– Supondo que ele *seja* um robô, rapaz, por que você se importa? Que importância isso pode ter para você?

– Claro que isso me importa – respondeu Raych, convicto. – Sou um ser humano. Não quero nenhum robô encarregado de comandar o Império.

Joranum se voltou para Namarti com uma expressão de decidida aprovação.

– Está ouvindo isso, G. D.? “Sou um ser humano. Não quero nenhum robô encarregado de comandar o Império.” Coloque-o na holovisualização e faça com que repita essa declaração. Faça com que isso se repita muitas vezes, até penetrar na consciência de cada pessoa de Trantor...

– Ei – atalhou Raych, finalmente recuperando o fôlego –, eu não posso dizer isso na holovisualização. Não posso deixar que meu pai descubra...

– Não, claro que não – Joranum acrescentou rapidamente. – Não poderíamos permitir isso. Apenas usaremos essas palavras.

Encontraremos algum outro dahlita. Uma pessoa de cada um dos setores, cada qual com seu próprio dialeto, mas sempre transmitindo a mesma mensagem: "Não quero nenhum robô encarregado de comandar o Império".

– E o que vai acontecer quando Demerzel provar que *não* é um robô? – questionou Namarti.

– Realmente – duvidou Joranum –, como é que ele vai fazer isso? Seria impossível para ele tal comprovação. Psicologicamente impossível. O quê? O grande Demerzel, o poder nos bastidores do trono, o homem que vem mexendo as cordinhas atadas a Cleon I durante todos esses anos e ao pai de Cleon, antes dele? Será que ele descerá do alto de seu pedestal para choramingar em público, afirmando que ele também é um ser humano? Isso seria quase tão destrutivo para ele quanto *ser* um robô. G. D., temos o vilão numa situação em que não pode ganhar, e devemos tudo isso a este belo jovem aqui conosco.

Raych corou.

– Raych, esse é o seu nome, certo? – Joranum acrescentou. – Assim que nosso partido estiver em condições para tanto, não esqueceremos. Dahl será bem tratado e você terá um bom cargo junto a nós. Algum dia, você se tornará o líder setorial de Dahl, Raych, e não irá se lamentar de ter feito isto. Você lamenta, agora?

– Não nesta vida – disse Raych, com ardor.

– Nesse caso, providenciaremos para que regresse ao seu pai. Você lhe dirá que não queremos prejudicá-lo de nenhuma maneira, e que o temos em grande estima. Transmita essa mensagem a ele, contando como descobriu isso da maneira que preferir. E, se descobrir qualquer outra coisa que venha a achar que será útil a nós, especialmente em termos da psico-história, nos informe.

– Pode apostar. Mas o senhor realmente falou a sério quando disse que tomará providências para que Dahl conquiste alguns benefícios?

– Absolutamente. Igualdade para os setores, meu jovem. Igualdade entre os mundos. Teremos um novo Império expurgado de todas as vilezas do privilégio e da desigualdade.

Ouvindo isso, Raych aquiesceu com vigorosos movimentos de cabeça.

– É isso que eu quero.

19

Cleon, Imperador da Galáxia, andava apressado pela passagem abobadada que conduzia de seus aposentos particulares no pequeno palácio aos escritórios da equipe relativamente numerosa que morava nos diversos anexos do Palácio Imperial, funcionando como centro nervoso do Império.

Vários de seus assistentes pessoais caminhavam atrás dele, com expressão grave e preocupada em seus semblantes. O Imperador não caminhava na direção dos outros. Ele os havia convocado e aqueles vinham até ele. Se de fato caminhasse, nunca exibia sinais de pressa ou abalo emocional. Como poderia fazer isso? Ele era o Imperador e, por isso, muito mais um símbolo de todos os mundos do que um ser humano.

Entretanto, nesse momento ele parecia um ser humano. Indicando com um aceno impaciente de sua mão direita que todos se posicionassem ao lado, estendeu com a esquerda um holograma cintilante.

– O primeiro-ministro – ele começou, com uma voz quase estrangulada que em nada lembrava o tom cuidadosamente controlado e educado que havia desenvolvido tão laboriosamente durante esses anos de mandato –, alguém sabe onde ele está?

E todos os altos funcionários que estavam na frente dele se atrapalharam, engasgaram e acharam impossível falar ou agir com coerência. Furioso, Cleon passou no meio do grupo e sem dúvida deixou todos eles sentindo que estavam vivendo um verdadeiro pesadelo.

Finalmente, irrompeu no escritório particular de Demerzel, arfando um pouco, e gritou, literalmente gritou:

– *Demerzel!*

Demerzel olhou para o Imperador em pé, denunciando uma leve surpresa, e suavemente se levantou, pois ninguém se mantinha sentado na presença do Imperador a menos que fosse especificamente convidado a isso.

– Majestade? – ele disse.

O Imperador bateu com força o holograma na mesa de Demerzel e perguntou:

– O que é isto? Você pode me explicar?

Demerzel olhou bem para o que o Imperador lhe havia dado. Era um lindo holograma, nítido e vivo. Era praticamente possível ouvir o garotinho – de dez anos de idade, talvez – pronunciando as palavras que apareciam como legenda para a imagem: “Não quero nenhum robô encarregado de comandar o Império”.

– Também recebi uma dessas, Majestade – Demerzel comentou, em voz baixa.

– E quem mais?

– Majestade, tenho a impressão de que é um panfleto que está sendo amplamente distribuído em todas as partes de Trantor.

– Sim, e você vê a pessoa para quem esse moleque está olhando? – e ele batucou seu dedo imperial sobre a imagem. – Não é você?

– A semelhança é notável, Majestade.

– Estou enganado, ou a expressa intenção desse *panfleto*, como você disse, é acusá-lo de ser um robô?

– Essa parece ser a intenção, Majestade.

– E me interrompa se eu estiver errado, mas os robôs não seriam os lendários seres humanos mecânicos que existem em... em histórias de suspense e contos para crianças?

– Os mycogenianos consideram um artigo de fé, Majestade, que os robôs...

– Não estou interessado nos mycogenianos e em suas crenças. Por que o estão acusando de ser um robô?

– Estou certo, Majestade, de que é apenas uma questão metafórica. Eles querem me descrever como um homem sem coração, cujas opiniões são calculadas friamente, como se eu fosse uma máquina sem consciência.

– Sutil demais, Demerzel, não sou idiota. – Mais uma vez ele tamborilou um dedo sobre o holograma. – Eles estão tentando fazer o povo acreditar que você realmente é um robô.

– E dificilmente poderemos impedir que isso aconteça, Majestade, se as pessoas resolverem acreditar nisso.

– Não podemos nos dar a esse luxo. Isso denigre a dignidade dos seus serviços. Pior ainda, denigre a dignidade do Imperador. A implicação é que eu, *eu*, escolheria um homem mecânico para ser meu primeiro-ministro. Isso é impossível de aturar. Veja bem, Demerzel, não existem *leis* que proíbam que autoridades públicas do Império sejam difamadas?

– Sim, existem, e inclusive são bem severas, Majestade. São da época dos grandes Códigos Legais de Aburamis.

– E difamar o próprio Imperador é um crime capital, não é?

– Punível com a morte, Majestade. Sim.

– Bem, isto não apenas denigre você, como a mim, e quem quer que tenha feito isso deve ser executado, como determina a lei. Evidentemente é esse Joranum que está por trás de uma coisa destas.

– Sem dúvida, Majestade, mas prová-lo pode ser relativamente difícil.

– Besteira! Tenho provas suficientes! Quero uma execução!

– O problema, Majestade, é que as leis contra difamação nunca foram postas em prática. Certamente, não neste século.

– E é por isso que a sociedade está se tornando tão instável e que o Império está sendo abalado em seus alicerces. As leis ainda estão nos livros, portanto, faça-as valer.

– Majestade, reflita bem se isso seria sensato – Demerzel contemporizou. – Daria a impressão de que o senhor é um tirano e um déspota. Seu reinado tem sido muito bem-sucedido, em sua moderação e generosidade...

– Sim, e veja o que me rendeu! Em vez de me amarem desse modo, vamos fazer com que sintam medo de mim, só para mudar um pouco o cenário.

– Recomendo fortemente que não faça isso, Majestade. Pode ser o estopim que iniciará uma rebelião.

– E o que você fará, então? Irá se apresentar em público e dizer “Olhem para mim, não sou um robô”?

– Não, Majestade, pois, como o senhor disse, isso destruiria minha dignidade e, o que é pior, a sua também.

– E então?

– Não estou certo, Majestade, ainda não tive tempo de refletir a respeito desta questão.

– Ainda não teve tempo para refletir a respeito? Quero que entre em contato com Seldon.

– Majestade?

– Mas o que é tão difícil assim de se entender nesta ordem? *Entre em contato com Seldon!*

– O senhor deseja que eu o convoque para uma audiência no palácio, Majestade?

– Não, não há tempo para isso. Imagino que você consiga criar uma linha de comunicação segura entre nós, incapaz de ser grampeada.

– Seguramente, Majestade.

– Então, faça isso. Agora!

20

Seldon não tinha o mesmo autocontrole de Demerzel, uma vez que era apenas de carne e osso. O chamado para ir ao escritório e o repentino brilho discreto e sonoro no campo misturador eram indícios suficientes de que algo incomum estava ocorrendo. Ele já havia falado por meio de linhas seguras antes, mas nunca no nível mais elevado da segurança imperial.

Esperava que algum agente do governo fizesse contato antes de Demerzel em si. Considerando o tumulto que lentamente ia aumentando com a divulgação do panfleto sobre o robô, não poderia esperar menos do que isso.

Mas tampouco esperava mais do que isso e, quando a imagem do próprio Imperador – com o tênue brilho do campo misturador para esboçá-lo – penetrou seu escritório, Seldon caiu sentado em sua cadeira, de queixo caído, e só conseguiu esboçar algumas inócuas tentativas de se pôr em pé.

Cleon acenou de maneira impaciente com a mão para que ele permanecesse sentado.

– Você deve saber o que anda acontecendo, Seldon.

– Vossa Majestade se refere ao panfleto sobre o robô?

– É exatamente isso que quero dizer. O que devemos fazer?

– Há mais coisas, Majestade. – Apesar da permissão para continuar sentado, Seldon enfim se levantou. – Joranum está organizando comícios em todas as partes de Trantor, para falar dessa questão do robô. Pelo menos, é isso que tenho ouvido nos noticiários.

– Isso ainda não chegou até *mim*. Claro que não. Por que o Imperador deveria saber o que está se passando?

– Não é o caso de ficar preocupado, Majestade. Estou certo de que o primeiro-ministro...

– O primeiro-ministro não faz nada, nem mesmo para me manter informado. Estou recorrendo a você e sua psico-história. Diga-me o

que fazer.

– Majestade?

– Não vou ficar fazendo o seu jogo, Seldon. Você está trabalhando na psico-história há oito anos. O primeiro-ministro me diz que não devo tomar medidas legais contra Joranum. O que é que eu faço, então?

– M-majestade! – Seldon gaguejou. – Nada!

– Você não tem nada a me dizer?

– Não, Majestade, não foi isso que eu quis dizer. Quero dizer que o senhor não deve fazer nada. *Nada!* O primeiro-ministro tem toda razão quando lhe diz que o senhor não deve tomar medidas legais de nenhum tipo. Isso só vai piorar as coisas.

– Muito bem. E o que vai tornar as coisas melhores?

– O senhor não fazer nada. O primeiro-ministro não fazer nada. O governo deixar que Joranum faça o que quiser.

– E como isso será benéfico?

Então, tentando mascarar o tom de desespero em sua voz, Seldon respondeu:

– Isso se verá em breve.

De repente, o Imperador pareceu murchar, como se toda a raiva e a indignação tivessem sido sugadas dele. Então, ele exclamou:

– Ah! Entendo! Você está com a situação perfeitamente sob controle!

– Majestade, eu não disse isso...

– Não precisa dizer. Já ouvi o bastante. Você tem a situação perfeitamente sob controle, mas eu quero resultados. Ainda tenho o comando da Guarda Imperial e das forças armadas. Eles serão leais e, se chegarmos a ter distúrbios concretos, eu não hesitarei. Primeiro, porém, darei uma chance a você.

A imagem dele relampejou e sumiu, e Seldon continuou sentado ali, apenas olhando fixamente para o espaço vazio antes ocupado pela imagem de Cleon.

Desde aquele infausto primeiro momento em que mencionara a psico-história na Convenção Decenal, oito anos antes, ele tivera de encarar o fato de que não tinha aquilo que tão temerariamente anunciara.

A única coisa que tinha de fato eram vislumbres fantasmagóricos de pensamentos e o que Yugo Amaryl chamava de intuição.

21

Em dois dias, Joranum já havia varrido Trantor, em parte sozinho, e principalmente com a ajuda de seus tenentes. Como Hari resmungara para Dors, era uma campanha com todas as marcas da eficiência militar.

– Nos velhos tempos, ele teria sido um almirante – Seldon observou. – É um desperdício, na política.

– Desperdício? – Dors retrucou. – Bom, de todo modo, em uma semana ele se tornará primeiro-ministro e, se assim o desejar, Imperador em mais duas. Chegaram relatos de que algumas guarnições militares o estão apoiando.

Seldon balançou a cabeça.

– Vai cair por terra, Dors.

– O quê? O partido de Joranum ou o Império?

– O partido de Joranum. Aquela história do robô provocou uma agitação momentânea, especialmente com o uso eficaz daquele panfleto, mas um pouco de reflexão, um pouco de cabeça fria e o público verá que a acusação é ridícula.

– Mas, Hari – Dors comentou, incisiva –, você não precisa fingir para *mim*. *Não* é uma história ridícula. Como é possível que Joranum tenha descoberto que Demerzel é um robô?

– Ah, *isso*! Ora, Raych contou para ele.

– Raych!

– Isso mesmo. Ele cumpriu perfeitamente o papel que lhe cabia e voltou a salvo, com a promessa de que, no futuro, viraria líder de Setor Dahl. Claro que acreditaram nele. Eu sabia que seria assim.

– Você quer dizer que você contou para Raych que Demerzel era um robô e fez com que ele levasse essa informação a Joranum? – Dors parecia perfeitamente horrorizada.

– Não, eu não poderia fazer isso. Você sabe que eu não poderia contar para Raych (assim como para mais ninguém) que Demerzel é um robô. Eu disse a Raych com toda a firmeza de que fui capaz que Demerzel *não* era um robô, e até isso foi bem difícil. Mas realmente lhe pedi que dissesse a Joranum que ele era. Ele está firmemente convencido de que mentiu para Joranum.

– Mas por quê, Hari; por quê?

– Não por causa da psico-história, isso posso lhe garantir. Não se

junte ao Imperador para começar a achar que sou algum mágico. Eu apenas queria que Joranum acreditasse que Demerzel é um robô. Ele é um mycogeniano nativo, de modo que desde a juventude era bombardeado com os contos sobre robôs que caracterizam sua cultura. Portanto, estava predisposto a crer nisso e ficou convencido de que o público acreditaria, assim como ele.

– Bom, e o público não acreditará?

– Na realidade, não. Após o choque inicial se dissipar, o povo vai perceber que se trata da imaginação de um maluco, ou vai pensar que é. Convenci Demerzel de que ele deve fazer um discurso via holovisualização subetérica, que será transmitido a setores-chave do Império e a cada um dos setores de Trantor. Ele deverá falar sobre qualquer outra coisa que não a questão do robô. Como todos já sabemos, existem crises suficientes para render um discurso inteiro. As pessoas vão ouvir e não haverá nenhuma menção a robôs. Então, no final, perguntarão a ele sobre o panfleto. Ele não precisa dizer nenhuma palavra em resposta. Apenas rir.

– Rir? Nunca vi Demerzel rir. Ele quase nunca sorri.

– Desta vez, Dors, ele vai rir. É a única coisa que ninguém imagina que um robô seja capaz de fazer. Você já viu robôs em fantasias holográficas, não viu? São sempre apresentados como criaturas não humanas, com uma cabeça literal, desprovidas de emoções. É isso o que as pessoas seguramente esperam de um robô. Então, Demerzel só precisa rir. E, além disso, você se lembra do Mestre Solar Quatorze, o líder religioso de Mycogen?

– Claro que sim. Uma cabeça literal, desprovido de emoções, não humano. Ele também nunca ria.

– E, desta vez, também não rirá. Realizei um longo trabalho sobre esse caso Joranum, desde aquele embate no *campus*. Sei qual é o verdadeiro nome de Joranum. Sei onde ele nasceu, quem foram seus pais, onde recebeu seu treinamento inicial, e todas essas informações, acompanhadas de provas documentais, foram enviadas ao Mestre Solar Quatorze. Não acho que o Mestre Solar goste de traidores.

– E eu pensando que você tivesse dito que não queria instigar atos de intolerância.

– E não quero. Se eu tivesse passado essas informações para as pessoas em holovisualização, teria instigado justamente isso, mas eu as enviei ao Mestre Solar que, afinal de contas, é quem deve tê-las.

– E ele vai iniciar a campanha pela intolerância.

– Claro que não. Ninguém em Trantor prestará a menor atenção no Mestre Solar, seja lá o que venha a dizer.

– Então, qual o sentido disso?

– Bom, é justamente isso que vamos ver, Dors. Não tenho uma análise psico-histórica dessa situação. Não sei nem se seria possível fazer isso. Só espero que o meu julgamento esteja certo.

22

Eto Demerzel riu.

Não era a primeira vez. Ele estava ali, sentado, com Hari Seldon e Dors Venabili, numa sala à prova de escutas, e de vez em quando, a um sinal de Hari, ele ria. Às vezes, ele se reclinava e gargalhava ruidosamente, mas Seldon sacudia a cabeça:

– Isso nunca vai soar convincente.

Então, Demerzel sorriu e depois riu com dignidade, e Seldon fez uma careta.

– Estou perplexo – ele disse. – Não parece que está adiantando contar para você histórias engraçadas. Você só entende a coisa do ponto de vista intelectual. Simplesmente terá de memorizar o som adequado.

– Use a gravação holográfica de uma risada – sugeriu Dors.

– *Não!* Isso nunca seria Demerzel. Seria um bando de imbecis pagos para gargalhar. Não é isso que eu quero. Tente de novo, Demerzel.

Demerzel tentou algumas vezes, até Seldon dizer:

– Muito bem. Agora, memorize esse som e repita-o quando lhe fizerem aquela pergunta. Tem de parecer que você está achando muita graça naquilo. Mas não conseguirá produzir um som de risada, por mais real que pareça, se ficar com uma expressão de rosto grave. Sorria um pouco, só um pouco. Repuxe para cima os cantos da boca. – Devagar, a boca de Demerzel se alargou para exibir os dentes. – Não está de todo ruim. Você consegue fazer os olhos brilharem?

– O que quer dizer com "brilharem"? – Dors questionou, parecendo indignada. – Ninguém faz os próprios olhos brilharem. É uma expressão metafórica.

– Não é não – Seldon rebateu. – Ocorre um tênue vestígio de

lágrimas nos olhos, seja de tristeza, alegria, surpresa ou outra emoção, e a luz refletida nesse vestígio de fluido é que provoca o brilho.

– Você realmente espera que Demerzel produza lágrimas?

Mas Demerzel interpôs, em tom pragmático:

– Meus olhos de fato podem produzir lágrimas para uma limpeza geral, e nunca em excesso. Talvez, então, se eu imaginar que meus olhos estão um pouco irritados...

– Tente – disse Seldon –; mal não vai fazer.

Quando a palestra via holovisualização subetérica se encerrou, e as palavras foram transmitidas para milhões de mundos a uma velocidade milhares de vezes superior à velocidade da luz – palavras que haviam sido graves, pragmáticas, informativas, desprovidas de toda a desnecessária retórica decorativa – e que tudo fora mencionado, exceto o assunto dos robôs, Demerzel se declarou aberto a perguntas.

Não teve de esperar muito. A primeira questão que lhe mandaram foi:

– Senhor primeiro-ministro, o senhor é um robô?

Demerzel simplesmente ficou olhando para a frente com calma, esperando que a tensão da expectativa aumentasse. Então abriu um sorriso, seu corpo teve uma pequena convulsão e ele riu. Não foi uma risada estridente, nem uma gargalhada, mas o riso intenso, bem-humorado, de alguém que estivesse apreciando um breve instante de fantasia em sua imaginação. Um tipo contagiante de riso. A audiência repercutiu o bom humor e acabou rindo junto com ele.

Demerzel esperou que a risada geral terminasse e então, com os olhos brilhantes, emendou:

– Será realmente preciso que eu responda? – e ele estava sorrindo quando a tela ficou escura.

23

– Estou seguro de que funcionou – Seldon comentou. – Naturalmente, não devemos esperar por uma completa inversão na situação em questão de instantes. Isso leva tempo, mas as coisas estão caminhando na direção certa, agora. Reparei nisso quando interrompi o discurso de Namarti no *campus*. A plateia estava ao lado dele até que

o enfrentei e me comportei como um arruaceiro, contra todas as probabilidades. Imediatamente, aquele público começou a mudar de lado.

– E você acha que esta é uma situação análoga? – Dors indagou, duvidando.

– Claro que é. Se não tenho a psico-história, posso usar a analogia, e também a inteligência com que nasci, suponho. Lá estava o primeiro-ministro, acossado por todos os lados com aquela acusação, que ele enfrentou com um sorriso e uma risada, a reação mais não robótica que poderia ter tido, de modo que essa atitude, em si, foi a resposta à questão. Naturalmente as simpatias começaram a pender para o lado dele. Nada pode deter isso. Porém, esse é o somente o começo. Vamos aguardar o que Mestre Solar Quatorze tem a dizer a respeito.

– Você também está confiante quanto a ele?

– Absolutamente.

24

O tênis era um dos esportes prediletos de Hari, mas ele preferia jogar em vez de ver os outros jogando. Portanto, era com impaciência que estava assistindo ao Imperador Cleon, trajando as roupas típicas para a prática, correndo de lá para cá na quadra para devolver as bolas. Na realidade, era um jogo de tênis imperial, assim chamado por ser uma atividade favorita dos imperadores; era uma versão do jogo na qual era usada uma raquete computadorizada que podia modificar ligeiramente o ângulo em que era empunhada por meio de pressões correspondentes no cabo. Hari havia tentado desenvolver essa técnica em diversas ocasiões, mas percebeu que levaria muito tempo treinando para chegar a dominá-la, e o tempo de Hari Seldon era por demais precioso para o que sem dúvida não passava de um entretenimento trivial.

Cleon fez uma jogada em que a bola era indefensável e com isso venceu a partida. Saiu marchando da quadra sob os cuidadosos aplausos dos funcionários que haviam acompanhado o jogo, e Seldon lhe disse:

– Parabéns, Majestade. Magnífica atuação da sua parte.

– Acha mesmo, Seldon? – Cleon respondeu com ar indiferente. – Todos eles tomam tanto cuidado para me deixar vencer. Não tenho nenhum prazer nisso.

– Nesse, caso, Majestade – Seldon sugeriu –, o senhor poderia ordenar que seus adversários jogassem melhor.

– Não ia adiantar nada. Continuariam tomando cuidado para perder, do mesmo jeito. E, se chegassem a ganhar, eu teria ainda menos prazer em ter perdido do que se ganhasse porque o outro entregou o jogo para mim. Ser Imperador tem seus contratempos, Seldon. Joranum teria descoberto isso, se tivesse conseguido se tornar um.

Então, foi para o seu vestiário particular de onde voltou no devido tempo, lavado, penteado e vestido de maneira mais formal.

– Agora, Seldon – ele retomou, dispensando todos os demais com um aceno de mão –, a quadra de tênis é o local mais privado que poderemos encontrar e o tempo está maravilhoso. Fiquemos ao ar livre. Acabei de ler a mensagem mycogeniana desse Mestre Solar Quatorze. Será o suficiente?

– Inteiramente, Majestade. Como Vossa Majestade leu, Joranum foi denunciado como traidor de Mycogen e está sendo acusado de blasfêmia pelo artigo mais rigoroso da lei. .

– E isso acaba com ele?

– Diminui fatalmente a importância que tem, Majestade. Agora, são poucos os que aceitam aquela história maluca de o primeiro-ministro ser um robô. Além disso, foi revelado que Joranum é um mentiroso e um impostor e, para piorar, ele foi pego no flagra.

– Pego no flagra, sim – Cleon repetiu, pensativo. – Você quer dizer que ser fingido é ser astuto e isso pode ser admirável, mas ser flagrado é ser estúpido e isso nunca é admirável.

– Vossa Majestade se expressa de modo sucinto.

– Então, Joranum não é mais um perigo.

– Disso não podemos estar certos, Majestade. Ele pode se recuperar, mesmo agora. Ele ainda conta com uma organização e alguns de seus seguidores continuarão leais a ele. A história fornece muitos exemplos de homens e mulheres que regressaram após a própria decadência com a mesma grandeza de antes, ou até mais.

– Sendo assim, vamos executá-lo, Seldon.

Seldon balançou a cabeça, discordando.

– Isso não seria aconselhável, Majestade. Vossa Majestade não desejará criar um mártir nem se comportar como um déspota.

Cleon franziu o cenho.

– Agora, você parece Demerzel falando. Toda vez que quero tomar alguma atitude de mais força, ele me vem com essa coisa de "déspota". Houve imperadores antes de mim que agiram com extrema força e por causa disso se tornaram admirados, além de terem sido considerados fortes e decididos.

– Sem dúvida, Majestade, mas é que vivemos em tempos conturbados agora. Além do mais, essa não é uma execução necessária. Vossa Majestade pode realizar seu propósito de uma maneira que o faça parecer esclarecido e *também* benevolente.

– *Parecer* esclarecido?

– *Ser* esclarecido, Majestade, me expressei mal. Executar Joranum seria o mesmo que se vingar, o que poderia ser interpretado como uma reação ignóbil. Como Imperador, entretanto, Vossa Majestade pode ter uma atitude generosa, até mesmo paternal, com respeito às crenças de todas as pessoas. Vossa Majestade não faz distinção, pois é o Imperador de todos, igualmente.

– O que é que você está dizendo?

– Estou dizendo que Joranum maculou a honra dos mycogenianos e que Vossa Majestade está horrorizado com esse sacrilégio, uma vez que ele nasceu lá. O que Vossa Majestade poderia fazer ainda melhor do que entregar Joranum nas mãos dos mycogenianos e deixar que eles cuidem do problema? Vossa Majestade será aplaudido por sua correta atenção imperial.

– Então, os mycogenianos irão executá-lo?

– Pode ser que sim, Majestade. As leis deles contra blasfêmia são excessivamente severas. Na melhor das hipóteses, irão mantê-lo em prisão perpétua fazendo serviços forçados.

– Muito bom – Cleon sorriu. – Fico com o crédito de ter sido compassivo e tolerante e eles fazem o trabalho sujo.

– Isso mesmo, caso Vossa Majestade lhes entregasse Joranum. Ainda assim, contudo, ele se tornaria um mártir.

– Agora você está me deixando confuso. O que quer que eu faça, então?

– Deixe que Joranum escolha. Diga que sua preocupação com o bem-estar de todos os povos do seu Império impõe que Vossa

Majestade o entregue aos mycogenianos para ser julgado, mas que seu lado humano teme que os mycogenianos venham a ser severos demais. Portanto, à guisa de alternativa, ele pode escolher ser banido para Nishaya, o mundo pequeno e remoto que ele *afirmou* ser sua terra natal, onde viverá o resto da vida em paz e no anonimato. Naturalmente, Vossa Majestade providenciará para que seja mantido sob vigilância.

– E isso resolve a questão.

– Certamente. Joranum estará praticamente cometendo suicídio se decidir voltar a Mycogen, e ele não me parece ser do tipo suicida. Ele certamente escolherá ir para Nishaya e, embora esse seja o caminho mais sensato, também está desprovido de heroísmo. Na qualidade de refugiado em Nishaya, ele dificilmente conseguirá liderar algum movimento destinado a tomar posse do Império. Seu grupo de seguidores seguramente será desmantelado. Eles poderiam seguir um mártir com um zelo sagrado, mas seria efetivamente muito difícil que seguissem um covarde.

– Incrível! Como foi que pensou em tudo isso, Seldon? – e na voz de Cleon soava um tom evidente de admiração.

Seldon apenas respondeu:

– Bem, pareceu razoável supor...

– Deixa para lá – Cleon interrompeu, abruptamente. – Não penso que você vá me dizer a verdade, e nem que eu a compreenderia mesmo que você dissesse, mas uma coisa eu posso afirmar: Demerzel será destituído. Essa última crise provou ser demais para ele e concordo quando diz que está na hora de ele se aposentar. Mas não posso ficar sem um primeiro-ministro e, deste momento em diante, é você.

– *Majestade!* – Seldon exclamou, preso de um sentimento misto de horror e estupefação.

– Primeiro-ministro Hari Seldon – Cleon arrematou, em voz calma. – É o desejo do Imperador.

25

– Não fique assustado – Demerzel disse. – Foi minha sugestão. Já fiquei aqui tempo demais e a sucessão de crises chegou ao ponto em

que o cumprimento das Três Leis me paralisa. Você é o sucessor lógico.

– Eu *não* sou o sucessor lógico – Seldon rebateu com veemência. – O que é que *eu* sei sobre comandar um Império? O Imperador é tolo o bastante para acreditar que solucionei essa crise usando a psico-história. Claro que não fiz isso.

– Não importa, Hari. Se ele *acredita* que você deu uma resposta via psico-história, ele o ouvirá com muita atenção e isso fará de você um bom primeiro-ministro.

– Ele talvez me ouça e acabe indo direto no rumo da destruição.

– Acho que o seu bom senso, ou *intuição*, irão mantê-lo no caminho... com ou sem psico-história.

– E o que é que eu faço sem você, Daneel?

– Obrigado por me chamar assim. Não sou mais Demerzel, apenas Daneel. Quanto ao que você fará sem mim, que tal tentar colocar em prática algumas das ideias de Joranum sobre igualdade e justiça social? Talvez ele não tenha falado a sério, talvez só tenha usado esses ideais como estratégia para cativar aliados, mas em si não são maus conceitos. E veja como Raych é capaz de ajudá-lo nisso. Ele se manteve ao seu lado contrariando sua atração pessoal pelas ideias de Joranum, e pode estar se sentindo dividido e um tanto traidor. Mostre a ele que não é. Além disso, você pode se dedicar ainda mais à psico-história, pois o Imperador o apoiará nessa empreitada de corpo e alma.

– E *você*, Daneel, o que vai fazer?

– Há outras coisas na Galáxia às quais devo dar atenção. Ainda existe a Lei Zero e devo trabalhar pelo bem da humanidade, conforme me for possível determinar o que é esse bem. E, Hari...

– Sim, Daneel.

– Você ainda tem Dors.

Seldon concordou com um movimento de cabeça.

– Sim, eu ainda tenho Dors. – Ele parou por um momento antes de corresponder à firmeza do aperto de mão de Daneel. – Adeus, Daneel.

– Adeus, Hari – respondeu Daneel.

E com isso, o robô se virou e partiu, e seu pesado manto de primeiro-ministro farfalhava acompanhando suas passadas. Daneel se afastou de cabeça erguida, costas retas, atravessando o corredor do palácio.

Depois da saída de Daneel, Seldon ainda permaneceu ali por mais alguns instantes, perdido em seus pensamentos. De repente, começou a andar na direção dos aposentos do primeiro-ministro. Seldon tinha mais uma coisa a dizer a Daneel, a mais importante de todas.

Seldon hesitou, sob a suave iluminação do corredor antes de entrar no apartamento de Daneel, mas o aposento estava vazio. O manto escuro estava jogado sobre uma cadeira. As últimas palavras de Hari para o robô ecoaram na câmara vazia:

– Adeus, meu amigo.

Eto Demerzel não existia mais. E R. Daneel Olivaw havia desaparecido.

PARTE 2

CLEON I

——— Cleon I...

Embora tenha recebido elogios por ter sido o último Imperador sob cujo reinado o Primeiro Império Galáctico foi mantido razoavelmente unido e razoavelmente próspero, os vinte e cinco anos de Cleon I no trono constituíram um período de declínio contínuo. Ele não pode ser considerado diretamente responsável por esse processo, pois o Declínio do Império baseou-se em fatores políticos e econômicos fortes demais para que qualquer pessoa os pudesse controlar, naquela época. Cleon I foi afortunado na escolha de seus primeiros-ministros: Eto Demerzel e, depois, Hari Seldon, matemático desenvolvedor da psico-história, na qual o Imperador nunca deixou de acreditar. Cleon e Seldon, como alvos da derradeira conspiração joranumita e seu clímax bizarro...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

1

MANDELL GRUBER ERA UM HOMEM FELIZ. Certamente era o que parecia a Hari Seldon. Seldon interrompeu seus exercícios matinais para observá-lo.

Talvez se aproximando dos cinquenta anos, um pouco mais jovem do que Seldon, Gruber tinha a pele um tanto marcada por seu trabalho contínuo nos jardins do Palácio Imperial, mas sem dúvida seu rosto bem barbeado estava sempre alegre, e seu escalpo rosado não era muito protegido pelos cabelos ralos, cor de areia. Enquanto inspecionava as folhas dos arbustos em busca de sinais de alguma praga, seguia assobiando baixinho.

Naturalmente, ele não era o jardineiro-chefe do Palácio Imperial. Esse cargo era de um funcionário do alto escalão que tinha um escritório palaciano em um dos edifícios do enorme complexo imperial, com um verdadeiro exército de homens e mulheres sob seu comando. O mais provável era que ele inspecionasse as áreas externas do palácio não mais do que uma ou duas vezes por ano.

Gruber era apenas um integrante daquele exército. Seldon sabia que o título daquele funcionário era jardineiro de primeira classe e que fora bem merecido, após trinta anos de leais serviços prestados.

Tendo parado no caminho de pedrisco perfeitamente nivelado, Seldon comentou:

– Mais um dia maravilhoso, Gruber.

Gruber levantou o olhar e seus olhos cintilaram.

– É verdade, primeiro-ministro, e tenho dó daqueles que ficam presos em suas jaulas.

– Você quer dizer, como eu estarei, daqui a pouco.

– Não há muita coisa a respeito do senhor para as pessoas ficarem sentindo pena, primeiro-ministro, mas se o senhor está para desaparecer num desses prédios em um dia como o de hoje, isso dá um pouco de pena ao nosso pequeno grupo de felizardos que podem ficar ao ar livre.

– Agradeço sua simpatia, Gruber, mas você sabe que temos quarenta bilhões de trantorianos vivendo sob o domo. Você sente pena de todos eles?

– Sinto, sim. Sou grato por não ter nascido em Trantor, e por isso pude me candidatar para a vaga de jardineiro. Existem poucos de nós, neste mundo, que podem trabalhar a céu aberto, mas cá estou eu, um desses poucos afortunados.

– Mas o tempo nem sempre é tão ideal como o de hoje.

– Isso é verdade. E já estive ao ar livre embaixo de chuvas torrenciais e de ventos uivantes. Mesmo assim, desde que a pessoa esteja com o traje adequado... Olhe – e Gruber abriu os braços para os lados, tão amplo quanto seu sorriso, como se quisesse abarcar todo o vasto terreno em torno do palácio. – Tenho amigos: as árvores, os gramados, todas as formas de vida animal que me fazem companhia... e arbustos que preciso podar para que cresçam em formas geométricas, até mesmo no inverno. O senhor alguma vez *viu* a geometria dos jardins, primeiro-ministro?

– Estou olhando para ela neste exato momento, não estou?

– Quero dizer, o desenho do projeto, visto de cima, assim podemos realmente apreciá-lo em sua totalidade... e ele é mesmo maravilhoso. Esse paisagismo foi planejado por Tapper Savand, há mais de cem anos, e mudou muito pouco desde então. Tapper foi um grande paisagista, o melhor deles, e ele veio do meu planeta.

– Anacreon, se não me engano?

– Isso mesmo. Um mundo bem distante, perto da borda da Galáxia, onde ainda existe natureza selvagem e a vida pode ser amena. Vim para cá quando eu era jovem e inexperiente, na época em que o jardineiro-chefe foi empossado pelo antigo Imperador. Claro que, agora, estão falando de redesenhar os jardins. – Gruber deu um suspiro profundo e balançou a cabeça. – Isso seria um erro. Eles estão em ordem do jeito que estão agora, em proporções adequadas, bem equilibradas, agradáveis tanto aos olhos como ao espírito. Mas é verdade que, ao longo da história, estes jardins têm passado por modificações. Os imperadores se cansam do que é antigo e estão sempre em busca de algo novo, como se o que é novo fosse melhor de algum modo. Nosso atual Imperador, que tenha vida longa, está planejando um novo desenho para os jardins junto com o jardineiro-chefe. Pelo menos, é isso que os jardineiros andam comentando entre

si. – Essa última sentença ele acrescentou rapidamente, como se o envergonhasse ajudar a espalhar os boatos palacianos.

– Pode ser que não aconteça tão em breve.

– Espero que não, primeiro-ministro. Por favor, se o senhor tiver oportunidade de separar algum tempo desse trabalho extenuante que o senhor deve estar realizando, estude o desenho destes jardins. O que temos aqui é de uma beleza rara e, se dependesse de mim, nenhuma folha deveria ser removida, nem uma flor, nem um coelho, nada, em todas estas centenas de quilômetros quadrados.

– Gruber, você é um sujeito dedicado – Seldon sorriu. – Não me surpreenderia se um dia você ainda se tornasse jardineiro-chefe.

– Que o destino me poupe disso. O jardineiro-chefe não respira ar puro, não contempla nenhuma vista natural, esquece-se de tudo que aprendeu com a natureza. Ele vive lá dentro – e Gruber apontou com ar de desprezo – e acho que não sabe mais a diferença entre uma moita e um riacho, a menos que algum serviçal pegue-o pelo braço e o faça enfiar a mão em um e depois no outro.

Por um instante, Gruber deu a impressão de que iria expectorar todo o seu desdém, mas não estava encontrando nenhum lugar onde cuspir o produto de sua indignação.

Seldon riu discretamente.

– Gruber, é sempre bom falar com você. Quando estou assoberbado pelas obrigações do dia, é um prazer tirar alguns minutos para ouvir sua filosofia de vida.

– Ah, primeiro-ministro, não sou filósofo, não. Minha educação foi muito precária.

– Você não precisa de instrução para ser filósofo. Só de uma mente ativa e de suas experiências de vida. Cuide-se, Gruber. É capaz de eu conseguir uma promoção para você.

– Se o senhor apenas puder me deixar onde estou, primeiro-ministro, contará com minha total gratidão.

Seldon continuava sorrindo quando seguiu em frente, mas seu sorriso se desfez assim que sua mente se voltou para os problemas atuais. Dez anos ocupando o posto de primeiro-ministro, e se Gruber soubesse quão profundamente esgotado esse cargo deixava Seldon, a simpatia do jardineiro teria aumentado ainda mais. Será que Gruber conseguiria compreender o fato de que os avanços de Seldon na técnica da psico-história traziam a promessa de colocá-lo diante de um

dilema insustentável?

2

A meditativa caminhada de Seldon pelos jardins do palácio era o epítome da paz. Era difícil acreditar que ali, em meio aos domínios mais imediatos do Imperador, havia um mundo que, exceto por essa área, encerrava-se totalmente dentro de um domo. Ali, naquele ponto, ele podia estar em sua terra natal, Helicon, ou no mundo de onde Gruber viera, Anacreon.

Naturalmente, aquela sensação de paz era ilusória. Os jardins eram protegidos pelo numeroso corpo da guarda, incumbido de sua segurança.

Certa vez, mil anos atrás, a área do Palácio Imperial – muito menos palaciana, muito menos diferenciada de um mundo que estava somente começando a construir domos sobre regiões individuais – tinha se mantido aberta a todos os cidadãos e o próprio Imperador podia caminhar por suas trilhas, sem a proteção de guardas, cumprimentando seus súditos com leves acenos de cabeça.

Agora, não mais. Imperavam os dispositivos de segurança e ninguém, nem mesmo de Trantor, poderia invadir aquela área. Entretanto, isso não afastava o perigo, pois este por vezes se apresentava na forma de atitudes de funcionários imperiais descontentes ou de soldados corruptos e subornados. Era no âmbito *interno* de sua própria administração que o Imperador e sua equipe corriam o maior perigo. O que teria acontecido se, naquela ocasião, quase dez anos antes, Seldon não estivesse na companhia de Dors Venabili?

Havia sido durante seu primeiro ano como primeiro-ministro, e era bastante natural, ele supôs (após o incidente), que sua inesperada escolha para o cargo despertasse intensos sentimentos de inveja e rancor. Muitos outros possíveis candidatos, bem mais qualificados em termos de preparo – com anos de serviços e, principalmente, acreditando que eles mesmos eram melhores –, possivelmente encaravam aquela nomeação com muita raiva. Não estavam cientes do projeto da psico-história nem da importância que o Imperador lhe dava, e a maneira mais fácil de corrigir essa situação era corromper

um dos protetores mais fiéis do primeiro-ministro.

Dors deveria ter desconfiado mais do que o próprio Seldon. Ou ainda, depois que Demerzel saíra de cena, suas instruções para a guarda de Seldon devem ter sido reforçadas. A verdade foi que, ao longo dos primeiros anos do mandato de Hari como primeiro-ministro, ela esteve pessoalmente ao lado dele com muita frequência.

E, no final de tarde de um dia quente e ensolarado, Dors captou o reflexo do sol poente – um sol nunca visto sob o domo de Trantor – no metal de um desintegrador.

– Abaixe, Hari! – ela gritou de repente, e suas pernas esmagaram a relva quando ela correu na direção do sargento.

– Dê-me esse desintegrador, sargento – ela disse rigidamente.

O provável assassino, momentaneamente imobilizado pela inesperada visão de uma mulher que vinha correndo na sua direção, reagiu com rapidez e ergueu o desintegrador desembainhado.

Mas ela já estava em cima dele, e a mão de Dors, que segurava o punho direito do soldado com uma força de aço, o levantou para o alto.

– Solte – ela ordenou, praticamente rosnando essa ordem.

O rosto do dele se contraiu quando tentou desvencilhar o braço.

– Nem tente, sargento – disse Dors. – Meu joelho está a poucos centímetros de sua virilha e, se você piscar, seus órgãos genitais vão ser destruídos. Portanto, fique parado. Muito bem. Certo. Agora, abra a mão. Se não deixar o desintegrador cair *agora* no chão, eu vou acabar com o seu braço.

Um jardineiro apareceu correndo, empunhando um rastelo. Dors o afastou com um aceno. O sargento deixou cair o desintegrador no chão.

Seldon tinha chegado.

– Agora, eu cuido disso, Dors.

– Você *não* vai cuidar disso. Vá para aquele grupo de árvores e leve o desintegrador. Pode haver outras pessoas envolvidas, e talvez prontas para agir.

Ainda apertando o braço do inimigo, Dors prosseguiu:

– Agora, sargento, quero o nome dessa pessoa que o convenceu a atentar contra a vida do primeiro-ministro... e também o nome de todos os outros que estão nisso com você.

Ele permaneceu calado.

– Não seja idiota – Dors insistiu. – Fale! – Ela torceu o braço do rapaz e ele caiu de joelhos. Ela forçou o pé contra o pescoço dele. – Se você acha que o silêncio o favorece, posso esmagar a sua laringe e você ficará em silêncio pelo resto da vida. E, inclusive antes disso, eu vou causar um *tremendo* estrago em você e não deixarei nenhum osso inteiro em todo o seu corpo. Então, é melhor você falar.

O sargento falou.

Mais tarde, Seldon disse a ela:

– Como você pôde fazer aquilo, Dors? Nunca pensei que você fosse capaz de tamanha... *violência.*

– Na realidade, eu não o machuquei muito, Hari – Dors respondeu, com frieza. – A ameaça foi suficiente. De todo modo, a sua segurança era prioridade.

– Você devia ter deixado que eu cuidasse dele.

– Por quê? Para salvaguardar seu orgulho masculino? Para início de conversa, você não teria sido rápido o suficiente. Em segundo lugar, fosse qual fosse a atitude que você tivesse conseguido tomar, ela seria considerada normal, vinda de um homem. Eu sou mulher e as mulheres, de acordo com a crença popular, não são consideradas criaturas tão ferozes quanto os homens e, em geral, a maioria não tem de fato a força para fazer o que eu fiz. Quanto mais repetirem essa história, mais ela vai aumentar e todos vão morrer de medo de mim. Ninguém mais vai ousar ferir você por temerem o que eu possa fazer.

– Vão morrer de medo de você e de ser executados. O sargento e seus cúmplices serão mortos, você sabe.

Ouvindo isso, uma expressão de angústia recobriu o semblante de Dors, normalmente sereno, como se ela não pudesse suportar a ideia de aquele sargento traidor ser executado, ainda que, se ele tivesse a oportunidade, liquidaria seu adorado Hari sem hesitar.

Ela então exclamou:

– Mas não há necessidade de executar os conspiradores. Mandá-los para o exílio será suficiente.

– Não, não será – afirmou Seldon. – É tarde demais. Cleon não aceitará nada além de uma execução e posso inclusive citar textualmente as palavras dele, se você quiser.

– Você quer dizer que ele já decidiu?

– No mesmo instante. Eu sugeri a ele que exílio ou encarceramento seria o suficiente, mas ele disse que não. As palavras dele foram:

"Toda vez que tento resolver um problema usando diretamente a força, primeiro Demerzel e agora você ficam dizendo que sou um déspota e um tirano. Só que este é o *meu* Palácio Imperial. Aqui é o *meu* território. Estes são os *meus* guardas. Minha segurança depende da segurança deste lugar e da lealdade do meu povo. Você acha que algum nível de desvio da mais absoluta lealdade pode ser enfrentado com algo senão a morte instantânea? De que outro modo você estará seguro? De que outro modo *eu* estarei a salvo?". Eu disse que deveria haver um julgamento. E ele respondeu: "Claro, um rápido tribunal militar e não espero nem um único voto a favor de outra solução que não seja a execução. Deixarei isso perfeitamente claro".

– Você está acatando isso com muita facilidade – Dors pareceu aterrorizada. – Você concorda com o Imperador?

Relutando, Seldon meneou a cabeça.

– Não.

– Porque foi uma tentativa contra a *sua* vida. Você abandonou seus princípios por uma mera questão de vingança?

– Ora, Dors, não sou um sujeito vingativo. No entanto, eu não fui o único a correr o risco, nem mesmo o Imperador. Se uma coisa nos tem mostrado a história recente do Império é que os imperadores vêm e vão. É a psico-história que deve ser protegida. Sem dúvida, ainda que algo me aconteça, a psico-história será desenvolvida um dia, mas o Império está decaindo rapidamente e não podemos esperar... e só eu tenho progredido o suficiente para obter as técnicas necessárias a tempo.

– Então – Dors disse, em tom grave –, você deveria ensinar o que sabe a outras pessoas.

– Estou fazendo isso. Yugo Amaryl é um sucessor razoável e formei um grupo de técnicos que futuramente serão úteis, mas não serão tão... – e ele fez uma pausa.

– Não serão tão bons quanto você, tão sábios, tão capazes? Sério?

– Por acaso penso assim – Seldon confessou. – E por acaso sou humano. A psico-história é minha e, se eu conseguir concretizá-la, quero esse crédito.

– Humano... – Dors repetiu, com um suspiro, balançando a cabeça quase que com tristeza.

As execuções foram realizadas. Nenhum expurgo desse tipo tinha sido posto em prática em quase um século. Dois ministros, cinco

oficiais de hierarquia inferior e quatro soldados, incluindo o desafortunado sargento, foram mortos. Todos os guardas que não foram isentados por uma investigação radicalmente rigorosa foram exonerados de seus postos e exilados no mais remoto local dos Mundos Exteriores.

Desde então, não se ouviu mais nenhum murmúrio sobre deslealdade, e o cuidado com o qual o primeiro-ministro era protegido pela guarda se tornara tão notório – sem mencionar a aterrorizante mulher, chamada "Mulher-Tigre" por muitos, que era a guardiã dele – que não era mais necessário que Dors o acompanhasse a toda parte. Sua presença invisível era um escudo adequado e o Imperador Cleon usufruiu quase dez anos de tranquilidade e segurança absoluta.

Entretanto, a psico-história por fim estava atingindo o ponto em que era possível fazer certo tipo de previsões e, enquanto atravessava o pátio para passar de seu escritório (como primeiro-ministro) para seu laboratório (de psico-história), Seldon estava incomodamente ciente da probabilidade de que essa era de paz talvez estivesse chegando ao fim.

3

Mas, apesar de tudo, Hari Seldon não conseguiu reprimir a onda de satisfação que o inundou quando entrou em seu laboratório.

Como as coisas tinham mudado!

Tudo havia começado vinte anos antes, com seus próprios rabiscos naquele computador de segunda categoria que ele tinha em Helicon. Fora naquela época que lhe ocorrera, de maneira nebulosa, o primeiro vislumbre daquilo que viria a se tornar a matemática paracaótica.

Depois, tinham se passado aqueles anos na Universidade de Streeling durante os quais ele e Yugo Amaryl haviam trabalhado juntos para tentar renormalizar as equações, livrar-se das infinidades inconvenientes e achar um jeito de evitar os piores efeitos caóticos. Na realidade, tinham progredido pouco.

Agora, porém, após dez anos ocupando o cargo de primeiro-ministro, ele possuía um andar inteiro de computadores de última geração e uma equipe completa de profissionais ocupados com uma ampla variedade de problemas.

Por precaução, ninguém da equipe – além de Yugo e de Seldon, naturalmente – podia realmente saber muito além do problema imediato com o qual estivesse ocupado. Cada membro daquele grupo trabalhava em apenas uma pequena ravina ou afloramento na face da gigantesca cadeia montanhosa da psico-história que apenas Seldon e Yugo eram capazes de enxergar como uma cadeia montanhosa, e ainda assim eles a podiam divisar apenas vagamente, pois seus cumes se escondiam entre as nuvens e suas encostas eram veladas pela névoa úmida.

Claro que Dors Venabili estava certa. Ele teria de começar a iniciação de sua equipe na totalidade do mistério. A técnica estava avançando para uma dimensão que ficaria bem além do que apenas dois homens poderiam lidar. E Seldon estava envelhecendo. Mesmo que ainda pudesse esperar ter mais algumas décadas de vida, seus anos mais produtivos como inovador e pioneiro seguramente já haviam ficado para trás.

Até mesmo Yugo Amaryl completaria trinta e nove anos em um mês e, embora essa ainda fosse pouca idade, talvez não fosse claramente pequena para um matemático. E Yugo já vinha trabalhando naquela problemática quase tanto tempo quanto o próprio Seldon. Sua capacidade para raciocinar de maneira nova e tangencial também deveria estar enfraquecendo.

Amaryl vira Hari entrar e, então, se aproximou dele. Seldon olhou para ele afetuosamente. Amaryl era tão dahlita quanto seu filho adotivo, Raych, mas, apesar de seu físico musculoso e da baixa estatura, não parecia dahlita de jeito nenhum. Não usava o clássico bigode, não tinha o sotaque característico e, ao que parecia, não apresentava nenhum vestígio da consciência dahlita. Inclusive, fora imune ao fascínio exercido por Jo-Jo Joranum, o demagogo que tão profundamente impressionara o povo de Dahl.

Era como se Amaryl não reconhecesse nenhum tipo de patriotismo setorial, planetário ou até mesmo imperial. Completa e inteiramente, ele pertencia à psico-história.

Seldon sentiu uma fisgada de insuficiência. Ele mesmo permanecia consciente de seus primeiros vinte anos em Helicon e não havia meios de impedir que pensasse como um cidadão heliconiano. Por um momento, Seldon se perguntou se essa consciência não o acabaria traindo, levando-o a enviesar seus pensamentos sobre a psico-história.

Num plano ideal, para usar adequadamente a psico-história, a pessoa deveria estar alheia a mundos e setores, lidando somente com a humanidade no abstrato sem rosto, e era isso que Amaryl fazia. E ele não – Seldon admitiu para si mesmo, suspirando baixinho.

– Hari, acho que *estamos* progredindo – informou Amaryl.

– Você acha, Yugo? Só acha?

– Não quero saltar no espaço sideral sem um traje pressurizado – comentário feito com total seriedade (Seldon sabia que Amaryl não tinha um senso de humor muito desenvolvido). Os dois foram então para seu escritório particular, pequeno, mas bem protegido.

Amaryl sentou-se e cruzou as pernas. Então continuou:

– Seu mais recente método para contornar o caos pode ser parcialmente funcional, mas perde em precisão, naturalmente.

– Claro que sim. O que ganhamos indo em frente, perdemos em rodeios. É desse jeito que o universo funciona. Temos apenas de enganá-lo de algum modo.

– Nós o enganamos um pouco. É como espiar através de uma vidraça coberta de geada.

– Melhor do que todos os anos em que ficamos tentando enxergar através de chumbo.

Amaryl resmungou alguma coisa consigo mesmo e então emendou:

– Podemos captar lampejos de luz e escuridão.

– Explique!

– Não consigo, mas tenho o Primeiro Radiante no qual venho trabalhando como um... um...

– Que tal lamec? É um animal, uma besta de carga, que temos em Helicon. Ele não existe em Trantor.

– Se o lamec trabalha muito, então é assim que posso falar do meu trabalho com o Primeiro Radiante.

Yugo pressionou o botão de segurança em sua escrivaninha e uma gaveta se destravou e deslizou, abrindo-se silenciosamente. De lá, ele retirou um cubo escuro e opaco que Seldon examinou com interesse. Ele mesmo havia trabalhado nos circuitos do Primeiro Radiante, mas Amaryl tinha construído o objeto. Amaryl era muito habilidoso com as mãos.

A sala ficou escura e equações e relacionamentos reluziram no ar. Os números se difundiam debaixo delas, pairando logo acima da superfície da escrivaninha, como se estivessem suspensos por fios

invisíveis de títeres.

– Maravilhoso – comentou Seldon. – Algum dia, se vivermos até lá, faremos o Primeiro Radiante produzir um rio de símbolos matemáticos que mapearão a história passada e a futura. Nesse rio, encontraremos correntes e remoinhos e descobriremos maneiras de transformá-los de tal modo que os obrigaremos a seguir outras correntes e remoinhos, conforme a nossa preferência.

– Sim – Amaryl concordou, seco. – Se conseguirmos viver com o conhecimento de que as atitudes que tomamos, inspiradas por nossas melhores intenções, podem acabar revelando os piores resultados.

– Acredite quando lhe digo, Yugo, que não há uma noite em que eu vá para a cama sem que esse mesmo pensamento não me acompanhe e torture. Ainda assim, não chegamos a tal ponto. A única coisa que temos é isto que, como você mesmo disse, não passa de lampejos de luz e escuridão que entrevemos de maneira difusa através de uma vidraça coberta de geada.

– É bem isso.

– E o que é que você acha que vê, Yugo? – Seldon observava Amaryl bem de perto, com uma expressão um tanto sombria. Ele estava engordando, ficando um pouco cheio demais. Passava tempo demais trabalhando diante do computador (e, agora, no Primeiro Radiante) e não fazia exercícios físicos suficientes. E, embora tivesse a companhia de uma mulher de vez em quando, Seldon sabia que ele nunca havia se casado. Que erro! Até mesmo um viciado em trabalho é forçado a parar um pouco de trabalhar para sentir prazer com sua parceira, para atender às necessidades dos filhos.

Seldon pensou em seu físico ainda em boas condições e em como Dors se esforçava para mantê-lo desse jeito.

– O que eu vejo? – indagou Amaryl. – O Império está numa enrascada.

– O Império sempre esteve numa enrascada.

– Sim, mas é algo mais específico. Existe a possibilidade de termos problemas no centro.

– Em Trantor?

– É o que presumo. Ou na Periferia. Ou haverá uma situação ruim aqui... talvez uma guerra civil... ou os Mundos Exteriores mais remotos começarão a se desmantelar.

– Seguramente, não precisamos da psico-história para assinalar tais

possibilidades.

– O interessante é que parece existir uma mútua exclusividade. Uma coisa ou a outra. A probabilidade de as duas ocorrerem juntas é muito pequena. Aqui! Veja! É a sua própria matemática. Observe!

Por algum tempo, os dois ficaram curvados sobre a exposição do Primeiro Radiante. Finalmente, Seldon comentou:

– Não consigo enxergar *por que* os dois eventos devam ser mutuamente exclusivos.

– Eu também, Hari; mas qual é o valor da psico-história se ela só nos mostra o que veríamos de uma maneira ou de outra? Isto está nos mostrando algo que *não* veríamos. O que não nos mostra, porém, é, em primeiro lugar, qual a melhor alternativa, e, em segundo, o que fazer para que aconteça o melhor e para diminuir a chance de ocorrer o pior.

Seldon enrugou os lábios, e então completou, lentamente:

– Eu posso lhe dizer qual alternativa é melhor: perder a Periferia e manter Trantor.

– É mesmo?

– Sem dúvida. Devemos manter Trantor estável, se não por outro motivo, por estarmos aqui.

– Certamente o seu conforto pessoal não é o ponto decisivo.

– Não, mas a psico-história é. Que bem poderá advir de mantermos intacta a Periferia se as condições em Trantor nos forçarem a parar de trabalhar na psico-história? Não digo que seremos mortos, mas que podemos nos tornar incapazes de trabalhar. O nosso destino depende do desenvolvimento da psico-história. Quanto ao Império, se a Periferia se desagregar do todo, apenas dará início a uma desintegração que levará um longo tempo até chegar ao núcleo.

– Mesmo que você esteja certo, Hari, o que temos de fazer para manter Trantor estável?

– Antes de mais nada, temos de pensar sobre isso.

Os dois ficaram em silêncio alguns instantes, mas, depois, Seldon completou:

– Pensar não é algo que me deixe feliz. E se o Império estiver totalmente no rumo errado, desde o início de sua história? Penso nisso todas as vezes que converso com Gruber.

– E quem é Gruber?

– Mandell Gruber, um jardineiro.

– Ah... Aquele que veio correndo com o rastelo para salvá-lo no dia em que tentaram assassinar você?

– Sim. Sempre fui grato a ele por isso. Ele tinha somente um rastelo contra possivelmente outros conspiradores portando desintegradores. Isso é lealdade. De todo modo, conversar com ele é como respirar ar puro. Não posso gastar todo o meu tempo falando com oficiais da corte e com psico-historiadores.

– Obrigado.

– Ora, Yugo! Você sabe o que quero dizer. Gruber gosta de liberdade, do ar livre. Ele quer o vento, a chuva e o frio que morde as carnes e mais qualquer outra coisa que o clima real possa oferecer a ele. Às vezes, eu mesmo sinto falta disso.

– Eu não. Não me importaria se nunca fosse para o ar livre.

– Você foi criado dentro do domo, mas imagine que o Império consistisse em mundos simples, não industrializados, organizados em torno do pastoreio e da lavoura, com populações reduzidas e espaços abertos. Não estaríamos todos vivendo melhor?

– Para mim parece horrível.

– Tive algum tempo livre para investigar essa possibilidade da melhor maneira que pude. Parece-me que é um caso de equilíbrio instável. Um mundo escassamente povoado como o que descrevi ou se torna moribundo e empobrecido, descambando para um nível próximo do animal, desprovido de cultura, ou se industrializa. Esse mundo está equilibrado no fio de uma navalha e pode cair para qualquer um dos lados e, como se viu, praticamente todos os mundos da Galáxia penderam para o lado da industrialização.

– Porque é melhor.

– Talvez. Mas não podemos continuar indefinidamente. Estamos assistindo aos resultados dos excessos dessa tendência industrial. O Império não pode existir muito mais tempo porque ele... ele se superaqueceu. Não consigo pensar em outra palavra para me expressar. O que virá em seguida eu não sei. Se, por meio da psico-história, conseguirmos prevenir a Queda ou, mais provavelmente, forçarmos uma recuperação após a Queda, seria apenas para garantir um próximo período de superaquecimento? Será esse o único futuro para a humanidade, empurrando a rocha, como Sísifo até o alto da colina, e então vê-la descer rolando a encosta até embaixo, mais uma vez?

– Quem é Sísifo?

– Um personagem de um mito primitivo. Yugo, você deve ler mais.

– Para eu poder me informar a respeito de Sísifo? Não é importante – Amaryl deu de ombros. – Talvez a psico-história nos mostre um caminho até uma sociedade inteiramente nova, completamente diferente de tudo que já vimos, e que seja estável e desejável.

– Espero que sim – Seldon suspirou. – Espero que sim, mas não há nenhum sinal disso, por ora. Quanto ao futuro próximo, teremos apenas de nos esforçar para deixar que a Periferia se vá. Isso marcará o início da Queda do Império Galáctico.

4

– Então, eu disse a Yugo: – Hari Seldon explicou – "Isso marcará o início da Queda do Império Galáctico". E marcará mesmo, Dors.

Dors ouvia, com os lábios apertados. Aceitara o mandato de Seldon como primeiro-ministro da mesma maneira como aceitava tudo: calmamente. Sua única missão era protegê-lo e proteger a psico-história em que ele trabalhava, mas ela sabia muito bem que essa tarefa tinha se tornado mais difícil com as imposições daquele cargo. A melhor segurança era passar despercebido e, enquanto a Espaçonave-e-Sol, o símbolo do Império, brilhasse sobre Seldon, todas as barreiras físicas atualmente existentes seriam insatisfatórias.

O luxo em que viviam agora – com o cuidadoso escrutínio de feixes-espiões e a meticulosa proteção contra interferências físicas, as vantagens para sua própria pesquisa histórica, uma vez que ela se tornara capaz de empregar fundos praticamente ilimitados, não a satisfazia. De bom grado, Dors teria trocado tudo isso por seus antigos aposentos na Universidade de Streeling. Ou, o que seria ainda melhor, por um apartamento anônimo num setor anônimo, onde ninguém os conhecesse.

– Tudo isso está muito bom, Hari, querido – ela respondeu –, mas não é o bastante.

– O que não é o bastante?

– A informação que você está me dando. Você diz que poderíamos perder a Periferia. Como? Por quê?

Seldon sorriu brevemente.

– Seria muito bom saber, Dors, mas a psico-história ainda não está no estágio de poder nos dizer isso.

– Muito bem. Dê sua opinião, então, Hari. É por causa da ambição dos governadores locais desses mundos remotos em declarar sua independência?

– Esse é um fator, certamente. Já aconteceu no passado, como você sabe muito melhor do que eu, com seus conhecimentos de história; mas nunca por muito tempo. Pode ser que, desta vez, seja em caráter permanente.

– Porque o Império está mais fraco?

– Sim, porque o comércio flui com menor liberdade do que antes, porque as comunicações estão mais emperradas do que eram, porque os governadores da Periferia, na realidade, estão mais próximos da independência do que em qualquer outro momento. Se um deles se destacar, com ambições particulares...

– Você poderia saber qual seria?

– De jeito nenhum. O máximo que podemos extrair da psico-história, neste estágio, é o conhecimento definitivo de que *se* surgir um governador com habilidade incomum e fortes ambições, ele topará com condições mais compatíveis com seus propósitos do que se isso acontecesse no passado. Também poderia ocorrer devido a outros fatores, como algum grande desastre natural ou uma guerra civil repentina entre duas distantes coalizões nos Mundos Exteriores. Por ora, nada disso pode ser previsto com precisão, mas podemos dizer que qualquer coisa desse gênero que venha a acontecer terá consequências mais sérias do que seria o caso há um século.

– Mas, se você não souber com mais precisão o que acontecerá na Periferia, como poderá guiar as ações para garantir que ela se vá, e não Trantor?

– Mantendo uma atenção concentrada nesses dois focos e tentando estabilizar Trantor, *sem* tentar estabilizar a Periferia. Não podemos esperar que a psico-história organize os eventos automaticamente sem um conhecimento muito mais amplo de como ela funciona, então precisamos recorrer constantemente a controles manuais, por assim dizer. No futuro, a técnica será refinada e a necessidade de um controle manual diminuirá.

– Mas isso ocorrerá no futuro, certo? – Dors questionou.

– Certo. E, mesmo então, é somente uma esperança.

– E exatamente que tipo de instabilidade ameaça Trantor, caso a Periferia seja mantida?

– As mesmas possibilidades: fatores econômicos e sociais, desastres naturais, rivalidades entre altas autoridades e suas ambições. E algo mais. Descrevi o Império para Yugo como um sistema superaquecido, e Trantor é a porção mais superaquecida do todo. Parece que está se fragmentando. A infraestrutura (abastecimento de água, de aquecimento, o descarte de detritos, as linhas de combustível, tudo) parece estar passando por problemas incomuns, e isso é algo que tem me chamado a atenção cada vez mais, ultimamente.

– E a morte do Imperador?

Seldon estendeu as mãos abertas.

– Isso é inevitável, mas Cleon está bem de saúde. Ele tem a minha idade (que eu gostaria que fosse menor), mas não é velho demais. O filho dele é totalmente inadequado para sucedê-lo, mas haverá candidatos em quantidade suficiente, até mais do que o necessário. E causarão problemas, tornando a morte dele um processo estressante. Entretanto, talvez não se torne uma catástrofe total... no sentido histórico.

– Digamos, então, que ele seja assassinado.

Seldon ergueu os olhos com uma expressão nervosa.

– Não diga isso. Ainda que estejamos numa sala à prova de escutas, não use esse termo.

– Hari, não seja tolo. É uma eventualidade que deve ser admitida. Houve um tempo em que os joranumitas poderiam ter tomado o poder e, se isso tivesse acontecido, o Imperador, de um jeito ou de outro...

– Provavelmente não. Ele teria tido mais utilidade como figura de proa. E, de todo modo, esqueça. Joranum morreu no ano passado, em Nishaya; uma figura deveras patética.

– Ele tinha seguidores.

– Claro. Todos têm seguidores. Alguma vez você leu sobre o Partido Globalista do meu mundo natal, Helicon, em seus estudos sobre o início da história do Reino de Trantor e do Império Galáctico?

– Não, não li. Não quero magoá-lo, Hari, mas não me lembro de ter lido nada sobre história em que Helicon tenha desempenhado algum papel.

– Não estou magoado, Dors. Feliz é o mundo sem uma história, eu sempre digo. De todo modo, há mais ou menos dois mil e quatrocentos

anos surgiu um grupo em Helicon cujos integrantes estavam bastante convencidos de que aquele era o único globo habitado do universo. Helicon *era* o universo, e além dele existia somente uma esfera sólida de céu pontilhado por minúsculas estrelas.

– Mas como aquelas pessoas podiam acreditar nisso? – Dors se espantou. – Imagino que fossem parte do Império.

– Sim, mas os globalistas insistiam que todas as evidências apontando para a existência do Império eram uma ilusão ou um logro deliberado, e que os emissários e os oficiais imperiais eram heliconianos desempenhando aquele papel por algum motivo. Eram um grupo absolutamente imune à razão.

– E o que aconteceu?

– Imagino que sempre seja agradável pensar que o seu mundo particular seja *o* mundo. Em seu auge, os globalistas podem ter convencido em torno de 10% da população do planeta a participar de seu movimento. Somente 10%, mas eram uma minoria veemente que subjugou a maioria indiferente e ameaçou tomar o poder.

– Mas não chegaram a tanto, chegaram?

– Não, de fato não. O que aconteceu foi que o globalismo causou uma diminuição do comércio imperial e a economia heliconiana atravessou um período de depressão. Quando aquela crença começou a afetar o bolso da população, rapidamente perdeu sua popularidade. A ascensão e a queda do movimento surpreenderam muita gente naquela época, mas estou certo de que a psico-história teria demonstrado que era algo inevitável e teria provado que seria desnecessário dedicar-lhe muita atenção.

– Estou entendendo, Hari, mas qual é o ponto dessa história? Suponho que exista alguma ligação com o que estamos conversando.

– A ligação é que esses movimentos nunca morrem por completo, por mais ridículos que seus preceitos possam parecer às pessoas sensatas. Neste exato momento, em Helicon, *precisamente agora*, ainda existem globalistas. Não são muitos, mas de vez em quando uns setenta ou oitenta deles se reúnem no que chamam de Congresso Global, e sentem um imenso prazer em falar uns com os outros sobre o globalismo. Bom, só se passaram dez anos desde que o movimento joranumita pareceu-nos uma ameaça terrível a este mundo, e não seria nada surpreendente se ainda existissem alguns remanescentes. Podem inclusive existir remanescentes desse movimento daqui a mil anos.

– Não é possível que um remanescente seja perigoso?

– Duvido. Era o carisma de Jo-Jo que tornava o movimento perigoso, e ele morreu. Sequer teve uma morte heroica ou que fosse notável em algum sentido. Ele apenas murchou e morreu no exílio, um homem verdadeiramente alquebrado.

Dors se pôs em pé e atravessou rapidamente toda a extensão daquele aposento, balançando os braços ao lado do corpo e cerrando as mãos. Então voltou e tornou a se sentar diante de Seldon, que permanecera sentado.

– Hari, deixe-me dizer em que estou pensando – ela começou. – Se a psico-história aponta a possibilidade de sérios distúrbios em Trantor, então, se ainda existem joranumitas, eles podem estar tramando a morte do Imperador.

Seldon soltou uma risada nervosa.

– Você se assusta com sombras, Dors. Relaxe.

Mas ele sentiu que não conseguiria se livrar tão facilmente das palavras que ela havia acabado de proferir.

5

O Setor Wye tinha como tradição se opor à dinastia Entun de Cleon I que vinha regendo o Império nos dois últimos séculos. Essa oposição datava de um tempo em que a linhagem dos prefeitos de Wye havia contribuído com membros que serviram ao Imperador. A dinastia wyana não tinha durado muito, nem fora declaradamente bem-sucedida, mas o povo e os governantes de Wye achavam difícil esquecer que houvera um período em que haviam sido supremos, embora temporariamente e de maneira imperfeita. O breve período em que Rashelle, como autoproclamada Prefeita de Wye, havia desafiado o Império, dezoito anos antes, tinha intensificado o orgulho de Wye e também sua frustração.

Tudo isso tornava razoável que o pequeno grupo de conspiradores principais se sentisse tão seguro em Wye quanto em qualquer outra parte de Trantor.

Cinco deles estavam em torno de uma mesa, numa sala situada em uma porção esquecida do setor. Era um aposento pobre em mobiliário, mas bem protegido.

Instalado em uma cadeira, discretamente superior em relação à qualidade das demais, estava o homem que poderia perfeitamente ser considerado o líder. Tinha um rosto fino, pele pálida e uma boca larga de lábios tão descorados que eram quase invisíveis. Havia alguns fios grisalhos em seu cabelo, mas seus olhos ardiam com uma raiva inextinguível.

Ele olhava fixamente para o homem sentado diretamente à sua frente, um sujeito nitidamente mais velho e mais suave, com o cabelo quase todo branco. Suas bochechas rosadas tendiam a tremer quando falava.

O líder ordenou, em tom incisivo:

– Então? É muito evidente que você não fez nada. Explique isso!

– Sou um antigo joranumita, Namarti – respondeu o mais idoso. – Por que tenho de explicar meus atos?

Gambol Deen Namarti, antigamente o braço direito de Laskin "Jo-Jo" Joranum, replicou:

– Há muitos antigos joranumitas. Alguns são incompetentes, alguns são indolentes, alguns nem se lembram. Ser um antigo joranumita pode significar apenas que você é um velho tolo.

O idoso se recostou em sua cadeira.

– Você está me chamando de velho tolo? A mim? Kaspal Kaspalov? Eu estava com Jo-Jo quando você ainda nem era do partido, quando ainda era um nada maltrapilho em busca de uma causa.

– Não estou chamando você de tolo – Namarti cortou, imediatamente. – Estou simplesmente dizendo que alguns antigos joranumitas são tolos. Você agora tem a chance de me mostrar que não é um desses.

– Minha ligação com Jo-Jo...

– Esqueça. Ele está morto!

– Prefiro pensar que o espírito dele está vivo.

– Se essa ideia nos ajudar em nossa luta, então o espírito dele segue vivo. Mas para os outros, não para nós. Nós sabemos que ele cometeu erros.

– Eu discordo disso.

– Não insista em criar um herói a partir de um homem comum que cometeu erros. Ele achou que poderia mover o Império com a força de sua oratória apenas, só usando palavras...

– A história nos mostra que as palavras já moveram montanhas.

– Não as palavras de Joranum, evidentemente, porque ele cometeu erros. Escondeu com muita imperícia o fato de ser de Mycogen. Pior do que isso, deixou-se cair na armadilha de acusar o primeiro-ministro Eto Demerzel de ser um robô. Eu sugeri a ele que não fizesse essa acusação, mas ele não me deu ouvidos, e isso o destruiu. Agora, vamos começar do zero, certo? Seja qual for o uso que façamos da memória de Joranum para os de fora, não nos deixemos hipnotizar por ela.

Kaspalov continuava sentado em silêncio. Os outros três desviaram o olhar de Namarti para Kaspalov e deste de volta para o primeiro, contentando-se em deixar Namarti carregar o ônus dessa discussão.

– Depois de Joranum ter sido exilado em Nishaya, o movimento joranumita se dissolveu e pareceu desaparecer – Namarti continuou agressivamente. – De fato, teria mesmo desaparecido se não fosse por mim. Pedaço por pedaço, de caco em caco, eu o reconstruí e formei uma rede que se estende por toda a extensão de Trantor. Imagino que esteja a par disso.

– Sim, eu sei, chefe – resmungou Kaspalov. Ao usar aquele título, ele deixava claro que estava buscando a reconciliação.

Namarti sorriu secamente. Ele não insistia no uso do título, mas sempre apreciava quando o ouvia. Então, acrescentou:

– Você faz parte dessa rede e tem seus deveres.

Kaspalov se remexeu na cadeira. Era evidente que estava debatendo a questão internamente e, afinal, respondeu devagar:

– Você está dizendo, chefe, que avisou Joranum para que não acusasse o primeiro-ministro de ser um robô. Diz que ele não lhe deu ouvidos, mas que pelo menos o alertou. Poderia eu agora gozar do mesmo privilégio e apontar o que me parece um erro, e fazer com que me ouça, assim como Joranum o ouviu, ainda que, como ele, não acate o conselho que lhe for dado?

– Sem dúvida pode expressar sua ideia, Kaspalov. Você está aqui para se manifestar. Qual é o seu comentário?

– Suas novas táticas, chefe, são um erro. Elas criam perturbações e causam danos.

– Naturalmente! São destinadas justamente a isso. – Namarti se mexeu na cadeira, controlando a raiva com visível esforço. – Joranum tentou a persuasão e não adiantou. Nós tomaremos Trantor pela *ação*.

– Por quanto tempo? E a que custo?

– Pelo tempo que for preciso, e a um custo muito pequeno, na

realidade. Uma falha no fornecimento de energia aqui, uma interrupção no abastecimento de água ali, um entupimento na rede de esgotos, queda do sistema de ar-condicionado. Inconveniências e desconforto, é o que tudo isso significa.

Kaspalov balançou a cabeça.

– Essas coisas são cumulativas.

– Claro, Kaspalov, e queremos que a insatisfação e o ressentimento do público também sejam cumulativos. Ouça, Kaspalov. O Império está em decadência, todo mundo sabe disso. Todas as pessoas capazes de um raciocínio inteligente sabem disso. A tecnologia vai começar a falhar aqui e ali, ainda que nós não façamos nada. Estaremos apenas ajudando as coisas a seguirem seu rumo natural.

– É perigoso, chefe. A infraestrutura de Trantor é incrivelmente complicada. Um empurrão descuidado pode significar sua ruína total. Puxe os fios errados e Trantor vem abaixo como um castelo de cartas.

– Até agora isso não aconteceu.

– Mas, no futuro, acontecerá. E se o povo descobrir que estamos por trás disso? Iriam acabar conosco. Nem haveria necessidade de convocar os seguranças de Estado ou as forças armadas. A massa daria cabo de nós.

– E como é que tomariam conhecimento de tal fato para lançar a culpa em nós? O alvo natural para o rancor do povo será o governo, serão os conselheiros do Imperador. O povo nunca irá investigar além disso.

– E como iremos viver com nossa consciência, sabendo o que fizemos?

Essa última pergunta fora feita quase num sussurro, pois o velho estava visivelmente tomado por uma poderosa emoção. Olhando para seu líder do outro lado da mesa, Kaspalov implorou em silêncio pela compreensão daquele homem a quem jurara ser leal. Esse juramento ele fizera por acreditar que Namarti daria verdadeiramente continuidade ao ideal de liberdade promovido por Jo-Jo Joranum, mas agora Kaspalov se perguntava se era desse modo que Joranum idealizara seu sonho se tornando realidade.

Namarti estalou a língua, como se fosse um pai reprovando a conduta de um filho rebelde.

– Kaspalov, você não pode estar se deixando levar por sentimentalismos, certo? Assim que estivermos no poder, pegaremos

tudo que restou e reconstruiremos o Império. Atrairemos o povo com todas aquelas antigas falas de Joranum sobre participação popular no governo, com uma representação maior. E, quando estivermos consolidados no poder, iremos instaurar um governo mais eficiente e robusto. Então, teremos um Trantor melhor e um Império mais forte. Estabeleceremos algum sistema de discussão por meio do qual representantes de outros mundos possam falar até ficarem tontos, mas *nós* é que governaremos.

Kaspalov continuou sentado, com ar indeciso.

Namarti sorriu, mas não de alegria.

– Você não tem certeza? Não podemos perder. Tem funcionado perfeitamente e continuará funcionando perfeitamente. O Imperador não sabe o que está acontecendo. Não tem a mais pálida noção. E seu primeiro-ministro é um matemático. É verdade que ele arruinou Joranum, mas desde então não fez mais nada.

– Ele tem algo chamado... chamado...

– Esqueça. Joranum deu muita importância a isso, mas era porque ele vinha de Mycogen, assim como sua mania de robôs. Esse matemático não tem *nada*...

– Psicanálise histórica ou algo assim. Ouvi quando Joranum falou disso um dia...

– *Esqueça*. Apenas faça a sua parte. Você cuida da ventilação no Setor Anemoria, não é? Muito bem, então. Faça com que não funcione direito, do jeito que preferir. Ele pode falhar e o teor de umidade aumentar, produzir um odor estranho, qualquer coisa. Nada disso vai matar alguém, portanto não se acendam as chamas de alguma culpa virtuosa. Você apenas deixará as pessoas desconfortáveis e elevará o nível de desconforto e de aborrecimento do povo. Podemos contar com você?

– Mas o que talvez seja somente desconforto e aborrecimento para os jovens e os saudáveis pode ser mais do que isso para os bebês, idosos e doentes...

– Você vai continuar insistindo que absolutamente ninguém deva ser ferido?

Kaspalov resmungou alguma coisa.

– É impossível fazer *qualquer coisa* com a garantia de que absolutamente ninguém será atingido – prosseguiu Namarti. – Apenas faça a sua parte. E faça de um modo que você atinja o menor número

possível de cidadãos, se sua consciência lhe impõe isso… mas *faça*!

– Ouça! – emendou Kaspalov. – Há mais uma coisa que quero dizer, chefe.

– Então, diga – Namarti consentiu, cansado.

– Podemos levar anos fragilizando a infraestrutura. Haverá de chegar o momento em que você se aproveitará da insatisfação reinante para tomar o governo. Como pretende fazer isso?

– Você quer saber exatamente como faremos isso?

– Sim. Quanto mais depressa atacarmos, mais limitado será o dano e mais eficiente será a cirurgia que iremos realizar.

Namarti comentou sem pressa:

– Ainda não decidi qual será a natureza dessa “investida cirúrgica”. Mas ela acontecerá. Até então, você vai cumprir a sua parte?

– Sim, chefe – Kaspalov aquiesceu, resignado.

– Muito bem; então, vão – Namarti encerrou a reunião, com um aceno incisivo de sua mão.

Kaspalov se colocou em pé e saiu. Namarti acompanhou-o com o olhar. Em seguida disse, para quem estava à sua direita:

– Kaspalov não é de confiança. Ele se vendeu e por isso é que, para nos trair, ele quer saber quais são meus planos futuros. Cuide dele.

O outro concordou com um movimento de cabeça e os três saíram, deixando Namarti sozinho na sala. Ele desligou os painéis de parede iluminados de modo que restasse apenas um quadrado solitário de luz no teto, capaz de fornecer a claridade suficiente para impedir que ele ficasse completamente no escuro.

Então, ele pensou: “Toda cadeia tem seus elos fracos, elos que devem ser eliminados. Tivemos de fazer isso no passado e, como resultado, temos uma organização intocável”.

E, naquela penumbra, ele sorriu de leve, retorcendo o rosto numa expressão de alegria selvagem. Afinal de contas, a rede havia crescido e se insinuara inclusive dentro do próprio palácio; não com muita firmeza, nem de modo totalmente confiável, mas estava lá. E seria fortalecida.

6

O tempo continuava firme sobre a área fora do domo no terreno do

Palácio Imperial: seguia quente e ensolarado.

Isso não acontecia com frequência. Hari se lembrou de Dors lhe dizendo, um dia, como essa região específica, com seus invernos rigorosos e chuvas frequentes, tinha sido o local escolhido.

– Não foi realmente *escolhido* – ela explicou. – Era a propriedade de uma família de morovianos, nos primeiros tempos do Reino de Trantor. Quando o reino se tornou um Império, havia inúmeros locais onde o Imperador poderia viver: balneários, palácios de inverno, herdades nos campos de caça, propriedades à beira-mar. E, como o planeta foi sendo lentamente recoberto pelo domo, um Imperador regente, que vivia aqui, gostou tanto do local original que o manteve fora do domo. E, só porque era a *única* área descoberta, tornou-se especial, um lugar à parte, e essa singularidade atraiu o Imperador seguinte... e o próximo... e o outro... e com isso nasceu a tradição.

E, como sempre quando ouvia uma descrição dessa natureza, Seldon pensava: "E como a psico-história teria lidado com isso? Como teria previsto que uma determinada área permaneceria fora do domo, sem ser absolutamente capaz de prever qual delas? Será que poderia ter ido mais além? Poderia prever que várias áreas ou que nenhuma delas ficaria fora do domo, e estar errada? Como iria levar em conta as preferências e as aversões pessoais de um Imperador que por acaso estivesse ocupando o trono no momento crucial e tivesse tomado a decisão num momento de capricho, e nada mais? Esse era o caminho do caos... e da loucura".

Cleon I estava evidentemente apreciando o bom tempo.

– Estou ficando velho, Seldon – ele resmungou. – Nem preciso lhe dizer. Temos a mesma idade, você e eu. Seguramente, é um sinal de velhice que eu não tenha o desejo de jogar tênis nem de ir pescar, embora tenham acabado de reabastecer o lago, mas estou disposto a fazer uma caminhada leve em meio aos jardins.

Enquanto falava continuava comendo sementes que, no mundo nativo de Seldon, Helicon, lembravam sementes de abóbora, mas aqui eram maiores e de sabor um pouco menos delicado. Cleon as partia delicadamente com os dentes, removia a casca fina e mastigava a polpa.

Seldon não gostava muito daquele sabor, mas, naturalmente, quando o Imperador lhe ofereceu um punhado, ele aceitou e comeu algumas.

O Imperador já estava com um bom punhado de cascas na palma da mão e olhou em volta para ver se achava algum recipiente onde pudesse descartá-las. Não viu nenhum, mas reparou na presença de um jardineiro, perfilado a uma pequena distância (numa expressão corporal correspondente à presença próxima do Imperador), com a cabeça respeitosamente abaixada.

– Jardineiro! – Cleon chamou.

O homem se aproximou rapidamente.

– Majestade!

– Livre-se destas cascas para mim – ele disse, e despejou-as na mão do jardineiro.

– Sim, Majestade.

– Também tenho um pouco, Gruber – acrescentou Seldon.

Gruber estendeu a mão e acrescentou, quase que intimidado:

– Sim, primeiro-ministro.

Ele se afastou apressado e o Imperador olhou-o partir, com alguma curiosidade.

– Você conhece o sujeito, Seldon?

– Sim, realmente, Majestade. Um velho amigo.

– O *jardineiro* é um velho amigo? O que ele é? Um colega matemático passando por uma fase difícil?

– Não, Majestade. Talvez o senhor se lembre do episódio em que... – ele pigarreou em busca do modo mais diplomático de trazer o incidente à baila – um sargento ameaçou minha vida pouco depois que fui nomeado para o meu cargo atual, graças à sua generosidade.

– A tentativa de assassinato. – Cleon ergueu os olhos para o céu como se buscasse paciência. – Não sei por que todo mundo tem tanto medo dessa palavra.

– Talvez – Seldon prosseguiu, com tom ameno e sentindo um leve desdém por si mesmo ao reconhecer a facilidade com que se tornara capaz de adulações – o restante de nós fique mais perturbado com a possibilidade de algo negativo acontecer ao nosso Imperador do que o senhor mesmo.

– Ouso dizer que sim – Cleon abriu um sorriso irônico. – E o que isso tem a ver com Gruber? É esse o nome dele?

– Sim, Majestade. Mandell Gruber. Tenho certeza de que o senhor se recordará, se voltar atrás em sua memória, que ele foi o jardineiro que veio correndo com seu rastelo para tentar me defender daquele

sargento armado.

– Ah, sim. Foi esse sujeito que fez aquilo?

– Esse homem, Majestade. Desde então, eu o considero um amigo e o vejo por aqui praticamente todas as vezes que venho respirar ao ar livre. Acho que ele cuida de mim, ou se sente protetor ao meu respeito. E, o que é claro, tenho muita consideração por ele.

– Não o recrimino. E, falando nisso, como está sua formidável esposa, a dra. Venabili? Não a tenho visto muito.

– Ela é historiadora, Majestade. Mergulhada no passado.

– Ela não o assusta? Ela me assustaria. Fui informado de como ela lidou com o sargento. Quase que se poderia sentir pena dele.

– Ela vira uma fera para me proteger, Majestade, mas não tem tido oportunidade para tanto, ultimamente. Tudo tem estado muito tranquilo.

O Imperador olhou para a direção em que o jardineiro tinha ido e sumido de vista.

– Já recompensamos aquele homem?

– Eu cuidei disso, Majestade. Ele tem esposa e duas filhas e tomei providências para que cada uma das meninas tenha uma reserva financeira para a educação de todos os filhos que vierem a ter.

– Muito bom. Mas acho que ele precisa de uma promoção. Ele é bom jardineiro?

– Excelente, Majestade.

– O jardineiro-chefe, Malcomber... não tenho certeza de lembrar direito o nome dele... está ficando velho e talvez não consiga mais trabalhar como deveria. Já tem setenta e tantos anos. Você acha que Gruber seria capaz de assumir o cargo?

– Tenho certeza de que sim, Majestade, mas ele gosta muito de seu atual trabalho. Com isso, ele pode ficar ao ar livre seja qual for o tempo que estiver fazendo.

– Que recomendação peculiar para um emprego. Estou certo de que ele poderia se acostumar com a administração e eu *de fato* preciso de alguém para alguma espécie de reforma dos jardins. Hmmm... devo pensar sobre isso. Seu amigo Gruber pode ser justamente a pessoa que eu procuro. A propósito, Seldon, o que você quis dizer quando comentou que está tudo “muito tranquilo”?

– Eu realmente quis dizer, Majestade, que não tem havido nenhum sinal de discórdia na Corte Imperial. A tendência inevitável para

intrigas parece estar no nível mais baixo que se poderia esperar.

– Você não diria a mesma coisa se fosse Imperador, Seldon, e tivesse de enfrentar todos aqueles oficiais e suas queixas. Como pode me dizer que está tudo tranquilo quando praticamente a cada duas semanas recebo relatórios de algum sério colapso aqui ou ali, em Trantor?

– É de se esperar que coisas assim aconteçam.

– Não me lembro de coisas assim acontecerem com tanta frequência em outros tempos.

– Talvez porque não acontecessem, Majestade. A infraestrutura envelhece com o tempo. Fazer os reparos necessários de maneira adequada levaria tempo, daria trabalho e geraria custos enormes. Este momento não é uma época favorável para aumento de impostos.

– Nunca houve tal momento. Percebo que o povo está sentindo uma séria insatisfação por causa desses colapsos. Isso tem de parar e você deve resolver a situação, Seldon. O que diz a psico-história?

– Diz o que o senso comum já sabe: tudo está envelhecendo.

– Bom, tudo isso está realmente me estragando esse dia tão agradável. Deixo a questão em suas mãos, Seldon.

– Sim, Majestade – disse Seldon, em voz baixa.

O Imperador se afastou e Seldon pensou que tudo aquilo também tinha acabado estragando o belo dia para ele. Esse colapso no centro era a alternativa que ele não queria. Mas como impedir que prosseguisse e transferir a crise para a Periferia?

A psico-história não dizia nada.

7

Raych Seldon estava se sentindo extremamente feliz, pois era o primeiro jantar em família que ele tivera nos últimos meses com as duas pessoas que considerava seu pai e sua mãe. Sabia perfeitamente que eles não eram seus pais biológicos, mas isso não tinha importância. E ele apenas sorriu para os dois, com todo o amor.

O ambiente não era tão acolhedor quanto o que tinham vivido no passado, quando sua casa tinha sido pequena e íntima, uma verdadeira raridade no contexto maior da universidade. Agora, infelizmente, nada podia ocultar a grandiosidade da suíte palaciana do

primeiro-ministro.

Às vezes, Raych se olhava ao espelho e se perguntava como aquilo podia estar acontecendo. Ele não era alto, media apenas 1,63 metro, e era nitidamente mais baixo que seu pai e sua mãe. Era corpulento e musculoso, mas não gordo, com cabelos escuros e o típico bigode dahlita que cuidava para que sempre estivesse tão preto e basto quanto possível.

Diante do espelho, ele ainda podia enxergar o moleque de rua que um dia fora, antes que a mais aleatória de todas as chances tivesse determinado que ele conheceria Hari e Dors. Seldon era muito mais novo naquele tempo e sua aparência atual deixava claro para Raych que ele mesmo tinha, neste momento, a idade de Seldon quando haviam se conhecido. O notável era que Dors não havia mudado praticamente nada. Mantinha o mesmo corpo esguio e em boa forma de quando Raych a vira pela primeira vez, quando levou ela e Hari até Mãe Rittah, em Billibotton. E ele, Raych, filho da miséria e da pobreza, era agora membro do serviço civil, um pequeno departamento do Ministério da População.

– E como vão as coisas no Ministério, Raych? – Seldon perguntou. – Algum progresso?

– Em parte, pai. As leis foram aprovadas, decisões legais tomadas e discursos feitos. Apesar de tudo isso, é difícil mobilizar as pessoas. Você pode pregar a ideia da fraternidade tanto quanto quiser, mas ninguém se sente irmão. O que me incomoda é que os dahlitas são tão ruins quanto qualquer outro. Dizem que querem ser tratados como iguais, mas, se têm oportunidade, não mostram nenhum desejo de tratar os outros como iguais.

– É praticamente impossível mudar o modo como as pessoas pensam e sentem, Raych – comentou Dors. – Mas é suficiente tentar e talvez eliminar as piores injustiças.

– O problema – acrescentou Seldon – é que, praticamente ao largo de toda a história, ninguém trabalhou com esse problema. Os seres humanos tiveram toda a licença possível para se refestelar com o jogo destrutivo do sou-melhor-do-que-você, e não é tarefa fácil limpar essa sujeirada. Se deixarmos que as coisas sigam seu viés natural e piorem durante um período de mil anos, não podemos nos queixar de serem necessários, digamos, cem anos para operar alguma melhoria.

– Sabe, pai – Raych disse, pensativo –, às vezes eu acho que você

me deu esse emprego para me castigar.

Seldon levantou as sobrancelhas.

– E que motivo eu poderia ter tido para te castigar?

– Eu ter me sentido atraído pelo programa de Joranum para a igualdade entre os setores e por uma maior representação popular no governo.

– Eu não recrimino você por isso. Essas sugestões são atraentes, mas você sabe que Joranum e seu bando estavam usando esses ideais apenas como engodo para chegar ao poder. Depois...

– Mas você fez com que eu encurralasse Joranum, apesar de minha identificação com o programa dele.

– Não foi fácil para mim pedir que você fizesse isso – confessou Seldon.

– E agora você me faz trabalhar na implantação do programa de Joranum, só para me mostrar como isso é difícil na realidade.

Seldon virou-se para sua esposa:

– O que você acha disso, Dors? Esse menino me atribui um caráter de manipulador ardiloso que simplesmente não faz parte de minha natureza.

– Você certamente não está atribuindo um traço assim ao seu pai – Dors retrucou com um vestígio de sorriso pairando nos lábios.

– Na realidade, não. No curso normal da vida, não existe ninguém mais correto do que você, pai. Mas se você *tiver* de fazer isso, sabe que pode ditar as regras. Não é o que espera fazer com a psico-história?

Ao que Seldon retrucou, com tristeza na voz:

– Até agora, fiz muito pouco com a psico-história.

– Que pena. Fico pensando que deve haver algum tipo de solução psico-histórica para o problema da intolerância humana.

– Talvez exista; mas, se existe, não a encontrei.

Depois de terminado o jantar, Seldon convocou o filho:

– Agora, Raych, você e eu vamos ter uma conversinha.

– É mesmo? – interveio Dors. – Pelo visto não fui convidada.

– Assuntos ministeriais, Dors.

– Bobagens ministeriais, Hari. Você vai acabar pedindo que o menino faça alguma coisa que eu não iria querer que ele fizesse.

– Certamente não irei pedir a ele que faça qualquer coisa que *ele* não queira fazer – retrucou Seldon.

– Tudo bem, mãe – interrompeu Raych. – Deixe que o pai e eu

tenhamos essa conversa. Prometo lhe contar tudo depois.

Dors revirou os olhos.

– Vocês dois irão jurar que é “segredo de Estado”, já sei.

– A bem da verdade, é exatamente sobre isso que iremos conversar. E envolve um segredo da mais elevada magnitude. Estou falando sério, Dors – concluiu Seldon, inabalável.

Ela se levantou com os lábios apertados e saiu da sala após ter deixado clara sua última instrução:

– Não atire o menino aos lobos, Hari.

Depois que ela havia saído, Seldon acrescentou em voz baixa:

– O pior é que acho que atirar você aos lobos é exatamente o que terei de fazer, Raych.

8

Ficaram frente a frente no escritório particular de Seldon, que ele chamava de seu “lugar de pensar”. Ali, ele havia passado incontáveis horas tentando refletir sobre um meio de enfrentar e atravessar a complexidade dos governos imperial e trantoriano.

– Você tem lido bastante sobre os colapsos mais recentes que estão ocorrendo nos serviços planetários, Raych? – começou Seldon.

– Sim – Raych confirmou –, mas você sabe, pai, que este é um planeta velho. O que temos de fazer é tirar todo mundo daqui, escavar até o fundo, substituir tudo, introduzir os recursos mais recentes da informática e depois trazer todo mundo de volta, ou pelo menos metade. Trantor ficaria em muito melhor situação com somente vinte bilhões de pessoas.

– Quais vinte bilhões? – Seldon indagou, sorridente.

– Bem que eu queria saber – Raych respondeu, sombrio. – O problema é que não podemos refazer o planeta e então ficamos apenas remendando.

– Parece que sim, Raych, mas existem alguns fatos peculiares a esse respeito. Agora eu gostaria que você me acompanhasse. Tenho pensado no assunto.

De dentro do bolso, ele tirou uma esfera pequena.

– O que é isso? – Raych ficou curioso.

– É um mapa de Trantor, programado com muito cuidado. Faça-me

o favor de limpar esta mesa, Raych.

Seldon colocou a esfera mais ou menos no centro do tampo e então apoiou a mão num teclado no braço da cadeira em sua escrivaninha. Usando o polegar, fechou um contato e a luz no aposento se apagou ao mesmo tempo que o tampo da mesa se iluminou com uma suave claridade em tom de marfim que dava a impressão de ter um centímetro de espessura. A esfera se havia achatado e expandido até chegar às bordas da mesa.

A luz foi lentamente escurecendo e formando pontos até assumir um padrão. Depois de trinta segundos, aproximadamente, Raych comentou, surpreso:

– É *mesmo* um mapa de Trantor.

– Claro que sim. Eu disse que era. Mas uma coisa destas não está à venda nos shoppings. É um daqueles dispositivos com que as forças armadas ficam brincando. Eu poderia apresentar Trantor como uma esfera, mas essa projeção bidimensional mostrará com mais clareza o que quero exibir.

– E o que é que você quer me mostrar, pai?

– Bem, nos últimos dois anos, mais ou menos, têm ocorrido esses colapsos. Como você diz, este é um planeta velho e podemos contar que ocorram tais colapsos, mas eles têm acontecido com mais frequência e, com alta uniformidade, parecem ser o resultado de erro humano.

– E isso não é razoável?

– Claro que é. Dentro de determinados limites. O que vale, ainda quando haja algum terremoto.

– Terremoto? Em Trantor?

– Sei que Trantor é um planeta relativamente livre de abalos sísmicos, o que é uma boa coisa, afinal não seria nada prático fechar um mundo dentro de um domo quando esse mundo será sacudido fortemente várias vezes por ano, destruindo uma porção do domo. Sua mãe diz que uma das razões pelas quais Trantor se tornou a capital imperial e não algum outro mundo é que ele está geologicamente moribundo... e foi essa expressão nada elogiosa que ela usou. No entanto, mesmo estando moribundo, não está morto. Há pequenos terremotos de vez em quando, e três deles ocorreram nos últimos dois anos.

– Eu não sabia disso, pai.

– Praticamente ninguém sabe. O domo não é um objeto único. Existe como centenas de seções, e cada uma delas pode ser erguida e deixada parcialmente aberta para aliviar o impacto e a compressão, no caso de algum terremoto. Como um terremoto, quando acontece, dura algo em torno de dez segundos a um minuto, a abertura no domo só é mantida por alguns instantes. Ela começa e termina tão rapidamente que os trantorianos debaixo desse domo nem tomam consciência do fato. Eles percebem muito mais um tremor moderado e um débil chacoalhar de louças do que a abertura e o fechamento do domo lá no alto e a ligeira penetração da condição climática exterior, seja ela qual for.

– E isso é bom, não é?

– Deveria ser. É tudo computadorizado, claro. O início de um terremoto, em qualquer parte, dispara os controles centrais para a abertura e o fechamento dessa seção do domo de modo que ele abra logo antes que a vibração se torne forte demais para causar-lhe danos.

– O que continua sendo bom.

– Mas, no caso dos três pequenos terremotos ocorridos nos últimos dois anos, os controles do domo falharam em todos eles. O domo não se abriu e, depois, foram necessários consertos. Isso custou tempo, dinheiro e os controles climáticos funcionaram pior do que deveriam durante um período considerável. Agora, Raych, quais são as chances de esse equipamento ter falhado em todas as três oportunidades?

– Não muito altas?

– Justamente. Menos de uma em cem. Podemos imaginar que alguém tenha adulterado os controles antes do terremoto. Agora, mais ou menos uma vez a cada cem anos, temos um vazamento de magma, que é algo muito mais difícil de controlar, e detesto pensar nos resultados disso se o fenômeno não fosse detectado antes de ser tarde demais. Felizmente, isso não aconteceu ainda e não é provável, mas pense... Aqui, neste mapa, você encontra a localização dos colapsos que nos incomodaram nos últimos dois anos e que parecem resultar de erro humano, embora em nenhuma ocasião tenhamos podido identificar o responsável por ele.

– Porque estão todos preocupados em salvar a própria pele.

– Infelizmente, acho que você está certo. Essa é uma característica de toda forma de burocracia, e a de Trantor é a maior da história. Mas o que você me diz dessas localizações?

O mapa tinha ficado iluminado com pequenas marcas vermelhas cintilantes que pareciam pequenas feridas cobrindo a superfície terrestre de Trantor.

– Bem – Raych comentou, cautelosamente –, parecem distribuídas de maneira uniforme.

– Exatamente, e *esse* é o ponto interessante. Seria de se esperar que as seções mais antigas de Trantor, as seções com os domos mais velhos, estivessem com a infraestrutura mais deteriorada e portanto fossem mais propensas a eventos que exigissem decisões humanas rápidas, o que poderia servir de base a possíveis erros humanos. Agora, vou sobrepor as seções mais antigas de Trantor nesse mapa, em azul, e você vai perceber que os colapsos não parecem estar atingindo nenhuma das áreas azuis, com mais regularidade.

– E?

– E o que acho que isso significa, Raych, é que os colapsos não têm uma origem natural, mas estão sendo propositalmente causados e distribuídos desse modo a fim de afetar o maior contingente possível do povo, e assim criar uma insatisfação tão ampla quanto possível.

– Não me parece provável.

– Não? Então vamos analisar a difusão dos colapsos pelo tempo, e não pelo espaço.

As áreas azuis e as vermelhas desapareceram e, por algum tempo, o mapa de Trantor ficou vazio. Depois, as marcas novas começaram a aparecer e a desaparecer uma por vez, em pontos dispersos.

– Observe – apontou Seldon. – As marcas também não aparecem em grupos de tempo. Aparece uma, depois outra, então outra, e assim por diante, quase como se estivesse acompanhando as batidas infalíveis de um metrônomo.

– E lhe parece que isso também é de propósito?

– Tem de ser. Quem está por trás disso quer causar tantos transtornos com o mínimo de esforço possível, por isso não precisa causar dois incidentes ao mesmo tempo, quando um irá cancelar em parte o outro nos noticiários e na consciência popular. Cada incidente deve manter-se em destaque e causar a maior irritação possível.

O mapa desapareceu e as luzes se acenderam. Seldon colocou de volta no bolso a esfera que se havia encolhido e retomado o tamanho original.

– Quem estaria fazendo tudo isso? – indagou Raych.

– Há poucos dias – Seldon respondeu, com ar pensativo –, recebi um relatório de um assassinato no Setor Wye.

– Isso não é incomum – apontou Raych. – Mesmo que Wye não seja um de seus setores realmente sem lei, devem ocorrer muitos assassinatos por lá, todo dia.

– Centenas – concordou Seldon, balançando a cabeça. – Em nossos dias mais difíceis, o número de mortes violentas em todos os setores de Trantor chega à marca de um milhão por dia. Em geral, não há muita chance de se achar cada culpado, cada assassino. Essa morte só passa para os registros como estatística. Todavia, esta morte à qual me referi foi incomum. O homem tinha sido esfaqueado, mas sem perícia. Ainda estava vivo quando foi encontrado, mas sua vida estava por um fio. Ele teve tempo de dizer uma única palavra antes de morrer: "chefe". Isso despertou alguma curiosidade e ele foi efetivamente identificado. Trabalhava em Anemoria e não sabemos o que estava fazendo em Wye. Mas algum oficial digno do seu trabalho conseguiu desenterrar o fato de que ele era um antigo joranumita. Seu nome era Kaspal Kaspalov e é famoso por ter sido um dos integrantes do círculo íntimo de Laskin Joranum. E agora está morto, esfaqueado.

– Você suspeita de alguma conspiração joranumita, pai? – Raych franziu a testa. – Não existem mais joranumitas por aí.

– Não faz muito tempo sua mãe me perguntou se eu achava que os joranumitas ainda estavam em atividade e eu disse a ela que todas as crenças espúrias sempre preservam seus fanáticos seguidores, às vezes durante séculos. Normalmente, não são muito importantes, apenas grupos precários que não importam muito. Mesmo assim, e se os joranumitas mantiveram sua organização? E se preservaram suas forças? E se são capazes de matar alguém que considerem um traidor de suas fileiras? E se estão provocando esses colapsos como medida preliminar para depois tomarem o controle?

– Você tem aí um número excessivo de "e se", pai...

– Eu sei. E eu talvez esteja redondamente enganado. O assassinato foi em Wye e, por coincidência, não houve nenhum colapso de infraestrutura em Wye.

– E o que isso prova?

– Poderia provar que o centro da conspiração está em Wye e que os conspiradores não querem eles mesmos passar por contratempos, somente o resto de Trantor. Também poderia significar que tudo isso

não tem relação alguma com os joranumitas, mas com os membros da velha família wyana que ainda sonha em governar o Império de novo.

– Caramba, pai, você está enxergando muita coisa em poucas informações.

– Eu sei. Agora, imagine que *seja* outra conspiração joranumita. O braço direito de Joranum era Gambol Deen Namarti. Não temos registro de que Namarti tenha morrido, nem de que tenha saído de Trantor, nem de nada sobre sua vida nos últimos dez anos, mais ou menos. Tudo isso não é exatamente uma grande surpresa. Afinal, é fácil perder o rastro de alguém entre 40 bilhões de cidadãos. Houve uma época na minha vida em que tentei fazer justamente isso. Claro que Namarti deve estar morto. Essa seria a explicação mais fácil, mas pode ser que ele não esteja.

– E o que faremos quanto a isso?

Seldon suspirou.

– A coisa lógica seria acionar o departamento de segurança, mas não posso fazer isso. Não tenho a presença de Demerzel. Ele era capaz de subjugar as pessoas; eu, não. Ele tinha uma personalidade poderosa. Eu sou apenas um matemático. Nem deveria ser o primeiro-ministro; não tenho perfil para isso. E não seria, se não fosse a fixação que o Imperador tem pela psico-história, que é muito maior do que ela merece.

– Você está meio que se punindo, não está, não, pai?

– Sim, acho que sim, mas imagino a cena: vou até o departamento de segurança, por exemplo, com o que acabei de lhe mostrar no mapa – e ele apontou para o tampo da mesa, agora vazio – e digo que estamos correndo um grande risco de existir alguma espécie de conspiração de natureza e consequências desconhecidas. Os oficiais iriam me ouvir com ar solene e, assim que eu tivesse saído, cairiam na risada, divertindo-se à custa desse "matemático maluco". E não fariam nada.

– E o que faremos em relação a isso? – Raych tornou a perguntar.

– É mais o que você fará em relação a isso, Raych. Preciso de mais evidências e quero que você as obtenha para mim. Eu mandaria sua mãe, mas ela não me deixaria só sob nenhum pretexto. Eu mesmo não posso sair do território do palácio, neste momento. Além de Dors e de mim mesmo, eu só confio em você. Aliás, mais até do que em Dors e em mim. Você ainda é muito jovem, forte, e um heliconiano exímio na

arte do tufão, melhor do que eu já fui. E é inteligente. Mas preste bem atenção. Não quero que coloque sua vida em risco. Não quero heroísmos, nem atos impensados. Eu não teria como encarar sua mãe se alguma coisa ruim acontecesse com você. Apenas descubra o que puder. Talvez você descubra que Namarti está vivo e em atividade, ou então morto. Talvez descubra que os joranumitas são um grupo ativo, ou moribundo. Talvez descubra que a família wyana regente está no comando, ou não. Qualquer uma dessas possibilidades será interessante, mas não vital. O que eu quero saber é se os colapsos na infraestrutura são, como penso, obra de uma intenção humana, e, o que é ainda mais importante, se estão sendo deliberadamente provocados, o que mais os conspiradores planejam fazer. Parece-me que eles devem ter planos para um golpe em escala maior e, nesse caso, devo saber qual é.

Raych indagou, com alguma cautela:

– Você tem alguma espécie de plano por onde eu possa começar?

– Na realidade, tenho, Raych. Quero que você vá até a área de Wye em que Kaspalov foi morto. Descubra, se puder, se ele era um joranumita ativo e tente você mesmo ser aceito numa célula joranumita.

– Isso pode ser possível. Sempre posso fingir ser um antigo joranumita. É verdade que eu era muito jovem quando Jo-Jo estava apregoando sua filosofia, mas fiquei muito impressionado com as ideias dele. Isso chega a ser até um pouco verdadeiro.

– Bem, sim, mas existe um perigo importante. Você poderá ser reconhecido. Afinal, é o filho do primeiro-ministro. Você tem aparecido em holovisualização de vez em quando e já foi entrevistado para dar seu parecer sobre a igualdade entre setores.

– Claro, mas...

– Sem “mas”, Raych. Você vai usar sapatos mais altos, que aumentem sua estatura em três centímetros, e alguém lhe mostrará como modificar o desenho de suas sobrancelhas e deixar seu rosto mais cheio, além de mudar seu timbre de voz.

Raych deu de ombros.

– Tanto trabalho por nada.

– *E* – Seldon acrescentou, com um nítido tremor em sua voz – você terá de raspar o bigode.

Os olhos de Raych se arregalaram e, por um momento, ele ficou

pregado na cadeira num silêncio apavorado. Finalmente, num sussurro que sua voz rouca pôde formular, insistiu:

– Raspar o bigode?

– Radicalmente. Ninguém poderá reconhecê-lo sem ele.

– Isso não dá. É como cortar o... é como ser castrado.

– É somente uma curiosidade cultural – Seldon sacudiu a cabeça. – Yugo Amaryl é tão dahlita quanto você e não usa bigode.

– Yugo é um *doido*. Nem acho que ele esteja plenamente vivo, exceto pela matemática.

– Ele é um grande matemático e a ausência de bigode não muda em nada esse fato. Além disso, *não* é o mesmo que uma castração, e seu bigode crescerá de novo em duas semanas.

– Duas semanas! Levará dois *anos* para chegar a este... este...

E ele levantou a mão como se quisesse tapar e proteger seu bigode.

– Raych, você tem de fazer isso – Seldon foi inexorável. – É um sacrifício que você deve fazer. Se agir como meu espião usando esse bigode, você poderá... ser atacado, e eu não posso correr esse risco.

– Eu *prefiro* morrer – Raych disse com veemência.

– Não seja melodramático – Seldon o reprimiu com severidade. – Você *não* prefere morrer e isto é algo que você *deve* fazer. No entanto – e Seldon então hesitou –, não diga uma palavra a este respeito para sua mãe. Eu cuido disso.

Frustrado, Raych encarou o pai, e então acrescentou em voz baixa e desesperada:

– Está bem, pai.

– Mandarei alguém para supervisionar seu disfarce e então você seguirá para Wye por aerojato. Fique firme, Raych, não é o fim do mundo – Seldon concluiu.

Raych sorriu, derrotado, e Seldon o viu se afastar, com uma verdadeira máscara de agonia no rosto. Bigodes crescem de volta com facilidade; um filho, não. Seldon sabia perfeitamente bem que estava mandando Raych para uma missão perigosa.

9

Todos temos nossas pequenas ilusões e Cleon – o Imperador da Galáxia, Rei de Trantor, dentro de uma larga coleção de outros títulos

que, em raras ocasiões, poderiam ser enunciados numa longa e retumbante lista –, estava convencido de ser uma pessoa com espírito democrático.

Sempre ficara muito zangado quando era aconselhado por Demerzel (ou por Seldon, depois) a evitar alguma ação que pudesse ser considerada "tirânica" ou "despótica".

Cleon não tinha o temperamento de um tirano ou de um déspota, disso estava certo. Ele só queria agir de maneira firme e decidida.

Muitas vezes, falava com uma nostálgica aprovação dos tempos passados em que os imperadores podiam estar livremente em contato com seus súditos. Agora, naturalmente, quando a história de golpes e assassinatos – fossem tentativas ou bem-sucedidos – tinha se tornado um fato sombrio da vida diária, o Imperador se vira forçado a manter distância do mundo real.

É duvidoso que Cleon, que nunca na vida tinha estado com pessoas exceto sob as condições mais rigorosamente controladas, teria de fato se sentido à vontade em encontros imprevistos com desconhecidos, mas ele sempre imaginava que iria gostar disso. Portanto, ficou empolgado com a rara oportunidade de falar com um subalterno, ao ar livre, de sorrir e por alguns instantes se despir de toda a complexa etiqueta das interações imperiais. Ela o faria se sentir democrático.

Por exemplo, aquele jardineiro de quem Seldon falara. Seria adequado, e até mesmo prazeroso, que ele fosse – ainda que tardiamente – recompensado por sua bravura e lealdade e que ele mesmo cuidasse disso, em vez de despachar algum funcionário para essa incumbência.

Por conseguinte, providenciou para se encontrar com o sujeito no espaçoso roseiral, onde todos os botões encontravam-se abertos. Cleon achou que seria apropriado, mas, é claro, primeiro teriam de levar o jardineiro até lá. Era impensável que o Imperador esperasse por alguém. Uma coisa é ser democrático, outra é ter de aturar inconveniências.

O jardineiro esperava por ele entre as roseiras, de olhos arregalados e lábios trêmulos. Ocorreu a Cleon que era possível que ninguém tivesse dito ao homem o exato motivo pelo qual ele se reuniria com o Imperador. Bem, ele o tranquilizaria com cordialidade, embora, agora que estava pensando melhor nisso, não conseguisse lembrar do nome do funcionário.

Voltando-se para um dos oficiais ao seu lado, ele perguntou:

– Qual é o nome do jardineiro?

– É Mandell Gruber, Majestade. Ele é jardineiro aqui há trinta anos.

O Imperador fez um movimento de reconhecimento com a cabeça e disse:

– Gruber, olá. Estou feliz por conhecer um jardineiro digno e trabalhador.

– Majestade – Gruber murmurou, com os dentes batendo dentro da boca. – Não sou um homem de muitos talentos, mas sempre tento fazer o meu melhor pelo jardim de Sua Graça.

– Claro que sim, claro que sim – o Imperador disse enquanto pensava se por acaso o jardineiro estaria achando que ele fora sarcástico. Esses homens das classes inferiores não possuíam a refinada sensibilidade que resultava de mais educação e sofisticação, e isso sempre atrapalhava as tentativas de se comportar de modo democrático.

Cleon, então, esclareceu:

– Ouvi do primeiro-ministro como você foi leal naquela oportunidade em que o ajudou, e também de sua competência para cuidar dos jardins. O primeiro-ministro me disse que vocês são muito amigos.

– Majestade, o primeiro-ministro é muito generoso comigo, mas eu sei qual é o meu lugar. Nunca falo com ele a menos que ele primeiro me dirija a palavra.

– Muito bem, Gruber. Isso demonstra sua boa educação, mas o primeiro-ministro, assim como eu, é um homem de impulsos democráticos e eu confio no julgamento que ele faz das pessoas.

Gruber fez uma profunda inclinação com a cabeça.

– Como você sabe, Gruber – prosseguiu o Imperador –, Malcomber, o jardineiro-chefe, está muito idoso e deseja se aposentar. As responsabilidades estão aumentando e ficando maiores do que ele pode arcar.

– Majestade, Malcomber é muito respeitado por todos os jardineiros. Que ele ainda possa viver por muitos anos para todos podermos procurá-lo e nos beneficiar de sua sabedoria e discernimento.

– Muito bem dito, Gruber – o Imperador comentou de modo negligente –, mas você sabe muito bem que isso é só da boca para

fora. Ele não vai durar muito tempo, pelo menos não com o vigor e a força necessários para exercer seu cargo. Ele mesmo já solicitou sua aposentadoria para daqui a um ano e eu concordei. Resta apenas encontrar um substituto para ele.

– Oh, Majestade, existem cinquenta homens e mulheres neste grande lugar que poderiam ser o jardineiro-chefe.

– Acredito que sim – concordou o Imperador –, mas minha escolha recaiu sobre você. – O Imperador sorriu generosamente. Esse era o momento que ele estava esperando. Agora, ele pensava, Gruber cairia de joelhos diante dele, tomado pela êxtase da gratidão.

Como isso não aconteceu, o Imperador franziu a testa.

– Majestade – Gruber balbuciou –, é uma honra grande demais para mim, creia.

– Besteira – Cleon rebateu, ofendido por sua avaliação ter sido questionada. – É hora de suas virtudes serem reconhecidas. Você não ficará mais exposto a toda sorte de clima, o ano inteiro. Terá o apartamento do jardineiro-chefe, um belo lugar, que farei com que seja redecorado para você, e para onde poderá levar sua família. Você tem família, não é, Gruber?

– Sim, Majestade, esposa e duas filhas. E um genro.

– Muito bem. Você ficará muito confortável e apreciará sua nova vida, Gruber. Permanecerá dentro de um recinto fechado, a salvo das intempéries, como um verdadeiro trantoriano.

– Majestade, lembre que fui criado como anacreoniano...

– Eu levei isso em conta, Gruber. Todos os mundos são iguais para o Imperador. Considere resolvido. Um novo emprego é o que você merece.

Com uma breve inclinação de cabeça, o Imperador se retirou em passadas duras. Cleon estava satisfeito com essa sua última demonstração de benevolência. Claro que o sujeito poderia ter demonstrado um pouco mais de gratidão, um pouco mais de alegria, mas pelo menos a missão fora cumprida.

E era muito mais fácil conseguir fazer *isso* do que resolver o problema da infraestrutura decadente.

Num momento de irracionalidade, Cleon tinha dito que sempre que um colapso pudesse ser atribuído a um erro humano, o ser humano em questão deveria ser imediatamente executado.

– Umas poucas execuções e será notável constatar como todo

mundo passará a tomar cuidado – ele dissera na ocasião.

– Penso, ao contrário, Majestade, que esse tipo de conduta despótica não atingirá o objetivo que o senhor almeja – apontara Seldon. – Provavelmente, forçaria os demais trabalhadores a entrar em greve, e se o senhor tentar obrigá-los a voltar ao trabalho provocará uma insurreição. Caso tente substituí-los com soldados, comprovará que os soldados não sabem controlar os maquinários e que os colapsos passarão a acontecer com frequência ainda maior.

Não admira que Cleon tivesse se dedicado ao assunto de nomear Gruber para o cargo de jardineiro-chefe com tanto alívio.

Quanto a Gruber, ele ficou acompanhando a partida do Imperador sentindo um frio na espinha de puro horror. Acabara de ser arrancado da liberdade do ar livre para ser condenado ao confinamento de quatro paredes. Todavia, como é que alguém pode recusar uma ordem do Imperador?

10

Raych olhou-se no espelho do quarto do hotel em Wye onde se hospedava, e sua expressão era sombria (o quarto era bem vagabundo, mas afinal Raych não deveria carregar consigo muitos créditos). Ele não gostava nada do que estava vendo. Seu bigode não existia mais; suas costeletas tinham sido bem aparadas; seu cabelo havia sido cortado rente nos lados e atrás.

Ele parecia tosado.

Pior do que isso. Como resultado da mudança em sua estética facial, seu rosto agora parecia o de um bebê.

Era nojento.

E ele também não estava fazendo nenhum progresso. Seldon lhe havia fornecido os relatórios da segurança a respeito da morte de Kaspal Kaspalov, que ele estudara em detalhes. Não traziam muitas informações, apenas que Kaspalov fora morto e que os guardas da segurança local não tinham encontrado nada importante que estivesse ligado a esse assassinato. Parecia bem evidente que essas autoridades davam pouca ou nenhuma importância ao caso, de todo modo.

Isso não era surpreendente. No último século, o índice de criminalidade tinha subido acentuadamente na maioria dos mundos,

certamente também no mundo grandiosamente complexo de Trantor, e em nenhuma parte os oficiais de segurança locais se mostravam capazes de corresponder à tarefa de fazer algo de útil a respeito. Aliás, o departamento de segurança tinha registrado uma piora nos números e na eficiência por toda parte, além de (embora isto fosse difícil de provar) ter se tornado mais corrupto. Era inevitável que assim fosse quando os vencimentos dos funcionários pareciam incapazes de fazer frente ao aumento no custo de vida. Era preciso *pagar* os oficiais civis se se quisesse que continuassem honestos. Quando isso não acontecia, eles seguramente compensariam as deficiências dos salários inadequados com métodos escusos.

Seldon já vinha pregando essa doutrina havia alguns anos, mas não estava adiantando. Não era possível aumentar os salários sem elevar os impostos, e a população não aceitaria de bom grado um aumento nos encargos gerais. Parecia que preferiam muito mais perder dez vezes os créditos em subornos.

Tudo isso fazia parte, como dissera Seldon, da deterioração geral da sociedade imperial ao longo dos últimos dois séculos.

Bem, e o que Raych podia fazer? Ali estava ele, no mesmo hotel em que Kaspalov vivera nos dias que haviam antecedido sua morte. Em alguma parte desse hotel deveria haver alguém que tivesse algo a ver com esse assassinato, ou alguém que soubesse de algo a respeito.

Raych pensava que devia chamar a atenção para si. Devia demonstrar interesse pela morte de Kaspalov e então alguém sentiria interesse por *ele* e o escolheria. Era perigoso, mas, se ele pudesse dar a impressão de ser inócuo, talvez não o atacassem de imediato.

Bem...

Raych olhou para seu bracelete temporal. Haveria hóspedes no bar, tomando aperitivos antes do jantar. Era uma ideia juntar-se a eles e ver se alguma coisa acontecia em seguida.

11

Em certos aspectos, Wye podia ser um setor bastante puritano. (Isso valia para todos os setores, embora a rigidez de um pudesse ser completamente diferente da de outro.) Ali, os drinques não eram alcoólicos, tendo sido elaborados sinteticamente para estimular as

pessoas de outras maneiras. Raych não gostou do sabor, estranhando totalmente aquela bebida, mas isso implicava que ele podia bebericar lentamente o seu drinque enquanto olhava ao redor.

Ele percebeu uma moça que olhava para ele, sentada a uma mesa distante, e foi difícil desviar o olhar dela. Era atraente e estava claro que os costumes de Wye não eram puritanos em *todos* os aspectos.

Após alguns momentos, a moça sorriu de leve e se levantou. Veio caminhando na direção da mesa onde Raych estava, enquanto ele acompanhava com curiosidade a movimentação dela. Embora lamentando intensamente, Raych sabia que não poderia se dar ao luxo de uma aventura romântica neste momento.

Quando chegou perto de Raych, ela parou por um momento e então deixou-se deslizar e sentar numa cadeira ao lado da dele.

– Olá – ela o cumprimentou. – Você não parece um cliente habitual.

– Não sou – Raych sorriu. – Você conhece todos os que são?

– Praticamente – ela concordou, sem o menor constrangimento. – Meu nome é Manella. E o seu?

Raych lamentou mais do que nunca. Ela era uma moça alta, mais alta do que ele sem os sapatos de salto – o que sempre o atraíra –, com uma pele branca como leite e cabelos longos e suavemente ondulados que emitiam um discreto brilho ruivo. Seu traje não era chamativo demais e, se tivesse se esforçado um pouco mais, poderia ter passado por uma mulher respeitável de uma classe não totalmente operária.

– Meu nome não importa – respondeu Raych. – Não tenho muitos créditos.

– Oh, que pena. – Manella fez uma careta. – Não pode arranjar alguns?

– Bem que eu gostaria. Preciso de trabalho. Você sabe de alguma coisa?

– Que tipo de trabalho?

Raych encolheu os ombros.

– Não tenho experiência em nada especial, mas não sou orgulhoso.

Manella olhou para ele com ar pensativo.

– Vou lhe dizer uma coisa, senhor Anônimo. Às vezes nem é preciso ter crédito nenhum.

Raych ficou imediatamente paralisado. Ele já tivera bastante sucesso com as mulheres, mas quando tinha bigode, o seu bigode. O

que ela poderia ter achado atraente em seu rostinho de bebê?

Então, ele acrescentou:

– Ouça, tive um amigo que morou aqui há algumas semanas e não consigo encontrá-lo. Como você conhece todos os frequentadores habituais, talvez o conheça. O nome dele é Kaspalov. – Ele elevou a voz um pouco. – Kaspal Kaspalov.

Manella olhou para ele sem nenhuma alteração em sua expressão e balançou a cabeça.

– Não conheço ninguém com esse nome.

– Que pena. Ele era joranumita e eu também sou. – Novamente, a mesma expressão vazia. – Você sabe o que é um joranumita?

– N-não – ela sacudiu a cabeça. – Já ouvi essa palavra, mas não sei o que significa. É algum tipo de serviço?

Raych se sentiu desapontado. Então completou:

– Seria uma explicação comprida demais.

Isso parecia um final de conversa e, depois de alguns instantes incerta, Manella se levantou e desapareceu. Ela não sorria e Raych se sentia surpreso por ela ter ficado ali tanto tempo.

(Bem, Seldon sempre insistira que Raych tinha a capacidade de inspirar afeto, mas certamente não numa mulher de negócios como aquela. Para elas, a única coisa que importava era o pagamento.)

Os olhos dele seguiram automaticamente Manella quando ela parou em outra mesa, onde um homem estava sozinho. Ele era de meia-idade, com cabelos loiros cor de manteiga, lisos e penteados para trás. Seu rosto estava muito bem escanhoado, mas pareceu a Raych que ele deveria deixar a barba crescer, pois seu queixo um tanto proeminente era assimétrico.

Aparentemente, Manella também não teve sorte com aquele imberbe cavalheiro. Trocaram apenas algumas palavras e ela foi embora. Que pena, mas seguramente era impossível que ela fracassasse muitas vezes. Sem sombra de dúvida, era uma mulher desejável.

Raych se flagrou pensando, até espontaneamente, qual seria o risco se, afinal de contas, ele pudesse... e então se deu conta de que outra pessoa se aproximara de sua mesa. Desta vez, um homem. Na realidade, o homem com quem Manella tinha acabado de falar. Ele estava pasmo por ter ficado tão absorto em suas preocupações que alguém pudera chegar ao lado dele desse modo, inclusive pegando-o

de surpresa. Ele não podia se permitir esse tipo de coisa.

O homem olhou para ele com uma expressão de curiosidade nos olhos.

– Você estava falando com uma amiga minha.

Raych não pôde deixar de sorrir de orelha a orelha.

– Ela é bem amistosa.

– Sim, é. E *muito* amiga minha. Não pude deixar de escutar o que você disse a ela.

– Nada de errado, imagino.

– De jeito nenhum, mas você disse que é joranumita.

O coração de Raych deu um salto no peito. Aquele seu comentário a Manella tinha acertado o alvo, afinal de contas. Para ela, não tivera nenhum significado, mas para esse "amigo" parecia que sim.

Será que agora ele estava no caminho certo? Ou simplesmente se enfiara em alguma encrenca?

12

Raych fez o que pôde para avaliar o recém-chegado, sem permitir que seu rosto perdesse sua marcante ingenuidade. O homem tinha olhos verdes penetrantes e seu punho direito estava fechado quase que ameaçadoramente sobre a mesa.

Raych olhou para o outro com expressão atenta e aguardou.

Mais uma vez, o outro disse:

– Entendi que você se descreveu como joranumita.

Raych fez o possível para parecer inquieto. Não foi difícil. Então perguntou:

– Por que está perguntando isso, senhor?

– Porque não acho que você tenha idade suficiente para isso.

– Tenho idade suficiente. Costumava assistir aos discursos de Jo-Jo em holovisualização.

– Você pode citar algum?

Raych deu de ombros.

– Não, mas entendia o que queriam dizer.

– Você é um rapaz corajoso, declarando abertamente ser joranumita. Algumas pessoas não gostam disso.

– Soube que há muitos joranumitas aqui, em Wye.

– Pode ser. Foi por isso que veio para cá?

– Estou procurando trabalho. Talvez outro joranumita pudesse me ajudar.

– Também há joranumitas em Dahl. De onde você é?

Não havia dúvida de que ele havia reconhecido o sotaque de Raych. Isso não podia ser disfarçado.

– Nasci em Millimaru – ele explicou –, mas morei basicamente em Dahl quando menino.

– Fazendo o quê?

– Nada de mais. Um pouco de escola.

– E por que você é um joranumita?

Raych sentiu-se esquentando um pouco. Ele não poderia ter vivido em Dahl, alvo de tantos preconceitos e desprestigiada, sem nutrir motivos óbvios para ser um joranumita. Então respondeu:

– Porque acho que deveria haver maior representatividade no governo imperial, mais participação do povo, mais igualdade entre os setores e os mundos. Será que qualquer pessoa com cérebro e coração não pensaria assim?

– E você deseja a abolição do regime imperial?

Raych fez uma pausa. Era possível se manifestar sem grandes problemas fazendo colocações subversivas, mas qualquer comentário abertamente contra o Imperador era ultrapassar os limites. Então, ele acrescentou:

– Não estou dizendo isso. Eu acredito no Imperador, mas comandar um Império é excessivo para um homem só.

– Não é um homem só. Existe toda uma burocracia imperial por trás. O que você acha de Hari Seldon, o primeiro-ministro?

– Não acho nada dele. Não sei sobre ele.

– A única coisa que você sabe é que o povo deveria ser mais representado nas questões governamentais. É isso?

Raych se permitiu parecer confuso.

– É isso que Jo-Jo Joranum costumava dizer. Não sei como você chama. Ouvi alguém uma vez falar em “democracia”, mas não sei o que isso quer dizer.

– Democracia é algo que alguns mundos tentaram. E alguns ainda tentam. Não sei se esses mundos funcionam melhor do que os outros. Então, você é um democrata?

– É assim que você chama? – Raych deixou a cabeça pender como

se estivesse refletindo profundamente. – Eu me sinto mais à vontade como joranumita.

– Claro, sendo dahlita...

– Eu só morei lá durante algum tempo...

– ... você só pode mesmo ser a favor de igualdade entre os povos e coisas assim. Os dahlitas, que são um grupo oprimido, naturalmente pensam desse modo.

– Ouvi dizer que Wye tem uma forte presença da filosofia joranumita. *Eles* não são oprimidos.

– Por um motivo diferente. Os antigos prefeitos de Wye sempre quiseram ser Imperadores, sabia disso?

Raych balançou a cabeça.

– Há dezoito anos – o homem continuou –, a prefeita Rashelle claramente empreendeu um golpe nesse sentido. Então os wyanos são rebeldes, e não tanto joranumitas. Eles são mais anti-Cleon.

– Não sei de nada disso – comentou Raych. – Não sou contra o Imperador.

– Mas é a favor da representação popular, certo? Você acha que algum tipo de assembleia eleita poderia comandar o Império Galáctico sem se afundar em picuinhas políticas e partidárias? Sem paralisar o governo?

– Ahn? – Raych indagou. – Não entendo o que quer dizer.

– Você acha que um grande número de povos poderia chegar a uma decisão rapidamente numa emergência? Ou simplesmente ficariam sentados, batendo boca?

– Não sei, mas não me parece direito que apenas alguns povos mandem em todos os mundos.

– Você estaria disposto a brigar por suas ideias? Ou você apenas gosta de falar sobre elas?

– Ninguém me pediu para brigar – respondeu Raych.

– Imagine que alguém lhe peça. Até que ponto suas ideias sobre democracia, ou sobre a filosofia joranumita, são importantes para você?

– Eu lutaria por elas, se achasse que isso adiantaria alguma coisa.

– Aqui está um rapaz corajoso. Então, você veio a Wye para lutar por seus ideais.

– Não – Raych afirmou, incomodado. – Não posso dizer isso. Vim em busca de trabalho, senhor. Não está fácil achar trabalho

ultimamente. E não tenho mais créditos. A gente tem de sobreviver.

– Concordo. Qual é o seu nome?

Essa pergunta foi feita sem nenhum aviso, mas Raych já estava com a resposta pronta.

– Planchet, senhor.

– Esse é o seu nome ou o sobrenome?

– Até onde eu saiba, só tenho nome.

– Se entendi direito, você não tem créditos e estudou pouco.

– Infelizmente.

– E não tem experiência em nada mais especializado?

– Não trabalhei muito, mas tenho boa disposição.

– Muito bem. Vou lhe dizer uma coisa, Planchet.

O homem tirou do bolso um pequeno triângulo branco e o pressionou de maneira a produzir uma mensagem impressa nele. Então, passou o polegar sobre ela e a congelou.

– Vou lhe dizer aonde ir. Leve isto com você e pode ser que consiga um trabalho.

Raych pegou o cartão e olhou. Os sinais pareciam ser fluorescentes, mas Raych não conseguiu lê-los. Ele mirou o homem com certa preocupação.

– E se acharem que eu roubei isto?

– Não pode ser roubado. Tem meu sinal nele e agora tem seu nome.

– E se me perguntarem quem você é?

– Não perguntarão. Diga que você procura trabalho. Essa é a sua oportunidade. Eu não garanto, mas aqui está sua chance. – Então, o homem lhe deu outro cartão. – Aqui é onde você deve ir. – Esse segundo cartão Raych conseguiu ler.

– Obrigado – ele disse baixinho.

O homem fez pequenos gestos com a mão demonstrando que agradecimentos não eram necessários.

Raych se levantou e saiu, pensando no que será que tinha acabado de se meter.

13

Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo.

Gleb Andorin estava acompanhando Gambol Deen Namarti andar para cima e para baixo. Namarti estava evidentemente impossibilitado de se sentar e ficar quieto, dada a intensidade arrebatadora de seus sentimentos.

Andorin pensou que aquele não era o homem mais inteligente do Império; nem mesmo em termos do movimento, não era o mais astuto, e certamente não o mais capaz de ideias racionais. Aquele era um homem que tinha de ser contido constantemente, mas era mais impetuoso do que qualquer um dos demais. Nós poderíamos desistir, abrir mão, mas ele *não*. Força, força, em frente, chute. Bom, talvez precisemos, sim, de alguém desse jeito. *Devemos* ter alguém desse jeito ou nada jamais acontecerá.

Namarti parou, como se tivesse sentido os olhos de Andorin perfurando-lhe as costas. Virou-se para ficar de frente para ele e disse:

– Se vai me fazer outro sermão sobre Kaspalov, não perca seu tempo.

Andorin deu de ombros levemente.

– Por que me dar ao trabalho de lhe passar um sermão? O que está feito, está feito. O dano, se houve algum, já foi feito.

– Que dano, Andorin? Que dano? Se eu não tivesse feito aquilo, *então* teríamos sofrido danos. O homem estava por um fio para se tornar um traidor. Em um mês, no máximo, teria fugido...

– Eu sei. Eu estava lá. Eu ouvi o que ele disse.

– Portanto, você compreende que não houve escolha. Nenhuma escolha. Você não acha que eu gosto de mandar matar um velho companheiro, acha? Eu não tive escolha.

– Muito bem. Você não teve escolha.

Namarti retomou a marcha impetuosa e então se virou novamente para seu interlocutor.

– Andorin, você acredita em deuses?

– Em quê? – Andorin questionou, arregalando os olhos.

– Em deuses.

– Nunca ouvi essa palavra. O que quer dizer?

– Não é um termo do Padrão Galáctico – explicou Namarti. – Influências sobrenaturais. Entendeu?

– Ah, influências sobrenaturais. Por que não disse logo? Não, não acredito nessas coisas. Por definição, algo é sobrenatural se existe fora das leis da natureza e nada existe fora das leis da natureza. Você

estaria se tornando místico? – Andorin perguntou como se estivesse brincando, mas seus olhos de repente se apertaram, dada sua repentina apreensão.

Namarti olhou para ele de tal modo que o fez baixar os olhos. Aquele olhar ardente de Namarti era capaz de fazer qualquer um baixar os olhos.

– Não seja idiota. Tenho lido a respeito disso. Trilhões de pessoas acreditam em influências sobrenaturais.

– Eu sei – Andorin concordou. – Sempre acreditaram.

– As pessoas têm agido assim desde antes do início da história. A palavra “deuses” é de origem desconhecida. Aparentemente, é uma espécie de resquício de alguma língua ancestral da qual não restam vestígios, exceto por esse termo. Você sabe quantas variedades de crenças existem em deuses dos mais diversos tipos?

– Eu diria que aproximadamente tantas quantas as variedades de tolos entre a população galáctica.

Namarti ignorou o aparte.

– Algumas pessoas acham que esse termo data da época em que a humanidade inteira existia num único mundo.

– O que é, em si, um conceito mitológico. Essa é uma noção tão lunática quanto a de que existem influências sobrenaturais. Nunca houve um único mundo humano original.

– Deve ter havido, Andorin – Namarti corrigiu, aborrecido. – Os seres humanos não podem ter evoluído em mundos diferentes e continuado uma só espécie.

– Mesmo assim, não existe um mundo humano *efetivo*. Ele não pode ser localizado, não pode ser definido, portanto não pode ser comentado de forma sensata, de modo que *efetivamente* ele não existe.

– Quanto a esses deuses – Namarti prosseguiu, dando continuidade à própria linha de pensamento –, supõe-se que protejam a humanidade e a mantenham a salvo, ou, pelo menos, eles cuidam daquelas porções da humanidade que sabem fazer uso dos deuses. Na época em que existia apenas um único mundo humano, faz sentido imaginar que eles tivessem um interesse particular em cuidar daquele mundinho com tão poucas pessoas. Provavelmente, eles cuidavam desse mundo como se fossem irmãos mais velhos, ou pais.

– Muito bom da parte deles. Eu gostaria de vê-los lidar com o Império inteiro.

– E se eles conseguissem fazer isso? E se eles fossem infinitos?

– E se o sol congelasse? Que utilidade tem tantos "e se"?

– Estou somente especulando. Só pensando. Alguma vez você já deixou que sua mente divagasse livremente? Você sempre mantém tudo firmemente sob controle?

– Prefiro pensar que este é o modo mais seguro, manter as coisas sob controle. O que sua mente divagadora lhe diz, chefe?

Os olhos de Namarti dispararam na direção do outro, como se tivesse desconfiado de uma interrogação sarcástica, mas o rosto de Andorin continuava plácido e bem-intencionado. Namarti, então, respondeu:

– O que a minha mente está me dizendo é isto: se existem deuses, eles devem estar do nosso lado.

– Ótimo, se isso for verdade. Onde está a evidência para tanto?

– Evidência? Sem os deuses, tudo seria uma coincidência, imagino, mas até que bem proveitosa. – Subitamente, Namarti bocejou e se sentou, parecendo exausto.

"Bom", pensou Andorin. "A mente galopante de Namarti finalmente usou toda a energia e pode ser que agora ele fale alguma coisa mais sensata."

– Essa questão do colapso interno da infraestrutura... – iniciou Namarti, com um tom de voz nitidamente mais baixo.

– Sabe, chefe – Andorin interrompeu –, Kaspalov não estava inteiramente errado a respeito disso. Quanto mais tempo nós mantivermos esse programa, maiores as chances de as forças imperiais descobrirem a causa desses defeitos. Mais cedo ou mais tarde, esse programa inteiro irá explodir bem em cima de nós.

– Ainda não. Até aqui, tudo está explodindo em cima do Imperador, isso sim. A inquietação em Trantor é algo que se pode sentir. – Ele levantou as mãos, esfregando os dedos uns nos outros. – Posso sentir. E *estamos* quase terminando. Estamos prontos para o próximo passo.

Andorin sorriu, mas sem achar graça. – Não estou pedindo que me dê os detalhes, chefe. Kaspalov pediu e olha só o que aconteceu com ele. Não sou Kaspalov.

– Justamente porque você não é Kaspalov é que posso lhe dizer. E porque agora eu sei de uma coisa que não sabia antes.

– Suponho – Andorin experimentou, quase sem acreditar no que estava dizendo – que você pretenda atacar o próprio sítio do Palácio

Imperial.

Namarti levantou os olhos.

– Claro. O que mais se pode fazer? Entretanto, o problema é como penetrar na área do palácio de modo eficiente. Tenho lá as minhas fontes de informação, mas eles são somente espiões. Precisarei de homens de ação no local.

– Conseguir colocar homens de ação dentro da região mais bem guardada de toda a Galáxia não será exatamente fácil.

– Sem dúvida que não. É isso que vem me dando uma dor de cabeça insuportável até agora, e então os deuses intervieram…

Andorin acrescentou delicadamente (e ao preço de todo o seu autocontrole para não deixar vazar sua repugnância):

– Não me parece que precisemos de uma discussão metafísica. O que aconteceu, deixando de lado essa questão dos deuses?

– Minha informação é que Sua Graça e Para Sempre Bem-Amado Imperador Cleon I decidiu nomear um novo jardineiro-chefe. Esse será o primeiro novo nomeado para um cargo em quase vinte e cinco anos.

– E, nesse caso...?

– Você não percebe o significado?

Andorin pensou por um momento.

– Não sou um favorito dos deuses. Não vejo nenhum significado.

– Se você tem um novo jardineiro-chefe, Andorin, é a mesma situação de se ter um novo administrador de qualquer outro tipo; é o mesmo que ter um novo primeiro-ministro ou um novo Imperador. O novo jardineiro-chefe certamente irá querer a sua própria equipe. Ele forçará a aposentadoria daqueles que considerar madeira podre e contratará novos jardineiros aos montes.

– Isso é possível.

– É mais do que possível, é certo. Aconteceu exatamente isso quando o atual jardineiro-chefe foi nomeado e também quando seu antecessor foi empossado, e assim por diante. Centenas de estrangeiros dos Mundos Exteriores...

– Por que dos Mundos Exteriores?

– Use o cérebro, Andorin, se é que você tem. O que os trantorianos sabem sobre jardinagem, se viveram dentro de domos a vida inteira, cuidando de jardins envasados, zoológicos e plantações cuidadosamente organizadas de grãos e árvores frutíferas? O que eles sabem sobre a vida na natureza selvagem?

– Ahhh... agora estou entendendo.

– De modo que haverá estrangeiros infestando a área do Palácio Imperial. Imagino que serão cuidadosamente examinados, mas não serão tão rigidamente testados quanto se fossem trantorianos e, com certeza, isso quer dizer que poderemos fornecer alguns dos nossos, com identificações falsas, e conseguir que entrem. Mesmo que alguns sejam checados e dispensados, outros podem ser capazes de entrar e uns poucos *devem* conseguir isso. Nosso pessoal irá entrar, apesar da rigorosíssima segurança instituída desde o golpe fracassado nos primeiros tempos do primeiro-ministro Seldon. – E ele praticamente pronunciou cuspindo esse nome, como sempre fazia. – Finalmente, teremos a nossa chance.

Agora era a vez de Andorin se sentir zonzo, como se tivesse sido tragado por um redemoinho em alta velocidade.

– Parece-me estranho dizer isso, chefe, mas alguma coisa tem a ver com essa história de "deuses" afinal de contas, porque estive esperando para lhe contar uma coisa que agora eu vejo como é útil aos nossos objetivos.

Namarti olhou para Andorin com suspeita e esquadrinhou aquele aposento como se de repente estivesse incerto quanto à segurança deles. Mas era um temor infundado. Aquele aposento ficava no fundo de um antiquado complexo residencial e era muito bem protegido. Ninguém poderia ouvir a conversa de mais ninguém, e ninguém – mesmo contando com instruções detalhadas – poderia encontrar aquele local facilmente, nem atravessar as camadas de proteção formadas por membros leais da organização.

Namarti então indagou:

– Do que você está falando?

– Encontrei um homem para você. Um jovem, muito ingênuo. Uma pessoa de quem é fácil gostar, aquele tipo de sujeito em quem você sente que pode confiar no instante em que o vê. Tem um rosto largo e olhos sinceros. Viveu em Dahl. É defensor da igualdade. Ele acha que Joranum foi o que de mais importante aconteceu desde a invenção dos refresca-goela dahlitas. E estou certo de que você poderá facilmente levá-lo a fazer qualquer coisa pela causa.

– Pela causa? – Namarti atalhou, ainda bastante desconfiado. – Ele é um dos nossos?

– Na realidade, ele não é de nenhum movimento. Tem algumas

vagas noções na cabeça acerca de Joranum querer a igualdade entre os setores.

– Essa era a isca, com certeza.

– E é a nossa também, mas o rapaz *acredita* nisso. Ele fala sobre igualdade e participação popular no governo. Chegou inclusive a mencionar a democracia.

Namarti teve uma reação sarcástica.

– Em vinte mil anos, a democracia nunca foi praticada por muito tempo sem desmoronar.

– Sim, mas nossa preocupação não é essa. Isso é o que motiva o rapaz e posso lhe garantir, chefe, que eu soube que tínhamos nosso instrumento no momento em que o vi, mas ainda não sabia exatamente como poderíamos utilizá-lo. Agora eu sei. Podemos infiltrá-lo nos jardins do Palácio Imperial como jardineiro.

– E como? Ele sabe alguma coisa sobre jardinagem?

– Não, estou certo de que não sabe. Ele nunca trabalhou em outra coisa que não serviços gerais. Está operando um rebocador por ora, e acho que tiveram de ensiná-lo a fazer isso. Mesmo assim, se conseguirmos colocá-lo lá dentro como auxiliar de jardineiro, se ele apenas souber como segurar um par de tesouras de poda, então estamos feitos.

– Estamos feitos?

– Sim, pois teremos alguém capaz de se aproximar de qualquer pessoa, e conseguiremos isso sem despertar a menor suspeita. Poderemos nos aproximar o suficiente para desferir nosso golpe. Estou lhe dizendo que ele transmite uma espécie de estupidez honrosa, uma espécie de virtude tola que inspira confiança.

– E ele fará tudo que lhe dissermos?

– Seguramente.

– Como foi que você o conheceu?

– Não fui eu. Foi Manella quem realmente o identificou.

– Quem?

– Manella. Manella Dubanqua.

– Ah, aquela sua amiga – e a face de Namarti se torceu numa careta de pudica desaprovação.

– Ela é amiga de muita gente – Andorin respondeu em tom tolerante. – Essa é uma das características que a torna tão útil. Ela é capaz de avaliar um homem muito rapidamente e com base em

pouquíssimas informações. Ela foi falar com esse sujeito porque se sentiu atraída por ele à primeira vista, e posso lhe garantir que Manella *não* é aquele tipo de mulher que costuma se sentir atraída por ninguém além dos mais comuns, portanto, veja bem, este homem é bem incomum. Ela conversou com ele... a propósito, o nome dele é Planchet... e então me disse: "Tenho um para você e ele está vivo, Gleb". Quando ela diz que alguém está "vivo", eu confio nela de olhos fechados.

– E o que você acha que esse instrumento maravilhoso que você arrumou poderia fazer assim que fosse infiltrado por nós na área do palácio, hein, Andorin? – Namarti indagou, astuciosamente.

Andorin inspirou fundo.

– O que poderia ser? Se fizermos tudo direito, ele irá descartar por nós nosso amado Imperador Cleon, Primeiro desse Nome.

O rosto de Namarti ficou rubro de raiva.

– O quê? Você ficou louco? Por que iríamos querer matar Cleon? Ele é nossa âncora no governo. É a fachada por trás da qual podemos comandar. É nosso passaporte para a legitimidade. Onde está o seu cérebro? Precisamos dele como testa de ferro. Ele não irá interferir em nosso regime e a existência dele nos tornará mais fortes.

A face de Andorin foi tomada por manchas vermelhas e seu bom humor finalmente chegou ao fim.

– O que é que você quer fazer, então? – ele explodiu. – O que está planejando? Estou cansado de ficar o tempo todo tentando adivinhar o que se passa na sua cabeça.

– Tudo bem, tudo bem, calma – apaziguou Namarti, erguendo a mão. – Não fiz por mal. Mas raciocine um pouco, que tal? Quem destruiu Joranum? Quem destruiu nossas esperanças, dez anos atrás? Foi o matemático. E é ele quem governa o Império agora, ele e aquela idiotice da psico-história. Cleon não é nada. É Hari Seldon que devemos destruir. É Hari Seldon que venho tentando ridicularizar com esses colapsos constantes. Os problemas que isso causa chegam à porta da casa *dele*. Tudo está sendo interpretado como incompetência *dele*, como incapacidade *dele*. – Havia vestígios de saliva grossa nos cantos da boca de Namarti. – Quando ele for destituído, haverá manifestações de júbilo por todo o Império que irão inundar todos os relatos por holovisão durante horas. Não importa se souberem quem fez isso. – Novamente, ele ergueu a mão e deixou-a cair, como se estivesse

enterrando uma faca no coração de alguém. – Seremos vistos como heróis do Império, como os salvadores. E então? Você acha que esse jovem é capaz de acabar com a raça de Hari Seldon?

Andorin havia recuperado, pelo menos aparentemente, seu autocontrole.

– Tenho certeza de que sim – ele disse, forçando-se a parecer leve. – Por Cleon ele até pode sentir algum respeito. O Imperador tem uma aura mística, como você sabe. (E ele acentuou discretamente o “você” da sentença, e Namarti fez uma careta.) – Mas por Seldon ele não tem esse sentimento.

Por dentro, no entanto, Andorin estava realmente furioso. Não era aquilo que ele desejava. Estava se sentindo traído.

14

Manella afastou os fios de cabelo que caíam sobre seus olhos e sorriu para Raych.

– Eu não lhe disse que não iria precisar de créditos?

Raych piscou e coçou seu ombro nu.

– Mas agora você vai me cobrar?

Ela encolheu os ombros e sorriu de maneira maliciosa.

– E por que eu faria isso?

– Por que não faria?

– Porque tenho direito de me proporcionar um pouco de prazer, de vez em quando.

– Comigo?

– Não tem mais ninguém aqui.

Houve uma pausa demorada, e depois Manella completou, em tom conciliador:

– Além do mais, você não tem tantos créditos assim. Como vai o trabalho?

– Não é muito, mas é melhor do que ficar sem fazer nada – disse Raych. – Bem melhor. Você disse para aquele sujeito que me arranjasse trabalho?

– Você está falando de Gleb Andorin? – Manella sacudiu a cabeça devagar. – Não disse a ele para fazer nada. Só disse que ele talvez se interessasse por você.

– Será que ele vai ficar chateado porque você e eu...

– E por que ele deveria? Não é da conta *dele*. E nem da *sua*, a propósito.

– O que é que ele faz? Quer dizer, no que ele trabalha?

– Não acho que ele trabalhe em nada. Ele é rico. É parente dos antigos prefeitos.

– De Wye?

– É. Ele não gosta do governo imperial. Nenhum dos parentes dos antigos prefeitos gosta. Ele diz que Cleon deveria...

De repente, ela se calou e depois acrescentou:

– Estou falando demais. Não saia por aí repetindo nada do que eu lhe disse.

– Eu? Eu nem ouvi você falando. E não vou abrir o bico.

– Tudo bem.

– E quanto a esse Andorin? Ele é um maioral dos joranumitas? Ele é alguém importante lá para eles?

– Não sei dizer.

– Ele nunca fala sobre esse tipo de coisa?

– Comigo, não.

– Ah – Raych exclamou, tentando não parecer desapontado.

Manella olhou de lado para ele, suspeitando de algo.

– Por que você está tão interessado?

– Quero me aproximar deles. Imagino que desse jeito vou me dar melhor. Melhores trabalhos, mais créditos. Essas coisas, entende?

– Talvez Andorin possa ajudá-lo. Ele gosta de você. Isso eu sei.

– Você poderia fazer com que ele gostasse mais?

– Posso tentar. Não sei por que ele gostaria. *Eu* gosto de você. E mais do que gosto dele.

– Obrigado, Manella. Eu também gosto de você. Muito. – Ele deslizou a mão pelo lado do corpo dela, e desejou ardentemente que pudesse se concentrar mais nela do que em sua missão.

15

– Gleb Andorin – Hari Seldon explicou, extenuado, esfregando os olhos.

– E quem ele é? – Dors Venabili quis saber. Seu estado de ânimo

continuava frio desde o dia da partida de Raych.

– Até há poucos dias eu nunca tinha ouvido falar nele – Seldon confessou. – Esse é o problema de se tentar comandar um mundo com quarenta bilhões de pessoas. Você nunca ouve falar de ninguém, exceto daqueles que se impõem de algum modo à sua atenção. Mesmo tendo todas as informações computadorizadas do mundo, Trantor continua sendo um planeta de anônimos. Podemos pesquisar as pessoas por seu número de referência e suas estatísticas, mas *quem* é que pesquisamos? Acrescente os vinte e cinco milhões dos Mundos Exteriores e é deveras surpreendente que o Império Galáctico tenha permanecido este fenômeno funcional, ao longo de todos esses milênios. Francamente, acho que o Império só vem existindo porque ele mesmo se comanda, em termos bem gerais. E agora, finalmente, está decaindo.

– Basta de tanto filosofar, Hari – Dors cortou. – Quem é esse Andorin?

– Alguém que, confesso, eu já *deveria* conhecer. Consegui convencer o departamento de segurança e eles puxaram alguns arquivos a respeito do sujeito. Ele é membro da família wyana de prefeitos (aliás, o de maior destaque entre eles), de modo que o pessoal da segurança tem mantido atualizados os dados a respeito de Andorin. Acham que ele nutre algumas ambições, mas que é muito mais interessado na boa vida do que em fazer algo para realizá-las.

– E ele está envolvido com os joranumitas?

Seldon fez um gesto de incerteza.

– Tenho a impressão de que o departamento de segurança não sabe nada sobre os joranumitas. Isso pode querer dizer que os joranumitas não existem mais ou que, se existem, não são importantes. E também pode indicar que o departamento de segurança simplesmente não está interessado. Tampouco existe algum meio a que eu possa recorrer para fazer com que se interessem. Só posso me mostrar grato àquelas autoridades por me darem informações, e pronto. E eu *sou* o primeiro-ministro.

Em tom seco, Dors acrescentou outra pergunta:

– Será possível que você não seja um primeiro-ministro muito bom?

– Isso é mais do que possível. Provavelmente, já se passam várias gerações desde que fora nomeado para esse cargo alguém menos indicado do que eu. Mas isso não tem nada a ver com o departamento

de segurança, que é um braço totalmente independente do governo. Duvido que o próprio Cleon saiba mais a esse respeito, embora teoricamente o departamento de segurança deva se reportar a ele por meio de seu diretor. Acredite em mim quando digo que, se soubéssemos mais sobre o departamento de segurança, estaríamos tentando encaixar suas ações nas equações psico-históricas de que dispomos atualmente.

– Os oficiais da segurança pelo menos estão do nosso lado?

– Acredito que sim, mas não posso jurar.

– E por que você está interessado nesse... qual é o nome dele?

– Gleb Andorin. Porque recebi uma mensagem indireta de Raych.

Os olhos de Dors faiscaram.

– Por que você não me contou? Ele está bem?

– Até onde eu sei, sim, mas espero que ele não tente enviar mais nenhuma mensagem. Se for apanhado tentando se comunicar, ele *não* ficará bem. De todo modo, ele fez contato com Andorin.

– E com os joranumitas também?

– Acho que não. Teria parecido improvável, pois esse contato não é uma coisa que faria sentido. O movimento joranumita é predominante entre as classes mais baixas. É um movimento do proletariado, por assim dizer. O que ele estaria fazendo com os joranumitas?

– Se ele pertence à família dos prefeitos de Wye, poderia ter aspirações ao trono imperial, não poderia?

– Eles nutrem essas aspirações há muitas gerações. Você se lembra de Rashelle, imagino. Ela era tia de Andorin.

– Então, talvez ele esteja usando os joranumitas como trampolim, você não acha?

– Se existirem, é capaz. E se for assim (e se esse trampolim é o que Andorin quer), acho que estará envolvido num jogo muito perigoso. Se os joranumitas de fato existem, eles com certeza têm seus próprios planos, e um homem como Andorin pode acabar percebendo que só está montado num greti...

– E o que é um greti?

– Um animal extinto de grande ferocidade, é o que me parece. Em Helicon, essa se tornou uma frase proverbial, nada mais do que isso. Se você está montado num greti, você percebe que não consegue desmontar porque, nesse caso, ele te devoraria. – Seldon fez uma pausa. E depois completou: – Mais uma coisa. Raych parece ter-se

envolvido com uma mulher que conhece Andorin e por intermédio dela, acha possível colher informações importantes. Estou lhe contando isso agora para que depois você não me acuse de ter guardado algum segredo de você.

– Uma mulher? – Dors franziu a testa.

– Pelo que entendi, essa mulher conhece um grande número de homens que falam para ela coisas que não deveriam, às vezes, devido à intimidade da situação.

– Uma *dessas*. – E a testa dela se franziu ainda mais. – Não gosto da ideia de Raych...

– Ora, ora, convenhamos. Raych tem trinta anos e sem sombra de dúvida é muito experiente. Pode deixar essa mulher (ou qualquer outra, inclusive) seguramente sob o controle. – Então, ele virou e olhou para Dors com uma expressão muito desgastada, exausta, e completou: – Você acha que eu gosto disso? Você acha que eu gosto de *alguma* dessas coisas?

E, finalmente, Dors ficou sem ter o que dizer.

16

Gambol Deen Namarti não era, mesmo em seus melhores momentos, conhecido por sua educação e suavidade, mas o clímax iminente de uma década de planejamento amargara seu temperamento.

Ele se levantou da cadeira um tanto agitado e repreendeu:

– Você custou a chegar aqui, Andorin.

Andorin encolheu os ombros.

– Mas estou aqui, agora.

– E esse rapaz, seu indicado, esse notável instrumento que você vem alardeando. Onde está?

– Logo mais ele estará aqui.

– E por que não agora?

A cabeça de belo formato de Andorin afundou um pouco, como se ele estivesse mergulhado em seus pensamentos, ou atinando sobre como chegar a uma decisão. Mas então respondeu, com brusquidão:

– Não quero trazê-lo até aqui antes de saber onde estou me metendo.

– O que isso quer dizer?

– Palavras simples, em Padrão Galáctico. Há quanto tempo você tem como objetivo se livrar de Hari Seldon?

– Desde sempre! Desde sempre! É assim tão difícil de entender? Merecemos nos vingar depois do que ele fez a Jo-Jo. Mesmo que não tivesse feito nada, como se tornou primeiro-ministro temos de tirá-lo do caminho.

– Mas é Cleon, *Cleon*, que deve ser derrubado. Se não somente ele, então, pelo menos ele, além de Seldon.

– Por que um testa de ferro o incomoda tanto?

– Você não nasceu ontem. Nunca precisei explicar o meu papel em tudo isto porque você não é tão ignorante nem tão bobo que não saiba. Qual o possível interesse que seus planos teriam para mim se não incluíssem uma substituição no trono?

– Mas é claro! – Namarti riu. – Faz muito tempo que sei que você me considera a banqueta na qual subirá para alcançar o trono imperial.

– E você esperaria qualquer outra coisa?

– De jeito nenhum. Eu cuido de todo o planejamento, corro os riscos e depois, quando tudo estiver terminado, você vem e colhe os frutos. Faz sentido, não faz?

– Sim, claro que faz, pois será uma recompensa para você também. Você não se tornaria o primeiro-ministro? Não poderia ser capaz de contar com o total apoio de um novo Imperador, um Imperador cheio de gratidão? Não serei eu – e a esta altura seu rosto se tornou uma máscara de ironia, enquanto ele desferia essas últimas palavras – o novo testa de ferro?

– É isso que você está planejando se tornar?

– Planejo ser o Imperador. Adiantei muitos créditos para você quando não os tinha, forneci grupos em posições-chave quando você não tinha nenhum. Adicionei a respeitabilidade de que você precisava para construir uma grande organização aqui, em Wye. E posso retirar tudo isso que investi no plano.

– Acho que não.

– Você gostaria de correr esse risco? Também não pense que pode me tratar do jeito como tratou Kaspalov. Se alguma coisa acontecer comigo, Wye se tornará inabitável para você e seus seguidores, e você irá constatar que nenhum outro setor lhe proporcionará o que você

necessita.

– Então, você insiste que o Imperador seja morto – suspirou Namarti.

– Eu não disse “morto”. Eu disse “destronado”. Deixo os detalhes por sua conta. – Essa última sentença veio acompanhada de um aceno de mão quase de despedida, um meneio de punho, como se Andorin já estivesse instalado no trono imperial.

– E então você será o Imperador?

– Sim.

– Não, você não será. Você estará morto, e não por obra minha. Andorin, vou lhe esclarecer agora alguns fatos básicos. Se Cleon for morto, então virá à baila a questão da sucessão e, para evitar uma guerra civil, a Guarda Imperial matará imediatamente todos os membros da família wyana de prefeitos que puder encontrar, e você será o primeiro. Por outro lado, se somente o primeiro-ministro for morto, você estará a salvo.

– Por quê?

– O primeiro-ministro é somente um primeiro-ministro. Eles vão e vêm. É possível que o próprio Cleon já esteja cansado dele e providencie o assassino. Certamente faremos a nossa parte para garantir que boatos desse tipo sejam espalhados. A Guarda Imperial hesitaria e nos daria a chance de instalar um novo governo. De fato, é bastante possível que eles mesmos se sintam gratos com o fim de Seldon.

– E, estando estabelecido o novo governo, o que farei? Continuarei esperando? Para sempre?

– Não. Assim que eu me tornar primeiro-ministro, haverá meios de dar cabo de Cleon. Pode ser inclusive que eu consiga fazer algo a respeito da Guarda Imperial, e até mesmo com o departamento de segurança, usando-os como meus instrumentos. Então, acharei um meio seguro de me livrar de Cleon e colocar você no lugar dele.

Andorin então explodiu:

– E por que você faria isso?

– O que você quer dizer com “por que eu faria isso”? – indagou Namarti.

– Você tem um rancor antigo por Seldon. Depois que ele tiver saído de cena, por que você correria riscos desnecessários no mais alto nível? Terá feito as pazes com Cleon, nessa altura, e eu terei de me

retirar para minha propriedade em ruínas e meus sonhos impossíveis. E, talvez, para manter tudo bem seguro, você mande me matar.

– Não! – exclamou Namarti. – Cleon nasceu para o trono. Ele vem de várias gerações de Imperadores, a orgulhosa dinastia Entun. Seria muito difícil lidar com ele, uma verdadeira praga. Você, por outro lado, chegaria ao trono como membro de uma nova dinastia, sem nenhum vínculo mais forte com a tradição; afinal, como você mesmo poderá reconhecer, os antigos imperadores wyanos foram totalmente sem distinção. Você estará instalado num trono frágil e precisará de alguém que o apoie: *eu*. E eu precisarei de alguém que dependa de mim e que, portanto, eu conseguirei administrar: *você*. Andorin, compreenda, o nosso não é um casamento de amor, que desaparece em questão de um ano, mas, sim, de conveniência, que pode durar até que a morte nos separe. Vamos confiar um no outro.

– Você jura que eu serei Imperador?

– De que adianta jurar se você não consegue confiar na minha palavra? Digamos que eu o considere um Imperador extraordinariamente útil e que quero que você substitua Cleon assim que isso possa acontecer com toda a segurança. Agora, apresente-me a esse jovem que você acha que será o instrumento perfeito para atingirmos os nossos propósitos.

– Muito bem. Lembre-se do que faz dele alguém diferente. Eu o estudei. Ele não é um idealista muito brilhante. Fará o que lhe disserem para fazer, sem se preocupar com perigos, sem ficar matutando sobre os motivos disso. Ele transmite uma sensação de confiabilidade e, por isso, a vítima irá confiar nele, ainda que ele esteja com um desintegrador na mão.

– Isso eu acho difícil de acreditar.

– Espere até conhecê-lo – Andorin concluiu.

17

Raych manteve seus olhos voltados para baixo. Tinha olhado rapidamente para Namarti e isso fora tudo de que precisara. Ele o tinha visto dez anos antes, quando Raych fora enviado para atrair Jo-Jo Joranum a cair na armadilha que enfim o destruíra, e uma olhada era quanto bastava.

Namarti tinha mudado pouco nesses dez anos. Raiva e ódio ainda eram as características dominantes que se podiam encontrar nele, ou que Raych pôde ver nele, afinal, pois percebia que não estava sendo uma testemunha imparcial. Aqueles traços pareciam ter marinado na fisionomia de Namarti e se transformado numa máscara permanente. Agora, seu rosto era um pouco mais macilento, seu cabelo um pouco mais riscado por fios grisalhos, mas os lábios finos continuavam retesados numa linha dura, e seus olhos escuros continuavam tão brilhantes e perigosos quanto antes.

Essa análise fora suficiente e agora Raych mantinha os olhos no chão. Ele sentia que Namarti não era o tipo de pessoa que aceitaria alguém que o encarasse diretamente.

De sua parte, Namarti parecia devorar Raych com os olhos, mas a expressão ligeiramente sarcástica que seu rosto sempre exibia continuava presente.

Ele se voltou para Andorin, que se havia colocado de lado, evidentemente incomodado, e disse – como se o sujeito de seu comentário não estivesse presente:

– Então, esse é o homem.

Andorin aquiesceu e seus lábios se moveram para dizer quase que sem som:

– Sim, chefe.

Bruscamente, Namarti interrogou Raych:

– Seu nome?

– Planchet, senhor.

– Você acredita em nossa causa?

– Sim, senhor. – Ele falou com cuidado, de acordo com as instruções de Andorin. – Sou um democrata e quero uma participação maior do povo no processo de governo.

Os olhos de Namarti voltaram-se rapidamente para Andorin.

– Um orador. – Então, tornou a olhar para Raych. – Está disposto a correr riscos pela causa?

– Qualquer risco, senhor.

– Você obedecerá às instruções que lhe forem dadas? Sem questionamentos? Sem hesitação?

– Cumprirei as ordens.

– Você sabe alguma coisa de jardinagem?

Raych hesitou.

– Não, senhor.

– Você é trantoriano, então? Nasceu sob o domo?

– Nasci em Millimaru, senhor, e cresci em Dahl.

– Muito bem – Namarti concluiu. E, para Andorin, acrescentou: – Leve-o daqui e entregue por enquanto aos homens que esperam por lá. Eles cuidarão bem dele. Em seguida, volte aqui, Andorin. Quero conversar com você.

Quando Andorin retornou, uma profunda mudança havia se operado em Namarti. Os olhos dele cintilavam e sua boca expressava um sorriso feroz.

– Andorin – ele exclamou –, os deuses de que falamos no outro dia estão do nosso lado numa medida que eu não poderia ter imaginado.

– Eu lhe disse que aquele rapaz era adequado para os nossos propósitos.

– Muito mais adequado do que você possa pensar. Você naturalmente conhece a história de como Hari Seldon, nosso respeitável primeiro-ministro, enviou seu filho (filho adotivo, melhor dizendo) para falar com Joranum e armar a cilada na qual ele caiu, ainda que eu o tivesse alertado.

– Sim – Andorin concordou com um movimento cansado de sua cabeça –, conheço bem essa história. – E ele falou com o tom de quem sabia daquilo de trás para diante.

– Eu vi aquele rapaz uma vez só, mas a imagem dele ficou marcada a ferro na minha memória. Você acha que dez anos, sapatos de salto alto e um bigode raspado poderiam me enganar? Esse seu Planchet é Raych, o filho adotivo de Hari Seldon.

Andorin ficou pálido e sem fôlego por um momento.

– O senhor tem certeza, chefe?

– Tanta certeza quanto eu tenho de você estar plantado bem na minha frente e de que trouxe o inimigo para o seio do nosso grupo.

– Eu não tinha ideia...

– Não fique nervoso – Namarti continuou. – Considero esta a melhor coisa que você já fez em toda a sua inútil vida de aristocrata. Você desempenhou o papel que os deuses lhe reservaram. Se eu não tivesse reconhecido quem ele é, poderia ter cumprido a função para a qual sem dúvida ele estava destinado: ser um espião entre nós e um informante de nossos planos mais secretos. Mas, como sei quem ele é, isso não dará certo. Em vez disso, nós agora temos *tudo*. – E Namarti

esfregou as mãos de contentamento e, aos poucos, como se estivesse se dando conta de como isso era uma novidade, ele sorriu, e riu.

18

– Acho que não o verei mais, Planchet – murmurou Manella, com ar pensativo.

– E por que não? – perguntou Raych, que estava se secando, depois de ter tomado uma ducha.

– Gleb Andorin não quer.

– E por que não?

Manella encolheu seus ombros macios.

– Ele diz que você tem um trabalho importante a fazer e não tem mais tempo para ficar se divertindo. Talvez ele queira dizer que você vai arranjar um trabalho melhor.

Raych ficou tenso.

– Que tipo de trabalho? Ele mencionou alguma coisa específica?

– Não, mas ele disse que estava indo até o Setor Imperial.

– Ele disse? E ele costuma falar esse tipo de coisa para você?

– Você sabe como são as coisas, Planchet. Quando o sujeito está na cama com você, ele fala muitas coisas.

– Eu sei – concordou Raych, que sempre tomava cuidado justamente para não falar demais. – E o que mais ele disse?

– Por que você quer saber? – ela franziu de leve a testa. – Ele sempre pergunta de você, também. Reparei que os homens têm isso. São curiosos a respeito uns dos outros. Por que você acha que é assim?

– O que disse a ele sobre mim?

– Pouca coisa. Só que você é um cara muito decente. Naturalmente, eu não disse a ele que gosto mais de você do que dele. Isso iria magoá-lo, e poderia me magoar também.

Raych estava se vestindo.

– Então, isto é um adeus.

– Por enquanto, acho que é sim. Gleb pode mudar de ideia. Claro que eu gostaria de ir ao Setor Imperial, se ele me levasse. Nunca estive lá.

Raych quase se denunciou, mas conseguiu tossir e disfarçar, e depois emendou:

– Eu também nunca estive lá.

– Tem os maiores edifícios e os palácios mais bonitos, além dos melhores restaurantes. É lá que vivem os ricos. Eu gostaria de conhecer alguma pessoa rica, além de Gleb, quer dizer.

– Imagino que não haja muito que você possa aproveitar de uma pessoa como eu – Raych ponderou.

– Você é legal. Não precisa ficar pensando em créditos o tempo todo. Mas precisa pensar nisso de vez em quando. Especialmente porque Gleb está ficando cansado de mim.

Raych sentiu-se impelido a contradizer:

– Ninguém conseguiria se cansar de você – e então, até para sua discreta surpresa, percebeu que dissera isso com sinceridade.

– É isso que os homens sempre dizem – Manella retrucou –, mas você ficaria surpreso. De todo modo, foi bom, você e eu, Planchet. Cuide-se e, quem sabe, um dia nos encontremos de novo.

Raych concordou com um movimento de cabeça e notou que não lhe ocorriam as palavras certas para dizer naquele momento. Não tinha como dizer ou fazer algo para demonstrar seus sentimentos.

Então, voltou sua mente em outra direção. Ele tinha de descobrir o que o pessoal de Namarti estava planejando. Se o estavam separando de Manella, a crise deveria estar se aproximando rapidamente. Tudo o que tinha para seguir em frente era aquela estranha questão da jardinagem.

Também não podia transmitir mais nenhuma informação para Seldon. Desde sua reunião com Namarti, vinha sendo vigiado de muito perto e todas as vias de comunicação tinham sido cortadas, outro indício da aproximação de uma crise.

Mas, se ele descobrisse o que estava acontecendo somente depois que tudo tivesse ocorrido – e se só pudesse transmitir as notícias depois que já fossem todas conhecidas –, então teria fracassado.

19

Hari Seldon não estava tendo um bom dia. Ele não recebia notícias de Raych desde aquele primeiro contato e não tinha ideia do que estava acontecendo.

Além de sua natural preocupação com a segurança de Raych (ele

sem dúvida saberia se alguma coisa realmente ruim tivesse acontecido), ainda estava aflito com o que poderia estar sendo planejado.

Teria de ser sutil. Um ataque direto ao palácio em si estava totalmente fora de cogitação. A segurança ali era muito forte. Mas, nesse caso, o que mais poderia ser planejado que pudesse ter eficiência suficiente?

Aquela questão toda o mantinha acordado à noite e avoado durante o dia.

O sinal luminoso piscou.

– Primeiro-ministro, sua reunião das duas horas, senhor...

– Qual reunião das duas horas é mesmo?

– Mandell Gruber, o jardineiro. Ele tem a autorização necessária.

Seldon então se lembrou.

– Sim, mande-o entrar.

Não era uma boa hora para falar com Gruber, mas ele havia concordado com esse encontro num momento de fraqueza, e o homem estava agoniado. O primeiro-ministro não deveria ter tais momentos de fraqueza, mas Seldon sempre fora Seldon, muito antes de ter se tornado primeiro-ministro.

– Entre, Gruber – ele disse, cordialmente.

Gruber permaneceu em pé à frente de Seldon, com a cabeça abaixada num movimento mecânico, virando os olhos para cá e para lá. Seldon tinha bastante certeza de que o jardineiro nunca estivera num aposento tão magnífico quanto aquele e sentia uma amarga necessidade de dizer a ele: "Gosta daqui? Pois pode ficar com esta sala. *Eu* não quero".

Todavia, ele apenas perguntou:

– O que acontece, Gruber? Por que está tão infeliz?

O visitante não lhe deu uma resposta imediata. Em vez disso, Gruber apenas permaneceu sorrindo de modo vago.

– Sente-se, homem – insistiu Seldon. – Bem aí, nessa cadeira.

– Oh, não, primeiro-ministro. Não seria adequado. Eu vou sujar a cadeira.

– Se sujar, é fácil de limpar. Faça o que estou lhe dizendo. Muito bem! Agora fique aí sentado um pouco, organizando suas ideias. Depois, quando estiver pronto, conte-me qual é o problema.

Gruber permaneceu quieto por alguns minutos e então suas

palavras saíram num arranco só, a que faltou fôlego:

– Primeiro-ministro, é que estou para me tornar jardineiro-chefe. O abençoado Imperador assim me disse pessoalmente.

– Sim, já me informaram, mas isso certamente não é o que o está perturbando. Seu novo cargo trata-se de um reconhecimento, e lhe dou os parabéns. Nunca me esquecerei de sua bravura naquela ocasião em que quase me mataram e pode ter certeza de que mencionei esse fato à Sua Majestade Imperial. Essa é uma recompensa adequada, Gruber, e você merece essa promoção de todo modo, pois, pelos seus registros, é evidente que você está plenamente qualificado para ocupar o cargo. Então, como isso já está solucionado, diga-me o que o está atormentando.

– Primeiro-ministro, o que está me atormentando é justamente esse novo cargo, essa promoção. É algo que não sei fazer, não estou preparado para isso.

– Estamos convencidos de que está.

– E terei de ficar sentado dentro de um escritório? – questionou Gruber, ficando mais agitado. – Não consigo ficar dentro de um escritório, sentado. Eu não poderei sair e trabalhar com as plantas e os animais. Seria uma prisão para mim, primeiro-ministro.

Seldon arregalou os olhos.

– Que nada, Gruber. Você não precisa ficar dentro do escritório mais do que o necessário. Você pode andar pelos jardins à vontade, supervisionando tudo. Terá todo o contato com o ar livre que desejar e apenas será poupado do trabalho mais pesado.

– Mas eu quero o trabalho mais pesado e não há nenhuma chance de que me deixarão sair do escritório. Estive observando o atual jardineiro-chefe. Ele não consegue sair do escritório nem se quiser, nunca conseguiu. São muitas tarefas administrativas, muita burocracia. Por isso, se ele quer saber o que está acontecendo, temos de ir até o escritório e dizer-lhe. Ele vê tudo em *holovisualização* – informação que Gruber prestou com extremo desdém –, como se fosse possível saber alguma coisa sobre o crescimento de coisas vivas com base em imagens. Isso não é para mim, primeiro-ministro.

– Ora, Gruber, seja homem, não é assim tão ruim. Você vai acabar se acostumando. Aos poucos, dará um jeito de fazer as coisas do seu jeito.

– Para início de conversa – Gruber discordou, balançando a cabeça

–, antes de todo o resto, terei de lidar com todos os novos jardineiros. Ficarei sobrecarregado. – Então, num repentino assomo de energia, acrescentou: – Esse é um trabalho que não quero e que não devo ter, primeiro-ministro.

– Neste primeiro momento, Gruber, talvez você não queira o trabalho, mas você não está sozinho. Neste exato instante, eu lhe digo que desejaria não ser primeiro-ministro. É um cargo excessivo para mim. Tenho inclusive a certeza de que, em determinadas ocasiões, o próprio Imperador fica cansado de seus mantos imperiais. Todos nós estamos nesta Galáxia para fazer nosso trabalho e ele nem sempre é agradável.

– Eu entendo isso, primeiro-ministro, mas o Imperador deve ser Imperador, pois nasceu para isso. E o senhor deve ser primeiro-ministro, pois não há mais ninguém que possa prestar esse serviço. Mas, no meu caso, só estamos falando do cargo de jardineiro-chefe. Existem cinquenta outros jardineiros na equipe que poderiam cumprir esse papel tão bem quanto eu e que não se importariam em nada de trabalhar num escritório. O senhor disse que contou para o Imperador como eu tentei ajudá-lo. Será que não poderia falar com ele de novo e explicar que, se deseja me recompensar, poderia me deixar onde estou?

Seldon recostou-se na cadeira e respondeu, em tom solene:

– Gruber, eu faria isso por você se pudesse, mas devo lhe explicar algo e espero sinceramente que você entenda. Em tese, o Imperador é o regente absoluto do Império. Na realidade, o que ele pode fazer mesmo é bem pouco. Agora, eu comando o Império muito mais do que ele, e também é muito pouco o que eu posso fazer. Há milhões e bilhões de pessoas em todos os níveis do governo, todas tomando decisões, todas cometendo erros, algumas agindo com sensatez e heroísmo, outras sendo tolas e desonestas. Não há como controlar nenhuma delas. Você está me entendendo, Gruber?

– Sim, mas o que isso tudo tem a ver com o meu caso?

– Porque só existe um único lugar onde o Imperador é realmente o regente absoluto: a área do Palácio Imperial. Ali, a palavra dele é lei e os níveis de oficiais abaixo dele são poucos o suficiente para que ele possa lidar com todos. Para ele, ser solicitado a rescindir uma decisão que ele tomou em relação a algo no Palácio Imperial é o mesmo que invadir a única área que ele considera inviolável. Se eu fosse dizer a

ele “Reconsidere sua decisão a respeito de Gruber, Vossa Majestade Imperial”, seria muito mais provável que ele me exonerasse de minhas atribuições do que voltasse atrás em sua decisão. Isso até poderia ser uma coisa boa para mim, mas não ajudaria você em nada.

– Isso então significa que não existe maneira de essa situação ser revertida? – indagou Gruber.

– Exatamente. Mas não se preocupe, Gruber. Eu o ajudarei de todas as maneiras que puder. Lamento, mas agora dediquei a você todo o tempo que me era possível.

Gruber se pôs em pé. Nas mãos, torcia e retorcia seu boné verde de jardineiro. Havia mais dos vestígios de lágrimas em seus olhos.

– Obrigado, primeiro-ministro. Eu sei que o senhor gostaria de me ajudar. O senhor... o senhor é um bom homem, primeiro-ministro.

Ele se virou e saiu, arrasado.

Seldon ainda o contemplou pensativamente por alguns instantes e então sacudiu a cabeça. Multiplique as aflições de Gruber por um quatrilhão e você chegará nas aflições de todas as pessoas que habitam os vinte e cinco milhões de mundo do Império. E como é que ele, Seldon, poderia oferecer salvação para todas elas quando ele mesmo era impotente para resolver o problema de um único homem que o havia procurado pedindo ajuda?

A psico-história não fora capaz de salvar um homem só. Poderia salvar um quatrilhão?

Mais uma vez, balançou a cabeça, verificou o teor e o horário de seu próximo compromisso e então, subitamente, ficou tenso. Pegando o intercomunicador, gritou com um abandono descontrolado, num ímpeto totalmente contrário aos seus modos normalmente tão contidos:

– Traga o jardineiro de volta! Faça aquele homem voltar aqui neste momento!

20

– Que história é essa de “novos jardineiros”? – exclamou Seldon. Dessa vez ele nem convidou Gruber a se sentar.

Os olhos de Gruber piscaram seguidamente, depressa. Ele estava em pânico por ter sido novamente convocado à presença do primeiro-

ministro, de modo tão inesperado.

– N-novos j-jardineiros? – ele gaguejou.

– Você disse “todos os novos jardineiros”. Essas foram as suas palavras. *Quais* novos jardineiros?

Gruber parecia aturdido.

– Certamente, se existe um novo jardineiro-chefe, haverá novos jardineiros. É o costume.

– Nunca tinha ouvido falar disso.

– Na última vez que houve mudança na chefia, o senhor não era o primeiro-ministro. Provavelmente, o senhor nem estava em Trantor.

– Mas o que é que acontece?

– Bem, os jardineiros nunca são despedidos. Alguns morrem, alguns ficam muitos velhos, são aposentados e substituídos. Porém, quando um novo jardineiro-chefe está pronto para assumir seu cargo, pelo menos metade da equipe está idosa e já ultrapassou sua idade mais produtiva. Todos eles são então aposentados com um benefício generoso e novos jardineiros são contratados.

– Por sua juventude.

– Em parte, sim, e em parte porque nessa transição costumam ser feitos novos planos para os jardins. São quase quinhentos quilômetros quadrados de jardins e parques, e em geral são necessários muitos anos para reorganizar tudo, e serei eu a supervisionar tudo isso. Por favor, primeiro-ministro – Gruber estava sem fôlego –, sem dúvida um homem inteligente como o senhor pode dar um jeito de fazer o abençoado Imperador mudar de ideia.

Seldon não prestou atenção ao pedido. Sua testa estava vincada por seu esforço de concentração.

– De onde vêm os novos jardineiros?

– São feitos exames em todos os mundos; sempre existem pessoas esperando por uma oportunidade nova de trabalho. Virão candidatos às centenas, em dúzias de levas. Vou levar pelo menos um ano...

– De onde eles vêm? De onde?

– De qualquer um dos milhares de mundos. Precisamos de uma variedade de conhecimentos horticulturais. Qualquer cidadão do Império pode atender aos requisitos.

– De Trantor também?

– Não, de Trantor, não. Não há ninguém de Trantor nos jardins. – A voz dele se encheu de um tom desdenhoso. – Não se pode ser

jardineiro, sendo de Trantor. Os parques que existem aqui, sob o domo, não são jardins. São plantas em vasos e animais em jaulas e gaiolas. Essa pobre espécie dos trantorianos não sabe nada sobre ar livre, água escorrendo naturalmente, o verdadeiro equilíbrio da natureza.

– Muito bem, Gruber. Agora, vou lhe dar uma tarefa. Caberá a você me fornecer o nome de cada novo jardineiro agendado para chegar nas próximas semanas. Quero todas as informações sobre eles: nome, mundo, número de referência, nível educacional, experiência anterior, tudo. Quero tudo aqui, na minha mesa, o mais depressa possível. Destacarei algumas pessoas para ajudá-lo. Pessoas com máquinas. Que tipo de computador você usa?

– Somente um modelo simples para fazer o acompanhamento de plantios, espécies, coisas assim.

– Muito bem. As pessoas que vou mandar para ajudá-lo poderão fazer tudo que você não conseguir. Nem posso lhe explicar a importância dessa incumbência.

– Se eu fizer isso...

– Gruber, este não é o momento para fazer barganhas. Se fracassar, você não será o jardineiro-chefe, nem mais nada, pois será despedido e sem benefícios.

Mais uma vez sozinho em sua sala, Seldon bradou no intercomunicador:

– Cancele todos os meus compromissos para esta tarde.

E, então, deixou que seu corpo despencasse na cadeira, sentindo o peso de cada um de seus cinquenta anos e percebendo sua dor de cabeça piorar. Durante anos, décadas, a segurança fora sendo construída em torno do Palácio Imperial e se tornara cada vez mais densa, sólida, impenetrável, após a adição de cada nova camada e de cada novo dispositivo. E, de vez em quando, hordas de desconhecidos tinham permissão para penetrar na área do palácio, sem que provavelmente lhes fosse indagado nada de mais relevante do que “você consegue trabalhar no jardim?”.

A estupidez envolvida nesse procedimento era colossal demais para se cogitar.

E ele mal havia captado o problema a tempo. Mas havia mesmo? Será que, ainda assim, já não era tarde demais?

21

Gleb Andorin mirou Namarti com olhos semicerrados. Ele nunca tinha gostado muito daquele homem, mas havia situações em que gostava ainda menos do que normalmente, e aquela era uma dessas ocasiões. Por que Andorin, um wyano de berço real (afinal de contas, era disso que se tratava) tinha de trabalhar com esse arrivista, esse paranoico, quase psicótico?

Andorin sabia por que e tinha de aturar a situação, inclusive quando Namarti se punha de novo a narrar a história de como havia construído o movimento durante um período de dez anos, até atingir seu grau atual de perfeição. Será que ele ficava repetindo isso para todo mundo, sem parar? Ou seria Andorin seu ouvinte exclusivo?

O rosto de Namarti parecia brilhar com uma luz maligna enquanto ele repetia, numa cantilena própria, como se fosse uma questão rotineira, o relato tão batido:

– Ano após ano, trabalhei dentro dessas linhas, enfrentando a desesperança e a inutilidade, construindo uma organização, desbastando a confiança no governo, criando e intensificando a insatisfação. Quando houver a crise no sistema bancário e a semana da moratória, eu... – De repente ele se deteve. – Eu já lhe contei isso muitas vezes e você já está enjoado de ouvir essa história, não é verdade?

Os lábios de Andorin se retesaram para formar um sorriso seco e breve. Namarti não era tão idiota que não soubesse como podia ser enfadonho. Mas, simplesmente, não conseguia se segurar. Andorin respondeu:

– Você já me contou isso muitas vezes. – Tendo dito essas poucas palavras, deixou o restante da pergunta suspenso no ar, sem resposta. Afinal, essa seria uma resposta óbvia. Não havia necessidade de jogar na cara de Namarti.

Um leve rubor coloriu o rosto macilento do líder, que disse:

– Mas esse processo de construção e desbaste poderia ter continuado indefinidamente, sem jamais atingir o ponto certo, se eu não tivesse a ferramenta certa em mãos. E, sem nenhum esforço da minha parte, essa ferramenta veio a mim.

– Os deuses lhe trouxeram Planchet – Andorin completou com neutralidade.

– Você está certo. Logo haverá um grupo de jardineiros entrando na área do Palácio Imperial. – Ele se interrompeu e deu a impressão de que saboreava essa ideia. – Homens e mulheres. Em número suficiente para funcionar como máscara para o pequeno grupo de nossos agentes que os acompanharão. Entre esses, estarão você e Planchet. E o que tornará vocês dois incomuns é que estarão levando desintegradores.

– Certamente – Andorin lembrou, com malícia proposital por baixo de uma atitude educada – seremos detidos nos portões e interrogados. Entrar com um desintegrador não autorizado na área do palácio...

– Vocês não serão detidos – Namarti afirmou, sem ter percebido a malícia. – E não serão revistados. Isso já foi acertado. Vocês serão recepcionados normalmente por algum oficial do palácio. Não sei quem é que costuma estar encarregado desse tipo de tarefa... se é o terceiro mordomo assistente encarregado da grama e das folhas, sei lá; mas, neste caso, será o próprio Seldon. O grande matemático irá correndo dar as boas-vindas aos novos jardineiros e recebê-los ao ar livre.

– Imagino que você tenha certeza disso.

– Claro que sim. Já foi tudo providenciado. Mais ou menos no último minuto, ele será informado de que seu filho adotivo está entre os relacionados como novos jardineiros, e será impossível para ele se controlar e não ir ao encontro de Raych. E, quando Seldon surgir, Planchet levantará seu desintegrador. Nosso pessoal dará o grito de “traidor!” e, na confusão e no falatório geral, Planchet matará Seldon e então você matará Planchet. Em seguida, você deixará seu desintegrador em algum lugar e partirá. Haverá um time para ajudá-lo a sair. Já foi tudo providenciado.

– É mesmo necessário matar Planchet?

– Por quê? – Namarti fechou a cara. – Você faz objeção a uma morte, mas não a outra? Quando Planchet se recuperar você quer que ele conte às autoridades tudo que sabe sobre nós? Além do mais, estamos providenciando uma briga em família. Não se esqueça de que, na realidade, Planchet é Raych Seldon. Vai parecer que os dois dispararam ao mesmo tempo, ou dar a impressão de que Seldon havia ordenado que, se seu filho fizesse algum movimento hostil, deveria ser abatido imediatamente. Iremos garantir que essa perspectiva da família seja amplamente divulgada. Isso servirá para trazer à lembrança o passado tenebroso do sanguinário Imperador Manowell.

O povo de Trantor seguramente se sentirá enojado pela fria maldade do ato. Isso, coroando toda a sequência de colapsos e a falta de eficiência que tem sido comprovada e imposta aos cidadãos, servirá para despertar o clamor por um novo governo, e ninguém será capaz de recusá-lo, muito menos o Imperador. É quando nós entramos em cena.

– Com essa facilidade?

– Não, não com toda essa facilidade. Não vivo num mundo de sonhos. É provável que haja algum governo interino, mas ele fracassará. Daremos um jeito para que fracasse e então nos apresentaremos publicamente e retomaremos os antigos argumentos joranumitas que os trantorianos nunca esqueceram. E, no momento certo, mas não demorando muito, eu me tornarei primeiro-ministro.

– E eu?

– No devido tempo você será o Imperador.

– A chance de tudo isso dar certo é pequena – comentou Andorin. – Isto foi providenciado, aquilo foi providenciado. Aquela outra coisa foi providenciada. Tudo isso tem de formar uma unidade coesa e se integrar com perfeição, senão o plano fracassará. Em algum lugar, alguém correrá o risco de fazer alguma trapalhada. É um risco inaceitável.

– Inaceitável? Para quem? Você?

– Com certeza. Você espera que eu garanta que Planchet mate o próprio pai e ainda espera que depois eu mate Planchet. Por que eu? Não existem instrumentos menos valiosos do que eu que poderiam ser facilmente colocados em risco?

– Sim, mas escolher qualquer outro seria garantir o fracasso da operação. Quem, além de você, tem investido tanto nesta missão que não existe a menor chance de mudar de ideia por um motivo fútil no último instante?

– O risco é enorme.

– E não vale a pena para você? Com essa manobra, você tem os olhos no trono imperial.

– E que riscos você está correndo, chefe? Continuará sentado aqui, com todo o conforto, esperando pelas notícias.

Namarti torceu a boca.

– Como você é tolo, Andorin! Que Imperador será! Você acha que não corro riscos pelo fato de estar aqui? Se o complô falhar, se o plano

der errado, se alguns dos nossos forem capturados, você acha que eles não vão abrir o bico e contar tudo que sabem? Se, de algum modo, você for preso, encararia o terno tratamento a ser dispensado pela Guarda Imperial sem abrir a boca, sem dizer uma palavra sobre mim? E, com uma tentativa de assassinato fracassada em mãos, você acha que não vão varrer Trantor de cima a baixo até me encontrar? Você imagina que, no fim, eles não irão me localizar? E, quando de fato me acharem, o que acha que irá me acontecer quando eu estiver nas mãos deles? Você diz que eu não corro risco? O meu é pior do que o de qualquer um de vocês, simplesmente ficando sentado aqui, sem fazer nada, Andorin. Você quer ou não quer ser Imperador?

Em voz baixa, Andorin confirmou:

– Eu quero ser Imperador.

Com isso, o plano foi posto em ação.

22

Raych não tinha nenhuma dificuldade para perceber que estava sendo tratado com um cuidado especial. O grupo todo dos futuros jardineiros estava agora alojado em um dos hotéis do Setor Imperial, embora não um estabelecimento de primeira classe, naturalmente.

Aquele grupo de jardineiros era diversificado, com integrantes de cinquenta mundos, mas Raych tinha poucas oportunidades de falar com algum deles. Sem ter feito nada de modo muito ostensivo, Andorin tinha conseguido mantê-lo longe dos demais.

Raych se perguntava por quê. Isso o deixava deprimido. Na realidade, vinha se sentindo um pouco deprimido desde que partira de Wye. Esse estado de ânimo atrapalhava seu processo de pensamento e ele o combatia, mas com pouco sucesso.

O próprio Andorin estava usando roupas rústicas e tentava parecer um trabalhador. Desempenharia o papel de jardineiro como uma maneira de cuidar do "espetáculo", qualquer que fosse.

Raych se sentia envergonhado por não ter sido capaz de desvendar a natureza desse "espetáculo". Tinham-no cercado e isolado, impedindo seu acesso a toda forma de comunicação, de modo que não tivera chance nem de avisar seu pai. Talvez estivessem fazendo a mesma coisa com todos os trantorianos que houvessem sido incluídos

no grupo, ainda que ele não tivesse certeza disso, apenas por medida de extrema precaução. Raych avaliava que deveria haver uns doze trantorianos entre eles, todos gente de Namarti, claro, tanto homens como mulheres.

O que o deixava intrigado era que Andorin o tratava com o que quase chegava a ser afeto. Andorin o monopolizava, insistia em fazer todas as refeições com ele, tratava-o de maneira bem distinta de como tratava todos os demais.

Será porque tinham compartilhado Manella? Raych não sabia o suficiente sobre os costumes do Setor Wye para poder ter certeza de existir ou não um elemento poliândrico naquela sociedade. Se dois homens tinham a mesma mulher, isso os tornava de algum modo mais fraternos? Criava alguma espécie de vínculo?

Raych nunca tinha ouvido falar de nada parecido, mas sabia que era inútil presumir que tivesse mais do que um mínimo vislumbre das infinitas sutilezas das sociedades galácticas, inclusive as trantorianas.

Todavia, agora que sua mente o trouxera de volta a Manella, ele ficou pensando nela mais um pouco. Sentia uma terrível falta dela e ocorreu-lhe que talvez essa saudade pudesse ser a causa de sua depressão, embora, para ser totalmente honesto, o que ele estava sentindo agora, quase ao fim do almoço que fizera em companhia de Andorin, fosse quase desespero, apesar de não poder pensar no que causava esse sentimento.

Manella!

Ela havia dito que queria visitar o Setor Imperial e era possível imaginar que ela conseguisse convencer Andorin a atender-lhe o desejo. Era tal o desespero que ele se viu formulando aquela pergunta idiota.

– Senhor Andorin, fiquei pensando se por acaso teria trazido a senhorita Dubanqua para cá. Para cá, o Setor Imperial.

Andorin pareceu absolutamente aturdido. Então riu de leve.

– Manella? Você acha que ela trabalharia em jardinagem? Ou que sequer fingiria isso? Não, não. Manella é uma daquelas mulheres inventadas para nossos momentos de calma. Ela não tem nenhuma outra função, além dessa. Mas por que você quer saber, Planchet?

– Não sei – Raych deu de ombros. – É um pouco monótono por aqui. Eu estava pensando... – e a voz dele perdeu o som.

Andorin observou o jovem com atenção. Depois de algum tempo,

perguntou:

– Você certamente não é da opinião de que faz diferença a mulher com quem a gente se envolve, é? Eu lhe garanto que para ela não importa o homem com quem esteja envolvida. Quando acaba, existem outras mulheres. Muitas mulheres.

– Quando é que isto vai acabar?

– Logo. E você fará parte da ação de uma maneira muito importante. – Andorin olhou incisivamente para Raych.

– Quão importante? – perguntou o jovem. – Eu não vou ser somente um jardineiro? – A voz dele parecia lúgubre e ele se percebeu impossibilitado de falar com mais animação.

– Você será mais do que isso, Planchet. Você vai entrar com um desintegrador.

– Com um quê?

– Um desintegrador.

– Eu nunca segurei um desintegrador. Nunca, em toda a minha vida.

– Não é nada demais. Você o levanta, mira, fecha o circuito e alguém morre.

– Não consigo matar ninguém.

– Pensei que você fosse um de nós, que faria qualquer coisa pela causa.

– Não quis dizer matar. – Raych não conseguia juntar as ideias. Por que ele teria de matar? O que é que realmente tinham em mente para ele executar? E como seria capaz de avisar a Guarda Imperial antes que essa morte fosse executada?

O semblante de Andorin ficou duro de repente, numa instantânea mudança de um interesse amistoso em uma decisão implacável. Ele acrescentou:

– Você *deve* matar.

Raych reuniu toda a coragem.

– Não, não vou matar ninguém. Ponto final.

– Planchet, você fará o que lhe for ordenado – Andorin rebateu.

– Assassinar, não.

– Inclusive assassinar.

– E como é que você vai me obrigar?

– Eu simplesmente lhe direi que faça isso.

Raych ficou tonto. O que podia deixar Andorin tão confiante?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não.

Andorin não cedeu.

– Estamos alimentando você, Planchet, desde que você saiu de Wye. Fiz questão de que comesse comigo. Supervisionei sua alimentação. Especialmente o prato que acabou de comer.

Raych sentiu uma onda de horror varrendo-o por dentro. De repente, ele entendeu.

– Desperança!

– Exatamente – concordou Andorin. – Você é um diabinho rápido, Planchet.

– É ilegal.

– Claro que é. Assassinar também é.

Raych já sabia o que era a desperança. Tratava-se de uma modificação química de um tranquilizante perfeitamente inócuo. Essa forma modificada, no entanto, não produzia tranquilidade, e sim desespero. Essa substância tinha sido proibida por causa de seu uso em processos de controle mental, embora houvesse boatos persistentes de que a Guarda Imperial fazia uso dela.

Andorin acrescentou, como se não fosse difícil ler o que se passava na mente de Raych:

– Chama-se desperança porque essa é uma palavra antiga que significa “ausência de esperança”. Acho que você está se sentindo sem esperança.

– Nunca – Raych replicou, murmurando.

– Grande determinação de sua parte, mas você não pode vencer o composto químico. E quanto mais impotente você se sentir, mais eficaz a droga.

– Sem chance.

– Pense bem, Planchet. Namarti o reconheceu instantaneamente, ainda que você não estivesse de bigode. Ele sabe que você é Raych Seldon e que, sob minha direção, você irá matar seu pai.

Raych reagiu, entredentes:

– Não antes que eu mate você.

E se levantou da cadeira. Não haveria nenhum problema quanto a isso. Andorin podia ser mais alto, mas era magro e evidentemente nada atlético. Raych poderia parti-lo ao meio com um braço só, mas, quando se pôs em pé, ele cambaleou. Sacudiu a cabeça, mas ela não

clareou.

Andorin também ficou em pé, e recuou. Tirou a mão direita de dentro da manga esquerda, onde até então estivera guardada. Estava portando uma arma.

Em tom agradável, ele continuou:

– Eu vim preparado. Fui informado de sua perícia de mestre tufão heliconiano e não nos envolveremos numa luta corpo a corpo.

Então, baixou o olhar para sua arma.

– Isto não é um desintegrador – ele explicou. – Não posso me dar ao luxo de matá-lo antes que você cumpra sua missão. Este é um chicote neurônico. Muito pior, em certo sentido. Vou mirar no seu ombro esquerdo e, pode acreditar, a dor que sentirá será tão insuportável que nem mesmo o maior estoico do mundo seria capaz de aguentar.

Raych, que vinha avançando lentamente e com ar sombrio, parou de repente. Ele tinha doze anos na primeira vez que sentira o gostinho – ainda que breve – de uma descarga do chicote neurônico. Quando a pessoa é atingida por essa arma, ela jamais esquece a dor, não importa por quanto tempo viva ou por mais acidentes que venha a sofrer.

– Além do mais – complementou Andorin –, usarei a potência máxima para que os nervos de seus braços fiquem estimulados, primeiro num nível de dor insuportável, para depois se tornarem inúteis por causa do dano neuronal sofrido. Você nunca mais poderá usar seu braço esquerdo de novo. Mas vou poupar o direito, para que possa usar o desintegrador. Agora, se fizer a gentileza de se sentar e aceitar a situação, como deve ser, poderá conservar o uso dos dois braços. Claro que deverá comer novamente para que o nível de desperança aumente. Sua situação só poderá piorar.

Raych sentiu o desespero quimicamente induzido tomando conta dele e, por si mesmo, esse desespero ajudava a intensificar o efeito. Sua visão estava ficando duplicada e ele não conseguia pensar em nada para dizer.

Ele só sabia que teria de fazer o que Andorin mandasse. Ele havia entrado no jogo e perdido.

– Não, Dors. – Hari falou quase violentamente. – Não quero você lá fora.

Dors Venabili devolveu o olhar para ele com uma expressão tão firme quanto a que ele mantinha.

– Então, também não deixarei que você saia, Hari.

– Eu tenho de estar lá.

– Lá *não* é o seu lugar. É o jardineiro de primeira classe que deve recepcionar esse novo pessoal.

– De fato é, mas Gruber não consegue fazer isso. Ele está abatido demais.

– Ele deve ter alguma espécie de assistente. Ou pode deixar que o antigo jardineiro-chefe cumpra esse papel de anfitrião... afinal, ele continua em exercício até o fim do ano.

– O jardineiro-chefe está doente demais. Além disso – Seldon hesitou um pouco –, há novatos inexperientes entre os jardineiros. São trantorianos. Por algum motivo vieram junto. Tenho os nomes de todos eles.

– Ordene que sejam presos. Cada um deles, até o último. É simples. Por que está tornando tudo tão complicado?

– Porque não sabemos *por que* estão aqui. Alguma coisa está por acontecer. Não percebo o que doze jardineiros podem fazer, mas... Não, um minuto. Quero reformular essa sentença. Eu percebo a dúzia de coisas que eles podem fazer, mas não sei qual dessas coisas foi planejada para ser executada. Realmente, iremos colocar todos eles sob custódia, mas preciso entender melhor tudo isso antes de tomar essa atitude. Temos de saber apenas o suficiente para remover cada um dos conspiradores, de cima a baixo, e devemos saber o suficiente a respeito do que estão fazendo para conseguirmos aplicar e fazer valer as punições condizentes. Não quero prender doze homens e mulheres só por causa de uma acusação que é essencialmente de má conduta. Eles vão alegar uma desesperada necessidade de arrumar trabalho. Vão se queixar de que não é justo os trantorianos serem excluídos. Eles receberão largas mostras de simpatia e nós acabaremos parecendo um bando de idiotas. Temos de dar a eles a chance de serem acusados por algo mais grave do que isso. Além do mais...

Houve uma longa pausa e, enfim, Dors indagou, com raiva e impaciência:

– Bem, e esse novo "além do mais" é por quê?

– Um desses doze é Raych – confessou Seldon, sua voz muito baixa –, com o codinome Planchet.

– *O quê?*

– Por que essa surpresa toda? Eu o mandei a Wye para se infiltrar no movimento joranumita e ele conseguiu isso, de algum jeito. Tenho confiança nele. Se Raych está ali deve ter alguma espécie de plano para desbaratar alguma conspiração. Mas eu também quero estar lá. Quero vê-lo. Quero estar em condição de ajudá-lo, se puder.

– Se você quer ajudá-lo, coloque cinquenta guardas do palácio, numa fila só, ombro a ombro, dos dois lados desses seus jardineiros.

– Não. Mais uma vez, acabaremos sem nada. A Guarda Imperial estará no local, mas não em evidência. Esses jardineiros devem pensar que têm campo livre para executar o plano que talvez tenham elaborado. Antes que eles possam agir, mas depois de terem deixado evidente sua intenção, é aí que nós os pegaremos.

– Isso é arriscado. Arriscado para Raych.

– Risco é algo que temos de correr. Há mais coisas em jogo agora do que vidas individuais.

– Essa é uma coisa cruel de se dizer.

– Você acha que eu não tenho sentimentos? Mesmo que esteja de coração partido, minha preocupação deve ser a psico-...

– Não diga isso. – Ela se virou de costas, como se sentisse dor.

– Eu compreendo – disse Seldon –, mas você não deve estar lá. A sua presença seria tão imprópria que os conspiradores iriam suspeitar de que sabemos tudo e então eles podem abortar o plano que têm. Não quero isso. – Seldon se interrompeu e depois acrescentou, suavemente: – Dors, você diz que o seu trabalho é *me* proteger. Isso vem antes de proteger Raych, e você sabe disso. Eu não insistiria nesse ponto, mas proteger-me é proteger a psico-história e a espécie humana inteira. Isso tem prioridade total. Até onde já consegui levar a psico-história me permite dizer que é minha vez de agir; eu devo proteger o centro a todo custo, e é isso que estou tentando fazer. Você me entende?

– Eu entendo – ela respondeu; e em seguida, virou-se, e se afastou dele.

Seldon então pensou: "E eu espero estar certo".

Se não estivesse, ela jamais iria perdoá-lo. Pior: *ele* nunca poderia se perdoar, com ou sem a psico-história.

Eles formavam uma linha linda, com os pés afastados, as mãos atrás das costas, cada um deles vestindo um garboso uniforme verde, de corte folgado e com bolsos grandes. Havia bem pouca diferenciação de gêneros e só se podia supor que os mais baixos fossem mulheres. O capuz encobria o cabelo de todos eles, mas, de todo modo, os jardineiros de ambos os sexos deveriam usar cabelos muito curtos e nenhum tipo de pelo facial.

Por que tinha de ser assim, ninguém sabia dizer. A palavra "tradição" escondia todos os motivos, além de muitas outras coisas; algumas delas úteis, outras, tolas.

Diante de todos estava Mandell Gruber, acompanhado por dois assistentes, um de cada lado. Gruber tremia e seus olhos vidrados estavam arregalados.

Os lábios de Hari Seldon se apertaram. Se Gruber ao menos conseguisse dizer "Os jardineiros do Imperador saúdam todos vocês", seria suficiente. Então, o próprio Seldon assumiria o comando da situação.

Os olhos de Seldon varreram o novo contingente e ele localizou Raych.

Seu coração teve um pequeno sobressalto. Era Raych, sem bigode, na fila da frente, em pé de um modo mais rígido do que os demais, olhando fixamente para diante. Raych não tentou fazer contato visual com Seldon, e tampouco demonstrava nenhum sinal de reconhecê-lo, por mais sutil que fosse.

"Bom", Seldon pensou, "ele não deveria mesmo fazer isso. Não está revelando nada."

– Bem-vindos – resmungou Gruber em voz débil, e Seldon assumiu.

Com passos desembaraçados, adiantou-se um pouco até ficar imediatamente perante Gruber e disse:

– Obrigado, jardineiro de primeira classe. Homens e mulheres, jardineiros do Imperador, vocês estão prestes a dar início a uma importante tarefa. Vocês serão responsáveis pela beleza e pela saúde da única zona aberta de terra em nosso grande mundo de Trantor, capital do Império Galáctico. Irão perceber que, mesmo não tendo o infindável panorama dos mundos ao ar livre, sem domos, teremos aqui uma pequena joia que brilhará mais do que qualquer outra no

Império. Todos vocês serão liderados por Mandell Gruber, que se tornará o jardineiro-chefe dentro em breve. Ele se reportará diretamente a mim, quando necessário, e eu me reportarei ao Imperador. Como vocês podem ver, isso quer dizer que vocês estarão apenas a três níveis de distância da presença imperial, e sempre sob a benigna supervisão do Imperador. Estou certo de que, neste momento, ele nos está acompanhando de seu pequeno palácio, que é sua residência particular, aquela construção que vocês veem à direita (a única que tem um domo recoberto de opala), e que está satisfeito com o que está vendo. Antes de começarem a trabalhar, naturalmente, todos irão fazer um curso de treinamento que os deixará plenamente familiarizados com a área dos jardins e suas necessidades específicas. E vocês...

A essa altura, Seldon havia furtivamente se deslocado até ficar num ponto diretamente diante de Raych, que continuava imóvel e nem piscava.

Seldon tentou não parecer artificialmente bondoso e então uma leve crispação riscou seu rosto. Quem estava imediatamente atrás de Raych era uma pessoa que lhe parecia conhecida. Ele teria passado sem ser identificado se Seldon não houvesse estudado o holograma dele. Aquele não era Gleb Andorin, de Wye? Aliás, o patrono de Raych em Wye? O que ele estaria fazendo ali?

Andorin deve ter reparado na súbita atenção de Seldon que lhe era dirigida, pois murmurou alguma coisa por entre lábios praticamente imóveis, e a mão direita de Raych, saindo de trás de suas costas, tirou um desintegrador de dentro do amplo bolso de seu colete verde. Andorin fez o mesmo.

Seldon se sentiu entrando praticamente em estado de choque. Como é que aqueles desintegradores tinham tido permissão para entrar na área do palácio? Confuso, ele mal ouviu os gritos de “Traição!” e depois o repentino rumor de gente correndo e gritando.

A única coisa que realmente ocupava a mente de Seldon era o desintegrador de Raych apontado diretamente para ele e o olhar que Raych lhe dirigia, indicando que o rapaz não o reconhecia. Seldon ficou completamente horrorizado quando se deu conta de que seu filho iria atirar contra ele e que, assim, estava a poucos segundos de sua própria morte.

25

Um desintegrador, ao contrário do que sugere seu nome, não "desintegra" no sentido literal da palavra. Na realidade, ao vaporizar e soprar sua carga por dentro de um organismo, faz com que ele imploda. Ouve-se um som suave de suspiro, deixando no lugar o que parece ser um objeto "desintegrado".

Hari Seldon não esperava ouvir aquele som. Ele só esperava a morte. Portanto, foi com grande surpresa que ouviu o inconfundível suave suspiro da arma e então piscou, olhando para seu peito, sua barriga, e seu queixo caiu.

Ele estava vivo? (Seldon se perguntou, na realidade; não era uma afirmação.)

Raych continuava em pé, no mesmo lugar, com o desintegrador apontado para a frente e os olhos vidrados. Estava absolutamente imóvel, como se tivesse cessado a força que o motivava.

Atrás dele, encontrava-se o corpo desmantelado de Andorin, desfeito numa poça de sangue e, ao lado, um jardineiro segurando um desintegrador. O capuz tinha caído para trás e o jardineiro era visivelmente uma mulher com cabelos recém-raspados.

Ela se permitiu uma rápida olhada na direção de Seldon e se apresentou:

– Seu filho me conhece como Manella Dubanqua, e sou oficial de segurança. Deseja meu número de referência, primeiro-ministro?

– Não – Seldon respondeu, com voz embargada. A Guarda Imperial tinha convergido para a cena. – Meu filho! O que há de errado com meu filho?

– Desperança, ao que me parece – Manella respondeu. – Depois de algum tempo, o corpo elimina a substância. – Ela estendeu o braço a fim de tirar a arma da mão de Raych. – Lamento não ter entrado em ação antes. Tive de esperar até que houvesse um movimento ostensivo e, quando ele foi feito, quase me pegou desprevenida.

– Tive o mesmo problema. Devemos levar Raych para o hospital do palácio.

Um ruído confuso de repente emanou do pequeno palácio. Ocorreu então a Seldon que o Imperador estava, de fato, assistindo a todo aquele acontecimento e que, sendo assim, deveria estar imensamente furioso.

– Cuide do meu filho, senhorita Dubanqua – Seldon instruiu. – Devo ir até o Imperador.

Então, disparou numa corrida nada digna, em meio ao caos instalado no Grande Gramado, e se apressou a entrar no pequeno palácio, sem a menor cerimônia. Cleon dificilmente conseguiria ficar mais furioso do que já estava.

E ali, rodeado por um grupo de pessoas apavoradas e em estado de estupor, na escadaria semicircular, jazia o corpo de Sua Majestade Imperial, Cleon I, destruído quase a ponto de ter-se tornado irreconhecível. O rico manto imperial agora estava sendo usado como sudário. Recuado contra a parede, estupidificado e olhando para o rosto horrorizado de todos que o cercavam, estava Mandell Gruber.

Seldon sentiu que não era capaz de aguentar mais nada. Tomando o desintegrador que estava jogado aos pés de Gruber, reconheceu que deveria ser de Andorin. Então, perguntou suavemente:

– Gruber, o que foi que você fez?

Encarando-o fixamente, Gruber respondeu com voz enrolada:

– Todo mundo gritando, berrando. Pensei: "Quem iria saber? Iriam pensar que outra pessoa teria matado o Imperador". Mas depois, eu não consegui correr.

– Mas, Gruber, por quê?

– Para eu não me tornar o jardineiro-chefe – e então ele despencou no chão.

Chocado, Seldon contemplava o homem que jazia inconsciente.

Tudo tinha acontecido dentro dos limites possíveis. Ele estava vivo. Raych estava vivo. Andorin, morto, e a conspiração joranumita agora seria perseguida até o último de seus integrantes.

O centro fora preservado, exatamente como a psico-história havia previsto.

E então, um homem, por um motivo tão trivial que parecia desafiar qualquer análise, tinha assassinado o Imperador.

"E agora", Seldon pensou, tomado pelo desespero, "o que faremos? O que acontecerá?"

PARTE 3

DORS VENABILI

——— **Venabili, Dors**

A vida de Hari Seldon é intensamente impregnada de lendas e incertezas, de tal modo que existe apenas uma pequena esperança de se obter uma biografia precisa e factual. Talvez o aspecto mais desconcertante de sua vida tenha a ver com sua consorte, Dors Venabili. Não existe absolutamente nenhum dado a respeito de Dors Venabili, exceto seu local de nascimento no mundo de Cinna, antes de sua ida para a Universidade de Streeling, onde se tornou membro do corpo docente de História. Pouco tempo depois, ela conheceu Seldon e permaneceu sua consorte por vinte e oito anos. Se for possível, a vida de Dors é ainda mais lendária do que a de Seldon. Há alguns relatos bastante inverossímeis sobre sua força física e velocidade. Era muito conhecida como “Mulher-Tigre”. O mais intrigante a respeito dela, porém, é seu desaparecimento, pois, a partir de determinado momento, não se ouve mais falar dela e não há indícios acerca do que possa ter ocorrido.

Seu papel como historiadora é evidenciado por seus trabalhos sobre...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

1

Wanda, agora, tinha quase oito anos pelo Padrão Galáctico de tempo, como todos costumavam contar. Era uma pequena dama, de modos circunspectos e cabelos castanho-claros. Seus olhos eram azuis, mas estavam ficando mais escuros, e talvez acabasse tendo os mesmos olhos castanhos do pai.

Ela estava sentada, perdida em seus pensamentos: sessenta.

Esse era um número que a deixava preocupada. Vovô ia fazer aniversário e completaria sessenta anos, e esse é um número grande. O que a incomodava era um sonho ruim que tivera na noite anterior.

Foi atrás da mãe. Queria encontrá-la e perguntar a ela sobre isso.

Não foi difícil achar sua mãe. Ela estava falando com vovô, certamente sobre o aniversário. Wanda hesitou. Não seria educado perguntar na frente dele.

Sua mãe não teve dificuldade para perceber o que deixava a filha constrangida. Então, disse:

– Um minuto, Hari. Vamos ver o que está afligindo Wanda. O que é, querida?

– Aqui, não, mamãe – Wanda puxou a mão de Manella. – Em particular.

– Viu como começa cedo? – Manella observou, voltando-se para Hari. – Vidas privadas. Problemas privados. Claro, Wanda, vamos para o seu quarto?

De mãos dadas, as duas saíram e então a mãe lhe perguntou:

– Então, Wanda, qual é o problema?

– É o vovô, mãe.

– O vovô! Não posso imaginar que ele faça alguma coisa para aborrecer você.

– Bom, ele fará. – E os olhos de Wanda de repente se encheram de lágrimas. – Ele vai morrer?

– Seu avô? O que colocou essa ideia na sua cabeça, Wanda?

– Ele vai fazer sessenta anos. Isso é muito velho.

– Não é, não. Não é jovem, mas não é velho também. As pessoas vivem até ter oitenta, noventa ou mesmo cem anos, e seu avô é forte e saudável. Ele viverá muito tempo.

– Você tem certeza? – ela estava fungando.

Manella pegou a filha pelos ombros e olhou-a firmemente nos olhos.

– Wanda, todos nós iremos morrer um dia. Já expliquei isso para você, antes. Mesmo assim, nós não ficamos nos preocupando com isso até que chegue muito perto desse dia. – Ela limpou delicadamente os olhos da filha. – Vovô ficará vivo até você estar grande e ter seus próprios filhos. Você verá. Agora, vamos voltar. Quero que você fale com o vovô.

Wanda fungou de novo.

Seldon olhou para a garotinha com uma expressão cordial quando a viu voltando, e indagou:

– O que foi, Wanda? Por que está infeliz?

Wanda sacudiu a cabeça.

Seldon olhou para a mãe da menina.

– Bom, Manella, qual é a questão?

– Ela mesma terá de lhe dizer – Manella respondeu, sacudindo a cabeça.

Seldon se sentou e deu um tapinha no seu colo.

– Venha, Wanda. Sente-se aqui e conte-me o seu problema.

Ela obedeceu e se contorceu um pouco, mas depois acabou falando:

– Estou com medo.

Seldon colocou o braço em volta dela.

– Você não tem nada a temer sobre o seu velho avô.

– Palavra errada – Manella fez uma careta.

Seldon levantou os olhos para ela.

– “Avô”?

– Não. “Velho”.

Isso pareceu romper o dique. Wanda caiu no choro.

– Você está velho, vovô.

– Acho que sim. Estou com sessenta anos. – Ele aproximou o rosto do de Wanda e cochichou: – Eu também não gosto disso, Wanda. É por isso que gosto de você ter sete, quase oito.

– Seu cabelo está branco, vovô.

– Nem sempre foi assim. Ficou branco nos últimos tempos.

– Cabelo branco quer dizer que você vai morrer, vovô.

Seldon pareceu chocado. Então, questionou Manella:

– O que está acontecendo?

– Não sei, Hari. É coisa da cabeça dela.

– Tive um pesadelo – Wanda explicou.

Seldon limpou a garganta.

– Todo mundo tem um pesadelo de vez em quando, Wanda. É bom quando isso acontece. Os sonhos ruins nos livram dos maus pensamentos e, depois, nos sentimos melhor.

– Era sobre você morrendo, vovô.

– Eu sei, eu sei. Os sonhos podem ser sobre a morte, mas isso não faz com que sejam importantes. Olhe para mim. Não está vendo como estou muito vivo? E alegre e rindo? Estou com cara de quem vai morrer? Diga!

– N-não...

– Então, pronto. Agora vá brincar e se esqueça de tudo isso. Vou fazer mais um aniversário, só isso, e todo mundo vai se divertir. Vá, querida, vá brincar.

Wanda saiu um pouco mais reconfortada e animada, mas Seldon fez um aceno para que Manella ficasse.

2

– De onde você acha que Wanda tirou uma ideia dessas? – indagou Seldon.

– Hari, por favor... Ela teve uma lagartixa salvaniana que morreu, lembra? O pai de uma das amiguinhas dela morreu num acidente, e ela vê cenas de morte na holovisão o tempo todo. É impossível para qualquer criança ser tão protegida que não tome consciência da morte. Na realidade, eu preferia que ela não fosse tão protegida. A morte é um elemento da vida. Ela tem de aprender isso.

– Não me refiro à morte em geral, Manella, mas à minha morte, em particular. O que foi que enfiou essa ideia na cabeça dela?

Manella hesitou. Ela realmente queria muito bem a Hari Seldon. Ela pensou: “E quem não queria? Então, como dizer uma coisa dessas?”.

Mas como *não* dizer uma coisa dessas? Sendo assim, ela explicou:

– Hari, foi você mesmo que colocou isso na cabeça dela.

– Eu?

– Claro! Há meses que você vem falando que vai completar sessenta anos, que vem se queixando de que está envelhecendo. A única razão pela qual as pessoas estão organizando essa festa é para consolá-lo.

– Não tem nada de divertido em fazer sessenta anos – Seldon afirmou, indignado. – Espere! Basta esperar! Você ainda vai descobrir como é.

– Sim, vou descobrir, se tiver sorte. Algumas pessoas nem chegam a essa idade. Ainda assim, se você só fala que está velho, acaba deixando essa menininha impressionada.

Seldon suspirou e pareceu perturbado.

– Desculpe, mas é difícil. Olhe para minhas mãos. Estão se cobrindo de manchas e daqui a pouco ficarão retorcidas. Eu mal consigo fazer algum movimento da arte do tufão. É provável que hoje uma criança consiga me deixar de joelhos.

– E em que sentido você assim se torna diferente de qualquer outra pessoa dessa idade? Pelo menos sua cabeça continua funcionando muito bem. Quantas vezes você mesmo não disse que o importante era isso?

– Eu sei. Mas sinto falta do meu corpo.

Manella comentou, então, com um leve toque de malícia:

– Especialmente quando Dors parece que não envelhece nunca.

Seldon concordou, um tanto incomodado:

– Bem, sim, acho que sim... – e ele desviou o olhar, evidentemente avesso a dar continuidade ao assunto.

Manella contemplou o sogro com alguma gravidade. O problema é que ele não entendia absolutamente nada de crianças, nem de pessoas em geral. Era difícil pensar que ele havia passado dez anos como primeiro-ministro do antigo Imperador e, não obstante, conhecia tão pouco sobre pessoas.

Obviamente, estava envolvido de corpo e alma em sua psico-história, e esta lidava com quatrilhões de pessoas – o que, em última análise, significava não lidar com ninguém na qualidade de indivíduo. E como é que ele poderia saber alguma coisa sobre crianças quando não havia tido contato com nenhuma além de Raych, o qual entrara em sua vida quando já estava com 12 anos? Agora, ele tinha Wanda, que era – e provavelmente sempre seria para ele – um absoluto

mistério.

Todos esses foram pensamentos que Manella engendrou amorosamente. Ela sentia o inacreditável desejo de proteger Hari Seldon de um mundo que ele não entendia. Esse era o único ponto que ela e sua sogra, Dors Venabili, tinham em comum e a cujo respeito concordavam: o desejo de proteger Hari Seldon.

Dez anos antes, Manella salvara a vida de Seldon. De um modo estranho, todo seu, Dors tinha interpretado esse gesto como uma invasão de sua prerrogativa e nunca conseguira perdoar Manella.

Por sua vez, Seldon salvara a vida de Manella logo em seguida. Ela fechou os olhos por um momento e a cena toda lhe voltou à lembrança, tão vívida que quase parecia estar acontecendo naquele instante.

3

Fora a semana após o assassinato de Cleon – e tinha sido uma semana horrível. Trantor inteiro estivera um caos.

Hari Seldon continuava ocupando o posto de primeiro-ministro, mas era óbvio que não detinha poder nenhum. Ele chamara Manella Dubanqua.

– Quero agradecer-lhe por ter salvado a vida de Raych e a minha. Ainda não havia tido oportunidade de lhe dizer isso. – Então, com um suspiro, ele acrescentou: – E mal tive chance de fazer qualquer coisa durante esta última semana.

– O que aconteceu com o jardineiro insano? – indagou Manella.

– Foi executado! No ato! Sem julgamento! Tentei salvá-lo demonstrando que ele estava tresloucado, mas não havia dúvida quanto a isso. Se tivesse feito qualquer outra coisa, cometido algum outro crime, a loucura dele teria sido reconhecida e ele teria sido poupado. Preso em alguma instituição, tratado, mas ainda assim poupado. Mas matar o Imperador... – e Seldon balançou a cabeça, entristecido.

Manella então perguntou:

– E o que acontece agora, primeiro-ministro?

– Vou lhe dizer o que acho. A dinastia Entun está encerrada. O filho de Cleon não o sucederá. Não penso que ele queira. Ele também teme

ser assassinado e não o culpo nem um pouco. Seria muito melhor para ele se se retirasse e fosse morar em alguma das propriedades da família em um dos Mundos Exteriores, onde poderá levar uma vida sossegada. Como é membro da Casa Imperial, ele sem dúvida terá permissão para fazer isso. Já você e eu teremos menos sorte.

– Em que sentido, senhor? – questionou Manella, franzindo o cenho.

Seldon pigarreou.

– É possível dizerem que, como você matou Gleb Andorin, ele deixou cair o desintegrador que então ficou à disposição de Mandell Gruber, que o usou para matar Cleon. Portanto, você recebe uma larga parcela da responsabilidade por esse crime, e inclusive podem dizer que foi tudo pré-combinado.

– Mas isso é ridículo! Sou membro do departamento de segurança, e estava cumprindo minha obrigação, fazendo o que me foi ordenado.

– Você está argumentando racionalmente – disse Seldon, esboçando um sorriso triste –, e por algum tempo a racionalidade sairá de moda. O que vai acontecer agora, na ausência de um legítimo sucessor do trono imperial, é que provavelmente teremos um governo militar.

(Anos mais tarde, quando Manella chegou a entender o funcionamento da psico-história, ela se perguntou se Seldon por acaso teria usado a técnica para desvendar o que iria acontecer, pois o regime militar certamente fora instalado. Naquela época, contudo, ele não fez nenhuma menção à sua imberbe teoria.)

– Se, de fato tivermos um governo militar – Seldon prosseguiu –, então será necessário que eles imponham um regime firme de imediato, esmagando todo e qualquer sinal de desavença, agindo com vigor e crueldade, inclusive desafiando a racionalidade e a justiça. Se acusarem você, senhorita Dubanqua, de ter feito parte de um complô para matar o Imperador, você será exterminada, não como uma demonstração de justiça, mas a fim de intimidar o povo de Trantor. Com essa finalidade, eles podem inclusive dizer que eu também fiz parte da conspiração. Afinal de contas, eu me apresentei para saudar os novos jardineiros quando não era minha função fazer isso. Se eu não tivesse tomado essa atitude, não teria havido a tentativa de me matar, você não teria revidado o ataque e o Imperador teria continuado vivo. Você percebe como tudo isso se encaixa?

– Não posso acreditar que façam isso.

– Talvez não façam. Eu apresentarei uma proposta que talvez, quem sabe, eles não recusem.

– E qual seria ela?

– Vou propor minha renúncia como primeiro-ministro. Eles não me querem, e não me segurarão. Mas o fato é que eu de fato tenho alguns defensores na Corte Imperial e, o que é ainda mais importante, pessoas nos Mundos Exteriores que me consideram aceitável. Isso significa que, se os membros da Guarda Imperial forçarem a minha saída, e mesmo que isso seja sem minha execução, estarão diante de alguns problemas. Se, por outro lado, eu renunciar, afirmando que acredito que o governo militar é o que Trantor e o Império necessitam, então na realidade os estarei ajudando, entende?

Ele refletiu por alguns instantes e então completou:

– Além disso, temos essa questãozinha da psico-história.

(Essa era a primeira vez que Manella ouvia o termo.)

– E o que é isso?

– Algo em que venho trabalhando. Cleon acreditava firmemente no poder da psico-história, acreditava com mais força até do que eu naquela época, e na corte predomina a opinião de que a psico-história é ou poderia ser uma ferramenta poderosa a ser colocada a serviço do governo, qualquer que ele seja. Tampouco faz diferença se eles não sabem de nada a respeito dos detalhes de tal ciência. Seria inclusive preferível que não soubessem. A falta de conhecimento pode aumentar o que se poderia entender como o aspecto supersticioso da situação. De todo modo, irão deixar que eu continue trabalhando na minha pesquisa como cidadão particular. Pelo menos, é o que espero. O que me traz a você.

– O que tem eu?

– Como parte desse acordo, vou pedir que você tenha licença para renunciar ao seu posto no departamento de segurança e que não tomem nenhuma medida contra você em relação aos eventos que causaram o assassinato do Imperador. É provável que eu consiga isso.

– Mas você está falando de encerrar a minha carreira.

– De todo modo, sua carreira está encerrada. Mesmo que a Guarda Imperial não chegue à ordem de execução contra você, acha mesmo que lhe permitirão que continue trabalhando como oficial da segurança?

– Mas então eu faço o quê? Como é que vou me sustentar?

– Eu cuidarei disso, senhorita Dubanqua. É muito provável que eu volte para a Universidade de Streeling com uma bolsa generosa para a pesquisa da psico-história, e estou seguro de que encontrarei um trabalho para você.

Manella arregalou os olhos e perguntou:

– E por que você faria isso?

– Nem posso acreditar que você esteja com essa dúvida – Seldon respondeu. – Você salvou a minha vida e a vida de Raych. Seria possível você pensar que eu não lhe deva nada?

E foi como ele dissera. Seldon renunciara elegantemente ao posto que havia mantido por dez anos. Recebera uma carta insincera em seus exageros, expressando o reconhecimento do recém-formado governo militar – uma junta liderada por alguns membros da Guarda Imperial e das forças armadas – pelos serviços prestados por ele. Então, retornara à Universidade de Streeling e Manella Dubanqua, exonerada de seu cargo como oficial de segurança, seguira para lá com Seldon e a família.

4

Raych entrou, soprando as mãos.

– Sou plenamente favorável a uma deliberada variedade em termos de clima. Ninguém quer que as coisas sob o domo sejam sempre as mesmas. Hoje, no entanto, deixaram o tempo um pouco frio demais e aumentaram o vento, ainda por cima. Acho que está na hora de alguém reclamar com o pessoal do controle climático.

– Não sei se o problema está numa falha do controle climático – Seldon objetou. – Está cada vez mais difícil controlar as coisas em geral.

– Eu sei. A deterioração. – Raych arrumou o basto bigode preto com o dorso da mão. Esse era um gesto que ele vinha repetindo com frequência, como se ainda não tivesse conseguido superar o suplício dos poucos meses passados em Wye sem bigode. Também havia ganhado um peso extra em torno da cintura e seu aspecto, como um todo, lembrava mais os confortos da classe média. Até mesmo seu sotaque dahlita tinha ficado menos pronunciado.

Tirando seu sobretudo leve, ele perguntou:

– E como vai o velho aniversariante do dia?

– Ressentindo o fato. Espere, meu filho, espere a sua vez. Chegará o dia em que você completará quarenta anos e então veremos se você acha divertido.

– Não tanto quanto fazer sessenta.

– Pare de brincar – repreendeu Manella, que vinha friccionando as mãos de Raych para tentar aquecê-las.

Seldon espalmou as duas mãos.

– Estamos fazendo a coisa errada, Raych. Na opinião de sua esposa, toda essa conversa em torno dos meus sessenta anos acabou deixando a pequena Wanda aflita com a perspectiva da minha morte.

– É mesmo? – Raych indagou. – Então, isso explica. Parei para vê-la e no mesmo instante ela me disse, antes de ter tido chance de falar qualquer coisa, que tinha tido um pesadelo. Foi sobre sua morte?

– Ao que parece – Seldon confirmou.

– Bem, ela vai ter de superar isso. Não há como se evitar um pesadelo.

– Eu não encararia isso tão superficialmente – Manella interrompeu. – Ela está com isso na cabeça há algum tempo e não é uma coisa saudável. Eu vou pesquisar isso mais a fundo.

– Como achar melhor, Manella – Raych completou, em tom amistoso. – Você é minha amada esposa e tudo que disser (sobre Wanda) está certo. – E mais uma vez alisou o bigode com o dorso da mão.

Sua amada esposa! Não tinha sido assim tão fácil fazer com que ela se tornasse sua amada esposa. Raych lembrou-se da atitude de sua mãe diante dessa possibilidade. Pesadelos... Ele é quem tivera pesadelos constantes nos quais tinha de enfrentar mais uma vez a fúria de Dors Venabili.

5

A primeira recordação nítida de Raych depois de se recuperar do tormento induzido quimicamente pela desperança era a de que estava sendo barbeado.

Ele sentiu a vibração do aparelho ao deslizar por suas bochechas, o que o fez pedir com voz débil:

– Não corte nada perto do lábio superior, barbeiro. Quero meu bigode de volta.

O barbeiro, a quem Seldon já havia dado instruções, ergueu um espelho para tranquilizar Raych.

Dors Venabili, sentada na beirada da cama, interveio:

– Deixe o homem fazer o trabalho dele, Raych. Não se agite.

Os olhos de Raych foram até ela por um momento e então ele se calou. Depois que o barbeiro saiu, Dors perguntou:

– Como está se sentindo, Raych?

– Podre – ele resmungou. – Estou tão deprimido que não consigo ficar em pé.

– Esse é o efeito residual mais demorado da desperança que fizeram você ingerir. Mas ele vai sumir.

– Não consigo acreditar. Há quanto tempo estou assim?

– Não importa. Vai levar algum tempo. Você foi fortemente saturado.

Ele olhou à volta do quarto, inquieto.

– Manella veio me ver?

– Aquela mulher? – (Raych estava começando a se acostumar a ouvir Dors falar de Manella nesses termos e nesse tom de voz.) – Não. Você ainda não está em condições de receber visitas.

Interpretando a expressão no rosto de Raych, Dors acrescentou sem perda de tempo:

– Sou exceção por ser sua mãe, Raych. E, afinal, por que iria querer que aquela mulher viesse vê-lo? Você não está em condições de ser visto.

– Mais motivo ainda para vê-la – Raych respondeu entredentes. – Quero que ela me veja no meu pior estado. – Então, virou-se para o lado, desanimado. – Quero dormir.

Dors Venabili balançara a cabeça. Mais tarde, no mesmo dia, comentou com Seldon:

– Não sei o que iremos fazer com Raych, Hari. Ele não está nada razoável.

– Ele ainda não está bem, Dors – Seldon respondeu. – Dê uma chance ao rapaz.

– Ele fica repetindo que quer ver aquela mulher. Sei lá o nome dela.

– Manella Dubanqua. Não é um nome assim tão difícil de lembrar.

– Acho que ele quer morar com ela na mesma casa. Viver e se *casar* com ela.

Seldon deu de ombros.

– Raych está com trinta anos. Já tem idade suficiente para tomar suas próprias decisões.

– Como somos os pais dele, podemos dar nossa opinião, sem sombra de dúvida.

Hari suspirou.

– E tenho certeza de que você já deu a sua, Dors. E, você já tendo dito o que pensa, estou seguro de que ele fará o que quiser.

– A sua palavra final é essa? Você não pretende fazer nada enquanto ele planeja se casar com uma mulher como aquela?

– O que você espera de mim, Dors? Manella salvou a vida de Raych. Você acha mesmo que ele vai se esquecer disso? E, a propósito, ela também salvou a minha.

Isso pareceu inflamar mais ainda a raiva de Dors, que rebateu:

– E você também salvou a dela. Isso dá empate.

– Eu não salvei exatamente...

– Claro que salvou. Aqueles militares bandidos que agora comandam o Império teriam exterminado aquela mulher se você não tivesse interferido, entregando de bandeja sua renúncia e seu apoio para salvá-la.

– Eu posso ter zerado a conta, o que não me parece verdade, mas Raych, não. E, minha querida Dors, eu tomaria muito cuidado quando fosse usar termos inadequados para descrever o nosso governo. Os tempos que correm não serão fáceis como costumava ser à época em que Cleon governou, e sempre existirão informantes para repetir tudo que ouvirem você dizer.

– Isso não me importa. Eu não gosto dela. Presumo que pelo menos isso me seja permitido.

– Permitido, claro, mas inútil.

Hari baixou os olhos, afundado em seus pensamentos. Os olhos pretos de Dors, geralmente insondáveis, estavam indubitavelmente fuzilando de raiva. Hari levantou os olhos de novo.

– O que eu realmente gostaria de entender, Dors, é *por quê*? Por que você detesta tanto Manella? Ela salvou nossas vidas. Se não tivesse sido pela rapidez da atitude dela, eu e Raych estaríamos ambos mortos.

Dors retrucou sem perda de tempo:

– Sim, Hari. Sei disso melhor do que ninguém. E, se ela não tivesse ali, eu não teria podido mexer uma palha para evitar que o matassem. Acho que você pensa que eu deva sentir gratidão. Mas, toda vez que olho para aquela mulher, eu me lembro da *minha* falha. Sei que esse sentimento não é verdadeiramente racional... e que é uma coisa que não consigo explicar. Por isso, Hari, não me peça que goste dela porque eu não consigo.

No dia seguinte, todavia, até mesmo Dors teve de ceder um pouco quando o médico anunciou:

– Seu filho deseja ver uma mulher de nome Manella.

– Ele não está em condições de receber visitas – Dors rebateu, cortante.

– Pelo contrário, ele está, sim. Além do mais, ele insiste e o faz da maneira mais convicta possível. Não me parece que seja sensato recusar esse desejo a ele.

Assim, trouxeram Manella, e Raych a saudou efusivamente, demonstrando os primeiros tênues sinais de felicidade desde que dera entrada no hospital.

Raych desenhou com a mão no ar um inconfundível sinal de que Dors deveria se retirar. Apertando os lábios, ela obedeceu.

E chegou o dia em que Raych informou:

– Ela me aceitou, mãe.

– E você espera que eu fique surpresa, seu tolo? – implicou Dors. – Claro que ela vai aceitar você. Você é a única chance que ela tem, agora que caiu em desgraça e foi exonerada do departamento de segurança...

– Mamãe – interrompeu Raych –, se está tentando me perder, esse é precisamente o caminho mais curto. Não diga esse tipo de coisa.

– Estou pensando apenas no seu bem-estar.

– Eu mesmo me incumbo do meu bem-estar, obrigado. Não sou o acesso de ninguém à respeitabilidade; acho melhor que você pare de pensar assim. Não sou exatamente belo. Sou baixo. Papai não é mais o primeiro-ministro, e falo como uma pessoa nitidamente pertencente à classe baixa. O que tenho que possa deixar Manella orgulhosa? Ela poderia ter um marido muito melhor, mas quer a mim. E, vou deixar uma coisa bem clara, eu quero Manella.

– Mas você sabe o que ela é.

– Claro que sei o que ela é. É a mulher que me ama. Ela é a mulher que eu amo. É isso o que ela é.

– E antes de você se apaixonar por ela, o que ela era? Você sabe uma parte do que ela fazia quando trabalhava infiltrada em Wye... *você* foi uma das "tarefas" dela. Quantos mais devem ter existido? Você consegue conviver com esse passado dela? Com o que ela fez em nome do dever? Agora você pode se dar ao luxo de ser idealista, mas chegará o dia em que brigará com ela pela primeira vez, pela segunda, ou pela décima nona... e então vai ter uma crise e xingá-la: "Sua p..."!

Raych esbravejou, tomado pela raiva:

– Não diga isso! Quando tivermos uma discussão, eu direi que ela não está sendo razoável, que está sendo irracional, ranzinza, chorona, cruel, e mais um milhão de adjetivos que forem compatíveis com a situação. E ela dirá palavras parecidas para mim. Mas serão todas palavras da sensibilidade que poderemos retratar depois que a briga terminar.

– É o que você pensa... mas espere até que isso aconteça.

Então Raych ficou lívido.

– Mãe, você está casada com o papai há quase vinte anos. Ele é um homem de quem é difícil discordar, mas houve momentos em que vocês discutiram. Eu ouvi vocês batendo boca. Em todos esses vinte anos, alguma vez ele chamou você de algum nome que difamasse seu papel como ser humano em alguma medida? E, aproveitando o ensejo, houve alguma vez em que eu tenha feito isso? Você consegue me imaginar tomando essa atitude agora, por mais louco de raiva que eu fique?

Dors se debatia em seu íntimo. Seu rosto não exprimia emoções da mesma maneira que o de Raych e o de Seldon, mas estava claro que, naquele momento, ela se mostrava incapaz de falar alguma coisa.

– Na realidade – Raych emendou, aproveitando a vantagem (e se sentindo péssimo por fazer isso) –, o "x" da questão é o seu ciúme de Manella por ela ter salvado a vida do papai. Você não quer que mais ninguém faça isso, só você. Bom, você não teve oportunidade de fazer isso. Você preferia que Manella não tivesse atirado em Andorin e que papai tivesse *morrido*? E eu também?

Com voz estrangulada, Dors respondeu:

– Ele insistiu em ir ao encontro dos jardineiros sozinho. Não me permitiu acompanhá-lo.

– Mas isso não foi culpa de Manella.

– É por isso que quer se casar com ela? Por gratidão?

– Não. Por amor.

E foi o que aconteceu, mas, depois da cerimônia, Manella disse a Raych:

– Sua mãe pode ter ido ao casamento porque você insistiu, Raych, mas ela parecia uma daquelas nuvens de tempestade que às vezes mandam passar sobre o domo.

Raych riu.

– Ela não tem semblante para ser uma nuvem de tempestade. Você só está imaginando coisas.

– De jeito nenhum. Como é que faremos para que ela um dia possa nos dar uma chance?

– Teremos de ser pacientes. Um dia ela vai acabar aceitando.

Mas, para Dors Venabili, esse dia não chegou.

Dois anos após o casamento, Wanda nasceu. A atitude de Dors para com a criança era tudo que Raych e Manella poderiam ter desejado, mas a mãe de Wanda continuava sendo "aquela mulher" na visão da mãe de Raych.

6

Hari Seldon estava lutando para se livrar da melancolia. Cada um por sua vez, Dors, Raych, Yugo e Manella haviam falado com ele para tentar convencê-lo de que chegar aos sessenta não significava ser velho.

Mas eles simplesmente não entendiam. Ele tinha trinta anos quando os primeiros vislumbres da psico-história lhe haviam ocorrido; trinta e dois na ocasião da famosa palestra na Convenção Decenal, após o que tudo parecia ter-lhe ocorrido ao mesmo tempo. Depois de uma breve audiência com Cleon, tivera de fugir e atravessar Trantor. Então, conhecera Demerzel, Dors, Yugo e Raych, além de todos os outros em Mycogen, Dahl e Wye.

Tornara-se primeiro-ministro aos quarenta anos e, aos cinquenta, tivera de renunciar ao cargo. Agora completava sessenta.

Haviam sido trinta anos dedicados à psico-história. De quantos mais ele ainda iria necessitar? Quantos mais ele ainda iria viver? Será

que, no fim, morreria sem ter concluído o Projeto de Psico-História?

Não era morrer que o incomodava, Hari repetia para si mesmo. Era essa questão de deixar o Projeto de Psico-História inacabado.

Foi procurar Yugo Amaryl. Nos últimos anos, tinham se distanciado um pouco com a expansão do tamanho do Projeto de Psico-História. No início, em Streeling, tinham sido somente Seldon e Amaryl trabalhando juntos, sem mais ninguém. Agora...

Amaryl já estava na casa dos cinquenta – não era mais exatamente um rapaz – e, de algum modo, tinha perdido o brilho pessoal. Ao longo de todos aqueles anos, não se havia interessado por nada além da psico-história; não tivera mulheres, companheiras, passatempos, outras atividades para espairecer.

Amaryl piscou diante de Seldon. que não pôde deixar de perceber as mudanças operadas na aparência de seu colega. Em parte, essa mudança se devia ao fato de Yugo ter tido de passar pela reconstrução de seus olhos. Ele enxergava perfeitamente bem, mas havia algo de artificial com os olhos e ele costumava piscar devagar. Parecia que estava sempre sonolento.

– O que você acha, Yugo? – Seldon indagou. – Alguma luz no fim do túnel?

– Luz? Sim, até que sim – Amaryl respondeu. – Há um sujeito novo, Tamwile Elar. Você o conhece, naturalmente.

– Ah, sim. Eu o contratei. Muito vigoroso e agressivo. Como está se saindo?

– Não posso dizer que me sinto realmente confortável com ele, Hari. A risada que ele dá é muito alta, me deixa nervoso. Mas é um homem brilhante. O novo sistema de equações se encaixa precisamente com o Primeiro Radiante e parece abrir um caminho para contornarmos o problema do caos.

– Parece? Ou abrirá?

– Ainda é muito cedo para se ter certeza, mas tenho fortes esperanças. Já testei algumas coisas que não teriam se sustentado se as tais equações não prestassem para nada, e todas elas sobreviveram muito bem. Estou começando a pensar nelas como “equações acaóticas”.

Seldon acrescentou mais uma pergunta:

– Teríamos por acaso algum tipo de demonstração rigorosa dessas equações?

– Não, ainda não temos, embora eu tenha destinado uma meia dúzia de pessoas para essa tarefa, incluindo Elar, claro. – Amaryl se voltou para seu Primeiro Radiante, que estava num ponto de progresso equivalente ao de Seldon, e acompanhou as linhas curvas das equações luminosas enrolando-se no ar, delgadas demais, miúdas demais para serem lidas sem recursos de amplificação. – Se somarmos as novas equações talvez sejamos capazes de predizer.

– Cada vez que estudo o Primeiro Radiante agora – comentou Seldon, com ar pensativo –, penso sobre o Eletroclarificador e como ele espreme material até formar linhas e curvas do futuro. Não era essa também a ideia de Elar?

– Sim, com a ajuda de Cinda Monay, que o projetou.

– É bom contar com novos homens e mulheres brilhantes trabalhando no projeto. De algum modo, isso me reconcilia com o futuro.

– Você acha que algum dia, alguém como Elar possa liderar o projeto? – Amaryl ponderou, ainda estudando o Primeiro Radiante.

– Pode ser. Depois que você e eu estivermos aposentados, ou mortos.

Amaryl pareceu se descontrair e desligou o dispositivo.

– Eu gostaria de completar a tarefa antes de nos aposentarmos ou morrermos.

– Eu também, Yugo, eu também.

– A psico-história nos orientou muito bem nos últimos dez anos.

Essa era uma afirmação eminentemente verdadeira, mas Seldon sabia que não deviam entendê-la como um grande triunfo. As coisas tinham se passado tranquilamente, sem maiores surpresas.

A psico-história previra que o centro se sustentaria após a morte de Cleon – uma previsão feita de maneira incerta e indistinta –, e assim acontecera. Trantor estava relativamente em paz. Mesmo com o assassinato e o fim de uma dinastia, o centro tinha se mantido firme.

E também durante a tensão do governo militar. Dors estava coberta de razão quando dizia que a junta não passava de “militares patifes”. Ela inclusive poderia ter sido mais contundente em suas acusações, e continuar certa. Não obstante, estavam mantendo o Império unido e continuariam a fazer isso por mais algum tempo. Talvez por tempo suficiente para permitir que a psico-história desempenhasse um papel ativo nos eventos que estavam por acontecer.

Havia algum tempo, Yugo vinha falando sobre a possibilidade de se instituírem Fundações – separadas, isoladas, independentes do Império em si – que serviriam como sementes de desenvolvimento durante períodos de trevas vindouros até o surgimento de um Império novo e melhor. O próprio Seldon estivera trabalhando nas consequências desse arranjo.

Mas faltava-lhe o tempo e (com algum padecimento) ele sentia que também lhe faltava a juventude. Sua mente, porém, por mais firme e estável que fosse, não tinha a mesma resistência e a mesma criatividade que a distinguiam quando estava na casa dos trinta, e a cada ano que se passava, Seldon sabia que teria cada vez menos.

Talvez devesse incluir esse jovem e talentoso Elar na tarefa, desligando-o de todas as suas demais atividades. Seldon teve de admitir para si mesmo, com algum constrangimento, que essa possibilidade não o deixava empolgado. Ele não queria ter inventado a psico-história para que algum moleque chegasse do nada e colhesse os frutos finais da fama. A bem da verdade, nos termos mais nus e crus possíveis, Seldon sentia ciúme de Elar e admitia conscientemente esse sentimento apenas o suficiente para sentir vergonha disso.

Todavia, apesar de seus sentimentos menos racionais, ele teria de contar com homens mais jovens, a despeito de todo o desconforto que isso lhe causava. A psico-história não era mais uma área de conservação exclusiva dele e de Amaryl. Ao longo da década em que fora primeiro-ministro, ela se convertera num empreendimento de ampla escala e robusto orçamento, bancado pelo governo. Para sua grande surpresa, depois de renunciar ao cargo de primeiro-ministro e retornar à Universidade de Streeling, a psico-história tinha crescido ainda mais. Hari fez uma careta involuntária quando lembrou do nome oficial, pomposo e trovejante, que seu trabalho havia adquirido: Projeto Seldon de Psico-História da Universidade de Streeling. A maioria do pessoal, contudo, dizia só “projeto”.

A junta militar aparentemente considerava o projeto uma possível arma política e, diante disso, subsidiá-lo não representava problema. Os fundos continuavam chegando, em abundância. Em troca, era preciso preparar relatórios anuais que, no entanto, eram bastante opacos. Eram citados apenas aspectos secundários e, ainda assim, a matemática apresentada dificilmente estaria ao alcance do entendimento de qualquer membro da junta.

Estava claro para Seldon, quando deixou seu antigo assistente, que pelo menos Amaryl estava mais do que satisfeito com os rumos que a psico-história estava tomando. Entretanto, Hari Seldon sentia o manto da depressão envolvendo-o, mais uma vez.

Então, concluiu que era a iminente comemoração do seu aniversário a razão de estar tão aborrecido. O evento era para ser uma celebração alegre, mas para Hari não chegava a ser nem um gesto de consolo: servia apenas para enfatizar sua idade.

Além do mais, atrapalhava sua rotina de trabalho e Seldon era uma criatura de hábitos. Seu escritório e algumas outras salas adjacentes tinham sido esvaziados, e já havia dias que ele estava impedido de trabalhar normalmente. Ele imaginava que o conjunto de seus gabinetes seria transformado em algum salão glorioso e que ainda se passariam alguns dias até que pudesse voltar a trabalhar. Somente Amaryl se recusara terminantemente a deixar suas instalações e conseguira segurar seu escritório como estava.

Irritado, Seldon ficou matutando de quem teria sido a ideia de fazer tudo aquilo. Claro que não tinha sido Dors. Ela o conhecia bem demais para fazer uma coisa dessas. Amaryl e Raych também não podiam ter sido, já que nenhum dos dois se lembrava nem do próprio aniversário. Ele desconfiava de Manella e chegara inclusive a interrogá-la a respeito.

Ela admitia que aprovava inteiramente a ideia e que dera autorização para todas as providências, mas informou que a ideia daquela festa de aniversário tinha sido sugerida por Tamwile Elar.

“O talentoso”, pensou Seldon. “Brilhante em todos os aspectos.”

Seldon suspirou fundo. Se pelo menos aquele aniversário já tivesse acabado.

7

Dors enfiou a cabeça pela fresta da porta.

– Posso entrar?

– Não, claro que não. Por que acha que eu permitiria?

– Este não é seu lugar habitual.

– Eu sei – disse Seldon, com um suspiro. – Fui expulso do meu lugar habitual por causa dessa estúpida festa de aniversário. Como eu

queria que já tivesse terminado...

– Bem feito para você. Quando aquela mulher mete uma ideia na cabeça, a coisa se instala e cresce como um *big bang*.

Seldon mudou de lado no mesmo instante.

– Ora, Dors, ela teve uma boa intenção.

– Proteja-me dos bem-intencionados – ela cortou. – De todo modo, vim aqui para falarmos de outra coisa. Algo que pode ser importante.

– Então, diga. O que é?

– Conversei com Wanda sobre o sonho que ela teve... – e Dors hesitou.

Seldon produziu um som gorgolejante no fundo da garganta e então falou:

– Não acredito! Esqueça e pronto.

– Não. Você chegou a se importar em pedir que ela lhe contasse o sonho em detalhes?

– E por que eu faria minha garotinha passar por isso?

– Raych e Manella também não indagaram. Sobrou para mim.

– E por que você quereria torturar Wanda com mais perguntas sobre o pesadelo?

– Porque tive a sensação de que deveria fazer isso – Dors respondeu, em tom sombrio. – Para início de conversa, ela não teve aquele sonho quando estava em casa, em sua própria cama.

– E onde ela estava, então?

– No seu escritório, Hari.

– E o que ela estava fazendo no meu escritório?

– Ela queria ver o lugar onde dariam a festa e entrou no seu escritório. Evidentemente, não havia nada para ser visto porque tinham esvaziado o recinto para iniciar os preparativos. Sua cadeira, porém, continuava lá. Aquela grande, alta, preta, com braços altos, caindo aos pedaços... aquela que você não me deixa trocar.

Hari suspirou, como se tivesse recordado uma polêmica antiga.

– A cadeira *não* está caindo aos pedaços e eu *não* quero uma nova. Mas prossiga.

– Ela se acomodou na sua cadeira e começou a matutar que você talvez não fosse realmente ter uma festa, e então se sentiu mal por isso. Então, ela me disse, ela acha que caiu no sono porque não tem mais nada claro em sua memória, exceto que, no sonho dela, havia dois homens (não duas mulheres, disso ela estava certa) conversando.

– E sobre o que falavam?

– Ela não sabe ao certo. Você sabe como é difícil lembrar detalhes nessas circunstâncias. Mas ela disse que era sobre morrer, e ela pensou que fosse com você porque você está velho. E de duas palavras ela se lembra claramente: “morte limonada”.

– O quê?

– Morte limonada.

– E o que isso quer dizer?

– Não sei. De todo modo, a conversa acabou, os dois homens saíram, e ela ficou na cadeira, com frio e assustada. E, desde então, está abalada.

Seldon refletiu sobre o que Dors lhe havia contado. Então perguntou:

– Olhe, querida, que importância se pode dar ao sonho de uma criança?

– Antes, Hari, podemos nos perguntar se de fato foi um sonho.

– O que você quer dizer?

– Wanda não afirma taxativamente que foi um sonho. Ela disse que “talvez tenha pegado no sono”. Palavras dela. Ela não afirma que adormeceu, só que *deve ter* caído no sono.

– E o que você deduz disso?

– Ela pode ter caído numa espécie de torpor e, nesse estado, ouviu dois homens (dois homens de verdade, não duas pessoas num sonho) conversando.

– Homens de verdade? Falando sobre me matar com “morte limonada”?

– Ou algo desse tipo, sim.

– Dors – Seldon disse de maneira incisiva –, eu sei que você está sempre alerta, prevendo perigos para mim, mas isso está indo longe demais. Por que alguém iria querer me matar?

– Já tentaram duas vezes.

– Sim, tentaram, mas veja em quais circunstâncias. A primeira tentativa foi logo depois de Cleon ter me nomeado primeiro-ministro. Naturalmente essa foi uma ofensa a uma hierarquia bem estabelecida na corte, e tinha muita gente revoltada comigo. Alguns então acharam que poderiam resolver o problema livrando-se de mim. A segunda vez foi quando os joranumitas estavam querendo tomar o poder e entenderam que eu estava atrapalhando, mais o sonho de vingança

arquitetado por Namarti. Felizmente, nenhum dos dois ataques teve êxito. Por que deveria agora haver um terceiro? Não sou mais primeiro-ministro, e faz dez anos que saí do cargo. Sou um matemático envelhecendo dia após dia, gozando de sua aposentadoria, e certamente ninguém me teme. Os joranumitas foram erradicados e destruídos, e Namarti foi executado há muito tempo. Não há absolutamente nenhuma motivação para alguém querer me matar. Portanto, Dors, por favor, relaxe. Quando você fica nervosa por minha causa, fica perturbada, isso a deixa ainda mais nervosa, e eu não quero que isso aconteça.

Dors se levantou da cadeira e se inclinou sobre a mesa onde Hari trabalhava.

– É fácil para você dizer que não existe motivo para matarem-no, mas não é preciso um motivo. Nosso governo agora tornou-se completamente irresponsável e se quiserem...

– Pare! – Seldon ordenou com voz firme e alta. Então, baixando o tom, acrescentou: – Nem mais uma palavra, Dors. Nenhuma palavra contra o governo. Isso pode nos trazer justamente esse problema que você está prevendo.

– Estou falando somente com você, Hari.

– Neste momento, está sim, mas se desenvolver o hábito de falar besteiras, não poderá saber quando vai dar com a língua nos dentes na presença de outra pessoa, de alguém que vai ficar feliz em delatar você. Procure aprender a não fazer comentários de teor político; é uma questão de necessidade.

– Vou tentar, Hari – Dors concedeu, mas não conseguiu controlar a indignação em sua voz. Girando nos calcanhares, ela deixou a sala.

Seldon olhou-a se afastar. Dors estava envelhecendo com muita elegância; tanta elegância, na verdade, que às vezes nem parecia ter envelhecido. Embora fosse dois anos mais nova do que Seldon, a aparência dela não havia mudado quase nada, nesses vinte e oito anos de união. Naturalmente.

O cabelo de Dors estava riscado com fios de prata, mas o brilho do cabelo jovem por baixo dos grisalhos ainda se mantinha perceptível. Sua tez se tornara mais pálida e sua voz um pouco mais áspera, e, evidentemente, ela usava roupas adequadas a uma senhora de meia-idade. Entretanto, seus movimentos continuavam tão ágeis e rápidos quanto antes. Era como se nada pudesse ter a chance de interferir em

sua habilidade de proteger Hari numa emergência.

Seldon suspirou. Essa história de ser protegido – mais ou menos contra a sua vontade, o tempo todo – às vezes era uma incumbência pesada.

8

Manella veio ver o sogro quase que imediatamente em seguida.

– Me perdoe, mas o que foi que Dors veio lhe dizer?

Seldon levantou os olhos. Uma interrupção atrás da outra.

– Nada importante. Era sobre o sonho de Wanda.

Manella franziu a boca.

– Eu sabia. Wanda comentou que Dors veio lhe fazer perguntas sobre isso. Por que ela não deixa a menina em paz? Faz a gente pensar que ter um pesadelo é algum tipo de crime.

– Na realidade – Seldon continuou, em tom apaziguador –, foi só uma questão de algo que Wanda recordou e fazia parte do sonho. Não sei se ela contou para você, mas parece que no sonho ela ouviu falarem de "morte limonada".

– Hmmm – Manella murmurou e então ficou em silêncio por alguns momentos. Depois, acrescentou: – Isso realmente não tem muita importância. Wanda adora limonada e está esperando que tenha bastante na festa. Prometi para ela que beberia limonada com gotas mycogenianas e ela está ansiosa por isso.

– Portanto, se ela ouviu qualquer coisa que se parecesse com "limonada", na cabeça dela isso seria traduzido como "limonada".

– Sim, por que não?

– Mas, nesse caso, o que você acha que *realmente* foi dito? Ela deve ter ouvido alguma coisa para poder reinterpretar de modo equivocado.

– Não acho que necessariamente tenha acontecido isso. Mas por que estamos dando tanta importância ao sonho de uma garotinha? Por favor, não quero mais ninguém falando com ela a esse respeito. É muito desagradável.

– Concordo. Vou falar com Dors para que deixe isso de lado... pelo menos com Wanda.

– Ótimo. Não ligo se ela é a avó de Wanda, mas eu sou a mãe e,

portanto, a minha vontade vem antes.

– Sem dúvida – Seldon anuiu, conciliador, e seguiu Manella com o olhar enquanto ela se afastava. Ali estava outro fardo: a interminável competição entre aquelas duas mulheres.

9

Tamwile Elar tinha trinta e seis anos e havia entrado no Projeto Seldon de Psico-História na posição de Matemático Sênior, quatro anos antes. Era um homem alto, com olhos constantemente brilhantes e um quê a mais do que o normal de autoconfiança.

Tinha cabelos castanhos levemente ondulados, cujo movimento era acentuado pelo comprimento longo do corte que usava. Ria de maneira abrupta, mas não havia defeitos que se pudessem encontrar em sua perícia como matemático.

Elar fora recrutado na Universidade de Mandanov Oeste, e Seldon sempre sentia vontade de rir quando se lembrava de como Yugo Amaryl desconfiara dele no começo. Mas, pensando bem, Amaryl desconfiava de todo mundo. Bem no fundo (Seldon estava certo disso), Amaryl achava que a psico-história deveria ter permanecido um reduto exclusivo dele e de Seldon.

Todavia, até mesmo Amaryl agora estava aberto a reconhecer que a inclusão de Elar no grupo tinha facilitado tremendamente a situação do próprio Yugo, levando-o a declarar:

– As técnicas que ele usa para evitar o caos são únicas e fascinantes. Ninguém mais no projeto conseguiria ter chegado a isso do jeito que ele fez. Certamente nada desse tipo jamais me ocorreu. E também nunca ocorreu a você, Seldon.

– Bom – Seldon remendou de mau humor –, estou ficando velho.

– Se, pelo menos, ele não risse tão alto – Amaryl se queixou.

– As pessoas não podem evitar rir do seu jeito.

Não obstante, a verdade era que Seldon percebia em seu íntimo uma relativa dificuldade para aceitar Elar. Era até mesmo humilhante que ele mesmo não tivesse chegado nem perto das “equações acaóticas”, como eram chamadas agora. Seldon não estava aborrecido por nunca ter pensado no princípio na base do Eletroclarificador, já que não era de fato sua área de atuação. Mas nas equações acaóticas

ele, de fato, deveria ter pensado, ou no mínimo ter-se aproximado de sua descoberta.

Hari tentou argumentar consigo mesmo. Depois de ter construído toda a base da psico-história, era natural que as equações acaóticas decorressem delas. Será que Elar poderia ter realizado o trabalho de Seldon três décadas antes? Ele estava convencido de que Elar não teria sido capaz. Seria então tão notável assim que Elar tivesse chegado ao raciocínio das equações acaóticas uma vez que suas bases estavam todas assentadas?

Todos esses comentários pareciam sensatos e muito verdadeiros, mas Seldon continuava se sentindo incomodado quando se via diante de Elar. Apenas ligeiramente irritadiço. A idade e o desgaste encarando a juventude e a exuberância.

Apesar de tudo, Elar nunca lhe dera nenhuma razão óbvia para sentir essa diferença de idades. Jamais deixara de manifestar total respeito por Seldon ou insinuara, de alguma maneira, que o idoso professor já havia deixado para trás seus anos mais profícuos.

Claro que Elar estava interessado nas próximas festividades e, como Seldon tinha descoberto, havia inclusive sido o primeiro a sugerir que o aniversário de Seldon fosse celebrado. (Seria essa uma maneira indigesta de enfatizar a idade dele? Seldon descartou essa possibilidade. Se acreditasse *nisso*, significaria que estava adotando uma parte das artimanhas da desconfiança típicas de Dors.)

Elar veio caminhando em sua direção e cumprimentou-o:

– Maestro... – e, como sempre, Seldon se retraiu. Ele preferia muito mais que os membros graduados do projeto o chamassem de Hari, mas esse detalhe parecia pequeno demais para merecer comentários.

– Maestro – Elar repetiu. – Estão dizendo que o senhor foi convocado para uma conferência com o General Tennar.

– Sim... ele é o novo chefe da junta militar e imagino que queria perguntar sobre do que trata a psico-história. Tem gente me perguntando isso mesmo desde os tempos de Cleon e Demerzel. (O novo chefe! Aquela junta era um verdadeiro caleidoscópio, em que alguns de seus membros periodicamente caíam em desgraça e outros surgiam do nada.)

– Mas, pelo que entendi, ele quer que o senhor se apresente agora, bem no meio da comemoração do seu aniversário.

– Isso não tem importância. Vocês todos podem comemorar sem

mim.

– Não, Maestro, não podemos. Espero que não se importe, mas alguns de nós nos reunimos e apresentamos uma petição ao palácio para adiar essa audiência por uma semana.

– O quê? – Seldon exclamou, alterado. – Seguramente um ato presunçoso da parte de vocês e, além do mais, arriscado.

– Mas deu tudo certo. Adiaram a audiência e o senhor vai precisar desse tempo extra.

– E por que eu precisaria de uma semana?

Elar hesitou.

– Posso falar francamente, Maestro?

– Claro que sim. Quando foi que pedi a alguém que falasse comigo senão com toda a franqueza?

Elar ficou levemente ruborizado, sua pele clara colorida de rosa, mas a voz continuava firme.

– Não é fácil dizer isto, Maestro. O senhor é um gênio da matemática. Ninguém no projeto tem dúvida quanto a isso. E ninguém no Império tampouco teria, se o conhecesse e entendesse de matemática. Contudo, ninguém pode ser um gênio universal.

– E eu sei disso tanto quanto você, Elar.

– Eu sei que o senhor sabe. Especificamente, porém, o senhor não tem habilidade para lidar com pessoas comuns, digamos, pessoas ignorantes. O senhor não tem a capacidade de ser tortuoso, de escorregar de lado um pouco. E, se estiver enfrentando alguém que tem poder dentro do governo e ao mesmo tempo é ignorante, o senhor pode facilmente colocar o projeto em risco e, com isso, a sua própria vida apenas por ser franco demais.

– Mas o que é isso? Por acaso de repente virei uma criança? Já lido com políticos há muito tempo. Eu fui primeiro-ministro durante dez anos, como talvez você possa se lembrar.

– Perdoe-me, Maestro, mas o senhor não se destacou por ter sido extraordinariamente eficiente. O senhor conviveu com o primeiro-ministro Demerzel, que era muito inteligente de acordo com todos os comentários, e com o Imperador Cleon, que era muito amistoso. Agora, terá pela frente militares que não são nem inteligentes, nem amistosos, ou seja, uma situação totalmente diferente.

– Já enfrentei militares e sobrevivi.

– Não o General Dugal Tennar. Ele é totalmente outra espécie de

pessoa. Eu o conheço.

– Você o conhece? Já se reuniu com ele?

– Não o conheço pessoalmente, mas ele é de Mandanov, o mesmo setor de onde eu venho, como o senhor sabe, e era poderoso lá antes de ter entrado para a junta militar e galgado posições nessa hierarquia.

– E o que você sabe a respeito dele?

– É ignorante, supersticioso e violento. Não é alguém fácil de se enfrentar, e nem é seguro. O senhor deve aproveitar essa semana a mais e preparar um método para lidar com ele.

Seldon mordeu o lábio inferior. Havia algo substancial no que Elar lhe dissera, e Seldon reconheceu o fato de que, embora tivesse seus próprios planos, ainda assim seria difícil tentar manobrar uma pessoa que se considerava importante, de pavio curto e que dispunha de um poder monumental que poderia colocar em prática a qualquer instante.

Inquieto, ele respondeu:

– Vou dar um jeito. Afinal, essa história toda da junta militar não passa de uma situação instável no Trantor de hoje em dia. Já durou mais do que o provável.

– Nós temos testado isso? Não me parece que estivemos tomando decisões de estabilidade a respeito da junta.

– Somente alguns poucos cálculos, na mão de Amaryl, usando as suas equações acaóticas. – Seldon fez uma pausa. – A propósito, encontrei referências a elas sob a denominação de Equações Elar.

– Não de minha autoria, Maestro.

– Espero que não se importe, mas não quero isso. Os elementos psico-históricos devem ser descritos em termos funcionais, não pessoais. Assim que ocorre a interferência da personalidade, brotam sentimentos nefastos.

– Compreendo e concordo inteiramente, Maestro.

– Inclusive – Seldon acrescentou, com uma pontada de culpa –, sempre achei errado falarmos daquelas equações básicas como Equações Seldon de Psico-História. O problema é que essa denominação está sendo usada há tantos anos que nem é mais prático tentar modificá-la.

– Se me permite dizer isto, Maestro, o senhor é um caso excepcional. Acho que ninguém irá questionar que o senhor receba

todos os créditos pela invenção da ciência da psico-história. Mas, se não se importa, gostaria de voltar ao assunto de sua audiência com o General Tennar.

– Bem... o que ainda falta para se falar?

– Fico pensando se não seria melhor que o senhor não o visse, não falasse com ele, não lidasse diretamente com ele.

– E como é que posso evitá-lo se ele me convoca para uma conferência?

– Talvez pudesse alegar um problema de saúde e enviar alguém em seu lugar.

– Quem?

Elar ficou calado por um momento, mas seu silêncio era eloquente.

O próprio Seldon respondeu:

– Você, imagino.

– Não seria a coisa certa a fazer? Sou um cidadão oriundo do mesmo setor que o general, o que pode acrescentar credibilidade. O senhor é ocupado, está ficando velho, e seria fácil acreditar que não está com a saúde em perfeitas condições. E, se eu for a essa audiência em seu lugar, por favor, me desculpe, Maestro, posso manobrar e manipular o general com mais facilidade do que o senhor.

– Mentir, você quer dizer.

– Se necessário.

– Você vai correr um imenso risco.

– Não tão grande... duvido que ele ordene a minha execução. Se ele ficar aborrecido comigo, como pode muito bem acontecer, então posso alegar, o senhor pode alegar em minha defesa, a inexperiência da juventude. De todo modo, se eu me meter numa enrascada, isso será muito menos perigoso do que se o senhor se encrencar. Estou pensando no Projeto, que pode seguir em frente sem mim com muito mais facilidade do que sem o senhor.

Seldon respondeu, franzindo a testa:

– Elar, eu não vou me esconder atrás de você. Se o homem quer me ver, ele me verá. Eu me recuso a tremer e recuar e pedir que você corra o risco no meu lugar. O que acha que eu sou?

– Um homem franco, honesto, num momento em que a necessidade é de alguém ardiloso.

– Darei um jeito de ser ardiloso, se for preciso. Por favor, Elar, não me subestime.

Elar encolheu os ombros, impotente.

– Muito bem, então. Só posso discutir esse assunto com o senhor até certo ponto.

– Inclusive, Elar, gostaria que você não tivesse adiado essa reunião. Preferia faltar ao meu aniversário e me avistar com o general a fazer o contrário. Esta festa de aniversário não foi ideia minha... – e a voz de Seldon foi sumindo até se tornar um resmungo.

– Lamento – disse Elar.

– Bem – Seldon continuou, resignado –, vamos ver o que acontece.

Virou-se e saiu. Às vezes, desejava ardentemente poder comandar o que se chamava de "tropa enxuta", tendo certeza de que tudo acontecesse da maneira como ele queria, deixando bem pouco espaço para que seus subordinados tomassem atitudes independentes. Fazer isso, porém, representaria um enorme dispêndio de tempo e energia, e o privaria de toda a possibilidade de trabalhar pessoalmente na psico-história; além disso, não tinha de jeito nenhum o temperamento para essa espécie de comando.

Seldon suspirou. Teria de falar com Amaryl.

10

Seldon adentrou o escritório de Amaryl sem se fazer anunciar.

– Yugo – ele disparou, abruptamente –, a audiência com o General Tennar foi adiada. – Ele então se sentou, com expressão rabugenta.

Amaryl levou alguns segundos para desligar os pensamentos do trabalho. Levantando os olhos afinal, perguntou:

– E qual foi a desculpa?

– Não fui eu. Alguns matemáticos do nosso grupo providenciaram uma semana de adiamento para que a audiência não atrapalhasse a comemoração do meu aniversário. Acho tudo isso um enorme transtorno.

– E por que você deixou que fizessem isso?

– Não deixei. Eles simplesmente tomaram a iniciativa e *providenciaram* tudo. – Seldon deu de ombros. – De certo modo, é minha culpa. Fiquei choramingando durante tanto tempo que ia completar sessenta anos que todos resolveram me animar com uma festa.

– Sem dúvida podemos aproveitar essa semana – argumentou Amaryl.

Seldon se sentou mais para a frente, imediatamente tenso:

– Algum problema?

– Não, nada que eu consiga enxergar, mas não será de todo mal examinarmos as coisas mais a fundo. Veja, Hari, esta é a primeira vez em praticamente trinta anos que poderemos efetivamente fazer uma previsão. Não é lá grande coisa (uma pequenina parcela do vasto continente da humanidade), mas é o melhor que já fizemos até agora. Muito bem. Queremos aproveitar a chance e ver como funciona, provando para nós mesmos que a psico-história é aquilo que pensamos: uma ciência de previsões. De modo que não fará mal termos certeza de que não deixamos nada de lado. Até mesmo esse pedacinho de previsão é complexo e darei boas-vindas a uma semana a mais de estudos.

– Ora, pois muito bem. Vou consultá-lo a esse respeito antes de seguir para a conferência com o general para verificar as modificações de último minuto que tiverem sido feitas. Enquanto isso, Yugo, não deixe que nenhuma informação sobre isso vaze para os demais: para absolutamente *ninguém*. Se a coisa fracassar, não quero o pessoal do projeto decepcionado, desanimado. Você e eu engoliremos esse fracasso e continuaremos tentando.

Um raro sorriso maroto atravessou o semblante de Amaryl.

– Você e eu. Você se lembra de quando realmente éramos só nós dois?

– Lembro muito bem e não acho que sinto saudade daqueles tempos. Não tínhamos muito com que trabalhar...

– Não havia o Primeiro Radiante, e muito menos o Eletroclarificador.

– Mas foram dias felizes.

– Felizes – concordou Amaryl com um movimento de cabeça.

11

A universidade tinha sido transformada e Hari Seldon não pôde se abster de ficar contente.

As salas centrais do complexo do projeto tinham de repente se

tornado explosões de cores e luzes, cheias de holografias ocupando o ar com imagens tridimensionais variadas de Seldon em diversos lugares e momentos. Lá estavam Dors Venabili sorrindo, parecendo um pouco mais jovem; Raych ainda adolescente, longe de refinado; e Seldon e Amaryl com aparência incrivelmente jovem, debruçados sobre seus computadores. Houve inclusive uma imagem passageira de Eto Demerzel, suficiente para encher o coração de Seldon de saudades do velho amigo e da segurança que ele havia provado, antes da partida de Demerzel.

O Imperador Cleon não apareceu em nenhuma das holografias. Não porque não existissem imagens dele nesse meio, mas porque não seria de bom tom, dado o regime militar da junta, lembrar as pessoas do passado do Império.

Todo aquele material era vertido no ar em ondas sucessivas que transbordavam e inundavam uma sala atrás da outra, um prédio após o outro. De alguma maneira, tinham achado tempo para converter a universidade inteira num mostruário que Seldon nunca havia visto, nem sequer imaginado que fosse possível. Até mesmo as luzes do domo tinham sido escurecidas para produzir uma noite artificial como fundo contra o qual a universidade continuaria resplandecendo por três dias.

– Três dias! – Seldon exclamou, meio impressionado, meio horrorizado.

– Três dias – confirmou Dors Venabili, movendo a cabeça. – A universidade não quis saber de menos.

– Os custos! O trabalho! – Seldon lembrou, com uma careta.

– Custos mínimos – Dors retificou –, comparando com o que você fez pela universidade. E o trabalho foi todo executado por voluntários. Os alunos apareceram e cuidaram de tudo.

Surgia agora uma perspectiva da universidade vista do alto, em visão panorâmica, e Seldon contemplou-a com um sorriso que se abria à força em seu rosto.

– Você está contente – Dors reparou. – Não fez nada além de se mostrar ranzinza nos últimos meses, repetindo que não queria saber de nenhuma comemoração porque tinha se tornado oficialmente um homem idoso, e olha só a cara que está fazendo agora!

– Bem, tudo isso é muito lisonjeiro. Não tinha ideia de que fariam algo assim.

– E por que não? Você é um ícone, Hari. O mundo inteiro... o Império inteiro sabe de você.

– Ah, não sabem, não – discordou Seldon com um vigoroso movimento da cabeça. – Nem uma única pessoa em um bilhão sabe alguma coisa de mim, e certamente não sobre a psico-história. Ninguém afora o pessoal do projeto tem a mais mínima noção de como a psico-história funciona, assim como também não sabem todos os que estão envolvidos.

– Isso não importa, Hari. É *você*. Até mesmo os quatrilhões de criaturas que não sabem nada sobre você ou o seu trabalho sabem que Hari Seldon é o maior matemático de todo o Império.

– Bom – Seldon disse enquanto olhava à sua volta –, eles certamente estão me fazendo sentir desse jeito, agora. Mas três dias e três noites! Este lugar ficará reduzido a pó.

– Não ficará, não. Todos os registros foram guardados em local seguro. Os computadores e outros equipamentos foram protegidos. Os alunos criaram uma força de segurança virtual que impedirá qualquer espécie de dano.

– E você cuidou pessoalmente para que tudo isso acontecesse, não foi, Dors? – Seldon indagou, sorrindo afetuosamente para ela.

– Algumas pessoas se incumbiram disso. De modo nenhum fui só eu. Seu colega Tamwile Elar se dedicou com um zelo inacreditável.

Seldon fechou a cara.

– Qual o problema com Elar? – Dors quis saber.

– Ele fica me chamando de “Maestro” – reclamou Seldon.

Dors anuiu.

– Bem, de fato esse é um crime terrível.

Seldon ignorou o sarcasmo e completou:

– E ele é jovem.

– Piora a cada minuto. Ora, Hari, convenhamos, você vai ter de aprender a envelhecer com elegância e, para começar, terá de demonstrar que está passando bons momentos. Isso deixará os outros contentes e aumentará sua satisfação, algo que você sem dúvida deseja. Vamos, vamos. Visitemos os outros lugares. Não fique aqui, escondido comigo. Cumprimente todos. Sorria. Pergunte como estão passando. E, lembre-se: depois do banquete você terá de fazer um discurso.

– Detesto banquetes e detesto mais ainda discursos!

– Mesmo assim, terá de fazer um. Agora, mexa-se!

Seldon soltou um suspiro dramático e fez o que ela mandou. Quando se colocou sob a arcada do corredor que dava acesso ao salão principal, sua silhueta sem dúvida criava uma imagem impressionante. Não havia mais os mantos volumosos dos tempos de primeiro-ministro, assim como os trajes da moda heliconiana que tinha adotado em sua juventude. Agora, Seldon vestia um traje que manifestava o *status* elevado de que gozava: calças de corte reto, com vinco impecável, e uma túnica modificada. Bordada em fios de prata sobre o coração estava a insígnia PROJETO SELDON DE PSICO-HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE STREELING. As letras cintilavam como um farol em contraste com o tom cinza-titânio que conferiam tanta dignidade aos seus trajes. Os olhos de Seldon brilhavam em seu rosto agora vincado pela idade. Suas rugas e seus cabelos brancos diziam bem a idade que havia atingido.

Ele entrou na sala onde as crianças estavam festejando. O espaço tinha sido quase todo desocupado, exceto por aparadores para as travessas de comida. As crianças vieram correndo até ele assim que o viram, sabendo com certeza que ele era a razão daquela festa, e Seldon tentou evitar que aquelas mãozinhas o agarrassem.

– Esperem um pouco, crianças, esperem um pouco – ele disse. – Fiquem ali, paradinhas.

Ele tirou um pequeno robô computadorizado do bolso e colocou-o no chão. Num Império que não possuía robôs, aquilo era uma coisa que ele certamente sabia ser capaz de fazê-las arregalar os olhos. Tinha o formato de um animal pequeno e peludo, mas também a capacidade de mudar de forma de repente (provocando gritos excitados e risadas entre as crianças toda vez que realizava tais mudanças) e, quando isso acontecia, os movimentos e sons também mudavam.

– Olhem, brinquem com ele e tentem não quebrá-lo, crianças – Seldon instruiu. – Mais tarde, cada um de vocês vai ganhar o seu.

Ele foi para o corredor que seguia até o salão principal e, enquanto andava naquela direção, percebeu que Wanda o seguia.

– Vovô – ela chamou.

Bom, claro que Wanda era diferente. Ele se abaixou para pegá-la e ergueu-a bem alto no ar, girou-a e então colocou-a de novo no chão.

– Está se divertindo, Wanda? – perguntou Seldon.

– Sim – ela respondeu –, mas não entre naquela sala.

– Por que não, Wanda? É a minha sala. É o escritório onde eu trabalho.

– É onde eu tive aquele sonho ruim.

– Eu sei, Wanda, mas aquilo já passou, não é? – Ele hesitou, e então levou Wanda até uma das cadeiras enfileiradas no corredor. Sentou-se ali e colocou-a no colo.

– Wanda, você tem certeza de que foi um sonho? – ele indagou.

– Acho que foi um sonho.

– Você estava mesmo dormindo?

– Acho que sim.

Ela parecia incomodada em falar sobre isso e Seldon também começou a achar que não fazia sentido continuar insistindo. Então, perguntou:

– Bom, se foi um sonho ou não, havia dois homens falando sobre morte limonada, certo?

Wanda anuiu, relutante.

Seldon insistiu só mais uma vez:

– Tem certeza de que eles falaram “limonada”?

Wanda confirmou de novo.

– Será que eles teriam dito alguma outra coisa e você achou que era “limonada”?

– Eles disseram “limonada”.

Seldon tinha de se contentar com isso.

– Bom, pode ir e divirta-se, Wanda, e esqueça esse sonho.

– Tá bom, vovô – ela tornou a se mostrar alegre assim que aquela questão do sonho foi encerrada e seguiu para participar da festa.

Seldon foi procurar Manella. Custou-lhe um tempo extraordinariamente longo encontrá-la já que, a cada passo, ele era interrompido, cumprimentado e envolvido numa conversa.

Finalmente, viu-a a uma relativa distância. Murmurando “com licença... com licença... tem uma pessoa que eu preciso... com licença...”, acabou abrindo caminho até onde ela estava, apesar de uma considerável dificuldade.

– Manella – ele chamou e puxou-a de lado, sorrindo mecanicamente em todas as direções.

– Sim, Hari – respondeu Manella. – Algum problema?

– É o sonho de Wanda.

– Não me diga que ela ainda está falando disso.

– Bom, ainda está incomodando a menina. Ouça, fizeram limonada para servir na festa, não é?

– Claro que sim, as crianças adoram. Acrescentei duas dúzias de botões de sabor diferentes de Mycogen a cada copinho, cada um de um formato, e as crianças experimentam um depois do outro para saber qual tem sabor melhor. Os adultos também estão bebendo limonada. Por que você não prova, Hari? Está uma delícia.

– Estou pensando... se não foi um sonho, se Wanda realmente ouviu dois homens falando de morte limonada... – e ele parou, como se estivesse com vergonha de continuar falando.

– Você está achando que alguém pode ter envenenado a limonada? – interveio Manella. – Isso é ridículo. A esta altura, todas as crianças que estão aqui já estariam morrendo ou passando muito mal.

– Eu sei – Seldon resmungou –, eu sei.

Então saiu andando e quase não reparou em Dors quando passou por ela. Ela o pegou pelo cotovelo.

– Por que essa carranca? – ela indagou. – Você parece aflito.

– Estava pensando na morte limonada de Wanda.

– Eu também, mas não consegui entender nada disso até agora.

– Não posso parar de pensar na possibilidade de um envenenamento.

– Pare. Garanto a você que cada pedacinho de comida que entrou nesta festa foi analisada em nível molecular. Eu sei que você vai pensar que essa é a minha típica atitude paranoica, mas minha missão é proteger você e é isso que devo fazer.

– E tudo está...

– Livre de veneno, garanto a você.

Seldon sorriu.

– Muito bem, então. Isso é um alívio. Eu realmente não estava achando...

– Vamos esperar que não – Dors cortou, rispidamente. – O que me deixa muito mais preocupada agora do que essa história de veneno é que fiquei sabendo que você vai ter uma reunião com aquele monstro Tennar daqui a poucos dias.

– Não o chame de monstro, Dors. Cuidado. Estamos rodeados por ouvidos e línguas.

Dors imediatamente baixou seu tom de voz.

– Imagino que você esteja certo. Olhe à sua volta. Todos esses rostos sorridentes, e no entanto quem pode saber quais dos nossos "amigos" estarão fazendo um relatório ao chefe e seus capangas, quando a noite estiver encerrada? Ah, os humanos! Mesmo depois desses milhares de séculos é duro pensar que ainda existam traições tão baixas. Tudo isso me parece tão desnecessário! E eu sei o dano que podem causar. É por isso que devo ir com você, Hari.

– Dors, isso é impossível. Apenas complicaria ainda mais as coisas para mim. Irei sozinho e não terei nenhum problema.

– Você não tem a menor noção de como lidar com o general.

Seldon pareceu tenso.

– E *você* sabe? Você está falando exatamente como Elar. Ele também está convencido de que sou um velho idiota e desamparado. Ele também quer ir comigo... ou, melhor, no meu lugar. Fico pensando sobre quantas pessoas existem em Trantor ansiosas para ocupar o meu lugar – ele disse, com evidente sarcasmo. – Seriam dúzias ou milhões?

12

Durante dez anos o Império Galáctico ficou sem Imperador, mas não havia sinais desse fato a julgar pelo modo como funcionava o complexo dos jardins do Palácio Imperial. Milênios de hábitos tinham tornado sem sentido a ausência de um Imperador.

Naturalmente, isso significava que não havia uma figura usando mantos imperiais para presidir as formalidades de todos os tipos, nem uma voz imperial dando ordens. Não havia desejos imperiais a serem atendidos, nem satisfações ou aborrecimentos imperiais a serem manifestados. Nenhum dos palácios era aquecido pelos prazeres imperiais, assim como nenhuma doença imperial tornava os ambientes sombrios. Os aposentos privados do imperador no pequeno palácio estavam vazios, pois a família imperial não existia.

Não obstante, o exército de jardineiros mantinha as áreas abertas em perfeitas condições. Uma tropa de serviçais conservava os edifícios em absoluta ordem. A cama do Imperador – onde ninguém havia dormido – era refeita com lençóis limpos todos os dias. Os aposentos eram faxinados, tudo funcionava como sempre tinha funcionado, e toda a equipe imperial, do mais alto ao mais baixo escalão, trabalhava

como sempre. Os oficiais mais graduados davam ordens como teriam feito se o Imperador estivesse vivo, as ordens que sabiam que o Imperador teria dado. Em muitos casos, em especial nos escalões mais graduados, o pessoal era ainda o mesmo que no último dia de vida de Cleon. Os novos funcionários contratados eram cuidadosamente moldados e treinados segundo as tradições a que teriam de servir.

Era como se o Império, acostumado com o regime de um Imperador, insistisse em dar prosseguimento ao seu "comando fantasma" para manter o Império coeso.

A junta sabia disso, ou, se não sabia, pressentia-no vagamente. Naqueles dez anos, nenhum dos militares que haviam comandado o Império tinha se mudado para os aposentos privados do Imperador no pequeno palácio. Independentemente do que fossem esses homens, eles não eram imperiais e sabiam que ali não tinham nenhum direito. A população que tinha aceitado a perda de sua liberdade civil não toleraria o menor sinal de desrespeito para com o Imperador, estivesse ele vivo ou morto.

Nem mesmo o general Tennar havia se mudado para a elegante edificação que havia abrigado os Imperadores de pelo menos doze dinastias, ao longo de tanto tempo. Ele estabelecera sua casa e seu gabinete num dos prédios erguidos na periferia dos jardins. Era uma monstruosidade que, porém, fora construída para servir como uma fortaleza, robusta o suficiente para enfrentar um estado de sítio, cercada por outros prédios onde estava alojada uma força gigantesca de guardas.

Tennar era um homem corpulento, que usava bigode. Não era aquele abundante e vigoroso bigode dahlita que transbordava sobre os lábios, mas um bigode cuidadosamente aparado e ajustado ao contorno do lábio superior, deixando uma faixa de pele entre os pelos e a comissura do lábio. Era ruivo e tinha frios olhos azuis. Provavelmente fora um belo rapaz em sua juventude, mas agora seu rosto estava inchado e os olhos não passavam de frestas que manifestavam raiva com mais frequência do que qualquer outra emoção.

Por isso, ele disse, enfurecido – como poderia dizer quem quer que se achasse o senhor absoluto de milhões de mundos e que ainda assim não ousava se intitular Imperador –, a Hender Linn:

– Posso fundar a minha própria dinastia. – Olhando em torno com

desdém, completou: – Este local não é condizente com o dono do Império.

– Ser dono é o que importa – Linn observou em tom moderado. – Melhor ser dono de um cubículo do que testa de ferro num palácio.

– Melhor ainda é ser dono num palácio. Por que não?

Linn detinha o título de coronel, mas era certo que jamais estivera envolvido em alguma operação militar. Sua função consistia em falar para Tennar o que este queria ouvir, e também transmitir aos outros as ordens do general, sem mudar uma vírgula. Às vezes, se parecesse seguro, ele podia tentar convencer Tennar a seguir por um caminho mais prudente.

Linn era bastante conhecido como o "lacaio de Tennar", e sabia que era assim que o chamavam. Ele não se importava. No posto de lacaio, estava a salvo, e já havia testemunhado a queda daqueles que tinham sido orgulhosos demais para ser lacaios.

Haveria naturalmente de chegar o momento em que o próprio Tennar seria enterrado no meio do sempre mutável panorama da junta, mas, com espírito até filosófico, Linn achava que estaria consciente desse momento iminente a tempo de salvar o próprio pescoço. Ou talvez não. Para tudo havia um preço.

– Não há motivo pelo qual o senhor não possa fundar uma dinastia, general – Linn salientou. – Muitos outros fizeram isso no decurso da história imperial. Mesmo assim, leva tempo. As pessoas são lentas para se adaptar. Na maioria das vezes, apenas o segundo ou o terceiro membro de uma dinastia é que se torna plenamente aceito como Imperador.

– Não creio nisso. Preciso somente me anunciar como o novo Imperador. Quem ousará questionar? Meu controle é firme.

– De fato é, general. Seu poder não é questionado em Trantor nem na maioria dos Mundos Interiores, mas é possível que muitos outros mundos nas regiões mais remotas dos Mundos Exteriores não o reconheçam, por ora, nem aceitem uma nova dinastia imperial.

– Mundos Interiores, Mundos Exteriores: a força militar rege todos eles. Essa é uma antiga máxima imperial.

– E sensata – concordou Linn –, mas muitas províncias têm suas próprias forças armadas, hoje em dia, que podem não usar em nosso benefício. O momento é difícil.

– Você recomenda cautela, portanto.

– Sempre recomendo cautela, general.

– E algum dia você vai exagerar nessa recomendação.

Linn curvou a cabeça.

– Posso recomendar somente aquilo que me parece bom e proveitoso para o senhor, general.

– Como essa sua insistência a respeito do tal Hari Seldon.

– Ele é o seu maior perigo, general.

– Você vive repetindo isso. Mas não me parece. Ele é só um professor universitário.

– De fato é, mas já foi primeiro-ministro – emendou Linn.

– Eu sei, mas isso foi na época de Cleon. Ele fez alguma coisa desde então? Se a época é difícil, se os governadores das províncias podem se dissociar e tornar-se independentes, por que um professor seria meu maior perigo?

Com muito tato, pois era preciso cuidado ao se esclarecer alguma coisa para aquele general, Linn explicou:

– Às vezes, é um erro supor que um homem discreto e calado não seja capaz de causar danos. Seldon tem sido tudo menos inócuo para aqueles aos quais se opôs. Há vinte anos, o movimento joranumita quase destruiu o poderoso primeiro-ministro de Cleon, Eto Demerzel.

Tennar aquiesceu, mas as leves rugas em sua testa indicavam que ele estava tendo dificuldade para se lembrar da questão.

– Foi Seldon quem destruiu Joranum e que sucedeu Demerzel no posto de primeiro-ministro. O movimento joranumita porém sobreviveu e Seldon tornou a engendrar sua destruição, mas não antes que tivessem conseguido chegar ao assassinato de Cleon.

– Seldon sobreviveu, não foi?

– O senhor está perfeitamente correto. Seldon sobreviveu.

– Isso é estranho. Ter permitido o assassinato do Imperador deveria ter significado a morte para o primeiro-ministro.

– Sim, deveria, não obstante a junta permitiu-lhe que continuasse vivo. Pareceu mais sensato agir assim.

– Por quê?

Linn deu um suspiro que passou despercebido.

– Existe uma coisa chamada psico-história, general.

– Não sei nada sobre isso – respondeu Tennar, friamente.

Na realidade, tinha uma vaga lembrança de Linn ter tentado falar com ele, em diversas oportunidades, a respeito dessa peculiar

sequência de sílabas. Ele nunca mostrara vontade de ouvir, e Linn tivera o bom senso de não insistir no assunto. Tennar não queria ouvir agora, mas parecia haver uma urgência subliminar nas palavras de Linn. Talvez, Tennar ponderou, fosse melhor ouvir agora.

– Praticamente ninguém sabe coisa alguma a esse respeito – Linn acrescentou –, mas há alguns intelectuais, se podemos chamá-los assim, que a consideram interessante.

– E o que é?

– Um sistema complexo de matemática.

Tennar balançou a cabeça.

– Deixe-me fora disso, por favor. Eu posso contar divisões militares. Essa é toda a matemática de que preciso.

– O que dizem é que a psico-história pode tornar possível prever o futuro – insistiu Linn.

Os olhos de Tennar quase saltaram para fora das órbitas.

– Você quer dizer que esse Seldon é um adivinho?

– Não no sentido usual. É uma disciplina científica.

– Não acredito.

– É difícil de acreditar, mas Seldon se tornou uma espécie de figura *cult* aqui em Trantor e em alguns lugares dos Mundos Exteriores. Agora, a psico-história (se puder ser usada para prever o futuro, ou mesmo se o povo apenas acreditar que possa ser usada para esse fim) pode se tornar uma ferramenta poderosa com a qual sustentar o regime. Estou certo de que o senhor já vislumbrou essa possibilidade, general. Basta apenas que alguém faça a previsão de que nosso regime durará e oferecerá paz e prosperidade para o Império. Quando o povo acreditar nisso, ajudará a tornar essa profecia realidade. Por outro lado, se Seldon desejar o contrário, ele pode prever uma guerra civil e a ruína. As pessoas também acreditarão nisso e assim o regime será desestabilizado.

– Nesse caso, coronel, simplesmente tomaremos providências para que as previsões da psico-história sejam aquilo que queremos que sejam.

– Teria de ser Seldon a fazê-las, e ele não é amigo do regime. É importante que façamos uma diferença entre Hari Seldon e o projeto no qual ele está trabalhando na Universidade de Streeling para aperfeiçoar a psico-história. A psico-história pode ser extremamente útil para nós, mas somente se alguém que não Seldon estiver no

comando da pesquisa.

– E há outros que poderiam ocupar essa posição?

– Ah, sim. Só é necessário nos livrarmos de Seldon.

– E qual é a grande dificuldade disso? Uma ordem de execução e está tudo resolvido!

– Seria melhor, general, se o governo não fosse visto pelo público como participante ativo dessa solução.

– Explique-se!

– Tomei providências para que ele venha a uma audiência com o senhor, assim lhe será possível usar seu talento para sondar a personalidade de Seldon. Então, poderá avaliar melhor se algumas sugestões que tenho em mente valem ou não a pena.

– E quando é que essa audiência acontecerá?

– Iria acontecer em breve, mas os representantes dele no projeto solicitaram mais alguns dias de adiamento porque estavam preparando a comemoração dos sessenta anos do professor, ao que parece. Pareceu-me prudente concordar com isso e autorizar uma semana de adiamento.

– Por quê? – Tennar exigiu saber. – Não gosto de nenhuma demonstração de fraqueza.

– Com razão, general, com razão. Como sempre, sua reação imediata é correta. No entanto, pareceu-me que, dadas as necessidades do Estado, poderia ser preciso saber o que a comemoração desse aniversário, que acontece neste exato momento, talvez envolvesse.

– Por quê?

– Todas as informações são úteis. O senhor gostaria de assistir a uma parte dos festejos?

A expressão do general Tennar continuou sombria.

– É necessário?

– Creio que o senhor achará interessante, general.

A reprodução – de som e imagem – era excelente e, por algum tempo, a alegria da comemoração do aniversário encheu aquele recinto bastante espartano onde estava instalado o general.

A voz baixa de Linn acrescentou um comentário:

– A maior parte disto está acontecendo dentro do complexo do projeto, mas o restante da universidade está envolvido. Em alguns momentos, receberemos uma imagem do alto e o senhor poderá perceber ampla área coberta por essa comemoração. De fato, embora

eu não tenha as evidências à minha disposição neste exato momento, há alguns recantos esparsos do planeta, várias universidades e em alguns setores, onde também estão ocorrendo o que poderíamos chamar de “comemorações solidárias” de algum tipo. A celebração está em andamento e durará pelo menos mais um dia.

– Você está me dizendo que essa comemoração está ocorrendo em Trantor como um todo?

– De maneira especializada. As festividades afetam principalmente a classe intelectual, mas estão surpreendentemente espalhadas. Pode inclusive acontecer de outros mundos, além de Trantor, se envolverem na comemoração.

– Onde você obteve esta reprodução?

Linn sorriu.

– Nossas instalações no projeto são muito boas. Temos fontes confiáveis de informação, de modo que ocorrem poucas coisas das quais não tomamos conhecimento no mesmo instante.

– Bom, Linn, então quais são as suas conclusões a respeito disso?

– General, me parece, e tenho certeza de que lhe parece tambem, que esse Hari Seldon é o alvo de um culto à personalidade. Ele está tão identificado com a psico-história que, se conseguíssemos nos livrar dele de uma maneira não muito ostensiva, conseguiríamos destruir inteiramente a credibilidade dessa ciência. Ela se tornaria inútil para nós. Por outro lado, Seldon está envelhecendo e não é difícil imaginar que seja substituído por outro homem, por alguém que poderíamos escolher, que fosse simpático aos nossos grandes ideais e projetos para o Império. Se Seldon puder ser afastado de tal maneira que pareça natural, então isso é tudo de que precisamos.

– E você acha que eu devo ter uma entrevista com ele? – indagou Tennar.

– Sim, a fim de avaliá-lo e decidir sobre o que deveremos fazer. Mas precisamos ter cautela, pois ele é um homem popular.

– Já lidei com homens populares antes – Tennar arrematou em tom ameaçador.

13

– Sim – suspirou Hari Seldon, esgotado. – Foi um grande triunfo.

Foi uma experiência maravilhosa. Mal posso esperar até completar setenta anos para poder repeti-la, mas o fato é que estou exausto.

– Então, tenha uma boa noite de sono, papai – sugeriu Raych, sorridente. – Essa é uma cura fácil.

– Não sei se poderei relaxar muito quando tenho uma reunião com nosso líder daqui a poucos dias.

– Sozinho, não; você não o verá sozinho – Dors Venabili atalhou de mau humor.

Seldon franziu a testa.

– Não diga isso de novo, Dors. É importante que eu vá ao encontro dele sozinho.

– Você sozinho lá não é uma situação segura. Lembra-se do que aconteceu há dez anos quando você se recusou a me deixar ir receber os novos jardineiros?

– Não há chance nenhuma de eu me esquecer quando você me lembra disso, pelo menos, duas vezes por semana, Dors. Neste caso, porém, pretendo ir só. O que ele poderá fazer comigo se apareço como um velho, perfeitamente inofensivo, só para descobrir o que ele quer?

– E o que você acha que ele quer? – Perguntou Raych, mordendo os nós dos dedos.

– Imagino que ele queira o que Cleon sempre quis. Ele vai acabar dizendo que descobriu que a psico-história pode prever o futuro de algum modo e vai querer usá-la para seus propósitos particulares. Eu afirmei a Cleon que a ciência ainda não estava em condições de fazê-lo, há trinta anos, e continuei lhe dizendo a mesma coisa durante todo o tempo em que fui primeiro-ministro. Agora, tenho de repetir ao general Tennar os mesmos argumentos.

– E como saberá que ele acreditou em você? – perguntou Raych.

– Pensarei em alguma maneira de ser convincente.

– Não quero que você vá sozinho – insistiu Dors.

– Não faz a menor diferença que você assim queira, Dors.

Nessa altura, Tamwile Elar interrompeu para comentar:

– Sou a única pessoa aqui que não pertence à família. Não sei se uma observação da minha parte seria bem-vinda.

– Vá em frente – Seldon autorizou. – Se um fala, todos falam.

– Gostaria de sugerir um acordo. Por que alguns de nós não vamos junto com o Maestro? Um bom número? Podemos nos comportar como sua escolta triunfal, uma espécie de *grand finale* para as

comemorações do aniversário. Bem, só mais um esclarecimento. Não estou dizendo que vamos invadir o gabinete do general. Não estou nem dizendo que vamos adentrar os jardins do Palácio Imperial. Podemos apenas ocupar alguns quartos no Setor Imperial, no limite dos jardins (o Hotel Dome's Edge me parece perfeito para essa ocasião), e nos permitiremos um dia de lazer.

– *Isso* é exatamente o que mais preciso – Seldon bufou. – Um dia de lazer.

– Mas não o senhor, Maestro – Elar corrigiu imediatamente. – O senhor se encontrará com o general Tennar. O restante de nós, no entanto, dará aos habitantes do Setor Imperial uma noção de sua popularidade, e talvez o general também repare nisso. E, se ele souber que estamos todos ali aguardando o seu retorno, isso pode impedi-lo de tentar algo desagradável.

Depois dessas palavras desceu um considerável silêncio sobre o grupo. Finalmente, Raych falou:

– Para mim é muito exibicionismo. Não corresponde à imagem que o mundo faz do meu pai.

– Não estou interessada na *imagem* de Hari – Dors contrapôs. – Estou interessada na *segurança* dele. O que me parece é que, se não podemos invadir o local onde está o general, nem os jardins imperiais, então nos acumularmos, por assim dizer, tão perto do general quanto pudermos pode ser útil a nós. Obrigada, dr. Elar, por sua sugestão tão boa.

– Não quero que façam isso – Seldon resolveu.

– Mas eu quero – rebateu Dors. – E se isso é o mais perto que eu consigo chegar de lhe oferecer proteção pessoal, então insisto que devemos fazer isso.

Manella, até então ouvindo aquilo tudo sem nenhum comentário, interveio:

– Visitar o Hotel Dome's Edge pode ser muito divertido.

– Não estou pensando em diversão – Dors cortou –, mas aceito seu voto a favor.

E foi isso. No dia seguinte, cerca de vinte integrantes do escalão mais alto do Projeto de Psico-História deram entrada no Hotel Dome's Edge, ocupando quartos com vista para as áreas abertas dos jardins do Palácio Imperial.

Ao entardecer do dia seguinte, Seldon foi levado pelos guardas

armados do general até o local da reunião.

Quase simultaneamente, Dors Venabili desapareceu, mas sua ausência não foi percebida por muito tempo. E, quando notaram que ela não estava em nenhum lugar, ninguém sabia dizer o que tinha acontecido com ela e a atmosfera festiva e jovial que havia predominado no grupo logo se transformou em apreensão.

14

Dors Venabili tinha morado no complexo do Palácio Imperial por dez anos. Como esposa do primeiro-ministro, tinha acesso irrestrito aos jardins e podia passar do domo para o ar livre usando suas digitais como passe.

Na confusão que se seguira ao assassinato do Cleon, seu passe não fora revogado e agora, pela primeira vez desde aquele dia fatídico, quando quis passar do domo para a área ao ar livre, percebeu que podia fazê-lo.

Ela sempre soubera que poderia fazê-lo com essa facilidade somente uma vez, pois, assim que a descobrissem, esse passe seria cancelado; mas aquela era a ocasião que justificava usá-lo.

O céu escureceu de repente, quando ela saiu para a área descoberta, registrou uma nítida diminuição da temperatura. O mundo sob o domo sempre era mantido um pouco mais iluminado durante a noite do que na noite natural, e durante o dia era mantido um pouco mais na penumbra. E, naturalmente, a temperatura sob o domo sempre era um pouco mais amena do que ao ar livre.

A maioria dos trantorianos não tinha noção disso, pois passavam a vida toda sob o domo. Para Dors, era algo que ela esperava, mas que realmente não fazia diferença.

Ela pegou a via central, que seguia a abertura do domo em frente ao Hotel Dome’s Edge. A rodovia estava feericamente iluminada, como era de se esperar, para que a escuridão do céu não importasse em nada.

Dors sabia que não seria capaz de avançar nem cem metros pela estrada sem ser detida, ou ainda antes, dada a paranoia praticada pela junta em vigor. Sua presença estrangeira seria detectada de imediato.

Ela não se decepcionou. Um carro terrestre pequeno se aproximou

e o guarda condutor gritou pela janela:

– O que está fazendo aqui? Aonde está indo?

Dors ignorou a pergunta e seguiu andando.

O guarda ordenou em voz mais alta:

– Parada! – Então, enfiou o pé no freio e desceu do carro, o que era exatamente o que Dors queria que ele fizesse.

O homem segurava um desintegrador na mão, mas de modo descontraído, sem ameaçar usá-lo, apenas demonstrando a presença da arma. Ele pediu que ela lhe desse seu número de referência.

– Quero o seu carro – Dors disse.

– O quê?! – O guarda pareceu ofendido. – Seu número de referência. Agora! – e então ele ergueu o desintegrador.

Em voz baixa, Dors respondeu:

– Você não precisa do meu número de referência. – Em seguida, caminhou na direção do guarda.

Ele deu um passo para trás.

– Se não parar e apresentar seu número de referência, vou atirar em você.

– Não! Largue o desintegrador.

Os lábios do guarda se apertaram. Os dedos dele começaram a avançar na direção do contato, mas, antes que pudesse alcançá-lo, ele estava perdido.

Mais tarde, ele não pôde descrever com exatidão o que tinha acontecido. A única coisa que conseguiu dizer foi: “Mas como é que eu ia saber que aquela era a Mulher-Tigre?” (e chegou inclusive o momento em que se sentiu orgulhoso desse encontro). “Ela se movimentou tão depressa que não vi com clareza o que ela fez ou o que aconteceu. Num instante eu ia atirar nela (pois estava certo se tratar de alguma maluca) e a próxima coisa que percebi foi que estava totalmente dominado”.

Dors segurou o guarda com mãos de ferro e ergueu para o alto a mão dele com o desintegrador. Então, ela sussurrou:

– Ou você larga o desintegrador neste instante ou eu quebro o seu braço.

O guarda sentiu uma espécie de aperto letal comprimindo seu peito que quase o impedia de respirar. Percebendo que não tinha escolha, deixou cair o desintegrador.

Dors Venabili o soltou, mas antes que o guarda pudesse fazer algum

movimento para se recuperar, viu-se encarando seu próprio desintegrador na mão de Dors.

– Espero que tenha deixado seus detectores no lugar – ela disse. – Não tente relatar o ocorrido com muita pressa. Seria melhor se você esperasse até resolver qual será seu plano para contar o que se passou aos seus superiores. O fato de que uma mulher desarmada tomou-lhe o desintegrador e o carro pode dar fim à sua utilidade para a junta.

Dors deu partida no carro e começou a acelerar, seguindo pela rodovia central. Uma estadia de dez anos naquela região lhe permitia saber como chegar exatamente aonde queria ir. O carro em que se encontrava – um carro terrestre oficial – não era um veículo intruso e desconhecido na região dos jardins imperiais e não seria detido. Contudo, precisava correr o risco de ir em velocidade, pois queria chegar rapidamente ao seu destino. Então, acionou o carro para ir a duzentos quilômetros por hora.

E, no final, essa velocidade terminou chamando a atenção. Ela ignorou os gritos transmitidos pelo rádio exigindo explicações para aquela velocidade e não demorou muito para que os detectores do carro indicassem a Dors que outro carro terrestre vinha em sua perseguição, também em alta velocidade.

Ela sabia que um alerta fora enviado para o posto lá adiante e que haveria outros carros terrestres à sua espera, mas nada poderia ser feito além de usar um desintegrador para dar cabo de sua existência, o que, aparentemente, ninguém estava disposto a fazer para não incorrer em futuras investigações.

Quando chegou ao prédio que era seu destino, dois carros terrestres estavam à sua espera. Ela desceu calmamente daquele que viera dirigindo e caminhou para a entrada do edifício.

Dois homens se colocaram imediatamente à frente dela, evidentemente atônitos ao ver que quem conduzira o veículo não era um guarda, mas uma mulher em trajes civis.

– O que você está fazendo aqui? Para que essa pressa?

Dors respondeu em voz controlada:

– Uma mensagem muito importante para o coronel Hender Linn.

– É mesmo? – indagou o guarda com aspereza. Agora, eram quatro homens entre ela e a entrada. – Número de referência, por favor.

Dors não perdeu tempo:

– Não me atrase.

– Número de referência, eu disse.

– Você está me fazendo perder tempo.

Um dos guardas então exclamou de repente:

– Sabe quem ela parece? A esposa do antigo primeiro-ministro. A dra. Venabili, a Mulher-Tigre.

Todos os quatro deram um passo desajeitado para trás, mas um deles ainda tentou:

– Você está presa.

– Estou? – Dors indagou. – Se sou a Mulher-Tigre, você deve saber que sou consideravelmente mais forte do que qualquer um de vocês e que meus reflexos são muito mais rápidos. Vou sugerir que vocês quatro me acompanhem calmamente até lá dentro, e veremos o que o coronel Linn dirá.

– Você está presa – repetiu um deles e quatros desintegradores surgiram mirando Dors.

– Muito bem, se vocês insistem – ela disse, suspirando.

Movimentando-se com extrema agilidade, Dors deixou dois guardas no chão gemendo, enquanto ela mesma ficava em pé ao lado deles, com um desintegrador em cada mão.

Então, ela acrescentou:

– Tentei não machucá-los, mas é muito possível que eu tenha quebrado os punhos deles. Com isso, restam vocês dois, e posso atirar mais depressa do que vocês. Se um de vocês fizer o menor movimento... o menor movimento, terei de romper com um hábito que observei minha vida inteira e terei que matá-los. Me sinto mortificada em ter de fazer uma coisa dessas e peço que não me obriguem a tanto.

Os dois guardas que ainda estavam em pé mantiveram-se absolutamente em silêncio e imóveis.

Dors então prosseguiu:

– Sugiro que vocês dois me acompanhem até a presença do coronel e que então providenciem ajuda médica para seus companheiros.

Essa sugestão não era necessária. O coronel Linn saiu de seu gabinete e veio tomar satisfações:

– O que está acontecendo aqui? O que...?

Dors virou-se para ele.

– Ah! Permita que eu me apresente. Sou a dra. Dors Venabili, esposa do professor Hari Seldon, e vim até aqui para tratar com o

senhor de uma questão importante. Esses quatro tentaram me impedir e, por causa disso, dois ficaram seriamente machucados. Ordene que cuidem de outros assuntos e deixe-me conversar com você. Não pretendo causar problemas.

Linn olhou duramente para os quatro guardas e depois para Dors. Então, perguntou calmamente:

– Você não pretende causar problemas para mim? Embora quatro guardas não tenham conseguido detê-la, tenho quatro mil à minha disposição imediata.

– Pois então, chame-os – Dors disse. – Por mais que venham depressa, não será a tempo de salvá-lo se eu decidir que vou matá-lo. Dispense seus guardas e conversemos civilizadamente.

Linn dispensou os guardas e concordou:

– Bem, entre, então, e conversemos. Quero avisá-la, porém, dra. Venabili, que a minha memória é longa.

– A minha também – emendou Dors. E entraram ao mesmo tempo nos aposentos de Linn.

15

Linn pediu com extrema cortesia:

– Diga-me exatamente por que está aqui, dra. Venabili.

Dors sorriu sem ameaça, mas tampouco com amabilidade.

– Para início de conversa, vim até aqui para lhe mostrar que *posso* vir aqui.

– É?

– Sim. Meu marido foi levado para a entrevista com o general dentro de um carro terrestre oficial, sob escolta armada. Eu saí do hotel mais ou menos no mesmo horário, a pé e desarmada, e aqui estou, e acredito ter chegado antes dele. Tive de passar por cinco guardas, incluindo aquele de cujo carro me apoderei, para enfim alcançá-lo. Eu teria derrubado cinquenta.

Linn aquiesceu com um movimento de cabeça, sem perder a compostura.

– Fui informado de que às vezes chamam-na de a Mulher-Tigre.

– Já me chamaram assim. Agora, tendo chegado até a sua presença, minha tarefa consiste em ter certeza de que meu marido não sofrerá

nenhum tipo de ataque. Ele está se arriscando a entrar no covil do general (se me permite ser dramática) e eu quero que ele saia de lá ileso e sem ter sido ameaçado.

– No que me diz respeito, sei que seu marido não sofrerá nenhum dano em decorrência dessa reunião. Mas, se está preocupada, por que veio até mim? Por que não foi diretamente até o general?

– Porque, de vocês dois, é você quem pensa.

Linn fez uma pausa breve. Depois, comentou:

– Se alguém ouvisse seu comentário, teria sido algo muito perigoso de ser dito.

– Mais perigoso para você do que para mim, portanto, certifique-se de que não tenha sido ouvido. Agora, se lhe ocorrer que eu deva ser simplesmente tranquilizada e ludibriada, e que, no caso de meu marido se tornar prisioneiro e sentenciado para execução, não haverá nada que eu possa realmente fazer a respeito, desiluda-se.

Ela indicou os dois desintegradores sobre a mesa, à sua frente.

– Entrei na área aberta do palácio sem nada. Cheguei à sua presença com dois desintegradores. Eu poderia ter vindo com adagas, minha especialidade. E, se eu não tivesse nem adagas, nem desintegradores, eu ainda seria uma oponente formidável. Esta mesa em torno da qual estamos sentados é feita de metal, evidentemente, e é sólida.

– Sim.

Dors ergueu as mãos, com os dedos afastados para mostrar que não tinha nenhuma arma. Então deixou que caíssem suavemente sobre a mesa com as palmas voltadas para baixo, como se acariciasse sua superfície.

De repente, ela levantou o punho e então desceu-o sobre o tampo com um baque estrondoso, que ecoou como se o metal tivesse sido atingido por outro metal. Ela sorriu e levantou a mão.

– Ilesa – ela mostrou. – Sem dor. Mas você poderá perceber que a mesa está ligeiramente afundada no ponto em que a golpeei. Se esse mesmo golpe tivesse sido desferido, com a mesma força, contra a cabeça de uma pessoa, o crânio teria explodido. Nunca fiz uma coisa dessas. Aliás, nunca matei ninguém, embora tenha deixado muitos machucados. Não obstante, se o professor Seldon for ferido...

– Você continua com as ameaças...

– Estou prometendo. Não farei nada se o professor Seldon

permanecer ileso. Caso contrário, coronel Linn, serei forçada a mutilá-lo ou matá-lo e, prometo mais uma vez, farei a mesma coisa com o general Tennar.

– Você não poderá enfrentar um exército inteiro, por mais tigresa que seja – observou Linn. – E então?

– As histórias se espalham – Dors lembrou – e são exageradas. Não foi muita coisa que fiz, na realidade, para merecer esse apelido, mas contam muito mais histórias sobre mim do que é verdade. Seus guardas recuaram quando me reconheceram e eles mesmos se incumbirão de espalhar o caso, aumentando e exagerando, para descrever como foi que cheguei até você. Até mesmo um exército pode hesitar em me atacar, coronel Linn, mas mesmo que me atacassem e se me destruíssem, leve em conta a indignação do povo. A junta está mantendo a ordem, mas faz isso no limite de seu poder, e você não quer que nada perturbe a situação. Pense, então, em como é fácil a outra alternativa. Simplesmente, não machuque o professor Hari Seldon.

– Não tenho intenção de feri-lo.

– Então, para que a audiência?

– Qual é o mistério? O general ficou curioso a respeito da psico-história. Os registros do governo estão à nossa disposição. O antigo Imperador Cleon teve interesse nela. Demerzel, quando era primeiro-ministro, teve interesse. Por que nós não nos interessaríamos? Aliás, ainda mais.

– E por que ainda mais?

– Porque o tempo passou. Se entendo corretamente, a psico-história começou como um pensamento do professor Seldon. Ele vem trabalhando nessa ideia com vigor crescente e com grupos cada vez maiores de pessoas há praticamente trinta anos. Esse trabalho tem sido realizado quase que inteiramente com apoio do governo de modo que, em certo sentido, as descobertas e as técnicas da psico-história pertencem ao governo. Nossa intenção é perguntar a ele coisas sobre psico-história que, a esta altura, está muito mais avançada do que na época de Demerzel e Cleon. Esperamos que ele nos diga o que queremos saber. Queremos algo mais prático do que a visão de equações espiralando no ar. Está compreendendo?

– Sim – ela concordou com uma careta.

– E mais uma coisa. Não imagine que o perigo para seu marido

venha somente do governo e que algum mal que o atinja signifique que você deva nos atacar imediatamente. Posso sugerir que o professor Seldon talvez tenha inimigos estritamente pessoais. Não tenho conhecimento disso, mas com certeza é uma possibilidade.

– Vou me lembrar disso. Neste momento, quero que providencie para que eu esteja com meu marido durante a audiência com o general. Quero ter certeza de que ele está seguro, até que não me reste nenhuma dúvida.

– Isso será difícil de providenciar e levará algum tempo. Seria impossível interromper a conversa, mas se esperar até que termine...

– Leve o tempo necessário e providencie. Nem pense que continuará vivo se tentar me enganar.

16

O general Tennar encarou Seldon com olhos muito arregalados enquanto seus dedos tamborilavam de leve no tampo da mesa à qual estava sentado.

– Trinta anos – ele disse. – Trinta anos e você está me dizendo que ainda não tem nada para mostrar?

– Na realidade, General, são vinte e oito anos.

Tennar ignorou o comentário.

– E tudo à custa do governo. Você tem noção de quantos bilhões de créditos foram investidos em seu projeto, professor?

– Não estou a par, general, mas temos documentado todo o fluxo e posso lhe dar a resposta em poucos segundos.

– Nós também. O governo, professor, não é uma fonte inesgotável de fundos. Não estamos mais vivendo como no passado. Não temos a mesma atitude despreocupada de Cleon quanto às finanças do Estado. É difícil aumentar impostos e precisamos de créditos para muitas coisas. Eu o chamei aqui na esperança de que pudesse nos beneficiar de algum modo com sua psico-história. Se não pode, então devo lhe dizer, de modo bastante franco, que teremos de fechar a torneira. Se quiser continuar com a pesquisa sem contar com os fundos do governo, faça isso, mas, até que me mostre algo que justifique as despesas, essa será sua situação.

– General, o senhor faz uma exigência que não posso cumprir, mas

se, por isso, o senhor corta o subsídio do governo, estará jogando fora o futuro. Dê-me tempo e no final...

– Vários governos estão ouvindo esse seu “no final” há décadas. Não é verdade, professor, que você disse que a sua psico-história prevê que a junta é instável, que meu comando é instável, que em pouco tempo cairá?

Seldon franziu a testa.

– A técnica ainda não está consolidada o suficiente para que eu possa dizer que isso é algo que a psico-história afirma.

– E eu digo que a psico-história de fato declara isso e que tal previsão é de conhecimento comum no âmbito do seu projeto.

– Não – Seldon rebateu com veemência. – De maneira nenhuma. É possível que alguns de nós tenham interpretado alguns relacionamentos para indicar que a junta pode ser uma forma instável de governo, mas há outros relacionamentos que podem ser facilmente interpretados de modo a demonstrar que é estável. É por esse motivo que devemos dar continuidade ao nosso trabalho. Neste momento, é excessivamente fácil usar dados incompletos e raciocínios imperfeitos para chegar a qualquer conclusão que desejarmos.

– Mas se você resolver apresentar a conclusão de que o governo é instável e dizer que a psico-história sustenta essa conclusão, mesmo que não a sustente de fato, isso não aumentará sua instabilidade?

– Isso realmente pode acontecer, general. E, se anunciarmos que o governo é estável, pode aumentar sua estabilidade. Tive exatamente essa mesma conversa com o Imperador Cleon em diversas ocasiões. É possível usar a psico-história como ferramenta para manipular as emoções do povo e surtir determinados efeitos no curto prazo. No longo prazo, todavia, as previsões têm muita probabilidade de se mostrarem incompletas ou apenas errôneas. Com isso, a psico-história perderá toda a credibilidade e será como se nunca tivesse existido.

– Basta! Diga-me neste momento! O que você acha que a psico-história mostra a respeito do meu governo?

– Achamos que ela mostra que existem nele elementos de instabilidade, mas não estamos convencidos, e não podemos estar convencidos, de que maneira exatamente essa condição pode piorar ou melhorar.

– Em outras palavras, a psico-história simplesmente lhe diz o que você saberia também sem a psico-história, e é nisso que o governo tem

investido um volume incalculável de créditos.

– Chegará o momento em que a psico-história nos dirá o que não poderíamos saber sem ela, e então o investimento trará seu retorno multiplicado infinitamente.

– E quanto tempo mais passará antes que chegue esse momento?

– Não muito, eu espero. Temos realizado alguns avanços muito gratificantes nos últimos cinco anos.

Tennar estava tamborilando a unha no tampo da mesa outra vez.

– Não é suficiente. Diga-me algo proveitoso, *agora*. Algo proveitoso.

Seldon ponderou e então comentou:

– Posso preparar um relatório detalhado para o senhor, mas vai levar algum tempo.

– Claro que sim. Dias, meses, anos... e, de algum modo, jamais será escrito. Você acha que eu sou idiota?

– Não, general, claro que não. No entanto, também não quero ser tomado por tolo. Posso lhe dizer algo pelo qual somente eu assumo a responsabilidade. Percebi isso em minha pesquisa psico-histórica, mas posso ter interpretado de modo equivocado o que vi. Porém, como o senhor insiste...

– Eu insisto.

– Há alguns instantes, o senhor mencionou a questão dos impostos. Disse que era difícil aumentar os impostos. Sem dúvida. É sempre difícil. Todo governo deve fazer seu trabalho coletando recursos de um modo ou outro. As duas únicas maneiras de se obter tais créditos são: primeiro, roubando um vizinho; e, segundo, persuadindo os próprios cidadãos desse governo a conceder esses créditos de bom grado e pacificamente. Como fundamos um Império Galáctico que vem conduzindo seus negócios de maneira razoável há milhares de anos, não há possibilidade de se roubar um vizinho, exceto como resultado de alguma rebelião ocasional e sua repressão. Isso não acontece com a frequência necessária para se sustentar um governo e, se acontecesse, o governo se tornaria muito instável para durar por um longo tempo.

Seldon tomou fôlego e continuou.

– Portanto, os créditos devem ser levantados pedindo-se aos cidadãos que abram mão de uma parte de sua riqueza para uso do governo. É de se presumir, então, como o governo irá trabalhar com eficiência, que os cidadãos possam usar melhor seus créditos desse

modo do que os acumulando (cada qual para si, individualmente) e vivendo num estado de anarquia perigosa e caótica. No entanto, embora a arrecadação seja razoável e fosse melhor se os cidadãos pagassem impostos para ter o benefício de um governo estável e eficiente, eles se mostram relutantes. Para superar essa relutância, os governos devem dar a impressão de que não estão tomando muitos créditos e que estão levando em consideração os direitos e os benefícios de cada cidadão. Em outras palavras, o governo deve baixar a porcentagem que incide sobre rendimentos mais baixos, e deve permitir deduções de vários tipos antes de calcular o imposto, e assim por diante. Com o tempo, a situação fiscal inevitavelmente se torna cada vez mais complexa, à medida que os diversos mundos e os diferentes setores dentro de cada um deles, assim como as variadas divisões econômicas, exigem e esperam tratamentos especiais. O resultado é que o departamento de coleta de impostos do governo aumenta de tamanho e complexidade e se torna difícil de controlar. O cidadão médio não consegue compreender em quanto está sendo taxado. Não entende o que pode isentar do cálculo e o que não pode. O governo e a própria agência tributária muitas vezes também não entendem. Além disso, uma fração crescente dos fundos coletados deve ser alocada para o funcionamento desse próprio departamento hipertrofiado, na manutenção de seus arquivos, na captura dos fraudadores etc., de modo que a quantidade de créditos disponível para propósitos bons e úteis diminui apesar de tudo que se possa fazer. No fim, a situação fiscal se torna incontrolável. Ela inspira descontentamento e revolta. Os livros de História tendem a atribuir essas coisas a empresários ambiciosos e avarentos, a políticos corruptos, a guerreiros brutais, a vice-reis ambiciosos, mas esses são apenas os indivíduos que se aproveitam da hipertrofia fiscal.

O general Tennar comentou com impaciência:

– Você está dizendo que nosso sistema fiscal é excessivamente complicado?

– Se não fosse, seria o único em toda a história, que me conste – Seldon respondeu. – Se existe uma coisa que a psico-história diz que é inevitável é o crescimento excessivo dos impostos.

– E o que fazemos com isso?

– Isso eu não posso lhe dizer. É para isso que eu gostaria de preparar um relatório que, como o senhor diz, pode demorar um

pouco para ficar pronto.

– Não se incomode com o tal relatório. O sistema tributário é excessivamente complicado, não é? Não é isso que você estava dizendo?

– É possível que seja – Seldon concordou, cautelosamente.

– Para corrigir isso, então, devemos tornar o sistema fiscal mais simples, de fato, tão simples quanto possível.

– Eu teria de estudar...

– Besteira. O oposto de uma grande complicação é uma grande simplicidade. Não preciso de nenhum relatório para me confirmar isso.

– Como queira, general – anuiu Seldon.

Nesse momento, Tennar levantou os olhos de repente, como se tivesse sido chamado – o que de fato tinha acontecido. Seus punhos se cerraram e as imagens do Coronel Linn e de Dors Venabili em holovisualização subitamente apareceram na sala.

Abismado, Seldon exclamou:

– Dors! O que está fazendo aqui?

Tennar não disse nada, mas sua testa afundou numa ruga de contrariedade.

17

O general havia dormido mal à noite e, bastante apreensivo, o coronel também tinha tido uma madrugada difícil. Agora, estavam um diante do outro, ambos igualmente perdidos.

– Conte-me mais uma vez o que aquela mulher fez – ordenou o general.

Linn parecia estar carregando um peso imenso nos ombros.

– Ela é a Mulher-Tigre. É assim que a chamam. De algum modo, ela não parece ser totalmente humana. É uma espécie de atleta com um condicionamento físico impossível, perfeitamente confiante em sua própria perícia. E é bastante assustadora.

– Ela assustou *você*? Uma mulher sozinha?

– Vou lhe dizer exatamente o que ela fez e também algumas outras coisas a respeito dela. Não sei até que ponto são verdadeiras todas as histórias a respeito da dra. Venabili, mas o que aconteceu ontem à

tarde foi muito verdadeiro.

Mais uma vez, ele narrou a sequência de fatos enquanto o general ouvia, fazendo muxoxos.

– Nada bom – ele disse. – O que fazer?

– Acho que nosso caminho está bem claro. Queremos a psico-história...

– Sim, queremos – enfatizou o general. – Seldon me disse algo sobre impostos que... não importa. Isso não vem ao caso, neste momento. Prossiga.

Linn, que, em seu estado mental turbulento, havia permitido que um pequeno fragmento de impaciência transparecesse em sua fisionomia, continuou:

– Como eu disse, queremos a psico-história, sem Seldon. De todo modo, é um homem gasto. Quanto mais o estudo, mais vejo um estudioso envelhecido que vive de seus feitos passados. Teve praticamente trinta anos para tornar a psico-história um sucesso e não conseguiu. Sem ele, e com novos homens no leme, a psico-história pode avançar mais rapidamente.

– Sim, eu concordo. Mas, e quanto à mulher?

– Bom, aí é que está. Não a levamos em conta até agora porque ela tem sido cuidadosa o bastante para permanecer nos bastidores. Mas tenho fortes suspeitas de que será difícil, talvez impossível, remover Seldon discretamente e sem implicar o governo, enquanto essa mulher estiver viva.

– Você realmente acredita que ela nos atacará, a você e a mim, se achar que prejudicamos o marido dela? – perguntou Tennar, torcendo a boca numa careta de desdém.

– Eu realmente acho que sim e que, além disso, começará uma rebelião. Ela fará exatamente o que prometeu.

– Você está se tornando um covarde.

– General, por favor. Estou tentando ter bom senso. Não estou recuando. Devemos dar um jeito nessa Mulher-Tigre. – Ele parou para refletir um pouco. – Inclusive, minhas fontes já tinham me dito isso e admito que dei menos atenção do que devia a esse aspecto.

– E como acha que conseguiremos nos livrar dela?

– Não sei – respondeu Linn. Mais devagar, acrescentou: – Mas outra pessoa talvez saiba.

18

Seldon também passara uma noite complicada, e o dia não estava prometendo ser nem um pouco melhor. Não houve muitos momentos em que Hari ficara aborrecido com Dors, mas daquela vez ele estava *muito* aborrecido.

– Mas que coisa idiota de fazer! – explodiu Seldon. – Já não era suficiente que estivéssemos hospedados no Hotel Dome's Edge? Só isso já seria o bastante para levar um governante paranoico a alimentar ideias de algum tipo de conspiração!

– Mas como? Estávamos desarmados, Hari. Era uma comemoração, o toque final da celebração de seu aniversário. Não representávamos nenhuma ameaça.

– Sim, até que você colocou em prática sua invasão dos jardins do palácio. Isso foi imperdoável. Você se afobou para chegar ao Palácio Imperial a fim de interferir na minha reunião com o general, quando eu havia especificamente, *várias vezes*, deixado bem claro que não queria sua presença lá. Eu tinha meus próprios planos, sabia?

– Seus desejos, suas ordens, seus planos, tudo isso vem em segundo lugar diante de sua segurança – respondeu Dors. – Minha preocupação fundamental é essa.

– Eu não estava em perigo.

– Isso é uma coisa que eu não posso supor e pronto. Já houve duas tentativas contra a sua vida. O que o faz pensar que não haverá uma terceira?

– Essas duas tentativas ocorreram quando eu era primeiro-ministro. Provavelmente valia a pena me matar, então. Mas quem vai querer matar um matemático velho?

– É exatamente isso que quero descobrir e é isso que desejo evitar. – explicou Dors. – Devo começar por alguns interrogatórios por aqui mesmo, com pessoas do projeto.

– Não. A única coisa que você vai conseguir é incomodar minha equipe. Deixe o meu pessoal em paz.

– Isso é precisamente o que não posso fazer, Hari. Minha missão é proteger você e venho cuidando disso há vinte e oito anos. Você não pode me deter agora.

Alguma coisa no fulgor dos olhos dela deixou bem claro que, fossem quais fossem os desejos e as ordens de Seldon, Dors pretendia

fazer o que tinha em mente.

A segurança de Seldon vinha em primeiro lugar.

19

– Posso interromper você, Yugo?

– Claro, Dors – Yugo Amaryl respondeu, abrindo o sorriso. – Você nunca interrompe. Em que posso ajudar?

– Estou tentando descobrir algumas coisas, Yugo, e pensei que você talvez pudesse colaborar.

– Se estiver ao meu alcance...

– Você tem no projeto algo chamado Primeiro Radiante. De vez em quando ouço falar nisso. Hari comenta a respeito dele, de modo que sei que aparência terá quando for ativado. Só que eu nunca o vi efetivamente funcionando, e gostaria de ver.

Amaryl pareceu incomodado.

– Na realidade, o Primeiro Radiante é basicamente a parte mais bem guardada do projeto, e você não está na lista dos membros com acesso a essa informação.

– Sei disso, mas como nós nos conhecemos há vinte e oito anos...

– E você é esposa de Hari, então imagino que podemos abrir uma exceção. Temos somente dois Primeiros Radiantes completos. Um no escritório de Hari e outro aqui. Bem aqui, inclusive.

Dors mirou o cubo preto achatado na escrivaninha central. Parecia um objeto completamente sem importância. – É isto?

– É. Armazena as equações que descrevem o futuro.

– E como você vê as equações?

Amaryl tocou num contato e, no mesmo instante, a sala se escureceu e então se iluminou com um brilho multifacetado. Por toda parte ao redor de Dors, havia símbolos, setas, linhas, sinais matemáticos de todo tipo. Pareciam estar se movimentando, espiralando, mas quando ela focalizava os olhos em alguma parte específica, parecia se imobilizar.

– Então, este é o futuro? – ela indagou.

– Pode ser – observou Amaryl, desligando o instrumento. – Eu acionei a função de expansão total para que você pudesse enxergar os símbolos. Sem essa expansão, a única coisa visível são padrões de luz

e sombra.

– Estudando essas equações, então, você pode avaliar o que o futuro nos reserva?

– Em tese, sim. – Agora, a sala tinha recuperado sua aparência cotidiana. – Mas há dois obstáculos.

– É? E quais são eles?

– Para início de conversa, nenhuma mente humana criou diretamente essas equações. Simplesmente, passamos décadas programando computadores mais potentes e foram eles que elaboraram e armazenaram as equações. Naturalmente, não sabemos se elas são válidas e se fazem sentido. Tudo depende completamente de sua validade e da significância da programação, em primeiro lugar.

– Então, poderiam estar todas erradas?

– Poderiam.

Amaryl esfregou os olhos e Dors não pôde deixar de pensar como ele parecia ter envelhecido e ficado cansado ao longo dos dois últimos anos. Era quase doze anos mais moço do que Hari e, no entanto, parecia muito mais velho.

– Naturalmente – Amaryl prosseguiu, com a voz traindo um evidente esgotamento – esperamos que não estejam todas erradas, mas é aí que entra em cena uma segunda dificuldade. Embora Hari e eu tenhamos testado essas equações e trabalhado nos ajustes há décadas, nós nunca podemos ter certeza do que elas querem dizer. O computador as elaborou, portanto pode-se presumir que devam significar algo. Mas o quê? Acreditamos ter decifrado algumas partes. Inclusive, neste momento, estou trabalhando no que chamamos de Seção A-23, um sistema particularmente intrincado de relacionamentos. Ainda não fomos capazes de equipará-la a qualquer outra do universo. Apesar disso, a cada ano avançamos mais um pouco e espero, com confiança, que a psico-história seja enfim estabelecida como uma técnica legítima e válida para se lidar com o futuro.

– Quantas pessoas têm acesso a esses Primeiros Radiantes?

– Todos os matemáticos do projeto têm acesso, mas não a qualquer hora. É preciso fazer uma solicitação formal, com reserva de tempo, e o Primeiro Radiante precisa ser ajustado para expor a porção com as equações que aquele matemático deseja examinar. Fica um pouco complicado quando todos querem usar o Primeiro Radiante ao mesmo

tempo. Neste exato momento as coisas estão indo mais devagar, possivelmente porque ainda estamos sob os efeitos da comemoração do aniversário de Hari.

– Há algum plano para a construção de outros Primeiros Radiantes?

Amaryl estendeu os lábios para a frente.

– Sim e não. Seria muito útil ter um terceiro, mas seria preciso que alguém se encarregasse dele. O Primeiro Radiante não pode simplesmente ser um bem coletivo. Sugeri a Hari que Tamwile Elar... acho que você o conhece...

– Conheço, sim.

– Então, sugeri que Elar tivesse um terceiro Primeiro Radiante. As equações acaóticas que ele desenhou e o Eletroclarificador que projetou claramente fazem dele o terceiro homem do projeto, depois de Hari e de mim mesmo. Mas Hari reluta.

– Por quê? Você sabe?

– Se Elar obtiver essa ferramenta, será abertamente reconhecido como o número três no projeto, acima de outros matemáticos mais velhos e de *status* superior entre nós. Podem surgir complicações políticas, por assim dizer. Em minha opinião, não podemos perder tempo nos preocupando com a política interna, mas Hari... bom, você conhece Hari.

– Sim, conheço Hari. E se eu lhe disser que Linn viu o Primeiro Radiante?

– Linn?

– O coronel Hender Linn, da junta. O lacaio de Tennar.

– Duvido muito, Dors.

– Ele mencionou “equações espiralando no ar” e eu acabei de vê-las sendo geradas pelo Primeiro Radiante. Não posso deixar de pensar que ele esteve aqui e viu seu funcionamento.

Amaryl sacudiu a cabeça.

– Não consigo imaginar ninguém levando um membro da junta até o escritório de Hari, ou até o meu.

– Diga-me uma coisa: quem, no projeto, lhe parece capaz de colaborar com a junta dessa maneira?

– Ninguém – Amaryl respondeu em tom taxativo e com uma confiança visivelmente ilimitada. – Isso seria impensável. Talvez Linn nunca tenha visto o Primeiro Radiante, mas tenha ouvido falar.

– E quem teria falado disso com ele?

Amaryl pensou durante um momento e tornou a afirmar:

– Ninguém.

– Bom, vejamos, você acabou de falar sobre a política interna em termos da possibilidade de Elar ter um terceiro Primeiro Radiante. Imagino que, num projeto como este, com centenas de pessoas envolvidas, existam atritos acontecendo o tempo todo, discussões, bate-bocas.

– Ah, sim. O pobre Hari reclama disso comigo, de vez em quando. Ele tem de lidar com essas disputas de algum jeito, e posso muito bem imaginar a dor de cabeça que essas desavenças representam para ele.

– Essas brigas são tão fortes que chegam a interferir ou atrapalhar o andamento do projeto?

– Nada sério.

– Há alguém mais briguento do que os outros, ou que cause mais ressentimentos? Em suma, haveria colaboradores que, se fossem dispensados, representariam 90% a menos de atritos a um custo de 5% ou 6% de demissões?

Amaryl levantou as sobrancelhas.

– Parece uma boa ideia, mas não sei quem dispensar. Eu realmente não tomo parte de todas as minúcias da política interna. Não há como parar com isso, então, da minha parte, eu simplesmente evito.

– Isso é estranho – Dors comentou. – Você não estaria negando toda credibilidade à psico-história, agindo desse modo?

– De qual modo?

– Como pretende chegar ao ponto de poder predizer e orientar o futuro se não consegue nem analisar e corrigir algo tão doméstico como atritos pessoais entre colaboradores desse projeto que é tão promissor?

Amaryl deu uma risadinha discreta. Isso era muito incomum, já que Yugo não era um sujeito dado a demonstrações de bom humor nem a risadas.

– Desculpe-me, Dors, mas você mencionou justamente o único problema que solucionamos, por assim dizer. O próprio Hari identificou as equações que representam as dificuldades de atritos pessoais anos atrás, e eu mesmo pude acrescentar a elas o toque final no ano passado. Descobri que existem maneiras de se modificar as equações a fim de indicar uma diminuição nos atritos. Entretanto, em cada um dos casos dessa natureza, uma diminuição do atrito aqui

significa um aumento de atrito ali. Nunca, em nenhum momento, houve uma diminuição total, nem um aumento total, na incidência de atritos dentro de um grupo fechado, quer dizer, um grupo em que nenhum dos membros antigos sai e não entra ninguém novo. Com a ajuda das equações acaóticas de Elar, demonstrei que isso era verdadeiro apesar de qualquer atitude que alguém pudesse tomar. Hari chama esse fenômeno de “lei da conservação dos problemas pessoais”. Disso surgiu a noção de que a dinâmica social tem suas leis de conservação tanto quanto a física, e que, inclusive, são essas leis que nos oferecem as melhores ferramentas possíveis para solucionar os aspectos realmente problemáticos da psico-história.

– Muito impressionante – Dors observou –, mas e se você acabar descobrindo que absolutamente nada pode ser mudado, que tudo de ruim será conservado, e que salvar o Império da destruição representa apenas aumentar uma destruição de outro tipo?

– Na realidade, isso já foi sugerido, mas não acredito.

– Muito bem. Voltemos à realidade. Existe algum elemento nos problemas dos atritos dentro do projeto que ameace Hari? Quero dizer, ameaças no sentido físico.

– Danos a Hari? Claro que não. Como é que você pode sugerir uma coisa dessas?

– Será que não existe alguém com rancor por Hari, por ele ser arrogante ou exigente demais, muito concentrado em si mesmo, altamente propenso a querer para si todos os créditos? Ou, se nada disso é plausível, será que ninguém se ressente por ele estar dirigindo o projeto há tantos anos?

– Nunca ouvi ninguém falar nada disso sobre Hari.

Dors não pareceu satisfeita.

– Duvido que alguém diria coisas desse tipo para você ouvir, é óbvio. Mas, obrigada, Yugo, por ser tão prestativo e me conceder tanto tempo.

Amaryl acompanhou com os olhos sua saída da sala. Sentia-se vagamente perturbado, mas logo retornou ao trabalho e deixou que todas as demais questões recuassem para o fundo de sua mente.

Uma das maneiras (entre as poucas) que Hari Seldon tinha de se afastar um pouco do trabalho era visitar o apartamento de Raych, que ficava nas imediações do *campus*. Sempre que fazia isso sentia-se repleto de amor pelo filho adotivo. E havia amplos motivos para isso. Raych tinha sido bom, capaz e leal e, além disso, ele era dotado daquela estranha qualidade de inspirar confiança e amor nos outros.

Hari tinha constatado isso em Raych quando tinha doze anos de idade, um moleque de rua que, de alguma maneira, tinha despertado um sentimento especial no seu coração e no de Dors também. Ele se lembrava de como Raych tinha impressionado Rashelle, a antiga prefeita de Wye. Hari se lembrou também de como Joranum havia confiado em Raych, o que provocara a sua própria destruição. Raych tinha inclusive conseguido conquistar o coração da linda Manella. Hari não entendia totalmente essa qualidade peculiar que Raych tinha, mas desfrutava todo contato que podia ter com seu filho adotivo.

Entrou no apartamento com sua costumeira saudação:

– Tudo bem por aqui?

Raych deixou de lado o material holográfico em que estava trabalhando e se levantou para cumprimentar o pai:

– Tudo bem, papai.

– Não estou ouvindo Wanda.

– E há uma razão para isso. Ela saiu com a mãe e foram fazer compras.

Seldon se sentou e olhou com bom humor para aquele caos de materiais de referência.

– E como está indo o livro?

– Está indo bem. Acho que serei eu a não sobreviver. – Raych suspirou. – Mas, pelo menos desta vez, conseguiremos a abordagem certa para falar de Dahl. Nunca ninguém escreveu um livro sobre aquela parte, acredita nisso?

Seldon já tinha reparado que toda vez que Raych falava de seu setor natal, seu sotaque dahlita ficava mais pronunciado.

– E como vai você, pai? – perguntou Raych. – Aliviado com o fim das comemorações?

– Imensamente. Eu odiei quase cada minuto daquilo tudo.

– Mas não que alguém tivesse percebido.

– Ora, eu tinha de usar algum tipo de máscara. Não queria estragar a festa para os outros.

– Então, deve ter odiado quando mamãe foi atrás de você lá no palácio. Todo mundo que eu conheço está comentando isso.

– E como odiei! Sua mãe, Raych, é a pessoa mais maravilhosa do mundo, mas é uma criatura muito difícil de se lidar. Ela poderia ter estragado meus planos.

– E que planos são esses, pai?

Seldon se acomodou melhor no assento. Era muito agradável conversar com alguém em quem se confia totalmente e que não sabe nada de psico-história. Mais de uma vez, ele havia trocado ideias com Raych e depois as elaborara até que atingissem um nível mais equilibrado e sensato do que teria sido possível se os mesmos conceitos lhe tivessem ocorrido durante suas reflexões solitárias.

– Estamos protegidos? – inquiriu Seldon.

– Sempre.

– Ótimo. O que fiz foi manobrar o General Tennar para que pensasse dentro de algumas linhas curiosas.

– Que linhas?

– Bom, falei um pouco sobre o processo das taxações e salientei que, no esforço de distribuir os impostos de maneira equitativa pela população, a tributação se tornava cada vez mais complexa, rígida e custosa. A implicação óbvia era que o sistema fiscal devia ser simplificado.

– Parece fazer sentido.

– Até certo ponto, mas é possível que, em decorrência de nossa pequena conversa, Tennar possa simplificar em demasia. Veja bem, os impostos perdem sua eficiência nos dois extremos. Quando ficam muito complicados, as pessoas não conseguem compreendê-los e pagam para ter uma organização dispendiosa e inchada. Quando muito simplificados, as pessoas acham o sistema injusto e se tornam amargas e ressentidas. O imposto mais simples é o imposto pessoal de caráter municipal, em que cada indivíduo paga a mesma quantia, mas a injustiça de tratar igualmente os ricos e os pobres fica ostensiva demais para ser ignorada.

– E você não explicou isso para o general?

– Por algum motivo não houve oportunidade.

– Você acha que o general tentará adotar esse tipo de imposto pessoal?

– Acho que ele planeja algo semelhante. Se isso for verdade, é

provável que essa notícia vaze e isso será por si mesmo suficiente para provocar revolta na população e, possivelmente, poderá derrubar o governo.

– E você fez tudo isso de propósito, pai?

– Claro.

Raych balançou a cabeça.

– Às vezes eu não entendo você direito, papai. Na vida pessoal, você é a pessoa mais doce e delicada do Império. No entanto, é capaz de armar uma situação que provocará tumultos públicos, repressão e mortes. Muitos danos serão causados, pai. Você pensou nisso?

Seldon encostou pesadamente na cadeira e respondeu, com tristeza na voz:

– Não penso em outra coisa, Raych. Quando comecei a pesquisar a psico-história, parecia um trabalho puramente acadêmico. Era algo que de jeito nenhum podia ser decifrado e, se pudesse, não se tornaria capaz de uma aplicação prática. Passaram-se as décadas e agora sabemos cada vez mais e surge então essa terrível necessidade de colocá-la em prática.

– Para que pessoas possam morrer?

– Não, para que menos pessoas tenham de morrer. Se as nossas análises psico-históricas estiverem corretas neste exato momento, então a junta não conseguirá sobreviver mais do que alguns anos e existem algumas alternativas de forçar esse regime a cair. Os militares estarão desesperados, com uma forte sede de sangue. Esse método, o ardil da taxação, deve chegar a tal resultado da maneira menos agressiva e perturbadora entre todas as maneiras de provocar a queda, se, repito, nossas análises estiverem corretas.

– E se não estiverem, o que esperar?

– Nesse caso, não sabemos o que pode acontecer. Mesmo assim, a psico-história deve chegar ao ponto de poder ser usada e há anos estamos buscando algo cujas consequências tenhamos decifrado com algum grau de confiabilidade, considerando essas consequências toleráveis se comparadas às demais alternativas. De certo modo, esse ardil da taxação é o primeiro grande experimento em psico-história.

– Devo reconhecer que parece uma coisa simples.

– Mas não é. Você não tem ideia de como a psico-história é complexa. Nada é simples. Os impostos individuais de caráter municipal já foram tentados esporadicamente ao longo da história.

Nunca é uma estratégia tributária popular e invariavelmente dá margem a atitudes de resistência de um tipo ou outro, mas quase nunca resulta numa derrubada violenta do governo. Afinal, o poder de opressão do governo pode ser muito forte ou podem existir métodos por meio dos quais o povo consiga fazer sua oposição de maneira pacífica e obter a suspensão das medidas pretendidas pelo governo. Se tal tipo de tributação fosse invariavelmente, ou apenas eventualmente, fatal, então nenhum governo jamais tentaria adotá-lo. É somente por não ser fatal que repetidamente tentam reeditá-lo. Contudo, a situação em Trantor não é exatamente normal. Existem algumas instabilidades que parecem claras a uma análise psico-histórica e dão a impressão de que o ressentimento será especialmente intenso e a repressão, particularmente débil.

Raych pareceu duvidar.

– Espero que dê certo, papai. Mas você não acha que o general dirá que agiu por influência de um conselho psico-histórico e que, ao cair, arraste você junto?

– Imagino que ele tenha gravado a nossa pequena conversa, mas, se divulgá-la, ficará claro que insisti com ele para que esperasse até eu poder analisar adequadamente a situação e preparar um relatório, e que ele se recusou a esperar.

– E o que a mamãe pensa disso tudo?

– Ainda não falei com ela a respeito – respondeu Seldon. – Ela está envolvida em outra tangente totalmente diversa.

– É mesmo?

– Sim. Ela está tentando farejar alguma conspiração infiltrada no projeto contra mim! Imagino que Dors desconfie da existência de alguns colaboradores no projeto que queiram se livrar de mim. – Seldon suspirou. – Eu mesmo sou um deles, penso eu. Gostaria muito de me livrar de mim como diretor do projeto e deixar que outros cuidassem das vastas responsabilidades.

– O que está importunando a mamãe é o sonho de Wanda – comentou Raych. – Você sabe como ela se sente a respeito de proteger você. Aposto como até mesmo um sonho sobre a sua morte seria suficiente para fazer com que ela pensasse que há um complô arquitetando seu assassinato, pai.

– Sem dúvida espero que não haja.

E os dois riram, só de pensar nisso.

21

Por alguma razão, o pequeno laboratório do Eletroclarificador era mantido a uma temperatura um pouco mais baixa do que o normal, e Dors Venabili perguntou-se por que seria, mas não estava realmente buscando uma resposta. Enquanto isso, aguardava, calada, que a única ocupante do laboratório terminasse o que estava fazendo.

Dors examinou a mulher cuidadosamente. Magra, rosto comprido. Não era exatamente atraente, tinha lábios finos e queixo recuado para trás, mas seus escuros olhos castanhos tinham o brilho inconfundível da inteligência. Em sua escrivaninha uma placa indicava seu nome: CINDA MONAY.

Finalmente, ela se virou para Dors e murmurou:

– Minhas desculpas, dra. Venabili, mas alguns procedimentos não podem ser interrompidos, nem diante da visita da esposa do diretor.

– Eu teria ficado decepcionada se você tivesse interrompido o procedimento por conta da minha presença. Ouvi comentários excelentes a seu respeito.

– O que é sempre bom de ouvir. E quem me elogiou?

– Alguns colegas – revelou Dors. – Parece que você é uma das colaboradoras não matemáticas de mais destaque no projeto.

Monay se encolheu.

– De fato, existe essa tendência a segregar o restante de nós da aristocracia da matemática. Para mim, o que importa é que, se tenho algum destaque, é fazer parte do projeto. Não me faz diferença eu não ser matemática.

– Para mim, isso parece razoável. Há quanto tempo está trabalhando com Seldon?

– Há dois anos e meio. Antes, estava na faculdade de física racional em Streeling e, durante o curso, participei do projeto durante dois anos como estagiária.

– Parece que você tem se saído bem.

– Já recebi duas promoções, dra. Venabili.

– Alguma vez teve dificuldades aqui, dra. Monay? Tudo que me disser será confidencial.

– É um trabalho difícil, naturalmente, mas, se quer saber se passei por alguma dificuldade de caráter social, a resposta é não. Pelo menos, não mais do que seria de se esperar em um projeto grande e

complexo, eu acho.

– E o que quer dizer com isso?

– Discussões e desavenças esporádicas. Somos todos humanos.

– Mas nada sério?

– Nada sério – Monay repetiu, balançando a cabeça.

– Parece-me que você tem sido responsável pelo desenvolvimento de um importante dispositivo no uso do Primeiro Radiante – Dors prosseguiu. – Ele permite que um volume muito maior de informações seja acumulado pelo Primeiro Radiante.

Monay abriu um sorriso radioso.

– A senhora está a par disso? Sim, trata-se do Eletroclarificador. Depois que foi desenvolvido, o professor Seldon criou este pequeno laboratório e me incumbiu de prosseguir com outros trabalhos nesse mesmo sentido.

– Estou surpresa que um progresso tão importante não a tenha levado a escalões mais altos na hierarquia do projeto.

– Ora – e Monay parecia ter ficado um pouco desconcertada –, eu não quero levar todo o crédito. Na realidade, meu trabalho foi mais técnico. Gosto de pensar que foi muito competente e criativo, mas nada além disso.

– E quem trabalhou com você?

– Ah, a senhora não sabe? Foi Tamwile Elar. Ele desenvolveu a teoria que tornou o dispositivo possível e eu projetei e construí o instrumento propriamente dito.

– Isso quer dizer que ele levou o crédito, dra. Monay?

– Não, não. A senhora não deve pensar assim. O dr. Elar não é esse tipo de homem. Ele me deu todo o crédito pela minha parte no trabalho. Aliás, foi ideia dele chamar o dispositivo com nossos dois nomes, mas isso não foi possível.

– Por que não?

– Por causa da regra do professor Seldon, a senhora entende? Todos os dispositivos e equações devem receber nomes funcionais, e não nomes pessoais, para evitar ressentimentos. Então esse instrumento é apenas o Eletroclarificador. Quando estamos trabalhando juntos, porém, ele chama o aparelho pelo nosso nome composto e, lhe digo uma coisa, dra. Venabili, é maravilhoso ouvi-lo. Talvez um dia todos no projeto usem o nome pessoal. Assim espero.

– E eu também – Dors acrescentou educadamente. – Seus

comentários fazem com que Elar pareça um sujeito muito decente.

– Ele é, ele é – Monay confirmou, entusiasmada. – É um prazer trabalhar com ele. Neste momento, estou cuidando de uma nova versão do aparelho que vai ser mais potente, mas que eu ainda não entendo muito bem. Quer dizer, para o que será usado. No entanto, ele está me orientando nesse sentido.

– E você está progredindo?

– Bastante. Inclusive, apresentei um protótipo ao dr. Elar, e ele está planejando colocá-lo em teste. Se funcionar, então poderemos seguir adiante.

– Parece bom – Dors concordou. – O que você acha que iria acontecer se o professor Seldon renunciasse ao cargo de diretor do projeto? Se ele se aposentasse?

– O professor está pensando em se aposentar? – Monay pareceu surpresa.

– Que eu saiba, não. Estou apenas apresentando uma hipótese. Vamos supor que ele se aposente. Quem você acha que seria um sucessor natural? Com base no que você acabou de dizer, penso que apoiaria o professor Elar como novo diretor.

– Sim, apoiaria – Monay disse após uma rápida hesitação. – Ele é, de longe, o mais brilhante dos novos colaboradores e penso que seria capaz de dirigir esse trabalho da melhor maneira possível. No entanto, ele é muito jovem. Há um número considerável de velhos fósseis (bem, a senhora sabe o que quero dizer) que ficariam ofendidos se fossem passados para trás por um moleque atrevido.

– Algum dos velhos fósseis lhe vem à mente, nesse caso? Lembre-se, tudo isto é estritamente confidencial.

– Bom, há um grupo razoável deles, mas o dr. Amaryl é o herdeiro aparente.

– Sim, eu entendo o que você quer dizer. – Dors ficou em pé. – Bem, fico muito grata por sua ajuda. Vou deixar que volte ao seu trabalho, agora.

E saiu de lá com o Eletroclarificador na cabeça. E com Amaryl.

22

– E aí está você de novo, Dors – Yugo Amaryl observou.

– Desculpe-me, Yugo, já incomodei você duas vezes esta semana. Na realidade, você não vê ninguém com frequência, certo?

– É verdade – respondeu Amaryl –, eu não incentivo as pessoas a virem me visitar. Elas me interrompem e cortam a minha linha de pensamento. Mas você não, Dors. Você é absolutamente especial; aliás, você e Hari. Não se passa um dia sem que eu me lembre do que vocês dois fizeram por mim.

Dors abanou a mão.

– Esqueça, Yugo. Você já trabalhou muito por Hari e qualquer mínima gentileza que fizemos a você já foi paga, com juros, há muito tempo. Como vai indo o projeto? Hari nunca fala a respeito, não comigo, de todo modo.

O semblante de Amaryl se iluminou e seu corpo todo pareceu se encher com um novo sopro de vida.

– Muito bem, muito bem. É difícil falar sobre ele sem a matemática, mas o progresso que fizemos nos últimos dois anos é notável... é maior do que em todo o tempo antes, somado. É como se, depois de termos martelado e martelado sem parar, finalmente as paredes começassem a ceder e as coisas estão brotando.

– Tenho ouvido dizer que as novas equações desenvolvidas pelo dr. Elar ajudaram nisso.

– As equações acaóticas? Sim, imensamente.

– E o Eletroclarificador também foi proveitoso. Falei com a mulher que o projetou.

– Cinda Monay?

– Sim, ela mesma.

– Uma mulher muito astuta. Temos sorte de contar com ela.

– Yugo, diga-me uma coisa: você trabalha no Primeiro Radiante praticamente o tempo todo, não é?

– Sim, estou mais ou menos constantemente estudando-o.

– E você o estuda com o Eletroclarificador.

– Justamente.

– Você nunca pensa em tirar férias, Yugo?

Amaryl olhou para ela sem compreender o propósito da pergunta. Lentamente, piscou um pouco.

– Férias?

– Sim. Tenho certeza de que você já ouviu falar nisso. Você sabe o que são férias.

– Mas por que eu tiraria férias?

– Porque você me parece terrivelmente exausto.

– Sim, um pouco, de vez em quando. Mas não quero deixar o trabalho.

– Você se sente mais cansado agora do que antes?

– Um pouco. Estou ficando mais velho, Dors.

– Você tem apenas quarenta e nove anos.

– Isso ainda é ser mais velho do que antes.

– Ora, deixe disso. Diga-me, Yugo, só para mudar de assunto. Como é que Hari está indo no trabalho? Faz tanto tempo que você está ao lado dele que dificilmente alguém poderia conhecê-lo melhor. Nem mesmo eu poderia. Pelo menos, não no que diz respeito a trabalho.

– Ele está indo muito bem, Dors. Não vejo nenhuma mudança nele. O professor ainda tem o cérebro mais rápido e brilhante de todos. A idade não o afeta; pelo menos, não até agora.

– É bom saber. Mas acho que a opinião que ele tem de si não é tão favorável quanto a sua. Ele não está aceitando bem essa questão da idade. Tivemos bastante dificuldade em fazê-lo comparecer à comemoração de seu último aniversário. A propósito, você esteve na festa? Eu não o vi.

– Fiquei por ali uma parte do tempo, mas, você sabe, festas não são o tipo de situação em que me sinto mais à vontade.

– Você diria que Hari está decaindo? Não me refiro ao brilhantismo de suas ideias, mas a sua capacidade física. Em sua opinião, Yugo, ele está ficando mais cansado, cansado demais para arcar com todas as responsabilidades?

Amaryl pareceu atônito.

– Nunca nem pensei nisso. Não consigo imaginar que ele fique cansado.

– Mesmo assim, isso pode acontecer. Acho que, de vez em quando, ele tem o impulso de renunciar ao cargo e passar o bastão para alguém mais novo.

Amaryl se encostou no espaldar da cadeira e deitou na mesa a caneta para grafismos que estivera manuseando desde que Dors tinha entrado na sala.

– O quê?! Isso é ridículo! Impossível!

– Tem certeza?

– Absoluta. Ele sem dúvida nem cogitaria algo assim sem falar

comigo. E ele não falou.

– Seja razoável, Yugo. Hari está exausto. Ele tenta não deixar transparecer, mas está. E se ele resolver se aposentar? O que vai ser do projeto? O que vai ser da psico-história?

Os olhos de Amaryl se estreitaram.

– Você está de brincadeira, Dors?

– Não, Yugo. Só estou tentando ter uma ideia do futuro.

– Seguramente, se Hari se aposentar, eu serei seu sucessor no cargo. Ele e eu trabalhamos juntos na psico-história durante anos, antes que mais alguém viesse fazer parte do time. Ele e eu, mais ninguém. Além dele, mais ninguém conhece o projeto tanto quanto eu. Estou muito surpreso por você não ter pensado que seria óbvio eu sucedê-lo, Dors.

– Na minha cabeça – ela começou, então, a explicar –, e na de todos os demais, não há dúvida de que você é o sucessor lógico de Hari, mas você quer isso? Você pode saber de tudo a respeito da psico-história, mas quer se afundar na política e nas complexidades de um projeto de larga escala, abandonando uma boa parte do seu trabalho por causa disso? Na realidade, é justamente tentar manter tudo funcionando harmoniosamente que esgotou Hari. Você consegue assumir essa parte do trabalho?

– Sim, consigo, e não é algo que eu tenha intenção de discutir. Dors, escute aqui. Você veio me dar a notícia de que Hari pretende me pôr discretamente de lado?

– Claro que não! – respondeu Dors. – Como você poderia pensar uma coisa dessas de Hari? Alguma vez você o viu dar as costas a um amigo?

– Muito bem, então. Chega desse assunto. Na realidade, Dors, se você não se importa, eu tenho algumas coisas que preciso fazer. – Abruptamente, ele se afastou dela e tornou a se inclinar sobre seu trabalho.

– Naturalmente. Não tinha a intenção de ocupar tanto o seu tempo.

Dors saiu, com a testa franzida.

23

– Entre, mamãe – Raych disse. – Sem problemas. Mandei Manella e Wanda passearem.

Dors entrou, olhando para a direita e a esquerda por puro hábito, e depois se sentou na cadeira mais próxima.

– Obrigada – ela disse. Por alguns instantes, ela apenas ficou sentada, dando a impressão de que o peso do Império estava assentado sobre seus ombros.

Raych esperou e então observou:

– Ainda não tinha tido a chance de lhe perguntar que loucura foi aquela de fazer a viagem até o palácio. Nem todos os homens têm uma mãe capaz de tal façanha.

– Não vamos falar sobre isso, Raych.

– Bom, então, me diga: você não deixa transparecer nada em sua fisionomia, mas está me parecendo, tipo, abatida. O que se passa?

– Porque, como você diz, estou, tipo, abatida. Aliás, estou mesmo é de mau humor porque estou com assuntos tremendamente importantes girando na minha cabeça e não adianta absolutamente nada falar sobre essas questões com seu pai. Ele é o homem mais maravilhoso do mundo, mas muito difícil de se lidar. Não tem a menor chance de dar atenção a coisas dramáticas. Tudo ele descarta como mais um temor irracional da minha parte em relação à vida dele, e acha exageradas as minhas tentativas subsequentes de protegê-lo.

– Mamãe, ora, você realmente parece cultivar temores irracionais no que diz respeito a papai. Se você está formulando algo tão dramático em sua cabeça, provavelmente é algo infundado.

– Obrigada. Você tem exatamente a mesma atitude dele e me deixa frustrada. Completamente frustrada.

– Ora, pois então se abra, mamãe. Conte para mim o que a está deixando tão preocupada. Do começo.

– Começou com o sonho de Wanda.

– O sonho de Wanda! Mamãe! Talvez seja melhor você parar agora. Eu sei que o papai não vai lhe dar atenção se você começa por aí. Quer dizer, qual é? Uma garotinha tem um sonho e você cria uma tempestade em copo d'água. É ridículo.

– Bom, Raych, acho que não foi um sonho. Acho que ela *pensou* que sonhou, mas foram duas pessoas de carne e osso falando sobre o que ela pensou que tivesse ligação com a morte do avô.

– Que palpite mais alucinado! Quais as chances reais de isso ter mesmo acontecido desse modo?

– Apenas imagine que seja verdade. A única frase que restou na memória dela foi “morte limonada”. Por que ela sonharia com uma coisa assim? É muito mais provável que ela tenha ouvido essas palavras e distorcido o que ouviu. Nesse caso, quais foram as palavras que ela distorceu?

Em tom de incredulidade, Raych respondeu:

– Isso não sei dizer.

Dors percebeu claramente o tom da voz do filho.

– Você acha que não passa de uma invenção maluca da minha parte. Mesmo assim, se por acaso eu estiver com a razão, posso estar pegando a ponta de uma meada que levará a uma conspiração contra Hari, arquitetada bem aqui, no projeto.

– Existem conspiradores no projeto? Isso me parece tão impossível quanto encontrar sentido num sonho.

– Todo grande projeto é infestado de rancores, atritos, ciúmes, essas coisas.

– Claro que sim, sem dúvida. Estamos falando de palavras de baixo calão, caretas, narizes torcidos, fofocas. Isso não é absolutamente nem parecido com uma conspiração. Não tem nada a ver com matar papai.

– É só uma diferença de grau. E, talvez, uma pequena diferença.

– Você nunca fará papai acreditar nisso e, a propósito, nunca conseguirá fazer com que *eu* acredite. – Raych atravessou a sala em passadas rápidas e tornou a voltar. – E você andou tentando escarafunchar para ver se rastreava essa tal conspiração, não é?

Dors admitiu com um movimento de cabeça.

– E fracassou.

Ela admitiu de novo.

– Já lhe ocorreu que você não chegou a nada porque não existe conspiração, mamãe?

Dors sacudiu a cabeça.

– Fracassei até agora, mas isso não diminui minha certeza de que existe uma conspiração. Eu tenho essa sensação.

– Você parece muito trivial, mamãe – Raych riu. – Eu esperaria mais de você do que dizer “tenho essa sensação”.

– Existe uma frase que eu acho que pode ter sido distorcida para parecer “limonada”, que é “ajuda leiga”[1].

– Ajuda leiga?

– “Leigo” é como os matemáticos do projeto chamam os não

matemáticos.

– E?

– Suponha que alguém tenha falado de “morte com ajuda leiga” – Dors prosseguiu com firmeza – querendo dizer que poderiam encontrar algum meio de matar Hari com a ajuda essencial de algum não matemático. Talvez Wanda tivesse entendido essa conversa como “morte limonada”, considerando que nunca ouviu a expressão “ajuda leiga” antes, assim como você também não, e adora limonada...

– Você está tentando me dizer que havia pessoas no escritório particular do papai, por mais inacreditável que isso possa parecer... aliás, quantas pessoas?

– Quando Wanda fala do seu sonho, ela diz que eram duas. Minha sensação é de que uma dessas duas era justamente o coronel Hender Linn, da junta, e que estavam mostrando a ele o Primeiro Radiante. Devem ter falado alguma coisa a respeito de eliminar Hari.

– Mamãe, você está ficando cada vez mais alucinada. O coronel Linn e outro homem no escritório do papai falando sobre assassinato, sem saber que uma garotinha estava descansando na cadeira dele, ouvindo tudo sem que notassem a presença dela? É isso que você está pensando?

– Praticamente.

– Nesse caso, se alguém faz menção a um leigo, então, presumivelmente, a pessoa que não é Linn é um matemático. São pelo menos cinquenta, no projeto.

– Não interroguei todos eles. Falei com alguns e também com leigos, naturalmente, mas não descobri nenhuma pista. É óbvio que não pude ser totalmente clara em minhas perguntas.

– Em suma, ninguém que você já tenha entrevistado ofereceu alguma pista acerca dessa perigosa conspiração.

– Não.

– Não me surpreende. Não fizeram isso porque...

– Sei o que você vai dizer, Raych. Você imagina mesmo que as pessoas vão abrir o bico e falar sobre uma conspiração diante de um interrogatório tão casual? Não estou em posição de extrair de ninguém esse tipo de informação à força. Você imagina o que seu pai diria se eu atormentasse algum dos seus preciosos matemáticos?

Então, mudando repentinamente de entonação, Dors perguntou:

– Raych, você tem falado com Yugo Amaryl ultimamente?

– Não; recentemente, não. Ele é uma das criaturas menos sociáveis que temos, como você sabe. Se tirar dele a psico-história, ele vai desmontar no chão em um monte de pele seca.

Dors fez uma careta ao imaginar a cena, mas continuou:

– Conversei com ele em duas oportunidades nos últimos dias e ele me pareceu um pouco esquivo. Não me refiro ao cansaço dele, apenas. É quase como se ele não tivesse consciência do mundo.

– Sim. Esse é o Yugo.

– Ele tem piorado nos últimos tempos?

Raych refletiu sobre isso por alguns momentos.

– Talvez. Está ficando mais velho, como você sabe. Todos estamos. Menos você, mãe.

– Você diria que Yugo ultrapassou o limite e se tornou um tanto instável, Raych?

– Quem? Yugo? Ele não tem nada de instável em si, nem nada que o desestabilize. Basta deixar que continue com a psico-história e seguirá resmungando para si mesmo, muito contente, pelo resto de seus dias.

– Eu não acho. Alguma coisa o interessa, e muito. Trata-se da sucessão.

– Que sucessão?

– Mencionei que chegará o dia em que seu pai decidirá que vai se aposentar, e acontece que Yugo está determinado, absolutamente determinado, a ser o sucessor dele.

– O que não me surpreende. Imagino que todo mundo concorde que Yugo é o sucessor natural. Acho que o papai também pensa assim.

– Mas a mim ele não parece muito normal quando se trata dessa questão. Ele pensou que eu tivesse ido dar a ele a notícia de que Hari o havia enxotado para favorecer outra pessoa. Você consegue imaginar que alguém pense isso de Hari?

– Isso é surpreendente... – e Raych se interrompeu, olhando para sua mãe por um longo tempo. Depois continuou: – Mãe, você está se preparando para me dizer que Yugo poderia estar bem no meio dessa conspiração de que está falando? Que ele quer se livrar de papai e assumir o controle?

– Isso é inteiramente impossível?

– É, sim, mamãe. Inteiramente. Se há algum problema com Yugo é excesso de trabalho e nada mais. Ficar olhando para aquelas equações,

ou seja lá o que forem, durante o dia inteiro e metade da noite, é capaz de deixar qualquer um doido.

Dors se pôs em pé com um movimento brusco.

– Você tem razão.

– O que aconteceu? – perguntou Raych, espantado.

– Isso que você disse acaba de me dar uma ideia inteiramente nova. Inclusive, acho que é uma ideia crucial. – E sem mais nenhuma palavra, ela foi embora.

24

Dors Venabili desaprovou. E ela disse a Hari Seldon:

– Você passou quatro dias enfiado na Biblioteca Galáctica. Completamente isolado, sem contato, e mais uma vez deu um jeito de ir sem mim.

Marido e mulher encararam a imagem um do outro em suas holotelas. Hari tinha acabado de voltar de uma viagem de pesquisa na Biblioteca Galáctica, no Setor Imperial. Estava ligando para Dors de sua sala para dizer que já tinha voltado a Streeling. Mesmo furiosa, Hari pensou, Dors é linda. Gostaria de poder estender a mão e tocar-lhe o rosto.

– Dors – ele começou, com um tom apaziguador na voz –, eu não fui sozinho. Algumas pessoas foram comigo e, de todos lugares possíveis, a Biblioteca Galáctica é o mais seguro para estudiosos, mesmo nos tempos turbulentos em que viviemos. Acho que terei de ir à biblioteca com frequência cada vez maior, conforme o tempo passa.

– E você vai continuar indo sem me informar?

– Dors, não posso viver conforme esses pensamentos repletos de morte que passam pela sua cabeça. Também não quero você correndo atrás de mim e perturbando os bibliotecários. Eles não são a junta. Preciso deles e não quero que fiquem com raiva de mim. Mas acho que eu, que nós devemos arrumar um apartamento lá perto.

Dors pareceu aborrecida, sacudiu a cabeça, e então mudou de assunto.

– Você sabia que tive duas conversas com Yugo recentemente?

– Que bom, fico contente de você ter feito isso. Ele precisa de algum contato com o mundo externo.

– Precisa, mesmo, porque tem alguma coisa errada com ele. Ele não é o Yugo que tivemos conosco durante todos esses anos. Está se tornando vago, distante e, o que é muito estranho, apaixonado a respeito de um único aspecto, pelo que pude perceber: ele está determinado a ser seu sucessor quando você se aposentar.

– O que seria natural, se ele sobreviver a mim.

– Você não espera que ele sobreviva a você?

– Bem, ele tem onze anos a menos do que eu, mas as vicissitudes das circunstâncias...

– O que você está me dizendo é que reconhece que Yugo está em más condições. Ele parece e age como alguém mais velho do que você, apesar de ser mais jovem, e isso parece ser algo bem recente. Ele está doente?

– Fisicamente? Acho que não. Ele faz exames periódicos. Mas admito que ele parece exausto. Tentei convencê-lo a sair de férias por alguns meses, um ano sabático, se ele quisesse. Sugeri que saísse de Trantor, inclusive, para que pudesse se desligar do projeto o máximo possível, por algum tempo. Não haveria nenhum problema em financiar uma estadia dele em Getorin, um agradável mundo para retiro e descanso, a poucos anos-luz de distância.

Dors balançou a cabeça com impaciência.

– E naturalmente ele não irá. Também sugeri que ele tirasse férias e ele reagiu como se não conhecesse o *significado* dessa palavra. Ele se recusou terminantemente.

– Pois, então, o que podemos fazer? – questionou Seldon.

– Podemos pensar um pouco – insistiu Dors. – Yugo trabalhou durante vinte e cinco anos no projeto e pareceu manter seu vigor sem problemas de nenhum tipo e agora, do nada, ficou fraco. Não pode ser a idade. Ele nem completou cinquenta anos.

– Você está sugerindo alguma coisa?

– Sim. Há quanto tempo você e Yugo estão usando o Eletroclarificador no Primeiro Radiante de vocês?

– Há mais ou menos dois anos, talvez um pouco mais.

– Suponho que o Eletroclarificador seja usado por qualquer um que use o Primeiro Radiante.

– Precisamente.

– Isso quer dizer você e Yugo, principalmente?

– Sim.

– E Yugo mais do que você?

– Sim. Yugo está firmemente concentrado no Primeiro Radiante e em suas equações. Já eu, infelizmente, tenho de passar muito tempo cuidando dos deveres administrativos.

– E qual o efeito no corpo humano causado pelo uso do Eletroclarificador?

Seldon pareceu surpreso:

– Nada que possa ser considerado significativo, até onde eu sei.

– Nesse caso, me explique isto, Hari: o Eletroclarificador tem sido usado há mais de dois anos e, nesse tempo, você se torna mensuravelmente mais cansado, rabugento e "desligado". Por quê?

– Estou ficando velho, Dors.

– Bobagem. Quem foi que lhe disse que ter sessenta anos é o mesmo que entrar num estado de senilidade cristalizada? Você está usando sua idade como muleta e como defesa, e eu quero que pare com isso. Yugo, embora mais novo, vem sendo exposto ao Eletroclarificador mais do que você e, por causa disso, está mais cansado, mais rabugento e, na minha opinião, muito mais "desligado" do que você. E se mostra até puerilmente empolgado quanto à sucessão. Você não vê nada de significativo nisso tudo?

– Idade e excesso de trabalho. Isso é significativo.

– Não. É o Eletroclarificador. Ele está causando um efeito de longo prazo em vocês dois.

– Não posso refutar sua dedução, Dors – Seldon confessou, depois de uma pausa –, mas não vejo como isso seja possível. O Eletroclarificador é um dispositivo que produz um campo eletrônico incomum, mas mesmo assim é apenas do tipo a que os seres humanos estão constantemente expostos. Não pode causar danos incomuns. De todo modo, não podemos abrir mão de usá-lo. Não há meios de continuarmos avançando sem esse dispositivo.

– Bom, Hari, preciso pedir a você uma coisa e você tem de cooperar comigo. Não saia para nenhuma parte além do território do projeto sem me avisar, e não faça nada fora do comum sem me informar. Você entende o que estou pedindo?

– Dors, como posso concordar com isso? Você está tentando me enfiar numa camisa de força.

– É só por um tempo, alguns dias. Uma semana.

– O que vai acontecer em alguns dias, ou uma semana?

– Confie em mim – murmurou Dors, enigmática. – Vou esclarecer tudo.

25

Hari Seldon bateu de leve à porta de Yugo Amaryl, usando um antigo código que fez Amaryl levantar os olhos.

– Hari, que bom receber sua visita.

– Eu deveria vir aqui mais vezes. Antigamente, estávamos juntos o tempo todo. Agora, são centenas de pessoas com as quais me preocupar: aqui, ali, por toda parte... e elas se metem entre nós. Já sabe das novidades?

– Que novidades?

– A junta vai instituir um imposto individual para fins municipais, e de valor bem substancial. Será anunciado na TrantorVisão amanhã. Por ora, só se aplicará a Trantor, e os Mundos Exteriores terão de aguardar. Isso é um tanto decepcionante. Eu tinha esperado uma medida que abrangesse o Império todo de uma vez, mas ao que parece não imaginei direito que o general seria tão cauteloso.

– Trantor será suficiente – comentou Amaryl. – Os Mundos Exteriores ficarão sabendo que a vez deles chegará e que não demorará muito.

– Agora, veremos o que acontece.

– O que vai acontecer é que a revolta terá início no mesmo instante em que a medida for anunciada, e os confrontos públicos começarão antes mesmo que o imposto entre em vigor.

– Tem certeza?

Amaryl acionou seu Primeiro Radiante no mesmo instante e expandiu uma seção relativa àquela questão.

– Veja por si mesmo, Hari. Não há como isto ser mal interpretado; essa é a previsão conforme as circunstâncias particulares existentes agora. Se não acontecer desse jeito, significa que tudo aquilo em que trabalhamos na psico-história está errado e eu me recuso a acreditar nisso.

– Tentarei ter coragem – Seldon acrescentou, sorrindo. – E como é que você tem se sentido ultimamente, Yugo?

– Bem o bastante. Razoavelmente bem. E você, falando nisso? Ouvi

boatos de que você estaria pensando em renunciar. Até Dors disse algo nesse sentido.

– Não dê atenção a Dors. Nos últimos tempos ela está comentando esse tipo de coisa. Está desconfiada de algum tipo de perigo infiltrado no projeto.

– Mas que tipo de perigo?

– Melhor nem perguntar. Ela está obcecada com alguma de suas tangentes e, como sempre, isso a deixa descontrolada e incontrolável.

– Você enxerga então a vantagem que eu levo sendo solteiro? – observou Amaryl. Depois, baixando a voz, emendou: – Se você renunciar, Hari, quais são seus planos para o futuro?

– Você assume – respondeu Seldon. – Que outros planos eu poderia ter?

E Amaryl sorriu.

26

Na pequena sala de conferências no edifício principal, Tamwile Elar ouvia Dors Venabili com uma expressão mesclada de confusão e raiva no semblante. Finalmente, ele explodiu:

– Impossível!

Ele coçou o queixo e então acrescentou, com mais cautela:

– Não tenho a intenção de ofendê-la, dra. Venabili, mas suas insinuações são ridíc... não podem estar certas. De jeito nenhum alguém poderia pensar que existam sentimentos tão destruidores nos colaboradores da psico-história que justifiquem suas suspeitas. Certamente eu saberia se houvesse e posso lhe assegurar que não existem. Nem pense nisso.

– Mas eu penso – Dors martelou, obstinadamente –, e posso encontrar evidências disso.

– Não sei como dizer isso sem ofendê-la, dra. Venabili – contrapôs Elar –, mas se uma pessoa é engenhosa e determinada o suficiente para provar alguma coisa, ela encontrará evidências que corroborem o que ela quiser, ou pelo menos terá o que pensa serem evidências.

– Você me acha paranoica?

– Acho que em seus cuidados para com o Maestro (com os quais concordo plenamente) a senhora, podemos dizer, é exacerbada.

Dors parou e refletiu sobre o comentário de Elar.

– Pelo menos você tem razão quando diz que uma pessoa engenhosa o suficiente é capaz de encontrar evidências onde quiser. Por exemplo, posso montar uma acusação contra você.

Os olhos de Elar se arregalaram quando ele olhou para ela com expressão totalmente estupefata.

– Contra mim? Gostaria de me inteirar dos termos dessa acusação e do que a senhora possivelmente teria contra mim.

– Muito bem. Você saberá. A festa de aniversário foi sua ideia, não foi?

– Pensei nisso, sim – confessou Elar –, mas tenho certeza de que outros colaboradores também. Com o Maestro reclamando tanto de sua idade avançada, pareceu um modo natural de alegrá-lo um pouco.

– Tenho certeza de que outros devem ter pensado nisso, mas foi você quem realmente levou a coisa adiante e instigou minha nora a participar. Ela se incumbiu dos detalhes e você a convenceu de que era possível organizar uma celebração em larga escala. Não foi assim?

– Não sei se tive ou não influência sobre ela, mas, mesmo que tenha tido, o que há de errado nisso?

– Em si, nada, mas com a montagem de uma comemoração tão ampla e demorada não estaríamos divulgando para aqueles militares bastante instáveis e desconfiados da junta que Hari era popular demais e poderia representar um perigo para eles?

– Ninguém seria capaz de acreditar que uma coisa dessas tivesse passado pela minha cabeça.

– Estou apenas delineando uma possibilidade – Dors comentou. – Quando planejou a comemoração, você insistiu que os escritórios centrais fossem esvaziados...

– Temporariamente, por motivos óbvios.

– ... e insistiu que permanecessem desocupados por algum tempo. Durante esse período, ninguém realizou nenhum trabalho, exceto Yugo Amaryl.

– Não pensei que faria mal se o Maestro pudesse descansar um pouco antes da festa. Seguramente a senhora não pode reclamar disso.

– Mas isso podia significar que você teria condições de conversar com outras pessoas nas salas vazias e fazer isso em total sigilo. Naturalmente, são recintos bem protegidos.

– De fato, conversei lá com algumas pessoas: sua nora, os

fornecedores de comida, de serviços e outros envolvidos na festa. Era algo absolutamente necessário, não lhe parece?

– E se um desses interlocutores fosse um membro da junta?

Elar deu a impressão de ter levado um soco de Dors.

– Não aceito isso, dra. Venabili. O que acha que eu sou?

Dors não respondeu diretamente, mas prosseguiu:

– Você procurou o dr. Seldon para falar de uma reunião que ele teria com o general e insistiu (bastante, inclusive) que ele o deixasse ir em seu lugar e corresse os riscos que essa reunião poderia representar. O resultado disso, claro, foi o dr. Seldon ter insistido com veemência em se reunir ele mesmo com o general, o que se pode interpretar como tendo sido justamente o que você queria que ele fizesse.

Elar soltou uma risada curta e nervosa.

– Com todo o respeito, doutora, isso realmente parece paranoia.

Dors ignorou o aparte e continuou:

– E, então, depois da festa, não foi você o primeiro a sugerir que um grupo fosse para o Hotel Dome's Edge?

– Sim, e me lembro de a senhora dizer que era uma boa ideia.

– Essa sugestão talvez tenha sido dada para deixar a junta inquieta, servindo como mais um exemplo da popularidade de Hari, não acha? E quem sabe não tenha sido uma ideia destinada a me provocar a tentar invadir a região do palácio?

– E eu poderia tê-la impedido? – Elar exclamou, incrédulo, cedendo enfim à raiva. – A senhora já tinha tomado essa decisão, por si mesma.

Dors não lhe deu atenção.

– E, evidentemente, você esperava que, entrando no palácio, eu tivesse me enfiado numa encrenca grande o bastante para levar a junta a ficar ainda mais contra Hari.

– Mas por quê, dra. Venabili? Por que eu faria tudo isso?

– Seria possível dizer que para se livrar do dr. Seldon e para sucedê-lo como diretor do projeto.

– Mas como é possível que a senhora pense uma coisa dessas de mim? Não posso acreditar que esteja falando a sério. A senhora mesmo está fazendo exatamente o que disse que faria no começo deste exercício: mostrar-me o que pode ser feito por uma mente engenhosa decidida a encontrar supostas evidências.

– Vamos mudar para outro assunto. Eu disse que você estava em condições de usar as salas vazias para conversas particulares, e que

pode ter estado ali na companhia de um membro da junta.

– Isso nem merece que eu negue.

– Mas sua conversa foi ouvida por acidente. Uma menininha entrou na sala, se acomodou numa cadeira sem que fosse vista e ouviu a conversa que você manteve.

Elar franziu a testa.

– E o que ela ouviu?

– Ela mencionou dois homens que estavam conversando sobre morte. Como é somente uma criança, não pôde repetir tudo em detalhes, mas duas palavras a impressionaram: “morte limonada”.

– Agora, a senhora está indo da fantasia para a loucura, com o perdão da palavra. O que “morte limonada” poderia significar e o que isso teria a ver comigo?

– Minha primeira reação foi entender essas palavras literalmente. Essa menina gosta muito de limonada e havia bastante limonada na festa, mas ninguém a contaminou com algum veneno.

– Agradeço por essa reserva de sanidade.

– Então, me ocorreu que a menina ouviu outra coisa, e que seu domínio imperfeito da língua mais sua predileção por esse refresco criaram o termo “limonada”, mas distorcendo o que fora dito na realidade.

– E a senhora então inventou uma distorção – Elar ironizou.

– Por algum tempo, achei que ela poderia ter ouvido as palavras “ajuda leiga”.

– E o que isso quer dizer?

– Um assassinato levado a cabo por um leigo, um não matemático.

Dors parou e franziu a testa. Suas mãos foram ao peito, apertando-o. Com uma repentina aflição estampada no rosto, Elar perguntou:

– Algum problema, dra. Venabili?

– Não – Dors respondeu, parecendo ter-se sacudido.

Por alguns instantes, ela não disse mais nada e Elar pigarreou. Não havia mais nenhum sinal de cordialidade em seu rosto quando ele disse:

– Dra. Venabili, seus comentários estão ficando cada vez mais ridículos e, bem, não me importo se a ofendo ou não, mas me cansei dessas insinuações. Vamos dar um basta na conversa?

– Estamos quase no fim, dr. Elar. “Ajuda leiga” pode ser de fato algo ridículo, como você diz. Eu também chegara a essa conclusão por

mim mesma. Em parte, você é responsável pelo desenvolvimento do Eletroclarificador, não é mesmo?

Elar pareceu ficar mais empertigado quando respondeu, com uma ponta de orgulho na voz:

– Inteiramente responsável.

– Sem dúvida não “inteiramente”. Sei que ele foi projetado por Cinda Monay.

– Uma projetista. Ela seguiu minhas instruções.

– Uma *leiga*. O Eletroclarificador é um dispositivo de *ajuda leiga.*

Controlando a própria agressividade, Elar objetou:

– Não quero mais ouvir essa expressão. Novamente eu digo: vamos dar um basta na conversa?

Dors, todavia, continuou pressionando, como se não tivesse ouvido o pedido de Elar.

– Embora não dê nenhum crédito a ela agora, para Cinda você o deu, a fim de mantê-la trabalhando com afinco, imagino. Ela me disse que você lhe deu um crédito pelo trabalho e que se sentia muito grata por isso. Disse que você inclusive denominou o dispositivo com os nomes de vocês dois, embora não seja essa a designação oficial do dispositivo.

– Claro que não. Chama-se Eletroclarificador.

– E ela disse ainda que estava projetando melhorias, intensificadores, coisas assim, e que você tinha o protótipo de uma versão avançada do novo dispositivo, pronta para testar.

– E o que tudo isso tem a ver com o resto?

– Desde que tanto o dr. Seldon como o dr. Amaryl vêm trabalhando com o Eletroclarificador, os dois têm se deteriorado em alguns aspectos. Yugo, que trabalha mais com o dispositivo, também está sofrendo uma piora mais acentuada.

– De maneira nenhuma o Eletroclarificador pode causar danos.

Dors levou a mão à testa e se contraiu momentaneamente. Então acrescentou:

– E agora você tem um Eletroclarificador mais potente, capaz de causar mais danos, suficiente para matar depressa em vez de lentamente.

– Que absurdo!

– Agora, vamos pensar no nome do dispositivo, o nome que, de acordo com a mulher que o projetou, você é o único a usar para se

referir a ele. Imagino que o tenha chamado de Clarificador Elar-Monay.[1]

– Não me lembro de alguma vez ter usado essa expressão – Elar refutou, inquieto.

– Claro que usou. E o novo Clarificador Elar-Monay poderia ser usado para matar sem que ninguém pudesse levar a culpa. Seria somente um lamentável acidente provocado por um dispositivo novo e ainda em fase de testes. Seria a “morte Elar-Monay” e a garotinha achou que tinha ouvido “morte limonada”.

A mão de Dors agarrou algo ao lado de seu corpo.

Elar sussurrou, com muita suavidade:

– Dra. Venabili, a senhora não está passando bem.

– Estou me sentindo perfeitamente bem. Não tenho razão?

– Ouça, não importa o que a senhora queira distorcer para que pareça com “limonada”. Quem sabe o que a garotinha pode ter ouvido? Tudo se resume ao poder letal do Eletroclarificador. Leve-me a um tribunal ou a uma junta científica de investigação e deixe que os especialistas, quantos desejar, avaliem os efeitos do Eletroclarificador, inclusive da nova versão do aparelho, em seres humanos. Eles não constatarão nenhum efeito mensurável.

– Não acredito nisso – Venabili disse entredentes. As mãos dela agora cobriam-lhe a testa e seus olhos estavam fechados. Ela se balançava de leve.

– É óbvio que a senhora não está bem, dra. Venabili – Elar interveio. – Talvez isso queira dizer que está na hora de eu falar. A senhora me dá licença?

Dors abriu os olhos e simplesmente o encarou, emudecida.

– Vou interpretar seu silêncio como autorização. Que utilidade teria para mim me livrar do dr. Seldon e do dr. Amaryl para ocupar um cargo de diretor? A senhora impediria qualquer tentativa minha de assassinar um deles, ou ambos, como agora pensa que está fazendo. No caso improvável de eu ter êxito com um plano desses, e me livrasse de dois grandes homens, a senhora em seguida me faria em pedaços. Bem pequenos. A senhora é uma mulher incomum, forte e rápida além do que se pode crer. Enquanto a senhora estiver viva, o Maestro está a salvo.

– Sim – Dors anuiu, com ar ameaçador.

– Foi o que eu disse aos homens da junta. Por que deveriam vir me

consultar a respeito de questões envolvendo o projeto? Estão todos muito interessados na psico-história, como deveriam mesmo estar. Foi difícil para eles acreditarem no que lhes contei ao seu respeito, até que a senhora invadiu o complexo do palácio. Isso os deixou convencidos, pode estar certa, e eles concordaram com o meu plano.

– Aha! Agora estamos chegando lá – Dors disse, com a voz débil.

– Eu disse que o Eletroclarificador não pode danificar seres humanos. Não pode mesmo. Amaryl e seu precioso Hari estão simplesmente ficando *velhos*, embora a senhora se recuse a aceitar tal fato. E daí? Estão bem, como seres perfeitamente *humanos*. O campo eletromagnético não tem um efeito substancial sobre a matéria orgânica. Mas, evidentemente, pode ter efeitos adversos sobre máquinas eletromagnéticas sensíveis e, se pudermos imaginar um ser humano feito de metal e componentes eletrônicos, ele poderia afetar essa criatura. Algumas lendas falam de seres humanos artificiais. Os mycogenianos baseiam sua religião na existência deles e chamam-nos “robôs”. Se existisse algum robô, é possível imaginar que fosse muito mais forte e ligeiro do que qualquer ser humano normal. Ele teria propriedades que, de fato, lembram as suas, dra. Venabili. E, de fato, um robô desses poderia ser detido, ferido e até mesmo destruído com um Eletroclarificador potente, como esse que tenho aqui e que está funcionando em baixa intensidade desde que começamos a nossa conversa. É por isso que está se sentindo tão mal, dra. Venabili... e, tenho certeza, pela primeira vez em sua vida.

Dors não disse nada, mal olhando para aquele homem. Devagar, ela afundou numa cadeira.

Elar sorriu e continuou a falar:

– Claro que, tirando a senhora do caminho, não teremos problemas com o Maestro e com Amaryl. Aliás, o Maestro, sem a senhora, pode sair imediatamente de cena e renunciar, sob o peso de um luto intenso, enquanto Amaryl é simplesmente uma mente infantil. O mais provável é que nenhum dos dois precise ser morto. E, então, dra. Venabili, qual a sensação de ser desmascarada, depois de todos esses anos? Devo reconhecer que a senhora foi exímia em ocultar sua real natureza. É quase surpreendente que ninguém mais tenha descoberto a verdade até agora. Mas, afinal, sou um matemático brilhante, um observador, um pensador, um homem de deduções. Mesmo eu não teria chegado a essa conclusão se não fosse por sua fanática devoção

ao Maestro e pelas eventuais demonstrações de força sobre-humana de que a senhora parece capaz quando *ele* está em perigo. Diga adeus, dra. Venabili. Agora, eu só preciso acionar o dispositivo na força máxima e a senhora se tornará um fato do passado.

Dors pareceu recuperar o controle e se levantou lentamente da cadeira, resmungando:

– Talvez eu seja mais blindada do que você acha. – Então, com um rugido, saltou sobre Elar.

Com os olhos do tamanho de pires, Elar guinchou e recuou.

Mas Dors já estava em cima dele, com as mãos para a frente. Com a borda de uma das mãos, golpeou o pescoço de Elar destruindo-lhe as vértebras e seccionando a medula. Ele caiu morto no chão.

Com algum esforço, Dors se aprumou de novo e foi cambaleando na direção da porta. Tinha de encontrar Hari. Ele precisava saber o que tinha acontecido.

27

Hari Seldon ficou em pé de um salto, horrorizado. Ele nunca tinha visto Dors com aquela expressão, o rosto retorcido, o corpo desalinhado, trôpega como se estivesse bêbada.

– Dors! O que foi? O que há de errado?

Ele correu até ela e a pegou pela cintura, no instante em que o corpo dela ficava cor de cinza e desfalecia nos braços de Seldon. Ele a ergueu (ela pesava mais do que uma mulher normal daquele tamanho pesaria, mas Seldon não se deu conta disso naquele momento) e a deitou no sofá.

– O que aconteceu?

Ela contou, arfando e falhando de vez em quando, enquanto ele lhe afagava a cabeça e tentava se obrigar a acreditar no que estava acontecendo.

– Elar está morto – ela confessou. – Finalmente, matei um ser humano. Primeira vez. Pior ainda.

– Dors, você sabe me dizer quanto está ferida?

– Muito. Elar ligou o aparelho no máximo quando voei para cima dele.

– Você pode ser recalibrada.

– Como? Não há ninguém em Trantor que saiba como fazer isso. Preciso de Daneel.

Daneel. Demerzel. De algum modo, muito no fundo de si mesmo, Hari sempre soubera. Seu amigo, um robô, tinha fornecido a ele uma protetora, outro robô, para garantir que a psico-história e as sementes das Fundações tivessem uma chance de se firmar. O único problema fora que Hari se havia apaixonado por sua protetora, um *robô*. Agora, tudo fazia sentido. Todas as dúvidas e as perguntas mais insistentes podiam ser, enfim, respondidas. E, de algum modo, isso não fazia a menor diferença. A única coisa que importava era Dors.

– Não podemos deixar que isso aconteça.

– É preciso. – Os olhos de Dors se abriram após piscarem um pouco e ela olhou para Seldon. – É preciso. Tentei salvar você e falhei... questão vital... quem protegerá você agora?

Seldon não conseguia enxergá-la claramente. Havia algo errado com seus olhos.

– Não se preocupe comigo, Dors. É você... é você...

– Não. Você, Hari. Diga a Manella... Manella... que a perdoo agora. Ela foi melhor do que eu. Explique a Wanda. Você e Raych, cuidem um do outro.

– Não, não, não – Seldon repetia, balançando-se para a frente e para trás. – Você não pode fazer isso. Aguente firme, Dors, por favor. Por favor, meu amor.

A cabeça de Dors teve um débil tremor e ela sorriu ainda mais debilmente.

– Adeus, Hari, meu amor. Sempre se lembre de tudo que fez por mim.

– Não fiz nada por você. – Você me amou e seu amor me tornou humana.

Os olhos dela continuaram abertos, mas Dors tinha parado de funcionar.

Yugo Amaryl entrou como um furacão na sala de Seldon.

– Hari, a revolta popular está começando, mais cedo e mais intensa do que esper...

E então ele olhou para Seldon e Dors e sussurrou:

– O que aconteceu?

Seldon ergueu os olhos para ele na mais absoluta agonia:

– Revoltas! E que me importam as revoltas agora? O que me

importa *qualquer coisa* agora?

PARTE 4

WANDA SELDON

——— **Seldon, Wanda**

Nos últimos anos de vida de Hari Seldon, ele se tornou mais apegado (alguns até diriam mais dependente) a sua neta, Wanda. Tendo ficado órfã ainda jovem, Wanda Seldon dedicou-se ao Projeto de Psico-História do avô, preenchendo a vaga deixada por Yugo Amaryl...

O conteúdo do trabalho de Wanda Seldon permanece um mistério, em ampla medida, pois foi realizado em isolamento total. As únicas pessoas que podiam ter acesso à pesquisa de Wanda Seldon eram o próprio Hari e um jovem chamado Stettin Palver (cujo descendente, Preem, iria, quatrocentos anos depois, contribuir para o renascimento de Trantor, quando o planeta ressurgiu das cinzas do Grande Saque [300 E.F.])...

Embora se desconheça em toda a extensão a contribuição de Wanda Seldon para a Fundação, sem dúvida sua obra foi da mais elevada magnitude...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

1

Hari Seldon entrou a passos vacilantes na Biblioteca Galáctica (mancando de leve, como vinha fazendo com mais frequência nos últimos tempos) e se aproximou de onde ficavam os deslizadores – pequenos veículos que venciam a distância dos intermináveis corredores daquele complexo de edifícios.

Deteve-se, porém, quando avistou três homens sentados em uma das alcovas galatográficas, onde o galatógrafo exibia uma representação tridimensional completa da Galáxia e, evidentemente, com seus mundos identificados durante seu giro lento em volta do núcleo, e também formando ângulos retos enquanto se movimentavam.

De onde estava, Seldon pôde ver que a Província de Anacreon, no limite da Galáxia, estava assinalada com um vermelho brilhante. Em sua posição limítrofe, tinha muito volume e era escassamente povoada por estrelas. Anacreon não se distingue por ser rica nem por oferecer um elevado padrão cultural, mas era memorável pela distância a que ficava de Trantor: dez mil parsecs.

Cedendo a um impulso, Seldon se instalou em uma estação de computador perto dos três homens e deu início a uma busca aleatória que, com certeza, levaria um tempo indefinidamente longo. Sua intuição lhe dizia que um interesse assim tão intenso por Anacreon devia ser de natureza política; sua localização na Galáxia tornava-o um dos redutos menos seguros do atual regime imperial. Os olhos de Seldon continuavam fixos na tela do monitor, mas seus ouvidos estavam antenados na conversa que era mantida perto dele. Normalmente, não se ouviam discussões políticas no recinto da biblioteca. Aliás, nem deveriam ser conduzidas.

Seldon não conhecia nenhum dos três, o que não era totalmente uma surpresa. Havia os frequentadores regulares, até em bom número, e Seldon conhecia de vista a maioria deles – com alguns ele inclusive trocava palavras, eventualmente –, mas a biblioteca era aberta a todos

os cidadãos. Sem discriminação. Qualquer um podia entrar e utilizar suas instalações. (Por um tempo limitado, naturalmente. Somente alguns poucos, Seldon entre esses, podiam "acampar" lá dentro. Seldon fora contemplado com o direito de uso de uma sala particular com chave e com acesso total aos recursos da biblioteca.)

Um dos homens (e Seldon pensou nele como Nariz Curvado por motivos óbvios) falou em um tom de voz baixo, mas ansioso:

– Deixa pra lá. Deixa pra lá. Está nos custando uma fortuna insistir em mantê-la e, mesmo que consigamos, só durará enquanto eles estiverem lá. Eles não podem ficar lá para sempre e, assim que partirem, a situação voltará ao que era.

Seldon sabia do que estavam falando. Através da TrantorVisão, há três dias tinha chegado a notícia de que o governo imperial havia decidido demonstrar sua força a fim de colocar de volta na linha o insubordinado governador de Anacreon. A análise psico-histórica de Seldon lhe havia indicado que se tratava de um procedimento inútil, mas em geral o governo não lhe dava ouvidos quando suas emoções eram atiçadas. Seldon sorriu de leve e com uma sensação de peso ao ouvir Nariz Curvado repetir o que ele mesmo havia dito, e o jovem falara sem o menor conhecimento de psico-história.

– Se deixarmos Anacreon por si só, o que perdemos? – prosseguiu Nariz Curvado. – É um mundo que continua lá, exatamente onde sempre esteve, bem à beirada do Império. Ele não pode simplesmente migrar para Andrômeda, não é? Portanto, continua tendo de negociar conosco e a vida continua. Qual a diferença se batem continência para o Imperador ou não? Nunca conseguiremos notar a diferença.

O segundo homem, que Seldon tinha batizado de Carecão, também por motivos óbvios, respondeu:

– Exceto que toda essa questão não existe em um vácuo. Se Anacreon se for, outras províncias limítrofes também irão. E o Império irá se esfacelar.

– E daí? – sussurrou com raiva Nariz Curvado. – De todo modo, o Império não pode mais se sustentar e existir com eficiência. É grande demais. Que a borda se vá, e cuide bem de si mesma, se puder. Os Mundos Interiores ficarão fortalecidos e em melhor condição. A borda não precisa ser politicamente nossa; continuará sendo, economicamente.

Então, o terceiro homem, Bochechas Vermelhas, interferiu:

– Gostaria que você tivesse razão, mas não é desse jeito que vai funcionar. Se as províncias da borda declararem sua independência, a primeira coisa que cada uma delas fará será tentar aumentar seu poder à custa de suas vizinhas. Haverá guerras e conflitos, e cada um daqueles governadores sonhará em finalmente se tornar o Imperador. Será como nos tempos de antes do Império de Trantor, uma era de trevas que durará milhares de anos.

– Sem dúvida, as coisas não ficarão assim *tão* ruins – discordou o Carecão. – O Império pode se fragmentar, mas rapidamente se recomporá quando as pessoas descobrirem que a ruptura significa somente guerras e empobrecimento. Ansiarão pelos velhos tempos de ouro, quando o Império se mantinha intacto, e tudo vai ficar bem de novo. Não somos bárbaros, compreendem? Acharemos um jeito.

– Certamente – concordou o Nariz Curvado. – Temos de lembrar que o Império enfrentou uma crise atrás de outra, ao longo de sua história, e que todas as vezes resolveu as questões.

O Bochechas Vermelhas, todavia, não aceitava esse argumento, e balançou a cabeça:

– Isto agora não é somente mais uma crise. É algo muito pior. O Império está se deteriorando há várias gerações. Dez anos daquele regime da junta destruíram a economia e, desde que ela caiu e o novo Imperador foi empossado, o Império tem se mostrado tão fraco que os governadores da Periferia não precisam fazer nada. O Império vai sucumbir sob seu próprio peso.

– E a aliança com o Imperador... – começou Nariz Curvado.

– Que aliança? – atalhou Bochechas Vermelhas. – Ficamos anos e anos sem Imperador depois que Cleon foi assassinado e ninguém pareceu se importar muito. Este novo Imperador não passa de um testa de ferro. Ele não pode fazer nada. Ninguém pode fazer nada. Não se trata de uma crise. É o *fim*.

Os outros dois encararam Bochechas Vermelhas com expressões consternadas.

– Você realmente acredita nisso! – acusou Carecão. – Você acha que o governo imperial vai simplesmente ficar lá, parado, deixando que as coisas aconteçam e pronto?

– Sim! Assim como vocês dois, eles não acreditam que esteja acontecendo. Quer dizer, até que seja tarde demais.

– E o que você acha que eles deveriam fazer se realmente

acreditassem? – indagou Carecão.

Bochechas Vermelhas pregou os olhos no galatógrafo, como se pudesse achar uma resposta ali.

– Não sei. Veja, vai chegar uma hora em que vou morrer. Quando isso acontecer, as coisas não estarão tão ruins. Mais tarde, conforme a situação piorar, outras pessoas podem se preocupar com isso. Eu não existirei mais. E também não existirão mais os bons e velhos tempos. Talvez para sempre. Não sou o único que pensa assim, por falar nisso. Vocês já ouviram falar de um sujeito chamado Hari Seldon?

– Claro – respondeu Nariz Curvado. – Ele foi o primeiro-ministro de Cleon, não foi?

– Sim – disse Bochechas Vermelhas. – É uma espécie de cientista. Há alguns meses, estive numa palestra que ele deu. Foi uma sensação boa perceber que eu não sou o *único* que acredita que o Império está se desmantelando. Ele disse...

– Ele disse que tudo irá por água abaixo e que prevalecerá uma era das trevas permanente? – interrompeu o Carecão.

– Bem, não – explicou Bochechas Vermelhas. – Ele é um sujeito realmente cauteloso. Ele disse que *pode* acontecer, mas está enganado. *Vai* acontecer.

Seldon já tinha ouvido o suficiente. Mancando, aproximou-se da mesa onde estavam os três homens e tocou Bochechas Vermelhas no ombro.

– Senhor – ele começou –, posso falar com você um momento?

Assustado, Bochechas Vermelhas levantou os olhos e perguntou:

– Ei, o senhor não é o professor Seldon?

– Sempre fui – respondeu Seldon. Então, mostrou ao homem um crachá com sua foto. – Gostaria de conversar com o senhor em minha sala, aqui na biblioteca, às quatro da tarde, depois de amanhã. Seria possível?

– Tenho de trabalhar.

– Entre em contato e diga que está doente. É importante.

– Bom, não tenho certeza, senhor.

– Faça isso – Seldon foi firme. – Se tiver algum transtorno, pode deixar que eu resolvo. E, enquanto isso, cavalheiros, se importam se eu estudar essa simulação da Galáxia por um momento? Faz muito tempo que não vejo isso.

Todos aquiesceram sem dar uma palavra, aparentemente

intimidados por estarem na presença do ex-primeiro-ministro. Um a um recuaram e permitiram que Seldon assumisse os controles do galatógrafo.

O dedo de Seldon alcançou o controle e a luz vermelha que havia destacado a Província de Anacreon desapareceu. A Galáxia estava desmarcada; no centro, cintilava um marcador enevoado sobre o brilho esférico, atrás do qual estava o buraco negro da Galáxia.

Naturalmente, as estrelas individuais não podiam ser divisadas a menos que aquela escala fosse ampliada, mas então somente uma ou outra porção da Galáxia apareceria na tela e Seldon queria enxergar a coisa toda, queria ver o Império que estava desaparecendo.

Acionando um contato, uma série de pontos amarelos apareceu na imagem da Galáxia. Representavam os planetas habitáveis, os vinte e cinco milhões deles. Eles podiam ser discernidos como pontos individuais na fina névoa que representava as periferias da Galáxia, mas se dispunham de maneira cada vez mais compacta conforme fossem se aproximando do centro. Havia um cinturão do que parecia uma faixa amarela sólida (mas que, sob ampliação, se separava em pontos individuais) em torno do brilho central. Em si, o brilho central permanecia branco e desmarcado, naturalmente. Nenhum planeta habitável poderia existir em meio às turbulentas energias do núcleo.

Apesar da grande densidade de amarelo, Seldon sabia que nenhuma estrela entre dez mil tinha um planeta habitável orbitando ao seu redor. Isso era verdade, apesar da capacidade dos humanos de moldar planetas e de terraformá-los. Nem toda a moldagem da Galáxia seria capaz de tornar a maioria dos mundos algo em cuja superfície um ser humano fosse capaz de andar com conforto e sem a proteção de um traje espacial.

Seldon fechou outro circuito. Os pontos amarelos desapareceram, mas uma mínima região cintilou em azul: Trantor e os vários mundos que dependem dele diretamente. Trantor, que ficava muito perto do núcleo central, mas ainda imune à sua letalidade, era comumente percebido como situado "no centro da Galáxia", e isso era verdade. Como sempre, era impressionante a pequenez do mundo de Trantor, um lugar minúsculo comparado à vastidão da Galáxia, mas em seu interior espremia-se a mais vultosa concentração de riqueza, cultura e autoridade governamental que a humanidade já tinha visto.

E até mesmo isso estava fadado à destruição.

Era praticamente como se aqueles homens pudessem ler sua mente ou talvez tivessem interpretado a expressão de tristeza em seu rosto.

– O Império será realmente destruído? – perguntou Carecão, com voz suave.

Com suavidade ainda maior, Seldon respondeu:

– É possível. Qualquer coisa pode acontecer.

Ele ficou em pé, sorriu para os três homens e foi embora, mas em seus pensamentos estava gritando: “Será! Será!”.

2

Seldon suspirou ao subir em um dos deslizadores, enfileirados lado a lado, numa ampla alcova. Há apenas alguns anos, tinha havido uma época em que ele se sentia ótimo ao caminhar a passos rápidos por aqueles intermináveis corredores da biblioteca, comentando consigo mesmo como era capaz de fazer aquilo, mesmo tendo ultrapassado a barreira dos sessenta anos.

Agora, já na casa dos setenta, suas pernas lhe haviam faltado depressa demais e ele tinha de usar o deslizador. Os jovens usavam o dispositivo o tempo todo porque lhes economizava trabalho, mas, para Seldon, era uma questão de necessidade, e isso fazia toda a diferença.

Depois de Seldon ter digitado o destino, fechou o circuito e o deslizador descolou uma fração de centímetro do chão e, pairando suavemente, lá foi o veículo a uma velocidade tranquila, sem oscilações e silenciosamente, enquanto Seldon se reclinava e observava as paredes do corredor, os outros deslizadores, os eventuais usuários a pé.

Seldon passou por diversos bibliotecários e, mesmo depois de todos esses anos, ainda sorria quando os via. Constituíam a mais antiga Guilda do Império, aquela com as tradições mais venerandas, e se mantinham apegados a procedimentos que eram mais apropriados aos séculos anteriores, talvez aos milênios anteriores.

Seus trajes eram de seda e quase brancos, largos o suficiente para lembrarem mantos e, desde o pescoço, formavam um drapeado ondulante.

Assim como em todos os mundos, Trantor oscilava no que dizia respeito ao código masculino de uso de pelos faciais, indo da barba

cerrada até o rosto liso. Em Trantor mesmo, ou pelo menos na maioria de seus setores, os homens se barbeavam por completo e assim vinham fazendo desde os tempos mais remotos, exceto por anomalias como os bigodes dos dahlitas, que Raych, seu filho adotivo, cultivava.

No entanto, os bibliotecários ainda usavam as *barbas* de outrora. Cada um dos bibliotecários tinha uma, cortada rente e muito bem cuidada, cobrindo o rosto de orelha a orelha, mas deixando exposto o lábio superior. Somente esse detalhe já era suficiente para identificá-los em sua profissão, e o rosto totalmente imberbe de Seldon lhe parecia um pouco desconfortável quando se via rodeado por muitos desses bibliotecários.

Na realidade, a coisa mais característica de todas era o barrete que todos usavam (acho que até mesmo para dormir, Seldon pensou). Era quadrado, feito de um tecido aveludado, e seus quatro gomos se uniam em um botão, no centro. Eram de todas as cores e, aparentemente, cada uma delas tinha um significado. Se a pessoa conhecesse em detalhes a cultura dos bibliotecários era capaz de saber há quanto tempo aquele bibliotecário em particular estava em seu cargo, sua área de especialização, os vários graus de suas realizações e assim por diante. Os barretes ajudavam a estabelecer a hierarquia. Cada um deles, após uma rápida olhada no barrete do outro, era capaz de saber se devia se comportar de maneira respeitosa (e em que medida) ou dominadora (e em que medida).

A Biblioteca Galáctica era a maior estrutura única em Trantor (e, possivelmente, em toda a Galáxia), e era muito maior inclusive do que o Palácio Imperial. Houvera um tempo em que cintilava e faiscava, como se quisesse ostentar seu tamanho e magnificência. Entretanto, assim como o próprio Império, havia fenecido. Era como a idosa matriarca que ainda usasse as joias de sua juventude, em um corpo enrugado e desfigurado pela idade.

O veículo parou em frente à porta ornamentada da sala do bibliotecário-chefe, e Seldon desceu.

Las Zenow sorriu ao cumprimentar Seldon.

– Bem-vindo, meu amigo – ele saudou com sua voz de tenor. (Seldon se perguntava se ele teria sido cantor em sua juventude, mas nunca se aventurara a perguntar aquilo em voz alta. O bibliotecário-chefe era a encarnação da dignidade, a todo momento, e uma pergunta dessa poderia ter parecido ofensiva.)

– Saudações – retribuiu Seldon. Zenow tinha uma barba grisalha, bem mais de meio caminho andado para se tornar perfeitamente alva, e usava um barrete todo branco. *Isso* Seldon entendeu sem necessidade de explicação. Era o caso da ostentação ao contrário. A ausência completa de gomos coloridos em seu barrete representava a pureza da posição mais elevada.

Zenow esfregou as mãos num gesto que parecia denunciar um íntimo contentamento.

– Chamei você aqui, Hari, porque tenho uma boa notícia para lhe dar. Nós o encontramos!

– Las, este "o" está se referindo a...

– Um mundo adequado. Você queria um bem longe. Acho que localizamos o ideal. – O sorriso dele se alargou. – Basta deixar a cargo da biblioteca, Hari. Podemos encontrar qualquer coisa.

– Não tenho a menor dúvida, Las. Fale mais sobre esse mundo.

– Primeiro, quero lhe mostrar a localização. – Uma parte da parede deslizou para o lado, as luzes da sala diminuíram de intensidade e a Galáxia apareceu em sua forma tridimensional, girando devagar. Mais uma vez, as linhas vermelhas destacaram a Província de Anacreon, de modo que Seldon quase podia jurar que o episódio com os três homens tinha sido um ensaio para esse momento.

Então, um ponto azul brilhante apareceu na ponta extrema dessa província.

– Aí está – apontou Zenow. – É um mundo ideal. De bom tamanho, com boa irrigação, atmosfera com bastante oxigênio e vegetação, naturalmente. Boa quantidade de fauna marinha. Está bem ali, para quem quiser. Não é preciso moldagem de planeta nem terraformação. Pelo menos, nada que não possa ser feito enquanto está sendo efetivamente ocupado.

– É um mundo desocupado, Las? – indagou Seldon.

– Completamente desocupado. Não há ninguém lá.

– Mas por quê, se é tão adequado? Imagino, se você tem todos os detalhes a respeito dele, que deva ter sido explorado. Por que não foi colonizado?

– Foi explorado, sim, mas somente por sondas não tripuladas. E não houve colonização, presumivelmente por ser muito longe de tudo. Esse planeta gira em torno de uma estrela que está mais distante do buraco negro central do que qualquer outro planeta habitado...

Muitíssimo mais distante. Tão distante, imagino eu, que não tenha atraído nenhum colono, mas penso que para você não seja remoto demais. Você disse: “Quanto mais longe, melhor”.

– Sim – Seldon concordou com um movimento da cabeça. – Continuo dizendo a mesma coisa. Esse lugar tem um nome ou é só uma combinação de números e letras?

– Acredite se quiser, mas o planeta tem um nome. Os que enviaram as sondas chamaram-no Terminus, um termo arcaico que significa “o fim da linha”. Algo que ele realmente parece ser.

Seldon quis saber mais:

– Esse mundo faz parte do território da Província de Anacreon?

– Na realidade, não – respondeu Zenow. – Se você examinar a linha vermelha e o sombreado vermelho, verá que o ponto azul de Terminus fica levemente fora dessas áreas; na realidade, fica a cinquenta anos-luz. Terminus não é de ninguém. Aliás, não faz nem parte do Império.

– Então, você tem razão, Las. De fato parece o mundo ideal que eu vinha procurando.

– Evidentemente – Zenow acrescentou, com ar pensativo –, assim que você ocupar Terminus imagino que o governador de Anacreon vá dizer que o planeta está sob sua jurisdição.

– É possível – observou Seldon –, mas teremos de lidar com isso quando surgir a questão.

Zenow esfregou as mãos de novo.

– Que invenção gloriosa. Instalar um projeto imenso em um mundo novo em folha, remoto e inteiramente isolado, de tal sorte que ano após ano e década após década possa ser elaborada uma imensa enciclopédia com todo o conhecimento humano. Um epítome do que existe nesta biblioteca. Se eu fosse um pouco mais novo, adoraria participar dessa expedição.

Entristecido, Seldon comentou:

– Você é quase vinte anos mais novo do que eu. – E, ainda mais triste, ele pensou: “Quase todos são muito mais jovens do que eu”.

– Ah, sim – acrescentou Zenow –, ouvi dizer que você recém-completou setenta anos. Espero que tenha desfrutado a data e comemorado do modo apropriado.

Seldon se remexeu.

– Não comemoro meus aniversários.

– Ah, mas antes, sim. Lembro-me da famosa história do seu

aniversário de sessenta anos.

Seldon sentiu aquela dor tão profundamente quanto se a maior de todas as suas perdas no mundo tivesse acontecido no dia anterior.

– Por favor, não fale disso – ele pediu.

– Desculpe – murmurou Zenow, intimidado. – Vamos falar de outra coisa. Se, de fato, Terminus é o mundo que você quer, imagino que seu trabalho nos aspectos preliminares do Projeto da Enciclopédia vá ser redobrado. Como você sabe, a biblioteca fica feliz por ajudá-lo, em todos os aspectos.

– Estou ciente disso, Las, e profundamente grato. De fato, continuaremos trabalhando.

Com isso, ficou em pé, mas incapaz de sorrir dado o ainda pungente efeito daquela alusão à comemoração de seus sessenta anos, dez anos atrás. À guisa de despedida, emendou:

– Bom, devo continuar o meu trabalho.

Ao sair, porém, sentiu, como sempre, uma aguda dor de consciência por causa do ardil que estava pondo em prática. Las Zenow não tinha nem a mais remota ideia das verdadeiras intenções de Seldon.

3

Hari Seldon olhou ao redor da confortável sala que lhe haviam reservado na Biblioteca Galáctica para ser seu escritório pessoal, já havia alguns anos. Assim como o restante da biblioteca, exalava um vago ar de decadência, uma espécie de cansaço, como algo que estivesse há tempo demais no mesmo lugar. Apesar disso, Seldon sabia que poderia prosseguir ali, no mesmo lugar, por ainda mais alguns séculos – feitos reparos cuidadosos e criteriosos – ou até mesmo por milênios.

Como foi parar ali?

Repetidas vezes ele percorria o passado em sua mente, seguindo os filamentos de seus pensamentos ao longo do percurso de sua existência. Sem dúvida, fazia parte de ficar mais velho. Havia muito mais coisas no passado e muito menos no futuro, e assim a mente dava as costas à ameaçadora sombra do que estava por vir para contemplar a segurança do que já tinha acontecido.

Em seu caso, porém, houvera uma mudança. Durante mais de trinta anos, a psico-história havia se desenvolvido segundo o que poderia ser descrito como uma linha reta, em que o progresso avançava devagar, mas seguia sempre em frente. Então, seis anos antes, tinha ocorrido uma guinada de noventa graus, e totalmente inesperada.

Seldon sabia exatamente como isso acontecera, como uma concatenação de eventos tornou possível aquela reviravolta.

Fora Wanda, claro. Sua neta. Hari fechou os olhos e se acomodou melhor na cadeira para rever os acontecimentos de seis anos atrás.

Aos doze anos, Wanda estava desolada. Sua mãe, Manella, tivera outra criança – outra garotinha, Bellis – e por algum tempo o novo bebê fora fonte de total preocupação.

Tendo concluído o livro sobre seu setor natal, Dahl, seu pai, Raych, constatou que o livro estava fazendo algum sucesso e que ele havia se tornado uma pequena celebridade. Era convidado a dar palestras sobre o tema, algo que aceitava com alacridade, pois estava seriamente mergulhado no assunto, como havia dito a Hari, com um sorriso: “Quando falo sobre Dahl, não preciso encobrir meu sotaque dahlita. Aliás, o público espera isso de mim”.

O resultado geral, no entanto, era que se mantinha fora de casa uma grande parte do tempo e, quando estava em casa, ele queria ver o bebê.

Quanto a Dors... Dors tinha morrido, e para Hari Seldon aquela ferida era sempre recente, sempre dolorosa. Ele mesmo havia reagido ao impacto de uma maneira infeliz. Fora o sonho de Wanda que tinha posto em andamento a sequência de eventos que culminara na perda de Dors.

Wanda não teve nada a ver com aquilo, disso Seldon sabia muito bem. Não obstante, sentia-se evitando a neta, de modo que também não estava lá para ajudá-la quando ocorreu a crise gerada pelo nascimento do novo bebê.

Desconsolada, Wanda buscou a única pessoa que sempre parecia alegre ao vê-la, a única pessoa com quem sempre pôde contar: Yugo Amaryl, o único depois de Hari Seldon em importância no desenvolvimento da psico-história e o primeiro em absoluta devoção vinte e quatro horas por dia a essa ciência. Hari sempre contou com Dors e Raych, mas a vida de Yugo era a psico-história. Ele não tinha esposa nem filhos. Todavia, sempre que Wanda ia até ele, algo dentro

dele a reconhecia como filha e ele registrava vagamente – ainda que apenas por um breve instante – uma sensação de perda que parecia ser mitigada somente se demonstrasse afeto pela menina. Claro que ele tendia a tratá-la como um adulto em miniatura, mas Wanda parecia gostar disso.

Já fazia seis anos desde que ela entrara na sala de Yugo. Ele olhou para ela, com aquela cara de coruja que tinha depois de seus olhos terem sido reconstituídos, e, como sempre, levou um minuto ou dois para reconhecê-la.

– Ora, é a minha querida amiga Wanda. Mas por que essa cara tão triste? Certamente, uma mocinha tão atraente como você nunca deveria se sentir triste.

E Wanda, com o lábio inferior tremendo, respondeu:

– Ninguém me ama.

– Ora, ora, isso não é verdade.

– Eles só amam o novo bebê. Não se importam mais comigo.

– Eu amo você, Wanda.

– Bom, então você é o único, tio Yugo. – E, embora não pudesse mais se aninhar no colo dele como fazia quando era menor, aninhou a cabeça em seu ombro e chorou.

Totalmente perdido quanto ao que fazer, Amaryl somente abraçou a menina e disse:

– Não chore, não chore. – E, por pura empatia, e porque havia tão pouco em sua vida que o levasse a chorar, sentiu lágrimas escorrendo também pelo seu rosto.

Então, com uma repentina dose de energia, ele perguntou:

– Wanda, você gostaria de ver uma coisa bonita?

– O quê? – Wanda fungou.

Amaryl só conhecia uma coisa na vida e em todo o universo que era realmente linda. Ele perguntou:

– Você já viu o Primeiro Radiante?

– Não. O que é?

– É aquilo em que seu avô e eu costumamos trabalhar. Está vendo? Bem aqui.

Ele apontou para o cubo preto sobre sua mesa e Wanda olhou para ele com uma careta.

– Isso não é bonito – ela protestou.

– Agora não – Amaryl concordou. – Mas veja só o que acontece

quando eu o ligo.

Então, ele o ligou. A sala ficou escura e cheia de pontos de luz e lampejos de cores variadas.

– Viu? Agora podemos ampliar mais e todos esses pontos se tornam símbolos matemáticos.

E foi o que aconteceu. Houve um jorro de informações vindo na direção deles e ali, em pleno ar, pairavam sinais de todas as espécies, letras, números, setas e formas que Wanda nunca vira antes.

– Não é lindo? – Amaryl perguntou.

– É, sim – respondeu Wanda, olhando cuidadosamente para as equações que (ela não sabia) representavam futuros possíveis. – Mas não gosto desta parte. Acho que está errada. – Ela apontou para uma equação colorida à esquerda.

– Errada? Por que você diz que ela está errada? – Amaryl questionou, com a testa enrugada.

– Porque... não está bonita. Eu faria de outro jeito.

Amaryl pigarreou.

– Bom, então vou tentar dar um jeito nisso. – Ele se aproximou da equação que ela indicara e contemplou-a com seu semblante de coruja.

Wanda então disse:

– Muito obrigada, tio Yugo, por me mostrar essas luzes lindas. Talvez um dia eu entenda o que elas querem dizer.

– Tudo bem – disse Amaryl. – Espero que você esteja se sentindo melhor.

– Um pouco, obrigada – e, depois de ter-lhe dirigido um brevíssimo sorriso, ela saiu do escritório.

Amaryl continuou ali parado, sentindo-se um tanto magoado. Ele não gostava que criticassem o produto do Primeiro Radiante, nem que fossem críticas de uma menina de doze anos que não tinha a menor ideia do que fosse aquilo.

E, enquanto permanecia ali, não tinha a menor ideia de que havia começado uma revolução na psico-história.

4

Naquele dia à tarde, Amaryl foi até a sala de Hari Seldon na

Universidade de Streeling. Em si, essa atitude era incomum, já que Amaryl praticamente nunca saía de sua própria sala, nem mesmo para falar com algum colega que trabalhasse no mesmo corredor.

– Hari – Amaryl chamou, com a testa franzida e parecendo aturdido. – Aconteceu uma coisa muito estranha. Muito peculiar.

Seldon olhou para Amaryl com a mais profunda consternação. Ele tinha apenas cinquenta e três anos, mas parecia muito mais velho, curvado, desgastado, chegava quase a ser transparente. Sob pressão, tinha feito exames médicos e todos os especialistas haviam recomendado que ele deixasse seu trabalho por algum tempo (houve quem dissesse "em caráter permanente") e fosse *descansar*. Somente assim ele teria condições de melhorar de saúde. Caso contrário... E Seldon abanou a cabeça. "Se o tirarem de seu trabalho, ele irá morrer ainda mais depressa, e muito mais infeliz. Não temos escolha."

Então, Seldon se deu conta de que, perdido em seus pensamentos, não estava escutando o que Amaryl dizia.

– Desculpe, Yugo – ele disse. – Estou um pouco distraído. Comece novamente.

– Estou lhe dizendo que aconteceu uma coisa muito estranha – ele repetiu. – Muito peculiar.

– O que foi, Yugo?

– Foi Wanda. Ela veio me ver; estava muito triste, muito abatida.

– Por quê?

– Aparentemente, é por causa do novo bebê.

– Ah, sei – Hari comentou com um tom indisfarçável de culpa na voz.

– Foi o que ela disse e então chorou no meu ombro. Até eu acabei chorando um pouco, Hari. E então pensei que poderia animá-la se lhe mostrasse o Primeiro Radiante. – Nesse ponto Amaryl hesitou, como se estivesse escolhendo as próximas palavras com todo o cuidado.

– Continue, Yugo. O que aconteceu?

– Bom, ela ficou olhando todas as luzes e eu ampliei uma porção; na realidade, a Seção 42R254. Você sabe do que estou falando?

Seldon sorriu.

– Não, Yugo. Não memorizei as equações tão bem quanto você.

– Pois deveria – Amaryl respondeu com severidade. – Como é que você pode fazer um bom trabalho se... Mas deixe para lá. O que estou tentando dizer é que Wanda apontou para uma parte daquilo e disse

que não estava bom. Que não era *bonito*.

– E por que não? Todos nós temos preferências e aversões.

– Sim, naturalmente, mas fiquei matutando a respeito disso e passei algum tempo na revisão desse trecho e, Hari, de fato *havia* uma coisa errada ali. A programação naquela área estava inexata; justamente a área que Wanda apontou que não estava boa. E, realmente, não era bonita.

Seldon se empertigou rigidamente, franzindo a testa.

– Quero ver se entendi isso direito, Yugo. Ela apontou para alguma coisa, aleatoriamente, disse que não estava bom e tinha *razão*?

– Sim. Ela apontou, mas não foi aleatoriamente. Foi um gesto bastante deliberado.

– Mas isso é impossível.

– Só que aconteceu. Eu estava lá.

– Não estou dizendo que não aconteceu. Estou dizendo que foi somente uma coincidência.

– É mesmo? Com todo o seu conhecimento de psico-história, você acha que poderia olhar rapidamente para um novo conjunto qualquer de equações e me dizer que uma parte dele não estava boa?

– Ora, Yugo, então... como foi que você acabou expandindo aquele trecho específico das equações? – retrucou Seldon. – O que o levou a escolher *aquele* trecho para ampliar?

Amaryl deu de ombros.

– *Isso* foi uma coincidência, se quiser chamar assim. Eu estava apenas mexendo nos controles.

– Não poderia ter sido coincidência – resmungou Seldon. Por alguns instantes, ele ficou afundado em seus pensamentos, e então formulou a pergunta que poria em movimento a revolução psico-histórica iniciada por Wanda.

– Yugo, você tinha alguma desconfiança com respeito a essas equações, anteriormente? – Seldon indagou. – Tinha algum motivo para crer que havia algo de errado com elas?

Amaryl ficou mexendo na faixa de seu traje único, uma peça inteiriça, e pareceu constrangido.

– Sim, acho que tinha. Veja...

– Você *acha* que tinha?

– Eu sei que tinha. Acho que me lembrei de quando a estava montando... É um trecho novo, entende? Meus dedos pareceram

deslizar errado pelo programador. Na hora pareceu tudo bem, mas acho que por dentro fiquei me preocupando com aquilo. Lembro-me de pensar que dava a impressão de estar errado, mas como eu tinha outras coisas a fazer apenas deixei aquela questão de lado. Mas, então, aconteceu de Wanda apontar precisamente para a área que me havia deixado intrigado, e decidi verificar o que ela havia indicado. Senão, eu teria apenas ignorado o comentário como alguma bobagem infantil.

– E você acionou justamente aquele trecho das equações para mostrar a Wanda. Como se aquilo estivesse perturbando o seu inconsciente.

– Quem sabe? – Amaryl deu de ombros.

– E, pouco antes disso, vocês estavam muito unidos, abraçados, ambos chorando.

Amaryl deu de ombros novamente, parecendo cada vez mais envergonhado.

– Acho que sei o que aconteceu, Yugo. Wanda leu a sua mente – explicou Seldon.

Amaryl teve um sobressalto, como se tivesse sido mordido.

– Mas isso é impossível!

Lentamente, Seldon continuou:

– Uma vez conheci uma pessoa que tinha poderes mentais incomuns, desse mesmo tipo – e ele pensou com pesar em Eto Demerzel, ou, como Seldon o havia secretamente conhecido, Daneel –, só que ele era um pouco *mais* do que humano. Mas a capacidade dele para ler mentes, para captar os pensamentos das outras pessoas, para persuadir os outros a agir de determinadas maneiras, esse era um poder *mental*. Acho que, de algum modo, talvez Wanda também tenha esse tipo de capacidade.

– Não consigo acreditar nisso – respondeu Amaryl, obstinado.

– Eu consigo – Seldon insistiu –, mas não sei o que fazer com isso. – De maneira indistinta, ele pressentiu os primórdios de uma revolução na pesquisa psico-histórica, mas somente de maneira indistinta.

5

– Pai – Raych chamou a atenção dele, com alguma apreensão na voz –, você parece cansado.

– Acho que sim – Hari Seldon respondeu –; eu me sinto cansado. Mas como vai você?

Naquela ocasião, Raych estava com quarenta e quatro anos e seu cabelo estava começando a mostrar sinais de fios prateados, mas seu bigode continuava basto e escuro, com aparência perfeitamente dahlita. Seldon se perguntou se o filho não o pintaria de preto, mas essa não teria sido uma boa pergunta a se fazer. Então disse:

– Chega de palestras por enquanto?

– Por enquanto. Mas não por muito tempo. Estou feliz por estar em casa e ver o bebê, Manella e Wanda... e você, papai.

– Obrigado, mas tenho novidades para você, Raych. Basta de palestras. Vou precisar de você por aqui.

Raych franziu o cenho.

– Para quê? – Em duas ocasiões distintas ele fora enviado para executar missões delicadas, mas isso tinha sido na época da ameaça joranumita. Até onde sabia, as coisas estavam calmas agora, especialmente depois da queda da junta e do restabelecimento de um Imperador fraco.

– É a Wanda – Seldon explicou.

– Wanda? Qual o problema com Wanda?

– Não há nada de errado com ela, mas vamos ter de mapear todo o genoma dela, o seu e o de Manella também, e depois o do novo bebê.

– Bellis também? O que está acontecendo?

Seldon hesitou.

– Raych, você sabe que sua mãe e eu sempre achamos que você tinha uma amabilidade, algo que inspirava afeição e confiança nas pessoas.

– Eu sei que você pensava isso. Você vivia dizendo isso quando estava tentando me convencer a fazer alguma coisa importante. Mas vou ser honesto com você: eu nunca senti nada disso.

– Não... você me conquistou, e conquistou Dors. – Ele tinha tanta dificuldade em pronunciar o nome dela, mesmo que já tivessem se passado quatro anos desde que ela fora destruída. – Você conquistou Rashelle, de Wye. E também Jo-Jo Joranum. Além de Manella. Como é que explica tudo isso?

– Inteligência e encanto – Raych respondeu, sorridente.

– Alguma vez achou que poderia ter sintonizado a mente dessas pessoas?

– Não, nunca pensei isso. E agora, ouvindo você mencionar algo do gênero, acho que é ridículo. Com todo o respeito, papai, naturalmente.

– Que tal eu lhe dizer que Wanda parece ter lido a mente de Yugo durante um momento de crise?

– Eu diria que foi coincidência ou pura imaginação.

– Raych, uma vez eu conheci alguém que era capaz de lidar com a mente das pessoas com a mesma facilidade com que você e eu lidamos com uma conversa.

– E quem era?

– Não posso falar o nome dele, mas pode acreditar no que estou lhe dizendo.

– Bom... – e Raych ficou em dúvida.

– Estive na Biblioteca Galáctica, averiguando esse tipo de coisa. Existe uma história curiosa, com cerca de vinte mil anos de idade, e portanto pertencente às origens mais remotas das viagens hiperespaciais. Tratava-se de uma moça, só um pouco mais velha do que Wanda é agora, e que era capaz de se comunicar com um planeta inteiro que girava em torno de um sol, chamado Nemesis.

– Seguramente, um conto de fadas.

– Seguramente. E incompleto, aliás. Mas a semelhança com Wanda é notável.

Então Raych indagou:

– Pai, o que você está planejando?

– Não tenho certeza, Raych. Preciso mapear o genoma e tenho de encontrar outros como Wanda. Tenho essa ideia de que os jovens nascem (não com frequência, só ocasionalmente) com essas capacidades mentais, mas isso, em geral, apenas os coloca em encrencas e eles aprendem a escondê-las. Conforme vão ficando maiores, essa capacidade, esse talento, fica enterrado no fundo de sua psique, numa espécie de manobra inconsciente de autopreservação. Seguramente, no Império, ou mesmo somente entre os 40 bilhões de cidadãos de Trantor, devem existir mais pessoas como Wanda e, se eu mapear o genoma que quero, posso testar os indivíduos que acho que têm esse poder.

– E o que faria com essas pessoas se as encontrasse, papai?

– Penso que elas são o que preciso para levar adiante o desenvolvimento da psico-história.

– E por acaso Wanda é a primeira desse tipo que você conhece, e

tem a intenção de torná-la uma psico-historiadora? – indagou Raych.

– Talvez.

– Como Yugo. Pai, não!

– E por que não?

– Porque eu quero que ela seja uma menina normal e se torne uma mulher normal. Não quero saber de você fazê-la sentar diante do Primeiro Radiante para transformá-la num monumento vivo da matemática psico-histórica.

– Pode não chegar a esse ponto, Raych – esclareceu Seldon –, mas devemos mapear o genoma dela. Você sabe que há milhares de anos é sugerido que todo ser humano tenha seu genoma arquivado. É só uma questão de custo que tem impedido esse procedimento de se tornar padrão. Ninguém tem dúvida de sua utilidade. Certamente você enxerga as vantagens disso. No mínimo, saberemos a propensão de Wanda a uma variedade de distúrbios fisiológicos. Se alguma vez tivéssemos mapeado o genoma de Yugo, eu tenho certeza de que ele não estaria morrendo agora. Seguramente podemos chegar a esse ponto.

– Bom, talvez, pai, mas nada além disso. Posso apostar que Manella vai se mostrar muito mais firme a esse respeito do que eu.

– Muito bem – concordou Seldon. – Mas lembre-se: chega de turnês de palestras. Preciso de você em casa.

– Veremos – Raych respondeu e então saiu.

Seldon continuou sentado, num dilema. Eto Demerzel, a única pessoa que ele conhecia que era capaz de lidar com mentes, teria sabido como agir. Dors, com seus conhecimentos não humanos, saberia o que fazer.

Quanto a ele, não tinha mais do que um pálido vislumbre de uma nova psico-história – e nada além disso.

6

Não fora uma tarefa simples mapear o genoma completo de Wanda. Para início de conversa, o número de biomédicos habilitados para lidar com genomas era pequeno e aqueles que eram capazes sempre estavam atarefados.

Tampouco era possível a Seldon expor abertamente suas

necessidades a fim de interessar os biomédicos. Seldon achava que era absolutamente essencial que a verdadeira razão de seu interesse pelos poderes mentais de Wanda fosse mantido em segredo de toda a Galáxia.

E, se faltasse mais alguma dificuldade para compor o quadro, o processo de mapeamento do genoma era em si absurdamente caro.

Abanando a cabeça, Seldon perguntou a Mian Endelecki, a biomédica que estava consultando:

– Por que é tão dispendioso, dra. Endelecki? Não sou especialista na área, mas tenho pleno conhecimento de que esse é um processo completamente informatizado e que, assim que se obtém uma amostra de tecido da pele, o genoma pode ser todo mapeado e analisado em poucos dias.

– Isso é verdade. Mas chegar à molécula do ácido desoxirribonucleico, estendida em seus bilhões de nucleotídeos, com cada purina e cada pirimidina em seu devido lugar, é o menor dos estágios... o menor mesmo, professor Seldon. Depois vem a questão de estudar cada um deles e compará-lo com algum padrão. Agora, em primeiro lugar, considere que, embora tenhamos registros de genomas completos, eles representam uma fração pequena, quase imperceptível, do número total de genomas existentes, de maneira que não sabemos de fato se eles fazem parte de um padrão.

– E por que tão poucos? – indagou Seldon.

– Por vários motivos. Os custos, antes de mais nada. Poucas pessoas estão dispostas a gastar créditos com isso a menos que tenham fortes motivos para pensar que haja algo errado com seu genoma. E, se não têm um motivo muito claro, relutam em se submeter a essa análise, temendo que *acabem* encontrando algo errado. Bem, dito isso, o senhor tem certeza de que quer mapear o genoma de sua neta?

– Sim, quero. Isso é da máxima importância.

– Por quê? Ela evidencia algum sinal de anomalia metabólica?

– Não, não. Pelo contrário; se eu soubesse o antônimo de “anomalia”... Eu a vejo como uma pessoa incomum e quero saber o que exatamente a faz assim.

– Incomum em que sentido?

– Mentalmente; mas, para mim, é impossível entrar em detalhes porque não compreendo tudo que diz respeito a essa característica nela. Depois de mapeado o genoma, talvez eu consiga explicar.

– Quantos anos ela tem?

– Doze. Logo completará treze.

– Nesse caso, preciso da autorização dos pais.

Seldon pigarreou.

– Isso pode ser difícil. Sou o avô dela. Isso não seria suficiente como autorização?

– Para mim, sem dúvida. Mas, como o senhor sabe, estamos falando da lei. Não quero perder minha licença de trabalho.

Fora necessário que Seldon abordasse Raych outra vez a respeito desse assunto. Isso também foi difícil, já que ele protestou novamente, reafirmando que ele e Manella, sua esposa, queriam que Wanda levasse a vida normal de uma menina normal. E se o genoma dela acabasse revelando alguma anormalidade? Ela poderia ser levada para que a estudassem e sondassem como se fosse um espécime de laboratório. Movido pela fanática devoção do pai ao Projeto de Psico-História, Raych achava que ele poderia pressionar Wanda a viver uma vida de trabalho, sem nenhuma diversão, afastando-a de outras pessoas de sua idade. Mas Seldon mostrou-se obstinado.

– Raych, confie em mim. Eu nunca faria nada que pudesse prejudicar Wanda. Mas isto tem de ser feito. Preciso mapear o genoma de Wanda. Se for o que suspeito que seja, podemos estar prestes a mudar todo o curso da psico-história, e o futuro da Galáxia inclusive!

Assim, Raych se viu persuadido e, de alguma maneira, conseguiu que Manella também consentisse. Juntos, os três adultos levaram Wanda até a sala da dra. Endelecki.

Ela os recebeu à porta. Seus cabelos brancos brilhavam, mas seu rosto não exibia sinais de idade avançada.

A dra. Mian olhou para a menina, que entrou com uma expressão de curiosidade no semblante, mas sem apreensão ou medo. Então, virou-se para olhar os três adultos que tinham acompanhado Wanda e disse, sorrindo:

– Mãe, pai e avô, certo?

– Absolutamente certo – afirmou Seldon.

Raych parecia subjugado e Manella, de rosto um pouco inchado e olhos avermelhados, parecia cansada.

– Wanda – a doutora chamou. – Esse é o seu nome, não é?

– Sim, senhora – a menina respondeu com sua voz límpida.

– Vou lhe dizer exatamente o que farei com você. Você é destra,

imagino.

– Sim, senhora.

– Muito bem, então. Vou passar um pouco de anestésico numa parte do seu antebraço esquerdo. Vai parecer um ventinho frio na pele, só isso. Então, vou raspar um tiquinho da pele, só um pedacinho mesmo. Você não vai sentir dor, não vai sair sangue e não vai ficar nenhuma marca. Quando eu terminar, vou borrifar o local com um desinfetante. O procedimento todo levará apenas alguns minutos. Tudo bem para você?

– Claro – disse Wanda, estendendo o braço.

Depois de concluída a remoção da pele, a dra. Endelecki explicou:

– Agora, vou colocar esse pedacinho de pele ao microscópio, escolher uma célula adequada e acionar o meu analisador genético computadorizado. Ele vai marcar cada um dos nucleotídeos até o último deles, mas existem bilhões. Provavelmente, vai levar o dia todo. É tudo automático, naturalmente, então não vou precisar ficar aqui sentada assistindo à máquina funcionar; também não tem sentido vocês fazerem isso. Assim que o genoma estiver preparado, vai levar ainda mais tempo para que seja analisado. Se quiserem uma leitura completa, ela pode levar umas duas semanas. É isso que torna o procedimento tão caro. O trabalho é longo e exigente. Quando estiver pronto, eu chamo vocês de novo. – Então, ela lhes deu as costas, como se tivesse dispensado a família, e se dirigiu para um aparelho vistoso e cintilante que havia na mesa à frente dela.

– Se encontrar qualquer coisa incomum, poderia entrar em contato comigo no mesmo instante? – pediu Seldon. – Quer dizer, não espere até a análise ficar completa se encontrar alguma coisa logo no começo. Não me faça esperar.

– Professor Seldon, as chances de achar algo peculiar no começo da análise são muito remotas, mas eu prometo que entrarei em contato com o senhor imediatamente, se isso parecer necessário.

Manella tomou a mão de Wanda e a conduziu para fora da sala, em triunfo. Raych foi atrás, arrastando os pés. Seldon se demorou um pouco mais, para acrescentar:

– Isto é mais importante do que a senhora pode imaginar, dra. Endelecki.

– Seja qual for o motivo, professor, farei o meu melhor – ela aquiesceu.

Seldon saiu, com a boca firmemente apertada. Não tinha ideia de como havia chegado à conclusão de que o genoma seria mapeado em cinco minutos e que, depois de uma breve olhada nele, em mais cinco minutos ele teria chegado à resposta que esperava. Seria preciso aguardar algumas semanas, sem saber o que seria encontrado.

Seldon rangeu os dentes. Será que sua mais recente invenção intelectual, a Segunda Fundação, algum dia chegaria a ser instituída ou não passava de uma ilusão que permaneceria para sempre inatingível?

7

Hari Seldon entrou na sala da dra. Endelecki com um sorriso nervoso estampado na face.

– A senhora disse duas semanas, doutora – ele se queixou. – Já se passou mais de um mês.

– Lamento, professor Seldon, mas o senhor queria tudo exato e foi isso que tentei fazer – explicou a dra. Mian.

– E então? – a expressão de ansiedade no rosto de Seldon não desapareceu. – O que a senhora descobriu?

– Mais ou menos uma centena de genes defeituosos.

– O quê?! Genes defeituosos?! Está falando sério, doutora?

– Completamente. Por que não? Não existe nenhum genoma sem pelo menos uma centena de genes com defeito; em geral, esse número é consideravelmente maior. Mas não é tão ruim quanto parece, entende?

– Não, não entendo. A senhora é a especialista, não eu.

A dra. Endelecki suspirou e se ajeitou na cadeira.

– O senhor não conhece nada de genética, certo, professor?

– Não, não conheço. Não se pode saber tudo.

– O senhor tem toda a razão. Eu não sei nada de... como é que se chama? Psico-história. – A biomédica deu de ombros e depois prosseguiu: – Se quisesse explicar tudo a respeito desse assunto, o senhor seria obrigado a começar do começo e provavelmente nem assim eu entenderia. Bem, no caso da genética...

– Sim?

– Um gene imperfeito em geral não quer dizer nada. Existem genes

imperfeitos, tão imperfeitos e tão cruciais que produzem anomalias terríveis. Esses, porém, são muito raros. A maioria dos genes imperfeitos apenas não funciona com exatidão absoluta. São como rodas levemente descalibradas. O veículo segue em frente, balançando um pouco, mas vai.

– É isso o que Wanda tem?

– Sim. Mais ou menos. Afinal, se todos os genes fossem perfeitos, todos nós teríamos exatamente a mesma aparência, iríamos nos comportar precisamente da mesma maneira. É a diferença nos genes que cria pessoas diferentes.

– Mas isso não piora quando ficamos mais velhos?

– Sim. Todos vamos ficando piores ao envelhecer. Reparei que o senhor entrou mancando. Por quê?

– Um pouco de inflamação no ciático – Seldon resmungou.

– A vida inteira foi assim?

– Claro que não.

– Bom, alguns dos seus genes pioraram com o tempo e agora o senhor manca.

– E o que acontecerá com Wanda, no decorrer do tempo?

– Não sei, não posso prever o futuro, professor. Acredito que essa seja a sua área. No entanto, se fosse para arriscar um palpite, eu diria que nada de incomum irá acontecer com Wanda, pelo menos do ponto de vista genético, exceto o avanço da idade.

– Tem certeza? – insistiu Seldon.

– O senhor terá de acreditar em mim. Queria descobrir como era o genoma de Wanda e correu o risco de descobrir coisas que talvez fosse melhor não saber. Mas eu posso lhe dizer que, em minha opinião, não vejo nada de terrível acontecendo com ela.

– E esses genes imperfeitos, deveríamos corrigi-los? Podemos corrigi-los?

– Não. Em primeiro lugar, seria muito dispendioso. Depois, a chance maior é de que não permanecessem corrigidos. Por fim, as pessoas são contra.

– E por quê?

– Porque são contra a ciência em geral. O senhor deveria saber, professor. Parece que essa é a situação vigente. Especialmente desde a morte de Cleon, o misticismo vem ganhando cada vez mais terreno. Todos preferem a cura por imposição das mãos ou por outros meios

fraudulentos. Falando francamente, está sendo extremamente difícil dar seguimento ao meu trabalho, com tão pouco financiamento.

– Na realidade, entendo essa situação até bem demais – concordou Seldon. – A psico-história explica isso, mas honestamente eu não achei que a situação estivesse piorando assim tão depressa. Estive muito envolvido com o meu próprio trabalho para perceber outras dificuldades à minha volta. – Seldon suspirou. – Estou observando o Império Galáctico se desmantelar devagar ao longo dos últimos trinta anos, e agora está começando a cair muito mais depressa. Não vejo como seria possível interromper sua queda a tempo.

– E o senhor tem tentado? – a dra. Endelecki parecia achar graça na ideia.

– Estou tentando.

– Boa sorte. Com o seu ciático. Sabe, há cinquenta anos poderia ser curado, mas agora, não.

– Por que não?

– Bom, os aparelhos usados para isso não existem mais, e as pessoas que eram capazes de lidar com eles estão trabalhando em outras coisas. A medicina está em declínio.

– Junto com todo o resto – divagou Seldon. – Mas voltemos a Wanda. Para mim, ela parece uma jovenzinha muito incomum com um cérebro diferente do da maioria. O que os genes dele têm a dizer a respeito do cérebro de Wanda?

A dra. Endelecki se recostou na cadeira.

– Professor Seldon, o senhor sabe quantos genes participam do funcionamento cerebral?

– Não.

– Preciso lembrá-lo de que, de todos os aspectos do corpo humano, a função cerebral é a mais intrincada. Aliás, até onde sabemos, não há nada no universo tão intrincado quanto o cérebro humano. Portanto, não poderá surpreendê-lo se eu lhe disser que existem milhares de genes desempenhando algum papel no funcionamento do cérebro.

– Milhares?

– Exatamente. E é impossível examinar cada um deles e perceber alguma coisa especificamente incomum. No que diz respeito a Wanda, acredito no que o senhor diz. Ela é uma garota incomum, com um cérebro incomum, mas não enxergo nada nos genes dela que me informe qualquer coisa a respeito de seu cérebro, exceto,

naturalmente, que é normal.

– A senhora poderia encontrar outras pessoas cujos genes do funcionamento mental fossem como os de Wanda, genes que provoquem o mesmo padrão cerebral?

– Duvido muito. Mesmo que outro cérebro fosse muito parecido com o dela, ainda assim existiriam enormes diferenças genéticas. É inútil buscar semelhanças. Diga-me, professor, exatamente o que a respeito de Wanda é que o leva a achar que o cérebro dela é incomum?

Seldon abanou a cabeça.

– Desculpe, mas isso é uma coisa que não posso comentar.

– Nesse caso, estou *segura* de que não posso achar nada do que o senhor quer. Como foi que o senhor descobriu que havia algo incomum no cérebro dela, essa coisa que não pode mencionar?

– Por acaso – ele resmungou em resposta –, por puro acaso.

– Sendo assim, o senhor terá de encontrar outras pessoas com o cérebro como o dela também por acaso. Não há mais nada a se fazer.

O silêncio desceu entre eles. Finalmente, Seldon perguntou:

– Alguma coisa que a senhora possa me dizer?

– Temo que não, exceto que vou lhe mandar a conta.

Seldon se levantou com certo esforço. A dor no nervo ciático estava terrível.

– Bom, então, doutora, meus agradecimentos. Mande a conta que eu pagarei.

Hari Seldon deixou a sala da médica se perguntando o que poderia fazer agora.

8

Como todos os outros intelectuais, Hari Seldon havia usado livremente a Biblioteca Galáctica. Quase todas as vezes, as consultas tinham sido feitas a distância, por meio do computador, mas de vez em quando ele fora pessoalmente, mais para se afastar um pouco das pressões do Projeto de Psico-História do que por qualquer outro motivo. Nos últimos dois anos, desde que formulara seu plano para encontrar outras pessoas como Wanda, havia mantido uma sala privativa no complexo da biblioteca a fim de ter acesso imediato a

todas as vastas coleções de dados. Havia inclusive alugado um pequeno apartamento num setor adjacente sob o domo para poder ir a pé até a biblioteca quando sua pesquisa, cada vez maior, não lhe permitisse regressar ao Setor Streeling.

Agora, todavia, seu plano tinha alcançado novas dimensões e ele queria encontrar Las Zenow. Seria a primeira vez que se encontraria com ele cara a cara.

Não era fácil conseguir uma entrevista pessoal com o bibliotecário-chefe da Biblioteca Galáctica. A maneira como Zenow encarava a natureza e o valor de seu cargo era elevada e costumavam dizer que, quando o Imperador queria consultá-lo, até ele precisava ir em pessoa e esperar a vez.

Seldon, porém, não teve problemas. Zenow o conhecia bem, embora nunca tivesse visto Hari Seldon ao vivo.

– Uma honra, primeiro-ministro – ele o saudou.

Seldon sorriu.

– Acredito que seja de seu conhecimento que não ocupo mais esse cargo há dezesseis anos.

– A honra desse título ainda lhe é devida. Além disso, o senhor foi decisivo para nos libertar do brutal regime da junta. Em diversas ocasiões, a junta violou a regra sagrada da neutralidade da biblioteca.

“Ah”, Seldon pensou, “isso explica a rapidez com que ele me atendeu.”

– Rumores, só rumores – ele disse em voz alta.

– Mas agora, diga-me – prosseguiu Zenow, que não conseguiu evitar uma rápida espiada em sua faixa de tempo, atada ao pulso –, em que posso ajudá-lo?

Seldon começou nestes termos:

– Bibliotecário-chefe, o que vim lhe pedir não é nada fácil. Quero mais espaço na biblioteca. Quero sua permissão para trazer alguns dos meus colaboradores. Quero permissão para empreender um longo e complexo programa da maior importância.

O rosto de Las Zenow foi tomado por uma expressão perturbada.

– Você está pedindo bastante coisa. Poderia me explicar a importância disso tudo?

– Sim. O Império está em processo de desintegração.

Houve uma pausa demorada. Então, Zenow comentou:

– Ouvi falar de sua pesquisa em psico-história. Disseram-me que a

sua nova ciência contém a promessa de previsões de futuro. Você está falando de previsões psico-históricas?

– Não. Ainda não atingi o ponto na psico-história em que posso falar do futuro com boa margem de certeza. Mas você não precisa da psico-história para saber que o Império está se desintegrando. Pode enxergar as evidências por si mesmo.

Zenow suspirou.

– Meu trabalho me consome inteiramente, professor Seldon. Sou uma criança quando se trata de questões políticas e sociais.

– Se quiser, você pode consultar as informações contidas na biblioteca. Ora, basta olhar em seu próprio escritório: está atulhado com todo tipo concebível de informação, proveniente do Império Galáctico inteiro.

– Sou o último a me manter atualizado, infelizmente – Zenow confessou, com um sorriso pesaroso. – Conhece aquele velho ditado, “em casa de ferreiro, o espeto é de pau”? Mas minha impressão é de que o Império foi restaurado. Temos um Imperador novamente.

– Somente em nome, senhor bibliotecário. Na maioria das províncias mais remotas, o nome do Imperador é mencionado ritualisticamente de vez em quando, mas ele não tem nenhum papel nas atitudes que tomam. Os Mundos Exteriores controlam seus próprios programas e, o que é ainda mais importante, controlam as forças armadas locais, mantidas fora da jurisdição da autoridade imperial. Se o Imperador fosse tentar exercer sua autoridade em alguma outra parte além dos Mundos Interiores, fracassaria. Duvido que leve mais de vinte anos, lá fora, até que alguns dos Mundos Exteriores declarem sua independência.

Zenow suspirou de novo.

– Se você estiver com a razão, vivemos os piores tempos que o Império já teve. Mas o que isso tem a ver com o seu desejo de ter mais espaço reservado para trabalhar e mais assistentes, aqui na biblioteca?

– Se o Império se desintegrar, a Biblioteca Galáctica pode não escapar da carnificina geral.

– Oh, tem de escapar, sim – Zenow discordou com veemência. – Já houve fases ruins antes e sempre foi entendido que a Biblioteca Galáctica, em Trantor, é o repositório de todo o conhecimento humano e que por isso deve se manter inviolável. E assim permanecerá no futuro.

– Talvez não. Você mesmo disse que a junta violou sua neutralidade.

– Mas não a sério.

– Da próxima vez pode ser mais sério, e não podemos permitir que o repositório de todo o conhecimento humano seja danificado.

– E como uma presença maior da sua parte poderá impedir isso?

– Não impedirá, mas o projeto em que estou interessado, sim. Quero criar uma grande enciclopédia, contendo todo o conhecimento de que a humanidade necessitará para se reconstruir, caso o pior aconteça. Será uma Enciclopédia Galáctica. Nós não precisamos de tudo que a biblioteca contém. A maior parte de seu acervo é trivial. As bibliotecas provinciais, espalhadas pela Galáxia inteira, podem ser destruídas e, se não o forem, a maioria dos dados, exceto os mais estritamente locais, podem de todo modo ser obtidos de novo por uma conexão informatizada com a Biblioteca Galáctica. Portanto, a minha intenção é criar algo inteiramente independente e que contenha, com a máxima concisão possível, as informações essenciais de que a humanidade precisa.

– E se também ela for destruída?

– Espero que não seja. Minha intenção é encontrar um mundo muito distante, na periferia dos Mundos Exteriores da Galáxia, para onde eu possa transferir meus enciclopedistas e onde eles possam trabalhar em paz. Até que esse local seja encontrado, quero que o núcleo do grupo trabalhe aqui e use as instalações para decidir o que será necessário ao projeto.

Zenow fez uma careta.

– Entendo o que está dizendo, professor Seldon, mas não tenho certeza de que possa acontecer.

– E por que não, bibliotecário-chefe?

– Porque mesmo tendo esse cargo não me torno automaticamente um monarca absoluto. Existe um Conselho bastante grande, aliás, uma espécie de Magistratura, e por favor não pense que eu posso simplesmente enfiar-lhes goela abaixo esse projeto da Enciclopédia.

– Estou surpreso.

– Mas não fique assim. Não sou um bibliotecário-chefe popular. Já faz alguns anos que o Conselho vem lutando para restringir o acesso à biblioteca. Eu tenho resistido. Eles ficaram revoltados porque eu lhe concedi um pouco de espaço privativo.

– Acesso limitado?

– Exatamente. A ideia é que a pessoa que precisa de uma informação se comunique com um bibliotecário e é esse funcionário que transmitirá a informação ao consulente. O Conselho não quer que as pessoas entrem livremente na biblioteca e que elas mesmas usem os computadores. Dizem que os custos necessários à manutenção dos computadores e de outros equipamentos estão se tornando proibitivos.

– Mas isso é impossível. Existe uma tradição milenar de acesso irrestrito à Biblioteca Galáctica.

– De fato existe, mas, nos últimos anos, as verbas orçamentárias para a biblioteca foram cortadas várias vezes e nós simplesmente não temos mais os fundos que tínhamos antes. Está se tornando muito difícil manter nossos equipamentos em ordem.

Seldon coçou o queixo.

– Mas, se as verbas estão diminuindo, imagino que tenha tido de cortar os salários e de despedir funcionários, ou pelo menos que não tenha podido contratar um novo pessoal.

– Você tem toda a razão.

– Nesse caso, como poderá realizar a imposição de novas tarefas a uma força de trabalho já diminuída, pedindo aos funcionários que obtenham todas as informações que o público irá solicitar?

– A ideia é que não iremos encontrar todas as informações que o público venha a solicitar, e sim somente aqueles segmentos que *nós* considerarmos importantes.

– De modo que vocês não apenas vão abandonar a biblioteca aberta, como inclusive a biblioteca inteira?

– Parece que sim.

– Não posso acreditar que algum bibliotecário aceite isso.

– O senhor não conhece Gennaro Mummery, professor Seldon. – Diante do olhar inexpressivo de Seldon, Zenow prosseguiu. – Você pode se perguntar quem é essa pessoa. É o líder da facção do Conselho que quer bloquear o acesso à biblioteca. Cada vez mais membros do Conselho se bandeiam para o lado dele. Se eu permitir que você e seus assistentes usem a biblioteca como um grupo independente, alguns membros do Conselho que não são necessariamente partidários de Mummery, mas que são absolutamente contrários a que outras pessoas que não os bibliotecários controlem alguma parte da biblioteca, podem acabar votando com ele. E, nesse caso, serei obrigado a

renunciar ao posto de bibliotecário-chefe.

– Veja bem – Seldon interpôs, com uma súbita animação –, toda essa história de possivelmente fechar a biblioteca, tornando-a menos acessível, recusando-se a prestar todas as informações solicitadas, toda essa questão de verbas cada vez mais enxutas, em si são sinais claros da desintegração do Império. Você concorda?

– Visto por esse ângulo, você pode ter razão.

– Então, deixe-me falar com o Conselho. Deixe-me explicar o que o futuro pode trazer e o que quero fazer. Talvez eu consiga convencê-los, da mesma maneira que consegui persuadir você.

Zenow refletiu por um instante.

– Estou disposto a deixar que você tente, mas deve ter claro em mente, desde já, que seu plano pode não dar certo.

– Eu preciso correr esse risco. Por favor, faça tudo que precisar ser feito e me avise quando e onde posso me reunir com o Conselho.

Sentindo-se desassossegado, Seldon deixou Zenow. Tudo que havia dito ao bibliotecário-chefe era verdade... e trivial. A verdadeira razão pela qual precisava usar a biblioteca continuava encoberta.

Em parte, porque ele mesmo não sabia com clareza por que a queria tanto.

9

Hari Seldon estava sentado à beira da cama de Yugo Amaryl, pacientemente, mas triste. Yugo encontrava-se exaurido. Sua condição já estava além do que a ajuda de médicos poderia restaurar, mesmo que ele tivesse concordado em receber essa espécie de assistência, o que ele recusou.

Yugo estava com somente cinquenta e cinco anos, e Seldon, com sessenta e seis, ainda estava em forma, exceto por suas crises do ciático – ou fosse lá o que fosse – que o deixavam com dificuldade para andar, de vez em quando.

Amaryl abriu os olhos.

– Você continua aí, Hari?

Seldon aquiesceu.

– Não vou deixar você sozinho.

– Até que eu morra?

– Sim. – Então, em outra explosão de pesar, ele disse: – Por que você fez isso, Yugo? Se tivesse vivido com bom senso, poderia ter ainda mais vinte ou trinta anos.

Amaryl sorriu debilmente.

– Viver com bom senso? Você quer dizer, tirar férias? Ir para refúgios e descansar? Divertir-me com trivialidades?

– Sim, sim.

– E eu teria ou ansiado por voltar ao trabalho ou aprendido a desperdiçar meu tempo e, nesses vinte ou trinta anos a mais de que você fala, não teria realizado nada além do que fiz. Veja só você.

– O que tem eu?

– Durante dez anos foi o primeiro-ministro de Cleon. Quanto você se dedicou à ciência nesse período?

– Eu passava uma quarta parte do meu tempo trabalhando na psico-história – Seldon respondeu educadamente.

– Você está exagerando. Se não tivesse sido por mim, por ter me desligado de todo o resto, a psico-história teria estancado.

Seldon concordou com um meneio de cabeça.

– Você tem razão, Yugo. Sou grato por isso.

– E antes disso, e desde então, quando você passava pelo menos metade do seu tempo às voltas com providências administrativas, quem faz... fazia... o trabalho propriamente dito? Hein?

– Você, Yugo.

– Sem dúvida – e ele fechou os olhos novamente.

– Porém, você sempre quis assumir as providências administrativas, se tivesse sobrevivido a mim – Seldon acrescentou.

– Não! Eu queria liderar o projeto para mantê-lo caminhando na direção que tem de seguir, mas teria delegado toda a parte administrativa.

A respiração de Amaryl estava se tornando pesada, mas dali a pouco ele se mexeu de novo e abriu os olhos, fixando-os diretamente em Hari, para dizer:

– O que vai acontecer depois que eu me for? Você já pensou nisso?

– Sim, pensei. E quero falar com você a esse respeito. Pode ser que goste de saber, Yugo, que acredito que a psico-história esteja sofrendo uma revolução.

Amaryl fez uma ligeira careta.

– Em que sentido? Não gosto de como isso soa.

– Ouça... foi tudo ideia sua. Há alguns anos, você me disse que deveriam ser instituídas duas Fundações. Separadas, isoladas e seguras, e organizadas de tal modo que servissem de núcleos para um possível Segundo Império Galáctico. Você se lembra disso? Foi ideia sua.

– As equações psico-históricas...

– Eu sei. Elas sugeriam isso. Estou empenhado nisso agora, Yugo. Consegui arranjar um escritório dentro da Biblioteca Galáctica...

– A Biblioteca Galáctica – e o vinco na testa de Amaryl se acentuou. – Não gosto deles lá. Um bando de idiotas muito satisfeitos consigo próprios.

– O bibliotecário-chefe, Las Zenow, não é tão mau assim.

– Você chegou a conhecer um bibliotecário chamado Mummery, Gennaro Mummery?

– Não, mas ouvi falar dele.

– Um ser humano medonho. Tivemos uma briga uma vez, quando ele afirmou que eu tinha mudado alguma coisa de lugar. Eu não tinha feito nada disso e fiquei muito aborrecido, Hari. De repente, eu estava de volta a Dahl. Uma das peculiaridades da cultura dahlita é seu reservatório de xingamentos. Usei algumas das velhas invectivas contra ele e disse que ele estava atrapalhando a psico-história e que entraria para a história como um vilão. Mas eu não disse apenas "vilão" – e Amaryl deu uma risadinha brincalhona. – Acabei deixando o sujeito sem fala.

Subitamente, Seldon pôde vislumbrar de onde vinha a animosidade de Mummery para com gente de fora e, muito provavelmente, para com a psico-história – pelo menos uma parte dessa animosidade –, mas não disse nada.

– A questão, Yugo, é que você queria as duas Fundações para que, se uma desse errado, a outra fosse em frente. Mas nós ultrapassamos isso.

– De que maneira?

– Você se lembra de que Wanda era capaz de ler a mente de alguém e que, há dois anos, viu alguma coisa errada em uma parte das equações no Primeiro Radiante?

– Claro que sim.

– Bom, vamos encontrar outros seres com a mesma capacidade de Wanda. Teremos uma Fundação que irá consistir basicamente em

cientistas da área física, incumbidos de preservar o conhecimento da humanidade e de servir de núcleo para o Segundo Império. E teremos uma Segunda Fundação, apenas com psico-historiadores, contendo mentálicos, pessoas que acessem a mente dos outros, psico-historiadores, capazes de trabalhar com a psico-história de uma maneira multimental e, assim, levando-a a avançar muito mais depressa do que poderiam fazer pensadores individuais. Esses formarão o grupo que irá introduzindo os ajustes conforme o tempo passe, entende? Eles sempre estarão na retaguarda, observando. Serão os guardiães do Império.

– Que maravilha! – Yugo exclamou em voz débil. – Maravilhoso! Agora você entende que eu escolhi o momento certo para morrer? Não resta mais nada para eu fazer.

– Não me diga uma coisa dessas, Yugo.

– Não faça caso disso, Hari. Estou cansado demais para me ocupar com qualquer coisa. Obrigado, obrigado, por me contar... – a voz dele ficava rapidamente cada vez mais fraca – sobre essa revolução. Fiquei feliz... feliz... fel...

Essas foram as últimas palavras de Yugo Amaryl.

Seldon se curvou sobre o leito. As lágrimas ardiam em seus olhos e deslizavam por seu rosto.

Mais um amigo que se fora. Demerzel, Cleon, Dors, agora Yugo... Ele estava ficando cada vez mais vazio e sozinho, à medida que envelhecia.

E a revolução que tinha permitido a Yugo falecer feliz talvez nem chegasse a acontecer de fato. Será que conseguiria dar um jeito de usar a Biblioteca Galáctica? Será que conseguiria encontrar outros como Wanda? E, principalmente, quanto tempo isso tudo levaria?

Seldon estava com sessenta e seis anos. Ah, se pelo menos tivesse começado essa revolução aos trinta e dois, assim que chegara a Trantor...

Talvez agora fosse tarde demais.

10

Gennaro Mummery o estava fazendo esperar. Sem dúvida, uma falta deliberada de cortesia, que beirava a insolência, mas Hari Seldon

permaneceu calmo.

Afinal de contas, Seldon precisava muito de Mummery e se brigasse com o bibliotecário acabaria apenas se prejudicando. Aliás, Mummery ficaria encantado com um Seldon enfurecido.

Assim, Seldon se controlou e aguardou até que, enfim, Mummery apareceu. Seldon já o havia visto antes, mas só de longe. Essa era a primeira vez que ficariam juntos, apenas os dois.

Mummery era baixo e roliço, com uma barba pequena e escura. Ostentava um sorriso, mas Seldon desconfiava de que aquilo não passava de uma máscara sem sentido. Ele exibia dentes amarelados e seu indefectível barrete era de um tom parecido, debruado com um fino filete marrom.

Seldon sentiu um indício de náusea. Pareceu-lhe que ele não gostaria de Mummery mesmo que não tivesse um motivo lógico para isso.

Sem perder tempo com preliminares, Mummery logo indagou:

– Bem, professor, em que posso ajudá-lo? – e em seguida olhou para a faixa de tempo que pendia da parede, sem nenhum pedido de desculpas por seu atraso.

– Senhor, gostaria de lhe pedir que suspendesse sua oposição à minha permanência na biblioteca – disse Seldon.

Mummery abriu as mãos à sua frente:

– Você já está aqui há dois anos. De que oposição está falando?

– Até o momento, a facção do Conselho representado por você e pelos outros integrantes que são da mesma opinião não conseguiu destituir o bibliotecário-chefe, mas no mês que vem haverá outra reunião e Las Zenow me disse que não tem certeza de contar com um resultado favorável.

Mummery deu de ombros.

– Eu também não tenho certeza. Sua licença... se pudermos chamá-la assim... até pode ser renovada.

– Mas eu preciso de mais do que isso, bibliotecário Mummery. Desejo trazer alguns assistentes. O projeto no qual estou envolvido, para estabelecer as condições necessárias para o desenvolvimento de uma enciclopédia muito especial no futuro, tem um porte que não me permite trabalhar sozinho.

– Certamente seus assistentes poderão trabalhar onde quiserem. Trantor é um mundo grande.

– Devemos trabalhar na biblioteca. Sou idoso, senhor, e tenho pressa.

– E quem pode deter o avanço do tempo? Não acho que o Conselho lhe permitirá trazer assistentes. O começo do fim, professor?

(“Oh, sim, sem dúvida”, Seldon pensou, mas não abriu a boca.)

Mummery continuou:

– Não consegui deixá-lo do lado de fora, professor. Não até agora. Mas acho que consigo continuar impedindo a vinda de seus colegas.

Seldon percebeu que não estava chegando a nada. Então, afrouxou o lacre da franqueza mais um pouco e observou:

– Bibliotecário Mummery, com certeza sua animosidade com relação a mim não é algo pessoal. Sem dúvida, você compreende a importância do trabalho que estou realizando.

– Você se refere à sua psico-história. Ora, você está nisso há já trinta anos e o que foi que produziu?

– Essa é exatamente a questão. Agora há algo que poderá ser apresentado.

– Então deixe que esse algo seja produzido na Universidade de Streeling. Por que tem de ser na Biblioteca Galáctica?

– Bibliotecário Mummery, por favor, escute. O que você quer é fechar a biblioteca ao público. Você quer destruir uma longa tradição. Tem mesmo a coragem para fazer isso?

– Não é de coragem que precisamos, mas sim de fundos. Claro que o bibliotecário-chefe chorou no seu ombro e reclamou de suas agruras. As verbas orçamentárias estão muito reduzidas, os salários foram cortados, há falta da manutenção necessária. O que podemos fazer? Tivemos de eliminar alguns serviços e certamente não temos recursos para sustentar o senhor e seus assistentes com salas e equipamento.

– Essa situação já foi reportada ao Imperador?

– Ora, professor, o senhor está sonhando. Não é verdade que sua psico-história lhe diz que o Império está se deteriorando? Já ouvi dizer que seu apelido é Corvo Seldon. Penso que estejam se referindo à mítica ave do mau agouro.

– É verdade que estamos ingressando num período infausto.

– E você, professor, acredita que a biblioteca seja imune a esses tempos difíceis? Professor, a biblioteca é a minha vida e eu quero que ela continue sendo, mas isso não vai acontecer a menos que encontremos um modo de fazer com que nossos parcos recursos sejam

suficientes para cobrir as despesas. E aqui vem você, esperando que a biblioteca continue aberta e que você mesmo se beneficie disso. Não vai ser possível, professor, simplesmente não vai ser possível.

Desesperado, Seldon perguntou:

– E se eu conseguir os créditos de que você precisa?

– É mesmo? E como?

– E se eu for falar com o Imperador? Já fui primeiro-ministro. Ele vai me receber e me ouvir.

– E você vai obter os fundos diretamente dele? – Mummery disse, rindo.

– Se eu conseguir, se eu aumentar as verbas para a biblioteca, posso vir com os meus assistentes?

– Primeiro você me traz os créditos – respondeu Mummery – e então veremos. Mas não acredito que você consiga.

Ele parecia muito seguro de si e Seldon se perguntou quantas vezes, em vão, se a Biblioteca Galáctica já teria apelado ao Imperador. E se o seu próprio pedido teria alguma chance de sucesso.

11

O Imperador Agis XIV na verdade não tinha direito a esse nome. Ele o havia adotado quando subira ao trono com o propósito deliberado de se vincular aos Agis que haviam governado dois mil anos antes, a maioria deles com bastante competência – em especial Agis VI, que ocupara o trono durante quarenta e dois anos e mantivera a ordem num Império próspero, com mão firme, mas não tirânica.

Agis XIV não se parecia com nenhum dos outros membros da antiga dinastia, se pudesse se confiar nos registros holográficos. Mas, a bem da verdade, Agis XIV não se parecia muito com o registro holográfico que era divulgado ao público.

Inclusive, Hari Seldon pensou com uma pontada de nostalgia, que o Imperador Cleon, apesar de todas as suas deficiências e fraquezas, certamente tinha um aspecto mais imperial.

Agis XIV não parecia um Imperador. Seldon nunca o vira muito de perto e as poucas holografias que tinha visto eram absurdamente imprecisas. O holágrafo imperial sabia qual era seu ofício e o fazia bem, Seldon pensou com amargura.

Agis XIV era baixo, com um rosto nada atraente e olhos levemente esbugalhados que não sugeriam inteligência. Sua única qualificação para o trono era ser parente de Cleon.

Todavia, uma coisa que lhe podia ser creditada era o fato de ele não tentar desempenhar o papel de um Imperador poderoso. Era de conhecimento comum que ele gostava de ser chamado "Imperador-Cidadão", e que somente o protocolo imperial e a indignada reação de repúdio da Guarda Imperial impediam-no de sair do domo e caminhar pelas ruas de Trantor. Aparentemente, diziam inclusive, ele gostaria de trocar apertos de mão com os cidadãos e ouvir suas queixas pessoalmente.

(Ponto para ele, Seldon pensou, mesmo que isso talvez nunca acontecesse.)

Com um murmúrio e uma mesura, Seldon disse:

– Agradeço-lhe, Majestade, por ter consentido em me receber.

Agis XIV tinha uma voz clara e bastante atraente, que destoava frontalmente de sua aparência. Ele respondeu:

– Um ex-primeiro-ministro certamente deve ter seus privilégios, embora eu mesmo mereça o crédito de ter tido a notável coragem de concordar em recebê-lo.

Havia uma nota de humor em suas palavras e Seldon se flagrou repentinamente pensando que a pessoa pode não parecer inteligente e, não obstante, sê-lo.

– Coragem, Majestade?

– Ora, naturalmente. Não é você que andam chamando de Corvo Seldon?

– Ouvi essa expressão outro dia, Majestade, pela primeira vez.

– Aparentemente a referência é à sua psico-história, que parece prever a Queda do Império.

– Ela somente aponta para essa possibilidade, Majestade...

– E assim você se tornou associado a um pássaro mítico de mau agouro. Exceto que eu acho que o pássaro de mau agouro é você mesmo.

– Espero que não, Majestade.

– Ora, ora... O registro é bem claro. Eto Demerzel, o primeiro-ministro de Cleon, ficou impressionado com o seu trabalho e veja só o que aconteceu: ele foi obrigado a renunciar ao seu cargo e a ir para o exílio. O próprio Imperador Cleon ficou impressionado com seu

trabalho e veja o que aconteceu: foi assassinado. A junta militar ficou impressionada com o seu trabalho e veja o que aconteceu: foi varrida do poder. Dizem que até os joranumitas ficaram impressionados com o seu trabalho, e, pasme, foram destruídos. Agora, ó Corvo Seldon, você vem me ver. O que devo esperar?

– Ora, Majestade, nada de mau.

– Imagino que não porque, diferentemente de todos esses outros que mencionei, não me sinto impressionado com o seu trabalho. Agora, diga-me por que está aqui.

Agis XIV ouviu cuidadosamente, sem interromper, enquanto Seldon explicava a importância de elaborar um projeto destinado a preparar uma enciclopédia que pudesse preservar o conhecimento humano, caso o pior acontecesse.

– Sim, sim – disse, enfim, o Imperador –, e vejo, portanto, que você está mesmo convencido de que o Império cairá.

– Há uma forte possibilidade, Majestade, e não seria prudente recusar a ideia de levar essa possibilidade em conta. De certo modo, quero preservar tudo que eu puder, ou minimizar seus efeitos, se não for possível fazer outra coisa.

– Corvo Seldon, se continuar fuçando as coisas desse jeito, estou convencido de que o Império vai cair e que nada poderá impedir que isso aconteça.

– Não é bem assim, Majestade. A única coisa que estou pedindo é permissão para trabalhar.

– Ah, mas isso você tem, então não estou entendendo o que é que você quer de mim. Por que me falou de toda essa história de enciclopédia?

– Porque quero trabalhar na Biblioteca Galáctica, Majestade, ou, mais exatamente, quero que um grupo de assistentes trabalhe comigo.

– Eu lhe asseguro que não colocarei obstáculos.

– Majestade, isso não é suficiente. Preciso de sua ajuda.

– Em que sentido exatamente, ex-primeiro-ministro?

– Com verbas orçamentárias. A biblioteca deve receber fundos ou fechará suas portas ao público e me porá para fora.

– Créditos! – Uma nota de incredulidade coloriu a voz do Imperador. – Você veio me procurar para pedir créditos?

– Sim, Majestade.

Agis XIV se levantou e se mostrou um pouco agitado. Seldon

também se pôs em pé imediatamente, mas Agis acenou para que ele se sentasse.

– Sente-se. Não me trate como Imperador. Não sou um Imperador. Eu não queria esse cargo, mas me obrigaram a aceitar. Eu era o parente mais próximo da família imperial e ficaram insistindo comigo, dizendo que o Império precisava de um Imperador. Então, eles têm a mim como Imperador e eu lhes presto um bom serviço. Créditos! Você espera que eu tenha créditos! Você fala da desintegração do Império. Como é que você acha que ele se desintegra? Acha que é por meio de uma revolta? De uma guerra civil? De distúrbios aqui e ali? Não. Pense em *créditos*. Você se dá conta de que não posso cobrar nenhum tipo de imposto de metade das províncias do Império? Essas regiões ainda fazem parte do Império ("Salve o *Imperium!*", "Toda a honra ao Imperador!"), mas não pagam nada e eu não tenho a força necessária para cobrar. E, se não consigo obter créditos delas, então elas não fazem realmente parte do Império, certo? Créditos! O Império está numa situação de déficit crônico de proporções apavorantes. Eu não posso pagar mais nada. Você acha que existem recursos suficientes para manter o complexo do Palácio Imperial? Tenho de cortar custos. Devo deixar o palácio decair. Devo deixar o número de estruturas de funcionários contratados diminuir por mero atrito. Professor Seldon, se você quer créditos, eu não os tenho. Onde posso encontrar verba para enviar para a biblioteca? Eles têm de ser gratos por eu conseguir arranjar alguma coisa para lá, todos os anos. – Ao terminar sua explanação, o Imperador estendeu as duas mãos para a frente, com as palmas para cima, como se assim ilustrasse o vazio dos cofres imperiais.

Hari Seldon estava atônito. Então disse:

– Apesar de tudo isso, Majestade, mesmo que lhe faltem créditos, o senhor ainda tem o prestígio imperial. Não lhe seria possível ordenar que a biblioteca me permita continuar com a sala que tenho lá e autorize a vinda dos meus assistentes para me ajudar a realizar o nosso trabalho vital?

Agora, Agis XIV se sentou como se, já que o assunto não era mais a questão dos créditos, ele não estivesse em estado de agitação. Então, respondeu:

– Você sabe que, fiel a uma longa tradição, a Biblioteca Galáctica é independente do Império, pelo menos no que diz respeito à sua

autogestão. A biblioteca estipula suas regras e tem feito isso desde que Agis VI – o que ele acrescentou com um sorriso – tentou controlar as novas funções. Ele fracassou e, se o notável Agis VI fracassou, você acha que eu terei sucesso?

– Não estou lhe pedindo que recorra à força, Majestade. Apenas expresse um desejo, de maneira educada. Seguramente, como nenhuma função vital da biblioteca está em jogo, eles terão prazer em honrar o desejo do Imperador e acatarão seu desejo.

– Professor Seldon, o senhor conhece bem pouco a biblioteca. A mim basta apenas expressar um desejo, mesmo que o mais educada e diplomaticamente possível, para garantir que eles farão justamente o oposto, arquitetando tudo em sigilo. Eles são muito melindrosos quando se trata do mais leve indício de uma tentativa de controle imperial.

– Mas, então, eu faço o quê? – Seldon indagou.

– Ora, eu lhe digo o que fazer. Acabei de ter uma ideia. Sou uma figura pública e posso visitar a Biblioteca Galáctica se assim o desejar. Como ela está no território do palácio, não estarei violando nenhum protocolo ao visitá-la. Bem, você vem comigo e nos comportaremos de maneira ostensivamente amistosa. Eu não vou pedir nada a eles, mas se eles nos virem andando de braços dados, então talvez algum dos preciosos membros daquele Conselho se sinta mais receptivo a suas necessidades. Mas é tudo que posso fazer.

Profundamente desapontado, Seldon se questionou sobre se isso seria suficiente.

12

Las Zenow observou com algum assombro matizando sua voz:

– Não sabia que o senhor era tão amigo do Imperador, professor Seldon.

– E por que não? Para um Imperador, ele é um homem muito democrático e já tinha interesse pelas minhas experiências quando eu era primeiro-ministro, nos tempos de Cleon.

– Ele causou uma forte impressão em todos nós. Há muitos anos que não víamos um Imperador percorrendo nossos corredores. Em geral, quando o Imperador precisa de alguma coisa da biblioteca...

– Posso imaginar. Ele pede e a solicitação é atendida e levada diretamente por questão de cortesia.

Com vontade de alongar o bate-papo, Zenow continuou:

– Houve em certa época um projeto de equipar o Imperador com um conjunto completo de computadores instalado em seu palácio e diretamente conectado com o sistema da biblioteca, para que ele não precisasse aguardar para ser atendido. Essa ideia foi ventilada nos tempos antigos, quando havia abundância de créditos, mas, como você pode imaginar, votaram contra.

– Votaram?

– Ah, sim... Quase todo o Conselho concordou que isso tornaria o Imperador muito envolvido nas questões da biblioteca e que nossa independência em relação ao governo ficaria ameaçada.

– E esse Conselho, que não se curva para homenagear o Imperador, irá consentir que eu continue trabalhando nas instalações da biblioteca?

– Por enquanto, sim. A sensação, que fiz o meu melhor para incentivar, é de que, se não formos educados para com um amigo pessoal do Imperador, as chances de continuarmos a receber verbas serão completamente abolidas...

– Então, os créditos, mesmo que sejam uma possibilidade escassa, falam mais alto.

– Receio que sim.

– E posso trazer meus assistentes?

Zenow pareceu envergonhado.

– Temo que não. O Imperador só foi visto caminhando ao seu lado, e não ao lado de seus assistentes. Lamento, professor.

Seldon deu de ombros e se sentiu tomado por uma onda de profunda melancolia. No final das contas, não tinha nenhum assistente para trazer. Por algum tempo tinha esperado ser capaz de localizar outras pessoas como Wanda, e tinha fracassado. Ele também precisaria de fundos para montar uma operação adequada de pesquisa. E ele também não possuía nenhum.

13

Trantor, o mundo-cidade que era a capital do Império Galáctico,

tinha mudado consideravelmente desde o dia em que Hari descera da hipernave, vindo de sua terra natal em Helicon, trinta e oito anos antes. Seldon se perguntava se era a aura perolada da memória difusa de um velho que fazia a Trantor de antigamente parecer mais fulgurante que a de agora. Talvez, ainda, tivesse sido a exuberância da juventude. Como um rapaz vindo de um Mundo Exterior tão provinciano como Helicon não se impressionaria com aquelas torres faiscantes, os domos cintilantes, as massas coloridas e atarefadas das pessoas que pareciam turbilhonar em Trantor, dia e noite?

Agora, Hari matutou com tristeza, as calçadas e as passarelas estão praticamente desertas, mesmo que à plena luz do dia. Gangues agressivas de valentões controlavam várias áreas da cidade, disputando os territórios entre si. O departamento de segurança tinha encolhido. Os funcionários que lhe restavam estavam cheios de trabalho, tentando processar todas as queixas que eram encaminhadas ao escritório central. Claro que alguns policiais eram despachados para atender a chamados de emergência, mas só conseguiam chegar à cena do crime *depois* do fato consumado, e nem fingiam mais que estavam protegendo os cidadãos de Trantor. As pessoas saíam às ruas por sua própria conta e risco – e era um grande risco. Mesmo assim, Hari Seldon assumia esse risco ao sair para uma de suas caminhadas diárias, como se estivesse desafiando as forças que estavam destruindo seu amado Império a destruí-lo também.

Assim, Hari Seldon caminhava, mancando... e pensando.

Nada funcionara. Nada. Ele fora incapaz de isolar o padrão genético que distinguia Wanda, e sem esse padrão não era capaz de localizar outras pessoas como ela.

A capacidade de Wanda para ler a mente das pessoas tinha evoluído consideravelmente naqueles seis anos decorridos desde que ela identificara a falha no Primeiro Radiante de Yugo Amaryl. Wanda era especial de diversas maneiras. Era como se, após ter se conscientizado de que sua capacidade mental a diferenciava das demais pessoas, ela se houvesse determinado a compreender esse atributo, a dominar sua energia, a canalizá-la. Atravessando a adolescência, havia amadurecido e descartara todas as risadinhas juvenis que tanto encantavam Hari, ao mesmo tempo em que se lhe tornava cada vez mais querida, dada sua determinação em ajudá-lo no trabalho que envolvia o mapeamento de seu “dom”. Hari Seldon, a

bem da verdade, tinha exposto a Wanda seu plano para uma Segunda Fundação, e ela se havia comprometido a concretizar tal objetivo com ele.

Todavia, hoje Seldon estava entristecido. Estava chegando à conclusão de que a capacidade mental de Wanda não o levaria a parte alguma. Ele não tinha créditos para prosseguir em seu trabalho; não tinha créditos para localizar outros indivíduos como Wanda, nem para pagar seus funcionários no Projeto de Psico-História em Streeling, nem para elaborar sua sumamente importante Enciclopédia, seu projeto especial dentro da Biblioteca Galáctica.

E agora?

Ele continuou andando na direção da Biblioteca Galáctica. Teria sido melhor se tivesse tomado um gravitáxi, mas queria caminhar, mancando ou não. Ele precisava de tempo para pensar.

Foi quando ouviu um grito “Ali está ele!”, ao qual não deu atenção.

Gritaram de novo:

– Ali está ele! Psico-história!

Foi essa palavra – psico-história – que o fez parar.

Um grupo de rapazes estava se aproximando e fazia menção de rodeá-lo.

Automaticamente, Seldon colou as costas na parede e ergueu a bengala.

– O que querem de mim?

O bando riu.

– Créditos, velho. Você tem algum crédito?

– Talvez, mas por que querem créditos de mim? Vocês disseram “psico-história”. Como sabem quem eu sou?

– Você é o Corvo Seldon, sem dúvida – disse um dos rapazes, o que liderava o bando. Ele parecia muito confortável e satisfeito.

– Você é um agourento – gritou outro arruaceiro.

– E o que vão fazer se eu não lhes der nenhum crédito?

– Você vai apanhar até cair e então nós roubaremos seus créditos – explicou o líder.

– E se eu lhes der os créditos?

– Vamos te dar uma surra do mesmo jeito! – disseram e todos caíram na risada.

Hari Seldon levantou sua bengala um pouco mais alto.

– Afastem-se, todos vocês.

A essa altura, tinha conseguido contar quantos eram: oito.

Ele se sentiu engasgando um pouco. Certa vez, ele, Dors e Raych tinham sido atacados por dez e não fora nenhum pouco difícil. Naquela época, tinha apenas trinta e dois anos e contava com Dors, que era... Dors.

Agora era diferente. Ele abanou a bengala no ar.

– Ei, o velho vai nos atacar. O que vamos fazer? – perguntou o líder dos arruaceiros.

Seldon olhou rapidamente ao seu redor. Não havia nenhum oficial de segurança à vista. Outra indicação de como a sociedade estava se deteriorando. Passaram uma ou duas pessoas por acaso, mas não fazia sentido gritar para que elas o ajudassem. Pelo som de suas passadas, era visível que apressaram a marcha e que estavam fazendo um amplo desvio da cena que envolvia Seldon. Ninguém queria correr o risco de se envolver numa enrascada com bandidos de rua.

– O primeiro de vocês que se aproximar ganha uma cabeça quebrada – ameaçou Seldon.

– É mesmo? – e o líder se adiantou rapidamente, apoderando-se da bengala. Depois de alguns trancos e empurrões, a bengala foi arrancada das mãos de Seldon. O líder a jogou no chão.

– E agora, meu velho?

Seldon recuou. A única coisa que podia fazer era aguardar pelos golpes. Os outros o cercaram, ansiosos para acertar alguns golpes nele. Seldon levantou os braços para tentar se proteger. Ele ainda conseguia aplicar alguns golpes da arte do tufão, embora não em seu melhor estilo. Se só estivesse enfrentando um ou dois, poderia dar um jeito de torcer o corpo, evitar os golpes e depois revidar. Mas oito, não. Com certeza, não.

De todo modo, tentou se deslocar rapidamente para o lado para evitar os golpes e sua perna direita, por causa da inflamação no ciático, cedeu sob o peso de seu corpo. Ele caiu e sabia que estava numa posição inteiramente impotente.

Então, ouviu uma voz estentórea bradando:

– Mas o que está acontecendo por aqui? Vão embora, seus arruaceiros! Sumam, ou eu mato todos vocês!

O líder então observou:

– Bom, mais um velho.

– Não tão velho assim – retrucou o recém-chegado. Com o dorso de

uma mão acertou o rosto do líder, que ficou com uma mancha vermelha nada boa.

– Raych! – exclamou Seldon. – É você!

Raych varreu o ar com a mão enquanto ordenava:

– Pai, não se meta. Fique em pé e vá embora.

Esfregando a bochecha, o líder gritou:

– Você vai pagar por isso. Nós vamos te pegar.

– Não vão, não – e Raych falou isso tirando uma adaga dahlita de dentro da roupa, expondo sua lâmina longa e cintilante. Em seguida puxou outra adaga e agora segurava uma em cada mão.

Seldon disse com voz débil.

– Sempre carregando as facas, Raych?

– Sempre – ele respondeu. – Nada me impedirá de carregá-las.

– Eu farei – bravateou o líder, sacando seu desintegrador.

Mais depressa do que a vista pôde acompanhar, uma das facas de Raych atravessou o ar e se enterrou na garganta do líder. Ele soltou um grito abafado e forte, fez um som gorgolejante e caiu, enquanto os outros sete olhavam, estarrecidos.

Raych se aproximou e informou:

– Quero a minha faca de volta. – Ele a removeu da garganta do ex-valentão e a limpou na camisa do morto. No mesmo movimento, pisou na mão do sujeito, inclinou-se e recolheu o desintegrador.

Raych guardou a arma em um de seus amplos bolsos, e então disse:

– Não gosto de usar um desintegrador, seus inúteis, porque às vezes eu erro. Mas eu nunca erro com uma adaga. Nunca! Esse aí já está morto. Vocês sete pretendem continuar em pé e olhando para ele ou vão embora?

– Pra cima dele! – berrou um dos bandidos e todos se atiraram juntos sobre Raych.

Ele deu um passo atrás. Uma faca riscou o ar e logo dois dos valentões pararam e, nos dois casos, com uma faca enterrada no meio da barriga.

– Devolvam minhas facas – Raych disse, arrancando uma de cada vez com um movimento cortante, para em seguida limpar o sangue das duas. – Esses dois continuam vivos, mas não por muito tempo. Agora, são só cinco em pé. Vocês vão atacar de novo ou vão embora?

Eles se viraram para partir, mas Raych os chamou:

– Peguem o morto e os moribundos. Eu não quero nenhum deles.

Afobadamente, pegaram os corpos, colocaram nos ombros e então se viraram de novo para sair dali correndo.

Raych se curvou para pegar a bengala de Seldon.

– Você consegue andar, papai?

– Mais ou menos – Seldon disse. – Torci o pé.

– Bom, então, entre no meu carro. Mas, afinal, o que você fazia andando por aí?

– Por que não? Nunca tinha me acontecido nada.

– Então você ficou esperando até que acontecesse, é? Entre no meu carro que eu lhe dou uma carona de volta até Streeling.

Depois de programar silenciosamente o carro terrestre, ele comentou:

– Que pena que Dors não estava conosco. Mamãe teria atacado os caras de mãos nuas e todos os oito estariam mortos em cinco minutos.

Seldon sentiu as lágrimas escorrendo sob suas pálpebras.

– Eu sei, Raych. Eu sei. Você não imagina como eu sinto a falta dela.

– Me desculpe – Raych disse, em voz baixa.

– Como você soube que eu estava em apuros? – indagou Seldon.

– Wanda me avisou. Ela disse que havia malfeitores de tocaia, esperando por você, e me disse onde eles estavam. Então vim na mesma hora.

– Você não teve dúvida de que ela sabia o que estava falando?

– De jeito nenhum. Sabemos bastante sobre ela agora para ter certeza de que ela tem alguma espécie de contato com a sua mente e com as coisas que o rodeiam.

– Ela lhe disse quantas pessoas estavam me atacando?

– Não. Ela disse apenas que eram “algumas”.

– E mesmo assim você veio até aqui sozinho, Raych?

– Não havia tempo para juntar um séquito, pai. Além disso, um só como eu já era suficiente.

– Sim, foi mesmo. Obrigado, Raych.

14

Voltaram a Streeling, e a perna de Seldon estava estendida sobre uma almofada.

Raych olhava para ele com expressão sombria.

– Papai – ele começou –, daqui por diante, você não vai mais caminhar sozinho por Trantor.

Seldon vincou a testa.

– Ora, por causa de um incidente?

– Foi o suficiente. Você não consegue mais se cuidar sozinho. Está com setenta anos e sua perna direita não lhe dá apoio numa emergência. Além disso, você tem inimigos...

– Inimigos!

– Sim, inimigos. E você sabe disso. Aqueles ratos de esgoto não estavam somente atrás de atacar qualquer um. Eles não estavam apenas de tocaia para roubar algum incauto. Eles o identificaram por seu nome, chamaram-no de "Psico-história". E chamaram você de agourento. Por que você acha que aconteceram todas essas coisas?

– Não sei por quê.

– Porque você vive num mundo à parte, todo seu, papai, e não sabe o que está acontecendo em Trantor. Você não desconfia que os trantorianos saibam que seu mundo está decaindo em ritmo acelerado? Você não imagina que eles já saibam que a sua psico-história está predizendo isso há anos? Não lhe ocorre a possibilidade de que eles queiram culpar o mensageiro por causa da mensagem? Se as coisas derem errado (e elas estão indo de mal a pior), muita gente está achando que você será o responsável.

– Não consigo acreditar nisso.

– Por que você imagina que existe uma facção na Biblioteca Galáctica que quer você longe dali? Eles não querem ficar no meio do fogo cruzado quando você for vítima da turba. Portanto, tome cuidado. Você não pode mais sair por aí sozinho. Ou eu estou com você, ou você arruma guarda-costas. É desse jeito que vai ser, papai.

Seldon parecia absolutamente infeliz.

Raych amenizou o tom para continuar:

– Mas não por muito tempo, pai. Arrumei outro serviço.

Seldon ergueu a vista.

– Um novo serviço. De que tipo?

– Aulas. Numa universidade.

– Qual universidade?

– Santanni.

– Santanni! – Os lábios de Seldon tremeram. – Mas fica a nove mil parsecs de distância de Trantor. É um mundo provincial do outro lado da Galáxia.

– Exatamente. É por isso que quero ir. Vivi em Trantor minha vida inteira, pai, e estou cansado daqui. Em todo o Império não existe um mundo que esteja se deteriorando do mesmo jeito que Trantor. Isto aqui está se tornando um antro de criminalidade, sem ninguém para nos proteger. A economia claudica, a tecnologia falha. Já Santanni, por outro lado, é um mundo decente, que continua seguindo em frente suavemente, e quero ir para lá e construir uma nova vida, com Manella, Wanda e Bellis. Estamos todos indo em dois meses.

– Todos vocês?!

– E você também, papai. Você também. Não vamos deixar você sozinho para trás, em Trantor. Você vem conosco para Santanni.

Seldon abanou a cabeça.

– Impossível, Raych, e você sabe disso.

– Impossível por quê?

– Ora, você sabe por quê. O projeto. A minha psico-história. Está me pedindo que abandone o trabalho da minha vida inteira?

– E por que não? A psico-história já abandonou você.

– Você está doido.

– Ah, não estou, não. Aonde você está indo com isso? Você não tem créditos. Não consegue arrecadá-los em parte nenhuma. Não sobrou ninguém em Trantor disposto a apoiá-lo.

– Durante praticamente quarenta anos...

– Sim, reconheço. Mas, depois de todo esse tempo, você *fracassou*, pai. Não é crime nenhum fracassar. Você tentou arduamente e foi muito longe, mas acabou dando de cara com uma economia em desintegração e um Império em decadência. É precisamente tudo que você veio predizendo ao longo de muitos anos que está impedindo a continuidade de seu trabalho. Portanto...

– Não. Eu não vou parar. De um jeito ou de outro, vou seguir em frente.

– Pai, vou te dizer uma coisa. Se você realmente vai dar uma de cabeça-dura, então leve a psico-história com você. Comece de novo em Santanni. Pode ser que haja créditos suficientes por lá, além de entusiasmo, para sustentar o projeto.

– E os homens e as mulheres leais que ficaram trabalhando comigo todo esse tempo?

– Ah, pai, sem essa. Esse pessoal vem *abandonando* você porque você não pode pagá-los. Se ficar aqui até o fim da vida, vai terminar sozinho. Pai, seja razoável. Você acha que eu gosto de falar com você desse jeito? É porque ninguém mais queria fazer isso... porque ninguém mais teve a coragem de dizer isso, que você está nessa atual situação. Vamos ser honestos um com o outro, neste momento. Quando você anda pelas ruas de Trantor e é agredido pelo único motivo de ser Hari Seldon, não acha que está na hora de encarar um pouco a verdade?

– Que me importa essa verdade? Não tenho a menor intenção de sair de Trantor.

Raych balançou a cabeça.

– Eu tinha certeza de que você seria teimoso até o osso, pai. Você tem dois meses para mudar de ideia. Pense nisso, está bem?

15

Fazia muito tempo desde a última vez que Hari Seldon tinha sorrido. Vinha conduzindo o projeto da mesma maneira de sempre: empenhado em levar inexoravelmente adiante o desenvolvimento da psico-história, fazendo planos para a Fundação, estudando o Primeiro Radiante.

Mas ele não sorria. A única coisa que fazia era se forçar a seguir trabalhando, sem nenhum sentimento de sucesso pela frente. Ao contrário, o sentimento era de fracasso iminente a respeito de tudo.

E então, sentado em sua sala na Universidade de Streeling, viu Wanda entrar. Ao olhar para ela, seu coração se alegrou. Wanda sempre tinha sido especial. Seldon não conseguia identificar exatamente quando ele e os outros tinham começado a aceitar os pronunciamentos que ela fazia com mais do que o entusiasmo habitual. A impressão é que sempre tinha sido assim. Quando era apenas uma garotinha, ela lhe havia salvado a vida com seu extraordinário conhecimento da "morte limonada", e durante toda a infância e a juventude tinha *sabido* das coisas, de alguma maneira.

Embora a dra. Endelecki tivesse afirmado que o genoma de Wanda era perfeitamente normal em todos os sentidos, Seldon ainda tinha certeza de que sua neta possuía poderes mentais muito maiores do que os de um ser humano normal. Assim como estava convicto de que havia outras pessoas como ela na Galáxia, e possivelmente até mesmo em Trantor. Se ele conseguisse encontrar esses mentálicos, a contribuição que poderiam fazer para a Fundação seria imensa. O potencial dessa grandeza estava todo centralizado em sua linda neta. Seldon mirou a jovem, emoldurada pelos batentes da porta de seu gabinete e por um instante sentiu como se seu sorriso fosse se partir. Dali a poucos dias ela estaria indo embora.

Como ele iria aturar isso? Wanda era uma linda moça de dezoito anos. Longos cabelos loiros, rosto um pouco largo mas propenso a sorrir. Ela estava sorrindo naquele exato momento e Seldon pensou: "Por que não? Está a caminho de Santanni e de uma nova vida".

– Então, Wanda, somente mais alguns dias – ele disse.

– Não, vovô, acho que não.

Ele a encarou com surpresa.

– Como assim?

Wanda se aproximou dele e colocou os braços em volta do avô.

– Não vou para Santanni.

– Seu pai e sua mãe mudaram de ideia?

– Não; eles vão, sim.

– Mas você não? Para onde você vai?

– Eu vou ficar aqui, vovô. Com você. – Ela o abraçou. – Pobre vovô!

– Mas não estou entendendo. Por quê? Eles concordaram com isso?

– Você quer dizer a mamãe e o papai? Bom, na realidade, não. Já estamos nessa discussão há algumas semanas, mas eu acabei vencendo. Por que não, vovô? Eles irão para Santanni e terão um ao outro... e ainda terão a pequena Bellis. Mas, se eu for com eles e deixar você aqui, você não terá ninguém. Não acho que eu seria capaz de aguentar isso.

– Mas como foi que você fez os dois concordarem com isso?

– Bom... você sabe, eu forcei.

– O que isso quer dizer?

– É a minha cabeça. Eu posso ver o que você está pensando e também o que se passa na cabeça deles e, conforme o tempo vai passando, eu vejo com mais nitidez, e posso forçar para que eles façam o que eu quero.

– E como você faz isso?

– Não sei. Mas, depois de algum tempo, eles se cansaram de ser forçados e estão dispostos a me deixar fazer como eu quero. Por isso, vou ficar com você.

Seldon levantou os olhos para a neta, com um amor desmedido.

– Isso é maravilhoso, Wanda, mas Bellis...

– Não se preocupe com Bellis, ela não tem a mente como a minha.

Seldon mordeu o lábio inferior ao perguntar:

– Tem certeza?

– Total. Além disso, a mamãe e o papai também têm de ter alguém.

Seldon queria festejar, mas não podia fazer isso tão abertamente. Havia Raych e Manella. Como é que isso os afetaria? Então ele questionou:

– Wanda, e os seus pais? Como você consegue manter todo esse sangue-frio a respeito deles?

– Não é uma questão de eu ter sangue-frio. Eles me compreendem. Eles percebem que eu devo permanecer com você.

– E como você conseguiu isso?

– Eu forcei – Wanda explicou, com simplicidade. – Depois de algum tempo, eles acabaram vendo as coisas do mesmo jeito que eu.

– Você consegue fazer isso?

– Não foi fácil.

– E você agiu assim porque... – e Seldon se deteve.

– ... porque eu amo você, naturalmente – Wanda terminou. – E porque...

– Sim?

– Eu preciso aprender psico-história. Já sei muitas coisas até agora...

– Como?

– Através da minha mente. E da mente dos outros que estão no projeto, especialmente de tio Yugo, até ele morrer. Mas até aqui são trechos e pedaços desconexos. Eu quero a coisa de verdade, vovô. Quero um Primeiro Radiante para mim. – O rosto dela se iluminou e as palavras que disse saíram rapidamente, com ardor. – Quero estudar a psico-história em grandes detalhes. Vovô, você já está muito idoso e muito cansado. Eu sou mais moça e tenho vontade. Quero aprender tudo que puder, para poder seguir em frente quando...

– Bom, isso seria maravilhoso – interrompeu Seldon –, se você puder fazer o que disse, mas não existem mais verbas para o trabalho. Vou lhe ensinar tudo o que eu sei, mas não podemos *fazer* nada.

– Veremos, vovô, veremos.

16

Raych, Manella e a pequena Bellis estavam esperando no espaçoporto.

A hipernave estava se preparando para decolar e os três já tinham despachado a bagagem.

– Pai, venha conosco – insistiu Raych.

Seldon abanou a cabeça.

– Não posso.

– Caso mude de ideia, sempre teremos lugar para você.

– Eu sei, Raych. Ficamos juntos durante quase quarenta anos. E foram bons anos. Dors e eu tivemos muita sorte por ter encontrado você.

– O sortudo fui eu. – Os olhos do dahlita se encheram de lágrimas. – Não pense que se passe um dia sem que eu me lembre de mamãe.

– Sim. – Seldon desviou os olhos, se sentindo no fundo do poço. Wanda estava brincando com Bellis quando chegou o aviso de embarque para os passageiros daquela hipernave.

O trio embarcou depois de um choroso abraço final que os pais deram em Wanda. Raych olhou para trás para acenar para Seldon e tentar esboçar um sorriso.

Seldon acenou e a outra mão se moveu descoordenadamente para rodear os ombros de Wanda.

Ela era a única que havia restado. Ao longo de sua longa existência, ele tinha perdido um a um todos os seus amigos e aqueles a quem tinha amado. Demerzel partira e nunca mais voltara. O Imperador Cleon, morto. Sua amada Dors, perdida para sempre. Seu fiel amigo Yugo Amaryl, falecido. E agora Raych, seu único filho, também partia.

A ele só restara Wanda.

17

– Está lindo lá fora – declarou Hari Seldon. – Uma noite maravilhosa. Considerando que vivemos dentro de um domo, até se poderia pensar que temos um tempo ótimo como o de hoje todas as noites.

– A gente ia se cansar disso, vovô, se fosse lindo o tempo todo – Wanda comentou com indiferença. – Faz bem para nós um pouco de variação nas noites.

– Para você, Wanda, porque é jovem. Ainda tem muitas e muitas noites pela frente. Eu, não. Eu quero mais das que são boas.

– Vovô, nem vem. Você não está tão velho. Sua perna vai bem e sua mente está tão afiada como sempre. Eu *sei*.

– Claro. Continue. Faça com que eu me sinta melhor. – Então, ele acrescentou com um tom de desconforto: – Quero andar. Quero sair deste apartamento minúsculo e caminhar até a biblioteca e aproveitar esta noite linda.

– O que você quer fazer na biblioteca?

– Agora, nada. Quero andar. Mas...

– Sim, mas o quê?

– Prometi a Raych que não andaria por Trantor sem um guarda-costas.

– Raych não está aqui.

– Eu sei – Seldon resmungou –, mas promessa é dívida.

– Ele não disse quem deveria ser o guarda-costas, certo? Vamos caminhar um pouco e eu serei sua guarda-costas.

– Você? – e Seldon sorriu.

– Sim, eu. Ofereço-me como voluntária para a tarefa. Vá se aprontar que nós vamos sair para dar uma volta.

Seldon achou graça na situação. Ele estava considerando a possibilidade de ir sem a bengala, já que sua perna ultimamente quase não doía mais, mas, por outro lado, tinha uma bengala nova cuja alça fora enchida com chumbo. Essa era mais pesada e resistente do que a antiga e, se seu único guarda-costas nesse passeio ia ser Wanda, seria melhor levá-la.

O passeio foi delicioso e Seldon ficou tremendamente feliz por haver cedido à tentação... até que chegaram a um determinado local.

Seldon levantou a bengala, sentindo um misto de raiva e resignação, e apontou:

– Veja aquilo!

Wanda levantou os olhos. O domo estava cintilando, como sempre acontecia à noitinha, a fim de criar uma impressão de princípio de crepúsculo. Conforme a noite avançava, naturalmente ele escurecia.

Seldon, todavia, estava indicando uma faixa escura que acompanhava o domo. Uma parte da iluminação estava apagada.

– Quando cheguei a Trantor, uma coisa dessas seria impensável – ele observou. – Havia pessoas cuidando da iluminação o tempo todo. A cidade *funcionava*, mas agora está caindo aos pedaços, em todos esses pequenos detalhes, e o que mais me aborrece é que ninguém se importa. Por que não enviam petições ao Palácio Imperial? Por que não acontecem reuniões de pessoas indignadas? É como se as pessoas de Trantor esperassem que a cidade fosse desmoronar e então acham que podem se irritar comigo porque estive sinalizando que esse processo de decadência está acontecendo.

– Vovô, dois homens estão atrás de nós – Wanda retrucou suavemente.

Eles tinham chegado à área da sombra sob as luzes apagadas do domo e Seldon perguntou:

– Eles estão apenas andando?

– Não. – Wanda não olhou para os homens; nem precisou fazer isso. – Estão seguindo você.

– Você pode parar esses dois? Forçá-los a parar?

– Estou tentando, mas são dois e estão determinados. É parecido com forçar uma parede.

– A que distância eles estão de mim?

– Uns três metros, mais ou menos.

– Estão se aproximando?

– Sim, vovô.

– Me avise quando estiverem a um metro. – Seldon deslizou a mão pela bengala até estar segurando a ponteira fina, o que deixava a alça recheada de chumbo solta no ar.

– *Agora*, vovô! – Wanda sussurrou.

Então, Seldon se virou rodopiando a bengala. O golpe atingiu com força o ombro de um dos homens que vinham atrás dele, e esse caiu no chão berrando de dor, contorcendo-se na calçada.

– E o outro? – Seldon quis saber. – Onde está?

– Fugiu.

Seldon desceu os olhos para o homem caído no chão e pisou no peito dele.

– Wanda, vasculhe os bolsos dele. Alguém deve ter sido pago e quero encontrar o registro do crédito. Talvez possamos identificar de onde eles são. – E então ele acrescentou, como se tivesse parado para pensar sobre isso: – Eu tinha mirado para atingir a cabeça dele.

– Você teria matado o cara, vovô.

– Era o que eu queria fazer – Seldon confessou. – Muito vergonhoso. Tenho sorte de ter errado.

Uma voz severa se fez ouvir:

– O que está havendo aqui? – Um indivíduo de uniforme chegou à cena, suando. – Você! Me entregue a bengala!

– Policial – Seldon cumprimentou em tom respeitoso.

– Você vai me contar sua história mais tarde. Temos de chamar uma ambulância para acudir este pobre coitado.

– *Pobre coitado*! – Seldon repetiu, zangado. – Ele ia me atacar. Agi em defesa própria.

– Eu vi o que aconteceu – a policial afirmou. – Este homem não encostou um dedo em você. Você se virou e o atacou sem que ele o

provocasse. Isso não é defesa própria. É um delito de lesão corporal.

– Policial, estou lhe dizendo...

– Não me diga nada. Você dirá tudo no tribunal.

Wanda interrompeu com uma voz macia e doce:

– Policial, se a senhora puder nos ouvir um instante...

– A senhorita pode ir para casa – interrompeu a policial.

Wanda se empertigou.

– Certamente que não, policial. Aonde vai o meu avô eu vou.

Os olhos dela faiscaram e a policial apenas resmungou:

– Bem, venha, então.

18

Seldon ficou enfurecido.

– Nunca fui preso em toda a minha vida. Há apenas dois meses fui agredido por oito homens. Fui capaz de me defender com a ajuda de meu filho, mas enquanto aquilo acontecia onde estavam os policiais? Alguém parou para me ajudar? Não e não. Desta vez, me preparei melhor e derrubei um homem no chão antes que ele me atacasse. Algum policial à vista? Absolutamente. Ela colocou as algemas em mim. Havia pessoas assistindo e gostaram muito de ver um velho ser preso por lesão corporal. Que tipo de mundo é este em que vivemos?

Civ Novker, o advogado de Seldon, suspirou e respondeu calmamente:

– Um mundo corrupto, mas não se preocupe. Nada irá acontecer com você. Vou tirá-lo daqui com uma fiança e então, depois de algum tempo, você será levado a julgamento e o máximo que receberá (no máximo, mesmo) serão algumas palavras duras de repreensão por parte do juiz. Sua idade e sua reputação...

– Esqueça a minha reputação – Seldon atalhou, ainda muito zangado. – Sou um psico-historiador e, neste momento, *isso* é um palavrão. Eles vão ficar felizes de me colocar no xadrez.

– Não vão ficar, não – insistiu Novker. – Podem existir alguns sujeitos com um parafuso solto na cabeça que queiram derrubar você, mas vou dar um jeito para que nenhum deles faça parte do corpo de jurados.

– Será realmente necessário submetermos meu avô a tudo isso? –

perguntou Wanda. – Ele não é mais um homem jovem. Não seria possível apenas comparecer perante um juiz, sem o transtorno de um julgamento com júri?

O advogado se virou para responder a ela:

– Isso pode ser feito. Quando a pessoa é insana, talvez. Os juízes são sujeitos impacientes, enlouquecidos pelo poder que detêm, que podem mandar alguém para a cadeia por um ano com a mesma facilidade com que ouvem o que o acusado tem a dizer. Ninguém apenas fala com um juiz e pronto.

– Pois eu acho que deveríamos fazer isso – Wanda insistiu.

Seldon, então, interveio:

– Bom, Wanda, agora eu penso que devemos ouvir o que Civ sabe... – e, enquanto dizia isso, sentiu um movimento no estômago, como se algo revirasse lá dentro. Era Wanda "forçando". Com isso, ele arrematou: – Mas se você insiste...

– Ela não pode insistir – objetou o advogado. – Não vou permitir.

– Meu avô é seu cliente – retrucou Wanda. – Se ele quiser que alguma coisa seja de determinado modo, você tem de acatar e agir de acordo.

– Posso me recusar a representá-lo.

– Pois muito bem, então. Saia e nós iremos perante o juiz sozinhos – Wanda afirmou incisivamente.

Novker ponderou e acrescentou:

– Muito bem, se é assim... se vocês estão tão determinados. Há anos sou o advogado de Hari e não me imagino abandonando-o agora. Mas quero adverti-los: as chances de ele ser sentenciado a um período na prisão são grandes e terei de suar sangue para conseguir contorná-las. Se é que isso é possível.

– Eu não tenho esse receio – Wanda informou.

Seldon mordeu a boca e o advogado se voltou para ele.

– E quanto a você? Está disposto a deixar que sua neta imponha esse risco?

Seldon pensou por um instante e então admitiu, para a grande surpresa de seu velho advogado:

– Sim; estou, sim.

O juiz fixou os olhos em Seldon, com uma expressão amarga, enquanto ouvia o relato. Então, o interrogou:

– O que o leva a pensar que a intenção daquele homem que o senhor agrediu era atacá-lo? Ele o ameaçou? De alguma maneira ele o coagiu com um temor físico?

– Minha neta percebeu a aproximação dele e tinha plena certeza de que ele estava planejando me agredir.

– Senhor, isso sem dúvida não será o suficiente. O senhor tem mais alguma coisa que possa me contar antes que eu profira a sentença?

– Ora, espere um pouco, por favor – Seldon interpôs, parecendo indignado. – Não julgue tão depressa. Há poucas semanas fui agredido por oito homens de que me defendi com a ajuda do meu filho. Portanto, o senhor há de compreender que eu tinha motivos para pensar que poderia ser atacado de novo.

O juiz remexeu em alguns papéis.

– Atacado por oito homens. O senhor denunciou isso?

– Não havia nenhum policial por perto. Nem um único.

– Isso não vem ao caso. O senhor registrou a ocorrência?

– Não, senhor.

– Por que não?

– Em primeiro lugar, fiquei com receio de toda a lentidão envolvida nos procedimentos legais. Depois de termos afugentado os oito homens, e nos colocarmos a salvo, pareceu inútil ir atrás de mais confusão.

– Como foi que o senhor conseguiu se safar do ataque de *oito* homens, somente o senhor e seu filho?

Seldon hesitou.

– Meu filho está em Santanni agora e fora da jurisdição de Trantor. Por isso, posso lhe dizer que ele estava com suas adagas dahlitas e que é especialista em seu manejo. Ele matou um dos homens e feriu gravemente mais dois. Os demais foram embora e carregaram o morto e os feridos.

– E o senhor não reportou a morte de um homem e os ferimentos impostos aos outros dois?

– Não, senhor. Pelos mesmos motivos já citados. E combatemos em defesa própria. No entanto, se o senhor quiser localizar os dois feridos e o morto terá toda a evidência de que fomos atacados.

– Localizar um morto e dois feridos, sem nome, sem identificação,

em Trantor? – cogitou o juiz. – O senhor tem ciência de que todos os dias, em Trantor, são encontrados mais de dois mil mortos, *apenas* por ferimentos causados por lâminas? A menos que essas ocorrências nos sejam reportadas imediatamente, não temos o que fazer. Sua história de ter sido atacado uma vez antes não se sustenta. Temos de lidar com o que temos em mãos, com os acontecimentos de hoje, que *foram* reportados e que contaram com o testemunho de uma policial. Portanto, vamos considerar a situação a partir de agora. Por que o senhor acha que o sujeito iria atacá-lo? Apenas porque ele casualmente estava passando por ali? Porque o senhor aparenta ser idoso e impotente? Porque o senhor dava a impressão de estar portando muitos créditos? Qual a sua opinião?

– Acho, Excelência, que é por causa de quem sou.

O juiz remexeu em seus papéis de novo.

– O senhor é Hari Seldon, um professor e estudioso. Por que isso o tornaria um alvo específico para agressores?

– Devido a minhas ideias.

– Suas ideias... bem – e o juiz remexeu nos papéis apenas para fazer alguma coisa. De repente, parou e, erguendo os olhos, examinou o rosto de Seldon. – Espere... Hari Seldon. – Uma expressão de reconhecimento tomou conta do semblante do juiz. – Você é o sujeito da psico-história, não é?

– Sim, Excelência.

– Lamento, mas não sei nada a respeito disso, exceto o nome desse trabalho e o fato de que o senhor anda por aí prevendo o fim do Império, ou algo do gênero.

– Não é bem assim, Excelência. Minhas ideias se tornaram impopulares porque estão se mostrando verdadeiras. Acredito que seja esse o motivo de existirem aqueles que querem me agredir ou, o que é mais provável, que sejam pagos para isso.

O juiz olhou firmemente para Seldon, e então chamou a policial que havia efetuado a prisão.

– Você averiguou os antecedentes do homem que foi ferido?

A policial pigarreou antes de responder.

– Sim, senhor. Ele já foi preso várias vezes. Agressão, furto.

– Ora, então ele é um reincidente, certo? E o professor, também tem antecedentes?

– Não, senhor.

– Então, temos aqui um idoso inocente lutando contra um malfeitor identificado. E você prende o idoso inocente. É isso mesmo?

A policial ficou em silêncio.

– O senhor está livre, professor – disse o juiz.

– Obrigado, Excelência. Posso pegar minha bengala de volta?

O juiz estalou os dedos para a policial, que entregou a bengala a Seldon.

– Uma coisa só, professor – o magistrado emendou. – Se usar essa bengala de novo, é melhor estar absolutamente certo de que poderá provar que o fez em legítima defesa. Caso contrário...

– Sim, senhor. – E Hari Seldon deixou o recinto do tribunal apoiando-se fortemente na bengala, mas de cabeça bem erguida.

20

Wanda estava chorando copiosamente, com o rosto lavado em lágrimas, os olhos vermelhos, o rosto inchado.

Hari Seldon se inclinava sobre ela, acariciando seus ombros, sem saber muito bem o que fazer para consolá-la.

– Vovô, eu sou um tremendo fracasso. Achei que podia forçar as pessoas... e eu podia, quando elas não importavam em ser forçadas tanto assim, como a mamãe e o papai... e mesmo se levasse muito tempo. Cheguei inclusive a montar um tipo de sistema de classificação, baseado numa escala de dez pontos, como se fosse um indicador de potência para exercer influência mental. Só que eu supus longe demais. Imaginei que eu fosse um dez, ou pelo menos um nove. Mas agora estou me dando conta de que não passo de um sete, no máximo.

Wanda tinha parado de chorar e de vez em quando fungava, enquanto Hari lhe acariciava o cabelo.

– Normalmente... normalmente... não tenho dificuldade. Se me concentro direito, posso ouvir os pensamentos da outra pessoa e, quando quero, eu forço um conteúdo. Mas esses bandidos! Eu pude ouvir muito bem o que estavam pensando, mas não havia nada que eu pudesse fazer para forçá-los a se afastar.

– Achei que você se saiu muito bem, Wanda.

– Eu *não* me saí bem. Foi uma mera fan... fantasia. Pensei que

aquelas pessoas viriam por trás de você e que, com uma forçada bem intensa, eu mandaria os dois pelos ares. Era assim que eu seria sua guarda-costas. Foi por isso que me ofereci para ser sua guarda... guarda-costas. Só que não fui. Os dois sujeitos chegaram e eu não consegui fazer absolutamente nada.

– Mas você fez. Você conseguiu fazer com que o primeiro hesitasse. Isso me deu a chance de me virar e lhe dar a bordoada.

– Não, não. Eu não tive nada a ver com isso. A única coisa que eu fiz foi avisá-lo de que ele estava ali e você fez todo o resto.

– O segundo homem fugiu.

– Porque você acertou o golpe no primeiro. Não tive nada a ver com isso também. – Mais uma vez ela caiu no choro, tomada pela frustração. – E depois o magistrado. Insisti que fôssemos falar com ele. Achei que podia forçá-lo e que ele o deixaria ir no mesmo instante.

– E ele me deixou ir e foi praticamente no mesmo instante.

– Não. Ele o submeteu a um interrogatório infame e só enxergou a luz quando se deu conta de quem você era. Também não tive nada a ver com isso. Falhei em todos os sentidos. Eu poderia ter deixado você em uma péssima situação.

– Não, eu me recuso a aceitar isso, Wanda. Se seu processo de forçar os pensamentos não funcionou tão bem quanto você esperava, foi apenas porque estava agindo diante de uma condição de emergência. Isso você não poderia ter evitado. Mas, veja só, tive uma ideia, Wanda.

Percebendo a excitação na voz do avô, ela levantou os olhos.

– Que espécie de ideia, vovô?

– Bom, é assim, Wanda. Provavelmente você sabe que eu preciso arrumar créditos. A psico-história simplesmente não pode seguir em frente sem isso e eu não posso tolerar a ideia de finalmente não dar frutos, depois de todos esses anos labutando.

– Eu também não posso tolerar isso. Mas como vamos arrumar os créditos?

– Bom, vou solicitar novamente uma audiência com o Imperador. Ele já me recebeu uma vez, é um bom homem e eu gosto dele. Mas não está exatamente nadando num mar de dinheiro. No entanto, se eu levar você comigo e você o forçar suavemente, pode ser que ele encontre uma fonte de créditos, uma fonte em algum lugar, e com isso poderei me manter por mais um tempo, até que consiga pensar em

alguma outra coisa.

– Você realmente acha que isso poderá dar certo, vovô?

– Sem você, não. Mas com você, pode ser. Ora, o que me diz? Não vale a pena tentar?

Wanda sorriu.

– Você sabe que farei qualquer coisa que me pedir, vovô. Além do mais, é a sua única esperança.

21

Não foi difícil obter uma audiência com o Imperador. Os olhos de Agis brilhavam quando ele cumprimentou Seldon.

– Olá, velho amigo – ele saudou. – Você veio para me trazer azar?

– Espero que não – disse Seldon.

Agis despiu o manto sofisticado que estava usando e, com um resmungo de cansaço, atirou-o no canto da sala, dizendo:

– E *você,* fique ali. – Olhando para Seldon, balançou a cabeça e emendou: – Detesto aquela coisa. Pesa como um pecado e é quente como um forno. Sempre tenho de vestir aquilo quando estou sendo asfixiado pela enxurrada de palavras sem sentido, em pé, duro como uma figura entalhada. É simplesmente um horror. Cleon nasceu para isso e tinha a aparência necessária. Eu não nasci e não tenho a aparência necessária. É uma total infelicidade para mim, ser primo em terceiro grau dele, por parte de mãe, porque isso foi o que bastou para me qualificar para ser Imperador. Ficaria muito feliz se pudesse vender esse cargo bem barato. Você gostaria de ser Imperador, Hari?

– Não, não, nem pensar. Não alimente nenhuma esperança quanto a isso – Seldon respondeu, com uma risada.

– Mas, diga-me, então, quem é esta moça extraordinariamente bela que veio com você hoje? – Wanda ficou corada, e o Imperador comentou, cordialmente: – Não deve se sentir envergonhada, minha querida. Uma das poucas prerrogativas de um Imperador é o direito de dizer o que quiser. Ninguém pode objetar nem questionar. Só podem dizer “Sim, Majestade”. Entretanto, eu não quero esse tipo de comentário vindo de sua parte. Detesto essa palavra... “Majestade”. Você me chame de Agis. Tampouco é o meu nome de batismo. É meu nome imperial e acabei me acostumando com ele. Então, Hari, diga-

me como vão as coisas. O que se passou com você desde a última vez em que nos vimos?

Seldon respondeu em poucas palavras:

– Fui agredido nas ruas duas vezes.

O Imperador pareceu não ter certeza de esse comentário ser uma piada ou não. Assim, repetiu:

– Duas vezes? É sério?

O Imperador ficou com o semblante sombrio, enquanto escutava a narrativa das agressões que Seldon tinha sofrido.

– Imagino que não houvesse nenhum policial por perto quando os oito homens o atacaram.

– Nem um único.

O Imperador se levantou de seu assento, mas gesticulou para que os outros dois continuassem sentados. Andou de lá para cá, como se estivesse tentando digerir uma boa dose de raiva. Então, ficou de frente para Seldon.

– Durante milhares de anos – ele começou – sempre que acontecia uma coisa desse tipo as pessoas diziam: "Por que não recorremos ao Imperador?" ou: "Por que o Imperador não faz alguma coisa?". E, no fim das contas, o Imperador *pode* fazer alguma coisa e *faz* mesmo, mesmo que nem sempre seja a coisa inteligente a ser feita. Mas eu, Hari... sou impotente. Absolutamente impotente. Ah, claro, existe uma tal de Comissão de Segurança Pública, mas ali parecem estar mais preocupados com a *minha* segurança do que com a do público. Inclusive, é uma maravilha que possamos estar nesta audiência porque você não é de jeito nenhum benquisto pela Comissão. Não há *nada* que eu possa fazer a respeito de coisa alguma. Você sabe o que aconteceu com o *status* do Imperador desde a queda da junta e da restauração do (veja só!) poder imperial?

– Acho que sim.

– Aposto que não, pelo menos não completamente. Agora, temos uma democracia. Você sabe o que é democracia?

– Certamente.

Agis franziu a testa. Então, acrescentou:

– Aposto como você acha que é uma boa coisa.

– Acho que *pode* ser uma coisa boa.

– Bom, então veja bem. Não é. A democracia transtornou completamente o Império. Suponha que eu queira mandar mais

policiais para patrulhar as ruas de Trantor. Antes, eu pegava uma folha de papel, já preparada para mim pelo Secretário Imperial, assinava com um floreio e imediatamente haveria mais oficiais de segurança em ação. Agora, não posso mais fazer nada disso. Tenho de submeter o projeto à aprovação do Legislativo. São sete mil e quinhentos homens e mulheres que instantaneamente começam a grasnar como gansos no momento em que se faz a sugestão. Antes de mais nada, de onde virão os fundos para bancar a medida proposta? Por exemplo, não se pode ter dez mil policiais a mais sem se pagar dez mil salários a mais. Então, se você concordou com algo desse tipo, quem vai escolher os novos policiais? Quem vai controlá-los? O Legislativo é um circo de gente berrando, argumentando, bradando, e no fim não se faz nada. Hari, eu não consegui sequer resolver uma coisa tão pequena como consertar as lâmpadas queimadas do domo, como você reparou. Quanto vai custar? Quem será o responsável? Ah, as luzes serão consertadas, mas certamente serão necessários alguns meses até que isso aconteça. *Isso* é democracia.

– Se bem me lembro, o Imperador Cleon estava sempre se queixando de não conseguir fazer o que queria – comentou Hari Seldon.

– O Imperador Cleon teve dois primeiros-ministros de primeira classe: Demerzel e você – retrucou Agis, com impaciência. – Vocês dois se empenharam em não deixar que Cleon fizesse idiotices. Eu tenho sete mil e quinhentos primeiros-ministros, todos idiotas, do começo ao fim. Mas, sem dúvida, Hari, você não veio até aqui para se queixar dos ataques que sofreu.

– Não, Agis. Vim por causa de algo bem pior. Majestade, Agis, eu preciso de créditos.

O Imperador encarou Seldon, incrédulo.

– Depois de tudo que acabei de lhe dizer, Hari? Não tenho créditos. Ah, claro, existem créditos para manter este estabelecimento funcionando, sem dúvida, mas para obtê-los preciso encarar sete mil e quinhentos legisladores. Se você pensa que posso chegar até eles e dizer: “Quero créditos para o meu amigo Hari Seldon”, e se você acha que vou conseguir uma quarta parte do que estou pedindo num período inferior a dois anos, você perdeu o juízo. Não vai dar. – Ele encolheu os ombros e disse, com mais amabilidade: – Não me entenda mal, Hari. Eu gostaria de ajudar você, se pudesse. Em particular,

gostaria de ajudá-lo pelo bem de sua neta. Quando olho para ela sinto vontade de dar todos os créditos que você gostaria de receber, mas isso não é possível.

– Agis, se eu não receber verbas – Seldon explicou –, a psico-história irá por água abaixo, depois de quase quarenta anos de trabalho.

– Bom, ela não rendeu muita coisa em quarenta anos, então por que se atormentar?

– Agis – Seldon insistiu –, não posso fazer mais nada, agora. Os ataques que sofri foram justamente porque sou psico-historiador. As pessoas pensam que eu trago a destruição com minhas previsões.

– Você traz azar, Corvo Seldon – aquiesceu o Imperador. – Já lhe disse isso antes.

Seldon ficou em pé.

– Bom, estou liquidado, então.

Wanda também se levantou, ao lado do avô, e sua cabeça alcançava o ombro de Hari. Ela olhava fixamente para o Imperador.

Quando Hari estava se virando para partir, o Imperador interveio:

– Espere. Espere. Um pequeno verso que decorei há muito tempo dizia:

O mal atinge a terra
Para males acelerados uma presa
Onde a riqueza se acumula
E os homens se arruínam.

– E o que isso quer dizer? – indagou o desanimado Hari Seldon.

– Significa que o Império está se deteriorando em ritmo acelerado e ruindo, mas isso não impede que alguns indivíduos enriqueçam. Por que não procurar os empresários bem-sucedidos? Eles não têm legisladores pela frente e, se quiserem, podem simplesmente assinar um vale-crédito.

Seldon olhou-o fixamente.

– Vou tentar.

– Senhor Bindris – Hari Seldon saudou, estendendo a mão para cumprimentar o cavalheiro. – Estou muito feliz por conhecê-lo. Foi ótimo de sua parte concordar em me receber.

– Por que não? – respondeu jovialmente Terep Bindris. – Eu o conheço bem. Ou melhor, eu o conheço bem *de nome*.

– Isso é bom de se ouvir. Presumo, portanto, que já tenha ouvido falar da psico-história.

– Ah, sim, qual a pessoa inteligente que não ouviu? Não que eu *entenda* alguma coisa a respeito, claro. E quem é essa jovem que veio em sua companhia?

– Minha neta, Wanda.

– Que bela moça. – Bindris estava exultante. – De algum modo, sinto que nas mãos dela eu seria facilmente manipulado.

– Acho que o senhor está exagerando.

– Na realidade, não. Agora, por favor, queiram se sentar. Digam-me em que posso ajudar. – O anfitrião fez um gesto amplo com o braço, indicando que podiam se sentar em duas poltronas muito estofadas, de um tecido ricamente adamascado, diante da escrivaninha à qual ele mesmo se sentou. Essas poltronas, assim como a mesa ornamentada, as imponentes portas de madeira entalhada que deslizaram sem ruído ao captar o sinal da chegada dos visitantes, e o cintilante chão de obsidiana do imenso escritório de Bindris eram todos da mais alta qualidade. Mas, embora aquele fosse um ambiente impressionante (e imponente), Bindris não era uma pessoa imperiosa. A um primeiro olhar, aquele homem ágil e cordial não seria identificado como um dos principais corretores de energia de Trantor.

– Viemos vê-lo, senhor, por sugestão do Imperador.

– Do Imperador?

– Sim. Ele não pôde nos ajudar diretamente, mas pensou que um homem como o senhor talvez pudesse. Naturalmente, trata-se de uma questão de créditos.

O semblante de Bindris caiu.

– Créditos? Não estou entendendo – ele confessou.

– Bem – Seldon prosseguiu –, durante praticamente quarenta anos, a psico-história recebeu fundos do governo. No entanto, os tempos mudaram e o Império não é mais o que já foi.

– Sim, eu sei.

– O Imperador não tem os créditos necessários para nos subsidiar e,

mesmo que tivesse, não poderia obter do Legislativo a aprovação para uso dessas verbas. Portanto, ele recomendou que eu buscasse os empresários, que, antes de mais nada, são pessoas que ainda possuem créditos e, em segundo lugar, podem simplesmente endossar um vale-crédito.

Houve uma longa pausa e Bindris, finalmente, retrucou:

– Tenho a impressão, infelizmente, de que o Imperador não sabe nada de negócios. De quantos créditos o senhor precisa?

– Senhor Bindris, estamos falando de uma tarefa enorme. Vou precisar de vários milhões.

– Vários *milhões*!

– Sim, senhor.

Bindris franziu a testa.

– Estamos falando de um empréstimo, neste caso? Quando o senhor acha que será capaz de devolver esse valor?

– Bem, senhor Bindris, honestamente eu não posso dizer que algum dia serei capaz de devolver os créditos. Estou em busca de uma doação.

– Mesmo que eu quisesse dar-lhe os créditos (e, preciso lhe dizer isto, por algum motivo estranho sinto muita vontade de fazê-lo) não poderia. O Imperador pode ter o Legislativo para enfrentar, e eu tenho os membros da minha diretoria. Não posso fazer uma doação dessa natureza sem a autorização da diretoria, e eles nunca concordariam.

– E por que não? A sua empresa é imensamente rica. Alguns milhões não significam nada para o senhor.

– Isso soa muito bem – Bindris continuou –, mas lamento dizer que a empresa está em declínio, neste momento. Não o suficiente para nos levar a sofrer algum problema mais sério, mas o bastante para nos deixar infelizes. Se o Império está em decadência, as diversas áreas individuais que o constituem também estão. Não estamos em condição de entregar alguns milhões. Eu realmente sinto muito.

Seldon ficou plantado na cadeira, em silêncio, e Bindris não parecia contente. Balançando a cabeça, ele enfim emendou:

– Veja, professor Seldon, eu realmente gostaria muito de ajudá-lo, principalmente por causa da linda moça que veio com o senhor. Mas simplesmente não posso fazer isso. No entanto, não somos a única empresa em Trantor. Tente outras, professor. Pode ser que tenha mais sorte numa próxima tentativa.

– Bem – Seldon respondeu, aceitando a ideia, enquanto se punha em pé com alguma dificuldade –, iremos tentar.

23

Os olhos de Wanda estavam cheios de lágrimas, mas a emoção que assim transbordava era fúria, não decepção.

– Vovô, eu não entendo – ela soluçou. – Simplesmente não entendo. Já fomos a quatro empresas. Cada uma delas foi mais rude e mais desagradável conosco do que a anterior. A quarta então apenas nos chutou para longe dali. E desde então ninguém mais quer nos receber.

– Não há nenhum mistério nisso, Wanda – Seldon explicou com delicadeza. – Quando fomos a Bindris, ele não sabia por que estávamos lá e se mostrou bem amistoso até eu lhe pedir que doasse alguns milhões de créditos. Então, ele se mostrou muito menos amistoso. Imagino que a notícia tenha se espalhado, alertando para o que estávamos buscando, e cada uma das vezes que insistimos aumentou a animosidade até chegar a este ponto, em que as pessoas não querem mais nos receber. E por que deveriam? Elas não vão nos dar os créditos de que precisamos, então por que perder tempo conosco?

A raiva de Wanda se voltou contra ela mesma.

– E eu fiz o quê? Nada! Só fiquei ali plantada.

– Eu não diria isso – Seldon rebateu. – Bindris ficou impressionado com você. Pareceu-me que ele realmente queria nos dar os créditos, principalmente por sua causa. Você estava forçando Bindris e conseguiu alguma coisa.

– Nem chegou a ser o suficiente. Além disso, a única coisa que importou para ele foi que sou bonita.

– Bonita, não – Seldon falou baixinho. – Linda. Muito linda.

– E agora, vovô, o que vamos fazer? – Wanda quis saber. – Depois de todos esses anos, a psico-história vai desaparecer.

– Imagino que, em certo sentido, não haja como evitar isso – Seldon comentou. – Há quase quarenta anos venho prevendo o colapso do Império e, agora que chegou, a psico-história se perde junto com ele.

– Mas a psico-história pode salvar o Império, pelo menos em parte.

– Eu sei disso, mas não posso forçar nada nesse sentido.

– E você vai simplesmente deixar que ele se desfaça?

Seldon balançou a cabeça.

– Tentarei evitar que isso aconteça, mas devo admitir que não sei como irei fazê-lo.

– Eu vou treinar – prometeu Wanda. – Tem de haver um jeito de eu conseguir fortalecer o meu poder, de ficar mais fácil forçar as pessoas a fazer aquilo que eu quero que façam.

– Bem que eu gostaria que você conseguisse.

– E você, vovô? O que vai fazer?

– Bom, nada de mais. Há dois dias, quando estava indo para uma reunião com o bibliotecário-chefe, encontrei três homens na biblioteca conversando sobre a psico-história. Por alguma razão um deles me causou uma impressão muito forte. Insisti para que ele fosse à minha sala e ele concordou. O compromisso é para esta tarde, no meu gabinete.

– Vai fazer com que ele trabalhe para você?

– Bem que eu gostaria, se eu tivesse créditos suficientes para pagar. Mas conversar com ele não faz mal nenhum. Afinal de contas, o que tenho a perder?

24

O jovem chegou pontualmente às quatro, HPT (Horário Padrão em Trantor), e Seldon sorriu. Ele adorava pessoas pontuais. Colocando as mãos no tampo da mesa, preparou-se para ficar em pé, mas o jovem o impediu:

– Por favor, professor, eu sei que o senhor tem um problema na perna. Não precisa se levantar.

– Obrigado, meu jovem – respondeu Seldon. – No entanto, isso não quer dizer que você não possa se sentar. Por favor, acomode-se.

O rapaz despiu a jaqueta e se sentou.

– Você vai me desculpar... – começou Seldon – Quando nos conhecemos e agendamos esta reunião, eu me esqueci de perguntar seu nome. Como você se chama?

– Stettin Palver – ele informou.

– Ah! Palver! Palver! Esse nome me parece conhecido.

– E deveria, professor. Meu avô se gabava frequentemente de ter conhecido o senhor.

– Seu avô. Claro! Joramis Palver. Ele era dois anos mais novo do que eu, se bem me lembro. Tentei convencê-lo a vir trabalhar comigo na psico-história, mas ele se recusou. Disse que não havia possibilidade de um dia conseguir aprender matemática suficiente para que isso fosse possível. Uma pena! A propósito, como vai Joramis?

– Lamento dizer que Joramis seguiu o rumo dos idosos em geral. Ele morreu – Palver informou solenemente.

Seldon se retraiu, com um tremor. Dois anos mais novo do que ele e já falecido. Tinha perdido todo o contato com aquele velho amigo, que morrera e ele nem ficara sabendo.

Seldon ficou sentado em silêncio por alguns instantes e depois murmurou:

– Sinto muito.

– Ele teve uma vida boa – o rapaz encolheu os ombros.

– E você, meu jovem? Onde estudou?

– Na Universidade de Langano.

– Langano? – Seldon franziu a testa. – Corrija-me se eu estiver errado, mas não é em Trantor, é?

– Não. Eu quis ir para um mundo diferente. As universidades em Trantor, como sem dúvida o senhor sabe muito bem, estão superlotadas. Eu queria achar um lugar onde pudesse estudar em paz.

– E o que você estudou?

– Nada de mais. História. Não é o tipo de coisa que proporciona um bom emprego.

Outra vez Seldon se contraiu e a sensação dessa vez foi ainda pior que a primeira: Dors Venabili tinha sido historiadora.

– Mas você voltou aqui, para Trantor – Seldon observou. – Por quê?

– Créditos. Empregos.

– Como historiador?

Palver riu.

– Não, sem chance. Eu opero um equipamento de transporte de cargas. Não é exatamente uma ocupação profissional

Seldon olhou para Palver com uma ponta de inveja. O contorno dos músculos nos braços e no tronco de Palver era evidenciado pelo tecido fino de sua camisa. Era um rapaz forte. Seldon nunca tinha sido tão

musculoso, nem em seus melhores anos.

– Imagino que, quando estava na universidade, você era do time de boxe – continuou Seldon.

– Quem? Eu? Nunca. Sou praticante da arte do tufão.

– É mesmo? – O estado de ânimo de Seldon mudou para melhor numa fração de segundo. – Você é de Helicon?

– Não é preciso ser de Helicon para ser um bom praticante da arte do tufão – Palver respondeu com certo desdém.

“Não”, Seldon pensou, “mas é de lá que vêm os melhores.”

Porém, não fez nenhum comentário. Em seguida, perguntou outra coisa:

– Bom, seu avô não quis trabalhar comigo. E você? Gostaria?

– Na psico-história?

– Ouvi você conversando com os outros rapazes quando o vi pela primeira vez e tive a impressão de que você dizia coisas muito inteligentes sobre psico-história. Então, gostaria de vir trabalhar comigo?

– Como já disse, professor, tenho um emprego.

– Transportando cargas... Ora, por favor.

– Mas me paga bem.

– Os créditos não são tudo.

– Mas são bastante. Agora, o senhor, por outro lado, não pode me pagar muito. Tenho quase certeza de que está *precisando* de créditos.

– E por que me diz isso?

– Estou supondo, por algum motivo. Mas estou errado?

Seldon fechou a boca com força por um instante e então respondeu:

– Não, você não está errado e não posso lhe pagar muito. Lamento. Imagino que esse seja o fim de nossa entrevista.

– Espere, espere um pouco. – Palver ergueu as mãos. – Não tão depressa, por favor. Ainda estamos falando de psico-história. Se eu trabalhar para o senhor, irei aprender psico-história, certo?

– Naturalmente.

– Nesse caso, os créditos não são tudo, afinal de contas. Vou lhe propor um acordo. O senhor me ensina tudo de psico-história que puder e me paga o que puder, e eu me viro com isso. Que tal?

– Excelente – respondeu Seldon, entusiasmado. – Para mim parece ótimo. Agora, só mais uma coisa.

– Oh?!

– Sim. Nas últimas semanas, fui atacado duas vezes. Na primeira vez, meu filho apareceu para me defender, mas desde então ele foi para Santanni. Na segunda vez, usei minha bengala, cuja extremidade tem chumbo, e afugentei os valentões, mas me levaram preso e terminei enfrentando um juiz, tendo sido acusado de delito de lesão corporal...

– E por que houve esses ataques? – Palver interrompeu.

– Não sou popular. Faz tanto tempo que estou pregando a Queda do Império que, agora que está acontecendo, sou culpado por isso.

– Eu entendo. Mas, então, o que isso tudo tem a ver com a outra coisa importante que o senhor mencionou?

– Quero que você seja meu guarda-costas. Você é jovem, forte e, principalmente, é praticamente da arte do tufão. Você é exatamente do que eu preciso.

– Acho que isso pode ser providenciado – Palver concordou, com um sorriso.

25

– Olhe ali, Stettin – Seldon apontou, enquanto os dois faziam uma caminhada no início da noite pelos setores residenciais de Trantor próximos a Streeling. Hari estava indicando os detritos, lixo variado atirado por ocupantes de carros terrestres ou jogado no chão por pedestres descuidados, que se espalhavam pelas calçadas. – Antigamente – ele continuou falando – nunca se via tanto lixo assim. Os policiais eram vigilantes e as equipes de manutenção municipal trabalhavam em turnos contínuos para preservar as áreas públicas. Mas, principalmente, ninguém nem *pensaria* em jogar lixo no chão dessa maneira. Trantor era nossa casa. Tínhamos orgulho dela. Agora... – Seldon abanou a cabeça com tristeza, resignado, e suspirou – é tudo... – e de repente ele se calou.

– Ei, você, jovem! – Seldon gritou para um sujeito de má aparência que, momentos antes, tinha passado por eles seguindo na direção oposta. Ele estava mastigando alguma guloseima cuja embalagem tinha acabado de jogar na calçada, sem nem olhar direito onde. – Pegue isso e jogue na lixeira certa – Seldon o repreendeu, enquanto o rapaz olhava para ele com má vontade.

– Você que pegue, então – o rapaz retrucou com insolência, deu-lhe as costas e se afastou.

– Mais um sinal do colapso da sociedade, como previsto por sua psico-história, professor Seldon – Palver observou.

– Sim, Stettin. Por todos os lados, o Império está caindo aos pedaços, parte por parte. Aliás, já está liquidado. Não há mais como reverter a situação, agora. Apatia, decadência e cobiça tiveram cada qual o seu papel para destruir nosso antes glorioso Império. E o que tomará o seu lugar? Por que...

Nesse instante, Seldon se calou para prestar atenção à fisionomia de Palver. Ele parecia estar concentrado, escutando alguma coisa, e não era a voz de Seldon. Tinha inclinado a cabeça para um lado e seu rosto tinha uma expressão distante. Era como se Palver estivesse se esforçando para captar algum som inaudível para todos exceto para si mesmo.

De repente, voltou de estalo para o momento presente. Dando uma olhada ansiosa à volta deles, Palver tomou o braço de Seldon e avisou:

– Hari, depressa, temos de ir embora. Eles estão vindo... – Então, aquele tranquilo anoitecer foi encerrado pelo som imperioso de passadas que vinham em rápida aproximação. Seldon e Palver se viraram para seguir na outra direção, mas era tarde demais. Um bando de agressores já os rodeava. Dessa vez, porém, Hari Seldon estava preparado. Imediatamente girou a bengala num círculo amplo em volta de Palver e de si mesmo. Com isso, os três valentões, dois rapazes e uma moça, todos adolescentes, começaram a rir.

– Ah, quer dizer que você não vai facilitar, certo, meu velho? – zombou um dos meninos, que parecia o líder do trio. – Ora, ora, ora... Eu e meus camaradas aqui vamos acabar com você em menos de dois segundos. Nós.... – e de súbito esse líder estava no chão, tendo sido atingido por um chute-Tufão desferido com maestria em seu ventre. Os outros dois, ainda em pé, rapidamente se agacharam, preparando-se para atacar. Mas Palver foi mais ligeiro. Eles também foram derrubados, quase antes de poderem perceber o que os havia atingido.

Então, a situação praticamente nem tinha começado e já havia terminado. Seldon se pôs de lado, apoiando todo o seu peso na bengala, tremendo ao se lembrar de que tinha escapado por pouco. Palver, arfando um pouco depois do esforço físico, avaliou a cena. Os três agressores estavam imóveis, no pavimento daquela calçada

deserta, sob o domo que continuava escurecendo.

– Vamos embora! Temos de sair daqui imediatamente! – Palver tornou a insistir, mas desta vez não era dos agressores que eles estariam fugindo.

– Stettin, não podemos ir embora – Seldon protestou. Ele indicou com um gesto os frustrados agressores. – Eles não passam de crianças. Podem estar morrendo. Como é que vamos apenas deixá-los aqui e ir embora? É desumano, é isso que é. E todos esses anos eu justamente vim trabalhando para proteger a humanidade. – Seldon bateu com a bengala no chão para enfatizar suas palavras, e em seus olhos ardia a chama de suas convicções.

– Isso é absurdo – Palver retrucou. – Desumano é o modo como assaltantes como esses caem em cima de cidadãos inocentes como o senhor. Acha que eles se importariam com você um instante que fosse? No mínimo, iriam enterrar uma faca na sua barriga para lhe roubar seus últimos créditos, e ainda lhe dariam alguns chutes antes de sair correndo! Logo eles vão recuperar a consciência e irão embora para algum lugar onde poderão lamber as feridas. Ou alguém mais os encontrará e chamará o escritório central. Hari, *pense* bem. Depois do que lhe aconteceu na última vez, você corre o risco de perder tudo que tem se for ligado a outra briga de rua. Por favor, Hari, temos de sair daqui agora! – Dito isso, Palver agarrou o braço de Seldon que, depois de uma última olhada para trás, deixou-se ser levado dali.

Enquanto o som das passadas de Seldon e Palver ia diminuindo à medida que se distanciavam da cena do ataque, outra figura saiu de seu esconderijo atrás de umas árvores. Rindo para si mesmo, o rapaz de expressão insolente resmungou:

– Você fez muito bem de me dizer o que é certo e o que é errado, professor. – Em seguida, partiu rapidamente a fim de chamar os policiais.

26

– Ordem! Quero ordem no recinto! – bradou a juíza Tejan Popjens Lih. A audiência pública do professor Seldon e de seu jovem assistente, Stettin Palver, tinha provocado um clamor generalizado de protesto entre a população de Trantor. Ali estava o homem que tinha

previsto a Queda do Império, a decadência da civilização, que exortava os outros a retomar os antigos preceitos áureos da civilidade e da ordem, e ali estava, segundo uma *testemunha ocular*, o autor da ordem que resultara no brutal espancamento de três jovens trantorianos, sem nenhuma provocação aparente. Ah, sim, aquela prometia ser uma audiência espetacular, e que, sem dúvida, levaria a um julgamento ainda mais espetacular.

A juíza pressionou um contato instalado num painel embutido em sua bancada e um gongo ecoou em todo o recinto, atulhado de espectadores.

– Ordem, *ordem*! – ela repetiu para a turba, agora silenciosa. – Se for necessário, mando evacuar este tribunal. Esta é uma advertência. Não será repetida.

A juíza causava uma impressão majestosa, com seu manto escarlate. Oriunda do Mundo Exterior de Lystena, a pele de Lih era de um tom levemente azulado, que ficava mais escuro quando ela se exaltava e praticamente roxo quando se deixava levar pela ira. Corria o boato de que, apesar de todos os seus anos de magistratura, apesar de sua reputação como uma das mentes mais brilhantes, sem contar sua posição como uma das mais respeitadas intérpretes da lei imperial, Lih era muito discretamente *vaidosa* a respeito do efeito cromático que causava, usando mantos vermelhos que contrastavam com sua pele ligeiramente azul-turquesa.

Não obstante, Lih tinha a fama de ser rigorosa com quem infringia a lei imperial. Era uma das poucas juízas que seguia o código civil sem concessões.

– Ouvi falar do senhor, professor Seldon, e de sua teoria sobre nossa iminente destruição. E conversei com o magistrado que recentemente ouviu seu depoimento em outro caso em que o senhor esteve envolvido, no qual agrediu um homem usando sua bengala que contém chumbo. Também naquele caso o senhor alegou ter sido vítima de agressão. Acredito que sua argumentação se baseou em um incidente anterior, de ocorrência não registrada, em que o senhor e seu filho foram supostamente agredidos por *oito* malfeitores. O senhor, professor Seldon, conseguiu convencer meu estimado colega de sua alegação de legítima defesa, ainda que uma testemunha ocular tivesse declarado fatos em contrário. Desta vez, professor, o senhor terá de ser muito mais convincente.

Os três valentões que tinham feito a acusação contra Seldon e Palver deram risadinhas sardônicas, revirando-se em suas cadeiras à mesa dos querelantes. A aparência deles para a ocasião era muito diferente da que exibiam na noite do ataque. Os rapazes estavam usando folgados macacões esportivos, de aspecto sóbrio, e a mocinha vestia uma túnica pregueada muito bem passada. De todas as maneiras, se não olhassem (nem ouvissem) bem de perto os três, aceitavam sua tranquilizadora imagem de o melhor da juventude de Trantor.

O defensor de Seldon, Civ Novker (que também representava Palver nesse caso), aproximou-se da bancada da juíza.

– Excelência, meu cliente é um membro distinto da comunidade trantoriana. Foi um primeiro-ministro de excelsa reputação. É colega pessoal de nosso Imperador, Agis XIV. Que possível vantagem o professor Seldon teria atacando jovens inocentes? Ele é um dos mais ativos defensores do estímulo que deve ser dado à criatividade intelectual da juventude trantoriana. Seu Projeto de Psico-História emprega numerosos estudantes voluntários. Além disso, é um membro altamente benquisto do corpo docente da Universidade de Streeling. *Além disso* – e aqui Novker fez uma pausa, varrendo com o olhar o tribunal forrado de curiosos, como se quisesse dizer "Esperem até ouvir o que tenho a dizer agora, e vocês sentirão *vergonha* de sequer por um segundo terem duvidado da veracidade do que alega o meu cliente" –, o professor Seldon é um dos raríssimos indivíduos oficialmente vinculados à prestigiada Biblioteca Galáctica. Foi-lhe concedido uso ilimitado das instalações para trabalhar no projeto que ele denomina *Enciclopédia Galáctica*, um verdadeiro hino de louvor à civilização imperial. Então, eu lhes pergunto: como um homem deste quilate pode ser interrogado dessa maneira?

Com um floreio do braço, Novker gesticulou na direção de Seldon, sentado à mesa dos réus junto de Stettin Palver, que parecia decididamente incomodado. O rosto de Seldon estava rubro após tantos elogios (algo a que não estava mais acostumado, uma vez que ultimamente seu nome estava sendo alvo de zombarias mais do que de aplausos) e sua mão tremia de leve sobre o castão entalhado de sua fiel bengala.

A juíza Lih olhou para Seldon, evidentemente nada impressionada.

– De fato, advogado, que benefício isso traria ao professor?! Venho

me fazendo justamente essa mesma pergunta. Estas últimas noites tenho passado em claro, buscando um motivo plausível. Por que um homem da estatura do professor Seldon cometeria um delito de lesão corporal quando ele mesmo é um de nossos mais enérgicos críticos do assim chamado "colapso" da ordem civil? E, então, foi que me ocorreu uma razão. Talvez frustrado por *não* ser levado a sério, o professor Seldon ache que tem de *provar* aos mundos que suas previsões funestas de um fim realmente se cumprirão. Afinal, ele é um homem que passou a carreira inteira prenunciando a Queda do Império e tudo que consegue, na realidade, é apontar para algumas lâmpadas queimadas no domo, uma falha ocasional no transporte público, um corte orçamentário aqui ou ali, e nada muito dramático. Mas uma agressão, ou duas, ou três... *isso,* sim, seria algo digno de nota.

Lih se reclinou no assento, com as mãos dobradas à sua frente numa evidente demonstração de como estava satisfeita. Seldon se colocou em pé, apoiando-se fortemente na mesa para se firmar. Com visível esforço ele se aproximou da banca, dispensando a companhia do advogado com um gesto, e caminhou em linha reta sob o olhar de aço da juíza.

– Excelência, por favor, permita-me dizer algumas palavras em minha defesa.

– Naturalmente, professor Seldon. Afinal, este não é um julgamento, é apenas uma audiência para levantarmos todas as alegações, todos os fatos e teses pertinentes ao caso, antes de decidirmos se seguimos ou não em frente e vamos a julgamento. O que fiz foi apenas levantar uma hipótese. Estou muito interessada em ouvir o que o senhor tem a dizer.

Seldon pigarreou antes de começar.

– Dediquei minha vida ao Império. Servi fielmente aos Imperadores. Minha ciência da psico-história, em vez de arauto da destruição, tem de fato a intenção de ser usada como agente de reformulação. Com ela, podemos nos *preparar* para qualquer rumo que a civilização venha a tomar. Se, como creio, o Império continuar a desmoronar, a psico-história nos ajudará a assentar as novas bases de uma civilização nova e melhor, fundada em tudo o que há de melhor na antiga. Eu amo nossos mundos, nossos povos, nosso *Império*. O que poderia seduzir-me a contribuir para o desrespeito às leis que diariamente minam as forças dele? Não há mais nada que eu queira

dizer. A senhora deve acreditar em mim. Eu, um intelectual, um homem das equações, da ciência, estou falando do fundo do coração.

Seldon se virou e lentamente retornou para o seu lugar, ao lado de Palver. Antes de se sentar, seus olhos buscaram Wanda, instalada na galeria do público. Ela lhe devolveu um sorriso pálido e piscou para ele.

– Do coração ou não, professor Seldon, a decisão que devo tomar exigirá de mim muita reflexão. Ouvimos as acusações. Ouvimos o senhor e o senhor Palver. Existe mais uma testemunha que preciso ouvir. Quero que se adiante para falar Rial Nevas, que se apresentou como testemunha ocular do incidente.

Quando Nevas se aproximou da banca, Seldon e Palver olharam um para o outro com apreensão. Era o garoto que Hari havia repreendido um pouco antes do ataque.

Lih estava fazendo uma pergunta ao jovem:

– Senhor Nevas, poderia descrever exatamente o que presenciou na noite em questão?

– Bem – começou Nevas, fixando em Seldon sua mirada soturna –, eu estava andando por lá, cuidando da minha vida, quando vi esses dois – e se virou para indicar Seldon e Palver – do outro lado da calçada, vindo em minha direção. E então vi aqueles três guris. (Agora, ele apontava com o dedo os três sentados à mesa dos querelantes.) – Os dois mais velhos estavam indo atrás dos três jovens, mas eles não me viram porque eu estava do outro lado e, além disso, eles estavam prestando atenção em suas vítimas. Então, *bam!*, assim do nada, o velho bate neles com a bengala e então o outro, o mais novo, salta em cima dos guris e de uma hora para outra eles estão no chão. Então o velho e o amigo dele foram embora, assim, sem mais. Eu nem pude acreditar.

– Isso é mentira! – Seldon explodiu. – Garoto! Você está brincando com a nossa vida agora! – Nevas apenas olhou para Seldon, impassível. – Excelência! – Seldon implorou. – A senhora não vê que ele está mentindo? Eu me lembro dele. Eu o repreendi porque tinha jogado no chão uma embalagem de comida poucos minutos antes de sermos atacados. Eu inclusive comentei com Stettin como esse era outro exemplo da decadência de nossa sociedade, da apatia dos cidadãos, da...

– Basta, professor Seldon – ordenou a juíza. – Outra manifestação

desse tipo e eu mandarei que o retirem deste tribunal. Agora, senhor Nevas – ela disse virando-se para a testemunha –, o que foi que o senhor fez durante os eventos cuja sequência acabou de descrever?

– Eu, bom, fiquei escondido. Atrás das árvores. Me escondi. Fiquei com medo de que viessem atrás de mim se percebessem que eu estava ali, então me escondi. E, quando eles tinham ido embora, bem, eu corri e chamei os policiais.

Nevas tinha começado a suar e enfiara um dedo no colarinho apertado de seu traje único. Estava inquieto, mudando o peso do corpo de um pé para o outro, enquanto dava seu depoimento em pé, na tribuna do orador. Estava incomodamente ciente de que todos naquela sala olhavam para ele. Ele tentava evitar olhar para o público, mas cada vez que fazia isso sentia uma atração mais forte para encontrar a mirada fixa de uma bela moça loira que estava sentada na primeira fileira dos espectadores. Era como se ela lhe estivesse fazendo uma pergunta, pressionando-o para que ele desse uma resposta, forçando-o a falar.

– Senhor Nevas, o que o senhor tem a dizer a respeito da alegação do professor Seldon de que ele e o senhor Palver viram o senhor antes do ataque e que o professor inclusive trocou algumas palavras com o senhor?

– Bom, ahn, não, quer dizer, foi como eu disse... eu estava indo numa direção e... – E então Nevas olhou para onde Seldon estava. Ele contemplava o rapaz com tristeza, como se tivesse percebido que estava tudo perdido. Mas o companheiro de Seldon, Stettin Palver, devolveu-lhe um olhar implacável e Nevas saltou, assustado, quando ouviu as palavras *Conte a verdade!* Era como se Palver tivesse falado, mas a boca dele não tinha se mexido. Então, confuso, Nevas girou rapidamente a cabeça na direção da moça loira. Ele pensou que tinha ouvido ela dizer *Conte a verdade!*, mas ela também não tinha aberto a boca.

– Senhor Nevas, senhor Nevas – a voz da juíza se imiscuiu entre os pensamentos confusos do jovem –, se o professor Seldon e o senhor Palver estavam andando *em sua direção*, indo *atrás* dos querelantes, como é que o senhor viu Seldon e Palver *primeiro*? Foi assim que declarou em seu depoimento, não foi?

Nevas relanceou os olhos pela sala, atarantado. Ele parecia impossibilitado de escapar aos olhares, a todos os olhos que gritavam

para ele *Conte a verdade!* Olhando para Hari Seldon, Rial Nevas murmurou apenas “Sinto muito” e, para a estupefação geral de todos os presentes naquele tribunal, o garoto de quatorze anos começou a chorar.

27

O dia estava delicioso, nem muito quente, nem muito frio, nem muito claro, nem muito nublado. Muito embora a verba para a jardinagem tivesse sido cortada havia muitos anos, os poucos pés esparsos de sempre-vida crescendo nos degraus de acesso à Biblioteca Galáctica acrescentavam uma nota alegre à manhã. (Construída ao estilo clássico da Antiguidade, a fachada ostentava uma das maiores escadarias existentes em todo o Império, menor apenas do que a sequência de degraus do próprio Palácio Imperial. Entretanto, a maioria dos visitantes da Biblioteca preferia entrar pela esteira deslizante.) Seldon alimentava altas esperanças para aquele dia.

Depois de ele e Stettin Palver terem sido inocentados de todas as acusações de seu mais recente caso de delito de agressão corporal, Hari Seldon se sentia um novo homem. Embora tivesse sido uma experiência dolorosa, sua natureza tão pública acabara favorecendo a causa. A juíza Tejan Popjens Lih, considerada uma das pessoas mais influentes na magistratura de Trantor – senão a mais influente –, tinha sido inclemente no pronunciamento de seu parecer, prestado no dia seguinte ao emocionado depoimento de Rial Nevas.

– Quando chegamos a tal encruzilhada em nossa sociedade dita civilizada – dissera a juíza em tom peremptório do alto de seu assento –, em que um homem da estatura do professor Hari Seldon é forçado a suportar a humilhação, o abuso e as mentiras de seus pares simplesmente por ser quem é e por defender suas ideias, realmente estamos numa era de trevas no Império. Admito que, no princípio, eu também me deixei levar. Eu pensei: “Por que o professor Seldon *não* se valeria de truques assim para tentar validar suas predições?”. Mas, como acabei enxergando, eu cometi um erro crasso.

Então a juíza franzira a testa fortemente e uma onda azul-escura começara a subir por seu pescoço e alcançar-lhe as maçãs do rosto.

– Tudo isso porque eu estava atribuindo ao professor Seldon

motivos nascidos de nossa nova sociedade, uma sociedade em que a honestidade, a decência e a boa vontade podem levar alguém a ser morto; uma sociedade em que parece que é preciso recorrer à desonestidade e às artimanhas apenas para sobreviver. Como nos distanciamos dos princípios que nortearam a fundação de nossa sociedade... Desta vez tivermos sorte, concidadãos de Trantor. Devemos um profundo agradecimento ao professor Hari Seldon por nos haver revelado nossa verdadeira natureza. Inspiremo-nos em seu exemplo para nos determinar a manter vigilância e combater as forças mais cruas de nossa natureza humana.

Após a audiência, o Imperador enviara a Seldon um holodisco parabenizando-o. Nessa peça, ele falava de sua esperança de que agora talvez Seldon conseguisse renovar os subsídios para seu projeto.

Enquanto Seldon era transportado pela esteira deslizante, ele pensava no *status* atual de seu Projeto de Psico-História. Seu bom amigo – o ex-bibliotecário-chefe, Las Zenow –, estava aposentado. Durante seu mandato, Zenow fora um ardente defensor de Seldon e de seu trabalho. Na maioria das vezes, porém, as mãos de Zenow tinham permanecido atadas pelo Conselho da Biblioteca. Mas ele havia garantido a Seldon que o novo e afável bibliotecário-chefe, Tryma Acarnio, era tão progressista quanto ele havia sido, e muito benquisto pelas diversas facções de membros do Conselho.

Antes de partir de Trantor rumo a sua terra natal, Wencory, Zenow dissera a Seldon:

– Hari, meu amigo, Acarnio é um bom homem, uma pessoa de intelecto profundo e mente aberta. Estou seguro de que fará tudo que puder para ajudá-lo e promover o projeto. Entreguei a ele o arquivo inteiro com dados sobre você e sua Enciclopédia. Sei que ele ficará tão empolgado quanto eu com a contribuição que isso representa para a humanidade. Cuide-se, meu amigo. Eu sempre me lembrarei de você com afeto.

Portanto, hoje, Hari Seldon teria seu primeiro encontro oficial com o novo bibliotecário-chefe. Estava entusiasmado com as palavras tranquilizadoras que Las Zenow lhe havia endereçado e ansioso por descrever seus planos para o futuro do Projeto da Psico-História e da Enciclopédia.

Tryma Acarnio se levantou quando Hari adentrou o gabinete do bibliotecário-chefe. Ele já havia deixado algumas marcas no local.

Enquanto Zenow tinha ocupado cada canto e cada nicho da sala com holodiscos e jornais tridimensionais de diferentes setores de Trantor, juntamente com uma estonteante variedade de visiglobos representando os vários mundos do Império a rodopiar a meia altura pelo aposento todo, Acarnio eliminara as pilhas de dados e imagens que Zenow apreciava manter à sua imediata disposição. Uma grande holotela agora dominava uma parede inteira e nela, Seldon supôs, Acarnio poderia visualizar qualquer publicação ou transmissão que desejasse.

Acarnio era um homem baixo e atarracado, com uma expressão levemente distraída – resultado de uma correção de córnea realizada na infância e que não fora bem-sucedida – que mascarava uma inteligência temível e uma percepção incessante de tudo que se passava ao seu redor, a cada instante.

– Bem, professor Seldon. Entre, sente-se. – Acarnio indicou uma cadeira de encosto reto, colocada à frente de sua escrivaninha. – Achei muito fortuito que você tenha solicitado esta reunião. Veja, era minha intenção entrar em contato com você assim que fui empossado.

Seldon aquiesceu, satisfeito de saber que o novo bibliotecário-chefe o havia considerado uma prioridade suficiente para planejar recebê-lo ainda nos primeiros dias de seu mandato, um momento sempre muito agitado.

– Mas primeiro, professor, por favor, diga-me por que quis me ver, antes de passarmos para assuntos provavelmente mais prosaicos.

Seldon pigarreou e inclinou-se para a frente.

– Bibliotecário-chefe, Las Zenow sem dúvida colocou-o a par do trabalho que faço aqui e das ideias que tenho para a confecção de uma Enciclopédia Galáctica. Las era um grande entusiasta desses projetos e foi de grande ajuda, providenciando inclusive um estúdio privado para mim aqui, além de acesso ilimitado aos vastos recursos da biblioteca. Aliás, foi ele inclusive quem localizou a futura sede do Projeto da Enciclopédia, num remoto Mundo Exterior chamado Terminus. Entretanto, houve uma coisa que Las não me pôde fornecer. Para poder manter tudo dentro do cronograma, preciso de espaço de trabalho e acesso ilimitado também para alguns dos meus assistentes. A coleta de informações a serem copiadas e transferidas para Terminus antes de efetivamente podermos começar a tarefa de compilar a Enciclopédia, já configura um trabalho enorme. Las não

era popular junto ao Conselho da Biblioteca, como sem dúvida o senhor está informado. No entanto, o senhor é. Por isso é que lhe solicito, bibliotecário-chefe, que meus colegas e eu recebamos os mesmos privilégios dos funcionários graduados para podermos dar prosseguimento a esse nosso trabalho tão vital.

Nessa altura, Hari fez uma pausa, praticamente sem fôlego. Ele tinha certeza de que sua fala, que na noite anterior tinha passado e repassado mentalmente inúmeras vezes, surtiria o efeito desejado. Confiante na resposta que receberia de Acarnio, esperou.

– Professor Seldon – Acarnio começou e, com isso, o sorriso esperançoso de Seldon se dissipou. Na voz do bibliotecário-chefe havia um timbre que Seldon não estava esperando. – Meu estimado predecessor me transmitiu, com exaustivos detalhes, uma explicação do seu trabalho aqui na biblioteca. Ele foi muito enfático a respeito de sua pesquisa e, em seu entusiasmo, estava comprometido com a ideia de seus colegas virem para cá trabalhar com você. Assim como eu também, professor Seldon – e, dada a pausa que Acarnio fizera, Seldon ergueu os olhos incisivamente –, no começo. Eu estava prestes a convocar uma reunião especial do Conselho para propor um conjunto maior de salas para acomodar você e seus enciclopedistas. Porém, professor, tudo isso agora mudou.

– Mudou! E por quê?

– Professor Seldon, você acabou de ser citado como réu principal num caso muito espetacular de acusação por delito de lesão corporal.

– Mas eu fui absolvido – Seldon interpôs. – O caso nem chegou a ir a julgamento.

– Não obstante, professor, sua última aparição perante a visão do público deu-lhe... como dizer?... um *verniz* inegável de má reputação. Oh, sim, você foi inocentado de todas as acusações. Mas, para que a absolvição lhe fosse concedida, seu nome, seu passado, suas ideias e seu trabalho foram expostos perante todos os mundos. E, mesmo que uma juíza de ideias progressistas tenha declarado que você é um cidadão irrepreensível, o que dizer dos milhões, talvez bilhões, de outros cidadãos comuns que não enxergam um psico-historiador pioneiro lutando para preservar a glória de sua civilização, e sim um louco furioso que proclama em altos brados o extermínio de nosso grande e poderoso Império? Dada a própria natureza de seu trabalho, você está ameaçando a trama básica do Império. Não me refiro ao

imenso, anônimo e monolítico Império sem face, mas, sim, ao povo que é o coração e a alma desse mesmo Império. Quando você diz a essas multidões que o Império está fracassando, está na realidade dizendo que essas pessoas estão fracassando. E isso, meu caro professor, o cidadão médio não pode aturar. Querendo ou não, Seldon, você se tornou alvo de desdém, tema de comentários ridicularizantes, motivo de piadas.

– Com licença, bibliotecário-chefe, mas há muitos anos que sou motivo de piada em alguns círculos.

– Sim, mas apenas em alguns círculos. Esse último incidente, porém (e o próprio fórum público em que se desenrolou), o expôs a um ridículo ainda maior, não somente aqui em Trantor, mas também em muitos outros mundos. E, professor, quando lhe concedemos uma sala, nós, a Biblioteca Galáctica, estendemos nossa aprovação tácita ao seu trabalho e, assim, por inferência, nós, a biblioteca, nos tornamos igualmente motivo de piada em muitos outros mundos. E não importa com que força eu *pessoalmente* possa acreditar em suas ideias e em sua Enciclopédia; como bibliotecário-chefe da Biblioteca Galáctica em Trantor, devo pensar primeiro no bem da biblioteca. Assim, professor Seldon, sua solicitação para trazer seus colegas está negada.

Hari Seldon deu um pulo na cadeira e se encostou com força no espaldar, como se tivesse levado um choque.

– Além disso – Acarnio prosseguiu –, devo avisá-lo de que está em vigor a partir deste momento a suspensão temporária de duas semanas de todos os seus privilégios dentro da biblioteca. O Conselho convocou uma reunião especial para tomar essa decisão, professor Seldon. No prazo de duas semanas, nós o notificaremos quanto à decisão de encerrarmos em definitivo ou não nossa parceria com o senhor.

Nesse momento, Acarnio se calou, colocou as duas mãos espalmadas sobre a superfície imaculada de sua escrivaninha e ficou em pé.

– É tudo por ora, professor Seldon.

Hari Seldon também ficou em pé, embora seu movimento para se erguer da cadeira não tivesse sido tão fácil nem tão ligeiro quanto o de Tryma Acarnio.

– Eu poderia ter autorização para me dirigir diretamente ao Conselho? – Seldon pediu. – Talvez eu fosse capaz de explicar para eles a importância vital da psico-história e da Enciclopédia...

– Receio que não, professor – Acarnio respondeu suavemente, e nisso Seldon captou um breve vislumbre do homem que Las Zenow lhe havia descrito. Mas, com a mesma rapidez, o gélido burocrata retomou o controle e Acarnio encaminhou Seldon até a porta.

Quando as folhas da porta deslizaram para abrir, Acarnio acrescentou:

– Duas semanas, professor Seldon. Até lá. – Hari se aproximou do veículo que o aguardava e as portas deslizaram para se fechar.

“E agora, o que farei?”, Seldon matutou, desconsolado. *“Será o fim do meu trabalho?”*

28

– Wanda, minha querida, o que é que está mantendo você tão ocupada? – Hari Seldon indagou assim que pôs os pés na sala da neta, na Universidade de Streeling. Antes, aquele tinha sido o escritório do brilhante matemático Yugo Amaryl, cuja morte muito havia empobrecido o Projeto de Psico-História. Felizmente, Wanda vinha aos poucos assumindo o papel de Yugo nos últimos anos, refinando e ajustando mais um pouco o Primeiro Radiante.

– Ora, estou trabalhando numa equação da Seção 33A2D17. Veja – e ela indicou uma mancha luminosa de cor violeta suspensa no ar, bem diante de seu rosto – que calibrei essa seção levando em consideração o quociente padrão e... olhe ali! Justamente o que eu tinha pensado, acho. – Ela recuou alguns passos e esfregou os olhos.

– O que é isso, Wanda? – Hari tinha se aproximado um pouco mais para estudar a equação. – Ora, parece a equação de Terminus e, no entanto... Wanda, isto é o *inverso* da equação de Terminus, não é?

– É, sim, vovô. Veja, os números não estavam funcionando muito bem na equação de Terminus... olha aqui. – Wanda tocou num contato que ficava numa faixa embutida na parede e outra mancha ganhou vida com um tom intenso de vermelho, do outro lado da sala. Seldon e Wanda foram até lá para inspecionar melhor o elemento. – Você percebe como agora tudo está se encaixando bem, vovô? Custei algumas semanas até chegar neste ponto.

– E como foi que você fez? – Hari questionou, admirando as linhas da equação, sua lógica e sua elegância.

– No começo, eu me concentrei nela só deste lado de cá. Isolei todo o restante. Para fazer com que Terminus funcione, trabalhei com os elementos que dizem respeito a Terminus. Faz sentido, não faz? Mas, depois, eu me dei conta de que não podia apenas introduzir essa equação no sistema do Primeiro Radiante e esperar que ela se encaixasse perfeitamente, sem nenhum atrito, como se não tivesse acontecido nada. Colocar algo significa deslocar alguma outra coisa. O peso exige um contrapeso.

– Acho que o conceito ao qual você está se referindo é o que os antigos chamavam de "yin e yang".

– Sim, é mais ou menos isso. Yin e yang. Então, percebi que, para aperfeiçoar o yin de Terminus, eu teria de localizar seu yang, está entendendo? E foi o que eu fiz, daquele lado. – Ela voltou para perto da mancha violeta, que tinha ficado socada na outra borda da esfera do Primeiro Radiante. – E, assim que ajustei estes números aqui, a equação de Terminus também se encaixou e entrou no lugar. Harmonia! – Wanda parecia satisfeita consigo mesma, como se tivesse solucionado todos os problemas do Império.

– Wanda, isso é fascinante e mais tarde você vai me dizer o que acha que isso tudo significa para o projeto. Mas, agora, você tem de vir comigo até a holotela. Recebi uma mensagem urgente de Santanni há poucos minutos. Seu pai quer que nós o contatemos imediatamente.

O sorriso de Wanda se desfez. Recentes notícias sobre combates em Santanni tinham deixado a jovem alarmada. Quando os cortes orçamentários imperiais entraram em vigor, os cidadãos dos Mundos Exteriores foram os mais gravemente atingidos. Tinham acesso limitado aos Mundos Interiores mais ricos e mais populosos e estava cada vez mais difícil para eles negociarem os produtos de seus mundos para adquirir outros, importados, que lhes eram muito necessários. Hipernaves imperiais entravam e saíam de Santanni em quantidade reduzida e esse mundo distante se sentia isolado do restante do Império. Bolsões de rebeliões tinham se formado e irrompido por todo o planeta.

– Vovô, espero que esteja tudo bem – Wanda murmurou, revelando todo o seu medo no tom de voz.

– Não se preocupe, querida. Afinal de contas, devem estar a salvo, uma vez que Raych foi capaz de nos enviar uma mensagem.

Na sala de Seldon, ele e Wanda se posicionaram diante da holotela, quando esta se ativou. Seldon inseriu o código no teclado ao lado da tela e os dois ficaram esperando alguns segundos até que a transmissão intergaláctica fosse completada. Lentamente, a tela pareceu se estender pela parede, mas como se estivesse entrando em um túnel, e, desse túnel, indistinta a princípio, saiu a figura conhecida de um homem baixo, mas de uma constituição física poderosa. Conforme a conexão foi se aperfeiçoando, os traços do homem ficaram mais nítidos. Quando Seldon e Wanda conseguiram discernir o basto bigode dahlita de Raych, a figura ganhou vida.

– Pai! Wanda! – saudou o holograma tridimensional de Raych, projetado desde Santanni até chegar ali, em Trantor. – Ouçam, não tenho muito tempo. – Ele se encolheu um pouco, como se tivesse levado um susto por causa de um barulho forte. – As coisas por aqui ficaram muito ruins. O governo caiu e um partido provisório assumiu o poder. Está tudo uma confusão, como vocês podem imaginar. Acabei de embarcar Manella e Bellis numa nave para Anacreon. Disse a elas que entrem em contato com vocês quando chegarem lá. O nome da nave é *Arcadia* VII. Você devia ter visto Manella, papai. Ela ficou completamente louca da vida por ter de partir. A única maneira que tive de convencê-la foi mostrando que era pela segurança de Bellis. Sei o que vocês estão pensando... Wanda, papai. Claro que eu deveria ter ido com elas, se eu pudesse. Mas não havia espaço suficiente. Vocês deviam ter visto o que tive de fazer só para conseguir que *elas* embarcassem. – Raych disparou um daqueles sorrisos tortos, que Seldon e Wanda tanto amavam, e então continuou. – Além disso, como estou aqui, tenho ajudado a guarda da universidade. Podemos fazer parte do sistema *Imperial* de universidades, mas somos uma instituição de aprendizado e construção, não de destruição. Uma coisa eu lhes digo, se um desses rebeldes locais de cabeça quente chegar perto das nossas coisas...

– Raych – Hari interrompeu –, qual é o tamanho da encrenca? Vocês estão perto de entrar em combate?

– Pai, você está em perigo? – Wanda quis saber.

Eles tiveram de esperar um pouco até que suas perguntas atravessassem os nove mil parsecs de distância, através de toda a extensão da Galáxia, até chegar aonde estava Raych.

– Eu... eu... eu... não entendi muito bem o que você disse –

respondeu o holograma. – Tem alguns focos de luta acontecendo. Na realidade, é um pouco excitante – Raych acrescentou, rasgando aquele seu sorriso peculiar mais uma vez. – Bom, vou ter de desligar agora. Lembrem-se: descubram o que aconteceu com a *Arcadia* VII a caminho de Anacreon. Volto a entrar em contato assim que puder. Lembrem, eu... – e a transmissão foi encerrada, com o holograma desaparecendo. O túnel da holotela se fechou sobre si mesmo, e Seldon e Wanda ficaram ali, plantados, olhando para a parede nua.

– Vovô – questionou Wanda –, o que você acha que ele ia dizer?

– Não faço ideia, minha querida. Mas uma coisa eu sei: seu pai sabe se cuidar muito bem. Tenho pena do rebelde que chegar perto dele o suficiente para ganhar um chute-tufão do seu pai bem certeiro! Venha, vamos voltar para aquela equação e daqui a algumas horas procuraremos saber sobre o paradeiro da *Arcadia* VII.

– Comandante, o senhor não tem ideia do que aconteceu com aquela nave? – Hari Seldon estava novamente numa conversa intergaláctica, mas dessa vez com um comandante da Marinha Imperial, alocado em Anacreon. Para essa comunicação, Seldon estava usando a visitela, um equipamento muito mais realista do que a holotela, mas também muito mais simples.

– Estou lhe dizendo, professor, não temos registro dessa hipernave solicitando permissão para entrar na atmosfera de Anacreon. Claro que as comunicações com Santanni ficaram interrompidas por várias horas e, na semana passada, foram esporádicas no melhor dos casos. É possível que a nave tenha tentado nos alcançar através de algum canal baseado em Santanni e não conseguiu completar a conexão, mas duvido. Não, o mais provável é que a *Arcadia* VII tenha mudado de destino. Voreg, talvez, ou Sarip. Já tentou algum desses outros mundos, Professor?

– Não – Seldon respondeu irritado –, mas não vejo motivo para uma nave cujo destino era Anacreon não ir para Anacreon. Comandante, é fundamental que eu localize essa nave.

– Naturalmente – arriscou o comandante –, a *Arcadia* VII pode não ter conseguido chegar. Quero dizer, pode não ter saído em segurança. Há muitos combates acontecendo por lá. Esses rebeldes não se importam com quem explodem. Eles apenas fixam o alvo com seus *lasers* e fingem que estão atirando contra o Imperador Agis. Eu lhe

digo, professor, aqui, nas extremidades da Galáxia, a história é muito diferente.

– Minha nora e minha neta estão naquela nave, comandante – Seldon revelou, com voz estrangulada.

– Oh, sinto muito, professor – disse o comandante, constrangido. – Entro em contato com o senhor assim que souber de alguma coisa.

Desanimado, Hari fechou o circuito do contato da visitela. “Como estou cansado”, ele pensou. E, divagando, acrescentou para si, “mas não surpreso. Eu sabia que isso ia acontecer há quase quarenta anos”.

Seldon sentiu uma amarga risadinha em seu íntimo. Talvez o comandante tivesse pensado que o assustara, impressionando-o com os vívidos detalhes da vida “na beirada”. Mas Seldon estava inteiramente a par daquela beirada. E, quando ela se desmanchasse, assim como uma peça tricotada com um fio solto, a peça inteira iria se desmanchar até atingir o núcleo: Trantor.

Seldon percebeu que uma campainha suave estava tocando. Era o sinalizador da porta.

– Sim?

– Vovô? – Wanda chamou, entrando na sala – Estou assustada.

– Por quê, minha querida? – Seldon indagou com uma ponta de aflição. Ele não queria compartilhar com ela o que tinha sabido (ou melhor, o que *não* tinha sabido) pelo comandante em Anacreon.

– Normalmente, mesmo eles estando tão distantes, eu *sinto* o papai, a mamãe e Bellis, eu os sinto aqui – e ela apontou para a própria cabeça – e aqui também – e desceu a mão para pô-la sobre o coração. – Mas agora eu não os sinto mais, ou sinto menos, como se estivessem se apagando. Parece aquelas lâmpadas do domo. E eu quero parar essa sensação. Quero trazê-los de volta e não consigo.

– Wanda, eu realmente acho que isso é só uma decorrência da preocupação por sua família, tendo em vista a rebelião. Você sabe que o tempo todo ocorrem levantes por toda parte no Império. Veja bem, querida, você sabe que as chances de acontecer alguma coisa ruim com Raych, Manella e Bellis são praticamente nulas. Seu pai vai nos chamar qualquer dia desses para nos dizer que está tudo bem. Sua mãe e Bellis vão desembarcar em Anacreon logo mais e tirar umas férias. Nós é que somos objetos de pena: estamos presos aqui, afundados até as orelhas em trabalho! Portanto, minha querida, vá para a cama e tenha apenas bons pensamentos. Eu lhe prometo que

amanhã, sob o nosso domo ensolarado, as coisas vão parecer bem melhores.

– Está bem, vovô – Wanda concordou, mas não parecia totalmente convencida. – Mas amanhã, se até amanhã não tivermos tido notícias, nós teremos de... de...

– Wanda, Wanda – Hari atalhou, falando com sua voz mais doce –, o que mais podemos fazer além de esperar?

Wanda virou-se e saiu da sala com o peso de suas aflições caindo visivelmente sobre seus ombros. Hari acompanhou-a com o olhar e finalmente deixou que as suas próprias preocupações emergissem.

Já haviam se passado três dias desde a última transmissão por holograma de Raych. Desde então, nada. E, hoje, o comandante naval em Anacreon negara ter qualquer informação acerca da nave chamada *Arcadia* VII.

Mais cedo naquele mesmo dia, Hari tinha tentado entrar em contato com Raych em Santanni, mas todos os raios de comunicação estavam inoperantes. Era como se Santanni – e a *Arcadia* VII – tivessem simplesmente se desmembrado do Império, como as pétalas caídas de uma flor.

Seldon sabia o que tinha de fazer agora. O Império podia ter caído, mas não estava liquidado. Seu poder, quando adequadamente manipulado, ainda era assombroso. Seldon disparou uma transmissão de emergência para o Imperador Agis XIV.

29

– Que surpresa, meu amigo Hari – o rosto de Agis estava sorridente na holotela, ao deparar com Seldon. – Estou feliz por ter notícias suas, embora normalmente você solicite uma audiência pessoal e mais formal. Ora, você me deixou curioso. Qual é a urgência?

– Majestade – Seldon começou –, meu filho, Raych, a esposa dele e a filha vivem em Santanni.

– Ah, Santanni – o Imperador repetiu, e com isso desfez o sorriso. – Um bando de desgraçados desencaminhados, se algum dia...

– Majestade, por favor – Hari cortou a fala do Imperador, surpreendendo os dois com essa flagrante quebra do protocolo imperial. – Meu filho conseguiu embarcar Manella e Bellis numa

hipernave chamada *Arcadia VII* com destino a Anacreon. Ele mesmo ficou em Santanni. Isso foi há três dias. A nave não pousou em Anacreon. E meu filho parece ter desaparecido. Minhas chamadas para Santanni não obtêm resposta e agora os raios de comunicação parecem ter-se rompido. Majestade, por favor, o senhor poderia me ajudar?

– Hari, como você sabe, oficialmente todos os laços entre Santanni e Trantor foram cortados. Todavia, ainda tenho certa influência em alguns setores específicos de Santanni. Ou seja, ainda existem uns poucos súditos leais a mim que até o momento não foram descobertos. Embora eu não possa fazer contato direto com nenhum dos meus agentes naquele mundo, posso compartilhar com você os relatórios que eu receber de lá. Evidentemente, são informações altamente confidenciais, mas, considerando sua situação e nosso relacionamento, vou lhe garantir acesso aos documentos que puderem ser de seu interesse. Estou esperando um próximo despacho para daqui a uma hora. Se quiser, posso entrar em contato com você quando isso chegar. No ínterim, pedirei a um dos meus secretários que examinem todas as transmissões recebidas de Santanni nos três últimos dias para tentar localizar alguma informação sobre Raych, Manella e Bellis Seldon.

– Majestade, muito obrigado. Humildemente, eu lhe agradeço. – E Hari Seldon afundou a cabeça enquanto a imagem do Imperador desaparecia na holotela.

Sessenta minutos depois, Hari Seldon continuava plantado no mesmo lugar, diante de sua escrivaninha, à espera de notícias vindas do Imperador. A hora que havia acabado de escoar fora uma das mais difíceis de toda a sua existência; só a destruição de Dors lhe havia causado dor maior.

Era não saber que deixava Hari desesperado. Ele construíra toda a sua carreira em cima da noção de *saber*, tanto sobre o futuro como sobre o presente. E agora ele não tinha a menor ideia do que estava acontecendo com as três pessoas que lhe eram mais preciosas.

A holotela zumbiu discretamente e Hari apertou o contato para responder. Agis apareceu.

– Hari – ele começou a dizer e, pela lenta e discreta tristeza de sua voz, Hari soube que aquela ligação lhe traria más notícias.

– Meu filho – Hari pronunciou.

– Sim – o Imperador confirmou. – Raych foi morto, hoje cedo, num

bombardeio contra a Universidade de Santanni. Eu soube pelas minhas fontes que Raych estava inteirado do ataque iminente e se recusou a desertar de seu posto. Muitos rebeldes são universitários e Raych achou que, se soubessem que ele continuava lá, não iriam atacar... Mas o ódio venceu a razão. Veja, a universidade é, como você sabe, uma universidade *Imperial* e os rebeldes acham que devem destruir todas as coisas que são imperiais antes de reconstruírem sua nova sociedade. Idiotas! Por que... – e então Agis se calou como se, de repente, tivesse percebido que Seldon não dava a mínima para a Universidade de Santanni, ou para os planos dos rebeldes... Não naquele momento, pelo menos. – Hari, se é que isso pode fazê-lo se sentir um pouco melhor, lembre-se de que seu filho morreu defendendo o conhecimento. Não foi pelo Império que Raych combateu e morreu, mas pela própria humanidade.

Seldon levantou os olhos, inundados de lágrimas. Com voz débil, ele ainda indagou:

– E Manella e a pequena Bellis? O que aconteceu com elas? Encontraram a *Arcadia VII*?

– Essa busca ainda não nos trouxe resultados, Hari. A *Arcadia VII* de fato deixou Santanni, como você disse, mas parece ter desaparecido. Pode ter sido sequestrada por rebeldes ou pode ter feito algum desvio de emergência. Nesta altura, simplesmente não sabemos.

Seldon inclinou a cabeça, dando a entender que compreendia.

– Obrigado, Agis. Embora tenha me trazido uma notícia trágica, pelo menos me disse alguma coisa. Não saber era pior. Você é um verdadeiro amigo.

– Então, meu amigo, agora vou deixá-lo com suas lembranças – arrematou o Imperador. A imagem dele foi sumindo da tela e Hari Seldon dobrou os braços sobre o tampo da escrivaninha, ali apoiou a cabeça e então chorou.

30

Wanda Seldon ajustou a faixa da cintura de seu traje único, puxando-a para ficar um pouco mais apertada. Com uma pazinha de mão começou a arrancar o mato que tinha brotado em sua pequena floreira do lado de fora do Prédio da Psico-História, na Universidade

de Streeling. Em geral, Wanda passava praticamente o tempo todo dentro da sua sala, trabalhando em seu Primeiro Radiante. A precisa elegância estatística daquelas fórmulas lhe proporcionavam conforto. As equações invariantes eram em certo sentido apaziguadoras, agora que o Império tinha enlouquecido. Mas quando a lembrança de seu amado pai, de sua mãe e de irmãzinha se tornavam demais para ela, quando nem mesmo as pesquisas que realizava eram capazes de distraí-la da perda terrível que lhe havia sido imposta recentemente, Wanda sempre vinha para esse lugar ao ar livre, a fim de cavoucar o chão terraformado, como se ajudar algumas plantas a viver pudesse em alguma medida, mesmo que mínima, aliviar sua dor.

Desde a morte de seu pai, um mês atrás, e do desaparecimento de Manella e de Bellis, Wanda, que sempre fora magra, vinha perdendo peso. Poucos meses antes, Hari Seldon teria demonstrado preocupação pela perda de apetite de sua neta querida, mas agora, afundado em seu próprio luto, ele nem parecia reparar nisso.

Uma profunda mudança se havia operado em Hari e Wanda Seldon e nos poucos membros remanescentes do Projeto de Psico-História. Hari parecia ter desistido. Agora, passava quase todos os dias sentado em uma poltrona no solário de Streeling, contemplando a área da universidade, aquecido pelas lâmpadas brilhantes no alto do domo. De vez em quando, os integrantes do projeto diziam a Wanda que o guarda-costas de Seldon, o homem chamado Stettin Palver, insistia com Seldon para que fossem caminhar sob o domo ou tentava fazê-lo conversar sobre os futuros rumos do projeto.

Wanda se refugiara a ponto de quase se tornar uma reclusa, estudando as fascinantes equações do Primeiro Radiante. Ela podia perceber que o futuro que seu avô tanto lutara para alcançar estava finalmente tomando forma, e ele tinha razão: a Enciclopédia deveria ser instalada em Terminus; ali seria construída a Fundação.

E a Seção 33A2D17? Ali, Wanda podia ver o que Seldon chamava de a Segunda Fundação, ou a Fundação Secreta. Mas como? Sem o ativo interesse de Seldon, Wanda se sentia perdida quanto a como seguir em frente. E a dor pela destruição de sua família era tão intensa e profunda que ela não parecia ter forças suficientes para desvendar o caminho por si.

Os membros do próprio projeto, as mais ou menos cinquenta pessoas que tinham permanecido, continuavam fazendo seu trabalho

na medida do possível. A maioria era de enciclopedistas, pesquisando fontes de dados que precisariam copiar e catalogar quando enfim se mudassem para Terminus, se e quando obtivessem acesso irrestrito à Biblioteca Galáctica. Nessa altura, estavam trabalhando movidos apenas pela fé. O professor Seldon tinha perdido o direito a uma sala privativa na biblioteca, de modo que a perspectiva de algum outro membro da equipe conseguir acesso privilegiado era remota.

Além dos enciclopedistas, os demais integrantes eram historiadores analistas e matemáticos. Os historiadores interpretavam as ações e os eventos passados e presentes, e depois entregavam seus dados aos matemáticos que, por sua vez, inseriam esses dados na grande Equação Psico-Histórica. Um trabalho longo e árduo.

Muitos membros do projeto tinham saído porque a remuneração era escassa; os psico-historiadores eram alvo de muitas piadas em Trantor, e a limitação de verbas havia forçado Seldon a adotar cortes drásticos nos salários. Mas a constante e tranquilizadora presença de Hari Seldon – até então – tinha superado as exigentes condições de trabalho no projeto. De fato, todos os integrantes que haviam restado, até a última pessoa, tinham tomado essa decisão por puro respeito e devoção ao professor Seldon.

"Agora", Wanda pensava com amargura, "que motivo eles têm para ficar?" Um leve sopro da brisa levou uma mecha de seus cabelos loiros a cair sobre seus olhos. Ela a empurrou para trás, distraída, e continuou a arrancar os talos de mato.

– Senhorita Seldon, posso lhe falar por um momento?

Wanda se virou e olhou para cima. Um rapaz, que lhe pareceu ter vinte e poucos anos, estava em pé no caminho de cascalho ao lado dela. Ela imediatamente sentiu que ali estava uma forte e temível inteligência. Seu avô havia escolhido sabiamente. Wanda ficou em pé para falar com ele.

– Estou reconhecendo você. É o guarda-costas do meu avô, não é? Stettin Palver, se não estou enganada?

– Sim, está certa, senhorita Seldon – Palver confirmou e seu rosto corou de leve, como se ele tivesse ficado feliz por ser notado por uma moça tão linda. – Senhorita Seldon, eu queria conversar com você sobre seu avô. Estou muito preocupado com ele. Temos de fazer alguma coisa.

– Fazer o quê, senhor Palver? Estou perdida. Desde que meu pai... –

e ela engoliu em seco, como se tivesse dificuldade para falar – morreu e que minha mãe e minha irmã desapareceram, tudo que consigo é fazer com que ele saia da cama de manhã. E, para lhe dizer a verdade, esses fatos também me abalaram muito. Você entende, não é? – Ela o olhou diretamente nos olhos e viu que ele entendia.

– Senhorita Seldon – Palver respondeu suavemente –, eu sinto muitíssimo por suas perdas. Mas você e o professor Seldon estão *vivos* e devem continuar trabalhando na psico-história. O professor parece ter desistido. Eu tenho a esperança de que talvez você, nós pudéssemos imaginar alguma coisa para redespertar nele uma esperança. Uma razão para continuar, entende?

“Ah, senhor Palver, talvez o vovô tenha razão”, Wanda pensou. “Eu mesma duvido que haja algum motivo para seguirmos em frente.” Mas ela respondeu:

– Lamento, senhor Palver. Não consigo pensar em nada. – Com um movimento da mão, ela mostrou o chão. – Agora, como pode ver, preciso voltar a arrancar esses matinhos impertinentes.

– Não acho que o seu avô tenha razão. Acho que realmente existe um motivo para seguir em frente. Só precisamos encontrá-lo.

Aquelas palavras a atingiram com muita força. Como é que ele podia saber o que ela havia pensado? A menos que...

– Você consegue manipular mentes, não é? – Wanda perguntou e segurou a respiração, como se tivesse receio da resposta que Palver pudesse dar.

– Sim, posso – o rapaz afirmou. – Sempre pude, acho. Pelo menos, não consigo me lembrar de *não* fazer isso. Metade do tempo nem tenho consciência de que isso está acontecendo. Eu apenas sei o que as pessoas estão pensando ou pensaram.

Encorajado pela compreensão que ele sentia emanar de Wanda, Palver continuou.

– Às vezes, tenho *vislumbres* disso vindo de outra pessoa. Sempre acontece quando estou no meio de muita gente, e não consigo localizar quem é, mas sei que existem outras pessoas como eu... como nós, por aí.

Empolgada, Wanda agarrou a mão de Palver tendo deixado cair a ferramenta que estivera usando, já totalmente esquecida dela.

– Você tem alguma ideia do que isso pode significar? Para o vovô, para a psico-história? Um de nós pode fazer algumas poucas coisas,

mas nós dois juntos... – e Wanda começou a andar na direção do Prédio da Psico-História, deixando Palver plantado no caminho de cascalho. Já quase na entrada, ela se parou e se virou.

“Venha, senhor Palver. Precisamos contar isso para o meu avô”, Wanda formulou a frase, sem abrir a boca.

“Sim, imagino que precisamos fazer isso mesmo”, Palver respondeu, a caminho de alcançá-la.

31

– Wanda, você está me dizendo que fiquei buscando por toda a parte em Trantor alguém com o seu poder e essa pessoa está justamente aqui, há meses, sem que soubéssemos? – Hari Seldon perguntou, incrédulo. Ele continuava cochilando no solário quando Wanda e Palver o despertaram para lhe transmitir essa extraordinária notícia.

– Sim, vovô, pense nisso! Nunca tive a chance de conhecer Stettin. O tempo que você fica com ele, vocês o gastam basicamente fora do projeto, e eu passo quase o tempo todo enfurnada na minha sala, trabalhando no Primeiro Radiante. Quando é que *iríamos* nos encontrar? Aliás, na única vez em que nossos caminhos se cruzaram os resultados foram muito significativos.

– E quando foi isso? – Seldon estranhou, tentando achar alguma pista em sua memória.

– Na última audiência, perante a juíza Lih – Wanda explicou imediatamente. – Lembra-se daquela testemunha ocular que jurou que você e Stettin tinham atacado os três arruaceiros? Lembra-se de como ele se descontrolou e contou a verdade no final, mesmo parecendo não saber como nem por que estava fazendo aquilo? Mas Stettin e eu tínhamos nos unido. Nós dois estávamos forçando Rial Nevas a falar a verdade. Ele tinha sido muito convincente em seu depoimento original. Duvido que um de nós, agindo sozinho, teria conseguido influenciá-lo. Mas *juntos* – e ela lançou um tímido olhar de esguelha para Palver, em pé, discretamente afastado – nosso poder é espantoso!

Hari Seldon assimilou toda essa explicação e então fez menção de que ia falar alguma coisa. Mas Wanda ainda tinha algo a dizer.

– De fato, estamos pensando em passar esta tarde testando nossa

habilidade mental, separados e juntos. Com base no pouco que descobrimos até agora, parece que o poder de Stettin é um pouco menor do que o meu, talvez chegue a cinco, na minha escala. Mas cinco, combinado com o sete que eu sou, nos faz chegar a doze! Pense nisso, vovô! É fantástico!

– O senhor entende, professor? – Palver, então, se pronunciou. – Wanda e eu somos aquela inovação revolucionária que o senhor estava buscando. Podemos ajudá-lo a convencer os mundos da validade da psico-história, podemos ajudá-lo a encontrar outros como nós, podemos ajudar a recolocar a psico-história nos trilhos.

Hari Seldon ergueu o olhar para abranger os dois jovens, em pé à sua frente. Eles estavam iluminados pelo brilho da juventude, com vigor e entusiasmo, e Hari Seldon percebeu que aquilo fazia bem ao seu velho e cansado coração. Talvez, no final das contas, nem tudo estivesse perdido. Ele não tinha acreditado que seria capaz de sobreviver à mais recente tragédia, a morte de seu filho e o desaparecimento de sua nora e de sua outra neta, mas agora percebia como Raych vivia em Wanda. E em Wanda e Stettin, ele soube instantaneamente, residia o futuro da Fundação.

– Sim, sim – Seldon concordou, anuindo vigorosamente. – Venham comigo vocês dois, ajudem-me a levantar. Preciso voltar ao meu escritório para planejar nosso próximo passo.

32

– Professor Seldon, entre – disse Tryma Acarnio, com voz gélida. Hari Seldon, acompanhado de Wanda e Palver, entrou no intimidante escritório do bibliotecário-chefe.

– Obrigado, bibliotecário-chefe – agradeceu Seldon, enquanto se acomodava numa cadeira e encarava Acarnio do outro lado da ampla escrivaninha. – Desejo apresentar-lhe minha neta, Wanda, e meu amigo Stettin Palver. Wanda é um membro inestimável do Projeto de Psico-História, e sua especialidade é a matemática. E Stettin, bem, Stettin está se tornando um psico-historiador generalista de primeira qualidade, isto é, quando não está no cumprimento de seus deveres como meu guarda-costas – e Seldon deu uma breve risadinha amistosa.

– Sim, ótimo, tudo isso é muito bom de saber, professor – Acarnio salientou, surpreso com o bom humor de Seldon. Ele tinha esperado que o professor chegasse resmungando pelos cotovelos, suplicando por outra oportunidade de obter os privilégios especiais da biblioteca. – Mas não entendo o motivo pelo qual você quis me ver. Suponho que tenha compreendido que nossa posição é inabalável: não podemos permitir uma ligação da biblioteca com alguém tão extremamente impopular perante a população em geral. Afinal de contas, somos uma biblioteca *pública* e devemos ter em mente o que o público sente. – Acarnio se recostou; talvez *agora* começassem as reclamações.

– Entendo que não fui capaz de demovê-lo. No entanto, achei que se ouvisse o que têm a dizer dois dos membros mais jovens do projeto, os psico-historiadores de amanhã, por assim dizer, talvez conseguisse visualizar melhor o papel vital que ele (e a Enciclopédia em particular) desempenhará em nosso futuro. Por favor, ouça o que Wanda e Stettin vieram lhe dizer.

Acarnio lançou um olhar frio na direção dos dois jovens que ladeavam Seldon.

– Muito bem, então – ele concedeu, fazendo questão de olhar para a faixa de tempo que pendia da parede. – Cinco minutos e nada mais. Tenho uma biblioteca para cuidar.

– Bibliotecário-chefe – Wanda começou –, como meu avô seguramente já lhe explicou, a psico-história é um recurso imensamente valioso a ser usado na preservação de nossa cultura. Sim, *preservação* – ela repetiu, ao perceber como os olhos de Acarnio se arregalaram ao ouvir a palavra. – Uma ênfase indevida foi dada à destruição do Império. Por causa disso, o verdadeiro valor da psico-história foi ignorado. Com ela, ao nos tornarmos capazes de predizer o inevitável declínio de nossa civilização, também nos é permitido tomar medidas visando sua preservação. É essa a proposta essencial da Enciclopédia Galáctica. E é essa a razão de nós precisarmos de sua ajuda e da ajuda de sua grande biblioteca.

Acarnio não pôde resistir e sorriu. A moça tinha um encanto inegável. Era tão sincera, falava tão bem... Ele a contemplou, sentada à sua frente, com os cabelos louros penteados e presos para trás num estilo acadêmico francamente espartano, mas que não só era incapaz de encobrir a beleza de seus traços como ainda os salientava. O que ela estava dizendo começava a fazer sentido. Talvez Wanda Seldon

estivesse certa; talvez ele tivesse analisado esse problema pelo ângulo errado. Se realmente fosse mais uma questão de *preservação* do que de *destruição*...

– Bibliotecário-chefe – foi a vez de Stettin Palver começar a falar –, esta grande biblioteca existe há milênios. Talvez ainda mais do que o Palácio Imperial, ela representa o vasto poder do Império, uma vez que o palácio abriga apenas o líder do Império, ao passo que a biblioteca é a sede da soma total do conhecimento imperial, de sua cultura e de sua história. Seu valor é incalculável. Não faz sentido preparar um tributo a esse grande repositório? A Enciclopédia Galáctica será precisamente isso: um sumário gigantesco de todo o conhecimento contido nestas paredes. Pense nisso!

De repente, tudo ficou muito claro para Acarnio. Como ele pôde deixar que o Conselho (especialmente Gennaro Mummery, aquele sujeito fétido e arrogante) o convencesse a rescindir os privilégios de Seldon? Las Zenow, uma pessoa cujo julgamento ele tinha em altíssima estima, fora um incansável defensor da Enciclopédia de Seldon.

Mais uma vez, ele relanceou os olhos pelo trio à sua frente, no aguardo de sua decisão. O Conselho teria uma enorme dificuldade para encontrar alguma coisa que fosse para se queixar a respeito dos membros do projeto, se é que os jovens que agora estavam em seu gabinete eram uma amostra representativa do tipo de pessoas que trabalhavam com Seldon.

Acarnio ficou em pé e caminhou por sua sala, com a testa vincada por uma ruga profunda, como se estivesse formulando pensamentos. De cima de uma mesa ele recolheu uma esfera de cristal leitoso e a sopesou na palma da mão.

– Trantor – Acarnio enunciou, em tom pensativo –, a sede do Império, centro de toda a Galáxia. Uma coisa notável, quando paramos para pensar nisso. Talvez tenhamos sido precipitados em nosso julgamento do professor Seldon. Agora que o seu projeto, essa Enciclopédia Galáctica, foi apresentado sob essa óptica – e ele fez um discreto aceno com a cabeça na direção de Wanda e Palver –, percebo a importância de lhe permitir que continue trabalhando aqui dentro. E, naturalmente, concedendo acesso a alguns de seus colaboradores.

Seldon sorriu agradecido e apertou a mão de Wanda.

– Não é apenas pela glória maior do Império que irei recomendar

isso – Acarnio prosseguiu, parecendo até um pouco entusiasmado com a ideia (e com o som da própria voz). – Você é famoso, professor Seldon. Quer as pessoas pensem que você é um lunático ou um gênio, parece que *todo mundo* tem uma opinião a seu respeito. Se um acadêmico da sua estatura está associado com a Biblioteca Galáctica, isso só pode aumentar o nosso prestígio como bastião do empreendimento intelectual do mais alto gabarito. Ora, o brilho de sua presença pode ser usado para angariarmos os tão necessários fundos para atualizar as nossas coleções, aumentar nossos quadros, manter as portas abertas ao público por mais tempo... E a perspectiva de uma Enciclopédia Galáctica é, em si, um projeto monumental! Imagine a reação do público quando souber que a Biblioteca Galáctica está envolvida num empreendimento desse porte, destinado a dar destaque aos esplendores da nossa civilização, nossa gloriosa história, nossas brilhantes conquistas, nossas culturas magníficas. E pensar que eu, Tryma Acarnio, sou o responsável por garantir que esse projeto tenha início... – e então Acarnio mirou intensamente a esfera de cristal, mergulhando em seus próprios devaneios. – Sim, professor Seldon – Acarnio finalmente se arrancou de seus pensamentos e voltou ao aqui-agora –, o senhor e seus colegas receberão plenos privilégios exclusivos, além de um conjunto de salas onde trabalhar. – Com isso, recolocou a bola de cristal sobre a mesa e, com um sussurro de seu manto, encaminhou-se de volta para seu assento.

– Naturalmente, terei um pouco de trabalho até persuadir o Conselho, mas estou confiante de que posso lidar com todos eles. Deixem comigo.

Seldon, Wanda e Palver olharam uns para os outros em triunfo, contendo pequenos sorrisos no canto da boca. Tryma Acarnio indicou com um gesto que agora os três podiam se retirar, e eles assim fizeram, deixando-o instalado em sua cadeira, sonhando com toda a glória e todas as honrarias que adviriam à biblioteca sob sua égide.

– Impressionante – Seldon comentou, quando os três estavam seguramente instalados dentro de seu carro terrestre. – Se vocês o tivessem visto em nossa última entrevista... Ele chegou a dizer que eu estava “ameaçando a trama básica do nosso Império”, ou alguma idiotice desse gênero. E hoje, após poucos minutos com vocês dois...

– Não foi muito difícil, vovô – Wanda confessou enquanto pressionava o contato para colocar o veículo em movimento no meio

do trânsito. Ela se recostou quando o piloto automático assumiu o comando. Wanda inseriu as coordenadas do destino desejado no painel de controle. – Ele é um sujeito com uma noção muito grande de sua própria importância. A única coisa que precisamos fazer foi salientar os aspectos positivos da Enciclopédia e a vaidade dele entrou em cena e resolveu tudo, daí em diante.

– No instante em que Wanda e eu entramos – Palver acrescentou, confortável no banco de trás – ele já estava vencido. Depois que nós dois começamos a forçar, foi fácil. – Palver estendeu a mão e apertou carinhosamente o ombro de Wanda. Ela sorriu, e com sua mão deu tapinhas afetuosos na mão dele.

– Vou avisar os enciclopedistas o mais rápido possível – Seldon lembrou. – Embora restem apenas trinta e dois, são trabalhadores bons e dedicados. Vou deixá-los instalados na biblioteca e então atacarei o obstáculo seguinte: a questão dos créditos. Talvez essa aliança com a biblioteca seja o que me falta para convencer as pessoas a nos dar as verbas. Vamos ver. Vou ligar para Terep Bindris de novo e vocês dois virão comigo na próxima reunião com ele. Ele se mostrou favorável ao projeto na primeira vez, mas como conseguirá resistir a nós agora?

O carro terrestre enfim parou ao lado do Prédio da Psico-História, em Streeling. Os painéis laterais deslizaram para se abrir, mas Seldon não se movimentou de imediato a fim de desembarcar. Ele se virou para a neta.

– Wanda, sabe o que você e Stettin conseguiram fazer com Acarnio. Tenho certeza de que juntos conseguirão forçar alguns patronos financeiros a nos ajudar com créditos. Eu sei quanto você detesta se afastar de seu adorado Primeiro Radiante, mas essas visitas darão a vocês dois uma oportunidade de praticar, de melhorar suas habilidades, de ter uma noção melhor do que são capazes de fazer.

– Está bem, vovô, embora eu esteja segura de que, agora que você tem o aval da biblioteca, perceberá a resistência a seus pedidos diminuir consideravelmente.

– Existe ainda outro motivo que acho importante para insistir que vocês dois saiam e circulem juntos. Stettin, se não me engano, você disse que em certas ocasiões “sentiu” outra mente como a sua, mas não conseguiu identificar a pessoa.

– Sim – Palver confirmou. – Tive alguns vislumbres, mas todas as vezes eu estava no meio de uma multidão. E, nestes meus vinte e

quatro anos de vida, posso me lembrar de ter captado esses vislumbres apenas quatro ou cinco vezes.

– Mas, Stettin – Seldon retomou o argumento, em voz baixa mas intensa –, cada um desses vislumbres possivelmente era da mente de alguém como você e Wanda, um outro mentálico. Wanda nunca sentiu esses vislumbres porque, para falar francamente, sempre levou uma vida muito protegida. Nas poucas vezes em que teve contato direto com a multidão possivelmente não havia nenhum mentálico por perto. E essa é a razão, talvez a mais importante de todas, para que vocês dois saiam à rua juntos, comigo ou não. Devemos achar outros mentálicos. Vocês dois juntos são fortes o suficiente para influenciar uma pessoa só. Um grande grupo de pessoas como vocês, todas forçando juntas, terá o poder de mobilizar um Império!

Depois disso, Seldon girou as pernas para fora e se içou para fora do carro terrestre. Assistindo ao idoso professor andar mancando pelo acesso ao Prédio da Psico-História, Wanda e Palver apenas intuíam vagamente a enorme responsabilidade que Seldon tinha acabado de colocar sobre seus jovens ombros.

33

Já passava do meio da tarde e o sol trantoriano escorria pela pele metálica que encobria o vasto planeta. Hari Seldon estava na beirada do deque de observação da Universidade de Streeling, tentando proteger, com as mãos, os olhos do intenso reflexo da claridade. Muitos anos haviam se passado desde que ele tinha saído da cobertura do domo, exceto pelas poucas visitas que fizera ao palácio e, por algum motivo, essas ocasiões não contavam. Na área do palácio, a pessoa continuava essencialmente *cercada*.

Seldon agora perambulava pela cidade, mesmo quando não estava acompanhado. Em primeiro lugar, porque Palver passava praticamente o tempo todo com Wanda, trabalhando no Primeiro Radiante, absorvido em suas pesquisas mentálicas, ou buscando outras pessoas como ele. Mas, se realmente quisesse, Seldon poderia ter achado outro rapaz – algum universitário ou um membro do projeto – para servir como seu guarda-costas.

Contudo, ele sabia que isso não era mais necessário. Desde a

muitíssimo divulgada audiência e após a retomada de sua ligação com a Biblioteca Galáctica, a Comissão de Segurança Pública havia renovado seu interesse pelo professor Seldon, e ele sabia que estava sendo seguido. Tinha captado sinais de sua “sombra” em diversas ocasiões, nos últimos meses. Tampouco tinha dúvidas de que sua casa e seu escritório tinham sido grampeados, mas ele mesmo acionava um escudo de estática toda vez que se envolvia em alguma comunicação estratégica.

Seldon não sabia ao certo o que a Comissão pensava dele. Talvez eles mesmos não tivessem certeza também. Independentemente de pensarem que ele era um lunático ou um profeta, ocupavam-se zelosamente em saber onde ele estava o tempo todo, e isso significava que, até que a Comissão decidisse em contrário, ele estava seguro.

Uma brisa leve formou amplas dobras no manto azul-marinho que Seldon tinha colocado sobre seu traje único e despenteou os poucos fios de cabelo branco que lhe restavam na cabeça. Ele se inclinou sobre o parapeito para olhar mais abaixo e enxergar a ininterrupta manta de aço. Sob essa manta, como Seldon sabia, rumorejava o mecanismo de um mundo vastamente complexo. Se o domo fosse transparente, seria possível visualizar carros terrestres em disparada, gravitáxis zunindo em meio à intrincada malha de túneis interligados, hipernaves espaciais carregando e descarregando cereais, produtos químicos e joias indo e vindo de praticamente todos os mundos do Império.

Debaixo da cintilante cobertura de metal, a vida de quarenta bilhões de pessoas estava sendo conduzida com todas as dores, as alegrias e a intensidade de uma existência humana. Essa era uma imagem que ele amava profundamente – esse panorama das realizações humanas – e era uma verdadeira punhalada bem no meio do seu coração que, no intervalo de apenas poucos séculos, tudo isso que agora se descortinava aos seus olhos estaria em ruínas. O grande domo estaria rachado e partido, e entre seus fragmentos iria revelar-se uma terra árida e desertificada onde antes se havia erguido uma próspera civilização. Embalado por uma profunda tristeza, meneou a cabeça, pois sabia que não havia nada ao seu alcance que pudesse impedir tal tragédia. No entanto, da mesma maneira como previra a queda do domo, Seldon também sabia que, daquela terra nua e devastada pelas últimas batalhas do Império, novos brotos

despontariam com o tempo e, de alguma maneira, Trantor conseguiria se reerguer como um membro vigoroso do novo Império. O Plano previa isso.

Seldon se acomodou em um dos bancos que circundava todo o perímetro do deque. Sua perna latejava de dor. O esforço da viagem tinha sido excessivo. Mas valera a pena contemplar Trantor mais uma vez por aquele ângulo panorâmico, sentir o ar a céu aberto e poder olhar lá para cima sem obstáculos.

Seldon pensou na neta, sentindo muita saudade dela. Agora, ele pouco a via e invariavelmente Stettin Palver estava junto, quando essas raras ocasiões aconteciam. Nos três meses que haviam decorrido desde que Wanda e Palver se conheceram, pareciam ter-se tornado inseparáveis. Wanda garantiu a Seldon que esse envolvimento constante era necessário ao projeto, mas o avô desconfiava de que se passava entre eles algo mais profundo do que apenas a devoção ao trabalho.

Ele se lembrou dos sinais inequívocos que haviam marcado o início de sua relação com Dors. Eles estavam presentes ali, na maneira como aqueles dois jovens olhavam um para o outro, com uma intensidade que era fruto não apenas da identificação intelectual, mas também de uma motivação emocional.

Além disso, por conta de seus talentos, Wanda e Palver pareciam mais confortáveis um com o outro do que com outras pessoas. Seldon havia inclusive constatado que, quando não havia mais ninguém por perto, Wanda e Palver nem mesmo *falavam* um com o outro. Tinham habilidades metais suficientemente avançadas para não sentirem necessidade de pronunciar *palavras* para se comunicar.

Os demais integrantes do projeto não se inteiraram do talento peculiar de Wanda e de Palver. Seldon achara melhor manter em sigilo o trabalho daqueles dois mentálicos, pelo menos até que seu papel no Plano estivesse firmemente definido. Na realidade, o Plano em si estava firmemente definido, mas apenas na mente de Seldon. Quando mais uns poucos elementos se encaixassem, ele revelaria o Plano a Wanda e a Palver e, algum dia, se fosse preciso, a mais um ou dois de seus colaboradores.

Lentamente, com movimentos rígidos, Seldon ficou em pé. Devia estar de volta a Streeling daí a uma hora para uma reunião com Wanda e Stettin. Tinham enviado um recado a ele, dizendo que

queriam encontrá-lo para lhe fazer uma grande surpresa. Outra peça do quebra-cabeça, Seldon estava imaginando. Pela última vez, Seldon abrangeu a visão de Trantor com o olhar e, antes de se pôr a caminho de tomar o elevador de repulsão gravitacional, ele sorriu e suavemente pronunciou:

– Fundação.

34

Hari Seldon entrou em sua sala e viu que Wanda e Palver já tinham chegado e estavam sentados à mesa de reunião, na extremidade daquele gabinete. Como era de hábito entre aqueles dois jovens, o aposento estava em completo silêncio.

Então, Seldon estancou ao perceber que havia uma nova pessoa em companhia de Wanda e Palver. Aquilo era muito esquisito. Por questão de educação, quando havia outras pessoas com eles, aqueles dois costumavam falar normalmente, mas ali nenhum deles estava abrindo a boca para dizer nada.

Seldon examinou o desconhecido: um sujeito de aspecto incomum, com seus trinta e cinco anos e a aparência de alguém míope que tivesse ficado tempo demais debruçado em seus estudos. Se não fosse por um certo traço de determinação no queixo daquele desconhecido, Seldon pensava que iria julgá-lo depreciativamente como alguém ineficaz, mas sem dúvida isso seria um erro. O rosto daquele homem sugeria igualmente força e bondade. Seldon concluiu que era uma fisionomia confiável.

– Meu avô – Wanda o saudou, erguendo-se graciosamente de sua cadeira. O coração de Seldon se apertou quando olhou para a neta. Ela havia mudado muito nos últimos meses, desde a perda de sua família. Antes, ela sempre o havia chamado de “vovô” e agora recorria ao tratamento mais formal, “meu avô”. No passado, parecia que ela mal conseguia se controlar para não sorrir ou dar risadinhas o tempo todo. Ultimamente, sua expressão serena só de vez em quando era interrompida por um sorriso mais rasgado. Mas agora, como sempre, ela estava linda e aquela beleza só era superada por seu assombroso intelecto.

– Wanda, Palver – Seldon cumprimentou, beijando a neta no rosto

e dando um carinhoso tapinha no ombro do rapaz. – Olá – Seldon saudou, voltando-se para o desconhecido que também se havia posto em pé. – Sou Hari Seldon.

– Estou profundamente honrado em conhecê-lo, professor – o homem respondeu. – Sou Bor Alurin – e ele estendeu a mão para aquela forma arcaica de cumprimento e, portanto, a mais formal de todas.

– Bor é psicólogo, Hari – Palver informou –, e um grande admirador do seu trabalho.

– E, meu avô, o que é mais importante ainda, Bor é um de nós.

– Um de vocês? – Seldon olhou de um para o outro dos jovens com uma interrogação no olhar. – Vocês querem dizer...? – e seus olhos faiscaram.

– Sim, meu avô. Ontem, Stettin e eu estávamos passeando pelo Setor Ery, dando uma volta, circulando, como você tinha sugerido, sondando outras pessoas e, de repente, *bammm!*, lá estava ele.

– Reconhecemos imediatamente os padrões de pensamento e começamos a olhar em torno de nós tentando estabelecer contato – Stettin continuou contando o episódio. – Estávamos numa área comercial, perto do espaçoporto, então as calçadas estavam lotadas de turistas e gente fazendo compras, em meio aos negociantes dos Mundos Exteriores. Parecia que ia ser uma busca infrutífera, mas então Wanda simplesmente parou e sinalizou *venha aqui* para alguém em meio à multidão e Bor apareceu. Ele apenas veio caminhando na nossa direção e respondeu *sim?*

– Notável – Seldon comentou, olhando radiante na direção de sua neta. – E doutor (é doutor, certo?) Alurin, o que acha de tudo isso?

– Bem, estou contente – confessou o psicólogo. – Sempre me senti um pouco diferente e agora sei por quê. E se eu puder ser de alguma ajuda para vocês, bem... – mas, de repente, o psicólogo baixou os olhos para os próprios pés, como se tivesse percebido que estava sendo presunçoso. – O que quis dizer é que Wanda e Stettin disseram que de alguma maneira eu poderia contribuir para o seu Projeto de Psico-História. Professor, nada me daria mais satisfação.

– Sim, sim, é exatamente isso, dr. Alurin. Aliás, acho que o senhor poderá fazer uma grande contribuição, se decidir se juntar a mim. Naturalmente, terá de abrir mão de tudo que estiver fazendo agora, seja seu consultório particular, seja o magistério. O senhor conseguiria

fazer isso?

– Ora, professor, claro que sim. Vou precisar de um pouco de tempo para convencer minha esposa... – e, ao dizer isso, deu uma discreta risadinha, olhando de lado timidamente para cada um dos três interlocutores. – Mas posso conseguir isso.

– Então, estamos combinados – Seldon concluiu, em tom incisivo. – Você entrará para o Projeto de Psico-História. Eu lhe garanto, dr. Alurin, que essa é uma decisão da qual não irá se arrepender.

– Wanda, Stettin – Seldon disse, dirigindo-se aos dois, após a saída de Bor Alurin –, esta é uma excelente novidade. Com que rapidez vocês acham que conseguirão encontrar mais mentálicos?

– Levamos mais de um mês para localizar Bor, meu avô. Não podemos prever a frequência com que iremos encontrar mais pessoas como ele. Para ser sincera, ficar andando e circulando está nos afastando do nosso trabalho com o Primeiro Radiante e também está nos distraindo. Agora que tenho Stettin com quem "falar", a comunicação verbal me parece um tanto grosseira, muito *estridente*.

O sorriso de Seldon se desmanchou. Ele tinha receado ouvir isso. À medida que Wanda e Palver cultivavam e aperfeiçoavam suas habilidades mentais, a tolerância de que dispunham para a vida "normal" diminuía proporcionalmente. Não deixava de fazer sentido. Sua capacidade de manipular mentalmente outras pessoas distanciava-os delas.

– Wanda, Stettin, acho que está na hora de eu contar mais para vocês das ideias que Yugo Amaryl teve anos atrás, e também lhes falar sobre o Plano que elaborei com base naquelas ideias. Eu não tinha conseguido formulá-lo adequadamente até agora porque antes deste momento as peças não estavam todas no lugar. Como vocês sabem, Yugo achava que devíamos estabelecer duas Fundações, uma funcionando como um plano reserva da outra. Era uma ideia brilhante, e eu gostaria muito que Yugo tivesse vivido mais tempo para vê-la concretizada. – Seldon então fez uma breve pausa e soltou um melancólico suspiro de saudade.

– Mas estou divagando. Há seis anos, quando tive certeza de que Wanda era mentálica, ou tinha essa capacidade de mobilizar outras mentes, ocorreu-me que não apenas deveríamos ter duas Fundações como elas também deveriam ser de natureza distinta. Uma seria

constituída de cientistas físicos; os enciclopedistas como o grupo pioneiro deste tipo, em Terminus. A outra seria composta pelos verdadeiros psico-historiadores, os mentálicos, *vocês*. É por isso que fiz tanta questão de que achassem mais pessoas como vocês. Bom, em resumo é isto: a Segunda Fundação deve ser secreta. Sua força residirá em seu sigilo, em sua onipresença e onipotência telepática. Vejam, há alguns anos, quando se tornou evidente que eu precisava ter um guarda-costas, dei-me conta de que a Segunda Fundação deveria ser o guarda-costas forte, silencioso e secreto da Primeira Fundação. A psico-história não é infalível. Porém, suas previsões são altamente prováveis. A Fundação, especialmente em seus anos iniciais, atrairá muitos inimigos, assim como se dá comigo hoje. Wanda, você e Palver são os pioneiros da Segunda Fundação, os guardiães da Fundação em Terminus.

– Mas *como*, meu avô? – Wanda interpelou. – Somos apenas dois, quer dizer, três, contando com Bor, agora. Para proteger a Fundação inteira nós iríamos precisar...

– De centenas? De milhares? Encontre tantos quantos forem precisos, minha neta. Você pode fazer isso. E sabe que sim. Agora há pouco, quando contava como tinha feito para encontrar o dr. Alurin, você disse que apenas tinha parado e emanado uma comunicação para a presença mentálica que estava sentindo e então ele aproximou. Você não está entendendo? O tempo todo insisti para que vocês saíssem pelas ruas, para circular e encontrar mais indivíduos como vocês. Mas isso se mostra difícil e até doloroso para vocês. Agora, percebo que você e Stettin devem se manter reclusos, a fim de constituírem o núcleo da Segunda Fundação. Dali vocês lançarão as redes no oceano da humanidade.

– O que o senhor está dizendo, meu avô? – Wanda perguntou num murmúrio. Ela havia saído de sua cadeira e estava ajoelhada ao lado de Seldon. – Você quer que eu vá embora?

– Não, Wanda – Seldon explicou, com a voz embargada pela emoção. – Não quero que você vá embora, mas essa é a única maneira. Você e Stettin devem se afastar da crua dimensão física de Trantor. Conforme a capacidade mentálica de vocês dois for ficando mais forte, vocês atrairão mais pessoas com o mesmo poder, e a silenciosa e secreta Fundação irá se desenvolver. Nós nos manteremos em contato; naturalmente, de vez em quando. E cada um de nós terá o

seu Primeiro Radiante. Wanda, você consegue enxergar a verdade e a absoluta necessidade do que estou dizendo, não consegue?

– Sim, meu avô, consigo – respondeu Wanda. – O que é mais importante ainda é que eu *sinto* o brilhantismo dessa atitude. Fique tranquilo. Não o desapontaremos.

– Eu sei que não – Seldon concluiu, esgotado.

Como é que ele podia fazer uma coisa dessas? Como podia mandar embora sua neta adorada? Ela era seu último elo com os dias mais felizes de sua vida, com Dors, Yugo, Raych. Ela era a única outra pessoa de sobrenome Seldon em toda a Galáxia.

– Wanda, a falta que vou sentir de você será tremenda – Seldon disse, enquanto uma lágrima escorria lentamente por seu rosto finamente enrugado.

– Mas, meu avô – Wanda indagou, ao se erguer e ficar ao lado de Palver, preparando-se para sair da sala –, para onde iremos? Onde *fica* a Segunda Fundação?

Seldon ergueu os olhos e explicou:

– O Primeiro Radiante já lhe deu essa informação, Wanda.

A moça fitou Seldon como se não entendesse essa resposta, e vasculhou a própria memória.

Seldon estendeu o braço e pegou com força a mão de sua neta.

– Toque a minha mente, Wanda. Está ali.

Os olhos de Wanda se arregalaram quando ela entrou em contato com a mente de Seldon.

– Estou vendo – ela sussurrou.

Seção 33A2D17: o fim da estrela.

PARTE 5

EPÍLOGO

EU SOU HARI SELDON, ex-primeiro-ministro do Imperador Cleon I; professor emérito de Psico-História na Universidade de Streeling, em Trantor; diretor do Projeto de Psico-História; editor executivo da Enciclopédia Galáctica; e criador da Fundação.

Tudo isso parece muito impressionante, eu sei. Foram muitas as minhas realizações nestes meus oitenta e um anos de existência, e estou cansado. Reavaliando a minha vida, me pergunto se poderia ou deveria ter feito algumas coisas de outra maneira. Por exemplo: será que fiquei tão absorto pela imensa abrangência da psico-história que as pessoas e os acontecimentos que passaram por mim pareceram de menor importância?

Talvez eu tenha deixado de fazer alguns ajustes incidentes secundários aqui ou ali que, se tivessem sido feitos, não teriam absolutamente prejudicado o futuro da humanidade, mas poderiam ter melhorado extraordinariamente a qualidade de vida de alguém que me era caro. Yugo, Raych... Não posso evitar de pensar que talvez eu pudesse ter feito alguma coisa para salvar a minha adorada Dors...

No mês passado, terminei de gravar os hologramas das crises. Meu assistente, Gaal Dornick, os levou para Terminus para supervisionar a instalação dessas informações no Cofre Seldon. Ele tomará todas as providências para garantir que o cofre seja lacrado e que sejam preservadas as devidas instruções para sua abertura, durante as crises.

Até lá, é claro que já terei morrido.

O que irão pensar os futuros habitantes da Fundação quando me virem (ou, para ser mais preciso, quando virem meu holograma), durante a Primeira Crise, daqui a mais ou menos cinquenta anos? Será que comentarão minha aparência envelhecida, a debilidade da minha voz, como pareço pequeno, prostrado nesta cadeira de rodas? Será que poderão compreender – e valorizar – a mensagem que deixei para eles? Ah, tudo bem, não tem muito sentido alimentar essas conjecturas. Como diriam os antigos: a sorte está lançada.

Ontem recebi notícias de Gaal. Está tudo indo bem em Terminus. Bor Alurin e os membros do projeto estão prosperando no “exílio”. Não deveria me vangloriar, mas não posso deixar de sorrir quando me lembro da expressão de satisfação pessoal na cara de Linge Chen, aquele idiota pomposo, quando ele baniu o projeto para Terminus, há dois anos. Embora, em última instância, o exílio tenha sido revestido

dos ares de um Decreto Imperial ("Instituição científica estatal e parte dos domínios pessoais de Sua Augusta Majestade, o Imperador" – o comissário-chefe nos queria longe de Trantor e dos seus calcanhares, mas não podia aturar a ideia de abrir mão do controle completo da situação), ainda é uma fonte de prazer secreto saber que fomos Las Zenow e eu que escolhemos Terminus para sede da Fundação.

A única coisa que lastimo com relação a Linge Chen foi não termos podido salvar Agis. O Imperador era um bom homem e um líder nobre, mesmo que só fosse imperial no nome. Seu erro foi ter acreditado em seu título; a Comissão de Segurança Pública não tolerou a expansão da independência imperial.

Muitas vezes me pego pensando no que teria sido feito de Agis... será que o mandaram para o exílio em algum dos mais remotos Mundos Exteriores ou o assassinaram, como ocorreu com Cleon?

O menininho que hoje ocupa o trono é o Imperador-marionete perfeito. Obedece a todas as sugestões que lhe são sussurradas ao pé do ouvido por Linge Chen e imagina que é um verdadeiro estadista em formação. O palácio e as coreografias da vida imperial não passam de brinquedos com os quais ele se entretém, num jogo fantástico e grandioso.

E o que farei agora? Uma vez que Gaal foi de vez para se integrar à equipe em Terminus, estou completamente sozinho. De vez em quando Wanda me dá notícias. O trabalho no Fim da Estrela continua seu curso. Na última década, ela e Stettin acrescentaram mais de uma dezena de mentálicos a sua equipe. Seu poder cresce cada dia mais. Foi o contingente que atua no Fim da Estrela – a minha Fundação secreta – que forçou Linge Chen a despachar a Enciclopédia para Terminus.

Sinto falta de Wanda. Já se passaram muitos anos desde a última vez em que a vi, em que me sentei em silêncio ao lado dela e segurei sua mão. Quando Wanda partiu, ainda que estivesse atendendo a um pedido meu, achei que fosse morrer de um ataque do coração. Essa deve ter sido a decisão mais difícil que tive de tomar na vida e, embora eu nunca tivesse dito isso a ela, quase rescindi essa ordem. Mas, para que a Fundação pudesse ter êxito, era necessário que Wanda e Stettin fossem para o Fim da Estrela. A psico-história decretou que assim fosse; então, no final das contas, talvez não tenha sido de fato minha decisão.

Ainda venho aqui todos os dias, à minha sala no Prédio da Psico-História. Lembro-me de quando estas instalações estavam cheias de gente, dia e noite. Às vezes, sinto que está repleta de vozes, as vozes daqueles que já se foram há muitos anos – minha família, alguns alunos, colegas –, mas as salas estão vazias e silenciosas. Os corredores ecoam o ruído que o motor da minha cadeira de rodas produz.

Acho que eu deveria desocupar o prédio, devolvê-lo à universidade para que fosse usado por outro departamento. Mas, por algum motivo, é muito difícil abrir mão deste edifício. São tantas as recordações...

A única coisa que me restou agora é isto: meu Primeiro Radiante. Ele é o meio pelo qual a psico-história pode ser computada, por meio do qual cada equação do meu Plano pode ser analisada, tudo dentro deste pequeno e extraordinário cubo preto. Aqui sentado, com este dispositivo de aparência enganosamente simples na palma da minha mão, gostaria de tê-lo mostrado a R. Daneel Olivaw...

Mas estou sozinho e só me basta fechar um circuito para que as luzes deste gabinete se apaguem. Instalado em minha cadeira de rodas, o Primeiro Radiante é ativado e suas equações se espalham no ar à minha volta, em seu esplendor tridimensional. A um olhar não treinado, esses floreios multicoloridos não pareceriam mais do que uma massa confusa de formas e números, mas para mim, Yugo, Wanda e Gaal é a psico-história ganhando vida.

O que vejo diante dos meus olhos, à minha volta, é o futuro da humanidade. Trinta mil anos de possível caos, comprimidos num único milênio...

Essa mancha, que a cada dia brilha com mais fulgor, é a equação Terminus. E ali – distorcidos de maneira irreparável – estão os números de Trantor. Mas eu consigo ver... Sim, brilhando suavemente, mas de maneira constante, a luz de uma esperança, no Fim da Estrela.

Isto, *isto* foi o trabalho da minha vida inteira. Meu passado... o futuro da humanidade. A Fundação. Tão linda, tão cheia de vida. E nada pode...

Dors!

——— Seldon, Hari...

foi encontrado morto, debruçado sobre sua escrivaninha na sala que ocupava na Universidade de Streeling em 12069 E.G. (1 E.F.). Ao que parece, até seus últimos instantes Seldon trabalhou nas equações de sua psico-história. Seu Primeiro Radiante, ativado, foi encontrado na palma de sua mão...

Segundo instruções que havia deixado, o instrumento foi despachado para seu colega Gaal Dornick, que havia recentemente emigrado para Terminus...

O corpo de Seldon foi lançado ao espaço, também obedecendo a instruções que ele havia deixado. O funeral oficial em Trantor foi simples, embora muitos tivessem comparecido. A presença do velho amigo de Seldon e antigo primeiro-ministro Eto Demerzel no velório é digna de nota. Demerzel não era visto desde seu misterioso desaparecimento, logo após a conspiração joranumita, durante o reinado do Imperador Cleon I. As tentativas da Comissão de Segurança Pública de localizar Demerzel nos dias subsequentes ao funeral de Seldon foram infrutíferas.

Wanda Seldon, a neta de Hari Seldon, não presenciou a cerimônia. Disseram que estava inconsolável e que se recusava a participar de qualquer evento público. Até os dias de hoje, seu paradeiro permanece desconhecido...

Tem sido comentado que Hari Seldon deixou esta vida tal qual a viveu, pois morreu com o futuro que havia criado desdobrando-se ao seu redor...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

Notas

1 Trocadilho intraduzível entre a palavra *lemonade* e o termo *layman-aided* [ajuda leiga], pois ambos têm a mesma pronúncia. [N. de T.]

2 Trocadilho intraduzível entre a palavra *lemonade* e o termo *Elar-Monay*, pois ambos têm a mesma pronúncia. [N. de T.]

ORIGENS DA FUNDAÇÃO

TÍTULO ORIGINAL:
Forward the Foundation

COPIDESQUE:
Opus Editorial

REVISÃO:
Mônica Reis

ILUSTRAÇÃO DE CAPA:
Eduardo Schaal

CAPA:
Giovanna Cianelli

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Desenho Editorial

DIAGRAMAÇÃO DE E-BOOK E REVISÃO DA VERSÃO ELETRÔNICA:
Calil Mello Serviços Editoriais

DIREÇÃO EXECUTIVA:
Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:
Adriano Fromer Piazzi

DIREÇÃO DE CONTEÚDO:
Luciana Fracchetta

EDITORIAL:
Daniel Lameira
Andréa Bergamaschi
Débora Dutra Vieira
Luiza Araujo

COMUNICAÇÃO:
Fernando Barone
Nathália Bergocce
Júlia Forbes

COMERCIAL:
Giovani das Graças
Lidiana Pessoa
Roberta Saraiva
Gustavo Mendonça

ISAAC ASIMOV

TRILOGIA DA FUNDAÇÃO

O LIVRO
QUE
INSPIROU
O FILME

FRANK HERBERT

DUNA

Duna

Herbert, Frank
9788576572374
680 páginas

Compre agora e leia

A vida do jovem Paul Atreides está prestes a mudar radicalmente. Após a visita de uma mulher misteriosa, ele é obrigado a deixar seu planeta natal para sobreviver ao ambiente árido e severo de Arrakis, o Planeta Deserto. Envolvido numa intrincada teia política e religiosa, Paul divide-se entre as obrigações de herdeiro e seu treinamento nas doutrinas secretas de uma antiga irmandade, que vê nele a esperança de realização de um plano urdido há séculos. Ecos de profecias ancestrais também o cercam entre os nativos de Arrakis. Seria ele o eleito que tornaria viáveis seus sonhos e planos ocultos? Ao lado das trilogias Fundação, de Isaac Asimov, e O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, Duna é considerada uma das maiores obras de fantasia e ficção científica de todos os tempos. Um premiado best-seller já levado às telas de cinema pelas mãos do consagrado diretor David Lynch.

Compre agora e leia

FLORES PARA ALGERNON

DANIEL KEYES

goya

MULHERES, MITOS E DEUSAS

O feminino através dos tempos

MARTHA ROBLES

NEUROMANCER

WILLIAM GIBSON

Neuromancer

Gibson, William
9788576571407
312 páginas

No futuro, existe a matrix. Uma espécie de alucinação coletiva digital na qual a humanidade se conecta para, virtualmente, saber de tudo sobre tudo. Mas há uma elite que navega por essa grande rede de informação - os cowboys. Case era um deles, até o dia em que tentou ser mais esperto do que os seus patrões. Que fritaram suas conexões com o ciberespaço, tornando-o um pária entre os seus iguais. Ele vaga pelos subúrbios de Tóquio, mais envolvido do que nunca em destruir a si próprio, até ser contatado por Molly, uma bela e perigosa mulher que, assim como ele, desconfia de tudo e de todos. Os dois acabam se envolvendo numa missão cheia de mistérios e perigos. Esta edição comemorativa de 25 anos de "Neuromancer" conta com nova tradução de Fábio Fernandes e prefácio de William Gibson. O romance de estréia de Gibson é o primeiro volume da chamada Trilogia do Sprawl, que ainda inclui os livros "Count Zero" e "Mona Lisa Overdrive".